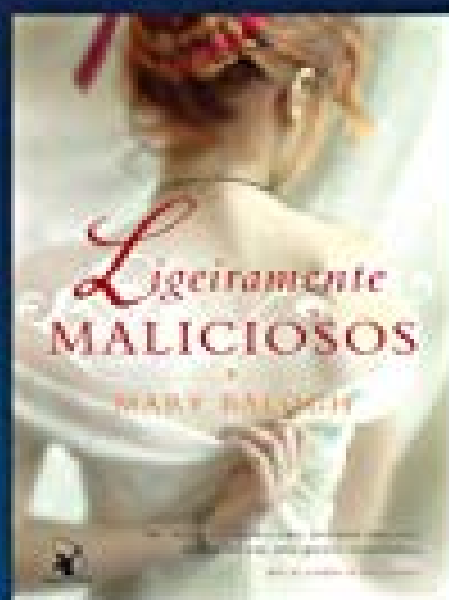
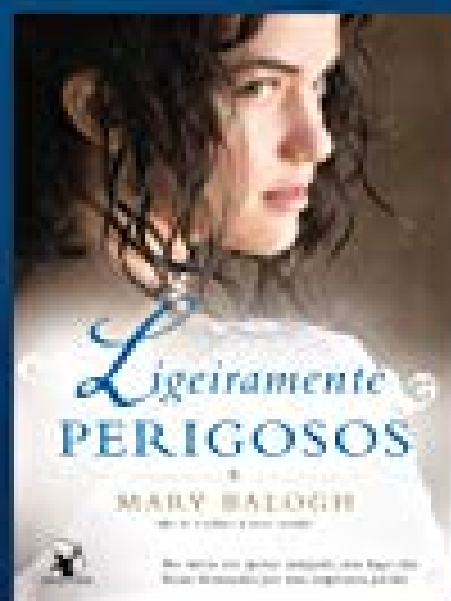
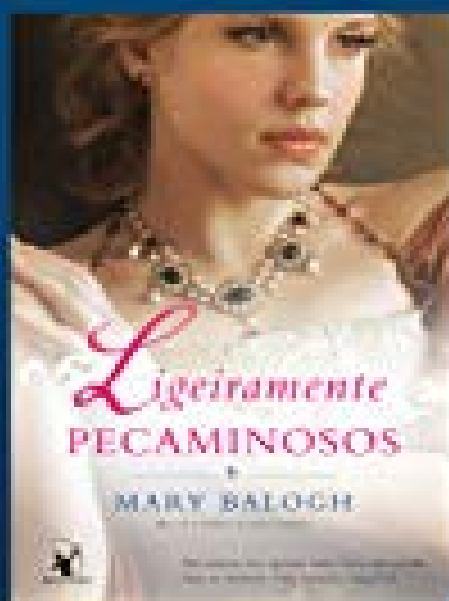




BOX DIGITAL

Os *BEDWYNS*

MARY BALOGH







Ligeiramente **CASADOS**

..... 

MARY BALOGH

No início era apenas conveniência, mas eles
acabaram se rendendo a uma ardente paixão

Mais de 4 milhões de livros vendidos



Ligeiramente CASADOS

—•—
MARY BALOGH

Formatação e conversão para ePub: Relíquia

Disponibilização: Carmen Senchez

Tradução e Pesquisas: Gisa, Mare e Rosie

Revisão: Sandra Muller

Revisão final: Clarice Ruth

PRT - Projeto Revisoras Traduções



Custe o que custar. Como todos os homens de sua família, o lorde e coronel Aidan Bedwyn tem a fama de ser altivo e arrogante, mas também é um homem de honra. Foram essas palavras que o levaram até Eve Morris, a única irmã de um homem moribundo, a quem ele prometeu proteger. Um juramento que ele está determinado a cumprir... Custe o que custar. Inclusive quando percebe que Eve não deseja ser protegida e que por nada no mundo reconheceria que necessita de ajuda.

=ÍNDICE=

=Prólogo=
=Capítulo Um=
=Capítulo Dois=
=Capítulo Três=
=Capítulo Quatro=
=Capítulo Cinco=
=Capítulo Seis=
=Capítulo Sete=
=Capítulo Oito=
=Capítulo Nove=
=Capítulo Dez=
=Capítulo Onze=
=Capítulo Doze=
=Capítulo Treze=
=Capítulo Quatorze=
=Capítulo Quinze=
=Capítulo Dezesesseis=
=Capítulo Dezesete=
=Capítulo Dezoito=
=Capítulo Dezenove=
=Capítulo Vinte=
=Capítulo Vinte e Um=
=Capítulo Vinte e Dois=
=Capítulo Vinte e Três=

=PRÓLOGO=

Toulouse, França, 10 de abril de 1814

Aquela cena era terrivelmente familiar para o homem que a contemplava. Sua longa experiência dizia-lhe que entre um campo de batalha e outro, a diferença era pouca, pelo menos depois que o combate concluído.

A fumaça provocada pela artilharia pesada e pelos milhares de mosquetes e rifles dos dois exércitos começava a clarear, revelando como as vitoriosas tropas britânicas e aliadas consolidavam as posições que acabavam de conquistar em torno da colina Calvinet, ao leste da cidade. Agora voltavam os canhões em direção a Toulouse, onde as forças francesas, sob o comando de Soult, haviam recuado recentemente. Um odor acre flutuava no ambiente, misturado com o aroma de pó, de lodo, de cavalos e de sangue. Apesar dos ruídos não terem silenciado—gritos, ordens, o relincho dos cavalos, o entrechoque das espadas e o estrondo das rodas—, as explosões ensurdecedoras dos canhões haviam emudecido e iam impondo esse silêncio tão pouco natural e conhecido dos ouvidos quando estão zumbindo. O chão estava coberto de mortos e feridos.

Era uma visão que o lorde coronel Aidan Bedwyn não conseguia se acostumar. Alto, forte e pele azeitonada, de nariz aquilino e rosto duro, o coronel estava acostumado a inspirar o temor. Mas sempre, depois do combate, tomava o tempo necessário para percorrer o campo de batalha, examinando os mortos do seu batalhão ou dando consolo e socorro aos feridos.

Com as mãos na costas e a grande espada da cavalaria, suja depois do combate, embainhada no seu flanco, parou e fixou os olhos escuros em um volume escarlate.

—Um oficial. — Disse indicando a faixa vermelha com um leve gesto da cabeça. O homem que o levava estava de barriga para baixo sobre o chão, com os membros torcidos pela queda do cavalo.

—Quem é você?

O seu ajudante agachou-se e virou o oficial morto, deixando-o de barriga para cima.

O morto abriu os olhos.

—Capitão Morris, — disse o coronel Bedwyn—você está ferido. Consiga uma maca, Rawlings. Imediatamente.

—Não. —sussurrou o capitão —Estou acabado, senhor.

Seu comandante em chefe não desmentiu aquelas palavras. Com um ligeiro gesto indicou a seu ajudante que permanecesse à espera e observou o moribundo, cuja jaqueta vermelha se tingia cada vez de um vermelho mais escuro. Restavam-lhe poucos minutos de vida.

—O que posso fazer por você? — perguntou o coronel — Quer um pouco de água?

—Um favor. Uma promessa.— O capitão Morris fechou as pálpebras, pálidas como um papel, sobre os olhos mortiços e, por um momento, o coronel acreditou que tinha morrido. Apoiando-se sobre um joelho, inclinou-se do seu lado ao tempo em que afastava a espada. Inesperadamente, as pálpebras se agitaram e voltaram a se abrir— A dívida, senhor. Eu disse que nunca a cobraria. —Sua voz era apenas audível, e tinha o olhar turvo.

—Mas eu jurei que a honraria apesar de tudo. — O coronel Bedwyn aproximou-se ainda mais, para ouvi-lo melhor — Diga-me o que posso fazer.

Dois anos antes, o capitão Morris, que era então um tenente, tinha salvo a sua vida na batalha de Salamanca^{1}, quando tinham abatido o seu cavalo e esteve a ponto de ser assassinado pelas costas, enquanto lutava ferozmente contra um adversário a cavalo. O tenente matou o segundo inimigo e desceu da montaria, insistindo para que o seu oficial superior tomasse o seu cavalo. Foi depois gravemente ferido na batalha. Graças a isso, tinha sido promovido a capitão, uma promoção que, de outra maneira, não teria tido condições de conseguir. Na época, insistiu em dizer que o coronel Bedwyn não lhe devia nada, porque o dever de um soldado em uma batalha, era proteger os seus camaradas, especialmente os seus oficiais superiores. Tinha razão, é claro, mas o seu coronel nunca tinha esquecido a obrigação contraída.

—Minha irmã. —disse o capitão, com os olhos outra vez fechados— Dê a ela a notícia.

— Farei isso em pessoa. — assegurou-lhe o coronel — Informarei que o seu último pensamento foi para ela.

—Que ela não vista luto. —O fôlego do homem ia mingando e seus estertores eram claramente audíveis— Ela já usou por muito tempo, diga-lhe que não deve vestir-se de negro. É a minha última vontade.

— Eu direi.

— Prometa-me... —A voz se apagava. Mas a morte ainda não tinha ido buscá-lo. Subitamente abriu os olhos, e encontrou forças para mover um braço até tocar a mão do coronel com os dedos desolados, frios como a morte, e falou

com a urgência que ocorre na iminência do final—Prometa-me que a protegerá! — Exclamou. Os seus dedos se agarraram fracamente à mão do coronel— Prometa-me, custe o que custar!

—Prometo. —O coronel inclinou ainda mais a cabeça para que sua voz e seu olhar atravessassem a névoa da morte que estava engolindo aquele homem atormentado— Juro solenemente.

O moribundo exalou o seu último suspiro no exato momento em que pronunciava aquelas palavras. O coronel estendeu uma mão para fechar os olhos de Morris e permaneceu de joelhos por mais dois minutos, como se rezasse, embora na realidade meditava sobre a promessa que tinha feito ao capitão. Tinha prometido dar pessoalmente a notícia de sua morte para sua irmã, embora não soubesse quem era nem onde vivia. Tinha prometido comunicar a sua última vontade: que não vestisse luto por ele.

E tinha jurado por sua honra protegê-la. Do que ou de quem, não sabia.

Custe o que custar!

O eco das últimas palavras do morto ressoava em seus ouvidos. O que queriam dizer? O que tinha exatamente jurado?

Custe o que custar!

=CAPÍTULO UM=

Inglaterra, 1814

Uma garganta^{2} sombreada fendia o bosque que ladeava o parque da casa aristocrática dos Ringwood, em Oxfordshire. A água do arroio borbilhava, deslizando por seu leito rochoso antes de unir-se a um rio mais caudaloso que desenhava os limites do parque e fluía para a da próxima aldeia de Heybridge. A garganta sempre se apresentava austera e serena. Mas naquela manhã de maio era de uma beleza surpreendente. Uma primavera especialmente quente tinha feito com que as campânulas, que só costumavam florescer a partir de junho, abrissem suas pétalas muito antes. As azaleias também estavam em flor, de modo que as terraços em desnível pareciam atapetados de azul e rosa. Raios de sol brilhantes atravessavam a escura folhagem dos altos ciprestes e salpicavam o chão de luzes e sombras, ao mesmo tempo em que arrancavam centelhas da água espumante do arroio.

Eve Morris passeava entre as campânulas, que a cobriam até os joelhos. Tinha decidido que era uma manhã esplêndida para ser desperdiçada em qualquer uma de suas atividades habituais na casa, na granja ou no vilarejo. As flores das campânulas duravam pouco tempo, e colhê-las para adornar o seu lar sempre foi um dos seus passatempos favoritos na primavera. Não estava sozinha. Tinha convencido Thelma Frise, a professora, que suspendesse as aulas durante umas horas e levasse os seus dois alunos e o seu bebê para recolher as flores. Até tia Mary ia com eles,

apesar de que sofria de artrite nos joelhos e ficou sem fôlego em seguida. De fato, tinha sido idéia dela aproveitar aquela oportunidade para improvisar um piquenique. Agora que estava sentada na cadeira maciça que Charlie tinha levado, tilintava sem cessar as agulhas de tricô e tinha ao seu lado uma cesta grande, cheia de comida e bebidas.

Eve ergueu-se esticando as costas. Um enorme buquê de flores de caules longos estava na cesta pendurada em seu braço. Com a mão livre, apertou na cabeça o seu velho chapéu disforme de palha, embora uma longa fita cinza presa à copa e à aba, o sujeitasse firmemente por debaixo do queixo. Era uma fita que combinava com o seu vestido, uma roupa de algodão de corte simples, cintura alta e mangas curtas, ideal para uma manhã no campo em que não eram esperadas visitas. Saboreava conscientemente daquele bem-estar. Tinha todo o verão pela frente, um verão que não seria perturbado pela ansiedade pela primeira vez em longos anos. Melhor dizendo, estava apreensiva, porque não podia tirar da cabeça a pergunta sobre o que impedia a volta de John. Tinha acreditado que estaria em casa no mais tardar em março ou abril, mas viria assim que pudesse. Disso estava segura. Enquanto isso, contemplava tudo o que a rodeava e aos seus companheiros com placidez e satisfação.

Ao tricotar, tia Mary não olhava para as suas mãos, pois vigiava as crianças com um sorriso afetuoso desenhado em seu rosto cansado e enrugado. Eve sentiu uma onda de ternura por ela. A mulher tinha passado quarenta anos puxando carretas de carvão pelas galerias da mina até a morte do seu marido. Como o falecido era tio do pai de Eve, este tinha concedido a ela uma pequena pensão. Eve a tinha

convencido de que fosse viver com eles em Ringwood há pouco mais de um ano, quando seu pai estava muito doente.

Davy, de sete anos de idade, recolhia as flores com grande seriedade, com o cenho franzido em seu rostinho, como se acreditasse que estava fazendo uma tarefa de grande importância. Perto dele, como sempre, sua irmã Becky, de cinco anos, fazia o mesmo desfrutando mais abertamente e menos concentrada, cantarolando baixinho. Parecia uma menina segura de si. Queira Deus que Davy aprenda a ser desse modo, e abandone essa expressão tensa e séria que o fazia parecer muito mais velho para a sua idade. Mas tudo chegaria em seu tempo, disse Eve, bastava ter um pouco de paciência. Nenhum dos dois meninos eram seus filhos, embora estivessem vivendo com ela nos sete últimos meses. Não tinham ninguém mais no mundo.

Muffin estava junto ao arroio, com as três patas apoiadas precariamente sobre três pedras e a quarta dobrada sob a barriga, o focinho situado a apenas uns centímetros acima do riacho. Não bebia a água. Aparentava ser cão pescador de primeira, embora jamais tivesse apanhado sequer um sapo. Que vira-lata bobão!

O pequeno Benjamin Frise dirigiu-se se balançando para a sua mãe, com um ramo de azaléas e campânulas agarrado firmemente no punho estendido. Thelma inclinou-se para recolhê-lo, pondo as mãos em forma de concha como se fosse um tesouro bonito e precioso, o que efetivamente era na realidade.

Eve sentiu uma pontada de inveja ao observar aquela amostra de amor materno, mas em seguida voltou atrás, dizendo a si mesma que era um sentimento indigno dela. Era uma das mortais mais afortunadas da terra. Vivia em um

local idílico, rodeada por pessoas unidas por um mútuo amor. A solidão da sua infância era uma coisa do passado. Uma semana mais tarde completaria o primeiro aniversário da morte de seu pai, e poderia deixar o meio luto e voltar a vestir as roupas coloridas. Morria de impaciência. Logo — o dia menos pensado — John estaria de volta e poderia admitir finalmente diante do mundo que estava apaixonada, apaixonada, apaixonada. Não ficou a girar como um pião diante da idéia, com a exuberância de sua juventude, mas contentou-se com um sorriso.

E, para que sua felicidade fosse completa, havia uma outra alegria em perspectiva. Percy ia retornar para casa. Em sua última carta, disse-lhe que pediria uma permissão assim que pudesse, e dessa vez certamente poderia. Fazia pouco mais de uma semana que tinha ouvido a fantástica notícia de que Napoleão Bonaparte tinha se rendido na França diante das forças aliadas e que no fim tinham acabado todas aquelas guerras intermináveis. Seu vizinho James Robson tinha ido pessoalmente a Ringwood assim que se inteirou da notícia, sabedor da importância que tinha para Eve, pois supunha que tinham terminado os anos de ansiedade pela vida de Percy.

Eve se agachou para recolher mais campânulas. Queria encher um vaso para cada uma dos aposentos de sua casa. Assim todos celebrariam juntos com cores e aromas a primavera, a vitória, a paz e o final do luto. Oxalá pudesse John vir.

—Quem quer comer? — Tia Mary chamou-os uns minutos mais tarde com seu forte sotaque galês— Estou cansada de apenas olhá-los.

—Eu. — Gritou Becky, andando alegremente para a cesta e deixando suas flores ao lado da tia Mary— Estou

morrendo de fome.

Davy se ergueu, mas permaneceu em dúvida, quieto, como se suspeitasse de que retirariam a oferta assim que se movesse.

Muffin partiu como uma flecha do arroio, com a sua orelha e meia, ladrando sem parar.

—Você também deve ter fome, Davy. —Eve aproximou-se dele com longas passadas e passou o braço livre pelos ombros magros do menino e arrastou-o consigo— Como você trabalhou bem! Recolheu mais do que todos.

—Obrigado, tia Eve. —disse com seriedade. Ainda pronunciava seu nome de forma desajeitada, como se lhe parecesse uma insolência dirigir-se a ela com tanta familiaridade. Ele e Becky eram vagamente aparentados com Eve através de um casamento distante, mas Eve teria sido incapaz de criar as duas crianças em sua casa e fazer com que a tratassem de senhorita Morris. Ou à tia Mary de senhora Pritchard.

Thelma ria. Com as flores em um braço e Benjamin no outro, não podia impedir que seu filho tirasse a sua touca empurrando-a para atrás.

Tia Mary tinha a cesta aberta e ia tirando pãezinhos feitos nessa mesma manhã, que tinha envolvido cuidadosamente em um pano de cozinha. O aroma de levedura e de frango frito fez com que Eve se desse conta de quão faminta estava. Ajoelhou-se sobre a manta que Davy e Becky tinham estendido sobre a grama e se encarregou da grande garrafa de limonada.

Os dez minutos de silêncio quase absoluto que se seguiram, deixaram claro não só como tinham trabalhado duramente, como as virtudes culinárias da senhora Rowe, a cozinheira de Eve. *Por que a comida era sempre mais*

apetitosa ao ar livre? Perguntou-se Eve, limpando as pontas dos dedos gordurosos com um guardanapo de linho, depois de devorar a segunda porção de frango.

—Creio que deveríamos recolher as coisas e levarmos todas estas flores para casa antes que murchem. — Disse a tia Mary—. Se alguém alcançar para mim a bengala assim que eu coloque a lã e as agulhas na bolsa, poderei levantar meus velhos ossos.

—Não ficou mais nenhum remédio? —perguntou Eve com um suspiro enquanto Davy recolhia a bengala e a levava até a tia.

Mas nesse momento alguém pronunciou seu nome.

—Senhorita Morris. —Disse uma voz com urgência e sem fôlego— Senhorita Morris.

—Ainda estamos aqui, Charlie. —Voltou-se para o jovem de rosto largo e vistoso que se aproximava com passos incertos da casa, com suas maneiras caracteristicamente desajeitadas. — Ande com cuidado ou cairá e se machucará. —Tinha contratado o rapaz fazia uns meses, embora em Ringwood não precisasse de mais serviços, para que se encarregasse de biscates na casa, dos estábulos e do jardim. Ninguém quis empregar Charlie desde a morte de seu pai, o ferreiro do povoado, porque diziam que era meio maluco. Seu próprio pai o denegria constantemente, acusando-o de burro inútil. Eve nunca tinha conhecido ninguém tão desejoso de trabalhar e agradar.

—Senhorita Morris. —Quando esteve bastante perto para pronunciar a sua mensagem, ofegava e tinha as bochechas vermelhas.

Cada vez que lhe confiavam um recado, Charlie se comportava como se lhe tivessem encomendado anunciar o fim do mundo ou algo de semelhante magnitude.

— A senhora Fuller... me enviou . . . para trazê-la comigo para casa. Lutava por aspirar um pouco de ar entre uma frase e outra.

—Disse por que, Charlie? —Eve ficou de pé com calma enquanto agitava a saia para retirar as migalhas— De qualquer forma, já estávamos voltando.

—Chegou alguém. —Disse Charlie. — Ficou imóvel, com seus grandes pés afastados, o cenho franzido em rugas profundas, tratando de recordar algo mais— Não me lembro do seu nome.

Eve sentiu uma pontada de excitação na boca do estômago. Seria John? Mas tinha tido tantas decepções nos dois últimos meses que o melhor era não pensar sequer nessa possibilidade. Na realidade, começava a duvidar que viesse alguma vez, se é que tinha proposto de verdade. Mas ainda não estava preparada para chegar a uma conclusão tão drástica, de modo que descartou-a com firmeza.

—Bom, não se preocupe. —Falou alegremente—. Juro que logo descobrirei. Obrigado por me trazer a mensagem tão rapidamente, Charlie. Pode levar a cadeira da senhora Pritchard para casa e voltar logo para apanhar a cesta?

Charlie sorriu radiante diante da perspectiva de ser útil e ficou parado e alerta, disposto a recolher a cadeira assim que tia Mary ficasse de pé. Logo se voltou para Eve com um sorriso de triunfo.

—É um militar. — Declarou com precisão— Vi-o antes que a senhora Fuller me enviasse para procurá-la e vestia um desses uniformes vermelhos.

Um militar.

—Eve, querida —disse tia Mary, mas Eve não chegou a ouvi-la.

—Percy! —gritou com frenesi. Esqueceu a cesta, as flores e os acompanhantes e, recolhendo a saia com as duas mãos, pôs-se a correr ladeira acima, deixando que sua tia, Thelma e Charlie se ocupassem dos meninos e das campânulas.

Não era uma grande distância até sua casa, mas a maior parte do caminho era ladeira acima. Eve nem se deu conta. Como tampouco de que Muffin seguia de perto, correndo e ofegando. Chegou em cima da garganta rapidamente e logo evitou as árvores, circulou o lago dos lírios e seguiu subindo pela erva até chegar aos estábulos, percorreu a fachada e cruzou o terraço de pedra até alcançar a porta principal da casa. Quando entrou no vestíbulo estava ruborizada, ofegava e devia estar desarrumada e suja. Pouco importava. A Percy tampouco importaria.

Que antipático, não avisar de sua chegada! Mas isso agora não interessava. E as surpresas eram maravilhosas. Pelo menos, as boas surpresas. Estava em casa!

—Onde está? —perguntou a Agnes Fuller, a governanta, que a esperava no vestíbulo, corpulenta e robusta e com o rosto afilado. Isso era típico do Percy, deixá-la inquieta, em lugar de correr ao seu encontro e levantá-la do chão com um forte abraço.

—Na sala de espera.— disse-lhe Agnes, apontando com um polegar para a direita— Fora daqui, cachorro, não entrará com as patas sujas! Querida, seria melhor subir primeiro e lavar-se....

Mas Eve não a ouviu. Cruzou apressadamente o chão axadrezado do vestíbulo e, abrindo de par em par a porta da sala de espera para visitas, precipitou-se em seu interior.

—Canalha! —gritou, enquanto desatava a fita do chapéu. Mas ficou petrificada, envergonhada. Não era Percy. Era um estranho.

De pé diante da lareira vazia, dando as costas à chaminé e de frente para a porta, quase parecia encher o ambiente. Poderia se dizer que media mais de dois metros de altura, vestido como estava com o uniforme completo de seu regimento: casaco escarlate e pescoço e punhos dourados e imaculados, calça branca impoluta, botas de cavalaria altas e resplandecentes até os joelhos, e uma espada brilhante embainhada na lateral do corpo. Era um homem grande, robusto e de aspecto ameaçador. Seu rosto duro e curtido pelas intempéries parecia mais escuro ainda por seu cabelo e sobrancelhas negros, e tinha uma expressão séria nos olhos da cor do azeviche, um nariz grande e aquilina e lábios finos, cruéis.

—Oh, rogo-lhe que me desculpe! —disse Eve, consciente de repente do seu aspecto descuidado. Tirou o chapéu, seu velho e disforme chapéu, e deixou-o de lado. Tinha certeza de que o cabelo estava abatido, despenteado, e com fibras de ervas e flores por toda parte. Provavelmente tinha o rosto sujo. Por que não parou a para perguntar a Agnes pela identidade do militar que queria falar com ela? E por que tinha vindo?— Pensei que você era outra pessoa.

Ficou olhando-a um bom momento antes de fazer uma reverência.

—Senhorita Morris, suponho —disse.

Ela inclinou a cabeça.

—Temo que estou em desvantagem, senhor. — respondeu—. O criado que veio me chamar não soube me dizer seu nome.

—Coronel Bedwyn, a seu serviço, senhora. —
Apresentou-se.

Reconheceu o nome imediatamente. Sabia inclusive o nome completo. Era o coronel lorde Aidan Bedwyn, o comandante em chefe de Percy. Se antes havia se sentido envergonhada, agora esperava que se abrisse um buraco negro sob seus pés e a tragasse.

Mas um segundo depois compreendeu que a vergonha era o menor de seus males. Era o comandante em chefe de Percy. E estava de pé na sala de espera de Ringwood vestido com seu uniforme de gala completo. Não havia necessidade de perguntar por que. Nesse preciso instante compreendeu e sentiu que o sangue lhe gelava nas veias. O ar que inspirava parecia congelado. Sem dar-se conta do que fazia, deixou cair o chapéu no chão e com as duas mãos fechou a porta às suas costas, procurou o trinco e se segurou nele.

—O que posso fazer por você, coronel? —Sua voz parecia vir de muito longe.

Ele olhou-a intensamente, mas sem uma expressão particular.

—Sou portador de más notícias. — Falou.— Deseja mandar chamar alguém?

—Percy? —Pronunciou o nome com um sussurro. Uma parte independente de seu cérebro imaginou perfeitamente aquele homem esgrimindo com frias armas de aço.— Mas as batalhas terminaram. Napoleão Bonaparte foi derrotado. Rendeu-se.

—O capitão Percival Morris caiu em combate em Toulouse, no sul da França, no dia dez de abril. —Disse.— Morreu como um herói, senhora. Lamento profundamente a dor que a notícia provocará.

Percy. Seu único irmão, a quem tinha idolatrado durante a infância e adorado ferozmente em sua adolescência, inquieto, rebelde e que sempre brigou com seu pai; seu irmão, aquele que tinha amado sem esmorecer durante todos os longos anos de sua separação, depois que partiu e aproveitou a inesperada herança de um tio avô materno para comprar um grau de oficial em um regimento da cavalaria. Ele, em troca, tinha amado a sua irmã com alegria e generosidade. Eve tinha recebido sua carta —da França— fazia apenas duas semanas.

“O capitão Morris caiu em combate”.

—Quer sentar-se? —O coronel lhe tinha aproximado, embora não chegasse a tocá-la. Inclinou-se sobre ela, imenso, com seu ar severo e ameaçador.— Está muito pálida. Quer que mande chamar alguém, senhora?

—Está morto? —Morreu há quase um mês e ela não soube. Nem sequer tinha pressentido. Estava morto há duas semanas quando leu sua carta e mais de duas semanas que tinha morrido quando James trouxe a notícia da vitória e ela se sentiu tão aliviada.— Ele sofreu? — *Que pergunta tão estúpida.*

—Creio que não, senhora —disse o coronel. Não tinha se inclinado para trás e Eve se sentia sufocada, privada de ar e espaço. Montado em um cavalo e brandindo uma espada devia ser verdadeiramente aterrador.— Frequentemente os moribundos se consomem em uma prostração que lhes impede de sentir a dor de seus ferimentos. Acredito que isso ocorreu também ao capitão Morris. Não parecia sofrer e não falou disso.

—Falar? —Olhou-o penetrantemente— Falou? Com você?

—Suas últimas palavras e pensamentos foram para você. —Disse, inclinando a cabeça— Suplicou-me que lhe trouxesse a notícia pessoalmente.

—Foi muito amável honrando o seu pedido. — Ela agradeceu compreendendo no instante quão estranho era que o comandante em chefe de Percy fosse em pessoa do sul da França para lhe comunicar sobre o falecimento de seu irmão.

—Devo minha vida ao capitão Morris. — Explicou ele — Salvou-me em um ato de valentia, expondo-se pessoalmente a grandes riscos faz dois anos, na batalha de Salamanca.

—Disse algo mais?

—Pedi que você não usasse luto por ele — Informou o coronel—Creio que acrescentou que o usou por muito tempo.

Bedwyn deslizou o olhar por seu vestido cinza, que com tanta ansiedade tinha esperado tirar uma semana mais tarde para ficar um pouco mais colorido, mais de acordo com a estação. Mas agora isso carecia de importância.

Seu irmão se foi. Para sempre.

Sentia-se afligida pela dor, cega, ensurdecida por ela, pela insuportável agonia da perda.

—Senhora... —O coronel avançou mais meio passo e estendeu uma mão, como se fosse agarrá-la pelo braço.

Ela retrocedeu de um salto.

—Algo mais?

—Pedi-me que a protegesse. — Acrescentou.

—Que me protegesse?

Voltou a olhá-lo fixamente no rosto. Parecia de granito. Sem calor, inexpressivo, sem sentimentos. Se havia uma pessoa por trás daquela dura fachada de militar, não

aparecia em nenhuma parte. Embora possivelmente estivesse sendo injusta. Tinha se aproximado para ajudá-la e tinha estendido uma mão confortadora. E tinha feito toda a viagem do sul da França para saldar a dívida contraída com Percy.

— Consegui um quarto na estalagem Três Plumas em Heybridge. — Disse— Ficarei nela até amanhã, senhora. Quando vier da próxima vez você me dirá em que posso lhe servir. Mas no momento necessita da ajuda das pessoas mais próximas. Você está emocionada.

Eve se afastou e puxou a corda da campainha que havia junto à porta. Estava emocionada? Sentia-se perfeitamente dona de si mesma. Chegou a se perguntar se o timbre funcionaria, posto que não conseguia recordar de quando foi usada pela última vez. Compreendeu também que, se funcionasse de verdade e Agnes respondesse efetivamente, ela teria que se mover. Continuava de pé contra a porta, com as mãos agarradas em torno do trinco como se colocasse nele a sua vida. Não se achava capaz de se voltar mesmo que muito tentasse. O universo iria explodir em milhares de milhões de fragmentos. Talvez fosse certo que não estava bem da cabeça.

Percy tinha morrido.

Agnes respondeu à chamada quase imediatamente. O coronel agarrou Eve firmemente pelo antebraço bem a tempo de afastá-la quando a porta foi aberta.

—Pode chamar alguém para que ajude a senhorita Morris? —perguntou, embora suas palavras ressoassem mais como uma ordem seca do que como um pedido cortês. — Se é assim, faça-o agora mesmo.

Agnes, fiel a seu próprio estilo, limitou-se a voltar a cabeça e chamar aos gritos.

—Charlie! Charlie, você me ouviu? Deixa essa cadeira e vai correndo a procurar a senhora Pritchard. Diga-lhe que se apresse. A senhorita Morris precisa dela. Rápido!

—Deve se sentar, do contrário vai desmaiar. — Indicou-lhe o coronel.— Até os lábios estão pálidos.

Eve obedeceu a ele, deixando-se cair sobre a cadeira mais próxima, e ficou sentada muito rígida, sem se encostar, apertando dolorosamente as mãos sobre o regaço. Pobre tia Mary, pensou, espero que se apresse. E logo ressoaram em seus ouvidos as palavras que o coronel tinha pronunciado fazia um ou dois minutos.

“... Você já vai me dizer em que posso servi-lhe.”

—Você não pode fazer nada por mim, coronel. —Disse — Não tem sentido que você padeça o desconforto de uma estalagem do campo. Mas eu agradeço a sua oferta. E que tenha vindo de tão longe. Você é muito amável.

Como podia dizer cortesias mundanas quando Percy estava morto? Perguntou-se olhando como Agnes recolhia o seu chapéu do chão e o apertava contra o peito sem deixar de franzir o cenho. Sentia a dor aguda das unhas cravando-se nas palmas de suas mãos.

—Os desconfortos da mais humilde das estalagens do campo são luxos para um homem que acaba de retornar de uma campanha militar, senhora. —Afirmou—Não se preocupe por minha causa.

Não tinha lhe oferecido nada para beber, pensou durante o breve silêncio que se seguiu, enquanto Agnes a olhava e o coronel Bedwyn, que tinha voltado a ficar diante da lareira, afastava a vista da porta. Nem sequer tinha oferecido uma cadeira.

Tia Mary, ainda estava com o chapéu e ajudada por sua bengala, entrou coxeando na sala antes de que a

conversação retomasse, com a tristeza refletida em seus olhos como se tivesse compreendido do que se tratava. Provavelmente Charlie fez o possível por lhe transmitir a sua dor. Eve levantou-se devagar.

—A senhorita Morris precisa de si —disse o coronel Bedwyn sem esperar que o apresentassem.—Infelizmente, sou o portador de más notícias sobre o capitão Percival Morris, seu irmão.

—Oh, minha pobrezinha!

A tia Mary foi diretamente para Eve e a abraçou. Sua bengala no chão com um ruído surdo. Eve reclinou a cabeça sobre o ossudo ombro de sua tia em busca do consolo de tocar alguém familiar, de alguém que a queria, que faria o quanto pudesse por ela. Mas ninguém podia mitigar a sua tristeza. Ninguém podia trazer Percy de volta. A desdita se abateu sobre ela como uma maldição.

Quando voltou a levantar a cabeça, sua tia tinha os olhos inundados de lágrimas e os lábios trêmulos. Tratava de controlar em vão as emoções. Muffin estava a seus pés, agitando a cauda com ar desconsolado. Agnes seguia rondando junto à entrada da sala, com o chapéu de Eve na mão e um ar que ansiava matar um par de dragões se alguém lhe dissesse onde estavam. Também se encontrava presente Thelma, com os olhos cheios de pena, mas não havia sinais dos meninos. Johnson, o criado, devia tê-los levado ao andar de cima.

O coronel lorde Aidan Bedwyn partiu.

=CAPÍTULO DOIS=

Na estalagem Três Plumas o travesseiro estava amassado, a cama era dura, a cerveja insípida, a comida ruim, o serviço lento, e a taverna barulhenta. No conjunto, o lugar carecia de elegância, embora estivesse relativamente limpo. Se não estivesse na Inglaterra, onde inconscientemente se ligava às velhas normas de qualidade, Aidan poderia até pensar que desfrutava de grandes luxos. Mas na Inglaterra aquilo lhe desagradava profundamente e desejava ir o quanto antes para Lindsey Hall, em Hampshire, onde se encontrava a casa de campo de seu irmão mais velho, o duque de Bewcastle, para ser atendido ali durante o resto da sua licença.

Mas primeiro devia resolver o assunto que o prendia à irmã do capitão Morris, além de oferecer-lhe quanto consolo pudesse dar em mais uma ou duas visitas, e ainda não tinha nem idéia de quanto tempo poderia tomar ou do que isso implicaria. Eve havia dito que não havia nada que pudesse fazer por ela, mas tinha que ter em conta de que quando o havia dito estava em plena crise. Ainda estava impressionado pela mudança que se produziu na jovem em um instante: tinha chegado cheia de energia, com as bochechas avermelhadas, os olhos brilhantes e bastante formosa, apesar da roupa ordinária e aquele ar geral descuidado, próprio de quem estava desfrutando ao ar livre, e que tinha se convertido em uma sombra de si mesma, pálida e esgotada. E o culpado era ele. Ah, o poder das palavras, às quais nunca tinha sido aficionado.

Quando voltou para a propriedade Ringwood na manhã seguinte —a pé e não a cavalo nessa ocasião, pois

tinha descoberto que a estalagem não distava da casa de Eve muito mais de uma milha— se sentia-se mais à vontade, de modo que teve tempo para fixar-se nas paisagens que atravessava, uma vez que tinha sido liberado da parte mais desagradável da sua missão. Dar a notícia da morte de alguém era uma das tarefas mais penosas que podia se pedir a uma pessoa. Tinha feito essa tarefa por carta em numerosas ocasiões, mas nunca se viu obrigado a fazê-la em pessoa.

Ringwood era um lugar atraente; a casa ensolarada, antiga e agradável; o jardim, grande e bem disposto. Parecia bastante próspero, embora as aparências pudessem enganar. O capitão Morris, que obviamente não tinha vícios caros, como a bebida ou as apostas, não pôde pagar promoções como fazia a maioria de seus pares. Possivelmente havia hipotecado Ringwood até as sobancelhas. Era esse o problema de sua irmã?

Mas o imóvel era dela? A quem pertencia Ringwood agora? O pai havia falecido. Aidan tinha se informado no dia anterior. Era do capitão Morris? Estava sujeita a algum vínculo?

Enquanto avançava pelo comprido caminho de cascalho, que rangia sob suas botas, Aidan viu várias pessoas no canteiro situado diante da casa. Havia três mulheres, duas de pé e uma sentada em uma cadeira, assim como três crianças, todas sentadas sobre a grama. A mulher sentada tinha um livro aberto nas mãos e parecia que lia para as crianças ou dava-lhes aulas. Chegou à conclusão de que devia ser uma babá. Recordou que cruzou com ela no vestíbulo no dia anterior, quando foi embora. As duas mulheres que permaneciam de pé observando a cena eram a senhorita Morris e a dama mais velha que tinha ido

consolá-la no dia anterior, apoiada em sua bengala. Um dos meninos levantou a vista e apontou-o com a mão, e as duas mulheres voltaram-se para olhá-lo.

Por um momento a senhorita Morris pareceu não reconhecê-lo ao vê-lo vestido em roupas civis. Ele saiu do cascalho para cruzar a grama em diagonal e as duas mulheres se aproximaram para saudá-lo. Comprovou que a senhorita Morris estava pálida como um papel, com olheiras pela falta de sono, mas serena.

—Coronel... —Sorriu fracamente. Era alta, esbelta, de membros compridos, morena e de olhos cinzentos. Nesse dia parecia frágil e pouco atraente.— Bom dia. Que amável de sua parte voltar a nos visitar. Não estou certa de ter agradecido convenientemente a sua gentileza ao vir em pessoa para me dar a notícia. Teria sido pior lê-la em uma carta.

Falava com uma leve cadência que dava musicalidade às suas palavras.

—Bom dia, senhora. —Aidan inclinou-se diante dela.— Agrada-me vê-la de pé, ativa e respirando ar fresco. — Embora o dia fosse quente, agarrava com as mãos um xale que jogou sobre os ombros.

—Posso ter a honra de apresentar-lhe a minha tia avó? —perguntou-lhe. —A senhora Pritchard, coronel. É o coronel lorde Aidan Bedwyn, tia Mary.

Então conhecia sua identidade muito bem, disse surpreso. Voltou a fazer uma reverência.

—Encantada em conhecê-lo, coronel. —Disse a tia.— Pena que a razão do nosso encontro seja tão triste. — Falava com um sotaque galês tão marcante que Aidan tinha que concentrar-se.

—Estou de acordo, senhora. —Respondeu.

—Posso oferecer-lhe um refresco? —perguntou-lhe a senhorita Morris, apontando a casa com a mão.— Temo que ontem descuidei dos meus deveres de anfitriã.

—Preferiria dar um passeio com você por aqui. — Respondeu.

—Devo entrar em casa para descansar as pernas, querida. —Disse a senhora Pritchard.

A senhorita Morris assentiu e Aidan voltou-se e pôs-se a andar pela grama. Afastaram-se da casa e do caminho, em direção a um pitoresco lago com lírios situado à beira de um bosque. Mas não tinham dado mais do que uma dúzia de passos, quando ela parou e deu a volta para ouvir uns latidos. Um cão marrom de raça indefinida, que lembrava ligeiramente um terrier, dirigiu-se para eles com grande demonstração de alegria do lugar onde estavam sentados as crianças, ladrando excitado e avançando com um estranho rebolado. Corria sobre as três patas, percebeu Aidan quando se aproximou, e tinha a quarta dobrada. Era um vira-lata desastrado com o pelo salpicado de porções calvas, um só olho e uma orelha e meia. Parou como pôde quando os alcançou e rendeu um tributo à senhorita Morris, cheirando-lhe a mão e levantando logo a cabeça, deixando a garganta descoberta. Ofegou extático quando Eve se abaixou e coçou o seu focinho.

—Por pouco perdeu o passeio, Muffin. — Disse-lhe. Levantou vista e, como se pedisse desculpas, falou para Aidan. — Não ganharia nenhum prêmio em um concurso, verdade? Mas eu o quero muito.

Aidan não fez nenhum comentário. O cão, que parecia ter sobrevivido por milagre de uma briga com um urso, olhou-o com o seu único olho e dedicou-lhe um latido. Uma vez realizado esse protesto simbólico contra a sua presença,

fez cambalhotas do seu lado enquanto continuavam o passeio.

Aidan não queria perder o tempo em conversações ociosas. Seria pouco delicado iniciar uma sobre o tempo ou qualquer outro tema banal com uma mulher aflita.

—Seu irmão insistiu muito, senhora, — Disse— para eu promettesse protegê-la. Não teve tempo de me explicar por que, mas havia muita urgência em seu pedido. Você me dirá como posso servi-la, se assim o desejar.

— Você já o fez. — Respondeu ela— Cumpriu com seu dever, coronel, e estou extremamente agradecida. Em particular, não pode saber como me alivia saber que não sofreu muito.

Teria sido inoportuno seguir insistindo quando ela rejeitava com semelhante firmeza o seu oferecimento. Naturalmente, era um perfeito estranho para ela, como ela o era para ele. Mas Morris tinha gasto as suas últimas energias arrancando uma promessa de um homem que, como sabia perfeitamente, não deixaria de cumpri-la ou entedê-la.

— Ringwood era do seu irmão? —perguntou-lhe.

—Não —a réplica foi rápida e inequívoca— É minha. Meu pai legou-me isso. A propriedade não está sujeita a nenhum vínculo, sabe? Ele e Percy tinham se inimizado há alguns anos antes da morte de meu pai. Ele queria que Percy ficasse em Ringwood e aprendesse a ser o que chamava um membro reconhecido da nobreza latifundiária. Mas Percy queria dedicar-se à carreira militar e, quando herdou um pouco de dinheiro do nosso tio avô, comprou um cargo de oficial.

Isso talvez explicasse a pobreza aparente de Morris. Então o problema não era o que Aidan temia. Não seria

obrigado a ajudar Eve a mudar de lar e começar uma vida nova.

Pelo menos era um consolo.

—Parece —Disse, consciente de sua impertinência — uma propriedade próspera.

Eve parou para agarrar um pedaço de pau que o cão levava na boca e lançar para que fosse para buscá-lo.— Percy foi enterrado lá, em Toulouse?

—Sim. — Respondeu ele.— Junto com outros dois oficiais. O capelão do regimento oficiou o enterro. Foi uma cerimônia digna e conveniente. Eu assisti. A tumba está bem assinalada e alguém cuidará dela. Encarreguei-me de que fosse assim.

—Obrigado. — Disse Eve.

Ao que parecia, não tinham nada mais que falar. Ela não necessitava de nada material dele ou, se não era assim, não o iria reconhecer. Tinha a sua tia para consolá-la quando as coisas fossem ruins. Também estava presente a jovem babá que se ocupava das crianças, fossem de quem fossem. Provavelmente tinha uma infinidade de amigos e vizinhos dispostos a ficar de acordo para ajudá-la. Não necessitava do consolo extra de um estranho. De qualquer forma, consolar alguém não combinava com ele. Levava mais de doze anos como oficial, desde que tinha completado os dezoito. Os sentimentos de ternura que podia ter albergado no passado, haviam se esgotado pela falta de uso.

Mas tinha feito uma promessa solene, que consistia particularmente em quatro palavras perturbadoras: “Custe o que custar!”. Sabia que sempre se inquietaria por não ter sido capaz de fazer por ela mais do que levar-lhe a notícia da morte do seu irmão.

—Tem família na Inglaterra, coronel? — Perguntou-lhe.

—O duque de Bewcastle é meu irmão. —Respondeu-lhe.— E tenho mais dois irmãos e duas irmãs, e alguns familiares.

—Tem sobrinhos? — Inquiriu.

Ele negou com a cabeça.

—Nenhum de nós está casado.

Freyja esteve a ponto de contrair o matrimônio em duas ocasiões com dois irmãos. Um deles tinha frustrado as suas expectativas morrendo; o outro, casando-se com outra. Segundo Rannulf, que tinha escrito para ele uma carta longa e brilhante a respeito da última derrota, para Freyja aquilo não tinha sido engraçado. O que, interpretado corretamente, significava que se havia ficado furiosa como uma serpente.

—Deve estar desejando ver todos eles. —Disse a senhorita Morris.— Assim como eles estão desejando vê-lo. Tem uma licença muito longa?

—Dois meses. —Respondeu ele.

—É muito pouco tempo. — Disse— Não perca mais nem um segundo ficando aqui. Agradeço-lhe sinceramente que tenha concedido a mim dois dias.

Tinha formulado com muita elegância, mas era uma despedida inequívoca. Tudo parecia indicar que tinha saldado a sua dívida com extrema facilidade. Muita facilidade. Já não podia fazer nada mais.

Depois de dar a volta no lago, ela se dirigiu para casa. Não tinham nada mais que dizer. Eve estava esperando que ele fosse embora. E ele, teve que reconhecer, alegrava-se em ir. Mas ao mesmo tempo sentia-se incômodo.

Se se apressava para retornar à estalagem Três Plumas depois de acompanhá-la até a sua casa, teria tempo

demasiado para caminhar antes que anoitecesse. Estava desejando chegar a seu lar e ver algum membro de sua família, embora fosse provável que se encontrassem em Londres passando a típica temporada social, que acontecia no verão. O próprio Bewcastle, sem dúvida estaria na capital, já que o Parlamento devia estar em pleno período de sessões. Sobretudo, queria sincera e simplesmente estar em casa. Haviam se passado três anos desde sua última licença, que por sinal tinha sido interrompida em pouco tempo.

—Adeus, coronel. —Eve parou quando chegaram no terraço diante da casa, e estendeu para ela a sua mão magra mão.— Que tenha uma boa viagem e desfrute de sua licença. Estou segura de que a mereceu do principio ao fim. O dia de ontem não foi simples. Leve consigo o meu agradecimento.

Tomou a mão e inclinou-se diante dela.

—Adeus, senhora. — Disse—O capitão Morris foi um grande herói. Espero que isso lhe sirva de consolo quando tiver passado a dor mais vívida.

Sorriu para ele com os lábios pálidos e a tristeza no olhar. O cão grunhiu sem muita convicção quando suas mãos se tocaram. Aidan voltou-se e pôs-se a andar pelo caminho com grandes passadas, deixando para trás as crianças e a sua babá. Por fim podia começar a desfrutar da sua licença.

Talvez levasse sempre consigo a idéia obsessiva de não ter completado toda a sua promessa. O capitão Morris mostrou-se muito insistente com ele.

Prometa-me que a protegerá! Prometa-me isso. Custe o que custar! Certamente que pensava em algo concreto.

William Andrews, o ordenança de Aidan, que estava com ele há oito anos, tinha passado por uma infinidade de apertos e misérias em numerosas campanhas, incluindo o tédio dos avanços e retiradas das guerras peninsulares — chuva e barro, neve e frio, sol e calor, tavernas infestados de pulgas, acampamentos insalubres ao ar livre, e jamais tinha se cansado ou ficado doente. Agora, de volta à ensolarada Inglaterra, de retorno ao luxo, por assim dizer, tinha adoecido de um resfriado.

Quando Aidan voltou para a estalagem Três Plumas e ordenou-lhe que fizesse as malas e se ocupasse em preparar o cavalo para viajar no final de uma hora, Andrews se apresentou com o nariz vermelho como uma batata-doce, as pálpebras pesadas, os olhos lacrimejantes e uma voz nasal que soltava grunhidos de barítono, arrastando os pés e com ar de mártir.

—Que demônios está acontecendo com você? — Perguntou-lhe Aidan.

—Tenho um ligeiro resfriado, senhor — Explicou, soprando pateticamente, para depois espirrar e se desculpar. — Que posso fazer por você?

Aidan o olhou furioso, soltou um palavrão eloqüente e enviou o seu homem para a cama, com a ordem irrevogável de que tomasse algo para suar até que desaparecesse a febre e que não se levantasse até o dia seguinte pela manhã. Embora Andrews o olhasse com um ligeiro ar de recriminação e abrisse a boca para protestar, decidiu não discutir e afastou-se arrastando os pés tristemente, espirrando, e voltou a se desculpar antes de fechar a porta às suas costas.

E agora que diabos podia fazer? — Perguntou-se Aidan. Não era mais de doze horas e tinha pela frente o

resto de um dia que lhe parecia muito aborrecido e ocioso. Sentar-se na taverna e conversar com os habitantes do local? Explorar a imensa metrópole que era Heybridge? Dar um passeio enérgico pela rua do povoado e voltar imediatamente? Com isso mataria dez minutos. Dar um longo passeio a cavalo por um caminho e voltar por outro? Cair na cama para contemplar as manchas do teto, recriando pinturas?

De repente deu-se conta de que tinha fome. Tinham se passado cinco horas desde que tinha tomado o café da manhã e tinha rejeitado a oferta de um refresco em Ringwood. Em Três Plumas, taverna e o refeitório eram uma só peça. Não havia um refeitório privado. Desceu a escada, pediu carne e rins empanados e uma jarra de cerveja, e ficou conversando com o dono da estalagem e um grupo de habitantes locais. Algo para não passar umas horas morrendo de tédio.

A notícia principal que circulava por todo o povoado era a morte de Percival Morris, o qual não era capaz de deixar saudades. Todos sabiam que foi Aidan quem tinha levado a notícia e trataram de conseguir mais informações sem cair na impertinência de formular uma pergunta direta a um cavalheiro tão distinto.

Tinham uma forma curiosa de tomar da boca as perguntas uns aos outros ou ficar em suspense e fazer uma pausa para que ele pudesse responder.

—Pergunto a mim mesmo como exatamente morreu o jovem Percival. — Inquiriu um à nuvem de fumaça que se formou sobre a sua cabeça.

—Pergunto-me como são as grandes batalhas contra os franceses — Murmurou outro à cerveja de sua jarra.

—Todos conheciam o capitão Morris? —perguntou Aidan depois, tratando de satisfazer a sua curiosidade dando um par de detalhes convenientemente cruéis sobre a batalha de Toulouse.

—Sim, com efeito, todos o conheciam, embora fizesse anos que não tinha voltado para casa.

—Rompeu o coração do seu pai, sem dúvida, fugindo como fez em busca do exército do rei. — Disse um deles, demonstrando uma deplorável incompreensão pelos homens que se convertiam em oficiais da cavalaria.

Isso provocou uma enérgica discussão sobre se o velho Morris tinha um coração que pudesse ser rompido.

—Pensem no que fez a sua própria filha, que cuidou dele como se fosse um santo a ponto de subir nos altares durante os longos anos de sua enfermidade. — Apontou outro.

—O que fez a ela? — Repetiu Aidan, interessado.

—Ai, —Disse o homem, meneando a cabeça e suspirando teatralmente em direção a sua jarra de cerveja.

Não houve mais explicações. A conversa se centralizou na senhorita Morris e em sua infinita bondade, que parecia ir além de cuidar de um pai doente durante quatro ou cinco anos antes de sua morte, ou se o pai tinha ou não tinha um coração. Entre outras coisas, foi dito que ela tinha posto em marcha e financiado a escola no povoado, contratado uma parteira que ela mesma pagava, adotado dois órfãos aos quais ninguém queria e empregado um grupo de tipos indesejáveis que apenas ela tinha se aproximado a uma distância de pelo menos três metros. Tudo isso declarou um dos habitantes, e ninguém se apressou a contradizê-lo.

A senhorita Morris, conforme parecia, levava a virtude cristã da caridade até suas últimas conseqüências. Além disso, concluiu Aidan, devia ser extremamente rica.

— Deixa-se convencer muito facilmente, é o que acontece. — Disse o dono da taverna, puxando uma cadeira para sentar o seu corpanzil em uma mesa vazia.— Falta-lhe um parafuso na cabeça. —Acrescentou, tocando a sua para ilustrar o comentário. — Se tivessem um penique para vender e uma história triste para contar, eu lhes daria um guinéu em troca, tão certo como estamos agora mesmo em uma taverna.

—Assim é — Assentiu um dos moradores com ar de causar pena.

—Se querem saber o que penso, — Prosseguiu o taverneiro, embora ninguém dissesse que queria saber— O velho Morris agiu bem antes de morrer. As mulheres têm o coração muito brando para se encarregar de um lugar tão esplêndido como Ringwood e colocar a mão cofre tão rico como era o de Morris.

—Acreditei, — Disse Aidan, mostrando-se abertamente curioso, não com certa relutância— que o senhor Morris tinha deixado Ringwood para sua filha.

—Sim, ele deixou. — Disse o taverneiro— Mas ia ser do senhor Percival no final de um ano. Como desapareceu, como o mataram antes que passasse esse ano, tudo passará a ser do senhor Cecil Morris. Duvido muito que chore muito pela morte de seu primo.

O velho Morris tinha deixado suas propriedades para sua filha por um só ano? E, como seu irmão tinha morrido, ia parar nas mãos de outro parente? Seria um duro golpe para ela, pensou Aidan, porque tinha cuidado do lugar após o desaparecimento de seu pai. Mas ao menos o novo

proprietário era um parente. Sem dúvida Eve se adaptaria logo à nova situação.

Contudo, tinha mentido para ele para todos os efeitos. Sentiu-se zangado. Ao menos poderia ter dito que estava a ponto de perder a propriedade de sua casa. Claro que, reconheceu suspirando para si mesmo, não lhe devia nenhuma explicação. Não lhe devia nada. A dívida era toda dela.

“*Proteção*” foi a palavra que o capitão Morris tinha usado. Aidan recordava como a mão do capitão tinha segurado debilmente a manga de sua jaqueta com as últimas reservas de energia de um moribundo.

“Prometa que a protegerá! Prometa-me isso. Custe o que custar!”

Maldição! Ainda ficava para saber de algo mais?

Os homens que o rodeavam estavam absorvidos em uma discussão inacabável sobre o senhor Cecil Morris, mas Aidan não prestava atenção a eles.

—Como era o senhor Morris? — Perguntou. Detestava arrancar informações dos estranhos, mas precisava saber mais.— O pai do capitão Morris, quero dizer.

—O pai? —disse um dos que bebiam.— Não era melhor do que nenhum de nós, embora se dava achasses que parecia ser o rei da Inglaterra. Foi mineiro no País de Gales até que se casou com a filha do proprietário da mina e ficou rico. Quando o velho dono morreu, Morris vendeu a mina, enriqueceu ainda mais, comprou a mansão e instalou-se como todo cavalheiro. Criou seu filho e sua filha como um cavalheiro e uma dama, mas eles não responderam às suas expectativas, como tinha merecido. O senhor Percival foi para a guerra e a senhorita Morris negou-se a se casar com qualquer um dos ricos que quiseram a sua mão.

Ah, pensou Aidan. Isso explicava o seu ligeiro sotaque galês. E o fato de que sua tia fosse galesa até a medula.

—Mas foi o conde de Luff que não permitiu que seu filho se casasse com ela quando Morris propôs.— Disse outro homem, depois de mostrar ao taverneiro a sua jarra vazia.

— Ela não teve a ocasião de rejeitá-lo. Mas provavelmente o teria feito. — Disse o taverneiro, ficando de pé—. A senhorita Morris nunca foi arrogante.

Aidan também ficou de pé, fez um gesto amistoso ao passar pelos habitantes, e voltou para o seu quarto. Ia dar um passeio, resolveu. Tinha que decidir o que ia fazer... se é que faria algo. Seria sem dúvida uma falta de educação voltar para Ringwood e começar a bisbilhotar novamente nos assuntos da senhorita Morris. Apesar de gostar pouco da idéia, na manhã do dia seguinte não poderia retornar tranqüilamente para seu lar.

=CAPÍTULO TRÊS=

Nessa mesma tarde, Eve foi caminhando sozinha para o povoado. Tia Mary a teria acompanhado se tivesse pego a carruagem, mas necessitava mais de ar fresco e de exercício do que de companhia, e assim teria tempo para pensar e fazer planos.

O que iriam fazer? Estava aterrorizada. Desde a tarde do dia anterior tinha tratado de se concentrar-se no único fato que tinha importância, a morte de Percy. Tinha-o querido meigamente. Queria chorá-lo como se merecia. Mas....

Mas havia falecido muito cedo.

Percy tinha deixado um testamento e nele deixava Ringwood para Eve. Mas Ringwood nunca tinha sido dele. Seria de Eve até o primeiro aniversário da morte de seu pai. E, por uma ironia do destino, o dia em que se cumprisse o dito aniversário, iria parar nas mãos do primo Cecil. O testamento de Percy não tinha valor. Havia falecido muito cedo. *Por que não morreu um pouco mais tarde?* pensou com amargura.

No final de cinco dias todos ficariam sem lar. Todos. O pânico lhe encolhia o estômago. Se tivesse se concentrado exclusivamente em suas angústias pessoais, teria encontrado uma solução. A mais evidente, procurar trabalho. Mas não podia permitir ao luxo de pensar apenas em si mesma.

Subiu à ponte de pedra curvas que cruzava o rio entre Ringwood e Heybridge e, antes de entrar no povoado e aproximar-se da igreja, parou um instante para contemplar a água que fluía mansamente. Tinha cinco dias para fazer

planos. Esse dia podia dedicar a se concentrar em Percy. Ele merecia .

O pastor Thomas Puddle estava em casa, como pôde comprovar Eve quando este acudiu pessoalmente a abrir-lhe a porta. Sua governanta havia se ausentado e ele era um homem muito respeitoso das normas, por isso, em lugar de convidar Eve a entrar, propôs-lhe que o acompanhasse para dar um passeio pelo jardim da igreja. O vigário era um jovem desengonçado, de rosto bonito e de cabelo castanho avermelhado, que sempre se sentia desajeitado com Eve e ruborizava ao vê-la, como lhe ocorria com as demais jovens de sua paróquia, para muitas das quais era o personagem favorito da localidade.

Estava a ponto se dirigir para Ringwood, disse-lhe, pois acabava de voltar depois de dois dias de ausência e havia se inteirado do trágico falecimento de seu irmão. Deu-lhe os pêsames e ficaram falando das honras fúnebres cuja celebração Eve lhe pedido Eve.

—De acordo, amanhã. — Concordou ela, quando soube que o pastor devia voltar a se ausentar por causa do trabalho no dia seguinte.

—Eu me ocuparei de que todo mundo fique sabendo. Você pode se encarregar de todos os detalhes da cerimônia?

—É obvio. —Garantiu ele—Alguém poderia pronunciar umas palavras para honrar a memória de seu falecido irmão, senhorita Morris? Não cheguei a conhecê-lo pessoalmente e só poderia falar dele em termos muito gerais.

Eve refletiu um momento enquanto paravam à sombra de uma faia.

—Acredito que James Robson concordaria em fazê-lo. —Disse— Ele e Percy tinham a mesma idade e cresceram

juntos como vizinhos e amigos. Escreverei para ele assim que voltar para casa.

Mas o estalo contínuo e surdo dos cascos de um cavalo que se aproximava pela ponte distraiu a ambos. Eve se surpreendeu ao reconhecer o coronel Bedwyn, que se dirigia para eles com a sua montaria, provavelmente de caminho para a estalagem, que se encontrava no extremo oposto do povoado. Por que continuava em Heybridge? Acreditava que já estava a várias horas de distância dali, de retorno para a sua casa.

Ele os viu quando seu cavalo chegou à altura da faia e bateu a aba do chapéu no galho da árvore. Embora não usasse uniforme, a sua figura no cavalo era realmente imponente. Era tal como ela o tinha imaginado. Não era um homem que qualquer um gostasse de cruzar pela rua, pensou. Tinha um ar tão rude que parecia inconcebível que albergasse um pouco de senso de humor. Um homem que jamais ria. Mas não devia se mostrar antipática. Tinha-lhe feito duas visitas. Tinha-lhe devotado a sua ajuda desinteressada.

O coronel ficou ligeiramente em dúvida antes de parar o seu cavalo. Voltou-se para a igreja, desmontou, jogou as rédeas por cima de cerca do jardim e aproximou-se com grandes passadas para eles. Eve se sentia estranha e incomodada. Não queria ter nada com ele. Não gostava dele, embora fosse bastante sincera consigo mesma para compreender que o único motivo de sua aversão, era o fato de ter sido o portador da terrível notícia.

Eve apresentou os dois cavalheiros.

— Foi o coronel Bedwyn — Explicou ao pastor — quem trouxe a notícia da morte de Percy. Era o seu comandante em chefe.

—Uma tragédia —Disse Puddle. — Seu óbito é uma perda tremenda para a senhorita Morris e para todos os vizinhos. Pensávamos celebrar uma cerimônia amanhã à tarde. Estará ainda aqui, senhor?

—A enfermidade de meu ordenança atrasou-me. — Explicou o coronel.— Pegou um resfriado ao voltar para Grã-Bretanha. Não sei bem quando poderemos ir.

O pastor murmurou umas palavras de compreensão. O coronel olhou Eve e ela sentiu a necessidade incontável de dar um passo para trás. Tinha um olhar penetrante, muito direto. Ele se compadecia dos seus homens e se alegrou de que Percy, embora fosse subordinado de Aidan, tivesse pelo menos sido um oficial.

—Uma cerimônia fúnebre? —perguntou.

—Infelizmente, —Disse— Não posso dar-lhe uma sepultura aqui. Aqui é onde cresceu. Está na lembrança da maioria dos meus vizinhos e amigos. Era meu irmão. Tenho que celebrar as exéquias, dar-lhe uma espécie de despedida oficial.

O coronel assentiu em sinal de compreensão.

—Perguntávamos a quem pedir que fizesse um elogio fúnebre —explicou o vigário.— Eu cheguei a esta paróquia quando o capitão Morris já tinha ido embora e não acredito que me saísse bem.

O tenebroso olhar do coronel continuava pousado sobre Eve.

—Talvez — Disse— fosse conveniente que eu o fizesse, senhora. Seus vizinhos deveriam saber que valoroso oficial de cavalaria chegou a ser o Percival Morris que eles recordam, e com que bravura lutou por sua pátria.

—É um oferecimento extremamente generoso, senhor. — Disse Puddle.

—Ficaria mais um dia por mim? —Eve franziu o cenho. —Faria isso por mim, coronel?

Ele assentiu com a cabeça.

—Dou minha palavra de honra, senhora.

Protegê-la. Na noite anterior, enquanto Eve jazia insone na cama, compreendeu o medo justificado de Percy sobre o que a sua morte acarretaria para ela, e isso tinha lhe quebrado o coração. *Mas, o que acreditava Percy que o coronel podia fazer por ela ?* Supôs que seu irmão delirava quando teve essa idéia estranha.

—Obrigado. — Disse— É mais uma generosidade da sua parte.

Ele inclinou a cabeça, afastando finalmente o olhar de Eve e se despediu do pastor Puddle. Pouco depois se afastava com grandes passadas e voltava a montar o seu cavalo.

—Um cavalheiro dos pés à cabeça. — Observou o pastor.

—Sim. —Eve concordou. Também, evidentemente, um homem de palavra. Compreendeu que o oferecimento de ajudar que tinha feito pela manhã, e o que acabava de fazer agora ao permanecer um dia a mais para pronunciar um elogio nas exéquias que se celebrariam no dia seguinte em honra de Percy, não tinham nada que ver com a amabilidade. Percy tinha salvo a sua vida e sentia-se em dívida com ele. Tinha lhe dado a sua palavra de que a protegeria e, como não tinha outra forma de servi-la, optava por ficar para pronunciar uma apologia que servisse de consolo a ela e de exemplo aos seus vizinhos.

Estava-lhe agradecida.

Aidan não se considerava uma pessoa eloqüente. Certamente, nunca tinha pronunciado um elogio fúnebre.

Tinha assistido a tantos enterros de seus homens e seus oficiais que se deprimia em pensar, mas os capelães do regimento sempre haviam dito tudo que teria que dizer.

—O capitão Percival Morris pôs uma vez a sua vida em perigo e sofreu ferimentos muito graves para salvar a minha. — Começou quando chegou a hora de pronunciar seu discurso frente à impressionante multidão congregada na formosa igreja do povoado, tipicamente inglesa.

A senhorita Morris, vestida por completo de cinza, estava sentada no primeiro banco, junto de sua tia, de negro e com véu. A loura tinha visto dando aulas às crianças sobre o gramado de Ringwood também assistia, da mesma governanta, que teria sido um excelente sargento se tivesse pertencido ao exército, como pensou Aidan quando a viu circular pela extremidade da igreja atrás de sua ama. A maioria dos paroquianos foram vestidos de luto em sinal de respeito. Possivelmente alguns se perguntassem por que a senhorita Morris em particular não o fazia.

—Estive ao lado do capitão Morris quando morreu. — Concluiu depois do discurso que tinha preparado e que durou uns minutos.— Seu último pensamento foi para a sua irmã. Pediu-me que lhe trouxesse pessoalmente a notícia do seu falecimento. E pediu-me que suplicasse para que não vestisse luto por ele. É por honrar essa promessa, que hoje é vista de cinza. Temos que nos sentir honrados em termos conhecido um homem tão valoroso, que se entregou generosamente ao serviço de seus concidadãos e da pátria. Devemos demonstrar-lhe nosso respeito, dirigindo-nos à irmã que amou até o final. Senhora....

Aidan dedicou-lhe a saudação militar mais rígida e cerimoniosa possível, antes de voltar para o seu assento. Percebeu que ela estava sentada com as costas rígidas, os

olhos ressecados, pálida como um fantasma. A senhora Pritchard e vários membros da paróquia choramingavam em seus lenços.

Não prestou muita atenção ao resto da cerimônia. O sino da igreja dobrou tristemente quando tudo se concluiu.

Apertou a mão do pastor Puddle e agradeceu-lhe a sobriedade e dignidade que tinham presidido as honras fúnebres. Perguntava-se se seria o momento adequado para trocar umas palavras com a senhorita Morris ou se seria mais conveniente aguardar outro dia, mas foi ela quem tomou a decisão por ele, aproximando-se e estendendo uma mão enluvada.

—Obrigado, coronel. — Disse— Guardarei com devoção a lembrança do que disse a respeito de Percy, que ignorava em grande parte. E nunca esquecerei a sua cortesia em ficar outro dia por mim.

—Foi um prazer, senhora —disse, tomando a mão magra e quente.

—Como está hoje o seu ordenança? —A pergunta de Eve o pegou de surpresa.

—Muito melhor, senhora, agradeço-lhe por seu interesse —Respondeu.

—Agrada-me ouvi-lo. — Disse Eve. —Uns amigos e vizinhos virão à nossa casa para tomar o chá. Você vai me fazer o favor de ir também?

Não podia pedir mais. Provavelmente não teria muitas oportunidades de falar em privado com ela, mas talvez lhe ocorresse algo. Embora ainda não soubesse o que ia dizer-lhe, o que ia perguntar, com quanta insolência se atreveria a insistir.

Antes que pudesse responder-lhe, alguém se adiantou, inclinando-se e sorrindo, vestido de luto rigoroso

da cabeça aos pés. Até o lenço que dançava pendurado de uma de suas luvas era negro.

—Um discurso comovedor sem dúvida, milord. — Disse a um Aidan estupefato.— Custou-me sobremaneira reter as lágrimas. Minha mãe não pôde. Que consolo terá sido para o pobre Percival ter um oficial de tão ilustre linhagem a seu lado enquanto expirava. Se eu não me equivoco, milord, é você filho do falecido duque de Bewcastle e seu irmão é o atual portador do título. Agradeço-lhe do mais profundo de meu coração, milord, que tenha condescendido em nos honrar com a sua presença nesta tarde.

—Senhor? —disse Aidan com evidente altivez.

—Coronel —disse a senhorita Morris, com os olhos endurecidos e os lábios apertados. — Permita-me que apresente o meu primo, o senhor Cecil Morris.

—É uma grande honra, milord. — Disse Cecil, inclinando-se lisonjeador e sorrindo embevecido.— Permite-me que o apresente também a minha mãe? Onde está? —Voltou a cabeça e examinou os grupos que se formaram no pátio exterior.— Mas onde se colocou? Ah, aí está, conversando com a senhora Philpot e a senhorita Drabble. —Agitou o lenço com o braço levantado.

Aidan olhou-o muito mais atentamente. Era esse o homem que ia herdar Ringwood? Pequeno e rechoncho, enchia o peito e dava ares de importância e de estar muito atarefado. E era servil até dizer basta. O primo da senhorita Morris não tinha, conforme observou Aidan, o mínimo sotaque galês. Justamente o contrário. Ao lado de seu sotaque, até Bewcastle parecia provinciano.

—O coronel Bedwyn pode conhecer minha tia de Ringwood. —disse a senhorita Morris. — Deverá tomar o

chá. Ao menos, isso acredito. —Olhou inquisitivamente para Aidan.

—Oh, tem que vir, milord. — Acrescentou Cecil Morris, deixando de chamar a sua mãe. —Insisto em que nos honre com a sua companhia por mais humilde morada que possa ser Ringwood em comparação com a sede do ducado, nem dizer o que tem. Trata-se de Lindsey Hall, não é certo? Não lhe posso lhe dizer o quão contente que ficará mamãe.

—Obrigado, senhora. —Aidan inclinou-se diante da senhorita Morris, e atendeu seu primo. — Lá estarei.

Foi com grandes passadas em direção à estalagem. Faria com que selassem o cavalo e iria com ele. Como se compadecia da pobre mulher se de verdade tivesse que passar a sua vida em companhia de seu primo e da mãe deste quando se cumprisse o aniversário da morte de seu pai.

Era isso o que tanto preocupava o capitão Morris?

Eve havia se sentido favoravelmente predisposta em relação ao coronel lorde Aidan Bedwyn desde que saíram da igreja. Em troca, quando saiu de Ringwood depois de tomar o chá, desprezava-o e se alegrou de coração diante da idéia de não voltar mais a vê-lo.

Seus vizinhos foram muito atenciosos. Quase todos foram à sua casa e todos lhe dirigiram palavras sensatas e amáveis a respeito de Percy e da cerimônia. Serena Robson, a mulher de James esteve sentada junto de Eve quase durante uma hora, agarrando-lhe a mão e acariciando-a sem cessar, assegurando-lhe que esse dia era uma experiência penosa para ela, mas necessária, que quando tivesse concluído se sentiria de novo melhor.

—E, sabe? — Disse-lhe com absoluta seriedade em um momento em que ficaram sozinhas. — Pode vir quando quiser e estabelecer seu lar em nossa casa, Eve. James está de acordo comigo em que nada nos agradaria mais.

Eve olhou ao outro extremo do aposento, em direção a James. Pobre homem, certamente que odiava a idéia. Mas emocionou-lhe a bondade de Serena. As duas eram amigas desde que Serena tinha se casado com James há cinco anos atrás. Mas a amizade tinha seus limites.

—Não quero pensar no que acontecerá hoje, Serena —Disse-lhe Eve. — Mas muito obrigado. É muito bondosa.

Em honra à verdade, havia custado bastante a ela pensar racionalmente nesse dia. Até na cerimônia tinha sido difícil concentrar-se, por muito que o tentasse. Só as palavras do coronel tinham captado e retido toda a sua atenção.

O tempo corria.

Teria bastado casar-se no ano anterior para poupar essa maldição a si mesma e a todos os que se achavam sob a sua responsabilidade. Tinha recebido várias propostas. Mas não tinha levado a sério nenhum pretendente. Esperava John. Oh, que tola tinha sido... Já não se convencia de que John fosse voltar realmente. E, se o fizesse, seria muito tarde para salvar os seus criados e amigos.

Custava-lhe acreditar que estava duvidando de John. Contra os ditames da razão, talvez, tinha amado e acreditado nele durante quinze longos e silenciosos meses.

Ninguém sabia nada de John, nem sequer tia Mary. John, o visconde Denson, cujo pai, o conde de Luff, que tinha proibido categoricamente o matrimônio quando o pai de Eve o propôs, fazia parte do corpo diplomático e então se encontrava destinado para a embaixada britânica na Rússia,

embora possivelmente já estivesse de volta para a Inglaterra. Tinha prometido retornar diretamente a sua casa quando voltasse em março e tornar finalmente público o seu compromisso. Então, disse-lhe, seria um diplomata respeitado, uma pessoa importante com direito próprio, e seu pai não poderia lhe impedir de casar-se com a mulher que escolhesse. Iriam se casar

antes do fim do verão.

Eve sorriu com um gesto cansado a um dos vizinhos, que tinha se inclinado para lhe dar os pêsames e comentava quão formosa tinha sido a cerimônia fúnebre. Que bondosos eram todos. Que bom ter amigos que se preocupavam com ela.

Onde estava John nesse preciso instante? Não tinha maneira de averiguar. Não tinham escrito cartas nos quinze meses de sua ausência: depois de tudo, não era correto que um homem e uma mulher se correspondessem, se não estavam casados ou comprometidos oficialmente. Pelo menos, isso era o que dizia a si mesma durante os quinze intermináveis meses em que não tinha recebido notícias dele. Mas fazia pouco que tinha compreendido que não lhe teria custado nada encontrar um canal de comunicação com ela sem pôr em perigo a sua reputação. Que venha, pensou. Oxalá levantasse a vista nesse instante e o visse de pé no corredor, bonito, loiro, com seu perene ar de estar à vontade, confiante. Mas, quando levantou os olhos, viu somente o coronel lorde Bedwyn de pé, que escutava Cecil.

Surpreendentemente, o coronel não parecia querer fugir da sua presença. Eve quase tinha deixado escapar uma risada ao assistir o desprezo que tinha infligido a Cecil no jardim da igreja e para ela, foi uma desilusão ver como aticava agora as presunções de grandeza de seu primo,

dedicando-lhe toda sua atenção. Mas se alegrou de não ter que cumprir com o seu dever de cortesia para com o rude coronel. Teria se sentido em dívida com ele se a tarde não tivesse acabado da maneira como o fez.

Tinha descido para o terraço para despedir-se de James e Serena Robson. Balançou a mão em sua direção enquanto se afastavam, sentindo-se de repente esgotada e terrivelmente sozinha. Deu a volta e se dispôs a entrar na casa, justo quando Cecil e tia Jemima saíam dela, acompanhados do coronel Bedwyn, e o cocheiro de Cecil aproximava a carruagem para levá-los de volta para casa. Exceto pelo risinho nervoso que lhe dedicou tia Jemima, não deram nenhuma atenção a Eve, como se fosse invisível.

—E, além disso, isto aqui, — Disse Cecil, estendendo o braço para abranger a casa e o jardim —, é um lar totalmente inadequado para um cavalheiro. Poderia ser qualificado como um casebre rural sem distinção de nenhuma classe. Um portal de mármore com esculturas gregas, colunas e escadarias, é nisso em que penso. Causará à visão uma impressão indelével, não lhe parece, milord?

Eve olhou incrédula para a beleza esplendorosa dos ramos da videira que cobriam a fachada. Esperava que o coronel resolvesse de uma vez um comentário de tão pouca delicadeza, principalmente quando ela podia tê-lo ouvido.

—Na visão e nos visitantes. — Assentiu o coronel, com tom lânguido e cheio de altivez aristocrática.— Uma melhoria de tal porte em sua propriedade irá elevá-lo ainda mais na estima de seus pares, senhor.

Cecil voltou-se.

—E terá que alargar o caminho da entrada e pavimentá-lo. —Disse— Apenas se houver passagem para

que possam se cruzar duas formosas carruagens. Serão derrubadas algumas árvores.

Minhas antigas e adoradas árvores, pensou Eve, aniquilada.

—Uma ideia admirável — Repôs o coronel Bedwyn. — Depois de tudo, são apenas árvores. Muito menos importantes do que a carruagem de um cavalheiro.

Cecil observou com ar de satisfação enquanto o rodeava, até que a carruagem, parando diante ele, ocultou a mansão de sua vista.

—Foi um autêntico prazer conhecê-lo, milord. — Disse — Um prazer e uma honra para mamãe também. Talvez você nos visite em alguma ocasião quando se encontrar em Oxfordshire, uma vez que eu tenha podido converter Ringwood em uma propriedade digna de acolher o filho de um duque. Possivelmente queira unir-se a mim em uma caçada. Ou melhor, o duque, seu irmão... Deixou flutuar aquela disparatada sugestão.

O coronel inclinou a cabeça e ofereceu a mão à tia Jemima, que ficou tão confundida que custou a compreender que era para ajudá-la a subir na carruagem. Assim que percebeu, segurou a mão que lhe estendia e subiu nos degraus pulando.

—Eve... — Cecil dignou-se finalmente em reconhecer a presença de sua prima antes de ocupar seu lugar na carruagem.— Voltarei em quatro dias para me instalar. Espero que não elabore um numerozinho vulgar de protesto. Já sabe quão delicados são os nervos de mamãe.

—Adeus, Cecil. — Disse Eve. — Adeus, tia. Obrigado por ter vindo. Sua tia levou um lenço preto aos olhos depois de sorrir-lhe com ternura.

—Como estão Becky e Davy? — Tinha-lhe sussurrado pouco depois de ter chegado à casa, lançando olhares ansiosos a torto e à direita. Mas tinha escolhido mal o momento, pois Cecil apareceu subitamente do seu lado. Tia Jemima tinha sorrido vagamente, e acrescentado que a cozinheira de Eve tinha que lhe dar a receita da biscoito com passas.

Quando a carruagem partiu, Eve ficou de pé na porta junto ao coronel lorde Aidan Bedwyn.

—Senhora, — Começou ele— permita-me....

Não o deixou terminar. O mero som de sua voz a enchia de indignação. Eve deu a volta e entrou em sua casa sem olhar para trás.

=CAPÍTULO QUATRO=

—Estou mmuito melhor, senhor. — Disse Andrews—
Podemos estar a camminho ao amanhecer.

Aidan permanecia de pé no quarto da estalagem, de costas para seu ordenança, e fechou os olhos. Que terrível tentação! Esperou um pouco antes de proferir com a força dos pulmões todas as palavras grosseiras, vulgares, obscenas e blasfemas que constavam seu rico vocabulário.

Andrews aspirou ruidosamente o ar pelo nariz.

— Assoe esse maldito nariz — Ordenou-lhe Aidan.

Andrews obedeceu, assoando com um grunhido de elefante.

—Minha roupa de civil. — Disse Aidan, desabotoando os botões de sua casaca escarlata.

—Sua roupa de mmontaria? — Perguntou Andrews.

—A roupa de montar não, maldição. — Respondeu bruscamente Aidan, tirando a casaca e jogando-a sobre o espaldar de uma cadeira. Seu ajudante a recolheria mais tarde.— Pedi por acaso a roupa de montar?

—Não, senhor. — Concedeu Andrews.— Somente pensei que tinha decidido que partiriammos esta noite. — Assoar o nariz não tinha liberado os condutos nasais.

—Equivocou-se. — Replicou Aidan, cortante.— Quando decidir partir desta estalagem infernal, o farei saber disso.

Vinte minutos depois, vestia de novo a roupa de civil: camisa e lenço de seda brancos, uma jaqueta azul marinho ajustada, colete de cor marfim, calças de camurça e botas altas com galões brancos. Estava recém barbeado, mas de tão mau humor como estava antes. Ou talvez pior.

Ainda não podia acreditar o que acabava de saber por intermédio de Morris, a quem tinha surrupiado a informação com habilidade consumada. Bastou adulá-lo simulando interesse, fazendo-lhe algumas perguntas e aprovando incondicionalmente todas e cada uma de suas respostas néscias. Teria se sentido muito melhor se tivesse estrangulado esse pequena animal.

O velho Morris devia ter sido uma boa peça, pensou Aidan com desdém enquanto se dispunha para jantar em seu quarto. Não estava de humor para se deixar ser visto na taverna. Morris não tinha conseguido casar sua filha com nenhum dos pretendentes que havia lhe apresentado, sempre da melhor classe social, de modo que tratava de dirigir os passos de Eve através da tumba.

Segundo uma cláusula do testamento que tinha escrito pouco antes de morrer, Morris deixava tudo para sua filha, mas somente por um ano. Transcorrido esse tempo, a herança passaria às mãos de seu filho, ou, no caso de que este falecesse antes, a seu primo. Mas, ao mesmo tempo, deixava aberta uma porta extremamente tentadora: se Eve se casasse antes de que tivesse transcorrido o primeiro ano, a sua herança adquiriria o caráter vitalício.

Faltavam quatro dias para que se cumprisse o primeiro aniversário da morte de Morris.

Cecil Morris estava a ponto de ser o herdeiro. Tinha importunado sua prima com propostas de casamento quando tinha parecido benéfico. Mas, agora já não necessitava dela, tinha deixado de lhe interessar. Eve tinha quatro dias para deixar a casa. Cecil Morris não sabia nem queria saber o que seria dela.

Dois dias antes, a notícia do falecimento de seu irmão tinha sido certamente um duplo golpe para Eve Morris. Não

cabia dúvida de que a sua morte a havia afetado intimamente. Mas em seu aspecto abatido e sombrio pesava também o que aquela morte implicava. Ao que parecia, o capitão Morris deixou tudo para a sua irmã e tinha assinado documentos em virtude dos quais renunciava a todos seus direitos sobre a propriedade de Ringwood em favor dela. Por desgracia, sua generosidade não ia servir de nada. Havia falecido antes de adquirir qualquer direito sobre Ringwood e sem poder dispor da propriedade conforme os seus desejos.

Ao cabo de quatro dias Eve Morris ficaria sem lar e sem dinheiro. Seu pai não tinha lhe deixado sequer um dote ou uma mísera pensão com a qual sobreviver.

Depois de comer, Aidan despediu-se de Andrews e se dedicou a percorrer o quarto, repetindo todos os palavrões deselegantes que tinha gritado antes ao seu ordenança. Mas dar rédea solta ao seu mau humor não o fez sentir-se melhor.

O capitão Morris estava preocupado com razão. Sua irmã necessitava efetivamente de ajuda e de amparo. E Aidan tinha jurado solenemente oferecer-lhe. “Custe o que custar”. Durante o caminho de volta de Ringwood à estalagem espremeu o cérebro pensando no que podia fazer por ela. Antes de chegar, compreendeu que somente havia uma solução. O problema era que dessa solução não gostava absolutamente, para dizer com o maior dos eufemismos.

E só restavam quatro dias.

Embora que nessa tarde, antes de ir embora de Ringwood, Eve Morris tinha olhado com sarcasmo e arrogância —e quem podia reprová-la, depois da ridícula cena que o tinha visto representar com Cecil Morris? Ia ter

que persuadi-la para que o recebesse de novo, escutasse-o e aceitasse o que tinha que lhe propor.

Essas quatro palavras — custe o que custar— eram como uma roda de moinho atada ao seu pescoço. Significavam uma condenação à cadeia perpétua, justo agora que tinha começado a sonhar outros sonhos. Somente havia um modo de protegê-la.

Maldição, só havia um modo.

Colocou o chapéu com força e agarrou a sua bengala.

Quando os convidados partiram, Eve convocou todos os moradores da casa, exceto as crianças e o criado Johnson, que ficou com elas em seu quarto. Os outros se reuniram no salão, limpo depois do chá.

Não tinha sentido em continuar adiando a reunião. Nada ia mudar. Nada podia salvá-los. A única coisa que Eve podia fazer era dar-lhes a notícia com uns dias de antecipação, embora já estivessem todos à par do assunto. Ninguém ignorava a verdade.

—Duvido que meu primo fique com algum de vocês. — Começou dizendo em meio de um tenso silêncio. Tinha convidado a todos a sentar-se, mas ela ficou de pé.— Possivelmente contigo sim, Sam, pois você foi criado de quarto em Didcote e Cecil se impressiona com essas coisas.

—Despediram-me por caçar escondido, senhorita — alfinetou Sam.— Você foi a única que se arriscou a dar-me uma oportunidade. E, de qualquer maneira, eu não trabalharia para ele mesmo que me pedisse isso.

—E você, senhora Rowe, tem a fama de ser a melhor cozinheira de Oxfordshire. — Disse-lhe Eve com um sorriso.

—Mas correu a fofoca de que uma vez trabalhei como cozinheira para as garotas e os fanfarrões de um bordel de

Londres, senhorita. — Respondeu a mulher.— E você foi a única que me ofereceu um emprego. Eu estou com o Sam. Se alguma vez tivesse que cozinhar para “sua excelência”, envenenaria o seu rosbife. Juro.

—Ned. — Eve voltou-se para um homem maneta, seu administrador.— Sinto muitíssimo. Todos os nossos sonhos, nossos projetos... teremos que abandoná-los. Aqui não lhe darão sequer um trabalho.

Ned e ela tinham a intenção de comprar um lote contíguo a Ringwood. Melhor dizendo, Eve ia comprar o terreno com a aprovação de Percy, no final do ano, e Ned se encarregaria de administrá-lo. Queriam criar uma exploração agrícola para os soldados mais necessitados, os inválidos de guerra. Nessa espécie de comuna viveriam, trabalhariam e voltariam a ser auto-suficientes. Depois de certo tempo, Ned lhe devolveria o dinheiro da terra e se converteria em seu legítimo proprietário, embora Eve nunca tivesse a intenção de aplicar essa cláusula do pacto.

—Tudo bem, senhorita Morris, não se preocupe por minha causa. — Respondeu Ned.— Sobreviverei.

—Charlie, querido Charlie. —Eve olhou-o com carinho. — Falarei com o senhor Robson para ver se quer oferecer-lhe um emprego. Farei todo o possível.

—Fiz algo errado, senhorita Morris? — Perguntou-lhe o moço, dirigindo-lhe um olhar de profundo desconsolo.

Sam Pratchett deu-lhe um tapinha no ombro e prometeu-lhe que explicaria tudo mais tarde.

—Thelma... — Eve foi incapaz de olhar à moça e de pronunciar uma só palavra mais. Fechou os olhos e levou a mão à boca. Sentia uma dor aguda na garganta e no peito. Para onde iria Thelma? O que faria? Quem lhe daria trabalho? Como ia alimentar e criar Benjamin?

—Eve, — Disse Thelma —você não é responsável por mim. De verdade. Foi incrivelmente afetuosa comigo, mas agora deve pensar em si mesma. Eu seguirei adiante. Encontrarei algo. Já fiz isso antes de que você me trouxesse para cá.

Eve abriu os olhos e dirigiu um olhar a sua tia. Sua casinha de campo em Gales tinha sido vendida. No testamento de seu pai não se mencionava a pensão que tinha sido deixada para ela. Tia Mary era uma anciã cansada e quase entrevada. Tinha sido uma imensa satisfação para Eve levá-la para Ringwood e dar-lhe os mimos que nunca tinha conhecido.

—Não tem que preocupar-se comigo, querida. — Disse tia Mary com firmeza.— Voltarei para casa, para o lugar onde nasci. Ali tenho amigos que podem me albergar. Farei algo útil e ganharei a vida. Mas e você? Seu pai muito malvado, desarraigou-a, criou-a como uma dama e deixou-a sem nada. E tudo porque não conseguiu o que queria. Se estivesse vivo, diria a ele um par de coisas. Acredite-me, ia ouvir.

Mas Eve não a escutava. Estava pensando em Davy e Becky. Eram órfãos. Seus pais tinham morrido com poucos dias de diferença graças a uma febre virulenta e as crianças tinham iniciado uma viagem interminável ao longo de toda a Inglaterra, passando de um parente a outro, sem que nenhum os acolhesse ou se responsabilizasse por eles de alguma forma. A última da lista tinha sido a sua tia avó, Jemima Morris. Eve estava convencida de que sua tia, se tivesse dependido dela, teria aberto as portas de sua casa e de seu coração às crianças. Mas Cecil a havia persuadido de que isso prejudicaria a sua saúde e destruiria os seus nervos.

Pelas costas de Cecil, tia Jemima tinha corrido apressada para Ringwood e Eve assumiu as crianças, apesar de que não se unia com elas a nenhum laço de sangue. O pai de Eve acabava de falecer, Percy estava combatendo, a espera da volta de John estava sendo interminável, sentia-se sozinha apesar da presença de tia Mary em casa e o pranto lastimoso de tia Jemima tinha partido o seu coração.

A senhora Johnson, uma viúva de Heybridge conhecida por sua habilidade com as crianças, aceitou ocupar-se dos órfãos de modo que Eve pudesse buscar uma institutriz. Uma amiga casada, que agora vivia a uns cinqüenta quilômetros, tinha lhe falado de uma desventurada professora de seu povoado, a quem tinham despedido quando souberam que esperava um filho ilegítimo do seu patrão, e que após isso arrastava uma existência miserável como lavadeira. Uma semana mais tarde, Thelma Frise se instalava em Ringwood com o seu bebê.

O que seria de Davy e Becky? Eve conseguiria convencer Cecil de para que fosse generoso e os deixasse ficar, agora que ia dispor de uma casa maior e uma maior fortuna? Deixaria ficar também a criada Johnson, para que a mudança não fosse tão traumática para as crianças? E Thelma e Benjamin...? Não! Isso estava totalmente descartado.

—Agnes... — Começou a dizer.

—Não tem que me dizer nada mais, minha menina. — Interrompeu-a a governanta.— Estive mais de uma vez no cárcere e vivi para contá-lo. Deixei Londres em busca de uma vida melhor e detiveram-me por vagabundagem. Depois, você me acolheu. Nunca esquecerei disso e te abençoarei com o meu último fôlego, mas não quero

acrescentar uma só grama de peso à carga que leva sobre os seus ombros. Não estou sob o seu cuidado, Eve. É claro que não. Mas se não se importa, quando jogarem-na daqui, ficarei contigo, e por um tempo serei eu quem cuidará de você. O mundo pode ser muito cruel.

—Oh, Agnes! —Eve não pôde continuar contendo as lágrimas.

Agnes se encarregou de retirar todos, e todos, salvo a tia Mary, foram embora nas pontas dos pés, sem fazer ruído, como se saíssem da habitação de um doente.

Um dos momentos favoritos de Eve era de noite, quando, depois de jantar, subia ao quarto dos meninos e brincava com eles e lia para eles contos, enquanto Thelma dedicava-se Benjamin e cantava-lhe canções de ninar para que dormisse. Era o momento de folga da criada Johnson.

Nessa noite, Eve lia um conto. Davy estava sentado a seu lado, sem chegar a tocá-la. Durante os meses que seguiram à morte de seus pais tinha aprendido que no mundo dos adultos havia muito pouco a confiar, e tratava de esquecer aquela lição cruel devagar e com cautela. Becky se aconchegava contra o outro lado de Eve. De caráter agradável e bondoso, parecia menos afetada que Davy pelos fatos acontecidos. Mas a criada Johnson tinha lhe contado que às vezes despertava em plena noite gritando ou chorando desconsoladamente.

Thelma, de pé na soleira da porta do quarto de Benjamin, escutava o conto. O pequeno já devia estar dormindo. Muffin dormitava aconchegado nos pés do Eve, com o focinho sobre as patas.

Tudo parecia estar numa normalidade inquietante.

Eve fez um grande esforço para concentrar-se nas aventuras das duas crianças que escapavam na escuridão do bosque das garras de um duende diabólico e que, na metade do caminho que os conduzia à salvação, topavam com um feroz leão que levava um espinho cravado em uma pata. Eve tratava desesperadamente de não pensar no futuro. Resistia ao impulso irrefreável de abraçar as crianças e estreitá-las fortemente para não lhes transmitir o seu próprio medo. Não conseguiu digerir o jantar frugal que tinha engolido.

Não podia evitar de se perguntar onde estaria John. Contudo, mesmo que tivesse chegado nessa mesma noite, não poderia salvar a nenhuma das pessoas que a rodeavam: era muito tarde para ler a as admoestações a tempo. E parecia-lhe egoísta pensar somente em sua própria segurança e comodidade. Mas onde estava? Seria um alívio tão grande vê-lo, voltar a sentir os seus braços em torno dela, desafogar-se contando todas suas tristezas... Talvez ele tivesse alguma ideia.

Mas não havia nada que fazer.

Mostrou-se egoísta esperando a volta de John, reprovou-se, egoísta e estúpida. Não ia voltar. Não tinha escrito nenhuma só vez durante o ano em que em princípio ia estar fora, nenhuma só vez desde sua volta, que já fazia provavelmente vários meses. Tinha sido uma ingênua ao acreditar em suas promessas de amor eterno. Mas essa súbita perda de fé deu-lhe medo. Havia insistido com ela durante muito tempo. E Eve o amava, amava-o com todo seu coração.

Era a pessoa mais estúpida e ingênua da Terra? Se nesse ano tivesse aceito a proposta de casamento de outro pretendente, nem ela, nem seus amigos, nem as pessoas

que se achavam sob a sua responsabilidade estariam agora passando tantos apuros.

Mas como casar-se com um homem que não fosse John?

Alguém bateu com os nós dedo na porta do quarto das crianças, e interrompeu os seus pensamentos desconexos. Eve levantou a vista do livro no momento em que a porta se abriu para dar passagem a Agnes Fuller, que trazia uma expressão ainda mais amarga do que o normal.

—É aquele cavalheiro do exército .— Anunciou.

Eve não mostrou o menor interesse.

—O narigudo com o cenho franzido e com muitos nomes e sobrenomes .— Esclareceu Agnes.— Quer ver a senhora. A estas horas da noite.

— Diga-lhe que saí. Que me deitei. — Disse Eve indignada. Como se atrevia! O coronel lorde Aidan Bedwyn era a última pessoa que desejava ver. Nem agora nem nunca. Sua falta de sensibilidade com ela e as palavras que tinha dirigido a Cecil no terraço essa tarde tinham acabado com a sua gratidão passada.

—Disse que não aceitará desculpas. — Informou-lhe Agnes—Roguei que esperasse no vestíbulo, mas não quis. Foi direto para a sala com grandes passadas, sem pedir permissão. Se quiser, minha menina, trato de jogá-lo fora. Embora possa encarar quase qualquer homem, com esse não acredito que consiga movê-lo, mas não importaria em dar-lhe um par de bofetões, só pela sua arrogância. Não tem por que ser assim, não é verdade? Não me deu tempo sequer de pedir-lhe desculpas.

—Está bem! —Eve ficou em pé e deu o livro a Thelma. Muffin se levantou com um latido.— Vamos no ocupar desse assunto. Mas se alguém tem que ter o gosto de dar-lhe um

par de bofetões, Agnes, essa sou eu. Esta tarde teve o descaramento de dizer a meu primo Cecil que todos os seus ridículos planos para melhorar Ringwood fariam dele um cavalheiro mais respeitável e respeitado. E de mim fez pouco caso.

—Que mal educado! —exclamou Thelma.

—Eu que o diga! —gritou Agnes, dando a volta com renovado ardor.— Vou dar uma razão de sê-lo de verdade, por muito peito e muitos ombros que gaste. Vou mudar o seu nariz de lugar, já vai ver.

—Não fará nada disso.— Eve deu um suspiro. A governanta parou e se voltou-se para olhá-la com uma expressão teimosa.— Quer acabar de ler o conto para as meninos, Thelma? Descerei para vê-lo, Agnes. Talvez deseje prostrar-se de joelhos diante de mim e me suplicar o perdão.

Abaixou-se para dar um beijo de boa noite nas crianças e ordenou a Muffin que não a seguisse. O cão se voltou para sentar, olhando-a pesaroso com seu único olho.

—Quer que vá contigo? —perguntou Agnes enquanto desciam juntas a escada.— Ou prefere que chame a senhora Pritchard? — Tia Mary estava acostumada a repousar um par de horas em seu quarto depois de jantar. Logo se reunia com a sua sobrinha para tomar uma taça de chá antes de deitar-se.

—Nenhuma uma coisa nem outra. Vou ver o coronel Bedwyn sozinha. — Disse Eve. — Mas pode ficar no vestíbulo se quiser. Chamarei se necessitar de ajuda.

Ao abrir a porta da sala de estar respirou profundamente.

=CAPÍTULO CINCO=

O coronel estava de pé em frente a lareira, como an primeira vez que o tinha visto. Agora não estava usando uniforme, mas continuava com o mesmo ar ameaçador, a mesma figura imponente. tomou a liberdade de acender as velas do candelabro sobre o suporte da chaminé. Lá fora estava a ponto de anoitecer.

—Coronel Bedwyn. — Disse Eve com brutalidade, fechando a porta às suas costas. Não fez nenhum esforço par sorrir nem mostrar-se amável.— O que posso fazer por você?

—Senhora, você ocultou-me a verdade. — Respondeu ele.— Se não os fatos, pelo menos as conseqüências. É verdade que seu pai deixou para você Ringwood, mas com uma condição que você não cumpriu. Está a ponto de perder tudo. Dentro de quatro dias, para sermos exatos.

A fúria impediu-lhe de fazer outra coisa que fechar as mãos e apertar os punhos contra as laterais do corpo. Os privilégios próprios da aristocracia podiam transformar um homem até esse ponto? Davam-lhe o direito de ir para onde não tinha sido convidado, para se meter nos assuntos alheios, para se dirigir a ela com tanto descaramento e crueldade?

—Veio para isso, coronel? — Perguntou.— Para me chamar de mentirosa? Você é um impertinente. Rogo-lhe que abandone esta casa imediatamente. Boa noite. — Quando Eve se afastou da porta para dar-lhe passagem, o coração pulsava com força, apesar de não perder facilmente a calma e de que não estava acostumada a deixar-se arrastar pela ira.

—Hoje ainda você pode me dar essa ordem. —
Replicou sem se mover.— Mas dentro de pouco já não
poderá fazê-lo, verdade?

—Possivelmente. — Disse ela.— Quando você voltar
de visita no próximo ano ou no seguinte, vai admirar o
pórtico de mármore e o caminho da entrada pavimentado e
sem árvores, então jogue outra impertinência para Cecil e
será ele e não eu, quem terá o prazer de expulsá-lo de
casa. Mas esta noite a proprietária ainda sou eu. Assim,
fora! — Sentia-se como um ratinho que tentasse impor a sua
vontade a um leão.

— Cecil Morris é um asno consumado, não acha? —
Eve não estava certa de ter ouvido bem. Fixou o seu olhar
nos olhos escuros do coronel, mas não tinham mudado de
expressão.

—De que outro modo, a não ser permitindo que me
adulasse teria poderia me inteirar de qual é a sua verdadeira
situação, senhora? —Perguntou ele.

Eve franziu o cenho.

—Minha verdadeira situação não é assunto dele,
coronel —Respondeu.

—Sinto não estar de acordo com você, senhora. —
Replicou Aidan.— Sua segurança, seu bem-estar, sua
felicidade eram assunto de seu irmão. Antes de falecer, ele
delegou para mim essa responsabilidade. Não há dúvida de
que era a isso a que ele se referiu quando me fez prometer
que a protegeria. Sabia o que sua morte iria significar para
você. Ocultando a verdade, você nega a seu irmão a paz
que desejava quando me pediu que fizesse essa promessa.

Até então, Eve não tinha visto os oferecimentos de
ajuda do coronel sob essa luz. E agora tampouco queria vê-
los assim. Era um estranho. E um homem que pertencia a

um mundo distinto, a uma classe social tão elevada que era impossível conversar com ele ou tratá-lo como tratava a qualquer de seus amigos ou vizinhos. Ele era o lorde Aidan Bedwyn, filho de um duque. Eve sentou-se na primeira cadeira que encontrou.

—Você não me deve você nada, coronel. — Afirmou. — Nem sequer me conhece.

—Eu só sei, — Repôs ele — que sou responsável por você. Dei minha palavra de honra. Não faltei nunca a minha palavra e não vou começar com você.

—Dispenso-o você dessa obrigação. — Disse Eve.

—Não está em suas mãos. — Replicou ele—. O que pensa fazer? Quais são os seus planos?

Quando foi tomar fôlego para falar, sentiu que lhe faltava o ar. Como se tivesse corrido a toda velocidade. Encolheu os ombros.

— Logo me acontecerá algo. — Respondeu em voz baixa.

— Você tem alguém a quem acudir? —Inquiriu ele.

Continuava irritada com suas perguntas bruscas e indiscretas sobre a sua vida privada. Mas agora compreendia que a situação devia parecer tão penosa quanto para ela. Como devia lamentar haver encontrado com Percy moribundo! Como amaldiçoaria a seu ordenança por pegar um resfriado e impedi-lo de ir embora quando tinha pensado! Eve negou com a cabeça.

—Não, a ninguém. — Respondeu. É obvio, não podia ir viver com James e Serena, nem sequer por uma temporada. Seus únicos parentes eram Cecil e tia Jemima, tia Mary e Joshua, seu primo com quem teria se casado se seu pai não tivesse sido contra o matrimônio, alegando que Joshua podia ser um rico lojista, mas não era nem

cavalheiro nem latifundiário. Agora seu primo estava casado e tinha três filhos pequenos.

—Pensa em procurar emprego?

—Acredito que sim. — Alisou a saia sobre os joelhos. Não tinha trocado de roupa desde a tarde e sentia-se desarrumada.— Não sou desajeitada e não me assusta o trabalho duro. Mas parece-me uma crueldade e uma covardia ir sem mais nem menos, preocupar-me somente com minha própria sobrevivência. Ainda tenho alguns dias para tentar encontrar uma solução. Teria que ter pensado antes, verdade? Teria que ter previsto esta eventualidade. Percy estava constantemente em perigo de morte.

— Por que não o fez você? — Perguntou ele.— Conhecia as cláusulas do testamento de seu pai. Sabia, como acaba de dizer, que seu irmão vivia em constante perigo de morte.

—Suponho que me negava a admitir essa possibilidade. —Respondeu ela.— Optei por fugir da realidade. Era meu único irmão. Era tudo o que me restava. E, quanto ao matrimônio, a ideia de me casar somente para não perder a herança parecia-me interesseira, repugnante. Sempre pensei que me casaria por amor.

Não mencionou John. Se nesse ano John não tivesse existido, teria se casado com outro? Já não estava absolutamente segura da resposta.

—Percy havia me dito que não queria a propriedade nem a renda e tinha decidido ceder-me tudo logo que tivesse passado às suas mãos. — Acrescentou.— Casar neste ano não me parecia urgente. Embora Percy tivesse mudado de opinião, duvido que eu tivesse me preocupado muito. Estava tão unido a mim como eu a ele. Fui uma estúpida em acreditar cegamente que não morreria, verdade?

Ele não respondeu, mas cravou nela os olhos em silêncio durante um bom momento. Tinha o olhar duro, o rosto impassível.

— Por que uma crueldade? — Perguntou então.—. Por que uma covardia?

—O que? — Disse Eve dirigindo-lhe um olhar confuso.

—Para quem seria uma crueldade se você aceitasse um emprego? — Esclareceu ele— É a expressão que usou há pouco tempo. Para os alunos da escola do povoado? Para as mães que precisam dos serviços da sua parteira?

Seus olhos a olhavam com uma intensidade tal que Eve achou impossível afastar a vista deles. Dominava-a com sua presença. Queria que fosse embora, simplesmente, mas sabia que ele não faria isso até que não tivesse despido a sua alma.

—Sim, para eles. Para todos. — Disse ela suspirando. —Quando Cecil vir para viver aqui, todos sem exceção teremos que abandonar a propriedade Ringwood. Não somente eu.

—Sua tia não conta com recursos? —perguntou ele elevando as sobrancelhas.

Ela negou com a cabeça.

—Não. Nem Thelma, uma mãe solteira de boa família, a quem despediram de seu emprego porque levava em suas entranhas um filho ilegítimo do seu patrão, que a tinha forçado. Nem a sua pequena criança. Nem as outras duas crianças, órfãs, que tenho sob a minha responsabilidade. Nem Agnes Fuller, minha governanta, uma ex-presidiária. Nem Charlie Handrich, que faz qualquer tipo de trabalho com a maior boa vontade, mas a quem ninguém dará um emprego, porque todos o consideram meio retardado. Nem Edith, minha criada. Nem o criado Johnson. Nenhum deles

conta com recursos próprios. E nenhum tem muitas possibilidades de encontrar trabalho. — Eve surpreendeu-se com a amargura de sua voz enquanto confessava todos esses detalhes a um perfeito estranho—De fato, não têm nenhuma possibilidade.

—Tem você um coração muito terno. — Disse ele depois de um breve silêncio. Ela não soube entender se era uma acusação ou uma simples constatação.—. Você encheu seu lar de casos perdidos e agora se sente responsável por eles.

—Não são casos perdidos. — Replicou ela franzindo o cenho—. São apenas pessoas para quem a vida foi cruel. Valiosos seres humanos na sagrada arrumação do universo não menos importantes do que você ou eu. E está Muffin, meu cão, que o seu dono anterior maltratava. São todas vidas de um valor incalculável. O que devia ter feito vendo-os sofrer e sabendo que podia aliviar seu sofrimento? Dar-lhes as costas?

—Você não espera uma resposta, suponho. — Murmurou o coronel cravando nela o seu olhar inexpressivo.

—Mas já não posso continuar ajudando-os. — Continuou ela. —Agora que lhes dei um lar, esperança e uma vida digna de ser vivida, voltarão a ficar na rua. Ninguém dará um lar às crianças. Com sorte, acabarão em um orfanato. E ninguém dará um emprego aos adultos, nem sequer meus vizinhos, apesar de que amanhã mesmo irei visitar um por um para suplicar que o façam. Estes meus valiosos amigos se converterão em vagabundos e mendigos, ou possivelmente em algo pior. E a sociedade declarará que não podia esperar outra coisa de gente como esta e todos se congratularão e darão tapinhas nas costas por terem sido muito mais perspicazes do que eu.

O coronel continuava olhando-a fixamente sem expressão alguma. Eve pensou que seu coração devia ser tão duro como o seu aspecto. Provavelmente contribuía para isso tanto sua classesocial como a vida militar. Mas o que importava isso agora? Apesar da dívida que acreditava ter contraído com Percy, não lhe devia nada, nem sequer compaixão.

—Rogo-lhe que me perdoe. — Prosseguiu Eve.— Sem dúvida tudo isto não é para você mais do que estúpido sentimentalismo. Dirá para mim, como outros antes, que eu não tenho por que proteger aos carentes. Os próprios carentes me disseram isso. Mas é mais forte do que eu. Meu pai foi pobre até que, graças ao matrimônio com minha mãe, converteu-se em um homem imensamente rico. Trabalhava como mineiro em uma mina de carvão e casou-se com a filha do proprietário. Sabia, coronel? Como pode ver, estou longe de ser uma dama por nascimento, apesar de ter sido criada e educada como tal. Como não vou devolver algo do que possuo, sem ter feito nada para ganhá-lo ou merecê-lo?

—Uma atitude profundamente burguesa, — Disse ele — embora talvez esteja sendo injusto com os burgueses. A maior parte deles passa a vida tentando esquecer as suas origens e abrir caminho entre as classes sociais mais altas.

Isso era exatamente o que tinha feito seu pai. Olhou com frieza para o coronel, e ele sustentou o olhar tanto tempo que Eve sentiu-se incomodada.

— Retorne a seu lar, coronel. — Disse ela— Não está em suas mãos ajudar-me nem a nenhuma das pessoas com as quais me sinto responsável. Logo acontecerá algo. Sobrevivereí. Sobreviveremos.

Ele deu a volta, fixou a vista no carvão da chaminé e disse com brutalidade.

—Há um modo de salvar o seus seres queridos.

—Não. — Replicou ela, olhando carrancuda para as costas do coronel.—. Se houvesse, já me teria ocorrido. Acredite, considere todas e cada uma das possibilidades.

—Todas menos uma .— Insistiu ele com voz fria e seca.

—Qual?

Ele não respondeu imediatamente. Eve notou que o coronel, com as mãos apertadas, dava pequenos golpes rítmicos nas costas.

— Vai ter que se casar comigo. — Disse.

—Como?

—Se casar comigo antes do aniversário da morte de seu pai, —prosseguiu— conservará a casa, a renda e seus casos perdidos.

— Casar? —Eve olhou incrédula as costas rígidas do coronel—Ainda que não fosse a idéia mais descabelada que ouvi em toda minha vida, só restam quatro dias. Antes que o pastor tenha publicado as admoestações, Cecil terá seu pórtico a caminho.

—Há tempo se solicitarmos uma dispensa especial. — Explicou ele.— Amanhã sairemos para Londres na primeira hora, casaremos depois de amanhã e estaremos de volta no dia seguinte. Chegará em tempo para arrancar a língua de seu primo quando vir tomar posse da herança. Isso ao menos me causará uma certa satisfação.

Eve compreendeu que falava a sério. Totalmente a sério. E se dirigia a ela com toda a altivez de um oficial superior dando ordens a um ajudante. Não estava pedindo, estava comunicando.

—Mas eu não quero viver seguindo os passos de um regimento — Objetou ela.

Ele voltou a cabeça e olhou-a por cima do ombro com uma expressão turva.

—Alegra-me ouvi-lo. Como é natural não será obrigada a isso.

—E tampouco acredito que você tenha o mínimo desejo de viver aqui. —A ideia era muito ridícula.

—Nenhum absolutamente. — Replicou ele laconicamente, ficando de frente a Eve.— Não faça como se não me compreendesse, senhorita Morris. Trata-se de um matrimônio de conveniência. Parece evidente que você não deseja casar-se. Já não é uma juvenzinha e deve ter tido numerosas oportunidades de atrair o carinho do homem de sua escolha, se assim o tivesse querido. É óbvio que você não quis. Tampouco eu desejo me casar. Tenho uma longa carreira pela frente na cavalaria. Uma vida que não se concilia com o casamento e a família. Este matrimônio não trará muitos incômodos para nenhum dos dois. Eu voltarei para o meu batalhão depois de passar o resto da minha licença em Lindsey Hall. Você permanecerá aqui, em Ringwood. Dentro de três dias, quando a trouxer de volta de Londres, não será necessário que voltemos a nos ver nunca mais.

—Mas você é filho de um duque. — Assinalou ela.

—E você é filha de um mineiro. — Respondeu ele com altivez—Não acredito que a diferença de classes seja um impedimento para nosso matrimônio, senhora.

—Seu irmão, o duque de Bewcastle, ficará consternado com a notícia.

—Não tem por que sabê-la. — Disse ele sem negar a afirmação de Eve. — Além disso, tenho trinta anos e faz já muito tempo que sou dono dos meus próprios atos, senhorita Morris. As diferenças que nos separam nunca nos

complicarão a vida. Depois da cerimônia nupcial nos separaremos.

Mas por que se incomodava em discutir com ele? Sempre existiria John, embora não tivesse cumprido a sua palavra de voltar para seu lado. Em seu último encontro, antes que ele partisse para a Rússia, haviam se comprometido.

—Nunca conheci ninguém que se casou com uma dispensa especial.— Disse ela.

—Não?

Era de verdade tão fácil?

E se John estivesse retornando nesse momento? Mas por que continuar se enganando ainda? John não ia voltar. E, mesmo que retornasse, como ia ajudá-la? Tinha perdido tudo. A menos que....

— Bem e então? — O coronel Bedwyn parecia impaciente.

Eve passou a língua pelos lábios ressecados.

—Sem dúvida alguma, há um milhão de argumentos contrários. Mas não consigo pensar. Preciso pensar. Necessito de tempo.

—Tempo é algo do qual você não dispõe, senhorita Morris. E muitas vezes é melhor não pensar, e sim, limitar-se a agir. Suba e diga à sua criada que prepare a sua bagagem. Sairemos amanhã à primeira hora. Sua tia deve nos acompanhar, se puder, para salvar as aparências. Você dispõe de uma carruagem para a viagem? E de cavalos?

Ela assentiu com a cabeça. Existia a velha carruagem que tinha sido para seu pai um símbolo de riqueza e posição social.

—Passarei pelos estábulos antes de voltar para Heybridge, —Disse — e darei instruções para amanhã de

manhã. Não vou mais distraí-la. Sem dúvida terá muito o que fazer se estiver fora por três dias.

Despediu-se, rígido e formal, fazendo uma reverência, e saiu com grandes passadas da sala antes que ela pudesse mover um dedo para impedir-lhe. Ouviu-o dizer algo, provavelmente para Agnes, e depois a porta de entrada se abriu e se fechou.

Foi embora. Ela não o tinha detido quando teve tempo.

Disse e repetiu para si mesma que não tinha aceito aquela proposta descabelada.

Mas tampouco a tinha rechaçado.

Devia tornar a correr atrás dele e rejeitá-la agora mesmo. Havia dito que ia aos estábulos. Devia dizer-lhe toda a verdade. Mas qual era a verdade? A crua realidade era que Percy tinha morrido prematuramente e que John se comportou de maneira desleal. Tinha quatro dias para sair de uma situação desesperadora. Ou para não sair dela.

Não podia se casar com o coronel Bedwyn. Casar-se com o coronel Bedwyn? A idéia provocou-lhe uma gargalhada, uma risada triste e nervosa. Levou as mãos à boca para que Agnes não a ouvisse e pensasse que tinha enlouquecido. Debatia em silêncio entre o pânico e a histeria.

Precisava pensar, necessitava de tempo. Mas não conseguia fazer o primeiro, nem dispunha do último, como lhe havia dito cortante o coronel.

Ficou em pé e caminhou de um lado para outro da sala.

Quando, na primeira hora da manhã seguinte, Aidan percorreu a cavalo o caminho de entrada para a nobre casa de Ringwood, seguido a uma discreta distância por William Andrews, viu junto à porta principal uma velha e vulgarmente

decorada carruagem preparada para partir. Disse para si mesmo que Eve Morris não tinha revogado as suas ordens depois que ele foi embora: definitivamente, não tinha desistido.

E, se ainda albergava alguma dúvida, esta se dissipou quando rodeou a carruagem, chegou ao terraço e viu a porta de entrada aberta. Sua chegada não tinha passado inadvertida. A senhorita Morris, vestida de viagem, de cinza como de costume, descia a escada colocando umas luvas negras e pálida como um fantasma. O cão maltrapilho ia dando saltos a seu lado. Sua tia, ajudada por uma criada jovem e magra, ia atrás.

Na soleira estavam a governanta, com os braços abertos como quem anda procurando briga, e a jovem babá e professora, que tinha um filho ilegítimo.

Todos tinham o aspecto de estar a ponto de assistir a um outro funeral. Pois bem, —pensou sombriamente enquanto desmontava— ele também se sentia assim. Um rapaz correu ao seu encontro para sustentar as rédeas de seus arreios. Por sua expressão afável e vazia, Aidan deduziu que se tratava do servente retardado.

—Estão prontas, senhoras? —Perguntou ele desnecessariamente, depois de tê-las saudado com uma inclinação de cabeça e um lacônico “bom dia”. Até aquele momento não tinha compreendido quanto desejava que Eve tivesse mudado de idéia. Embora, pensando bem, não havia nada que mudar porque ontem à noite não tinha dado a ele uma resposta definitiva.

—Sim. —Eve não acrescentou nada mais.

—Permita-me, senhora. — Disse estendendo uma mão à senhora Pritchard para ajudá-la a subir na carruagem.

—Não faça isso, querida! — Gritou a governanta cravando n em Aidan um olhar furioso, como se o coronel estivesse raptando a sua senhora para desafogar nela os seus mais perversos instintos.— Não o faça. Não se for por nós. Seguiremos adiante. Todos. Não nos deve nada.

—Agnes ,— Disse a senhora Pritchard com um suspiro depois de acomodar-se na carruagem— assim só conseguirá confundir Eve. E, dito isto, meu tesouro, acredito que é o momento de agradecer ao coronel pelo seu amável oferecimento e deixá-lo que prossiga seu caminho se não estiver absolutamente segura de que o que vai fazer é o que realmente quer fazer.

Aidan golpeou nervosamente a bota com a vara. Uma das coisas que mais o contrariavam eram as cenas dramáticas, em especial as femininas. A professora parecia a ponto de desmaiar. A criada soluçava.

—É obvio que é o que quero. — Disse para todos a senhorita Morris, com um entusiasmo tão falso que a teriam vaiado em qualquer cenário.— Tia Mary e eu estaremos de volta depois de amanhã e tudo continuará como até agora. Não haverá nenhuma diferença, salvo que Cecil já não poderá ameaçar a paz de nosso lar. Recordem: nenhuma palavra a ninguém até que eu volte. Muffin, quieto. —Aidan viu com desaprovação que dava uma tapinha na cabeça do cão , em lugar de exigir uma obediência imediata.

Eve subiu então à carruagem, aceitando a mão que Aidan lhe estendia, mas evitando olhá-lo no rosto. A face do coronel parecia esculpida em mármore. Finalmente a criada deslizou para atrás dela, fazendo que não via a mão de Aidan. Se ele houvesse lhe dito algo, teria se caído com o susto. Aidan fechou a porta com força e, depois de fazer um sinal ao cocheiro, voltou a montar em seu cavalo, jogou uma

moeda ao rapaz e escoltou a carruagem caminho abaixo, por cima da ponte, através da aldeia, com Andrews sempre atrás.

Londres ficava a uma jornada inteira de viagem com aquela carruagem monstruosa, mas felizmente o tempo estava bom e o caminho estava firme, assim conseguiram chegar em um tempo razoável, apesar de que Aidan sentiu-se obrigado a fazer paradas além dos pedágios. Teve que trocar os cavalos nos estábulos e deixar que as damas estirassem as pernas. A senhorita Morris apenas provava um pouquinho de comida, mas a senhora Pritchard apreciava as pausas das refeições. Esforçava-se para ser amável com Aidan e conversava com ele animada e ruidosamente em seu dialeto galês compreendido com muita dificuldade, evitando assim os silêncios embaraçosos. Aidan estava contente de viajar a cavalo e não na carruagem.

O rosto da senhorita Morris parecia esculpido em mármore, mas ele tratou de não ter muita pena. Tampouco ele tinha tido alternativa. Além disso, quem se sentia triste por ele? Seu coração não estava precisamente dando saltos de alegria diante da perspectiva de se casar. Ao contrário. Não era um homem sentimental. Não se considerava um homem com o coração quebrado, mas o certo é que tinha uma profunda e irreparável sensação de perda. Seus sonhos tinham sido muito diferentes.

Na última hora da tarde alcançaram os subúrbios da cidade. Aidan e Andrews tinham cavalgado todo o dia, o que não era nenhuma novidade para nenhum dos dois. Aidan não estava muito cansado, mas sim de péssimo humor. Fazia dois anos que tinha comprado a sua vida a um preço extremamente elevado. Casar-se com uma estranha honraria a sua palavra e saldaria a sua dívida. Parecia um

matrimônio de conveniência, mas na realidade era uma condenação à prisão perpétua. E com uma mulher que faria com que Bewcastle se horrorizasse se chegasse a conhecê-la. Nada menos do que a filha de um mineiro. Além disso, na tarde anterior não havia dito a verdade. Era certo que até pouco tempo tinha acreditado que a carreira militar e o matrimônio eram incompatíveis. Mas, nos últimos meses, perguntou-se o que teria acontecido se tivesse encontrado uma mulher que não tivesse conhecido uma vida diferente que a dos militares. A filha de um general que sempre tivesse se prontificado a segui-lo com a família, fosse onde fosse. Não era uma pergunta hipotética. Aidan tinha encontrado uma mulher assim. Não estavam comprometidos. Nem dos seus lábios, nem dos dela tinha saído uma só palavra que pudesse ser interpretada como uma promessa. Mas ambos sabiam tacitamente, sem sombra de dúvida, que logo pronunciariam essa promessa. E o general Knapp tinha lhes dado a entender que daria sua bênção quando a pedissem. No fundo, Aidan alegrava-se com a ideia de se casar e levar uma vida tolerável ao lado da mulher de sua escolha.

Nada disso ia acontecer. E ponto. Não tinha sentido em continuar dando voltas com algo que não tinha volta. Nem seus lábios, nem os dela jamais pronunciariam essas palavras. Não ficariam comprometidos o respeito nem a honra de ninguém. Não poderiam arejar jamais a dor de seus corações.

Aidan deu ao cocheiro as instruções necessárias e dirigiu a carruagem com a sua montaria abrindo passagem até o hotel Pulteney, em Picadilly, o melhor de Londres. Tinha reservado dois quartos e uma sala privada para duas noites e voltou para se despedir das senhoras. Foi então

quando notou que estavam atemorizadas e que pareciam estar fora de lugar por se encontrarem em um ambiente tão suntuoso. Compreendeu que devia tê-las enviado a um hotel mais modesto, mas já era muito tarde para fazer qualquer mudança.

—Agora as acompanharei a seus aposentos. — Tranquilizou-as— Há uma sala privada onde podem jantar e passar a tarde. Estarei de volta pela manhã, logo que tenha a licença e tenha feito os preparativos. Estarão preparadas?

—Onde você se hospeda? — Perguntou a senhorita Morris. Pela fixidez com que o olhava, o coronel intuiu que tinha medo de levantar o olhar e contemplar o luxo do vestíbulo.

—No Clarendon, se tiverem um quarto. — Disse ele— Não seria correto passar a noite aqui na véspera de nossas bodas.

—Sim, estaremos prontas.— Disse ela assentindo com a cabeça.

Enquanto saía do hotel com grandes passadas, Aidan perguntou-se qual seria o melhor local para se embebedar. As possibilidades eram infinitas. Ao fim e ao cabo, estava em Londres.

Mas, ia enfrentar a manhã seguinte com ressaca?

Queria enfrentar a manhã seguinte, sem mais nem menos?

Não tinha alternativa, ou sim?

“Prometa-me que a protegerá! Prometa-me isso. Custe o que custar!”

Com sua promessa solene, tinha enterrado todos os seus sonhos sob uma lápide. Ia fazer um casamento de conveniência com uma estranha, em lugar de fazê-lo por amor e lealdade com a senhorita Knapp.

=CAPÍTULO SEIS=

—O que parece, querida? —Havia certo tom de malícia e triunfo na voz da tia Mary quando por fim abriu a porta do seu quarto no hotel Pulteney e entrou com ajuda de sua bengala na sala de estar privada que compartilhava com a sua sobrinha. Tinha permanecido nela desde o café da manhã, teoricamente para descansar, exausta como estava depois da longa viagem do dia anterior, e preparar-se para o casamento

Eve tinha esperado com um pouco de impaciência para que sua tia reaparecesse. Não sabia exatamente quando tinha que estar pronta para sair com o coronel Bedwyn, de modo que estava já vestida há algum tempo. Sentia-se elegante com a sua melhor roupa de passeio cinza, embora estivesse ligeiramente fora de moda. Edith, muito hábil com as mãos, tinha penteado o cabelo formando cachos na nuca e desenhando ondas sobre o pescoço e as têmporas. Tinha colocado as luvas negras sobre uma mesa que estava junto à porta, a ponto de ser usada no momento de partir. Assim como a touca, que não era a sua favorita, pois a sua melhor touca, que tinha levado no dia anterior, não pôde ser encontrada. Mas, tinha a certeza de ter visto Edith tirá-la de casa com a sua caixa e entregá-la ao cocheiro. A própria Edith insistia entre soluços que realmente a tinha pego e que devia ter caído da carruagem na sarjeta, onde os pássaros a teriam bicado, as raposas a teriam rasgado e algum vagabundo a teria levado e estaria com ela na cabeça nesse momento. Talvez a tinham levado por engano ao quarto de tia Mary, sugeriu Eve, tanto para tranquilizar Edith, como para se convencer.

—Ah, —Disse com alívio ao vê-la na mão livre de sua tia.— aí está a minha touca.

E lançou-lhe um olhar mais demorado. Era a mesma que tinha usado dois dias antes no funeral em Heybridge, mas tão transtornada que com muita dificuldade a reconheceu. Uma fita de seda larga, cor de lavanda, plissada com esmero, decorava a parte inferior da aba e caía por um lado em um cacho de laços. Umas tiras finas combinando flutuavam em cada lado.

—Eu tinha a fita na caixa de casa — Explicou tia Mary abafando o riso como um menino excitado. — esperando uma ocasião especial. Decidi que era hoje, querida, o dia do seu casamento. A lavanda é uma cor de tristeza, mas é muito mais alegre do que o cinza.

—Mas é que na realidade não é um casamento. —Eve atravessou o quarto para tomar a touca das mãos de sua tia.

—Como o chamaria então? — Perguntou sua tia.— É uma cerimônia que amarrará ao coronel lorde Aidan Bedwyn pelo resto de sua vida? É um casamento, não resta dúvida. Se soubesse que o faz unicamente por mim, estaria tentaria dissuadi-la como uma fera agora mesmo. Mas não o faz apenas por mim, então o que posso dizer?

—Nada. —Eve colocou a touca com cuidado, para não desarrumar os cachos do cabelo.— Faço sobretudo por mim, tia Mary. Não posso suportar a idéia de perder Ringwood e minha fortuna. —Tratava, sem êxito, de falar com despreocupação.

—Assim chegou o dia em que só pensa em si mesma. — Disse tia Mary com ironia.— É a pessoa menos egoísta que eu conheço e sei que está fazendo isso por todo mundo menos por ti. Mas apesar de tudo, talvez seja recompensada. É um bom homem, querida. —Afastou as

mãos de Eve e, com seus dedos nodosos pelo reumatismo, atou com esmero a fita sob o queixo de sua sobrinha.— Embora que na primeira vez em que o vi pareceu-me uma pessoa áspera e seca, ontem o coronel foi muito amável. Se tivesse viajado sozinho, suponho que teria galopado a um bom ritmo e teria chegado horas antes do que o fez andando conosco. Não sei se observou que apesar disso, não tentou me apressar para subir ou descer da carruagem e se esforçou para conversar em todas as paradas, embora eu imagine que ele se sintia muito mais à vontade falando de cavalos e escopetas com os homens e os soldados do que com as damas. E não é que eu seja uma dama segundo os padrões. Se tivesse me visto há uns anos atrás saindo de um turno de trabalho na mina! Mas o coronel é um cavalheiro, um cavalheiro de verdade.

—Claro que é. — Concedeu Eve.— De fato, papai aprovaria o casamento... e mais do que isso.

—Eu gostaria que não insistisse em dar por acabado tão rapidamente o seu acordo com o coronel. — Disse tia Mary dando um passo para trás para verificar o ângulo do laço antes de ajustá-lo.— Espero que os dois passem um pouco de tempo juntos, embora somente seja para comprovar se pode haver haver uma centelha de algo duradouro entre ambos. Não faria mal provar, verdade? Se bem que de qualquer maneira vai estar casada. —Tem uma licença de dois meses ou é o que me disse ontem.

—De modo algum deveria desejar que passemos juntos mais de um dia, tia Mary —replicou Eve imediatamente. — Seria insuportável.

—Desejo tanto que seja feliz, querida! — Exclamou sua tia—Você se entrega generosamente a todos, menos a si mesma. Já sei que não é uma maravilhosa história de

amor. Teria que ser tola para pensar semelhante coisa. Mas quem diz que não pode se converter em um casamento por amor? Porque, apesar de todos os meus esforços de alcoviteira no ano passado, você não ama outro, verdade?— Eve sorriu e se aproximou do espelho pendurado sobre o suporte da chaminé embora sentisse as pernas mais pesadas do que chumbo.

— Que coisa! — Exclamou. A touca remoçada parecia dar-lhe mais volume e cor a seu rosto. Tornava-a mais jovem. Depois de quase um ano tinha se esquecido do que era usar uma roupa de colorida. Seus olhos pareciam maiores, mais azuis do que cinzentos, mais luminosos. — Que habilidosa é tia Mary! Obrigado! — Voltou-se para abraçar a sua tia que parecia imensamente contente de si mesma.

Sou uma noiva, pensou Eve. Essa era a sua roupa de noiva e logo se encaminharia para seu casamento. A ideia fez com que o estômago se revolvesse. Estava a ponto de desposar um estrangeiro por puro interesse e sem a mínima intenção de respeitar a maioria dos votos do matrimônio que ia professar. Ia casar com um homem que não era John. Até esse momento tinha conseguido convencer-se de que acabaria encontrando uma solução, de que se produziria um milagre que impediria que tal coisa ocorresse. No final compreendia que nada iria detê-lo.

A menos que ele comparecesse....

Nesse preciso instante chamaram energicamente à porta da sala de estar. Eve e sua tia deram a volta para olhar, ao mesmo tempo que Edith saía apressada do quarto de Eve, lançava-lhes um olhar de pânico e se dispunha a abrir a porta. O coronel lorde Aidan Bedwyn entrou no aposento, que pareceu diminuir com a sua presença.

Parecia grande, poderoso e muito masculino, apesar de que não vestia o seu uniforme, como esperava Eve. Inclinou-se diante das duas damas e deu-lhes bom dia.

Eve fez uma reverência. E, antes de que Aidan pudesse voltar a falar, ocorreu algo estranho, terrível e absolutamente inesperado. Ao olhar essa pessoa elegante, vestida de modo imaculado, e ver-se como sua noiva, sentiu uma descarga que lhe atravessou os seios e o ventre até a face interna das coxas; um puro reconhecimento físico. Nunca o havia considerado um homem bonito. Mas seria ingênua em acreditar que sua reação se devia apenas ao seu aspecto. O que a perturbava era a sua inegável masculinidade. Era o dia do seu casamento. Em outras circunstâncias, aquela seria a sua noite de núpcias.

Tratou desesperadamente de evocar uma imagem de John, mas desprezou-a decidida antes de que chegasse a se formar. Era muito tarde. Logo, muito em breve, o mero fato de pensar nele seria uma traição. Por um instante olhou o coronel presa do pânico.

—Vocês estão prontas? — Perguntou, demorando o olhar sobre a touca do Eve, antes de voltá-lo para tia Mary.

Eve assentiu e agarrou as luvas.

—Poderia trazer-me o chapéu do meu quarto, Edith? —Disse tia Mary, que acompanhou a garota até o vão da porta para lhe indicar qual queria.

Eve e o coronel, sozinhos, olharam-se intensamente. Foi um momento muito incômodo.

—Tenho a licença. — Disse ele sem trair emoção alguma— Fiz alguns preparativos. Temos que estar na igreja em meia hora.

—Tem absoluta certeza? — Perguntou Eve com suavidade.

— Nunca faço nada que não esteja absolutamente certo, senhorita Morris. — Respondeu.— E você também tem certeza, não é certo? Recorde dos seus casos perdidos.

Em qualquer outro homem teria interpretado como uma intenção de soltar uma graça. Mas não havia nenhuma faísca de ironia em seus olhos nem em sua voz. Tia Mary voltou da habitação com o chapéu colocado na cabeça e a tensão se aliviou um pouco.

—Vamos. —O coronel abriu a porta.

Obter uma licença especial tinha sido surpreendentemente fácil de conseguir, constatou Aidan. Certamente, não havia dúvida de que tinha ajudado ir vestido com o seu uniforme —o velho e cômodo uniforme, não o de gala, pois todo Londres adorava seus oficiais com loucura, até ao delírio, inclusive os que, como suspeitava, jamais tinham posto um pé além das costas seguras da Inglaterra. O pessoal de Clarendon, que o tinha tratado com respeito e cortesia na noite anterior, tinha se desdobrado nessa manhã com reverência, respeito e lisonjas, enquanto que alguns hóspedes o tinham contemplado com admiração e aprovação. Um deles, um cavalheiro que jamais tinha visto em sua vida, insistiu em apertar a sua mão e felicitá-lo como se fosse pessoalmente responsável pela abdicação do imperador Napoleão Bonaparte.

Foi essa mesma reação que o convenceu de vestir-se de civil para o seu casamento, embora tivesse tido a intenção de usar o seu uniforme de ornamento. Não queria chamar a atenção. E, o que era mais importante, esperava que ninguém o reconhecesse. Era algo que queria fazer com rapidez e em segredo. Seria melhor para todos os implicados que Bewcastle não tivesse notícia do casamento.

Acima de tudo, esperava não topar com ele ou com qualquer outro membro de sua família.

Aidan tinha a licença no bolso e sua noiva e a tia estavam sentadas na frente da elegante carruagem que tinha alugado para a ocasião. Andrews ia atrás a cavalo.

A senhorita Morris estava muito atraente nessa manhã.

Por obra dos adornos e dos laços frívolos de sua touca, assim como dos toques de cor, pensou. E usava os cachos dos cabelos caídos sobre o pescoço e as têmporas. Pela primeira vez —e última, conforme desejou fervorosamente— olhou-a com interesse sexual. Começou a fazer uma comparação mental com a senhorita Knapp, quando compreendeu que não podia se permitir voltar a pensar nela.

A senhora Pritchard manteve um monólogo fluído, lançando sonoras exclamações diante do esplendor dos edifícios que desfilavam à sua passagem, o ruído e a agitação das ruas, a magnificência dos veículos que se cruzavam. Compreendeu que cuidava para que sua sobrinha e ele estivessem à vontade. Ajudou-as a descer quando chegaram à igreja que tinha escolhido pela tranquilidade do bairro. O pároco tinha assegurado que não esperariam e que a cerimônia duraria apenas uns minutos.

A senhorita Morris pôs a mão sobre o braço que lhe estendia, e Aidan conduziu-a ao interior da igreja. A tia ia atrás, com a ajuda do braço firme de Andrews. A comitiva do casamento tinha quatro membros: a noiva, o noivo e duas testemunhas. Em um momento de descuido, Aidan representou o tipo de cerimônia que Bewcastle teria insistido em celebrar para ele em diferentes circunstâncias, pois ia ser o primeiro dos dois a se casar. Teria sido uma

celebração magnífica, deslumbrante, cheia de pompa e esplendor, a qual teria assistido a flor e nata da aristocracia.

O chão pavimentado da nave retumbava silenciosamente sob as suas botas. O interior escuro contrastava com a brilhante luz do sol. Fazia frio e o ambiente era um tanto sombrio. O sacerdote apareceu por uma porta que havia atrás do altar e dirigiu-se apressadamente para eles com um sorriso de boas vindas. Ia vestido com roupa de cerimônia e trazia um livro apertado contra o peito.

Inclinou-se, felicitou-os e precedeu-os até o altar, seguidos pela senhora Pritchard. Indicou-lhes onde tinham que permanecer e fez gestos a um relutante Andrews de que se aproximasse. O resultado de tudo era alegre e, ao mesmo tempo, impessoal.

E, de repente, estavam se casando. A cerimônia nupcial tinha começado.

—Meus queridos, — Começou o sacerdote— estamos aqui congregados na presença do Senhor... —Falava com o tom solene e retumbante de um clérigo que se dirigisse a centenas de pessoas. Uns poucos minutos mais tarde concluía de idêntica maneira.

—Declaro-vos marido e mulher, no nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Fez solenemente o sinal da cruz com a mão direita.

Tudo tinha terminado antes que Aidan dissesse que devia prestar toda a sua atenção. Professou os votos quando disse que o fizesse. Sem escutar realmente o que dizia. Eve interveio com calma e sem vacilações. Ele não conseguia recordar uma só palavra. Tinha tomado a sua mão e tinha posto no dedo o anel de ouro que tinha comprado, ao mesmo tempo em que repetia as palavras que

ia dizendo o pároco. Fez isso como se estivesse imerso em um sonho. Mas nesses poucos minutos o mundo se moveu. Tinha ocorrido algo transcendental, irrevogável, irreversível. Estavam casados. Até que a morte os separasse.

Por momento, a igreja pareceu ser muito tão escura e fria como uma tumba.

Tia Mary, sorrindo e com os olhos chorosos, abraçou a sua sobrinha neta e, depois de uma hesitação, Aidan também. Andrews estreitou a mão, algo bastante incomum. O pároco sorria, assentia afavelmente e os felicitava. E assinaram no registro sem terem cruzado um só olhar. A noiva com as ua letra clara e inclinada, ele com a sua escritura decidida e um pouco fantasiosa. Tia Mary e Andrews assinaram como testemunhas, a tia com um “X”, como observou Aidan com interesse, e ofereceu o braço à noiva e a conduziu-a à soleira, onde os esperava a carruagem alugada para levá-los de volta ao hotel Pulteney.

Tudo tinha terminado. Tudo. Tinha cancelado a dívida, ela ficaria com a casa, e ele tinha os pés atados com grilhões. O sol lançou-lhe um raio quente e zombador através de um espaço entre as nuvens.

—Que cerimônia mais encantadora!— Disse a senhora Pritchard, uma vez que Aidan ajudou-a com a sua mão a entrar cuidadosamente na carruagem. Observou como espalhava a saia do seu traje em torno de si e como estendia a bengala sobre o assento, de modo que quando sua sobrinha subiu, não teve mais remédio senão sentar-se de frente a ela.— Foi breve, mas o ministro falou com muito sentimento. Você acertou na escolha, coronel.

Aidan sentou-se junto a sua noiva, que se afastou o quanto pôde em direção ao outro extremo. A tia dedicou-lhes um sorriso largo.

—Que casal bonito fazem! — Disse.

—Tia Mary, por favor! — A senhorita Morris reprovou com suavidade.

Aidan observou com desagrado que sua noiva já não era mais a senhorita Morris. Acabava de receber o seu sobrenome.

—Provavelmente desejam comer. — Disse laconicamente.—Ordenei que a carruagem volte para o hotel Pulteney. Hoje já é muito tarde para começar a viagem de volta a Ringwood. Esta tarde mostrarei a vocês um pouco de Londres, se desejarem.

Não tinha planejado isso, mas ocorreu a ele que seria uma grosseria abandoná-las no Pulteney durante toda a tarde e noite, já que não conheciam a cidade. É obvio, corria o risco de que o vissem e o reconhecessem. Esperava que não acontecesse, mas já não lhe importava tanto como nessa manhã. Além disso, se alguém o visse, a menos que tivesse a má sorte de topa cara a cara com algum dos seus irmãos, não tinha por que se inteirar de que a mais jovem das suas acompanhantes era sua mulher.

—Isso seria um prazer se não lhe causar incômodo. — Disse a noiva, com um tom de voz sinceramente alegre.—Eu adoraria ver a Torre e o palácio Saint James e Hyde Park, ou qualquer lugar que nos recomende. Não acha, tia Mary? Ao fim e ao cabo, estamos em Londres.

—O tempo é ideal para visitar a cidade. — Acrescentou ele.

—Tenho que confessar que estou esgotada com tantas emoções. — Disse a senhora Pritchard.— E amanhã ainda resta um longa viagem adiante. Esta tarde terei que ficar repousando tranqüilamente no hotel, de verdade. E não

quero desperdiçar um quarto tão esplêndido e uma cama tão cômoda. Mas que isso não faça com que desistam de sair.

—Tia Mary... — Começou a dizer sua sobrinha.

—Depois de tudo, — Continuou a tia, sorrindo com placidez— já não necessita de companhia, não é certo, querida? Irá com seu marido.

A senhora Pritchard tinha a esperança de provocar um romance entre eles ao deixá-los sozinhos durante toda a tarde? Perguntou-se Aidan. Pelo modo como a sua esposa se aconchegou mais ainda no canto da carruagem deduziu que Eve suspeitava o mesmo.

O que faltava para que a sua felicidade fora completa! Uma alcoviteira! Mary, como um velho pardal enrugado, observava-o com os olhos escrutinadores e faiscantes.

O coronel lorde Aidan Bedwyn voltou pontualmente à uma e meia ao hotel Pulteney para levar Eve ao passeio por Londres. Eve estava surpreendida pela vontade com que esperava a excursão, apesar de que não tinha conseguido convencer sua tia para que mudasse de ideia. Mas pouco importava, pensou enquanto seguia seu novo marido e saíam do hotel. Tinha alugado uma cabriolé em substituição da carruagem da manhã. Tia Mary não teria subido de maneira alguma naquele assento elevado e estreito, que não em vão era chamado de cadeira volante.

—Nunca subi em um cabriolé. — Reconheceu Eve. — Parece tremendamente frágil e afastado do chão.

—Tem medo? — Perguntou enquanto a ajudava a subir.

—Suponho que é você um condutor experiente. — Disse Eve.

Na realidade não tinha medo. Estava alvoroçada. Veriam muitas coisas dali de cima e se exporiam ao ar quente de verão. Colocou um vestido cinza claro, de cintura alta e musseline, mas continuava usando a touca com a sua fita de cor lavanda e, justo antes que saísse, tia Mary havia agitado a outra parte daquela fita larga e a tinha atado por debaixo dos seios, para que brilhasse em lugar da faixa cinza que estava acostumada a usar com aquele vestido.

Aidan limitou-se a arquear as sobrancelhas e deu a volta no cabriolé, para se sentar junto dela.

Eve não compreendia por que se sentia tão alegre. Recordando tudo que o que tinha acontecido naquela manhã e o quanto tinha sacrificado, não deveria se sentir assim. Mas agora, como Atlas, sentia que tinham lhe tirado um enorme peso dos ombros. Já era muito tarde para mudar de idéia. O que tinham feito era irreversível. Não tinha sentido lamentar-se, nem desejar que não tivesse sido necessário. E, no momento, estava em Londres pela primeira vez em sua vida, o sol brilhava e tinha um cavalheiro para acompanhá-la e mostrar-lhe as paisagens mais célebres. A vida em Ringwood ia se tornar longa e, em muitos sentidos, solitária. Uma terrível angústia a esperava. Assim, pelo menos nesse dia, por que não desfrutar? Sem se atrever confessar-lhe, alegrava-se de que a tia tivesse decidido não acompanhá-los.

—Vamos primeiro ao Saint Paul? — Sugeriu o coronel — É a minha igreja londrina preferida.

—Tudo é novo para mim. — Disse ela.— Estou em suas mãos.

Olhou-a longamente antes de dar aos cavalos o sinal de que marchassem.

—A cor lavanda lhe cai muito bem.— Afirmou, diante da sua surpresa.

Era muito hábil com as rédeas, constatou ela com uma certa admiração, enquanto o coronel guiava tranqüilamente o cabriolé pelas ruas de Londres. Ainda que não estivesse acostumado nem ao veículo nem aos cavalos, não era de se estranhar, pois era um oficial da cavalaria. Também era muito alto e forte. Ainda estava agarrada ao corrimão, mas não pôde evitar deslizar para o lado e tocar nele. Cheirava a couro e almíscar.

Não se surpreendeu de que a catedral do Saint Paul fosse a favorita de Aidan. A sua contemplação cortou o fôlego enquanto se aproximavam dela. Era gigantesca e formosa. Nunca tinha visto nada comparável à magnificência da enorme cúpula.

—Não posso acreditar que esteja vendo um edifício tão famoso com meus próprios olhos. — Disse ela.— Sempre sonhei visitar Londres.

—Gosta do pórtico e seus pilares? —perguntou ele, assinalando-os com o chicote.— Pensei que talvez quisesse construir algo semelhante na fachada de Ringwood, sem as torres nas laterais, por exemplo. Ficariam um pouco pretensiosas em uma mansão dessas dimensões.

Voltou-se para ele, assombrada. A expressão de Aidan era tão solene como sempre. Mas a sua intenção era inequívoca. Indubitavelmente, esse homem tinha senso de humor. Pôs-se a rir.

—Embora seja incapaz de roubar a idéia de Cecil, — Respondeu.— Seria muito cruel de minha parte. Talvez no lugar disso construa uma cúpula.

Olhou-a de soslaio, sem a sombra de um sorriso que adoçasse seus traços severos. Teria se equivocado? Não,

não podia ser.

—Entramos? — Propôs ele. Assinalou para cima— Podemos subir até a galeria mais alta para observar a abóbada de perto, por dentro e por fora. Mas tenho que advertir que, se minha memória não me falha, há quinhentos e quarenta e quatro degraus, e só os primeiros duzentos e cinqüenta, mais ou menos, são fáceis de subir.

—Oh, temos que subir, é isso o que mais quero— A vista aí em cima deve ser esplêndida.

A vista era realmente esplêndida, embora, uma vez que tinham saído para a galeria exterior que rodeava a base da cúpula, Eve não teve em condições de desfrutá-la durante um bom momento. Durante a subida havia sentido ferroadas nas costelas e o estreitamento e escuridão da maioria do trajeto a tinham assustado. Mas tinha se negado a parar na metade de caminho, como dizia a gritando o seu instinto, pedindo-lhe que descesse. Não se atrevia a pensar na descida, sempre pior que a subida.

—Que maravilha! — Exclamou sem fôlego— Podemos ver milhares de milhas à distância.

—Por um momento, — Disse ele— duvidei que conseguisse sobreviver.

À medida que percorriam a galeria com atenção, ia mostrando alguns edifícios singulares, de pé junto a ela para que pudesse seguir a direção de seu braço e averiguar o que lhe indicava com o dedo. Aos seus pés fluía o famoso Tâmis, e nomeou as diversas pontes que lhe abriam caminho. Os barcos e os navios que flutuavam sobre ele, que representavam o engenhoso comércio de uma nação, também pareciam ser brinquedos. Assinalou a Torre de Londres, a abadia de Westminster, outras igrejas cujos elegantes capitéis ficavam diminuídos comparados à altura

da cúpula de Saint Paul, e a infinidade de edifícios notáveis. Mais à frente do espaço edificado, às margens do rio, divisava-se o campo aberto. O vento, que vinha do rio e que no mesmo nível do chão não era mais forte do que uma brisa, em cima os fustigava com força. Levantou a mão livre para segurar melhor o chapéu na cabeça.

—Nunca havia me sentido tão alegre na vida. — Afirmou, compreendendo que não dizia mais que a verdade. Esse homem alto e poderoso que tinha ao seu lado era seu marido há algumas horas. Era o dia do seu casamento. Permitiu imaginar durante um momento como se sentiria se aquele fosse um matrimônio real, se tivessem se casado por uma razão mais comum do que a que os tinha unido. Voltou a sentir a mesma sacudida física.

—Sério? —Olhou-a surpreso— Sua vida foi tão tranquila?

—Na realidade não ocorreu grande coisa nela. — Reconheceu com tristeza.— Sempre tinha sonhado vir a Londres, conhecer outros lugares remotos, outras pessoas. —Até esse momento não me conscientizado completamente disso. Os homens são muito afortunados. São muito mais livres do que nós.

—Ah, sim? —Olhou-a longa e intensamente antes de voltar a cabeça sem nenhum comentário e ficar de novo contemplando a paisagem. Eve sabia que aquele era um dia que recordaria para toda a sua vida. Apesar de que tudo já era irrevogável, alegrava-se de que pelo menos havia algo mais do que a curta e singela cerimônia que tinham celebrado pela manhã. Tocou a aliança subrepticiamente através da luva, embora não tivesse necessidade de fazê-lo. Sentia sua presença sobre o dedo, como o símbolo do vínculo que a ataria por toda a vida a esse homem que,

dentro de dois dias, não voltaria a ver jamais. Perguntou-se quanto tempo levaria para que não pudesse mais recordar com clareza os seus traços. E voltou-se para contemplá-lo como se fosse importante recordar, memorizar seu rosto duro e anguloso, o nariz proeminente, os lábios finos e o cabelo e os olhos escuros.

Ele a estava olhando com os olhos entreabertos, como se estivesse pensando o mesmo que ela.

—Está pronta para enfrentar os degraus? — Perguntou-lhe.

—Creio que passarei o resto do dia aqui em cima. Possivelmente o resto da semana. Ou quem sabe toda a vida.

—Tem tanto medo? — Disse.— Agarre minha mão. Não a deixarei cair. Tem minha palavra de honra. — Estendeu-lhe a mão esquerda ao mesmo tempo em que levantava a direita.

Apesar de usar luvas, havia algo muito íntimo em segurar a sua mão, na realidade segurá-la firmemente durante tanto tempo. Mas até que não chegassem ao pé da escada não renunciaria a sua ajuda por nada do mundo. Era um homem forte, cujo apoio podia contar, pensou. Forte e seguro. Durante muito tempo se gabou de sua capacidade de estar sozinha, de não depender de ninguém mais que de si mesma. De fato, quase todos os que estavam ao seu lado dependiam dela.

Depois a levou para a abadia de Westminster, que não gostou tanto como da catedral de Saint Paul, embora o peso da História parecia a ela quase entristecedor.

—É verdade que todos os monarcas desde Guillermo, o Conquistador, foram coroados aqui? — Perguntou de pé no meio da nave e olhando ao seu redor com temor.

—Exceto Eduardo V, — Disse—, e quase todos estão enterrados aqui. A primeira vez que vim aqui, quando era um menino, eu gostei da crueldade desse detalhe.

—Vinha freqüentemente a Londres? — Inquiriu ela.

—Na realidade, não. —Conduziu-a para o altar.— Nossos pais preferiam estar conosco em Lindsey Hall. Também nós gostávamos mais de lá. Fomos um pouco selvagens. Suponho que continuamos sendo.

— Você é mais jovem ou mais velho que seus irmãos? —quis saber. Desconhecia quase tudo a respeito dele, apesar de ser seu marido.

—Eu vim depois de Bewcastle. — Explicou.—. Logo após venho Rannulf, Freyja, Alleyne e Morgan. Nossa mãe era uma leitora insaciável, especialmente de livros de História, o que explica que escolhesse para nós uns nomes bastante extravagantes.

—São uma família unida?

Ele encolheu os ombros.

—Faz três anos que eu fui em casa. — Disse.— Da última vez briguei com Bewcastle e fui embora antes do que tinha previsto. Apesar disso não ser nenhuma novidade.

Seu tom não a impeliu a continuar e ele não deu mais nenhuma informação e Eve voltou sua atenção à abadia. Que estranho, pensou, estar ali casada com um estranho. Com um homem que sempre seria um estranho. Passaram logo na frente do palácio Saint James e da Carlton House, onde vivia o príncipe de Gales. Atravessaram Hyde Park, que era muito maior do que esperava Eve e muito mais parecido com um pedaço de uma campina do que com um parque em meio da maior cidade do mundo. Ele escolhia sempre os caminhos mais tranquilos, evitando as

aglomerações dos veículos e cavalos que se viam de vez em quando ao longe.

—Podemos ir à Torre de Londres se quiser. — Ofereceu quando chegaram ao Hyde Park.— Há um jardim zoológico que talvez goste, já que parece amar os animais. Ou podemos tomar um sorvete.

—Não estou certa de gostar de ver os animais enjaulados. —Disse.— Eu gostaria de libertar todos.

—Os londrinos ficariam encantados com a perspectiva de se encontrar com um leão ou um tigre soltos em cada esquina— Replicou ele.— Parece-me que seu coração está a ponto de voltar a sangrar.

— Sorvetes? — Disse, ao se lembrar da outra proposta.— Ouvi falar deles mas nunca os provei. Posso?

Assim levou-a ao Gunter's, onde desfrutou do luxo indescritível de tomar o primeiro sorvete de sua vida.

—Londres está à altura de suas expectativas? — Ele perguntou.

—Sim, é obvio! Eu adoraria dispor de toda uma semana—Ruborizou-se e mordeu o lábio quando compreendeu que devia parecer uma menina impaciente e ingênua.—Embora também esteja desejando voltar para casa, naturalmente.

Eve tinha temido que passassem a tarde quase sem se falar, desajeitados e até mesmo ariscos um com o outro. Não tinha sido assim absolutamente. Não era um homem loquaz, nem sequer afável. Mas tinha as maneiras de um cavalheiro e como ela, fez o que devia para que a conversação fluísse sem silêncios.

—Há alguma loja onde comprar presentes para as crianças?— Perguntou-lhe quando terminaram os sorvetes. — Adorarão ter algo que proceda de Londres.

—Para os órfãos? —Levantou as sobrancelhas e olhou-a de repente com altivez.

—Para Becky e Davy. — Afirmou ela.— Minhas crianças. E para Benjamin, o filho de Thelma.

Esperava que dissesse algo como “aquele pirralho ilegítimo”. Mas levantou-se da cadeira e afastou-a de Eve enquanto ela se levantava.

—Vamos para a rua Oxford.— Disse— Encontrará muitas coisas para gastar o seu dinheiro.

Encontrou uma pião gigante de madeira, cinzento com cores vivas, para Benjamim, e uma boneca de porcelana que parecia um bebê de verdade para Becky. O coronel, que tinha se afastado do lado de Eve, aborrecido conforme acreditava ela, retornou com dois bastões de críquete, uma bola e várias armações em forma de ancinho.

— O menino provavelmente gostará disso, — Disse— se é que ainda não o tem.

—Não, não o tem. —Eve sorriu.— Obrigado. Não tinha nem idéia do que comprar.

— Todos os meninos gostam de críquete. — Ele disse.

—Ah, sim?—Aidan também tinha gostado? Custava-lhe imaginá-lo como uma criança, jogando, correndo e rindo despreocupado.

Eve pagou suas compras, entre as quais havia lenços de renda para Thelma e tia Mary, e o coronel Bedwyn carregou os pacotes da loja e empilhou-os em um lugar seguro no chão do cabriolé, antes de ajudar Eve a subir nele pela última vez. Estava cansada. Mas, quando o hotel Pulteney apareceu finalmente diante deles e compreendeu que seu passeio vespertino tinha concluído, ficou triste. *Tão rápido?* Disse a si mesma. Sabia perfeitamente que a

realidade não demoraria para se impor, mas ainda não se sentia preparada para confrontá-la.

—Jantaré conosco? — Perguntou-lhe.

—Obrigado, mas não. — Replicou ele, sem apresentar nenhuma desculpa. —Voltarei para apanhá-las amanhã pela manhã. Também teremos que sair cedo.

Acompanhou-a até o vestibulo depois de ordenar a um criado que subisse com as compras e estava a ponto de despedir-se quando um cavalheiro mais velho, de aspecto distinto e de uniforme militar, parou de improviso junto a eles e levou um monóculo inquisitivamente a um olho.

—Ah, Bedwyn, — Disse com entusiasmo— Pensei tê-lo reconhecido. Veio a Inglaterra para assistir às celebrações da vitória, não é certo?

—General Naughton, — Respondeu o coronel—como está você, senhor?

Eve deu um passo para trás, consciente mais uma vez de que estava fora do seu meio social, mas o general voltou o monóculo na direção dela e arqueou as sobrancelhas. O coronel Bedwyn agarrou Eve por debaixo do cotovelo e puxou-a para frente.

—Tenho a honra de apresentar-lhe minha mulher. — Disse.

—Sua mulher? Valha-me Deus! Não sabia que você tinha se casado, Bedwyn. — Respondeu o general.— Como você está, senhora Aidan? Desfrutando de uma visita a Londres, não é certo?

—Sem dúvida, — Respondeu ela— passeamos toda a tarde.

—Esplêndido, esplêndido. Verei os dois em alguma das celebrações. —Assentiu jovialmente e partiu.

Eve ficou petrificada. “Senhora Aidan”. Que estúpido não ter pensado nisso depois de concordar com aquele casamento precipitado. Tinha deixado de ser Eve Morris. Era lady Aidan.

—Até amanhã pela manhã, então. — Disse seu marido. Fez uma pequena medida e foi embora.

Um vazio enorme se apoderou dela. Como uma criança quando acabam os presentes, ficou olhando enquanto Aidan se afastava e como se mostrava diante dela um futuro cinza e interminável.

=CAPÍTULO SETE=

Aidan estava de pé junto a uma janela do salão, na mansão de Ringwood, contemplando a paisagem cinzenta. Pela primeira vez desde a sua volta para a Inglaterra, as nuvens flutuavam baixas e carregadas e ameaçavam chuva. Esperava estar de volta a Hampshire antes que caísse a noite, mas a última etapa da viagem de Londres tinha sido longo, de modo que aceitou o convite para tomar algo antes de recomeçar a viagem. Levantou a xícara do pires e provou o seu chá.

As damas estavam sentadas agrupadas por trás dele. Eram sua mulher, a senhora Pritchard e a criada, que a tinham apresentado com o nome de senhorita Frise. Tinha se surpreendido que convidassem a criada para tomar o chá, mas já tinha visto outras coisas estranhas naquela casa, como por exemplo que todos os criados e as crianças se reunissem no terraço olhando enquanto se aproximava a carruagem, sem fazer filas bem arrumadas e dando em silêncio uma boa vinda respeitosa, mas sim apertados em um barulho ruidoso, em que todos falavam e riam ao mesmo tempo. E aquele cão infernal tinha ladrado até se esgoelar, sem que ninguém o repreendesse. Pensou que talvez fosse a origem burguesa de sua mulher que explicasse o pouco controle que tinha sobre os seus subordinados e que era isso que a tinha empurrado a desposar um estranho para o bem deles.

Tinha que reconhecer que o ambiente do lar estava impregnado de um calor que não tinha encontrado em nenhum outro lugar. E que outra mulher teria abandonado todo mundo no terraço para agarrar pessoalmente as

crianças e acompanhá-las a seu quarto, em lugar de entregar-lhes à criada? E, além disso, quem teria passado quinze minutos com eles, nem mais nem menos, enquanto desembalavam os seus presentes? E isso, apesar de nem sequer ser a sua mãe. Perguntou-se subitamente se Eve teria desejado ter filhos. Mas era muito tarde para pensar em algo assim.

—Eve — Disse a senhorita Frise após um silêncio durante a conversa— e coronel Bedwyn, tenho algo a lhes dizer. —Quando Aidan voltou-se para olhá-la começou a falar nervosamente.— Devo lhes agradecer do mais profundo de meu coração. Em nome das crianças, que estavam aterrorizadas sem saber bem por que, obrigado. Voltou ontem aqui, quero dizer o senhor Morris. Agnes disse-lhe que você estaria fora todo o dia com a senhora Pritchard, Eve. Entrou em todos e em cada um dos aposentos da casa e inspecionou até o último dos armários e gavetas. Trouxe consigo dois criados para que contassem todos os utensílios de prata, de porcelana, cristal e linho, para que estivesse tudo bem registrado depois que você partisse. Fez com que todo mundo se organizasse em duas filas, como soldados da guarda, e disse-nos que amanhã tínhamos que desaparecer daqui ou faria com que nos prendessem por vagabundagem e nos metessem no cárcere. Parecia encantado consigo mesmo.

Sim, sem dúvida, pensou Aidan. Imaginava a cena como se a estivesse vendo.

—Oh, Thelma —disse sua mulher, aflita.— Todos os aposentos? Como se atreveu? Todos os armários e gavetas?

—Sim. — Disse a senhorita Frise.— Disse que nos dava um prazo até amanhã a meio-dia. Virá então.

—Escreverei para ele imediatamente. —Sua mulher ficou de pé e voltou-se para olhá-lo. Percebeu que nesse dia estava mais pálida do que no dia anterior. Voltava a estar vestida toda de cinza, e a touca com sua fita lavanda não tinha parecido no trajeto até a casa.— Mas primeiro o despedirei, coronel. Espero que não chova para que você possa partir.

—Escrever-lhe? — Perguntou— Vai escrever em lugar de vê-lo cara a cara e ver a sua expressão quando se inteirar da notícia? Ou é covarde, senhora, ou carece de senso teatral.

Ela sorriu pela metade.

—Seria delicioso, não é verdade?

—Não acredito que eu que possa resistir tampouco. — Disse ele. Não tinha lhe ocorrido que devia presenciar o final daquele assunto. Entrou na sala com grandes passaadas e deixou a xícara e o pires na primeira mesa que viu.— Não posso me negar o prazer de assistir ao castigo do senhor Cecil Morris e inclusive de participar dele.

—Vai ficar? — Perguntou-lhe sua mulher, com os olhos excessivamente abertos.

— Sim— disse com uma súbita decisão.— Sim, fico. Até pouco depois do meio-dia. Eu me surpreenderia muito se o cavalheiro chegasse tarde.

Lindsey Hall e a liberdade —uma liberdade relativa— podiam esperar um dia mais, pensou. Devia a ela esse favor, devia ajudá-la. Um dia não era muita coisa na grande ordem do universo.

—Maravilhoso, coronel. — Disse a senhora Pritchard, ficando trabalhosamente em pé— Irei dizer em seguida à senhora Rowe que ponha um talher a mais para o jantar. Aposto que servirá um banquete nupcial digno da realeza.

Aidan ouviu como, detrás dele, as primeiras gotas de chuva começavam a se chocar contra a janela.

A situação se apresentava como muito embaraçosa para Eve. O coronel Bedwyn dormiria em sua casa, como uma presença masculina perturbadora. Tudo era perfeitamente honesto, é obvio, já que era seu marido. Mas teria que suportar a tensão de manter uma conversação alegre durante um longo jantar, para o qual a senhora Rowe tinha preparado muitos mais pratos do que os habituais e, depois, no salão. Apesar de tudo, estava contente de que tivesse ficado.

Em sua vida tudo tinha mudado e tudo continuaria igual uma vez que o coronel partisse, tudo seguiria adiante como sempre e sem esperança de mudança. Quando John voltasse descobriria a verdade de sua deslealdade e isso seria o fim de todos os seus sonhos e planos de futuro. Necessitava de tempo para adaptar-se mentalmente a todas as mudanças que se produziram em sua vida. Tinha que ver o coronel só um pouco mais, só um dia mais, para estar certa de que não era uodo um sonho.

Depois do jantar, Eve foi bordar no salão. Antes tinha conseguido dedicar um momento mais breve do que o habitual às crianças. Como tinha sentido saudade deles e que estupendo era estar de novo em casa com eles, sabendo que se encontravam completamente seguros. Essa segurança merecia qualquer sacrifício. Tia Mary, sua adorável tia, se responsabilizou pela conversa descrevendo o jardim ao coronel. Mas Eve lançou-lhe um olhar de recriminação quando sugeriu que sua sobrinha o mostrasse na manhã do dia seguinte. Pelo que parecia, tia Mary não

tinha abandonado a esperança de idealizar algum tipo de relação entre eles.

—Acredito — Disse Eve— que pela manhã o jardim vai estar muito molhado, tia Mary. Não parece que a chuva vá abrandar. —Com efeito, as gotas tamborilavam contra os vidros.

O coronel estava sentado relaxado, com os cotovelos apoiados nos braços de um grande sofá. Eve tinha a impressão de que a olhava enquanto estava trabalhando. Era uma sensação estranha, muito física, como se houvesse uma corda estendida entre eles que estava sendo puxada com extrema suavidade por um dedo invisível. Estava um tanto sufocada, por isso sentiu-se aliviada quando ouviu bater na porta. Agnes a entreabriu apenas para poder debruçar a cabeça.

—Estão te chamando no quarto das crianças, querida. — Disse lançando um olhar viperino para Aidan, que antes do jantar tinha lhe recordado que a sua senhora era agora “milady”.

—Vou em seguida. — Disse Eve, que espetou a agulha no tecido, dobrou-o e ficou de pé.

—As crianças não têm criada? —perguntou o coronel.

—A estas horas costumam estar dormindo. — Respondeu Eve. Deve haver algum problema.

—Eve passa muito tempo com eles. — Ouviu o que dizia tia Mary enquanto ela saía do aposento.— Será uma mãe maravilhosa para os seus próprios filhos.

Eve fez uma careta e se apressou escada acima. Nem o criado Johnson nem Thelma a interrompiam quando atendia às suas visitas, a menos que fosse inevitável.

Os soluços deram-lhe as boas vindas no quarto das crianças. O criado estava sentado em uma cadeira, com

Becky aconchegada no colo. Davy permanecia de pé na metade do aposento com a sua roupa de dormir. Era Becky que soluçava inconsolável. Ao que parecia, Thelma estava no quarto de Benjamin, ninando-o nos braços. O bebê se queixava sonhando. Era óbvio que o tinham perturbado enquanto dormia.

—Não acredita que você não vá embora amanhã. — Disse o criado.— E que o senhor Morris não retorne para expulsar todos nós.

Quando deu-nos as ordens pôs também as crianças na fila com os criados, senhorita Eve.

Atravessou o quarto em um pulo e envolveu Becky em seus braços.

—Querida — Disse, pousando a sua bochecha sobre a cabeça da menina — não vou a parte alguma. E todos estamos a salvo. Ringwood é minha e é aqui onde crescerão, você e Davy. Esta é sua casa e será sempre. E eu amarei vocês sempre. Sempre, aconteça o que acontecer. Venha, sente-se e mostrarei algo a você.

Os soluços da pequena se espaçaram e, quando se sentaram, suspirava e soluçava. Embora sentisse apego pelo criado e por Thelma, era compreensível que essa noite sentisse a falta de Eve. No dia anterior tinham lhe mostrado toda a crueldade do mundo e Eve era a única que podia salvá-la do terror de ser abandonada de novo. Como tinha se atrevido Cecil em maltratar e aterrorizar desse modo umas crianças que eram de sua própria família!

—Olhe, —Eve estendeu a mão esquerda e afastou os dedos—vê meu anel? É um aliança de casamento. E isso significa que estou casada e isto significa que posso ficar em Ringwood toda a vida. Significa que vocês também podem ficar.

—E Davy? — perguntou a menina.

—E Davy. —Eve beijou-a na cabeça.— Ambos estarão a salvo. São meus verdadeiros filhos. Amo os dois e os amarei para sempre. — Apesar de que o amor nem sempre bastava, reconheceu para si mesma. O amor não os teria protegido se não tivesse se casado. Estava contente de tê-lo feito. Encararia todas as conseqüências de ter escolhido um caminho tão drástico e doloroso. Por outra parte, não tinha tido alternativa. Levantou o olhar para sorrir e reconfortar Davy. Este estava de braços abertos com os olhos fixos na porta, os pés descalços, os punhos apertados e todo o corpo tenso, a ponto de saltar. O coronel se encontrava de pé na dobradiça.

—Tranquilo, menino. — Disse brandamente— Não sou teu inimigo. Nem de sua irmã. A defenderia com a própria vida, não é certo? Bom menino. Os homens protegem as mulheres.

—Vá embora! —A voz de Davy tremia.

—Davy... — Começou Eve, mas o coronel levantou uma mão impondo para que silenciasse, sem afastar os olhos de Davy. O criado não se moveu.

—A senhorita Morris foi a Londres comigo faz dois dias —Disse— para que eu pudesse me casar com ela ontem. Agora é lady Aidan Bedwyn. Casei-me com ela para dar-lhe meu amparo, para que pudesse ficar aqui e para que possam ter uma casa e ficarem seguros até que cresçam e os seus caminhos sejam no mundo. Casei-me com ela porque sou um homem de honra e protejo as mulheres sempre que esteja em minha mão fazê-lo. Sou um oficial militar e logo deverei voltar para o meu batalhão. A senhora Aidan está aqui segura... ocupei-me de que seja assim..., mas me sentirei mais à vontade sabendo que dispõe de

outro homem de honra para cuidar dela e das demais mulheres da casa. Ou de um menino honrado que, cedo ou tarde, se converterá em um homem. Acredito que você o é. Tenho razão?

Eve viu como a tensão ia desaparecendo do corpo de Davy.

—Sim.— Disse.

—Sim, senhor. — Corrigiu-o Aidan com suavidade.

—Sim, senhor.

—Bom menino. Qual é o seu quarto?

—Esse. —David assinalou com o dedo.—Ouvi Becky chorar. Pensei que aquele homem tinha vindo levá-la embora.

— Agora já sabe que isso não vai acontecer. — Disse Aidan. —nunca. Por que não volta para a cama e deixa que o criado o ajude? Estão todos a salvo.

O mais curioso, pensou Eve ninando Becky nos braços, é que não havia nada de suave em suas maneiras. Inclusive tinha forçado Davy a chamá-lo de senhor. Não tinha sorrido e tinha posto uma cara quase feroz. Mas sentiu que estava espiando o interior de um homem cujas profundidades ainda não tinha começado sequer a intuir. E nunca o faria. Amanhã esse estrangeiro partiria, o seu marido.

Os olhos de Aidan cruzaram com os de Eve, de pé do outro lado do quarto, e sustentou o seu olhar. Nenhum dos dois abriu a boca. Não podiam fazê-lo: Becky estava dormindo. Thelma continuava ninando Benjamin, dando as costas para o quarto e murmurava brandamente algo no ouvido do menino. Nesse momento algo indefinível passou entre eles, algo íntimo, terno, inexplicável, doloroso. Eve sentiu uma angústia no peito muito parecida com a aflição.

Um instante depois Aidan deu a volta e saiu do quarto. Eve reclinou a cabeça contra a cadeira e fechou os olhos. Não esperava uma sensação semelhante, que parecia indicar que o dia anterior tinha ocorrido algo. Algo que tinha mudado profunda e irremediavelmente a sua vida.

Quando Aidan se levantou da cama na manhã seguinte, despertado pelo ruído de Andrews que trazia a água para se barbear em seu vestidor, comprovou que a chuva continuava caindo como uma garoa. Esperava que à tarde os caminhos não estivessem muito enlameados, embora estivesse acostumado a montar no cavalo até mesmo no lodaçal.

Depois de tomar o café da manhã, ficou mais de uma hora passeando ao ar livre sem rumo fixo. Sua mulher tinha anunciado a sua intenção de passar a manhã no quarto com os pequenos. A senhora Pritchard foi com a carruagem até Heybridge. O jardim era realmente bem desenhado. A pérgula de rosas de um lado da casa e, mais à frente, um caminho silvestre, íngreme, ladeado por bosques, grutas e bancos rústicos, de onde se contemplava um panorama agradável, ou que se contemplaria se o dia estivesse bom. A fachada posterior da mansão dava para a um jardim cheio de flores e plantas e o lago dos lírios que tinha visto antes era pitoresco. O vale de bosques que era vizinho dele estava repleto de azaleias e campânulas e devia ser tranquilo e encantador nos dias de sol. Diante da casa se estendiam os prados bem cuidados.

Era o lar de Eve... ou quase deixou de ser por um triz. Naquele dia esteve a ponto de abandoná-lo para sempre se Andrews não tivesse se resfriado. Ou se ele não tivesse topado com o capitão Morris um momento antes da sua morte e não depois. Ou se o capitão não tivesse salvado a

sua vida em Salamanca. Que estranha era a sucessão aparentemente aleatória dos acontecimentos na vida de uma pessoa.

Retornou à casa muito antes do meio-dia. Não queria arriscar-se a que Cecil Morris chegasse muito rapidamente e não perderia a sua visita por nada do mundo.

Sua mulher estava no salão, como comprovou depois de colocar uma roupa seca, de novo ocupada com os seus bordados, embora pressentisse que começou a bordar assim que o ouviu aproximar-se, para evitar o embaraço que ocorreria ao permanecer cara a cara com ele. Ficou observando-a um momento até que notou que as bochechas dela tinham se ruborizado. Atravessou o aposento até chegar à janela e ficou olhando para fora.

A carruagem de Cecil Morris foi vista pontualmente às doze horas menos dez minutos.

—Aí vem ele.— Disse Aidan.

—Agnes o acompanhará até aqui em cima — declarou ela precisamente.

—Sim. — Voltou-se e olhou como enfiava a agulha no trabalho com a mão segura e dobrava cuidadosamente o bordado antes de colocá-lo em uma bolsa adornada com uma tapeçaria. Aidan se deslocou ligeiramente para um lado da janela e se ocultou depois na sombra projetada pelas cortinas. Ambos ouviram o ruído dos cascos e o chiado das rodas na pavimentação. A porta de uma carruagem se fechou com estrépito e a aldrava bateu ruidosamente contra a porta de entrada. A governanta não teve mais remédio senão abrir. Por sua vez, Aidan teve piedade dela.

Sua mulher que se voltou para olhá-lo antes de levantar-se e aproximar-se da porta do salão para dar as boas vindas à sua visita. Um momento depois, a porta se

abriu de par em par sem que ninguém tivesse a cortesia de chamar por ela. Uma das metades bateu contra a mesinha que havia ao lado.

—Ah, Cecil .— Disse Eve— Bom dia. Um dia bastante acinzentado, não acha?

Aidan escutava o estrondo dos outros veículos que se aproximavam pelo caminho de entrada, mas não voltou a cabeça para olhar. Permanecia imóvel.

—Surpreende-me que ainda esteja aqui, Eve. — Disse seu primo. Puxou o chapéu e o capa, agitando-os para secá-los ligeiramente e lançou-os em uma cadeira próxima. — Esperava que conservasse um pouco de dignidade e tivesse ido antes do meio-dia. Não irás se rebaixar e me suplicar que a deixe ficar, verdade? Não quero ouvir nada e, como sabe, detesto as cenas.

—Tia Jemima está bem? —Perguntou ela educadamente.

—Confio que todos foram embora — Continuou ele, sem lhe responder— e que essa mulher que se faz passar por governanta e que tanto rebaixou o nível desta casa durante o último ano esteja a ponto de partir. —Tirou um relógio da jaqueta e o consultou. Para todos juntos não restam mais do que dois minutos do tempo combinado. E a ti também, Eve. Dou uma hora de graça, por pura bondade de coração. À uma hora começará a chegar gente, entre os quais virá o oficial, que levará arrastados diante do juiz os retardatários. Não podemos permitir que eles tragam uma carga econômica para a paróquia, verdade? Bom, com a sua permissão. — Parou para rir de sua própria brincadeira deliberada.— Ou sem ela, de fato. Vão chegar várias carroças e tenho que descer para fiscalizar como os descarregam.

—Cecil, — Disse ela—, temo muito, mas tenho que lhe pedir que vá embora. A comida já está quase pronta e você não foi bastante cortês para merecer um convite. Não quero que descarregue nada seu em minha casa. De fato, proíbo expressamente. Faça o favor de sair imediatamente e se encarregue de que isso não ocorra.

—Vamos ver, Eve. — Replicou ele, desinchando o peito e ruborizando-se como uma papoula.— Não vou tolerar extravagâncias. Não vai esperar que o faça porque é minha prima mais velha. Nunca gostou de mim e hoje não me importa dizer-lhe isso. Tem que ir embora desta casa agora mesmo. Teve a oportunidade de levar os seus pertences, mas a perdeste. Assim, ou pára de fazer tolices, ou terei que usar a vara.

Seu sotaque tinha adquirido um tom claramente galês, pensou Aidan. Limpou a garganta e Morris voltou a cabeça imediatamente para tratar de distinguir algo entre as sombras que encobriam a janela. Sua expressão mudou por completo e adquiriu um ar de cordialidade servil.

—Milord! — Exclamou.— Voltou de visita? Tinha que ter me avisado assim que cheguei, Eve, e teria dado a você um par de horas a mais para que se ocupasse com seu hóspede, ou posso chamá-lo de nossa hóspede? O que são um par de horas entre parentes próximos no final das contas? Talvez você compreenda, que minha querida mãe viveu em uma casa de campo toda a sua vida de casada, não muito espaçosa e confortável, tenho que acrescentar, e está impaciente, como é compreensível, para instalar-se em seu novo lar. Se tivesse dependido de mim, eu teria dado a Eve até o final da semana.

—Parece-me que ouvi falar de varas .— Replicou Aidan, dando uns passos adiante para entrar totalmente na

zona iluminada.

Morris riu com vontade.

—Uma brincadeira entre primos. —disse.

—Ah! —Aidan deu dois passos a mais até estar bastante perto de Cecil para que este ficasse plenamente consciente da notável diferença de altura que havia entre ambos, entre mais de um metro e oitenta e um metro e sessenta.— Freqüentemente já me apelidaram de que careço do senso de humor e agora compreendi que não é sem razão. Tinha acreditado que falava a sério.

A risada de Morris foi um pouco mais tensa dessa vez.

—Também tenho um pouco de desmancha-prazeres —acrescentou Aidan.— Nem sequer em brincadeira poderia permitir que... ah, que fustigasse com uma vara a minha mulher.

Houve uma breve e densa.

—Sua mulher. —Morris tinha a boca aberta.

—Minha mulher.

Morris voltou soltar uma risada, astuta e alegre nessa ocasião.

—Você sim é que está cheio de ironia. — Disse com uma piscadela— Está brincando comigo, milord. Como assim que não tem senso de humor? Eu admito que é a coisa mais engraçada que já ouvi em minha vida. E quando correram os proclamas, podemos saber? Esqueceu delas.

—A senhorita Eve Morris deu-me a honra de se casar comigo com uma licença especial anteontem. — Replicou Aidan friamente, esperando outra cotovelada cúmplice nas costelas no momento menos imaginado.— Agora é lady Aidan Bedwyn, proprietária de Ringwood. E me parece que faz dois minutos que lhe disse que você fosse embora.

—Mas....

—Pode você partir com os seus próprios pés, — Continuou Aidan— ou com a minha ajuda, mas não utilizarei uma vara, se lhe consola ouvi-lo. Só um covarde ou um fanfarrão ameaça os que são mais fracos do que ele com varas ou outras armas, quando possui dois braços perfeitamente úteis. Antes que parta, entretanto....

—Casado! Casou-se com Eve! — O rosto de Morris tinha adquirido um violento tom escarlate. Tinha acumulado saliva nas comissuras dos lábios e enquanto falava a cuspiu. A verdade começava a abrir caminho em sua mente, pensou Aidan.

—Com um cavalheiro, Cecil. — Notou Eve.— De modo que agora eu sou a proprietária de Ringwood e não você.

—Não! — Gritou, voltando-se para olhá-la.— Não pode ser. Quem ouviu falar de que um matrimônio com licença especial pode ser válido? E, se disser que o é, mente ou fez uma armadilha ou é uma farsa, e farei com que lhe desmascarem e castiguem por isso, e se espera que tenha piedade de você ou seja generoso contigo....

—Silêncio!

Quase inconscientemente, Aidan empregou o mesmo tipo de tom e expressão que usava com aqueles seus homens que eram o bastante imprudentes para desafiar a sua autoridade no campo de batalha ou nas revistas de tropas. Não precisava levantar a voz nem fazer gestos ameaçadores, mas surtiu efeito sobre Morris como sempre o fazia sobre os outros. Este se voltou para Aidan com os olhos dilatados e a cara pálida como o papel.

—Embora você seja o primo de minha mulher, —disse Aidan dando outro passo adiante, o que obrigou Morris a dobrar o pescoço para trás para olhá-lo. — não detectei o

mais leve afeto familiar em suas palavras nem em seu comportamento. Você não é bem vindo aqui, senhor. Partirá assim que tenha acabado de falar, para não voltar jamais. Jamais! Nem sequer poderá pôr um dedo do pé além dos confins do jardim. Expliquei com clareza?

Cecil Morris o olhou, mudo.

Aidan baixou o tom da voz.

—Expliquei com clareza?

Morris não conseguiu articular uma palavra, de modo que tossiu para clarear a garganta.

—Sim.

—Quando voltar a me unir ao meu batalhão em um futuro próximo, deixarei aqui a minha mulher. — Prosseguiu Aidan—.Mas tenho os braços muito longos, Morris, e tenho amigos poderosos na Inglaterra, incluindo meu irmão, o duque de Bewcastle, que tanto lhe impressionava quando nos conhecemos. Se ouvir o mínimo rumor que sugira que você esteve angustiado lady Aidan Bedwyn ou incomodando-a, por mais distante que seja, esses braços e esses amigos lhe causarão dano físico. Compreende o que lhe estou dizendo?

—Sim. —A voz se converteu em um chiado vergonhoso.

—Bem. —Aidan, com as mãos apertadas à costas, continuou olhando o homem um momento, pois tinha descoberto que o silêncio forçado era uma arma eficaz para que os joelhos se tornassem gelatinosos no mais recalcitrante dos soldados. — Agora, vá!

Cecil deu a volta e olhou Eve. Abriu a boca, mas a voltou a fechá-la, deixando no ar o que quer que fosse dizer. Fez bem. Aidan estava desejando uma desculpa para agarrar o homem pelo cangote e arrastá-lo escada abaixo,

até colocá-lo na carruagem arrastando as pontas das botas pelo chão. Morris foi dando tombos para a porta, recolheu a capa e o chapéu precipitada e desajeitadamente, imaginando que Aidan o seguiria e desapareceu. Aidan fechou a porta e voltou-se para sua mulher com as sobrelanceiras arqueadas.

Os olhos de Eve faiscavam de alegria.

—Oh! — Disse— Que contente estou de que tenha ficado. Não teria perdido isso por todo o ouro do mundo. Foi impagável! Você esteve você!

Foi para ele enquanto falava, com as duas mãos estendidas. Ele as tomou nas suas e apertou-as firmemente.

—Tenho que confessar, —Mencionou.— que eu também desfrutei muitíssimo.

—Obrigado! — Exclamou, devolvendo-lhe a pressão das mãos.—Obrigado infinitas vezes por tudo. Nunca saberá quão agradecida estou.

Voltava ficar viçosa, vivaz e formosa, como tinha estado em Londres dois dias antes. Levantou a face para o rosto Aidan. Nunca soube depois para que, e ele se inclinou para ela sem nenhuma ideia preconcebida. Inesperadamente, seus lábios se encontraram durante uns segundos atemporais, até que ambos voltaram atrás e soltaram as mãos como se tivessem se queimado.

Que diabos! Foi provavelmente um dos momentos mais penosos e embaraçosos da vida de Aidan, talvez o maior, sobretudo quando a viu olhando-o, os olhos abertos cheios de consternação, as bochechas ardentes, e não lhe ocorreu outra coisa senão apertar as mãos atrás das costas, pigarreando.

—Rogo-lhe que me desculpe....

—Sou eu quem pede perdão....

Os dois falaram de uma só vez, como um coro grego. Meu deus! Acabava de beijar a sua mulher. Ou foi ela quem o tinha beijado? Pouco importava.

—Rogo-lhe que me desculpe. — Repetiu Aidan.— Vou subir para ver se Andrews já fez as malas.

—Ficará para comer?

Não. Era hora de ir embora. Começava a pensar nela como uma pessoa. Tinha vislumbrado uma mulher afetuosa, leal e com vontade de se divertir, e não convinha pensar nela assim. E, o que era pior, surpreendeu-se a si mesmo em mais de uma ocasião pensando nela com luxúria, sobretudo na noite anterior depois de deitar-se e perceber que estava dormindo sob o mesmo teto que sua mulher pela primeira e última vez em sua vida. Tinha ficado preocupado e havia se sentido desleal. Só o fato de pensar era desleal.

—Não creio... — Começou a dizer.

A porta do salão se abriu atrás dele. Deu a volta em seco, perguntando se Cecil Morris teria tido a temeridade de retornar. Mas era a senhora Pritchard, ainda vestida para sair de casa, com os ombros empapados pela água da chuva.

—Menos mal, — Disse—, ainda estão aqui para me contar todo o ocorrido. Tive que descer da carruagem na entrada dos estábulos e vir andando até o terraço. Cecil e todos suas carroças estão bloqueando as entradas. Não se dignou a me olhar, embora eu tenha desejado uma feliz tarde e perguntado como ia passando. Bom, agora me contem isso tudo.

Os olhos brilhavam de malícia, observou Aidan. Apoiava-se com as duas mãos sobre a bengala.

—Tia Mary, — Disse Eve, com as mãos no colo— teria que ter ouvido o coronel Bedwyn. Falou com um tom

ameaçador tão tranquilo e delicioso que até eu estremeci. Quase tive pena do pobre Morris. —Soltou uma risada, na realidade uma gargalhada nervosa, infantil.—. Quase, mas não completamente.

—Cometeu o engano —disse Aidan— de ameaçar expulsar a minha mulher com uma vara.

—Que estupidez! —disse a tia com uma risinho.— Pergunto a mim mesma, de onde tirou tanta coragem estando você diante dele coronel.

—Isso foi o melhor. — Mencionou Eve— Não viu o coronel Bedwyn porque estava escondido na sombra. Teria que ter visto que cara pôs quando percebeu a sua presença.

A senhora Pritchard riu enquanto tirava o chapéu e o agitava para secá-lo.

— Eu me alegro de tê-los encontrado juntos. — Disse —. Essa manhã fiz umas visitas. Parece-me que nossos vizinhos tinham que saber o que aconteceu, pois eles estavam preocupados com o destino de Eve. Felizmente, graças à chuva, todo mundo se encontrava em sua casa. Tenho notícias maravilhosas.

Aidan receou algo imediatamente. A tia voltava a ter os olhos de alcoviteira.

—Todo mundo adorou ouvir as novidades, — Continuou a senhora Pritchard—, de saber que você querida, vai continuar a ser a proprietária de Ringwood, e que foi com o coronel Bedwyn com quem se casou. Todos foram unânimes em dizer que terei que fazer uma festa para celebrar. Disse-lhes que logo acabaria a licença do coronel, mas não houve forma de dissuadir nenhum deles. Enquanto estou lhes contando isto, estão fazendo os preparativos para celebrar uma festa nesta tarde nas salas de cima da estalagem.

—Tia Mary... — Começou Eve, tão estupefata como Aidan.

—Estou certa de que pode ficar mais uma noite, coronel —disse a senhora Pritchard, olhando-o com olhos implorantes— Certamente....

Aidan levantou a mão. Talvez estivesse estupefato, mas talvez a idéia não fosse tão má.

—Acabo de recordar, — Disse— que pelo visto Cecil Morris não acreditou na validade de um matrimônio com licença especial. É de imaginar, suponho, que haja mais habitantes no povoado que compartilhem da sua ignorância. Se eu for hoje poderia dar lugar às dúvidas e falatórios que causariam problemas desnecessários. Se fizéssemos uma aparição pública juntos, uma celebração nupcial, essas dúvidas se dissipariam.

A senhora Pritchard resplandeceu de satisfação.

—O que acha? — Perguntou Aidan a sua mulher.

—Parece-me, —Disse ela, franzindo o cenho— que estamos lhe incomodando mais do que esperava, coronel.

Certo. Quando surgiu a idéia de cumprir a sua promessa desposando-a, tudo tinha lhe parecido extremamente singelo.

—Além disso, — Acrescentou ele— voltou a chover torrencialmente.

Voltaram-se todos de uma só vez para contemplar como a água deslizava pelas janelas.

=CAPÍTULO OITO=

Eve revolveu o seu armário em busca de um traje de noite adequado, mas todo o seu vestuário estava horivelmente fora de moda. No ano anterior vestido luto e durante muito tempo tinha permanecido a maior parte das festas em casa. A delicada saúde de seu pai a havia mantido afastada da vida social da vizinhança a qual ele dava tanta importância. Revistou rapidamente as possibilidades que tinha e acabou se decidindo por um vestido de seda cinza bordado de prata. Apesar de se tratar do desejo expresso de Percy, para Eve parecia uma falta de respeito com a memória do seu irmão não usar luto por ele. Edith penteou-a e lhe aconselhou para que usasse a gargantilha e os brincos de prata para dar um toque festivo.

Tia Mary, Serena e os outros tinham urdido um complô, pensou Eve enquanto descia ao salão, nervosa como uma juvenzinha no dia do seu baile de debutante. Foi um flagrante estratagema para adiar a partida do coronel, com a esperança de que daquele matrimônio surgisse algo além do previsto. No mínimo, a ideia era extremamente incômoda. Eve se surpreendeu que o coronel aceitasse ficar, mas supunha que assim tinha exigido seu poderoso sentido do dever. Desejava que Aidan não esperasse um desses atos cheios de pompa aos quais devia estar acostumado por ser o filho de um duque.

Aidan a estava aguardando no salão. Tia Mary e Thelma foram logo para ajudar com os preparativos. Ou pelo menos essa era a desculpa que tinham imaginado para deixá-los a sós e fazer que chegassem juntos à estalagem Três Plumas.

—Lamento toda essa confusão. — Disse Eve—
Suponho que desejaria estar já estar retornando para sua casa.

Aidan inclinou-se e percorreu-a com o olhar, mas não fez nenhum comentário sobre o vestido que tinha escolhido. Vestia o seu uniforme de gala, embora usasse sapatos de baile em vez das botas.

—Eu poderia rejeitar o convite. —Respondeu— O que ocorre é que eu posso ir amanhã e voltar para a minha forma de vida habitual como se nada tivesse acontecido. Em troca, para você não será tão simples. Terá que continuar vivendo rodeada de vizinhos que sabem muito bem por que se casou e por que você vive sozinha, sem o seu marido. Não quero que seus vizinhos pensem que entre nós não há carinho... nem respeito. Tenho que confessar que nessa tarde a senhora Pritchard me surpreendeu quando anunciou qual era o programa dessa noite, mas em seguida compreendi que era isso justamente o que tínhamos que fazer.

Falava e se comportava de uma maneira rígida e cerimoniosa. *Estava fazendo tudo aquilo unicamente por cortesia e pelo senso do dever?* Perguntou-se Eve. Nos dias em que tinham passado juntos tinha parecido entrever vários indícios de uma certa bondade de ânimo, inclusive de um pouco do senso de humor mas... o coronel não sorria nunca. Eve assentiu, deixando que Aidan pegasse o xale de suas mãos e o pusesse sobre os ombros, e pousou a mão sobre o braço que lhe estendia.

Tinha deixado de chover fazia uma hora, mas os cantos do terraço ainda estavam úmidos e o ar era gélido.

Eve sentiu um calafrio ao subir na carruagem. Perguntou-se se o coronel se sentaria na frente dela ou a

seu lado. Sentou-se a seu lado e ela percebeu o calor do corpo de Aidan no braço e na coxa.

—Haverá um baile popular. — Explicou ela.—. Os músicos do lugar irão tocar. Haverá jogos de cartas, conversas e o buffet. Será muito aborrecido e provavelmente estúpido.

—Você não tem por que se desculpar. Imagino que em qualquer caso será uma festa singela e animada.

Eve recordou que uma vez tinha contado a John sobre uma celebração em que se divertiu muito. John tinha estremecido teatralmente e havia dito que preferiria que o jogassem em um esgoto infestado de ratos, antes de se ver obrigado a participar de uma festa tão vulgar. Ela riu, ele fez o mesmo e mudaram de assunto. John teria feito o que se dispôs a fazer o coronel, com a única intenção de que ela se tornasse respeitável aos olhos de seus vizinhos e de que não lhe machucassem?

—Não posso esquecer, — Acrescentou Eve.— que é você filho e irmão de um duque, que é lorde Aidan Bedwyn.

—E você lady Aidan Bedwyn. —Recordou ele no momento em que a velha carruagem pos-se a andar.

—Uma impostora. —disse ela rindo.

—Não. —Deu a volta e olhou-a nos olhos.—Minha mulher. Ela se estremeceu de novo. Ainda não era plenamente consciente da sua nova condição. Estava casada sem estar. Tinha um marido que não era um marido. Sete dias mais tarde tudo o que estava vivendo lhe pareceria um sonho e, apesar a tudo, estaria casada com ele para sempre, até que a morte os separasse.

—Você ainda usa meio luto. — Disse-lhe Aidan— Apesar de que seu pai morreu faz mais de um ano.

—Supõe que seja uma falta de respeito para com os convidados? —Perguntou-lhe. Não consigo esquecer que faz apenas quatro dias que todos os meus vizinhos e amigos se reuniram para celebrar uma cerimônia fúnebre em honra de Percy. E, por estranho que pareça, esta noite se dispõem a celebrar o meu casamento.

—Assim é a vida. Segue adiante inclusive depois das tragédias mais horrendas.

—Suponho, — Disse ela, com o cenho ligeiramente franzido— que você fala por experiência própria.

Os olhos escuros e inescrutáveis de Aidan escuros olharam-na sem trair expressão alguma. Ela ficou gelada. Ficaram um momento em silêncio.

—Está usando luto por seu irmão, apesar de que ele não queria que o fizesse?

—Não posso evitar. — Replicou ela com um suspiro. Fomos inseparáveis e continuamos sendo depois que brigou com meu pai e foi viver com nosso tio avô. E então..., mas não quero aborrecê-lo. —Desviou o olhar e ficou a contemplar as árvores que se apagavam na escuridão do crepúsculo.

Conte-me sobre isso.

—Meu tio avô era lojista e um comerciante próspero, quase tão rico como papai, mas não ambicionava subir na escala social e fazer parte da aristocracia latifundiária. Estava satisfeito com a sua vida e com o que tinha conseguido. Quando morreu tudo foi parar nas mãos do seu filho, exceto uma quantidade de dinheiro suficiente para que o sonho de Percy se fizesse realidade: adquirir um grau de oficial em um regimento de cavalaria. Papai ficou furioso, mas não pôde fazer nada para evitá-lo. Embora mudasse o seu testamento.

—O filho não se opôs? —Inquiriu o coronel.

—Joshua? Não. — Negou Eve agitando a cabeça.— Ele e Percy eram bons amigos. Queria se casar comigo. — Talvez não devesse acrescentar esse detalhe desnecessário.

—Joshua? — Perguntou Aidan.

Ela deu a volta e dedicou-lhe um sorriso tímido.

—Eu tinha dezenove anos e ele vinte e oito. Era rico e seguro de si mesmo, de bom aspecto, um parente e um amigo de Percy. Eu estava sozinha. Pensei em voltar para as minhas raízes, por assim dizer. Para a minha terra natal, para o meu povo, embora a família da minha mãe seja inglesa de nascimento.

—Seu pai não deixou que a cortejasse?

—Em certeza. Negou categoricamente. Joshua era um burguês. Burguês até a medula, até no próprio sotaque com que falava. Não, meu pai não teria autorizado jamais esse matrimônio. Destroçou o meu coração, embora no final de um mês o tinha esquecido. Casou-se seis meses depois que o rejeitasse e tem três filhos. Cada dia é mais rico.

—Mas você não tem saudade dele?

—Não. —Eve pôs-se a rir baixinho.— Foi uma tolice pensar que podia voltar para as minhas raízes e ser feliz. Tinha vivido muito tempo aqui para retornar. De fato, passei quase toda a minha vida aqui. Agora sou perfeitamente consciente disso. Eu gosto mais da vida que levo agora. — Ou a que levava até uma semana, corrigiu-se em silêncio.

—E que lugar Cecil Morris ocupa na família?

—Seu pai e o meu eram irmãos. Quando meu pai saiu de Gales e comprou Ringwood, meu tio veio com ele e alugou a maioria dos imóveis da fazenda. Trabalhou duro e foi prosperando até que acabou por comprá-la. Mas Cecil

sempre teve um ciúme totalmente sem sentido de mim e de Percy. Desejava com desespero deixar para trás as suas origens humildes e converter-se em um cavalheiro, um cavalheiro rico e ocioso. Meu pai e Cecil atribuíam uma importância colossal à ociosidade como sinal distintivo dos cavalheiros. Sempre pensei que o filho do meu pai deveria ter sido ele. De fato, esteve a ponto de herdar tudo. Se não aconteceu foi graças a você.

Tinha falado muito, pensou enquanto a carruagem cruzava estralando a ponte e entrava pela rua principal de Heybridge em direção à estalagem. Por que sua família interessaria a Aidan ?

—Não sei se devo dançar. — Disse Eve— Depois de tudo, continuo de luto.

—Mas contra o desejo expresso de seu irmão. — Recordou Aidan. O baile é a principal distração em uma festa deste tipo, conforme acredito, e esta é celebrada em nossa honra. Desagradaria os seus amigos se ficasse em canto falando com as solteironas. Vai querer contrariá-los?

Tinha toda a razão do mundo, é obvio. Tia Mary ficaria desgostosa. E também os outros. E ela mesma. De repente, como tinha ocorrido em Londres, teve um arrebatamento de alegria. Sentiu a necessidade de aproveitar plenamente as próximas horas de algo que se parecia com a felicidade, antes de ficar só para meditar tristemente sobre tudo aquilo o que renunciou por sua própria decisão.

—Sabe dançar? —perguntou a Aidan. Custava imaginá-lo no salão de baile.

—Senhora, — Disse quando a carruagem parou e enquanto esperavam que o cocheiro desdobrasse a escadinha para desembarcarem do veículo—, antes que um

cavalheiro aprenda a recitar sem se equivocar com o alfabeto, já domina a arte sutil de dançar com elegância.

Eve começou a rir. Uma nova amostra daquele humor desdenhoso.

No final, acabou por reconhecer para si mesma a vontade com que aguardava que começasse a festa.

A festa foi um acontecimento muito pouco elegante e divertido. Bewcastle a teria qualificado de vulgar. Estavam presentes numerosas meninas que a princípio não tinham idade para sair de noite, diante do que dançaram, riram enlouquecidas e paqueraram com os meninos, que se ruborizavam e afetavam indiferença, tratando de mascarar em vão a sua estupidez. Também houve uma grande profusão de senhoras mais velhas, que falavam e riam ruidosamente, e homens mais velhos, que conversavam freqüentemente sobre temas como a guerra, para agradar o coronel, ou sobre caça e pesca, para agradarem a si mesmos. A orquestra que era composta por dois violinos, um contrabaixo e uma flauta, tocou com mais entusiasmo do que senso musical. As mesas transbordavam de alimentos doces e salgados e de suficientes bebidas para embebedar o batalhão de infantaria mais experiente da face da terra.

Aidan nunca tinha sido um fanático pelas reuniões sociais, nem sequer das mais refinadas. Mas compreendia a importância de estar presente naquele evento e era consciente de que, por trás da confusão e do estrondo, escondia-se o coração bondoso dos presentes. Não cabia a menor dúvida de que a vizinhança apreciava Eve. Tinham estado muito preocupados com o seu futuro. Estavam mais do que satisfeitos de que tinha se casado e fosse continuar com eles na qualidade de proprietária e senhora de

Ringwood. Mas queriam algo mais para ela. Queriam vê-la com o seu marido, convencer-se de que se tratava de um casamento de verdade, mesmo que tivesse sido celebrado com tanta urgência e de que não se tratasse de um matrimônio por amor e apesar de que Aidan partisse no dia seguinte.

Então se dispôs a desempenhar o papel que lhe correspondia e a deixá-los satisfeitos.

Foi ele quem abriu a primeira série de bailes coletivos com a sua mulher. Os dois ficaram frente a frente, encabeçando as duas fileiras. As danças foram muito enérgicas, pois logo ruborizaram as bochechas de Eve e lhe fizeram cintilar os olhos. Aidan pensou que, tendo em conta que já fazia um ano que não dançava, fazia agora com extrema elegância, energia e deleite. Antes que a série concluísse, estava sorrindo e inclusive dando risadas. Não podia tirar os olhos dela. Em parte fazia isso deliberadamente, pensando nos amigos e vizinhos dela, que examinavam com atenção e carinho como se comportavam. Em parte também porque olhá-la como estava era um prazer: alta, esbelta, animada e bonita. Além disso, no final de uns dias trataria de recordá-la e talvez não conseguisse, apesar de ser a sua mulher.

Dançou com ela outras três séries de bailes nessa noite, porque nessa reunião as normas da etiqueta social não se respeitavam estritamente. Entre os bailes não deixou em nenhum momento de lhe estender o braço enquanto conversavam por turnos com quase todos os convidados. Quando Eve dançou com outros homens ele ficou olhando-a. Por sua parte, ele também dançou com outras mulheres, entre elas a senhora Robson e a senhorita Frise. Se Bewcastle o tivesse visto dançar com a professora, teria tido

um ataque de apoplexia, sobretudo quando tivesse que contar a sua história. A ideia arrancou-lhe um sorriso, mas este gelou nos lábios assim que pensou no que aconteceria se a senhorita Knapp o visse nesse momento.

Além dos refrescos que ofereceram durante toda a festa, foi servido um jantar na sala adjacente às onze e meia. Aidan achava inacreditável que tivessem conseguido preparar semelhante refeição suntuosa em apenas metade de um dia. O jantar foi um verdadeiro banquete. Para completar, vieram os discursos e o brinde, um deles de James Robson e outro do pastor Puddle. Aidan, terrivelmente incomodado, viu-se obrigado a improvisar um discurso de réplica.

—Minha mulher e eu queremos agradecer-lhes por tanta amabilidade e generosidade em organizar esta festa em nossa honra com tão pouco tempo. — Começou. Não lhe ocorreu nada mais. Olhou para Eve que contemplava em silêncio o dorso de sua mão.—O capitão Morris era meu amigo. — Acrescentou essa mentira piedosa. De modo que sua irmã também era amiga minha, mesmo antes de conhecê-la pessoalmente. Foi uma honra poder evitar que tivesse alguns desgostos casando-me com ela. Mas foram as circunstâncias que nos obrigaram a desposar de uma maneira tão precipitada. Atreveria-me a dizer que, de qualquer forma, teria celebrado as bodas em algum momento, provavelmente com fausto e pompa, convidando os demais membros de nossas famílias e mais amigos, mas as lembranças que entesouraremos do casamento que celebramos intimamente em Londres serão igualmente preciosas.

Foram ouvidas as aclamações e os aplausos, assim como a intenção de celebrar um brinde. Eve apertou os

dedos e fechou o punho.

—Tenho que ir amanhã. — Acrescentou Aidan— Tenho que cuidar de alguns assuntos antes de voltar com o meu batalhão. Deixo a minha mulher com grande pesar, mas sob a responsabilidade da sua tia e de uns amigos e vizinhos que a querem. Até a minha volta.

Ouviram-se novos aplausos e algumas mulheres tamparam o rosto com o lenço. Aidan estendeu a mão, tomou os dedos duros de Eve, passou os seus por debaixo e levantou a mão de sua mulher até os seus lábios. Ela o olhou e sustentou o olhar um longo momento. Por estranho que parecesse, tudo o que acabava de dizer não era mentira. Quatro dias antes não tinha lhe ocorrido nenhum sinal de que iria entrar em uma relação que parecia cada vez mais profunda.

—Brindo à saúde de lady Aidan Bedwyn, minha esposa.

Pouco depois, numerosos convidados, incluindo quase todos os jovens, voltaram agitados para o salão de baile e começou a soar a música. Os golpes surdos de várias dúzias de pés sobre o piso de madeira revelaram que tinha recomeçado o baile. Antes de partir, quase todos os presentes apertaram a mão de Aidan e disseram umas palavras a Eve. No final de uns minutos ficaram sentados bastante afastados da multidão para repousar um pouco e poderem conversar sozinhos.

—Obrigado. — Disse Eve.— Você fez um grande esforço por mim. Nunca esquecerei. Suponho que deve estar desejando ir embora daqui amanhã pela manhã para seu lar, para ver a sua família. E você estará livre.

Aidan teve o pressentimento de que não seria tão fácil, mas não disse nada. Em qualquer caso, concordar com ela

teria não seria educado.

—Se conseguiu esquecer seu primo em um mês, — Disse mudando o tema da conversa— O que impediu-a de se casar com outro até dois dias atrás? Sei que no ano passado, você se sentiu obrigada pelo senso da honra a deixar transcorrer o prazo especificado no testamento de seu pai, mas e nos anos anteriores? Que idade você tem, vinte e quatro, vinte e cinco anos?

—Vinte e cinco. Papai tentou de todas as formas possíveis durante algum tempo. Estava absolutamente decidido a me casar. O desfile de pretendentes que me apresentou em Ringwood para que eu escolhesse era humilhante.

—Você parece adorar as crianças. Alguma vez quis ter seus próprios filhos?

—Eu tenho meus próprios filhos. Você não entende coronel, pois não é verdade que para você Becky e Davy nada mais são que órfãos que recolhi em minha casa? Para mim são... bom, são seres tão preciosos como se tivessem saído das minhas entranhas. —Eve se ruborizou com as suas próprias palavras.

Não era fácil de entender. Era uma mulher que transbordava amor e carinho, por que não o dava a um homem, ou às crianças que levasse em seu seio?

—Disse a mim mesmo que talvez tenha me equivocado em supor que você não tinha vontade de se casar no futuro, de criar a sua própria família.

—Não! —Falou com tanta firmeza que uma mulher sentada perto dela, possivelmente a senhora Drabble, lançou um olhar surpreendido para eles.— Não quero que se sinta responsável por isso. Fui eu quem optou pela vida de solteira. Acredito que sempre soube, especialmente depois

da experiência com Joshua, que nunca me casaria, a menos que estivesse realmente apaixonada. Tive a boa sorte de poder permitir-me o luxo de escolher, algo que não pode fazer a maioria das mulheres. Pelo menos, acreditava que poderia escolher.

—Mas não encontrou nenhum homem a quem pudesse amar de verdade... — Insistiu Aidan.

—Não! —Sua resposta foi ainda mais firme que a anterior, embora a pronunciasse em voz baixa.— Nunca. Possivelmente isso signifique que o amor não existe, coronel. Talvez estive perseguindo a lua. Qual a sua opinião?

—Sobre o verdadeiro amor? — Disse ele.— Depende de como você define o termo. Não acredito no amor romântico. Não é mais do que um eufemismo do apetite sexual para os homens e do desejo de um lar e segurança para as mulheres. Embora acredite na lealdade e no afeto familiar.

—Eu também. E disso estou bem servida. Tenho meus amigos e minhas queridas crianças. Por que ia desejar mais? Tenho tudo o que posso necessitar. Sou feliz assim. Li em alguma parte que freqüentemente nós passamos a vida procurando o que já temos. Sou um dos seres mais afortunados do planeta e sou consciente disso. Sei porque hoje estive a ponto de perder a minha fortuna. Serei eternamente agradecida por ter feito possível a minha felicidade.

Ele se sentiu reconfortado. Ou possivelmente decidiu adotar essa atitude, deixar de preocupar-se com a possibilidade de ter destruído as esperanças de Eve de ser feliz com outro matrimônio. Tinha receio do excesso de veemência que tinha percebido nas negativas de Eve. Mas o

que podia ele ter feito? E ela? Não tinham tido alternativa, de modo que não tinha sentido se lamentar por não ter podido ajudá-la de outra forma. Não tinha havido outra forma.

—Dançamos de novo? — Perguntou sua mulher.

Aidan ficou de pé e estendeu a mão para ela.

—Sim. Mais uma vez mais.

Tia Mary, sentada a uma curta distância com um par de mulheres mais velhas, assentiu alegremente ao vê-los se levantar.

“Uma vez mais”. Parecia querer dizer “pela última vez”.

Pela manhã voltou a choviscar. Embora tivesse se deitado tarde, Eve despertou cedo e se dirigiu aos estábulos para se despedir do coronel Bedwyn, apesar de que ele notou que ia chover e deu o conselho que ficasse em sua casa. Ela foi enrolada em um casaco e tampava a cabeça com um imenso capuz.

Ele usava o uniforme, não o de combate, mas outro, de cores um pouco pálidas e um tanto puído. Estava moldado perfeitamente ao seu corpo e parecia cômodo nele. E resultava inegavelmente atraente. Eve pensou que deveria se vestir assim quase todo o tempo. Irradiava força e masculinidade.

Sam Pratchett tirou o grande cavalo do coronel do estábulo. Charlie dava voltas sem cessar junto ao cavalo do ordenança, desejoso em ser útil.

O coronel Bedwyn deu a volta para Eve. Já estava empapado e a própria Eve notava como a água começava a umedecer o casaco. Olharam-se e foram incapazes de falar algumas palavras singelas de despedida.

—Então isto é o fim. — Disse ele secamente.— Estou honrado em ter podido ajudá-la, senhora.

—A honra é minha. — Replicou ela, forçando-se a sorrir.

Difícilmente poderiam encontrar uma forma mais cerimoniosa de despedida.

Ele bateu com as botas no chão, inclinou-se e voltou-se para tomar as rédeas das mãos de Sam. Mas de repente, virou-se e estendeu a mão direita. Eve deu-lhe a sua e estreitaram com força as mãos em silêncio, quase de um modo doloroso, durante um bom momento.

—Que você seja feliz. — Disse-lhe Aidan.

—E você também. —A garganta ardia e sentia uma pressão no peito.

Finalmente o coronel retirou a mão e montou sobre o seu cavalo com um só movimento harmônico, olhou o seu ordenança para comprovar se estava preparado e pôs-se a andar pelo caminho até a entrada. As ferraduras do cavalo repicavam sobre os seixos do pavimento.

Eve levantou a mão para se despedir, mas Aidan não olhou para trás. Um momento depois o muro do picadeiro ocultou o coronel e seu cavalo, de modo que Eve se apressou até o portão para vê-lo afastar-se no caminho até a entrada em um galope curto, até que o perdeu de vista entre as árvores. Em nenhum momento voltou a olhar para trás.

A chuva que caía sobre o rosto parecia cálida. Enxugou-o com a mão e baixou mais o capuz. Se tivesse sido um pouco mais indulgente consigo mesma teria chorado sem parar até ficar exausta e vazia. Teria chorado pela perda de um homem honrado que nunca mais ia voltar a ver, apesar de ser seu marido. Pela perda do amor e de um homem que não tinha retornado a tempo. Por seu irmão, cuja morte não tinha tido tempo de honrar devidamente. Por um futuro que pressentia ser desolador.

Voltou ao passado, contando os dias com os dedos. No dia anterior tinham enfrentado Cecil e tinham dançado no salão de reuniões. No dia anterior a esse tinham retornado de Londres. Antes tinham se casado. Antes tinham ido a Londres. Antes tinham celebrado a cerimônia fúnebre em memória de Percy. Antes Aidan se ofereceu para pronunciar umas palavras em honra de sua memória. Antes havia trazido a terrível notícia do ocorrido na França. Sete dias. Uma semana exata. Fazia uma semana e algumas horas mais ou menos, que nem sequer sabia que Percy tinha morrido. Uma semana anterior que não conhecia o coronel lorde Aidan Bedwyn.

Agora os dois tinham ido embora. Para sempre.

Não conseguia recordar por que a separação do coronel tinha que ser para sempre. Mas isso era o que tinham combinado desde o começo.

Foi incapaz de voltar para a sua casa nesse momento. Diante da chuva e da erva encharcada, dirigiu-se para o lago dos lírios, seguindo o mesmo caminho que tinha tomado com o coronel há seis dias. Antes que tivesse se afastado muito, Muffin alcançou-a pulando. Parecia um rato gigantesco meio afogado.

—Bom, Muffin. — Disse.—. Pelo menos você pode me explicar por que tenho tanta vontade de chorar, se nem sequer sei por qual dos três homens devo usar luto. Pelo Percy, pelo John ou pelo coronel Bedwyn?

Muffin deu uns saltos desajeitados e cheirou a erva. Não tinha nenhuma resposta para lhe oferecer. De fato, não fez o mínimo caso dela, razão pela qual Eve ficou extremamente agradecida: não podia continuar fingindo que o que rolava pelas bochechas era chuva quente e salgada.

=CAPÍTULO NOVE=

A inclemência do tempo e o barro do caminho forçaram Aidan a passar uma noite em uma estalagem. Só na tarde do dia seguinte quando alcançou o amplo e reto caminho da entrada que conduzia a Lindsey Hall, delimitado pelos olmos que pareciam estar em forma como os soldados em uma revista.

Picou as esporas em seu cavalo para que acelerasse o passo, embora não estivesse certo de que havia alguém de sua família na mansão. O mais provável era que estivessem em Londres passando a temporada social, mesmo que não fosse uma família muito dada à frivolidade dos passatempos da aristocracia. Bewcastle estaria sem dúvida em Londres, cumprindo com o seu dever na Câmara dos Lordes, mas esperava ver pelo menos algum dos seus irmãos. Precisava se distrair, pois se sentia abatido.

Finalmente divisou a mansão e sentiu uma pontada quase dolorosa de carinho por ela. Lindsey Hall era uma casa grandiosa de pedras aparentes, cuja magnificência cortava o fôlego, por muito que consistisse em uma mistura heterogênea de estilos arquitetônicos. Era propriedade da família desde que a tinham construído na Idade Média na qualidade de mansão, com dimensões muito mais modestas. Os sucessivos barões, depois condes e finalmente os duques, foram acrescentando alas e anexos sem derrubar nenhuma construção anterior e sem se esforçar para que harmonizassem as diferentes modas que tinham imperado em cada época.

A larga avenida se bifurcava a certa distância da mansão, para rodear um deslumbrante jardim de flores de

todas as cores em cujo centro se erguia uma fonte de mármore, tudo cortesia de um bisavô georgiano. A água saía disparada a uns dez metros de altura e caía orvalhando um perímetro enorme, como se fossem as varetas furtacores de uma gigantesca sombrinha.

Aidan acabava de virar à esquerda quando viu três cavaleiros que saíam dos longínquos estábulos, dois homens e uma mulher. Todos incitaram as suas montarias assim que o viram, mas foi Freyja quem deu um grito e esporeou o cavalo, rodeando o jardim para se dirigir ao seu encontro em um galope apressado.

—Aidan! — Repetiu quando ficou perto o bastante.— Seu ingrato! Olha que não nos disse quando viria!

Sua irmã chegou ao seu lado e estendeu a mão em uma saudação masculina. Montava à amazona, bastante incomum nela. Usava um vistoso chapéu com plumas, com o cabelo louro solto até quase a cintura e cheio de cachos. Era a sua adorada Freyja de sempre!

—Pois como acredita que acontecem as surpresas? — Replicou, segurando-lhe a mão.— Como está, Free?

Estava bronzeada, tinha o olhar vivaz e transbordava saúde. Em suma, estava com um ar tão impróprio para uma dama, como o que tinha ostentado durante os anos em que todo um conjunto de professoras tentou em vão fazê-la entrar no caminho.

—Encantada em vê-lo. Sabia que Wulf está na Inglaterra? Teria sido muito próprio dele não ter dito a ninguém.

—Não escrevi para ele.

Aos poucos chegaram os dois irmãos, que cavalgavam em um ritmo mais tranquilo. Rannulf, um gigante loiro, sorriu e estendeu sua enorme mão.

—Que maravilha voltar a vê-lo, Aidan! — Exclamou.— Dispõe de quanto tempo?

Alleyne, mais jovem e magro, de cabelos mais escuros, sorriu alegremente.

—O guerreiro retorna triunfante. Na cavalaria não deixavam que segurasse o papel e o lápis, Aidan?

—Ralf, Alleyne... —Aidan estreitou-lhes as mãos.— Dois meses, dos quais já passou uma semana. Tinha alguns assuntos com que me ocupar. —Como me casar, pensou.— vE para que usar papel e lápis quando viria pessoalmente? Morgan está em casa?

—E também Wulf. — Informou-lhe Ralf enquanto todos davam meia volta e se encaminhavam para dar a volta nos estábulos.— Voltou para casa há uma semana atrás e logo foi ao funeral da condessa de Redfield faz uma semana e ainda não retornou a Londres. Quando saímos esta manhã estava repassando umas contas. Morgan está presa assistindo as aulas, exasperada. Dezesete anos é uma idade terrível e rebelde, especialmente para uma Bedwyn.

—Dezesete anos! —Aidan estremeceu.— Deve achar que já é uma senhorita.

—E se enraivece com facilidade! —Mencionou Alleyne rindo.—Vai ser pior do que todos nós, ou melhor. Sinto pena dos jovens cavaleiros que virão cortejá-la no ano que vem, depois que Wulf a levar arrastada para Londres e apresentar os seus cumprimentos à rainha.

—Vejo a que sua chegada passou despercebida. — Rannulf inclinou a cabeça em direção à porta dianteira da mansão.— Aí vem o chefe em pessoa.

Aidan desceu de um salto do cavalo e estendeu as rédeas para Andrews. Bewcastle aproximava-se devagar. Era próprio dele nunca ter pressa e jamais elevar a voz,

diante do que todos os serviçais obedeciam imediatamente até as suas ordens mais insignificantes. Tinha conseguido dominar os excessos dos seus parentes, porque a maior parte deles o temia um pouco, embora não o confessassem. Era Wulfric, um nome que combinava como um anel no dedo, porque havia um pouco de lobo nele, como por exemplo, as suas íris prateadas.

—Wulf... —Aidan dirigiu-se a ele com certa apreensão. Fazia anos que não se relacionavam bem. A última vez que haviam se encontrado, três anos antes, estiveram a ponto de se pegar e Aidan tinha abreviado a sua visita.

—Aidan... —Bewcastle parou a uma distância em que era impossível abraçá-lo ou estirar a mão para ele e falou com seu tom de voz despreocupado e enganosamente afável.— Que chato! Não me resta outra alternativa senão ter umas palavras com o serviço dos correios. A carta que anunciava a sua volta para a Inglaterra ainda não chegou.

—Para que escrever quando podia chegar tão rápido como uma carta? Como está?

—Encantado em vê-lo inteiro e ao que parece, com boa saúde —disse Bewcastle, levando o monóculo ao olho e examinando seu irmão da cabeça aos pés.— Não pode pagar um uniforme novo, Aidan?

Aidan encolheu os ombros.

—Acostuma-se ao conforto quando há fartura. Quero ver Morgan. É tão bonita como prometia da última vez que a vi? Disseram que é a mais teimosa de todos nós.

— Verdade? —O cenho do duque se elevou, acrescentando um toque de arrogância ao seu rosto de nariz proeminente e lábios finos.— Não tinha percebido. Mas aceito que provavelmente eu seja a última pessoa a quem

trata de constranger com as birras de uma criança. Vamos para a sala de estar. Tomaremos um chá. —Lançou um olhar aos outros irmãos, incluindo-os em um convite que obviamente era uma ordem. —Direi à senhorita Cowper que faça Morgan descer.

Estar de retorno à casa era uma sensação verdadeiramente agradável, pensou Aidan enquanto caminhava ao lado de Wulf, apesar dele estar presente e que tivesse dado uma fria recepção em comparação com a dos outros irmãos. Três anos antes Wulf tinha se negado a deixar que Freyja se casasse com o homem que tinha escolhido, seu vizinho e amigo de infância Kit Butler, porque não era nada mais do que o segundo filho do conde de Redfield. Bewcastle a tinha forçado a aceitar a proposta do primogênito e ocorreu uma cena terrível quando Kit chegou a Lindsey Hall como uma serpente e brigou com Rannulf sobre a grama até que os dois ficaram cobertos de sangue. Kit, que na ocasião era oficial e estava de licença, foi enviado precipitadamente de volta à Península Ibérica.

Aidan tinha chegado em casa há poucos dias e tinha repreendido Bewcastle longamente por seu comportamento tirânico. O problema é que era impossível para qualquer pessoa se satisfazer ao brigar com Wulf. Quanto mais fumaça lançava Aidan, mais frio e tranqüilo Wulf se mostrava e, quando Aidan propôs para que saíssem para o jardim e resolverem as suas diferenças com murros, ele se limitou a balançar o seu monóculo e levantar as sobrancelhas. Aidan foi embora no dia seguinte, uma semana antes do que tinha previsto.

A ironia foi que o noivo de Freyja morreu antes do casamento, então Kit se converteu no herdeiro legítimo de Redfield. Fazia já um ano quando Kit se licenciou e retornou

para a Inglaterra, Redfield e Wulf combinaram casá-lo com Freyja e fizeram todos os preparativos para o pedido da mão quando Kit voltasse para casa no verão. Mas quando este retornou trouxe consigo uma noiva. E agora ao que parecia, já estavam casados. Ralf tinha contado a Aidan em uma carta. Segundo Ralf, Freyja tinha o coração partido, embora tivesse dado um murro na seu rosto quando seu irmão insinuou isso. Assim era Freyja.

Entraram no vestíbulo medieval preservado com esmero, com o teto de vigas de carvalho, uma grade primorosamente esculpida coroada por uma galeria para os músicos, as paredes caiadas decoradas com armas, escudos e bandeiras, e uma maciça mesa de jantar de carvalho. Justo nesse momento chegou uma jovem alta e esbelta, que se precipitou escada abaixo com os braços abertos. Era uma beleza de cabelos e olhos negros, mas faltava-lhe do nariz que era a marca da família.

—Aidan! —Exclamou.— Aidan!

Lançou-se aos braços de um surpreso Aidan e passou os braços ao redor do seu pescoço. Ele a agarrou pela cintura estreita, elevou-a no ar e fez com que desse uma volta completa ao seu redor.

—Você se tornou incrivelmente formosa em minha ausência, Morgan. — Disse ao colocá-la de novo no chão e afastando-se um tanto para contemplá-la à vontade.

—Não recordo de haver mandado chamá-la, nem ter dito que abandonasse as suas aulas, Morgan. — Disse Bewcastle em voz baixa.

A senhorita Cowper, a professora que sofria há anos junto com a sua pupila, pôs-se a tremer com o ar triste. Aidan sempre a tinha visto com uma expressão aterrorizada, como se esperasse que, a qualquer momento, Bewcastle

fosse ordenar a seu mordomo que a levassem arrastada ao calabouço para cortar-lhe a cabeça.

Aidan, que dava as costas para Bewcastle, piscou o olho para sua irmã caçula. Até esse momento não tinha percebido da vontade que tinha de abraçar alguém e de que alguém o abraçasse.

Até a sua chegada ao lar, Aidan não tinha compreendido quão cansado estava. Estava há anos e meses em campanha e agora doíam todos os seus ossos. Dedicou-se a montar a cavalo, passear e pescar com seus irmãos, e os acompanhou nas visitas a alguns vizinhos. Foi inclusive com Ralf a Alvesley, a casa do conde de Redfield, para dar-lhe os seus mais sentidos pêsames pela morte da condessa, e então conheceu a mulher de Kit, que não tinha nada que ver com Freyja. Mas a sua atividade principal era dormir.

Atribuiu a sua tristeza ao excesso de sono. Por mais contente que estivesse de encontrar-se em casa com a sua família, não podia sacudir de cima de si mesmo o abatimento. Nem podia evitar de dormir nove, dez ou inclusive onze horas a cada noite. De noite sonhava com Eve e de dia pensava nela, embora desejasse muito que o que tinha acontecido fosse um sonho. Às vezes chegava a se perguntar se realmente tinha ocorrido algo ou se aquela semana estranha fazia parte do mundo da imaginação. Também pensava na senhorita Knapp, na esperança que tinha abrigado em combinar a sua carreira com um matrimônio com uma mulher que compartilhasse do seu modo de vida, que lhe fizesse companhia, distração e... por que não? sexo. Embora tivesse tido algumas amantes,

nunca tinha ficado satisfeito nessas relações casuais e desiguais.

Passava pouco tempo com seu irmão mais velho. Tinham deixado de ser íntimos aa infância, uma época em que tinham sido inseparáveis. Mas aos doze anos, Wulfric tinha mudado por completo quando seu pai decretou que era hora de prepará-lo para as responsabilidades que teria que assumir no futuro, um futuro que tinha chegado muito cedo, quando Wulf tinha apenas dezessete anos. A partir de então foi educado por uma dupla de tutores, enquanto que Aidan e seus irmãos eram enviados para Eton. Aidan sempre se perguntou se Bewcastle era uma pessoa solitária ou se tinha se convertido em um homem frio e carente de emoções que desfrutava com a solidão.

Parecia que do que restou da licença ia poder usufruir e descansar. Mas essa esperança se frustrou no final de uma semana após a sua volta a Lindsey Hall. Estava tomando o café da manhã com seu irmão Alleyne depois de um maravilhoso e rápido passeio pelo campo, quando um mordomo informou-lhe que sua excelência queria vê-lo na biblioteca.

Aidan levou uma xícara de café consigo. Deu bom dia a Wulf e se sentou em uma poltrona de couro frente à lareira. Perguntou-se o que acontecia, mas preferiu não interrogar seu irmão a respeito. Wulf o diria no seu devido tempo.

—A onda de calor que durou quase uma semana desde que cheguei parece ter terminado. — Comentou Aidan.— O vento dessa manhã é gélido, embora refrescante.

Wulf nunca tinha sido aficionado em falar apenas por falar.

—Ao que parece, — Disse.—, o príncipe de Gales quer celebrar as vitórias aliadas com um espetáculo grandioso. Espera-se que venha para se vangloriar a metade dos soberanos, príncipes e generais da Europa na qualidade de convidados, incluindo o czar da Rússia, o rei da Prússia e o marechal Von Blücher.

— Ouvi rumores sobre o assunto. — Repondeu Aidan. — Parece que toda a Inglaterra, e especialmente Londres, esteja loucamente apaixonada por qualquer pessoa que tenha duas pernas e uniforme. É lógico que o pequeno príncipe queira se entreter com a glória e com o fausto da vitória.

—Com efeito. — Assentiu seu irmão.— Não é a primeira notícia que ouço a respeito, mas logo terei que voltar para Londres e à Câmara dos Lordes. Embora ainda falem várias semanas, esta manhã chegou pelo correio um convite pessoal para um jantar de Estado que se celebrará em honra dos dignatários estrangeiros em Carlton House. Além de numerosas celebrações de todo tipo. Todos vão querer se superar em hospitalidade.

—Suponho que tudo afeta de um modo especial a você. — Disse Aidan com uma careta.

—Não apenas, porque no convite figura o seu nome concretamente. —Wulf levantou um cartão da pilha que tinha no colo e deu uma olhada.— “O prazer...”, etcétera, etcétera. Ah, aqui está. “Coronel lorde Aidan Bedwyn”. Alguém da intimidade do nosso príncipe se inteirou de que está em casa de licença.

—Já inventarei alguma desculpa. — Aidan se apressou a dizer.

Bewcastle continuava olhando o cartão. Levantou o monóculo para aumentar a letra, embora, como teria jurado

Aidan, era um gesto puramente afetado. Não acreditava que seu irmão tivesse o mínimo problema com a visão, já que sempre teve o olho de lince.

—Também colocaram outro nome. — Acrescentou antes de levantar os olhos e olhar Aidan.— Lady Aidan Bedwyn.

O general Naughton! No encontro fortuito que ocorreu no vestíbulo do Pulteney, Aidan tinha apresentado sua mulher ao general. Tinha que ser ele. Por sorte naquele dia não topou com nenhum conhecido até que, no final, tropeçou com o general Naughton.

—Que curioso! — Replicou com afetada indiferença.

—Tenho que confessar que a primeira vez em que o li me pareceu divertido. — Prosseguiu Bewcastle. Permaneceu um momento em silêncio, e Aidan franziu os lábios.—Lady Aidan Bedwyn existe? —A pergunta foi formulada em um sussurro.

—Sim.

—Ah. —Bewcastle deixou o cartão sobre a pilha da correspondência e olhou seu irmão tranqüilamente com os seus olhos salpicados e de lobo.— Posso perguntar quando ia ser informado a respeito?

—Não ia ser informado.

Bewcastle conhecia tão bem como Aidan o efeito perturbador dos silêncios prolongados. Aidan não se afastou durante o grande silêncio que veio depois. Maldito irmão! Aquele não era um assunto de sua incumbência.

—Agora que descobri o seu segredo, — Acrescentou Wulf no final— talvez tenha a bondade de satisfazer minha curiosidade.

—Prometi a um dos meus capitães moribundos que levaria pessoalmente a notícia de sua morte para sua irmã e

daria a ela o meu amparo. — Explicou Aidan. —A única forma de protegê-la foi me casar com ela.

—Então seu matrimônio é recente?

—Faz duas semanas.

—Mediante uma licença especial?

—Sim.

—Quem é ela?

—A senhorita Eve Morris. A proprietária da fazenda Ringwood, em Oxfordshire. Filha de um mineiro rico.

—Um mineiro.

—Sim, do sul de Gales. Casou-se com a filha do proprietário da mina e assim fez a sua fortuna.

—Morto?

—Sim.

Ficaram se olhando em silêncio por um bom momento.

—E agora a abandonaste? Para sempre?

—Sim, para sempre. — Confirmou Aidan.—. Embora essa não seja a palavra adequada. Ela tinha uma vida própria em Ringwood que queria preservar e uns empregados para proteger. A única forma de fazê-lo era casar-se precipitadamente. Celebramos um matrimônio de conveniência com consentimento mútuo. Não vou me desculpar por isso, Wulf, nem por haver ocultado isso. Era algo do que minha família não tinha por que ouvir falar.

Seu irmão o observou longamente enquanto Aidan percebia que o café que estava na sua mão tinha esfriado.

—Impossível. — Disse Bewcastle finalmente.— Por incrível que possa parecer, esta filha de um mineiro galês é agora uma Bedwyn. Minha cunhada. E sua existência chegou aos ouvidos do círculo do príncipe do Gales. A família de seu marido deve fazê-la conhecida para o público.

—Não. — Disse Aidan com firmeza.— Não será assim, Wulf.

O duque arqueou as sobrancelhas.

—Lady Aidan Bedwyn deve ser apresentada à sociedade. Suponho que nunca foi. Deve ser apresentada oficialmente na sala de recepção da rainha. Nossa tia Rochester será a sua madrinha. Deve ser celebrado um baile em sua honra em Bedwyn Hall. Seu casamento foi precipitado e clandestino, e não duvido que encontrará uma explicação razoável com a qual aplaque a ânsia de fofoca dos nossos colegas da aristocracia. Mas a partir de agora terá que acatar as regras. Sua mulher deve vir a Londres e ser apresentada às pessoas do seu futuro ambiente, por difícil que possa parecer.

—Não vai acontecer nada parecido. — Opôs-se Aidan — Acredita que me importa a mínima fofoca dos salões de recepção de Londres? Eles têm que falar de algo. Que falem de como desposei alguém que não pertencia ao meu nível social e pus em evidência a minha família e logo abandonei cruelmente a minha esposa burguesa, ou talvez nem sequer burguesa. Logo será do conhecimento do público outra notícia que a deixará cair no esquecimento. Uma herdeira fugirá de casa com um lindo mordomo ou um rapazola dirá um palavrão a uma viúva enriquecida e as salas de recepção irão ferver de indignação diante de semelhante escândalo.

—Não haverá fofocas de mau gosto sobre um Bedwyn, assegurou Bewcastle.—. Nem sequer por causa de um casamento. A filha de um mineiro está casada com o herdeiro de um ducado. Ninguém vai ter a impressão de que a tenhamos abandonado ou ocultado ou que estamos envergonhados de sua baixa posição social. É comum que

os Bedwyn se casam mais tarde que os outros, mas não abandonamos as mulheres depois de desposá-las, Aidan, nem as expomos ao opróbrio ou à compaixão alheia.

—Não me fará mudar de ideia sobre este assunto. — Replicou Aidan.—Em primeiro lugar, minha mulher obteve exatamente o que queria graças ao casamento: independência e a liberdade de viver a vida que escolheu. Em segundo lugar, não tem a mínima relação com o mundo da alta aristocracia e portanto não podem feri-la com as suas fofocas: se existirem, coisa que duvido, nem sequer saberia. Em terceiro lugar, meu matrimônio é problema meu e eu optei por deixar a minha mulher nas sombras tendo uma vida tranqüila no campo, que é onde se criou e onde deseja estar. Irei a Londres contigo se não houver mais jeito e estarei nesse jantar infernal e às demais celebrações nas quais a minha presença seja de rigor. Se alguém tiver a impertinência de me perguntar pelo meu casamento, darei a resposta que julgar mais apropriada à ocasião e aos presentes.

—Então será capaz de desonrar a sua mulher e a sua família?—Perguntou-lhe o duque em voz baixa.— Está envergonhado?

Aidan soltou os palavrões mais grosseiros, fazendo com que seu irmão levantasse as sobrancelhas e o olhasse com desdém.

—Lady Aidan foi convidada a Carlton House — Prosseguiu Bewcastle.— e seria uma descortesia imperdoável que se apresentasse sem ela ou que você não se apresentasse absolutamente. Você alcançou um grau na cavalaria que não pode se dar ao luxo de não se apresentar nesse evento quando se sabe que está em casa de licença. Sua mulher tem que estar a seu lado. Sei que tudo será um

desafio e um problema para nossa tia prepará-la para os atos aos que deverá assistir, mas tudo é possível para quem está decidido a que assim o seja.

Aidan depositou o pires e a xícara sobre uma mesinha e se levantou. Em pé era mais alto, longuílneo e forte do que seu irmão. Apesar de tudo, Bewcastle permaneceu sentado, ficando assim em uma desvantagem física ainda maior.

—Minha mulher ,— Disse Aidan com a sua voz mais gélida— não fará um ato de apresentação na sala de recepções da rainha, nem em nenhum baile de apresentação da sociedade ou em nenhum jantar em Carlton House. Sequer irá a Londres. É meu desejo e, se for necessário, as minhas ordens. Nem sequer você, Wulf, pode se interpor entre um homem e a sua esposa. Aqui termina a nossa conversa.

A fria ameaça que encerravam as palavras e a atitude de Aidan teriam assustado a maior parte dos homens do planeta. Mas, naturalmente, Bewcastle não fazia parte dessa maioria. Levou o monóculo ao rosto e ficou olhando a mão com o ar pensativo.

—Assim seja. — Disse baixinho com um tom de voz afável.— Fecha a porta quando sair.

E aqui termina tudo, pensou Aidan enquanto subia em busca de Morgan, a quem tinha prometido dar uma aula de pintura ao ar livre, a única forma que tinha lhe ocorrido para se desfazer da senhorita Cowper.

—Sempre está revoando ao meu redor. —Queixou-se Morgan—Não me deixa nem respirar. E sempre está comentando sobre cada uma das minhas pinceladas e dizendo o que ela teria feito em meu lugar. E logo me pede perdão por impedir que eu me concentre. Mas por acaso me

deixa sair sozinha à rua e pintar tranquilamente? Não, é mais forte do que ela. Sem dúvida teme que deixe cair o cavalete e vá nadar nua no lago à vista dos jardineiros ou algo do estilo e que Wulf me veja e a prenda na parede úmida de uma masmorra escura como castigo. Juro que nem sequer percebeu que não há masmorras em Lindsey Hall.

Aidan estava comovido. Havia descoberto o segredo e se perguntava quanto tempo iria demorar para que o restante dos seus irmãos descobrissem o que tinha ocorrido. Não sabia se devia tomar a dianteira e contar-lhes pessoalmente. Não é que estivesse envergonhado do que tinha feito nem de sua mulher, como acabava de assegurar Wulf. Que idéia! Mas não queria que a incomodassem. Tinha prometido a ela que aquele seria um matrimônio de conveniência. Afastou-se da vida de Eve e queria permanecer à margem.

Por outra parte, a notícia não parecia ter afetado muito a Bewcastle, concluiu quando voltou com Morgan ao lar na primeira hora da tarde, depois de ter nadado um momento no lago enquanto ela pintava. Diante da porta da cocheira se encontrava a carruagem de viagem, adornada com os brasões que eram a insígnia do ducado de Bewcastle, tão limpa e reluzente como no dia em que a tinha comprado. Não estava engatada a nenhum cavalo, mas numerosos criados vestidos de libré trabalhavam excessivamente em torno dela.

—Wulf está pronto para ir a algum lugar. — Disse Morgan— Mas não utiliza essa carruagem para fazer as visitas pelos arredores.

—Tinha previsto voltar para Londres. —Informou Aidan. Embora, por que tão rapidamente? Agarrou com mais

força o cavalete de Morgan, de estranhas dimensões, e acelerou as passadas.

— Para onde vai Bewcastle, Fleming? — Perguntou ao mordomo quando entravam no vestíbulo.

— Sua excelência não me disse isso, milord. — Respondeu Fleming, inclinando a cabeça em sinal de deferência.

— Então a que demônios terá dito? — Perguntou Aidan. Mas justo nesse momento apareceu Bewcastle no saguão, vestido com roupas de viagem.— Para onde vai Wulf?

Seu irmão o olhou com altivez.

— Para Londres. — Respondeu.— Já descuidei bastante dos meus deveres ficando aqui mais tempo do que necessário. Amanhã virá você, Aidan, com Alleyne e Freyja. Já está tudo organizado.

Sim, claro que estava. É lógico que iria a Londres, pensou Aidan. Quando se encontrava na Inglaterra, a sua condição de filho de um duque carregava obrigações que não podiam ser evitadas. Nesse momento se dissiparam as suas esperanças de desfrutar de um longo mês de tranquilidade e descanso em Lindsey Hall.

— A vista me engana, Fleming, ou a minha carruagem não está me esperando diante da porta? — Perguntou o duque com a voz divertida.

=CAPÍTULO DEZ=

— Quem sabe este ano convidam você. — Disse tia Mary, esperançosa.—Já deixou o luto por seu pai, querida, e além disso, agora é lady Aidan Bedwyn no lugar da simples senhorita Morris.

—Não tenho vontade de ir. — Replicou Eve.— Embora o fizesse se o convite incluísse você.

—Já sabe, — Acrescentou sua tia com um tom de recriminação— que não é para mim para quem quero o convite. Eu já estou vivendo no paraíso. É para você. Já é hora que reconheça quem é: uma dama com carta branca, por mais que seu pai e sua velha tia tenham ganho honestamente o pão de cada dia trabalhando como mineiros. Esperava que a perspectiva de uma festa ao ar livre levantaria o seu ânimo, da mesma forma como o tem pela terra.

Nessa tarde tinham feito uma visita a Serena Robson e voltaram para Ringwood na carruagem. Na reunião na casa de Serena tinha surgido o assunto da festa anual de Didcote Park. Para que seu jardim tivesse muito prestígio, o conde e a condessa de Luff convidavam sem falta todos os vizinhos com aspirações à nobreza. Mas sempre tinham meticulosamente excluído os Morris. Serena havia dito à tia Mary que esperava que nesse ano convidassem Eve finalmente. E tinha acrescentado que ela não iria se sua amiga não fosse.

—Não tenho ânimo pela terra. — Disse Eve, sorrindo. — Quer que eu passe o dia todo rindo sozinho para demonstrar a você que não me sinto abandonada nem desprezada?

Contudo, assim o era. Não se sentia abandonada ou desprezada. Fez um pacto com o coronel Bedwyn e ambos tinham saído ganhando. Ela tinha ficado com as crianças, sobretudo com as crianças. De sua parte, ele tinha cumprido a solene promessa feita a Percy. Agora cada um podia seguir adiante com a sua vida como melhor o entendesse. O que tinha isso de deprimente?

Não obstante, estava deprimida. Apesar de tudo que tinha ganho, face à bênção de um lar e de uma família, sentia-se tão vazia que lhe dava medo. Não tinha ouvido uma só palavra nem de John nem de suas aventuras. E tampouco tinha ouvido nada sobre o coronel. Embora não acabasse de compreender por que, tinha que reconhecer que o que este último tinha feito pesava tanto sobre o seu ânimo quanto o primeiro. A idéia de que não voltaria mais a ouvir nenhuma palavra sobre o seu marido —com a exceção talvez no dia de sua morte— provocava-lhe um pânico inexplicável.

A aparição de Thelma e das crianças subindo o topo da garganta distraiu-a daquelas tristes meditações. Quando a carruagem chegou à altura do lago dos lírios, viu também Benjamin nos ombros do pastor Thomas Puddle, que levava Becky pela mão. Eve fez-lhe gestos.

—Ah !— Disse tia Mary ao vê-lo, com a expressão de malícia.

O vigário tinha dançado duas vezes com Thelma na festa nupcial celebrada no povoado em honra de Eve. Na semana anterior tinha ido em numerosas ocasiões para perguntar por Eve e se interessar pela saúde da senhora Pritchard. Em cada ocasião tinha pedido para assistir uma aula das crianças. Não precisava ser um lince para detectar o que estava se passando entre ele e Thelma. O que mais

Eve apreciava, era que o pastor não acreditasse em sua reputação imerecida de mulher desonrada. Como era uma alma imaculada, atraía as crianças naturalmente, sem ter que fazer esforços para granjear a sua confiança.

—Parece que alguém saiu ganhando com isto sim. — Comentou Eve.

Surpreendeu-se por não ter percebido a presença de uma carruagem desconhecida diante da porta principal. Era a carruagem mais deslumbrante que já tinha visto, inclusive mais do que a do conde de Luff. Na porta lateral se destacava um brasão. Não o reconheceu, embora tivesse poucas noções de heráldica.

—Temos um visitante. — Disse, assinalando em direção à mansão com um gesto da cabeça.— Pergunto-me quem será. O estômago se revolveu diante da idéia de que pudesse se tratar de John.

Agnes os esperava no vestíbulo. Estava fora de si, lançando fumaça de pura indignação.

—Quem é, Agnes? —perguntou Eve em voz baixa ao notar que a porta da sala de espera estava aberta.

—Eu o ia colocar aí, — Respondeu Agnes, assinalando com o polegar em direção à saleta— mas não era suficiente para sua eminência reverendíssima. “Esperarei na sala de estar”, disse-me, com uma afetação que só vendo, e subiu a escada antes que eu pudesse mostrar o caminho. Não sei onde vamos parar, quando as pessoas se convidam para entrar nas casas alheias e se comportam como se fossem de sua propriedade.

— Quem é? — Perguntou Eve com cara de preocupação.

—Um duque.

Eve sentiu que os joelhos amoleciam. Um duque?

—Oh, Eve, amorzinho... — Comentou tia Mary.— Não será o irmão do coronel? O coronel também veio, Agnes?

Sem esperar a resposta de Agnes, Eve se apressou a subir a escada. Do que outro duque podia se tratar? Mas por que? Abriu de par em par as portas do salão e entrou nele.

Do outro lado do aposento, junto às janelas, um homem a olhava. Estava vestido imaculadamente, com um traje sob medida verde escuro de primeira qualidade e de muito bom gosto, uma camisa de linho resplandecente, calça bombacho e botas altas com galões brancos. Tinha a tez morena e uma expressão muito séria: sua semelhança com Aidan era tal que o coração deu um salto. Eve fechou as portas às suas costas e o olhou com cara de surpresa.

—Por que você veio? —Perguntou-lhe com a voz baixa e insegura—. O que aconteceu com Aidan? Teve um acidente?—Eve recordou como os caminhos estavam enlameados.

O homem inclinou a cabeça cortês e secamente, enquanto os seus longos dedos brincavam com o seu monóculo.

—É um prazer conhecê-la, lady Aidan. Sou Bewcastle. — Falava com a voz muito baixa e adocicada, mas não exatamente efeminada. Não, de modo algum efeminada, mas sem a profundidade e energia que se esperava da forma de falar de um homem nobre. Mas essa mesma voz fez Eve estremecer pelo tom, que desmentia qualquer gentileza que pudesse haver em suas palavras.

Tardamente Eve fez-lhe uma reverência.

Notou que havia algumas diferencia entre os irmãos. O duque de Bewcastle era mais magro, e o rosto enxuto com um nariz aquilino e os lábios finos davam-lhe um ar arrogante e cínico, e não severo e sério como no caso de

Aidan. Este tinha os olhos mais pálidos que os de seu irmão, de um cinza mais claro que os de Eve. Um cinza aço.

—Ficará contente em saber — Disse o duque.— que ontem meu irmão se encontrava em Lindsey Hall em seu perfeito estado de saúde, com todos os membros intactos.

—Celebro isso.— Repôs ela. Por que diabos um duque tinha de visitá-la?

—Pergunta por que vim, posto que não é para lhe informar que enviuvou. Vim conhecer a minha cunhada.

Eve tragou a saliva desajeitadamente. Continuava vestida tal como tinha chegado. Não tinha tido tempo de tirar a touca nem as luvas.

— Você é bem-vindo aqui, sua excelência. —Disse Eve—Qual era o tratamento correto para um duque?

—Duvido muito. — Replicou ele com frieza, sacudindo o seu monóculo e com o ar de suprema arrogância.— Mas talvez você consiga persuadir a sua feroz governanta para que nos traga um chá e, quando chegar a bebida, falaremos do seu futuro papel como lady Aidan Bedwyn.

“Seu futuro papel”?

—Sim, claro, é obvio. — Respondeu Eve, indo até uma corda para acionar a campainha.— Sente-se, sua excelência.

Permaneceram sentados e imersos em um tenso silêncio até que a Agnes atendeu. Eve estendeu para ela a touca e as luvas e pediu-lhe que trouxesse um serviço de chá. Onde estava tia Mary? Como estaria o seu cabelo? Bewcastle tinha uns olhos de aço e parecia atravessá-la com o olhar.

—Meu futuro papel? — Disse quando voltou-se após fechar a porta. Não pôde suportar mais o silêncio.

—Pergunto-me, senhora, — Disse Bewcastle.— se você está perfeitamente consciente de com quem se casou. Eu ainda não cumpro o meu dever para com a posteridade, e como não tenho mulher nem filhos, Aidan é meu herdeiro direto. A única coisa que se interpõe entre ele e um ducado, e entre você e o título de duquesa, é a minha delicada saúde.

Eve sentiu que ruborizava.

—Acredita que eu me casei com o coronel Bedwyn por essa razão? Que ridículo!

—Não, absolutamente. —Ainda estava com o monóculo na mão, e Eve pensou por um momento que ia colocá-lo nos olhos.

—Casar-se com um membro da aristocracia traz certas responsabilidades e expectativas. — Prosseguiu o duque— E casar-se com o herdeiro ainda mais. A mulher de lorde Aidan Bedwyn, a possível duquesa de Bewcastle, deve ser apresentada à sociedade se ainda não o foi. Deve ser apresentada à rainha e deve aprender, a se desembaraçar com desenvoltura no mundo de seu marido.

—Não tenho a mínima intenção de me desembaraçar no mundo do coronel Bedwyn. Estou certa de que lhe explicou a natureza do nosso casamento. Foi combinado que nos separaríamos imediatamente depois da cerimônia e passaríamos separados o resto de nossas vidas. Lamento que você não aprove, mas....

—Você está certa.

A voz do duque era ainda mais inquietante quanto mais cortês e tranquilo era o tom com que falava.— Não aprovo, para dizer com a maior suavidade. Não aprovo a mulher que escolheu, nem a pressa e clandestinidade com que decidiu casar-se. Não posso fazer grande coisa sobre

os dois primeiros fatos, já que você foi e sempre será a filha de um mineiro galês e será para sempre casada com meu irmão. Contudo, sobre o terceiro, posso sim fazer algo. A natureza do seu matrimônio deve mudar.

—Sua excelência. — Disse Eve, apertando as mãos sobre o colo tratando de manter a calma.— há um provérbio que diz que o melhor que pode se fazer com um cão adormecido é não despertá-lo. Não é necessário que você venha me ameaçar. Não tenho a mínima intenção de colocá-los em evidência fazendo a aparição das minhas unhas sujas de fuligem em público , nem de ofender o ouvido de seus conhecidos com o meu sotaque galês. Não tenho a mínima intenção de ir além de um raio de vinte quilômetros em torno de Ringwood no que me resta da vida. Pode se esquecer da minha existência. Tenha uma boa tarde. Eve ficou de pé.

O duque olhou-a com cara de aborrecimento.

— Poupe-me das cenas e sente-se. Conceda-me um pouco de senso comum. Não teria vindo de Hampshire até aqui para lhe dizer que continuasse fazendo o que está fazendo. Você me interpretou mal. Amanhã virá comigo para Londres.

Eve olhou-o atônita, mas voltou a se sentar. Antes que pudesse acrescentar algo entrou Agnes com a bandeja do chá, que deixou com bastante brutalidade sobre uma mesinha próxima a Eve. Lançou um olhar irado ao duque, como se estivesse procurando uma desculpa para jogá-lo escada abaixo e atirá-lo aos trancos pela porta principal sem abri-la antes. Ele pôs uma cara de aborrecimento como se não tivesse notado a presença da governanta. Agnes pigarreou e abandonou o aposento batendo a porta. Eve

serviu o chá com as mãos que estavam longe de estar serenas.

—Aidan não é apenas o herdeiro de um ducado, — Disse Bewcastle tomando a xícara e o pires das mãos de Eve— também é um oficial de alta patente, senhora. Sua presença em Londres é essencial para as duas concepções. Nesse verão vão ser celebradas numerosas comemorações pela vitória na capital da nação. Há um convite para um jantar de Estado em Carlton House, em que estará presente o príncipe regente e numerosos chefes de Estado, um convite que inclui Aidan... e inclui você, Lady Aidan Bedwyn. Já vê então que a sua existência chegou a conhecimento dos círculos mais seletos do grande mundo....

—Convidaram-me para Carlton House? —Eve começou a rir e vieram-lhe à mente as imagens de Cinderela, carruagens de cristal e abóboras.— Pois então você decline o convite em meu nome, sua excelência. Poderia me apresentar com farrapos e o cabelo despenteado e além disso, contar piadas e vulgares em cima mesa depois de tomar um par de taças. — Replicou Eve com a voz trêmula.

Bewcastle levantou o seu monóculo.

—Seu sarcasmo está fora de lugar, senhora. —Disse em voz muito baixa, mas tremendamente ameaçadora.— Se você não se apresentar, colocará a minha família em interdição judicial. Vai ser comentado que você deve ter algum problema, ou nós, para que a tenhamos ocultado no campo poucas semanas após a celebração do casamento clandestino. Não tem por que sentir uma excessiva avaliação pela maioria dos membros de minha família, entre os quais você também faz parte agora, mas eu esperei que

a filha de um mineiro tivesse um pouco de respeito pelo homem que sacrificou a sua liberdade por ela.

Eve respirou profundamente.

— Foi isso o que ele disse? — Perguntou.

— Por acaso não é o certo? — Bewcastle esperou educadamente por uma resposta e logo prosseguiu.— Use seu senso comum, senhora. Acredito que você o tem em abundância. Aidan tem trinta anos. Usando a Bíblia como referência, ficam uns quarenta anos de vida, nos quais passará casado com uma mulher que se comprometeu a não voltar a ver. É mais do que óbvio que fez um sacrifício.

Eve tomou ar, dispondo-se a responder, mas comprovou que não havia nada que acrescentar. Como negar a evidência? O único argumento que podia usar era que voltar a aparecer na vida de Aidan subtrairia ainda mais a liberdade dele.

— O coronel sabe que você está aqui? — Inquiriu.— Quer que vá com ele para Londres?

— Aidan cumprirá com o seu dever. Como sempre o tem feito. Sempre.

— Então, por que não veio com você? Por que não escreveu ao menos uma carta para mim?

— Acredito, — Respondeu Bewcastle no final.— que se não quer mais se intrometer em sua vida é pelo seu senso da honra. Eu não tenho esses escrúpulos.

Definitivamente, Aidan queria que fosse para Londres, mas achava desonroso pedir-lhe?

— Aidan não sabe que vim — Acrescentou o duque.

— Ele não quer que eu participe da sua vida. Não quer que eu vá para Londres com você, porque está em Londres, não é certo?

— Não me é permitido interferir na vida íntima de nenhum casamento, nem sequer no de meu próprio irmão. Se optaram para não voltar a viver juntos, não consumir o matrimônio e não terem descendentes, que seja assim. Mas sou o cabeça da minha família e farei o que estiver em minhas mãos para impedir que nenhuma desgraça manche nosso nome. Lady Aidan, o fato de se apresentar nas festas pela vitória ao lado do seu marido será uma desgraça para meu irmão, e por extensão, para o resto da família Bedwyn.

Eve passou a língua pelos lábios ressecados. Seria certo? Não sabia nada sobre a aristocracia e o seu senso de honra e de decoro. Mas o duque, que desprezava claramente a ascendência de Eve, não teria ido procurá-la tão longe se a sua presença em Londres não fosse de importância capital. Estava fraquejando em sua determinação? Acabaria indo? Era improvável, pensou soltando uma gargalhada nervosa.

—Traria mais desgraça se fosse para Londres com você, sua excelência. —Disse.— Fui criada e educada como uma dama, mas nenhum dos meus antecedentes, nem a minha formação, nem minha experiência me prepararam para freqüentar os elevados círculos de quem visita Carlton House e conversam com aquelas pessoas próximas ao príncipe de Gales. Você escolhe a desculpa que mais o agrada, por exemplo que estou indisposta, que tenho outros deveres que não posso escapar, que sou a idiota do povo: o que mais gostar. Não serei contra.

—É assim como você demonstra a sua gratidão por meu irmão?

Eve ficou olhando-o com os lábios apertados.

—Logo — Prosseguiu o duque.—, daqui a dois anos no mais tardar, Aidan ascenderá a general. Chegará ao

pináculo de sua carreira e colherá sem dúvida a honra e a glória. Se se comportar com sensatez e continuar se sobressaindo como sempre tem feito, será recompensado com títulos e bens próprios. Você vai obstruir a sua ascensão até o topo, lady Aidan? Manchando a sua reputação, você lhe arrebatará algo que valoriza mais do que a sua própria vida. Refiro-me à honra.

O coronel não havia lhe dito nada sobre aquilo, por que não era certo ou porque era muito cavalheiro para dar-lhe a entender que o casamento tinha desbaratado todos os seus projetos? Como ia saber? Como podia saber o que realmente queria Aidan?

—É totalmente ridículo. É absurdo. Será impossível fazer o que me pede sem me expôr ao ridículo e, portanto, sem expôr ao ridículo o coronel Bedwyn.

—Teremos o tempo exato de lhe ensinar o ABC, lady Aidan. —Replicou Bewcastle.—Esperamos que você seja uma boa aluna. Minha tia é a marquesa de Rochester. Será ela a madrinha em sua apresentação à rainha. Ajudará você a escolher um vestuário conveniente para a suas diferentes aparições em público, incluído o seu vestido para a corte. E a orientará em todos os aspectos da urbanidade para os quais a sua educação não a tenha preparado. Chegaremos a tempo para que você compareça à apresentação no palácio e a um baile em Bedwyn House, onde será apresentada à aristocracia selecionada, antes do jantar em Carlton House e às demais celebrações festivas que deverá participar junto com Aidan. Só resta uma pergunta. Ou, então, duas. Você se sente suficientemente agradecida para fazer isso por seu marido, embora não tenha sido ele quem o pediu? E tem a coragem necessário para fazê-lo?

Fez-se um silêncio interminável, que Bewcastle não demonstrou querer romper.

—Se eu ao menos soubesse o que é o que ele quer realmente... —Disse Eve.

Houve um novo silêncio prolongado.

—Muito bem. — Murmurou Eve no final. Passou a língua pelos lábios antes de prosseguir, com a voz mais firme.—Devo ao coronel Bedwyn o meu lar, os meus bens e o bem-estar de muitas pessoas que dependem de mim. Acima de tudo, devo os meus filhos, que para mim valem mais do que a vida. Se umas poucas semanas em Londres podem evitar a censura de seus pares, darei a ele essas poucas semanas. Mas o farei por ele, não por você. Não se preocupe: não deverão me repreender por todas as horas do dia. Farei o melhor que puder, mas unicamente pelo coronel Bedwyn.

—Ninguém pode lhe pedir mais do que isso, senhora. — Disse o duque.— Suponho que a estalagem que vi na rua do povoado é a melhor hospedagem dos arredores, não é assim?

—Assim o é. — Respondeu Eve.

—Eu teria jurado. —Acabou o chá, pousou a xícara e então ficou em pé— Esteja pronta para partir quando retornar amanhã pela manhã, lady Aidan.

Era uma ordem pura e simples. Eve teria ficado encantada se as Três Plumas fosse famosa por suas pulgas e ratos, e não por sua insípida comida.

Aidan voltava de um passeio a cavalo por Hyde Park com Alleyne e Freyja e se sentia moderadamente contente. Nesse dia se encontrou com numerosos conhecidos, inclusive com alguns colegas militares. Os temas das

conversas tinham sido os mais díspares, mas ninguém tinha mencionado o seu casamento. De modo que Wulf tinha se equivocado: não era público e notório. Não ia provocar nenhuma situação embaraçosa e portanto não haveria escândalos. Alegrava-se de ter decidido não comunicar a novidade aos seus irmãos.

Sentia-se na plenitude das suas forças. Na família sempre se montou a cavalo de maneira selvagem, inclusive as garotas. Os três tinham percorrido várias vezes sem parar em um rápido galope a reta principal de Rotten Row, em vez de andar com melindre —conforme as palavras de Freyja— como fazia a maioria dos homens, mais preocupados com a sua pose e para impressionar os transeuntes, do que para se exercitar e pôr em forma os seus cavalos.

Quando chegaram a Bedwyn House, Fleming, o mordomo de Bewcastle, estava no vestíbulo. No dia anterior tinha retornado de Lindsey Hall com vários criados e montanhas de bagagem.

—Bewcastle já chegou? — Perguntou Freyja, tirando o chapéu de montar e agitando a sua rebelde cabeleira. No dia anterior Wulf partiu sem lhes dizer nada. Freyja tinha comentado com descaramento que tinha ido diretamente para a casa de sua amante para só então viajar para Londres.

—Já chegou, milady. — Respondeu Fleming com uma de suas reverências.— Solicitou que o coronel Bedwyn vá vê-lo imediatamente na biblioteca e que você e lorde Alleyne se reúnam com eles para tomar um chá dentro de meia hora na sala de estar.

—“Solicitou” — Disse Alleyne lentamente com uma gargalhada.— “Imediatamente”. Creio que tem problemas, Aidan. Pelo menos para mim e Freyja concedeu-nos o

tempo de lavar as mãos antes de nos apresentar-mos à sua augusta presença.

O mordomo o acompanhou até a biblioteca, chamou delicadamente à porta com os nós dos dedos e se afastou para dar passagem a Aidan.

Eve estava sentada a um lado da lareira, vestida de cinza, com o cabelo recolhido em um coque severo por trás da nuca. Tinha a tez pálida, doentia, e parecia mais magra. Eve ficou em pé e olhou-o com os olhos muito abertos e os lábios apertados. Então percebeu de soslaio outra presença. Bewcastle levantou-se nesse momento de um sofá. Aidan voltou-se para olhar a seu irmão.

—O que significa isto?— Perguntou-lhe.

—Isto? —Replicou Wulf com fingida altivez.— Lady Aidan é um ser inanimado, Aidan? Trouxe a sua mulher.

—Então foi para lá? Para Ringwood? Contra a minha ordem expressa?

O duque franziu o cenho.

—Pobre de mim! Desde quando o meu irmão mais novo me dá ordens? Creio que está me confundindo com um dos seus recrutas.

—Tenho o poder de decidir sobre o que minha esposa deve fazer. —Disse Aidan dando um passo na direção do seu irmão em tom de ameaça— Disse que devia ficar em Ringwood. Disse a você que não a queria aqui. E disse que não ia mudar de opinião.

—Talvez se interesse em saber, —Replicou Bewcastle em voz baixa, que nem lady Aidan nem eu estamos surdos, Aidan, pelo menos suponho que a dama não está. Seria bom guardar essa voz para o campo de batalha. Já expliquei que é necessário que sua mulher esteja ao seu lado nas semanas vindouras. Não tenho intenção de repetir a

explicação. Os assuntos de minha família são da minha inteira competência.

—Faça com que a levem de volta para sua casa. — Disse Aidan gélidamente.— Agora mesmo. Ou, melhor, serei eu quem vai levá-la.— Girou sobre os seus calcanhares e se dispôs a sair do aposento e, zangado como nunca, possivelmente desde a sua última licença e o seu choque contra a despótica e inamovível vontade de Bewcastle.

Com a extremidade do olho percebeu um movimento e, quando voltou a cabeça, viu que sua mulher voltava a se sentar com as costas rígidas, os olhos fixos no chão, o rosto pálido como o papel e sem expressão. *Maldição, o que havia dito diante dela?* Estava tão furioso... Ficou de pé olhando-a.

— Chegou agora, senhora? — Perguntou-lhe gratuitamente—Fez todo o trajeto hoje?

Ela foi levantando a cabeça devagar até que encontrou com os olhos de Aidan. Os dela careciam de expressão.

—Rogo aos dois — Disse Eve com secura.— que verifiquem o nome da estalagem de onde partirá a próxima carruagem carro em direção a Oxfordshire. Vou precisar apenas de uma carruagem preparada para chegar até a estalagem. Talvez vocês tenham a cortesia de mandar chamar um imediatamente. Qualquer um de vocês dois.

—Senhora, — Começou Aidan.— rogo-lhe que me desculpe. Eu não pretendia....

—Imediatamente. — Voltou-se para ficar de pé.

Aidan lançou um olhar furioso para Bewcastle, mas seu irmão se afastou com indolência, como se tudo aquilo não fosse culpa dele.

—Quem sabe — Tentou Aidan.— deveríamos... Possivelmente deveríamos deixar que os ânimos esfriem e

falar um pouco.

—Se eu esfriasse ainda mais, eu me converteria em um iceberg. Vou embora. Subirei para procurar a minha bolsa de viagem. Quando descer, espero encontrar um cocheiro na porta. Caso contrário, andarei até aparecer um.

Cruzou o aposento em direção de Aidan, descreveu um amplo círculo em torno dele e saiu fechando a porta atrás de si. Nesse momento Bewcastle voltou-se para seu irmão.

—Tem a minha carruagem à sua disposição. —Disse.

—Maldita seja a tua imagem, Wulf.— Disse Aidan ferozmente—, o que eu gostaria de fazer agora mesmo é fazê-lo engolir todos os dentes. Eve quer um carro preparado e isso é o que terá. Deu a volta e saiu com grandes passadas do aposento sem olhar para trás.

=CAPÍTULO ONZE=

Eve não desceu as escadas imediatamente, pois quis dar-lhes tempo para que chamassem uma carruagem de aluguel. Não desejava ter que esperar no vestíbulo até que chegasse o cocheiro. Percorreu a sala de estar da suntuosa suíte a que a tinha sido conduzida pela governanta na sua chegada.

Estava furiosa e se sentia humilhada. Mais furiosa do que humilhada. Furiosa com ele. Furiosa consigo mesma.

“Disse a você que devia ficar em Ringwood”.

Como se fosse um pacote supérfluo, descartado.

“Disse que não a queria aqui”.

Foi de uma franqueza brutal, tendo em conta além disso, que se ela tinha ido até ali foi por ouvir que era o que Aidan queria. Mas já sabia. Nunca tinham pretendido chegar a se amar. Ah, odiava-se a si mesma.

“Tenho o poder de decidir o que deve fazer a minha mulher.”

Como se atrevia! Nunca tinha sido questão do... Como estava enfurecida com ele.

E o duque de Bewcastle. Esteve o dia todo sentado em frente a ela na carruagem —retrospectivamente, se surpreendia que não a tivesse obrigado a ir contra o sentido da viagem— imerso em um arrogante silêncio quase todo o trajeto, falando de sua família e de sua ilustre história quando se dignava a lhe dirigir a palavra, como se ela se tratasse de uma aluna particularmente ignorante e grosseira, necessitada de conhecer as coisas importantes da vida. Não se surpreenderia se ao se cortar, das veias saíssem gelo no lugar de sangue. Era um homem repugnante.

A espera era interminável. Queria voltar imediatamente para Ringwood. Para começar, por que tinha ido? Havia sido uma barbaridade deixar as crianças. Becky tinha se pendurado no seu pescoço, incapaz de pronunciar uma palavra, inconsolável inclusive diante da promessa de presentes. Davy olhou-a em silêncio com um ar de recriminação, como que dizendo que já sabia desde o começo que ela preferiria desfrutar os prazeres de Londres do que ficar com duas crianças que não eram suas e que ninguém queria depois da morte de seus pais.

Por fim, quando considerou que tinha deixado passar tempo suficiente, recolheu a sua bolsa de viagem —o duque havia lhe dito que não trouxesse mais do que um par de roupas— e se encaminhou lentamente para a escada. Não seria fácil. Esperava encontrar com eles frente a frente no vestíbulo, ombro com ombro, irados, ameaçadores e mal-humorados, dispostos para que cumprisse com o seu dever. Mas só achou um mordomo empertigado e solene, com dois criados, um dos quais em seguida auxiliou-a com o peso da bolsa.

—O cocheiro está me esperando? — Perguntou.

—Sim, milady. —O mordomo se inclinou e abriu as portas da frente.

—E o cocheiro sabe para qual estalagem tem que me levar?

—Sabe, milady.

Passou ao seu lado, atravessou a porta, desceu os degraus e chegou ao terraço erguendo o queixo e contra toda a lógica, pensou que pelo menos poderia ter se despedido dela. E então comprovou que estava lá, que a aguardava de pé junto à porta da carruagem alugada. O cocheiro estava sentado na boléia. Aidan abriu a porta e ela

entrou sem olhar para ele, nem se apoiar na mão que ele lhe estendia. Estava decepcionada com ele. Enormemente. Em Ringwood tinha começado a apreciá-lo. Contudo, ao mesmo tempo sentia-se culpada e humilhada. Tinha complicado a vida dele indo até ali sem que ele tivesse pedido, quando Aidan acreditava ter se libertado dela para sempre.

Mas então ele também subiu, fechou a porta e se sentou ao seu lado. O assento era estreito. Apertou-se contra o seu braço e sua coxa, o que transformou a frieza de sua ira em calor.

—Se o faz por galanteria, coronel Bedwyn, — Disse.— você está fora de hora. Não necessito que me escolte.

—Apesar de tudo, — Respondeu ele— eu a escolto. Irei acompanhá-la para comprovar que chegou sem percalços na sua estalagem.

Eve desviou o rosto ostensivamente e passou a olhar as buliçosas ruas de Londres, que tanto a tinham maravilhado há menos de três semanas. Seria verdade que tinha passado tão pouco tempo? Parecia que tinha acontecido há séculos, em outra vida. Nenhum dos dois fez o menor esforço para começar uma conversa.

Tinha a intenção de se despedir firmemente dele assim que tivessem chegado ao destino, e dizer que ficasse no carro e retornasse para Bedwyn House. Mas a estalagem The Green Man and Still era tão grande e com um terraço de pedra que fervia com tantos ruídos e agitação que, embora custasse reconhecer, aturdia-a por completo. De modo que não protestou quando o coronel desceu para pegar a sua bolsa, estendeu a mão para que saísse do carro e se dirigiu com os passos decididos para a porta de onde parecia

proceder a maior parte daquele tráfego humano. O cocheiro se afastou. Devia tê-lo pago adiantado.

Eve entrou e permaneceu junto à porta enquanto o coronel falava com o zelador na recepção. A estalagem estava muito mais lotada e buliçosa do que o Pulteney tinha estado, mas era igualmente intimidante à sua maneira. Sentia-se como um camundongo do campo encolhido.

— Reservei um quarto para você. — Disse o coronel quando voltou-se para seu lado.— Está no segundo andar e dá a vista para a rua. Suponho que será um pouco mais tranquilo do que os que dão para o pátio.

—Pagou-o? — Perguntou-lhe.

—É claro.

Abriu a sua bolsa de mão.

—Quanto?

Houve uma pequena pausa.

—Não é necessário que faça isto. — Disse ele.

—Pelo contrário. —Voltou para olhar para ele.— É absolutamente necessário. Graças a você, eu não estou pobre, não é?

A mandíbula dele se retesou. Parecia mais sério do que o habitual.

—Eu cuidarei das necessidades da minha mulher sempre que estiver em minha companhia, senhora. — Acrescentou.

—Isso inclui a minha necessidade de ser tratada com respeito?— Inquiriu, fechando a bolsa e abaixando-se rápida para pegar a sua mala.

A mão de Aidan apertou o seu pulso.

—Muito mais do que isso, — Disse.— e vamos chamar a atenção. Se tivermos que discutir, pelo menos façamos isso na intimidade do seu quarto.

—Sou perfeitamente capaz de encontrar o meu quarto se me disser qual é o número. Não quero incomodá-lo nem um segundo a mais em todo o resto da sua vida, coronel Bedwyn.

Mas ele havia se voltado para pegar a sua mala e afastou dela com longas passadas em direção à ampla escadaria de madeira. Eve começou a andar rápido atrás dele, tendo pouca habilidade em evitar os hóspedes e criados. Subiram ao segundo andar e percorreram um imenso corredor antes de parar diante do quarto que havia no final. Aidan abriu-o e deixou Eve passar. Não era amplo nem tinha adornos e nem estava lotado de móveis, por isso não se parecia em nada com o Pulteney. Somente havia uma grande cama, uma cômoda, uma bacia e uma cadeira. O ruído procedente da estalagem pareceu diminuir em parte quando Aidan entrou atrás dela e fechou a porta.

Não tinha que ter entrado. Eve tirou a touca e as luvas e depositou-as sobre a cômoda, de costas para ele.

— Por que veio? — Perguntou Aidan.— Ou nós dois não sabemos? Bewcastle foi procurá-la a pouquíssimas pessoas podem resistir aos desígnios de Bewcastle quando toma uma decisão. Como a persuadiu?

—Não importa. — Disse ela.— Amanhã estarei de volta a Ringwood e você não voltará a ter notícias minhas, nem me verá nunca mais. Nem eu a você. O dia de hoje só lhe custará o quarto de estalagem e uma carruagem de aluguel.

—O pior de tudo, —Prosseguiu ele.— é que não consigo recordar o que eu disse exatamente a Wulf quando a vi na biblioteca e compreendi o que meu irmão tinha feito. Creio que foi algo parecido a deixar você onde estava.

Eve se dirigiu para a janela, o mais afastada possível dele, e pôs as mãos no parapeito. Abaixo dela uma carruagem com quatro cavalos reduzia o passo da cavalgada, preparando-se para entrar no pátio da estalagem.

—Disse — Recordou-lhe.— que não me queria ali. É compreensível, eu tampouco queria estar ali. Fazia parte do nosso acordo que nenhum dos dois passaria na companhia do outro mais tempo do que o estritamente necessário.

Ouviu que depositava a sua mala. Não queria se voltar. Vestia o uniforme, o velho, quase puído, e tinha um aspecto muito imponente em um espaço tão reduzido.

—Mas as minhas palavras foram mal escolhidas e descorteses —precisou.— Não quis dizer exatamente o que pôde parecer.

—E acrescentou que tem o poder para dizer à sua mulher o que tem que fazer. — Prosseguiu Eve, voltando-se a fim de olhá-lo acusadoramente. Isso foi mais do que desprezível, coronel. Nós nos casamos por conveniência mútua. Nos separamos com a firme intenção de jamias voltar a nos ver. Nunca tínhamos exposto a sua supremacia e a minha subordinação, pelo simples fato de que eu não sou a sua mulher. Não de uma maneira que seja importante.

Ele também estava se zangando. Pôde perceber pela tensão na mandíbula e em seus olhos entrecerrados.

— Talvez, senhora, — Disse—, é nisso que cometemos um erro.

—Um erro?

—Em concordar com um casamento puramente nominal. —Mencionou.— Pelo menos deveríamos tê-lo convertido em um matrimônio real, embora fôssemos passar o resto das nossas vidas separados. Assim não haveria

ridículas discussões sobre se você é realmente a minha mulher ou não, sobre se devo pagar algumas das suas contas ou não, sobre se tenho o direito de ordenar a meu irmão que a deixe em paz ou não. Deveríamos ter levado nosso matrimônio até a sua conclusão natural.

Eve olhou-o com as bochechas ruborizadas. Mas, durante os preciosos segundos que deveria ter aproveitado para procurar as palavras para expressar a sua indignação, demorou no efeito físico do que havia dito Aidan: uma certa perda do fôlego, um endurecimento dos seios, um latejamento incômodo entre as coxas e em seu interior e a fraqueza dos joelhos.

—Teria sido um equívoco. — Disse ela.— Nenhum dos dois queria isso.

—Equívoco? Somos marido e mulher — Replicou ele asperamente— e nos casamos faz poucas semanas. Os homens e as mulheres, especialmente os casados, vão juntos para a cama e satisfazem certas necessidades. Alguma vez as teve?

Eve lambeu os lábios e tragou a saliva. Teria ficado encantada se a janela estivesse aberta. Não havia ar no quarto.

Ele lançou uma exclamação de impaciência e, rodeando o canto da cama, atravessou o aposento com os passos decididos em direção a Eve. Ela se recostou firmemente contra o parapeito da janela e se segurou com ambas as mãos. Ele se plantou de pé, com as pernas separadas, e levantou as suas grandes mãos para segurar o seu rosto. Eve fechou os olhos enquanto a boca de Aidan descia para a sua, uma boca fechada, dura, que pressionou os seus lábios dolorosamente contra os dentes. Mas quase imediatamente a pressão se suavizou quando ele separou

os lábios e tratou de separar os dela com a língua, o que lhe provocou uma sensação violenta no local e uma pulsação ainda mais surda entre as suas pernas.

Quando Eve entreabriu os lábios e logo os dentes, Aidan introduziu a língua na boca dela e explorou a sua superfície com a ponta. Com uma mão a sujeitava pela nuca, mantendo-a perto dele.

A primeira idéia consciente que ela teve ela foi que estava se comportando com deslealdade, mas contra quem? O coronel Bedwyn era seu marido. Estava casada com ele. Se não fazia isso com ele agora, não tornaria a fazer com ninguém. Nunca mais. A ideia trouxe consigo um anseio desesperado. Elevou as mãos até abraçar Aidan pelos ombros. Eram incrivelmente largos e musculosos, inclusive tendo em conta a grossa capa militar que vestia. Eve devolveu o beijo inclinando a cabeça, abrindo mais a boca, tocando-lhe a língua com a sua. Deixou-se levar pelo desejo.

E a paixão os arrastou. Aidan tinha afastado as mãos da cabeça dela. Com um braço a agarrava pela cintura. A outra mão estava estendida atrás de seus quadris. Atraía-a com firmeza para si, e a consciência das suas pesadas botas de couro, das suas coxas duras e musculosas e sua masculinidade cortava-lhe o fôlego. Segurou-o pelo pescoço com as mãos e arqueou o corpo para colar ao dele, tratando desesperadamente de se aproximar mais e mais....

Quando Aidan levantou o rosto e a olhou, estremeceu ao pensar o que estava ocorrendo e com quem. Seu nariz aquilino dava-lhe um ar tão sério e áspero como sempre. Deveria ter se assustado um pouco, inclusive repellido. Mas, em lugar disso, sentiu-se mais excitada, e mais ainda

quando olhou em seus olhos de grossas pálpebras e viu neles uma paixão idêntica à sua.

— Vamos consumir este nosso casamento sobre a cama que há nas minhas costas. — Disse ele.— Se não quiser, diga agora. Não se trata de nenhuma ordem.

Não fazia parte do trato. Naquele tempo, tinha parecido fundamental —aos dois— que o casamento fosse puramente nominal, separar-se o quanto antes depois da cerimônia. Já não recordava porquê. Faria isso depois, quando pudesse pensar. Mais tarde detestaria a si mesma se agora continuasse e se abandonasse à luxúria mais absoluta. Mas por que? Se houvesse uma razão, não lhe ocorria qual poderia ser. Além disso, eram marido e mulher.

—Quero. — Respondeu, surpreendida com a sua voz rouca. Mas quase ao mesmo tempo levantou uma mão ameaçando-o para que parasse.—Antes, há algo que deve saber.

Esteve a ponto de perder a coragem e voltar atrás. Ele arqueou as sobrancelhas.

—Não sou virgem.

Aidan ficou muito quieto e buscou os seus olhos com o olhar enquanto ela escutava estupefata o eco da sua própria voz. Na vida tinha ocorrido que teria que confessar isso a ele.

—Ah. — Disse enfim, com muita suavidade.— Parece-me justo. Eu tampouco o sou.

Foi o último momento de racionalidade e prudência durante um longo momento.

Sem deixar de abraçá-la, voltou-se e afastou a colcha. Abriu botões da capa dela, presa somente na nuca e jogou o objeto para um lado. Fez Eve cair sobre a cama, tirou os sapatos e as meias dela e levantou o vestido lentamente

pelas pernas, por cima dos quadris. Sentou-se por um momento para tirar as botas e se desfez da jaqueta deixando-a com o forro para fora. Desabotoou os calções por cima e deitou-se sobre ela.

Eve sentiu que lhe cortava o fôlego com o seu peso. Aidan passou as mãos por debaixo do seu corpo e a levantou, inclinando-a e penetrou em seu interior com uma investida firme. Eve puxou todo o ar que pôde. Ele era tão grande e duro que se sentia dilatada e satisfeita até quase sentir dor.

Quase.

Abraçou Aidan com força e levantou as pernas para rodear o seu corpo. Ouviu alguém gemer e pensou que provavelmente fosse ela.

Ele descarregou parte do seu peso sobre os antebraços e logo começou a se mover, retirando e pressionando para dentro e para fora, uma e outra vez, com um ritmo tão firme e rápido que parecia perfeitamente natural acoplar-se a ele, esticar e relaxar os músculos internos com a mesma cadência. Logo ouviu as respirações roucas, provenientes das duas gargantas, e sentiu a cópula se umedecer. Cheirava a colônia, a macho e a algo mais, algo cru, excitante, indecifrável.

O desejo doloroso que a havia torturado desde o começo se centrou nesse ponto, onde ambos procuravam na busca de um prazer frenético. Logo foi mais do que uma dor. Foi um desejo e uma aflição indolor que atormentou-a da cabeça aos pés, em ondas que a percorriam do centro — o centro em que convergiam ambos— até o exterior. Tornava-se insuportável. Mas no mesmo momento em que pensava nisso, lançou um grito e tudo pareceu estalar como

se ocorresse uma explosão em seu interior. Entretanto, em lugar da dor, o que encontrou foi uma paz profunda.

Ele emitia um grunhido um pouco parecido e voltou a cair sobre ela, que sentiu ao mesmo tempo um jorro de calor em suas entranhas. Ele estava quente e coberto de suor, da mesma forma que ela.

Aidan se afastou rodando, embora sem deixar de enlaçá-la, e ficaram deitados cara a cara, olhando-se. Era o coronel Bedwyn, recordou boba, e lembrou a vívida imagem da primeira vez que o tinha visto na sala de espera de Ringwood, alto, forte, moreno e intimidante. Mas estava muito cansada para digerir o que acabava de ocorrer ou compreender por que tinha tido tanto prazer. Estava mais cansada do que nunca esteve em toda a sua vida. Os olhos se fecharam.

Pensou, enquanto entrava flutuando no sonho, que lamentaria alguma coisa quando despertasse. Ou então ele. Certamente. Mas pensaria nisso mais adiante.

Na estalagem The Green Man and Still o desfile das carruagens era incessante. Viajantes, hóspedes e criados iam incansavelmente de um lado para o outro, com uma grande demonstração de ruídos e energia. Em lugar de aproximar-se dos seus interlocutores, os homens falavam aos gritos. Era o jovial alvoroço que Aidan sempre tinha associado com a Inglaterra e no que pensava com nostalgia quando se afastava da sua costa.

Estava sentado na sala de refeições, jantando com a sua mulher. Não havia perigo de que fosse ouvida a sua conversa: o barulho do ambiente dava-lhes bastante intimidade, embora não tanta como queria Aidan. Comportavam-se como estranhos bem educados, e isso poderia parecer a quem não os olhasse de perto.

Perguntou-se se o toque de rubor nas bochechas de sua mulher ou o inchaço de seus lábios, o ligeiro cansaço de suas pálpebras, seriam tão patentes para um estranho como o era para ele de que acabavam de se levantar da cama depois de um apaixonado encontro sexual.

Ainda não podia acreditar no que tinha acontecido, que os dois tivessem querido que ocorresse.

—Como as crianças receberam a notícia de que vinha? —Perguntou-lhe.— Não teve medo de vir?

—Medo não. — Replicou ela.— Pouca vontade, na verdade. Esperava ficar duas semanas aqui. Mas estão seguros e bem cuidados. Não acredito que se sintam tão inseguros como da última vez. Tia Mary adora mimá-los. Agora está ensinando Becky a tecer. E o criado Johnson e Thelma são muito carinhosos. O pastor Puddle faz muitas visitas e se conquistou o carinho das crianças.

Por estranho que parecesse, Aidan se emocionou ao ver o apego de Eve para com os dois jovens órfãos que não eram absolutamente responsabilidade dela. Mas só compreendeu completamente depois do casamento que eram de importância capital para a vida de Eve, que sem eles teria reagido de outra maneira à sua proposta.

—E sua tia está bem? — Inquiriu.

—Sim, obrigado. Adorou a minha decisão de me vir a Londres —Começou a rir.— Apesar de que o duque não soltou em nenhum momento o seu monóculo para ouvir o seu sotaque galês quando os apresentei.

— Por que decidiu vir? — Perguntou ele de novo.— Sei que Bewcastle pode ser muito persuasivo, mas você não me parece uma mulher sem força de vontade.

Eve brincava com uma colher que não tinha usado.

—Convenceu-me de que seus pares censurariam você se eu não fosse.

—Pouco me importam os meus pares .— Disse ele.

—Não, não acredito. —Eve franziu o cenho.— Você sempre faz o que considera justo, mesmo à custa do sacrifício pessoal. Nosso casamento é uma boa prova disso. Parece que o dever é tudo para você. Se seus pares fizessem uma idéia equivocada sobre o fato de vivermos separados e acreditassem que se envergonha de mim depois de termos nos casado impulsivamente, razão pela qual teria me abandonado sem contemplações em uma espécie da prisão do campo, o julgariam como um homem sem honra. Essas fofocas lhe incomodariam, embora soubesse que eram infundadas.

Talvez tivesse razão, reconheceu Aidan para si mesmo.

—Assim veio me salvar. — Disse— Converteu-me em seu novo caso perdido.

Eve levantou o olhar para ele, e um vestígio do seu aborrecimento anterior retesou a sua mandíbula.

—Devia fazer por você o que você fez por mim. — Declarou—Quando achou conveniente que meus vizinhos nos vissem juntos, à vontade, carinhosos e respeitosos, ficou em Ringwood e suportou por mim o tédio de uma festa campestre. De acordo com o combinado não me devia nada, e entretanto o fez. Eu vim aqui para fazer o mesmo por você.

—Mas para você o incômodo ia durar mais de um dia —Assinalou ele.

—Umas poucas semanas, eu esperava. — Respondeu ela—Possivelmente até um mês. Tinham que me preparar cuidadosamente. Segundo o duque, sua tia ia se encarregar disso.

—Tia Rochester?

—Sim. —Girou uma vez e outra a colher sobre a mesa.— Não sou uma lady de nascimento e só sou em parte pela educação. Fui criada e vivi a maior parte da minha vida no campo, entre pessoas nobres, mas que de maneira alguma fazem parte da fina flor e nata da aristocracia. Não sei nada sobre a moda e as maneiras da cidade. Não sei absolutamente nada de como teria que me comportar diante da alta sociedade ou do que se espera da mulher do herdeiro de um duque. Teria que aprender para que me apresentassem à rainha sem cair em desgraça e para que me apresentassem em um baile em Bedwyn House sem perder a compostura, nem cometer uma terrível gafe. E logo teria que assistir a todas as celebrações da vitória ao seu lado, comportando-me como lady Aidan Bedwyn deve fazer.

Não se surpreendeu de que houvesse uma inflexão amarga em sua voz. Aidan ardia em desejos de soltar uma maldição.

—E Wulf disse tudo isso sem medir as palavras, suponho. —Disse.

—Eu não gosto do duque. — Replicou ela.—De fato, acredito que o que sinto por ele vai além da aversão. Mas pelo menos respeito a sua franqueza. Diz o que acredita. Não diz uma coisa e ao mesmo tempo dá a entender outra.

—Sobre o que aconteceu lá em cima nesta ... — Começou a dizer Aidan.

Eve tampou a colher com a mão, fazendo-a desaparecer da sua vista, e agitou a cabeça.

—Não importa. — Disse— Talvez seja como disse. Tínhamos que fazê-lo, para acabar o que tínhamos começado, para dizer dessa maneira. Não importa. E não posso fingir, é claro, que não desfrutei. Deixemos assim.

Fazia muito tempo que Aidan não possuía uma mulher. A última ocasião tinha sido em algum lugar da Espanha, antes da travessia dos Pirineus no inverno pelos exércitos de Wellington, antes que seu acordo com a senhorita Knapp se convertesse em algo que incluía uma promessa no futuro. Mas não podia pretendia dizer que se deitou com a sua mulher só para apaziguar o seu furioso apetite sexual. Tinha feito, como acabava de dizer Eve, para acabar uma tarefa. E, ao que parecia, para pôr um ponto final.

—Sua carruagem sai às sete da manhã. — Disse ele.

—Sim. —Elevou o guardanapo do seu colo e o posou sobre a mesa, junto ao prato.— Devo me deitar cedo. Foi um dia muito longo.

— Permita-me que a acompanhe até a sua casa. — Disse ele—Alugarei uma carruagem privada. Será mais cômodo do que na diligência.

—Não. Obrigado.

—Então eu lhe farei companhia na diligência.

Ela negou com a cabeça.

Aidan ficou olhando-a, exasperado. Como ia deixar que fosse embora sozinha? Tinha viajado até ali por ele, maldição. E maldito Bewcastle, que fosse para o inferno.

—De qualquer maneira, você não teria gostado. — Afirmou— Da vida em Bedwyn House, da temporada social e tudo isso.

—Não esperava gostar. — Repôs ela.— Não vim aqui para me divertir.

— Seria impossível. Bewcastle, tia Rochester, até Freyja e Alleyne. Não poderia combinar com eles ou estar à altura das suas expectativas.

—Impossível? —Olhou-o com o cenho franzido.— Não poderia?

—Peço-lhe perdão pelos incômodos que lhe causamos hoje, —Continuou Aidan.— e pelo tédio de outra longa viagem amanhã. Mas no final das contas será mais feliz em seu lar, em Ringwood. Não poderia dominar todas as lições em tempo.

—Não poderia?

A calma em sua voz acabou por colocá-lo em alerta.

—Em qualquer caso, não poderia satisfazer Bewcastle plenamente. Nem tia Rochester. Estão no topo da escala social.

—Você não está, coronel?

Inclinou-se um pouco para ela.

—Acredito que nós dois compreendemos — Acrescentou— que somos de mundos distintos. —Repôs.— Um não é necessariamente superior ao outro. Simplesmente são diferentes. Bewcastle se equivocou ao convencê-la a de que viesse para cá. Se ficasse aqui sofreria muito. O que é natural para mim, para Bewcastle ou para minha irmã, não é absolutamente natural para você. Isso não....

Mas tinha ficado sem auditório. Eve jogou a sua cadeira para trás e ficou de pé. Ele também se levantou, arqueando as sobrancelhas.

—Chame uma carruagem de aluguel, coronel Bedwyn, — Disse ela— vou retornar para Bedwyn House nesta mesma tarde. Não há tempo para perder. Tenho que preparar uma recepção na qual me apresentarão à rainha, um baile e muitas outras atividades sociais, inclusive um jantar de gala em Carlton House.

Aidan permaneceu contemplando-a por um bom momento. Embora falasse devagar e parecesse

perfeitamente dona de si mesma, de modo que não atraía a atenção indiscreta de nenhum hóspede do salão de refeições, Aidan percebia claramente que estava furiosa.

—Não acredito que seja uma boa escolha, senhora. — Disse.

—Nesse caso, — Disse Eve, levantando o queixo com um gesto ameaçador— deverá usar da sua prerrogativa de marido, coronel, e me ordenar que retorne para a minha casa. Faça-o e terei o prazer de desafiá-lo abertamente. Vai chamar uma carruagem logo, ou tenho que fazê-lo eu?

Que tudo vá para o diabo! Esse assunto que já durava três semanas não ia acabar de uma vez? Aidan se afastou com grandes passadas sem acrescentar uma palavra, enquanto respondia a sua própria pergunta. Não, não ia acabar. Pelo menos enquanto vivessem.

Supôs que Eve subiria para procurar a sua mala, enquanto ele chamava um cocheiro. Não se voltou para comprovar.

=CAPÍTULO DOZE=

Um dos criados que estavam de serviço no vestíbulo de Bedwyn House informou ao coronel Bedwyn que a família ainda estava jantando. O coronel respondeu que os esperaria na sala de estar, ao mesmo tempo que agarrou Eve pelo cotovelo e se dirigia para a escada. Mas o criado pigarreou discretamente.

—Acredito que sua excelência tinha previsto sair depois do jantar, milord. — Mencionou—Lady Freyja e lorde Alleyne irão ao teatro.

—Então vamos interrompê-los enquanto jantam. — Disse o coronel com brutalidade.— Diga a Fleming que anuncie a nossa chegada.

O único comentário que o criado fez foi levantar as sobrancelhas quase um centímetro. Logo deu a volta e os precedeu. Eve estava presa com firmeza no cotovelo pelo coronel e tratava de se acalmar respirando fundo em silêncio. A fúria e o acesso de altivez que há menos de meia hora tinham feito com que saísse da estalagem The Green Man and Still, subisse na carruagem de aluguel e entrasse em Bedwyn House, estavam se dissipando rapidamente, assim como a falsa valentia. O coronel Bedwyn não havia dito uma só palavra até que entraram no vestíbulo e conversou com o criado. Contentou-se em demonstrar que estava furioso.

O criado bateu na porta, presumivelmente da sala de refeições, e murmurou algo no ouvido do mordomo quando este abriu a porta, e logo deu meia volta e se encaminhou para o vestíbulo. O mordomo tinha levantado as sobrancelhas vários centímetros.

—Lorde e lady Aidan, sua excelência. — Anunciou, afastando-se para deixá-los entrar.

A sala era um aposento longo e de teto alto, ocupado em sua maior parte pela mesa. Eve pensou imediatamente em grandiosidade. Reparou no lustre de ouro e cristal que estava pendurada no teto abobadado e coberto de afrescos, e na porcelana, faqueiro e prataria de grande elegância que resplandeciam sobre a mesa à luz das lâmpadas. Embora, na realidade, a sua atenção se centralizou sobretudo nas três pessoas que estavam sentadas à mesa. O duque de Bewcastle já conhecia. À sua esquerda sentava-se alguém que não podia ser outro senão seu irmão, embora fosse mais bonito do que o duque e o coronel. A mulher sentada à direita do duque tinha o nariz característico da família, uma formosa cabeleira ondulada e loira, que contrastava com as sobrancelhas muito mais escuras, e a pele morena. Os três estavam vestidos elegantemente e respondiam ponto por ponto à idéia que Eve tinha da aristocracia. Se tais expectativas pudessem se resumir em uma só palavra, esta teria sido “arrogância”.

Os dois cavalheiros se levantaram.

—Ah. — Exclamou o duque, com uma certa altivez e balançando imediatamente o seu monóculo.

—Lady Aidan? — Perguntou o mais jovem.

A senhora se limitou a olhá-la arqueando as sobrancelhas.

—Tenho a honra — Disse o coronel Bedwyn.— de lhes apresentar lady Aidan Bedwyn, minha esposa. Lady Freyja Bedwyn, a mais velha das minhas duas irmãs, e lorde Alleyne Bedwyn, meu irmão mais novo.

Lady Freyja levantou ainda mais as sobrancelhas e esquadrinhou Eve da cabeça aos pés, fazendo com que se

sentisse incômoda com a sua roupa de viagem, que estava limpa e bem cuidada, mas muito distante do que havia de melhor em matéria de tecidos ou da moda intensamente atual, ou pouco apropriada para ser uma roupa da tarde.

—Maldição, Aidan! — Exclamou lorde Alleyne, soltando uma gargalhada que o tornou ainda mais bonito do que tinha parecido em um primeiro instante. Logo olhou para Eve com a mesma franqueza com que fazia sua irmã, embora com os olhos risonhos.—Aconteceu hoje?

—Na realidade, já se passaram quase três semanas.
— Mencionou o coronel.— Com uma licença especial.

Lorde Alleyne aproximou-se deles com grandes passos.

— Antes que viesse para Lindsey Hall. — Disse, olhando para Eve.— E não nos disse nenhuma só palavra. Pergunto-me porquê. —Voltou a rir e fez uma reverência elegante dirigida a Eve.— A seu serviço, lady Aidan.

—Lorde Alleyne .— Murmurou Eve, inclinando-se por sua vez.

—Esqueça do “lorde”. — Ele indicou.— Para você serei Alleyne. E nós, como podemos chamá-la? Não irá insistir para que chamemos a sua mulher com uma formalidade excessiva, verdade Aidan? No final das contas, é nossa cunhada.

—Meu nome é Eve. — Disse ela.

—Eve. —Alleyne sorriu.— Tentou Aidan com uma maçã? Por que nosso irmão ocultou para nós a sua existência?

De perto, o seu sorriso era ambíguo. Custava decifrar se era motivado por seu bom humor ou se era malicioso. Estava dando as boas vindas e mostrando-se cordial como

um irmão ou zombava dela? Duvidava que não pudesse responder às suas próprias perguntas.

—Chegaram um pouco tarde para o jantar. —observou o duque— Sentado à cabeceira da mesa.

—Já jantamos. —Informou o coronel com brutalidade.

—Ah. —Disse sua excelência.— Mas tomarão uma taça de vinho conosco. Alleyne, lady Aidan vai se sentar ao seu lado.

Alleyne estendeu o braço e Eve apoiou-se nele. Parecia que Wulf não tinha a intenção de comentar o fato de que ela tinha retornado. Tampouco ia seguir o exemplo do seu irmão e chamá-la por seu nome. Enquanto se dispunha a ocupar seu o lugar na mesa, sentiu que o pânico a tomava. Pouco antes, o coronel havia dito que pertenciam a mundos diferentes. O mais certo a dizer é que pertenciam a universos diferentes

—Que curioso que não seja uma surpresa para Wulf. —Comentou lorde Alleyne ajudando Eve a sentar-se.— Querida Freyja, acredito que não nos considerou dignos de sabermos de um dos acontecimentos familiares mais deliciosos da última geração. Mantiveram-nos à margem.

—Lady Aidan, —Disse lady Freyja com frieza e altivez, enquanto o coronel se sentava junto a ela.— posso lhe perguntar com quem exatamente Aidan se casou? Não acredito que tenhamos nos conhecido antes, não é certo? Conhecemos a sua família? Reconheceríamos o seu sobrenome se o ouvíssemos?

—Estou certa que não. —Replicou Eve, olhando os olhos desdenhosos de sua cunhada.

—Minha esposa era a senhorita Morris, de Ringwood, Oxfordshire. —Explicou o coronel Bedwyn— Tornou-se a

proprietária após a morte de seu pai, que faleceu recentemente há mais de um ano. O capitão Morris, seu irmão, foi um dos meus oficiais na península Ibérica. Tive o triste dever de levar-lhe a notícia de sua morte em combate.

—Ah, rogo-lhe que aceite os meus mais sentidos pêsames, Eve. —disse lorde Alleyne.

—E se apaixonaram à primeira vista. —Apontou sua irmã, olhando Eve com ironia.— Que romântico.

—Morris? Não, creio que nunca ouvi esse sobrenome.

—O contrário teria me surpreendido. — Replicou Eve com um sorriso.—Meu pai era mineiro antes de casar-se com a filha do proprietário.

Então, pensou, ao mesmo tempo que constatava que a sua cunhada não correspondia ao seu sorriso, que o terreno de combate já estava marcado. Bom, já tinham lhe avisado o seu senso comum e o coronel Bedwyn. A culpa de ter se metido nesse atoleiro era dela.

—Um mineiro.—Lorde Alleyne gargalhou.— Nesse caso é claro que foi por amor. Aidan sempre foi excessivamente minucioso a esse respeito. Além disso, não necessita da fortuna de ninguém, pois a sua é mais do que notável. Sabia, Eve? Poderia me dizer por que olha para seu marido com o rosto sem expressão?

Eve já não estava tão certa de apreciar Alleyne. Não sabia como interpretar o seu bom humor, tão diferente da frieza dos seus irmãos. Pensou que o mais prudente seria fazer caso omissos das suas perguntas e esperar que alguém dissesse algo.

—Lady Aidan, — Disse o duque de Bewcastle enquanto o mordomo servia vinho tinto na taça de cristal.— amanhã pela manhã esteja pronta para acompanhar Aidan e a mim em uma visita a marquesa de Rochester.

Não era uma pergunta, mas de qualquer maneira Eve respondeu.

—Assim será, sua excelência. — Disse.— Tinha tomado uma decisão e a levaria até as últimas conseqüências.

—Tia Rochester? —Alleyne fez uma careta teatral.— Vai soltar ao touro contra Eve, Wulf?

—Terá a tia Rochester a tarefa de educá-la e ser sua mentora, lady Aidan? —perguntou lady Freyja.

—Acredito que vão pedir-lhe que me assessore na minha apresentação diante da rainha, — Mencionou Eve.— e que me aconselhe e guie para que eu possa me desembaraçar de maneira cômoda no mundo do coronel Bedwyn durante as próximas semanas, até que possa retornar para a minha casa a viver a minha própria vida.

—Tia Rochester está à altura de todos os desafios, — Notou lady Freyja.— até dos mais difíceis.

—Sobre isso todos estamos de acordo contigo, — Comentou Alleyne, levantando a sua taça em um brinde para a sua irmã.—Foi ela quem organizou a sua apresentação na sociedade, não é certo? E a terra continuou girando.

Ela lançou-lhe um olhar de desdém.

—Foi um acerto, Freyja, tem que admitir isso. —Disse o duque. Finalmente levantou-se com a taça levantada em suas mãos.—E agora brindemos à saúde do último membro da família, a saúde de lady Aidan Bedwyn.

Não havia calor em sua voz nem em seu olhar. Os outros se levantaram e entrechocaram as suas taças antes de beber, mas o único que a olhou diretamente foi Alleyne. Só ele sorria e lhe piscou um olho.

O rosto do coronel Bedwyn era impenetrável, de pedra.

De repente, a lembrança da tarde que acabaram de passar assaltou Eve, da hora que tinham passado juntos em sua cama da estalagem The Green Man and Still. Tinha realmente acontecido? Se ainda não sentisse os efeitos físicos daquele episódio, acreditaria que se tratava de um sonho estranho, pitoresco. Era o homem que tinha diante si o mesmo de antes? O seu estômago se revolveu.

Na manhã seguinte, ao chegar à casa da marquesa de Rochester, o mordomo informou a Bewcastle que a marquesa não tinha saído do seu closet, de uma maneira que revelava a deferência devida à sua classe social, mas que ao mesmo tempo continha uma recriminação. Naturalmente, a boa educação ditava que essa hora da manhã não era a mais apropriada para se fazer uma visita social, nem sequer da parte de uma pessoa com tanta relevância como o duque de Bewcastle.

—Ficaria desgostoso em esperar no salão rosa, sua excelência? Milord? — Perguntou o mordomo, dando a entender com o tom de sua voz que o mais conveniente seria que fossem embora e voltassem em uma hora mais respeitável. Deu uma olhada em Eve e pareceu esquecê-la no momento.

Bewcastle se dirigiu para o salão com passos decididos.

— Traga-nos algo para beber. — Ordenou.

Tia Rochester demorou antes de descer. Aidan sentou sua mulher em um canapé e ficou de pé atrás dela. Wulf atravessou o aposento até chegar à janela, onde permaneceu olhando para fora, à praça que havia embaixo. Depois de uns dez minutos, durante os quais

compartilharam as bebidas sem trocar uma só palavra, a porta de duas folhas do salão foi aberta, o mordomo se afastou e a marquesa fez a sua entrada, vestida e penteada para o seu passeio matutino. Na mão direita segurava um binóculo com uma manga extremamente longa, uma das excentricidades sempre costumava ter, conforme recordava Aidan, embora suspeitasse que, como no caso de Wulf e do seu monóculo, enxergasse perfeitamente. Usava um anel com uma pedra preciosa em cada um dos seus dez dedos.

—Bewcastle! — Exclamou ao entrar.— O único desavergonhado capaz de aparecer em uma hora tão inverossímil com a esperança de que o recebam. Mas fez mal. Tenho uma reunião com os meus comitês de caridade e sabe quão rigorosa sou no que se refere à pontualidade. Isso é que uma surpresa! — Levou o binóculo aos olhos.— Trouxe Aidan contigo. Onde está o seu uniforme, meu filho? Vai ter que colocá-lo se quiser que o vejam passear comigo pela cidade. Que sentido tem em termos um sobrinho que é um coronel se não podemos exibi-lo em todo o esplendor da sua farda escarlate, especialmente em um momento histórico como este? Contudo, tenho que reconhecer que conforme passam os anos, cada dia fica mais notável. Quanto tempo faz desde que o vi da última vez? Dois? Três? Quatro? Na minha idade o tempo passa tão rápido que um ano não parece mais longo do que uma semana. E a senhora quem é?

—Tia, — Começou a dizer Aidan ao mesmo tempo em que fazia uma reverência.— tenho o prazer de lhe apresentar a minha esposa, lady Aidan Bedwyn. Meu... — Mas não teve tempo de acabar a apresentação.

—Bendito seja Deus! — Voltou a exclamar, dirigindo o binóculo para Eve.— De que escola você a tirou? Era a

professora de quem?

Ela estava vestida de cinza, como de costume.

—Era a senhorita Morris, de Ringwood, em Oxfordshire — Disse-lhe— É a proprietária, tia.

—De onde diabos você a tirou? — Perguntou. A tia Rochester era famosa pela sua crueldade. O que em outra pessoa seria admitido como um exemplo de má educação imperdoável, em seu caso, se considerava como a excentricidade da filha de um duque e mulher de um marquês.

—Levei para Ringwood a notícia da morte em combate do capitão Morris, o irmão da senhorita Morris. — Explicou.

—E, suponho que pôs-se a chorar amargamente sobre o seu largo peito e a se lamentar sobre a solidão em que ficou imersa. — Disse sua tia com ironia.— Assim que atravessou a soleira do seu lar, farejou a sua fortuna e compreendeu que estava diante de um ingênuo estúpido.

—Tia! —Aidan apertou as mãos e dirigiu-lhe olhar mais severo que pôde. Se a marquesa de Rochester fosse um homem, naquele momento estaria com sobreída o tapete persa e contando as estrelas do teto.—Não posso permitir que....

Mas, uma vez mais, foi interrompido.

—Não sou nem surda nem tola. — Começou a dizer sua esposa com muita tranqüilidade ao mesmo tempo que se levantava.— Tampouco sou retardada mental. Eu não gosto que falem de mim em terceira pessoa, como se eu não estivesse presente. E detesto que me insultem. Comunico-lhe que sou notavelmente rica, senhora, se por acaso isso pode ajudar a dissipar o seu temor de que seu sobrinho tenha sido agarrado por uma caçadora de dotes. Meu pai trabalhou duramente como mineiro, desposou a filha do

proprietário da mina e herdou uma fortuna graças ao seu casamento e continuou trabalhando duro para acumular uma fortuna ainda maior. Fui e sou orgulhosa dele e do meu patrimônio. —Falava com um tom mais suave do que o habitual e, suspeitou Aidan, o fazia deliberadamente.

—Você é galesa! — Disse a tia, como se acusasse de um crime nefasto.

—Tia, —Interveio Aidan, arrogante.— Deve uma desculpa a minha mulher.

Respondeu com uma sonora gargalhada.

—Pirralha sem vergonha!

—Não a trouxe aqui para que a insultassem.

—Sentem-se! — Ordenou de repente a tia.— Os dois. Sentem-se! Você também, Bewcastle, e baixe as sobancelhas e o monóculo. Não me intimidam.

Ninguém se moveu.

—Vocês já estragaram a reunião com o comitê— Disse a tia Rochester— E jamais descuido dos meus deveres para com quem é menos afortunado do que eu. Assim sentem-se e me expliquem a que devo a honra de sua visita. Suspeito que os meus sobrinhos não terão vindo me visitar pela manhã unicamente para me apresentarem lady Aidan Bedwyn.

Eve voltou-se para se sentar e Aidan rodeou o canapé e se sentou junto dela. Bewcastle permanecia de pé junto à janela.

—Lady Aidan deve ser apresentada na corte e na sociedade. Para o bem ou para o mau, é a esposa de Aidan. Além disso, seu nome figura em um convite para o jantar de Estado, em que estarão presentes todos os dignatários europeus que estão de visita em nosso país e que será celebrado em Carlton House. Você será a sua madrinha, tia.

—Sério? — Perguntou-lhe com pedantismo.—Parece-me que afirma muitas coisas como garantidas, Wulfric.

—Com efeito. —Replicou Wulf.— É uma Bedwyn. Terá que colocar lady Aidan em nosso círculo. Não há ninguém mais preparada para essas coisas do que você.

—Terá que levá-la a uma costureira que esteja atualizada com a moda. — Prosseguiu Wulf— Precisa de tudo. Principalmente, terá que fazer com que não vá vestida de meio luto. O cinza não lhe cai bem.

—Por que não vai de negro? — Perguntou a tia Rochester.— Seu irmão acabou de morrer, não é verdade?

—Mandou dizer através de Aidan que não usasse luto por ele. Mas, mesmo que não tivesse dito isso, eu a obrigaria a deixar de usá-lo na sua apresentação para a sociedade. —Disse Bewcastle.—O que fará, tia?

—Pelo visto, — Disse a tia Rochester com um suspiro. — não tenho alternativa. Será um desafio interessante. Nunca tinham me pedido que apresentasse para a sociedade a filha de um mineiro galês. —Dirigiu o seu binóculo para Eve, que se manteve tranquila enquanto durou o exame, embora Aidan temesse que no momento em que menos se pensasse, desse um salto e exigisse que a deixassem partir. Pelo menos tinha um tipo toleravelmente bonito e traços aceitáveis. Claro que teria que fazer algo com o cabelo.

Bewcastle e a tia Rochester voltaram a falar de Eve em terceira pessoa, como se fosse um ser inanimado. Aidan teria se compadecido dela se Eve não fosse a culpada de tudo o que ocorria. No fundo, talvez o melhor fosse que tivesse se inteirado nessa mesma manhã para onde a levaria o arrebatamento de orgulho do dia anterior. E também lhe interessava saber para onde iria levar a sua

dignidade, nesse dia e nos vindouros. Até o dia anterior nunca tinha visto até onde podia conduzi-la esse orgulho, o que lhe recordava quão pouco sabia da mulher que havia se casado. Teria que levá-la de volta ao The Green and Still nessa mesma tarde ou no dia seguinte?

—Se aprovar as suas sugestões, senhora, — Disse Eve depois de um momento, interrompendo a conversa e atraindo o olhar estupefato da tia e de Wulf.— deixarei que mudem o meu penteado. Quanto à minha roupa e minha conduta, apreciarei a sua ajuda e os seus conselhos, senhora, antes de decidir por mim mesma o que é mais conveniente. Talvez a tranqüilize saber que o coronel Bedwyn não me tirou diretamente de uma mina. Fui criada e educada como uma lady.

— Minha mãe. — Exclamou a tia— Você se casou com uma mulher de caráter, Aidan.

—Sim, tia, é verdade.—Concordou Aidan.

—É melhor que não resolva se exhibir contra mim. — Disse a marquesa.— E tem que aprender que a língua inglesa foi feita para ser falada, e não cantada, exceto talvez nos coros. E nenhuma lady canta em um coro.

—É seu sotaque galês, tia. — Replicou ele. E na verdade, tratava-de um sotaque atraente, embora estivesse exagerando para provocar os seus familiares.

Bewcastle interrompeu o que poderia ter degenerado em uma briga. Como de costume, falou pausadamente.

—Então, lady Aidan, você está disposta a ficar nas mãos de lady Rochester? É o melhor que pode fazer, eu asseguro.

—Obrigado, sua excelência. — Respondeu ela com frieza.—Aceito. Obrigado, senhora. .

Lançou um olhar para Aidan, que notou que a sua mulher apertava a mandíbula com teimosia, algo que não tinha percebido até o dia anterior, embora acreditasse que era um traço do seu caráter. Recordou com que obstinação ela se negou a aceitar a sua proposta, apesar de necessitar desesperadamente dela.

—Se tudo isto for muito para você,—Disse.— diga-me isso em seguida e a levarei para seu lar, em Ringwood. Não a obrigarei a nada. Não fazia parte do nosso trato. E não permitirei que a obriguem a fazer nada que você não queira.

—Não vou a parte alguma. — Respondeu ela, devolvendo-lhe o olhar com tranquilidade.

—É obvio que vai sim a alguma parte, filha minha. — Alfinetou a tia, levantando de novo o binóculo para examinar o seu aspecto da cabeça aos pés.—Você e eu vamos chamar a minha costureira sem esperar nem um segundo a mais. Wulfric, Aidan, podem ir. Vamos, fora! A que alfaiate vai, filha? Não, não machuque os meus ouvidos me respondendo. Algum caipira desconhecido, suponho.

—Sim. — Concordou Eve.— Minha tia e eu mesma, senhora.

Aidan ficou de pé e olhou Bewcastle, que saiu primeiro do aposento depois de ter feito de longe uma reverência.

Quando a marquesa lhe disse, enquanto se dirigiam em uma carruagem para Bond Street, que pediria à senhorita Benning, a costureira da moda, cuja própria clientela figurava a própria lady Rochester, que cancelasse todas as suas entrevistas nos próximos dias pela simples razão de que a marquesa ia levar a mulher do seu sobrinho para que a preparasse para a sua apresentação na corte e para o resto da temporada social, aquilo pareceu a Eve uma presunção exagerada. Não tinha acreditado.

Agora sim acreditava.

Logo compreendeu sem sombra de dúvida, que a marquesa de Rochester era um personagem muito importante. E nesse dia, contava também com todo o peso da autoridade do duque de Bewcastle, outra figura de enorme influência. Eve era a mulher do seu herdeiro e, além disso, essa estranha clientela com a qual provavelmente sonhavam todos os alfaiates trabalhar: a que necessita absolutamente de tudo. Em sua aparição diante da alta sociedade britânica, não poderia mostrar nenhum dos seus poucos objetos que tinha empacotado e levado consigo para Londres. A senhorita Benning deu uma olhada no traje que Eve vestia e coincidiu com a opinião da marquesa.

As três ficaram folheando uma revista de moda atrás da outra, escolhendo desenhos de roupas para a manhã, para a tarde, para o jantar à noite, vestidos de gala, de passeio, roupa para montar, casacos, mantas de pele e um longo etcétera que Eve teve a sensação de ser interminável. Provavelmente não passaria na cidade mais do que três ou quatro semanas, como disse em voz de protesto, ao que a marquesa negou afirmando que não podia se mostrar sempre com o mesmo vestuário. Tamanha avareza diria pouco em favor de Aidan.

Além disso, teria que resolver o problema crucial do vestido com que seria apresentada à rainha. Eve soube que a rainha Charlotte tinha normas muito estritas sobre a vestimenta das damas que convidava para a sua sala de recepções. Por exemplo, estavam proibidos os vestidos soltos e de cintura alta tão em moda no momento. Os vestidos da corte deviam ter uma saia longa, forrada com tecido grosso e metais para dar volume e um peitilho. O cabelo devia estar enfeitado com plumas e fitas. Em suma,

imperava a moda da geração anterior. E tinham que ter uma cauda imensa. Exatamente com dois metros e setenta centímetros de longitude. Eve perguntou-se a si mesma se algum pobre criado se dedicaria a ir de dama em dama medindo as caudas dos seus vestidos. O que seria da desventurada dama cuja cauda medisse um pouco mais ou um pouco menos do estipulado? Seria proscrita da corte e reduzida ao ostracismo por toda a vida?

Teria que selecionar os tecidos, as cores e os acessórios. Teria que tomar todas as medidas , centímetro por centímetro da cabeça aos pés.

Aquilo foi desconcertante, excitante, tedioso e exaustivo. Cada detalhe provocava uma longa discussão. Por sorte, a opinião da senhorita Benning sobre a cor coincidiu com a de Eve. Os suaves tons pastéis realçariam os formosos olhos, o brilhante cabelo e a delicada figura de lady Aidan Bedwyn. A senhorita Benning conseguiu convencer lady Rochester de que assim devia ser, mas teve que aceitar que o vestido para a corte devia ter cores mais vivas, dando a entender com isso, que nesse aspecto o vestido era muito mais importante do que a pessoa que havia dentro dele. Na maior parte dos casos, Eve saiu-se bem no tocante aos tecidos. Preferia mais os materiais leves e simples do que o veludo e as roupas atrevidas. Assustavam-lhe os modelos que marcavam excessivamente a sua figura ou punham muito em evidência o seu decote ou os seus tornozelos. Faziam-na sentir nua. Mas essa era a moda mais intensamente atual e começou a compreender que, para o grande mundo, a moda era uma circunstância divina diante da qual teria que se render sem fazer perguntas. Nenhum dos modelos tinha preço. Eve tratou de imaginar quanto custaria tudo aquilo, especialmente quando

tivesse que somar todos os acessórios. Era muito rica, mas muita gente dependia da sua fortuna. E seu pai, mesmo quando quis subir na escala social, nunca foi partidário de extravagâncias. Ela tampouco. Sempre tinha vivido com frugalidade. E pensar que tudo aquilo que estava fazendo seria por apenas umas poucas semanas! Perguntou-se se Percy teria imaginado por um momento, quais poderiam ser as conseqüências das últimas palavras que havia dito ao seu oficial superior. Ao pensar em seu irmão, voltou a se sentir indignada com o duque de Bewcastle, que tinha decidido com tanta arrogância e frieza que devia abandonar o meio luto que usava por Percy. Como havia dito o duque à marquesa, mesmo que Percy não tivesse pedido para que não usasse luto, ele mesmo o teria proibido. Naturalmente, diante do duque de Bewcastle, Percy era um zero à esquerda. Como ela. Não era mais do que uma pessoa a quem dar ordens, como todos os personagens que giravam ao seu redor.

—Para alguém que vai desfrutar de todo o vestuário composto pelas cobiçadas roupas da senhorita Benning, parece que você está de muito mau humor, lady Aidan. — Comentou a marquesa colocando as luvas. Nesse momento chegou a sua carruagem e um laçao saltou da parte de trás para abrir-lhe a porta.

—Estou cansada, senhora. Isso é tudo. Não estou acostumada a tudo isto.

—Deveria ter pensado antes de tomar a decisão de desposar o herdeiro de Bewcastle. —Disse lady Rochester, saindo com elegância da loja enquanto o criado se empenhava para ajudá-la a subir na carruagem.

Aquela foi a gota que encheu o copo. Eve, que se dispunha a segui-la, hesitou um segundo, deu a volta e

entrou lentamente na loja da senhorita Benning.

—Sobre o meu vestido para a corte... — Começou a dizer. A senhorita Benning escutou-a com grande atenção.

=CAPÍTULO TREZE=

Depois do jantar, quando Aidan subiu para a suíte dourada que compartilhava com a sua mulher, encontrou-a sentada no pequeno escritório. Eve levantou a cabeça e disse que estava escrevendo para a sua família em Ringwood. Aidan supôs que essa palavra envolvia os órfãos e a tia, provavelmente a professora e seu filho e, por certo, a governanta, o rapaz deficiente mental e o restante daqueles empregados tão originais que a rodeavam. Não descartava a possibilidade de que enviasse a sua saudação mais afetuosa àquele viralata maltrapilho que tinha. Ele se acomodou em um sofá, e observou-a enquanto pensava na possibilidade de voltar a descer para procurar um livro para ler. Não estava acostumado à ociosidade. Freyja tinha sido convidada para jantar. Eve o havia deixado com os seus irmãos tomando um vinho do porto, mas Alleyne foi embora em seguida para encontrar-se com um amigo no Clube White's, e depois iria a um baile. Wulf sairia mais tarde, não havia dito aonde. Visitar a sua amante, pensou Aidan. Ele também poderia ter saído. Poderia ter acompanhado Alleyne ao White's. Tinha certeza de que teria se encontrado com um montão de conhecidos, e ficaria entretido por algumas horas. Mas a sua mulher tinha insistido para ficar em Londres para o seu bem. O mais curioso era que nem ele a queria ali, nem ela tampouco queria ficar. Se isso por acaso fosse pouco, enquanto não fosse apresentada convenientemente na sociedade, Eve não podia ir a lugar nenhum. Talvez só ao teatro. Aidan tamborilou com os dedos o braço do sofá, enquanto ela passava o mataborrão pela folha e a dobrava. Afastou-a, cruzou o aposento na direção

de um sofá e tirou o bordado de uma bolsa. Tudo isso sem dirigir-lhe um único olhar.

—Você me faz ficar nervosa. — Disse ela finalmente.

—Verdade? —Deixou de tamborilar e dirigiu um olhar perplexo ao crânio de sua mulher, que era o que podia ver dela. Por que?

—É muito silencioso. Olha fixamente e não diz nada.

Silencioso? Somente ele? Quando tinha entrado no aposento, Eve escrevia uma carta e deu-lhe as costas. Pensava que era ele quem devia começar a falar? Eve, por sua parte, tampouco havia dito uma só palavra.

—Peço-lhe perdão. —Disse Aidan.

Agora foi ela quem o olhou com o cenho franzido.

—Você sorri às vezes? —Perguntou-lhe.

É claro que sorria, que diabos! Mas por acaso tinha que estar a rindo toda hora e gargalhando sem motivo?

—Nunca o vi fazê-lo. —Insistiu.— Nenhuma só vez.

—Não acho que haja grandes motivos para sorrir.— Replicou ele.

—Quanto eu sinto por você. — Disse Eve, inclinándose de novo para o seu trabalho.

Maldição! Tinha certeza que ela acreditou que se referia ao casamento e à sua companhia, pensou Aidan. Mas não tinha ficado com ela em casa, ou não? Na noite anterior e nesta.

—Sou um açougueiro. — Disse de repente.—Mato para viver, não tem nada de divertido.

Eve levantou a vista com a agulha suspensa sobre o trabalho. Por que diabos havia dito isso? Aidan se perguntou. Fazia anos que essa ideia não lhe vinha à mente. Nunca tinha confessado esses pensamentos a ninguém. E menos ainda a uma mulher.

—É assim que você se vê a si mesmo? Como um açougueiro?

Aidan compreendeu que quis scandalizá-la, desfazer essa condescendência em que parecia viver a maioria dos ingleses, talvez porque a verdade da guerra estava muito afastada, e permaneciam a resguardados em sua ilha segura.

—Dizem que todas as mulheres estão apaixonadas por um uniforme. — Acrescentou.—Hoje poderíamos dizer todos os habitantes da Inglaterra estão apaixonados pelos uniformes, tanto homens como mulheres, quer sejam britânicos, prussianos ou russos. Todos adoram os açougueiros.

—Mas você esteve lutando contra a tirania. — Objetou Eve— Lutou para libertar vários países e a toda a sua população das garras de um tirano cruel. Algo de nobre e justo deve haver nisso, embora tivesse que matar alguns inimigos no processo.

— No próximo ano, ou no seguinte, talvez o inimigo seja a Rússia ou a Prússia, a Austria ou os Estados Unidos. E a França seja a aliada. Naturalmente, os britânicos sempre estão do lado da boa causa e da justiça. Do lado de Deus. Deus fala com um sotaque britânico, não sabia? Um sotaque diferente, da classe alta, para sermos exatos.

Eve tinha deixado a agulha sobre o tecido, mas continuava olhando-o.

—Sou um açougueiro. — Repetiu— Claro que a grande vantagem de ser soldado é que nunca me enforcarão por meus crimes. Em lugar disso, serei tratado com atenção, irão me adular. Embora esteja casado, as mulheres continuarão se apaixonando por mim. Mesmo que eu não sorria.

Por que diabos estava se confessando? Sentia-se malévolo e ao mesmo tempo dolorido, a ponto de chorar. Desejou ficar em pé de um pulo, e sair do aposento muito rapidamente sem parecer um idiota. Ou que ela inclinasse a cabeça e fosse bordar. Não conseguia recordar quanto tempo fazia que não baixava a guarda até esse ponto. Talvez desde a sua infância.

—Sinto muito. — Disse Eve no final.—Não sabia. Supus que como tem você esse ar tão... Não o compreendi. Pergunto-me se nos negamos deliberadamente a ver a tremenda realidade do que ocorre quando um exército defende a liberdade de uma nação contra outro exército. E se nos esquecemos de que um exército é feito de homens de carne e osso, com sentimentos e consciências de carne e osso. Percy sentia o mesmo? Nunca me disse nada. Mas suponho que não.

—Peço-lhe perdão. — Ficou de pé e deu-lhe as costas. Olhando o carvão da chaminé, acrescentou—Dei uma resposta estúpida à uma pergunta singela sobre o motivo de não sorrir. Acredito que sorrio sim, senhora. E, se não o fizer, sem dúvida é porque sou um Bedwyn. Viu Bewcastle alguma vez sorrir?

Aidan recordou que, fazia tempo, muitíssimo tempo que o fazia sim. Quando eram crianças, os dois estavam acostumados a gritar e rir. E o mundo que os rodeava parecia um campo de brincadeiras só para eles, mágico e eterno. Nessa época tinham sido amigos íntimos, inseparáveis.

Mas ela não o deixou mudar de assunto.

—Por que se tornou militar? — Inquiriu.

Aidan respirou fundo.

—Entre a aristocracia, é o que fazem os que vêm depois do primogênito. — Respondeu.— Sabia? O primogênito é o herdeiro; o segundo, oficial militar; o terceiro, clérigo. —Embora Ralf tenha evitado o destino do terceiro filho.

—E todos estes anos seguiu adiante, pensando o que pensa? — Disse Eve.— Por que? Por que não se licenciou? Ao que parece você é muito rico e não necessita de um salário.

—Há algo que se chama dever. —Mencionou ele.— Além disso, você me entendeu errado. Não disse que não desfrutei matando. A única que disse, é que a minha vida de açougueiro me impede de ser um homem que sorri diante de qualquer frivolidade.

Ao comprovar que ela não respondia, deu a volta para olhá-la. Voltou a bordar, embora parecesse que a sua mão não se movia com tanta segurança como antes.

— Passou bem esta tarde ao provar as roupas?

Graças a Deus, dessa vez Eve aceitou mudar de assunto.

— Encomendei muitas coisas. — Respondeu.— Eu me surpreenderei se tiver tempo de usar todas as roupas pelo menos uma só vez durante a minha breve estadia em Londres. Mas lady Rochester e a senhorita Benning juraram que eu comprei o que era absolutamente imprescindível. Tudo foi bastante ridículo. Aterroriza-me pensar em quanto custará a fatura, especialmente quando se contabilizarem todos os acessórios: sapatos, plumas, leques, gorros, bolsas de mão, lenços e o restante.

—Não se preocupe com isso. — Disse ele— Como acaba de dizer, eu me orgulho de ter os bolsos bem carregados.

—Serei eu quem pagará as contas.— Precisou.

—Não creio, senhora. — Dirigiu-se a ela com uma altivez deliberada— Irei vesti-la e me encarregarei dos seus demais gastos enquanto estiver comigo.

—Não, não o fará. —Cravou a agulha no bordado e o afastou. Tinha as bochechas ruborizadas— De maneira alguma, coronel. Sou mais do que capaz de pagar. Não quero que me diga....

—Senhora, — Replicou Aidan, entreabrindo os olhos ao olhá-la—não há nada que discutir. Você é minha esposa.

—Não sou. —Olhou-o com os olhos muito abertos.— Pode falar assim aos seus homens. Mas a mim não. Você não vai me amedrontar, nem o duque de Bewcastle, nem a marquesa de Rochester, nem ninguém. Vim a Londres por vontade própria. Fui eu quem livremente aceitou lady Rochester como mentora. Vim e aqui fico, não como uma subalterna que tenha que colocar no caminho certo a chicotadas, para que não manche o ilustre brasão dos Bedwyn, mas sim como uma igual, para devolver-lhe o favor que me fez há semanas atrás. Serei eu quem vai pagar as minhas roupas.

—Você não é minha mulher? —Não deixou-a responder. —Em determinada igreja há um certo registro que desmentiria essa afirmação, senhora. Usa a minha aliança de casamento no dedo. Ontem à tarde teve relações conjugais comigo. É possível que hoje, em suas entranhas, esteja crescendo o nosso filho ou filha. Vai proclamar que esse filho é um bastardo?

Eve empalideceu visivelmente. Não tinha considerado a possibilidade de ficar grávida? Na realidade, esse pensamento só tinha ocorrido a ele na noite anterior, quando tratou de conciliar o sono sozinho.

—É muito pouco provável. — Disse ela.

—Mas possível. —Tinha sido uma estupidez ceder à luxúria. Se concebessem um filho, estariam atados o um ao outro por algo mais profundo e tirânico do que o simples vínculo do matrimônio. Ele não permitiria que seu filho crescesse sem estar em contato com o seu pai.

Levou as mãos ao colo para agarrar o trabalho, mas não estava ali, assim cruzou as mãos, apertando os dedos. Aidan viu como ficaram brancos.

—Não deveria ter vindo. — Disse ela— Devia ter resistido aos argumentos do duque. Na realidade não é certo que a flor e nata da aristocracia condenassem a sua atitude se eu não estivesse aqui, não é verdade?

Ele encolheu os ombros.

—Quem sabe. Muitas pessoas acreditam que a insensibilidade ou inclusive a crueldade são inatas aos Bedwyn. Embora quem esteja a par da nossa tradição sabe que para os Bedwyn tratar a suas mulheres com respeito e cortesia sempre foi uma questão de honra. Suponho que por isso a maioria de nós se casa tarde ou nunca.

—Teria ficado em casa ontem e esta noite se eu não estivesse aqui? —Perguntou Eve.

—Provavelmente não. — Reconheceu ele.

—Certamente que não. — Insistiu ela, ficando de pé— Vou dormir, coronel. Estou cansada. Saia se quiser. Vá com seus irmãos, com sua irmã ou com um colega ou amigo. Não tem por que ficar em casa por minha culpa.

—Você é minha mulher. — Disse.

Ela riu em voz baixa, com uma risada desprovida de alegria, e deu a volta.

—Eve....

Girou a cabeça para Aidan com a velocidade de um raio.

—Se vamos passar várias semanas juntos, —Disse ele.— creio que deveríamos deixar de nos tratar como “senhora” e “coronel”. Eu sou Aidan.

Ela assentiu com a cabeça.

—E talvez, — Acrescentou ele, antes de parar e pesar as suas palavras —deveríamos viver como marido e mulher. O que fizemos ontem pela tarde foi bom. E nós dois temos muitos anos pela frente para nos entregar ao celibato.

Eve cravou os olhos no chão, ao que parecia, para refletir no que estava sugerindo. Aidan levou todo o dia dando voltas no fato de que estavam casados, de que nas próximas semanas compartilhariam aquela suíte, cujos dormitórios só estavam separados por dois closets conectados. Haviam se possuído mutuamente, mas, ao que tudo indicava, aquilo não voltaria a ocorrer. Deus sabia que seu apetite sexual era mais do que saudável. Desconhecia como conseguiria respeitar a outra tradição dos Bedwyn, a da escrupulosa fidelidade dos homens para com as suas esposas. Mas, nesse ínterim, dispunha dessas poucas semanas.

—É claro, —Sentiu-se obrigado a acrescentar, embora fosse mais do que evidente que ela estava pensando justamente nisso.— que suas possibilidades de ficar grávida aumentarão de um modo considerável.

Seus olhares se cruzaram e o coronel se comoveu com a expressão de Eve, embora não estivesse seguro de havê-la interpretado bem. Seria saudade?

—Acredito que eu gostaria que fosse assim. —Disse ela—Então estou de acordo.

Queria que fosse assim? Queria um filho? Isso queria dizer que tinha se equivocado nos cálculos que tinha feito antes do casamento. Que, apesar de tudo, Eve não tinha abandonado a esperança de achar um homem a quem amar e com o qual se casar. Que desejava uma vida normal de casada, com crianças. Perguntou-se rapidamente pelo amante ou pelos amantes que Eve teria tido. Ainda não tinha se acostumado à idéia de que sequer tivesse tido um, mas negou-se imediatamente a satisfazer essa curiosidade. Se de verdade tivesse querido se casar com o amante, nada o teria impedido. Fosse quem fosse, não tinha se precipitado em socorrê-la há algumas semanas, quando necessitava desesperadamente de um marido?

—Então virei visitá-la nesta noite. — Disse.—Que tal dentro de meia hora?

—Sim. —Assentiu com a cabeça e deu a volta mais uma vez.

Talvez estivesse grávida. A ideia ia e vinha outra vez à mente, como uma cantiga monótona. Talvez estivesse grávida. Ou, se não estivesse ainda, provavelmente estaria antes que passassem as três semanas e retornasse ao seu lar em Ringwood. Ao aceitar a sua proposta precipitadamente três semanas atrás em lugar de esperar a volta de John, tinha renunciado de forma deliberada ao seu sonho de felicidade eterna. Possivelmente tinha agora encontrado um novo sonho para sonhar.

Sempre tinha desejado ter filhos. Essa devia ter sido a razão de que aos dezenove anos estivesse disposta a aceitar o oferecimento de Joshua, embora não abrigasse nenhum tipo de paixão. E, sem dúvida, foi a razão pela qual, quando fez vinte e um anos, propôs a John que revelassem aos pais dele que se amavam em segredo desde um ano

atrás. E que desafiassem a sua cólera casando-se. Nos quatro anos seguintes que tinham culminado neste ano de separação total de John, que se encontrava na Rússia, impacientava-se conforme foram se passando os seus anos de fertilidade.

—Não, deixa-o solto, Edith. — Disse para a sua criada quando esta, depois de escovar o seu cabelo, dispos-se a fazer uma trança como sempre fazia antes de Eve se deitar. —E não preciso do gorro de dormir.

Encontrou com os olhos da sua criada no espelho do closet e ambas se ruborizaram. Edith deu a volta para guardar o vestido cinza de seda que acabava de despir de Eve.

A entrada de Becky e Davy em seu lar tinha sido uma bênção, pensou Eve ao entrar em seu dormitório e fechar a porta atrás de si. Tinha acolhido os dois porque detestava a ideia de crianças sem teto e sem amor. Mas aem pouco tempo já pensava neles como seus próprios filhos. E ainda eram. Depois de visitar a loja da senhorita Benning tinham ido comprar diversos acessórios e, diante da exasperação da marquesa, Eve parou para comprar uma preciosa touca para Becky e umas botas resistentes para Davy. Além de um pequeno gorro de marinheiro para Benjamin.

Tinha muita saudade deles, pensou enquanto colocou uma vela acesa sobre a mesa-de-cabeceira. Os dias que tinha passado sem eles tinham perecido intermináveis. Mas talvez essas semanas dessem uma nova criança, um bebê, um filho de suas entranhas, que mamaria em seus seios e choraria de vez em quando para que o embalasse ou o alimentasse com o seu leite. Era uma visão muito bonita para se deter nela. Além disso, só dispunha de umas poucas semanas. Devia se vigiar para não ter muitas esperanças.

O nós dos dedos bateram na porta e todos os sonhos de gravidez e bebês se dissiparam quando Aidan entrou no dormitório, com um robe azul marinho de brocado e chinelos. Parecia tão grande, sério e imponente, como sempre. E também estava muito atraente, ainda que não pudesse dizer porque. Sem dúvida não era um homem convencionalmente bonito. E era muito forte e corpulento para que a sua figura fosse apolínea. Mas morria de impaciência para que voltasse a pôr as mãos sobre ela, que penetrasse em seu interior, fizesse amor.

Pensou que talvez isso ocorresse porque havia tornado a vislumbra fugazmente o interior de Aidan, por trás da sua fachada, e tinha visto um homem cuja severidade mascarava o sofrimento. Era um homem entregue desde adulto ao dever —para com a sua família, o rei e a pátria —e que por isso se considerava um açougueiro. Inesperadamente, sentiu uma grande ternura por ele.

—Não permita que tia Rochester a obrigue a cortá-lo.
— Disse isso aproximando-se dela e pegando uma mecha do seu cabelo entre o indicador e o polegar.—Assim é maravilhoso.

E na verdade era. Tinha um tom castanho muito particular, que não chamava imediatamente a atenção como o cabelo loiro, ruivo ou negro. Mas era espesso e brilhante e, agora que estava solto, lançava reflexos cor mel e dourado. E formava cachos por cima dos ombros, descendo para o meio das costas. Estava realmente cativante com a sua camisola branca e recatada, com as longas e esbeltas pernas ressaltadas pelo tecido. Tinha decidido que não pensaria nela com maior interesse do que pudesse sentir por uma amante fortuita, mas enquanto atravessava o quarto em direção a Eve, não podia afastar da sua mente a idéia de

que era sua esposa. De que não iam ter uma relação sexual, e sim conjugal, como havia dito antes. Baixou a cabeça e beijou-a com a boca aberta. Cheirava a rosas e a sabão. Mas pôs as mãos nos seus ombros e o manteve a certa distância antes de que pudesse apertar o seu abraço.

—Como eu disse, —Disse Eve.— não permitirei que ninguém me imponha nada. Nem a respeito do meu cabelo nem de nada. Nem sequer você.

—Vamos voltar a discutir sobre as faturas de roupas? —Perguntou ele.— Não tinha lhe ocorrido que ela queria pagá-las. Ainda estava ofendido com aquela afronta, e ela era provavelmente estava inconsciente disso.

Eve suspirou e negou com a cabeça.

—Agora não. Deixemos para amanhã.

—Boa idéia. —Replicou Aidan.— Esta noite nos amaremos. Diga-me, Eve, você é uma mulher que tem medo da nudez? Ficaré desanimada se eu a despir? Ou se tiro o robe antes de apagar as velas?

Não usava nada por baixo, mas não queria forçá-la a contemplá-lo, se Eve preferia a escuridão e o refúgio dos lençóis. No dia anterior não tinham feito nada parecido, pois tinham se unido virtualmente vestidos.

Ela negou com a cabeça.

Desabotoou a camisola em um abrir e fechar de olhos e tirou-a. Embora nunca tivesse sido um grande admirador das mulheres esbeltas, achou-a muito bonita. Era magra e dócil e tinha a pele de porcelana. Era bem proporcionada. Não tinha os seios grandes, mas eram firmes e pontudos, com os mamilos rosados e eretos pelo frio, a confusão ou o desejo.

Puxou o cinturão de seda e sacudiu o robe, deixando-o cair no chão. Diferente dela, estava longe de ser bonito.

Embora não tivesse um grama de gordura, era muito corpulento e sabia disso. Sempre tinha procurado não assustar as mulheres que tinha amado. Com suas numerosas cicatrizes de feridas antigas, seu nariz aquilino, seu cabelo e seus olhos negros e a pele morena, devia causar repulsa a algumas mulheres. Mas Eve tinha confessado que tinha desfrutado na tarde anterior. Nesse dia não queria se ocultar da sua vista.

Agarrou-a pelos ombros e voltou beijá-la, mantendo-a ligeiramente separada de seu corpo. Ela estremeceu. Aidan inclinou a cabeça e olhou o corpo de Eve enquanto o percorria com as mãos, cobrindo-lhe os seios para logo para mais embaixo. Suas mãos morenas ressaltavam o corpo pálido de Eve.

—São muito pequenos. — Disse ela, olhando-lhe no rosto.

Então confiava em seu atrativo sexual.

—Para que? —Perguntou.—Para amamentar bebês? Duvido. Para dar prazer a um homem? Não. Encaixam perfeitamente em minhas mãos, como pode ver.

Ela elevou a vista e observou como Aidan os levantava e acariciava levemente os mamilos com os polegares. Logo ele baixou a cabeça, tomou um mamilo com a boca e começou a chupá-lo, acariciando-lhe a ponta com a língua. Aidan estava tremendamente excitado.

—Oh! — Exclamou Eve, acariciando-lhe o cabelo e arqueando as costas para aproximar-se dele.

—Será melhor que nos deitemos. —Disse ele, levantando a cabeça.— Incomoda-se em deixar as velas acesas? Eu gosto de ver o que está acontecendo. Mas se preferir eu as apago.

Eve duvidou e Aidan pôde ver em seus olhos que preferia a escuridão.

—Deixe que ardam. — Respondeu.

Eve deitou na metade da cama, mas Aidan não ficou imediatamente em cima dela, como tinha feito no dia anterior, em pleno arrebatamento da paixão. Tampouco se estirou ao seu lado, mas se ajoelhou sobre o colchão, separou-lhe as coxas e se acomodou entre elas. Eve mordeu o lábio e estirou as mãos sobre os lençóis, com as palmas para baixo, enquanto ele levantava as pernas pelos joelhos e a atraía para si.

Inclinou-se sobre ela, devorando-a com os olhos, explorando o corpo lenta e exaustivamente com suas mãos experientes, excitando-a com leves toques e suaves carícias, cócegas, pressões, arranhões e beliscões nas zonas erógenas, atiçando o seu desejo. Eve continuou deitada com os braços estendidos, os olhos entrecerrados, os lábios entreabertos. Respondia com calor, a respiração trabalhosa e pequenos gemidos de prazer, mas não participava. Enquanto isso, ele a explorava com a boca, a língua, as mãos e os dentes.

Pelo menos algo ficou claro: a sua experiência sexual era extremamente limitada.

Deslizou as mãos por debaixo da suas esbeltas pernas, levantou-as e acariciou-as com supremo cuidado até chegar aos pés, tratando de aguçar o seu desejo. E, com efeito, quando alcançou com as mãos a intimidade das suas coxas comprovou que estava quente e úmida. Investigou-a com as polpas dos dedos, dando-lhe carícias suaves, separando as dobras, explorando-as e deslizando um dedo em seu interior, tudo isso sem deixar de observar o que fazia e sabendo que não poderia agüentar muito mais. Notou

como os músculos em torno do seu dedo se contraíam e retirou-o.

—Está preparada? — Perguntou-lhe, olhando-a nos olhos. Podia ler em seu corpo e antecipar as suas respostas, mas não a penetraria até que permitisse.

—Sim. —A voz rouca e grave de Eve cortou-lhe o fôlego.

Passou as mãos por debaixo de suas nádegas, elevou-a ligeiramente e penetrou-a com um só investida. Foi envolvido por um golpe de calor, umidade e contrações musculares. Fechou os olhos, respirou fundo e impôs-se o controle a si mesmo. Queria cobri-la com todo o seu peso e liberar em seu interior toda a tensão com umas poucas investidas poderosas. Mas a tinha estimulado tanto que agora devia satisfazê-la. Ficou de joelhos entre as suas coxas, com as mãos sob suas nádegas, e observou seus corpos enquanto se retirava e voltava a entrar nela, uma e outra vez, concentrando-se em penetrá-la profundamente, e alcançar um ritmo firme e contínuo. Observava a cena e inibiu o seu próprio desejo, atento às reações do corpo de Eve.

Era realmente formosa e feminina. E uma verdadeira mulher fazendo o amor. O ritmo da cópula foi marcado por um ruído melodioso. Cheirava a sexo cru, a rosas e a sabão. Eve esticou os braços para alcançar os joelhos de Aidan.

Logo a seguir aumentaram os gemidos, as contrações dos seus músculos internos e as contorções do corpo de Eve, que procurava se aproximar do corpo de Aidan. Eram os sinais inequívocos de um orgasmo iminente. Manteve o ritmo, aumentando a pressão de suas investidas contra aquela passagem estreita e úmida. E no final Eve relaxou e perdeu as forças como uma flor ao sol. Penetrou-a de uma

só vez mas empurrando até o fundo, mantendo a pressão, até que quando comprovou que estava lânguida, entregue por completo e saciada, deu-lhe a sua semente.

Eve ficou dormindo quando depois de um minuto, Aidan se separou dela e ficou de pé para apagar as velas. Logo deitou-se a seu lado, puxou a colcha para cobrir os seus corpos úmidos e passou um braço por debaixo da sua cabeça. Não tinha intenção de passar a noite deitado junto dela. De fato, nunca tinha dormido com uma mulher, no sentido literal da expressão. Mas ela dormiu e ele estava cansado e sabia que voltaria a desejá-la antes que amanhecesse. No fim das contas, agora que dispunham de umas semanas juntos, o que melhor podiam fazer era aproveitá-las. Justo antes de Aidan dormir, Eve voltou-se para o seu lado, recostou a cabeça contra o seu ombro e suspirou enquanto mergulhava no mundo dos sonhos.

Eve despertou quando Aidan tratou de levantá-la decima dele e deixá-la em seu lado. Estava dormindo sobre o seu peito há duas horas depois que tinham feito amor pela terceira vez. Viu que Aidan a contemplava enquanto amarrava o cinturão do robe. Lamentou que fosse embora tão cedo da cama. Porque devia ser tão de repente? Supôs ela.

—Que horas são? —Inquiriu.

—Seis horas, mais ou menos. — Respondeu— Sou muito madrugador. Prometi sair para dar um passeio a cavalo pelo Hyde Park com Freyja e Alleyne. Durma mais um pouco.

Montar a cavalo pela manhã cedo! Não havia nada, pensou, que gostasse tanto. Ele iria com seu irmão e sua irmã e nem lhe ocorreu que ela pudesse querer acompanhá-

lo. De qualquer maneira, não tinha ali uma roupa para montar.

—Acredito que depois irei com Alleyne ao White's e logo ao Tattersall's. Ele quer comprar uns cavalos. Mas se necessita de mim....

—Não. — Repôs ela.— Só faltam quatro dias para a recepção da rainha. Lady Rochester chegará pouco depois do café da manhã. Ela acha que quatro dias não são suficientes para tirar a rusticidade de cima de mim e ensinar-me a fazer a reverência como Deus manda.

—Pensei que uma reverência não era nada mais do que isso, uma reverência.

—Ao que parece não é assim.— Replicou ela.— E tenho mil e uma coisas para aprender. Divirta-se durante o dia da forma que te dê prazer, Aidan e não se sinta obrigado a me acompanhar galantemente por toda hora e mesmo à tarde. Não tem por que ficar comigo como ontem.

Olhou-a sem ocultar o seu alívio.

—Quando a apresentarem diante da rainha, —Disse. — tem que deixar-me vê-la todas as horas. Deve compreender que estamos em plena temporada social, que seus dias vão ser ocupados por visitas, compras, festas de jardim, cafés da manhã opulentos, passeios a pé e a cavalo pelo parque, piqueniques e um sem-fim de atividades. E as tardes estarão repletas de festas, danças, recepções, concertos e exhibições de teatro. Tia Rochester a informará de todos os pormenores.

—Sim. —Compreendeu ela.— Mas não se exaspere, Aidan. Não ficará obrigado a me escoltar em todos os momento. Pelo menos isso já aprendi quanto aos matrimônios entre a nata da aristocracia. Bastará que me vejam como sua mulher, para que saibam. Logo nos

veremos livres de tudo isto, dessa mentira, e poderemos recomeçar nossas vidas.

Aidan meditou nas palavras de Eve e assentiu com brutalidade.

—Bom, —Acrescentou.— limite-se em seguir as instruções de minha tia e tudo acontecerá como foi pedido. E siga também as instruções de Wulf. Assim que for chegando as suas roupas, escolha cores vivas. Meu irmão tem razão: o cinza não lhe cai bem.

Eve deu as costas para ele, subiu a colcha até as orelhas e ficou imóvel. Por um momento imperou o silêncio, até que ouviu a porta do closet abrir-se e fechar-se com suavidade.

Por que imaginou que essa noite seria um momento de mudança em suas vidas? Que estúpida idéia feminina era essa de que o amor podia transformar tudo? O que tinham compartilhado nessa noite não era sequer amor. Nesse momento Eve compreendeu que as mulheres costumam cometer o engano de supor que a ternura e a intimidade na cama é necessariamente um produto do amor. Não tinha sido mais do que intimidade física, muito prazerosa para ambos, sem dúvida. Era bem consciente de que nas três ocasiões Aidan tinha recorrido à sua notável experiência para se assegurar de que sua mulher gozasse. E tinha tido um êxito absoluto.

Ele ia montar a cavalo com Alleyne e Freyja em lugar de permanecer a seu lado.

Ia ao White's e depois ao Tattersall's para passar toda a manhã e provavelmente a tarde.

Quando disse que saísse também à noite se quisesse, tinha olhado para ela com alívio.

Ele havia dito que obedecesse lady Rochester.

Havia dito que obedecesse o duque de Bewcastle.

Tinha vontade de chorar e chorar, até que secasse todo o manancial de lágrimas que sentia em seu interior.

Em lugar disso, agarrou o travesseiro onde ainda se percebia a marca da cabeça de Aidan e lançou-o com as duas mãos contra a porta do closet.

=CAPÍTULO QUATORZE=

Depois da apresentação de Eve na corte se celebraria um baile em Bedwyn House, quando seria então apresentada oficialmente na sociedade como lady Aidan Bedwyn. Tinha sido o duque de Bewcastle quem decidiu não adiar o baile. Não tinha consultado ninguém a respeito, nem sequer Eve, é claro, mas tinha enviado os convites e feito os preparativos e em sua arrogância confiava que todos compareceriam, apesar da urgência do convite, apesar de que devia haver pelo menos uma dúzia de eventos deslumbrantes nessa mesma noite.

O curioso do caso, pensou Eve, é que apesar tudo, o provável é que viesse todo o mundinho social.

O duque parecia ser profundamente antipático. Tampouco gostava de Freyja. Sua cunhada rara vez fazia companhia a ela e, quando isso ocorria, tratava-a com um frio desdém muito eloqüente. Aidan quase sempre estava ausente, pela manhã e à tarde, e só voltava para dormir com ela. Eve se zangava consigo mesma pela impaciência com que aguardava a chegada da noite e pelo que desfrutava então. Um casamento deveria ser feito de algo mais, embora ambos aceitassem tacitamente que nenhum dos dois desejava nada mais. Alleyne parecia ser o único ser humano normal da família. Com ele aprendeu a dançar a valsa. O duque tinha contratado um professor de dança, sem dúvida porque não esperava que a filha de um mineiro caipira fosse capaz de distinguir o pé direito do esquerdo. Mas Eve apreciou as lições de minueto e valsa, duas danças que desconhecia. Durante um café da manhã em que Eve comentou as suas lições, Alleyne se ofereceu para ser seu

acompanhante e guiou os seus passos um por um com uma paciência e um bom humor elogiáveis. Agora era um jovem genuinamente afável, embora um pouco superficial. Em qualquer caso, para compensar, sorria pelos seus dois irmãos mais velhos e por ele próprio.

A marquesa de Rochester era uma professora muito exigente. Em todas as ocasiões se ofendia com ela, como na manhã em que o cabeleireiro de lady Rochester chegou a Bedwyn House com a ordem cortar o cabelo de lady Aidan Bedwyn bem curto, seguindo a última moda. Os parentes do seu marido gostavam tanto de dar ordens que eram incapazes de consultar os seus desejos e contentar-se em apenas auxiliá-la a respeito. Eve deixou que o homem cortasse o seu cabelo com um estilo que, conforme concordaram ambos, realçaria a sua aparência sem privá-la de todo o seu comprimento.

Não obstante, teve a percepção suficiente para reconhecer que necessitava de diretrizes sobre os assuntos nos quais carecia de experiência. Por muito que dissesse Aidan, as reverências eram muito mais do que reverências. Havia diferentes tipos de reverência, em função da classe social e da idade da pessoa saudada. Havia uma exclusivamente para a rainha. Eve levou bastante tempo para executá-la com a plena satisfação da marquesa. Além disso, havia o problema em se aproximar do trono e do comportamento que devia ter uma vez que o alcançasse, e logo depois a complicadíssima tarefa de sair da presença da rainha. Ao que parecia, estava descartado que recolhesse a cauda de dois metros e setenta centímetros no braço. Tampouco podia dar as costas para sua majestade. Andar para trás graciosamente e com dignidade, sem pisar na cauda nem tropeçar nela, não era tarefa fácil. Durante muito

tempo pareceu-lhe impossível. Em suas primeiras tentativas, caiu várias vezes sobre as suas nádegas e explodiu em sonoras gargalhadas, embora a tia de Aidan não achasse nenhuma graça. Utilizava o binóculo para demonstrar a sua desaprovação diante da mínima amostra de frivolidade.

Teve que ficar a par da vida das pessoas que conheceria, aprender os sobrenomes e a classe social dos diversos componentes da nata da aristocracia e quem era o mais importante entre eles. Teve que memorizar uma hierarquia muito complexa, assim como a etiqueta dos bailes de gala. Os cavalheiros com os quais devia dançar se pedissem. Aqueles com os quais não devia fazer sob nenhuma hipótese. E, quando tivesse sido devidamente apresentada à rainha, os convites que teria que aceitar, aqueles que eram facultativos e que dependeriam dos seus demais compromissos e inclinações pessoais. E, por último, os que devia rejeitar com firmeza. Tinha que..., bom, como havia dito a Aidan, tinha que aprender mil e uma coisas.

Todo aquele mundo da aristocracia, com as suas regras e expectativas era na verdade ridículo, pensou Eve um dia antes da sua apresentação. Mas ao mesmo tempo não podia negar que era atraente e representava uma provocação pessoal. Às vezes lhe ocorria que, se o seu pai estivesse vivo, ficaria feliz em comprovar que todos os seus sonhos se realizaram.

Mas tinha saudades tremendas do seu lar. Cada dia escrevia uma carta para Thelma, o único adulto que podia ler e escrever naquela casa, além dela e de Ned Bateman, mas suas cartas foram dirigidas a todos. Sabia que Thelma as lia em voz alta, primeiro para tia Mary ou ao criado Johnson e os meninos, e por fim, na sala de baixo para todo mundo. As cartas que ela recebia continham mensagens de

todos, incluindo umas poucas frases rabiscadas por Davy e as letras arredondadas de Becky que invariavelmente lhe arrancavam lágrimas. Sentiam falta dela, embora tia Mary sempre convencesse Thelma para que lhe dissesse que podia permanecer em Londres com o coronel Bedwyn quanto tempo quisesse, que no momento se arrumavam sozinhos. O nome do pastor Puddle aparecia em muitas cartas, por isso Eve supôs que devia visitá-los a cada dia. Ned escrevia a respeito das granjas, dos agricultores e da escola do povoado. Em nenhum momento se mencionou o nome de Didcote Park, nem se falou da volta de John da Rússia. Esperava que ele voltasse enquanto ela estivesse ausente, se inteirasse da sua traição e partisse para não retornar jamais. Odiava a idéia de ter que se ver cara a cara com ele.

Aguardava a apresentação diante da rainha com excitação e ansiedade. Mais ansiedade do que excitação. Toda as roupas novas já haviam chegado, embora ainda não tivesse usado nada. O traje da corte, em particular, estava escondido em um armário do seu closet, cuidadosamente embrulhado. Cada vez que se lembrava dele se enfurecia.

Estava enfurecida, desafiante e bastante orgulhosa de si mesma.

Na manhã da apresentação crucial na corte, Aidan ficou em casa. Sabia que Eve se sentia muito nervosa. Não tinha confessado, mas tinha se agitado nos sonhos. Aidan despertou e a viu encolhida contra ele, com os dentes tremendo. Quando Eve percebeu que o tinha despertado, desculpou-se alegando que estava gelada, embora não tivesse frio. Beijou-a até que relaxou, deitou-se sobre ela e

fizeram amor. Manteve-a apertada contra si até que voltou a conciliar o sonho.

Às vezes pensava que ia sentir falta das noites que passavam juntos. Mas não demorava nesse tipo de pensamentos. Faria o que pudesse no momento certo. Supunha que não seria fiel a sua mulher, embora também optasse por não parar pensar nesses pensamentos tão desagradáveis. Equivalia a violar o código de honra da família, mas tinha que ser fiel a um casamento de conveniência?

Aidan percorria com grandes passadas a sala enquanto esperava a que Eve se vestisse. Estava trancada há quase duas horas com a sua criada Edith, a tímida mocinha de Ringwood, um dos seus casos perdidos. Aidan surpreendeu-se ao notar que também estava nervoso. As damas de sua classe social eram educadas desde o berço para confrontar momentos como aquele, e Eve tinha tido menos de uma semana para se preparar. Era culpa dela, indubitavelmente. Poderia ter desafiado Wulf ficando em sua casa de campo. Poderia não ter feito dele no dia do The Green Man and Still e ter retornado ao seu lar, como tinha planejado. Mas sua esposa era uma mulher teimosa. Havia resolvido a questão da fatura das roupas indo pessoalmente à loja da senhorita Benning pagando tudo de um só golpe diante da estupefação da mulher. Duvidava que Eve já tivesse percebido.

No final a porta do closet se abriu e Aidan parou os seus passos para lançar um primeiro olhar.

A anágua de cetim resplandecente e as outras abas que foram colocadas em cima, mais curtas, de renda, estavam primorosamente presas ao forro de tecido reforçado com metal. Também brilhavam os delicados brocados do

peitilho, rígido e adornado, que deixava descoberto o decote e os ombros. A cauda de cetim, presa ao vestido pelos ombros, ondeava por trás dela. Usava o cabelo penteado para trás e a fronte livre, em que se destacava uma fita larga e ornamentada de jóias. Por trás caíam pequenas fitas de renda torcidas. Do cabelo preso na nuca surgiam inúmeras plumas de avestruz tingidas, que balançavam sobre a sua fronte, roçando-a às vezes. Carregava a cauda em um braço, calçado com uma luva comprida.

Estava com o queixo erguido e tinha um porte real. Os olhos brilhavam, desafiantes.

Usava o negro desde as plumas até as lindas sapatilhas.

—Tudo bem? — Perguntou.

—Vermelho rubi? —Aidan arqueou as sobrancelhas. Tia Rochester havia dito a Bewcastle que essa foi a cor escolhida.— Tornei-me daltônico?

—Não, não é daltônico. —Levantou-se a cauda garbosamente com a mão esquerda e deu mais uns passos.

— Tia Rochester sabe? —Era uma pergunta sem sentido: a expressão do seu olhar dizia tudo.— E Bewcastle?

—Não preciso do seu consentimento. —Os olhos lançavam faíscas como se quisessem brigar, uma briga que iria explodir assim que descesse a escadaria.— Não, não sabem. Talvez a sua tia mude de ideia a respeito de me acompanhar na apresentação e assim completará o seu desejo de se desfazer de mim.

Aidan franziu os lábios. As estreitas fitas de seda bordada que estavam soltas ao redor da prega da anágua de cetim e as fitas mais largas que percorriam as bordas da cauda refulgiam com o sol que penetrava pelas janelas.

—O que achou? —Perguntou Eve.

—Isso tem importância? —Voltou a percorrê-la com o olhar da cabeça aos pés.—Sim, suponho que tem. Fez isso para nos enfiar, verdade? Para brincar conosco. Quis se vingar da maneira despótica como a tratamos. Ou possivelmente para nos recordar que a sua fortuna procede do carvão. Estas provocações deixam-me indiferente. Poderia ter retornado para o seu lar. Levo-a agora mesmo se assim o quiser, embora seja uma lástima danificar a sua pequena representação. Posso oferecer-lhe meu braço?

Na realidade, estava mais do que esplêndida. Pela primeira vez, pois fazia tanto tempo que não podia recordar, Aidan tinha vontade de rir e gargalhar. Teve que reconhecer que Eve estava fazendo uma brincadeira cruel com eles. Não queria estragar esse momento rindo dela.

Eve agarrou seu braço sem olhá-lo, muito ocupada em manter o nariz erguido.

Naturalmente, escada abaixo, no vestíbulo, esperavam-na todos para lançar-lhe um primeiro olhar: tia Rochester, vestida com um vestido púrpura precioso, Bewcastle, Freyja e Allyne. Ninguém disse uma palavra até que Aidan conduziu sua mulher até o final da escadaria. Reinava um silêncio de chumbo.

A tia foi a primeira a falar. Estava tão escandalizada que esqueceu de manejar o binóculo.

—O que significa isto? —Gritou com tanto ardor que o peitilho esteve a ponto de ser arrancado do vestido.

—Cheguei tarde? — Perguntou Eve, perfeitamente serena.— Eu sinto, mas agora já estou preparada.

—E onde está o vestido da corte que encomendamos à senhorita Benning? — Insistiu a tia.

—Mas é este, senhora. — Replicou Eve, com os olhos totalmente abertos, em uma completa inocência.— Se o olhar mais de perto comprovará que é quase exatamente o mesmo que encomendamos.

Quase exatamente. Aidan percebeu surpreso o que estava acontecendo. Eve tinha derrotado a todos. A todos: um duque, uma marquesa e um lorde. Todos tinham subestimado o seu ratinho do campo.

—É negro! —A voz da tia foi tão estrondosa como era óbvio o que afirmava.

—Sim, senhora. — Concordou Eve.— Dei à senhorita Benning a instrução para que trocasse a cor.

—Suponho, — Interveio Bewcastle com a maior tranqüilidade e placidez e, portanto, com o maior dos perigos.— que lady Aidan está a ponto de nos explicar por que o fez.

Eve afastou a sua mão da de Aidan, que compreendeu que sua mulher tinha ensaiado aquela cena. Não se surpreenderia que tivesse passado a noite agitando-se e dando voltas.

—O capitão Percival Morris, meu irmão, — Disse, com uma voz tão imperturbável como a de Wulf, embora se notasse um tremor muito leve.— era tão precioso para mim como o são seus irmãos para você, sua excelência. Possivelmente mais. Amava-o. Honrarei a sua memória vestindo luto. Embora ele tenha me pedido para que não o fizesse e vocês tenham me ordenado que eu usasse uma roupa colorida para não desonrar a sua distinta família. Nesta ocasião, nesta única ocasião, honrarei a memória de meu irmão vestida de negro na cerimônia que, conforme foi-me dito e repetido até não poder mais, será a mais importante da minha vida. Hoje vou conhecer a rainha e

fazer o meu matrimônio plenamente respeitável diante dos olhos da aristocracia mais selecionada e da família Bedwyn. Mas também renderei uma comemoração à minha própria família, os Morris.

—Bravo! — Murmurou Alleyne, com os olhos contentes.

Bewcastle levou o monóculo ao olho e percorreu Eve com a vista da cabeça aos pés.

—Esperemos, — Disse por fim.— que seu desejo de pronunciar um discurso, lady Aidan, não nos faça chegar muito tarde. Sua majestade não é muito complacente quando a fazem esperar. — Deu a volta e se dirigiu para a biblioteca.

Tia Rochester, murmurando e desgostosa, começou a andar sem acrescentar uma só palavra, e Aidan voltou a oferecer o braço a sua mulher.

Demorou para fazê-la subir sem amassar os aros de metal nem as suas plumas ou sujar a cauda. Quando Aidan viu o carro se afastar e voltou para entrar em casa, sua família se dispersou. Mas as portas da biblioteca estavam abertas, o que queria dizer que Wulf o esperava. Estupendo! Atravessou o vestíbulo com passo enérgico e fechou a porta atrás de si ao entrar.

Bewcastle estava sentado em sua mesa de despacho, acariciando com os dedos a haste da pena, embora não escrevesse.

—Olhe, Wulf, — Disse Aidan—, não permitirei que faça uma reprimenda a Eve por isso. Veio aqui contra a sua vontade porque convenceu-a de que era necessário para mim. Ficou porque não queria ceder ao que considerava uma covardia. Sofreu em silêncio todas as minúcias com as quais nossa família tende a demonstrar a sua superioridade

sobre as filhas de simples mineiros, por exemplo. Trabalhou com ousadia para preencher as lacunas de sua educação, para se desembaraçar com naturalidade entre os círculos da aristocracia mais seleta. E fez tudo isso sem fazer caso da necessidade que sentia em honrar a memória de um irmão que amava claramente. O que fez hoje constitui um desafio, sem dúvida, mas também é uma expressão da sua dor. Eu vou permitir por mais desastrosa que seja a sua apresentação na corte, não a censurarei. E não deixarei que você o faça. Não permitirei, Wulf.

Bewcastle limitou-se a continuar acariciando a pluma.

—É verdade que não quero a nenhum de vós? — Perguntou por fim fim, olhando a pluma, como se não tivesse ouvido uma só palavra da argumentação de seu irmão.

—Como? —Aidan olhou-o com o cenho franzido.

—Disse que seu irmão era tão precioso para ela como o são meus irmãos para mim. —Replicou Bewcastle— Talvez mais, porque ela o amava. Então eu não amo a nenhum dos meus irmãos, Aidan? Finalmente levantou os olhos com uma expressão incomum de perplexidade.— Ou a nenhuma das minhas irmãs?

Se alguma vez, Bewcastle tinha duvidado de algo, havia cuidado muito para que se notasse, pelo menos desde que tinha completado doze anos.

—Não te amava quando insisti em pagar pelo seu grau de oficial quando tinha dezoito anos, apesar de que tivesse me suplicado para que não o fizesse? Amava Freyja quando me neguei a permitir que se comprometesse com Kit Butler, porque não era o primogênito de sua família? Amo Morgan quando insisto em que fique estudando até que faça dezoito anos e que venha aqui para se apresentar à sociedade

durante a temporada social do ano que vem? De qualquer maneira, o que é o amor? Não é algo que eu lembre ter sentido. Não é algo que um homem da minha classe possa se permitir sentir.

Aidan sentia-se muito incômodo. Mesmo que quando fossem pequenos tivessem sido amigos íntimos, logo após tinham deixado de ser amigos. Por isso Aidan sabia que Bewcastle não tinha amigos íntimos, mas nem por isso deixavam de ser irmãos.

—Acredito que sempre faz o que considera melhor para nós. —Respondeu Aidan. Infelizmente, nem sempre coincidia com o que seus irmãos consideravam o melhor para eles. Amor? Ele tampouco sabia grande coisa sobre o amor. Sim, podia reconhecer o dever. Wulf sempre cumpria com o seu dever.

—Esperava que fizesse um bom casamento. —Precisou Bewcastle, que já voltava a se parecer mais consigo mesmo.

—Não é um mau casamento. — Replicou Aidan.

Seu irmão levantou a vista.— Têm relações sexuais?

—Não é teu assunto, Wulf.

—Sim o é. — Disse Bewcastle.— É meu herdeiro, Aidan, e, como não tenho a intenção de me casar, tinha pensado em delegar a ti a responsabilidade de gerar futuros herdeiros.

—Mesmo que Eve estivesse grávida, e mesmo que se tratasse de um menino, seria tanto dela como meu, tão herdeiro da propriedade de Ringwood como suposto herdeiro em segundo grau do título de Bewcastle. E acredito sinceramente que ela consideraria mais importante o primeiro título. E seria ela quem se encarregaria de criar o menino, não você.

—Tampouco você? — Perguntou Wulf, embora em seguida deu a entender com um gesto que não queria saber a resposta.— Não farei nenhum comentário sobre o vestido negro. É certo que qualquer cor lhe cai muito melhor que do que cinza. Mas esta noite não deve ir nem de negro nem de cinza, Aidan. Confio em que se ocupe do assunto. Você se casou com uma mulher teimosa.

Aidan se absteve de fazer qualquer comentário.

Bewcastle ficou de pé.

—Tenho que resolver uns assuntos na salão de baile.
—Disse.—Quando lady Aidan retornar, nos reuniremos todos na sala de estar.

Ali estariam todos obedecendo aos desejos do duque, pensou Aidan olhando a porta que seu irmão tinha deixado aberta ao sair da biblioteca. Que curioso ter sido Eve quem tinha achado uma brecha na armadura impenetrável do seu irmão, devolvendo-o à sua condição de ser humano vulnerável, algo inaudito. Quem pensaria que até mesmo Wulf tinha às vezes dúvidas sobre a sua vida e sobre as decisões que tinha tomado ao longo dela....

Quando Eve voltou do palácio Saint James, sentia-se tão exausta física e emocionalmente, que teria desejado com toda sua alma retirar-se o mais rápido possível para a sua suíte privada, em especial porque nessa noite teria que estar presente em um baile. Por desgracia, a marquesa de Rochester desceu da carruagem junto a ela e não teve outra solução senão acompanhá-la à sala de estar, onde o mordomo informou que o chá estava servido.

Agora que já não se encontrava na atmosfera irreal do palácio, onde todos se vestiam igual, Eve voltou a ter a impressão de estar participando de uma espécie de farsa.

Levantou a longa cauda com o braço esquerdo e se dispôs a subir a escada. Mas Aidan se aproximou para saudar a comitiva.

—Então as duas sobreviveram, hein? — Disse, olhando. Custava saber se estava ou não zangado. Com Aidan custava saber quase tudo. Se não tivesse alguns vislumbres da sua condição de pessoa de carne e osso, Eve teria aceito aquela máscara desprovida de emoções pelo homem que as escondia. Mas agora sabia que não era assim.

—E por que não teríamos sobrevivido? — Perguntou a tia, tomando um dos braços que ele oferecia.

Subiram lentamente até a sala de estar. Eve se alegrava de que já tivesse passado a época das saias com aros de metal.

—Bom, Bewcastle, — Disse lady Rochester assim que entrou na sala.—está feito. Não há nada mais cansativo nesta vida do que fazer uma apresentação oficial na corte. A multidão é agonizante e a espera interminável. Graças a Deus que só falta a apresentação de Morgan. Quando ela e Freyja se casarem, serão as suas sogras que se encarregarão do assunto.

—É possível, tia, — Disse o duque com o monóculo na mão.— que lady Aidan a poupe desse incômodo e apresente Morgan sozinha no ano que vem.

Aidan ajudava Eve nesse momento com a difícil tarefa de sentar-se com tantos aros e tanta cauda, e seus olhares se cruzaram. Os olhos do Eve revelavam a sua estupefação. Os de Aidan, como de costume, eram indecifráveis.

—Pelo visto, — Comentou lady Freyja.— a rainha não ordenou que a levassem arrastada à torre para ser decapitada por se vestir de negro.

—Por acaso alguém protestou com raiva, Eve? — Perguntou Alleyne.

—Não. —Eve percebeu que todos a olhavam mortos de curiosidade.— Ninguém.

—Bom, moça,— Disse com brutalidade a marquesa.— Por que não conta para eles tudo o que ocorreu?

—Esperamos com as demais damas em uma longa galeria durante o que me pareceu uma eternidade. No final chegou a minha vez e mandaram-nos chamar. Um cavalheiro endireitou a minha cauda e o outro pegou o meu cartão e anunciou o meu sobrenome a sua majestade, que estava sentada com grande pompa sobre o seu trono. Adiantei-me, fiz a minha reverência, beijei-lhe a mão e me retirei, tudo isso sem contratempos.

Parecia uma história tirada de um livro escrito para deleitar as meninas pequenas. Ela, Eve Morris, filha de um mineiro, inclinou-se diante da rainha em seu trono e tinha beijado a sua mão... Imaginava tia Mary escutando embevecida o conto e pedindo que o repetisse uma e outra vez. Certamente se converteria em uma lenda familiar. No dia seguinte teria muitas coisas para contar quando escrevesse aos seus seres queridos.

O duque de Bewcastle a contemplava altivo. Aidan permanecia de pé depois da cadeira de Eve com rosto inexpressivo. Alleyne parecia divertido, lady Freyja ligeiramente decepcionada.

A marquesa de Rochester estalou a língua com impaciência. —Se isso tivesse sido tudo, — Disse—eu não teria te provocado para que falasse. Freyja fez o mesmo quando esteve em sua presença. E todas as damas do grande mundo que completaram dezessete ou dezoito anos.

Mas a rainha quase nunca fala com as damas que lhe são apresentadas.

—Disse algo? —perguntou Freyja levantando as sobrancelhas.

Eve não sabia que fosse tão incomum.

—Sua majestade se inclinou e me perguntou por quem vestia luto. Disse-lhe que por meu irmão que morreu em combate na batalha de Toulouse. Sorriu-me com grande afabilidade e me elogiou por antepor o amor por minha família à tentação de vestir roupas bonitas em sua presença.

—Acrescentou —precisou lady Rochester— que o país inteiro colocou luto por seu irmão há uns poucos meses.

Alleyne riu entre dentes.

—Um golpe de mestre, viva Deus. Vai ser a fofoca da aristocracia, Eve.

O duque tomou a palavra.

—Ao que parece, desempenhou a sua tarefa com perfeição, lady Aidan. E honrou o capitão Morris. Bom, tem a intenção de servir o chá, Freyja? Ou vamos deixar que esfrie no bule?

Eve levantou a vista e se encontrou com os olhos de Aidan. Este não disse nada: limitou-se a dar volta e agarrar uma xícara de chá para ela. Perguntou a si mesma se ela estaria de acordo com o frio elogio do duque, que sem dúvida havia dito a contra gosto. Estava zangado? Humilhado? Ferido? Por acaso se importava?

Sim. Talvez se importasse.

Bebeu o chá enquanto a conversa girava em torno de sua pessoa e logo se dirigiu ao seu quarto quando o duque aconselhou repouso antes da fadiga que a aguardava nessa

noite. Aidan se dispôs a acompanhá-la quando lady Freyja se interpôs.

Eve olhou-a surpreendida. Embora sua cunhada não tivesse feito pouco caso dela na semana passada, tampouco tinha feito nenhum esforço para estar a seu lado ou conversar. Eve fez uma reverência a lady Rochester antes de sair da sala. Naturalmente foi uma reverência menos profunda do que a que tinha dedicado à rainha, embora apropriada para sua idade e elevada posição.

—Obrigado, senhora, — Disse, pelo que fez hoje por mim.

A marquesa contemplou-a balançando o seu binóculo.

—Acredito, lady Aidan, que chegou o momento de que se dirija para mim como sua tia.

—Obrigado, tia Rochester. —Eve sorriu.

Lady Freyja sustentou a cauda de Eve enquanto subiam a escadaria.

—Estas fofocas são detestáveis. — Disse Freyja— Como esse estúpido ritual de fazer uma reverência a uma rainha fossilizada, cuja noção da moda está ancorada no século passado.

Detestáveis? Ritual estúpido? Fossilizada? Meu deus, que mudança.

—Mas dará pé a histórias fantásticas quando eu retornar para meu lar. —Disse Eve.

—Foi uma brincadeira sublime. — disse lady Freyja— A primeira olhada que demos em você não teve preço. Viu a cara de tia Rochester? E a de Wulf? Quase me atreveria a dizer que o meu queixo caiu. E o rosto Aidan ficou mais inexpressivo do que o habitual. Reconheço um golpe de mestre quando o vejo. Meus parabéns.

—Fiz por meu irmão —disse Eve, voltando-se para encarar o longo corredor que conduzia à sua suíte dourada. Lady Freyja deixou cair a sua cauda.

—Sério? — Perguntou.— Mas não foi apenas por esse motivo. Acredito que influiu poderosamente a vontade de desprezar a todos nós, lady Aidan. Escolheu uma forma espetacular de fazê-lo e, por um incrível golpe de sorte, foi engraçada, e saiu não só ilesa, mas também reivindicada. Foi muito valente. Se o irmão da rainha não tivesse morrido há uns meses atrás, possivelmente não se mostrasse tão complacente com você.

Eve parou junto à porta da suíte, com a mão sobre a maçaneta.

—Respeito todos os que são capazes de enfrentar-nos — Disse lady Freyja.— Eu me atreveria a dizer que não é nada fácil. Não vou entrar. Wulf disse que você deve descansar, então descansará. Irei vê-la mais tarde. Posso chamá-la de Eve?

—Por favor. — Replicou esta.

—Eu me chamo Freyja. —Sua cunhada estendeu a mão e deu-lhe um forte aperto antes de dar a volta e retornar com os passos longos por onde tinha vindo. Era uma mulher pequena e bem proporcionada, mas se movia, falava e se comportava nestas ocasiões como um homem.

Tinham lhe estendido um ramo de oliveira, pensou Eve ao entrar no magnífico aposento decorado nas cores creme e dourado, que era a saleta privada que compartilhava com Aidan. O duque havia dito que tinha desempenhado a sua tarefa com perfeição. A marquesa tinha dado permissão para que a tratasse de tia.

Indubitavelmente, fazia progressos. E tudo porque os tinha desafiado. Era essa a chave para sobreviver entre os

Bedwyn? E o que tinha acontecido com Aidan? Envergonhava-se dela? Todos acreditariam que não podia controlar a sua mulher e o desprezariam?

Nesse momento só podia pensar em tirar aquela roupa ridícula que a aprisionava e cair na cama. De onde iria tirar a energia para enfrentar um baile naquela noite, um baile que, além disso, seria o seu cartão de apresentação diante da alta sociedade? A ideia revolveu o seu estômago.

=CAPÍTULO QUINZE=

Tinha conseguido, por Júpiter! Até Eve chegar em casa e contado o acontecido, — quer dizer, até que tia Rochester tivesse relatado o episódio mais destacado da recepção— Aidan não compreendeu quanto tinha temido durante toda a semana que algo saísse errado e a sua mulher se sentisse terrivelmente humilhada. Tinha passado toda a semana ausente, pelo menos de dia e antes do jantar. Tinha percebido a concentração com que Eve cuidava de tudo o que devia aprender e praticar e não quis distraí-la. Como era natural, também a tinha deixado com plena liberdade para que planejasse e executasse a sua grande rebelião.

Ficou alegre de que a grandiosidade que rodeava a sua família não a tivesse coibido. Era talvez o que mais tinha temido quando, no *The Green and Still*, ela insistiu em voltar para *Bedwyn House* em lugar de retornar no dia seguinte a seu lar com a carruagem alugada. Em *Ringwood* tinha terminado gostando dela, inclusive admirando-a, por mais estranha que fosse a sua atitude com os órfãos, os vagabundos e os demais elementos indesejáveis da sociedade.

Mas nessa noite ainda tinha que passar por outra prova, possivelmente mais difícil que a apresentação à rainha. Iria enfrentar a aristocracia mais instruída do país, misturar-se com ela, conversar com ela, dançar com alguns dos seus componentes. Estariam observando-a e julgando-a em todos os momentos. Aidan estava certo de que se espalhava a fofoca sobre as suas humildes origens.

Vestiu o seu uniforme de gala e sapatos de baile, iguais aos que usou na celebração que tinha ocorrido na estalagem Três Plumas há umas poucas semanas atrás. Que longínquo parecia tudo! Esperava Eve para levá-la até o salão de baile. Não o fez esperar muito. A porta do closet se abriu no preciso momento em que deu uma olhada no relógio que havia sobre o suporte da chaminé. Ainda restavam quinze longos minutos antes da hora que Bewcastle queria que ocupassem o seu local na fila de recepção.

Eve resplandecia com um aspecto muito diferente do habitual. Sua beleza cortava o fôlego. Tinha desaparecido a tristeza dos seus eternos tons cinza e também a magnificente severidade do luto rigoroso. Seu vestido apertado e de cintura alta, de uma simplicidade refinada e sedutora, tinha delicadas tonalidades de amarelo avermelhado. Prímulas bordadas adornavam os silvestres ondulados do vestido e as mangas curtas. As sapatilhas combinavam com a roupa, enquanto que o leque e as luvas eram de cor marfim. Plumas amarelas e marfim, moviam-se ritmicamente em concordância, e se sobressaíam do cabelo, que tinha sido recolhido para trás e brilhava graças aos primorosos cachos que lhe acariciavam a nuca e as têmporas. Aidan comprovou com prazer que o profundo decote deixava adivinhar os seios nus.

—Parece—Disse ela.— que me olha com maior aprovação do que nesta manhã. Mas nunca posso estar segura. Tem um ar tão severo...

Aquela acusação começava a irritá-lo. Mas notou que estava nervosa e, logicamente, defensiva. Não respondeu. Deu um passo adiante e estendeu a mão, onde carregava

um comprido estojo que trouxe desde que tinha saído do seu closet.

—O que é? — Perguntou, olhando-o.

—Um presente de casamento. — Respondeu. — Não lhe dei nenhum na ocasião.

Ela franziu o cenho.

—Mas se não estamos....

—Não repita constantemente esse absurdo. Estamos casados, Eve. Muito casados. Tome.

Duvidou um pouco mais, olhando-o carrancuda. Ele estalou a língua e abriu o estojo. Segurou a corrente de ouro com uma mão, deixou o estojo, colocou-se por trás dela e colocou-lhe a corrente no pescoço. Eve inclinou a cabeça sem dizer uma palavra enquanto Aidan atacava o fecho. Quando acabou, ela brincou com a jóia que estava pendurada na corrente. Era um simples diamante, sem extravagâncias nem engastes sofisticados. Decidiu pela simplicidade. A corrente tinha o comprimento correto. Quando soltasse o diamante que ela escondia na mão, se recostaria perfeitamente no vale que seus seios formavam.

Separou-se dela para contemplá-la. De repente se sentiu triste e desgostoso. Ela continuava sem dizer nada e mantinha a cabeça abaixada. Então a ouviu tragar a saliva e compreendeu que estava tentando não chorar. Por que diabos? Incomodado, levou as mãos às costas e apertou-as.

—Obrigado. —Disse Eve por fim.— É muito bonito e sempre o guardarei como um tesouro. Mas não tenho nada para você.

Fez um gesto dando a entender que não tinha nenhuma importância.

— Aidan, — Disse, olhando-o nos olhos. — chegaram todos as roupas da senhorita Benning. Mas ainda não

chegou a fatura.

Agora foi ele quem franziu o cenho.

—Naturalmente. — Disse com brutalidade.

—Pagou-a? —Perguntou ela.

Eve apertou os lábios e Aidan pensou que ia explodir uma nova batalha.

—Supunha que tudo seria diferente. —Disse ela.— Tudo. Que teoricamente não ia haver nenhuma relação. Sinto muito.

—Será melhor que desçamos. —Replicou ele, oferecendo o braço.— Wulf não achará graça se chegarmos tarde.

—Há algo que ache engraçado? —Perguntou, pousando a sua mão enluvada sobre a manga do uniforme. — É um homem infeliz? Ou simplesmente frio por natureza?

—Ninguém sabe com certeza. Nunca permite que alguém se aproxime o suficiente. —Com uma exceção. Eve tinha conseguido rachar a armadura de Wulf naquela manhã. Talvez dentro dela ainda houvesse uma pessoa.

Eve tinha passado a manhã consumida pelos nervos. Mas, de algum maneira, o desafio à desaprovação de Aidan, ao duque do Bewcastle, a marquesa de Rochester e, inclusive, se tivesse que chegar a tal extremo, à rainha, tinham-na ajudado a dissimular os seus temores. Naquela noite não ia contar com nenhum recurso. Estava maravilhada de que as pernas pudessem levá-la pelo corredor e descer a escadaria. Concentrava todos os seus esforços em não apoiar-se muito no braço de Aidan.

Como tinha se metido em semelhante apuro? Parecia que tinha sido ontem, quando se encontrava na garganta de Ringwood rodeada por seus seres mais queridos,

recolhendo campânulas. Em lugar disso, estava a ponto de assistir a um baile da nata da aristocracia em Bedwyn House. Em Londres. E, se por acaso fosse pouco, em sua honra.

Já tinham descido os degraus e se aproximavam da sala. Eve distinguiu o duque e Alleyne, ambos vestidos impecavelmente de fraque, o duque com uma calça cinza na metade da perna e um colete prateado. Alleyne com uma calça de cor parda acinzentado e um colete de um ouro pálido. Ambos com camisas brancas resplandecentes e uma profusão de rendas no pescoço e nos pulsos. Freyja estava um pouco afastada, muito elegante em um vestido com plumas de diversos tons de verde vegetal, marinho e esmeralda. Os três pareciam ser completos aristocratas, como de fato o eram. Naturalmente, Aidan estava com o uniforme de gala.

Cinderela aproximando-se do baile, pensou, desconsolada e também intimamente divertida.

—Encantadora. — Disse Alleyne, fazendo uma elegante reverência.— Suponho que Aidan reservou para si o primeiro baile coletivo e a primeira valsa. Concederá para mim a segunda valsa?

—Valsa? —Aidan franziu o cenho quando Eve levantou a vista para ele.— Vai haver valsas esta noite, Wulf?

—Tia Rochester me assegurou que são de rigor em todo baile que deseja estar na última moda. — Disse o duque, percorrendo Eve de cima para baixo com o olhar e balançando um monóculo com jóias incrustadas.— E, certamente, lady Aidan, sendo como é uma dama amadurecida e casada, poderá dançá-la sem a necessidade de que as dirigentes do Almack's lhe dêem a sua aprovação.

—Ora! — Exclamou Freyja.— Quem se preocupa com essas solteironas? Você sabe os passos, Aidan? Seria uma verdadeira lástima se pisasse em Eve.

—Eu dancei a valsa na Espanha. —Disse este.— Mas Eve sabe? Conhece-os? —Aidan olhou para sua mulher.

—Aprendi-os nesta semana. —Respondeu ela.—E pratiquei-os com Alleyne.

—Ah, sério? —O cenho de Aidan se elevou grandemente.— Que cortesia mais encantadora!

—Sim. —Eve sorriu com alegria. Era possível que estivesse com ciúme? E de seu próprio irmão? Que delícia!

—Vêem ver —disse Freyja, segurando Eve pelo braço e levando-a em direção da porta do salão de baile.

A primeira olhada que deu ao salão deixou-a sem respiração. Centenas de velas ardiam nos três candelabros de cristal que estavam pendurados no teto e em spots cravados nas paredes de toda a sala e sua luz refletia sobre o teto e os tabiques dourados. Das paredes se penduravam também vasos grandes jarros nos quais se sobressaíam ramos e mais ramos de flores, todas elas com diversas tonalidades de amarelo e branco. Seu perfume invadia o aposento. As portas que davam para o balcão estavam totalmente abertas e deixavam entrever as lanternas coloridas encaixadas na balaustrada. No estrado situado no extremo da sala podia se ver uma orquestra completa de cavalheiros vestidos com elegância que afinavam os seus instrumentos, ocultos por fileiras de flores.

—Tia Rochester informou a cor da sua roupa para Wulf. — Disse Freyja rindo.— Menos mal que não trocou de cor como fez com a roupa da corte.

—Sinto-me aflita.— Confessou Eve.

—Não há por que. E se terá deslocado a voz do ocorrido esta manhã. Não há dúvida. Todo mundo sabe que se apresentou diante da rainha vestida de negro e que ela ofereceu-lhe umas palavras e aprovou a sua atitude. É a melhor recomendação que há. Tem a toda a nata da aristocracia predisposta a observá-la e admirá-la antes até que a tenham apresentado aos seus membros. Wulf levantou as sobrancelhas. Isso quer dizer que esperam que atenda logo junto dele.

Eve deu a volta e saiu apressada do salão de baile para ficar na fila de recepção. O coração lhe golpeava como um martelo no peito. Mas à ansiedade se unia agora o nervosismo. acalmou-se um pouco pensando na carta que escreveria aos seus no dia seguinte.

Apesar do tempo escasso em que foram enviados os convites, e nessa época do ano, em que todas as famílias importantes tinham dúzias de compromissos por dia, em uma certa hora chegaram tantos hóspedes em Bedwyn House, que Eve se perguntou se todos caberiam no salão de baile. De pé, entre Aidan e o duque de Bewcastle, fez mais de cem reverências antes que fosse concluída a cerimônia de recepção. Nunca tinha suportado um sorriso por tanto tempo. Doía-lhe o rosto. Que tranquilo devia estar o duque de Bewcastle, que podia se contentar em colocar semblante de arrogância e boa educação.

—Entremos e abramos o baile. — Anunciou por fim o duque, aproveitando um recesso na chegada de novos convidados.—Saudarei os retardatários conforme forem chegando.

Eve sentia-se nervosa e emocionada ao voltar a entrar na sala. Cheia como estava de convidados, parecia o dobro da sua grandeza e magnificência. Apreciou a mão de Aidan

em seu cotovelo, que exercia um efeito balsâmico, e sorriu para ele. Ele se surpreendeu com o súbito afeto que sentiu por ele.

A abertura consistiu em uma série de bailes regionais que Eve conhecia bem, pois os tinha dançado na cerimônia de casamento em Heybridge. Mas uma coisa era dar uma saidinha para uma festa de campo e outra muito distinta era dançar em um salão de baile em Londres no momento culminante da temporada social.

— Minha mãe. — Disse Eve quando se colocaram à frente de duas longas filas, uma para as damas e outra para os cavalheiros—Depois dos primeiros alinhamentos teremos que percorrer inversamente todo o caminho fazendo piruetas?

—Não temos outra saída.— Replicou Aidan.— À vista de todos os presentes. Procurarei não enjoar e desfazer as fileiras rodando como um pião.

Eve dedicou-lhe outro sorriso. Uma nova ironia lançada com aquele rosto inexpressivo.

—Claro que não. — Disse— Você é um bailarino completo. Esta noite só poderemos dançar juntos duas vezes. É uma das normas arbitrárias às quais são dadas tanta importância nestes círculos. Sua tia se encarregou de que não me esquecesse. Dançará uma valsa comigo?

—Tenho que fazê-lo para comprovar até que ponto Alleyne foi bom professor.

—Mas quem me ensinou foi o professor de baile. Alleyne se limitou a ter uma paciência infinita para ser o meu par.

—Hummm. — Disse Aidan.

Poderia ser, pensou Eve de improviso, que estivesse começando a se apaixonar pelo seu marido. Por sorte, não

teve tempo de analisar essa inquietante possibilidade, porque a orquestra começou a tocar uma peça muito animada e Eve, com o coração que lhe saía pela boca, deu os seus primeiros passos em seu primeiro baile de gala entre a flor e nata da aristocracia. O luxo era assustador. Voltou a sensação de ter entrado nas páginas de um livro de contos infantis, com a diferença de que tudo o que via, ouvia e cheirava era absolutamente real. Essa sensação provocava euforia. Quando chegou a sua vez de percorrer o espaço que ficava entre as duas fileiras, dando voltas nos braços de Aidan, riu abertamente. É obvio, as normas proibiam taxativamente semelhante efusão. Lady Rochester tinha explicado que as damas de alto berço nunca davam amostras de entusiasmo em público, mas fingiam um ar de leve aborrecimento. Naquele momento Eve não se importou o mínimo, embora fosse consciente de que todos os olhos da sala estavam pousados nela. Voltou a rir.

E então ocorreu algo extraordinário na verdade. O rosto do seu marido, a princípio sério e severo como sempre, foi relaxando pouco a pouco. Não chegou a sorrir, pois não sorria com o rosto. Nem com a boca. Mas os seus olhos o fizeram, sim. Suavizaram-se e brilharam com uma expressão que somente podiam demonstrar um sorriso. Pelo menos para ela.

E o mundo inteiro sorriu.

Eve se deixou arrastar por seu próprio entusiasmo. Tinha os olhos fixos em Aidan. Em parte estava consciente do cenário em que se encontrava, mas também era consciente de que já não mais a intimidavam nem a sala nem as centenas de olhos que a escrutinavam. Que olhassem. Não se importava. Aidan estava sorrindo para ela. Sim, certamente. Juraria que sim.

Continuou dançando, sorrindo, rindo, conversando com Aidan e às vezes com os seus vizinhos de fileira, desfrutando como nunca em toda a sua vida. No fundo de sua mente se ocultavam a razão e o senso comum. Mas nessa noite não queria enfrentá-los. Nessa noite queria ser Cinderela e desfrutar do seu baile.

Enquanto Eve dançava as duas músicas seguintes, a primeira com Alleyne e a segunda com o visconde de Kimble, Aidan distraía amavelmente um grupo de damas de companhia, mães e avós, que cumpriam com o seu dever vigiando as mocinhas que tinham sob a sua tutela, embora tivesse certeza, que a maioria teria preferido estar na sala onde se jogavam cartas. Foi passando de grupo em grupo sem perder de vista em nenhum momento a sua mulher. Era possível que tia Rochester considerasse que muitos dos seus esforços da semana anterior tinham sido um fracasso. Wulf talvez também o pensasse. Eve era sem dúvida diferente de todas as damas que se achavam presentes. Desfrutava abertamente, sorria, ria e dançava com entusiasmo e graça. E irradiava felicidade. Mas ninguém parecia olhá-la com desaprovação. Pelo contrário.

—Uma bonita flor. — Disse-lhe lady Harvingdean, uma enriquecida viúva.—E resplandecente como devem estar as noivas felizes. Você deve estar fazendo algo muito bem, coronel.

Não podia negar que estava encantado com sua esposa. Era como uma promessa da primavera que floresceu no chão árido e invernal de sua vida. Talvez não fosse uma promessa. Eles não tinham um futuro. Mas naquela noite não queria deixar sua mente vagar com esses pensamentos. Naquela noite se contentaria em observá-la

e esperar a valsa que ia dançar com ela mais adiante. E em monopolizá-la quando tivesse acabado o baile. Tinha medo de sentir saudade dela quando retornasse para Ringwood, mas voltou a desprezar esse pensamento e qualquer outro que pudesse perturbar sua alegria.

A música seguinte foi uma valsa e finalmente pôde conduzir Eve de novo pela pista.

—Aidan, —Perguntou enquanto soavam os primeiros acordes e ele se preparava seguir aquela cadência harmoniosa. — Conhece alguma dança mais divina do que a valsa?

—Nenhuma. —Respondeu com firmeza.— Acredito que o que os anjos dançam sobre as nuvens é a valsa.

Eve começou a rir.

—Eu gosto dessas idéias improvisadas e que diga algo absurdo com um rosto perfeitamente sério. É feliz?

—Como poderia ser de outro modo? — Replicou.— Estou em um baile da alta sociedade, que sem dúvida será considerado como o de maior êxito social, inteiramente graças a Bewcastle, que é o centro de todos os olhares, exceto aqueles que são dedicados exclusivamente a você. E estou com uma esposa que insiste em dizer que não está casada comigo. Em minha situação, quem não pularia de euforia por todos os lugares? —Fez ela dar duas voltas vertiginosas.

Ela voltou a rir. E logo ficaram em silêncio. A valsa sempre tinha lhe parecido aborrecida e inclusive incômoda. Suas parceiras tinham sido invariavelmente as damas com as quais tinha dançado por cortesia. Passar meia hora cara a cara com uma mulher que não era atraente ou pior, que estava casada com outro, não era a ideia que Aidan tinha de prazer.

Em troca, aquela valsa era mágica. Eve era alta e esbelta —com a cabeça chegava no seu queixo—, tinha os pés ágeis e dançava com graça. Amoldava a sua coluna à pressão da mão de Aidan e antecipava cada um de seus movimentos, de sorte que dançavam em perfeita concordância. As imprecisas manchas de cores dos vestidos, plumas e casacos formavam um caleidoscópio glorioso. As velas lançavam brilhos com a sua luz. Aidan desejava que o baile não acabasse nunca. Mas acabou, como não podia ser de outra forma.

—Ah, que maravilha! — Exclamou Eve, com as bochechas avermelhadas, os olhos brilhantes e sem fôlego. —. Você é um bailarino excelente, Aidan. Eu adoraria que nos deixassem voltar para dançar juntos de novo.

Mas o dever os chamava. Assentiu na direção de Bewcastle que estava de pé no corredor e os olhava inquisitivamente.

—Chegaram novos convidados. —Disse, oferecendo o braço a Eve.— Realmente tarde. Mas temos que ir e cumprimentá-los.

— Continua chegando gente. —Disse Eve.— Alguns terão que sair para dançar no balcão. Já viu alguma vez tantas pessoas juntas? Eu sim

Parou na metade da frase. Aidan comprovou que o sorriso tinha congelado nos lábios e que tinha os olhos fixos nas pessoas que se aproximavam pelo corredor. Por um momento, tremeram as pernas da sua mulher.

—Senhora, — Disse Bewcastle, dirigindo-se a ela—, permite-me apresentar-lhe sir Charles Overly, da embaixada britânica na Rússia, e lady Overly? E o visconde Denson, também da embaixada? Lady Aidan Bedwyn e o coronel Bedwyn, meu irmão.

Eve fez uma reverência, assim como lady Overly. Os cavalheiros trocaram saudações e parabéns.

—Voltou para a Inglaterra para assistir à celebração da vitória? —Perguntou Aidan a sir Charles.

—Pois é. —Respondeu este— Na realidade voltamos faz dois meses, assim que se tornou iminente a vitória das forças aliadas. Mas estamos esperando que o czar chegue logo.

—Posso felicitá-la por seu casamento, lady Aidan? —Lady Overly riu entre os dentes com ar malicioso.— Tudo foi um golpe de mestre. Os homens Bedwyn sempre foram notavelmente evasivos no que se refere às intrigas matrimoniais.

Eve sorriu, mas Aidan percebeu que tinha empalidecido e estava com os lábios brancos como papel. Compreendeu em seguida que já conhecia um dos três recém chegados. Supôs que se tratava de Denson, um cavalheiro loiro, sorridente e muito charmoso. Que estava fazendo uma reverência à sua mulher.

—Vejo que estão se formando os grupos para a próxima dança. —Disse— Concederá a honra de dançá-la comigo, lady Aidan? Com a permissão do coronel Bedwyn, naturalmente.

Aidan inclinou a cabeça e Eve, sem nenhuma palavra ou olhar, voltou para o salão de baile.

Dançaram por um momento. Denson espalhava sorrisos ao seu redor, Eve olhava para baixo e se movia mecanicamente. Tinha perdido o brilho. Quando a orquestra parou entre duas músicas, Denson baixou a cabeça, disse algo a Eve, colocou uma mão por baixo do seu cotovelo e conduziu-a ao balcão.

Aidan olhou os dois se afastarem, com as mãos apertadas às costas.

—Há algum lugar mais reservado? —Perguntou ele.

No balcão havia dois casais e, no extremo, um grupo mais ruidoso.

Mas Denson tinha visto a escada que conduzia ao jardim, voltou-se para puxá-la pelo cotovelo e levá-la para baixo. Havia caminhos pavimentados, bancos e um lago ornamental com uma fonte. Lanternas estavam penduradas nas árvores. Vários convidados passeavam. Era uma noite quente.

Tinha retornado para a Inglaterra fazia dois meses. Um mês antes de se casar. Talvez antes da morte de Percy. Tinha estado todo esse tempo na Inglaterra.

Eve, — Disse-lhe ao chegar na escadaria— não sabia que tinha sido você que havia se casado com o irmão de Bewcastle. Até que cheguei aqui esta noite e a vi ao seu lado, não tinha nem ideia.

—Está há dois meses na Inglaterra.

—Estive muito ocupado. Não tive nem um segundo a perder. Não houve um dia em que não tive vontade de ir vê-la em Oxfordshire. Não sabe quanta saudade senti de você.

—Dois meses. — Ela repetiu. Dois meses para alguém que jurou que voltaria veloz para o seu lado assim que pisasse em chão inglês....

—Como pôde fazer isso, Eve? — Perguntou-lhe.— Tínhamos um pacto. Íamos

—Percy morreu. — Disse ela— Mataram-no na batalha de Toulouse.

Conduziu-a até um banco ligeiramente afastado do caminho e disfarçado pela sombra dos ramos de um

salgueiro. Ela se sentou e o olhou. A luz da lanterna iluminava os traços perfeitos. Estava mais bonito do que nunca.

—Sinto muito.— Disse.— Mas por que se casou, e tão pouco tempo depois? Por que se casou com Bedwyn?

—Papai morreu depois que você foi embora. Pelo contrário, não está a par das cláusulas do seu testamento. Tudo seria meu com a única condição de que me casasse antes do primeiro aniversário de sua morte.

—Devia ter escrito para mim. Teria....

—Teria... o que? Teria vindo correndo para me ver? E como ia escrever para você, mesmo sendo indecente? Não saberia para onde enviar a carta. Certamente, eu não conhecia o seu endereço em Londres.

—Eve, — Disse ele.— tem que me entender. É importante para um homem da minha posição ser visto durante a temporada social, dar festas e ser convidado para outras. Ia retornar no verão. Então teríamos nos casado.

—Tem certeza? — Sentia-se lúcida como se finalmente a sua mente se esclarecesse. Há quinze meses atrás, ir para a Rússia tinha sido mais importante do que se casar com ela. Agora tinha sido mais importante dar festas e ir à elas.— Percy teria deixado toda a herança para mim antes que passasse o ano, ou a teria compartilhado comigo se eu insistisse. Mas morreu muito cedo. Ou então Cecil herdaria tudo.

—Devia ter dito isso para mim. —Inclinou-se sobre ela.
—Maldição , devia ter dito isso!

—Tive uma semana para obedecer às condições do testamento de meu pai. Não sabia que estava em Londres. Poderia ter encontrado uma maneira para fazer-me saber.

De repente viu claramente e sem sombra de dúvida, que jamais tinha tido a intenção de se casar com ela. Jamais. Tinha gostado dela, a havia amado até, mas nunca tinha tido a mínima intenção de desposá-la. Se não tivesse sido tão ingênua, nem estado tão apaixonada, teria percebido antes. Nesse verão, se as coisas não tivessem mudado, teria encontrado uma nova desculpa para se não casar.

—Por que Bedwyn? —Perguntou ele.— Pensei que fosse bastante rico para não ter que se enrolar com uma herdeira.

—Foi ele quem me trouxe a notícia da morte de Percy. —Disse.— Quando compreendeu as dificuldades que eu estava passando, ofereceu-se para se casar comigo.

—E me esqueceu tão rapidamente? — Perguntou-lhe, sentando-se ao seu lado.

—Como ia esquecer você? Depois de tudo o que houve entre nós?

Conheceram-se quando Eve acabava de fazer vinte anos. Seu pai já tinha feito algumas insinuações ao conde de Luff com a esperança de animar um romance entre os dois. Encontraram-se pela primeira vez em um caminho campestre montando os cavalos. Saudaram-se e conversaram educadamente por dois minutos e depois ele voltou na garupa do seu cavalo e ficou ao seu lado. Planejaram freqüentemente numerosos encontros, sempre em segredo, pois o conde tinha rejeitado com firmeza a sugestão de seu pai. John foi para a universidade e logo para Londres, onde começou a sua carreira no corpo diplomático. Mas, sempre que estava em sua casa, encontrava-se com Eve. Foi inevitável que a sua amizade se convertesse em um relacionamento amoroso. John

prometeu a ela que se casariam quando acabasse a universidade e tivesse a idade oportuna. Prometeu-lhe que se casariam quando consolidasse a sua carreira. Então chegou a notícia de que tinha sido mandado para a Rússia. Esperava ficar fora por um ano. Disse-lhe que se casariam assim que voltasse. Ela tentou desesperadamente se casar antes de sua partida, ou pelo menos que anunciassem o seu noivado para que pudessem se corresponder durante a sua ausência. Tinha chorado em seus braços e ele a tinha abraçado com ternura e também derramado algumas lágrimas. E, nesse momento, sem saber como, fizeram algo mais do que se abraçar, beijaram-se e declararam amor eterno.

Nunca tinha lamentado. Até esse dia. Acreditava que era amor. Possivelmente, em certo sentido, tivesse sido para ambos. Mas só ela se comprometeu. E além disso, tinha quebrado o compromisso.

—Como ia esquecer você? —Repetiu— Mas tinha muito o que perder. Eram muitos os que dependiam de mim, crianças incluídas. Nem sequer sabe nada sobre as crianças. O coronel Bedwyn me ofereceu uma possibilidade de salvá-los. Foi muito amável.

—Amável? —Disse, segurando a mão direita de Eve e levando-a ao coração— Contenta-se com a amabilidade quando conheceu algo tão superior?

Eve desprendia a sua mão do peito de John, quando levantou o olhar. Aidan estava de pé no caminho, a um metro de distância. Ela ficou em pé de um salto.

—Depois deste baile vem o jantar. —Disse Aidan.— Não quer chegar tarde, verdade? Rogo a você que desculpe a minha mulher, senhor Denson.

Eve não se voltou para olhar John. Este permaneceu mudo e imóvel. Eve pôs a mão sobre a manga de Aidan e sentiu os seus músculos duros como rochas.

—Quem sabe —Disse ele.— se quando voltarmos ao baile tenha recuperado o seu sorriso.

—Aidan... —Começou ela.

—Agora não. —Disse com suavidade— Não é o momento nem o lugar, senhora.

=CAPÍTULO DEZESSEIS=

Deixou o leque sobre o sofá na sala de espera privada e tirou as luvas. Despojou-se logo das plumas, desfazendo alguns cachos do cabelo cacheados. O sorriso jovial que tinha brilhado durante toda a tarde e na metade da noite, tinha ficado para trás. Parecia esgotada e estava pálida. Não olhou uma só vez para Aidan, mas não tratou de escapulir se escondendo no seu closet.

—Esteve perto da indiscrição. — Disse ele.

—Muito perto, possivelmente. — Concordou ela, brincando com o diamante pendurado em seu peito.— Mas não muito. Não há nada de repreensível em passear com um convidado por um jardim iluminado com lanternas.

—E sentar-se à sombra em um lugar afastado do caminho? E dar a mão para que ele a levasse até o seu coração?

“*Como ia esquecer você?*” “*Foi muito amável.*” Essas frases martelavam a sua cabeça desde que as tinha ouvido há três ou quatro horas. Ainda não tinha tido ocasião de analisar por que o tinham afetado, irritado e... ferido tanto.

—Não lhe dei a mão. Foi ele quem a agarrou. Eu a estava retirando.

—Ah, rogo que me perdoe. —Permanecia de pé diante da chaminé, com as mãos apertadas à costas, escrutinando a cabeça inclinada de Eve.— Tudo foi fruto da coação, suponho. O baile, a saída para o balcão e a descida para o jardim, a escolha de um banco afastado na escuridão. E que segurassem as mãos.

—Aidan... — Começou Eve, mas logo pareceu que não encontrava nada mais para acrescentar. Tinha os olhos

nublados pela tristeza.

—Quem é? Confesso que nem me recordo dele, nem do seu sobrenome.

—O visconde Denson é filho do conde de Luff— Respondeu ela.— Vivem em Didcote Park, a oito quilômetros de Ringwood.

—Ah. — Replicou ele, consciente de que se estava comportando como um marido ciumento convencional, mas ao mesmo tempo incapaz de se controlar. Tinha ficado deslumbrado com Eve durante a primeira hora de baile. Tinha... Sim, tinha se apaixonado um pouco por ela. Talvez não fosse ruim que tivesse ocorrido algo que o devolvesse à realidade. Mas nem por isso deixava de se sentir zangado e ferido.

Eve tentou acrescentar algo, mas se limitou a agitar a cabeça e a manusear uma das plumas que jaziam sobre as suas luvas.

—Mentiu para mim. —Disse ele— Disse que não havia mais ninguém. Disse que não havia ninguém com quem desejasse se casar.

—Não. — Replicou ela.— Deixei que fizesse uma suposição e então não o contradisse.

—Foi uma mentira por omissão, — Disse ele— e não por ação. Mas não deixa de ser uma mentira. Devia ter dito isso. Na terrível cena do jardim recebi injustamente o papel de vilão.

—Então não ouviu tudo o que foi dito. —Afastou a mão da pluma e segurou com ela o diamante que estava pendurado no peito.— Disse que me salvou, a mim e todas as pessoas que dependem de mim. Disse-lhe quão amável foi comigo.

—Amável! — Alfinetou ele, em um tom e com uma força muito semelhantes aos que tinha usado Denson umas horas antes.— Não me dedico a trocar cortesias, senhora. Nunca tinham me acusado de ser um homem amável. Casei com você para pagar a dívida contraída com um moribundo.

—Nesse caso, por que está tão zangado?

Era uma pergunta incômoda, para a qual não tinha resposta.

—Não voltarei a ter nenhuma entrevista privada como a de hoje.— Prosseguiu Eve.— É isso o que teme? Que ponha você em evidência e cubra de vergonha a sua família? Não vai ocorrer. Escolhi deliberadamente não esperar o visconde Denson e casar-me com você. Não houve nenhuma traição, Aidan. Nosso matrimônio nunca aspirou a ser mais do que um pacto de conveniência. Não esperávamos passar mais de dois ou três dias juntos, não é verdade? Aceitei as conseqüências dos meus atos. E continuo aceitando agora.

Aidan sabia que devia deixar as coisas como estavam. Eve estava se mostrando razoável e sincera.

— Suponho — Disse— que ele foi seu amante.

Eve moveu a cabeça lentamente, mas não para negar as suas palavras, ou foi o que pareceu a Aidan.

—Deixemos isso assim, Aidan.— Respondeu.— Tudo faz parte do passado. Desapareceu. Já não existe mais. — Havia um ligeiro tremor em sua voz, embora Aidan tivesse que se contentar imaginando a causa da sua emoção.

—Realmente? — Perguntou. Detestava pôr um nome e um rosto ao amante de Eve.— É o filho do seu vizinho. Quando acompanhá-la até Ringwood, irei embora para não voltar jamais.

—Aidan. —Segurava o diamante com tanta força que tinha os nós dos dedos embranquecidos.— Não faça isso comigo.

Olhou-a pensativamente. Não se importou que não tivesse chegado virgem ao matrimônio. Apenas tinha se surpreendido. Mas se preocupava que continuasse amando aquele homem, que a necessidade de casar-se com ele e não com John, tivesse destruído todas as suas esperanças de felicidade futura. Sentia-se como o vilão da estória, embora soubesse que não era e que Eve não o via dessa forma. Maldição! Merecia tudo por ser idiota. Tinha baixado tanto a guarda para se apaixonar por Eve? E descobrir então que já tinha dado o seu coração a outro? E sabendo perfeitamente que tinha dado a sua palavra de honra para deixá-la para sempre no final de duas semanas? Não tinha passado tantos anos dizendo a si mesmo que onde melhor poderiam estar os sentimentos de ternura senão sob sete chaves, em um lugar muito profundo do seu coração, que tinha chegado a se convencer de que tais sentimentos não existiam? Seus esforços fizeram com que conseguisse conquistar aquela reputação de homem com um autocontrole férreo.

—Você tem razão. — Disse.— Toda a razão do mundo. Não diremos nada mais sobre este assunto. Mas não estimulará Denson para ter outro encontro a sós com você.

Eve apertou a mandíbula e endureceu o olhar.

—Isso não é necessário, Aidan. — Disse.—Não se faça de marido déspota comigo. Tive a oportunidade de escolher entre a minha própria felicidade e esperar a chegada do meu amor ou pensar na felicidade alheia e me casar contigo e escolhi você. Se pudesse voltar atrás no

tempo e enfrentasse as mesmas circunstâncias, voltaria a fazer o que fiz. Escolhi e serei fiel à minha escolha. Não em nome dos Bedwyn, mas sim por respeito próprio.

Fez-lhe uma pequena reverência.

—Não diremos mais nenhuma palavra sobre este assunto. Desejo-lhe boa noite.

Eve continuou olhando-o, com o rosto pálido e a mandíbula apertada em um gesto de teimosia. Ele deu a volta e saiu com longas passadas na direção do seu closet pessoal. Na realidade nada tinha mudado. Nada e tudo. Uma coisa era ter se casado com ela quando parecia que o casamento só faria permitir que Eve conservasse a sua casa, sua fortuna e seus queridos casos perdidos. Outra muito distinta era saber que tinha destruído um sonho de amor, que devia ter sido apaixonada. Eve não era uma mulher que tivesse perdido a sua virgindade se não tivesse amado apaixonadamente e não tinha se comprometido a se casar com seu amante. Tinha passado uma semana dormindo com ela, enormemente satisfeito com as suas relações sexuais e com ela, embora o componente emocional de seus encontros tinha crescido sem que ele percebesse. Até aquele momento não tinha compreendido que para ele somente o sexo não o atraía. Ela também tinha desfrutado durante essas noites, tinha certeza. Mas para ela tinha sido uma relação física, como ele tinha acreditado também no princípio. Durante todo o tempo, o coração de Eve provavelmente tinha sentido a falta de um amante que não tinha retornado.

Era um descobrimento extremamente desagradável. Humilhante. E muito doloroso.

Fechou a porta detrás dele e percebeu que não estava sozinho.

—Acreditei que havia dito que não me esperasse acordado —Disse, elevando as sobrancelhas.— Sou perfeitamente capaz de tirar a roupa e me colocar na cama sem ajuda, Andrews.

—Já sei. — Concedeu seu ordenança.— Mas atirá os objetos como se fossem farrapos, senhor, e levarei um tempo infinito para desfazer as rugas e engomá-las. Prefiro sacrificar três quartos das minhas horas de sono..

—Você é muito impertinente— Disse Aidan.— Não sei por que o mantenho comigo. Não fique aí me olhando como se fosse um mártir. Ajude-me a sair deste casaco. Terei que obrigar a quem desenha os uniformes militares a ficar na primeira linha durante uma batalha. Assim aprenderiam a lição, se é que viveriam o suficiente para aprendê-la.

Decidiu que nessa noite dormiria em sua própria cama. Essa noite e no resto das noites de sua vida. Não voltaria a visitá-la. Não podia. Não poderia suportar voltar a tocá-la.

Estava destroçado.

Eve permaneceu em seu quarto escrevendo uma carta aos seus. Tinha tanto para contar que não sabia por onde começar. Mas em lugar do bom ânimo com que esperava estar pela manhã, sentia-se abatida e a ponto de chorar, embora não tivesse conseguido fazê-lo em todo o resto da noite, depois de deitar-se. De deitar-se sozinha.

John tinha voltado para a Inglaterra fazia dois meses. Dois meses! Em todo esse tempo não tinha tido nem um só dia para ir vê-la em Oxfordshire. Sua vida social era muito ocupada. Durante mais de um ano —e antes mais tempo ainda— tinha esperado e suspirado por um homem que nunca tinha tido a intenção de desposá-la. Agora

compreendeu que essa era a verdade, embora não soubesse o que ocorreria com seus sentimentos. Era muito cedo para sabê-lo.

Mas as lembranças de John se misturavam com visões de Aidan. Por que tinha se zangado desse modo? Por que tinha se comportado como um marido ciumento e déspota que tivesse sido enganado? E por que ela não estava simplesmente zangada? Por que tinha se doído tanto quando voltou a tratá-la de “senhora”? Por que a cama tinha parecido tão vazia sem ele? Por que, se continuava amando John, tinha achado que durante a primeira parte do baile estava se apaixonando por Aidan? Era possível amar dois homens?

Embora não se sentisse absolutamente alegre, Eve começou a rir enquanto arrumava a pena depois de escrever uma frase. Pensava que amava dois homens, um dos quais não tido nunca a intenção de se casar com ela, enquanto que o outro se casou com ela e tinha a intenção de abandoná-la para sempre, de acordo com o pacto mútuo e seus desejos explícitos.

Tinha acabado o primeiro parágrafo de sua carta, com uma longa descrição da sua aparição no palácio Saint James, quando a porta se abriu de repente.

—Ora, aqui está! —Disse Freyja.— Pensei que talvez continuasse na cama. É incrível: adormeci e perdi o passeio matutino com Aidan e Alleyne. Suponho que você não monta a cavalo....

—Pois claro que sim! Cresci no campo.

—Mas nunca veio conosco —disse Freyja.

—Nunca me pediram isso.

—Ora, mulher! —exclamou Freyja aproximando-se.— Se espera que alguém peça sendo uma Bedwyn, Eve, vai

ficar sem forças na escuridão como uma violeta murcha. O que, com certeza, era o que eu pensava de você até ontem pela manhã. Faz um montão de tempo que não me divertia tanto como quando a vi descer a escadaria vestida de negro, com o nariz tão erguido que parecia uma duquesa. E admirei o seu caráter ontem à noite. Estou certa de que tia Rochester disse categoricamente que não devia sorrir como uma abóbora de Halloween, apenas se limitar a agradecer os convidados com um sorriso distante e gracioso.

—Minha mãe! Eu sorri assim?

—Aidan estava mais do que encantado. — Acrescentou Freyja.—Eu me treveria a apostar que vocês dois serão hoje a fofoca de todos os salões da moda. Um casal que tem o descaramento de se olhar em público com a cara de estarem a ponto de se devorar. Estou orgulhosa de você. É obvio, todos estávamos convencidos de que, quando Aidan caísse, se apaixonaria até a medula. Suponho que o mesmo pode ser dito de todos nós.

—Sim, mas... —Começou Eve.

Sua cunhada agitou a mão com impaciência.

—Vá colocar a roupa de montar e daremos uma volta pelo parque. Suponho que tem roupa, não é?

—Sim, um conjunto novo. Mas não tenho cavalo.

—Wulf tem os estábulos cheios. Todos são exemplares de primeira. Farei com que selem mais um. Espero que você não precise de um inválido.

—Eve deu uma gargalhada e secou a pena. Teria tempo de acabar a carta mais tarde. Talvez um pouco de ar fresco lhe esclarecesse as ideias.

—Perfeito. — Aprovou Freyja.— Desprezo as mulheres que gritam aterradas cada vez que um cavalo trata de correr mais rápido do que um trote curto, e ficam

procurando freneticamente um homem que vá galopando para resgatá-la.

Vinte minutos depois foram trotando pelas ruas de Londres em direção ao Hyde Park. Adorava voltar a montar a cavalo, em especial porque os seus arreios eram excelentes. Apesar de tudo, achava estranho e um pouco perigoso, manobrar entre as vistosas carruagens, as carroças e os transeuntes que cruzavam.

Quando passaram, as cabeças se voltavam. É obvio, isso se devia sobretudo a Freyja. Envoltas em um traje de montar verde bosque, com um vistoso chapéu decorado com plumas apoiado sobre os cabelos, soltos e dourados, que desciam até a cintura, estava enormemente atraente, embora ninguém a tivesse qualificado de bonita. Ao seu lado, Eve sentia-se muito modesta e recatada com o seu novo traje azul celeste e os cabelos presos sob um chapéu da mesma cor.

—Virá a Lindsey Hall para passar o verão? — Perguntou-lhe Freyja.— Sei que Aidan só fica mais um mês de licença, mas você poderia ficar um pouco mais e conhecer Ralf, abreviatura de Rannulf, como certamente sabe, e Morgan. Ou seguirá os tambores do regimento?

—Nem uma coisa, nem a outra. — Replicou Eve.— Pouco depois do jantar de Estado em Carlton House, retornarei para Ringwood e ali ficarei. Creio que nem o duque nem Aidan explicaram a você a natureza do nosso casamento.

—Oh, ao diabo com isso! Irão se prender a esse estúpido pacto!? Morreriam de aborrecimento no final de um ano. Se eu estivesse em seu lugar, exigiria um espaço na vida do meu marido, e também na de sua família.

—Mas eu não... —Começou Eve.

—Aidan é meu irmão favorito. — Disse Freyja.—É importante para mim que seja feliz. E não é que não queira a todos, inclusive Wulf. Mas Aidan é... especial.

Eve seguia sua cunhada pelos lugares de difícil acesso que conduziam ao parque e imediatamente recordou o que havia sentido quando Aidan a tinha levado pelo mesmo lugar no dia do seu casamento. Parecia que tinham voltado para campo como por milagre. Mas o que Freyja acabou de dizer lhe intrigou.

—Especial em que sentido? —Perguntou-lhe.

—Bom, por exemplo, foi o único que me apoiou sem duvidar há três anos. Contou-lhe algo a respeito?

—Não. —Mas Eve recordou de algo.— Sim disse-me que brigou com o duque e abreviou a sua licença há uns três anos. Teve a ver com você?

— Eu tinha acabado de me comprometer com o visconde Ravensberg, nosso vizinho, primogênito do conde de Redfield. Houve uma cena espantosa, porque eu queria me casar com Kit, seu irmão mais novo, e quando este soube do meu compromisso, veio rapidamente a cavalo para Lindsey Hall, soprando como uma locomotiva. E esmurrou a porta até que esta foi aberta por Ralf. Brigaram sobre a grama até sangrarem e Kit voltou para a sua casa e quebrou o nariz de Ravensberg, ou talvez foi o inverso. O caso é que houve um escândalo sensacional, muito digno dos Bedwyn. Aidan chegou em casa de licença no final de uns dias.

—E ficou do seu lado? —disse Eve. Que terrível que fosse o único. Mas como pôde o duque de Bewcastle não fazer caso dos seus sentimentos?

— É óbvio ainda não conhece Wulf. — Respondeu Freyja.— Além disso, eu tinha concordado em me

comprometer. Depois de tudo, Ravensberg era o primogênito e eu sei qual é o meu dever.

Foram pela grama, sem seguir nenhum caminho. Os pássaros cantavam. Foram cruzando com outros cavaleiros e amazonas.

—O que ocorreu? —Perguntou Eve.— Você continua comprometida com ele três anos depois?

—Morreu. —Disse Freyja encolhendo os ombros.— Kit se converteu no herdeiro. Uma deliciosa ironia, não parece? No ano passado, quando Kit retornou, pois também estava combatendo, Wulf planejou para que nos casássemos. Mas voltou com uma noiva, uma senhorita tímida e bem educada, insípida, eu asseguro. Desejo para ele uma vida longa e tediosa ao seu lado. Para mim foi como se me liberassem de um dever. Prefiro mil vezes continuar livre, do que casada com um antigo pretendente.

Eve observou-a com atenção. Duvidava muito que Freyja não se importasse. O fato de que se mostrasse tão hostil com a noiva sugeria que tinha se importado sim, e muito, e que talvez ainda se importasse.

—Por que Aidan é o mais especial? —Perguntou logo. Morria de vontade que falassem dele.

Freyja assinalou um lugar que tinham adiante com o chicote.

—Aí está Rotten Row. Ali poderemos comprovar qual o talento destes cavalos. Aidan sempre foi o mais sério de todos, se essa for a palavra justa. Adorava nosso pai e foi o mais afetado com sua morte. Estava acostumado a acompanhá-lo quando visitava as granjas e consultava o seu administrador. Às vezes, quando desaparecia sem deixar rastro, estavam acostumados a encontrá-lo nos campos,

trabalhando mão a mão com os agricultores. Era um menino alegre, sorridente, de risada fácil.

—Aidan?

—E de repente nosso pai morreu e começaram as tremendas brigas com Wulf. — Prosseguiu Freyja.—Embora em geral não parecessem brigas. Wulf é incapaz de brigar com alguém se houver outra pessoa no mesmo aposento. Leva o rival consigo para a sua biblioteca, de onde podemos ouvir uma voz que grita com intervalos de silêncio. Os silêncios são a resposta de Wulf. Nunca levanta a voz. Nunca precisa fazê-lo. —Freyja suspirou.— É poderoso assim.

—Eu não gosto dele. — Disse Eve, e imediatamente mordeu a língua por ter dito semelhante coisa para a sua irmã.

Mas a reação de Freyja foi rir.

—Não sempre foi assim. Os dois mudaram. Aidan continuou sendo fiel aos outros. Na minha idade não deixavam colocar o nariz para fora de casa sem uma acompanhante. E Aidan sempre estava disposto a fazer esse papel, embora estivesse ocupado com outro assunto. Sempre tinha tempo para ir pescar ou caçar com Alleyne ou Ralf. Sempre passava um momento com Morgan no quarto das crianças.

As lágrimas que Eve não pode derramar na noite anterior se amontoaram entre a garganta e o peito. Incomodavam. Era muito mais cômodo conhecer seu marido como um homem frio e taciturno.

—Por que brigavam constantemente? — Perguntou finalmente.

—Quem sabe? —disse Freyja.— Ah, por fim Rotten Row. E não está muito lotado, graças a Deus. Por que você

não pergunta a Aidan? Está casada com ele. Vocês não conversam em particular?

Eve se aliviou ao comprovar que Freyja não esperava uma resposta para a sua pergunta. Esporearam os seus cavalos, que começaram a correr em um galope curto. Rotten Row era um hipódromo de pista longa, espaçosa e reta, exclusivamente para o uso dos cavalos e dos seus cavaleiros. Os caminhantes se mantinham de fora em cada lado da grade.

—Proponho uma corrida até o final. — Disse Freyja, que imediatamente picou as esporas e saiu disparada como um raio, encarapitada ao pescoço de seu cavalo.

Eve saiu correndo atrás. Quando chegaram ao Hyde Park Corner, no final de Rotten Row, virtualmente ao mesmo tempo, as duas foram rindo.

—Ganhei! —exclamou Freyja.

—Por um cabelo! —Protestou Eve.— E porque saiu com um corpo de vantagem....

—Ora, ora! —Disse uma voz varonil arrastando as palavras— Então agora temos duas selvagens na família! Ou três selvagens, quando vier Morgan no próximo ano.

Era Alleyne, que provavelmente acabava de chegar no parque. Junto a ele ia Aidan. Eve sentiu-se incomoda. Não o tinha visto desde que tinha desaparecido em seu closet na noite anterior. Não sabia se estava ou não zangado. Se nessa manhã iam se falar ou não. Ele a olhava com as sobrelanceiras levantadas.

—Não sabia que montava a cavalo .— Disse.

—Não me perguntou isso. —Olhou-o com o queixo erguido, sem nenhum traço de alegria no rosto.

—Parece que está se costurando uma briga conjugal. —Comentou Alleyne.— Quer uma corrida até o outro lado do

parque, Freyja? Ou está esgotada depois desta vitória tão apertada?

A resposta de Freyja foi uma gargalhada zombadora. Voltou para a garupa do seu cavalo e saiu outra vez correndo, com Alleyne atrás dos seus calcanhares.

Aidan estava vestindo o seu velho uniforme. Parecia perfeitamente bem nele, sobre o poderoso cavalo com o qual tinha ido a Londres para o seu bodas. Seu aspecto era mais sério do que o habitual.

—Quando eu me levantava da cama e anunciava a minha intenção de ir montar com Alleyne e Freyja, poderia ter se unido a nós em qualquer uma destas manhãs.

—Nos primeiros dias não tinha roupa de montaria.

—Isso poderia ter sido resolvido. Bastava dizer uma palavra à senhorita Benning e ela teria aprontado uma e entregue em duas horas.

—Tem tanto prestígio como o duque ou sua tia? — Perguntou.

—É obvio —respondeu, um pouco surpreso.— Vamos montar.

Ficaram a passeando um ao lado do outro por Rotten Row, sem dizer nada durante um momento. Saudaram alguns transeuntes e cavaleiros, vários dos quais tinham conhecido Eve na noite anterior.

—Freyja me contou o que ocorreu há três anos e no verão passado.

—O caso de Kit? —Aidan saudou um cavaleiro.— Segundo Rannulf ficou extremamente magoada, mas jamais admitirá na vida, mesmo que a torturem.

—Então o amava? —perguntou Eve.

—Uma das características dos Bedwyn é que não amam com facilidade mas, quando o fazem, amam com

grande intensidade. Qualquer pessoa diria isso nos conhecendo, verdade? Claro que, de nossa geração, a única conheceu o amor foi Freyja, assim posso não estar certo do que digo. Temo que levará muito tempo para se recuperar. Talvez jamais consiga.

“De nossa geração, a única que conheceu o amor foi Freyja.” Aquela frase doeu inesperadamente. E não refutava o que Freyja afirmou. Apesar de tudo, Freyja havia dito quase exatamente o mesmo sobre o amor na família Bedwyn. Que lástima que Freyja tivesse perdido o homem que amava e que a honra tivesse empurado Aidan para um matrimônio sem amor. O entusiasmo da noite anterior parecia se perder em um limbo longínquo e coberto de brumas.

—Você deverá montar a cavalo conosco todas as manhãs, a partir de amanhã. —Disse ele secamente.— Farei com que a sua criada a desperte a tempo.

Ele não ia despertá-la pessoalmente? Não ia voltar para a sua cama?

—Obrigado. —Replicou.

—E se deseja algo mais, — Acrescentou. — ou visitar algum lugar, informe-me e farei companhia a você.

Era um oferecimento glacial, feito por cortesia. De um marido educado.

—Obrigado, —Respondeu ela.— mas acredito que serei capaz de me distrair sem a sua ajuda, coronel. Sua tia já aceitou vários convites em meu nome e me acompanhará. Não é necessário que se incomode.

—Maldição, Eve! — Disse em voz baixa, com ferocidade, depois de um momento de silêncio tenso e hostil. —.Maldição!

—Ela ficou paralisada pela surpresa. Por que a censurava? E por que com uma linguagem tão dura? Afastou-se do cavalo e se dirigiu para a grade, onde foi conversar com uma jovem e sua mãe, que tinha conhecido na fila da recepção no palácio do Saint James.

=CAPÍTULO DEZESSETE=

Na semana seguinte, Aidan passou um certo tempo na companhia de sua mulher, especialmente durante os passeios a cavalo no parque de manhã cedo, que Eve não perdeu de maneira alguma, e em dois bailes, um concerto privado e uma visita ao teatro, onde ocuparam o camarote de Bewcastle. Mas nessas ocasiões, fizeram o possível para não ficarem sozinhos. Aidan passava a maior do tempo com Alleyne ou com os seus amigos militares, a maioria dos quais se encontravam em Londres para assistir às cerimônias da celebração. Pelas manhãs ia ao Clube White's ou ao Tattersall's. Pelas tardes, ao salão de boxe Jackson ou às corridas de cavalos. Depois de jantar em Bedwyn House, estava acostumado a ir a algum clube. Passava as noites sozinho em sua cama. Por isso soube que sua mulher não teve mais encontros com Denson. O tempo que não passava na companhia de Aidan, estava em casa ou com tia Rochester, Freyja ou ambas. Não precisava de cães de guarda. Tinha dito que seria fiel ao seu matrimônio e ele acreditava. Mas detestava a ideia do quanto devia ter saudades de um novo encontro, por fugaz que fosse, com o seu amante. E odiava ainda mais a si mesmo pelos ciúmes que não conseguia reprimir.

Contava os dias que faltavam até que todos os chefes de Estado da Europa se congregassem na Inglaterra e acontecesse o jantar de Estado em Carlton House. Não terminariam as celebrações oficiais. Mas Eve estaria livre para voltar ao seu lar. Não duvidava que iria embora o mais rápido possível. Esperava ardentemente. Queria que fosse,

que saísse de Bedwyn House e de sua vida. Mas ao mesmo tempo, essa perspectiva causava-lhe pânico.

Detestava todo esse sentimentalismo estúpido.

Por fim chegou o dia da visita dos chefes de Estado e todos coincidiram em estar juntos na mesa para o café da manhã, até Wulf, que não tinha comparecido à Câmara dos Lordes.

— Já viram alguma vez as ruas de Londres tão lotadas? — Perguntou Freyja sem se dirigir a ninguém em particular.—Chegamos ao parque com muita dificuldade, e a volta foi ainda pior. Saiu para a rua, Wulf?

—Ainda não. E é possível que não saia durante o dia. Prefiro não ter que me espremer com o povo londrino. Mas desta vez parece que se confirma o rumor de que os visitantes aliados já puseram os pés em terra inglesa. O duque de Clarence levou alguns até o porto a bordo do seu Impregnable e o esperam hoje em Londres.

—Isso é o que parece acreditar todo mundo aqui.— Disse Alleyne.— E todo mundo, cães e canários incluídos estão decididos a sair para dar-lhes as boas vindas. Creio que explodirá a verdadeira loucura. Suficiente para sairmos em disparada para Lindsey Hall.

—Mas se vimos para cá precisamente para as celebrações. —Recordou Freyja suspirando.— Por ordem de Wulf, é claro. Embora eu ache que é um grande momento, um marco histórico, a celebração da derrota definitiva de Napoleão Bonaparte.

—Sabe exatamente quem vem hoje, sua excelência? —Perguntou-lhe Eve, inclinando-se levemente.

—O czar da Rússia, —Disse Wulf— o rei da Prússia, o príncipe Metternich da Austria e o marechal de campo Von Blücher, entre outros.

—Não virá o duque de Wellington? —Perguntou.

—Não, Wellington não.

—Que decepção. Mas que interessante ver os chegarem. Não me surpreende que as pessoas abarrotem as ruas.

Aidan notou que tinha as bochechas rosadas e os olhos mais brilhantes. Estava notavelmente bonita, mas fazia tempo que Aidan não conseguia vê-la de outra maneira.

—Amanhã de noite verá todos, senhora, — Recordou-lhe Bewcastle— na atmosfera infinitamente mais civilizada de Carlton House. Verá também o príncipe de Gales. E a rainha, mais uma vez.

—Será maravilhoso. — Reconheceu Eve— Mas o barulho de hoje é algo totalmente diferente. Algo que todo mundo pode participar, ricos e pobres por igual. A alegria reúne as pessoas de todas as espécies e de todas as nações. Não notou nesta manhã, Freyja? E você, Alleyne?

Alleyne sorriu brincalhão.

—Suponho que quer sair à rua, Eve, e que a sacudam, apertem, ensurdeçam-na com a sua gritaria e incomodem o seu nariz com a sua falta de higiene.

—Sim. — Replicou ela— Sim eu gosto. Ninguém mais quer vir?

—Eu me atreveria a dizer, —Assinalou Bewcastle, reclinando-se contra o espaldar da sua cadeira e manuseando o seu monóculo.— que alguns membros da nossa família não podem resistir à novidade de um espetáculo público, mas participar de semelhante amostra de histeria coletiva tem algo de vulgar.

—Histeria? — Disse Eve, zangada.— Eu não chamaria precisamente dessa maneira. E sim euforia.

Aidan deixou o seu guardanapo sobre a mesa.

—Se deseja sair, Eve, eu acompanharei você.

—Verdade? —Ultimamente não o olhava quase nunca nos olhos e, quando o fazia, era com expressão cautelosa. Mas agora o estava olhando com todo o calor e a impaciência de uma criança que sabe que vão lhe dar um presente, e que por isso suspirou muito tempo.— Você se incomodaria muito, Aidan?

Claro que se incomodava. Misturar-se com uma multidão festiva lhe repugnava bastante. Mas Eve queria ir e desde o seu baile de apresentação para a sociedade, há uma semana, não tinha lhe pedido nada.

— Iremos nos aproximar da ponte de Londres — Disse Aidan— e veremos como chegam pelo caminho de Dover.

—Se conseguirem chegar até ali. — Determinou Alleyne.

—Chegaremos. —Replicou Aidan. Alleyne soltou uma gargalhada.

—Muito obrigado. — Disse Eve, ficando de pé. Com a permissão de todos, irei preparar-me. Freyja, não quer vir conosco? E Alleyne?

Aidan esperava uma resposta de desprezo por parte da sua irmã. Em lugar disso, Freyja se limitou a encolher os ombros e fazer uma cara divertida.

— Você é um prazer permanente, Eve. — Disse.— Deixou Wulf petrificado e tia Rochester a ponto de não reprimir a sua exaltação e, ao mesmo tempo, soube resistir aos seus esforços para fazerem entrar no molde de uma futura duquesa digna e morta de aborrecimento.

—Aprendi muitíssimas coisas com sua tia. — Disse Eve seriamente.— E estou muito agradecida por isso.

Bewcastle levantou as sobrancelhas.

—Bom, se querem ver o espetáculo, melhor seria que saíssem em seguida.

Não houve mais espetáculo do que o de uma capital enlouquecida. Milagrosamente, conseguiram chegar muito perto da ponte de Londres com a carruagem descoberta, talvez porque Aidan decidiu ficar com o uniforme, e entre a multidão muitos o aclamaram, deram-lhe palmadas nas costas e apertaram a sua mão quando puderam alcançá-lo. E o ajudaram a abrir o caminho. O caminho que conduzia da ponte ao palácio Saint James estava repleto de carruagens e transeuntes, todos com um humor festivo e ruidoso. Todas as janelas de todos os edifícios que davam para rua se achavam lotadas de cabeças aparecendo. Os recolhedores de lixo e os camelôs de toda espécie deviam estar colhendo bons lucros. Aidan supôs que também estavam os ladrões de carteira. Cada vez que um cavalo ou veículo parecia se aproximar do sul, as pessoas explodiam em gritos e aplausos. Mas era sempre era um alarme falso.

—Acredito, — Disse Aidan depois de um momento.— que circularam tantos rumores, que é impossível saber a verdade. Talvez todos os dignatários cuja chegada iminente esperamos, estejam comodamente sentados em seus palácios nos seus respectivos países.

Mas, se fosse assim, tinham conseguido enganar até a realeza. Os batedores do príncipe regente, com seu traje característico dourado e escarlata, esperavam na ponte para escoltar as carruagens e levá-las em triunfo até o palácio.

—Podemos ficar só um pouquinho mais? —Eve pôs uma mão sobre a manga e o olhou suplicante.

Era incapaz de resistir a esse olhar e a essa súplica. Começou a desejar fervorosamente para que tivessem uma ocasião para pôr as coisas às claras, antes que se

separassem para sempre. Não queria que ela recordasse dele com hostilidade. De sua parte, ele não queria lembrar-se dela com remorso.

—Só um poquinho mais. —Respondeu, pondo uma mão sobre as dela, que continuava sorrindo.

Os olhos de Aidan cruzaram com os de Freyja, que estava do outro lado da carruagem. Havia neles uma expressão pouco comum em sua irmã, meditativa, melancólica, quase triste.

Freyja tinha uma legião de admiradores, entre os quais havia alguns solteiros que eram excelentes partidos. Tratava a todos com uma camaradagem despreocupada, que os fazia perder qualquer esperança que pudessem ter de cortejá-la. Aidan se perguntava quão magoada devia estar, quanto ainda ardia em seu coração a chama que Kit Butler tinha aceso. Não havia forma de saber. Quando tinha que falar de si mesma, Freyja era como uma fortaleza inexpugnável.

No momento um novo estrondo percorreu a rua, embora nesta ocasião procedesse do lado oposto. “O czar chegou!”, gritavam uns aos outros em tom decisivo. Estava no hotel Pulteney com a sua irmã, a grande duquesa Catalina. Tinha chegado por uma rota diferente.

—Sem dúvida para evitar ao povo. Muito ardiloso. — Disse Alleyne, no momento que grandes grupos começavam a se dirigir apressadamente para o hotel.

—Caso esteja certo o rumor. — Assinalou Freyja.— Estou morta de aborrecimento. Vamos para outro local, para um lugar tranqüilo e civilizado. O que acham da Royal Academy? Gosta de arte, Eve?

Aidan olhou-a.

—O que deseja?

—Creio — Disse ela.— que poderíamos passar todo o dia e descobrir finalmente que todos os convidados tomaram um caminho diferente.

—É possível. — Disse ele.—Está muito decepcionada?

—Não, pelo contrário. —Eve sorriu para ele.—De uma forma ou de outra fiz parte da História. Vivi-a. O dia de hoje será recordado durante muito tempo. Talvez também toda esta confusão seja lembrada.

—E amanhã você verá todo mundo. — Acrescentou Aidan.

—Sim. —Voltou a pôr a mão sobre a sua manga.— Obrigado por me trazer, Aidan. Sei que deve ser tremendamente aborrecido para você. —Voltou a cabeça e se dirigiu para Freyja.— Eu adoraria visitar a Academy. Está muito longe?

—Está em Somerset House. Não muito.

Aidan não incomodou de ter se aborrecido naquela manhã. Tinha servido para devolver uma certa harmonia à sua relação com Eve.

Passaram uma hora em Somerset House contemplando os quadros que entesourava. Eve desfrutava abertamente, enquanto Freyja, que de costume se impacientava quando se via forçada a permanecer muito tempo em um só lugar, em especial no que se referia a cultura, estava à vontade ao seu lado, contemplando as pinturas junto a ela. Alleyne, que era um pouco perito em arte, colocou-se ao outro lado de Eve e ia mostrando os detalhes dignos de menção.

Depois de visitar a primeira sala, Aidan ficou um pouco à parte. Pensava que Eve conseguiu o respeito da família Bedwyn da única maneira possível: sem buscá-lo. Embora

tivesse dado atenção às instruções da tia Rochester sobre os assuntos que devia conhecer, em nenhum momento tratou de obter a benevolência de ninguém. “Aqui estou eu”, parecia dizer com a sua mera presença. “Sou como sou”. Apesar das suas origens, era uma verdadeira dama. Ia ser muito duro não voltar jamais a vê-la.

Mas o som de uma voz conhecida interrompeu os seus pensamentos. De repente apareceu diante dele um rosto familiar, redondo, avermelhado e com rugas, corado por uma cabeleira cinza que estava enbranquecendo. Tinha a voz afável e grave.

—Bedwyn, —Disse.— Aqui está você, enfim! Ainda de licença, verdade? E metido totalmente em toda esta loucura? Aqui nos refugiamos, embora admirar quadros não seja o meu passatempo favorito. —Riu efusivamente.

Era a última pessoa que Aidan esperava ou desejava ver nesse preciso momento.

—General Knapp. — Respondeu.

—Mas lady Knapp e Louisa queriam vir, — Prosseguiu o general, dando outra de suas alegres gargalhadas.— assim o que é que eu ia fazer? Eram a maioria. Qual é sua desculpa?

Antes que Aidan pudesse pronunciar uma só palavra, as damas apareceram em ambos os lados do general. As duas dedicaram-lhe um amplo sorriso.

—Coronel Bedwyn, —Exclamou lady Knapp.— que ótima surpresa!

—Senhora. —Aidan fez uma reverência às duas damas.— Senhorita Knapp.

Era uma jovem de cabelos negros, alta, forte, capaz e sensata, que não era desagradável à vista, embora não pudesse ser qualificada de bonita. Era a companheira ideal

para um oficial, pois tinha vivido essa vida desde a sua mais tenra infância e era dura como uma rocha.

—Esperava encontrá-lo aqui, coronel Bedwyn. — Disse-lhe fazendo uma reverência.

—Trouxeram-me arrastado de volta para a Inglaterra, para que passasse o verão aqui. — Disse o general, rindo de novo.—Duas contra um. Não é justo, verdade, Bedwyn? E agora me levam arrastado para qualquer parte, enchendo-me a cabeça de cultura. Está me dando uma enxaqueca. E você o que faz aqui?

—Está olhando os quadros, Richard, que pergunta! — Disse lady Knapp.— E terá que felicitá-lo por isso. Que encontro tão oportuno coronel Bedwyn! Chegamos a Londres faz apenas dois dias e daremos amanhã uma pequena festa noturna. Mas, para o meu horror, falta-nos um cavalheiro. Fará a nós o favor de comparecer, apesar do pouco tempo com que o avisamos?

—Venha, por favor. —Acrescentou a senhorita Knapp.

Foi nesse momento que o olhar de Aidan se cruzou com a do Eve, que se aproximava dele. Compreendeu pesaroso que a cena que ia se desenrolar era inevitável.

—Temo que não poderei aceitar o seu amável convite senhora.—Disse enquanto Eve se aproximava e olhava inquisitivamente para o grupo.— Concedem-me a honra de apresentar-lhes a minha mulher? General e lady Knapp, Eve, e a senhorita Knapp.

Eve sorriu e fez umas reverências, percebendo que os rostos dos três Knapp, refletiam mais comoção do que surpresa.

—Sua mulher, coronel? —Perguntou a senhorita Knapp.

—Ora, esta sim que é uma surpresa tremenda. — Disse o general. Tossiu e pareceu recuperar o domínio de si mesmo.—Uma surpresa tremenda e inesperada. Quando nos encontramos na Península Ibérica não me disse uma só palavra de que estivesse comprometido, Bedwyn.

—Conheci e desposei Eve depois de minha volta. — Explicou Aidan, tomando a mão de sua mulher e pondo-a sobre a sua manga, sem deixar de rezar nem um só momento para que se abrisse um poço negro embaixo dos seus pés e o tragasse.

—Bom, lady Aidan, —Disse a senhorita Knapp.—, desejo-lhe o melhor. Espero que esteja preparada para confrontar alguns sofrimentos quando seguir o regimento.

—Não o farei, senhora. — Replicou Eve.— Enquanto Aidan estiver ausente, eu ficarei em casa.

—Rogo-lhes que me desculpem. — Disse a senhorita Knapp.— Acabo de ver um conhecido desaparecer na sala ao lado. Tenho que ir cumprimentá-lo.

—Vou contigo, Louisa. — Disse lady Knapp.

—Um oficial necessita que sua mulher o acompanhe quando está em guerra. — Disse o general, dirigindo um olhar severo para Aidan.— Mas se optou por desposar uma mulher que prefere ficar em casa, eu me atreveria a dizer que contará com o aplauso da sociedade. Bedwyn, lady Aidan, que vocês tenham um bom dia. —Afastou-se com grandes passadas seguindo a sua mulher e filha.

Eve olhou Aidan e este devolveu-lhe o olhar.

—O que é que aconteceu? —Perguntou Eve.

—Como? —Ele conseguiu dizer como um bobo.

—A minha chegada deixou-os atônitos. E certamente não sabem quem sou. Assim não foi por esnobismo. Por que foi, Aidan?

—Como disse o general, alguns acreditam que os oficiais deveriam se casar com damas dispostas a viajar com eles.

—Talvez com as damas que já viajam acompanhando o exército e que sabem o que podem esperar da vida militar.

— Disse ela em voz baixa.

—Possivelmente. — Ele concordou.

Eve apertou a mandíbula e conseguiu dizer em um sussurro:

—Estava comprometido com ela?

—Não, claro que não.

—Mas havia expectativas. Um acordo talvez? Possivelmente similar ao que eu tinha com John, com o visconde Denson quero dizer, embora diferente nos pormenores....

—Nunca houve nenhum acordo. — Afirmou ele.

Ela não tirava a vista de cima dele.

—Pelo menos não verbal. — Acrescentou Aidan.— Não tínhamos tratado do assunto, Eve. Nem tinha falado com o general. Apenas havia... ou melhor....

—Expectativas. — Completou ela.

—Talvez.

—E se atreveu a me chamar de mentirosa porque não falei do visconde Denson?!

—Eu não me deitei com a senhorita Knapp.

Eve retrocedeu como se tivessem lhe dado um murro. Aidan não quis dizer isso. Só quis sugerir que o segredo que ela tinha ocultado era de muito maior peso do que o seu, porque ela tinha amado seu namorado e se entregou a ele.

—Eve. —Disse, mas ela já deu a volta irada e se dirigiu veloz para se unir a Freyja e Alleyne, que

conversavam com uns conhecidos que encontraram casualmente.

Meu deus! Pensou Aidan. Por que diabos durava tão pouco a paz entre eles?

Mas isso importava, se dentro de uns dias se separariam para sempre?

Importava, pensou. Claro que importava.

Quando Eve despertou, decidiu que no dia seguinte anunciaria a sua intenção de retornar a Ringwood. Tinha tomado esta decisão depois da cena da Royal Academy, onde compreendeu horrorizada que quando Aidan a convenceu de que se casasse com ele, já estava amarrado a outra mulher, tão amarrado que estava claro que a família esperava que se declarasse a qualquer momento. E a mulher em questão era a filha de um general que tinha seguido o regimento com sua mãe. Teria sido um casamento perfeito para ambos.

Desde que se informou, Eve sentiu mau. Tinha tanta saudade dos seus que lhe doía. Seus braços desejavam estreitar as suas crianças. Tinha saudade de todo Ringwood. O iminente jantar de Estado fez com que ficasse nervosa. Tinha se entristecido com a notícia, quatro dias antes, de que não estava grávida, embora se alegrasse por economizar mais essa complicação em sua vida. A perspectiva da interminável ronda de atividades sociais que tinha pela frente mostrava-se exaustiva, apesar de que, em outras circunstâncias, poderiam ser divertidas. A perspectiva de ter que evitar John fatigava, pois o via frequentemente e ele sempre tentava levá-la para um local afastado.

Mas, sobretudo, ficou deprimida com a constatação involuntária de que se apaixonou por Aidan. Por cima de

tudo, queria retornar para casa, acabar com a inevitável despedida. Queria que sua vida voltasse à normalidade, começar a esquecer, lamber as feridas em privado, concentrar todo o seu amor nas crianças.

No dia seguinte, quando o jantar de Carlton House fosse coisa do passado, anunciaria a Aidan e ao duque que ia retornar ao seu lar. iria no outro dia na carruagem de aluguel. Naturalmente, o duque discutiria essa decisão ou, então, daria algumas ordens, mas ela se manteria firme. Estava esgotada.

Além disso, Aidan devia estar tão desesperado para se desfazer dela como ela de ir embora.

—Creio que vou para casa, Bewcastle. —Disse tia Rochester, ficando de pé.— Seria imperdoável chegar tarde no jantar de Carlton House.

Estavam todos reunidos tomando o chá na sala de estar de Bedwyn House. Tia Rochester havia voltado com Eve e Freyja, depois de acompanhá-las em uma breve saída para adquirir alguns acessórios de última hora para o seu convite da tarde e Eve tinha comprado um livro para cada uma das crianças de sua casa. Durante todo o dia não se falou de outra coisa que não fosse na próxima tarde. Todos os dignatários estrangeiros tinham chegado efetivamente no dia anterior. Se tivessem permanecido junto à ponte em lugar de ir para Somerset House, teriam visto a multidão rodear o marechal de campo Blücher, retirar as sela dos cavalos da sua carruagem e arrastá-lo até Carlton House, onde fizeram o marechal entrar nos braços do povo.

—Ninguém chegará tarde. — Disse o duque de Bewcastle, levantando-se ao mesmo tempo que os outros cavalheiros.—Talvez Freyja e lady Aidan desejem se retirar com você tia, para repousar um pouco em seus quartos.

Freyja soltou a sua habitual gargalhada sarcástica diante da ideia, mas Eve ficou se levantou agradecida.

—Acredito que é isso o que farei. — Disse. Ainda tinha o estômago revoltado, mas parecia que era pelos nervos. Dentro de poucas horas iria entrar em Carlton House. Veria a rainha, o príncipe regente e metade dos dirigentes e dignatários da Europa. Sentaria para jantar na companhia de todos eles. Conseguiria não se converter em um molho de nervos e não desfalecer?

—Oh, Eve. — Chamou Alleyne no preciso momento em que Aidan abria a porta para ela e sua tia.— Acabo de recordar que carrego uma carta para você já faz meio-dia. Fleming deu-me esta manhã, porque acreditava que a veria, mas você já havia saído. Aqui está.

—Obrigado. — Disse Eve com um sorriso e agarrou a carta.—Pensei que hoje não havia nenhuma.— Olhou a letra familiar de Thelma.

Assim chegou à suíte dourada, Eve chutou os respectivos sapatos de e tirou os grampos do cabelo. Agitou a cabeça e suspirou. Iria dormir uma sesta de verdade antes de se vestir para a noite. Desejou ter uma varinha mágica e poder dar a cerimônia por encerrada. Mas seria uma história esplêndida que contar em sua volta. Seria o príncipe regente tão obeso como diziam? A conversa da rainha era tão tediosa como afirmava Freyja? Algum dignatário estrangeiro sabia falar inglês?

Caiu sobre o sofá, disposta a ler a carta antes de se retirar para o seu dormitório. Era mais curta do que o habitual, comprovou com decepção enquanto rompia o selo do lacre. Mas não importava. Em poucos dias estaria em casa com todos eles. Começou a ler.

Um momento depois deu um salto e ficou horrorizada olhando a carta, esperando para comprovar que tinha decifrado mal as palavras. Mas o pânico que sentiu disse a ela que não era assim. Deu a volta e se dirigiu cambaleando para a porta, forçou a maçaneta e finalmente saiu em disparada pelo corredor e pela escada abaixo, até que chegou à sala de estar. Em nenhum momento pensou no que estava fazendo nem que aspecto tinha. Acionou o trinco sem dar tempo ao mordomo para se antecipar e entrou no aposento como um ciclone.

A segurança e o bem-estar a esperavam a dois metros de distância. Mas, enquanto corria para eles, compreendeu que não havia segurança. Ninguém podia fazer nada para evitar.

—Aidan, — Gritou.— tenho que ir, tenho que ir!

Ele a estreitou em seus braços de ferro e, por um momento deu-lhe a ilusão de que estava segura. Mas só foi um momento. Sentia pânico.

—O que aconteceu? — Ele perguntou uma e outra vez.— O que está acontecendo? O que aconteceu?

—As cri... cri... cri... —Os dentes batiam sem controle.

—Tranquila.— Disse Aidan. Mantendo-a firmemente presa com um braço, segurou o queixo com o indicador e o polegar da outra mão. Prendeu o seu olhar e o sustentou.— Tranquila, querida. Diga-me o que ocorreu e eu darei um jeito.

Palavras vazias. Oh, quão vazias!

—Ele as levou. — Respondeu ela, com uma vaga consciência de estar soluçando.— Levou-as e não posso recuperá-...rá... los.

— Quem? —Perguntou ele, com a voz incrivelmente tranqüila.— Quem levou quem?

—C... Cecil. — Disse ela—Levou as cri... cri... crianças e não posso recuperá-las. São parentes dele e não minhas. E eu os aban... aban... donei. Tenho que ir. Tenho que ir em sua busca. Devem ter tan... tanto medo.

—Então encontrou um modo de devolver a punhalada, hein? Já nos ocuparemos com isso. Recuperará as crianças, Eve. Já avisei para ele o que o esperava se voltasse a pôr os pés em sua fazenda.

—Não, mas não sabe tudo. — Disse ela balançando a carta, que tinha amassado no punho.—Fez com que fossem buscá-los com um mandado. Foi ao juiz e conseguiu que os declarassem sob a sua tutela. Não me vai devolver isso. Eu o conheço. Tenho que ir.

—Sim, entendo. —Disse ele.— Respire profundamente duas vezes. Com o pânico nunca se consegue nada.

—Aidan, poderia sugerir a você — Perguntou uma voz gélida e altiva— que leve lady Aidan ao seu quarto para descansar? Terá que recuperar a compostura antes desta noite.

—Mas se eu tenho que ir... —Eve girou a cabeça para olhar para o duque, ao tempo em que tratava de escapar do abraço de Aidan.— Agora mesmo. Tenho que voltar para Ringwood sem perder um segundo. As crianças devem estar aterradas.

—Está totalmente descartado —Disse o duque.— que se ausente do jantar de Carlton House, lady Aidan, principalmente depois que o convite foi enviado e aceito. Além disso, empreender uma viagem tão longa a estas horas não é muito razoável. Se considerar que a sua

presença em Oxfordshire vai mudar o que acaba de declarar como imutável, Aidan a acompanhará até lá amanhã com a minha carruagem. Agora sugiro que descanse.

—Não... — Começou Eve, mas Aidan interrompeu-a, agarrou-lhe mão e sustentou-a firmemente com o braço.

—Eve deseja retornar ao seu lar agora mesmo.— Disse.— E irá agora. Eu a levarei.

—Fará o que eu disser a você.— Insistiu o duque.

—Não. —A voz de Aidan era glacial.— Neste caso não, Wulf. As necessidades de minha mulher se antepõem tanto ao meu dever, como à fidelidade familiar. Nesta noite apresentará as nossas desculpas se julgar necessário.

Não se ouviu mais uma palavra enquanto Aidan retirava Eve do aposento.

Meia hora depois estavam no caminho de Ringwood em uma carruagem alugada.

=CAPÍTULO DEZOITO=

Uma tormenta e um aguaceiro obrigou-os a se refugiar em uma estalagem por várias horas, embora não tenham dormido. Eve passou o tempo percorrendo o quarto de um lado para o outro, negando-se a se deitar, comer ou mesmo falar. Chegaram em Ringwood pela manhã cedo. O tempo estava frio e úmido.

Todos já estavam acordados e, à maneira de Ringwood, saíram ruidosos da casa e dos estábulos para recebê-los, falando de uma só vez. O cão ia balançando a cauda e ladrando, sem que ninguém o mandasse se calar. Por fim se instalaram na sala de espera do andar inferior, onde a lareira tinha sido acesa para aliviar o frio e a chuva, e a governanta de rosto magro levou-lhes uma bandeja com o chá. Serviu as xícaras e logo ficou de guarda junto à porta fechada, com os seus sólidos braços cruzados sobre o peito. Ninguém mandou que saísse do aposento.

Aidan deixou o seu chá sobre uma mesa e cruzou o aposento para olhar pela janela. A senhora Pritchard chorava, Eve tentava consolá-la e a professora se achava culpada pelo acontecido por ter deixado que as crianças fossem levadas embora, por mais que a tia, entre um soluço e soluço, insistisse que não tinha tido alternativa, como também os outros. O cão apoiava o queixo sobre o colo de Eve ofegando e choramingando sucessivamente.

O monstro do Cecil Morris tinha planejado bem a sua vingança. Como era um homem pequeno e fraco, de constituição pouco saudável, sabia que não tinha nenhuma possibilidade de ganhar um combate físico contra os protetores masculinos de Eve, nem sequer contra Eve e sua

governanta. De modo que tinha planejado um estratagema completamente diferente, dirigindo-se a um juiz para reclamar a tutela legal dos órfãos, que tinham uma longínqua relação de parentesco com ele por parte de mãe. E rapidamente tinha enviado um oficial com quatro ajudantes fortes para procurar as crianças em Ringwood.

—Agnes quebrou o nariz de Will Perkins com um murro. — Disse a senhorita Frise.— Havia sangue por toda parte, Eve. Se não fosse pelos gritos que dava, teríamos acreditado que estava morto. E Charlie se lançou de cabeça contra o ventre do senhor Biddle. Mas tinha os papéis assinados pelo conde de Luff, de modo que não havia nada que contestar. Além disso, Becky e Davy teriam se assustado mais ainda ao presenciarem uma briga. A senhora Pritchard convenceu todos para que nos acalmássemos antes que fossem procurá-los. O senhor Biddle disse a Will Perkins que voltasse para sua casa.

—Eu esfreguei o sangue do chão antes que as crianças descessem.—Disse a governanta, sem que ninguém lhe desse a palavra.— Mas teria quebrado o nariz de todos, inclusive a do chefe. Que canalhas! Cinco homens feitos para levar duas crianças.

—Teriam detido você, Agnes. — Disse a senhora Pritchard assoando o nariz com o lenço , e já com o domínio de si mesma recuperado.— Teriam-na levado ao cárcere arrastada.

—Bom, não teria sido nada novo para mim. — Respondeu a governanta com descaramento.

Aidan olhou para a mulher por cima do ombro, aprovando-a a contragosto. Se não tivesse tido a desgraça de nascer mulher, teria sido um sargento maravilhoso.

—Como estavam? —Eve tinha a voz trêmula, embora não chorasse. Não tinha chorado em nenhum momento. Depois da cena de histeria que tinha protagonizado na sala de recepções de Wulf, refugiou-se em si mesma e estava tensa e taciturna.— Como estavam quando... quando os levaram?

—Disse a eles que iam passar umas pequenas férias com a sua tia, que tinha muita vontade de vê-los. —Explicou a senhorita Frise.—Disse-lhes que ficaria com ela até que você retornasse, Eve. Que iam se divertir.

—Mas sabiam o que estava acontecendo.— Acrescentou a senhora Pritchard aflita, com o seu melodioso sotaque galês.—Não se deixaram enganar em nenhum momento. Davy tinha os lábios brancos e Becky, os olhos totalmente abertos. E não só porque o criado Johnson tinha contado para eles que havia uns malfeitores nos arredores, e que era por isso que o senhor Biddle e seus ajudantes tinham vindo para levá-los para a casa de sua tia para protegê-los. Cada vez que recordo disso o meu coração se encolhe.

—Minhas crianças. Minhas pobres crianças.

A dor que havia na voz de Eve extrapolou o drama das suas palavras. Pela primeira vez Aidan compreendeu o imenso amor que unia sua mulher aos órfãos que tinha acolhido em seu lar. Para ela não eram somente casos perdidos. Eram a sua família. Teria ficado aflita com mesma intensidade se o fossem de verdade.

De repente Eve ficou em pé.

—O que eu faço aqui, bebendo chá e me esquentando com o fogo! — Gritou.— Tenho que ir vê-los. Tenho que me trazê-los para casa. Que medo devem estar sentindo!

—Irei contigo, querida. — Ofereceu a governanta.— Vou agarrar esse Morris pelo cangote e farei um nó com ele.

—Agnes, por favor. —Disse a senhora Pritchard em um tom de reprovação.

Aidan voltou-se para o interior e pigarreou. Todos os olhares pousaram nele imediatamente.

—O juiz do condado é o conde de Luff? —Perguntou. — O pai de Denson?

—É sim coronel. — Respondeu a senhora Pritchard.

—Então é perante ele a quem terá que reclamar. Não tem sentido em você ir visitar seu primo, Eve, e apelar para o seu lado mais bondoso. Temo que não o tem. E não tem sentido proferir ameaças e fanfarronadas. Cecil tem a lei do seu lado, e a lei o apoiará ainda com maior firmeza se demonstrar sinais de rebeldia. Você ou qualquer de um dos seus criados.

—Mas... —Começou a dizer a governanta.

Aidan dirigiu-lhe o seu olhar mais frio e altivo.

—As damas acabaram que tomar o chá. — Disse— Você pode retirar o louça do chá e se com ocupar com as suas atividades matutinas habituais.

Agnes devolveu-lhe o olhar. Aidan, genuinamente interessado, considerou a possibilidade de que fosse mais dura do que qualquer um dos homens que já tinha passado sob o seu comando. Considerou a possibilidade de que replicasse. Em lugar disso, deu um passo adiante, recolheu a bandeja, as xícaras e talheres com grande estrépito e abandonou o aposento sem dizer uma palavra.

—Pobre Agnes.—Disse Eve.— Só tentou ajudar.

—Pode ajudar fazendo o seu trabalho e administrando a casa. Você e eu vamos fazer uma visita ao conde de Luff,

Eve. Permita-me acompanhá-la ao seu quarto para que descanse um pouco e troque de roupa.

A senhora Pritchard deu um suspiro.

—Sabia que se você chegasse, coronel, tudo se arrumaria.

Aidan acompanhou Eve escada acima e parou diante da porta para deixá-la passar, antes de se dirigir-se ao quarto de visitas, onde já tinha dormido.

—Ainda é cedo. —Disse—Quer dormir umas horas antes de sairmos?

Ela negou com a cabeça.

—Não poderei dormir. Não poderei descansar até que não tenha minhas crianças em casa. Mas, Aidan, não posso continuar te prendendo com as sórdidas crises da minha vida. Resta muito pouco tempo da sua licença e ainda não ficou livre para desfrutá-la como é devido. Deve retornar a Londres ou a Lindsey Hall. Não se preocupe por....

Pôs-lhe um dedo sobre os lábios.

—Eu me encarregarei deste assunto até o final. Quando eu tiver que me afastar, deixarei você segura e contente.

—Pela promessa que fez a Percy? — Perguntou ela.

—Porque é minha mulher.

Eve tomou ar para falar e ele pensou que ia começar a discutir como de costume. Mas se limitou a concordar, dar a volta e entrar em seu quarto.

“Quando te deixar.” Seria logo, em um dia ou dois, quando as crianças estivessem de novo em casa, no seu lugar. Ele retornaria para Londres e desfrutaria do que restasse dos seus dois meses de licença. Por fim estaria livre de obrigações, livre de quase tudo. Voltaria a viver a vida que lhe era familiar. *Mas primeiro*, pensou Aidan com

determinação, ao entrar no quarto de visitas e puxar a campainha para pedir água quente para se lavar e se barbear, *terei que ocupar-me de Luff*.

“Quando te deixar.”

Didcote Park, sede rural do condado de Luff, era uma propriedade em que Eve nunca tinha posto o pé, apesar de que não estar longe de Ringwood. Os convites para os acontecimentos sociais que aconteciam nessa casa se destinavam exclusivamente às famílias de linhagem ilustre. Seu pai, mesmo diante da imensidão de sua fortuna, nunca pôde aspirar a uma.

A casa era uma mansão georgiana, elegante e bem proporcionada. Era o lugar onde tinha crescido John, o seu lar. Mas Eve não tinha tempo de pensar nele.

—E se o conde se negar a nos receber? —Perguntou.

—Negar-se? —Aidan olhou-a sem ocultar a sua surpresa.— Por que teria que se negar?

—Sou a filha de um mineiro galês. —Recordou para ele.

—E a mulher de um Bedwyn.

Quão diferentes eram as suas formas de perceber a realidade, pensou Eve. Na sua qualidade de filho e irmão do duque de Bewcastle, não lhe passava pela cabeça que pudessem negar a sua entrada nem sequer na mais majestosa das moradas. Naturalmente, não a teriam negado.

—E se ele se negar a nos escutar?

—Por que teria que negar? É seu dever de juiz.

Como explicar para ele como era a vida quando não se fazia parte da aristocracia, quando não se tinha poder nem influência para confiar no bom resultado de uma visita

como a que estavam fazendo... Tudo o que o conde de Luff sabia dela era que se tratava da mulher cujo pai tinha tido o descaramento de propor um casamento entre as duas famílias.

—E se disser que não? Ou se negar a mudar de ideia?

—Cuidaremos para que isso não ocorra. Quando se espera o pior, Eve, isso é exatamente o que se está acostumado a obter. Ah, já chegamos!

Ajudou-a a descer enquanto Sam Pratchett esmurrava a porta. Os joelhos pareciam de gelatina e tinha o estômago revolto, embora não tivesse tomado o café da manhã e se pôs um dos seus elegantes trajes de passeio para comunicar confiança. Aidan vestiu o uniforme de gala.

—O coronel Bedwyn e lady Aidan Bedwyn desejam ver o conde de Luff. —Ele disse ao porteiro que respondeu à chamada de Sam. Segurou Eve pelo cotovelo e a fez entrar no vestíbulo antes que ninguém os convidasse para entrar.

Ela sempre tinha protegido com grande zelo a sua independência. Em condições normais, as maneiras confiantes com que Aidan se encarregava de tudo teriam incomodado. Mas nessa manhã agradecia. Se tivesse que fazer sozinha, o mais provável é que já estivesse no caminho de volta para casa com a porta de Didcote firmemente fechada às suas costas. Aidan por sua vez, tinha motivos de sobra para acreditar. Depois de uma espera no vestíbulo de dois minutos no máximo, acompanharam os dois para a biblioteca no andar inferior.

O conde de Luff se levantou de trás de uma gigantesca mesa de escritório de carvalho. Era uma réplica de John mais velho, com o cabelo loiro já quase branco, mas ainda conservava a elegância e a distinção.

—Coronel Bedwyn? Lady Aidan? Que prazer inesperado! Sentem-se, por favor. Posso oferecer-lhes alguma bebida? Talvez um pouco de chá, senhora? — Deslizou seus olhos sobre ela com suave cortesia.

—Nem um nem outro, obrigado, milord. —Disse Eve.

—Ah... E você, Bedwyn? Um brandy? Um vinho? Outra coisa?

—Nada. —Aidan levantou a mão. Indicou uma cadeira para Eve e ambos se sentaram. Eve estava aturdida pela ansiedade e o esgotamento.

—Bom. —O conde se sentou em um sofá de couro e cruzou as pernas.— Vocês dirão a que devo o prazer de sua visita.

Era evidente que sabia. Só podiam estar ali por um motivo.

—Quero recuperar as minhas crianças. —Disse Eve, comprovando aflita que sua voz estava fraca e trêmula.— Você deixou que Cecil Morris os arrebatasse de mim. Mas são meus. Seu lar está em Ringwood. Ali são felizes. Quero que voltem comigo.

O juiz arqueou as sobrancelhas fingindo surpresa.

—Você se refere aos jovens sobrinhos de Cecil? — Perguntou.—As crianças que seus empregados não queriam deixar retornar para a sua casa porque você não estava presente para lhes dar a permissão? Tudo ocorreu porque você se ausentou, senhora.

—Retornar para sua casa? —Perguntou Eve.— Estavam em sua casa. Vivem comigo. E a meus empregados ninguém os consultou, pois apareceu o senhor Biddle e outros quatro homens para levar as crianças à força. Seu lar está em Ringwood.

—Perdoe-me, senhora, mas que parentesco tem você exatamente as crianças em questão?

Eve sentiu como se pusessem a ponta de uma faca na sua garganta.

—Nenhum, — Reconheceu.— salvo que sou prima de Cecil por parte de pai. Mas é comigo que vivem.

—Se eu não me equivoco, são órfãos. —Disse o conde.— e os enviaram para viver com o senhor Cecil Morris, que é parente deles. Ele me disse que durante uma indisposição de sua mãe, a senhora Morris, você teve a amabilidade de acolhê-los em sua casa, mas que deixou-os sozinhos para ir à cidade para desfrutar dos prazeres da temporada social com o seu novo marido.

—Não os deixei sozinhos! —exclamou Eve.—.Eu....

—Talvez senhor, —Interrompeu Aidan.— posto que estamos discutindo quem tem direito de assumir a tutela dos órfãos, você poderia reabrir o caso e escutar os argumentos das duas partes.

—Tudo parece indicar, —Disse o conde.— que o direito pertence ao senhor Morris.

—Não é possível! —Gritou Eve.— Nem sequer quer as crianças.

—Então tem uma estranha maneira de demonstrar.— Replicou o juiz, franzindo o cenho.

—Você teria pelo menos a bondade de escutar a versão da minha mulher sobre essa história? —Perguntou Aidan, com um tom de voz exasperantemente tranquilo, quase aborrecido.—Eles são muito importantes para ela. Cuidou deles durante um ano e os ama como se fossem seus filhos.

—Um ano! — Surpreendeu-se o conde.— A senhora Morris esteve indisposta tanto tempo?

—Em nenhum momento esteve doente. —Disse Eve.

—O que estou lhe pedindo é que nos conceda uma audiência. —insistiu Aidan.— Com a presença de Morris e sua mãe se assim o desejarem.

—Oh, não!

Aidan levantou a mão pedindo silêncio.

—E com as testemunhas que queira trazer. E os que minha mulher queira contribuir também.

Eve sentiu o estômago revolver. Queria convencer o conde nesse mesmo momento. Queria que compreendesse a situação nesse mesmo momento. Queria ir diretamente de Didcote Park à casa de Cecil para recolher as suas crianças e levá-las com ela. Não queria estar presente em uma audiência em que Cecil pudesse voltar a contar mentiras e forçar tia Jemima a fazer isso também em seu nome.

O conde de Luff suspirou.

—Parecia um assunto muito claro. —Disse.— E ainda me parece isso. Não tenho a intenção de passar pelo problema de conceder uma audiência oficial, Bedwyn, para que um tribunal de homens íntegros debata o assunto a partir de todos os pontos de vista. Mas posso convocar uma audiência oficiosa. Mas terá que ser hoje. Tenho o resto da semana ocupado. Às duas da tarde, na sala de assembléias de Heybridge. É a única possibilidade. Farei com que informem Morris.

Aidan ficou em pé.

—Obrigado, senhor. Lá estaremos.

—Mas — Protestou Eve.— eu queria resolver esse assunto pela manhã. Não poderei aguentar até esta tarde.

—Nesse caso, senhora, —Disse o conde asperamente.— terá que se dar por satisfeita com o meu juízo favorável a Morris. Eu ficaria satisfeito.

—Esta tarde, então.

Poucos minutos depois estavam outra vez na carruagem e se afastavam da casa pelo caminho de pedras. Concordava que não devia esperar pelo pior, pensou Eve, cansada, mas que outra coisa poderia acontecer? A lei estava claramente do lado de Cecil. O amor não ia ser um argumento.

—Eve, —Disse Aidan.—vamos diretamente para casa e você para a cama. Vai dormir.

—Não posso dormir. —Protestou ela.

—Pois dormirá de qualquer maneira. —Tinha a voz dura e um olhar severo.— Se quer recuperar as crianças, deve dormir e ter a mente mais desperta. Aconselho encarecidamente que me deixe falar e que quando for interferir, não se deixe guiar só por suas emoções.

—Como se eu pudesse evitar!

—Se deixar se levar por suas emoções, Cecil é quem vai ganhar —Disse.—Acredite em mim.

Ela o olhou no rosto, aquele rosto frio e sério, e se sentiu tão só que não pôde aguentar mais. Deu a volta bruscamente, cobriu o rosto com as mãos e caiu no choro. Raramente cedia às lágrimas, mas nesse momento era incapaz de controlá-las, por mais que tentasse. Tinha esquecido quão doloroso era chorar. Doía-lhe a garganta. Doía-lhe o peito como se tivesse doze adagas cravadas. O coração ia explodir.

Ficou sozinha quase um minuto, até que sentiu uma mão pousada sob as suas costas que começou a massageá-la suavemente. Quando os soluços se converteram em gemidos e espasmos, surgiu um lenço grande em sua mão. Secou o rosto com ele e assoou o nariz.

Nunca esteve tão cansada em toda a sua vida.

Parecia que Aidan tinha lido o seu pensamento. Inclinou-se para ela, passou uma mão pelos ombros e um braço sob os joelhos e carregou-a nos braços. Antes que pudesse perceber o que estava acontecendo, Aidan firmou os pés no assento de frente e recostou-a contra o seu colo de tal maneira que a sua cabeça se encaixou perfeitamente nos ombros dele. Não soube quem tinha tirado a sua touca nem quando, mas já não estava com ela.

—Tudo se ajeitará, querida.— Ele murmurou no seu ouvido.

—Sério? —Mas estava tão exausta que não fez nenhum esforço para ouvir a resposta. Naquele momento confiava cegamente em Aidan. Que maravilhosa era a sensação de que alguém cuidava por um momento dos seus problemas.

—Prometo que se ajeitará. —Disse.

O que soube depois foi que despertou na porta de Ringwood, quando a carruagem parou com uma sacudida.

Cecil Morris parecia satisfeito consigo mesmo; sua mãe, nervosa. Eve estava pálida e tensa apesar de ter dormido na carruagem durante o trajeto de volta de Didcote Park e logo depois em sua cama. A senhora Pritchard estava visivelmente ansiosa e a senhorita Frise, agitada. O pastor Puddle sentou-se no meio das duas damas e demonstrou pesar pela situação. O oficial e seus quatro ajudantes —um deles com o nariz quebrado e respectivos hematomas nos olhos— estavam se achando importantes, como se esperassem que explodisse uma briga a qualquer momento. Tinham chegado numerosos curiosos, embora

Aidan não conseguisse imaginar como teriam descoberto que ia ocorrer uma audiência.

O conde de Luff chegou tarde e com sinal de mau humor.

—Vamos resolver este assunto de uma vez para sempre. —Disse no momento que se sentou no extremo de uma mesa instalada na maior das salas de assembléias do tribunal e lançou olhares furiosos em redor como se tivesse sido ele quem tivesse tido que esperar.

Cecil Morris foi o primeiro chamado a declarar. Sentou-se na cadeira que havia junto à mesa do conde e repetiu os motivos pelos quais acreditava que devia ser concedida a ele a custódia dos órfãos David e Rebecca Aislie. Fez isso depois de ter pronunciado um juramento sobre a Bíblia e cometer um perjúrio com cada palavra. Segundo a sua versão, sentia um grande apego por seus jovens sobrinhos, como o que tinha sentido por seus pobres pais mortos, e que sua própria mãe os idolatrava. Para seu muito pesar, tinham-no convencido para que permitisse que sua prima, que na ocasião era a senhorita Eve Morris, acolhesse as crianças enquanto a sua própria mãe se recuperava de uma enfermidade prolongada, e tinha se inquietado muito ao saber que Eve os tinha abandonado para ir a Londres para desfrutar da temporada social.

Aidan pôs uma mão sobre o braço de Eve, intimidando-a para que ficasse em silêncio.

Tinha solicitado e obtido a custódia legal e enviado alguém para procurar as crianças, porque na última vez que tinha ido visitá-los para tranquilizá-los, dizendo-lhes que logo voltariam para a sua querida tia, o novo marido de sua prima o tinha ameaçado de usar a violência. Temia que, se fosse pessoalmente exigir a sua volta, os outros moradores da

casa, alguns dos quais eram ex-presidiários, o ferissem ou, pior ainda, ferissem os pequenos.

—E como pode você comprovar, milord, —Disse, assinalando com gesto dramático o nariz quebrado e os olhos roxos do ajudante do oficial—, meus temores não eram em vão.

Aidan tratou de aplacar a agitação de Eve apertando-lhe a mão por debaixo da mesa.

—Quem fez isso? —Perguntou o conde, olhando para o ajudante com o cenho franzido.

—Eu o fiz, sua senhoria. —Disse a governanta por detrás— E voltaria a fazê-lo com qualquer um que entrasse na casa da senhora sem pedir sequer permissão, para levar arrastados dois garotinhos inocentes só porque este vilão quer se vingar. O que teria dado para acertar um murro nele, e não no outro.

—Sente-se, mulher —disse o conde com determinação, apertando a ponte do nariz entre o indicador e o polegar com o ar fatigado.

—Bom, foi você quem perguntou.

—Com efeito. —Concordou ele.—E agora sente-se. Lady Aidan deseja fazer alguma pergunta ao senhor Morris?

Aidan voltou a apertar-lhe a mão, mas ela não fez caso da sua súplica silenciosa para que o deixasse falar em seu nome e ficou de pé.

—Sim. —Disse ela.— Becky e Davy foram conduzidos em uma carruagem de aluguel para Heybridge no dia cinco de setembro do ano passado.— Será muito fácil comprovar os dados com os registros das diligências. Cecil, poderia dizer ao conde quanto tempo ficaram em sua casa até que a suposta enfermidade de minha tia os obrigou a levá-los para a minha?

—Como vou lembrar me disso? —Perguntou ele.— Um mês ou dois, talvez mais.

—Na contabilidade da minha casa está anotado, — Disse Eve. — pois contratei a senhora Johnson como babá das crianças em seis de setembro. Nas mesmas contas pode ser visto que comprei roupas e outros artigos para crianças ao longo da mesma semana. A senhora Johnson testemunhará, se for necessário.

—Minha pobre mãe doente... —Começou Morris.

—Poderia contar ao conde sobre a sua visita a Ringwood depois da morte de meu pai? — Perguntou-lhe Eve.— Se me permitir, refrescarei a sua memória. Eu então acreditava que ia herdar a propriedade no dia desse aniversário. Em minha ausência pôs todo mundo em formação no vestíbulo para dirigir-lhes umas palavras. Todos os meus criados sem exceção, confirmarão que as crianças também ficaram na fila. Poderia nos revelar o que lhes disse?

—Não posso me lembrar. —Disse ele.— Aconteceu há bastante tempo.

—Pois há muitos que podem se lembrar. —Replicou Eve.— Você disse que todos, absolutamente todos, deveriam partir antes que você retornasse para se instalar para viver na mansão, do contrário faria com que os prendessem por vagabundagem.

—Eve! —Cecil abriu os olhos scandalizado.— Não me referia aos meus pobres sobrinhos. Estavam no vestíbulo porque iam voltar para casa comigo. Mas esta mulher, —Disse assinalando a governanta.— ameaçou-me com uma faca de trincar e pelo bem das crianças decidi dar marcha a ré.

Alguém do auditório soltou uma gargalhada de desprezo.

—Se tivesse uma faca de trincar nas mãos, —
Objetou a governanta.— teria cortado as suas orelhas pela raiz, desprezível rato mentiroso, e faria um favor ajeitando o seu rosto.

—Mulher,—Alfinetou o conde com a maior severidade.
— meça sua língua ou farei com que a levem. Volte para o seu lugar, Sr. Morris. Escutaremos agora lady Aidan. Aproxime-se, senhora, e sente-se. Diga-me por que devo dar-lhe a custódia de David e Rebecca Aislie apesar de não estarem unidos por nenhum laço de consanguinidade.

Aidan não tirou olho dela enquanto se sentava e jurava sobre a Bíblia tratando de inspirá-la mentalmente para que mantivesse a calma e não se deixasse arrastar pelos sentimentos como naquela manhã na biblioteca de Luff.

Eve contou que depois da morte de seus pais, as crianças tinham sido jogadas de parente em parente, até que pararam em Heybridge, de onde foram expulsos de novo. Estavam condenados a acabar em um orfanato Deus sabe onde. Mas a sua tia Jemima veio a visitá-la chorando, escondido de seu filho Cecil, e suplicou-lhe que acolhesse as crianças em seu lar. Isso era o que tinha feito. Contratou uma babá e uma professora para que cuidassem delas. E ela mesma tinha dedicado a elas todo o tempo que pôde até que, pouco a pouco, passou a considerá-las como seus próprios filhos. Esclareceu que se nunca tinha pensado em pedir a sua custódia era porque ninguém mais as queria.

—Como você explica o que o que o senhor Morris fez na semana passada se não se preocupa com as crianças?
—Perguntou o conde.—Não há dúvida de se inquietou muito

de que você se ausentasse e se esquecesse dos seus jovens parentes. Não foi fácil levá-los para sua casa.

—Por vingança. —Disse Eve.

—Como disse?

Eve explicou-lhe como tinha conservado a sua herança antes do primeiro aniversário da morte de seu pai. Voltou a pintar a cena na qual, dois dias antes de que se cumprisse o prazo, Cecil ameaçou os moradores de Ringwood a deixar a fazenda e o seu comportamento na manhã do dia do aniversário até que seu marido lhe ordenasse para que saísse de Ringwood e não voltasse a pisá-lo jamais.

—Ameaçou-a de causar dano físico? —Perguntou o conde a Eve, franzindo o cenho.

—Foi uma brincadeira, milord. —Protestou Morris, ficando em pé de um salto.— Por que teria que ameaçar a prima? Foi uma....

—Sente-se, senhor Morris. —Ordenou-lhe o juiz.

—Cecil sabe que adoro as crianças,—Prosseguiu Eve. — e se sente humilhado porque os seus planos foram desbaratados já que o coronel Bedwyn viu como me ameaçava. Encontrou o modo de se vingar de mim através das crianças.

—Senhor Morris, —Disse o conde com um suspiro que não se incomodou em dissimular.— você deseja perguntar algo a lady Aidan?

—Sim. —Disse Morris, levantando-se de um salto.— Onde você esteve nas duas últimas semanas, Eve enquanto as crianças sentiam a sua falta em Ringwood, abandonadas pela mulher que supostamente os quer tão afetuosamente?

—Estava em Londres por convite do duque de Bewcastle —Disse Eve, olhando o conde— para ser

apresentada diante da rainha e perante a sociedade como a esposa do coronel lorde Aidan Bedwyn. Para assistir a um jantar de Estado em Carlton House na última noite, embora tenha perdido isso porque voltei para cá logo que tive notícias do que tinha acontecido aqui. Deixei as crianças aos cuidados de minha tia, a senhora Pritchard, de sua babá e sua professora. Tenho para escrito para eles a cada dia. Tive muitas saudades deles. —Tocou o coração com a ponta dos dedos.— Senti falta aqui.

—Comovedor. —Disse Morris sarcástico.— E diga-me, Eve, quem Davy vai ter como figura paterna, uma pessoa tão importante para um menino enquanto cresce? Seu lar está cheio de mulheres. Conforme acredito, seu marido está a ponto de partir para não retornar jamais. Todo mundo sabe que você se casou com ele apenas para não perder Ringwood e a sua fortuna.

Dos espectadores subiu um murmúrio de indignação.

—Quero responder a essa pergunta, com o seu consentimento.

Luff agitou uma mão lentamente em sinal de aprovação.

—Por favor, coronel Bedwyn, fale. Nunca em minha vida vi tamanha agitação por casa de uns órfãos.

—Nos últimos anos percorri lutando na Península Ibérica e o sul da França com os exércitos de Wellington. —Começou Aidan, contente por ter se embelezado com o uniforme de gala, por mais incômodo que fosse um dia como aquele, que havia se tornado quente e úmido.— E quem pode afirmar com segurança, inclusive hoje, que as hostilidades acabaram? A Europa terá que recompor peça por peça depois de anos de guerras e pilhagens e o dever me liga ao exército. Meu lar é a fazenda Ringwood. É onde

vive a minha mulher. É onde ficará meu coração quando eu for. É onde me instalarei assim que puder. Os parentes da minha mulher são os meus parentes, os seus criados são os meus criados, e os seus filhos adotivos, os meus filhos. Sempre que puder, nos próximos anos embora só seja por carta, serei um pai para o jovem Davy e para Becky.

Eve o olhava pálida e alterada. E o pior de tudo, pensava Aidan, é que não tinha a sensação de estar mentindo.

Sentou-se. O mesmo fez Morris.

—E você, senhora? —Disse o conde dirigindo-se à senhora Morris— O que tem para dizer deste assunto? Quer ficar com as crianças? Tem afeto por eles? Os quer?

— Sim sua senhoria. —Disse com um leve sussurro— Eu os amo meigamente, mas....

Todo mundo esperou educadamente que acabasse e olhou para seu filho, que deu a volta para lhe dirigir um olhar irado.

—De modo —Disse o conde de Luff quando ficou claro que a mulher não ia acrescentar nada.— que tenho que pôr em um prato da balança a petição de um homem e de sua mãe que têm a custódia legal das crianças e são aparentadas com elas e afirmam amá-los, e no outro prato as alegações de um homem que está a ponto de voltar para o seu batalhão por um período indefinido de tempo e uma mulher que não tem laços de consanguinidade com os pequenos e que talvez seja incapaz de lhes oferecer um lar ideal.

Iam perder, pensou Aidan com certa surpresa.

—Neste último ponto, você está muito equivocado. — Ouviram uma voz baixa, mas perfeitamente nítida proveniente da sala.

Aidan voltou-se imediatamente para olhar. Wulf estava de pé junto ao vão da porta, vestido com roupas de viagem, mas tão impecável como se acabasse de sair das mãos do seu criado de quarto, com seu monóculo na metade do caminho dos olhos.

—Quem diabos... —Começou o conde. E logo olhou com mais atenção.—Ah! É você, Bedwyn?

Eve, que ainda estava sentada junto ao conde, agarrou-se aos braços da cadeira.

—Eu, em pessoa. —Disse Bewcastle, avançando com grandes passos pelo corredor, com um ar mais altivo e aborrecido do que nunca.— De modo que lady Aidan não teria família que protegesse a ela e aos seus filhos adotivos quando o coronel Bedwyn estivesse longe, no serviço de sua nação? É um verdadeiro absurdo, Luff. Milady conta com o sólido apoio de toda a família Bedwyn.

—Está disposto a pôr as duas crianças abandonados sob a asa protetora dos Bedwyn? —Inquiriu o conde.

As sobrancelhas de Wulf se ergueram.

—Não já estão sob o seu amparo? Não estão sob a asa da minha cunhada, embora agora mesmo só seja em sentido figurado? E não é lady Aidan uma Bedwyn?

O conde de Luff olhou-o como se tivesse duas cabeças. Logo agitou a sua, para sacudir da mente semelhante absurdo.

—Seu súbito afeto pelos pequenos parece suspeito, senhor Morris. —Disse o conde de Luff.— Além do parentesco que os une, tudo parece indicar que se lembrou deles por despeito. E, com apenas um “mas”, a senhora Morris semeou a dúvida sobre o amor que você tem por eles. Cabe a perguntar de que se não serão imensamente mais felizes no lar de lady Aidan, embora o coronel Bedwyn

deva se ausentar por alguns anos. Com a garantia de que estarão sob o amparo do duque de Bewcastle, decreto que David e Rebecca Aislie sejam confiados para seu próprio bem à custódia legal de lady Aidan Bedwyn, que lhes deu um afeto quando ninguém os queria. Fica assim decidido.

Aidan teve a impressão fugaz de que Eve estava a ponto de desmaiar. Mas conseguiu se manter erguida agarrando-se com força aos braços de sua cadeira. E procurou Aidan com os olhos.

Ele sorriu para ela.

=CAPÍTULO DEZENOVE=

Já na carruagem, Eve foi sentada entre Davy e Becky com um braço por cima de cada um. Não queria soltá-los de jeito nenhum, ainda não. Becky estava mostrando um pequeno lenço de renda onde carregava todos os tesouros que tia Jemima tinha lhe dado: um broche no qual faltava um dos seus brilhantes de imitação, um brinco cujo par tinha desaparecido, um bracelete com o fecho quebrado. Davy estava em silêncio. Ao que parecia, eles tinham sido bem tratados. Tia Jemima se preocupou com eles e os tinha abarrotado de comida —especialmente bolos— Tinha agasalhado Becky na cama, beijando-a.

—Mas senti saudade das sua estórias, tia Eve. — Disse. — E senti saudade de você. E de Benjamin. E da tia Thelma e da tia Mary. E da babá.

—E todo mundo sentiu saudades dos dois. —Disse Eve, apertando-os.— Senti saudade todas as horas. Não voltarei a viajar sem vocês. Ficarei com a minha família. Com as minhas crianças. E ninguém vai levá-los de férias para nenhum lugar, a menos que perguntema vocês primeiro se querem ir e se eu estiver presente para comprovar que lhes perguntam isso. Foi bastante insensato da parte do primo Cecil mandar o senhor Biddle para apanhá-los só porque alguém disse que havia malfeitores nos arredores. Poderia tê-los assustado. Mas tia Jemima queria vê-los.

—Ele disse que não poderíamos voltar para Ringwood. —Disse Davy, que abriu a boca pela primeira vez.

—Equivocou-se. —Replicou Eve.— Juro que tia Jemima não disse isso, verdade? Nada mais nada menos do que o conde do Luff, juiz nesta parte do mundo, acaba de decidir que Ringwood será o seu lar permanente e que eu serei a sua mãe, ou substituirei a sua mãe.—Declarou com cautela. Sempre tinha animado as crianças a manterem viva a lembrança dos seus pais e a falar deles.

Becky olhava Aidan, que estava sentado em frente e cujos joelhos roçavam de vez em quando os de Eve.

—Você é o nosso novo papai? —Perguntou-lhe.

Ele não respondeu em seguida e Eve levantou os olhos sem querer procurando o seu olhar. O mais certo era é que fosse embora no dia seguinte, com mais razão agora que seu irmão estava em Ringwood com uma carruagem própria para retornar. Não tinha nenhum motivo para ficar. Tinha compreendido isso desde o dia da sua vitória, o que tinha feito as suas pernas fraquejarem de euforia. Uma euforia que teve o seu eco no imenso júbilo com que os espectadores acolheram o veredito do conde. Mas tinha sido uma alegria agri-doce. Na manhã seguinte Aidan iria embora.

E, apesar de tudo, tinha sorrido para ela.

Não tinha sido apenas uma expressão de seus olhos, como a que tinha interpretado como um sorriso no baile de Bedwyn House. Nesta ocasião foi um sorriso pleno, radiante, com as comissuras da boca apontando para cima e rugas ao redor dos olhos, um sorriso que tinha iluminado todo o seu rosto. Toda a dureza, seriedade e frieza de seu rosto tinham desaparecido como por milagre e se transformado em uma expressão luminosa e calorosa, bela e risonha.

Inexplicavelmente, tinha sido um momento de mais intimidade entre os dois do que qualquer uma das suas relações sexuais. Do mais profundo do seu íntimo tinha

saído algo, uma alegria mais brilhante que o sol, e a tinha envolvido, a havia abraçado com maior firmeza do que com seus braços.

Ou isso tinha lhe parecido. Talvez fosse só um sorriso.

Tinha sorrido. Durante uma eternidade. Possivelmente quinze ou vinte segundos, até que Cecil saiu da sala furioso e tia Jemima, chorando copiosamente, precipitou-se para abraçar Eve e dizer-lhe que amava os pequeninos, amava-os de coração, mas estava muito velha e cansada para se encarregar dos seus cuidados cotidianos. Eve devolveu o abraço, assegurando-lhe que poderia visitá-los quando quisesse, para vê-la e também as crianças. Quando pôde voltar o seu olhar para Aidan, este estava no fundo da sala conversando com o duque de Bewcastle e o conde de Luff e tinha de novo o seu habitual ar abstraído e áspero, acentuado pelo uniforme.

Não se atrasou nem por um instante. Tia Jemima tinha acabado de informar que as crianças estavam no andar térreo da taverna Três Plumas na companhia de duas moças. Saiu correndo escada abaixo, descendo os degraus de dois em dois de uma maneira imprópria para uma dama, e entrou como um raio na taverna, onde os levantou nos braços, um atrás do outro, rindo e girando-os em torno de si. Não se lembrava de muitos momentos mais felizes do que esse em sua vida.

—Eu acho —Diria mais Aidan mais tarde a Becky— que se lembra do seu papai, não? Sempre será seu pai embora já não possa estar contigo. Eu estou aqui em seu lugar, para cuidar que sempre estejam a salvo e protegidos, e para que recebam o carinho e a educação necessárias para que você se converta em uma verdadeira dama e você, Davy, em um perfeito cavalheiro.

—Como tenho que chamá-lo? —Perguntou-lhe Becky. Surpreendeu-o, notou Eve. Aidan levantou as sobrancelhas.

—Humm... —Disse.—Vejamos... Minha mulher é tia Eve, assim eu suponho que serei o tio Aidan.

Soava absurdo. Tão absurdo que Eve começou a rir. Quem poderia imaginar? O coronel lorde Aidan Bedwyn propondo para duas crianças abandonadas que o chamassem de tio Aidan! Quanto o amava! Mas a ideia era dolorosa, de modo que se abaixou para sorrir de novo para Becky.

Aidan iria embora no dia seguinte.

O duque de Bewcastle aceitou o convite para passar a noite em Ringwood. “Qualquer coisa —havia dito com seu tom suave e altivo de sempre— menos voltar para as Três Plumas” e, a julgar pelo rosto do estalajadeiro quando o tinha visto entrar na estalagem situada acima das salas de assembléias, acrescentou sua excelência, esse personagem ilustre compartilhava com o seu ponto de vista.

Eve estava admirada e perplexa com a sua visita, mas não tinha pensado muito no assunto até que entrou na sala de estar justo antes do jantar e o encontrou sozinho, sem vestígios de Aidan.

Nunca tinha gostado do duque. Ao mesmo tempo, como reconheceu nesse preciso momento, tinha medo dele, como todos os que estavam sob a sua órbita. Mas nunca se deixou intimidar. Nessa ocasião resistiu o impulso de inventar uma desculpa e desaparecer da sala ou falar de frivolidades. Em lugar disso, cruzou lentamente o aposento com os braços estendidos. Bewcastle não teve outra opção

senão segurar as suas mãos, o que fez com uma expressão de ligeira surpresa e um pouco incomodado.

—Obrigado. —Disse— Do mais profundo do meu coração, obrigado. —Apertou as mãos antes de soltá-las. Tinha os dedos mais finos e longos do que os de Aidan, e um anel em cada mão.

—Não penso que prestei um grande serviço, lady Aidan.

—Não sei quanto tempo estive de pé antes de tomar a palavra, —Disse ela— mas provavelmente compreendeu que o veredito estava complicado, que o conde parecia mais inclinado a confirmar a sua decisão de outorgar a custódia a Cecil, do que me devolver as crianças. Foram as suas palavras, Bewcastle, que inclinaram o fiel da balança. Mais do que suas palavras, a sua presença.

—Nesse caso, eu me alegro de ter sido de alguma utilidade.

—Por que veio? —Queria dar meia volta, sentar-se e se distrair com algo. O olhar direto daqueles olhos cinzentos era desconcertante na melhor das hipóteses. Mas ficou sentada onde estava, a meio metro de distância dele.— Não foi pelas crianças. Não pode sentir mais do que indiferença pelos órfãos de um lojista. Não terá sido por mim. Quando muito me tolera, se é que não me despreza, conforme acredito, e se incomodou sobremaneira com a minha insistência em em perder o jantar de Carlton House. Então o fez por Aidan.

—É reconfortante estar perante alguém que me conhece tão bem, que pode responder às suas próprias perguntas em meu lugar e assim me economizar o esforço de formular as respostas.

Eve se ruborizou diante dessa recriminação altiva.

—Por que veio?

—Vim porque sou o chefe da família Bedwyn e sempre considereei o meu dever me preocupar com o seus membros. Você é um deles e continuará sendo, por mais que defenda a sua independência e por mais que insista em que Aidan vá embora para não voltar quando concluir a sua licença. Achei que possivelmente a minha influência fizesse falta, a qual, como viu, é notável. Por isso eu vim.

—Então veio por mim? —Eve franziu o cenho. Parecia um homem muito frio para atuar somente por cortesia. Mas não tinha sido cortesia. Ele mesmo tinha acabado de dizer ele: tinha sido movido por seu senso de dever. Igual ao caso de Aidan, a sua causa principal era o dever. Em muitos sentidos, os dois irmãos se pareciam. E, apesar de tudo, não eram amigos.

O duque inclinou ligeiramente a cabeça.

—O que ocorreu entre você e Aidan? —Perguntou Eve.— Por que se distanciaram tanto? São semelhantes em idade e temperamento. —Isso não era exatamente certo. Por trás da reticência de Aidan se escondia o fogo; por trás da reticência do duque, o gelo—. Os dois dão mais importância à honra e ao dever do que a qualquer outra coisa. Por que se distanciaram tanto?

Com as sobrancelhas arqueadas e o monóculo na mão, Bewcastle deixou-a gelada com o olhar dos seus olhos claros. Compreendeu que se refugiou depois em uma das suas máscaras mais impenetráveis e se perguntou se por trás delas existiria um homem de carne e osso.

—Os irmãos não têm por que ser expansivos como na sua maneira galesa, senhora, nem se abraçar, nem chorar sentimentalmente cada vez que se separam, disputam e se reconciliam, nem pensar com a intensidade dos seus

sentimentos mútuos em uma linguagem florida e passional. Deve haver necessariamente um problema entre eles quando se comportam com uma compostura mais inglesa?

Eve tocou um ponto sensível, e ele a fustigou com suas palavras frias e com um desprezo manifestado para com seus compatriotas. Mas ela havia tocado um ponto sensível.

—Então o ama? —Perguntou.

—Você está usando um vocabulário muito feminino lady Aidan. Amor. O que é o amor além de um conceito abstrato que nem sequer pode ser definido, exceto no que se refere à uma ação? Aidan é um Bedwyn. É meu irmão e, a menos que eu gere um filho e até que o faça, é meu herdeiro. Sua vida é tão importante para mim como a sua... felicidade. Daria a minha vida por ele se fosse necessário recorrer a um gesto tão extremo e dramático. Por acaso é amor? Diga por si mesma.

A porta se abriu antes que tivesse concluído e tia Mary entrou apoiando-se sobre uma bengala. Thelma ia com ela porque Eve tinha insistido para que jantasse com eles, como o fazia sempre. Tia Mary começou a falar em seguida com grande entusiasmo do julgamento, que foi o nome que ela deu à audiência que tinha acontecido naquela tarde. Assim que escutava aquele sotaque galês fechado, o duque foi colocando um rosto cada vez mais azedo.

Passaram-se cinco minutos antes que Aidan aparecesse, já sem o uniforme mas com um elegante traje azul e cinza e uma camisa branca resplandecente.

—Andrews chegou tão tarde de Londres que não tinha uma camisa engomada. —Disse.— Não quis nem ouvir falar que eu colocasse isso sem engomar, apesar de que, para o meu olho inexperiente, não tinha nenhuma ruga. Decidi que

chegar um pouco tarde era preferível a vê-lo tão atormentado.

Ao se voltar para ele, Eve sentiu dor. Tinha a acompanhado no caminho de volta, tinha desafiado a ira do seu irmão, tinha lutado por ela e por umas crianças que não significavam nada para ele. Mas, sobretudo, tinha sorrido para ela.

E iria embora no dia seguinte.

—Mas o seu aspecto sempre te preocupou muito pouco. —Observou o duque.

—O jantar está quase pronto. —Disse Eve.— Vamos para a sala de jantar?

Quando Aidan ofereceu o braço à tia Mary e o duque de Bewcastle fez mesmo com ela, Eve pensou muito tarde, que deveria ter dito a Agnes que levasse para eles algo para beber na sala de estar. Certamente tinham pensado que era muito desajeitada.

Embora só fosse fazer uma visita relâmpago de um dia no campo, Bewcastle levou consigo a sua própria carruagem com o brasão distintivo, um veículo para levar todos os seus equipamentos e o seu ajudante de quarto, dois cocheiros, dois mordomos para a sua carruagem e seis criados de escolta a cavalo, todos eles vestidos com esplêndidos librés.

Na manhã seguinte, Aidan ficou de pé no terraço junto a Eve e sentiu uma estranha pontada de tristeza ao ver seu irmão partir. Wulf se converteu nisso, aquele menino brilhante e peralta de suas lembranças, agora convertido em um aristocrata frio e solitário, tão capitalista que bastava levantar um dos seus longos dedos ou uma de suas sobancelhas escuras para exercer todo o seu poder. Ou com uma palavra dita com a maior suavidade. Aidan sentiu

uma aperto no peito. Normalmente não lhe afetavam as despedidas, e menos ainda quando esperava ver a pessoa no final de uns dias.

Por que Wulf tinha ido? Esteve dando voltas à questão desde a tarde do dia anterior, pois não aceitou completamente a resposta mais óbvia, quer dizer, que tinha ido porque um Bedwyn tinha problemas e a sua presença podia ajudar a resolvê-los. Por que Wulf se importaria que Eve sofresse a perda de dois órfãos por mais Bedwyn que fosse? Era possível que tivesse ido porque sabia que se preocupava com Eve e porque ele se preocupava com o seu irmão Aidan? Preocupava-se não só porque assim exigia o seu dever como duque, mas sim pelo amor fraternal? Não tinha sentido em fazer-lhe a pergunta. Teria mirado Aidan com os seus olhos de aço e levantado as sobancelhas, com o monóculo na mão e o ar de quem nunca tinha ouvido esse conceito.

As carruagens desapareceram pelo caminho da entrada.

—Espero não incomodá-la se ficar um dia a mais.

—Absolutamente. —Mas franziu ligeiramente o cenho em sinal de incompreensão.

Eve tinha suposto que Aidan partiria com Wulf nessa mesma manhã. Assim ele tinha anunciado na noite anterior. Mas Aidan despertou um pouco antes da alvorada e tinha sido incapaz de conciliar o sonho. A cena da audiência se passavam uma e outra vez na sua imaginação.

“Meu lar é na fazenda Ringwood. É onde vive a minha mulher. É onde ficará o meu coração quando for embora.”

Quando disse essas palavras não teve a sensação de estar mentindo, embora soubesse que em essência era mentira. O certo é que tinham sido palavras muito

pomposas. E não tinha sido capaz de apagá-las da mente quando tentou voltar a dormir.

“É onde ficará o meu coração quando for embora.”

“Seus filhos adotivos são os meus filhos.”

Não eram filhos deles. Não tinha mais interesse por eles do que qualquer pessoa sentiria naturalmente por umas crianças que tinham ficado órfãs e abandonadas por seus parentes.

E as palavras de Cecil Morris tinham ficado gravadas. Aidan ouviu-as uma e outra vez até que se levantou, vestiu-se sem despertar Andrews e foi ao estábulo para selar um cavalo e dar um passeio tonificante ao sol.

“E me diga-me, Eve, a quem Davy vai ter como figura paterna, uma pessoa tão importante para um menino quando cresce?”

Aquelas palavras lhe evocaram a imagem do menino, magro, perplexo e ameaçado no quarto dos brinquedos uma noite, e silencioso e passivo na carruagem no dia anterior.

“A quem vai ter Davy como figura paterna?”

“É onde ficará meu coração quando for embora.”

Eram filhos de Eve. E Eve era sua mulher. Que inconsequente lhe parecia agora a sua decisão de desposá-la, levá-la para Londres para uma cerimônia, trazê-la de retorno ao seu lar e deixá-la aí. Como uma pequena manobra militar, que se termina rapidamente e se esquece no lugar. Deveria ter tido em conta que era um Bedwyn. E que os Bedwyn amavam quase sem exceção os seus parceiros. Era uma tradição que ele e seus irmãos brincavam quando eram crianças. E os Bedwyn amavam e criavam seus filhos, embora fossem muito minuciosos na hora de lhes infundir o sentido do dever e da

responsabilidade. Mas não conhecia nenhum Bedwyn que tivesse adotado uma criança.

—Faz um dia esplêndido. —Disse Aidan.— Creio que levarei o menino para pescar. —Nada mais dizê-lo-se sentiu extremamente incômodo.

—Davy?

—Sim, acredito que sim. Depois do nosso casamento eu lhe assegurei que estaria bem protegido e o animei para que se considerasse como o protetor de sua irmã e das demais mulheres deste lar. Quando chegou esse momento, como era de se esperar, não ficou absolutamente protegido e não pôde fazer nada para proteger ninguém, nem sequer a si mesmo. Eu devia ter pensado que é um menino e que precisa que os mais velhos passem um pouco de tempo com ele, e o protejam até que seja bastante grande para fazê-lo por si só. Pelo menos passarei o dia de hoje em sua companhia.

O cenho de Eve se franziu um pouco mais, e a princípio Aidan pensou que tinha cometido um novo engano em ficar, pois a forçava a fazer-lhe companhia por mais um dia e, conforme podia parecer, a privava de sua capacidade de criar sozinha o menino. Mas tinha interpretado mal a reação de sua mulher, como comprovou quando esta começou a falar.

—É muito bom. —Disse.— Às vezes duvido disso, porque faz com que seja fácil duvidar. Até ontem não tinha compreendido que você e o duque ocultam-se por trás de máscaras virtualmente impenetráveis. Mas, seja como for, é um homem bom.

—Unicamente porque decidi ficar um dia pescando? —Máscaras? Ele não usava nenhuma máscara, ou usava? E Wulf? Sim, Wulf sim a usava, e Eve tinha tido a

perspicácia em perceber. Mas ele não, ou sim?— Não sabe muito dos homens Eve, se acredita que é um grande sacrifício da minha parte ficar para usufruir.

—O pai de Davy era lojista. —Replicou ela. E não muito próspero. E, apesar de tudo, o coronel lorde Aidan Bedwyn não faz nenhum sacrifício renunciando a mais um dia da sua licença para levar para pescar o filho desse homem?

—É um dia esplêndido. —Cortou ele bruscamente.— Você também pode vir, Eve, e trazer a menina. Suponho que ela e seu irmão não se sentiriam a vontade passando o dia separados, certamente porque sou um estranho para eles. Apanharemos a carruagem e levaremos uma cesta para o piquenique.

Eve inclinou a cabeça e o olhou com os olhos luminosos e belos.

—Diga à babá que prepare as crianças. — Acrescentou ele com um certa confusão.— E avise à senhorita Frise que hoje não terão aulas. Cuide para que se encarreguem rapidamente da cesta de picnic enquanto eu me ocupo com a carruagem.

Eve deu-lhe um sorriso, recolheu a saia e começou a correr alegremente escada acima em direção à casa. Aidan sentia-se como se tivessem tirado um peso de cima dele, como um garoto matando aula. Não conseguia se lembrar quando tinha sido a última vez que tomou um dia para o descanso absoluto. Seria um prazer passar um dia com as duas crianças que eram descendentes de um lojista, como acabava de recordar a sua mulher? E ensiná-los a pescar? E com todos para o piquenique? E passar o dia junto de Eve?

Perguntou a si mesmo se não fossem as crianças, teria ficado mais um dia? Não estaria sentado na carruagem de Wulf, mergulhado comodamente em uma discussão sobre a política ou algo no mesmo estilo? Ou teria encontrado outra desculpa para ficar?

Não se importava em responder. Dirigiu-se para os estábulos com grandes passadas .

“É onde ficará o meu coração quando for embora.”

Depois de uma ausência de duas semanas, Eve tinha mil e uma coisas importantes para fazer. Sempre tinha sido consciente do seu dever como latifundiária. E sempre tinha respeitado também as suas obrigações sociais: fazer visitas aos vizinhos, recebê-los quando iam para a sua casa, visitar os doentes. Mas decidiu que não ia se sentir de modo algum culpada por separar um dia livre. No final das contas, não o fazia só por ela. Fazia pelas crianças. Seus filhos. Se tinha aprendido algo tinha nas últimas semanas, era que dar-lhes seu tempo, cuidados e carinho era o melhor que podia fazer na vida.

Encontraram um pedaço tranquilo da margem do rio na fazenda Ringwood, afastado da casa e muito elevado em relação ao povo. Ali em um prado coberto de ervas e salpicado com flores silvestres de todos os aromas, sob um céu de um azul intenso e um sol resplandecente. Deixaram a cesta que trouxeram no lugar onde pararam a carruagem e foram pescar. Soltaram o cavalo em um local da pradaria para que pastasse.

Pescaram todos juntos por um momento, Aidan com Davy e Eve com Becky. Ela tratou de se recordar dos truques que Percy tinha lhe ensinado muitos anos atrás. Aidan se aproximou para ajudá-las de vez em quando e pôs

as suas mãos sobre as de Becky para segurar melhor a vara de pescar depois de lançar a linha, ensinando-a a ficar quieta sem se cansar muito. Em uma ocasião, Becky jogou a cabeça para trás e olhou a cabeça abaixada de Aidan inclinada sobre a sua, e deu-lhe um sorriso luminoso e despreocupado, o sorriso de uma menina confiante. Ele devolveu o olhar e piscou um olho.

Foi um momento mágico para Eve. Em nenhum momento tinha lhe passado pela cabeça que aquele oficial de cavalaria poderoso e austero pudesse ser terno com as crianças. Não parecia a pessoa que tinha lhe comunicado sobre a morte de Percy em combate.

Mas Becky logo se cansou logo da passividade da pesca, para grande deleite de Muffin, que se levantou de um salto e começou a correr adiante delas, tratando de caçar moscas à dentadas. Eve passeou pela pradaria com Becky, tentando reconhecer os diferentes tipos de flores e caçar borboletas, embora soltassem a única que conseguiram apanhar depois de contemplar reverentemente as suas cores. Brincaram de correr —embora o dia estivesse muito quente para prolongar esse jogo— e logo se sentaram junto à cesta para fazer colares de margaridas. Eve fez um muito longo para colocar em torno do pescoço de Becky e um curto para si mesma, que usou como grinalda. O que Becky fez Becky terminou ao redor do pulso de Eve como uma pulseira.

Enquanto esteve brincando com a menina, que tagarelava e às vezes cantarolava em voz baixa, Eve não tirou olho de Aidan e Davy sentados na margem e dedicados à cuidadosa tarefa de pescar peixes. Aidan dava as explicações com calma e fiscalizava pacientemente o trabalho de Davy. No final ficaram com os cotovelos

emparelhados, os dois em mangas de camisa. Falavam pouco, mas para Eve pareceu que Davy estava muito mais falador do que o habitual. Nenhum dos dois ria ou sequer sorria, mas pareciam relaxados e satisfeitos.

Quase como um pai e seu filho.

Por que teria ficado? Eve apenas pôde dormir em toda a noite, tratando de reunir coragem para a despedida do dia seguinte. Não tinha tentado fingir indiferença. Não queria que fosse embora. Assim simplesmente. Não estava pronta e nunca o estaria. E quando chegou a manhã deram-lhe mais um prazo: poderia passar outro dia com ele. E poderia voltar a passar pela mesma angústia nessa noite e na manhã seguinte. Só por isso é não caiu bem que ficasse. A essas alturas já teria passado pelo pior do seu sofrimento. Ou talvez não.

Não. Indubitavelmente não.

—Vá dizer ao Davy e ao tio Aidan que é hora de comer. —Disse finalmente a Becky, desfazendo os laços da cesta de piquenique.

Observou como Becky se comunicava com ele. Observou Aidan dar a volta e passar um braço pela cintura da menina e como Becky por sua vez passava o braço gordinho pelo seu pescoço e se reclinava sobre o seu ombro largo. Observou como Davy a olhava e lhe indicava o pequeno peixe que tinha pescado. Eve abraçou os joelhos e tratou deliberadamente de gravar essa cena em sua memória. No dia seguinte... Mas não queria pensar no dia seguinte.

Então percebeu que ainda não era o momento de comer. Além das grossas fatias de pão fresco e manteiga que a senhora Rowe tinha preparado com generosas fatias de queijo, foram degustar o pescado recém cozinhado.

—Para que acredita que Davy e ficamos pescando toda a manhã? —Perguntou Aidan a uma Eve surpreendida. —Nos matamos de trabalhar, demos a nossa alma para alimentar as nossas mulheres como homens de verdade. Não é assim, Davy?

Não sorria com o rosto, mas o fazia, inegavelmente, com a voz. Encarregou Becky de procurar umas folhas grandes e planas, enquanto foi com Davy para recolher paus e troncos para fazer uma fogueira. Enquanto acariciava o ventre de Muffin, posto que ninguém a tinha convidado para participar, Eve pensou que se estivesse sozinho, Aidan teria feito tudo na metade do tempo que foi gasto. Mas preferiu deixar que as crianças se ocupassem de quase tudo sozinhas, inclusive preparar a fogueira e acendê-la com um isqueiro que tirou da jaqueta que tinha levado consigo. Ensinou-lhes a limpar e preparar o pescado e vigiou-os enquanto o faziam, e logo deixou que pusessem os peixes sobre as folhas e os envolvessem com elas. Mas foi ele quem pôs as folhas no fogo.

Eve apertou-se um pouco mais contra os joelhos para aliviar os espasmos que a fome lhe causava, mas não protestou pela demora da comida. As duas crianças estavam mais absortas e felizes do que nunca.

—Papai fez uma vez uma fogueira. —Disse Davy.

—Ah, sim? —Becky olhou-os com os olhos muito abertos.

—E assamos castanhas, —Acrescentou.— e mamãe brigou com ele porque queimamos os dedos.

—Mamãe deixava que eu a penteasse. —disse Becky.

Foi uma conversa muito breve, mas arrancou as lágrimas de Eve e reconfortou o seu coração. Embora sempre os animasse para que recordassem dos seus pais,

aquela era a primeira vez que falavam deles em sua presença.

—Acredito —Disse Aidan— que o peixe está preparado. Tirarei do fogo e abrirei as folhas e logo a tia Eve julgará se está preparado para comer. Não quero que me acusem de que deixei que queimassem os dedos ou a língua.

Comeram peixe até se fartarem. Tinha um sabor leve de queimado, mas estava delicioso. E também se alimentaram com pão, manteiga e queijo, tortinhas de geléia e bolos de groselhas, e beberam a limonada. Quando acabaram, Aidan se estirou sobre a manta dando um suspiro e protegeu a vista do sol com o braço.

—Isto —Declarou.— é o paraíso.

As crianças saíram com Muffin para explorar o pasto. Eve recolheu os restos do piquenique e os pôs na cesta. Aidan dormia com uma respiração profunda e regular. Eve o olhava, entesourando as lembranças. Embora tivesse sono, não queria se deitar. Alguém tinha que vigiar as crianças. Além disso, não queria perder nem um momento desse dia.

“Isto é o paraíso.”

Sim, era. E era também um dia de terrível sofrimento. Parecia muito com a vida familiar que sempre tinha sonhado. Primeiro com Joshua e depois com John. E agora que vislumbrava brevemente essa vida, mesmo que fosse com crianças alheias e um marido que ia deixá-la no dia seguinte. Talvez não importasse. Eles eram os seus filhos e ele o seu marido e nesse dia todos estavam juntos como uma família. Possivelmente tivesse que viver apenas o presente. Possivelmente o amanhã fosse uma ilusão que nunca se cumprisse.

—Suponho —Disse Aidan, interrompendo as fantasias de Eve.— que como veio de uma cidade de lojas e negócios, Davy não sabe muito do campo. Levou-o alguma vez para a granja e explicou para ele as coisas e deixou-o sujar as mãos dessa maneira?

—Nunca o fiz. —Respondeu ela.— Sempre quis tê-los perto de mim, protegidos. Quando chegaram aqui estavam abatidos, só pele e osso. Tudo era indiferente para eles. Davam pena. Mas, segundo você, o que deveria fazer?

—Terá que se preparar para uma carreira. —Disse.— E a terra é uma opção maravilhosa. Poderá aprender a ser administrador. Inclusive dA sua fazenda, Eve. Ou granjeiro. Ou agricultor.

—Possivelmente latifundiário. —replicou ela.— As minhas terras não estão sujeitas a nenhum vínculo.

Aidan levantou o braço dos olhos e deu a volta para olhá-la.

—Você pode estar grávida. — Disse.

—Não estou. —Afastou a vista com brutalidade e se alarmou ao comprovar que enxergava vagamente a pradaria. Não estava grávida. Fizeram amor durante uma semana fértil, mas não ficou grávida. Nunca teria uma criança em seu ventre.

—Ah. —Disse ele depois de um silêncio.— Eu sinto muito, Eve.

—Não sinta. —Replicou ela.—Teria complicado as coisas desnecessariamente, não é certo? Você se sentiria obrigado a me fazer uma visita cada vez que estivesse em Londres de licença e eu seria obrigada a deixar você vir.

—Não teria sido desejável. —Disse ele.

—Não.

Uma nuvem pequena e solitária flutuava pelo céu. Mas cobriu o sol por uns segundos. O suficiente para que Eve tivesse um calafrio.

—Falarei a respeito de Davy com Ned Bateman. — Declarou Eve quando a nuvem se deslocou.— Meu administrador.

—Talvez —Propôs Aidan.— eu possa levar Davy para dar um passeio pelas terras amanhã. Eu gostaria de vê-las. Sei um pouco sobre o assunto.

—Amanhã?

Fez-se um daqueles silêncios que marcavam a sua conversação.

—Neste momento Londres é um lugar que eu gostaria de estar longe. —Explicou ele.— Quando Wulf descreveu o jantar de gala que nós perdemos em Carlton House, fiquei arrepiado. Você não percebeu? Todo mundo falava obstinadamente em sua própria língua, ninguém compreendia ninguém, a grã-duquesa, a única pessoa que poderia ter servido de intérprete, negou-se a fazê-lo desdenhando o príncipe de Gales, com a esperança de que o jantar de gala fosse um fracasso. A rainha tagarelou sem parar e acabou com os sobreviventes da festa obrigando todo mundo a render-lhe homenagem na sala de recepções. O czar da Rússia flertou indiscriminadamente com todas as damas e se irritou porque tinha deixado de ser o centro de atenções. Se eu voltar para Londres será para ter mais amostras da mesma coisa. Prefiro ficar aqui.

Somente no dia seguinte? Uns dias? O resto da sua licença?

—Você se incomodaria?

—Não. —Não sabia se mentia ou falava a verdade.—
Não, absolutamente.

Nesse momento voltaram as crianças, que tinham permanecido junto à margem por bastante tempo. Muffin se aconchegou debaixo de Eve e farejou a sua mão com o seu focinho úmido, enquanto Becky se aproximava de Aidan.

—Tio Aidan, —Disse.— trouxe algo para você.

Ele se levantou e ela deu-lhe deu uma pequena pedra ainda molhada.

—É para mim? —Disse ele, examinando-a de perto antes de olhar para a menina.—Acredito que é o presente mais precioso que recebi na vida. Obrigado, querida.

Eve não deixou de se assombrar ao ver quanto Becky estava afeiçãoada por Aidan. No momento a menina se colocou junto a ela.

—E esta é para você, tia Eve.

Era um presente que faria parte dos tesouros mais queridos da sua vida, uma lembrança de um dos dias mais belos de sua vida, pensou Eve enquanto abraçava a menina.

—Parece —disse Aidan.— que o melhor que podemos fazer é levarmos esse cavalo ao estábulo, antes que arrebente por comer tanta erva.

Becky deu um grande bocejo e ele parou para segurá-la com um braço enquanto com o outro levantava a cesta do piquenique.

—Você pode levar a vara de pescar e o resto, menino —Disse a Davy.— Deixemos que tia Eve seja hoje uma dama.

Becky encaixou a cabeça no ombro de Aidan e rapidamente adormeceu.

=CAPÍTULO VINTE=

Aidan não tinha a menor ideia do tempo que ia ficar, e não queria sequer pensar na pergunta. A única coisa que sabia era que não desejava passar o resto da sua licença em Londres onde a vida seria tão frenética e estaria tão centralizada nos assuntos militares como o era quando estava com o seu batalhão. Lindsey Hall tinha perdido parte de seu atrativo. Sem a maioria dos seus irmãos estaria vazio e triste. Segundo Wulf, até Ralf foi para Londres.

E sem Eve.

Precisava descansar. E a Inglaterra enfrentava uma onda de calor: dia após dia, o céu estava limpo e o sol esquentava cada vez mais, relaxando os músculos e proporcionando um bálsamo quente para a sua alma. Seu apego pelas crianças era difícil de entender. Em um primeiro momento, foram a sua desculpa para ficar, mas logo se converteram em um motivo importante para permanecer ali. Talvez porque sabia que eram os únicos filhos que ele ou Eve teriam. Uma vez que fosse embora já não poderia voltar. Eve tinha deixado muito claro no dia do rio. Se tivesse o filho de ambos no ventre, deixaria que a visitasse durante as licenças, mas durante a semana em que tinham dormido juntos não ficou grávida.

Assim, o presente era tudo. Estes poucos dias — tantos quanto a sua consciência permitisse que roubassem dos seus deveres— eram tudo o que teria com a sua mulher e seus filhos. Por estranho pudesse parecer, eram seus filhos. Filhos dos dois.

Eve decretou um período de férias escolar. Aidan levou Davy consigo duas vezes e logo o menino se

converteu em sua sombra. Seguiu-o para onde fosse, embora não se tratasse mais do que uma visita aos estábulos ou um passeio ao povoado.

Inspecionaram a terra, na primeira vez com o administrador de Eve, na seguinte sozinhos. Aidan ensinou Davy a reconhecer os cultivos e ensinava como compreendê-los e se abaixar para ver e tocar as plantas de modo que aprendesse a ver e distinguir com o tato as diferenças entre umas e outras. Viram os animais pastar, as vacas em um prado e as ovelhas em outro. Passearam pelos currais, ajudaram a dar de comer os porcos e as galinhas. Entraram em um estábulo, que ainda conservava boa parte do feno da colheita passada, e viram uma vaca e seu bezerro doente, que estava deitado sobre a palha. Disseram a eles que o bezerro era incapaz de se alimentar sem ajuda, e Aidan aproveitou para ensinar Davy a ordenhar. Os dois provaram um gole desse líquido dourado e doce. Viram o ferreiro trabalhar. Aidan aspirava os aromas familiares de uma exploração agrícola e sentia a atração característica da vida rural.

Na terceira vez foram acompanhados por Eve, Becky e o cão que corria ao seu lado sobre as suas três patas, apesar de algumas vezes recorrer ao apoio da quarta. Não ficaram juntos permanentemente. Eve e Becky entraram em algumas das casas de campo para visitar as mulheres dos agricultores, e Aidan viu Becky brincando ao ar livre com outras crianças do local. Nos estábulos não se interessaram pelos animais grandes e ficou sentada entre a erva e o pó, brincando com o gato de estábulo mais tranquilo que conheceu, enquanto Muffin, que parecia temer os gatos, apertava-se contra a saia de Eve.

Os duas crianças haviam ficado morenas. E também Eve, apesar de se proteger em todas as horas com um chapéu de palha murcho e disforme. Era o chapéu que tinha colocado no dia em que a tinha conhecido, se não estava enganado, embora agora estivesse adornado com fitas rosas e não cinzas. Vestia um vestido de musseline rosa claro, que não era nem novo nem estava na moda. Combinava perfeitamente com o ambiente. Tia Rochester ficaria horrorizada se pudesse vê-la. Era a imagem da beleza.

Quando empreenderam a volta para casa, —tinham ido andando em lugar de apanhar a carruagem— todos estavam empoeirados e um pouco desarrumados, sobretudo as crianças. Naquele dia o calor era ainda mais intenso. Becky ia nos ombros de Aidan, agarrada ao seu cabelo, porque este não usava chapéu. Outro dia a ponto de terminar, pensou Aidan com tristeza. Não podia adiar muito a sua partida.

Depois de uma curva do caminho apareceu de repente o rio.

—Essa —Disse Aidan, assinalando-o.— costumava a ser a resposta para um dia de calor quando eu era garoto. Nós íamos tomar banho.

— Ah, sim? —Respondeu Eve— Nós também o fazíamos. Percy e eu. Era proibido porque nosso pai tinha medo de água. Estávamos acostumados a ir ali —e indicou um lugar ao longe—, onde as árvores nos ocultavam de qualquer possível delator. Quando chegávamos em casa eu escapulia para ocultar o meu cabelo molhado e depois descia, fingindo que tinha acabado de me lavar.

Aidan olhou para Davy.

—Sabe nadar, garoto?

—Não, senhor. —O menino negou com a cabeça.

—Como? —Exclamou.— Não sabe nadar? Isso não pode ser! Terá que ser solucionado em seguida. Sem mais demora. —Voltou-se para olhar o rio.

—Aidan! —Repreendeu-o Eve rindo.—Não pode ensinar Davy a nadar agora. Não temos toalhas.

—Para que necessitamos de toalhas com o tempo que faz? —Respondeu Aidan.— Becky precisamos de toalhas?

A menina se agarrou com mais força ao seu cabelo.

—Não, tio Aidan.

—Mas eu não posso, senhor. —Protestou Davy.— Eu afundarei. Eu me afogarei.

—Ensinarei a não afundar e não se afogar.

O cão se adiantou para beber no leite. Quando chegaram até a margem, Eve declarou que não queria nadar e que não tinha roupa adequada. Mas se livrou dos sapatos e das meias e tirou o vestido de Becky para que pudesse chapinhar no leite do rio. Aidan se despreendeu das botas, das meias três quartos e da camisa, não sem uma certa relutância. Davy ficou de cueca seguindo as ordens de Aidan. Não parecia nada feliz diante da perspectiva de aprender a nadar.

A água estava fresca e deliciosa, como comprovou Aidan ao entrar no rio. Embora o leite se alargasse nesse lugar, a água chegava até os joelhos, mas viu que no centro parecia mais profunda. Estendeu a mão para Eve.

—Vai molhar o vestido. —Disse, apreciando a magreza dos seus tornozelos quando ela levantou a saia.— Poderia tirar isso tudo. Afinal, já vi você com menos roupa.

Respondeu a ele com um olhar eloquente e provou a temperatura cautelosamente com um dedo do pé. Por fim colocou uma perna e logo a outra. Sustentava o vestido por

cima dos joelhos, mas em seguida compreendeu que ia ser impossível mantê-lo seco e o deixou flutuar ao seu redor. Aidan colocou Becky na água e ofereceu-a para Eve. Becky deu um grito ao sentir a água fria. Davy não, embora tiritasse e estivesse pálido e abismado.

Eve começou a brincar com Becky, que dava gritos e saltos de alegria, enquanto Aidan começou a tarefa de ensinar o menino a respirar e a não ter medo da água, nem sequer com a cabeça submersa. Eve segurou Becky, que flutuava de costas. O mesmo fez Aidan com Davy, embora a princípio o menino se mostrasse extremamente resistente a levantar os pés do chão.

—É uma questão de confiança, garoto. —E finalmente Aidan teve de dizer.— Tem que confiar que vou segurá-lo e não deixarei que afunde. Confia?

—Sim, senhor. —Disse o menino solenemente. Pouco depois flutuava sobre a água. Aidan o segurava com firmeza por baixo, até que sentiu que ia relaxando e confiando que podia flutuar na água. Retirou então uma mão e deixou a outra aberta sob a cintura de Davy, para que não tivesse medo. Deu um olhar em Eve, que estimulava Becky fazendo com que descrevesse um círculo ao seu redor. O vestido empapado se apertava às suas esbeltas curvas. Até o cabelo estava molhado.

E de repente Davy deu um grito, e ficou de pé.

—Minha cueca, senhor. —Disse.— Escapuliu.

Efetivamente, a malvada cueca se afastava com a corrente. O menino não pôde fazer nada para apanhá-las.

Becky viu.

—A cueca de Davy! —gritou.

Aidan foi nadando buscá-la. Poderia alcançá-la rapidamente, mas diminuiu o ritmo quando ouviu que o

menino o seguia chapinhando e rindo, com uma risada nervosa, de criança contente e ao mesmo tempo desconcertada.

Aidan apanhou a cueca antes que se afastasse para águas mais profundas arrastada por um redemoinho. Elevou-a por cima de sua cabeça.

—Vêem agarrá-la disse ao menino.

Davy se aproximou, ainda gargalhando. Com uma mão cobria a nudez e com a outra tentava alcançar o seu objetivo.

—Não alcanço, senhor. E vão me ver!

Aidan baixou a cueca um pouco e riu com o menino.

—Poderia fazer com que você fosse procurá-la nadando. —Disse, ameaçando jogá-la em um local mais profundo.

—Nãooo, senhor. Dê-meeee a cueca.

Era tão delicioso ver o garoto rir que Aidan ficou tentado a prolongar o momento. Mas não queria que Davy se envergonhasse desnecessariamente. Sem deixar de rir, jogou o objeto onde pudesse alcançá-la e, quando o menino segurou-a, apanhou-o com um braço e o mergulhou pela metade em um local profundo, como se estivesse brigando com o menino, até que finalmente depositou-o sobre o chão, em um lugar onde a água lhe chegava ao pescoço, para que pudesse vestir a cueca sem que ninguém o visse.

Foi nesse momento que Aidan olhou para o rio acima e se encontrou com os olhos de Eve, que o observava estupefata, com Becky nos braços. Só então notou que Aidan continuava rindo. Com uma falta absoluta de seriedade.

Dirigiu um olhar um pouco tímido para Eve e a risada se transformou em sorriso.

Davy ainda não tinha parado de rir, agora já com o seu pudor protegido pela cueca.

—Bom, garoto, —Disse Aidan.—está preparado para ir para onde a água cobre? Vem comigo se eu prometer que não vou te soltar?

—Sim, senhor. —Disse o menino. Mas dessa vez não foi a costumeira resposta obediente e passiva. Os olhos relampejavam com uma excitação ávida e infantil. Já não tinha medo. Estava se divertindo muito. Era uma criança na companhia de um adulto em quem confiava.

Aidan, de barriga para cima sobre a água, passou um braço sob o corpo de Davy e deu um impulso com os pés para frente, com o sol esquentando-lhe o peito. Viu Eve e Becky sobre a margem, em pleno sol, com o cão de lado. Eve ajudava Becky a colocar o vestido seco embora ela mesma, por teimosia, não podia pôr o próprio. O vestido estava grudado no corpo como uma segunda pele. Não poderia ficar mais excitante, nem sequer nadando com as suas roupas íntimas.

Tudo isso pareceria um sonho quando retornasse para o seu batalhão? Perguntou Aidan. Tão indolor e irreal como um sonho? Esperava fervorosamente que fosse assim. Mas que espécie de sonho sonharia no restante de sua vida? Que sonho daria a esperança para o futuro que todo ser humano necessita? Nos últimos anos seu sonho tinha sido modesto: um lar, uma mulher, uma família, uma vez que tivesse deixado a carreira militar. Seu sonho mais recente tinha sido mais modesto ainda: prolongar a sua carreira, casar com a senhorita Knapp, compartilhar a vida com ela. Não a amava nem tinha esperado que isso acontecesse. Conformou-se sonhando com o bem-estar e a tranquilidade. Haveria outro sonho? Poderia haver outro sonho?

De repente o sol pareceu menos caloroso e a água um pouco mais fria.

O pastor Thomas Puddle foi jantar nessa noite. Tia Mary o havia convidado, assegurando que Eve adoraria vê-lo e que lamentaria se não fosse.

Eve, efetivamente, ficou encantada. Desde passou a dedicar mais tempo para Becky, Davy e Aidan, o vigário tinha pôde ficar com Thelma e Benjamin e naquela tarde finalmente, decidiu-se e pediu Thelma em casamento.

—Supliquei-lhe que pensasse melhor. —Disse Thelma a Eve, que que pensasse no que isso significaria para a sua posição, para sua família, para os seus paroquianos, mas ele me replicou que só aceitaria uma razão para a desistência: que eu não o amasse de verdade, nem quisesse me casar com ele. Não pude mentir, Eve. Adoro-o com todo o meu coração.

Como resposta, Eve abraçou-a.

—Mas eu dei um sim condicional. —Thelma se separou dos braços de Eve, com o rosto preocupado.—Eve, você me acolheu quando todo mundo me tratava como uma leprosa, deu-me um lar e um trabalho. Becky e Davy ainda necessitam dos meus serviços. Não quer....

Mas Eve a fez se calar levantando a mão.

—Há outras professoras. — Disse— Já encontrarei uma. E se a perco porque terminou nos braços de um bom homem, encontrarei outra. Será um prazer visitá-los na igreja e não ser obrigada a passear pelo jardim, especialmente quando chove torrencialmente.

Começaram a rir.

—Desejo-lhe a mesma felicidade que sinto agora... — Começou Thelma, mas Eve voltou a interrompê-la.

—Sou feliz. —Assegurou.— Tenho uma casa, amigos, uma família e meus filhos. E tenho amigos e vizinhos.

—E o coronel Bedwyn? —Perguntou Thelma.

—Suponho que irá embora amanhã ou depois. Deve querer voltar para ver sua família antes que acabe a sua licença.

Foi uma jantar alegre e festivo, com Thelma e o pastor Puddle sorridentes e ruborizados, e tia Mary muito animada e contente por todos e conversando sobre o casamento que teria que preparar, o convite e mil pequenas coisas. Tão acordada e incansável como todos eles juntos. Mais tarde, quando Eve desceu para o salão depois de dedicar a hora de sempre às crianças para contar histórias e deitá-los, tia Mary bocejava ostensivamente. Benjamin tinha dormido e Thelma foi acompanhar o pastor Puddle à sua casa. Um detalhe romântico totalmente absurdo, pois ele teria que acompanhá-la de volta por sua vez. Tia Mary tinha ficado sozinha com Aidan até esse momento.

—O sol e o calor e toda a animação com Thelma e o pastor me esgotaram. —Lamentou-se a tia.— Hoje irei logo para a cama. Então não precisa ficar em casa para me distrair, coronel. Aqui está Eve de volta do quarto das crianças. Por que não vão os dois dar um passeio? Faz uma noite preciosa.

Ah, já voltava a dar uma de alcoviteira, pensou Eve enquanto Aidan ficava de pé, ajudava a tia a se levantar e dava-lhe a bengala.—É uma boa ideia, senhora .—Disse.— Iremos se Eve não estiver muito cansada.

Tia Mary sorria alegremente quando levantou a bochecha para que Eve desse o beijo de boa noite.

Muffin, dormitando junto à chaminé fez um momento, ficou penosamente de pé e começou a mover a cauda

esperançoso. Alguém tinha mencionado a palavra “passeio”.

Foram andando com tranqüilidade para a garganta, cruzaram a grama em direção ao lago dos lírios, onde pararam para observar as flores e refrescar as mãos na água, e finalmente, através do bosque, chegaram à ladeira e ao regato. Muffin os acompanhava dando saltos, adiantando-se e logo se atrasando. Às vezes cheirava a saia do Eve.

—Qual é a história deste cão? —Perguntou-lhe Aidan quando chegaram ao lago dos lírios.

—Pertencia a um dos meus arrendatários. — Respondeu ela.— Um homem ao qual me neguei a renovar o contrato porque tratava mal os seus subordinados. Quando foi embora, deixou Muffin abandonado, aleijado e espancado. Basta olhá-lo para imaginar o que sofreu, embora tenha um aspecto imensamente melhor do que quando o vi pela primeira vez. Todo mundo opinava que era melhor matá-lo com um tiro, mas não permiti. Mesmo que logo tivesse que matá-lo para que não sofresse, queria que antes disso conhecesse o amor e o carinho. Mas se recuperou na medida do possível. Para começar já não se esconde nem fica choramingando quando se aproxima um estranho.

—Um dos seus casos perdidos. —Disse Aidan, sentando-se sobre a mureta. Não havia a mínima reprovação no seu tom de sua voz.

—Sim, —Admitiu ela. — um dos meus queridos casos perdidos. —E se abaixou para coçar a orelha sadia de Muffin.

Não se apagava da sua mente a imagem de Aidan rindo com Davy e pegando no pé do menino. E do próprio

Davy, incapaz de parar de rir. Os dois homens de sua vida, sempre tão sérios, rindo e brincando juntos.

—Ned Bateman é outro deles, não é verdade? — Perguntou-lhe.

—Ned? Ele contou-lhe isso?

—Sim. Comprará terras para ele e para um número indefinido de soldados entrevados e declarados inúteis, para que montem o seu próprio negócio e também umas oficinas. E devolverão para você o empréstimo a prazo.

—Não são casos perdidos. —Disse ela—Devolverão o dinheiro. Recuperarão a sua independência. A única coisa que lamento é não poder ajudar mais pessoas. Deve haver centenas de homens nessa situação, agora que a guerra acabou, não é assim? Homens sem trabalho, doentes e muitos mutilados....

—Você estudou a questão a fundo? —Perguntou-lhe—Consultou algum advogado? Algum advogado vai se ocupar com o assunto e dos pormenores do empréstimo?

—Confio em Ned. —Replicou ela.

—Sei. E é óbvio que ele confia em você. Mas seria melhor fazer as coisas legalmente e como é adequado, pois todos ficariam mais tranquilos. Permita-me que procure um bom advogado.

—Não... —Eve franziu o cenho.

—Permita-me que peça um a Wulf. —Insistiu ele.—Acredite, Eve, os homens que participarem deste projeto se sentirão muito mais seguros se existirem papéis, se souberem exatamente ao que vão se vincular.

—Verdade? —Disse ela em dúvida.

—Acredite em mim. Deixe eu pedir a Wulf.

Ela assentiu com a cabeça. Sabia muito pouco sobre contratos e assuntos comerciais. Não podia fazer mal a

ninguém se pedisse um assessoramento às pessoas mais versadas na matéria, sobretudo se eram parentes, como seu marido e seu cunhado.

—Eve, às vezes falei dos seus casos perdidos com irritação e inclusive com desprezo. Sinto muito. Respeito a sua generosidade e amor por todas as criaturas, independentemente de sua aparência, posição social ou história. Conhecê-la tornou-me humano. Agradeço-lhe por isso.

Eve não soube o que dizer, de modo que ficou olhando para o arroio por um longo momento. Em que momento se converteu em um ser tão precioso para ela? Foi apenas em um momento? Não acreditava. Ele tinha se infiltrado aos poucos em seu coração inconscientemente. E a dor. Deu a volta sem dizer nada e entrou no caminho em direção da garganta.

—Aqui é onde eu estava. —Disse-lhe quando se encontravam na metade da ladeira.— Na manhã em que Charlie veio correndo da casa para me dizer que tinha uma visita, um cavalheiro militar e acreditei que era Percy. Estava colhendo campânulas com Thelma e as crianças. Tia Mary se ocupava da cesta.

As campânulas tinham desaparecido. E as azaleias. Mas a garganta era bonita em todas as estações do ano e em todos os momentos do dia. Estava preciosa, de um verde escuro e profundo à luz do crepúsculo, sob um céu azul cobalto e o regato dourado pelos últimos raios do sol poente.

—E veio —Disse ele.— Sem saber o que esperava por você.

—Sim. —Sentou-se virtualmente no mesmo lugar onde que tinham feito o picnic naquele dia e se encolheu

abraçando os joelhos. Aidan sentou-se ao seu lado e Muffin saiu dando tombos para o arroio.

—Você é maravilhoso com as crianças. —Disse ela.— Nunca tinha visto Davy rir até o dia de hoje. Imagino que teve uma infância feliz, Aidan. Estou certa?

—Com efeito, você não se equivoca. Nossos pais nos adoravam e nos apoiavam incondicionalmente. Todos brincavam e brigavam com energia e liberdade. Fomos uns diabos infernais.

Eve pensou que nada sabia dele. E queria saber agora, antes que fosse muito tarde.

—O duque também? —Perguntou-lhe.— Brincava muito com ele?

—Com Wulf? — Segurou um joelho com um braço e olhou para pradaria embaixo e para o arroio.— Sim, de fato nós dois fomos quase inseparáveis quando éramos crianças. Adorava-o. Era valente, atrevido e peralta. Sempre estava disposto a me colocar em qualquer confusão.

Eve custou para acreditar.

—O que ocorreu?

Ele sacudiu a cabeça, como se estivesse saindo de um sonho.

—Ocorreu a vida. Disse-lhe que nosso pai nos amava incondicionalmente. Suponho que isso não é completamente certo. Era o duque de Bewcastle e estava obrigado portanto, a assumir os deveres e responsabilidades de sua posição. Wulf era seu herdeiro e ele teve problemas de saúde, de modo que teve que educar o pequeno Wulf a partir dos doze anos, para que estivesse em condições de assumir esses deveres e responsabilidades. Foi separado do resto dos seus irmãos para todos os efeitos e submetido ao rigoroso

controle de dois tutores e de nosso pai pessoalmente. Pobre Wulf. — Tornou a se concentrar.— Pobre Wulf.

—Por que?

—Detestava ser o herdeiro. Detestava a terra e a ideia de estar acorrentado a ela e aos Bedwyn e, além disso, como o cabeça da família. Detestava a ideia de não poder escolher na vida. Queria aventuras e liberdade. Queria seguir a carreira militar. Suplicou em vão para nosso pai, até que finalmente aceitou seu destino.

Que diferente do homem que conhecia como duque de Bewcastle! Parecia incrível! Mas devia ter sido assim.

—Vocês dois queriam seguir a carreira militar?

—Não. —Guardou silêncio por um bom momento. Eve teve tempo de ouvir os pássaros cantarem.— Não, essa é a ironia de nossas vidas. Coube a mim por nascimento a carreira militar, mas lutei contra o meu destino por toda a minha infância e adolescência. Tinha aversão à violência. Eu gostava da terra. Adorava Lindsey Hall. Quando éramos pequenos, Wulf e eu sempre conspirávamos e trocávamos as nossas identidades, nossas roupas e nossas vidas. Acreditávamos que nos parecíamos tanto que íamos enganar todo mundo. Que jovens fomos.

Eve recordou de repente de um momento dessa manhã, quando se aproximavam de um campo sem plantações e Aidan explicou a Davy por que estava sem cultivo. Abaixou-se, tomou um punhado de terra recém arada e mostrou-a a Davy: “isto é a vida, menino —Havia dito.— Esta é a matéria da qual nasce a vida”. E tinha fechado o punho, apertando-o forte e entreabrindo os olhos sonhadoramente.

“Eu gostava da terra.”

—Insistiu com seu pai para que seguisse a carreira militar embora soubesse que não queria?

—Creio que eu era o seu predileto. Seguiu-o para qualquer parte como um cachorrinho, como Davy fez estes dias comigo. Participava muito nas tarefas agrícolas. Aprendi dele e com ele. Absorvi tudo. Queria passar a vida fazendo o mesmo que ele. Acredito que no final teria compreendido que a carreira que escolheu para mim não iria ser proveitosa. Mas morreu antes.

—E o que ocorreu então? —Perguntou ela.

—Quando morreu eu tinha quinze anos. Wulf, dezessete. Passei uns anos na escola, mas ao retornar para Lindsey Hall, voltei a ocupar o meu posto na administração do imóvel. Entreguei-me à agricultura de corpo e alma. O administrador que Wulf tinha contratado parecia sem nenhuma imaginação para mim, para não dizer incompetente. Ofereci-me... —Aidan parou de repente. Eve acreditou que não ia prosseguir.— Em minha estupidez, acreditei que se explicasse tudo para Wulf, sobre todas as coisas que iam mal na administração dos imóveis, e me oferecesse para ocupar o posto de administrador, ele me agradeceria por isso. Uma semana mais tarde mandou-me chamar à sua biblioteca e me informou que tinha adquirido um grau de oficial em meu nome no exército, como nosso pai sempre tinha desejado.

—Oh! —Exclamou Eve.— Que cruel!

—Cruel? —replicou Aidan.— Não creio. Foi a sua maneira de me dizer algo que eu não tinha compreendido: que não havia lugar para os dois em Lindsey Hall. Se eu tivesse permanecido, ficaríamos em pé de guerra um contra o outro para o resto de nossas vidas. Teve razão. Em uma fazenda só há lugar para um patrão.

—Mas você não queria esse grau. —Disse ela.—Por que não se negou?

—Poderia tê-lo feito, mas que alternativa tinha? Tinha que sair de Lindsey Hall, isso estava claro. E era um Bedwyn. Tinha sido educado com um forte sentido de dever. Com dezoito anos, um dos meus deveres era obedecer à vontade do chefe da família. Wulf não era unicamente Wulf, entenda-me. Era o duque de Bewcastle.

—De modo que ele alistou você no exército.

—Eu me alistei no exército.

Eve entendeu tudo com uma clareza luminosa. Dois irmãos muito unidos quando crianças, mas afastados pelas circunstâncias, pois foi dado poder a um deles para que o exercesse sobre o outro. Cada um queria ter vivido a vida do outro, mas as situações tinham impedido que mudassem-nas. Em definitivo, a vida —as realidades da vida— tinha cavado um fosso intransponível entre ambos, destruindo ou pelo menos sepultando o amor mútuo que tiveram e tornando um frio e cumpridor de seus deveres, e ao outro , sério e também cumpridor dos seus deveres.

Se tinha pensado alguma vez em sua vida na aristocracia como uma vida de privilégios, e provavelmente o tinha feito, mudou de opinião nesse momento. Os aristocratas deviam ser a classe social com menos liberdade de toda a Inglaterra. Foi uma constatação inesperada.

—Mas você fez as pazes com a sua vida? —Inquiriu.

Aidan voltou o rosto e olhou-a nos olhos. O crepúsculo avançava, mas Eve distinguia perfeitamente os angulosos traços do seu rosto.

—Sim, claro, é óbvio. —Disse com brutalidade.— É uma boa carreira. Ainda é e será por alguns anos. Acredito que posso acabar como general.

—Tem vontade de voltar para o seu batalhão?

—É óbvio. Sempre é agradável receber uma licença. Eu sempre gosto: a tranquilidade, a Inglaterra e minha família. Mas sempre estou mais do que disposto a voltar. A ociosidade prolongada me desassossega. Sim, será bom voltar.

Eve sentiu-se profunda e dolorosamente ferida. Estava disposto a voltar. Estava desassossegado. Gostaria de deixá-la e voltar para a sua vida habitual. Mas o que tinha esperado?

O que tinha esperado?

Ficou de pé e se aproximou do arroio, agora prateado à luz do crepúsculo. Muffin fez algumas gracinhas e saiu correndo para continuar com as suas explorações. Aidan ficou de pé ao seu lado.

—É um local muito bonito do jardim. —Disse ele.

—Sim. —A garganta estava às escuras, mas o céu ainda era azul.

—O que acontecerá agora, Eve? —Perguntou-lhe.— Quando eu for embora, quero dizer. A vida daqui a satisfará?

Ela se abaixou para acariciar a cabeça de Muffin, embora este não tivesse pedido nada.

—Oh, sim. Serei muito feliz. Tenho meus filhos, que agora são meus oficialmente. Ringwood e minha fortuna são meus e ninguém pode disputar isso comigo. Tenho minha tia, amigos e vizinhos. E foi você quem fez isso ser possível, Aidan. Sempre recordarei de você com a minha maior gratidão.

Eve não pôde ver o rosto de Aidan na escuridão, mas distinguia a sua figura corpulenta e alta e seu porte militar.

—Com gratidão. —Disse ele em voz baixa.— Nesse caso, estou mais do que por recompensado.

Sua voz recordou Eve da voz do primeiro dia e dos dias seguintes. Não havia traços nela da voz do homem que riu com Davy nessa tarde, nem da que tinha chamado Becky de “querida” há dois dias atrás.

Eve tragou saliva e sentiu um aperto no peito e na garganta, a pressão das lágrimas não derramadas. E se lhe confessasse a verdade? “Eu te amo”. Não me deixe. Volta comigo. Tenha filhos comigo. Viva feliz para sempre comigo.” Mordeu a língua para evitar cair nessa terrível tentação.

—Você foi a bondade personificada. —Disse depois de respirar profundamente.

Soou como definitivo, a despedida.

—Está gelada. —Disse ao ver que ela tremia.—
Voltemos para casa.

—Sim.

Mas passou um momento até que lhe ofereceu o seu braço. Como se houvesse algo mais para ser dito, quando naturalmente não havia.

=CAPÍTULO VINTE E UM=

A manhã seguinte trouxe consigo uma carta especial em forma de convite da condessa de Luff ao coronel Bedwyn e lady Aidan Bedwyn para assistirem uma festa no jardim de Didcote Park dois dias depois.

—Não tenho nenhum interesse em ir. —Disse Eve depois de lê-la em voz alta para sua tia e Aidan enquanto tomavam o café da manhã.

—Oh, tem que ir! —Exclamou a tia colocando as mãos no colo.— É a primeira vez que convidam você. Serena adorará e já sabe que fez a promessa de não ir se você não estivesse, querida.

Aidan olhou para Eve e franziu o cenho.

—É um acontecimento anual. —Explicou ela.— Muito exclusivo. Só são convidadas as melhores famílias. Os Morris nunca estiveram incluídos na lista. Claro que agora sou uma Bedwyn, eminente e respeitável.

—E foi apresentada à rainha. —Acrescentou a tia.

—Sim, isso também. —Os olhos de Eve brilharam divertidos.— No ano passado eu não estava apta, mas desta vez sim.

—Perdoe-me, —Interveio Aidan.— mas o convite não me inclui? E se eu quiser ir?

Ela fez uma careta.

—Não posso acreditar! Sério?

—Creio, Eve, que você viverá em Ringwood o resto de sua vida. Ao que parece, todos os seus vizinhos são seus amigos, exceto Luff e a condessa. Até agora. Por que não iniciar uma relação com eles, agora que surgiu a ocasião?

—O convite chegou indecentemente tarde. Os demais convites foram enviados há muito tempo. É óbvio que como você compareceu em Didcote Park e o próprio duque de Bewcastle fez ato de presença na sala de assembléias, deixei de ser uma pária.

—Está ressentida? —Perguntou-lhe.

—Não, claro que não. —Respondeu ela rindo.

—Pois mostre isso aceitando o convite. Em nome de nós dois.

A senhora Pritchard continuava com as mãos no colo.

—Isso, coronel. Veja de consegue fazê-la raciocinar. Quero saber dos mínimos detalhes quando voltarem para casa. E uma festa em um jardim é algo muito romântico. Há todo tipo de arvoredos, nichos e esconderijos, onde duas pessoas podem se perder é óbvio.

—Por que iríamos fazer isso —Replicou Eve, embora Aidan notasse com interesse que tinha ficado ruborizada.— se estivéssemos em um acontecimento social?

—Sim, nós estaremos. —Corrigiu Aidan.

Tinha prometido a Davy que organizaria o equipamento de críquete naquela manhã se fizesse bom tempo, e na verdade fazia. Havia dito que instalariam as peças na grama e lhe ensinaria os rudimentos do jogo para poderem jogar juntos e se divertirem. Depois daria uma aula de equitação no picadeiro, pois tinha descoberto que o menino ainda não sabia montar. Desculpou-se e se levantou da mesa do café da manhã.

Tinha tido uma noite muito agitada. Tinha permanecido muito tempo em Ringwood. É certo que valeu a pena. Tinha contribuído para que as crianças recuperassem a confiança depois da experiência traumática de serem expulsos de sua própria casa pelo oficial da aldeia. Tinha procurado para eles

experiências prazenteiras de verão, a satisfação com a família e estabilidade. Esperava ter se redimido perante os olhos de Eve por seu comportamento frequentemente despótico em Londres. Talvez assim ela guardasse dele uma lembrança mais agradável.

Mas tinha ficado muito tempo. Apaixonou-se profundamente por Eve e sabia que ia sofrer muito tempo depois de deixá-la. Mas o que podia fazer? Na noite anterior, durante o passeio pela garganta, ela havia dito que seria feliz depois que ele se fosse e que sempre recordaria dele com gratidão.

“Gratidão!” A palavra ficou gravada mais profundamente do que a pior das maldições. Pelo menos em uma maldição havia paixão. Eve sempre se recordaria dele com gratidão.

Enquanto dava voltas na cama tinha decidido que não tinha mais saída senão agir de modo decoroso e deixar de adiar a sua partida. Porém, nesse momento acabou de encontrar outro motivo para ficar mais três dias. Mas era um motivo ou uma desculpa? Era importante que Eve fosse plenamente aceita em seu ambiente social. Mas....

Mas tinha que organizar uma partida de críquete.

Aidan havia dito que iria embora na manhã depois da festa.

Freyja tinha mandado uma carta para Eve. Era sutil e transbordava de observações perspicazes e cáusticas sobre as pessoas que tinham participado das celebrações da vitória e das cerimônias às quais tinha assistido. Anunciava também a sua intenção de deixar a cidade e retornar para Lindsey Hall. Perguntava a Eve se gostaria de ir com ela para passar o resto do verão. Eve estava firmemente

decidida a ficar em sua casa, mas Aidan tinha optado por ir passar o resto de sua licença com as suas duas irmãs.

—É hora de ir embora de sua vida, Eve .—Havia dito.

—Sim.

—E de voltar para a minha.

—Sim.

Foi incapaz de pronunciar uma só palavra, de modo que se concentrou em sorrir com o que, esperava, fosse uma mescla justa e educada de alívio e tristeza. Sim, já era hora. Se Aidan ficasse muito mais tempo, não poderia deixar que fosse e ficaria ridícula se agarrando a ele e rogando-lhe para que não a deixasse.

Faltavam dois dias. O primeiro já estava muito avançado depois da enérgica partida de críquete que haviam disputado, em que tomaram parte Eve, Becky e o pastor Puddle, que tinha ido para Ringwood com uma desculpa fútil e que terminou sendo um excelente jogador, sobretudo com Aidan no taco de beisebol. Thelma, Benjamin e tia Mary formaram uma torcida entusiasta, que aplaudia indiscriminadamente os dois lados. Assim, quando Aidan comunicou a sua partida para Eve, restava na realidade um dia e meio, incluindo o dia da festa. E logo....

Eve se concentrou em desfrutar o máximo do tempo que sobrava, abarrotando-o com tantas atividades, como se quisesse desesperadamente viver o momento e não pensar no futuro, um futuro inexorável na verdade.

Ela e Becky observaram Aidan dar uma aula de equitação a Davy no picadeiro. Quando decidiu que o menino já estava bastante experiente, Eve propôs um passeio a cavalo. Assim o fizeram. Aidan levou Becky à sua frente em sua própria sela e guiava o pônei de Davy com uma rédea. Eve montava ao seu lado. Logo foram dar um

passaio pelo campo e acabaram brincando de se esconder entre as árvores e arbustos. Os gritos de alegria das crianças delatavam constantemente os seus esconderijos.

No segundo dia jogaram críquete de novo e voltaram a dar um passeio a cavalo. Depois tomaram um chá na garganta com tia Mary, Thelma, o pastor e Benjamin. Antes do chá, exceto tia Mary, todos percorreram o arroio em fila indiana, Benjamin nos ombros do pastor Puddle, que pulava de pedra em pedra com os braços estendidos para manter o equilíbrio. Até Muffin se atreveu a entrar na água para procurar peixes. De vez em quando se ouvia uma imprecação de alguém que não tinha acertado com a pedra e escorregava o pé para o leito, seguida das gargalhadas dos outros. Depois do chá foram cantar sob a direção de Eve e de tia Mary que, com a sua voz de contralto, complementava perfeitamente a voz de soprano de Eve. Aidan comentou, fingindo aborrecimento, que devia ter imaginado que cedo ou tarde duas damas galesas iriam inventar de cantar e se uniu ao coro com uma magnífica voz de barítono. Os outros terminaram por se juntar ao coro.

Naquela tarde ia ser celebrada a festa no jardim dos Luff, mas pela manhã levaram tia Mary com a carruagem por atalhos no campo e Eve e as crianças pararam para colher tantas flores silvestres que parecia um arbusto florido no qual tinha brotado uma cabeça, conforme observou Aidan. Houve muitas conversas e risadas. E Eve comprovou feliz que Davy participava de coração. Na semana passada se converteu em um rapazinho. Até que ponto a partida de Aidan o afetaria? Mas nesse dia não queria pensar nisso. Teria tempo para isso a partir do dia seguinte. no dia seguinte a essa hora....

Sentiu uma pressão no peito.

Apesar de tudo, Eve tinha muita vontade de assistir a festa em Didcote, a respeito da qual tinha ouvido falar tanto. E nesse ano o tempo estava perfeito para uma festa ao ar livre. O dia estava ensolarado e quente, e soprava uma ligeira brisa que refrescaria à noite. Eve vestiu um bonito vestido de musseline bordado com pequenos buquês e uma touca de palha debruada de flores. Os dois faziam parte do seu novo vestuário e não os tinha usado antes. Aidan foi vestido com elegância, mas sem o uniforme militar.

A terraço estava decorada com uma profusão de flores de cores vivas em grandes vasos de barro. À sombra havia mesas cobertas por toalhas de um branco cintilante e carregadas de imensas jarras de limonada e bebidas alcoólicas e pratos cheios de delícias para beliscar, doces e salgadas. Uns elegantes mordomos de libré estavam colocados atrás das mesas para ajudar os hóspedes a escolher. Também se viam grandes vasos de barro de flores sobre a grama recém cortada e outras menores penduradas dos ramos. Havia mesas à sombra e ao sol, com suas sombrinhas e algumas mantas estendidas sobre a erva, para quem preferisse se sentar com menos cerimônia.

Quando Eve e Aidan chegaram já havia vários convidados, alguns sentados, outros passeando ou conversando em grupos. Os mais esportivos jogavam boliche em um terreno afastado. Em outra zona de grama, dois casais com raquetes pegavam uma vez e outra uma bola, que passava por cima de uma rede estendida na metade do terreno. O conde e a condessa de Luff estavam na terraço, dando as boas vindas aos que fossem chegando.

Também estava John.

—Oh, não. —Disse Eve sem querer, ao vê-lo pela janela da carruagem.

Aidan seguiu a direção do seu olhar.

—Suponho —Disse.— que se tiver relacionamento social com seus vizinhos de Didcote Park, será inevitável que se encontre de vez em quando com Denson. Não poderá evitá-lo sempre.

—Foi ideia sua que viéssemos aqui, Aidan. —Recordou-lhe Eve. Eu preferia ficar em casa.

—Nem sempre podemos nos esconder da vida —Replicou ele. —O melhor é nem sequer tentar, a não ser enfrentar quando vir.

Não houve tempo para mais palavras. A carruagem parou, Sam Pratchett saltou da boléia para abrir-lhes a porta e estender a escadinha, e pouco depois Eve estava sorrindo e fazendo reverências enquanto o conde de Luff a apresentava à condessa e a seu filho.

—Permita-me que a felicite por seu matrimônio, lady Aidan. —Disse a condessa com naturalidade.— e por seu parentesco com Bewcastle e os Bedwyn. Prolongaram a sua licença, coronel Bedwyn?

—Tenho uma licença de dois meses, senhora,— Respondeu ele.— que infelizmente está chegando rapidamente ao seu fim.

—Tive a honra de assistir ao baile de apresentação de lady Aidan em Bedwyn House, mãe. —Disse John, sorrindo exclusivamente para Eve.— Tenho que dizer que durante a sua breve permanência em Londres causou furor.

Serena Robson viu Eve de longe e dirigiu-se rapidamente para ela com as mãos estendidas.

—Por fim você chegou! —Exclamou, beijando Eve na face.— Venha comigo e James para baixo essa faia. E você

também, coronel. Eu os vi de relance desde sua volta de Londres. Quero que me contem tudo. Os episódios mais saborosos....

Passaram meia hora sob a faia, bebendo bebidas frescas enquanto Eve relatava a sua apresentação à rainha e Aidan acrescentava com o seu áspero humor a questão do vestido negro e a reação de sua família a esse respeito. Depois os homens foram ver o jogo de boliche e Serena olhou-os se afastarem.

—Não é muito bonito, não é? Mas tem muita classe e... sim. É um homem extremamente atraente. Para mim e para James parece estupendo que tenham passado um pouco de tempo juntos em Londres e aqui. Veio para ajudar você a resgatar as pobres crianças. E, conforme disse, passa o tempo em sua companhia e inclusive brincando com eles. Há alguma esperança...?

—Vai embora amanhã. —Disse Eve rapidamente.— Resta-lhe muito pouco tempo na Inglaterra e tem que passar o que sobra da licença junto com as suas irmãs, em Lindsey Hall.

Serena se inclinou sobre a mesa para pôr uma mão sobre as de Eve, quando as interromperam.

—Posso me unir a vocês, senhoras? —Perguntou John.

—É obvio que sim. —Respondeu Serena, indicando com a mão uma cadeira vazia.— Sente-se.

—Não há país no mundo comparável em beleza com a Inglaterra, especialmente a pradaria inglesa em um quente dia de verão, embora às vezes precisemos passar um ano fora em um país estrangeiro para apreciar tudo.

—Esteve na Rússia. —Disse Serena.— Conte-nos sobre as suas experiências com o grande mundo. São

elegantes, refinados, sofisticados?

Eve o escutava falar, ouvia a sua voz leve e agradável e contemplava o seu bonito rosto de traços perfeitos e dentes brancos e pequenos pés de galinha ao redor dos olhos. Olhou as suas mãos finas, expressivas, bem cuidadas. Sabia agradar e fascinar. Notou que outras damas o seguiam com o olhar. Seu cabelo loiro brilhava mesmo à sombra da árvore.

Foi surpreendente que, solitária e inexperiente como era, tivesse se apaixonado por ele? Mas quão profunda tinha sido a sua dor? A julgar pela facilidade com que tinha deixado de amá-lo e se apaixonado por Aidan, pouco, muito pouco. Mas possivelmente fosse injusta consigo mesma. Para que o amor florescesse e crescesse tinha que ser alimentado e mimado. Durante a sua ausência de um ano, John não pôde alimentar o seu amor.

Aidan tampouco estaria com ela a partir do dia seguinte. Isso queria dizer que também deixaria de amá-lo?

A senhora Rutledge se uniu ao grupo e falou com Serena sobre um assunto relacionado com a igreja. John ficou de pé.

—Lady Aidan, —Disse— gostaria de andar um pouco?

Com a extremidade do olho viu Aidan em mangas de camisa, com uma raquete.

—Obrigado. —Respondeu levantando-se. Fez pouco caso do braço que ele lhe ofereceu e ficou com as mãos nas costas.

—Eve, querida, é possível que esteja mais formosa do antes? —Disse-lhe enquanto andavam pela grama.

Como responder a semelhante pergunta? Nem tentou.

—Não esperava vê-lo hoje aqui. —Respondeu.— Acreditava que estaria ocupado com as celebrações.

Ele encolheu os ombros.

—Estão começando a se arrepender. Queria vê-la. Supunha que Bedwyn já tinha ido embora. Vai amanhã? Parece que ouvi dizer isso à senhora Robson.

—Sim. —Respondeu ela.

—Pobre Eve. —Disse com suavidade, dirigindo-a para uma longa avenida assinalada de árvores, em cujo extremo havia uma casa de verão octogonal.— Obrigada a um casamento de conveniência com um Bedwyn. É uma família áspera, séria e pouco emotiva não? Mas não importa. Logo terá ido embora. E eu estarei aqui o resto do verão para consolá-la.

—Não pode fazer nada para me consolar, John. — Disse ela.

—Mas, Eve, sempre fomos amigos, não?

—Sim, fomos. —Concordou. Sempre lhe pareceu uma pessoa que sabia falar e escutar. Tinha gostado dele no momento em que o conheceu, muito antes de se apaixonar por ele.

—Pois então voltaremos a ser. —Afirmou ele.— Voltaremos a nos encontrar como sempre fizemos quando eu estava em casa. Seremos companheiros e amigos o resto do verão.

—Acho que não, John. Embora não tenhamos sido nada além do que amigos, acredito que não poderíamos prolongar a nossa amizade clandestina como ela foi no passado e clandestina como deveria ser agora. Mas é certo que fomos mais do que amigos.

Ambos sorriram e saudaram com a cabeça um casal que retornava da casa do verão para o canteiro principal. John trocou com eles algumas piadas.

—Agora você está um pouco aturdida. —Disse quando começaram a andar de novo.— Porque foi forçada a se casar, acredita que tudo tem que acabar entre nós. Nada mais longe da realidade. Voltaremos a ser amigos. Alguma vez deixamos de sê-lo? E Voltaremos a ser amantes, Eve.

Ela o olhou zangada. Ele sorria ardentemente.

—Responda-me uma pergunta, embora eu acredite que sei a resposta. — Disse Eve.— Alguma vez teve a intenção de se casar comigo?

—Sim. —Respondeu ele sem duvidar.— Em meus sonhos, Eve. Eu te amo muito. Acredite em mim. Não duvide jamais. Meus pensamentos se dirigem para você mais freqüentemente do que me convém. Acredito que sempre te amarei, sempre, inclusive depois de me casar e gerar herdeiros para que pai possa dar a sua aprovação. Mas no reino da realidade não poderíamos ter nos casado nunca. Sabia tão bem quanto eu, embora seja o amor da minha vida.

Sabia? Seu amor por ele tinha conseguido esconder a verdade, negá-la a si mesma? Não, não sabia. Quão incrivelmente confiante e ingênua tinha sido. No fundo, pensou, John não quis mentir. John tinha brincado de sonhar, pensando é obvio, que ela conhecia as regras do jogo e se conformava em brincar com ele. Ele não era um velhaco. Simplesmente, não era o homem que tinha imaginado, o homem que tinha acreditado amar. Tampouco ela era a mulher que ele acreditava.

Tinha sido uma ilusão.

—Um amor superficial. —Disse ela.— Estava já há dois meses em Londres sem que eu soubesse, e descobri por acaso. Não sabia quem era a mulher de Aidan quando foi ao baile de Bedwyn House.

—Naquela noite percorri de cima a baixo as ruas de Londres. Acreditei que ia ficar louco, Eve.

—Por que? De qualquer maneira, não tinha intenção de se casar comigo.

—Não podia suportar a ideia de que outro tocasse em você. Ele tocou em você, Eve? É seu marido, mas é um casamento de conveniência. Por favor, diga-me....

—John. —Eve parou embora não tivessem chegado à casa de verão.— Meu casamento não é teu assunto. Absolutamente. Nem minha vida. Fomos amigos. Fomos amantes. No passado. Até a amizade está ligada ao passado. Não pode voltar a existir nada entre nós. Nunca.

—Ele vai embora, Eve. —Disse ele, com uma careta que tornava feios os seus traços perfeitos.—Se esquecerá de você em uns dias. Provavelmente não voltará a vê-lo. Mudará de ideia....

—Não mudarei de ideia. Estou casada com ele, John. Para o bom e para o mau, até que a morte nos separe. Decidi ser leal e fiel para todos os efeitos.

—Não demorará para mudar de ideia. Eve, querida, recorda o que vivemos durante tantos anos. Recorda do nosso último encontro antes que eu fosse para a Rússia. Foi maravilhoso.

Não tinha sido, pelo menos fisicamente. Mas isso não tinha nenhuma importância.

—Voltarei ao terraço para procurar algo para beber. Prefiro ir sozinha. Adeus, John. Espero que seja feliz.

—Serei. —Assegurou-lhe sorrindo.— Contigo, Eve. Dou-lhe uma semana ou duas.

Por sorte não a acompanhou pela avenida. No final não foi ao terraço em busca de uma bebida. Vendo que

Aidan tinha acabado a sua partida e vestia a jaqueta, foi ao seu encontro.

—Você ganhou? —Perguntou-lhe.

—Sempre ganho. —Respondeu, dando-lhe um olhar profundo.—Vamos procurar algo para comer e nos sentaremos em algum lugar.

Preferiram se sentar sobre um banco de ferro forjado junto a um pequeno lago de peixes a se unirem a algum grupo.

—Dei um passeio com o visconde Denson.

—Sei.

Eve deu uma dentada em uma lagosta empanada, sem saber como dizer o que tinha que dizer. Aidan não abria a boca.

—Não quer saber do que falamos?

—Tudo parece indicar o que quer me dizer. — Respondeu ele.— Permite que eu facilite o caminho? Quer continuar com a relação. Quer reatar a sua aventura. Quer que seja sua amante. Sempre te amou e sempre o fará.

Foi tão assombrosamente exato que Eve não teve que acrescentar nada. Limitou-se a olhar Aidan.

—Disse-lhe que não. Não a tudo.

—Isso também poderia ter predito. É uma mulher honrada, Eve. Depois de manhã não voltará a ver-me, mas viverá uma vida de celibatária para não ser infiel, equivocome?

Eve se perguntou se haveria algo de verdadeiro na imagem popular de que o coração pode se romper.

— Você se preocuparia se eu fosse?

Aidan voltou o rosto e olhou-a. Tinha os olhos negros como o piche e completamente insondáveis.

—De qualquer maneira não estarei aqui para me preocupar. Deve viver a sua vida como considerar oportuna. Não serei a voz da sua consciência.

Eve deixou o prato sobre o banco entre os dois, incapaz de continuar comendo, e notou que as mãos tremiam ligeiramente. Levantou os olhos para ele e percebeu que estava à beira das lágrimas. Não tinha exigido que a amasse. Apenas esperava um pequeno sinal de que se preocupava com a sua fidelidade.

—Perdoe-me. —Disse, levantando-se precipitadamente e dirigindo-se para um vaso repleto de flores, que inspecionou até que se certificou que os olhos não iriam traí-la se parasse para conversar com alguns vizinhos.

“Depois de amanhã não voltará para me ver-me.”

“De qualquer maneira não estarei aqui para me preocupar.”

Sim, os corações podiam se romper. No dia seguinte iria acontecer isso com o seu.

=CAPÍTULO VINTE E DOIS=

“Sempre ganho.”

Era o que havia dito a Eve depois da partida, mas se referia ao jogo. Além disso, tinha dúvidas de que estivesse certo. Ganhava sempre? Provavelmente sempre ganhou no campo de batalha de uma maneira honrosa. Aos dezoito anos quando acreditou que o deixariam administrar Lindsey Hall em nome de Bewcastle, compreendeu em seguida o seu engano e se sentiu envergonhado por sua conduta e pelo transtorno que provocou para Wulf, que tinha acabado de assumir a sua posição e sem dúvida sabia menos sobre a fazenda do que ele. Poderia ter se negado a aceitar o grau que Wulf tinha adquirido em seu nome: seu irmão não podia forçá-lo a seguir a carreira militar, porque ele gozava de independência econômica e não devia se amparar em seu irmão mais velho. Mas optou por se conduzir com dignidade e abraçou a carreira militar cuja apenas a menção causava-lhe horror

Após isso, a honra tinha sido o seu norte e o seu guia, em um processo que tinha culminado nesse verão com o seu casamento com Eve.

Sim, sempre tinha saído vencedor e com honra de todos os conflitos. Mas isso o convertia em um ganhador? Vitorioso e feliz?

Existia por acaso a felicidade?

Ficaram até o final da festa, misturando-se com os convidados e sem voltar a se reunir depois do breve encontro no banco próximo ao lago dos peixes. Eve sorria, muito animada e subitamente se converteu no foco de atenção e admiração, como tinha ocorrido em Londres.

Possivelmente estava bem, pensou Aidan. Possivelmente estivesse exultante porque ele ia embora no dia seguinte para não mais voltar.

Recordou então os olhos cheios de lágrimas com quais tinha olhado para ele antes de se afastar precipitadamente para extrair as flores do vaso mais próximo.

As lágrimas.

Amanhã ganharia uma nova batalha fazendo o que a sua honra ditava e deixá-la.

Mas o que ganharia com isso?

Honra, é óbvio.

E a felicidade?

E a felicidade de Eve? Estava tão obcecado com a honra que fingiria ignorar o que saltava à vista? Mas e se estivesse equivocado? O que significavam aquelas lágrimas?

Retornaram para casa em silêncio, contemplando a paisagem cada um pela sua janela. No dia seguinte ia embora. Eve não tinha nada mais para lhe dizer? Ele não tinha nada mais para dizer a ela?

“O que significavam as suas lágrimas?”

Por um momento acreditou ter dito as palavras em voz alta. Mas os seus lábios continuavam fechados e ela não tinha respondido a ele.

Aidan sentiu-se tremendamente aliviado quando a carruagem abriu o portal de Ringwood e entrou no caminho pavimentado. No dia seguinte também sentiria alívio quando fosse embora finalmente e tudo se concluísse.

Teria o atrevimento de pôr em dúvida a sua honra? Se atreveria a aspirar a felicidade?

Quando, depois de jantar, Eve subiu ao quarto das crianças, Aidan acompanhou-a. Sentou-se e colocou Becky no colo e escutou as estórias para dormir e depois disse às crianças que na manhã seguinte partiria. Prometeu-lhes que escreveria para eles e lhes enviaria presentes de todos os lugares que visitasse. Tinham que cuidar de tia Eve, serem bons alunos e crescer, para se converterem em uma dama e um cavalheiro irrepreensíveis. Deu-lhes um beijo.

Becky se agarrou ao seu pescoço e chorou um pouco. Davy ficou mais tranqüilo e reservado, como sempre tinha sido, mas deixou que Aidan o agasalhasse e lhe acariciasse docemente o cabelo.

—Mesmo que você não esteja me vendo, não me esquecerei de você, garoto. Sempre te.... amarei.

—Ninguém nunca fica. —Disse o menino em voz baixa e inexpressiva.

—Tia Eve vai ficar. —Replicou Aidan— e tia Mary e Becky e a babá. E você ficará com elas. Escreverei, Davy, prometo isso a você.

O menino deu a volta, e cobriu a cabeça com a manta. Aidan saiu do quarto e desceu à sala de estar perguntando-se se ainda queria alcançar o impossível. Eve demorou no quarto de Becky. A governanta dava voltas no corredor, diante da porta, com o seu habitual ar amargurado.

—Da parte da senhora Pritchard, devo lhe dizer que se foi para a cama porque está cansada, de modo que não se sinta obrigado a ficar em casa para lhe fazer companhia.

Aidan juntou as mãos nas costas e olhou pensativo para a governanta.

—Agnes, —Disse subitamente— traga-me umas toalhas, por favor. E uma manta.

—Por que? —Olhou-o receosa.

Era a única empregada que conhecia Aidan e que era capaz de responder a uma ordem direta perguntando por que.

—Não é assunto seu, Agnes. —Disse, conseguindo que a sua voz saísse sossegada, embora estivesse começando a se animar agora que ia dar o primeiro passo. — Vá buscá-las. E preferivelmente rápido.

Como resposta, ela cruzou os seus longos braços sobre o peito.

—Não vá romper o coração da minha menina bonita mais do que já está quebrado. Não tenho medo de brigar com você, embora saiba perfeitamente que não o venceria nem com um par de pistolas nas mãos e uma faca entre os dentes.

Aidan sorriu.

—Agnes, eu a abraçaria agora mesmo se não soubesse que ia ser uma experiência desagradável para nós dois. Então está o coração quebrado, e fui eu quem o quebrou? Vá procurar as toalhas e a manta, mulher, e acabemos com esta insubordinação. Poderia levá-la diante de um tribunal marcial.

Agnes apertou ainda mais os lábios. E de repente fez um sinal de assentimento brusco, girou sobre seus os calcanhares e desapareceu. Depois de dois minutos estava de volta com duas toalhas e duas mantas.

—Mesmo nestas belas noites de verão pode refrescar depois da meia-noite. E suponho que não voltarão antes meia-noite.

—Isso eu espero, Agnes. —Disse, enquanto ela depositava a roupa em um canto do sofá.

—Não é você tão feio quando sorri. —A observação da governanta deixou-o petrificado.— Mas não gaste mais

sorrisos comigo. Guarde-os todos para minha menina.

Dedicou um novo sorriso para Agnes quando esta saiu do aposento e imediatamente recuperou a serenidade. Por que se sentia alegre se estava a ponto de sacrificar a sua honra?

A porta se abriu e Eve apareceu, sorridente e pálida como um fantasma, procurando a sua tia.

—Foi dormir. —Disse ele.— Você e eu vamos sair. Vamos nadar.

—Nadar? —Olhou-o inexpressivamente.

—No rio. —Insistiu ele— E dessa vez não terá a desculpa de que não há toalhas. Há mais do que suficientes. —Indicou-lhe a pilha que jazia sobre o sofá.

—Quanta roupa!

—Há duas mantas.

—Mantas?

—Uma delas é para colocarmos na margem. Agnes me disse que precisaríamos de outra se ficarmos fora depois da meia-noite. Talvez tenha razão. Vamos nadar e logo vamos fazer amor a menos que me garanta que não quer absolutamente. E depois... — Mas tinha perdido a calma.— e logo já veremos.

—Aidan. —Por um momento as bochechas tinham ficado rosadas, mas agora voltou a ficar pálida. Aspirou o ar para falar, mas no final se limitou a balançar a cabeça.

Ele foi ao sofá, agarrou as mantas e as toalhas, colocou-as sob o braço e estendeu o outro a Eve.

—Vamos. —Disse.

Chegou a acreditar que ela diria não. Ficou olhando para a sua mão e no final, lentamente, levantou a sua para dar a ele.

—A última noite? —Perguntou ela.

—O último sonho.

Aidan recordava da porção escondida do rio onde Eve e Percy nadavam no verão, e foi abrindo caminho sem se equivocar na escuridão. Não era uma noite fechada pois havia uma lua quase cheia, acompanhada por um milhão de estrelas brilhantes. Não falaram enquanto caminhavam. Eve segurou a mão de Aidan, gravando em sua memória o seu tato, o seu calor e a sua força.

O que quis dizer com “o último sonho”?

Quando entrou na sala de estar tinha o coração tão encolhido que não foi capaz de colocar uma cara de alegria.

—Aqui. —disse Aidan ao chegar a um arvoredo junto ao leito, um local quase em trevas. À esquerda, o rio reluzia à luz da lua.— É aqui. —Retirou a mão, tirou o fardo que levava sob o braço e estendeu uma manta sobre o chão.

Iriam se banhar. Iriam fazer amor. Quem seria tão louca para protestar?

—Vêem aqui. —Disse, agarrando-a de novo pela mão e atraindo-a para si.

Procurou nas suas costas os botões do vestido e foi desabotoando um a um. Tirou-o por cima dos ombros e deixou-o cair a seus pés. Era outro dos vestidos novos, cuidadosamente escolhido para aquela noite, mas não para um arrebatamento amoroso à beira de um rio. Iria tirar as anáguas pelos ombros....

—Levanta os braços.

—Aidan... —Protestou ela, scandalizada.

—Foi você mesma quem me disse que daqui ninguém poderia vê-la, nem sequer de dia. Nadar não é nem a metade divertido se não fazemos nus.

O que aconteceu com a sua voz? Era indubitavelmente a mesma de sempre, embora teria dito que havia algo especial, algo juvenil que ninguém teria associado ao coronel lorde Aidan Bedwyn. Não havia luz bastante para comparar essa impressão com a expressão dos seus olhos.

Bom, e por que não?, disse, elevando os braços. Por que não? Um momento depois estava nua e ele se livrava da roupa e a jogava no chão de um modo que teria provocado uma taquicardia em seu ordenança se estivesse presente.

E então puxou-a pela mão e conduziu-a para o rio. Aidan não tinha intenção de parar na margem, compreendeu Eve muito tarde. Aspirou uma boa baforada de ar, fechou os olhos e pulou.

A sensação da água gelada cortou-lhe o fôlego, e mesmo depois de voltar para a superfície, teve que fazer algum esforço para recuperar a respiração. Nesse local o rio era muito mais profundo do que mais acima, onde tinham se banhado com as crianças.

—Eu teria preferido entrar aos poucos. —Protestou ela, estendendo os braços na água.

—Tolice! —Disse Aidan rindo.— Sofrer centímetro a centímetro é imensamente mais difícil do que mergulhar de repente. Olhe, Eve. Olhe a água resplandecente à luz da lua. E olhe as estrelas. Sinta a água fria. Não fica tão fria quando a gente se acostuma! E o ar quente. Como cheiram as árvores e as flores silvestres. Não é maravilhoso estar vivo?

—Sim.

—E ter alguém com quem compartilhar o próprio entusiasmo? —Acrescentou ele.

—Sim.

Deixou de fazer perguntas sobre o estado de ânimo de Aidan e começou a nadar pelo meio da corrente ao lado dele. O barulho das suas respirações e de suas braçadas, os cantos das aves noturnas e seus galanteios amorosos apaziguaram-lhe o espírito. Depois de um bom trecho, ele ficou de costas para voltar para o ponto de partida, e ela fez o mesmo. Voltaram sem usar os braços, impulsionando apenas os pés.

—Quantas acredita que existem? —Perguntou ele.

—Estrelas? Milhares? Milhões? Pergunto-me onde acabará tudo. Tem que acabar em algum lugar, não é certo? Tudo.

—Talvez o universo não tenha fim. —Disse ele— É uma ideia que a mente humana não pode compreender. Tudo tem fim, como acaba de dizer. Mas o que ocorreria se algumas coisas não tivessem, Eve? Se o universo não tivesse fim? Se... se outras coisas tampouco? Teríamos provado a existência do divino, não acha?

Que absurdo, pensou Eve de repente. Aí estavam dois adultos respeitáveis nadando nus na escuridão e especulando sobre a infinitude e a divindade. Tratando de expandir a sua mente humana para poder imaginar algo que não tinha fim. O amor, talvez? Era isso o que estava a ponto de dizer? Não podia imaginar Aidan dizendo semelhantes coisas sobre o amor, embora nessa noite estivesse com um humor particular.

Nadaram mais de uma hora, às vezes energicamente e às vezes limitando-se a flutuar. Uma vez Aidan submergiu de improviso e a arrastou para o fundo. Eve se vingou imediatamente do afogamento jogando-lhe água sem parar e os dois riram como crianças contentes. E então a atraiu para

si, apertando os braços contra os lados do corpo de Eve, enxugou a água dos olhos e beijou-a.

—É hora de secarmos antes que as rugas da nossa pele fiquem permanentes. E logo depois faremos amor. A menos que não queira.

A hora da verdade. Embora nunca tivesse tido a mínima dúvida, unicamente a certeza de que ia tornar a dor do dia seguinte ainda mais insuportável. Mas não já era insuportável?

—Sim quero.

—Ah. —Deu um suspiro e voltou a beijá-la. Tirou-a da água, carregou-a nos braços e a depositou sobre a margem.

Eve saiu correndo para as toalhas, e ele seguiu-a.

Nunca antes tinha feito amor no sentido próprio do termo. Tinha tido muitas relações sexuais com numerosas mulheres. Com várias delas tinha sentido afeto. Mas nunca antes tinha feito amor.

Estava apavorado.

Nunca tinha se entregado. Pelo menos desde a infância. Ou talvez a partir dos dezoito anos, quando atendeu ao chamado de Wulf, impaciente, cheio de amor fraterno, para contar-lhe sobre os seus projetos para Lindsey Hall e as demais fazendas ducais e para se oferecer para executá-los pessoalmente. Desde esse dia tinha cumprido o seu dever sempre, escrupulosa e honestamente. E impessoalmente. Em seus doze anos de oficial nunca se entregou.

Estava apavorado.

O que ocorreria se ela não soubesse o que fazer dele e do seu amor? Não fazia parte do pacto original. Mas tampouco nada do que havia ocorrido depois do casamento

o fazia. Nessa noite tinha olhado para ele com lágrimas nos olhos antes de fugir da sua companhia. Recordava perfeitamente o que havia dito antes que ela saísse correndo.

“De qualquer maneira não estarei aqui para me preocupar.”

Aquelas palavras haviam ferido Eve.

Deitou-se junto a ela sobre a manta, abraçou-a e puxou-a para si. Tinha o corpo fresco como a água. A boca quente, como comprovou quando a encontrou e entrou nela com a língua. Eve pôs uma mão sobre o seu peito e com a outra o atraiu para ela. O arrebatamento da paixão foi instantâneo. Aidan comprovou que ela tinha tanto desejo dele como ele dela, e estava preparada do mesmo modo. Não houve necessidade de preliminares.

—Fique em cima de mim. O chão é duro e eu sou pesado.

—Não. —Deu a volta e ficou de costas, arrastando-o consigo— Eu o quero assim, por favor.

Separou as pernas quando ele se aproximou e se abraçou com elas as pernas de Aidan.

—Eve. —Sussurrou sobre a sua boca. Sustentava seu peso sobre os antebraços e com as mãos envolvia-lhe o rosto.— Está preparada?

—Sim. Vem para mim. —Sussurrou ela por sua vez.— Vem para mim, Aidan, por favor.

Entrou delicadamente em seu corpo. Estava quente e úmida. Os músculos internos de Eve se contraíram e por pouco não fizeram com que perdesse o controle.

—Devagar. —Murmurou.— Deixemos o físico por um segundo. Vamos nos amar. Relaxe se puder.

Embora tivesse se acostumado a ver naquela escuridão, à sombra das árvores não conseguia distinguir o rosto de Eve. Mas sentia como o compreendia e reagia. Relaxou os seus músculos internos e desembaraçou as suas pernas das pernas de Aidan e pôs os pés sobre o chão em cada lado dele.

Ele começou a se mover em seu interior.

Fez amor. Lentamente, dando-lhe ternura e carinho em cada investida. Dando-se a si mesmo. Consciente, enquanto se moviam ao ritmo do sexo, de que uma emoção profunda, poderosa e completa podia acompanhar e superar a conhecida ânsia física, e consciente de que, assim que ele quisesse, essa emoção o conduziria à plenitude do prazer e da saciedade.

Fez amor. Devagar, plenamente, com a total consciência dela, de sua pele sedosa, do aroma do seu cabelo molhado e da essência perfumada dela, do interior do seu corpo, que o havia convidado e que o acolhia, do seu fôlego e dos sons guturais que às vezes saíam da sua garganta. Não a enxergava, mas era Eve. Seu amor.

Tinha os cinco sentidos em alerta. Iria assumir o maior risco possível, ia revelar todas as suas emoções. Ia se entregar.

—Eve, —Murmurou com a boca encostada à sua— meu amor. Meu grande amor. Eu te amo. Para sempre. Para toda a eternidade. O que eu dou a você nesta noite é o meu amor.

—Mmm —Disse ela com um som gutural.

De repente se acovardou, teve medo de que Eve falasse, do que pudesse dizer. Beijou-a e aprofundou o beijo com a língua, ao tempo que acelerava e endurecia o seu ritmo. Só separou a boca quando todos os músculos de Eve

se contraíram e notou que se aproximava do clímax. Jogou a cabeça atrás, os olhos fechados e conteve o seu peso com os braços estendidos e deu-lhe sua semente. Nem sequer então se distraiu. Continuou ligado a Eve, que gemia em voz baixa, estremecendo com os espasmos, relaxando pouco a pouco. Doce, quente, banhada de suor.

Separou-se dela e deslizou para um lado, enlaçando-a com um braço, e com o outro agarrou a segunda manta e conseguiu colocá-la por cima deles. Ela suspirou e ficou de lado, recostou a cabeça sobre o braço de Aidan e encaixou as costas, as nádegas e as pernas contra seu corpo.

Deu a si mesmo dois minutos para se recuperar. Acreditou que estava dormindo, mas Eve sussurrou-lhe algo.

—Olhe as estrelas. —Disse.—Estão mais brilhantes do que nunca. Ele obedeceu, ao mesmo tempo em que passava os dedos pelo cabelo molhado.

—Eve, sinto por Denson. Sinto muito. Mas....

—Não tem por que sentir. Amei-o, Aidan. Na verdade, estive apaixonada por ele. Mas não é o homem que eu acreditava que fosse. Se tivéssemos nos casado, talvez não tivesse percebido a sua natureza fraca, mas acredito que sim. Não é um homem eu que teria amado por toda a vida.

Não deu-lhe a oportunidade de pronunciar o discurso que tinha preparado, de modo que teria que se acomodar ao caminho que tomasse a conversa.

—Que tipo de homem amaria por toda a vida? — Perguntou-lhe.

Ela permaneceu calada por um instante, meditando na resposta.

—Um homem bom. Quando somos jovens e inconsequentes, não apreciamos quão importante é a bondade no amor. Talvez seja a qualidade fundamental. E

um homem honrado. Que faça sempre o que é justo, a qualquer preço.

Aidan sentiu que o coração deixava de pulsar por um segundo.

—E um homem forte. O bastante forte para ser vulnerável, assumir riscos, ser sincero inclusive quando a sinceridade o exponha ao ridículo ou à rejeição. E alguém que ocupasse o centro do meu mundo antes de compreender que eu gostaria de fazer o mesmo por ele. Um homem bastante imprudente e valente para me dizer que me ama quando eu oculte todos os indícios de meu amor.

—Eve... —Disse ele.

—Teria que ser alto, de ombros largos, pele morena e com o nariz aquilino. E franzir o cenho em todas as horas, dando a impressão de dureza de caráter e impermeabilidade às emoções mais delicadas. E que sorrisse de vez em quando para me alegrar o coração e a vida.

Deus bendito!

—Teria... teria que ser você. Não me conformaria com ninguém mais. O que é muito apropriado, tendo em vista que sou casada com você. Nunca tenha medo de que eu seja infiel, Aidan, embora vá embora amanhã e não retorne.

Ele reclinou o rosto sobre as costas de Eve e tratou de engolir a saliva.

—O que disse era verdade? Não era apenas a paixão que falava? Dizia de verdade? —Inquiriu Eve.

—De verdade. —Sussurrou-lhe ao ouvido.

—Então é mais valente do que eu, meu adorado e precioso cavalheiro. Não me atrevi a confessar por medo de que zombasse ou que tivesse pena. Mas eu te amo com todo o meu coração. Eu te amo tanto que dói. Aidan, se não fosse pelas crianças, passaria o resto da vida seguindo o

seu regimento. Mas, não posso. Eles vêm em primeiro lugar. Escreverei para você todos os dias. Terei um lar preparado para que volte cada vez que tenha licença. Eu o....

—Não continue, meu amor... Vou dar baixa. Fazia parte do discurso que eu ia pronunciar quando me interrompeu. Vou dar de baixa e viver aqui contigo.

—Oh, Aidan. —Deu a volta de repente para olhá-lo de frente e pôs uma mão no rosto.— Não posso pedir que faça isso. Vai chegar a general. Haverá honras, títulos....

—Então não pode suportar a ideia de estar casada com um humilde ex-coronel? Com um só título que não fez nada para merecer?

—Oh, Aidan. —Roçou-lhe os lábios com os seus.

—Necessita de mim aqui. Precisaré alguém que se encarregue dos imóveis e do gado quando o seu administrador for para o seu novo destino, de acordo com o plano rocambolesco que tramaram os dois. As crianças necessitam de mim. Precisam de um pai tanto como de uma mãe. Tia Mary tem que ver os seus sonhos cumpridos e Agnes necessita de um competidor para o dia a dia. E, Eve, ai, meu amor! Eu preciso de você. De você inteira. De você acima de tudo. Meu amor mais amado. A você. —Beijou-a com ardor.

—Vai pedir a licença? Agora?

—Não nesse preciso instante. Aproveitando que Agnes mandou-nos para cá com uma manta suplementar, parece ser de boa educação empregá-la a fundo. Vou fazer amor com você por toda a noite sob as estrelas. Mas amanhã, Eve, irei a Londres e me encarregarei do assunto. Ao mesmo tempo pedirei a Wulf que recomende um advogado para se encarregar do assunto do terreno. E logo voltarei para o nosso lar para ficar.

—Nosso lar. —Repetiu ela docemente.

—Se me der permissão.

—Como se houvesse alguma dúvida!

E Eve começou a rir e Aidan se uniu a ela sem motivo aparente. Riram, se abraçaram, se beijaram e murmuraram coisas absurdas.

—O duque de Bewcastle vai ficar furioso. —Ela conseguiu dizer em uma ocasião.

—Não estou certo. Nada certo. Nós os Bedwyn, sempre aceitamos o casamento com a maior seriedade, Eve. Quem se casar com um de nós se expõe a ser amada e feliz durante toda uma vida.

—Acredito que poderei suportar.

Voltaram a rir alvoroçados antes de voltarem para o assunto mais sério que tinham nas mãos, que era viver a sua noite de amor sob as estrelas.

=CAPÍTULO VINTE E TRÊS=

Esteve ausente durante uma semana. Toda uma semana interminável. Partiu cedo na manhã seguinte à festa no jardim dos Luff. Ao voltar do rio trocou de roupa, selou o cavalo enquanto o ordenança sonolento fazia o mesmo com o seu, beijou Eve e se afastou cavalgando.

Eve não disse a ninguém que Aidan voltaria, apesar da tia Mary ficar lamuriosa e as crianças apáticas e passivas. Não se atreveu a contar. Apesar de confiar em seu amor e em sua determinação de voltar para o seu lado, não conseguia tirar da cabeça a ideia de que algo impediria a sua volta. Não queria comunicar a ninguém a sua ansiedade, de modo que era melhor que ninguém soubesse.

Retomou as suas atividades habituais com renovado ímpeto. Passou mais tempo com sua tia e as crianças do que antes. Envolveu-as no planejamento de um casamento esplendoroso para Thelma, cujos primeiros proclamas foram lidos dois dias depois da partida de Aidan. Serena, tia Mary, a senhorita Drabble e tia Jemima —Eve tinha ido visitá-la— formaram um comitê de organização junto com ela. Ned Bateman encontrou os dois primeiros recrutas para o seu projeto agrícola. Os dois voltaram da guerra na Europa, a um faltava um olho e uma mão e ao outro tinham amputado uma perna abaixo do joelho. Os dois pareciam realmente desamparados.

Em cada respiração Eve vivia e respirava com Aidan, mas em segredo, sem se atrever a compartilhar a sua felicidade por medo de destruí-la.

Levou as crianças para montar. Davy estava empenhado em dominar a matéria, coisa completamente

desejável e inclusive necessária. Sam tinha dado umas aulas no picadeiro, sob os aplausos de Charlie, que segundo Sam, encarregava-se pessoalmente do pônei de Davy com tal diligência que qualquer pessoa diria que se tratava do puro sangue mais cobiçado do país.

E finalmente saíram um dia para o campo, Davy sem as rédeas de segurança pela primeira vez e Becky diante da sela de Eve, embora não demorasse muito para chegar o dia em que ela também teria um pônei para aprender a montar.

Voltaram para os estábulos por volta das quatro da tarde. Sam levantou Becky e depositou-a sobre o chão enquanto Davy desmontava sozinho e Charlie inspecionava ansiosamente o seu pônei em busca de ferimentos. Eve deslizou sela abaixo, acariciou a cabeça de Muffin e olhou para o céu. Umas nuvens indicavam que estava a ponto de acabar o calor do verão. Mas no momento fluíam altas e não inquietavam nada. De fato, alegrou-se pois ia refrescar um pouco.

—Cavalos se aproximam, milady. —Disse Sam de repente, inclinando a cabeça para escutar.

“Aidan!” Eve não pôde evitar sair correndo para a grade com as crianças, de onde viu dois homens a cavalo se aproximarem e um terceiro um pouco atrasado.

—Tio Aidan! —As palavras brotaram dos lábios de Davy ao mesmo tempo que começou a correr.

Um dos cavaleiros atalhou pela grama e, quando ficou perto, desmontou rindo e estendeu os braços para levantar Davy nos braços.

—Tio Aidan! Você voltou, você voltou!

Eve agarrou com força a mão de Becky e se apressou ao seu encontro, com o coração tão cheio de alegria que

parecia que ia explodir.

—Voltei, garoto. —Abraçou Davy apertado antes de deixá-lo de pé de novo.— Nem pensei em não voltar! Voltei para casa e em casa ficarei.

—Papai. —Sussurrou Becky. Separou-se de Eve e foi correndo alegremente para Aidan, estendendo as mãos em sua carreira. Ele a elevou e a apertou contra si, fechando os olhos por um instante.—Papai, tenho um dente que está a ponto de cair. Olhe.

“Papai.”

Olhou-a com toda atenção, colocando uma cara preocupada enquanto a menina movia o dente com um dedo.

—Pois é claro que o tem. Já começa a perder os dentes de leite minha pequenina? Vai ficar mais velha sem que percebamos. Tem um beijo para mim?

Becky enrugou os lábios e os apresentou, ele a beijou e logo levantou a vista e estendeu um braço em direção de Eve. O olhar de Aidan fez com que ela estremecesse.

—Eve. —Disse rodeando-a com o braço. Ela pôs a mão sobre o peito quente, sólido, e se agarrou ao seu corpo. — Eve, amor querido.

—Sim. —Disse ela levantando o rosto, sorrindo.

Aidan beijou-a na boca para que todos os vissem.

Só nesse momento se lembrou de ter visto outro homem a cavalo da grade do estábulo. Aidan e, por trás, seu ordenança. E outro cavaleiro. Deu um passo para atrás, mordeu o lábio e notou que ruborizava enquanto Aidan, rindo, deixava Becky no chão.

—Trouxe meu irmão comigo. Ainda não o conheceu. Ralf, apresento-lhe Eve. —Agarrou-a pela cintura e a atraiu

para seu lado.— Rannulf é seu nome oficial, mas o chamamos de Ralf.

Lorde Rannulf Bedwyn tinha desmontado e se aproximava andando pela grama. Era quase tão alto como Aidan e igualmente forte. Tinha o nariz da família. Mas era loiro como Freyja. Quando tirou o chapéu, comprovou que era ondulado como o da sua irmã e que estava muito longo para a moda. Vieram-lhe à mente as imagens de guerreiros nórdicos.

— Eve —Disse, estendendo a mão.— Encantado em conhecê-la.

Apertou a mão com força.

—E eu de conhecer você.

—Estes são os nossos filhos. —Disse Aidan.— Becky e Davy aqui está outro tio. O tio Ralf. E vejo tia Mary descendo as escadas para o terraço. Perdoem-me um momento.

Deixou Eve e se afastou apressadamente em direção ao terraço. Um momento depois tia Mary já estava envolvida em seus braços. A bengala caiu e ricocheteou sobre as pedras.

—Na semana passada estive a ponto de desgastar o chão de Bedwyn House pela impaciência com que percorria os corredores. —Disse lorde Rannulf.— Tudo eraexasperantemente devagar para Aidan.

—E também para mim. —Confessou Eve sorrindo.— Eu me alegro de que tenha vindo com ele. Farei com que preparem um quartopara você.

—Oh, somente por uma noite. —Disse, olhando como as crianças se dirigiam para Aidan.— Vou para o norte, mas não pude resistir à tentação de parar e conhecer minha nova cunhada. Minha avó materna mandou me chamar. Parece

que encontrou uma esposa perfeita para mim. Outra. É a quarta ou a quinta, perdi a conta. Dessa vez não sucumbirei, como tampouco sucumbi às outras quatro ou cinco, pois o que está em jogo é minha liberdade e talvez a minha razão. Mas não posso passar por cima das suas chamadas. Nomeou-me como seu herdeiro e, por mais aborrecida que seja... bom, no fundo tenho carinho por ela. Assim para lá irei, Eve, para colocar em perigo a minha liberdade.

Sorriu, mostrando uns dentes fortes e brancos e uns olhos azuis que dançavam de alegria e ironia.

—Talvez—Apontou Eve.— dessa vez tenha escolhido bem.

—Naturalmente, sempre existe essa possibilidade. — Reconheceu ele.— Mas sinto uma estranha aversão de que escolham uma esposa para mim, ou que ela me escolha nos seis ou sete próximos anos.

—Gostará de beber algo —Disse ela, guiando-o para casa— e descansar um pouco.

—Não nego. —Disse seu cunhado, ficando do seu lado— Se há algo mais incômodo do que acompanhar um oficial de cavalaria que passou os últimos doze anos sobre a sela de um cavalo, é sem dúvida alguma, acompanhar um homem que cavalga para os braços de sua amada. Espero sinceramente que ninguém jamais volte a me pedir isso.

Eve começou a rir.

Aidan deixou de conversar com tia Mary para olhar com os olhos transbordantes de amor e admiração quando Eve se aproximou dele.

Estendeu a mão. Ela segurou-a e sentiu que os fortes dedos de Aidan se fechavam em torno dos seus.

—Tia Mary, —Disse. — apresento meu irmão, lorde Rannulf Bedwyn. Senhora Pritchard, Ralf. Quando ouvi-la

falar pela primeira vez, acreditará que está cantando. É que ela é galesa.

—E orgulhosa de ser. —Disse tia Mary.— Poderia me oferecer um dos seus fortes braços, jovem, e me ajudar a entrar, porque Agnes levou a minha bengala. Vamos, crianças.

Uns minutos depois Eve e Aidan ficaram a sós no terraço. Aidan sorria para ela.

—Fui eu quem disse que nos deixassem sozinhos. Pensei que desde que nos casamos não a coloquei nos braços para atravessar nenhuma soleira. E que melhor soleira do que a do nosso lar, que melhor momento do que este, o início de nossa vida sempre feliz?

—Nenhum. Mas isso é possível? Seremos sempre felizes?

—Não. —Disse ele, sorrindo com ternura.— Há algo imensamente melhor do que ser sempre felizes. É a felicidade. A felicidade é algo vivo, dinâmico, Eve, e teremos que cuidar dela todos os dias da nossa vida. É uma perspectiva muito mais interessante do que a ideia estática de ser sempre felizes, sem nada mais. Não está de acordo?

—Estou. —Disse ela e deixou escapar um som metade grito e metade risada quando ele a agarrou pelas costas e pelas pernas, girou-a no ar e levou-a degraus acima até abrir a porta do seu lar.

Do seu lar.

A porta para outro sonho. Não, para algo melhor do que um sonho. Para uma realidade dinâmica, apaixonante e feliz pela qual trabalhariam juntos todos os dias de sua vida.

Fim

Formatação e conversão para ePub:



Fonte:



{1} O Exército Britânico comandado pelo Duque Wellington conseguiu na Batalha de Salamanca (Espanha) uma vitória decisiva sobre as tropas do General Marmont, oficial de Napoleão Bonaparte. Ocorreu no dia 22/07/1812 e mudou o rumo da Guerra Peninsular, um conflito militar que envolveu a Inglaterra, a França, Portugal e Espanha. (Nota da Revisora)

{2} Passagem estreita e apertada entre duas montanhas. É o mesmo que desfiladeiro. (Nota da Revisora)

Ligeiramente
MALICIOSOS

MARY BALOGH

No início era apenas uma aventura inocente,
mas se tornou uma paixão avassaladora

Mais de 4 milhões de livros vendidos



Ligeiramente
MALICIOSOS



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a

esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Ligeiramente
MALICIOSOS



MARY BALOGH

Os BEDWYNS 2



Título original: *Slightly Wicked*

Copyright © 2003 por Mary Balogh

Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Tradução publicada mediante acordo com Dell Books, selo da Random House, divisão da Random House LLC.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Victor Almeida

revisão: Carolina Rodrigues e Flora Pinheiro

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: © Metra Stelmahere / Trevillion Images

adaptação para ebook: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B143L

Balogh, Mary

Ligeiramente maliciosos [recurso eletrônico] / Mary Balogh [tradução de Ana Rodrigues]; São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: *Slightly wicked*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-394-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção galesa. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

15-19834

CDD: 823.92

CDU: 821.111(410)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

CAPÍTULO I



Momentos antes da diligência virar, Judith Law estava imersa em uma divagação que a fez se esquecer da natureza desagradável de sua vida.

Pela primeira vez em seus 22 anos, ela viajava de diligência. Logo depois dos primeiros quilômetros na estrada, entretanto, abandonou a ideia romântica de que aquele fosse um modo aventureiro de viajar. Estava imprensada entre uma mulher, cuja circunferência exigia um assento e meio de espaço, e um homem magro e inquieto que, agitando constantemente seus cotovelos à procura de uma posição mais confortável, acertava-lhe de forma nada agradável em lugares muitas vezes embaraçosos. Um homem corpulento roncava sem parar à sua frente, o que aumentava de modo considerável o nível de barulho da viagem. A mulher a seu lado lamentava sua vida para alguém desafortunado ou tolo o bastante para ter feito contato visual com ela. O homem quieto do lado oposto ao de Judith exalava um cheiro insuportável, uma singular fragrância de cebola e alho. A diligência sacudia, vibrava e estremecia a cada pedra ou buraco que encontrava pelo caminho. Ao menos, era o que parecia a Judith.

Mesmo com todos os desconfortos do caminho, ela não estava ansiosa para completar a jornada. Havia deixado para trás toda uma vida em Beaconsfield e não esperava retornar por um longo tempo,

se é que algum dia voltaria. Seu destino era a casa da tia Effingham. A vida como conhecera havia terminado. Embora nada tivesse sido explicitado na carta que a tia escrevera para o pai de Judith, ficara muito claro que a moça não seria uma hóspede estimada e paparicada em Harewood Grange, mas sim uma parente pobre, que deveria se esforçar para garantir a hospedagem, dispondo-se a fazer o que a tia, o tio, os primos e a avó julgassem apropriado. Sendo realista, Judith só poderia esperar monotonia e trabalho árduo em seu futuro. Nenhum pretendente ou casamento, casa ou família. Estava prestes a se tornar uma dessas mulheres apagadas, abundantes na sociedade, mas que viviam nas sombras. Mulheres que dependiam dos parentes e não passavam de criadas que trabalhavam de graça para eles.

O pai de Judith agradecera a irmã pela enorme gentileza de convidar a sobrinha para morar com ela. No entanto, tia Effingham, que fizera um casamento extremamente vantajoso com o viúvo Sir George Effingham, mesmo não tendo mais todo o frescor da juventude, não era conhecida pela bondade ou gentileza.

E tudo isso por culpa de Branwell, o demônio, que merecia levar um tiro, ser enforcado, afogado e então esquartejado por suas extravagâncias impensadas. Havia semanas que Judith não era capaz de ter um único pensamento gentil em relação ao irmão mais novo. Isso porque ela era a filha do meio, a que não tinha uma posição determinada na família que a tornasse indispensável em casa. Não era a primogênita, já que Cassandra era um ano mais velha. Também não era a beldade da família – essa era a irmã mais nova, Pamela. E não era a caçulinha. Hilary, de 17 anos, tinha essa duvidosa vantagem. Judith ocupava apenas a posição embaraçosa da esquisita, da feia, da sonhadora que sempre estava animada.

Dessa maneira, todos se voltaram para ela quando o pai entrara na sala de estar e lera a carta da tia em voz alta. Passando por sérias dificuldades financeiras, ele escrevera para a irmã pedindo ajuda, mas a oferta dela exigia algo em troca. Todos sabiam o que isso significava: a escolhida se mudaria para Harewood. Judith se oferecera. A família protestara a princípio, e as irmãs também haviam se oferecido... mas Judith foi categórica.

Ela passara a última noite na casa paroquial pensando em requintadas torturas para castigar Branwell.

O céu, visto através das janelas da diligência, estava cinza, com nuvens baixas e pesadas. O cenário era sombrio. Uma hora antes, o dono da estalagem onde haviam parado por alguns minutos os avisara de que caía uma chuva torrencial mais para o norte e provavelmente teriam que atravessá-la, além de encarar as estradas lamacentas. O cocheiro da diligência rira diante da sugestão de que permanecessem na estalagem. Agora, como previra o estalajadeiro, o caminho ficava mais lamento a cada minuto, embora a chuva diminuísse.

Judith bloqueou tudo de ruim – o ressentimento opressivo que sentia, a terrível saudade de casa, o tempo lúgubre, as condições desconfortáveis da viagem, a desagradável perspectiva do que a aguardava – e deixou a mente devanear, inventando uma aventura extraordinária, com direito a um herói fantástico e ela mesma como a improvável mocinha. Isso lhe garantiu uma distração bem-vinda até momentos antes do acidente.

Sua história era sobre bandoleiros. Para ser mais precisa, um em especial. Ele não era, é claro, como os bandoleiros do mundo real – ladrões cruéis, sórdidos, amorais e rudes, assassinos degoladores de viajantes indefesos. Não. O bandoleiro dos devaneios de Judith era belo, espirituoso e risonho, tinha dentes brancos e perfeitos e olhos sagazes por trás da abertura na estreita máscara negra. Ele galopava por um campo muito verde, sob a luz do sol, até alcançar a estrada e controlava com apenas uma das mãos, sem esforço, seu corcel negro e magnífico, enquanto apontava o revólver – descarregado, é claro – para o peito do cocheiro.

O bandoleiro ria e brincava com os passageiros enquanto recolhia seus pertences. Não, melhor, ele devolvia os bens das pessoas que não poderiam arcar com a perda. Não... não, ele devolveria *todos* os pertences a *todos* os passageiros, já que não era um bandoleiro de verdade, mas um cavalheiro determinado a se vingar de um vilão em especial, que passaria a cavalo por aquela estrada.

Era um nobre herói mascarado, fingindo ser um bandoleiro, com nervos de aço, um espírito livre, o coração de ouro e uma aparência capaz de causar palpitações em todas as passageiras. Palpitações que não tinham nenhuma relação com medo.

Quando o bandoleiro voltou os olhos na direção de Judith, a sensação era de que todo o universo havia parado e as estrelas cantavam no céu. Rindo, ele declarava que ficaria com o colar que pendia sobre o peito *dela*, mesmo sabendo que a joia não tinha qualquer valor financeiro. Era algo que a *mãe* de Judith lhe dera em seu leito de morte e que a moça prometera levar para o túmulo sem nunca tirá-lo do pescoço. Sem piscar, ela joga a cabeça para trás e encara os olhos risonhos do falso bandoleiro. “Não darei nada, mesmo que isso me custe a vida”, brada em voz alta e clara, sem vacilar.

Ele ri de novo, enquanto o cavalo escoiceia e empina, sempre sob controle do dono. Então, como se reconhecesse que não poderia ter o colar *sem* Judith, o bandoleiro se aproxima dela. Grande, belo e ameaçador, ele se inclina na sela, agarra-a pela cintura com suas poderosas mãos e ergue-a para cima do cavalo sem esforço. Bem, Judith ignorou em seu devaneio o problema da pistola, que atrapalharia aquele ato impetuoso do falso vilão. Supostamente ele a estaria empunhando em uma das mãos, mas esse detalhe podia ser perdoado.

A jovem sentiu um frio na barriga ao perder contato com o chão e... foi trazida de maneira abrupta de volta à realidade. A diligência derrapara na estrada lamacenta, perdera o rumo e agora balançava e sacudia, fora de controle. Houve tempo o bastante – na verdade, tempo de mais – para que todos sentissem um terror cego, antes que o veículo derrapasse pela lateral da estrada, colidisse com a encosta gramada, virasse de volta na direção da estrada, balançasse de maneira ainda mais alarmante e, finalmente, tombasse dentro de um pequeno fosso, parando meio de lado, meio emborcada.

Quando Judith voltou a si, notou que todos gritavam ou choravam. Ela, porém, não fazia nem uma coisa nem outra. Em vez disso, mordida os lábios. Logo descobriu que os seis passageiros da

diligência estavam amontoados uns sobre os outros, contra uma das laterais do veículo. Os xingamentos, gritos e gemidos atestavam que a maioria, se não todos, estavam vivos. A jovem ouviu berros vindos do lado de fora, assim como o relinchar assustado dos cavalos. Duas vozes, mais claras do que quaisquer outras, se comunicavam na mais profana das linguagens.

Estou viva, pensou Judith, um pouco surpresa. Também estava ileso, concluiu depois de algumas averiguações, embora se sentisse bastante abalada. De algum modo, acabara no topo da pilha de pessoas amontoadas. Ela tentou se mover, mas no momento em que o fez, a porta se abriu e o cocheiro a encarou.

– Senhorita, me dê sua mão – instruiu ele. – Vamos tirar todos vocês daí em um instante. E pelo amor de Deus, mulher, pare com esses guinchos – disse o homem, sem o mínimo de compaixão, para uma senhora histérica.

Levou bem mais de um instante, mas finalmente todos estavam de pé na encosta gramada ou sentados sobre malas empilhadas, encarando, desalentados, a diligência, que não seria capaz de levá-los a seus respectivos destinos tão cedo. Até para os olhos pouco treinados de Judith era evidente que o veículo sofrera danos consideráveis. Não havia sinal de nenhuma habitação naquele local. As nuvens estavam baixas e a chuva ameaçava cair a qualquer momento. O ar estava úmido e frio. Era difícil acreditar que ainda era verão.

Por algum milagre, os passageiros que viajavam do lado de fora da diligência também tinham escapado sem maiores ferimentos, embora dois estivessem cobertos de lama e nenhum satisfeito com o que acontecera. Vozes se erguiam e punhos eram mostrados. Alguns exigiam saber por que um cocheiro experiente seguira viagem, expondo-os ao perigo, mesmo tendo sido aconselhado a esperar um pouco na última parada. Outros se manifestavam oferecendo sugestões do que deveria ser feito. Por último, havia os que reclamavam de cortes, contusões ou outro tipo de ferimento. A mulher histérica sangrava em um dos pulsos.

Judith não reclamou. Escolhera continuar a viagem, mesmo tendo escutado o aviso de que deveria esperar por outra diligência.

Também não tinha nenhuma sugestão a fazer. E não se ferira. Sentia-se apenas infeliz com a situação e procurava algo que ocupasse sua mente, para não pensar que estava parada no meio do nada, com a chuva prestes a cair. Começou a cuidar dos que estavam machucados, embora seus ferimentos fossem mais imaginários do que reais. Ela sabia desempenhar a tarefa com confiança e certo talento, pois costumava acompanhar a mãe em visitas aos pacientes. Judith envolveu cortes e contusões com ataduras, usando o material que tinha à mão. Ouviu a descrição do acidente por cada pessoa, vezes sem conta, murmurando palavras tranquilizadoras enquanto procurava assento para os mais instáveis e abanava os que pareciam prestes a desmaiar.

Em pouco tempo, retirou a touca que usava e que, naquele momento, só a atrapalhava, jogando-a dentro da diligência ainda tombada. Seus cabelos se soltaram e Judith não perdeu nem um segundo tentando arrumá-los. Descobriu que a maior parte das pessoas se comportava muito mal em uma crise, embora aquela situação não fosse tão desastrosa quanto poderia ter sido.

O humor dela, entretanto, não estava muito ruim. Afinal, pensou Judith, aquilo fora a última gota. A vida não poderia ficar mais terrível. Ela chegara ao fundo do poço. De certo modo, talvez fosse consolador. As coisas só podiam melhorar de agora em diante.

– Como consegue se manter tão animada, querida? – perguntou a mulher que ocupara um assento e meio.

Judith sorriu para ela.

– Estou viva – respondeu. – E a senhora também. Como *não* ficar animada?

– Posso pensar em um motivo ou dois... – retrucou a mulher.

Mas, antes que completasse seu pensamento, a atenção delas foi desviada por um grito de um dos passageiros, que apontava para a estrada. Alguém se aproximava, um homem a cavalo. Vários passageiros começaram a chamá-lo, ainda que ele estivesse longe demais para ouvir. Pela empolgação, era como se um grande herói estivesse vindo em seu auxílio. Judith não conseguia imaginar o que eles achavam que apenas um homem poderia fazer para melhorar

aquela situação. Certamente eles também não saberiam responder se alguém perguntasse.

Judith voltou a atenção para um dos desafortunados cavalheiros ensopados, que, encolhendo-se de dor, secava o sangue de um corte no queixo com um lenço enlameado. Talvez, pensou ela, e precisou se esforçar para não deixar escapar uma gargalhada, o estranho que se aproximava fosse o bandoleiro alto, moreno, nobre e risonho de seu devaneio. Ou pior: um bandoleiro de verdade prestes a roubá-los, ali parados como patinhos. Talvez houvesse, *sim*, como descer mais fundo no poço.



Embora estivesse fazendo uma longa viagem, lorde Rannulf Bedwyn estava a cavalo. Ele evitava ir de carruagem sempre que possível. Esta, que levava sua bagagem e seu valete, vinha em algum lugar atrás dele. O valete, uma alma tímida e cautelosa, decidira parar na estalagem, cerca de uma hora antes, quando ouvira o aviso de chuva que o estalajadeiro dera com a intenção de melhorar os negócios.

Provavelmente caíra um aguaceiro naquela parte da estrada havia pouco tempo. E, naquele momento, era como se as nuvens estivessem recuperando o fôlego antes de desabarem de novo. A estrada estava tão molhada que o caminho se tornara um atoleiro cintilante com alguns montes de lama espaçados. Rannulf sabia que poderia voltar, mas era contra sua natureza recuar com o rabo entre as pernas diante de algum desafio, humano ou de qualquer espécie. No entanto, pararia na primeira estalagem por que passasse. Podia ser descuidado consigo mesmo, mas precisava pensar no cavalo.

Não tinha a menor pressa de chegar a Grandmaison Park. A avó exigira sua presença e ele a estava atendendo, como normalmente acontecia. Tinha um grande carinho por aquela mulher, mesmo antes de ela torná-lo herdeiro de sua enorme

propriedade e fortuna, embora Rannulf tivesse dois irmãos mais velhos e um mais novo – além das duas irmãs, é claro. A razão para a falta de pressa era outra. Mais uma vez, a avó anunciara que havia encontrado uma noiva adequada para ele. Era sempre necessária uma combinação de tato, humor e firmeza para dissuadi-la da ideia de organizar a vida pessoal de Rannulf. Ele não tinha a menor intenção de se casar. Acabara de completar 28 anos. Quando estivesse pronto, *e/ele* escolheria a própria noiva.

No entanto, não seria o primeiro na família a se deixar prender. Aidan, seu irmão mais velho, sucumbira e se casara secretamente algumas semanas antes, para pagar uma dívida de honra com o irmão da dama, subordinado dele na Guerra Peninsular. Por algum estranho milagre, o casamento apressado, por conveniência, parecia ter se transformado em uma história de amor. Rannulf conhecera Eve, Lady Aidan, dois dias antes. Para ser mais exato, partira da casa deles naquela manhã. Aidan vendera sua patente e apreciava a vida do campo, com a mulher e os dois filhos adotivos. Um idiota apaixonado. Mas Rannulf aprovou a nova cunhada.

Na verdade, era um alívio saber que *era* um casamento com amor. Os Bedwyns tinham a reputação de serem indomáveis, arrogantes e até mesmo frios. Mas também havia a tradição de se manterem fiéis aos cônjuges depois que enfim se casavam.

Rannulf não conseguia imaginar como seria amar uma mulher por toda a vida. Permanecer fiel a alguém para sempre lhe parecia deprimente. Sua esperança era a de que a avó não tivesse mencionado a ideia de compromisso à mulher em questão. Ela fizera isso uma vez e Rannulf passara por momentos terríveis persuadindo sua “noiva” de que *e/ela* não queria se casar com ele.

De repente, sua atenção foi atraída para um ponto mais adiante, destacado em meio à lama. A princípio, pensou que era alguma construção, mas logo percebeu que era um grupo de pessoas e uma grande diligência tombada, com um eixo quebrado. A maioria dos passageiros se reuniu na encosta relvada, acima da diligência, mantendo os pés longe da lama. Muitos gritavam, acenavam e gesticulavam, como se esperassem que Rannulf erguesse o veículo arruinado nos ombros e o colocasse de volta à

estrada, consertando magicamente o eixo no processo, antes de seguir cavalgando em direção ao pôr do sol.

Mas é claro que Rannulf sabia que seria grosseiro de sua parte não parar, mesmo que não pudesse oferecer nenhuma ajuda prática. Ele puxou as rédeas e sorriu quando quase todos do grupo tentaram falar ao mesmo tempo. Rannulf ergueu uma das mãos para silenciá-los e perguntou se havia alguém gravemente ferido. Não era o caso.

– O melhor que posso fazer por vocês, então – disse ele, quando o burburinho voltou a se acalmar –, é galopar o mais rápido que puder e pedir ajuda na cidade mais próxima.

– Há uma cidade a mais ou menos 5 quilômetros à frente, senhor – informou o cocheiro.

Era um cocheiro bastante incompetente, julgou Rannulf. Perdeu o controle do veículo e não cogitou mandar um mensageiro em um dos cavalos em busca de ajuda. Além disso, o homem mostrava claros sinais de ter se mantido aquecido contra o frio e a umidade graças ao conteúdo da garrafa que levava em um dos bolsos de seu sobretudo.

Um dos passageiros, uma mulher, não se juntara aos outros para cumprimentá-lo. Ela estava curvada, pressionando uma atadura improvisada contra o queixo de um cavalheiro coberto de lama, sentado em um caixote de madeira. O homem pegou a atadura das mãos da mulher e ela endireitou o corpo e se virou para encarar Rannulf, que os observava.

Era jovem e alta. A capa verde que vestia estava um pouco úmida e enlameada na bainha. Aberta na frente, revelava um vestido leve de musselina e um colo que, no mesmo instante, aumentou em alguns graus a temperatura corporal de Rannulf. A moça não usava touca e seus cabelos estavam desalinhados, cascadeando pelos ombros. Eram de um impressionante louro-acobreado, tom que nunca vira antes. O rosto era oval e estava ligeiramente ruborizado. Seus olhos cintilavam, verdes, com uma expressão encantadora. A moça retribuiu o olhar de Rannulf com aparente desdém. O que ela esperava que ele fizesse? Que pulasse na lama e fizesse o papel do herói?

Um sorriso preguiçoso se abriu no rosto de Rannulf.

– Eu poderia levar uma pessoa comigo – disse ele, sem desviar os olhos da moça. – Uma dama, talvez? Madame, que tal a senhora?

As outras passageiras reclamaram de sua escolha, mas Rannulf as ignorou. A bela ruiva o encarava e, pela expressão reprovadora no rosto da moça, ele poderia apostar que ela recusaria a oferta. Rannulf estava certo disso quando um dos passageiros, um homem magro, de voz aguda e nariz adunco, que poderia ser um pároco, deu sua opinião sem que ninguém pedisse.

– Uma meretriz! – disse ele.

– Espere um minuto! – adiantou-se uma das mulheres, uma senhora grande, rechonchuda, com as maçãs do rosto muito vermelhas e o nariz ainda mais vermelho. – Preste atenção a quem sai chamando de meretriz, homem! Não pense que não percebi o modo como olhava para ela, seu velho pervertido... se remexendo todo no assento para poder encostar mais na moça. E com um livro de orações na mão! Deveria se envergonhar! Vá com ele, querida. Eu iria se ele me convidasse, o que o rapaz não faria pelo simples fato de que eu partiria o cavalo dele ao meio.

Finalmente a ruiva sorriu para Rannulf, enquanto a cor voltava a seu rosto.

– Será um prazer, senhor – disse ela em uma voz agradável e rouca, que pareceu subir pela espinha dele como uma mão calçada em luvas de veludo, lhe causando um arrepio.

Rannulf se adiantou com o cavalo até a lateral da estrada, na direção dela.



O homem não se parecia em nada com o bandoleiro do devaneio, pensou Judith. Não era ágil, moreno, belo nem estava mascarado.

E, embora sorrisse, havia um toque de zombaria em sua expressão, mais do que de liberdade.

Era um homem sólido. Não gordo, mas... sólido. Os cabelos sob o chapéu eram claros, ondulados, e mais longos do que a moda ditava. O rosto era moreno, as sobrancelhas escuras, o nariz grande. Os olhos eram azuis. Não era de forma alguma um homem bonito, mas havia alguma coisa nele... inegavelmente atraente... embora essa não parecesse uma palavra poderosa o bastante.

Ela estava em uma situação perigosa.

Aqueles primeiros pensamentos passaram como um raio pela cabeça de Judith no momento em que levantou os olhos para o homem. Ele não era bandoleiro, apenas mais um viajante, oferecendo-se para buscar ajuda e levar alguém junto.

Ela.

O segundo pensamento de Judith foi de choque, indignação, ultraje. Como ele ousava! Quem aquele homem achava que era para esperar que ela concordasse em montar um cavalo com um estranho e sair galopando sozinha com ele? Era filha do reverendo Jeremiah Law, cujas expectativas do mais estrito decoro e moral em relação a seu rebanho só eram excedidas por suas expectativas em relação às próprias filhas... principalmente ela.

O terceiro pensamento a cruzar a mente de Judith foi que a uma distância muito curta – o cocheiro informara cerca de 5 quilômetros – havia uma cidade e o conforto de uma estalagem. Talvez ambos pudessem ser alcançados antes de a chuva cair. Se ela aceitasse a oferta do estranho, é claro.

Então Judith se lembrou de seu devaneio, da fantasia tola e adorável de um bandoleiro espirituoso que a carregaria para uma maravilhosa e inesperada aventura, libertando-a de todas as obrigações em relação à família e ao passado, libertando-a de tia Effingham e da tediosa vida de labuta que a aguardavam em Harewood. Um sonho que se estilhara quando a diligência tombara. Judith tinha agora a chance de experimentar uma aventura de verdade, mesmo que bem rápida. Por 5 quilômetros, talvez o equivalente a uma hora, ela poderia cavalgar na mesma sela daquele estranho atraente. Poderia fazer algo impróprio, como

deixar a segurança e o decoro da presença de várias pessoas ao redor para seguir sozinha com um cavalheiro. Se soubesse de tal coisa, o pai dela a trancaria no quarto a pão e água e com a Bíblia nas mãos, por uma semana. E tia Effingham provavelmente decidiria que um mês no quarto nas mesmas condições ainda não seria o suficiente. Mas quem descobriria? Portanto, que mal poderia haver? Bem, o homem ossudo a chamou de meretriz. Curiosamente, Judith não se sentiu indignada. A acusação era tão absurda que ela quase riu. Mas foi como um desafio. E a mulher rechonchuda a encorajara. Ela, Judith, seria uma criatura tão patética a ponto de desperdiçar aquela pequena chance?

Judith sorriu.

– Será um prazer, senhor – disse, ouvindo com alguma surpresa que não falava com a própria voz, mas com a voz de uma mulher inventada, que ousaria fazer uma coisa daquelas.

O homem guiou o cavalo mais para perto, mantendo os olhos presos aos dela.

– Pegue minha mão e pouse o pé sobre minha bota – instruiu ele.

Judith fez o que lhe foi dito e, de repente, era tarde demais para mudar de ideia. Com uma força que aparentemente não exigiu nenhum esforço e a deixou mais ofegante do que alarmada, o homem a ergueu e virou o corpo dela, de modo que, antes que percebesse, fora erguida do chão e estava sentada de lado, na frente do homem, os braços dele envolvendo-a, garantindo uma ilusão de segurança. Havia muito barulho ao redor deles. Algumas pessoas riam e a encorajavam, enquanto outras reclamavam de serem deixadas para trás e imploravam ao estranho que se apressasse e mandasse ajuda antes que a chuva caísse.

– Alguma dessas malas é sua, madame? – perguntou o estranho.

– Aquela. – Judith apontou. – Ah, e a bolsinha ao lado dela.

Embora guardasse apenas uma pequena quantia em dinheiro, que o pai conseguira juntar para que tomasse o chá e talvez comprasse pão e manteiga durante a viagem de um dia, Judith ficou horrorizada com seu descuido de quase deixar a bolsa para trás.

– Jogue a bolsa para mim, homem – pediu o cavaleiro ao cocheiro. – A mala da dama pode ser levada junto com as outras, mais tarde.

Despediu-se tocando a aba do chapéu, pegou a bolsa e colocou o cavalo para trotar. Judith riu. Sua grande e, ao mesmo tempo, pateticamente pequena aventura começara. Ela desejou que os 5 quilômetros se estendessem até o infinito.

Por algum tempo, Judith se preocupou com o fato de estar tão longe do chão, sobre o cavalo – nunca fora uma grande amazona. Esse pensamento logo ficou em segundo plano quando tomou consciência da intimidade da posição em que estavam. Ela podia sentir o calor do corpo do estranho se espalhando pelo lado esquerdo do dela. As pernas dele, que pareciam muito fortes protegidas por calções justos e botas altas, estavam próximas demais de seu corpo. Os joelhos de Judith tocavam uma das pernas do estranho e ela podia sentir a outra roçando em seu traseiro. Judith sentia o cheiro de cavalo, couro e colônia masculina. Os perigos da viagem perderam importância diante de outras sensações, desconhecidas.

Judith estremeceu.

– Está frio para um dia de verão – comentou o cavaleiro.

Ele passou um dos braços ao redor dela e puxou-a até que o ombro e o braço de Judith estivessem firmemente apoiados contra o peito dele e ela não tivesse escolha a não ser apoiar a cabeça no ombro do homem, o que lhe era chocante... e um pouco excitante. Percebeu, de repente, que não usava a touca. Não apenas isso, parte do cabelo havia se soltado e caía sobre seus ombros.

Como estaria a sua aparência? O que aquele homem estaria pensando dela?

– Ralf Bedard, a seu dispor, madame – apresentou-se o homem.

De que modo poderia se apresentar como Judith Law? Não estava se comportando de forma alguma de acordo com a criação que tivera. Talvez devesse fingir ser outra pessoa...

– Claire Campbell – disse, unindo os dois primeiros nomes que lhe passaram pela cabeça. – Como vai, Sr. Bedard?

– No momento, muito bem – retrucou ele com a voz rouca, e os dois riram.

Ele estava flertando com ela, pensou Judith. Que escandaloso! Seu pai colocaria o cavalheiro em seu devido lugar com palavras contundentes... e sem dúvida a castigaria por ficar se expondo daquela maneira. Ao menos daquela vez, ele teria razão. Mas Judith não estava disposta a estragar sua preciosa aventura pensando no pai.

– Para onde estava indo? – perguntou o Sr. Bedard. – Por favor, não me diga que há um marido esperando para ajudá-la a desembarcar da diligência. Ou um namorado.

– Nenhum dos dois – retrucou Judith, rindo de novo por nenhum motivo em particular. Iria aproveitar aquela breve aventura até o último instante. Não desperdiçaria tempo, energia ou oportunidades. – Sou solteira... e é assim que prefiro ficar.

Mentirosa. Ah, mentirosa.

– Minha alma agora está tranquila – assegurou ele. – Quem a está esperando no fim da viagem então? Sua família?

Judith se encolheu por dentro. Não queria pensar no fim da viagem. O bom das aventuras é que não são reais nem eternas. Para aquele estranho, ela poderia dizer, fazer e ser o que bem entendesse. Era como ter um sonho e um pouco de realidade ao mesmo tempo.

– Não tenho família – respondeu Judith. – Ninguém responsável por mim, de qualquer modo. Sou atriz. Estou a caminho de York, para interpretar um novo papel. O papel principal.

Pobre papai. Ele teria um ataque do coração. Mas a verdade era que aquele sempre fora o sonho mais louco e mais antigo dela.

– Uma atriz? – repetiu o Sr. Bedard, a voz baixa e rouca contra o ouvido dela. – Eu deveria ter percebido assim que coloquei os olhos na senhorita. Uma beleza tão vívida quanto a sua brilharia em qualquer palco. Por que nunca a vi em Londres? Deve ser porque raramente vou ao teatro. Sem dúvida preciso corrigir esse mau hábito.

– Ah, Londres – disse Judith em um tom zombeteiro e despreocupado. – Gosto de *atuar*, Sr. Bedard, não de ser admirada.

Gosto de escolher os papéis que desejo representar. Prefiro teatros do interior. Sou bem conhecida neles, acredito.

Judith percebeu que ainda falava com a voz que usara na beira da estrada. E, por incrível que pudesse parecer, o homem acreditara na história dela. Isso ficava evidente em suas expressões – divertida, apreciativa, maliciosa. Branwell, depois de ter ido para a universidade e conhecido mais do mundo, contara às irmãs que as atrizes de Londres quase sempre completavam sua renda sendo amantes de ricos e nobres. Estava navegando por águas perigosas, pensou Judith. Mas era apenas por 5 quilômetros, apenas uma hora.

– Gostaria de poder vê-la atuando – comentou o Sr. Bedard, e o braço dele estreitou-se mais ao redor dela, enquanto erguia o queixo de Judith com as costas das mãos enluvadas.

Então ele a beijou. Na boca.

Não foi um beijo longo. Afinal, ele estava conduzindo um cavalo por estradas traiçoeiras, com uma passageira atrapalhando tanto seus movimentos quanto os do cavalo. Sr. Bedard não podia se dar ao luxo de se deixar distrair por um abraço mais longo.

Mas durou tempo o bastante. Ainda mais para uma mulher que nunca fora beijada antes. Os lábios dele estavam abertos e Judith sentiu o calor úmido de sua língua contra a dela. Segundos, ou talvez apenas uma fração de segundo, antes de seu cérebro conseguir registrar choque ou ultraje, cada parte do corpo de Judith reagiu. Seus lábios pareciam queimar com a sensação que se espalhou por sua boca. Seus seios pareceram inchar e uma espécie de dor aguda e poderosa desceu pelo interior de suas coxas.

– Oh – disse Judith, quando o beijo terminou.

Mas antes que pudesse expressar sua indignação diante de tamanha liberdade e insolência, ela se lembrou de que era Claire Campbell, famosa atriz provinciana. E das atrizes, mesmo as que não eram amantes dos ricos e nobres, esperava-se que soubessem uma ou duas coisas sobre a vida. Judith olhou dentro dos olhos do Sr. Bedard e deu um sorriso sonhador.

Por que não?, pensou, impulsiva. Por que não viver aquela fantasia mais um pouquinho, para ver aonde poderia levar? Aquele

primeiro beijo, afinal, provavelmente também seria o último. Sr. Bedard sorriu de volta, uma expressão preguiçosa e zombeteira nos olhos.

– Oh... – repetiu.

CAPÍTULO II



Que diabo ele estava fazendo? Deixando-se envolver por um beijo, enquanto a cada passo Bucephalus corria o sério risco de escorregar e jogar os dois no chão irregular e lamacento? Rannulf balançou a cabeça.

Ela alegava preferir atuar em papéis importantes a ser apreciada por olhos cobiçosos em um teatro da moda. Ao mesmo tempo, exibia aqueles cabelos engenhosamente desarrumados que, se seus olhos não o enganavam, eram naturais, e não demonstrava nenhuma relutância em pressionar todas aquelas curvas quentes e voluptuosas contra a parte da frente do corpo dele. O rubor nas maçãs do rosto também era natural. Tinha um modo particular de abaixar os cílios escuros sobre os impressionantes olhos verdes, em uma expressão sem dúvida convidativa. E a voz dela ainda o acariciava como uma mão calçada em luvas de veludo.

Ele estava jogando, não? Ora, é claro que estava. Por que mais teria dado um nome falso? E por que não faria isso, ainda mais quando o futuro lhe prometia semanas de castidade na casa da avó? Rannulf tinha um apetite sexual vigoroso e não declinaria do convite dela. Mesmo assim... beijar montado a cavalo? Em uma estrada enlameada?

Rannulf riu por dentro. Parecia estar vivendo uma fantasia. Uma *deliciosa* fantasia.

– E qual é *seu* destino? – perguntou ela. – Está indo para casa encontrar uma esposa? Ou uma namorada?

– Nenhuma dessas opções – respondeu ele. – Sou solteiro e sem compromissos.

– Fico feliz em ouvir isso – comentou a dama. – Detestaria imaginar o senhor tendo que confessar um beijo para alguém.

Ele riu.

– Estou indo passar algumas semanas com amigos – disse Rannulf. – São casas o que estou vendo mais à frente?

Ela virou a cabeça para checar.

– Sim – disse. – Acho que está certo.

A chuva recomeçaria a qualquer instante. Sem dúvida, seria bom sair da estrada lamacenta e entrar em um abrigo, mas avisar sobre a carruagem acidentada era mais urgente. Rannulf lamentava um pouco que estivesse se aproximando da cidade. Mas nem tudo estava perdido. Seria impossível para qualquer um dos dois seguir viagem naquele dia, por mais próximos que estivessem de seu próprio destino.

– Em alguns minutos – disse Rannulf, abaixando a cabeça de modo que sua boca estivesse bem próxima ao ouvido dela –, estaremos a salvo em uma estalagem e logo mandarão ajuda para aqueles pobres passageiros desamparados. A senhorita poderá descansar em um quarto quente e seco, e eu, em outro. Ficará feliz?

– Sim, é claro – respondeu ela em uma voz brusca, diferente da que vinha usando até então nas conversas entre eles.

Ah. Ele entendera mal os sinais, então? Um leve flerte sobre um cavalo era uma coisa, mas algo além não estava nos planos dela? Rannulf se concentrou em guiar o cavalo pelos poucos metros que levavam ao que parecia uma estalagem de bom tamanho, no extremo de uma pequena cidade.

– Não – corrigiu ela, alguns instantes depois, a voz baixa e rouca novamente. – Não, eu não ficarei feliz.

Ah.



Estava quente, cheio e seco dentro da estalagem, mas, pela primeira vez em várias horas, Judith se sentia fisicamente segura. O pátio do lado de fora estava em alvoroço e as pessoas se aglomeravam dentro da estalagem – algumas observavam o céu pela janela, outras decidiam se valeria a pena passar a noite ali.

Judith tinha um problema. Não possuía dinheiro suficiente para pagar por um quarto. Quando mencionou o fato ao Sr. Bedard, ele sorriu, zombeteiro, e não disse nada. Agora ele estava parado no balcão da recepção falando com o estalajadeiro. Ele teria a intenção de lhe pagar um quarto? E ela permitiria? Como devolveria o dinheiro a ele?

Judith desejava que aquela breve e gloriosa aventura não terminasse. Sabia que reviveria as últimas horas várias vezes durante os dias e as semanas que se seguiriam. Relembraria aquele beijo para sempre. Pobre solteirona desesperada, pensou, repreendendo-se mentalmente. Mas sua energia parecia esmagada sob as solas lamacentas de suas botinas. Judith se sentia mais deprimida naquele momento do que uma hora atrás, antes de o Sr. Bedard entrar em sua vida.

Ele era um homem alto, de constituição sólida. Os cabelos, como Judith podia ver agora que ele tirara o chapéu, eram realmente ondulados, além de grossos e claros, e quase tocavam os ombros dele. Se alguém acrescentasse uma barba e um elmo com chifres àquele rosto, seria possível imaginá-lo parado na proa de um navio viking à frente de um ataque a algum vilarejo saxão sem sorte. A própria Judith seria uma habitante desse vilarejo, corajosa e desafiadora...

Sr. Bedard se afastou do balcão e cruzou a distância que o separava de Judith.

– Muitos viajantes buscaram refúgio aqui – explicou ele, em voz baixa. – E os passageiros da diligência também vão precisar de quartos. A estalagem estará lotada esta noite. No entanto, há outro

lugar, menor e mais tranquilo, perto do centro da cidade, perto da feira livre. É mais usado em dias de feira, mas me asseguraram que é muito limpo e confortável.

A expressão nos olhos dele não era divertida ou zombeteira... Judith não conseguiu interpretar bem o que queria dizer, mas sentiu um arrepio percorrê-la da cabeça aos pés. Ela umedeceu os lábios.

– Como eu lhe disse, Sr. Bedard – lembrou Judith –, não tenho mais do que algumas poucas moedas comigo, já que esperava viajar direto para York, sem pausas. Permanecerei aqui. Sentarei no refeitório, ou perto da janela, até que outra diligência passe e eu possa seguir meu caminho.

Na verdade, pensou, não estava muito longe de Harewood Grange. Afinal, já estavam em Leicestershire, não estavam? Sr. Bedard sorriu e, mais uma vez, seu rosto assumiu uma expressão zombeteira.

– O estalajadeiro daqui enviará sua mala para a outra estalagem assim que chegar – disse ele. – A diligência teve um eixo quebrado. A espera por outra será longa, provavelmente até amanhã. A senhorita poderá esperar com conforto.

– Mas não posso pagar... – começou a dizer Judith, mais uma vez. Sr. Bedard pousou um dos dedos sobre os lábios dela, surpreendendo-a.

– Ah, mas *eu* posso – comentou. – Posso arcar com os custos de *um* quarto.

Por um instante de profunda estupidez, Judith não entendeu o que ele queria dizer. Então compreendeu. Surpreendeu-se por não estar em chamas, tamanho o rubor que a dominou. Também se espantou por seus joelhos não cederem e ela desabar no chão. E ainda se perguntou por que não dava uma bofetada naquele homem com toda a força de seu ultraje.

Mas Judith não fez nenhuma dessas coisas. Em vez disso, escondeu-se atrás da máscara de Claire Campbell, enquanto sentia a tentação dominar seu corpo. A vontade de continuar aquela aventura, aquele sonho roubado, era quase incontrolável. Sr. Bedard estava sugerindo que compartilhassem um quarto na outra estalagem. Com certeza pretendia muito mais do que dividir uma

cama. Tinha a intenção de que os dois tivessem relações conjugais... embora *conjugais* fosse uma palavra equivocada naquele caso.

Naquele dia. Naquela noite. Em poucas horas.

Judith apresentou seu sorriso de Claire Campbell e sabia muito bem que não era necessária outra resposta. Podia se abster de tomar qualquer decisão real. Mesmo assim, estava consciente de que *tomara* uma decisão. Caso contrário, Claire Campbell não teria sorrido. Apenas uma vez na vida, *precisava* fazer algo ousado, chocante, ultrajante e... atípico.

Talvez nunca mais tivesse outra chance.

– Vou resgatar meu cavalo, antes que ele se acomode no estábulo – disse ele, afastando-se. Ele contemplou Judith dos pés à cabeça e se virou na direção da porta.

– Sim – concordou Judith.

Além do mais, nada era definitivo. Ela não iria até o fim. Quando chegasse a hora, se desculparia e explicaria que ele a compreendera mal, que não era aquele tipo de mulher. Então dormiria no chão, em uma cadeira ou em *qualquer lugar* onde ele não estivesse. Sr. Bedard era um cavalheiro, não a forçaria a nada. Ela apenas estenderia um pouco mais a aventura que estava vivendo. Não cometeria nenhum ato depravado irreversível.

Ah, sim, você cometerá, disse uma vozinha intrometida dentro de si. A voz tinha o tom brusco de Judith Law em sua versão mais sensata.



Rum & Puncheon era uma estalagem pequena e sem hóspedes, embora a taverna estivesse bem cheia. “Sr. e a Sra. Bedard” foram recebidos com uma hospitalidade jovial e ficaram com a melhor acomodação da estalagem: um quarto limpo e amplo, um fogo ardendo na lareira, uma proteção contra a chuva que batia nas

janelas e uma bacia de água bem quente no lavatório atrás de um biombo. O jantar do casal seria servido na pequena sala de jantar anexa ao quarto de dormir. Ficariam aconchegados e a sós ali, informou a esposa do estalajadeiro, sorrindo para os dois como se acreditasse que eram mesmo casados.

Claire Campbell jogou para trás o capuz da capa assim que ficaram sozinhos no quarto e foi olhar pela janela. Rannulf despiu a própria capa, jogou-a sobre uma cadeira e olhou para a mulher à sua frente. Os cabelos dela haviam perdido a maior parte dos grampos e pareciam bastante desalinhados. A capa verde, escura nos ombros por causa da umidade, estava levemente enlameada na bainha. A intenção dele fora jogar Claire Campbell na cama assim que chegassem ao quarto, para que pudessem aplacar parte do desejo que os consumia. Mas o momento não parecia certo. Ele podia ser um homem com um apetite sexual saudável, mas não era dominado por suas paixões. Afinal, sexo era, além de uma função fisiológica, uma arte. E a arte do sexo exigia a atmosfera certa.

Toda uma noite se estendia diante deles. Não havia pressa.

– Gostaria de se refrescar? – perguntou Rannulf. – Vou tomar um caneco de cerveja na taverna e voltarei quando o jantar estiver pronto. Pedirei que lhe mandem um bule de chá.

Claire Campbell se virou para ele.

– Seria uma grande gentileza da sua parte – falou.

Ele quase mudou de ideia. O rosto dela estava corado, e as pálpebras, levemente abaixadas em um convite. Os cabelos revoltos davam a impressão de que acabara de acordar. Rannulf teve vontade de levá-la para a cama naquele momento, se enfiar entre suas coxas e mergulhar fundo em seu convidativo corpo.

Em vez disso, fez uma mesura zombeteira e ergueu uma das sobancelhas.

– Gentileza? Está aí uma coisa da qual não sou acusado com frequência, madame.

Rannulf passou uma hora na taverna, bebendo e aproveitando a hospitalidade de alguns homens da cidade que o incluíram na conversa, pedindo a opinião dele sobre o tempo e a condição das estradas, enquanto fumavam seus cachimbos, bebiam seus

canecos de cerveja e concordavam uns com os outros que, agora, iriam pagar por todo o tempo quente de verão que aproveitaram nas últimas semanas.

Rannulf subiu para a sala de jantar particular quando o estalajadeiro avisou que a comida estava prestes a ser servida. Claire já encontrava-se lá, parada na porta entre os dois cômodos, observando a criada arrumar a mesa.

– É torta de carne e rim – anunciou a moça com um sorriso, fazendo uma cortesia antes de sair da sala e fechar a porta. – A melhor em 15 quilômetros, devo declarar. Aproveitem. Toquem a campainha quando quiserem que eu venha retirar os pratos.

– Faremos isso. Obrigada – agradeceu Claire.

Rannulf quase sentiu medo de olhar para ela até estarem sozinhos. Havia visto apenas relances do vestido de musselina sob a capa. Agora via que era uma roupa de estilo simples, surpreendentemente discreta para uma mulher da profissão dela. Bem, Claire estava viajando de diligência. Provavelmente precisava usar uma roupa que não atraísse muita atenção. O vestido, entretanto, não conseguia esconder as maravilhas de seu corpo. Claire não era magra, embora suas longas pernas pudessem dar essa impressão. Na verdade, tinha um corpo curvilíneo e tentador: cintura fina e quadris mais amplos, convidativos. Os seios eram cheios e firmes, o sonho de todo homem tornado realidade.

Ela não prendera os cabelos para cima, como ele esperara que fizesse. Estavam escovados, para trás, e caíam em ondas brilhantes sobre seus ombros, até o meio de suas costas. Tinham um tom maravilhoso de vermelho, quase chocante, com mechas douradas que cintilavam sob a luz do fim da tarde. O rosto longo e oval era pálido e delicado como porcelana. Os olhos de um verde espantoso. E, por Deus, havia algo inesperado no rosto dela, algo que a tornava mais próxima dos reles mortais. Rannulf cobriu a distância que os separava e correu um dedo de leve sobre o nariz de Claire, indo de uma maçã do rosto à outra.

– Você tem sardas... – comentou. – Bem de leve.

Claire voltou a ruborizar.

– Foram o tormento de minha infância – contou. – E infelizmente nunca desapareceram por completo.

– São encantadoras – comentou Rannulf.

Quando entrou no quarto, quase sentiu medo de que Claire fosse uma deusa. Ele sempre admirara deusas, mas nunca fora para a cama com uma. Gostava de mulheres de carne e osso.

– Tenho que cobri-las com bastante maquiagem quando estou no palco.

– A senhorita *quase* roubou meu apetite para a comida – provocou Rannulf, o olhar descendo até a boca de Claire.

– *Quase* – retrucou ela na mesma voz brusca que ele ouvira apenas uma vez até ali. – Mas isso não aconteceu. Seria uma tolice, Sr. Bedard, quando seu jantar o aguarda na mesa e o senhor está tão faminto.

– Ralf – disse ele – É melhor me chamar de Ralf.

– *Ralf* – repetiu ela. – É hora de jantar.

Mais tarde, eles se permitiriam uma sobremesa, pensou ele, enquanto se sentava à mesa, de frente para Claire. Uma doce iguaria que saboreariam durante toda a noite. O sangue correu mais rápido nas veias dele, em antecipação a uma boa noite de sexo. Rannulf não tinha dúvida de que seria muito bom. Nesse meio-tempo, o corpo dele precisava ser abastecido.

Rannulf falou sobre Londres, a pedido de Claire, já que ela nunca estivera lá. Falou sobre os acontecimentos durante a temporada social: os bailes, a multidão, os concertos, o Hyde Park, a Carlton House e os Jardins de Vauxhall. Ela, por sua vez, falou sobre o teatro, os atores e os diretores com quem trabalhava. Descreveu tudo devagar, com olhos sonhadores e um sorriso nos lábios. Parecia apreciar bastante sua profissão.



Rannulf ficou surpreso quando, cerca de uma hora depois, olhou para a mesa e viu que a maior parte da comida servida já fora consumida e que a garrafa de vinho estava vazia. Eles comeram bem, mas ele mal conseguia se lembrar do gosto de nada, embora sentisse uma sensação de bem-estar... e uma permanente fagulha de expectativa.

Rannulf se levantou, foi até a lareira e puxou a corda da campainha. Pediu que os pratos fossem retirados e pegou outra garrafa de vinho.

– Mais? – perguntou Rannulf, enquanto ele inclinava a garrafa sobre o copo dela.

– Ah, eu não deveria aceitar.

– Mas aceitará. – Ele olhou bem fundo em seus olhos.

Claire sorriu.

– Aceitarei.

Rannulf se recostou na cadeira depois de encher os copos e dar um gole no próprio vinho. Aquele talvez fosse o momento. A luz suave do dia finalmente se apagava atrás das cortinas. A chuva que continuava a cair e o fogo crepitando na lareira acrescentavam ao ambiente uma sensação de aconchego e intimidade que não era comum no verão. Mas havia alguma coisa a mais.

– Quero vê-la atuar – pediu ele.

– *O quê?* – As sobrancelhas dela se ergueram e a mão que segurava o vinho parou a meio caminho dos lábios.

– Quero vê-la atuar – repetiu Rannulf.

– Aqui? Agora? – Claire pousou o copo na mesa. – Que absurdo. Não há palco, cenário, roteiro nem outros atores.

– Uma atriz talentosa e experiente com certeza não precisa de um roteiro para algumas cenas – contestou ele. – Nem palco ou cenário. Há vários monólogos que não requerem a presença de outros atores. Represente um deles para mim, Claire. Por favor?

Ele ergueu o copo na direção dela em um brinde silencioso.

Claire o encarou, o rubor tomando conta de seu rosto mais uma vez. Com certa surpresa, Ralf percebeu que ela estava constrangida perante a possibilidade de fazer uma apresentação particular para

um homem que estava prestes a se tornar seu amante. Talvez fosse difícil pensar em um papel dramático naquelas circunstâncias.

– Bem, suponho que eu poderia apresentar o famoso discurso de Pórcia...

– Pórcia?

– De *O mercador de Veneza* – explicou Claire. – Com certeza conhece o discurso da “Natureza da Graça”?

– Recorde-me.

– Shylock e Antônio estão no tribunal – disse ela, inclinando-se levemente sobre a mesa, na direção dele –, para que seja decidido se Shylock tem o direito de levar uma libra da carne do corpo de Antônio. Não há dúvida de que ele tem esse direito, já que isso foi estabelecido anteriormente no acordo entre ambos. Mas então chega Pórcia, com a intenção de salvar seu amigo querido e defensor de Bassânio, amor da vida dela. Pórcia se disfarça com a toga de um magistrado e fala em defesa de Antônio. A princípio, ela apela para os bons sentimentos de Shylock, em seu famoso discurso sobre a graça.

– Estou lembrando agora – comentou Rannulf. – Represente Pórcia para mim, então.

Claire ficou de pé e olhou ao redor.

– Este é o tribunal – avisou. – Não é mais a sala de jantar de uma estalagem, e sim um tribunal, no qual está em jogo a vida de um homem nobre. É uma situação desesperadora. Parece não haver esperança. Estão todos aqui, todos os principais personagens do drama. Shylock está sentado nessa cadeira. – Ela apontou para a cadeira que Rannulf ocupava. – Sou Pórcia, mas estou disfarçada como um rapaz.

Rannulf deu um meio sorriso divertido enquanto Claire afastava os cabelos para trás, prendendo-os na nuca enquanto desaparecia por um instante no quarto de dormir. Quando voltou, abotoava a capa com capuz ao redor do corpo. Estava longe de parecer um homem, mas Rannulf quase se encolheu diante da expressão dura e controlada no rosto de Claire quando ela o encarou.

– “A natureza da graça não comporta compulsão” – falou Claire, em uma voz que combinava com a expressão de seus olhos.

Por um breve e tolo instante, ele pensou que era ela, Claire Campbell, que endereçava aquela frase a ele, Rannulf Bedwyn.

– “Gota a gota ela cai, tal como a chuva benéfica do céu” – continuou ela, aproximando-se mais dele, a expressão um pouco mais suave, como que implorando.

Maldição, pensou Rannulf. Ela era Pórcia e ele era o vilão desgraçado, Shylock.

– “É duas vezes abençoada.”

Não era um discurso muito longo, mas, quando Claire terminou, Rannulf sentia-se envergonhado e pronto para perdoar Antônio, até mesmo se ajoelhar e implorar perdão por sequer ter considerado a possibilidade de cortar uma libra da carne do corpo dele. Claire inclinou-se sobre ele, os lábios cerrados e os olhos ávidos, esperando a resposta.

– Por Deus – disse Rannulf –, Shylock devia ser feito de aço...

Ele sentiu o início de uma ereção dentro das calças. Ela era muito boa. Conseguia dar vida a um papel sem qualquer dos recursos teatrais exagerados que associava a todos os mais famosos atores e atrizes que já vira no palco.

Claire endireitou o corpo e sorriu para ele, enquanto desabotoava a capa.

– O que mais pode apresentar? – perguntou Rannulf. – Julieta?

Ela fez um gesto com a mão afastando a possibilidade.

– Tenho 22 anos – disse. – Julieta era nove anos mais nova e uma simplória. Nunca compreendi o apelo dessa peça.

Ele riu. Ela não era uma romântica, então.

– Ofélia? – sugeriu Rannulf.

Claire pareceu aborrecida.

– Acho que os homens gostam de assistir a mulheres fracas – falou ela, com o que pareceu ser desprezo na voz. – E não poderia haver nenhuma mais fraca do que a tola Ofélia. Ela só precisaria estalar os dedos diante do rosto de Hamlet e mandá-lo enfiar a cabeça em uma tina de óleo quente.

Rannulf jogou a cabeça para trás em uma gargalhada. Claire estava enrubescida e parecia arrependida quando ele voltou a encará-la.

– Farei Lady Macbeth – disse ela. – Era tola e não conseguia sustentar a própria maldade, mas com certeza não era fraca.

– A cena em que ela está sonâmbula? – perguntou ele. – Quando lava as mãos no sangue?

– Essa mesma. Está vendo? – Claire pareceu aborrecida mais uma vez, enquanto gesticulava na direção dele. – Acho que essa é a cena preferida dos homens. A mulher má finalmente se entrega à loucura. Afinal, uma mulher típica não consegue ser eternamente forte, não é mesmo?

– No final, Macbeth também não poderia ser descrito como são – recordou ele. – Eu diria que Shakespeare era imparcial em seu julgamento da relativa força de espírito do homem e da mulher.

– Farei Lady Macbeth persuadindo Macbeth a assassinar Duncan – escolheu Claire.

E ele, supôs Rannulf, seria um silencioso Macbeth.

– Mas primeiro – disse ela – vou terminar meu vinho.

O copo de Claire estava dois terços cheio. Ela virou todo o vinho em um gole só e pousou o copo vazio na mesa. Então, soltou o nó que prendia os cabelos na nuca e sacudiu-os.

– Macbeth acabou de dizer à esposa: “Não iremos mais longe nesse assunto” – explicou Claire. – Ele está desistindo da ideia do assassinato, mas ela o incita a seguir em frente.

Rannulf assentiu. Claire se virou de costas por um instante e ficou completamente imóvel. Então ele a viu cerrar os punhos e se virar para ele. Rannulf quase se levantou para se proteger atrás da cadeira. Os olhos verdes o perfuravam com um brilho frio e reprovador.

– “Encontra-se embriagada a esperança que até há pouco vos revestia?” – perguntou ela em voz baixa. – “Adormeceu, decerto, desde então, e acordou agora, pálida e verde, a contemplar o que ela própria começara tão bem?”

Rannulf resistiu à vontade de se defender.

– “Desde este instante para mim teu amor vale isso mesmo.”

Ela também recitou as falas dele, inclinando-se sobre Rannulf e falando em voz baixa, dando a impressão de que era ele quem as dizia, sem mover os lábios. Quando voltou a assumir o papel de

Lady Macbeth, Claire o açoitava com sua energia, seu descontentamento e seus argumentos ardilosos. Quando ela terminou, Rannulf conseguiu finalmente compreender por que Macbeth cometera a imbecilidade tamanha de matar seu rei.

Claire ofegava ao fim de sua argumentação. Parecia fria, triunfante... e um tanto louca.

Rannulf se viu muito próximo de arquejar de desejo. Conforme a identificação dela com o papel que desempenhara começava a se apagar de seus olhos e de seu corpo, os dois ficaram se encarando, o ar entre eles soltando faíscas.

– Nossa... – comentou ele em voz baixa.

Ela deu um meio sorriso.

– Você precisa levar em consideração que estou um pouco enferrujada. Não atuo há três meses e estou sem prática. – esclareceu Claire

– Que Deus nos ajude – comentou Rannulf, ficando de pé – se você estivesse *com* prática. Era possível que eu saísse em disparada, na chuva, para tentar encontrar o assassino disponível mais próximo para matar o rei.

– Então, o que achou? – perguntou ela.

– Acho – disse ele – que está na hora de ir para a cama.

Por um instante, Rannulf achou que ela recusaria. Claire o encarou, umedeceu os lábios, respirou fundo, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, então assentiu.

– Sim – disse ela, por fim.

Ele inclinou a cabeça e a beijou. Estava pronto para jogá-la no chão e possuí-la ali mesmo, mas por que submetê-los ao desconforto se havia uma cama que parecia tão confortável no quarto ao lado?

– Apronte-se – falou Rannulf. – Vou descer por uns dez minutos.

– Sim – concordou Claire.

Um instante depois, a porta do quarto se fechava atrás dela. Aqueles dez minutos, pensou Rannulf, seriam uma desconfortável eternidade.

Ela sabia atuar.

CAPÍTULO III



Judith ficou parada, com as costas apoiadas na porta do quarto, e fechou os olhos. Sua cabeça girava, seu coração palpitava e ela estava sem ar. Havia tantas razões para aqueles três sintomas que ela não conseguia controlá-los.

Em primeiro lugar, bebera vinho demais. Foram quatro copos ao todo. Nunca tomara mais do que meio copo de vinho em um dia e, ainda assim, isso acontecera apenas três ou quatro vezes em sua vida. Não estava bêbada – conseguia pensar com clareza e caminhar em linha reta –, mas havia, *sim*, consumido todo aquele vinho.

Além disso, teve a intoxicante experiência de atuar diante de uma plateia – mesmo que essa plateia fosse de apenas uma pessoa. Atuar sempre fora uma parte muito secreta da vida de Judith, algo que fazia apenas quando tinha certeza de que estava sozinha. Nunca pensara no que fazia como *atuar*, mas como trazer à vida outro ser humano através das palavras que o dramaturgo criava. Sempre tivera a habilidade de entrar no corpo e na mente de um personagem e sabia exatamente qual era a sensação de ser aquela pessoa sob determinadas circunstâncias.

Às vezes, Judith usava essa habilidade para escrever histórias, mas não era na escrita que repousava seu talento. Ela precisava criar e recriar personagens com o próprio corpo, com a própria voz.

Quando atuou como Pórcia, ou como Lady Macbeth, Judith se *tornou* as personagens. Naquela noite, atuar fora mais inebriante do que o vinho. Atuara melhor do que jamais fizera antes. Ela fora Shylock e Macbeth, mas, ao mesmo tempo, também era Ralf Bedard. E se sentira estranhamente empolgada, agitada, por causa dele. Era como se o ar estivesse agitado por uma energia invisível.

Judith se apressou na direção do biombo, no outro extremo do quarto. Tinha apenas dez minutos para se preparar... menos de dez, na verdade. Ela viu com alívio que sua mala havia chegado e fora levada para o quarto. Teria uma camisola para usar.

Quando já se abaixava para abrir a mala, parou abruptamente. *Apronte-se?* Para o quê? Ele acabara de beijá-la de novo e voltaria em menos de dez minutos para levá-la para a cama. Para fazer *aquilo* com ela. Judith não sabia muito bem o que era *aquilo*, tinha apenas uma ideia vaga e superficial. Sentiu as pernas bambas e o ar lhe faltou de novo. Não iria deixar aquilo acontecer... iria?

Estava na hora de terminar a aventura, embora tenha sido esplêndida. E não haveria outras. Judith sabia que as mulheres que empobreciam e viviam na casa de membros mais ricos da família tinham pouca ou nenhuma chance de mudar suas condições de vida. Para ela, só haveria aquele momento, aquele dia.

Aquela noite.

Com certo nervosismo, Judith abriu a mala. Estava perdendo um tempo precioso. Como seria constrangedor se ele voltasse e a encontrasse mudando de roupa, ou antes que ela tivesse se aliviado, lavado ou penteado os cabelos! Pensaria mais tarde *naquilo*, sobre como evitar. Havia um banco de madeira no outro cômodo. Com um travesseiro, a capa dela e um dos cobertores da cama, seria um lugar bastante tolerável para dormir.



Ralf demorara mais de dez minutos para voltar. Judith estava parada diante do fogo, vestida decentemente em sua camisola de algodão, escovando os cabelos, quando ele bateu à porta e entrou, antes que ela pudesse atravessar o quarto ou falar qualquer coisa. Subitamente Judith se sentiu nua. Sabia que devia estar mais inebriada do que imaginara porque sentiu uma onda de desejo percorrê-la, em vez do horror que deveria sentir. Não *queria* terminar aquela aventura. Queria experimentar *aquilo* antes que sua juventude chegasse a um previsível fim. Queria tudo... com Ralf Bedard. Ele era atraente de um modo capaz de tirar o fôlego e Judith desejou que houvesse uma palavra mais forte e melhor para descrevê-lo. Ralf a apreciava com os lábios apertados, os olhos semicerrados descendo devagar pelo seu corpo até os pés descalços.

– Foi sua profissão ou seu instinto – perguntou ele por fim, sussurrando – que a ensinou a ser modesta em sua aparência? Nenhuma renda ou babado! Você é muito esperta. Sua beleza fala por si só.

Ela não concordava com ele. Era feia. Sabia disso. As pessoas, inclusive sua mãe, sempre compararam seus cabelos a cenouras quando ela era criança, e isso nunca fora um elogio. Sua pele sempre fora pálida demais, o rosto desfigurado pelas sardas, os dentes grandes demais. Então, por uma terrível crueldade do destino, quando os cabelos dela começaram a escurecer um tom, quando o pior das sardas começou a desaparecer e seu rosto e sua boca cresceram para dar menos destaque aos dentes, ela começou a espichar como um varapau. Ficara tão alta quanto o pai.

Judith sentira apenas um alívio temporário quando o varapau começou a tomar a forma de uma mulher. Pois, para piorar as coisas, aquela forma passou a ter seios muito cheios e quadris largos. Ela sempre foi um constrangimento para a família e, pior do que isso, para si mesma. O pai sempre a instruía a se vestir de maneira mais modesta, a cobrir os cabelos, e sempre a culpara pelos olhares lascivos que os homens costumavam lhe dirigir. Sempre fora um fardo muito pesado ser a feia da família.

Mas, naquela noite, Judith estava disposta a aceitar que, por alguma estranha razão – provavelmente o vinho, já que ele bebera mais do que ela –, Ralf Bedard a achava atraente.

Ela sorriu, sem afastar os olhos dos dele. O vinho provocara um efeito estranho. Era como se Judith estivesse a certa distância da realidade, como se observasse em vez de *ser*. Encontrava-se em um quarto de dormir, usando apenas sua camisola, sabendo que ele pretendia levá-la para a cama nos próximos minutos e, ainda assim, sorria para ele sem culpa. O juízo não fazia nada para intervir no lado da virtude e da respeitabilidade. E Judith não queria mesmo que isso acontecesse.

– Imagino que já tenham lhe dito mil vezes o quanto você é linda – disse Ralf, a voz deliciosamente rouca.

Pronto! Ele estava mesmo bêbado.

– Mil e uma vezes agora – retrucou Judith, ainda sorrindo. – E suponho que já tenham lhe dito mil e uma vezes como você é belo.

Era uma mentira. Ralf não era belo. O nariz era proeminente demais, as sobrancelhas muito escuras, os cabelos desalinhados, a pele muito morena. Mas ele era atraente e, naquele momento, isso parecia dez vezes mais sedutor do que ser belo.

– Mil e duas vezes agora.

Ralf caminhou na direção dela e Judith soube que o momento da decisão estava em suas mãos. Em vez de agarrá-la, entretanto, Ralf parou a alguma distância e estendeu a mão.

– Me dê a escova.

Judith fez o que ele pediu, esperando que Ralf fosse jogar a escova por cima do ombro, antes de continuar com o que pretendia fazer. Ela permitiria que ele continuasse? Judith sentiu a respiração acelerar.

– Sente-se – pediu ele. – Na beira da cama.

Sentar? Não deitar? Então ainda teriam alguns momentos para aproveitar, antes que ela fosse forçada a pôr um fim em tudo aquilo? Enquanto ainda estavam na sala de jantar, a cama fora preparada para a noite, assim como haviam alimentado o fogo e colocado a mala dela e água fresca atrás do biombo.

Judith se sentou, os pés pousados no chão e as mãos fechadas no colo, observando, enquanto Ralf despiu o paletó bem cortado, o colete e a gravata. Ele se sentou em uma cadeira e tirou as botas antes de voltar a se levantar com os pés calçados em meias.

Oh, Deus, pensou ela, não deveria estar olhando aquilo. Mas era uma visão tão agradável... Ralf era um homem grande, mas Judith poderia jurar que não havia um grama sequer de gordura desnecessária naquele corpo de ombros largos, que se estreitava na cintura e nos quadris. As pernas eram longas e musculosas. Ele ficava muito bem usando só a camisa e os calções.

Ralf pegou a escova e deu a volta até o outro lado da cama. Judith sentiu o peso dele afundar o colchão atrás dela. E não se virou para olhar. Aquele era o momento em que deveria se levantar. Ah, mas Judith não *queria* fazer isso. Ela sentiu o calor do corpo dele contra suas costas.

E então ele a tocou... com a escova. Ralf pousou a escova acima da testa dela – Judith podia ver a camisa branca dele pelo canto dos olhos – e logo puxou-a para trás por toda a extensão dos cabelos dela. Ele estava ajoelhado atrás dela escovando seus cabelos! Assim que Judith percebeu que as intenções dele eram inocentes, inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

Ela quase desmaiou com tamanho prazer que sentia. A escova fazia seu couro cabeludo vibrar. E podia ouvir os cabelos desembaraçando. De vez em quando, Judith sentia a mão livre dele afastar seus cabelos para trás da orelha ou dos ombros. Sem dúvida aquela era a sensação mais deliciosa do mundo, ter os cabelos escovados por outra pessoa... por um homem. Ela sentiu o calor do corpo, a respiração e o aroma da colônia de Ralf. Logo estava relaxada e lânguida e, ainda assim, estranhamente estimulada e alerta. Os seios dela pareciam mais firmes. E um latejar quase doloroso se fazia sentir entre suas pernas.

– É gostoso? – perguntou Ralf a ela depois de algum tempo, a voz baixa e rouca.

– Sim... – Judith não conseguiu reunir energia o suficiente para uma resposta mais eloquente.

Por mais alguns minutos, Ralf continuou a escovar lenta e cadenciadamente os cabelos de Judith. Até que ele jogou a escova de lado e ela percebeu sua aproximação. Os joelhos, afastados, estavam um de cada lado do corpo dela, de uma maneira que fez Judith desejar pousar as mãos sobre eles. O peito dele se colou às costas dela, e Ralf passou as mãos por baixo dos braços dela e pousou-as ao lado dos seios. Ela o ouviu suspirar alto.

Judith quase ficou em pé de um pulo, em pânico. Os seios dela não. Eram *tão* embaraçosos. Mas a leve embriaguez aplacou o choque e as reações dela. As mãos de Ralf eram quentes e gentis. E ele agora roçava os polegares sobre os bicos dos seios dela, que estavam estranhamente rígidos e sensíveis. Mas Ralf não a machucava. Ao contrário, o toque dele lhe provocava uma sensação intensa que subia até a garganta e voltava a descer em uma espiral até o meio das pernas de Judith.

Ele não parecia achar seus seios grotescos.

Judith fechou os olhos e inclinou a cabeça, até encostá-la no ombro de Ralf. Só mais um pouco. Só mais alguns instantes. Ela logo interromperia aquilo. Ele afastou os polegares dos mamilos dela e Judith sentiu os dedos masculinos abrindo os botões na frente da camisola dela e deixando que caísse para os lados, expondo-a dos ombros ao umbigo. Quando as mãos dele voltaram a circundar a pele nua dos seios de Judith, para erguê-los e acariciá-los, para beliscar e roçar os mamilos, ela teve certeza de que a aventura a que se entregara, seu sonho roubado, era perfeita.

Era aquilo o que Judith sempre quisera desde que se tornara uma mulher. Sentir um homem tocá-la, vê-la e não julgá-la inadequada. Permitir o toque. Deleitar-se com ele, sem medo ou vergonha. Judith desejava que aquilo nunca terminasse.

– Levante-se – murmurou Ralf no ouvido dela.

Embora relutasse em se afastar do toque dele, ela obedeceu e se levantou. A camisola deslizou até o chão. Judith sempre odiou se olhar no espelho, mas, curiosamente, naquele momento, não se sentia constrangida por seu corpo, iluminado pelo fogo que ainda queimava na lareira e pelas duas velas acesas no console.

Ao se sentar, percebeu que ele despira a camisa por cima da cabeça e a jogara no chão. Seu peito nu estava encostado, quente e sólido, nas costas de Judith. Ralf roçou as mãos com força nos seios dela e deixou que descessem pelos quadris até pousá-las na cintura e no abdômen dela. Judith jogou a cabeça para trás, fechou novamente os olhos e moveu-se contra ele. Havia pelos no peito de Ralf. Ele deslizou as mãos pelas pernas dela até os joelhos e voltou a subir. Judith, por sua vez, acariciou a parte externa das coxas dele, pousando as mãos sobre seus joelhos grossos.

Era para ela ter interrompido aquele ato assim que ele entrara no quarto, mas agora não importava mais. O bom senso, o decoro e a moralidade lhe mostrariam toda a extensão de seu erro à luz do novo dia. Aquela era a noite que daria calor e significado ao restante de sua vida. Judith tinha certeza disso. Seria uma mulher perdida... mas quem saberia? E quem se importaria?

A mão direita dele desceu até o meio das pernas dela para chegar a um lugar quente e secreto. Judith sabia que deveria ter ficado horrorizada. No entanto, se ouviu deixar escapar um som baixo e profundo de aprovação e abriu um pouco as pernas para permitir um acesso mais livre a ele.

Aquela parte de seu corpo estava muito quente. Percebia isso pelo contraste da temperatura da pele dela com a frieza dos dedos dele. Judith teve medo de estar úmida. Mas ele não recuou. Os dedos de Ralf a exploraram, a abriram, roçaram de leve a pele dela, encontrando as partes mais íntimas e indo um pouco mais para dentro. Judith ouvia o som da umidade de seu corpo contra as mãos dele, mas, naquele momento, já estava além de qualquer constrangimento.

Não demorou muito para perceber que Ralf sabia o que fazer. O desejo agora pulsava por todo o corpo dela. Ele fez alguma coisa com o polegar, um movimento tão sutil que Judith nem saberia dizer o que estava acontecendo com exatidão. De repente, o desejo se transformou em dor e logo foi além da dor, antes mesmo que ela conseguisse entender o que sentia. Judith arqueou as costas, cada músculo do corpo tenso, e gritou antes de deixar o corpo cair contra o dele, ofegante e trêmula.

O que... o que diabo *acontecera*?

– Sim – sussurrava Ralf ao ouvido dela, com um toque de exultação na voz. – Ah, sim.

A respiração dela saía em arquejos altos e trêmulos.

– Deite-se – pediu ele.

Judith nem sequer considerou a possibilidade de *não* se deitar com ele. O mundo parecia girar à sua volta, mas ela não sabia se era efeito do vinho ou do que acabara de acontecer.

Deitou-se enquanto ele despia o resto das roupas. Ralf parecia ainda mais magnífico nu, os músculos muito rígidos, o abdômen plano... Por alguns instantes, Judith se perguntou se deveria ficar assustada, mas logo percebeu que queria *aquilo*, queria desesperadamente. Queria *Ralf*. Ele se deitou em cima de Judith, pressionando os joelhos entre os dela e, assim, abrindo suas pernas.

Ela apoiou os pés no colchão para ter apoio. Ralf ergueu a parte de cima do corpo, apoiando-se nos antebraços, e abaixou a cabeça para beijá-la. Ele explorava a maciez de seus lábios, encontrando a língua dela, acariciando o céu da boca sensível, elevando a temperatura do desejo de ambos.

Quando Judith abriu os olhos, encontrou-o sorrindo aquele seu sorriso zombeteiro.

– Estou com medo – disse ele – que talvez possa explodir assim que penetrá-la, tão rapidamente quanto aconteceu com você. Mas temos o resto da noite para estendermos o nosso prazer. Estou perdoado por antecedência?

– Está perdoado. – Judith sorriu de volta, embora não houvesse entendido suas palavras.

Ralf voltou a abaixar o corpo contra o dela e Judith sentiu as mãos dele segurarem suas nádegas com firmeza. Sentiu-o rígido, pressionando a entrada mais íntima do corpo dela. Antes que pudesse recuperar o fôlego, Ralf a penetrou em uma única estocada. Se houve dor, Judith não estava em condições de perceber. Houve certamente choque, mas pouco tempo para absorvê-lo. A única coisa que sentia era a mais absoluta surpresa

pelo fato de um homem poder ser tão grande, tão duro e, ainda assim, encaixar-se completamente no interior dela.

Ralf se mexeu dentro dela, quase saindo e logo voltando a arremeter, uma vez, outra, mais outra, cada vez mais rápido e com mais força... até que o corpo dele ficou muito tenso. Ele urrou de prazer e caiu sobre ela. Judith o abraçou, sentindo-o quente e escorregadio de suor.

Foi então que ela sentiu o choque. Sua virgindade se fora. Simples assim. E com o choque veio a consciência. Não apenas do que acontecia entre um homem e uma mulher, mas de como era a experiência. Fora desapontadora, mas não por completo. Uma parte de Judith estava exultante. Tivera relações sexuais com um homem. Não passaria pela vida sem conhecer a mais primal das experiências humanas. Ela permanecia deitada sob ele, os seios imprensados contra o peito dele, as coxas roçando em suas pernas fortes, o... aquela parte dele ainda dentro dela.

Mesmo que fosse o vinho falando, ela *não* se arrependia. Nunca se arrependeria. Ralf a tocara, lhe dera prazer e a fizera se sentir feminina como ninguém antes. Ela lhe dera prazer. Judith então percebeu que Ralf adormecera. Ele era pesado e ela estava com dificuldade para respirar. Além de dolorida por dentro, logo suas pernas estariam dormentes. Mas não queria que ele acordasse. Judith abraçou seu esplêndido sonho roubado.



Depois que Rannulf acordou e rolou de cima dela, desculpando-se por amassar cada osso de seu corpo, Claire Campbell pediu licença. Ele ouviu enquanto ela se lavava atrás do biombo, sorriu e entrelaçou os dedos atrás da cabeça. Uma amante difícil de satisfazer, mas logo ele a deixaria úmida e cheirando a sexo outra vez.

Claire era magnífica. Apenas o corpo e os cabelos dela já bastariam para manter qualquer homem com sangue nas veias em um estado de permanente ereção, mas havia mais do que aqueles atributos. Havia os olhos de Claire, as pálpebras semicerradas e convidativas, os dentes perfeitos, a voz baixa e sedutora, além do talento para atuar, os sorrisos e a gargalhada. E também o fato de ela conhecer o jogo que estavam jogando.

Uma atriz sedutora e experiente como ela poderia muito bem ter tentado guiá-lo na hora do sexo e, nesse caso, a primeira vez deles talvez se tornasse um duelo de vontades e conhecimentos, cada um tentando controlar e dominar o momento. Rannulf teria gostado disso – como alguém poderia não gostar de qualquer tipo de encontro sexual com alguém como Claire Campbell? –, mas não tanto quanto gostou do jogo que propusera e vinha aceitando. O jogo da sedução lenta e tranquila.

Claire havia se sentado na cama como uma virgem conservadora, enquanto ele escovava seus gloriosos e rubros cabelos e sentia o desejo percorrer seu corpo em um fluxo crescente que arrasaria tudo quando a represa estourasse.

Ela permitira que ele guiasse cada passo do caminho, embora Rannulf sentisse o calor, os mamilos rígidos e a umidade dela, provas de seu desejo. O orgasmo de Claire havia sido poderoso e lisonjeiro. Tantas mulheres fingiam atingir o ápice do prazer, achando que os amantes não perceberiam... A sinceridade do orgasmo dela dera permissão a Rannulf para buscar o próprio prazer mais rapidamente, sem se sentir inadequado, como um moleque apressado.

Claire surgiu de trás do biombo e deu a volta até o lado vazio da cama. Rannulf sentiu a boca seca apenas ao olhá-la. Só lamentava que aquele fosse um encontro de apenas uma noite. Precisaria de um mês ou mais para explorar aquele corpo e saciar seu apetite por Claire.

– Não se deite – disse ele. – Ajoelhe-se na cama.

Ela fez o que foi pedido e baixou o olhar para Rannulf, curiosa. O fogo na lareira se reduzira a meras brasas cintilantes. As duas velas permaneciam acesas.

– Vamos brincar – disse ele, tocando a mão dela.

– Muito bem – retrucou Claire, séria.

Ele riu.

– A Srta. Recatada já se foi – avisou Rannulf. – E foi fantástica, devo acrescentar. Posso lhe jurar que normalmente não sou tão... selvagem nesses momentos. Foi o efeito que sua aquiescência silenciosa teve sobre mim. Já tive a minha vez. Agora, é a sua. O que você gostaria de fazer?

Ela o encarou por um longo tempo. Até mesmo imóvel, com aquele olhar fixo, Claire conseguia excitá-lo.

– Não sei – falou, por fim.

– Seu arsenal é assim tão vasto? – Rannulf sorriu para ela. – Gostaria que esta noite durasse um mês para que você testasse todo ele comigo. Mas um mês seria o bastante? Escolha. Sou todo seu. Seu escravo. Faça o que quiser comigo. Faça amor comigo, Claire. Faça sexo comigo.

Ele abriu os braços e as pernas na cama.

Claire ficou ajoelhada onde estava por um longo tempo, sem se mover. Mas Rannulf observou enquanto seus olhos passeavam pelo corpo dele, as pálpebras baixas. Ela então umedeceu os lábios, a ponta da língua movendo-se devagar de um canto a outro da boca.

Claire era muito esperta e obviamente mais experiente do que havia esperado. Rannulf imaginara que ela cairia em cima dele e o sujeitaria a um amplo número de torturas sexuais requintadas que levariam ambos a uma loucura para chegar ao êxtase. Observara que a maneira de Claire se vestir era discreta, mas o comportamento dela também era. E Rannulf começou a sentir um calor agradável se espalhar por seu corpo, sob o olhar lento dela, a pele vibrando com a expectativa.

Então, Claire se inclinou sobre ele e o tocou com as pontas dos dedos, frias devido à água com que se lavara. Ela tocou a testa de Rannulf, deslizou os dedos pelos cabelos dele e desceu até o rosto, correndo o polegar pelo nariz proeminente – um legado de família que ele compartilhava com a maioria de seus irmãos – até chegarem muito levemente aos lábios de Rannulf.

Claire abaixou a cabeça e o beijou. Com o rosto envolvido pelos cabelos dela, Rannulf sentiu a língua de Claire se mover pela extensão de seus lábios e dentro de sua boca. Resistiu ao desejo de brincar com aquela língua. Seu papel era permanecer passivo por algum tempo – por um longo tempo, ele esperava. Não sabia o que Claire pretendia, mas gostava do que estava acontecendo até ali. Talvez ela estivesse retribuindo o que ele fizera na noite passada: seduzindo-o aos poucos. Se fosse isso... missão cumprida. Rannulf estava pronto para se contorcer de prazer.

As mãos e a boca de Claire desceram pelo corpo dele, parando sempre que Rannulf dava a mais leve indicação de prazer. Feiticeira! Conhecía bem todos os pontos de prazer masculinos. Ela sugou os mamilos dele até Rannulf quase levantar o corpo e acabar com a brincadeira antes que se aproximassem rápido demais do clímax que ela pretendia. Ele permaneceu imóvel, concentrando-se na própria respiração.

Ela cobriu cada centímetro do corpo dele com seu toque leve, delicado, erótico, a não ser por aquela parte que voltara a se enrijecer. Provocadora, todos os movimentos dela eram ao redor do membro dele. Respirar parecia cada vez mais difícil. Foi quando Claire o tocou lá, segurando-o entre as mãos frias, a princípio tão de leve que ele quase explodiu, então com mais segurança, fechando-as ao redor do membro rígido, acariciando-o, roçando o polegar sobre o topo sensível.

– Isso é bom? – perguntou ela, em uma voz baixa e rouca que quase o fez perder o controle.

– Bom demais – respondeu Rannulf.

Ela virou a cabeça para ele, sorriu, endireitou o corpo, ainda ajoelhada, e jogou os cabelos para trás dos ombros com as mãos. E ficou naquela posição por um longo tempo, o olhar fixo nos olhos dele.

– Não quero continuar a fazer isso sozinha – falou Claire, por fim.

Liberado das regras do jogo, Rannulf pegou-a pela cintura e ergueu-a sobre o próprio corpo, para que ela montasse nele. Então a segurou ali, as mãos correndo levemente pelos quadris enquanto

ela continuava ajoelhada, com as pernas separadas, agora em cima dele.

– Venha – disse Rannulf. – Você gosta de cavalgar?

A expressão dela se tornou estranhamente grave e muito excitante.

– Gosto de cavalgar... com você – disse Claire. Ela sabia seduzir. Falava como se ele fosse alguém especial... Ou talvez soubesse que as pausas podiam ter um efeito tão erótico quanto os movimentos. Vários segundos se passaram antes que ela segurasse o membro dele com uma das mãos, se posicionasse e descesse o corpo lenta e delicadamente até estar empalada por ele. Rannulf viu e ouviu quando Claire inspirou fundo. Com qualquer outra mulher menos talentosa, ele teria suspeitado de uma intenção deliberada de elogiar o tamanho de seu membro. Com ela, Rannulf suspeitou de um prazer genuíno.

Claire se inclinou sobre ele, mais uma vez envolvendo-o com os cabelos. Ela o olhou dentro dos olhos e Rannulf espalmou as mãos com mais firmeza sobre seus quadris.

– Cavalgue-me, então – disse ele. – Serei a montaria obediente sob seu corpo. Cavalgarei em seu ritmo e passo. Você determina o destino e a distância antes de chegarmos. Que seja uma longa distância.

– Cem quilômetros – disse ela.

– Mil.

– Mais.

Claire o cavalcou devagar a princípio, sentindo-o, ajustando sua posição na sela, tensionando os músculos internos ao redor dele até conseguir o ângulo certo. Então seus movimentos se tornaram mais seguros, o ritmo mais determinado.

Rannulf nunca encontrara uma mulher tão experiente e, ao mesmo tempo, aparentemente inocente. Claire talvez o estragasse para outras mulheres, enquanto sentia o ritmo dela, acompanhando-o, arremetendo cada vez que ela descia o corpo, retraindo-se quando ela subia, balançando e girando um pouco o próprio corpo para mantê-la firme no lugar e para aumentar o prazer de Claire, as mãos espalmadas sobre os quadris dela.

Claire era quente, úmida, convidativa. Logo Rannulf ouviu os sons eróticos do encontro dos dois corpos... e a respiração acelerada de ambos. Ela sabia exatamente como usar os músculos internos de seu corpo, excitando-o, fazendo-o chegar cada vez mais perto do clímax sem acelerar demais o ritmo.

Rannulf esperou por ela. Esperou por um longo tempo... e poderia esperar para sempre se necessário. Era um jogo lento e requintado aquele que Claire escolhera jogar, e Rannulf estava disposto a participar dele a noite toda, estocada por estocada. Mas, por fim, Claire acabou jogando o corpo para trás, os olhos fechados, as pontas dos dedos tocando a barriga dele. Rannulf a observou e percebeu que ela estava próxima do clímax havia algum tempo, mas que não conseguia chegar lá. Ao contrário de muitas outras mulheres, Claire não fingiria um orgasmo apenas para lisonjeá-lo, ou como desculpa para terminar o ato.

Rannulf tirou uma das mãos dos quadris dela, levou-a ao ponto onde o corpo dos dois se encontrava, deslizou um dedo até encontrar o ponto que procurava e acariciou-o delicadamente.

Claire jogou a cabeça para trás, os cabelos caindo em uma nuvem vermelho-dourada, todos os músculos do corpo tensos, e gritou. Ele agarrou os quadris dela com firmeza e arremeteu mais uma, duas vezes, em poderosas estocadas, e deixou escapar um gemido alto quando alcançou o próprio prazer.

– Pelo menos 2 mil quilômetros – disse Rannulf, quando Claire abaixou a cabeça e o encarou, como se naquele momento não soubesse direito quem era.

– Sim – retrucou ela.

Rannulf então a ergueu e deitou-a a seu lado na cama. Ele inclinou a cabeça e beijou-a com intensidade.

– Obrigado – falou Rannulf. – Você é magnífica.

– Você também – disse ela. – Obrigada, Ralf.

Ele sorriu. Gostava do som de seu nome nos lábios dela.

– Acho – comentou ele – que você conquistou o direito de dormir um pouco.

– Sim – concordou Claire –, mas não por muito tempo.

– Não?

– Quero brincar mais.

Se não estivesse tão exausto, Rannulf talvez tivesse ficado duro mais uma vez, naquele mesmo instante. Em vez disso, apenas riu.

– Bem, nesse quesito – falou ele –, estou sempre pronto para agradar, madame. Bem, *quase* sempre. Primeiro precisamos dormir... ou não haverá nada com que brincar.

Ela riu baixinho. Rannulf a abraçou, puxou as cobertas sobre eles, e adormeceu quase no mesmo minuto, com um sorriso nos lábios. A última coisa que percebeu antes de o sono dominá-lo foi a chuva tamborilando na janela.

CAPÍTULO IV



A chuva caía na janela. Não havia parado durante toda a noite. Com certeza, seria impossível viajar naquela manhã. Talvez houvesse um pouco mais de tempo, afinal.

Judith não abriu os olhos. Estava deitada meio de lado da cama, com um braço quente sob seu pescoço e outro pousado em sua cintura. Suas pernas permaneciam entrelaçadas com outras duas pernas. Ele respirava profundamente, ainda adormecido. Ralf tinha cheiro de colônia, de suor, de homem. Era uma mistura agradável de aromas.

Ela realmente estivera embriagada na noite da véspera. Caso contrário, nunca teria chegado perto de fazer tudo o que fizera. Naquela manhã, entretanto, sóbria e com uma leve dor de cabeça – resultado de ter bebido mais do que deveria – conseguia compreender a enormidade do que fizera. Era agora uma mulher impura, o que não tinha a menor importância à luz do destino que a aguardava, como parente pobre e solteirona. O problema era que, agora, ela saberia o que estaria perdendo pelo resto da vida. Na noite passada, Judith pensara que as lembranças seriam o bastante. Naquela manhã, já não tinha tanta certeza.

Também pensara em outra coisa... Ah, realmente devia estar *muito* bêbada à noite. Talvez houvesse engravidado durante algum dos quatro encontros que haviam tido ao longo da noite. A ideia

provocou um instante de pânico que Judith tentou afastar concentrando-se na própria respiração. Bem, logo saberia. As regras dela estavam previstas para os próximos dias. Se nada acontecesse...

Pensaria nisso mais tarde.

Mas fora uma noite realmente maravilhosa. O fato de Ralf ter acreditado que ela era uma atriz e uma cortesã experiente a haviam estimulado a atuar como nunca antes. Sem dúvida, aqueles quatro copos de vinho ajudaram. Judith mal podia acreditar nas coisas que fizera, nas coisas que ele fizera com ela, nas coisas que os dois fizeram juntos, o enorme prazer de tudo aquilo. E o prazer sensual requintado.

Ela nunca suspeitara que Judith Law poderia ser capaz de superar toda uma vida de treinamento moral rígido para se tornar uma libertina. Agora, ouvia a chuva cair e desejava que não parasse de chover. Ainda não. Ralf suspirou em seu ouvido e se espreguiçou sem afastar o corpo do dela.

– Hummm – disse ele. – Estou muito feliz por descobrir que tudo não foi apenas um sonho delicioso.

– Bom dia.

Judith se virou para encará-lo e logo se deu conta da absurda formalidade de suas palavras.

– Muito bom dia. – Ralf a encarou com uma expressão preguiçosa nos olhos azuis. – É chuva esse barulho que estou ouvindo contra o vidro?

– Ouso dizer que nenhuma diligência se arriscará a tentar viajar em uma estrada aberta se essa chuva continuar. Você pretende arriscar a segurança de seu cavalo... ou a sua?

– De forma alguma. – Agora havia felicidade nos olhos dele. – Suponho que isso queira dizer que estaremos presos aqui por todo esse dia e provavelmente pela próxima noite, de novo, Claire. Pode imaginar um destino mais terrível?

– Se eu tentar com muito empenho, talvez consiga... – retrucou ela e observou um sorriso se abrir nos lábios dele.

– Morreremos de tédio – comentou Ralf. – Como iremos preencher esse tempo?

– Teremos que pensar muito nesse problema – falou Judith, a voz muito séria. – Talvez, juntos, possamos encontrar uma solução.

– Se nada mais nos ocorrer – disse ele, com um suspiro –, não teremos escolha a não ser permanecer na cama, tentando nos distrair até que a chuva pare e as estradas comecem a secar.

– Vai ser duro... – Judith seguiu com a brincadeira.

Os olhos dele prenderam os dela.

– *Muito duro* – comentou Ralf, a voz muito baixa. – Sim, realmente...

Judith de repente compreendeu o que ele queria dizer, ficou muito ruborizada e riu.

– O jogo de palavras não foi intencional.

– Que jogo de palavras?

Ela riu de novo.

– No entanto – disse Ralf, retirando o braço de debaixo da cabeça dela e sentando-se na beira da cama –, a parte mais dura do dia terá que esperar. Quero meu café da manhã. Poderia comer um boi. Você está com fome?

Ela estava. Com muita fome. Desejou ter mais dinheiro. Ralf pagara pelo quarto e pelo jantar da véspera. Ao que parecia, estava disposto a fazer o mesmo durante aquele dia. Não poderia esperar que continuasse a assumir as contas dela.

– Apenas uma xícara de chá está bom para mim – falou.

Ralf levantou da cama e virou-se para olhar para ela, enquanto se espreguiçava, ao que parecia sem o menor constrangimento em relação à própria nudez. Mas por que se sentiria constrangido? Estava em ótima forma. Judith não conseguia evitar que seus olhos se banquetearassem com ele.

– Isso não é muito lisonjeiro – comentou Ralf, baixando os olhos para ela com um sorriso zombeteiro. – Sexo deveria deixar a pessoa faminta. Mas tudo o que você quer é uma xícara de chá?

Aquela palavra – *sexo* – nunca fora falada em voz alta na casa paroquial, ou em qualquer grupo do qual Judith tivesse feito parte. Era uma palavra que sempre evitava, até mesmo em seus pensamentos, preferindo escolher eufemismos. Ralf pronunciava a palavra como se fosse parte de seu vocabulário do dia a dia.

E provavelmente era.

– *Foi* bom. – Judith se sentou na cama, tomando cuidado em manter as cobertas sobre os seios, presas sob os braços, e encolher os joelhos. – Sabe disso.

Ele a encarou por um longo tempo.

– Sua bolsa está vazia, não é? – perguntou.

Judith sentiu-se ruborizar de novo.

– Entenda, eu não esperava ter que parar no meio da viagem – explicou. – Trouxe apenas o que julguei necessário para uma jornada sem paradas. Afinal, sempre há o risco de encontrarmos ladrões no caminho.

– Como uma atriz de seu calibre pode estar sem trabalho há três meses? – perguntou ele.

– Oh, não estou sem trabalho – assegurou ela. – Parei por algum tempo, de propósito, porque estava... com saudade de casa. Faço isso de vez em quando. E *tenho* dinheiro. Só não está aqui comigo.

– Onde mora? – Ralf quis saber.

Os olhos de ambos se encontraram.

– Em algum lugar – disse Judith. – É segredo. Meu refúgio. Nunca conto a ninguém onde é.

– Deixe-me imaginar – falou ele. – Você é uma mulher orgulhosa e independente que não permite que nenhum homem a proteja e a sustente.

– Exatamente – retrucou ela.

Se ao menos aquilo fosse verdade...

– Essa ocasião então terá que ser uma espécie de exceção – disse Ralf. – Não vou me oferecer para pagar por seus serviços. Acredito que o desejo que sentimos um pelo outro e nosso prazer em satisfazê-lo têm sido mútuos. Mas pagarei por sua estadia enquanto estivermos aqui. Você não precisa passar fome, se contentar apenas com chá e água.

– Você tem condições de arcar com essa despesa? – perguntou Judith.

– O ladrão que resolver me atacar não deve ter uma cabeça muito boa – retrucou Rannulf. – Porque, caso queira mesmo tentar

algo, fatalmente a perderá. Eu *não* viajo com a bolsa vazia. Posso pagar seu café da manhã e todas suas outras refeições enquanto permaneceremos aqui.

– Obrigada.

Judith sabia que não poderia sugerir devolver o dinheiro a ele em alguma data futura. Ela nunca teria dinheiro o bastante para isso.

– Agora, diga-me que fui bom o bastante na noite passada para deixá-la com muita fome essa manhã.

– Estou faminta. – Judith sorriu para ele. – E você foi *muito* bom, como sabe muito bem.

– Vejam só! – brincou ele, inclinando-se mais para cima dela – Outro traço de humanidade. Você tem uma covinha no canto direito da boca.

Aquilo fez Judith ficar séria. Agora ele conhecia o trio de pragas de sua infância: os cabelos cor de cenoura, as sardas e a covinha.

– É muito charmosa – comentou Ralf. – Vou me lavar, me vestir e descer, Claire. Você pode se encontrar comigo quando estiver pronta. Podemos comer no refeitório comum esta manhã e ver um pouco do mundo. Este será um longo dia.

Judith esperava que aquele dia durasse uma eternidade. Ela abraçou os joelhos com força quando ele desapareceu atrás do biombo.



Rannulf reconhecia a bela ajuda do destino. Em uma situação normal, ficar preso em uma pequena estalagem por causa do tempo inclemente seria um pesadelo. Sob outras circunstâncias, já estaria irritado e planejando algum modo de levar a si mesmo e seu cavalo, em segurança, para a casa da avó, apesar do perigo. Rannulf sabia

que devia estar a, no máximo, 30 quilômetros de distância de Grandmaison Park.

Mas as circunstâncias eram diferentes.

Ajudava saber que a avó não tinha a menor ideia de que ele estava a caminho, embora sempre esperasse que o neto atendesse prontamente a seus chamados. Rannulf poderia adiar sua chegada por uma semana ou mais, se desejasse, sem que todos os homens da lei do mundo fossem chamados para procurar por ele.

Quando apareceu nas escadas do refeitório, Claire Campbell usava um vestido verde-claro de algodão, ainda mais simples do que o de musselina da véspera. Ela penteara os cabelos para trás, trançara-os e os prendera na nuca. Rannulf já se acostumara com a descrição dela em relação a seus encantos. Era uma atriz com classe, pensou ele, enquanto se levantava e se curvava de modo cortês.

Sem pressa, comeram um substancial café da manhã, conversando sobre banalidades, até que o estalajadeiro trouxe mais torradas e ficou para discutir a situação dos campos de cultivo e a bênção que aquela chuva era depois de semanas quentes e secas. A esposa dele trouxe água recém-fervida para esquentar o chá e também ficou por alguns minutos, para conversar sobre como aquele tempo terrível resultava em trabalho extra para as mulheres. Afinal, tinham que esfregar o chão constantemente porque seus homens e filhos *insistiam* em sair na chuva, mesmo quando não era necessário, e acabavam trazendo toda a umidade e lama para os pisos limpos, não importava a frequência com que os repreendessem ou os perseguissem com a vassoura. Na verdade, disse ela, caçá-los com a vassoura só tornava a situação pior, porque saíam correndo para *dentro* de casa, e não pra fora. Bem, mesmo que corressem para fora, acabariam voltando e toda a história recomeçaria.

Claire riu e se compadeceu da situação.

Não se passou muito tempo e o estalajadeiro e sua mulher já haviam puxado duas cadeiras e se acomodado na mesa deles. A esposa se servira de uma xícara de chá, o estalajadeiro de um

caneco de cerveja e os dois pareciam dispostos a esticar a conversa.

Rannulf achou bastante divertido se ver sentado, confraternizando com a plebe, em uma estalagem que nem com muita boa vontade poderia ser descrita como elegante. Seu irmão, o duque de Bewcastle, teria congelado os dois com um único olhar. Teria reprimido as intenções de aproximação do estalajadeiro com um mero levantar de dedo ou de sobancelha. Na verdade, ninguém abaixo do título de barão sonharia em erguer o olhar do chão diante de uma reprimenda de Bewcastle.

– Por que a Sra. Bedard estava na carruagem e o senhor estava a cavalo? – perguntou o estalajadeiro de repente.

– É, ficamos nos perguntando... – explicou a esposa.

Rannulf encontrou os olhos de Claire do outro lado da mesa. O rosto dela estava ruborizado.

– Ah, meu Deus – disse ela. – *Você conta a eles, Ralf.*

Ela era a atriz. Por que não inventava uma história convincente? Rannulf continuou a encará-la por algum tempo, mas Claire parecia tão na expectativa quanto o outro casal da mesa. Rannulf pigarreou.

– Não levei em consideração a delicadeza e a sensibilidade de minha esposa na festa de nosso casamento – disse ele, sem tirar os olhos dela. – Alguns de nossos convidados haviam bebido vinho demais e uns poucos deles, meus próprios primos, na verdade, fizeram comentários rudes. Fiquei constrangido, mas ri. Minha esposa, entretanto, não achou graça. Ela pediu licença e só mais tarde descobri que tinha fugido da própria noite de núpcias.

O rubor aumentou no rosto dela.

– Está vendo – comentou a esposa do estalajadeiro, cutucando as costelas do marido com um cotovelo poderoso. – Eu disse a você que eles eram recém-casados.

– Ontem, finalmente consegui alcançá-la – continuou Rannulf, observando Claire morder o lábio inferior. – Fico feliz em informar que fui perdoado por minha risada inapropriada e que está tudo bem agora.

Os olhos dela se arregalaram. A mulher do estalajadeiro virou a cabeça e sorriu com ternura para Claire.

– Não se preocupe, meu bem. A primeira vez é a pior. E como não ouvi nenhum soluço de choro e não vejo traços de lágrimas esta manhã, ousou dizer que não foi tão ruim quanto você temia. Espero que o Sr. Bedard saiba como fazer as coisas adequadamente.

A mulher e Claire riram em tom conspiratório. Rannulf relanceou um olhar tímido para o estalajadeiro, que devolveu o olhar com a mesma timidez.

Rannulf pediu licença para sair. Queria ver seu cavalo, se certificar de que fora bem-cuidado e não se machucara na véspera. Queria acariciá-lo e alimentá-lo ele mesmo naquela manhã. Ficou bastante surpreso quando Claire pediu para acompanhá-lo. Ela calçou as botas, vestiu a capa e cobriu a cabeça com capuz, e os dois atravessaram correndo o pátio descoberto, tentando pisar nos tufos de relva e evitar o pior da lama e do esterco.

Ela se sentou em uma pilha limpa de feno, o capuz agora jogado para trás, as mãos cruzadas sobre os joelhos, enquanto Rannulf trabalhava.

– Foi uma história e tanto – comentou Claire.

– Sobre você como uma noiva tímida e nervosa? Também achei.

Ele sorriu para ela.

– A estalajadeira vai arrumar nosso quarto e garantir que o fogo esteja aceso. Deve ser uma grande honra contar com os serviços dela, em vez dos da criada. Parece tão injusto enganá-los, Ralf.

– Você teria preferido que lhes contássemos a verdade? – perguntou ele.

O cavalo parecia bem, embora deixasse escapar alguns relinchos inquietos. O animal queria sair e se movimentar.

– Não – respondeu Claire. – Isso também não seria justo. Rebaixaria a hospedaria deles.

Rannulf ergueu as sobrancelhas, mas não fez nenhum comentário.

– Qual é o nome de seu cavalo?

– Bucephalus – respondeu ele.

– É uma beleza.

– Sim.

Eles ficaram calados até Rannulf terminar de escovar o cavalo, tirar o feno velho do estábulo e espalhar feno novo, então dar água e comida ao animal.

Com a notável exceção de Freyja, sua irmã, a maior parte das mulheres que Rannulf conhecia gostava de tagarelar. O silêncio entre os dois era confortável... e surpreendente. Rannulf não se sentia constrangido sob o olhar atento e silencioso dela.

– Você ama cavalos – comentou Claire quando ele terminou e se recostou contra uma viga de madeira. – E tem mãos gentis.

– Tenho? – Ele deu um meio sorriso para ela. – Você não gosta de cavalos?

– Não tenho muita intimidade com eles – admitiu Claire. – Acho que tenho certo medo.

Antes que pudessem se envolver mais na conversa, um dos cavaleiros apareceu e informou que a mulher do estalajadeiro esperava por eles no refeitório, com um bule de chocolate quente. Os dois voltaram pelo pátio, correndo e tentando evitar as poças mais uma vez. A chuva diminuía de intensidade.

Eles se sentaram e conversaram por duas horas, até o almoço ficar pronto. Falaram sobre livros que ambos tinham lido e sobre a guerra que havia terminado recentemente, depois que Napoleão Bonaparte fora vencido e capturado. Rannulf contou sobre seus irmãos e irmãs, sem mencionar os nomes completos. Contou sobre Wulfric, o mais velho; sobre Aidan, o oficial da cavalaria que voltara de licença havia pouco tempo, se casara e decidira vender a patente; sobre Freyja, que quase ficara noiva duas vezes do mesmo homem, mas acabara perdendo-o para outra mulher no ano anterior e estava sempre irritada desde então; sobre Alleyne, o belo irmão mais jovem; e sobre Morgan, a caçula, a irmã que era mais encantadora do que qualquer outra moça poderia ser.

– A não ser – acrescentou Rannulf – que ela tivesse cabelos vermelhos da cor de um fogo dourado, olhos verdes e pele de porcelana. – E o corpo de uma deusa, ele acrescentou para si mesmo. – Conte-me sobre sua família.

Claire contou então sobre as três irmãs: Cassandra, a primogênita, Pamela e Hilary, a caçula. Comentou também sobre o irmão mais novo, Branwell. O pai era ministro da igreja, fato que explicava por que ela não se dava com a família. O que levava a filha de um ministro da igreja à vida de atriz? Rannulf não fez a pergunta e ela não se propôs a explicar.

Quando eles terminaram de almoçar, a chuva se transformara em um chuvisco. Se parasse de chover na próxima hora, as estradas deveriam estar transitáveis no dia seguinte. A ideia de algum modo o deprimia. O dia parecia estar passando rápido demais.

– Como podemos nos divertir nesta cidade? – perguntou Rannulf à estalajadeira quando ela apareceu para retirar os pratos.

Os dois, ao que parecia, eram importantes demais para serem servidos pela criada. A moça servia cerveja a alguns homens da cidade na taverna anexa.

– Não há muito para se fazer em um dia como este – respondeu a mulher, endireitando o corpo, pousando a mão nos quadris e franzindo a testa em concentração. – Não é dia de feira. Há apenas a igreja, que não é nada demais.

– Algum comércio? – Rannulf quis saber.

– Bem, há o armazém do outro lado da praça – respondeu ela, sorrindo –, a chapelaria ao lado e o ferreiro logo depois. Não que vocês fossem precisar dos serviços *dele*.

– Vamos tentar o armazém geral e a chapelaria – disse ele. – Estou pensando em comprar uma nova touca para minha mulher desde que ela fugiu sem nenhuma.

A touca de Claire, a única que levava, havia se perdido dentro da diligência.

– Ah, não! – protestou Claire. – Eu não poderia permitir...

– Aceite o que lhe for oferecido, meu bem – recomendou a esposa do estalajadeiro, com uma piscadela. – Ouso dizer que você merece por conta da noite passada.

– Além do mais – completou Rannulf –, as esposas não devem questionar como seus maridos gastam o dinheiro deles, devem?

– Não, desde que seja gasto com elas.

A mulher deu uma gargalhada e desapareceu com os pratos.

– Não posso permitir que você... – Claire começou a dizer.

Ele se inclinou e pousou a mão sobre a dela.

– É muito provável que todos os chapéus na chapelaria sejam abomináveis, mas vamos até lá ver. Quero lhe comprar um presente. Não tem nada a ver com você ter feito por merecer ou não. Um presente é apenas um presente.

– Mas eu não tenho dinheiro o bastante comigo para também lhe comprar um – retrucou ela.

Rannulf ergueu uma sobrancelha e se levantou. De fato, ela era uma mulher orgulhosa. Provavelmente levaria à loucura vários protetores em potencial se algum dia ocupasse os camarins de Londres.



Todos os chapéus na vitrine da chapelaria eram realmente abomináveis. No entanto, qualquer esperança que Judith pudesse ter de evitar o constrangimento de ganhar um presente de Ralf se esvaiu quando a Srta. Norton desapareceu nos fundos da loja e voltou com outra touca.

– Esta – disse ela com um olhar avaliativo para Ralf – venho guardando para um cliente especial.

Judith se apaixonou à primeira vista pela touca. Era de palha, com uma pala pequena e fitas vermelhas. Na lateral acima da pala, onde se juntava ao resto da touca, fora preso um pequeno punhado de flores secas nas ricas cores do outono. Mas não era uma touca excessivamente sofisticada. A simplicidade da peça era seu maior encanto.

– Combina com a madame – observou a Srta. Norton.

– Experimente – pediu Ralf.

– Oh, mas...

– Experimente.

Ela fez o que ele dizia, com a ajuda das mãos competentes da Srta. Norton, que amarrou as fitas largas na lateral do queixo de Judith e logo voltou com um espelho para que ela se visse.

Ah, era tão lindo... Judith podia ver os cabelos sob a touca, tanto na frente quanto atrás. Todos os chapéus que já tivera na vida haviam sido escolhidos pela mãe com o propósito de esconder o máximo possível os cabelos vermelhos... com a plena concordância de Judith.

– Vamos levar – disse Ralf.

– Ah, mas... – Judith se virou para encará-lo.

– Não irá se arrepender, senhor – comentou a Srta. Norton. – A touca é o complemento perfeito para a beleza de sua mulher.

– É verdade – concordou ele, tirando uma bolsa cheia de dinheiro do bolso do paletó. – Vamos levá-la. Ela já vai usando-a.

Judith sentia-se constrangida. Uma dama não tinha permissão para aceitar presentes de um cavalheiro que não fosse seu noivo. E mesmo assim...

Que absurdo! Que completo absurdo, depois da noite da véspera, estar pensando no que uma dama faria. E a touca era a coisa mais bonita que já possuía na vida.

– Obrigada – respondeu.

E só então percebeu a enorme quantidade de notas que ele entregava à Srta. Norton. Judith fechou os olhos, horrorizada, mas se permitiu sentir o prazer contraditório de possuir algo novo, caro e adorável.

– Obrigada – disse ela novamente quando os dois saíram da loja e Ralf abriu sobre eles o enorme e antigo guarda-chuva que o estalajadeiro insistira que levassem. – É muito linda!

– Embora seja ofuscado por completo por quem a está usando – elogiou ele. – Vamos ver o que o armazém tem a oferecer?

Havia um pouco de tudo no armazém, na maioria produtos baratos, exagerados, de péssimo gosto. Mas eles olharam tudo, as cabeças juntas, abafando o riso diante dos itens horrorosos. Então o dono do lugar engatou uma conversa com Rannulf sobre o tempo

que por fim começava a clarear. O sol estaria brilhando pela manhã, previu o homem.

Judith pegou a bolsa de dinheiro e contou rapidamente suas moedas. Sim, havia o bastante. Ela teria que torcer para que a diligência em que embarcaria no dia seguinte a levasse direto para a casa da tia, sem mais atrasos, porque não sobraria nada para um lanche ou refresco. Mas Judith não se importava. Ela pegou uma pequena caixa de rapé em uma prateleira e levou-a até o balcão. Os dois riram daquela caixa por ser particularmente feia, com uma cabeça de porco entalhada na tampa. Judith pagou pela caixa enquanto Ralf fechava o guarda-chuva, já que não precisariam dele quando atravessassem a praça para voltar à estalagem.

Judith deu o presente a Ralf do lado de fora do armazém. Ele abriu o papel que embrulhava a caixa e deu uma gargalhada.

– *Essa é a medida de sua estima por mim?* – perguntou.

– É para que se lembre de mim sempre que der um bom espirro – explicou Judith.

– Ah – disse Ralf, abrindo a capa e guardando a caixa com cuidado no bolso –, eu me lembrarei de você, Claire. E vou guardar seu presente com carinho. Você gastou seus últimos tostões nele?

– Não, é claro que não – assegurou ela.

– Mentirosa. – Ralf passou o braço dela pelo dele. – Já estamos na metade da tarde e o tédio ainda não nos levou de volta para a cama. Mas acho que é o que está prestes a acontecer. Acha que iremos achar *tedioso* o tempo que passaremos lá?

– Não – respondeu ela, sentindo-se subitamente ofegante.

– Também tenho essa sensação – comentou ele. – O estalajadeiro e sua esposa nos alimentaram bem. Vamos ter que arrumar um jeito de abrir o apetite de novo, para que possamos fazer justiça ao jantar que sem dúvida irão preparar para nós. Consegue imaginar alguma maneira de fazermos isso?

– Sim – disse Judith.

– Apenas uma?

Ele estalou a língua e ela sorriu. Sentia-se bonita com sua touca nova, o presente que dera a Ralf estava no bolso dele e os dois caminhavam juntos até a estalagem, com a intenção de

voltarem para a cama. Ainda tinham todo o resto da tarde e a noite que se seguiria. Ela fazia com que isso representasse uma eternidade.

Judith levantou os olhos para o céu. Já havia espaços entre as nuvens onde se podia ver o céu azul. Não olharia mais. Ainda lhe restavam algumas horas antes que a manhã chegasse.

CAPÍTULO V



– Já teve uma visão mais linda? – perguntou ela, a voz cheia de encantamento.

Claire estava diante da janela da sala particular deles, os dois cotovelos apoiados no parapeito e o queixo sobre as mãos, observando o sol se pôr sob um céu laranja, dourado e rosa. Ela usava um vestido listrado de seda, em tons de creme e dourado, em que Rannulf já reconhecia o estilo simples e elegante de Claire.

Ele se surpreendia constantemente com ela. Quem teria esperado que uma atriz fosse se maravilhar com um pôr do sol? Ou que fosse mostrar um prazer tão evidente por ganhar uma touca muito bonita, mas de forma alguma ostentosa ou cara? Ou que riria por causa de uma caixa de rapé feia e barata e gastaria nela os últimos tostões que guardara para a viagem? Ou que faria amor com uma entrega tão absoluta?

– Ralf? – Claire virou a cabeça e estendeu a mão para ele. – Venha olhar.

– Eu *estava* olhando – disse ele. – Você é parte do quadro.

– Ah, não precisa ficar me adulando – falou ela. – Venha olhar!

Ele pegou a mão estendida e ficou ao lado dela, na janela. O problema com o pôr do sol é que todos eram seguidos pela escuridão. Assim como o problema com o outono era que o inverno vinha logo atrás.

Ela o estava tornando sentimental.

– O sol estará brilhando amanhã – comentou Claire.

– Sim.

A mão dela apertou a dele.

– Estou feliz que tenha chovido – disse. – Estou feliz por a diligência ter tombado.

– Eu também.

Rannulf deu a mão a ela e passou o braço por seus ombros. Claire se recostou contra ele e os dois observavam o sol desaparecer atrás de um campo distante.

Ele queria levá-la novamente para a cama. Pretendia fazer isso naquele momento e quantas vezes sua energia permitisse durante a noite, mas já não sentia a urgência que sentira na véspera, ou a exuberância vigorosa da tarde. Agora se sentia quase... melancólico. E não estava acostumado a esse tipo de humor.

Em lençóis limpos, eles se permitiram duas intensas rodadas de sexo depois das compras, dormiram um pouco e jantaram a sós. Ela representara Viola e Desdêmona para ele. Então, o pôr do sol chamara a atenção de Claire.

Estava ficando tarde. O tempo passava e Rannulf lamentava não poder dar sequência ao romance deles até que chegasse a seu final natural, talvez em alguns dias, talvez dali a uma semana ou mais.

Ela suspirou e se virou para olhar para ele. Rannulf beijou-a. Gostava do modo como Claire beijava, a boca relaxada, respondendo a ele sem exigir o controle. Claire tinha sabor de vinho, embora só houvesse bebido um copo naquela noite.

Foi durante o beijo que Rannulf teve a ideia. Uma ideia brilhante. Óbvia.

– Vou com você, amanhã – avisou ele, erguendo a cabeça.

– O quê? – Ela levantou os olhos ainda semicerrados para ele.

– Vou com você – repetiu Rannulf.

– Na diligência? – Claire franziu o cenho.

– Vou contratar uma carruagem particular – disse ele. – Deve haver alguma disponível em algum lugar daqui. Vamos viajar com conforto. Nós...

– Mas seus amigos... – lembrou ela.

– Eles não vão mandar uma equipe de busca atrás de mim – retrucou Rannulf. – Nem sabem quando eu chegaria. Irei com você até York. Tenho um enorme desejo de vê-la atuar em um palco de verdade, com outros atores. E ainda não terminamos um com o outro, terminamos?

Ela o encarou.

– Ah, não... Não poderia permitir essa inconveniência para você. Uma carruagem particular custaria uma fortuna.

– Minha bolsa está cheia o bastante – disse ele.

Claire balançou a cabeça devagar e um pensamento súbito ocorreu a Rannulf.

– Há alguém esperando por você? – perguntou ele. – Outro homem?

– Não.

– Outra pessoa, então? – perguntou ele. – Alguém que poderia ficar ofendido se eu a acompanhasse?

– Não.

Mas ela continuou a balançar a cabeça. Rannulf considerou outra possibilidade mais humilhante.

– Está tudo *acabado* entre nós? – perguntou. – Ou estará depois de mais uma noite juntos? Você ficará feliz por se ver livre de mim?

Ele ficou aliviado ao ver que ela continuava a negar com a cabeça.

– Quero mais de você, Claire – disse Rannulf. – Mais de seu corpo, mais de *você*. Quero vê-la atuar. Não ficarei para sempre, apenas por uma semana mais ou menos, até que ambos estejamos satisfeitos. Você é uma mulher independente, que não gosta de ficar presa a um homem, posso ver isso. Mas amanhã é cedo demais. Além disso, você não pode estar ansiosa para voltar a subir naquela diligência de novo e sentar-se ao lado de um ministro da igreja ossudo.

Ela parou de balançar a cabeça e, por um momento, um meio sorriso se abriu em seu rosto.

– Diga que quer mais de mim – pediu ele, aproximando mais os lábios dos dela.

– Quero mais de você.

– Então está combinado! – Rannulf deu um beijo rápido em Claire. – Vamos partir daqui juntos amanhã. Irei até York e a verei atuar. Vamos passar mais alguns dias na companhia um do outro, talvez uma semana. Talvez mais. O tempo que acharmos necessário.

Ela voltou a dar um meio sorriso e tocou o rosto dele com a ponta dos dedos.

– Seria muito bom – disse Claire.

Rannulf pegou a mão dela entre as suas e beijou a palma. Quem teria imaginado na manhã da véspera, quando ele partira da casa de Aidan em direção a Grandmaison, que estaria indo direto para os braços de uma nova amante, de um tórrido caso de amor? Havia amaldiçoado a lama na estrada e a chuva que ameaçava cair, mas ambas acabaram se tornando bênçãos.

– Pronta para ir para a cama? – perguntou ele.

Claire assentiu.

Rannulf se sentia exausto. Quatro vezes na noite anterior e duas naquela tarde haviam cobrado um preço alto à energia dele e, sem dúvida, também à dela. Mas, agora, a noite não precisaria ser tão frenética quanto imaginara. Não precisariam ficar acordados a madrugada inteira para aproveitar cada momento. Dias e noites os aguardavam pela frente, tantos quanto precisassem.

– Vamos, então. – Rannulf pegou a mão dela de novo e a levou na direção do quarto de dormir. – Vamos fazer amor longa e lentamente e então dormir, o que acha?

– Sim – respondeu Claire, a voz baixa e rouca envolvendo-o com uma promessa quente e sensual.



Já estava claro do lado de fora, embora ainda fosse muito cedo. O estalajadeiro comentara que a diligência deveria partir da estalagem às 8h30, embora tivesse presumido que o Sr. e a Sra. Bedard não viajariam nela.

E realmente não viajariam. Mas Judith Law iria se pudesse.

Não poderia seguir viagem com Ralf. Para onde eles iriam?

A aventura estava terminada. O sonho roubado dela se esvaziara. Uma dor profunda lhe apertava como uma mão pesada. Logo, Judith acordaria Ralf e sugeriria que ele fosse contratar uma carruagem particular, tentando não parecer muito ansiosa. Não tinha coragem de contar a verdade a ele nem de inventar outra mentira. Era covarde demais para negar o pedido de Ralf e dizer que continuaria a viagem sozinha, na diligência.

Contar a verdade seria a coisa mais honrada a fazer e talvez a mais gentil.

Mas ela não conseguia suportar a ideia de dizer adeus a Ralf.

Ele dormira profundamente depois que terminaram de fazer amor. Ela ficara deitada a noite toda ao lado dele, olhando para cima, fechando os olhos às vezes, mas sem conseguir dormir, então observando a janela em busca de sinais do amanhecer, desejando que a noite durasse uma eternidade para prolongar a agonia dela.

Era difícil de acreditar que apenas duas manhãs atrás ela fora Judith Law. Agora, ela já não sabia mais quem era.

– Já acordada? – perguntou Ralf, ao lado dela, e Judith virou a cabeça e sorriu para ele. Queria se embriagar com a visão daquele homem, colecionar lembranças. – Dormiu bem?

– Sim – respondeu ela.

– Eu também. – Ele se espreguiçou. – Dormi como um anjo. Você com certeza sabe como esgotar um homem, Claire Campbell. Da melhor maneira possível, é claro.

– Vamos partir cedo?

Ele jogou as pernas pela lateral da cama e foi até a janela.

– Não há uma nuvem no céu – comentou ele, depois de afastar as cortinas. – E dificilmente haverá uma poça sequer no pátio lá embaixo. Não há razão para nos demorarmos. Talvez eu devesse sair em busca de uma carruagem para alugar, assim que estiver

vestido e barbeado. Podemos tomar café mais tarde, antes de partirmos.

– Parece um bom plano – comentou Judith.

Ele desapareceu atrás do biombo e ela o ouviu derramando água da jarra na bacia. Queria que se apressasse, mas também queria que o tempo não passasse.

– Já fez sexo em uma carruagem, Claire? – perguntou Ralf.

Ela percebeu o riso na voz dele.

– Com certeza não. – Apenas dois dias antes, aquela pergunta a teria chocado profundamente.

– Ah, então posso lhe prometer uma nova experiência hoje.

Alguns minutos mais tarde, Ralf reapareceu completamente vestido, com camisa, colete e paletó, os calções de montar e botas altas, os cabelos úmidos penteados para trás e recém-barbeado. Ele foi até o lado dela da cama, se inclinou e lhe deu um beijo rápido.

– Com os cabelos espalhados pelo travesseiro assim e os ombros nus – comentou Ralf –, você tentaria o mais casto dos santos, entre os quais não me incluo. Mas... primeiro os negócios, depois o prazer. Uma carruagem pode ser uma... cama muito interessante, Claire. – Ele endireitou o corpo, sorriu para ela e se foi.

Simple assim.

Se foi.

O silêncio que Ralf deixou para trás era ensurdecedor.

Por um momento, Judith sentiu-se tão devastada que não conseguiu se mover. Então, partiu para a ação. Saltou da cama e correu para trás do biombo. Menos de quinze minutos depois, descia as escadas, carregando a bolsinha em uma das mãos e a mala pesada na outra.

O estalajadeiro, que limpava uma mesa na taverna, endireitou o corpo e olhou para ela, os olhos fixos na mala.

– Preciso pegar a diligência – disse Judith.

– É mesmo? – perguntou ele.

A mulher dele apareceu na porta, à esquerda de Judith.

– O que aconteceu, meu bem? Ele foi rude com você, foi? Falou palavras grosseiras? Não ligue. Homens falam sem pensar.

Você precisa aprender a arrumar um modo de voltar às boas graças dele. E vai conseguir com facilidade. Vi o modo como ele olha para você. O homem a idolatra!

Judith forçou os lábios a se abrirem em um sorriso.

– Preciso partir – disse. Mas então teve uma ideia súbita. – Teria papel, pena e tinta que eu pudesse usar?

O estalajadeiro e a esposa se encararam em silêncio por alguns momentos, então ele foi para trás do balcão e pegou o que Judith pedira.

Estava perdendo minutos preciosos, pensou Judith, sentindo um frio de pânico no estômago. Ralf poderia voltar a qualquer momento e ela teria que dizer a ele o que pretendia fazer. Não suportaria fazer isso. *Não poderia.* Judith escreveu apressadamente, parou por um instante, então inclinou a cabeça e acrescentou mais uma frase. Assinou o bilhete como Claire, secou o papel e dobrou-o em quatro.

– Poderia entregar isto ao Sr. Bedard quando ele voltar?

– Farei isso, madame – prometeu o estalajadeiro quando Judith se abaixou para pegar a mala. – Pode deixar que mandarei o cavaliário para levar isso.

– Não tenho dinheiro para pagar a ele – disse Judith, enrubescendo.

A estalajadeira estalou a língua.

– Vamos acrescentar isso à conta *dele*. Eu poderia acertar a cabeça do homem com um rolo de pastel, por assustá-la assim.

Mais momentos preciosos foram perdidos enquanto chamavam o cavaliário, mas finalmente Judith saiu apressada na direção da diligência. Ia de cabeça baixa, usando a touca nova. E esperava muito, muito mesmo, não esbarrar com Ralf no caminho.

Ainda assim, meia hora depois, quando uma diligência diferente da primeira, com outro cocheiro e outros passageiros de modo geral, partiu em direção à estrada norte, Judith pressionou o nariz contra a janela, procurando por Ralf. A dor de cabeça que sentira de manhã cedo voltara com força. Estava tão deprimida que imaginou se era essa a sensação do mais puro desespero.



Rannulf voltou para a estalagem quarenta minutos mais tarde, depois de conseguido contratar uma carruagem razoavelmente elegante, com dois cavalos, a um preço exorbitante. Estariam com tudo pronto em uma hora. Teriam tempo para tomar o café da manhã primeiro. Ele estava faminto. Esperava que Claire não estivesse mais na cama... estava excitado e ela parecera tão convidativa quando ele saiu do quarto...

Rannulf subiu as escadas dois degraus por vez e abriu a porta do quarto. A cama estava vazia e Claire não se encontrava atrás do biombo. Ele abriu a porta da sala particular. Ela também não estava ali. Maldição, Claire não esperara por ele, já descera para o café da manhã. Mas, quando voltou ao topo da escada, parou de repente, franziu o cenho e voltou. Entrou no quarto de novo e olhou ao redor.

Nada. As roupas, os grampos de cabelos, a bolsinha, nada estava ali. Nem a mala. Ele cerrou os punhos ao lado do corpo e sentiu a fúria começar a dominá-lo. Era óbvio: Claire fora embora, o deixara. Sem uma palavra. Nem sequer tivera a coragem de dizer que estava partindo.

Rannulf desceu as escadas e se viu cara a cara com o estalajadeiro e a esposa. O homem o encarava com aparente simpatia; a mulher tinha os lábios cerrados e uma expressão de raiva no olhar.

– Ela partiu na diligência?

– Jovens esposas são ariscas – comentou o estalajadeiro. – Até serem devidamente domadas.

– Mulheres não são cavalos... – disse a esposa dele, com severidade. – Imagino que tenham brigado e que você tenha dito algumas palavras grosseiras para ela. Espero apenas que não tenha batido nela...

– Não bati nela – retrucou Rannulf, sem conseguir acreditar que estava se defendendo para plebeus.

– Então é melhor cavalgar atrás da diligência e se humilhar um pouco – aconselhou a mulher. – Mas não a repreenda, ouviu? Diga a ela que está arrependido. E fale gentilmente com sua esposa pelo resto de sua vida.

– Farei isso – falou Rannulf, sentindo-se tolo... e muito, muito furioso. Ela não tivera nem a decência...

– Ela lhe deixou um bilhete – avisou o estalajadeiro, virando a cabeça na direção do balcão.

Rannulf seguiu o olhar do homem e viu um pedaço de papel dobrado sobre a madeira da mesa. Ele atravessou a taverna, pegou o papel e desdobrou-o.

“Não posso ir com você”, dizia o bilhete. “Lamento não ter tido a coragem de dizer isso pessoalmente. *Há* outra pessoa, entenda. Respeitosamente sua, Claire.” Ela havia sublinhado três vezes a palavra outra.

Então ele levava para a cama e se divertira com a amante de outro, era isso? Rannulf balançou a cabeça algumas vezes, um sorriso zombeteiro brincando em seus lábios. Ao que parecia, *realmente* fora ingênuo da parte dele acreditar que uma mulher com a aparência e a profissão de Claire não estava sob a proteção de um homem abastado. Amassou o bilhete e enfiou-o no bolso do paletó.

– Vai querer seu cavalo, senhor – informou o estalajadeiro. – Para ir atrás dela.

Maldição! Na verdade, ele queria era o *café da manhã*.

– Sim – respondeu Rannulf. – Vou querer o cavalo.

– Já está tudo pronto – informou o homem. – Tomei a liberdade, depois que sua senhora partiu...

– Sim, sim – interrompeu-o Rannulf. – Me dê a conta e logo estarei a caminho.

– E ela era uma donzela apenas duas noites atrás... – disse a mulher do estalajadeiro. – Troquei os lençóis, senhor, como deve ter notado. Vocês não iriam querer se deitar em lençóis sujos de sangue, certo?

Rannulf estava de frente para o balcão, abrindo a bolsa de dinheiro, de costas para a mulher. Ele ficou imóvel por um momento.

Lençóis sujos de sangue?

– Sim, eu percebi – retrucou ele, tirando da bolsa o valor cobrado, mais uma generosa gratificação. – Obrigado.

Rannulf recitou cada obscenidade, cada blasfêmia em que pôde pensar enquanto saía a cavalo da estalagem, minutos depois, para ir atrás de sua arisca “esposa”.

– Diabo – falou ele, em voz alta. – Ela era *virgem*.



Quando Judith chegou à cidade de Kennon, em Leicestershire, à tarde, não foi surpresa descobrir que não havia uma charrete ou criado de Harewood Grange a esperando. Ela foi informada que a casa ficava a 5 quilômetros de distância e que não havia um lugar seguro para deixar a mala. Teria que levá-la.

Cansada, faminta e triste, Judith caminhou os 5 quilômetros com dificuldade, parando com frequência para pousar a mala e trocá-la de mão. Tinha muito pouca bagagem, não havia muito mesmo para levar, mas era incrível como poucos vestidos, sapatos, roupas de dormir e escovas podiam ser pesados. O dia estava quente e o sol inclemente em um céu sem nuvens. Logo, a sede se tornou um problema maior do que a fome.

O caminho que subia até a casa parecia interminável, mesmo serpenteando sob a copa de árvores altas, que garantiam uma sombra bem-vinda. Quando a casa finalmente surgiu à vista, Judith pôde ver que era uma mansão... mas ela já esperava por isso. Tio Effingham era um homem muito rico. Aliás, fora por isso que tia Effingham se casara com ele... ou ao menos fora o que a mãe de Judith dissera, irritada, depois de receber uma carta que julgara condescendente.

Um criado atendeu à batida de Judith na porta e olhou-a de cima abaixo com o nariz empinado, como se a moça fosse uma lesma trazida pela chuva. Então guiou-a até um salão anexo ao hall

coberto de mármore e fechou a porta. Judith esperou ali por cerca de uma hora, mas ninguém apareceu ou sequer lhe ofereceu algo para beber e comer. Ela sentiu vontade de abrir a porta e pedir um copo de água, mas estava completamente intimidada pelo tamanho da casa e pelas demonstrações de riqueza ao redor.

Finalmente tia Effingham apareceu, alta e magra, com cachos negros emoldurando a lateral da aba da touca que usava. Parecia muito diferente de oito anos atrás, quando Judith a vira pela última vez.

– Ah, é você, não é, Judith? – disse tia Effingham, aproximando-se e beijando o ar próximo do rosto da sobrinha. – Sem dúvida, não se apressou. Eu esperava por Hilary, já que é a mais nova de vocês, e provavelmente a mais obediente, mas você terá que servir. Como está meu irmão?

– Ele está bem, obrigada, tia Louisa – respondeu Judith. – Mamãe mandou...

– Santo Deus, menina, seus cabelos! – exclamou a tia, de repente. – São tão berrantes quanto eu me lembrava. Que terrível aflição, que provação para meu irmão, que sempre foi o decoro e a respeitabilidade em pessoa. O que sua mãe estava pensando quando comprou essa touca, que atrai ainda mais atenção para seus cabelos? Você trouxe outras para usar dentro de casa? Eu talvez encontre alguma.

– Na verdade, tenho... – Judith começou a dizer, mas o olhar da tia se desviara da touca ofensiva e dos cabelos para a capa da sobrinha, que fora aberta para que ela se refrescasse um pouco. As sobancelhas da mulher se ergueram, em uma expressão horrorizada.

– *O que* minha cunhada estava pensando ao mandá-la vestida *assim*? – exclamou a mulher novamente.

Sob a capa, Judith usava o vestido simples de musselina com o decote modesto e a cintura alta que estava na moda. A moça abaixou os olhos para a própria roupa com certo desconforto.

– *Esse vestido* – disse a tia em voz alta – é indecente. Você parece uma *meretriz*.

Judith percebeu que ruborizava. Durante duas noites e um dia, haviam feito com que ela se sentisse bonita e desejável, mas as palavras da tia a trouxeram de volta à realidade. Era feia, como o pai sempre deixara claro, embora ele nunca tivesse usado palavras tão cruéis quanto as de tia Effingham. Mas talvez ela *realmente* parecesse uma meretriz. Talvez tenha sido por isso que Ralf Bedard a achara atraente.

A ideia era dolorosa.

– Terei que inspecionar suas roupas – avisou tia Effingham. – Se todas forem assim, terei que mandá-las para as costureiras para que sejam reformadas em modelos mais discretos. Espero que Effingham não seja forçado a lhe pagar novos vestidos. Ao menos não este ano, quando ele já teve tantos gastos com a apresentação de Julianne à rainha e à alta sociedade. Além disso, estamos contando em ter despesas adicionais com o vestido de noiva e o enxoval para ela.

Julianne era a prima de 18 anos de Judith, a quem não encontrava havia oito anos.

– Como está vovó? – perguntou Judith.

A avó morava com tia Effingham. Judith não a via desde que era criança e, por isso, tinha apenas vagas lembranças de uma senhora vestida de forma exuberante, coberta de enfeites, que falava muito, ria alto e abraçava os netos sempre que tinha uma oportunidade, além de lhes contar histórias e ouvir suas tagarelices. Judith adorara a avó, até ficar claro que a mãe e o pai achavam a senhora uma provação e motivo de certo constrangimento.

– Com o grande número de hóspedes que estamos esperando aqui nos próximos dias, você poderá se mostrar útil fazendo companhia a ela – respondeu tia Effingham de forma brusca. – Você não terá muito mais o que fazer, já que nunca debutou ou foi apresentada à alta sociedade. Não se sentiria à vontade participando das atividades festivas na casa. E, é claro, você fará tudo o que puder para mostrar sua gratidão a Effingham por lhe oferecer um lar aqui.

Judith dificilmente precisaria ser lembrada de que estava em Harewood como uma parente pobre, para servir à família. Ao que

parecia, ela deveria ser a acompanhante da avó. Judith sorriu, mas logo desmaiaria se não bebesse ou comesse alguma coisa. Mas como poderia sequer pedir por um copo de água?

– Você pode subir e cumprimentar sua avó – disse tia Effingham. – Ela já tomou o chá nos próprios aposentos, já que Julianne e eu estávamos fazendo visitas. Não consigo imaginar por que meu irmão demorou tanto para mandá-la e, assim, se aliviar um pouco do peso financeiro.

– A diligência em que eu estava tombou na lama, dois dias atrás – explicou Judith. – Fui atrasada pela chuva.

– Ora, mesmo assim, foi muito inconveniente que não estivesse aqui. Poderia ter sido mais útil.

A porta se abriu e uma jovem muito bonita entrou na sala. Oito anos haviam transformado Julianne de uma criança pálida e desinteressante em uma jovem esguia, mas bem-feita de corpo, com o rosto em forma de coração, grandes olhos azuis e cachos louros macios.

– Quem é essa? – perguntou a moça, examinando Judith dos pés à cabeça. – Ah, você é Judith, a de cabelos cor de cenoura. Esperávamos que o tio mandasse Hilary... e dias atrás! Mamãe ficou terrivelmente aborrecida porque Tom foi mandado ao centro da cidade para pegá-la e só voltou quatro horas depois. Mamãe o acusou de ficar bebendo na estalagem, mas ele negou. Mamãe, quero meu chá. Não vai vir *nunca*? Um dos criados pode levar Judith até a vovó.

Também estou feliz em vê-la, Julianne, pensou Judith. Também era evidente que ela não seria incluída nos planos para o chá.

A nova vida seria muito parecida com o que imaginara...



Rannulf parara a fim de almoçar. Durante a última refeição, a carruagem com a bagagem e o valete finalmente o alcançaram. Já

era fim de tarde quando ele atravessou os portões de Grandmaison Park, passou por uma casa menor, logo na entrada, e seguiu pelo caminho reto e amplo que levava à casa principal. Logo foi levado à sala particular da avó. Ela ficou de pé e levantou os olhos para encará-lo quando Rannulf entrou na sala, ainda usando as roupas de montaria.

– Ora, já estava na hora, Rannulf. Seus cabelos precisam de um corte. Me dê um abraço. – E estendeu os braços abertos.

– Fui atrasado por uma chuva infernal – explicou ele. – Meus cabelos cresceram 10 centímetros enquanto eu esperava, por conta da umidade. Tem certeza de que não vou esmagar todos os ossos de seu corpo?

Rannulf envolveu a cintura muito fina nos braços, ergueu a avó do chão e deu dois beijos estalados nela antes de colocá-la novamente de pé.

– Garoto abusado – disse ela, endireitando o vestido. – Está morrendo de fome e de sede? Dei instruções para que trouxessem comida e bebida cinco minutos depois que chegasse.

– Faminto como um urso – garantiu Rannulf. – E poderia beber toda a água do mar, mas nem sequer uma única xícara de chá, por favor!

Ele esfregou as mãos e examinou a avó. Como sempre, estava muito elegante. Mas parecia menor e mais esguia do que nunca. Os cabelos, em um penteado elegante, eram tão brancos quanto a touca de renda que usava.

– E como estão seus irmãos e irmãs? – perguntou ela. – Me disseram que Aidan se casou com a filha de um mineiro de carvão, é verdade?

Rannulf sorriu.

– Isso mesmo, mas mesmo com a ajuda de seu *lorgnon*, vovó, não conseguirá detectar nem um traço de poeira de carvão sob as unhas dela. A moça foi criada e educada como uma dama.

– E Bewcastle? Mostrou algum sinal de que pretende levar a filha de *alguém* ao altar?

– Wulf? – falou Rannulf. – Não, ele não. E que Deus se apiede da mulher por quem ele se interessar. Ela congelaria entre os

lençóis.

– Até parece! – exclamou a avó. – Isso é o que você pensa sobre o encanto de homens como Wulfric. E Freyja? Ainda está aborrecida por causa daquele visconde?

– Ela me deu um soco no queixo quando sugeri que ainda estava aborrecida por isso, mas foi há um ano, quando o noivado dele com a Srta. Edgeworth era novidade, antes de ele se casar com a moça. Kit e sua viscondessa estão à espera de um interessante evento para os próximos meses, o que pode ou não ser doloroso para Freyja. Mas ela não demonstra o que sente.

– E como está Alleyne? – perguntou ela. – Belo como sempre?

– É o que as damas parecem achar – respondeu Rannulf, sorrindo.

– E Morgan? Wulfric vai fazer com que debute logo?

– Ano que vem, quando ela fizer 18 anos – informou Rannulf. – Embora ela já tenha declarado que prefere a morte.

– Garota tola – comentou a avó e fez uma pausa na conversa quando a criada entrou com uma bandeja e os serviu.

A bebida *não* era chá, percebeu Rannulf com certa satisfação. Ele se serviu e voltou a sentar, depois da avó ter indicado com um gesto de mão que não iria beber ou comer nada. Ah, o momento da verdade chegara, pensou Rannulf, com um suspiro interno de resignação, compreendendo que as cortesias preliminares haviam terminado e que ela estava prestes a chegar aonde pretendia desde o início.

– Aidan é que é esperto – disse a avó –, embora tenha escolhido a filha de um mineiro. Ele deve ter 30 anos agora e já estava mais do que na hora de começar a encher um quarto de crianças. E você tem 28 anos, Rannulf.

– Ainda tenho tempo então, vovó. – Ele sorriu para ela.

– Encontrei alguém muito apropriada para você – anunciou ela.

– O pai é apenas um baronete, é verdade, mas é de uma família antiga e respeitável. A moça é linda e foi apresentada à alta sociedade na primavera passada. Está pronta para um casamento vantajoso.

– Acaba de ser apresentada à alta sociedade? – Rannulf franziu o cenho. – Quantos anos ela tem?

– A jovem tem 18 anos – respondeu a avó. – A idade certa para você, Rannulf. É jovem o bastante para que a molde à sua vontade e tem a maior parte dos anos férteis ainda por vir.

– Dezoito anos! Uma criança. Preferia escolher alguém mais próximo da minha idade.

– Mas sua idade está tão avançada – comentou ela, com sarcasmo – que qualquer mulher próxima a ela já teria praticamente passado da metade de seus anos férteis. Quero ter certeza de que minha propriedade seguirá em suas mãos e na sua linhagem, Rannulf. Você tem irmãos e todos contam com meu profundo afeto, mas resolvi há muito tempo que você era meu escolhido.

– Ainda tenho muitos anos para atender ao seu desejo – retrucou ele. – E a senhora ainda é uma menina, vovó.

– Menino atrevido! Eu não tenho a vida toda, Rannulf. Na verdade, tenho bem pouco dela.

Ele olhou com atenção para ela, o copo a meio caminho dos lábios.

– O que está dizendo? – perguntou.

– Nada com que precise se preocupar – respondeu ela bruscamente. – Apenas um probleminha que, sem dúvida, acabará me levando alguns anos mais cedo do que eu teria que esperar.

Rannulf pousou o copo e estava de pé antes que ela pudesse detê-lo com a mão erguida, muito firme.

– Não – disse a avó. – Não quero pena, palavras doces ou qualquer tipo de conforto. É minha vida e será minha morte. Eu mesma cuidarei de ambas, muito obrigada. Apenas quero vê-lo casado antes de partir, Rannulf. E, quem sabe, se você for *muito* dedicado e se eu tiver muita sorte, talvez eu ainda veja seu primeiro filho no berço.

– Vovó...

Ele passou os dedos pelos cabelos. Odiava pensar nos membros da família como meros mortais. Na última vez, fora o pai, quando Rannulf tinha apenas 12 anos. Ele fechou os olhos, tentando não assimilar o que a avó sugerira.

Ela estava morrendo.

– Você vai gostar de Julianne Effingham – disse a avó. – É uma menina linda. É bem seu tipo. Sei que veio até aqui disposto a rejeitar minhas intenções de arrumar uma noiva para você, Rannulf. Sei que acredita ainda não estar preparado para o casamento. Mas poderia ao menos levar em consideração a possibilidade? Por mim? Só peço que prometa tentar, não precisa se casar com ela. Você promete?

Ele abriu os olhos, abaixou-os para a avó, claramente mais magra do que na última vez em que a vira, e suspirou.

– Prometo – respondeu. – Eu prometeria a terra, o sol e a lua se a senhora desejasse.

– A promessa de conhecer e cortejar a Srta. Effingham já é suficiente – falou ela. – Obrigada, meu rapaz.

– Mas a senhora também precisa me prometer uma coisa...

– O quê?

– Não morrer tão cedo.

Ela sorriu carinhosamente para ele.

CAPÍTULO VI



De acordo com a mãe, o *début* de Julianne Effingham foi um retumbante sucesso. Era verdade que ela não conseguira realizar o sonho de toda jovem dama: conquistar um belo e rico marido já em sua primeira temporada social em Londres. Mas a situação estava longe de ser desesperadora. Julianne atraía uma horda de admiradores, vários deles jovens cavalheiros muito adequados, e fizera amizade com muitas jovens damas de posição social superior à deles.

A lista de amigos e admiradores fora cuidadosamente avaliada por Julianne e sua mãe. A partir daí, uma lista de convidados fora produzida e os convites para uma temporada festiva de duas semanas em Harewood Grange tinham sido enviados. Quase metade deles aceitou e o número desejado de convidados fora alcançado mandando uma segunda leva de convites para as listas de segundas e terceiras opções.

Os convidados deviam chegar quatro dias depois de Judith, fato que, ela logo percebeu, não era coincidência. Mesmo que sua principal designação fosse tomar conta das necessidades da avó, havia mais mil e uma maneiras de manter as mãos e os pés de Judith ocupados nos dias frenéticos antes da chegada dos convidados.

Tia Effingham e Julianne não falavam de mais nada além da temporada festiva, dos bons partidos que estariam presentes e da perspectiva de casamento. Tio Effingham não falava nada. Raramente abria a boca, a não ser para colocar comida e bebida dentro dela, ou para responder alguma pergunta dirigida a ele. A avó de Judith falava muito, sobre uma ampla variedade de assuntos, e estava sempre pronta para rir de qualquer coisa que a divertisse minimamente. Logo ficou evidente para Judith que, além dela mesma, ninguém parecia dar muita atenção ao que a avó dizia.

Ela estava muito mais rechonchuda e indolente desde a última vez que a vira. Reclamava de uma sucessão de doenças, reais e imaginárias. Passava as manhãs em seu aposento, na maior parte do tempo se arrumando com elaborados penteados, com o uso não muito sutil de cosméticos e perfumes, roupas muito coloridas e uma montanha de joias. À tarde, a velha dama se transferia para a sala visitas, onde costumava ficar até a noite. Quase nunca saía, a menos que precisasse visitar vizinhos e amigos, em uma carruagem fechada. E comia demais, com uma queda especial por bolos com creme e bombons. Judith a amou desde o primeiro momento. Era uma mulher de boa natureza e ficara sinceramente encantada ao ver a neta.

– Você está aqui! – disse, animada, no dia em que Judith chegara, envolvendo a neta em um abraço caloroso, com aroma de violetas, os braceletes de prata tilintando em ambos os pulsos. – E é *Judith*! Estava querendo tanto que fosse você. Mas doente de preocupação que toda essa chuva a levasse embora. Deixe-me dar uma boa olhada em você. Sim, sim! Louisa, pode descer para tomar seu chá, mas peça para Tillie subir com uma bandeja para Judith, por gentileza. Me arrisco a dizer que ela não comeu muito durante a viagem. Oh, meu amor, você se transformou em uma beleza rara, como eu sabia muito bem que aconteceria.

Cuidar da avó era trabalhoso, embora os sorrisos, desculpas e agradecimentos dela tornassem as tarefas desnecessárias menos irritantes. Sempre que estava no andar de cima, precisava de alguma coisa do andar de baixo. E se estivesse no andar de baixo, precisava de alguma coisa que ficara em seus aposentos. Se estava

a pouco mais de 1 metro de um prato de bolo ou de uma caixa de bombons, precisava que alguém pegasse o quitute para ela, já que suas pernas estavam particularmente doloridas naquele dia. Era fácil entender por que tia Effingham estivera tão disposta a aceitar uma das filhas do irmão quando o pai de Judith escrevera para ela falando de suas dificuldades financeiras.

Cumprindo o que prometera, tia Effingham examinou todas as roupas que Judith levara e decretara que todos os vestidos eram impróprios. Uma criada soltara as costuras de modo que os vestidos agora caíam soltos, disfarçando o corpo voluptuoso e curvilíneo de Judith e fazendo-a parecer apenas rechonchuda e sem formas.

Tia Louisa também encontrou outra touca para que Judith usasse durante o dia. O modelo era do tipo usado por damas mais velhas, que era amarrado sob o queixo e escondia os cabelos dela. A touca e os vestidos reformados faziam Judith parecer ter, no mínimo, 30 anos.

Ela não protestou. Por que faria isso? Estava vivendo em Harewood graças à caridade do tio. A avó, sim, protestou. Judith às vezes fazia a vontade dela e, quando as duas estavam sozinhas na sala de estar, tirava a touca.

– É porque você é tão linda, Judith, e Louisa sempre teve medo de seu tipo de beleza.

Judith apenas sorriu. Sabia que não era verdade.

Grande parte das conversas da família durante os dias que antecederam à chegada dos convidados tinha como objetivo orientá-la, embora raramente alguém se dirigisse a ela pelo nome. Alguns dos convidados esperados eram nobres ou descendentes de cavalheiros nobres. Todos eram importantes na escala social. A maior parte era rica, loucamente apaixonada por Julianne e muito perto de se declarar. Mas Julianne não estava certa se aceitaria qualquer um deles. A jovem achava que talvez preferisse outra pessoa... se ele recebesse sua aprovação.

– Lorde Rannulf Bedwyn é irmão do duque de Bewcastle, mamãe – explicou tia Louisa quando estavam na sala de visitas, na segunda noite depois da chegada de Judith. – Ele é um terceiro filho, mas ainda é o segundo herdeiro, já que o duque nem lorde

Aidan Bedwyn têm filhos. Lorde Rannulf é o segundo herdeiro de um ducado!

– Vi o duque de Bewcastle em Londres nesta primavera – disse Julianne. – Ele é altivo, arrogante e tudo o que poderia se esperar de um duque. E imagine só! O irmão dele veio visitar Lady Beamish, avó deles e nossa vizinha.

– Sei que ela estava ansiosa pela chegada de lorde Rannulf – comentou a avó, erguendo uma mão cheia de anéis pesados e cintilantes, que estava pousada no braço da poltrona. – Ela me contou quando a visitei há alguns dias. Posso incomodá-la pedindo que me passe mais uns bolinhos, Judith, minha querida? A cozinheira os fez pequenos hoje. Você deveria dar uma palavrinha com a moça, Louisa. Bastam três mordidas e o bolo já acabou.

Mas Julianne não terminara seu discurso.

– E Lady Beamish deseja apresentar lorde Rannulf a *mim*. Ela aceitou animada a sugestão de mamãe para que ele participasse das atividades da temporada festiva. E convidou a nós e nossos hóspedes para uma festa ao ar livre, em Grandmaison.

– É claro que ela faria isso, meu amor – retrucou tia Effingham, dando um sorriso afetado de orgulho. – Lorde Rannulf Bedwyn é o herdeiro de Lady Beamish, além de possuir uma considerável fortuna própria. É natural que ela deseje vê-lo em um bom casamento. E que escolha mais adequada do que uma jovem dama com berço e fortuna, que também é vizinha dela? Será uma aliança esplêndida para você, não será, Effingham?

Tio George, que estava lendo um livro, grunhiu em resposta.

– E agora você pode ver, Julianne – continuou a mãe –, por que foi inteligente da sua parte aceitar meu conselho e não encorajar os primeiros cavalheiros que a procuraram em Londres.

– Ah, sim – concordou Julianne. – Eu poderia ter me casado com o Sr. Beulah, que é entediante, ou com Sir Jasper Haynes, que nem mesmo é bonito. Mas *talvez* também não me case com lorde Rannulf Bedwyn. Verei o que acho dele. Afinal, é um tanto velho.

Judith foi mandada para o andar de cima a essa altura para guardar os brincos da avó na caixa de joias – eles estavam beliscando os lóbulos das orelhas dela, como sempre acontecia

quando os usava por mais de um hora –, e para trazer os de rubi em formato de coração.

Coração! O dela estava tão pesado, enquanto subia as escadas. Felizmente, logo ficara aliviada em relação à sua maior preocupação: suas regras haviam descido no dia seguinte à chegada a Harewood. Mas Judith desconfiava que nenhuma notícia a aliviaria da profunda depressão que teria por um longo tempo. Não conseguia pensar em nada além de Ralf Bedard. Revivia cada momento, toque e sensação. Não queria deixar as lembranças escaparem nem por um momento, com medo de que elas se apagassem por completo. Ao mesmo tempo, se perguntava se não seria mais gentil consigo mesma se esquecesse de tudo.

Às vezes, Judith sentia que seu coração realmente se partiria. Como fora tola! Ainda assim, agarrava-se às lembranças como a uma boia salva-vidas.

No fim da manhã do dia anterior à chegada dos hóspedes, enquanto Tillie fazia cachos nos cabelos grisalhos da avó e Judith preparava o remédio matinal da senhora, que garantia que os tornozelos dela não inchassem demais, Julianne entrou correndo no quarto de vestir, quase não se contendo de empolgação.

– Ele chegou, vovó! – anunciou a jovem. – Chegou alguns dias atrás e nos fará uma visita hoje à tarde.

Ela levou as mãos ao peito e quase deu uma pirueta no tapete.

– Será um prazer recebê-lo – disse a avó. – Um pouco mais alto no lado esquerdo, eu acho, Tillie. Mas *quem* está vindo?

– Lorde Rannulf Bedwyn – disse Julianne, impaciente. – Lady Beamish mandou um recado esta manhã, anunciando sua intenção de nos visitar à tarde com o propósito de apresentar lorde Rannulf. Acho que 28 anos não é *muito* velho, é? Acha que ele é bonito, vovó? Torço para que não seja feio. Você pode ficar com ele se for feio, Judith. – Ela riu, animada.

– Ouso dizer que se é filho de um duque, no mínimo terá uma aparência distinta – comentou a avó. – É o que costuma acontecer, ou ao menos era assim no meu tempo. Ah, obrigada, minha querida Judith. Estou sentindo um pouco de falta de ar, um sinal de que minhas pernas vão inchar.

– Devemos estar todas na sala de visitas, usando nossas melhores roupas. Ah, vovó... o filho de um *duque*. – Ela inclinou a cabeça, beijou o rosto da avó e atravessou rapidamente o quarto de vestir para sair. Mas então parou, com a mão na maçaneta. – Ah, Judith, quase me esqueci. Mamãe disse que você deve usar a touca que ela lhe deu. É melhor não deixar que ela a veja sem.

– Passe-me os bombons, Judith, por gentileza – pediu a avó, depois que Julianne saiu. – Não consigo suportar o gosto desse remédio. Louisa deve ter moinhos de vento na cabeça, insistindo para que você use aquele tipo de touca dentro de casa quando é apenas uma criança. Mas acho que ela não quer que seus cabelos ofusquem os cachos louros de Julianne. Louisa não precisa se preocupar. A menina é bonita o bastante para virar a cabeça de qualquer homem tolo. O que devo usar esta tarde, Tillie?

Pouco tempo depois, Judith mudou de roupa e optou por seu vestido de musselina verde-claro, um de seus favoritos, embora agora estivesse largo e quase sem cintura, e amarrou as fitas da touca sob o queixo.

Deus, ela parecia uma tia solteirona, pensou com uma careta, antes de se afastar decidida do espelho. De qualquer modo, ninguém a olharia naquela tarde. Judith se perguntou se Julianne aceitaria lorde Rannulf Bedwyn mesmo que se visse diante de um homem de 1 metro de altura, corcunda, com rosto de gárgula. O palpite de Judith era que a prima não seria capaz de resistir ao encanto de se tornar Lady Rannulf Bedwyn, não importava qual fosse a aparência ou o comportamento do homem.



Rannulf passara todo o primeiro dia em Grandmaison na companhia da avó, conversando nos jardins em estilo francês, onde ela se recusou a se apoiar no braço dele. Rannulf contou a avó sobre as recentes atividades dos irmãos e compartilhou suas primeiras

impressões sobre Lady Aidan, sua nova cunhada. E também respondeu a todas as perguntas dela.

A avó estava mais lenta do que antes e parecia cansada na maior parte do tempo, mas o orgulho e a dignidade a mantinham empertigada e ativa, por isso não reclamou sequer uma vez, nem aceitou a sugestão dele para que se recolhesse a fim de descansar.

Rannulf se vestiu com esmero para a visita a Harewood Grange e permitiu que o valete o enfiasse em seu paletó azul mais justo e elegante, com os botões de metais grandes e um elaborado nó de gravata. Ele usou calções claros e justos, além de botas de montaria, de cano até o joelho, com uma barra branca no topo. Como seus cabelos estavam longos demais para o penteado da moda, ou para qualquer outro em voga, Rannulf prendeu-os na nuca com uma fita, ignorando o comentário aflito do valete de que parecia ter saído de um retrato de família de duas gerações atrás.

Estava prestes a cortejar uma jovem. Rannulf se encolheu ao fazer essa confissão silenciosa. Iria visitar uma provável noiva. E, dessa vez, não sabia como faria para fugir da situação. Havia prometido à avó. Ela estava doente. Não era um truque. Por outro lado, prometera apenas que consideraria a possibilidade de se comprometer com a moça, não que se casaria com ela. A avó fora o mais justa possível com ele.

Mesmo assim, sabia que estava em uma armadilha. Preso nela por seu próprio senso de honra e pelo amor que sentia pela avó. Dissera que daria o sol e a lua se a avó desejasse, mas tudo o que ela queria era vê-lo casado antes que morresse, talvez com um filho no ventre da esposa, ou até já no berço. Rannulf não iria conhecer a moça apenas para ver se o agradava. Estaria cortejando-a. Seria possível se casar até o verão se ela o aceitasse. E ele não duvidava de que a moça aceitaria. Rannulf não tinha ilusões sobre ser um bom partido, principalmente para a filha de um mero baronete de linhagem impecável e fortuna de bom tamanho.

Ao lado da avó, seguiu em uma carruagem aberta até Harewood Grange, desejando que ela não tivesse afastado a possibilidade de fazer de Aidan seu herdeiro simplesmente porque ele tinha uma carreira bem-estabelecida na cavalaria. Mas Rannulf

sabia que a principal questão era que ele amava a avó... e ela estava morrendo. E pensar que ele quase atrasara sua chegada ali por uma semana ou mais... Se Claire Campbell não houvesse fugido, ele estaria em York com ela, enquanto a avó esperava, cada dia aproximando-a do fim. Rannulf ainda não conseguia pensar em Claire sem sentir raiva, humilhação e culpa. Como não havia percebido?

Mas ele mudou com firmeza os rumos de seu pensamento. Claire fora parte de um leve incidente no passado. E acabara lhe fazendo um favor ao fugir daquele jeito.

– Aqui estamos – disse a avó, quando a carruagem saiu da cobertura escura das árvores, entrando em um caminho longo e sinuoso. – Vai gostar dela, Rannulf, eu prometo.

Ele pegou a mão da avó e levou-a aos lábios.

– Espero de coração gostar, vovó – disse ele. – Já estou meio apaixonado pela moça apenas porque a *senhora* a recomendou.

– Rapaz tolo! – disse ela, com a voz rouca.

Alguns minutos mais tarde, os dois entraram em um hall amplo com piso e paredes de mármore, subiram uma escada curva e elegante e foram anunciados à porta da sala de visitas por um mordomo empertigado, de expressão azeda.

Havia cinco pessoas na sala, mas não era difícil perceber a única que realmente importava. Quando se inclinou e murmurou cumprimentos polidos a Sir George e Lady Effingham e a Sra. Law, a mãe de Lady Effingham, Rannulf percebeu com certo alívio que a única jovem dama presente, a quem foi apresentado por fim, era adorável. Ela era baixa – ele duvidava que o topo da cabeça da moça chegasse a seus ombros –, esguia, loura, de olhos azuis e pele rosada. A moça sorriu e fez uma cortesia quando a mãe a apresentou. Rannulf inclinou o corpo em cumprimento e encarou a moça com apreciação.

Era uma sensação estranha saber com alguma certeza que estava olhando para sua futura noiva... e que isso não demoraria a acontecer.

Maldição! Maldição!

Seguiram-se risadas e uma conversa animada. Sra. Law apresentou Rannulf e a avó a sua acompanhante, a quem ele não notara até então. Era uma parente distante, uma mulher rechonchuda, sem formas, de idade indeterminada, que baixou a cabeça e ajeitou levemente a cadeira para ficar atrás da Sra. Law quando todos se sentaram.

Sra. Law convidou Lady Beamish para se sentar a seu lado no sofá, para que as duas pudessem entabular uma conversa confortável. Ofereceram a Rannulf o lugar ao lado da avó. Srta. Effingham sentou-se estrategicamente perto, em um pequeno sofá próximo. Lady Effingham foi quem mais falou, mas, sempre que pedia a filha para contar a lorde Rannulf sobre algum evento a que comparecera em Londres durante a temporada social, a garota obedecia. Srta. Effingham falava com graciosidade, em uma voz baixa e doce, sempre sorrindo.

Rannulf percebeu que a moça estava satisfeita por tê-lo como possível pretendente. Assim como a mãe dela. Ele sabia que devia representar o ganho de uma vida para as duas, é claro. Rannulf sorriu, conversou de maneira amável e sentiu o grilhão se fechar ao redor de seu tornozelo. Também notou que Effingham quase não contribuiu para a conversa.

A bandeja do chá fora colocada na mesa, perto de onde Rannulf estava sentado. O prato de delicados sanduíches de pepino foi passado, assim como o de bolinhos. Mais chá foi servido e, depois disso, a criada foi dispensada com um aceno de cabeça de Lady Effingham. O apetite da Sra. Law, entretanto, não estava satisfeito. O vestido de seda dela farfalhou sobre as formas redondas e as joias em seu pescoço e suas orelhas, assim como os anéis e braceletes, cintilaram quando virou o corpo para a mulher atrás dela.

– Judith, meu amor – falou a Sra. Law –, faria a gentileza de trazer os bolinhos de volta? Estão particularmente saborosos hoje.

A acompanhante insípida e disforme ficou de pé, passou por trás do sofá em que Rannulf estava sentado e pegou o prato. A atenção dele estava voltada à lista de convidados para a festa que a Lady Effingham recitava com tanta empolgação.

– Ah, passe o prato por todos, meu amor, se puder – disse a velha dama, quando a acompanhante voltou. – Lady Beamish não pegou nenhum da última vez.

– Também estamos esperando meu enteado – Lady Effingham dizia para Rannulf –, embora nunca se possa ter certeza com Horace. Ele é um jovem encantador e sua presença é sempre exigida em todas as festas do verão.

– Não, obrigada, Srta. Law – disse a avó de Rannulf, em voz baixa, recusando os bolinhos. – Estou satisfeita.

Rannulf ergueu a mão para também recusar os doces quando a mulher parou diante dele, a cabeça tão baixa que a touca escondia o rosto de vista. Não que ele fosse olhar, de qualquer modo. Mais tarde, Rannulf não saberia dizer o que o fez parar de repente. Ela era apenas uma das mulheres invisíveis que tendiam a abundar nas casas dos ricos. E nunca eram notadas.

No entanto, parou. E a mulher ergueu milimetricamente a cabeça, o suficiente para que os olhos dos dois se encontrassem. Então ela voltou a abaixar a cabeça e se afastou antes que Rannulf pudesse completar o gesto para dispensar os bolinhos.

Olhos verdes. Um nariz salpicado com levíssimas sardas.

Law. Srta. Law. Judith. Judith Law.

Por um instante, ele se sentiu completamente desorientado.

Claire Campbell.

– Como? – perguntou ele a Lady Effingham. – Não, acredito que não tenha tido o prazer de conhecê-lo, madame. Horace Effingham... Não, realmente não. Mas talvez o conheça de vista.

Ela voltou a passar por trás dele e, dessa vez, Rannulf a *notou*. Ele nem sequer relanceou o olhar na direção dela, embora tivesse certeza de que não havia se enganado. Afinal, não andava procurando olhos verdes e narizes com sarda em todo lugar que ia. Não mesmo. Não queria voltar a vê-la nem esperava que isso acontecesse. Além do mais, estava convencido de que ela partira para York.

Mesmo assim, havia se visto diante de uma verdade bizarra demais.

Então Claire Campbell, a atriz, não existia? Até mesmo *isso* foi uma mentira astuciosa? Ela era Judith Law, alguma parente da família. Uma parente *pobre*. Por isso a bolsa de dinheiro vazia... e também o fato de ter escolhido viajar de diligência. Ela se permitira uma aventura sensual com ele quando a oportunidade apareceu. E sacrificara a própria virtude e a virgindade imprudentemente, arriscando-se a sofrer todas as terríveis consequências disso.

As consequências.

Rannulf não tinha a menor ideia do que haviam lhe dito, ou o que respondera, durante os cinco minutos que se passaram do momento em que a avó se levantou até já estar sentado na carruagem com ela. Recostou a cabeça para trás e fechou os olhos, mas apenas por um breve instante.

– E então? – perguntou a avó quando a carruagem se colocou em movimento.

– Ela é muito bonita, mais até do que a senhora me levou a acreditar.

– E também é muito bem-comportada – comentou a avó. – Se há algum excesso, é mera tolice da juventude e logo amadurecerá com as exigências do matrimônio e da maternidade. Ainda mais se contar com a paciência de um bom marido. Ela será uma boa esposa para você. Talvez não seja brilhante, mas acredito que nem mesmo Bewcastle protestará muito.

– Nunca foi dito que Wulf escolheria minha noiva, vovó – retrucou Rannulf.

Ela riu.

– Mas eu poderia apostar que Bewcastle quase teve uma apoplexia quando descobriu que Aidan havia se casado com a filha de um mineiro de carvão.

– Depois desse choque – comentou Rannulf –, estou confiante de que ele irá aprovar alguém tão adequado quanto a Srta. Effingham.

– Você irá cortejá-la a sério? – perguntou a avó, pousando a mão sobre a manga do paletó dele.

Rannulf percebeu como a pele fina e pálida dela estava esticada sobre os ossos e cobriu a mão da avó com a sua.

– Concordei em voltar lá amanhã para jantar, não concordei?

– É verdade. – A avó suspirou. – Esperava que você fosse ser mais arisco. Não vai se arrepender, eu prometo. Os Bedwyns sempre relutam em casar, mas você sabe que acabam fazendo casamentos que se transformam em belas relações de amor. Sua pobre e querida mãe nunca recuperou a saúde depois do nascimento de Morgan e acabou morrendo muito mais cedo do que deveria, mas era muito, muito feliz com seu pai, Rannulf, e ele a adorava.

– Eu sei – disse Rannulf, dando um tapinha carinhoso na mão dela. – Eu sei, vovó.

Mas a mente dele estava dominada por pensamentos sobre Judith Law. Ou seria Claire Campbell? Como iriam se evitar durante as próximas semanas? Pelo menos agora entendia por que ela fugira. Ele tinha sugerido seguir viagem com ela para poder vê-la *atuar* e não havia percebido que tudo o que vira, desde o primeiro momento, era uma atuação.

Rannulf não estava menos furioso com ela agora. A mulher o havia enganado. Mesmo com todos os excessos em sua vida, jamais sonhara em seduzir uma moça de família. E era exatamente assim que sentia naquele momento... como um sedutor de inocentes. Um vilão lascivo.

A vida dera voltas para pior desde que ele recebeu a carta da avó, em Londres.



– Ele é muito *grande*, mamãe – disse Julianne, ainda assim levando as mãos ao peito, em êxtase.

Tio George descera para acompanhar Lady Beamish e lorde Rannulf Bedwyn até a porta e não voltara à sala de visitas.

– Mas é um homem elegante – comentou tia Effingham.

– Ele não é exatamente belo, não é mesmo? – continuou a jovem. – E tem um nariz tão grande.

– Mas tem os olhos azuis e bons dentes – disse a mãe. – E todos os Bedwyns têm aquele nariz, Julianne, minha querida. É o que se conhece como nariz aristocrático. Muito distinto.

– E os cabelos dele! – lembrou Julianne. – São *longos*, mamãe! E ele os *amarrou para trás*!

– Devo confessar que isso é um pouco estranho – comentou tia Effingham. – Mas cabelos sempre podem ser cortados, querida, principalmente quando uma dama da qual ele gosta pede. Ao menos o homem não é *careca*.

As duas riram animadas.

– No meu tempo – disse a avó –, cabelos longos estavam na moda para homens, embora muitos deles raspassem as cabeças e usassem perucas. Mas não seu avô. Os cabelos dele eram mesmo dele. Acho cabelos longos muito atraentes.

– Argh! O que você achou de lorde Rannulf Bedwyn, Judith? Achou o lorde bonito? Acha que devo ficar com ele?

Judith tivera mais de meia hora para se recompor. Quando o vira entrar na sala, achou que iria desmaiar. Simplesmente não era *possível*, pensara por um breve instante. Seus olhos e sua mente deviam estar lhe pregando uma peça. Mas não havia dúvida... Ralf Bedard e lorde Rannulf Bedwyn eram a mesma pessoa. Todo o sangue pareceu fugir de sua cabeça. Judith se vira suando frio, os ouvidos tilintando e tudo diante dos seus olhos pareceu girar, como em uma estranha realidade.

Ralf – Rannulf. Bedard – Bedwyn.

Parecido, mas diferente o bastante para manter oculta a verdadeira identidade dele de uma atriz potencialmente exigente e ambiciosa. E diferente o bastante para que ela não percebesse a semelhança até ser confrontada com o homem em pessoa. Judith se esforçara para não desmaiar, o que acabaria atraindo uma atenção indesejada para ela. Mas ainda se sentia tão abalada que desmaiaria, caso se permitisse.

– Bonito? – repetiu Judith. – Não, acho que não, Julianne. Mas, como disse tia Louisa, ele tem uma aparência distinta.

Julianne riu.

– Ele é muito atencioso, não é? – perguntou a jovem. – Ouviu cada palavra que falei e não pareceu condescendente ou entediado como acontece com tantos cavalheiros quando alguém fala. Devo aceitá-lo, mamãe? Devo, vovó? Você não desejaria estar em meu lugar, Judith?

– Primeiro, ele terá que conversar com seu pai – adiantou tia Effingham, levantando-se. – Mas lorde Bedwyn ficou encantado com você, querida, e está claro que Lady Beamish tem toda a intenção de apoiar o enlace. Ela deve ter uma influência considerável sobre o neto. Acredito que podemos ser otimistas.

– Judith, meu amor – disse a avó –, você faria a bondade de me ajudar a ficar de pé? Não sei por que estou tão letárgica esses dias. Tenho que visitar o médico, Louisa. Ele precisa me passar mais remédios. Vamos subir. Judith, pode chamar Tillie para mim, por favor? Acho que vou me deitar por uma hora.

– Ah, então você estará livre, Judith – adiantou-se tia Effingham. – Junte-se a mim na biblioteca daqui a alguns minutos. Há cartões de mesa a serem escritos, que serão usados no jantar de amanhã, e várias outras pequenas tarefas a serem realizadas. Você não deve ficar ociosa. Estou certa de que seu pai lhe disse que o diabo encontra trabalho para mãos ociosas.

– Descerei assim que acomodar a vovó – prometeu Judith.

– Julianne, querida – disse a mãe da jovem –, você deve descansar e não se exaurir. Precisa estar mais linda do que nunca amanhã.

A mente de Judith ainda girava. Ele era *lorde Rannulf Bedwyn* e fora até lá para cortejar e se casar com Julianne. Ou era nisso que a tia e a prima acreditavam. Ela, Judith, o veria todos os dias pelas próximas duas semanas. E os veria juntos.

Ele sabia? Será que a reconhecera? Por que ela levantou os olhos quando ele ergueu a mão para recusar o bolinho e logo parara? Os olhos dele haviam se encontrado. Ela logo abaixara a cabeça, antes de perceber qualquer expressão de reconhecimento nos olhos dele, mas pudera sentir.

Ele a reconheceria? A humilhação de ser vista daquele jeito, de ser conhecida como quem era, parecia insuportável. Se ele não a havia reconhecido naquela tarde, certamente o faria em algum momento durante as próximas duas semanas. Não poderia se esconder dele o tempo todo. Havia escutado a avó combinar uma visita a Lady Beamish na tarde do dia seguinte, quando todos os hóspedes já estivessem em Harewood. Ela seria requisitada para acompanhar a avó? *Ele* estaria lá?

Ela havia pensado que a vida não poderia ficar pior, mas estava errada. E sentia uma dor e uma tristeza profundas. Sonhos e realidade nunca se misturavam. Por que aquele sonho em particular, o mais glorioso de sua vida, acabara batendo de frente com a realidade que vivia?

Talvez porque não houvesse sido um sonho?

– Vou me apoiar em seu braço, Judith, se não for muito incômodo. Percebeu como Louisa se esqueceu de apresentar você a Lady Beamish e lorde Rannulf? Vi que baixou a cabeça, mortificada, e fiquei indignada por você, não me importo de dizer. Afinal, você é sobrinha dela e prima de Julianne. Mas esse é o modo como as pessoas sobem socialmente, nunca olhando para trás, negligenciando aqueles que estão abaixo. Talvez seja o medo de serem arrastados. Louisa sempre foi muito tola nesse sentido. Você perdeu peso desde que chegou aqui, meu amor? Seu vestido está tão largo, não está mostrando suas adoráveis formas, não a está valorizando. Precisamos pedir a Tillie para apertá-lo. Também vou cuidar para que você coma direito. Veja só, meus pés acabaram inchando de qualquer modo. Talvez o remédio que você preparou esta manhã não fosse forte o bastante.

– A senhora teve uma tarde cheia, vovó – disse Judith, em um tom tranquilizador. – Vai se sentir melhor depois de se deitar e colocar os pés para cima por algum tempo.

Não conseguiria suportar o que acabara de acontecer, pensou Judith. *Simplesmente não conseguiria suportar.*

CAPÍTULO VII



A carruagem que conduziu a Sra. Law para Grandmaison Park no dia seguinte era coberta, e todas as janelas estavam bem fechadas, apesar do dia quente e ensolarado. O motivo, a avó explicou, era que uma corrente de ar poderia provocar um dos resfriados que esporadicamente a atingiam. Judith concordou com a avó, mas, por dentro, estava certa de que as duas acabariam derretendo de calor.

A avó, por sua vez, estava de ótimo humor e tagarelou durante todo o caminho. Lady Beamish fora a amiga mais próxima dela desde que se mudara para Harewood, quase dois anos antes. Às vezes, era bom sair de casa e fugir de Louisa, que estava sempre de mau humor.

Judith fora mantida ocupada durante toda a manhã, indo e voltando das cozinhas e de vários outros cômodos, além dos estábulos e da garagem das carruagens, enquanto tia Effingham tentava se assegurar de não ter se esquecido de nem um detalhe dos preparativos para a chegada dos hóspedes.

Enquanto isso, Julianne, que tinha o mesmo número de mãos e pés da prima, passou a manhã girando em exuberantes piruetas, quando não estava correndo para as janelas a fim de ver se alguém havia chegado mais cedo, ou subindo apressada a escada para trocar os sapatos, a faixa do vestido ou as fitas dos cabelos. Enfim, exaurindo-se, como a mãe alertou carinhosamente a não fazer.

A esperança de Judith de que não seria chamada para acompanhar a avó na visita daquela tarde fora por água abaixo no fim da manhã. A tia observara irritada que a sobrinha estava ruborizada demais, que os olhos dela brilhavam de modo pouco natural e que uma mecha de cabelo teimava em surgir sob a touca. Julianne escolhera aquele momento para falar com a mãe.

– Lady Margaret Stebbins não é mais bonita do que eu, é, mamãe? – perguntou a moça, subitamente ansiosa. – Ou Lilian Warren, ou Beatrice Hardinge? *Sei* que Hannah Warren e Theresa Cooke não são, embora sejam moças doces e eu adore me distrair com elas. Mas eu *serei* a mais bonita aqui, não é?

Tia Effingham correria para abraçar a filha e lhe assegurara que era dez vezes mais adorável do que qualquer uma de suas queridas amigas prestes a chegar. Mas os olhos frios da tia estavam fixos em Judith enquanto falava, principalmente no cacho solto de cabelo sob a touca da sobrinha.

– Você realmente não precisa estar aqui esta tarde quando os hóspedes chegarem, Judith – informou a tia. – Não haverá nada útil que possa fazer e só vai ficar no caminho dos outros. Deve acompanhar mamãe a Grandmaison e Tillie ficará aqui, onde terá mais utilidade.

– Sim, é claro, tia Louisa – concordou Judith, perdendo as esperanças, enquanto Julianne a encarava com curiosidade.

– Pobre Judith, nunca debutou, mesmo sendo anos mais velha do que eu. Como deve ser inconveniente e desagradável para você não ser capaz de transitar na alta sociedade. Mamãe diz que seu caso não seria tão desesperador se o tio houvesse feito um casamento mais vantajoso. Como você tem *sorte* por ter sido convidada a morar aqui, onde pelo menos poderá ver pessoas de criação superior.

Judith não respondera. Nem teria a chance para isso, caso ousasse expressar sua indignação em defesa da mãe. Julianne se voltou para tia Louisa suplicando para que a mãe desse uma opinião sobre a escolha de seu vestido.

Mas agora Judith seguia de carruagem ao lado da avó, abanando-a por causa do calor e agarrando-se ao fato de que

cavalheiros não costumavam fazer sala para damas idosas com muita frequência, principalmente quando outra dama idosa aparecia de visita. Lorde Rannulf Bedwyn com certeza não estaria com a avó naquela tarde.

Ela se enganara.

Depois de descer da carruagem e entrar no hall de Grandmaison, foram levadas a uma sala de estar espaçosa, de pé direito muito alto, no primeiro andar. As paredes cor de marfim com adornos dourados refletiam a luz e deixavam mais evidente a elegância e o requinte do lugar. Pinturas de paisagens em molduras também douradas acrescentavam beleza e profundidade ao cômodo. As longas janelas francesas no outro extremo da sala estavam abertas, trazendo o canto dos pássaros e o aroma das flores para dentro. Judith teria se apaixonado à primeira vista pela sala se não tivesse se dado conta no mesmo instante da presença de duas pessoas ali dentro, em vez de uma.

Lady Beamish se levantou da cadeira ao lado da lareira vazia. Lorde Rannulf Bedwyn já estava de pé, próximo a ela. Judith baixou o queixo e tentou se esconder atrás da avó enquanto as duas atravessavam a sala. Desejou ficar invisível, sentia-se profundamente humilhada e ainda mais feia do que de costume, enfiada em um dos vestidos de algodão recém-alterados, com a touca antiquada e simples, de pala larga, que fora de tia Louisa e que ela lhe dera por não ter mais uso para o adereço.

– Gertrude, minha querida – cumprimentou Lady Beamish, calorosa, beijando o rosto da avó de Judith –, como está? E trouxe a Srta. Law com você. Que prazer. Ela é uma das netas de quem havia me falado?

– Sim, é Judith – confirmou a avó, sorrindo com carinho para a neta. – É a segunda filha e sempre foi minha neta favorita. Eu tinha grandes esperanças de que Jeremiah a mandasse, em vez de uma das irmãs.

Judith encarou a avó com surpresa. A velha dama com certeza não conhecia as netas bem o bastante para ter uma favorita.

– Como vai, Srta. Law? – perguntou Lady Beamish em tom gentil. – Sente-se.

Nesse meio-tempo, lorde Rannulf inclinava-se em uma cortesia, primeiro para a avó de Judith e depois para a própria Judith, murmurando o nome dela ao fazer isso. Ela retribuiu a cortesia sem levantar os olhos e sentou-se na cadeira mais próxima. Mas, quando descalçou as luvas, percebeu o modo abjeto como se comportava e aceitou que seria impossível esconder sua identidade por muito mais tempo. Ela, então, ergueu a cabeça e olhou diretamente para lorde Rannulf.

Ele a encarava de volta, os olhos semicerrados. Judith ergueu o queixo um pouco mais alto, mesmo sentindo o rubor colorir seu rosto.

A conversa polida ocupou os minutos seguintes. Lady Beamish perguntou pela saúde da família de Judith e a avó perguntou pela família de lorde Rannulf Bedwyn. A aguardada chegada dos hóspedes em Harewood naquela tarde também foi assunto, assim como a intenção de lorde Rannulf de ir até lá para o jantar. Então, Lady Beamish falou com determinação:

– Gertrude e eu somos velhas amigas, Rannulf, e não há nada que gostemos mais do que passar uma hora juntas, conversando sobre assuntos que não dizem respeito a mais ninguém senão nós duas. Você está liberado do tédio de ser educado. Por que não leva a Srta. Law para ver os jardins? Talvez ela aprecie sentar-se um pouco no roseiral enquanto você resolve seus negócios.

Judith cruzou as mãos com força no colo.

– Parece que estamos atrapalhando aqui, Srta. Law – disse ele, dando alguns passos na direção dela e inclinando-se levemente, enquanto indicava as portas francesas com a mão. – Vamos lá para fora?

– Talvez, lorde Rannulf – disse a avó de Judith enquanto a neta se levantava com relutância –, o senhor pudesse ter a gentileza de fechar as portas quando sair... se você não fizer objeção, Sarah. Acredito que uma de minhas febres está ameaçando reaparecer. Judith teve que abanar meu rosto por todo o caminho.

Judith ignorou o braço que lhe foi oferecido e se apressou na direção das portas francesas. Lá fora, seguiu pelo terraço com piso de pedras. Já estava em uma trilha que se bifurcava no centro dos

jardins formais antes de ouvir as portas francesas se fecharem mais atrás. Para onde estava correndo? E por que correria? Com toda certeza, nunca na vida se sentira mais constrangida do que naquele exato momento.

– Ora, Srta. *Judith Law* – disse ele baixinho e Judith percebeu com um sobressalto que o lorde já estava atrás dela. Havia um toque de veneno em sua voz.

Ela cruzou as mãos nas costas e se virou, encarando com determinação o rosto dele. Um rosto terrivelmente próximo e familiar.

– Ora, *lorde Rannulf Bedwyn* – retrucou ela.

– *Touché*. – Ele devolveu o olhar, com um conhecido brilho zombeteiro cintilando nos olhos. E indicou a trilha à frente. – Vamos dar um passeio? Estamos muito à vista da sala de estar.

Judith pôde ver que os jardins haviam sido planejados com precisão geométrica e as trilhas pavimentadas com pedras levavam, como raios de uma roda, à fonte no centro, onde um Cupido de mármore permanecia sobre um dos pés, a água saindo da ponta de sua flecha. Cercas vivas baixas e podadas com minúcia se alinhavam pelas trilhas, assim como canteiros de flores que garantiam um banquete de cores e beleza aos olhos, além de um doce perfume.

– Você me enganou – disse ele enquanto caminhavam.

– E *você me* enganou.

Judith desejava nunca ter descoberto a identidade dele. *Por que* aquilo tinha que acontecer? De todos os possíveis destinos na Inglaterra, eles seguiram para propriedades que não ficavam a mais de 8 quilômetros de distância uma da outra. E ele iria, na verdade, fazer parte dos festejos que aconteceriam em Harewood.

Ele realmente se casaria com Julianne? Havia planejado isso antes da viagem ao norte?

– Eu me pergunto se sua avó, sua tia e seu tio estariam interessados em saber que você é uma atriz e uma cortesã.

Ele a estava ameaçando?

– Eu me pergunto – retrucou Judith com sarcasmo – se ficariam interessados em saber que o homem que corteja minha prima se

envolve em romances casuais com estranhas em suas viagens.

– Está mostrando sua ignorância do mundo, Srta. Law – acusou ele. – Os Effinghams com certeza estão cientes de que cavalheiros têm certos... *interesses* que perseguem a cada oportunidade, antes e depois do casamento. A senhorita é uma hóspede de honra na casa de seu tio?

– Sim. Fui convidada para viver em Harewood – respondeu ela.

– Então por que não está lá, agora à tarde, para encontrar os hóspedes que estão chegando? – perguntou ele.

– Minha avó necessita de minha companhia.

– A senhorita mente, Srta. Law – acusou mais uma vez lorde Rannulf. – Na verdade, mente muito bem. Não passa de uma parente pobre. Veio para Harewood para ser uma reles criada, a fim de aliviar sua tia da necessidade de cuidar de sua avó. O que houve? Seu pai não fez um casamento tão vantajoso quanto o de sua tia?

Eles haviam chegado à fonte e parado de caminhar. Judith sentiu as gotas frias da água da fonte salpicarem seu rosto.

– Minha mãe é de uma ótima família. E meu pai, além de ser ministro da igreja, é um homem de posses – retrucou ela com irritação.

– De *posses* – repetiu ele, com escárnio na voz. – Mas não de fortuna? E as posses devem ter sido depauperadas a um nível que seus pais se viram forçados a mandar uma das filhas para parentes abastados?

Judith deu a volta na fonte até a trilha do outro lado. Lorde Rannulf fez o mesmo movimento na direção contrária.

– Seu interrogatório é impertinente – reclamou Judith. – Minhas circunstâncias não são de sua conta. Nem as de meu pai.

– Você é filha de um cavalheiro – comentou ele em um tom suave.

– É claro que sou.

– E está furiosa.

Ela estava? Por quê? Porque era humilhante ser vista e conhecida como quem era? Porque seu único sonho roubado, que a sustentaria pelo resto de uma vida solitária, fora estilhaçado?

Porque ele parecia tão composto e nem um pouco afetado pela horrível coincidência? Porque acabara de zombar dela e dos pais? Porque Julianne era jovem, bela e rica? Porque Branwell acabara com a pequena, mas até então bem-cuidada, fortuna do pai? Porque a vida não era justa? Quem dissera que deveria ser?

– E também é uma covarde – acrescentou lorde Rannulf, após um breve silêncio. – Nem teve a coragem de me olhar nos olhos e contar sua mentira sobre haver outro homem. Não teve coragem de me dizer adeus.

– Não – admitiu ela. – Não, eu não tive.

– E acabou me fazendo parecer um tolo – acusou ele. – Fui repreendido pela mulher do estalajadeiro por maltratá-la e recebi o conselho de correr atrás de você.

– Eu lamento.

– Lamenta? – Ele baixou os olhos para encará-la e Judith percebeu que os dois haviam parado de caminhar mais uma vez. – Eu teria ficado mesmo furioso se houvesse me dito a verdade. Não se deu conta disso? Eu a teria estabelecido como minha amante. E a teria sustentado, tomado conta da senhorita.

Agora Judith estava muito furiosa e sabia exatamente o motivo. *Por que* o único grande sonho da vida dela tinha que sofrer uma morte tão ignóbil, tão *dolorosa*? Ela odiou o lorde e desprezou-o por forçá-la a ver a sordidez do que acontecera entre eles.

– Deixe-me ver. – Judith bateu com o dedo nos lábios e olhou para cima, como se estivesse pensando. – Acho que isso teria durado alguns dias, talvez até mesmo uma semana. Até que cansássemos um do outro. Ou melhor, até que *você* se cansasse de *mim*. Não, obrigada, lorde Rannulf. Tive prazer em nosso encontro. Ele preencheu dias potencialmente tediosos enquanto esperávamos que a chuva parasse. Já havia me cansado do senhor quando ela cessou. Mas teria sido indelicado dizer isso, já que o senhor ainda precisava de mais alguns dias, ou talvez até uma semana, comigo. Assim, escapei enquanto estava fora. Perdoe-me.

Ele a encarou por um longo tempo, a expressão indecifrável.

– Se puder me mostrar onde é o roseiral, sentarei lá até minha avó mandar me buscar.

Lorde Rannulf falou abruptamente, ignorando a sugestão dela:

– Você está esperando um bebê? Ao menos já sabe disso?

Se um buraco fosse gentil o bastante para se abrir sob os pés de Judith, ela teria pulado nele com prazer.

– Não! – respondeu ela, o rosto quente. – É claro que não estou.

– É claro? – Com as sobrancelhas erguidas, ele tinha uma expressão zombeteira, presunçosa e aristocrática. – Bebês são resultado das atividades que nos permitimos, Srta. Law. Não sabia disso?

– É claro que eu sabia disso! – Se era possível se sentir mais envergonhada, Judith não conseguia imaginar sob que circunstâncias seriam. – O senhor não acha...

Ele ergueu uma das mãos para detê-la.

– Por favor, Srta. Law – falou, com um ar impaciente –, não faça o papel de mulher vivida. Com certeza será apenas mais uma atuação, como sua Lady Macbeth. Tem *certeza* de que não está grávida?

– Sim, estou absolutamente certa. Onde fica o roseiral?

– Por que está vestida dessa maneira horrorosa? – perguntou ele.

Judith o encarou com os lábios cerrados.

– Essa com certeza não é uma pergunta que um cavalheiro faça – retrucou, ao ver que esperava por uma resposta.

– Não estava vestida assim quando viajava – comentou ele –, embora eu me culpe por não ter percebido que era uma simples garota do campo brincando de ser atriz e cortesã. A senhorita é boa... em ambos os papéis. Mas de onde veio essa touca ridícula e o vestido de péssimo caimento?

– Suas perguntas são insolentes.

Mas os olhos e o meio sorriso dele zombavam dela... de um modo quase cruel.

– Meu palpite – continuou lorde Rannulf, interrompendo-a de novo –, na verdade é mais uma certeza do que um palpite, é de que sua tia deu uma boa olhada na senhorita quando chegou a Harewood, percebeu com certo desgosto que ofuscaria a filha dela e

inventou o disfarce mais horroroso em que conseguiu pensar. Estou certo?

É claro que *não* estava certo. O homem era *cego*? Tia Louisa apenas insistia, ainda mais do que o pai dela, para que Judith escondesse seus traços mais feios.

– Ou até seus cabelos foram parte da encenação? – perguntou ele, os cantos da boca se erguendo em uma expressão ainda mais zombeteira. – É careca sob essa touca, Srta. Law?

– Está ficando cada vez mais tedioso e ofensivo, lorde Rannulf. Por favor, indique o caminho para o roseiral ou encontrarei um jardineiro que o faça.

Ele a encarou por mais um longo momento, as narinas dilatadas em uma expressão que poderia ser de raiva, então desviou o olhar e começou a caminhar de volta pela trilha que os levara até ali, passando pela fonte e seguindo por outra trilha que conduzia às treliças cobertas de rosas que deviam ser a parte externa do roseiral.

Era de uma beleza de tirar o fôlego... ou seria, sob outras circunstâncias. Fechado em três lados por treliças altas para proteger as flores do vento, o roseiral descia por platôs amplos em uma cascata de rosas. Havia rosas por toda parte, de todos os formatos, cores, tipos e tamanhos. O ar estava pesado com o perfume delas.

Judith sentou-se em um banco de ferro fundido no platô mais alto e cruzou as mãos no colo.

– Não precisa continuar a me fazer companhia. Ficarei muito feliz sozinha.

Ele ficou ao lado dela pelo que pareceu uma eternidade, sem dizer nada. Judith não levantou os olhos para ver se lorde Rannulf a olhava ou se admirava a vista, mas pôde ver a ponta de uma das botas hessianas batendo em uma das pedras ao lado. Judith queria que ele fosse embora. Não conseguia suportar estar tão próxima dele. Não conseguia suportar a realidade: seu sonho roubado fora arruinado para sempre.

Então lorde Rannulf saiu sem dizer uma palavra e ela se sentiu desolada.



Dentro de seus aposentos, Rannulf andava de um lado para o outro.

Maldição, ela era filha de um cavalheiro! Por que foi viajar sozinha, sem sequer uma criada para garantir certa respeitabilidade? O pai dela merecia levar um tiro por ter permitido aquilo. E a Srta. Law não deveria de forma alguma ter aceitado cavalgar com ele, usando aquela voz rouca, fingindo ser atriz. *Flertando* com ele. Permitindo que lhe roubasse um beijo sem arrancar a cabeça dele dos ombros por causa da impertinência.

Ela deveria conhecer as regras de um comportamento refinado tão bem quanto ele.

Ele conhecia as regras.

Rannulf apoiou as mãos no parapeito da janela, respirou fundo, prendeu o ar e soltou-o lentamente. Então olhou para baixo. Um empregado voltava para casa, vindo dos jardins formais. O copo de limonada que Rannulf pedira que levasse para ela fora entregue.

Srta. Law não tinha que ter aceitado a sugestão ultrajante de mudar para uma estalagem mais tranquila. Não deveria ter concordado em dividir um quarto com ele. Ou em jantar sozinha com ele. Ou em atirá-lo atuando... Afinal, onde diabo aprendera a atuar daquele jeito? Por que usou aqueles cabelos de sereia soltos sobre os ombros?

Ela não tinha que ter ido para a cama com ele, maldição!

Deveria conhecer as regras.

Rannulf bateu com o punho no parapeito da janela e praguejou.

Ele conhecia as regras. O pai criara filhos obstinados e rebeldes que desprezavam as convenções e a opinião pública, mas eram honrados, sabiam as regras que não podiam ser quebradas.

Ele dissera a Judith Law que a levaria mesmo se ela tivesse contado a verdade. Teria mesmo feito dela sua amante? Provavelmente não...

Ela era filha de um cavalheiro.

Diabo, ela não fazia ideia do destino terrível de que havia escapado. A moça era uma mentirosa talentosa. Provavelmente também mentira sobre isso. Talvez, em menos de nove meses, desse à luz um filho bastardo.

Rannulf bateu com força o punho no parapeito e se afastou da janela, voltando a perambular pelo quarto, de um lado para o outro.

Maldição, maldição, maldição.

Finalmente, ele abriu a porta em um rompante e saiu pisando firme pelo corredor, sem pensar em mais nada. Ela estava sentada onde ele a deixara, as mãos pousadas no colo, uma sobre a outra, a palma para cima, o copo de limonada que mal parecia ter sido tocado pousado em uma pequena mesa de ferro fundido. Srta. Law admirava as flores e mal virou a cabeça quando Rannulf passou pela treliça e entrou no platô.

– Eu tentei me convencer de que a senhorita era a única culpada pelo que aconteceu. Mas isso simplesmente não é verdade.

Ela o encarou, surpresa, e Rannulf se viu preso aos seus olhos verdes.

– O quê? – perguntou ela.

– A senhorita era uma jovem dama inocente e inexperiente – disse Rannulf. – E estou longe de ter qualquer uma dessas características. Eu deveria ter visto além de sua representação.

– Está se culpando pelo que aconteceu entre nós? – Judith parecia bastante surpresa. – Que tolice! Não adianta nada culpar qualquer um dos lados. O que aconteceu foi mútuo, está acabado e é melhor que seja esquecido.

Se ao menos fosse tão fácil!

– Não está acabado – disse ele. – Tirei sua virgindade. Para colocar da forma direta, sem meias palavras, a senhorita agora é uma mercadoria avariada, Srta. Law, e não pode ser tão inocente a ponto de não ter percebido isso.

Com o rosto em fogo, ela virou a cabeça para a frente de novo e se levantou de repente.

– O que o faz pensar...

– Ah, não fui eu quem descobriu – confessou Rannulf. – Eu estava inebriado pelo vinho e por seus encantos. Depois que a

senhorita fugiu, a estalajadeira me explicou por que trocara os lençóis da cama depois de nossa primeira noite juntos. Havia sangue neles.

Judith empalideceu.

– É uma moça de boa família, Srta. Law, embora não seja abastada ou com proeminência social. É de uma classe bem abaixo de qualquer uma que meus pares esperariam que eu escolhesse como noiva, mas minhas mãos estão atadas. *Não* que eu a culpe. Culpo a mim mesmo por ser tão cego diante da realidade. Mas agora é tarde demais para me arrepender. Me daria a honra de se casar comigo?

Por um longo momento, ele pensou que Judith não responderia.

– Não – disse ela, a voz absolutamente firme e determinada. Então se afastou dele, desceu cada um dos platôs amplos, passou por todas as rosas até parar na beira da água.

Talvez ele devesse ter feito o pedido usando palavras mais doces, tomando as mãos dela, mas Judith reconheceria a falsidade. Na pele de Claire Campbell, ele percebera que era uma mulher inteligente. E a conquistara.

– Por que não? – perguntou Rannulf.

– Não sou problema de ninguém, lorde Rannulf – disse ela. – Não serei o unguento para a consciência culpada de ninguém. Mas sua culpa é desnecessária. Eu o acompanhei de livre e espontânea vontade e... me deitei com o senhor. Era uma experiência que eu desejava ter e resolvi aproveitar quando surgiu a oportunidade. Está absolutamente certo sobre a razão para minha vinda a Harewood. Não é comum que uma mulher nas minhas circunstâncias seja tachada de impura ou *material avariado*. Mulheres como eu permanecem solteironas por toda a vida. Suponho que a chance de me casar, no fim das contas, devesse ser tentadora. Eu poderia me tornar Lady Rannulf Bedwyn e ser rica, mas não o farei. O senhor está se vendo forçado a fazer isso. Não me casarei porque a honra o obriga a me oferecer essa união tão inadequada e imprudente. Não se sentiria honrado se eu me casasse com o senhor, se sentiria um mártir.

– Perdoe-me – disse ele. – Não quis insinuar...

– Ah, não – Judith interrompeu-o –, não insinuou nada. O senhor *declarou*. Por quais das várias razões possíveis esperava que eu corresse para aceitar sua oferta, lorde Rannulf? Porque é filho de um duque e imensamente rico? Porque minhas esperanças de me casar são mínimas, ainda que eu ainda tivesse minha *virgindade*? Porque o decoro diz que devo me casar com meu sedutor, já que se ofereceu para reparar o dano... embora *não* tenha me seduzido? Porque seria uma *honra* se eu aceitasse? Minha resposta é não.

O alívio se misturou à incredulidade e à culpa. Fora a maneira relutante como ele fizera a proposta que a ofendera. Mas, se houvesse feito o pedido de forma adequada, Judith teria feito a coisa adequada?

– Perdoe-me. Achei que a senhorita não apreciaria palavras suaves e lisonjeiras. Me permita...

– Não. – Judith se virou para encará-lo, olhos nos olhos. – Foi uma experiência fugaz, lorde Rannulf. Não foi feita para durar. Eu estava curiosa e a curiosidade foi satisfeita. Não tinha desejo de continuar nosso relacionamento e, com certeza, não tenho desejo de me casar com o senhor. Por que deveria? Não sou tão inocente ou ignorante que não saiba como são homens de seu nível. Tive uma prova disso na estrada e suas palavras hoje confirmaram o que eu já sabia. O senhor não é inocente nem inexperiente. Mesmo se desejasse, não me casaria com o senhor. Por que faria isso sabendo que me tornaria uma esposa casada contra a vontade do marido, que seria deixada murchando em algum canto tranquilo e respeitável, enquanto ele levaria uma vida de flertes e libertinagem, como se ela simplesmente não existisse? Não vai ter que enfrentar a zombaria de seus pares e o descontentamento de seu irmão, o duque de Bewcastle. Bom dia, senhor.

Apesar do discurso fluente e sarcástico, da raiva mal controlada, das roupas sem graça e mal-cortadas, ela voltou a parecer fascinante para Rannulf, que se lembrou da enorme atração sexual que sentira durante os dias que haviam passado juntos. Até então, fora difícil aceitar que era a mesma mulher.

– Essa é sua última palavra?

– O que, de tudo o que eu falei, o senhor não entendeu, lorde Rannulf? – perguntou ela, ainda encarando-o diretamente.

Mas antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, percebeu que havia mais alguém no roseiral. Rannulf levantou os olhos e viu o mesmo criado de antes parado perto da treliça, pigarreando. Rannulf ergueu as sobrancelhas.

– Fui enviado para chamar a Srta. Law para voltar à sala de estar, milorde.

– Obrigado – disse Rannulf bruscamente.

Mas, quando se virou para oferecer o braço a Judith, ela subiu correndo os platôs, levantando as saias e ignorando a existência dele.

Rannulf não a seguiu. Ficou parado, vendo-a se afastar, inundado de alívio. Embora não soubesse por que sentia-se aliviado. De repente, lembrou-se de que iria se casar com *alguém* naquele verão.

Estava irritado e dominado pela culpa. E o pior: um pouco excitado. Maldição...

CAPÍTULO VIII



Harewood Grange fervilhava de barulho e atividade quando a carruagem que trazia Judith e a avó entrou no terraço. Elas logo descobririam que todos os hóspedes esperados já haviam chegado. A maior parte deles estava na sala de visitas, tomando chá com tia Louisa, tio George e Julianne. Apenas alguns retardatários ainda encontravam-se em seus quartos, mudando de roupa.

– Estou cansada demais para me juntar à família e aos convidados agora, Judith – disse a avó. – Sinto que uma de minhas enxaquecas está a caminho. Mas você não deve perder a oportunidade. Pode me ajudar a subir para meu quarto, se tiver a gentileza, então, por favor, me prepare rapidamente uma xícara de chá e traga com um ou dois bolinhos... Depois disso, você deve colocar um belo vestido e se juntar a Louisa e Julianne na sala de visitas, para ser apresentada a todos os hóspedes.

Judith não tinha a menor intenção de fazer isso. Enxergava a possibilidade de ter sua primeira hora de real liberdade desde que chegara a Harewood. Depois de ter ajudado a avó, ela se apressou até o próprio quarto e mudou de roupa, escolhendo um dos poucos vestidos que ainda não tinham sido alterados: um antigo de algodão, cor de limão, do qual gostava muito.

Colocou a própria touca de palha e desceu apressada por uma escada nos fundos, que havia descoberto durante as várias idas e

vindas até a cozinha nos últimos dias. Esgueirando-se pela porta dos fundos, se viu diante do jardim e da horta. Mais além, um gramado estendia-se até uma colina coberta por árvores. Judith caminhou naquela direção e logo apertou o passo, erguendo o rosto para a brisa leve.

Estaria louca por ter recusado um pedido de casamento? De um homem rico, com um título de nobreza? De um homem com quem já fora para a cama? Com cujas lembranças esperava preencher todos os sonhos pelo resto da vida? O casamento era o objetivo principal da vida de qualquer mulher, a esperança de segurança, filhos, conforto e companhia.

Ao longo dos últimos anos, Judith esperara encontrar um homem que o pai aceitasse e ela mesma tolerasse. Sempre fora sensata o bastante para não esperar que seus sonhos de romance se tornassem realidade. Mas naquele dia mesmo, pouco mais de uma hora antes, havia recusado *lorde Rannulf Bedwyn*.

Estava louca?

A colina não era alta. Mesmo assim, garantia uma bela vista dos campos ao redor. A brisa estava um pouco mais forte ali e ela levantou o rosto para o vento, fechou os olhos e jogou a cabeça para trás.

Não, não estava louca. Como poderia ter aceitado? Ele nem tentou esconder o ressentimento por ter sido forçado a fazer o pedido, deixou óbvio o desdém pela baixa posição social, confessou que o que acontecera entre os dois não fora uma ocorrência pouco comum na vida dele...

Como poderia se casar com um homem que, na verdade, desprezava?

Mesmo assim, foi um tanto imprudente ao recusar. O orgulho venceu o bom senso. A razão agora a lembrava que, mesmo se o casamento com *lorde Rannulf realmente* a levasse a permanecer escondida em algum canto esquecido, enquanto ele continuava com sua vida de devassidão, ao menos estaria *casada*. Teria se tornado a dona respeitável de sua própria casa.

Em vez disso, era uma agregada na casa de tio George, que mal sabia que ela existia, e desprezada por tia Louisa. Apenas a avó

tornava a vida dela mais tolerável. Judith se repreendeu mentalmente ao se dar conta do rumo de autopiedade que seus pensamentos estavam tomando. Havia destinos piores. Poderia estar casada com um homem que não prestasse a menor atenção nela, que a negligenciasse, fosse infiel...

O lago na base da colina era encantador, cercado por relva alta, flores silvestres e poucas árvores. Parecia nunca ser usado ou sequer visitado.

Talvez, pensou Judith, aquele lugar pudesse se tornar seu pequeno refúgio. Ela se ajoelhou na margem e correu a mão pela água. Estava fresca e limpa, e quase tão fria quanto esperava. Judith pegou um pouco da água nas mãos em concha e abaixou o rosto para refrescá-lo.

Subitamente, se deu conta de que estava chorando. Quase nunca chorava, mas as lágrimas quentes, em contraste com a frieza da água, não mentiam, assim como o pesar no peito e os soluços que pareciam ter saído de controle.

A vida *era* injusta às vezes. Uma única vez na vida, ela se permitiu um breve e magnífico sonho roubado. Não esperara ou exigira que fosse prolongado. Quisera apenas que a lembrança daquele sonho durasse para o resto de sua vida.

Agora tudo se fora. As lembranças estavam manchadas. Lorde Rannulf sabia que ela não era a estrela brilhante, a atriz exuberante que achara atraente apesar de seus defeitos físicos. Seu príncipe tornou-se um ser desprezível.

Mas ele acabara de lhe propor *casamento*.

E ela recusara.

Judith se levantou. Deviam estar sentindo sua falta. Se fosse o caso, tia Louisa com certeza se certificaria de que a sobrinha não tivesse novas chances para o ócio.

Quando chegou de volta aos fundos da casa, Judith descobriu que alguém havia trancado a porta. Judith bateu, mas não teve resposta. Ela deu a volta até a frente da casa, esperando que todos ainda estivessem reunidos na sala de visitas, para que ela pudesse se esgueirar até o próprio quarto sem ser percebida.

Dois cavalos estavam sendo levados na direção dos estábulos quando ela passou pelo terraço da frente, e uma montanha de bagagem era descarregada de uma carruagem de transporte. Dois cavalheiros estavam de costas para Judith, um deles dirigindo as atividades, com impaciência, em um tom imperioso. Ela teria recuado e desaparecido por onde viera, mas o outro cavalheiro virou um pouco a cabeça e Judith pôde ver seu perfil. Ela encarou o homem, sem acreditar, então correu na direção dele, esquecendo completamente a relutância em ser vista.

– Bran? – chamou Judith. – Branwell?

O irmão se virou na direção dela, as sobrancelhas erguidas, então sorriu e se apressou em encontrá-la.

– Jude? Você também está aqui? Fantástico! – O rapaz tirou o chapéu, levantou a irmã em um abraço de urso e beijou o rosto dela.
– Os outros também estão aqui? Gosto da touca... muito atraente.

Bran estava vestido na última moda, realmente belo e elegante, os cabelos claros soprados pela brisa, o rosto bonito, animado e travesso sorrindo para a irmã. Por um momento, Judith se esqueceu de que queria torturar cada parte do corpo dele, até as unhas dos pés.

– Só eu – disse ela. – Uma de nós foi convidada e eu fui a escolhida.

– Fantástico!

– Mas o que você está fazendo aqui, Bran?

Antes que ele pudesse responder, o outro cavalheiro veio se juntar aos dois.

– Ora, ora, ora – disse o homem, examinando-a com o tipo de olhar ousado que faria o pai repreendê-la depois se tivesse presenciado a cena. – Pode me apresentar, Law?

– Esta é Judith – falou Branwell. – Minha segunda irmã. Horace Effingham, Jude. Nosso primo por consideração.

Ah, então ele *viera*, o filho do primeiro casamento de tio George. Tia Effingham ficaria satisfeita. Judith nunca o encontrara antes. Era alguns anos mais velho que Branwell e alguns centímetros mais baixo. Também era um pouco mais robusto e tinha

uma beleza morena... era quase belo. Seu sorriso revelava dentes muito grandes e brancos.

– Prima – cumprimentou Horace, pegando a mão dela entre as suas. – É um grande prazer. Subitamente estou encantado por ter sucumbido a insistência de minha madrastra e vindo para o que esperava serem dias de aborrecimento. Trouxe seu irmão comigo para aliviar um pouco desse tédio. Tomarei a liberdade de chamá-la de Judith, já que somos parentes próximos.

Ele levou a mão dela aos lábios e manteve-a ali por mais tempo do que o necessário.

– Effingham é um bom camarada, Jude – declarou Branwell, animado. – Ele tem me levado às corridas e me dado dicas muito úteis de como escolher um vencedor. Também me levou ao Tattersall's e me aconselhou sobre a melhor maneira de escolher cavalos. Ah, e ainda me convidou ao White's Club uma noite, onde fiz uma ronda nas mesas e ganhei 300 guinéus, antes de perder 350... Ainda assim, foram apenas 50 guinéus perdidos quando outros camaradas a meu redor perdiam centenas. E no White's. Você deveria ver, Jude... mas é claro que não pode porque é mulher.

Ela já havia se recuperado da surpresa – e do prazer – inicial de encontrar o irmão. Branwell, o único homem entre as quatro irmãs, sempre fora o queridinho de toda a família. Ele fora para o colégio, o que fizera o pai gastar uma grande soma de dinheiro, e voltara para casa com resultados medíocres. Mas tinha se destacado nos jogos ao ar livre e era o melhor amigo de todos.

Então, Branwell fora para Cambridge e passara raspando em todos os exames. Mas não tivera interesse em seguir uma carreira na igreja, nas leis, na política ou nos serviços diplomático ou militar. Não sabia o que queria fazer. Precisava estar em Londres, circulando com as pessoas certas, descobrindo exatamente onde seus talentos e habilidades poderiam ser melhor utilizados para lhe garantir fortuna.

Desde o ano em que deixara Cambridge, Branwell gastara tudo o que o pai destinara para seu uso... e, depois, o que fora separado para os modestos dotes das filhas. Agora ele estava determinado a

acabar com o dinheiro que restava. Ainda assim, continuava a ser o queridinho da família, que considerava seus excessos uma fase que logo passaria. Até mesmo o pai deles, tão severo com as filhas, não conseguia ver nenhum grande problema em Branwell que não pudesse ser resolvido com tempo e experiência.

– É um prazer conhecê-lo, Sr. Effingham – disse Judith, retirando a mão que ele beijava. – E estou encantada em vê-lo novamente, Bran. Mas devo me apressar a entrar. Vovó deve estar acordando e tenho de ver se ela precisa de alguma coisa.

– Vovó? – disse Branwell. – Esqueci que a velhota estava aqui. Uma tirana velha, não, Jude?

Ela não gostou do modo desrespeitoso como ele falou.

– Tenho um imenso carinho por ela – retrucou Judith, com muita sinceridade. – Você vai querer cumprimentá-la assim que ela estiver pronta, Bran.

– Se Judith estiver com a avó, irei com você, Law – informou Horace Effingham com uma gargalhada.

Mas Judith já se afastava apressada, ciente do contraste entre sua situação e a do irmão. Ela estava ali na condição de criada. Bran chegava como hóspede. Mas era ele a causa do infortúnio dela... de *toda* a família dela, na verdade. Se não fosse por Bran, não teria viajado naquela diligência. E não estaria ali.

Mas não adiantava voltar a se entregar à autopiedade.

Com alívio, Judith percebeu que o hall e as escadas continuavam desertos. Enquanto subia apressada, podia ouvir o burburinho das conversas vindo da sala de visitas.



Rannulf, assim como o resto da família, nunca fora muito chegado a reuniões sociais, fossem em Londres, Brighton ou nas temporadas festivas que aconteciam a qualquer época do ano. Ele logo percebeu que a temporada festiva em Harewood seria

particularmente sem graça, mas não havia o que fazer. Deveria passar as próximas duas semanas paparicando a Srta. Effingham. Durante essas duas semanas, teria que pedir a moça em casamento.

Dois pedidos de casamento para duas mulheres diferentes. Mas da segunda ele não tinha esperança de receber uma recusa.

Desde o momento em que chegara a Harewood para jantar, ficara óbvio que ele era o convidado de honra, embora não estivesse hospedado na casa como todos os outros. A mãe da moça o acompanhara até a sala de visitas, o apresentara aos convidados que Rannulf ainda não conhecia e convidara a filha para se juntar a eles. Então a Sra. Effingham pedira a Rannulf que conduzisse a moça até a sala de jantar, e ele se viu sentado ao lado da Srta. Effingham durante toda a refeição.

Achou interessante descobrir que um dos convidados era Branwell Law, provavelmente o irmão de Judith Law – Claire Campbell não o mencionara? Da própria Judith e da Sra. Law não havia sinal, fato pelo qual Rannulf ficou imensamente grato. Dizer que ficara constrangido depois do encontro dos dois no jardim seria subestimar o que sentira.

Ela recusara o pedido dele.

Srta. Effingham era jovem demais e, mais alarmante ainda, parecia não ter nada na cabeça. Não falava sobre nada além de festas e sobre como esse ou aquele convidado – em geral cavalheiros com títulos de nobreza – a havia elogiado, que supostamente já tinha prometido todas suas danças a outros cavalheiros. Ela achava que as danças deveriam vir em grupos de duas, em vez de três, para que houvesse mais delas durante a noite e mais cavalheiros pudessem dançar com a dama de sua escolha. O que lorde Rannulf pensava?

Lorde Rannulf *pensava* que aquela era uma sugestão muito inteligente e deveria ser levada ao conhecimento de algumas anfitriãs proeminentes de Londres, em especial do comitê de senhoras do clube Almack's.

– Como o *senhor* se sentiria, lorde Rannulf – perguntou ela, encarando-o com seus grandes olhos azuis, a colher suspensa

acima da sobremesa –, se quisesse dançar com uma dama e ela estivesse com todas as danças comprometidas com outros cavalheiros, mesmo se quisesse *desesperadamente* dançar com o senhor?

– Eu a raptaria – respondeu ele e viu os olhos dela se arregalarem ainda mais, antes de soltar uma gargalhada leve.

– Ah, o senhor não faria isso. Causaria um terrível escândalo. Seria forçado a pedi-la em casamento.

– Não seria dessa forma – continuou Rannulf. – Entenda, eu a teria levado para Gretna Green, na Escócia, e me casaria com ela lá, como fazem atualmente todos os enamorados que fogem para se casar.

– Que *romântico* – comentou a Srta. Effingham com um arquejo animado. – Realmente faria isso, lorde Rannulf? Por alguém que admirasse?

– Apenas se ela não tivesse nenhuma dança restante para me oferecer.

– Ah. – A moça riu. – Se ela soubesse disso com antecedência, poderia se certificar de que não restasse nenhuma. Então seria arrebatada... mas não faria algo tão escandaloso, não é mesmo?

Havia uma leve sombra de dúvida nos olhos dela. Rannulf estava cansado daquele joguinho tolo.

– Eu me certificaria, caso fosse uma dama que eu admirasse, de chegar cedo o bastante ao baile para conseguir ao menos uma dança com ela.

Uma expressão amuada tomou conta do rosto da Srta. Effingham.

– Há muitas damas que admira, lorde Rannulf?

– No momento – respondeu ele, encarando-a –, só consigo ver uma, Srta. Effingham.

– Oh.

Ela devia saber que ficava ainda mais bonita com aquele biquinho. Por isso manteve a expressão por algum tempo, então abaixou a cabeça para o prato, ruborizada. Rannulf aproveitou a oportunidade para virar-se para a Sra. Hardinge, mãe da Srta. Beatrice Hardinge, e conversar um pouco. Logo depois, Lady

Effingham se levantou, em um sinal para as damas de que estava na hora de seguirem-na até a sala de visitas para que os cavalheiros tomassem seu vinho do porto.

A primeira pessoa que Rannulf viu ao entrar na sala de visitas, meia hora mais tarde, foi Judith Law, que sentava-se ao lado da lareira, perto da avó. Ela usava um vestido de seda cinza-claro que parecia ser tão sem forma quanto o que usara mais cedo em Grandmaison. E mudara de touca. Essa era um pouco mais bonita do que a da tarde, embora também cobrisse completamente os cabelos dela. Rannulf viu que Judith segurava uma xícara e um pires para a dama mais velha que, por sua vez, segurava um prato e se dedicava a acabar com um bolinho de creme.

Ele ignorou as duas damas depois de acenar alegremente com a cabeça na direção da Sra. Law, que sorriu e acenou de volta. Era intrigante perceber que, para todos os outros na sala, Judith Law poderia muito bem ser invisível. Toda a beleza vívida e voluptuosa dela estava completa e definitivamente encoberta.

Sir George Effingham ofereceu a Rannulf um lugar na mesa de cartas, onde jogavam uíste, mas Lady Effingham o segurou com firmeza pelo braço e o levou na direção do piano. Lady Margaret Stebbins encantava a audiência com uma fuga de Bach.

– Você será a próxima, Julianne – disse a mãe, antes que Lady Margaret houvesse terminado. – Aqui está lorde Rannulf, pronto para virar as páginas da partitura para você.

Rannulf se resignou a passar a noite cortejando e bajulando um bando ruidoso de moças tagarelas e competindo com outro grupo de jovens presunçosos e tolos. Sentia-se com 100 anos.

Ele não pôde deixar de perceber que Judith Law era mantida ocupada pela avó. Ia e voltava do lugar onde estava sentada até a bandeja de chá. Também saíra duas vezes da sala para pegar alguma coisa. Na primeira, voltara com os óculos da velha dama, que foram deixados de lado. Na segunda, trouxera um xale de caxemira, que foi dobrado, colocado sobre o braço da cadeira da avó e esquecido. No entanto, Rannulf percebeu que as duas conversavam, sorriam e apreciavam a companhia uma da outra.

Ele sorriu e elogiou a Srta. Effingham, que terminara a segunda peça de piano e sugeria, sem muita sutileza, que ele pedisse para tocar outra. Enquanto isso, a respeitável Srta. Lilian Warren e sua irmã esperavam a vez para usar o instrumento.

Então houve uma comoção vinda da direção da bandeja de chá. Judith estava servindo uma xícara de chá quando alguém – Horace Effingham, como Rannulf pôde ver – esbarrara no cotovelo dela. O chá foi derramado na frente do vestido, escurecendo o tecido cinza, tornando-o meio transparente e moldando-o aos seios de Judith. Ela gritou e Effingham rapidamente sacou um lenço e tentava secar o vestido dela. Judith afastava a mão dele, enquanto tentava descolar o tecido molhado do busto.

– Judith! – gritou Lady Effingham em um tom terrível. – Garota desajeitada e bruta! Retire-se *agora*!

– Não, foi tudo minha culpa, madrastra – disse Horace. – Deixe-me secar seu vestido, prima.

Rannulf percebeu que havia riso nos olhos dele... um riso lascivo.

– Oh, Deus – murmurou a Srta. Effingham –, Judith está fazendo um papelão.

Rannulf se pegou tensionando o maxilar e atravessando a sala para pegar o xale que estava sob o cotovelo da Sra. Law. Então se apressou na direção da bandeja de chá e jogou o xale sobre os ombros de Judith, sem chegar a tocá-la. Ela olhou ao redor, surpresa e grata, enquanto segurava as pontas do xale na frente do corpo.

– Obrigada.

Rannulf fez uma cortesia.

– Está queimada, madame? – perguntou.

Ninguém havia levado em conta que fora *chá quente* que ela derramara sobre si?

– Só um pouco escaldada – respondeu ela. – Não, não foi nada.

Judith saiu apressada da sala, mas Rannulf viu que ela mordia o lábio inferior com força. Ele se viu frente a frente com Horace Effingham, cujos olhos cintilavam.

– Que galante! – comentou Horace. – Encontrar um xale para esconder o... *embaraço* da dama.

Fora de propósito, Rannulf se deu conta de repente, semicerrando os olhos para o outro homem. Por Deus, fora de propósito.

– Ela poderia ter se queimado gravemente – disse Rannulf, muito sério. – Seria aconselhável ser mais cuidadoso quando estiver próximo a uma mesa de chá no futuro.

Então Effingham deu uma piscadela e murmurou em voz muito baixa:

– *Eu* estou com calor, mesmo se ela não estiver queimada – disse ele. – Assim como você está, Bedwyn, eu poderia apostar. Foi rápido em encontrar uma desculpa para se aproximar correndo.

Mas Lady Effingham havia erguido a voz novamente, embora dessa vez o tom fosse risonho e agradável.

– Continuem o que estavam fazendo – disse. – Peço desculpas por essa interrupção lamentável e indigna. Minha sobrinha não está acostumada a transitar na alta sociedade e temo que tenha enfiado os pés pelas mãos.

– Ah, tia, devo dizer que Jude nunca foi desajeitada. Foi apenas um acidente – comentou o jovem Law.

– Lorde Rannulf. – A Sra. Law puxou a manga do paletó dele e, quando Rannulf se virou para atendê-la, percebeu o quanto o incidente a aborrecera. – Muito obrigada por ter sido o único com presença de espírito para ajudar Judith e salvá-la de tanto constrangimento. Preciso me apressar a subir para ver se ela está muito machucada.

Ela apoiou as mãos rechonchudas no braço da cadeira para tentar se levantar.

– Permita-me, madame – falou Rannulf, oferecendo-lhe a mão.

– O senhor é muito gentil. – A velha dama se apoiou pesadamente sobre ele enquanto erguia o corpo pesado. – Acredito que deva ser o calor do verão que está deixando meus tornozelos tão inchados e me fazendo ficar tão ofegante.

Rannulf achou que os responsáveis pelos sintomas talvez fossem todos os bolos de creme que ela parecia consumir, além do

estilo de vida indolente.

– Permita-me acompanhá-la, madame.

– Ora, se não for lhe dar muito trabalho – concordou ela. – Eu nem desejava uma xícara de chá, sabe? Só queria que Judith saísse do meu lado e se misturasse aos convidados. Ela é muito tímida e até insiste em jantar comigo toda noite, já que ando cansada demais para descer até a sala de jantar. Pensei que talvez alguém acabasse puxando conversa com ela e tudo corresse bem. Estou *tão* aborrecida com Louisa por se esquecer de apresentar Judith aos hóspedes depois do jantar. Acho que ela está com muita coisa na cabeça.

Rannulf não pretendia ir além do topo das escadas. Mas a senhora estava se apoiando tão pesadamente em seu braço que ele a acompanhou até o quarto. Ao menos achou que era o quarto da Sra. Law até ela erguer a mão cheia de anéis e bater na porta.

A porta foi aberta quase imediatamente. Judith havia despido o vestido e tirado a touca. Os cabelos dela, apesar de alguns grampos ainda presos, escapavam em longos cachos vermelhos e brilhantes que chegavam aos ombros e roçavam as têmporas. Vestia um roupão largo que segurava fechado com uma das mãos. Mesmo assim, um grande V de pele nua era visível dos ombros até o início da fenda entre os seios. Ali, a pele estava muito vermelha.

– Ah... – Logo o rosto dela ficou tão vermelho quanto a pele entre os seios. – Eu... achei que era alguém trazendo o unguento que pedi.

Ela olhava para a Sra. Law, mas Rannulf sabia que Judith tinha plena consciência da presença dele. Ela fechou o roupão com mais força.

– Você *está* queimada, Judith, meu amor – lamentou a Sra. Law, soltando o braço de Rannulf e se adiantando em um passo apressado, como ele nunca a vira se mover antes. – Ah, minha pobre menina.

– Não é nada, vovó – disse ela, mordendo o lábio. Mas Rannulf reparou nos olhos marejados e percebeu que ela sentia dor.

– Permita-me encontrar a governanta e me certificar de que o unguento seja mandado sem mais demora. Nesse meio-tempo,

Srta. Law, um pano com água fria sobre a queimadura pode amenizar um pouco a dor – falou ele.

– Obrigada – disse Judith.

Eles ficaram se encarando por algum tempo, então ela se virou e a avó passou o braço por seus ombros. Rannulf se apressou, enquanto se distraía com visões de Horace Effingham se banhando em algo bem mais quente do que chá.

CAPÍTULO IX



Judith permaneceu no quarto por dois dias, cuidando da queimadura. A avó, que esquecera os próprios infortúnios agora que tinha outra coisa para lhe ocupar a mente, a visitava com frequência, com doces, bombons e novidades sobre o resto da casa, além de orientar a neta a dormir um pouco. Tillie, sob as ordens da avó, levava bandejas de comida até o quarto de Judith e voltava em intervalos curtos para aplicar mais unguento no machucado.

Horace Effingham mandara um buquê de flores e um bilhete explicando que ele havia colhido os botões com as próprias mãos e que desejava uma pronta recuperação.

Branwell apareceu para visitar a irmã.

– Está aproveitando a temporada aqui? – perguntou Judith quando o irmão quis saber sobre sua saúde.

– Ah, estou me divertindo muito. Cavalgamos até a abadia de Clynebourne esta manhã. Há algumas ruínas antigas por lá, mas é tudo muito pitoresco. Antes, fomos a Grandmaison, para convidar Bedwyn a nos acompanhar. Acho que Julianne está interessada nele, mas, se quiser minha opinião, a menina terá o coração partido. Os padrões dos Bedwyns são altíssimos. O duque de Bewcastle, que é o chefe da família, é conhecido por ser muito frio e é pouco provável que aprove uma aliança com a filha de um mero baronete.

– Fico feliz por ter aproveitado a cavalgada.

Judith sorriu. O que Branwell diria, ela se perguntou, se soubesse que lorde Rannulf Bedwyn a pedira em casamento na véspera.

– Aliás, Jude... – Ele se levantou de repente da cadeira e andou até a janela do quarto, onde ficou olhando para fora, de costas para a irmã. – Você não teria, por acaso, como me emprestar algumas libras? Talvez 30?

– Não, com certeza não teria – retrucou ela. – Duvido que conseguisse juntar sequer um xelim se virasse minha bolsa pelo avesso e a torcesse. Por que precisa de 30 libras?

Era uma soma muito alta para ela. Branwell deu de ombros e se virou para encarar a irmã com um sorriso encabulado.

– Não é nada importante. É uma soma insignificante e Effingham disse para eu não me preocupar com isso, mas detesto ficar em débito. E papai anda extremamente mão-fechada nos últimos tempos... Ele está aborrecido com alguma coisa?

– A viagem até aqui custou *30 libras*? – perguntou Judith, bastante chocada.

– Você não sabe o que é ser um cavalheiro andando na companhia de outro, Jude – explicou ele. – É preciso se manter à altura do companheiro. Não se pode ter a aparência de um camponês, com paletós e calções mal-cortados e botas que pareçam ter sido feitas pelo aprendiz de um sapateiro. Também é preciso ficar em acomodações elegantes e ter um cavalo decente. E, a menos que queira ficar se pavoneando por aí sozinho, é preciso fazer o que os outros cavalheiros fazem e ir aonde vão.

– Bran – perguntou Judith, sem ter certeza de que realmente queria ouvir a resposta –, você deve dinheiro a outras pessoas?

Ele fez um gesto vago com a mão e sorriu para ela, embora sua expressão estivesse perturbada.

– Todos devemos dinheiro – retrucou. – Um cavalheiro seria visto como um excêntrico se não devesse meia fortuna a seu alfaiate ou sapateiro.

– E você também tem dívidas de jogo? – perguntou Judith antes que conseguisse se conter. Realmente *não* queria saber.

– Insignificantes. – Mais uma vez ele mostrou um sorriso perturbado. – Nada como acontece com alguns camaradas, que devem milhares de libras. Alguns homens perdem propriedades inteiras, Jude, em uma única mão de cartas. Nunca aposto o que não tenho condições de perder.

Ela era covarde demais para querer saber a extensão das dívidas de jogo do irmão.

– Bran, quando você vai se decidir por alguma carreira?

– Na verdade – respondeu ele, rindo e voltando a parecer com o rapaz que costumava ser –, venho pensando em me casar com uma moça rica. É uma pena que Julianne esteja de olho em Bedwyn, embora eu deva dizer que não acho que ela deva ter esperanças em ficar com ele. Mas as irmãs Warren têm um pai rico como Creso, pelo que ouvi, e ambas são bem bonitinhas. Não acho que papai se incomodaria muito com elas, concorda?

Ele falava como se estivesse brincando, mas Judith não tinha tanta certeza. Branwell obviamente estava cheio de dívidas. E ela não sabia se, dessa vez, o pai conseguiria tirar o filho do buraco sem se arruinar por completo... O que aconteceria com a mãe e as irmãs?

– Ah, vamos, Jude – disse Branwell, levantando-se e segurando as mãos da irmã –, não fique tão carrancuda. Vou resolver tudo. Não precisa se preocupar comigo. Sua queimadura foi *muito* séria?

– Estarei melhor em um ou dois dias.

– Ótimo. – Ele apertou as mãos dela. – Se, por acaso, *conseguir* algumas libras esta semana, talvez quando papai enviar sua mesada, poderia dar um jeito de me emprestar alguma coisa? Deve saber que sou bom em gastar, e não há muito em que você possa usar o dinheiro aqui, certo?

– Não estou esperando nenhum dinheiro – informou Judith.

– Entendo. – Ele franziu o cenho. – Você veio só para uma visita, não é, Jude? Papai não a mandou para cá para morar aqui, dependendo da generosidade de tio George? Isso seria um absurdo. Qual é o *problema* de papai?

Você é o problema de papai, Bran, pensou Judith. *E o de todos nós.*

Embora estivesse furiosa e disposta a partir para cima do irmão, foi contida pela chegada de Tillie, com mais unguento e uma dose de láudano.

– Você vai ter que me dar licença agora, Bran – pediu Judith. – Preciso descansar um pouco.

– É claro. Cuide-se, Jude. Não tem ideia do prazer que sinto de ter minha irmã aqui. Sabe que sinto saudades de todas vocês.

Se ao menos ele tivesse alguém para guiá-lo, pensou Judith, talvez seguisse um bom caminho. No entanto, ela não estava em condições de pensar nessa questão. Sentia muita dor. Quem teria imaginado que uma mera xícara de chá poderia ser tão devastadora?



No terceiro dia, Judith se aventurou a descer para o primeiro andar. Esperava evitar os hóspedes e ficar com a avó, mas o destino quis que a primeira pessoa que encontrasse fosse Horace Effingham.

– Judith! – exclamou. – Finalmente se recuperou. Peço milhares de desculpas por ter sido tão desajeitado na outra noite. Venha para a sala de visitas, por favor! Estamos tentando decidir o que fazer esta tarde, já que o chuveiro da noite passada foi embora e as nuvens que tomavam o céu de manhã clarearam. Venha dar sua opinião.

Ele ofereceu o braço a ela.

– Eu sinceramente preferiria não fazer isso – disse Judith. – Não conheço ninguém lá. Sabe onde está vovó, Horace?

– Você *não conhece* ninguém lá? – comentou ele. – Isso me espanta. Ninguém pensou em apresentá-la a todos os convidados?

– Isso não tem importância.

– Ah, tem, sim – insistiu Horace. – Não vou deixar que fuja de novo, depois de ter esperado pacientemente por três dias até que reaparecesse. Venha.

Ela aceitou o braço dele com relutância e se viu na mesma hora puxada de forma indecorosa contra a lateral do corpo do rapaz, enquanto ele a levava até a sala de visitas. Mas era bom que alguém houvesse pensado em apresentá-la a todos os convidados, admitiu Judith alguns minutos depois. Afinal, não era uma criada, e seria constrangedor passar a próxima semana e meia esbarrando o tempo todo com pessoas a quem não havia sido formalmente apresentada. É claro que a *aparência* dela era quase a de uma criada. Branwell sorriu para ela e perguntou como estava, a Sra. Hardinge lamentou o infeliz acidente e Julianne parecia feliz por ver a prima de pé, pois assim poderia poupar o resto deles das conversas tediosas e dos constantes pedidos da avó. Os convidados, no entanto, embora fossem educados ao serem apresentados a Judith, não fizeram nenhuma tentativa de conversar com ela.

Judith teria escapado da sala assim que as apresentações terminaram, mas foi impedida, ao menos por algum tempo, pela chegada de Lady Beamish e de lorde Rannulf Bedwyn.

– Ah, mais duas apresentações a serem feitas, prima – disse Horace, guiando-a até os recém-chegados.

– Já tive esse prazer – informou Judith, mas já era tarde demais para evitar um encontro cara a cara.

– Srta. Law – disse lorde Rannulf, inclinando-se em uma cortesia. – Espero que esteja bem.

Ela também fez uma cortesia, esforçando-se para não se lembrar da última vez em que o vira, do lado de fora da porta do quarto dela, aconselhando-a sobre como tratar a queimadura e olhando para ela com uma preocupação genuína nos olhos, antes de sair para apressar a chegada de uma criada com o unguento. Depois do que havia acontecido mais cedo, no dia em que se queimara, ela quisera apenas desprezar lorde Rannulf e esquecê-lo.

– Rannulf me contou sobre seu infeliz acidente – comentou Lady Beamish. – Espero que não tenha sofrido nenhum dano permanente, Srta. Law.

– Não, não foi o caso. Obrigada, madame – assegurou Judith. – Já estou completamente recuperada.

Julianne bateu palmas para chamar a atenção de todos. Ela cintilava e estava linda em um vestido de musselina amarelo, da cor de dentes-de-leão, os cachos louros balançando ao redor do rosto em formato de coração.

– Foi decidido que vamos passear lá fora por uma hora e depois fazer um piquenique nos gramados. Agora que lorde Rannulf chegou, não precisamos nos demorar mais.

Ela sorriu radiante para ele. Judith, que relanceou o olhar na direção de lorde Rannulf mesmo sem querer, viu quando ele fez uma cortesia, concordando, enquanto olhava para a prima dela com olhos apreciativos.

Doeu. Era uma estupidez, uma enorme estupidez, mas doeu.

– Precisamos pegar nossos chapéus e toucas e nos colocarmos a caminho.

Os planos dela pareciam contar com a aprovação geral. Todos conversavam animados enquanto a maior parte dos presentes na sala saía para se preparar para o passeio.

– Preciso encontrar a vovó – murmurou Judith, soltando finalmente a mão do braço de Horace.

Mas a avó aparecera na porta da sala de visitas com tia Effingham e ouvira o que a neta dissera.

– Não deve se incomodar comigo, meu amor – disse, sorrindo com carinho pra Judith. – Terei a companhia de Sarah. Agora que está de pé novamente, deve recuperar o tempo perdido e se divertir com outros jovens.

– O ar fresco lhe fará bem depois dos dias que passou trancada em casa, Srta. Law – comentou Lady Beamish com gentileza.

Tia Effingham, é claro, tinha outras ideias.

– Posso precisar de um pouco de sua ajuda, Judith – disse com brusquidão. – Foi lamentável que seu descuido tenha resultado em um período tão prolongado de ócio.

– Mas, madrastra – protestou Horace, sorrindo com simpatia para tia Effingham –, *eu* também preciso muito da ajuda de Judith... para me salvar do cruel destino de ficar sem par. Talvez não tenha percebido que nesta temporada aqui em casa, os cavalheiros excedem as damas em número.

– Isso aconteceu porque você não confirmou presença, Horace
– disse ela, parecendo desapontada. – Ou que traria Branwell junto.
– Judith. – Horace fez uma cortesia. – Corra e pegue sua touca.

A vida em Harewood provava ser ainda mais difícil do que Judith esperara. Embora a mãe sempre mantivesse as filhas ocupadas em casa, e o pai fosse severo em relação ao comportamento das moças, ainda assim ela nunca se sentira tão impotente. Ou sem liberdade alguma. Ao menos na casa dos pais, as preferências e opiniões dela sempre foram solicitadas. Ali, não. Por certo, todos se surpreenderiam se soubessem que Judith preferia trabalhar a passear no campo, sentindo-se como uma intrusa e tendo Horace como par. Além de, na maior parte do tempo, ser obrigada a ver Julianne e lorde Rannulf juntos. Os dois já caminhavam de braços dados, enquanto ela tagarelava animadamente e ele inclinava a cabeça para ouvi-la. Em alguns momentos, riram juntos e Judith se lembrou, mesmo sem querer, das vezes em que lorde Rannulf havia rido com *ela*, em especial do lado de fora do armazém na cidade em que pernoitaram.

O passeio ao ar livre seguiu pelas árvores a oeste da casa e fora planejado com cuidado para ser o mais belo possível. Flores silvestres pontuavam todo o caminho e havia bancos espalhados aqui e ali, além de pequenas grutas, a maior parte delas no topo de elevações no caminho, garantindo vistas muito agradáveis da casa e do resto do parque. Era um caminho projetado para proteger quem caminhava ali do calor do sol no verão e do frio de um vento de outono.

Judith não foi capaz de apreciar tanta beleza, embora pensasse no caminho como um possível novo refúgio ao longo dos anos. Mas *àquela* hora, não estava aproveitando. Horace ignorava a todos para se concentrar apenas nela. Mas longe de serem lisonjeiras, as atenções dele eram aflitivas. Ele tentou passar o braço dela pelo dele, mas Judith cruzou as mãos com firmeza nas costas. Ele tentou diminuir o passo para que ficassem distantes do resto do grupo, mas ela se apressava cada vez que percebia a distância dos outros aumentar muito.

Na maior parte do tempo, Horace concentrava-se nela, e não na vista, em especial nos seios de Judith que, mesmo com a roupa larga, não conseguiam ser totalmente escondidos. Ele comentou sobre o modo como o vestido molhado pelo chá derramado se moldara ao corpo dela, revelando formas que deveriam estar vestidas de forma muito mais adequada.

– Mas me arriscaria a dizer que a madrastra tem alguma responsabilidade por seus vestidos – comentou Horace – e por suas toucas. Ela está determinada a casar Julianne este verão, de preferência com Bedwyn. Você percebeu como minha meia-irmã é muito mais bonita do que todas as outras moças convidadas? – Ele deu uma risadinha. – A madrastra não pode permitir concorrência alguma em um estágio tão crucial da vida de Julianne. Menos ainda a concorrência de uma prima.

Judith não conseguiu pensar em nenhuma resposta para uma declaração dessas e ficou calada. Ela apressou o passo para diminuir a distância entre eles e o Sr. Peter Webster e a Srta. Theresa Cooke, o casal mais perto à frente deles. Horace, no entanto, soltou uma exclamação aborrecida e parou. Havia uma pedra presa ao salto da bota dele, explicou, e apoiou a mão no tronco de uma árvore ao lado de Judith. Horace ergueu o pé para soltar a pedra, encurralando Judith entre a árvore e ele.

– Ah, pronto.

A proximidade dele era incômoda e, àquela altura, os dois já haviam ficado bem para trás dos outros.

– Sabe, Judith – comentou Horace, os olhos passando pelo rosto dela, mas fixando-se em seus seios. – Eu poderia tornar sua vida muito confortável em Harewood. E poderia ser induzido a visitar a casa com mais frequência do que tenho tido o hábito de fazer.

Ele ergueu uma das mãos com uma intenção óbvia. Judith bateu na mão dele e se adiantou para passar por Horace, mas como ele não recuou, ela apenas acabou ainda mais próxima.

– Estou muito confortável com minha situação aqui em Harewood – afirmou Judith. – Estamos ficando para trás.

Ele deu uma risada baixa e a mão encontrou o alvo, fechando-se ao redor do seio dela. Mas apenas por um breve instante. Horace

logo abaixou a mão e deu um passo atrás quando o barulho de galhos denunciou a aproximação de alguém. Judith quase gritou de alívio ao ver Branwell.

– Ah, vejo que temos um problema aqui, não é?

– Quase tive que fazer sua irmã arrancar minha bota – retrucou Horace com uma risadinha. – Uma pedra ficou presa no salto e foi uma dificuldade enorme tirá-la.

– Ah – disse Branwell –, então Bedwyn estava enganado. Ele me mandou aqui porque pensou que talvez Jude não estivesse se sentindo muito bem e precisasse ser acompanhada de volta à casa. A pedra já saiu, certo?

– Eu a tirei – respondeu Horace e ofereceu o braço. – Judith? Vamos deixar Branwell retornar a seja qual for a dama que teve sorte o bastante para conquistar sua companhia? Sabia que seu irmão se tornou o queridinho de todas as damas?

Mas Judith não estava disposta a perder a oportunidade que batera em sua porta, por assim dizer.

– Vão sem mim. Não preciso que ninguém me acompanhe, mas *realmente* me sinto um pouco fraca depois de passar os últimos dois dias em meu quarto. É melhor eu voltar para fazer companhia a vovó e a Lady Beamish. Ou talvez eu suba para me deitar um pouco.

– Tem certeza, Jude? – perguntou Branwell. – Estou à disposição para voltar com você.

– Absoluta.

Poucos minutos depois, Judith voltava apressada para a segurança da casa. Sentia como se um réptil tivesse andado por sua pele. A mão de Horace parecia uma cobra. Ele se oferecera para tomá-la como *amante*! Os homens eram todos iguais?

Mas fora lorde Rannulf que mandara Branwell vigiá-la, lembrou Judith. Ele realmente achou que ela poderia estar se sentindo mal? Ou havia desconfiado da verdade? Mas como teria percebido que Horace e ela tinham se afastado do grupo?

Ainda não podia voltar para casa. Mesmo se conseguisse alcançar a privacidade do quarto, se sentiria confinada. Também

sentia-se agitada demais, tanto para encontrar a bondade afetuosa da avó quanto a irritação rascante da tia.

Judith partiu então na direção dos fundos da casa e, poucos minutos depois, passou apressada pelo jardim da cozinha e pela horta, atravessou o gramado dos fundos e subiu a colina. Tivera a intenção de sentar-se um pouco ali, deixar o ar e a vista acalmarem seu espírito agitado. Mas o lago parecia tão convidativo, tão fresco e isolado... Judith estremeceu, sentindo aquela mão se fechar novamente sobre o seu seio. Sentia-se *suja*.



Depois de quase três dias na companhia da Srta. Effingham e seus convidados, Rannulf ansiava pela sanidade tranquila de Lindsey Hall, a casa de campo que ainda chamava de lar na maior parte do ano.

Nunca havia hordas de hóspedes por lá, e a maior parte dos convidados era escolhida a dedo entre pessoas que costumavam ter algo sensato para dizer.

Freyja e Morgan, suas irmãs, podiam ser pouco convencionais, cabeças-duras, difíceis e bem diferentes de outras jovens, mas Rannulf preferia mil vezes a companhia delas a damas como as Srtas. Warren, Hardinge e Cooke e Lady Margaret Stebbins. Eram todas amiguinhas da Srta. Effingham, que exibia Rannulf diante delas como se ele fosse um cachorrinho premiado recém-adquirido.

Não podia seguir adiante com aquilo, Rannulf pensava ao menos uma vez a cada hora. Não poderia casar e se condenar àquela tolice pelo resto da vida. Ficaria louco em um ano. Freyja e Morgan fariam picadinho da moça e Bewcastle a congelaria com um de seus olhares desdenhosos.

Mas logo voltava a lembrança da promessa que fizera a avó, de que ao menos tentaria considerar a moça como futura noiva. Ela ficaria terrivelmente desapontada se ele não pedisse a mão da Srta.

Effingham em casamento naquele verão. E um desapontamento talvez a levasse para o túmulo. Não poderia fazer aquilo com a avó.

Então Rannulf perseverava, aceitando os flertes tolos da Srta. Effingham, sendo encantador com as amigas dela e agradável com todos os rapazes que continuavam a fazer com que ele se sentisse um octogenário, embora fosse apenas alguns anos mais velho do que a maioria deles.

Rannulf havia colocado de lado sua culpa por causa de Judith Law. O que acontecera entre os dois *não* fora sedução e ela não tivera vergonha de enganá-lo. Tentou fazer o que era direito e propusera casamento a ela. Não havia mais razão para se sentir responsável. Rannulf conhecia o tipo de Horace Effingham. E sabia que o incidente do chá derramado fora proposital. Ele perseguiria seus intentos lascivos na primeira oportunidade.

Logo se tornara claro para Rannulf ao longo da caminhada que Effingham tentava ficar sozinho com Judith Law e que ela resistia aos esforços dele. Por sorte, Branwell Law estava próximo e Rannulf não teve dificuldade em convencê-lo a voltar para ajudar a irmã.

Alguns minutos mais tarde, Law estava de volta, trazendo Effingham com ele e informando que a irmã se sentia fraca, mas que insistira em voltar para casa sozinha. No entanto, Rannulf, ao olhar para baixo, viu que ela não caminhava em direção à entrada da casa nem parecia fraca ou cansada. Judith Law corria para os fundos.

Quando terminaram a caminhada, o chá foi servido em forma de piquenique. Todos conversavam, riam e passeavam em grupos. Rannulf aproveitou a oportunidade para se livrar da conversa prepotente e vazia da Srta. Effingham ao menos por um curto espaço de tempo e recuou com seu prato até o terraço, onde a avó e a Sra. Law estavam sentadas uma ao lado da outra.

– Não sei onde está Judith – comentou a Sra. Law, procurando ver a neta.

– Branwell Law não a informou, madame? – perguntou Rannulf.
– Ela se sentiu um pouco indisposta e voltou para casa para descansar.

– Mas ela está perdendo a hora do chá – lamentou a Sra. Law.
– Preciso pedir a Tillie que leve uma bandeja para Judith. Faria a gentileza, lorde Rannulf...?

Ele ergueu a mão, interrompendo-a.

– Se me permite a ousadia, madame – disse ele –, posso sugerir que talvez seja melhor permitir que a Srta. Law descanse tranquila por mais algum tempo?

– Sim, é verdade – concordou ela. – Está absolutamente certo. Posso incomodá-lo pedindo que pegue aquele prato de doces, lorde Rannulf? Sua avó não aceitou nenhum, mas estou certa de que precisa experimentá-los.

Rannulf levou o prato, ofereceu à avó, que recusou, e à Sra. Law, que pegou três, antes que devolvesse o prato à mesa. Ninguém prestava atenção a ele, percebeu Rannulf, relanceando o olhar ao redor. Lady Effingham conversava com a Sra. Hardinge, e a Srta. Effingham estava rindo em um grupo junto com a Srta. Hannah Warren, lorde Braithwaite e Jonathan Tanguay.

Rannulf esgueirou-se pela lateral da casa, antes que alguém pudesse notá-lo, e deu a volta até os fundos. Não havia sinal dela. Para onde fora?, se perguntou. Já teria retornado. Talvez estivesse mesmo descansando no próprio quarto. Havia uma colina pontilhada de árvores a curta distância. Ele procurou, mas também não a viu ali. De qualquer modo, parecia um lugar tranquilo para se ficar. Rannulf apertou o passo e foi até lá.

Judith Law provavelmente retornara para casa, pensou ele, enquanto subia os últimos metros que levavam ao topo da colina e olhava ao redor admirando com prazer a vista. E era melhor assim. Ele não tinha esperança de encontrá-la, tinha? Para quê? Não pensara em se fazer aquela pergunta até aquele momento.

Havia um lago mais abaixo. Parecia abandonado, a vegetação ao redor alta demais, mas era um lugar encantador assim mesmo. Ele ficou surpreso por não estar ligado à trilha que seguiram no passeio pelo campo. Rannulf estava decidindo se descia ou não quando a viu. Ela acabara de aparecer sob os galhos longos de um salgueiro. Nadando. Estava de costas, batendo as pernas

lentamente, os cabelos espalhados a seu redor como uma nuvem escura.

Ah. Judith Law fora até ali para ficar só.

Ele devia respeitar a privacidade dela...

Mas Rannulf percebeu que suas pernas já o carregavam colina abaixo, sem que houvesse se dado conta.

CAPÍTULO X



Era mais uma sensação do que algo que ela vira ou ouvira... uma sensação de que não estava só. Judith abriu os olhos e virou a cabeça, com certo medo, receando descobrir que Horace a seguira até ali.

Por um instante, sentiu um alívio imenso ao ver que era lorde Rannulf que estava sentado ao lado da pilha de roupas dela, sob o salgueiro, uma das pernas estendidas diante do corpo, a outra dobrada com o braço apoiado no joelho.

As roupas dela! Judith se moveu rapidamente até que todo seu corpo estivesse sob a água, apenas a cabeça na superfície. Ela ergueu os braços para afastar os cabelos para trás e, percebendo que estavam nus, voltou a enfiá-los na água, agitando-os para não afundar.

Que tolice, *tolice* a dela se arriscar a nadar ali apenas com a roupa de baixo.

– Eu *não* vou sair correndo com suas roupas – disse lorde Rannulf em um tom baixo, a voz chegando até ela através da água.

– Também não vou forçá-la a nada.

– O que quer? – perguntou Judith.

Estava profundamente constrangida, embora os dois houvessem passado um dia e duas noites juntos... Mas aquilo parecia ter acontecido em uma vida passada.

– Um pouco de tranquilidade – respondeu lorde Rannulf. – Ele lhe fez algum mal?

– Não.

Mas ela jogara água em si mesma por vários minutos, tentando desesperadamente ficar limpa.

– Eu me juntaria à senhorita – disse ele. – Mas minha ausência será deselegante se for muito longa. Por que não vem até aqui e se junta a mim?

Ela ficou espantada e alarmada ao se dar conta de quanto a sugestão era tentadora. Eles não tinham nada mais nada a dizer um ao outro, mas... ele a salvara de uma situação terrível durante a caminhada. E, apesar de lorde Rannulf ter admitido ser um galanteador, Judith sabia que poderia confiar nele para não forçá-la a aceitar atenções indesejadas. Ele acabara de afirmar isso.

– O problema está em vê-la em sua roupa de baixo? – perguntou lorde Rannulf quando ela demorou a se aproximar da margem. – Já a vi com menos.

Se pedisse a ele para ir embora, ele iria? Judith acreditava que sim. Ela queria que ele fosse? Não, a resposta sincera àquela pergunta era não.

Judith nadou devagar na direção dele, apoiou as mãos na margem e ergueu o corpo, pousando um dos joelhos sobre a relva assim que pôde. A anágua estava colada como uma segunda pele. Ela se virou e sentou-se, os pés balançando dentro da água.

– Talvez pudesse ser gentil e passar meu vestido, lorde Rannulf? – perguntou Judith, sem se virar.

– Apenas o deixaria molhado também – argumentou ele – e não ficaria muito mais coberta do que está agora. Seria mais inteligente esperar até estar pronta para voltar para casa e despir a anágua antes.

– Está sugerindo...?

– Não, não estou. Não vim aqui para seduzi-la, *Srta. Law*.

Por que ele estava ali? Para ter um pouco de tranquilidade, como alegara? Fora pura coincidência tê-la encontrado?

Judith viu lorde Rannulf se levantar e despir o paletó. Um instante depois, o paletó pousou sobre os ombros dela, um peso

quente e agradável. Então ele se sentou ao lado dela e cruzou as pernas, parecendo muito informal e relaxado.

– Ele a incomodou entre o que aconteceu três noites atrás e esta tarde? – perguntou lorde Rannulf.

– Não. – Ela balançou a cabeça. – E não espero que volte a me incomodar. Acredito que me fiz bem clara hoje.

– É mesmo? – Judith sentiu que ele olhava para o perfil dela, embora não houvesse virado a cabeça para encará-lo. – Por que não se fez clara *comigo*?

– Quer reiniciar a discussão? O senhor me disse...

– Quando ofereci para que cavalgasse comigo – explicou ele. – Quando sugeri que dividíssemos um quarto na estalagem perto da feira livre.

Judith não conseguiu pensar em uma resposta adequada, embora ele estivesse esperando que falasse alguma coisa. Ela tirou os pés da água, abraçou os joelhos e abaixou a cabeça, descansando-a nos braços.

– Aquilo foi diferente – falou Judith, de modo nada convincente. – Eu queria viver a experiência.

Mas fora diferente *como*? Talvez por ter sentido, desde o primeiro momento, que ele não a teria pressionado se dissesse não? Mas como ela poderia saber? E era mesmo verdade?

– Você teria vivido a experiência com Effingham, então, se *ele* houvesse aparecido a cavalo em vez de mim? – perguntou lorde Rannulf.

Ela estremeceu.

– Não, é claro que não.

Ele ficou em silêncio por algum tempo e, quando finalmente falou, optou por mudar de assunto.

– Seu irmão é um jovem cavalheiro muito alinhado e transita em círculos muito elegantes. Até mesmo *levianos*, se julgarmos pela amizade dele com Horace Effingham. Seu irmão esta aproveitando a vida ociosa de um hóspede enquanto você está aqui como uma espécie de criada de luxo. Será que compreendi a história por trás desses detalhes contrastantes?

– Não sei – retrucou Judith, erguendo a cabeça, mas mantendo o olhar fixo na água. – *Compreendeu?*

– Ele é a ovelha negra de sua família? – perguntou lorde Rannulf. – Mas a senhorita o ama mesmo assim?

– É claro que o amo. Branwell é meu irmão e seria muito difícil não gostar dele mesmo que não fosse. Foi mandado para a escola e para a universidade, para receber a educação de um cavalheiro. É natural que queira andar com outros cavalheiros em base de igualdade. É natural que faça algumas extravagâncias até que descubra o que quer fazer da vida e se estabeleça em alguma carreira. Branwell não é mau. Ele é apenas...

– Imprudente e egoísta? – sugeriu lorde Rannulf, quando ela não conseguiu pensar em uma palavra adequada. – Ele sabe que é responsável pelo fato de a senhorita estar aqui?

– Ele não é... – Judith começou a dizer.

– A senhorita mente demais, sabia?

Ela virou a cabeça e o encarou indignada.

– Isso não é problema seu, lorde Rannulf – atacou ela. – Nada que tenha a ver com minha vida e com minha família é problema seu.

– Não, não é – concordou ele. – Suas irmãs sofreram uma sorte similar à sua?

– Elas ainda estão em casa – retrucou Judith, sentindo uma onda de saudade de casa tão súbita e intensa que teve que baixar a cabeça sobre os joelhos novamente.

– Por que a senhorita se ofereceu? Não posso imaginar que ninguém se sentisse ansioso para vir para cá receber a afeição e a bondade de sua tia.

Ela suspirou.

– Cassandra é a mais velha e é o braço direito de nossa mãe. Pamela é a terceira de nós e é a beleza da família. Não nasceu para isso, para não ser o centro da admiração de todos... E Hilary é jovem demais. Tem apenas 17 anos. Hilary ficaria de coração partido ao se ver obrigada a deixar nossos pais... e teria partido o coração de nós quatro, também.

– Mas o coração de ninguém se partirá por causa de sua ausência? – perguntou ele.

– Uma de nós precisava vir – retrucou Judith. – E todos derramaram lágrimas de tristeza quando parti.

– E ainda assim a senhorita defende aquele moleque extravagante que tem como irmão?

– Não preciso defendê-lo ou censurá-lo. Não para *o senhor*.

Mas ela não estava aborrecida com ele por se intrometer ou por compreender tão bem a situação. De uma forma traiçoeira, era bom ter alguém interessado o bastante na vida dela para fazer perguntas. Alguém que talvez compreendesse a extensão do sacrifício que fizera voluntariamente... embora, é claro, sabendo que teria sido escolhida mesmo que não houvesse se oferecido.

– Onde aprendeu a atuar? Sua família está envolvida com teatro amador na casa paroquial ou onde quer que você more?

– Casa paroquial – disse Judith, voltando a levantar a cabeça. – Ah, santo Deus, não. Papai teria um ataque. Ele é absolutamente contra teatro e diz que é obra do diabo. Mas eu sempre amei atuar. Costumava ir sozinha para as colinas, onde não poderia ser vista nem ouvida, e representar diferentes papéis que tinha memorizado.

– Parece ter memorizado muita coisa – comentou ele.

– Ah, mas não é difícil fazer isso – assegurou ela. – Quando atuamos como se realmente *fôssemos* o personagem, entende, então as palavras se tornam suas, as únicas que são lógicas para serem ditas naquelas circunstâncias particulares. Nunca decorei nenhum papel. Simplesmente *me torno* vários personagens.

Judith ficou em silêncio, um tanto constrangida pelo entusiasmo com que acabara de explicar sua paixão por atuar. Ela queria muito ser atriz quando crescesse, até descobrir que atuar não era uma carreira respeitável para uma dama.

Lorde Rannulf permaneceu sentado em silêncio ao lado dela, um dos pulsos apoiados sobre o joelho, a outra mão puxando a relva longa. Judith se lembrou de como o vira mais cedo, a cabeça inclinada sobre Julianne, ouvindo atentamente o que ela dizia.

– É divertido para o senhor brincar com os sentimentos de Julianne?

As palavras saíram antes que se desse conta de que as dissera em voz alta. A mão dele ficou imóvel.

– Ela tem sentimentos com que eu supostamente pudesse brincar? – perguntou ele de volta. – Acho que não, Srta. Law. A Srta. Effingham está atrás de um marido com um título de nobreza; quanto mais rico e com maior proeminência na alta sociedade, melhor. Acredito que o filho de um duque, com riqueza própria, parece uma ótima aquisição para ela.

– Então, não acredita que Julianne procura por amor – disse Judith –, ou ao menos *espera* encontrar o amor? Não acredita que tenha sentimento algum? Deve ser um cínico.

– De jeito nenhum – falou lorde Rannulf. – Pessoas de minha classe social não escolhem futuros maridos ou esposas por amor. O que aconteceria com o tecido da alta sociedade se começássemos a fazer isso? Nós nos casamos por riqueza e posição social.

– *Está* brincando com ela, então – afirmou Judith. – Meu tio é um mero baronete. A filha dele deve estar muito abaixo do padrão de uma pretendente que o *filho* de um duque levaria a sério.

– Está errada de novo – disse ele. – Títulos não contam a história toda. A linhagem de Sir George Effingham é impecável e ele é um homem abastado, tem bens. Minha avó acredita que o enlace será perfeitamente adequado.

Será?

– Vai se casar com Julianne, então? – perguntou Judith.

Até aquele momento, ela não acreditara na possibilidade, apesar do que tia Effingham e Julianne haviam dito.

– Por que não? Ela é jovem, bonita e encantadora. Além de rica e bem-nascida.

Judith não entendeu por que seu coração e sua mente ficaram tão abalados com a notícia. Tivera a chance ter lorde Rannulf para si e o recusara. Mas é claro que entendia... Não conseguia *suportar* imaginá-lo com Julianne. *Ela é jovem, bonita e encantadora*. E também cabeça-oca, vaidosa e egoísta. Mas lorde Rannulf merecia coisa melhor? Tudo o que dissera sobre si mesmo dizia que não. Ainda assim...

– É claro – continuou lorde Rannulf – que a Srta. Effingham e a mãe dela ficarão desapontadas se esperam que a moça se torne duquesa um dia. Sou o segundo na linha de sucessão, mas meu irmão mais velho se casou recentemente. No curso natural das coisas, é bastante provável que a esposa dele esteja esperando bebê. Se for um menino, serei o terceiro na fila.

Judith sabia muito bem qual expressão lorde Rannulf devia ter no rosto naquele momento e, como imaginava, quando olhou para ele, viu o conhecido ar zombeteiro.

– Talvez Lady Aidan cumpra seu dever tão bem que consiga ter doze meninos em alguns anos. Isso me deixaria quase sem esperança. Qual é o oposto da esperança? Desespero? Cada um dos filhos de Aidan me faria afundar mais no desespero.

Judith percebeu de repente que a intenção dele, mais do que zombar de si mesmo ou dela, era diverti-la. E ela *estava* se divertindo. Que imagem absurda ele pintara. Judith riu.

– Que triste destino o seu...

– E se acha meu drama desesperador – continuou lorde Rannulf –, imagine como será para Alleyne, meu irmão mais novo. Aidan ocupado fazendo filhos homens, eu com 28 anos e correndo o risco de me casar a qualquer momento e logo estar ocupado fazendo filhos também.

Judith riu de novo, olhando para ele.

– Assim é melhor – falou lorde Rannulf, com um brilho diferente nos olhos, que poderia ser de prazer. – A senhorita precisa sorrir com mais frequência.

Ele ergueu a mão e deixou o dedo correr suavemente pelo rosto dela por um instante, antes de retirá-lo. Então ajeitou o corpo, pigarreou e desviou o olhar para o lago.

Judith sentiu como se houvesse sido tocada por fogo líquido.

– O duque não se casará? – perguntou.

– Bewcastle? Duvido muito. Nenhuma mulher é boa o bastante para Wulf. Não, dizer isso é injusto. Desde que ele herdou o título e todas as responsabilidades agregadas, aos 17 anos, ele vem devotando a vida a cumprir os deveres de duque e a ser o chefe da família.

– E o que faz, lorde Rannulf? – perguntou ela. – Enquanto seu irmão se ocupa com os deveres dele, o que sobra para o *senhor* fazer?

Ele deu de ombros.

– Quando estou em casa, em Lindsey Hall, passo o tempo com meus irmãos e irmãs, cavalgando, caçando e pescando com eles e fazendo visitas. Meu amigo mais próximo, Kit Butler, o visconde Ravensberg, mora perto. Ainda somos próximos, apesar de uma briga feia que tivemos alguns anos atrás, e que deixou ambos machucados e ensanguentados, e do fato de ele estar casado agora. Também me dou bem com a mulher dele. Quando não estou em Lindsey Hall, gosto de estar em atividade. Evito Londres sempre que posso e logo me canso de lugares como Brighton, onde tudo é ócio e frivolidade. Fui a uma viagem a pé pelas Terras Altas escocesas no ano passado, e a Lake District no início deste ano. O exercício, a experiência e a companhia foram bons.

– O senhor lê?

– Sim. – Ele a encarou com um sorriso preguiçoso. – Está surpresa?

Não estava surpresa, nem deixava de estar. Sabia tão pouco sobre ele. E, é claro, deveria estar contente por deixar as coisas dessa forma.

– Suponho que os filhos de duques não tenham que trabalhar para viver – comentou Judith.

– Individualmente, somos todos tão ricos que chega a ser indecente, para não mencionar Bewcastle, que é dono de grande parte da Inglaterra e do País de Gales. Não, não precisamos trabalhar, embora, é claro, haja as tradicionais expectativas para os filhos mais novos. De Aidan, como segundo filho, era esperado que seguisse a carreira militar. Ele cumpriu seu dever sem reclamar. Apenas recentemente vendeu sua patente, após o casamento. Bewcastle esperava vê-lo general em um ou dois anos. Eu, como terceiro filho, deveria seguir a carreira religiosa. *Não* cumpri meu dever.

– Por que não? – perguntou Judith. – Sua fé não foi forte o bastante?

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Raramente soube que a fé teve alguma coisa a ver com a decisão de um cavalheiro de seguir a carreira religiosa – retrucou.

– O senhor é um cínico, lorde Rannulf – afirmou ela.

Ele sorriu.

– Pode me imaginar subindo os degraus de um púlpito, em um domingo de manhã, segurando a batina acima dos tornozelos e fazendo um sermão apaixonado sobre moralidade, decoro e o fogo do inferno? – perguntou lorde Rannulf.

Judith não pôde evitar um sorriso. Detestaria vê-lo como um homem da Igreja: sóbrio, pio, virtuoso, crítico e sem alegria. Como o pai dela.

– Meu pai me imaginava usando a mitra de um bispo – continuou ele. – Talvez até mesmo arcebispo de Canterbury. Ficaria desapontado se estivesse vivo. Em vez disso, acabei desapontando meu irmão.

Havia um toque de amargura na voz dele?

– Sente-se culpado por não ter feito o que era esperado do senhor?

Lorde Rannulf deu de ombros.

– É a minha vida. Embora, às vezes, seja difícil não parar e pensar se há algum padrão, algum significado, algum objetivo. Você exige essas coisas de sua vida, Judith? Que padrão, significado ou objetivo existe no que aconteceu recentemente com sua família e, como resultado, com você?

Ela desviou os olhos.

– Não me faço esse tipo de pergunta. Vivo minha vida um dia de cada vez.

– Mentirosa – acusou ele em um tom suave. – O que a aguarda aqui? Nada. Não se pergunta por quê? Ou qual o objetivo de seguir com a vida? Acho que faz isso, sim, todas as horas de todos os dias. Eu conheci a verdadeira Judith Law, lembra-se? Não estou certo, entende, se aquela mulher viva e apaixonada da estalagem era o personagem, e essa mulher quieta e disciplinada de Harewood é a real.

Judith ficou de pé, segurando o paletó ao redor do corpo.

– Já estou aqui há tempo demais. Sentirão minha falta e tia Louisa ficará irritada. Quer ir primeiro? Ou se... se viraria de costas enquanto me visto?

– Não vou espiar – prometeu ele, apoiando os punhos sobre os joelhos e abaixando a cabeça.

Ela deixou cair o paletó na grama ao lado dele.

– Acho que deve estar úmido na parte de dentro, sinto muito – falou.

Judith despiu a roupa de baixo ainda úmida o mais rápido que conseguiu e colocou o vestido. Então, prendeu os cabelos molhados em um nó e cobriu-os com a touca, amarrando as fitas com firmeza sob o queixo.

Os dentes batiam enquanto Judith se apressava em se tornar apresentável.

– Já estou vestida – avisou.

Lorde Rannulf ficou de pé em um movimento ágil e se virou na direção dela.

– Peço perdão se a aborreci.

– Não, não me aborreceu – assegurou ela. – Sou uma mulher, lorde Rannulf. Mulheres estão acostumadas ao tédio, a futuros que se estendem diante delas sem...

– Esperança?

– Sem nenhuma promessa de mudança ou empolgação – completou Judith. – A maior parte das mulheres suporta vidas tediosas, sejam casadas ou velhas solteironas, como será meu caso. *Essa* sou eu de verdade, lorde Rannulf. Está olhando para quem sou de verdade.

– Judith. – Ele caminhou na direção dela e segurou sua mão antes que pudesse pensar em retirá-la. – Eu...

Mas ele se deteve abruptamente, abaixou os olhos para o chão, suspirou alto e soltou a mão dela depois de apertá-la com tanta força que chegou a doer.

– Eu lhe peço perdão por deixá-la melancólica quando, pouco tempo atrás, a fiz rir. Devo voltar agora, Srta. Law. Acredito que minha avó já esteja pronta para irmos embora. Darei a volta na

colina e chegarei ao gramado da frente pela lateral da casa. Subirá a colina pelos fundos?

– Sim – confirmou ela e o viu se afastar sem olhar uma vez sequer para trás.

Judith inspirou profundamente e soltou o ar devagar. Não queria começar a conhecê-lo como pessoa. Não queria descobrir nada nele de que pudesse gostar. As perspectivas da vida dela já eram sombrias o bastante, não precisaria acrescentar o arrependimento a elas.

Arrependimento! Então ela se arrependia da resposta que dera a lorde Rannulf três dias antes? Não, não se arrependia. Claro que não. Ele deixara claro o tipo de mulher que o satisfaria como noiva, e ela não se qualificava. Além do mais, quando lorde Rannulf se casasse, seria apenas com o propósito de produzir filhos que carregassem seu nome. Ele reservaria todo seu encanto e energia, toda sua paixão, para mulheres como a irreal Claire Campbell.

Não, ela não se arrependia da decisão que tomara...

Mas, quando se pôs a caminho de casa, os pés de Judith estavam tão pesados quanto seu coração.

CAPÍTULO XI



Como sempre, Rannulf foi convidado a ir a Harewood na tarde seguinte. No entanto, bem cedo naquela manhã, uma verdadeira procissão de carruagens fora vista se aproximando de Grandmaison. O mordomo apareceu na sala de estar para alertar Lady Beamish, que escrevia cartas em sua escrivaninha, e Rannulf, que lia uma carta da irmã, Morgan.

Um criado fora mandado da carruagem para convidar lorde Rannulf Bedwyn para se juntar ao grupo de Harewood em uma excursão de um dia até uma cidade próxima, a 12 quilômetros de distância. Mas, quando o criado batera à porta, Rannulf já estava no hall, recebendo o convite, mais efusivo, da própria Srta. Effingham. Ela descera da carruagem junto com a Srta. Lilian Warren e com Sir Dudley Roy-Hill. Rannulf logo notou que Judith não estava entre os convidados.

Horace Effingham estava.

– Precisa vir conosco, lorde Rannulf – disse a Srta. Effingham, adiantando-se e estendendo as mãos para ele. – Vamos fazer compras e gastar todo nosso dinheiro. Então vamos tomar chá no White Hart. É muito elegante.

Rannulf segurou as mãos da moça nas suas e se inclinou em uma cortesia. Ela estava com uma aparência encantadora, com o vestido de viagem verde-primavera e uma touca de palha. Os

grandes olhos azuis cintilavam em antecipação ao dia de aventura. Até onde Rannulf podia ver, a Sra. Hardinge, na quarta carruagem, era a única acompanhante do grupo.

– Vamos lhe dar dez minutos para ficar pronto, Bedwyn – disse Effingham em um tom animado. – Nem mais um minuto.

– Guardei um lugar para o senhor na minha carruagem – acrescentou a Srta. Effingham, sem a menor pressa de tirar as mãos das dele –, embora tanto o Sr. Webster quanto lorde Braithwaite estejam competindo por ele.

O dia se estendeu na mente de Rannulf: duas horas na carruagem – tanto de manhã, quanto na viagem de volta – todas bem próximo da futura noiva. Algumas horas fazendo compras com ela e tomando chá ao lado da moça na estalagem. E, sem dúvida, um retorno a Harewood, mais tarde, onde ele seria sentado ao lado dela no jantar e manobrado para ficar virando as páginas da pauta musical quando a Srta. Effingham estivesse ao piano, ou teria que ficar sentado ao lado dela, ou ainda sendo parceiro da moça em um jogo de cartas na sala de visitas.

A avó dele e a mãe dela ficariam extasiadas com o rápido progresso do relacionamento.

– Peço que me perdoe – Rannulf soltou as mãos da moça e se desculpou com um sorriso –, mas prometi passar o dia com minha avó, planejando o dia de amanhã.

No dia seguinte, seria a festa ao ar livre em Grandmaison, uma ocasião a que ele não dedicara um único pensamento até aquele instante. A expressão da Srta. Effingham ficou amuada e ela fez um lindo biquinho para ele.

– Mas *qualquer um* pode planejar uma festa ao ar livre. Estou certa de que sua avó o liberará do compromisso quando souber aonde vamos e que viemos todos até aqui só para convidá-lo.

– Fico honrado por terem feito isso – retrucou ele –, mas realmente não posso quebrar uma promessa. Tenham um ótimo dia.

– Eu mesma vou falar com Lady Beamish – ofereceu a Srta. Effingham, animando-se. – Ela o liberará do compromisso se *eu* pedir.

– Obrigado – disse Rannulf com firmeza –, mas não. Não tenho como sair hoje. Permita-me ajudá-la a subir na carruagem, Srta. Effingham.

Ela pareceu desalentada e ele sentiu uma pontada de remorso por um instante. Sem dúvida havia arruinado o dia da moça. Mas, no mesmo instante em que dava a mão a ele e o olhava com uma expressão que Rannulf não soube interpretar a princípio, a Srta. Effingham falou em voz alta, dirigindo-se ao outro extremo do terraço:

– Lorde Braithwaite, pode se sentar aqui comigo afinal. Me pareceu educado reservar um lugar para lorde Rannulf, mas ele não vai poder ir conosco.

Rannulf achou divertido observar, enquanto recuava após tê-la ajudado e esperava educadamente que o grupo retomasse viagem, que a Srta. Effingham não olhou para trás, para ele, nem uma vez. Em vez disso, a moça sorria para Braithwaite, a mão pousada sobre a manga do rapaz, engatando logo uma conversa animada com ele.

A mocinha tola e atrevida tentava deixá-lo com ciúmes, pensou Rannulf. A avó estava chegando ao hall.

– Rannulf? – disse ela. – Eles estão partindo sem você?

– Eles planejaram todo um dia de excursão – explicou ele, apressando-se na direção dela e tomando o braço da avó no seu. Ela não usaria uma bengala, mas Rannulf sabia que frequentemente precisava se apoiar em algo enquanto caminhava. – Não quis deixá-la por tanto tempo.

– Ah, que bobagem, meu rapaz – comentou a avó. – Como acha que me arranjo quando você não está aqui... o que significa a maior parte do tempo?

Ele a guiou na direção das escadas, imaginando que ela estivesse se recolhendo para os próprios aposentos. E reduziu o passo para acompanhar o da avó.

– Sou uma decepção para a senhora, vovó? – perguntou Rannulf. – Não tendo escolhido a igreja como carreira... Não vindo aqui com mais frequência, mesmo a senhora tendo me nomeado seu herdeiro há anos... Não mostrando interesse algum em minha futura herança...

A avó o encarou com atenção enquanto os dois subiam as escadas. Ele percebeu que ela precisava subir um degrau por vez, sempre levantando primeiro o pé esquerdo.

– O que lhe provocou essa crise de consciência?

Rannulf não tinha certeza. Talvez houvesse sido a conversa com Judith Law, na véspera. As coisas que dissera sobre a ociosidade dos cavalheiros, a própria admissão de que não cumprira seu dever, como Wulf e Aidan haviam feito. Ele se recusara a se tornar um clérigo, mas não fizera mais nada no lugar. Não era melhor do que tontos como Branwell Law, a não ser pelo fato de que tinha dinheiro para bancar sua vida de ócio. Tinha 28 anos, estava entediado e sem rumo. Toda a sabedoria que acumulara na vida o levava unicamente à cínica conclusão de que a vida não tinha sentido.

Mas ele tentou *dar* um sentido à vida?

Rannulf respondeu a pergunta da avó com outra pergunta.

– A senhora já desejou que eu viesse aqui com mais frequência, que tivesse interesse pela casa e pela propriedade, que aprendesse como as coisas funcionam por aqui, que administrasse o lugar, reduzindo suas reponsabilidades? Ou que conhecesse os vizinhos e me tornasse um membro ativo da comunidade?

A avó estava ligeiramente sem ar quando eles chegaram ao topo da escada. Rannulf parou para lhe dar tempo para que recuperasse o fôlego.

– A resposta é sim para todas suas perguntas, Rannulf – disse ela. – Agora se importaria de me explicar o que está acontecendo?

– Estou considerando o matrimônio, não estou? – retrucou ele.

– Sim, é claro. – A avó entrou na sala particular dos aposentos dela e, depois que ele a ajudou a sentar, indicou uma poltrona para que também se acomodasse. – E essa perspectiva está despertando seu senso latente de responsabilidade, como eu esperava que aconteceria. Ela é um doce de moça, não é? Um pouco mais caprichosa e leviana do que me lembrava, mas nada que o tempo e um pouco de maturidade não apaguem. Sente afeição pela Srta. Effingham, Rannulf?

Ele considerou a possibilidade de mentir. Mas afeição não era um pré-requisito para o casamento que prometera considerar.

– Isso virá com o tempo, vovó. Ela é tudo o que a senhora disse.

– E ainda assim – comentou ela, franzindo o cenho –, você acaba de rejeitar a oportunidade de passar o dia todo na companhia da moça.

– Em vez disso – explicou ele –, pensei que talvez pudesse procurar o administrador da propriedade, vovó, e ver se ele tem tempo para dar uma volta comigo pelos campos de cultivo e me explicar algumas coisas. Sou absolutamente ignorante nesses assuntos.

– O fim do mundo deve estar próximo. Nunca pensei que viveria para ver esse dia.

– Não vai me achar presunçoso, então? – perguntou Rannulf.

– Meu menino querido. – Ela se inclinou para a frente na cadeira. – Sonhei minha vida inteira não apenas em vê-lo casado e pai de seus filhos, mas também um homem adulto, maduro, feliz. Você tem sido desde sempre um menino adorável, mas tem 28 anos agora.

Ele ficou de pé.

– Vou me corrigir, então – garantiu ele, sorrindo para a avó –, e deixá-la descansar.

Havia um entusiasmo novo nos passos de Rannulf quando desceu as escadas. Estava surpreso por nunca ter pensado nessa possibilidade antes, mas estivera contente com sua vida de ócio e diversão.

Ainda assim, por anos soubera que um dia se tornaria um dono de terras. Havia muito a fazer e a aprender se, quando a hora chegasse, quisesse ser capaz de dar à terra, do mesmo modo que tomara dela.

E tudo isso seria feito com Julianne Effingham a seu lado. Uma sombra pareceu dominar a mente dele diante da perspectiva. Pensaria nisso outra hora.



Judith teria gostado de se juntar à excursão de compras, principalmente porque Branwell lhe fizera um convite direto. Mas, quando tia Effingham interveio com firmeza, declarando que precisava da sobrinha em casa, Judith não fez objeções. Não tinha dinheiro algum para gastar mesmo... Além do mais, Horace estaria lá e, se fosse, teria que ficar vendo Julianne e lorde Rannulf Bedwyn conversando e rindo juntos o dia todo.

Judith não o *amava*, mas sentia-se solitária, deprimida e havia experimentado outro tipo de vida... com ele. Não conseguia evitar as lembranças. O *corpo* dela se lembrava, particularmente nos momentos em que suas defesas estavam mais baixas. Judith passara a acordar à noite, o corpo ansiando pelo que nunca mais poderia voltar a ter.

No fim, ficou bastante satisfeita por poder passar o dia escrevendo uma pilha de convites para o grande baile da semana seguinte, e entregando alguns, ela mesma, na cidade. Judith andara todo o caminho até lá e voltara, já que não lhe fora oferecida condução, então cortara flores no jardim dos fundos e as arrumara em buquês frescos em cada um dos cômodos usados durante o dia. Depois, passara uma hora na sala de visitas, arrumando a bolsa com linhas de bordar da tia. Judith separou as linhas pacientemente e as enrolou em meadas macias. Foi interrompida duas vezes na tarefa, uma para subir e pegar o lenço da avó, e outra para pegar um prato de bombons dos quais a avó gostava.

Mas a avó ao menos era boa companhia. Quando tia Effingham não estava, as duas conversavam animadamente sobre os mais diversos assuntos. A avó adorava contar histórias sobre o avô de Judith, que a neta não conhecera, embora já tivesse 7 anos quando ele morreu. As duas riam das histórias da casa de Judith, que a moça contava apenas para divertir a avó, como a vez em que toda a cidade se pusera em uma louca caçada a um porquinho fujão, passando pelo pátio da igreja e pelo jardim da casa paroquial, até o

pai de Judith sair de seu escritório e encarar o pobre e apavorado animal com seu severo olhar de reverendo, detendo-o na mesma hora.

Então o mordomo as interrompeu.

– Perdão, madame – disse o homem, olhando de uma para a outra, parecendo não saber a qual das duas se dirigir –, mas há uma...*pessoa* no hall insistindo em falar com o Sr. Law. Ele se recusa a acreditar que o jovem cavalheiro não está aqui.

– Ele deseja falar com Branwell? – perguntou Judith. – Mas de quem se trata?

– É melhor trazê-lo até aqui, Gibbs – disse a avó. – Embora eu não consiga imaginar por que ele não acreditou em você.

– Não. – Judith ficou de pé. – Verei o que ele deseja.

O homem parado no hall mexia sem parar no chapéu, parecendo desconfortável. Sua idade e seu modo de vestir logo deixaram claro a Judith que não se tratava de nenhum amigo de Bran que estava por perto e resolvera fazer uma visita surpresa.

– Posso ajudá-lo? – perguntou ela ao homem. – O Sr. Law é meu irmão.

– É mesmo, senhorita? – O homem se inclinou em uma cortesia. – Mas preciso ver o cavalheiro em pessoa. Tenho algo para entregar a ele. Chame-o para mim, por favor.

– Ele não está – informou Judith. – Foi passar o dia fora. Mas acredito que o Sr. Gibbs já havia lhe dito isso.

– Eles sempre dizem isso. Não vou ser evitado, madame. Verei seu irmão mais cedo ou mais tarde. Esperarei até ele chegar.

Por que tamanha insistência? Como aquele homem descobrira Bran ali? Mas ela não era tola. E sentiu um arrepio de apreensão.

– Então deve esperar na cozinha – avisou Judith. – Se o Sr. Gibbs permitir que fique lá, é claro.

– Siga-me – disse o mordomo, olhando o visitante de cima a baixo, como se ele fosse um verme repugnante.

Judith os viu se afastar, o cenho franzido, e voltou para a sala de visitas. Mas logo ouviu o som de cavalos e carruagens se aproximando, antes mesmo que tivesse a chance de se sentar. Ela

foi até a janela. Sim, eles haviam voltado, bem mais cedo do que se esperava.

– Já estão de volta? – A surpresa da avó ecoava a da própria Judith.

– Sim – confirmou Judith. – Foi um passeio rápido.

Ela se pegou aproximando-se mais da janela, para tentar ver quando quando lorde Rannulf descesse da carruagem. Mas foi lorde Braithwaite quem ajudou Julianne a descer, e eles foram seguidos pela Srta. Warren e por Sir Dudley Roy-Hill. Tia Effingham havia saído para recebê-los.

– O que aquele homem queria com Branwell? – perguntou a avó.

– Não tenho ideia – disse Judith. – O homem está esperando para ver Bran pessoalmente.

– Imagino que seja um amigo – arriscou a avó.

Judith não discordou. Um instante mais tarde, Julianne entrou apressada na sala, parecendo aborrecida, com a mãe em seus calcanhares. Tia Effingham fechou a porta depois de entrar. Ao que parecia, todos os hóspedes haviam ido para seus quartos, para se refrescarem depois de um dia fora.

– Ele não pôde ir – disse Julianne, a voz aguda e alta demais. – Havia prometido ficar com Lady Beamish, mas não me permitiu persuadi-la a liberá-lo do compromisso. Ele *não* foi. Não gosta de mim. Não vai me pedir em casamento. Ah, mamãe, o que farei? *Preciso* tê-lo. Vou morrer se tiver que me contentar com alguém inferior.

– Você voltou para casa muito cedo, Julianne – comentou a avó. – Qual foi o problema?

– Não havia lojas que valessem a pena olhar – respondeu a moça com petulância. – Todas as mercadorias eram horrorosas em comparação com o que se vê exposto em lojas menos elegantes de Londres. Ainda assim, todos queriam andar por toda parte e exclamavam encantados com tudo. Fiquei exausta depois da primeira hora. Quem afirma que White Heart é elegante, nunca esteve em nenhum lugar realmente requintado. Tivemos que esperar *dez* minutos por chá quente e uma fatia de bolo. E se

Hannah e Theresa disserem que o chá delas estava quente e os bolos frescos, mamãe, estarão mentindo. Foi uma ideia estúpida ir até lá hoje. Tenho certeza de que teve um dia fantástico em comparação com o meu, Judith.

Judith sabia que fora a recusa de lorde Rannulf de se juntar ao grupo que levara ao fracasso do passeio. Por que ele se recusara a ir?

– É claro que ele gosta de você, querida – disse tia Effingham, em um tom tranquilizador. – Lady Beamish tem se empenhado em promover o casamento de vocês e lorde Rannulf tem sido muito atencioso. Se ele não foi com vocês hoje, pode estar certa de que tinha uma boa razão. Você não deve parecer aborrecida com ele. Amanhã é o dia da festa ao ar livre em Grandmaison, e você sabe que também fomos convidados para o jantar. Tudo correrá bem amanhã, você verá. Deve continuar sendo encantadora e bela como é, meu amor. Nenhum homem gosta de mulheres furiosas.

– Comprei dois chapéus, embora não tenha gostado de nenhum deles – comentou Julianne, parecendo mais apaziguada. – E o outro é de um estilo que não me favorece, eu acho. Também comprei alguns metros de fitas. Não consegui decidir de qual cor gostava mais, por isso trouxe uma medida de cada. Embora não tenha gostado de nenhuma das cores. – Ela deixou escapar um suspiro profundo. – Que dia insípido!

A avó decidiu, àquela altura, recolher-se para seus aposentos. Judith ajudou-a a ficar de pé e a acompanhou.

– Esses brincos beliscam o lóbulo de minha orelha – reclamou a avó, se encolhendo e puxando um dos brincos quando já se aproximavam do quarto dela. – Sempre esqueço qual deles faz isso. Mas tudo na minha caixa de joias está tão misturado que enfio a mão lá dentro e pego o que estiver mais perto. Preciso colocar esses brincos no fundo da caixa.

– Farei isso para a senhora, vovó – ofereceu-se Judith.

Mas, quando olhou dentro da grande caixa de madeira entalhada onde estava empilhada toda a considerável coleção de joias da avó, Judith viu que precisaria tomar uma atitude mais drástica.

– Gostaria que eu arrumasse isso tudo para a senhora? Veja, vovó, a caixa é dividida em compartimentos. Se usar um deles para seus anéis, outro para seus brincos, e os outros para broches, cordões e braceletes, então será muito mais fácil encontrar tudo.

A avó suspirou.

– Seu avô sempre me comprava joias, porque sabia que eu gostava muito. Mantenho as peças mais preciosas separadas, como pode ver. – Ela apontou para uma bolsa de veludo cor de vinho, fechada com cordões, que estava quase submersa sob o resto da bagunça. – Você *realmente* arrumaria tudo para mim? Que enorme gentileza de sua parte, Judith, meu amor. Nunca fui boa em manter as coisas organizadas.

– Vou levar a caixa para meu quarto – sugeriu Judith –, assim não a perturbarei enquanto a senhora descansa.

– Realmente preciso descansar – admitiu a avó. – Acho que peguei uma gripe quando estava sentada ao ar livre com Sarah, ontem. Achei que talvez o chá fosse ajudar, mas não adiantou. Tillie me dará uma dose de alguma coisa, imagino.

Judith levou a caixa pesada para o próprio quarto e virou todo o conteúdo na cama. O avô devia ser mesmo apaixonado pela avó, pensou, sorrindo, já que lhe dera uma quantidade tão grande de joias caras, muitas das peças cintilantes eram quase indistinguíveis umas das outras.

Ela estava arrumando os colares, a última pilha a ser ordenada, quando ouviu uma batida rápida na porta. Branwell entrou apressado, pálido como um fantasma.

– Jude – disse ele. – Preciso de sua ajuda.

– Qual é o problema? – De repente, ela se lembrou do visitante insistente. Provavelmente fora ele que perturbara Bran. – O que aquele homem queria?

– Ah. – Ele tentou sorrir. – Era apenas um mensageiro. Um terrível atrevimento na verdade. Um camarada deve a seu alfaiate e a seu sapateiro e precisa ser perseguido por metade do país, como se sua palavra não fosse suficiente.

– Ele era um alfaiate exigindo pagamento? – perguntou Judith, segurando um pesado colar de safiras suspenso em uma das mãos.

– Não era o alfaiate propriamente dito – explicou Branwell. – Eles contratam uns camaradas para fazer esse tipo de coisa, Jude. O homem me disse que tenho duas semanas para pagar.

– Que valor?

– Quinhentos guinéus – disse ele, com um sorriso apavorado. – Outros camaradas devem dez vezes mais do que isso, mas ninguém os persegue.

– Quinhentos...?

Por um instante, Judith pensou que fosse desmaiar. O colar caiu com um baque em seu colo.

– A questão é – continuou Branwell, andando até a janela – que papai terá que abrir mais os cordões da bolsa. Sei que é uma soma alta, e sei também que não posso fazer nada parecido de novo. Preciso me corrigir. No entanto, dessa vez está feito, entenda, e papai terá que me tirar dessa encrenca. Ele vai explodir se eu for pedir pessoalmente ou mesmo se escrever para ele. Escreva *você* para ele, por mim, Jude? Explique ao papai. Diga a ele...

– Bran – disse ela, a voz parecendo vir de muito longe –, não estou certa se papai tem toda essa quantia para lhe dar. E mesmo se tiver, não restará nada a ele. Ficaré pobre. Assim como mamãe, Cass, Pamela e Hilary.

Ele ficou ainda mais pálido, se é que era possível. Até mesmo seus lábios estavam brancos.

– As coisas estão assim tão ruins? – perguntou Branwell.

– Por que você acha que estou aqui, Bran? – disse Judith em um tom suave. – Porque morar com tia Effingham é o sonho de minha vida?

– Santo Deus... – Ele olhou para ela com pena, o cenho franzido. – Lamento, Jude. Não queria acreditar nisso... É verdade, então? Foi culpa minha? Bem, não voltará a acontecer. Vou me reerguer, você verá. Pagarei minhas dívidas e restituirei a fortuna da família. Vou garantir que volte para casa e que haja o bastante para atrair maridos para todas vocês. Vou...

– *Como* Bran? – Longe de estar sensibilizada pela efusão de remorsos do irmão, Judith estava furiosa. – Fazendo apostas ainda mais altas nas corridas e nos clubes de cavalheiros? Ficaríamos

todos muito mais felizes se você se acomodasse em alguma carreira respeitável e construísse uma vida decente para si mesmo.

– Pensarei em alguma coisa – disse ele. – *Pensarei*, Jude. Pensarei em alguma coisa... Vou me reerguer e sem apelar para papai. Bom Deus! – Os olhos dele encaravam distraídos a caixa de joias. – De quem é tudo isso? Da vovó?

– Estava tudo emaranhado – explicou ela –, a não ser pelas peças mais preciosas, que estão nesta bolsa. Me ofereci para arrumar tudo para ela.

– Deve haver uma *fortuna* aí.

– Ah, não, você não vai fazer isso, Bran – falou Judith em um tom severo. – Não apelarà à vovó para pagar suas dívidas. Essas joias são lembranças da vida dela com nosso avô. Talvez *realmente* valham uma fortuna, mas são dela. Nunca sequer prestamos muita atenção na vovó ao longo de nossas vidas, porque papai sempre deu a impressão de que ela não era muito respeitável. Ela pode estar cansada de certo modo, sempre esquecendo as coisas em outros cômodos, sempre reclamando da saúde, embora tenha feito menos isso recentemente. Mas me tornei muito apegada a ela. Vovó é *divertida* e adora rir. Não acredito que tenha um pinga de maldade, algo que não posso afirmar sobre a filha dela ou... o filho.

Ela enrubesceu por ter dito algo tão desleal sobre o pai. Branwell suspirou.

– Não, é claro que não vou pedir ajuda à velhota. Para começar, seria muito humilhante ter que admitir para ela que estou em dificuldades. Mas, santo Deus, ela nem sequer sentiria falta de uma, duas ou até dez dessas peças, sentiria?

Judith o encarou com mais severidade.

– Eu estava *brincando*, Jude – falou ele. – Me conhece o bastante para saber que eu nunca consideraria a possibilidade de roubar minha própria avó! Eu estava *brincando*.

– Sei que estava, Bran. – Ela se levantou e deu um abraço no irmão. – Terá que encontrar seu próprio jeito de sair dessa dificuldade. Talvez, se procurar os comerciantes envolvidos, possa chegar a algum acordo com eles para pagá-los daqui a um mês ou...

Branwell deixou escapar uma risada melancólica.

– Eu não deveria ter perturbado você com meus problemas. Esqueça-os, Jude. Vou me reerguer. E quanto a você, não vejo por que não poderia atrair um marido decente mesmo vivendo aqui, sem fortuna. Mas não vai conseguir isso com essa aparência. Nunca entendi por que papai sempre insistiu com mamãe para que a fizesse usar toucas, quando as outras garotas não as usavam metade do tempo. Nunca entendi o que havia de tão terrível em relação a seus cabelos. Sempre achei mulheres de cabelos ruivos bastante atraentes.

– Obrigada, Bran. – Judith sorriu. – Agora preciso terminar aqui e levar essa caixa de volta para o quarto da vovó. Confesso que me deixa um tanto nervosa ter toda essa riqueza sob minha responsabilidade. Gostaria de poder ajudá-lo, mas não posso.

Ele sorriu e já parecia mais consigo mesmo.

– Não se preocupe – falou. – Outros camaradas passam por isso o tempo todo, mas sempre se recuperam. O mesmo acontecerá comigo.

Aquilo já se tornara uma frase feita para ele, percebeu Judith. *Ele iria se reerguer.* Mas ela não via como. Papai logo seria envolvido nisso, pensou Judith, assim como mamãe e as meninas. E ela ficaria presa para todo o sempre à tia Effingham. Não percebera até aquele momento como uma parte dela ainda tinha esperança de voltar para casa um dia.

CAPÍTULO XII



O tempo colaborou para a festa ao ar livre em Grandmaison. Apesar da manhã nublada, a tarde chegou clara e ensolarada, quente na medida exata para não oprimir os sentidos. A sala de estar foi deixada em uso para qualquer um que se sentisse mais inclinado a descansar, mas a maior parte dos convidados preferiu ficar do lado de fora, caminhando pelas trilhas dos jardins, sentados sob o roseiral ou passeando pelos gramados, até o caminho do riacho. No terraço, longas mesas cobertas por toalhas muito brancas tinham sido postas com acepipes variados, além de cântaros com chá e grandes jarras de limonada e ponche.

Judith estava determinada a se divertir. Usava o que considerava ser seu vestido mais bonito, o de musselina verde-claro, embora, como a maiorias dos outros vestidos, esse também houvesse passado pelas alterações ordenadas pela tia. E usava uma de suas próprias toucas sob a touca que tia Louisa lhe dera. Não se sentia bonita, mas na verdade nunca tivera qualquer ilusão sobre sua aparência. No entanto, naquela tarde, Judith não se sentia tão diferente de vários outros convidados da vizinhança. A maior parte deles não parecia nem de perto tão elegante ou na moda como o grupo de Harewood. E Judith tinha a vantagem de ter conhecido alguns deles na véspera, quando entregara os convites para o baile.

Ela passou a primeira meia hora com a mulher e a filha do reverendo e acreditava que, com o tempo, talvez desenvolvesse uma amizade com elas. As duas, por sua vez, apresentaram-na a algumas outras pessoas, que cumprimentaram Judith educadamente e não a olharam com desdém ou agiram como se não estivesse ali. Depois de cerca de uma hora, Judith se juntou à avó na sala de estar, levando um prato de comida que pegara no terraço. Elas ficaram sentadas ali, satisfeitas por estarem juntas, até que Lady Beamish as encontrou e as levou para o roseiral, depois de convencer a avó de Judith de que o ar estava cálido e praticamente não havia brisa.

Estava aproveitando a festa, Judith disse a si mesma depois de deixar as duas amigas conversando. Ao redor, podia ouvir o som de risadas e animação. Parecia que os jovens todos se moviam em grupos, às vezes em casais, frescos e exuberantes, aproveitando a companhia uns dos outros. Até mesmo os convidados mais velhos pareciam ter *alguém* a quem pertenciam ou com quem se sentiam confortáveis... assim como ela, é claro. Afinal, tinha a avó.

Julianne estava cercada pelas amigas mais próximas e por alguns cavalheiros. Lorde Rannulf permanecia ao lado da moça, como estivera durante quase toda a tarde, e ela parecia cintilar apenas para ele, embora provavelmente tivesse dito algo para fazer o grupo todo rir.

Ele iria se casar com Julianne.

Judith subitamente ansiou por um pouco de solidão, pois acabara de descobrir que era possível sentir-se a pessoa mais solitária do mundo no meio de uma multidão. Ninguém prestava a menor atenção a ela naquele momento. Era quase certo que os fundos da residência estariam tranquilos. Judith pegou um caminho que dava a volta pela lateral da casa e encontrou os jardins dos fundos desertos, como esperava. No mesmo instante, respirou com mais facilidade.

Teria que superar aquilo, disse a si mesma com severidade. A sensação de deslocamento, a perda de toda a confiança em si, a pena de si mesma.

Os estábulos ficavam em um dos extremos em relação à casa, com um padoque entre eles. Judith caminhou até a área cercada, vendo os cavalos pastando, aliviada por não haver cavaliços por perto para vê-la e questionar o que estava fazendo longe da festa.

Mais além dos estábulos, o terreno se inclinava em uma ladeira gramada que levava a um bosque. Judith desceu quase correndo e se viu entre arbustos de rododendros, cercada pela fragrância pesada deles. Agora que descera, podia ver, adiante, um pequeno e lindo caramanchão e, mais além, um lago de nenúfares.

O caramanchão era hexagonal e completamente fechado sob o telhado pontudo, embora tivesse janelas de todos os lados. Ela experimentou a porta, que abriu para dentro, revelando um piso de cerâmica e bancos cobertos por couro encostados em todas as paredes. Era óbvio que o lugar costumava ser usado. Estava limpo, tinha alguns livros empilhados em um dos lados do banco. Mas com certeza não era o refúgio privado de ninguém. Não estava trancado.

Judith entrou, deixando a porta aberta para que pudesse sentir o perfume dos rododendros e ouvir o canto dos pássaros. Dali ela conseguia ver o lago de nenúfares, belo e bem-conservado, a água verde-escura sob o abrigo dos galhos das árvores contrastada pelos nenúfares de um branco impressionante.

Era como um pequeno paraíso na Terra, pensou Judith, afundando em um dos bancos, cruzando as mãos no colo e se permitindo relaxar pela primeira vez em toda a tarde. Ela deixou de lado a saudade de casa, a solidão e a tristeza. Não era de sua natureza cultivar sentimentos negativos por muito tempo, e esses sentimentos a vinham oprimindo havia muito. Ali havia paz e beleza para nutrir o espírito dela, e Judith aceitaria o presente abrindo-se para o que lhe era oferecido, dando àquele lugar uma chance de se infiltrar na alma dela.

Judith respirou fundo. Depois de alguns minutos, fechou os olhos, embora não dormisse. Sentia-se feliz e tinha consciência de estar sendo abençoada. Acabou perdendo a noção do tempo.

– Que linda imagem – disse uma voz suave vinda da porta. Judith se sobressaltou e voltou subitamente à desagradável realidade.

Horace estava diante dela, um dos ombros apoiados no batente da porta, os pés calçados com botas cruzados um sobre o outro.

– Ah, você me assustou. Estava dando uma caminhada, encontrei esse caramanchão e sentei para descansar um pouco. Preciso voltar.

Judith se levantou e se deu conta de que o caramanchão não era nada grande.

– Por quê? – perguntou ele sem se mover. – Porque a madrastra tem alguma tarefa para você fazer? Porque sua avó talvez precise que você lhe sirva mais bolos? A festa ao ar livre ainda continuará por algum tempo e nós, convidados de Harewood, permaneceremos depois que todos se forem, você sabe. Fomos convidados para o jantar. Relaxe. Não sentirão sua falta por algum tempo ainda.

Era exatamente disso que tinha medo.

– Aqui é tão lindo, não? – comentou Judith, animada.

E muito afastado e isolado.

– Muito – concordou Horace sem tirar os olhos dela. – E ficaria ainda mais sem essa touca.

Ela sorriu.

– Isso foi um elogio, Sr. Effingham? – perguntou Judith. – Obrigada. Vai ficar aqui por algum tempo? Ou voltará para casa comigo?

– Judith. – Ele sorriu para ela, mostrando os dentes perfeitos –, não há necessidade de ser arisca... ou de me chamar de Sr. *Effingham*. Vi que deixou a festa porque estava se sentindo sozinha e rejeitada. Não está sendo devidamente apreciada aqui, não é mesmo? Tudo porque a madrastra trata você como uma parente pobre e encoraja a impressão de que é uma mera acompanhante da avó. Sou o único homem aqui, a não ser pelo seu irmão, que teve o privilégio de ver de relance o que há além disso.

Judith se repreendeu por estar vestida com suas roupas bonitas no dia em que Horace chegara com Bran. O enteado de tia Effingham não teria mostrado nenhum interesse nela se a tivesse visto apenas como ela estava naquele momento. Judith não conseguia pensar em nenhuma resposta sensata às palavras do Sr. Effingham.

– Mas não são *todos* que não a estão apreciando devidamente. Ela riu.

– Obrigada, mas agora realmente preciso ir. – Judith deu um passo à frente. Se desse outro, esbarraria nele. Mas, como fizera durante a caminhada no campo, Horace ficou onde estava e não se afastou para ela passar. – Me dê licença, por favor, Sr. Effingham.

– Acredito – comentou ele – que a senhorita tenha tido uma criação muito rígida, severa, na paróquia, não é mesmo? Um namorico pode ser muito divertido, sabe, principalmente quando a festa está tão tediosa.

– Não estou interessada em *namoricos* – retrucou ela com firmeza.

– Diz isso porque nunca experimentou – falou Horace. – Vamos corrigir essa falha na sua educação, Judith. E poderíamos pedir por um ambiente mais pitoresco para a primeira lição?

– Já basta! – disse Judith de maneira brusca. Estava sinceramente alarmada agora, já que ele parecia ser o tipo de homem que não aceitaria um não como resposta, mesmo que dito com firmeza. – Estou voltando para a festa. E o conselho a não tentar me deter. Tio George e tia Louisa não ficariam nada satisfeitos.

Ele riu e pareceu achar a situação engraçada.

– Pequena inocente, acredita mesmo que eles colocariam a culpa em mim?

Ele deu um passo à frente e Judith recuou meio passo.

– Não quero fazer isso, Sr. Effingham – pediu ela. – Não seria nada cavalheiresco de sua parte se aproximar mais um centímetro sequer ou falar mais sobre um assunto que me desagrada por completo. Deixe-me ir agora.

Em vez de deixá-la sair, Horace ergueu uma das mãos, puxou as fitas da touca dela e jogou o objeto no banco atrás de Judith, antes de se adiantar mais. Parte dos cabelos dela caiu sobre os ombros e ela o ouviu inspirar de prazer.

Aquela foi a última coisa que Judith viu ou ouviu pelo que pareceu uma eternidade, ou talvez um minuto ou dois. Ela o atacou cegamente, batendo nele com os punhos, chutando-o, mordendo o

que aparecesse perto de sua boca. Mas não gritou, percebeu depois. Nunca fora dada a gritos. Mas era estranho como, por mais fora de si que parecesse estar, uma parte dela houvesse recuado e observasse a cena quase friamente, enquanto lutava, em pânico, para se libertar de Horace, que a dominava quase sem esforço, rindo baixinho na maior parte do tempo, praguejando uma vez ou outra quando ela o acertava.

Então o corpo de Judith foi pressionado ao dele, ela sentiu seu vestido ser erguido, um dos joelhos de Horace entre os seus, as mãos dela presas contra o peito dele, a boca aberta do homem, horrível e úmida, procurando a dela. Foi nesse momento que voltou a ter plena consciência do que estava acontecendo. Horace pretendia violentá-la e ela estava impotente para detê-lo. Judith continuou a lutar, o pânico voltando, quando se deu conta de que não conseguia se soltar e apenas aumentava o divertimento e a excitação dele.

Então, de repente, sem aviso, ela *estava* livre, encarando apavorada e sem compreender o grande monstro que acabara de erguer o corpo de Horace, afastando-o dela e grunhindo ameaçador enquanto jogava o rapaz do lado de fora. O monstro logo revelou ser lorde Rannulf Bedwyn, que saiu atrás de Horace, ergueu o outro homem do chão com uma das mãos e o imprensou contra uma árvore.

Um pouco tonta, Judith buscou pelo parapeito mais próximo e se apoiou ali.

– Talvez não tenha percebido – disse lorde Rannulf, ainda em um tom que parecia um grunhido rouco – que a dama não o estava encorajando.

– Essa atitude é um tanto extrema, não, Bedwyn? – perguntou Horace, tentando sem sucesso se livrar das mãos que o seguravam pelas lapelas do paletó. – Ela não estava se negando. Ambos sabemos que... Ahhh!

Lorde Rannulf acertara o estômago de Horace com a mão livre.

– O que ambos sabemos – falou ele em uma voz que sugeria que seu maxilar estava contraído – é que chamá-lo de verme, Effingham, seria desonrar esses invertebrados.

– Se ela interessa a você... – Horace dobrou o corpo para a frente quando outro golpe acertou seu estômago, mas a mão esquerda de lorde Rannulf o manteve firme no lugar.

– Deve ser grato – avisou lorde Rannulf – por estarmos nas terras de minha avó, com uma festa ao ar livre em andamento. Caso contrário, me daria um imenso prazer pedir para a Srta. Law sair e dar a você a surra que merece. Garanto que terminaria inconsciente e ensanguentado, com essas suas feições rearranjadas de forma permanente.

Ele abaixou a mão e Horace, visivelmente trêmulo, se afastou da árvore e começou a arrumar o paletó e a camisa.

– Acha mesmo isso, Bedwyn? – perguntou Horace, com uma calma forçada. – Santo Deus, e tudo isso por causa de uma meretrizinha que quase implora pela atenção de qualquer coisa que use calções.

Lorde Rannulf se forçou a lembrar que o escândalo de uma briga arruinaria a festa ao ar livre de Lady Beamish. Nenhum de seus golpes foi no rosto de Horace. Todos foram direcionados a parte abaixo da cintura do corpo do outro. Judith segurou com mais firmeza no parapeito e observou, pouco ciente de que Horace, embora agitasse os punhos algumas poucas vezes, não acertara sequer um golpe. Não era uma briga, embora Horace estivesse livre para transformá-la em uma se desejasse. Era um castigo. E só terminou quando Horace estava de quatro, no chão, tendo ânsias de vômito sob a grama entre suas mãos.

– Talvez queira – disse lorde Rannulf, a voz apenas levemente ofegante – se desculpar por não ficar para o jantar, Effingham. Me deixaria *nauseado* vê-lo à mesa de minha avó. E, no futuro, fique longe da Srta. Law, está me ouvindo? Mesmo se eu não estiver por perto para vê-lo atrás dela. Eu o encontrarei e, da próxima vez, vou arreventá-lo até que lhe reste apenas um sopro de vida... se tiver sorte. Agora saia da minha frente!

Horace ficou de pé com dificuldade, ainda curvado pelos golpes. Estava tão pálido que parecia quase esverdeado. Mas encarou lorde Rannulf antes de se virar e se afastar cambaleando.

– Vou acertar as contas com você por isso – falou. Então voltou os olhos para Judith. – E você também vai pagar.

Os olhos dele cintilavam de ódio.

Então, finalmente, ele se afastou, e Judith percebeu que os nós dos próprios dedos estavam brancos tamanha a força com que segurava o parapeito da janela. Além disso, sentia-se nauseada e com os joelhos bambos. Lorde Rannulf ajeitou as próprias roupas e virou-se para ela. Foi só então que Judith percebeu que deveria ter usado aquele tempo para também se arrumar, mas ainda não conseguia soltar o parapeito.

– Lamento que tenha sido testemunha dessa violência. Deveria tê-la mandado de volta para casa primeiro, mas você não gostaria de ser vista assim, para que todos soubessem ou imaginassem o que aconteceu.

Quando ela não respondeu, lorde Rannulf entrou no caramanchão.

– Você lutou com vontade – comentou ele. – Tem energia.

Ele tirou a mão dela do parapeito, soltando os dedos com gentileza e aquecendo-os entre as próprias mãos. Judith percebeu que os nós dos dedos dele estavam vermelhos.

– Não acontecerá de novo – disse lorde Rannulf. – Conheço homens como Effingham. Eles perseguem mulheres que não os adoram e idolatram e se acovardam com homens que os enfrentam. Asseguro a você que agora tem medo de mim e ficará atento ao meu aviso.

– Eu não o provoquei – explicou Judith, a voz trêmula, quase fora de controle. – Não vim até aqui com ele.

– Eu sei – tranquilizou-a lorde Rannulf. – Vi quando você deu a volta pela lateral da casa, então vi que ele veio atrás de você. Demorei alguns minutos para me livrar de quem me acompanhava e poder desaparecer sem ser notado. Peço perdão a você por ter chegado tão tarde.

Judith podia ver os próprios cabelos soltos ao redor do rosto. Quando olhou para baixo, viu que na luta o vestido que usava fora puxado e o decote modesto agora revelava parte de seus seios. Ela

ergueu a mão para ajeitar a roupa, mas descobriu que a mão tremia tanto que não conseguia segurar o tecido.

– Venha cá. – Ele segurou-a pela mão e a fez se sentar em um banco. Então sentou-se ao lado de Judith, ainda com uma das mãos dela entre as suas, o braço passado ao redor de seus ombros para acalmá-la. – Não se importe com sua aparência por alguns minutos. Ninguém mais virá aqui. Apoie a cabeça no meu ombro se quiser. Respire a paz do cenário ao redor.

Judith fez o que ele dizia e os dois ficaram sentados ali por cinco, talvez dez minutos, em silêncio, sem se mexer. Como dois homens aparentemente parecidos podiam ser tão diferentes?, se perguntou ela. Lorde Rannulf havia feito um convite a ela, depois do acidente com a diligência, um convite dos mais impróprios por sinal. O que o tornava diferente de Horace? Mas Judith já havia respondido àquela pergunta. E ainda acreditava na própria resposta, talvez mais do que nunca. Lorde Rannulf teria seguido sozinho naquele dia se ela tivesse dito não. E a teria deixado na primeira estalagem caso houvesse se recusado a se mudar para a outra, perto da feira livre. E teria permitido que dormisse no banco, na sala de jantar particular, caso ela se recusasse a dormir com ele. Não, na verdade, lorde Rannulf teria deixado a cama para ela e dormido ele mesmo no banco. Judith *sabia* disso. Lorde Rannulf Bedwyn estava sempre pronto para flertar com uma mulher disposta a receber suas atenções e até mesmo levá-la para a cama, mas *nunca* teria forçado uma mulher que não o quisesse.

Ainda assim, desonraria os votos matrimoniais tendo amantes? Isso não combinava com o que os instintos de Judith lhe diziam. Mas ela estava – ah, é claro que estava – apaixonada por ele, por isso era natural que o idealizasse. Não devia começar a acreditar que o homem era perfeito.

Judith ergueu a cabeça, tirou a mão da dele e se afastou do apoio do ombro forte. E ficou grata porque lorde Rannulf não virou a cabeça enquanto ela ajeitava o vestido e, na falta de uma escova, alisava os cabelos o melhor que podia, prendendo-os atrás da cabeça com o máximo de grampos que conseguiu encontrar. Então Judith enfiou a massa de cabelos sob a touca.

– Estou pronta para voltar – disse ela, ficando de pé. – Obrigada, lorde Rannulf. Não sei como poderei retribuir o que fez. Parece que sempre estarei em dívida com o senhor.

Judith estendeu a mão direita para ele. E ficou orgulhosa ao ver a própria mão firme.

Ele pegou a mão dela entre as suas e também se levantou.

– Se quiser – ofereceu lorde Rannulf –, pode pedir licença e não ficar para o jantar, pode dizer que está indisposta. Cuidarei para que seja mandada para casa na carruagem de minha avó e mandarei até mesmo um criado para ficar com você lá, caso tenha medo de ser molestada. Basta dizer.

Ah, era tão tentador. Judith não sabia como seria capaz de sentar para jantar, manter a compostura e conversar com quem quer que estivesse sentado a seu lado. Não sabia como suportaria ver lorde Rannulf sentado ao lado de Julianne, como certamente aconteceria, conversando e rindo com a moça. Mas era uma dama, lembrou a si mesma. E embora fosse apenas um membro menor da família de tio George, ainda assim era um membro da família.

– Obrigada – disse –, mas vou ficar.

Ele sorriu de repente.

– Gosto do modo como ergue seu queixo, como se desafiasse o mundo a mostrar o que tem de pior. Acho que é nesses momentos que a verdadeira Judith Law sobe ao palco.

Ele levou a mão dela aos lábios e, por um momento, Judith poderia ter chorado tamanho prazer daquele gesto íntimo. Em vez disso, sorriu.

– Acho que *há* um pouco de Claire Campbell em Judith Law.

Ela não aceitou o braço que ele ofereceu. A ocasião os aproximara, sim, mas não havia mais futuro para a amizade deles além daquilo. Lorde Rannulf a salvara e a confortara porque era um cavalheiro. Não deveria interpretar mais nada além disso em relação ao comportamento dele. Não deveria se prender a ele. Judith segurou as saias e subiu a ladeira na direção dos estábulos.

– Vou voltar pelo mesmo caminho por onde vim – disse quando os dois chegaram ao topo. – Deve seguir por outro caminho, lorde Rannulf.

– Sim – concordou ele.

E se afastou dos estábulos, deixando-a com uma sensação inexplicável de desolação. Havia esperado que ele se recusasse?

Judith passou apressada pelo padoque e pelos jardins, estremecendo ao perceber que poderia estar voltando sob circunstâncias muito diferentes se lorde Rannulf não tivesse percebido que Horace a seguira.

Mas *por que* lorde Rannulf percebera? Ela estava certa de que havia escapado sem que ninguém a visse. Ainda assim, Horace a vira e lorde Rannulf também. Talvez, no fim das contas, ela não fosse assim tão invisível quanto começara a acreditar.

CAPÍTULO XIII



Durante o jantar, Rannulf estava sentado entre Lady Effingham e a Sra. Hardinge. A avó fora mais discreta na disposição dos lugares à mesa do que costumava ser em Harewood. Foi um alívio para ele, embora uma das damas falasse apenas sobre como era trabalhoso ter seis filhas para apresentar à alta sociedade, quando tudo o que desejaria era permanecer em sua propriedade no campo durante todo o ano; enquanto a outra dava risadinhas e alegava estar com pena dele por ter que fazer companhia a duas matronas quando sem dúvida iria preferir estar sentado perto de alguém mais jovem e mais bonita.

– Talvez pudesse até dizer... – sugeriu Lady Effingham, com um olhar sugestivo – um alguém *em especial*?

Srta. Effingham, no outro extremo da mesa, no mesmo lado que Rannulf, conversava animadamente com Roy-Hill e Law, seus companheiros de mesa. Algumas poucas vezes, Lady Effingham se inclinou para a frente e quis saber a causa de um surto de riso em particular.

– Lorde Rannulf, eu e todos os demais estamos nos sentindo muito isolados de toda essa animação, querida – disse ela em uma dessas ocasiões.

Judith Law estava sentada do outro lado da mesa e conversava tranquilamente com o tio de um lado e com Richard Warren do

outro. Olhando para ela agora, era impossível imaginar que havia passado por uma experiência tão terrível, apenas algumas horas antes. Era muito mais uma dama do que a tia, apesar da elegância e da aparente sofisticação da última. Assim como as outras damas de Harewood, ela se trocara em um quarto separado para esse fim, no andar de cima. Usava o mesmo vestido de seda creme e dourado que usara no Rum & Puncheon na segunda noite. Rannulf se lembrava dele por causa da simplicidade elegante que, na época, achou ter sido uma escolha deliberada. Agora, no entanto, o vestido tinha faixas de um tecido creme mais escuro costuradas dos lados, outra faixa costurada ao decote de modo a mostrar o mínimo do colo dela, e a linha da cintura era quase inexistente. E ela usava uma touca fina, com barra de renda que, como era de se prever, cobria seus cabelos.

Será que os que estavam sentados ao redor da mesa, embora convivessem com ela havia uma semana, imaginavam que Judith Law tinha menos de 30 anos? Ou sabiam a cor de seus cabelos... ou de seus olhos?

Uma coisa se tornara terrivelmente clara para ele no decorrer do dia: não poderia se casar com a jovem Effingham. E não apenas por ela ser tola e não ter nada na cabeça, mas por ser tão vaidosa e egocêntrica. A única razão para querer se comprometer com ele era por ser filho de um duque, além de ser um homem rico. A Srta. Effingham não fizera qualquer tentativa de conhecê-lo como pessoa. E provavelmente nunca faria. Talvez passasse cinquenta anos casado com uma mulher que nunca saberia ou se importaria com o fato de que ele passara os últimos dez anos negando a culpa que sentia por não ter cumprido seu dever e seguido uma carreira na igreja, como o pai havia planejado. Também não saberia que ele decidira dar um rumo à própria vida e que tinha a intenção de se tornar um dono de terras interessado, envolvido, responsável e talvez até mesmo moderno e compassivo.

A conversa à mesa de jantar não exigia muito do cérebro de Rannulf. Ele era capaz de pensar muito ao mesmo tempo.

Não poderia se casar com a Srta. Effingham.

Mas também não poderia desapontar a avó. Seria ele o único que conseguia ver a rigidez da postura dela e as linhas fundas nos canto da boca, ambas indicações de dor reprimida? Ou o brilho dos olhos disfarçando a fraqueza dos ossos? Ainda assim, a festa ao ar livre e o jantar que se estendera para os convidados de Harewood foram ideia dela. Rannulf relanceou o olhar várias vezes para a avó com uma exasperação carinhosa.

E havia Judith Law. Ele se perguntou se ela percebia que dois homens ansiaram por ela naquela tarde. Para infinita vergonha de Rannulf, ele a desejara tão desesperadamente quanto Effingham. Pálida, desalinhada, os cabelos à mostra, ela estava tão atraente que seu atordoamento trêmulo instigara a vontade de confortá-la de outras maneiras, além da que escolhera.

Ele se sentara ao lado de Judith no caramanchão, exercendo todo o seu autocontrole, concentrando toda a sua força de vontade em dar a ela o conforto de que precisava e censurando a si mesmo o tempo todo por não ser muito diferente de Effingham.

Sempre vira mulheres como criaturas feitas para o prazer e satisfação pessoal dele, para serem usadas, pagas e esquecidas. A não ser pelas irmãs dele, é claro, e algumas outras damas, todas mulheres virtuosas, e até mesmo algumas poucas de virtude questionável que disseram não a ele.

O problema para mulheres belas e voluptuosas como Judith Law devia ser que os homens quase sempre as olhavam com luxúria, e talvez nunca vissem a personalidade por trás da deusa.

A avó interrompeu as divagações dele ao se levantar e convidar as outras damas a acompanhá-la até a sala de visitas. Era tentador se acomodar, beber vinho e aproveitar a agradável conversa masculina por um tempo indefinido, principalmente quando ele suspeitava que Sir George Effingham e vários outros cavalheiros ficariam muito felizes de passar o resto da noite à mesa. No entanto, o dever chamava e Rannulf havia prometido a si mesmo que faria o papel de anfitrião e tiraria um pouco do fardo social dos ombros da avó. Ele se levantou depois de apenas vinte minutos e os cavalheiros o seguiram até a sala de visitas.

Rannulf não tinha a menor intenção de ver as mesmas jovens damas de sempre reunidas ao piano, com a Srta. Effingham monopolizando o instrumento, com ele virando as páginas da partitura.

– Vamos tomar chá e entreter uns aos outros. *Todos* nós que temos... deixe-me ver... todos que temos menos de 30 anos.

Houve um coro de protestos, a maior parte vindo dos homens, mas Rannulf ergueu uma das mãos e riu.

– Por que deveriam ser apenas as mulheres a exhibir todos os seus talentos e habilidades? – perguntou ele. – Estou certo de que podemos entreter os outros em uma reunião dessa natureza.

– Ah, posso garantir que ninguém gostaria de me ouvir cantar, Bedwyn – lamentou lorde Braithwaite. – Quando me juntei ao coro da escola, o professor de canto me disse que a comparação mais bondosa que poderia pensar para minha voz era com uma buzina quebrada. E aquilo foi o fim dos meus dias de cantor.

Houve uma gargalhada geral.

– Não haverá exceções – disse Rannulf. – Há outras maneiras de entreter os outros do que cantando.

– O que você vai fazer, Bedwyn? – perguntou Peter Webster. – Ou vai se eximir com a desculpa de ser o mestre de cerimônias?

– Espere e verá! Podemos combinar dez minutos para o chá, antes de pedirmos para que a bandeja seja removida?

Rannulf foi o primeiro. Parecia o mais justo. Ele aprendera alguns truques de mágica ao longo dos anos e sempre gostara de entreter Morgan e a governanta com eles. Rannulf apresentou vários truques tolos como fazer uma moeda desaparecer da mão dele e aparecer na orelha direita da Srta. Cooke, ou no bolso do colete de Branwell Law. Depois, fez um lenço subitamente se transformar em um relógio de bolso, ou no leque de uma dama. Rannulf, é claro, teve a vantagem de planejar com antecedência. A audiência exclamou surpresa e encantada e aplaudiu com entusiasmo, como se ele fosse um mestre na arte da mágica.

Alguns poucos convidados tiveram que ser persuadidos, e um deles – Sir Dudley Roy-Hill – se recusou categoricamente a se fazer de idiota, como colocou. Mas foi incrível como, durante a hora

seguinte, descobriu-se uma incrível quantidade de talentos impressionantes que ficaram ocultos durante a primeira metade do tempo na casa dos Effinghams.

Como era de se prever, as damas apresentaram músicas, a maior parte cantando ou tocando piano. Uma delas, a Srta. Hannah Warren, tocou a harpa que havia na sala de visitas e que Rannulf não se lembrava de ter ouvido antes. Law cantou uma balada triste, com uma voz agradável de tenor, e Warren cantou um dueto barro com uma das irmãs. Tanguay recitou “Kubla Khan”, de Coleridge, com uma sensibilidade tão apaixonada que as damas irromperam em aplausos entusiasmados quase antes da última palavra sair da boca do rapaz. Webster fez uma imitação convincente de uma dança cossaca que vira em uma de suas viagens, os joelhos dobrados, os braços cruzados, chutando, abaixando-se, cantando a música de acompanhamento e conseguindo que a audiência o acompanhasse em gargalhadas incontroláveis, antes de cair no tapete. Braithwaite, talvez encorajado pela reação à história de sua entrada no coro, contou mais três histórias de seus tempos de escola, todas fazendo graça consigo mesmo, exagerando os detalhes com humor até que as damas e até mesmo alguns cavalheiros estivessem enxugando os olhos de tanto rir.

– Ah, acabou – disse Lady Effingham com um suspiro, quando Braithwaite se sentou. – Eu poderia continuar vendo e ouvindo por mais uma hora. Mas que ideia esplêndida, lorde Rannulf. Nos divertimos imensamente. Eu...

Mas Rannulf ergueu uma das mãos.

– Ainda não, madame. Falta a Srta. Law.

– Ah, não acredito que Judith vá querer fazer um espetáculo de si mesma – falou a tia bruscamente.

Rannulf a ignorou.

– Srta. Law?

Ela ergueu a cabeça de supetão e o encarou com os olhos arregalados e apavorados. Todo o esquema de Rannulf fora pensado tendo em mente aquele momento. Ele estava furioso por Judith ter sido transformada em uma mulher invisível, pouco mais do que uma criada, tudo porque aquele irmão mimado achava que

podia viver acima de suas posses usando, para isso, toda a fortuna do pai. Ela precisava ser vista, mesmo que só por uma vez, enquanto todos os convidados ainda estivessem em Harewood, e em todo seu esplendor.

Foi uma aposta desde o início, é claro, mas fora planejado antes mesmo dos eventos terríveis daquela tarde. Durante toda a noite Rannulf brincara com a ideia de não deixá-la invisível.

– Mas não tenho nenhum talento em particular, milorde – protestou ela. – Não toco piano ou canto de forma mais do que tolerável.

– Talvez – disse ele, olhando-a diretamente nos olhos – a senhorita saiba de cor algum verso ou passagem da literatura ou da Bíblia?

– Eu...

Ela balançou a cabeça. Rannulf decidiu que não insistiria mais. Fizera a coisa errada. Acabara constrangendo-a e talvez a houvesse magoado.

– Talvez, Srta. Law – sugeriu a avó dele em um tom gentil –, estivesse disposta a ler um poema ou uma passagem da Bíblia se alguém pegasse um livro na biblioteca. Percebi quando conversávamos esta tarde que tem uma voz muito agradável. Mas apenas se estiver disposta. Rannulf não a incomodará se for muito tímida.

– Minha avó tem razão, Srta. Law. – Rannulf fez uma cortesia para Judith.

– Lerei, então, madame – disse ela, parecendo infeliz.

– Pode pegar alguma coisa na biblioteca, Rannulf? – perguntou a avó. – Algo de Milton, ou de Pope, talvez? Ou a Bíblia?

Então, tudo o que conseguira fora constrangê-la, pensou Rannulf, enquanto caminhava em direção à porta. Mas, antes que chegasse lá, a voz dela o deteve.

– Não, por favor – disse Judith, ficando de pé. – Pegar um livro e encontrar um trecho adequado apenas provocará mais demora. Vou... vou representar uma pequena cena que memorizei.

– Judith! – exclamou a tia, soando horrorizada. – Acho que um grupo como este dificilmente apreciará ser sujeito a apresentações

teatrais escolares.

– Ah, sim, *sim*, Judith! – A Sra. Law se manifestou quase ao mesmo tempo, batendo as mãos cheias de anéis umas nas outras, os braceletes tilintando. – Seria *maravilhoso*, meu amor.

Judith caminhou lentamente e com óbvia relutância até a área aberta diante da lareira, onde os números não musicais foram apresentados. Ela ficou parada ali por alguns instantes, o punho contra os lábios, o olhar no chão. Rannulf sentia o coração bater descompassado e estava ciente do desconforto de alguns convidados. Imaginava que vários deles olhavam para Judith pela primeira vez. A aparência dela era de uma governanta sem graça e acima do peso.

Então Judith levantou os olhos, a timidez e o constrangimento ainda em seu rosto.

– Farei o discurso de Lady Macbeth na última parte da peça – disse ela, fuzilando Rannulf e então desviando o olhar novamente. – A cena de sonambulismo que todos conhecem, a cena em que ela tenta sem cessar lavar das mãos o sangue do rei Duncan, assassinado.

– Judith! – exclamou Lady Effingham. – Realmente devo pedir que sente-se. Está constrangendo a si mesma e a todos os outros.

– Shhh! – disse a Sra. Law. – Fique quieta, Louisa, e nos deixe assistir.

Pela expressão de surpresa no rosto de Lady Effingham, Rannulf imaginou que aquela era a primeira vez em muito tempo que a mãe a repreendia.

Mas ele não conseguia prestar atenção em outra coisa além de Judith Law, que parecia completamente inadequada para o papel que acabara de anunciar. E se ele houvesse cometido um erro terrível? E se ela ficasse totalmente intimidada pela ocasião e pela companhia?

Judith virou-se de costas para todos. Observando-a, Rannulf começou a relaxar. Ele podia ver, mesmo antes de tornar a se virar, que ela estava entrando no corpo, na mente e no espírito de outra mulher. Já a vira fazer a mesma coisa antes. Então, ela jogou a cabeça para a frente, retirou a touca e jogou-a no chão, seguida dos

grampos que lhe prendiam os cabelos. A tia arquejou e Rannulf teve uma vaga noção de que alguns dos outros homens na sala se sentavam mais empertigados.

Então ela se virou.

Não era Judith Law de forma alguma. O vestido largo se tornara uma camisola. Os cabelos haviam se despenteado enquanto ela se debatia e se virava na cama tentando dormir e, depois, dormindo um sono inquieto. Os olhos estavam abertos, mas havia neles a expressão estranha e vazia de uma sonâmbula. E o rosto dela parecia tão cheio de horror e repulsa que não guardava nenhuma semelhança com o que antes fora o rosto de Judith Law.

Ela ergueu as mãos trêmulas diante do rosto, os dedos abertos, mais parecendo serpentes do que dedos. Tentou lavar as mãos, esfregando-as com desespero uma na outra, então levantou-as de novo, olhando intensamente para elas.

Na peça, havia dois outros personagens, um médico e uma mulher nobre, testemunhando e descrevendo o surgimento de Lady Macbeth e suas ações. As palavras não eram necessárias naquela noite. Ela sem sombra de dúvida era uma mulher atormentada, com os dois pés no inferno, antes mesmo de falar.

– “Aqui ainda há uma mancha” – disse, em um tom de voz baixo, morto, que ainda assim era ouvido no canto mais distante de uma sala, onde a plateia parecia prender a respiração.

Judith tocou a palma da mão com o dedo médio da outra mão, beliscou-a, arranhou-a, puxou a pele, os gestos cada vez mais frenéticos.

– “Saia, mancha *amaldiçoada*! Saia, estou mandando!”

Rannulf estava preso ao feitiço dela. Ficou perto da porta, sem ver ou ouvir mais nada que não ela... Lady Macbeth, a mulher ambiciosa, triste, horrorizada, arruinada pela culpa, que pensara ser forte o bastante para incitar e até mesmo cometer um assassinato. Uma mulher jovem, linda, desorientada e em última instância trágica, que provocava uma profunda piedade na alma de quem lhe assistia, pois era tarde demais para que pudesse voltar atrás e usar a sabedoria recém-adquirida em suas últimas decisões. Mas talvez

não fosse tarde demais para aqueles ali que tinham sorte o bastante para ter cometido pecados menos irreversíveis, pensou Rannulf.

Então, finalmente, Lady Macbeth ouviu uma batida na porta do castelo e entrou em pânico diante da possibilidade de ser pega com sangue nas mãos por causa de um assassinato cometido muito tempo antes.

– “Vinde, vinde! Dai-me a mão” – disse ela a um Macbeth invisível, a mão agarrando com força o braço invisível dele. – “O que está feito não pode ser desfeito. Para o leito, para o leito, para o leito!”

Ela se virou e, mesmo dando apenas alguns passos no espaço estreito, parecia ter corrido uma longa distância, o pânico e o horror em cada passo. Judith terminou como começara, de costas para a audiência.

Houve um momento de absoluto silêncio... e logo uma salva de palmas sincera, alta e prolongada. Rannulf se sentiu fraco de alívio e percebeu, com certo espanto, que estava muito perto das lágrimas.

Roy-Hill assoviou. Lorde Braithwaite se levantou e gritou:

– Bravo! Ah, bravo, Srta. Law!

– Onde aprendeu a atuar *assim*, Jude? – perguntou o irmão. – Não tinha ideia.

Mas ela estava de joelhos no chão, ainda de costas para a sala, prendendo os cabelos e enfiando-os sob a touca. Rannulf atravessou a sala e lhe ofereceu a mão.

– Obrigado, Srta. Law – disse ele. – Foi uma apresentação magnífica e uma perfeita conclusão para os entretenimentos da noite. Não gostaria de estar no lugar da pessoa que fosse tentar se apresentar depois da senhorita.

Ela era Judith Law de novo, o rosto em fogo por causa do constrangimento. Ela aceitou a mão dele, mas permaneceu de cabeça baixa e se apressou a voltar para a cadeira que ocupava, ao lado da avó, sem olhar para ninguém.

Rannulf percebeu que a Sra. Law secava os olhos vermelhos com um lenço. Ela agarrou uma das mãos da neta e apertou-a com força, embora não dissesse nada.

Rannulf se afastou.

– Mas, minha querida Srta. Law – perguntou a avó dele –, por que, sendo tão jovem, mantém cobertos esses cabelos lindos?

Rannulf viu quando Judith encarou a avó dele com os olhos arregalados de surpresa. Ele percebeu no mesmo instante que a atenção de *todos* os cavalheiros da sala estava concentrada nela.

– Lindos, madame? – disse Judith. – Ah, acho que não. A cor do próprio demônio, foi o que meu pai sempre disse. Minha mãe sempre descreveu como cor de cenoura.

A cor do próprio demônio! O próprio pai dela dizia isso?

– Ora, eu compararia seus cabelos a um pôr do sol radiante tingido de ouro, Srta. Law. Mas estou constrangendo-a. Rannulf...

– Ficamos até muito tarde, Lady Beamish – disse Lady Effingham com firmeza, colocando-se de pé –, já que minha sobrinha decidiu prolongar o entretenimento e fazer de si mesma o centro das atenções. A senhora foi muito gentil com ela e agradeço em nome de Judith por essa concessão. Mas está na hora de partirmos.

As carruagens foram trazidas e toda a bagagem extra necessária à troca de roupas depois da festa ao ar livre foi guardada pelos valetes e pelas camareiras que vieram de Harewood. Em meia hora, todos os convidados haviam partido e Rannulf acompanhou a avó até o quarto dela. Ela estava muito pálida de cansaço, embora não fosse admitir.

– Foi tudo muito agradável. A Srta. Effingham estava especialmente bela de rosa, não achou?

Ela usara rosa? Rannulf não percebera.

– Mas ela tem muito pouca compostura – acrescentou a avó. – É claro, só tem tido a mãe como exemplo a seguir, e Lady Effingham tem uma infeliz tendência à vulgaridade. Durante todo o jantar, e depois também, a moça flertou com todos os cavalheiros a seu alcance, imagino que só porque você não estava ao lado dela, Rannulf. É um comportamento reprovável em uma jovem que ainda espero que seja sua noiva. Está satisfeito com ela?

– A Srta. Effingham tem apenas 18 anos, vovó. É uma criança. Amadurecerá com o tempo.

– Imagino que sim. – Ela suspirou quando eles chegaram ao topo da escada. – Lorde Braithwaite tem um enorme talento cômico. Pode arrancar riso das circunstâncias mais ordinárias e não tem medo de fazer graça de si mesmo. Mas a Srta. Law! Ela tem o tipo de talento que nos deixa humildes e honrados em sua presença.

– Sim – concordou Rannulf.

– Pobre dama. – A avó suspirou outra vez. – Ela é inacreditavelmente linda e não sabe disso. O pai deve ser o tipo de ministro da igreja puritano, sem alegria. Como é possível dizer coisas tão terríveis sobre aqueles cabelos lindos dela?

– Ouso dizer, vovó – disse Rannulf –, que ele viu alguns de seus paroquianos olhando na direção dela e concluiu que devia haver alguma coisa pecaminosa na aparência da filha.

– Homem tolo! É um terrível destino ser mulher e pobre, não? – comentou a avó. – E ser oferecida à caridade de alguém como Louisa Effingham? Mas ao menos a Srta. Law tem a avó. Gertrude está tentando separar um dote para a neta.

O que está feito não pode ser desfeito. Aquela fala que Judith dissera como Lady Macbeth não saiu da cabeça de Rannulf enquanto acompanhava a avó até o quarto.

Como aquilo era verdade. Não poderia voltar atrás e cavalgar sozinho para buscar ajuda depois de passar por uma diligência tombada. Não poderia devolver a virgindade dela. Não poderia apagar aquelas duas noites, quando os dois haviam conversado, rido, se amado, e ele se dispusera a segui-la para onde ela fosse.

Não poderia voltar e mudar nada disso.

De algum modo, se apaixonara por Claire Campbell, admitiu para si mesmo. Não fora apenas desejo. Também houvera sentimento da parte dele. Não estava apaixonado por Judith Law, mas havia alguma coisa... Não era piedade. Ele teria sido logo afastado por ela se não pudesse lhe dar mais do que piedade. Também não era desejo, embora, para seu próprio constrangimento, quisesse muito levá-la para a cama. Não era... Ele simplesmente não sabia o que era. Nunca fora uma pessoa de cultivar emoções profundas. Até onde conseguia se lembrar, colorira o próprio mundo com um cinismo tênue e entediado.

Como poderia definir seus sentimentos por Judith Law quando não tinha referência alguma? Mas subitamente Rannulf se lembrou de Aidan, o irmão mais velho, sempre cumpridor do dever, sempre correto, duro, calado, solitário até, que se tornara oficial da cavalaria aos 18 anos, como havia sido planejado a vida inteira. Aidan, que havia pouco tempo se casara sem contar a ninguém da família, nem mesmo a Bewcastle, e então, de repente, vendera a patente no exército para viver com a esposa, com quem se casara apenas para cumprir uma promessa que fizera a um oficial subalterno, morto no sul da França. Rannulf acompanhara Aidan de Londres até a propriedade da esposa dele, na primeira parte da viagem para ver a avó, e conhecera Lady Aidan e as duas crianças, filhas adotivas dela.

Rannulf observara, fascinado, do lado de fora da casa, quando as duas crianças vieram correndo ansiosas para encontrar Aidan, chamando-o de papai. O irmão erguera os dois no colo e lhes devotara a mais carinhosa atenção, como se fossem frutos amados de seu próprio sangue. Então, Aidan olhara para a mulher, a envolveu com o braço livre e a beijara.

Sim, pensou Rannulf, *aquilo* era uma referência. Exatamente aquele momento em que Aidan passara o braço ao redor de Eve e a beijara, parecendo jovem e exuberante, vulnerável e invencível, tudo ao mesmo tempo.

Só havia uma palavra para descrever o que presenciara.

Amor.

Rannulf caminhou até o quarto de vestir e pegou a capa que guardava ali. Então, remexeu no bolso interno até encontrar o que procurava. Pegou o pacote, desembulhou o papel marrom que o envolvia e baixou os olhos para a pequena caixa de rapé barata, com a horrível cabeça de porco entalhada na tampa. Riu baixinho, fechou a mão sobre a caixa e sentiu uma tristeza quase insuportável.

CAPÍTULO XIV



Judith voltou para casa na última carruagem com a avó, que demorara um pouco mais na hora de se preparar para partir e pedira duas vezes que ela voltasse correndo ao quarto para se certificar de que não haviam esquecido nada. Já era muito tarde quando chegaram a Harewood e todos os hóspedes tinham se recolhido para seus aposentos.

Tia Effingham aguardava no hall de entrada.

– Judith – disse em um tom terrível –, ajude mamãe a se recolher ao quarto dela e me encontre na sala de visitas.

– Eu também irei, Louisa – disse a mãe.

– Mamãe – Lady Effingham lançou um olhar duro para a velha dama, embora tentasse suavizar o tom de voz –, está tarde e a senhora está cansada. Judith vai levá-la para cima e chamar Tillie, que vai ajudá-la a se despir e levará uma xícara de chá e uma dose do seu remédio para dormir.

– Não quero minha cama ou uma xícara de chá – disse a mãe com firmeza. – Irei para a sala de visitas. Judith, meu amor, posso incomodá-la pedindo que me dê o braço novamente? Acho que fiquei sentada tempo demais no roseiral esta tarde. O vento deixou minhas juntas rígidas.

Judith já esperava pela repreensão que viria. Mal podia acreditar que tivera a temeridade de *atuar* diante de uma audiência.

O pai com certeza a condenaria a passar uma semana inteira no quarto a pão e água se tivesse feito algo parecido em casa. Chegara até a soltar os cabelos. Atuara e *reagira* à audiência, que lhe dera uma atenção absoluta, concentrada, embora não tivesse consciência disso na hora. *Fora* Lady Macbeth. A plateia gostara, a aplaudira e elogiara. O que fizera, então, não poderia ter sido tão ruim. Todos haviam entretido o grupo, nem sempre com música. Ela era uma dama. E convidada de Lady Beamish, tanto quanto qualquer outra pessoa ali.

Lady Beamish dissera que os cabelos dela eram lindos e gloriosos. De que outra forma ela os descrevera também? Judith franziu o cenho tentando se lembrar enquanto subia as escadas com a avó, a tia atrás delas.

Eu compararia seus cabelos a um pôr do sol radiante tingido de ouro.

Judith desconfiava que Lady Beamish, embora tivesse modos perfeitos, não fosse dada a elogios frívolos. Seria possível que os cabelos dela pudessem ser vistos daquela maneira?

– Esses brincos beliscam minhas orelhas quase tanto quanto os outros – reclamou a avó, arrancando os brincos quando entraram na sala de visitas. – Embora eu os *tenha* usado durante toda a noite, é claro. Agora, onde posso colocá-los para que não se percam?

– Me dê os brincos, vovó – disse Judith, pegando-os e colocando-os em segurança em sua bolsinha. – Eu os devolverei à sua caixa de joias quando subirmos.

Judith viu de relance que Horace estava na sala, sentado em uma poltrona, com um copo contendo uma bebida escura qualquer na mão, balançando a perna de forma despreocupada e encarando Judith com malícia e insolência. Julianne também estava lá, secando os olhos com um lenço com barrado de renda.

– Está se sentindo melhor, Horace? – perguntou a avó. – É uma pena que estivesse indisposto e que tenha perdido o jantar e as brincadeiras na sala de visitas logo depois.

– Indisposto, vovó? – Horace riu. – Foi a indisposição do tédio. Sei por experiências passadas como as noites na casa de Lady Beamish podem ser insípidas.

Judith sentia o estômago apertado de repulsa e tentou não olhar para ele ou ouvir sua voz.

– Foi uma noite horrorosa – disse Julianne. – Fiquei sentada à meia mesa de distância de lorde Rannulf e ele nem sequer protestou sobre a disposição de lugares, embora estivéssemos na casa da avó dele. E eu *achei* que Lady Beamish estava apoiando um compromisso entre nós. Acho que lorde Rannulf persuadiu a avó a mantê-lo longe de mim. Ele não gosta de mim. Não vai me pedir em casamento. Lorde Rannulf nem aplaudiu minha performance ao piano com mais entusiasmo do que aplaudiu Lady Margaret, embora eu tenha tocado *muito* melhor do que ela. E não me pediu para tocar de novo. Nunca fui tão humilhada na vida. Ou tão desprezada. Mamãe, eu o odeio, *odeio*.

– Calma, calma, querida – disse a mãe em tom tranquilizador. Mas, claramente, a mente de Lady Effingham estava em outras questões que não as angústias da filha. O colo dela pareceu dobrar de tamanho quando se virou empertigada para a sobrinha. – Agora, *Srta. Judith Law*, faça a gentileza de se explicar.

– Me explicar, tia? – perguntou Judith enquanto ajudava a avó a se sentar na poltrona habitual, perto do fogo. Não iria se acovardar, decidiu. Não fizera nada errado.

– *Qual* foi a intenção daquele espetáculo vulgar que fez de si mesma esta noite? – perguntou a tia. – Fiquei tão envergonhada que mal sabia como manter a compostura. Seu pobre tio estava sem palavras durante todo o caminho de volta para casa, na carruagem, e se fechou na biblioteca assim que voltamos.

– Ah, santo Deus! – disse Horace. – O que andou aprontando, prima?

Mas antes que Judith pudesse responder, a avó falou:

– Vulgar, Louisa? *Vulgar*? Judith cedeu à insistência de todos para entreter o grupo, como fizeram os outros jovens. Ela representou uma cena e todos testemunhamos uma fantástica atuação. Fiquei surpresa e encantada. Fui levada às lágrimas pela atuação dela. Foi de longe a melhor performance da noite e todos os outros, ou *quase* todos, concordaram comigo.

Judith encarou a avó, estupefata. A velha dama na verdade estava furiosa, percebeu. Seus olhos cintilavam e havia duas manchas vermelhas colorindo seu rosto.

– Mamãe – disse tia Louisa –, acho que seria melhor que ficasse fora disso. Uma *dama* não solta os cabelos em público nem chama a atenção de todos com tais... teatralidades.

– Tsc, tsc – comentou Horace, erguendo o copo na direção de Judith. – Você fez isso, prima?

– Uma dama solta, *sim*, os cabelos à noite – disse a avó. – Quando está sonâmbula, não tem tempo para prender os cabelos primeiro. Judith não era ela esta noite, Louisa. Era Lady *Macbeth*. Atuar é isto: imergir em um personagem e dar vida a ele diante de uma audiência. Mas eu não esperaria que você compreendesse.

Judith estava surpresa que a avó compreendesse.

– Lamento se a desagradei, tia Louisa – manifestou-se Judith. – Mas não posso me desculpar por proporcionar um pouco de entretenimento ao grupo, quando tanto lorde Rannulf quanto Lady Beamish insistiram para que eu fizesse isso. Teria sido falta de educação de minha parte recusar. Escolhi fazer o que achei que poderia fazer bem. Não entendo por que sente tanta aversão ao ato de representar. A senhora é como papai nesse ponto. Ninguém mais esta noite pareceu escandalizado. Ao contrário, na verdade.

A avó pegara uma das mãos de Judith entre as suas e a esfregava, como se estivesse fria.

– Judith, meu amor, acho que seu pai nunca lhe contou, não é? Nem ele, nem Louisa conseguiram perdoar completamente seu avô pelo que fez a eles, e os dois fugiram desse assunto durante toda a vida. Embora nenhum dos dois teria uma *vida* se seu avô não houvesse feito o que fez.

Judith baixou os olhos para a avó, sem compreender.

– Mamãe! – falou tia Louisa em uma voz firme. – Já basta! Julianne...

– Seu avô me conheceu nos bastidores do Covent Garden Theater, em Londres – explicou a velha dama. – Ele disse que se apaixonou por mim ainda antes disso, quando me viu atuando no palco, e sempre acreditei nele, embora todos os cavalheiros

costumassem dizer a mesma coisa, ou algo similar... e havia muitos cavalheiros. Seu avô se casou comigo três meses mais tarde e passamos 32 anos felizes juntos.

– Vovó? – Julianne estava claramente horrorizada. – A senhora foi *atriz*? Ah, isso é intolerável. E se Lady Beamish descobrir a verdade, mamãe? E se *lorde Rannulf* descobrir? Vou morrer de vergonha. Juro que vou.

– Ora, ora – murmurou Horace baixinho.

A avó deu uma batidinha carinhosa na mão de Judith.

– Desde que era criança, eu soube que você era a mais parecida comigo, meu amor. Aqueles cabelos! Eles horrorizaram seu pobre pai e sua mãe também. Diziam que eram chamativos demais para uma criança da casa paroquial... além de sugerirem que você talvez pudesse ter herdado mais do que os cabelos de sua escandalosa avó. Quando a vi esta noite, foi como olhar para mim mesma há quase cinquenta anos. A não ser pelo fato de que você é mais linda do que eu jamais fui, e melhor atriz também.

– Ah, vovó! – disse Judith, apertando a mão roliça e cheia de anéis sob a sua. De repente, a vida de Judith fazia sentido de novo.

– Ora, não vou aturar isso, senhorita – avisou tia Louisa. – Você envergonhou a mim e à minha filha jovem e impressionável diante de hóspedes que selecionei da nata da sociedade e também diante de Lady Beamish e do filho de um *duque*, que está cortejando Julianne. Devo lembrar a você que foi trazida para cá pela bondade e caridade de seu tio. Permanecerá aqui pela próxima semana, quando ainda precisarei que cuide de sua avó. Amanhã escreverei a meu irmão para informar que estou muito insatisfeita com você. Imagino que ele não se surpreenderá. Vou me oferecer para receber alguma de suas irmãs no seu lugar. Desta vez, vou pedir especificamente que Hilary venha, pois é jovem o bastante para aprender o lugar dela. Você voltará para casa em desgraça.

– Tsc, tsc, prima... Depois de apenas uma semana...

Judith deveria estar se sentindo aliviada, até mesmo eufórica. Estava voltando para *casa*? Mas o pai sabia tudo sobre a representação dela na casa de Lady Beamish. E Hilary teria que ocupar seu lugar na casa dos Effinghams.

– Se Judith for, irei também – avisou a avó. – Venderei algumas de minhas joias, Judith. Você sabe que elas valem uma fortuna. Vamos comprar um chalezinho em algum lugar e viveremos juntas. Levaremos Tillie conosco.

Judith apertou a mão da velha dama.

– Venha, vovó. Está tarde e a senhora está aborrecida e cansada. Eu a ajudarei a chegar a seu quarto. Conversaremos pela manhã.

– Mamãe? – choramingou Julianne. – Não está prestando nenhuma atenção a *mim*! Acho que também não se importa comigo. O que vou fazer a respeito de lorde Rannulf? *Preciso* tê-lo. Ele praticamente me ignorou esta noite e agora pode acabar descobrindo que sou neta de uma *atriz*.

– Minha querida Julianne, há mais de uma maneira de agarrar um marido. Você será Lady Rannulf Bedwyn antes que o verão termine. Confie em mim.

Horace sorriu com maldade quando Judith passou pela cadeira dele, com a avó apoiada pesadamente em seus braços.

– Lembre-se do que eu lhe disse, *prima*.



Durante a semana seguinte, Rannulf passou as manhãs com o capataz da avó, aprendendo a complexa rotina de uma propriedade como aquela. Ele ficou surpreso ao descobrir que gostava de se debruçar sobre os livros de contabilidade e outros documentos de negócios quase tanto quanto gostava de cavalgar pelos campos de cultivo e pelas terras dos arrendatários, vendo tudo por si mesmo e conversando com vários trabalhadores do lugar. Rannulf se preocupava apenas com uma coisa.

– Não a estou ofendendo, vovó? – perguntou a ela, durante um café da manhã, pegando a mão fina, de pele quase translúcida, com veias azuis, e segurando-a com delicadeza. – Não estou lhe dando

a impressão de que estou assumindo a situação como se fosse o dono aqui? Sabe que meu desejo era que a senhora vivesse por mais dez, vinte anos, mais ainda.

– Não estou certa de que tenho energia para atender a seu desejo – retrucou ela. – Mas você está iluminando meus últimos dias, Rannulf. Devo admitir que não esperava por isso, embora *esperasse* que você aprendesse rapidamente e que fizesse um belo trabalho aqui depois que eu me fosse. Você é um Bedwyn, afinal de contas, e os Bedwyns sempre levam seus deveres a sério, não importa o que mais se possa dizer sobre eles.

Ele levou a mão da avó aos lábios e a beijou.

– Se ao menos eu pudesse vê-lo casado... Mas será Julianne Effingham a moça certa para você? Tive tanta esperança de que fosse. É minha vizinha, a avó é uma das minhas amigas mais queridas, é jovem e bonita. O que você acha, Rannulf?

Rannulf tivera esperança de que a avó fosse mudar de ideia sobre pressioná-lo a casar. Ao mesmo tempo, sabia que ela ficaria amargamente desapontada se não se casasse logo.

– Acho que é melhor eu continuar indo a Harewood todos os dias. O grupo de visitantes irá embora daqui a uma semana. O dia do baile está quase chegando. Eu lhe prometi que consideraria seriamente a moça, vovó, e é o que farei.

Mas o problema era, conforme Rannulf descobriu no decorrer da semana, que ele não conseguia gostar nem um pouco da Srta. Effingham. A moça continuava a ficar amuada sempre que ele se negava a paparicá-la o tempo todo e ainda tentava puni-lo flertando com outros cavalheiros. Ela tagarelava sem parar sobre seus vários feitos e conquistas sempre que estavam juntos e ria como tola das lisonjas dele. A Srta. Effingham o entediava. E, é claro, a mãe dela fazia tudo o que estava a seu alcance para mantê-los juntos. Sempre se sentavam um ao lado do outro quando Rannulf ia jantar em Harewood. Sempre seguiam na mesma carruagem todas as vezes que saíam para as várias excursões a lugares interessantes. Rannulf era sempre chamado para virar as páginas das partituras dela.

Às vezes, Rannulf achava que talvez ainda fosse a Harewood menos pelo bem da avó e mais na esperança de dar uma palavra a sós com Judith Law. Ele temia, no fim das contas, ter cometido um terrível erro ao manobrar a situação para que ela representasse àquela noite, em Grandmaison. Judith nunca fora muito visível em Harewood, mas agora era ainda menos. Nunca estava na mesa de jantar, nem se juntava a nenhum dos passeios ou atividades ao ar livre. Nas poucas ocasiões em que aparecia na sala de visitas, se comportava mais como uma dama de companhia contratada para a Sra. Law e se retirava cedo com a avó.

Uma coisa logo ficou clara para Rannulf. Quando Tanguay a convidou para ser parceira dele em um jogo de cartas, Lady Effingham informou ao rapaz que a mãe dela estava indisposta e que precisava que a Srta. Law a ajudasse a se acomodar e lhe fizesse companhia. Quando Roy-Hill convidou Judith Law para se juntar ao grupo perto do piano, a Srta. Effingham alegou que a prima não tinha interesse em nada que se referisse à música. Quando todos decidiram brincar de charadas uma noite e Braithwaite escolhera a Srta. Law para seu time, Lady Effingham disse que a sobrinha estava com dor de cabeça e que fora liberada de permanecer na sala por mais tempo.

Os cavalheiros convidados despertaram para a existência de Judith Law. E Lady Effingham a punia exatamente por isso. Sim, percebeu Rannulf, era ele o responsável por aquela situação infeliz. Fizera a coisa errada e acabara piorando a vida dela. Assim, não fez nenhuma tentativa de falar com Judith quando a tia ou a prima pudessem ver. Não queria tornar a situação ainda pior para Judith. Aguardaria o momento certo.

Um dia antes do baile, todos foram até a cidade, já que a maior parte das pessoas precisava fazer algumas compras para a ocasião. Rannulf havia declinado do convite para se juntar a eles. A avó decidira aproveitar a oportunidade para visitar a Sra. Law, aproveitando o momento de tranquilidade. Rannulf a acompanhou, embora a avó lhe assegurasse que não era necessário.

– Não vou me intrometer na sua visita, vovó. Vou dar uma caminhada depois de cumprimentar a Sra. Law.

Ele teve a esperança de poder convidar Judith Law para acompanhá-lo na caminhada, mas ela não estava na sala de visitas.

– Minha neta está no quarto dela, escrevendo cartas para as irmãs, eu acho – informou a Sra. Law a Rannulf quando ele perguntou pela saúde da moça. – Embora eu não veja necessidade, já que ela as verá logo.

– As irmãs da Srta. Law estão vindo para Harewood? – perguntou Lady Beamish. – Seria muito agradável para ela.

A Sra. Law suspirou.

– Uma delas virá – respondeu. – Judith vai voltar para casa.

– Lamento ouvir isso – comentou Lady Beamish. – Você sentirá falta dela, Gertrude?

– Sentirei – admitiu a Sra. Law. – Terrivelmente.

– A Srta. Law é uma jovem simpática – disse Lady Beamish. – E quando representou para nós algumas noites atrás, percebi o quanto também é bela e talentosa! Herdou isso de você, é claro.

Rannulf se desculpou e foi para o lado de fora da casa. Estava um dia frio e nublado, mas não chovia. Ele seguiu em direção à colina nos fundos da casa. Não esperava encontrar Judith Law ali, mas mais inconveniente seria subir até o quarto dela e bater à porta.

Ela estava no lago novamente, não nadando desta vez, mas sentada à frente do salgueiro, as mãos cruzadas no colo, olhando para a água. Os cabelos trançados em um coque elegante na nuca, a touca que ele comprara ao lado, na relva. Judith usava uma peliça de mangas compridas sobre o vestido.

Rannulf desceu a colina devagar, sem tentar disfarçar sua aproximação. Não queria surpreendê-la ou assustá-la. Judith o ouviu quando ele estava a meio caminho da colina e olhou por cima do ombro por um momento, antes de voltar à posição anterior.

– Parece que lhe devo um pedido de desculpas. Embora imagine que um simples pedido de desculpas seja completamente inadequado.

Rannulf ficou de pé atrás dela, o ombro apoiado contra o tronco da árvore.

– Não me deve nada – retrucou ela.

– Você está sendo mandada para casa.

– Isso dificilmente pode ser considerado um castigo, não é mesmo? – perguntou Judith.

– E uma de suas irmãs vai ficar em seu lugar, aqui.

Mesmo sob a sombra da árvore e com apenas nuvens pesadas acima deles, os cabelos dela cintilavam em dourado e vermelho.

– Sim.

Judith inclinou a cabeça para a frente até apoiar a testa nos joelhos, uma posição que ele começava a reconhecer como característica dela.

– Eu não deveria ter me intrometido – disse Rannulf em uma declaração óbvia. – Sabia que a pessoa mais talentosa da sala ainda não se apresentara e não pude resistir.

– Não precisa se sentir culpado por isso. Estou feliz que tenha acontecido. Estava sentada lá, sonhando em fazer exatamente o que *fiz*, quando você e Lady Beamish me persuadiram a contribuir para o entretenimento do grupo. Foi a primeira coisa livre que fiz desde que cheguei aqui. E me fez perceber como tenho sido abjeta. Venho sendo muito mais feliz durante os últimos dias, embora talvez isso não tenha ficado aparente nas poucas vezes em que me viu. Sabe, vovó e eu decidimos que o melhor para mim é me comportar como esperam que eu faça quando estivermos com outras pessoas, mas fazemos isso o mínimo possível. Quando estamos juntas, conversamos mais do que nunca, rimos e nos divertimos. Ela... – Judith ergueu a cabeça e riu baixinho. – Ela gosta de escovar meus cabelos por meia hora ou mais, várias vezes. Diz que é bom para as mãos dela... e para seu coração. Acho que assim ajudo vovó a não pensar tanto em todas as suas doenças imaginárias. Vovó está mais animada, mais alegre do que quando cheguei.

Rannulf teve uma súbita e vívida lembrança de quando se ajoelhou atrás dela, na cama, no Rum & Puncheon, escovando os cabelos de Claire Campbell, antes de fazerem amor.

– Ela sentirá sua falta quando você partir – comentou ele.

– Vovó quer vender algumas de suas joias e comprar um chalé em algum lugar, para que possamos viver juntas. Mas não sei se isso realmente vai acontecer. De qualquer modo, não deve se sentir culpado por ter sido a causa involuntária de tudo o que está

acontecendo. Estou *feliz* que tenha acontecido, pois me deixou muito mais próxima de minha avó e me fez compreender melhor quem eu sou.

Ela não deu maiores explicações, mas Rannulf se lembrou do que fora dito pouco tempo antes.

– Minha avó diz que você herdou seu talento da Sra. Law.

– Ah, então Lady Beamish *realmente* sabe? – perguntou ela. – E você também? Minha tia e Julianne estão tão preocupadas com a possibilidade de vocês descobrirem a verdade.

– Sua avó foi atriz? – perguntou Rannulf, afastando-se da árvore e sentando-se ao lado dela na relva.

– Em Londres. – Ele notou que agora ela sorria. – Meu avô se apaixonou por ela quando vovó estava no palco, representando. Foi encontrá-la nos bastidores do Covent Garden Theater e se casou com ela três meses depois, para horror da própria família. Vovó era filha de um comerciante de tecidos. Fizera muito sucesso como atriz e fora muito cortejada por todos os cavalheiros elegantes. Deve ter sido muito linda, imagino, embora tivesse cabelos vermelhos como os meus.

Era difícil imaginar a Sra. Law jovem, linda, com cabelos ruivos e cortejada pelos belos e ricos de sua época. Mas não era impossível. Mesmo agora, idosa, rechonchuda e com os cabelos grisalhos, a Sra. Law possuía certo encanto e sua figura enfeitada de joias sugeria uma personalidade exuberante, que combinava bem com seu passado de atriz. Ela podia, sim, ter sido uma bela mulher em sua época.

– Vovó manteve o corpo esguio até meu avô morrer. Então começou a comer para se consolar e isso acabou se tornando um hábito. É triste, não é, que ela tenha tido um casamento tão feliz e, ainda assim, seus dois filhos, minha tia e meu pai, tenham vergonha da mãe e de seu passado? *Eu* não tenho vergonha dela.

Rannulf havia pegado uma das mãos dela antes que se desse conta.

– E por que deveria ter? Ela é a maior responsável por sua beleza, por seu talento e pela riqueza do seu caráter.

E, ainda assim, Rannulf pensou, os Bedwyn seriam os primeiros a evitar uma mulher com um passado tão manchado. Ele ficou surpreso que a avó, sabendo a verdade sobre a amiga, considerasse Julianne Effingham uma noiva adequada para ele, mesmo possuindo uma linhagem impecável. Bewcastle, no entanto, talvez tivesse ideias muito diferentes sobre o assunto.

– Me diga uma coisa – pediu Judith, arfante e agitada de repente. – E, por favor, seja sincero. Eu *sou* bonita?

Rannulf subitamente entendeu... por que ela fora ensinada a ver os cabelos vermelhos como vergonha e motivo de embaraço, por que fora encorajada a pensar em si mesma como uma moça feia. Todas as vezes que olhava para ela, o pai, o reverendo, devia se lembrar da mãe, que ainda poderia envergonhá-lo diante de seu rebanho e seus pares se descobrissem a verdade. A segunda filha deve ter sido sempre uma cruz pesada para carregar.

Com a mão livre, Rannulf segurou o queixo de Judith e virou o rosto dela em sua direção. Ela estava ruborizada de vergonha.

– Conheci muitas mulheres, Judith. Admirei as mais adoráveis, idolatrei umas poucas à distância, persegui outras com alguma determinação. Isso é o que homens ricos, ociosos e entediados como eu costumam fazer. Posso lhe dizer sinceramente que nunca conheci uma mulher cuja beleza chegasse aos pés da sua.

Seria verdade aquela declaração extravagante? Ela era mesmo tão linda? Ou a beleza era apenas um dos muitos atributos de Judith Law? Não importava. Havia muita verdade, afinal, naquele antigo clichê que dizia que a beleza era mais do que a aparência.

– Você é linda – disse Rannulf.

Então, baixou a cabeça e beijou-a delicadamente nos lábios.

– Sou? – Os olhos verdes dela estavam marejados quando levantou a cabeça. – Não sou vulgar? Não pareço vulgar?

– Como a beleza pode ser vulgar?

– Quando os homens olham para mim e realmente me veem, se tornam maliciosos.

– Isso acontece porque a beleza feminina é desejável para os homens – explicou Rannulf. – E onde não há autocontrole, nem galanteria, quando um homem não é também um cavalheiro, então

há malícia. A beleza não é menos bela porque alguns homens se comportam mal em sua presença.

– Você não é malicioso.

Ele se sentiu profundamente envergonhado. Assim que pousara os olhos nela, a desejara e fora atrás do que queria. Sua motivação tinha sido puro desejo.

– Não? – retrucou ele.

Judith balançou a cabeça.

– Havia algo a mais em seus olhos, apesar de suas palavras e ações. Certo... humor, talvez? Não sei a palavra exata. Você não me fez estremecer de horror. Fez com que me sentisse... alegre.

Que Deus o ajudasse.

– Você fez com que eu me sentisse bonita – continuou. E sorriu lentamente para ele. – Pela primeira vez na vida. Obrigada.

Ele sentiu-se desconfortável e constrangido. Merecia ser chicoteado pelo que fizera com Judith, mas ela agradecia.

– É melhor voltarmos para casa – disse Judith, levantando os olhos quando ele retirou a mão do seu queixo. – Sinto que vai chover.

Eles levantaram, sacudiram a relva das roupas, e Judith arrumou a touca com cuidado sobre os cabelos, amarrando as fitas em um laço grande de um dos lados do queixo. Ela parecia linda e viva sem a touca.

– Vou subir a colina e dar a volta até a frente da casa novamente – avisou ela.

Mas Rannulf tivera outra ideia, embora não houvesse pensado a respeito, nem desejado pensar.

– Vamos juntos. Não há ninguém aqui para nos ver.

Ele ofereceu o braço a ela, que aceitou depois de um momento de hesitação, e os dois subiram a colina juntos, sentindo ocasionais gotas de chuva os atingirem.

– Imagino que esteja se sentindo muito entediado aqui no campo. Ainda assim, não se juntou às várias atividades que aconteceram entre os convidados esta semana – comentou Judith.

– Estou aprendendo sobre o cultivo e a administração da propriedade de minha avó – explicou Rannulf. – E me divertindo

muito, sabia?

Ela virou a cabeça para encará-lo.

– *Se divertindo?* – Judith riu.

Ele riu também.

– Também foi uma surpresa para mim. Grandmaison será minha com o tempo, mas nunca me interessei por sua administração. Agora estou interessado. Imagine-me daqui a alguns anos, andando pela minha terra com um cão desalinhado em meus calcanhares, um casaco de corte ruim nas minhas costas e nada sobre o que conversar a não ser cultivo, drenagem e gado.

– É difícil imaginar. – Judith riu novamente. – Conte-me mais. O que aprendeu? O que viu? Planeja fazer alguma mudança quando a propriedade for sua?

A princípio, pensou que ela estava perguntando por mera educação, mas logo ficou claro que Judith realmente se interessara. Então ele começou a contar sobre todas as coisas que o teriam feito bocejar apenas uma semana ou dias antes, enquanto caminhavam.

As duas damas mais velhas ainda encontravam-se na sala de visitas, onde Rannulf as deixara. Judith teria tirado o braço do dele, entrado em casa e corrido para o próprio quarto, mas ele não deixou.

– São apenas nossas avós – argumentou Rannulf. – Mais ninguém voltou da cidade ainda.

Ele manteve o braço dela no dele quando os dois entraram na sala e as duas senhoras levantaram a cabeça.

– Encontrei a Srta. Law enquanto caminhava lá fora e estivemos aproveitando a companhia um do outro na última hora.

Ele percebeu que os olhos da avó imediatamente ficaram mais atentos.

– Srta. Law, está usando uma linda touca. O ar fresco acrescentou um belo rubor a seu rosto. Venha sentar-se a meu lado e me conte onde aprendeu a atuar tão bem.

Rannulf também se sentou, depois de puxar a corda do sino, a pedido da Sra. Law, para que ela pudesse pedir que trouxessem chá fresco.

CAPÍTULO XV



Judith não estava certa se compareceria ao baile em Harewood, apesar de a avó dizer que deveria ir, mesmo que só para lhe fazer companhia.

– Embora ouse dizer que todos os jovens cavalheiros irão disputar pelo prazer de dançar com você – disse a Sra. Law. – Percebi como a atitude deles mudou durante a semana. E é muito justo. Você é tão minha neta quanto Julianne ou Branwell.

Judith tinha que admitir que era uma perspectiva tentadora: comparecer a um baile e ter parceiros de dança. Sempre se divertira muito nas festas comunitárias da cidade onde morava. Nunca lhe faltaram parceiros. Na época, Judith presumira que estivessem sendo gentis ao dançarem com ela, mas uma nova possibilidade começava a surgir em sua mente.

Nunca conheci uma mulher cuja beleza chegasse aos pés da sua.

Judith se sentia tentada a ir ao baile, mas tinha pavor de imaginar que lorde Rannulf pudesse escolher aquele ponto alto da temporada festiva em Harewood para anunciar seu noivado com Julianne. Não suportaria estar presente e ouvir isso ou ver a expressão de triunfo nos rostos da prima e de tia Effingham. Não aguentaria ver a expressão de resignação zombeteira no rosto dele... e estava certa de que essa seria a expressão dele.

Já havia quase decidido não comparecer ao baile até encontrar Branwell nas escadas, quando subia depois de tomar café da manhã.

– Bom dia, Jude. – Ele pousou uma das mãos no ombro da irmã e beijou seu rosto. – Levantou cedo, como sempre? É melhor ter um sono de beleza esta tarde. Todos os camaradas querem dançar com você esta noite e vêm *me* pedindo para persuadi-la, como se tivesse sido eu a proibi-la de participar de qualquer coisa nas duas últimas semanas. Suponho que tenha sido tia Louisa. É humilhante que minha própria irmã seja tratada como uma criada, só porque papai é ministro da Igreja...

– Não estou interessada em dançar, Bran – mentiu Judith.

– Conversa fiada! – retrucou ele. – Todas vocês, garotas, sempre adoraram as festas da cidade. Escute, Jude, assim que eu pagar a todos esses comerciantes impertinentes e inoportunos, vou me estabelecer em alguma carreira e fazer fortuna. Então poderá voltar para casa e, junto a nossas irmãs, terão possibilidade de encontrar maridos respeitáveis. Tudo ficará bem.

Judith não contara ao irmão que ela voltaria para casa... em desgraça. E Hilary ficaria em seu lugar.

– Mas como vai pagar suas dívidas, Bran? – perguntou Judith, com relutância.

Passara a semana tentando não pensar sobre essas dívidas. Em um momento humilhante, pensara até em pedir à avó... A expressão animada do irmão vacilou por um momento, mas logo ele sorria despreocupado de novo.

– Algo vai surgir. Tenho fé. Você não deve se preocupar com esse assunto. Em vez disso, pense no baile. Prometa-me que comparecerá.

– Ah, está bem – respondeu Judith impulsivamente, antes de continuar a subir as escadas. – Eu irei.

– Esplêndido!

Havia mais uma coisa a fazer antes de voltar para casa: ir ao baile. E iria como ela mesma, não como uma parente pobre que vivia escondida da vista dos outros. Dançaria com qualquer cavalheiro que a convidasse. Se não fosse convidada a dançar,

então se sentaria com a avó e aproveitaria a festa da mesma forma. E se o noivado de Julianne fosse anunciado... A determinação de Judith falseou por um momento quando pousou a mão sobre a maçaneta da porta do quarto. Se o noivado da prima com lorde Rannulf fosse anunciado, ela ergueria o queixo, sorriria e se cobriria com toda a dignidade de uma dama que pudesse reunir.

Como era possível que aquele leve beijo nos lábios na véspera pudesse tê-la abalado com tanta intensidade quanto o contato sexual que tiveram poucas semanas antes? Talvez por antes ter sido apenas um encontro sexual, enquanto na véspera fora... o quê? Não amor. Ternura, talvez? Lorde Rannulf dissera que ela era linda e a beijara. Mas não com desejo, embora talvez houvesse desejo também, para os dois. Houvera mais do que desejo. Houvera... sim, deve ter sido ternura.

Talvez, quando retornasse para casa e bloqueasse a imagem de lorde Rannulf casado com Julianne da mente, conseguisse recuperar seu sonho roubado e revivê-lo em seu coração.



– Minha primeira ideia quando soube do baile em Harewood foi que seria uma ocasião perfeita para o anúncio de seu noivado com Julianne Effingham – comentou Lady Beamish com o neto. – Isso passou por sua cabeça, Rannulf?

– Sim, passou – respondeu ele com sinceridade.

– E?

Ela estava sentada diante dele na sala de estar do primeiro andar, parecendo mais magra e frágil do que nunca, embora as costas permanecessem retas, percebeu Rannulf, sem contar com o apoio do encosto da cadeira.

– Ainda é o que mais deseja? – perguntou ele.

A avó o encarou, pensativa, antes de responder.

– O que mais desejo? Não, Rannulf, o que mais desejo é vê-lo feliz. Mesmo que, para isso, continue solteiro.

Ela o deixara livre... e pousara sobre os ombros dele o fardo do amor.

– Não – disse Rannulf. – Não acredito que vá permanecer solteiro, vovó. Quando nos envolvemos com a terra, compreendemos e apreciamos o eterno ciclo de nascimento e morte, renovação e reprodução. Assim como a senhora precisa da segurança de saber que esta terra passará para mim e para meus descendentes, eu preciso da segurança de saber que ela passará para um filho meu depois de minha morte... ou talvez para uma filha, ou um neto. Com certeza me casarei.

Ele não tinha formulado os pensamentos com clareza nem para si mesmo até aquele momento, mas sabia que eram a verdade.

– Julianne Effingham? – perguntou a avó.

Rannulf a encarou de volta, mas nem mesmo o amor deveria ameaçar a essência de quem ele era.

– Não a Srta. Effingham – respondeu ele com delicadeza. – Sinto muito, vovó. Não apenas não sinto afeição por ela, como também sinto uma real aversão.

– Fico aliviada por saber disso. – Ela o surpreendeu ao responder. – Foi uma tolice de minha parte, nascida do desejo egoísta de vê-lo casado antes que fosse tarde demais.

– Vovó...

Ela ergueu a mão para silenciá-lo.

– Sente afeição pela Srta. Law?

Ele ficou olhando para a avó e pigarreou.

– Srta. Law?

– Ela é muitas coisas que a prima não é.

– Mas é pobre – falou Rannulf bruscamente, se levantou e caminhou até as janelas francesas, que estavam fechadas àquela manhã para protegê-los do tempo frio e nublado, como na véspera. – Aquele inútil do irmão dela logo levará a família à ruína total. O pai é um cavaleiro cuja mãe é uma ex-atriz, filha de um comerciante de tecidos. A mãe provavelmente é uma Lady, embora também não

devesse ser rica ou de grande proeminência social antes de se casar com o reverendo Law.

– Ah, você tem *vergonha* dela.

– Vergonha? – Ele olhou para a fonte do lado de fora, o cenho franzido. – Eu teria que ter algum sentimento pessoal por ela antes de sentir vergonha.

– E não tem?

Fora um plano impetuoso o da véspera, de tornar a avó ciente de Judith Law e de uma possível ligação entre ele e a moça. Mas a avó não comentara nada durante a viagem de volta para casa ou pelo resto do dia.

– Vovó, caminhei com a Srta. Law pelos jardins duas semanas atrás. Encorajei a moça a representar para nós uma semana atrás, quando quase todos os outros convidados haviam feito isso, menos ela. Encontrei a Srta. Law nos gramados de Harewood ontem e caminhamos e conversamos por uma hora. Por que eu teria sentimentos por ela?

– Seria estranho se não os tivesse – comentou a avó. – A Srta. Law é uma mulher de extraordinária beleza, depois que se vê além do disfarce, e o conheço bem para saber que admira lindas mulheres. Mas ela é mais do que linda. Pensa. Assim como você, quando se dá ao trabalho. Além de tudo isso, Rannulf, havia certa expressão em seu rosto ao voltar de sua caminhada.

– *Expressão?* – Ele franziu o cenho para a avó. – Está se referindo a uma expressão de paixão tola? Não sinto isso.

Ainda assim, Rannulf queria que a avó o contradissesse, que o encorajasse, o convencesse de que a ligação com Judith seria adequada.

– Não. Se fosse a expressão de tolice masculina, eu não a levaria em consideração, embora seja meu dever lembrá-lo de que ela é uma dama e é sobrinha de Sir George Effingham e neta de minha amiga mais querida.

Rannulf se sentiu terrivelmente culpado... de novo!

– Bewcastle nunca aprovaria um casamento desses.

– Ainda assim, Aidan acaba de se casar com a filha de um mineiro de carvão, e Bewcastle não apenas a recebeu, como até

arranjou tudo para que fosse apresentada à rainha e deu um baile em homenagem a ela na Bedwyn House.

– Bewcastle se viu diante de um fato consumado – retrucou Rannulf. – Ele, então, fez o melhor que podia para amenizar o que deve considerar um desastre.

– Vou lhe pedir que me dê o braço enquanto subo para meus aposentos – disse ela. – Mas antes quero lhe deixar um conselho: se permitir que o orgulho e a vergonha escondam sentimentos mais ternos, vai perder a chance de fazer um casamento que suprirá todas suas necessidades, incluindo as do coração. Pare de colocar a culpa em Bewcastle.

– *Não* tenho vergonha dela! – declarou ele. – Muito pelo contrário. Estou...

Ele se calou subitamente e se apressou na direção da avó que ficara de pé.

– Acredito que a palavra correta seja *apaixonado* – comentou a avó, pousando a mão levemente sobre a manga do paletó dele. – Mas nenhum neto meu que se dê ao respeito poderia admitir um sentimento tão tolo, não é mesmo?

Aquilo não era verdade, pensou Rannulf. Ele estava, para sua vergonha, cheio de desejo por Judith Law. Gostava dela. Sentia-se atraído pela personalidade dela e se pegava pensando nela constantemente quando estava acordado. Sonhava com ela quando dormia. Descobrira que podia conversar com Judith como nunca fora capaz de conversar com qualquer outra mulher, talvez com exceção de Freyja. Mas, mesmo com a irmã, havia uma atitude de cinismo entediado a ser mantida. Rannulf não conseguia se imaginar conversando com entusiasmo sobre cultivo e administração de uma propriedade com Freyja. Com Judith Law, podia relaxar e ser ele mesmo, embora tivesse a sensação de que apenas nas duas últimas semanas houvesse começado a perceber quem realmente era.

A avó havia, na realidade, dado sua bênção para que cortejasse Judith Law. Bewcastle... Ora, Bewcastle não era o guardião dele.

Rannulf se perguntou se Judith teria a intenção de comparecer ao baile daquela noite. É claro, ela o recusara antes, havia apenas duas semanas. Mas talvez pudesse persuadi-la a mudar de ideia. Precisaria ser muito cauteloso, é claro, para não humilhar abertamente a Srta. Effingham. Por mais tola e vaidosa que fosse a moça, não merecia isso.



Judith costurou com determinação durante toda a manhã, imaginando que seria mantida ocupada ao longo da tarde com os preparativos para o baile. Não estava errada. A tia a fez correr de um lado para outro o tempo todo, levando mensagens e ordens para a governanta ou o mordomo, sendo que nenhum dos dois estava no lugar onde deveria estar. Também ficou encarregada da monumental tarefa de arrumar as flores que haviam sido colhidas para o salão de baile e de posicionar os arranjos nos lugares certos, em uma combinação agradável com as plantas já em vasos. Era um trabalho do qual Judith gostava, mas, quando estava no salão de baile, descobriu que os criados não paravam de consultá-la para resolver todos os problemas, mesmo os mais ínfimos.

Então ela foi mandada à cidade, para comprar fita para os cabelos de Julianne, já que a fita que a moça comprara na véspera fora declarada errada, tanto na cor quanto na largura, depois que já fora paga e levada para casa. Era uma longa caminhada de ida e de volta. Judith teria apreciado a oportunidade de sair e aproveitar o ar fresco, mesmo em um dia nublado. Mas tivera a esperança de conseguir lavar os cabelos e descansar um pouco antes da hora de se vestir para a noite. Ela se apressou a fazer o que era preciso de modo a conseguir algum tempo para si mesma depois.

A porta do quarto de vestir de Julianne estava entreaberta quando Judith voltou. Ela levantou a mão para bater, mas se deteve quando ouviu a risada de Horace lá dentro. Ele não a incomodara

abertamente durante a última semana, embora nunca perdesse qualquer oportunidade de dizer alguma coisa maldosa ou sarcástica que só ela pudesse ouvir. Judith o evitava sempre que podia. E, naquele momento, resolveu que esperaria. Ou levaria a fita para o quarto de tia Effingham e fingiria que tinha esquecido que deveria levá-la para o de Julianne.

– Simplesmente preciso que ele seja meu – dizia Julianne, em sua típica voz petulante. – Ficarei mortificada se não me pedir em casamento antes de todos irem embora de Harewood. Todos *sabem* que ele está me cortejando. E *sabem* também que desencorajei as investidas de meus outros admiradores, até mesmo de lorde Braithwaite.

Judith se virou, pronta para se afastar.

– E você o terá, sua tolinha – disse Horace. – Não ouviu o que sua mãe acabou de dizer? Ele deve ser *forçado* a pedi-la em casamento. Tudo o que precisa fazer é se certificar de ser encontrada em uma situação comprometedora com o cavalheiro. Ele fará o que for decente. Conheço homens como Bedwyn. Ser um *cavalheiro* significa mais para eles do que a própria vida.

Àquela altura, Judith não pôde se impedir de continuar ouvindo.

– Horace está certo, querida – concordou tia Effingham. – E é correto que ele se case com você depois de brincar com seus sentimentos.

– Mas como eu *faço* isso? – perguntou Julianne.

– Deus! – exclamou Horace, parecendo entediado. – Você não tem imaginação, Julianne? Diga a ele que está prestes a desmaiar e faça com que a leve para um lugar isolado. Vá para a biblioteca. Ninguém vai lá a não ser papai, e até mesmo ele não estará lá esta noite porque achará que é seu dever permanecer no salão de baile. Aproxime-se de Bedwyn. Faça-o passar os braços ao seu redor e beijá-la. Então entrarei lá... com papai. Seu noivado será anunciado antes do fim do baile.

– Como vai convencer papai a ir para a biblioteca com você? – perguntou Julianne.

– Se não conseguir inventar um motivo para arrastá-lo para seu lugar favorito no mundo, sou capaz de comer meu chapéu – disse

Horace. – O mais novo.

– Mamãe?

– Funcionaria muito bem – retrucou tia Effingham. – Você sabe, minha querida, que depois que for Lady Rannulf Bedwyn, deve dedicar-se inteiramente a fazer com que lorde Rannulf compreenda que foi melhor assim. Enquanto isso, terá fortuna e posição social.

– E Grandmaison, depois que Lady Beamish morrer – acrescentou Julianne –, e uma casa em Londres, acredito. Vou convencê-lo a comprar uma casa lá. E serei cunhada do duque de Bewcastle! Poderei visitar a Bedwyn House. Na verdade, talvez até moremos lá, em vez de comprarmos nossa própria casa. Acho que passaremos os verões no campo, em Lindsey Hall. Vou...

Judith ergueu a mão e bateu à porta com firmeza, antes de abri-la e entregar a fita a Julianne.

– Espero que esta lhe agrade – falou. – Era o único tom de rosa na loja, mas acho uma cor encantadora, mais intensa e mais adequada a seu cabelo.

Julianne desembrolhou a fita, examinou-a distraidamente e jogou-a na mesa atrás dela.

– Acho que gosto mais da outra – disse. – Você demorou demais, Judith. Acho que deveria ter se apressado, já que estava resolvendo algo para sua própria prima.

– Talvez, prima, você devesse usar qualquer fita que Julianne decida *não* usar. Ah, mas que falta de tato de minha parte. Rosa não combina com *seu* cabelo, não é? *Alguma coisa* combina?

– Judith sem dúvida ficará mais confortável se permanecer em seu quarto esta noite – disse tia Effingham. – Vamos comparar essas fitas com mais cuidado, querida. Você não iria querer...?

Judith deixou o quarto da prima e se apressou em direção ao próprio.

Era verdade, então, que era improvável que lorde Rannulf pedisse Julianne em casamento se fosse deixado por sua própria conta? E Julianne e tia Effingham estariam assim tão desesperadas para fisgá-lo como marido a ponto de preparar uma armadilha para deixá-lo em uma situação comprometedora? Horace estava certo, pensou Judith. Lorde Rannulf Bedwyn *era* um cavalheiro e

realmente pediria Julianne em casamento se acreditasse que comprometera a honra de uma dama.

Judith tivera uma prova disso.

O coração dela disparou quando entrou no quarto e fechou a porta. A perspectiva de lorde Rannulf se casar com Julianne por sua própria vontade já era difícil de suportar, mas fazer isso por causa de uma artimanha?



Judith jantara tranquilamente com a avó na sala de estar particular da velha dama, ambas sem vontade de se juntar aos outros convidados. Então, se separaram para se arrumar para o baile.

Judith estava mais nervosa do que gostaria de admitir. Usara o vestido de seda creme e dourado em dezenas de festas da cidade em que morava com os pais. Nunca estivera na última moda, nem era muito enfeitado. E é claro que o pai e a mãe sempre foram rígidos sobre usar trajes modestos, especialmente com ela. Mas ao menos o vestido sempre fora uma roupa elegante, que lhe caía bem. Judith gostava muito dele, até a criada de tia Louisa colocar faixas nas laterais do vestido e no decote.

Judith removera todos esses acréscimos durante a manhã e retornara o vestido à sua forma original, a não ser pela nova faixa na cintura, feita com uma fita de seda larga, cor de pêssego, que a avó dera a ela dias antes, por saber que nunca usaria o adereço que combinava tanto com o colorido da neta. Havia fita o bastante para que as pontas flutuassem quase até o chão depois de firmemente presas à cintura alta do modelo.

Não havia criada para ajudar Judith a se vestir, mas a moça já se acostumara a nunca precisar dos serviços da única criada da casa paroquial, já que a moça precisava atender às exigências da mãe de Judith e das três irmãs. Arrumava os próprios cabelos, mesmo para ocasiões elegantes. Tivera tempo para lavá-los e secá-

los. Os cabelos tinham o brilho saudável de limpeza quando os escovou para trás, arrumou-os em duas tranças, enrolou-as e prendeu-as na nuca em um penteado elegante. Judith usou um espelho de mão para checar o resultado enquanto sentava-se diante do espelho da penteadeira.

O estilo parecia elegante, pensou. Com muito cuidado, para não arruinar o penteado, Judith soltou duas longas mechas nas laterais do rosto e enrolou-as com a escova. Os cabelos dela eram cacheados o bastante para caírem em ondas macias sobre as orelhas. Judith puxou mais dois cachos sobre as têmporas.

Ela não colocou touca, nem mesmo a bonita, de renda, que sempre usara nas festas da cidade ou em outras reuniões à noite.

Nunca conheci uma mulher cuja beleza chegasse aos pés da sua.

Judith encarou a própria imagem no espelho, levantando-se para que pudesse se ver de corpo inteiro. Ela tentou se ver através dos olhos de um homem que conseguia dizer aquelas palavras com honestidade. Confiava na honestidade de lorde Rannulf. Ele falara sério.

Ela era bonita. Pela primeira vez na vida, Judith conseguiu acreditar que havia alguma verdade naquela declaração aparentemente presunçosa.

Sou bonita.

Ela se apressou até o quarto da avó antes que perdesse a coragem. Bateu levemente à porta do quarto de vestir da velha dama e entrou.

A avó ainda estava sentada diante da penteadeira. Tillie encontrava-se atrás dela, prendendo três plumas no elaborado penteado que mantinha os cabelos grisalhos para cima. A velha dama usava um vestido de noite de um profundo tom de rubi, completamente ofuscado pela enorme quantidade de joias que cintilava no pescoço dela, no colo, em ambos os pulsos roliços, em cada dedo de ambas as mãos, à exceção dos polegares, e nas orelhas. Havia até mesmo um broche muito cheio de detalhes preso ao vestido, sob um ombro. Na penteadeira, aguardava um *lorgnon* adornado com pedras.

Dois círculos de ruge foram pintados nas maçãs do rosto dela.

Judith não teve mais do que alguns poucos instantes para digerir a aparência da avó. A velha dama encarou a neta através do espelho e se virou na banquetta com uma agilidade incomum, segurando as plumas, batendo palmas e fazendo as joias que usava tilintarem. Tillie deixou escapar uma exclamação de espanto pelo movimento brusco.

– *Judith!* – exclamou a avó. – Minha querida, meu amor, você está... Tillie, qual é a palavra que estou procurando?

– Linda? – sugeriu Tillie. – Está mesmo, senhorita.

– Ainda não é nem de perto a palavra mais adequada – disse a patroa, acenando com as mãos para dispensar a ajuda da criada. – Vire-se, Judith, vire-se. Deixe-me dar uma boa olhada em você.

Judith riu, levantou os braços ao lado do corpo, em uma pose elegante e fez uma pirueta, lentamente.

– Estou bem? – perguntou.

– Tillie, passe minhas pérolas. O fio longo e o curto, por favor. Nunca as uso, Judith, porque preciso de algo mais brilhante para distrair a atenção de minhas rugas e de outros lamentáveis atributos. – Ela riu com vontade. – Mas pérolas irão valorizar seu encanto sem ofuscá-lo.

As pérolas não estavam na cômoda. Tillie, que já havia prendido as plumas a seu gosto, pegou-as em um instante e as entregou para que fossem examinadas.

– Vão ficar ótimas na senhorita.

A avó de Judith se levantou e gesticulou para a banquetta.

– Sente-se, meu amor. Tillie irá arrumar o fio mais longo em seus cabelos sem desmanchar o penteado. Gosto das tranças enroladas assim. Quando eu tinha sua idade, gostava de ter mechas e cachos balançando por toda minha cabeça e não ficava nem de longe tão bela quanto você. Mas nunca fui famosa pelo meu bom gosto. Seu avô costumava implicar comigo por causa disso e insistia que me amava do jeito que eu era.

Dez minutos mais tarde, Judith usava o fio mais curto de pérolas no pescoço e descobriu que era do comprimento perfeito para o decote modesto do vestido. O fio mais longo não era visível

de frente, mas Tillie lhe mostrara a parte de trás do penteado e, quando movia a cabeça, Judith podia sentir o peso das pérolas e ouvi-las batendo umas nas outras.

Ela sorriu e deixou escapar uma gargalhada.

Sim, ela estava realmente *linda*.

Não importava que fosse ser a dama menos na moda do baile, ou que fosse ofuscada por todas as outras convidadas. Não importava. Estava linda e, pela primeira vez na vida, se orgulhava da própria aparência.

A avó, rindo também, pegou o *lorgnon* em uma das mãos e inclinou a cabeça, balançando-a com vigor.

– Magnífica! Essa era a palavra que eu procurava. Você está *magnífica*, meu amor. – Ela bateu carinhosamente com o *lorgnon* no braço de Judith. – Vamos descer e roubar os corações de todos os homens do baile. Eu ficarei com os velhos e você pode ficar com os jovens.

Até Tillie riu dessa vez.

CAPÍTULO XVI



Rannulf nunca esteve em um baile por escolha própria. No entanto, já havia comparecido a uma boa quantidade deles, já que a alta sociedade decretava que seus membros fossem forçados a se reunir. O baile em Harewood seria uma tolerável versão do evento adaptada ao campo. Grande parte do esforço fora despendido em decorar o salão de uma forma agradável, com grandes buquês de flores e plantas em vasos.

Rannulf olhou ao redor e achou divertido e previsível perceber que os hóspedes, todos arrumados com suas roupas de Londres, eram facilmente distinguíveis dos convidados da vizinhança, que usavam roupas de noite mais simples. A Srta. Effingham, por quem ele acabara de passar na fila de cumprimentos, estava resplandecente em um vestido de cetim rosa coberto de renda, a cintura alta e o decote baixo, como a moda pedia. Os cabelos louros foram penteados para o alto em cachos elaborados e trançados com uma fita rosa e pedras. Rannulf, é claro, fora manobrado de modo a se ver obrigado a pedir que ela entrasse de mãos dadas com ele para abrir a sequência de quadrilhas.

Então ele avistou Judith Law, que desviava os olhos dele e inclinava-se para dizer alguma coisa para a avó. Rannulf inspirou devagar. A aparência dela lembrava muito a que tinha na primeira vez em que a vira: voluptuosa e elegante, a simplicidade do modelo

apenas enfatizando as curvas femininas e a beleza vibrante da mulher que o usava. Os cabelos estavam penteados para trás, mas ela fizera algo intrincado com eles. Estava delicadamente enfeitado com pérolas.

Rannulf sentiu uma onda de algo que não era desejo. Percebeu, então, que estivera esperando o dia todo por aquele momento e temendo que ela talvez não aparecesse.

A Sra. Law ergueu o braço cintilante de joias e acenou com o *lorgnon* também enfeitado.

– Ah, lá está Gertrude – disse a avó dele. – Vou me sentar com ela e observar a diversão, Rannulf.

Ele acompanhou a avó até o outro lado do salão e logo percebeu que Judith não estava isolada, como costumava estar na sala de visitas e na maioria das outras atividades durante as últimas duas semanas. Roy-Hill e Braithwaite estavam parados perto dela.

Cumprimentos foram trocados e a avó dele se sentou ao lado da Sra. Law.

– Está com uma aparência adorável esta noite, Srta. Law – disse ela. – Espero que pretenda dançar.

– Obrigada, madame. – Judith enrubesceu e sorriu, algo que Rannulf a vira fazer poucas vezes nas duas últimas semanas. – Sim, lorde Braithwaite foi gentil o bastante para se oferecer para dançar a primeira sequência de quadrilhas comigo, e Sir Dudley pediu a segunda dança.

– Imagino, então – continuou Lady Beamish – que qualquer cavalheiro que deseje dançar com a senhorita esta noite deva se apressar a pedir logo.

– Ah... – Judith riu.

– Srta. Law. – Rannulf fez uma cortesia. – Me dará a honra de guardar a terceira dança para mim?

Ela o encarou diretamente, os lindos olhos verdes arregalados, os cabelos ruivos cintilando sob a luz dos candelabros acima de sua cabeça. Talvez tenha sido naquele momento que percebeu como fora reticente na última semana em dar nome ao que sentia. Não era desejo, ternura, afeto ou companheirismo o que sentia por

Judith Law, embora tudo isso estivesse incluído naquele sentimento que relutara tanto em denominar.

Ele a amava.

– Obrigada, lorde Rannulf. – Ela fez uma leve cortesia. – Será um prazer.

Um burburinho ao redor deles naquele momento desviou a atenção de Rannulf. Lady Effingham havia entrado no salão e se dirigido ao tablado onde a orquestra estava. Sir George aproximou-se dela, de braço dado com a filha. Rannulf notou que eles haviam esperado pela chegada tardia dele para começar o baile. Rannulf se adiantou para se juntar à sua parceira, que estava ruborizada, sorridente e realmente muito bonita.

– Dizem, lorde Rannulf – disse a Srta. Effingham quando os dois ocuparam lugares opostos na ponta das fileiras de damas e cavalheiros –, que as regras da aristocracia não se aplicam aos bailes do campo e que um cavalheiro pode convidar uma dama para dançar com ele quantas vezes desejar. Mas ainda temo que possa ser interpretado como deselegância dançar mais de duas vezes com o mesmo parceiro. O que acha?

– Talvez seja ainda mais elegante escolher um parceiro diferente para cada dança, principalmente quando o evento é tão grande, como o desta noite.

Ele, é claro, dera a resposta errada... de propósito.

– Mas às vezes – disse a Srta. Effingham, dando uma risadinha – maneiras elegantes podem ser tão cansativas, não é mesmo?

– Concorde.

Braithwaite se posicionara ao lado dele e Judith ao lado da Srta. Effingham.

– Até mesmo os modos elegantes da aristocracia permitem que um cavalheiro dance com a mesma parceira duas vezes, sem incorrer em nenhuma censura – insistiu a Srta. Effingham. – Em todos os bailes a que compareci durante a temporada social em Londres, estava o tempo todo sendo convidada para dançar duas vezes com o mesmo cavalheiro, e ninguém me acusou de ser deselegante quando aceitava, embora vários outros cavalheiros reclamassem por eu não ter danças livres para eles.

– Alguém pode culpá-los por isso? – perguntou Rannulf.

Ela deu mais risadinhas.

– A quarta dança é uma valsa – disse. – Não tive permissão para valsar até a metade da temporada social, quando Lady Jersey finalmente acenou para mim, dando sua aprovação. Acho que fez isso porque muitos cavalheiros haviam reclamado por não terem conseguido dançar comigo. Suponho que muitos dos convidados desta noite não saibam os passos, mas implorei à mamãe que incluísse uma valsa. Suponho que o *senhor* saiba os passos, não, lorde Rannulf?

– Já valsei algumas vezes sem pisar nos dedos de minhas parceiras – admitiu Rannulf.

Ela riu, animada.

– Ah – comentou. – Estou certa de que não chegou nem perto disso, que está apenas zombando de mim. Tenho certeza de que não pisaria nos *meus* pés. Ah, o senhor *estava* me convidando para a valsa, não estava? Vou morrer de vergonha se não estivesse.

Ele deu um breve sorriso, achando divertido mesmo contra a vontade.

– Não posso permitir que desmaie no meio de seu próprio baile, Srta. Effingham – disse ele. – Vamos mostrar a todos os convidados como seus talentos para valsar são superiores.

– Ah, não apenas os meus – falou ela, com modéstia. – Os seus também, lorde Rannulf. Você valsa, Judith? Imagino que o tio nunca tenha permitido que aprendesse os passos, não é? Dizem que é uma dança escandalosa, mas é absolutamente divina. Meu professor de dança disse que a valsa deve ter sido criada para mim, tão delicada e leve que sou. Era muito tolo. Acho que estava apaixonado por mim.

A orquestra começou a tocar as primeiras notas da quadrilha, o que evitou que Judith precisasse responder. Mas, é claro, as perguntas haviam sido retóricas. Rannulf concentrou a atenção na parceira, como exigiam as boas maneiras, embora estivesse consciente o tempo todo de seu amor, movendo-se graciosamente ao lado da prima.



Judith estava ofegante quando lorde Braithwaite a levou de volta para a avó. Fora uma dança vigorosa e ela aproveitara muito, apesar de ter que suportar ficar tão perto de lorde Rannulf e Julianne o tempo todo. Mas o fato tivera compensações. Judith percebera, pelo modo como lorde Rannulf respondera a todos os esforços da prima para forçá-lo a flertar e fazer elogios, que ele não estava se comportando como um homem prestes a se declarar. E mais importante, talvez, ouvira quando Julianne o manipulara para concordar em valsar com ela na quarta dança. Aquela seria a hora em que Judith observaria os dois com mais cuidado, embora não tivesse ideia do que faria para salvar lorde Rannulf da armadilha combinada. Não poderia apenas avisá-lo. Soaria tola demais.

– Talvez, Srta. Law – disse lorde Braithwaite –, seu pai *tenha* permitido que aprendesse os passos de valsa? E talvez me desse a honra de dançar comigo?

Ele a encarara com clara admiração durante a dança. Fora muito lisonjeiro. Era um jovem bonito e simpático.

– Meu pai não teve chance de proibir ou permitir aulas de valsa – explicou Judith. – A dança não chegou à nossa cidade ainda. Vou apreciar vê-lo dançando com outra pessoa, milorde.

Judith percebeu que a avó, cujas plumas balançavam em consonância com as de Lady Beamish enquanto conversavam e comentavam o que viam, estava tirando os brincos e se encolhendo de dor. Pobre vovó, pensou Judith, nunca entenderia que *não havia* brincos que lhe fossem confortáveis?

– Vovó... – Judith inclinou-se, solícita, na direção dela. – Quer que eu leve seus brincos lá para cima e os guarde?

– Oh, você *faria* isso, meu amor? – perguntou a avó. – Mas vai acabar perdendo sua dança com Sir Dudley.

– Não perderei, não – disse Judith. – Levarei apenas um minuto.

– Ficaria muito grata – falou a avó, colocando as joias nas mãos da neta. – Poderia me trazer os brincos em formato de estrela se não for muito trabalho?

– É claro que posso.

Judith saiu apressada do salão de baile e subiu as escadas até o quarto da avó. Logo encontrou a grande caixa de joias, guardou os brincos no saco de veludo e procurou os outros na caixa que havia arrumado. Mas não conseguiu encontrá-los. Judith procurou entre os colares e braceletes sem sucesso. Estava prestes a escolher outro par, quando se lembrou de que os brincos em formato de estrela foram os mesmos que pegara das mãos da avó na noite em Grandmaison. Ainda deviam estar dentro da bolsinha que levava àquela noite.

Judith fechou a caixa e colocou-a de lado, então se apressou até o próprio quarto e ficou aliviada ao descobrir que os brincos estavam exatamente onde previra. Quando saía correndo do quarto, quase colidiu com uma camareira que passava. As duas deram um gritinho de susto. Judith riu, desculpou-se pela pressa e desceu as escadas ainda correndo.

Ela viu da porta do salão de baile que a quadrilha já tinha sido formada, mas a sorte não estava de seu lado e acabou esbarrando em Horace quando seguia na direção da pista de dança. Judith parou abruptamente, ruborizada e ofegante.

– Vai a algum lugar com tanta pressa, prima? – perguntou ele, bloqueando o caminho quando Judith tentou passar. – Ou devo dizer que está *vindo* de algum lugar com tanta pressa? Algum encontro secreto, talvez?

– Fui pegar outro par de brincos para a vovó. Me dê licença, por favor, Horace. Prometi essa dança a Sir Dudley.

Para alívio de Judith, ele se afastou para o lado e gesticulou para que passasse, com um movimento exagerado dos braços. Judith entregou os brincos para a avó e foi encontrar o parceiro de dança, desculpando-se pelo atraso.

Foi uma delícia dançar novamente tão pouco tempo depois da última dança. Sir Dudley Roy-Hill puxou conversa com ela conforme os passos da quadrilha permitiam, e Judith se viu alvo de olhares de

admiração sem disfarce de vários outros cavalheiros. Em casa, teria se sentido um tanto perturbada, imaginando que deveria ter feito alguma coisa errada para provocar aquele tipo de olhar atravessado. Mas *olhar atravessado* era uma expressão do pai dela. Naquela noite, com a recém-encontrada crença na própria beleza, Judith podia ver que os olhares eram apenas de admiração. Ela se pegou rindo cada vez mais.

Ainda assim, o tempo todo Judith estava consciente de que a próxima dança fora prometida a lorde Rannulf Bedwyn. Ela sabia que ele não tivera escolha. As palavras de Lady Beamish sobre qualquer cavalheiro ter que se apressar se quisesse dançar com ela praticamente o forçara a ser galante. Mas Judith não se importava. Em duas ocasiões, ambas no lago, lorde Rannulf passara um bom tempo com ela, quando poderia ter evitado os encontros. Que dançasse com ela agora. E Judith não se importava com o que tia Effingham diria a respeito pela manhã, embora sem dúvida fosse falar muito. Logo estaria de volta à casa dos pais, onde ao menos não esperariam que se comportasse como uma criada.

Judith mal podia esperar que a próxima dança começasse. Se ao menos pudesse durar a noite toda. Ou para sempre...



Se ao menos aquele momento pudesse durar a noite toda, ou para sempre... pensou Rannulf.

Judith dançava os passos lentos e marcados do minueto à moda antiga com graça e elegância. Ela não olhou diretamente nos olhos dele, a não ser uma ou duas vezes, muito rapidamente, mas a expressão em seu rosto era de constrangimento e... felicidade.

A atenção de Rannulf estava concentrada nela, enquanto ao redor deles uma variedade de cores de vestidos e paletós girava devagar em compasso com a música, e a luz das velas acima deles

fazia cintilar joias, enquanto os perfumes das colônias e centenas de flores se misturavam no ar cálido.

Como era diferente o modo como ele a via naquele momento. Embora tivessem conversado e rido juntos, ela fora pouco mais do que um corpo desejável a ser levado para a cama. Agora ela era...

Ora, agora ela era Judith.

– Está gostando do baile? – perguntou Rannulf, quando as mãos juntas os levaram mais perto um do outro por um momento.

– Muito – respondeu ela e sabia que estava sendo sincera.

Ele também estava gostando. Do baile, o que acontecera poucas vezes antes, e do lento minueto, o que *nunca* acontecera antes.

Havia algo entre eles, pensou Rannulf, como uma forte corrente de energia, unindo-os e, ao mesmo tempo, isolando-os de todos os outros no salão. Não estava inventando aquilo. Com certeza Judith sentia a mesma coisa. Não era apenas desejo.

– Você valsa? – perguntou ele.

Judith balançou a cabeça.

Um dia, eu lhe ensinarei, pensou ele.

Ela ergueu os olhos, encontrou os de Rannulf e sorriu como se houvesse escutado o pensamento dele. Rannulf sabia que estava com ciúmes de todos os homens no salão. E se perguntava se Judith tinha consciência da comoção que causava naquela noite, se percebera o olhar azedo da tia em sua direção.

– Talvez, caso já não tenha prometido todas as suas danças, pudesse reservar mais uma para mim. A última?

Ela levantou os olhos para ele e, por alguns instantes, não conseguiu responder.

– Obrigada.

Aquela foi praticamente a soma total da conversa entre os dois durante todo o tempo em que dançaram. Mas havia aquela sensação de estarem conectados, compartilhando corações e emoções.

As palavras eram desnecessárias.

Talvez até o final da noite ela estivesse cansada de dançar e os dois pudessem se sentar juntos em algum lugar. Um local

adequadamente à vista dos outros convidados, mas onde pudessem ter uma conversa particular. Talvez Rannulf pudesse investigar se os sentimentos de Judith em relação a ele, assim como o pedido de casamento que lhe fizera, haviam sofrido alguma mudança durante as últimas duas semanas.

Poderia pedi-la em casamento naquela noite, embora acreditasse que iria preferir fazer isso na manhã seguinte, ao ar livre, onde pudessem ter total privacidade. Rannulf pediria permissão ao tio dela, a levaria até o pequeno lago e se declararia.

Havia algo em relação aos modos de Judith... Rannulf estava certo de que não era imaginação dele... que o encorajava a ter esperanças de que ela aceitaria seu pedido.

Ele se distraiu com esses planos e ideias enquanto a observava dançar, com aquele suave brilho de felicidade no rosto.

Então a música chegou ao seu fim inevitável.

– Obrigado – disse Rannulf, oferecendo o braço para acompanhar Judith de volta até onde estava a avó dela.

Judith virou a cabeça e sorriu para ele.

– Vocês dançam juntos com muita elegância – comentou a avó de Rannulf, quando se aproximaram.

Rannulf viu que Lady Effingham estava atrás da cadeira da mãe.

– Judith, querida – disse ela, a voz exageradamente doce –, espero que tenha agradecido a lorde Rannulf por sua gentil condescendência em acompanhá-la. Mamãe parece muito cansada. Estou certa de que não se incomodará de acompanhá-la até o quarto e de permanecer lá com ela.

Mas a Sra. Law deixou o ar escapar com força, como um balão de ar esvaziando, as joias tilintando e cintilando sempre.

– Como toda certeza não estou cansada, Louisa. Que ideia! Pensar que eu perderia o restante do baile e deixaria minha querida Sarah sentada aqui, sozinha! Além do mais, Judith prometeu a dança após a valsa ao Sr. Tanguay. Seria falta de educação da parte dela desaparecer.

Lady Effingham ergueu as sobrancelhas, mas não teria como dizer muito mais na presença de Rannulf e da mãe dele.

A dança seguinte foi a valsa, que Rannulf fora absolutamente forçado a dançar com a Srta. Effingham. A valsa foi minimamente divertida, pensou ele, enquanto fazia uma cortesia e se afastava para encontrá-la. Ainda teria a última dança pela qual esperar. E também a manhã do dia seguinte, embora não devesse ficar confiante demais a esse respeito. Judith Law precisaria desejar se casar com ele. Não o faria apenas por ele ser quem era ou por ter o dinheiro que tinha.

Teria que amá-lo para aceitar seu pedido.

Será que ela o amava?

Insegurança, dúvida e ansiedade eram emoções totalmente novas para um homem que cultivara o tédio e o cinismo por toda a vida adulta.



Judith percebeu que a prima parecia mais ruborizada e com os olhos mais brilhantes do que estivera durante toda a noite. Aquela expressão poderia ser atribuída ao fato de a moça estar dançando de novo com lorde Rannulf. Era uma reação com a qual a própria Judith conseguia se identificar.

Mais sinistro era o fato de Horace ter se aproximado de tio George e o afastado um pouco do grupo de cavalheiros mais velhos com o qual ele estivera conversando. Judith recusara o convite para valsar com o Sr. Warren, que também não valsara e saíra em busca de uma limonada. Ela precisava ficar no salão de baile. Judith observou, o coração aos pulos. Com certeza a terrível armadilha planejada no quarto de vestir de Julianne naquela tarde não poderia ser a sério. Quem iria querer se casar daquela forma?

Mas Judith sabia que Julianne queria desesperadamente se casar com lorde Rannulf Bedwyn. E tia Effingham compartilhava do desespero da filha.

Horace também ficaria muito feliz com a perspectiva de se vingar do que lorde Rannulf fizera a ele do lado de fora do caramanchão, em Grandmaison, uma semana antes.

Judith estava consciente apenas em parte da natureza chocante e eletrizante da valsa, na qual damas e cavalheiros dançavam como casais, tocando uns aos outros com ambas as mãos, girando na pista de dança, uns nos braços dos outros. Sob qualquer outra circunstância, ela talvez houvesse sentido inveja dos que sabiam os passos.

Surpresa, Judith percebeu que Branwell sabia valsar. Ele dançava com a Srta. Warren, que já tinha certa idade, e ria com ela como se não tivesse uma única preocupação no mundo.

Aquela pequena distração, observar o irmão, quase se provou fatal para a vigilância de Judith. Quando procurou novamente lorde Rannulf e Julianne, os dois tinham parado de dançar e ele estava com a cabeça inclinada para ouvir o que a parceira de dança dizia. Julianne esfregava um dos pulsos, falando rápido, parecendo aflita por algum motivo. Ela apontou na direção da porta.

Enquanto isso, Horace ainda conversava com o pai.

Judith não esperou mais. Talvez aquilo não significasse nada, mas parecia muito com o começo da armadilha que os ouvira combinar. Talvez, depois que ela saísse do quarto de Julianne, eles tivessem mudado o lugar combinado. Mas, quanto a isso, Judith teria que arriscar.

Saiu do salão o mais sorrateiramente possível, desceu correndo as escadas e se certificou, com alívio, de que não havia nenhum criado por perto para vê-la e ficar imaginando para onde iria. Então, entrou na biblioteca, o domínio do tio, local que nunca entrara antes.

O cômodo estava um completo breu, mas Judith conseguiu ver o bastante para achar o caminho até a janela e abrir as pesadas cortinas. Era uma noite enluarada e estrelada, já que as nuvens do dia se dissiparam em algum momento durante a noite. Havia luz o bastante na biblioteca para que ela conseguisse ver o que precisava: duas paredes de estantes cheias de livros, do chão ao teto. Judith se apressou na direção de uma delas, que ficava atrás da porta e de um sofá pesado.

Os minutos seguintes pareceram eternos. E se estivesse no lugar errado? E se Julianne tivesse arrastado lorde Rannulf para outro lugar, a fim de que ele fosse descoberto beijando-a ou fazendo mais comprometedor?

Então a porta foi aberta.

– *Tem* que estar aqui. – Era a voz de Julianne, aguda e ansiosa. – Papai me deu para que usasse no meu baile de debutante e ficará terrivelmente contrariado comigo se o tiver perdido.

Judith não conseguia imaginar tio George magoado ou mesmo aborrecido.

– Se você sabe que deixou aqui – disse lorde Rannulf, parecendo calmo, até mesmo divertido –, então vamos recuperá-lo e valsaremos novamente em dois minutos.

Ele atravessou a biblioteca sem uma vela, e Judith viu Julianne fechar a porta com um chute de calcanhar.

– Oh, Deus – comentou –, essa porta sempre fecha assim. – Julianne foi correndo na direção de lorde Rannulf e logo exclamou em triunfo. – Ah, *aqui* está! Eu *sabia* que a havia deixado aqui quando entrei para descansar mais cedo, mas é claro que fiquei com muito medo de estar errada e de tê-la perdido. Lorde Rannulf, como posso agradecer-lhe por sacrificar parte de nossa dança e vir comigo até aqui antes que papai percebesse?

– Colocando isso no pulso – retrucou ele –, para que possa levá-la de volta ao salão de baile antes que sintam sua falta.

– Ah, esse fecho... – reclamou Julianne. – Não há luz o bastante. Poderia me ajudar?

Lorde Rannulf se inclinou sobre ela, que levantou o pulso, passou o braço livre ao redor da nuca dele e se inclinou em sua direção.

– Estou mesmo muito grata.

A porta voltou a se abrir, como se seguindo uma deixa, e Horace levantou a vela que trazia, praguejou e tentou bloquear a vista do pai.

– Talvez afinal não seja uma ideia tão boa assim vir até aqui para se afastar do barulho – disse Horace em voz alta e sentida. –

Vamos, papai...

Mas tio George, como planejado, já farejara o proverbial rato. Ele afastou Horace para o lado com um dos braços e entrou pisando firme na biblioteca. Julianne deu um gritinho agudo, um pulo para trás e lutou para ajeitar o decote que de algum modo descera e estava muito perto de revelar tudo.

Estava na hora de começar o plano de emergência.

– Ah, *aqui* está – disse Judith, se adiantando com um livro grande aberto nas mãos. – E aqui estão também tio George e Horace para me ajudarem a julgar o vencedor. E lamento dizer que é Julianne, lorde Rannulf. *Foi* um corvo que Noé mandou a primeira vez, da arca, para ver se as águas do dilúvio haviam baixado. *Depois* ele mandou uma pomba. Ela foi mandada três vezes, na verdade, até que não retornou e Noé soube que devia haver terra seca novamente. No entanto, ainda assim, o corvo foi o primeiro.

O modo como os quatro se viraram para ela boquiabertos teria feito justiça a qualquer comédia. Judith fechou o livro com um floreio.

– Foi tolice discutir a respeito – disse ela – e mais tolice ainda vir até aqui, durante o baile, para buscar a resposta. Mas Julianne estava certa, lorde Rannulf.

– Ora – adiantou-se ele, com um suspiro audível –, suponho que devo aceitar a derrota, então. De qualquer modo, é melhor assim. Teria sido pouco cavalheiresco de minha parte me vangloriar às custas de uma dama, caso estivesse certo. Embora ainda seja da opinião de que, na *minha* Bíblia, é uma pomba.

– Que diabo... – Horace começou a dizer.

– Julianne – Judith o interrompeu, pousando o livro –, *ainda* está lutando com o fecho desse bracelete? Não conseguiu fechá-lo, lorde Rannulf? Deixe-me tentar.

– Humpf – reclamou tio George. – Desço para ter um momento de paz e descubro que minha biblioteca foi invadida. Sua mãe sabe que você está usando o bracelete dela, Julianne? Imagino que saiba. Um conselho, Bedwyn: nunca discuta com uma dama. Elas estão sempre certas.

Se fosse possível pintar um trovão de uma forma visível, pensou Judith, com certeza teria uma grande semelhança com a expressão no rosto de Horace. Ela o encarou por um instante e viu intenções assassinas nos olhos dele.

– Vou manter isso em mente – concordou lorde Rannulf. – Essa com certeza foi a última vez em que discuti sobre corvos e pombas.

Julianne, que estava com o rosto muito pálido, afastou o braço de Judith com um rompante, lutou com o fecho do bracelete, não conseguiu fechá-lo, então arrancou-o e jogou de volta na mesa onde o encontrara.

– Horace, leve-me até a mamãe. Acho que vou desmaiar.

– Acho melhor voltar a meus deveres – falou tio George com um suspiro.

Um momento depois, os três haviam saído, levando a vela com eles e deixando a porta aberta.

– Que livro *era* aquele? – perguntou lorde Rannulf depois de alguns momentos de silêncio.

– Não tenho ideia – retrucou Judith. – Estava escuro demais para que eu conseguisse distinguir um título do outro.

– Você tem *certeza* de que o primeiro pássaro a voar da arca foi um corvo? – perguntou ele, de novo. – Eu apostaria em uma pomba.

– E perderia. Sou filha de um reverendo.

– Suponho que foi uma armadilha para que Sir George Effingham acreditasse que eu estava comprometendo a filha dele – comentou ele.

– Sim.

– Que descuido de minha parte... Quase funcionou. Achei que a garota atrevida era tola e tediosa, mas inofensiva.

– Horace não é – lembrou ela. – Nem tia Louisa.

– Judith – Lorde Rannulf estava caminhando na direção dela –, você me salvou de ser condenado a uma vida miserável. Como posso lhe agradecer?

– Estamos quites – disse Judith. – Você me salvou na semana passada, no caramanchão. Eu o salvei esta semana.

– Sim.

As mãos dele estavam sobre os ombros dela, quentes, sólidas. Quando começara a chamá-la pelo primeiro nome? Já havia feito isso antes? Judith fixou o olhar no elaborado nó da gravata dele, mas apenas por um momento. Logo o rosto de Rannulf ocupou o campo de visão dela e, então, sua boca capturou a de Judith.

Foi um beijo profundo, embora as mãos dele não se afastassem dos ombros delicados, e as dela não fizessem mais do que agarrar as lapelas do paletó de noite dele. Ele brincou com os lábios dela até abri-los com os dele. A língua de Rannulf entrou na boca de Judith, preencheu-a, possuiu-a, e ela a recebeu, aprofundando ainda mais o beijo.

Judith se sentia como alguém que estava morrendo de fome e, subitamente, se visse diante de um banquete. Nunca conseguiria se saciar dele. Podia sentir o cheiro familiar da colônia que ele usava.

Então a boca de Rannulf se afastou da dela. Ele a observava na biblioteca iluminada pela luz do luar.

– Temos que voltar lá para cima, antes que alguém note sua ausência. Obrigado, Judith. O tempo entre agora e a última dança irá parecer muito tedioso, na verdade.

Ela tentou não levar a sério demais as palavras de Rannulf. Ele estava aliviado por ter escapado por pouco da armadilha. Estava grato a ela. Havia lembrado do tempo que passaram juntos, quando pensara que ela era Claire Campbell, atriz e cortesã experiente. Era só isso.

CAPÍTULO XVII



Judith teve muito pouco tempo para reorganizar seus pensamentos e emoções.

Poucas pessoas repararam em seu retorno ao salão de baile de braço dado com lorde Rannulf, mas tia Effingham com certeza reparou, e a expressão em seu rosto não prenunciava boas coisas para a sobrinha mais tarde. Julianne havia, de algum modo, se cercado de cavalheiros, já que a valsa acabara de terminar, e ria e se agitava no meio deles. Tio George estava de volta a seu grupo de cavalheiros mais velhos, retomando a conversa. De Horace, não havia sinal.

– Mas onde estava, Rannulf? – perguntou Lady Beamish quando ele acompanhou Judith até o lado da avó dela. – Em um instante, o vi valsando, no instante seguinte tinha sumido.

– Srta. Effingham subitamente deu falta do bracelete que usava – explicou ele –, e a Srta. Law foi gentil o bastante para nos ajudar a procurá-lo. Felizmente, o descobrimos no exato lugar em que a Srta. Effingham imaginara tê-lo deixado.

A avó de Judith sorriu, mas Lady Beamish olhou de um para outro com uma expressão atenta. É claro, pensou Judith, que a avó de Rannulf devia estar ansiosa para promover o casamento entre o neto e Julianne. Ela provavelmente ficara desapontada por a corte não estar evoluindo mais rápido.

Então, lorde Rannulf se afastou para convidar uma jovem dama para dançar. Pelo que Judith sabia, a moça dançara apenas uma vez durante a noite, e o Sr. Tanguay chegou para chamar Judith para a dança que haviam combinado.

Judith sorriu e dirigiu sua atenção a ele, mas foi muito difícil fazer isso, quando seu coração ainda martelava no peito por causa das tensões dos últimos quinze minutos.

Ela estava rindo quando a dança terminou. Fora uma dança vigorosa, com passos e padrões intrincados. Mas o Sr. Tanguay não teve a oportunidade de acompanhar Judith de volta ao lugar em que estava a avó dela. Antes disso, Branwell apareceu diante deles e pegou o braço da irmã.

– Com licença, por favor, Tanguay. Preciso conversar com minha irmã por um minuto.

Ela encarou Branwell, surpresa. Embora houvesse trocado olhares e sorrisos com ela e houvesse até lhe dado uma piscadela divertida ao longo da noite, estivera ocupado demais se divertindo com outras jovens damas para ir atrás da irmã com intuito de conversar. Branwell ainda sorria, mas havia certa rigidez em seus lábios. Estava mais pálido do que o normal e seus dedos apertavam quase dolorosamente o braço da irmã.

– Jude – disse Branwell quando os dois já se encontravam do lado de fora do salão de baile, depois de se certificar de que não poderiam ser ouvidos –, só queria que soubesse que estou indo embora. Agora. Esta noite.

– Do baile? – Ela o encarou sem compreender.

– De Harewood.

Ele sorriu e acenou com a cabeça para Beatrice Hardinge, que passava de braço dado com um jovem desconhecido.

– De Harewood? – Judith estava ainda mais perplexa. – Esta noite?

– Effingham acaba de ter uma conversa comigo – explicou Branwell. – Parece que mais alguém esteve aqui uns dois dias atrás exigindo que eu pagasse alguma conta insignificante. Effingham pagou ao homem sem sequer me informar. Agora ele quer o dinheiro de volta, assim como as 30 libras que lhe devo pela viagem

até aqui. É claro que pretendo pagar a Horace, mas não posso fazer isso agora. Ele foi muito maldoso sobre toda a história e me disse algumas coisas bastante ofensivas, não apenas sobre mim, mas sobre você também. Eu teria acertado um belo golpe no nariz dele, ou até mesmo o desafiado, mas como poderia fazer isso, Jude? Estou aqui como convidado de tio George, e estamos cercados por outros convidados. Seria de profundo mau gosto fazer isso. Tenho que partir, isso é tudo.

– Mas esta noite, Bran? – Ela agarrou a mão do irmão. Ah, sabia muito bem o motivo de tudo aquilo. Como Horace ousava descontar toda sua raiva e frustração no irmão dela? – Por que não esperar ao menos até de manhã?

– Não posso – teimou Branwell. – Tenho que ir agora. Assim que trocar de roupa. Há um motivo.

– Mas no meio da noite? Ah, Bran, o que vai fazer?

– Não se preocupe comigo – disse ele, agitado, soltando a mão dela. – Tenho um... esquema. Conseguirei fazer minha fortuna em pouco tempo, prometo a você. Pagarei a papai todo o dinheiro extra que gastou comigo ultimamente e vocês, meninas, ficarão em segurança. Tenho que ir, Jude. Não devo me demorar mais.

– Deixe-me ao menos subir com você.

– Não, não. – Ele olhou ao redor, obviamente ansioso para partir. – Fique aqui, Jude. Quero desaparecer sem ser percebido. Pagarei o que devo a Effingham assim que puder, então acertarei outras contas com ele, pelo que disse a seu respeito.

Branwell inclinou a cabeça e deu um beijo no rosto da irmã. Ela o observou se afastar com certo desalento e uma forte sensação de mau presságio. Branwell devia uma grande quantidade de dinheiro a muitas pessoas e agora essas pessoas incluíam Horace...

Ele se esgueirava no meio da noite, convencido de que encontrara um modo de fazer fortuna rapidamente e, assim, se livrar das dívidas. Branwell com certeza só estava se afundando ainda mais.

E, no processo, arruinaria a família por completo.

Foi com o coração pesado que Judith voltou ao salão. Nem mesmo a perspectiva da última dança com lorde Rannulf Bedwyn

conseguiu animá-la.

E Judith estava prestes a se desapontar ainda mais em poucos minutos.

– Judith – disse a avó, pegando a mão dela e apertando-a –, minha querida Sarah não está se sentindo nada bem. Está frio demais aqui, com as portas e janelas abertas, eu acho, e também muito barulhento. Talvez você devesse chamar lorde Rannulf.

– Não há mesmo necessidade de tanta preocupação, Gertrude – falou Lady Beamish. – Já me sinto melhor desde que você abanou meu rosto.

Mas, olhando para ela, Judith percebeu que a velha senhora, de complexão sempre pálida, tinha a pele de um tom acinzentado e sua postura sempre tão aprumada estava um tanto decaída.

– A senhora está exausta, madame – disse Judith – e não é de se estranhar. Já passa da meia-noite. Com certeza devo buscar lorde Rannulf.

Não foi necessário. Ele logo apareceu. Rannulf se inclinou sobre a cadeira da avó e pegou uma das mãos dela.

– Está cansada, vovó? – perguntou ele, com tamanha gentileza no rosto e na voz que Judith sentiu o coração apertado. – Devo confessar que também estou. Vou pedir para que tragam a carruagem imediatamente.

– Que bobagem! Nunca saí cedo de um baile em toda minha vida. Além do mais, ainda restam duas danças, e duas jovens damas com as quais você comprometeu seu tempo.

– Não estou comprometido com ninguém para a próxima dança – retrucou Rannulf – e a Srta. Law seria minha parceira para a última dança. Estou certo de que ela me perdoará.

– É claro que sim. – Judith assegurou a ambos.

Lady Beamish encarou Judith, o olhar ainda agudo apesar da fraqueza óbvia.

– Obrigada, Srta. Law – disse ela. – É tão graciosa quanto é gentil. Muito bem, então, Rannulf, você pode chamar a carruagem. Gertrude, minha querida, terei que abandoná-la.

A avó de Judith riu.

– Eu mal consegui manter os olhos abertos durante a última meia hora. Assim que a próxima dança acabar, pedirei a Judith para me ajudar a subir para meu quarto. Então Judith poderá retornar para a última dança se quiser. Foi uma noite muito agradável, não foi?

– Srta. Law – chamou lorde Rannulf –, se incomodaria de me ajudar a encontrar um criado que leve um recado aos estábulos?

Alguém da importância dele não teria a menor dificuldade de encontrar um criado e atrair sua atenção, é claro. O recado foi rapidamente mandado e Judith aproveitou a oportunidade para pedir ao mesmo rapaz que mandasse Tillie ao quarto da avó. Mas lorde Rannulf quisera conversar com ela em particular. Eles ficaram parados do lado de fora do salão de baile, quase no mesmo lugar onde Judith conversara com Branwell pouco tempo antes. Lorde Rannulf cruzou as mãos nas costas e se inclinou um pouco na direção de Judith.

– Lamento muito pela última dança.

– Não somos crianças para fazer pirraça quando somos privados de um prazer aguardado.

– Talvez você seja uma santa, Judith – comentou lorde Rannulf, os olhos semicerrados mostrando a antiga expressão zombeteira. – Eu não sou. Poderia ter um ataque de pirraça agora mesmo, no meio do salão, me deitar de costas e ficar batendo os pés no chão, agitando os punhos e praguejando vilmente.

Ela deu uma gargalhada animada e ele inclinou a cabeça para o lado, com um leve sorriso nos lábios.

– Você foi criada para o riso e para a felicidade – comentou. – Posso visitá-la amanhã?

Para quê?

– Estou certa de que todos ficariam encantados – respondeu Judith.

Lorde Rannulf a encarou com firmeza, uma ponta de zombaria no fundo do olhar.

– Está sendo obtusa. Perguntei se poderia visitar você, Judith.

Ele só poderia ter uma intenção, mas lorde Rannulf já pedira antes, de um modo que Judith achara ofensivo, e ela respondera

com firmeza que não. Isso fora duas semanas antes e muita coisa acontecera nesse meio-tempo. Muita coisa mudara, embora talvez nada tenha mudado mais do que a opinião que Judith tinha dele. Será que a opinião de lorde Rannulf sobre ela poderia ter mudado também? Ela ainda era a filha pobre de um clérigo. Pior, agora estava realmente pobre, enquanto lorde Rannulf era filho de um duque e o segundo na linha de sucessão ao título.

– Se quiser.

Judith percebeu que respondera em um sussurro, mas ele ouvira.

Lorde Rannulf inclinou-se em uma profunda cortesia, então os dois voltaram juntos para o salão de baile. Ele ajudou a avó a ficar de pé, passou o braço dela com carinho pelo dele e guiou-a na direção de tia Effingham, cujas plumas nos cabelos balançavam com graciosidade ao se despedir dos dois.

Judith sentou-se na cadeira de onde Lady Beamish acabara de levantar e se perguntou se o resto da noite seria longa o bastante para que ela digerisse o que acontecera até ali.

– Não se preocupe, Judith, meu amor – disse a avó, pousando a mão gorducha sobre as mãos da neta, que estavam no colo, e dando um tapinha carinhoso nelas. – Não tenho a intenção de deixar o salão de baile antes que a última nota musical morra. Mas não queria que Sarah se preocupasse por me abandonar. Temo que esteja muito doente já há algum tempo, embora minha amiga nunca comente sobre sua saúde.

Assim, Judith esteve presente à última dança e teve como parceiro lorde Braithwaite, novamente, embora tivesse preferido já ter se retirado para o próprio quarto. A preocupação com Branwell se misturava com a ansiedade e a euforia que sentia ao pensar na visita do dia seguinte, e ela ainda precisava, ao mesmo tempo, sorrir e responder à conversa com um leve tom de flerte de lorde Braithwaite.



Um baile longo era um evento raro no campo. Muitos dos convidados que não estavam hospedados na casa partiram antes mesmo que a última dança terminasse. Nenhum convidado se demorou muito além disso nem a orquestra. Apenas a família, os hóspedes da casa e alguns criados ainda se encontravam no salão quando uma pequena comoção foi ouvida do lado de fora das portas.

A voz de Tillie podia ser ouvida acima do tom mais baixo e arrogante do mordomo.

– Mas eu preciso falar com ela *agora* – dizia Tillie, perturbada com alguma coisa. – Já esperei muito tempo. Talvez tempo demais.

O mordomo argumentou, mas a avó de Judith, que acabara de se levantar, apoiada no braço da neta, olhou na direção das portas um tanto surpresa.

– Tillie, qual é o problema? Entre aqui, venha.

Todos pararam para ver e ouvir enquanto Tillie entrava apressada no salão de baile, torcendo as mãos, o rosto tenso.

– São suas joias, madame.

– O que houve com elas? – perguntou tio George, adiantando-se.

– Sumiram! – anunciou Tillie em um tom que teria feito inveja a uma heroína trágica. – Todas sumiram. Quando entrei em seu quarto, a caixa estava aberta, virada de cabeça para baixo no chão e não havia sinal de uma única peça, a não ser as que a senhora está usando.

– Bobagem, Tillie – disse Horace, colocando-se ao lado do pai. – Imagino que as joias estivessem espalhadas mais cedo, na pressa de vovó em ficar pronta a tempo para o baile, e você deve tê-las colocado em uma gaveta qualquer para serem arrumadas direito mais tarde. Deve ter se esquecido disso.

Tillie retrucou com toda a dignidade que tinha:

– Eu não teria feito uma coisa dessas, senhor. Não virei a caixa e, se o *tivesse* feito, teria recolhido cada peça e colocado tudo em seu devido lugar.

A patroa de Tillie, enquanto isso, apertava a mão de Judith com tanta força que os vários anéis se cravavam dolorosamente na pele

da neta.

– Sumiram, Tillie? *Roubadas?*

Foi como se todos no salão estivessem esperando apenas por essa palavra para começarem a falar. O burburinho e a agitação foram crescendo.

– Não há ladrões nesta casa – disse tia Effingham, de forma ríspida. – Que ideia! Você precisa procurar com mais cuidado, Tillie. Elas devem estar em *algum lugar*.

– Já procurei por toda parte, madame – retrucou Tillie. – *Três vezes*.

– Havia várias pessoas de fora aqui, hoje – comentou a Sra. Hardinge –, e alguns de seus criados.

– *Nós* também somos todos de fora. – O Sr. Webster a lembrou.

– Não podemos de modo algum suspeitar de nenhum de nossos convidados – disse tio George.

– *Alguém* roubou as joias de mamãe – falou tia Louisa ao marido. – Elas obviamente não desapareceram sozinhas.

– Mas quem teria um motivo? – perguntou a avó de Judith.

Branwell, pensou Judith, sentindo-se envergonhada no mesmo instante. Bran não roubaria. Será? Da própria avó? Mas não seria por isso mesmo que havia justificado seu ato como empréstimo e não roubo? Quem mais teria feito isso? Bran fora acuado naquela noite. E deixara Harewood no meio da noite. Estava agitado demais. Não quisera que Judith subisse com ele ou que o visse partir. Branwell. Com certeza fora Bran. E logo todos perceberiam isso. Judith sentiu-se tonta e teve que se concentrar para não desmaiar.

– Quem está com o dinheiro curto? – perguntou Horace. – E quem teve a oportunidade? Quem sabia onde vovó guardava suas joias e teria sido ousado o bastante para entrar lá e pegá-las?

As palavras dele pairaram no ar como uma obscenidade. Ninguém respondeu. *Branwell*. Judith tinha a sensação de que o nome gritava a si mesmo no silêncio.

– Talvez não tenha sido um convidado de fora – continuou Horace. – A menos que fosse um homem muito ousado, ou que tivesse um cúmplice na casa. Como alguém poderia saber o cômodo certo? Como daria cabo da tarefa sem ser descoberto? Ou

sem que sentissem sua falta no salão de baile? Alguém ficou longe do salão de baile por algum tempo?

Branwell.

Todos pareceram falar ao mesmo tempo. Cada um tinha uma opinião, uma sugestão ou um comentário sobre o possível ladrão. Judith inclinou a cabeça para falar com a avó.

– Vamos sentar, vovó? A senhora está tremendo.

As duas se sentaram e Judith esfregou as mãos da velha dama.

– Elas serão encontradas. Não se preocupe.

Mas quão longe Branwell já estaria àquela altura? E para onde partiria? O que faria com as joias? Será que as empenharia ou venderia? Ainda devia lhe restar alguma honra. Branwell faria tudo de forma a conseguir recuperar as joias. Mas como seriam resgatadas?

– Não é tanto pelo valor das joias – disse a avó –, mas pelo fato de ter sido seu avô quem as deu de presente. Quem poderia me odiar tanto, Judith? Um ladrão entrou *em meu quarto*. Como poderei entrar lá e me sentir segura?

A voz da velha dama estava trêmula e ofegante.

Tio George e Horace voltaram a assumir o controle da situação. Mandaram o mordomo reunir todos os criados, para que pudessem ser interrogados. Judith quis levar a avó para cima, mesmo que fosse para o próprio quarto, onde a senhora poderia ficar quieta e Tillie levar uma xícara de chá para ela. Mas a avó não quis.

Era um longo e tedioso processo, que não levaria a lugar algum, pensou Judith durante a meia hora seguinte. O que mais a espantava era que mais ninguém dera falta de Branwell. Tio George perguntou a cada criado se estivera no andar dos quartos depois que o baile começara. Três deles haviam, incluindo a camareira em quem Judith esbarrara no caminho para o quarto. Todos tinham uma boa razão para estar onde estavam e todos trabalhavam em Harewood tempo o suficiente para serem julgados confiáveis.

– E mais ninguém subiu lá? – perguntou tio George com um suspiro.

– Se me der licença, senhor – disse a camareira. – A Srta. Law subiu.

Todos os olhos se voltaram na direção de Judith e ela se sentiu ruborizar.

– Fui trocar os brincos da vovó. Os outros a machucavam. Mas a caixa de joias estava no lugar de costume quando estive lá, com todas as joias dentro dela. Eu troquei os brincos e descii. O roubo deve ter acontecido depois disso. Foi... deixe-me lembrar. Foi entre a primeira e a segunda dança.

– Mas estava saindo do *seu* quarto, senhorita – continuou a criada. – Estava correndo e esbarramos uma na outra. Lembra-se?

– É verdade – confirmou Judith. – Os brincos que vovó queria estavam na minha bolsinha de noite, onde eu os deixara desde que estivemos em Grandmaison.

– Deve ter sido quando estava voltando para o salão de baile que quase esbarrou em mim, prima – comentou Horace. – Você parecia bastante ofegante, quase em pânico. Mas, sim, posso confirmar que isso foi entre a primeira e a segunda dança.

– Judith, meu amor. – A avó estava muito próxima das lágrimas. – Eu a mandei lá para cima e poderia tê-la mandado para a morte. E se tivesse esbarrado com o ladrão? Poderia ter levado um golpe na cabeça.

– Isso não aconteceu, vovó – disse Judith em um tom tranquilizador. Ela desejava *ter* esbarrado com Bran. Teria evitado todo aquele pesadelo.

– Ora, vamos ter que começar a procurar, isso é tudo.

– Que desagradável – falou tio George. – Não podemos revistar os quartos das pessoas. E o ladrão dificilmente esconderia as joias em algum dos cômodos de uso comum.

– Bem, por mim, não faço objeção que revistem *meu* quarto – ofereceu Horace. – Na verdade, papai, insisto que seja o primeiro a ser revistado.

– Se me permite a ousadia, Sir George – adiantou-se o mordomo –, ofereço meu próprio quarto para ser revistado, assim como os dos outros criados também, a menos que alguém faça objeção. Se for esse o caso, falem agora.

Os criados não se manifestaram. Qual deles, afinal, se recusaria a ter o quarto revistado quando isso acabaria atraindo

suspeitas sobre eles mesmos?

Lorde Braithwaite pigarreou.

– Pode revistar meu quarto também, senhor.

Houve murmúrios de assentimento por parte de todos os hóspedes, embora Judith imaginasse que alguns estivessem, no fundo, relutantes. Seria como uma violação revistar o quarto de alguém. Mesmo que por alguns minutos, aquela pessoa teria a sensação de ser suspeita de roubo. Mas ela manteve a boca fechada.

– Gostaria de ir para seu quarto, vovó? – perguntou Judith, após tio George, Horace, o mordomo e Tillie terem deixado o salão de baile. – Ou para o meu se preferir?

– Não. – A avó parecia desanimada. – Ficarei aqui. E torço para que *não* encontrem as joias. Não é uma tolice? Eu preferiria nunca mais vê-las de novo a saber que alguém nesta casa as roubou. Por que, seja quem for que fez isso, simplesmente não me *pediu*? Tenho tantas joias. Teria dado a qualquer parente, amigo ou criado em necessidade. Mas acho que as pessoas são orgulhosas demais para pedir, não é mesmo?

Julianne soluçava nos braços da mãe e parecia especialmente bela.

– Essa acabou se tornando uma noite horrorosa. Detestei cada momento, estou certa de que todos vão lembrar do baile como um desastre e nunca mais aceitarão outro convite nosso na vida.

Os criados permaneceram em silêncio. Os hóspedes se juntaram em pequenos grupos, todos constrangidos, falando em voz baixa. Outra meia hora se passou antes que a equipe de busca retornasse, todos parecendo muito sérios.

– Isso foi encontrado – disse tio George, no silêncio que caíra sobre o salão de baile. – Tillie as reconheceu. São da caixa de joias da minha sogra.

Ele ergueu a bolsa de veludo cor de vinho que costumava conter as joias mais valiosas. Estava vazia. Também ergueu um único brinco de diamante entre os dedos da outra mão.

O pequeno burburinho que se elevava morreu no mesmo instante.

– Alguém deseja dizer alguma coisa sobre esses itens? – perguntou tio George. – Eles foram encontrados no mesmo quarto.

No quarto de Branwell. Judith sentia-se nauseada.

Ao que parecia, ninguém desejava dizer nada.

– Judith – falou tio George, a voz baixa e sem expressão –, a bolsa foi encontrada no fundo de uma das gavetas de sua cômoda. O brinco estava no chão, quase fora de vista, atrás da porta.

Judith sentiu como se estivesse olhando para um túnel longo e escuro. Era como se a mente dela ainda estivesse se esforçando para decodificar os sons que haviam acabado de ser pronunciados, como se tentasse tirar algum sentido deles.

– Onde escondeu o resto, Judith? – perguntou ele, a voz ainda sem expressão. – Não estão em seu quarto.

– O quê?

Judith não tinha certeza de que algum som saíra de sua boca. Não sabia se seus lábios haviam formado palavras.

– Não adianta fingir que houve algum mal-entendido – continuou tio George. – Você roubou joias valiosas de sua avó, Judith.

– Ah, sua garota ingrata e perversa! – gritou tia Effingham em uma voz estridente. – Depois de tudo o que fiz por você e por sua família inútil. Você será punida, acredite em mim. Criminosos já foram enforcados por menos do que isso.

– Devemos chamar o condestável, papai – disse Horace. – Peço perdão a todos por termos que lavar a roupa suja da família assim em público. Se ao menos tivéssemos desconfiado que fora Judith, teríamos nos apressado a subir e esperado até que todos estivessem na cama, antes de investigarmos. Mas como saberíamos?

Judith se pôs de pé sem se dar conta do que fazia.

– Eu não peguei nada!

– É claro que não pegou – falou a avó, pegando a mão de Judith. – Com certeza houve algum mal-entendido, George. Judith seria a última pessoa que me roubaria.

– Mas ela não tem um tostão para chamar de seu, vovó – disse Julianne em um tom zombeteiro. – Tem, Judith?

– E o irmão dela está afundado em dívidas – revelou Horace. – Devo confessar que suspeitei *dele* quando Tillie apareceu aqui falando do sumiço das joias. Alguém percebeu que ele desapareceu no meio do baile? Temo que tenha sido porque lembrei a ele de uma dívida insignificante que tem comigo. Realmente achei que havia feito algo tolo, embora odeie dizer isso em voz alta. Mas parece que foi Judith.

– Ou Judith em conluio com Branwell – sugeriu tia Effingham. – Foi isso, garota má? Por isso as joias não estão em seu quarto? Seu irmão fugiu com elas?

– Não, não, não! – gritou a avó. – Judith não fez nada de errado. Aquela bolsa... eu dei para Judith guardar algumas de suas próprias coisas. E o brinco. Judith sempre os guarda para mim quando machucam minhas orelhas, exatamente como fez com os que estou usando agora. Ela deve ter deixado cair um quando os trouxe de volta para mim e não percebemos.

– Não foi nem uma boa tentativa, minha sogra – disse tio George na mesma voz sem expressão. – Acho que devemos ir todos para a cama agora e tentar dormir. Judith enfrentará a questão de manhã. Ninguém terá que sofrer o constrangimento de vê-la de novo. Creio que o melhor a fazer é mandá-la para casa, para que o pai lide com ela. Enquanto isso, teremos que mandar alguém procurar Branwell.

– Papai – falou Horace –, ainda acho que um homem da lei deveria...

– Não faremos com que Judith seja jogada em uma cela, para criar um escândalo sórdido que fará a fofoca se espalhar por todo o campo – retrucou tio George com firmeza.

Judith levou ambas as mãos à boca. Aquilo era terrível demais até para ser um pesadelo.

– Espero que meu irmão use o chicote em você – disse tia Effingham –, como já deveria ter feito anos atrás. Aliás, vou escrever para ele dando essa sugestão. E espero que a tranque no quarto esta noite, Effingham, para que não nos roube tudo enquanto dormimos.

– Não sejamos melodramáticos – declarou tio George. – Judith, vá para seu quarto agora e fique lá até ser chamada de manhã.

– Vovó...

Judith se virou e estendeu as mãos, mas a avó tinha as próprias mãos cruzadas com força no colo e não levantou os olhos.

– Branwell está com dívidas – disse a avó tão baixo que ninguém a não ser Judith ouviu – e você não me contou. Eu teria *dado* a ele algumas de minhas joias se houvessem me pedido. Não sabia disso?

A avó acreditava neles. Acreditava que Judith conspirara com Bran para roubá-la. Aquilo foi o pior de tudo.

– Eu não fiz isso, vovó – sussurrou Judith e viu uma lágrima pingar nas mãos da velha dama.

Mais tarde, não saberia dizer como saiu do salão de baile e subiu para o próprio quarto. Mas ficou de pé contra a porta fechada, depois de entrar, por um longo tempo, as mãos agarrando com força a maçaneta às suas costas, como se o peso de seu corpo fosse tudo o que restara entre ela e o universo que desmoronava ao seu redor.

CAPÍTULO XVIII



Sem dúvida era cedo demais para fazer uma visita social, pensou Rannulf, enquanto cavalgava pelo longo caminho que levava a Harewood Grange, ainda mais na manhã seguinte a um baile. Mas desde o amanhecer andara de um lado para o outro no quarto, como um urso enjaulado. Mesmo depois de descer, Rannulf permaneceu incapaz de se concentrar em qualquer coisa, embora tivesse cartas para responder e outro livro de contas para examinar.

Então, fora cedo para Harewood, na esperança de encontrar Sir George Effingham já de pé e confiante de que Judith não estaria mais na cama. Será que ela também tivera dificuldade para dormir na noite passada? Judith não poderia ter entendido errado as claras intenções dele. Como ela se sentia? Que resposta planejava lhe dar?

Se negasse mais uma vez, ele teria que aceitar a derrota.

Era uma perspectiva sombria, mas Rannulf se agarrou à esperança de que não havia imaginado aquela atração magnética entre os dois. *Com certeza* não fora imaginação dele. Mas seu coração batia acelerado, com uma ansiedade fora do comum, quando entrou no pátio do estábulo, deixou Bucephalus sob os cuidados de um cavaleiro e caminhou na direção da casa.

– Pergunte a Sir George se posso dar uma palavra em particular com ele – disse Rannulf para o criado que abriu a porta.

Um minuto mais tarde, foi levado à biblioteca, a mesma onde quase encontrara um destino cruel na noite da véspera. Sir George estava sentado diante de uma grande mesa de carvalho, aborrecido. Raramente tinha outra expressão, pensou Rannulf. Era a imagem de um homem descontente com seu círculo familiar, ainda que também não se sentisse contente na própria companhia.

– Bom dia, senhor – disse Rannulf. – Acredito que todos tenham dormido bem depois da diversão da noite passada?

Sir George grunhiu.

– Você chegou cedo, Bedwyn. Não tenho certeza se Julianne e os outros já se levantaram. Mas seu assunto é comigo, certo?

– Sim, senhor – explicou Rannulf. – Gostaria de sua permissão para ter uma conversa em particular com sua sobrinha.

– Com Judith?

Sir George franziu o cenho e a mão alcançou uma pena de escrever com a qual ficou brincando.

– Pensei que talvez pudesse acompanhá-la em uma caminhada ao ar livre – continuou Rannulf. – Com sua permissão, é claro, e se for da vontade dela.

Sir George pousou a pena de volta.

– Você chegou tarde. Ela já partiu.

– *Partiu?*

Rannulf sabia que Judith seria mandada para casa, mas assim, tão de repente? Teria sido por causa do modo como ela frustrara o esquema de casamento da prima?

Sir George deixou escapar um profundo suspiro, recostou-se e indicou a cadeira diante da mesa para que o convidado se sentasse.

– Suponho que não adiantará nada esconder o que aconteceu de você ou de Lady Beamish, embora esperasse manter os detalhes sórdidos longe dos ouvidos de nossos vizinhos. As joias de minha sogra foram roubadas em algum momento durante a noite passada e encontramos no quarto de Judith evidências claras e incontestáveis de que foi ela a culpada. Judith também foi vista saindo apressada do próprio quarto durante o baile, quando não tinha razão para estar lá e, logo depois disso, Branwell Law desapareceu. Deixou Harewood sem dizer uma palavra a ninguém.

Rannulf permaneceu sentado, muito quieto.

– Judith passou a noite confinada no próprio quarto – continuou Sir George –, embora eu tenha me recusado a trancá-la ou a manter alguém de guarda. Parecia aviltante para toda a família tratá-la como uma prisioneira. Eu tinha a intenção de mandá-la para casa em minha própria carruagem esta manhã, levando uma carta para o pai. *Esta* carta. – Ele deu um tapinha em um papel dobrado e lacrado na mesa. – Mas, quando bati à porta do quarto dela, não houve resposta. O quarto estava vazio. A maior parte dos pertences de Judith ainda está lá, mas Judith fugiu.

– O senhor acha que ela voltou para casa? – perguntou Rannulf.

– Duvido – respondeu Sir George. – Meu cunhado é um homem rígido. Não é do tipo para o qual uma mulher na situação embaraçosa dela correria voluntariamente. Para mim, o irmão e ela tinham planos de se encontrar em algum lugar e dividir o produto do roubo. Aquelas joias devem valer uma enorme fortuna, embora minha sogra tenha me permitido colocar as mais valiosas em um lugar seguro.

– O que planeja fazer agora?

– Eu gostaria de não fazer nada – confessou Sir George com franqueza. – Eles são sobrinhos de Lady Effingham e netos de minha sogra. Mas as joias precisam ao menos ser recuperadas. É tarde demais para tratar a questão com discrição. Acredito que os dois terão que ser levados à justiça e que passarão algum tempo na cadeia. Não é uma perspectiva agradável.

Sir George suspirou.

– Vamos manter o assunto em sigilo o máximo de tempo que pudermos, embora com uma casa cheia de criados e hóspedes eu ouse dizer que é mais fácil tentar amordaçar o vento. Meu filho irá atrás deles amanhã de manhã, depois que nossos hóspedes partirem. Ele acredita que o destino mais provável dos dois seja Londres, já que estão carregando joias. Horace os perseguirá e os deterá se tiver sorte... se *todos nós* tivermos sorte. No entanto, é mais provável que precise usar os serviços da força policial de Londres.

Eles ficaram sentados por mais algum tempo, em silêncio, então Rannulf se levantou abruptamente.

– Já o incomodei demais, senhor. Fique descansado que ninguém, à exceção de minha avó, saberá sobre esse assunto.

– É muito decente da sua parte. – Sir George também se levantou. – É uma história repulsiva.

Rannulf desceu o caminho da casa ainda mais rápido do que subira. Deveria ter imaginado que algo desse tipo pudesse acontecer. Ele mesmo chegara muito perto de cair em uma armadilha que o obrigaria a se casar com a Srta. Effingham e nem era o inimigo principal no que dizia respeito a Horace. Fora por Judith que o homem fora mais humilhado. Foi a ela que ele puniu seriamente.

E fora um castigo sujo.

A avó de Rannulf estava em sua sala particular, escrevendo uma carta. Ela sorriu para ele e pousou a pena quando o neto pediu para entrar.

– Que delícia ver o sol brilhando, não? Anima a alma.

Rannulf atravessou o quarto na direção dela e pegou a mão da avó

– Vovó, devo partir por alguns dias.

– Ah... – Ela continuou a sorrir, mas algo havia se apagado em seus olhos. – Sim, é claro, você está inquieto, eu compreendo.

Ele levou a mão dela aos lábios.

– Alguém roubou as joias da Sra. Law ontem à noite, durante o baile – explicou Rannulf –, e a culpa recaiu em Judith Law. Foram encontradas evidências no quarto dela.

– Ah, não, Rannulf, não é possível.

– Judith Law fugiu em algum momento durante a noite, se fazendo parecer, eu suponho, ainda mais culpada.

A avó o encarou.

– Jamais acreditaria em uma coisa assim da Srta. Law. Mas pobre Gertrude. Aquelas joias têm grande valor sentimental para ela.

– Também não acredito que tenha sido Judith – disse Rannulf. – Vou atrás dela.

– Ela é Judith para você, então, Rannulf?
– Fui até Harewood esta manhã para pedi-la em casamento.
– Bem. – A vivacidade usual estava de volta à voz dela. – Nesse caso, é melhor não se demorar.

Quinze minutos mais tarde, ela estava de pé no terraço, a postura muito reta, sem se apoiar em nada, acenando, enquanto o neto saía a cavalo do pátio do estábulo.



Judith deveria estar assustada, mas não permitia que sua mente se concentrasse no apuro em que se encontrava. Estava sozinha, levando apenas uma pequena bolsa com seus pertences essenciais, a caminho de Londres, onde esperava chegar depois de caminhar por uma semana, talvez duas. Não tinha ideia de quanto tempo levaria. Não possuía dinheiro para comprar uma passagem para a diligência ou uma noite em uma estalagem. Mesmo que chegasse a Londres, não sabia como encontraria Branwell, ou se seria tarde demais para recuperar as joias e levá-las de volta para a avó.

Enquanto isso, havia a possibilidade de estar sendo perseguida. Por tio George, algum homem da lei ou, pior de tudo, Horace. Como fugira de Harewood, provavelmente não teria mais a opção de voltar para casa do pai. Pensando bem, a prisão seria uma alternativa melhor. Como poderia encarar o pai quando era impossível provar sua inocência?

Não, fora exatamente a ideia de encarar a terrível desgraça de voltar para casa e de ver Bran ser derrubado do pedestal que sempre ocupara que convencera Judith, na primeira luz do dia, a fugir. Ficara surpresa por ter sido tão fácil, já que esperava encontrar alguém de guarda do lado de fora, ou ao menos no hall do andar de baixo.

Judith se recusou a sucumbir ao medo. Afinal, de que adiantaria? Seguiu andando com dificuldade pela estrada, em uma tarde que ficava mais quente a cada minuto, concentrando-se em colocar um pé diante do outro e em viver um momento de cada vez. É claro que era mais fácil falar do que fazer. Ela seguira por 3 ou 4 quilômetros na carroça de um fazendeiro que fora gentil o bastante para compartilhar com ela o pão seco e duro que levava. Desde então, Judith bebera apenas água em um pequeno riacho e começava a sentir o estômago roncar de fome e a cabeça um pouco tonta. Os pés estavam inchados e provavelmente se enchiam de bolhas. A bolsa parecia pesar uma tonelada.

Era difícil não sucumbir ao medo, que agora provocava um arrepio na espinha quando ouviu o som de cascos atrás de si. Era um único cavalo, não uma carruagem. Acontecera o mesmo várias vezes durante o dia, mas ela se escondera atrás de um arbusto até a estrada estar livre de novo. Judith esperou pelo alívio de ver um cavaleiro desconhecido passar por ela.

Mas esse cavalo não seguiu direto. Começou a andar a passo quando chegou perto de Judith e então seguiu por algum tempo ao lado dela. Ela rezava para estar imaginando aquilo. Não olharia, pensou Judith, preparando-se para... o quê? Chicote? Correntes? Um corpo se jogando em cima dela e prendendo-a no chão? O coração ecoava em seus ouvidos.

– Está dando um passeio à tarde? – perguntou uma voz conhecida.

Judith virou o corpo e levantou os olhos para lorde Rannulf Bedwyn, enorme e levemente ameaçador, montado a cavalo. Ele detivera o animal e olhava muito sério para ela, apesar da zombaria em suas palavras.

– Não é problema seu, lorde Rannulf – retrucou Judith. – Pode seguir viagem.

Mas para onde ele estava indo? De volta para casa?

– Você não compareceu a nosso compromisso esta manhã, então fui forçado a cavalgar atrás de você.

O compromisso deles. Ela esquecera completamente.

– Não me diga que se esqueceu? Isso seria muito desprezo de sua parte.

– Talvez eles não tenham lhe contado...

– Contaram, sim.

– Ora, então, pode cavalgar adiante, ou voltar, lorde Rannulf, como achar melhor. Não iria querer se associar a uma ladra.

– É isso o que você é? – perguntou ele.

Foi terrivelmente doloroso ouvi-lo fazer aquela pergunta.

– As evidências são esmagadoras.

– Eu sei, mas você é uma ladra particularmente sem talento, Judith. Afinal, deixou evidências do roubo em seu quarto, quando deveria ter imaginado que, mais cedo ou mais tarde, seria revistado.

Judith ainda não conseguia entender por que Bran pusera a bolsa no quarto dela. Ela *consequia* entender o brinco. Em pânico, provavelmente deixara o enfeite cair sem perceber. O piso era coberto por um tapete. O brinco não faria barulho ao cair. Mas a bolsa... A única explicação em que Judith conseguia pensar era que Bran imaginara que seria suspeito desde o primeiro instante, mas não pensara que o quarto da irmã seria revistado. Ele escondera a bolsa na cômoda, como uma espécie de confissão de culpa particular, para Judith, e um recado de que devolveria o que pegara assim que pudesse. Não era uma explicação muito satisfatória, mas ela não conseguia pensar em mais nenhuma.

– Não sou uma ladra.

– Eu sei.

Ele *sabia*? Acreditava nela? Ninguém mais acreditara.

– Para onde está indo? – perguntou Rannulf.

Ela o encarou.

– Para Londres, imagino. Uma longa caminhada...

– Não é problema seu – retrucou Judith. – Volte para Grandmaison, lorde Rannulf.

Mas ele se inclinou na sela e estendeu a mão para ela. Judith teve uma forte lembrança da última vez em que essa mesma cena acontecera e da primeira impressão que tivera na época: seu corpo sólido, os cabelos claros e ondulados sob o chapéu, mais longos do que a moda ditava. O rosto moreno, as sobrancelhas escuras, o

nariz grande, os olhos azuis... Não era de forma alguma um homem bonito, mas era inegavelmente atraente... Agora ele era apenas Rannulf e, pela primeira vez naquele dia, ela sentiu vontade de chorar.

– Pegue minha mão e pouse o pé sobre minha bota.

Judith balançou a cabeça, negando.

– Você sabe quanto tempo levará para caminhar até Londres?

– Não caminharei por todo o caminho – retrucou Judith. – E como sabe que Londres é meu destino?

– Você tem algum dinheiro? Não? Eu a levarei até Londres, Judith. E a ajudarei a encontrar seu irmão.

– Como sabe...?

– Me dê sua mão – repetiu Rannulf.

Ela se curvou à derrota. Ao mesmo tempo, se sentiu estranhamente confortada pelo fato de Rannulf saber o que acontecera, por sua insistência para que cavalgasse com ele. Judith seguiu a orientação dele e, em poucos instantes, estava novamente sentada diante do homem na sela, protegida pelos braços e pernas de Rannulf.

Como Judith desejava que o tempo pudesse voltar, que aquela aventura que vivera três semanas antes pudesse ser vivida de novo e que o que se seguira pudesse ser mudado.

– O que vai fazer quando encontrarmos Branwell? – perguntou ela. – Entregá-lo às autoridades? Mandá-lo para a prisão? Ele poderia ser...

Judith não completou a ideia assustadora.

– Ele é culpado, então? – perguntou Rannulf.

– Meu irmão está afundado em dívidas e seus credores o seguiram até Harewood, pressionando-o a pagar.

– Todos os homens com dívidas roubam as joias das avós?

– Ele sabia das joias. Viu que ficavam na caixa. E brincou sobre como poderiam ajudá-lo a sair das dificuldades em que se encontrava. Na época, achei que fosse uma brincadeira. Então, na noite passada, Branwell me procurou no meio do baile para dizer que estava partindo, mas que, muito em breve, pagaria suas dívidas

e faria fortuna. Parecia muito agitado. E não parava de olhar ao redor, como se esperasse que alguém o atacasse e o detivesse.

– As evidências são esmagadoras – comentou Rannulf.

– Sim.

– No seu caso também, não?

Ela virou a cabeça rapidamente para encará-lo.

– Então você *acredita* que eu sou culpada! – exclamou. – Por favor, me deixe descer. *Me deixe descer.*

– Meu argumento é que as evidências às vezes mentem. Como no seu caso.

Ela olhou para ele.

– Então considera que Branwell seja *inocente*?

– Quem mais poderia ter pegado as joias? – perguntou ele. – Quem tinha um motivo?

– Ninguém – respondeu Judith, franzindo o cenho. – Nenhum dos convidados precisa de dinheiro.

– Exatamente – disse Rannulf. – Quem teria um motivo para arruinar você e seu irmão?

– Ninguém. – Ela franziu ainda mais o cenho. – Todos amam o charme e a natureza solar de Bran. Quanto a mim, ninguém...

– Existe ao menos uma possibilidade, não é mesmo? – sugeriu Rannulf quando os olhos dela se arregalaram.

– *Horace*?

A ideia era muito atraente, pois afastaria a culpa de Branwell.

– Ele tinha um plano terrível para mim – Rannulf a lembrou.

Mas Judith não poderia acreditar nessa teoria apenas porque era o que queria acreditar... A não ser pelo fato de que a bolsa de veludo em sua cômoda e o brinco no chão fariam muito mais sentido se Horace fosse o culpado.

– De qualquer modo, preciso encontrar Bran. Nem que seja apenas para alertá-lo. Preciso descobrir a verdade.

– Sim – concordou Rannulf –, você precisa. Quando foi a última vez que comeu alguma coisa?

– Esta manhã – respondeu Judith. – Não estou com fome.

– Mentirosa! Claire Campbell tentou essa mesma tática comigo. Você sabe que poderia muito bem morrer de fome por puro orgulho.

Dormiu esta noite?

Ela balançou a cabeça, negando.

– Percebe-se. Se eu estivesse vendo-a pela primeira vez, poderia me enganar achando que era uma mulher apenas levemente adorável.

Judith riu, mesmo contra a vontade, e teve que levar a mão várias vezes à boca para evitar bocejar.

Uma das mãos de Rannulf soltou os laços da touca que ela usava. Ele tirou a touca, a que dera a ela, e a prendeu na sela. Então, puxou Judith para junto do próprio corpo e apoiou a cabeça dela contra o ombro.

– Não quero ouvir mais nem uma palavra sua até que consiga encontrar uma estalagem respeitável na qual eu possa alimentá-la.

Ela não deveria ter se sentido tão confortável. Subitamente sentia-se cansada demais para saber. Sentia os músculos fortes e firmes dos ombros e do peito dele, e podia sentir o perfume da colônia de Rannulf. O chapéu proporcionava uma sombra bem-vinda. Ela se deixou entrar em um agradável estado entre o sono e a vigília e fantasiou estar segura no fundo de um barco viking, enquanto ele permanecia de pé, forte e protetor, na proa. Ou parado ao lado dela, no topo de um penhasco, enquanto seus cachos e a túnica saxã que usava oscilavam na brisa. Judith sabia que ele enfrentaria qualquer guerreiro que ousasse invadir suas terras e os derrotaria com as próprias mãos. Parecia um sonho, mas Judith sabia que estava consciente e tinha a habilidade de dirigi-lo para onde quisesse.

Ela queria pensar em Rannulf como o eterno herói de um conto de fadas.

CAPÍTULO XIX



Rannulf deixou passar uma estalagem. Judith cochilava em seu ombro e necessitava de sono tanto quanto precisava de comida. Ao chegar à estalagem seguinte, no entanto, acordou-a e insistiu para que comesse toda a comida que fosse colocada à sua frente.

Já era fim de tarde. Não chegariam a Londres naquela noite. Rannulf cogitou brevemente a possibilidade de contratar uma carruagem de aluguel e chegar até Ringwood Manor, em Oxfordshire. Aidan contara a ele uma vez, enquanto esperava o negócio da venda de sua patente, que Eve tinha uma forte tendência a acolher todo tipo de pessoas carentes e acabava empregando a maioria delas. Ela aceitaria Judith, mesmo se Aidan bisbilhotasse e a visse com desconfiança. Eve talvez conseguisse oferecer um pouco da tranquilidade de que Judith precisava.

No entanto, essa tranquilidade só viria parcialmente quando encontrasse o irmão e se convencesse de que ele não tivera participação no roubo das joias da avó. Sua paz de espírito só estaria completa quando as joias e o ladrão fossem encontrados e ela e o irmão fossem totalmente inocentados.

– É melhor irmos – disse ela, pousando a faca e o garfo sobre o prato vazio. – A que horas chegaremos a Londres? Você acha que Bran estará na hospedaria em que vem morando?

– Judith – argumentou Rannulf –, você está quase desmaiando de cansada.

– Preciso achá-lo – insistiu Judith. – Se foi ele mesmo quem pegou as joias, é preciso encontrá-lo antes que se desfaça delas.

– Não chegaremos lá esta noite.

Ela o encarou sem parecer compreender.

– E mesmo se conseguíssemos chegar, você estaria tão arrasada que não adiantaria muito. Estaria dormindo em pé. É quase o que está acontecendo agora.

– Continuo achando que vou acordar e descobrir que tudo não passou de um pesadelo. *Tudo* isso, as extravagâncias de Bran, a carta de minha tia convidando uma de nós para morar em Harewood, tudo o que aconteceu desde então.

Incluindo o que acontecera durante a viagem dela para a casa da tia? Rannulf a encarou em silêncio por alguns instantes. Seria possível que, ainda na noite passada, estivesse convencido de que Judith aceitaria feliz o pedido de casamento que ele pretendia fazer?

– É melhor ficarmos aqui esta noite – insistiu ele. – Você pode descansar e estará pronta para partir amanhã cedo.

Judith cobriu o rosto com as mãos e balançou a cabeça, mas, quando levantou os olhos para ele, sua expressão era de cansaço e resignação.

– Por que você veio atrás de mim?

Rannulf deu um leve sorriso.

– Considerando o quase desastre com a Srta. Effingham na noite passada, talvez precisasse de uma desculpa para evitar futuras visitas a Harewood Grange. Talvez estivesse cansado de ficar encarcerado no campo. Talvez não tenha apreciado a ideia de Horace Effingham ser o único a vir atrás de você.

– *Horace* está vindo atrás de mim?

– Você está a salvo comigo, mas prefiro que fiquemos no mesmo quarto esta noite. Repito... você está *segura* comigo. Não a forçarei a nada.

– Você nunca forçou. Estou cansada demais para me levantar desta cadeira. Talvez eu simplesmente passe a noite aqui.

Judith deu um sorriso fraco.

Rannulf levantou e foi procurar o estalajadeiro. Então, pediu um quarto em nome do Sr. e da Sra. Bedard e voltou para a sala de refeições, onde Judith ainda estava sentada, os cotovelos pousados na mesa, o queixo apoiado nas mãos.

– Venha – disse ele, pousando a mão sobre os ombros dela e massageando levemente seus músculos tensos. Rannulf pegou a bolsa dela com a outra mão.

Judith ficou de pé sem dizer uma palavra e seguiu na frente dele pelas escadas, até o quarto indicado.

– Já vão trazer água quente – avisou Rannulf. – Você tem tudo de que precisa?

Ela assentiu.

– Durma – orientou Rannulf. – Vou descer e ficar mais algum tempo lá embaixo para não perturbá-la. Dormirei no chão quando voltar.

Ambos encaravam o chão de madeira.

– Não há necessidade.

Havia toda a necessidade. Nunca forcara nenhuma mulher a ter relações sexuais com ele. Seu apetite sexual, embora saudável, nunca foi incontrolável. Mas ele era humano. Mesmo cansada, empoeirada e desalinhada, Judith era um banquete para seus olhos.

– Durma – repetiu Rannulf – e não se preocupe com nada.

Era mais fácil dizer do que fazer, admitiu para si mesmo quando deixou o quarto e desceu para a taverna, onde se posicionou estrategicamente, a fim de poder ver a entrada para o pátio do estábulo. Mesmo se conseguissem encontrar o irmão de Judith e o rapaz alegasse inocência, como Rannulf tinha quase certeza de que aconteceria, ainda haveria o enorme problema de prová-la para o resto do mundo. E mesmo se *conseguissem* fazer isso, o irmão ainda seria um perdulário, tão afundado em dívidas que arruinaria a própria família.

Rannulf se perguntou se *ele* mesmo teria sido tão fútil e gastador se não tivesse uma fortuna pessoal para financiar seus maus hábitos. E não tinha plena certeza da resposta...



Judith se lavou da cabeça aos pés com água quente e sabonete e vestiu a camisola que colocara na bolsa. Então, deitou na cama, quase zozza de cansaço, certa de que iria adormecer assim que encostasse a cabeça no travesseiro.

Não foi o que aconteceu.

Milhares de pensamentos e imagens, todos muito deprimentes, não paravam de girar em sua mente. Por duas horas, Judith se virou de um lado para o outro na cama, inquieta. Estava quase chorando de exaustão e de necessidade de encontrar algo que a distraísse quando jogou as cobertas de lado e se levantou. Afastou os cabelos do rosto e ficou parada diante da janela, as mãos apoiadas no parapeito. Estava escurecendo. Se tivessem continuado a viagem, àquela altura estariam duas horas mais perto de Londres.

Bran, onde está você?

Será que ele *pegara* as joias? Seria agora um ladrão? Ela encontraria um modo de salvar o irmão? Ou aquela busca era pura perda de tempo?

Mas se *fora* Branwell, por que ele colocaria aquela bolsa de veludo na cômoda de Judith? Realmente faria mais sentido ter sido Horace a fazer isso... Mas como ela seria capaz de provar uma coisa dessas?

Então, ela teve uma ideia animadora, que não lhe ocorrera antes. Se Bran *realmente* houvesse decidido resolver os problemas de suas dívidas roubando a avó, com certeza não teria levado todas as joias. Teria pegado apenas algumas poucas peças, na esperança de que ninguém sentiria falta delas, ou ao menos, que a falta demoraria a ser notada e, assim, a suspeita não recairia sobre ele. Bran não teria feito nada que o incriminasse tão abertamente, certo?

Mas a culpa talvez o tivesse obrigado a fugir, em vez de pensar racionalmente, como faria um ladrão de sangue frio.

Judith encostou a cabeça no vidro da janela e suspirou, bem no momento em que a porta se abria silenciosamente atrás dela. Judith

se virou com certo alarme, mas era apenas Rannulf parado ali, o cenho franzido para ela.

– Não consigo dormir – disse Judith em tom de desculpas.

Ele gastara dinheiro alugando o quarto apenas para que ela pudesse ter uma noite de sono e nem deitada na cama estava. Rannulf fechou a porta com firmeza e atravessou o quarto na direção dela.

– Você está cansada e ansiosa demais. Tudo vai ficar bem, eu lhe prometo.

– Como pode prometer?

– Porque eu decidi que vai ficar – retrucou ele, sorrindo. – E sempre consigo que as coisas sejam feitas à minha maneira.

– Sempre?

Judith sorriu.

– Sempre. Venha cá.

Ele a pegou pelos ombros e a puxou contra o próprio corpo. Ela virou a cabeça, descansou o rosto contra o ombro dele e suspirou alto. Judith passou os braços pela cintura de Rannulf e se abandonou ao prazer intenso de sentir as mãos dele acariciando suas costas, os dedos pressionando os músculos tensos, fazendo-a relaxar.

Tudo vai ficar bem...

Ela já estava meio adormecida quando percebeu que estava sendo carregada até a cama.

– Hummm.

Judith o encarou sonolenta. Ele estava rindo de novo.

– Sob outras circunstâncias, eu talvez ficasse mortalmente ofendido se uma mulher adormecesse assim que eu passasse meus braços ao redor dela.

Ele se inclinou sobre ela para pegar o outro travesseiro.

– Não durma no chão.

Ela mal percebeu quando um ou dois minutos depois um peso extra afundou o outro lado do colchão. Mantas foram colocadas ao redor de seus ombros, fazendo-a perceber que, sim, estava mesmo com frio. O braço que erguera as mantas foi pousado ao redor de sua cintura em um gesto protetor e a puxou contra o corpo,

garantindo o calor gostoso. Então, Judith deslizou de vez para um sono delicioso, profundo e sem sonhos.



Rannulf acordou quando a aurora começava clarear o quarto. Ainda dormindo, Judith acabara de se virar de frente para ele, roçando o corpo contra o dele. Rannulf reparou nos cabelos dela, desalinhados, espalhados sobre o rosto e os ombros.

Santo Deus, quem o estava fazendo passar por aquele teste tão doloroso? Não se davam conta de que ele era *humano*?

Era cedo demais para se levantar e preparar a partida. Judith já devia ter dormido umas boas cinco ou seis horas, pelos cálculos dele, mas precisava de mais.

Rannulf podia sentir os seios dela contra seu peito nu, as coxas dela contra as dele. Judith estava quente e relaxada, mas ele já não tinha mais o deleite de vê-la como Claire Campbell, atriz e mulher experiente nas questões sexuais. Ela era Judith Law.

E, por acaso, também era o amor da vida dele.

Rannulf tentou com determinação listar as imperfeições de Judith. Cabelos de cenoura. Os cabelos dela eram cor de cenoura, como na descrição da mãe dela. Sardas. Se houvesse apenas um pouco mais de luz entrando no quarto, ele poderia vê-las. E uma covinha no lado direito da boca... não, grande erro. A covinha não era uma imperfeição. O que mais? Que Deus o ajudasse, não havia nada mais.

Então Judith abriu os olhos, sonolentos e com longos cílios. Também não havia defeito ali.

– Achei que estava sonhando – disse ela na voz rouca que Claire Campbell usara.

– Não.

Eles ficaram se encarando sob a luz do amanhecer, ela com os olhos sonolentos, ele se sentindo como um homem que se afogava

e continuava a tentar se convencer de que estava apenas imerso em um copo de água. Rannulf desejou que houvesse um pouco mais de espaço entre eles. A qualquer momento, Judith tomaria consciência da perfídia dele, apesar dos calções que Rannulf usava e que mantivera em nome da decência.

Então ela passou os dedos levemente sobre os lábios dele.

– Você é um homem muito gentil. Me prometeu na noite passada que tudo ficaria bem e falou sério.

Ele também prometera que ela estaria segura ao seu lado. E não tinha certeza se conseguiria manter nenhuma das duas promessas.

– Estava falando sério.

Judith afastou a mão e a substituiu pelos lábios.

– Obrigada. Uma noite de sono fez toda a diferença. Estou me sentindo segura agora.

– Se ao menos você soubesse o perigo que está correndo – falou Rannulf –, começaria a correr pela estrada, ainda de camisola.

Então ela sorriu para ele... mostrando a covinha.

– Não estava me referindo a esse tipo de segurança – falou e tocou os lábios dele com os dela novamente.

– Judith – avisou Rannulf –, não sou feito de pedra.

– Nem eu – retrucou ela. – Você não tem ideia de como eu precisava ser abraçada e... bem, amada.

Rannulf não tinha certeza, mesmo ela tendo dito isso, se não era pouco galante da parte dele fazer o que tinha vontade, se não estaria simplesmente tirando vantagem da vulnerabilidade dela. Mas ele não era um super-herói sem sangue nas veias. Que Deus o ajudasse, era um homem.

Rannulf a abraçou com mais força e abriu a boca sobre a dela, pressionando a língua contra o calor que encontrou lá dentro. Judith deixou escapar um murmúrio rouco de prazer e passou um dos braços ao redor dele. Rannulf soube que estava perdido.

Ele a virou de costas, lutou com os botões dos próprios calções, abriu-os sem se dar ao trabalho de tirá-los e levantou a camisola dela até a cintura.

– Judith – sussurrou Rannulf, descendo o corpo sobre o dela –, está certa de que quer isso? Detenha-me se não quiser.

– Rannulf – sussurrou ela de volta. – Oh, Rannulf.

Não era uma ocasião que pedisse carícias preliminares. Judith obviamente estava tão pronta quanto ele. Rannulf passou as mãos por baixo do corpo dela, erguendo-a um pouco do colchão, e a penetrou fundo.

Curiosamente, a sensação foi de voltar para casa. Rannulf retirou as mãos de debaixo de Judith, apoiou-se nos antebraços e olhou para ela. Os lábios de Judith estavam entreabertos, os olhos pesados de sono e de desejo, os cabelos espalhados ao redor dela, sobre o travesseiro e o lençol.

– Tentei com todas as minhas forças.

– Eu sei. – Judith sorriu novamente. – Nunca o culparei. Por nada.

Rannulf pegou as mãos dela e cruzou-as acima da cabeça. Entrelaçou os dedos com os dela e abaixou o peso sobre o corpo de Judith. Ele a penetrou cada vez mais fundo, em arremetidas ritmadas, deleitando-se com o calor úmido e macio que o envolvia, grato por Judith estar relaxada desde o início e grato ainda pelo modo como ela acompanhava o ritmo dele, pulsando ao redor do membro dele com seus músculos internos, arrastando-o na direção do que seria um clímax poderoso e satisfatório.

Rannulf levantou a cabeça e a beijou.

– Venha comigo.

– Sim.

Ele percebeu que aquela era a primeira vez que aquilo acontecia em sua vida, ele e a parceira se erguendo juntos na onda da paixão, gritando juntos, e terminando saciados e em paz... juntos. Rannulf se sentiu abençoado além das palavras.

Ele saiu de cima de Judith, pegou a mão dela e cochilou por alguns minutos. Quando abriu os olhos de novo, viu que Judith estava com a cabeça virada em sua direção e o observava com um meio sorriso. Parecia ruborizada, satisfeita e muito linda.

– Bem, isso define uma coisa – disse ele, apertando a mão dela. – Depois que toda essa história estiver resolvida e terminada,

vamos nos casar.

– Não – retrucou Judith. – Isso não foi uma armadilha, Rannulf. Ele franziu o cenho.

– O que *foi* exatamente?

– Não estou certa – disse ela. – Tem havido alguma... loucura entre nós nos últimos dias. Não posso ter certeza do motivo pelo qual desejava me visitar na manhã de ontem, mas imagino. Teria sido um erro terrível. Eu poderia ter aceitado, você entende.

Que diabo...?

– Dizer sim teria sido um erro?

– Sim. – Judith assentiu. – Olhe para nós, Rannulf. Estamos tão distantes na escala social que até nas melhores circunstâncias um casamento entre nós seria visto com desagrado. Mas essas não são as melhores circunstâncias. Mesmo se Branwell não tivesse roubado todas aquelas joias, mesmo se ele e eu formos eximidos de toda a culpa, meu irmão ainda está em desgraça e ainda seremos pobres. Cresci em uma casa paroquial no campo; você, na mansão de um duque. Não me encaixaria em seu mundo e você nunca desceria até o meu.

– Não acredita no amor como um grande nivelador? – perguntou Rannulf.

Mal podia acreditar que ele, Rannulf Bedwyn, estava fazendo uma pergunta daquelas.

– Não. – Judith balançou a cabeça. – Além do mais, não é amor de verdade. Apenas gostar, eu acredito, e um pouco de... desejo.

O olhar dela sustentou o dele.

– Foi esse o motivo do que acaba de acontecer? – perguntou ele. – Foi apenas desejo?

Por um breve instante, o olhar dela vacilou.

– E gostar – disse Judith. – Nós *realmente* gostamos um do outro, não é mesmo?

Rannulf se sentou na beira da cama e abotoou os calções.

– Não costumo levar mulheres para a cama apenas porque gosto delas.

– Mas também há o desejo – argumentou ela. – Desejo mútuo. Rannulf, você achou difícil se deitar na cama comigo sem me tocar.

Eu também achei. Não são apenas os homens que sentem desejo.

Ele não sabia se ficava muito furioso ou se ria. Se algum dia houvesse imaginado uma conversa como aquela, teria sido com os papéis invertidos. Teria sido *e/ele* que cuidadosamente se desviaria de qualquer sugestão de que o que havia acontecido fora um encontro de amor e não apenas sexo.

– Acredito que não vamos mais dormir – disse ele, ficando de pé. – Vista-se, Judith, enquanto cuido de contratar uma carruagem para o resto de nossa viagem. E *não* fuja dessa vez.



Já era fim da tarde quando chegaram a Londres. Os dois não trocaram mais do que uma dúzia de frases durante todo o dia. Mais um problema para Judith acrescentar a todas suas preocupações.

Não poderia se casar com ele. Quase se deixara seduzir pela loucura dessa ideia dois dias antes. Momentaneamente parecia um sonho possível. Mas já não era mais. No entanto, estava feliz porque os acontecimentos da última semana ao menos haviam feito com que gostasse dele, que passasse a admirar as qualidades mais nobres de Rannulf, que eram muitas. Sentia-se feliz pelo que acontecera naquela manhã. E feliz por amá-lo. Seu sonho roubado lhe fora devolvido e com certeza a acalentaria pelo resto da vida, depois que o sofrimento passasse.

Mas ela sabia que haveria sofrimento.

Judith nunca tinha ido a Londres. Sabia que era uma cidade grande, mas jamais poderia sonhar que qualquer área urbana seria tão grande. Parecia não ter fim. Todas as ruas tinham prédios e estavam cheias de pessoas, veículos e barulhos de rodas, cavalos e pessoas gritando. Qualquer prazer que pudesse ter sentido foi abafado pelo terror.

Como encontraria Branwell?

Judith ingenuamente esperava parar em alguma estalagem ou prédio público, pedir orientações para chegar ao lugar onde o irmão morava e segui-las sem problema algum... e tudo isso poucos minutos depois de chegarem a Londres.

– Esta cidade termina? – perguntou Judith.

– Londres? – perguntou ele. – Não é meu lugar favorito no mundo. Infelizmente vemos o pior da cidade primeiro. Você achará Mayfair uma região mais tranquila, limpa e espaçosa do que isso.

– É nessa área que Branwell mora? Acha que vamos encontrá-lo na hospedaria?

– Provavelmente não – respondeu ele. – Cavalheiros não costumam passar muito tempo em seus aposentos.

– Espero que volte para a hospedaria em algum momento – comentou ela, sentindo toda a ansiedade da véspera voltar com força total. – O que farei se ele não aparecer? Você acha que o senhorio de Branwell permitiria que eu esperasse em seus aposentos?

– O homem provavelmente teria um ataque se você sequer sugerisse isso – retrucou Rannulf. – Não é adequado que jovens damas visitem jovens cavalheiros, acompanhadas apenas por outro cavaleiro, entende?

Judith olhou para Rannulf espantada.

– Mas sou irmã dele.

– Ouso dizer – comentou ele – que senhorios conhecem muitas irmãs.

Ela o encarou, sem saber o que dizer.

– O que farei se não conseguir ver Branwell hoje? – perguntou Judith. – Não posso lhe pedir que fique sentado a noite toda dentro carruagem, do lado da hospedaria em que ele está. Eu...

– Não a levarei à hospedaria onde seu irmão fica – disse Rannulf. – Irei até lá sozinho alguma outra hora.

– O quê?

Ela o encarou sem compreender.

– Estou levando-a para a casa de meu irmão – informou ele. – Para a Bedwyn House.

– *Para a casa do duque de Bewcastle?*

Judith continuou a encará-lo, horrorizada.

– Bewcastle e Alleyne devem ser os únicos em casa – disse Rannulf. – Se for esse o caso, terei que encontrar outro lugar para hospedá-la... a casa da minha tia Rochester provavelmente, embora ela lembre muito um dragão e você correria o risco de ter a cabeça devorada no café da manhã caso a enfrentasse.

– Não irei para a casa do duque de Bewcastle – informou Judith, contrariada. – Vim até aqui para encontrar Branwell.

– E vamos encontrá-lo, se ele realmente veio para Londres – disse Rannulf. – Mas agora você está *em Londres*, Judith. E é o cúmulo da falta de decoro estarmos juntos em uma carruagem, sozinhos, sem uma criada ou acompanhante. Mas será a última deselegância que cometerei enquanto estiver aqui. Tenho minha reputação a levar em conta, você sabe.

– Que absurdo – retrucou ela. – Completamente absurdo. Se não vai me levar até Bran, então deixe-me aqui e encontrarei um jeito de resolver a situação.

Ele parecia estranhamente tranquilo. Estava reclinado no assento, uma perna apoiada no assento do lado oposto. E ainda teve a insolência de sorrir para ela.

– Você está com medo – acusou Rannulf. – Com medo de encarar Bewcastle.

– Não estou, não.

Sim, estava apavorada.

– Mentirosa.

A carruagem parou subitamente quando Judith se preparava para retrucar. Ela olhou pela janela e percebeu que já estavam em uma parte mais tranquila e majestosa de Londres. Havia construções altas e grandiosas do lado dela da carruagem, um pequeno parque do outro, e mais prédios. Devia ser uma das praças de Londres! A porta da carruagem foi aberta e o cocheiro se apressou a colocar os degraus para que descessem.

– Essa é a *Bedwyn House*? – perguntou Judith.

Rannulf apenas sorriu para ela, saiu da carruagem e estendeu a mão para ajudá-la a descer.

Judith usava um vestido de algodão sem forma que estivera dobrado dentro da bolsa durante todo o dia anterior e fora amassado pela viagem de um dia inteiro na carruagem. Ela não escovara ou arrumara os cabelos desde aquela manhã. Ficaram todo o tempo amassados sob a touca. Devia ser uma visão medonha. Além de tudo isso, era Judith Law, da casa paroquial de Beaconsfield, fugitiva e suspeita de roubo, a caminho de encontrar um duque.

A porta da casa foi aberta no momento em que Judith desceu da carruagem. Um instante depois, um mordomo de aparência muito altiva informava a Rannulf que Sua Graça realmente estava em casa, na sala de visitas. Ele os guiou até uma grande escadaria. Judith achou que seus joelhos cederiam se Rannulf não houvesse acabado de chamá-la de mentirosa e se sua mão não estivesse sob o cotovelo dela.

Um criado abriu um conjunto de enormes portas duplas quando Judith e Rannulf surgiram no topo da escada e o mordomo se adiantou entre eles.

– Lorde Rannulf Bedwyn, Sua Graça – anunciou ele.

O mordomo pousou os olhos em Judith por um breve momento, ainda no andar de baixo, mas não a olhara mais desde então.

Quando entraram na sala, Judith viu, para horror dos horrores, que havia mais de uma pessoa ali. Na verdade, havia quatro: dois homens e duas mulheres.

– Ralf, velho camarada – disse um dos homens, ficando de pé no mesmo instante –, já está de volta? Conseguiu escapar intacto das garras de vovó?

Ele parou ao ver Judith. Era um jovem alto, esguio, extremamente belo, e apenas o nariz proeminente o identificava como irmão de Rannulf. Uma das damas, muito jovem e bela, se parecia bastante com o rapaz. A outra dama tinha os cabelos claros, como Rannulf, longos e cacheados, e os usava soltos. Como o irmão, a pele dela era morena, com sobrancelhas escuras e o nariz grande.

Essas foram suas primeiras impressões, mas Judith estava determinada a não olhar para o outro homem, que acabara de se

levantar. Mesmo sem olhar para ele, podia sentir que era o duque.

– Rannulf? – disse o homem com uma arrogância discreta, fazendo com que Judith sentisse um arrepio de apreensão.

Ela olhou para ele e descobriu que o duque a encarava diretamente, as sobrancelhas erguidas, com o monóculo que a mão de dedos longos segurava já a meio caminho dos olhos. Era moreno e esguio como o irmão mais novo, tinha o nariz da família e os olhos de um cinza pálido que seria mais acurado descrever como prateados. O rosto era frio e esnobe, aparentemente sem qualquer humanidade. Ele, na verdade, tinha a aparência exata que Judith imaginava. Era, afinal, o duque de Bewcastle.

– Tenho a honra de apresentar a Srta. Judith Law – disse Rannulf, a mão dele mais firme no cotovelo dela. – Minhas irmãs, Freyja e Morgan. E meus irmãos, Bewcastle e Alleyne.

As damas a olharam com um desdém altivo, pensou Judith, enquanto fazia uma cortesia. O irmão mais jovem a examinava com um sorriso nos lábios, a apreciação óbvia em seus olhos.

– Srta. Law, é um prazer.

– Madame. – Foi a vez do duque, bem mais distante. Os olhos dele se desviaram para os irmãos. – Sem dúvida você deixou a criada da Srta. Law lá embaixo, certo, Rannulf?

– Não há criada alguma – falou Rannulf, soltando o braço de Judith. – A Srta. Law fugiu de Harewood Grange, propriedade próxima a Grandmaison, após ser acusada de roubar a avó. Temos que encontrar o irmão dela, que talvez esteja com as joias, mas provavelmente não está. Nesse meio-tempo, ela deve ficar aqui. Estou encantado por ver que Freyja e Morgan vieram de Lindsey Hall, assim não terei que levar a Srta. Law para a casa de tia Rochester.

– Ah, entendo... – disse lorde Alleyne. – Uma trama de mistério e intriga, Ralf? Que esplêndido!

– Srta. Law – disse o duque de Bewcastle, a voz tão baixa e fria que Judith ficou surpresa quando não viu o ar se congelar em estalactites sobre a cabeça dele –, seja bem-vinda à Bedwyn House.

CAPÍTULO XX



– Com certeza, Rannulf – falou Wulfric, duque de Bewcastle, uma das mãos elegantemente pousada sobre o copo de conhaque, a outra segurando o monóculo –, você está pronto para explicar por que estou hospedando uma suspeita de ser ladra de joias, que, por acaso, é jovem e está desacompanhada?

– E também é bem acima da média no que se refere à aparência – acrescentou Alleyne, sorrindo. – Talvez isso já explique tudo, Wulf.

Bewcastle convidara Rannulf a acompanhá-lo até a biblioteca depois que a governanta foi chamada para mostrar o quarto de hóspedes a Judith. Esse tipo de convite do duque raramente era feito apenas por razões sociais. Alleyne também os acompanhara, mesmo sem ser convidado. O irmão mais velho ignorou o comentário de Alleyne e concentrou sua atenção lânguida em Rannulf, embora a pose fosse enganosa. Os olhos dele estavam, como sempre, muito atentos.

– Ela é Judith Law, sobrinha de Sir George Effingham, vizinho de minha avó – explicou Rannulf. – Estava vivendo em Harewood Grange como uma espécie de dama de companhia da mãe de Lady Effingham, a própria avó da Srta. Law. A casa recebeu hóspedes para uma temporada festiva durante as duas últimas semanas. O irmão da Srta. Law foi como convidado... um jovem arrogante que

vive uma vida de ociosidade cara, muito acima das possibilidades do pai, um reverendo do interior. Meu palpite é que a família está muito próxima da ruína.

– A Srta. Law, então – comentou Wulfric, depois de dar um gole no conhaque –, era uma parente pobre em Harewood. O irmão dela está afundando em dívidas. E a avó deles possui, ou possuía, joias valiosas.

– As joias desapareceram durante um baile, assim como Branwell Law. Um brinco e a bolsa de veludo vazia, na qual as joias mais valiosas eram guardadas, foram encontrados no quarto da Srta. Law.

– Realmente incriminador – falou Wulfric em voz baixa, erguendo as sobrancelhas.

– Incriminador demais – acrescentou Rannulf. – Até o mais amador dos amadores teria feito melhor.

– Ah, eu diria que alguém colocou as provas incriminadoras no quarto como uma armadilha – sugeriu Alleyne, em tom animado. – Algum vilão covarde. Tem ideia de quem seja, Rannulf?

O duque se virou para o rapaz, o monóculo a meio caminho dos olhos.

– Por favor, Alleyne, não vamos transformar essa história em um melodrama ridículo.

– Mas ele está quase certo. Horace Effingham, filho de Sir George, tentou forçar suas atenções sobre a Srta. Law durante uma festa ao ar livre em Grandmaison, uma semana atrás. Teria sido bem-sucedido se eu não aparecesse na hora, por acaso, e lhe desse uma boa surra. Na noite do baile, o mesmo Horace tentou se vingar, quase me fazendo cair em uma armadilha que me deixaria em situação comprometedor com a irmã dele e me forçaria a pedi-la em casamento... A Srta. Law me salvou desse destino. Foi durante o mesmo baile que o jovem Law partiu abruptamente de Harewood e as joias da Sra. Law desapareceram.

– Que história esplêndida – disse Alleyne. – E enquanto toda essa agitação acontecia em Leicestershire, eu estava enfiado aqui, levando Morgan para ver todos os pontos turísticos da cidade.

Wulfric soltou o monóculo, esfregou a extensão do nariz com os dedos, os olhos fechados.

– Então a Srta. Law fugiu e você foi atrás dela – concluiu ele. – Quando foi isso, Rannulf?

– Ontem – respondeu o irmão.

– Ah. – Wulfric retirou a mão do nariz e abriu os olhos. – E posso perguntar onde passaram a última noite?

– Em uma estalagem. – Rannulf estreitou os olhos. – Escute, Wulf, se isso é um interrogatório sobre minha...

O duque ergueu a mão e Rannulf ficou em silêncio. As pessoas tendiam a ter essa reação no que se referia a Wulf, pensou Rannulf, irritado consigo mesmo. Bastava um único gesto, até mesmo um simples erguer de sobrancelha, e Bewcastle comandava o mundo.

– Você não considerou a possibilidade de uma armadilha inteligente, Rannulf? Que talvez a dama seja pobre e ambiciosa?

– Se tiver alguma outra observação dessa natureza – disse Rannulf, inclinando-se para a frente na cadeira, as mãos apoiadas nos braços do móvel –, é melhor mantê-la para si mesmo, Wulf, se não quiser perder um dente.

– Ah, bravo! – exclamou Alleyne em tom de admiração.

Wulf apenas curvou levemente os dedos sobre o cabo de seu monóculo e ergueu as sobrancelhas.

– Entendo que você está enamorado da dama? A filha de um reverendo do campo, pobre, e que logo estará arruinado? Cabelos vermelhos e certos... atributos generosos viraram sua cabeça? A paixão tende a cegar a mente racional, Rannulf. Você é capaz de me certificar de que não está cego de paixão?

– Horace Effingham se ofereceu para sair em perseguição aos Laws até Londres – informou Rannulf. – Meu palpite é de que pegar os dois não será bom o bastante para ele. Horace irá querer encontrar evidências que provem acima de qualquer dúvida que os irmãos são ladrões.

– Se ele pretende plantar as joias como provas, vamos impedi-lo – disse Alleyne. – Conheço o camarada de vista, Ralf. É um sujeitinho escorregadio, que vive exibindo os dentes, certo? Fico

encantado por descobrir que não passa de um patife. Devo dizer que a vida ficou bem mais animada desde o início da manhã.

Wulfric esfregava o nariz novamente. Rannulf disse:

– O que preciso fazer é encontrar Branwell Law. Duvido que esteja em sua hospedaria a essa hora do dia. É mais provável que esteja em algum lugar tentando fazer fortuna com uma mão de cartas. De qualquer modo, irei até onde ele mora para me certificar.

– É para isso que servem os criados – manifestou-se Wulfric. – Já está quase na hora do jantar, Rannulf. A Srta. Law se sentirá ainda mais constrangida se você não estiver à mesa. Vou mandar um criado até a casa do rapaz e, se ele estiver lá, você pode ir encontrá-lo mais tarde.

– Ela está determinada a ir lá ela mesma – avisou Rannulf.

– Então deve ser dissuadida – disse Wulfric. – Como está nossa avó?

Rannulf se recostou na cadeira.

– Morrendo.

Os dois irmãos lhe deram plena atenção.

– Mas se recusa a falar a respeito – explicou Rannulf. – Está elegante, independente e ativa como sempre. Mas é evidente que está muito doente.

– Você não falou com o médico dela? – quis saber Wulfric.

Rannulf balançou a cabeça.

– Isso teria sido invadir a privacidade dela.

– Pobre vovó – comentou Alleyne. – Sempre pareceu imortal.

– Essa questão com a Srta. Law, então, precisa ser esclarecida sem demora. Nossa avó vai precisar de você em Grandmaison, Rannulf. E quero vê-la mais uma vez. A noiva que ela havia escolhido para você talvez seja a Srta. Effingham a quem se referiu? A família é de uma linhagem respeitável, embora não brilhante.

– Ela mudou de ideia – disse Rannulf. – E sabia que eu estava indo atrás de Judith.

– *Judith?* – repetiu o duque em voz baixa, erguendo as sobrancelhas. – Nossa avó a aprova? Costumo ter grande respeito pela capacidade de julgamento dela.

Mas não pela capacidade de julgamento do próprio irmão?, pensou Rannulf, melancólico. Ele se levantou.

– Vou mandar um criado à casa de Law – disse ele.



Judith levantou cedo na manhã seguinte, embora tivesse dormido surpreendentemente bem durante a noite. O quarto de hóspedes era de um esplendor opulento. Possuía até mesmo um quarto de vestir anexo. A enorme cama com dossel era macia, confortável e tinha o aroma suave de lavanda. Mesmo assim, não esperara conseguir dormir.

Estar na Bedwyn House sem dúvida era a experiência mais constrangedora pela qual já passara na vida. Os irmãos de lorde Rannulf foram todos extremamente educados durante o jantar e na hora que haviam passado na sala de visitas, depois disso. Mas ela se sentira muito deslocada. A ideia de deixar o quarto naquela manhã era intimidante.

Branwell não fora encontrado. Um criado foi enviado aos arredores do apartamento dele na noite da véspera, mas o irmão não aparecera. Quando Judith avisara que iria ela mesma na manhã seguinte, o duque de Bewcastle levava o monóculo ao olho, lorde Rannulf dissera que isso não aconteceria de forma alguma e lorde Alleyne sorria para ela e a aconselhara a deixar tudo nas mãos de Rannulf. Não havia sido isso que ela fora fazer em Londres. Mas, se a ideia de deixar o quarto era intimidante, a ideia de deixar a Bedwyn House era ainda mais.

Quinze minutos depois de se levantar da cama, Judith descia as escadas para a sala onde estava sendo servido o café da manhã. Usava um vestido que uma das criadas passara durante a noite. Ela se preparou para encontrar toda a família outra vez, mas descobriu com grande alívio que a sala estava vazia, a não ser pelo mordomo,

que sugeriu que Judith se servisse do que quisesse. Assim que ela se sentou, o mordomo colocou uma xícara de café diante dela.

Era um alívio estar sozinha, mas teria que ir em busca de lorde Rannulf depois do café da manhã. Precisava que a orientasse sobre como chegar ao apartamento de Branwell. Judith tinha a esperança de que ele a acompanhasse até lá.

Ela não ficou sozinha por muito tempo. Antes que pudesse comer mais do que alguns poucos bocados da comida, a porta foi aberta e entraram Lady Freyja e Lady Morgan, ambas usando elegantes roupas de montaria. Judith morria de medo das duas... e se desprezava por sentir-se intimidada pela arrogância da aristocracia.

– Bom dia.

As duas responderam ao cumprimento e se ocuparam em se servir.

– Estavam cavalgando? – perguntou Judith educadamente quando as duas se sentaram.

– No Hyde Park – respondeu Freyja. – É um exercício sem graça, depois de termos tido todo o parque de Lindsey Hall para galopar até alguns dias atrás.

– Foi você que insistiu em vir para a cidade, Freyja – comentou Morgan –, mesmo eu tendo protestado.

– Porque eu queria ver um pouco da cidade – retrucou Lady Freyja – e resgatá-la da sala de estudos e das garras da Srta. Cowper por uma semana ou duas.

– Bobagem! Sei que não foi *essa* a razão. Srta. Law, eu *realmente* desejaria ter a cor de seus cabelos. A senhorita deve ser motivo de inveja de todas as suas conhecidas.

– Obrigada – retrucou Judith, surpresa. Havia se sentido constrangida por não ter uma touca para usar. – Lorde Rannulf saiu para cavalgar com vocês? Estou esperando que ele me acompanhe até onde mora meu irmão. Espero poder começar a viagem de volta para casa ainda esta tarde.

– Ah, sim – disse Lady Freyja. – Pediram para informá-la de que não deve se preocupar com nada. Ralf cuidará de tudo.

Judith ficou de pé em um rompante, esbarrando na cadeira com a parte de trás dos joelhos.

– Mas Branwell é *meu* irmão. Encontrá-lo não é um problema de lorde Rannulf. Não ficarei aqui como uma garota boazinha, sem preocupar minha cabecinha vazia de mulher, deixando que um *homem* tome conta de minha vida. Vou sair para encontrar Bran de qualquer modo, não importa se alguém aqui vai me ajudar ou não. E não me *importo* que não seja próprio de uma dama ir procurar sozinha por um cavalheiro em Londres. Isso é um absurdo! Me deem licença, por favor.

Judith não era dada a explosões de temperamento, mas a sensação de impotência que se abatera sobre ela desde que chegara a Harewood, quase três semanas antes, finalmente fizera com ela chegasse a seu limite.

– Ah, fantástico! – exclamou Lady Freyja, encarando Judith com uma expressão que misturava surpresa e aprovação. – Não lhe fiz justiça, Srta. Law... ou ao menos espero sinceramente não ter lhe feito justiça. Eu a tomei por uma parasita desprezível. Mas vejo que é uma mulher das minhas. Os homens podem ser as criaturas mais ridículas, principalmente os *cavalheiros*, com suas noções arcaicas de galantaria para com as damas. Irei com a senhorita!

– Eu também – disse Lady Morgan, animada.

A irmã franziu o cenho para ela.

– É melhor você não ir, Morgan. Wulf cortaria minha cabeça. Já é ruim o bastante que eu a tenha trazido para Londres sem consultá-lo. A voz dele era tão baixa quando me convocou à biblioteca que parecia um sussurro. *Odeio* quando ele faz isso, ainda mais quando não consigo me conter e respondo aos gritos. O que me coloca em *imensa* desvantagem... como ele bem sabe. Não, você precisa ficar em casa.

– Não há necessidade de nenhuma das duas ir comigo – disse Judith, irritada. – Não preciso de acompanhantes.

– Ah, mas nunca me privaria da diversão de visitar um cavalheiro em seu apartamento – assegurou Lady Freyja, pousando o guardanapo ao lado do prato meio vazio e levantando-se. – Ainda

mais quando há joias roubadas e uma perseguição emocionante para aumentar a diversão.

– Wulf provavelmente pedirá sua cabeça de qualquer modo, Free – previu Lady Morgan.

Judith e Lady Freyja saíram da Bedwyn House pouco tempo depois. Caminharam até estarem bem longe da praça, então Lady Freyja chamou uma carruagem de aluguel e deu ao motorista o endereço de Branwell.

Judith se pegou intrigada com a companheira. Lady Freyja Bedwyn usava um elegante vestido de passeio, os cabelos claros presos para cima sob uma touca também elegante que, Judith imaginou, devia estar na última moda. Era uma mulher pequena e deveria ser feia com as sobrancelhas escuras demais, a complexão morena e o nariz proeminente. Mas havia algo que impedia que ela pudesse ser considerada feia... uma arrogância inconsciente, certa força de caráter. Talvez quase pudesse ser chamada de bela.

Judith sentia-se mais animada sabendo que estava prestes a ver Bran, que poderia ouvir o lado dele da história. Esperava ardentemente que o irmão pudesse negar ter qualquer conhecimento sobre o roubo das joias da avó. Se não fosse esse o caso, talvez conseguisse convencê-lo a devolver as joias e implorar o perdão da avó, por mais inadequado que pudesse ser. Mas Judith sabia que o tempo era um fator essencial. Sentia-se muito grata por Rannulf ter ido atrás dela e a levado para Londres tão depressa.

Por que Horace decidira esperar um dia inteiro antes de sair em perseguição a ela? Se ele tinha a esperança de encontrar Bran com a mão na massa, antes de se desfazer das joias, não teria sido melhor partir no mesmo dia? Será que Horace esperara porque sabia que não havia pressa? Porque sabia que não havia joias das quais Bran pudesse se desfazer?

Tanta especulação inútil fazia a cabeça de Judith girar.

A saída acabou se provando inútil. Branwell não estava em casa e o senhorio não tinha ideia de quando ele poderia aparecer.

– Embora o mundo todo tivesse procurando por ele na noite de ontem e agora de manhã – falou o homem. – E agora duas mulheres. Isso é o melhor de tudo.

– O Sr. Law é meu irmão – explicou Judith. – Preciso falar com ele sobre... um negócio de família.

– Ah... – retrucou o homem, olhando atravessado para as duas e revelando uma larga fileira de dentes estragados. – Achei mesmo que ao menos uma de vocês fosse irmã dele.

– É mesmo, meu senhor? – Lady Freyja adiantou-se, encarando com o grande nariz empinado o homem. – E também achou que consideraríamos divertido esse seu comentário impertinente? Quem mais esteve procurando pelo Sr. Law?

O homem perdeu a pose e se mostrou mais respeitoso.

– Agora... bem... peço perdão, madame, mas é confidencial.

– É claro que é – disse Lady Freyja, abrindo a bolsinha que carregava. – E o senhor, obviamente, é a encarnação da integridade. *Quem?*

Os olhos de Judith se arregalaram quando viu que a companheira tirara uma nota de 5 libras da bolsinha e a segurava entre os dedos.

O senhorio umedeceu os lábios, já pronto para esticar uma das mãos.

– O criado de algum nobre veio aqui ontem à noite. Dois outros cavalheiros apareceram hoje de manhã e um comerciante também, logo depois deles. Conheço o homem... Sr. Cooke. Acho que o Sr. Branwell está devendo dinheiro ao sapateiro outra vez. Não conhecia os demais cavalheiros e não perguntei, mas os dois pareciam nobres de verdade. Então apareceu mais um cavalheiro pouco antes de vocês. Não perguntei quem era também. E não estou perguntando quem são vocês.

Lady Freyja estendeu o dinheiro do suborno, embora tivesse conseguido pouca informação que valesse a pena por uma quantia tão grande. Judith olhou ao redor, horrorizada. Os credores de Bran ainda estavam atrás dele. Quem seriam os três cavalheiros? Lorde Rannulf e dois outros? Ou lorde Rannulf, um dos irmãos e *um* outro?

Horace?

Onde diabo estava Bran? Teria apenas saído de manhã? Estaria vendendo ou penhorando as joias? Ou partira de Londres?

Judith sentia-se nauseada.

– Venha, acho que não vamos conseguir mais nenhuma informação aqui. – Lady Freyja se dirigiu ao motorista da carruagem de aluguel. – Leve-nos ao Gunter’s.

– Lamento tanto. Não tenho dinheiro para reembolsá-la. Deixei Leicestershire com tanta pressa que esqueci de trazer dinheiro. Terei que pagar em outra ocasião.

– Bobagem – retrucou Lady Freyja com um gesto indicando que não tinha importância. – Aquilo não foi nada. Mas gostaria que tivéssemos sido melhor recepcionadas. Não acredita que seu irmão seja o ladrão, certo? Prefiro a ideia de ser o Sr. Effingham. Já o vi umas duas vezes. Sempre me provocou arrepios, embora se mostre cheio de si e acredite ser muito desejado pelas mulheres.

– Eu *realmente* espero – disse Judith com fervor – que o Sr. Effingham seja o culpado. Mas como vou conseguir provar isso?

Ela descobriu que o Gunter’s vendia sorvetes. Que luxo indescritível! E ainda de manhã! Ela e Lady Freyja se sentaram a uma das mesas e Judith saboreou pequenas colheradas de cada vez, deixando o sorvete derreter em sua língua antes de engolir. Parecia estranha tamanha indulgência aos sentidos quando o desastre pairava em cada esquina.

O que faria agora? Não poderia continuar na Bedwyn House, muito menos contar com Rannulf para lutar batalhas que não eram dele. Mas também não seria possível entrar nos aposentos de Branwell e esperar pelo retorno dele.

O que faria?



O duque de Bewcastle retornou para casa ao amanhecer, após ter passado a noite com a amante, a tempo de sair para o habitual passeio a cavalo com os irmãos. Depois disso, fora tomar café da manhã no White’s, mas não seguiu para a Câmara dos Lordes, já

que a sessão da primavera havia terminado, dois dias antes. Na verdade, se as irmãs não houvessem chegado do campo, provavelmente estaria em casa, em Lindsey Park, para passar o resto do verão.

Bewcastle voltou para casa depois do White's e se recolheu à biblioteca pelo resto da manhã, para cuidar da correspondência. Meia hora depois, no entanto, levantou os olhos ao ouvir o mordomo bater à porta e abri-la.

– Há um Sr. Effingham esperando no hall para vê-lo, Sua Graça. Devo dizer a ele que o senhor não está em casa?

– Effingham? Não, faça-o entrar, Fleming.

O duque franziu o cenho. Todo o melodrama que cercava a volta de Rannulf para Londres era algo que preferia ignorar. Mas a questão precisava ser esclarecida. Ele precisava ir a Grandmaison antes que fosse tarde demais para ver a avó.

Horace Effingham era um desconhecido para o duque de Bewcastle, mas entrou pisando firme na biblioteca, sorridente e confiante, como se os dois fossem irmãos de sangue. O duque não se levantou. Effingham foi até a escrivaninha e inclinou o corpo sobre ela, o braço estendido.

– É muito gentil de sua parte me receber, Bewcastle.

Sua Graça levantou o monóculo e olhou brevemente para a mão estendida, antes de deixar o acessório cair e ficar pendurado pela fita.

– Effingham, não é? O que posso fazer por você?

O outro homem abriu um sorriso ainda mais largo enquanto recolhia a mão. Olhou ao redor em busca de uma cadeira e, como não encontrou nenhuma que estivesse próxima à escrivaninha, permaneceu de pé.

– Entendo que seu irmão está aqui nesta residência.

– É mesmo? – retrucou Sua Graça. – Tenho certeza de que meu mordomo informará ao cozinheiro. Mas tenho, é claro, três irmãos...

Effingham riu.

– Estou me referindo a lorde Rannulf Bedwyn.

– Ah, sim – falou o duque.

Houve um curto silêncio durante o qual Effingham pareceu desconcertado.

– Devo perguntar a Sua Graça se lorde Rannulf trouxe alguma dama com ele? Alguma Srta. Judith Law?

– Você *deve* perguntar?

O duque ergueu as sobrancelhas. Effingham pousou as duas mãos sobre a escrivaninha e se inclinou um pouco sobre ela.

– Talvez não saiba, mas o senhor pode estar abrigando uma criminosa e fugitiva. E isso também é um crime, Sua Graça, embora eu esteja certo de que o senhor não continuaria a abrigá-la ao saber da verdade.

– É um alívio saber que ocupo um lugar tão elevado em sua estima – retrucou Sua Graça, pegando novamente o monóculo.

Effingham riu com vontade.

– A Srta. Law *está* aqui, Bewcastle? – perguntou de novo.

– Pelo que sei, estupro também é crime. Quando a acusação é apenas de *tentativa* de estupro, é claro, a condenação é menos garantida. Mas a palavra de duas pessoas contra uma pode ter algum peso diante do juiz e de um júri, principalmente se uma dessas pessoas for irmão de um duque. Consegue achar a saída sozinho ou devo chamar meu mordomo?

Effingham endireitou o corpo, já sem nenhum traço de amabilidade fingida.

– Estou a caminho da polícia. Tenho a intenção de persegui-los até os confins da Terra, tanto Judith quanto Branwell Law. E pretendo recuperar as joias da mãe de minha madrastra. Imagino que vá haver um pequeno escândalo cercando o julgamento e a sentença. Se fosse o senhor, Sua Graça, me distanciaria desse assunto e aconselharia seu irmão a fazer o mesmo.

– Sinto-me infinitamente grato que sua estima por mim seja tão grande a ponto de vir até a Bedwyn House para me aconselhar. Pode fechar a porta sem fazer barulho quando sair?

Effingham parecia um pouco pálido. Ele assentiu lentamente antes de se virar para sair. E bateu a porta com toda a força ao passar.

Olhando para a porta pela qual o outro homem saía, Sua Graça refletia.

CAPÍTULO XXI



Rannulf olhou para Judith com certa exasperação. Ela parecia viva e linda com os cabelos descobertos, bem diferente da sombra quase invisível que fora em Harewood. Também saíra naquela manhã, aventurando-se por uma área de Londres que damas respeitáveis não frequentavam e arrastando Freyja com ela. Não, isso era no mínimo injusto. Freyja não precisaria ser arrastada.

Não havia por que ela ter ido até lá. Judith sabia que ele checaria se o irmão dela estava em casa. Branwell Law não se encontrava no local e todas as perguntas que Alleyne e ele tinham feito nos vários lugares prováveis para o rapaz aparecer se mostraram inúteis. Vários homens conheciam Law, mas nenhum sabia onde ele poderia estar.

Bewcastle entrara na sala antes que Rannulf pudesse tirar satisfações com Freyja. Judith com certeza acabaria testemunhando uma briga de família. Wulf sugeriu, em seu tom baixo e enganosamente lânguido, que talvez fosse do interesse de todos que se redobrassem os esforços para encontrar Branwell Law.

– Acabo de receber uma fascinante visita do Sr. Effingham – disse Wulf. – Ele tem a estranha ilusão de que estou abrigando fugitivos da justiça na Bedwyn House. Como não recebeu nenhuma satisfação aqui, sem dúvida irá procurar por um fugitivo que não

tenha a sorte de encontrar um refúgio. Suponho que você não tenha achado o Sr. Law em casa esta manhã, certo, Rannulf?

Rannulf negou com a cabeça.

– No entanto, mais alguém esteve procurando por ele – comentou Freyja, atraindo um olhar demorado e silencioso dos olhos cor de prata de Wulf.

Mas Freyja não era de se deixar intimidar. Simplesmente encarou o irmão de volta e contou a ele o que Judith e ela já haviam contado a Rannulf e Alleyne. Ela acrescentou ainda que subornara o senhorio para conseguir informações sobre os outros visitantes.

Os olhos de Wulf, ainda colados na irmã, se estreitaram. Mas, em vez da repreensão severa que Rannulf achava quase certa, as palavras de Bewcastle foram dirigidas a ele.

– É melhor você voltar lá, Rannulf. Sinto um proverbial cheiro de rato. Irei com você.

– Também vou – avisou Judith.

– Judith...

– *Também vou.*

Ela olhou nos olhos de Rannulf com uma determinação tempestuosa e, pela primeira vez, ele se perguntou se não haveria alguma verdade no antigo clichê sobre ruivas e temperamento difícil. Tudo o que Rannulf queria era resolver aquela confusão para Judith, para que ela pudesse ter paz e, desse modo, ele pudesse voltar à missão de cortejá-la. E *nessa* vez ele faria tudo da forma adequada. Ele a faria sua dama...

– Nesse caso – disse Bewcastle com um suspiro –, é melhor Freyja vir também. Será um verdadeiro passeio em família.

Eles foram em uma das carruagens particulares de Bewcastle, uma bem simples, que usava sempre que não queria atrair muita atenção. Logo estavam de volta à pensão de Law. Rannulf não conseguia ver nenhum motivo em particular para voltarem ali, mas Wulf estava em um de seus humores incommunicáveis.

O senhorio levantou os olhos para o céu quando abriu uma fresta da porta à batida do cocheiro e viu todos reunidos nos degraus de entrada.

– Deus amado! Lá vamos nós de novo.

– Exatamente – disse Bewcastle, acabando com o atrevimento do homem com um simples olhar gelado, que fez com que o senhorio abaixasse a cabeça respeitosamente e abrisse de vez a porta. *Como* Wulf conseguia fazer aquilo, mesmo com estranhos? – Imagino que o Sr. Branwell Law esteja muito popular nos últimos dias.

– Isso mesmo, senhor – retrucou o homem. – Está sendo uma manhã e tanto.

– E não pôde dar a nenhuma das pessoas que passaram por aqui qualquer informação sobre o Sr. Law? – perguntou Bewcastle.

– Ele esteve aqui nos últimos dias? Quando o viu pela última vez?

– Não dou informações pessoais sobre meus pensionistas.

O homem se empertigou no máximo de sua altura.

– Você precisa ser condecorado – comentou Bewcastle. – Alguns homens em sua posição talvez tentassem conseguir um dinheiro extra, recebendo suborno em troca de informação.

Os olhos do senhorio se desviaram, com uma expressão inquieta, na direção de Freyja.

– Quando viu Branwell Law pela última vez? – Bewcastle quis saber.

O homem engoliu em seco.

– Na noite passada, senhor, depois que o criado veio aqui. E esta manhã.

– *O quê?* – exclamou Judith.

– Ele chegou depois que a senhorita partiu – explicou-se o homem.

– Mas o senhor poderia ter me dito que ele esteve aqui na *noite passada*. Deixei bem claro que Branwell era meu irmão. Disse que era uma emergência de família.

Bewcastle levantou a mão em um gesto sutil e Rannulf pousou a mão dele sobre a dela. Judith tremia... de raiva.

– O cavalheiro que veio sozinho esta manhã – interferiu Bewcastle. – Descreva-o, por favor.

– Cabelos louros, olhos azuis – disse o senhorio. Rannulf percebeu que a expressão nos olhos dele se tornara evasiva. – Baixo. Mancava.

– Ah – disse Wulf. – Sim, com certeza.

Não fora Effingham, então, pensou Rannulf com certo desapontamento. Mas com certeza ele logo estaria ali. Afinal, estava em Londres, já fora até a Bedwyn House.

– Isso é tudo que posso lhe dizer, senhor – completou o senhorio, fazendo menção de fechar a porta.

Bewcastle impediu o gesto com a bengala.

– Imagino que o senhor não tenha deixado esse cavalheiro baixo, de cabelos louros, olhos azuis e manco entrar nos aposentos dos Sr. Law, certo?

O homem se retraiu, chochado.

– Deixá-lo entrar, senhor? Eu, não. Não mesmo.

– Imagino quanto ele pagou...

Os olhos do homem se arregalaram.

– Não aceito...

– Ah, aceita, sim – afirmou Bewcastle em um tom gentil. – Não lhe pagarei um único tostão. Não gosto de subornos. Mas vou avisá-lo de que, se algum crime foi cometido nos aposentos de Branwell Law esta manhã e se você aceitou dinheiro do criminoso para deixá-lo entrar nesses mesmos aposentos, então é cúmplice de um crime e pagará o preço em uma das famosas prisões de Londres.

O senhorio arquejou, os olhos redondos como pires, subitamente muito pálido.

– Crime? Ele era *amigo* do Sr. Law. Eu já o vi antes. Só precisava entrar por um minuto para pegar alguma coisa que esqueceu da última vez em que esteve aqui.

– E que magnânimo de sua parte deixá-lo entrar – comentou Bewcastle, enquanto a mão de Judith apertava com força o braço de Rannulf. – E ele entrou sozinho, presumo? Ou estava acompanhado por um homem de cabelos *escuros*?

Os olhos do senhorio voltaram a mostrar uma expressão evasiva.

– Talvez ele tenha lhe pagado muito bem para que você o descrevesse como fez, para permitir que entrasse desacompanhado e, principalmente, para dizer que o Sr. Law esteve aqui tanto na noite passada quanto nesta manhã.

– Não muito bem – murmurou o homem após um longo silêncio.
– Então você é mais tolo do que ele – falou Bewcastle, parecendo entediado.

– Seu canalha! – Rannulf soltou o braço de Judith e deu um passo à frente. – Eu deveria apertar seu pescoço até quase matá-lo. O que ele levou dos aposentos de Branwell Law? Ou, mais importante, o que deixou lá?

O senhorio deu um passo para trás, apavorado, e levantou as mãos.

– Eu não sabia que ele estava mal-intencionado. Juro que não sabia.

– Guarde essas juras patéticas para um juiz – disse Rannulf. – Leve-nos imediatamente até os aposentos de Branwell!

– Acho que talvez seja preferível procedermos com mais calma – adiantou-se Wulf, em um tom calmo. – Estou certo de que esse bom homem tem um lugar com certo conforto tolerável em que possamos esperar. Acredito também que, a partir de agora, será escrupuloso em contar a verdade a quem quer que lhe pergunte alguma coisa. Isso deve salvar o pescoço dele, ou ao menos deve lhe garantir alguns anos de liberdade.

Rannulf franziu o cenho. *Esperar?* Enquanto Effingham e Branwell estavam por aí? Enquanto o bom nome e a liberdade de Judith ainda estavam em perigo? Enquanto provavelmente havia provas plantadas nos aposentos de Law?

– Se não estou muito enganado, essa casa logo receberá outra visita. Se não estiver equivocado, o senhor também concordou em não reconhecer o mesmo cavalheiro de cabelos *escuros* quando ele voltar com um policial, certo?

O pomo de adão do homem se destacou quando, mais uma vez, engoliu em seco e olhou de Bewcastle para Rannulf.

– Mostre-nos um quarto que fique bem perto da porta.

Era um quarto pequeno e lúgubre, com a mobília velha. Os quatro foram levados até lá e deixados a sós, com a porta aberta.

Freyja riu baixinho.

– Às vezes, Wulf, não posso evitar admirá-lo. Como desconfiou?

– Ainda criança, Freyja – respondeu ele –, aprendi que dois mais dois sempre somam quatro.

– Mas e se não for esse o caso, agora? – perguntou Judith. – E se não houver nada nos aposentos de Bran? Por que não nos deixa conferir, Sua Graça?

– Agora o senhorio dirá a verdade – explicou Wulfric. – E será melhor, Srta. Law, se ele puder dizer com toda a honestidade que ninguém esteve nos aposentos de seu irmão desde que Effingham saiu de lá esta manhã.

– Então Bran não esteve aqui nem na noite passada, nem esta manhã, certo? – concluiu ela. – Onde ele está?

Essas eram apenas perguntas retóricas. Judith não esperava respostas. Rannulf pegou suas mãos e apertou-as com força, não se importando com o que Wulf e Freyja poderiam pensar.

– Vamos encontrá-lo – disse ele a Judith. – E se a desconfiança de Wulf estiver correta, e aposto que está, o nome dele já estará limpo quando o encontrarmos. Pare de se preocupar.

Se o irmão estivera desesperado o bastante para deixar Harewood no meio da noite, também estaria desesperado para fazer apostas muito altas para tentar recuperar sua fortuna.

– Não se preocupe – disse ele mais uma vez, levando uma das mãos dela aos lábios e mantendo-a ali por algum tempo até Judith olhar nos olhos dele e dar um meio sorriso.

Rannulf reparou que Freyja se sentara e os encarava com uma expressão indecifrável nos olhos. Bewcastle estava parado de um dos lados da janela, olhando para a rua.

– Ah, bem na hora.



Judith estava com muito medo do que estava prestes a acontecer, medo do que poderia ser encontrado nos aposentos de Branwell, medo do que talvez *não* fosse encontrado. Preocupava-se com Bran

e com a imagem que passava para aquela família orgulhosa, altiva e poderosa que lutava as batalhas dela por ela.

Mais do que tudo, no entanto, tinha receio da expressão nos olhos de Rannulf, da gentileza firme das mãos dele, do calor bondoso do beijo que dera em uma delas.

Ele não compreendia?

Ouviu o senhorio abrindo a porta. Todos ficaram imóveis. Judith reconheceu a voz de Horace e outra voz, profunda e brusca.

– Estou com a polícia de Londres investigando um grande roubo de joias. Devo insistir para que nos deixe entrar nos aposentos do Sr. Branwell Law.

– Suponho que não haja problema, então – disse o senhorio.

– Estou *torcendo* para que não encontremos nada, Witley, embora tema o pior. Afinal, Branwell Law é sobrinho de minha madrastra. Mas não imagino quem mais poderia ter roubado as joias da avó dele que não Branwell e a irmã. Os dois fugiram na mesma noite. Rezo para que seja uma pista falsa e que, lá em Harewood, já tenham descoberto que o culpado foi algum vagabundo que invadiu a casa durante o baile.

– É pouco provável, senhor – disse o policial.

Eles ouviram o som de botas subindo as escadas e logo o tilintar de chaves e o ranger de uma porta sendo aberta no andar de cima.

– Wulf e eu vamos subir – disse Rannulf. – Judith, fique aqui com Freyja.

Freyja bufou.

– Também vou subir – avisou Judith. – Essa situação diz respeito tanto a mim quanto a Branwell.

Havia uma porta aberta no topo do primeiro lance de escadas, provavelmente levando aos aposentos de Branwell. Judith pôde ver o senhorio parado logo na entrada. Ele se voltou com uma expressão preocupada, quando o grupo apareceu na porta. Horace estava parado no meio do quarto, de costas para a porta, os braços cruzados sobre o peito. O policial, um homem baixo, rotundo e careca, saía de um dos cômodos, talvez do quarto, trazendo uma pilha cintilante, que deviam ser as joias da avó dela.

– Ele nem sequer se deu ao trabalho de escondê-las com cuidado – disse o homem, com alguma satisfação.

– E *isso*, se não estou enganado – disse Horace apontando para uma cadeira que estava bem na linha de visão de Judith –, é uma das toucas de Judith Law. Ah, minha pobre Judith, que descuido de sua parte. Estava torcendo para que pudesse ser deixada fora disso.

– Mas ela muito provavelmente é cúmplice do crime, não é, senhor? – comentou o policial, colocando as joias com barulho em uma pequena mesa e pegando a touca que Judith tanto detestara.

Ela não sabia o que os outros esperavam para agir.

– Você é um vilão mentiroso, Horace! – gritou Judith, entrando no quarto e chamando para si a atenção perplexa dos dois homens.

– Plantou a evidência em meu quarto, em Harewood, e plantou provas aqui também. É uma vingança perversa e covarde, principalmente contra Branwell, que não fez nada para ofendê-lo.

– Ora, minha querida prima em pessoa – disse Horace. – Já tem um dos ladrões para prender sem precisar procurar, Witley.

Então os olhos dele foram além de Judith e a expressão zombeteira pareceu congelar em seu rosto.

– É bom deixar de lado esse ar de arrogância – falou Rannulf em voz baixa.

– Esses são os Bedwyn, Witley – apresentou Horace, sem tirar os olhos de Rannulf. – Com o duque de Bewcastle em pessoa. Uma família poderosa, como você sem dúvida deve saber. Mas espero que sua integridade, policial, esteja acima do medo de tamanho poder. Lorde Rannulf Bedwyn tem um carinho especial por Judith.

– O jogo acabou, Effingham – avisou Rannulf. – O senhorio que acaba de deixá-lo entrar nesses aposentos poderá atestar que Branwell Law não vem aqui há pelo menos duas semanas... antes do roubo, portanto. Ele também atestará que, esta manhã, recebeu um substancial suborno para permitir que você, Horace, entrasse nesses aposentos sem estar acompanhado e também para que contasse algumas mentiras caso fosse interrogado, incluindo dizer que Law estivera aqui ontem e hoje. Além disso, atesto que vi essa touca em Harewood, na semana passada, e que não a vi sequer

uma vez no tempo em que acompanhei a Srta. Law até Londres. Ela também não esteve sozinha, sem a companhia de algum membro de minha família desde que chegamos, ontem à tarde. Se essas são *todas* as joias que podem ser encontradas nesses aposentos, eu diria que deve haver muitas mais em algum outro lugar. Judith, você saberia melhor do que eu. Há mais joias?

– Muitas mais – confirmou ela.

– A pergunta agora é: será que Effingham teria sido arrogante o suficiente para mantê-las em *seus* aposentos, presumindo que ninguém sonharia em procurá-las ali?

O policial pigarreou.

– Está fazendo acusações muito sérias, milorde.

– São mesmo muito sérias – concordou Rannulf. – Talvez, já que estamos em uma caça ao tesouro, devêssemos nos convidar a visitar os aposentos de Effingham e dar uma olhada por lá.

Observando Horace de perto, Judith soube que ele estava derrotado. *Fora* tolo o bastante para manter as joias em seus aposentos. E agora se incriminava ainda mais ao ficar ruborizado. Estava tão acovardado naquele momento quanto estivera do lado de fora do caramanchão em Grandmaison.

Judith levou as mãos ao rosto por um instante e parou de ouvir o que acontecia ao redor. Tudo aquilo acontecera porque ela usara, em Harewood, no dia da chegada de Horace, um de seus vestidos que não havia sido alargado e *não* colocara uma touca. Ele a desejara, como os homens vinham fazendo desde que ela se transformara em uma moça, e tudo se desenrolara a partir daquele momento.

Era tudo culpa dela.

Judith viu que Freyja continuava sentada em uma das cadeiras do quarto, as pernas cruzadas, balançando um dos pés. Assistia a tudo com um leve ar divertido. O duque ainda estava do lado de fora do quarto, de costas, as mãos cruzadas para trás, sem participar da ação.

– Eu *estive* aqui mais cedo e descobri tudo... *todas* as joias. – Horace tentava se explicar – Levei a maior parte delas comigo para

mantê-las a salvo e deixei o resto apenas para que pudesse trazê-lo aqui comigo, Witley, como testemunha.

– Acredito, senhor, que é melhor irmos a seus aposentos e pegar o restante das joias. Então, acho que terei que prendê-lo.

Judith levou a mão à boca e fechou os olhos. Prisões levavam a julgamentos, testemunhas, exposição pública e um terrível sofrimento para as famílias envolvidas. Levavam também a punições, muitas vezes bastante duras. Ela se ouviu gemer e Rannulf passou os braços por trás dela, segurando-a pelos cotovelos.

– Witley, certo? – manifestou-se o duque, finalmente entrando no quarto com aparente desprezo. – Talvez prefira deixar que lorde Rannulf Bedwyn e eu lidemos com a questão. Não queremos um escândalo público.

O policial pareceu em dúvida e Horace o encarou com certo desalento, talvez imaginando qual sorte seria pior.

– Não sei se devo fazer isso, Sua Graça. Vai contra o que é correto permitir que um homem escape de uma punição justa e legal apenas porque é um cavalheiro.

– Ah, mas posso lhe assegurar que ele será punido – afirmou o duque, a voz tão fria e baixa que Judith estremeceu.

– Srta. Law – disse Freyja, levantando-se –, acredito que esse seja o momento em que logo nos dirão para sair daqui. É melhor sairmos voluntariamente.

O dia parecia surreal para Judith. E, de repente, se tornou ainda mais. Quando Freyja e ela já se viravam na direção da porta aberta, alguém entrou.

– Posso saber que diabo está acontecendo aqui? – perguntou uma voz familiar.

– *Bran!*

Judith se jogou nos braços do irmão.

– Jude? Effingham? Bedwyn?

– Você não pegou as joias, não é? – perguntou Judith, levantando a cabeça e encarando o rosto pálido e de cenho franzido do irmão. – Lamento por ter desconfiado de você, Bran. Foi terrível de minha parte e imploro que me perdoe.

– *Que* joias? – Ele quis saber, as sobrancelhas muito erguidas.
– O mundo enlouqueceu?

– As joias da vovó desapareceram logo depois que você foi embora no meio do baile e a bolsa de veludo vazia e um brinco foram encontrados no meu quarto. Horace plantou as joias naquela mesa, esta manhã, junto com uma touca que tia Effingham me fez usar em Harewood, e trouxe um policial até aqui para encontrá-las. Mas o duque de Bewcastle desconfiou de todo o esquema e chegamos a tempo de pegar Horace. Agora, Lady Freyja e eu estávamos prestes a deixar o quarto, porque acho que lorde Rannulf dará uma surra em Horace.

Ela enterrou o rosto no ombro do irmão e desatou em lágrimas.

– Ora, ora, isso explica tudo. – Judith ouviu Branwell dizer enquanto tentava se controlar. – Foi esse o motivo de você ser tão desagradável durante o baile, Effingham, e de sugerir que eu fosse até a casa de Darnley, onde um grupo de cavalheiros se reunia para jogar a semana inteira, a fim de tentar ganhar dinheiro o bastante para lhe pagar.

– E *quanto* você ganhou, Law?

Até naquele momento Horace tinha a insolência de ser debochado.

– Na verdade, 30 libras – respondeu Branwell. – Ah, obrigado, Bedwyn.

Ele pegou algo das mãos de Rannulf e entregou a Judith. Era um lenço. Ela saiu do quarto, secou os olhos e assoou o nariz.

– Estava prestes a apostar as 30 libras quando recuperei o bom senso – explicou Branwell. – Com certeza teria perdido o que ganhara e mais. Mas com as trinta libras, acredito que posso devolver o dinheiro que gastou com minha viagem, Effingham, e pagarei quando puder todas as outras dívidas. Deixei a reunião um dia mais cedo e voltei para a cidade bem a tempo. Agora também tenho uma surra a dar.

Judith sentiu uma mão pousar em seu ombro.

– As damas sempre acabam perdendo o melhor da diversão – comentou Freyja, com um suspiro. – Venha, vamos para casa.

– *Diversão!*

Judith levantou os olhos para a outra mulher com certa indignação. O mundo dela havia desmoronado e Lady Freyja pensava em *diversão*?

Mas Judith não resistiu à pressão da mão em seu ombro. Para ser sincera, queria ir embora correndo dali. Sentia-se terrivelmente envergonhada, mesmo ignorando todo seu sofrimento pessoal. Que horror a família de lorde Rannulf ter que ser testemunha de ações tão sórdidas envolvendo a família *dela*! Saberem tudo sobre Bran e as extravagâncias tolas do rapaz! Saberem o quanto era perverso o enteado da tia dela! Terem que presenciar o descontrole dela, chorando como se seu coração estivesse se partindo! E pensar que apenas alguns dias antes estivera dançando com lorde Rannulf e fantasiando que talvez fosse possível aceitar o pedido de casamento dele.

Deveria ficar muito grata por tudo aquilo ter acontecido para lhe devolver o bom senso.

Apropriado para o espírito do dia, o clima do lado de fora estava úmido. Chuviscava e elas tiveram que correr até a carruagem.

– Argh! – disse Lady Freyja, sacudindo o vestido depois que as duas se sentaram e o veículo partiu. – Vou ficar feliz por chegar em casa, embora tivesse preferido ficar para assistir ao que vai acontecer.

Casa. Aquela foi a única palavra que Judith ouviu.

– Lady Freyja, posso pedir um enorme favor?

A outra mulher a encarou, curiosa.

– Poderia me emprestar... Não, não posso pedir um empréstimo. Duvido que algum dia vá ser capaz de lhe devolver o dinheiro, embora prometa tentar. Poderia me *dar* o dinheiro da passagem de uma diligência que vá para Wiltshire? Sei que é um terrível atrevimento de minha parte...

– Por quê? – perguntou Lady Freyja.

– Não tenho razão para ficar aqui mais tempo – explicou-se Judith. – E não posso mais abusar da hospitalidade do duque de Bewcastle. Quero ir para casa.

– Sem se despedir de Ralf?

Judith fechou os olhos por um instante. O silêncio se estendeu por algum tempo na carruagem.

– Muitas mulheres fariam de tudo para serem olhadas por um homem do modo como Ralf a olhava naquele quarto, enquanto esperávamos.

Judith engoliu em seco.

– Não pode fingir que não viu a impropriedade de tal relação no momento em que pôs os olhos em mim ontem, ou que seus irmãos também não viram. Hoje a senhorita deve ter tido ainda mais consciência dessa impropriedade. Vou partir assim que pegar minha bolsa na Bedwyn House, com ou sem sua ajuda. Imaginei que a senhorita ficaria feliz em dispor do dinheiro de minha passagem, já que isso significaria me ver fora da vida de lorde Rannulf.

– A senhorita sabe muito pouco sobre nós, Bedwyns – comentou Lady Freyja.

– Não vai me ajudar, então?

– Ah, sim, vou.

Sem lógica alguma, Judith sentiu uma tristeza ainda maior se abater sobre ela, como se isso fosse possível. Ficara parada do lado de fora do quarto, assoando o nariz, sem sequer olhar ao redor. Não se virara para olhar uma última vez para ele. Tudo o que tinha para se lembrar dele era o lenço ainda amassado em uma das mãos... e a touca.

– Obrigada – disse Judith.

CAPÍTULO XXII



Algumas horas se passaram até Horace Effingham ser levado para fora dos aposentos de Branwell Law, acompanhado por dois homens corpulentos que Bewcastle conseguira recrutar. Effingham passaria a noite em seus próprios aposentos, vigiado, e então seria escoltado de volta a Harewood Grange, para que seu pai lidasse com a questão, provavelmente consultando a Sra. Law, que sofrera a maior ofensa.

Effingham saiu com o nariz vermelho e inchado e um olho que estaria fechado e roxo pela manhã, ambos cortesia de Branwell Law, minutos depois que as damas e o policial saíram.

Rannulf não encostara a mão em Effingham para nada mais violento do que levantá-lo do chão pelo colarinho algumas vezes, quando ele insistia em ser teimoso e insolente. Rannulf teria adorado transformar o desgraçado em uma poça de sangue, mas a presença fria e silenciosa de Bewcastle teve um efeito calmante sobre ele. Afinal, o que a violência provava, a não ser que um era mais forte do que o outro? Uma demonstração física de força fora totalmente apropriada do lado de fora do caramanchão, na casa da avó de Rannulf. Ali teria sido apenas autoindulgência.

Law pegara pena, tinta e papel e Effingham fora instruído a sentar-se diante da mesa e escrever uma carta de confissão com pedidos de desculpas para a Sra. Law, para Sir George Effingham e

uma terceira para o reverendo Jeremiah Law. A tarefa levava quase duas horas, principalmente porque Rannulf não gostara da maior parte. Antes que conseguissem três cartas aceitáveis, tanto para Rannulf quanto para Branwell Law, já estavam cercados por centenas de folhas de papel amassadas que haviam sido jogadas no chão.

As cartas foram enviadas com o lacre de Bewcastle. Detalhadas, desprezíveis e abjetas, chegariam às mãos da Sra. Law e de Sir George antes do próprio culpado. Só isso já seria castigo o bastante, pensou Rannulf, embora de certo modo parecesse menos satisfatório do que teria sido dar uma boa surra no patife. Mas a humilhação pública era uma coisa terrível para um homem. O rosto de Effingham, quando ele partiu, inchado e feio, cheio de ódio e frustração, era a prova disso. Não seria fácil para ele voltar a Harewood e encarar o pai e a madrasta.

As joias seriam devolvidas a Harewood por um mensageiro especial.

– Então é isso – disse Branwell, afundando em uma cadeira, quando Effingham e os homens que o escoltariam finalmente partiram. O rapaz apoiou a cabeça contra o encosto e cobriu os olhos com as costas da mão. – Que coisa terrível de se fazer. E pensar que já considereei Effingham meu amigo. Até mesmo o admirava. – Ele pareceu se lembrar de quem estava presente e endireitou-se na cadeira. – Não sei o que teria feito sem sua ajuda, Sua Graça, e a sua, Bedwyn. Não tenho palavras para lhes agradecer. Estou falando sério. Agradeço em nome de Jude também, ela não merecia isso.

– Não – concordou Rannulf –, ela não merecia.

Law sorriu sem jeito e olhou de um irmão para o outro, envergonhado.

– Quero saber a extensão de suas dívidas – disse Rannulf, permanecendo de pé e cruzando as mãos nas costas.

– Que absurdo! – Law enrubesceu. – É uma quantia insignificante. Nada com que eu não possa lidar.

Rannulf se aproximou mais um passo do rapaz.

– Quero saber o valor total de suas dívidas... até o último tostão. – Ele indicou a mesa, ainda com papel, tinta e uma pena sem uso. – Escreva tudo, até a quantia mais irrisória.

– Com certeza não farei uma coisa dessas, Bedwyn. Não é problema seu...

Rannulf estendeu a mão, pegou o jovem pelo colarinho e colocou-o de pé.

– Pois estou dizendo que agora é problema meu. Quero saber tudo o que deve... *tudo*, entendeu? Vou pagar suas dívidas.

– Não posso permitir que faça isso por mim. Vou conseguir...

– Não estou fazendo isso por *você* – falou Rannulf.

Law respirou fundo mais uma vez e fechou a boca. Então franziu o cenho.

– Por Jude?

– Você não fez nada além de empobrecer sua família. E está prestes a completar o processo. A Srta. Judith Law foi mandada para a casa de parentes ricos, que a tratavam como uma criada de luxo. Uma de suas outras irmãs está prestes a sofrer o mesmo destino. E há mais duas delas, assim como sua mãe, ainda em casa. Um jovem tem direito a fazer algumas besteiras na vida, por mais cansativo que isso possa se tornar para todos que o conhecem. Mas ele *não* tem o direito de levar a família inteira à ruína e à infelicidade. *Você* não tem o direito de fazer a Srta. Judith Law infeliz. Comece a escrever. Leve o tempo que precisar e não se esqueça de nada. Suas dívidas serão pagas, você receberá dinheiro para pagar seu aluguel e para as despesas pelo próximo mês. Depois, terá que arrumar um meio de ganhar a vida ou morrerá de fome. Mas uma coisa vai me dar sua palavra de cavalheiro de que não irá mais acontecer: nunca mais usará um tostão do dinheiro de seu pai.

Branwell estava muito pálido.

– Você faria tudo isso por *Judith*?

Rannulf apenas estreitou os olhos e apontou para a mesa. Law se sentou, pegou a pena e mergulhou a ponta na tinta. Rannulf relanceou o olhar para Bewcastle, que estava sentado do outro lado da sala, uma perna cruzada elegantemente sobre a outra, os

cotovelos apoiados nos braços da cadeira, os dedos entrelaçados. Ele ergueu as sobrancelhas quando encontrou os olhos do irmão, mas não fez nenhum comentário.

A meia hora seguinte passou em silêncio, a não ser pelo barulho da pena de Law, arranhando o papel, e de alguns sussurros enquanto somava valores. O rapaz se levantou duas vezes, entrou no quarto, e voltou com uma conta na mão.

– Pronto – disse por fim, secando a tinta e entregando a folha de papel para Rannulf. – Está tudo aqui. Temo que seja uma quantia considerável. – O rosto dele estava vermelho de vergonha.

Para Rannulf, a soma não parecia tão grande, mas para um homem que não tinha meios de pagar sequer uma libra das dívidas, parecia mesmo um valor astronômico.

– Um conselho: apostar pode ser uma atividade prazerosa se o homem em questão tem dinheiro para perder e determina limites em relação à quantia que está disposto a gastar. Mas é uma forma infeliz e maldita de tentar recuperar fortunas que não existem.

– Aprendi minha lição – comentou Law com fervor. – Nunca mais farei outra aposta na vida.

Rannulf ergueu as sobrancelhas.

– Agora, Sr. Law – manifestou-se Bewcastle, quebrando um longo silêncio –, me diga que tipo de carreira acha que mais combina com o senhor. Serviço diplomático? As leis? Carreira militar? A Igreja?

Os dois homens se viraram para encará-lo.

– A Igreja, não. Não consigo imaginar nada mais tedioso. Nem a carreira militar. Ou as leis.

– Serviço diplomático, então?

– Sempre achei que gostaria de fazer alguma coisa relacionada ao comércio – confessou Law. – Gostaria de ir para a Índia ou para outro lugar além-mar. Mas meu pai sempre disse que era indigno de um cavalheiro.

– Não é o caso de certas posições – esclareceu Bewcastle. – Embora, é claro, um iniciante não possa esperar ocupar um dos cargos mais importantes em qualquer empresa antes de trabalhar duro em tarefas mais humildes e provar seu valor.

– Estou pronto para trabalhar arduamente – prometeu Law. – Para dizer a verdade, estou enjoado da minha vida atual. Não há prazer algum nela se não temos o dinheiro que nossos camaradas têm.

– Exatamente – concordou Bewcastle. – O senhor pode passar para me visitar amanhã, às dez horas. Verei o que posso fazer.

– O senhor me ajudaria a começar uma *carreira*? – perguntou Law. – Faria isso por mim, Sua Graça?

Bewcastle não se dignou a responder. Levantou-se e pegou o chapéu e a bengala. Então acenou brevemente com a cabeça na direção de Branwell, em despedida.

– Receio que Freyja tenha voltado de carruagem, Rannulf. Teremos que chamar uma carruagem de aluguel.

Ela havia feito isso. E foi uma boa ideia, já que chovia muito. Rannulf deixou Bewcastle entrar e se acomodou no banco em frente com um suspiro. Sentia-se exausto. Tudo o que queria era voltar para casa e ver Judith, tomá-la nos braços – e não se importaria nem um pouco se todos os seus irmãos e irmãs estivessem em fila para vê-lo fazer isso – e assegurar que a provação havia terminado, que tudo estava bem, que não precisavam fazer mais nada além de valsar juntos em direção ao final feliz deles.

– Foi muito decente o que fez, Wulf – comentou Rannulf quando a porta foi fechada e a carruagem posta em movimento. – A única chance que Law tem de consertar a vida é se estabelecer em uma carreira sólida. Mas sem a ajuda de alguém influente, as escolhas dele seriam muito limitadas.

– Está planejando se casar com a Srta. Law? – perguntou o irmão.

– Estou.

Rannulf o encarou com cautela.

– Ela é extraordinariamente bela, apesar do vestido muito simples e da severidade do penteado. Você sempre teve um bom olho para mulheres assim.

– Não há ninguém que se compare a Judith Law – afirmou Rannulf. – Mas se pensa que não vi nada além da beleza física dela, Wulf, está enganado.

– Ela estava no papel da donzela em perigo. Acredito que a ânsia galante de cavalgar para salvá-la às vezes possa ser confundida com amor.

– Judith nunca se comportou como vítima – assegurou Rannulf.
– E não estou confundindo nada. Se estiver prestes a recitar todas as formas pelas quais ela *não* é uma noiva adequada para mim, pode poupar seu fôlego. Sei de todas e elas não fazem a menor diferença no que sinto por Judith. Tenho posição, dinheiro e perspectivas o bastante para não precisar de uma noiva rica.

O irmão não fez nenhum comentário.

– Deduzo, então – disse Rannulf, depois de alguns momentos de silêncio –, que não terei sua bênção, Wulf?

– Ela é importante para você?

Rannulf pensou por um momento.

– Sim, é importante. Você me enfurece com frequência, Wulf, e nunca permitirei que me domine, mas eu o respeito talvez mais do que a qualquer outra pessoa que conheço. Sempre cumpriu seu dever e, às vezes, vai além dele por cada um de nós, mesmo que seja desagradável ou tedioso para você. Como quando, um ou dois meses atrás, foi até Oxfordshire para ajudar Eve e Aidan a recuperar a custódia dos filhos adotivos dela... E como o que fez por mim, hoje. Sim, sua bênção é importante para mim, mas me casarei com Judith com ou sem ela.

– Você a tem – disse Wulf em voz baixa. – Não estaria cumprindo com meu dever se não lhe apontasse todas as possíveis futuras fontes de insatisfação, assim que a empolgação com o romance murchar. Casamento é um compromisso para a vida inteira e nós, Bedwyns, sempre somos fiéis a nossos cônjuges. Mas a escolha é sua, Rannulf. Já tem idade o suficiente e será você que terá que conviver com ela pelo resto da vida.

Era por isso que Bewcastle nunca havia se casado?, se perguntou Rannulf. Em seu jeito frio e calculista, o duque sempre levava em conta as possíveis “fontes de futura insatisfação”? O irmão mais velho nunca mostrara sequer o mais leve interesse por qualquer dama, apesar de ser um dos melhores partidos da

Inglaterra. Ele mantinha a mesma amante havia anos, mas não tivera nenhum romance que pudesse levar ao casamento.

– Não estou esperando o “felizes para sempre”, Wulf. Mas espero ser feliz mesmo depois que a rosa em botão da empolgação murchar. Como você acaba de dizer, casamento é um compromisso para a vida inteira.

Eles não conversaram mais e, assim que a carruagem parou diante das portas da Bedwyn House, Rannulf desceu, entrou correndo em casa e subiu as escadas até a sala de visitas. Alleyne, Freyja e Morgan estavam lá, mas Judith não.

– Ah, finalmente – disse Alleyne. – Venha nos contar o resto da história, Ralf. Aparentemente, Free e a Srta. Law foram banidas no momento mais interessante. Deixe-me ver os nós de seus dedos.

– Onde está Judith? – perguntou Rannulf.

– No quarto dela, suponho – respondeu Alleyne. – Sem dúvida exausta com todos os acontecimentos do dia. Effingham começou uma briga? Se fez isso, não acertou seu rosto, mesmo com o enorme alvo que é o nariz dos Bedwyns.

Ele sorriu.

– A Srta. Law não está lá – revelou Morgan. – Ela foi embora.

Rannulf a encarou com severidade e logo desviou o olhar para Freyja, que estava sentada mais quieta do que de hábito e não havia exigido um relatório do que acontecera depois que ela deixara os aposentos de Law.

– Ela foi para casa, em uma diligência – explicou Freyja.

– Para casa?

Rannulf encarou a irmã sem compreender.

– Beaconsfield, em Wiltshire. Para a casa paroquial, o lugar aonde a Srta. Law acredita pertencer.

Ele continuou a olhar para a irmã, perplexo.

– Maldição!



Choveu durante a maior parte da noite, o que tornou mais lento o avanço da diligência e, por umas duas vezes, o estômago de Judith se apertou de medo quando a carruagem derrapou em poças de lama particularmente ruins. Mas pela manhã o céu havia clareado, o sol brilhava e havia rostos familiares sorrindo para ela e cumprimentando-a, quando desceu diante da estalagem em Beaconsfield.

Isso, entretanto, não era tranquilizador. Enquanto descia a rua com dificuldade na direção da casa paroquial que ficava no outro extremo da cidade, sentia como se pisasse no próprio coração. Nem sequer olhara uma última vez para ele. Pior: ficara em pânico durante todo o interminável caminho de volta, como uma tola, por não conseguir visualizar o rosto dele na mente.

A história dela tivera um final feliz. Judith não parava de repetir isso para si mesma. Tanto ela quanto Bran foram inocentados e o verdadeiro culpado fora descoberto. As joias da avó haviam sido recuperadas – ao menos ela presumia que tivessem sido recuperadas, já que Horace não negara estar com o restante delas em seus aposentos.

Agora ela voltava para casa. Com certeza tia Effingham não iria querê-la em Harewood. Era pouco provável que a tia fosse querer qualquer uma delas, assim Hilary talvez estivesse livre da infelicidade de ter que viver lá.

Mas ela não sentia que era um final feliz. Sentia o coração apertado e que, talvez, demorasse uma eternidade para melhorar.

Além do mais, mesmo se ignorasse o estado de seu coração, estava longe de um final completamente feliz. Muito pelo contrário. Nada fora resolvido para a família dela. Bran estava cheio de dívidas e parecia que o único modo que ele encontrava para pagá-las era apostar ou pedir ajuda ao pai. Ele seria forçado a optar pela última opção e a família desceria ao nível da pobreza. Parecia muito possível que o último destino de Bran fosse a prisão. Talvez para o pai deles também.

Não, aquela era uma manhã infeliz de todas as maneiras possíveis. Mas, enquanto estava imersa nesses pensamentos

lúgubres, a porta da casa paroquial se abriu e Pamela e Hilary saíram de lá em disparada. Hilary deu um gritinho.

– Jude! – exclamou a moça. – Jude, você veio para casa!

Judith pousou a mala na estrada, perto do portão do jardim e, apesar de tudo, sorriu, enquanto as irmãs se jogavam em seus braços e a apertavam até lhe tirar o ar. Cassandra veio atrás das outras duas, sorrindo calorosamente e estendo os braços.

– Judith – disse, abraçando a irmã também. – Oh, Jude, tivemos tanto medo de que você não viesse para casa e que nunca mais a víssemos de novo. – Os olhos dela estavam marejados. – *Sei* que deve haver uma explicação. Tenho certeza. Onde está Bran?

Mas, antes que Judith pudesse responder, ela se deu conta da figura silenciosa e severa do pai, na porta. Foi como se os dedos invisíveis de um destino cruel a envolvessem.

– Judith – disse ele sem erguer a voz, usando o tom do púlpito –, venha ao meu escritório, por favor.

Obviamente eles já haviam recebido alguma notícia de Harewood.

– Acabo de chegar de Londres, papai – disse ela. – Todas as joias da vovó foram recuperadas. Foi Horace Effingham quem as roubou com o único propósito de nos incriminar, Branwell e eu. Mas ele foi descoberto e confessou. Houve mais testemunhas, o duque de Bewcastle entre elas. Acredito que tudo será explicado à vovó e ao tio George nos próximos dias.

– Ah, Jude. – Cassandra chorava abertamente. – Eu sabia. Sabia, sabia. Nunca duvidei, nem por um momento.

A mãe entrou no estúdio, afastando o pai com o cotovelo e abrindo caminho para dar um abraço caloroso em Judith.

– Eu estava na cozinha! – exclamou ela. – Meninas, por que não me chamaram? Judith, meu amor! E Branwell também foi inocentado? Aquele menino é um problema para seu pobre pai, mas não é um ladrão, assim como você também não. Você veio na diligência? – Ela afastou um cacho de cabelo que se soltara da touca de Judith. – Está exausta, criança. Venha tomar um café e vou colocá-la na cama.

Ao menos daquela vez, o pai foi sobrepujado por suas mulheres. Ele ficou de pé, perturbado e com o cenho franzido, mas não fez mais nenhuma tentativa de puxar Judith para o lado a fim de puni-la de algum modo pelo que ouvira de Harewood. E ninguém, percebeu Judith, havia comentado a menção que fizera ao duque de Bewcastle.

Depois de ser levada para a cozinha, Judith não viu o pai até depois do meio-dia. Ela não se deitara como havia sido pressionada a fazer. Preferiu passar a manhã com a mãe e as irmãs na sala de visitas. Enquanto as outras se ocupavam costurando, Judith escrevera duas cartas: uma para o duque de Bewcastle e outra para lorde Rannulf. Sabia que tinha um profundo débito de gratidão com ambos e, ainda assim, fora embora da Bedwyn House sem dizer uma palavra a qualquer um dos dois. Havia acabado de encerrar a longa e difícil tarefa quando o pai entrou na sala, o cenho franzido como de hábito, com uma carta aberta nas mãos.

– Acabo de receber esta carta de Horace Effingham – falou ele.
– Ela confirma o que você me contou esta manhã, Judith. É uma confissão completa, não apenas do roubo e da tentativa de incriminar você e Branwell, como também diz os motivos que o levaram a isso. Effingham tentou forçá-la a receber as atenções dele em Harewood, Judith, e você o repeliu da forma mais decorosa. O esquema dele foi uma tentativa de se vingar de você. De acordo com a carta de Effingham, ele também escreveu para minha mãe e para Sir George.

Judith fechou os olhos. Sabia que todos haviam acreditado nela naquela manhã, até mesmo o pai. Mas que alívio se ver inocentada. Horace nunca teria escrito uma carta daquelas por iniciativa própria, é claro, principalmente a parte humilhante de ela ter rejeitado os avanços dele e do conseqüente desejo de vingança. Horace fora forçado a escrever a carta... por lorde Rannulf. Tudo aquilo acontecera mesmo ainda na véspera? Parecia ter sido há um século...

Rannulf fizera tudo aquilo pelo bem dela.

– Seu nome está limpo, Judith – disse o pai. – Mas por que Horace Effingham teria acreditado que você poderia estar disposta a

ceder aos avanços impróprios dele? E onde está sua touca?

Era a velha história de novo. Os homens olhavam para ela com desejo e o pai a culpava. A única diferença era que ela agora sabia que não era feia.

Posso lhe dizer sinceramente que nunca conheci uma mulher cuja beleza chegasse aos pés da sua.

Judith tentou se lembrar do som da voz de lorde Rannulf quando ele dissera aquelas palavras para ela no lago atrás de Harewood.

– Não quero mais usá-la, papai.

Para sua surpresa, o pai não a repreendeu ou ordenou que ela fosse até o quarto pegar uma touca. Em vez disso, estendeu a Judith outra carta, ainda com lacre.

– Essa chegou para você ontem. É da sua avó.

Judith sentiu o estômago queimar. Não queria ler a carta. A avó acreditara que ela era uma ladra. E ainda acreditava quando escreveu a carta. Judith ficou de pé mesmo assim e pegou a correspondência das mãos do pai. Mas, de repente, não conseguiu mais aguentar ficar presa em casa, cercada por toda a normalidade confortável da vida familiar. Nada estava normal.

Nada estaria normal.

– Lerei a carta no jardim.

Ela não parou para pegar a touca. Saiu pela porta dos fundos e reparou que as flores de verão da mãe tinham desabrochado em uma profusão de cores. Mas não conseguia apreciar tanta beleza.

Nem se virara para olhá-lo uma última vez.

O jardim era perto demais da casa e, por isso, Judith ainda se sentia sufocada. Olhou desejosa para as colinas que se estendiam além da cerca dos fundos. Ansiava por seu refúgio sempre que queria ficar só. As mesmas colinas onde passeava e se sentava para ler quando era menina, onde aprendera a atuar.

Ela abriu o portão e subiu, parando apenas quando chegou a uma rocha conhecida, grande e plana, que ficava a dois terços do caminho até o topo da colina mais próxima. Dali ela podia ver o vale, a cidade abaixo e as sebes que cercavam as fazendas. Judith ficou

sentada na pedra por talvez meia hora antes de pegar a carta da avó no bolso.

Era uma carta repleta de tristeza. Em uma hora de fraqueza, escrevera a velha dama, ela acreditara na maldita evidência. Dizia ainda que naquelas duas semanas passara a amar Judith como não amava ninguém desde que o avô morrera, mas *acreditara*.

Apenas por uma hora.

Então, passara a noite arrasada pelo remorso e, assim que chegou uma hora decente, se apressou a ir aos aposentos de Judith para pedir perdão à neta... apoiada em seus velhos joelhos se fosse necessário. Mas Judith havia partido. E ela não sabia se algum dia conseguiria se perdoar por ter duvidado da neta mesmo que por apenas uma hora. Judith conseguiria perdoá-la?

Judith não conseguiria. Ela amassou a carta e olhou para o vale mais abaixo com os olhos cheios de lágrimas. Não conseguiria perdoar a avó.

Mas então lembrou-se de como havia suspeitado de Branwell... por muito mais do que uma hora. Na verdade, não tivera certeza da inocência dele até a prova lhe ser finalmente apresentada. Em que era diferente da avó, que nem sequer tivera alguma prova da inocência da neta quando escrevera a carta?

– Vovó – sussurrou Judith, segurando a carta contra os lábios. – Ah, vovó...

Ela permaneceu sentada por um longo tempo, alisando a carta, dobrando-a cuidadosamente e colocando-a de volta no bolso do vestido, os joelhos puxados contra o corpo, os braços passados ao redor deles, o olhar perdido nas colinas, aproveitando o calor do sol e o frescor da brisa, revirando por dentro a infelicidade que sentia e encarando-a sem medo.

Tinha uma família que a amava. A vida se tornaria cada vez mais difícil para eles, mas *eram* uma família e o pai ainda tinha seu meio de ganhar o pão de cada dia. Eles com certeza não ficariam desamparados. Que egoísmo da parte dela ficar com medo de ser pobre. Milhares de pessoas pobres sobreviviam e levavam suas vidas com dignidade e valor. E Judith tinha a avó que talvez a amasse mais do que qualquer um no mundo. Que bênção ser tão

amada! Ela não teria o *homem* que amava, mas coração partido não era sentença de morte. Tinha 22 anos, ainda era nova. Nunca se casaria, mas uma vida sem casamento não significava uma vida sem objetivo ou felicidade.

Ela faria a própria felicidade. *Faria*. Não teria expectativas absurdas para si mesma. Se permitiria algum tempo para sofrer, mas não chafurdaria na própria tristeza. Não se atolaria em autopiedade.

Faria mais do que existir nos anos que lhe restavam. *Viveria!*

– Estava começando a achar – disse uma voz familiar – que teria que escalar até o topo dessa colina antes de encontrá-la.

Judith se virou depressa, protegendo os olhos contra o sol.

Havia esquecido, pensou da forma mais tola, o quanto ele era atraente.

CAPÍTULO XXIII



Ela estava sentada em uma rocha grande e plana, em tamanho esplendor de beleza iluminada pelo sol que seu coração ficou apertado. Não usava a touca. Parecia alguém que subira para a liberdade, longe de todos que poderiam ter lhe imposto padrões de beleza e decoro.

– O que está fazendo aqui? – perguntou Judith.

– Olhando para você – disse ele. – Parece que não a vejo há uma semana, não apenas 25 ou 26 horas. Você tem a mania de fugir de mim.

– Lorde Rannulf – falou ela, retirando a mão que protegia os olhos e puxando de novo os joelhos junto ao corpo, como se tentasse se proteger –, por que veio até aqui? É porque parti sem lhe dizer nada? Eu *escrevi* uma carta, tanto para você quanto para o duque de Bewcastle. As cartas estão prontas para serem enviadas.

– Essa é a minha?

Ele ergueu a folha com lacre endereçada a ele na letra elegante de Judith.

– Você esteve na casa?

Os olhos dela se arregalaram.

– É claro que estive na casa paroquial – confirmou Rannulf. – Sua governanta me levou até a sala de estar, onde conheci sua mãe e suas três irmãs. São todas encantadoras. Pude distinguir

facilmente a que você me descreveu como sendo a beldade da família. Mas você estava errada, sabe? A beleza dela não chega nem perto da sua.

Judith apenas abraçou os joelhos com mais força.

– Sua mãe me deu isso – disse ele, indicando a carta.

Rannulf rompeu o lacre com o polegar. Judith começou a estender a mão para detê-lo, mas optou, enfim, por abaixar a cabeça e descansar a testa sobre os joelhos.

– “Caro lorde Rannulf” – leu ele em voz alta –, “não sei nem como começar a lhe agradecer por toda a gentileza que teve para comigo desde que deixei Harewood Grange, até ontem.” – Rannulf levantou os olhos para a cabeça abaixada dela. – *Gentileza*, Judith?

– Você *foi* gentil – insistiu ela. – Absurdamente gentil.

Ele relanceou o olhar pelo resto da curta missiva, que continuava no mesmo estilo que começava.

– “Respeitosamente sua.” – Ele leu em voz alta outra vez, quando chegou ao fim. – E isso é tudo o que tinha para me dizer?

– Sim. – Ela levantou os olhos para ele. Rannulf dobrou a carta e guardou-a no bolso do paletó. – Lamento não ter ficado para lhe dizer tudo em pessoa, mas a essa altura já deve saber que sou uma covarde no que se refere a despedidas.

– Por que precisa dizer adeus? – perguntou Rannulf.

Ele sentou na pedra, ao lado dela. Estava quente do calor do sol. Judith suspirou.

– Não é óbvio?

Tão óbvio quanto o nariz no rosto dele... Ela era uma mulher orgulhosa e obstinada, embora, por mais paradoxal que pudesse parecer, tivesse muito pouca confiança em si mesma. Toda a autoconfiança fora esmagada por pais repressores, que sem dúvida tinham boas intenções, mas fizeram um grande mal à filha que era o cisne entre os outros patos.

– O duque de Bewcastle é meu irmão e é um aristocrata presunçoso, tão arrogante quanto qualquer monarca. Ele só precisa erguer um dedo para conseguir o que quer. Freyja, Morgan e Alleyne são meus irmãos, vestem-se com ostentação, comportam-se de forma altiva e como se estivessem um ou dois degraus acima

dos meros mortais. A Bedwyn House é uma das casas de minha família e é uma mansão rica e esplêndida. Apenas Bewcastle e Aidan estão entre mim e o ducado, com fabulosas e ricas propriedades espalhadas por vastas áreas na Inglaterra e no País de Gales. Cheguei perto de descrever metade do que é óbvio?

– Sim.

Judith não olhou para ele, apenas desviou os olhos para as montanhas.

– O reverendo Jeremiah Law é seu pai – continuou ele. – É um cavalheiro de posses moderadas e pastor de uma paróquia pouco proeminente. Tem quatro filhas para sustentar com uma renda que foi severamente dilapidada pelas extravagâncias de um filho que ainda não se estabeleceu para ganhar a própria vida. O reverendo ainda carrega o embaraço de ser neto de um comerciante de tecidos pelo lado materno e filho de uma atriz. Descrevi a outra metade do que é óbvio?

– Sim. – Mas ela não estava mais olhando para a colina. Rannulf percebeu com certa satisfação que Judith o encarava com raiva. Preferiria sua fúria à passividade, em qualquer dia da semana. – Sim, é exatamente isso, lorde Rannulf. Mas não tenho vergonha de minha avó. Eu *não* tenho. Amo-a demais.

– Também poderia imaginar isso – comentou ele. – Ela é louca por você, Judith.

– Não serei sua amante – afirmou Judith.

– Santo Deus! – Rannulf a encarou, horrorizado. – É *isso* que acha que estou lhe oferecendo?

– Nunca poderia haver nada além disso entre nós. Não consegue ver? Você *realmente* não enxerga? Até mesmo os criados da Bedwyn House eram mais distintos do que eu. Todos lá foram muito corteses comigo e Lady Freyja e o duque de Bewcastle foram incrivelmente gentis em seus esforços para me ajudar. Mas eles devem ter ficado horrorizados quando apareci.

– Seria preciso muito mais do que isso para chocar qualquer um dos Bedwyns – afirmou Rannulf. – Além do mais, Judith, não estou pedindo para viver na Bedwyn House, ou com qualquer um dos meus irmãos. Estou pedindo para morar *comigo*, provavelmente

em Grandmaison, como minha mulher. Não acredito que minha avó permitiria que eu a levasse para lá como amante. Ela é um pouco rigorosa nessas questões...

Judith ficou de pé, embora não se afastasse de imediato.

– Você não pode querer se casar comigo.

– Não posso? – perguntou Rannulf. – Por que não?

– Não daria certo – argumentou ela. – Não *poderia* dar certo.

– Por que não? – perguntou ele outra vez.

Judith se virou e se afastou, optando por subir a colina em vez de descer. Rannulf se levantou e foi atrás dela, atravessando a relva baixa e muito verde por causa da chuva recente.

– É porque acha que posso estar esperando um bebê? – perguntou Judith.

– Quase torço para que esteja – disse Rannulf. – Não porque queira prendê-la a um casamento contra a sua vontade, mas porque realizaria o último sonho de minha avó. Vovó está morrendo, entende? Seu último desejo era que eu me casasse e que minha esposa e eu a presenteássemos com um bisneto enquanto estivesse viva.

Judith havia parado de caminhar.

– É por isso que deseja se casar comigo?

Rannulf ergueu o queixo dela com o dedo.

– Essa pergunta não é digna de resposta. Não me conhece, Judith?

– Não, eu não conheço. – Ela afastou a mão dele e voltou a subir. A encosta ficava cada vez mais íngreme, mas os passos dela continuavam acelerados. Rannulf tirou o chapéu e passou a carregá-lo na mão. – Você mesmo me disse que casamento era apenas para obter riqueza e posição social, que conseguiria seus verdadeiros prazeres fora do casamento.

– Santo Deus, eu disse isso? – Mas Rannulf sabia que tinha dito. Lembrava-se de dizer aquilo ou algo similar. Mesmo se na época não estivesse falando sério e pretendesse apenas chocá-la. – Você sabia que os Bedwyns não têm permissão para ter atividades paralelas fora dos leitos matrimoniais? Há alguma regra nos

arquivos da família, eu acho. Qualquer um que a transgrida é banido pelo resto da eternidade.

A declaração só fez com que ela acelerasse ainda mais o passo.

– Depois que eu me casar, Judith – disse Rannulf, percebendo que ela não estava com humor para brincadeiras –, minha esposa contará com devoção absoluta, dentro e fora do leito matrimonial. Isso seria verdade mesmo que, por alguma razão, eu fosse persuadido a me casar com uma mulher que não fosse da minha escolha... como quase aconteceu nas últimas semanas. Você é a noiva da minha escolha, o amor do meu coração, pelo resto da minha vida.

Rannulf ouviu as próprias palavras como se houvesse um espectador nele, que não estivesse envolvido em suas emoções, em seu medo de que não houvesse modo de persuadi-la. Esse espectador estava muito consciente de que, apenas poucas semanas antes, teria achado a extravagância das próprias palavras terrivelmente embaraçosa...

A noiva da minha escolha, o amor do meu coração?

Judith estava com a cabeça baixa agora, e ele percebeu que chorava. Rannulf não comentou o fato, nem disse mais nada. Apenas manteve o passo. Estava quase no topo da colina.

– Você não pode se casar comigo – disse Judith, por fim. – Logo minha família e eu estaremos arruinados. Não houve final feliz depois do que aconteceu nos aposentos de Bran, ontem. Ele ainda está afundado em dívidas. Meu irmão terminará na prisão para devedores ou terá que apelar para papai... Você *não pode* se ligar a uma família assim.

Judith parou de repente. Não havia mais para onde ir, a não ser descer pelo outro lado da montanha, para uma espécie de terra de ninguém até a colina seguinte começar.

– Seu irmão já não tem mais dívidas – contou Rannulf a ela – e tenho esperança de que jamais voltará a ter.

Ela o encarou com os olhos arregalados.

– O duque de Bewcastle não... – Judith não completou o pensamento.

– Não, Judith – disse Rannulf. – Não foi Wulf.

– Você? – Ela levou uma das mãos ao pescoço. – Você pagou as dívidas dele? Como vamos conseguir devolver esse dinheiro algum dia?

Ele pegou a mão dela, afastando-a do pescoço.

– Judith – falou Rannulf –, essa é uma questão de família. E tenho uma enorme esperança de que Branwell Law vá fazer parte de minha família. Não existe a questão de devolver o dinheiro. Sempre farei tudo o que estiver em meu poder para mantê-la a salvo de qualquer mal, de qualquer infelicidade. – Ele tentou sorrir, mas não teve grande sucesso. – Mesmo que signifique me retirar de sua vida e nunca mais vê-la novamente.

– Rannulf – disse Judith –, você pagou as dívidas dele? Por mim? Mas papai não permitirá uma coisa dessas.

Não fora fácil. O reverendo Jeremiah Law era um homem severo e orgulhoso, que não se curvava facilmente à amabilidade. Também era um homem correto e honesto, que amava os filhos. Incluindo Judith, cujo espírito havia tentado esmagar com tanta determinação ao longo dos anos.

– Seu pai aceitou o fato de que é correto que seu futuro genro dê alguma ajuda ao filho dele. Estou aqui com a permissão dele.

Ela voltou a arregalar os olhos.

– O seu futuro cunhado também ajudou – contou Rannulf. – Ele usou a influência que tem e conseguiu um cargo na Companhia das Índias Orientais para seu irmão. Com trabalho duro, Branwell será capaz de subir muito na carreira. Como se costuma dizer, o céu é o limite para ele.

– O duque de Bewcastle? Oh. – Judith mordeu o lábio. – Por que ele fez tanto por nós quando deve nos desprezar profundamente?

– Estou aqui com a bênção dele também, Judith – disse Rannulf, levando a mão dela aos lábios.

– Oh – repetiu Judith.

– Você parece estar em minoria, é a única que considera um casamento comigo inadequado...

– Rannulf...

Os olhos dela estavam marejados de novo, tornando-os mais verdes do que nunca. O espectador em Rannulf ficou impressionado ao se ver ajoelhar-se sobre um dos joelhos, na relva, diante de Judith, enquanto pegava a outra mão dela.

– Judith – disse ele, levantando os olhos para o rosto assustado e surpreso dela –, você me daria a grande honra de se casar comigo? Faço esse pedido com apenas uma única razão em mente. Porque a adoro, meu amor, e não consigo imaginar felicidade maior do que passar o resto de minha vida fazendo você feliz e compartilhando companheirismo, amor e paixão com você. Vai se casar comigo?

Ele teve a impressão de que ela levou uma eternidade para responder. Quando Judith soltou as mãos das dele, Rannulf achou que seu coração havia ido parar na sola de suas botas. Mas, então, sentiu as mãos dela tocarem muito de leve o topo de sua cabeça, desarrumando carinhosamente seus cabelos. Rannulf percebeu que Judith se inclinava e beijava sua cabeça.

– Rannulf – disse ela baixinho. – Ah, Rannulf, meu amor tão querido.

Ele ficou de pé depressa, pegou-a pela cintura e girou-a no ar duas vezes, enquanto ela jogava a cabeça para trás e ria.

– Olhe o que você fez – disse Judith, ainda rindo, quando ele a recolocava no chão.

Um dos lados dos cabelos dela havia se soltado do penteado e a trança estava desfeita. Judith levantou os braços, soltou o outro lado também e enfiou os grampos no bolso. Ela sacudiu a cabeça, mas Rannulf cruzou a pequena distância entre eles.

– Permita-me – pediu.

Ele passou os dedos pelos cabelos dela, soltando o que restava da trança e deixando-os cair em mechas brilhantes sobre os ombros e pelas costas. Rannulf olhou dentro dos olhos felizes, brilhantes e sorridentes de Judith e a abraçou e beijou, puxando-a junto a seu corpo, como se os dois houvessem se fundido em um só, lá no alto da colina.

Eles sorriram um para o outro. Não havia necessidade de palavras, nem vontade de se soltarem. Ela era seu maior tesouro,

seu amor.

Soprava uma brisa forte que fazia o vestido de Judith ondular para trás, colando-se à frente do corpo dela. A mesma brisa erguia os cabelos ruivos em uma nuvem vermelho-dourada atrás dela. Rannulf sabia que, apenas algumas semanas antes, Judith teria ficado profundamente envergonhada por ser vista daquela maneira, em toda a sua glória viva e voluptuosa. Mas naquele dia, ela o encarou de volta, a cabeça erguida com orgulho, um leve sorriso nos lábios, o rosto enrubescido.

Era linda, mulher e deusa, de tirar o fôlego, e finalmente se aceitara como era.

– Posso deduzir que sua resposta é sim? – perguntou ele.

– Sim, é claro – disse ela, rindo. – Eu ainda não disse? Ah, *sim*, Rannulf!

Ele a pegou nos braços outra vez e girou com ela até os dois ficarem tontos.

CAPÍTULO XXIV



O pequeno quarto de vestir estava tão cheio de gente que Tillie mal conseguiu colocar a grinalda na cabeça de Judith, sem desarrumar os cachos macios e brilhantes de seu penteado.

– Você está *linda*, Jude – disse Pamela, os olhos cintilando de lágrimas. – Eu sempre disse que você era a mais bela de todas nós.

– Lorde Rannulf vai ficar arrebatado – comentou Hilary, levando as mãos ao peito.

– Judith – chamou Cassandra, examinando a irmã. Sempre fora a amiga mais próxima de Judith. As palavras lhe faltaram. – Ah, Judith.

A mãe delas fez mais do que apenas olhar. Ela estendeu a mão para o véu acima da grinalda e abaixou-o sobre o rosto da filha.

– Parece que esperei uma eternidade para ver uma das minhas filhas se casar, feliz. Prometa-me que será feliz, Judith.

Embora os modos dela fossem bruscos, era óbvio que estava à beira das lágrimas.

– Eu prometo, mamãe – respondeu Judith.

A avó dela, usando um vestido fúcsia cintilante e certamente todas as joias da bolsa de veludo, brilhava e tilintava enquanto cruzava e descruzava as mãos e sorria para a neta favorita. Não reclamara de nada naquele dia, nem comera nada no café da

manhã além de sua costumeira xícara de chocolate quente. Estava animada demais, dissera.

– Judith, meu amor – disse a avó, agora –, gostaria... ah, *como* eu gostaria que seu avô estivesse aqui para compartilhar de meu orgulho e de minha alegria. Mas ele não está, portanto terei que ficar duplamente orgulhosa e alegre.

Elas ouviram uma batida na porta e outro corpo se espremeu para dentro do pequeno quarto de vestir de Judith.

– Nossa! – exclamou Branwell. – Você está bela como uma moeda de cinco cêntimos, Jude! Tio George me mandou avisar que as carruagens já estão prontas para levar todos à igreja, à exceção de Jude e papai.

O burburinho aumentou e os últimos elogios chorosos e palavras de sabedoria foram trocados, antes que o quarto esvaziasse, deixando Judith sozinha com Tillie.

Ela estava em um novo quarto, maior do que o que ocupara antes, em Harewood Grange. Era o dia de seu casamento. Houvera muita discussão sobre o lugar mais adequado para a cerimônia. O pai de Judith queria que fosse na casa deles, em Beaconsfield, e Rannulf chegara bem perto de concordar. Mas havia alguns problemas. Onde ficariam os membros da família dele? Não seria muito longe para que as duas avós comparecessem, principalmente Lady Beamish, que estava doente?

Foi sugerido que se fizesse o casamento em Londres, mas a ideia logo fora rejeitada porque seria uma viagem igualmente longa para as damas mais idosas. Leicestershire talvez fosse a melhor possibilidade, já que tanto Judith quanto Rannulf tinham parentes por lá e as casas eram grandes o bastante para acomodar as duas famílias. Ainda assim, a princípio, pareceu impossível. Como Judith e a família dela se convidariam para Harewood Grange depois dos eventos recentes?

O problema fora resolvido com a chegada à casa paroquial de uma carta muito gentil de Sir George Effingham, que acabara de ser informado do noivado pela sogra. A carta dizia que o cunhado seria muito bem-vindo com a família em Harewood, se as núpcias fossem acontecer perto dali. Na mesma carta, Sir George mencionava que o

filho havia embarcado em um navio para a América e que a Sra. e a Srta. Effingham estavam fazendo uma longa visita à casa dos pais do Sr. Peter Webster, provável futuro marido de Julianne.

Rannulf passara o último mês em Grandmaison, enquanto corriam os proclamas. Seus irmãos e irmãs também passaram a maior parte desse tempo lá, levados não apenas pela notícia do casamento, como pela saúde debilitada de Lady Beamish. A própria Judith só chegara na véspera e tivera apenas um breve encontro com Rannulf, que fora vê-la, com lorde Alleyne, depois do jantar. Toda a família estivera presente e ele ficara apenas por meia hora.

Mas finalmente, seis semanas depois da surpresa de vê-lo na colina acima da reitoria, chegara o dia do casamento deles.

– Está linda como uma pintura, senhorita – elogiou Tillie.

– Obrigada.

Judith se virou para se olhar no espelho. Optara pela simplicidade, embora o pai insistisse para que não fizesse economia. O vestido de seda cor de marfim tinha o decote baixo e a cintura alta que estavam na moda, as mangas eram curtas e a bainha fora enfeitada com bordados dourados. A principal característica do modelo era moldar os contornos da parte superior do corpo de Judith, sem constrangimentos, para então cair em pregas macias sobre seus quadris e descer pelas longas pernas.

A grinalda e as longas luvas tinham a mesma cor do vestido, embora existisse um detalhe na grinalda, uma única pluma, que era dourado, combinando com os sapatos. Ao redor do pescoço, Judith usava uma delicada corrente dupla de ouro, um presente de casamento que Rannulf lhe entregara na véspera.

Sim, pensou Judith, tinha a aparência que desejara. Mas o frio na barriga, que surgira no instante em que acordara e permanecera até a hora de ela começar a se arrumar, estava de volta com força total. Judith não acreditara plenamente na realidade daquele dia até o momento. E mesmo assim...

– Seu pai está esperando, senhorita – avisou Tillie.

– Sim.

Judith se afastou do espelho, determinada, e saiu do quarto de vestir. À porta, uma Tillie sorridente lhe fez uma cortesia.

O pai esperava por ela na base das escadas, rígido e formal em seu paletó e calções pretos. Examinou a aparência da filha enquanto ela descia as escadas, o cenho muito franzido. Judith se preparou para algum comentário crítico, determinada a não permitir que o reverendo estragasse seu humor.

– Ora, Judith – disse ele –, durante anos eu tive muito medo de que toda essa beleza fosse ser arrebatada por um homem que não conseguisse ver abaixo da superfície. Mas acho que você conseguiu evitar esse destino tão comum a mulheres extraordinariamente belas. Está adorável hoje.

Judith mal conseguia acreditar nos próprios ouvidos. O pai sempre a achara bela? Por que não lhe dissera isso ao menos uma vez ao longo da vida, até agora? Por que não explicara... Mas os pais, ela supunha, não eram os pináculos da perfeição que os filhos esperavam que fossem. Eram seres humanos que costumavam fazer o melhor que podiam, mas que, com frequência, faziam escolhas erradas.

– Obrigada, papai.

O reverendo ofereceu o braço à filha e a levou para fora, até a carruagem que os aguardava.



A igreja da cidade, com suas antigas paredes de pedra e janelas de vitrais, era pequena, mas pitoresca. Esse detalhe não importava muito, já que a lista de convidados para o casamento da Srta. Judith Law com lorde Rannulf Bedwyn era restrita às duas famílias.

Rannulf sentia-se nervoso como se estivesse em um casamento espetacular da monarquia na Catedral de St. George, em Hanover Square, em Londres. Quase desejava ter feito com Judith o que Aidan fizera. O irmão levava Eve para Londres, se casara com ela através de uma licença especial, tendo apenas a tia-

avó dela e o valete dele como testemunhas, e depois a levava para casa, em Oxfordshire, sem avisar sequer a Bewcastle do evento.

Rannulf esperava perto do altar, com Alleyne a seu lado, no papel de padrinho. Bewcastle estava sentado no segundo banco, a avó perto dele, Freyja e Morgan ao lado dela. Aidan estava no banco seguinte com Eve e os dois filhos adotivos deles – embora nenhum dos dois se referisse às crianças de outra forma a não ser *filhos* deles. Atrás estavam o marquês e a marquesa de Rochester, tio e tia de Rannulf. A mãe de Judith sentava-se no segundo banco do outro lado da nave, entre o filho e a sogra. As três irmãs da noiva estavam sentadas no banco de trás com Sir George Effingham. Alguns criados de Grandmaison e de Harewood sentavam-se mais atrás na igreja.

O último mês parecera interminável para Rannulf, mesmo estando com todos os irmãos a seu lado, com exceção de Aidan, que chegara apenas uma semana antes. Todos os dias esperava receber uma carta de Judith rompendo o noivado deles por alguma razão tola. Rannulf temia que a autoconfiança dela ainda fosse muito frágil. Mas a carta não viera e, quando fora até Harewood na véspera, ficara feliz ao descobrir que ela já chegara, como planejado.

Ainda não acreditava que estava prestes a se casar.

Mas então ouviu o burburinho no interior da igreja e viu a porta se abrir. Alleyne tocou seu cotovelo para lembrá-lo de que estava na hora de se levantar. O pároco fez sinal ao organista e a música começou.

A beleza dela estava de tirar o fôlego. Não apenas por causa do corpo sedutor, cujos dotes o vestido de casamento realçava, dos gloriosos cabelos ou do rosto adorável sombreado pelo véu.

Mas porque era Judith. Sua Judith.

Ela não estava sorrindo, percebeu Rannulf quando a noiva chegou mais perto, de braços dados com o pai. Judith parecia apavorada. Mas então ela concentrou o olhar nele e subitamente pareceu transformada pela alegria.

Rannulf sorriu para ela. E acreditou.

– Damas e cavalheiros... – começou o vigário, poucos momentos depois.



Era estranho, pois parecia que o tempo passava mais lentamente, o oposto do que temera que aconteceria. Ela ouviu e saboreou cada palavra da cerimônia que a uniu a Rannulf no sagrado matrimônio para o resto das vidas deles. Ouviu o pai entregar sua mão em casamento, se virou e percebeu um brilho pouco comum nos olhos do reverendo...

Judith viu lorde Alleyne, belo, elegante e sorridente. Ouviu o burburinho das pessoas atrás dela, a avó fungando e alguém pedindo silêncio a uma criança que perguntava se aquela agora seria a nova tia dela. Judith sentiu o aroma das rosas, arrumadas em dois grandes vasos de cada lado do altar.

Sentira uma saudade imensa de Rannulf durante o último mês, mas, daquele dia em diante, estariam juntos pelo resto da vida. Ele cortara os cabelos, embora ainda parecesse um guerreiro saxão, e estava muito atraente em um paletó marrom, ajustado, com um colete dourado, calções cor de creme, meias brancas, de linho e renda, e sapatos pretos. A mão dele, grande, firme e cálida, segurava a dela e os dedos se mantiveram firmes quando deslizaram a aliança pelo dedo de Judith. Os olhos azuis não paravam de se encontrar com os dela.

– Eu vos declaro marido e mulher. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Judith se perguntou como era possível sentir uma felicidade tão intensa que quase chegava a ser dolorosa.

– Minha esposa – sussurrou Rannulf apenas para ela, então levantou o véu que lhe cobria o rosto e a encarou com os olhos cintilantes, uma expressão intensa. Por um instante, Judith se

assustou achando que ele iria beijá-la bem ali, na frente de toda a igreja e sob o olhar do vigário e de ambas as famílias.

Eles assinaram o livro de registro, oficializando o casamento, e saíram juntos da igreja. Era setembro. O calor do verão já se fora, mas o outono ainda não chegara. O sol brilhava no céu limpo.

– Meu amor – disse Rannulf assim que desceram os degraus da igreja.

Ele envolveu a cintura da esposa com um dos braços e abaixou a cabeça para beijá-la. O casal ouviu risos e aplausos da multidão reunida perto do portão, no fim do caminho de pedras que circundava o pátio da igreja. Todos os moradores dos arredores estavam ali para vê-los.

– Vamos fugir? – perguntou ele.

Judith viu que a carruagem que os aguardava fora decorada com grandes laços. Ela deu a mão a Rannulf, levantou a frente do vestido com a mão livre e os dois correram juntos para a carruagem. Ao longo dos últimos metros, a multidão atirou pétalas de rosas sobre eles, que se viram cercados por risadas e gritos de felicidades. Rannulf pegou uma bolsa cheia, que estava no canto do assento, e jogou punhados de moedas para a multidão.

– Judith, meu amor. Você está feliz?

– Quase feliz demais – retrucou ela. – Parece que a felicidade quer explodir dentro de mim, pois não acha um modo de sair.

– Vamos encontrar um modo – disse ele, abaixando a cabeça para beijá-la novamente. – Esta noite. Eu prometo.

– Sim, mas primeiro temos o café da manhã de núpcias.

– Primeiro o café da manhã de núpcias – concordou ele.

– Estou tão feliz por nossas famílias estarem aqui para celebrar conosco – disse Judith. – Acho que só hoje me dei conta de como as famílias são preciosas.

Rannulf apertou a mão da esposa com as suas.



A família era realmente um bem inestimável. E as duas famílias – os Bedwyns e os Laws – não pareciam tão constrangidos uns com os outros como Rannulf temera. Bewcastle relaxou o suficiente para se mostrar agradável com cada um dos Laws a que foi apresentado e se envolveu em uma conversa com o reverendo Jeremiah Law durante o café da manhã... parecia que falavam sobre teologia.

O marquês de Rochester conversou longamente com Sir George Effingham sobre política. Tia Rochester, a mais arrogante das aristocratas, se permitiu participar de uma conversa animada com a mãe e com a avó de Judith. Alleyne deu um jeito de se sentar entre Hilary e Pamela Law diante da mesa. Morgan, sentada à frente deles, conversava com Branwell Law. Eve, sorridente e encantadora, conversava com todos, sempre com os filhos ao lado, a não ser quando a garotinha finalmente se cansou da animação do dia e Aidan a embalou no colo.

O tio e a tia Rochester foram simpáticos com Judith quando Rannulf a apresentou a eles.

– Se você capturou o coração de Rannulf, deve ter algo fora do comum, além de sua bela aparência – comentou a tia em sua habitual abordagem direta, o *lorgnon* pronto para uso em uma das mãos. – Bewcastle me disse o quanto você era bonita.

– Obrigada, madame. – Judith sorriu e fez uma cortesia.

Morgan e Freyja deram um beijo no rosto de Judith quando chegaram da igreja. Eve, que nunca a havia encontrado antes, a abraçou com força.

– Rannulf veio para Grandmaison dois meses atrás determinado a resistir a todas as tentativas de fazerem dele um homem casado – comentou ela com um brilho travesso nos olhos e relanceando o olhar para Rannulf. – Estou muito feliz por você tê-lo feito mudar de ideia.

Aidan – alto, moreno e austero – fez uma cortesia para Judith, quase forçando-a a concluir que ele era ainda mais rígido e frio do que Bewcastle. Mas então Aidan a segurou pelos ombros, inclinou a cabeça para lhe dar um beijo no rosto e sorriu para ela.

– Seja bem-vinda à nossa família, Judith – disse ele. – Somos um grupo difícil. É necessário uma mulher de coragem para se unir

a um de nós.

Eve riu e pousou a mão sobre a cabeça do menino a seu lado.

– Posso ver que Judith é tão intrépida quanto eu – acrescentou ela.

Freyja foi de grupo em grupo, mostrando-se absolutamente civilizada. Ainda assim, parecia a pessoa mais deslocada no cenário alegre da celebração, pensou Rannulf. Ele puxou a irmã para o lado, enquanto Judith estava com a avó, que acabara de declarar no ouvido de Rannulf que já encharcara três lencinhos, mas que ainda tinha outros três secos em sua bolsinha.

– Sentindo-se sentimental, Free? – perguntou ele.

– É claro que não – disse ela bruscamente. – Estou feliz por você, Ralf. Devo confessar que fiquei um pouco estarecida quando chegou à Bedwyn House com Judith, mas ela não é nem uma moça sem sal nem uma interesseira, não é verdade? Arrisco dizer que você será feliz.

– Sim, arrisco dizer que serei. – Ele inclinou a cabeça para um dos lados e olhou mais detidamente para a irmã. – Voltará para Lindsey Hall, amanhã, com Wulf e os outros?

– Não! – retrucou ela com energia. – Não, vou para Bath. Charlotte Holt-Barron está lá com a mãe e me convidou para me juntar a elas.

– Para Bath, Free? – Ele franziu o cenho. – Lá não é um lugar onde terá grande possibilidade de encontrar companhia jovem ou diversão agradável, não é mesmo?

– É o que me convém – disse ela.

– Isso não tem nada a ver com Kit, tem? – perguntou Rannulf. – Ou com o fato de que a esposa dele está prestes a dar à luz?

Kit Butler, visconde Ravensberg, antigo pretendente de Freyja, infelizmente vivia perto de Lindsey Hall. E Lady Ravensberg estava prestes a dar à luz.

– É claro que não! – retrucou Freyja com excessiva veemência.

– Que tolice, Ralf.

O nascimento iminente e o casamento de um irmão deviam ser difíceis para Freyja encarar.

– Sinto *muito*, Free – disse Rannulf. – Mas haverá outra pessoa, você sabe disso, e então ficará feliz por ter esperado.

– Deixe esse assunto tolo para lá – ordenou ela. – Se não quiser levar um soco no nariz, Ralf.

Ele sorriu e deu um beijo no rosto da irmã, algo que raramente fazia.

– Divirta-se em Bath.

– É o que pretendo fazer – retrucou ela. Freyja olhou por cima do ombro dele. – Vovó, como está se sentindo?

Rannulf se virou e passou os braços com carinho ao redor da velha dama.

– Vovó!

– Você me fez muito, muito feliz hoje, Rannulf – declarou Lady Beamish.

Ele sorriu para ela. Ter os netos por perto durante o último mês parecia ter feito algum bem à saúde da avó. Embora, é claro, no caso de Lady Beamish, fosse difícil ter certeza. A própria saúde era um assunto que ela nunca discutia.

– Também estou feliz – disse Rannulf.

– Eu sei. – Ela deu um tapinha carinhoso no braço do neto. – E é *por isso* que eu estou feliz.



Finalmente apareceu uma oportunidade de ficar a sós com Judith. Eles passariam a noite de núpcias na pequena casa que ficava à entrada da propriedade e que fora aberta, limpa e arrumada para a ocasião. Mas a maior parte do resto do dia seria passada em Grandmaison com as famílias deles. Foi um momento roubado, então, no meio da tarde, quando saíram de casa juntos e foram passeando até o roseiral. O lugar não estava cheio de flores, como no início do verão, mas ainda assim era isolado e encantador, os

platôs banhados pela luz do sol do fim da tarde, o rio correndo sobre as pedras em seu leito.

Eles se sentaram juntos no mesmo banco em que Judith ficara na primeira vez que fora a Grandmaison, o dia em que Rannulf a pedira em casamento pela primeira vez. Ele entrelaçou os dedos aos dela.

– Correndo o risco de soar insensível, fico feliz por ter chovido naquele dia e por não ter prestado atenção aos avisos para não seguirmos viagem. Fico feliz por a diligência ter tombado naquele fosso. Como nossas vidas seriam diferentes hoje se essas coisas não tivessem acontecido.

– Ou se eu tivesse dito não quando você se ofereceu para me levar a cavalo – completou Judith. – O não estava na ponta da língua. Nunca havia feito nada tão impróprio antes. Mas resolvi roubar um pequeno sonho para mim, que acabou se tornando o sonho do resto da minha vida. Rannulf, amo tanto, tanto, você. Gostaria que existissem palavras adequadas para descrever esse sentimento.

– Não há – disse ele, beijando a mão dela. – Mesmo quando fizermos amor esta noite, isso não expressará adequadamente o amor em si, não é mesmo? Essa foi a grande surpresa desses últimos dois meses: o amor não é físico, mental ou emocional. É maior do que qualquer uma dessas coisas. É a verdadeira essência da própria vida, não concorda? Esse grande mistério que não se pode expressar, que passamos a compreender melhor através da descoberta do ser amado. Ajude-me com isso, Judith. Estou falando tolices?

– Não. – Ela riu. – Eu o compreendo perfeitamente.

Ela baixou a cabeça e os dedos de sua mão livre brincaram com os dele.

– Rannulf? Lembra-se de quando estávamos no alto da colina, na casa dos meus pais, seis semanas atrás, e você disse que *quase* desejava que algo fosse verdade?

– Sobre... – Rannulf olhou para os cachos brilhantes na nuca da esposa, sentindo a boca seca.

– É verdade – disse ela em voz baixa e ergueu a cabeça para olhar nos olhos do marido. – Estou esperando um bebê. Ou pelo menos estou quase certa de que devo estar.

Ele a encarou, atônito.

– Está muito aborrecido? – perguntou Judith.

Rannulf se inclinou para ela, soltou a mão que segurava e passou um braço ao redor dos ombros da esposa, ao mesmo tempo em que passava o outro por baixo dos joelhos dela, a erguia no colo e girava com ela.

– Vou ser *pai!* – disse Rannulf para o céu azul acima deles, jogando a cabeça para trás. – Vamos ter um *filho!*

Ele gritou e beijou-a. Judith tinha os olhos brilhantes e sorria.

– Acho que não está muito aborrecido.

– Judith – disse ele, os lábios tocando os dela. – Minha mulher, meu amor, meu coração. Estou falando tolices outra vez?

– Provavelmente – retrucou ela, ainda rindo e passando os braços ao redor do pescoço do marido. – Mas só eu posso ouvi-lo. Fale mais tolices para mim.

Mas como ele poderia? A esposa acabara de capturar sua boca em um beijo apaixonado.

SOBRE A AUTORA

© David Wild



Mary Balogh nasceu e foi criada no País de Gales. Ainda jovem, se mudou para o Canadá, onde planejava passar dois anos trabalhando como professora. Porém ela se apaixonou, casou e criou raízes definitivas do outro lado do Atlântico.

Sempre sonhou ser escritora e tinha certeza de que, no dia em que escrevesse um livro, ele seria ambientado na Inglaterra do Período da Regência. Quando sua filha mais nova tinha 6 anos, Mary finalmente encontrou tempo para se dedicar ao antigo sonho. Depois de três meses escrevendo na mesa da cozinha, a primeira versão de sua obra de estreia estava pronta.

Publicada em 1985, o livro rendeu a ela o prêmio da *Romantic Times* de autora revelação na categoria Período da Regência. Em 1988, depois de vinte anos de magistério, ela passou a se dedicar apenas à literatura.

Hoje Mary Balogh é presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times* e vencedora de diversos prêmios literários.
www.marybalogh.com

LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE

Ligeiramente
ESCANDALOSOS

— & —
MARY BALOGH



Ligeiramente escandalosos

CAPÍTULO I

Lady Freyja Bedwyn estava com o pior humor possível quando foi se deitar. A cama extra estava arrumada e a camareira preparada para dormir nela, mas ela optou por dispensar a criada. Alice roncava e Freyja não estava com a menor disposição de ficar com a cabeça embaixo de um travesseiro, pressionando-o contra as orelhas, apenas para cumprir as regras do decoro.

– Mas Sua Graça deu instruções específicas, milady – lembrou a camareira timidamente.

– Para quem você trabalha? – perguntou Freyja, em uma voz autoritária. – Para o duque de Bewcastle ou para mim?

Alice olhou para ela com uma expressão ansiosa, como se desconfiasse de que a pergunta fosse uma armadilha... Bem, poderia ser. Embora trabalhasse como camareira de Freyja, era o duque de Bewcastle, o irmão mais velho dela, quem pagava seu salário. E ele *dera* instruções para que a moça não saísse do lado da patroa nem por um segundo, não importando se fosse dia ou noite, durante a viagem de Grandmaison Park até a casa onde estava Lady Holt-Barron, em Bath. Bewcastle não gostava da ideia das irmãs viajando sozinhas.

– Para a senhora, milady – respondeu Alice.

– Então saia.

Freyja apontou para a porta. Alice a encarou ainda em dúvida.

– Não há tranca na porta, milady – alertou.

– E se surgir algum intruso à noite, você vai me proteger do perigo? – perguntou Freyja em tom de deboche. – Seria mais provável o contrário.

Alice parecia angustiada, mas não teve outra escolha.

Então Freyja foi deixada sozinha em um quarto chinfrim, em uma estalagem de segunda classe, sem criada para atendê-la... e sem tranca na porta. E também com um terrível mau humor.

Bath não era um destino que inspirasse qualquer animação ou expectativa positiva. Já tinha sido um excelente spa e atraído a nata da sociedade inglesa, mas isso era passado. Agora era um refinado ponto de encontro para idosos, enfermos e pessoas que não tinham lugar melhor para ir... como ela. Freyja havia aceitado o convite para passar um ou dois meses com Lady Holt-Barron e a filha, Charlotte, que era sua amiga, mas de modo algum a mais especial. Sob circunstâncias normais, Freyja teria declinado o convite de maneira educada.

Aquelas não eram circunstâncias normais.

Ela acabara de sair de Leicestershire, onde visitara a avó doente e comparecera ao casamento do irmão, Rannulf, com Judith Law. Deveria voltar para Hampshire com Wulfric, Alleyne e Morgan, mas a perspectiva de estar em Lindsey Hall naquele momento em particular havia se provado intolerável e ela acabara dando a única desculpa que tinha para *não* voltar para casa.

Era mesmo uma vergonha ter medo de voltar para seu próprio lar. Freyja cerrou os dentes enquanto subia na cama e apagava a vela. Não, *medo*, não. Ela não tinha medo de nada nem de ninguém. Apenas rejeitava a ideia de estar lá quando *aquilo* acontecesse, só isso.

No ano anterior, Wulfric e o conde de Redfield haviam sugerido casamento entre Lady Freyja Bedwyn e Kit Butler, o filho do conde, o visconde Ravensberg. Os dois jovens se conheciam a vida inteira e tinham se apaixonado perdidamente quatro anos antes, durante um verão em que Kit estava em casa, de licença do regimento dele na Guerra da Península.

Na época, Freyja estava quase noiva de Jerome, irmão mais velho de Kit, e se permitiu ser persuadida a fazer a coisa certa, a cumprir seu dever: deixou que Wulfric anunciasse seu noivado com Jerome. Kit voltou para a Guerra da Península dominado por uma fúria mortal. Jerome, por sua vez, morrera antes que as núpcias acontecessem.

A morte de Jerome fez de Kit o filho mais velho e herdeiro do conde de Redfield. De repente, um casamento entre Freyja e ele passou a ser não só possível como desejável. Ao menos foi isso o que as duas famílias pensaram...

Mas não Kit.

Não ocorrera a Freyja que ele estivesse determinado a se vingar. Quando voltou para casa, ele trouxera uma noiva... a tão adequada, adorável e apagada Lauren Edgeworth. E depois de Freyja ter tido a ousadia de desafiá-lo a seguir adiante com a farsa, Kit se casara com Lauren.

Agora a nova Lady Ravensberg estava prestes a dar à luz o primeiro filho dos dois. Como esposa sem graça e cumpridora dos deveres que era, sem dúvida teria um filho homem. O conde e a condessa ficariam em êxtase e toda a vizinhança sem dúvida irromperia em comemorações animadas.

Freyja preferiu não estar em nenhum lugar próximo a Alvesley quando isso acontecesse... incluindo Lindsey Hall. Daí a viagem a Bath e a perspectiva de ter que se distrair por um mês ou mais lá.

Ela não fechara as cortinas no quarto da estalagem. Assim, com a lua e as estrelas cintilando no céu – além das várias lanternas da estalagem acesas no pátio abaixo –, o quarto parecia inundado pela luz do dia. Mesmo assim, Freyja não se levantou e preferiu puxar as cobertas sobre a cabeça.

Wulfric havia alugado uma carruagem particular e uma procissão de cavaleiros corpulentos, todos com instruções estritas de proteger Freyja de qualquer perigo ou inconveniência. Eles haviam recebido ordens de onde parar para passar a noite – em um estabelecimento de classe superior, adequado à filha de um duque, mesmo que ela estivesse viajando sozinha.

Infelizmente, uma feira de outono na cidade sugerida atraía muitas pessoas e não havia um mísero aposento na melhor estalagem do lugar ou em qualquer outra por perto. Eles se viram forçados a seguir viagem e então pararam *ali*.

Os cavaleiros propuseram fazer turnos de guarda do lado de fora do quarto dela, principalmente depois que souberam que não havia tranca em nenhuma das portas. Freyja os dissuadira da ideia

com tamanha firmeza que não deixara espaço para discussão. Não era prisioneira de ninguém e não se sentiria dessa forma. Agora Alice também se fora.

Freyja suspirou e se acomodou para dormir. O colchão era um tanto incômodo. O travesseiro pior ainda. Havia um barulho constante vindo do pátio abaixo e da própria estalagem. As cobertas que colocara sobre a cabeça não impediam a entrada de toda a luz. Para piorar, ainda havia a perspectiva de Bath no dia seguinte. Tudo porque ir para casa se tornara quase impossível. A vida poderia ficar mais desagradável?

Em algum momento, pensou Freyja antes de sucumbir ao sono, ela realmente teria que começar a olhar com atenção para todos os cavalheiros – e havia muitos deles, apesar de ela agora ter 25 anos e sempre ter sido feia – que saltariam como cães amestrados se ela meramente sugerisse que o casamento poderia ser o prêmio.

Ser solteira em uma idade tão avançada realmente não era divertido para uma dama. O problema era que Freyja não estava plenamente convencida de que ser casada seria melhor. E receava descobrir que, na verdade, não havia nenhum benefício em ser casada... depois que se casasse. Os irmãos dela gostavam de dizer que o casamento era uma sentença de prisão perpétua, mas dois deles sucumbiram àquela sentença nos últimos meses.

Freyja acordou sobressaltada algum tempo depois, quando a porta do quarto foi aberta subitamente e fechada com um clique. Ela não estava certa se estava sonhando até abrir os olhos e ver um homem parado dentro do quarto, vestindo uma camisa branca, aberta no colarinho, calça escura, um casaco jogado sobre um dos braços e um par de botas na mão.

Freyja saltou da cama como se tivesse sido ejetada por um canhão e apontou com determinação para a porta.

– Saia!

O homem abriu um sorriso para ela, que era visível demais no quarto bem-iluminado.

– Não posso, querida – retrucou ele. – O caminho por onde vim guarda sem dúvida um destino cruel. Devo sair pela janela ou me esconder em algum lugar aqui.

– *Saia!* – Freyja não abaixou o braço... nem o queixo. – Não dou abrigo a malfeitores ou qualquer tipo de criatura do sexo masculino. Saia daqui!

Em algum lugar no andar de baixo ouviu-se uma comoção na forma de vozes agitadas e passos. Os sons chegavam cada vez mais perto.

– Não sou nenhum malfeitor, querida – disse o homem. – Apenas um inocente que estará muito encrencado se não desaparecer rápido. O guarda-roupa está vazio?

A raiva e a indignação de Freyja só aumentavam.

– Saia! – ordenou mais uma vez.

Mas o homem atravessou o quarto em disparada até o guarda-roupa, abriu a porta e, ao constatar que estava vazio, entrou nele.

– Me dê cobertura, querida – pediu ele, antes de fechar a porta pelo lado de dentro –, e me salve de um destino pior do que a morte.

Quase no mesmo instante, Freyja ouviu a batida insistente à porta. Ela não sabia se deveria ir primeiro na direção da porta ou do guarda-roupa. Mas a decisão foi tirada de suas mãos quando a porta foi aberta, revelando o estalajadeiro segurando uma vela, um cavalheiro baixo e robusto, de cabelos grisalhos, e um indivíduo careca e corpulento com a barba por fazer.

– Fora! – exigiu Freyja, irada.

Lidaria com o homem dentro do guarda-roupa depois que resolvesse aquele novo ultraje. *Ninguém* entrava no quarto de Lady Freyja Bedwyn sem ser convidado, não importava se o quarto ficasse em Lindsey Hall, na Bedwyn House ou em uma estalagem caindo aos pedaços.

– Peço perdão, madame, por perturbá-la – disse o cavalheiro de cabelos grisalhos, estufando o peito e olhando ao redor em vez de encarar Freyja –, mas acredito que um cavalheiro acaba de entrar correndo aqui.

Se o homem grisalho tivesse esperado e se dirigido a ela com a deferência adequada, Freyja talvez houvesse entregado o esconderijo do fugitivo sem receio. Mas ele cometera o erro de invadir o quarto e depois tratá-la como se ela não existisse a não ser para dar informação a ele... O indivíduo que precisava se barbear,

por outro lado, não fizera nada além de olhar para ela... com uma expressão lasciva e tola nos olhos. E o estalajadeiro demonstrava uma lamentável ausência de preocupação com a privacidade de seus hóspedes.

– Realmente acredita nisso? – perguntou Freyja em um tom arrogante. – Está *vendo* esse cavalheiro que procura? Se não está, sugiro que feche a porta silenciosamente quando sair e permita que eu e os outros hóspedes deste estabelecimento voltemos a dormir.

– Se não se incomodar, madame – disse o cavalheiro, olhando primeiro para a janela fechada e então para a cama e para o guarda-roupa –, gostaria de fazer uma busca no quarto. Para sua própria proteção. O homem está em uma fuga desesperada e não é seguro para uma dama ficar perto dele.

– *Uma busca no meu quarto?* – Freyja respirou fundo, lentamente, empinou o proeminente e levemente adunco nariz Bedwyn e o encarou com tamanha frieza e arrogância que o cavalheiro finalmente a encarou... – *Uma busca no meu quarto?* – Ela voltou os olhos para o estalajadeiro, ainda em silêncio, que se encolheu atrás da vela. – É essa a hospitalidade que este lugar oferece? A mesma de que se gabou com tanta eloquência quando cheguei aqui? Meu irmão, o duque de Bewcastle, saberá disso. E ficará muito interessado em saber que o senhor permitiu que outro hóspede, se é que esse cavalheiro é um hóspede, batesse à porta da irmã dele no meio da noite e entrasse no quarto dela sem esperar que ela abrisse, simplesmente porque *acredita* que outro cavalheiro entrou aqui. O duque também vai gostar de saber que o senhor ficou parado sem dizer uma palavra de protesto enquanto esse mesmo cavalheiro fez a sugestão insolente e afrontosa de que eu permita que faça uma busca no meu quarto.

– O senhor obviamente está enganado – disse o estalajadeiro, meio escondido atrás do batente da porta, embora a luz da vela ainda iluminasse dentro do quarto. – Ele deve ter escapado por outro caminho ou se escondido em outro lugar. Peço que me perdoe, madame... milady, na verdade. Permiti que viessem até aqui porque temi por sua segurança, achei que o duque iria querer que eu a protegesse a todo custo.

– Saiam! – falou Freyja mais uma vez, o braço esticado imperiosamente na direção da porta e dos três homens parados. – Vão embora!

O cavalheiro de cabelos grisalhos relanceou o olhar uma última vez pelo quarto. O indivíduo rude, com a barba por fazer, a encarou com luxúria uma última vez e o estalajadeiro se inclinou na frente deles e fechou a porta.

Freyja ficou olhando para a porta fechada, as narinas dilatadas, o braço ainda esticado, o dedo ainda apontando. Como *ousavam*? Jamais fora tão insultada na vida. Se o cavalheiro grisalho tivesse dito mais uma palavra sequer, ou o camponês atrevido houvesse dado mais um olhar lúbrico, ela teria batido com a cabeça de um na do outro com força o bastante para os dois verem estrelas durante uma semana!

Ela com certeza não recomendaria *aquela* estalagem a nenhum de seus conhecidos.

Freyja quase se esquecera do homem no guarda-roupa até que a porta do armário foi aberta com um rangido e ele saiu do espaço apertado. Sob a luz forte da janela, ela percebeu que era um homem jovem e alto. E muito louro. Provavelmente tinha olhos azuis também, embora fosse difícil afirmar com exatidão, devido à luz. Mas ela podia ver o bastante dele para imaginar que o homem era bonito demais para o próprio bem. Também parecia muito animado, o que era absolutamente inadequado.

– Foi um desempenho magnífico – comentou ele, pousando as botas e jogando o casaco sobre a cama extra. – Você é *realmente* irmã do duque de Bewcastle?

Sob o risco de parecer tediosa e repetitiva, Freyja apontou mais uma vez para a porta.

– Saia! – ordenou.

Mas ele apenas sorriu e se aproximou mais um pouco dela.

– Acho que não é... – disse o homem. – Por que a irmã do duque estaria hospedada neste estabelecimento? E sem uma criada ou acompanhante para tomar conta dela? Mesmo assim, foi uma atuação fantástica.

– Consigo viver sem a sua aprovação – observou Freyja, em um tom frio. – Não sei o que fez e *não* quero saber. Quero que saia deste quarto *agora*! Encontre outro lugar para se encolher de medo.

– De medo? – Ele riu e levou a mão ao coração. – Você me magoou, meu amor.

O homem estava perto demais, o bastante para que Freyja notasse que o topo da cabeça dela mal alcançava o queixo dele. Mas ela sempre fora baixa. Estava acostumada a governar o próprio mundo de uma altura abaixo do nível onde acontecia grande parte da ação.

– Não sou sua querida nem seu amor – disse ela. – Vou contar até três. *Um*.

– Com que propósito?

Ele pousou as mãos ao redor da cintura dela.

– *Dois*.

O homem baixou a cabeça e a beijou. Direto nos lábios, os dele levemente abertos, o que tornou o toque íntimo, úmido, quente. Freyja respirou fundo, jogou o braço para trás e acertou o homem com força no nariz.

– Ai! – disse ele, segurando o nariz entre os dedos com cuidado. Quando o homem retirou a mão do rosto, Freyja teve o prazer de ver que tirara sangue dele. – Ninguém lhe ensinou que, em circunstâncias escandalosas, qualquer dama teria dado um tapa no rosto do homem, e não um soco no nariz?

– Não sou qualquer dama – retrucou Freyja, em um tom determinado.

CONHEÇA O PRIMEIRO LIVRO SÉRIE



Ligeiramente **CASADOS**

MARY BALOGH

No início era apenas conveniência, mas eles acabaram se rendendo a uma ardente paixão

Mais de 4 milhões de livros vendidos



Ligeiramente casados

Mary Balogh

série Os Bedwyns #1

À beira da morte, o capitão Percival Morris fez um último pedido a seu oficial superior: que ele levasse a notícia de seu falecimento a sua irmã e que a protegesse – “Custe o que custar!”.

Quando o honrado coronel lorde Aidan Bedwyn chega ao Solar Ringwood para cumprir sua promessa, encontra uma propriedade próspera, administrada por Eve, uma jovem generosa e independente que não quer a proteção de homem nenhum.

Porém Aidan descobre que, por causa da morte prematura do irmão, Eve perderá sua fortuna e será despejada, junto com todas as pessoas que dependem dela... a menos que cumpra uma condição deixada no testamento do pai: casar-se antes do primeiro aniversário da morte dele – o que acontecerá em quatro dias.

Fiel à sua promessa, o lorde propõe um casamento de conveniência para que a jovem mantenha sua herança. Após a cerimônia, ela poderá voltar para sua vida no campo e ele, para sua carreira militar.

Só que o duque de Bewcastle, irmão mais velho do coronel, descobre que Aidan se casou e exige que a nova Bedwyn seja devidamente apresentada à rainha. Então os poucos dias em que ficariam juntos se transformam em semanas, até que eles começam a imaginar como seria não estarem apenas ligeiramente casados...

Neste primeiro livro da série *Os Bedwyns*, Mary Balogh nos apresenta à família que conhece o luxo e o poder tão bem quanto a paixão e a ousadia. São quatro irmãos e duas irmãs que, em busca do amor, beiram o escândalo – e seduzem a cada página.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DA EDITORA ARQUEIRO

1º lugar na lista do The New York Times

NORA ROBERTS

QUARTETO DE NOIVAS - I

Álbum de casamento



Álbum de casamento
Nora Roberts
série Quarteto de Noivas #1

Primeiro livro da série *Quarteto de Noivas*, *Álbum de casamento* conta uma linda história de amor, amizade e família – e daqueles momentos imprevisíveis que transformam uma imagem bonita numa verdadeira obra de arte.

Quando crianças, as amigas Parker, Emma, Laurel e Mac adoravam fazer casamentos de mentirinha no jardim. E elas pensavam em todos os detalhes. Depois de anos dessa brincadeira, não é de surpreender que tenham fundado a Votos, uma empresa de organização de casamentos bem-sucedida.

Mas, apesar de planejar e tornar real o dia perfeito para tantos casais, nenhuma delas teve no amor a mesma sorte que tem nos negócios. Até agora.

Com várias capas de revistas de noivas no currículo, a fotógrafa Mac é especialista em captar os momentos de pura felicidade, mesmo que nunca os tenha experimentado em sua vida.

Por causa da separação dos pais e de seu difícil relacionamento com eles, Mac não leva muita fé no amor. Por isso não entende o frio na barriga que sente ao reencontrar Carter Maguire, um colega de escola com o qual nunca falara direito.

Carter definitivamente não é o seu tipo. Professor de inglês apaixonado pelo que faz, ele cita Shakespeare e usa paletó de tweed. Por causa de uma antiga quedinha por Mac, fica atrapalhado na frente dela, sem saber bem como agir e o que falar. E mesmo assim ela não consegue resistir ao seu charme.

Agora Carter está disposto a ganhar o coração de Mac e convencê-la de que ela é capaz de criar suas próprias lembranças felizes.



OS BRIDGERTONS - I

Julia Quinn

O DUQUE E EU



O duque e eu
Julia Quinn
série Os Bridgertons #1

Simon Basset, o irresistível duque de Hastings, acaba de retornar a Londres depois de seis anos viajando pelo mundo. Rico, bonito e solteiro, ele é um prato cheio para as mães da alta sociedade, que só pensam em arrumar um bom partido para suas filhas.

Simon, porém, tem o firme propósito de nunca se casar. Assim, para se livrar das garras dessas mulheres, precisa de um plano infalível.

É quando entra em cena Daphne Bridgerton, a irmã mais nova de seu melhor amigo. Apesar de espirituosa e dona de uma personalidade marcante, todos os homens que se interessam por ela são velhos demais, pouco inteligentes ou destituídos de qualquer tipo de charme. E os que têm potencial para ser bons maridos só a veem como uma boa amiga.

A ideia de Simon é fingir que a corteja. Dessa forma, de uma tacada só, ele conseguirá afastar as jovens obcecadas por um marido e atrairá vários pretendentes para Daphne. Afinal, se um duque está interessado nela, a jovem deve ter mais atrativos do que aparenta.

Mas, à medida que a farsa dos dois se desenrola, o sorriso malicioso e os olhos cheios de desejo de Simon tornam cada vez mais difícil para Daphne lembrar que tudo não passa de fingimento. Agora ela precisa fazer o impossível para não se apaixonar por esse conquistador inveterado que tem aversão a tudo o que ela mais quer na vida.

Primeiro dos oito livros da série *Os Bridgertons*, *O duque e eu* é uma bela história sobre o poder do amor, contada com o senso de humor afiado e a sensibilidade que são marcas registradas de Julia Quinn.

LISA
KLEYPAS
DESEJO
À MEIA-NOITE

Os Antepassados 1



Desejo à meia-noite
Lisa Kleypas
série Os Hathaways #1

Após sofrer uma decepção amorosa, Amelia Hathaway perdeu as esperanças de se casar. Desde a morte dos pais, ela se dedica exclusivamente a cuidar dos quatro irmãos – uma tarefa nada fácil, sobretudo porque Leo, o mais velho, anda desperdiçando dinheiro com mulheres, jogos e bebida.

Certa noite, quando sai em busca de Leo pelos redutos boêmios de Londres, Amelia conhece Cam Rohan. Meio cigano, meio irlandês, Rohan é um homem difícil de se definir e, embora tenha ficado muito rico, nunca se acostumou com a vida na sociedade londrina.

Apesar de não conseguirem esconder a imediata atração que sentem, Rohan e Amelia ficam aliviados com a perspectiva de nunca mais se encontrarem. Mas parece que o destino já traçou outros planos.

Quando se muda com a família para a propriedade recém-herdada em Hampshire, Amelia acredita que esse pode ser o início de uma vida melhor para os Hathaways. Mas não faz ideia de quantas dificuldades estão a sua espera.

E a maior delas é o reencontro com o sedutor Rohan, que parece determinado a ajudá-la a resolver seus problemas. Agora a independente Amelia se verá dividida entre o orgulho e seus sentimentos.

Será que Rohan, um cigano que preza sua liberdade acima de tudo, estará disposto a abrir mão de suas raízes e se curvar à maior instituição de todos os tempos: o casamento?

MADELINE
HUNTER
AS REGRAS
DA SEDUÇÃO

*No jogo do prazer, há quem ganhe.
E há quem se perca para sempre.*



As regras da sedução

Madeline Hunter

série Os Rothwells #1

Lorde Hayden Rothwell chega à casa de Alexia Welbourne sem aviso e sem ser convidado – um homem poderoso e sedutor, movido por interesses obscuros. Sua visita anuncia a ruína financeira da família de Alexia e o fim das esperanças da jovem de um dia conseguir um bom casamento.

Para se sustentar, a moça recebe a proposta de ser dama de companhia de Lady Henrietta Wallingford e preceptora de sua filha. O problema é que a oferta vem do sobrinho de Henrietta, ninguém menos que lorde Hayden.

Morando na casa da tia de Rothwell, Alexia descobre que a proximidade com o homem que destruiu sua família pode ser perigosamente irresistível. Num gesto impensado, ela se entrega a ele, e ambos se veem obrigados a se casar.

O que Alexia não sabe é que os atos aparentemente arrogantes de seu belo e sensual marido são motivados por uma dívida de honra que pode levá-lo a sacrificar tudo.

Com tantas mágoas e segredos entre eles, o casal tem tudo para se manter afastado. Mas Hayden é um homem apaixonante e Alexia, a tentação que o faz perder a cabeça. Morando sob o mesmo teto, eles acabam se aproximando e, juntos, vão descobrir um jogo de sedução em que cada um faz as próprias regras.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista e O resgate, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva e O salmão da dúvida, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Capítulo XXIV](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia um trecho do próximo livro da série](#)

[Conheça o primeiro livro da série](#)

[Conheça outros livros da Editora Arqueiro](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

No início era apenas uma
mentira inocente, mas se tornou
a maior verdade de suas vidas

Ligeiramente ESCANDALOSOS

MARY BALOGH

Mais de 4 milhões de livros vendidos



Table of Contents

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

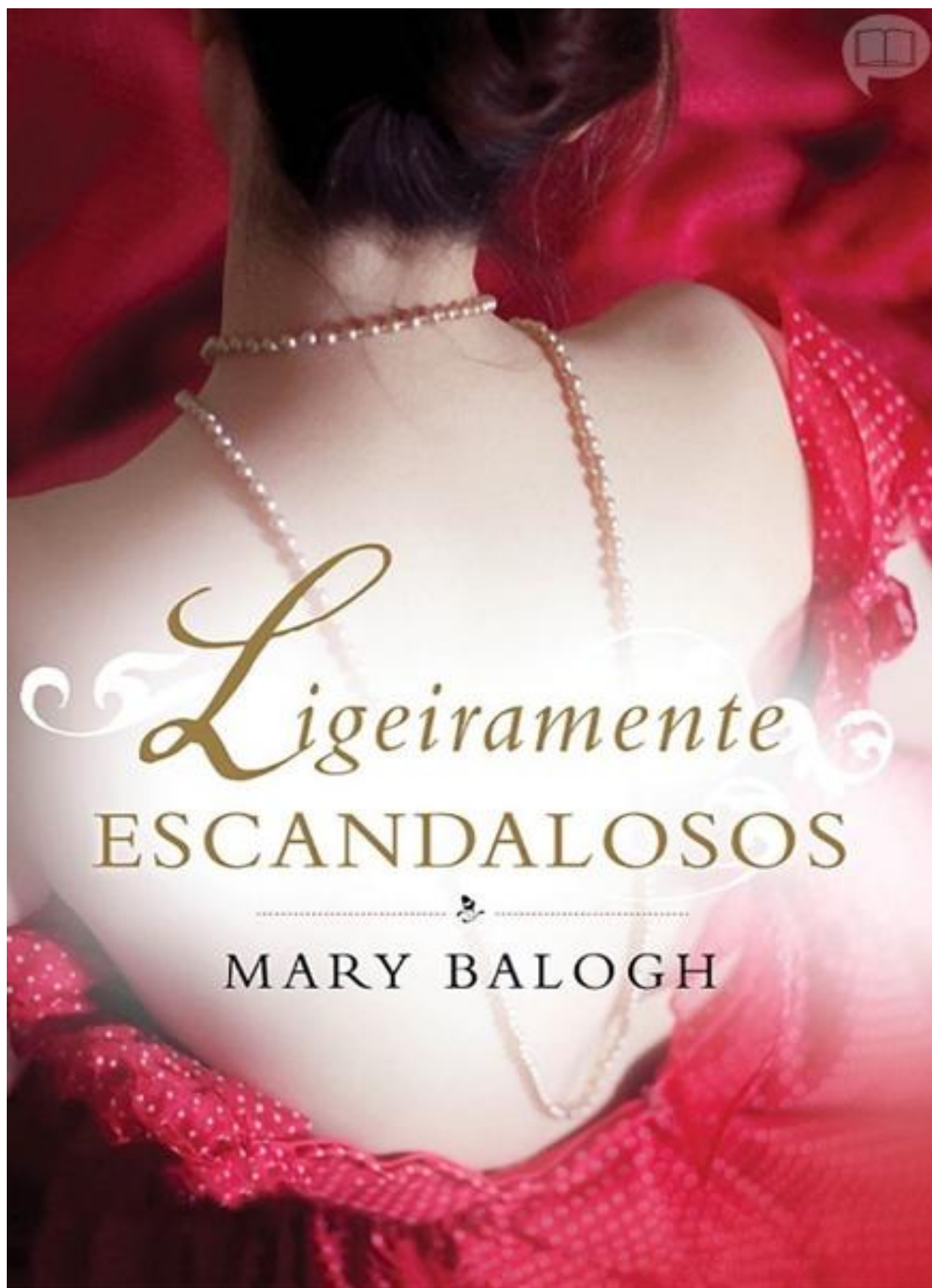
[CAPÍTULO 21](#)

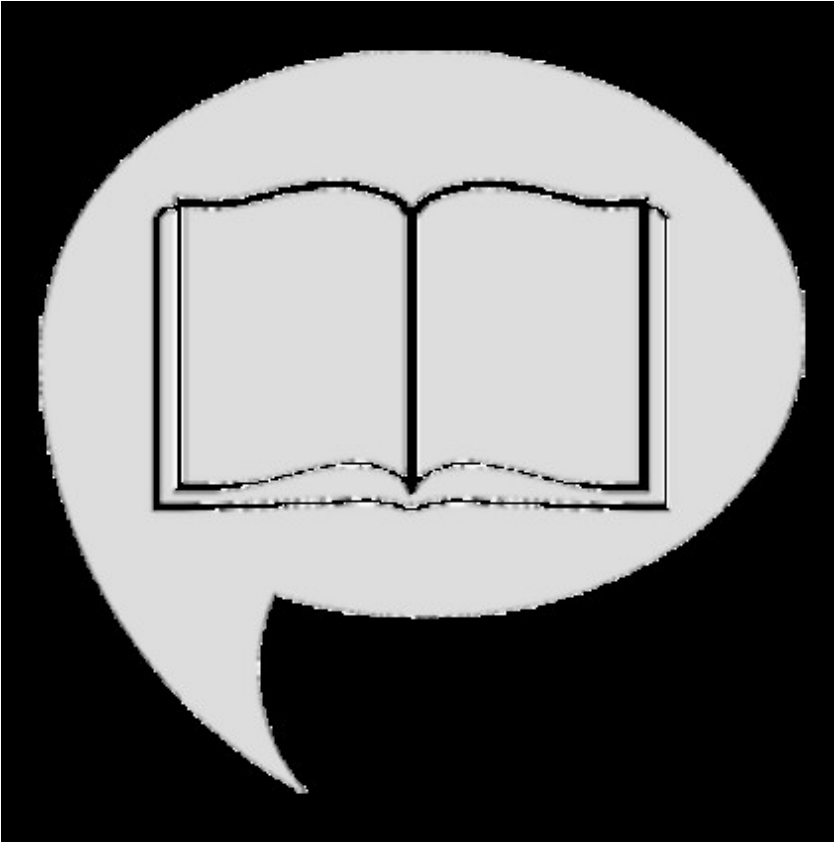
[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[SOBRE A AUTORA](#)





O

convite para ir a Bath não poderia chegar em momento mais oportuno a Lady Freyja Bedwyn. É a melhor desculpa para se afastar de seu lar, agora que seus vizinhos, Kit Butler e sua esposa, vão ser pais. Orgulhosa, altiva e teimosa como todos no clã Bedwyn, Freyja não quer que percebam que continua doída pelas bodas de Kit, seu melhor amigo de infância e o homem com quem estava destinada a compartilhar a vida. Não acredita que possa encontrar outro como ele.

D

Depois de vários anos trabalhando de forma clandestina para o governo, Joshua Moore, marquês de Hallmere, acaba de retornar do continente.

Q

Quando se dirige a Bath para reunir-se com sua avó, tem um encontro fortuito com Freyja, no qual recebe um murro. A segunda vez que se encontram, ela o acusa ante toda a sociedade. Na terceira ocasião, Joshua já decidiu que esta m

ulher com caráter é a única que pode ajudá-lo a fugir dos planos m

atrimoniais que conceberam para ele. Só ela terá a audácia para fingir que ambos estão comprometidos em um noivado ligeiramente escandaloso.



CAPÍTULO 1

Quando foi para cama, lady Freyja Bedwyn estava de mau humor.

Despachou a sua camareira, embora já tivessem disposto um catre em seu quarto para que dormisse ali e estava preparando para se deitar. Alice roncava e ela não estava a fim de ter o trabalho de dormir com um travesseiro na cabeça, ou melhor, sobre as orelhas, em nome do decoro.

— Mas Sua Excelência deu ordens estritas, milady - recordou a moça com acanhamento.

— Para quem trabalha? – perguntou lhe Freyja com voz serena. — Para o duque de Bewcastle ou para mim?

Alice a olhou presa de ansiedade, como se suspeitasse que a pergunta fosse uma armadilha... Garota esperta.

Embora trabalhasse como sua camareira, era o duque de Bewcastle, seu irmão, quem pagava seus honorários. E tinha lhe dado ordens de não se afastar do lado de sua senhora nem um só instante durante a viagem que as levaria de Grandmaison Park à residência de lady Holt— Barron em Circus, em Bath. O duque não gostava que suas irmãs viajassem sozinhas.

— Para você, milady - respondeu Alice.

— Pois então, saia — Apontou a porta. Alice a olhou indecisa.

— Não tem tranca, milady - replicou.

— E se algum intruso penetra durante a noite, você vai me proteger do perigo? — Perguntou-lhe com desdém. — Mas com certeza é o contrário.

A expressão da criada se tornou angustiada, mas não ficou mais remédio que partir.

E desse modo Freyja ficou a sós em um quarto de segunda categoria em uma estalagem de segunda categoria sem camareira a seu lado... E sem fecho na porta. E com um humor do cão.

Bath não era um destino que provocasse palpitações pela emoção. Era

um balneário bastante agradável que em seus tempos atraía à flor e a nata da sociedade inglesa. Mas as coisas tinham mudado. Já não era mais que um lugar de reunião para anciões e doentes, e para aqueles que não tinham outro lugar para onde ir... Como ela. Tinha aceitado um convite de lady Holt

— Barron para passar alguns meses com ela e com sua filha Charlotte.

Charlotte era sua amiga, embora não muito íntima. Em circunstâncias normais teria declinado educadamente do convite.

Suas circunstâncias não eram normais.

Voltava de Leicestershire depois de uma estadia em Grandmaison que tinha tido um duplo fim: ver sua avó, cuja saúde era delicada, e assistir as bodas de seu irmão Rannulf com Judith Law. Deveria ter retornado a seu lar, a Lindsey Hall em Hampshire, com Wulfric, o duque, e com a Alleyne e Morgan, seus irmãos mais novos. Entretanto, a ideia de estar ali nesse preciso momento tinha sido de todo intolerável, de modo que tinha aproveitado a única desculpa que se tinha apresentado para atrasar sua volta a casa.

Era muito constrangedor que tivesse medo de retornar a seu próprio lar. Apertou os dentes enquanto se metia na cama e apagava a vela. Não, não era medo. Ela não tinha medo de nada nem de ninguém.

Simplesmente se negava por completo a estar ali quando acontecesse o que ia acontecer, nada mais.

No ano anterior, Wulfric e o conde do Redfield, cuja propriedade, Alvesley Park, confinava com Lindsey Hall, tinham combinado o matrimônio entre lady Freyja e Kit Butler, visconde de Ravensberg e filho do conde. Os dois se conheciam desde sempre e se apaixonaram perdidamente um ao outro e quatro anos atrás, durante o verão que Kit passou em casa antes de retornar a seu regimento à Península. Mas naquela época ela estava virtualmente comprometida com seu irmão mais velho, Jerome, e se deixou persuadir para fazer o que o dever ditava: deixou que Wulfric anunciasse seu compromisso com Jerome. Kit retornou à Península feito um basilisco. Jerome morreu antes que se celebrassem as núpcias.

A morte de Jerome converteu Kit no primogênito, no herdeiro do conde de Redfield, e de repente o matrimônio entre eles passou a ser aceitável e desejado. Ou nisso acreditaram todos os envolvidos, incluída ela mesma.

Embora esses todos, ao que aparecia não incluía Kit.

Não tinha passado pela cabeça que Kit pudesse estar planejando uma vingança. Mas assim foi. Quando retornou a casa para participar a todos que pensavam que seria a celebração de seu compromisso apareceu acompanhado por sua noiva. A educadíssima, muito bonita e aborrecidíssima Lauren Edgeworth. E mesmo que depois ela pusesse objeção a sua história, Kit se casou com ela.

Nesse momento a bela lady Ravensberg estava a ponto de dar à luz a seu primeiro filho. E como aborrecida e boa esposa que era, sem dúvida alguma seria um varão. Os condes estariam encantados.

Todo o condado explodiria em vivas.

Ela preferia não estar perto de Alvesley quando acontecesse... E

Lindsey Hall estava perto.

Daí sua viagem a Bath e os planos de se divertir na dita cidade durante um par de meses.

Não tinha fechado as cortinas da janela. Graças à luz da lua e das estrelas, além das numerosas luzes que iluminavam o pátio, seu quarto bem poderia estar banhado pela luz do dia. De qualquer modo, não se levantou para fechar as cortinas. Limitou-se a tampar a cabeça com as mantas.

Wulfric tinha alugado uma carruagem privada para seu uso e todo um exército de cavaleiros como escolta, que tinham recebido ordens estritas de protegê-la de qualquer perigo e inconveniência que pudesse surgir. Havia-lhes dito onde parar para passar a noite: em uma estalagem de primeira categoria adequada para a filha de um duque, embora viajasse sozinha. Por desgracia, uma feira outonal tinha congregado pessoas de vários quilômetros ao redor e não restavam quartos nessa estalagem em particular, nem em nenhuma outra dos arredores. De modo que tinham sido obrigados a continuar o caminho e a se deter na qual se encontrava nesse momento.

Sua escolta tinha querido montar guarda na porta de seu quarto, sobre tudo ao se inteirar de que não havia fechadura. Freyja os tinha dissuadido com tal determinação que nem sequer pigarrearam. Ela não era a prisioneira de ninguém e não permitiria que a fizessem se sentir como tal.

Além disso, também tinha despachado Alice.

Suspirou e se dispôs a dormir. O colchão estava cheio de calombos. O

travesseiro era ainda pior. Os ruídos procedentes do pátio e dos restantes quartos não cessavam. As mantas não a ajudavam a mitigar a luz. E para completar Bath a aguardava no dia seguinte. Tudo porque retornar a casa se convertera em algo virtualmente impossível para ela. Poderia piorar sua vida de algum jeito?

Muito em breve, pensou logo antes de se render ao sono, se veria obrigada a procurar a sério entre os cavalheiros (e havia um grande número deles apesar de já ter vinte e cinco anos e de que sempre tinha sido feia), muitos dos quais ficariam pendurados em suas orelhas se deixasse escapar que desejava se casar.

Continuar solteira a tão avançada idade não era uma situação agradável para uma dama. O problema era que não estava convencida de que estar casada fosse melhor. E seria muito tarde para remediar se confirmasse suas suspeitas uma vez casada. O matrimônio era uma condenação perpétua, tal e como costumavam dizer seus irmãos, embora dois dos quatro tivessem sucumbido a semelhante condenação nos últimos meses.

Despertou com um sobressalto algum tempo depois, quando se abriu a porta de seu quarto de repente e voltou a se fechar com um sonoro estalo.

Não estava segura se estava sonhando ou não quando olhou nessa direção e viu um homem junto à porta, com uma camisa branca meio

abotoada, calças e meias três-quartos escuras, a jaqueta pendurada em um braço e um par de botas na outra mão.

Abandonou a cama de um salto e apontou a porta com gesto imperioso.

— Fora! - exclamou.

O homem lhe dedicou um sorriso, claramente visível no iluminado aposento.

— Não posso, encanto - disse ele. — Do outro lado me espera um destino funesto. Devo escapulir por essa janela ou me esconder aqui dentro.

— Fora! — Não desceu o braço...Nem o queixo. — Não dou refúgio a rufiões. Nem a nenhuma outra criatura masculina. Fora agora mesmo!

Em algum lugar do outro lado da porta começou um alvoroço, uma série de vozes nervosas que falavam todas de uma vez, acompanhadas por numerosas passadas. Um alvoroço que se ia aproximando de sua porta.

— Não sou um rufião, encanto - a corrigiu o intruso. — Só sou um inocente mortal em um grave apuro se não desaparecer imediatamente.

Está vazio o armário?

Freyja bufou pelo nariz.

— Fora! - ordenou-lhe uma vez mais.

Entretanto, o homem já tinha cruzado o quarto como uma emanção e estava abrindo a porta do armário. Ao vê-lo vazio, meteu-se nele.

— Me ajude encanto. — Disse logo antes de fechar a porta de dentro. —E

livre-me de um destino pior que a morte.

Quase nesse mesmo instante se escutaram uns fortes golpes na porta.

Freyja não soube se aproximava desta ou ia primeiro ao armário. Não obstante, as circunstâncias decidiram por ela quando a porta se abriu de repente e no vão apareceu o hospedeiro com uma vela no alto, acompanhado de um homenzinho rechonchudo de cabelo grisalho e um tipo calvo muito corpulento que precisava se barbear com urgência.

— Fora! - exigiu, totalmente fora de si. Já ajustaria as contas com o homem do armário assim que se encarregasse dessa afronta. Ninguém entrava no quarto de lady Freyja Bedwyn sem ser convidado, estivesse em Lindsey Hall, em Bedwyn House ou em uma desmantelada estalagem sem fechaduras nas portas.

— Peço-lhe desculpa pela perturbação, senhora - disse o cavalheiro grisalho ao mesmo tempo em que esticava o peito e esquadrinhava o quarto à luz da vela em lugar de olhar diretamente a ela. — Mas acredito que acaba de entrar aqui um cavalheiro.

Se tivesse esperado que abrisse a porta em resposta a sua chamada e depois se dirigisse a ela com a devida deferência, havia a possibilidade de que tivesse traído ao fugitivo que se escondia no armário sem titubear. Mas esse homem tinha cometido o engano de entrar em seu quarto sem mais e de tratá-la como se não existisse, salvo para exigir uma resposta... E a entrega daquele ao que perseguiam. O tipo sem barbear, em troca, limitou-se a olhá-la com uma expressão lasciva no rosto. E o hospedeiro estava demonstrando uma lamentável falta de consideração para a intimidade de

seus hóspedes.

— De verdade acha? — Perguntou com altivez. — Acaso vê esse cavalheiro? Se não for assim, sugiro que fechem a porta devagar quando sair, de modo que todos os hóspedes da estalagem, incluída eu, possamos dormir tranquilos.

— Se não se importar, senhora - aduziu o cavalheiro, que desviou o olhar para a janela fechada antes de posá-la sobre a cama e o armário, —

Eu gostaria de revistar o quarto. Para sua própria segurança. É um perigoso descarado, um risco para as damas.

— Revistar meu quarto? — Tomou ar muito devagar e o olhou por cima do proeminente e aquilino nariz Bedwyn com tal altivez que o cavalheiro pôr fim a olhou... E a viu pela primeira vez, ou isso pareceu. — Revistar meu quarto!? Cravou o olhar no calado hospedeiro, que se encolheu atrás de sua vela.

— É esta a hospitalidade de sua casa que com tanta pompa elogiou a minha chegada, senhor? Meu irmão, o duque de Bewcastle, saberá disto.

Interessará muito saber que permitiu que outro hóspede, se este cavalheiro é um hóspede, esmurre a porta de sua irmã em plena noite e lhe imponha sua presença sem aguardar que lhe permita pelo mero fato de supor que há outro homem aqui dentro. E também lhe interessará saber que ficou aí plantado sem dizer uma palavra enquanto o dito cavalheiro faz a desrespeitosa e descabelada sugestão de que permita revistar o quarto.

— É evidente que está equivocado, senhor - disse o hospedeiro, que se escondera em parte atrás do batente da porta embora a luz da vela ainda iluminasse o interior do quarto. — Deve ter escapado por outro lugar ou ter se escondido em outro lugar. Peço-lhe desculpas, senhora... Digo, milady. Só o permiti porque temia por sua

segurança, milady, e porque achei que o duque queria que a protegesse a todo custo de um perigoso descarado.

— Fora! -exclamou ela uma vez mais, com o braço elevado de forma imperiosa em direção da porta e dos três homens que ali estavam plantados.

— Fora agora mesmo!

O cavalheiro grisalho lançou um último olhar ansioso ao quarto, o tipo

sem barbear a olhou com expressão lasciva pela última vez e o hospedeiro estendeu o braço diante de ambos para fechar a porta.

Freyja a olhou enquanto fungava com força pelo nariz, com o braço ainda esticado e apontando ainda com o dedo. Como se atreviam? Jamais havia se sentido tão insultada em toda sua vida. Se o cavalheiro grisalho tivesse pronunciado uma só palavra mais e o grosseirão sem barbear lhe tivesse lançado outro olhar, teria se jogado sobre eles e teria feito entrecocar suas cabeças com tanta força que estariam vendo estrelas durante uma semana.

Não ia recomendar a estalagem a nenhuma de suas amigas nem por suspeita.

Quase tinha se esquecido do homem do armário quando a porta se abriu com um chiado e este saiu do interior. Era um homem alto e jovem, de pernas longas, conforme apreciou à luz que entrava pela janela. E muito loiro. Provavelmente tinha os olhos azuis, embora não houvesse suficiente luz para verificar sua hipótese. Não obstante, havia o bastante para saber que era muito bonito para seu próprio bem. Também parecia muito alegre, dadas as circunstâncias.

— Foi uma atuação magnífica - disse ao mesmo tempo em que deixava as botas altas no chão e jogava a jaqueta sobre o catre.

— De verdade é a irmã do duque de Bewcastle?

Correndo o risco de parecer tediosamente repetitiva Freyja voltou a apontar a porta.

— Fora! -ordenou.

Entretanto, ele se limitou a sorrir enquanto se aproximava.

— Não acredito - objetou o intruso. — Por que ia se hospedar a irmã de um duque em uma estalagem de segunda categoria? E sem uma camareira e nenhuma acompanhante que a guarde? De qualquer modo, foi uma atuação magnífica.

— Posso passar perfeitamente sem sua aprovação - replicou ela com frieza. — Ignoro a atrocidade que você tenha cometido. E não me interessa conhecê-la. A única coisa que quero é que saia deste quarto e quero que o faça agora mesmo. Arranje outro lugar onde possa se esconder aterrorizado.

— Aterrorizado? — O intruso pôs-se a rir e levou uma mão ao peito.
—

Fere-me, querida.

Estava muito perto dela, bastante para se dar conta de que apenas lhe chegava à altura do queixo.

Claro que sempre tinha sido baixa. Estava acostumada a reger seu mundo de um nível muito inferior a aquele onde se desenvolvia grande parte da ação.

— Não sou um encanto nem sou querida - disse . — Vou contar até três.

Um.

— Para que? — O homem colocou as mãos na cintura.

— Dois.

Depois desceu a cabeça e a beijou. Nos lábios e com a boca ligeiramente entreaberta, de modo que sua cálida umidade lhe provocou uma surpreendente sensação de intimidade.

Inspirou fundo, jogou para trás um braço e lhe deu um murro no nariz.

— Ai! – Exclamou ele, tocando o nariz com os dedos ao mesmo tempo em que torcia o rosto. Quando afastou a mão, Freyja comprovou com satisfação que havia sangue nela. –Ninguém lhe disse ninguém que em tão escandalosas circunstâncias as damas normais e comuns têm por costume dar ao cavalheiro uma bofetada em vez de lhe atirar um murro no nariz?

— Não sou uma dama normal e comum - corrigiu-o com severidade.

O intruso esboçou outro sorriso e limpou o nariz com o dorso da mão.

— É adorável quando se zanga - disse.

— Saia daqui.

— Veja bem, é que não posso fazê-lo - replicou ele. — Esse amável cavalheiro e seu musculoso cocheiro, estarão me esperando e me verei condenado ao matrimônio. Tão certo quanto estou aqui diante de você.

— Não me interessam os sórdidos detalhes - disse, e de repente entendeu o motivo de sua escassez de compostura. — Além disso, por que deveria me preocupar que o estejam esperando?

— Porque, encanto - disse- verão me sair de seu quarto e tirarão suas próprias conclusões, ligeiramente escandalosas, e sua reputação ficará arruinada.

— Sem dúvida alguma sobreviverei à experiência - assegurou.

— Tenha piedade de mim, querida - suplicou-o com outro sorriso...

Acaso esse homem não levava nada a sério?

— Caí em um dos truques mais velhos. Na sala do térreo estavam este velho cavalheiro com sua neta, uma moça muito encantadora, sem nada que fazer para matar o tempo; e ali estava eu também, ocupado em similares misteres... Ou desocupado, conforme se olhe.

— Era o mais natural do mundo que seu avô e eu jogássemos umas partidas de cartas enquanto a dita moça nos observava em silêncio com expressão doce, sem se afastar de onde eu pudesse vê-la. Depois que me retirara para dormir, ela foi ao meu quarto para me oferecer mais entretenimentos. Suponho que se deu conta de que as portas não têm fechaduras, não é? A questão é a seguinte: teria que ter feito o virtuoso gesto de lhe apontar a porta e lhe ordenar que se fosse? Sou um homem de carne e osso. Tal é como aconteceram as coisas, tive a sorte de continuar levantado e meio vestido e de que o avô não esperasse muito para entrar como um torvelinho em meu quarto feito uma fúria, com o hospedeiro e seu feroz capanga atrás como testemunhas. Também tive a sorte de que entrassem no quarto os três juntos, como uma fera ao ataque, e deixassem a porta livre. Utilizei a saída que me ofereceram, corri pelo corredor tão longe como pude e... Entrei na única porta disponível. Esta. — Apontou a porta do quarto com um florido gesto.

— Ia seduzir a uma jovem inocente? — Inchou o peito ao dizê-lo.

— Inocente? — O homem soltou um risinho. — Ela foi a minha procura, encanto. Tampouco me fiz de rogado, admito. É um ardil que alguns homens utilizam para casar a suas filhas ou a suas netas com cavalheiros de elevada posição, se por acaso não sabe... Ou, ao menos, para conseguir uma boa fatia com a qual compensar a virtude perdida. Esperam em lugares como este que apareça algum pobre desventurado como eu e depois põe mãos à obra.

— Seria muito bem merecido - replicou ela com severidade - que o tivessem apanhado. Não me compadeço de você absolutamente.

E mesmo assim, pensou, era justo o tipo de confusão no qual Alleyne poderia meter-se. Ou Rannulf, antes de se casar com Judith.

— Receio muito que vou ter que passar aqui o que resta de noite - disse o estranho, olhando a seu redor.

— Suponho que não gostará de compartilhar sua cama comigo, não é verdade?

Olhou-o com sua expressão mais distante e altiva, que teria paralisado à maioria dos mortais.

— Não? — Voltou a sorrir. — Pois terei que ficar no catre. Tentarei não roncar. Espero que você não o faça.

— Vai partir deste quarto – disse - antes que conte até três ou gritarei.

Muito alto. Um.

— Não seria capaz, encanto - replicou ele. — Isso a faria ficar como uma mentirosa diante de seus recentes visitantes.

— Dois.

— A menos - prosseguiu ele com um risinho — Que afirme que penetrei nas pontas dos pés e me meti no armário enquanto dormia, mas que me viu assim que saí para comprovar se havia mouros na costa.

— Três.

O tipo a olhou, arqueou as sobrancelhas, moveu-as e virou-se com estudada desenvoltura para o catre.

Ela gritou.

— Pelo amor de Deus! -exclamou o intruso, erguendo a mão com a intenção de lhe cobrir a boca.

Entretanto, deve ter compreendido em boa hora que sua capacidade pulmonar era considerável, de modo que deixou escapar um grito longo e estridente sem necessidade de fazer uma pausa para tomar ar.

O homem agarrou sua jaqueta e suas botas, precipitou-se para a janela, abriu-a, enfiou a cabeça, atirou sua roupa no pátio e em seguida desapareceu.

A queda até o chão devia ser de uns dez metros, pensou com uma pontada de remorso.

Os restos destroçados do desconhecido certamente estariam esparramados pelos paralelepípedos do pátio.

A porta se abriu de repente para dar passagem a uma multidão em diferentes graus de semi nudez em cuja retaguarda chegaram o hospedeiro, o cavalheiro de cabelo grisalho e o tipo sem barbear de expressão lasciva.

— Assim afinal se meteu aqui, não é certo, milady? -perguntou o cavalheiro grisalho por cima do barulho de vozes que exigiam saber o que acontecia a quem tinham assassinado em sua cama.

Não obstante, detestava a esse homem. Pelo que tinha feito a ela e pelo que tinha tentado fazer ao desconhecido utilizando uma mulher, no caso de que se acreditasse na história. Porque era muito possível que o estranho escapou com todos os objetos valiosos do cavalheiro.

— Um camundongo! -gritou com voz trêmula ao mesmo tempo em que levava as mãos à garganta. — Um camundongo subiu na minha cama.

Suas palavras provocaram um tremendo alvoroço já que várias damas começaram a gritar e a procurar cadeiras onde subir enquanto alguns homens entravam no quarto para empreender uma minuciosa busca do camundongo: debaixo da cama, atrás do lavatório, atrás do armário, debaixo do catre, entre seus pertences...

Enquanto isso, ela se viu obrigada a interpretar um papel que lhe era de todo desconhecido. Pôs-se a tremer e tentou parecer indefesa.

— Diria que sonhou, senhora... Milady, quero dizer - disse o hospedeiro ao final. — Não costumamos ter ratos no estabelecimento. Os gatos os mantêm afastados. Se havia um, já terá ido, certamente.

Alice tinha chegado no meio da confusão com os olhos como pratos, sem dúvida imaginando o que diria ao duque de Bewcastle (ou, para ser exato, o que o duque diria a ela) em caso de que tivessem fatiado o cangote a sua senhora enquanto ela dormia em um quarto diferente a que se supunha que devia ocupar.

— Sua camareira ficará com você, milady - disse o hospedeiro enquanto os outros hóspedes se dispersavam, alguns indignados porque os tivessem despertado com tão poucos olhares e outros claramente decepcionados por não ter presenciado a captura do camundongo e sua posterior execução pelo execrável crime de haver subido a uma cama ocupada.

— Sim, obrigada. — Freyja acreditou que sua voz soava adequadamente patética.

— Dormirei no catre, milady - anunciou Alice com valentia depois que partiram os outros e a porta estava de novo fechada. — Não me dão medo os ratos, ao menos enquanto fiquem no chão. Desperte se voltar a incomodá-la e o espantarei. — Era evidente que estava aterrada.

— O que vai fazer é voltar para a cama em que estava, em qualquer lugar que esteja - ordenou. — Eu gostaria de dormir o que resta de noite.

— Mas, milady... - protestou a moça.

— De verdade acha que me dão medo os ratos? - perguntou-lhe com desdém.

A expressão de sua camareira se tornou desconcertada, como era de esperar.

— Bom, eu acho que não... - respondeu.

— Vai embora. — Apontou a porta. — E tomara que esta seja a última interrupção que sofremos esta noite.

Assim que ficou sozinha, aproximou-se da janela, pôs a cabeça fora e olhou para baixo, temendo o que poderia encontrar. O desconhecido era um descarado e um rufião, e merecia o que lhe acontecesse. Mas não a morte. Não, teria se lamentado, inclusive teria se sentido um pouco culpada, se esse tivesse sido seu destino.

Não havia nem rastro do desconhecido, nem de suas botas, nem de sua jaqueta.

Nesse momento percebeu a frondosa hera que cobria a parede.

“Bom, grande alívio”, pensou ao mesmo em tempo que fechava a janela e se internava de novo no quarto. Talvez pudesse desfrutar de umas horas de sono apazível a partir desse momento.

Entretanto, deteve-se de repente logo antes de chegar à cama e se olhou.

Toda a cena, ou a série de cenas, desenvolveu-se com ela em camisola, descalça e com o cabelo solto e despenteado.

“*Valha-me Deus!*”, exclamou para si mesma.

E depois sorriu.

E depois riu entre dentes.

E depois se sentou na beira do colchão e se pôs a rir. Que coisa mais absurda!

Não recordava ter passado melhor em toda sua vida.



CAPÍTULO 2

O marquês de Hallmere, Joshua Moore, retornava de Yorkshire depois de ter passado uns dias com um amigo e se dirigia a Bath para passar uma semana com sua avó, lady Potford. Sem necessidade alguma de espremer os miolos podia nomear um sem fim de lugares onde preferiria passar uma semana, mas tinha muito carinho a sua avó e já fazia cinco anos sem vê-la.

Deixou seu cavalo em uma cavaleriça pública, localizou a casa correta em Great Pulteney Street, bateu e observou com ironia como a expressão do criado que abriu a porta passou da estudada deferência ao arrogante desprezo.

— Senhor? - disse o homem, entreabrindo a porta e bloqueando com sua uniformizada pessoa o estreito espaço que tinha deixado entre a folha e o batente. — Que deseja?

Joshua esboçou um alegre sorriso.

— Saber se lady Potford está em casa e lhe perguntar se quer me receber, seria tão amável de fazê-lo por mim? - perguntou por sua vez.

O criado tinha todo o aspecto de estar a ponto de lhe dizer, sem nem sequer se incomodar em comprová-lo, que a senhora não estava em casa.

— Diga-lhe que Hallmere deseja vê-la - acrescentou Joshua.

O nome, obviamente, significava algo. A expressão do criado sofreu uma nova transformação e se converteu em uma careta educada e inescrutável enquanto abria a porta de par em par, afastava-se para lhe dar passagem e fazia uma reverência.

— Se for amável de esperar aqui, milorde... -murmurou.

Joshua entrou no vestíbulo, cujo chão de mármore branco e negro se assemelhava a um tabuleiro de xadrez, e observou como o criado, claramente o mordomo, desaparecia escadaria acima com as costas mais

rígida que o pau de uma vassoura por causa da desaprovação. Retornou em menos de dois minutos.

— Por aqui, milorde - disse na metade da escadaria. — Sua senhoria o receberá imediatamente.

Lady Potford se encontrava em uma salinha de estar de planta quadrada que contava com uma situação muito agradável ao desfrutar da elegante e clássica vista de Great Pulteney Street. Continuava sendo uma dama de figura magra e porte aristocrático, apresentada à última moda tanto no vestir como no penteado, comprovou quando entrou na sala, embora seu cabelo parecesse mais cinza do que o recordava. De fato, tinha as têmporas brancas.

— Avó! — Teria atravessado a sala com presteza para erguê-la nos braços a não ser porque ela lançou mão de uns pendentes que pendiam da fina corrente de ouro que levava no pescoço e o olhou com expressão aflita.

— Meu querido Joshua – disse - que estupidez de minha parte ter imaginado que o título teria lhe dado um pouco de respeitabilidade. Não é de estranhar que Gibbs recorresse a sua expressão mais insondável quando entrou para anunciar sua chegada.

Joshua lançou um olhar pesaroso. Embora sua jaqueta e suas calças se encontrassem em um estado bastante decente, as botas de montar estavam opacas e ainda tinham rastros de barro da noite anterior.

Como o que acontecia à jaqueta, quando se olhou melhor. A camisa era a mesma do dia interior e estava enrugada. A jaqueta a ocultava na sua maior parte, mas era impossível passar por cima da lamentável ausência da gravata, que teria ajudado a fazê-lo um pouco mais apresentável, assim como a do colete, que a teria escondido com mais eficácia. Tampouco levava luvas nem chapéu. Simples e sinceramente, seu aspecto devia ser muito desalinhado. Como o de alguém que acabasse de sair de uma monumental orgia noturna.

Em realidade, tinha beijado duas mulheres diferentes durante a noite, mas em nenhum dos dois casos contou com o tempo nem com a oportunidade para desfrutar de algo remotamente parecido a uma orgia...

Uma verdadeira lástima.

— Ontem à noite tive um percalço em uma estalagem – explicou - e consegui escapar composto, tal como me vê. Arrumei isso ao tirar meu cavalo dos estábulos, mas, pobre de mim, vi-me obrigado a deixar atrás todos os meus pertences. Estou convencido de que meu

criado as recuperará e as trará até aqui logo. Não será a primeira vez que desperte e descubra que eu já voei do ninho.

— Não me cabe a menor dúvida - replicou sua avó com aspereza, abandonando os pendentes da corrente de ouro. — Bem, nem sequer vai me dar um beijo?

Joshua sorriu e percorreu os três passos que os separavam para agarrá-la nos braços, girar com ela e lhe plantar um sonoro beijo na face enquanto voltava a deixá-la no chão. Ela meneou a cabeça, entre a exasperação e a certeza de que deveria ter previsto algo assim dele.

— Moço insolente... - murmurou.

— Me alegro de vê-la, avó – disse — Passou muito tempo desde a última vez.

— E de quem é a culpa? - replicou ela com severidade. — Passou anos brincando de correr de um lado ao outro do continente, se as fofocas e as poucas cartas que me enviava são de confiar. Entretanto, tremo ao pensar como o conseguiu com a guerra em pleno apogeu. Uma lástima que tenha sido a morte de seu tio o que provocou sua volta a Inglaterra.

A morte de seu tio lhe tinha proporcionado o título, a fortuna e todas os encargos que essas duas coisas supunham.

— Não é exatamente assim, avó - a corrigiu - foi o final da guerra o que me trouxe de volta. Com Napoleão Bonaparte encarcerado na Elba e os ingleses livres para percorrer a Europa a seu desejo outra vez, a diversão de driblar o perigo acabou.

— Enfim, dá no mesmo - replicou sua avó, meneando de novo a cabeça.

— Já está em casa, seja qual for a razão. Ou quase em casa, ao menos. Como deve ser.

— Não tenho intenção de ir a Penhallow, se é ao que se refere. - e assegurou. — Há muitos outros lugares aonde ir e muitas outras experiências que para viver.

— Pelo amor de Deus, Joshua! Sente-se! É muito alto para estar de pé -

exclamou a anciã, enquanto ela mesma se sentava. — Agora é o marquês de

Hallmere. Deve ir a Penhallow. É seu lar. Tem deveres e responsabilidades que atender ali. Já é hora de que retorne.

— Avó. - sentou-se na cadeira que lhe tinha indicado e passou uma mão por uma face áspera pela barba enquanto esboçava um sorriso. — Se for me exortar a respeito de minhas obrigações durante toda a semana, me verei obrigado a me perder pelo horizonte em busca de outro memorável percalço.

— Não me cabe dúvida de que não teria que procurar muito - replicou sua avó. — Os percalços parecem buscar a você, Joshua. Tem os olhos vermelhos. Suponho que ontem à noite não dormiu nada. Embora não penso lhe perguntar o que fez além de cavalgar até Bath em tão desalinhado e singular estado.

Joshua bocejou até que lhe rangeram as mandíbulas, um detalhe mais do que mal educado em presença de uma dama, e seu estômago escolheu esse preciso momento para rugir de uma forma bastante audível.

— Parece um completo desastre - afirmou a anciã sem rodeios.

— Quando comeu por última vez?

— Ontem à noite, acho - respondeu com certo acanhamento. —

Também me vi obrigado a abandonar a carteira. — Algo que o tinha levado a fazer desvios labirínticos e o mar de demoras para evitar os pedágios do caminho real.

— Deve ter sido um grande percalço, sem dúvida - concluiu ela, ficando em pé para puxar a corda da campainha do serviço que havia junto à lareira. — Me sinto tentada em lhe perguntar se ao menos era bonita, mas isso estaria muito abaixo de meu nível. Será melhor que o deixe aos cuidados de Gibbs.

— Se encarregará de que coma e se barbeie; e suponho que depois quererá dormir. Não terá nada que fazer até que chegue seu criado com sua roupa. Eu tenho que fazer várias visitas.

— Comida, um barbeado e um soninho... Nessa ordem soam a glória -

afirmou encantado.

Lady Holt— Barron estava encantadíssima por ter obtido a façanha de convencer lady Freyja Bedwyn, uma das irmãs do duque de Bewcastle, de que acompanhasse a sua família a Bath na qualidade de convidada. Sua

filha Charlotte também estava encantada, embora se devesse mais ao fato de contar com a presença de uma amiga de sua mesma idade.

— Minha mãe insiste em vir a Bath todos os anos, Freyja - explicava Charlotte enquanto caminhava a seu lado pela Sala da Fonte à manhã seguinte de sua chegada, depois de ter deixado lady Holt— Barron na mesa com um copo da tão cacarejada água na mão. Sorrindo de orelha a orelha e conversando com um grupo de amigadas ocupadas nos mesmos afazeres.

— Acredita que um mês tomando a água de Bath lhe assegurará todo um ano de saúde. Talvez tenha razão, mas papai, Frederick e

os meninos saíram para caçar, como costumam fazer todos os anos por esta data, e eu preferiria diferentemente ter ido com eles. Agradeço-lhe muitíssimo que tenha decidido vir.

Não houve mais oportunidade para ter conversas privadas. A Sala da Fonte era o lugar da moda para se reunir em todas as manhãs a fim de fazer exercício e fofocar; e também para que aqueles que queriam beber água o fizessem. Mas em realidade, descobriu Freyja, o exercício que alguém fazia caminhando pelo elegante lugar de estilo georgiano e de tetos muito altos era mínimo. De fato, limitava-se a dar dois passos, deter-se para saudar os conhecidos e ter uma breve conversa e dar outros dois passos para repetir todo o processo. E, como era uma recém chegada e além disso, com título, descobriu que todo mundo desejava falar com ela, saudá-la e interrogá-la a respeito das notícias que se produziram além dos limites de Bath.

O dia prosseguiu com esse aspecto tão pouco energético. Depois do café da manhã foram às compras em Milsom Street. Jamais tinha encontrado gosto a essa obsessão que parecia afetar praticam ente a todas as mulheres.

Atrás de lady Holt— Barron, percorreu os estabelecimentos das costureiras, as chapelarias e as joalherias com uma entusiasta Charlotte pendurada em seu braço enquanto se perguntava qual seria a reação de todo o mundo se parasse no meio da rua e ficasse a gritar a plenos pulmões como o fizera duas noites atrás. Tirou o chapéu sorrindo pela lembrança.

Jamais tinha sido das que gritavam, mas tinha descoberto um enorme prazer em se deixar levar e ver como o sorridente e arrogante desconhecido saltava pela janela. Tinha derrotado a esse presunçoso.

— Ah, vejo que você gosta, Freyja! - exclamou Charlotte ao perceber seu sorriso.

Sua amiga tinha trocado seu modesto boné por um encantador chapéu adornado com uma brilhante pluma escarlate.

— A mim também, e não acredito que possa resistir à tentação de comprá-lo embora já tenha mais chapéus do que jamais vá necessitar.

Posso, mamãe?

— Se lady Freyja gosta dele - respondeu a aludida-, deve ser o último grito, Charlotte. E, para falar a verdade, é uma preciosidade.

Durante a tarde fizeram algumas visitas antes de tomar chá nos Salões de festas, onde se encontraram com outras pessoas para conversar. Como, por exemplo, o conde de Willett, que nesse momento estava de visita em casa de seu tio, de quem se murmurava herdaria uma fabulosa fortuna.

Freyja tinha sido objeto de suas contínuas atenções desde a morte de Jerome, mas jamais o tinha incentivado. Era um homem baixo, de cabelos e sobancelhas castanhas e pestanas loiras; embora não fosse tanto seu insignificante aspecto o que diminuía seu atrativo ao olhos de Freyja mas sua sóbria, rígida e comedida atitude. Depois de tudo, ela não era nenhuma beleza. Porém, jamais seria comedida.

Não obstante, em uma cidade como Bath, onde a maioria da população estava formada por anciões, devia admitir que a juventude do conde era um atrativo por si. Saudou-o com mais ênfase do que jamais o teria feito se houvesse encontrado em Londres, antes de se sentar junto lady Holt—

Barron e procedesse à entreter com sua agradável conversa durante meia hora.

— Minha querida lady Freyja - começou lady Holt— Barron com as sobancelhas elevadas em gesto eloquente depois da marcha de lorde Willett - acredito que fez uma conquista.

— Ah, senhora! -exclamou ela com altivez. — Mas ele não. Charlotte soltou uma gargalhada.

— Acho que seria uma perda de tempo, mamãe - lhe assegurou-, que tentasse se fazer de casamenteira com Freyja.

De noite retornaram aos salões de festa para assistir a um concerto.

Não lhe desgostava a música. Para falar a verdade, muitas peças conseguiam mergulhá-la em uma espécie de transe. Não as sopranos.

Entretanto e pelos caprichos da fortuna, a convidada de honra era uma

soprano de nome italiano, enorme busto e um poderoso jorro de voz que não duvidou em utilizar em todo seu esplendor durante todo o recital.

Talvez a soprano fosse da opinião, refletia enquanto seus ouvidos se ressentiam com os agudos das notas muito altas, que com maior volume, maior qualidade.

O conde de Willett se arrumou de algum modo para se sentar a seu lado durante a segunda parte, depois de ter estado conversando com ela no intervalo.

— Uma atuação semelhante é capaz de afetar para sempre o ouvido de qualquer um - disse ela.

Alleyne ou Rannulf lhe teriam replicado com um comentário do mesmo estilo e se teriam visto todos obrigados a conter as gargalhadas provocadas pela conversa.

— Muito certo - conveyo o conde com solenidade. — É divina, não é verdade?

E isso foi só o primeiro dia. O segundo começou do mesmo modo, salvo pela diferença de que no dia anterior a sua chegada tinha sido a fofoca de todo Bath, nessa ocasião a cidade fervia pela curiosidade de ver o marquês de Hallmere.

Todo mundo esperava com ansiedade a aparição na Sala da Fonte do recém chegado junto com sua avó materna, lady Potford. Conhecia a anciã, mas não a seu neto. Entretanto, quando a dama apareceu, fez isso sozinha.

A decepção dos presentes na sala foi evidente.

— É jovem - explicou lady Holt— Barron - e conforme se diz, de muito boa aparência. É obvio, é um dos solteiros mais cobiçados de toda a Inglaterra - concluiu, lançando um olhar matreiro a Freyja.

Isso queria dizer que o considerariam de boa aparência embora tivesse o aspecto de uma gárgula, supôs ela. Para alegrar o espírito dessa gente se necessitava a chegada de algum personagem novo, se possível com título, pensou com um suspiro interiormente enquanto saíam da Sala da Fonte e retornavam a casa para tomar o café da manhã. Tinha a certeza de ter cometido um terrível engano ao ir o Bath. Iria tornar-se louca em quinze dias... Não, em uma semana! Entretanto, recordou a alternativa (estar em Lindsey Hall aguardando o iminente anúncio procedente de Alvesley) e

decidiu que teria que se arrumar para suportar seu exílio ao menos durante um mês. Além disso, seria muito descortês abandonar aos Holt— Barron tão logo.

O que não podia fazer, de nenhuma maneira, era suportar ir outra manhã de compras. Informou que tinha que escrever umas quantas cartas para não acompanhar a Charlotte e a sua mãe e, para aliviar sua consciência, sentou-se na escrivaninha de seu quarto com a intenção de escrever a Morgan, sua irmã mais nova. De repente, encontrou-se relatando o que lhe tinha acontecido na estalagem onde passara a noite durante o caminho a Bath; embora enfeitasse a

história de forma considerável, devia reconhecer que os fatos eram por si bastante extraordinários. Morgan o acharia muito engraçado e podia confiar nela para que não mostrasse a carta a Wulfric.

Wulf não veria a graça por nenhum lado.

Para primeiros de setembro, fazia um dia bonito, embora soprasse um pouco de vento.

Desejou poder cavalgar; as colinas que se erguiam nas costas da cidade eram feitas para galopar. O problema era que se enviasse um criado para alugar um cavalo e esperasse que o tivessem selado, poderia dar tempo à Charlotte e a sua mãe retornar das compras e se formaria um alvoroço porque a mulher insistiria em que a acompanhasse um cavaleiro para protegê-la. Jamais tinha aguentado que um criado a seguisse quando cavalgava. De modo que decidiu passear e partiu assim que trocou de roupa.

O vestido verde escuro se agitava ao redor de suas pernas enquanto descia a íngreme rua que a levava da casa até o Circus. Recolheu a abundante cabeleira em um coque que dissimulava sua tendência a alvoroçar-se e colocou um chapéu adornado com uma pluma que caía com elegância a um lado.

Cruzou o centro da cidade, saudando sucintamente com a cabeça a uns conhecidos e rezando para não ter a má sorte de se encontrar com sua anfitriã e se ver assim obrigada a passar o resto da manhã de loja em loja.

Tomou um atalho pelo cemitério da Abadia para deixar atrás a igreja e a Sala da Fonte. Trocou de direção para seguir o curso do rio e então percebeu a presença em frente dela da grandiosa Ponte de Pulteney, que

tinha esquecido por completo pois fazia anos que não visitava a cidade.

Recordou que do outro lado da ponte se encontrava a elegante e ampla Great Pulteney Street. E não estavam os jardins de Sydney justo ao final da rua?

Não tinha tido intenção de caminhar tão longe, mas teve a sensação de estar respirando pela primeira vez desde há dias, e não tinha o menor desejo de retornar à casa ainda. Decidiu atravessar a ponte, lançando um rápido olhar às pequenas vitrines das lojas enquanto passava, e depois comprovou que não lhe tinha falhado a memória. A escassa distância em frente a ela se encontrava uma das vistas mais maravilhosas de uma cidade claramente magnífica.

Quando chegou ao extremo de Great Pulteney Street, dobrou para Sydney. Agradada com a intenção de dar um passeio pelos jardins. Não obstante, percebeu o sinal que indicava que Sutton Street se encontrava a sua esquerda e se deteve em seco com o cenho franzido. Só demorou um instante em compreender por que lhe era familiar o nome. Era nessa rua, Sutton Street, onde estava a academia da senhorita Martin. Duvidou, fez uma careta, voltou a duvidar e depois se encaminhou com passo firme para a direção. Inclusive sabia o número da casa.

Cinco minutos mais tarde se encontrava em um salão elegante um tanto opaco, esperando a chegada da senhorita Martin. Decidiu que aquilo não era uma boa ideia absolutamente. Jamais tinha ido em pessoa, nem tinha escrito. Nem sequer tinha permitido que seu advogado utilizasse seu nome.

A senhorita Martin não a fez esperar muito tempo. Seu semblante era tão pálido e tão azedo, e sua postura era tão rígida como se recordava. Seus escuros olhos cinza a atravessaram como costumavam fazer, mas nesse momento se atreveu a olhá-la com hostilidade mal dissimulada sob uma capa de civilidade.

— Lady Freyja - a saudou, inclinando a cabeça, mas sem fazer a correspondente reverência. Não lhe ofereceu uma cadeira, nem refrescos.

Tampouco deu amostras de estar surpreendida ou contente. Não apontou à porta e lhe ordenou que partisse. Limitou-se a olhá-la com educada curiosidade. Enfim, pensou, isso era o que gostava na mulher.

— Disseram-me que tinha uma academia em Bath - lhe disse, ocultando

a confusão que sentia com uma dose adicional de sua natural altivez.

— Passava por aqui e decidi lhe fazer uma visita.

Que disparate! A senhorita Martin não se dignou a fazer réplica alguma.

Limitou - se a inclinar a cabeça.

— Para ver que tal ia - acrescentou ela. — Para ver se sua academia necessitava de algo. Algo que possa lhe oferecer.

Os olhos da senhorita Martin a olhavam com genuíno assombro e com uma hostilidade que já não se incomodava em dissimular.

— Vai estupendamente, obrigado – replicou. — Tenho tanto alunas de pagamento como alunas de caridade e várias professoras estupendas.

Também conto com a ajuda de um benfeitor que foi o mais amável e generoso comigo e com minhas alunas. Não necessito de sua caridade, lady Freyja.

— Bem. — Tinha tomado boa nota do mal estado mal dissimulado do lugar e decidiu que o benfeitor não era muito generoso. Ou que a pessoa que atuava em nome do benfeitor tinha uma opinião diferente do que este considerava um financiamento adequado.

— Achei que valeria a pena oferecer minha ajuda.

— Obrigada. — A voz da senhorita Martin tremia com uma emoção que sua pessoa não mostrava. — Só espero que tenha mudado durante estes nove anos, lady Freyja, e que tenha vindo movida por uma generosidade genuína em lugar de com a maliciosa esperança de me ver desesperada e mergulhada na pobreza. Porque nenhuma das duas coisas é certa. Até sem a generosidade de meu benfeitor, minha academia está começando a dar benefícios. Não necessito de sua ajuda absolutamente. E tampouco é necessário que volte aqui. Bom dia. Minhas alunas me esperam para que prossiga com a aula de História.

Pouco depois, Freyja passeava pelos jardins do Sydney com o coração ainda batendo forte e sem poder esquecer a rejeição e o evidente desprezo com que esta tinha sido pronunciada.

Não devia ser a hora adequada para passear pelo lugar, concluiu com certo alívio. Encontrou-se com poucas pessoas enquanto caminhava pelos serpenteantes atalhos, e todas elas desconhecidas. Aquele não era, supôs, o lugar indicado para passear sem levar uma criada atrás em nome do

decoro.

Entretanto, o decoro sempre lhe tinha importado um nada e nesse preciso momento se alegrava muitíssimo de estar sozinha. Sentou-se em um tosco banco perto de um velho carvalho e se limitou a sentir o calor do sol no rosto e a sutil presença do outono no ar, enquanto observava casal de esquilos que brincava de correr de um lado para o outro em busca de qualquer resto de comida que os visitantes tivessem deixado de passagem pelo parque. Pareciam bastante acostumados à presença das pessoas. De qualquer modo, observou-os sem se mover. Não queria assustá-los.

Já tinha assustado a um sem fim de preceptoras quando era pequena.

Jamais tinha suportado com resignação que a encerrassem, que lhe ordenassem o que tinha que fazer, que sua mente se visse forçada a estudar lições aborrecidíssimas, que a obrigassem a aceitar a autoridade de mulheres tão espantosamente aborrecidas. Para falar a verdade, tinha sido horrível com elas. Wulf sempre as tinha ajudado a encontrar outro emprego depois de despedi-las ou de aceitar sua renúncia e ela jamais havia tornado a pensar nelas. Até que, de repente, a senhorita Martin demonstrou um inesperado carácter partindo de Lindsey Hall a pé e com a cabeça muito alta depois de rechaçar qualquer tipo de ajuda procedente do Wulf.

Pela primeira vez em sua vida se sentiu realmente perturbada com uma preceptora, ou melhor, por uma antiga preceptora. Tolerou a seguinte, embora tivesse sido a mais tonta de todas, durante os restantes anos de estudo. Foi fruto da casualidade que voltasse a escutar o nome da senhorita Martin. Descobriu que tinha aberto uma academia para senhoritas em Bath, que não ia muito bem e que não demoraria em se ver obrigada a fechá-la.

Descobriu-o mediante um conhecido que lhe contou a fofoca com a maliciosa intenção de que ela se alegrasse da má sorte da mulher. Mas não foi assim. Procurou um advogado, tirou-lhe da cabeça a ideia de que necessitava que um homem a representasse nos assuntos de negócios e lhe pagou uma pequena fortuna para que encontrasse à senhorita Martin, averiguasse as necessidades da academia e comunicasse a sua antiga preceptora que um benfeitor anônimo estava disposto a se encarregar de tais necessidades, desde que fosse capaz de demonstrar anualmente a um inspetor que a educação repartida em sua academia estava à altura do que se esperava de um estabelecimento semelhante.

Depois Freyja foi se acostumando ao papel de benfeitora dos necessitados e tinha enviado à senhorita Martin várias alunas de caridade e inclusive uma professora em necessidade de emprego, além disso, o dinheiro para sua manutenção. A pobre senhorita Martin sofreria uma apoplexia se conhecesse a identidade de seu

benfeitor. E ela mesma se envergonharia sobremaneira, concluiu enquanto observava de forma distraída aos esquilos, se alguém descobrisse sua tão bem guardada debilidade. Porque não lhe cabia dúvida de que era uma debilidade.

Qualquer preceptora incapaz de controlar seus tutelados merecia a demissão. E qualquer preceptora despedida que fosse muito orgulhosa para aceitar a ajuda de seu antigo patrão merecia morrer de fome. Estalou a língua. Tinha lhe encantado a atitude de sua antiga preceptora. Teria lhe incomodado muitíssimo se não houvesse desprezo ao cumprimentar sua antiga torturadora. Nesse momento escutou um grito que a devolveu à realidade. Um grito feminino procedente da saída da colina, mais à frente da curva do atalho. As árvores ocultavam à mulher, mas escutou os sons inconfundíveis de uma rixa, a voz profunda de um homem e depois um novo grito, nessa ocasião menos agudo, seguido de uma gritante voz feminina. Os esquilos fugiram até a árvore mais próxima e subiram pelo tronco para se perder entre os ramos e as folhas.

Freyja ficou em pé com um salto. Ela também era uma mulher. Era baixa. Estava sozinha, nem sequer contava com a companhia de uma criada.

Encontrava-se em um parque que parecia estar quase deserto e cujas árvores e colinas lhe conferiam um ar muito mais isolado. Certamente não era momento de heroísmos.

Qualquer mulher normal que se encontrasse em semelhante situação teria saído correndo em direção oposta tão rápido quanto suas pernas a tivessem permitido.

Ela não era uma mulher normal. Pôs-se a andar para a esquerda e desceu o atalho virtualmente correndo. Não teve que ir muito longe.

Quando dobrou a curva se encontrou em um prado coberto de grama. Nele havia um homem de grande altura e corpulência, um cavalheiro nada menos, que agarrava uma criada miudinha. A moça

tinha os braços imobilizados contra o peito do homem enquanto ele abaixava a cabeça com a lasciva intenção de reclamar seu prêmio. Embora tivesse que arrastá-la logo até os arbustos para completar suas intenções.

— Tire as mãos de cima dela! -exigiu ao mesmo tempo em que apressava seus passos. — É um rufião! Solte-a!

O casal se separou a ponto de que os dois a olhassem ao uníssonos com a surpresa gravada em seus rostos. Em seguida, a moça (garota esperta) voltou a gritar e saiu correndo colina abaixo tão rápido quanto seus pés lhe permitiam e sem voltar a olhar atrás. Freyja não diminuiu sua marcha.

Continuou caminhando até estar virtualmente grudada ao rufião. Uma vez em frente a ele, jogou o braço para trás e atirou um murro no nariz desse assaltante de inocentes.

— Ai! - exclamou ele enquanto erguia a mão para cobrir o dolorido apêndice, depois do qual a olhou com lágrimas nos olhos. — Bom, bom, não me equivoquei ao reconhecer esse toque tão feminino. É você, não é verdade?

la vestido na moda com uma jaqueta de montar azul, calças justas, um par de resplandecentes botas e uma cartola. Entretanto e não sem um forte assombro, Freyja reparou em suas longas extremidades e nesse corpo tão proporcional, no cabelo loiro que se via sob o chapéu e nos olhos azuis do mesmo homem que tinha visto na última vez saltando pela janela de seu quarto três noites atrás. Adônis e o diabo em um. Tomou uma audível baforada de ar.

— Sim, sou eu – respondeu. — E neste momento estou profundamente arrependida de não ter revelado seu esconderijo no armário ao cavalheiro grisalho e de não havê-lo deixado a sua sorte.

— Isso não é certo, encanto, não é? — Perguntou-lhe e inclusive teve a desfaçatez de sorrir, apesar dos olhos chorosos e do nariz

avermelhado. —

Que injusto de sua parte.

— Você um vil rufião e um covarde – disse. — Um corruptor de inocentes. Um ser desprezível. Vou denunciá-lo e farei com que o expulsem de Bath e que tenha que deixar a companhia das pessoas respeitáveis.

— Sério? - perguntou ao mesmo tempo em que se inclinava um pouco para ela com um olhar risonho e choroso. — E a quem vais denunciar, querida?

A indignação se apoderou dela.

— Descobrirei sua identidade - lhe assegurou. — Não poderá se deixar

ver em nenhum lugar desta cidade sem que eu me inteire e descubra quem é.

— Bom - replicou ele. — Ambos sabemos que você não é a filha de um duque, não é certo? Onde está seu séquito de guardiães e adutores?

— Suas táticas de distração não vão servir de nada - advertiu com severidade. — Acaso acredita que qualquer criada está ao seu dispor pelo mero fato de ser uma criada? E pelo mero fato de ser mais arrumado do que lhe conviria?

— Acha isso? — Voltou a sorrir — Suponho que não estará de humor para que me permita te explicar o que aconteceu, não é, encanto?

— Não sou um encanto - o corrigiu. — E como explicação me basta e me sobra o que escutei e vi. Ouvi que a garota gritava e a vi apanhada entre seus braços, a ponto de ser atrevido com ela. Não sou estúpida.

Ele cruzou os braços diante do peito e a olhou com ironia ao mesmo tempo em que fazia uma careta. Freyja sentiu a tentação de lhe dar outro murro.

— Não - conveyed ele, - talvez não o seja. Mas não teme que depois de me haver interrompido quando estava a ponto ser atrevido com ela e dado que meus luxuriosos apetites ficaram insatisfeitos, resolva me aproveitar de você?

— Convido-o a que o tente - respondeu com frieza. — Prometo que retornará a casa com tantas equimoses que não poderá nem andar.

— Um convite muito sugestivo. — Soltou uma gargalhada. — Mas claro, já sei que é capaz de gritar muito mais alto que a moça que acaba de escapar de minhas garras. Acredito que seria mais acertado não me arriscar. Tenha um bom dia, senhora. — Levou a mão à aba do chapéu, fez-lhe uma reverência zombadora e se afastou tranquilamente pelo prado em direção ao atalho.

Freyja ficou sozinha depois de ter saído vitoriosa do encontro.

Joshua riu interiormente enquanto caminhava. Quem demônios seria?

Tinha pensado nela várias vezes durante os últimos dias e a lembrança sempre despertava seu bom humor. A camisola tinha ressaltado suas sugestivas curvas. Seu cabelo loiro, que lhe caía em desordenadas ondas ao redor dos ombros e pelas costas, fazia bem pouco para diminuir seu

encanto. Seu arrebatamento de fúria, somada a sua total falta de temor e nervosismo, havia despertado seu interesse. O insólito fato de que cumprisse sua ameaça ganhou sua admiração, apesar de que podia ter quebrado o pescoço se não tivesse visto a hera a tempo.

A primeira coisa que tinha pensado ao vê-la de novo foi que era feia. E

não do pescoço para baixo precisamente. Era baixa, mas o magnífico corte de seu vestido de passeio a fazia parecer tão voluptuosa como a outra noite.

Inclusive seu cabelo, recolhido decentemente sob o encantador chapeuzinho continuava sendo atraente, já que não havia modo de dissimular nem suas ondas nem sua exuberância. Não obstante, a cor escura de suas sobrancelhas era muito incongruente com o tom loiro de seu cabelo e seu nariz era proeminente... E aquilino. Tinha uns ferozes olhos verdes e sua tez tinha um chocante bronzeado.

Não havia nada delicado nem feminino em seus traços. Não era formosa, nem sequer bonita. Embora tampouco fosse feia. Seu rosto tinha muito caráter para isso. Se fosse caridoso, poderia pontuá-la de agraciada.

Se fosse honesto, diria que era atraente. Quem quer que a tivesse ensinado a brigar tinha feito um bom trabalho. Se voltasse a lhe dar outro murro no nariz, era provável que também acabasse sendo comprido e magro como o seu, pensou rindo.

Uma hora antes pensava que uma semana em Bath ia parecer interminável, por mais que estivesse encantado de voltar para sua avó depois de tantos anos. No dia anterior tinha passado muito tempo de portas fechadas, apesar de ter dado um passeio até a Ponte de Pulteney antes de ir cavalgar (tal como tinha feito essa mesma manhã) e de retornar a Great Pulteney Street dando uma cavalgada pelos jardins de Sydney (tal como estava fazendo nesse momento). Tinha sido uma grande provocação se ver obrigado a ser sociável com as amigadas que se apresentaram à tarde em casa de sua avó, e o expediente foi a de participar à noite do jogo de cartas organizada pela senhora Carbret em lugar de ir ao concerto que acontecia nos salões de festa.

Ainda lhe resultava estranho que o apresentassem como o marquês de Hallmere e isso apesar de já ter passado mais de seis meses desde que tomara posse do título. Claro que ainda estranhava mais a deferência que mostravam as pessoas assim que o ditoso título saía a reluzir. Jamais o tinha desejado como tampouco tinha desejado as responsabilidades que

suportava. Muito menos, fazer-se encarregado de Penhallow, a casa senhoril do marquesado, situada na Cornualha. Tinha vivido nela dos seis até os dezoito anos, e tinha odiado virtualmente cada minuto de todo esse tempo. Era o órfão do irmão do marquês e ninguém tinha conseguido que se sentisse bem recebido em seu lar. Ao longo dos anos tinha feito várias visitas a sua avó e a seu filho, lorde Potford, o irmão de sua mãe, mas jamais tinha pronunciado a menor queixa em frente a eles nem lhes tinha pedido prolongar suas visitas de modo indefinido.

Tinha sido muito orgulhoso e talvez muito obstinado para isso. Embora partira de Penhallow assim que foi possível. Quando completou os dezoito, pediu a um carpinteiro da localidade que o aceitasse como aprendiz, já que adorava trabalhar com a madeira, e depois residiu no povoado de Lydmere, na margem oposta do rio que atravessava a propriedade de Penhallow.

Durante cinco anos foi feliz, até que as circunstâncias o obrigaram a partir.

O título, Penhallow e todas as cargas emocionais que tinha deixado atrás na Cornualha lhe pareciam tão pesadas como uma pedra de moinho que pendurasse no seu pescoço. Tinha se despedido do administrador de seu tio seis meses antes e tinha contratado um escolhido por ele mesmo. Lia seus relatórios mensais e lhe respondia com as instruções precisas cada vez que se requeria sua opinião. Além disso, fazia caso omisso da propriedade. Não queria voltar a vê-la jamais. Ficaria em Bath durante toda a semana, decidiu enquanto se aproximava da casa de sua avó, mas nem um dia mais. Tinha amigos por todo o país e contava com recursos de sobra para

viajar, o único detalhe de suas novas circunstâncias que apreciava em sua justa medida. Passaria o inverno de um lado ao outro do país, ficando uma semana em um lugar e outra em outro. Pensaria em como ocupar seu tempo de modo mais permanente quando chegasse a primavera.

Sorriu para si mesmo enquanto subia os degraus de entrada de dois em dois. Essa pequena amazona do parque, a filha de um duque? Sim! Claro que devia estar alojada na cidade. Era provável que a encontrasse em algum dos lugares de moda, embora não ocupasse um lugar proeminente na escala social. A Sala da Fonte, os Salões de Festa, o Royal Crescent...

Estava virtualmente obrigado a encontrá-la de novo, e assim descobriria sua verdadeira identidade.

Talvez paquerasse com ela. Isso seria muito divertido, dado seu arisco temperamento e a opinião que a moça tinha dele. Embora tivesse que vigiar

de perto esse punho a próxima vez. Já o tinha pego despreparado em duas ocasiões e era mais que suficiente.

Enquanto entrava em seu quarto e deixava o chapéu e o chicote na cama, recordou a ameaça de descobrir sua identidade e denunciá-lo a...

Enfim, a alguma autoridade, supôs. Talvez não fosse sensato desafiá-la nessa ocasião. Devia se preparar para o momento em que se encontrassem cara a cara em público; ia ser interessante. Claro que ele a derrotaria em seu próprio jogo... Sentou-se na cama e tirou as botas de montar sem se incomodar em chamar a seu criado.

Esperava que a moça não deixasse Bath nos próximos dias. Talvez fosse sua única esperança para se livrar de uma morte por aborrecimento.

Maldita fosse sua imagem! Pensou enquanto tocava o nariz com cuidado. Ainda lhe doía.



CAPÍTULO 3

— Oh, é obvio que não bebo a água - esclareceu lady Potford a seu neto na manhã seguinte enquanto passavam em carruagem em frente à Abadia em direção à Sala da Fonte. — Acaso acha que desejo morrer?

— Mas não são águas medicinais? — Perguntou-lhe Joshua com um brilho risonho nos olhos. — Não são o motivo pelo que acode as pessoas em turba?

— Uma vez que se prova a água - respondeu a anciã, - a maioria das pessoas toma a sábia decisão de que mais valem as doenças conhecidas...

De fato, tomar as águas medicinais está um pouco passado de moda. Não, Joshua, pela manhã se vai à Sala da Fonte para ver e ser visto. É o que se espera estando em Bath.

— Como passear pelo Hyde Park em Londres - acrescentou ele, que saltou da carruagem assim que o lacaio abriu a portinhola com o fim de desdobrar os degraus ele mesmo antes de ajudar a descer a sua avó. —

Salvo que se está acostumado a passear à hora do chá, uma hora muito mais civilizada que a alvorada.

— Ai, este ligeiro aroma de outono no ar! — Comentou a anciã, detendo-se no degrau para inspirar fundo. — É minha estação favorita... E

também minha hora favorita.

Sua avó estava enfeitada com consumada elegância, igual a ele. Lá aonde iria, fazer o que viesse, decidiu no dia anterior. O que queria dizer que devia participar de todos os tediosos desdobramentos públicos que formavam parte da rotina diária de Bath, começando pelo passeio matutino na Sala da Fonte. Perguntou-se se a harpia de sobrancelhas escuras estaria ali. Se fosse assim, descobriria sua identidade, assim como faria ela. O que poderia supor consequências muito interessantes. Ao menos sua manhã não seria tão aborrecida se estivesse ali, embora a mulher decidisse lhe dar as costas. Não estava ali. Embora houvesse uma multidão e um sem-fim de

gente que ainda não conhecia. Sentia-se como alguém que fingisse ser um herói enquanto se aproximavam de sua avó para felicitá-la pela companhia de seu neto e se demoravam a proceder às apresentações. Resignou-se a sorrir e a conversar enquanto desdobrava seu encanto.

Conteve um juramento quando viu que a senhora Lumbard se aproximava deles. Era uma das vizinhas de sua tia na Cornualha, e uma de suas amigas mais íntimas. Nem sequer se tinha dignado a olhá-lo quando vivia em Penhallow, sobre tudo depois que, com uns dez anos, ensinara a sua filha um impropério que tinha aprendido nos estábulos e que esta repetiu diante de sua preceptora. A coisa piorou quando se convertera em carpinteiro. Nesse momento se aproximava dele como um navio a toda vela (peito à frente, quadris em movimento e plumas ao vento), com a dita filha atrás. Assim que chegou junto a ele realizou uma elegante reverência.

— Lady Potford - saudou sua avó, embora olhasse a ele. — Como deve se sentir contente por ter ao Hallmere com você. E em que cavalheiro tão distinto e bonito se converteu. Não é, Petúnia, querida? Ainda o recordo como o adorável menino travesso que era. Soltou um risinho ante suas palavras. — Minha queridíssima Corinne se desesperava. Meu querido Hallmere, suponho que seria muito presunçoso esperar que me reconhecesse, não é certo?

— Lembro-me perfeitamente, senhora - respondeu ao mesmo tempo em que executava uma reverência. — E também à senhorita Lumbard. Como estão?

— Estamos as duas toleravelmente bem -respondeu a dama- desde que se passem por cima os achaques reumáticos, que pioram nesta época do ano. Mas nunca me queixo. MUITÍSSIMO obrigada por perguntar, é muito amável. Minha queridíssima Corinne ficará encantadíssima quando souber que nos encontramos. Espera que qualquer dia destes você volte para casa.

Deseja vê-lo com todo seu coração.

Joshua tinha a suspeita que era mais provável que sua tia estivesse contendo o fôlego com a esperança de que não aparecesse nunca, embora nos últimos tempos lhe tivesse escrito em mais de uma ocasião convidando-o a retornar. O tom das missivas, um elegante convite a voltar para seu próprio lar, era engraçado para ele. Sua tia não devia preocupar-se. Tinha seu beneplácito para viver em Penhallow livre de sua presença.

Correspondeu às palavras da senhora Lumbard com uma rígida inclinação de cabeça.

— Ah! - exclamou a mulher, subitamente distraída-, ali estão lady Holt

— Barron e sua filha com lady Freyja Bedwyn. Devo ir sem mais para apresentar meus respeitos. Vamos, Petúnia.

Joshua voltou a oferecer o braço a sua avó e se preparou para continuar o passeio. Entretanto, lançou o olhar atrás para as recém chegadas e se deteve de repente com os lábios franzidos.

Caramba! Por fim algo que alegraria o que prometia ser uma manhã intoleravelmente aborrecida. Ali estava ela. Levava um vestido de passeio vermelho e um boné a combinar, e seu aspecto parecia muito mais civilizado que no dia anterior. Seu rosto trazia uma expressão de altivo desinteresse como se, igual a ele, preferisse estar em outro lugar mais animado.

— Quem é a dama... ? - começou a perguntar a sua avó.

Mas a dama em questão o tinha visto enquanto falava. Enfrentou seu olhar e, apesar da distância que os separava, notou que sua expressão se tornava mais séria.

E então recordou o que acabava de dizer a senhora Lumbard... “com lady Freyja Bedwyn”.

Aquele proeminente nariz se ergueu no ar, acompanhado do belicoso gesto do queixo. Seus olhos verdes se tornaram gélidos. Joshua achou a situação um mar de diversão.

. —.. Do vestido vermelho a que vai saudar a senhora Lumbard?

Concluiu.

— Lady Freyja Bedwyn? - inquiriu sua avó, seguindo seu olhar. — Lady Holt— Barron a esteve mostrando por toda Bath desde que chegou faz uns dias, como se fosse uma espécie de troféu. Algo que, é obvio, me acusarão de fazer contigo.

— Lady Freyja Bedwyn? - repetiu.

A mulher golpeava com impaciência o chão com a ponta do pé. Não estava prestando a menor atenção ao que lhe dizia a senhora

Lumbard, que se desfazia em adulações para com ela, e em troca continuava olhando-o com os olhos entrecerrados.

— A irmã do duque de Bewcastle - explicou sua avó.

Ah, ah. Joshua sorriu lenta e deliberadamente.

Lady Freyja Bedwyn abandonou seu grupo sem uma palavra, sem um olhar para trás se dispôs a atravessar a sala com passo decidido e passadas mais próprias de um homem. O inapropriado de seus movimentos em tão elegante e reduzido espaço chamou a atenção antes que se detivesse a menos de um passo dele e o fulminasse com o que nesse momento interpretou como uma expressão de aristocrático desdém.

— Lady Potford - saudou sua avó sem afastar os olhos dele, - seria tão amável de me revelar a identidade do cavalheiro que está com a senhora?

O silêncio que seguiu foi o único sinal da surpresa que devia estar sentindo sua avó ante tão mal educada petição.

— Olá, encanto - murmurou ele, e pensou que lady Freyja Bedwyn teria sido muito útil ter uma chaminé na cabeça, porque tinha todo o aspecto de estar a ponto de explodir.

— Lady Freyja - disse sua avó com admirável aprumo, - permite-me a honra de lhe apresentar a meu neto, Joshua Moore, marquês de Hallmere?

Joshua, apresento lady Freyja Bedwyn.

Ela o fulminou com o olhar enquanto bufava pelo nariz, ao que parecia em nada impressionada pelo que acabava de descobrir. Em resposta, observou-a com jocosa admiração. Por Deus, não lhe importava o mínimo ficar em ridículo diante de toda a sociedade de Bath! Para falar a verdade, o murmúrio das conversações tinha

diminuído grandemente à medida que as cabeças se viravam em sua direção para ver o que estava ameaçando a elegante rotina do passeio matutino.

— Acredito - disse lady Freyja com uma voz estridente que devia se escutar com total clareza no outro extremo da sala - que seria muito mais apropriado chamá-lo “*marquês de Hellmere*”. (Trocadilho que outorga ao título nobiliário o significado de “merecedor do inferno”. — N. da T.) Assinalou seu peito com um dedo enluvado. — Este homem não merece o tratamento de cavalheiro.

Um arfar coletivo se ergueu a seu redor, seguido de um bom número de vaías que exigiam silêncio à concorrência. Ninguém queria perder nenhuma só palavra do delicioso escândalo que estava desenvolvendo

diante de seus narizes.

— Minha querida lady Freyja... - começou sua avó, visivelmente mortificada.

— Este homem - continuou a aludida - gosta de se divertir acoçando a mulheres inocentes e indefesas. Produziu-se um novo coro de arfar e outra onda de vaías.

— Rogo-lhe, lady Freyja... - tentou de novo sua avó.

O dedo da dita se cravou em seu peito, como uma adaga afiada.

— Adverti-lhe que descobriria sua identidade e que revelaria à sociedade de Bath que você é um rufião. Jurei que faria que o expulsassem da boa sociedade, que não voltaria a se mesclar com as pessoas decentes.

— Voltou a lhe cravar o dedo.

— Se acreditou que o estava ameaçando em vão, meu senhor, equivocou-se de parte a parte.

— De novo - replicou ele, com um sorriso tímido e com a certeza de que essa expressão não faria a não ser enfurecê-la mais. — A estas alturas já deveria saber que não é assim, verdade?

Ninguém já fingia estar passeando. Inclusive as mesas onde se servia a água estavam desertas. Deu-se conta de que a multidão tinha aberto um espaço no meio do qual se encontrava o trio formado por sua avó, lady Freyja Bedwyn e ele mesmo. Sua audiência parecia estar dividida entre o constrangimento que suscitava semelhante falta de decoro em uma dama e a indignação de estar contemplando a um homem que se aproveitava de mulheres indefesas e inocentes.

Não obstante, alguém foi a seu resgate (ou a se unir à refrega); um homem com ares de importância se aproximou deles para lutar com a repentina crise. Joshua reconheceu a James King, o mestre de cerimônias dos Salões de Festas, o mesmo que tinha passado por Great Pulteney Street dois dias antes. Seu trabalho consistia em manter a elegância em Bath e se assegurar de que todos os visitantes fossem recebidos com os braços abertos e encontrassem divertimentos de seu agrado... Enquanto guardavam as estritas regras do decoro, é obvio. Embora fossem marqueses e filhas de duques.

— Milady - disse o homem, dirigindo-se lady Freyja, - sem dúvida está

equivocada. Este cavalheiro é o marquês de Hallmere e o neto de lady Potford, uma residente de nossa cidade há muitos anos. Talvez possamos resolver este pequeno mal-entendido no exterior e com tranquilidade...

Sua voz era educada, mas deixava transparecer sua férrea vontade.

Agarrou lady Freyja pelo cotovelo, mas ela escapou e o olhou por cima do nariz como se o homem fosse um verme.

— Este pequeno mal-entendido!? -repetiu com altiva ênfase. — Um par do reino assalta a uma pobre criada em um prado deserto dos jardins de Sydney apesar de seus lastimosos gritos de ajuda e estava a ponto de arrastá-la atrás dos arbustos para ser atrevido com ela enquanto eu presenciava tudo... E você diz que é um pequeno mal-entendido!? É um assunto que deva ser tratado discretamente fora dos limites desta estadia?

Não acredito. Este assunto vai se esclarecer aqui e agora e ante os respeitáveis cidadãos de Bath. Tenha a coragem de levar a cabo o trabalho para o qual o contrataram e expulse a este homem de Bath sem mais demora.

Os espectadores congregados a seu redor acolheram suas palavras com um aplauso.

Joshua sorriu à dama, cujo aspecto era tão magnífico que poderia ter passado pela rainha das amazonas. Inclusive lhe lançou um beijo fugaz.

O senhor King suspirou antes de prestar atenção a ele.

— Tem algo a dizer sobre este assunto, milorde? -perguntou-lhe.

— Não tenha dúvida – respondeu — A dama tem uma prodigiosa imaginação.

Ela o olhou com altivo desdém.

— Deveria ter imaginado – replicou - que negaria tudo.

— Viu lady Freyja Bedwyn ontem nos jardins de Sydney, milorde? - perguntou o mestre de cerimônias.

— Certamente que a vi – respondeu.

— Estava sozinha e levava um vestido de passeio verde escuro e um chapéu com uma pluma. E me deu um murro no nariz.

Os espectadores soltaram outro arfar, antes que comesçassem os murmúrios, que foram seguidos pelas inevitáveis vaias para que se guardasse silêncio.

O senhor King parecia pesaroso.

— Sem motivo, milorde? - perguntou o homem. — Espera que acreditemos que lhe deu um murro sem conhecê-lo e sem motivo algum?

— Jogou-se sobre mim quando estava abraçando a uma criada – explicou.

— Provavelmente teria escutado o grito que soltou pouco antes. Parece ser que chegou à conclusão de que eu... Enfim... Ia ser atrevido com a moça.

— Mas não era essa sua intenção, milorde? - inquiriu o mestre de cerimônias.

Na breve pausa que intencionalmente deixou que seguisse à pergunta, viu a súbita mudança na expressão de lady Freyja, a possibilidade de que talvez tivesse cometido um terrível engano. De que acabava de ficar em ridículo, melhor.

— Um esquilo cruzou o caminho da moça enquanto atravessava os jardins - explicou. - assustou-a e ela se deteve de repente. Mas em lugar de partir como faria qualquer esquilo com dois dedos de testa em semelhantes circunstâncias, tentou se refugiar sob as saias da criada, que começou a gritar.

— Quando fui ao resgate depois ter presenciado a catástrofe, a pobre moça estava histérica, embora então o esquilo já tivesse

recuperado o juízo e tivesse fugido em direção à árvore mais próxima. Eu, bom... Abracei a moça para tranquilizá-la. — Também tinha estado, é obvio, a ponto de beijá-la, com sua total e entusiasta colaboração, mas não havia necessidade de acrescentar esses incriminatórios detalhes. — Foi nesse momento —

prosseguiu - que lady Freyja entrou em cena, assustou a pobre criada, que voltou a gritar e saiu correndo, e depois me atçou um murro no nariz.

O olhar do senhor King o abandonou para posar sobre lady Freyja.

Igualmente aconteceu, supôs ele, com os olhares do resto da assistência.

— Poderia isto explicar o que presenciou, milady? - perguntou-lhe o mestre de cerimônias.

Teve que reconhecer a coragem da dama, que não se derrubou nem mudou sua expressão como se quisesse que a engolissem a terra, ali em meio da Sala da Fonte. Tampouco se deixou levar pela ira nem ficou em ridículo

ao insistir na veracidade de sua versão. Entrecerrou os olhos e continuou olhando-o com expressão altiva e furiosa.

— Por que não me explicou isso ontem mesmo? - exigiu saber.

— Vejamos... — Levantou a mão e acariciou o queixo com o polegar e o indicador.

— Perguntei-lhe se me permitia explicar o acontecido, ao que respondeu que sabia perfeitamente o que tinha visto e o que tinha ouvido.

Acrescentou, acho, que não era estúpida. Teria sido muito pouco galante de minha parte contradizê-la.

Escutaram-se alguns risinhos entre o público.

O olhar de lady Freyja se tornou sério.

— Isto foi deliberado - afirmou. — Deixou que as coisas chegassem a este ponto de forma deliberada.

— Rogo-lhe que me desculpe por contradizer a uma dama. — Fez-lhe uma reverência muito elegante. — Mas acho que foi você quem se aproximou de mim.

— Parece ser... - disse o mestre de cerimônias, elevando a voz ligeiramente enquanto olhava a seu redor com afável condescendência antes de concluir de forma cortante: - ...que este incidente só foi um pequeno mal-entendido. Peço-lhes que se deem a mão para que demonstrem que não fica rancor entre ambos.

Joshua, com um gesto deliberadamente elegante, estendeu sua mão direita com a palma para cima.

Sorriu. Estava desfrutando lindamente. Alegrava-se de que lady Freyja não desmaiou nem protagonizou um ignominioso arrebatamento de mortificação feminina; isso teria menosprezado o prazer de vencê-la. Viu como fungava de novo pelo nariz e voltava a elevar o queixo, junto com esse nariz tão esplendidamente aristocrático, depois do que, como uma rainha que estivesse concedendo um favor a um mero mortal, colocou a mão na sua.

Deu um aperto e a levou aos lábios.

Um novo aplauso se ergueu entre a assistência antes que esta retomasse outros assuntos mais sérios como passear e fofocar, ou no caso

dos mais intrépidos (que não eram muitos), beber a água.

— Me pagará - murmurou ela.

— Eu adorarei fazê-lo, asseguro milady - murmurou em resposta e sorriu fazendo uma mostra de seu considerável encanto.

Lady Holt— Barron estava tão chateada pela cena da Sala da Fonte que foi incapaz de sair às compras depois do café da manhã. Para falar a verdade, este tinha sido reduzido a uma torrada e um pouco de chá, o único que acreditava capaz de digerir. Retirou-se a seu quarto pouco depois para descansar na cama.

— Ai, querida - disse Freyja a Charlotte quando ficaram sozinhas, -

esqueci que algumas damas sofrem de constituições delicadas. Acha que deveria me desculpar com sua mãe?

Sua amiga, entretanto, ficou vermelha enquanto tentava meter o lenço de linho na boca.

Porém não houve modo de conter a tremenda gargalhada que escapou.

— Caramba! -exclamou-, se minha mãe me ouve, terá um desmaio e teremos que chamar o médico.

Conteve as subsequentes gargalhadas na medida do possível.

— Talvez tenha achado graça que o drama se reduzira ao final a uma farsa - se queixou. — Mas eu teria morrido de boa vontade.

— Se tivesse visto... - replicou Charlotte. — Atravessou a Sala da Fonte como um anjo vingador enquanto todas as viúvas a olhavam boquiabertas.

E depois falou com marquês como a diretora de meu colégio costumava nos falar quando estávamos metidas em uma boa confusão.

Cravando-lhe o dedo no peito!

Entretanto, sua postura não resistiu às lembranças. Tampou o rosto com o lenço e explodiu em gargalhadas.

— Esse homem sabia o que ia fazer - assegurou enquanto recordava com indignação o sorridente rosto do marquês, cuja imaculada atitude só tinha conseguido avivar sua fúria. — Por isso não insistiu em me contar a verdade no parque.

— E se tivesse visto os esforços de minha mãe por se fazer invisível -

continuou Charlotte, - e como a essa horrível senhora Lumbard inchavam

suas faces e os olhos de sua filha ameaçavam sair das órbitas, e... Enfim, todo mundo! — Voltou a explodir em gargalhadas. — Ao menos - concluiu ela - dei-lhes um assunto de conversa e algo para contar em suas cartas durante os dois próximos meses. As cartas serão intermináveis, certamente.

— Para! - exclamou Charlotte entre gargalhadas, recostando-se na cadeira.

— A Sala da Fonte será um aborrecimento para todos depois disto -

disse Freyja, - até para os que nunca se deram conta de que sempre o foi.

Não tirarão a vista de cima de mim, na espera de que faça um bis. Serei famosa.

Charlotte soltou um risinho.

— De fato, Charlotte - admitiu-, nada teria gostado mais que ter dado outro murro no nariz do marquês de Hallmere por me haver feito cair nessa armadilha. Mas acreditei que seria melhor não fazê-lo. Talvez amanhã me ofereça o estímulo necessário para fazê-lo.

Observou a sua amiga com semblante carrancudo um instante, depois do que esboçou um sorriso acompanhado de um risinho e depois se pôs a rir com o queixo caído.

O marquês era um digno rival. Isso, ao menos, devia conceder-lhe.

Lady Holt— Barron saiu de seu quarto pouco depois do meio-dia, com aspecto pálido e mortificado, embora esboçasse um alegre sorriso e assegurou, tanto a sua filha como a Freyja, que tinha descansado bem e que só restava uma leve dorzinha de cabeça. Entretanto, não tinha pensado ir fazer visitas essa tarde, e não aconselhava sair para dar um passeio. Tinha a certeza de que ia chover e ambas acabariam com um resfriado se a chuva as pegasse na rua.

Seus olhos se cravaram nela durante um instante.

— Minha querida lady Freyja - lhe disse, - que diabos fazia sozinha ontem nos jardins de Sydney? Por que não esperou que Charlotte ou eu a acompanhássemos? Por que não levou a menos sua criada?

— Quis tomar ar e fazer um pouco de exercício, milady – respondeu.
—

E sou muito velha para levar acompanhantes.

Sua resposta deixou à dama um tanto escandalizada, mas deixou morrer o assunto. Freyja suspeitava que a mulher lhe tinha um pouco de medo.

— Talvez – continuou - preferiria que partisse de Bath, milady. Sei que meu comportamento a encheu de calor esta manhã. — Grande eufemismo acabava de soltar, pensou. Ela mesma havia sentido envergonhada e isso não costumava acontecer com frequência.

— Não, Freyja! - protestou Charlotte.

— É uma oferta muito generosa - replicou sua anfitriã. — Mas não a aceitarei, lady Freyja. Não me cabe dúvida de que dentro de uns dias este desafortunado incidente terá ficado esquecido. Amanhã pela manhã poremos boa cara e apareceremos como de costume na Sala da Fonte.

Talvez o marquês de Hallmere tenha a prudência de ficar em sua casa.

— Não temo enfrentar a ele – assegurou. — E há algo do que estou convencida: esse homem estava a ponto de roubar um beijo à criada. Eu adoraria escutar como o nega.

— Caramba, minha querida lady Freyja! - exclamou lady Holt— Barron com um fio de voz por causa da ansiedade. — Rogo que não lance semelhante acusação ao marquês.

Sua anfitriã deu um pulo quando escutou que alguém batia na porta e ficou em pé para fazer um rápido arranjo do vestido e do penteado.

— Espero de todo coração que não seja uma visita – disse. — Não gostaria de receber ninguém. Esperava que todos nossos conhecidos nos deixassem tranquilas até amanhã.

Como se seu comportamento dessa manhã as tivesse posto em quarentena, pensou Freyja.

Mas devia ser uma visita. A governanta bateu na porta e estendeu a sua senhora um cartão de visita.

— Valha-me Deus! - exclamou lady Holt— Barron depois de ler o nome.

— O marquês de Hallmere! E está esperando lá embaixo, senhora Tucker?

— Esperando saber se encontram em casa, milady - explicou a governanta.

O que estava tramando agora? Perguntou-se Freyja com os olhos entrecerrados.

Lady Holt— Barron lhe lançou um olhar nervoso.

— Estamos em casa?

— É claro! — Arqueou as sobrancelhas. Não ia esconder se de ninguém, muito menos dele.

— O faça entrar, senhora Tucker - ordenou lady Holt— Barron.

Assim que o marquês entrou na sala, ficou patente que seu alfaiate era o famoso Weston. Também era de Wulfric e do resto de seus irmãos. A atitude do homem ficava ressaltada por uma jaqueta verde tão justa que deviam tê-la costurado com ele dentro, e calças cinza que se amoldavam a cada imponente curva e a cada músculo de suas longas pernas. Sua camisa de linho era de um branco níveo e suas botas brilhavam tanto que podia usá-las como espelho se abaixasse a vista. Seu chapéu, suas luvas e sua bengala deviam ter ficado no saguão.

Claramente o homem tinha ido com a intenção de impressioná-las. E certamente que estava impressionante, viu-se obrigada a admitir. Até seus dentes eram perfeitos, já que estavam um pouquinho torcidos para fazê-los mais interessantes, além de muito brancos.

Era evidente que lady Holt— Barron também estava impressionada.

Começou a revoar a seu redor, coisa que costumava fazer quando se encontrava em presença de alguém de uma classe superior. Também sorria tolamente, uma lamentável reação que sofria em presença de qualquer homem bonito. Charlotte também estava impressionada. Acabava de ruborizar-se.

Freyja cruzou as pernas e adotou uma postura tachada de pouco elegante e inadequada para uma dama segundo a enxurrada de

preceptoras que tinha sofrido durante sua adolescência. Começou a balançar o pé que tinha no ar ao mesmo tempo em que erguia o queixo e o olhava com altivez.

— Milady, agradeço-lhe que me tenha recebido sem aviso - disse o marquês, dirigindo-se lady Holt— Barron.

A aludida se agitou com nervosismo, alargou o sorriso e lhe assegurou que era muito bem-vindo.

Convidou-o a sentar-se e ele assentiu.

Não se desculpe por mim, insistiu Freyja a sua anfitriã em silêncio. Se esse homem esperava uma desculpa de sua parte, teria que esperar até que

o inferno gelasse.

— Não lhe roubarei muito tempo, milady - disse o marquês, ainda falando com lady Holt— Barron. - vim em nome de minha avó para convidar a senhora, à senhorita Holt— Barron e lady Freyja a um pequeno jantar que terá lugar amanhã de noite. Ambos acreditamos desejável dissipar o possível temor de continuar existindo certa animosidade entre lady Freyja e eu devido A... Enfim, ao pequeno mal-entendido desta manhã.

Freyja compôs uma careta furiosa.

— Estou convencida de que ninguém acredita, milorde - assegurou lady Holt— Barron. A dama inclusive estava batendo as pestanas, embora fosse mais provável que se tratasse de uma reação nervosa que de um flerte, concedeu Freyja.

— Eu não sinto animosidade alguma - declarou o marquês, que por fim virou a cabeça e a olhou com uma expressão inocente. — Confio em que você tampouco, lady Freyja.

— Não, por que ia sentir? - replicou com deliberada indiferença. — Me ofereceu uma explicação satisfatória a respeito do que presenciei no parque... Da parte do que presenciei.

Por um instante divisou um brilho risonho nas profundidades de seus olhos e soube que o marquês tinha compreendido à perfeição o que tinha querido dizer. Certamente que tinha estado a ponto de beijar à moça. Mas essa tarde estava interpretando o papel do cavalheiro impecavelmente cortês e não acreditava adequado nem lhe sorrir nem chamá-la “encanto”.

— Devo entender então que nos acompanharão amanhã de noite na residência de minha avó? -perguntou o marquês.

Lady Holt— Barron esteve a ponto de cair de bruços ao chão em sua ânsia por responder afirmativamente. O marquês partiu uns minutos depois que todos, à exceção dela, entabulassem uma animada conversa sobre o tempo.

— Lady Freyja! - exclamou lady Holt— Barron levando as mãos ao peito. Sua dor de cabeça parecia ter desaparecido. — Acho que, depois de tudo, a coisa se solucionará e não ficará nem rastro de escândalo sobre sua pessoa. Acredito que o marquês se apaixonou por você.

Isso a fez soprar.

— É muito bonito - afirmou Charlotte com um suspiro.

— Querida - interveio sua mãe com certa recriminação, - se lembre de Frederick.

O ausente Frederick Wheatcroft, o noivo de Charlotte, estava caçando com seu pai e seus irmãos.

Muito bonito, nada menos! Muito bonito para seu bem. E nem duvidava nesse momento que se via capaz de deslumbrá-la até o

ponto de que esquecesse a indignação por ter caído em sua armadilha. Porque sua presença tinha sido muito deslumbrante... lá preparado.

Deveria ter deixado que o apanhassem no armário como se fosse um vulgar camundongo.

Deveria ter se assegurado de alugar um quarto que não tivesse hera junto à janela.

Deveria ter dado um murro no nariz essa manhã enquanto teve a oportunidade.

Deveria ter...

Ao menos estava muito contente de ter algo interessante que fazer no dia seguinte. O marquês de Hallmere poderia ser (e sem dúvida o era) um homem desagradável e imoral, mas ao menos não era aborrecido.



CAPÍTULO 4

O jantar estava se convertendo em um acontecimento social, já que não deixavam de acrescentar nomes à lista de convidados.

— Faz mais de seis meses que é o marquês de Hallmere, Joshua - lhe explicou sua avó quando perguntou se devia acrescentar outra folha de papel à lista... E talvez outra mesa a mais à sala de jantar. — Já é hora de que ocupe o lugar que lhe corresponde por direito na

sociedade em lugar de percorrer o país em busca de diversão com companhias mais que duvidosas.

— Mas as diversões são... Divertidas, avó - replicou ele com um exagerado suspiro. Não acrescentou que algumas de suas “duvidosas”

companhias eram aristocratas ou filhos de aristocratas.

— Já é hora de retornar a Penhallow - insistiu ela e não pela primeira vez. — É teu. E não é só uma posse, também é sua responsabilidade.

— Minha tia vive lá - recordou-lhe - e minhas primas também. Minha presença seria perturbadora se me mudasse à mansão, e também me incomodaria. Minha tia sempre levou as rédeas da propriedade, já sabe, até em vida de meu tio. Não lhe importava. Mas me importaria.

— Bom isso é normal - concordou sua avó, bastante exasperada enquanto dobrava o último convite e fazia soar a campainha para que um criado o entregasse. — Deve ir, exercer sua autoridade e procurar outro alojamento para a marquesa e suas filhas, Joshua. Há uma casa para a viúva nos limites da propriedade, não é assim? Valha-me Deus! Quando seu avô morreu e o título de Potford passou ao Gregory, nem sequer me passou pela cabeça ficar em Grimley House, da mesma maneira que não me ocorreria me atirar de cabeça a um poço. Gladys não teria gostado o mínimo, e eu ainda menos.

Joshua estirou as pernas para diante e as cruzou à altura dos tornozelos.

— Exercer minha autoridade? — Deu de presente um sorriso à anciã, parece aborrecidíssimo, avó — Joshua - replicou ela, girando-se na cadeira da escrivaninha para olhá-lo com certa severidade.

— Sempre preferi acreditar que passara os últimos cinco anos viajando pela França e por outros países europeus e se arriscando que o capturassem em território inimigo pelo mero fato de que se divertia em viver à beira do perigo. Entretanto, no fundo sempre fui consciente de que havia uma explicação muito mais alarmante de sua presença no continente.

Nem te ocorra tentar me convencer de que é uma criatura indolente que só procura sua própria diversão.

Joshua arqueou as sobrancelhas e franziu os lábios. Tinha estado, como não, atuando em qualidade de espião para o governo britânico, recolhendo informação sobre os movimentos de tropas e os contingentes de Napoleão Bonaparte, mas não de forma oficial. Não formava parte do exército nem do corpo diplomático.

— Caramba, avó! Mas foi muito divertido - assegurou.

Ela suspirou e ficou em pé.

— O que deveria fazer – disse - é escolher uma noiva adequada, se casar com ela, levá-la a Penhallow e começar a vida que lhe tocou viver, goste ou não.

— Eu não gosto disso - assegurou com ênfase. — Albert era o herdeiro e nunca invejei suas perspectivas de futuro.

— Mas seu primo morreu faz cinco anos - lhe recordou. Como se lhe fizesse falta... — Assim que seu novo status social depois da morte de seu tio não o pegou de surpresa.

— Salvo que, quando fui, meu tio era um homem vigoroso - corrigiu-a-e morreu muito antes do que me esperava.

— Apesar dessa horrível cena na Sala da Fonte - prosseguiu ela ao mesmo tempo em que se sentava frente a ele - não tenho mais remédio que admirar o jogo com o que lady Freyja Bedwyn

respondeu ao que tomou por uma ofensa imperdoável. A maioria das damas teria feito vista grossa ou teria se conformado espalhando rumores em privado que difamassem seu nome antes que tivesse a menor oportunidade de se defender.

Joshua riu entre dentes.

— Nenhuma dama teria estado passeando a sós pelo parque e, em todo caso, teria dado meia volta e teria saído correndo ao menor grito procedente de outra mulher.

— É a irmã de Bewcastle - recordou sua avó. — Nenhum outro nobre iguala a irrepreensível conduta do duque, nem supera sua posição social a menos que procure na família real.

Joshua a observou com atenção, subitamente alarmado.

— Não estará sugerindo, por acaso – replicou - que lady Freyja Bedwyn seria uma esposa adequada, não é verdade?

— Joshua. — A anciã se inclinou um pouco para frente. — Agora é o marquês de Hallmere. Seria um enlace muito favorável tanto para ela como para ti.

— E esse é o motivo de tudo isto? - perguntou. - o grande jantar?

— Absolutamente - respondeu ela. — O propósito deste jantar é fazer ver a qualquer um que continua albergando dúvidas que tudo está esquecido. Deve admitir que foi uma cena horrível, embora lhe confesso que tenho que conter a risada cada vez que a lembro.

— Tem um gancho perigoso - disse - como compreendi em pessoa em duas ocasiões. Mesmo assim acha que seria uma esposa adequada?

— Em duas ocasiões? — Lançou lhe um olhar penetrante.

— A primeira delas não é digna de menção - respondeu, envergonhado.

— Sinto te decepcionar, avó, mas avalio muito minha integridade física para me aventurar a cortejar lady Freyja Bedwyn. Ou, a qualquer outra dama. Não estou preparado para o matrimônio.

— Pergunto-me por que - replicou sua avó - todos os homens pronunciam essa frase como se acreditassem ao pé da letra. E por que todos parecem acreditar que são os primeiros em pronunciá-la... Devo ir à cozinha para comprovar se os preparativos do jantar estão passando segundo o previsto.

E ele se perguntava, não sem certa tristeza, porque todas as mulheres acreditavam que assim que um homem herdava um título e uma fortuna ardia em desejos de compartilhá-los com uma esposa...

Lady Freyja Bedwyn!

Riu entre dentes enquanto recordava como a tinha visto na tarde anterior na salinha de lady Holt— Barron, rodeada por uma aura de altiva dignidade e tremendo pelo ressentimento e a hostilidade mal contida. E

incapaz de morder a língua para reprimir um último sarcasmo que deixou bem claro que sabia que tinha estado a ponto de beijar aquela criada.

Perguntou se veria graça na descabelada sugestão de sua avó. Devia contar-lhe decidiu, e voltou a rir entre dentes. Claro que teria que estar muito pendente de seus punhos enquanto o fazia...

Freyja conhecia todos os convidados ao jantar de lady Potford. De modo que se encontrou muito a vontade entre eles. Não obstante, demorou um tempo em perceber que grande parte dos convidados não podia dizer o mesmo com respeito a ela. Supôs que deviam

estar se perguntando se estaria a ponto de voltar a cair no ridículo ao protagonizar outra constrangedora cena.

Que idiota era essa gente. Acaso não entendiam que era uma aristocrata até a medula dos ossos?

Conversou com os comensais sentados a seu lado com uma facilidade que só a experiência dava e fez caso omissa da presença do marquês de Hallmere, que presidia a mesa e tão arrumado com o belo traje cinza pérola e branco para irritar a mais de um deus grego. Ele também fez caso omissa de sua presença, salvo pelo breve encontro de seus olhares. Estava certa de que não tinha sido um truque da tremeluzente luz das velas o que a tinha levado a pensar que lhe tinha piscado um olho. Com total deliberação.

Enfim, todo dia descobria algo novo, pensou enquanto renovava seus esforços por se mostrar sociável com sir Rowland Withers, o cavalheiro surdo como uma tábua que estava sentado a sua direita.

Até essa noite nunca lhe tinham piscado um olho, salvo seus irmãos, claro.

Entretanto, o propósito da noite não era que o marquês e ela se evitassem um ao outro, é óbvio. O entretenimento começou logo que os cavalheiros se reuniram com elas no salão depois do jantar e a senhorita Fairfax foi tão amável de se sentar ao piano para tocar um par de fugas de Bach com admirável talento e destreza.

— Lady Freyja? -disse lady Potford quando a interpretação chegou a seu fim. — Seria tão amável de nos oferecer uma peça ao piano ou de

cantar algo?

Ah, Por Deus! , Exclamou para si mesma. Suas amigas mais próximas tinham aprendido muito tempo atrás que lady Freyja Bedwyn não se parecia com as restantes jovens, dispostas e felizes

de fazer demonstração de seus talentos a menor oportunidade em qualquer reunião social.

Decidiu-se pela candura, como era habitual. Era mais fácil que ficar como uma boba.

— Depois de algumas lições de piano quando era pequena - explicou à assistência – meu professor me pediu que erguesse as mãos e se declarou surpreso de ver que tinha todos os dedos. Por sorte para mim, dois de meus irmãos ouviram o comentário e não demoraram para contar a meu pai com enorme regozijo. Sua intenção, é obvio, era a de rir a minha custa. Não obstante, o professor de música foi despedido imediatamente e jamais foi substituído.

Os convidados explodiram em gargalhadas, embora lady Holt— Barron parecia estar realmente desconfortável.

— Nesse caso, uma canção? - pediu-lhe a anfitriã.

— Mas não a sós, senhora - respondeu com ênfase. — Minha voz é dessas que é preferível escutar abafada por numeroso coro... Em caso de que seja necessário utilizar-se, claro está.

— Eu não canto de todo mal, lady Freyja – se ofereceu o Marques.
—

Talvez possamos unir nossas vozes em um dueto. Há um montão de partituras sobre o piano. Que tal lhe parece que procuremos alguma enquanto outra pessoa entretém aos convidados?

— Esplêndida ideia! - exclamou lady Potford assim como um pequeno número dos presentes, que expressaram em voz alta seu interesse.

Freyja compreendeu, embora com atraso, que deveria ter comparado sua voz com um serrote oxidado, mas nunca tinha gostado de faltar à verdade. Hallmere a estava olhando com comedido interesse, tal

como tinha esperado... E com um brilho alegre nos olhos. Para não mencionar a outros, que não perdiam detalhe da primeira conversa entre os adversários do dia anterior.

Ficou em pé e caminhou para o piano, onde a aguardava ele.

— Senhorita Holt— Barron? - pediu a anfitriã com educação.
Charlotte

se aproximou do piano sem pigarrear e começou uma impecável interpretação de uma das sonatas de Mozart.

O marquês agarrou o montão de partituras e as levou até o batente acolchoado de uma janela, um assento amplo e muito macio. Sentou-se em um extremo e ela o fez no outro.

— Permite-me comentar, lady Freyja, que está particularmente atraente com esse tom verde água? -perguntou-lhe — Combina com seus olhos. E aceitaria minhas desculpas por não acreditar quando assegurou que era a irmã de um duque? Tenha em conta que não conheço nenhuma que durma em um quarto de estalagem sem trancar e sem a companhia de uma criada, e que é a primeira vez que me encontro com uma que passeia por um parque público sem acompanhante. E dá murros no nariz quando um cavalheiro a irrita.

— Suponho que vai negar... - replicou ela ao mesmo tempo em que erguia uma partitura que dizia ser um dueto.

Embora lhe bastasse uma olhada para comprovar que a voz alta devia chegar a sol maior, por isso a colocou debaixo de todas as demais —

Suponho que vai negar que estava a ponto de beijar a pobre moça, não é?

— É claro - respondeu ele.

— Pois minta! - recriminou-o ao mesmo tempo em que agarrava outra partitura apta para cantar a mais de uma voz e o olhava lançando fumaça.

— Supõe-se que deveria me ajudar a escolher um dueto - recordou.

— Pensei que devia ser você quem escolhesse - disse. — Se minha escolha não for de seu agrado, sem dúvida protestaria tanto pela escolha como por minha presença e acabaria por encontrar um motivo pelo qual me daria um murro no nariz, e é mais que possível que alguns dos presentes percebessem isso. E, embora não fosse assim, não gosto que me golpeiem no nariz, na verdade. Explique-me, por que está franzindo o cenho dessa maneira tão exagerada?

— Ninfas, pastores, Felícias e Amarílis - respondeu enquanto olhava carrancuda a partitura que tinha nas mãos. — A última era um coro de bonitos. — Colocou a partitura debaixo das demais como tinha feito com as anteriores e se dispôs a procurar outro dueto.

— Sempre está tão zangada? - perguntou ele.

— Quando não me agrada a companhia, sim - respondeu, lançando um olhar gélido.

Sorriu.

— Alguma vez sorri?

— Estive sorrindo toda a noite – explicou. — Até que me vi obrigada a sofrer este tête -a- tête.

— Estou por acreditar, lady Freyja – replicou, - que tenta me humilhar.

— Estou por acreditar, lorde Hallmere - zombou ela - que possui certa inteligência.

Ele riu entre dentes, mas o som ficou sufocado pelo aplauso que seguiu à interpretação de Charlotte.

Ninguém ocupou seu lugar ao piano. Estavam-se preparando as mesas de cartas e pouco depois os convidados começaram a tomar assento.

Ninguém se aproximou da janela para incluí-los em alguma das mesas.

— Esta noite - disse o marquês, - estive esboçando o que suspeito é seu sorriso público como lady Freyja Bedwyn. Uma expressão educada que deixa bem claro a todo mundo que você é uma pessoa importante e digna de estar em qualquer evento social. Tenho-me proposto ver seu sorriso privado, lady Freyja, se é que existe tal coisa.

Não havia muitos homens que se atrevessem a paquerar com ela. E isso era, sem dúvida, uma paquera. Lorde Hallmere tinha baixado a voz. Uma paquera fingida, é óbvio. Porque seus olhos ainda tinham esse brilho zombador.

— Tenho o que meus irmãos denominam “sorriso felino” - lhe informou com frieza — Gostaria de vê-lo em todo seu esplendor?

Ele voltou a rir entre dentes e estendeu o braço por cima de um montão de partituras para lhe tirar a que tinha nas mãos.

— Mmm - murmurou enquanto a examinava. — “A Sereia chora perto do Trent.” Eu gosto da tal Sereia. E a coisa melhora. “A Natureza a benzeu com seus melhores dons.” A mente fica ofuscada ante isto, não lhe parece?

— A sua, obviamente, sim - respondeu.

Nesse momento, lorde Hallmere fez algo que a deixou ardendo de desejos de apertar os punhos. Seu olhar a percorreu muito devagar,

começando pelo amplo decote que deixava à vista boa parte de seu busto para ir descendo de modo que deu impressão de que estava contemplando cada uma das curvas que ocultava seu vestido de talhe alto e saias vaporosas. Uma vez concluído o escrutínio, franziu os lábios. - “A Natureza a benzeu com seus melhores dons” murmurou outra vez. E então sorriu; e não com esse sorriso que sempre esboçava, mas sim de um modo encantador destinado sem dúvida a afrouxar os joelhos de qualquer mulher. — Vamos ao piano, lady Freyja, para interpretar esta?

Enquanto ficava em pé, Freyja decidiu que tinha afrouxado os joelhos por causa da fúria contida.

Nesse instante a mão do marquês posou na base de suas costas. Olhou-o por cima do ombro com altivez.

— Sou perfeitamente capaz de cruzar a distância entre o soalho e o piano sem necessidade de que me indique o caminho, lorde Hallmere - lhe informou.

— Mas me sinto obrigado a demonstrar uma teoria - replicou ele. — “A Natureza a benzeu...” Enfim, não importa.

— Suponho - começou- que se dará conta de que sou imune as suas adulações e as suas paqueras. É obvio que sim. Por isso o faz. Suponho que espera provocar um desdobramento temperamental em público.

— Uma paquera é melhor que uma corte, em minha humilde opinião —

replicou. — Minha avó me sugeriu que a cortejasse. Acredita que nosso matrimônio seria uma união fabulosa para os dois.

Freyja o olhou, aniquilada.

Dedicou-lhe um sorriso.

— Já vejo que ao menos estamos de acordo em algo, encanto -

murmurou ao mesmo tempo em que apontava o piano com a mão.

Instantes depois estavam sentados cotovelo com cotovelo na banquetta, que não tinha sido desenhada para duas pessoas. Lorde Hallmere não fez o menor esforço para colocar-se bem na beira, tal como teria feito todo cavalheiro que se apreciasse, mas sim se juntou a seu quadril e a seu braço nu. Ao que parecia, os outros os tinham esquecido, concentrados como estavam nos jogos de cartas e nas conversas sussurradas que os acompanhavam.

— Vamos tentar - disse ele, que deixou a partitura no suporte de livro antes de colocar as mãos sobre as teclas. Umas mãos de dedos longos e unhas bem cuidadas, pelo que viu. Teria esse homem alguma imperfeição física? Sim, os dentes. Tinha-os um pouco torcidos, embora era uma separação mínima que só conseguia lhe dar mais atrativo que se tivessem estado perfeitamente alinhados — Sabe ler uma partitura?

— É claro que sei ler uma partitura! – respondeu. — O que não sei é interpretá-la ao piano.

Descobriu que lorde Hallmere tinha uma agradável voz de tenor, muito adequada para seu contralto.

Por surpreendente que parecesse, suas vozes combinadas soavam maravilhosamente. A canção avançava a um ritmo lento e melodioso, de modo que não era difícil cantá-la sem dar o fora embora sua interpretação não fosse brilhante.

— Muito bem feito! - exclamou lady Potford quando, depois de vários esforços faltados, acabaram por fim a canção sem se deter e sem cometer nenhum engano fatal.

A dama não tinha sido a única em escutá-los com atenção enquanto cantavam. Os aplausos se elevaram de todas as mesas. Lady Holt—

Barron sorria de orelha a orelha, encantada.

— Acredito - murmurou o marquês - que superamos a crise com bastante êxito, lady Freyja. Ninguém tem a menor dúvida de que a perdoei e ficou muito claro que você aceitou que se equivocou em suas hipóteses.

Freyja ficou em pé de um salto e lhe lançou um olhar furioso enquanto ele compunha uma expressão de inocente assombro.

— Que me perdoou? - repetiu, imprimindo a sua voz toda a altivez de que foi capaz — Que eu me enganei em minhas hipóteses? Quando tudo foi culpa sua? Permita-me que lhe diga...

Entretanto, lady Potford também se pôs em pé sem perda de tempo, pouco atrás dela.

— Já é hora de servirem o chá – disse — Joshua, querido, seria amável fazer soar a campainha?

Freyja se entreteve dobrando a partitura, depois do que foi à janela para pegar o montão que tinham deixado ali e devolvê-lo a seu lugar. Tinha

escapado pelos cabelos. Começava a sentir-se como uma marionete cujos fios dirigissem o marquês de Hallmere. Fazia o comentário com total deliberação... Outra vez.

Sua franqueza e seu vulcânico temperamento eram de sobra conhecidos por todos, mas sempre tinha sabido onde e quando deixar a rédea solta. Ou, para ser mais exata, onde e quando refreá-los.

Aproximou-se até a mesa em que jogava Charlotte e olhou as cartas de sua amiga por cima de sua cabeça.

Joshua estava desejando partir para outro lugar, embora não tivesse mas remédio que permanecer em Bath a semana completa, já que

era o que esperava sua avó. Lady Freyja Bedwyn o evitava, apesar de que fosse a todos os lugares onde deveria deixar cair tal como fazia ela. Era-lhe engraçado vê-la navegar em sociedade com essa elegante, embora aborrecida, altivez. Pressentia que isso era uma fachada para dissimular a vergonha causada pela cena na Sala da Fonte em que ela sozinha se colocou. Era a filha e a irmã de um duque. A arrogância era um traço inerente a seu caráter. Deveria ter acreditado em suas palavras desde o começo.

Viu-a duas manhãs seguidas na Sala da Fonte. A primeira delas, partia com lady Holt— Barron e sua filha justo quando ele chegava acompanhado de sua avó, e se limitaram a trocar as saudações de rigor. A segunda, estava passeando com o conde de Willett, que inclinava a cabeça para ela enquanto a escutava. Quando o viu, saudou-o com uma rápida inclinação de cabeça.

Nessa mesma tarde voltou a encontrá-la em Milsom Street. Estava na calçada, conversando com Willett. Lady Holt— Barron e sua filha saíram de uma chapelaria quando ele passava pela porta.

Trocaram as costumeiras saudações antes que prosseguisse seu caminho.

Uma noite a viu no teatro. Estava sentada entre a senhorita Holt—

Barron e Willett, abanando o rosto com frouxidão. Arqueou as sobrancelhas quando seus olhares se encontraram, saudou-o com gesto elegante e voltou sua atenção à conversa.

O que o deixava sem a desculpa da paquera para alongar a semana prometida em Bath. Nem sequer a tarde que acompanhou a sua avó a casa de lady Holt— Barron, situada no Circus, essa esplêndida praça circular formada por casas georgianas muito altas, com um parquezinho no centro e algumas vetustas árvores. Certo era que tinham chegado justo quando lady Freyja e a senhorita Holt— Barron se preparavam para dar um passeio por Royal Crescent, e que a

senhorita Holt— Barron o tinha convidado para acompanhá-las. Não obstante, já contavam com outro acompanhante.

Willett se preparou para se colocar ao lado de lady Freyja, embora ela não segurasse seu braço.

Caminhava, conforme observou enquanto se enfiava Brock Street com a senhorita Holt— Barron a seu lado, com passos firmes e resolutos apesar de sua miúda estatura. A bengala de Willett ressoava ritmicamente sobre os paralelepípedos. Joshua uniu as mãos às costas e se dispôs a amenizar o passeio da senhorita Holt — Barron.

O Royal Crescent era um magnífico semicírculo de casas encostadas, um complemento deliberado para o Circus. Havia outras pessoas passeando pela rua pavimentada e desfrutando da vista do parque que descia pela ladeira da colina que dominava a cidade. Como era inevitável, detiveram-se para saudar as pessoas quando se cruzaram com elas e trocar alguma ou outra notícia ou fofoca acontecida no passeio matutino na Sala da Fonte.

— Bath é uma cidade divina - declarou a senhorita Fanny Darwin quando seu grupo se deteve para saudá-los - e há um sem-fim de coisas emocionantes para fazer em todas as horas. Não lhe parece, lorde Willett?

— Certamente, senhorita Darwin - respondeu o conde. — Bath nos oferece uma agradável combinação de exercício ao ar livre e entretenimentos portas adentro. Tudo para desfrutar da afável companhia de pessoas de nossa mesma classe social.

— Ontem à tarde fomos de carruagem aos jardins de Sydney e estivemos mais de uma hora passeando - interveio a senhorita Hester Darwin. — Foi um exercício maravilhoso em um entorno deliciosamente pitoresco. Viu o parque, lady Freyja?

O irmão da moça pigarreou, seu primo, sir Leonard Eston, tirou uma penugem invisível de uma manga, sua irmã ficou vermelha como uma papoula e ela levou uma mão à boca muito tarde, pois todos acabavam de

recordar o que derivou do passeio em solitário de lady Freyja pelos jardins do Sydney.

Joshua sorriu.

— Acredito que sim o viu, senhorita Darwin – respondeu. — Igual a mim.

— Exercício? - perguntou lady Freyja com ironia. – As pessoas vêm a Bath por motivos de saúde e por sua saúde passeiam pela Sala da Fonte, pelo Crescent e pelo parque. Deveriam apagar essa palavra do dicionário.

Passear! Se não caminhar, melhor dizendo, se não cavalgar até um lugar onde haja espaço de sobra para mover-se, é possível que acabe prostrada em uma cadeira de rodas e tenham que me empurrar para me levar de um lugar a outro enquanto bebo golinhos de água medicinal.

Sua audiência decidiu reagir a suas palavras como se houvesse dito algo incrivelmente engenhoso. Os cavalheiros explodiram em gargalhadas e as damas riram entre dentes.

— Devemos resgatá-la da água medicinal - replicou Joshua –

Acompanhe-me para cavalgar amanhã, lady Freyja. Deixaremos os limites da cidade em busca das colinas e dos espaços abertos.

— Uma ideia divina - concordou ela, olhando-o de forma apreciativa provavelmente, pela primeira vez. — Eu adorarei acompanhá-lo.

— Mas não sozinha, lady Freyja - se preparou a acrescentar Willett.
—

Receio que seria ligeiramente escandaloso. Talvez possamos organizar uma excursão em grupo. Eu me incluo, é óbvio. E você, senhorita Holt— Barron?

— Caramba, eu também! — Gritou a senhorita Fanny Darwin. — Não há nada que eu goste mais que montar a cavalo, desde que não formos muito depressa nem a distância seja excessiva. Gerald, você também deve vir e você, Leonard, assim mamãe não porá objeção alguma para que Hester e eu nos unamos ao grupo.

O olhar de Joshua se encontrou com a de lady Freyja. Percebeu que estava contendo uma careta de aborrecimento. Assim lhe sorriu e piscou um olho.

Adorou ver como soprava absolutamente indignada.

Talvez, pensou com otimismo, o dia seguinte fosse mais divertido que os últimos.



CAPÍTULO 5

Freyja nem Charlotte tinham seus cavalos em Bath, mas puderam alugar um para esse dia.

Freyja devolveu às cavaleriças públicas a primeira montaria que lhe levaram aduzindo que montava desde que tinha uso da razão e não tinha a menor intenção de dar tombos pelo caminho no lombo de um pangaré que parecia coxear das quatro patas. O segundo animal

recebeu sua aprovação embora lady Holt— Barron o considerasse bastante brioso para necessitar da mão firme de um homem nas rédeas e lhe rogou encarecidamente que tivesse muito cuidado.

— O que diria ao duque, lady Freyja, se voltar para casa com o pescoço quebrado? - perguntou retoricamente.

Atravessaram Gay Street em direção à Abadia, onde tinham combinado encontrar-se com os outros seis cavaleiros que comporiam o grupo. Era um dia glorioso, temperado para parecer verão, mas com a frescura do outono no ar.

— Se continuarmos a este passo de caracol uma vez que saíamos da cidade, juro que me dará um pasmo, Charlotte - disse a sua amiga. — Tão lentas são as Darwin?

— Temo que sim - respondeu Charlotte com um risinho. — Nem todos somos uns cavaleiros tão temerários como você, Freyja. Acha que o conde de Willett passará algum tempo a sós com você? Mostrou-se muito insistente durante estes últimos dias. Deve estar a ponto de se declarar.

— Pelo amor de Deus! - exclamou. Tinha estado dando ânimos ao homem com a simples intenção de desanimar o marquês de Hallmere, que tinha estado se divertindo a sua custa com total deliberação e que parecia ter a fórmula exata para lhe fazer perder a cabeça. Para um homem que certamente não teria tido um pensamento sério em toda sua vida devia ser muito engraçado. Por desgraça, o conde de Willett não necessitava de que o

animasse

— Espero que possa lhe evitar a vergonha.

— Isso quer dizer que não aceitará sua proposta? - perguntou sua amiga.

Deveria aceitar, pensou Freyja. Era um conde com uma propriedade muito extensa em Norfolkshire e com uma fortuna imensa, segundo se murmurava; além da perspectiva de incrementá-la depois da morte de seu tio. Era bastante agradável, embora suas maneiras fossem um tanto rígidas.

Receberia a aprovação de Wulfric. Deveria se casar com ele e acabar com tudo de uma vez. Entretanto, a lembrança da paixão que compartilhara com Kit Butler durante um breve verão quatro anos atrás foi sem prévio aviso a sua mente. E nesse momento seu olhar se posou na magnífica imagem do marquês de Hallmere enquanto se aproximavam do lugar de reunião convencionado. E soube que queria muito mais da vida que o mero fato de se conformar com um matrimônio que prometia respeitabilidade e fortuna.

Montava um cavalo negro de pelagem brilhante e forte temperamento...

O marquês, é obvio. Sentiu um golpe de inveja. Suas longas pernas, metidas em calças de montar justas e botas altas negras, se destacavam muito mais quando estava montado. Igual ao que acontecia com o resto de sua pessoa.

Talvez fosse um homem frívolo e licencioso, que a punha de mau humor e à defensiva cada vez que o tinha perto, mas ao menos estava vivo e a fazia se sentir viva. E lhe agradecia em grande medida que tivesse sugerido essa excursão, embora esperasse que fosse algo mais que um trote a passo de caracol pela campina.

— Acredito que não - disse em resposta à pergunta de Charlotte. —

Tentarei por todos os meios não cavalgar a seu lado. Entregaria-me o dia por completo, e certamente estragaria a ele em caso de que decidisse me fazer a pergunta hoje.

Entretanto, o conde de Willett não se dava por vencido. Ao vê-lo animado, já que lhe tinha dado ânimo, suas atenções eram cada vez

mais evidentes. Enquanto o marquês cavalgava entre as senhoritas Darwin, cujas agudas gargalhadas a estavam pondo em nervos, e Charlotte cavalgava entre o senhor Darwin e sir Leonard Eston, o conde tomou a cabeça do grupo com ela a seu lado. Atravessaram com passo tranquilo as ruas de Bath e subiram a colina que se erguia atrás da cidade antes de enfiar se no

caminho que levava a Londres.

— Não fatigaremos aos cavalos nesta encosta tão pronunciada -

informou o conde - nem quando chegarmos ao plano. Sou muito consciente de que há quatro damas no grupo e de que montam em sela de amazona.

Admiro-a imensamente por sua elegância e habilidade com as rédeas, mas persistirei em minha intenção de evitar qualquer perigo desnecessário.

Freyja o olhou horrorizada, mas não disse nada. Depois de tudo, estavam subindo uma encosta bastante pronunciada. Detiveram-se ao chegar no topo para admirar os elegantes e deslumbrantes edifícios brancos de Bath.

— Isto é o que mais gosto cada vez que vamos aqui - disse a senhorita Fanny Darwin com um suspiro satisfeito — A primeira vista da cidade.

Todos esses edifícios brancos são incríveis quando brilha o sol, como acontece hoje. Vamos cavalgar muito mais, lorde Willett?

Freyja a olhou com os olhos entrecerrados.

— Há um povoado não muito longe daqui, seguindo o caminho - disse o conde — Sugiro que prossigamos devagar, tomemos uma xícara de chá ou um copo de limonada na estalagem e retornemos a

Bath. É preferível que não nos separemos do caminho. As colinas e o terreno irregular sempre são armadilhas mortais para incautos.

Nem sequer tinha chegado o meio-dia, pensou Freyja. Acaso o conde tinha a intenção de retornar a Bath para as atividades habituais da tarde? E

desde quando estava essa incursão sob seu comando?

— Que prossigamos devagar? – repetiu. — Pelo caminho? Pelo mero prazer de beber uma xícara de chá?

— Vim para galopar — Apontou para a direita com o chicote. — Tenho a intenção de galopar ali, para as colinas. De fato, tenho a intenção de galopar por elas.

— Lady Freyja... — O conde parecia verdadeiramente alarmado.

— Caramba! — O interesse tingia a alegre voz do senhor Darwin.

— Gerald - interveio a senhorita Hester Darwin, - prometeu a mamãe que não nos faria cavalgar depressa e que não se adiantaria.

— Nesse caso, vereei-os de volta em Bath - replicou Freyja, fazendo girar seu cavalo para que saísse do caminho, depois do que transpassou de perto por um espaço e entrou no campo.

A euforia a invadiu ao ponto. Atiçou a sua montaria para que ficasse ao trote e não lançou o olhar atrás para comprovar se alguém tinha a coragem de segui-la. Embora supôs que se ninguém se animasse, o conde de Willett não demoraria para se decidir. Se sentiria obrigado a acompanhá-la. Talvez depois de tudo acabaria tendo uma conversa íntima com ele e tudo por sua culpa. Insistiu a sua montaria a cavalgar mais depressa. Por fim sentia o vento no rosto!

Escutou que alguém cavalgava atrás dela. Esperava que, se fosse ele, não estivesse sozinho. Virou a cabeça e sentiu um alívio

imediatamente. É óbvio!

Deveria ter sabido que o marquês de Hallmere seria o único que aceitaria o desafio. Depois de tudo, foi ele quem sugeriu a excursão, e só para eles dois.

E foi ele quem lhe piscou um olho (outra vez!) quando a senhorita Darwin expressou seu desejo de que o grupo não cavalgasse muito longe nem muito depressa.

Estava sorrindo. Coisa absolutamente surpreendente.

— Vê essa pedra branca? -perguntou-lhe ao ficar a sua altura quando ela diminuiu um pouco o passo.

Apontou o lugar com o chicote.

Via-se um monte branco ao longe. Havia ao menos três campos de lavoura entre o dito ponto e o lugar onde se encontravam nesse momento.

Claro que da pedra, que se erguia por cima do terreno plano, o panorama (incluindo a cidade de Bath) devia ser esplêndido.

— Essa será a meta de nossa corrida? -perguntou-lhe, antecipando-se ao que ele tinha estado a ponto de dizer — Muito bem. Esperarei-o ali —

Instigou sua montaria e se inclinou sobre o pescoço do animal.

Não era seu cavalo, é óbvio, mas tampouco era um pangaré. Respondeu a suas ordens com brio. Sentiu um momento muito breve de temor quando se aproximaram da primeira cerca. Embora teria sido ignominioso deter-se em busca de um portão pelo qual passar. O animal a saltou com grande facilidade, e ela soltou uma gargalhada. Pela extremidade do olho viu o marquês virtualmente junto ela. Se estava refreando sua montaria com a galante intenção de deixar que a dama ganhasse, pensou, logo

compreenderia que estava muito equivocado. Entretanto, não devia temer um alarde de indevida galanteria por parte desse homem. Adiantou-se bastante antes de chegar a seguinte cerca e depois de saltá-la, aumentou sua vantagem. Sua postura sobre a sela era excelente, reconheceu para si mesma com franca admiração.

Depois disso não prestou atenção a nada mais. Sempre tinha sido muito competitiva, talvez a mais competitiva de todos porque sempre tinha sido baixa e também porque tinha sido a única menina entre um montão de meninos buliçosos (seus irmãos: Aidan, Rannulf e Alleyne, e os Butler: Jerome, Kit e Sydnam).

Jamais se havia sentido como qualquer outra menina que tivesse uma irmã. Entre Morgan e ela havia sete anos de diferença. Tinha competido com os meninos e se convertera em sua igual.

E também competia nesse momento, açulando sua montaria para ir cada vez mais rápido; sentindo como seus cascos retumbavam debaixo dela; sofrendo o açoite do vento contra o chapéu, o cabelo e o traje de montar; e observando como a distância que os separava do cavalo que tinha diante se reduzia de forma paulatina até ficar quase a sua altura uma vez que saltaram a última cerca. Depois de aterrissar, o marquês cometeu o engano de olhá-la, talvez um pouco surpreso porque o tivesse alcançado sem que lhe estivesse outorgando a menor vantagem por sua condição de mulher nem por sua sela de amazona. Quando por fim chegaram à pedra branca, Freyja ganhava por uma cabeça. Deixou escapar um grito vitorioso e se virou para olhá-lo enquanto ria a gargalhadas.

— Fazia anos que não me acontecia algo tão bom! -gritou.

— Então me alegro de lhe ter deixado ganhar - replicou ele.

O marquês se encontrava incautamente perto. Estendeu o chicote e o cravou nas costelas.

— Ai! - queixou-se ele. — Onde aprendeu a montar assim? Acreditei que quando chegasse ao trote já teria conseguido um bom soninho e estaria um mar de descansado. — Desceu do cavalo e atou as rédeas a uma árvore antes de se aproximar dela e estender os braços. — Permita-me.

Freyja lhe colocou as mãos nos ombros e teria saltado ao chão, mas lhe rodeou a cintura com força e a ergueu para deslizá-la muito devagar por

seu corpo. Assim que teve os pés no chão, desceu a cabeça e a beijou nos lábios. Tal como fizera em outra memorável ocasião.

Quando levantou a cabeça a segurou pelos pulsos.

— Admito minha derrota com elegância e um beijo - disse, sorrindo.
—

E ao mesmo tempo protejo meu nariz de um previsível murro.

Era um homem incrivelmente atraente, pensou ela. Isso não era nenhuma novidade, é obvio. Embora fosse surpreendente que esse momento em particular fosse algo mais que uma afirmação intelectual.

Sentia que seu corpo respondia a esse homem atraente com os cinco sentidos e que lhe acelerava a respiração. Não tinha reagido fisicamente ante a nenhum homem desde Kit.

Entretanto, estava claro que o marquês de Hallmere não era um homem por quem albergar algum tipo de paixão. Não se sentiria encantado de reduzi-la a semelhante estado de confusão? Olhou-o com seu sorriso felino, libertou seus pulsos e se virou para subir à pedra branca. O vento agitou as pesadas saias do traje de montar e as plumas de seu chapéu.

Tirou este último com impaciência, guardou - em um bolso os alfinetes que o seguravam e depois sentiu o irrefreável impulso de tirar também as forquilhas. Levantar a cabeça e deixar que o vento lhe enredasse o cabelo era uma sensação gloriosa. Inspirou fundo e soltou o ar muito devagar.

— Uma donzela viking na proa de um navio viking - disse lorde Hallmere baixo – Teria inspirado a toda uma tripulação de guerreiros a atracar na costa e conquistar novas terras em seu nome.

O marquês tinha apoiado um pé na pedra e descansava um braço sobre essa perna. Na outra mão segurava seu chapéu. Seu loiro cabelo se agitava com o vento e brilhava à luz do sol.

— Sempre suspeitei - confessou- que nasci na época equivocada.

— Lady Freyja Bedwyn... - disse ele. — Não acredito que seja um insulto supor que faz um tempo que superou os vinte anos, não é verdade?

Por que continua solteira?

— Por que você continua? - contra-atacou ela.

— Eu perguntei primeiro.

Desviou os olhos para o panorama que tinha em frente a ela e inspirou fundo uma vez mais.

— Estive destinada desde o berço a me casar com Jerome Butler, Visconde de Ravensberg, o primogênito do conde de Redfield, vizinho de meu pai - respondeu — Anunciamos o compromisso quando cumpri os vinte e um. Morreu antes que eu cumprisse os vinte e dois e de que nos tivéssemos casado.

— Sinto-o - disse ele.

— Não tem porque – replicou — Crescemos juntos e nos tínhamos carinho. Chorei sua morte. Mas não sentíamos uma grande paixão o um pelo outro.

— Quanto tempo faz que morreu? - perguntou-lhe.

— Mais de três anos - respondeu.

— E não houve ninguém mais depois? - inquiriu o marquês.

— Não - disse ela - por que não está casado? Também faz muito que passou os vinte anos.

— Cresci como um parente pobre em casa de meu tio, o defunto marquês - respondeu lorde Hallmere — Tinha um filho, meu primo Albert.

Ninguém me considerava um bom partido até que morreu de forma acidental faz cinco anos e me converti no herdeiro ao título. Meu tio tinha três filhas, mas nenhum outro filho varão. Suponho que me converti em um bom partido quando me converti no herdeiro, mas desde a morte de Albert não estive o tempo suficiente em um lugar concreto para cercar uma relação duradoura.

— Devo ficar compadecida? - perguntou, olhando-o de cima. — Ou está encantado de levar esse tipo de vida? Ame-as, mas deixe-as, não é essa a ideia?

Ele riu entre dentes.

— Minha avó ainda quer que a corteje - disse, - apesar de que estive a ponto de desatar sua ira sobre mim durante o jantar. Acha que é corajosa.

Que necessita que alguém leve suas rédeas com mão dura. De fato, acha que essa mão deve ser a minha.

— Passando por cima desse último ponto (que provavelmente seja uma invenção de sua parte) cujo fim não é outro que provocar minha ira —

replicou - sua avó vai levar uma decepção, não é certo? Você não deseja me cortejar e eu não desejo que me cortejem. Ao menos estamos de acordo

nisso.

O marquês subiu à pedra e ficou a seu lado. E imediatamente recordou como era alto e como era bem formado.

— Tem razão - lhe assegurou — Não penso no matrimônio e, por sorte, você tampouco. Assim não receio que faça uma ideia equivocada se lhe digo que sinto uns desejos quase irresistíveis de beijá-la como Deus manda.

Acabarei com os olhos machucados e o nariz quebrado se sucumbir a esse impulso? — Virou a cabeça para olhá-la com um sorriso deslumbrante. A alegria brilhava em seus olhos, como era de esperar.

Tomou ar para admoestá-lo com a firmeza que semelhante pretensão merecia. Mas era tentador. Tinha vinte e cinco anos e não a tinham beijado há quatro anos. Por estranho que parecesse, Jerome jamais a tinha beijado em nenhum outro lugar que não fosse o dorso da mão. Às vezes, o vazio e a solidão de ter amado e ter perdido Kit eram quase insuportáveis.

E ali estava esse homem, um homem bonito e devastadoramente atraente, que não esperava nada mais que um beijo dela e que sabia que não lhe exigiria nada em troca.

— A dama titubeia - disse ele. — Interessante.

— Seu rosto não sofrerá o menor dano - declarou com firmeza. — A menos que caia da pedra quando descer.

Nesse momento se sentiu espantosamente morta de calor e, por estúpido que parecesse, espantosamente consciente de sua fealdade.

Tinham passado anos desde que deixou de se lamentar por algo que não podia mudar. A natureza lhe tinha dado uma exuberante mata de cabelo e sobrancelhas de diferente cor; seu pai lhe tinha dado o nariz Bedwyn, assim como o tinha feito com o resto de sua prole salvo com Morgan, que como sua mãe, era o epítome da perfeição.

Virou-se decidida quando ele deixou o chapéu em um oco ao resguardo do vento e depois o tirou das mãos para deixá-lo no mesmo lugar. Levantou o queixo. O marquês lhe deu uns golpezinhos nela com o nódulo de seu dedo indicador. De repente percebeu que a olhava com as pálpebras entreabertas, coisa que lhe provocou uma estranha sensação.

Definitivamente era uma má ideia, mas já era muito tarde para voltar atrás.

Ele poderia acusá-la de covarde e com toda a razão.

Não cabia dúvida de que lorde Hallmere estava tomando seu tempo.

Tinha suposto que inclinaria a cabeça e reclamaria seus lábios sem demora.

Ao menos desse modo poderia ter fechado os olhos e ocultar sua vergonha.

Entretanto, ele estava lhe acariciando o rosto com ambas as mãos, embora só as pontas de seus dedos a roçassem. Acariciou lhe as sobrancelhas com os polegares e percorreu seu nariz com o indicador.

— Interessante - disse ele. — Tem um rosto muito interessante.

Inesquecível.

Ao menos, pensou, não a tinha pontuado de formosa. Seus princípios teriam impedido de continuar adiante se o tivesse feito.

Tomou o rosto entre as mãos.

— Você também pode me tocar – lhe disse. — Se quiser.

— Não quero. Ainda - acrescentou e observou como sua expressão se tornava risonha.

O nariz do marquês se esfregou contra o seu logo antes que inclinasse a cabeça e unisse seus lábios um instante. Colocou-lhe as mãos na cintura e teve que fazer um enorme esforço para ficar onde estava em lugar de se libertar e se pôr a correr. Teria sido vergonhoso!

A pacata solteirona, sem acompanhante, que fugia das garras do perito libertino.

Estava-lhe lambendo os lábios com suavidade e de forma muito incitante. Aferrou-se a sua cintura com mais força, inclinou-se para ele um pouco mais e separou os lábios. Essa língua passou entre eles e se moveu até acariciar a úmida face interior de seus lábios. Um amontoado de sensações estalou por todo seu corpo, da boca até os joelhos... Não, até os dedos dos pés. Rodeou-lhe a cintura com os braços, pegou-se a ele até que seus seios ficaram esmagados contra seu torso e abriu a boca.

E então a beijou com toda a destreza e a habilidade de um homem de grande experiência, como supôs depois; um homem que devia ter praticado sua arte com a metade da população feminina da Europa, como pouco. A única coisa que pôde fazer foi aferrar-se a ele, amoldar-se a seu corpo e utilizar a língua para bater-se com a sua a

fim de se defender na medida em que lhe permitiam suas escassas habilidades.

De repente se sentiu como se estivesse em meio de uma onda de calor

de verão e não teve nem ideia de quanto durou. Mas sim teve muito claro que, quando começou a recuperar os sentidos (quando pressentiu que o marquês estava a ponto de afastar a boca da sua), uma de suas mãos estava sobre seu traseiro, apertando-a com força contra ele. E não era tão inocente para não saber perfeitamente contra o que a apertava.

— Enfim... - disse, embora apenas notou que estava sem fôlego, enquanto ele levantava a cabeça e a olhava com os olhos muito mais entreabertos que antes de começar o beijo, - foi muito agradável.

O sorriso começou em seus olhos, estendeu-se até seus lábios e depois jogou a cabeça para trás e explodiu em gargalhadas enquanto a soltava.

— Esse era meu melhor beijo, que utilizo para afrouxar os joelhos de qualquer dama - replicou ele. — E a única coisa que diz é que foi “muito agradável”? Não é que não o tenha sido, é obvio. Será melhor que a devolva a seu cavalo e eu volte ao meu antes que minha autoestima fique pelo chão.

Acredito que há um povoado atrás da seguinte colina ou depois da outra.

Que tal lhe parece que cavalguemos até ali para ver se há uma estalagem ou uma confeitaria em que possamos comer algo? Beijar dá muita fome.

Ofereceu-lhe o chapéu com um sorriso antes de colocar o seu com um floreio, enfiando-o até as sobrancelhas para evitar que o levasse o vento. Ao que parecia, suas pernas foram capazes de sustentá-la,

percebeu ao provar com dissimulação ao dar um passo. Sem dúvida alguma essa era uma das maiores estupidez que tinha feito em muito tempo. Tinha suposto que seria um beijo fugaz como os outros dois que já lhe tinha dado (o primeiro na estalagem durante seu primeiro encontro e o segundo quando a ajudou a descer do cavalo pouco antes). Deveria ter adivinhado que quando lhe falou de beijá-la como Deus mandava tinha muito mais em mente. Sentia-se muito perturbada e não gostava, no mínimo, da sensação. Ajudou-lhe um pouco dar-se conta de que o marquês tomara todo o incidente com tanta leveza, não parecia haver percebido que sua atitude não era a de sempre.

Não lhe cabia dúvida de que se teria aproveitado da situação se houvesse suspeitado. A teria feito em migalhas com seu risonho engenho.

Colocou o pé em suas mãos para que a ajudasse a subir no cavalo e uma vez na sela, ele fez o mesmo.

— Isso não foi, nem muito menos - esclareceu com seu tom mais altivo,

- um convite a me manusear quando lhe vier a vontade. Foi um abraço

agradável, mas não se repetirá. Isso seria um aborrecimento.

— Ah - replicou ele, virando seu risonho rosto para ela antes de liderar o caminho em direção ao suposto povoado que se encontrava nas cercanias, - assim não me livrei de me humilhar, depois de tudo. Estou devastado, desmoralizado e já não fica confiança em mim mesmo para tratar com o sexo feminino. Talvez devesse usá-lo como epitáfio: Sua vida foi muito agradável, mas repeti-la seria um aborrecimento. Necessito algo forte. Uma taça de brandi ao menos.

Freyja o seguiu, com a vista cravada em suas costas e um sorriso nos lábios.

Esse sim que tinha sido um estúpido erro de cálculo, pensou Joshua enquanto comiam massas e tomavam chá e cerveja na pequena taverna da estalagem; e também pensou durante todo o trajeto de volta ao Bath.

Tinha estado magnífica ali de pé na pedra, com o cabelo solto e revoltado como a primeira vez que a viu, mas nessa ocasião à luz do sol e açoitado pelo vento. Tinha desejado beijá-la, mas com a mesma despreocupação que tinha caracterizado a paquera que traziam entre mãos desde que se conheceram.

Não tinha tido a intenção muito menos, de beijá-la dessa maneira. E

tampouco tinha previsto sua apaixonada resposta. Tinha sido um idiota, claro estava. Apesar de toda sua altivez, tinha provas fidedignas de que era uma mulher de caráter forte, temperamento imprevisível e natureza impulsiva.

Na cama seria todo abandono e paixão, suspeitava.

Era um detalhe que adoraria não suspeitar, já que o único modo de verificar tão interessante conjectura era mediante o casamento, e este não entrava em seus planos nem a curto nem médio prazo.

Era uma sorte que ela tampouco o incluía nos seus.

Acompanhou-a de volta à residência de lady Holt— Barron e devolveu a montaria que tinha alugado às cavalaria públicas. Depois de deixar seu cavalo, partiu para a casa de sua avó no meio da tarde. Sentia-se um tanto desalinhado pelo açoitado do vento, cheio de energia e também decidido a abandonar Bath nos próximos dias, antes de se ver tentado a cometer mais indiscrições com lady Freyja Bedwyn das quais não pudesse livrar-se com

tanta facilidade.

Sua avó estava recebendo visitas no salão, informou-lhe Gibbs. Tinha dado instruções para que lorde Hallmere fosse vê-la assim que retornasse de seu passeio a cavalo.

Seguiu ao mordomo escada acima enquanto comprovava que seu traje de montar estivesse bastante decente para fazer ato de presença no salão.

Sua avó tinha requerido que aparecesse imediatamente. Seria melhor não perder tempo trocando de roupa.

Havia duas damas com sua avó. Fazia cinco anos que não via nenhuma das duas, mas era impossível não reconhecer a sua tia, a marquesa de Hallmere. Uma mulher de estatura média e complexão magra, com aparência doce, frágil e inclusive doentia. Sempre tinha tido o mesmo aspecto. Mas essa fachada, tal e como tinha descoberto muito a seu pesar em Penhallow, ocultava uma vontade de ferro muito dominante e uma disposição cruel e desanimada. A outra dama era mais jovem que sua tia e estava mais magra e mais interessante do que ele recordava. Era Constance, sua prima e filha mais velha da marquesa.

Sua tia nunca abandonava Penhallow. Era seu domínio e o governava como se fosse seu feudo particular. Nem sequer a conveniência de levar a suas filhas a Londres quando alcançaram a idade adequada para ser apresentadas na Corte e debutar em sociedade a tinha afastado dali. Devia ser algo de suprema importância o que a tinha levado a Bath.

Ele mesmo, sem dúvida.

Fazia caso omisso de seus convites a Penhallow. De modo que tinha dado o extraordinário passo de ir até ele, uma vez que sua querida amiga, a senhora Lumbard, tinha-lhe informado de sua presença na cidade, é óbvio.

Caiu-lhe a alma aos pés.

— Tia? — disse. — Constance? — Fez-lhes uma reverência antes de saudar sua avó com um sorriso forçado.

— Joshua - replicou sua tia ao mesmo tempo em que ficava em pé e aproximava dele oferecendo suas magras mãos. Tremia-lhe a voz pela emoção. Tinha os olhos cheios de lágrimas. — Meu querido moço. Minhas pobres filhas e eu estamos vivendo com esta ansiedade muito tempo.

Hallmere, o defunto Hallmere, já não está; e Albert tampouco. Estamos a

sua mercê. Criou-se em Penhallow como um a mais, é obvio, mas os jovens costumam esquecer as dívidas que contraem com aqueles que os querem e que se sacrificam por eles enquanto crescem.

Pelo amor de Deus! Como podia olhá-lo no rosto enquanto soltava um discurso tão absurdo? Mas claro que podia. Tomou as mãos que lhe oferecia, embora estivessem frias e flácidas, e lhes deu um apertão antes de soltá-las.

— Não tenho a menor intenção de jogá-las na rua, tia, nem a senhora nem a minhas primas - replicou com brusquidão. Além disso, embora o fizesse, a marquesa contava com uma pensão de viúva mais que generosa a cargo da propriedade.

— Mas é evidente que logo se casará — disse - e nos interporemos no caminho de sua marquesa, por mais que eu a receba com os braços abertos em Penhallow. Não, vim a Bath para arrumar este assunto de um modo que satisfaça a todos. Trouxe Constance comigo.

É obvio que tinha levado a Constance com ela. Um olhar ao rosto lívido e triste de sua prima lhe bastou para assegurar-se de que sabia o motivo de sua presença tão bem como ele... E de que gostava tão pouco como ele.

Então, por que não havia dito nada? Por que não se negou a ir com sua mãe? Por que não se negou a participar do plano que esta estava tramando?

Embora para ser justo com Constance, sabia que era quase impossível desbaratar os planos da marquesa de Hallmere quando decidia um rumo concreto.

E era evidente que tinha decidido que a melhor forma de manter as rédeas de seu lar e seus domínios passava pelo matrimônio de sua filha mais velha com seu sobrinho.

Que Deus tivesse piedade dele!



CAPÍTULO 6

No dia seguinte chovia de forma copiosa, por isso lady Holt— Barron decidiu não ir à Sala da Fonte. Freyja passou a manhã escrevendo à Eve e à Judith, suas cunhadas, e também à Morgan. Relatou-lhes o passeio a cavalo do dia anterior, incluindo o passo de caracol que levavam as temerosas Darwin e a molesta insistência do conde de Willett em tratar às damas como se fossem delicadas plantas de interior.

Descreveu sua escapada com o marquês de Hallmere e sua corrida a campo aberto, sem omitir as cercas que saltaram pelo caminho.

Não descreveu o que aconteceu depois da corrida, é obvio, mas sim que ficou sentada uns minutos para refletir a respeito enquanto acariciava o queixo com a pena de forma distraída.

Tinha sido um beijo escandaloso e lascivo, e temia que provavelmente tivesse sido ela a instigadora. O marquês lhe tinha tomado o rosto entre as mãos para beijá-la e se limitou a aproximar seus lábios. Nenhuma outra parte de seu corpo a tocava em nenhum outro lugar. O episódio teria acabado de forma casta e mais doce se não lhe tivesse ocorrido agarrá-lo pela cintura para manter o equilíbrio e depois apoiar-se contra ele e depois abraçá-lo. E depois...

Enfim.

E depois.

Franziu o cenho, furiosa.

Claro que não devia assumir toda a culpa. Foi ele quem começou a lhe lambe os lábios e a colocar a língua na boca e a fazer todas essas coisas que sem dúvida sabia que acabariam por distraí-la. Não lhe cabia dúvida de que lord Hallmere estava bem versado nas táticas empregadas durante os interlúdios românticos... E em outro tipo de interlúdios mais apaixonados.

Ele tinha sido o instigador de tudo o que tinha acontecido a seguir.

Entretanto, a ideia não trazia consolo algum. Como em outras ocasiões,

tinha dançado ao som que ele havia tocado. Provavelmente tinha passado o trajeto de volta a casa rindo-se dela, e tinha continuado durante toda a noite. Provavelmente ainda continuava rindo-se enquanto engenhava formas de conseguir com que acabasse fazendo o ridículo de novo.

Lady Freyja Bedwyn não levava bem que a fizessem ficar em ridículo.

Mas pelo amor de Deus! Exclamou interiormente ao mesmo tempo em que suspirava e afundava a pena no tinteiro a fim de continuar com a carta de Morgan, esse único beijo tinha despertado desejos que tinha acreditado que só Kit podia avivar. Provavelmente não tinha sido o amor, mas sim a paixão própria de seu temperamento que tinha florescido em todo seu esplendor no verão que acreditara estar apaixonada por Kit fazia já quatro anos.

Uma ideia digna de consideração.

Ser virgem aos vinte e cinco anos era algo horrível, decidiu, e sopesou uns instantes a possibilidade de acrescentar à carta para Morgan o conselho de que ficasse a procurar com esforço um marido quando fizesse sua apresentação em sociedade na primavera. Não obstante, os Bedwyn não eram precisamente famosos por se deixar aconselhar, inclusive (ou melhor, especialmente) se o conselho provinha de outro deles. E Morgan acreditaria aflita de uma enfermidade mortal se lhe ocorresse fazer algo tão incomum como lhe aconselhar que participasse de forma ativa no mercado matrimonial. Além disso, achava a ideia de que sua irmã mais nova se casasse antes que ela bastante humilhante.

A imagem do conde de Willett como possível marido apareceu de novo em sua mente, mas desprezou o pensamento sem demora. Não seria capaz de suportá-lo. Esse homem insistiria em tratá-la como se fosse uma dama a cada minuto de cada dia, e de cada noite certamente. Morreria de aborrecimento, de frustração e de ira ao cabo de um mês.

Inclinou-se para diante para prosseguir com a carta.

Chegada a tarde, a chuva se converteu em garoa. Lady Holt—Barron seguia relutante à ideia de molhar os sapatos e os baixos dos vestidos, para não mencionar o fato de que teriam que levar guarda-

chuva em lugar de sombrinhas, mas os Salões de festas estavam a um tiro de pedra e ficar em casa era deprimente frente à possibilidade de tomar chá e conversar com suas amigas. De modo que saíram.

O salão de chá estava mais concorrido do que o habitual, provavelmente porque a chuva não animava a fazer exercício ao ar livre, mas encontraram uma mesa vazia e assentiram com elegância a vários conhecidos enquanto lhes serviam o chá. Não passaram nem cinco minutos antes que o conde de Willett se sentasse com elas. Tinha ido, explicou-lhes, para assegurar-se de que lady Freyja não tinha sofrido dano algum depois da amalucada corrida no campo no dia anterior.

— Hallmere não deveria havê-la animado – concluiu — Deveria ter recordado que você é uma dama e que, portanto, está obrigada a cavalgar com uma sela de amazona.

Freyja lhe lançou um olhar de altivo desdém... E percebeu que o objeto da queixa do conde acabava de entrar no salão, muito arrumado e distinto, vestindo um traje marrom e ocre. A repentina reação de seu corpo, pendente imediatamente de sua presença, alarmou-a sobremaneira.

“Hallmere não deveria tê-la animado.”

Não, não deveria tê-lo feito. Claro que tampouco não tinha sido preciso que a animasse muito, não é?

Decidiu fazer caso omissos de sua presença. Tinha chegado acompanhado de três damas: lady Potford e duas desconhecidas, a mais velha das quais vestia luto e sorria com doçura enquanto atravessava o lugar levada por seu braço. Embora lady Potford não demorasse a se sentar junto a algumas de suas amigas, o marquês e as duas damas prosseguiram dando um passeio pelo salão. Ao que parecia, estava apresentando-as às pessoas.

O conde ficou em pé e fez uma reverência ao trio quando se aproximou da mesa. Ela ergueu a vista até os olhos de lorde Hallmere e o olhou com frieza e um ligeiro desdém, ou esperava isso. Percebeu que seu sorriso era um tanto mais tenso do que o habitual.

— Lady Holt— Barron, senhorita Holt— Barron, lady Freyja Bedwyn e conde de Willett disse com grande formalidade, - permitem-me a honra de lhes apresentar a minha tia, a marquesa de Hallmere, e a minha prima, lady Constance Moore?

A tia era a dama que levava pelo braço.

— Como estão? - perguntou-lhes esta — É um maravilhoso prazer estar

em Bath e conhecer os amigos de meu querido Joshua.

Apoiava-se em seu braço como se estivesse muito fraca para se sustentar por seu próprio pé. Sorria com doçura e falava com essa espécie de choramingação afetada que utilizavam as damas convencidas de sofrer uma doença crônica. Segundo sua experiência, tais damas costumam sobreviver a seus familiares mais robustos... Depois de tê-los tornado virtualmente loucos durante o que restasse de vida.

Lady Constance, uma jovem vestida e penteada com elegância e de aparência sensata, fez uma reverência e murmurou uma saudação.

— Como está, senhora, lady Constance? - replicou lady Holt— Barron com amabilidade. — Vieram de Penhallow para tomar as águas, não é?

— Talvez contribuam a melhorar minha saúde - respondeu a marquesa

— Tenho-me sentido muito decaída desde que meu querido Hallmere nos deixou. Mas vim com o propósito de ver meu querido sobrinho, senhora, e também para que retome sua relação com sua prima. Constance mal era uma menina quando Joshua partiu de casa em busca de aventuras faz cinco anos. Cinco extenuantes anos - acrescentou com um suspiro que soou realmente extenuado.

Vá! Assim que a mulher tinha ido a Bath com a intenção de casar a sua filha com seu sobrinho para se assegurar, desse modo, a permanência em seu lar e a posição que ocupava nele... Não é? Observou com atenção lady Constance Moore. E depois fez o mesmo com o marquês. Ele a olhava sem dissimulação, com os lábios franzidos e o indício de um sorriso nos olhos.

Um indicativo de que sabia que ela compreendia a situação perfeitamente.

— Nos alojamos no cervo branco - estava dizendo a marquesa, em resposta à pergunta que lady Holt— Barron devia ter formulado —

Disseram-me que era o melhor hotel da cidade.

— Hallmere - interveio o conde — Devo elogiá-lo por ter acompanhado lady Freyja a casa ontem à tarde sã e salva depois da cavalgada. Devo confessar que me angustiou terrivelmente sua segurança quando insistiu em abandonar o grupo que tínhamos formado e se afastaram galopando pelas colinas. Entretanto, devolveu-a sã e salva a casa de lady Holt—

Barron e, portanto, não há motivo de queixa.

Freyja se sentia dividida entre a risada e a exasperação. O marquês arqueou as sobrancelhas.

— Em realidade, Willett — replicou - devo confessar para minha eterna vergonha que foi lady Freyja quem ganhou a corrida por uma

cabeça de diferença. Assim suponho que o adequado seria dizer que foi ela quem me trouxe de volta são e salvo. Algo de que lhe estou muito agradecido.

— Eu também agradeço - acrescentou lady Holt— Barron enquanto se abanava com o guardanapo de linho - não me ter informado sobre este assunto da corrida até que tudo acabou. Não sei o que teria dito ao duque de Bewcastle, o irmão de lady Freyja, se tivesse caído do cavalo e tivesse acabado com todos os ossos quebrados.

— Nem lhe ocorra mencionar algo assim! - exclamou a marquesa, ao parecer a ponto de sofrer um desmaio — As corridas a cavalo são extremamente perigosas, sobre tudo para uma dama. Espero que jamais convença Constance para que o acompanhe a galopar pelo campo, querido Joshua.

Sua voz soava débil, mas seus penetrantes olhos se cravaram nela como se fossem duas adagas. Freyja arqueou as sobrancelhas sem mal dissimular o desdém que sentia pela dama.

Valha-me Deus! Pensou. Está-me lançando uma advertência para que não me aproxime de lorde Hallmere! Isto é divertidíssimo!

A marquesa de Hallmere, decidiu, era uma dama que gostava de se sair com a sua e que não duvidaria em empregar qualquer meio a seu alcance.

Não seria muito agradável ter a uma pessoa semelhante como mãe... Nem como tia. Ia ser interessante observar até que ponto conseguia manipular ao marquês.

O trio foi para a mesa seguinte.

— A marquesa é uma dama muito elegante - afirmou lady Holt—

Barron com evidente aprovação.

— Muito elogiável de sua parte ter feito todo o trajeto desde a Cornualha para apresentar seus respeitos ao sobrinho que acaba de herdar o título de seu defunto marido - acrescentou o conde. — O correto seria que pedisse a mão de sua prima.

Freyja se encontrou com o olhar de Charlotte, sentada ao outro lado da mesa, e sua amiga esboçou um sorrisinho. No dia anterior lhe tinha

perguntado o que tinha acontecido depois da corrida. E de todas as coisas que poderia lhe haver contado, sobre as quais se espraçou nas cartas a seus familiares, só tinha conseguido balbuciar três palavras:

— Beijou-me.

Depois da confissão, Charlotte tinha levado as mãos ao peito enquanto a contemplava com imensa alegria.

— Sabia! – exclamou. — Desde o primeiro momento. Essa hilariante (embora espantosa) cena na Sala da Fonte... Sabia que existia uma grande atração entre os dois. E agora a beijou. Me sentiria horrivelmente ciumenta se não fosse por Frederick, embora seu físico seja muito comum e não tenha nem um ápice de romantismo no corpo, meu pobre.

— E eu também o beijei - confessou depois de ter escutado sua amiga.

— Mas não significou absolutamente nada, Charlotte. Os dois chegaram a essa conclusão quando falamos logo depois.

Charlotte se limitou a rir entre dentes e sair para trocar de vestido.

Apesar da chuva que tinha mantido a sua avó em casa durante toda a manhã, Joshua tinha ido ao cervo branco para acompanhar a sua tia e a sua prima à Sala da Fonte onde as tinha apresentado às

peessoas que se atreveram a desafiar aos elementos e onde tinham recebido um obsequioso recebimento da senhora Lumbard e de sua filha. Depois tinha as acompanhado de volta ao hotel e tinha tomado o café da manhã com elas.

Mais tarde levou-as às compras a Milsom Street para retornar ao hotel ao cabo de duas horas, com as mãos vazias. Os preços das lojas eram escandalosamente elevados, queixou-se sua tia. Antes de retornar a casa de sua avó, tinha almoçado com elas.

De qualquer modo, tinha-lhes prometido retornar à tarde para levá-las para tomar chá nos Salões de festas. Posteriormente e embora teria sido mais conveniente deixá-las no Cervo Branco antes de voltar para casa na carruagem com sua avó, sua tia o convidou a seus aposentos, aduzindo que havia certos assuntos que urgia que tratasse com ele. Assim sua avó retornou a casa sozinha.

Para Joshua tinha sido um dia exaustivo. Sua tia sempre tinha sido uma tirana e tinha governado sua família com punho de ferro, embora tivesse reservado o pior para esse sobrinho que chegou a Penhallow com tão

somente seis anos. Um órfão triste e desconcertado que tinha perdido a seus pais em um intervalo de apenas três dias, embora naquele tempo não o tivesse sabido. Conforme foi crescendo compreendeu que o ódio que lhe professava se devia, em grande medida, a sua própria incapacidade para engendrar mais de um varão apesar de ter tido quatro filhos.

Albert era o herdeiro, mas ele, Joshua, era o suplente, por assim dizer.

Seu primo e ele não se professaram nunca muito afeto. Albert era menor, mais fraco e um ano mais novo que ele. Tinha-lhe encantado se gabar da única vantagem que possuía; e se tinha enfurecido muitíssimo ao descobrir que o título não lhe interessava o mínimo.

Para ele tinha sido uma árdua prova se ver obrigado a passar todo o dia em companhia de sua tia, enquanto mostrava a ela e a Constance a cidade e apresentava-as a todo aquele que possuísse certa relevância social, enquanto escutava a enxurrada de comentários afetuosos e de queixa que ela ia soltando enquanto isso. Claro que não podia deixá-las para que se arrumassem por sua conta. Tinham ido à cidade com o mero propósito de vê-lo. Além disso, não daria as costas a Constance de forma deliberada embora fosse capaz de fazê-lo. Sempre havia sentido um grande carinho por suas primas. Perguntava-se quanto tempo teriam pensado ficar e quanto tempo se veria obrigado a lhes fazer companhia em altares das boas maneiras. Depois de tudo, poderiam compartilhar saídas com os Lumbard depois desse primeiro dia.

Sua tia se deixou cair em uma poltrona logo que chegaram a seu gabinete privado no Cervo Branco e sua criada lhe tirou o boné e as luvas.

— Estou totalmente extenuada - se queixou, obtendo que Joshua se perguntasse por que tinha insistido tanto em que subisse a seu quarto se esse era o caso. — E você também, Constance, querida. Vá se recostar durante uma hora. Joshua o entenderá.

— Mas, mamãe... - protestou a aludida.

— Está cansada - repetiu sua tia - vá se deitar.

Constance partiu sem pigarrear depois que ele se despedisse com um sorriso compassivo.

— Eu também deveria deixá-la para que descanse, tia - lhe disse com a esperança de que concordasse mas lhe indicou com um gesto que se sentasse.

— Fique - replicou. — Passou muito tempo desde a última vez que o vimos e agora é Hallmere. Deve se sentir muito contente. Atrevo-me a dizer que é o que sempre desejou.

Não a contradisse. Para que? Sentou-se e cruzou as pernas.

— Converteu-se em um homem muito bonito, Joshua - continuou ela, franzindo o cenho com reprovação — E seu título e sua fortuna o fazem duplamente elegível. Comprovei que lhe acolheram muito bem em Bath.

Alegro-me. — Entretanto, seu tom o desmentia.

— Todo mundo é bem recebido aqui, tia - disse com um sorriso. — Já não é um lugar tão na moda como costumava ser, sobre tudo entre os jovens. Acolhem a todo mundo com os braços abertos.

— Ao menos há mais jovens de sua idade – disse — As Darwin são encantadoras.

— Certo - concordou ele. — Mas me custa distingui-las embora não sejam gêmeas.

— A senhorita Holt— Barron é muito bonita - prosseguiu.

— E muito agradável, além disso – acrescentou — Acho que está comprometida com o senhor Frederick Wheatcroft, o filho do visconde Mitchell.

— Sim - replicou sua tia — As jovens mais bonitas são as primeiras em cair. Embora certamente que a beleza não é um mal que adoça lady Freyja Bedwyn — Seu tom de voz tinha captado um tom um tanto cortante. Joshua franziu os lábios.

— Será a irmã de um duque - prosseguiu sua tia - do duque de Bewcastle, não é? Mas sua classe não a fez bastante atraente para conseguir uma proposta de matrimônio. Deve ter vinte e cinco ou

vinte e seis anos e é feia como a avareza. É impossível que possa dissimular esse nariz, não é verdade?

Ele achava que esse nariz era precisamente um de seus maiores atrativos, embora seu cabelo o seguisse de perto, sobre tudo quando estava solto e ondeando ao vento.

— Pontuam-na como atraente - replicou.

— Isso é o que se diz das jovens quando se é muito amável para chamá-las de feias - disse ela -foi cavalgar a sós com ela ontem, Joshua? Isso não é algo imprudente?

— Formávamos parte de um grupo de oito cavaleiros - lhe explicou com ironia. O infalível olfato de sua tia a tinha levado ao final a sua verdadeira presa. — Separamos para galopar juntos porque o passo que levava o grupo não era de nosso agrado. Lady Freyja Bedwyn é uma amazona excelente e adora galopar.

— Como sou sua tia e tenho muito mais experiência sobre a vida que você, Joshua – prosseguiu - sinto-me obrigada a adverti-lo sobre as artimanhas que empregam as solteironas feias e entradas em anos quando os métodos costumeiros não lhes foram de utilidade na hora de pescar marido. Se não tomar cuidado, lady Freyja Bedwyn orquestrará uma situação que comprometa sua virtude para que se veja obrigado a pedir sua mão em matrimônio.

Sorriu ao recordar o quarto da estalagem onde conheceu lady Freyja e o apaixonado abraço que compartilharam no dia anterior sobre a pedra branca. Perguntou-se se acharia graça no que sua tia acabava de dizer ou se, pelo contrário, desataria-se sua ira em caso de que lhe contasse.

— Vá! Sorri enquanto pode, Joshua - prosseguiu sua tia com expressão necessitada e exausta, - mas não diga que não adverti sobre isso.

— Não o farei, tia - prometeu.

— Ainda não posso acreditar - disse ela - que Constance já tenha vinte e três anos. O tempo voa! Deveria ter se casado faz muito. A estas alturas, eu deveria ter alguns netos que alegrassem minha velhice. Mas a tragédia a manteve solteira todo este tempo. Albert morreu justo quando ia ser apresentada em sociedade e depois minha saúde foi muito delicada para suportar uma temporada social em Londres. E depois, justo quando acreditei estar bastante recuperada para fazer o que Constance e Chastity mereciam, Hallmere sofreu sua doença cardíaca e morreu. Agora não sei quando poderão refazer às suas vidas minhas queridas meninas. E quanto a Prue... — Emitiu um suspiro lastimoso.

Uma longa pausa seguiu a suas palavras, durante a qual Joshua adivinhou exatamente o que diria a seguir, embora se visse incapaz de impedi-lo.

— É hora de que considere a ideia de se casar, Joshua - prosseguiu sua tia — Já tem vinte e oito anos e agora é Hallmere. É seu dever dotar a Penhallow de um herdeiro. E é seu dever velar por suas primas já que é seu tutor legal; salvo no caso de Constance, é obvio, já que é maior de idade e já tomou posse de sua herança. É hora de que deixe atrás as correrias da juventude, por mais vulgar que resulte dizê-lo. Não vou recriminar esses anos nem essas loucuras, Joshua, embora Albert jamais mostrasse essa inclinação por abandonar a seu pai, a suas irmãs, seu lar... Nem a sua mãe.

Mas agora lhe rogo que recorde seu dever. E rogo que não leve a mal este pequeno aviso da boca da tia que o quis e educou desde sua mais tenra infância.

— Salvo pelos seis primeiros anos, tia - replicou em voz baixa, mas com firmeza - quando meu pai e minha mãe estavam vivos.

— Que descansem em paz - disse ela. — Já tem a uma possível candidata a esposa?

— Não – respondeu. — Mas lhe direi logo que me comprometa com alguma jovem, tia. Não será até dentro de um futuro bastante longínquo.

Além disso, até agora cumpri com meus deveres como tutor legal de Chastity e Prue; deixei-as bem tranquilas em Penhallow com você. E a Constance também.

— Sei que as quer, querido Joshua. — Lançou lhe um olhar triste e afetuosos... Até que de repente seus olhos pareceram se iluminar por uma súbita ideia. — Que maravilhoso seria se de repente concebesse certo afeto por Constance. Não estranharia o mínimo. É uma moça sensata, obediente e bonita, não acha? Sempre lhe teve muito carinho; e você a ela também, conforme acredito recordar. Seria absolutamente... Perfeito que se casasse com a irmã de suas pupilas. Não entendo como não me ocorreu isto antes.

— Constance é minha prima-irmã, tia - lhe assinalou.

— É muito normal que os primos contraiam matrimônio - replicou ela.

— É uma opção muito sensata, Joshua. Isso faz com que os títulos, as posses, as terras e a fortuna fiquem na família, assim como as obrigações e as responsabilidades.

— Não penso deixá-las na indigência nem a senhora nem a Constance nem a minhas outras duas primas, tia - lhe assegurou - mesmo que tenha a autoridade para fazê-lo. Não há nenhuma necessidade de que endosse a

uma de suas filhas.

— De que lhe endosse... - repetiu sua tia com um fio de voz ao mesmo tempo em que se recostava na poltrona.

Tirou de algum lugar um lenço debruado de bordado negro e o levou aos lábios. — Estou lhe oferecendo minha queridíssima Constance e

você me acusa de “lhe endossar isso”. Sempre foi um ingrato, Joshua. Foi um menino muito rebelde e difícil, e depois envergonhou a seu tio ao lhe dar as costas a sua generosa hospitalidade para ir viver no povoado e trabalhar como carpinteiro. E depois essas idas e vindas à mansão, supostamente para ver Prudence, mas... Enfim, me esforço muito por não pensar na constrangedora vulgaridade de seu comportamento. E quando Albert foi pedir lhe explicações e chamar a atenção... Esforcei-me ao máximo por deixar atrás as dolorosas lembranças e perdoá-lo. É o que faria um bom cristão e eu sempre o fui. Tinha-me conscientizado de que estes cinco anos o teriam feito amadurecer, de que lhe teriam convertido em uma pessoa melhor. Confiei em você até o ponto de lhe oferecer a mão de minha filha. E

você me diz que endossei isso?

Foi-se encolhendo na poltrona à medida que falava, de modo que nesse instante sua pessoa parecia reduzida à metade de seu tamanho; um ardil que estava acostumado a pôr em prática para despertar a compaixão, o remorso e, ao final, a capitulação daquele que fora bastante idiota para lhe contrariar.

Levou o lenço aos olhos para enxugar-se.

— Eu diria, tia – disse - que Constance tampouco tem o menor desejo de que me endosse.

— Constance sempre foi uma moça obediente – replicou — Fará o que eu lhe aconselhar. Sabe que a única coisa que me move é seu bem-estar.

Que mocinha em seu são julgamento rechaçaria ser a marquesa de Hallmere? Passarei o título a ela de boa vontade e adotarei o de marquesa viúva com alegria.

Joshua ficou em pé.

— Eu não falaria deste assunto dando-o como feito, tia - disse com firmeza. — Vai levar uma tremenda desilusão. Deveria ter permitido que Constance estivesse presente nesta conversa. Estou seguro de que ela a

faria abandonar a ideia de um possível matrimônio entre nós. Embora tampouco é preciso que se inquiete. Já lhe disse que não tenho intenção de viver em Penhallow. É seu lar. Pode viver ali, em paz, durante o resto de sua vida. E minhas primas podem viver ali também se não se casarem.

Se por alguma dessas casualidades da vida acabasse casando-se com Constance e fizessem de Penhallow sua residência, sua tia teria que partir, pensou. Embora a ela nem lhe tivesse passado pela cabeça.

Sua tia o olhou com expressão lastimosa e os olhos cheios de lágrimas.

— Sempre foi um moço insensível e áspero, Joshua – afirmou. — Mas lhe perdoo por isso. E não vou me inquietar. Consultarei Constance e ela coincidirá com minha opinião de que um matrimônio entre os dois é o único modo de que compense tudo o que fez no passado.

Aí estava, pensou Joshua, já lhe tinha permitido que abrisse a ferida para pinçar dolorosamente em seu interior. Tinha conseguido zangá-lo quando deveria estar olhando-a com superioridade e inclusive com ironia.

la tentar derrubar as defesas de Constance, se acaso não já o tinha feito, e depois usaria o carinho que professava a sua prima para fazê-lo se sentir culpado por rechaçar sua sugestão; essa desatinada e ridícula sugestão. O

problema era que tinha medo, por estúpido que parecesse. Sua tia era um temível inimigo quando queria sair-se com a sua.

— Esta noite há um concerto nos Salões de festa – disse. — Quer ir?

— Não - respondeu ela com um suspiro — Marjorie Lumbard convidou a uma velada de cartas em seus aposentos esta noite. Embora retornaremos à Sala da Fonte amanhã pela manhã. Pode nos pôr a caminho.

E entendi que amanhã de noite haverá um baile nos Salões de festa, não é verdade?

— Assim é - respondeu.

— Iremos - informou-o. — Dançará a primeira peça com Constance. As pessoas fariam se não o fizesse.

Parecia gasta e abatida. Qualquer homem que desconhecesse seus métodos para sair-se com a sua se sentiria obrigado a lhe assegurar quanto menos que consideraria sua proposta.

Semelhante promessa era desnecessária.

— Será um prazer, tia - lhe assegurou. — E agora parto para que possa

descansar antes de sua noite de cartas.

Ela agitou o lenço com patética impotência, muito afetada pelas emoções, ao que parecia, para lhe dizer adeus.

É obvio que estava absolutamente decidida a consegui-lo como genro, concluiu enquanto saía do Cervo Branco e punha-se a andar para a Ponte de Pulteney. A garoa era mais intensa e não demorou para acabar empapado. Tinha-o sabido assim que a viu no salão de sua avó no dia anterior. Pelo amor de Deus, tinha chegado ao impensável extremo de abandonar Penhallow!

Supôs que a alternativa mais evidente que devia tomar era a que opunha a menor resistência. Limitaria-se a abandonar Bath sem

mais. Sim, decidiu, faria isso; a ideia o animou de forma considerável. Era muito fácil repetir antigas pautas de comportamento quando se encontrava no âmbito de influência de sua tia.

Tinha passado anos sem mais remédio que obedecer-lhe ou sofrer as consequências. Mas a essa altura já não estava submetido a ela. Não lhe devia nada, salvo a deferência que um cavalheiro devia mostrar por um familiar.

Iria dentro de dois dias. No dia seguinte não, embora estivesse muito tentado a sair fugindo enquanto não houvesse mouros na costa. Tinha aceitado a acompanhar a sua tia e a sua prima à Sala da Fonte pela manhã, e ao baile nos Salões de festas de noite. Cumpriria sua promessa e depois sairia do meio.

E também dançaria com lady Freyja. Paqueraria com ela de novo e inclusive talvez descobrisse o modo de provocar esse seu vulcânico temperamento uma última vez. Seria divertidíssimo obtê-lo em público, diante de todos os assistentes ao baile.

Que ideia mais diabólica! Exclamou para si mesmo enquanto estalava a língua.

la jogar. Era, sem dúvida, a dama mais interessante que jamais tinha conhecido.

E seu atrativo sexual não era pequeno.

Uma admissão perigosa. Sim, já era hora de abandonar Bath e por mais de um motivo.



CAPÍTULO 7

A previsível rotina da vida cotidiana de Bath começava a fazer estragos no ânimo de Freyja.

A chuva tinha cessado, embora o céu continuasse coberto de nuvens negras, e depois de um dia de ausência tinham retornado à Sala da Fonte para o habitual passeio matutino. Não havia nenhuma cara nova, para falar a verdade, a menos que tivesse em conta à marquesa de Hallmere e a sua filha. O marquês e lady Potford estavam com elas.

Freyja começou a dar um passeio com Charlotte e se deteve para falar com o senhor Eston e com uma das senhoritas Darwin (não tinha muito claro com qual), e depois fez o mesmo com a senhorita Carbret e sua irmã.

O conde de Willett se aproximou delas e se colocou entre ambas até que chegaram junto ao grupo do marquês, que se encontrava perto de um dos extremos da sala. Recordou quase com nostalgia a manhã que se aproximara feita uma fúria do marquês e exigiu que o expulsassem da Sala da Fonte e da cidade de Bath.

A vida parecia emocionante naquele tempo... E pareciam ter passado séculos desde aquele momento.

— Eu adoro o corte de seu vestido, lady Freyja - disse a marquesa depois das saudações de rigor.

Enquanto isso, o marquês, com expressão sóbria e respeitável essa manhã, lhe piscou um olho com dissimulação e a fez ferver de indignação.

— Deve me dizer quem é sua costureira e que estabelecimento deveria frequentar em Bath. Vamos passear juntas.

Agarrou-a pelo braço, se recostando pesadamente nele como se fosse uma inválida que acabasse de levantar do leito, e a separou dos outros.

— Sou a pessoa menos indicada para consultas em assuntos de moda, milady - replicou Freyja. — E não frequento nenhum estabelecimento em Bath. Ir às compras é sem dúvida alguma o passatempo mais tedioso jamais

inventado para a mulher. Aborreço-me e o evito sempre que posso. Seria melhor que procurasse o conselho de lady Holt— Barron ou, inclusive, o de sua filha.

— Caramba! Mas é com você com quem quero falar - protestou a marquesa.

Isso era interessante, pensou Freyja, que saudou com uma inclinação de cabeça, a um casal de anciões a quem conhecia. E teria apostado algo que sabia do que se tratava, embora supôs que a sua acompanhante levaria certo tempo para chegar à essência da questão. Que divertido! Tinha que prestar atenção para reproduzir com exatidão a conversa quando escrevesse à Morgan.

— Sinto-me adulada, senhora - replicou.

— Agradeço-lhe que fique em Bath um tempo, lady Freyja - disse a marquesa. — Me dei conta de que não há muitos jovens de classe social adequada para fazer companhia a Hallmere.

— Sua gratidão é desnecessária – replicou. — Não vim a Bath para acompanhar ao marquês de Hallmere. Vim para fazer uma visita à minha amiga, a senhorita Holt— Barron.

A dama pôs-se a rir com dissimulação.

— Hallmere está desfrutando da companhia de minha querida Constance - lhe assegurou a marquesa. — Cresceu em Penhallow com seus primos depois da trágica morte de seus pais, que teve lugar quando era muito pequeno. Adorava-os, igual a eles a ele. De fato, seu tio e eu esquecíamos com frequência que não eram irmãos.

Essa vozinha queixosa estava lhe crispando os nervos. Tomara soltasse de uma vez e lhe mostrasse as garras.

— Mas agora se alegra de recordar que, de fato - comentou Freyja-, o marquês e lady Constance são só primos.

— É uma união que o defunto Hallmere e eu estivemos esperando desde que eram meninos – disse lady Hallmere com um suspiro emocionado. — Talvez parecesse um enlace pouco adequado quando meu filho continuava vivo, dado que o querido Joshua não possuía fortuna própria. Mas nossa avaliação por ele era tão grande e seu mútuo carinho tão forte, que não teríamos podido lhes negar nosso consentimento. Agora,

é obvio, não há tais impedimentos. Podem pôr um final feliz a sua já longa relação.

— Os finais felizes são os melhores finais - disse ela - sobre tudo quando se sofreu uma desnecessária separação durante anos e de repente se produz uma inesperada reunião. — Saudou com gestos de cabeça a uns quantos conhecidos.

— Vá, a separação! - exclamou a marquesa. — Era necessária.

Constance mal tinha dezoito anos, muito jovem para o matrimônio segundo seu pai, que tinha suas próprias ideias a respeito. Entretanto, era tal o ardor do querido Joshua que estar tão perto dela lhe era uma tortura insuportável. E por isso partiu em busca de fortuna, nos rompendo o coração.

— Que doloroso... Para todos, senhora - murmurou.

— Devastador. — A dama a olhou de soslaio com expressão receosa. —

Mas não para o coração de Constance... Sabia que Hallmere lhe seria fiel.

Sabia que não estaria longe eternamente. E agora sua paciência e o sentido de honra do Joshua vão ser recompensados, lady Freyja. Casará com minha filha e Penhallow continuará sendo meu lar e o lar de minhas outras filhas enquanto continuar solteiras.

— Sinto-me honradíssima - replicou Freyja - de que me confie um segredo tão íntimo.

— Tenho-o feito porque ontem me deu a impressão, lady Freyja - explicou sua interlocutora com uma expressão de desolada sinceridade, -

de que talvez estivesse em perigo de entregar seu coração ao Hallmere. E o moço tem a maliciosa tendência a paquerar com as damas. É tão bonito...

Como você sabe, que não pode evitar se fixar nos olhares de admiração que recebe lá aonde vai. Entretanto, seu coração é fiel e tem proprietária há muito tempo.

Freyja percebeu, afinal, o que estava se passando.

— Agora compreendo por que me afastou do grupo com a brilhante artimanha do corte de meu vestido. – disse — Estarei eternamente agradecida, senhora. Se alguma vez notar que me afrouxam os joelhos ante a magnífica imagem do marquês de Hallmere ou sofro palpitações porque me dá de presente um de seus encantadores sorrisos, recordarei que seu

coração pertence a outra mulher e que foi assim durante os cinco longos anos nos que sua amada crescia... Deixando atrás os tenros dezoito anos até alcançar os vinte e três, uma idade muitíssimo

mais adequada, recordarei que a trouxe até ele quando sem dúvida o marquês sofria pela angustiosa possibilidade de que continuasse sendo muito jovem para afastá-la das saias de sua mãe. É uma história muito romântica, em que você interpretou um papel de generosa devoção maternal. Como me ia ocorrer me entremeter em tão comovedor romance me afeiçoando com o cavalheiro em questão?

O braço da marquesa se esticou sob o seu. Sua voz soou um tanto desanimada quando voltou a falar.

— Dá-me a sensação de que se está rindo de mim, lady Freyja - disse.

— Seriamente? - perguntou ela — Que curioso!

— Simplesmente me senti na obrigação de lhe oferecer uma advertência amistosa - explicou — Eu não gostaria de vê-la com o coração quebrado.

— Sua amabilidade é entristecedora - lhe assegurou.

— Entendi que em certa idade - replicou lady Hallmere-, o coração se torna ainda mais vulnerável à decepção. Digamos... Aos vinte e cinco? Ou aos vinte e seis? Mas lhe sugiro que não se desespere, lady Freyja. Estou convencida de que o conde de Willett está mais que disposto a aceitá-la.

A fúria e a risada lutavam em seu interior. Ganhou a última.

Difícilmente podia se zangar com uma rival tão indigna dela.

— Caramba! De verdade acha, milady? — perguntou. — Seria um alívio para meus piores temores. Na minha idade devo-me sentir tremendamente agradecida de que alguém, embora seja desalentador, esteja disposta a me resgatar de meu celibato. Entretanto, milady, acredito que esgotamos o propósito desta

conversa. Deu de presente um sorriso lady Potford e lady Holt— Barron, que estavam juntas na mesa onde serviam a água —

Acredito que nos compreendemos à perfeição.

— Não acredito que me compreenda absolutamente, lady Freyja - a corrigiu a marquesa com secura. — Não permitirei que se interponha entre Hallmere e sua futura esposa. Pergunto-me o que diria o duque de Bewcastle do fato de que sua irmã abandone a decorosa companhia de um

grupo de cavaleiros formado por oito pessoas para galopar a sós com um cavalheiro de uma forma tão escandalosa.

Ah, a coisa melhorava! A dama por fim mostrava as garras.

— Imagino, milady – replicou - que não diria nada. Embora, sem dúvida alguma, faria um uso letal de seu monóculo, embora deixo a sua imaginação a decisão de se seu peso recairia sobre mim ou sobre a pessoa que divulgasse tão estúpida informação. Pode enviar qualquer carta a Sua Excelência a Lindsey Hall em Hampshire.

— Pergunto-me se Hallmere terá recordado mencionar - disse a marquesa retomando seu tom queixoso enquanto apoiava de novo todo o peso em seu braço - que tem um precioso bastardo que vive com sua mãe no povoado próximo a Penhallow. Era a preceptora das meninas até que esse desafortunado incidente obrigou a meu marido a despedi-la. Não parecem sofrer penalidades. Acho que Hallmere ainda os mantém.

A informação resultou surpreendente e bastante desagradável, admitiu Freyja em seu foro interno... Se acaso fosse certa. Sabia muito bem que seus irmãos eram homens muito passionais inclusive Wulfric, que levava anos mantendo à mesma amante em Londres. Mas também sabia, embora ninguém o tivesse mencionado em sua presença, que uma das regras fundamentais nas que tinham

crescido proibia qualquer avanço amoroso com as empregadas das propriedades ducais, de seus imóveis ou das aldeias próximas a estas. E com qualquer mulher que se negasse. Os Bedwyn tinham a terminante tradição de ser fiéis a seus cônjuges uma vez que se casassem.

— Bem, isso esgota o assunto - concluiu de forma cortante. — Renuncio a qualquer direito sobre o marquês, milady, apesar de meu coração quebrado. Não vejo com bons olhos que parte de sua fortuna se esbanje na manutenção de um bastardo e de sua mãe para que não morram de fome.

Lady Constance deve ser uma Santa se estiver disposta a passar por cima um esbanjamento tão inútil.

— Não considero apropriado para uma dama a falta de seriedade que você demonstra - a repreendeu a marquesa. — Supunha que uma dama de sua idade e de sua desafortunada aparência se esforçaria em demonstrar uma atitude elegante.

As garras tinham deixado uma ferida sanguinolenta em sua pessoa, percebeu Freyja com interesse, e a tinham dado por moribunda. Nem rastro havia, de momento, da fingida fragilidade e a doce disposição.

— Sinto-me devidamente morta de calor - assegurou à dama- e agora compreendo por que continuo solteira à idade de vinte e cinco anos. Juraria que é por meu nariz. Minha mãe deveria ter pensado duas vezes antes de dar uma filha a meu pai. Esse nariz confere a meus irmãos uma aparência distinta em meu rosto resulta horrível e estragou minhas esperanças de contrair matrimônio. Embora não porei-me a chorar aqui milady; não se preocupe com a possibilidade de que a converta no centro da atenção.

Esperarei até que esteja em meu quarto na residência de lady Holt
—

Barron. Trouxe seis lenços a Bath. Esse número deve ser suficiente.

Já tinham chegado junto ao marquês de Hallmere e lady Constance Moore quando terminou de falar.

A marquesa esboçou um alegre sorriso, ela mostrou seu sorriso felino, lady Constance não deixava entrever nada com sua expressão e o marquês arqueou as sobrancelhas.

— Lady Freyja Bedwyn e eu desfrutamos de uma conversa muito agradável - afirmou a marquesa - chegamos à conclusão de que vocês dois fazem um casal delicioso. Espero que tenham desfrutado de seu passeio.

— Assim é, tia - assegurou o marquês.

— E agora -continuou a mulher - pode nos acompanhar de volta ao hotel para tomar o café da manhã, Joshua. Irá ao baile desta noite nos Salões de festas, lady Freyja? Joshua insistiu em dançar a primeira dança com Constance.

— Entretanto - replicou Freyja com um suspiro, - eu espero com nervosismo não acabar sendo um solteirão.

A risada brilhava nos olhos do marquês.

— Irei em busca de minha avó, tia – disse. — Está com lady Holt—

Barron na mesa da água. Permite-me acompanhá-la até ali, lady Freyja?

Ofereceu-lhe o braço e ela o aceitou.

— Enfim, encanto - lhe disse quando estiveram fora do alcance do ouvido de sua tia - me deixe adivinhar... Fez uma advertência para se afastar de seu território.

— Sinto-me inclinada a jogar nele ou não - replicou. — E não sou um encanto.

— Fez mostra de uma tolerância admirável - a elogiou. — Estava esperando que em qualquer momento jogasse o braço para trás e lhe desse um murro.

— Nunca golpeei a uma dama – disse. — Seria injusto. Minha língua é uma arma muito mais efetiva com elas.

O marquês jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada convertendo-os no centro de muitos olhares que sem dúvida esperavam uma repetição da briga que tinham protagonizado uns dias atrás.

— Suponho - disse ele - que encurralou ao inimigo da maneira mais efetiva antes de expulsá-lo do campo de batalha com o rabo entre as pernas. É uma façanha considerável no que se refere a minha tia. Dançará comigo esta noite? Reservará-me a segunda dança?

— Que humilhação mais espantosa! - exclamou com altivez. — Só a segunda dança?

— Recorda - disse o marquês - que insisti em dançar a primeira peça com minha prima. De fato, roguei e supliquei, mas meu orgulho me impede de admitir isso a primeiras.

— E também rogará e suplicará pela segunda peça? - perguntou-lhe.

— Porei-me de joelhos agora mesmo se o deseja - respondeu ele com um sorriso.

— É tentador - disse ela. — Mas estas pessoas poderiam interpretar erroneamente o gesto e sua tia sofreria uma apoplexia. Dançarei a segunda dança com você. Ao menos me liberará da humilhação de me converter em um solteirão se ninguém me convidar a dançar a

primeira dança. Acabam de me informar de que uma dama de minha idade e meu aspecto deve esforçar-se para mostrar, quando menos, uma atitude delicada.

— Não! — Sorriu-lhe — Teria pagado uma fortuna por escutar sua réplica.

Então já tinham chegado junto à avó do marquês e lady Holt— Barron, de modo que lorde Hallmere se despediu com a reverência e levou a anciã pelo braço.

— Que amável foi a marquesa de Hallmere ao passear com você, lady Freyja - comentou lady Holt— Barron. — É uma dama muito doce, não é?

Que triste que sua saúde não pareça muito boa. Estou certa de que continua muito aflita pela morte de seu marido, pobre mulher.

Embora lhe tivesse recordado sua avançada idade e seu pouco aspecto bonito, Freyja se sentia muitíssimo mais alegre durante o trajeto de volta à casa do Circus que durante o caminho de ida à Sala da Fonte.

O estado de ânimo não durou. Havia uma carta de Morgan junto à xícara de café na sala de refeições matinais e como lady Holt— Barron também tinha várias e Charlotte tinha recebido uma bastante longa de seu prometido, rompeu o selo e se dispôs a lê-la na mesa.

Havia uma detalhada e engenhosa descrição de uma festa no povoado a que Morgan tinha podido ir acompanhada de Alleyne pois já tinha dezoito anos e seria apresentada em sociedade na primavera. E também havia uma detalhada dissertação sobre um livro de poesias do senhor Wordsworth e o senhor Coleridge que sua irmã tinha lido recentemente. Entre ambos os assuntos se encontrava um breve e sucinto parágrafo.

“Ontem à tarde chegou um mensageiro do Alvesley com uma missiva de Kit”, tinha escrito Morgan. “Wulf a leu em voz alta à hora do chá. A viscondessa de Ravensberg deu a luz a um varão ontem pela manhã. Tanto a mãe como o bebê estão bem.”

Nada mais. Nenhum detalhe. Nenhuma descrição da alegria que Kit devia ter expressado em sua missiva.

Nenhum comentário sobre o que Wulfric ou Alleyne haviam dito pelas boas novas. Nenhuma referência a seus próprios sentimentos. E isso porque Morgan sempre tinha adorado a Kit como se fosse seu herói porque a tratava maravilhosamente quando era pequena, já que contava com a dupla desvantagem que apresentavam a enorme diferença de idade que a separava do resto de seus companheiros de jogo e o fato de ser a única menina além dela mesma.

— Más notícias, Freyja? - perguntou Charlotte de repente, muito preocupada.

— O que? — Levantou a vista e a olhou sem deixar transparecer nada.

— Não, não! Muito pelo contrário. Todos estão bem em casa. Como está

seu Frederick?

Um filho. Kit tinha um filho. Com a muito perfeita e aborrecidíssima Lauren Edgeworth com quem se casara. A viscondessa era perfeita até o último detalhe, conforme parecia. Tinha-lhe dado um varão em menos de um ano de matrimônio. E assim Alvesley e o condado de Redfield tinham herdeiros para duas gerações mais.

Freyja plantou um sorriso em seu rosto e tentou prestar atenção ao que dizia a carta de Charlotte, que sua amiga estava lendo em voz alta.

Graças a Deus, pensou... Graças a Deus que não estava em Lindsey Hall nesses momentos. Alleyne e Morgan evitariam mencionar o assunto diante dela e a vizinhança seria um viveiro de conversações sobre a boa notícia.

Ela se sentiria obrigada a visitar Alvesley com os outros e ambas as famílias se sentiriam espantosamente desconfortáveis. O fato de ter estado a ponto de se converter na viscondessa de Ravensberg, primeiro como noiva de Jerome e depois como a de Kit, teria estado presente em qualquer silêncio que se produzira durante a conversa. Em consequência, todos se teriam arrojado a conversar animadamente sobre qualquer assunto que lhes ocorresse, por estúpido que fosse. Teria se visto obrigada a sorrir com elegância à viscondessa. Teria tido que felicitar a Kit. Teria tido que contemplar ao bebê com adoração.

Graças a Deus que estava em Bath.

Inventou-se uma desculpa para não ir às compras com Charlotte e sua mãe. Devia escrever algumas cartas, explicou-lhes. Entretanto, fez algo que raras vezes fazia. Deixou-se cair de bruços na cama e meditou.

Detestava o que tinha acontecido, e o que não tinha acontecido, em sua vida. Quem ia dizer em sua juventude que acabaria daquela maneira?

Solteira, sem compromisso e com o coração partido.

Apertou os dentes e afundou os punhos no colchão.

Se o conde de Willett aparecesse nesse preciso instante na porta de lady Holt— Barron e lhe propusesse matrimônio, provavelmente se jogaria em seus braços e o afogaria com suas lágrimas de agradecimento, pensou.

A ideia conjurou uma imagem espantosa.

Por favor, Senhor, que não ocorra fazer algo tão estúpido a esse homem, pensou.

Seria muitíssimo melhor ir ao baile dessa noite e paquerar de forma desavergonhada com o marquês de Hallmere. Era um oponente muito mais digno e o encontro não lhe conduziria a consequências tão desastrosas nem duradouras. Valeria a pena fazê-lo embora só fosse por ver a marquesa jogando fumaça pelas orelhas e pelo nariz.

Rodou até ficar de costas e cravou a vista no dossel de seda vincada enquanto recordava a cena do parque, quando lhe deu o murro no nariz e lhe deu a reprimenda; além da cena que protagonizaram na manhã seguinte na Sala da Fonte, quando o marquês se vingou com acréscimo.

Rememorou o jantar oferecido por sua avó e a disputa verbal que mantiveram. Repassou a corrida que ganhou sem armadilha nem cartão e o abraço que compartilharam depois. E ao final se demorou em seu primeiro encontro, no quarto da estalagem convocada a meio caminho de Bath. E

soltou um risinho que não demorou a se converter em uma gargalhada.

Era vergonhoso que tivesse estado adoecendo por Kit Butler durante três longos anos depois de um breve e apaixonado verão, e que tivesse sido incapaz de se esquecer dele com o passar do ano transcorrido desde que a rejeitara e se casara com Lauren Edgeworth. E era espantoso que sua família conhecesse seus sentimentos até o ponto de que Morgan houvesse sentido obrigada a lhe dar a notícia em um parágrafo tão curto que, se tivesse piscado, o teria saltado.

Levantaria o ânimo, decidiu, e sairia para dar um passeio revitalizante.

E essa noite dançaria até destroçar os pés.

Meditar não era uma atividade satisfatória absolutamente.

Joshua tinha desfrutado dos poucos minutos que tinha passado a sós com Constance na Sala da Fonte.

Sua prima jamais tinha sido uma moça especialmente vivaz nem bonita.

Jamais a tinha achado atraente.

Mas sempre tinha sido muito sensata e tinha bom coração. O carinho que lhe tinha dedicado continuava presente nesse momento. Eram primos.

Seus pais tinham sido irmãos.

Constance tinha respondido a todas suas perguntas a respeito de suas irmãs. Chastity, muito mais formosa e vivaz que ela, tinha vinte anos, mas nenhum pretendente. Prudence (Prue) tinha dezoito. Estava bem,

assegurou-lhe sua prima, bastante bem. Tinha florescido sob a tutela de sua preceptora, a senhorita Palmer, e tinha feito bons amigos no povoado. Era feliz. Mas quando não o tinha sido? Ninguém possuía uma natureza mais alegre que a de Prue.

Constance se tinha mostrado relutante a falar sobre ela mesma até que ele decidiu se justificar e trouxe à luz o assunto das aspirações de sua mãe e o plano que tinha forjado. Foi então quando admitiu que tinha um pretendente, alguém de todo inapropriado, a quem sua mãe despediria se estivesse em sua mão fazê-lo.

— Despedir? - perguntou-lhe — Um dos criados, Constance?

— O senhor Saunders. — Sua prima se ruborizou depois de responder.

Jim Saunders era o administrador a quem tinha entrevistado em Londres e a quem tinha contratado e enviado a Penhallow. O único empregado que certamente escapava à autoridade de sua tia.

— É um cavalheiro - disse a Constance.

— E eu a filha de um marquês - respondeu ela então com amargura.
—

Mas o amo com loucura. Não me casarei com você, Joshua, embora nunca possa me casar com ele. Não deve temer que me alie com mamãe para tentar convencê-lo. E inclusive se convencê-lo para que me proponha matrimônio, recusarei.

— Não o farei - lhe assegurou. — É minha prima e portanto lhe tenho carinho. Mas não a escolheria como esposa.

— Obrigada - replicou sua prima antes de olhá-lo e tornar a rir. A risada lhe sentava muito bem, conforme comprovou naquele momento.

Entretanto, contou-lhe algo muito diferente enquanto a conduzia à pista de baile dos Salões de festas nessa noite para a primeira contradança.

Estava muito agitada, embora não falasse até encontrar-se bem longe de sua mãe.

A concorrência não era muito numerosa, e a maioria eram anciões.

Entretanto, James King, o mestre de cerimônias, fazia seu trabalho admiravelmente bem e tinha insistido a todos os presentes que não se encontravam em cadeira de rodas a saírem para a pista de baile.

Sua tia não dançava, é obvio, já que ainda vestia luto. Mas lady Freyja Bedwyn o fazia.

Estava magnífica embelezada com um vestido de cor marfim coberto por

uma sobreveste de rede dourada. Recolheu o cabelo em um elaborado coque seguro com pentes de prender cabelos de ouro e pedras preciosas.

Não obstante, não podia passar por cima o fato de que algo tinha privado a Constance de sua habitual serenidade.

— Joshua - disse esta com evidente apreço nos poucos instantes de intimidade que precederam à contradança, - devo acautelá-lo.

— O que acontece? - perguntou-lhe, inclinando a cabeça para ela.

— Mamãe está decidida - respondeu sua prima.

Ofereceu-lhe um sorriso.

— A venceremos - lhe assegurou. — Não se preocupe. Vou embora de Bath amanhã pela manhã.

A orquestra, convocada no estrado, começou a tocar antes que pudessem dizer nada mais e, por uns instantes, os intrincados e vigorosos passos da dança impediram qualquer conversa já que tiveram que girar com o casal que tinham ao lado.

— Amanhã será muito tarde - resmungou Constance assim que pôde.

— Sorria - lhe disse enquanto esboçava um sorriso. — Sua mãe nos vigia.

Constance sorriu. Bateram Palmas com o resto quando o último casal da fila passou entre eles, mas se encontravam muito

afastados para conversar em particular. Depois, os intrincados passos começaram de novo.

— Vai se assegurar de que dancemos quase todas as danças juntos
-

explicou ela sem fôlego quando voltaram a aproximar-se de novo. —
E vai mencionar nossa relação a qualquer um que a escute.
Inclusive espera que nosso compromisso se anuncie esta noite.

— Ridículo! - exclamou ele. — Nem sequer sua mãe pode nos
obrigar a nos comprometer, Constance.

Ela se afastou, puxada pelo braço do cavalheiro que tinha ao lado.

Joshua dirigiu seu sorriso mais encantador ao casal em frente e
girou com ela. Teve a impressão de que passava uma eternidade
até que conseguiram um pouco de intimidade para seguir
conversando.

— Sim, pode! - exclamou sua prima com azedume quando não se
separaram. — É minha mãe, Joshua. Jogou-me um sermão sobre
meu dever

para ela, para Chastity... E, sobre tudo, para a Prue. Disse-me que
se casaria comigo se eu aceitasse. É certo?

— Maldita seja, Constance! – exclamou. — É obvio que não.

Retomaram suas posições na fila e voltaram a bater palmas quando
outro casal, Willett e lady Freyja, passou entre eles.

Sua tia tinha usado as palavras que pronunciara no Cervo Branco, é
obvio. Ela mesma se tinha convencido de que se renderia a seus
desejos se Constance o fizesse. E a pobre Constance era sua filha
e devia viver com ela durante o resto de sua vida. Como ia enfrentar
a sua mãe se lhe custava a mesma vida?

Retorceria o pescoço em nome dos dois. Isso resolveria o assunto de uma vez por todas.

Esperava anunciar seu compromisso essa noite, pelo amor de Deus!

— Joshua - disse Constance assim que voltaram a reunir-se, - faça algo.

Mantenha-se firme. Temo muito que eu não seja capaz. E se conseguir que dancemos juntos toda a noite ou me faz admitir em público que te tenho carinho ou um pouco parecido, sentira-se obrigado... E eu morrerei!

Joshua torceu o rosto.

— Já me ocorrerá algo - a tranquilizou. — Enquanto isso, prometi a dança seguinte a outra, menos mal.

— Graças a Deus! - exclamou sua prima com imenso alívio.

Deveria fugir enquanto pudesse, pensou. Sua tia não poderia obrigá-lo a comprometer-se com Constance se não se encontrasse ali. Mas, maldita fosse sua imagem, ia fugir de uma mulher cruel e manipuladora tão miúda que a podia levar uma rajada de ar?

Era muito tentador, admitiu. Mas primeiro devia dançar com lady Freyja Bedwyn.

— A seguinte peça é uma valsa - informou sua tia depois de que deixasse a Constance a seu lado.

Olhou-os com um sorriso radiante enquanto falava em voz bastante alta, incluindo dessa maneira na conversa a todas as pessoas que estavam a seu redor. — Constance conhece os passos, Joshua, e estou segura de que você também. Dancem juntos, é evidente que o estão desejando. Fazem um

casal tão estupendo, e dada a feliz circunstância de seu recente encontro, estou convencida de que ninguém porá objeções a que dancem duas peças seguidas.

Que Deus tivesse piedade dele, pensou Joshua. Sua prima não tinha exagerado um ápice.

— Sinto-o muito, Constance, tia... - desculpou-se com uma reverência -

mas já pedi lady Freyja Bedwyn que seja meu par para a seguinte dança.

Uma valsa. Que interessante. Seu olhar atravessou o salão em direção à aludida. Essa noite estava muito atraente. De fato, tinha uma aparência régia, ou ao menos aparentava ser a filha de um duque dos pés à cabeça.

Com o queixo no alto, aguardava junto à senhorita Holt— Barron enquanto abanava o rosto muito devagar.

— Que amável de sua parte, Joshua - replicou sua tia com voz desanimada. Baixou a voz até deixá-la reduzida a um melodramático sussurro — É mais feia que Picio.

Instantes depois Joshua fazia uma reverência antes de a conduzir à pista do baile, onde já se reuniam os restantes casais.

— Alegrou-me ver que não foi um solteirão durante a primeira peça - lhe disse.

— A mim também - replicou ela. — Se não fosse assim, teria retornado a casa para me dar um tiro.

Isso lhe arrancou uma gargalhada enquanto lhe colocava a mão na cintura e ela a punha no ombro.

Aferrou-lhe a outra mão. Salvo quando estava com ela, estava acostumado a esquecer quão baixa era.

Embora fosse uma mulher de curvas voluptuosas.

— Que ardiloso de minha parte, encanto - lhe disse, - ter escolhido uma valsa.

— Só espero que saiba dançar bem - replicou ela. — Não tem nem ideia do perigo ao que nos expomos as mulheres durante esta dança em particular quando nossos escarpines estão tão perto dos sapatos de baile de nossos pares. E não sou um encanto.

A orquestra começou a tocar e por um instante se esqueceu de tudo salvo do prazer de girar com ela seguindo os alegres compassos da valsa. Ia lamentar não voltar a vê-la depois dessa noite, não voltar a encetar-se em uma batalha intelectual. Não voltar a beijá-la.

Ela o olhou e ergueu as sobrancelhas.

— Ainda tenho os pés intactos - comentou.

— Se fizer algo tão torpe e pouco cavalheiresco - lhe disse - permitirei que me estampe um punho no rosto sem fazer o menor esforço por me defender.

Ela pôs-se a rir.

— Como vai a corte? - perguntou-lhe. — Sua tia parece muito agradada com ela mesma esta noite.

O comentário lhe fez torcer o rosto.

— A armadilha do matrimônio está pronta para fechar-se sobre nós
—

disse. — Segundo Constance, isto lhe faz tanta graça como a mim, minha tia está decidida a nos jogar nos braços um do outro com tanta frequência que não teremos mais remédio que anunciar nosso compromisso em nome do decoro. Acredito conveniente acrescentar que a dama sempre se saiu com a sua.

— Tolices! - exclamou ela — Encontrei uma rival indigna quando falei com ela esta manhã.

— Talvez Connie e eu devamos deixar isso a você, encanto – replicou.

— Suponho que não gostará de formalizar um compromisso de farsa durante alguns dias, não é verdade?

Sorriu-lhe.

Ela o olhou com os olhos exagerados e uma expressão aniquilada no rosto. Suas sobrelanceiras se arquearam com altivez. Joshua esperou a que sua língua viperina o destroçasse.

— Para falar a verdade - começou ela - seria muito divertido, não lhe parece?

Ainda continuavam dançando, descobriu Joshua com certa surpresa.



CAPÍTULO 8

Estava louco.

E ela estava louca.

Sorriram-se como um par de idiotas exímios.

Era uma ideia descabelada a mais não poder. Não podia ter falado a sério. Embora a oportunidade de se ressarcir dos insultos que lhe tinha arrojado essa manhã na Sala da Fonte lhe fosse muito irresistível.

Além disso, tinha estado todo o dia deprimida por causa da repugnante carta; ou melhor, por causa dessa punhalada do curto parágrafo da carta. E

a proposta de lorde Hallmere parecia um mar de diversão.

Um compromisso de farsa! Exatamente o mesmo que fez Kit no ano anterior, recordou-lhe uma vozinha. Desprezou a ideia com firmeza. Estava até o pescoço de Kit Butler, visconde de Ravensberg.

Sempre tinha sido impulsiva. Todas essas preceptoras que tinha atormentado se tornaram loucas tentando lhe explicar que se incomodasse em pensar antes de lançar-se a fazer o primeiro que lhe passasse pela cabeça, não se meteria em tantos problemas. Adorava meter-se em problemas.

De repente, sentiu-se invadida por uma felicidade irracional e de todo improcedente.

— É claro - respondeu ao marquês — Vamos fazer. Esta noite. Agora mesmo. Podemos romper o compromisso amanhã. De qualquer modo é o que todos esperarão que façamos.

Sempre lhe tinha encantado dançar a valsa, uma dança energética e ligeiramente escandalosa. E tinha estado desfrutando lindamente disso em concreto. Embora estivesse encantada de deter-se antes

que a música tocasse seu fim. O marquês esperou até que estivessem perto da porta de acesso ao salão de chá, a qual transpuseram sem deixar de dançar.

Separaram-se quando chegaram na sala contigua. Ele a puxou pelo cotovelo e juntos empreenderam a busca do mestre de cerimônias, que se tinha ausentado do salão de baile.

O senhor King estava no salão de chá e ia de mesa em mesa, conversando com seus ocupantes. Sorriu-lhes cordialmente enquanto esfregava as mãos.

— Milorde - saudou o marquês. — Estou encantado de que você e lady Freyja Bedwyn honrem nossos salões com sua presença. E não me esqueci da marquesa, sua tia, nem de sua filha, é obvio. Uma mesa para dois?

— Não, obrigado - respondeu o aludido com um sorriso afável. — Seria amável de realizar um anúncio quando a valsa chegar a seu fim? Eu adoraria que todos meus amigos e todas as pessoas que conheci aqui compartilhassem de minha alegria. Lady Freyja Bedwyn acaba de me fazer o mais feliz dos homens ao aceitar minha proposta de casamento.

A surpresa deixou ao senhor King sem fala durante um momento. Mas não demorou muito em recuperar-se e ficar à vontade, todo alegre.

Esboçou um sorriso satisfeito.

— Será um enorme prazer, milorde - afirmou ao mesmo tempo em que tomava uma das mãos de lorde Hallmere e o felicitava efusivamente.

Dedicou-lhe uma reverência formal. — Milady. Não tenho palavras para expressar como me sinto honrado e agradado por esta deferência.

Separaram-se dele enquanto o mestre de cerimônias insistia a todos os presentes para que fossem ao salão de baile uma vez que finalizasse a valsa se desejavam escutar uma boa nova.

— Encanto, acaba de me salvar de uma situação difícil - murmurou o marquês enquanto a levava de volta ao salão de baile. Talvez algum dia encontre o modo de lhe devolver o favor.

— Não tenha dúvida - replicou ela. — Embora acredite que de momento me contentarei vendo a cara de sua tia. Não perderia isso por nada do mundo.

A valsa estava chegando a seu fim. O marquês lhe ofereceu o braço e a levou até o lugar onde se sentava lady Holt— Barron. Lorde Hallmere se despediu delas com uma reverência formal para retornar junto a seu grupo.

Não obstante, seus olhos tinham um olhar muito alegre, percebeu Freyja

enquanto abanava o rosto para refrescar-se.

Compôs sua acostumada expressão altiva. No que se colocou dessa vez?

Wulf a congelaria com um só olhar se chegasse a inteirar-se. A que hora conseguiriam pôr fim à farsa ao dia seguinte?

De qualquer modo, não podia negar a alegria que a embargava. Isso era precisamente o que necessitava para esquecer suas dores.

Os convidados procedentes do salão de chá e do salão de cartas começaram a chegar. Sua curiosidade ficava patente nos murmúrios que começaram a encher o lugar e não demoraram a contagiar seu estado de ânimo a todos os presentes. A alta sociedade de Bath adorava as notícias e as fofocas; claro que acontecia o mesmo em qualquer círculo social.

Entretanto, raras vezes acontecia algo que alegrasse seus espíritos e animasse suas conversações. O senhor King não precisou chamar a atenção dos presentes com umas palmadas enquanto subia ao estrado onde estava a orquestra, embora de qualquer modo o fez.

A marquesa de Hallmere, comprovou Freyja, com o aspecto frágil e doentio que lhe conferia o luto, sorria com elegância segura pelo braço de seu sobrinho por um lado e do de sua filha pelo outro. Não cabia dúvida de que acreditava ter tudo sob controle.

Lady Constance parecia tensa e desventurada. O marquês trazia uma expressão indiferente, embora quando seus olhares se cruzaram lhe fez essa lenta piscada tão característica nele.

— Me concederam a honra e o privilégio de fazê-los partícipes de uma importante e ditosa notícia – dizia o senhor King a sua entregue audiência.

— Um compromisso matrimonial entre dois dos membros mais ilustres não só da alta sociedade de Bath, mas também da aristocracia inglesa. Um enlace divino em todos os sentidos.

Freyja agitou o leque com mais ímpeto. A marquesa se desentendeu do assunto e se virou para sua filha, já que ao que parecia tinha decidido que o anúncio não tinha nada que ver com seus interesses.

— O marquês de Hallmere me pediu que lhes anuncie - prosseguiu o mestre de cerimônias, oferecendo à assistência um sorriso orgulhoso e feliz

- seu compromisso com lady Freyja Bedwyn, quem, como todos vocês sabem, é a irmã do duque de Bewcastle.

A marquesa virou a cabeça com um gesto brusco e olhou a seu sobrinho com os olhos como pratos.

Lady Constance também o olhou, mas com uma expressão de radiante felicidade.

E imediatamente Freyja foi consciente dos murmúrios que começavam a se elevar a seu redor e das exclamações de surpresa e contentamento procedentes de lady Holt— Barron e de Charlotte. Foi consciente de que o marquês de Hallmere atravessava o salão para ela e de que esboçava um sorriso encantador ao mesmo tempo em que lhe estendia o braço. Ela avançou por sua vez e se encontraram ali onde os convidados lhes tinham feito um espaço na pista de baile. Ele a pegou pela mão e lhe fez uma elegante e cortês reverência antes de levá-la aos lábios.

Um suspiro de prazer se ergueu entre a assistência antes que todos explodissem em aplausos.

Foi horrivelmente melodramático.

E alarmantemente real.

Freyja conteve o aterrador impulso de jogar a cabeça para trás e prorromper em gargalhadas e se contentou sorrindo.

O marquês ergueu a cabeça e, sem lhe soltar a mão, olhou-a com o sorriso. Depois dessa expressão encantadora e radiante, seus olhos lhe diziam que estava morto de risada.

— Acabamos de nos colocar em uma boa confusão, encanto -
murmurou.

Essas foram as últimas palavras que puderam trocar em privado durante um bom momento. Um sem-fim de pessoas, praticamente a totalidade dos assistentes, desejava aproximar-se deles para saudá-los com um apertão de mãos ou uma reverência e lhes dar parabéns. Alguns inclusive se atreveram a comentar que tinham estado esperando esse desenlace desde sua briga na Sala da

Fonte. Lady Holt— Barron enxugava as lágrimas com seu lençinho sem deixar de sorrir. Charlotte a abraçou com força e lhe sussurrou que nunca tinha sido tão feliz, salvo o dia que anunciaram seu próprio compromisso. O conde de Willett parecia estar muito chateado. Lady Potford a beijou na face antes de virar-se para seu neto e lhe dar batidinhas no braço com o leque enquanto o acusava de ser

um descarado por lhe haver oculto uma notícia tão deliciosa. A senhora Lumbard não parava de fazer dramalhões e de lhes recordar (não só a eles, mas também a todo aquele que estivesse bastante perto para escutar) que seriam vizinhos uma vez que o marquês e a flamejante marquesa estabelecessem sua residência em Penhallow.

O senhor King deu umas palmadas para pedir silêncio depois de uns dez minutos de alvoroço e felicitações, e anunciou que o programa musical da noite sofreria uma ligeira mudança com o fim de incluir outra valsa curta que dançaria a sós o recém comprometido casal. Uma vez que o salão de baile ficou limpo e parte dos convidados se retirou ao salão de jogos e ao de chá, os presentes se dispuseram a observá-los enquanto dançavam.

O momento foi especialmente ridículo... E vergonhosamente emocionante.

— Quando rompermos amanhã o compromisso será ainda pior - comentou ao marquês enquanto a valsa chegava a seu fim.

— Caramba, encanto! Não o faremos amanhã - informou ele — Se não se importar, continuaremos comprometidos até que minha tia volte para casa. Estou certo de que não ficará mais de alguns dias agora que lhe desbaratamos os planos. Voltará para casa toda indignada.

— Assim que parta - aceitou - anunciaremos a ruptura — Para falar a verdade, não lhe importava prolongar a divertida farsa alguns dias mais.

— Nada de “anunciaremos” - a corrigiu o marquês — Será você quem rompa. Um cavalheiro jamais faria algo assim.

— Maravilhoso! - exclamou, contrariada — Pois teria bem merecido se me esquecesse de fazê-lo e se visse forçado a casar-se comigo.

— Melhor você que Constance, querida - replicou.

— Essas ardentes palavras dos devotos lábios de meu noivo serão minhas companheiras de travesseiro esta noite - disse.

Lorde Hallmere sorriu e depois correspondeu aos discretos aplausos dos espectadores com um sorriso mais apropriado.

— Que tal lhe parece que escutemos o que minha tia tem que dizer a respeito? - sugeriu ele.

— É claro - respondeu, aceitando o braço que lhe tinha oferecido.
Não

Lhe tinha escapado o detalhe de que a marquesa tinha sido uma dos poucos convidados que não se aproximara para felicitá-los antes da valsa.

A essa altura a dama se recuperara do que devia ter sido uma desagradável surpresa. Seu aspecto era frágil, doce e parecia ter minguado em tamanho. Uma interpretação magistral, decidiu Freyja enquanto tomava as mãos que lhe oferecia e aceitava um excessivo apertão ao que correspondeu apertando com mais força. A marquesa beijou o ar junto a suas faces antes de sorrir com afeto e elegância.

— Que surpresa mais deliciosa, lady Freyja - afirmou em voz bastante alta, em benefício de todos aqueles que os rodeavam. — Não me ocorre nenhuma outra pessoa a que pudesse receber com mais alegria no seio da família. Sempre tratei a meu querido Joshua como se fosse um filho, sabe? -

Seus olhos voltavam a atravessá-la como duas adagas.

— Obrigada, senhora – replicou. — Sabia que se alegraria muito por nós.

— E meu querido Joshua - prosseguiu a marquesa, mudando tanto sua atenção como suas mãos para seu sobrinho. — Grande surpresa... Olhe que não confiar nem em sua avó nem em sua tia...

— Armei-me de coragem durante a valsa para me declarar lady Freyja, tia – explicou, - e me deu o sim. Era tal nossa felicidade que quisemos compartilhar nossa sorte sem mais demora. Acreditei que tanto você como minha avó apreciariam uma surpresa tão feliz.

O sorriso da marquesa não fraquejou.

— É obvio, querido - replicou.

O senhor Darwin escolheu esse momento para fazer uma reverência a Freyja e convidá-la a dançar a seguinte peça, uma contradança. Depois de tudo, compreendeu de repente, o baile acabava de começar e a orquestra só havia tocado duas peças. Ainda tinham toda a noite por diante. Esboçou um sorriso enquanto aceitava o braço do cavalheiro e recordava sua promessa de levantar seu ânimo paquerando com o marquês de Hallmere.

Enfim, fazia algo mais que paquerar com ele. Acabavam de formalizar um noivado de farsa. Por pura diversão.

Descobriu que esperava a chegada nos próximos dias com um entusiasmo que não recordava ter experimentado em muitíssimo

tempo.

Ao menos a ajudaria a tirar da cabeça as notícias de Alvesley e do filho de Kit e, por fim, esqueceria-se do lamentável estado de sua própria vida.

Joshua caminhava em direção à residência de lady Holt— Barron, situada no Circus, na manhã posterior ao baile. Tinha decidido evitar a Sala da Fonte, sobre tudo porque sua avó tinha expressada sua intenção de ficar em casa ao ter retornado tão tarde na noite anterior. Entretanto, não tinha conseguido evitar o assunto que o tinha mantido em claro grande parte da noite, dividido entre o terror mais absoluto e a risada mais estrondosa.

Sua tia se apresentou de improviso com Constance para tomar o café da manhã em casa de sua avó, e tinha apoiado com grande entusiasmo a ideia de sua avó de celebrar uma grande festa de compromisso ao cabo de uma semana.

— Não sabe como me faz feliz, Joshua - havia dito sua tia, - que por fim se tenha decidido a assentar a cabeça. Embora suponho que, agora que acabou a guerra, quererá viajar durante alguns anos pelo continente com sua noiva depois das bodas.

— Soube que lady Freyja era a mulher adequada para você no preciso momento que lhe pus os olhos em cima - lhe tinha assegurado sua avó antes de tornar a rir. — Bom, quase no preciso momento no que lhe pus os olhos em cima. Não acredito que se aborreça nem um instante a seu lado, Joshua.

Constance tinha engenhado para lhe dizer em privado:

— Obrigada, Joshua O arrumou tudo rapidamente! Mas esperava que não pedisse em matrimônio lady Freyja só para desbaratar os planos de mamãe. Seria muito injusto, não lhe parece? Eu não acredito que seja feia.

Acredito que é muito elegante e atraente. Embora isso não impede que possa acabar ferindo seus sentimentos.

— Lady Freyja e eu nos entendemos à perfeição - assegurou a sua prima. — Ambos sabemos como desfrutar de uma brincadeira.

— Caramba! - exclamou Constance. — Então não é um compromisso verdadeiro... Já temia isso. E o sinto muito, Joshua. Compartilho a opinião de sua avó de que é perfeita para você. Portanto, sua tia tinha pensado ficar em Bath uma semana mais, meditava com pesar enquanto subia a inclinada costa de Gay Street. Não tinha previsto uma estadia tão longa. E tampouco

tinha previsto que sua avó se empenhasse em celebrar uma festa tão grandiosa. O assunto do compromisso bem poderia acabar sendo um grande problema; embora um problema divertido, admitiu. Isso havia dito ela, não?

Bateu na porta assim que chegou à casa e uma sorridente governanta, por cuja expressão deduziu que já se inteirara das notícias (haveria alguém em Bath que não soubesse?), o fez ele entrar sem demora a uma salinha onde as damas estavam reunidas. Tanto a mãe como a filha pareciam ter retornado pouco antes de alguma visita.

Lady Holt— Barron sorriu de orelha a orelha e sua filha esboçou um sorriso. Sua noiva o olhou com patente receio.

— Vim convidar lady Freyja a dar um passeio - disse uma vez que trocaram as saudações de rigor.

Ela ficou em pé depois de dobrar a carta que devia ter estado escrevendo, sentada à escrivaninha.

— Necessito de um pouco de ar fresco - admitiu.

— E hoje, lady Freyja - interveio lady Holt— Barron sem abandonar o sorriso - não necessita de nenhuma acompanhante enquanto passeia com seu noivo.

Instantes depois caminhavam por Gay Street, sem se tocar sequer. Ela tinha rejeitado seu braço.

— Estava escrevendo a sua família? -perguntou-lhe. — Comunicando as boas novas?

— Nem pensar - respondeu ela. — Estava escrevendo a minha irmã, como faço quase todos os dias. Estava-lhe contando coisas do baile; bom, parte do que aconteceu ao menos.

— Mas omitiu o insignificante detalhe do anúncio de seu compromisso, sem dúvida - replicou com um sorriso. Parecia mal-humorada essa manhã.

— Exato – replicou. — Não precisam sabê-lo. Dentro de alguns dias poderemos pôr fim a esta tolice. Sua tia partirá da cidade, espero que muito contrariada, e depois disporei que se faça um anúncio ou podemos arrumá-lo de modo que você parta também e eu retorne a casa em pouco tempo.

Desse modo não teríamos que dar maiores explicações.

— De verdade acha que será assim tão fácil, encanto? - perguntou-lhe depois de rir entre dentes.

Tinham chegado ao pé da colina e entraram no serpenteado caminho que levava para a Abadia e o rio que corria atrás dela. O sol brilhava, mas corria uma brisa fresca.

— É obvio - respondeu ela com enérgica convicção.

— Minha avó está organizando uma grandiosa festa de compromisso para a semana que vem – lhe disse.

Ela fez uma careta.

— Nesse caso, teremos que partir de Bath antes - concluiu.

— Seria injusto - assinalou ao mesmo tempo em que levava a mão à aba do chapéu para saudar o casal com o qual acabavam de cruzar. — Os convites serão enviados hoje mesmo.

— Maldição - replicou lady Freyja.

Joshua soltou uma gargalhada. Jamais tinha escutado uma dama pronunciar semelhante expressão.

Perguntou-se se teria outras pérolas do estilo em seu vocabulário e supôs que sim, que seria muito provável.

— E minha tia decidiu ficar para ir à festa - prosseguiu.

Ela se deteve imediatamente e lhe lançou um olhar desanimado como se ele fosse o culpado. Coisa que, até certo ponto, era verdade.

— Maldição! – exclamou. — Parece que se está divertindo lindamente com tudo isto.

— Não deixo de recordar - replicou enquanto reatavam o passo - que ontem à noite as coisas estavam muito negras e que minha tia bem teria podido anunciar meu compromisso com Constance sem sequer pestanejar.

Prefiro muito estar comprometido com você.

— Sinto-me aflita - disse ela com altivez.

— Porque poderei te descartar dentro de uma semana ou algo assim -

concluiu.

— Como se fosse um casaco velho - resmungou sua noiva.

— A menos que prefira que cumpra minha palavra, é obvio -
prosseguiu ele - e me obrigue a me casar com você.

— Deus não o queira.

— Tão aborrecível fingir um compromisso e certo amor por minha pessoa durante uma semana? - quis saber. — Um compromisso que culminará com uma grandiosa festa a qual retornarão o bom senso e a liberdade. Ontem à noite foi da opinião de que seria muito divertido.

— Ontem à noite não pensava com clareza - replicou. Olhou-o com expressão pensativa enquanto chegavam ao rio e dobravam por tácito acordo em direção à Ponte de Pulteney — Entretanto, a vida em Bath é mortalmente aborrecida em circunstâncias normais.

— Certo - reconheceu Joshua. — Nesse caso estamos de acordo em que vamos tirar proveito das incomuns circunstâncias que nos dão de presente na próxima semana?

Ela esboçou um lento sorriso e em seus olhos voltou a aparecer o mesmo brilho ligeiramente imprudente que os iluminou a noite anterior quando lhe perguntou em brincadeira se gostaria de ajudá-lo a fingir um compromisso.

— Já que parece que não resta outra coisa que suportar a semana —

respondeu, - suponho que deveríamos desfrutá-la. Aonde vamos?

— Aos jardins de Sydney? — sugeriu. — Estão um pouco longe para ir caminhando, mas conforme acredito recordar, a distância não é um impedimento para você. Talvez inclusive me encontre com outra

criada acoossada por um esquilo e possa impressionar a minha noiva com seu resgate.

— Não, não gosto de ir aos jardins. A Beechen Cliff - sugeriu ela por sua vez.

— Disseram que a subida é um pouco árdua, mas que a vista de cima é espetacular. Eu gostaria de ir.

— Bem - aceitou.

Ao menos, não se aborreceria essa semana enquanto cortejava lady Freyja Bedwyn. Essa manhã tinha considerado a ideia de partir da cidade.

Nesse momento não se arrependia o mínimo de ter tomado a decisão de passar mais tempo em sua companhia. Era muito divertido estar com ela; e seu atrativo aumentava por momentos.

Freyja não jogava limpo. Tinha feito ao marquês de Hallmere um imenso favor e pensava cobrar.

Era certo que ainda tinham que suportar o passeio matutino pela Sala da Fonte quase todos os dias e algum ou outro concerto ou noite de cartas à noite. Embora tampouco lhe importasse muito. Ao menos os passeios de rigor pela Sala da Fonte faziam que todo mundo se levantasse cedo, e não o fazia náusea à boa música, às interpretações teatrais nem às partidas de cartas. Era o resto do dia o que se o fazia insuportavelmente aborrecido.

Embora isso tivesse mudado.

Arrastava ao marquês com ela todos os dias para sair a passear ou a cavalgar. O primeiro dia se esganiçaram gritando do mais alto de Beechen Cliff. Outro dia subiram Beacon Hill e atravessaram a campina até o povoado de Charlcombe. Uma tarde caminharam até Weston. Foram a cavalo até Lansdown Hill e Claverton Down. Outro

dia no qual a chuva se negava a dar trégua, insistiu em cavalgar até o povoado Keynsham, a meio caminho de Bristol. Não demorou para descobrir que ter um noivo era tão bom como ter a um de seus irmãos em Bath, já que lady Holt— Barron não parecia encontrar falta alguma em suas frequentes excursões a sós.

Embora se fosse sincera com ela mesma, devia admitir que desfrutava da companhia do marquês muito mais que a de seus irmãos. E estava convencida de que o sentimento era mútuo. Adorava observá-lo; não podia negar que era um dos homens mais bonitos que tinha conhecido na vida.

Além de uma companhia engenhosa. Não conseguia ganhar nenhuma de suas disputas verbais, claro que ele a ela tampouco. Jamais sugeriu que uma dama acharia exaustivo passear até tal lugar ou cavalgar até tal outro.

Quando exigiu sair a montar sob a chuva nem sequer pareceu surpreso, embora lady Holt— Barron lhes advertiu das funestas consequências para a saúde se não se limitassem a tomar o chá nos Salões de festas. Não obstante, aborrecia a ideia da festa de compromisso que se celebraria na mansão de lady Potford e que prometia ser um acontecimento, já que tinham sido convidados todos aqueles residentes em Bath com certa relevância social. Simpatizava muito com lady Potford e não gostava da ideia de a enganar de semelhante modo. Entretanto, quanto mais conhecia a marquesa de Hallmere e lady Constance Moore, mais convencida estava de que teria sido uma crueldade deixar ao marquês abandonado a mais que hipotética sorte: casar-se com sua prima, algo que nenhum dos dois

desejava.

Não, durante essa semana estaria comprometida (pela segunda vez!) e cumpriria seu papel até o final.

Depois, uma vez que a festa se celebrasse e a marquesa tivesse retornado a Cornualha, voltaria para sua habitual forma de ser e a sua vida cotidiana. Uma vida que seria aborrecidíssima, refletia enquanto voltava para casa de lady Holt— Barron depois de ter ido a cavalo a Claverton Down. Mas meditaria a respeito quando chegasse o momento. Talvez retornasse a Lindsey Hall. Até então seria relativamente seguro fazê-lo.

O marquês entrou na casa com ela, já que lady Holt— Barron o tinha convidado a tomar o chá. Estavam um tanto desalinhados pelo vento e ruborizados pelo exercício, mas não subiu para retocar-se. Em troca, guiou ao marquês para a salinha.

E se deteve de forma tão súbita que ele esteve a ponto de se chocar com ela.

Lady Holt— Barron e Charlotte estavam na sala.

Com Wulfric.

Seu irmão estava se pondo em pé nesse momento e parecia tão elegante, imaculado e levemente distante como de costume enquanto a observava com esses inconfundíveis olhos prateados. Seus longos dedos pegaram o cabo de seu monóculo, a meio caminho de seu olho.

— Ah, Freyja! - exclamou com voz altiva e distante.

— Wulf! - exclamou ela por sua vez.

— E...? — O monóculo chegou nesse momento até seu olho, aumentando o de forma horrível.

— Posso apresentá-lo ao marquês de Hallmere? - perguntou-lhe, pondo-se a um lado.

— Milorde, meu irmão Wulfric, o duque de Bewcastle.

Que maldição fazia Wulf em Bath e nesse preciso instante? Claro que não necessitava espremer os miolos para encontrar a resposta... Como não!

Havia ocasiões nas que tinha a sensação de que Wulf compartilhava a onisciência de Deus. Isso era o que o tinha levado a Bath.

Alguém o havia dito.

Sabia!

Suas seguintes palavras limpavam qualquer indício de dúvida que pudesse albergar.

— Ah, sim! - disse com voz calma, baixando o monóculo mas sem afastar seu gélido olhar do marquês — O noivo de Freyja, certo?



CAPÍTULO 9

Bewcastle contava com uma vantagem importante sobre ele, pensava Joshua uma hora mais tarde enquanto caminhava com o duque por Gay Street, depois que a governanta de lady Holt— Barron fizesse os acertos pertinentes para que alguém devolvesse os cavalos às cavaleriças. Era evidente que contava com vantagem da classe social; Bewcastle era um duque enquanto que ele era um marquês. Mas a brecha que existia entre eles era muito mais ampla que essa. O duque tinha nascido para ser o que era. Era um

aristocrata até a medula dos ossos enquanto que ele se sentia como um usurpador apesar de ter sido herdeiro ao título durante cinco anos e de levar sete meses ostentando-o.

Durante o chá, os cinco tinham conversado de um bom número de assuntos e, em consequência, não haviam dito nada de relevância. Nesse momento Bewcastle estava comentando algo sobre a atraente arquitetura de Bath e ele assentia a cada uma de suas palavras enquanto tentava não se sentir como um laçao a ponto de ser açoitado. Em grande confusão se colocaram. Supunha que teria sido muita sorte que não lhe chegassem rumores sobre o compromisso, mas quem ia pensar que acudiria ao Bath em pessoa em lugar de limitar-se a escrever exigindo informação detalhada?

— Acompanha-me a Royal York? -perguntou-lhe Bewcastle quando chegaram ao pé da encosta, embora de pergunta não tivesse nada. Joshua sabia reconhecer uma ordem na hora.

— Será um prazer - respondeu.

O duque tinha uma suíte no hotel. Seu criado levou seus chapéus e luvas e retornou com uma bandeja com bebidas. Bewcastle lhe indicou que se sentasse em uma poltrona antes de fazer o mesmo. O criado serviu duas taças, ofereceu-as e depois os deixou a sós, fechando a porta em silêncio ao sair.

O duque o observou com esses penetrantes olhos claros que lhe recordavam os de um lobo. Ao que parecia, seu nome era mais que apropriado.

— Não me cabe a menor dúvida - começou Bewcastle com voz agradável, embora seus olhos continuassem sendo frios como o gelo - de que me explicará por que se anunciou publicamente um compromisso em Bath, mas não comunicou à família de lady Freyja.

Joshua cruzou as pernas.

— Foi uma decisão impetuosa – respondeu. — Propus matrimônio lady Freyja enquanto dançávamos uma valsa nos Salões de festas, ela aceitou e decidimos fazer partícipes de nossa sorte a todos os presentes. —

Semelhante explicação soou estúpida até a seus próprios ouvidos.

— Ah, a impetuosidade! - exclamou o duque. — Mas não desejava fazer partícipe dessa dita a sua família no dia posterior ao anúncio ou, talvez, dois dias depois... Ou três?

A pergunta foi seguida de uma lamentável pausa enquanto espremia os miolos em busca de uma possível resposta. Claro que não deu com nenhuma convincente. Todo esse assunto se estava convertendo em uma situação tremendamente embaraçosa.

— Talvez - sugeriu Bewcastle - sua intenção não fosse outra que a de esperar estar em Lindsey Hall uma vez que a euforia do primeiro momento se desvanecera, estou certo?

— Lady Freyja é maior de idade – replicou. — A verdade é que não necessitamos de seu consentimento, mas teríamos solicitado bênção chegado o momento, sim. Tal e como sugeriu, durante esta passada semana estivemos distraídos, desfrutando de nossa mútua companhia, e não consideramos as formalidades.

— Nesse caso - prosseguiu o duque em voz calma, - devo assumir que sentem certa paixão um pelo outro, não?

Pelo amor de Deus! Exclamou Joshua para si mesmo. Estava metendo-se em areias movediças.

— Poderia se dizer assim - respondeu.

— Poderia se dizer... - repetiu seu interlocutor — Mas o que diria você, Hallmere?

— Em realidade - respondeu com supremo tato - acredito que meus sentimentos por lady Freyja, assim como os seus por mim, são só de nossa incumbência.

— Certamente — Bewcastle pegou a taça meio vazia, reclinou-se na poltrona e depois de apoiar os cotovelos nos braços do sofá, uniu as mãos pelas pontas dos dedos e levou os indicadores aos lábios. Demorou um tempo em falar de novo. — Tal parece, Hallmere, que você sempre foi um homem ambicioso.

Joshua arqueou as sobrancelhas.

— Seria estranho que não o fosse - prosseguiu o duque. — Durante sua infância e sua adolescência só houve uma pessoa que o separava do marquesado, de suas propriedades e da fortuna ligada ao título; muito frustrante, sem dúvida alguma, para um moço sem um penny. E depois essa pessoa morreu em circunstâncias um tanto misteriosas.

Valha-me Deus! Exclamou de novo para si mesmo ao mesmo tempo em que sentia que o sangue lhe gelava nas veias. Ao menos já sabia quem tinha posto ao duque à corrente do compromisso e por que este tinha aparecido em Bath sem perda de tempo.

— Em circunstâncias bastante trágicas - o corrigiu. — Está insinuando que acredita que tive algo a ver com a morte de meu primo?

— Não insinuo nada - disse Sua Excelência, erguendo as sobrancelhas com altivez. — É muito provável que tais circunstâncias fossem afortunadas para você. Celebrou seu novo futuro embarcando em uma viagem e... Passou vários anos em correrias, não é assim?

— Passei cinco anos na França - explicou com certa irritação. —

Realizando tarefas de espionagem para o governo britânico. Eu não gosto nada deste interrogatório, Bewcastle.

— Seriamente? — O duque continuava falando em voz baixa. Ao que parecia não pensava deixar-se arrastar a uma discussão acalorada. — Mas você deseja casar-se com minha irmã, Hallmere. Interrogarei a qualquer homem que aspire a sua mão, mesmo que me tenham ganhado a partida anunciando seu compromisso antes de falar comigo. Negou-se você a se casar com a senhorita que deixou grávida em Penhallow antes de partir da propriedade?

Joshua franziu os lábios. Seria muito interessante ler a carta que sua tia devia ter escrito ao duque de Bewcastle. Mas não permitiria que seu rancor o pusesse à defensiva frente a um estranho.

— Nem sequer me pediu em casamento - respondeu, sorrindo. — Mas estive mais de cinco anos me fazendo encarregado de sua manutenção, assim como a do menino.

Bewcastle não pareceu achar graça no comentário. Voltou a pegar a taça e tomou uma dose.

— Lady Freyja Bedwyn é a filha de um duque - lhe informou. —

Também é uma dama imensamente rica, estou certo de que você já sabe.

— Suponho que teria acabado por imaginar - replicou - de ter considerado o assunto.

— De fato - prosseguiu o duque, - um enlace com ela é excelente para você.

— E já que estamos falando de classe e de fortuna - prosseguiu sem deixar de sorrir - o enlace também é excelente para ela. Ao menos isso é o que se comenta em toda Bath desde que anunciamos o compromisso.

O duque o observou com manifesto desdém. Entretanto compreendeu de repente, e muito tarde, que talvez devesse lhe haver dito a verdade. Esse compromisso de farsa chegaria a seu fim ao cabo de uma semana, depois de tudo. Por que deixar que fosse lady Freyja a encarregada de explicar a sua família?

— Não tem nada claro merecer sua aprovação – disse - e não posso recriminá-lo. Propus matrimônio a sua irmã sem consultar primeiro a você como chefe de família e depois cometi meu segundo engano ao anunciar o compromisso durante o baile e ao não comunicar-lhe mediante carta ou em pessoa sem maior demora. Intuo que minha tia se encarregou de fazê-lo por mim. A única coisa que posso lhe dizer é que dedico uma grande estima a sua irmã e que aceitarei sua decisão em caso de desistência pondo fim a nosso noivado depois de escutar seus conselhos.

Aí estava. Talvez isso lhe concedesse uma saída digna para o assunto no que se encontravam quando chegasse o momento adequado. Depois de tudo, a imprevista visita do irmão da dama poderia acabar sendo muito conveniente. As sobrancelhas ducais se elevaram.

— Extraordinário! - exclamou Bewcastle sem elevar a voz. — Não pensa lutar pela mulher que ama, Hallmere?

— O que não penso fazer é obrigar a uma mulher a casar-se contra sua vontade - respondeu.

O duque deixou a taça vazia na mesinha que tinha ao lado e ele interpretou o gesto como o sinal de que a entrevista tinha chegado a seu fim. Ficou em pé.

— Esta noite acompanharei lady Freyja a um concerto que se realizará nos Salões de festas –disse — Assistirá?

O duque assentiu com a cabeça.

— Nesse caso, boa tarde - se despediu antes de sair do aposento.

Enquanto saía do Royal York, deixou escapar o ar que lhe inflou as faces. O duque de Bewcastle não ia melhorar a opinião sobre sua pessoa quando desaparecesse da vida de sua irmã ao cabo de uns dias.

Claro que isso deveria lhe importar um nada, mas talvez lhe importasse, tanto se decidisse contar a verdade como se não.

Maldita fora sua imagem! A vida se tornara muito complicada para seu gosto.

Entretanto, lhe ocorreu algo que o fez sorrir na hora. Que interessante seria observar por um instante a iminente conversa entre Bewcastle e lady Freyja...

Uma coisa era ter inventado um compromisso de farsa ante os olhos de toda a sociedade de Bath, pensava Freyja, e outra muito distinta era que entre esses olhos estivessem, de repente, os de seu irmão Wulfric. E que insondáveis eram os ditos olhos, por certo. Claro que sempre tinham sido assim. Sempre tinham sido seu melhor trunfo na hora de tratar com seus ajudantes, incluindo a seus irmãos e irmãs.

Seu outro grande trunfo era a paciência; se pudesse chamar-se assim.

Wulfric nunca tinha pressa. Podia tomar-se todo o tempo do mundo enquanto sua presa se retorcia e suava muito, em espera de seu ataque.

Durante o chá que tinham tomado em casa de lady Holt— Barron não havia tornado a mencionar o compromisso e, em troca, fazia um alarde de boas maneiras conversando sobre sua viagem, sobre o estado dos

caminhos, sobre Bath, sobre o tempo e sobre um sem-fim de assuntos mais.

Depois tinha retornado ao centro da cidade andando e acompanhado do marquês, fazendo demonstração de elegância e urbanidade, por mais que seus olhos parecessem dois cubinhos de gelo.

Essa noite Wulfric se sentou a seu lado durante o concerto que se realizou nos Salões de festas e o marquês o fez ao outro. Lady Holt —

Barron ocupou a cadeira contínua a de seu irmão. Limitaram-se a escutar música e a falar dela, embora Wulfric se viu rodeado durante o intervalo por um grande grupo de pessoas ansiosas por saudar e fazer uma reverência ao duque de Bewcastle. O marquês e ela mal tiveram um momento livre para falar em privado.

— O que disse? - perguntou a lorde Hallmere em uma dessas raras ocasiões.

— Contou-lhe a verdade?

— Valha-me Deus, não! - respondeu ele, embora se concentrasse na segunda pergunta.

— Deveria ter feito isso? Supus que a farsa te conduziria piores consequências que a ruptura do compromisso a semana que vem.

— Wulf não é meu tutor - esclareceu com altivez. — Não vejo nenhum tipo de consequência, seja qual for o caso.

— Então, por que está tão mal-humorada, encanto? - perguntou com um sorriso.

Nesse momento, alguém felicitava ao Wulf pela satisfação que devia sentir ante o compromisso de sua irmã com o marquês de Hallmere.

Freyja olhou ao duque nos olhos e estalou a língua com resignação.

Aquilo ia trazer consequências... Pensou.

Wulfric retornou ao hotel depois do concerto. À manhã seguinte apareceu na Sala da Fonte, imaculadamente vestido com um traje cinza e negro, e uma camisa branca. Saudou Charlotte, lady Holt—Barron e ela, e depois procedeu a conversar outras pessoas, sobre tudo com lady Potford, com quem percorreu o perímetro da sala duas vezes.

Freyja caminhava no braço de Charlotte, que confessou estar horrorizada por Sua Excelência, embora depois escapasse um risinho.

— Sorri alguma vez, Freyja? - perguntou-lhe.

— Jamais – respondeu. — A dignidade ducal não o permite. Ambas explodiram em gargalhadas, embora sentisse que tinha sido cruel e desleal.

Adorava a todos seus irmãos, Wulf inclusive.

A multidão começava a dispersar-se para tomar o café da manhã quando Wulf voltou para ela e lhe informou que tomaria o café da manhã no Royal York.

Confessava-lhe a verdade e acabava com toda a confusão de uma vez por todas? Perguntou- se instantes depois enquanto aceitava seu braço e saíam da Sala da Fonte a passo vivo. Era impossível! A essas alturas já sabia (lady Holt— Barron o havia dito, fascinada pelo romantismo de seu compromisso) que tinham passado toda uma semana cavalgando e passeando a sós, sem donzela nem acompanhante. Como interpretaria sua situação se depois descobrisse que não estavam comprometidos de verdade?

Desde quando lhe dava medo confessar a verdade ou admitir uma pequena indiscrição? Perguntou-se.

Jamais tinha fingido ater-se às regras que sufocavam ao resto das damas em todos os aspectos de sua vida e que as deixavam com menos liberdade que um criado ou um animal de estimação.

Respirou fundo para dizer a seu irmão exatamente o que acontecia.

— Lady Potford teve muito trabalho para organizar a grandiosa festa de compromisso desta noite - comentou Wulf.

Caramba, a festa, recordou. Essa mesma noite. Enfim, o engano deveria continuar até o dia seguinte, concluiu. A marquesa retornaria a sua casa então ou, no máximo, um dia depois. A mulher devia estar exausta de lhe sorrir com doçura cada vez que seus caminhos se encontravam, coisa que acontecia ao menos duas ou três vezes ao dia, enquanto lhe lançava esses olhares tão venenosos quando ninguém a via. Essa manhã parecia muito alegre, embora talvez fosse porque antecipava problemas entre ela e seu sobrinho por causa da inesperada chegada de Wulfric. De fato, caiu na conta de repente, que era mais que provável que tivesse sido ela quem comunicara as notícias a seu irmão.

— Foi muito amável - replicou, e ganhou de passagem um olhar

penetrante por parte de Wulf, que devia estar estranhando a docilidade do comentário.

Continuaram caminhando sem falar.

Se a marquesa partisse no dia seguinte, refletia Freyja, o marquês faria o mesmo um dia depois. Então ela poderia confessar a verdade ao Wulf e retornaria com ele a Lindsey Hall. Tudo seria muito simples.

Ninguém tinha por que inteirar-se de nada em Bath. Não era preciso anunciar publicamente a ruptura de um compromisso. As pessoas o esqueceriam passado um tempo e deixariam de perguntar-se pela data das bodas. De qualquer forma, sempre lhe tinham importado um nada os rumores que circulassem a respeito de sua pessoa. Tomaram o café da manhã na suíte privada de Wulfric. Seu criado foi despachado assim que serviu a comida e o café.

— Dois de nossos irmãos se casaram nos últimos meses - comentou Wulf enquanto ela passava manteiga na torrada. — Ambos de forma repentina e com esposas inadequadas.

Ela também tinha sido dessa opinião a primeira vez que viu suas cunhadas.

— É certo que o pai de Eve foi um mineiro –replicou - mas ela teve a educação de uma dama e possui um grande caráter e um coração ainda maior. Além disso, Aidan a adora. Judith pertence à nobreza embora seu pai não seja mais que um simples clérigo rural. A avó a adora e, evidentemente, Rannulf também. Ser ou não adequado não o é tudo, Wulf.

— Certamente - o reconheceu, depois do que levou tempo para mastigar uma parte de salsicha. — Você, em troca, fez uma escolha mais adequada.

Tinha estado preparada para uma discussão e uma briga. Não encontrou palavras para semelhante amostra de aprovação. Olhou-o com perspicácia.

— Embora igualmente precipitada como nos outros dois casos - acrescentou.

— Foi uma decisão impulsiva - lhe esclareceu. — Me propôs matrimônio durante uma valsa nos Salões de festas, disse-lhe que

sim e de repente quisemos fazer partícipes de nossa sorte a todos os presentes.

— Caramba! - exclamou sem elevar a voz, com esse modo tão peculiar que tinha de pôr a qualquer de cabelo em pé pela apreensão. — Quase o mesmo que me disse o marquês, palavra por palavra.

— Porque assim foi – replicou. — Olhe, Wulf, se tiver vindo a Bath para exercer de irmão mais velho e chefe de família, e me repreender por me comprometer com o marquês sem me haver desfeito em pranto diante de você para obter seu consentimento, já pode ir por aonde veio. Faz quatro anos que alcancei a maioridade. Acreditei que você adoraria ver-me casada com um homem mais que adequado.

— Certamente prefiro um marquês a um laçao – confessou. — Mas me sinto obrigado a te perguntar se os matrimônios de Aidan e de Rannulf não lhe levaram de algum jeito a esta situação.

— Não? -perguntou, esquecendo toda pretensão de elegância enquanto detinha o garfo com uma parte de ovo a meio caminho de seus lábios.

— Tal como assinalou - prosseguiu Wulf, - faz quatro anos que alcançou sua maioridade. Vinte e cinco é uma idade um pouco incômoda para continuar solteira. Deu-se conta disso este ano?

— Não! - exclamou com ênfase.

Embora talvez as palavras de seu irmão encerrassem um ápice de verdade, supôs. Não tinha ido às bodas de Aidan, como tampouco o fez o resto da família, que não soube do enlace até umas semanas depois.

Mas tinha estado nas bodas de Rannulf e Judith, que se celebraram poucos dias antes de sua chegada a Bath, e era certo que havia

sentido um pouco de inveja. Inclusive tinha considerado a ideia de pôr fim a seu celibato, apanhando ao primeiro cavalheiro elegível que encontrasse em Bath. O conde de Willett, por exemplo.

Wulfric pareceu titubear antes de continuar falando. Deteve-se para beber um gole de café.

— Não me passou por cima – disse - que o anúncio de seu compromisso se realizou dois dias depois que a viscondessa de Ravensberg desse a luz a seu filho. Um dia depois, acredito, de que Morgan lhe escrevesse informando-a das boas novas. Provavelmente no mesmo dia que recebeu a carta.

— Se tiver algo a dizer, Wulf - espetou aproveitando uma pausa de seu

irmão - não ande pelos ramos. Acha que porque Kit tenha um filho vou estar prostrada pela pena, sentindo pena de mim mesma? Acha que me joguei nos braços do primeiro homem disponível depois de conhecer a notícia. Acha que fui eu quem propôs matrimônio ao marquês durante essa valsa e lhe roguei que anunciasse nosso compromisso? E tudo para encobrir um coração quebrado? Não me importa tanto Kit Butler. —

Estalou os dedos de uma mão diante de seu rosto sentindo um mar de satisfação. — Nem sua viscondessa. Nem seu filho. — Cortou uma parte de torrada sem muito refinamento e o levou a boca como se tivesse a culpa de todos os males.

— Nesse caso - prosseguiu seu irmão depois de um breve silêncio, - é um matrimônio por amor, Freyja?

Como podia negá-lo depois desse arranque emocional e apaixonado que a tinha deixado sem fôlego?

— Adoro-o – respondeu — E ele a mim.

— Ah! - exclamou ele, olhando-a com esses olhos tão insondáveis.
—

Certamente.

A tensão era quase insuportável. Grande mentira acabava de soltar. E, em caso de que seu irmão tivesse acreditado nela, ia ficar como uma idiota ao cabo de uns dias, quando o marquês a abandonasse. Inclinou-se sobre a mesa, com um olhar faiscante.

— Contaram-lhe algo sobre nosso primeiro encontro em Bath? -

perguntou-lhe. — Ou, melhor dizendo, sobre nossos dois primeiros encontros. Estão excentricamente unidos. Se ainda não sabe nada, certamente alguém lhe contará esta noite. Será melhor que eu o faça agora mesmo.

Wulf a olhou um tanto angustiado.

— Tenho a sensação – disse - de que preferiria não saber nada a respeito.

Freyja soltou uma gargalhada e lhe relatou o mal-entendido acontecido nos jardins de Sydney, o murro que deu ao marquês no nariz e o descuido deste ao negar-se a explicar o que tinha acontecido em realidade.

— É obvio – concluiu - naquele primeiro momento nenhum dos dois sabia quem era o outro. Lorde Hallmere se negava a acreditar que fosse a

irmã de um duque porque não levava acompanhante.

— Está muito claro - disse Wulf com certa cerimônia - que seu comportamento foi o habitual...

Pôs-se a lhe descrever a cena que protagonizaram na Sala da Fonte ao dia seguinte desse primeiro encontro, sem omitir os detalhes mais truculentos.

— Seu trabalho foi elogiável - replicou seu irmão quando chegou ao final da história. Parecia exausta. — Graças a você, os habitantes de Bath terão desfrutado de assunto de conversa durante toda a semana. E depois, justo quando os rumores deviam estar a ponto de se desvanecer, refresca todo o assunto com esse inesperado anúncio. Claro que, depois de ter escutado de seus próprios lábios o relato de seus primeiros encontros com Hallmere, resulta-me lógico que tenham acabado loucamente apaixonados um pelo outro e que decidam estabelecer um compromisso para toda a vida no transcurso de uma valsa.

Suspirou enquanto soltava o garfo e a faca.

Freyja se perguntou o que diria Wulf se lhe descrevesse aquele primeiro encontro que teve lugar fora de Bath.

— Vai ser feliz neste matrimônio, Freyja? - perguntou ele.

Às vezes, em muito poucas ocasiões, conseguia-se vislumbrar um retalho de humanidade do Wulfric. Embora não acontecesse muito frequentemente. Se tinha sentimentos, quase nunca os mostrava. Se tinha sonhos, segretos ou preocupações pessoais, jamais os compartilhava.

Costumava perguntar-se com frequência a respeito da relação que o unia a sua amante; perguntava-se se seria tão somente um acordo comercial que respondia ao fim óbvio. Mas, às vezes e de forma muito fugaz, tinha-se a perturbadora impressão de que talvez se preocupasse com todos eles; não só porque eram seus irmãos e irmãs, mas sim porque eram pessoas que amava.

Isso lhe aconteceu ao escutar a pergunta. E aconteceu algo ignominioso em extremo.

Encheram-se os olhos de lágrimas.

— Sim, serei - respondeu com ênfase, inclinando-se um pouco para ele por cima da mesa. — Os dois o seremos.

E então engoliu a saliva e escutou o horrível som que fez sua garganta ao recordar que o que acabava de dizer presa de uma emoção tão incomum era tudo mentira.

Esteve a ponto de desejar que o compromisso com o marquês do Hallmere fosse verdadeiro, que estivesse apaixonada por ele, ansiosa por começar uma vida de felicidade a seu lado. Desejou ser capaz de dar de presente toda essa felicidade ao Wulf, porque tal e como lhe ocorreu subitamente, devia estar muito sozinho.

— Nesse caso - prosseguiu Wulfric enquanto deixava o guardanapo na mesa e se recostava contra o espaldar - suponho que será melhor que dê minhas bênçãos a este matrimônio, embora poderia dizer-se que a boas horas, não acreditava.

Freyja ainda não tinha acabado de tomar o café da manhã, embora tivesse perdido o apetite.

Afastou o prato. Sentia-se fatal. Era impulsiva, obstinada e bastante imprudente, mas não tinha por costume mentir ao Wulf, nem a nenhum outro membro da família, entretanto, estava tão imersa no engano que não havia nada que fazer salvo seguir até o final. Por sorte, tudo acabaria logo.

— Será melhor que Hallmere acompanhe ao Lindsey Hall a menos que tenha obrigações urgentes em outro lugar - sugeriu seu irmão.

— Teremos que apresentá-lo aos vizinhos e celebrar o compromisso como é devido.

Além disso, terá que começar com os planos para as bodas.

De repente desejou não ter comido nada.



CAPÍTULO 10

A mansão de lady Potford em Great Pulteney Street estava a transbordar de convidados na noite da festa de compromisso. Tinha aberto o salão, seu gabinete privado, um salão e a sala de jantar para acomodar a todos os convidados. Todos os aposentos resplandeciam à luz de uma miríade de candelabros. A longa mesa da sala de jantar com sua antiga toalha branca estava repleta de uma grande variedade de pratos com succulentos manjares. Junto a ela aguardavam dois criados, encarregados de ajudar aos convidados a selecionar os pratos e encher seus pratos. Outros foram de sala em sala, levando enormes bandejas com taças.

Lady Potford estava, tal e qual como lhes tinha assegurado em incontáveis ocasiões a Joshua e a Freyja, e como lhe tinha assegurado em uma ocasião ao duque de Bewcastle durante seu passeio matutino com ele na Sala da Fonte, encantadíssima pelo feliz giro dos acontecimentos.

— Aterrorizava-me a possibilidade - havia dito a Joshua - de que seguisse esbanjando sua vida como tem feito durante os últimos anos, provando os efêmeros prazeres da vida sem dar conta de que se obtém um prazer muito maior ao assumir o papel que se tem na vida e formar uma família própria. Voltará para Penhallow depois de suas bodas com lady Freyja, criará a seus filhos ali e se encarregará da administração de suas propriedades e do bem-estar de sua gente. É a noiva perfeita para você, Joshua. Estou muito contente.

— Tenho um administrador muito competente, avó - tinha dito ele, - com quem mantenho uma comunicação constante. — Jim Saunders era, de fato, a única pessoa que conhecia seu paradeiro em todo momento. — Lady Freyja talvez prefira ficar em Londres... Ou talvez não - concedeu.

Os convidados também pareciam estar muito contentes. Não era habitual que se celebrasse um evento de semelhante magnitude em Bath; e muito menos tendo como protagonistas a duas pessoas tão ilustres como um marquês e a irmã de um duque. As alegres conversações e os coros de

gargalhadas aconteciam em todas as salas.

A marquesa de Hallmere, vestida com um régio vestido de cetim negro e um toucado de plumas da mesma cor, parecia tão contente como qualquer um. Sorria com emocionada alegria a todo aquele que a felicitava e de vez em quando secava uma lágrima de felicidade com seu lenço debruado de negro. Depositou um beijo no ar junto à face de Freyja e agarrou o rosto de Joshua entre suas mãos antes de lhe dar um terno beijo e assegurar (a ele, e a qualquer pessoa que pudesse escutar) que seu querido e defunto marido estaria orgulhoso dele essa noite. Justo antes de partir em busca do duque de Bewcastle, que estava no salão.

— Agrada-me e alivia comprovar que julgou oportuno vir a Bath com tanta pressa, Excelência – lhe disse ao mesmo tempo em que lhe estendia a mão. O duque a pegou e lhe fez uma reverência, embora não a levou aos lábios.

— Senhora - saudou.

— Lady Freyja revolucionou a sociedade de Bath – comentou — É uma jovem tão doce...

O duque inclinou a cabeça em resposta ao estranho cumprimento, mas seus olhos prateados se mantiveram inexpressivos e bastante inescrutáveis.

— Só cabe desejar - continuou a dama - que seja tão feliz como o merece.

— Certamente, senhora - concordou com gélida altivez.

— E só cabe desejar - prosseguiu sua interlocutora enquanto secava delicadamente a extremidade do olho com o lenço - que Joshua não se precipitou anunciando este compromisso meramente por gostar de uma brincadeira.

As sobancelhas ducais se arquearam ligeiramente, mas não fez a pergunta que claramente a marquesa esperava que fizesse na pausa que seguiu a suas palavras.

— É um moço encantador - assegurou a mulher com um profundo suspiro. — Sempre foi impossível não lhe querer apesar de todas suas travessuras. Adorava a seus primos, em especial a Constance, minha filha mais velha, a quem lhe apresentei esta manhã na Sala da Fonte.

O duque voltou a inclinar a cabeça.

— Mas, tal como o expressou o difundo Hallmere, baixou a crista quando estava a ponto de pedir sua mão há cinco anos – afirmou - e saiu correndo ao Continente em busca de diversões, embora nunca entendi por que o fez com uma guerra em plena luta. Depois da morte de meu querido marido me foi evidente que continuava muito envergonhado para voltar para casa, por isso vim eu. Resultou-me óbvio a princípio que o carinho entre o Joshua e Constance seguia sendo muito forte, mas bobamente...

Porque os pais podem ser muito tolos, Excelência, quando só procuram a felicidade de seus filhos. Como dizia, bobamente lhes

impus um compromisso em vez de permitir que a corte seguisse seu próprio ritmo.

— Desejava com todo meu coração anunciar o compromisso durante o baile que se celebrou nos Salões de festas a semana passada, e tinha a impressão de que também era isso o que Joshua desejava. Entretanto, afastou-se para dançar uma valsa com lady Freyja (com esse olhar tão travesso e temerário que conheço a perfeição) e ao final da dança fez que o senhor King anunciasse seu compromisso.

O duque do Bewcastle tinha segurado o cabo de seu monóculo e o tinha a meio caminho de seu olho.

A marquesa soltou um risinho tolo e deixou que sua expressão alegre se desvanecesse. Parecia frágil e delicada.

— Temo – continuou - que meu sobrinho se aproveitou de uma dama que talvez tenha chegado a uma idade (estou segura de que me perdoará minha franqueza ao falar, Excelência) em que esteja tão ansiosa de receber uma proposta de matrimônio que seja incapaz de distinguir entre uma proposta séria e uma feita em altares da conveniência de meu sobrinho até que possa voltar a desaparecer em busca de suas amalucadas diversões.

Durante um instante a marquesa se encontrou imersa na desconcertante experiência de ser observada através da lente do monóculo do duque. Embora este não demorou para soltá-lo, de modo que ficou pendido da fita.

— Devo felicitá-la, senhora - replicou com frieza Sua Excelência, - por tão conveniente giro nos acontecimentos.

— Por... ? — Era evidente que a marquesa não sabia do que estava falando. Refugiou-se atrás de seu lenço antes de saudar com um valente e doce sorriso a um convidado que passou a seu lado.

— Teria sido muito doloroso - continuou ele - ver Hallmere casado com sua filha quando alberga a suspeita de que teve certo grau de responsabilidade na morte de seu filho.

A dama o olhou com os olhos exagerados.

— OH! - exclamou com expressão surpreendida. — Essa é a impressão que lhe deu a carta que me senti obrigada a lhe escrever, Excelência? Foi um acidente. Joshua estava com o Albert antes que acontecesse. Foi a última pessoa que o viu com vida. Entretanto, ninguém questionou jamais que causasse o acidente ou que o presenciasse sequer.

— Ah! - exclamou o duque. — Mas sempre ficará a dolorosa realidade de que o homem que se casou com sua filha também engendrou um filho com sua preceptora.

— Não, não. Não era a preceptora de Constance - disse a marquesa. —

Constance já tinha deixado a sala-de-aula. A senhorita Jewell era a preceptora de outra de minhas filhas, Excelência. Foi um incidente muito desafortunado. — Esboçou um sorriso afetado e o olhou com expressão ladina. — Mas os jovens sempre serão jovens, estou segura de que não é necessário que o recorde Excelência. Entendi que tem vários irmãos mais novos.

Os gélidos olhos prateados a olharam, mas o duque guardou silêncio.

— Bem. - secou os olhos uma última vez. — Acreditei meu dever lhe advertir, Excelência, que sua irmã talvez em frente ao perigo de que lhe partam o coração. Joshua é um jovem muito bonito e um descarado desalmado. Não sei por que o amo, mas assim é. Lady Freyja é uma jovem tão doce... Eu não gostaria de ver que lhe fizessem mal.

Os dedos de Sua Excelência estavam brincando de novo com o cabo de seu monóculo enquanto cravava um olhar gélido nela e arqueava as sobrancelhas com altivez.

— Ah! — A marquesa esboçou um sorriso deslumbrante e saudou com a mão a alguém situado ao outro lado da sala. — Se me desculpar, Excelência, acabo de me dar conta de que me reclamam.

O duque lhe fez uma breve reverência e a mulher escapuliu.

— O que acontece, encanto? - perguntou Joshua. — Não pode manter as mãos afastadas de mim, não é verdade?

Estava acendendo uma fileira de velas colocadas no suporte da chaminé da pequena sala que sua avó utilizava a modo de gabinete no andar térreo. Havia um escritório e uma cadeira assim como algumas estantes e duas cadeiras de pés e braços dourados.

— Ah! - replicou ela com altivo desdém.

Virou a cabeça e lhe sorriu. Havia-lhe dito que precisava falar a sós com ele e daí que estivessem nessa sala. Estava vestida com um vestido de brocado azul claro com filigrana prateada, cujo generoso decote estava coberto por uma sobreveste chapeada de malha transparente e que lhe assentava maravilhosamente. Os adornos do cabelo também eram prateados.

— No que a mim respeita é mais que possível que não possa manter as mãos afastadas de você - assegurou sem afastar-se da beira da escrivaninha onde estava sentado, com um pé apoiado no chão e balançando o outro no ar. — Acho que sua costureira deve ter se encontrado sem tecido quando chegou ao sutiã. Com magníficos resultados, devo acrescentar.

— Um comentário tão luxurioso não o ajuda a ganhar pontos - o admoestou com severidade — Aviso que não se atreva a falar assim a nenhuma outra dama.

— Por Deus, não! - concordou ele — Nunca gostei que me esbofeteasse.

Terá se dado conta de que pus meio aposento entre nós antes de lhe falar assim. Eu gosto da forma de meu nariz.

— Nos colocamos em uma embrulhada espantosa - afirmou ela.

— Assim é - reconheceu Joshua. — De algum modo, suponho que acreditei que o senhor King anunciaria nosso compromisso, todos sorririam, assentiriam e repetiriam até não poder mais que eram uma magnífica notícia e depois todos continuaríamos com nossas vidas quase como antes, até que chegasse o momento no qual pudéssemos seguir nossos respectivos caminhos sem passar um escândalo. Não previ esta festa, nem o alcance da alegria de minha avó.

— E eu não previ que Wulf viesse a Bath - acrescentou ela com o cenho franzido. — Conseguiu que todo este assunto se complique de uma forma

horrível e embaraçosa.

— Tentou te convencer para que ponha fim ao compromisso? —

perguntou. — Me deu a firme impressão de que não me tem muita simpatia.

Freyja se perguntou se seu irmão lhe teria mostrado a carta de sua tia ou se teria falado do ditoso conteúdo que parecia ter incluído na missiva, e negou com a cabeça.

— Wulf não faria isso – respondeu. — Não dá ordens. Ao menos a seus irmãos. Embora sempre acreditei que é todo um perito na hora de nos manipular de modo que façamos o que ele quer pensando que o fazemos por nossa própria vontade.

— Nesse caso - disse Joshua com um sorriso, - talvez deva lhe permitir que te manipule para que me mande tomar vento fresco. Seria a solução perfeita ao nosso probleminha, não lhe parece? Isso sim, me avise se for acontecer antes que minha tia deixe Bath para que possa escapar antes de ver-me comprometido com outra.

— Assegurei-lhe que te adoro e que você me adora - replicou - prometi que seremos felizes.

Embora tentasse conter-se, Joshua jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

— Deveria tentar franzir o cenho com menos ferocidade – disse - estive a ponto de acreditar que não o diz a sério.

— Acaso toma tudo como brincadeira? - perguntou ela enquanto se aproximava. — Jamais tinha mentido ao Wulf. Sempre detestei as mentiras.

Joshua agarrou uma de suas mãos antes de trocar de postura e sentar-se bem na escrivaninha.

— Neste momento - lhe disse, - sinto algo muito parecido à adoração.

— Meu irmão espera que me acompanhe a Lindsey Hall dentro de uns dias - prosseguiu ela - para poder apresentá-lo ao resto da família e a nossos vizinhos. Para poder celebrar o compromisso ali. Para que possamos planejar as bodas.

— Caramba! - exclamou ele, apoderando-se de sua outra mão. — Sim, nos encontramos em uma bela confusão.

— Nem lhe ocorra aceitar - ordenou ao mesmo tempo em que o fulminava com um olhar altivo por cima de seu nariz. — Não vai vir a Lindsey Hall. Aduzirá qualquer outra desculpa como um compromisso prévio e depois que se vá direi a verdade a Wulf.

— Ai, encanto! – disse. — Compliquei-lhe muito a vida.

— Certamente - concordou ela. — Mas aceitei participar deste desqualificado plano e, em geral, não me arrependo. Esta semana passada foi muitíssimo menos aborrecida do que teria sido se não estivéssemos comprometidos. De fato, passei-me muito bem.

— Eu também. — Sorriu-lhe.

Ela abriu a boca e tomou ar para dizer algo mais, mas não o disse. Em troca, seus olhares se cruzaram. Foi um momento de silêncio muito estranho e inesperado no qual ambos pareceram dar-se conta ao unísono de que se encontravam sozinhos em uma pequena sala iluminada pela tremulante luz de três velas.

Joshua estava muito consciente da pele nua de seu decote, de seus generosos seios, da elegante curva de seu pescoço, desse rosto audaz e atraente a seu modo e do brilho de seu exuberante cabelo loiro. Sentiu que sua temperatura aumentava um tanto, que lhe acelerava a respiração e que lhe esticava a entreperna.

Aproximou-a dele até que esteve entre suas pernas e a obrigou a abraçá-lo pela cintura até que enlaçou as mãos a suas costas. Tomou o rosto entre as mãos, acariciou essas escuras sobrancelhas com os polegares e dali foi descendo pelas faces até chegar a sua boca.

Umedeceu os lábios enquanto abaixava a cabeça para lambe-la; eram suaves, quentes e não opuseram a menor resistência. Baixou-lhe o lábio inferior com o polegar, percorreu uma e outra vez seu interior com a língua e depois, quando ela expressou seu beneplácito com um gemido, beijou-a com ardor e lhe afundou a língua na boca.

O desejo estalou em seu interior e o consumiu. Passou-lhe um braço pelos ombros ao mesmo tempo em que lhe rodeava a cintura com o outro para juntá-la mais a ele e se deixou levar pela paixão.

— O que estamos fazendo? - perguntou ela de repente um pouco depois. Tinha afastado a cabeça e o olhava lançando faíscas pelos olhos.

Tinha as faces acesas.

— Nos beijando? - sugeriu, lhe esfregando o nariz com o seu enquanto sorria. — Acabamos de concordar que foi uma semana muito divertida, ou não? Por que não tirar todo o proveito?

— Talvez necessite que lhe recorde - replicou ela ao mesmo tempo em que lhe colocava as mãos nos ombros como se quisesse afastá-lo - que não estamos comprometidos de verdade.

— E mesmo assim estamos em nossa festa de compromisso – assinalou

- e assegurou a seu irmão que nos adoramos mutuamente e que viveremos felizes e comeremos perdizes. E jamais lembre a seu irmão.

Seria melhor que tomasse cuidado, pensou, ou acabaria metendo-se em algo de que não poderia sair.

— Não tenho por costume beijar a todos os belos desconhecidos com quem me encontro - replicou ela.

— Só com aqueles com quem se compromete temporariamente? —

Sorriu e a abraçou pela cintura. Sua estreiteza fazia com o contraste com seus seios e seus quadris resultassem delicioso.

Olhou-o boquiaberta.

— Prometa-me que não se deixará convencer para ir a Lindsey Hall

—

disse. — Temos que acabar com isto agora; logo que possamos depois desta noite.

— Tem medo de que não possa resistir a meu corpo muito mais? -

perguntou-lhe com voz calma enquanto se esfregava de novo contra seu nariz e incitava seus lábios com os seus.

Ela estalou a língua.

— Jamais conheci um homem mais presunçoso - afirmou.

— Aterroriza-me a possibilidade de não ser capaz de resistir ao seu -

confessou.

E o dizia a sério. Suspeitava que levar lady Freyja Bedwyn à cama seria uma experiência inesquecível. Por desgraça, jamais teria como comprovar.

Era uma dama, uma aristocrata. Estava fora de seu alcance. Mas estava descobrindo que o compromisso, embora fosse de farsa, estava pondo uma enorme tentação em seu caminho. E, ao que parecia, também no da dama;

apesar de suas palavras, não tentava de modo algum afastar-se dele.

— Poderia começar o festim aqui - lhe disse, mordiscando os lábios - e descer até seus pés. — Os pés são uma zona do corpo maravilhosamente erótica. Sabia?

— Pois não - respondeu com firmeza, afastando a cabeça uns centímetros para poder fulminá-lo com o olhar. — E esta conversa é muito indecente. Está se rindo de mim. Seus olhos delatam sempre.

— De verdade, encanto? — Baixou a cabeça para esfregar o nariz contra a base de sua garganta. Ela relaxou e jogou a cabeça para trás. Sentiu que lhe enterrava os dedos no cabelo e o segurava com força. — E também dizem que é possível que não chegue a seus pés? Que é possível que algo muitíssimo mais erótico me distraia a meio caminho...?

Escutou-a tomar fôlego. Talvez esse fosse o momento indicado para proteger o nariz a fim de que não acabasse quebrado, pensou, mas quando levantou a cabeça, viu que ela tinha os lábios entreabertos e as pálpebras entreabertas. Não tinha em mente lhe dar um murro.

— Não deveríamos estar aqui – disse. — Deveríamos estar com os convidados de sua avó. Perguntaram-se onde estamos.

— Darão por certo que queríamos uns momentos a sós - tranquilizou-a.

— Estarão encantados.

Nesse momento, ela aproximou a cabeça, fechou os olhos e o beijou com ardor, separando os lábios e obrigando-o a fazer o mesmo para invadir sua boca com a língua.

Estava-o abraçando pelo pescoço e lhe tinha segurado o traseiro com ambas as mãos quando a porta se abriu.

— Ah! - exclamou a gélida e um tanto lânguida voz do duque de Bewcastle enquanto Joshua abria os olhos, levantava a cabeça e deslizava as mãos até sua cintura, onde adotaram uma posição muito mais decorosa.

— Estão aqui.

Entrou na sala e fechou a porta em silêncio enquanto sua irmã se virava, ruborizada e ligeiramente despenteada.

— Não lhe ocorreu bater, Wulf? - perguntou-lhe com altivez.

O aludido arqueou as sobrancelhas e compôs uma expressão um tanto

surpreendida.

— Não - respondeu depois de uma pausa em que meditou sua resposta.

— Um criado me indicou o lugar.

Freyja sentia um espantoso constrangimento, em parte porque se jogara com tão lasciva intenção sobre o marquês e em parte porque Wulf a tinha pego com as mãos na massa. Não se tinha dado conta do lugar onde estavam as mãos do marquês até que este as moveu. E, é obvio, tinham estado a plena vista do Wulf, já que ela estava de costas para a porta.

Lançou uma rápida olhada a sua pessoa, mas se tranquilizou ao dar-se conta de que o sutiã do vestido continuava cobrindo tudo o que devia cobrir. Depois de semelhante cena, pensou zangada, ia parecer muito mais patética quando terminasse a farsa ao cabo de uns dias.

Ao que parecia, a intenção do Wulfric não era a de arrastá-la pelos cabelos até a festa. Sentou-se em uma das poltronas, apoiou os cotovelos nos braços da mesma e uniu as mãos pelas pontas dos dedos. Uma pose característica cada vez que tinha algo importante que dizer.

— Sente-se, Freyja - ordenou, apontando a outra poltrona antes de voltar a entrelaçar os dedos.

— Entendo que havia muito mais em jogo do que parecia a um simples olhar durante esse deplorável baile nos Salões de festas.

Enquanto se sentava e percebia que o marquês se plantava atrás dela e colocava uma mão na poltrona, soube sem o menor indício de dúvida que Wulfric sabia tudo.

— Ao que parece - continuou seu irmão, - e embora grande parte dos convidados o ignorasse, havia certa pressa em ganhar a corrida que culminaria com o anúncio do compromisso de certo cavalheiro. É correta minha hipótese, Hallmere?

A voz do aludido tinha um previsível tom risonho quando respondeu:

— Não exatamente, embora segundo minha prima Constance a marquesa esperava fazer tão evidente nossa suposta corte que o anúncio teria parecido supérfluo. Prefери me defender com um ataque.

Wulfric o percorreu com esse olhar penetrante e gélido que levava a maioria dos mortais a encolher-se com a vã esperança de desaparecer.

Freyja não comprovou se o marquês entrava nessa categoria. Deveria, ou

isso supôs, sentir-se muito aliviada. A pior parte do processo de acabar com a farsa (dizer-lhe ao Wulf) ia ser desnecessária. Deveria ter imaginado que seu irmão descobriria a verdade por si mesmo.

— Devo assumir que este compromisso terminará assim que a marquesa de Hallmere e sua filha retornem a casa? - perguntou.

— Com meu mais sincero agradecimento a Lady Freyja por me ter liberado de uma cadeia perpétua e minhas mais sinceras desculpas por qualquer inconveniente que lhe possa ter ocasionado, sim - respondeu o marquês.

— Não houve nenhum inconveniente, Wulf - acrescentou ela de forma cortante. — De fato, aceitei com muito gosto participar de seu

plano. E o tédio da vida de Bath diminuiu grandemente durante a semana passada.

— Desfrutando de diversas excursões às colinas e à campina dos arredores a qualquer hora do dia e a sós com um cavalheiro que não é seu noivo - declarou seu irmão. — E de algum ou outro abraço.

— Isso só foi esta noite - corrigiu-o. — E em outra ocasião anterior - acrescentou em nome da verdade, já que se tinham acabado as mentiras. —

Não se tornará escrupuloso a respeito não é, Wulf? Tenho vinte e cinco anos. Não necessito de um exército de acompanhantes e guardiães como a pobre Morgan.

Seu irmão olhou ao marquês com expressão inescrutável.

— A predição de sua tia, da qual não se passou nenhuma hora, cumprira-se ao pé da letra quando abandonar a minha irmã a semana que vem – disse. — Ela estará encantada. E lady Freyja Bedwyn se verá humilhada.

— Tolices, Wulf - interveio, zangada.

Mas ele nem sequer se dignou olhá-la. Seus olhos prateados estavam fixos no marquês, que riu baixo.

— Não gosto de nenhuma das duas opções – replicou. — O que sugere, Bewcastle? Que me case com lady Freyja depois de tudo? Duvido muito que me aceite.

— Isso deveria ser decisão de Freyja, pelo menos - respondeu Wulfric.

— Está de acordo?

Freyja ficou em pé de um salto.

— Tolices! – repetiu. — Aceitei este plano porque a ideia me era divertida. Não o fiz para obrigar ao marquês de Hallmere a se casar comigo.

Não o quero como marido... Nem a nenhum outro, já que estamos falando.

Seus olhos a contemplavam com uma expressão risonha enquanto passava a seu lado a caminho da escrivaninha. Sentou-se na cadeira que havia do outro lado, tão longe dos dois homens quanto foi possível. O

assunto se converteu em uma tremenda estupidez.

— Talvez - sugeriu o marquês - possamos representar outra cena na Sala da Fonte dentro de uns dias. Escutou algo sobre a primeira, Bewcastle?

Receio que não foi em benefício de lady Freyja, mas lhe asseguro que na próxima contará com as simpatias de todos quando me der um murro no nariz e me mandar ao inferno. Todos a felicitarão por ter se liberado tão publicamente de seu compromisso com um descarado.

Wulfric, conforme comprovou enquanto o observava de forma pensativa, não via graça na solução.

— Depois de amanhã, Hallmere - disse seu irmão, - acompanhará a lady Freyja e a mim a Lindsey Hall, onde será apresentado formalmente a nossa família e a nossos vizinhos. Anunciaremos e celebraremos o compromisso como é devido. Se para o Natal ou para a primavera ela decida que depois de tudo não deseja contrair matrimônio com você, fara-se o anúncio pertinente... E serei eu quem o fará. É obvio, a reputação de minha irmã se verá um tanto

menosprezada, coisa impossível de evitar a estas alturas, mas ninguém a compadecerá.

— Acho - disse o marquês, virando-se para olhá-la - que lady Freyja não deseja que vá a Lindsey Hall.

Ela franziu os lábios. Quantos minutos tinham passado desde que assegurara ao marquês que Wulf jamais dava uma ordem a seus irmãos?

Sua solução lhe parecia um decreto ducal em toda regra.

— Lady Freyja agradecerá sua companhia durante as próximas duas semanas - afirmou Wulfric. — Seus irmãos e suas cunhadas chegarão em breve a Lindsey Hall, já que foram convidados ao batismo do neto de nosso vizinho, o conde de Redfield.

Freyja se ergueu de repente em seu assento. O batismo do filho de Kit?

E não tinha mais remédio que voltar para casa, com ou sem a companhia do marquês de Hallmere? Estava obrigada a assistir? A sorrir e rir com todos e a fingir que se alegrava por Kit e a viscondessa, pelo conde e a condessa?

Lorde Hallmere se virou e nesse momento se encontrava frente a ela com as mãos entrelaçadas às costas. Tinha uma expressão muito mais séria do que o habitual; quase carrancuda, de fato.

— Se a decisão de pôr fim a nosso compromisso, assim como o momento de fazê-lo, está em mãos de lady Freyja – replicou, - também deve estar em suas mãos decidir se vou ou não a Lindsey Hall.

Deveria liberá-lo nesse preciso instante. Para falar a verdade, deveria sair do pequeno gabinete nesse mesmo momento e anunciar publicamente que seu compromisso se tinha rompido.

Tinha sido uma farsa ridícula desde o começo. Ao mesmo tempo, o marquês poderia anunciar publicamente que não tinha intenção de casar-se com sua prima Constance.

Assim acabariam com essa estúpida embrulhada.

Com a patética humilhação de um compromisso rompido a suas costas (as notícias chegariam a casa cedo ou tarde, provavelmente mais cedo que tarde), ia ter que assistir ao batismo do bebê de Kit e a sorrir até que sentisse o rosto a ponto de rachar-se.

— Será melhor que nos acompanhe durante algumas semanas - aceitou a contra gosto — Encenaremos uma briga ao final de sua estada. Não será difícil.

Wulfric ficou em pé.

— Acho - disse com desdenhosa altivez - que desatendeu os convidados de lady Potford durante muito tempo.

Afastou-se para a porta e saiu da sala sem olhar atrás.

O marquês a olhou.

— Pelo amor de Deus! - exclamou.

— Maldição! - exclamou ela.

Lorde Hallmere sorriu e depois, como era de esperar, soltou uma gargalhada.

— Parece que sobrevivemos e poderemos nos beijar de novo - disse ao mesmo tempo em que movia as sobrancelhas com ironia e lhe oferecia o

braço.

— Sobre o meu cadáver - lhe assegurou ela, erguendo o nariz enquanto passava a seu lado a caminho da porta.

— Que frase mais esbanjadora, encanto - replicou ele. — Embora espere de todo coração que não o haja dito a sério. Seria incapaz de desfrutar de semelhante beijo (igual a você, é obvio), e isso seria lamentável para qualquer dos dois.



CAPÍTULO 11

Dois dias depois Joshua cavalgava muito a seu pesar pelo caminho real entre um numeroso séquito de cocheiros com libré, lacaios e cavaleiros que escoltavam a carruagem de Sua Excelência e o da bagagem durante o trajeto a Lindsey Hall em Hampshire. Quem haveria predito a estranha sequência de acontecimentos que o tinha levado até esse ponto? Não tinha muito claro se devia estar tremendo de medo ou cair na risada.

Claro que não era um homem dado ao medo. Além disso, ver os habitantes de todas as aldeias que deixavam atrás, os olhavam assombrados entre apressadas reverências ou saudações respeitosas e que os cocheiros de todos os veículos que encontravam se faziam a um lado do caminho até que a comitiva passasse tinha sido muito engraçado. Se quisesse, ele também

podia obter tamanha deferência. Era o marquês de Hallmere, além de tudo. A ideia tinha seu mérito...

Desejou poder compartilhar a brincadeira com “sua noiva”. Entretanto e contra sua natureza conforme suspeitava, ela ia com o duque na carruagem. Além disso, estaria tão acostumada a viajar desse modo que não lhe veria a graça. Perguntou-se do que estariam falando.

Provavelmente de nada, ou talvez do tempo ou da paisagem. Bewcastle não havia tornado a mencionar o compromisso desde há duas noites.

A ideia de chegar a Lindsey Hall provocava certa alegria. Também era certo que estava exposto ao matrimônio até que lady Freyja decidisse liberá-lo, ao seu devido tempo. Encontrava-se por completo a sua mercê.

Não obstante, era uma mulher que sempre jogava limpo, embora o fizesse sem compaixão, ou acreditava nisso. Além disso, a dama em questão tinha os mesmos desejos de casar-se com ele que os que ele tinha de se casar com ela. Além de todo isso, caía-lhe bem. Ainda não se tinha cansado de sua companhia.

Ao contrário, achava sua conversa, seu engenho e seu temperamento tão estimulantes como os de qualquer de seus amigos. E também a achava

muito atraente. Talvez muito atraente. Ia ter que andar - com cuidado durante os dias ou semanas ou o tempo indefinido que tivesse que passar em Hampshire.

Chegaram a Lindsey Hall no meio da tarde. Transpuseram a grade de entrada à propriedade e enfiaram-se na longa e reta alameda. A mansão não demorou para aparecer em frente a eles. Não era nem medieval, nem jacobita, nem georgiana nem de nenhum outro estilo arquitetônico definido. Era uma mescla de vários estilos e

claramente uma mansão que estava há gerações na família e que tinha sido “melhorada” e ampliada em numerosas ocasiões. O resultado era surpreendentemente imponente e interessante.

A avenida se bifurcava não muito longe da mansão para rodear um enorme jardim circular com uma fonte de mármore no centro. Nessa época do ano não havia tantas flores como haveria sem dúvida em julho, mas ainda não se cortara a água em previsão da chegada do inverno. O jorro se erguia no ar um e dez metros antes de cair ao enorme reservatório de água formando a brilhante armação de um guarda-chuva.

Um mocinho se sentava precariamente na borda do reservatório de água e era mais que provável que se estivesse molhando. Um homem alto e de aspecto robusto com um rosto severo e um proeminente nariz (o nariz Bedwyn?) aguardava na borda da avenida não muito longe do menino, com uma menina sentada em um dos ombros e agarrada a seu cabelo. A seu lado se encontravam uma formosa dama bastante magra e de cabelo castanho, e uma voluptuosa ruiva. Todos se viraram para observar a chegada da carruagem. As damas sorriram quando passou por diante. A menina saudou com a mão.

Olharam-no com curiosidade.

Três pessoas vestidas com trajes de montar abandonavam o pátio dos estábulos enquanto a carruagem se internava no terraço pavimentado que havia diante das enormes portas duplas da mansão. Uma delas era uma escultural beleza de cabelo negro. Os outros dois eram homens: um alto, robusto, com cabelo loiro e sobrancelhas escuras; o outro era moreno, magro e de aparência agradável. Ambos mostravam o nariz da família.

Estava a ponto de conhecer os Bedwyn, compreendeu. Perguntou-se como o apresentariam. Não tinha discutido com Bewcastle se a família ia

formar parte da farsa que deviam representar em razão do decoro até que pudessem pôr fim ao compromisso apropriadamente... Se acaso existia uma forma “apropriada” de pôr fim a um compromisso.

Produziu-se um grande alvoroço quando todos convergiram no terraço enquanto se abria a portinhola da carruagem e baixavam os degraus. O

corpulento loiro colocou os braços na carruagem e tirou sua irmã sem ajuda dos degraus. Ela se pôs a abraçar às damas e à menina. Estreitou as mãos do menino e de seus irmãos como o faria um homem. O duque, enquanto isso, desceu da carruagem, saudou-os todos com um gesto de cabeça e pareceu ficar um tanto desconcertado quando a dama de cabelo castanho o abraçou.

Joshua desmontou e deixou seu cavalo aos cuidados de um cavaleiro que se aproximou a toda pressa dos estábulos.

Freyja se aproximou dele quando terminou com a ronda de saudações.

Trazia o queixo erguido com altivez. Havia certo brilho marcial em seus olhos. Talvez desejasse que o momento acabasse o mais rápido possível.

Pegou-o com firmeza pela mão.

— Quero lhes apresentar ao Marques de Hallmere... Joshua - disse e sua voz se ergueu com altivez. — Meu noivo. Não há data para as bodas.

Suponho que será no próximo ano. Talvez no verão.

Ergueu-se um coro de murmúrios, mas ela levantou a mão e os calou.

— Primeiro, as apresentações - ordenou e procedeu a nomear todos os desconhecidos que o rodeavam. Lady Morgan Bedwyn, a beldade de cabelo negro, fez-lhe uma reverência enquanto seus olhos escuros o contemplavam com um olhar franco.

Lorde Alleyne, o jovem de cabelo escuro, parecia achar o momento muito divertido. O gigante loiro era lorde Rannulf; a ruiva espantosa, sua esposa, Judith. A linda dama de cabelo castanho era Eve, lady Aidan Bedwyn. Seu marido era o homem alto e sério, que parecia ter passado uma boa temporada no exército. As crianças, Davy e Becky, eram os filhos do casal.

— Assim foi por isso que partiu a Bath a toda pressa sem dizer nada a ninguém quando esperávamos a chegada de Aidan, Eve, Ralf e Judith - disse lady Morgan a seu irmão mais velho - se inteirou do compromisso e foi ver

o que acontecia. Por que Wulf sempre se inteira das coisas interessantes e nós não?

Lorde Rannulf lhe estreitou a mão com um apertão firme e quente.

— Isto é muito repentino - lhe disse com um sorriso. — Mas os Bedwyn têm desenvolvido nos últimos tempos uma debilidade pelos compromissos e os matrimônios apressados, por que ia ser Free diferente?

— Hallmere? — Lorde Aidan, com sua expressão pétrea, estreitou-lhe a mão com uma saudação de cabeça, mas sem sorriso.

Sua esposa estava abraçando a Freyja de novo com os olhos cheios de lágrimas.

— Me alegro muitíssimo por você, Freyja – disse — Sabia que isto aconteceria logo.

O menino tinha conseguido colocar-se entre ele e Freyja e lhe estava dando puxãozinho no vestido de viagem de sua tia.

— Tia Freyja - disse com um novo puxão — Tia Freyja, trouxe meu jogo de críquete.

— Ouça, patife. — Lorde Aidan pareceu de repente quase humano quando se agachou, levantou em braços ao menino e o sentou sobre seus ombros. — Deixa que sua tia entre na casa antes de persegui-la para que jogue contigo. Além disso, faz frio para jogar críquete. Já encontraremos alguma atividade enérgica para fazer amanhã.

— Mas primeiro críquete, faça bom tempo ou não - replicou lady Freyja com um sorriso para o menino e inclusive uma piscada. — Quero você em minha equipe, Davy. Farei seis corridas seguidas em meu primeiro turno com o taco de beisebol.

Joshua a olhou com certo interesse. Jogava críquete? Deveria ter suposto.

— Posso jogar também? – perguntou. — Sou um lançador estupendo e tenho fama de não permitir nunca seis corridas seguidas em uma entrada...

Nem sequer quatro.

— Ah! -zombou ela.

O menino riu encantado e lorde Aidan pareceu humano ao sorrir.

— Suponho – disse - que qualquer tempo é bom para jogar críquete se

o disserem os Bedwyn.

— Talvez - interveio o duque de Bewcastle sem levantar nem um ápice a voz, embora seus buliçosos irmãos guardassem silêncio para escutá-lo -

deveríamos entrar na casa e nos reunir no salão dentro de meia hora para tomar o chá.

— O amo e senhor falou - replicou lorde Alleyne rindo-se baixo uma vez que Bewcastle desapareceu no interior da mansão. Passou um braço a Freyja pelos ombros e lhe deu um apertão. – Se você for feliz, Free, eu também. A você também o incluo, Hallmere. Será melhor que entremos como dóceis cordeirinhos — Pôs-se a andar diante deles.

— Uf! - exclamou enquanto oferecia o braço a Freyja com um sorriso.

— Decidi - disse ela, olhando-o com altivez quando aceitou seu braço -

que o chamarei Josh. Nego-me a dizer “milorde”, não desejo chamá-lo Hallmere e Joshua é muito bíblico. Você pode me chamar Freyja.

— Ou Free como seus irmãos? - sugeriu.

— Ou Free - aceitou. — Mas só enquanto continuarmos comprometidos. Até Natal quando muito.

— Até então desfrutarei de minha liberdade com o Free^{1} - disse ele.

Ela o olhou de soslaio, o que lhe assegurou que não lhe tinha escapado nem a brincadeira nem o duplo sentido da frase.

Subiram os degraus e entraram na mansão. Joshua se encontrou em um incrível vestíbulo medieval com um artefato de madeira de carvalho, uma gigantesca chaminé bastante grande para assar um

boi, paredes caiadas e decoradas com brasões, pendões e armas, uma galeria superior com uma persiana de carvalho intrincadamente esculpida e uma enorme mesa de carvalho que ocupava grande parte do espaço.

Era o enclave perfeito para um festim ou uma orgia.

O batismo se celebraria ao cabo de dois dias, descobriu Freyja, e ia ser um grande acontecimento. Depois da cerimônia na igreja no meio da manhã, todos os convidados iriam a Alvesley Park, lar do conde de Redfield e também de Kit, o visconde de Ravensberg, para desfrutar de um almoço e de uma festa que sem dúvida se prolongaria até a noite.

Rannulf e Judith se deslocaram desde Grandmaison, em Leicestershire,

onde viviam com a avó materna dos Bedwyn (cujas saúde era muito delicada e de quem Rannulf era herdeiro), já que ele e Kit sempre tinham sido bons amigos. Aidan, Eve e os meninos tinham decidido ir porque Oxfordshire não se encontrava muito longe e porque, segundo Aidan, tinha estado ausente tantos anos por causa das guerras que perdera mais de uma década de acontecimentos tanto da família como dos vizinhos. Via ser uma dura prova, decidiu. O dia em questão a aterrorizava embora contasse com a segurança da presença de seu noivo. Era uma estupidez permitir que uma antiga paixão a perturbasse até esse extremo. Já tinham passado quatro anos desde que se apaixonara com loucura por Kit Butler; um amor que tinha durado exatamente um mês. Claro que não podia esquecer os acontecimentos do ano anterior e o espantoso constrangimento que lhe conduziram. Comportou-se fatal. Pôs-se em evidência. Virtualmente tinha acabado rogando a Kit que abandonasse a Lauren para casar-se com ela e depois tinha dado um murro ao pobre Ralf na mandíbula, talvez porque nesse preciso momento não teve perto Kit.

Já se preocuparia do dia do batismo quando este chegasse decidiu na manhã posterior a sua volta. E já pensaria no problema do Josh uma vez que o batismo passasse. Tinha chegado à conclusão de que estava em dívida com ela face aos passeios e as saídas a cavalo em Bath. Depois de tudo, ele também tinha desfrutado de ditos passeios e tais saídas a cavalo.

Assim, estava obrigado a acompanhá-la no dia seguinte. Depois disso, encontraria a maneira de encetar-se com ele em uma briga pública muito desagradável e romperia o compromisso. Não tinha intenção de esperar até o Natal tal e como Wulfric tinha sugerido. Seria injusto. E talvez lhe fosse mais difícil se deixasse passar o tempo. Joshua era um homem alarmantemente atraente.

Um ponto que somar a sua magnífica atitude, é obvio, detalhe que não tinha escapado a sua família.

— Esteve em Bath algumas semanas, Freyja - lhe disse Morgan na noite anterior quando as damas se reuniram um momento em seu dormitório, - e voltou para casa com um deus grego. A única coisa que eu encontrarei quando for a Londres na primavera para minha apresentação em sociedade e no mercado matrimonial será um punhado de juvenzinhos cheios de grãos e sem maneiras. É muito irritante. — Tanto Judith como Eve explodiram em gargalhadas.

— Mas você esperará que apareça seu príncipe azul, Morgan - replicou Eve pouco depois – E aparecerá, saiba, tal como apareceu o da Freyja.

— Dá-se a casualidade de que o príncipe da Freyja é incrivelmente bonito – acrescentou Judith, com a mão direita no coração em pose dramática e pestanejando sem parar. — E essa cabeleira tão loira. Mmm!

— E esses risonhos olhos azuis - acrescentou Morgan com melancolia.

— Como vou encontrar a um homem que se pareça a ele?

— Mas seu príncipe será mais esplêndido que qualquer mortal comum, Morgan... E inclusive mais do que um extraordinário. Isso acontece com todas, doçura – assegurou Eve. Penso isso de Aidan e estou segura de que à Judith acontece o mesmo com Rannulf. Freyja observou a suas cunhadas naquele momento com uma sensação ligeiramente parecida com a inveja.

Não albergaria nenhum sentimento negativo esse dia, decidiu depois de sair da cama e aproximar-se da janela, de onde percebeu que as nuvens eram altas e portanto era possível que desaparecessem no meio da manhã para lhes dar de presente um dia ensolarado. O ar que entrava pela janela aberta era ar fresco mas não frio. Era uma manhã estupenda para jogar críquete. Era um dia maravilhoso para qualquer atividade extenuante ao ar livre.

Que maravilhoso era estar longe do cansativo ambiente de Bath!

Todos participaram da partida de críquete que teve lugar depois do café da manhã; salvo Wulfric, é obvio, que se encerrou em seu escritório.

Inclusive Eve e Judith decidiram participar, apesar das olhadas eloquentes que Rannulf lançou a sua esposa do outro extremo da mesa e que ela passou por cima.

Valha-me Deus! Pensou Freyja. Judith estava grávida? Que interessante, se fosse certo. Tinham casados há menos de um mês. Seria possível que...?

Embora não fosse de sua incumbência.

Joshua e ela estavam em equipes diferentes... De propósito. Ele estava decidido a eliminá-la; ela estava igualmente decidida a fazer uma corrida enquanto ele lançava. Em sua equipe estavam Eve, Morgan, Rannulf e Davy.

Joshua contava com Judith, Aidan, Alleyne e Becky na sua.

Por sorte, Rannulf era um lançador bastante decente. Embora não se esforçava muito com Judith e muitíssimo menos com Becky. Assegurou-se

de que a menina golpeava um bom número de bolas e somava oito corridas enquanto que os jogadores repartidos por todo o campo se mostravam particularmente torpes e incapazes de eliminá-la. Aidan golpeou seis bolas seguidas e em algumas ocasiões chegou a somar quatro antes que o pilhasse fora de base, e Joshua somou um total de vinte corridas. Alleyne ficou ignominiosamente eliminado na primeira bola que lhe lançaram, e que derrubou os wickets{2} que tinha atrás enquanto Davy saltava de alegria.

Sua equipe necessitava de cinquenta e duas corridas para ganhar quando lhes tocou o turno de bater.

Rannulf conseguiu quinze antes de o eliminarem. Eve conseguiu dezesseis e Morgan onze, graças a uns lançamentos muito suaves por parte de Josh, que estava perturbadoramente viril e atraente sem jaqueta nem colete e com a camisa arregaçada no meio do braço. Davy, a quem também lhe lançaram com suavidade, conseguiu nove corridas quando Morgan cedeu seu posto a ela.

A primeira bola de Joshua foi diretamente aos wickets, com um perverso efeito que fez quase impossível adivinhar sua trajetória. A única coisa que pôde fazer foi proteger como pôde seus wickets antes de fulminar com o olhar ao sorridente lançador.

— Não sabe fazê-lo melhor, Josh? - gritou-lhe ao mesmo tempo em que rodava os pulsos e batia algumas vezes no ar. Sim podia.

A bola seguinte ricocheteou com uma terra, e esteve a ponto de lhe quebrar os dentes quando passou a escassos centímetros de seu rosto.

— Não pode fazê-lo melhor? - gritou-lhe ele, enquanto sua equipe assobiava e o de Freyja aplaudia para animá-la entre gritos.

Freyja não tirou os olhos de cima da bola seguinte nem um só instante.

Viu-a chegar como se aproximasse muito devagar, calculou o giro sem apressar-se, ajustou a posição do taco de beisebol, segurou-o com força e a golpeou. O som do impacto foi mais que satisfatório. Depois observou como voava sobre a grama, gasto um precioso arco que passou a uns três metros por cima da cabeça de Aidan, situado no extremo do campo. Ato seguido, pôs-se a correr entre os wickets com o taco de beisebol em uma mão as saias recolhidas na outra, rindo a gargalhadas enquanto deixava atrás a um entusiasmado Davy. Sua equipe tinha ganhado a partida.

— Acho - disse quando se deteve não longe de Joshua, ofegante, com os braços na cintura e o cabelo revoltado sobre os ombros (fazia um bom tempo que tirara as últimas forquilhas) - que respondi a sua pergunta.

— Certo - replicou ele com uma expressão de absoluto abatimento que ficava desmentida por seu olhar alegre. — Ganhou nossa aposta, Free. Será melhor que pague o lembrado.

E ali, diante de seus irmãos, suas cunhadas e os dois meninos, aproximou-se dela com duas longas passadas, enterrou-lhe uma mão no cabelo para segurá-la pela nuca, jogou-lhe a cabeça para trás e lhe deu um apaixonado beijo.

Menos mal que tinha estado correndo, pensou quando por fim se separou dela e descobriu que era o centro de atenção de seus sorridentes familiares. Isso desculparia seu rubor. Ruborizar-se em público teria sido muito humilhante.

— Devo estar sofrendo uma perda de memória – disse, - porque não recordo nenhuma aposta.

— Jamais poderei voltar a olhar o rosto de meus companheiros de críquete - assegurou Josh. — Devo confessar que ganhou a partida limpamente. Não tinha intenção de deixar que golpeasse uma só bola.

— Sei. — Dedicou-lhe um sorriso deslumbrante.

— O que vamos fazer agora? - gritou Davy, que não parava de dar saltos de alegria. — Disse que encontraríamos algo extenuante de fazer, tio Aidan.

Podemos sair cavalgando ou jogar esconderijo ou subir nas árvores...?

Aidan o agarrou e o pendurou de cabeça para baixo, agarrando-o pelos tornozelos.

— O que vamos fazer agora - respondeu enquanto Davy chiava, retorcia-se e exigia que o deixasse no chão - é almoçar. Depois veremos. —

Deixou ao menino na erva com muito cuidado e lhe fez cócegas com a ponta do pé. — Tio Aidan? - repetiu Joshua a caminho da mansão enquanto a agarrava pela mão.

— Becky e Davy estavam recolhidos em casa de Eve quando Aidan a conheceu em princípios do ano – explicou — Seus pais tinham morrido e nenhum de seus familiares queria fazer-se encarregado deles.

Recentemente Eve e Aidan obtiveram sua custódia legal. Becky os

chama papai e mamãe. Davy os chama tio e tia. Eve me disse que cuidam muito de não ocupar o lugar de seus pais nem de fazer nada que os anime a esquecê-los. A ideia de Aidan como pai me era impensável. Mas, como pode ver, tem tanto carinho a eles como qualquer outro.

— Esteve no exército? - perguntou-lhe Joshua.

— Durante doze anos – respondeu. — Dos dezoito até faz uns poucos meses, depois que se casou com Eve. — Baixou a vista a suas mãos entrelaçadas - dei-lhe permissão para que me agarre a mão, Josh, e de um modo tão íntimo além disso?

Ele também desceu o olhar e depois a olhou no rosto logo antes de tornar a rir.

— Não – respondeu. — Mas temos que manter uma farsa. Ao que parece, Bewcastle e você concordaram que nosso compromisso deve parecer real aos olhos de sua família. Limito-me a interpretar meu papel.

— Se pensa - replicou com severidade - que vou ficar de braços cruzados enquanto me manuseia em nome do realismo, digo-te desde já que se equivoca de parte a parte.

— De braços cruzados? - pôs-se a rir novamente. — Espero que não!

Tão divertido é manusear a uma estátua de mármore como a um pescado flácido. Suponho que em menina foi uma pólvora, não?

— É claro - respondeu.

— Bem. — Inclinou a cabeça, e ela pensou por um instante que ia beijá-la de novo. — As pólvoras são minha fraqueza.

A farsa, compreendeu, ia lhe dar via livre para paquerar descaradamente com ela... E inclusive para ultrapassar os limites da paquera.

Por que lhe era tão emocionante a ideia?

Os Bedwyn eram uma família buliçosa e alegre, decidiu Joshua antes que terminasse o dia. Não ocultavam as crianças na sala infantil enquanto eles matavam o tempo com atividades decorosamente tediosas. Depois do almoço decidiram passear até o lago, oculto à vista pelas árvores que se erguiam ao leste da mansão. Ali havia um montão de esconderijos, assegurou-lhes Rannulf (todos tinham pedido que os chamasse por seu nome de batismo) para brincar de esconde-esconde. Alleyne acrescentou

que levaria o balanço e o penduraria em uma das árvores. Freyja declarou que as árvores também eram para subir em seus ramos.

— E sempre há a água - recordou Aidan.

— Em setembro? - perguntou sua esposa.

— Um setembro muito quente - replicou ele, olhando para a janela.

O sol brilhava no exterior.

— Se alguém for nadar - declarou Eve com firmeza, - sentarei-me na margem para observar e tentarei me mostrar o mais decorativa possível.

— O mesmo digo, Eve - secundou Judith — Podemos nos alternar no balanço se gosta de mover.

A tarde foi tão ativa e extenuante como prometia. Joshua suspeitava que os meninos só eram uma desculpa para que os adultos se despenteassem e passassem em grande atividade.

Subiu com Alleyne a uma árvore alta e robusta situada não muito longe do pitoresco lago artificial e entre os dois amarraram as cordas do balanço a um ramo alto. Os meninos se balançaram um momento, mas foi inevitável prosseguir com o esconde-esconde, jogo que se alargou durante mais de uma hora, até que tocou a ele procurar e encontrou a todos salvo a Freyja.

Ao final a encontrou em cima de um velho carvalho, com as costas apoiada contra o tronco e abraçando os joelhos. Tinha passado várias vezes pelos arredores da árvore enquanto a buscava.

— Ouça! – gritou. — Isso é armadilha. Uma das regras diz que temos que ficar em contato com o chão.

— O tronco está em contato com o chão - replicou ela, olhando para baixo sem demonstrar nenhum pingo de temor às alturas. — E minhas costas estão em contato com o tronco.

— Mmm – resmungou. — Esse raciocínio falha por algum lugar. Mas já a apanhei.

— Primeiro tem que me tocar - recordou ela.

— Vai me obrigar a subir? - perguntou, olhando-a com os olhos entrecerrados.

— Sim. — Freyja jogou a cabeça para trás para admirar o céu.

Admiraram-no juntos depois que ele subisse ao ramo e lhe tocasse o

braço para que ficasse fora do jogo oficialmente. Umas nuvenzinhas brancas sulcavam a vasta extensão de azul.

— O verão está a ponto de acabar - disse ela. — Bom, a verdade é que já acabou, mas resiste a deixar passagem ao outono. Tomara que o inverno não o seguisse.

— Mas no inverno se podem dar vigorosos passeios a pé e a cavalo —

recordou. — E se nevar, há os trenós, as batalhas com bolas de neve, a patinação sobre gelo e os bonecos de neve. — Nunca neva -replicou ela com um suspiro.

Joshua ficou em pé. Estava no ramo imediatamente inferior ao de Freyja e a posição lhe permitia observá-la. Levava o cabelo solto desde essa manhã. Parecia uma fada do bosque mergulhada em um estado pensativo.

— Teremos que continuar comprometidos, encanto - lhe disse. —

Porque assim te ensinarei tantas coisas interessantes com as quais ocupar o inverno que não desejará que chegue o verão.

Ela virou a cabeça e lhe deu de presente um meio sorriso.

— Não se preocupe - o tranquilizou. — Me terá pagado a dívida muito antes que chegue o inverno. Amanhã será um dia tedioso.

— Amanhã? - repetiu antes de recordar que tinham previsto assistir ao batismo do recém-nascido dos vizinhos. — Redfield e sua família são uma turma de aborrecidos?

— Houve um tempo no qual estive comprometida com o primogênito -

confessou Freyja. — Se supunha que ia ser a viscondessa de Ravensberg. O

primogênito dos viscondes, o herdeiro da seguinte geração, ia ser meu filho. Mas Jerome morreu.

— Ah, é certo – replicou - me perdoe, já sabia. Amava-o? - tinha assegurado que não quando lhe falou do seu compromisso no dia que estiveram na pedra branca de Bath.

A atitude de Freyja se tornou ligeiramente desdenhosa.

— Crescemos com a ideia de nos casar - assegurou. — Não nos desagradávamos. Inclusive tínhamos carinho. Mas o amor não é um requisito nesse tipo de matrimônios.

Mesmo assim, nesse momento devia sentir-se compreensivelmente deprimida por todo o assunto. O dia seguinte seria um tanto duro para ela, supôs Joshua. Veria outra mulher no lugar que ela deveria ocupar, com um filho que deveria ter sido seu, embora com um pai distinto.

— Sabe nadar, Josh? - perguntou-lhe.

— É claro que sei nadar – respondeu. — Não vai me desafiar a uma corrida, não é, Free? Se for assim, devo adverti-la que me criei junto ao mar.

Não terei compaixão. Já feriu gravemente minha autoestima, primeiro ao ganhar a carreira em Bath e depois ao golpear meu melhor lançamento esta manhã.

— Até a outra margem e volta - lhe disse.

Virou a cabeça para olhar para baixo e percebeu que os irmãos de Freyja e os meninos já estavam na água. Também percebeu que se tivesse prestado atenção, teria escutado seus gritos e a risada das crianças. Eve e Judith estavam recatadamente sentadas na margem. Morgan estava no balanço impulsionando-se até uma altura perigosa e com um aspecto muito encantador. Supôs que se veria acossada pelos pretendentes quando fizesse sua apresentação em sociedade no ano seguinte só por sua beleza, independentemente de que fosse a filha de um duque.

— O que vai pôr para nadar? - perguntou.

— Minha regata - respondeu ela. — Se a experiência te for muito constrangedora, pode retornar à casa em busca de um livro.

— Constrangedora? - dispôs-se a descer sem oferecer sua ajuda, gesto que teria sido provocação mais que suficiente para receber um de seus famosos murros no nariz. — Ardo de impaciência.

Darei-lhe um pouco de vantagem, parece-lhe bem? Contarei devagar até dez antes de segui-la.

Pôs-se a rir enquanto ela soprava, resmungava e descia atrás dele.



CAPÍTULO 12

O batismo do Honorável Andrew Jerome Christopher Butler foi certamente um acontecimento, tal como Freyja predisse assim que os Bedwyn fizeram sua entrada na igreja e tomaram assento em seus bancos.

A igreja estava a transbordar com os vizinhos e os familiares de Kit e da viscondessa. Tinham acudido o primo desta, o jovem visconde do Whitleaf, e seu avô, o barão Galton.

Também se encontravam presentes todos os ilustres parentes que a viscondessa tinha conseguido depois do segundo matrimônio de sua mãe: os duques de Portfrey, os duques de Anburey, o marquês de Attingsborough, os condes de Kilbourne, a condessa viúva de Kilbourne e sua filha viúva, lady Muir.

Grande alvoroço pensou Freyja, e tudo por um bebê que não se dignava a prestar atenção às honras que lhe rendiam. Estava primorosamente vestido com uma longa bata de batismo com bordados, uma antiquíssima herança familiar, mas passou toda a cerimônia dormindo e só despertou para chiar com indignação quando lhe jogaram a água batismal pela cabeça.

Embora não demorou em voltar a dormir nos braços de Kit.

Tentou não prestar muita atenção ao grupo principal, mas não podia evitar ver Kit, cheio de orgulho e felicidade, nem a sua viscondessa (jamais tinha sido capaz de pensar nela por seu nome de batismo, Lauren), resplandecente em sua flamejante condição de mãe.

Devia admitir que a mulher possuísse certa beleza. Tinha um brilhante cabelo escuro, uma cútis perfeita e uns olhos de um surpreendente tom violeta. Mas sempre se mostrava decorosa, a irrepreensível dama comedida a que jamais lhe movia um cabelo de seu lugar nem pronunciava uma palavra mais alta que outra.

Em sua opinião, carecia de carisma e de temperamento. Odiava-a; embora só fosse porque todos outros pareciam admirá-la e querê-la.

Desceu o olhar a suas mãos, cobertas pelas luvas e entrelaçadas sobre seu regaço, e foi nesse preciso momento que Joshua pegou uma delas, deu-lhe um apertão e a colocou no braço. Olhou-o com sua expressão de aborrecimento mais exagerada. Sorriu-lhe e lhe lançou um terno olhar, muito menos risonho e zombador do que o habitual, antes de lhe cobrir a mão com a que tinha livre.

Nesse instante lhe teria dado murros de boa vontade. Sabia muito bem do que ia todo aquilo. Tinha-lhe pena. Essa manhã, justo antes de ajudá-la a subir à carruagem e percebendo seu mau humor e sua irritação para com todo mundo, havia-lhe dito ao ouvido:

— Tenha coragem. Seu Jerome se foi. Mas algum dia aparecerá alguém para você. — Nesse momento tinha sorrido. — E, enquanto isso, talvez eu possa ser de ajuda, encanto.

Acreditava que estava triste pelo Jerome. E estava. Ou deveria estar.

Tinha morrido sendo muito jovem e de um modo muito estúpido: de uma febre contraída depois de resgatar a várias famílias de

arrendatários que tinham ficado isoladas por uma enchente. E ela o tinha querido muito.

Tinha sido um de seus companheiros de jogo enquanto cresciam. Embora se tivesse plantado no respectivo a se casar com ele, e Jerome tampouco tinha parecido muito ansioso. Cada vez que ela tinha saído com qualquer desculpa para atrasar o anúncio do compromisso ou depois de que o anunciassem, para fixar a data das bodas, ele não tinha posto a menor objeção.

A interminável missa chegou ao fim e Kit partiu com sua viscondessa na primeira carruagem, já que se aproximava a hora de alimentar o bebê.

Ao que parecia, era ela quem o amamentava. Ao fim algo no que não era perfeita, pensou Freyja com uma momentânea satisfação. Muitas damas da alta sociedade a olhariam com desaprovação e a pontuariam de vulgar por não ter procurado os serviços de uma ama de leite.

A presença de Joshua quando chegaram a Alvesley resultou ser uma enorme bênção. Ter que apresentar a seu noivo a liberou do tédio e a ajudou a dissipar o sobressalto ou a lástima que seus conhecidos poderiam sentir por causa de todo o acontecido no verão anterior. Porque bem era certo que um incrível número dos presente sabia que as celebrações que se fizessem em honra do aniversário da avó de Kit, a qual tinha morrido de

forma repentina no começo desse ano, deveriam ter incluído o anúncio de seu compromisso com lady Freyja Bedwyn.

Kit e sua viscondessa deixaram o bebê em seu quarto e retornaram com os convidados antes do jantar. E então chegou o doloroso momento de encontrar-se com eles cara a cara. Kit esboçava aquele sorriso receoso que sempre aparecia em seus lábios quando estava em sua presença. A viscondessa esboçava seu habitual sorriso, radiante e afável. Ela esboçou um sorriso de orelha a

orelha. Que diferenças mais significativas devia haver entre os pensamentos e emoções que se ocultavam atrás desses três sorrisos, pensou.

— Parabéns pela recente paternidade - lhes disse.

— Obrigado, Freyja - replicou Kit. — E obrigado por vir.

— Nos alegra muitíssimo que tenha retornado de Bath a tempo para nos acompanhar neste dia – disse a viscondessa, embora sem dúvida fosse uma mentira grande como uma catedral.

— Permitem-me apresentá-los ao marquês do Hallmere, meu noivo?

Perguntou. — Josh, os viscondes de Ravensberg. — O noivo de lady Freyja.

— A viscondessa olhou a Joshua com um alegre e afetuoso sorriso.
—

Encantado de conhecê-lo, Hallmere. Alegro-me muitíssimo por você, lady Freyja.

Deu um passo para frente e por um horrível momento Freyja pensou que estava a ponto de abraçá-la.

Arqueou as sobrancelhas e ergueu o queixo, justo para fazê-la titubear e que se contentasse esboçando um novo sorriso.

— Hallmere - disse Kit, ao mesmo tempo em que estreitava a mão de Joshua. — É um homem afortunado. Espero que saiba apreciar o tesouro que leva.

Freyja apertou os punhos e notou que lhe estremeciam os nódulos pelo desejo de dar murros.

— E, Freyja - seguiu Kit, lhe pondo as mãos nos ombros, - sabia que algum dia não muito longínquo encontraria a felicidade. Minhas mais sinceras felicitações. — Em lugar de titubear como sua esposa, beijou-a com efusividade na face.

Por sorte, nesse momento se anunciou o jantar e não houve necessidade de alongar a conversa.

Agarrou a mão de Joshua enquanto o olhava com um sorriso deslumbrante.

— Que bem estamos passando - murmurou.

Joshua não esteve ao lado de Freyja durante toda a tarde. Teria sido uma amostra de má educação e teve a impressão de que, uma vez acabado o jantar, a horrível tensão que tinha percebido nela durante todo o dia (apesar de seus sorrisos e sua irrepreensível compostura) já não estava aí.

Nesse instante estava movendo-se entre os convidados com uma expressão alegre, desenvolta e sociável. Estava muito atraente com esse vestido de musselina de vaporosas saias em vários tons de turquesa e verde mar.

Não estava muito seguro de que não tivesse amado a Jerome Butler com loucura. Certamente que estava passando um mau pedaço.

Durante a maior parte da tarde ele também se mesclou com os convidados. Embora ao final se sentou no batente acolchoado da janela do salão com o filho caçula do conde de Redfield, Sydnam Butler, que estava ali um tempo a sós. O homem tinha perdido o olho e o braço direitos, e tinha o mesmo lado desfigurado do rosto e do pescoço pelas cicatrizes deixadas de umas antigas queimaduras.

— Feridas de guerra? - perguntou-lhe.

— Exato - respondeu. — Fui capturado por uma patrulha de reconhecimento francesa durante uma missão em terreno inimigo em Portugal. Ia à paisana.

Joshua compôs uma careta.

— Esse foi meu maior temor durante cinco anos – confessou. — Estive na França realizando trabalhos de espionagem para o governo, mas de forma extraoficial. Não pertencia ao exército, não levava uniforme e ninguém teria ido ao resgate se me tivessem capturado. Não lhe deram o tratamento honroso que o uniforme lhe teria assegurado, por isso sei.

— Não - confirmou seu interlocutor.

Conversaram um momento sobre as guerras e sobre Gales, onde o homem vivia e trabalhava em qualidade de administrador de uma das propriedades do duque de Bewcastle. Em um dado momento, seu interlocutor apontou com a cabeça a Freyja, que estava em um grupo que

incluía Rannulf e Judith, lady Muir e um parente dos Butler cujo nome não conseguiu recordar.

— Alegra-me muito ver que Freyja volta a ser feliz - lhe disse. — Está claro que você contribuiu para isso.

— Obrigado - replicou Joshua. — Embora o dia de hoje tem suposto um enorme esforço. Acredito que devia querer muito a seu irmão quando esteve comprometida com ele.

— Bom, em realidade não chegaram a estar - declarou Sydnam Butler.

— Quando Kit voltou para casa o verão passado, trouxe Lauren com ele como sua prometida e aí ficou o matrimônio que Bewcastle e meu pai tinham consertado. — Fez uma breve pausa e Joshua foi

consciente de que o homem dava um pequeno pulo. — Peço desculpas. Referia-se a Jerome.

Sim, é obvio. Sempre se tiveram muito carinho. Mas eu não me preocuparia muito se estivesse em seu lugar. Isso foi faz muito tempo e Freyja parece feliz. Muito feliz.

Ravensberg e sua esposa, que se tinham ausentado da sala um bom tempo, retornaram nesse momento. A viscondessa trazia o bebê nos braços. Tinham-lhe tirado a bata e estava envolto em um manto branco.

Entre sua renda se agitavam duas mãozinhas. O casal se pôs a mostrar seu tesouro de grupo em grupo enquanto as damas se desfaziam em mímicos e sorrisos, e vários cavalheiros sofriam um repentino ataque de acanhamento.

O atraente físico do casal era impressionante. E se não estava equivocado, dedicavam-se um profundo amor.

Como tampouco se equivocava ao interpretar o comentário que Sydnam Butler fazia justo antes que percebesse seu engano. Tinham combinado um matrimônio entre a Freyja e o atual visconde de Ravensberg. Tinha sentido. Se as duas famílias tinham planejado uma união entre o primogênito e Freyja desde a infância, o mais natural era que depois de sua morte o plano seguisse seu curso com o segundo filho no papel de noivo. Entretanto, o dito segundo filho tinha retornado com uma noiva de sua própria escolha e desse modo tinha desbaratado o plano.

Teria sido deliberado? Teria estado atado ao plano que seu pai e o irmão de Freyja tinham disposto sem contar com ele? Teria decidido, como tinha feito ele em Bath, anunciar um compromisso repentino com outra

pessoa para evitar um matrimônio não desejado? Talvez não tivesse estado a par de nada.

Freyja haveria sentido desprezada de igual forma.

Não teria gostado nada!

O que teria saído mais ferido atrás dessa rejeição? Perguntou-se. Seu orgulho ou seu coração?

Da posição que ocupava no batente da janela, uma vez que Sydnam Butler partira acompanhado por seu pai e por um de seus primos, observou como o sorriso de Freyja se tornava ainda mais deslumbrante à medida que o casal e o bebê se aproximavam de seu grupo. Percebeu o modo pelo qual abria e fechava os punhos ao mesmo tempo em que golpeava repetidamente o chão com a ponta de um pé. Seu sorriso lhe pareceu um pouco felino. Freyja lançou um olhar fugaz à viscondessa, que nesse momento não estava muito longe dela e acabava de soltar uma deliciosa gargalhada enquanto contemplava o rosto de seu filho. O olhar, embora fugaz e dissimulado, estava carregado de veneno.

Em uns instantes o casal e o bebê estariam com o grupo de Freyja e esta se veria obrigada a admirar a criatura. Judith já estava sorrindo de orelha a orelha em feliz espera enquanto olhava de soslaio e com ternura a seu marido. Joshua ficou em pé.

— Freyja - chamou-a ao mesmo tempo em que a puxava pelo cotovelo.

Ela deu um pulo, como se acabasse de tocá-la com um ferro ardente. — Me dei conta de que há alguns valentes passeando pelo terraço. Gostaria de tomar um pouco de ar fresco?

— Eu adoraria - respondeu com voz muito alta. — A inatividade me está desenquadrando.

O clima tinha mudado durante a noite. No dia anterior tinha sido virtualmente estival, mas esse era cinza, frio e ventoso, mais próprio de um dia de novembro que de setembro.

Vestiram as capas antes de sair.

Joshua enfiou o chapéu até as sobrancelhas de modo que não o arrancasse o vento.

— Espero que não ache que vou me conformar dando um afetado passeio pelo terraço, Josh – lhe advertiu — Preciso respirar. Não acha estas

reuniões insuportavelmente insípidas?

Freyja dobrou para a direita em direção aos estábulos, e assim que deixaram atrás os jardins formais que se estendiam em frente à casa e sob o terraço, abandonou o atalho para caminhar em paralelo pelo prado.

Partia com sua habitual energia tão pouco feminina. Ele se adaptou a seu passo.

— Sim! - exclamou ela, jogando a cabeça para trás. — Isto está muito melhor.

Joshua não tentou entabular uma conversa, já que claramente ela não estava com humor. Continuaram caminhando até a ponte de pedra que cruzava o rio e que marcava o final da parte cuidada do jardim para dar passagem aos bosques que se erguiam ao outro lado. Devia ser mais tarde que tinha suposto. Já estava escurecendo.

— E agora o que? - perguntou-lhe. — Voltamos para a casa?

— Ainda não - respondeu ela. — A festa se alongará durante horas.

Ninguém sabe quando pôr fim a este tipo de eventos.

— Nesse caso aonde vamos? - quis saber.

Ela deu uma olhada a seu redor.

— Está ali o lago - respondeu ao mesmo tempo em que apontava à direita. — Mas hoje não quero me banhar. — Estremeceu pelo repentino açoitado de uma fria rajada de ar.

— Como? - perguntou-lhe, movendo as sobrancelhas de forma zombadora. — Não vou voltar a vê-la hoje em regata? — Para ser mais exato, tinha-a visto no dia anterior e tinha sido como vê-la nua. A simples lembrança ameaçou aumentar sua temperatura corporal.

— Vamos à cabana do guarda-florestal - disse. — Está por aí. —

Assinalou em direção ao bosque que se erguia à esquerda do caminho. —

Em realidade é um lugar de retiro familiar, porque não recordo que jamais tenha vivido um guarda-florestal nela. Mas sempre a mantiveram em bom estado. Talvez possamos acender o fogo e nos sentar tranquilamente um momento antes de voltar.

Um plano estupendo pensou Joshua enquanto cruzavam a ponte.

Perambularam um momento pela crescente escuridão do bosque, já que ao que parecia Freyja não recordava muito bem a localização exata da cabana. Mas seu humor pareceu melhorar de forma considerável mesmo enquanto a procuravam.

— Uma tarde muito quente estive encerrada nela durante várias horas

- contou. — Jerome e Kit montavam guarda na porta. Tinham-me sequestrado. Mas a aventura lhes aguçou quando Aidan e Rannulf se negaram a pagar meu resgate. Quando Kit partiu para casa com a intenção de arrumar um pouco de comida da cozinha, pus-me a gritar tão alto e soltei tal quantidade de impropérios que Jerome me deixou sair por temor a que chamasse a atenção de algum jardineiro que andasse pelos arredores.

Devolvi-lhe o favor lhe amassando o nariz com um murro e depois parti para casa para dar de presente ao Aidan e Rannulf algumas equimoses.

— E alguma vez voltaram a sequestrá-la? - perguntou-lhe com um sorriso. — Encanto, supõe-se que as donzelas sequestradas devem chorar e adoecer e fazer com que seus captores se apaixonem por elas.

— Ah! -mofou-se ela. — Vá, aí está! Sabia que não andava muito longe.

Estava fechada com chave, mas Freyja não demorou em encontrá-la debaixo de uma das pedras cobertas de musgo que havia perto da porta enquanto que ele media o dintel. A porta se abriu com tal facilidade que soube sem necessidade de ver o interior que a cabana continuava em uso.

Dentro reinava a escuridão, mas graças a débil luz que entrava pela porta distinguiu uma mesinha localizada contra a parede oposta, sobre a qual havia um abajur e a isca para acendê-lo. Depois de tentativas, conseguiu acendê-la.

Na lareira dispôs a lenha para acender o fogo e a seu lado havia uma caixa com mais troncos.

Em frente a ela se encontrava uma antiga cadeira de balanço coberta por uma manta descolorida. Junto a uma das paredes havia uma cama estreita com suas mantas e seu travesseiro. Tudo estava limpo, incluído o chão de terra batida.

Esse era, pensou Joshua, o retiro de alguém.

Freyja entrou e fechou a porta atrás dela. Aguardou com as costas junto à folha enquanto ele acendia o fogo.

— Sim, esta é – disse. — Minha prisão.

— Mas já não é uma prisão, encanto - a corrigiu ao mesmo tempo em que se endireitava e sacudia as mãos, depois do que deu a volta e se aproximou até capturá-la contra a porta. Inclinou a cabeça para lhe dar um fugaz beijo nos lábios — Um refúgio, melhor. Um refúgio quente dentro de muito pouco, ou espero isso.

E também um refúgio muito privado, muito isolado. Um refúgio muito perigoso para um homem e uma mulher que estavam tentando evitar que seu compromisso acabasse sendo a cadeia perpétua do matrimônio.

Afastou-se dela e apontou a cadeira de balanço com a mão.

Freyja desabotoou a capa e a jogou sobre o espaldar da cadeira de balanço antes de sentar-se. Ele deixou o chapéu e a capa na mesa e sentou-se na beira da cama.

— Já resta pouco para que o suplício acabe - lhe disse.

Ela soltou uma suave gargalhada, com os olhos cravados no fogo.

— Merece que me negue a romper o compromisso depois de tudo - assegurou. — Tão horrível é me aguentar para que me tache de suplício?

Que triste. Você sim que é um suplício, mas eu?

— Não me referia a você - esclareceu. – Fale-me de Ravensberg.

— De Jerome? - perguntou ela.

— De Kit.

Freyja virou a cabeça para olhá-lo.

— O que quer saber de Kit?

— Estava apaixonada por ele?

— De Kit? - repetiu com cenho irado.

— Jerome não foi o único irmão com o que esteve comprometida - disse

- ou quase comprometida. Ao Jerome tinha carinho. Sentia algo mais forte pelo Kit?

Ela continuava olhando-o com cara de poucos amigos.

— Não é teu assunto - replicou.

— Sou seu noivo - recordou Joshua.

— Não o é - o corrigiu com desdém. — E não vai interpretar o papel de amante ciumento a estas alturas, Josh. Grande ocorrência! Não é seu

assunto de quem tenha estado apaixonada nem de quem o estou, se esse fosse o caso. Kit não é teu assunto.

— Sabia ele que o amava? - quis saber.

— É obvio que sabia - respondeu, virando de novo a cabeça para contemplar o fogo antes de apoiá-la no espaldar da cadeira de balanço e fechar os olhos. — Desejava com desespero que me casasse com ele.

— Queria que deixasse tudo, que abandonasse os planos de nossas famílias e partisse com ele para seguir às tropas em campanha. Eu era tudo para ele e ele o era para mim. Mas Wulf não nos deu seu consentimento. Eu tinha vinte e um anos e não o necessitava. Embora tampouco nos proibisse; não está acostumado a chegar a esses extremos e sabia que teria lutado com unhas e dentes contra semelhante desdobramento de tirania. Mas sim me

jogou um sermão a respeito das obrigações familiares e permiti que se anunciasse meu compromisso com Jerome. Kit se encetou em uma sangrenta briga com o Ralf quando chegou feito uma fúria a Lindsey Hall e lhe negou a entrada. Decidiu retornar com seu regimento à Península. O

ano passado, com o Jerome morto antes que nos tivéssemos casado e Kit de caminho a casa, seu pai e Wulf combinaram nosso matrimônio por fim. Mas Kit não me tinha perdoado. Vingou-se de mim trazendo para casa esse insípido modelo de perfeição, Lauren Edgeworth.

Joshua se perguntou se ela seria consciente de que, mesmo que tudo tivesse começado com ânimo de vingança (ou como evasão), a relação de Kit com sua esposa se convertera em um matrimônio por amor. E também se perguntou até que ponto continuava sentindo verdadeiro amor pelo visconde, um amor misturado com um ódio e um ressentimento que eram muito reais.

— Pobre Freyja - disse em voz calma.

Ela ficou em pé de um salto e cortou a distância que os separava em três passadas. Joshua imobilizou sua mão direita segurando-a pelo pulso quando estava a escassos centímetros de seu nariz e fez o mesmo com a esquerda ao sentir que lhe roçava o queixo. Ficou em pé e lhe colocou os braços às costas pela força. Tinha-a agarrada pelos pulsos, já que Freyja seguia com os punhos apertados.

Olhava-o jogando faíscas pelos olhos e com a mandíbula presa.

— Não se atreva a ter pena de mim - lhe advertiu com sua voz mais gélida e altiva. — Minha história e meus sentimentos são meu assunto e de ninguém mais. Muito menos, seu. Nem sequer estamos comprometidos de verdade. Só somos dois estranhos unidos pelas circunstâncias. Não significamos nada um para o outro. Não é nada para mim. Entende-me?

Nada!

Joshua inclinou a cabeça e a beijou. Estava assumindo um risco mortal, porque sabia que ela era capaz de lhe arrancar uma boa parte de lábio com os dentes. Mas necessitava de consolo. Claro que seus motivos não eram inteiramente altruístas. Freyja Bedwyn em um arranque temperamental era uma mulher mais que excitante.

— Não somos nada, encanto? – murmurou - me matas.

— O que vou fazer é arrancar a sua cabeça pela raiz se não deixar de se fazer de covarde e me soltar os pulsos - ameaçou-o com um brilho furioso ainda nos olhos. — Não se atreve a enfrentar à ira de uma mulher a menos que a tenha imobilizado pelos braços?

Ele sorriu e a soltou. E riu entre dentes enquanto esquivava murros sem fazer gesto algum por voltar a lhe segurar os pulsos.

— Ai! -exclamou quando um desses murros lhe acertou na orelha.

Claro que não acabaria com ele, supôs, até que o tivesse moído a golpes no chão e o tivesse esmagado com o salto de seus sapatos. Menos mal que não levava as botas de montar... Embora a seu favor devesse reconhecer que não tinha tentado utilizar nem as unhas nem os dentes. Brigava limpo.

Como não podia lhe estampar o punho no rosto, só ficava uma defesa possível. Apanhou-a entre seus braços. Rodeou-a pela cintura e pelos ombros, e a uniu a ele de modo que seus braços ficassem imóveis a seus flancos antes de beijá-la de novo... Com os lábios separados.

— Repugna-me - disparou ela com desdém quando ergueu a cabeça muito depois. A ira já não brilhava em seus olhos nem se escutava em sua voz. — E não é nada para mim. Absolutamente nada.

— Sei encanto - replicou Joshua antes de voltar a beijá-la.

A ira talvez se desvanecesse, mas não assim a paixão compreendeu ao cabo de uns instantes. Ela separou os lábios, abraçou-lhe como facilmente pôde e se aproximou na medida em que a roupa e suas respectivas

anatomias o permitiram.

— Não se detenha - disse com ardor quando ele ergueu a cabeça, em um desesperado esforço por manter a prudência. — Não se detenha!

— Freyja...

— Não se detenha!

Não soube quem empurrou a quem sobre a cama, mas ali estavam um momento depois, lutando e ofegando no estreito colchão enquanto suas mãos tentavam alcançar a pele do outro com desespero.

Tirou-lhe a jaqueta e o colete com certa ajuda por sua parte e não demorou para lhe tirar a camisa das calças para colocar a mão debaixo dela e lhe acariciar as costas nuas. Enquanto isso, ele estava ocupado com o decote de seu vestido de musselina. Desceu-o com os polegares até despir seus seios e tomou com ambas as mãos antes de beliscar os mamilos ao mesmo tempo em que procurava com os lábios o lugar onde o pulso pulsava em sua garganta.

A prudência tentava abrir caminho em sua cabeça. Ocorreu-lhe algo de repente.

— Encanto. — Elevou a cabeça para olhá-la aos olhos. — É virgem?

Talvez não fosse depois dessa apaixonada aventura com Kit Butler. Se não o era...

— Levanta os braços.

Ele a obedeceu e imediatamente lhe passou a camisa pela cabeça, e a jogou no chão, onde caiu ao montão conformado pela jaqueta e o colete.

— É virgem?

— Não se atreva a se deter — Uma de suas mãos puxou-o para que voltasse a beijá-la enquanto que a outra brigava com a braguilha de suas calças.

Joshua assumiu que a resposta era um sim. Se não fosse, haveria-o dito bem claro e teria acabado com seus escrúpulos, seu torso nu entrou em contato com seus seios justo quando lhe colocava a língua na boca... E ela sugava com força.

— Deixe-me deixe fazer uma coisa - sussurrou um instante depois, antes de afastar-se e desabotoar ele mesmo as calças.

Mas ela o ajudou a tirá-las depois de livrar-se das botas e das meias três-quartos. Joshua lhe abaixou o vestido, arrastando de uma vez a roupa interior. Assim que lhe tirou as meias de seda, soube que a prudência se partiu com a roupa... Deixaram-se cair sobre o colchão em um arrebatamento de paixão. Se ela era virgem, e apostaria qualquer coisa que assim era não mostrou acanhamento nem por sua própria nudez nem por vê-lo ele sem roupa. Claro que já tinha suspeitado que ir para a cama com Freyja seria como fazer com um montão de foguetes a ponto de explodir.

Separou as pernas sem reparo algum assim que a tocou entre coxas.

Estava úmida e mais que preparada. Ele também ia mais que preparado e palpitante de desejo. Colocou-se sobre ela ao mesmo tempo em que lhe separava um pouco mais as coxas com as pernas, deslizou as mãos sob seus quadris para erguê-la um pouco e a penetrou.

Era virgem. Seu corpo era estreito e havia uma barreira muito clara que impedia seu avanço. Claro que também estava muito molhada; seus músculos se fechavam e se relaxavam em torno dele enquanto, insistia-o a seguir, empurrando-o pelas nádegas e elevando os quadris em claro convite. Pressionou de novo e escutou o grito involuntário que escapou de sua garganta quando rompeu a barreira e se afundou nela até o fundo.

Poderia tê-la tomado devagar e com muito mais tato a partir desse instante, mas Freyja se negou a consenti-lo. O desejo e a paixão a embargavam e ele, que Deus o ajudasse, sentiu um desejo em resposta que não necessitou de maior estímulo.

O que seguiu foi mais parecido a um combate de luta que a um ato de amor. Não soube exatamente quanto durou. A única coisa que teve claro foi que conseguiu manter um pouco de controle até que ela gritou e começou a estremecer-se nas garras de um poderoso orgasmo. Só então se dispôs a procurar seu próprio clímax e de que sua semente se derramasse nela.

Os dois tinham acabado empapados pelo suor, descobriu pouco depois, ou muito depois (tinha perdido por completo a noção do tempo), embora o fogo se consumasse. Também estavam ofegando como se tivessem andado quinze quilômetros com o vento no rosto. Ergueu a cabeça para olhá-la a tênue luz do abajur.

Tinha o cabelo desordenado e suas ondas lhe emolduravam rosto e os ombros. Estava ruborizada.

Tinha os lábios entreabertos e as pálpebras entrecerradas.

— Bom encanto – disse, - se não tínhamos bastante problemas com a confusão no que estávamos colocados, acho que acabamos de arrumar...



CAPÍTULO 13

As pernas de Freyja tremiam enquanto se vestia. Assim como às mãos enquanto brigava com os grampos, os quais tinham tirado para tentar recolher o cabelo apesar de carecer de espelho e de escova.

Agracia muitíssimo que Joshua se vestisse mais rápido e nesse momento estivesse ajoelhado diante da lareira, limpando a cinza para reacender o fogo.

Enquanto o olhava, assaltou-a uma poderosa sensação. *Valha-me Deus!*

Pensou. Esse magnífico corpo masculino tinha estado nu entre...

Enfim...

— Isto é minha culpa - afirmou com tom pragmático e cortante.

Joshua ficou em pé e deu a volta para observá-la com um olhar alegre, embora o rictus de seus lábios parecesse um pouco tenso.

— Isso quer dizer que vai seguir menosprezando minha autoestima?

-

perguntou-lhe. — Acabo de ser seduzido, Free?

— Não teria seguido - lhe assegurou, - se eu não tivesse insistido.

Jamais te jogaria a culpa. Foi minha culpa.

“Não se detenha. Não se atreva a se deter.”

A situação era horivelmente humilhante.

— Se isso fosse um ninho - disse ele, assinalando com a cabeça seu cabelo, o qual segurava no alto da cabeça enquanto colocava os grampos que o manteriam em seu lugar, - seria impressionante. Embora suponha que sua intenção é a de ser um recolhido elegante, verdade?

Nesse instante se aproximou, afastou-lhe as mãos e quando voltou a ter o cabelo solto sobre os ombros, sentou-a na beira da cama e fez-se de camareira com uns dedos surpreendentemente destros.

— Foi um arrebatamento de mútuo desejo, Freyja - lhe disse. — E mutuamente satisfatório, além disso, embora não estou muito certo de não

te haver feito mal. Como sei que preferiria a tortura antes de reconhecer algo assim, não lhe perguntarei isso. Embora suponha que coincidirá comigo em que nos encontramos em uma boa confusão.

— Se refere a que agora estamos obrigados a nos casar - declarou sem se mover enquanto segurava o cabelo com os grampos – é evidente que não diz mais que tolices. Não se atreva a me propor matrimônio. Tenho vinte e cinco anos e suponho que você é mais

velho que eu. Por que não podemos nos deitar se for o que desejamos? Pareceu-me bastante agradável.

— Agradável. — Riu baixo enquanto se afastava para admirar seu trabalho. — Bastante elegante, embora esteja mal que eu o diga. Agradável, encanto? Certamente que sabe como dar a um homem onde mais dói. Mas posso responder a sua pergunta com uma só palavra. Por que não podemos nos deitar se isso for o que desejamos? Bebês! Têm o desagradável e às vezes constrangedor costume de ser o resultado das atividades que acabamos de realizar.

Que idiota tinha sido ao não cair na conta, sobre tudo no mesmo dia de um batismo.

— Isso não acontecerá - afirmou com secura ao mesmo tempo em que se levantava e voltava a fazer a cama.

— Mas sim aconteceu - replicou ele - acabamos de nos amarrar por toda a vida, encanto. Embora agora será melhor que voltemos para a casa e rezemos para que ninguém se dê conta do tempo que passamos ausentes.

Embrulharam-se com suas capas e ela esperou no exterior, orientando-se na escuridão, enquanto Joshua apagava o abajur, fechava a porta e devolvia a chave ao lugar onde a tinham encontrado. Retornaram ao atalho e cruzaram a ponte sem falar.

Sua firme negativa a casar-se com o Josh era estranha. Queria casar-se algum dia. Sem dúvida. E já tinha vinte e cinco anos. Joshua era bonito, encantador, inteligente, atraente e desfrutava tanto como ela com as atividades físicas ao ar livre. Deitaram-se juntos e tinha sido uma experiência gloriosa.

Por que não queria casar-se com ele?

Porque ele não queria casar-se com ela? Porque corria o risco de apaixonar-se por ele? Porque não desejava que isso acontecesse?

Porque sentiria que estava traindo a Kit? Ou porque assim destruiria sua romântica ideia de amor ao demonstrar que era possível amar a dois homens diferentes na vida? Porque tinha medo de que lhe rompessem o coração... Outra vez?

Mas lady Freyja Bedwyn nunca tinha tido medo a nada nem a ninguém.

— Se fosse um exército inimigo contemplando seu avanço no campo de batalha - disse Joshua -daria meia volta e sairia correndo presa do pânico em lugar de esperar e aguentar minha posição.

— Não diz mais que tolices - replicou.

— A que vêm essa expressão séria e essas passadas tão longas e decididas, querida? - perguntou-lhe.

— Faz frio, se por acaso não se deu conta - respondeu. — Estou impaciente por retornar à casa.

— Assim que nosso passeio cumpriu seu objetivo, não? - voltou a perguntar ele.

Virou a cabeça e o olhou apesar da escuridão.

— Deve entender – começou - que toda minha família, assim como a de Kit... Que todos os habitantes do condado melhor, sabiam que voltava para casa para se casar comigo. E então apareceu com Lauren Edgeworth e a apresentou como sua noiva. Nunca gostei da humilhação. Acreditei que era um estratagema para me enfurecer, para me castigar. Acreditei que era um compromisso de farsa porque pareciam um casal muito incompatível. De fato, as circunstâncias se pareciam muito às nossas. Salvo no detalhe de que acreditei que ele tinha a intenção de se casar comigo ao final. Mas se casou com ela. Não estou amargurada, Josh. Nem tampouco me deixo levar pela autocompaixão. Só estou... Zangada.

— É um matrimônio por amor - assinalou ele. — Aceita as palavras de alguém que os acaba de conhecer. É um matrimônio por amor, Free.

Suas palavras a fizeram rir entre dentes enquanto atravessavam o prado e se aproximavam da casa.

— Supõe-se que isso tem de me servir de consolo? -perguntou-lhe.

— Não a insultaria dessa maneira - respondeu Joshua. — Você gosta de ser franca, encanto. Prefere a verdade à mentira e a crueldade ao tato. Seu

Kit está loucamente apaixonado por sua esposa.

— Meu Kit. — Soltou outra gargalhada. — Estava quebrado de dor naquele verão de há quatro anos. Acabava de trazer Sydnam da Península, destroçado, mutilado e mais morto que vivo. Culpava-se do ocorrido. Era o único companheiro de Sydnam e seu oficial superior durante a missão em território inimigo.

— Quando se viram apanhados pela avançada francesa e compreenderam que um deles devia escapar para que o outro completasse a missão, decidiram que devia ser Kit. Estava louco de remorsos aquele verão... E se refugiou em mim. Meu Kit... Nunca foi meu.

Jamais tinha enfrentado à verdade até esse momento. Embora seu desesperado amor tivesse sido recíproco, para Kit só tinha sido algo transitório, um modo de lutar com toda sua culpa e sua ansiedade.

Perguntou-se se Wulfric teria dado conta desse fato e daí que tivesse dado o incomum passo de interferir em sua vida, de lhe dar um sermão sobre o dever. Perguntou-se se o conde de Redfield se teria dado conta.

Assim como Jerome.

Todos menos ela.

Ninguém passeava pelo terraço nesse momento. Todos estavam no interior.

— Chegou a hora - disse Joshua - de rogar porque nossa ausência não tenha sido muito comentada e para que os grampos de seu cabelo não decidam cair no tapete assim que ponhamos um pé no salão.

Sua longa ausência não tinha passado despercebida para sua família, como era de esperar. Aidan arqueou as sobrancelhas quando entraram no salão; Alleyne as moveu com ironia; Morgan esboçou um sorriso eloquente quando a olhou e Wulf agarrou o cabo de seu monóculo. Só Rannulf seguiu impassível, e porque estava encetada em uma conversa com Kit, sua viscondessa e Judith.

Kit estava sentado junto a sua esposa, lhe roçando o ombro com o braço que apoiava no espaldar de seu assento. Era uma postura

bastante surpreendente por sua familiaridade, mas já era bastante tarde e os presentes pareciam mais relaxados que há algumas horas antes. O casal estava pendente de algo que dizia Judith.

Sim, era certo, pensou. Sabia desde há algum tempo, é obvio. Talvez inclusive desde o começo. Era um matrimônio por amor. E talvez fossem inclusive compatíveis. Certamente que faziam um casal encantador.

Não parou para meditar se essa admissão lhe provocava dor ou não.

Olhou ao Joshua, que a contemplava com expressão interrogante, pendurou-se em seu braço e atravessou a sala com ele.

— Espero não estar a ponto de ver-me apanhado em uma cena, encanto

- murmurou. — Por casualidade, a situação me parece muito embaraçosa.

Freyja sorriu primeiro a Kit, cuja atitude se tornou subitamente receosa, e depois à viscondessa, cujo agradável sorriso ocultava qualquer sinal de nervosismo que pudesse estar sentindo.

— Desculpem-me - começou Freyja - por não ter podido ver o bebê quando o trouxeram para o salão há um momento. Josh sugeriu que déssemos um passeio e eu necessitava de um pouco de ar fresco, assim não pensamos em nada mais. Deveria ter esperado um pouco.

Embora estivesse engolindo grande parte de seu orgulho (ou talvez precisamente por isso), percebeu que estava utilizando o tom altivo que empregava sempre que ficava na defensiva. De qualquer modo, os quatro a olharam com certa surpresa. Joshua, percebeu, estava-lhe apertando o braço contra seu flanco com força.

— Mas continua acordado! - exclamou a viscondessa com um sorriso afável e deslumbrante enquanto ficava em pé. — Não me pareceu bem ter aqui embaixo muito tempo quando está acostumado à tranquilidade e ao silêncio do quarto infantil. Quer subir para vê-lo?

Freyja estremeceu interiormente, mas não perdeu o sorriso.

— Se acha que minha presença não o incomodará... - respondeu.

— Absolutamente! — A viscondessa olhou Joshua com um brilho risonho em seus olhos violeta. — Mas não o arrastaremos ao piso superior, lorde Hallmere. Pode ocupar meu lugar.

Freyja acreditou por um instante que a viscondessa estava a ponto de entrelaçar seus braços, mas se teve semelhante intenção, o pensou melhor e se limitou a precedê-la pelas escadas até o andar onde se encontrava o quarto infantil.

— Receio - disse, virando a cabeça para ela quando se aproximaram do

lugar - que os pais de primeira viagem podem ser muito tediosos, lady Freyja. Estamos enfeitiçados com nossos filhos e assumimos que outros devem sentir-se tão agradados como nós.

— Talvez já seja hora de que deixe de me chamar “lady Freyja” cada vez que se dirige a mim - sugeriu.

A viscondessa a olhou na hora.

— Nesse caso, eu devo ser Lauren – replicou. — De acordo?

O bebê estava estendido em uma manta no meio do quarto, agitando os bracinhos e as pernas no ar enquanto sua babá tecia em uma cadeira próxima. Claro que aquele não era precisamente um lugar de silêncio e tranquilidade. Havia mais crianças presentes,

uns eram bebês e outros algo maiores, entre os quais se incluíam Becky e Davy, que a saudaram antes de concentrar-se novamente em seus desenhos. Havia outras três babás presentes.

Freyja teria se contentado observando ao recém-nascido e fazer os comentários de rigor. Entretanto, Lauren se agachou, agarrou-o nos braços e o estendeu antes de conduzi-la a outro quarto, que claramente era o dormitório do menino, e fechar a porta.

Sustentou-o com estupidez, aterrada pela possibilidade de deixá-lo cair. Tinha o cabelo castanho de Kit, um pouco mais claro que o de Lauren.

Mas ia ter os olhos de sua mãe. Tinha a pele muito suave, estava quente e pesava menos que uma pluma. Cheirava a talco. Fazia ruídos estranhos e a olhava com uns olhos que não acabavam de enfocá-la. A ternura que a invadiu a alarmou sobremaneira.

Ternura pelo bebê de Kit... E de Lauren.

— É lindo - afirmou. Umas palavras muito sem graça. Devolveu-o a sua mãe.

— Freyja - disse Lauren, - não sabe que feliz me faz o fato de que tenha conhecido lorde Hallmere e se tenham comprometido. É impossível conhecê-lo em tão pouco tempo, é obvio, mas além de uma magnífica atitude, tem uns olhos risonhos. Sempre confio nesse tipo de olhos. Parece feliz, e você também.

— Que rubor mais encantado têm suas faces! Sabia que teria que acontecer cedo ou tarde, mas até este momento tinha estado muito

preocupada com você. Sei o que sente, sabe? O homem ao qual tinha amado toda a vida me abandonou no altar. Acreditei que minha vida tinha acabado. Asseguro-te que não esperei voltar a me apaixonar. Mas o fiz, e este segundo amor é muitíssimo mais poderoso e satisfatório que o primeiro.

— Acredito que vai descobrir por você mesma. À medida que passa o tempo, faz-se muito mais forte. Acredite-me.

Não havia dúvida de que Lauren era encantadora, admitiu a contra gosto. Sua recente maternidade lhe conferia uma aparência deslumbrante...

Embora talvez fosse por algo mais que a maternidade.

Esse homem ao que se referia Lauren, com o que tinha crescido e com o que tinha estado a ponto de se casar, era o conde de Kilbourne. Estava no andar térreo com sua esposa. Sua filha era um dos bebês do quarto infantil.

Era evidente que sua interlocutora não lhe guardava o menor rancor nem suspirava pelo que pôde ser e não foi.

— Jamais amei ao Jerome – confessou — Lhe tinha carinho. Lamentei sua morte muitíssimo mais do que imaginava. Mas não o amava.

Lauren esboçou um eloquente sorriso ante seu deliberado lapso e desceu a vista para o bebê, que estava ficando adormecido em seus braços.

— Tomara o tivesse conhecido – disse. — Kit o adorava.

Sim. Mas o último encontro entre eles tinha sido muito amargo e violento. Kit lhe quebrou o nariz antes de ir a Lindsey Hall e brigar com o Ralf, depois do qual retornou à Península.

— Deveria lhe contar como me sequestraram e me encerraram na cabana do guarda-florestal que há aqui perto - disse ela.

Lauren levantou o olhar e pôs-se a rir.

— Kit já me contou - replicou. — Me alegrei muitíssimo ao me inteirar de que tinha saído vitoriosa. De verdade soltou todos esses impropérios? E

deu ao Jerome um murro no nariz? Utilizamos essa cabana muito frequentemente, sabe? Kit e eu refiro-me. É nosso refúgio privado.

Freyja recordou na hora o que tinha acontecido na dita cabana fazia menos de uma hora. Algo no que até esse momento tinha tentado não pensar. Talvez estivesse grávida. Talvez estivesse apanhada para se casar com Josh... Contra os desejos de ambos. Mas em caso contrário, romperia

seu compromisso breve e não voltaria a vê-lo jamais.

A possibilidade lhe parecia muito estranhamente espantosa.

O bebê dormiu. Lauren o beijou com ternura na fronte e o deixou com supremo cuidado no berço antes de tampá-lo com as mantas. Depois se virou para ela e nessa ocasião pegou-a pelo braço para retornar ao andar térreo.

— Me alegro muitíssimo de que por fim possamos ser amigas –

afirmou. — Sempre simpatizei com você, sempre a admirei. Em certas ocasiões desejaria ter seu arrojo. Mas devo confessar que também tinha um pouco de medo de você.

Freyja deixou escapar uma gargalhada.

— Pois ninguém o teria dito – replicou. — Recorda a primeira vez que foi a Lindsey Hall com Kit?

— Quando todos tentaram me fazer sentir tão desconfortável quanto fosse possível? - perguntou Lauren com uma gargalhada. — Como poderia esquecê-lo? Estava desejando que caísse um raio e me fulminasse naquele instante.

— Entretanto, beijou-me no rosto e me humilhou sem perder a compostura - disse Freyja. — Meus irmãos explodiram em risadas assim que se foram.

A festa estava chegando a seu fim, descobriu quando entraram no salão.

Alguns dos vizinhos já tinham partido. Wulfric estava de pé. E também alguns membros de sua família. Deviam ter ordenado que levassem as carruagens à porta.

— Valha-me Deus, Free! - exclamou Alleyne, que se colocou a seu lado assim que Lauren se afastou para despedir-se de Wulf. — Houve uma grandiosa reconciliação entre Lauren e você? A vida ameaça converter-se em algo aborrecidíssimo.

— Já é hora de que busque sua própria vida - replicou ela com voz severa.

Alleyne fingiu uma careta de dor.

— Que cruel Free! - exclamou seu irmão. — Que cruel de sua parte citar uma fonte a que não posso identificar de momento. Terei que percorrer o

mundo em busca de meu final feliz. Aidan, Ralf, você... Os finais felizes estão se convertendo em uma epidemia em nossa família.

Joshua estava falando com lady Kilbourne e a duquesa de Portfrey.

Estava fazendo demonstração de seu considerável encanto e isso aumentava sua atitude até limites devastadores. A luz dos lustres arrancava brilhos a esse cabelo tão loiro. Uma vez mais, Freyja sentiu que lhe afrouxavam os joelhos ao recordar esse corpo... Nem sequer fazia uma hora que...

Joshua tinha tentado evitar que acontecesse.

Tinha lhe ordenado que não se detivesse.

Como complicada se tornou a vida.

E que emocionante!

Joshua virou a cabeça e lhe sorriu, e ela respondeu arqueando as sobrancelhas.

Em seguida, lhe piscou um olho muito devagar e a indignação se apoderou dela.

Em regra geral Joshua se levantava muito cedo. Essa manhã em concreto não foi uma exceção, embora se levantasse um pouco mais tarde que o habitual. Tinha passado quase toda a noite em claro e tinha caído em um profundo sono virtualmente ao amanhecer. Todos os Bedwyn, salvo Freyja e Judith, estavam sentados à mesa do café da manhã.

— Sente-se indisposta esta manhã - explicou Rannulf, com uma expressão um tanto tímida, quando lhe perguntou por sua esposa, igual a ontem até quase a hora de ir à igreja. Acabo de contar à família que está em estado interessante. Íamos guardar o segredo um pouco mais, mas as náuseas matinais me chatearam pela surpresa.

— Pobre Judith - se compadeceu Eve — Subirei para lhe fazer companhia um momento depois do café da manhã, a menos que prefira estar sozinha.

— E Freyja? - voltou a perguntar. Duvidava muito que continuasse deitada, a menos que tivesse dormido tão pouco como ele. O que era muito possível.

— Discutiram ontem? - perguntou-lhe Alleyne com um sorriso. — Não

quis entrar em casa conosco depois da cavalgada matutina. Disse que necessitava de ar fresco e se foi caminhando.

— Discutir? - perguntou Joshua. — Com sua irmã? Como ia alguém discutir com uma dama tão doce como Freyja?

Todos os presentes puseram-se a rir. Inclusive Bewcastle pareceu achar o comentário levemente engraçado.

— Pisquei-lhe o olho do outro lado do salão justo antes de abandonar Alvesley e a enfureci – disse. — A gente, disse-me quando ficamos um momento a sós antes de subir à carruagem com Morgan e Alleyne, poderia haver dado conta e nos considerar muito vulgares. Onde pode ter ido?

— Seria mais sensato - interveio Aidan - esperar que retorne por sua vontade quando o passeio tenha acalmado a indignação.

— Caramba! - exclamou Joshua. — Mas ninguém me acusou nunca de um excesso de sensatez.

— Há um atalho agreste atrás da casa - disse Morgan. — Costuma ir ali quando quer estar a sós. E se eu tivesse brigado com meu noivo, Aidan, desejaria que fosse me buscar, embora houvesse dito a todos que desejava estar sozinha e embora lhe tivesse advertido que não me seguisse.

— Eve ainda está tentando me ensinar a entender às mulheres -

replicou Aidan. — Parece que passei muito tempo no exército...

Não se tratava da discussão, é obvio, meditava Joshua enquanto deixava atrás os estábulos meia hora depois e se afastava em direção ao atalho agreste. E ela não se zangara pela piscada, só se tinha indignado.

Depois que o exortasse, lançou um beijo e a chamou “encanto”, e não demorou para observar como bufava; depois, uma vez na carruagem com seus irmãos, agarrou-lhe a mão com toda deliberação e a colocou no braço.

Não, não tinham discutido. Entretanto, a noite anterior mantiveram relações conjugais e tudo tinha mudado entre eles. O que começou como uma mera paquera para combater o aborrecimento de estar parado em Bath durante uma semana se converteu em um impulsivo compromisso temporário para livrar-se da armadilha de sua tia e depois, depois da decisão de sua avó de celebrar uma festa de compromisso em sua honra, tinha passado a ser algo um pouco mais longo. E depois Bewcastle chegou Bath e averiguou a verdade rapidamente, conseguindo assim que a relação

se prolongasse. Sabia que a situação era potencialmente perigosa.

Preparou-se para confrontar esse perigo, para resistir, tanto em seu benefício como no de Freyja.

Mas o inevitável tinha acontecido. Enfrentavam-se ao grave perigo de que seu compromisso temporário se convertesse em um compromisso para toda a vida. Se descobrissem que estava grávida, não haveria outra alternativa. E embora não o estivesse...

Pelo amor de Deus, era lady Freyja Bedwyn! A noite anterior não parecia haver-se dado conta da gravidade do acontecido. Ou talvez o tivesse feito, mas se negava a admiti-lo. Essa manhã, se suas hipóteses não eram errôneas, tinha enfrentado à realidade e a tinha achado muito perturbadora.

O atalho agreste começava com uma série de amplos degraus escavados na mesma terra e delimitados por uns cantos de madeira que subiam entre os rododendros até chegar às árvores mais altas que cresciam um pouco mais acima. Depois se convertia em um atalho bem delimitado e sombreado que virava abruptamente à direita e serpenteava entre as árvores, oferecendo ao caminhante a

sensação de estar completamente isolado, de encontrar-se a quilômetros de distância da civilização. O ar estava carregado de aromas apesar de que o verão já ficava muito longe e os gorjeios dos pássaros se escutavam em qualquer parte.

Ele também o tinha feito, também tinha enfrentado à realidade essa manhã. Ou a noite passada, para ser mais exato. Era o marquês de Hallmere, quisesse-o ou não. As guerras tinham acabado com o Napoleão confinado em Elba. Já tinha completado seu trabalho. Tinha vinte e oito anos. Era certo que tinha a intenção de não retornar a Penhallow. Jamais.

Entretanto, era um par do reino. Ia ter que ocupar seu posto na Câmara dos Lordes o dia menos pensado. Ia ter que estabelecer uma residência fixa em algum lugar, provavelmente em Londres. Ia ter que sentar a cabeça...

Espantosas palavras.

Embora não tinha a menor ideia de por que considerava tão espantosas tais palavras. Já tinha assentado a cabeça uma vez, fazia anos, enquanto aprendia e exercia o ofício de carpinteiro. Naquele tempo esperava viver toda a vida no povoado de Lydmere. Inclusive começou a olhar com outros olhos às jovens do lugar.

Talvez tivesse chegado o momento de se casar. E se devia se casar, por que não com Freyja? Socialmente não podia aspirar a ninguém melhor.

Jamais se aborreceria com ela. Achava-a atraente.

Na noite anterior tinha descoberto que era tão explosivamente apaixonada na cama como tinha suposto. Não lhe cabia dúvida de que desfrutaria muitíssimo deitando-se com ela em circunstâncias menos frenéticas com o fim de descobrir se sua natureza era tão sensual como apaixonada. Apostaria o pescoço que sim. Por que não com Freyja?

Talvez porque jamais havia se proposto a cortejá-la. Talvez porque ela jamais tinha demonstrado a menor inclinação a que a cortejasse. Talvez porque continuasse sentindo-se muito inquieto ou porque ela continuava sentindo os rescaldos da paixão frustrada que a uniu a Ravensberg.

Embora talvez já não tivessem nem voz nem voto no assunto, concluiu enquanto caminhava pelo atalho e olhava em cada bosque isolado e em cada pavilhão criado para fazer uma parada no caminho. Não havia nem rastro dela. Havia a possibilidade, é obvio, de que não tivesse tomado esse atalho. Ou no caso de que o tivesse feito, que tivesse retornado à mansão por outro caminho.

O atalho subia sem trégua desde o primeiro degrau, embora a encosta não fosse muito abrupta. Deu-se conta de que estava a ponto de coroar a colina e de começar a suave e serpeante descida. No topo se erguia, um torreão de pedra, desenhado para que parecesse meio arruinado em altares do romantismo. Havia uma escada em caracol atrás da estreita entrada com seu arco ogival (tal como suspeitava), o vital caminhante poderia subir às ameias e desfrutar de um magnífico panorama que abrangeria grande parte da campina por cima das copas das árvores.

Olhou para cima... E sorriu.

Freyja tinha as mãos apoiadas nas ameias. Tinha o rosto levantado para o sol e estava virtualmente de costas para o lugar onde ele se encontrava.

Se levava chapéu quando saiu a cavalgar, a essas alturas já não havia nem rastro dele. Nem dos grampos. Seu cabelo se agitava ao vento, a suas costas.

Uma vez mais recordou às donzelas vikings e às guerreiras saxãs. Ou talvez essa manhã fosse mais parecida com a senhora de um castelo medieval que guardasse o lugar contra qualquer assaltante enquanto seu senhor retornava da batalha.

Em uma ocasião lhe confessou que às vezes se sentia como se tivesse nascido na época equivocada.

— Se me aproximar mais - gritou, cavando as mãos ao redor da boca, -

recebera-me com azeite fervendo e flechas incendiadas?

Freyja se virou e desceu os olhos para ele enquanto afastava o cabelo do rosto com as mãos.

— Não - respondeu. — Acho que me darei a gratificante satisfação de atirá-lo eu mesma pelas ameias. Sobe.

E lhe deu de presente um de seus sorrisos felinos.



CAPÍTULO 14

Depois que subiu as escadas em caracol do torreão e se reuniu com ela na parte superior. Fez um amplo gesto com o braço.

— Viu alguma vez um panorama mais bonito que este?

A vista abrangia vários quilômetros ao redor. Tinha a mansão às costas, mas preferia pôr o rosto ao vento para contemplar as árvores e parte posterior da propriedade até as terras de trabalho que se estendiam mais à frente, salpicadas de edifícios, cercas e atalhos serpenteantes. O torreão era sem dúvida algum um de seus

lugares preferidos; um lugar isolado em meio a natureza, onde seus problemas e suas penas ficavam reduzidos a cinzas para que o vento os levasse.

Não gostava de compartilhar esse lugar com ninguém, mas teria sido muito infantil mandar ao Josh passear. Por mais que tivesse gostado de fazê-lo. Quando de repente escutou que a chamava de baixo e apareceu para vê-lo, seus joelhos ficaram bambos e sentiu um pulsar mais forte no coração. Ficou sem fôlego um instante.

Era terrivelmente consciente de sua presença física, sensação que aumentava quando o tinha tão perto, tão alto e tão masculino, vestido com o traje de montar e sem chapéu.

Não gostava dessa sensação nem um pouco. A paixão tinha estado muito bem quatro anos atrás, quando se acreditou apaixonada e se lançou de cabeça aos “foram felizes e comeram perdizes para sempre...”

Que jovem era naquele tempo! Mas nesse momento denotava uma perda de controle acompanhada do temor a perder a sensação de absoluta independência que tanto esforço lhe havia custado conseguir. Não estava apaixonada pelo Josh, mas não havia a menor dúvida de que despertava nela um desejo vergonhoso. Não gostava. Não queria nenhum dos dois sentimentos; e muito menos por um homem que via a vida como uma constante fonte de diversão e que parecia ter um pensamento sério em

poucas ocasiões.

Joshua Moore, marquês de Hallmere, não merecia seu amor, mesmo que estivesse preparada para oferecê-lo. Coisa que não estava.

— Não que eu tenha visto durante minhas viagens - disse ele em resposta a sua pergunta, contemplando o panorama com franca admiração.

— Vejo que já recolheram a colheita e que algumas das árvores começam a amarelar. Dentro de algumas semanas a vista será ainda mais gloriosa. Oh, sinto muito. — Virou a cabeça para olhá-la.
— Você não gosta do outono, não é?

— Só porque o inverno o segue de perto - respondeu. O inverno sempre me recorda... — Sentiu um calafrio.

— Sua própria mortalidade? —sugeriu. — Leu As viagens de Gulliver?

— É claro que o li - respondeu.

— Recorda aqueles personagens que estavam condenados a viver para sempre? - perguntou-lhe. — Não recordo em que parte do livro estava exatamente, mas nasciam com uma marca na fronte que indicava que jamais poderiam morrer. Em lugar de despertar a inveja de outros, os restantes membros de sua raça se compadeciam. Nascer com essa marca era o pior dos destinos. Ao que parece, Jonathan Swift era mais preparado que a maioria de nós, e compreendeu quão desatinado é o desejo de viver eternamente, Além disso, se vivermos com medo, Free, como vamos desfrutar do tempo que nos concedeu?

— Eu não tenho medo de nada - o corrigiu.

— Só durante o inverno? - insistiu ele com um sorriso. — E durante o outono porque o precede? Vive com medo a metade do ano?

Ela meneou a cabeça.

— Que conversa mais idiota – disse. — Quem disse onde me encontrar?

— Estava se escondendo de mim? - quis saber Joshua.

— Nunca me escondi de ninguém - esclareceu com voz irada. É obvio que essa tinha sido sua intenção, ou pelo menos tinha querido adiar seu encontro nessa manhã tanto quanto fosse possível.

— Acho que já chegou a hora de nossa briga, Josh. É hora de que o libere para que possa retomar sua vida. É hora de pôr fim a esta farsa.

— Impossível, encanto - a contradisse ao mesmo tempo em que apoiava um cotovelo nas ameias e se virava para olhá-la no rosto.

— Ainda não. Não até que saibamos se está grávida ou não.

Tinha passado a maior parte da noite em claro, pensando justo nisso.

Na possibilidade de ver-se obrigada a casar-se com Josh. Na possibilidade de que ele se visse obrigado a casar-se com ela. Na possibilidade de serem apanhados em um matrimônio que nenhum dos dois tinha escolhido voluntariamente e do qual ambos se arrependeriam durante o resto de suas vidas. Na possibilidade de ter entre os braços um delicado bebê que seria dele.

— Não estou - assegurou com firmeza. — Quando não é uma coisa, é outra. Quando começamos com tudo isto, dissemos que acabaria no dia seguinte. Depois, todos os dias vão cavando nossa própria fossa um pouco mais.

— Devo entender, querida, que não quer se casar comigo? - perguntou-lhe.

— Já sabe que não - respondeu, irritada. — Do mesmo modo que você não quer se casar comigo. Fique serio uma vez na vida, Josh. Começo a pensar que sua risada e sua atitude despreocupada não são mais que uma máscara. O que ainda não tenho muito claro é se atrás dessa máscara não há nada mais ou se, pelo contrário, oculta uma pessoa a que não reconheceria em caso de vê-la sem ela.

Ele a olhou com os olhos entrecerrados e com o sorriso ainda nos lábios.

— Não acharia nada, encanto - lhe assegurou. — Se arrepende de ontem à noite?

— É obvio que me arrependo – respondeu. — E tudo foi minha culpa.

Para começar, não deveria ter sugerido a cabana do guarda-florestal. Teria-me bastado um pingo de imaginação para me dar conta do perigo no que nos colocávamos. Mas não me ocorreu. Não estava preparada para resistir ao que resultou ser irresistível. Você sim. Você quis me deter. Mas me neguei. É muito humilhante.

— Você não gostou? -perguntou-lhe.

— É claro... — Virou a cabeça e o fulminou com o olhar. — É obvio que

eu gostei. Sou uma mulher e você é um homem... Um homem bonito e atraente.

— Não me diga! – Sorriu. — Sério?

— É claro que eu gostei – repetiu. — Mas isso é de todo irrelevante.

Não se dá conta? Tomara não tivesse acontecido. Além de não estarmos comprometidos de verdade, nem sequer consideramos a possibilidade de nos comprometer. Nossa relação não passou de uma mera paquera e isso só porque estávamos parados em Bath, mortos de aborrecimento. Nunca levamos a sério este noivado fingido, embora acredite que os dois o desfrutamos como se fosse uma espécie de brincadeira que acabará em nada e que não nos marcará muito quando o fizer. O que passou ontem à noite prejudicou tudo. É obvio que desejo que não tivesse acontecido. Se

nos vemos obrigados a nos casar, será esse único engano por minha parte o causador de arruinar nossas vidas.

— Nesse caso, seria preferível não nos ver obrigados a nos casar -

replicou ele, sem rastro de humor no olhar. — Mas não houve algo positivo ontem à noite? Não terminou por fim o ódio que professava à viscondessa de Ravensberg?

— Já ia sendo hora - respondeu com um suspiro enquanto se virava para contemplar a mansão que, desse esse ângulo e com suas alongadas janelas chumbadas, parecia muito elisabetana — Esses sentimentos começavam a serem constrangedores. E não só para mim, mas também para ela e para Kit. É uma dama irrepreensível, carinhosa e amável (e com um grande coração, também); e odiava todas essas qualidades porque eu careço delas. Mas sim, ontem à noite alcançamos certo entendimento.

Talvez inclusive cheguemos a ser amigas com o tempo. Quem sabe? Coisas mais estranhas já aconteceram.

— E Ravensberg? – perguntou. — Perdoou-o?

Voltou a suspirar ao mesmo tempo em que afastava o cabelo do rosto com uma mão.

— Ontem à noite me ocorreu que se Kit tivesse vindo o verão passado sem Lauren, talvez teria sido incapaz de suportar as pressões de sua família e da minha - confessou. — Talvez teria casado comigo pela simples razão de que não encontrara a maneira de não fazê-lo. E eu teria acabado por saber. Não em um primeiro momento, mas não teria levado muito tempo.

Teria-me visto apanhada em um inferno em vida. Não há nada que perdoar.

Kit estava disposto a se casar comigo faz quatro anos, quando eu o recusei.

O ano passado não me devia nada. E talvez eu tenha estado me aferrando a algo

que

provavelmente

nunca

existiu.

Estive

apaixonada,

desesperadamente apaixonada, mas não estou certa de que estar apaixonada se aproxime mais que o desejo ao verdadeiro amor.

— Deseja-me? - quis saber Josh.

Freyja se voltou para olhá-lo de novo e se pôs a rir quando viu que a alegria tinha retornado a seu olhar.

— Oh por Deus! – exclamou. — Não vou negar isso. De qualquer modo, deve notá-lo assim como eu o noto em você. Embora não nos levará a nenhum lado. Assim é perigoso e devemos resistir ao desejo com unhas e dentes.

Estava muito perto dele. Suas mãos a apanharam pela cintura e a aproximaram ainda mais. Joshua desceu a cabeça e a beijou com doçura, quase com frouxidão, e com os lábios ligeiramente entreabertos. Ela deixou as mãos sobre seus ombros e percebeu, não sem um horrível desgosto, do imenso vazio que deixaria em sua vida quando a farsa chegasse a seu fim.

— Embora jamais entenda por que me deseja - disse quando ele ergueu a cabeça. — Sou muito feia.

— Como!? — O bom humor faiscava em seus olhos. — Em qualquer outra mulher, esse teria sido uma tentativa pouco sutil de obter um cumprimento. Mas você está falando a sério. Vejamos. Deixa que lhe dê uma boa olhada.

Joshua começou a observar o rosto detalhadamente enquanto se perguntava o que a haveria possuído para soltar semelhante estupidez em voz alta. Fazia muito tempo que tinha deixado de lamentar-se por seu aspecto físico e de invejar o de Morgan. Era como era. E a quem não gostasse que olhasse para outro lado e ponto.

— Não é bonita, Free, nem formosa - lhe assegurou. Ao menos não ia recorrer às falsas adulações. — Entretanto, é outra coisa. Algo que está acima disso, algo que o supera com acréscimo. Você, encanto, é simplesmente espantosa. Muito temo que, depois de conhecê-la, todas as moças bonitas me pareçam insípidas em comparação.

— Grande tolice! - pôs-se a rir. — Se soltar outra adulação semelhante, atiro-o de cabeça pelas ameias.

— Tremem-me os joelhos - replicou ele, inclinando-se para erguê-la nos braços.

— Solte-me! - exigiu-lhe, indignada.

Entretanto, aproximou-se das ameias e a ergueu ainda mais. Ela chiou, aferrou-se com força a seu pescoço e de repente descobriu que não podia parar de rir.

— Não lute, Free - advertiu ele entre gargalhadas, - ou é muito possível que a solte. Huy, huy!

Voltou a chiar enquanto ele fingia fazer honra as suas palavras.

Quando pôr fim a deixou no chão, continuou abraçada a ele, com o rosto apoiado sobre sua gravata enquanto recuperava o fôlego depois da risada.

— É um miserável! - disse-lhe. — Me vingarei. Pode estar certo.

— Free - começou ele em voz calma, com o queixo apoiado em sua cabeça, - precisamos deixar algo claro. Se tivermos concebido um menino, eu também fui parte ativa do processo. Casaremos e tentaremos que nosso matrimônio funcione, tanto por nosso bem como pelo do menino. Não esbanjaremos forças nos recriminando um ao outro nem nos lamentando ao imaginar que nos temos feito infelizes. Tentaremos levar o melhor possível. Trato feito?

Suas palavras a comoveram muitíssimo. Sentia-se protegida e segura ali entre seus braços e, contrariamente a seu costume, aceitou encantada a inconfundível segurança que lhe transmitia esse corpo.

Suas palavras não tinham mudado nada... E o tinham mudado tudo.

“Se tivermos concebido um menino. .”

— Trato feito - aceitou.

Continuaram juntos um ao outro, ao que parecia sem que nenhum dos dois soubesse como proceder a partir desse instante.

— Será melhor que voltemos para a casa - sugeriu ela com vivacidade enquanto se afastava — Tenho fome.

— Eu irei em frente pelas escadas - se ofereceu Josh. — São muito traiçoeiras. Agarre-se a minha mão se quiser.

Ela ergueu a cabeça e o fulminou com o olhar por cima do nariz.

— Ai, Deus! - exclamou ele, erguendo as mãos num gesto teatral como se quisesse defender-se de um ataque — Que demônios disse agora?

— Nem lhe ocorra tentar me proteger! -ordenou-lhe com voz gélida e altiva - subi essas escadas sem ter que me apoiar na mão de um sofrível varão super protetor. E penso descer do mesmo modo.

— Maldita seja! - exclamou ele, meneando a cabeça ao mesmo tempo em que baixava as mãos. — Nem sequer posso me comportar como um cavalheiro com você sem despertar sua ira, Free. Você primeiro. Ou quebre pescoço escada abaixo que já descerei eu atrás agradecendo por não me arrastar com você na queda. Melhor ainda, assim amortecerá minha queda quando der um tropeção.

Freyja sorriu interiormente enquanto começava a descer a escada de caracol.

Joshua gostava dos Bedwyn e detestava o engano ao qual os estavam submetendo. Embora fosse possível que tal engano deixasse de sê-lo se Freyja e ele se vissem obrigados a casar-se finalmente. Rannulf e Judith retornaram a Leicestershire no dia seguinte. Viviam a Grandmaison Park com lady Beamish, a avó materna dos Bedwyn, mas a saúde da anciã era delicada e o casal não queria ausentar-se durante muito tempo.

— Veremos você logo, Joshua - disse Judith enquanto se despedia da família, - assim isto não é um adeus. Espero que não fixem a data das bodas para quando não puder viajar. Claro que isso é muito egoísta de minha parte. Alegrarei-me muito por vocês, embora não possa acompanhá-los nesse dia.

— Deve ser feito de material resistente para aguentar à Free –

assegurou Rannulf, que lhe piscou um olho enquanto se estreitavam a mão.

— Não vai ser um matrimônio tranquilo muito menos. Não se deixa controlar com facilidade. Mas acredito que encontrou a fôrma de seu sapato. Não me cabe dúvida de que o seu será um casamento interessante.

— E eu não acredito que se possa controlá-la corrigiu, - nem facilmente nem de nenhuma outra forma. Talvez deva dar graças a Deus por querê-la tal e como é.

Rannulf riu de boa vontade e lhe atirou um carinhoso murro no ombro.

Aidan parecia um homem áspero e carente de humor a primeira vista.

Entretanto, apesar de não ser de risada fácil (até seus sorrisos eram escassos), Joshua não demorou em compreender que adorava Eve e que estava entregue em corpo e alma a seus filhos. Passou grande parte dos dias com as crianças, antes e depois do batismo. Jogava com eles, levava-os a passear e a montar a cavalo, e embora lhes exigisse obediência e boas maneiras, também os deixava a vontade.

— Sofreram o horror da rejeição e da insegurança depois que seus pais morreram - explicou uma manhã depois de ter dado uma lição de equitação a sua filha enquanto que fiscalizava a técnica do menino sobre o pônei. — Já estavam um tempo com Eve quando tentaram levá-los como vingança contra minha esposa por haver-se casado comigo. Tivemos que passar por um julgamento e pela sentença de um magistrado que nos declarou seus tutores legais. Acho que valerá a pena ajudá-los a acreditar que pertencem a um lugar, que os amamos sem reservas, que seu mundo é um lugar agradável, que podem se atrever a ser adultos felizes e valiosos quando crescerem, embora para isso tenha que empregar os próximos vinte anos.

— São crianças muito afortunadas - replicou ele, recordando a desolação de sua infância.

— Têm todo o direito a sê-lo - declarou Aidan. — Claro que existe a possibilidade de que todos seus medos ressurgam quando Eve ficar grávida e tenhamos um filho próprio, mas esse momento ainda não chegou e enfrentaremos isso quando chegar a hora.

Alleyne recordava a si mesmo. Alegre e ativo em todo momento, irradiava ao mesmo tempo certa inquietação, como se não tivesse encontrado seu objetivo na vida.

— Invejo-o - disse este na mesa do café da manhã depois que se despediram de Rannulf e Judith. Estavam sozinhos. — Tem seu lar e uma propriedade a que poderá ir agora que tem o título e que já não são necessários seus serviços na França. Além de um matrimônio com uma mulher a que ama e que o ajudará a lançar raízes. Acho que tem que amar Free. — Sorriu. — Não imagino outra razão pela qual um homem queira se casar com ela, além de sua fortuna, e é óbvio que você não necessita de dinheiro.

— Certo - reconheceu Joshua. — Embora suponha que você tampouco andarás curto de recursos nem de nenhum outro atributo necessário para conquistar à noiva adequada, se isso for o que deseja.

— O problema é que não sei o que desejo - lhe confessou Alleyne. — Se fosse pobre, não teria ficado mais remédio que procurar um emprego, não é? Suponho que a estas alturas já teria feito meu lugarzinho no mundo e seria feliz nele. E se fosse pobre, não haveria tantas mulheres tentando me jogar a luva. Talvez tivesse cortejado a alguma e teria conseguido encontrar a alguém que me amasse por mim mesmo, alguém por quem teria estado encantado de perder minha liberdade. A classe e a fortuna trazem uma série de inconveniências.

— Houve uma época - disse Joshua - em que não tive nenhuma das duas coisas e, assim em geral, devo reconhecer que tem razão.

— Dito o que - prosseguiu seu interlocutor enquanto se levantava da cadeira e se aproximava do aparador para servir-se de mais comida, - não sei se mudaria qualquer delas se tivesse a oportunidade.

Estive pensando, com certa insistência por parte do Wulf, em aceitar uma cadeira no Parlamento ou algum posto no governo. Quanto ao matrimônio, não tenho nenhuma pressa. Supõe-se que os Bedwyn são monógamos uma vez que estão casados. Mais ainda, supõe-se que amam a seus cônjuges. Não acredito estar preparado para semelhante compromisso ainda, e não sei se o estarei algum dia. Espero que você esteja. Freyja lhe exigirá isso; com os punhos se for necessário.

— Essa sim é uma ameaça que conseguiria me prostrar de joelhos —

replicou. — Já comprovei sua potência, ou o fez meu nariz para ser exato, em duas ocasiões diferentes.

Alleyne jogou a cabeça para trás e se pôs a rir.

— Essa é minha Free - disse.

Morgan era jovem e formosa e estava a ponto de ser apresentada em sociedade. Na primavera se celebraria sua apresentação ante a rainha e a partir desse momento ficaria em Londres para participar da voragem social da temporada. Com as vantagens que supunham seu sobrenome, sua fortuna e seu físico, era impossível não se converter na sensação da alta sociedade e que não acabasse com uma corte com todo cavalheiro em busca de esposa, assim como com outros muitos que não estavam

interessados no matrimônio, mas que pensariam nele quando posariam os olhos na moça.

Embora Morgan não se esforçasse para que chegasse esse dia. Não era uma dessas mocinhas tolas, interessadas só em festas e galãs.

— Tudo isto é uma exímia estupidez - disse uma noite durante o jantar;

- toda esta animação da apresentação em sociedade e da temporada. Além disso, a noção do mercado matrimonial é aberrante, para não dizer mais do que degradante.

— Não terá medo de que ninguém peça sua mão em casamento, não é, Morg? - perguntou-lhe Alleyne.

— Absolutamente - respondeu ela com desdém, - assim já pode apagar esse sorriso, Alleyne. O que me assusta é justamente o contrário. Acabarei rodeada de estúpidos janotas, libertinos entrados em anos e uma seleção de cavalheiros impetuosos e insípidos de todas as idades. E tudo por ser quem sou. Nenhum deles chegará a me conhecer de verdade, nem lhes passará pela cabeça, fazê-lo. A única coisa que quererão será um matrimônio com a rica irmã mais nova do duque de Bewcastle.

— Por sorte, Morgan - interveio Aidan, - tem o poder para dizer não a todos eles. Wulf não é um tirano e, embora o fosse, não poderia obrigá-la a contrair matrimônio contra sua vontade.

— Com certeza conhecerá alguém durante esta temporada - disse Eve, -

ou durante a próxima, ou durante a seguinte. Com certeza verá algo diferente nesse homem, Morgan. E despertará algo aqui – assegurou enquanto levava a mão ao coração. — E antes que saiba, embora não tivesse a menor intenção de amá-lo ou que simpatizasse com ele sequer, saberá que não haverá outro homem no mundo para você que não seja ele.

— Eve conheceu o Aidan e se converteu em uma romântica empedernida - comentou Freyja com certa exasperação, embora contemplasse a sua cunhada com manifesto carinho.

— É verdade - reconheceu esta entre risadas e rubores.

— Enfim, não espero encontrar a meu futuro marido no mercado matrimonial londrino concluiu Morgan com um gesto desdenhoso da cabeça. — Esperarei até os vinte e cinco anos se for necessário, como Freyja. Ela esperou até conhecer o homem adequado. — Lançou lhe um

olhar de franca aprovação.

— Embora tenha sofrido alguns tropeços pelo caminho - acrescentou Alleyne.

Descobriu que até Bewcastle lhe caía bem. Era um tipo frio, austero e distante. Acompanhava a sua família durante as refeições e as reuniões vespertinas no salão, mas, além disso, mantinha distância. O dia da ida de Rannulf e Judith o duque o convidou à biblioteca depois do almoço; um convite pouco frequente supôs. Sentou-se frente à lareira, na poltrona de couro que Bewcastle lhe indicou antes que o duque ocupasse o que estava ao lado.

— Já conhece a maioria da família - começou, colocando os cotovelos nos braços e unindo as mãos pelas pontas dos dedos - e virtualmente a todos nossos vizinhos depois do batismo. Minha intenção quando chegamos de Bath era a de celebrar uma festa ou talvez um baile em honra do compromisso. Embora seja possível que a ideia não seja de seu agrado.

Devo assumir que o compromisso ainda é de caráter temporário?

Joshua titubeou e tirou o chapéu contemplando os inescrutáveis olhos claros do duque. Por um instante acreditou ler neles a certeza do que tinha passado em Alvesley a noite do batismo.

— Tal como assinalou em Bath – respondeu, - e como expliquei a Freyja antes de falar com você, o compromisso é muito real para mim. Só ela pode lhe pôr fim. Embora ainda não me comunicasse sua decisão final.

A essas alturas já percebera que os silêncios não desconcertavam a Bewcastle. Nesse momento houve um.

— Se deseja que ela tenha a última palavra - disse ao final, - confio em que faça todo o possível para que o assunto não seja desagradável. Aos olhos de todo o mundo Freyja provavelmente seja a mulher menos suscetível de sofrer um desencanto amoroso, mas já conhece esse sofrimento de primeira mão.

— Sei - assegurou Joshua.

— Sim? — As sobrancelhas ducais se arquearam.

— Perguntarei a Freyja o que acha sobre a possível festa ou sobre o baile - disse consciente de que acabava de vislumbrar um aspecto da personalidade do duque que este cuidava muito de ocultar inclusive a sua

própria família. Preocupava-se com Freyja; e não só por sua reputação e, por fim, pela dos Bedwyn. Preocupava-se com ela. Tinha medo de que voltassem a lhe fazer mal.

O estalo do trinco anunciou que a porta da biblioteca se abria nesse instante e as sobrancelhas ducais se arquearam ainda mais ao mesmo tempo em que seu dono aferrava o cabo do monóculo. Joshua deu uma olhada por cima do ombro e viu que a intrusa era a pequena Becky, que mostrou a cabeça para olhar antes de entrar e depois fechou a porta sem fazer ruído.

— Acabo de despertar da sesta - informou com precisão com sua aguda vozinha - e Davy não estava e a aia Johnson me disse que

podia descer. Mas mamãe e papai e todos outros estão fora e não quero ir com eles porque faz frio.

O monóculo de Bewcastle estava a meio caminho de seu olho.

— Nesse caso - replicou à pequena - a única alternativa é ficar dentro.

— Sim - concordou Becky, embora não seguiu a sugestão implícita de que fizesse o que quisesse em qualquer lugar da casa salvo na biblioteca —

Olá, tio Joshua - o saudou enquanto passava a seu lado, disposta a examinar o objeto que tinha chamado sua atenção: o monóculo do duque. Ante a surpresa deste, separou-o dos dedos de Sua Excelência, observou-o de perto, girou-o entre suas mãos e o levou ao olho.

Olhou ao Bewcastle. — Está muito estranho, tio Wulf.

— Suponho que sim - replicou ele - como seu olho.

A menina explodiu em gargalhadas antes de voltar-se para subir a seu regaço, apoiar-se contra seu peito e continuar brincando com o monóculo.

A questão era, pensou Joshua enquanto Bewcastle se lançava com decisão a uma conversa sobre Penhallow, que o duque parecia ligeiramente incomodado e ligeiramente agradado ao mesmo tempo. Também estava muito quieto, como se temesse espantar a menina. Joshua teve a certeza de que era a primeira vez que lhe acontecia algo semelhante.

Freyja se mostrou completamente contra qualquer celebração pública em Lindsey Hall com motivo do compromisso, tal como ele tinha esperado.

— Valha-me Deus! - exclamou quando quis saber sua opinião sobre o assunto enquanto jogavam uma partida de bilhar à tarde. — Qual será o

próximo? Umas bodas de farsa? Até aqui chegamos. Vou brigar com você Josh, e vai ser muito em breve e em um entorno muito público, você goste ou não. Todo este assunto está se fazendo tedioso e ridículo.

— Espera um pouco mais - lhe pediu.

— Espera, espera e espera! - repetiu com impaciência. — Continuará me dizendo que espere quando fizer oitenta anos? Tudo isto é uma estupidez. Não, não vai haver nenhuma festa, nenhum baile, nenhum chá.

Nada. Tomara não tivéssemos começado tudo isto. Quem dera não tivesse entrado de repente em meu quarto aquela noite. Quem dera não tivesse estado passeando pelos jardins de Sydney aquela manhã. Quem dera tivesse feito ouvidos surdos aos gritos da criada. Quem dera não tivesse dançado com ele nos Salões de festas. Quem dera...

— Se golpear agora a bola – advertiu, - sairá disparada pela borda da mesa e atravessará aquela janela.

Freyja estampou o taco contra a mesa.

— Josh – disse, - todo mundo está muito contente por mim. Por nós. Já não aguento mais.

— Nesse caso, temos duas opções - assegurou. — Pode discutir comigo, romper o compromisso e me mandar tomar vento fresco, ou posso receber de repente uma carta de Penhallow em que me informam que se requer minha presença para solucionar uma questão muito urgente relacionada com a propriedade. Sugeriria a segunda opção, porque não implica uma dissolução imediata de

nosso noivado e assim terá a oportunidade de poder contar comigo em caso de ser necessário.

Maldita fosse sua imagem! Exclamou para si mesmo. Não queria partir ainda. Mas devia admitir que a situação se fez intolerável e também desnecessária. Se analisasse o acontecido até o momento, não estava certo de que Bewcastle fizesse o correto ao insistir em que acudisse a Lindsey Hall e em que o compromisso se prolongasse durante tanto tempo.

— De acordo - concordou ela com o cenho franzido. — Mas como vai fazer? Que razão dará?

— Meu administrador me escreve com frequência – disse. — Sabe que estou aqui. Estou seguro de que dentro de uns dias receberei uma carta sua.

— Me vão fazer eternos - replicou Freyja.

— Encanto, suas românticas e ternas palavras me comovem - disse, erguendo uma mão para lhe dar uns golpezinhos no queixo com o dedo indicador.

Ela agarrou o taco e, sem suavizar a expressão, inclinou-se de novo sobre a mesa.



CAPÍTULO 15

A carta chegou à manhã seguinte. Esperava-o na bandeja de prata que havia sobre a mesa do vestíbulo principal onde se deixava o correio da família, salvo o de Bewcastle, que se entregava diretamente na biblioteca.

Acabavam de retornar de um passeio a cavalo, ligeiramente molhados, já que tinha começado a garoar. Inclusive o duque os tinha acompanhado essa manhã. As crianças já corriam escada acima para o quarto infantil para trocar de roupa.

— Aidan, temos uma carta da Thelma! - exclamou Eve, que parecia encantada — E debaixo há uma para você, Joshua. — Ofereceu-a com um sorriso.

Joshua procurou o olhar de Freyja, que acabava de agarrar uma carta dirigida a ela. Foi um momento espantoso. Ali tinha a desculpa para partir.

Já tinha pensado o que diria depois de “ler” a carta, e em realidade suas palavras estariam cobertas de certa verdade; com a colheita e a chegada do inverno havia uma urgente necessidade de fazer certas reparações e reconstruir as casas de seus arrendatários, e por mais que fosse uma tarefa aborrecida, a verdade era que devia estar ali para fiscalizar os trabalhos, ao menos umas semanas. Ao longo de tais semanas, é obvio, Freyja averiguaria se estava ou não grávida e reclamaria sua presença para umas bodas apressada ou romperia seu compromisso. Em suas mãos ficaria inventar uma desculpa plausível.

Partiria no dia seguinte, pensou enquanto abria a carta.

Voltaria a ser um homem livre, ao menos uma vez que tivesse notícias de Freyja. Poderia fazer o que quisesse com o resto de sua vida. Poderia voltar a divertir-se como lhe agradasse em cada momento.

A carta de Jim Saunders era mais curta do que o habitual. Leu-a com rapidez antes de relê-la mais devagar.

Maldita seja minha imagem! Pensou. Tinha desafiado à mulher e não

ficaria satisfeita até tê-lo destruído.

Estava preparada, ao que parecia, para chegar até extremos insuspeitados em seu propósito.

— Passa-se algo, Josh? - perguntou Freyja em voz deliberadamente alta e preocupada; é obvio, todos o olharam tal e como tinha sido sua intenção.

— A verdade é que sim – respondeu. — Receio muito que tenha que partir para Penhallow imediatamente.

— O que passou? - perguntou Eve com evidente preocupação. —

Espero que não seja nada terrível.

— A verdade – respondeu - é que estou a ponto de ser acusado de assassinato.

— Assassinato? -perguntou Aidan em nome de todos em um tom que em seu tempo teria posto firme a todo um regimento de soldados. — O

assassinato de quem?

— De meu primo - explicou ao mesmo tempo em que dobrava a carta pelas dobras já feitas. — Faz cinco anos. Uma testemunha acaba de apresentar-se ante minha tia, a marquesa de Hallmere. Está disposto a jurar que me viu assassinar ao Albert.

— Fez isso? - perguntou Aidan com expressão pétrea, retomando a imagem do formidável coronel que fora em outro tempo.

— A verdade é que não - respondeu com um sorriso. Não tinha nada de engraçado, sabia; não era engraçado absolutamente, mas parecia que todos formavam parte de um melodrama, ali plantados no vestíbulo principal como bons atores. — Embora, conforme parece, fui a última pessoa que o viu com vida.

— Permita-me a sugestão de que continuemos esta discussão na sala de refeição matinal? —Interveio Bewcastle, que engenhou para falar em um tom distante, inclusive aborrecido.

Por um instante ninguém se moveu, salvo Bewcastle. Entretanto, Freyja se apressou a adiantar-se para tomá-lo pelo braço.

— De minha parte tenho fome, não sei dos outros - disse.

Arrastou-o para a sala de refeição matinal com longas passadas que deixaram para atrás ao resto.

— Deveria ter sabido -disse em voz baixa e furiosa - que inventaria uma história tão ridícula como esta. De verdade espera que alguém acredite?

— Farei quanto esteja em minha mão para ser convincente, encanto-respondeu ao mesmo tempo em que guardava a carta de Saunders no bolso de sua jaqueta de montar. — Ao menos terá uma desculpa totalmente razoável para romper nosso compromisso dentro de algumas semanas se demonstrarem que sou um malvado criminoso e acabo encerrado em uma escura e úmida cela à espera que me pendurem.

— Toma tudo na brincadeira - replicou ela.

Não tiveram mais oportunidade de continuar com sua conversa em particular. Os outros os tinham seguido, ávidos por conhecer mais detalhes.

Não obstante, Bewcastle conversou lânguida e decididamente sobre o tempo até que todos tiveram enchido seus pratos com a comida disposta no aparador e o mordomo partiu depois de lhes servir o café.

— Talvez agora, Hallmere - disse o duque quando a família esteve a sós,

- tenha a amabilidade de nos esclarecer a natureza de semelhante acusação em seu contrário. Ou talvez não. Freyja tem direito, a saber, a verdade, acredito. O resto de nós, não.

— Albert se afogou - explicou Joshua. — Fomos ao mar em um barco durante uma noite de tormenta. Meu primo se jogou na água e nadou até a praia. Não era muito bom nadador, mas negou-se a subir de novo no bote.

Mantive-me remando a seu lado até que esteve bastante perto da praia para fazer pé, coisa que fez, antes de retornar de novo ao mar, onde estive ao redor de uma hora. Foi um ato impulsivo e imprudente dadas as circunstâncias, é obvio, mas tinha outros assuntos na cabeça. Além disso, naquele tempo me acreditava invencível. Na manhã seguinte soube que tinha desaparecido. Nesse mesmo dia a maré arrastou o corpo à praia.

Eve havia coberto a boca com as mãos.

— Continuou nadando depois que fosse? - perguntou Alleyne. —

Grande estupidez em uma noite de tormenta, sobre tudo se não nadava bem. Também se acreditava invencível?

— Suponho que discutiram - sugeriu Aidan.

— Sim – admitiu - embora já não recorde por que. Discutíamos todo o

tempo. Crescemos juntos em Penhallow, mas nunca nos demos bem.

— E mesmo assim... – disse Bewcastle, antes de tomar um gole de café e cravar esses olhos prateados nele. — Saiu em um bote com ele de noite.

— Sim.

— E agora apareceu uma testemunha - concluiu Morgan com desdém.

— Suponho que alguém que também foi remar ou a nadar em uma noite semelhante. E você não viu essa pessoa, Joshua? Estou segura de que é alguém que quer tirar uma boa fatia com a chantagem. Pagara-lhe sua tia?

Deve retornar a sua casa e se assegurar de que não o faça.

— Minha tia, como compreenderão - explicou Joshua, - perdeu a seu único filho aquela noite. Era o herdeiro ao título e a todas suas propriedades, entre as que se inclui a casa a que minha tia continua considerando seu lar. Eu fui quem se beneficiou de sua morte, já que me converteu no herdeiro. Recentemente deixei muito claro que não me casaria com minha prima, sua filha mais velha. Já estava... Comprometido com Freyja.

— Quer dizer que está disposta a acreditar nesta testemunha? -

perguntou Eve com os olhos como pratos por causa da preocupação. —

Pobre Joshua! Como vai demonstrar sua inocência?

— A verdade é que não acredito que seja difícil – respondeu. — Não obstante, devo partir para resolver este assunto. Ao que parece, foi reclamada a presença de meu outro primo, meu herdeiro, e tudo

aponta que haverá certos problemas. Porque, é obvio se finalizar acusação, não contaria com o amparo de minha classe. A morte aconteceu bem antes de me converter em Hallmere.

— Pobre Joshua! -repetiu Eve — Como podemos o ajudar?

— Agrada-me a ideia de interrogar a esta testemunha - disse Alleyne.

— Parece uma tarefa feita a minha medida.

Freyja tinha escutado a conversa do outro lado da mesa, observando-o com um olhar frio e hostil.

De repente ficou em pé, empurrando a cadeira com as pernas no processo, e rodeou a mesa até chegar a seu lado. Colocou a mão no bolso de sua jaqueta sem pedir permissão, tirou a carta de Saunders, desdobrou-a e a leu ali de pé. Quando terminou, apertava os lábios com força. Voltou a

dobrar a carta e a deixou na mesa junto a seu prato.

— Essa mulher é a instigadora de tudo isto – afirmou. — Necessita que alguém lhe dê uma lição que não esqueça nunca. Partiremos hoje. Acredito que bastará uma hora para nos preparar. Wulf disporá que uma carruagem esteja preparada em uma hora, por favor.

— Partimos? -perguntou Joshua. — Os dois?

— Não acredita que vou deixar que parta para que enfrente isto sozinho, não é? — Perguntou - lhe com altivez. — Sou sua noiva. Eu também vou.

— Sim, Freyja! -exclamou Eve. — Acho que deveria ir.

— É obvio - interveio Bewcastle, - devemos considerar o assunto do decoro. Ainda não está casada com Hallmere, Freyja.

Aludida-a estalou a língua com impaciência, mas foi Alleyne quem falou:

— Eu me farei de acompanhante, Free. Irei com vocês. A verdade é que não perderia isso por nada do mundo.

— E eu também vou - acrescentou Morgan com firmeza. — Não, seu monóculo não vai funcionar, Wulf. Não vai fazer me mudar de opinião.

Tenho dezoito anos e é perfeitamente decoroso que vá conhecer o lar de meu futuro cunhado em companhia de meus irmãos. De fato, é questão de decoro que Freyja tenha uma acompanhante feminina. E eu não gosto do que ouvi da marquesa de Hallmere. Quero vê-la com meus próprios olhos. E

acredito que devemos lhe dar a oportunidade de descobrir que a família que vai formar parte Joshua com este matrimônio é um inimigo poderoso.

— Bravo, Morgan! - exclamou Eve. — Embora ainda não saibamos se a marquesa tem algo a ver com a repentina aparição desta testemunha. De qualquer modo, eu gosto da ideia de que se tenha que enfrentar ao considerável poder dos Bedwyn. É obvio, Aidan é quem tem o aspecto mais feroz de todos.

— Aidan? — Lançou um olhar interrogante a seu marido.

Este lhe devolveu o olhar sem mais antes de arquear as sobrancelhas e menear ligeiramente a cabeça.

— Tínhamos planejado uma espécie de lua de mel atrasada depois de ir

daqui - lhes explicou - com as crianças, é claro. Sua preceptora se casou recentemente e ainda não a substituímos. Havíamos pensado no Distrito dos Lagos como possível destino, mas suponho que a

Cornualha também valerá. Se é que estamos convidados, claro. Hallmere?

Uma festa campestre composta pela família Bedwyn decidida a mostrar-se formidável, e inclusive cruel. Uma tia com uma férrea vontade decidida a vingar-se com tanta crueldade que sua vida correria perigo se saía com a sua. Um condado que fervia com a acusação de assassinato, uma misteriosa testemunha e uma espécie de investigação oficial no ar. O primo Calvin Moore, seu beato herdeiro, cavalgando com furiosa celeridade para arrebatrar sua herança ao homem que se deu procuração dela cometendo um crime atroz. E um compromisso de farsa que acabava de prolongar-se outra vez.

Como podia um cavalheiro de bom aspecto e sangue quente resistir a algo assim?

— É obvio que estão todos convidados - disse Joshua. — Se preferirem as aventuras ocupadas às diversões mais convencionais, claro.

— Somos os Bedwyn - replicou Alleyne com um sorriso.

Bewcastle se limitou a arquear as sobrancelhas e a prosseguir com o café da manhã.

— Mas estamos perdendo o tempo falando - interveio Freyja com impaciência. — Se partirmos esta manhã, teremos percorrido um bom número de quilômetros quando a noite chegar.

O contraste do dia, que tinha começado com um céu cinza, chuva e névoa, e tinha acabado com uma investigação de assassinato potencialmente desagradável cujo único e principal suspeito era seu futuro cunhado, parecia ter elevado os ânimos dos Bedwyn até cotas insuspeitadas. Todos falavam de uma vez e davam por finalizado o café da manhã enquanto ele saía da sala com Freyja.

— Encanto - disse assim que estiveram bastante longe para que ninguém os escutasse, - acabo de lhe oferecer a oportunidade perfeita para se desfazer de mim hoje mesmo e a desculpa perfeita para liberá-la de mim para sempre assim que esteja segura de que as circunstâncias o permitem, e você insiste em me acompanhar?

— Essa mulher passou dos limites - replicou ela com o queixo e o nariz no alto e um brilho belicoso nos olhos. — Eu adorarei pôr as coisas às claras.

Suas palavras o fizeram rir baixo.

— Talvez nunca se libere de mim - lhe disse.

— Tolices - resmungou ela — Será só por muito pouco tempo. Que homem em seu são julgamento sairia em um bote em plena noite de tormenta e por acaso presenciaria que outra pessoa (que nem sequer o vê o passar por seu lado) jogue seu primo pela amurada de seu próprio bote e deixa que se afogue? E que homem em seu são julgamento não armaria um escândalo em caso de que isso acontecesse e ficaria de braços cruzados enquanto esse homem se afoga? Que homem manteria a boca fechada sobre assunto e a abriria justo quando a mãe da vítima fica uma fúria porque suas esperanças de casar ao assassino com sua filha vêm abaixo? Eu adoraria dizer algumas coisas a esse homem.

— Que Deus tenha piedade dele - disse Joshua. — Alleyne e você. Aidan e Morgan, certo. Para não mencionar a Eve. Não se dá conta, querida, de que pioramos as coisas cada dia que passa?

— Tolices – repetiu. — E não se preocupe pela possibilidade de nos vermos obrigados a formalizar nossa relação de forma permanente, Josh.

Ontem à noite descobri que nos livramos de semelhante destino. Ao menos podemos estar tranquilos por esse lado.

Olhou-a de cabo a rabo. Não estava grávida? E acabava de desperdiçar deliberadamente a oportunidade de desfazer-se dele de uma vez por todas?

Estalou a língua.

— O seguinte movimento é teu, encanto – disse - vai ter que encontrar o modo de pôr fim a nosso compromisso. Embora já esteja resignado a continuar comprometido até cumprir os noventa.

— Uma hora - disse ela com voz cortante quando chegaram à porta de seu dormitório. — Espero que todos estejam preparados e no vestíbulo principal dentro de uma hora e nem um minuto mais.

— Sim, senhora - replicou ele com um sorriso enquanto ela entrava sem perda de tempo em seu quarto e lhe fechava a porta no nariz.

Entretanto, o sorriso se desvaneceu e o estômago lhe deu um

desagradável tombo assim que ficou sozinho. Depois de tudo, ia retornar a Penhallow.

Era uma ideia espantosa.

A viagem foi longa e tediosa. A conversa na carruagem e nas distintas estalagens onde se detiveram para comer e passar a noite girou em torno de amenidades que careciam de interesse para todos eles.

Para a Freyja, certamente, não tinham interesse algum.

Não dava crédito ao que estava ocorrendo. Durante os silêncios que estavam acostumados a produzir-se durante uma longa viagem e inclusive durante alguma das conversações, tentou repassar cada etapa de sua relação com Joshua com a intenção de compreender como se colocara em semelhante confusão, tal e como ele o chamava. Como tinha passado de encontrar-se inesperadamente

em seu quarto aquela noite a acompanhá-lo até sua casa senhoril da Cornualha em qualidade de noiva junto com a metade de sua família? Sua relação tinha começado, ou isso supunha, quando lhe deu proteção no armário sem delatar sua presença a aquele desagradável homem de cabelo grisalho, que nem sequer tinha esperado a que lhe desse permissão para entrar em seu quarto depois de bater na porta.

O que teria acontecido se o tivesse delatado? Seria sua vida totalmente diferente a como era nesse momento?

Supunha que sim.

Assim como à de Joshua.

Chegaram a Penhallow bem entrada a tarde, depois de ter viajado quase todo o dia ao longo da costa, admirando a paisagem. Não era um dia vazio. Embora tampouco estivesse nublado de tudo. O mar que se estendia sob os escarpados passava, em um abrir e fechar de olhos, de um cinza resistente e ameaçador a um azul resplandecente que brilhava sob a luz do sol. Embora fosse mais frequente que sua superfície parecesse uma mescla desses dois extremos.

— Eu gostaria de pintar o mar - afirmou Morgan. — Seria um desafio maravilhoso, não acham? Suponho que a maioria das pessoas acredita que é de uma só cor, ou de uma só cor em um momento concreto de um dia concreto. Mas não o é. Necessitaria se toda uma gama de cores para pintá-

lo bem, e mesmo assim...

— E, entretanto, se aproximar da beira e deixa que a água se escorra entre seus dedos – replicou Joshua - descobriria que é incolor.

— Porque é outra coisa o que projeta a cor - explicou Morgan.

— O céu? - sugeriu Alleyne.

— Mas se escala uma montanha - prosseguiu sua irmã, - dará-se conta de que o céu, de que o ar, também é incolor. O que dá cor ao céu? Se pudéssemos entrar em uma fibra de erva, tal e como fazemos com a água ou o ar, descobriríamos que também é incolor?
— Seus olhos reluziam pela profundidade desse mistério.

— E quantos anjos podem dançar na cabeça de um alfinete? - perguntou Alleyne com voz risonha. — Embora pudesse contá-los, Morg, continuaria sem ver o sentido.

— A cor, a interpretação que fazemos dele, procede de nossas mentes -

interveio Freyja.

Levantou a mão quando sua irmã tomou ar para interrompê-la.

— Mas o que lhe dá essa capacidade a nossas mentes é totalmente desconhecido, talvez seja algo que transpassa nossa consciência, algo que fazemos de forma involuntária.

— A própria consciência? - disse Morgan.

Era uma moça estranha, pensou Freyja. Formosa, com talento, temerária, tão orgulhosa e ativa como qualquer deles, tão devotamente desdenhosa como ela mesma com algumas das regras e as convenções sociais mais rígidas... E mesmo assim sua inteligência era prodigiosa e contava com uma percepção quase rústica desses mistérios existenciais que a maioria das pessoas nem sequer se questionava, no hipotético caso de que percebesse sua presença.

O que ia ser de sua irmã agora que já tinha crescido e que estava a ponto de ser apresentada em sociedade? Perguntou-se. Encontraria

a um homem que a apreciasse, que lhe permitisse o espaço suficiente para sentir-se livre, que não lhe cortasse as asas?

O que aconteceria a ela mesma? Uma vez que essa absurda acusação de assassinato se esclarecesse, teria que romper seu compromisso com

Joshua. Não voltaria a adiar o momento por qualquer razão que se apresentasse. Mas o que passaria com ela depois?

— Pode pintar em Penhallow - disse Joshua a sua irmã - e desvendar todos os mistérios do universo com seu pincel. E já que falamos de Penhallow, a mansão está a ponto de aparecer ante nossos olhos, logo ao outro lado desta curva.

A curva era necessária pela presença do vale de um rio que atravessava a paisagem. As escarpas subiam de modo abrupto e a rocha se internava em terra firme, descendo gradualmente até converter-se em uma alta colina. O

caminho prosseguia ao longo do topo dessa colina. Mais abaixo corria um rio, largo e de águas mansas nesse lance, em seu caminho por volta do mar.

Ambas as ladeiras estavam cobertas de erva e pedras, salpicadas de armênias rosas, alagas e trevos brancos. Na zona mais próxima ao vale se encontrava o povoado com suas casas e sua igreja subindo pela colina a falta de mais espaço plano na margem do rio.

No extremo mais afastado do vale, na zona ocidental, erigia-se uma enorme e imponente mansão de pedra cinza talvez a menos de um quilômetro do mar, assentada em uma ampla meseta no centro da ladeira.

Estava orientada em parte pelo mar e o seu redor se estendia prados bem cuidados que desciam pela ladeira com uma série de canteiros que deviam estar coalhados de flores no verão, mas que

nesse momento só albergavam terra erma. A mansão e os terrenos adjacentes, rodeados pelos quatros flancos pela beleza da agreste costa da Cornualha, eram como uma pedra preciosa de talha perfeita.

A reação que Freyja experimentou ao ver Penhallow pela primeira vez esteve colorida de algo puramente físico, como se tivessem atirado um murro no estômago, justo por debaixo do coração. Foi quase doloroso.

Embora a encosta fosse bastante inclinada, o caminho descia com suavidade para o vale e a ponte de pedra com seus três olhos. Uma vez passado este, o caminho seguia o curso do rio para o norte antes de abandonar o vale. Dali subia riscando um percurso serpeante até chegar à mansão e à casa de pedra um pouco menor, embora muito menos modesta, que se encontrava aos pés desta. A residência da viúva, talvez.

Morgan e Alleyne estavam grudados à janela no outro lado da carruagem, contemplando tudo. Joshua o fazia por cima de seu ombro.

— Certamente impressionante - comentou Alleyne.

— Linda! - exclamou Morgan em voz baixa.

Joshua guardava silêncio. Estava tenso. Podia sentir a tensão que o embargava embora não a estivesse tocando. Aí viviam sua tia e suas primas. Aí tinha passado sua desgraçada infância como órfão no lar de seu tio. Aí era onde jamais tinha desejado retornar. E aí seria onde teria que lutar com as suspeitas e os rumores, com a hostilidade e o ódio, e com uma acusação de assassinato.

Essa mansão era sua. Era sua herança, a raiz de sua fortuna e sua posição social, sua responsabilidade. Era como uma pedra pendurada em seu pescoço.

Freyja sabia muito pouco sobre a vida de Joshua nesse lugar, sobre o motivo que o impulsionou a partir, sobre sua reticência a retornar. Mas supunha que estava a ponto de descobrir muitas coisas. Embora não estivesse segura de querer fazê-lo. Sempre tinha pensado em Joshua como um homem alegre, despreocupado e encantador, com um caráter superficial. Um homem com o qual era agradável paquerar e inclusive com o qual era agradável deitar-se. Mas não era muito menos um homem a quem quisesse como companheiro para toda a vida. Tinha esperado desde o começo poder despedir-se dele sem o menor remorso.

Esperava que isso não estivesse a ponto de mudar, mas tinha o espantoso pressentimento de que era muito possível que assim fosse.

Por alguma razão que lhe escapava, e sem pretendê-lo o mínimo, agarrou-lhe a mão e lhe deu um apertão. Ele entrelaçou os dedos e os apertou com tanta força que lhe fez mal. Em circunstâncias normais o teria repreendido severamente ou teria tentado soltar-se. Em troca, seguiu tal qual, sem protestar o mínimo.

As rodas da carruagem estralaram ao cruzar a ponte e desde esse ponto contemplou o formoso panorama que se abria ante ela: a desembocadura do rio no mar. Tanto um como outro brilhavam como milhares de diamantes ao sol, já que este acabava de sair de entre as nuvens.

Era difícil aproximar-se de Penhallow sem ser visto a menos que se subisse até o faeton e se descesse pela ladeira da colina a pé. A chegada de

duas elegantes carruagens, assim como de uma mais simples onde viajavam os criados e de outras duas para a bagagem, seria virtualmente impossível de passar despercebida.

Mesmo assim, só Jim Saunders os esperava no terraço que havia em frente à porta principal quando a primeira carruagem, no qual

viajava com Freyja, Alleyne e Morgan, chegou até ali e avançou um pouco para deixar espaço à carruagem ocupada por Eve, Aidan e as crianças. Vários cavaleiros se aproximavam dos estábulos.

Joshua foi o primeiro em sair da carruagem. Estreitou calorosamente a mão do administrador que tinha contratado em Londres seis meses atrás, e a quem não havia tornado a ver depois, antes de virar-se para ajudar a Freyja e a Morgan a apear-se. Alleyne saiu em último lugar. Aidan já estava tirando as crianças, que assim que puseram os pés no chão se precipitaram para o extremo do terraço para contemplar o vale e a ampla praia de areia dourada onde este desembocava.

— Vim o mais rápido possível - disse Joshua ao administrador depois de fazer as apresentações pertinentes.

— E em boa hora, milorde - replicou o senhor Saunders. — O reverendo Calvin Moore chegou ontem à noite.

A porta principal se abriu por fim e, ao levantar a vista, Joshua viu sua tia no degrau superior, com o aspecto frágil e gasto que lhe conferia o luto e um lenço debruado de negro contra os lábios. Perguntou – se teria estado esperando-o, perguntou-se se teria esperado que levasse Freyja com ele.

Apostava o que fosse que não esperava vê-los aparecer com outros convidados. E os Bedwyn eram um grupo formidável. À exceção de Eve, todos a observavam com altivez. Ninguém igualava a um Bedwyn na hora de mostrar-se altivo.

Esteve a ponto de sorrir, mas se conteve.

— Tia? – saudou-a ao mesmo tempo em que dava um passo para ela.

A aludida-a desceu os degraus e se fundiu em seu abraço.

— Joshua, meu querido moço - lhe disse. — Que maravilhosa surpresa...

E justo quando tinha perdido toda esperança de que voltasse para casa.

Agora mesmo estava comentando ao primo Calvin... Vá! Mas você não sabe que veio nos visitar não é? Estava lhe comentando que seria mais adequado

quando você estivesse aqui para recebê-lo, dado que agora Penhallow te pertence e ele é seu herdeiro, mas que ainda não tinha tido tempo para vir desde que seu pobre tio morreu. E justo nesse momento Chastity viu aparecer as carruagens e soube que minhas preces tinham sido escutadas.

Não, concluiu, sua tia não o tinha estado esperando. E tampouco sabia que estava a par do que se estava forjando; isso ou tinha decidido não mencionar o assunto imediatamente. Claro que a recepção teria sido muito diferente se tivesse aparecido sozinho...

— Estou encantado de estar aqui, tia – disse. — E trouxe alguns convidados comigo, como pode ver. Já conhece minha noiva. Permite que lhe apresente a lorde e lady Aidan Bedwyn, a lady Morgan Bedwyn e a lorde Alleyne Bedwyn. Minha tia, a marquesa de Hallmere.

Ofereceu-lhes umas elegantes boas-vindas. Por um instante deu a impressão de que estivesse a ponto de abraçar a Freyja, mas algo em sua postura a fez mudar de opinião e se conformou com um sorriso afetuoso e algo trêmulo. Um desconhecido teria jurado que jamais tinha havido um momento mais feliz na vida de sua tia que esse, enquanto recebia a vários convidados inesperados em uma casa que considerava sua.

— E também há crianças! - exclamou, levando-as mãos ao peito e olhando com ternura a Becky e a Davy, quem continuava olhando a

vista enquanto sua babá os vigiava da terceira carruagem. — Que maravilhoso será voltar a escutar as alegres vozes ressoando nas paredes de Penhallow.

Passaram muitos anos desde que Albert, as meninas e você deixaram para trás a infância, Joshua. Aqueles foram bons tempos. Teriam a bondade de me acompanhar ao salão, onde todo mundo os espera? Devem estar impaciente por tomar uma xícara de chá. Joshua se virou para oferecer o braço a Freyja, mas antes que pudesse aceitá-lo, alguém passou à carreira junto a sua tia, que estava na porta. A recém chegada corria de forma desajeitada devido à impaciência, com os braços juntos aos flancos e agitando as mãos em sinal de alegria. Seu rosto infantil e arredondado resplandecia de felicidade. Ria de forma impulsiva, como os meninos enrascados em seus jogos.

— Josh! - exclamava sem parar — Josh, Josh, Josh!

Abriu os braços e a moça se jogou contra ele, com tal ímpeto que estiveram a ponto de cair no chão.

Jogou os braços ao pescoço e o apertou com todas suas forças, deixando-o a um passo de morrer afogado, antes de baixar a cabeça e estelar a contra seu peito, o que o deixou sem respiração. Enquanto isso, ela continuava rindo-se e repetindo seu nome.

Tinha crescido nesses cinco anos. Já tinha dezoito, mas seu aspecto continuava sendo o mesmo.

— Prue! - exclamou, estreitando-a entre seus braços. — Prue minha querida.

— Voltou para casa - disse ela contra seu peito. — Sabia que voltaria para casa. Josh, Josh, Josh.

— Prudence! - repreendeu-a sua tia com secura. — Como se atreve a sair do quarto infantil sem minha permissão!? Onde está a

senhorita Palmer?

— Não se passa nada, tia - a tranquilizou quando sua prima começou a gemer por causa da inquietação. — Que melhor recepção poderia ter recebido? Trouxe várias pessoas para que conheça, querida. Se deixar de me abraçar, apresentarei-lhe a eles.

— Esta é lady Prudence Moore, minha prima - disse, olhando em primeiro lugar a Freyja - esta é lady Freyja Bedwyn, Prue. Estou certo de que deixará que a chame de Freyja assim como ela a chamará de Prue. Vai ser minha esposa.

Oh, por que demônio havia dito isso?

Prue saudou cada um dos Bedwyn com seu enorme e inocente sorriso infantil à medida que os apresentava e repetiu seus nomes em voz baixa para que não esquecesse. Quando terminou as apresentações, olhou-o e pôs-se a rir.

— E este é Josh - disse, já que se tinha dado conta de que ele não se apresentou a ninguém.

— E eu sou Josh - repetiu com um sorriso terno, ao mesmo tempo em que lhe passava um braço por cima dos ombros.

— E voltou para casa.

— E voltei para casa.

— E trouxe a Freyja - disse Prue — Eu gosto de Freyja. Eu gosto de todos. Embora Eve é a que eu gosto mais. Mas Josh ganha. Amo Josh mais que a ninguém no mundo. Embora ganhem Chass e Constance e...

— Prudence! -exclamou sua mãe com voz um pouco mais débil.

Joshua riu baixo e procurou o olhar de Freyja. Sua expressão não era distante, nem ativa, nem surpreendida, nem enojada, tal e como tinha esperado. Olhava-o atentamente, com um brilho de franca curiosidade nos olhos.

Sua tia abriu a marcha para a casa. Eve se apressou a adiantar-se e se agarrou ao braço de Prue com um sorriso muito amável e sincero em seu bonito rosto enquanto Aidan atravessava o terraço para ir em busca dos meninos. Morgan e Alleyne já tinham entrado. Ofereceu o braço a Freyja.

— Sempre foi uma menina - lhe explicou. — E sempre o será.

— E a quer - disse ela.

— É feita de amor – replicou. — É a única coisa que tem em seu interior. Como poderia alguém lhe devolver outra coisa que não fosse amor?

— Josh - disse Freyja com um suspiro, - isto é algo que não necessito saber de você, sério.

— Encanto - replicou ele com uma suave gargalhada, - acreditava-me incapaz de amar? Que injusto de sua parte.



CAPÍTULO 16

O corredor, flanqueado por colunas, tinha uma altura de dois pisos e estava adornado com frisos e bustos de mármore dignos de ser admirado algum outro dia. A escadaria, de amplos e resplandecentes degraus de carvalho e com o corrimão esculpido, estava em um aposento distinto. O

salão ao qual os levou a marquesa de Hallmere era uma sala grande, de planta quadrada, elegante e clássica, que contava com uma chaminé de mármore profusamente esculpida, paredes estofadas com peças de seda debruadas em dourado, um alto teto abobadado e adornado com murais inspirados em cenas da mitologia grega e um enorme mirante do qual se desfrutava de um impressionante panorama do vale que chegava até o mar.

Freyja não percebeu a vista imediatamente, embora soubesse assim que entrou na mansão que esta era muitíssimo mais opulenta do que tinha imaginado. Contudo, era um lugar ao qual Joshua não tinha desejado retornar jamais.

Lady Constance os esperava no salão. Sorriu com genuíno carinho a Joshua e a ela. A jovem que a acompanhava, tão magra que parecia esquelética, de cabelo castanho, rosto ovalado uns enormes olhos de olhar triste era a irmã mais nova, lady Chastity Moore. O cavalheiro corpulento e de incipiente calvície vestido com uma camisa de gola tão alta e engomada que se viu obrigado a mover todo o corpo para olhar para os lados, era o reverendo Calvin Moore, segundo primo do Joshua.

O herdeiro, supôs Freyja, cuja presença se requereu.

Foi Joshua quem fez as apresentações, não sua tia. Para falar a verdade, percebeu com interesse, sua atitude tinha mudado por completo ao pisar no salão. Sua presença dominava a sala. Converteu-se no amo e senhor da mansão. Convidou-os a se sentar uma vez concluídas as apresentações ou, se o preferissem, a

admirar o panorama do mirante. Depois pediu a sua tia que fosse amável para ordenar o chá.

— Prudence - disse esta, ocultando atrás de um doce sorriso o olhar venenoso com a que observava a sua filha mais nova, - volte para o quarto infantil com a senhorita Palmer agora mesmo.

— Nada disso - se opôs Joshua, em seu papel de marquês de Hallmere

— Prue pode tomar o chá conosco, tia.

A jovem agitou as mãos com entusiasmo e lady Chastity a aferrou por uma delas e a levou até um sofá, no qual se sentaram.

— É obvio que sim - conveyo Eve, sentando-se perto delas e as olhando com um enorme sorriso - viemos para ver a casa de Joshua e para conhecer os membros de sua família que a habitam. E Prue é um desses membros.

— Um magnífico panorama, não cabe dúvida - comentou Alleyne, que acabava de aproximar-se do mirante. — Suponho que a praia que há a este lado do vale é privada, não, Joshua? Forma parte da propriedade? Invejo-o.

— Pois eu continuo querendo pintar o mar - informou Morgan, de pé junto a Alleyne. — Mas também quero pintar o vale, a casa e o bosque da colina. É estupendo que vai ser meu cunhado, Joshua. Terei que vir vê-los várias vezes e em diferentes épocas do ano antes de ficar satisfeita com minhas pinturas. Ai, Freyja! Tudo isto vai ser seu também.

— Suponho que este terreno é ideal para o gado ovino, estou certo, Joshua? - quis saber Aidan. — As terras de trabalho estão no vale, não?

Estou desejando vê-lo todo e conversar com seu administrador.

De momento, Freyja decidiu passar por cima a vista do mirante. Estava observando o salão com total deliberação, plantada no centro do aposento enquanto virava-se pouco a pouco.

— É um aposento magnífico - comentou com sua voz mais ativa. —

Suponho que desejarei muito trocar alguns móveis e provavelmente as tapeçarias quando nos tivermos casado, Josh, mas não serão mais que algumas mudanças menores. Eu adorarei receber aqui aos convidados.

Suponho que você é da mesma opinião, não é, senhora?

Sorriu à aludida com elegância e esta lhe devolveu o gesto, embora a chegada do chá a liberou de lhe oferecer uma resposta.

Os Bedwyn, concluiu Freyja, tinham deixado clara sua intenção.

Joshua estava conversando com seu segundo primo.

— É uma maravilhosa casualidade que esteja em Penhallow justo quando trouxe minha noiva e parte de sua família para conhecer o que será seu lar depois das bodas - afirmou. — Devem ter passado ao menos dez anos desde a última vez que o vi, Calvin. Decidiu passar uns dias de descanso na Cornualha, sim?

O reverendo Calvin Moore se ruborizou.

— Convidou-me a prima Corinne - lhe informou com secura.

— Seriamente? — Joshua olhou a sua tia com as sobrancelhas arqueadas e um sorriso nos lábios. — Supôs que traria logo a Freyja e quis me surpreender com a presença de meu herdeiro, verdade, tia? Que detalhe mais considerado por sua parte. É livre de ficar uma semana conosco, Calvin; ou todo o tempo que desejar, já que estamos aqui. Será agradável contar com a presença de minha família assim como com a de Freyja.

O senhor Moore pigarreou.

— Muito amável por sua parte, Hallmere - replicou.

Todos se sentaram para tomar o chá e conversaram sobre diversos assuntos. O certo era que resultava bastante divertido, pensou Freyja, já que no ar flutuava o único assunto do que não se atreviam a falar em voz alta. Uma testemunha tinha aparecido de um nada para acusar ao Joshua de um assassinato cometido cinco anos atrás. Era óbvio que o reverendo Calvin Moore estava a par do assunto. Como o estavam as filhas, com a provável exceção de Prue. E como o estavam Joshua e os Bedwyn, é óbvio.

Entretanto, não se disse nenhuma palavra sobre o escândalo que pendia sobre a família.

Tinham pegado à marquesa despreparada, supôs. Com a repentina chegada de seu sobrinho; com o fato de que a tivesse levado consigo e tivessem chegado acompanhados de outros convidados; e com a atitude de civilizada autoridade de que fazia demonstração Joshua. Estava claro que tinha urdido o plano, mas não lhe tinham dado tempo que forjasse de todo.

Daí que a cena estivesse tingida de uma absurda sensação de normalidade. Duas famílias a ponto de unir-se mediante os laços do matrimônio que tomavam o chá juntas em agradável conversa. A marquesa resplandecia de alegria.

— A senhora Richardson os acompanhará a seus respectivos aposentos

- disse a mulher quando acabaram de tomar chá. — Todos desejarão descansar um pouco antes do jantar, estou certa. Será delicioso ter tantos convidados a minha mesa. Levo muito tempo desejando este momento. Não é certo, Constance?

— Descansar? - repetiu Freyja em sua direção com o indício de um sorriso. — Nem pensar, senhora. Assearei-me, trocarei de roupa e depois estarei pronta para ver toda a casa. Dará-me o gosto, Josh?

— Estarei encantado de fazê-lo - respondeu ele. — Nos acompanharão todos? Virá, Calvin? E Chass, você também pode se unir ao grupo se quiser.

Conhece a história da mansão melhor que ninguém. E sim, Prue, minha querida, é obvio que não faremos nada sem você. Parece-lhes bem que nos encontremos no vestíbulo dentro de meia hora?

A mansão era muito maior do que sugeria por fora. Era um edifício de planta quadrada e elegante. As maiorias dos aposentos habitados se encontravam na parte dianteira, apresentada ao sudeste e, portanto para o maravilhoso panorama que formavam os jardins, o vale e o mar. Os aposentos privados e os dormitórios da família estavam colocados nesta ala; os salões de recepção, o salão de baile e a larguíssima galeria, na ala oeste. A ala norte, orientada em parte para o vale e em parte para os jardins que desciam pelo suave declive da colina, estava ocupada em quase sua totalidade por despachos e escritórios, assim como pelos aposentos dos criados nos andares superiores.

Joshua se encarregou das descrições durante quase todo o percurso, embora Constance acrescentasse alguns comentários de sua colheita. Não obstante, foi Chastity quem tomou a palavra uma vez que chegaram à ala oeste. Conhecia a história de cada detalhe arquitetônico, de cada obra de arte, de cada geração da família Moore que tinha vivido na propriedade, tanto na antiga mansão que ruíra como na atual, que remontava a somente quatro gerações. Foi descrevendo o que viam com voz suave, com clareza e com concisão, além de com um óbvio carinho pelo assunto que tratava.

Freyja descobriu que gostava muito das três moças. As diferenças com sua mãe eram surpreendentes.

Joshua, liberado da responsabilidade de fazer-se de guia, puxou-a pela mão e entrelaçou seus braços antes de olhá-la com expressão alegre.

— Os Bedwyn são formidáveis quando entram em ação – afirmou.

— Sobre tudo você, encanto. Assim vai redecorar meu salão, não? E a passá-lo em grande recebendo ali a meus convidados, não é?

— As cortinas não são da cor adequada - lhe assegurou. — E algumas poltronas são de um espantoso mau gosto; são muito empetecadas.

Joshua riu entre dentes.

- *“Eu adorarei receber aqui aos convidados”* - repetiu em voz calma as palavras exatas que ela havia dito. — *“Suponho que é da mesma opinião, não é verdade, senhora?”* Teria dado o que fosse para saber o que estava pensando nesse momento, Free.

— Não houve a menor alusão às suspeitas do assassinato - disse.

— Já chegarão! -assegurou-lhe com um sorriso.

Nesse momento percebeu que eram muito semelhantes. Joshua o estava passando em grande. Grande idiota... Sobre ele pendia a ameaça de acabar na forca e a única coisa que fazia era rir, encantado de enfrentar o perigo.

O resto do dia seguiu a mesma tônica. Joshua presidiu a mesa durante o jantar e dispôs que ela se sentasse a sua direita e Constance a sua esquerda.

A marquesa ocupou o extremo oposto. Joshua lhe fez um gesto resolutivo quando estimou que tivesse chegado o momento de que as damas se retirassem e deixassem aos cavalheiros com o porto e os assuntos de conversa masculinos.

Chastity e Morgan, que pareciam ter entabulado certa amizade, entretiveram-se e entretiveram à assistência com suas interpretações ao piano; Eve se sentou com Prue, que tinha jantado com eles porque Joshua assim o tinha ordenado (supôs que era algo que jamais tinha acontecido anteriormente); e ela se sentou no mirante para contemplar o crepúsculo à espera que chegassem os cavalheiros.

Eve estava conversando com Constance e com a marquesa. Não possuía a gélida altivez dos Bedwyn, mas se arrumava maravilhosamente a seu estilo, mais sereno e doce.

— Deve ser muito triste perder a um marido, não só pelo que a perda da pessoa em si supõe mas também por tudo o que esta supõe — disse. —

Ser a senhora de Penhallow deve ter sido uma parte maravilhosa de seu matrimônio, senhora. Estou certa de que também o será para a Freyja. Que

planos tem para o futuro? Ou ainda é cedo para que tenha decidido algo?

Vejo que ainda não abandonou o luto.

A marquesa enxugou os olhos com o lenço.

— Meu querido Hallmere... Refiro a meu defunto marido... Só posso pensar nele neste momento, lady Aidan — confessou. — Embora é obvio que receberei a lady Freyja com os braços abertos em meu lar. Há muitas coisas que posso lhe ensinar sobre o manejo de uma casa tão grande como esta, embora esteja convencida de que terá aprendido muitíssimo em Lindsey Hall.

— A residência da viúva é um lugar lindo, aí no meio do vale - disse Eve.

— Como toca bem sua irmã, lady Freyja - comentou a marquesa nesse momento, erguendo a voz. — E que formosa é. Suponho que estará casada antes que chegue o verão. As jovens mais formosas são as primeiras em casar.

— Se deixarem, senhora - replicou Freyja. — Não estou muito certa de que Morgan esteja por esse trabalho.

— E você, lady Constance - seguiu Eve - quais são seus planos agora quando o ano de luto de sua mãe chega a seu fim? Uma temporada social em Londres, provavelmente? Desde que Freyja e Joshua se casem antes da primavera, ela poderá amadrinhá-la em caso de que sua mãe siga sentindo-se indisposta para tal empresa.

Sim, pensou Freyja enquanto sorria interiormente, Eve era tão formidável como qualquer um deles.

— Já é hora de que retorne ao quarto infantil, Prudence - disse a mãe da aludida com aquela voz queixosa que Freyja recordava tão bem de sua estadia em Bath.

— Vamos, Prue. — Eve ficou em pé e insistiu a mocinha para fazer o mesmo. — Já é hora de subir para ler uns contos a Becky e ao Davy antes de lhes dar boa noite. Você gostaria de nos acompanhar?

Não muito depois, uma vez que os cavalheiros se reuniram com elas e tomaram o chá e prolongaram a conversa um pouco mais, a marquesa sugeriu que todos se retirassem cedo, já que estava certa de que todos agradeceriam depois de uma viagem tão longa.

— Eu estou exausta, confesso-o – disse - depois da emoção de ver como meu querido Joshua volta para casa, que é onde deve estar, e da chegada de sua noiva e seus familiares.

Ninguém pôs objeção alguma. Era certo que a viagem tinha sido longa.

Mas Joshua não parecia disposto a retirar-se ainda, aparentemente.

— Você gostaria de tomar um pouco de ar fresco antes, Freyja? -
perguntou-lhe.

— Caramba, querido Joshua! - exclamou sua tia com um fio de voz.
—

Lady Freyja precisará levar sua criada.

Alleyne esboçou um sorriso e meneou as sobrancelhas com um gesto zombador.

— Estará com seu noivo, senhora - interveio Aidan, com voz maravilhosamente arrogante e enérgica. — Não necessita de acompanhante alguma.

— E embora a necessitasse... - acrescentou ela, elevando as sobrancelhas e deixando a frase no ar — Sim, eu adorarei acompanhá-lo Joshua, obrigada.

A noite era fria como costumava ser a princípios de outono, mas nem por isso menos formosa. O céu, que enquanto ela contemplava a paisagem do mirante lhe tinha parecido muito escuro, estava coalhado de estrelas e a lua derramava sua tênue luz, desenhando uma ampla franja prateada sobre o mar e a desembocadura do rio.

Havia um atalho que percorria a colina à mesma altura que a mansão, flanqueado por sebes e canteiros por um lado e por uma cerca de pedra de um metro de altura coberta de hera e outras plantas pelo outro.

Depois da cerca se estendiam mais canteiros de flores que deixavam passagem a um prado que por sua vez descia até chegar aos arbustos e ao caminho que corria mais abaixo. Freyja supôs

que a paisagem devia vibrar de cor no verão. Sua beleza era manifesta nesse momento apesar da escuridão da noite.

— Sua tia é uma estúpida exímia – disse. — Não pensava retornar alguma vez, não é verdade? Teria-a deixado viver em paz aqui e levar as rédeas da mansão como se fosse dela. E mesmo assim se empenhou em criar dificuldades onde não havia nenhuma.

— E, agora, Morgan vai nos visitar com frequência para pintar; Alleyne, para desfrutar de minha praia privada; Aidan está interessado em minhas granjas; Eve está planejando a apresentação em sociedade de minhas primas; você pensa redecorar minha casa; e aqui estou eu - disse ele. —

Sim, suponho que se minha tia pudesse retroceder no tempo e fazer caso omisso da carta da senhora Lumbard, a que lhe informava de minha presença em Bath, faria-o. Ou talvez não. Sempre teve que controlar tudo.

— Por que não pensava retornar alguma vez? - quis saber.

Sabia muito pouco dele além do fato de que era uma companhia muito alegre e atraente. Era estranho até que ponto se podia conhecer um homem da forma mais íntima possível de um ponto de vista físico sem conhecê-lo absolutamente como pessoa. Negou-se a conhecê-lo. E continuava negando-se. Por mais que a essas alturas parecesse inevitável. Tinha tomado a impulsiva e desordenada decisão de acompanhá-lo a Penhallow e já estava inexplicavelmente vinculada a sua vida.

— Cheguei aqui quando tinha seis anos - começou ele, - depois que meus pais morreram. Naquela época nem sequer me haviam dito que estavam mortos. Disseram-me que tinham tido que ausentar-se por uma temporada. A ideia era, suponho, que os fosse esquecendo pouco a pouco para não ter que me contar a dolorosa verdade. Mas minha tia me disse isso depois que cometesse minha primeira travessura. Assegurou-me que meus pais estariam muito

decepcionados se soubessem que tinham um menino muito mau. E que era uma sorte que estivessem mortos, porque desse modo jamais saberiam.

— Sim – replicou. — Típico dela. Espero que a mandasse a tomar vento fresco.

— Fiz isso – assegurou, - e de uma forma muito mais colorida, acredito recordar. Mas naquele momento compreendi o que a verdade significava para mim. Tinha-o suportado até esse momento com toda a paciência de que fui capaz. Tinha estado vivendo na espera do dia que meus pais viessem para mim para me levar de volta para casa. E naquele momento senti o aterrador vazio ao saber que se foram para sempre. E a certeza de que a vida com meus tios e meus primos era a única coisa que me esperava.

— Espero que não fosse um menino amargurado - resmungou com voz irada, lutando contra a compaixão que sentia pelo menino que tinha sido

naquele tempo.

Joshua pôs-se a rir.

— Encanto - replicou Joshua, - supõe-se que a estas alturas deveria estar chorando de pena por mim. Não, nunca fui. Decidi que se minha tia estava disposta a pensar o pior de mim, devia ganhar a fama a pulso.

— E seu tio? – perguntou. — E seus primos? Também o julgaram tão mal?

— Meu tio não teve mais remédio – respondeu. — Eu era mau, Free.

Poriam-lhe os cabelos como ganchos se te contasse algumas de minhas aventuras.

— Duvido-o corrigiu. — Cresci com os Bedwyn e os Butler. Eu sou uma Bedwyn. Mas em minha família nos pontuavam de “corajosos” e “travessos”

antes de ser castigados. Nunca nos disseram que éramos maus.

— Com minhas primas me dava bastante bem – assegurou. — Mas eram muito menores que eu e portanto não chegaram a ser minhas companheiras de brincadeira.

— Suponho que sua tia odiava-o porquê era o seguinte na linha de sucessão ao título depois de seu filho - comentou ela.

— Sem dúvida - concordou Joshua antes de rir entre dentes.

— Caramba! - exclamou quando dobraram uma pequena curva no atalho e o vento os açoitou com força.

Dali se desfrutava de uma vista muito mais ampla do mar e se via o povoado na outra borda do rio.

— Magnífico!

— Sim? - reiterou Joshua.

E mesmo assim se negou a jamais retornar.

— Como era Albert? - quis saber.

— O filho perfeito - respondeu ele. — Aprendeu tudo o que meu tio tinha que lhe ensinar e o ajudava com os assuntos da propriedade sempre que o permitia. Adorava a sua mãe e era carinhoso com suas irmãs.

Sobressaiu-se nos estudos, tanto no colégio como na universidade. Era um membro ativo da paróquia e contribuía em todas as obras de caridade que se organizavam. Além disso, estava acostumado a interceder por mim ante

sua mãe.

— Eu o teria detestado - lhe assegurou com firmeza.

Ele pôs-se a rir.

— Sim – reconheceu - não me cabe a menor dúvida.

— E mesmo assim - prosseguiu Freyja- discutia com ele, não? É o que nos disse em Lindsey Hall.

— É claro – reconheceu. — A maldade não costuma apreciar a bondade, Free. Eu era muito mau. E Albert era muito bom. Exortava-me com frequência sobre a bondade e, com a mesma frequência, eu costumava lhe dizer por onde meter seus sermões.

Sua voz destilava esse humor tão característico nele. E nesse momento compreendeu que era uma máscara atrás da qual ocultava os aspectos mais sombrios de sua vida. Até esse preciso instante se perguntara se essa máscara ocultaria algo ou, pelo contrário, se atrás dela não haveria nada.

Pois já sabia a resposta, embora ainda não tivesse desvelado essas sombras. A verdade era que não queria fazê-lo. Queria recordar sua relação com Josh como uma alegre paquera durante a qual desfrutaram de uma noite em que essa relação tinha significado algo mais para ela. Não ter remorsos, nem poços de escuras lembranças sobre uma pessoa que talvez tivesse valido a pena conhecer.

Acabavam de dobrar outra curva do caminho. A colina se erguia sobre eles até converter-se quase em um farol, embora nesse lance voltassem a estar ao abrigo do vento. Detiveram-se nesse instante, fato que Joshua aproveitou para apoiar-se na cerca e dar uma olhada para baixo. A luz da lua ressaltava seu perfil.

Estava Sorrindo.

— Se odiava tanto a vida neste lugar, por que ficou tanto tempo? —

perguntou. — Foi há cinco anos. Já tinha... Quantos anos? Uns vinte e dois ou vinte e três?

— Vinte e três — confirmou. — Parti de Penhallow quando completei dezoito. Fui viver em Lydmere. — Apontou a aldeia com um gesto de cabeça. — Me converti no aprendiz de um carpinteiro e aprendi o ofício.

Dava-me bem. Teria conseguido uma boa vida. Era feliz e teria continuado sendo, acredito.

Era lhe estranho pensar que lady Freyja Bedwyn jamais teria conhecido ao Joshua Moore, carpinteiro de Lydmere na Cornualha, e que teria permanecido alheia a sua existência mesmo que seus caminhos tivessem chegado a cruzar-se por acaso. Teriam pertencido a mundos distintos.

— Mas então Albert morreu e o converteu no herdeiro de tudo isto - concluiu ela. — Tudo mudou.

— Sim - reconheceu. Virou a cabeça para olhá-la com um estranho sorriso zombador nos lábios. — E depois me converti no Hallmere e assim pude aspirar à mão da filha de um duque, embora só seja um compromisso de farsa. A vida é estranha, não lhe parece?

Mas não lhe tinha explicado por que saíra da Cornualha.

Nesse instante recordou algo, algo a que em seu momento não tinha prestado muita atenção.

Conforme havia dito Joshua em Lindsey Hall, não recordava o motivo da discussão que mantiveram Albert e ele no barco. Como não ia recordá-lo? Tendo em vista como acabou a noite, devia ter todos os detalhes gravados a fogo na memória.

Entretanto, não ia perguntar lhe nada. Não queria saber. O problema era que semelhante argumento já soava bastante fraco inclusive para si mesmo.

— Não vinha algumas vezes a Penhallow durante os anos que passou no povoado?

— Uma vez por semana, aproveitando meu dia livre – respondeu. —

Para ver Prue.

— Pobrezinha - disse Freyja. — Sua mãe não lhe tem muito carinho, não é?

— Prue é algo menos pobrezinho - corrigiu-a. — É habitual que acreditemos que aqueles que têm habilidades mentais ou físicas diferentes são criaturas dignas de pena sem capacidades ou taras. Chamamos-os deficientes ou idiotas. Consideramo-los desde nossa limitada perspectiva.

Em uma ocasião conheci um cego cuja apreciação do mundo deixava-me ridículo em minha limitada capacidade de percepção. Prue é uma moça feliz e transborda amor para todo mundo; coisas que muitos de nós deixamos pelo caminho ao crescer. Em que sentido é deficiente? Ou incapaz? Por que

chamá-la “pobrezinha”?

O ardor com o que se expressava a levou a perguntar-se quem seria o desconhecido que tinha em frente.

Joshua se tinha mostrado carinhoso e paciente com sua prima durante toda a tarde e também durante o jantar, sem denotar o menor rastro de resignação, aborrecimento ou ar de superioridade. Prue não tinha sido a única em transbordar amor. Joshua lhe tinha recordado muito a Eve, a quem Aidan estava acostumado a descrever como uma mulher com um coração de ouro e um carinho

imenso pelos mais desfavorecidos. A casa de seu irmão estava cheia de criados a quem ninguém daria emprego por uma razão ou outra, incluindo uma governanta de aspecto feroz que passou um tempo na prisão e que daria sua vida por sua senhora, e a quem ela admirava muitíssimo.

— Talvez agora que voltou – disse - resolva ficar. Refiro a uma vez que se esclareça toda esta tolice que forjou sua tia, é obvio. Terá que obrigá-la a mudar-se, como não, embora não acredito que a morte de seu marido a tenha deixado sem nada.

— Claro que não - assegurou Joshua - mas continuará vivendo aqui. Eu não.

E mesmo assim, pensou Freyja, se ela estivesse em seu lugar, daria-se a satisfação de expulsar à marquesa de Penhallow, de despojá-la de tudo aquilo que não lhe pertencia. Mesmo que tivesse decidido não residir na mansão, não permitiria que a outra mulher o fizesse. Daria-se a tremenda satisfação de vingar-se de algum modo.

Claro que não era seu assunto o que Joshua fizesse ou deixasse de fazer.

Ele não era assunto seu.

— Uma colina silenciosa em uma noite coalhada de estrelas - disse ele.

— A luz da lua balançando-se sobre as ondas. E uma mulher espantosa ao meu lado. O que me passa para que me limite a falar e a contemplar a paisagem? Devo estar perdendo minhas faculdades; e também perderei minha reputação se alguém me vir.
— Afastou-se da cerca e se virou para olhá-la com expressão risonha.

— Se quer – replicou, - pode imaginar que minha criada esta aqui ao lado.

Joshua riu entre dentes.

— Mas Aidan disse que não necessitava de acompanhante - recordou.

— Porque confia em você - lhe assegurou - e porque acredita que estamos comprometidos. — E estamos – afirmou - graças a minha tia, a Bewcastle e a sua decisão de me acompanhar.

— Traz o cabelo solto debaixo do capuz, não é? — Tirou os grampos que o recolhiam quando subiu ao seu quarto em busca da capa.

— A que vem isso? - perguntou-lhe com altivez.

Graças ao comentário percebeu que o entorno onde se encontravam prestava-se ao romance; ou a um interlúdio romântico pelo menos.

Entretanto, já tinha tido muitos interlúdios românticos com Joshua durante as últimas semanas. Tinham tido muitíssima sorte de não se ver obrigados a casar-se. Devia evitar qualquer situação que pudesse levá-los a cometer uma nova indiscrição.

Não obstante, Joshua tinha cortado a distância que os separava e tinha erguido as mãos para lhe tirar o capuz. Seu cabelo caiu como uma cascata sobre seus ombros e suas costas. O vento era bastante forte para alvoroçar até esse ponto resguardado.

— Verá o que se passa – respondeu - é que um homem com sangue quente arde em desejos de enterrar os dedos neste cabelo, Free. Não é nada pessoal, é obvio, mas eu tenho sangue quente. — Seus dedos se entretiveram um instante com as mechas antes de enterrar-se neles. —

Claro que, uma vez que o faz, não pode evitar fazer isto também. — Puxou-a para aproximá-la a seu corpo e lhe jogou a cabeça para trás de modo que acabou contemplando esse rosto banhado pela luz da lua. Seus olhos, tal como tinha esperado, olhavam-na com expressão alegre.

— O único problema - argumentou ela enquanto colocava as mãos de ambos os lados de sua cintura - é que, em tais circunstâncias, a mulher sente um impulso quase irresistível de amarrar-se a murros com dito homem de sangue quente.

Joshua riu entre dentes.

— Uma briga a murros poderia nos fazer cair do outro lado da cerca e acabaríamos rodando ladeira abaixo até ficar apanhados entre aqueles arbustos dali - replicou - feitos uma confusão de braços e pernas e outras

partes do corpo. Talvez seja interessante. Acho que correrei o risco. —

Inclinou a cabeça e lhe esfregou o nariz com o seu.

— Não me ocorre nenhum motivo para que façamos isto - assegurou.

Mentirosa, mentirosa, repetia-lhe sua mente.

— Vê? — disse ele antes de lambe os seus lábios e lhe provocar um comichão de puro desejo em certas partes muito equivocadas de seu corpo.

Equivocada se queria sair ilesa da confusão, claro estava. — Nos complementamos à perfeição, encanto. A mim não me ocorre nenhum motivo pelo qual não devamos fazê-lo.

— Estas coisas são para os casais que se estão cortejando - lhe recordou. — Para os casais comprometidos. Para os casais casados. Nós não entramos em nenhuma dessas categorias.

— Mas somos um homem e uma mulher - arguiu ele, inclinando a cabeça e falando apesar de estar acariciando com os lábios o lugar onde o pulso pulsava em seu pescoço. Freyja sentiu um intenso golpe de prazer e lhe enterrou os dedos de uma mão no cabelo, uns dedos que se perderam imediatamente entre as alvoroçadas mechas. — Juntos e sós em uma noite com lua. E ofegando de desejo o um pelo outro.

— Eu não estou...

Seus lábios detiveram o protesto. Ou melhor, sua boca, porque tinha os lábios entreabertos e o beijo foi apaixonado, úmido, incitante e exigente.

Notou que lhe lambia os lábios antes de lhe colocar a língua na boca.

Juntou-se contra seu torso e deixou escapar um gemido enquanto sentia um palpitante desejo entre as coxas, no interior de seu corpo, ali onde já tinha estado ele em uma ocasião.

Sua língua saiu ao encontro da invasão ao mesmo tempo em que suas mãos se metiam por debaixo da capa, da jaqueta e, por último, do colete.

Por que tinham que levar os homens tanta roupa? Enquanto isso, as mãos de Joshua lhe acariciavam os seios por debaixo da capa, embora não demoraram em transladar-se até suas costas e em descer até seu traseiro.

Uma vez ali, aferraram-na com força e a elevaram sem muitos olhares até que esteve junto a ele depois do que começou a esfrega - lá contra seu corpo de um modo tão incitante que acreditou que o

desejo que sentia em seu interior acabaria por explodir e sua luz rivalizaria com a das mesmas

estrelas.

— Não está como...? - insistiu-a a prosseguir muito mais tarde, erguendo os lábios apenas um centímetro dos seus.

— Ofegando de desejo - concluiu ela entre ignominiosos fôlegos.

Ele pôs-se a rir.

— Nesse caso, que Deus me ajude o dia que o esteja – replicou - por que não quer se casar comigo, Free? Não pode ter Ravensberg, mas suponho que cedo ou tarde se casará com outro. Por que não comigo?

— Você se casará com alguém cedo ou tarde? - perguntou por sua vez com brutalidade, afastando a cabeça um pouco mais.

— Para um homem é diferente - respondeu ele.

— Em que sentido?

— Os homens gostam da liberdade, da ausência de compromisso explicou.

— Podemos desfrutar de um interlúdio romântico sem necessidade de convertê-lo em algo mais sério. As mulheres possuem o instinto de lançar raízes. Querem um lar, fidelidade, um amor sem fim e bebês. — Pôs-se a rir de repente enquanto tomava pelo pulso direito e se afastava o bastante para poder lhe olhar a mão.

— E isto, encanto? - perguntou-lhe. — Não vai fechar os punhos?

Pensei que minha resposta seria uma provocação em toda regra. Ai!

Seu punho esquerdo acabava de estelar se com força contra seu queixo.

— Por que não quero me casar com você? – repetiu. — Talvez porque me dá pena seu rosto bonito. Se estivesse ao alcance de meus punhos durante o resto de minha vida, acabaria feito pedaço de carvão vegetal; como as desses brutos que cobram por brigar entre si para divertimento dos cavalheiros que gostam de apostar nesses esportes sangrentos.

Joshua jogou a cabeça para trás e explodiu em gargalhadas enquanto apalpava o queixo e movia a mandíbula.

— Será melhor que retornemos a casa – disse - depois disto, fica perfeitamente claro que sou um homem de mau caráter que ainda não pôs fim a suas correrias, se é que chego a fazê-lo algum dia; e que você prefere continuar com sua vida de solteirona antes que se casar com alguém que

não seja capaz de lhe provocar os mesmos sentimentos que experimentou uma vez, estou certo? Nunca nos casaremos, Freyja. Mas nos sentimos atraídos um pelo outro e entramos em erupção como um par de vulcões a menor oportunidade. Prefere que evitemos tais oportunidades até que possamos pôr fim à situação? Ou prefere não fazê-lo e, em troca, desfrutar do momento enquanto dure? O momento não se estenderá mais que alguns dias ou algumas semanas, ou o que seja.

— Fala como se nos próximos dias só fossem se apresentar oportunidades para nos entregar aos interlúdios românticos – disse.
— Se supõe que há um plano em marcha para acusá-lo de assassinato e declará-lo culpado, não? A testemunha pode ser perigosa.

— Deus, é verdade! – exclamou. — E um punhado de testemunhas poderia sê-lo ainda mais. Pergunto-me se minha tia será tão preparada... Ou tão tola.

— E eu me pergunto o que se passou de verdade naquela noite -

replicou ela. Mas meneou a cabeça enquanto falava ergueu o capuz antes de dar a volta para retroceder no caminho até a casa. — Embora na realidade não quero saber o que aconteceu.

Joshua se colocou a seu lado.

— Porque teme que fosse eu quem o matou? - inquiriu.

Seria esse o motivo pelo qual se mostrava tão relutante para escutar a verdade? Perguntou - se.

— Ameacei-o matá-lo - recordou ele.

— Mas não o fez - replicou com firmeza. — Disse ao Aidan que não o fez quando lhe perguntou isso em Lindsey Hall e eu acreditei. Em você ainda acredito. Teria-o matado se tivesse vivido o suficiente?

Joshua demorou um bom tempo em responder. Ao dobrar a curva voltaram a sofrer o açoite do vento, embora agora o fizesse a seu favor.

— Não sei, a verdade – respondeu. — Mas receio muito que talvez não teria sido capaz de fazê-lo.

Aí estava! Isso era a única coisa que queria saber do assunto, pensou, alongando seus passos. Já tinha ouvido muito. Algo muito grave tinha tido lugar aquela noite; além do espantoso fato de que tinha morrido uma pessoa. E não queria inteirar-se do que era.

“Pergunto-me se Hallmere terá recordado mencionar que tem um bastardo querido que vive com sua mãe no povoado próximo a Penhallow.”

Recordou as palavras que a marquesa lhe dissera com sua voz queixosa.

“Era a preceptora das meninas até que esse desafortunado incidente obrigou meu marido a despedi-la. Não parecem sofrer penalidades. Entendo que Hallmere ainda os mantém.”

A sórdida história não tinha nada que ver com ela, decidiu. Joshua não era seu noivo e não sentia a menor necessidade de julgá-lo. Mas tinha a horrível suspeita de que a disputa acontecida aquela noite no barco tinha sido por causa da preceptora e seu filho. Era possível que Albert lhe tivesse endossado outro de seus tediosos e éticos sermões sobre o assunto? E que Joshua...? Enfim, de que outro modo teria reagido além de ameaçar seu primo com a morte? Como e por que tinha morrido Albert exatamente?

Não queria saber.

— Encanto a escandalizei - disse ele. — Isto quer dizer que já não haverá mais interlúdios românticos entre nós? Acaba de me matar.

— Não leva nada a sério? -perguntou Freyja com voz desdenhosa.

Embora, é obvio, já sabia a resposta a essa pergunta por mais que desejasse de todo coração que não fosse assim.

Sim, havia muitas coisas que Joshua Moore, marquês de Hallmere, levava muito a sério.

Deveria lhe ter dito adeus há muito, antes de começar a suspeitar sequer que não era um simples descarado e alegre, muito bonito para seu próprio bem.

Joshua riu entre dentes, procurou sua mão debaixo das dobras da capa e entrelaçou seus dedos enquanto seguiam caminhando.



CAPÍTULO 17

— Quem é? - perguntou Joshua, apoiando-se na escrivaninha de seu administrador e cruzando os braços em frente do peito. Era bastante cedo, mas Saunders já estava trabalhando em seu escritório.

— Hugh Garnett - respondeu o administrador. — Suas terras estão do outro lado do vale, sua mãe era a filha de um barão. Estão-lhe indo bastante bem as coisas. Comprou mais terras depois de tomar posse da herança de seu pai há alguns anos. É um cavalheiro com certa influência.

— Ah! Conheço o Hugh Garnett — Joshua franziu o cenho. — É sobrinho por parte de pai da senhora Lumbard, uma das melhores amigas da marquesa. Não me surpreende muito. Mas por que acha que se colocou neste assunto, além do fato de ter motivos para me detestar? Não é dos que faz algo debalde.

— Demonstrou certo interesse em lady Chastity - respondeu Saunders -

mas sem que a dama em questão nem a marquesa lhe deem asas. Embora viesse um dia para tomar o chá com sua tia, a senhora Lumbard, e sua prima quando estas retornaram de Bath. Seria um magnífico enlace para ele, é obvio sobre tudo se for acompanhado da bênção da mãe da dama.

— E mais ainda se me tirarem do meio para que não lhes arruíne os planos, agora que estou comprometido e a ponto de me casar —

acrescentou. — Estou convencido de que minha tia reclamou a presença do reverendo Calvin Moore não só para cortejar a Constance, mas também para obter consolo moral. Como sempre, controla seu pequeno mundo com mão de ferro, não é?

Ficou em pé e se aproximou da janela. Dela se contemplava a ladeira da colina. Uma vista formosa de todas as formas. A horta da cozinha e os jardins estavam nessa zona, assim como algumas estufas. Mais à frente, começava um atalho que serpenteava para cima entre os arbustos e alcançava as plantas silvestres que cresciam perto da meseta superior.

Nesse momento recordou o que lhe havia dito Constance e se virou para observar Jim Saunders.

Era um cavalheiro que rondava os trinta anos, talvez um pouco mais jovem, que herdaria uma modesta fortuna e uma pequena propriedade com a morte de seu pai, embora tivesse um irmão mais jovem e várias irmãs que ficariam a seu cargo. Era um homem de aspecto agradável e um trabalhador incansável. Era fácil entender por que Constance, que tinha crescido isolada dos homens de sua mesma posição social, podia vê-lo como o homem de seus sonhos. Corresponderia Saunders a seus sentimentos? O administrador estava sentado à escrivaninha, com a vista cravada em um livro de contas fechado e uma expressão indecifrável no rosto.

— Deve compreender milorde - disse com estudada formalidade, - que estou há pouco tempo aqui e ainda não formei uma opinião de todos os habitantes da mansão e de seus arredores. Não conheço bem a marquesa e não pretendo conhecer seus motivos. Como tampouco conheço bem a você.

Mas sou consciente de que minha lealdade pertence a você, não a sua tia.

Era uma resposta meticulosa. Absolutamente serviçal.

— De maneira que não está seguro de que as acusações de que me advertiu com tanta urgência encerrem certa verdade – replicou.

— Está se perguntando se trabalha para um assassino desalmado.

— Eu gosto de acreditar que não é assim - assegurou o administrador.

— Obrigado. — Estudou-o mais detidamente. — Como se inteirou?

Ninguém disse nada desde que cheguei. O oficial não esmurrou minha porta para me prender. Quem o disse?

Saunders endireitou o livro de contas e alinhou a parte inferior com a borda da escrivaninha.

— Constance?

O homem fez gesto de abrir o livro, mas pensou melhor.

— Sugeriu-me que talvez devesse informá-lo, milorde - respondeu.

— Ah! - exclamou ele com voz calma. — Então devo agradecer a minha prima, e também a você por atender a seus desejos. Parece que o plano ainda não se forjou e que minha chegada entorpeceu seu desenvolvimento.

Por que não está de todo completo, pergunto-me eu, se houver uma testemunha, um próspero cavalheiro, que está disposto a jurar que me viu assassinar meu primo?

Saunders lhe devolveu o olhar, mas não fez sugestão alguma.

— Acredito que vou entorpecer muitíssimo mais o desenvolvimento deste plano, Saunders – afirmou ao mesmo tempo em que se afastava da janela com um sorriso. — Acredito que vou passar isso

em grande. Amanhã pode me dar um relatório detalhado sobre as novas construções e as reparações que tiveram que fazer-se para a colheita. Também gostaria de ver a granja que abastece à mansão e falar com meus trabalhadores e suas esposas enquanto estou aqui.

— Sim, milorde - disse seu administrador. — Estarei ao seu dispor sempre que me necessite.

Joshua deixou atrás a ala onde se encontravam os escritórios para comprovar se algum membro da família ou algum dos convidados se levantara. Embora tivesse precisado passar mais tempo com Saunders de que acreditava. Quase todos estavam já na sala de refeição matinal.

— Bom dia - disse ao entrar. — E é bom de verdade, já que parece ensolarado e temperado. Quer ir logo a Lydmere? É uma aldeiazinha pesqueira encantadora com seu caís e sua praia. Freyja... — Agarrou-lhe a mão, a levou aos lábios e a reteve ali mais tempo do que o necessário enquanto lhe sorria.

Bem poderia entreter-se irritando-a, tanto a ela como a sua tia, pensou.

As sobrancelhas de Freyja se arquearam, Alleyne sorriu, Calvin pigarreou e sua tia esboçou um doce sorriso.

Entretanto, interpretar o papel de ardente apaixonado era muitíssimo mais fácil que viver a realidade de um compromisso de farsa, decidiu enquanto se servia da comida do aparador e se sentava à cabeceira da mesa. O encontro da noite passada tinha sido mais frustrante que satisfatório, sobre tudo porque já sabia o que era culminar um encontro com Freyja. Encontrava-se, como compreendeu naquele momento, em grave perigo de apaixonar-se um pouco por Freyja Bedwyn. Ia ter que esforçar-se muito para manter sua relação dentro dos leitos já conhecidos.

A última coisa que queria era apaixonar-se de verdade por alguém.

Somou-se à conversa geral até que Eve e Aidan, os últimos em aparecer

porque se detiveram no quarto infantil para ver seus filhos, sentaram-se e começaram a comer.

— Me ocorreu – disse - que minha volta é uma ocasião memorável para o condado, e estou certo de que muitos me viram chegar ontem. Quando se souber que trouxe comigo a minha futura esposa, todo mundo achará que a ocasião bem merece uma celebração. Um grande baile em Penhallow é o adequado. O que lhes parece se o celebramos dentro de uma semana?

Encarregarei-me da maioria dos preparativos em pessoa, mas faz cinco anos que parti e estou certo de que não conheço todos os habitantes dos arredores. Tia confio em que me ajude com a lista de convidados.

Constance e Chastity me ajudarão também, não é verdade?

Constance, ruborizada e com os olhos brilhantes, assentiu com a cabeça. Chastity sorriu.

— Que ideia mais maravilhosa, Joshua - disse sua tia com um doce sorriso, - embora eu siga de luto por seu querido tio. Mas deve recordar que não estamos em Londres nem em Bath. Há poucas famílias relevantes em 15 quilômetros na redondeza. Um jantar íntimo e uma recepção seriam mais apropriados. Eu mesma enviarei os convites e falarei com a cozinheira.

— Sobre os aperitivos que se servirão no baile, sim - replicou com um sorriso. — Obrigado, tia. Agradeço o gesto. Fiz alguns amigos durante os anos que passei em Lydmere. Certamente alguns deles desfrutarão lindamente dançando no salão de Penhallow. E também há os arrendatários e os trabalhadores da propriedade. Será mais uma reunião popular que um baile de alta sociedade. Espero que suas amigas mais aristocráticas não se sintam ofendidas, tia.

Soube que a senhora Lumbard retornou de Bath com sua filha. As convidaremos. Talvez seu sobrinho as acompanhe. Hugh Garnett, não?

Sua tia ficou lívida de repente e o olhou com os lábios franzidos. O garfo de Chastity golpeou seu prato.

— Também soube que acompanha a sua tia de vez em quando —

continuou. — De fato, acho que estive aqui com ela tomando o chá recentemente, não é assim?

Os Bedwyn observavam e escutavam com ávido interesse, percebeu.

Constance tinha a vista cravada em seu prato, mas estava comendo.

Chastity o olhava com os olhos exagerados. Calvin voltou a pigarrear.

— Assim é - respondeu sua tia. — Um jovem muito agradável, Edwina Lumbard o adora.

— Mesmo assim, tia - disse Joshua, - acho que deve tê-la aborrecido muitíssimo que remexesse em velhas feridas que talvez comessem a sanar.

— A que se refere, Joshua? — Sua tia levou uma mão ao coração ao mesmo tempo em que encurvava os ombros e compunha uma expressão gasta e lastimosa.

— Acho, tia – respondeu, -, que Hugh Garnett te sugeriu que a morte de Albert há cinco anos não foi acidental, que foi assassinado. E acho que me apontou como seu assassino.

— Joshua, não! -exclamou Eve, que também levou a mão ao coração.

— Que me crucifiquem! - exclamou Alleyne.

— Se isso for certo - acrescentou Aidan, - é uma acusação muito séria, Joshua.

— Valha-me Deus! - exclamou Freyja, levando a xícara de café aos lábios sem o menor tremor — Estou comprometida com um assassino? Que excitante!

Chastity estava tão pálida como um fantasma. Igual a Constance.

O reverendo Calvin Moore ficou em pé, voltou a pigarrear levantou as mãos como se estivesse a ponto de benzer algo.

— Tem toda a razão, Hallmere – disse. — É certo que se fez semelhante sugestão. O senhor Garnett declara ter sido testemunha do acontecido na noite em que meu primo morreu. Esse foi o motivo de que a prima Corinne reclamasse minha presença. Sente a necessidade de procurar o conselho de um homem da família. Mas este não é o momento nem o lugar para tratar um assunto tão perturbador.

— Não me ocorre melhor momento nem melhor lugar - aduziu Joshua sorrindo-lhe. — Volte a se sentar, Calvin. Estamos em família, ou com quem logo se converterá em tal.

A marquesa se aferrava a garganta com o rosto cinzento.

— Joshua, querido - disse com voz débil. — Jamais, nem por um instante, acreditei em uma só palavra do que disse o senhor Garnett. Não sei por que diria semelhantes coisas. Mas é certo que senti a necessidade de consultar com alguém mais inteligente que

eu, com um homem, com alguém da família. E o primo Calvin é um clérigo.

— Espero que minha inesperada chegada de ontem não o inquietasse muito, Calvin - disse Joshua. — Mas lhe asseguro que está completamente a salvo aqui comigo. Estive com o Albert a noite que se afogou, mas não o matei. Quando pensava reclamar minha presença para me defender destas acusações, tia? Ou a carta e eu nos cruzamos pelo caminho?

— Deve compreender Joshua - se defendeu ela - que estava terrivelmente preocupada. Não sabia o que fazer. Insisti com o primo Calvin para que viesse para que me aconselhasse. Não queria fazer vir a um lugar onde poderia estar em perigo.

— Extremamente considerado de sua parte - lhe disse.

— Bom. - limpou os lábios com o guardanapo. — É meu sobrinho.

Sempre o considerei como um filho.

— Constance — Desviou o olhar para sua prima — Acha que poderia ter assassinado a seu irmão?

Aludida-a o olhou nos olhos.

— Não – respondeu. — Não acredito Joshua.

— Chass? — Olhou à moça, que continuava contemplando-o com os olhos arregalados e o rosto pálido — Acredita?

Ela negou muito devagar com a cabeça.

— Não - sussurrou.

— Calvin? - perguntou a seu primo, que acabava de sentar-se novamente.

Calvin pigarreou, um hábito nele, conforme parecia.

— Foi um menino travesso, Hallmere – afirmou. — Mas jamais foi cruel, até onde me alcança a memória. Só acreditarei se as provas demonstram sua culpabilidade além de toda dúvida razoável.

— Parece-me justo - replicou Joshua — Freyja?

— Estamos desperdiçando a manhã falando destas tolices - disse com o nariz erguido e voz altiva. — Estou ansiosa por cavalgar até o povoado

como nos prometeu.

— E eu também, Joshua - se somou Morgan.

— E eu estou certo de que as crianças estão mordendo as unhas, impacientes por sair –acrescentou Aidan. — Será um prazer acompanhá-lo durante sua visita ao senhor Garnett, Joshua. Porque suponho que tem a intenção de lhe fazer uma visita, não é certo?

— É obvio - respondeu. — Calvin, será melhor que você também nos acompanhe.

Sua tia voltou a limpar os lábios.

— O senhor Garnett não se encontra em casa neste momento - lhes informou.

— Seriamente, senhora? -inquiriu Aidan.

— Se não fosse assim, teria pedido que viesse falar com o primo Calvin

- explicou. — Estou tão impaciente como qualquer um por lhe escutar dizer que se equivocou. Mas se ausentou durante uns dias.

— Não me diga... — Joshua a olhou com certa ironia.

— Neste momento? — Alleyne estava aniquilado. — Quando deveria dirigir-se ao magistrado para apresentar declaração? Joshua, confesso-lhe que não consigo entender por que esperou cinco anos e por que decidiu falar neste preciso momento.

— Estou certo - começou ele - de que Garnett partiu para meditar sobre seu testemunho em profundidade. Seria um estúpido se atuasse precipitadamente, não é assim? Sobre tudo depois de ter esperado tanto tempo. Um julgamento enfrentaria sua palavra contra a minha e eu, depois de tudo, sou o marquês de Hallmere. Espero, é obvio, que não ponha muito zelo em sua empresa. Tem que recordar que eu teria visto um bote de pesca (já que suponho que estava a bordo de um quando presenciou o vil crime) e, muito mais importante, também Albert. Por que se afastou dali sem lhe oferecer sua ajuda? Tinha medo de que também o assassinasse a ele?

— Está tomando este assunto com leveza, Joshua - lhe advertiu sua tia com seu habitual tom queixoso. — Mas que dúvida cabe que é muito sério.

Não suportaria perder a outro filho, ou a um sobrinho a quem sempre quis como a um filho. Estou por sugerir que parta agora que pode e desapareça.

Ao menos assim estará a salvo.

— Caramba! Mas acabaria me odiando a mim mesmo por tomar a saída dos covardes - lhe assegurou Joshua com um sorriso.

— E eu odiaria não ser a senhora de Penhallow - acrescentou Freyja com desdém quando ficou em pé. — Esta conversa se torna cada vez mais tediosa. Vou cavalgar, embora tenha que fazê-lo sozinha.

Todos os Bedwyn ficaram em pé e outros os imitaram, salvo a marquesa, que parecia muito descomposta e frágil para mover-se.

— Dado que não me vai ser possível enfrentar hoje Garnett bem poderíamos desfrutar do bom tempo - concluiu. — Que lhes parece que nos encontremos no vestíbulo principal dentro de meia hora? Com as crianças e Prue? Vamos, tia, não deve preocupar-se mais. Admoestarei ao Hugh Garnett quando o vir por haver-se aproveitado de sua delicada sensibilidade desta maneira. Permita que acompanhe a seu quarto. —

Estendeu-lhe o braço e não ficou mais remédio que aceitá-lo.

— Espero que fale com ele, Joshua - replicou ela, apoiando-se nele.
—

Tudo isto me é absolutamente insuportável.

Não demorou para ficar patente aos olhos da Freyja que Joshua era muito apreciado tanto em Penhallow como no povoado de Lydmere. Os criados, tal como tinha visto na mansão, tinham o costume de lhe sorrir abertamente cada vez que o serviam ou o viam. Resultou-lhe inevitável compará-los com os criados de Lindsey Hall, a quem jamais ocorreria sorrir a Wulfric, da mesma maneira que jamais lhes ocorreria ficar a cantar ou dançar em sua presença.

Semelhante reação foi muito mais evidente em Lydmere.

Reconheceram-no imediatamente, já que encabeçava a comitiva com ela ao lado. Todos aqueles com os que se topavam lhe faziam uma reverência ou levavam a mão ao chapéu a modo de saudação. Isso não era nada fora do habitual dado que era o marquês de Hallmere; mas, além disso, todos os rostos desenhavam um sorriso e os aldeãos mais atrevidos inclusive estalaram em vivas. Como era de esperar (porque o estranho teria sido que não o fizesse, refletia Freyja entre a exasperação e uma relutante admiração), ele se desceu do cavalo a menor oportunidade e arrojou as rédeas a Alleyne antes de ficar a estreitar mãos, a dar tapinhas nas costas e inclusive a beijar umas quantas faces enrugadas.

Sua expressão transbordava de alegria e carinho.

Nesse instante Freyja percebeu o enorme perigo que corria. Com cada minuto que passava via mais retalhos de sua humanidade. Essa manhã durante o café da manhã, mostrou-se atrevido e franco, com um tom de crueldade oculto atrás de suas boas maneiras e seu sorriso. Teria sido capaz de resistir a esse homem. Nesse momento, em troca, mostrava-se afetuoso, sorridente, preocupado por demonstrar sua amizade a umas pessoas a quem ela normalmente não teria considerado dignas de sua atenção. Dar-se conta de algo assim lhe provocou uma estranha sensação de constrangimento. Esse homem era muitíssimo mais difícil de resistir.

Era muito diferente de outros homens de sua posição que tinha conhecido.

Claro que poderia ter estado acautelada para economizar-se de tudo isso. Depois de tudo, Joshua tinha ido ao resgate de uma criada a que tinha assustado um esquilo, não?

Apesar de sua efusividade, não se esqueceu dos parentes e dos convidados que tinha levado ao povoado.

Deixaram os cavalos na estalagem e entraram em busca de chá, cerveja e madalenas. Sentaram-se na taverna e Joshua lhes pôs a lhes apontar vários pontos da paisagem que ficava do outro lado da janela e a descrever algo que pudesse despertar seu interesse. Eve e Aidan não ficaram muito tempo com eles.

Agarraram as crianças e os levaram a praia que Joshua lhes tinha indicado; não era tão extensa como a praia privada de Penhallow ao outro lado do rio, mas muito pitoresca com seus embarcadouros e os numerosos barcos ancorados no mar ou turmas de trabalhadores na margem, já que a maré estava baixa.

Chastity partiu com eles, levando Prue. Calvin convidou a Constance a dar um passeio pela rua principal, pouco depois

Morgan e Alleyne partiram para explorar as estreitas e altas ruelas, e dar uma olhada aos artigos que ofereciam as lojas do povoado.

Joshua a apresentou a Isaac Perrie, o hospedeiro, coisa que supôs uma nova experiência para ela.

Era um homem gigantesco e calvo, com poucos dentes e rosto corado.

— Uma dama encantadora a que procurou moço - afirmou ao mesmo tempo em que estreitava a mão de Joshua, que pareceu desaparecer na

garra do hospedeiro. — E nos alegraremos todos quando se casar com ela e deva viver em Penhallow. Dispôs-se a conversar um momento e acomodou sua postura separando as pernas enquanto limpava as mãos no enorme avental.

Não sabia se o achava engraçado ou revoltante, mas se decidiu pelo primeiro. A vida com Joshua jamais era aborrecida.

— E Hugh Garnett - estava dizendo Joshua quando se concentrou de novo na conversa. — Soube que vai bastante bem.

O hospedeiro estalou a língua e arregalou os olhos.

— Sim, bastante bem – admitiu. — Com más artes, não o duvido. Mas já sabe que meu lema é “vive e deixe viver”, moço.

— Pois parece que não está muito disposto a me deixar viver -

confessou Joshua e riu entre dentes. — De fato, recentemente foi ver minha tia para lhe dizer que me viu assassinar meu primo há cinco anos.

— Não! — O senhor Perrie esqueceu que estava limpando as mãos.
—

Está importunado?

— Não está em casa - continuou Joshua, - assim não pude lhe fazer uma visita ainda. Estou seguro de que foi bastante ardiloso para buscar mais testemunhas. Sabe quem são?

— Nem me ocorreria estar envolvido - respondeu o hospedeiro. — E ninguém se atreverá a me levar ao contrário. Deixa o assunto em minhas mãos, moço. Leve a sua dama a dar um passeio. Foi uma honra e um privilégio conhecê-la, senhora.

A fresca brisa marinha lhe agitou o chapéu quando saíram da estalagem, de modo que levou uma mão à cabeça para que não lhe caísse.

— A que veio isso? - perguntou-lhe.

— Faz uns anos - explicou Joshua — Hugh Garnett tentou ganhar a vida com o contrabando. Não tinha nada de particular, já que é um negócio flutuante em toda a costa sul da Inglaterra. Mas seus comparsas eram um bando de valentões chegados de outros lugares e tentaram fazer-se com o monopólio do negócio com mão de ferro. Eles fizeram ver que estavam enganados e partiram a outra parte.

— Suponho – disse - que você foi um dos que lhes fez seu engano. Isaac

Perrie foi outro?

Joshua estalou a língua e a agarrou pelo braço.

— Quero lhe apresentar a alguém - disse.

Levou-a uma linda casinha caiada situada perto do mole e bateu na porta. Era o lar de Richard Allwright, o ancião carpinteiro que lhe

ensinou o ofício e depois lhe deu trabalho. Sua esposa e ele os convidaram a entrar e insistiram em que tomassem outra xícara de chá antes que a senhora Allwright lhe mostrasse com orgulho uma preciosa mesinha de madeira esculpida que Joshua fazia sob a supervisão de seu marido e que posteriormente lhe deu de presente quando terminou seu aprendizado.

— É um de meus tesouros - confessou a mulher.

— Tinha muitíssimo talento, Josh - lhe disse enquanto passava a mão pela lisa superfície da madeira e tentava imaginá-lo naqueles dias.

— Tem, senhora, não tinha - a corrigiu o senhor Allwright. — A carpintaria é um talento que não desaparece jamais, embora não se pratique. Assim vai perder o tempo sendo marquês em vez de ganhar a vida honestamente, não, moço? — De qualquer modo, pôs-se a rir de boa vontade e deu uma cotovelada nas costelas de Joshua. — Me alegra vê-lo de volta. Jamais entendi por que se empenhou em partir. Gostará de viver aqui, senhora.

— Acredito que eu gostarei, sim - concordou ela, com a estranha sensação de que dizia a verdade. Ou de que seria a verdade se tivesse intenção de ficar. Não tinha suposto que gostaria da Cornualha, mas havia algo nesse lugar que lhe impregnava até a alma.

— Quero apresentá-la a alguém - disse Joshua depois de sair da casa do carpinteiro.

— Outra vez? - perguntou.

Joshua a olhou e lhe sorriu.

— Suponho que isto não é o que você chamaria de uma manhã divertida - replicou ele.

Parecia um menino transbordante de felicidade. Inclinou a cabeça e o estudou com os olhos entrecerrados para proteger do brilho do sol.

— Josh – começou, - por que partiu?

Parte da alegria desapareceu de seus olhos nesse mesmo momento, enquanto se olhavam sem afastar-se da porta.

— Albert estava morto e eu era o herdeiro – explicou. — Meus tios estavam destroçados pela dor e predispostos a me culpar, embora ninguém mencionasse nunca o assassinato. Eu sim me culpava. Acompanhei-o no barco, remando, até que fez pé, mas não fiquei comprovando se chegava à margem. Suponho que lhe deu uma câibra e se afogou. Não podia ficar depois disso.

Não lhe parecia uma razão de peso. Que dúvida cabia que seu tio teria querido

que

ficasse

para

familiarizar-se

com

suas

futuras

responsabilidades. Mas isso não era assunto seu.

— A quem quer me apresentar desta vez? - perguntou-lhe.

O semblante do Joshua se iluminou enquanto lhe oferecia o braço e punha-se a andar por uma pronunciada ladeira até chegar a outra casinha muito pitoresca cuja fachada estava coberta pelas roseiras trepadeiras e da qual se desfrutava de uma linda vista que abrangia os telhados das demais casa e o mole.

Bateu na porta.

A mulher que a abriu era jovem e atraente. Alegrou o olhar assim que viu Joshua.

— Joshua! - exclamou, oferecendo-lhe suas magras mãos. — É você de verdade? É obvio que sim! Que maravilhosa surpresa!

Não sem certo sobressalto e enquanto Joshua lhe apresentava Anne Jewell, Freyja adivinhou que essa devia ser a preceptora com quem tinha tido um filho. Apresentou-a como “senhorita” Ann Jewell embora tivesse um filho; um pequeno de uns cinco anos de cabelo loiro e olhos azuis, com o potencial de se converter em um destruidor de corações quando crescesse.

Sua mãe insistiu que fizesse uma reverência ao marquês de Hallmere e a lady Freyja Bedwyn antes que se escondesse de novo atrás de suas saias.

Declinaram o convite para entrar. Ficaram na porta uns minutos, conversando. Freyja se viu obrigada a não se deixar levar pela ofensa de semelhante comportamento. Embora não estivesse comprometida de verdade com ele, estava demonstrando ter muito pouco tato ao levá-la até ali.

— O que fiz agora, encanto? - perguntou-lhe enquanto desciam pela colina em direção ao caís. Até esse momento tinha feito ouvidos surdos a todos seus esforços para entabular conversa.

— O que fez? - repetiu com seu tom de voz mais gélido e altivo.

— Não estará ciumenta, verdade? - inquiriu ele, depois do que estalou a língua. — Não é nem a metade de deslumbrante que é você, Free.

Isso conseguiu enfurecê-la de verdade e se soltou de seu braço na hora.

— Ao menos poderia ter demonstrado algo mais de lealdade - disse -

depois de tudo, ela significa para você muito mais que eu. Como deve ser.

Joshua se deteve no meio da rua e a olhou com desconcerto.

— Vá, vá – disse - cheiro uma das mutretas de minha tia. E engoliu isso, Free? Não me conhece estas alturas? Minha tia sempre acreditou que fui eu quem seduziu Anne Jewell e a deixou grávida. Eu deixei que acreditasse.

Jamais me importou o que pense de mim.

Sua resposta a deixou espantosamente mortificada. É obvio que tinha sido a marquesa quem o havia dito e nem sequer lhe tinha ocorrido questionar a veracidade de tamanha acusação. Que estúpida tinha sido...

— Não é o pai do menino? - perguntou-lhe. — Mas se parece com você...

— E também se parece com sua mãe - acrescentou Joshua. — Não percebeu que Anne é loira e tem os olhos azuis?

— Mantém a ambos? - quis saber. — Isso é o que me disse sua tia.

— Não de todo, como fazia antes. — Sorriu-lhe. — Têm algumas alunas a quem dá aulas, Free, e se nega a aceitar mais do

estritamente necessário, mas houve um tempo no qual as pessoas do povoado não a aceitava. São pessoas amáveis, mas não tão tolerantes quando deveriam ser em determinadas circunstâncias. No final de contas, são humanos, não Santos.

Deixaram-na na rua e não tinha família a que recorrer.

Freyja tomou ar muito devagar e se virou para reatar a marcha com as mãos enlaçadas às costas. O problema era que Joshua começava a parecer-se com um santo e não gostava nem um pouco. Se quisesse encontrar a oportunidade de resistir a ele, devia dar com algo desprezível.

— Deixe-me deixe adivinhar... - começou, perguntando-se por que não tinha visto a luz muito antes. — Albert?

— Sim, Albert - corroborou ele — E não com o consentimento de Anne.

Tem muito bom gosto para fazer algo assim.

Tinham chegado ao pé da colina e se viraram para continuar o passeio pela rua paralela à praia. Beckye e Davy corriam pela areia com outras crianças enquanto Eve e Aidan os vigiavam desde a certa distância.

Todos pareciam estar gritando e passando em grande. Prue estava sentada no bordo de um dos botes parados na margem, balançando a perna feliz e contente, enquanto Chastity falava com uma mulher entrada em anos e um jovem revoava a seu redor como se estivesse preparado para agarrá-la em caso de que caísse. Constance e o reverendo Calvin se encontravam no outro extremo da rua.

— Por que não disse a seu tio? - perguntou-lhe. — Não deveria ter sabido?

— O que faria Bewcastle se descobrisse que um de seus irmãos deixou grávida sua preceptora ou a de Morgan? - perguntou ele por sua vez.

— Daria uma surra ao culpado que não esqueceria na vida - afirmou com contundência.

Joshua soltou uma gargalhada.

— Sim – disse - não estranharia absolutamente. E também estranharia que qualquer de seus irmãos o pusesse em semelhante aperto. Não sei como teria reagido meu tio ao conhecimento certo, mas faço uma ideia: haveria dito a minha tia e ela não só teria despedido da preceptora, mas também a teria expulsado do condado. Anne teria se encontrado sem dinheiro, grávida e sem um lugar onde viver. Teria acabado na prisão. E

teria sido um milagre se o menino sobrevivesse.

— E por isso deixou que a culpa recaísse sobre você - concluiu ela.

— Tenho umas costas largas - replicou ele, encolhendo os ombros.

E provavelmente teria muito pouco dinheiro cinco anos atrás, ao menos até que herdou o título, pensou. Entretanto, tinha passado todos esses anos assumindo a manutenção de um menino que não era filho dele.

— Cheguei à conclusão de que é um imbecil - disse com desdém.

—

Muito imbecil, de fato. Menos mal que não vamos nunca nos casar.

Em seguida, ergueu o nariz e se afastou a grandes passadas para Eve e

Aidan enquanto tentava se convencer de que acabava de pronunciar a verdade mais absoluta que havia dito em toda a vida.

Odiava-o.

Com todas suas forças.

Como se atrevia a ser tão nobre!?

A situação era muito ridícula.

Desejava de todo coração não ter decidido acompanhá-lo a esse lugar de forma tão impulsiva. Tomara estivesse no Lindsey Hall. Tomara não tivesse ido a Bath. Tomara não tivesse conhecido o marquês de Hallmere.

Não, isso era mentira.

— Encanto. — Nesse momento se deu conta de que ele a tinha alcançado — Quando se zanga está o dobro de atraente. O que digo? O

dobro! O triplo!

Esteve a ponto de se humilhar tornando a rir. Em troca, levantou mais o nariz.



CAPÍTULO 18

Constance e Chastity se sentaram com Joshua à tarde e o ajudaram a elaborar a lista de convidados para o baile. Apesar do esplendor do salão de baile da mansão, não recordava que se utilizara jamais. Tal e como sua tia tinha dito durante o café da manhã, não havia suficientes famílias de status social adequado nos arredores que merecessem um convite.

— Convidaremos a todo mundo - explicou Joshua. — Suponho que os habitantes do povoado serão mais ou menos os mesmos há cinco anos, mas devem me ajudar para que não me esqueça de ninguém.

— Um baile de verdade - disse Chastity com os olhos brilhantes pela alegria - no maravilhoso salão de baile de Penhallow. Alegro-me muito de que não deixasse que mamãe o dissuadissem, Joshua. - ruborizou-se, aparentemente pela demonstração de deslealdade para com sua mãe. — E

me alegro muito de que não deixasse que te obrigasse a se casar com Constance.

A aludida também se ruborizou.

— Talvez - replicou ele com um olhar risonho — Constance goste mais do primo Calvin... — É claro que tinha acertado em sua hipótese dessa manhã. Sua tia estava fazendo todo o possível para promover um enlace entre o casal.

— Nem pensar, Joshua! - corrigiu-o sua prima com seriedade.

— Constance gosta do senhor Saunders - afirmou Chastity.

— E você, Chass? - perguntou-lhe. — Você gosta de Hugh Garnett.

Tinha pretendido que fosse uma brincadeira, algo que arrancasse a ambas umas gargalhadas.

Entretanto, sua prima o olhou com os olhos dilatados e o semblante lívido.

— Embora de nenhuma das maneiras daria meu consentimento - se apressou a acrescentar — Sou seu tutor, recorda?

Chastity sorriu, embora seus lábios estivessem tão pálidos como seu rosto.

— Também é o tutor de Prue - lhe recordou - vai permitir que passe toda sua vida encerrada no quarto infantil ou que a enviem a um asilo?

— A um asilo? - repetiu com o cenho franzido. — Esse assunto não tornou a se mencionar, não é?

Quando ficou óbvio que Prue não era uma menina como as demais, sua mãe tinha querido enviá-la a um asilo para loucos. Por sorte, essa tinha sido uma das poucas questões nas quais seu tio se mostrara inflexível e Prue ficou. Chastity tinha dedicado a maior parte de sua infância a fazer companhia a sua irmã. Ele também tinha ajudado, igual a Constante embora em menor medida.

— Se deve viver em Penhallow, teremos que nos mudar à residência da viúva e mamãe diz que não teremos mais remédio que mandar Prue ao asilo - disse Chastity. — Seus nervos não resistiriam tê-la ao lado todo o dia.

Joshua suspirou. Tinha contratado um administrador competente e honrado para que se ocupasse da propriedade e com isso tinha acreditado que cumpria as obrigações inerente a sua nova posição social. Mas era o tutor de Chastity e de Prue. Talvez tivesse sido negligente ao permanecer afastado de Penhallow tanto tempo e pensar em partir assim que o assunto de Garnett se esclarecesse. Não era algo que gostasse de admitir.

— Prue terá um lar em Penhallow enquanto eu viver e seja o marquês -

assegurou.

— E toda a mansão será dela, não só o quarto infantil, para fazer o que lhe agrade. A senhorita Palmer a trata bem?

— Segundo mamãe, é uma preceptora inadequada - respondeu Chastity, - porque nem sequer tenta lhe ensinar as coisas que as preceptoras costumam ensinar. Embora ensinou muitíssimas coisas e a sair ao ar livre, que é onde mais gosta de estar. Prue é capaz de reviver as plantas mais murchas e de fazê-las crescer até que fiquem bonitas. Não está louca, Joshua. Só é... Diferente.

— Está pregando a um convertido - recordou com um sorriso. —

Estiveram com a senhora Turner e com Ben Turner no mole esta manhã?

— A senhora Turner adora Prue - respondeu Chastity, embora titubeasse antes de acrescentar – E acredito que Ben também. A mamãe teria uma apoplexia.

Joshua inspirou muito devagar. Maldita fosse! Tal parecia que ia ter que ficar uma temporada. Sua tia era a mãe das moças, é obvio, e por fim sua tutora legítima, mas não a legal. O problema era que lá onde olhasse, só via infelicidade. Tinha ao lado a duas damas muito jovens, ambas com apenas vinte anos, que ainda não tinham tido a menor oportunidade de viver suas vidas a seu desejo. E Prue já estava adulta; tinha dezoito anos. Não podiam continuar considerando-a uma menina pequena, por mais que tivesse sabor de coisa certa que sua tia preferia não pensar nela absolutamente. Só parecia interessada em sua própria felicidade e passava por cima a de outros.

Tomara não tivesse ido a Penhallow depois de tudo.

Embora se não houvesse feito isso, teria obtido a ignorância que os problemas se desvanecessem?

Como poderia dar as costas a suas responsabilidades de forma tão egoísta?

— Falarei com a senhorita Palmer – disse. — E falaremos outro dia sobre o que é melhor para Prue. Mas agora, vamos com a lista. De momento só temos dez nomes. Acho que necessitaremos de alguns mais se queremos superar em número à orquestra.

Constance pôs-se a rir.

— Uma orquestra? - perguntou Chastity, que tinha recuperado a vivacidade de há uns momentos. — De verdade, Joshua? Este baile vai ser mágico!

Pouco depois, Joshua se enfiava no íngreme atalho da colina, encantado de sentir o calor do sol, embora soubesse que quando chegasse à crista faria frio por não estar ao abrigo do vento. Sentia-se como o verdadeiro marquês de Hallmere pela primeira vez em sete meses. Sentia o peso da responsabilidade sobre seus ombros. Embora o mais alarmante fosse que não lhe era opressivo. Suas primas o necessitavam, mesmo que o resto dos assuntos da propriedade pudesse ser dirigido por um administrador, e ele

as queria muito.

Por fim tinha o poder de fazer algo positivo por elas, de levar a felicidade a suas vidas; e também o poder de não fazê-lo. Podia partir e deixá-las aos cuidados de sua tia, ou podia ficar e exercer seus direitos como tutor.

Por estranho que parecesse, essa tarde não tinha dedicado nem um só pensamento à acusação de assassinato que ainda pendia sobre sua cabeça.

Era difícil tomar algo assim a sério.

O atalho continuava subindo até se afastar do vale e, tal como era de esperar, assim que chegou à parte mais alta o golpeou uma rajada de vento.

Lançou uma olhada para a mansão e os jardins; para o rio e a ponte que havia mais à frente; para o povoado que apenas se via no outro extremo do vale, depois do delta do rio. E depois se virou para observar como a terra se erguia ligeiramente a sua esquerda, um terreno abrupto salpicado de pedras, moitas, alagas e flores silvestres. As ovelhas pastavam ao longe. A sua direita, o terreno descia até nivelar-se e formar um tapete de campos limitados por cercas de pedra e uma ou outra sebe viva. O caminho principal abandonava o vale não muito longe dali e serpenteava entre os campos em direção a Land's End até perder-se no horizonte.

Sua terra. Suas granjas. E as granjas de seus arrendatários.

O amor que sentia pelo lugar o assaltou de repente como se acabassem de lhe atirar um murro no estômago. Pelo amor de Deus! Estaria perdendo o juízo?

Meneou a cabeça e se virou para a esquerda, em direção às escarpas. Os Bedwyn eram um grupo muito ativo, tal como tinha descoberto em Lindsey Hall. O passeio matutino a cavalo até Lydmere e os jogos na praia não lhes tinham bastado. Tinham ido até as escarpas por sua indicação com o fim de admirar o panorama. Tinha prometido reunir-se com eles logo que tivesse acabado de elaborar a lista de convidados para o baile.

Não demorou em avistá-los ao longe. As crianças e Prue estavam brincando a uma distância segura da borda da escarpa. Parecia que estavam perseguindo ovelhas; um dos passatempos favoritos de sua infância. Mas as ovelhas, como as criaturas espertas que eram, não mostravam sinais de pânico, mas sim se limitavam a afastar-se

com presteza logo antes que as apanhassem e continuavam pastando, trabalho

fundamental para elas. Eve estava sentada em uma rocha plana abraçando os joelhos enquanto Aidan descansava de costas junto a ela. Morgan e Alleyne passeavam a certa distância. Não havia nem rastro de Freyja.

Prue o avistou em primeiro lugar e chegou correndo até ele com seu desajeitado modo de mover-se: os cotovelos juntos aos flancos e as mãos agitando-se no ar. Ria a gargalhadas, feliz e contente, enquanto se lançava para ele, que abriu os braços e se preparou para receber seu habitual apertão em torno do pescoço.

— Josh! – gritou — Josh, Josh, Josh. Estou passando muito bem! Eu gosto de Becky e eu gosto de Davy. E amo Eve, e você, e A... escapou com delicadeza de seu apertão, passou-lhe um braço pelos ombros e a juntou a seu flanco.

— Você ama todo mundo – disse. — Deveria economizar fôlego e me dizer que os quer a todos. Estão perseguindo ovelhas?

— Siiiiimmm! -exclamou entre gargalhadas. — Eve diz que podemos se não lhes fazemos mal. Davy não quer lhes fazer mal. Becky não quer lhes fazer mal. Eu não quero lhes fazer mal. Amo muito às ovelhas. — Olhou-o com um sorriso de orelha a orelha.

— Onde está Freyja? - perguntou-lhe.

— Olhando o mar – respondeu — Gosta. Eu gosto. Deixou-me dar a mão e a ajudar a subir o atalho.

Freyja fazia isso? Perguntou-se não sem certo assombro.

— Dava-lhe a mão porque está sozinha - seguiu Prue. — Eu a ajudei a sentir um pouquinho melhor. Você também a ajudará, Josh.

Freyja... Sozinha? Essa sim que era uma ideia estranha, mas provavelmente muito certo. Em certas ocasiões, Prue fazia demonstração de uma aguda percepção que não se via influenciada pelas expectativas que se criavam mediante a razão e o intelecto. Embora a ideia fosse curiosa.

Freyja, sozinha?

— Joshua - o chamou Eve quando chegaram junto ao casal - a beleza deste lugar tira o fôlego. Alegro-me muitíssimo de ter vindo aqui em lugar de ir ao Distrito dos Lagos. Assim que se case com Freyja vamos estar todo o tempo tentando que nos convidem para vir. Não é certo, Aidan? -

perguntou a seu marido com um olhar risonho.

Aidan ergueu o braço e lhe fez cócegas na orelha com uma fibra de erva. Ela o separou com um tapa enquanto soltava uma gargalhada.

— Acredito que vou ter que lhe ensinar boas maneiras, milady - replicou seu marido com expressão inescrutável.

Joshua sentiu uma curiosa sensação nas vísceras. Estava acostumado a pensar no matrimônio como um meio para desafogar a paixão; o tipo de paixão sexual que podia encontrar-se em qualquer lugar sem necessidade de ver-se exposto a um compromisso para toda a vida. Entretanto, lhe acabavam de apresentar um aspecto do casamento que era muito mais tentador, por estranho que parecesse, já que surgia quando não havia indícios da paixão que devia existir entre o casal quando estavam juntos e a sós. Eve e Aidan se relaxavam juntos, riam juntos (porque isso era o que o homem estava fazendo por muita expressão inescrutável que compusera) e brincavam juntos.

— Permite-me que te diga algo, Joshua? - perguntou-lhe Aidan uma vez que Prue se afastou para retomar o jogo com os meninos. — O

modo pelo qual dirigiu essa ridícula situação esta manhã durante o café da manhã foi admirável. Trazer à luz o assunto tal como o fez foi sem dúvida o melhor que podia ter feito.

— Apreendi muito cedo a não jogar segundo as regras de minha tia - explicou.

— Mas e se esse homem, o tal Garnett, consegue mais testemunhas? -

perguntou Eve. — Faz um dia tão maravilhoso e se respira tanta paz que tenho que me esforçar para recordar que alguém está tentando acusá-lo falsamente de assassinato.

— O assunto não me preocupa absolutamente - tranquilizou-a com um sorriso. — Não é mais que uma moléstia que deve ser esclarecida de uma vez por todas. Onde está Freyja?

— Descobriu um terreno baixo nas rochas onde sentar-se, ali atrás.

Respondeu Aidan, que apontou com o polegar para a escarpa que se erguia as suas costas — Acho que está aniquilada.

Soube imediatamente o lugar que devia ter encontrado. Era um enorme terreno baixo de terra que parecia ter sido escavado na rocha com uma gigantesca concha de sopa. O chão estava coberto de erva e três de seus

lados eram formados pela parede rochosa. Em frente descia abruptamente até a praia e o mar que se estendiam mais abaixo. O lugar quase sempre estava resguardado do vento, a menos que soprasse do sul.

Freyja estava sentada no centro, com as pernas estendidas à frente e as mãos apoiadas no chão, as suas costas. Trocou-se do elegante traje de montar que levasse pela manhã, chapéu incluído, por um

vestido de musselina e uma abrigada capa. Como era de esperar, o cabelo lhe caía desordenado pelas costas.

— Esta foi minha fortaleza quando menino - lhe disse, de pé na borda do terreno baixo, sobre ela. — E o mastro de meu navio, meu ninho de águia e o paraíso onde se fazia realidade qualquer sonho.

Freyja ergueu o rosto para o sol enquanto ele descia a ladeira até chegar a seu lado, onde se sentou.

— Nunca gostei do mar - confessou ela. — Sempre me pareceu muito vasto, muito misterioso, muito... Poderoso. Não se pode controlar o mar, não é verdade?

— Você gosta de controlar tudo? - perguntou ele por sua vez.

— Sou uma mulher - respondeu Freyja. — As mulheres têm pouco controle sobre nossa vida em geral. Nem sequer somos pessoas por direito próprio, a não ser propriedade de um homem. Temos que lutar com unhas e dentes para conseguir a menor fresta de controle sobre nosso destino.

Tenho quatro irmãos muito temperamentais. Vi-me obrigada a lutar com mais afinco que as demais. Mas não posso lutar contra o mar.

— Se lhe servir de consolo, eu tampouco – replicou. — O mar está aí para nos recordar quão insignificantes e débeis somos na realidade. Mas não tem por que ser algo mau. Já fazemos muitas coisas horríveis com o poder que ostentamos. Embora a princípio me desse a impressão de que talvez tivesse perdoado ao mar por ser como é.

— Também é glorioso – acrescentou. — Toda essa liberdade e energia...

Sinto-me como se estivesse contemplando a eternidade. Essa praia daí abaixo é privada, não? Pertence a Penhallow.

— Sim - respondeu ele. — Levarei você um dia destes. Quando a maré está baixa, é muito ampla e de areia dourada; mas quando a maré sobe, não fica rastro dela. Pode ser perigoso. A maré sobe depressa e há a

possibilidade de ficar isolado do vale se não se tiver o cuidado de retornar a tempo.

— E se isso acontece? - quis saber Freyja. — Ocorre o risco de afogar-se?

— Sempre se pode escalar a escarpa – respondeu. — Fazia isso de vez em quando pelo perigo que supunha, mesmo que a maré estivesse baixa.

Parece muito abrupto, mas há muitos cabos e espaços onde apoiar-se.

Embora seja perigoso. Um escorregão e teria acabado feito em pedacinhos na queda... E jamais me teria conhecido.

— Eu também teria escalado se tivesse vivido aqui com você -

assegurou com expressão feroz e um olhar algo desafiante. — E teria apostado uma corrida, com você, até o topo.

Joshua riu entre dentes.

— Alguma vez saberemos quem teria ganhado, não é?

Ela apontou à frente, para o mar.

— O que é essa ilha? - perguntou-lhe. — Está habitada?

— Costumava ser uma guarida para os contrabandistas faz muito tempo - respondeu — Embora, pelo que sei, deixou de sê-lo. Está deserta e é um lugar agreste.

— Esteve nela alguma vez?

— Costumava ir de barco de vez em quando – respondeu. — Às vezes com amigos, mas quase sempre sozinho. Eu gostava da solidão, a oportunidade de pensar e sonhar sem que me interrompessem.

— Deve ser difícil chegar até ali - assinalou ela. — O mar parece encrespado a seu redor e as rochas se elevam diretamente do mar.

— Há algumas baías – assegurou. — Tem medo do mar?

— Não tenho medo de nada - se preparou para responder, erguendo o queixo com esse gesto arrogante tão característico nela.

— Mentirosa - a contradisse — Tem medo.

— Tolices! - exclamou enquanto ele cravava a vista em suas mãos, embora estas continuassem apoiadas na erva a suas costas. – Leve-me até ali. Algum dia... Amanhã. Só você e eu. Só os dois.

Não havia tornado a subir em nenhuma embarcação pequena desde aquela fatídica noite. Até esse momento não tinha sido consciente de que o tinha evitado. Desceu o olhar para o mar, para o lugar onde Albert e ele se sentaram e tinham discutido até que seu primo se atirou à água e se negou a retornar ao barco. Virou a cabeça e cravou a vista no ponto exato ao outro lado do rio onde o tinha visto pela última vez com a água à altura do peito.

Ao acreditar que seu primo estava já a salvo, tinha dado meia volta e tinha remado até transpor o seguinte cabo com a intenção de esclarecer as ideias e decidir o que devia fazer a seguir.

Fechou os olhos e desejou que as lembranças se desvanecessem. Todas.

— Acredito - disse Freyja - que é você quem tem medo, Josh.

Ele virou a cabeça e lhe ofereceu um sorriso.

— Amanhã? – perguntou. — Os dois sozinhos? Está disposta a enfrentar o perigo? E não me refiro ao trajeto em barco.

Ela se virou para olhá-lo com as sobrancelhas arqueadas. Contemplou-o um bom momento antes de responder, e quando o fez, a resposta lhe provocou uma eloquente tensão na entreperna.

— Estou disposta - disse por fim. — Embora desejasse continuar vendo-o como o via em Bath: como um libertino encantador e superficial.

Joshua esboçou um sorriso.

— Mas, encanto, isso é precisamente o que sou – assegurou. — O que se passa é que tive uma infância muito interessante e me vi metido sem comer nem beber em um sem-fim de disparates antes de partir daqui. Agora me estão cobrando, conforme parece, e tenho que esclarecer coisas de uma vez por todas. Mas isto não é mais que um tropeço de nada em minha frívola existência.

— Tomara pudesse acreditar em você - replicou ela ao mesmo tempo em que se endireitava, erguia as pernas abraçava os joelhos.

E tomara Prue não lhe houvesse dito que Freyja se sentia sozinha, pensou ele. Queria vê-la como uma mulher forte e independente que desdenhava aos insignificantes mortais. O problema era que

tinha perdido o homem com o que tinha estado destinada a casar-se desde o berço, e também tinha perdido o homem a quem tinha amado com loucura. Não, desejava chegar a conhecer a Freyja Bedwyn na mesma medida em que ela

desejava chegar a conhecê-lo.

Sua alegre paquera em Bath tinha sido muito divertida.

Sorriu-lhe, embora ela continuasse olhando-o com expressão altiva.

Entretanto, o divertido antagonismo que sentiram em Bath já não estava presente entre eles. Algo muito sutil tinha mudado.

Espremeu os miolos com desespero em busca de um assunto que aliviasse o ambiente. Não obstante, ela jogou por terra seu esforço ao erguer uma mão e lhe roçar a face delicadamente com a ponta dos dedos. Por um instante o assaltou a absurda sensação de que não havia suficiente ar no terreno baixo para encher seus pulmões.

Ergueu uma mão para apanhar a de Freyja e virou a cabeça para depositar um beijo em sua palma.

— Está certa de que não quer convidar a alguém mais a nossa excursão à ilha? - perguntou-lhe.

— Muito certa – respondeu. — Ninguém mais.

Deus! Estava a ponto de explodir. Se continuassem por esses roteiros, acabaria jogando-se de cabeça pela escarpa para esfriar-se no mar. Claro que a maré estava baixa...

O pior de tudo, pensou enquanto ela se inclinava para diante para beijá-lo nos lábios, era que já não recordava por que o seu era um compromisso de farsa, nem por que iriam pôr lhe fim um dia desses. Porque havia um motivo, não? Algo a respeito de que não se sentia preparado para assentar a cabeça. Algo a respeito de que ela estava apaixonada por outro.

Entretanto, sua cabeça ficou nublada pelo fato de estarem se abraçando. Sem saber muito bem como, acabou deitado de costas na erva com ela por cima. Estavam-se beijando, não com um frenesi de paixão, nem com um arrebatamento de desejo; mas com beijos delicados e quase lânguidos que lhe pareceram muito mais perigosos. Tinha lhe segurado o rosto com ambas as mãos enquanto lhe enterrava os dedos no cabelo e acariciava suavemente a cabeça. Ambos tinham os olhos abertos.

Deus!

Uma Freyja nas garras da paixão era um paiol de pólvora em plena explosão. Uma Freyja nas garras da ternura era muito mais letal.

— Mmm - murmurou contra seus lábios. — As lembranças que guardo

deste terreno baixo nunca serão as mesmas.

Não sabia quanto tempo teriam continuado beijando-se desse modo tão terno se não fosse porque alguém pigarreou sobre eles.

— Uma vista linda, não acha, Morg? -perguntou Alleyne. — Embora a aconselhasse olhar à frente em lugar de para baixo. É possível que sofra um ataque de vertigem.

— Eu aconselharia que procurasse outro lugar para admirar a paisagem - replicou ele enquanto Freyja se sentava e Morgan soltava uma gargalhada. — Este já está ocupado.

— Que anfitrião mais considerado. — Alleyne estalou língua — Morg, aqui sobramos. Embora veja que Davy acaba de apanhar uma ovelha e está tentando subir nela. Será melhor que vá ao resgate.

— Do Davy ou da ovelha? - quis saber Morgan.

O casal desapareceu.

— Sabe que essa excursão vai ser muito perigosa, não é verdade? -

perguntou a Freyja ao mesmo tempo em que entrelaçava as mãos sob a cabeça enquanto ela afastava o cabelo do rosto e o segurava atrás das orelhas antes de voltar a abraçar os joelhos.

— Sei - lhe assegurou.

— E não tem medo?

— Não – respondeu — E você?

— Tremem-me os joelhos. — Riu entre dentes, embora em realidade estivesse falando muito a sério — Talvez não possa manter as mãos afastadas de você, encanto.

Quando moveu a cabeça para olhá-lo, o sol transformou seu indomável cabelo ondulado em um halo dourado ao redor de seu rosto. Nesse instante lhe pareceu, por estranho que parecesse, subitamente formosa.

— Talvez seja eu quem não possa manter as minhas afastadas de você -

replicou, olhando-o sem piscar.

O terreno baixo voltou a ficar sem ar.

— Será um dia interessante - afirmou.

— Sim.

Que Deus os ajudasse, pensou em que nova embrulhada foi meter se?

Acabariam com a água até o pescoço, e em mais de um sentido.

Tinha que haver uma razão pela qual não iriam casar se. Ambos se tinham mostrado cortantes a respeito.

Qual era essa poderosa razão? Talvez pudesse salvar-se se conseguisse recordá-la.

— Quando rezar esta noite – disse - elevarei uma prece para que não chova. — E a olhou com um sorriso.



CAPÍTULO 19

Freyja rezou para que chovesse; não, para que nevasse. Depois, quando percebeu que se estava comportando como uma covarde, pediu ao divino fazedor do clima que fizesse um dia limpo, ensolarado e com temperaturas de verão.

Em um dado momento, quando se aproximava a alvorada, afastou as mantas, aproximou-se da janela e olhou ao exterior. Não havia nenhuma só nuvem no céu; embora isso não quisesse dizer que o dia iria ser agradável, é obvio. Era frequente que um amanhecer aprazível desse passagem a um dia cinza e chuvoso conforme avançava o dia. E um dia ensolarado a essas alturas do ano bem poderia ir acompanhado de temperaturas gélidas.

Entretanto, deu-se conta de que a janela estava aberta e mesmo assim não sentia o menor calafrio.

No que tinha estado pensando? Dava-lhe medo o mar. A possibilidade de ficar à deriva em um botezinho de pesca a aterrorizava. Não obstante, tinha exigido que a levasse a uma ilha alarmantemente distante. Embora não fosse isso o que a fez passar a noite em claro. Depois de tudo, ela era Freyja Bedwyn e estava em sua natureza enfrentar a seus medos cara a cara quando lhe apresentasse um desafio.

“Leve-me até ali. Algum dia. . amanhã. Só você e eu. Só os dois.”

De onde tinham saído essas palavras? Por que não uma excursão em que estivessem todos? Certamente poderiam alugar mais de um barco. E a união fazia a força.

“Só você e eu. Só os dois.”

Seus sentimentos por Josh eram mais profundos do que se atrevia a admitir. Tinha compreendido durante a noite quando, em um dos momentos de insônia, descobriu tentando convencer-se de que ainda não tinha esquecido Kit. Mas sim o tinha feito. Estava começando a utilizar a antiga paixão que sentira por ele como um escudo atrás do qual esconder-

se. Kit era feliz com Lauren e vice-versa, e já não lhe doía nem se zangava ao pensar nisso. Essa parte de sua vida já estava mais que encerrada.

Mas se já tinha esquecido a Kit, o que lhe impedia de amar a Josh?

Não se atrevia a amá-lo. Embora não fosse uma pessoa tão vã como tinha acreditado quando estavam em Bath, continuava sendo um homem de que era melhor não apaixonar-se. Não tinha intenção de assentar-se em Penhallow nem em nenhum outro lugar. Estava impaciente por continuar com sua vida de constante vagabundagem. Sua frívola existência, como ele mesmo a havia descrito no dia anterior.

E mesmo assim no dia anterior não tinha conseguido acreditá-lo...

Ao cabo de umas horas iria à ilha com ele. Os dois sozinhos. E seria absurdo fazer-se de idiota.

— *Está disposta a enfrentar o perigo? E não me refiro ao trajeto em barco.*

— *Estou disposta.*

— *Talvez não possa manter as mãos afastadas de você, encanto.*

— *Talvez seja eu quem não possa manter as minhas afastadas de você.*

No final a fresca brisa do amanhecer fez com que pusesse a tremer e retornou à cama, mas a única coisa que conseguiu foi mergulhar em uma sonolência até que considerou que a hora era decente para levantar-se e sair de seu quarto.

Embora fosse bastante cedo, Joshua já tinha saído com seu administrador para dar uma olhada à granja que abastecia à mansão. Aidan e Alleyne tinham ido com eles. E ela recordou que tinha prometido passar a manhã escrevendo convites para o baile com Morgan, Constance e Chastity.

A lista de convidados era bastante longa, descobriu quando se reuniu com as demais no salão matinal depois do café da manhã. Perguntou-se se havia alguém a dez quilômetros ao redor de Penhallow que ficou sem convite e se deu conta de que era típico de Joshua ser tão igualitário apesar de sua elevada posição social. Tentou imaginar Wulfric celebrando semelhante baile e acabou sorrindo pelo absurdo da ideia.

— Imagina Wulf com semelhante lista de convidados, Morgan? -
perguntou-lhe quando as quatro puseram mãos à obra.

— Ou a nós assistindo a semelhante baile? - inquiriu ela por sua vez. —

Wulfric é nosso irmão, o duque - explicou às outras duas moças. — É muito orgulhoso.

— Joshua não vê o baile como um elegante evento social para aqueles que ocupam uma posição social elevada - esclareceu Constance. — O vê como uma celebração local por sua volta a casa e seu compromisso. E todas estas pessoas eram seus amigos... Criados, trabalhadores e aldeãos. Deseja compartilhar sua felicidade e sua boa fortuna com eles. Sentiram-se ofendidas por este tipo de baile?

— Acho - declarou Morgan, inclinando-se para a mesa - que vou desfrutar lindamente.

— Se fizer feliz ao Josh - disse Freyja, - faz-me feliz.

Valha-me Deus! Pensou, parecia uma mulher apaixonada até o ponto de parecer boba.

Era?

Constance levantou a vista do cartão em branco que tinha em frente e deixou a pena em cima do tinteiro.

— Sabe, Freyja? – disse — Quando estávamos em Bath e ajudou ao Joshua a desbaratar o plano de minha mãe para que nos casássemos, acreditei que não demorariam muito em encontrar um modo discreto de romper o compromisso. Não percebi que era real, embora o anúncio fosse muito precipitado. Alegro-me de que o seja. É perfeita para o Joshua. É

bastante valente e impulsiva para desafiá-lo. Dobrara-o sem esmagar seu espírito e sem que a avassale. Se não fosse assim, aborreceria-se ou se cansaria em seguida.

Essas palavras a surpreenderam, mas não teve oportunidade de responder.

— Freyja! - exclamou Morgan. — Havia algo atrás de seu repentino compromisso em Bath que não nos disse? Que irritante que me tenha ocultado isso. E eu que acreditei que não tínhamos segredos... Conseguirei que me conte tudo isso depois, dê-se por avisada. Mas estou de acordo com Constance em que Joshua é perfeito para você. Espero encontrar a alguém tão perfeito para mim, embora esteja segura de que não vai acontecer nos estúpidos limites da temporada social.

— Mas seria maravilhoso ter uma experiência assim - interveio Chastity com voz melancólica. — Todos esses bailes, noitadas e concertos...

E todas essas pessoas... Invejo-a, Morgan.

Uma vez que dividiram a lista de convidados em quatro partes iguais, dispuseram-se a escrever os convites. Era bastante evidente, pensou Freyja, que poucos dos destinatários seriam capazes de lê-las. Embora não lhe cabia dúvida de que a voz correria como a pólvora e todo mundo entenderia o significado das cartas apesar de não poder decifrar seu conteúdo.

Deu-se conta de que estava desejando que chegasse o baile. Ia ser divertido pelo menos. Em realidade, a vida em si era divertida com o Joshua. Jamais era previsível.

Durante um quarto de hora mais ou menos o único que se escutou foi o som das penas sobre o papel, até que ela rompeu o silêncio.

— Constance, recorda algo da noite que morreu seu irmão?

Era muito fácil esquecer o motivo de sua presença em Penhallow. Só quando via a marquesa, uma figura silenciosa, pálida e patética que não deixava de lhe lançar olhadas venenosas quando outros

estavam distraídos, recordava que se encontravam à espera do seguinte movimento nesse estranho e provavelmente perigoso jogo.

— Nada - respondeu a aludida. — Era uma noite tormentosa e à medida que passavam as horas o temporal piorava. Não soube que Albert não tinha retornado a casa até a manhã seguinte.

— Mas se inteirou de que tinha saído? - perguntou.

— Foi a Lydmere - respondeu Constance. — Disse que ia falar com Joshua.

— Do que? - perguntou de novo.

— Não... Não sei - titubeou a moça e voltou a molhar a pena no tinteiro, embora não escrevesse nada. — Sobre a senhorita Jewell, acredito. Era a preceptora de Chastity e a tinham despedido por que... Bom, não importa.

Joshua lhe tinha encontrado uma casa no povoado e minha mãe estava muito desgostosa. Albert aceitou falar com ele.

— A preceptora grávida? - perguntou Morgan com os olhos como pratos. — E sua mãe e seu irmão acreditavam que Joshua era o responsável? Parece-me algo impensável nele.

— Joshua não era o pai - declarou Chastity com ferocidade. — Ninguém sabe quem é. A senhorita Jewell se nega a dizê-lo.

No tenso silêncio que seguiu à declaração Constance se concentrou de novo nos convites e Morgan a imitou pouco depois. Chastity era incapaz de escrever, percebeu Freyja enquanto a observava com os olhos entrecerrados. À moça tremia a mão. Talvez temesse que suas convidadas chegassem à conclusão de que se Josh não era o pai, era-o seu irmão.

— Recorda algo daquela noite? - perguntou Freyja.

Chastity negou com a cabeça.

— Nada - respondeu com voz firme. — Mas não deve pensar mal do Joshua, Freyja. Sei que não fez nada impróprio com a senhorita Jewell; Joshua vinha todas as semanas para ver Prue, não para ver a ela. Sei por que eu sempre estava com a senhorita Jewell quando ele vinha, e se não com Prue e com ele. E também sei que ele não matou ao Albert, nem fez nada que lhe ocasionasse a morte. Foi um acidente, nada mais.

Freyja seguiu observando-a um tempo antes de retomar a tarefa (restavam quatro convites por escrever) e dar à moça a oportunidade de tranquilizá-la bastante para agarrar sua pena.

Perguntou-se se alguma das irmãs tinha querido a seu irmão.

Certamente nenhuma delas estava disposta a suspeitar que sua morte tivesse sido um crime, embora ambas soubessem que aquela noite a intenção de Albert era discutir com o Joshua o desagradável assunto da preceptora. Chastity ao menos se dava conta de que seu irmão era o pai do menino.

A senhorita Anne Jewell era uma personagem muito triste, pensou Freyja. Aceita em certa medida no povoado, mas sem chegar a ser um deles.

Uma mulher com um filho ilegítimo, com muito pouco trabalho na profissão que tinha escolhido para ganhar a vida e obrigada a aceitar dinheiro de um homem que não era responsável por ela em nenhum sentido. O que a mulher precisava era independência, um trabalho e recuperar seu orgulho.

O que precisava era...

A senhorita Anne Jewell não era de sua incumbência, disse-se com contundência.

Quando por fim completaram a tarefa, Constance empilhou os convites já dobrados e os levou para que os repartissem. Chastity saiu, aduzindo que ia ao quarto infantil para ver Prue.

— Freyja - disse Morgan quando ficaram sozinhas - aqui há muitas coisas de que não se fala e que continuam sem resolver, não é? Do mesmo modo que continua pendendo uma acusação de assassinato sobre a cabeça de Joshua. Tudo isto é um desafio muito emocionante.

Uma reação típica de um Bedwyn, pensou Freyja.

— Quase a invejo - declarou sua irmã.

— Quase? — Arqueou as sobrancelhas.

— Enfim, quero muito ao Joshua – afirmou Morgan - e certamente é muitíssimo mais bonito que qualquer outro homem que tenha visto, incluído Alleyne. Mas o quero como a um cunhado. Vou ter que encontrar meu próprio desafio e minhas emoções em outra parte, se é que resta alguém assim por esses mundos de Deus.

Esteve a um tris para confessar a sua irmã que era um compromisso de farsa, mas não o disse.

Primeiro devia resolver alguns assuntos, e o mais difícil de todos era a excursão em bote à ilha em algum momento do dia.

— *Talvez não possa manter as mãos afastadas de você, encanto.*

— *Talvez seja eu quem não possa manter as minhas afastadas de você.*

Acelerou seu coração ao recordar essas palavras.

— Encontrará a alguém perfeito para você um dia destes - lhe assegurou — Todo mundo encontra.

Todo mundo exceto eu, pensou.

Os únicos homens perfeitos que ela encontrava, pensou com certa tristeza, não estavam disponíveis para uma relação permanente.

Conforme recordava Freyja, tinha aprendido a nadar muito cedo. Podia mergulhar em um lago da margem, dos ramos das árvores e de um barco.

Sabia nadar e mergulhar, a braçadas e de costas, ou flutuar.

Podia defender-se sozinha em uma feroz batalha aquática. Podia dirigir um barco pequeno se estivesse sentada, deitada ou de pé. Jamais lhe tinha ocorrido ter medo da água.

Até que, é obvio, viu o mar pela primeira vez quando tinha dez anos.

Nunca tinha sabido com certeza o que tinha para lhe resultar tão aterrador. Sua imensidão, talvez. E nunca tinha sido capaz de admitir seu pânico, nem sequer ante si mesmo, até esse momento. Nunca tinha tido a oportunidade de nadar ou de navegar em mar aberto.

Estava sentada em uma estreita travessa de madeira no estreito barco, rodeada de água pelos quatro lados. Estava tão perto dela que poderia colocar a mão no mar se assim o desejasse, coisa que não desejava o mínimo. Era muito consciente de que só a magra quilha do barco sob seus pés a separava das insondáveis profundidades.

Estava tão envergonhada de seu pânico e tão enojada que ergueu o queixo com uma pose arrogante como se quisesse dar a entender que todo aquilo era um aborrecimento e entrelaçou as mãos sobre o regaço em lugar de aferrar-se com todas suas forças ao bote.

— Nervosa? - perguntou-lhe Joshua com um sorriso.

Ele não levava chapéu. Remava por um mar que se ondulava sob a brisa e que estava bastante picado para mostrar uma ou outra crista de espuma branca sobre as ondas. Estava, como não, irresistivelmente bonito. O vento lhe alvoroçava o cabelo loiro e o sol lhe arrancava brilhos. Tentou concentrar-se em sua atitude ou, melhor ainda, em seu malicioso e jocoso sorriso. Sabia que estava aterrada.

— O quê? Por um pouquinho de água? — Tentou passar por cima que a ilha parecia estar mais longe nesse momento que quando empreenderam o trajeto e que a terra firme parecia estar a quilômetros de distância.

— Não falava da água. — Piscou-lhe um olho dessa forma tão lenta e característica nele.

— Tolices! — Apertou os lábios e ele pôs-se a rir.

Durante o almoço Joshua disse aos outros que lhe tinha prometido alugar um barco e levá-la a dar um passeio à tarde. Mas antes que tivessem a oportunidade de sugerir uma excursão em grupo, acrescentou que o bote que tinha alugado era muito pequeno, do tamanho justo para duas pessoas, e sentia muito, mas acabava de comprometer-se e um homem precisava passar certo tempo a sós com sua noiva.

Deu de presente aos comensais um sorriso cativante que lhe deu um ar

de descarado irresistível.

Ninguém emitiu o menor protesto, nem sequer Aidan, que poderia ter escolhido esse momento para fazer de irmão mais velho, dado que Wulf não se encontrava ali para expressar sua opinião sobre tamanha indiscrição.

Embora, como não, pensou todos acreditavam que estava comprometida com Josh. Talvez nem sequer tivessem se preocupado embora lhes houvessem dito que a ilha era seu destino.

Assim que se dispuseram a riscar seus próprios planos. A marquesa sairia de visita e informou a Constance de que devia acompanhá-la, com o reverendo Calvin Moore. Chastity ia acompanhar outros à praia. Morgan levaria seu cavalete e suas pinturas com ela. Eve tinha deixado bem claro que a ideia de nadar estava absolutamente proibida.

Freyja girou a cabeça e se surpreendeu ao descobrir que ainda podia movê-la. Distinguia-os a todos na areia, ao longe e bem a salvo; alguns corriam outros passeavam a um passo muito mais lento. Três deles os saudavam com a mão da margem. Prue e os meninos? Elevou o braço e lhes devolveu a saudação.

A presença das duas mantas no fundo do barco lhe provocava uma crescente falta de fôlego.

Percebeu-as assim que Josh e o pescador a quem pertencia o bote a ajudaram a subir. De fato, tinha pisado nelas. Se perguntasse ao Josh para que as queria este lhe diria que eram para cobrir-se em caso de que o vento fosse muito frio, mas seus olhos lhe diriam que estava rindo enquanto lhe respondia.

Não perguntou.

— Se o preferir, encanto - disse Joshua - podemos dar meia volta.

Olhou-o com altivez.

— Não tenho medo – replicou — De nada. E você?

Ele se limitou a esboçar esse preguiçoso sorriso seu.

Percebeu o modo em que os músculos de seus braços e suas pernas se contraíam enquanto remava.

Se o barco naufragasse, disse-se, se limitaria a nadar. O mesmo que ele.

Joshua não permitiria que se afogasse. Da mesma maneira que ela não permitiria que ele se afogasse. Sentiu que começava a relaxar tal como acontecia sempre que enfrentava a qualquer medo que tentasse dominá-la.

Ao mesmo tempo lhe acelerou a respiração e o sangue começou a lhe correr com força pelas veias. O que aconteceria na ilha? Deixaria que acontecesse? Seria ela a culpada de que acontecesse? Impediria que acontecesse? Ou talvez nem sequer surgisse o assunto. Se limitariam a desfrutar de um longo passeio enquanto contemplavam a vista antes de retornar à segurança da terra firme?

Por um instante acreditou que nem sequer seriam capazes de atracar.

As escarpas pareciam muito altas; a borda, muito rochosa; o mar, muito picado. Mas Joshua remou até chegar a uma estreita praia arenosa situada em uma enseada pequena e uma vez ali saltou à água e arrastou o barco até a areia. Inclinou-se, agarrou as mantas e as jogou ao ombro.

Bom, ao menos isso respondia a uma de suas perguntas, pensou enquanto o observava.

— Talvez goste de nos sentar um momento - disse, sorrindo-lhe. — A menos que tenha planejado ficar aí sentada toda a tarde.

Fez caso omisso da mão que lhe estendia e abandonou o bote com uma evidente falta de garbo. Joshua o arrastou um pouco mais e pôs-se a andar sobre a areia, as pedras soltas e as grosseiras

rochas em direção ao terreno herbáceo. Ela o seguiu dando tropeções.

A ilha era maior do que tinha pensado. Sua superfície se estendia entre suaves dunas e depressões; uma mescla de moitas verdes, areia amarela, rochas nuas, alagas e armênias rosas. As gaivotas grassavam por cima de suas cabeças, postas nas altas rochas ou nas dunas. O ar era fresco e salgado. O mar se divisava de qualquer parte.

Joshua a agarrou pela mão enquanto se deixavam empapar por aquela beleza tão elementar de um pequeno promontório.

— É estranho - disse ele. — Tinha esquecido que há muitas coisas que eu gosto na Cornualha.

— Em um lugar assim - replicou ela ao mesmo tempo em que levantava o rosto para sentir a brisa - é fácil acreditar em Deus e na eternidade sem a interferência de nenhuma religião.

— Será melhor que não lhe ocorra dizer isso em presença do reverendo Calvin Moore - lhe aconselhou ele. Mas havia certa calidez em sua voz, certa ternura que voltou a deixá-la sem fôlego e que a alarmou.

— Dei-lhe permissão para que me pegue pela mão? - perguntou-lhe.

Joshua riu baixo e levou suas mãos unidas aos lábios para lhe dar um beijo no dorso.

— Já é muito tarde, encanto – replicou. — Você me convidou, recorda?

“Só os *dois*” ? Há outra enseada na face oriental. Estará mais resguardada do vento que o resto da ilha. Que lhe parece que nos sentemos ali um momento?

— É obvio - respondeu, embora lhe tivesse afrouxado os joelhos. O que estavam fazendo? Depois que o assunto com o tal Garnett ficasse resolvido e tivessem celebrado o baile, supostamente partiriam de Penhallow cada um por seu lado. Jamais voltariam a se ver. De verdade queria essa lembrança? Entretanto, apesar de estar fazendo-se essas perguntas compreendeu que não restava alternativa. Acontecesse o que acontecesse, ou não acontecesse, essa tarde ficaria gravada a fogo em sua memória para sempre.

Descobriria que Josh era tão difícil (ou tão fácil) de esquecer como Kit?

Jamais se tinha deitado com Kit.

Contemplou a imensidão do mar azul esverdeado enquanto ele estendia uma das mantas sobre a abundante erva que cobria a diminuta baía a que a tinha levado. Era certo que ali estavam ao resguardo do vento.

Quase podia acreditar que voltava a ser verão, um fresco dia do verão.

Joshua deixou no chão a outra manta, ainda dobrada. Aparentemente, era para cobrir-se se tivessem frio.

Depois.

Tomou ar muito devagar. Não era muito tarde. Ele não a forçaria.

A primeira vez foi fácil. Não teve que tomar uma decisão. Estava mergulhada em um cego e urgente arrebatamento de paixão, ocasionado pelo traumático batismo e por algo que ele havia dito para zangá-la; algo que já não recordava. Essa tarde tinha muito tempo para pensar.

Entretanto, um pensamento pulsava ao compasso de seu coração.

Desejava-o. Desejava essa recordação para entesourá-lo sempre. Já não

podia pensar em proteger-se dessa dor que tinha experimentado antes, com Kit. Já era muito tarde.

No que se referente aos homens que amava, parecia não ter dois dedos de testa.

Sentou-se na manta, dobrou as pernas e rodeou os joelhos com os braços sem olhá-lo no rosto. Joshua se deitou de flanco a seu lado e apoiou a cabeça em uma mão.

— Assim me diga encanto - lhe disse em voz baixa, - por que estamos aqui?

Ela encolheu os ombros e os manteve assim um instante.

— Para ver a ilha? – sugeriu. — Para passar um pouco de tempo juntos?

— Com que propósito? - voltou a perguntar. — Porque estamos comprometidos?

— Mas não o estamos – lhe recordou ela.

— Não — Joshua guardou silêncio um instante. — Por que estamos aqui, Free?

Assim ia obrigá-la dizê-lo em voz alta, não? Bom, era justo. Tinha-lhe pedido que a levasse até ali.

Tinha-lhe pedido que fossem sozinhos. Ia se comportar como uma delicada florzinha e a esperar que o homem tomasse as rédeas da situação?

Virou a cabeça para olhá-lo no rosto. Seus olhos lhe sorriam, mas não com ironia nem com essa malícia que tinha esperado ver neles.

— Para fazer amor - respondeu.

Olharam-se em silêncio enquanto o ar crepitava a seu redor.

— Ah! - exclamou ele em voz calma. — Sim. Para fazer amor. Faremos isso bem, não, encanto? Sem pressas e sem nos deixar arrastar pelo frenesi.

Faremos para que ambos tenhamos lembranças felizes de nossas breves semanas juntos?

Imediatamente se sentou e tirou as botas e as meias três-quartos.

Depois tirou a jaqueta e desabotoou o colete. Ela levantou os braços e tirou os grampos do cabelo. Quando terminou de desfazer o recolhido, Joshua já se estava tirando a camisa pela cabeça.

Na cabana do guarda-florestal mal teve tempo para contemplá-lo. Mas

sua beleza, descobriu nesse instante, não se limitava a seu rosto. Seus ombros, seu peito, seus braços... Tudo nele era puro músculo, o epítome da perfeição e da beleza masculinas. Colocou-lhe a mão nas costas e separou os dedos.

Sua pele era cálida e incitante.

— Desejava fazer isto – admitiu - da outra vez.

— Não sabe fazê-lo melhor? - perguntou-lhe ele com um sorriso enquanto se virava. — Eu desejava isto desde muito antes da outra vez.

Acredito que tudo começou em certo quarto de certa estalagem quando a vi descalça, despenteada e furiosa. — Aproximou a cabeça até que seus lábios se roçaram. — Deve ser a mulher mais desejável que conheci, Freyja Bedwyn, com muitíssima diferença. -

Sua língua lhe acariciou ligeiramente os lábios, provocando um calafrio que chegou até os dedos dos pés.

Despiu-a com mãos que claramente eram peritas na matéria. Depois procedeu a despojar do resto de sua roupa enquanto a devorava com os olhos e ela o devorava a ele. Freyja se recostou na manta quando ambos estiveram nus.

Temia danificar tudo se o tocasse se tomasse iniciativa, se se apressasse tal como aconteceu na outra ocasião. Queria descobrir se havia ternura no ato além de uma paixão abrasadora. Queria ser capaz de recordá-lo com ternura. Queria recordá-lo tal como estava ante ela nesse momento, olhando-a com um desejo contido. Deixou os braços sobre a manta, com as Palmas das mãos para baixo.

— Faça-me amor - disse.

— Isso pretendo encanto - assegurou ao mesmo tempo em que se inclinava sobre ela.

Suas mãos começaram a tocá-la. Não demorou em descobrir que eram tão peritas em fazer o amor como em despi-la. Sabia onde tocá-la e como.

Às vezes era um simples toque com a ponta dos dedos, tão leve que percebia mais a sensação que a carícia em si. E também sabia como utilizar a boca; beijou-a em todos os lugares onde lhe pulsava o pulso; chupou-lhe os mamilos; jogou-lhe o fôlego sobre o umbigo e o lambeu de forma brincalhona, deixou um rio de beijos na face interior das coxas; e lhe chupou o dedo gordo de um pé antes de levantar a vista e lhe sorrir.

Agarrou-lhe os pés com ambas as mãos e os massageou até que a percorreu um golpe de desejo que lhe acelerou ainda mais o pulso. Depois, voltou a deixá-los sobre a manta, mas com as pernas separadas. Em seguida, ajoelhou-se entre suas coxas, sentou-se

sobre os calcanhares e colocou suas pernas em cima. E depois desceu a mão até sua entreperna.

Estava úmida e muito quente, em contraste com a frescura de sua mão.

Também sabia como tocá-la ali. Seus dedos se moveram com ligeireza e deliberação sob a atenta supervisão de seus olhos, enquanto ela por sua vez observava esse belo rosto de pálpebras entreabertas que parecia absorto no que estava fazendo. E então a tocou com o polegar em certo lugar que esfregou com muita delicadeza. Arqueou as costas, soltou um grito e o cuidadoso controle que tinha mantido até esse momento se rachou logo antes de experimentar um glorioso e palpitante clímax.

Joshua soltou uma gargalhada enquanto a erguia um pouco mais sobre suas coxas, separava-a com os polegares e se afundava profundamente nela. Freyja tomou ar muito devagar. Nessa ocasião não lhe doeu. Só sentia o incrível prazer que lhe provocava nesse lugar que ainda continuava palpitando por causa do recente orgasmo. Moveu as mãos para aferrá-lo pelos joelhos.

— Acho que já é hora de eu também lhe fazer amor - disse, olhando-o com os olhos entrecerrados. — A sensação de tê-lo dentro é estupenda, Josh.

— Certamente. — Havia alegria em seu olhar, mas também transbordava paixão.

Contraiu os músculos que rodeavam seu membro e o viu soprar pelo nariz.

— Estou a ponto de me render - disse. — A ponto.

Retirou-se até abandoná-la quase por completo antes de voltar a investir e retirar-se de novo... E voltar a investir enquanto ela respondia contraindo os músculos e movendo os quadris. Separou

os lábios ao sentir que o desejo a embargava de novo e se obrigou a seguir o ritmo do Joshua e aguentar até que ele aguentasse.

Queria que esse momento durasse uma eternidade.

Nessa ocasião foi ele quem lhe olhou o rosto enquanto ela observava o

que faziam juntos, enquanto seus olhos presenciavam aquilo que lhe produzia um prazer tão intenso que raiava a dor. O erotismo do momento era incrível.

— Encanto - disse ele ao final com voz rouca e quase sem fôlego, - um cavalheiro não pode perder-se pelo horizonte deixando atrás a sua dama.

Se admitir a derrota, deixará ir e me deixará a seguir?

Nesse instante o olhou nos olhos, perdeu o ritmo e o controle e se encontrou de repente indefesa ante as firmes investidas de seu corpo.

Voltou a gritar e estremecer-se a seu redor.

Um instante depois percebeu que Joshua seguia dentro dela... Duro e grande. Abriu os olhos e Joshua lhe sorriu antes de mudar de posição sem sair dela; colocou as mãos a ambos os lados de sua cabeça e se estendeu sobre seu corpo. Cobriu-a dos ombros até os pés, esmagando-a contra o chão com seu peso.

Beijou-a na boca não com ardor, não com paixão como tinha esperado, mas sim com infinita ternura.

E depois colocou a cabeça junto à sua, enterrou o rosto em seu cabelo e começou a mover-se com investidas longas e profundas, ao mesmo tempo em que a rodeava de um modo que a fez sentir-se estranhamente protegida, estranhamente amada. Saciada como

estava no plano sexual, foi uma sensação extraordinária, mais emocional que física. E mesmo assim era muito consciente da parte física. Joshua se deteve e seu corpo se esticou um instante antes de relaxar-se sobre ela com um suspiro. Sentiu como a inundava a cálida umidade de seu clímax. Rodeou-o com os braços e sentiu que se entregava na mesma medida que recebia.

Sentia o entrecortado fôlego de Joshua junto ao ouvido. Seus corpos estavam muito quentes e suarentos. As gaivotas grasnavam sobre eles.

Escutava-se a eterna aposta das ondas contra a borda. Percebia o aroma de salitre e mar. O sol os esquentava ao mesmo tempo em que recebiam a agradável frescura da brisa.

O mundo tinha deixado de mover-se.

Sim... Jamais esqueceria a lembrança dessa tarde. E não permitiria que a dor que estava por chegar o estragasse. Não o permitiria.

Joshua estendeu o braço em busca da outra manta ao mesmo tempo em

que se afastava e ela aproveitou para ficar de flanco. Deu-lhe as costas enquanto ele estendia a manta sobre eles e depois lhe colocou um braço debaixo da cabeça e se aconchegou atrás dela.

Cravou a vista na rochosa escarpa que formava um dos extremos da baía e no mar esverdeado que havia a seus pés. Uma gaivota contemplava o mar de uma rocha e abriu o pico para grasnar. Estava maravilhada, embargada por uma espécie de frouxidão, e era muito consciente de que todas as sensações se estavam gravando a fogo em sua cabeça.

A julgar por sua respiração, Joshua ficou adormecido um momento.

Alegrava-se. Não queria falar. Ainda não. Não queria ter que escutar suas brincadeiras nem escutar como voltava a lhe dizer que estavam metidos em uma boa confusão.

Tampouco queria rir nem sentir medo. Só queria que esse momento durasse eternamente. E quando tivesse que deixá-lo atrás para continuar até o futuro... Bom, não restava mais remédio. Jamais o esqueceria.

Jamais negaria que por uma gloriosa tarde não só tinha estado apaixonada. Também tinha amado. Tinha amado em corpo e alma.

Tola, tola, tola, tentava lhe dizer uma vozinha interior. Mas preferiu ficar adormecida a escutar essa vozinha que lhe advertia que lamentaria esse dia e sua derrota frente ao amor.



CAPÍTULO 20

— Cubra-me - disse Joshua com os olhos entrecerrados para proteger do intenso brilho do sol sobre a água - por que não vamos nos casar, encanto?

Freyja estava sentada em frente a ele no barco, olhando fixamente a linha da costa com semblante carrancudo e distante. Mal tinham falado desde que fizeram amor pela segunda vez, limitaram-se a vestir-se e a retornar ao barco.

Nesse instante cravou os olhos nele.

— Não se atreva a se sentir obrigado a agir como um cavalheiro e pedir minha mão - espetou, com uma nota irada na voz. — O que aconteceu foi minha culpa. Não tinha a menor intenção de apanhar você em um matrimônio.

— Culpa sua? – repetiu. — Outra vez? Começo a me sentir como uma marionete com fios e tudo.

— Justo como eu me sentia quando o conheci - replicou ela. — Assim já estamos em paz.

— Casar-se comigo seria uma armadilha, não? - perguntou-lhe.

— É obvio - respondeu com impaciência. — Era algo que soubemos desde o princípio e algo do que nos guardamos muito. Seria um engano colossal para os dois.

Entretanto, ele já não estava seguro do porquê. Freyja não podia chorar por seu amor perdido durante toda a vida, não é? Claro que ele detestaria estar casado com uma mulher que continuasse chorando embora fosse um pouquinho por outro homem.

— Então, a que veio isso desta tarde? - perguntou-lhe. — Não podemos nos aferrar à desculpa de que nos deixamos arrastar pela paixão, não acha?

Planejamos ontem de forma deliberada e os dois estiveram de acordo.

Freyja não replicou imediatamente. Voltou a contemplar o mar.

— Sou lady Freyja Bedwyn – disse. — Sou a filha e a irmã de um duque.

Embora sempre me pontuaram de temerária, pouco convencional e em ocasiões inclusive rebelde, espera-se que meu comportamento em geral seja irrepreensível; tanto em público como em privado. Os

cavalheiros não se veem submetidos a semelhantes restrições em suas vidas privadas.

Todos meus irmãos tiveram amantes e aventuras. Wulf desfrutava dos serviços da mesma amante há anos sem que isso manche seu nome. Eu escolho não me casar; ao menos não de momento, e não a menos que conheça alguém digno de que sacrifique minha liberdade. Mas já tenho vinte e cinco anos e minhas necessidades são as de uma mulher.

— Encanto, isso quer dizer que me utilizou como se fosse uma...

Aventura? - quis saber.

— Não seja absurdo - respondeu, olhando-o de novo com gélido desdém. — Às vezes é um aborrecimento, Josh. Intercambiamos posições.

Quero remar.

Ele sorriu.

— Não estamos em um lago - lhe recordou. — Remar no mar requer muita mais força e habilidade. Além disso, teria que levantá-la de seu lugar e me rodear para sentá-la aqui. Estou por dizer que o barco se moverá abominavelmente.

— Se cair ao mar - replicou ela – deterei-me para resgatar você.

Era impossível não admirá-la. Durante o trajeto de ida à ilha tinha sido muito consciente do terror que a embargava, embora ela não o tivesse delatado. E nesse instante estava disposta a mover-se pelo barco, para trocar de lugar com ele e a remar até a borda? Quase podia cheirar o medo que exsudava sua arrogante indiferença.

— Não sabe como me consola isso - lhe disse enquanto segurava os remos e ficava em pé aferrando-se aos bordos do barco, que

começou a oscilar. — Eu farei o mesmo por você, Free, embora acredite recordar que nada como um peixe. Ganhei pelos cabelos em Lindsey Hall.

Achou que Freyja tinha mudado de ideia ao ver que não se movia imediatamente, mas quando se aproximou dela ficou em pé, direita como uma vela e sem aferrar-se ao bordo do barco. Manteve as costas muito

direitas e também o equilíbrio enquanto o barco balançava e ele passava a seu lado como facilmente pôde para sentar-se no lugar que ela tinha ocupado. Observou-a com apreciação à medida que avançava sem perder o equilíbrio em nenhum momento, depois do que deu a volta, sentou-se e agarrou os remos. Tinha o queixo bem em alto, tal e como ele esperava, e contemplava o mundo por cima de seu nariz.

Tinha-o acusado de levar uma máscara, de ocultar sua verdadeira forma de ser, ou de não ocultar nada atrás dela, segundo fosse o caso.

Freyja não era diferente. Atrás dessa fachada fria, altiva e impetuosa que apresentava ao mundo, havia uma mulher a que tinham ferido, uma mulher que se sentia sozinha (sim, Prue tinha estado certa), uma mulher que talvez tivesse medo de voltar a amar.

Deveria ter suposto que dirigiria os remos como uma perita. Não esbanjava forças afundando-os muito e tentando deslocar todo o oceano com cada pazada. Não demoraram em avançar a um bom ritmo.

Assim não tinha mudado de opinião com respeito à ideia de casar-se, não é? Era uma verdadeira pena, sem dúvida, porque ele sim estava começando a mudar de opinião com respeito à ideia de casar-se com ela.

Para falar a verdade, sua mente se negava a pensar na possibilidade de separar-se dela, coisa que tinha reflexos de acontecer muito em breve. Sua vida ia estar muito vazia sem Freyja. E para cúmulo se veria obrigado a viver com as lembranças dessa tarde.

Apesar de toda sua temeridade e sua paixão, era uma inocente no terreno sexual. Provavelmente não reconhecesse a diferença entre uma aventura e fazer amor. Essa tarde tinham feito amor, ou ao menos ele o tinha feito, embora se tinha cuidado muito de não pronunciar nenhuma só palavra de amor.

Ela só o tinha desejado pela experiência em si, para satisfazer seus apetites sexuais como mulher.

Era uma ideia humilhante.

Riu entre dentes.

— Deveria brandir um chicote na mão direita - disse ao mesmo tempo em que estendia os braços sobre as bordas do barco. — Dessa forma, a imagem seria muito mais impressionante vista do mole.

De fato, vários aldeãos observavam com curiosidade da rua principal e da praia, plantados entre os barcos, como a noiva do marquês de Hallmere o levava remando até a margem.

Joshua saltou ao chegar a uma zona pouco profunda, disposto a enfrentar à ira de seu criado de quarto quando visse suas botas. Arrastou o barco até que o deixou junto a turma de trabalhadores na areia seca e ajudou Freyja a sair, embora Ben Turner já corria para eles para arrastar o barco um pouco mais. Alguém assobiou de forma estridente do caminho e imediatamente se ergueu um coro de alegres gargalhadas.

— Vá, Ben! - disse-lhe Joshua. — Justo o homem com quem queria falar.

— O aludido o olhou com receio enquanto tirava as mantas do barco. —

Soube que sua mãe foi muito amável com lady Prudence. Já vejo que está na porta de sua casa. Vamos?

Tomou Freyja pelo cotovelo e apontou para uma das casas situadas na rua principal, justo sobre o mole. A senhora Turner estava na porta, com os braços cruzados em frente do peito. Contemplou sua chegada e os recebeu com uma reverência. Ben os seguia de perto.

— Se a obrigou a remar, milady - disse a mulher com voz risonha, - eu o mandaria tomar vento fresco. Ou isso ou lhe deixava bem claro como iriam ser as coisas durante o resto de sua vida.

— Mas ela insistiu - protestou ele. — Como vai se negar um cavalheiro?

Para a Freyja, compreendeu, a cena era muito estranha; não entendia seu modo de confraternizar com as pessoas comuns nem quão cômodo este se sentia em sua presença. Mas ele tinha sido um deles até apenas cinco anos atrás. Manteve-se a seu lado em silêncio, observando tudo.

— Disseram-me que foi muito amável com lady Prudence - disse à mulher.

Tinha mantido uma longa conversa com a senhorita Palmer essa manhã, enquanto Prue passeava com Eve e as crianças. Sua prima passava muito tempo encerrada no quarto infantil. A preceptora a tirava quanto lhe era possível. Quase sempre passeavam, ou utilizavam a calesa se estava disponível, até o povoado. Prue tinha se afeiçoado muito aos Turner, que a tratavam com carinho. Tanto

era assim que a senhora Turner pedia frequentemente a preceptora que a deixasse algumas horas com ela de

modo que pudesse desfrutar de um momento para si mesma. A senhorita Palmer aproveitava esses momentos para fazer uma visita a Anne Jewell.

A atitude da mulher se tornou receosa imediatamente.

— É uma menina muito doce - lhe assegurou - e não é nenhuma imbecil, se me permite dizê-lo, milorde, embora sua mãe pareça acreditar o contrário. Sei que é lady Prudence e que, portanto, não deveria animá-la a pôr um pé em minha casa, mas alguém tem que querê-la e o carinho da senhorita Palmer não é suficiente.

— Não vim para lhe reprovar nada - tranquilizou-a ao mesmo tempo em que levava as mãos às costas.

— Não me tinha ocorrido que essa fosse sua intenção – disse — Adora o tempo que passa nesta casa. Tem seu próprio avental atrás da porta e a primeira coisa que faz assim que entra é varrer o chão, sacudir as esteiras, esfregar os pratos, estender a roupa lavada, nos fazer o chá ao Ben e a mim, e está aprendendo a cozinhar. Inclusive costura quando se senta. Trouxe a alegria a esta casa.

Joshua olhou Ben, que estava ruborizado e que tinha inclinado a cabeça enquanto golpeava com a ponta da bota uma pedra enterrada no caminho.

— Faz tudo isso - disse de repente. — E já não é uma menina. — Elevou a cabeça e o olhou aos olhos com uma expressão vizinha ao desafio. — É

uma mulher feita e direita.

A senhorita Palmer lhe tinha confessado sua preocupação pela assiduidade com a qual Prue declarava querer ao Ben Turner. Por

mais que dissesse o mesmo de todo o mundo, segundo a preceptora, havia algo diferente quando falava de Ben Turner, embora não sabia como explicar.

— Você a quer, não é verdade, Ben? - perguntou Joshua em voz calma.

O rubor do moço se intensificou, mas não afastou o olhar.

— Minha posição não me permite querer à Prue... A lady Prudence - se corrigiu. — Não precisa preocupar-se comigo, milorde. Jamais esquecerei qual é meu lugar.

Joshua notou que tinha pronunciado a palavra “milorde” com uma ligeira ênfase e certa amargura.

Suspirou.

— Não, sei que não o faria, Ben – assegurou. — Queria lhes agradecer por ter lhe devotado sua amizade. Não sei se sabem que a amo muito.

— Nunca os deixei sozinhos - interveio a senhora Turner. — E jamais o farei. Tenho dois dedos de testa, embora saiba que Ben jamais faria nada impróprio.

Joshua lhes sorriu, fez um gesto amistoso com a cabeça e ofereceu o braço a Freyja. Retornaram à estalagem, em cujos estábulos tinham deixado os cavalos.

— Por estranho que pareça – começou - nunca tinha refletido sobre os problemas que poderia conduzir quando Prue se fizesse maior. Suponho que como em certos aspectos sempre seguirá sendo uma menina, esperava que o fosse a todos.

— Um engano muito comum na hora de julgar às mulheres em geral -

replicou Freyja - é assumir que não têm desejos semelhantes aos dos homens. Prue já não é uma menina. É uma mulher. E Ben Turner é muito consciente disso. É provável que ela percebesse a atitude de Ben e o atrativo que exerce essa casa sobre ela se deva mais a ele que a sua mãe. O

que fará a marquesa se descobrir a verdade?

— Enviaré a Prue a um asilo para loucos – respondeu. — Onde a encerrarão, a acorrentaram, açoitarão-na, exibiram-na em público, a tratarão como se fosse um animal. Freyja o olhou direto.

— Nem sequer ela poderia ser tão cruel - protestou.

— Teria feito isso quando Prue era uma menina - assegurou- se não fosse porque meu tio impôs sua vontade por uma vez em sua vida. Agora afirma que o fará se minha volta a obriga a abandonar a mansão e a mudar-se à residência da viúva com suas filhas.

Freyja inspirou pelo nariz de forma audível.

— Se conseguir não plantar os punhos no rosto dessa mulher antes de partir - disse - vão ter que me canonizar. Um destino horrível. O que vai fazer a respeito? É o tutor de Prue, não é?

— Até que me declare culpado de assassinato, sim – respondeu. — O

que deveria fazer, Freyja? Animá-la a contrair matrimônio com um pescador?

Sorriu ao ver a expressão que ela compôs. Semelhante ideia devia ultrapassar a imaginação de qualquer membro da orgulhosa família Bedwyn. Claro que durante sua estadia em Lindsey Hall tinha descoberto que Aidan se casara com a filha de um mineiro galês e que Rannulf o tinha feito com a filha de um simples clérigo rural que,

além disso, era neta de uma atriz londrina. Mesmo assim, Eve e Judith tinham sido aceitas pelo resto da família como se fossem duquesas.

— Talvez - começou Freyja — Prue seja capaz de tomar suas próprias decisões na vida. Josh, ontem me agarrou pela mão enquanto subíamos o atalho da colina. E não porque necessitasse de minha ajuda, mas sim porque acreditou que eu necessitava da sua.

— Em uma ocasião me deixou plantado no lugar quando cometi esse engano - lhe disse. — Embora estivéssemos a ponto de descer, não de subir, acredito recordar.

— Sei – replicou. — Embora eu gostasse muito. Agora entendo ao que se referia quando me disse que Prue transbordava de felicidade e amor. E

sua inocência faz com que todos temam por ela. Talvez não devamos ter medo por essas pessoas, mas sim por aqueles de nós a quem a experiência ensinou a não confiar nem em outros nem na vida mesma.

Olhou-a com certo assombro. Em sua voz não havia nem rastro de sua habitual altivez. Virtualmente tremia pela emoção. E tudo porque Prue, ao acreditar que se sentia sozinha, tinha-a pego pela mão?

— Acha que deveria falar com ela? - perguntou-lhe. — Me acompanhará?

A pergunta fez que recuperasse sua atitude normal.

— Eve seria uma opção melhor – respondeu. — Mas sim, acompanharei-o. Josh, o que estou fazendo em Penhallow? Por que não continuo em Bath, passeando pela Sala da Fonte todas as manhãs e tomando o chá nos Salões de festas?

— Acho, encanto – respondeu - que percebeu a presença de um descarado e que foi incapaz de não lhe alegrar a vida tentando seguir seu passo. Além disso, é melhor estar aqui comigo que morrer de aborrecimento em Bath, não?

— Um descarado - repetiu ela enquanto entravam no pátio pavimentado da estalagem e um dos cavaleiros se apressava a tirar seus

cavalos. — Isso é que é, Josh? A vida era mais simples quando não duvidava da resposta.

Ele virou a cabeça e lhe piscou um olho.

O dia seguinte amanheceu nublado, com fortes rajadas de vento e muito deprimente. Joshua tinha saído cedo com Aidan e seu administrador.

A marquesa tinha pedido a Constance que levasse um recado ao povoado e no último momento tinha sugerido que o reverendo Calvin Moore a acompanhasse.

Alleyne, talvez ao perceber mudado semblante da moça, perguntou a Chastity se gostaria de ir também, e os quatro partiram juntos enquanto a marquesa lançava adagas às costas de Alleyne com o olhar.

Era um inimigo tedioso, concluiu Freyja. Muito diferente dela mesma ou de qualquer dos Bedwyn, já postos, porque não se limitava a demonstrar sem disfarces sua hostilidade nem tampouco brigava limpamente. Tinha posto um plano em marcha e estava preparada para esperar até que desse seus frutos.

Enquanto isso assumia o papel de anfitriã elegante e decaída. Parecia haver pintado o doce sorriso no rosto.

Freyja procurou refúgio na sala matinal. Estava escrevendo uma carta a seu advogado enquanto Morgan, que estava a seu lado, fazia o mesmo com Judith.

— Este compasso de espera é estranho, não acha? - perguntou Morgan de repente. — Esperava foguetes assim que puséssemos um pé em Penhallow. Esperava emoções, perigo, discussões coloridas e pistolas fumegantes durante os dois primeiros dias e, depois, a satisfação da vitória.

— Está decepcionada? - perguntou-lhe com um sorriso.

— Decepcionada? Não - respondeu sua irmã franzindo o cenho. — Mas sim um pouco inquieta, confesso-o. A marquesa odeia com todas suas forças ao Joshua, verdade? E a todos nós, por mais que repita até não poder mais o encantadíssima que está de nos ter aqui. Por que o odeia até o ponto de querer pôr sua vida em perigo?

— Culpa-o da morte de seu filho – respondeu. — Acha-o culpado do sórdido assunto da preceptora e quando Albert partiu para pôr as coisas às claras, morreu. Talvez, em certo sentido, não lhe possa reprovar que se

pergunte se o acidente foi realmente um acidente.

— Suponho que foi seu filho quem seduziu a preceptora - disse Morgan.

— Sim - reconheceu ela.

— Não acredito que me tivesse caído bem - afirmou sua irmã. — De fato, estou bastante segura de que o teria detestado quase tanto como detesto a sua mãe. É horrível que deixasse que Joshua carregasse com as culpas... E com a tarefa de encontrar um lar a essa pobre mulher. Embora lhe confesso que o assunto da testemunha é o que me tem mais preocupada. É irritante que não esteja em casa e que não se possa rebater seu argumento. Ele

sozinho não representa nenhuma ameaça, mas e se for capaz de persuadir a outros homens para que corroborem sua história?

Compreende Joshua a magnitude do perigo no que se encontra? Está fazendo algo a respeito?

— Sim - disse uma voz procedente da porta e ambas se viraram para ver o objeto de sua discussão ali de pé. Ainda estava vestido com o traje de montar. Tinha o rosto ruborizado pelo vento e um olhar risonho. Adorava viver à margem do perigo, concluiu Freyja. Além da repentina ideia, seu corpo acusou imediatamente sua presença; essa elegância tão viril e sua atitude. Tinha desejado que acontecesse de todo o ocorrido no dia anterior para ter lembranças felizes que a sustentassem no futuro. Tinha sido uma idiota. Como ia viver sem algo assim? Como ia viver sem ele?

— O que? - quis saber Morgan.

— E prejudicar lhes a diversão explicando? - perguntou ele por sua vez e soltou uma gargalhada enquanto entrava na sala. — Garnett ainda não retornou, mas tenho a esperança de que o faça a tempo para o baile. De fato, conto que faça eco das notícias e com que possua uma veia melodramática. Enviei-lhe um convite.

— Sei - replicou Morgan. — Eu o escrevi. Mas por quê?

Joshua se limitou a rir de novo.

— Só direi que se Garnett vem – respondeu - os Bedwyn acharam o baile muito de seu agrado...

A alegria iluminou os olhos de Morgan.

— Caramba, planejou algo! - exclamou sua irmã. — Bem feito.

Joshua estendeu um braço para lhe dar um apertão no ombro enquanto desviava sua atenção para ela.

— Vou dar um passeio ao rio com Prue - lhe disse. — Nos acompanha, Freyja?

— Tenho que acabar a carta para Judith - explicou Morgan quando Freyja a olhou - e depois tenho que escrever à tia Rochester. Faz séculos que não o faço, mas vai ser minha madrinha em minha apresentação na primavera. Que Deus me ajude!

Freyja trocou de roupa e escolheu um vestido de lã e um casaco grosso.

Inclusive pôs um boné que lhe tampava as orelhas depois de olhar pela janela e perceber que o tempo não tinha mudado. Prue também ia bem abrigada, com roupas amarelo brilhante da cabeça aos pés. Sorria de orelha a orelha e estava muito emocionada pela ideia de sair com ela e com Josh.

Desceram até o vale pelo prado, em lugar de irem pelo serpenteante caminho que descia de forma mais gradual da residência da viúva. Prue riu a gargalhadas enquanto corria os últimos metros para jogar-se nos braços de Josh, que a aguardava os pés da costa. Freyja o olhou com cara de poucos amigos ao ver que tinha a intenção de fazer o mesmo com ela. Sorriu-lhe em resposta e se virou.

Caminharam pelo atalho privado que seguia o curso do rio até a praia.

Entretanto, não chegaram até ali. Detiveram-se muitas vezes para contemplar a água, que corria lentamente entre as pedras e os bancos de areia, e viram um ou outro girino. Joshua agarrou uma pedra e a lançou até a margem oposta traçando um amplo arco, façanha que sua prima celebrou com mais gargalhadas e um aplauso. Freyja, que não desejava ser menos, agarrou um calhau e o lançou de tal modo que ricocheteou quatro vezes na água antes de afundar-se em suas profundidades. Prue começou a dar saltos pela emoção.

— Quero fazer isso - disse, e Freyja passou os seguintes dez minutos lhe ensinando a escolher o calhau adequado e a lançá-lo de canto com o giro preciso do braço.

Prue não conseguiu fazê-lo bem, mas o passou em grande tentando e acabou atirando contra uma pedra bruta enorme e caindo na risada ao ver que Joshua tampouco era capaz de obtê-lo. A Freyja, que observava com um olhar

penetrante

e

os

olhos

entrecerrados

seu

semblante

enganadoramente dócil, não teve a menor dúvida de que seria capaz de fazê-la ricochetear dez vezes se o propusesse.

Não podia compreender o imenso e quase desesperado carinho que Prue lhe inspirava. Em regra geral, os que até esse momento tinha chamado

“deficientes” costumavam lhe provocar vergonha alheia. Se tivesse sabido da existência de Prue de antemão, haveria-se sentido horrorizada e se teria mantido afastada dela. Mesmo assim, tinha guardado as distâncias durante uns dias, mais que conforme ante a perspectiva de que fossem Eve, Joshua e Chastity os encarregados de conversar com a moça.

Mas nela não havia maldade, estupidez, nem pessimismo. Era uma criatura feliz por natureza, que não possuía aquilo que capacitava ao resto dos mortais para passar da exuberante inocência e a doce confiança da infância à sinistra etapa etiquetada como “maturidade”. Embora seus desajeitados movimentos e seu arredondado rosto de aparência infantil eram sinais externos de suas diferenças com o resto das jovens de sua idade, isso não a fazia menos formosa.

Tinha a mesma idade que Morgan.

Joshua a contemplou com um sorriso afetuoso até que ela conseguiu deixar de rir.

— Você gosta de ir ao povoado, Prue? - perguntou-lhe.

— Síiiiiimmm – respondeu - eu adoro.

— Qual é seu lugar preferido? - perguntou de novo. — O lugar que mais você gosta.

O deslumbrante olhar de Prue se cravou na outra margem do rio, para onde se encontrava Lydmere.

— A casinha - respondeu.

— A casa da senhora Turner?

— Sim.

— Por que você gosta? — Joshua ficou de cócoras em frente a ela, pegou alguns calhaus do chão e começou a lhes dar voltas na mão.

— Posso fazer coisas - respondeu sua prima. — Posso ajudar. É um lugar querido.

— Mas pequeno - replicou ele. — Você não gostaria de viver ali, não é?

Prue meditou a resposta com o cenho franzido antes de voltar a sorrir.

— Sim, eu adoraria – respondeu. — Sei como fazer coisas.

— Quer bem à senhora Turner? - perguntou-lhe Joshua.

— Sim. — Seu sorriso se alargou. — E ao Ben. Amo o Ben.

— Sério? — Joshua se virou e atirou um calhau. Obviamente tinha esquecido que não era incapaz de fazê-los ricochetear sobre a água. O

calhau ricocheteou cinco vezes. Prue pôs-se a rir encantada enquanto apontava com o dedo. — Por que o quer, Prue? É bom com você?

— Siiiiimmm - foi sua resposta. — Gosta que eu lhe faça o chá e come meus bolos, não as da senhora Turner. Quer-me bem.

— Eu a amo, Prue – recordou. — E Freyja te ama.

— Sim. — A moça a olhou e sorriu de orelha a orelha — Joshua a faz feliz, Freyja. Vi você no barco. Foram à ilha.

Ai, Deus! Pensou Freyja. Olhou a Prue, mas evitou os olhos do Joshua.

Prue devolveu o olhar a seu primo.

— Ben me beijou - lhe disse.

O semblante de Joshua perdeu a cor de repente.

— Beijou-a?

A moça explodiu em gargalhadas.

— No dia de meu aniversário – explicou. — Fiz dezoito anos. A senhora Turner me deu de presente meu avental e me beijou. E Ben me serviu o chá.

Todos nós rimos. E me beijou. Aqui - acrescentou ao mesmo tempo em que levava o indicador ao rosto, a um ponto muito próximo à boca. — Eu disse:

“Amo-o, Ben” e ele me disse: “Amo-a, Prue”. — Pôs-se a rir de novo.

— Prue, amo o Ben de um modo especial? — Interveio ela, puxando por sua mão para que ficasse em pé com a intenção de continuar passeando. —

Do mesmo modo que Eve quer ao Aidan?

— Do mesmo modo que você ama o Josh? - perguntou a moça entre risadas. — Siiiiimmm.

Joshua as alcançou e se colocou ao outro lado de Prue.

— Ben tem umas mãos bonitas - continuou ela. — São grandes.

Trabalha com elas. Mas não as usaria para me fazer mal.

— É obvio que não - assegurou Joshua enquanto enlaçava seus braços e lhe dava uns tapinhas na mão. — Ninguém te fará mal nunca, Prue. Sabe o que é o matrimônio? Sabe o que fazem as pessoas casadas?

— Siiiiimmm – respondeu. — Se olham. E se beijam. E têm bebês.

Joshua lançou um repentino e perplexo olhar a Freyja.

— A senhorita Palmer me explicou isso - disse Prue. — E Chastity.

Chastity acompanhou a casa da senhorita Jewell e ela também me explicou isso. A senhorita Jewell tem ao David. Amo David.

— A seu filho? - perguntou-lhe Joshua. — É um garotinho querido.

— A senhorita Jewell me disse que havia beijos maus e que não devia deixar que ninguém me beijasse assim jamais - prosseguiu a moça. — Ben nunca me dará beijos maus. Ben me quer. E eu amo Ben.

As mulheres que a rodeavam, todas salvo sua mãe, que devia ser a mais qualificada para fazê-lo, tinham-na advertido sobre os perigos de sua própria sexualidade, compreendeu Freyja. Estava claro que se deram conta de que a moça já não era uma menina, ao menos em alguns aspectos.

— Se vivesse na casinha sempre – explicou Joshua, — Penhallow já não seria seu lar, Prue. Teria que dormir e viver ali, e as coisas que agora faz se converteriam em suas tarefas diárias. Lady Prudence Moore deveria viver em uma mansão grande, não? Com criados que a cuidassem e roupa bonita para usar todo o tempo. O que lhe parece?

— Eu gostaria de viver na casinha, Josh – respondeu. — Eu gostaria de viver com a senhora Turner. Eu gostaria de viver com o Ben, sobre tudo.

Amo Ben. Beijou-me e não foi um beijo mau. Jamais me daria beijos maus.

Não me faria mal com suas mãos.

Joshua levou a mão de sua prima aos lábios e a segurou ali um instante.

— Não, minha querida não te faria mal - lhe assegurou. — Conheci o Ben quando era um menino. Jamais lhe faria mal, a você nem a

nenhuma outra mulher. E se alguma vez voltar a beijá-la, serão beijos bons. Se a tocar, será para acariciar você.

Freyja se surpreendeu ao ver que lhe brilhavam os olhos pelas lágrimas.

— Nesse caso, Prue, quer que fale com o Ben e com a senhora Turner? -

perguntou Joshua. – De verdade escolheria viver com eles se tivesse a oportunidade?

A moça se deteve, escapou dele e levou as mãos ao peito. Seu olhar arregalado e espectador se cravou primeiro nele e logo nela.

— A senhorita Palmer me disse que mamãe diria que não respondeu e que você diria que não. A Senhora Turner me disse que mamãe diria que não e que você diria que não. Perguntei-lhe e ela me respondeu isso. Ben ficou a chorar e se foi.

— Mas já é uma mulher, Prue - continuou Joshua com doçura. — Às vezes, quando já se é uma mulher, terá que tomar decisões próprias. Mas a senhora Turner e Ben também têm que tomar suas decisões. Falarei com eles.

Prue esboçou um sorriso radiante, pôs-se a rir e começou a girar em torno deles antes de lhes oferecer suas mãos para que tomassem.

Continuaram passeando rio abaixo (para falar a verdade, continuaram saltando rio abaixo) com as mãos entrelaçadas e balançando os braços como se fossem três meninos eufóricos.

Freyja compreendeu nesse momento que amava tanto ao Joshua que lhe doía. Se tivesse albergado a menor suspeita de que era capaz de demonstrar essa ternura e preocupação pela vida de outros seres inferiores (como os considerava a sociedade), teria fugido espavorida dos jardins de Sydney aquela manhã e teria

deixado que a criada se arrumasse como pudesse. Não lhe teria feito nem caso na Sala da Fonte.

Haveria...

Não. Não teria feito nada disso.

Talvez tivesse decidido conquistá-lo com todas as artimanhas e toda a determinação de que fora capaz.

Não se teria enredado em uma simples paquera nem lhe teria dado a indelével impressão de que não queria nada mais dele. Mas já era muito tarde. Se tentasse conquistá-lo a essas alturas, Joshua se sentiria apanhado, se sentiria obrigado a lhe pedir que se casasse com ele, obrigado a fingir que seria feliz a seu lado.

De modo que não podia fazer nada salvo seguir saltando rio abaixo com ele e com Prue, enquanto o amava em silêncio.



CAPÍTULO 21

A criadagem de Penhallow, tanto os criados da casa como os encarregados da propriedade, tinha trabalhado muitíssimo a fim de que tudo estivesse preparado para o grande baile. Resmungavam, é obvio, mas só quando Joshua estava perto, de modo que ele sorrisse e os convencesse para acabar rindo a gargalhadas quando os escutava referir-se a ele como

“moço”. A suas costas, não perdiam tempo queixando, mas sim se trabalhavam em excesso com grande entusiasmo nos preparativos de tão insólito acontecimento.

Nem sequer o mais ancião dos criados recordava que as estadias públicas da mansão se usaram alguma vez. Estavam como adorno. De vez em quando chegava algum viajante bastante audaz para bater na porta e a governanta o acompanhava em um percurso pelos diferentes aposentos e lhe recitava sua história enquanto a pessoa contemplava boquiaberta os tesouros que albergavam. Embora sempre tivessem estado limpos, nunca tinha sido necessário limpá-los em profundidade até deixá-los muito limpos.

Era uma tarefa hercúlea o ter tudo preparado a tempo; e ainda por cima para que o desfrutassem eles mesmos, declarou a cozinheira quando subiu para dar uma olhada ao salão de baile uma vez que desceram os enormes lustres com o fim de substituir as centenas de velas. O que os criados mais estranhavam era o fato de que os tivessem convidado junto aos membros da família, aos amigos do povoado e aos habitantes das propriedades vizinhas. Até aqueles que se veriam obrigados a permanecer em seu posto de trabalho punham ao mau tempo boa cara. O mordomo tinha organizado vários turnos a pedido de Joshua, de modo que os que trabalhassem no começo da noite pudessem dançar e festejar no final, e vice-versa.

O jardineiro principal tinha despojado os jardins de todas as flores que se abriam a finais de temporada e tinha aceitado sacrificar quase todos os

exemplares de suas adoradas estufas para a ocasião. Os arranjos florais corriam por conta das damas. Chastity fiscalizava a tarefa com as faces ruborizadas e os olhos brilhantes pelo prazer de tão memorável ocasião. A Prue tinha sido permitido ajudá-las. Eve e Constance tinham boa mão em tais misteres, mas era Morgan quem mais olho tinha para o desenho. Fez uma enorme quantidade de

sugestões a Chastity, que foram discutidas com uma profusão de dramalhões e uma grande dose de boa vontade. Freyja se contentou observando, já que os arranjos florais nunca tinham sido seu forte.

A marquesa se desculpou, aduzindo que as flores a faziam espirrar e lhe provocavam dor de cabeça.

A orquestra chegou à última hora da tarde e, depois que seus membros prepararam os instrumentos e os afinaram, os acompanhou a seus aposentos, situados na parte posterior da mansão.

O jantar se serviu duas horas antes do normal, já que os convidados começariam a chegar às sete e as damas preferiam colocar os vestidos de festa depois do jantar. Não era um baile que se ajustasse aos padrões londrinos e que, portanto, começasse avançada a noite e acabasse o amanhecer. A maioria dos convidados era gente comum e trabalhadora que não podia permitir o luxo de ficar na cama até bem entrada a tarde seguinte. Além disso, muitos deles teriam que percorrer uma boa distância a pé ou em calesa, embora o encarregado dos estábulos tivesse feito os acertos pertinentes, por ordens de Joshua, para enviar todas as carruagens e veículos disponíveis em busca dos anciões e dos que viviam mais longe.

Combinou-se que haveria um grupo de recepção na porta, composto por Joshua e Freyja, a marquesa, Constance, Chastity e Prue.

Joshua, vestido com um fraque marrom escuro, meias de cor ouro velho, colete com bordados dourados, camisa branca com séries e punhos de babados, e meias da mesma cor, dava uma olhada a seu redor com ar satisfeito do vão da porta do salão de baile. Sempre tinha acreditado que era uma lástima não utilizar essa ala da mansão. Inspirou o aroma das flores, percebeu o brilho que a luz

dos lustres arrancava ao chão recém polido e ergueu a vista até o teto para contemplar os coloridos murais com motivos mitológicos.

Sentiu uma onda de euforia. Tudo isso era seu e essa noite serviria para

alegrar a toda sua gente e para lhes demonstrar que tinha começado uma nova era em suas relações com Penhallow e com o marquês de Hallmere. Já não haveria um abismo intransponível entre eles e seu rico, privilegiado e nobre vizinho e senhor. Essa noite seria o começo de uma nova era para aqueles que dependiam dele, para aqueles sobre quem, queria ou não, ostentava algum tipo de poder... Como o poder de ser generoso.

Essa noite começaria sua nova vida. Uma semana antes lhe teria espantado a ideia de sentir-se amarrado a Penhallow (a triste prisão de sua infância) por seu título (que jamais tinha desejado) e por suas responsabilidades (que tinha tentado cumprir ao contratar a um administrador competente, embora acabasse de descobrir que ultrapassavam com acréscimo o âmbito de ação de qualquer administrador). E amarrado se sentia, mas eram os laços do amor e não os da obrigação os que o manteriam amarrado a Penhallow de uma forma extraordinária.

Embora nessa noite não fosse tudo tão simples como “e foram felizes e comeram perdizes”. Havia muitas coisas que arrumar antes de começar a pensar sequer na felicidade; e muito menos em ser feliz e comer perdiz.

Uma noção que encontrava ridícula de todos os modos. Hugh Garnett tinha voltado para casa, segundo se murmurava. Não havia forma de saber se viria ou não ao baile, mas estava certo de que o faria. Além disso, havia sua tia. E Freyja...

Escutou passos a suas costas e se virou para vê-la chegar acompanhada de Eve e Morgan. Aidan e Alleyne estavam atrás, ambos de branco e negro com seus trajes de festa. Freyja levava

um resplandecente vestido de seda verde claro com brocado de filigrana. Tinha um decote generoso, saias vaporosas e um festão na bainha e na borda das mangas. Recolheu o cabelo em um elaborado coque entrelaçado com fios de ouro. Tanto as luvas longas como os escarpines eram dourados. Ficou sem fôlego. Quando tinha começado a pontuá-la de formosa? Não o era, verdade? Mas para ele era muito mais linda que qualquer outra mulher que jamais tivesse visto.

Sorriu ao mesmo tempo em que a puxava pela mão e, depois de fazer uma reverência, a levou aos lábios.

— Está muito bonita, querida - lhe disse.

Essas sobrelanceiras escuras se arquearam com arrogância.

— Você também, Josh - replicou.

Correspondeu-lhe com um sorriso antes de saudar aos outros. Sua tia e suas primas também se aproximavam, acompanhadas por Calvin. Sua tia, atada com um vestido negro de seda e um toucador de plumas que se balançavam ao menor movimento, sorria aos presentes como se tudo aquilo tivesse sido ideia dela. Para falar a verdade, levava todo o dia de muito bom humor apesar de que tinha evitado o salão de baile enquanto colocavam os arranjos florais. Constance, muito mais bonita que em Bath, ia de azul claro e parecia muito tranquila. Chastity, de rosa, resplandecia de entusiasmo. Prue, de amarelo pálido, quase estava fora de si.

Os convidados começaram a chegar imediatamente e logo houve uma considerável multidão; uma curiosa mescla formada, de um lado, pelos elegantes membros das classes ricas e, de outro, pelos aldeãos, os granjeiros e os jornaleiros vestidos com seus melhores trajes dominicais, que parecia um pouco coibidos ao mesmo tempo em que encantados.

Todos se mostraram sobressaltados quando saudaram a marquesa com uma reverência, a qual lhes correspondeu com uma enrijecida arrogância, embora se mostrassem mais relaxados e sorriram ao saudar a ele. Trocou um apertão de mãos com todos os assistentes e conversou um instante com cada um deles.

Alegrou muito ver que Anne Jewell estava presente. Tinha ido vê-la em pessoa para convencê-la de que aceitasse o convite. Entrou no salão de baile com a senhorita Palmer e manteve a vista cravada no chão enquanto fazia a reverência de rigor à marquesa. Ben Turner chegou acompanhado de sua mãe. Os Allwright também foram. Isaac Perrie foi com sua esposa e duas de suas filhas. Jim Saunders aceitou o convite. E sir Rés Newton, o magistrado do condado, veio com lady Newton e seu filho.

Quando a afluência de convidados diminuiu até converter-se em uma mera destilação e Joshua anunciou o começo do baile, não ocorreu que ninguém tivesse declinado o convite... Salvo Hugh Garnett.

Grande desilusão que não fizesse ato de presença. Claro que, enquanto isso, tinham um baile de que desfrutar.

Dançaria a primeira dança com a Freyja. Uma alegre contradança, que era o que lhe tinha ordenado à orquestra que interpretasse com mais assiduidade. Todos conheciam os passos e não se sentiriam envergonhados

enquanto dançavam. A princípio houve muitos que se sentiram um pouco afligidos, é obvio, e Joshua teve que deixar seu lugar na fila com Freyja pelo braço para percorrer o perímetro da pista de baile e obrigar aos casais a somar-se à diversão. Fez isso entre brincadeiras e gargalhadas, e a fila não demorou em estender-se de um lado ao outro do salão. Voltou a ocupar seu lugar, piscou um olho a Freyja e fez um sinal ao diretor da orquestra para que comesçassem a tocar.

A partir desse primeiro momento todos se deixaram levar pela alegria.

Se aqueles de elevada posição social se sentiam incômodos por ter que confraternizar com as classes inferiores, não deram sinais disso.

Percebeu que Aidan tirava Anne Jewell à pista de baile para a segunda dança, enquanto que Alleyne o pedia a uma das Perrie, cujas faces estavam tão vermelhas que pareciam a ponto de estalar em chamas.

Ele convidou Constance, que tinha sido o par de Calvin durante a primeira peça.

— Está-se divertindo? - perguntou a sua prima.

— É claro - respondeu.

— Teria jurado que o senhor Saunders te pediria esta dança - lhe disse.

O homem não tinha dançado até o momento.

— A mamãe não gostaria disso - replicou ela.

— Não me diga... — Sua intenção tinha sido a de conversar longa e estendidamente com Constance, mas até esse momento não tinha tido tempo. — Mas você gostaria?

Ela o olhou sem dizer nada.

— E o senhor Saunders gostaria? - perguntou de novo.

Sua prima franziu o cenho um instante.

— Nem sempre podemos fazer o que nós gostamos - respondeu.

— Por que não? - disse ele com um sorriso.

— Ai, Joshua! - exclamou ela em cima. — Tomara pudesse ser como você. Tomara...

Entretanto, a música começou e se viram obrigados a prestar atenção aos complicados passos da dança.

Foi ao final da segunda peça quando apareceu Hugh Garnett no salão acompanhado por cinco homens, dos quais nenhum era vizinho do condado. Joshua estava falando com a senhora Turner e com Prue nesse momento e se deteve para escutar a emocionada descrição que sua prima estava fazendo sobre sua dança com Ben. Não obstante, sua tia se aproximou até a porta para receber aos recém chegados com uma demonstração de sorrisos e muitos movimentos de plumas. Pegou Garnett pelo braço e se virou sorridente para dar uma olhada pelo salão. Fez um gesto a alguém que devia estar no outro extremo. Quando Joshua olhou nessa direção, viu que Chastity atravessava a estadia para eles com um sorriso nos lábios, mas sem o menor rastro de sua anterior exuberância.

Garnett fez uma reverência e lhe disse algo antes de oferecer o braço. Sua prima o aceitou e juntos se reuniram com os restantes casais que já ocupavam a pista de baile, prontos para a seguinte peça.

Os outros cinco homens se dispersaram pelo salão e não demoraram em confundir-se com a multidão.

Sim, isto está melhor! Pensou Joshua. Aproximou-se de Morgan, seu par seguinte.

Freyja acabava de dançar a segunda peça com sir Rés Newton e a terceira com Isaac Perrie, o hospedeiro do povo nada mais e nada menos.

Nem sequer dava crédito a que o homem se atreveu a convidá-la, muito menos a que ela tivesse aceito. Pelo amor de Deus! Se Wulf estivesse presente, congelaria ao homem com um olhar de seus prateados olhos por ter ousado pôr a vista em lady Freyja Bedwyn. Mas descobriu que se estava divertindo lindamente. E que as coisas, em certo modo, eram como deviam ser. Assim deveria ser a vida. Sentiu uma pontada de pena por essa gente, já que quando Joshua partisse (desde que pudesse eliminar a ameaça que ainda pendia sobre sua cabeça), voltariam para a deprimente realidade sob o jugo da marquesa. Sentiu uma pontada de pena por ele. E por ela mesma.

Mas não ia demorasse em pensamentos deprimentes essa noite. Estava disposta a passar em grande.

— Alegra-me ver que Garnett retornou de suas viagens - disse o senhor Perrie, apontando com a cabeça para o outro extremo da fila de bailarinos.

— Hugh Garnett? - perguntou Freyja, olhando-o com expressão surpreendida — Está aqui?

— Em pessoa - respondeu o hospedeiro com um sorriso a que lhe faltavam vários dentes. — O terceiro pela cauda.

Hugh Garnett comprovou Freyja com uma olhada, era um homem jovem, moreno e bonito, embora um tanto melindroso. Estava dançando com Chastity.

— Não se preocupe moça - lhe disse o senhor Perrie. — A seu homem não acontecerá nada.

Moça!? Freyja se teria posto a rir de boa vontade pelo absurdo da situação de não haver-se sentido subitamente alarmada... E também emocionada, para que o ia negar. Por fim ia acontecer algo!

E esse algo aconteceu logo depois que essa dança acabou.

Quando todos os casais abandonaram a pista, Hugh Garnett seguiu nela.

Aproveitou a pausa da orquestra e ergueu a voz por cima das pegadas dos bailarinos para que lhe ouvisse no outro extremo do salão.

— Sir Rés Newton! - gritou, e esperou um momento até que todo mundo lhe prestasse atenção e as conversas deram passagem a um silêncio espectador. — Pergunto senhor, se se deu conta de que o baile desta noite dá proteção a um assassino e a um usurpador.

Freyja que virou a cabeça sem perda de tempo para o outro extremo do salão onde Joshua conversava com os Allwright. Reconheceu nele o mesmo homem que entrara em seu quarto da estalagem do caminho a Bath e também o homem que esperara tranquilo na Sala da Fonte à manhã posterior do incidente nos jardins do Sydney a qual ela lhe plantara em frente. Estava alerta, preparada para o perigo, transbordante de vida... E o estava passando em grande.

— Desculpe-me - replicou sir Rés muito surpreso. — Está se dirigindo a mim, Garnett?

— Surpreende-me que tenha tido a temeridade de retornar a Cornualha - afirmou o aludido. — Joshua Moore assassinou seu primo faz cinco anos quando o levou mar dentro em um bote de pesca, atirou-o pela amurada e o manteve sob a água com um dos remos. Assassinou-o em seu próprio benefício e ficou com toda a recompensa. Esta noite está aqui como marquês de Hallmere e em posse de tudo o que o título supõe. Eu vim para denunciá-lo, senhor. Fui testemunha do assassinato.

Ninguém, conforme comprovou Freyja, tinha movido um só músculo, salvo Chastity, que acabava de se deixar cair em uma cadeira junto a Morgan, e a marquesa, que cambaleava para a pista de baile com uma mão à garganta.

Sir Rés pareceu mais irritado que indignado quando falou.

— Esta é uma acusação muito séria, Garnett - lhe recordou. — Mas este não é o momento nem o lugar...

Uma voz interrompeu ao magistrado.

— Eu estava com Hugh Garnett àquela noite - disse um tipo atarracado e de aspecto perigoso que acabava de sair dentre a multidão - e posso corroborar suas palavras.

— Eu também estava com ele e também o corroboro - disse outro desconhecido, um homem magro e calvo que surgiu dentre a multidão congregada junto ao estrado da orquestra.

— E eu, senhor.

— E eu, senhor.

— Eu também.

Cinco. E o mesmo Hugh Garnett. Freyja sentiu que lhe afrouxavam os joelhos. De repente teve vontade de vomitar.

— Senhor Garnett - disse a marquesa, obstinada com uma mão a um de seus braços enquanto que a outra seguia em sua garganta.

— Quando veio me falar desta acusação faz um tempo, disse-lhe que jamais daria crédito a suas palavras. Não posso acreditar sobre meu querido Joshua, que foi como um filho para mim, embora a vítima fosse meu próprio filho. Não a menos que pudesse me oferecer provas que nem sequer eu pudesse refutar. Mas continuou sem poder acreditar sobre Joshua. Diga-me que se trata de um engano. Diga-me que isto é um pesadelo. Diga-me diga que é uma espécie de brincadeira.

Freyja fechou os punhos com força.

Sir Rés tinha dado um passo à frente. Parecia bastante preocupado e não era para menos. Não tinha esperado algo assim durante uma noite planejada para divertir-se. Entretanto, antes que pudesse falar de novo, interveio Isaac Perrie.

— Não se inquiete, milady disse com voz afável. — Todos esses são uns descarados mentirosos. Todos. Eu estava àquela noite na porta de minha taverna porque se estava formando uma tormenta e sabia que os moços tinham saído em barco. Vi-os voltar. Vi o jovem Josh, o marquês agora, remando, e a seu filho nadando a seu lado. Estavam quase na margem e vi como seu filho ficava em pé enquanto que o jovem Josh se afastava de novo da costa. Zanguei-me quando vi que se dava a volta porque o mar estava muito picado, mas sempre foi bom com os remos. Não me preocupei.

— Eu também o vi - afirmou outra voz. — Estava a seu lado, Isaac, não sei se se lembra. O primo do Josh estava saindo da água, vivo, abanando o rabo e jorrando.

— Eu os vi da rua principal - acrescentou outra voz. — Aconteceu exatamente como diz Isaac.

— Eu estava junto a nosso bote no mole, com meu pai - interveio Ben Turner. — Também os vi.

— Eu os vi da janela de minha casa - afirmou a senhora Turner.

Freyja abriu o leque e começou a abanar o rosto muito devagar. Seu olhar se topou com a de Morgan, que se encontrava ao outro extremo do salão, e trocaram alguns sorrisos. O que estava acontecendo era óbvio. Uma dúzia de pessoas quanto menos tinha presenciado o acontecimento em questão do povoado e afirmava que tudo tinha acontecido tal e como Joshua alegou em seu momento. E, se por acaso isso não fosse suficiente, uns quantos criados de Penhallow tinham estado passeando pela praia privada ao outro lado do rio e também o tinham presenciado. Além de

alguns jornaleiros, que nesse momento caminhavam pela escarpa que dominava Penhallow e também o viram.

Para ser uma noite tormentosa, a zona tinha estado literalmente alagada de gente e todas elas com uma visão extraordinária, já que era de supor que as nuvens teriam estado ocultando a lua...

Freyja procurou o olhar de Joshua, quem lhe piscou um olho muito devagar.

A marquesa e o senhor Hugh Garnett não pareciam ter tido em conta que Penhallow e seus arredores estavam infestados de amigos de Joshua, de gente que o conhecia, o amava, que confiava nele e que estava disposta a

cometer perjúrio em seu nome.

— Estão mentindo, Newton, todos eles - afirmou Hugh Garnett, que ainda continuava teimando, embora seu rosto tivesse adquirido um tom ligeiramente púrpuro. A marquesa não deixava de cambalear, mas ninguém tinha ido ajudá-la. — Estão dispostos a defender a um assassino porque organizou um baile elegante para todos eles esta noite. Mas não é o marquês legítimo. Deveriam havê-lo pendurado faz muito tempo. O

legítimo marquês é o reverendo Calvin Moore.

— Você! - gritou Isaac Perrie ao tempo que assinalava com um dedo longo e ossudo ao rufião atarracado. — Acho que lhe dissemos há seis anos que saísse daqui com sua turma de sem vergonhas. Deixamos-lhe bem claro que nem suas ameaças nem seu sujo negócio de contrabando eram bem recebidos por aqui. Advertimos-lhe que se voltasse a aparecer essa sua miserável pele, arrastaríamos até o magistrado e deixaríamos a sua sorte: ou a força ou a deportação como pouco. E, mesmo assim, retornou como o rato que é para se jogar ao mar com Hugh Garnett aqui presente, seu antigo patrão, não é verdade? E foi testemunha de um

assassinato, mas não levantou um dedo para ajudar ao moribundo nem correu para apanhar a seu covarde assassino. Uma história muito acreditável, sim, senhor...

Houve um coro de gargalhadas e uns quantos vivas depois de escutar suas palavras e depois começaram os murmúrios com comentários muito piores.

Sir Rés Newton ergueu as mãos e todo mundo guardou silêncio.

— Não sei o que se oculta detrás de tudo isto – disse - mas me parece uma vil fileira de tolices. Deveria ter vergonha, Garnett. E se descobrir que seus cinco capangas seguem em minha jurisdição amanhã, passarão a noite no cárcere esperando minha boa vontade... Ou a má. Quanto às testemunhas da defesa, já podem acrescentar uma prece às orações de domingo pela salvação de suas almas. Lady Hallmere, senhora, sinto muito o sofrimento que toda esta estupidez lhe ocasionou. E, milorde... — Fez uma tensa reverência em direção a Joshua. — Sempre acreditei em seu relato do que aconteceu aquela noite, e lhe asseguro que isso não vai mudar nunca. Sempre foi um moço honesto e responsável e não tenho razão alguma para duvidar de sua palavra. Sugiro que o baile prossiga a menos que, para você, isto o tenha arruinado.

— Absolutamente - replicou Joshua, enquanto Hugh Garnett abandonava o salão do baile com seus cinco cúmplices atrás. — Para falar a verdade, acredito que já vai sendo hora de que se sirva o jantar no salão, embora não haverá assentos para todos. Talvez seja melhor que agarremos um prato e procuremos um lugar em outro lugar. Lady Freyja e eu iremos de grupo em grupo para conversar um momento. Depois de tudo, o baile também é para celebrar nosso compromisso.

Entretanto, justo quando a gente estava a ponto de seguir a sugestão do Joshua, o reverendo Calvin Moore pigarreou e

começou a falar de forma inesperada utilizando a voz que reservava para o púlpito, embora tremesse de indignação.

— Isto não foi outra coisa que um desprezível ato de rancor — afirmou -

ocasionando, não me cabe dúvida, por algum problema relacionado com o contrabando no que estou seguro que Joshua ficou de parte da lei e da justiça. Faço-lhes saber que minha presença em Penhallow se deve a meu desejo de ajudar na medida do possível a minha prima, a marquesa, para enfrentar à tremenda inquietação que precisamente a ser informada desta crise lhe tinha provocado. Não estou aqui porque cobiçasse o título. Nunca o fiz e isso não mudou. Sou um clérigo e me sinto muito feliz com o que me proporcionou a vida.

Houve outro turno de aplausos, embora quase todos os convidados estivessem ansiosos por comer algo e por procurar a oportunidade de deixar atônito a algum outro, repetindo palavra por palavra o que acabavam de ouvir como se esperassem encontrar a alguém que ficou dormindo e não se soube de nada.

Freyja arqueou as sobrancelhas quando viu que Joshua se aproximava com um olhar risonho.

— Vê, encanto? - disse-lhe. — Às vezes é melhor manter a boca fechada e deixar que o oponente arroje as pedras a seu próprio telhado.

— Tal como eu fiz na Sala da Fonte? - quis saber.

Ele estendeu os dois braços e lhe rodeou os pulsos com o indicador e o polegar.

— Vamos, vamos, não acreditará que um cavalheiro responderia a essa pergunta, não é? —perguntou. — Mas se a pedra for bastante gorda...

— Suponho que a isto se referia o senhor Perrie aquela manhã – deduziu - quando lhe disse que o deixasse tudo em suas mãos.

Joshua lhe sorriu.

— Já vê... – replicou. — Minha tia e Hugh Garnett não são dignos rivais.

Foi tudo bastante decepcionante, não acha?

— Os fofoqueiros seguirão falando disto durante os próximos cinquenta anos – disse. — Sobreviverá ao passado do tempo para converter-se em uma lenda que passará de geração em geração.

Joshua estalou a língua.

Não tinha pedido a nenhum deles que o fizesse, nem sequer a Perrie.

Embora de qualquer modo o tivessem feito por ele, em um ato de confiança cega. Porque o conheciam, assim como conheciam o Albert, e não tinham duvidado de sua história nem um só instante. Como tampouco tinham acreditado nem por um momento que fosse o pai do filho de Anne Jewell, mesmo que jamais o tivesse negado e mesmo que a alguns houvesse custado um tempo para aceitar a presença da mãe e do menino no povoado. Tinham acreditado nele.

Era difícil acreditar que tivesse deixado a semelhantes amigos atrás e não tivesse desejado voltar jamais.

Passou o jantar movendo-se entre os convidados com Freyja, tal como tinha prometido. Só havia uma coisa que empanava sua felicidade, e essa coisa era a única mentira que lhes tinha contado. Acabava de repeti-la pouco antes. Essa noite, havia - dito a seus amigos, era para celebrar seu compromisso. Mas não estavam

comprometidos. Não a menos que conseguisse convencê-la para que mudasse sua opinião sobre ele.

Embora isso não parecesse muito justo.

Chastity lhe deu uma batidinha no braço justo quando os convidados começavam a abandonar a sala de jantar para retornar ao salão de baile.

Estava muito pálida. Parecia estar jogando mão de toda sua força de vontade para continuar em pé.

— Joshua - lhe disse. — Poderia vir à biblioteca? Pedi a mamãe, a Constance, ao primo Calvin e a sir Rés Newton que nos acompanhem também. E à senhorita Jewell. Freyja, nos acompanha, por favor?

Mas Joshua a agarrou pela mão e lhe deu um forte apertão.

— Não, Chass! – exclamou. — Não! Não o faça. Não é necessário.

— Sim - protestou ela, olhando-o muito séria nos olhos antes de escapar de sua mão e dar meia volta. — Sim que o é.

Joshua fechou os olhos um instante e admitiu com um suspiro para si mesmo que provavelmente teria razão. Claro que tampouco tinha modo de detê-la.

— Descobriremos por fim o que aconteceu a noite daquela época? - perguntou Freyja em voz calma.

— Vamos ver - disse ele, oferecendo-lhe o braço.



CAPÍTULO 22

— Ninguém disse a verdade no salão de baile faz um momento -

afirmou Chastity. Tinha-os convidado a sentar-se e todos tinham aceitado, à exceção de Joshua, que estava de pé de costas à janela, e dela mesma, que se aferrava a borda da escrivaninha em busca de apoio — Ninguém.

— Sei lady Chastity - lhe assegurou sir Rés Newton, - rogo-lhe que não se inquiete. Hugh Garnett pode ser muito perturbado quando teima em fazer alguma maldade, e esses homens que o apoiaram é um bando de sem-vergonhas. Não acha que não estou a par de seus esforços para estabelecer um negócio de contrabando há uns anos, embora não dissesse nada em seu momento. Quanto a aqueles que apoiaram a lorde Hallmere... Enfim, cometeram perjúrio, e isso é tão certo quanto estou aqui sentado, mas conhecem seu muito ilustre, confiam em sua palavra e é evidente que decidiram que a verdade depende do cristal com qual se olhe. Estou mais que disposto a fingir que esta noite não aconteceu nada, e que nos limitamos a dançar, comer e desfrutar da companhia de nossos vizinhos.

— Talvez esse seja o problema - interveio a marquesa com voz amarga.

Tinha abandonado a máscara de doçura que costumava levar. — Todos quiseram sempre ao Joshua. Todos acreditaram sempre em

sua palavra.

Ninguém, nem sequer meu marido, quis investigar o que aconteceu aquela noite. Albert partiu para discutir com Joshua sua evidente imoralidade ao seduzir a uma de nossas empregadas e foi ele quem morreu. Joshua foi a última pessoa que o viu com vida. Não é isso o bastante suspeito para fazer duvidar às pessoas?

— Sei que todos mentiam - disse Chastity, elevando a voz e pronunciando cada palavra com muita deliberação embora seu olhar estivesse cravado no chão - porque nenhum deles esteve fora essa noite, nem no mar nem na terra, para presenciar o que aconteceu. Ninguém salvo Joshua e Albert. E eu.

Pelo amor de Deus! Joshua cravou seu surpreendido olhar nela, igual ao

resto dos presentes. O que estava se passando ali?

— Eu vi o que passou - assegurou Chastity — Eu fui a única que o viu.

— Eu também o vi, Chastity - a corrigiu Anne Jewell em voz baixa.
— Eu estava com você.

Que demônios...? Pensou Joshua.

Chastity olhou a sua antiga preceptora com o cenho franzido, mas não a contradisse.

— Fui ao povoado - explicou sua prima. — Sabia que Albert ia falar com Joshua e lhe segui. Primeiro passei pela casa da senhorita Jewell e as duas juntas fomos a do Joshua. Mas descobrimos que tinham saído em barco.

Fomos ao mole para esperar sua volta. O céu já estava coberto de nuvens e o vento começava a aumentar. Não havia ninguém mais

por ali. Levava uma pistola comigo.

— O que!?

A marquesa se deixou cair sobre o espaldar de seu assento, mas ninguém lhe prestava atenção, de modo que decidiu não desmaiar.

— Procuramos o amparo de um barco para nos resguardar do vento quando vimos o Joshua retornar - continuou Chastity. — Estava remando. A princípio achamos que Albert não estava com ele, mas depois o vimos nadar junto ao bote. Quando estiveram perto da margem, Joshua voltou a afastar-se no barco e Albert chegou nadando à margem.

— Obrigado, Chass - disse Joshua com firmeza ao mesmo tempo em que dava um passo para ela. — É a única coisa que precisamos saber, Confirma o que levo dizendo todo este tempo. Por que não... ?

Freyja se levantou nesse momento e se aproximou o bastante para lhe pôr uma mão no braço.

— Nesse caso - interveio Calvin - temos que saber o que aconteceu ao Albert dado que chegou à margem são e salvo.

— Enfrentei a ele - disse Chastity. — Com a pistola. Apontei-lhe com ela e o forcei a continuar na água. Disse-lhe que podia ficar ali e congelar-se até que me promettesse que ia falar com nosso pai e que confessaria tudo; até que me promettesse que partiria de Penhallow para não voltar nunca.

— Chass...! - exclamou Constance antes de observar a Anne Jewell com

expressão aflita. — Albert era o pai de seu filho, não é verdade? Suponho que sempre o soube. Nunca quis reconhecê-lo embora jamais acreditasse que fosse Joshua.

— É uma criatura horrível! - exclamou a marquesa, fulminando a Chastity com o olhar. — Jamais acreditarei. Jamais! E se esta... Se esta puta afirmar que é certo, mente! E também Joshua. Mas mesmo que fosse assim, como se atreve a ameaçar a seu próprio irmão, sangue de seu sangue, com a morte ou o desterro só porque desfrutou de uma mulher que o estava pedindo a gritos, sempre lhe fazendo olhinhos e tirando-o do quarto infantil para lhe ensinar algo na sala-de-aula? Sim, senhorita! Não acredite que não me dava conta.

— Não havia buraco de bala no corpo - disse sir Rés. — Seu irmão se afogou, lady Chastity.

— Riu de mim - explicou ela. — Disse que não ia sair da água, que nadaria um pouco mais porque fazia uma noite linda. Deu meia volta e se afastou nadando. — Chastity se cobriu o rosto com ambas as mãos. — Se alguém o matou, fui eu.

Constance ficou em pé de um salto e cruzou a sala para abraçar a sua irmã. Chastity se apoiou nela um momento, mas depois a afastou com delicadeza.

— Não foi só pela senhorita Jewell – prosseguiu, - embora isso já era bastante horrível. A senhorita Jewell caiu nas garras de Albert porque o afastava deliberadamente do quarto infantil.

— Sim! - exclamou a marquesa, fazendo um furioso gesto com o braço.

— Chastity - disse Anne Jewell - por favor, querida...

— Chass - interveio ele, - deixa-o estar. Já disse muito. Deixa-o estar.

— Alegrei-me quando me inteirei de que estava morto - afirmou sua prima. — Me alegrei. Que Deus me ajude, mas continuo me alegrando. Prue tinha treze anos. Treze! E era sua irmã. Mas Albert

acreditava que como tinha a mente de uma menina e a disposição de uma menina por agradar e por fazer quanto lhe dissesse, podia lhe fazer algo que quisesse e sair impune. Sinto... Quase sinto que não me desse um motivo para lhe disparar.

A marquesa gritou e se deixou cair contra o espaldar de seu assento; nessa ocasião Constance percebeu e se apressou a aproximar-se dela para

pegá-la pela mão. Chastity cambaleou contra a escrivaninha.

Calvin pigarreou.

— Eu também o sinto, Chastity - disse Freyja. — Tem toda minha admiração.

— Se minha palavra vale de algo, corroboro todo o dito por lady Chastity - concluiu Anne Jewell.

Sir Rés Newton ficou em pé.

— Já ouvi bastante – declarou. – Agradeço-lhe que me tenha feito partícipe desta reunião, lady Chastity, e destes terríveis segredos familiares. Nunca duvidei da história de lorde Hallmere, mas seu relato do acontecido acabou com qualquer fresta de dúvida que pudesse albergar.

Você não é responsável pela morte de seu irmão. Como magistrado, absolvo-a de toda culpa. Quanto à dor que acompanha a esta tragédia e às revelações desta noite para quem não sabia a verdade... Enfim, isso não é de minha incumbência. Os deixarei e retornarei ao salão de baile com minha esposa.

Fez uma reverência e partiu da sala sem mais demora.

— Essa menina... Prudence - disse a marquesa ao mesmo tempo em que afastava a Constance e se erguia em seu assento - tem que

sair desta casa, tem que partir para o asilo onde deve estar. Isto jamais teria acontecido se não tivesse estado revoando ao redor de Albert todo o tempo; e isso não quer dizer que acredite que lhe demonstrasse outra coisa diferente ao carinho filial. Albert sempre foi um moço tão carinhoso... Não quero voltar a ver Prudence em toda minha vida. Se irá pela manhã. Primo Calvin, você se encarregará de que se vá se não se importar. É um clérigo. Tem que conhecer algum lugar adequado onde levá-la.

— Se Prue se for, mamãe, eu também vou - ameaçou Chastity.

— Já basta - disse Joshua com uma autoridade irrevogável enquanto se colocava no centro da biblioteca. — Já aconteceram suficientes coisas durante estas últimas semanas. Esperava que a verdade jamais fosse descoberta, mas talvez seja certo o ditado de que a verdade sempre acaba saindo à luz. Talvez fosse necessário que saísse à luz. Mas jamais devemos esquecer que Prue é a mais inocente das vítimas de tudo isto. Continuará nesta casa, em minha casa, durante todo o tempo que deseje tia, e sempre

será bem-vinda embora parta.

— Prudence é minha filha - chiou sua tia.

— E minha pupila - recordou-o. — Mas não brigaremos por ela como se fosse um objeto inanimado. Prue é uma mulher e tem uma mente própria e seus próprios desejos. É capaz de escolher seu próprio futuro, sua própria vida, e de fato já escolheu. Vai casar se com Ben Turner.

A marquesa o olhou boquiaberta antes de ficar em pé para enfrentar a ele com o rosto pálido e mudado pela raiva.

— Vai casar a lady Prudence Moore com um pescador? -perguntou-lhe.

— Farei o anúncio assim que retornemos ao salão, tia – respondeu.
—

Venha comigo, sorria e se mostre agradada. Amanhã discutiremos todos os pormenores. Esta noite temos convidados a quem tratar com atenção e estamos descuidando-os.

Mas sua tia não olhava a ele, tinha os olhos cravados em um pouco situado a suas costas, e tinha apertado os lábios com força.

— Você! - exclamou, passando junto a ele para ficar cara a cara com a Freyja. — Todo isto é sua culpa! Se não tivesse empregado suas artimanhas para seduzir a Joshua em Bath e tirar-lhe a Constance diante de seu nariz, a estas alturas já estaria comprometido com ela e teríamos sido a família feliz que sempre devemos ser. E agora veio para invadir Penhallow e para nos manipular com sua orgulhosa e desdenhosa família.

Freyja arqueou as sobrancelhas e observou à marquesa com gélido e silencioso desdém.

Joshua contemplou estupefato, como sua tia levantava o braço e a esbofeteava com força. Estendeu a mão inutilmente, porque chegou muito tarde.

Freyja jogou o braço direito para trás e atirou a sua tia um murro no nariz. A marquesa caiu ao chão como um saco de batatas.

Calvin pigarreou. As restantes damas contemplavam a cena como se esperassem com paciência a representação do seguinte ato. Joshua percebeu que uma das plumas do toucado de sua tia se partiu pela metade.

— Começava a temer, e muito - declarou Freyja - que nunca me daria a desculpa para fazer isto. Alegro-me muitíssimo de que o fizesse.

O baile chegou a seu fim a meia-noite, e todos retornaram as suas casas depois de assegurar a Joshua enquanto se despediam que jamais tinham desfrutado de uma festa melhor. O drama encenado por Hugh Garnett no meio do baile, supôs Freyja, só tinha contribuído a que a noite fora muito mais entretida.

Como também contribuiu o anúncio do compromisso de Prue e Ben; a borbulhante felicidade da que fez demonstração o casal durante o resto da noite esteve a ponto de lhe saltar as lágrimas em mais de uma ocasião. E em cada uma de tais ocasiões teve que piscar para evitar o pranto. Lady Freyja Bedwyn não era muito menos dada às lágrimas sentimentais.

Por incrível que parecesse, a marquesa retornou ao salão de baile com o resto da família. Seu nariz seguiu tinto bastante tempo (como sua própria face, recordou-se) e algumas plumas de seu toucador sofreram certa modificação, mas fez demonstração de uma grande compostura e esboçou seu habitual sorriso de mártir.

Constance dançou as três últimas peças da noite com o administrador de Joshua, conforme descobriu com certo interesse, o senhor Jim Saunders, que não tinha dançado até então. Constance, que por regra geral sempre se mostrava serena, digna e comedida, foi incapaz de ocultar o amor que lhe brilhava nos olhos e nas faces. Para falar a verdade, estava linda. Depois dos primeiros instantes, o senhor Saunders lhe devolveu os olhares com a mesma devoção.

— Foi uma noite maravilhosa, Joshua - disse Eve quando ficaram a sós no deserto salão de baile. A marquesa e o reverendo Calvin Moore se retiraram a seus aposentos. Chastity e a senhorita Palmer levaram Prue para que se deitasse. Constance tinha desaparecido com o senhor Saunders

- fomos a este tipo de noite na estalagem do povo em nosso lar, não é certo, Aidan? Mas esta noite me fez compreender que devemos

convidar a todo mundo a nossa casa, talvez para celebrar uma festa estival ao ar livre ou uma festa de Natal O...

Aidan pôs-se a rir e lhe rodeou a cintura com um braço.

— Ou ambas, meu amor – disse. — Sabia que iria contar com o apoio de tanta gente esta noite, Joshua?

— Digamos que não me surpreendeu muito - respondeu com um sorriso.

— Foi impagável - interveio Alleyne. — Embora tomasse a coisa tivesse chegado aos punhos. Teria-me encantado apagar esse sorriso ao tal Garnett. Mas suponho que foi melhor não chegar a esses extremos dada a presença de tantas damas, não?

— Ao menos eu consegui dar um murro na marquesa - disse Freyja.
—

Nunca me senti mais feliz que quando me esbofeteou.

— Veem? — Morgan levantou os braços. — Sempre perco o melhor.

Não me conta nada, Freyja. O que se passou?

— É uma longa história - respondeu ela - e não me corresponde contá-la.

— Vieram aqui para me apoiar quando tudo parecia indicar que me iriam acusar de assassinato - disse Joshua. — Acredito que ganharam o direito a conhecer a verdade. E sei que posso contar com sua discrição.

Fez-lhes um breve resumo das revelações que se produziram na biblioteca.

— Ai, Prue! - exclamou Eve, que fechou os olhos quando Joshua terminou seu relato e rodeou a cintura de seu marido com o braço.

—

Minha doce e inocente Prue. Mas tinha a Chastity, à senhorita Jewell e ao Joshua como seus paladinos, e agora vai ter ao Ben Turner, um moço agradável e sensato. Acredito que será feliz. E eu estou desejando me retirar.

Aidan a beijou na cabeça.

Freyja os contemplou com melancolia. Era a primeira vez que presenciava uma amostra de afeto entre eles em público.

— Pois eu não - assegurou ela. — Necessito de um pouco de ar fresco, de um pouco de exercício e que o vento me dê no rosto. Acompanha-me à praia, Josh?

Alleyne lhe sorriu e moveu as sobrancelhas com ironia, mas não houve nem comentários nem protestos. Retiraram-se a seus quartos enquanto ela punha a toda pressa um vestido de lã, uma capa abrigada com capuz e uns sapatos adequados. Era uma noite muito fria, não pensava deixar-se enganar pela ausência de nuvens. Não necessitariam de um farol para lhes iluminar o caminho para o vale, nem para seguir o curso do rio. Joshua também tirou o traje a rigor, percebeu quando se reuniu com ele no

vestíbulo.

Uma deprimente sensação flutuava no ambiente e necessitava que o vento a levasse. O perigo para Joshua tinha terminado... E depois de uma cena enormemente satisfatória no salão de baile. Todas as dúvidas sobre a noite da morte de Albert se limpavam. Tudo tinha acabado. Não ficava nada mais por fazer.

Nada que os fizesse seguir em Penhallow.

Nada que os fizesse seguir juntos.

— Ficaré para as bodas de Prue? - perguntou ao Joshua.

— Sim - respondeu ele.

— Todo o mês que devem correr as proclamas? – inquiriu. —

Aguentará todo esse tempo aqui porque a quer, Josh?

— Sim - respondeu.

Não era a pessoa que tinha acreditado que era. Tinha-o compreendido poucos dias antes, não sem certa irritação. Nesse momento se alegrou de que fosse assim, e também se alegrou de ter tido a oportunidade de descobrir o tipo de pessoa que era em realidade.

— E depois o quê? - perguntou-lhe. — Tudo seguirá como sempre foi e você... O que? Partirá? Voltará a desfrutar da vida?

— Tenho o pressentimento - disse ele - de que o matrimônio de Constance não demorará a chegar. Acredito que esta noite lhe caiu a atadura dos olhos em mais de um assunto. Está claro que estava fazendo uma declaração quase pública de seus sentimentos pelo Jim Saunders justo antes de acabar a noite e ele parecia mais que disposto a deixar-se convencer para contrair matrimônio com alguém de uma posição social muito superior a dele.

— Isso quer dizer que dará sua aprovação ao enlace? -inquiriu.

Perguntou-se o que diria Wulfric se de repente ela se embarcasse em um romance com um de seus administradores.

— Sim – respondeu - embora minha aprovação não importa absolutamente, não acha? Constance é maior de idade e não está sob minha tutela. E, igual a Prue, tem suas próprias ideias e é muito capaz de decidir por si mesma o que lhe reportará a felicidade. Não posso pensar em termos

dinásticos, Freyja. Não me educaram dessa maneira.

— Também ficará para essas bodas? - aproximavam-se do final do vale e a íngreme ladeira da colina já não os resguardava do frio vento do este, que fazia ondear suas capas.

— Sim – respondeu. — Eu gostaria que vivessem na residência da viúva, mas antes tenho que me encarregar de certos assuntos.

— Isso quer dizer que a pobre Chastity ficará em Penhallow só com sua mãe - disse Freyja. – Embora ao menos suas irmãs estarão perto.

— Minha tia não pode continuar vivendo em Penhallow - declarou ele, virando a cabeça para olhá-la — Penhallow vai ser meu lar.

— Ah! — Olhou-o surpreendida de certa forma. Embora não lhe ocorreu o que dizer. Sentia-se ferida por alguma razão que não atinava a compreender.

— Terá que viver também na residência da viúva se não ficar mais remédio – explicou. – Mas vou fazer tudo que esteja em minha mão para lhe encontrar outro lugar onde viver. Além disso, estou certo de que não quererá residir tão perto de mim.

— E Chastity? - voltou a perguntar.

Joshua suspirou.

— É minha pupila – respondeu - mas não minha cativa. Não posso decidir o que vai fazer, não é? Talvez escolha partir com minha tia. Talvez vá viver com Constance... Ou talvez fique em Penhallow. Darei-lhe a oportunidade de desfrutar de uma temporada social em Londres se gostar, embora não estou muito seguro de como fazê-lo. Claro que sou o marquês de Hallmere, não? Um homem de relevância e influência — Sorriu-lhe.

Rodearam o cabo e ante eles apareceu a ampla extensão de areia da praia, limitada pelas altas escarpas a um lado e o mar pelo outro. Teve a sensação de estar na margem entre o mar e a terra, sem poder decidir exatamente onde se encontrava. Escutava o som da água e via a lua refletida em sua superfície. Ali fazia mais frio, e o ar era mais úmido e salgado. Levantou a cabeça e inspirou fundo.

Assim ia ficar. Ia fazer se encarregado de suas responsabilidades como cabeça de família. Ia assentar a cabeça. Sem ela.

— Bom, talvez o veja a primavera próxima em Londres – disse —

Morgan fará sua apresentação em sociedade.

— Quero a primeira valsa do primeiro baile - exigiu ele - dançamos a valsa uma só vez, Freyja, e tivemos que interrompê-la pela necessidade de correr atrás do mestre de cerimônias para anunciar nosso compromisso.

Puseram-se a andar pela praia com o vento no rosto.

— Pois considero reservada a primeira valsa - lhe assegurou.

Caminharam em silencio durante um momento. Sem tocar-se. Ela tinha as mãos sob a capa e ele, entrelaçadas às costas.

— A maré está subindo - advertiu ele, - mas temos tempo de sobra antes de ficar isolados do vale.

— Acha que se suicidou? - perguntou-lhe.

— Albert? — Joshua guardou silêncio uns instantes. — Devia dar-se conta de que estava em um bom apuro. Também sabia que sua mãe não lhe achava falta alguma e que seu pai era fraco. De qualquer maneira, não parecia desse tipo de homens que acabam tirando a vida. Mas quem sabe?

Chass lhe tinha dado um ultimato. E eu também. Disse-lhe que se continuasse em um raio de dez quilômetros de Penhallow quando caísse a noite do dia seguinte, o mataria com minhas próprias mãos. Não acredito que o tivesse feito, mas lhe teria dado uma surra de morte. Ele também sabia. Suponho que o frio pôde com ele ou que lhe deu uma câibra. Era uma criatura infame e desagradável, Freyja... Sempre suspeitei que era ele quem andava atrás do negócio de contrabando. Mas já basta deste assunto. Está mais que resolvido.

Deteve-se e cravou o olhar no mar. Ela fez o mesmo, e percebeu a maravilhosa imensidão do universo e da euforia que lhe provocava o saber ser parte dele.

— Freyja - disse ele - o que vai fazer durante o resto de sua vida?

Não! Alertou-a o tom de sua voz e o fato de que a tivesse chamado Freyja em vez de Free ou encanto.

— Seja o que seja - respondeu ao mesmo tempo em que levantava o queixo - o farei sem você, Josh. Não sou um de seus cabos soltos para que deva me deixar bem atadinha antes que possa te estabelecer aqui em paz.

Jamais formou parte de nosso acordo que tivesse que se sentir obrigado a

me fazer uma proposta séria.

— O que acontece se o que sinto não é uma obrigação? – inquiriu ele.

Entretanto, sentiu um doloroso nó na garganta e se deu conta com certo espanto que se permitia que Josh pronunciasse uma palavra mais, bem poderia ficar em ridículo e começar a soluçar. Como se atrevia!

Não necessitava nada disso. Virou-se com brusquidão e contemplou as escarpas. A luz da lua caía totalmente sobre elas. Dali debaixo não pareciam tão escarpados.

— Vou subir - declarou.

Joshua suspirou.

— De acordo - replicou ele. — Provavelmente seja melhor que retornemos. A maré está subindo muito depressa.

— Vou subir por aí. — Assinalou o topo das escarpas e experimentou a já conhecida sensação de que lhe afrouxavam os joelhos e ficava sem fôlego, como lhe acontecia sempre que se obrigava a fazer algo perigoso, sobre tudo algo que lhe resultasse aterrador. Tinha subido às árvores quando era menina pela simples razão de que lhe davam medo as alturas.

Joshua riu entre dentes.

— Voltarei buscá-la pela manhã, encanto – disse - para recolher seus restos. Não, não poderia fazê-lo, não é verdade? Teria os levado a maré. Que demônios está fazendo?

Caminhava direta para as escarpas.

— Vou escalar por aí - respondeu.

— Por quê? — Joshua a tinha alcançado. — Nem sequer corremos perigo de que a maré nos deixe apanhados.

— Por quê? - repetiu com altivez. — Que pergunta mais estúpida, Josh.

Pois porque estão aqui, é obvio.

Jogou a capa para trás, procurou os primeiros cabos e subiu, afastando-se da areia. Olhou por cima do ombro.

— Aposto uma corrida até o topo - lhe disse.



CAPÍTULO 23

O que deveria ter feito, pensava Joshua, era afastá-la da parede da escarpa e levá-la de volta à casa através do vale, embora tivesse sido à força. Claro que essa teria sido a única maneira de fazê-lo. Teria tido que imobilizá-la sob um braço ou colocá-la ao ombro e esquivar-se de seus murros na medida do possível sem respondê-los, enquanto fazia ouvidos surdos a seus insultos. Mas ao menos continuaria vivinha e abanando o rabo quando a deixasse a salvo em Penhallow.

Essa teria sido a opção responsável, e já levava mais de uma semana atendo-se ao milímetro à responsabilidade. Converteu-se em outra pessoa, em um adulto amadurecido, em um marquês sério cuja vida a ditava o dever. Preparou-se para adotar uma tediosa respeitabilidade e uma nova maturidade.

E o que estava fazendo em lugar de arrastar Freyja de volta à casa sua e salva?

Escalando as escarpa com ela, isso estava fazendo.

Em plena noite e sofrendo o forte açoite do vento.

E com o impedimento de suas saias.

Embora também o estivesse passando em grande. Grande estupidez! A descarga de emoção que provocava o perigo era incrível!

Não era tão perigoso como parecia; sobre tudo, visto de cima. Embora as escarpas fossem escarpas, tinham um grande número de cabos seguros onde apoiar mãos e pés. O problema era que uma vez que se começava a escalada não havia volta atrás. Em primeiro lugar, porque descer era muitíssimo mais difícil que escalar. Em segundo lugar, porque a maré já chegava à desembocadura do rio e o único modo de chegar ao vale seria a nado.

Não tinha aceitado o desafio da corrida. Mantinha-se tão perto dela como lhe era possível e ligeiramente atrasado, como se acreditasse que

desse modo poderia agarrá-la em caso de que escorregasse e caísse.

Embora pudesse lhe oferecer ajuda se ficasse parada. Claro que não pensava dizer-lhe isso. Não queria que seu aborrecimento a distraísse. Cada vez que se detinha, as vezes durante mais de um minuto, ele aguardava em silêncio.

Sabia que, assim que chegassem ao topo, se deixariam cair ao chão com as pernas frouxas e imprestáveis durante um bom tempo. E também que se deitariam de barriga para baixo, agradecidos de sentir a terra debaixo deles e aferrando-se a sua presença como se esperassem que algo os jogasse no vazio em qualquer momento. Além disso, sabia que iriam jurar que jamais voltariam a ser tão insensatos, como ele mesmo tinha jurado cada vez que escalava a parede quando era pequeno.

Os últimos metros eram os mais difíceis, já que a pedra estava intercalada com zonas de terra, erva e paus soltos, e o perigo de

apoiar o pé em falso e de escorregar era muito real. Recordou que a primeira vez que subiu por ali passou uma meia hora imóvel a um corpo da borda, incapaz de mover um só músculo enquanto tentava convencer-se de que devia fazê-lo se não quisesse sofrer a vergonha de perder o controle da bexiga.

Freyja não cometeu o engano de atrasar-se muito tempo e permitir que a paralisia se apropriasse dela.

Tinha estado sopesando diferentes soluções se fosse o caso. Em pouco tempo transpôs atrás dela a borda do terreno baixo onde tinham estado uns dias antes e tombou de barriga para baixo a seu lado na erva, resfolegando.

Ela foi a primeira, depois de uns cinco minutos, em tornar a rir.

Não demorou em imitá-la.

Jazeram um junto ao outro explodindo em risadas e aferrando-se ao mundo como se esperassem que a força da gravidade se desvanecesse de repente.

— Acredito que ganhei - disse ela; uma afirmação de tal profundidade e engenho que os fez explodir em gargalhadas de novo.

— Suponho – comentou - que tem medo das alturas, não?

— Desde que era pequena - admitiu ela.

Riram com tanta vontade que ficaram sem fôlego. Ficou de lado para

olhá-la e ela fez o mesmo.

— Não terá frio, não é? - perguntou ele.

— Frio? - repetiu Freyja, arqueando as sobrancelhas — Frio!?

Encontraram-se a meio caminho do espaço que os separava e não demoraram a ter certo êxito na empresa de ocupar dito espaço ao uníssonos. Abraçaram-se, uniram as bocas e se beijaram com o ímpeto de dois insensatos que sabiam muito bem que acabavam de desafiar à morte e tinham ganhado a partida.

Não demoraram em unir seus corpos em um matagal de roupa, braços e pernas; de paixão, desejo e ardor. Fizeram amor com frenesi, ardor e entusiasmo.

— Querida - murmurava Joshua entre outras estupidez do estilo cada vez que sua boca ficava livre.

— O amo. Amo— O muito - respondia ela.

Alcançaram juntos o clímax; uns três minutos depois de que tudo tivesse começado. Como se uma vez que a escalada tivesse acabado, estivessem imersos em uma corrida. Cujas metas, por mútuo acordo, transpassaram ao mesmo tempo.

Voltavam a ofegar, e Freyja voltava a rir a gargalhadas com o rosto enterrado em seu ombro enquanto ele a rodeava com um braço e utilizava o outro para estender as capas sobre ambos.

— O que foi isso? - perguntou-lhe com a boca junto à orelha. — É que me falha o ouvido de repente? Quer-me? Quer-me muito? A paixão e o desejo tomaram conta de você, encanto?

Freyja deixou de rir, mas não respondeu.

— O gato comeu sua língua?

— Não o prejudique, Josh - disse.

— Para mim o prejudicaria se partisse deste lugar dentro de uns dias com um alegre sorriso - replicou ele - como se fosse começar com os preparativos das bodas. E depois ter que esperar a chegada

de uma carta que pusesse fim a nosso compromisso de modo oficial. E depois ter que dançar com você uma valsa na próxima primavera, depois de ter vivido todo um inverno desejando que chegasse essa meia hora. E depois ver-me

obrigado a passar toda a vida sem você.

Escutou-a tomar uma funda baforada de ar.

— Não é necessário... - começou ela.

— Maldita seja! - interrompeu-a antes que pudesse soltar o discurso que ele já tinha previsto — Freyja, sejamos sinceros por uma vez. Já estou farto de mentiras, de evasivas e de segredos. Se tudo isto só foi uma brincadeira para você, de acordo. Diga-o sem rodeios e a deixarei partir sem pigarrear; a menos que esteja grávida, claro está. Mas se for partir de meu lado porque acredita que deve honrar nosso trato de que seria um compromisso temporário e porque acredita que meu desejo de formalizar nosso noivado só é uma questão de honra, está cometendo um engano! É

absurdo! Seja sincera comigo. Me ama?

Sua voz soou muito normal... Distante e altiva.

— É obvio que o amo - respondeu.

— É obvio... - repetiu ele antes de voltar a explodir em gargalhadas.

Abraçou-a com força, já que parecia que não podia parar de rir

— Vamos permitir que um trato de nada arruíne o resto de nossas vidas?

— Cada vez que discutamos, porque vamos discutir; Josh – lhe advertiu-, perguntaremos se o outro se sentiu obrigado a casar-se.

— Que estupidez! - exclamou Joshua. — Não me acredita capaz de ser sincero com você, Freyja? Amo-a, adoro-a e não posso imaginar maior felicidade que passar o resto de minha vida amando-a, rindo, discutindo e inclusive brigando com você. E confio em que você também seja sincera comigo. Disse-me que me quer. Que é obvio que me quer! Isso inclui o desejo de casar-se comigo de viver aqui comigo durante o resto de sua vida, de ter bebês comigo e de te divertir comigo? De compartilhar as tristezas da vida comigo? E todas suas alegrias?

— É obvio que inclui esse desejo – respondeu. — Mas estou aterrada, Josh!

— Por quê? - perguntou-lhe. Havia voltado a enterrar o rosto no ombro.

— Nunca me dei bem com o amor, nem com os compromissos, nem com os planos de matrimônio – confessou. — Se me rendo agora à felicidade, é possível que tudo se desmorone diante de meu nariz.

— Ai, encanto – replicou. — O que se passou o outro dia, quando tinha medo do mar?

— Eu não tinha...

— O que aconteceu?

Um curto silêncio seguiu à pergunta.

— Convenci-o de que me levasse a ilha - respondeu no final.

— E?

— E insisti em remar parte do caminho de volta.

— Mesmo que se viu obrigada a trocar de lugar comigo - acrescentou ele. — O que fez esta noite apesar de que lhe aterrava

a altura das escarpas?

— Escalá-las - respondeu.

— E agora lhe aterra me querer - continuou Joshua. — O que vai fazer a respeito?

Ela afastou a cabeça de seu ombro e o olhou lançando faíscas pelos olhos.

— Querê-lo de todas as formas – respondeu. — Não me faça a pergunta seguinte Joshua, se valoriza em algo seu nariz. Recordame tudo o que me aborrecia em minhas preceptoras; faziam-me um sem-fim de perguntas à espera de me surrupiar as respostas adequadas com infinita paciência.

Agora vai me perguntar o que penso fazer com o medo que me provocam um compromisso real com você e um matrimônio real com você.

Olhou-a nos olhos sem dizer nada.

— Estamos comprometidos - afirmou ela com voz cortante. — Já está.

Isso é o que vou fazer. Estamos comprometidos de verdade. Mas se lhe ocorrer morrer antes das bodas, Josh, o perseguirei pelo céu e pelo inferno depois de minha morte e lhe darei uma surra, entendeu-me?

— Sim, encanto - respondeu ele com docilidade, esboçando um sorriso.

— Mas quero me escutar enquanto lhe faço a pergunta. E quero escutar sua resposta. Sentou-se e comprovou que continuava a uma distância segura da borda antes de plantar um joelho no chão

em uma ridícula pose. Agarrou uma de suas mãos e lhe ofereceu seu sorriso mais encantador.

— Lady Freyja Bedwyn – começou - conceda-me a maior honra de aceitar minha mão em casamento? Desde que fique claro que é um casamento por amor de ambas as partes?

— Isso é ridículo - lhe disse.

— Sei, encanto - assegurou ao mesmo tempo em que lhe lançava um beijo. — Mas quero que algum dia possa se gabar deste momento com nossos netos; quero que lhes diga que seu avô fincou um joelho no chão e lhe rogou que se casasse com ele.

— Jamais acreditarão - replicou ela- quando olharem à anciã em que me terei convertido e depois olhem ao belo cavalheiro que será você. —

Endireitou-se com um suspiro. — Mas recordarei este momento toda a vida e estou certa de que me encherão os olhos de lágrimas se não houver ninguém perto que possa ver-me. Sim, me casarei com você, meu amor. Me casarei com você; mas desde que fique claro que os dois o fazemos por amor.

Ajoelhou-se em frente a ela ao mesmo tempo em que ela se sentava e ambos sorriram como um par de imbecis ufanos enquanto o vento agitava o cabelo de Freyja em frente a seu rosto e ele recordava a tremenda queda que se abria apenas a um metro atrás.

— Estou esperando sentir a tão propalada perda de liberdade - lhe disse - mas não sinto nada. Sou um homem comprometido e nunca me senti mais livre. Sinto-me livre com Free! Retornamos à casa para lhes comunicar as notícias?

— Mas para eles não suporá nenhuma diferença, não acha?

— Deus, não! - exclamou com um sorriso. — Mas temos que celebrá-lo de algum modo, encanto. Alguma sugestão?

— Josh! - disse ela ao mesmo tempo em que estendia os braços. —

Deixa de dizer estupidez e veem aqui.

— Uma ideia brilhante - disse ele.

Joshua tinha saído a atender uns assuntos quando ela perguntou por seu paradeiro a manhã seguinte.

Invadia-a uma emoção desconhecida; mas embora estivesse rodeada de amigos e familiares, não podia confiar em ninguém. O que ia dizer lhes?

Estou apaixonada?

Estou comprometida?

Vou me casar?

Com o Joshua?

Além do fato de que todos a olhariam como se tivesse perdido a razão por completo, era muito humilhante. Não era o tipo de pessoa dada a estúpidos arrebatamentos sentimentais.

De modo que se decidiu a dar um passeio; até o povoado. De qualquer forma precisava fazê-lo. E tinha que fazê-lo a sós. Ninguém devia inteirar-se. A mera ideia de que alguém o fizesse lhe provocava calafrios.

— Bom dia - disse quando Anne Jewell abriu a porta de sua casa em resposta a sua chamada. — Não! — Exclamou ao mesmo tempo em que erguia uma mão ao ver que a mulher estava a ponto de convidá-la a entrar.

— Não vou entrar nem incomodá-la mais do que o necessário.

— Mas... - protestou ela.

— Não, obrigada - tranquilizou-a Freyja sem descer a mão - me corrija se me equivocar, mas não acredito que seja muito feliz vivendo nesta aldeia, não é verdade?

O amável sorriso da mulher se apagou um pouco.

— Todos foram muito amáveis comigo – respondeu - sobre tudo Joshua... Lorde Hallmere. Mas não deve preocupar-se. Não aceitarei mais sua manutenção. Dentro de pouco terei mais alunos, ou espero isso.

Freyja estalou a língua.

— Acredita que me importa o assuntozinho da manutenção? -

perguntou-lhe — Estive observando-a e compreendi que é uma mulher inteligente que jamais se queixou de sua sorte embora esta fosse a consequência de um ato de generosidade e injustiça. Compreendi que é uma mulher cujo orgulho está intacto. Deseja continuar ensinando?

A atitude da senhorita Jewell se tornou receosa.

— É o que sempre quis fazer – respondeu. — Embora minha família nunca foi rica, tive a sorte de poder desfrutar de uma boa educação. Sempre quis ser professora.

— Se o desejar sei de um emprego que poderia ser seu - assegurou

Freyja, - em uma academia para senhoritas em Bath. É uma instituição muito respeitável e o salário seria suficiente para manter a você e a seu filho com certo grau de comodidade. Além disso, poderia levá-lo com você.

Meu advogado me notificou faz uma semana que necessitam de uma nova professora. De geografia, acredito.

A mulher a olhava fixamente.

— Tenho certa influência na academia - lhe explicou.

Anne Jewell umedeceu os lábios.

— Nada mais gostaria no mundo - disse com um fio de voz. — Sabem que David foi concebido.

— Sim - respondeu Freyja. — Ninguém o jogará na cara se cumprir sua função como professora.

— O farei. — Levou-se uma mão à garganta e fechou os olhos com força. — Meu Deus, o farei! Uma academia! Em Bath! Como poderei agradecer-lhe lady Freyja?

— De um modo muito simples - respondeu com voz firme. — Terá que assegurar que foi o advogado, o senhor Hatchard, quem lhe conseguiu o emprego e quem comprovou suas referências. Não diga nenhum outro nome, só o do advogado. Ele foi quem respondeu a sua carta quando perguntou sobre o posto e ele quem lhe respondeu oferecendo-o. Não deve mencionar alguma vez meu nome a ninguém, compreende? Em especial entre os muros da academia da senhorita Martin. E muitíssimo menos a ela.

A senhorita Jewell a olhava com os olhos arregalados.

— É claro - assegurou. — Sim, é claro.

— Dentro de uma semana ou duas receberá uma carta do senhor Hatchard com a oferta definitiva, os detalhes e as passagens para viajar a Bath com seu filho - informou Freyja. — Bom dia, senhorita Jewell.

Foi nesse momento que a porta entreaberta da casa se abriu e saiu o menino... Com o Joshua atrás.

— Estou preparado, mamãe - gritou o pequeno com alegria. — Olhe!

Tenho as mãos limpas. — Mostrou-as a sua mãe para que esta as inspecionasse primeiras as palmas e depois o dorso.

Freyja desejou com todas suas forças possuir a habilidade de fazer-se

invisível. Maldita fosse sua sorte!

Teria ouvido Josh algo? Embora parecesse genuinamente surpreso.

— Freyja! – exclamou. — O que faz aqui? Eu vim pelo David. Ocorreu-me que poderíamos organizar uma excursão para as crianças.

— Estava-me despedindo da senhorita Jewell - explicou - já que não demorarei para retornar a Lindsey Hall. Para começar com os preparativos das bodas. — Para sua mais absoluta vergonha, sentiu que se ruborizava.

Sem perda de tempo, lançou um olhar furioso a Joshua, que já estava lhe piscando um olho.

As lembranças da noite anterior foram como uma multidão a sua cabeça.

Retornaram juntos a Penhallow dando um passeio, embora David o fez montando feliz e orgulhoso o cavalo do Joshua enquanto este levava as rédeas.

— Se tivesse sabido que pensava ir a casa de Anne - disse Joshua, - teria esperado você. Poderíamos ter cavalgado até o povoado.

— Sim, bom - comentou com indiferença - é uma das mil coisas que tenho que fazer antes de partir.

— Encanto - replicou ele em voz calma - é uma embusteira.

Virou a cabeça com brusquidão e se encontrou com seu risonho olhar.

— Mas não receie - tranquilizou-a, - seu segredo está a salvo comigo.

— Que segredo? - perguntou com o cenho franzido.

— Que relação a une à senhorita Martin? - quis saber ele.

— Josh, me dá vontade de matá-lo por ter estado nessa casa esta manhã - lhe disse com voz gélida. — Suponho que teria a orelha junto à fechadura.

— Não me foi preciso, encanto – disse. — Foi você quem se negou a entrar e quem obrigou a Anne a ficar ali fora com a porta entreaberta. Se tivesse entrado, teria me visto. Não estava me ocultando nem muito menos.

— Era minha preceptora - respondeu, irada. — Tratei-a mau e foi despedida por sua incapacidade para me controlar; depois teve a desfaçatez de recusar a ajuda de Wulf para conseguir um novo emprego. A estúpida abriu uma academia em Bath e estava a ponto de morrer de fome

quando me inteirei. O que ia fazer? — Fulminou-o com o olhar.

Ele sorriu e lhe piscou um olho. O pequeno David soltou uma gargalhada quando o cavalo resfolegou e meneou a cabeça.

— Suponho que foi a benfeitora da academia depois - replicou Joshua.

— A benfeitora anônima.

— A senhorita Martin me odeia - lhe assegurou. — Se soubesse, recusaria minha ajuda, morreria de fome e eu teria que viver com os remorsos. Seria totalmente injusto.

Ele riu entre dentes, enfurecendo-a ainda mais. David estava gritando a alguns vizinhos do povoado enquanto os saudava com a mão, dando-se ares de cavalheiro.

— E suponho que, de vez em quando - prosseguiu ele - topa-se com alguém a quem poderiam ajudar na academia; uma professora em potência, por exemplo, uma aluna inteligente que não pode pagar a conta... Assim cede ao impulso, ao vergonhoso impulso, de ser amável e generosa.

— Josh - o repreendeu com severidade, - se não apagar esse sorriso antes que conte até três, o apagarei eu. Um.

— É uma mulher suave - replicou ele com um sorriso.

— Dois.

— A amo, encanto - continuou Joshua, embora o sorriso já não estivesse em seu rosto. — Por seu corpo, sua mente e sua alma.

Olhou-o, exasperada.

— E por esse bondoso e terno coração - acrescentou ele.

Freyja estalou a língua.

— Suponho que me vai jogar isso na cara durante o resto de minha vida.

— Até seu último fôlego - replicou enquanto tomava a mão e entrelaçava os dedos.

Ela pôs-se a rir.

— Odeio-o - lhe disse.

Virou a cabeça para olhá-lo. Para olhar a esse homem loiro, atraente, elegante, sorridente e muito bonito. Seu homem. Seu amor.

— Ai, Josh! – exclamou — Amo-o. E também me pode jogar isso na cara durante o resto de minha vida.

— Dê isso como feito, encanto - lhe assegurou com um sorriso.



CAPÍTULO 24

— Acho que vou me pôr a chorar - anunciou Morgan.

— Pois será melhor que não o faça em público - a admoestou Freyja. —

Prejudicaria a todos os Bedwyn e as pessoas começariam a pensar que somos brandos. Poderiam imaginar que temos coração.

Alice estava chorando, embora fungasse pelo nariz enquanto lhe colocava o boné branco debruado de pele com supremo cuidado sobre o elegante penteado e atava as fitas brancas com um grande laço a um lado de seu queixo.

— Pele branca sobre veludo branco - disse Judith. — E luvas! Começo a acreditar que talvez devesse me ter casado no inverno em vez de no verão.

Embora sorrisse e não o dissesse a sério. E estava, como não, espantosa vestida com um vestido verde escuro e um casaco a combinar que assentava maravilhosamente com sua brilhante cabeleira ruiva. As saias do vestido, que tal como ditava a moda era de corte império, caíam sem restrições da cintura para dissimular a delicada curva de seu abdômen.

Morgan levava um vestido de veludo rosa escuro e era difícil que alguém superasse sua beleza.

— Bom, pois eu certamente que vou chorar - declarou Eve - e em público. As pessoas podem dizer o que lhe venha na cabeça sobre as esposas dos Bedwyn. — O vestido azul claro que trazia ressaltava sua delicada formosura.

Alice terminou por fim com seus arranjos e se afastou com um soluço.

Freyja se levantou e se virou para olhar-se no espelho colocado em um canto de seu quarto de vestir.

Valha-me Deus! Pensou essa sou eu?

Vestida da cabeça aos pés com veludo branco e pele da mesma cor, parecia quase formosa. Quando lhe sugeriram o branco para seu vestido de

noiva, resmungou. Lady Freyja Bedwyn não era uma pessoa dada ao branco. Teria preferido uma cor mais brilhante.

— Viu? - disse tia Rochester com sua habitual voz estridente que não admitia protestos. Essa velha enfadonha que tinha por tia e por

cujas veias corriam genuíno sangue Bedwyn. — Não tinha razão quando insisti no branco, Freyja?

Não tinha insistido exatamente. Os Bedwyn não se insistiam entre si sobre nada, já que todos tinham vontades de ferro e eram teimosos como mulas. Embora tivessem feito prevalecer sua opinião com bastante contundência, e era famosa por seu impecável gosto na hora de vestir. E ela desejava com todas suas forças estar o mais bonita possível no dia de suas bodas.

— Estive certa ao escolhê-lo, tia - replicou.

— Vá, Free! – exclamou Alleyne da porta. — Está para a comer. Mas menos mal que é quase Natal e que quase acabou o ano. Três bodas Bedwyn em um só ano bastam para provocar uma apoplexia, sobre tudo para os que ainda ficamos solteiros. Voto para que a próxima seja Morgan.

— Mas antes temos que deixá-la desfrutar de seu dia, Freyja - disse Aidan, que chegou atrás de Alleyne. — O vestido é lindo. Embora ainda o é mais o brilho de seu olhar.

Depois, ambos tiveram que entrar no vestiário para deixar passagem a Rannulf, que levava a sua avó pelo braço. Quando se celebrara suas bodas com Judith, no verão, todos acreditaram nas portas da morte, embora seu maior desejo fosse ver seu primeiro bisneto antes de morrer. O matrimônio e a gravidez de Judith, assim como o fato de que o casal vivesse em Grandmaison com ela, tinham-lhe dado um motivo para continuar vivendo, ao menos de momento. Sua avó tinha insistido em ir a Lindsey Hall desde Leicestershire para assistir a suas bodas.

— Alleyne - disse Ralf - me apresente a essa mulher tão formosa vestida de branco, se me faz o favor. Ah! — Retrocedeu com fingido espanto. — Deixa-o. É Freyja, não?

— Está linda, elegante e parece muito feliz, minha querida Freyja -

disse sua avó. — Mas não acho que seu vestiário foi pensado para acomodar a tantas pessoas. E não acho que o reitor goste que cheguemos

tarde à igreja. Será melhor que lhe deixemos com o Morgan e sua camareira.

Morgan era sua dama de honra.

Foi então, depois que todos partiram com muito ruído e grandes dramalhões, que começou a ficar nervosa... Outra vez. Tinha estado nervosa quando abandonou Penhallow uma semana depois do baile e essa tinha sido a tônica durante todas as semanas posteriores, embora Joshua lhe tinha escrito diariamente.

Não tinha terminado de acreditar em seu final feliz; ou, ao menos, sua oportunidade de ter um futuro feliz.

Abria cada uma de suas cartas morta de medo. A proximidade do inverno tampouco a tinha ajudado a sentir-se melhor.

Odiava-o; odiava essa sensação de vulnerabilidade; esse amor tão imenso e doloroso que não acabava de acreditar no futuro.

E se Joshua saísse de barco de novo, caísse e se afogasse? E se subisse de novo as escarpas (estúpido como era), escorregasse - e caísse? E se...?

Joshua tinha ficado em Penhallow para assistir às bodas de Prue e de Constance. Assegurou-se de que sua tia empreendia o futuro que ela mesma tinha escolhido: fazer-se encarregada da mansão de seu irmão, que tinha enviuvado recentemente, em Northamptonshire. Chastity tinha preferido acompanhar a Constance e ao senhor Saunders até Lindsey Hall para assistir a suas bodas antes de empreender a viagem para reunir-se com sua mãe. Mas na primavera iria a Londres, para desfrutar de sua apresentação à rainha e fazer sua estreia em sociedade... Com ela como madrinha.

Anne Jewell tinha partido com seu filho para Bath um mês antes para ocupar o posto de professora de geografia na academia da senhorita Martin.

Todas essas semanas, enquanto Joshua continuava em Penhallow, tinham-lhe parecido séculos. Mas ao final tinha chegado a Lindsey Hall.

E tinha chegado no dia de suas bodas.

Continuava estando nervosa... E continuava odiando a sensação.

Levantou o queixo.

— As bodas são um aborrecimento - disse a Morgan - com todo mundo

choramingando e ficando sentimental. Tomara tivéssemos partido para Londres, tivéssemos conseguido uma licença especial e nos tivéssemos casado sem que ninguém soubesse, como fizeram Eve e Aidan.

— Não acredito absolutamente - replicou Morgan com um sorriso. —

Vamos, Freyja. Wulf nos estará esperando.

Assim era. Estava de pé no vestíbulo principal com um aspecto muito diabólico, rodeado por toda a pompa e o luxo dos pendões e das armas medievais. Aqueles frios olhos prateados contemplaram-na da cabeça aos pés, primeiro à Morgan e depois a ela. Em seguida a surpreendeu por completo ao estender as mãos para ela. Freyja colocou as mãos enluvadas de branco sobre as de seu irmão e ergueu as sobancelhas com altivez quando lhe deu um apertão.

— Tem um aspecto magnífico, Freyja - lhe disse.

Wulf lhe dedicando uma adulação? Pensou.

— Promete-me que será feliz? - acrescentou.

E então lhe encheram os olhos de lágrimas. Teria ficado encantada de lhe dar um murro no nariz nesse instante. Mas seu irmão não esperou uma resposta. Inclinou a cabeça sobre suas mãos e as beijou.

— Vá.

— Vá.

— A quem estamos esperando? - perguntou ela com altivez. —

Preferiria não chegar tarde.

Já estavam na carruagem, a melhor carruagem ducal, quando respondeu à pergunta de seu irmão.

— Prometo-lhe, Wulf - respondeu. Estava sentada em frente a ele.

Às vezes tinha tentado situar a seus irmãos por ordem de preferência, do que mais queria até o que menos. Aidan costumava ser o primeiro da lista, talvez porque tinha passado muitos anos na guerra e isso lhe tinha negado a possibilidade de zangá-la com a assiduidade que faziam os outros.

Claro que era uma tolice, de qualquer modo. Amava-os a todos de formas diferentes, mas na mesma medida. Daria sua vida por qualquer deles, por Morgan também. Mas essa manhã, nesse preciso momento, Wulf era seu preferido. Faria algo, pensou, para vê-lo feliz.

A partir desse momento, tudo se converteu em um torvelinho de acontecimentos e sensações. A carruagem chegou às portas do campo santo; milhares de sorridentes aldeãos (ou isso pareceu a ela) amontoavam-se na passagem do caminho para não perder algum detalhe de sua chegada. Entrou no atalho que corria por

debaixo do velho disco enquanto o vento levava as últimas folhas amarelas do outono.

Morgan ia lhe colocando a cauda do vestido; Wulf, a seu lado, sóbrio e sem mostrar nenhuma só emoção, tão firme como o rochedo de Gibraltar; o órgão da igreja começou a soar e ela atravessou o corredor central pelo braço de seu irmão, enquanto as pessoas que estavam sentadas se viravam para ela e...

Caramba! O torvelinho se desvaneceu e com ele se foram os nervos.

Joshua a esperava ao pé do altar, tão bonito com seu traje negro e branco que a deixou sem fôlego.

Porém não foi sua atitude o que ela notou. Foi ele.

Esse era o homem que amava. Seu amor verdadeiro.

Nem sequer perdeu um instante em repreender-se por albergar semelhantes ridicularias sentimentais.

Sentiu que seus lábios esboçavam um sorriso. Sentiu que a felicidade crescia em seu interior e ameaçava converter-se em uma gargalhada.

Joshua lhe devolveu o sorriso e viu o já conhecido brilho risonho de seus olhos. Salvo que essa manhã não havia malícia neles. Só alegria.

Simplesmente alegria.

Piscou com rapidez. Podia permitir-se pensamentos sentimentais, depois de tudo era o dia de suas bodas, mas lágrimas?

Nem pensar. Até aí podia chegar... Joshua jamais lhe permitiria esquecê-lo.

— Queridos irmãos... - começou o reitor.

Era uma fria e ensolarada manhã de dezembro. Soprava um vento gélido. Mesmo assim, do outro lado do campo santo uma carruagem aberta esperava aos noivos, esplendidamente decorada (por desconhecidos, embora sem dúvida vários desses desconhecidos compartilhavam o sobrenome Bedwyn) com laços e fitas de todas as cores do arco íris e uma

réstia de botas velhas atrás.

Os sinos da igreja repicavam com alegria.

As casas do povoado deviam estar desertas, já que todos os habitantes estavam na rua, vestidos com seus melhores trajes e dispostos a desfrutar do banquete de bodas que o duque de Bewcastle tinha disposto que se celebrasse na estalagem do povoado ao cabo de uma hora.

Essa foi a imagem que encontraram quando saíram da igreja. Alguém os aclamou e outros o seguiram um pouco hesitante a princípio, mas com crescente entusiasmo à medida que os congregados começavam a sair da igreja atrás dos noivos, do padrinho (o reverendo Calvin Moore) e da dama de honra.

— Esperamos que nos rodeie uma horda de convidados sorridentes? -

perguntou Joshua. – Ou vamos correr?

— Vamos correr - respondeu Freyja e ele a agarrou pela mão e puseram-se a correr. Chegaram à carruagem depois de passar sob a velha árvore, rodeados pelos aplausos dos sorridentes aldeãos.

Freyja demorou um pouco em subir, devido à cauda de seu vestido de veludo. Quando se sentou a seu lado, ela estava rindo a gargalhadas, ruborizada e quase sem fôlego.

Então já tinham saído todos da igreja. Os Bedwyn, os condes de Redfield e os viscondes de Ravensberg (que lhe sorriam com carinho); a avó e os tios de Joshua, lorde e lady Potford, junto com seus filhos; Constance e Jim Saunders, Chastity, lorde e lady Holt—Barron, Charlotte com seu noivo, e alguns amigos íntimos.

— Adiante - disse ao cocheiro. Teriam tempo de saudar todos quando estivessem de volta em Lindsey Hall antes do banquete de núpcias. Nesse preciso instante tinha uma brilhante esposa a quem admirar.

De verdade era um homem casado? Tinha tido trabalho para assumir que tudo era verdade quando Freyja partira de Penhallow com sua família.

Passou os dias meio temendo que uma de suas cartas lhe anunciasse a ruptura de seu compromisso.

Estavam casados!

Procurou a mão da Freyja no enorme manto de pele branca e entrelaçou seus dedos enquanto a carruagem empreendia a marcha e se

afastava da igreja.

— Disse-lhe alguma vez como é formosa? - perguntou.

— Que tolice! -replicou ela. — Mais que tolices diz Josh. É o vestido, o chapéu e toda esta pele. E a cor. A tia Rochester me disse que vestisse de branco e acertou com a escolha. Só é a roupa.

Ele pôs-se a rir.

— Nesse caso, terei que tirar tudo isso esta noite – disse. — Tudo. Até a última roupa. Só para comprovar se continua sendo formosa sem elas.

Aposto com você o que quiser que sim.

— Se me mentir alguma vez - ameaçou-o, olhando-o com severidade, -

farei com que engula todos os dentes, Josh. Juro.

— Não pode - replicou ele com um sorriso. — Agora é minha esposa, minha marquesa. Tem que fazer o que lhe disser. Tem que dizer todo o tempo “Sim, milorde” e “Não, milorde” e “No que posso servi-lo, milorde?”.

Acabaram-se os murros, querida.

Por um instante acreditou que ia ter que esquivar de seus golpes, ali diante de todos os convidados e dos aldeãos que tinham ficado retardados.

Viu como soprava pelo nariz, como suas sobrancelhas se arqueavam e como seus olhos verdes lançavam faíscas. Mas então jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

— Se cansaria de mim ao fim de um mês – aduziu ela.

— Melhor, de uma semana - replicou.

Se algum dia se olhasse em um espelho enquanto ria dessa maneira, pensou Joshua, veria com seus próprios olhos como era incrivelmente encantadora, apesar de suas sobrancelhas escuras e do nariz Bedwyn.

Mas não voltaria a provocá-la dizendo-lhe. Não nesse momento.

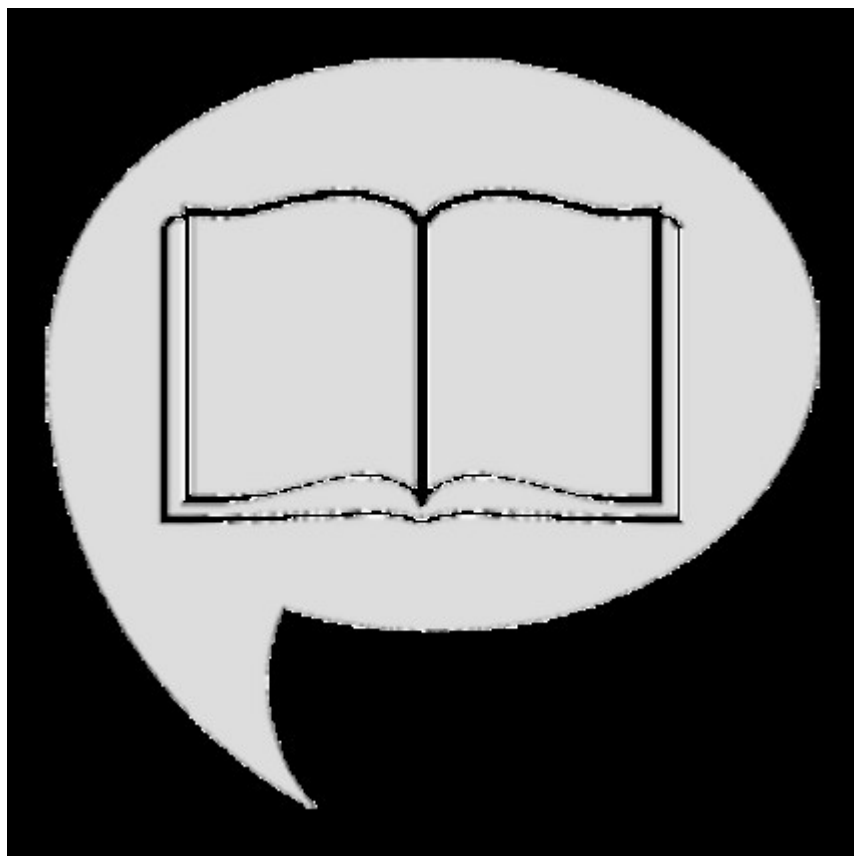
— Já não se queixa do inverno? - perguntou-lhe.

Ela negou com a cabeça.

— É minha estação preferida...

— Amo-a, encanto-lhe disse. — Minha esposa...

Suas gargalhadas ficaram reduzidas a um sorriso e nesse instante achou-a ainda mais encantadora.



— Sou assim, não é verdade? -perguntou. — E você é meu marido. Eu o amo, Josh. Eu o amo muito.

Piscou-lhe um olho muito devagar e baixou a cabeça para beijá-la.

Nenhum dos dois fez caso dos vivos que se ergueram às suas costas.

Embora de qualquer modo ficassem sufocados pelo alegre repicar dos sinos da igreja.

FIM



SOBRE A AUTORA

Mary Balogh nasceu e foi criada no País de Gales. Ainda jovem, se mudou para o Canadá, onde planejava passar dois anos trabalhando como professora. Porém ela se apaixonou, casou e criou raízes definitivas do outro lado do Atlântico.

Sempre sonhou ser escritora e tinha certeza de que, no dia em que escrevesse um livro, ele seria ambientado na Inglaterra do Período da Regência. Quando sua filha mais nova tinha 6 anos, Mary finalmente encontrou tempo para se dedicar ao antigo sonho. Depois de três meses escrevendo na mesa da cozinha, a primeira versão de sua obra de estreia estava pronta. Publicada em 1985, deu a Mary o prêmio da Romantic Times de autora revelação na categoria Período da Regência. Em 1988, depois de vinte anos de magistério, ela passou a se dedicar apenas aos livros.

Hoje Mary Balogh é presença constante na lista de mais vendidos do The New York Times e vencedora de diversos prêmios literários.

{1}_Free significa “livre” em inglês. (N. da T.)

{2}_Conjunto de paus unidos por uma cruzeta e situados depois do rebatedor, que o lançador deve derrubar com a bola. (N. das T.)

Document Outline

- [CAPÍTULO 1](#)
- [CAPÍTULO 2](#)
- [CAPÍTULO 3](#)
- [CAPÍTULO 4](#)
- [CAPÍTULO 5](#)
- [CAPÍTULO 6](#)
- [CAPÍTULO 7](#)
- [CAPÍTULO 8](#)
- [CAPÍTULO 9](#)
- [CAPÍTULO 10](#)
- [CAPÍTULO 11](#)
- [CAPÍTULO 12](#)
- [CAPÍTULO 13](#)
- [CAPÍTULO 14](#)
- [CAPÍTULO 15](#)
- [CAPÍTULO 16](#)
- [CAPÍTULO 17](#)
- [CAPÍTULO 18](#)
- [CAPÍTULO 19](#)
- [CAPÍTULO 20](#)
- [CAPÍTULO 21](#)
- [CAPÍTULO 22](#)
- [CAPÍTULO 23](#)
- [CAPÍTULO 24](#)
- [SOBRE A AUTORA](#)

Ligeiramente
SEDUZIDOS

MARY BALOGH

Mais de 4 milhões de livros vendidos



No início era apenas vingança, mas
se tornou uma irresistível paixão

Ligeiramente
SEDUZIDOS



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas

verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Ligeiramente
SEDUZIDOS



MARY BALOGH

Os BEDWYNS 4



Título original: *Slightly Tempted*

Copyright © 2004 por Mary Balogh

Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Tradução publicada mediante acordo com Dell Books, selo da Random House, divisão da Random House LLC.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Rodrigues

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Juliana Souza e Tereza da Rocha

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: Anna Mutwil/ Arcangel Images

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B154L

Balogh, Mary

Ligeiramente seduzidos [recurso eletrônico]/ Mary Balogh; tradução de Ana Rodrigues. São Paulo: Arqueiro 2016.
recurso digital (Bedwyns; 4)

Tradução de: *Slightly tempted*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-547-6 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título. III. Série.

16-31332

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

CAPÍTULO I



De certo modo, ainda parecia estranho voltar a participar de uma reunião da nata da sociedade britânica e ouvir a língua inglesa ser falada por praticamente todos os presentes. Não que a única nacionalidade no recinto fosse a inglesa. Também havia holandeses, belgas e alemães, entre outros. Mas os britânicos predominavam.

Gervase Ashford, conde de Rosthorn, estava parado logo na entrada do salão de baile da casa que o visconde de Cameron havia alugado na Rue Ducale, em Bruxelas, olhando ao redor com considerável interesse. Procurava rostos conhecidos. Já vira vários desde que chegara, fazia pouco tempo, da Áustria, mas esperava ver mais ali. No entanto, a grande maioria tanto das damas quanto dos cavalheiros lhe parecia excessivamente jovem. Aos 30 anos, Gervase experimentava a estranha sensação de ser um ancião.

Muitos daqueles jovens cavalheiros, e alguns dos mais velhos também, ostentavam uniformes militares – alguns azuis ou verdes, mas a maior parte de um vermelho escarlate e resplandecente, com ricos adornos e galões dourados. Como pavões, eles ofuscavam o brilho das damas, que usavam vestidos fluidos, de cintura alta, em tons pastel. Mas em contraste as damas pareciam delicadas e muito femininas.

– Um homem se sente em óbvia desvantagem aqui, ainda que esteja em uma de suas melhores roupas civis, não é mesmo? –

disse o honorável John Waldane, em um tom melancólico, no ouvido esquerdo de Gervase.

O ouvido direito dele já estava ocupado com o zumbido cada vez mais alto de uma centena de vozes, todas tentando se sobrepor ao alarido ao redor e ao som dos instrumentos da orquestra que estavam sendo afinados.

– Se o homem em questão estiver aqui com a intenção de impressionar as damas, suponho que sim – concordou Gervase com uma risadinha. – Já se ele quiser ser um observador invisível, não.

Naquele momento, ele preferia ser o mais discreto possível. Ainda se sentia um pouco tímido em relação aos britânicos, imaginando quanto eles se lembravam do que acontecera nove anos antes, e também quanto *havia* para se lembrarem. Embora tivesse havido poucas cenas em público, Gervase não sabia até que ponto aquela história sórdida se tornara pública. Waldane, conhecido de Gervase na época, o saudara com enorme amabilidade quando os dois se esbarraram dois dias antes, e não fez nenhuma referência ao fato. Mas, é claro, a reputação que Gervase conquistara desde então era inegavelmente notória para quem quer que tivesse passado algum tempo no continente.

– O velho Bonaparte deve ser capturado a qualquer momento, arrastado de volta a Elba e mantido trancafiado pelo resto da vida, se algum de seus guardas tiver um cérebro, por menor que seja – comentou Waldane. – Então esses oficiais não terão mais desculpa para tantos galanteios ou para deslumbrar as damas com uma apresentação tão prendada.

– Inveja? – Gervase voltou a rir.

– Mortal. – Waldane, ligeiramente mais corpulento do que na última vez em que Gervase o vira, nove anos antes, e agora calvo, os cabelos claros e finos rareando, riu com tristeza. – Dá prazer impressionar algumas damas.

– É mesmo? – Gervase levou o monóculo ao olho para ver melhor o outro extremo do salão de baile cheio. Reconheceu lorde Fitzroy Somerset, o secretário militar do duque de Wellington, que conversava com Lady Mebs, e também Sir Charles Stuart, embaixador britânico em Haia. Mas sua atenção se desviou

obsequiosamente para as damas mais jovens, sem que tivesse qualquer expectativa de reconhecer alguma delas, ou fosse sentir qualquer interesse caso isso acontecesse. Não gostava muito das demasiadamente jovens. – Santo Deus, você está certo.

O monóculo de Gervase fez uma pausa no grupo de Sir Charles, em uma jovem dama que, naquele momento, se afastou um pouco dos outros para cumprimentar dois jovens oficiais dos Life Guards, um dos regimentos de cavalaria. Eram belos rapazes que usavam calças muito brancas e elegantes, casacos escarlate com forro azul, galões dourados e, no lugar das botas de cavalaria, sapatos de dança.

A dama era mesmo muito jovem – mal devia ter acabado os estudos na sala de aula de casa, se ele não estivesse enganado. Gervase talvez não houvesse reparado na moça se Waldane não tivesse chamado sua atenção. Mas, depois de vê-la, foi forçado a admitir que, às vezes, era possível sentir um grande prazer apenas em apreciar uma beleza extraordinária.

Era o que estava acontecendo naquele momento.

A jovem era absolutamente adorável, o que ficava ainda mais evidente pela simplicidade do vestido branco, em um contraste agudo com a riqueza agressiva do uniforme usado pelos dois oficiais. Era um modelo de mangas curtas, decote baixo e cintura alta, de renda sobre cetim. Mas não era na roupa que Gervase estava interessado. O olhar experiente dele percebeu que o corpo sob o vestido era ágil, esguio e de pernas longas, embora inegavelmente feminino. O pescoço, longo e elegante como o de um cisne, sustentava a cabeça orgulhosamente erguida. E a moça tinha todo o direito de ter orgulho de si. Os cabelos escuros estavam presos no alto da cabeça e entremeados com pedras que poderiam muito bem ser diamantes cintilantes sob a luz de milhares de velas nos candelabros acima deles. O rosto – oval, com olhos escuros e nariz reto – era de uma perfeição clássica. E a beleza da jovem se tornava estonteante quando ela sorria, como fazia naquele momento em reação a algum comentário do oficial à sua direita. Ao rir, ela levantou o leque de renda branca na direção do queixo.

Gervase pensou que talvez jamais houvesse visto mulher mais adorável – se é que era possível chamá-la de mulher. Na verdade, a jovem era pouco mais do que uma menina, mas tão incrivelmente adorável quanto um botão de rosa perfeito que ainda não desabrochava em toda a plenitude.

Por sorte, talvez, para a jovem dama em questão – e para qualquer parente ou acompanhante que pudesse estar por perto –, ele preferia flores mais maduras a botões tenros. Afinal, as primeiras costumavam estar mais dispostas a serem seduzidas. Gervase já havia visto o bastante e estava prestes a desviar o monóculo.

– *Aquela* valeria a pena impressionar – observou John Waldane, notando os lábios torcidos do amigo e a direção do seu olhar. – Mas, infelizmente, Rosthorn, a jovem só tem olhos para homens de ombros largos que estejam vestindo um casaco escarlate.

Após dizer isso, Waldane suspirou de forma desamparada e teatral.

– E desde que o homem em questão não tenha nem um dia a mais que 22 anos de idade – acrescentou Gervase, notando a juventude dos dois oficiais dos Life Guards.

Devia mesmo estar ficando velho, pensou, quando até mesmo oficiais militares começavam a parecer colegiais brincando de guerra.

– Você não sabe quem é ela? – perguntou Waldane quando Gervase começou a se afastar, com a intenção de ir para o salão de jogos.

– Deveria? – perguntou Gervase. – Trata-se de alguém importante, então?

– Pode-se dizer que sim – confirmou o amigo. – A jovem está hospedada na residência dos condes de Caddick, na Rue de Bellevue, já que a filha do casal, Lady Rosamond Havelock, é sua amiga. Mas o irmão da dama em questão também está aqui. Ele tem ligação com a embaixada em Haia, ocupa algum cargo lá, mas no momento está em Bruxelas com Sir Charles Stuart.

– E...? – indagou Gervase, agitando a mão para que o amigo se apressasse na explicação.

– Um dos oficiais que está conversando com a jovem, o mais alto, de cabelos dourados, à direita dela, é o visconde de Gordon – falou Waldane. – Capitão, filho e herdeiro de Caddick. O único filho homem dele, na verdade. Daí a comissão militar nos Life Guards, suponho... toda a glória e os galões dourados, mas sem perigo algum. Eles desfilam cheios de pose no lombo de seus cavalos nas paradas militares, magníficos, levando as damas ao desmaio. Mas eles mesmos desmaiariam se essa ameaça de guerra contra o velho Bonaparte deixasse de ser apenas uma previsão empolgante e acabasse se tornando realidade.

– Eles podem vir a nos surpreender se lhes for dada a chance de alcançar a glória – comentou Gervase, sendo mais justo.

Deu um passo em direção às portas que o levariam para fora do salão de baile. Obviamente, Waldane estava confundindo seu interesse pela jovem de cabelos escuros com algo mais pessoal do que na verdade era, e esperava que ele implorasse que lhe revelasse a identidade dela.

– O nome dela é Lady Morgan Bedwyn – esclareceu o amigo.

Gervase parou e voltou a olhar para Waldane, as sobrancelhas erguidas.

– *Bedwyn?*

– A mais nova da família – disse Waldane. – Recém-saída do banco da sala de aula, recém-apresentada à corte, o prêmio mais valioso no mercado de casamentos, se já não houvesse sido arrebatada por Gordon. Pelo que sei, espera-se que o anúncio do compromisso dos dois seja feito a qualquer momento. Por isso é melhor manter distância da jovem, Rosthorn, mesmo que o lobo tenha ficado na Inglaterra quando ela veio para cá. – Ele deu um tapinha amigável nas costas do amigo e sorriu.

O lobo. Wulfric Bedwyn, o duque de Bewcastle. Embora fizesse nove anos que não via o homem e não houvesse pensado nele nos últimos quatro ou cinco, Gervase sentiu toda a fúria gelada de um antigo ódio ao se lembrar dele agora. Era a Bewcastle que ele devia a estranheza diante daqueles rostos e vozes ingleses e o próprio constrangimento por estar no meio deles – *sua própria gente*. Era a Bewcastle que Gervase devia o fato de não ter pisado na Inglaterra

– *seu próprio país, o país de seu pai* – desde que tinha 21 anos. Em vez disso, passara a vagar pelo continente, sem pertencer realmente à França, apesar de sua mãe ser francesa, porque era inglês de nascimento e herdeiro de um título de conde britânico. Não estivera seguro na maior parte dos países europeus sob ocupação francesa pela mesma razão.

Por causa de Bewcastle – cuja amizade já cultivara em certa época –, toda a vida dele fora virada do avesso e mudada para pior, para sempre. Durante o primeiro ano, o exílio parecera mais sofrido do que a morte. E, somadas a ele, ainda havia a terrível humilhação e a impotência para convencer qualquer um de que fora vítima de uma injustiça. O consolo de Gervase fora se tornar exatamente o que esperavam que ele fosse: um libertino que não se importava com nada nem com ninguém a não ser consigo mesmo e com a satisfação dos próprios desejos, fossem sexuais ou de outra natureza. Sem dúvida, ele permitira de mais de uma maneira que Bewcastle vencesse.

Ah, sim, Gervase percebeu naquele breve instante enquanto ainda olhava para Waldane por sobre o ombro que o ódio e o desejo ardente de fazer Bewcastle sofrer também não haviam diminuído em nove anos. Apenas foram relegados ao campo da inconsciência.

E agora ele estava na mesma casa – no mesmo *salão* – que a irmã de Bewcastle. Era quase bom demais para ser verdade.

Gervase olhou mais uma vez para o outro lado do salão. A jovem tinha uma das mãos enluvadas pousada na manga do oficial de cabelos dourados – o capitão Gordon – e se dirigia com ele à pista de dança, onde as filas entravam em formação para as quadrilhas iniciais.

Lady Morgan Bedwyn.

Sim, não era difícil acreditar. A jovem se portava com o orgulho, a arrogância, mesmo, de uma aristocrata nata.

Gervase poderia causar um prejuízo ali se desejasse, pensou, estreitando os olhos ao observar a jovem. A tentação era quase incontrolável.

Enquanto ela assumia seu lugar na longa fila de damas e o capitão Gordon – um belo rapaz – se posicionava na fila oposta de

cavalheiros, a atenção sorridente da jovem estava concentrada em seu par. E era mesmo um ótimo partido, filho e herdeiro de um conde. Na verdade, todos já davam como certo um compromisso entre os dois.

A ideia de causar algum dano se tornou ainda mais atraente.

A jovem dama sem dúvida era inocente, apesar de sua arrogância. Provavelmente estivera sob o olhar atento de governantas até o momento de sua apresentação à sociedade e, desde então, devia ter uma acompanhante sempre por perto. Gervase, por outro lado, era tudo, menos inocente. Era verdade que, apesar da reputação que carregava, só usava seus encantos para seduzir mulheres que estivessem no mesmo patamar que ele, tanto em experiência quanto em idade. Mas se escolhesse usar esses encantos para atrair uma jovem inocente, acreditava ser capaz de desviar a atenção da moça de um casaco escarlate.

Se escolhesse.

Como poderia não escolher?

Quando a música começou, Gervase sentiu uma leve tentação. Para dizer a verdade, não foi tão leve assim.

Lady Morgan Bedwyn executou os passos da quadrilha com precisão e graça. Gervase reparou que os seios eram pequenos, e o corpo, muito esguio, atributos que não costumavam atraí-lo sexualmente. É claro que não estava excitado naquele momento – apenas apreciava a beleza perfeita da jovem.

E, sim, sentia-se muito tentado a causar problemas a ela.

– Vai para o salão de jogos, Rosthorn? – perguntou John Waldane.

– Talvez mais tarde – respondeu Gervase, sem desviar a atenção dos dançarinos, cujos pés marcavam o ritmo no piso de madeira. – Acho que vou em busca de Lady Cameron, para pedir-lhe que me apresente a Lady Morgan Bedwyn no fim das quadrilhas.

– Não diga! – O amigo pegou a caixa de rapé. – Você é um demônio, Rosthorn! Bewcastle o desafiaria para um duelo se soubesse que apenas pousou os olhos na irmã dele.

– Pelo que me lembro, Bewcastle não entra em duelos – comentou Gervase com desdém, as narinas dilatadas ao lembrar o

insulto. – Além do mais, eu *sou* Rosthorn. É bastante adequado que eu peça que me apresentem à jovem, Waldane. Ou mesmo que a convide para uma dança. Não estou planejando chamá-la para *fugir* comigo, veja bem.

Embora lhe causasse uma satisfação perversa imaginar como Bewcastle reagiria se ele *realmente* fugisse com a moça, Gervase ousaria contemplar tal possibilidade de vingança?

– Aposto cinco libras que ela insistirá em ter como par em todas as danças um uniforme escarlate e não lhe dará a menor atenção – provocou Waldane, rindo mais uma vez.

– Apenas cinco? – Gervase estalou a língua. – Assim você fere meus sentimentos, Waldane. Aposte dez libras, ou cem, se desejar. Perderá, é claro.

Ele não conseguia tirar os olhos da jovem. Ela era *irmã* de Bewcastle, uma pessoa próxima a ele, uma pessoa que lhe era cara. Alguém através de quem o orgulho e o senso de importância do duque, ainda que não o coração do nobre, poderiam ser atingidos. Era pouco provável que o homem *tivesse* coração – não mais do que o próprio Gervase tinha, pensou ele com cinismo.

É estranho como às vezes a sorte se vira a favor de um homem – embora já estivesse mesmo na hora. A Bélgica era o mais perto que Gervase chegara de voltar para casa, ainda que o pai já tivesse morrido havia mais de um ano e que a mãe implorasse por seu retorno à Chácara Windrush, em Kent, para assumir sua herança, seus deveres e suas responsabilidades como conde de Rosthorn. Ele estivera em Viena quando Napoleão Bonaparte escapara de Elba, em março. Agora, dois meses depois, dera um passo hesitante mudando-se para Bruxelas, onde os britânicos e seus aliados começavam a reunir forças para o esperado confronto com Bonaparte. Muitos britânicos que tinham filhos no exército haviam levado esposas, filhas e outros membros da família com eles. Um grande número de outros britânicos estava reunido ali apenas porque Bruxelas, na primavera de 1815, era o lugar onde se concentrava a nata da sociedade.

E entre essas pessoas estava Lady Morgan Bedwyn, irmã do duque de Bewcastle.

Ah, sim, ele se sentia muito mais do que *levemente* tentado.

A sorte enfim lhe dera uma mão de cartas com grandes possibilidades.



Lady Morgan Bedwyn estava mais do que apenas um pouco aborrecida e ligeiramente desapontada. Ela odiara a ideia de participar da temporada de festas e brigara por isso com Wulfric – o duque de Bewcastle, seu irmão mais velho e chefe da família – durante um ano ou mais, antes de completar 18 anos. Não queria ficar dando risadinhas ou sorrindo com afetação com o rosto atrás de um leque. Não queria se tornar um produto no grande mercado de casamentos, sendo avaliada por todos os jovens machos imaturos e cheios de espinhas que abundavam em Londres – como se não houvesse nada mais na vida a não ser casamento, e nada mais para *ela* a não ser aparência e linhagem.

Mas é claro que Wulfric insistira – calma e implacavelmente, sem erguer a voz, apenas arqueando de leve as sobrancelhas. Só que as sobrancelhas de Wulf – e seu monóculo – eram no mínimo duas vezes mais assustadoras do que as vozes de todo um regimento gritando em batalha. E também havia a tia Rochester, aquele verdadeiro dragão velho, que tomara Morgan com firmeza sob suas asas quando a moça chegara a Londres e logo lhe impusera o uniforme de uma jovem dama que seria apresentada à corte. De modo geral, tudo era branco, delicado, e fazia com que Morgan se sentisse com metade da idade que tinha – o que *não* é nada desejável quando se tem apenas 18 anos. E então a irmã mais velha de Morgan, Lady Freyja Moore, marquesa de Hallmere, chegara à cidade com o marido para acompanhar a caçula em sua apresentação à rainha, em seu baile de debutante e também nas primeiras aparições oficiais em eventos sociais.

Finalmente, toda aquela história tediosa de debutar já se tornara um fato consumado. Morgan detestara quase todos os momentos que passara envolvida nisso. Sentira-se como uma *coisa*. Uma coisa muito exclusiva, muito preciosa, era verdade. Ainda assim, mais um objeto do que uma pessoa.

No entanto, depois de tudo terminado, ficara feliz por ter acontecido. Porque, apesar da relutância em suportar a temporada em Londres, Morgan era dona de uma alma inquieta e aventureira, e de uma mente viva e inteligente que precisava de estímulo constante. E, de repente, tanto a aventura quanto o alimento para a mente se apresentaram a ela quando Napoleão Bonaparte escapara da prisão na ilha de Elba e voltara à França. As salas de visita de Londres ferveram com a notícia e com especulações a respeito das consequências que provocaria. Com certeza, os franceses o rejeitariam. Mas isso não aconteceu, e, em pouco tempo, era a possibilidade de guerra que inflamava as conversas em Londres. Seria possível que os aliados, tão confortavelmente assentados em Viena, engajados em conversas de paz, tivessem que lutar mais uma grande batalha contra Bonaparte?

Logo se tornou claro que a resposta era sim, e que o campo de batalha seria a Bélgica. Ninguém menos do que o duque de Wellington fora para Bruxelas em abril, e outras personalidades importantes de toda a Europa haviam ido se juntar a ele.

Desde o começo, Morgan achara toda essa história fascinante e – como ela era um membro dos Bedwyns, que eram conhecidos por seu desprezo às convenções e jamais achariam que certos assuntos não eram adequados aos ouvidos de uma dama – discutira com a família a situação e suas infinitas possibilidades de desdobramento.

E então surgira para ela a possibilidade de ir a Bruxelas.

Os exércitos haviam começado a se preparar para a guerra e alguns regimentos britânicos, além de um grande número de seus oficiais, estavam em Londres. Os oficiais passaram a aparecer em eventos públicos usando uniforme – e um deles começara a cortejar Morgan com determinação. Ela achara um tanto divertido estar acompanhada pelo capitão Gordon – belo, de cabelos dourados,

uniformizado, filho e herdeiro dos condes de Caddick –, sair para passear com ele, sentar-se a seu lado, junto aos pais e à irmã dele, no camarote na ópera, dançar com ele nos bailes e em outras reuniões. Morgan chegara mesmo a ficar amiga da irmã do capitão, Lady Rosamond Havelock.

Então ele recebera a informação de que iria para a Bélgica com seu regimento, e os Caddicks, inclusive Rosamond, decidiram seguir o rapaz. Dezenas, centenas, talvez, de outros membros da sociedade britânica estavam indo também. Seria uma grande diversão, dissera Rosamond quando Morgan fora convidada a acompanhar a família, sob o olhar vigilante da condessa.

Todos pensavam, é claro, que o relacionamento que nascia entre Morgan e o capitão Gordon era sério. Embora ele também parecesse achar isso, assim como Rosamond e os Havelocks, Morgan estava longe de se sentir pronta para tomar qualquer decisão que a comprometesse pelo resto da vida. Mas queria desesperadamente ir para Bruxelas, estar perto do centro da crise e da ação que vinha sendo organizada, por isso implorara a Wulf que a deixasse viajar.

Morgan esperava que o cenário em Bruxelas fosse ser de grandes exercícios políticos e intelectuais, com conversas estimulantes onde quer que estivesse. Que tolice de sua parte!

Na verdade, a temporada na cidade belga estava sendo muito semelhante ao tempo que passara em Londres – dias e noites cheios de uma frivolidade após outra. Morgan quase desejava que Wulfric houvesse se recusado a permitir que ela fosse. Era tudo meio decepcionante.

É claro que havia vantagens em estar em Bruxelas. Em primeiro lugar, havia a maravilhosa sensação de liberdade. Wulfric não estava lá, com seu monóculo na mão, para tomar conta de cada ação da irmã, nem tia Rochester para *franzir o cenho* a todos os movimentos da sobrinha, empunhando seu *lorgnon* – um par de óculos sem hastes, sustentado por um único cabo acoplado a uma das lentes. Havia apenas Alleyne, o irmão de idade mais próxima à de Morgan, que estava ali com o embaixador, sob as ordens de Sir Charles Stuart. Mas embora Alleyne tivesse prometido a Wulf que

ficaria de olho em Morgan, até aquele momento não tinha feito nada além de apenas observar. Na verdade, era como se estivesse apenas com meio olho atento à irmã.

Lady Caddick era uma acompanhante indulgente. Também era uma mulher bastante tola. Lorde Caddick parecia não ter um pinga de personalidade – ou, se tinha, Morgan ainda não descobrira. Ela gostava de Rosamond, mas até mesmo a amiga tinha poucos assuntos além de belos pretendentes, chapéus e bailes. O capitão Gordon e os outros oficiais conhecidos seus gostavam de reforçar a própria masculinidade dizendo às damas que não precisavam preocupar suas lindas cabecinhas com nenhum dos assuntos que Morgan estava inclinada a achar interessantes.

Era uma declaração um tanto provocadora para uma jovem que crescera com os Bedwyns e que tivera a tola esperança de que os outros homens seriam como os irmãos, e as outras mulheres, como Freyja.

A sequência de quadrilhas que abrisse o baile do visconde de Cameron estava quase no fim. Morgan gostava de dançar com o capitão Gordon porque ele ficava mesmo lindo em seu uniforme e dançava bem. Quando ela o vira pela primeira vez, achara que poderia se apaixonar. Mas agora que o conhecia melhor, tinha sérias dúvidas a respeito do rapaz. O capitão lhe dissera no início das quadrilhas, em um dos raros momentos em que tiveram alguma privacidade por mais de alguns poucos segundos, que se sentia muito confiante em seu papel de oficial na luta contra a tirania. Estava completamente preparado, acrescentara, para morrer pelo país se preciso fosse – e pela mãe, pela irmã e... Bem, ainda não tinha o direito de acrescentar outro nome, concluía o rapaz, encarando Morgan com uma expressão ardente.

Ela o achara um pouco teatral. E mais do que apenas um pouco alarmante. Os Caddicks e outras pessoas, percebera ela, presumiam que, ao aceitar o convite para a viagem, ela também concordara com um futuro noivado com o filho deles. No entanto, o motivo declarado do convite fora que Rosamond precisaria de companhia feminina.

– Eu estava torcendo – disse o capitão quando a música silenciou – para que a orquestra simplesmente se esquecesse de parar de tocar, Lady Morgan. Tive a esperança de que pudéssemos dançar a noite toda.

– Que tolice! – exclamou ela, abrindo o leque e abanando-se devagar para esfriar o rosto ruborizado. – Há outras damas esperando para dançar com o senhor, capitão.

– Há apenas uma dama com quem vale a pena dançar – comentou o capitão, oferecendo o braço a Morgan para acompanhá-la até onde estava a mãe dele. – Mas infelizmente não posso ter duas danças seguidas com ela.

Morgan se perguntou se poderia ser verdade que o capitão não passava de um jovem tolo e exibido. Mas ele também era um homem que estava encarando a guerra e a possibilidade da morte. Ela precisava se lembrar disso – seria injusto não fazê-lo. Um homem poderia ser perdoado por um certo excesso de sentimentalismo sob aquelas circunstâncias, desde que não exagerasse. Morgan sorriu para ele, mas falou com firmeza:

– Não, não pode. Desejo dançar com outros parceiros.

O tenente Hunt-Mathers era um dos que estavam no grupo reunido ao redor de Lady Caddick e Rosamond. Ele estava esperando por sua dança com Morgan, que seria a seguinte. O tenente não era tão alto, tão bonito ou tão elegante quanto lorde Gordon, mas era um jovem amável e educado, e Morgan gostava dele – ainda que o rapaz tivesse tendência a ser um tanto insípido. Ela se voltou para ele, sorrindo, ao mesmo tempo que recolhia a mão que segurava a manga de lorde Gordon.

Mas antes que pudesse começar qualquer tipo de conversa, percebeu que Lady Cameron se dirigia a Lady Caddick e lhe pedia permissão para apresentar o cavalheiro que estava ao seu lado a Lady Morgan Bedwyn. A permissão foi dada e Morgan se virou educadamente na direção das duas damas.

– Lady Morgan – disse a viscondessa de Cameron, sorrindo com graciosidade para a convidada –, o conde de Rosthorn pediu que o apresente à senhorita.

Morgan examinou o conde. Ele não era um oficial. Estava vestido com elegância em calções de seda cinza, colete bordado em prata, paletó social preto, justo, e camisa e lenço brancos com aplicações de renda. Não era um homem jovem. Era alto, com formas harmoniosas, e bastante bonito, admitiu Morgan. Ela fez uma medida e percebeu que o conde tinha olhos acinzentados com uma expressão indolente, que pareciam encará-la com certo humor.

Mas Morgan não viu nada no conde de Rosthorn que lhe despertasse grande interesse. Ele era um entre as dezenas de cavalheiros que haviam pedido que os apresentassem a ela desde que debutara na sociedade. Morgan sabia que era considerada bela, embora se achasse morena e magra demais. E também sabia que o fato de ser filha de um duque e dona de uma grande fortuna a tornava atraente a cavalheiros de todas as idades e patentes. Afinal, ela era um produto no mercado de casamentos, mesmo que agora estivesse na Bélgica e não em Londres, e mesmo que todos *achassem* que ela estava praticamente comprometida com lord Gordon.

Morgan respondeu com educação ao conde, perguntou como ele estava, mas logo o cortou da lista de cavalheiros que poderiam ter alguma importância especial para ela. E o encarou com a arrogância fria que costumava desencorajar atenções indesejadas. Morgan *torceu* para que ele entendesse sua expressão e não a convidasse para dançar.

Às vezes ela ficava alarmada ao perceber quão entediada se sentia com apenas 18 anos.

– Estou bem, obrigado – disse o conde em um tom de voz que, de certo modo, combinava com a expressão nos olhos dele, lânguida e com certo humor. – Agora melhor ainda, já que fui apresentado à dama mais encantadora do salão.

A lisonja foi dita como se ele risse de si mesmo.

Morgan não respondeu. Abriu o leque diante do rosto e o encarou, as sobrancelhas erguidas de leve, a expressão abertamente arrogante que era a especialidade dos Bedwyns. Aquele homem a achava mesmo *tão* tola e obtusa? Esperava de fato que ela sorrisse com afetação e ruborizasse diante de tamanha

bobagem? Mas por que o conde não haveria de pensar e esperar exatamente isso? Era o que pensava a maior parte dos cavalheiros, que assim demonstravam quão obtusos e/les eram.

O humor só ficou mais intenso nos olhos do conde e Morgan percebeu que ele lera seus pensamentos. Ótimo! Mas as palavras seguintes dele a desanimaram:

– Eu poderia ousar ter a esperança de que a senhorita ainda tenha uma dança livre em algum momento desta noite, e deseje aproveitá-la comigo?

Que aborrecimento!, pensou Morgan, parando por um instante de abanar o leque e tentando encontrar uma desculpa educada para recusar o convite – ela não gostava da ideia de simplesmente mentir e dizer que já prometera todas as danças daquela noite.

Mas alguém fez isso em seu lugar.

– Ah, que pena! – exclamou o capitão Gordon, no tom meio afetado que às vezes assumia quando falava com alguém que considerava inferior. – Todas as danças neste canto do salão já foram prometidas, meu caro.

Morgan arregalou os olhos, ultrajada. Como o capitão ousava? Mas antes que pudesse ter a satisfação de retorquir com a irritação adequada a tamanha pretensão, o conde de Rosthorn se virou na direção dele, um monóculo materializando-se em sua mão. Levou o monóculo ao olho e examinou Gordon com desinteresse.

– Aceite minhas congratulações, capitão – disse o conde. – Mas me sinto na obrigação de desfazer um possível mal-entendido de sua parte. Não estou convidando-o para dançar.

Morgan precisou se controlar para não deixar escapar um gritinho de prazer. Que resposta deliciosa, perfeita! De repente, ela passou a encarar o conde sob uma luz completamente diferente. Um homem com tamanhas rapidez de raciocínio e segurança era merecedor de sua simpatia. Ele a fez se lembrar dos irmãos.

– Obrigada pelo convite, lorde Rosthorn – disse Morgan, como se nada houvesse acontecido entre o momento em que ele pedira a dança e a resposta dela, agora. – Que tal a dança depois dessa?

Por maior que fosse a elegância com que estivesse vestido, pensou Morgan, havia algo nele que sugeria uma má reputação,

embora ela não fosse capaz de definir o que era. Talvez fosse apenas o fato de o conde ser consideravelmente mais velho do que ela e, por isso mesmo, ter um maior conhecimento do mundo e da vida. Não que Morgan estivesse disposta a admitir sua ingenuidade. Jamais! Mas de fato havia uma certa frieza no conde, uma ligeira sensação de perigo que emanava dele.

– Será uma honra que esperarei com prazer durante a próxima meia hora – respondeu o conde.

Provavelmente era aquele olhar indolente, decidiu Morgan. E a voz lânguida. Mas não, havia outro elemento na voz dele que explicava com mais clareza a impressão de leve perigo que ela tinha. O conde falava com sotaque francês.

Morgan abanou o rosto devagar e observou enquanto ele se afastava.

– O conde tem sorte de haver damas presentes – dizia lorde Gordon ao seu círculo de amigos, a voz trêmula de raiva. – Teria me dado grande satisfação bater com uma luva no rosto dele.

Morgan o ignorou.

– Minha cara Lady Morgan – disse Lady Caddick quando o conde já não podia ouvir –, o misterioso conde de Rosthorn deve ter ficado muito impressionado com a senhorita, para insistir em lhe ser apresentado.

– *Misterioso*, não, mamãe? – perguntou Rosamond.

– Ah, sim, ele é um mistério – confirmou Lady Caddick. – Herdou o título e a fortuna do pai há cerca de um ano, mas ninguém soube dele por anos antes disso nem o viu desde então, a não ser agora, aqui em Bruxelas. Há rumores de que ele tem andado disfarçado pelo continente, recolhendo informações para o governo britânico.

– Ele é um *espião*? – questionou Rosamond, arregalando os olhos e se virando na direção em que o conde se afastara.

– Pode muito bem haver alguma verdade nos boatos – comentou Lady Caddick. – Isso com certeza explicaria a aparição dele em Bruxelas em um momento em que deve haver grande necessidade de informações secretas sobre a França.

O interesse de Morgan em relação ao conde aumentou ainda mais. Era realmente um homem perigoso! Mas os pares já começavam a se preparar para a próxima dança e a orquestra estava pronta para tocar de novo. O tenente Hunt-Mathers se aproximou dela, fez uma reverência rígida em estilo militar e estendeu o braço.

CAPÍTULO II



Gervase passou a meia hora seguinte no salão de jogos, passeando, observando as partidas em andamento e trocando acenos de cabeça e amabilidades com alguns conhecidos. E manteve um dos ouvidos atento à música.

Lady Morgan Bedwyn era tão encantadora de perto quanto parecera vista do outro lado do salão. A pele clara e suave era imaculada e os grandes olhos castanhos tinham cílios fartos e escuros. Ele achava bastante divertida a reação da moça diante dos galanteios deliberadamente exagerados que lhe fizera. Lady Morgan o encarara com a altivez de uma nobre entediada. Ao que parecia, a jovem não era a moça tola que ele imaginara.

Aquele olhar sério e arrogante devia ser um dom dos Bedwyns. Bewcastle era um mestre nessa arte. Gervase fora alvo de um desses olhares na última vez em que vira o homem. A expressão de Lady Morgan sugeria orgulho, presunção, vaidade e insolência, e todos esses traços de caráter o mantiveram ainda mais determinado em sua decisão.

Finalmente a música terminou e foi substituída pelo burburinho alto das conversas, vindo da direção do salão de baile. Estava na hora de ir reclamar sua parceira de dança. A *irmã* de Bewcastle.

O barulho e a animação no recinto pareciam desmentir o fato de que estavam todos ali – sobretudo os oficiais – porque uma guerra era iminente. Mas talvez fosse exatamente a possibilidade de

tamanha catástrofe que impelisse todos a aproveitarem ao máximo o momento. Para muitos, o presente poderia ser tudo o que teriam.

Gervase localizou sua parceira de dança na multidão e foi na direção dela. Cumprimentou Lady Caddick, acompanhante da moça, com um aceno de cabeça e fez uma mesura diante de Lady Morgan.

– Lady Morgan – disse –, acredito que esta seja a minha dança, certo?

A nobre assentiu regamente. Ela e a dama de cabelos dourados a seu lado estavam cercadas por jovens oficiais que encaravam Gervase com uma hostilidade mal-disfarçada.

– É uma valsa – comentou a outra moça. – Conhece os passos, lorde Rosthorn?

– Sim, conheço – assegurou Gervase. – Recentemente passei alguns meses em Viena. A valsa é uma febre na cidade.

– Rosamond! – repreendeu Lady Caddick, talvez porque a moça havia falado com ele sem ter sido primeiro apresentada formalmente. Mas as plumas altas nos cabelos da dama mais velha se inclinaram com graciosidade na direção de Gervase. – Pode valsar com Lady Morgan, lorde Rosthorn. Ela recebeu permissão do comitê de senhoras do clube Almack's.

Gervase estendeu o braço para Lady Morgan, que pousou a mão com delicadeza nele – uma mão delicada, de dedos longos, cobertos por uma luva branca.

– A permissão das senhoras do Almack's – comentou ele, erguendo as sobrancelhas enquanto se afastava com a jovem. – Isso tem alguma... importância?

– É tudo absolutamente tedioso – respondeu Lady Morgan com uma expressão que lembrou a ele uma matrona entediada. – Uma dama não pode valsar nos salões de Londres até que tenha conseguido a permissão delas.

– É mesmo? E por quê?

– Muitas pessoas não aprovam a valsa – explicou ela. – É considerada avançada.

– Avançada? – perguntou Gervase, aproximando a cabeça da dela.

– No sentido de imprópria – disse Lady Morgan, com desdém.

Ele sorriu.

– Ah, entendo.

E realmente entendia. A boa e velha Inglaterra. Não mudara em nada. Continuava pudica como sempre.

– Dancei valsa milhares de vezes em casa com meu professor de dança e com meus irmãos – comentou ela. – Mas não tive permissão para dançar em meu próprio baile de apresentação à sociedade!

– Como se a senhorita fosse uma criança! – exclamou ele, parecendo chocado.

– Exatamente!

Mas ela o encarou com desconfiança quando eles assumiram seus lugares na pista de dança, esperando que a música começasse.

Deus, como ela era bonita!

– O senhor é um espião britânico? – perguntou Lady Morgan.

Gervase ergueu a sobrancelha diante da mudança abrupta de assunto.

– Há rumores a respeito disso – esclareceu ela. – O senhor está longe da Inglaterra há muito tempo. Dizem que talvez tenha estado engajado em missões da inteligência para o governo britânico.

– Lamento dizer, mas não sou tão romântico – retrucou ele. – Estou longe da Inglaterra há nove anos porque fui banido de lá... pelo meu pai.

– É mesmo?

– Por causa de uma mulher – continuou Gervase com um sorriso. – E do roubo de uma joia de valor inestimável.

– Que o senhor roubou?

– Que eu *não* roubei – disse ele. – Mas todos os ladrões acusados e condenados não afirmam a mesma coisa?

Ela o encarou por um momento, as sobrancelhas arqueadas.

– Lamento que não seja um espião – falou, por fim. – Embora arrisque dizer que, de qualquer modo, o senhor não estaria disposto a responder às minhas perguntas sobre sua situação militar.

Ela virou a cabeça na direção da orquestra – a música enfim estava começando.

Gervase pousou a mão na cintura dela – era tão fina que ele quase conseguia abarcá-la entre as duas mãos – e segurou-lhe a mão direita com a sua esquerda. A mão livre de Lady Morgan pousou no ombro dele.

Ela era muito jovem. E absolutamente encantadora.

E era irmã de Bewcastle.

Dançar era uma das coisas que Gervase fazia muito bem. Ele sempre adorara os passos elegantes do minueto, a complexidade vigorosa das quadrilhas – e a energia erótica da valsa. Talvez os britânicos fossem sábios ao proteger as moças muito jovens daquele ritmo sedutor.

Ele guiou a dama no início da dança, valsando e girando em passos pequenos e cuidadosos enquanto avaliava o conhecimento dela e sua habilidade para acompanhá-lo. Lady Morgan fora bem ensinada. Mas também tinha algo mais do que precisão e domínio da dança. Gervase sentiu isso já no primeiro minuto, quando eles se moviam tão lentamente quanto todos ao redor.

Lady Morgan não se mostrou inclinada a conversar mais e ele também não teve essa necessidade. Podia sentir o perfume dela, algum sabonete ou colônia, delicado e floral – violeta, talvez? Ela parecia muito jovem, muito esguia, nos braços dele. Era leve, cálida e flexível, e Gervase percebia os sapatinhos se movendo pelo piso do salão a poucos centímetros dos dele.

– É assim que os ingleses valsam? – perguntou Gervase.

– Sim. – Ela levantou os olhos para encará-lo. – Não é como todos valsam?

– Devo lhe mostrar como se valsa em Viena, *chérie*? – indagou ele.

Ela arregalou os olhos, embora ele não soubesse se por causa da pergunta ou do uso do termo carinhoso em francês.

Gervase girou com ela em passadas mais abertas e rodopiou com mais vigor ao chegarem a um canto do salão. Lady Morgan o acompanhou. Ele conseguiu até mesmo arrancar um sorrisinho dela.

A valsa não fora criada para ser algo monótono e mecânico, com todos girando lentamente, em perfeito compasso uns com os outros. Gervase dançava naquele momento com Lady Morgan do modo como tinha certeza de que a valsa fora feita para ser dançada, os olhos e a mente concentrados na parceira, os ouvidos recebendo a música e transmitindo o ritmo e a melodia a cada célula do corpo, os pés convertendo os compassos em movimento.

Era uma dança sensual, que tinha a intenção de prender a atenção do homem na mulher e vice-versa. Tinha sido criada para evocar pensamentos em outro tipo de dança, ainda mais íntima.

Não era de estranhar que os britânicos tivessem receios em relação a ela.

Gervase rodopiou com Lady Morgan nos braços até que a luz dos candelabros se tornasse uma faixa cintilante acima deles e desviou habilidosamente de casais que giravam mais devagar, notando com satisfação que a jovem o acompanhava em cada passo, sem demonstrar o menor vestígio de medo de errar, de colidir com outros dançarinos ou de perder o equilíbrio. Os uniformes cintilantes dos oficiais, os vestidos de baile em tons pastel das damas, tudo se fundiu em uma melodia intermitente de cor.

Quando a primeira valsa daquela seleção terminou, os olhos de Lady Morgan cintilavam. Ela estava ligeiramente ruborizada e um pouco ofegante. E ainda mais encantadora do que antes.

– Nossa! – exclamou ela. – Gostei do modo como se dança em Viena!

Ele abaixou a cabeça para se aproximar mais dela.

– Acha que as senhoras do Almack's aprovariam?

– Com certeza, não – respondeu ela, e riu.

A música começou novamente. Mas dessa vez era uma valsa mais lenta, mais leve.

Gervase valsou com ela pelo meio dos outros dançarinos, como antes, desviando-se deles com precisão, variando a largura dos passos, alguns curtos e então um mais largo, girando com tanta velocidade que forçava as costas e o pescoço de Lady Morgan a se arquearem para trás. Ele sentia a música com o corpo, movia-se com as notas, desafiava a melodia, tomava liberdade com ela,

experimentava sua magia. E Lady Morgan se movimentava junto dele, sem errar, os olhos presos aos dele na maior parte do tempo. Gervase a segurava uma fração de milímetro mais próxima do seu corpo do que determinavam as regras, embora eles não se tocassem em nenhum lugar além dos permitidos.

Lady Morgan suspirou alto quando a música estava perto de terminar novamente.

– Não sabia que uma valsa poderia ser tão... – disse ela, girando a mão no ar, sem conseguir encontrar a palavra adequada para completar a frase.

– Romântica? – sugeriu ele. Então aproximou mais os lábios da orelha dela. – Erótica?

– Agradável – respondeu a moça. Então franziu a testa e voltou a encará-lo com a altivez de antes. – Essa não foi uma escolha de palavras nada adequada! E por que me chamou de *chérie*?

– Passei nove anos no continente, falando francês na maior parte do tempo – explicou Gervase. – E minha mãe é francesa.

– Então me chamaria de outra coisa, se tivesse passado esses anos na Inglaterra? – perguntou ela. – Ou se sua mãe fosse inglesa?

– Provavelmente, não. – Ele sorriu para ela. – Eu teria passado a vida toda em meio às suscetibilidades e inibições inglesas. Que tédio teria sido... Sou grato por minha mãe ser francesa, *chérie*.

– Não deve me chamar assim – retrucou ela. – Não lhe dei permissão. Entenda que *eu* sou inglesa, com todas as suscetibilidades e inibições inglesas... E com todo o tédio.

Ela era irmã de Bewcastle até o último fio de cabelo, pensou Gervase. A não ser pelo fato de que ele conseguia ver a rebeldia sob a superfície aristocrática, a borboleta ansiosa para voar, para se libertar do casulo. E via a mulher por trás dos traços muito jovens, que com certeza era capaz de uma paixão ardente.

– Não acredito na senhorita nem por um momento – disse Gervase baixinho, sorrindo para ela. – Mas se não posso chamá-la de *chérie*, qual a outra opção? Que tipo de nome para uma dama é Morgan?

– Foi escolha da minha mãe – explicou ela. – Todos temos nomes incomuns, minha irmã e meus irmãos também. Mas o meu não é tão estranho assim. Nunca ouviu falar de Morgan, ou Morgana, das lendas arturianas? É uma mulher.

– E uma feiticeira – disse ele. – Seu nome faz todo o sentido, então.

– Bobagem – retrucou ela bruscamente. – Além do mais, não sou Morgan para o senhor, não é mesmo, lorde Rosthorn? Sou *Lady Morgan*.

A música começou mais uma vez para a última valsa daquela seleção. O sorriso de Gervase se transformou em uma gargalhada.

– Ah! – exclamou Lady Morgan, se animando. – Outra música mais rápida. Dançar às vezes pode ser muito tedioso, não acha, lorde Rosthorn?

– Se o modo de dançar for o inglês, tenho que concordar com a senhorita – respondeu ele. – Mas o modo vienense é mais... hã... interessante, não concorda?

– Quando fez essa pausa, sua intenção era que eu pensasse naquela outra palavra, não era? – perguntou ela. – Acredito, lorde Rosthorn, que o senhor está flertando de forma escandalosa comigo. Mas tome cuidado: não sou tão ingênua quanto posso parecer. Sim, vamos valsar à moda vienense, pois é mais *interessante*. – A jovem sorriu para ele.

Aquele sorriso guardava toda a luz do sol, todo o calor de um dia de verão, e Gervase percebeu que a moça estava fazendo o jogo dele – ou o que achava que fosse o jogo dele. Lady Morgan era muito mais interessante do que ele imaginara. Talvez até mesmo provasse ser uma oponente de valor.

Ele esperava que sim.

– Me convenceu, *chérie* – falou, girando com ela e sustentando seu olhar sorridente. – Vamos executar o modo *erótico* da dança.

O rosto dela ficou ruborizado. Mas Gervase percebeu que Lady Morgan não afastou o olhar. Ele sorriu lentamente para ela.



Quase todos os britânicos em visita a Bruxelas haviam se deslocado para a cidade de Schendelbeke e cruzado a ponte temporária sobre o rio Dender até onde, na margem próxima a Grammont, o duque de Wellington passava em revista a cavalaria britânica. Von Blücher, o marechal prussiano, também estava lá.

O lugar era um belo cenário para um espetáculo daqueles. E aquilo era mesmo um verdadeiro espetáculo. Primeiro, a cavalaria ficou parada para ser inspecionada, e Morgan, sentada em uma carruagem aberta com Rosamond e os condes de Caddick, poderia jurar que nenhum dos milhares de homens, assim como nenhum dos milhares de cavalos nos quais eles estavam montados, havia movido um único músculo. Então, lorde Uxbridge, seu comandante, passou marchando com a cavalaria pelo duque, e todos se moviam tão perfeitamente juntos que era como se toda a força fosse uma unidade.

– Como qualquer mulher normal conseguiria não se apaixonar por cada um desses oficiais? – perguntou Rosamond com uma risadinha, embora falasse em um sussurro para que a mãe não ouvisse.

Às vezes Morgan achava a amiga um pouco tola em seu entusiasmo, mas naquele caso Rosamond não deixava de ter razão. Morgan não teria perdido aquele evento por nada no mundo. Àquela altura, se ainda estivesse em Londres, provavelmente estaria acompanhando sua tia Rochester em visitas sem graça. Por outro lado, quando tentara, pouco tempo antes, iniciar uma conversa com o conde de Caddick sobre a real necessidade de a disciplina militar sobrepujar o direito do homem à individualidade, recebera em resposta olhares perplexos das damas e um mero grunhido do conde.

O regimento dos Life Guards fazia parte da revista e se adiantou em todo o seu esplendor escarlate imaculado. Os oficiais

montavam cavalos magníficos, perfeitamente treinados – os melhores de toda a Europa, segundo lorde Gordon. O capitão encontrava-se entre os seus homens naquele momento. Também estavam ali vários outros jovens oficiais que faziam parte do grupo usual de amigos dele.

Se em algum momento a cavalaria britânica fosse forçada a entrar na batalha, predisse Rosamond em voz alta, com certeza bastaria que a cavalaria francesa desse uma única olhada neles para estacar, em pânico, apavorada demais até para fugir. Não que a situação fosse *algum dia* chegar a esse ponto, é claro.

Morgan não tinha tanta certeza em relação a nenhuma das duas possibilidades. Na véspera mesmo, Alleyne a alertara para o fato de que a situação começava a parecer séria e de que era bastante provável que os Caddicks logo decidissem retornar à Inglaterra. E, com certeza, pensou ela, anos de campanhas militares deveriam ter ensinado a todos na Europa que seria uma grande tolice subestimar Bonaparte e os soldados franceses que sempre haviam lutado por ele com incansável bravura. Muitos britânicos, é claro, não estavam dispostos a admitir que qualquer outro povo que não o inglês fosse capaz de mostrar bravura.

Ela guardou para si seus pensamentos.

Depois de terminada a revista, o capitão Gordon e vários outros oficiais cavalgaram até a carruagem aberta para cumprimentar o conde e a condessa e para conversar com as jovens damas. Morgan estava bastante consciente de que o espetáculo visual daquela tarde não era uma apresentação de circo. Era a realidade, homens de verdade se preparando para a guerra – para matar e serem mortos. Ela girou o guarda-sol acima da cabeça e fixou o olhar em cada um deles. Era difícil imaginar toda aquela vitalidade masculina em uma luta tão desesperada.

– O duque de Wellington está esperando ansiosamente pela chegada de mais tropas estrangeiras – explicou lorde Gordon a Morgan. Ele manobrou o cavalo para ficar ao lado da porta perto da qual ela estava sentada. – E dizem que está apavorado, com medo de que o restante das tropas experientes que lutaram com ele na Guerra da Península não consiga voltar da América a tempo de

fazer os franceses recuarem, caso sejam tolos o bastante para atacá-los aqui. Mas é fácil ver que apenas a nossa cavalaria já é forte e brutal o bastante para alcançar esse intento sem maiores dificuldades.

Seus colegas oficiais aplaudiram, sorridentes.

– Não concorda comigo, Lady Morgan, depois de ter assistido à revista? – perguntou ele.

Morgan sabia muito bem – como todos deviam saber – que era sempre a infantaria que ganhava ou perdia uma batalha.

– Sem dúvida, os senhores parecem formidáveis – respondeu.

– E o regimento dos Life Guards? – perguntou ele. – É de conhecimento geral que somos a nata, por assim dizer, que todos os ingleses das mais altas patentes escolhem os Guards, considerando que possam pagar pela patente, e que temos os melhores cavalos. Já notou como o resto da cavalaria e todos os regimentos de infantaria e de artilharia olham para nós com inveja e admiração? Principalmente os jaquetas verdes.

Os companheiros dele voltaram a rir e a aplaudir, e Lady Caddick sorriu com complacência. Rosamond estava envolvida em uma conversa particular com o major Franks, que dera a volta até o lado da moça na carruagem.

Morgan desejou que eles não parecessem tanto, de um modo que chegava a ser desconcertante, um grupo de colegiais com a intenção de ganhar um jogo de críquete de uma escola rival. Ela não podia deixar de se perguntar, com certo desconforto, como tropas tão despreparadas se saíam em batalha. A maior parte dos jaquetas verdes a quem lorde Gordon se referira era formada por atiradores. Muitos haviam lutado na Guerra da Península e eram de tropas experientes, treinadas em batalha. Vários deles talvez tivessem uma aparência menos abastada, mas Morgan percebera que os outros soldados se dirigiam a eles com um respeito considerável.

– O regimento dos Life Guards parece particularmente magnífico – concordou ela.

O capitão sorriu, satisfeito.

– Nada deve temer, Lady Morgan – disse ele. – Em primeiro lugar, nenhum francês em seu juízo perfeito lutará de novo por Bonaparte se puder evitar. Além disso, Bruxelas está cercada por nossas próprias tropas aliadas em uma fortaleza de proteção impenetrável. E, se todo o resto falhar, com certeza os Life Guards não falharão. A senhorita está totalmente a salvo de qualquer mal.

Houve mais aplausos bem-humorados.

– Não me sinto ameaçada – assegurou Morgan.

– Eu lhe garanto que não a manteríamos em Bruxelas se houvesse qualquer perigo, Lady Morgan – comentou Lady Caddick –, conforme garanti ao duque, seu irmão, antes de viajarmos para cá.

– De certo modo – continuou lorde Gordon, com sua ansiedade infantil, toda a atenção ainda concentrada em Morgan –, lamento que Bonaparte jamais se *aproximará* de Bruxelas. Nada me daria mais prazer do que uma batalha para ensinar a ele uma ou duas coisas sobre a cavalaria em geral e sobre o regimento inglês dos Life Guards em particular. Se Wellington nos tivesse junto a ele na Espanha, me arrisco a dizer que não teria demorado tanto a empurrar os franceses de volta para a França.

– Talvez não – disse Morgan. – Mas vocês estão aqui agora.

Morgan se sentia profundamente indignada. Até o ano anterior, o irmão dela, Aidan, fora um oficial da cavalaria. Lutara em Portugal, na Espanha e na França, combatendo na Guerra da Península com as forças de Wellington a cada passo lento do caminho. E Morgan nunca ouvira o irmão alegar que seu regimento – ou mesmo a cavalaria apenas – havia vencido a guerra. Aidan sempre falava com respeito de todas as forças militares com as quais lutara, fosse a cavalaria, a infantaria, a artilharia, os britânicos ou os aliados. E falava com mais respeito ainda dos franceses. Mas, é claro, Aidan era mais velho e mais experiente.

Àquela altura, os pensamentos de Morgan foram desviados quando seus olhos avistaram o conde de Rosthorn, a cavalo, a curta distância, ao lado de um cavalheiro que ela não conhecia. Morgan reconheceu imediatamente o conde. Não o via desde a noite do baile dos Camerons, mas não esquecera a valsa que haviam

dançado – nem a conversa que tinham entabulado. Embora a honestidade a forçasse a admitir que se divertira, lembrou o momento com desaprovação. Ele a tratara com uma intimidade que a incomodara – e continuara a chamá-la de *chérie* mesmo depois de ela dizer que não o fizesse. E estivera determinado a chocá-la, ao contar sobre o motivo pelo qual fora banido da Inglaterra e ao usar aquela palavra – “erótica” – para descrever a dança deles. O conde pronunciara o termo duas vezes. E a segurara perto demais enquanto valsavam, chegando mesmo a aproximar a cabeça uma ou duas vezes para falar baixinho no ouvido dela. Ele era, é claro, um sedutor, e usara seus encantos com ela como se a considerasse uma moça imatura e, portanto, incapaz de perceber suas intenções.

Depois do baile, Morgan decidira que se o conde de Rosthorn voltasse a se aproximar dela, seria dura. Não iria mais dançar conforme a música dele. Afinal, era uma Bedwyn.

O conde a viu. O olhar dele sustentou o dela e a expressão em seu rosto não era exatamente sorridente – era mais uma mistura de zombaria e divertimento que iluminou os olhos indolentes e fez os cantos da boca se curvarem para cima. Morgan se recusou a ser a primeira a desviar o olhar. Ela ergueu as sobrancelhas no que esperou ser uma boa imitação de Wulfric quando o irmão queria acabar com a pretensão de alguém e quase congelava a pessoa com o olhar. Então lorde Rosthorn guiou o cavalo na direção da carruagem de Morgan, desviando-se das outras carruagens e dos cavaleiros ao redor.

Que chatice!

O grupo de oficiais abriu espaço para deixá-lo passar, alguns parecendo um tanto surpresos.

– Ah, Lady Caddick, madame – disse o conde, afastando os olhos de Morgan no último momento possível e tocando a aba do chapéu para cumprimentar a condessa. – Esperava encontrá-los aqui. Como vão?

– Lorde Rosthorn – disse Lady Caddick, toda amável. – Estava assistindo à revista? Nunca me entretive tanto e me senti tão orgulhosa na vida. Conhece Caddick?

Os cavalheiros, que ao que parecia de fato se conheciam, trocaram acenos amáveis de cabeça e lorde Rosthorn voltou a se dirigir a Lady Caddick enquanto o resto do grupo parava de conversar educadamente e observava.

Morgan estava mais do que um pouco irritada. Ansiava por alguma deixa para colocar o homem em seu devido lugar de forma bastante contundente.

– Estou planejando um piquenique na floresta de Soignes – comentou lorde Rosthorn – e preciso montar uma lista de convidados.

– Um *piquenique*! – exclamou Rosamond, afastando o olhar do major Franks e se voltando, animada, para Morgan.

– Um piquenique sob o luar – acrescentou lorde Rosthorn, sorrindo afetuosamente para Rosamond antes de voltar a se dirigir à mãe da moça. – Me daria um grande prazer, madame, se a senhora e lorde Caddick aceitassem o meu convite e levassem com vocês sua filha e Lady Morgan.

Rosamond levou as mãos ao colo.

– E o filho de vocês também – acrescentou o lorde –, assim como qualquer outro oficial do regimento dos Life Guards que desejarem incluir no convite.

– Isso é muito gentil da sua parte, lorde Rosthorn – disse Lady Caddick. – Ficaríamos encantados em comparecer, não é, Caddick?

Lorde Caddick grunhiu.

– Esplêndido! – retrucou o conde de Rosthorn. – Então darei a mim mesmo a honra de avisá-los em Bruxelas assim que tiver detalhes mais específicos, madame.

Ele não se demorou mais. Deu a volta com o cavalo e manobrou por entre a multidão mais uma vez para se juntar aos amigos que o aguardavam por perto. Mas, antes de ir, encarou Morgan diretamente, inclinou o corpo em uma reverência educada e voltou a brindá-la com um meio sorriso, como se os dois compartilhassem algum segredo divertido. Morgan quase esperou que o conde a chamasse de *chérie*.

– Ora! – exclamou ela, irritada, para ninguém em particular.

Estava bastante aborrecida. Como ele ousava? Não havia dirigido uma única palavra a ela. E mal a olhara depois de se aproximar. Ainda assim, Morgan tivera a forte impressão de que todos ali haviam sido convidados para o piquenique por causa dela.

O que o conde estava pretendendo?

Ela adoraria ter tido a oportunidade de avaliar o convite, girando o guarda-sol de forma despreocupada, para depois de algum tempo recusá-lo publicamente, com determinação, sem dar nenhuma desculpa. Um simples não. Em vez disso, tivera que ficar sentada em silêncio, apenas ouvindo, como uma criança cujos desejos não são consultados.

Seria bem-feito para o conde se realmente estivesse planejando aquele piquenique por causa de Morgan e ela não aparecesse.

O sotaque francês dele ficara claro durante toda a curta conversa. Mas o homem era britânico, não era? Será que ele esperava que ela achasse aquele sotaque irresistível só porque diziam que o francês – ou o inglês falado com sotaque francês – era o idioma do amor? Um libertino deveria ao menos ser mais sutil em sua abordagem.

É claro, pensou Morgan, que mostrar que podia ser mais esperta do que um sedutor barato qualquer animaria seus dias de algum modo – os dias dela realmente haviam se tornado bastante tediosos. E a ideia de um piquenique à luz do luar na floresta de Soignes, sem dúvida, era atraente.

– Quem aquele sujeito pensa que é? – perguntou lorde Gordon, irritado, uma das mãos tamborilando na porta da carruagem. – Ele espera que fiquemos impressionados com seu título, mas há anos não põe os pés na Inglaterra. Em vez disso, fica zanzando pelo continente, alimentando sua má reputação. Mas eu não deveria me espantar. O homem forçou sua presença no baile dos Camerons, anteontem, e dançou a primeira seleção de valsas com Lady Morgan, uma dança que *eu* já havia decidido que seria minha.

– Eu não havia prometido aquela dança a ninguém, capitão – lembrou Morgan com rispidez enquanto Rosamond se virava para interagir animadamente com o major Franks. Os outros oficiais

também conversavam entre si e Lady Caddick estava fazendo um comentário com o marido. – Teria sido impróprio dançar de novo com o senhor logo depois da música de abertura do baile. O conde de Rosthorn foi devidamente apresentado a mim e me fez um convite formal para uma seleção de valsas, convite que eu aceitei.

– Peço perdão – apressou-se a dizer o capitão. – Apenas achei o sujeito abusado e não gostaria que ele forçasse suas atenções à senhorita, caso não estivesse disposta. Talvez não seja esse o caso.

– Se eu não estivesse disposta – retrucou Morgan –, teria recusado diretamente o convite do conde, ainda mais se ele houvesse mesmo sido abusado. Mas não posso encarar uma apresentação feita de forma apropriada como *forçar* atenções a mim. E hoje ele fez o convite para o piquenique também de forma muito apropriada, e ampla, à sua mãe.

– Peço perdão – disse o capitão mais uma vez, em um tom rígido.

Aquilo foi o mais próximo que ela já chegara de se desentender abertamente com ele. Mas a verdade, pensou Morgan, era que o capitão podia ser muito cansativo. E possessividade era algo que ela não toleraria em homem algum que não fosse seu marido – nem mesmo em seu marido, decidiu, corrigindo o próprio pensamento.

Mas era impressionante o que aquele homem a havia obrigado a fazer, cismou Morgan, voltando os olhos na direção de lorde Rosthorn, que se afastava. Ali estava ela, defendendo o conde, quando se sentia bastante irritada com ele.

O que ele *pretendia*?

CAPÍTULO III



Os preparativos para a guerra prosseguiram a passos largos na Bélgica. Todo dia chegavam novas tropas, suprimentos e artilharia – embora, de acordo com os comentários correntes, nunca em quantidade suficiente para satisfazer o duque de Wellington. Mas poucos acreditavam que Bruxelas corresse algum perigo. Apenas alguns tinham retornado à segurança das Ilhas Britânicas. A maior parte das pessoas se dedicava com entusiasmo cada vez maior a aproveitar as distrações que lhes eram oferecidas diariamente, determinadas a ficar perto de seus maridos, irmãos, filhos e amantes pelo tempo que fosse possível.

O piquenique noturno oferecido pelo conde de Rosthorn na floresta de Soignes acabou sendo mais popular do que qualquer outro entretenimento até aquele momento. Entre dezenas de convites enviados, houve apenas três recusas.

É claro que aquela fora uma ideia concebida inteiramente no calor do momento, admitiu Gervase para si mesmo depois de sua conversa com Lady Caddick no dia da revista das tropas. Ele fora até lá com o firme propósito de encontrar Lady Morgan Bedwyn mais uma vez. Waldane rira dele e dissera, com certa malícia, que Gervase despertaria a inveja de todas as anfitriãs de Bruxelas – desde que o evento não fosse prejudicado pela chuva. Mas Gervase não dera ouvidos ao amigo. Contratara profissionais na organização de eventos e deixara todos os detalhes dos preparativos em mãos

experientes, inclusive a confecção da lista de convidados – apenas os instruíra a convidar todo mundo que fosse importante –, e seguiu com sua vida como se ele mesmo não passasse de mais um convidado.

Ao nascer do dia marcado para o piquenique, todos os preparativos estavam encaminhados e a única preocupação de Gervase era com as condições climáticas. Mas depois de uma manhã de chuviscos intermitentes e de uma tarde nublada, o céu clareou por volta da hora do chá e o sol brilhou até se pôr. A lua apareceu no céu antes mesmo que a noite caísse por completo e a escuridão trouxe consigo milhões de estrelas cintilantes. A noite estava quente e sem vento.

Enquanto examinava o lugar do evento, elogiava o chefe do pessoal responsável pela organização – que estava ali para anunciar os convidados e supervisionar pessoalmente o serviço de bufê e outros detalhes – e esperava a chegada dos primeiros convidados, pensou que agora só lhe restava torcer para que Lady Morgan Bedwyn não encontrasse alguma desculpa para não estar presente.

Ela se eriçara com uma irritação quase visível no dia da revista das tropas, quando Gervase praticamente a ignorara depois de tê-la encarado a distância por um longo momento e de ter se dirigido – com perfeita correção – à acompanhante da moça.

E Lady Morgan era uma jovem muito orgulhosa e arrogante. Poderia muito bem decidir puni-lo ficando em casa, alegando uma dor de cabeça ou qualquer outra breve indisposição.

Mas ele apostaria que a dama era orgulhosa demais para dar uma desculpa falsa, e ousada demais para não encarar de cabeça erguida o desafio dele. Ela provavelmente *reconhecera* o desafio. Gervase ficara encantado ao descobrir que Lady Morgan Bedwyn não era uma jovem tola.

Mesmo assim, admitiu ele, aquela era uma aposta extremamente alta.

Despertar a inveja de todas as anfitriãs de Bruxelas... por Deus!



Morgan usava um vestido de noite verde-claro que, por algum motivo, lhe parecera adequado à ocasião. Estava sentada na carruagem aberta ao lado de Rosamond, de costas para os cavalos e de frente para lorde e Lady Caddick. A noite não poderia estar mais agradável para um evento como aquele nem que a houvessem encomendado, pensou ela, e ergueu o rosto para o céu, que estava quase completamente visível por entre os galhos altos das árvores.

Morgan descobrira que o piquenique seria um evento grande e luxuoso, já que o conde de Rosthorn estendera o convite verbal para além de Dender. Todas as pessoas que ela conhecia haviam sido chamadas. Até Alleyne iria, assim como um grande número de oficiais – inclusive, é claro, o capitão Gordon.

Ela quase não fora. Chegara até mesmo a pensar na mensagem que mandaria pelos Caddicks – insistiria em que eles fossem, é claro. Pediria que informassem ao conde de Rosthorn que ela havia preferido permanecer em casa com um bom livro naquela noite, já que saíra em todas as noites por uma semana e estava um pouco cansada de tanta diversão. Mas Lady Caddick jamais transmitiria uma mensagem como essa, é claro. Ela certamente acabaria dizendo ao conde que Morgan estava com dor de cabeça ou algo semelhante.

Além do mais, Morgan desprezava a ideia de evitar o conde. Seria muito melhor, decidira, comparecer ao evento, confrontá-lo e fazê-lo entender que se aquele piquenique fora idealizado em função dela, então ele cometera um grande erro de julgamento. Deixaria claro que considerava as atenções libertinas dele um tremendo aborrecimento.

Ela nunca tivera que lidar com um libertino em Londres. Wulfric teria erguido apenas meia sobrancelha e isso já bastaria para apavorar qualquer um que sequer *imaginasse* a possibilidade de

flertar daquela forma com ela. E tia Rochester pairaria ao redor dela como uma grande ave belamente emplumada.

No entanto, Morgan teve que admitir para si mesma, havia uma certa satisfação na perspectiva de uma guerra de vontades com um libertino experiente.

– O ar está quente agora – comentou Lady Caddick –, mas é possível que esfrie mais tarde. Talvez devêssemos ter vindo na carruagem fechada, Caddick.

Lorde Caddick grunhiu, e Morgan e Rosamond trocaram sorrisos. Elas preferiam a carruagem aberta.

O que acontecia em um piquenique noturno? Esta era uma pergunta que Rosamond fizera várias vezes ao longo dos últimos dias. Seria parecido com um vespertino? Os convidados se sentariam sobre mantas, comeriam coxas de galinha e tortas de lagosta e beberiam vinho? Haveria passeios na floresta depois? Mas não estaria escuro demais entre as árvores? Talvez, sugerira Rosamond, a escuridão garantisse uma boa desculpa para que uma dama se perdesse por alguns minutos com o cavalheiro de sua escolha.

Se isso acontecesse com ela, pensou Morgan secamente, o cavalheiro, sem dúvida, seria o capitão Gordon. Ou o conde de Rosthorn... Isso, sim, ao menos seria um desafio interessante.

A floresta de Soignes era como uma grande catedral, pensou Morgan, inspirando a fragrância fresca ao redor enquanto a carruagem seguia e lembrando o odor de um incenso. A vegetação rasteira era escassa por ali. De cada lado da estrada, as faias se erguiam acima deles, os troncos altos, maciços e prateados lembrando colunas. Os galhos das árvores se entrelaçavam como uma cúpula de desenho intrincado. A floresta inspirava assombro, como aconteceria em uma catedral gótica. Era como se estivessem bem no meio de algo poderoso, misterioso, além do mundano, do rotineiro, algo que elevava o espírito a outro plano.

De repente, Morgan sentiu uma vontade irresistível de pintar aquilo tudo – a floresta e a alma que ela guardava. De repente, a vida que vinha levando nos últimos meses pareceu extremamente

banal. Sentia falta do campo ao redor de Lindsey Hall e das frequentes horas de solidão que tanto prezava.

– Eu me pergunto se a luz do luar passará por entre os galhos o suficiente para nos permitir ver o que comemos – comentou Rosamond, também olhando para cima. – Talvez a floresta não tenha sido a melhor escolha de lugar...

Mas, com certeza, o conde de Rosthorn – ou pelo menos quem quer que ele tenha contratado para cuidar do piquenique – teria previsto a possibilidade desse problema e encontrado uma solução. Morgan duvidava que o conde houvesse levantado um dedo na preparação. E estava certa, é claro. Conforme a carruagem se aproximava do lugar marcado para o piquenique, eles iam vendo mais lampiões – centenas deles, em todas as cores do arco-íris – pendurados nos galhos das árvores.

Subitamente, a floresta ganhou um tipo diferente de encanto – agora feito pelo homem, mais humano, mais íntimo, mais romântico. A seu modo, era tão atraente quanto a beleza natural na qual Morgan acabara de se perder.

– É mágico – disse Rosamond, os olhos brilhando. – Como os Vauxhall Gardens, o jardim de prazeres.

Pequenas mesas tinham sido arrumadas em meio às árvores, cada uma posta com uma toalha branca engomada, com a mais fina porcelana, copos de cristal e talheres de prata. Em todas elas havia um lampião colorido brilhando no centro.

Mas o esplendor não era só visual.

– Escutem! – exclamou Morgan, erguendo uma das mãos.

Conforme a carruagem parava e desaparecia o barulho das rodas rangendo e dos cascos dos cavalos, eles conseguiram ouvir música. Havia uma pequena orquestra posicionada sobre uma plataforma de madeira em meio às árvores. Um grande piso de madeira fora montado junto à plataforma.

– Vai haver *dança*! – comemorou Rosamond, apertando com força o braço de Morgan.

Quem quer que houvesse planejado aquilo para ele, pensou Morgan, obviamente fizera um trabalho fantástico. O piquenique seria o assunto geral por dias, talvez mesmo por semanas.

Outras carruagens se aproximavam pela mesma estrada por onde eles chegaram, os lampiões acesos para iluminar o caminho à frente. Mas vários convidados já estavam no local. E, entre eles, inúmeros oficiais de jaqueta escarlate.

– Este será o melhor evento da temporada até agora – declarou Rosamond.

Quando o cocheiro posicionou os degraus e abriu a porta da carruagem, Morgan viu o conde de Rosthorn se desvencilhar de um grupo de convidados e se dirigir para onde estavam os Caddicks e ela. Ele tinha uma aparência esplêndida, todo de prateado suave e branco. Seus trajes eram formais: calções na altura dos joelhos e meias brancas, percebeu Morgan. Era um figurino que lhe caía bem – as pernas dele eram longas, musculosas e bem-feitas. O conde tinha um sorriso indolente estampado no rosto e estava mesmo muito bonito.

Morgan pousou a mão na do conde, depois de ele ter ajudado Lady Caddick a descer.

– Parece uma cena de um idílio pastoril, lorde Rosthorn – disse ela. – Está muito bem-arrumado. Queira aceitar meus cumprimentos.

Havia um sorriso nos olhos dele quando a encarou, depois que ela já descera.

– Então meus esforços não foram em vão – retrucou, antes de se voltar para Rosamond.

Ah, pensou Morgan, então ela não havia se enganado. É claro que não havia se enganado.

– Estamos determinadas a nos divertir mais esta noite do que em qualquer outro evento da temporada, milorde – comentou Rosamond. – Não é, Morgan?

– Darei o melhor de mim para garantir que consigam fazer isso – respondeu lorde Rosthorn.

Mas era para Morgan que ele olhava enquanto falava.

O conde dispensou com um aceno um criado de aparência muito superior quando o homem tentou levar o grupo de Morgan para uma das mesas. Então ofereceu o braço a Lady Caddick e acompanhou pessoalmente os quatro até uma mesa próxima da

orquestra e da pista de dança de madeira. Daquele lugar, eles teriam uma visão perfeita de toda a área do piquenique, que era como um amplo salão de baile, sustentado por pilares, com um teto de folhas verdes, o piso levemente irregular e ar puro para respirar, perfumado com o aroma da floresta e da terra. Lâmpioes coloridos acrescentavam uma aura de encantamento e romantismo a toda a cena.

Lorde Rosthorn se inclinou em uma mesura, mas não se demorou junto deles. Um garçom se adiantou na direção da mesa, trazendo nas mãos uma garrafa de vinho enrolada em um guardanapo branco engomado.

Durante a hora seguinte, Morgan ficou sentada com seu grupo. Depois que todos haviam chegado e sido conduzidos a seus lugares, foi servido o jantar, constituído por saladas sofisticadas, enquanto a orquestra tocava e um tenor cantava. A beleza da voz do cantor levou lágrimas aos olhos de Morgan. Depois da refeição, vários jovens oficiais se aproximaram da mesa deles e lorde Caddick pediu licença para se juntar a um grupo de conhecidos, reunidos sob uma faia próxima.

O capitão Gordon e o major Franks convidaram Morgan e Rosamond para dar um passeio ao redor da área do piquenique e cumprimentar conhecidos em comum. Lady Caddick, em resposta ao olhar ansioso que a filha lhe lançou, assentiu graciosamente, dando seu consentimento.

A orquestra estava no meio de um intervalo. As danças começariam quando eles voltassem, previu o capitão Gordon, dirigindo-se a Morgan. Ele achava a pista de dança de madeira um pobre substituto ao piso encerado de um salão de baile, em uma casa elegante, e acrescentou que a orquestra não era tão boa quanto algumas que ouvira em Bruxelas, mas que ainda assim esperava que Lady Morgan estivesse se divertindo.

– Imensamente – assegurou ela. – Com certeza, a magia destas árvores, a luz e a cor de todos estes lâmpioes mais do que compensam qualquer pequena perda. Afinal, a pista de dança de madeira precisou ser montada sobre o terreno irregular da floresta,

e a orquestra tem que se contentar com condições acústicas muito abaixo do ideal.

– Ah, mas é claro, com certeza – falou o capitão. – Não poderia concordar mais, Lady Morgan. Estava apenas preocupado que não fosse do seu gosto. De fato, é um evento esplêndido.

E lá estava ela de novo, pensou Morgan, se vendo forçada a defender o evento do conde de Rosthorn. Na verdade, apesar da novidade de um piquenique à luz do luar, a noite fora organizada para ser muito parecida com quase todas as outras desde a sua apresentação à sociedade. Ao menos estavam todos ao ar livre, em um cenário adorável. Morgan se distanciou intimamente do seu eu social, que sorria e conversava como ditavam as boas maneiras, e ficou observando como se estivesse no coração tranquilo e silencioso da floresta.

Quem dera ela estivesse ali pintando, em vez de socializando.

O conde de Rosthorn estava parado diante da mesa deles, conversando com Lady Caddick, quando as moças voltaram. Ele se virou para Morgan, sorrindo.

– Ah, aí está a senhorita – disse. – Espero que o jantar a tenha agradado.

– Agradou, sim, obrigada – garantiu ela.

Morgan percebeu como as roupas claras dele contrastavam com as cores vivas dos uniformes usados pela maior parte dos convidados e achou que, de um modo que ela não conseguia definir direito, ele parecia muito mais másculo do que todos aqueles oficiais.

– Lady Morgan, estaria interessada em dar um passeio em minha companhia? – perguntou o conde.

Apenas ela. O convite não se estendia a Rosamond.

– Pode ir, Lady Morgan – autorizou Lady Caddick, com gentileza. – Mas permaneça à vista.

O capitão Gordon pigarreou, como se estivesse prestes a protestar. Mas se ele tinha a intenção de detê-la, seu gesto, é claro, provocou o efeito oposto. Além do mais, Morgan estava curiosa para saber como o conde se comportaria. Tinha quase certeza de que ele organizara tudo aquilo por ela. O homem *realmente* acreditava que

ela se deixaria impressionar e ficaria suspirando diante de uma exibição tão exagerada de devoção?

– Obrigada – disse ela, brindando-o com um de seus sorrisos mais altivos enquanto aceitava o braço que ele oferecia. – Eu adoraria.

Era um braço firme, musculoso. O conde era quase uma cabeça maior do que ela, percebeu Morgan, que era bem alta. Ele era maior até do que o capitão Gordon. E agora abaixara os olhos na direção dela com aquele já familiar sorriso zombeteiro – como se *soubesse* que ela percebera seu jogo, mas continuasse disposto a ganhar de qualquer modo.

– Deve ter sido uma empreitada e tanto – comentou Morgan – planejar um piquenique à luz do luar.

– Eu arriscaria dizer que sim – respondeu o conde –, para monsieur Pepin, da agência Pepin. Mas a senhorita teria que perguntar a ele para ter certeza. Ele *até* tentou me envolver em uma ou duas decisões mais difíceis que precisou tomar, mas lembrei-o de que estava lhe pagando uma belíssima quantia para que ele tirasse de meus ombros todo esse fardo tedioso. Agi certo? Ele era *mesmo* confiável? Uma das dúvidas de monsieur Pepin, seriíssima, na opinião dele, imagino, era se deveria conseguir que mesas fossem trazidas até aqui ou se seria melhor espalhar mantas pelo chão.

Agora, os olhos dele estavam claramente risonhos ao encará-la.

– Mesas e cadeiras são mais confortáveis do que mantas – comentou Morgan. – E compuseram um lindo cenário quando chegamos, arrumadas formalmente como estavam.

– Eu teria ficado arrasado se a senhorita tivesse preferido as mantas – disse o conde, levando a mão livre à altura do coração.

Morgan não conseguiu evitar sorrir.

– E outra dúvida de monsieur Pepin era se deveríamos permitir que a luz da lua e das estrelas fosse filtrada pelas sombras da floresta, presumindo que a noite não estivesse nublada, e só colocar lampiões sobre as mesas ou se seria melhor pendurá-los também nas árvores, interferindo assim na beleza natural. Temo não ter a

mente filosófica necessária para lidar com questões tão torturantes. Àquela altura, deixei bem claro que *não* deveria ser consultado de novo a não ser no caso de uma emergência séria, como a lua se movendo para uma outra galáxia ou um exército de guardas florestais chegando para derrubar as árvores da floresta. A senhorita acha que monsieur Pepin fez a escolha certa?

– O modo como os lampiões foram pendurados valoriza a beleza da natureza em uma ocasião como esta – opinou Morgan.

– Eu teria ficado devastado se a senhorita pensasse de outro modo – falou o conde.

Morgan riu abertamente.

Como alguém poderia levar a sério um flerte tão óbvio, tão teatral? Ela não pretendia, pensou. Também achou que o conde de Rosthorn de algum modo era mais esperto do que esperara. Ele percebera, é claro, que ela notaria a intenção dele e, assim, não estava tentando esconder seus motivos. Escolhera fazê-la rir deliberadamente, e se divertir.

Ora, ela *estava* se divertindo também – e isso era melhor do que se sentir entediada. Mas era bom que o conde não tivesse ilusões de que isso a tornaria mais disposta a ceder aos planos dele, fossem quais fossem.

Os dois estavam passeando pela área do piquenique, bem à vista de Lady Caddick e de qualquer outra pessoa que se importasse em tomar conta do que Morgan fazia – Alleyne, por exemplo, que estava lá. Mas agora a maior parte dos convidados estava de pé, se misturando uns aos outros. Risadas e conversas animadas deixavam claro que o piquenique de lorde Rosthorn era um sucesso retumbante.

Morgan imaginou que, depois de um tempo decente, ele a levaria de volta à mesa de Lady Caddick – e que ficaria se distraíndo até começarem as danças. Mas o conde não estava com pressa de deixar a companhia dela. Ele manteve a mão de Morgan enfiada na dobra de seu braço quando passou a circular entre os convidados, trocando breves cumprimentos com a maioria, parando para conversar com alguns.

Morgan conhecia quase todos que estavam ali, por isso sentia-se completamente à vontade. Mas percebeu que o conde mantinha o braço dela preso ao dele, de forma que Morgan não conseguisse soltá-lo mesmo que quisesse a não ser atraindo a atenção das pessoas ao redor para o gesto. Lorde Rosthorn tinha o firme propósito de conservá-la a seu lado, quase como se ela fosse a anfitriã da noite, ou a convidada de honra. Quase como se eles fossem um casal. Na verdade, não era exatamente apropriado da parte dele mantê-la só para si por tanto tempo e chamando atenção dessa forma. Morgan se perguntou se na manhã seguinte eles seriam o assunto do dia – Lady Morgan Bedwyn, que estava quase comprometida com o capitão Gordon, e o misterioso e ousado conde de Rosthorn. Era preciso tão pouco para se tornar objeto de especulação e fofoca indesejada... como, é claro, ele devia saber muito bem.

Mas Morgan estava achando divertido entrar no jogo dele, ao menos por ora. Apenas Lady Caddick, Rosamond e os oficiais estariam aguardando quando o conde finalmente a levasse de volta à mesa.

Morgan havia esperado por algo um pouco mais... perigoso, talvez, mas a noite ainda não tinha terminado.

No momento em que ela pensava isso, o conde inclinou a cabeça para se aproximar da dela e falou de modo que apenas Morgan ouvisse:

– O barulho das conversas e a quantidade de pessoas parecem excessivos, não? – perguntou ele, tocando com os dedos a mão de Morgan pousada em seu braço. – Talvez eu devesse ter instruído a agência a não convidar tanta gente assim. Seria muito agradável ter mais espaço para respirar e ter ao menos a ilusão de uma privacidade maior, não acha?

– Acredito, lorde Rosthorn, que é correto dizer que há segurança nos números – comentou Morgan, lançando um olhar demorado na direção dele.

O conde se encolheu, como se estivesse profundamente chocado.

– A senhorita achou que eu estava sugerindo algo impróprio? – perguntou. – Feriu a minha sensibilidade de cavalheiro. Tinha apenas a intenção de lhe mostrar o que monsieur Pepin *me* mostrou pouco antes da chegada dos convidados. É algo incrivelmente inteligente. Permita que eu lhe mostre também. Não vai se afastar por um instante sequer dos olhos de águia de sua acompanhante.

Morgan viu de relance que Lady Caddick estava no meio de um grupo de oficiais que, ao que parecia, faziam a corte de forma animada à filha dela. Era bastante provável que houvesse esquecido completamente a existência de Morgan.

– Muito bem – disse ela –, mostre-me.

Morgan tivera a impressão até aquele momento de que os lampiões haviam sido pendurados em uma espécie de círculo ao redor da área do piquenique. Mas, quando lorde Rosthorn lhe apontou, ela percebeu que, em certos lugares, mais lampiões haviam sido pendurados em caminhos tangenciais ao círculo, criando avenidas onde era possível passear por entre as árvores sem ficar cercado pela total escuridão e sem correr o risco de se perder. Cada trilha iluminada acabava retornando à área principal.

– Não é maravilhoso? – perguntou ele, com um brilho zombeteiro nos olhos. – Eu *quase* lamento não ter tido um papel ativo no planejamento desta festa, porque assim poderia reivindicar o crédito por isso... avenidas semiparticulares para os que desejam estar juntos de forma semiparticular.

Morgan parou quando o conde estava prestes a entrar com ela em um dos caminhos.

– Realmente maravilhoso – concordou. – Mas não preciso ir além daqui. De onde estou, posso ver muito bem a forma brilhante como tudo foi projetado.

Ele riu baixinho.

– Teme que eu queira sequestrá-la, *chérie*? – perguntou o conde. – Bem à vista de todos os meus respeitáveis convidados? Esta área central é visível de todos os pontos das avenidas, que não são, é claro, avenidas de verdade, mas apenas trilhas por entre as árvores. E está vendo? Mesmo antes de as danças começarem,

outros casais descobriram por si mesmos esses caminhos mais tranquilos para passear. Permita que lhe mostre.

O sotaque francês dele se tornara mais pronunciado. E ele a chamara de *chérie* novamente. Morgan percebeu que o conde estava passando para o próximo estágio, mais perigoso, do jogo. Ela se perguntou por um instante por que ele a escolhera. Talvez por ela ser muito, muito rica? Libertinos não eram conhecidos por usar seus encantos com damas muito jovens sem um motivo desses, não é mesmo?

– Mas o senhor já fez isso – assegurou ela, erguendo os olhos para ele com uma expressão de estudada inocência.

– Ah – disse o conde –, teme que eu seja um lobo mau. Aceite minhas desculpas, Lady Morgan Bedwyn. Não forçaria minhas atenções a uma jovem dama que tivesse medo de mim.

Bem, o objetivo fora atingido, é claro. Embora soubesse muito bem que estava sendo manipulada como uma marionete, Morgan reagiu como ele esperava. Ela se eriçou.

– *Medo?* – repetiu ela, os dedos encontrando o leque que pendia de seu pulso. Ela o abriu e abanou o rosto vigorosamente. – Medo do *senhor*, lorde Rosthorn? Talvez não compreenda o que significa ser uma Bedwyn. Não tememos ninguém, posso lhe garantir. Mostre-me o caminho.

O conde sorriu para ela e Morgan notou a expressão de admiração em seus olhos quando ambos entraram em uma das avenidas delimitadas por lampiões e foram imediatamente cercados pela ilusão de privacidade e isolamento.

– Enfim começo a apreciar a noite do jeito exato que imaginei desde o princípio – comentou ele.

– Comigo? – Morgan abanou novamente o rosto e levantou os olhos para ele, agora com uma expressão arrogante, quase zombeteira. – Imaginou apreciá-la *comigo*?

– Sim, *chérie* – disse ele em voz baixa.

– *Tudo* isso foi para mim? – perguntou Morgan. – Toda esta noite?

– Imaginei que pudesse achar divertido – falou o conde.

Morgan parou de caminhar, fechou o leque e deixou-o cair novamente junto ao pulso.

– Por que, em nome de Deus?

– Por que imaginei que pudesse achar divertido? – indagou ele.

– Porque é jovem, *chérie*, e os jovens apreciam piqueniques, música e a luz do luar. Não é verdade?

– Estou perguntando – disse ela em um tom frio – por que, lorde Rosthorn. Por que fazer algo tão absurdamente extravagante como este piquenique para mim, quando sou uma total estranha para o senhor? Foi uma presunção imensa da sua parte!

– Ah, *mais non* – retrucou ele –, não uma total estranha. Fomos apresentados formalmente. Valsamos juntos.

– Mas algo tão elaborado como este evento apenas por causa de uma apresentação e de uma dança? – falou Morgan, acenando com determinação para a área do piquenique. – Acredito, lorde Rosthorn, que me escolheu como objeto de seu flerte. *Acredito* que suas intenções não são respeitáveis.

– Respeitáveis. – Ele deu uma risadinha. – Não pretendo me ajoelhar e implorar que se torne minha condessa, se é a isso que se refere, *chérie*. – A luz bruxuleante de um lampião iluminou o sorriso nos olhos dele. – Mas, no baile dos Camerons, tive a impressão de que a senhorita é um espírito afim, que se irrita com a rigidez das regras sociais e anseia por liberdade e aventura. Estava errado?

– E qualquer anseio por liberdade e aventura que eu sinta necessariamente me levaria a flertar com o *senhor*, lorde Rosthorn? – perguntou Morgan em um tom zombeteiro. – É uma grande presunção.

– Acha mesmo? – O conde inclinou a cabeça para o lado e observou-a com atenção.

– O que planejou? – indagou Morgan. – Fez um extraordinário esforço para me trazer até aqui. Agora o que pretende fazer comigo? Roubar-me um beijo? Me *seduzir*?

Ela ergueu as sobrancelhas e se deu conta de que, de um modo perverso, estava se divertindo imensamente.

– *Seduzi-la?* – O conde levou a mão à altura do coração mais uma vez e se mostrou mortalmente chocado. – Acha que eu traria

essas hordas de pessoas até aqui, *chérie*, inclusive todo um regimento de cavalheiros oficiais do Exército, se minha intenção fosse violá-la quase em público? Eu acabaria meu próprio piquenique de modo espetacular, enforcado em uma dessas árvores, ou atravessado por uma dezena de espadas.

– Mas não pode negar que planejou me roubar um beijo – sugeriu Morgan.

Ele se inclinou um pouco mais na direção dela.

– Eu questionaria o uso do passado – disse o conde.

Ser a mais jovem dos Bedwyns – além disso, também mulher – sempre deixara Morgan em enorme desvantagem durante as brigas familiares. Mas se havia uma tática que ela aprendera bem, fora que a melhor defesa costumava ser o ataque. E a surpresa.

– Sugiro, então, lorde Rosthorn – retrucou Morgan –, que saíamos desta avenida, que de acordo com o senhor mesmo é visível de todas as partes da área do piquenique, e entremos na floresta. Ou deseja ser visto me beijando? Ou tentando fazer isso?

Ele torceu os lábios e seus olhos dançaram de alegria. O conde se inclinou em uma breve cortesia e ofereceu o braço a Morgan.

– Desejo ver o contraste entre a floresta à noite e a área do piquenique, é claro – concordou Morgan, quando ele a guiou para longe do caminho delimitado pelos lampiões. – Entre a natureza em seu estado bruto e a natureza depois da intervenção do homem.

– Ah, então isto é apenas um passeio bucólico?

– Talvez eu permita que me beije antes de voltarmos, lorde Rosthorn, ou talvez não – respondeu Morgan, com um desdém estudado. – Se eu permitir, não será um beijo roubado, mas um que eu autorizei. Ou recusei.

Ele jogou a cabeça para trás e deu uma bela gargalhada.

– Não tem medo de que, então, eu roube um segundo e um terceiro beijos, *chérie*?

– Não. – A luz e os sons já estavam distantes o bastante para que Morgan conseguisse ver a floresta. Ela parou de caminhar e levantou os olhos para ele. – Não permitirei que faça isso. Provavelmente não permitirei sequer um único beijo.

– Talvez ninguém tenha mencionado minha reputação à senhorita – falou o conde, parando também e soltando o braço dela para que pudesse se apoiar despreocupadamente contra o tronco de uma árvore. Ele cruzou os braços. – Talvez eu seja perigoso, *chérie*. Talvez *deva* ter medo de mim.

– Que tolice está dizendo – retrucou Morgan. – Se tivesse a intenção de me fazer algum mal de verdade, manteria silêncio absoluto sobre seu passado ofensivo e torceria para que eu não tivesse ouvido a respeito dele em outro lugar.

Mas Morgan precisava admitir para si mesma que, parado como estava e *onde* estava, no meio da floresta escura com apenas ela por perto, o conde *parecia* muito perigoso.

Ele deu uma risadinha.

– Qual será o assunto desta noite em especial sobre o estudo da natureza? – perguntou ele, com a voz lenta e provocante.

Na verdade, era realmente prazeroso estar longe da multidão e do grosso do barulho. O céu ainda estava claro com a luz das estrelas e realçava os altos galhos das árvores. Morgan puniria o conde fingindo que não havia perigo algum, que ela o convidara até ali apenas pela companhia.

– Já pensou em como somos afortunados por termos sido brindados com tantos contrastes? – perguntou Morgan. Virou-se em um círculo completo, então fechou os olhos e inspirou profundamente para que nenhum aroma fosse ignorado.

– Masculino e feminino? – disse ele. – Perto e longe? Acima e abaixo?

Ela virou a cabeça para encará-lo com uma expressão de interesse, embora já não pudesse mais distingui-lo bem na escuridão. Se houvesse feito aquela pergunta a Rosamond, ao capitão Gordon ou a uma dezena de outros conhecidos, com certeza não teria recebido nada além de olhares vazios.

– Luz e sombra, som e silêncio, companhia e solidão – falou.

– Sagrado e profano, grande e pequeno, guerra e paz – acrescentou ele. – Beleza e feiura.

– Ah, não – protestou ela. – Não há contraste aí. Tudo o que é feio para nós, com certeza, é belo para alguém. A lesma mais

viscosa provavelmente é bela para outra lesma. Uma tempestade, que traz chuva e frio para uma pessoa que pretendia aproveitar a vida ao ar livre, é linda para um fazendeiro ansioso por causa dos seus campos secos.

– E o que nos parece grande ou pequeno será completamente diferente da perspectiva de um elefante ou de uma formiga – completou o conde. – Opostos são apenas dois lados da mesma moeda. Um não existe sem o outro.

– Isso mesmo. – Morgan se aproximou mais dele. – Portanto, contrastes estão conectados de modo indissolúvel. São apenas uma forma de processarmos a informação, de entender, de apreciar. Passado e futuro, por exemplo, não existem realmente, concorda? Há apenas o presente. Mas se essas percepções contrastantes não existissem, não seríamos capazes de organizar nossa vida ou nossos pensamentos. Seríamos inundados por tudo acontecendo ao mesmo tempo e por milhares de decisões tendo que ser tomadas simultaneamente.

– Estaríamos morrendo enquanto estivéssemos nascendo. – Ele riu de repente. – Foi para *isso* que entramos na floresta?

– O flerte foi ideia sua – lembrou Morgan. – A minha intenção era escapar, ao menos por algum tempo, do tédio de um evento social muito concorrido.

– Estou arrasado – comentou o conde, levando a mão mais uma vez à altura do peito. – Tudo isto foi preparado para o seu prazer, *ma chère*, e é *tedioso*?

– De forma alguma. – Ela voltou a se aproximar um pouco mais. – É mágico, um banquete para os sentidos. Mas só agora, quando também consigo ter consciência da escuridão, do silêncio e da paz que a floresta guarda, posso apreciar de forma plena as luzes, a animação e as risadas. Fazer um piquenique aqui foi uma ideia inspirada, lorde Rosthorn, e eu lhe agradeço por isso.

Ela deu um sorriso propositalmente cintilante para ele. Seus olhos já haviam se acostumado à escuridão e ela pôde ver que o conde lhe oferecia um sorriso lânguido em resposta.

– A senhorita é uma feiticeira – disse ele. – Inverteu a situação, não é mesmo, Lady Morgan Bedwyn? Jogou meu próprio jogo e

teve uma conversa filosófica comigo quando eu estaria flertando com a senhorita. Chegou mesmo a me instigar a conversar filosoficamente também. Mas não é tão fácil me distrair dos meus instintos básicos. Tenho que lhe roubar um beijo. E já que a senhorita, de forma tão corajosa, alegou que não permitirá que lhe roube um segundo ou um terceiro, devo fazer o melhor possível no primeiro.

Pela primeira vez, Morgan sentiu um leve arrepio de medo. Embora talvez *medo* não fosse a palavra certa, já que ela não acreditava de fato que o conde a agarraria e a seduziria contra sua vontade. Eles também estavam próximos o bastante da área do piquenique para que qualquer grito fosse ouvido de imediato e pessoas viessem correndo em seu socorro.

O que Morgan sentia, na realidade, era a respiração acelerada, os joelhos fracos, a impressão de que fora um pouco longe demais para o próprio bem. E a certeza de que, é claro, não era medo o sentimento que estava experimentando. De forma alguma.

Era desejo.

Ela *queria* que o conde a beijasse.

Consequentemente, quase recuou um passo. Quase se virou e saiu correndo. Porque havia, sim, brincado com fogo, e era provável que terminasse queimada. Além do mais, estava prestes a mostrar ao conde quão fácil seria flertar com ela, como era uma presa fácil para um libertino experiente.

Morgan sentiu uma onda de irritação vir em seu auxílio – junto do orgulho dos Bedwyns. Que absurdo! Ele não passava de um sedutor barato, no fim das contas.

Ela deu outro passo à frente e inclinou a cabeça para trás.

– Ah, o senhor não vai roubar nada – disse, em um tom frio, com a voz admiravelmente firme. – Vim até aqui com o firme propósito de ser beijada. O senhor não foi nada esperto, lorde Rosthorn, apenas ligeiramente divertido. Beije-me.

Por um instante, o conde não se moveu. Permaneceu encostado contra a árvore, os braços ainda cruzados, encarando-a com uma expressão descontraída. Morgan ergueu as sobrancelhas

e sustentou seu olhar. Então ele descruzou os braços, afastou-se da árvore e segurou o rosto dela entre as mãos.

Morgan esperara algo mais agressivo, mais intenso, vigoroso, marcante. Algo, para ser sincera, que fizesse a terra estremecer. Mas os lábios dele, quando tocaram os dela, estavam quentes, macios, levemente entreabertos, e o toque foi leve como o de uma pluma. No entanto, se no primeiro momento Morgan ficou desapontada, logo mudou de ideia. Os lábios dela permaneceram imóveis, mas os dele, não. O conde roçou-os com delicadeza sobre os dela, lambendo-os de leve, mordiscando o lábio inferior com delicadeza, então passando a língua pela parte de dentro, explorando a região úmida e sensível. O calor do hálito dele acariciava o rosto dela.

Os efeitos do beijo, descobriu Morgan, não se restringiram à área dos lábios. Ela sentiu toda a cavidade da boca ansiando por mais, então o pescoço, os seios, o abdômen e a parte interna das coxas. Quando o conde enfim afastou a cabeça, Morgan compreendeu como um simples beijo podia ser perigoso. Ela sentia o calor do corpo dele se espalhar pelo próprio corpo, das sobancelhas aos dedos dos pés. E estava tão consciente da masculinidade dele que chegava a ser chocante.

O conde deixou as mãos caírem ao lado do corpo.

– Muito bem, *chérie*. Muito bem, mesmo. Só desejaria que as florestas belgas fossem equipadas com colchões e que acompanhantes, mesmo as mais relapsas como a sua, fossem seres sem o menor sentido de tempo. Mas, infelizmente, devemos voltar aos meus convidados e à segurança dos números.

Ele ofereceu o braço a ela com uma mesura.

E assim, pensou Morgan, encarando-o com dureza antes de aceitar o braço, talvez ele houvesse ganhado aquele round de hostilidades, afinal. Já que, é claro, o conde não a beijara de forma apropriada, nem como era de imaginar que um libertino beijasse, nem, com certeza, como havia pretendido beijá-la.

Em vez disso ele havia brincado com ela.

Era um adversário ardiloso. Morgan se perguntou se lorde Rosthorn agora se cansaria do jogo e esqueceria a existência dela

depois daquela noite enquanto saía em busca de outra presa.

Wulfric e tia Rochester teriam tido um ataque se a vissem naquele momento, pensou subitamente. E com razão. Ela havia se proposto a ser mais astuta do que um sedutor experiente, que por algum motivo desconhecido a escolhera como a vítima da vez. E não estava bem certa de qual dos dois vencera a disputa.

Talvez tivesse sido empate.

CAPÍTULO IV



Um número significativo de convidados reparou na volta deles à área principal de piquenique, notou Gervase, e na direção da qual haviam vindo. Essas pessoas teriam percebido que ele circulara com a mesma dama por entre elas mais cedo. Também se lembrariam de como ele permanecera com Lady Morgan Bedwyn em um evento no qual se esperava que nem maridos e esposas passassem tanto tempo na companhia um do outro.

Até o dia seguinte – ou mais tarde naquela mesma noite –, elas teriam comentado o que haviam visto com outras que talvez não houvessem percebido. Em pouco tempo, ele e Lady Morgan Bedwyn seriam o grande assunto, disso Gervase não duvidava.

Como ele planejava.

O problema era que ele descobrira que gostava dela. Lady Morgan Bedwyn não era, de forma alguma, uma atrevida afetada. E a moça tinha coragem. Fora uma adversária muito boa no jogo dele e Gervase ainda não conseguira decidir quem ganhara. Ele, é claro, havia pretendido beijá-la com muito mais lascívia do que fizera.

Mas acabara decidindo desestabilizá-la.

No entanto, ali estava a jovem, caminhando ao lado dele, parecendo muito fria e até mesmo um tanto entediada, destilando arrogância aristocrática por cada poro. Gervase poderia ter se ressentido de sua atitude se não estivesse quase certo de que, de algum modo, *conseguira* abalá-la.

– Infelizmente – disse ele, com um profundo suspiro –, há um dever do qual não pude fugir, por mais que tenha tentado me esconder de monsieur Pepin. Devo anunciar o começo do baile e preciso abrir a primeira dança com a dama de minha escolha, ou com a primeira que aceitar dançar comigo. E agora, deixe-me ver... Eu deveria saber, já que Pepin me mostrou o programa e sugeriu que o decorasse. Sim, sim, o primeiro conjunto de danças será de valsas. Precisa dançá-las comigo, *chérie*. Realmente precisa. A senhorita valsa bem e terei a certeza de que não vou passar vergonha diante de todos os meus convidados, pisando nos seus pés. *Aceita* o convite?

Ele a encarou com um sorriso zombeteiro e ficou satisfeito ao ver os lábios dela se torcerem.

– Ah, muito bem, aceito – disse Lady Morgan com óbvio desdém.

Era interessante que ela houvesse aceitado. *Muito* interessante, na verdade, embora ela tivesse feito questão de não demonstrar que estava *ansiosa* para valsar com ele, é claro. A dama era mesmo uma adversária de valor. Ele lamentava que o ódio o houvesse levado a ela e que o mesmo sentimento o mantivesse interessado na moça. Mas era um prazer irresistível pensar que a notícia da indiscrição de Lady Morgan Bedwyn naquela noite, passando tanto tempo na companhia dele, quase com certeza chegaria a Bewcastle, na Inglaterra.

Ele a conduziu na direção da pista de dança. Ajudou-a a subir no palanque, se juntou a ela e se dirigiu aos convidados no silêncio que se instalou. As danças iriam começar, anunciou. E com uma seleção de valsas. Gervase convidou todos a tomarem seus pares e se juntarem a ele e à *sua* parceira de dança. Então, sem esperar que a pista se enchesse, Gervase acenou na direção do maestro da orquestra.

A música começou no mesmo instante e ele pousou a mão na cintura de Morgan, tomou a mão direita dela e guiou-a nos primeiros passos.

Então eles valsaram praticamente sozinhos por um minuto ou dois, até que outros casais se juntaram ao seu redor. Durante esse

curto espaço de tempo, eles ficaram mais uma vez expostos à visão de todos enquanto executavam a mais íntima das danças. Ele sorriu para ela, que – em vez de parecer chocada ou constrangida, como era de esperar – também o encarou com ousadia, as sobrelanceiras perfeitas arqueadas acima dos olhos perfeitos.

Gervase concentrou a atenção nos passos e, mesmo contra a vontade, se viu contagiado pela empolgação do momento. Sorriu de novo para Morgan e valsou com ela por entre os outros casais. O ar livre era o cenário perfeito para uma valsa, pensou. Eles pareciam fazer parte da floresta, da noite, da própria dança da vida. Ela inclinou a cabeça para trás, levantou os olhos para as estrelas que giravam no céu, acima dos galhos que também giravam, e riu.

– Ah, *chérie* – disse ele em voz baixa. – Nós dois nos movemos juntos em perfeita harmonia... na pista de dança.

– O senhor é um mestre na arte de fazer uma pausa no discurso, não é mesmo? – comentou Morgan com altivez, o sorriso desaparecendo.

Ele riu baixinho.

A caça, pensou Gervase, duraria mais tempo do que imaginara. Mas não lamentava. Iria aproveitar cada passo do caminho.

Ele não teve a chance de levá-la de volta à mesa da acompanhante quando a dança terminou. Um cavalheiro pegou-lhe a mão e enfiou-a com determinação sob o braço antes mesmo que os pés da dama parassem de se mover.

– *Obrigado*, Rosthorn – disse o homem com uma medida rígida. – Levarei Lady Morgan de volta à companhia de Lady Caddick.

Lorde Alleyne Bedwyn se parecia muito com o irmão mais velho, sobretudo naquele momento em que estava obviamente aborrecido. Gervase não fora apresentado ao rapaz, mas já o vira algumas vezes em Bruxelas e o cumprimentara quando ele chegara ao piquenique.

Gervase fez uma reverência para Morgan e sorriu antes que ela fosse levada.

Ah, a situação era promissora, pensou ele enquanto observava os irmãos com os olhos semicerrados. Se o Bedwyn mais novo

percebera e ficara ofendido com o que vira, então outras pessoas também teriam reparado.

Que bom que a acompanhante da dama era tão relapsa.



– Ora, Morg – comentou Alleyne depois de levá-la com firmeza para uma das avenidas, quando os dois já não estavam mais cercados pela multidão –, você está se divertindo muito esta noite.

– Imagino que todos estejam verdes de inveja por não terem sido os primeiros a pensar em um piquenique à luz do luar na floresta de Soignes – disse ela.

– Concordo – retrucou Alleyne. – Mas você sabe muito bem do que estou falando. Não está, por acaso, se apaixonando por Rosthorn, não é? Achei que teria mais bom senso.

– Me apaixonando por... Está *louco*? – perguntou Morgan. – Não me apaixono por qualquer cavalheiro que se digna prestar alguma atenção em mim.

– Fico feliz por ouvir isso – disse ele, secamente. – Mas, sem dúvida, não sei onde poderia estar o bom senso de Lady Caddick ao permitir que você saísse andando sozinha com o sujeito depois do jantar, como se fossem casados há muitos anos, desaparecendo depois em uma avenida por tanto tempo que eu estive prestes a ir atrás de você. E, para culminar, ao deixar que você subisse à pista de dança e valsasse com ele quando estavam apenas os dois lá. Terá sorte se não for assunto das piores maledicências amanhã. E mais sorte ainda se essas fofocas não chegarem aos ouvidos de Wulf. Achei que Lady Caddick seria uma acompanhante confiável. E, ao que parece, Wulf também, já que permitiu que você viajasse para cá sob os cuidados dela.

– Lady Caddick não cometeu nenhuma irresponsabilidade – falou Morgan, irritada. – Nem eu. É absolutamente decente passear com um cavalheiro que se conhece. Nem mesmo tia Rochester

questionaria isso. E tenho permissão para valsar. Lady Caddick não sabia que lorde Rosthorn tinha a intenção de começar a dança antes que outros casais se juntassem a nós. Nem eu.

– Me poupe, Morg. Você sabe muito bem que tia Rochester estaria cuspidando fogo se estivesse aqui, mesmo antes de você entrar naquela avenida e desaparecer de vista. E Wulf também. A esta altura você já estaria em casa, na cama, enquanto Rosthorn estaria cuidando das queimaduras causadas pelo olhar do nosso irmão.

– Ora, eles não estão aqui, e ninguém escolheu você para ser meu guardião, Alleyne. Não tem nada melhor a fazer do que ficar assistindo enquanto eu me divirto? Deve haver mais de uma dezena de damas caindo aos seus pés, ansiosas para dançar com você.

Até mesmo Morgan admitia que o irmão era de uma beleza devastadora: moreno, esguio... *ainda que* ostentasse o proeminente nariz dos Bedwyns. Ela, na verdade, era a única entre os irmãos que escapara dessa sina.

– Prometi a Wulf que ficaria de olho em você – disse Alleyne –, e começo a achar, Morg, que talvez seja melhor manter os *dois* olhos bem abertos. Rosthorn obviamente tem intenções com você.

– Bobagem! Apenas nos divertimos um pouco na companhia um do outro esta noite. E ele é um cavalheiro.

– Bem, aí é que você se engana – retrucou ele, atijando a curiosidade dela e, por um momento, soando tanto como Wulf que chegava a ser desconcertante. – A não ser pela família de origem, o homem decididamente tem uma reputação duvidosa, Morg. Ele vem vagando pelo continente há anos, nem sempre nas melhores companhias, e antes de tudo dizem que saiu da Inglaterra deixando algum problema para trás.

Morgan diminuiu o passo.

– Wulf *não* o consideraria como pretendente para você, pode ter certeza – completou Alleyne.

– Pretendente? – perguntou Morgan em um tom arrogante. – Então todo homem está pensando em casamento quando convida uma dama para dar um passeio?

– É melhor não estar pensando em outras coisas – retrucou Alleyne com determinação. – Não quando a dama é minha irmã. Achei que você estivesse apaixonada pelo capitão Gordon.

– Ele se tornou tedioso – confessou ela. – É belo o suficiente para virar a cabeça de qualquer dama, mas gosta de se gabar, é presunçoso. Fico tentando atribuir isso à juventude, mas então lembro que o capitão é quatro anos mais velho do que *eu*.

Alleyne riu e voltou a se parecer consigo mesmo.

– Sei que posso confiar em você, Morg – disse, apertando a mão da irmã que estava sob seu braço. – Nós, os Bedwyns, podemos ser instáveis, mas sabemos o que é o quê. Só que você é inocente, entende, mesmo odiando ouvir isso. E a inocência às vezes pode ser algo terrivelmente perigoso. Prometa-me que terá cuidado quando estiver perto de Rosthorn. Eu terei uma palavrinha com ele, se você quiser.

– Se fizer isso – retrucou Morgan, muito irritada –, vou me inspirar em um dos famosos ganchos de esquerda de Freyja e darei um novo formato a esse seu nariz, Alleyne. É claro que serei cuidadosa. Não que haja necessidade. Lady Caddick é uma acompanhante perfeitamente adequada, e tenho cérebro.

Ele riu e deu um soquinho de brincadeira no queixo da irmã.

– Acho que mantereí meu nariz como está, então, se não se incomoda. Posso levá-la de volta para a mesa de Lady Caddick? Me arrisco a dizer que Gordon está desesperado para dançar com você.

Ela assentiu e se perguntou o que o irmão diria – e faria – se ela lhe contasse que todo aquele evento havia sido concebido e organizado para ela. E que ela entrara deliberadamente na floresta com lorde Rosthorn e permitira que ele a beijasse – mesmo sabendo que as intenções do conde não tivessem ido além de um flerte.

Alleyne faria um espetáculo que rivalizaria com os fogos de artifício que haviam sido exibidos nos Vauxhall Gardens. E talvez arrancasse cada membro do conde de Rosthorn, deixando-os largados ao longo da floresta.

E o que *Wulfric* diria e faria? Era bom nem pensar a respeito.

Mas ela não iria começar a se sentir culpada. Nenhum mal havia sido causado. Muito pelo contrário. Um sedutor astuto e ardiloso tinha pensado em brincar com ela, que acabara usando as armas do sujeito contra ele mesmo e saíra da experiência intacta. Na verdade, Morgan estava muito orgulhosa de si mesma.

Talvez o conde de Rosthorn, que era mesmo um homem desprezível, agora pensasse duas vezes antes de voltar a perder o tempo e o dinheiro dele com uma dama jovem e imatura.

Dama imatura! Rá! Graças aos céus, ela era Lady Morgan Bedwyn.



Vários dias se passaram antes que Gervase falasse novamente com Morgan. Ele a viu na Salle du Grand Concert, na Rue Ducale, certa noite – a famosa soprano, madame Catalini, estava cantando ali, e o duque de Wellington tinha ido assistir –, mas não se aproximara da jovem, que se encontrava em meio a um grupo que incluía o irmão dela.

Realmente havia fofocas e especulações sobre os dois correndo pelas salas de estar de Bruxelas, o bastante para que várias pessoas incluíssem, sem dúvida, uma menção ao assunto nas cartas que mandavam para a Inglaterra. Isso faria com que eles se tornassem o assunto *do momento* também lá. A dama em questão era, afinal, Lady Morgan Bedwyn, irmã do duque de Bewcastle.

Gervase concluiu que seu esquema estava funcionando lindamente. E o conde não estava nem um pouco preocupado com a vagariedade dos acontecimentos. Não tinha pressa.

Certa manhã, quando passeava a meio galope ao longo do Promenade Verte – uma ampla via gramada além dos muros da cidade, ladeada por fileiras de tílias, com um canal seguindo mais além, em um dos lados –, ele viu Morgan se aproximando, também

a cavalo, com Lady Rosamond Havelock. O próprio Gervase estava sozinho, tendo acabado de se despedir de John Waldane e de alguns outros conhecidos.

Ela parecia realmente muito atraente em uma roupa de montaria azul-royal, com um chapeuzinho enfeitado com penas. Cavalgava com a sela lateral, com tanta graça e segurança que poderia muito bem ter nascido sobre ela. A uma discreta distância, atrás das damas, cavalgava um par de cavaleiros robustos.

Gervase tocou a aba do chapéu e fez uma mesura de cima da sela. Morgan inclinou a cabeça com graciosidade em resposta – ela estava fazendo o papel da grande dama naquela manhã, talvez como reação a todos os boatos maldosos que ainda circulavam sobre os dois. A jovem teria passado direto, sem dizer uma palavra, se Lady Rosamond não houvesse falado.

– Bom dia, lorde Rosthorn – disse a moça, com animação. – Não está um dia adorável?

– Depois de dois dias de chuva, é realmente muito agradável estar de novo ao ar livre – concordou ele.

– Que sorte que o senhor tenha escolhido aquela noite para o seu piquenique – comentou Lady Rosamond, quando os três cavalos pararam e os cavaleiros também se detiveram. – O tempo tem estado bem instável desde então.

– Posso crer, portanto, que o piquenique foi do seu agrado? – perguntou Gervase

– Foi *maravilhoso*! – assegurou a moça, com o entusiasmo genuíno de uma dama muito jovem. – Aproveitamos cada segundo, não é, Morgan?

Mas Gervase percebeu, ao voltar os olhos para a outra, que ela o encarava, muito séria.

– Recebeu alguma notícia da França, lorde Rosthorn? – perguntou Morgan. – Dizem que eles realmente estão a caminho daqui.

– Mas você ouviu o que Ambrose, o major Franks e o tenente Hunt-Mathers falaram ontem à noite, Morgan – protestou Lady Rosamond, antes que Gervase tivesse a oportunidade de responder. – Eles nos disseram para não nos preocuparmos com os

franceses. Que eles jamais passarão por nossas defesas e nem sequer chegarão perto de Bruxelas. Ah, ali vêm o capitão Quigley e o tenente Meredith – animou-se a jovem ao ver dois oficiais dos Life Guards se aproximando para se juntarem ao grupo. – Vamos saber o que acham. Estamos em perigo de sofrer uma invasão francesa, capitão Quigley?

O oficial pareceu devidamente chocado.

– Em perigo, Lady Rosamond? Quando os Life Guards estão aqui para proteger a todos? O velho Bonaparte não colocará um dedo além da fronteira da Bélgica sem perdê-lo arrancado por um tiro, pode ficar descansada.

– Não deve preocupar sua linda cabecinha com essas questões, Lady Rosamond – acrescentou o tenente. – Ou com a segurança de seu irmão, ou de qualquer outro oficial que conheça. Bonaparte não ousaria nos atacar com os restos esfarrapados daquele exército desfeito que ele comanda. É de dar pena.

Os dois oficiais deram a volta com os cavalos para acompanhar as damas. Mas Morgan mal os olhara. Mantivera os olhos fixos em Gervase, a testa levemente franzida.

– Permite que eu cavalgue por algum tempo com a senhorita? – sugeriu ele.

Ela assentiu, mas Gervase achou que a moça parecia de certa maneira distraída.

Eles cavalgaram lado a lado, um pouco afastados de Lady Rosamond e dos oficiais, que conversavam alto e riam muito. Ao olhar para trás, Gervase notou que os dois cavaleiros continuavam a segui-los de longe.

– Acho frustrante, insultante mesmo – disse Lady Morgan –, ter que ouvir vinte vezes por dia que não devo preocupar minha *linda* cabecinha com esses assuntos, embora eles obviamente digam respeito a mim, aos homens do meu país e a alguns militares conhecidos.

– É da natureza dos cavalheiros desejar proteger as damas do perigo e até mesmo da ansiedade – explicou Gervase.

– Então acontecerá mesmo, não é? Haverá guerra novamente.

– Sem dúvida – confirmou Gervase, decidindo, naquele instante, usar com Lady Morgan o mesmo tipo de honestidade que usaria para responder caso um homem tivesse perguntado. – Qualquer mínima esperança de que haveria uma recusa dos franceses em se arregimentarem ao redor de seu imperador caído foi destruída. Dizem que, na verdade, o exército francês está muito grande e bastante formidável. Todos os marechais mais famosos de Bonaparte correram para se juntar a ele, sem dúvida na esperança de verem restaurados a glória e o prestígio perdidos. Sim, ao menos mais uma batalha campal parece inevitável. Só podemos torcer para que *uma única* batalha seja suficiente. Se Bonaparte for o vencedor, não há como prever o futuro.

– Mas o que aconteceu foi completamente previsível – comentou Morgan. – Eu disse desde o início. As pessoas chamam Napoleão Bonaparte de *velho Napoleão* e presumem que um homem que é chamado assim deve ser um bufão. Mas, para ter alcançado o sucesso de que desfrutou ao longo dos anos, ele deve ser um homem genial e de grande carisma, não é mesmo?

– A batalha que está por vir será sangrenta e seu resultado é bastante incerto, por mais que Wellington não pareça preocupado. Mas acredito realmente que não haja nenhum perigo iminente para Bruxelas. As fronteiras estão muito bem guardadas. Se houvesse alguma ameaça real, a esta altura, a maior parte dos britânicos que estão em visita e todas as damas já teriam tomado o caminho de casa.

– Lorde Caddick quer que partamos sem demora – falou ela –, e meu irmão Alleyne apareceu ontem para saber por que ainda não fomos embora. Mas Lady Caddick se recusa a partir até que seja impossível permanecer aqui. Insiste em ficar perto de lorde Gordon, e só posso aplaudir sua decisão. As mulheres têm permissão para fazer muito pouco, lorde Rosthorn. Ao menos podemos ficar perto dos nossos homens.

– E lorde Gordon é o homem por quem a senhorita ficará? – perguntou Gervase.

Ela encarou-o diretamente.

– Essa é uma pergunta impertinente, lorde Rosthorn.

Ele sorriu.

Mas ao que parecia Lady Morgan não estava com disposição para brigar.

– Não é Bruxelas, nem mesmo a minha própria segurança, o que me preocupa – explicou a jovem. – Acho que quando o momento chegar se apressarão em me colocar a salvo antes mesmo que haja algum perigo real para mim. Mas os homens dos exércitos não podem ser colocados a salvo, podem? Eles precisam permanecer e lutar. E morrer.

– Nem todos os soldados morrem em batalha – retrucou Gervase, gentilmente. – Pense em todos os veteranos em Bruxelas. Eles lutaram várias batalhas terríveis na Guerra da Península, e muitos deles também na Índia antes disso, e viveram para contar.

– Meu irmão Aidan está entre esses veteranos – disse Lady Morgan. – Ele só abriu mão da patente depois da Batalha de Toulouse, no ano passado. Mas pense, lorde Rosthorn, em todos os incontáveis, os milhares de veteranos que *não* estão em Bruxelas porque *estão* mortos. O irmão de Eve, minha cunhada, por exemplo.

Lady Rosamond estava rindo animadamente com os oficiais, mas Morgan parecia não prestar a menor atenção neles.

– Talvez Bonaparte *seja* detido na fronteira – cogitou ela –, mas não irá simplesmente virar as costas e voltar para casa, não é?

– Isso parece muito improvável – concordou ele.

– O que ele fará, então? – perguntou a jovem, voltando a fixar os olhos nos dele.

– Por uma questão de orgulho, ele terá que tentar forçar caminho através de Bruxelas. Os exércitos do duque de Wellington tornarão essa tarefa difícil, ou até mesmo impossível, é o que se espera. Mas Napoleão, é claro, tentará. Se eu estivesse no lugar dele, atacaria o ponto mais fraco da defesa, que é, talvez, a junção entre as forças defensivas de Wellington e as do marechal Von Blücher. Se ele conseguir impor sua passagem nessa altura, manobrar seus flancos e conseguir cortar a comunicação entre as duas forças, terá uma boa chance de vencer.

Aquele não era o tipo de previsão animadora que Gervase normalmente faria para uma mulher, ainda mais uma mulher tão

jovem e bem-criada quanto Lady Morgan. No entanto, ele estava cada vez mais consciente de que ela não era como as outras damas.

– Obrigada – disse a jovem em um tom sério. – Obrigada por não fazer referências depreciativas à minha bela cabecinha, lorde Rosthorn, e por responder às minhas perguntas sem dourar as respostas. Às vezes, acho que os oficiais que conheço são como soldados de brinquedo em um jogo de guerra. Mas suponho que isso seja injusto. Eles apenas procuram tornar a realidade mais leve na presença de damas, porque nos acham delicadas demais para encarar a verdade. Acredito que entre si conversem com mais bom senso.

Um coro de gargalhadas vindo do grupo de Lady Rosamond ilustrou a preocupação de Morgan.

– Eles vão se sair bem se forem chamados à luta – tranquilizou-a Gervase.

– Se?

– Quando – concedeu ele.

Morgan parecia tensa e seus lábios estavam pálidos.

– Desde pequena, passei anos me preocupando com Aidan. A guerra me parecia sem sentido. Por que o irmão que eu adorava deveria ficar longe de mim e do resto da família por tanto tempo, quando precisávamos dele e o queríamos perto de nós? Por que a vida dele deveria ser posta em perigo a cada dia? Por que eu deveria viver com o medo constante de ver alguém em um uniforme militar atravessar os portões de Lindsey Hall, trazendo a notícia da morte de Aidan em batalha? Ainda acho que a guerra não tem sentido. Não concorda, lorde Rosthorn?

– É claro – disse ele. – Mas, de qualquer modo, é inevitável. Infelizmente, guerrear é da natureza humana. Sempre haverá guerras.

– É da natureza dos *homens*. As mulheres não lutam nas guerras. Se elas governassem os países, haveria muito mais bom senso nas relações entre as pessoas.

Ele sorriu.

– Acha a ideia divertida, lorde Rosthorn? – perguntou ela, irritada.

– Apenas porque acredito que as mulheres são bastante sensatas ao se manterem fora da política – retrucou Gervase. – Elas têm coisas melhores em que investir o tempo.

– Como se dedicar a trabalhos de agulha, suponho, e tomar chá com as vizinhas.

– E cuidar dos filhos – continuou ele. – E manter seus homens na linha. E se certificar de que o mundo não negligencie a beleza da arte, da música e da poesia.

– Eu me pergunto se não estamos condenadas a sermos sempre menosprezadas – falou Lady Morgan.

Os oficiais que acompanhavam Lady Rosamond estavam se preparando para partir e se viraram para se despedir de Morgan, e para se assegurarem de que ela realmente compareceria ao jantar do regimento naquela noite.

Gervase também se retirou e recebeu um amável aceno de cabeça de Lady Morgan como despedida.

Ah, pensou ele quando já se afastava cavalgando, retomando o caminho que seguia ao topar com as damas, aquele encontro fora muito diferente de qualquer ocasião para flerte que pudesse ter imaginado. Era um pouco desconcertante descobrir que Lady Morgan tinha uma mente pensante e que gostava de usá-la. Mas se ela escolhera tratá-lo como uma espécie de amigo, então que fosse.

Gervase acreditava que a cavalo dado não se olhavam os dentes.



Na manhã de 13 de junho, lorde Alleyne Bedwyn apareceu na casa da Rue de Bellevue e conversou em particular com o conde de Caddick antes de ser admitido na presença das damas, no solário. Encontravam-se todos em casa, já que o dia estava chuvoso e o

céu ainda não clareara o bastante para permitir um passeio a cavalo, ou mesmo uma visita às lojas.

– Os Kieg-Densons, conhecidos de Sir Charles Stuart, partirão de Bruxelas ao raiar do dia de amanhã, madame – explicou Alleyne a Lady Caddick, depois que os cumprimentos de praxe foram trocados. – Eles têm uma filha e uma governanta que consideram determinada e sensata. O casal concordou em permitir que minha irmã viaje com eles até Londres. E Lady Rosamond também, se desejarem.

Morgan enrijeceu o corpo e Rosamond encarou a mãe com os olhos arregalados, consternada.

Lady Caddick abanou o rosto e pareceu perturbada.

– Não sei, lorde Alleyne – disse ela. – É extremamente correto da parte dos Kieg-Densons fazer essa oferta, mas não posso deixar de pensar que o lugar de Rosamond é junto da mãe e do pai dela. E não gosto da ideia de abandonar Gordon por sua própria conta. Além do mais, não acho que a situação seja tão desesperadora. Lorde Uxbridge e o próprio duque de Wellington avisariam se acreditassem que corremos algum risco grave aqui.

– Entendo seus sentimentos, madame – atalhou Alleyne. – Explicarei, então, à Sra. Kieg-Denson que apenas Morgan viajará com eles. Deve orientar sua camareira a arrumar sua bagagem o mais rápido possível, Morg.

Mas antes que Morgan pudesse abrir a boca para externar sua indignação, Lady Caddick falou por ela:

– Não gosto disso, lorde Alleyne. Lady Morgan foi entregue aos meus cuidados pelo próprio duque de Bewcastle. Não tenho autoridade para transferir essa responsabilidade a outra pessoa.

– Eu mesmo assumirei a responsabilidade por isso, madame – retrucou Alleyne. – E lorde Caddick concorda comigo que Bruxelas se tornou um lugar potencialmente perigoso... sobretudo para as damas.

Alleyne não explicou o comentário. E nem precisava. Morgan sabia tão bem quanto qualquer pessoa – embora ninguém houvesse dito explicitamente a ela – o que podia acontecer às mulheres em

uma cidade caída quando o exército conquistador se espalhava. O perigo era mesmo tão grande, então?

Mas mesmo agora os medos de Morgan não estavam concentrados em si mesma. Por algum motivo, parecia covardia partir. E embora ela não estivesse apaixonada pelo capitão Gordon nem por qualquer outro oficial, ainda assim os conhecia e se preocupava com o que poderia lhes acontecer. Sentia-se mal só em pensar em ser mandada embora.

– Não irei embora, Alleyne – afirmou.

O irmão ergueu uma sobrancelha e encarou-a. Mas se dirigiu a Lady Caddick:

– Posso falar a sós com a minha irmã, madame?

A mais velha se colocou de pé obsequiosamente.

– Preciso de você em meus aposentos, Rosamond – falou.

Rosamond fez uma careta para Morgan enquanto seguia obedientemente a mãe para fora da sala. Morgan também se levantou e foi olhar pela janela. A chuva parara. A rua e as calçadas começavam a secar.

– Não vou, Alleyne – insistiu Morgan.

Ela podia ser muito obstinada quando se propunha a alguma coisa, como toda a família sabia muito bem.

Alleyne deixou escapar um suspiro alto.

– Vamos falar abertamente, Morg? – falou, caminhando na direção dela. – Não permitirei que minha irmã corra o risco de ser violada por um soldado francês. Isso é direto o bastante para você? Posso assegurar que Wulf também não permitiria.

– Quando o perigo estiver assim tão perto, eu partirei – retrucou ela. – Serei forçada a fazê-lo. Lorde Caddick insistirá nisso, e Lady Caddick entenderá que deve pensar em mim e Rosamond antes de se preocupar com lorde Gordon. Esperarei até esse momento, Alleyne. Confiarei neles para tomarem a decisão certa. Fui mandada para cá aos cuidados dos dois, afinal. Não. – Morgan levantou a mão com firmeza, para evitar que o irmão falasse. – Não banque o irmão mais velho. Seja apenas meu *irmão*. Não posso partir agora. *Não posso*.

Para seu constrangimento, Morgan percebeu que a voz tremia.

– Por causa de Gordon, eu suponho – sugeriu Alleyne, e passou a mão pelos cabelos escuros. – Há um entendimento entre vocês dois, então, Morg? É isso? Espero que não seja um noivado secreto. Wulf iria querer a cabeça do capitão.

– Não há entendimento algum – respondeu Morgan. – Mas, por favor, Alleyne, não insista em que eu parta amanhã. O baile do duque de Richmond será depois de amanhã, e esses planos não estariam sendo colocados em prática se houvesse perigo iminente, não é? Espera-se, inclusive, que o duque de Wellington apareça no baile. Vamos aguardar até depois desse evento e então decidiremos o melhor a fazer.

– A essa altura, os Kieg-Densons já estarão longe – argumentou Alleyne.

– Mas haverá outras pessoas partindo. Haverá outros com quem poderei voltar caso seja mesmo necessário. *Por favor, Alleyne.*

Ela piscou os olhos furiosamente. Nunca fora de choramingar ou de fazer manha, mas naquele momento estava bem perto de ambas as possibilidades. Não podia ir embora de Bruxelas. Não naquele momento. Haveria uma grande batalha e ela não teria nem conhecimento disso por dias e dias se estivesse em Londres. Os oficiais que conhecia talvez estivessem mortos e ela nem sequer saberia... mas imaginaria o pior a cada minuto, a cada hora de cada dia.

Alleyne deixou escapar um som exasperado.

– Morg, você é a mais nova de nós, a que todos mais adoramos. Por que também não pode ser a única dócil? Muito bem, então. Vamos ver o que acontecerá na manhã seguinte ao baile do duque de Richmond. Espero não me arrepender disso pelo resto da vida, porque vai totalmente contra o que julgo melhor.

Morgan correu na direção do irmão, passou os braços ao redor do pescoço dele e deu-lhe um beijo no rosto.

– Obrigada.

– Ao menos Gordon é um pretendente adequado, Morg. Wulf deve aprová-lo, ou não teria consentido que você viesse para cá

com os Caddicks. Tem certeza de que não há um entendimento entre vocês dois?

– Absoluta.

Mas se o irmão escolhesse não acreditar no que ela lhe dissera na noite do piquenique, sobre lorde Gordon ser tedioso, ela não o contrariaria. *Precisava* ficar um pouco mais em Bruxelas.

– Talvez fosse melhor se houvesse – continuou ele. – Houve comentários depois daquele piquenique na floresta de Soignes, como tenho certeza que sabe. Você permitiu que Rosthorn a mantivesse presa ao braço dele por tempo de mais. Ele não se tornou um aborrecimento desde então?

– De forma alguma – retrucou Morgan. – Mal o tenho visto.

Aquilo não era exatamente verdade. Ela se lembrou de cavalgar ao lado dele ao longo do Promenade Verte alguns dias antes. Mas o conde não se comportara nem falara como um sedutor. Não a chamara de *chérie* nem uma vez, nem a encarara com aquele olhar indolente, com o sorriso meio provocante e meio zombeteiro. Ao contrário, fora gentil o bastante para tratá-la como uma *pessoa*, e não como uma moça tola e delicada. Ela estava *tão* cansada de ser tratada daquela forma... O conde fora o único homem em Bruxelas – com exceção de Alleyne – que se dispusera a admitir para ela a verdade sobre a situação militar.

– É bom ouvir isso – disse seu irmão. – É melhor torcermos para que essa fofoca não chegue aos ouvidos de Wulf. A chuva parou, pelo que vejo. Quer pegar seu *bonnet* e dar uma volta comigo no parque? Não consigo me livrar da sensação de tê-la negligenciado desde que chegamos aqui.

– Suponho que foi por você finalmente ter se tornado um homem trabalhador, Alleyne – falou Morgan, antes de deixar a sala –, que tem coisas melhores a fazer do que ficar correndo atrás da irmã o dia todo.

– Sempre fui assim, Morg.

Ele riu.



No dia 14 de junho, chegou a notícia de que o exército francês estava concentrado perto de Maubeuge, e que inclusive já havia cruzado a fronteira da Bélgica. Segundo a opinião geral em Bruxelas, os franceses estavam apenas se exibindo, aquecendo os músculos. Havia mais de 100 mil tropas prussianas guardando todas as estradas entre Ardenes e Charleroi, e uma força apenas um pouco menor de soldados britânicos e aliados protegia todas as estradas entre Mons e o Mar do Norte. Não havia como os franceses passarem.

Mas em 15 de junho houve uma grande revista das tropas aquarteladas em Bruxelas, no Promenade Verte, enquanto multidões de espectadores assistiam, talvez com um pouco mais de ansiedade e menos animação do que haviam demonstrado em revistas semelhantes levadas a cabo nas semanas anteriores.

E no fim daquela mesma tarde, embora poucas pessoas soubessem a respeito, o príncipe de Orange e o duque de Wellington receberam a informação de que a brigada prussiana havia sido atacada perto de Charleroi e que Thuin fora dominada. Mais tarde, naquele mesmo dia, Wellington ordenou que a segunda e a quinta divisões se reunissem em Ath e ficassem de prontidão para entrar em ação assim que recebessem a ordem.

Mas, para o britânicos em visita à cidade, ainda não havia nenhum extraordinário senso de urgência. Era sabido por todos que o baile do duque de Richmond aconteceria conforme fora planejado e que a maior parte dos oficiais baseados na cidade ou em seus arredores pretendia ficar ali. Diziam ainda que o próprio Wellington apareceria como convidado. Um grupo de sargentos e de soldados rasos do 42º Regimento Real de Highlanders e do 92º da Infantaria entreteria os convidados com uma apresentação de danças escocesas ao som de gaitas de fole.

Felizmente, talvez, para Morgan, Alleyne fora mandado, de súbito, para a Antuérpia, a fim de resolver um negócio da embaixada, e não deveria retornar antes do dia seguinte. Morgan *precisava* comparecer ao baile. Havia uma sensação de urgência, um senso histórico mesmo, vinculada àquela ocasião. Todos sabiam que seria a última oportunidade de se divertirem juntos.

Era possível, é claro, que a reunião das tropas fosse apenas uma manobra e que dentro de um ou dois dias eles estivessem de volta a Bruxelas, que Napoleão Bonaparte voltasse à França e que a vida prosseguisse como sempre.

No entanto, era mais provável que não fosse um alarme falso, que os exércitos estivessem mesmo se reunindo para o que provaria ser uma batalha sangrenta.

CAPÍTULO V



Diante das circunstâncias, era de esperar que poucos convidados comparecessem ao baile do duque de Richmond, na noite de 15 de junho. Mas, na verdade, a festa acabou sendo o evento com a maior concentração de pessoas em Bruxelas desde que os britânicos haviam começado a atravessar maciçamente o Canal da Mancha, mais de um mês antes. Surpreendente também foi o fato de oficiais de todos os regimentos baseados ali e nos arredores da cidade aparecerem em peso. Trajados com seus uniformes esplendorosos, com meias de seda e sapatos de dança em vez de botas, era como se marchar para uma batalha fosse a última coisa que passasse pela cabeça deles.

As damas brilhavam como se não houvesse nada mais importante na vida do que dançar e não houvesse nenhum outro lugar onde desejassem mais fazer isso do que no salão de baile dos Richmonds.

Mas as aparências enganam. Gervase, depois de cumprimentar o duque e a duquesa, procurou um grupo de conhecidos e descobriu que todos conversavam sobre a situação militar. Acreditavam que, pela manhã, o exército marcharia em direção à fronteira. A única incerteza era se haveria uma batalha campal ou se as fortes defesas dos aliados conseguiriam deter Bonaparte e persuadi-lo a recuar. Mas apostavam que não haveria recuo francês e que a batalha de fato aconteceria.

Os sons de conversas animadas e risos se erguiam acima da música da orquestra. O barulho ritmado de dezenas de pés seguindo os passos de uma quadrilha se misturava ao burburinho.

Gervase viu Lady Morgan Bedwyn, ruborizada e sorrindo com entusiasmo, adorável em um vestido branco que cintilava à luz das velas. Dançava com Gordon e parecia não ter olhos para mais ninguém que não ele.

O conde não esperara vê-la ali. Nos últimos dias, várias famílias britânicas, sobretudo as que tinham crianças e moças entre seus membros, haviam partido para a Antuérpia, onde era mais seguro, ou para casa. Ele imaginara que Caddick teria mais bom senso e não permaneceria ali com a esposa e duas jovens damas em casa, embora estivesse claro que era o jovem Gordon que fazia toda a família relutar em partir. Lady Morgan provavelmente também relutara. Mas era estranho, no entanto, que o irmão dela, ligado à embaixada, não houvesse insistido em que ela partisse.

Havia algo tenso, quase desesperado, no sorriso dela.

Gervase não falara com Lady Morgan desde o dia em que se encontraram no Promenade Verte e cavalgaram juntos por algum tempo. Mas pensara bastante nela. A jovem tinha a arrogância quase inconsciente dos Bedwys, mas também era inteligente, direta e honesta. E muito atraente também, com sua beleza clássica. Apesar do modo inexperiente como o beijara na floresta de Soignes, ela conseguira aquecer o sangue dele.

Verdade seja dita, Gervase começava a se sentir culpado. O ódio dele por Bewcastle e seu desejo de fazer o duque sofrer não haviam sido nem um pouco aplacados pelo modo como expusera Lady Morgan ao flerte inconsequente e à maledicência. Mas Gervase sentia que talvez suas ações tivessem sido mesquinhas e começava a se arrepender delas. O melhor a fazer naquela noite, decidiu, era ficar longe da moça.



Morgan não havia percebido até aquela noite que seria capaz de sorrir, brincar, dançar, conversar e rir diante de uma tragédia iminente. Ela teria achado tal comportamento inapropriado, desrespeitoso, insensível, impossível. Ainda assim, não conseguiu agir de outro modo. E se lhe servia de algum consolo, todos os presentes estavam fazendo o mesmo – Rosamond, os oficiais que conheciam, *todo mundo*.

Era o baile mais animado a que comparecera em toda a temporada.

Também era o mais triste. Bem no fundo, ela estava consciente da terrível fragilidade, da natureza tragicamente efêmera da vida humana.

Morgan dançou o primeiro conjunto de danças com o capitão Gordon. Mais tarde, ficou parada ao lado dele enquanto ouviam as gaitas de fole e assistiam, deslumbrados, aos passos intrincados dos dançarinos escoceses e ao espetáculo visual de seus kilts. Depois, valsou com o capitão à meia-noite, bem no momento em que o duque de Wellington chegou, com uma expressão tão alegre e festiva quanto a dos outros convidados. Mas, àquela altura, já circulava pelo salão a notícia de que o príncipe de Orange, também presente ao baile, havia recebido uma mensagem durante o jantar informando-o de que Charleroi caíra. A cidade ficava a 30 quilômetros do território belga.

O sorriso de Morgan não se alterou. Nem o de ninguém.

Ela sentia uma ternura estranha, quase desesperada, pelo capitão – talvez porque todos esperavam vê-los juntos. Além disso, o rapaz era sempre muito atencioso, enquanto Morgan não sentia nada por ele a não ser uma leve irritação – às vezes nem tão leve – desde que chegaram a Bruxelas. No dia seguinte, o capitão Gordon se encaminharia para o perigo. Talvez caminhasse em direção à morte.

– Me arrisco a dizer, Lady Morgan, que começaremos cedo amanhã de manhã – comentou ele com animação, enquanto valsavam. – Mas fico feliz com isso. Fico satisfeito pelo fato de o velho Bonaparte ter ousado vir e, assim, nos dar uma nova chance de esmagá-lo de uma vez por todas no campo de batalha. Seremos

heróis amanhã, ou no dia seguinte, ou quando a contenda enfim terminar. Eu a deixarei orgulhosa de mim.

Por trás das palavras prepotentes havia um terrível medo, pensou Morgan.

– Sua mãe, seu pai e todos os que o conhecem já estão orgulhosos do senhor – disse ela. – Tenho certeza de que não precisam que prove sua coragem numa guerra. Talvez seja possível até evitar uma batalha.

Mas Morgan não acreditara nisso nem por um momento.

– Perdoe-me por nem sequer haver mencionado esse assunto – falou Gordon, girando com ela com passos pequenos e uma precisão cautelosa. – Não deveria preocupar sua linda cabecinha com uma conversa dessas.

Morgan tentou ignorar a onda de irritação que sempre sentia quando ouvia essas palavras. Sorriu para o capitão e concentrou a atenção nele. Se o rapaz precisava de sua companhia e sua atenção naquela noite, ela não se negaria a oferecê-las. Havia tão *pouco* que as mulheres podiam fazer...

Eles chegaram à porta do salão de baile e o capitão Gordon parou subitamente de dançar. Pegou Morgan pela mão em um impulso e saiu apressadamente do recinto com ela. As pessoas se aglomeravam do lado de fora, mas o rapaz deu uma olhada rápida para os dois lados e seguiu com Morgan por um corredor à direita. Eles passaram pelas portas que levavam aos salões de jogos e de negócios e continuaram até o fim, onde o capitão puxou Morgan para a sombra de uma porta aberta.

– Lady Morgan – disse ele em um tom ansioso –, amanhã me juntarei ao meu regimento. Peço, por favor, que me dê um beijo antes de eu partir.

Ela talvez houvesse se negado, já que não tinha nenhum desejo de ser beijada pelo capitão Gordon, mas ele não esperou sua resposta. Puxou-a com mais força para si, abaixou a cabeça e beijou-a com determinação. Os lábios dele pressionaram os dela com urgência, fechados, quentes e secos, machucando-lhe a parte interna da boca ao fazer a pele roçar contra os dentes.

Um comportamento daqueles em geral teria feito com que Morgan repreendesse firmemente o rapaz e ainda lhe desse uma bela bofetada. Mas não naquela noite. Naquela noite, naquele momento, ela estava à beira das lágrimas, toda sua animação tendo desaparecido. Agarrou o tecido grosso do paletó dele e retribuiu o beijo com toda a ternura que sentia pelos homens que talvez estivessem mortos no dia seguinte, ou no próximo, naquele estúpido e mortal jogo de guerra masculino.

Ela estava terrivelmente consciente do corpo do rapaz, da juventude dele.

– Lady Morgan – disse o capitão, com intensidade e calor, quando se afastou dela –, permita-me a honra de lutar pela *senhorita* quando a hora da batalha chegar. Diga-me que esperará por mim, que se importa comigo.

Ele estava pedindo alguma promessa, algo que obviamente Morgan não poderia dar. Mas como ela conseguiria dizer um não firme, por mais tolas que as palavras dele pudessem ter parecido sob circunstâncias normais? No momento, as circunstâncias não eram normais de forma alguma.

– É claro que me importo com o senhor – respondeu ela, encarando-o com intensidade. – Ah, é claro que sim.

– Permita-me saber que sofrerá se eu morrer, que ficará de luto e usará negro por mim pelo resto da vida, que jamais haverá outro homem para a senhorita – pediu ele, agarrando a mão direita dela e levando-a ao coração.

– É claro que sofrerei – falou Morgan, começando a se sentir desconfortável. – Mas, por favor, não fale em morte.

O capitão puxou-a novamente para junto do corpo, com mais força ainda dessa vez. Mas antes que ele pudesse abaixar a cabeça sobre a dela, alguém segurou a maçaneta do outro lado da porta e fechou-a, acabando com a sombra que os protegia no corredor. O canto oculto deles já não estava mais oculto. O capitão soltou Morgan.

– Devemos retornar ao salão de baile – disse ela. – Sua mãe deve estar preocupada com o meu paradeiro.

Ele passou o braço de Morgan sobre o dele, pousou a mão livre sobre a dela e apertou com força.

– Obrigado – falou, enquanto a levava de volta para o salão de baile. – A senhorita me fez o homem mais feliz do mundo, Lady Morgan.

Ele acreditava, pensou Morgan, perplexa e desanimada, que os dois agora tinham um entendimento, que estavam a apenas um passo de um noivado. Mas ela não iria, não *poderia*, desiludi-lo. Haveria tempo bastante para isso quando o capitão voltasse da batalha. Se ele voltasse.

O barulho no salão de baile, embora tão alto quanto antes, estava diferente de quando eles saíram de lá, havia apenas alguns minutos. Já se viam bem menos uniformes. A maior parte dos oficiais que permanecia ali não estava dançando, embora a orquestra ainda tocasse valsas. Eles agora conversavam em grupos muito sérios, ou se despediam da família e dos amigos.

– Recebemos ordem de partir agora, sem demora – explicou o major Franks, segurando a manga do capitão Gordon. Ele sorriu e inclinou a cabeça na direção de Morgan. – Nada com que precise preocupar sua linda cabecinha, milady. Estaremos de volta para dançar novamente com as damas em uma semana.

Morgan ouviu soar uma campainha que não poderia estar vindo da orquestra ou de qualquer outro lugar que não a cabeça dela. O ar que inalou parecia subitamente muito frio em suas narinas. Mas manteve o controle com um esforço determinado. Aquela não era a hora de se permitir o primeiro desmaio da vida. Fora ela que quisera ir para Bruxelas, fazer parte da história, estar no centro da ação. Quisera saber tudo em primeira mão.

Agora ela mal conseguia suportar essa consciência. Imaginou se as futuras gerações saberiam sobre o baile dos Richmonds e se perguntariam como militares, suas mulheres, suas famílias, haviam conseguido dançar e se divertir numa noite de tamanha tragédia.

– Você precisa ir imediatamente até onde está a sua mãe – disse Morgan com brusquidão para o capitão Gordon, ao notar a absoluta palidez no rosto dele.



Por incrível que pudesse parecer, o baile continuou apesar de o duque de Wellington não ter ficado muito tempo mais, de aparentemente ter admitido que eles partiriam para a guerra no dia seguinte e de os oficiais começarem a sair discretamente para se juntarem aos seus regimentos até restarem apenas alguns poucos.

Gervase viu Lady Morgan Bedwyn se afastar, sozinha, para um dos cantos do salão de baile. Ela abanava o rosto e parecia quase tão pálida quanto o vestido que usava. O sorriso que ostentava mais cedo e o brilho haviam desaparecido. Depois de um instante de hesitação, ele foi na direção dela e lhe ofereceu o braço, sem dizer uma única palavra.

– Ah, lorde Rosthorn – disse a jovem ao levantar os olhos para ele, a expressão confusa por um instante. Então passou a mão esguia pelo braço dele. – Achei que Lady Caddick e Rosamond precisavam ficar a sós por um instante. Elas estão muito perturbadas.

– Permita-me acompanhá-la até o salão do bufê e lhe servir uma bebida.

– Uma limonada seria ótimo. Não, água. Água seria ainda melhor.

Gervase sentiu o perfume de violeta de novo. O cabelo dela estava enfeitado com pérolas e havia outras, pequenas, costuradas no vestido, ao longo do decote baixo, na barra das mangas e da bainha da saia. A aparência dela era adorável – e extraordinariamente frágil.

– Acha que todos eles serão mortos? – perguntou a jovem.

– Não – respondeu Gervase com delicadeza.

– Foi uma pergunta tola. Alguns deles serão. *Muitos* deles.

– Sim.

– Acredito que meu irmão, Aidan, tenha sido chamado para batalhas assim mais de uma dezena de vezes. Me sinto feliz, agora,

por nunca ter estado por perto, embora ficar em casa sem saber de nada, apenas imaginando o pior, possa ser quase tão ruim. Achei que quisesse, até mesmo *precisasse*, estar aqui para ver isto. Promete ser realmente um evento histórico, não é mesmo? Se Napoleão Bonaparte vencer a batalha, a reaparição dele será mencionada com assombro por gerações. Se perder, a fama do duque de Wellington pode muito bem atravessar gerações também.

Gervase a guiou até a sala do bufê. Lá, serviu um grande copo com água e entregou à moça. Havia vários homens reunidos em grupos e conversando com urgência na voz. Gervase levou Lady Morgan até uma pequena antessala onde algumas mesas tinham sido arrumadas com cadeiras ao redor. Não havia mais ninguém ali e, obviamente, era impróprio que os dois ficassem sozinhos, sem o conhecimento e o consentimento da acompanhante. Mas o decoro, ou a ausência dele, era a última coisa na cabeça de Gervase naquela noite. Lady Morgan precisava de uma companhia, de alguém solidário, pensou ele. Parecia muito abalada. Ele a sentou diante da mesa, pousou o copo de água à sua frente e acomodou-se na outra cadeira.

– O capitão Gordon significa tanto para a senhorita quanto lorde Aidan Bedwyn? – perguntou.

A jovem o encarou, mas não o repreendeu pela impertinência, como já fizera em outras ocasiões.

– Ele é um jovem cheio de vitalidade, de sonhos e esperanças – respondeu, os olhos escuros brilhando. – É querido pela família... quer viver. E ainda assim foi pego no meio dessa loucura de que a humanidade é vítima. Lorde Gordon me beijou antes de partir e me implorou que o espere e que chore por ele caso seja morto.

– Ah – disse Gervase.

Ele se perguntou se Lady Morgan acordaria no dia seguinte constrangida por ter confidenciado algo tão íntimo a um cavalheiro que era pouco mais que um estranho para ela. Mas a verdade era que era pequena a probabilidade de ela dormir naquela noite.

– Como eu poderia ter negado isso a ele? – continuou ela. – Teria sido egoísta, cruel.

– A senhorita *quis* se negar? – indagou Gervase.

Ele se perguntava com frequência se Lady Morgan sentia alguma coisa pelo rapaz. Lorde Gordon não era digno dela. Era um jovem presunçoso, que não mostrava nenhum sinal da maturidade de um homem.

– Perguntas como essa não deveriam ser feitas ou respondidas em uma noite como esta – retrucou Morgan. – A emoção está reinando absoluta hoje, mas a escolha de um cônjuge é algo sério, não é mesmo?

– É? – falou Gervase em voz baixa.

Aquele era um assunto no qual ele não pensava havia anos.

– Casamento é algo para a vida inteira – disse Morgan. – Sempre estive determinada a não escolher com pressa e a não me permitir ser forçada a nada. É muito fácil se apaixonar, eu acho. É um estado altamente emocional. Não estou tão certa de que seja igualmente fácil *amar*.

– Amar não envolve emoções, então? – perguntou Gervase, sorrindo.

– Mas suas regras não são *ditadas* por elas. Amar é gostar, ser companheiro, respeitar e confiar. O amor não domina ou tenta possuir, mas se fortalece com compromisso puro, liberdade mútua. Por isso o casamento é tão traiçoeiro. Há a cerimônia, os votos, a necessidade de fidelidade, tudo isso sugerindo restrições, uma prisão mesmo. Os homens sempre comparam o casamento a uma prisão perpétua, a grilhões prendendo-os, não é verdade? Mas o casamento deveria ser exatamente o oposto... duas pessoas concordando em deixar livre uma a outra.

– Muitos cavalheiros casados que mantêm amantes e damas casadas, com seus acompanhantes ilícitos, aplaudiriam sua opinião, *chérie*.

Mas Lady Morgan o encarou, muito séria.

– O senhor não compreendeu. Qualquer um que não tenha a intenção de manter os votos sagrados não deveria fazê-los. Os casais ligados pelo matrimônio deveriam deixar seus parceiros livres para viverem, aprenderem, encontrarem crescimento pessoal. Eles não são dois lados de uma moeda, ou duas metades de uma alma.

São duas preciosas almas individuais que uniram suas liberdades para fazer de suas vidas algo mais glorioso, mais desafiador.

Gervase não estava certo se a achava uma tola idealista ou uma mística, sábia. Mas *estava* fascinado por ela. Não esperara que, justamente em uma noite como aquela, os dois fossem ter uma conversa desse tipo.

– Então deseja amar dessa forma grandiosa o homem com quem se casar, *chérie*? – perguntou.

– Desejo. – Lady Morgan voltou a encará-lo. – Não preciso me casar para ter dinheiro ou posição social, lorde Rosthorn. Nem mesmo para ter segurança. Prefiro esperar mais cinco ou dez anos, ou para sempre, se for preciso, a me casar com o homem errado. Embora tenha a esperança de não precisar aguardar para sempre.

As jovens damas típicas fariam aquela distinção entre estarem apaixonadas e amarem?, se perguntou Gervase. Quantas mulheres de qualquer idade declarariam de forma categórica que amor e possessividade não poderiam coexistir? Ele mesmo não alcançara tamanha compreensão. Mas Lady Morgan estava certa, não estava? Haveria tantos casamentos infelizes se *não* houvesse tais distinções?

– É uma tradição na minha família que o amor seja a força mestra de nossos casamentos – explicou ela. – Não se espera que nossos homens tenham amantes depois de se casarem. – O olhar direto dela não vacilou. – Espera-se que eles amem a esposa e permaneçam fiéis a ela. A mesma expectativa se aplica às mulheres Bedwyns.

Gervase sorriu.

– E algum de seus irmãos ou irmãs se casou? – indagou.

Ele achou que se lembrava de Lady Morgan ter mencionado uma cunhada certa vez.

– Três.

– O duque de Bewcastle é um deles? – perguntou Gervase.

Ele não ouvira falar de Bewcastle se casando. Mas como poderia? Não estava a par de todas as novidades e fofocas britânicas, apesar de ter reencontrado vários antigos amigos e conhecidos naquelas semanas que estava passando em Bruxelas.

– Não. Aidan, Rannulf e Freyja se casaram no ano passado.
– Todos eles motivados pelo amor?
– Agora sim – respondeu Morgan com convicção. – Rannulf e Judith têm um bebê recém-nascido.

Bewcastle amara Marianne?, perguntou-se Gervase. Estivera preparado para amá-la pelo resto da vida? Para permanecer fiel a ela? Gervase duvidava. Sempre lhe parecera que aquele homem era incapaz de amar.

– E a senhorita ama o jovem Gordon como desejaria amar um marido? – inquiriu Gervase. – Ainda assim, por acaso disse não a ele hoje à noite?

– Eu também não respondi exatamente que sim, mas duvido que ele tenha percebido. Terei que dizer um não firme quando o capitão retornar.

– Ele ficará desapontado.

– Ficaria ainda mais se eu de fato me casasse com ele – retrucou Lady Morgan. – Não acho que seria fácil ser meu marido, lorde Rosthorn, mesmo se eu o amasse de todo o coração. O capitão Gordon não me ama. Ele ama a *ideia* que faz de mim, a filha de um duque que acaba de ser apresentada à sociedade e é muito abastada. Nada mais.

Ela estava cometendo uma profunda injustiça consigo mesma, pensou Gervase. Mas a jovem levantou de repente os olhos para ele, abalada.

– Ele pode morrer – disse. – Como é *estúpido* tudo isso, lorde Rosthorn. Estúpido e mortalmente sério. Como eu poderia tê-lo mandado embora com a verdade ecoando nos ouvidos? Permiti que o capitão acreditasse que sinto o mesmo que ele, que o esperarei e que prantearei por ele pelo resto dos meus dias, caso ele não volte. E talvez faça isso mesmo. Quem sabe?

Os olhos dela se encheram de lágrimas repentinamente.

Gervase estendeu a mão por sobre a mesa e pousou-a na de Morgan. Ela virou a mão para cima e apertou a dele com força, enquanto usava a outra para secar as lágrimas.

– Não queria que isso estivesse acontecendo – disse ela com determinação. – Nada disso. Ninguém consegue entender que a

guerra não resolve nada? Sempre haverá guerra, *sempre* em nome da liberdade e da paz. Como pode haver liberdade quando homens morrem de forma tão insensata? Como pode haver paz quando homens precisam lutar para consegui-la? A humanidade sempre perseguirá esses dois ideais e nunca conseguirá alcançá-los.

Ao terminar de falar, encarou-o com o rosto ruborizado e uma expressão apaixonada nos olhos.

Dois casais entraram no salão, olharam para Gervase e Morgan – e para as mãos entrelaçadas dos dois – e recuaram murmurando desculpas. Ela pareceu nem perceber.

– Acredito que Caddick vai tirá-las de Bruxelas pela manhã – disse Gervase. – Dentro de uma semana, mais ou menos, a senhorita estará de volta à Inglaterra, com sua família, e a vida voltará a parecer menos tumultuada.

– Isso não é verdade – disse a jovem. – Por favor, não me trate com condescendência, lorde Rosthorn. Não o senhor entre todas as pessoas. Eu prefiro *saber*. Prefiro sofrer com todo mundo. Mas, mesmo que o conde de Caddick não insista em que partamos de Bruxelas, Alleyne fará isso. Ele foi para a Antuérpia, mas retornará amanhã. E me falou, antes de ir, que insistiria em que eu fosse embora caso a situação não melhorasse. E, na verdade, tudo piorou. – Ela suspirou. – E o que o *senhor* fará, lorde Rosthorn?

– Ficarei aqui. Não sou militar, mas talvez haja alguma forma de ser útil.

– Era isso que eu gostaria de fazer – desabafou Morgan. – Gostaria de ser útil. Não pode imaginar como me sinto impotente sendo mulher em uma situação como esta... ou em milhares de outras situações, para ser sincera. Mas também acredito que partirei amanhã.

– Estou na Rue de Brabant – falou Gervase, e disse a ela o nome da casa em que estava. – Se, por algum motivo, precisar de mim, mandará me chamar?

Ela lhe deu um meio sorriso.

– Porque sou frágil demais para cuidar de mim sozinha? Mas é uma oferta gentil, e lhe agradeço. – A jovem abaixou os olhos para as mãos unidas dos dois, parecendo só perceber o gesto íntimo

naquele momento. Retirou a mão e pousou-a no colo. – Acho que acabei falando sem parar. Tendo a fazer isso quando tenho opiniões acaloradas sobre um assunto. E tenho uma opinião bem forte sobre a guerra. Parece estranho, então, que eu tenha insistido em vir para Bruxelas apesar da resistência de meu irmão em consentir, não é mesmo? Não deveríamos estar aqui sozinhos, não é? Mas nada está sendo como deveria ser nesta noite. Pode me levar de volta à companhia de Lady Caddick?

Gervase se levantou e ofereceu o braço a ela.

– A guerra terminará – disse ele –, ao menos por algum tempo. E seu sonho de amor com certeza se concretizará, *chérie*. Milady será feliz de novo.

Ela riu baixinho.

– É uma promessa, lorde Rosthorn?

– Ah, mas sonhos não podem ser capturados com promessas – retrucou Gervase. – Eles são como a água, escapam por entre os dedos quando tentamos agarrá-los. Mas a água é a matéria da vida. *Acredito* que seu sonho se tornará realidade porque sei que a senhorita não fará concessões e não o deixará escapar com facilidade.

Ela riu de novo.

– E eu nem perguntei sobre os seus sonhos – falou ela. – Que falta de educação da minha parte!

– Estou velho demais para eles – disse Gervase enquanto a levava de volta ao salão de baile, quase vazio agora.

Era a pura verdade. Ele já tivera grandes sonhos quando mais jovem e esperara que a maior parte deles se realizasse. Mas sua juventude tivera um fim prematuro nove anos antes. E, desde então, Gervase vivera firmemente ancorado à realidade.

– Mas o senhor precisa ter sonhos – afirmou Morgan –, caso contrário a vida perde o foco, a paixão, o próprio sentido de ser.

Fora *isso* o que acontecera com a vida dele?, se perguntou Gervase.

Lady Caddick estava de pé e, com um ar distraído, os observava se aproximarem.

– Ah, aí está a senhorita, Lady Morgan – disse. – Estamos prontos para ir para casa.

Lady Rosamond Havelock estava ao lado da mãe, e parecia ter chorado. Ela se jogou nos braços de Morgan e as duas se abraçaram com força.

CAPÍTULO VI



Na manhã seguinte ao baile do duque de Richmond, houve um êxodo geral dos estrangeiros que não tinham conexão com o exército, de Bruxelas em direção à Antuérpia. Por volta do meio-dia, as estradas estavam cheias de carruagens, cavalos e carros de bagagem.

Os Caddicks e Morgan não se encontravam entre os que partiam. Rosamond acordara com uma de suas enxaquecas pouco frequentes, mas devastadoras. Era bem mais do que uma forte dor de cabeça – a moça ficava quase cega, nauseada e sem sentir direito o lado esquerdo do corpo, e mesmo a luz mais branda e o menor ruído eram intoleráveis. Apesar do perigo de permanecer em Bruxelas e da insistência do marido em que partissem – ele nunca sofrera daquele mal, que ela também conhecia, e não conseguia imaginar como era incapacitante –, Lady Caddick se mostrou irredutível. Rosamond deveria permanecer onde estava – absolutamente em silêncio, no próprio quarto –, até que o pior da indisposição passasse. Às vezes as crises duravam três, quatro, até cinco dias.

Lorde Caddick se ofereceu para encontrar alguém disposto a acompanhar Morgan e levá-la de volta em segurança, mas a jovem lhe assegurou que Alleyne logo estaria de volta da Antuérpia e faria pessoalmente os arranjos necessários.

O bom senso dizia a Morgan que ela deveria partir o mais rápido possível, mesmo que isso significasse viajar com quase estranhos. Mas era difícil se comportar com sensatez diante de circunstâncias tão desesperadoras. O fato era que Morgan não conseguia suportar a ideia de partir. Tinha conhecidos e até mesmo alguns amigos entre os oficiais do regimento dos Life Guards e suas esposas. A maior parte dessas mulheres permaneceria em Bruxelas. Por que ela não poderia ficar, então? Como conseguiria ir embora e não saber o que aconteceria a todas essas pessoas?

Morgan dissera a verdade a lorde Caddick. Mesmo assim, torcia para que Alleyne não retornasse da Antuérpia a tempo de mandá-la de volta naquele dia. Talvez no dia seguinte houvesse mais notícias da frente de batalha. Talvez as hostilidades já houvessem terminado àquela altura e ela nem precisasse sair do país.

Ao meio-dia, Alleyne ainda não aparecera.

Durante a tarde, inquieta e querendo manter a casa o mais silenciosa possível por causa da pobre Rosamond, Morgan conseguiu permissão de Lady Caddick para visitar a Sra. Clark, esposa do major Clark, dos Life Guards. Ela morava a apenas dez minutos de caminhada da casa dos Caddicks, e Morgan prometeu que levaria a camareira junto.

Foi quando estava tomando chá com a Sra. Clark que Morgan ouviu o que, a princípio, pensou ser um trovão a distância. Mas a anfitriã deu um sorriso bastante tenso quando Morgan disse que torcia para que não caísse nenhuma chuva torrencial que aumentasse o desconforto das tropas.

– Esse som é dos canhões – explicou.

Morgan sentiu seu sangue parar de correr.

– Eles estão bem distantes – continuou a Sra. Clark. – É mais uma sensação, uma vibração, do que um som, não é mesmo? E quem sabe exatamente de onde estão vindo, ou quem está envolvido na ação? Ou mesmo se as armas são nossas ou dos franceses?

Morgan nutria esperanças de que Alleyne a procurasse antes que saísse da casa da Sra. Clark. Mas ela voltou para casa na

companhia apenas da camareira.

Ao chegar à Rue de Bellevue, Alleyne ainda não aparecera. E continuou assim pelo resto do dia.

Durante a noite, eles foram mantidos acordados por um longo tempo pelo barulho quase incessante das rodas nas ruas, combinado com o som dos cascos dos cavalos e gritos ocasionais de algum homem. Tudo isso só fez piorar o sofrimento de Rosamond.

Elas não deveriam se alarmar, disse lorde Caddick do corredor, do lado de fora de seus aposentos. Toda aquela comoção era apenas um longo comboio de artilharia passando por Bruxelas, a caminho da frente de batalha.

Não se alarmar? Morgan, parada diante da janela do quarto com um xale nos ombros, estremeceu.

Onde estava Alleyne?

Onde estavam os oficiais que conhecia?

No dia seguinte, era tarde demais para deixar Bruxelas, ainda que Rosamond tivesse saído do próprio quarto, como um fantasma de olhos pesados, para assegurar aos pais que a crise de enxaqueca não era tão severa quanto as outras que já sofrera e que ela estava pronta para viajar quando eles quisessem.

De manhã cedo, uma tropa da cavalaria belga atravessara a cidade vindo da direção da frente de batalha – Morgan fora acordada mais uma vez pelo barulho –, gritando para todos os que passavam e para os que dormiam dentro das casas que tudo estava perdido, que haviam sofrido uma derrota esmagadora. Mas os homens não ficaram para responder às perguntas de ninguém.

Deixaram apenas o pânico em sua esteira.

Quase todos os estrangeiros em visita à cidade e muitos dos residentes fixos se apressaram para deixar Bruxelas, já que os temíveis franceses poderiam chegar a qualquer momento. Na casa dos Caddicks, todos os baús e malas estavam arrumados, tudo pronto para que partissem depois do café da manhã.

Mas houve uma complicação inesperada. Quando lorde Caddick mandou pegar a carruagem, os cavalos e o coche das bagagens, foi informado de que tudo o que tinha rodas fora

requisitado pelo exército para o transporte de suprimentos para a frente de batalha. Não adiantou o conde se enfurecer, ameaçar, adular e se dispor até a subornar; logo ficou claro que não havia transporte para eles. Não havia meio de partir de Bruxelas naquele dia, a menos que estivessem dispostos a ir a pé, levando com eles apenas o que pudessem carregar nas mãos ou nas costas.

E aquilo, é claro, estava fora de questão, como declarou Lady Caddick em um tom que expressava mais indignação do que medo.

E, assim, eles ficaram presos na cidade.

Morgan, embora estivesse inegavelmente temerosa, ficou satisfeita.

Rosamond cambaleou de volta para a cama.



Começou a chover durante a tarde. À noite houve trovões terríveis – de verdade, dessa vez – e a chuva caiu torrencialmente por horas. Era impossível saber o ponto exato em que os exércitos estavam, ou o que significavam os tiros ouvidos a distância, na véspera. Mas enquanto permanecia deitada na cama, resistindo à vontade de puxar as cobertas por cima da cabeça para tentar bloquear qualquer som, Morgan descobriu que não era difícil imaginar a situação dramática de milhares de homens tentando encontrar abrigo e descanso onde não havia nada disso.

Ao menos, anunciou lorde Caddick animadamente no café da manhã, a chuva teria tornado a viagem, e mesmo as manobras mais fáceis, impossíveis. Não havia nenhuma chance de passar pelas estradas e, portanto, nenhuma possibilidade de uma batalha naquele dia.

Além do mais, acrescentou Lady Caddick, era domingo.

Morgan estava preocupada com Alleyne. E também com Rosamond, que ainda sofria muito com a terrível enxaqueca. Lady Caddick estava quase fora de si de preocupação, em parte pela

indisposição da filha, em parte pela ameaça à própria segurança, mas principalmente pela incerteza em relação ao destino de lorde Gordon. Lorde Caddick se aventurou a sair para tentar conseguir alguma informação, embora parecesse haver disponíveis mais rumores do que notícias.

A chuva enfim tinha cessado e Morgan conseguiu permissão mais uma vez da distraída condessa para ir com a camareira até a casa da Sra. Clark. Morgan descobrira que era lá que as esposas dos oficiais do regimento costumavam se reunir e que, de um modo geral, elas eram mais sensatas do que a maior parte das outras pessoas. Aquelas mulheres não eram afeitas ao pânico e não acreditavam em cada história espetacular que lhes chegava aos ouvidos. Estavam todas reunidas naquela manhã. Morgan ficou aliviada ao ver que a receberam calorosamente, como se fosse uma delas e não uma intrusa indesejada.

Pouco depois do meio-dia, as armas de artilharia pesada começaram a atirar de novo. Estavam mais perto do que dois dias antes. Era impossível, depois de um primeiro momento impactante, confundir com trovões as explosões constantes.

As damas passaram algumas horas separando remédios e outros suprimentos que haviam reunido nas últimas 36 horas e enrolando ataduras. Elas conversavam tranquilamente e até riam durante o trabalho, mas Morgan, que se ocupava com as mesmas tarefas, podia sentir a tensão e o medo que pulsavam sob a animação enquanto todas tentavam ignorar o significado do que faziam.

Como devia ser difícil, pensou ela, ser uma esposa que seguia as tropas ano após ano.

Elas foram interrompidas no meio da tarde por uma agitação na rua. Várias mulheres se aglomeraram nas janelas, ao mesmo tempo que Morgan e a Sra. Clark corriam para fora. Cavalos espumando pela boca passavam a galope, carregando soldados da cavalaria com espadas desembainhadas. Eles vinham da direção dos portões de Namur, no extremo sul de Bruxelas – da direção da batalha.

– Eles são hanoverianos – disse a Sra. Clark. – Não são dos Life Guards.

Se aqueles soldados estivessem galopando por outras ruas em um número tão grande quanto naquela, pensou Morgan, com certeza deviam ser um regimento completo. Os homens gritavam em alemão, um idioma que Morgan não falava. Mas havia várias pessoas na rua dispostas a traduzir.

– Está tudo perdido! – gritou um homem.

– Os franceses estão nos calcanhares deles – disse outro.

O pânico se espalhou entre vários dos espectadores. Mas a Sra. Clark pegou Morgan firmemente pelo braço, levou-a de volta para dentro de casa e fechou a porta.

– Os feridos logo começarão a chegar – falou a Sra. Clark para as outras damas. – Se a informação estiver correta, a batalha foi perdida e os franceses logo estarão aqui. Mas eles também terão feridos. Podemos nos acovardar e entrar em pânico ou sair e fazer o que pudermos para ajudar aqueles que precisarem, sem nos importarmos com a cor do uniforme que estiverem usando, ou de que lado lutaram.

Morgan olhou para a mulher mais velha com renovados respeito e admiração e respirou fundo. Ela mesma não estivera tão longe assim do pânico alguns minutos antes, admitiu para si.

– Eu prefiro sair e fazer o que puder – disse Morgan.

A Sra. Clark foi até ela.

– Mas a *senhorita* não deveria, Lady Morgan. Deveria retornar à Rue de Bellevue. A condessa de Caddick ficará preocupada com a senhorita. O que estamos prestes a fazer é perigoso. Mais do que isso, a deixará horrorizada, perturbada. Não será uma visão bonita.

– Não espero que seja – retrucou Morgan. – E não devo ser mantida dentro de uma redoma apenas porque sou solteira e filha de um duque. Farei a minha parte. Por favor, não discuta comigo. Acredito que, em pouco tempo, precisaremos de cada par de mãos disponível. Quanto a Lady Caddick, ela tem que cuidar de Rosamond ao mesmo tempo que se preocupa com o capitão Gordon. Ela sabe que estou com a senhora.

A Sra. Clark não perdeu mais tempo com palavras. Apenas assentiu brevemente e apertou a mão de Morgan.

– Então iremos até os portões de Namur, se for necessário – falou.



Foi lá que lorde Alleyne Bedwyn encontrou Morgan cerca de uma hora depois. Não que ele esperasse vê-la. Alleyne imaginara que a irmã estivesse bem longe de Bruxelas àquela altura. Durante todo o caminho de volta da Antuérpia, ele a procurara em meio ao aglomerado de pessoas que seguia na direção oposta. Mas não se preocupara quando não a vira. Morgan provavelmente já estaria em um navio em direção à Inglaterra, convenceu a si mesmo.

Ele se reportara a Sir Charles Stuart sem nem mesmo pensar em primeiro passar na casa que o conde de Caddick alugara na Rue de Bellevue. E agora estava a caminho do sul, com uma mensagem para o duque de Wellington. Alleyne se oferecera para a tarefa. Poderia ser uma missão perigosa, Sir Charles o alertara, se os sons da artilharia pesada eram alguma indicação da ferocidade da batalha em curso. Mas Alleyne queria ver por si mesmo o que estava acontecendo. Além do mais, o irmão dele, Aidan, lutara na Guerra da Península. Por um acaso *e/e*, Alleyne, iria se acovardar para simplesmente entregar uma carta no campo de batalha?

Os feridos nos últimos dias começavam a chegar a Bruxelas a pé, alguns com a cabeça enfaixada ou o braço em uma tipoia, a maior parte deles sem nada além de trapos cobrindo seus ferimentos ensanguentados. Alleyne olhou com compaixão para os homens conforme se aproximava dos portões de Namur, em seu caminho para o sul, e com admiração para o grupo de damas que já havia improvisado um atendimento de emergência ali.

Um dos feridos explicava à dama que levava um copo de água aos lábios dele que a luta naquele dia – uma batalha desesperada e sangrenta – estava acontecendo bem ao sul da floresta de Soignes, não muito distante da cidade de Waterloo.

A dama em questão era Morgan.

Alleyne saltou da sela do cavalo no mesmo instante em que Morgan abaixava o copo, levantava os olhos e o via. Ela então correu para os braços dele.

– *Alleyne!* – gritou. – Onde você estava? Tenho andado tão preocupada...

Ele segurou-a pelos ombros e sacudiu-a não muito gentilmente.

– Que diabo você está fazendo aqui? Por que não está na Antuérpia a esta altura, ou a caminho da Inglaterra?

– Você me disse que viria ao meu encontro na manhã seguinte ao baile dos Richmonds – lembrou-lhe Morgan.

– Diabos, Morg – disse Alleyne, exasperado –, fiquei retido na Antuérpia. Não me diga que você não teve bom senso suficiente para partir com os Caddicks. Terei uma palavrinha com...

– Eles também estão aqui ainda. Você não imaginou que eles partiriam sem mim, não é? Lady Caddick leva muito a sério suas responsabilidades em relação a minha pessoa.

Em seguida, Morgan explicou ao irmão a série de eventos que os mantivera em Bruxelas.

– Diabos – disse Alleyne novamente. – Eu mesmo terei que arrumar uma maneira de tirá-la daqui, Morgan. Você estará a caminho de casa assim que eu resolver essa pequena questão da embaixada.

– Sou necessária aqui! – protestou ela. – *Serei* necessária por algum tempo ainda. Farei a minha parte, Alleyne, mesmo que não possa lutar de verdade contra os franceses, como fez Aidan. Não precisa se preocupar comigo.

Ele apertou os ombros dela com mais força.

– Wulf vai arrancar a minha cabeça – disse –, e mal poderei culpá-lo por isso. Estarei de volta ao cair da noite, e então a tirarei daqui.

– Alleyne. – Morgan segurou os cotovelos dele. – Aonde vai? Por que está aqui nestes portões em particular?

– Tenho uma mensagem a ser entregue na frente de batalha.

Os olhos dela se arregalaram.

– Não se preocupe – tranquilizou-a Alleyne. – Não vou cavalgar para a batalha, Morg. Não haverá atos heroicos me aguardando. Estarei completamente a salvo.

– Cuide-se, então. – Ela deu um suspiro lento e profundo. – Alleyne, se por acaso puder saber notícias dos Life Guards...

Ela não completou a frase. Não precisava. Alleyne a puxou para seus braços e deu-lhe um abraço rápido.

– Verei o que consigo descobrir – prometeu ele antes de soltá-la e voltar a montar no cavalo.

Atrás de Morgan, duas carroças cheias de feridos passavam pelos portões. O cheiro acre de sangue tomou o ar, mais forte do que antes.

Ela se virou, distraída, sem se despedir, e Alleyne atravessou os portões em direção ao sul.

Morgan, pensou ele. A mais nova deles. Tão madura e se comportando com uma coragem tola, fazendo o que provocaria desmaios na maior parte das damas com o dobro da idade dela. Mas, na verdade, ele deveria ter esperado isso dela. Assim como Freyja – talvez ainda mais, até –, Morgan desprezava a imagem em voga da dama perfeita como uma violeta murchando. Ele suspeitava fortemente de que haviam sido as hostilidades iminentes, mais do que Gordon, que a levaram a Bruxelas. O rapaz, na opinião de Alleyne, não passava de um janota.

Alleyne se sentia muito orgulhoso de Morgan nas ruas, cuidando dos feridos, em vez de escondida dentro de casa na Rue de Bellevue. Mas, mesmo assim, ele tinha um assunto a resolver com a condessa de Caddick, que fora encarregada de ser responsável por sua irmã.

Wulf arrancaria a cabeça dele por não ter mandado Morgan para casa muito tempo antes.



Algumas horas mais tarde, Gervase encontrou Morgan no mesmo lugar. Àquela altura, inúmeros outros feridos haviam chegado, alguns em estado grave. Havia cirurgiões no local, fazendo o que podiam para cuidar do pior, trabalhando nas barracas improvisadas. Havia várias mulheres também, limpando ferimentos, fazendo curativos nos casos menos graves, oferecendo água e qualquer conforto possível aos homens.

Ficara claro para Gervase, assim que ele ouvira os tiros, que dentro de poucas horas o número de feridos se tornaria um enorme problema para a cidade, muito além da capacidade dos voluntários. Seria preciso o mínimo de organização: uma lista de casas e de seus ocupantes que pudessem e quisessem acomodar os feridos, um meio de transportar tanto os feridos quanto os cirurgiões e enfermeiras até essas casas e uma forma de oferecer-lhes os suprimentos de que precisassem.

Sem dúvida, havia outras pessoas conscientes da necessidade de coordenar a situação, pensou Gervase. Mas não havia um modo de organizar os esforços de todos. Ele só poderia cuidar da sua parte. Então reuniu o máximo de conhecidos que conseguiu e todos fizeram o que podiam: bateram nas portas das casas em todas as ruas, conversaram com boticários, donos de armazéns e qualquer pessoa que pudesse vender suprimentos para mais de mil feridos, e elaboraram listas intermináveis.

Por fim, o grupo estava pronto para se aproximar dos portões de Namur e organizar um posto com o objetivo de encaminhar portadores de feridos às casas onde encontrariam camas limpas, comida, água e um teto, lugares onde seriam tratados por médicos e enfermeiras de bom coração.

Havia muito poucos médicos e enfermeiras, é claro, mas era preciso se contentar com o que havia disponível.

Gervase reparou em uma dama muito jovem inclinada sobre o que parecia ser uma pilha de trapos ensanguentados no chão. A pilha de trapos, na verdade, era um jovem soldado raso coberto de sangue e lama, a perna direita arrancada na altura do joelho. Os cabelos da jovem estavam presos com um lenço sujo e ensanguentado. O vestido de musselina estava amassado, sujo e

manchado de sangue. Ela murmurava baixinho para o rapaz enquanto limpava o rosto dele com um pano molhado. O soldado encontrava-se na longa fila à espera dos cuidados de um cirurgião.

Então a jovem se levantou e passou a parte de trás do punho sobre os olhos em um gesto de cansaço.

Santo Deus! Gervase ficou subitamente paralisado. A jovem dama era Lady Morgan Bedwyn.

Ele correu até ela e segurou-a por um dos cotovelos.

– A senhorita ainda está em Bruxelas? – foi a pergunta desnecessária que fez.

Por um momento, ela o encarou sem reconhecê-lo. Então piscou e se deu conta de quem estava à sua frente.

– Lorde Rosthorn – disse.

Gervase mal podia acreditar no que seus olhos viam.

– Os condes de Caddick não a levaram para um lugar seguro? – perguntou ele. – Nem lorde Alleyne Bedwyn?

– Não havia transporte no momento em que poderíamos ter partido – explicou ela. – E Alleyne ficou retido na Antuérpia, voltou apenas hoje. Ele seguiu na direção da frente de batalha, em uma missão da embaixada.

– O que a senhorita está fazendo *aqui*?

– Não é óbvio? – Lady Morgan deu um sorriso cansado. – Há tanto a fazer, lorde Rosthorn. Não posso ficar aqui conversando com o senhor.

Naquele momento, Gervase se deu conta de que ela era mesmo uma mulher por completo – uma mulher com um coração terno e com a força e a coragem necessárias para agir. Ele percebera, assim que a conhecera, que Lady Morgan não era uma mocinha afetada, mas agora tinha a prova irrefutável. Naquele dia, naquele momento, ela parecia mais linda do que em qualquer outra ocasião.

Gervase soltou o cotovelo da moça.

– Vá, então – disse. – Volte ao que estava fazendo.

Ele trabalhou ali por várias horas; chegou a perder a conta de quantas. Descarregou feridos e ajudou a separá-los em grupos – os que precisavam de cuidados, mas não dos serviços de um cirurgião;

os que precisavam apenas de um copo de água e de uma mão caridosa que os ajudasse a morrer. Gervase se descobriu sendo aquela pessoa que oferecia a água e a mão caridosa vezes sem conta. Ao mesmo tempo, tentava seguir com a missão que o levara até ali. Tentou encontrar alojamento para todos os feridos que não poderiam simplesmente sair andando com as próprias pernas.

Por fim, em algum momento da noite, um dos amigos de John Waldane veio rendê-lo. Gervase apoiou as duas mãos nos quadris, esticou as costas e girou os ombros. É estranha a rapidez com que os olhos e os ouvidos de alguém conseguem se acostumar com certas visões, certos sons, e o nariz, com certos cheiros. Depois de pouco tempo, não lhe ocorrera nem por um instante sequer se sentir melindrado.

Lady Morgan Bedwyn encontrava-se ajoelhada ao lado de um sargento grisalho, de uniforme verde, mais suja e desarrumada do que antes. Amarrava uma tipoia com um nó firme atrás do pescoço do homem enquanto lhe dizia algo que o fez rir.

Gervase se aproximou e esperou que ela terminasse o que estava fazendo e se levantasse.

– *Chérie* – disse ele –, está na hora de descansar. Permita-me acompanhá-la até a Rue de Bellevue.

Mas ela balançou a cabeça.

– Não posso voltar até saber notícias definitivas. Aquele sargento – ela indicou o homem de quem acabara de cuidar – me contou que lorde Uxbridge esteve à frente de um ataque maciço da cavalaria esta tarde, e que eles varreram tudo o que estava em seu caminho e colocaram os franceses para correr. Mas eles seguiram longe demais, além das linhas inimigas, e foram atacados também. O homem não sabe qual foi o resultado.

Por um momento, ela pareceu prestes a ceder às lágrimas, mas logo se recompôs e sorriu.

– Nenhum deles chegou aqui ainda – disse. – Imagino que isso seja uma boa notícia. Ninguém sabe se a batalha foi ganha ou perdida. Mas logo estará escuro. Eles não podem lutar depois do anoitecer, podem?

– A senhorita precisa descansar um pouco – lembrou Gervase com firmeza. – Não será bom para ninguém se esforçar em excesso.

– A Sra. Clark abriu a casa para os feridos – continuou a jovem.
– Estamos há uma hora querendo ir até lá, mas sempre aparece mais uma coisa para ser feita aqui. De qualquer forma, a casa está pronta. Eu concordei em assumir o turno da noite. Não conseguiria dormir, de qualquer modo.

Ela inclinou a cabeça de um lado para outro enquanto falava e semicerrou os olhos.

Gervase pousou a mão em seus ombros e virou-a de costas para ele. Então massageou com os dedos os músculos dos ombros e do pescoço dela, até a moça suspirar e deixar a cabeça pender para a frente.

– Alleyne ainda não retornou – disse ela. – Ele me falou que estaria de volta até o cair da noite, e a noite já está caindo. Com certeza, ele logo aparecerá.

– Deixe-me acompanhá-la até a casa da Sra. Clark – insistiu Gervase. – Alguém pode avisar ao seu irmão onde encontrar a senhorita. Se não houver muitos feridos lá, ou se houver bastante ajuda, talvez consiga repousar um pouco. Ou, no mínimo, tomar uma xícara de chá.

– Isso seria maravilhoso – admitiu a jovem.

– Ou um banho – disse Gervase.

Lady Morgan abaixou os olhos para a própria roupa com uma expressão triste.

– Este é um dos meus vestidos mais elegantes – falou. – Ou era. Duvido que consiga usá-lo de novo... ou que queira.

Gervase ofereceu-lhe o braço e ela aceitou. Era difícil agora se lembrar da impressão que tivera de Lady Morgan na primeira vez que pousara os olhos nela – absolutamente encantadora, mas também arrogante e aristocrática. Ele a vira como uma criança mimada. Gervase sentia-se envergonhado ao lembrar que buscara ser apresentado a ela apenas por ser irmã de Bewcastle... como se Lady Morgan não pudesse ter uma identidade própria.

– Estou feliz porque fiquei em Bruxelas – disse ela. – Por ter visto o que vi hoje. E, mais do que tudo, por ter conseguido ser útil de algum modo. Mas como tudo isso é sem sentido... Se perdermos essa batalha, de que terá adiantado tudo isso? E se ganharmos, de que terá adiantado para todos os franceses mortos e feridos? Não podemos fazer distinções, podemos? Os franceses, os ingleses, os belgas, os holandeses são todos homens tolos e corajosos. Embora talvez não sejam tão tolos. Afinal, não foram eles que decidiram lutar nessa batalha hoje. Foram seus líderes. Desculpe. Já me estendi nesse assunto antes, em sua companhia. Preciso deixar para lá e simplesmente encarar a realidade do que aconteceu e do que está acontecendo.

Gervase pousou a mão sobre a dela.

– Se me permitir, avisarei à condessa de Caddick de seu paradeiro.

– Ah, sim, por favor – pediu Morgan. – Foi negligente da minha parte não ter pensado nisso.

Os Caddicks, pensou Gervase duramente, deveriam ser pendurados pelos polegares. Afinal, haviam feito algum esforço durante o dia para descobrir onde estava Lady Morgan? E por que não haviam insistido, dias antes, em que ela deixasse Bruxelas, mesmo que eles não quisessem ir embora?

– Será um prazer, *chérie* – disse.

– Sua mãe é francesa – comentou a moça. – Já se descobriu sentindo compaixão em relação aos contrterrâneos dela, lorde Rosthorn?

– Já, embora não costume admitir isso com frequência para um inglês. Mas meu pai era inglês, entenda. Minha lealdade se divide entre os dois países, o que talvez explique por que eu nunca senti grande inclinação para seguir a carreira militar.

Lady Morgan o encarou com uma expressão séria, porém não fez mais perguntas. Ela parou do lado de fora da casa que pertencia à Sra. Clark e se virou para agradecer a Gervase por tê-la acompanhado. Ele reparou que as portas da casa estavam todas abertas, e, lá dentro, tudo iluminado. Lady Morgan ficaria acordada à noite fazendo o que pudesse para deixar os feridos confortáveis,

cuidando para que os que haviam sobrevivido ao campo de batalha não morressem, agora, de febre ou por negligência.

Gervase segurou as duas mãos da jovem, se inclinou sobre elas e levou uma de cada vez aos lábios.

– Vá, então, *chérie*. Passarei por aqui pela manhã para me certificar de que está descansando.

– Obrigada. O que fará esta noite, lorde Rosthorn?

– Voltarei para os portões. Talvez entre na floresta a cavalo. Está ficando escuro. Os tiros cessaram, como deve ter percebido. A batalha já deve ter sido ganha ou perdida. Ou talvez esteja em um impasse e recomeça pela manhã.

– Se por um acaso vir Alleyne, poderia pedir que venha para cá, lorde Rosthorn? E se souber de... mais alguém, poderia vir aqui nos avisar? – pediu ela.

Gervase não tinha certeza se ela se referia especificamente ao capitão Gordon ou a todos os Life Guards que conhecia. Mas ela poderia ter passado o dia todo preocupada na casa dos Caddicks, na Rue de Bellevue. Em vez disso, ficara nas ruas, cuidando dos feridos, mantendo os próprios sentimentos sob controle e escondidos. Mas Gervase sabia que esses sentimentos – o sofrimento, a preocupação – estavam ali.

– Farei isso, *chérie* – prometeu ele.

E ficou observando-a até ela entrar na casa, antes de se voltar na direção da Rue de Bellevue.

Gervase encontrou a condessa tão angustiada com a falta de notícias do filho que parecia não ter nem percebido que a moça sob sua responsabilidade não voltara para casa desde de manhã.

– Ela está com a Sra. Clark, não está, lorde Rosthorn? – disse Lady Caddick, depois que Gervase lhe deu o recado. – Uma boa mulher, embora o major pudesse ter conseguido coisa melhor. Imagino que ela e Lady Morgan tenham passado o dia todo de mãos dadas, confortando uma à outra.

Gervase não explicou o que as damas *de fato* estiveram fazendo. Ele se despediu, caminhou até o estábulo público onde guardava o cavalo e percorreu as poucas milhas até o sul da cidade, embora a noite já houvesse praticamente caído.

As notícias que ouviu conforme seguia eram cada vez mais encorajadoras. A batalha fora ganha, ao que parecia, embora ninguém parecesse ter certeza absoluta. Os prussianos haviam chegado mais tarde para ajudar as forças britânicas e aliadas, que tinham atingido seu limite, e os franceses tinham sido derrotados. Os aliados estavam indo atrás deles, preparados para persegui-los até Paris, se fosse necessário.

Gervase poderia ter continuado cavalcando para obter notícias mais definitivas, mas, quando passou lentamente pelas hordas de feridos, viu uma maca sendo carregada por dois soldados e imaginou que levassem um oficial ferido. Mesmo na escuridão, viu o uniforme dos Life Guards do homem ferido e se aproximou.

– Quem é? – perguntou.

– O capitão Gordon, senhor – respondeu um dos homens. – Ferido no ataque da cavalaria esta tarde, mas só descoberto recentemente.

– Gravemente ferido? – indagou Gervase.

Mas o capitão estava consciente e pôde responder por si mesmo:

– Uma maldita perna quebrada. É você, Rosthorn? Se eu tivesse tirado o pé do estribo, não teria sofrido nada e poderia ter usado minha espada em mais alguns daqueles sapos. Mas meu cavalo caiu e tive que me fingir de morto até a batalha terminar.

Ele pousou a mão sobre os olhos.

– A batalha está terminada, então? – perguntou Gervase.

– Por Deus, sim – disse Gordon. – Quebramos a espinha dorsal do ataque deles e, depois, foi apenas uma questão de tempo.

Ele praguejou com crueldade contra os homens que carregavam a maca, porque um deles tropeçara em uma pedra.

– Desgraçados! Imbecis! Ninguém parece compreender a extensão da minha dor. Poderia ser um bom homem, Rosthorn, e avisar à minha mãe que estou chegando, e também se certificar de que meu pai chame o melhor médico de Bruxelas?

– O que sabe sobre o destino do resto dos Life Guards? – inquiriu Gervase.

Mas ele teve que esperar um pouco pela resposta, porque Gordon cerrou os dentes contra um espasmo de dor.

– Muitos de nós morreram – disse o capitão, finalmente. – Os Life Guards nunca mais serão os mesmos. Mas salvamos a Europa e a Inglaterra de Bonaparte.

– E o major Clark? – perguntou Gervase.

– Ah, ele está vivo – assegurou o capitão Gordon. – Veio falar comigo enquanto me resgatavam. Está seguindo para Paris com o resto do exército. Desgraçado sortudo.

– Voltarei a Bruxelas, então – disse Gervase.

Ele foi primeiro à Rue de Bellevue para assegurar aos condes de Caddick que o filho deles estava vivo, embora ferido. Mas não esperou a chegada de Gordon, nem se ofereceu para ir em busca de um médico. Em vez disso, dirigiu-se à casa da Sra. Clark.

Uma criada atendeu a porta. Gervase percebeu antes mesmo de entrar que todos os espaços disponíveis estavam sendo usados para acomodar feridos. Só no pequeno saguão de entrada já havia três colchões de palha.

A própria Lady Morgan veio correndo de uma sala íntima menos de um minuto depois de a criada haver desaparecido. Ela parecia exausta e abatida, mas tinha lavado o rosto, penteado os cabelos, e sua postura ainda era altiva e orgulhosa.

– A batalha está terminada e os aliados venceram – contou Gervase, sem preâmbulos. – O major Clark está a salvo e o capitão Gordon está sendo carregado de volta para casa, vivo, mas com uma perna quebrada. Acredito que sobreviverá e se recuperará completamente.

Ele a viu arregalar os olhos e morder o lábio inferior. Então a jovem correu para ele, dando a volta em um dos colchões, segurou suas mãos e ficou na ponta dos pés para lhe dar um beijo no rosto.

– Obrigada por trazer notícias – disse, apertando as mãos de Gervase. – Obrigada, lorde Rosthorne. O senhor é muito gentil. E Alleyne?

– Não o vi nem ouvi nada sobre ele – falou Gervase, lamentando. – Mas ele, com certeza, estará de volta até amanhã ou, mais provavelmente, ainda esta noite.

– Sim – concordou ela. – Imagino que sim.

Um dos homens no saguão tossiu, gemeu e chamou por alguém. Lady Morgan soltou as mãos de Gervase e se inclinou imediatamente sobre o colchão do homem.

Gervase viu que a Sra. Clark descia, apressada, as escadas, os olhos fixos nele, uma das mãos na altura da garganta.

– Seu marido está a salvo, madame, e a batalha foi vencida – disse Gervase a ela.

CAPÍTULO VII



Não havia lugar para Morgan dormir na casa da Sra. Clark quando foi liberada do turno da noite na manhã seguinte, embora ela houvesse preferido ficar por perto, se pudesse. No entanto, a jovem também se sentia ansiosa para voltar à casa na Rue de Bellevue. O capitão Gordon estaria lá. Talvez ele tivesse mais novidades sobre a batalha e sobre outros oficiais que ela conhecia. Ao mesmo tempo, Morgan temia vê-lo novamente. O rapaz tentaria prendê-la às promessas que achara que ela havia feito no baile dos Richmonds? Ou estaria constrangido com a lembrança daquele momento e pronto para esquecê-lo?

O conde de Caddick e Rosamond estavam tomando o café da manhã. A jovem dama levantou-se ao ver a amiga entrar, abraçou-a com força e começou a chorar.

– A batalha foi ganha – disse ela, quando conseguiu –, mas ainda não sabemos quem viveu e quem morreu. Ambrose está vivo. Mamãe ficou acordada a noite toda com ele e, neste momento, está nos aposentos dele.

– E como está a perna dele? – perguntou Morgan, sinceramente preocupada com o rapaz.

Houvera tantas amputações...

– Quebrada em dois lugares – informou o conde. – A perna ficou presa embaixo do cavalo quando ele caiu. Mas estão cuidando

das fraturas e o membro não precisará ser amputado. O médico acredita que ele se recuperará por completo e nem sequer mancará.

Morgan suspirou alto de alívio e Rosamond a abraçou outra vez, derramando mais algumas lágrimas.

– Estou terrivelmente arrependida por ter impedido que todos partissem em segurança dias atrás – confessou a moça. – Você deve ter ficado em pânico, Morgan. Mas tudo acabou da melhor maneira, não é mesmo? Não há mais ameaça a Bruxelas e temos Ambrose aqui conosco, e não em um hospital de campo em um lugar qualquer, com centenas de outros soldados. Não consigo suportar a ideia, e você?

Morgan balançou a cabeça, concordando com a amiga.

– Vamos levá-lo para casa, para a Inglaterra – continuou Rosamond. – Mamãe quer que ele seja tratado por nosso médico particular, em Londres. Papai conseguiu duas carruagens e vamos partir cedo amanhã de manhã. Não são notícias maravilhosas?

Morgan assentiu.

– Parece cansada, Lady Morgan – observou o conde. – De preocupação, imagino. Mas tudo terminou bem.

Rosamond, que já esgotara as novidades que tinha para contar, recuou um passo e só então pareceu notar a aparência nada arrumada da amiga.

– Há *sangue* em seu vestido – disse. – O que fez para se ferir, Morgan? Venha, sente-se. Achei que tivesse ficado na casa da Sra. Clark ontem à noite.

– E fiquei. – Morgan arriou em uma cadeira que um criado puxou apressadamente para ela. – Estava cuidando dos feridos que estão sendo acolhidos lá. São tantos, Rosamond... centenas e centenas. E me arrisco a dizer que ainda há milhares deles no campo de batalha, ou na estrada de volta a Bruxelas. Só na casa da Sra. Clark há vinte homens. Eram 21, mas um morreu durante a noite. Fui liberada por algumas horas, mas preciso voltar antes do meio-dia. Há tanto a ser feito, e tão poucas mãos...

Rosamond acomodou-se em uma cadeira ao lado da amiga e fitou Morgan com os olhos arregalados, uma expressão de pura fascinação.

– Cuidando dos feridos? – repetiu. – Que incrivelmente corajoso da sua parte! Irei com você quando tiver que retornar, embora a mera visão do sangue no seu vestido quase tenha me provocado um desmaio. Estou praticamente recuperada da minha enxaqueca.

– Não vai a lugar algum, mocinha – intrometeu-se o pai, com firmeza. – A batalha pode ter terminado, mas as ruas estarão cheias de rufiões hoje. Vai permanecer em casa, onde sua mãe e eu podemos ficar de olho em você. Não tenho dúvida de que Lady Caddick lhe dirá o mesmo, Lady Morgan. Fico surpreso pela Sra. Clark não ter tido mais responsabilidade.

A própria Lady Caddick entrou em cena naquele momento. Parecia exausta, mas, assim que viu Morgan, seus olhos se iluminaram de felicidade.

– Ótimas notícias, minha querida Lady Morgan! – exclamou. – Imagino que tenha ouvido que os franceses foram abatidos com rigor. Gordon se tornou um grande herói. Ele está terrivelmente ferido, o pobre rapaz, mas está enfrentando o sofrimento com coragem... e alegria também. Garantiu-me que seus ferimentos não passam de distintivos de honra. Pode imaginar uma mente assim tão nobre?

– Fico muito aliviada por ele estar a salvo, madame – comentou Morgan.

– Vamos levar meu rapaz de volta à Inglaterra amanhã – disse Lady Caddick. – Sei que ficará encantada por voltar ao seio de sua família, Lady Morgan.

– Alleyne apareceu por aqui ontem à noite? – indagou Morgan.

– Lorde Alleyne Bedwyn? – perguntou a condessa. – Acredito que não. Ele esteve aqui, Caddick?

O conde deixou escapar um grunhido que Morgan interpretou como um não.

– Assim como você – disse o conde à esposa –, Lady Morgan esteve de pé a noite toda. Sugiro que as duas tomem um chá, comam uma torrada e vão se deitar. Rosamond fará companhia a Gordon.

– Ele acaba de tomar outra dose de láudano – explicou a condessa, sentando-se à mesa –, e imagino que dormirá por algum

tempo. Com certeza irá querer vê-la quando acordar, Lady Morgan. Ele falou várias vezes da senhorita durante a noite. Mas devo avisá-la que o estado dele talvez a deixe abalada. Meu filho teve vários outros ferimentos além da perna quebrada.

Morgan sentiu um aperto no peito. Ele falara dela. Desejava vê-la. Mas ao menos estava a salvo. E quanto a Alleyne? Além disso, havia vinte homens na casa da Sra. Clark, todos precisando de cuidados. Muitos corriam risco de morte. Naquele momento, no entanto, o que ela mais precisava fazer era dormir. Estava grata por lorde Gordon ter tomado láudano e não se encontrar em condições de receber visitas. Mais tarde ela teria que vê-lo, e também lidar com a perspectiva de voltar para casa e abandonar todo aquele sofrimento ali.

Morgan comeu uma torrada em silêncio e tomou uma xícara de chá, mais porque devia do que por sentir fome. Em seguida, Rosamond a tomou pelo braço e a levou para o quarto. A moça deu um beijo no rosto de Morgan antes de sair.

– Estou muito orgulhosa de você – disse –, por cuidar dos feridos. Ah, Morgan, torço para que venhamos a ser irmãs...

Morgan deu um sorriso cansado para a amiga, entrou no quarto e fechou a porta. A camareira a ajudou a despir o vestido e ela se afundou na cama e fechou os olhos. Mas antes de deixar que o sono a dominasse, lembrou-se de algo.

Havia beijado o conde de Rosthorn no rosto na noite anterior. Não porque eles estivessem flertando ou de namorico. Não porque ele a desafiara, ou porque ela se sentira desafiada. Beijara-o porque ele mostrara compaixão por ela e pela Sra. Clark. Porque estivera nos portões de Namur por horas, mais cedo naquele dia, tentando se certificar de que todos os feridos tivessem um lugar onde pudessem se recuperar e ficar confortáveis.

Porque ela sentira a bondade dele.

Porque, de algum modo, o conde se transformara aos olhos dela, de um perigoso sedutor em potencial, a cujos flertes fora difícil resistir, em um amigo.

Aquela seria uma ideia fantasiosa?

Morgan adormeceu antes que pudesse responder à própria pergunta.



Gervase apareceu na casa da Sra. Clark bem cedo, logo depois de tomar o café da manhã, com a intenção de acompanhar Lady Morgan de volta à casa da Rue de Bellevue. Chegara, no entanto, dez minutos depois de ela já ter partido. Ele passou o resto da manhã fazendo o melhor que podia para organizar o enorme fluxo de feridos que chegava do campo de batalha ao sul de Waterloo. As baixas haviam sido espantosas, e Gervase sabia que estava vendo apenas os que tinham sido removidos do campo. Ainda havia milhares lá.

Ele apareceu na casa de lorde Caddick ao meio-dia e pediu que fosse anunciado ao conde.

– Que bom que veio, Rosthorn – disse o nobre, indo ao saguão pessoalmente para apertar a mão do visitante –, sobretudo neste momento em que as ruas devem estar um caos e é mais seguro permanecer dentro de casa. Sei que ficará satisfeito em saber que meu filho está bem, na medida do possível. A perna dele foi tratada, assim como os outros ferimentos. Temos esperança de que conseguirá se recuperar por completo assim que chegarmos à Inglaterra.

– Partirão logo, senhor? – perguntou Gervase.

A melhor coisa para Lady Morgan era ser levada para longe de um cenário tão insalubre. No entanto, percebeu que sentiria falta dela. Que pensamento estranho...

– Amanhã de manhã, bem cedo – respondeu o conde.

Mas naquele momento a própria Lady Morgan apareceu, apressada, no saguão. Estava um pouco pálida, mas com os cabelos bem penteados e um vestido limpo.

– Lorde Rosthorn – falou quando ele se inclinou em uma reverência –, teve alguma notícia do meu irmão?

Para seu constrangimento, Rosthorn mal pensara em lorde Alleyne Bedwyn naquela manhã. Imaginava que o homem era capaz de cuidar de si mesmo.

– Lamento que não.

Parte da luz se apagou dos olhos dela.

– Acredito que ele tenha ficado tão ocupado com as emergências de ontem que acabou esquecendo que deveria vir para me levar embora daqui – disse Lady Morgan. – De qualquer modo, Alleyne sabe que, com a vitória, eu estaria a salvo aqui em Bruxelas e que não haveria mais grande pressa em partir.

– Eu não diria isso, Lady Morgan – opinou o dono da casa. – Lady Caddick tem medo de que, caso nosso médico não examine a perna de Gordon em no máximo uma semana e se certifique de que ela foi devidamente colocada no lugar, o rapaz acabe mancando pelo resto da vida.

Gervase manteve os olhos em Lady Morgan e percebeu o leve franzir de cenho dela.

– Permita-me ir em busca de Sir Charles Stuart para saber dele notícias sobre lorde Alleyne – falou. – Voltarei com qualquer novidade assim que for possível, para aliviar sua ansiedade.

– Quanta gentileza da sua parte – agradeceu ela. – Mas poderia, por favor, levar qualquer informação que consiga à casa da Sra. Clark? Preciso retornar para lá neste exato momento. Acabei dormindo mais do que pretendia.

– *Retornar?* – Caddick pareceu genuinamente chocado. – Para a casa da Sra. Clark, Lady Morgan? Quando há vinte homens feridos ocupando a casa dela? Aquele não é um ambiente adequado para uma dama.

– Para ninguém, milorde – concordou Lady Morgan. – Mas aqueles homens estão sofrendo da mesma maneira que lorde Gordon, a não ser pelo fato de não estarem sendo cuidados por uma mãe, um pai e uma irmã amorosos. Ontem, esses homens lutaram com tanta bravura quanto lorde Gordon. *Alguém* precisa cuidar deles.

– Mas não Lady Morgan Bedwyn – disse o conde. – Não é apropriado. Além do mais, partiremos amanhã bem cedo e a senhorita precisa descansar hoje.

– Já descansei de manhã, milorde – assegurou a moça, bruscamente. – Farei o que puder hoje na casa da Sra. Clark e voltarei à noite para estar pronta para viajar amanhã.

– Mas as ruas não são seguras – protestou Caddick.

– Não é verdade, senhor – garantiu Gervase. – Mas se isso for tranquilizá-lo, eu mesmo acompanharei Lady Morgan e a camareira e as trarei de volta esta noite.

Lady Morgan o encarou com uma expressão de gratidão e saiu rapidamente para pegar o chapéu enquanto Caddick resmungava, indeciso, que a esposa ainda estava dormindo.

Cinco minutos depois, Gervase e Lady Morgan estavam na rua, a camareira mais atrás, a alguma distância dos dois.

– Viu lorde Gordon? – indagou ele.

A jovem balançou a cabeça, negando.

– Ele estava dormindo quando cheguei em casa. Teve uma manhã agitada, mas já tinha caído no sono novamente quando acordei. Eu o verei esta noite.

Gervase se perguntou quanto Lady Morgan gostava do rapaz. Os sentimentos dela no baile dos Richmonds estavam confusos. Saber que o capitão tinha sido ferido talvez houvesse aumentado a afeição dela por ele. A moça o encarou com aquele característico olhar direto e pareceu adivinhar seus pensamentos.

– O capitão Gordon é apenas um entre milhares de feridos. Tem uma família amorosa, uma casa luxuosa, cheia de criados, para zelar por seu conforto. Sou mais necessária em outros lugares.

– Não anseia por vê-lo? – perguntou Gervase com um sorriso.

Ela franziu o cenho.

– Ele estava falando a respeito de mim na noite passada – contou –, e quer me ver. *Está* ferido, embora não tão gravemente quanto a maior parte dos homens na casa da Sra. Clark, e não devo dizer nada para aborrecê-lo, se puder evitar. Mas devo, é claro, vê-lo. – Ela suspirou. – Creio que deveria ter deixado meus

sentimentos claros há mais tempo. Mas estava hospedada na casa dos pais e da irmã dele...

– Amanhã estará começando sua viagem de volta para casa – disse Gervase, dando um tapinha carinhoso na mão dela. – Voltará para junto de sua família e poderá mandar o jovem Gordon para o inferno, se desejar.

– E o que o senhor fará quando for embora daqui? – indagou ela. – Permanece banido da Inglaterra?

Ele riu baixinho.

– Meu pai está morto, *chérie*, e minha mãe me implorou que voltasse para casa. Talvez eu faça a vontade dela quando o verão terminar.

– O senhor tem apenas a sua mãe? – perguntou Lady Morgan.

– Tenho um irmão casado, que é ministro de uma igreja em Kent, duas irmãs, ambas casadas e vivendo longe da casa dos meus pais, e uma prima de segundo grau, que estava sob a tutela do meu pai quando era mais nova e ainda vive na Chácara Windrush com minha mãe.

– Fico satisfeita pelo senhor. Família é muito importante. Não sei o que faria sem a minha. Amo muito todos eles.

– Inclusive o duque de Bewcastle? – inquireu Gervase. – Dizem que ele é um tirano sem humor.

Ela pareceu visivelmente incomodada.

– São acusações nada gentis – retorquiu –, e não traduzem de forma alguma a essência de Wulfric. Ele não sabe rir, é verdade. Mas carrega o peso de muitas responsabilidades nos ombros desde que herdou o título, com apenas 17 anos... mais jovem do que sou hoje. Ele leva seus deveres muito a sério e trata todos que estão sob seus cuidados, ou que trabalham para ele, com uma disciplina rígida.

– Inclusive a senhorita, *chérie*?

– Ah, nós, os Bedwyns, somos feitos de material bastante resistente – respondeu ela. – Não tememos Wulfric, embora o respeitemos. E o amamos.

Era difícil imaginar alguém amando Bewcastle, embora o próprio Gervase o houvesse admirado em determinada época e

tivesse desejado fazer parte de seu estreito círculo de amigos.

Eles chegaram, então, à casa da Sra. Clark, e logo ficou claro pelas portas abertas e pela agitação no ar que estavam chegando novos feridos.

Gervase pegou uma das mãos de Lady Morgan e levou-a aos lábios.

– Trarei notícias de lorde Alleyne em uma hora – disse. – Não se canse em excesso, *chérie*.

Ela se virou e subiu correndo os degraus que levavam à casa.

Quando, Gervase se perguntou observando-a se afastar, Lady Morgan se tornara outra pessoa a seus olhos, e não apenas a irmã do duque de Bewcastle? Na véspera? E aquela pessoa era alguém de quem ele gostava e a quem admirava. Mesmo a diferença de idade entre os dois já não parecia tão enorme. Lady Morgan era uma mulher de princípios, cheia de compaixão – e uma compaixão sem sentimentalismos exagerados.

Ele se sentiu mais envergonhado do que nunca de seus flertes irresponsáveis com ela, assim que se conheceram. No entanto, a verdade era que não a teria conhecido se não fosse por isso, não é mesmo?



A única notícia que Gervase pôde levar a Lady Morgan depois de uma hora foi que lorde Alleyne Bedwyn não voltara a se reportar a Sir Charles Stuart na véspera – uma omissão séria, dado o fato de que lorde Alleyne deveria ter levado uma resposta imediata a uma carta importante que ficara encarregado de entregar.

E também não se reportara naquela manhã.

Os outros empregados da embaixada estavam meio irritados, meio preocupados – mas não preocupados o bastante, ao que parecia, para iniciar qualquer busca efetiva. Gervase anunciou sua

decisão de atravessar a floresta a cavalo até Waterloo, para ver o que conseguiria descobrir sobre o paradeiro do homem.

– É possível que lorde Alleyne Bedwyn tenha marchado com as tropas em direção a Paris ontem à noite ? – perguntou antes de partir.

Mas recebeu apenas olhares perplexos e outras perguntas no lugar de respostas. Por que um oficial da embaixada faria uma coisa dessas? Com que propósito? Com que autoridade? Afinal, ele não era ligado a nenhuma embaixada em Paris.

Lady Morgan ficou bastante preocupada quando Gervase lhe deu essa notícia na casa da Sra. Clark.

– Ele *ainda* não retornou? Onde pode estar?

Gervase viu medo nos olhos dela. O rosto, já pálido, pareceu perder ainda mais a cor.

– Ontem, tudo estava muito confuso ao sul de Bruxelas – disse ele, pegando-a pelo cotovelo e levando-a para fora da casa –, e, sem dúvida, continua da mesma forma hoje. Algum fato importante o atrasou, pode estar certa.

– Mas ele não é um cidadão agindo por conta própria como o senhor... ou como eu – comentou ela, o cenho franzido. – Tinha negócios a resolver e decerto era esperado de volta à cidade sem demora, para receber novas ordens. Alleyne jamais negligenciaria suas obrigações.

Gervase não falou nada sobre a resposta que Bedwyn deveria trazer de volta.

– Vou cavalgar até lá – afirmou. – Verei o que descubro e voltarei para lhe dar notícias. Tudo estará bem com seu irmão. Afinal, ele não é militar e não estava envolvido na batalha.

Mas lorde Alleyne Bedwyn *havia* se encaminhado para perto da batalha. Levava uma mensagem para Wellington, que era conhecido por estar sempre muito perto do campo de ação. Gervase percebeu, pelo olhar de Lady Morgan, que ela também sabia disso e que não se tranquilizara nem um pouco com as palavras dele. Puxou-a para si sem pensar e passou os braços a seu redor, como se assim pudesse protegê-la de todos os males do mundo.

– Eu o encontrarei – garantiu. – E o trarei para a senhorita.

Ela levantou a cabeça e encarou-o sem dizer nada. Gervase abaixou a cabeça e pousou os lábios na testa da jovem, sem se preocupar com a presença de vários pedestres na rua. Então segurou o rosto dela entre as mãos e sorriu.

– Coragem, *chérie*.

Mas fora uma promessa irrefletida a que ele fizera... se *fora* mesmo uma promessa. As cenas que Gervase vira à medida que seguia a cavalo para o sul, através da floresta onde menos de duas semanas antes ele mesmo recebera dezenas de convidados para um piquenique à luz do luar, eram horrorosas demais para serem descritas em palavras, ou mesmo em pensamentos. A estrada estava cheia, a maior parte das pessoas indo em direção ao norte – e muitos feridos estavam sendo carregados também. Havia cadáveres abandonados por toda parte, porque nenhum destacamento funerário chegara ali por enquanto. Muitos corpos haviam sido despidos por companheiros soldados em busca de uniformes em melhor estado do que os que usavam, ou por moradores locais em busca de algum espólio para compensá-los por tudo o que haviam perdido no inferno da véspera.

Quando Gervase parou pela que deveria ser a décima vez para perguntar sobre lorde Alleyne Bedwyn, uma mulher estava ajoelhada ao lado de um dos corpos nus, a curta distância na floresta. Ela ergueu os olhos em busca de ajuda.

– Ele está *vivo*! – gritou. – E é meu *marido*. Por favor, alguém me ajude!

Gervase hesitou e, nesse momento, um sargento com uma atadura envolvendo a cabeça e um dos olhos se afastou de um grupo que seguia com dificuldade pela estrada e se dirigiu à mulher com gentileza.

– Vamos, senhora. Ele está muito ferido?

Gervase não esperou para ver o desenrolar daquele pequeno final feliz – isto é, se *realmente* o marido daquela mulher tivesse sobrevivido. Mas o incidente serviu para lembrá-lo que ele não era, de modo algum, o único naquela estrada, ou no próprio campo de batalha, em busca de alguém desaparecido. Havia dezenas, talvez centenas, de outras pessoas, muitas delas mulheres, procurando

desesperadamente entre os mortos e feridos por algum familiar ou ente querido.

Ele seguiu até Waterloo e continuou adiante, até a área surpreendentemente pequena onde uma terrível batalha havia acontecido no dia anterior. O ar ainda carregava o cheiro acre de fumaça, misturado com outro, mais pungente, de sangue e morte. As pessoas chegavam correndo, atravessando a lama macia e as plantações pisoteadas com um enorme senso de urgência – destacamentos funerários já eram uma preocupação.

Gervase andou por ali, tanto a cavalo como a pé, perguntando sem parar – em vão – se alguém conhecia ou havia visto lorde Alleyne Bedwyn. Olhou para os rostos do que lhe pareceram milhares de mortos, mas nenhum deles era quem procurava e temia ver. No fim, com a noite já prestes a cair mais uma vez, Gervase desistiu da busca e voltou a Bruxelas.

Talvez, pensou, esperançoso, ele houvesse se desencontrado de Bedwyn no caminho e, àquela altura, o irmão de Lady Morgan já estivesse em Bruxelas havia horas. Ou talvez o rapaz estivesse na cidade desde a véspera. Talvez houvesse passado a noite com uma mulher e esquecera tanto de entregar a mensagem para Sir Charles quanto de procurar a irmã, como havia prometido, para tirá-la da cidade em segurança. Talvez...

E talvez lorde Alleyne Bedwyn estivesse morto em algum lugar entre Bruxelas e o extremo mais distante do campo de batalha. Se aquilo fosse verdade, ele jamais seria encontrado, ainda mais se seu corpo houvesse sido saqueado. Era possível que até já estivesse enterrado em alguma cova comum.

Só restava a esperança de que houvesse alguma outra explicação, pensou Gervase.

Ele passou pela Rue de Bellevue e descobriu que Lady Morgan ainda não retornara. E lorde Alleyne Bedwyn também não passara por ali. Gervase partiu, assegurando ao conde – que estava agitado e um tanto irritado – que acompanharia a jovem para casa em uma hora.



Com 24 homens feridos na casa, vários deles com membros amputados e sofrendo da febre devastadora que era tão frequente depois de procedimentos cirúrgicos, Morgan mal teve tempo para pensar durante a tarde e a noite. Quando *enfim* parou por um instante, se deu conta de como era impressionante estar realmente fazendo aquilo – e sem se acovardar.

Era uma Bedwyn, isso era verdade, e todos os membros de sua família se orgulhavam de serem duros e intrépidos. Ainda assim, tinha apenas 18 anos. Àquela altura, no ano anterior – na verdade, seis meses antes –, ela estava em Lindsey Hall, em Hampshire, cuidadosamente protegida de qualquer mal e de tudo o que não fosse refinado, sob a vigilância atenta da Srta. Cooper, sua governanta e companhia constante nos últimos anos. Fora apenas em fevereiro que a Srta. Cooper partira, para morar com a irmã que acabara de ficar viúva, levando com ela uma generosa pensão de Wulfric.

Morgan imaginou o que o irmão mais velho diria quando soubesse como ela passara todo o dia anterior e aquele dia – e a última noite também. Nenhum dos homens na casa da Sra. Clark era sequer oficial. Havia dois sargentos e três cabos entre eles. Todo o resto era de soldados rasos, homens com modos de falar nada refinados que deixavam clara sua origem mais humilde.

Mas Morgan descobriu que aquilo simplesmente não importava. Todos precisavam dela. Sentia-se muito distante de seu mundo aristocrático e da sala de aula em sua casa.

A Sra. Hodgins tocou o ombro dela, que estava passando um pano frio no rosto de um homem delirante de febre.

– Deixe que eu faço isso – disse a mulher. – Descanse por alguns minutos, meu amor. Faz horas que você não faz uma pausa. Aquele cavalheiro que trouxe notícias sobre o major Clark ontem à noite está aqui. Deseja falar com você.

– O conde de Rosthorn?

Morgan se levantou e esticou as costas com cuidado. Só naquele momento se lembrou da missão a que o conde se propusera mais cedo naquela tarde. E só então percebeu também que Alleyne ainda não voltara. Ela passou apressadamente pelo saguão lotado, pegou o xale que estava pendurado em um gancho e foi falar com Gervase, que a esperava do lado de fora.

Respirou fundo o ar fresco e não pôde deixar de notar como o ar dentro de casa não era nada fresco. Naquele mesmo instante, também se deu conta de sua aparência desarrumada, toda manchada de sangue. Mas isso não importava. Nada disso importava. Ela foi na direção do conde, a expressão ansiosa.

– E Alleyne? – perguntou.

Ele fez que não ligeiramente com a cabeça.

– Não consegui encontrá-lo, mesmo tendo ido além de Waterloo... Na verdade, fui até o lugar da batalha de ontem. Mas a senhorita não pode imaginar a confusão que está lá, as pessoas e as carroças se misturando e apinhando as estradas. Teria sido um milagre se eu *houvesse* conseguido encontrá-lo.

Morgan o encarou com firmeza na escuridão.

– Lorde Rosthorn, o senhor me conhece bem o bastante para não falar comigo nesse tom.

– Que tom?

– Nesse tom propositalmente animado e cordial. Como se eu fosse uma criança.

Ele a encarou, muito sério, por um instante.

– *Chérie* – disse baixinho, por fim –, o que queria que eu dissesse?

– Apenas que não consegui encontrá-lo.

– Eu não consegui.

Morgan fechou os olhos e respirou profunda e lentamente. Sentia os joelhos bambos. Lutou contra uma onda de pânico e contra a histeria que ameaçava dominá-la.

Onde estava Alleyne?

– Ele ficou retido na Antuérpia quando a senhorita esperava que aparecesse e a levasse para casa, há alguns dias – lembrou

Gervase, segurando-a com firmeza pelo cotovelo e fazendo-a se sentar ao lado dele no degrau da porta. – A senhorita mesma me contou. Acredito que tenha ficado preocupada na ocasião, não é verdade?

– Sim – admitiu ela.

– Mas ele voltou – continuou o conde. – Sem dúvida, é o que irá acontecer de novo. Quem sabe o que poderia atrasar um homem ontem? E hoje. Amanhã ele aparecerá e ficará surpreso que a senhorita tenha se preocupado tanto hoje.

Morgan percebeu de repente que sua mão estava firmemente presa à dele. Os dedos de ambos estavam entrelaçados.

– Acredita nisso? – perguntou.

– Acredito que é uma possibilidade.

Alleyne não poderia estar morto, pensou ela. Simplesmente não poderia. O mundo não existiria sem Alleyne nele... ou sem qualquer um dos irmãos dela, ou da irmã, aliás. Era um pensamento que a assombrara vezes sem conta quando era criança, sempre que a preocupação com Aidan ameaçava se tornar insuportável. E ela sempre estivera certa. Sempre chegara uma carta dele para provar que permanecia vivo. E em um dia glorioso no ano anterior, Aidan entrara cavalgando em Lindsey Hall, sem avisar antes, e ela saíra em disparada da sala de aula – sem nem mesmo aguardar pela permissão de Wulfric, ou da Srta. Cooper – e se jogara nos braços do irmão querido.

Alleyne estaria de volta no dia seguinte. Haveria alguma explicação simples para aquela ausência, para aquele silêncio.

E ela o *mataria* quando o visse.

– *Chérie*. – Gervase tinha passado o braço pelo ombro dela. Sua cabeça estava bem próxima e Morgan podia sentir no rosto o calor do hálito dele. As mãos dos dois ainda estavam unidas. – *Chérie*?

Era difícil se lembrar de quando ela se sentira ofendida por ele chamá-la daquela forma carinhosa em francês. Agora, aquilo a aquecia mais do que o xale que a envolvia. Morgan fechou os olhos e cedeu à tentação de inclinar a cabeça para o lado e se aconchegar no ombro dele. Ela sempre se orgulhara de sua força

para cuidar de si mesma. Tinha quatro irmãos mais velhos para defendê-la. E nunca lhes pedira que fizessem isso.

Tinha *quatro* irmãos mais velhos...

– *Chérie*. – A voz era suave e rouca contra o ouvido dela, mas ainda assim parecia vir de muito longe. – Está cochilando no meu ombro há cinco minutos. Chegou a hora de levá-la para casa.

Morgan levantou a cabeça, envergonhada. Não havia realmente caído no sono, não é mesmo? E logo quando estava tão preocupada com Alleyne?

– Para casa – disse, em um tom melancólico. – Mas não posso sair daqui. Há muito a ser feito.

– Outra pessoa terá que fazer, então – afirmou ele. – Além do mais, prometi a Caddick que a levaria para casa sem demora.

O capitão Gordon estava na casa do conde de Caddick. Morgan teria que vê-lo quando voltasse para lá – a menos que, por algum milagre, ele estivesse dormindo mais uma vez. A vida podia ser *tão* cansativa...

– Vou entrar e dizer à Sra. Clark que estarei de volta bem cedo amanhã – falou.

– Mas estará partindo para a Inglaterra bem cedo amanhã, *chérie* – lembrou o conde.

– Antes de Alleyne voltar? – Ela ergueu as sobrancelhas com uma arrogância inconsciente. – Antes que eu descubra o que aconteceu com ele? Acho que não, lorde Rosthorn.

– Ah, não – respondeu ele, levantando-se e estendendo a mão para ajudá-la a fazer o mesmo. – A senhorita não sairia daqui nessas circunstâncias mesmo que a batalha ainda estivesse em curso e houvesse chegado aos portões da cidade, não é mesmo? Vamos, então, para que eu a acompanhe para casa antes da meia-noite. Eu mesmo a trarei de volta pela manhã, então irei de novo em busca do seu irmão.

Morgan estava de pé no degrau acima do dele. Ela pousou as mãos no ombro do conde e olhou dentro de seus olhos. Quando começara a achá-lo tão forte e confiável? Tão parecido com um amigo com quem realmente podia contar?

– Lamento muito por tê-lo julgado mal quando nos conhecemos – disse ela –, por ter pensado que o senhor não passava de um sedutor com uma mente vazia. *De fato* flertou comigo, lorde Rosthorn, e foi uma *enorme* extravagância da sua parte organizar aquele piquenique na floresta de Soignes apenas para o meu deleite. Mas agora sei que estava só entediado e buscando uma maneira de se divertir. Nos últimos dias, no entanto, quando a vida se tornou tão terrivelmente séria, o senhor tem mostrado ser o homem mais gentil e confiável do mundo.

– Ah, *mais non, mon enfant* – disse ele.

Então a beijou. Um beijo muito delicado, com os lábios quentes, macios e entreabertos. Foi muito parecido com o que tinha dado na floresta de Soignes, a não ser pelo fato de que a sensação agora era completamente diferente. Era menos lasciva, menos maliciosa, menos eletrizante. Mas, ainda assim, tomou conta de todo o corpo de Morgan e penetrou fundo em seu coração. Parecia... certo. Sim... parecia certo. Ela sentiu vontade de passar os braços ao redor do pescoço dele, apoiar o corpo no dele e se perder naquela força.

Mas aquilo seria um luxo e uma fraqueza que não poderia se permitir – nem naquele momento, nem nunca! Nem mesmo com o homem que ela finalmente amaria pelo resto da vida, fosse quem fosse. Morgan jamais deixaria que a própria força, a própria vontade e a própria identidade fossem subjugadas por qualquer homem – ou mulher.

Ela olhou, muito séria, dentro dos olhos indolentes de Gervase, então se virou e entrou correndo na casa em busca da Sra. Clark.

O conde era um amigo muito, muito querido, pensou Morgan. Apenas isso.

Era estranho chegar a essa conclusão depois do relacionamento inicial entre eles, tão tolo, cheio de flertes, até mesmo perigoso. Mas era verdade. Morgan o via como seu amigo mais querido em todo o mundo.

CAPÍTULO VIII



Morgan dormira muito pouco naquela noite. Como poderia? Sentia-se exausta depois das longas horas de trabalho e do desgaste emocional de estar entre os feridos. Estava tão preocupada com Alleyne que seu estômago parecia não parar de queimar. E ainda tivera que suportar uma hora desagradável com os Caddicks, depois que lorde Rosthorn a acompanhara até a casa deles.

Eles planejavam partir pela manhã. Todos os baús e malas já haviam sido arrumados e empilhados no corredor. Rosamond veio correndo abraçar Morgan e se desculpar por não haver se juntado à amiga na casa da Sra. Clark. O pai a proibira expressamente, explicou, e a mãe precisava de ajuda no quarto do doente.

Eram necessárias duas mulheres e uma casa cheia de criados para cuidar de um único homem ferido?, pensara Morgan, achando até divertido, mas não fizera nenhum comentário em voz alta.

– Você vai ver Ambrose agora – disse Rosamond, e pegou Morgan pela mão. – Mamãe está com ele. Meu irmão perguntou por você o dia todo.

Ela deu um sorriso caloroso para a amiga.

O conde também se encontrava no quarto do filho. O capitão Gordon estava deitado no meio de uma cama grande de dossel, a perna quebrada apoiada em almofadas sob as cobertas e a cabeça sobre uma pilha de travesseiros macios, com fronhas brancas. O rapaz usava uma camisola alva como a neve. O fogo queimava na

lareira apesar do calor da noite de junho. As cortinas pesadas estavam fechadas. Em um primeiro instante, Morgan não pôde evitar fazer comparações com as condições nada ideais em que se achavam os pobres feridos de quem ela cuidara nos últimos dois dias. E, ainda assim, aqueles homens eram mais afortunados do que centenas, talvez milhares de outros.

Mas foi apenas um pensamento momentâneo. Lorde Gordon fora inegavelmente ferido quando lutava no seio de uma batalha dramática. Poderia muito bem ter morrido. Havia hematomas feios em um dos lados do rosto dele e sua mão, pousada sobre as cobertas, estava enfaixada. O rosto estava levemente ruborizado pela febre, os olhos, brilhantes.

Ele parecia o perfeito herói e guerreiro romântico, e o coração de Morgan se condeu. Ela o fitou com compaixão e os olhos do rapaz se iluminaram quando ele virou a cabeça no travesseiro.

– Estou vivo, Lady Morgan – disse. – Sobrevivi a um ataque de cavalaria que causou medo e admiração em todos os que assistiram. Retornei com uma vitória para dedicar em todas as pessoas que me são caras.

Ele não tirou os olhos dela enquanto falava, e Morgan sabia que as palavras do capitão eram dirigidas apenas a ela. Ele voltara para *ela*. *Ela* era a pessoa a quem ele dedicava a vitória.

Morgan sorriu para ele e sentiu o coração afundar no peito. O baile dos Richmonds parecia ter acontecido tanto tempo antes... Ela sentia que havia vivido uma vida inteira desde então. Ainda assim, apesar de tudo por que passara, o capitão estava falando naquele momento da mesma forma que se expressara no baile.

– Lorde Uxbridge liderou o ataque da cavalaria no momento em que parecia que a infantaria francesa subjugaria a nossa, romperia o centro e ganharia a batalha – explicou. – Ensinamos uma lição a eles, Lady Morgan, às infantarias de ambos os lados, quero dizer. Arrisco o palpite de que acabamos com centenas, talvez milhares, de sapos franceses. Gostaria que tivesse nos visto. Não foi um belo desfile como o que a senhorita assistiu no Promenade Verte, na semana passada. Foi um ataque de vida ou morte, contra armas de fogo e baionetas inimigas. Havia cavalos e homens caindo ao nosso

redor. Mas seguimos em frente, galopando, sem nos intimidar. Acho que essa batalha será lembrada como a que foi ganha pela cavalaria.

Morgan estava se sentindo zozza de exaustão.

– Acredito que a coragem dos homens de ambos os lados será lembrada por muito tempo – comentou.

Morgan soubera de algumas coisas pelos feridos que estavam na casa da Sra. Clark. Vários daqueles homens, principalmente os veteranos, falavam com tanto respeito dos franceses quanto dos próprios soldados, da infantaria e da cavalaria.

– Homens maus a ponto de lutarem sob a bandeira da tirania não podem ser descritos como corajosos – comentou Lady Caddick, parecendo um tanto chocada. – Mas agora precisamos deixar Gordon descansar um pouco. Foi um dia longo e doloroso para ele. Pedi que minha própria camareira arrumasse sua bagagem, Lady Morgan, já que a sua estava com a senhorita. Verá que tudo já está pronto para sua partida pela manhã.

– Ah, por favor, madame, não poderíamos esperar um pouco mais? – pediu Morgan, virando-se para os condes. – Alleyne parece ter sumido. Ele cavalgou até a frente de batalha ontem, levando uma mensagem de Sir Charles para o duque de Wellington, e me disse que voltaria antes do cair da noite, mas ainda não apareceu. Lorde Rosthorn foi até Waterloo a cavalo esta tarde para saber notícias dele, mas não descobriu nada. Estou muito preocupada. Lorde Rosthorn prometeu continuar a busca amanhã de manhã.

– Ah, pobre Morgan! – exclamou Rosamond, correndo para o lado da amiga e passando o braço pela sua cintura em um gesto de conforto. – O que pode ter acontecido? É claro que esperamos, não é mesmo, mamãe?

– Lorde Alleyne Bedwyn, sem dúvida, foi atrasado por negócios importantes – retrucou Lady Caddick. – Nesse meio-tempo, ele sabe que conosco a senhorita está em excelentes mãos, Lady Morgan, e que tomarei as decisões certas para garantir sua segurança e seu bem-estar. Vamos partir amanhã bem cedo, depois do café, como planejamos. Gordon precisa ser examinado com urgência por um bom médico inglês.

– Não posso sequer pensar em partir sem saber notícias do meu irmão.

Morgan encarou o conde com os olhos perturbados.

– Há várias outras irmãs, mães e esposas que não recebem notícias de seus entes desde ontem – disse o conde com a voz pomposa e brusca que costumava usar quando falava com mulheres. – Sua angústia é menor do que a delas, Lady Morgan. Afinal, Bedwyn não estava lutando, não é mesmo? A senhorita deve ser forte, minha cara. Acredito que vá receber notícias dele logo depois que voltar a Londres conosco.

– Acho que preciso de outra dose de láudano, mamãe – pediu lorde Gordon.

Morgan foi para a cama depois disso, sem continuar a discussão. Rosamond a acompanhou até o quarto, o braço ainda em sua cintura.

– Lorde Alleyne está em segurança – assegurou a moça. – Tenho certeza disso. Mas, ah, pobre Morgan, sei como deve estar se sentindo. Sei como eu me senti o dia todo, até receber notícias de Ambrose. Mas ele voltou para casa a salvo. Seu irmão também voltará.

Quando Rosamond saiu, Morgan caiu na cama, exausta, mas logo descobriu que simplesmente não conseguia dormir. Ela se levantou ao nascer do sol, lavou o rosto com água fria e se vestiu sem chamar a camareira – precisou procurar entre a bagagem já arrumada pelo vestido limpo mais simples que tivesse e ignorou as elegantes roupas de viagem que haviam sido separadas para ela.

Morgan tomara uma decisão durante a noite. Na verdade, não fora difícil.

O conde, a condessa e Rosamond já estavam tomando café da manhã quando ela desceu.

– Ah, Lady Morgan – disse a mais velha, sorrindo com gentileza. – Faça seu jejum sem demora. Vamos partir em uma hora. Sei que ficará feliz em saber que Gordon teve uma noite razoavelmente tranquila.

Morgan não se sentou. Permaneceu de pé, segurando as costas da cadeira à sua frente com as duas mãos.

– Não posso partir, madame. Não até saber se Alleyne está bem. Peço que espere mais um dia. Ele com certeza voltará para Bruxelas em algum momento hoje, e assim poderei levar boas notícias sobre ele a minha família.

– Esperar mais um dia? Quando me preocupo a cada hora que passa se a perna de Gordon foi colocada da forma certa no lugar? – Lady Caddick era puro espanto. – Minha cara Lady Morgan, está sendo insensata, até egoísta, ao pedir uma coisa dessas. Não, não atrasaremos nossa partida por mais do que uma hora. Pode ficar certa de que lorde Alleyne Bedwyn é bem capaz de cuidar de si mesmo.

– Ah, mamãe. – Rosamond olhava para Morgan, consternada. – Sem dúvida, mais um dia não fará grande diferença. E se fosse *meu* irmão que ainda não houvesse aparecido?

– Gordon estava lutando na batalha, Rosamond – lembrou-lhe o conde. – Há uma enorme diferença entre a situação dele e a de Bedwyn.

– Não vou partir – anunciou Morgan com determinação.

O conde tentou intimidá-la. A condessa fez o mesmo, mas também a adulou. Lembrou a Lady Morgan que a jovem estava sob os cuidados *dela*, uma responsabilidade que lhe fora conferida pelo próprio duque de Bewcastle, que ficaria furioso com a irmã, com toda a razão, se soubesse que ela estava se comportando tão mal. Ela *ordenava* que Lady Morgan os acompanhasse naquela viagem. *Implorava*. A condessa derramou lágrimas copiosas e disse que Morgan era uma jovem terrível, teimosa e desobediente. Disse que sabia, que sempre soubera, que os Bedwyns eram um grupo extravagante, insubordinado, mas que achara que Lady Morgan fosse uma moça doce e obediente, diferente dos outros. Agora percebia como se enganara. O duque ficaria compreensivelmente furioso com a irmã se ela se recusasse a obedecer a uma ordem direta da pessoa a quem ele confiara seus cuidados e sua segurança. Era provável que confinasse Lady Morgan em Lindsey Hall ou em uma das propriedades mais remotas da família – não havia uma no País de Gales? –, e jamais permitisse que ela voltasse a frequentar a sociedade.

Mas Morgan era, de fato, uma Bedwyn.

Durante todo o discurso da condessa, ela se agarrou à cadeira e se recolheu atrás da fachada de arrogância fria que ela e os irmãos eram mestres em exhibir. Permaneceu obstinada e irredutível. Não partiria de Bruxelas até que tivesse notícias de Alleyne. Logo ficou óbvio para Morgan que os Caddicks pretendiam partir naquela manhã de qualquer maneira, quer ela os acompanhasse, quer não. Mas se tinham a intenção de intimidá-la, ficaram profundamente desapontados. Morgan disse que ficaria na casa da Sra. Clark, ou na de qualquer outra esposa de oficial. Qualquer uma delas adoraria lhe oferecer um lar temporário. Assim, ela poderia continuar a ajudar os feridos.

– Nunca conheci uma jovem tão cheia de caprichos, obstinada e *desobediente*, Caddick – reclamou a condessa, abanando o rosto com um lenço. – Acho que vou desmaiar.

Quando Lady Caddick cumpriu a ameaça, Morgan saiu sem que ninguém percebesse e pediu à camareira que a acompanhasse até o quarto. Explicou à moça que elas teriam que arrumar um meio de transferir as bagagens de ambas para a casa da Sra. Clark. Mas um novo golpe aguardava Morgan. A criada começou a chorar desesperadamente quando soube que elas ficariam, e mais ainda ao se dar conta de que voltariam para aquela casa horrível, com todos aqueles homens, os curativos, os cheiros. Não conseguiria suportar. Enlouqueceria, sim, enlouqueceria. Ela fora contratada para vestir milady, não para cuidar da escória da artilharia. A camareira foi muito eloquente na própria defesa e exigiu voltar para casa.

Morgan deu dinheiro à moça para que comprasse uma passagem para a Inglaterra e para a viagem até Londres, assim como um mês de salário que lhe devia e um mês a mais, e a dispensou do serviço. Estritamente falando, a camareira estava a serviço de *Wulfric* e era paga por ele, mas Morgan achou que estava fazendo uma gentileza à moça, poupando-lhe o trabalho de ter que aparecer diante do próprio *Wulfric* para pedir o dinheiro que lhe era devido e ainda precisar explicar por que abandonara a patroa sozinha em Bruxelas.

Quando Morgan voltou a descer as escadas, com a intenção de caminhar até a casa da Sra. Clark e pedir que algum criado a ajudasse a carregar suas malas, havia duas carruagens e um coche de bagagem parados do lado de fora da casa, e o capitão Gordon estava sendo acomodado em uma das carruagens. Naquele momento, estava na companhia apenas de alguns cocheiros na calçada e de seu valete, que ele dispensou quando viu Morgan.

– Lady Morgan! – chamou.

Ela se apressou na direção da porta aberta da carruagem. Por que não pensara antes em apelar ao capitão? A mãe faria qualquer coisa que ele pedisse.

Os hematomas dele pareciam mais escuros à luz do dia, a pele mais pálida, a não ser pelo leve rubor causado pela febre. A perna com a tala, envolta em muitas ataduras, estava esticada ao longo do assento. Os olhos do rapaz estavam nublados de dor. Morgan sentiu uma compaixão sincera pelo sofrimento dele e pousou a mão sobre a que ele estendeu.

– Capitão – começou a dizer –, o senhor sabia...

Mas ele começou a falar quase ao mesmo tempo que ela:

– O que foi aquilo que ouvi? – perguntou, o cenho franzido no rosto muito belo. – A senhorita escolheu não vir conosco, Lady Morgan? Peço que reconsidere. É inimaginável para uma jovem dama de sua posição social permanecer sem acompanhante em uma cidade estrangeira. Aliás, em qualquer cidade.

– Não sei o que aconteceu com meu irmão – explicou Morgan.
– Ele foi...

– Mas sabe o que aconteceu *comigo*, Lady Morgan – interrompeu Gordon mais uma vez. – Não sou tão importante para a senhorita quanto seu irmão? Não está preocupada com a possibilidade de eu mancar para sempre, caso minha perna não seja tratada de forma adequada em poucos dias?

Morgan o encarou, paralisada, em silêncio. *Aquele* era o homem que implorara pela honra de lutar por *ela*? Que pedira que ela ficasse enlutada o resto da vida, caso ele morresse em batalha? Mas o capitão estava com dor. Via isso nos olhos dele. Devia ter

sido uma agonia terrível sair da cama e se espremer em uma carruagem.

– Se realmente se importa comigo, lorde Gordon – disse Morgan, em um tom ardente –, convença seus pais a continuarem na cidade por mais um dia. Por favor. Sem dúvida, então já terei recebido notícias de Alleyne. Não há mais perigo em permanecer aqui, não é mesmo? E seus ossos quebrados foram colocados no lugar por um médico de ótima reputação. Com certeza, mais um dia de descanso nesta casa será muito melhor para o senhor do que uma longa viagem de carruagem. *Por favor*, convença-os. Estou desesperada de preocupação.

Gordon a encarou com a mesma expressão ardente e, por um momento, Morgan acreditou que ele concordaria em fazer o que pedira. Ela sorriu para ele. Sua mão, percebeu, ainda estava na dele.

– Estou decepcionado – falou o capitão, por fim. – Achei que eu fosse mais importante para a senhorita do que um irmão. A *senhorita* é mais importante para mim do que a minha irmã. Se eu achasse que lhe faria algum bem ficar, intercederia a seu favor. Até mesmo lideraria a busca, de carruagem, se fosse necessário. Mas homens não precisam que damas se preocupem com eles quando estão envolvidos em assuntos oficiais, Lady Morgan. Lorde Alleyne Bedwyn ficará constrangido quando souber de todo o alarde que a senhorita causou pela ausência dele. Enquanto isso, mamãe está aborrecida, Rosamond, em prantos, papai, furioso, e eu, desapontado. Esperava ansiosamente pela sua companhia para me distrair durante a viagem, que, sem dúvida, será dolorosa para mim. Também esperava talvez procurar o duque de Bewcastle quando retornássemos. Está determinada a teimar? Mamãe diz que é um traço dos Bedwyns.

Morgan retirou a mão da dele.

– Tudo o que eu peço é um dia. *Um dia*.

Morgan ainda esperava que o capitão fosse olhar além do próprio sofrimento e ver o dela. E assim, de alguma forma, se redimir a seus olhos. Mas tudo o que ele fez foi olhar por cima do ombro de Morgan.

– Ah, é você, Rosthorn? – disse. – Preciso lhe agradecer por ter vindo à minha frente para Bruxelas para tranquilizar minha mãe. A ansiedade é algo terrível para mulheres sensíveis. Devemos fazer todo o possível para acalmá-las. Sei que ficará satisfeito em saber que estou bem. Mas, é claro, desejo consultar um médico inglês o mais rápido possível.

Morgan se virou para encarar o conde.

– Estão partindo esta manhã? – perguntou ele. – A senhorita também?

O conde fitou o vestido simples que ela usava.

– Vou ficar – disse Morgan –, até ter alguma notícia de Alleyne. Vou ficar com a Sra. Clark ou com uma das outras esposas do regimento, se me receberem.

– E como voltará para a Inglaterra? – indagou ele.

– Encontrarei uma companhia para a viagem. – Ela ergueu o queixo. – Ou Alleyne encontrará para mim.

– E sua camareira?

Ele olhou ao redor da calçada, e não havia outra mulher além dela.

Morgan percebeu que ruborizava.

– Ela não deseja ficar comigo, então eu a mandei para casa.

O conde ergueu as sobrancelhas.

– Chame-a à razão, se puder, Rosthorn – pediu Gordon com a voz cansada. – Diga a Lady Morgan que é impossível para ela permanecer aqui sem a minha mãe como acompanhante. É *impensável*. Diga que sua angústia é tola. Que não há outra opção a não ser vir conosco.

O conde de Rosthorn encarou Morgan com uma expressão indecifrável. Ela voltou a erguer o queixo. Se ele tentasse recomendar que ela partisse com os Caddicks, ficaria realmente furiosa, e todos na rua perceberiam.

– Por que Lady Caddick está deixando Bruxelas, se Lady Morgan não pode ir? – perguntou ele a lorde Gordon, sem tirar os olhos de Morgan.

Não pode. Ah, ele compreendia, então.

– Minha mãe está ansiosa para que um médico inglês me examine – explicou o capitão, a voz claramente irritada agora. – Lady Morgan está sob os cuidados dela. É um ultraje da parte dela contrapor a própria vontade à da condessa, deixando-a em uma posição tão constrangedora. Acredito que Bewcastle terá algumas coisas a dizer sobre o assunto, caso Lady Morgan permaneça tão irredutível. Foi ele quem designou minha mãe como acompanhante da irmã.

Morgan ficou espantada por algum dia já ter se sentido minimamente atraída por aquele rapaz.

A própria Lady Caddick saiu de casa naquele momento, com o marido e a filha.

– Ah, aí está a senhorita, Lady Morgan – disse ela, um brilho furioso nos olhos. – Preciso *insistir* em que nos acompanhe, quer a senhorita esteja com roupas de viagem ou não. O duque de Bewcastle será informado dos aborrecimentos que me causou. Ah, bom dia, Rosthorn. Ficaré satisfeito em saber que Gordon é corajoso o bastante para viajar, embora ainda esteja sentindo bastante dor.

– Madame? – O conde fez uma reverência. – Vim para acompanhar Lady Morgan até a casa da Sra. Clark. Os pertences dela ainda estão aqui? Pedirei que alguém os recolha em uma hora. Desejo-lhes uma boa viagem.

O sotaque francês dele estava bastante pronunciado. O conde falava com charme, em um tom agradável, mas havia algo em sua voz que Morgan ainda não ouvira.

– Escute aqui, Rosthorn... – começou a dizer o conde de Caddick.

– Quando saiu de Bruxelas, anteontem, lorde Alleyne Bedwyn instruiu a irmã a esperar por ele – interrompeu lorde Rosthorn. – E prometeu levá-la pessoalmente para casa depois disso. Ela permanece aqui pela autoridade dele. Vou acompanhá-la à casa da Sra. Clark. Ela ficará em perfeita segurança lá. Eu mesmo me certificarei de que nenhum mal lhe aconteça.

– Lorde Rosthorn – atalhou Lady Caddick, em um tom débil –, o senhor é um homem solteiro, sem laço de parentesco com Lady

Morgan. Seria impróprio e irresponsável da minha parte deixá-la aos seus cuidados.

– Então deve ficar, madame, para que ela permaneça aos *seus* cuidados – retrucou ele.

Morgan se virou e saiu caminhando. Não ficaria ali nem mais um instante discutindo ou, pior, ouvindo os outros discutirem sobre ela. A vida subitamente lhe pareceu muito cansativa. Estava quase cega de angústia por Alleyne e ainda assim as pessoas continuavam a tratá-la como se fosse uma moça desobediente, teimosa e cheia de caprichos por querer encontrá-lo. E o homem que, menos de uma semana antes, declarara um amor tão arrebatador por ela esperava que Morgan o colocasse acima de todas as pessoas – acima até mesmo do amor que ela sentia pela própria família.

Morgan daria qualquer coisa naquele momento para ver Wulfric caminhando em sua direção – ou Aidan, ou Rannulf. Ou Alleyne.

Alleyne estava morto. Só podia estar.

Ele não podia estar morto.

Morgan ouviu o som de passos correndo atrás dela. Rosamond a alcançou e abraçou-a com força.

– Sinto muitíssimo por tudo isso, Morgan – disse, as lágrimas escorrendo pelas faces. – Sinto muito de verdade. Gostaria de poder ficar com você, mas não posso.

E a moça voltou correndo para onde estavam as carruagens.

Lorde Rosthorn veio para o lado de Morgan e lhe ofereceu o braço, sem dizer uma palavra.

Não, ela não estava completamente só, pensou Morgan, se recompondo. Ainda tinha aquele amigo. E a Sra. Clark a receberia. Os homens feridos precisavam dela. Além de tudo, ela era Lady Morgan Bedwyn. Ela ergueu o queixo e, sem perceber, alargou o passo enquanto aceitava o braço do conde.

Alleyne sempre previra que Morgan um dia superaria os próprios Bedwyns. Ao que parecia, era o que estava acontecendo. Aos 18 anos, ela caminhava pela rua de uma cidade estrangeira de braço dado com um cavalheiro que mal conhecia, e acabara de

desafiar as ordens da acompanhante a cujos cuidados Wulfric a confiara. E dispensara a camareira.

Mas Alleyne também estaria ali. Voltaria naquele dia e, no dia seguinte, ele mesmo a levaria para casa.

Ele não podia estar morto.



Já fizera algumas loucuras na juventude, pensou Gervase, coisas que o haviam colocado em inúmeras complicações desagradáveis. Mas aquilo não era uma complicação. Era um problema enorme. Que diabos acabara de fazer?

Ajudara e fora cúmplice de uma jovem dama a desafiar e abandonar a acompanhante que lhe fora designada, fora isso o que fizera. Não apenas por uma hora, ou por uma manhã. Nem mesmo por um dia. Os Caddicks estavam indo embora para a Inglaterra. Lady Morgan Bedwyn ficaria em Bruxelas. E ele defendera a decisão dela de permanecer sem eles. Prometera tomar conta dela pessoalmente.

Eu mesmo me certificarei de que nenhum mal lhe aconteça.

O que ele conseguira, a menos que tivesse muita sorte, fora um grilhão preso à perna. O que acabara de consumir, a não ser que encontrasse uma forma de se esquivar da situação, era a realização de todos os seus sonhos de vingança em relação a Bewcastle. Quando os Caddicks chegassem e espalhassem a história pelas salas de visita e pelos clubes de Londres, Lady Morgan estaria arruinada, *ou* seria forçada a se casar com ele – e qualquer uma das duas possibilidades seria uma cruel bofetada no rosto do irmão dela.

Gervase já não queria mais se vingar de Bewcastle daquela maneira. Não através de Lady Morgan. *Gostava dela.* Ele a respeitava e a admirava.

– Estou errada? – perguntou ela, a mão pousada delicadamente sobre o braço de Gervase, os olhos fixos no caminho à frente, com um brilho desafiador. – *Estou?*

Ele imaginou que fosse uma pergunta retórica, mas respondeu de qualquer modo:

– A senhorita não está errada. Os Caddicks estão ansiosos para garantir a plena recuperação do filho, é claro, e é compreensível o desejo deles de levarem o rapaz para a Inglaterra. Mas eles também assumiram um compromisso quando concordaram em trazer a senhorita junto da família para Bruxelas. Comprometeram-se a garantir à senhorita a mesma atenção e consideração que mostrariam por alguém da própria família. E não cumpriram com esse dever hoje.

– Obrigada – falou a jovem. – É o que penso, também.

– Assim que chegarmos à casa da Sra. Clark – disse Gervase –, mandarei buscar seus pertences. Então voltarei a procurar Sir Charles Stuart e, se necessário, cavalgarei mais uma vez até Waterloo.

Talvez, pensou ele, conseguisse encontrar Alleyne Bedwyn ainda naquele dia. Talvez estivesse ferido e tivesse sido transferido para um hospital de campo. Ou talvez simplesmente aparecesse em Bruxelas depois de seus dois dias de sumiço, com alguma explicação razoável. Quem sabe, depois de tudo, ele se pusesse a caminho da Inglaterra com a irmã mais tarde, naquele mesmo dia, ou pelo menos assumisse a responsabilidade por ela.

Se isso acontecesse, decidiu Gervase, ele mesmo não demoraria a cavalgar em direção ao proverbial pôr do sol. Mas sabia que seria um milagre.

Tinha quase certeza de que lorde Alleyne Bedwyn estava morto.

– Obrigada – disse Morgan. – Acha que ele está morto, lorde Rosthorn?

– Não deve perder a esperança ainda, *chérie* – respondeu Gervase, pousando a mão sobre a dela. – Farei o melhor que puder para encontrá-lo.

– De nós, Alleyne é o que tem a natureza mais solar – comentou Morgan. – É o mais carismático, o mais inquieto. Tem tanta vitalidade para compartilhar com o mundo, tanta vida para viver ainda... Faz bem pouco tempo que decidiu tentar a vida de diplomata em vez de assumir o assento no Parlamento que Wulfric lhe assegurara. Esse é seu primeiro posto. Não é irônico? Alleyne não pode estar morto, lorde Rosthorn. Eu sentiria *aqui* se ele estivesse – concluiu, tocando o peito na altura do coração.

Gervase imaginou quantas centenas ou milhares de mulheres estariam pensando a mesma coisa naquele dia.

– Se ele estivesse morto, teria sido encontrado, não teria? – perguntou ela.

Gervase simplesmente apertou sua mão. Como poderia lhe dizer que centenas de mortos não identificados, sobretudo os mais bem-vestidos, haviam sido deixados nus, as roupas saqueadas, antes mesmo que a noite após a batalha tivesse terminado? A única possibilidade de um homem daqueles não ser enterrado como indigente em uma cova comum era ser rapidamente identificado por alguém.

– Tente evitar esses pensamentos – aconselhou Gervase. – Ao menos por enquanto.

Eles passaram por quatro conhecidos de Gervase – e de Lady Morgan – antes de enfim chegarem à casa da Sra. Clark. Ele acenou com amabilidade para cada um deles. Duvidava que Lady Morgan os houvesse notado, mas se perguntou quanto tempo demoraria até que um ou mais deles descobrisse que os condes de Caddick tinham partido para a Inglaterra naquela manhã. Então se seguiria um escândalo, tanto em Bruxelas quanto na Inglaterra.

Ele expusera Lady Morgan deliberadamente à fofoca e à especulação no piquenique que oferecera na floresta de Soignes, menos de duas semanas antes. Agora, quando já não tinha mais essa intenção, Gervase estava prestes a sujeitar a jovem a uma situação muito pior. Não que fosse tudo culpa dele, é claro. Ela teria ficado na cidade e ido para a casa da Sra. Clark de qualquer modo, com ou sem ele.

E, no fim das contas, apesar do perigo para si mesmo, Gervase preferia que Morgan estivesse *com* ele.

A Sra. Clark os recebeu na entrada da casa, abraçou Lady Morgan quando ouviu a história e se apressou a assegurar que a jovem era muito bem-vinda a ficar, desde que não fizesse objeções em dividir um quarto muito pequeno com a anfitriã.



Ninguém da equipe de Sir Charles Stuart na embaixada tivera notícias de lorde Alleyne Bedwyn. Ficou claro para Gervase que a irritação que haviam mostrado na véspera se transformara em preocupação. Não existia explicação lógica para ele não ter retornado, a não ser que houvesse sido ferido ou morto na ação ao sul de Waterloo. Ainda estavam tentando descobrir se a carta que ele levava para o duque de Wellington chegara a ser entregue. Gervase comunicou sua intenção de ir mais uma vez a cavalo ao local da batalha. Ele prometeu que daria notícias à equipe de Sir Charles Stuart quando retornasse e lhes repassaria qualquer informação que conseguisse.

Mas Gervase não descobriu nada, é claro. A estrada para o sul ainda se encontrava repleta de homens e carroças se movendo na direção oposta à dele, embora não estivesse tão abarrotada quanto no dia anterior. A floresta de Soignes ainda se achava cheia de destroços. O lugar onde ocorrera a batalha parecia mais do que nunca um descampado do inferno. Mas não havia informação alguma sobre o paradeiro de Alleyne Bedwyn, mesmo após Gervase ter falado com várias pessoas e checado nos vilarejos e fazendas ao longo do caminho. Procurou entre os feridos todas as vezes que encontrou um grupo deles.

Lorde Bedwyn parecia ter literalmente desaparecido da face da terra.

Foi com o coração pesado que Gervase voltou a Bruxelas. Que esperanças ainda podia dar a ela? Seria irresponsável ao menos tentar?

Mas ele já descobrira que Lady Morgan Bedwyn, apesar da extrema juventude, tinha força de caráter. Não cabia a ele dar esperança a ela, ou tirá-la. Tudo o que podia lhe oferecer eram os fatos.

Nem ele nem a equipe de Sir Charles na embaixada haviam sido capazes de descobrir qualquer pista do paradeiro do irmão dela. Havia apenas uma pequena peça do quebra-cabeça: a carta que lorde Alleyne Bedwyn levava para o duque de Wellington fora entregue nas mãos do homem.

CAPÍTULO IX



É estranho como o coração se agarra à esperança mesmo quando não há uma base razoável para isso, descobriu Morgan. A vida é assim.

Ela estava passeando no Parque de Bruxelas com o conde de Rosthorn. Eles observavam os cisnes deslizarem graciosamente pelo lago, deixando um grande V atrás deles na água azul. Era um lugar adorável, no coração da cidade, e aquele era um lindo dia de verão. Morgan sentiu parte da tensão das horas que passara cuidando dos feridos se desprender de seu corpo sob o calor do sol.

Eles não falaram sobre Alleyne. Não de forma direta. Na casa da Sra. Clark, quando uma das damas chamara Morgan à porta e ela vira quem a procurava, enxergara também nos olhos dele a resposta a todas as suas perguntas.

– Nada? – foi tudo o que disse.

Ele balançara a cabeça gravemente.

– Nada.

Talvez parecesse absurdo que eles não tivessem voltado a falar no assunto. Mas o que mais havia a dizer? O conde sugerira que Morgan fizesse um intervalo de cerca de uma hora e desse uma volta no parque com ele. A Sra. Clark, que acabara de se levantar depois de algumas horas de sono, concordara que a jovem precisava de um pouco de ar fresco e a liberou de seus deveres. Talvez o fato de não haver ocorrido nem à Sra. Clark nem a Morgan

que seria adequado que uma criada os acompanhasse se devesse ao tamanho da preocupação delas. De qualquer forma, não havia nenhuma criada que pudesse ser dispensada para essa tarefa.

Além do mais, a própria ideia de decoro e etiqueta parecia irrelevante naquelas circunstâncias.

Alleyne estava morto, supôs Morgan. Mas a mente dela não conseguia aceitar essa terrível realidade. Não ainda.

– Gostaria que Wulfric estivesse aqui – disse de repente, quebrando o longo silêncio.

– É mesmo, *chérie*?

O conde abaixou os olhos para ela daquele modo que a fazia sentir que contava com toda a atenção e a compaixão dele.

Ela pensou, então, que suas palavras talvez o houvessem insultado.

– O senhor tem sido incrivelmente gentil – comentou. – Mas não posso esperar que continue a dedicar seu tempo a mim e às minhas preocupações.

– Não consigo pensar em algo ou alguém a que preferisse me dedicar – retrucou ele, em um tom baixo e muito afrancesado.

Apenas uma ou duas semanas antes, Morgan teria interpretado tanto as palavras quanto o tom dele como provocadores. E teria, talvez, respondido à altura. Agora, estava preparada para entender as palavras do conde ao pé da letra, como uma expressão da estranha e inesperada amizade que parecia ter desabrochado entre eles.

– Wulfric saberia o que fazer – continuou ela. – Saberia o que decidir.

Saberia quando a realidade não poderia mais ser evitada.

Saberia quando declarar Alleyne morto.

– Se for esse o seu desejo, eu a levarei até ele, *chérie* – ofereceu lorde Rosthorn.

– Ele está na *Inglaterra* – retrucou Morgan, levantando os olhos para ele, espantada.

– Eu a levarei até lá, se desejar.

Morgan o encarou em silêncio – o lago, os cisnes, a beleza do parque, tudo havia sido esquecido. A situação realmente chegara

àquele ponto, então? Ela teria que voltar para casa, para contar a Wulf – e também a Aidan, Rannulf e Freyja o que acontecera? Seria tarefa *dela* fazer isso? Morgan tentou se imaginar dizendo as terríveis palavras.

Alleyne está morto.

– Esperarei mais alguns dias – falou, por fim. – Talvez ele acabe aparecendo, mesmo agora. Talvez haja uma explicação. Talvez...

Morgan não conseguiu pensar em mais nenhuma possibilidade para completar o pensamento.

– Vamos nos sentar por alguns minutos – sugeriu o conde, apontando para um banco sob a sombra de uma árvore.

Ela retirou a mão do braço dele quando se acomodou. Então pousou as mãos no colo, as palmas para cima, e ficou olhando para elas.

– Está se sentindo traída, *chérie*? – perguntou lorde Rosthorn.

– Por Lady Caddick? – Ela cruzou as mãos. – Não pensei nela o dia todo. Só sentirei falta de Rosamond.

– Eu estava me referindo ao seu jovem oficial – disse ele, com gentileza. – O capitão Gordon.

– Ele não é *meu* oficial – retrucou Morgan, apertando as mãos com força. – Nunca foi.

– Mas *ele* pensou que fosse – argumentou o conde –, e talvez a senhorita esperasse poder contar com o amor dele. Não seja tão dura com o rapaz. O capitão foi terrivelmente ferido há dois dias, e era óbvio que estava sentindo dor hoje de manhã.

– Vi uma grande quantidade de ferimentos e de dor nos últimos dias, lorde Rosthorn. E também vi muita nobreza. Vi um homem morrer sem deixar escapar um som, embora devesse estar em terrível agonia. Apenas porque, ele me contou, não queria perturbar os outros feridos. Vi homens em situação grave pedirem que atendêssemos outros que precisavam mais da nossa atenção do que eles. Tenho ouvido homens se desculparem conosco por nos darem trabalho de mais. Escutei um homem dizer à Sra. James que fosse descansar, porque ela estava quase dormindo de pé, embora o curativo dele precisasse ser trocado e ele provavelmente

estivesse se sentindo muito desconfortável. Ouvi homens louvarem seus companheiros e outros regimentos e batalhões mais do que os próprios. Não escutei ninguém se gabar de seus feitos.

A não ser o capitão Gordon.

– Ele é muito jovem, *chérie* – disse lorde Rosthorn.

– Dois homens que estão na casa da Sra. Clark têm 14 e 15 anos de idade – retorquiu Morgan. – Não há homem mais corajoso que eles, embora um deles talvez morra em consequência dos ferimentos.

– Está determinada a ser dura com o jovem Gordon então? – perguntou Gervase, dando um tapinha carinhoso na mão dela.

Sem pensar, Morgan virou a mão para cima e entrelaçou os dedos nos dele.

– Ele tinha a ideia fantasiosa de enfrentar os franceses por mim – contou ela. – Acho que o capitão se imaginou como uma espécie de cavaleiro medieval lutando pela honra de sua dama. No entanto, hoje de manhã, quando ele poderia ter lutado por mim de uma maneira muito mais prática, só conseguia pensar no próprio conforto durante a viagem de volta para casa. Fico feliz por nunca ter sido tola o bastante para me apaixonar por ele.

– Acho que seria impossível para a senhorita ser tola, *chérie* – comentou o conde. – Mas fico feliz por saber que não está triste por um jovem que nunca esteve à sua altura. Ele não passa de um pavão, de um janota bobo.

Morgan não pôde evitar o riso.

Lorde Rosthorn pousou as mãos entrelaçadas dos dois, que estavam no colo de Morgan, em sua perna. Não ocorreu a ela ficar chocada, mesmo quando sentiu o tecido esticado dos calções de montaria dele e o calor dos músculos firmes da pele logo abaixo. Apoiou o ombro contra o braço dele e experimentou uma sensação de conforto.

– O capitão nunca me amou – afirmou. – É uma fraqueza comum nos homens. Eles veem uma mulher que consideram bela, desejável e adequada e se imaginam refletidos nos olhos dela. Não têm interesse em descobrir *quem* ela é.

– Ah, *chérie*, acha mesmo que isso só é válido em relação aos homens? – perguntou o conde em um tom suave. – Muitas mulheres não fazem o mesmo?

Morgan abriu a boca para negar, mas sempre tentava ser honesta consigo mesma. Seria verdade? As mulheres *também* deviam fazer isso – projetar o amor por si mesmas em um belo homem, em cujos olhos poderiam admirar a própria imagem? Será que *ela* já fizera isso? Afinal, não ficara encantada a princípio com as atenções do capitão Gordon? Não aceitara a amizade de Rosamond e conseguira um convite para ir a Bruxelas porque o capitão a tinha em alta conta e ela aprovava o seu bom gosto? Se isso fosse verdade – e Morgan era honesta o bastante para admitir que *em parte* era –, tratava-se de algo que a rebaixava.

– Acho que fazemos, sim – admitiu. – Quando admiramos um homem, estamos muito mais interessadas, pelo menos de início, em nossos sentimentos, no que ele diz e faz que nos leva a nos sentirmos bem em relação a nós mesmas. Mas amor é muito mais. É conhecer... e ser conhecido.

– E quem é Lady Morgan Bedwyn? – indagou o conde.

Morgan deu um sorriso melancólico e levantou os olhos para o rosto dele. Que estava muito perto do dela. Os olhos indolentes sorriram de volta e Morgan subitamente recordou que lorde Rosthorn a beijara nos lábios de novo na noite anterior, depois que ela acordara com a cabeça no ombro dele. Mas afastou a lembrança. Não queria pensar nele em termos sexuais – não quando precisava do conde como amigo. E também porque gostava dele como pessoa.

– Não há pergunta que me deixe mais sem resposta – disse ela. – Como posso explicar quem sou, lorde Rosthorn? Às vezes nem eu mesma sei. Eu sempre soube que sou dona de uma personalidade forte, uma *cabeça-dura*, como minha antiga governanta diria, e que sou obstinada, mas jamais teria imaginado que seria capaz de desafiar uma acompanhante a quem Wulfric me confiara, e depois permanecer sozinha em uma cidade estrangeira, sem nem mesmo uma camareira. Sei que não sou afetada ou cheia de melindres, mas eu não fazia ideia de que conseguiria cuidar de

homens com ferimentos terríveis sem me encolher, ou ver um homem morrer sem me desfazer em pedaços. Não queria ser apresentada à sociedade na última temporada porque era absolutamente contra a ideia de me tornar um produto a ser comercializado no grande mercado de casamentos. E, ainda assim, me diverti no evento em que isso aconteceu e em outros que se seguiram. Não me acho romântica, mas fiquei encantada com a imagem dos oficiais em uniformes escarlate e teria implorado a Wulf para vir para cá, se implorar tivesse algum efeito sobre ele. Sempre fui contra a guerra, porém ao menos metade da minha vontade de vir para cá... não, mais da metade... era por causa da fascinação que sentia pela batalha histórica que estava prestes a acontecer às portas da Inglaterra. Teria me imaginado imune aos flertes óbvios de um sedutor experiente, mas não apenas não detive seus avanços quando o conheci, como os encorajei e respondi a eles. Teria achado impossível ficar amiga de um homem assim. Mas agora, neste momento, considero o senhor o amigo mais querido que já tive. Como pode ver, não me conheço de forma alguma. Então como poderia lhe dizer quem eu sou?

Ela riu.

Lorde Rosthorn riu também.

– A senhorita é muito jovem. Não deve ser dura consigo mesma. Mal começou a viagem de descoberta que é a fase adulta. Mas duvido que qualquer um de nós consiga se conhecer por completo. E como a vida seria tediosa se conseguíssemos... Não haveria lugar para crescermos. Jamais nos surpreenderíamos.

– Só o que sei ao certo é que não sou apenas uma dama – disse ela. – Sou uma mulher... e uma pessoa também.

– Nunca duvidei disso, *chérie* – retrucou o conde.

E lá estava ela, fazendo a mesma coisa que tanto deplorava nos outros. Estava tão concentrada em si mesma que ignorava o homem a seu lado. Morgan voltou a fitá-lo.

– E quem é o *senhor*, lorde Rosthorn? – perguntou.

Ele voltou a rir. Era de fato um homem muito bonito quando sorria, pensou Morgan – e mesmo quando estava sério, por sinal. Mas quando ria formavam-se linhas nos cantos de sua boca que

sugeriam que era um homem bem-humorado. Ele envelheceria bem, concluiu ela, mesmo quando as rugas se espalhassem por todo o seu rosto.

– Não iria querer me conhecer, *chérie* – respondeu ele. – Tive a vida de um perdulário inútil.

– Tanto antes quanto depois de ser banido para o continente? – indagou Morgan. – Não aprendeu nada com os acontecimentos que levaram a tamanha catástrofe, então?

– Ao que parece, não.

Ele abaixou a cabeça para encará-la, o olhar indolente e risonho. Os lábios estavam entreabertos. Mesmo assim, Morgan não se sentiu ameaçada. Estava absolutamente tranquila ao lado dele. Apesar da reputação do conde e do fato inegável de que o pai o banira da Inglaterra nove anos antes, ela não conseguia acreditar que ele era um perdulário inútil, que vivera apenas uma vida de esbanjamento.

– Mas mesmo que eu soubesse de todos os detalhes sórdidos da sua vida – falou ela –, ainda assim eles não me diriam *quem* o senhor é. Por que me colocou sob suas asas, lorde Rosthorn?

– Como uma galinha? – Ele riu de novo. – Talvez porque seja a mulher mais linda que já vi, *chérie*, e admiro a beleza.

Ela o perdera. O conde se recolhera atrás da fachada de zombaria que apresentara durante os primeiros encontros dos dois, inclusive no piquenique na floresta de Soignes.

Mas por que *ficara* amigo dela? Não havia nenhuma razão real pela qual ele deveria fazer isso, havia? Morgan só poderia concluir que era por bondade, apenas. Pronto – ela finalmente sabia *alguma coisa* sobre ele.

Mas o conde a via como uma amiga ou como uma responsabilidade? Porque ela não era responsabilidade dele. Devia ser, então, a primeira opção.

– Um perdulário inútil... – disse Morgan, sorrindo para ele. – Que calúnia, lorde Rosthorn. – Ela recolheu a mão e deu um tapinha carinhoso na dele. – Preciso voltar. Vou dormir cedo para assumir o turno da madrugada.

O conde se levantou no mesmo instante e passou o braço dela pelo dele.

– Irei vê-la todos os dias, se me permitir – falou quando já caminhavam –, e levarei qualquer notícia que consiga. Se, em algum momento, a senhorita decidir que deseja voltar à Inglaterra, tomarei todas as providências para isso. Se precisar de mim por qualquer outra razão, sabe onde me encontrar, ou ao menos onde deixar uma mensagem para mim.

– Rue de Brabant – disse ela. – Onde fica?

– Eu a levarei até lá em nosso caminho de volta à casa da Sra. Clark – prometeu ele. – Não fica muito longe. Mostrarei qual é a casa.

– Obrigada – retrucou Morgan. – Mas não partirei até ter alguma notícia definitiva sobre Alleyne.

Ela se sobressaltou ao perceber que não havia pensado no irmão na última hora. Não, não fora exatamente assim. Sempre, por trás de cada pensamento, de cada emoção, estava a ansiedade opressiva por causa de Alleyne. Mas por uma hora ela falara de outras coisas, aproveitara a companhia de outra pessoa e conseguira absorver um pouco de paz das belezas naturais do parque.

E era grata ao conde de Rosthorn por isso.

Mas o que aconteceria se ela *nunca* recebesse nenhuma informação definitiva? Quando admitiria para si mesma?...

Não, mesmo se esse momento tivesse que chegar, ainda não chegara. Morgan acertou o passo com o do conde de Rosthorn.



Pelos quatro dias seguintes, Morgan cuidou dos feridos com tanta energia e devoção quanto antes. Havia perdido mais um para a morte e lutavam para manter vários outros vivos enquanto a febre os consumia. Mas, aos poucos, quase todos começaram a se

recuperar, alguns deles rapidamente. No fim do quarto dia, havia apenas dezessete feridos na casa da Sra. Clark.

Era como se o tempo estivesse suspenso para Morgan. Ela sabia que não poderia continuar como estava. Logo a maioria dos homens, ou todos eles, teria ido embora – de volta para seus regimentos ou para a Inglaterra. E sabia que a maior parte das outras mulheres, inclusive a Sra. Clark, estava apenas esperando notícias dos maridos para segui-los até Paris.

Morgan estava ciente de que logo teria que encarar a realidade. Não poderia haver nenhuma explicação plausível para a longa ausência de Alleyne, a não ser a óbvia. Wulfric tinha o direito de saber que o irmão desaparecera. Sir Charles Stuart com certeza logo o informaria, caso ela não o fizesse. Mas Morgan ainda não estava pronta. Sempre que o assunto lhe vinha à mente, ela o afastava com firmeza.

Fiel à sua promessa, o conde de Rosthorn aparecera todas as tardes para acompanhá-la em uma caminhada. Em geral, ele antes resolvia alguma pendência para a Sra. Clark, ou as ajudava a levantar um paciente muito pesado para elas. Em um desses dias, escrevera cartas para alguns homens que tinham amigos ou vizinhos letrados o bastante para transmitir a mensagem para suas famílias.

Todas as esposas estavam um pouco apaixonadas por ele, pensou Morgan com carinho. Todas acreditavam que a própria Morgan estava completamente apaixonada por ele. Mas isso não era verdade. Naquele momento, não conseguia sequer pensar no conde em termos de amor, de compromisso – ou de flerte. No entanto, não sabia o que teria feito sem ele. Supunha que teria conseguido se virar sozinha. Sim, com certeza teria. Mas era muito grata por sua presença.

Às vezes eles mal se falavam enquanto caminhavam. Ela costumava estar cansada demais para conseguir pensar direito. Sabia que lorde Rosthorn percebia isso e apenas seguia a seu lado enquanto ela respirava o ar fresco e sentia o calor do sol no rosto sem se sentir obrigada a conversar. Outras vezes eles discorriam sobre vários assuntos. O conde gostava de ler, descobriu Morgan, e

tinha um vasto conhecimento de arte e música. Ele visitara algumas das galerias de arte mais famosas do continente e vira muitas de suas obras mais renomadas. Ele compartilhava com Morgan as próprias impressões a respeito delas com uma eloquência que a convenceu definitivamente da inteligência dele e da qualidade da educação que tivera.

Talvez, Morgan se pegava pensando às vezes, ela *estivesse* um pouquinho apaixonada por ele. Mas esse sentimento não era importante. Romance era a última das necessidades dela naqueles dias.

Então, na noite do quarto dia, ela enfim recebeu notícias.

Estava enfaixando o braço mutilado de um homem quando a Sra. Clark veio ficar em seu lugar.

– Você tem visita – disse a mulher mais velha. – Eu o levei para a cozinha.

Não havia outro lugar onde receber uma visita. Mas o homem não poderia ser lorde Rosthorn. Ele mesmo teria se anunciado, ou pedido a alguém que avisasse de sua chegada, e então esperaria do lado de fora. Algum instinto impediu Morgan de perguntar quem era. A Sra. Clark se debruçara rápido demais sobre o homem ferido que estava sendo enfaixado.

O visitante era um ajudante de ordens de Sir Charles Stuart. Ele se apresentou com uma reverência respeitosa. Morgan já o encontrara antes, mas não se lembrava de seu nome. E também não conseguiu guardá-lo dessa vez. Ela sentiu o sangue lhe fugir da mente e cerrou os punhos ao lado do corpo, obrigando-se a manter o controle.

– Sir Charles me enviou, milady – disse o homem, depois de pigarrear. – Ele está ocupado neste exato momento escrevendo uma carta para o duque de Bewcastle.

Morgan levantou o queixo e encarou-o diretamente.

– Sir Charles recebeu uma carta em mãos há cerca de uma hora – prosseguiu o enviado. – Estava suja de lama, amassada, e era datada de vários dias antes. Mas foi reconhecida, milady, como a missiva que Sua Graça, o duque de Wellington, ditou a seu

ajudante de ordens, que, por sua vez, a deixou aos cuidados de lorde Alleyne Bedwyn.

Morgan continuou a encará-lo. Ele pigarreou mais uma vez.

– A carta foi descoberta hoje, mais cedo, na floresta de Soignes, ao norte de Waterloo.

A carta. Não quem a levava. O ajudante de ordens não disse isso. Não precisava.

– Sir Charles me autorizou a informá-la, milady, que é com muita tristeza que ele agora abandona qualquer esperança de que lorde Alleyne Bedwyn ainda esteja vivo – continuou o homem. – Ele oferece suas condolências mais sinceras e pergunta o que pode fazer por milady. Poderia, talvez, tomar as providências para seu retorno à Inglaterra?

Morgan o fitava, mas não o ouvia de fato.

– Obrigada – falou. – E, por favor, agradeça a Sir Charles por me informar. Agora desejo ficar só, por favor.

– Milady... – disse o homem.

Mas, por puro instinto, Morgan o encarou com a expressão de impressionante altivez dos Bedwyns.

– Agora – ordenou. – Por favor.

Então ela se viu sozinha, fitando uma réstia de cebolas que estava pendurada no teto da cozinha e ouvindo a chaleira assoviar na lareira. Não sabia quanto tempo havia se passado antes de ouvir o farfalhar de saias atrás de si. Duas mãos cálidas a seguraram pelos ombros.

– Minha pobre querida – disse a Sra. Clark. – Sente-se e eu lhe prepararei uma xícara de chá.

– A carta foi encontrada. – As palavras saíram em um sussurro. Morgan pigarreou. – Mas não Alleyne.

– Sim, querida – concordou a Sra. Clark, apertando os ombros de Morgan de forma quase dolorosa. – Tome uma xícara de chá. Vai ajudá-la a lidar com o choque.

Mas Morgan estava balançando a cabeça. Sentia algo muito semelhante a pânico crescendo em seu íntimo. Não poderia ficar sentada ali, bebendo chá. Com certeza explodiria. Precisava...

– Vou sair – falou. – Preciso caminhar. Preciso pensar.

– Está quase anoitecendo – observou a Sra. Clark. – Não posso liberar ninguém para ir com a senhorita. Venha, sente-se...

Mas Morgan a interrompeu:

– Vou sair – repetiu. – Não preciso de acompanhante ou de criada. Preciso ficar só.

– Mas, querida Lady Morgan...

– Lamento muito abandoná-la no meio do meu turno, mas... preciso sair. – Elas já estavam no saguão. Morgan pegou o xale que estava pendurado ali e passou-o pela cabeça e pelos ombros. – Ficarei bem. E voltarei logo. Preciso *respirar*.

Ela passou pela porta, então desceu correndo os degraus e seguiu pela rua, sem saber aonde estava indo, nem se importando com isso. Abaixou a cabeça e caminhou rápido, como se pudesse fugir do que ainda não admitira no mais profundo de seu ser.

Havia dias que sabia da verdade.

Praticamente desde o princípio não houvera esperança real.

Por dias ela achara que estava se preparando, mas não havia como se preparar para um momento como esse.

Alleyne estava...

Ela ofegava quando enfim parou de caminhar, como se houvesse corrido quilômetros. Nem sequer sabia onde estava. Mas quando olhou ao redor, a noite caindo cada vez mais rápido, percebeu que se encontrava do lado de fora da casa na Rue de Brabant que o conde de Rosthorn lhe mostrara quatro dias antes. Havia luz em uma janela no andar de cima.

Tivera a intenção de ir parar ali?, perguntou-se, perplexa. Ou fora pura coincidência?

Não importava.

Morgan subiu os degraus que levavam até a porta, levantou a aldrava de bronze, hesitou apenas por um instante e voltou a soltá-la, para que batesse contra a porta.

CAPÍTULO X



Quando ouviu a batida na porta, Gervase afastou a cortina da sala de estar e olhou para baixo. A proprietária da casa e a filha iriam passar a noite fora, assim como o valete dele, que teria sua noite de folga. Os criados provavelmente se encontravam na cozinha, nos fundos. Não havia ninguém no saguão, já que não eram esperadas visitas.

A cabeça dela estava coberta por um xale, mas Gervase a reconheceu no mesmo instante. Santo Deus! O que Lady Morgan Bedwyn estava fazendo na porta da casa dele àquela hora? A noite já havia quase caído – as velas até já tinham sido acesas. O primeiro pensamento dele, quando deixou o livro que estava lendo em uma cadeira próxima e saiu em disparada pela porta e pelas escadas, foi em relação ao decoro. Se alguém a visse ali... Mas antes que chegasse à base da escada, Gervase se lembrou de ter dito a ela que o procurasse caso precisasse de algo. Aquela, obviamente, não era uma visita social.

Um criado entrou apressadamente no saguão, vindo da parte de trás da casa.

– Eu atenderei – disse Gervase a ele em francês. – É uma pessoa amiga.

Por sorte, o criado não esperou para ver quem era essa pessoa. Apenas assentiu, se virou e voltou na direção de onde viera.

Gervase abriu a porta e bastou um olhar para o rosto de Lady Morgan, por mais oculto que estivesse pela escuridão, para afastar qualquer pensamento que pudesse ter tido de sair com ela dali, de afastá-la da casa. Em vez disso, ele a segurou pelo braço e puxou-a consigo.

– Vamos lá para dentro, onde teremos privacidade – falou. – Então poderá me dizer como posso servi-la.

A jovem estava pálida e obviamente perturbada. Ela não disse nada quando Gervase a levou pelas escadas até a sala de estar e fechou a porta. Na verdade, pensou ele, não era preciso ser muito inteligente para imaginar o que havia acontecido.

– A carta que Alleyne estava levando do duque de Wellington para Sir Charles Stuart foi encontrada – começou Lady Morgan, descobrindo a cabeça. – Estava largada no chão da floresta, entre Waterloo e Bruxelas.

A voz dela era vazia e inexpressiva. A moça o encarou com olhos que lembravam dois lagos enormes à noite.

– Ah, sim, *chérie* – disse Gervase.

Ele segurou as mãos dela e percebeu que pareciam blocos de gelo.

Lady Morgan deu um meio sorriso.

– Ele está morto, não está?

Então ela ainda tentava se agarrar a algum fio de esperança? Mas era hora de encarar a triste realidade. E Gervase percebeu que fora por isso que a jovem o procurara. Alguém da embaixada devia ter lhe levado a informação, mas tinha sido a ele que ela recorrera, instintivamente, para a interpretação final dos fatos. Gervase se perguntou o momento exato em que se tornara um amigo tão precioso.

– Sim, *chérie* – respondeu. – Precisa aceitar que ele está morto.

Lady Morgan olhou para Gervase, mas o olhar dela estava fixo em algo a milhões de quilômetros. O xale escorregou lentamente de seus ombros e ficou largado sobre o tapete a seus pés. Gervase soltou as mãos dela e passou os braços a seu redor, um pela cintura, o outro pelos ombros. Então a puxou para si e Lady Morgan

inclinou a cabeça para repousá-la sobre o lenço em volta do pescoço dele.

– Ele está morto. – Ela estremeceu.

– Lamento que sim.

A jovem chorou quase silenciosamente. Gervase mal teria percebido se não sentisse os tremores do corpo dela e o calor das lágrimas que umedeciam as camadas de tecido no pescoço dele. Gervase a abraçou com mais força. Não sabia como haviam acabado daquela forma, com aquela amizade mais profunda do que qualquer outra que ele tivera com um homem ou uma mulher. Foram as circunstâncias, imaginou, a distância do cotidiano que os levaram àquela relação tão incomum. Com certeza não fora algo que se desenvolvesse nos primeiros dias após se conhecerem.

Continuou a enlaçá-la por um longo tempo, mesmo depois de Lady Morgan parar de chorar. E ela não fez nenhum movimento para se afastar. Se a jovem ainda precisava da ilusão de conforto, ele lhe daria isso pelo tempo que ela quisesse. Mas finalmente Morgan afastou a cabeça e o encarou sob a luz das velas. As lágrimas haviam secado, embora o rosto dela estivesse inchado, com uma expressão pesada de dor.

Foi a coisa mais estúpida do mundo a fazer. Gervase não conseguiria explicar nem naquele momento nem depois. Com certeza parecia ser a atitude mais inapropriada que ele já tomara – a não ser pelo fato de que ele não se convenceu, mesmo depois, de que não fora mútua.

Ele abaixou a cabeça e colocou a boca à de Morgan.

Não foi como os outros dois beijos. Esse foi quente, urgente. Morgan abriu a boca, deixando a língua de Gervase entrar. Os dois se enlaçaram com força, como se seus braços fossem faixas de aço que os envolvessem. Foi um beijo profundo, louco, inexplicavelmente apaixonado. A vida fazendo seu protesto determinado, talvez, em face da morte? Mas não havia desculpa, na verdade, admitiria Gervase para si mesmo mais tarde.

Assim como não havia qualquer desculpa para o que se seguiu.

Ele manteve a boca a poucos centímetros da dela e fitou os olhos confusos e nublados de paixão.

– *Chérie*... – murmurou.

– Não. – A voz de Morgan estava rouca de desejo. – Ah, não.

Ela fechou os olhos e pressionou os lábios abertos novamente contra os dele. Manteve um dos braços ao redor de sua cintura enquanto entrelaçava a outra mão nos cabelos dele.

Gervase sentiu o luto, a agonia, o desejo dela. E sentiu a própria necessidade de confortá-la, de dar o que ela quisesse. Mas foi uma resposta emocional, de forma nenhuma raciocinada. Não estava pensando. Aquela não era uma ocasião para pensar, ou ponderar. Morgan precisava dele. Então Gervase a puxou de novo contra o corpo, beijando-a ainda mais profundamente, mais apaixonadamente do que antes.

Quando ela começou a abrir depressa os botões do casaco dele, e depois o colete, Gervase a ajudou, para que pudesse tê-la ainda mais perto, para que pudesse abraçá-la mais próximo ao calor do coração. Morgan passou os braços por baixo do casaco e do colete. Deslizou uma mão pela cintura dele e com a outra acariciou suas costas, apenas o tecido da camisa entre ela e a pele nua dele. Gervase segurou o traseiro dela e ergueu-a contra o corpo. Se pudesse tê-la puxado para dentro de si, ter tomado a dor dela para si e a aliviado do fardo, teria feito isso.

Gervase beijou os lábios dela, o queixo, o pescoço. Ela roçou o corpo no dele, os seios pressionados em seu peito, a barriga em sua ereção.

– Por favor. – A voz dela era rouca, os lábios se movendo contra os dele. – Por favor. Ah, por favor.

– *Chérie*.

Gervase recuou alguns passos e sentou-se no sofá, puxando-a junto. Mas em vez de se virar de lado e se acomodar no colo dele, Morgan se sentou de frente para ele, com as pernas abertas, e o frenesi da paixão dos dois continuou inabalado. Gervase levantou as saias dela para lhe dar mais liberdade de movimento, então passou a mão por baixo delas para acariciar a parte interna da coxa da moça, até encontrar o centro úmido e quente de seu prazer.

Lady Morgan agarrou a cabeça dele com as duas mãos e puxou-a para junto dos seios enquanto gemia, ofegava e se

esfregava na mão dele.

Gervase desabotoou os calções, posicionou-a sobre o membro rígido, segurou-a pelos quadris e começou a deslizar o corpo dela com delicadeza. Mas Lady Morgan não o deixou ser gentil. Pressionou o corpo para baixo com força e gritou quando ele a penetrou por completo.

Alguma parte da mente dele registrou o fato óbvio de que ela era virgem, mas se ele estava determinado a ser gentil apenas por instinto, o instinto não havia adiantado de nada. A jovem o arrastou para seu próprio frenesi de paixão e os dois chegaram a um acordo tácito de alcançar juntos um estado de prazer, de paz e de esquecimento enquanto seus corpos latejavam e arfavam.

Por incrível que pudesse parecer – e teria sido incrível se Gervase estivesse conseguindo pensar –, Morgan ficou com o corpo tenso um instante antes de ele arremeter mais uma vez e se aliviar dentro dela, e gritou novamente. Mas agora, pelo abandono do clímax sexual em vez da dor e do choque da primeira penetração.

Eles permaneceram abraçados por mais um ou dois minutos até a Terra voltar a girar em seu curso normal.

O primeiro pensamento racional de Gervase pareceu surgir do nada. Mas foi claro e malévolo.

Agora, disse o pensamento, ele se vingara de Bewcastle à altura.



Ele estava sentado em um canto do sofá e ela se encontrava aconchegada no colo dele, as saias decentemente arrumadas ao redor das pernas mais uma vez. Um dos braços do conde a envolvia e ele repousava a cabeça no encosto do sofá. Por incrível que parecesse, Morgan percebeu que estivera cochilando. Mas não acreditava que lorde Rosthorne havia feito o mesmo. Achava que ele estava acordado, embora em silêncio.

O que acontecera entre eles fora algo de que ela precisara, e não se arrependia. Mas *ficaria* arrependida se aquilo mudasse a natureza da amizade dos dois. E como poderia não mudar? Procurara o conde porque ele era o amigo mais querido que tinha no mundo. Agora, mesmo que apenas dessa vez, lorde Rosthorn fora amante dela. Não, as coisas jamais voltariam a ser como antes entre eles.

– Não deve se culpar – disse ela sem se mover, pois poderia apostar que ele *estava* se culpando. – Isso não foi culpa sua de modo algum.

Morgan percebeu que uma das mãos dele se encontrava pousada em seus cabelos. Seus dedos acariciavam suavemente o couro cabeludo dela, provando que estava mesmo acordado.

– Talvez, *chérie* – disse ele –, não devêssemos pensar no que aconteceu em termos de culpa. Isso implicaria que houve algum erro. Não foi errado, apenas prematuro. Conversarei com o duque de Bewcastle quando a levar para casa.

Morgan então endireitou o corpo, se sentou e se virou para encará-lo com uma expressão consternada. Deveria ter imaginado que ele reagiria exatamente daquela maneira tola. Era um cavalheiro, afinal.

– Sobre se *casar* comigo? – perguntou ela. – Com certeza não vai fazer isso.

Ele sorriu languidamente para ela, sem levantar a cabeça.

– Vou pedi-la em casamento, *chérie*. Pode não aceitar, é claro, embora eu a aconselhe a não fazer isso.

– É claro que não aceitarei! – retorquiu ela. Morgan piscou os olhos com força quando eles se encheram de lágrimas. Ela quase *nunca* chorava. – Não estrague as coisas, lorde Rosthorn. Tem sido meu amigo mais precioso durante esses dias terríveis. Até mesmo esta noite foi meu amigo, me confortou da maneira que eu precisava. Não estrague tudo agora, acreditando que precisa me pedir em casamento.

– Mas talvez eu deseje fazer isso, *chérie* – ponderou ele. – Talvez eu a ame.

– O senhor *não* me ama – retrucou Morgan. – Sente compaixão por mim por causa de... por causa de Alleyne. E acredito que goste de mim, e me respeite, como gosto do senhor e o respeito. Há um certo tipo de amor nesses sentimentos, mas não é o mesmo tipo de amor que sentem duas pessoas prontas para se comprometer uma com a outra para o resto da vida.

– *Chérie*, eu estive dentro do seu corpo. Tirei a sua virgindade.

... *dentro do seu corpo*. Morgan sentiu o rosto quente.

– Esse é exatamente o meu argumento – falou. – Se houvéssemos apenas nos sentado neste sofá depois de eu ter aparecido para lhe contar a notícia que recebera, o senhor não estaria agora me dizendo que teria que conversar com Wulf. Estaria?

Ele continuou a sorrir para ela, mas não respondeu.

– Está vendo? Não pode dizer que estaria. Não consegue mentir. Não me casarei com o senhor, lorde Rosthorn, apenas porque tivemos relações íntimas.

– *Chérie*. – Ele segurou o rosto dela com a mão em concha. – Não vamos brigar por causa disso. Não esta noite. Lamento por lorde Alleyne Bedwyn. Mais do que posso lhe dizer.

As lágrimas antes reprimidas voltaram aos olhos dela.

– Achei que se negasse a verdade por bastante tempo, estaria mais bem preparada para quando *finalmente* tivesse que admiti-la – comentou Morgan. – Imaginei que minhas emoções já estariam prontas para o pior do sofrimento. Só que não estavam. E então hoje, quando vim até aqui, pensei... acho que pensei... Mas o sofrimento não passou. Acho que, na verdade, nem sequer começou ainda.

– Suponho que não tenha mesmo começado. – Ele puxou a cabeça dela para si e beijou-a suavemente nos lábios mais uma vez. – E desejaria confortá-la. Mas *não há* conforto, *chérie*. Um luto assim precisa ser vivido. Você precisa ir para perto de sua família. Tem que voltar para a Inglaterra.

Morgan sentiu uma enorme saudade de Wulfric... e de Freyja e dos outros irmãos. Os irmãos que lhe *restavam*.

– Sim – disse.

– Eu a levarei – falou o conde. – Partiremos amanhã.

– Mas não posso lhe pedir uma coisa dessas – respondeu Morgan, fitando-o com o cenho franzido.

– E não pediu – disse ele. – Vamos partir cedo. Eu a acompanharei de volta à casa da Sra. Clark agora e poderá arrumar seus pertences.

O conde a colocou de pé e estava se inclinando para pegar o xale dela.

Não poderia voltar sozinha para a Inglaterra, pensou Morgan. Não importava como gostava de pensar em si mesma, havia certas coisas que não tentaria fazer sem um acompanhante. Viajar de um país para outro era uma dessas coisas. Ela se esquecera completamente da oferta de Sir Charles Stuart de tomar as providências necessárias para mandá-la para casa.

– Obrigada – falou, envolvendo o corpo com o xale e estremecendo, apesar de a noite estar quente.

Os braços de Gervase já não estavam mais envolvendo-a.

Ele manteve o braço dela junto a seu corpo enquanto a levava à casa da Sra. Clark. Não deveria precisar de tal apoio, pensou Morgan, mas sentia-se grata por ele. Sua mente enfim se dera conta da realidade – e da dor. Alleyne estava morto. No dia seguinte ela iria para casa. Teria que dar a notícia a Wulfric.

E, naquela noite, tivera relações íntimas com o conde de Rosthorn. Não era de espantar que suas pernas estivessem bambas.

Havia muito em que pensar, muito a sentir. Morgan não falou durante o caminho. Nem o conde. Ela não reparou em nenhuma das pessoas por que passaram nas ruas. Não percebeu sequer que lorde Rosthorn havia dito boa noite duas vezes a conhecidos.

– A Sra. Clark com certeza está esperando a senhorita – disse ele ao se aproximarem da casa. – Entre agora, *chérie*, e descanse, se conseguir. Será uma longa viagem.

– Sim, obrigada.

Ele subiu os degraus da entrada com ela. Mas, mal levantara a mão para bater, a porta já foi aberta pela Sra. Clark, que tinha no rosto uma mistura de preocupação e alívio.

– Ah, graças a Deus! – exclamou com fervor. – Já estava quase enlouquecendo de preocupação. Estou tão feliz que a tenha encontrado, milorde.

– Vou acompanhar Lady Morgan de volta à Inglaterra amanhã, madame – avisou o conde. – Voltarei aqui o mais cedo possível pela manhã. Mas, antes, terei que contratar uma camareira para acompanhá-la.

– Essa será a melhor solução, mesmo que não seja a ideal – concordou a Sra. Clark –, já que não posso ir com ela. Venha, minha querida. – Ela passou o braço pelos ombros de Morgan. – Venha até a cozinha e lhe prepararei aquela xícara de chá que prometi mais cedo.

Morgan cedeu à tentação de ser cuidada, ao menos por algum tempo. Os pensamentos e as emoções, naquele momento, tinham-na esgotado.



Foi uma longa e tediosa viagem de volta para casa, embora Morgan, mais tarde, não fosse capaz de dizer se durara um dia ou uma semana. Ela procurou manter o sofrimento escondido no fundo da mente e do coração, para não precisar lidar sozinha com tamanha dor – ou para não acabar agindo de forma inapropriada mais uma vez, como fizera com o conde de Rosthorn, nos aposentos dele. Estava muito envergonhada por tê-lo forçado a tamanha indiscrição e por tê-lo feito se sentir culpado, achando que devia pedi-la em casamento.

Morgan tinha uma nova camareira, uma jovem que quase não falava inglês e que sabia muito pouco sobre os deveres do cargo. Mas a moça fora contratada, é claro, apenas para que o mínimo de decoro fosse observado. Ilse voltaria a Bruxelas assim que Morgan chegasse a Londres. O conde de Rosthorn lhe explicara isso.

Morgan mal o viu no trecho entre Bruxelas e Ostend. Ele cavalgou ao lado da carruagem alugada enquanto ela permaneceu sentada lá dentro, em silêncio, com Ilse. Mas isso mudou durante a travessia marítima até Harwich, na Inglaterra. Ilse ficou terrivelmente enjoada e não conseguiu deixar a cabine que dividia com a patroa. Morgan, por outro lado, não suportou permanecer abaixo da linha do convés. Precisava caminhar pelo deque do navio, ou ficar parada na amurada, ou se sentar em algum lugar aberto, onde pudesse sentir a maresia no rosto, respirar seu frescor e deixar o olhar se perder na eternidade.

Ela não dava a menor importância às normas de decoro.

Sentia-se abatida pelo fardo solitário de ser a única na família que sabia da terrível verdade. Tentou ensaiar mentalmente o que diria, mas nem na imaginação encontrou as palavras. Ela mesma mal conseguia acreditar no que tinha acontecido. Não havia corpo, nem qualquer outra prova tangível de que Alleyne estava morto. Se fechasse os olhos, Morgan conseguia ver o rosto belo e sorridente do irmão, e ouvir a voz leve e brincalhona, como se ele estivesse bem ali, ao lado dela. Às vezes ela se pegava abrindo os olhos de repente, como se fosse surpreendê-lo encarando-a e rindo da ótima peça que lhe pregara.

O conde de Rosthorn era a única e constante companhia de Morgan no deque do navio, embora houvesse outras pessoas a bordo que ambos conheciam. Mas ela não conseguia ser sociável e, portanto, se revestia de sua expressão mais altiva e distante e permanecia sentada longe de todos. O conde estava sempre a seu lado. Normalmente os dois permaneciam em silêncio. Às vezes, conversavam sobre assuntos dos quais Morgan não se lembrava depois. Certa vez, quando estavam na amurada do navio e o vento mais parecia uma ventania, todos desceram para a linha abaixo do convés, mas ele permaneceu ao lado dela, ajeitou-lhe a capa e passou o braço a seu redor, em um gesto de conforto. Os dois ficaram daquele jeito por uma hora ou mais.

Mesmo procurando manter o coração entorpecido, Morgan estava muito consciente de que agora conhecia o conde de um modo muito diferente de antes. Mas ele não fez referência ao

incidente, e ela não conseguia obrigar a própria mente a lidar com o presente. Apenas se sentia grata por eles terem encontrado um modo de retomar a amizade que haviam desenvolvido desde o baile dos Richmonds.

Se houvesse ocorrido a Morgan que era impróprio estar sozinha no deque com ele sem a presença da camareira, que tanto isso quanto a proximidade dela com o conde podiam muito bem suscitar comentários entre os outros passageiros, e que esses comentários poderiam se espalhar rapidamente quando todos desembarcassem, ela teria afastado esses pensamentos com desprezo. A vida dela não era da conta de ninguém a não ser ela mesma – e Wulfric, mas *ele* entenderia assim que a irmã explicasse a situação.

Mais do que qualquer coisa no mundo, Morgan queria estar em casa – em Lindsey Hall, ou na Casa Bedwyn, em Londres, *em qualquer lugar* onde estivessem seus irmãos e sua irmã. Em qualquer lugar onde estivesse Wulfric. Ele tiraria o fardo dos ombros dela. Saberá o que fazer. Ainda assim, Morgan temia voltar para casa mais do que já temera qualquer coisa na vida. Como ela os encararia? O que *diria*?

Eles desembarcaram em Harwich em uma tarde chuvosa, com muito vento. Mais parecia um dia de outono do que de verão. Ficariam na estalagem Harbour Inn, perto do cais, explicara o conde de Rosthorn, apontando na direção do lugar, e continuariam a viagem para Londres pela manhã.

– Eu lhe conseguirei um quarto em um instante – prometeu ele.
– Então procurarei uma carruagem para alugar enquanto a senhorita descansa. Mais um dia e estará em casa.

Morgan segurou a aba do chapéu para que ele não voasse com o vento e o encarou com o cenho franzido.

– Tenho sido muito egoísta – falou –, pensando apenas em mim durante toda a viagem. O senhor está na Inglaterra pela primeira vez em nove anos.

– É verdade, *chérie* – retrucou o conde, com um sorriso. – E, até agora, sobrevivi ao choque.

Pela primeira vez, Morgan se deu conta de que aquela viagem, aquela chegada, devia ser um desafio tão grande para ele quanto

para ela. O conde teria que se encontrar com pessoas que não via fazia nove anos. Se veria forçado, de certo modo, a retomar as rédeas de uma vida que abandonara quando era ainda muito jovem. Será que ela o tinha forçado a fazer isso antes que ele estivesse realmente preparado? Morgan o encarou, agora com um profundo remorso. Poderia ter conversado com ele sobre essas coisas durante aquelas horas silenciosas no navio. Em vez disso, estivera absorta em si mesma. Mas resolveu que seria *e/é* o assunto dos dois durante o jantar.

– Espero que seja um retorno feliz para o senhor – disse.

Lorde Rosthorn passou a mão enluvada dela por seu braço e sorriu.

Ilse, recuperada da indisposição agora que estavam em terra firme, caminhava atrás deles enquanto seguiam na direção da estalagem, os rostos abaixados para se protegerem da chuva e do vento. Foi um grande alívio quando enfim entraram no prédio e viram o fogo aceso na enorme lareira do salão de recepção. Morgan foi na direção da lareira, sacudindo as gotas de chuva da capa, enquanto o conde de Rosthorn seguia até o balcão.

Como se sentia diferente, então, do que na última vez em que estivera em Harwich, menos de dois meses antes... Com certeza, na época, sentira-se dez anos mais nova do que se sentia naquele momento. Se ao menos pudesse voltar no tempo, fazer com que tudo transcorresse de outra maneira... Mas como? Dando um chique nos portões de Namur e insistindo em que Alleyne parasse o que estava fazendo e a levasse de volta à Inglaterra naquele mesmo instante?

Morgan estendeu as mãos para o calor do fogo e virou a cabeça para observar lorde Rosthorn fazendo os arranjos necessários para o pernoite deles. De repente, pegou-se olhando para um cavalheiro alto, vestido com elegância, que atravessava o salão na direção da porta de saída.

Wulfric!

Por um instante, Morgan ficou tão chocada que não conseguiu se mexer, ou chamar o irmão.

Ele não a vira. Mas *vira* o conde de Rosthorn. Wulf parou abruptamente, o rosto uma máscara de frieza, os olhos semicerrados, as narinas dilatadas.

Mas Morgan não percebeu isso. Acabara de reencontrar a própria voz e a agilidade das pernas.

– Wulf! – gritou, e correu na direção dele, o pânico impulsionando-a. – *Wulf!*

Wulfric não era o tipo de homem em cujos braços alguém normalmente pensaria em buscar conforto. Mas, naquele momento, ele representava para Morgan solidez, segurança e carinho. Ela se jogou nos braços dele e sentiu o conforto da presença do irmão quando ele a envolveu com os braços.

Mas o momento foi breve. Wulfric a segurou com firmeza, afastou-a e a encarou brevemente antes de se voltar para o conde de Rosthorn. A expressão dele poderia ter feito estalactites estremecerem.

– Sem dúvida, alguém vai me dar uma explicação – disse Wulfric em seu tom mais suave, que com certeza era também o mais perigoso.

Ele decerto tinha ouvido uma coisa ou duas por aí, uma parte da mente de Morgan disse a ela. A condessa de Caddick certamente andara ocupada contando histórias. Mas não era isso que assombrava Morgan. Ela nem sequer parou para se perguntar o que o irmão estava fazendo em Harwich. O pânico tinha dado um nó em seu estômago, provocando ânsias de vômito.

– Wulf – falou com a voz tão trêmula que as palavras saíram truncadas. Ela passou a mão pela capa do irmão e esqueceu qualquer ideia de dignidade, e também os discursos que havia ensaiado. – Wulf, Alleyne está morto.

Então tudo o que Morgan conseguiu ouvir foram os próprios dentes batendo.

Os olhos prateados e frios mudaram. Algo – alguma luz – se apagou, deixando-os opacos e inexpressivos. As mãos dele pareciam faixas de aço nos braços dela. Então Wulf assentiu com a cabeça uma vez, duas, depois outra, e mais outra, de forma lenta e quase imperceptível.

– Ah – disse ele com a voz tão distante que Morgan mal escutou.

Foi um momento realmente apavorante – Wulfric sem palavra ou ação. Morgan nunca presenciara uma cena assim. De repente, o irmão mais velho era um ser humano que poderia, a qualquer momento, mostrar uma vulnerabilidade da qual nunca o julgara capaz. Ela *não queria* que ele fosse um ser humano. Queria que continuasse a ser seu irmão mais velho, Wulfric, o invencível duque de Bewcastle. Naquele momento, não queria ter 18 anos e ser uma mulher. Queria voltar a ser criança e estar orbitando em segurança ao redor do poder imutável de Wulf.

Mas o momento de quase vulnerabilidade passou. Os olhos frios voltaram a se concentrar em lorde Rosthorn e ele voltou a ser o Wulfric de sempre. Suas mãos soltaram os braços de Morgan. Ela abriu a boca para fazer as apresentações necessárias, mas Wulfric falou primeiro.

– Ora, *Rosthorn* – disse, com uma leve ênfase no nome.

– Bewcastle – falou o conde. – Minhas mais sinceras condolências. Estou acompanhando Lady Morgan e a camareira de volta a Londres. Que tal encontrarmos uma sala onde possamos conversar com mais privacidade? Você merece uma explicação.

Morgan olhou de relance para o conde. Seu modo de falar parecia diferente, as palavras mais bem marcadas, precisas, o sotaque francês quase imperceptível. Ele encarava Wulfric com um olhar duro e o maxilar cerrado. Wulfric certamente *ouvira* alguma coisa, e lorde Rosthorn sabia disso. E agora ela ficaria presa entre o orgulho e o infernal senso de honra de dois cavalheiros.

Apenas um momento depois de ela ter contado a Wulf que Alleyne estava morto.

– Acredito que possamos dispensar as explicações – retrucou Wulfric. – Depois da visita que Lady Caddick me fez ontem, eu estava a caminho de Bruxelas para encontrar Lady Morgan e trazê-la pessoalmente para casa. Agora parece que o motivo original da viagem já não existe mais, embora talvez eu precise prosseguir com ela, para cuidar das providências necessárias para trazer o corpo do meu irmão para casa. – Morgan observou a mão do irmão se fechar

ao redor do cabo do monóculo, os nós dos dedos muito brancos. – De qualquer modo, sua companhia pode ser dispensada, Rosthorn. Cuidarei da segurança de Lady Morgan de agora em diante. Um bom dia para você.

Morgan olhou para ele, espantada. Wulfric nem sequer iria ouvir uma explicação? Não iria agradecer a lorde Rosthorn por tê-la acompanhado de volta para casa? Nem mencionaria exatamente do que Lady Caddick o acusara? E era imaginação dela ou os dois homens se *conheciam*?

Ela virou a cabeça para olhar para lorde Rosthorn. A expressão dele ainda era tensa, o maxilar muito cerrado, os olhos duros. Mal conseguia reconhecê-lo. Mas ele a olhou de volta e fez uma reverência profunda e formal.

– Adeus, *chérie*.

– Está *partindo*, então? – perguntou Morgan.

Simples assim?

Mas ele já tinha dado as costas a Morgan e Wulfric e se encaminhava com longas passadas em direção à rua. Não poderia deixá-lo simplesmente ir embora, pensou Morgan. No entanto, antes que pudesse dar um passo para ir atrás dele, Wulfric voltou a segurá-la pelos braços e voltou-a, de olhos arregalados, para que o encarasse.

Ele não achava necessário encontrar uma sala particular quando lorde Rosthorn sugerira. Mas devia ter feito algum sinal para alguém na recepção, porque em um instante os dois irmãos estavam sendo conduzidos, cheios de medidas, para um cômodo privado, e a porta logo foi fechada para deixá-los a sós.

Morgan sentiu as pernas bambas de novo quando percebeu mais uma vez a enormidade do momento. O amigo mais querido que tinha se fora, tão rápida e inesperadamente que ela não tivera sequer a chance de dizer adeus. Mas estava em casa. Wulfric encontrava-se ali e ela já se aliviara do fardo do terrível segredo que guardava.

O irmão agora a encarava com os pálidos olhos cor de prata. A mão, em um gesto familiar, já estava ao redor do cabo do monóculo.

– Você agora vai me contar, Morgan, se puder – disse ele –, como Alleyne perdeu a vida.

Ela o encarou com firmeza, ignorando o latejar nos ouvidos, a frieza na cabeça e a fraqueza das pernas.

– Ele morreu na Batalha de Waterloo – respondeu ela.

CAPÍTULO XI



A chuva fina ainda caía e o vento ainda soprava, frio. Mesmo assim, Gervase seguiu com seu cavalo alugado a um passo próximo do galope, sem levar em consideração o perigo ou o desconforto.

Fora sumariamente dispensado. Bewcastle, que decerto ouvira o bastante de Lady Caddick para que se pusesse a caminho de Bruxelas, primeiro pedira uma explicação, mas logo se recusara a ouvir qualquer esclarecimento. Apenas mandara o antigo inimigo embora como se ele não fosse nada ou ninguém.

Gervase fervilhava com um ódio que voltara à tona assim que colocara os olhos em Bewcastle. Era uma ira em que ele ainda não parara para pensar. Um sentimento que o cegava, que fazia sua mente latejar e embotava seu julgamento. Mas uma coisa o satisfizera: apesar de todo o seu controle frio, Bewcastle ficara claramente abalado. E ficaria ainda mais, jurou Gervase. O assunto entre eles ainda não terminara.

Ah, não, não estaria terminado por muito tempo.

Gervase desviou o cavalo para a beira da estrada para dar passagem a um coche de correspondência que seguia na direção oposta, levantando água e lama. Então retomou o caminho, em um ritmo mais cauteloso e prudente.

Logo faria uma visita ao duque de Bewcastle, em Londres. Mas não *tão* rápido. Mesmo sentindo tanto ódio, ele reconhecia a

necessidade de alguma decência. A família Bedwyn precisava de tempo para lidar com o luto por um irmão.

Ela precisava de tempo. Tolamente, Gervase tentava não associar um nome ou um rosto à única pessoa que poderia abalar sua determinação. E era a mesma pessoa que lhe dera a abertura de que precisava para causar um prejuízo duradouro.

Nesse meio-tempo, as fofocas de Bruxelas e do navio se espalhariam por Londres, e os Caddicks, sem dúvida, atijariam o fogo – que logo chegaria a tal proporção que se tornaria um enorme escândalo na capital inglesa.

Não voltaria de imediato a Londres, decidiu. Já estava na hora de ir para casa, para a Chácara Windrush, em Kent. Estava na hora de dar um jeito de retomar sua vida do ponto em que a deixara, nove anos antes. Mas se perguntava se isso seria possível. Não era mais o homem que fora na época, ou o que estivera prestes a se tornar.

Gervase prosseguiu cavalcando, plenamente consciente de que estava mais uma vez na Inglaterra, e também de que sua recepção não estava sendo calorosa. O cenário em que se encontrava era sombrio e cinzento, com nuvens baixas e pesadas. Gotas de chuva pingavam da aba de seu chapéu e escorriam-lhe pelo pescoço. A estrada à frente cintilava com lama e poças que podiam indicar pequenas depressões no terreno ou buracos fundos – não havia como saber a menos que se fosse imprudente o bastante para pisar em uma delas. Talvez, pensou Gervase, fosse mais inteligente permanecer em Harwich e conseguir uma passagem no primeiro navio de volta ao continente.

Mas ele tinha negócios a tratar ali, na Inglaterra. Já estava na hora.

Continuou em frente.

E, sem conseguir evitar, pensou em Lady Morgan Bedwyn – preciosa em sua adorável juventude no baile dos Camerons; altiva, inteligente e atraente no piquenique na floresta de Soignes; desarrumada, linda e inabalável nos portões de Namur, inclinada sobre os trapos sangrentos de um ferido; com os olhos arregalados de dor nos aposentos dele na Rue de Brabant; dominada pela

paixão enquanto buscava conforto em seus braços. Uma mulher fascinante, de muitas facetas.

– Maldição! – Gervase puxou as rédeas do cavalo quando percebeu que havia voltado a colocar o animal a galope. – Maldição!

Como poderia usá-la...

Mas já fizera isso, é claro.

Já a usara.



Por dez dias, Morgan pareceu viver em uma bruma fora da realidade. Ela explicou tudo a Wulfric, a maior parte em um jorro de palavras naquele cômodo privado da Harbour Inn, o resto em resposta às perguntas determinadas que o irmão lhe fizera ainda na estalagem e também durante a interminável viagem de volta a Londres, no dia seguinte.

Ela contara a Wulf sobre o desaparecimento de Alleyne e sobre a carta que reaparecera mais tarde, que parecia ser a prova incontestável de que ele fora morto. Contara sobre os Caddicks e sobre a determinação deles de voltar para casa, sobre sua recusa a ficar em Bruxelas com ela. Contara sobre o abrigo temporário que recebera na casa da Sra. Clark e sobre todo o trabalho que as duas, assim como as outras esposas do regimento, haviam tido cuidando dos feridos.

Morgan logo percebeu que a história que Lady Caddick, muito indignada, contara quando aparecera na Casa Bedwyn fora bastante diferente da dela. A mulher não fizera qualquer menção ao desaparecimento de Alleyne, ou ao fato de Morgan estar cuidando dos feridos. Na versão da condessa, Morgan simplesmente se comportara como uma jovem cabeça-dura, desobediente e cheia de caprichos, que se recusara a abrir mão dos prazeres da cidade e da companhia de cavalheiros inapropriados – mais precisamente, o conde de Rosthorn – que voltavam suas atenções para ela.

– E você acreditou que eu fiquei em Bruxelas por motivos tão frívolos, Wulf? Me conhece tão pouco assim? – perguntou Morgan com altivez, virando a cabeça para olhar pela janela da carruagem.

– Parece que sim – admitiu ele. – Eu não esperava que você fosse ser tão ousada a ponto de dispensar uma acompanhante como se fosse um chapéu velho. No entanto, também não imaginei que sua acompanhante fosse abandoná-la. Tive uma conversinha com Lady Caddick sobre o assunto antes que ela partisse de Londres.

Morgan adoraria ter sido uma testemunha invisível daquele encontro em particular, que, sem dúvida, deixara a condessa se sentindo do tamanho de um verme.

Ela tentara várias vezes falar com o irmão sobre a bondade com que o conde de Rosthorn a tratara, mas Wulfric sempre ouvia sem comentar e logo mudava de assunto. Ele não conseguiria compreender, é claro, que as duas últimas semanas haviam sido completamente diferentes do normal, que as regras usuais de decoreba tinham se tornado irrelevantes no julgamento dela. Mas havia, e não era possível negar, a grande culpa em relação ao que acontecera entre ela e o conde naquela última noite em Bruxelas. Era difícil acreditar que qualquer um dos dois tivesse mesmo permitido que aquilo ocorresse.

– Você já conhecia o conde de Rosthorn? – perguntara Morgan a Wulfric em determinado momento da viagem.

– O bastante para saber que não é um acompanhante adequado para você – retrucara ele. – Acredito que essa estalagem da qual estamos nos aproximando é a que foi determinada para a nossa próxima troca de cavalos. Vou precisar de uma explicação para o fato de estarmos meia hora atrasados.

Nove anos antes, Wulf tinha 24 anos. Sem dúvida, conhecera o conde. E sem dúvida, também, sabia do escândalo que o mandara para um longo exílio. Morgan estava prestes a perguntar ao irmão sobre esses sórdidos eventos, mas ficou quieta. O conde de Rosthorn nunca dera a informação voluntariamente. Ela não tentaria agora arrancá-la de Wulfric, que já deixara clara sua hostilidade em relação ao homem.

Morgan sentia saudades dele. A despedida dos dois havia sido tão súbita, tão abrupta... O conde deixara um vazio na vida dela. Morgan se perguntava se ele apareceria, como dissera que faria, para pedir a mão dela ao irmão. Esperava que não. Mas quando ele simplesmente não apareceu, quando nem sequer fez uma visita para saber como ela estava, ou para oferecer suas condolências oficiais, Morgan ficou bastante desapontada, magoada mesmo.

Tentava não pensar nele. O conde não lhe devia nada, afinal – apesar de que o senso de honra dele talvez lhe dissesse o contrário. Na verdade, era exatamente o contrário. Era *ela* quem estava em débito com *ele*.

Freyja e Joshua ainda se encontravam em Londres – o Parlamento ainda estava em sessão. Mas não eram apenas as obrigações políticas de Joshua que os mantinham ali. Freyja havia acompanhado, em sua apresentação à sociedade, tanto Morgan como Lady Chastity Moore, prima e tutelada de Joshua, que estava morando na casa deles em Londres. A jovem ficara noiva, havia pouco tempo, do visconde de Meecham, e estava muito feliz com isso. Mas, mesmo sem esses outros compromissos, era provável que o casal tivesse atrasado sua volta a Penhallow, na Cornualha, para que Freyja pudesse consultar um médico renomado. Ela se encontrava nos primeiros meses de gravidez.

Aidan viera de Oxfordshire com Eve e os filhos adotivos, Davy e Becky. Rannulf e Judith vieram de Leicestershire, embora William, seu filho, tivesse apenas pouco mais de dois meses de vida. Todos acorreram em resposta imediata às cartas que Wulf lhes escrevera e mandara por um mensageiro especial.

Deveria ser muito reconfortante para Morgan estar cercada pela família. E, em vários sentidos, era mesmo. Mas Wulfric, depois de ter explicado os fatos básicos, estava mais reticente do que o normal e passava a maior parte do tempo na biblioteca. Assim, acabava recaindo sobre Morgan a responsabilidade de responder às inúmeras perguntas que todos faziam.

Era terrível testemunhar o sofrimento dos irmãos, em geral tão inabaláveis. Freyja manteve-se firme e animada, ao menos aparentemente, embora seu rosto parecesse uma máscara de

mármore, o que fazia com que Joshua permanecesse quase o tempo inteiro a seu lado, com linhas de preocupação marcando-lhe a expressão normalmente bem-humorada. Rannulf – o sincero e cordial Ralf – se retraiu quase por completo e passava a maior parte do dia no quarto das crianças, embalando o filho mesmo quando o menino estava dormindo. Aidan – o severo e austero ex-oficial de cavalaria – chorou enquanto abraçava Morgan com força, deixando escapar soluços altos e sofridos que tentou, em vão, engolir.

Havia um vazio terrível na família, uma ferida aberta no lugar antes ocupado por Alleyne.

Talvez o pior aspecto de toda aquela tragédia fosse não haver um corpo pelo qual prantear, para velar. Nada para enterrar e, assim, ter um túmulo onde deixar flores, para que as lembranças fossem se suavizando gradualmente, conforme o tempo passasse. Nenhum corpo – apenas o vazio.

Wulf organizou um serviço fúnebre que aconteceu no 11^o dia depois da volta de Morgan, na Igreja de St. George, na Hanover Square. Muitas pessoas compareceram. Morgan se sentou ao lado de Wulf, no primeiro banco, e teria segurado a mão dele se ele houvesse dado entrada para isso. Mas o irmão estava mais frio, mais distante do que nunca, como se congelado dentro de um enorme iceberg. Talvez apenas uma irmã conseguisse entender que ele *realmente* estava sofrendo. Mas compreender isso era de pouco consolo para Morgan. Aidan tinha Eve, Rannulf tinha Judith e Freyja tinha Joshua. Ela não tinha ninguém, e passou toda a cerimônia com as mãos cruzadas no colo, os olhos fixos nas mãos.

O conde de Rosthorn não apareceu. Morgan perdeu as esperanças de que isso fosse acontecer quando a cerimônia terminou e a maior parte das pessoas permaneceu do lado de fora da igreja, aguardando que a família Bedwyn fosse embora primeiro. O conde não estava em nenhum lugar à vista, embora ela o tivesse procurado. E também não apareceu na Casa Bedwyn, como quase todos os que estiveram na igreja, para tomar chá.

Talvez ele não estivesse em Londres, pensou Morgan. Talvez houvesse voltado para a Bélgica, ou para algum outro lugar no

continente – Paris, quem sabe. Ou podia estar no interior, na propriedade dele. Mas ela estava magoada com sua ausência. Mesmo sem contar aquela noite em Bruxelas, Morgan realmente pensara que eles eram amigos. Ele nem sequer escrevera. Não poderia ter escrito apenas para ela, é claro – não teria sido nada apropriado. Mas poderia ter enviado uma carta de condolências para toda a família.

Outras pessoas que Morgan preferiria não ter visto foram tomar chá na Casa Bedwyn depois da cerimônia. Os condes de Caddick apareceram com Rosamond. E o capitão Gordon foi junto, a aparência extremamente romântica com o uniforme completo – faltava-lhe apenas a bota de um dos pés, pois a perna ainda estava com a tala. O capitão andava com a ajuda de muletas, o valete segurando seu cotovelo, enquanto recebia olhares de admiração de vários dos presentes, na posição de herói e sobrevivente da Batalha de Waterloo.

Rosamond abraçou Morgan e relutou em soltá-la.

– Não me importo com o que os outros acham, Morgan – falou.
– Sempre digo a todos que estejam dispostos a ouvir como você foi corajosa. Sinto muito por lorde Alleyne.

Ela estava engasgada demais com o choro para dizer mais.

Já a mãe de Rosamond não sofreu esse impedimento.

– Fico encantada em saber que está a salvo e em casa novamente, Lady Morgan – disse ela, com uma nota de irritação na voz. – Foi bom para a senhorita ter voltado para casa trazendo notícias tão tristes, ou ousou dizer que Bewcastle teria deixado claro o desprazer que sentiu por sua desobediência e seu egoísmo em relação a mim, de um modo que a senhorita não apreciaria nem um pouco. A princípio, ele pareceu inclinado a culpar a *mim* por partir sem a senhorita, imagine uma coisa dessas. Mas acho que percebeu o erro que estava cometendo. Na verdade, não sei como não perceberia.

Morgan apenas ergueu as sobrancelhas, encarou a antiga acompanhante com um desdém silencioso e passou para outro grupo.

Ela teria preferido evitar o capitão Gordon, mas ele se interpôs em seu caminho e pediu que conversassem em particular. Morgan se sentou com o jovem em um canto da sala de visitas, um pouco afastados dos outros. Ela o perdoaria, pensou, mas seria necessário um esforço para conseguir pronunciar as palavras. Só o perdoaria porque o capitão não tinha mesmo nenhuma importância para ela.

Os hematomas no rosto dele haviam clareado e ele parecia tão belo como sempre. No entanto, continuava difícil acreditar que, por um instante, não fazia muito tempo, ela tivesse se sentido ligeiramente atraída por ele.

– Lady Morgan – disse o capitão –, espero sinceramente que me perdoe.

– Foram dias difíceis, capitão – retrucou ela. – Acho que nenhum de nós se comportou como deveria, ou como teria se comportado em circunstâncias normais. É melhor esquecer.

– A senhorita é muito generosa – comentou ele, visivelmente aliviado. – Eu estava prestes a lutar minha primeira batalha, entende, e não estava pensando ou falando de forma racional.

Prestes a lutar a batalha? Morgan franziu o cenho.

– Por que está pedindo perdão, capitão? – perguntou ela.

Ele ficou ruborizado e não a encarou quando falou:

– Achei que talvez pudesse ter criado expectativas que não deveria, que talvez houvesse dado alguma esperança quando não tinha a intenção de sugerir nada de natureza permanente.

Morgan se deu conta de que ele não se referia ao último encontro dos dois, do lado de fora da casa da Rue de Bellevue, mas a sua conversa no baile da duquesa de Richmond.

– Achou, lorde Gordon, que eu tivesse a esperança de estarmos comprometidos? – inquiriu Morgan, com a voz muito suave.

– E-eu... – Ele pareceu envergonhado.

– Pois eu não tinha – esclareceu ela. – Se o senhor houvesse sugerido diretamente um compromisso naquela ocasião, eu teria recusado. Qualquer pedido da minha mão deve, é claro, ser feito de maneira formal e correta. Eu *já* jamais, lorde Gordon, perderia a razão a ponto de me comprometer em um noivado clandestino com um

homem que não houvesse se dirigido primeiro ao duque de Bewcastle. No entanto, mesmo que o senhor *houvesse* agido dessa forma, e mesmo que ele *houvesse* dado sua aprovação, eu com certeza teria recusado o pedido.

O rosto do capitão ficou ainda mais vermelho.

– Sou um ótimo partido, Lady Morgan – comentou ele, irritado.
– Serei o conde de Caddick um dia.

– Não me importaria nem se viesse a se tornar príncipe de Gales – falou Morgan, levantando o queixo e olhando-o como se ele fosse algum espécime particularmente repulsivo. – O senhor não é um cavalheiro que eu julgaria merecedor da *minha* mão, capitão Gordon. Agradeço o fato de o senhor não estar pedindo perdão por seu comportamento na manhã em que partiu de Bruxelas. Em um momento de fraqueza, talvez eu o houvesse perdoado.

Ela se levantou.

– Mamãe está absolutamente certa a respeito da senhorita – disse ele, ferino. – Assim como todos.

– É mesmo? – desafiou Morgan, encarando-o com um de seus olhares mais frios.

– É arrogante demais, milady, para alguém cujo nome está sendo falado em todos os clubes e salas de visitas de Londres como o de uma mulher perdida – atacou o capitão. – Ou acha que não foi vista por toda Bruxelas de braço dado com o conde de Rosthorn e até mesmo *abraçando-o* em público na rua, ou sozinha em um navio com o braço dele nos ombros, a mão na sua, durante todo o caminho até Harwich? Até mesmo para uma Bedwyn, seu comportamento foi chocante demais para ser posto em palavras.

Ele soava como um garotinho vingativo revidando um insulto.

– E, mesmo assim – falou ela, olhando-o de cima a baixo com desdém –, o senhor encontrou palavras suficientes para ser bem eloquente, capitão. Meus parabéns.

Ela continuou a encará-lo friamente por mais algum tempo. Mas, por dentro, estava chocada. Seria mesmo verdade o que ele dissera? Haveria mesmo toda aquela *maledicência* em torno do nome dela? Porque permanecera em Bruxelas para cuidar dos feridos e para esperar notícias de Alleyne, e porque o conde de

Rosthorn fora gentil o bastante para olhar por ela e acompanhá-la por Bruxelas quando ela precisara relaxar um pouco? Porque ele fora gentil o bastante para acompanhá-la até a Inglaterra quando ela precisara voltar? Havia uma camareira com ela!

Quando eles tinham sido vistos abraçados? Morgan conseguia se lembrar de apenas uma ocasião, do lado de fora da casa da Sra. Clark, quando estava tão exausta de tanto trabalhar com os feridos que dormira no ombro dele por alguns minutos. Ela ficara no degrau acima do dele depois disso e o beijara.

Sempre havia pedestres naquela rua.

Deveria ter imaginado que haveria fofoca em Londres, é claro. Os Caddicks trariam muitas com eles. E aquelas outras coisas, tão sem importância durante aqueles dias em Bruxelas, teriam mesmo parecido chocantes para as pessoas na Inglaterra, que não haviam estado lá e não sabiam como tinha sido.

E ela não era inteiramente inocente, não é mesmo? Nada inocente, na verdade. Não havia por que se indignar.

O capitão Gordon deve ter ficado fora de si de medo por, de algum modo, ter se prendido a um compromisso com ela durante o baile da duquesa de Richmond, e por Morgan poder não estar disposta a liberá-lo do acordo. Ele não teria gostado nada de ter que claudicar – literal e figurativamente – através de um escândalo sórdido de braço dado com Morgan, um herói de guerra que vencera praticamente sozinho a Batalha de Waterloo. Morgan sorriu com um desprezo frio para ele e lhe deu as costas sem dizer mais nem uma palavra.

Fora por *isso* que o conde de Rosthorn não aparecera na Casa Bedwyn durante os últimos dez dias, ou na cerimônia fúnebre daquele dia?, se perguntou. Ele se afastara de Londres – talvez até mesmo da Inglaterra – por causa das fofocas? Isso seria terrivelmente injusto.

Mas se *houvesse* sido por isso, Morgan sabia que não deveria esperar vê-lo de novo algum dia. E essa era uma ideia deprimente. Ainda mais naquele dia em especial, em que ansiava tanto por isso, por ver mais uma vez aquele sorriso preguiçoso se acender nos olhos dele, por ouvir o atraente sotaque francês, por ouvi-lo chamá-

la de *chérie*. Morgan queria ter ao lado de si alguém que estivesse ali só por causa dela – um amigo querido. Mas como aquilo pareceu desprezível quando ela pensou... Não precisava dele. Não precisava de ninguém. Morgan endireitou os ombros e se juntou a outro grupo de pessoas.

Finalmente, todos partiram. O tio Rochester foi para casa com a tia, assim como Freyja e Joshua, que levaram Chastity e Iorde Meecham com eles. Aidan com Eve e Rannulf com Judith haviam subido para o quarto das crianças para verem os filhos. Morgan se sentiu muito solitária, apesar de toda a sua determinação – e apesar de ter recusado o convite de Joshua para passar aquela noite na casa deles, e o de Eve e Judith para subir até o quarto das crianças. Decidiu ir à biblioteca, para ficar com Wulfric. Não o perturbaria. Queria apenas se enrodilhar em uma das poltronas de couro daquele aposento e se sentir protegida pela mera companhia do irmão.

Não bateu na porta. Abriu-a sem fazer barulho, pois pretendia se esgueirar para dentro da biblioteca sem chamar atenção para si.

Wulfric encontrava-se parado diante da lareira apagada, com os olhos fixos na abertura onde era aceso o fogo, de costas para Morgan. Os ombros dele tremiam. Uma das mãos cerradas estava apoiada no console da lareira enorme, acima da cabeça dele. E ele chorava, abafando os soluços como fizera Aidan, alguns dias antes.

Morgan ficou observando a cena, horrorizada, por um instante em que não foi capaz de se mover.

Então fechou a porta ainda mais silenciosamente do que abrira e subiu correndo as escadas até o quarto.

Se Wulf estava chorando, o fim do mundo parecia mesmo próximo.

Ela se jogou de bruços na cama e agarrou as cobertas com força.

Alleyne estava morto.

Ele se fora para sempre.

Pela primeira vez desde aquela noite em Bruxelas, Morgan se entregou ao sofrimento pela perda do irmão.

CAPÍTULO XII



O sol estava finalmente atravessando as nuvens na tarde em que Gervase chegou em casa. O cascalho que pavimentava o caminho de entrada da construção – que seguia através da floresta e acima das colinas ondulantes do parque que cercava a Chácara Windrush – estava úmido, mas não encharcado. A água pingava das folhas e as gotas cintilavam na relva. Havia um intenso aroma de verde no ar.

Gervase se lembrou de como sempre amara Windrush, como sempre se sentira grato por ser o filho mais velho, que iria herdar a propriedade, enquanto seu irmão, Pierre, era o filho destinado à igreja. Aproximar-se de lá sempre o animara.

Mas haviam se passado nove anos desde que ele estivera ali pela última vez. Na época, seu pai ainda estava vivo e as duas irmãs moravam na casa. O próprio Gervase era um jovem despreocupado, ansioso por aproveitar os prazeres da cidade e a companhia de seus pares, mas ávido também por aprender tudo o que fosse necessário saber como herdeiro do pai. Ele era basicamente um rapaz feliz, calmo, cuja vida progredia com tranquilidade por um caminho mapeado desde a infância.

Então o desastre se abatera em uma série de eventos terríveis, que mais pareceram um pesadelo, sobre os quais ele parecera não ter qualquer controle.

Ele se sentiu como se estivesse indo reivindicar a vida de outra pessoa.

Em um dos lados da casa de tijolos vermelhos havia um grande jardim, com uma treliça em arco, trilhas de pedra e um banco de ferro fundido instalado sob um antigo salgueiro. Havia três mulheres no jardim, percebeu Gervase, ao se aproximar – duas delas estavam inclinadas sobre as flores, com grandes cestas nos braços para guardar os botões, e a terceira, que só observava as outras, tinha uma criança apoiada no quadril. Um homem achava-se sentado no banco.

Uma das mulheres endireitou o corpo ao ouvir o som dos cascos do cavalo de Gervase e levantou a aba do chapéu de palha. Então ela gritou, largou a cesta no chão e correu na direção dele, segurando a barra da saia com uma das mãos. Era miúda, ainda esguia como uma jovem, os cabelos ainda escuros. O rosto mostrava o enorme prazer que sentia em vê-lo.

– Gervase! – gritou ela. – Gervase, *mon fils*.

– *Maman!*

Ele a levantou nos braços, girou com ela e voltou a colocá-la no chão.

– Você está em casa. – Ela se afastou e levou a mão ligeiramente trêmula ao rosto do filho enquanto o devorava com os olhos. – Ah, meu menino amado, e está mais lindo do que nunca.

– Enquanto a senhora continua com a mesma idade, *maman* – disse Gervase com um sorriso. – Não passa de uma menina.

Não era exatamente verdade, é claro. Havia mechas prateadas nos cabelos dela, e linhas de expressão no rosto. Mas a mãe envelhecera bem em nove anos. Ainda era encantadora.

O homem se apressou atrás dela. Ele ainda era um garoto quando Gervase o vira pela última vez. Agora era um cavalheiro de óculos, vestido com roupas sóbrias, alto, esguio e calvo.

– Pierre?

Por um instante, pareceu que os dois irmãos se abraçariam. Mas ambos hesitaram e o momento passou. Gervase estendeu a mão e Pierre apertou-a.

– Gervase – disse ele. – É bom que tenha voltado para casa. Estou feliz. Permita-me apresentar minha esposa. Emma, minha querida, este é Rosthorn.

A jovem fez uma mesura. Seus cabelos eram castanhos e ela não tinha grandes atrativos. Gervase segurou sua mão e se inclinou.

– Sra. Ashford. É um prazer. E este é o filho de vocês?

A criança o encarou com belos olhos cinzentos. Havia um halo de cachos louros ao redor do rosto gorducho.

– Este é Jonathan, milorde – apresentou Emma.

– Jonathan.

Sobrinho dele. Gervase tinha mais um sobrinho e três sobrinhas, filhos das irmãs. A vida seguira adiante em nove anos, como se ele nunca houvesse existido.

– E aqui está Henrietta para cumprimentá-lo, Gervase – disse a mãe dele.

Henrietta era prima de segundo grau de Gervase e vivia com a família desde que seus pais morreram, deixando-a sob a responsabilidade do pai de Gervase. Ela estava mais ou menos com a mesma aparência que sempre tivera – pequena e robusta, os cabelos escuros, o rosto quadrado, nem feia, nem bonita. Nunca se casara. Devia estar com 27 ou 28 anos.

– Henrietta. – Ele sorriu e fez uma cortesia para ela.

– Gervase. – Ela também fez uma mesura, mas não sorriu.

Não fora uma recepção fria, pensou Gervase enquanto a mãe o pegava pelo braço e o levava na direção da casa e um cavaliço aparecia para cuidar do cavalo dele. Não havia sinal de hostilidade ou ressentimento da parte de nenhum deles. Mas havia um certo retraimento, um certo constrangimento, como se fossem todos desconhecidos – como, na verdade, eram.

Entre outras coisas, pensou Gervase, ele fora roubado de sua família. A proximidade que sempre caracterizara a relação entre eles voltaria em algum momento? Poderia ser recuperada? Ele sentiu a dura ausência do pai, que fora o seu grande herói.

Até que o pai o rejeitara. Completamente. Preferira escutar as mentiras e intrigas de outros a ouvir os protestos de inocência do filho que sempre alegara amar.

Fora uma terrível traição.
Pior do que a de Marianne.
Pior do que a de Bewcastle.
Fora devastador.



Durante os dias que se seguiram, havia criados com que se reunir e um capataz com quem falar – quase todos estranhos para ele. Tinha que inspecionar a fazenda e explorar o parque – ambos conhecidos, mas, de algum modo, totalmente diferentes. Precisava visitar arrendatários e receber os vizinhos – depois que a notícia de sua volta se espalhou, as pessoas começaram a aparecer para cumprimentá-lo. Se sabiam o motivo da rápida partida dele para o continente e de sua demora em voltar, nada foi mencionado. Na verdade, um ou dois pareceram presumir que ele fora morar por algum tempo com parentes da mãe. Quase todos eram familiares a Gervase, e mesmo assim era como se fossem desconhecidos.

Ele se sentia desconfortável e pouco à vontade na própria casa. Sempre que pensara em voltar, imaginara que tudo e todos fossem estar exatamente como os havia deixado. Pensara que ele mesmo voltaria a ser como era antes.

Mas tudo mudara, ele mais do que tudo.

E Gervase se ressentia disso. Muito. Porém, depois de alguns dias, percebeu que não poderia simplesmente voltar para o continente e continuar com a vida perdulária que tivera nos últimos anos. Como voltara para casa, não conseguiria retornar àquela rotina. Era, naquele momento, um homem no limbo, que não pertencia a ninguém ou a lugar algum.

Não que houvesse alguma razão concreta para reclamar. A mãe era bastante devotada a ele.

Certa manhã, Gervase perguntou-lhe pelos vizinhos que estavam ausentes. Várias famílias encontravam-se em Londres,

para a temporada social. Na verdade, Gervase escapara por pouco de encontrar a casa vazia. A mãe e Henrietta planejavam partir para Londres também em poucos dias, para fazer algumas compras, ir ao teatro e, talvez, comparecer a alguns eventos selecionados da aristocracia.

A mãe o encheu de histórias sobre os vizinhos, atualizando-o sobre o que perdera naqueles anos. Ele percebeu que houve algumas mudanças significativas, muito poucas perdas nas famílias, muito poucas novidades.

– E o marquês de Paysley? – perguntou Gervase. – Ele tem vindo muito a Winchholme nos últimos tempos, *maman*?

Esperava que o homem não estivesse lá naquele momento. Haveria todo um dilema para decidir se ele deveria ir fazer uma visita ou não. Mas Winchholme era uma das menores propriedades do marquês. Ele nunca passava muito tempo ali.

– Ah, mas o marquês de quem você se lembra morreu há algum tempo, Gervase – contou a mãe, afastando-se um pouco para o lado para que o mordomo pudesse lhe servir uma segunda xícara de café. – Não lhe contei isso em uma das minhas cartas, *mon fils*?

Ela dirigiu um rápido sorriso ao filho, mas logo voltou a se concentrar em mexer o açúcar na bebida.

– Não – respondeu Gervase.

A mãe sabia que não havia contado, é claro. Não era algo que ela teria mencionado.

– O novo marquês não é proprietário de Winchholme – continuou ela. – Não foi passada automaticamente como herança para ele. O antigo marquês a deixou para a filha, em testamento.

Gervase encarou a mãe, muito sério. O marquês tivera uma única filha.

– Para Marianne? – perguntou. – E ela mora lá?

– Sim, mora – respondeu a mãe. – Talvez você devesse ir até lá e conversar com ela. Seria muito desagradável para vocês ficarem se evitando pelo resto da vida, quando moram a poucos quilômetros de distância um do outro, não é mesmo? Tudo aconteceu há tanto tempo...

Gervase encarou a mãe, em silêncio. Sim, fazia muito tempo, era verdade – tempo que ele passara todo no exílio. A mãe esperava mesmo que ele pudesse perdoar e esquecer, deixar tudo para trás? Gervase conhecera Marianne ainda criança. As irmãs dele e Henrietta brincavam com ela. E ele também, de vez em quando. Então ela o traíra da forma mais terrível.

– Henrietta e ela ainda são amigas – continuou a mãe, quando ficou óbvio que o filho não faria nenhum comentário. – Você não pode ignorar inteiramente a existência de Marianne.

– Quem é o marido dela? – indagou Gervase.

– Ela nunca se casou. Linda como é, nunca encontrou um homem que a agradasse. Prometa-me que vai visitá-la.

– Não! – exclamou Gervase, com mais rispidez do que pretendia. – Não, eu não farei isso, *maman*. Não consigo pensar em Marianne com o mínimo de gentileza.

Na verdade, magoava-o ver que a mãe aceitava Marianne como vizinha com tamanha complacência, e que não desencorajara a amizade entre ela e Henrietta. E também o magoava saber que a prima não rompera com a antiga amiga. Ninguém se importava com o fato de ele ter sido privado da própria vida quase como alguém que leva um tiro no coração? O que haviam imaginado, que ele estava se *divertindo* no continente?

Mas mesmo nos recônditos de sua mente, aquelas reclamações começavam a soar a Gervase como uma autopiedade irritante. Ele se levantou, beijou a mão da mãe e pediu licença para ir cuidar dos negócios do dia.

A antiga vida se fora, jamais seria recuperada. Os anos dele de vagar pelo mundo, os tempos de esbanjamento haviam passado. Estava na hora de criar uma nova vida para si mesmo. E aquela nova fase, é claro, envolveria uma viagem a Londres em um futuro próximo. Ele só não sabia exatamente quando.

Gervase estava em casa havia uma semana quando Horace Blake foi visitá-lo. Blake era um dos vizinhos que estavam em Londres quando ele chegara, e tinha voltado na véspera. Era alguns anos mais velho do que Gervase, mas mesmo assim os dois se davam bem antes do exílio do conde. Agora, eles trocaram um

aperto de mãos e se acomodaram na biblioteca, um de cada lado da lareira, cada qual com uma bebida na mão.

– Ora, Rosthorn, pelo que ouvi dizer, você continua o mesmo demônio de sempre – comentou Blake com um sorriso, depois de falarem um pouco sobre amenidades.

Gervase ergueu as sobrancelhas. Nunca fora exatamente um demônio.

– Você é o assunto de Londres – continuou o amigo. – Há até apostas em todos os clubes sobre se você vai pedi-la em casamento ou não... e se Bewcastle aceitará o pedido mesmo que você o faça. Houve algum tipo de altercação com ele antes de você ir embora, não houve?

Ah. *Acontecera*, então, certo? Eles não tinham escapado das línguas ferinas da aristocracia.

– Pode-se dizer que sim – retrucou Gervase. – Presumo que esteja se referindo a Lady Morgan Bedwyn, Blake. Eu tive a honra de acompanhá-la em sua volta de Bruxelas até a Inglaterra. Ela precisava retornar rápido ao país, pois trazia a notícia da morte de um dos irmãos.

– Ah, sim – disse Blake. – Lorde Alleyne Bedwyn. Uma tragédia. Pobre rapaz. Haverá uma grande cerimônia fúnebre na Igreja de St. George, na Hanover Square, daqui a alguns dias. É bom que Lady Morgan tenha a desculpa do luto para ficar em casa até essa história estar terminada. Você realmente dançou sozinho com ela no meio de uma floresta à noite, Rosthorn? Manteve-a em sua companhia quando os Caddicks deveriam tê-la trazido de volta para a Inglaterra? Beijou-a no meio de uma rua de Bruxelas? Ficou sozinho com ela no deque do navio, com o braço passado sobre os ombros da moça? E então abandonou-a assim que pisou em solo inglês? Ela terá sorte se Bewcastle não deixá-la trancada em casa pelas próximas duas décadas, a pão e água.

Blake parecia estar achando a ideia divertida, e riu enquanto abaixava os olhos para o copo, girava a bebida e acabava de sorvê-la em um só gole.

Era tudo tão sensacional quanto Gervase imaginara que seria – talvez ainda mais. Dançar sozinho com ela no meio da floresta...

realmente! Beijá-la no meio da rua! Levá-la com ele...

Então ele se perguntou quanto Lady Morgan deveria estar sofrendo com o escândalo. Seu palpite era de que ela estaria desdenhando de tudo aquilo, mantendo o queixo erguido, as sobrancelhas arqueadas com arrogância, desafiando a situação a ficar ainda pior. Mas, é claro, a jovem precisava lidar com Bewcastle agora, e aquele cavalheiro não era nada divertido.

Gervase mudou de assunto e a visita continuou por mais meia hora antes que ele acompanhasse o convidado até os portões do parque, a cavalo. Então voltou sozinho para casa, perdido em pensamentos.

Estava na hora, percebeu.

Deixou a montaria com um cavaleiro nos estábulos e apressou o passo para chegar em casa. Subiu dois degraus de cada vez e encontrou a mãe sozinha em sua sala íntima, como esperava. Ela deixou de lado o bordado em que trabalhava e sorriu com carinho para o filho.

– *Maman* – disse Gervase. – Acho que a senhora deveria retomar seu plano de passar uma semana fazendo compras e socializando em Londres. Levará um ou dois dias para que a Casa Pickford esteja preparada para recebê-la, mas posso mandar uma mensagem para que comecem a arrumá-la imediatamente. Quando a senhora e Henrietta estariam prontas para partir? Daqui a três dias?

A mãe se levantou de um pulo, as mãos no peito, os olhos brilhando.

– E você também irá, *mon fils*? – perguntou. – Nunca me senti mais feliz na vida! Serei vista em Londres de braço dado com o cavalheiro mais lindo da cidade.



Gervase apareceu na Casa Bedwyn no dia seguinte à cerimônia fúnebre em memória de lorde Alleyne Bedwyn. Bateu a aldrava de bronze contra a porta, pediu que o mordomo o anunciasse especificamente ao duque de Bewcastle e esperou no saguão.

A casa estava silenciosa. Durante os cinco minutos em que esperou – ou em que foi mantido esperando –, não viu sinal de ninguém à exceção do criado de libré que se manteve parado, em silêncio, de guarda. Então o mordomo retornou, acenou regamente com a cabeça e convidou lorde Rosthorn a acompanhá-lo. O homem abriu caminho até uma biblioteca no primeiro piso, um cômodo de decoração masculina, com suas quatro paredes cobertas de estantes do chão ao teto, uma escrivaninha grande de carvalho, com o topo forrado em couro, que ocupava a extremidade oposta à porta, poltronas de couro e um sofá, dispostos perto da lareira alta de mármore.

Bewcastle estava sentado atrás da escrivaninha. Ele não se levantou quando Gervase atravessou o cômodo, mas ficou observando cada passo do visitante com os olhos cor de prata velados. A biblioteca fora arrumada daquela forma de propósito, pensou Gervase, de modo que os criados ou membros da família chamados ali para responder a algum malfeito, pessoas que aparecessem para fazer pedidos ou ainda visitantes indesejados sentissem que não tinham nenhum poder ali dentro, conforme se aproximavam da augusta presença do homem que, ao contrário, era a autoridade em pessoa.

Gervase supôs que se encaixava na categoria de visitante indesejado. Conforme se aproximava, foi forte a tentação de abaixar os olhos para o tapete persa sob seus pés, mas ele os fixou no antigo amigo. Não se acovardaria antes de ao menos pronunciar uma palavra.

– Bewcastle – disse ele rapidamente, acenando com a cabeça.

– Rosthorn. – A mão do duque envolveu o cabo do monóculo que ele trazia pendurado no pescoço em uma fita preta de seda. – Sem dúvida, você me explicará o propósito desta visita.

Ele não convidou o visitante a se sentar. Era, é claro, um artifício deliberado para fazer com que Gervase se sentisse menor e

também indesejado. Gervase demonstrou que havia compreendido o ardil dando um meio sorriso.

– Você tem andado ocupado com o luto pelo seu irmão nas últimas semanas – falou. – Mesmo assim, duvido que tenha lhe escapado que Lady Morgan Bedwyn se tornou alvo de uma terrível fofoca.

– Há poucas coisas referentes à minha família que me escapam – retrucou Bewcastle. – Se veio até aqui para me informar sobre os temas atuais de conversa nas salas de visita de Londres, pode se poupar o trabalho. Desejo-lhe um bom dia.

Gervase riu e apoiou as mãos na escrivaninha. Ele já invejara o modo frio e aparentemente sem esforço com que Bewcastle exercia o poder e presumia estar acima de todos os que cruzavam seu caminho. Já quisera ser como o duque e até tentara imitá-lo. Na época, era como um cãozinho tolo observando o outro homem. Eles nunca haviam sido amigos íntimos. Gervase sempre fora o rapaz muito jovem que ainda não descobrira suas forças e fraquezas, a própria identidade, e que ficava fascinado pelo outro, mais velho. Mas agora ele não se permitiria mais ser intimidado por alguém que, no fundo, não passava de um homem comum.

– A fofoca diz respeito à sua irmã e a *mim* – continuou Gervase. – Passei algum tempo na companhia de Lady Morgan em Bruxelas, primeiro porque frequentávamos os mesmos círculos sociais, depois porque ela foi abandonada tanto pela acompanhante quanto pela camareira, e precisava da proteção de alguém que pudesse garantir sua segurança.

– Garantir a segurança dela – repetiu Bewcastle em um tom muito suave. – Você?

– Eu a acompanhei de volta à Inglaterra porque ela precisava vir, e porque não havia mais ninguém para trazê-la – disse Gervase.

– Sim, por algumas semanas estive com ela com frequência suficiente para alimentar as línguas maledicentes de quem se deleita com essas aparentes indiscrições.

– Devo, então, lhe agradecer por ter tomado conta de Lady Morgan e pela fofoca a que a expôs? – perguntou Bewcastle, erguendo a sobrancelha com arrogância. – Você vai ter que esperar

muito tempo por esse agradecimento, Rosthorn. Sem dúvida, Sir Charles Stuart cuidaria de Lady Morgan se você não assumisse a tarefa. E ele o teria feito de forma muito mais adequada.

Por estranho que parecesse, Gervase não pensara nessa possibilidade, na época. Mas era verdade. Afinal, Lady Morgan era irmã de um integrante da equipe de Sir Charles Stuart. E também era irmã de um duque. Ele deu um sorriso um tanto melancólico.

– O passado, é claro, não pode ser mudado – disse Gervase. – Estou aqui para pedir a mão de Lady Morgan em casamento, para combinar um acordo de matrimônio com você e para conversar sobre meu pedido com a dama em questão.

Nove anos antes, Gervase se perguntara se a bela e austera fachada de Bewcastle guardava um coração ou se em suas artérias e veias corria água gelada no lugar de sangue. Voltou a pensar a mesma coisa naquele momento em que estava sendo alvo de um olhar muito frio e inexpressivo. O duque ergueu o monóculo a meio caminho dos olhos.

– Lady Morgan Bedwyn não será sacrificada no altar das maledicências, Rosthorn – disse ele em voz baixa, quebrando o longo silêncio que se seguiu. – Nem irá, *sob qualquer circunstância*, ser sacrificada a você.

Gervase endireitou o corpo e cerrou os lábios.

– Talvez a dama tenha outra opinião sobre o assunto – falou.

– A dama não será consultada – retrucou o conde. – Tenha um bom dia, Rosthorn.

Gervase não se moveu. Bewcastle devia se irritar até mesmo por se ver obrigado a recebê-lo. Como devia atormentá-lo saber que a irmã era alvo de uma onda de fofocas que ligava o nome dela ao de Rosthorn. Por um momento, Gervase saboreou a própria satisfação e brincou com a leve tentação de desferir o golpe de misericórdia.

Eu me deitei com ela. Sua irmã já mencionou isso, Bewcastle? Não? Ah, então talvez você queira reconsiderar sua decisão.

Mas ele não estava preparado para ir tão longe. Lady Morgan não merecia isso. Ninguém jamais saberia daquele fato por ele.

– Você não se preocupa com a mancha na reputação de sua irmã? – perguntou. – Não leva em consideração que está sendo oferecida a ela uma chance de silenciar as línguas maledicentes? Ou que o pedido de casamento é adequado, mesmo para uma dama de posição social tão elevada quanto Lady Morgan? Ou que ela poderia querer considerar a proposta?

– Lady Morgan Bedwyn está sob minha tutela – respondeu Bewcastle, o monóculo agora no olho, observando o visitante. – E assim permanecerá pelos próximos dois anos e meio. Eu lhe desejo novamente um bom dia, Rosthorn.

– Durante o tempo que convivi com sua irmã, tive a forte impressão de que ela pensa com a própria cabeça – observou Gervase. – Gostaria de ouvir a opinião de Lady Morgan sobre meu pedido. Ela pode muito bem rejeitá-lo. Na verdade, me disse que faria isso quando a informei de que falaria com você a respeito, quando voltássemos à Inglaterra. Mas eu gostaria que ela tivesse a oportunidade de decidir por si mesma.

– Até Lady Morgan alcançar a maioridade – disse Bewcastle, estendendo a mão para a corda que pendia de um sino e puxando-a –, é minha responsabilidade decidir quais pedidos de casamento, e já houve vários, eu acredito que ela deva considerar. E o seu eu *não* acho que ela deva considerar. Fleming. – Ele olhou por cima do ombro de Gervase. – O conde de Rosthorn está de saída. Leve-o até a porta.

Gervase assentiu e deu um meio sorriso para o duque antes de se virar e se retirar da biblioteca a passos largos, passando pelo mordomo, que permaneceu parado a um lado da porta. Não havia sinal de mais ninguém no saguão. Gervase se perguntou se Lady Morgan seria informada da visita dele e do pedido de casamento. Imaginava que não.

Colocou o chapéu na cabeça, calçou as luvas, saiu e aguardou enquanto o criado que acabara de contratar trazia sua pequena carruagem nova que deixara parada em um canto, à beira da calçada gramada, no centro da praça.

Agora deveria pensar em seu próximo movimento.

Não precisava haver um próximo movimento, é claro. Bewcastle ficara irritado e encontraria um modo de lidar com o escândalo que ainda era o assunto das salas de visita de Londres. Ele recusara um pedido de casamento para a irmã. Assim como ela, pois Lady Morgan fora bastante firme a respeito do assunto quando Gervase o mencionara em Bruxelas.

Mas a história não estava terminada, pensou enquanto se acomodava no assento alto da carruagem e pegava as rédeas dos cavalos.

Não com Bewcastle.

E muito menos com a própria Lady Morgan Bedwyn.

CAPÍTULO XIII



Judith e Rannulf estavam planejando voltar para casa, em Leicestershire, e convidaram Morgan a ir com eles. A perspectiva atraiu a jovem por várias razões. Ela veria a avó, com quem o casal morava. Poderia passar mais tempo com William, o bebê, que adorava. E se afastaria de vez dos eventos da temporada social, já que não compareceria mesmo à maior parte deles por estar de luto. Não que *quisesse* comparecer. Até era verdade que a primeira temporada da qual participara fora bem menos tediosa do que ela imaginara, mas Morgan estava pronta para deixá-la para trás.

Um único fato isolado, no entanto, a fez decidir ficar em Londres até o amargo fim, até Wulfric estar pronto para voltar a Lindsey Hall para passar o verão. Esse fato foi a descoberta de que o capitão Gordon falara a verdade e realmente havia uma avalanche de fofocas sobre ela e o conde de Rosthorn. A opinião geral parecia ser mesmo a de que Morgan caíra em desgraça e que deveria se afastar do convívio social e esconder sua vergonha, já que o homem que a arruinara não se oferecera para restaurar sua reputação correndo com ela para o altar.

Morgan descobrira essa informação repulsiva durante o chá na casa de Freyja e Joshua, no dia seguinte ao serviço fúnebre. Ela perguntara e os membros da família presentes – Wulfric não estava – confirmaram. Todos haviam escondido isso dela porque Morgan

estava abalada pela morte de Alleyne e não precisava de mais aborrecimentos.

A verdade era que ela provocara aquilo, agitando uma bandeira vermelha na frente do touro.

Não deixaria Londres e também não evitaria o convívio social apenas porque todos esperavam que fizesse exatamente isso. E a família de Morgan, é claro – com a costumeira exceção de Wulfric, que nem sequer sabia a respeito –, aplaudiu a decisão da jovem.

E, assim, a jovem foi cavalgar com todos eles no Hyde Park, na manhã seguinte. Lady Chastity Moore e o visconde de Meecham também faziam parte do grupo. Era um dia lindo e Morgan precisava se exercitar depois de ter se entregado a um atípico período sedentário nas últimas duas semanas. No entanto, mais do que um lugar para se exercitar, Rotten Row era o lugar da moda para cavalgadas matinais e, portanto, o local perfeito para aparecer com sua expressão mais desafiadora. Também era um lugar ao qual mesmo as pessoas de luto podiam ir.

Morgan manteve um semblante orgulhoso enquanto cavalgava com seu grupo pela pista, encarando todos os que passavam e inclinando a cabeça em cumprimento a todas as pessoas que conhecia. Ninguém fingiu não vê-la, percebeu a jovem com interesse. Mas, também, ela era Lady Morgan Bedwyn e estava cavalgando com pessoas extremamente respeitáveis. Quem passava por eles poderia dirigir um cumprimento geral ao grupo e fingir que nem sequer havia notado a presença dela.

Não era bom o bastante.

– Quem quer apostar corrida comigo até o fim do Row? – perguntou.

– Você tirou as palavras da minha boca, Morg – disse Freyja.

– Se eu a proibisse de fazer isso por causa do estado em que se encontra, meu bem – disse Joshua com um suspiro exagerado –, suponho que você se sentiria obrigada a cavalgar até o outro extremo e voltar. Sim, foi o que imaginei.

Freyja dirigiu seu olhar mais altivo para o marido – e tinha a óbvia vantagem do nariz proeminente dos Bedwyns acima do qual olhá-lo.

As duas então partiram no mesmo instante. Morgan inclinou o tronco por cima do pescoço do cavalo e sentiu toda a empolgação provocada pela velocidade e pelo perigo em potencial. Não que Rotten Row fosse assim tão perigoso, é claro. A pista era mantida em condições impecáveis. Os Bedwyns, que cavalgavam de forma destemida, estavam acostumados a circunstâncias muito piores em seus frequentes galopes no campo. Mas era *tão* bom estar novamente ao ar livre!

Elas seguiram ao longo do Row, quase pescoço a pescoço durante todo o caminho, até que Freyja assumiu a dianteira quando se aproximaram dos portões de Hyde Park Corner e venceu a disputa por uma cabeça de vantagem. Ambas estavam rindo quando puxaram as rédeas das montarias.

Um pequeno grupo de cavaleiros entrava no parque a cavalo, pelos portões perto dali. Morgan olhou na direção deles e ergueu o queixo, para forçá-los a decidir entre reconhecer sua presença e ignorá-la de maneira franca. Mas seus olhos acabaram pousando em um dos cavaleiros e se fixaram nele. O homem também a encarava, com um sorriso indolente no olhar, e parecia tão adoravelmente familiar que Morgan quase esqueceu por um instante que estava aborrecida com ele.

Lorde Rosthorn se afastou do grupo e guiou o cavalo até ela.

– Lady Morgan – cumprimentou, tirando o chapéu e inclinando a cabeça em uma medida.

– Lorde Rosthorn.

Ela estava ofegante daquela forma por causa da corrida, disse a si mesma.

Freyja subitamente ficou muito atenta e erizada.

– Freyja – disse Morgan, virando-se para a irmã com os olhos brilhando. – Esse é o conde de Rosthorn. Milorde, apresento-lhe minha irmã, a marquesa de Hallmere.

Gervase voltou a inclinar a cabeça num cumprimento e Freyja fez o mesmo, com uma altivez rígida.

– Não sabia que o senhor estava na cidade – comentou Morgan.

– Ah, sim, estou – disse ele. – Cheguei de Windrush anteontem.

No dia da cerimônia fúnebre. Aquilo explicava por que ele não estivera presente, então – e por que não aparecera para uma visita nas duas semanas anteriores. De qualquer forma, já estava na cidade havia dois dias. Morgan lamentou ter sorrido para ele com tanto entusiasmo um momento antes.

– Acredito que esteja tudo bem em sua casa, com sua família – falou ela, com uma atitude mais ativa.

– Sim, na verdade, está.

Ele tinha um ar sorridente, como se os dois compartilhassem uma brincadeira particular, e Morgan se lembrou da primeira vez que haviam se encontrado, quando concluía que ele não passava de um libertino.

O resto do grupo de Morgan os alcançou e ela fez as apresentações. Os homens todos ficaram agitados, é claro, como Morgan teria esperado – *aquele*, afinal, era o homem que causara todas as fofocas nas quais ela estava envolvida. Eve foi calorosa e gentil – também como era esperado. Judith e Chastity foram educadas. Lorde Rosthorn foi encantador.

Os cavalheiros com quem ele viera agora já estavam bem distantes ao longo do Row e o próprio grupo de Morgan não tinha mais o que fazer a não ser voltar pelo caminho por onde tinha vindo. O conde se posicionou ao lado de Morgan enquanto eles seguiam, a família dela formando um poderoso anel de proteção em torno dos dois. Foi só então que Morgan se deu conta de que o encontro deles estava provocando um interesse considerável nas outras pessoas a cavalo, que, sem dúvida, se sentiam encantadas com a possibilidade de contar a cena pelas salas de visita londrinas ao longo daquele dia.

Havia a possibilidade de uma conversa quase particular entre os dois.

– *Chérie* – disse o conde em voz baixa –, senti saudades de mim?

– *Saudades* do senhor? – Sim, mais do que admitira para si mesma. Vê-lo novamente estava deixando-a atordoada, fazendo-a... *lembrar*. O conde estava com uma bela aparência, atraente, viril. Parecia um amigo querido da família. Mas a sensação que lhe

provocava era a de estar encontrando um amante há muito perdido. O ar entre os dois parecia palpável. – Tenho andado muito ocupada com outras questões para ter tempo de lhe conceder mais do que um rápido pensamento, lorde Rosthorn.

– Ah. – Ele levou a mão à altura do coração. – Assim me magoa. *Eu* senti saudades da senhorita.

Morgan o encarou com uma expressão arrogante e desconfiada. Ele voltara a flertar com ela, a provocá-la, como se tudo o que acontecera desde o malfadado piquenique na floresta de Soignes simplesmente não houvesse acontecido.

– É mesmo? – perguntou ela, a voz fria, até mesmo um pouco entediada. – Voltou para Londres anteontem, lorde Rosthorn? Imagino que eu estivesse ausente quando apareceu ontem na Casa Bedwyn, então.

– Acho que estava, *chérie* – retrucou ele. – Sem dúvida, não a vi por lá, mesmo tendo esperado por cinco minutos antes que seu irmão me recebesse na biblioteca.

Ela esqueceu toda a arrogância e o encarou com espanto visível.

– Esteve com *Wulfric* ontem?

Exatamente como ele dissera em Bruxelas que faria? Para *pedi-la em casamento*?

– Estive. Mas, infelizmente, ele fez com que aquele mordomo pomposo me colocasse para fora pela orelha. Ou teria feito isso se eu não houvesse fugido, apavorado, antes que o homem tivesse a chance de arregaçar as mangas. Bewcastle não permitiu nem que eu me dirigisse à senhorita, *chérie*.

– Não? – As narinas de Morgan se dilataram de raiva e ela esqueceu completamente que *não queria* que ele a procurasse. – E ele explicou o motivo? É porque o culpa por toda essa maledicência idiota, imagino.

– Talvez. – O conde sorriu para ela. – E talvez seja porque minha reputação foi de algum modo abalada, antes mesmo de eu envolvê-la em um escândalo.

– Que tolice tudo isso – comentou Morgan, olhando ao redor e se dando conta de que eles estavam em um lugar público e que

havam cavalgado por quase toda a extensão de Rotten Row. – Tudo isso.

– Me preocupo com a mancha em sua reputação, *chérie* – disse ele. – Eu a resgataria, se pudesse.

– Isso é tolice – repetiu ela. – Nenhuma dessas pessoas sabe como o senhor foi meu amigo em Bruxelas.

– E mais do que isso também, *ma petite* – lembrou ele, abaixando a voz.

– Seria melhor se esquecêssemos isso, lorde Rosthorn.

– Ah, está pedindo o impossível, não é?

Foi um alívio ver que haviam chegado ao fim do Row. Os poucos minutos de relativa privacidade dos dois tinham acabado. Rannulf encarava o conde abertamente e Aidan se aproximou de Morgan. Os companheiros de lorde Rosthorn aguardavam a uma curta distância.

Ele se dirigiu a Freyja.

– Lady Hallmere, talvez concorde com minha mãe em que, com frequência, o ataque é a melhor defesa contra o escândalo e as fofocas. Ela ficaria encantada em recebê-la para o chá amanhã à tarde, com Lady Morgan e Lady Chastity. E também com Lady Aidan e Lady Rannulf. Acredito que conheça minha mãe. Estou certo, madame?

Freyja o encarou com um olhar avaliador.

– Sim, conheço. E, por mais desprezo que eu sinta por fofocas, concordo com ela nesse caso específico. Morgan tem apenas 18 anos e foi apresentada à sociedade recentemente, como tenho certeza que sabe, lorde Rosthorn. Iremos à Casa Pickford amanhã, para o chá.

– Eu também irei – disse Eve. – Por favor, agradeça à condessa de Rosthorn pelo convite tão gentil, milorde.

– Rannulf e eu voltaremos para Leicestershire amanhã – avisou Judith. – Por favor, peça desculpas por mim à sua mãe, lorde Rosthorn.

Morgan manteve-se em silêncio.

– Vou seguir meu caminho, então. Desejo a todos um bom dia – disse Gervase, acenando com simpatia para todo o grupo. – Até

logo, Lady Morgan.

Ele tocou a ponta da aba do chapéu e se juntou aos amigos sem olhar para trás.

Por que Wulf lhe negara o pedido da mão dela?, pensou Morgan. Ele era, afinal, o conde de Rosthorn. Não era um João-ninguém. E *havia mesmo* aquele escândalo idiota cercando os dois.

– Vamos passar o resto da manhã parados aqui olhando o conde de Rosthorn se afastar? – perguntou Freyja.

– Ele esteve com Wulf ontem – contou Morgan, ainda observando Gervase. – E pediu a minha mão em casamento, mas Wulf recusou.

Sobre *aquilo* todos os Bedwyns tinham algo a dizer, é claro.

– Ele acaba de subir em minha estima, então – opinou Rannulf.

– Rosthorn ou Wulfric? – perguntou Joshua.

– E Wulf nem sequer *comentou* com você, Morg? Típico dele – disse Freyja em um tom zombeteiro.

Eve sorriu.

– Ele é muito charmoso.

– Adoro o sotaque francês – acrescentou Chastity.

– Ele é mesmo muito bonito, não é? – falou Judith, dando um sorriso travesso na direção de Rannulf.

– É velho demais para Morgan – observou Rannulf, com firmeza. – Ele não a agrada, não é mesmo, Morg?

– Você não entende – respondeu Morgan. – *Ninguém* entende. Ele foi... é meu amigo.

Mesmo assim, ela não conseguia afastar da memória o modo forte e apaixonado como buscara conforto nos aposentos dele naquela noite, e a intensidade com que lorde Rosthorn oferecera aquele conforto. Não era romance, ternura ou amor – ou mesmo amizade. Mas havia *alguma coisa*, e ela não podia simplesmente ignorar isso. Fora apenas quando sua menstruação descera, uma semana antes, que Morgan se dera conta de que poderia ter engravidado durante o encontro íntimo dos dois. *Nesse caso*, a vida dela teria sido transformada para sempre.

Por mais absurdo que pudesse parecer, Morgan se sentia à beira das lágrimas.

– Cavalgue comigo novamente pelo Row, Morgan – sugeriu Aidan –, e me conte mais sobre o tempo que passou em Bruxelas. Me conte por que Rosthorn é seu amigo.

– Você vai me *ouvir*? – perguntou ela, irritada.

Ninguém jamais ouvia, ainda mais quando quem falava tinha 18 anos.

Mas ela fora injusta com Aidan. Ele sempre fora rígido, até mesmo severo, em seu comportamento. Quase nunca sorria, mesmo agora que encontrara Eve e tinha um casamento feliz com ela. Morgan não convivera muito com ele quando era mais nova, porque o irmão estava sempre longe, com o regimento do qual fazia parte, lutando contra os franceses. Mas ela sempre o adorara, talvez mais do que aos outros. Sempre que Aidan ia para casa, ele fazia questão de passar algum tempo com ela, acompanhando-a nas atividades de que Morgan gostava, como pintar ao ar livre sem a presença intrusiva da governanta pairando acima de cada pincelada. E ele sempre a ouvia, tratando-a como uma pessoa de verdade, e não uma irmã mais nova que só o atrapalhava.



Gervase voltou para casa para tomar o café da manhã em vez de ir ao White's Club, como havia planejado. A mãe dele e Henrietta já se encontravam à mesa. Ele beijou o rosto da mãe e apertou o ombro da prima antes de se sentar e permitir que o mordomo lhe preparasse um prato.

– A senhora receberá algumas damas amanhã para o chá, *maman* – avisou Gervase, depois de trocar algumas amabilidades com as duas mulheres.

– Receberei, *mon fils*? E saberei com antecedência quem são?

– A marquesa de Hallmere com a irmã, Lady Morgan Bedwyn, a cunhada, Lady Aidan Bedwyn, e uma prima, Lady Chastity Moore – disse ele.

– Ah, um grupo formidável de damas, Gervase – comentou a mãe. – E acredito que uma delas seja a dama a quem seu nome tem sido vinculado de forma nada lisonjeira, certo?

– A senhora ouviu as maledicências, então? – perguntou ele, cortando um pedaço de linguiça. – É lamentável. Tive a honra de oferecer proteção à dama quando ela permaneceu em Bruxelas após o retorno da acompanhante que lhe fora designada. Lady Morgan ficou cuidando dos feridos e aguardando notícias do irmão, depois que ele partiu para o front durante a Batalha de Waterloo, para entregar uma carta urgente ao duque de Wellington, e não retornou. Tive a honra de acompanhá-la, junto a uma camareira, de volta à Inglaterra, depois que a jovem recebeu o comunicado de que o lorde Alleyne Bedwyn estava morto.

– Ainda assim, as fofocas são ferinas – observou a mãe. – Ninguém diria nada a *mim*, é claro, mas Henrietta teve acesso a todos os sórdidos detalhes no concerto da Sra. Ertman ontem à noite, não é mesmo, *ma chérie*?

– Eu jamais acreditaria que você agiu de forma desonrosa, Gervase – adiantou a prima. – E o defendi da melhor forma que pude, mesmo sem saber dos fatos.

– Obrigado. – Ele sorriu para Henrietta. – Minha ideia é acabar com a maledicência mostrando a todos que a senhora está em bons termos com Lady Morgan Bedwyn e a família dela, *maman*. Talvez possa convidar algumas outras damas para o chá, também.

– Como as matronas do Almack's? – sugeriu a mãe, secamente. – Gervase, por que não pediu a jovem em casamento? Me parece a coisa mais honrada a fazer, já que comprometeu o nome dela, mesmo sem querer.

– Eu *pedi*. Bewcastle rejeitou a proposta e nem sequer permitiu que eu conversasse a respeito com Lady Morgan.

– Por que ele faria isso? – A mãe encarou Gervase com severidade por algum tempo, a torrada esquecida no prato. – E você gostou de tê-lo confrontado, Gervase? E ele gostou de rejeitar você? Nada mudou, nada foi resolvido?

Gervase vinha tentando compreender os próprios motivos desde a véspera. Ele não esperara encontrar Lady Morgan de novo

tão cedo, mas *tivera* a intenção de vê-la. E, com isso, pensara em um modo de talvez aumentar a intensidade do escândalo. Era inteligente fazer com que a mãe fosse vista recebendo Lady Morgan e a irmã. Mas, ao mesmo tempo, aquilo irritaria Bewcastle, que se veria diante do dilema de permitir a visita ou de afrontar abertamente uma dama do calibre da mãe dele na sociedade.

Gervase sentira uma onda de ternura por Lady Morgan no parque. E também uma forte consciência física que ia além da mera atração. Possuía aquele corpo. Estivera dentro dela. Ele a *conhecia*. Nenhum desses sentimentos era bem-vindo. Gervase gostaria de ter usado Lady Morgan sem parar para pensar, apenas para se vingar de Bewcastle. Mas ela era uma *pessoa* e, independentemente de qualquer outro sentimento que pudesse nutrir pela jovem, gostava dela. Admirava-a.

– Fiz o pedido porque havia comprometido a dama – retrucou Gervase. – Bewcastle recusou por razões que não quis compartilhar comigo.

A mãe continuou a olhar com severidade para ele.

– E você gosta dessa moça? – perguntou. – O que sente por ela vai além de um simples dever de honra? Tem afeto por ela?

– Afeto, sim – admitiu ele. – Mas a senhora não deve fazer disso um grande romance, *maman*. Lady Morgan é muito jovem, e eu, muito enfastiado. Desenvolvemos uma amizade em Bruxelas, por força das circunstâncias. Não é algo que possa ser transportado para a Inglaterra, agora que ela está com a família dela, e eu, com a minha. Meu único desejo é restabelecer a reputação dela.

Mas a mãe havia levado a mão ao peito e estava sorrindo para ele.

– Você não sabe o que diz, Gervase. Como os homens são tolos! Gosta de Lady Morgan, uma moça que eu nunca vi na vida. Mas verei. Amanhã eu a receberei e direi se acho que ela é digna do meu filho. Eu teria escolhido qualquer uma, menos uma Bedwyn, se tivesse tido a oportunidade, mas o amor nem sempre é uma escolha racional. Minhas preces serão atendidas e vou conseguir ver o filho que me restou, o mais velho, também casado e feliz.

Gervase olhou para a prima em um apelo mudo. Mas ela também estava sorrindo.

– Não vou constrangê-lo com uma demonstração emocionada de entusiasmo, Gervase – falou Henrietta –, mas gostaria que soubesse que nada me faria mais feliz do que, finalmente, ver você feliz.



Chastity e lorde Meecham foram tomar o café da manhã com a irmã dele, mas Freyja e Joshua voltaram para a Casa Bedwyn com os outros. Wulf se juntou a eles à mesa do desjejum antes que começassem a comer.

– Encontramos o conde de Rosthorn no parque – anunciou Freyja, que nunca fora de rodeios –, e ele nos transmitiu o convite da condessa de Rosthorn às damas para o chá amanhã à tarde, na Casa Pickford. Levarei Eve e Morgan na minha carruagem, Wulf, assim você não precisará chamar uma.

– É muita gentileza da sua parte, Freyja – disse o duque, abrindo o guardanapo no colo. – Joshua e Aidan, sem dúvida, deram permissão para que você e Eve aceitassem esse delicado convite, mas não me lembro de ter dado a minha para que Morgan as acompanhe.

– Como se eu precisasse da autorização de Joshua para fazer qualquer coisa! – retorquiu Freyja, olhando, irritada, para o marido, como se fosse ele que houvesse acabado de mencionar uma ideia tão disparatada. – E por que você pensaria em negar sua permissão a Morgan, Wulfric?

– Presumo – começou a dizer ele, indicando ao mordomo com apenas um erguer de sobrancelhas que deveria lhe servir o café – que essa seja uma pergunta retórica, certo, Freyja? O conde de Rosthorn não é adequado para se relacionar com ninguém desta família. Ele tem a reputação de não ser um cavalheiro de bom-tom,

e o modo imprudente como envolveu Morgan em um escândalo desnecessário apenas prova isso. Eu preferiria que você mandasse uma mensagem recusando o convite da condessa.

– Me parece, Wulf – atalhou Rannulf quando Morgan se preparava para falar –, que seria melhor para Morgan ser vista em bons termos com Lady Rosthorn. Se souberem que a condessa a recebeu, então as fofocas acabarão morrendo por falta de combustível. Logo algum assunto mais interessante ocupará seu lugar.

– Preciso concordar – opinou Joshua. – E devo lembrar que Freyja ainda é a acompanhante de Morgan durante essa primeira temporada social dela. Se Freyja acredita que é adequado aceitar o convite e acompanhar Morgan à Casa Pickford, então é isso que deve ser feito.

Wulf continuava a se dedicar ao grande prato de comida à sua frente, como se eles estivessem conversando sobre algo sem muita importância. Como se discutissem se faria frio ou calor naquele dia.

– Ressinto-me do fato – começou Morgan, pousando a faca e o garfo na mesa ruidosamente, sem ter comido nada – de todos estarem falando em meu nome, como se eu não estivesse aqui para responder por mim mesma. Se você tem alguma objeção concreta ou pessoal ao conde de Rosthorn, Wulf, então seja claro. Se não tem, só pode se opor ao fato de que, em vez de me abandonar, como fizeram os Caddicks quando partiram de Bruxelas, ele tenha me acompanhado até a casa da Sra. Clark e tomado as providências para que meus pertences fossem levados para lá. Ou ao fato de o conde ter gasto seu próprio tempo e sua energia para tentar descobrir o que acontecera a Alleyne. Ou, ainda, ao fato de ter me acompanhado sempre que eu precisava respirar um pouco de ar fresco e fazer algum exercício depois de cuidar dos feridos, para que eu não fosse sozinha. Ou, finalmente, ao fato de, depois que recebi a notícia de que tinham achado a carta que Alleyne estava encarregado de levar, lorde Rosthorn ter contratado uma camareira para mim e me trazido pessoalmente para casa, embora eu acredite que não estava nos planos dele voltar tão cedo à Inglaterra. É por isso que diz que ele não é um cavalheiro, Wulf? Foi

por *isso* que o mandou embora ontem e nem sequer permitiu que ele conversasse comigo?

– Bravo, Morg – disse Rannulf.

Judith cobriu a mão de Morgan com a sua sobre a mesa e deu-lhe um tapinha carinhoso.

– Ah – comentou Wulfric, levantando brevemente os olhos do prato –, ele lhe contou isso na conversa que tiveram hoje de manhã, então?

– Contou – respondeu Morgan. – Eu teria recusado, Wulf. Compreende? Eu não forçaria ninguém a se casar comigo apenas porque acredita que é seu dever de honra. E não me uniria a nenhum homem que eu não amasse de todo o coração. Mas me ressinto por você não ter me dado sequer a chance de escolher meu próprio futuro. Me ressinto profundamente.

O duque encarou a irmã por um instante, em silêncio, com as sobancelhas erguidas.

– Talvez tenha se esquecido, Morgan, de que tem 18 anos e de que até alcançar a maioridade sou eu que tomo as decisões importantes relativas ao seu futuro – falou ele, por fim, enquanto levava a xícara de café aos lábios com a mão muito firme.

– E como eu poderia esquecer? – retorquiu ela, jogando o guardanapo na mesa e desistindo de fingir que estava se preparando para comer. – Estou proibida de ir tomar chá amanhã, então? Serei trancada em meu quarto, a pão e água?

Wulfric pousou a faca e o garfo na mesa e olhou friamente para a irmã.

– Sempre achei ataques de pirraça tediosos – comentou. – Mas, como Joshua argumentou, você está sob a responsabilidade de Freyja durante sua primeira temporada. Se ela acha que é um relacionamento adequado, então não direi mais nada.

– Acho, com toda a sinceridade, que é uma sábia decisão, Wulfric – observou Eve, fazendo com que o cunhado voltasse os olhos, surpreso, para ela. – É claro que você está preocupado que Morgan se torne vítima de um homem sem princípios, mas o mais importante no momento é dispersar de algum modo esse escândalo tolo que foi criado.

– Exatamente – concordou Wulfric.

– Além do mais – continuou Eve –, Morgan é tão sensata quanto qualquer um de nós e devemos confiar nela para que se comporte de forma condizente com sua família e sua posição social.

– O que não é dizer grande coisa, Eve, se realmente pensarmos a respeito, não é mesmo? – comentou Rannulf, com um sorriso brincalhão.

– Estamos planejando levar as crianças para conhecer os principais pontos da cidade hoje – disse Aidan. – Becky quer ver o pagode chinês em Kew Gardens e Davy quer ver os leões na Torre de Londres. Alguma sugestão de como podemos agradar aos dois?

A conversa passou para outros assuntos e Morgan, depois de lançar um olhar de agradecimento para Aidan, que piscou de volta para ela, finalmente pegou a faca e o garfo e se dedicou ao café da manhã.

CAPÍTULO XIV



Gervase decidiu que precisava assumir seu lugar de direito na Câmara dos Lordes no ano seguinte. Todos os seus pares estavam lá e pareciam inclinados a tratá-lo com uma cordialidade distante, na melhor das hipóteses – talvez como alguém que não levava as próprias responsabilidades a sério. Os cavalheiros com quem ele atualmente mais convivia eram os companheiros que restaram de sua juventude, que ainda eram ociosos, mas agora também enfasiados, entediados – e que achavam Gervase uma ótima companhia, por suas escapadas ao continente e pelo modo como ele voltara à Inglaterra. Gervase se declarara enfasiado à mãe na manhã em que encontrara Lady Morgan no Hyde Park. Também se sentia entediado e fora ocioso por nove longos anos. Ainda assim, considerava-se muito mais experiente do que aqueles homens e já não os via como amigos.

Estava na hora, supôs Gervase, de ele se assentar e ganhar o respeito de seus pares. Ressentia-se profundamente do fato de precisar conquistar essa consideração, de ter tido seu bom nome e nove anos de sua vida roubados. Mas a verdade era que estaria apenas roubando mais tempo de si mesmo se permitisse que a amargura o dominasse.

Mas Bewcastle era o seu calcanhar de aquiles. Gervase parecia não conseguir arrancar de dentro de si o profundo desejo de fazer mal ao homem.

A mãe de Gervase convidara algumas damas de suas relações para tomar chá na Casa Pickford na mesma tarde em que as convidadas dele iriam. A princípio, Gervase não tivera a intenção de aparecer, mas a mãe o fizera mudar de ideia.

– É importante que vocês sejam vistos juntos – dissera ela –, nos termos mais cordiais um com o outro e sob o olhar benevolente de sua *maman*.

Assim, Gervase apareceu na sala de visita enquanto o chá estava sendo servido. O cômodo estava cheio de damas vestidas segundo a última moda – era bastante intimidante ser o único homem no meio delas. A mãe encontrava-se sentada em um sofazinho perto da lareira, com Lady Morgan ao lado, parecendo incrivelmente jovem e linda de preto. Gervase se inclinou em uma mesura para as duas, beijou a mão da mãe, perguntou a Lady Morgan como ela ia passando e se afastou para trocar amabilidades com as outras convidadas.

Embora não tenha havido nenhuma pausa perceptível nas conversas, Gervase imaginou que todos os olhos na sala haviam observado sua aproximação de Lady Morgan e todos os ouvidos tinham se esforçado para ouvir cada palavra que disseram um ao outro. A visita daquela tarde, sem dúvida, animaria as conversas nas mesas de jantar, nos teatros, salões de baile e salas de visita naquela noite.

O escândalo agora teria um fim?

Ou todos estavam esperando que um noivado fosse anunciado para que isso acontecesse?

Durante a meia hora seguinte, Gervase teve o cuidado de interagir com cada uma das presentes. Ele descobriu que gostava da marquesa de Hallmere por todo o ar de altivez dela e por sua aparência estranha, mas bela – era uma mulher pequena, com uma massa de cabelos louros, sobrancelhas mais escuras e o nariz proeminente característico dos irmãos. Falava de forma direta sobre os mais variados assuntos e não escondia o fato de que o estava avaliando por causa da irmã. Lady Aidan Bedwyn era gentil, amável e bonita – e surpreendeu Gervase ao agradecer à criada que retirou

a bandeja do chá e sorrir calorosamente para ela. Lady Chastity Moore era uma jovem dama bela e sensata.

As Bedwys foram as últimas a ir embora.

– Gervase, você, Henrietta e eu fomos convidados para um baile que o marquês e a marquesa de Hallmere oferecerão daqui a três dias – disse a mãe dele. – Não é adorável?

Ele olhou com certa surpresa para a marquesa. Não havia esperado que, depois daquele chá para silenciar as fofocas, qualquer um dos Bedwys fosse encorajar novos encontros entre ele e Lady Morgan.

– O baile é em homenagem ao noivado de Chastity com o visconde de Meecham – explicou a marquesa. – Os dois queriam que cancelássemos o evento por ser tão próximo à morte do meu irmão, mas Hallmere e eu decidimos que não seria justo. Portanto, o baile vai acontecer.

– Ficarei encantado em comparecer, madame – respondeu Gervase, olhando de relance para Morgan, que estava encarnando o papel de grande dama altiva, como fizera durante toda a tarde.

Ele deu um meio sorriso para ela.

– É claro que nenhum dos membros da minha família poderá dançar, já que estamos de luto – acrescentou a marquesa, encarando Gervase.

Aquele olhar devia ser um traço de família.

Ela se levantou para partir e a irmã, a cunhada e Lady Chastity fizeram o mesmo. Gervase percebeu que a mãe deu o braço à marquesa, enquanto Henrietta se colocava entre Lady Aidan e Lady Chastity. Achando muito divertida a manobra nada sutil, ele ofereceu o braço a Lady Morgan.

E concluiu que a mãe tinha aprovado a jovem.

Durante uns dois minutos, os dois foram deixados totalmente sozinhos, já que a mãe de Gervase parara no topo da escada para apontar alguém em um dos retratos pendurados ali.

– Vai achar ruim, *chérie*, se eu comparecer ao baile oferecido por sua irmã e seu cunhado? – perguntou ele.

– Não, por que deveria?

Ela levantou os olhos cintilantes para ele e Gervase percebeu que provavelmente houvera uma discussão acalorada na família por conta dele.

– Qual foi a opinião do duque de Bewcastle sobre a sua vinda aqui hoje? – indagou Gervase.

– Estou aqui, não estou? – retrucou Lady Morgan.

– E o que ele diz sobre eu comparecer ao baile?

– Até onde eu sei, ele não tem conhecimento disso. Por que deveria? Não será ele que oferecerá o baile.

– Mas talvez eu acabe não indo – disse Gervase. – Não poderei sequer valsar com a senhorita, *chérie*.

– Por que Wulfric se opôs com tanta determinação a que o senhor me visitasse, lorde Rosthorn? – perguntou a jovem, virando-se para ele e encarando-o. – O senhor é um conde e, de acordo com os padrões da sociedade em que vivemos, teve uma atitude decente, honrada, ao me pedir em casamento. Por que meu irmão o odeia tanto?

– *Chérie*, talvez o duque odeie o homem que tornou a irmã dele alvo de maledicência. Ou talvez ele apenas me desaprove. Ficou assim tão desapontada? Teria aceitado minha proposta?

– Sabe que não – respondeu Morgan com um olhar de desdém. Gervase sorriu para ela.

– Então Bewcastle fez um favor a nós dois. Ele a salvou do constrangimento e a mim de ter o coração partido. Como o pedido não foi feito oficialmente, nem respondido oficialmente, ainda posso ter esperança.

– Está sendo ridículo – disse Morgan, franzindo a testa. – Preferia quando era meu amigo querido.

Àquela altura, eles estavam na calçada e as outras damas os alcançaram. Gervase ajudou Morgan a entrar na carruagem do marquês de Hallmere, que as aguardava, e se virou para fazer o mesmo com as outras damas.

– *Mon fils* – comentou a mãe dele, dando o braço ao filho enquanto o veículo se afastava com as convidadas –, ela é encantadora. Abriria mão do meu título com o maior prazer para Lady Morgan Bedwyn.

– Posso lhe assegurar, mamãe, que não será preciso fazer tal sacrifício – retrucou Gervase, dando um tapinha carinhoso na mão dela e piscando para Henrietta. – Bewcastle recusou meu pedido, caso não se lembre.

Mas *ela* não o recusara. Ainda não. E ele estaria com ela novamente diante de toda a aristocracia. Em nada menos que um baile.

Gervase estreitou os olhos na direção da carruagem que se afastava. Acabara de dizer a Lady Morgan que eles não poderiam valsar porque ela estava de luto?

Era o que veriam...



Morgan andava a cavalo todas as manhãs. Certo dia, também fora à igreja com a família. Passeara por algumas galerias com Aidan e Eve e fora à Gunter's com eles uma tarde, para as crianças tomarem sorvete. E, é claro, tomara chá na Casa Pickford, onde ficara surpresa ao descobrir que havia outras convidadas além da família dela.

Em nenhum desses lugares tinha sido ignorada como uma pária. As damas no chá pareceram um tanto distantes, mas foram educadas. E não houvera muitas oportunidades para tratar Morgan com desdém, já que a condessa de Rosthorn a mantivera a seu lado por toda a tarde. Morgan achara encantadora a mãe de Gervase – que tinha o mesmo leve sotaque francês do filho.

Um baile seria uma questão completamente diferente, é claro. Ela descobriria, então, se o escândalo afetara sua posição no chamado *beau monde*. Não que se importasse de verdade. Se a aristocracia inglesa estava cansada dela, ela também estava mortalmente entediada com eles – ao menos foi o que disse a si mesma. Mal podia esperar que a temporada terminasse para poder voltar para casa, para a sanidade de Lindsay Hall.

A não ser, admitia Morgan para si mesma nos momentos em que não estava na defensiva, que a vida em casa também parecesse sem graça e tediosa depois de tudo o que acontecera desde que ela saíra de lá, na primavera.

Morgan se vestiu com cuidado para o baile. Não poderia usar nenhum de seus vestidos mais bonitos, é claro – de qualquer modo, a maioria deles era branca e ela os detestava. E além disso ela não teria permissão para dançar. No entanto, nunca a atraía muito a ideia de dançar com todos os jovens imaturos que costumavam dominar os bailes de Londres. Morgan observou enquanto a nova camareira arrumava seus cabelos em um coque alto, do qual saíam cachos que lhe desciam pelo pescoço e pelas têmporas, e decidiu que gostava do trabalho da moça.

Não poderia dançar. Morgan se lembrou com saudade da valsa sob os lampiões e as estrelas na floresta de Soignes e se sentiu culpada por ter vontade de valsar novamente quando fazia tão pouco tempo que Alleyne se fora. Ele estivera presente naquele piquenique, e a repreendera com veemência por ter permitido que o conde de Rosthorn lhe dedicasse atenção tão particular.

Morgan ainda não conseguia acreditar que nunca mais veria o irmão.

Eve e Aidan sentaram-se de costas para os cavalos na carruagem do duque enquanto Morgan se acomodou ao lado de Wulfric no assento em frente. Ela se perguntou, enquanto os outros três conversavam, se Wulf sabia que lorde Rosthorn fora convidado para o baile daquela noite.

Nos últimos dias fora obrigada a admitir, com relutância, que estava levemente apaixonada pelo conde. Não, talvez até mesmo isso fosse mentir para si mesma. Sentira-se atraída por ele desde o princípio. E então descobrira um homem inteligente e solidário por trás da fachada de libertino. E, por fim, quando fora procurá-lo, devastada pela dor da perda de Alleyne, os dois haviam compartilhado a maior de todas as intimidades. Não foi isso que a fez se apaixonar por ele, mas com certeza a fez perceber que estava se enganando ao pensar no conde apenas como um amigo. Ele era muito mais do que isso.

A carruagem parou atrás de uma fila de outras que deixavam os convidados na porta da mansão de Joshua, na Berkeley Square.

– Freyja e nossa tia Rochester, sem dúvida, devem se certificar de que vários jovens cavalheiros sejam apresentados a você esta noite, Morgan – comentou Wulfric. – Nossa importância na sociedade é, obviamente, grande demais para que uma pequena maledicência a torne uma noiva indesejada. Você não pode dançar, mas tem permissão para caminhar com eles, ou conversar.

– Desde que nenhum deles seja o conde de Rosthorn, suponho – disse ela.

O duque virou a cabeça para a irmã e encarou-a com as sobrancelhas erguidas.

– Ele *foi* convidado – avisou Morgan –, junto da condessa e da prima, Srta. Clifton.

– Ah – retrucou Wulfric em um tom suave. – É interessante que ninguém tenha achado conveniente me informar desse fato até agora.

– E por que alguém deveria fazer isso? – indagou Morgan. – O baile é de Freyja e Joshua.

– Exatamente – disse o duque, com a voz ainda mais suave.

O conde de Rosthorn não respondera à dúvida dela, percebeu Morgan, apenas dera voltas e mudara de assunto. Ela havia perguntado por que seu irmão mais velho o odiava.

– Wulf, é bom que Rosthorn e Morgan sejam vistos juntos em um evento desta natureza, assim o escândalo talvez se disperse por completo – comentou Aidan.

Um criado abriu a porta da carruagem e posicionou os degraus. Wulfric ajudou Morgan a descer até o tapete vermelho que fora estendido sobre os degraus e seguia pela calçada. Ela evitou fitar os olhos duros e prateados do irmão. Ergueu o queixo e sorriu enquanto ele a conduzia para dentro, ao longo da fila de recepção e até o salão de baile, onde a deixou em segurança ao lado da tia deles, Lady Rochester, que parecia ainda mais formidável do que nunca em um vestido de cetim preto, com um gigantesco turbante também preto e plumas na cabeça. Até o cabo do *lorgron* cravejado de pedras da velha dama era negro.

Morgan se acomodou para o que tinha certeza de que seria uma noite profundamente tediosa. E, de fato, não começou bem. A tia a apresentou de uma só vez a dois rapazes que eram exatamente o tipo de jovens balbuciantes, desengonçados e cheios de espinhas que ela temera conhecer durante aquela sua primeira temporada – cavalheiros da idade dela, senão um ou dois anos mais velhos, com quem esperavam que ela se sentisse à vontade e a quem queriam que considerasse a sério como possíveis maridos.

Era o bastante para Morgan ter vontade de gritar, sobretudo porque ela não poderia dançar para fazer o tempo passar mais rápido e se viu forçada a ficar sentada em um sofá com um dos rapazes de cada vez, falando sobre assuntos tediosos e sem nenhuma importância. Em duas ocasiões, Morgan esqueceu o que estava dizendo no meio de uma frase. Mesmo assim, a educação a impelia a sorrir, abanar o rosto e olhar para todos como se nunca houvesse ficado tão interessada em outra coisa na vida.

O conde de Rosthorne chegou com a mãe e a prima no meio do segundo conjunto de danças. Ele estava com uma aparência esplêndida, percebeu Morgan, de cinza, prata e negro. Mas ela não podia sequer se permitir o luxo de deixar que seus olhos se deleitassem com a visão do conde. Estava bastante consciente do burburinho de interesse que cresceu no salão quando ele entrou. Acontecera a mesma coisa quando ela chegara, mas agora os dois protagonistas do recente escândalo estavam juntos. O baile de Freyja, sem dúvida, seria declarado um retumbante sucesso no dia seguinte.

O conde desapareceu do salão enquanto a mãe e a prima se juntavam a um grupo de convidados. Mas, no fim da dança, ele reapareceu e atravessou o salão com a mãe para cumprimentar tia Rochester.

– Ah, é você, não é, Lisette? – disse tia Rochester, levando o *lorgnon* a um dos olhos enquanto lord Rosthorne se inclinava em uma reverência. – Ainda não a havia visto durante esta temporada. Imagino que estava em Windrush. Como consegue se manter com uma aparência tão jovem?

– Gentileza da sua parte – retrucou Lady Rosthorn. – Mas não deve olhar muito de perto, *mon ami*, principalmente à luz do dia. Posso me sentar ao seu lado? Henrietta está com amigos. Lady Morgan, *mon enfant*, até mesmo vestida de negro a senhorita ofusca o brilho de todas as outras damas do salão. Deixe-me lhe dar um beijinho. – Depois de fazer isso, ela tornou a se virar para Lady Rochester. – Posso ter o prazer de lhe apresentar meu filho, lorde de Rosthorn?

Tia Rochester o observou através do *lorgnon* e as plumas em seus cabelos ondularam levemente para a frente.

– Você é o patife que contratou uma camareira para a minha sobrinha sem perguntar à moça se ela sofria de enjoo no mar, não é? – perguntou a velha dama. – E então ficou no deque com a minha sobrinha enquanto a camareira botava o estômago para fora na cabine?

– Infelizmente, madame, sou culpado da acusação – retrucou ele. – Mas o que eu poderia fazer? Permanecer na cabine e fingir que também sofria de enjoo? Deixar Lady Morgan em Bruxelas, aos cuidados de uma dama que logo seria chamada a se juntar ao marido em Paris? Lady Morgan precisava voltar ao seio da família.

– Lorde Rosthorn foi muito gentil comigo, tia – falou Morgan, mais uma vez consciente de que, embora ninguém parecesse prestar qualquer atenção em particular ao pequeno grupo deles, na realidade todos estavam se deleitando com os detalhes.

Aquele era um talento do qual membros da aristocracia eram particularmente adeptos: conseguir fazer duas coisas ao mesmo tempo. Era assim que as fofocas eram alimentadas.

– Madame. – O conde fez uma mesura para a tia de Morgan. – Com sua permissão, gostaria de convidar Lady Morgan para passear pelo salão comigo.

Wulfric não estava no recinto, percebeu a jovem com uma rápida olhada ao redor. Ela prendeu a respiração enquanto abanava o rosto despreocupadamente com o leque. Tia Rochester era uma acompanhante muito mais temível do que fora Lady Caddick.

– Muito bem, meu jovem – disse ela, depois de avaliá-lo outra vez através do *lorgnon*, que usava por pura afetação, é claro, assim

como Wulfric fazia com seu monóculo. Mesmo sem os acessórios, os olhos deles perdiam muito pouco do que acontecia. – Estarei observando.

– Lady Morgan?

O conde se inclinou para ela. A expressão dele era séria e educada, mas Morgan o conhecia bem o bastante para perceber o riso no olhar.

– Obrigada, lorde Rosthorn.

Ela fechou o leque e deu o braço a ele, tomando cuidado para manter a expressão fria, levemente entediada e altiva.

– Está se divertindo, *chérie*? – perguntou ele.

– Estou prestes a morrer de tédio – respondeu ela. – Divirta-me.

– Lamento muito, mas temo estar prestes a partir seu coração em vez disso. A próxima dança é uma valsa.

– Ah... – Morgan suspirou. – Que crueldade...

Depois do enfado profundo e da pasmaceira da última hora, os pés de Morgan coçavam de vontade de dançar.

– Vamos passear como um par de octogenários que sofrem de gota – disse o conde – e comentar um com o outro como a valsa é uma dança escandalosa.

Morgan sorriu.

– Gostei da condessa de Rosthorn – observou. – É encantadora e simpática.

– E ela gostou da senhorita, *chérie*. – Ele aproximou um pouco mais a cabeça da dela. – Agora que voltei para casa, minha mãe está ansiosa para me ver estabelecido com uma esposa, enchendo de filhos o quarto das crianças.

– É mesmo?

Morgan sentiu o rosto corar. Ele estava flertando de novo com ela? E escancaradamente?

– Sim, é mesmo. Estou descobrindo que pode ser muito incômodo para um cavalheiro se manter perto da mãe. A minha acredita que 30 anos é uma idade avançada demais para um homem com um título e uma fortuna permanecer solteiro.

– Não diga.

Ele tinha 30 anos. Era, portanto, doze anos mais velho do que ela. Aquilo deveria ter parecido uma diferença de idade grande demais.

– E ela não acha que uma noiva de 18 anos é muito jovem para um cavalheiro desse tipo – acrescentou o conde.

– Lorde Rosthorn, falta muito pouco para sua conversa se tornar imprópria – alertou Morgan.

– Falta mesmo, *chérie*? – Ele aproximou um pouco mais a cabeça. – Só porque seu irmão recusou meu pedido? Mesmo nós dois tendo sido amigos queridos? E amantes?

Subitamente o sotaque dele pareceu muito francês.

– Seria melhor dirigir sua atenção para onde ela seja mais bem-vinda, lorde Rosthorn – disse Morgan com rispidez. – E para uma dama a quem possa amar.

– Ah, mas minha mãe acredita que amo a senhorita – retrucou ele. – E Henrietta compartilha da mesma opinião. Começo a acreditar que talvez elas estejam certas, *chérie*.

Morgan sentiu o coração bater descompassado no peito e latejar em seu ouvido. Viu que os dançarinos já ocupavam a pista de dança e que a música estava prestes a começar. Chastity valsaria com lorde Meecham. Eles sorriam carinhosamente um para o outro, olhando-se nos olhos, esquecidos de tudo ao redor. Morgan estava muito feliz por Chastity ter encontrado o amor na última primavera. Ela fora uma jovem solitária, que passara por situações difíceis.

– Não é hora nem lugar para esse tipo de conversa, lorde Rosthorn – falou Morgan. – Como eu *gostaria* de dançar...

A música começara.

– Pode fazer isso – disse o conde, parando perto das portas. – Se desejar, *chérie*, dançaremos.

– Não. Sabe que não posso.

– Não aqui, em público – retrucou ele. – Mas em particular...

Ela o encarou com as sobrancelhas erguidas e abriu o leque mais uma vez quando os dançarinos passaram girando.

– Há uma antessala ao lado do salão do bufê que não está sendo usada – disse Gervase. – Poderíamos valsar ali sem que

ninguém soubesse. Se nossa ausência for notada, vão presumir que fui pegar um copo de limonada para a senhorita.

– Mas tia Rochester sentirá minha falta – argumentou Morgan.

No entanto, ela estava terrivelmente tentada. Não apenas porque ansiava por dançar, e não apenas porque ele era o conde de Rosthorn e ela havia percebido que talvez estivesse se apaixonando por ele. Também se sentia entediada e tolhida mais uma vez pelas regras de decoro, por uma vigilância rígida, depois da liberdade e da sensação de ter um objetivo, uma responsabilidade na vida, que conhecera em Bruxelas. As últimas semanas, de luto pesado, pareceram intermináveis. E seria por tão pouco tempo... Ninguém jamais saberia.

Ela poderia *valsar* de novo. Naquele momento. Com o conde de Rosthorn.

– Venha, *chérie* – chamou ele, aproximando a cabeça da dela pela terceira vez, com o sorriso de sempre nos olhos indolentes. – Venha valsar comigo.

Ela aceitou o braço dele e o conde levou-a pela porta antes que Morgan pudesse se convencer a ser mais decorosa.



Era uma sala quadrada, não muito grande, com um sofá e algumas cadeiras arrumadas ao redor. Gervase a descobrira mais cedo e imaginara que servisse para os convidados que quisessem descansar em paz por algum tempo. Ele apagara as velas e fechara a porta. Fora uma descoberta fortuita. Um cômodo privado seria melhor do que a varanda, a escolha original dele.

Agora ele acendeu as luzes e se virou para Lady Morgan. Tinha deixado a porta da sala entreaberta. O que deveria mesmo fazer, pensou ao ver Morgan sorrindo para ele, era levá-la de volta ao salão de baile naquele exato momento, antes que alguém abrisse a

porta e fosse tarde demais. Gostava muito dela para expô-la àquela situação. A jovem não fizera nada para merecer aquilo.

– Escute – falou em vez de seguir seu instinto, estendendo os braços para ela. – Não é uma melodia de andamento acelerado. Acho que conseguiremos dançá-la aqui sem derrubar a mobília e esbarrar nas paredes.

Morgan se aproximou mais, rindo baixinho. Ele envolveu a cintura dela com a mão esquerda e lhe ofereceu a mão livre. A jovem a aceitou e pousou a outra mão no ombro dele. A intimidade natural da posição da valsa parecia duas vezes mais íntima naquele ambiente privado. Gervase sentiu o aroma de violeta e se lembrou da última vez que os dois tinham ficado sozinhos em um cômodo.

Eles dançaram em silêncio, as luzes, a música, as vozes e risadas se misturando atrás da porta entreaberta. Dentro do cômodo, a iluminação era baixa e íntima. Morgan afastou a cabeça para trás e sorriu para Gervase. Ele retribuiu. Talvez ninguém aparecesse. Talvez ele acabasse não tendo que arcar com as consequências de sua atitude terrível.

Depois de alguns minutos, Gervase a puxou mais para perto, pousou a palma da mão dela sobre o peito, à altura do coração, e cobriu-a com sua própria mão. Sentiu a outra mão dela deslizar pelo seu ombro e repousar em sua nuca. Morgan virou o rosto e, com um suspiro baixo, descansou-o nas dobras intrincadas do lenço de pescoço dele. Eles continuaram dançando, os corpos unidos.

Ela era tão esguia, tão feminina e cálida... Ele a conhecia tão bem... e gostava tanto dela...

– *Chérie* – murmurou Gervase no ouvido dela alguns minutos depois.

Morgan afastou a cabeça e levantou o rosto para ele. Os olhos dela tinham uma expressão sonhadora, com as pálpebras pesadas por causa da música, da luz das velas e do calor compartilhado pelos corpos deles.

– Sim – sussurrou, entreabrindo os lábios.

Ele abaixou a cabeça e a beijou, parando de dançar. Envolveu ainda mais a cintura dela, e Morgan pressionou o corpo contra o dele, abrindo mais os lábios. Então o calor e a urgência envolveram-

nos. Ele enfiou a língua no interior da boca convidativa e ela o envolveu ainda mais com os braços, deixando escapar um murmúrio de encorajamento. Uma das mãos dele encontrou um seio e se fechou sobre ele.

Foi nesse momento que ele sentiu um súbito pânico. *Não!* Estava se perdendo na paixão enquanto, ao mesmo tempo, avançava na traição a Morgan. Ela não fizera *nada* para merecer aquilo dele. Gervase não podia continuar. Tinha que tirá-la daquela sala sem que ninguém percebesse e voltar rápido com ela para o salão de baile, antes que alguém descobrisse que eles haviam sumido do salão e que também não estavam no bufê. De repente ele ficou desesperado para salvar Morgan... e a si mesmo.

Ele a soltou e levantou a cabeça.

Tarde demais.

A porta agora estava mais da metade aberta e alguns convidados ou espiavam abertamente para dentro da sala ou passavam devagar na frente do cômodo, educados demais, talvez, para ficarem parados olhando.

O duque de Bewcastle já adentrara no recinto e agora fechava a porta com firmeza.

CAPÍTULO XV



A primeira sensação de Morgan foi de culpa. Ela estava usando preto e havia restringido suas atividades sociais em respeito à memória de Alleyne, mas acabara cedendo à tentação de valsar. A segunda sensação foi de profundo constrangimento. Wulfric e metade da alta sociedade a tinham visto em um abraço intenso com o conde de Rosthorn. A terceira sensação foi de euforia. O conde *devia* nutrir sentimentos por ela, como ela nutria por ele. E a quarta sensação foi de raiva. Como Wulfric ousava se fechar ali com eles como se os dois fossem crianças desobedientes e travessas? Na verdade, as quatro sensações se abateram sobre Morgan quase ao mesmo tempo.

– Nunca bate à porta, Wulf? – perguntou, encarando-o com irritação e arrogância.

O duque estava com o monóculo colado ao olho, encarando através dele o braço do conde, que permanecia ao redor da cintura dela, em atitude protetora. Lorde Rosthorn não recolheu o braço. Wulfric ignorou a pergunta de Morgan.

– Eu já lhe pedi a mão de Lady Morgan uma vez, Bewcastle – disse Gervase. – Estarei na Casa Bedwyn amanhã de manhã para repetir o pedido. Acho que você concorda que não é a hora nem é o lugar para levarmos esta conversa adiante.

A voz dele era fria, e o tom, contido. Quase não havia traço do sotaque francês. O rosto de Wulfric era uma máscara de controle.

– Devo parabenizá-lo, Rosthorn – falou. – Você conseguiu me manipular direitinho. Por enquanto.

– Ah, mas isso é um absurdo! – gritou Morgan, afastando-se do toque do conde. – Estávamos apenas valsando juntos aqui e então nos beijamos. Mutuamente, devo acrescentar.

Wulf se virou para ela. Se o olhar dele já não fosse desconcertante o bastante, o monóculo continuava colado ao olho. Ela realmente dissera que eles estavam *apenas* valsando e se beijando?

Apenas?

Antes que Wulfric pudesse se pronunciar, a porta se abriu de novo e Freyja entrou. Ela olhou para cada um deles com as sobrancelhas erguidas.

– Esperava encontrar no mínimo um duelo em andamento, e Morgan desmaiada em um canto – comentou. – Nosso baile, ao que parece, está fadado a ser o principal assunto das conversas de amanhã e de vários dias depois. Mas o que se poderia esperar de um evento organizado por Josh e por mim? Lorde Rosthorn, o senhor realmente foi visto *beijando* a minha irmã aqui? Isso é bastante chocante e estou tendo que fazer um enorme esforço para não desmaiar eu mesma. Wulf, você está com a expressão de quem engoliu um iceberg. E, Morgan, você parece a própria Lady Macbeth. Gostaria de lembrar a todos vocês que este baile é em homenagem a Lady Chastity Moore e lorde Meecham e que *não* vou permitir que se torne um espetáculo de circo.

– Eu estava apenas informando à Sua Graça, madame – disse Gervase, fazendo uma cortesia –, que tenho a intenção de fazer uma visita formal à Casa Bedwyn, amanhã de manhã, para pedir a mão de Lady Morgan Bedwyn em casamento.

– Tanto Wulf quanto Morgan, sem dúvida, terão algo a dizer a respeito disso quando o senhor aparecer – retrucou Freyja. – Mas isso será amanhã, não esta noite.

– Isso tudo é um absurdo – falou Morgan.

– É claro que sim – concordou Freyja, atravessando a sala e dando o braço à irmã. – Mas, ao mesmo tempo, é mortalmente sério. A aristocracia estará pronta para jogá-la na mais absoluta

desgraça depois do que aconteceu aqui e, infelizmente, a aristocracia é um monstro que até mesmo os Bedwyns precisam apaziguar de vez em quando. Está na hora de encarar esse novo fato. Vamos entrar juntas no salão de baile como se nada fora do normal houvesse acontecido. É uma pena que você não tenha o nariz dos Bedwyns. É uma grande vantagem em situações como esta. Mas você sabe sorrir. Faça isso.

Sempre fora difícil não ser arrastado por Freyja quando ela estava em sua disposição mais formidável. Naquele momento, Morgan nem tentou. Deixou a sala sem olhar de novo para nenhum dos dois homens e sorriu.

E percebeu de relance que Wulfric saíra atrás das duas e que as seguia de perto.



Morgan viu o conde de Rosthorn chegar de carruagem na manhã seguinte, seguir pisando firme até a porta da frente e entrar na casa depois de bater e aguardar um instante. Ela estava sentada no sofá colado à janela de seu quarto, com as pernas dobradas, abraçando os joelhos. Havia se recolhido ali de propósito, para ficar sozinha e se preparar para o que teria que enfrentar.

Precisava se preparar. Sua mente e suas emoções estavam uma confusão. Todos tinham algo a falar com ela, ou na noite anterior ou naquela manhã. Todos tinham uma opinião, algum conselho a oferecer ou ambos.

Tia Rochester, obviamente furiosa, havia encontrado um momento em particular na noite da véspera para informar à sobrinha que ela era uma mancha no nome Bedwyn. Os membros da família, informara a tia, sempre haviam tido a reputação de serem ousados e pouco convencionais, mas nunca foram conhecidos pela vulgaridade. Agora Morgan se arrependeria de ter agido de forma tão escandalosa e teria que se casar com um sedutor velho demais

para ela, que, sem dúvida, a negligenciaria e desfilaria diante dela com seu harém de mulheres de vida fácil. Ela teria sorte se alguma das pessoas mais tradicionais da alta sociedade se dispusesse a recebê-la nos próximos cinquenta anos.

Freyja dera sua opinião durante aquela terrível caminhada de volta ao salão de baile, quando Morgan teve a sensação de que seus lábios se partiriam de tanto sorrir.

– Alleyne sempre dizia que você faria coisas mais ultrajantes do que um Bedwyn já tivesse feito. Na verdade, eu fiz bem mais com Joshua no ano passado do que valsar em uma antessala e beijá-lo com a porta aberta para que todos vissem. Embora tenha havido bem mais do que isso no seu caso, é claro. Você foi terrivelmente indiscreta durante todo o último mês, não foi? E hoje foi a cereja do bolo. Alleyne estava certo. Mas vou lhe dar um conselho, Morg. O homem é muito atraente, admito isso. Mas seja uma Bedwyn até o fim. Não aceite o pedido de casamento amanhã a não ser que tenha certeza absoluta de que ele é o único homem com quem você imaginaria passar o resto da vida.

Chastity também deu sua contribuição na noite anterior:

– Lorde Rosthorn é um homem encantador e também muito bonito. E foi gentil com você na Bélgica. Não posso culpá-la por querer valsar com ele esta noite, Morgan. Sei que não teria suportado se estivesse proibida de dançar com Leonard. Você o ama? Acho que sim, já que permitiu que a beijasse. Como anseio por vê-la tão feliz quanto eu...

– Quando eu me casei com Aidan, no ano passado, contrariando o conselho de todos os que me amavam, fiz isso por todos os motivos errados. – Essa foi Eve, depois que eles voltaram do baile. – Foi uma enorme sorte que tenhamos nos apaixonado tão profundamente um pelo outro, e tão rápido. Poderíamos muito bem ter sido infelizes pelo resto de nossas vidas. Caso resolva se casar com lorde Rosthorn, Morgan, certifique-se de estar fazendo isso não por causa do escândalo em torno do seu nome, mas por saber que não vai conseguir ser feliz com nenhum outro homem.

– Esqueça o escândalo, Morgan. – Era a vez de Aidan. – Se não quer se casar com Rosthorn, diga isso a ele e o mande embora.

Venha passar o verão conosco e vá para Lindsey Hall no inverno. Na próxima primavera, você será lembrada apenas como uma daquelas Bedwyns cabeças-duras e ousadas. – Ele a observara detidamente com os olhos escuros e intensos. – Por outro lado, se você o ama, diga isso a ele e todos nós o perdoaremos pela indiscrição de hoje e o acolheremos na família por você.

Wulfric esperara para falar com ela pela manhã, depois de Morgan ter passado uma noite inquieta, quase sem dormir. Ele a chamara à biblioteca antes de ela descer para o café da manhã. Morgan atravessara toda a extensão do recinto com os olhos do irmão mais velho fixos nela enquanto ele permanecia sentado atrás da escrivaninha. E, é claro, ela retribuiu na mesma moeda, encarando-o durante todo o caminho.

– Sente-se – disse o duque, e Morgan se acomodou na beirada de uma cadeira dourada enquanto ele se recostava, apoiava os cotovelos nos braços da própria poltrona e entrelaçava os dedos. – Nada é irrevogável neste momento, Morgan, embora dessa vez eu de fato me sinta obrigado a discutir os termos do casamento com o conde de Rosthorn, e então a atender ao pedido dele de se dirigir pessoalmente a você. Sua concordância com o que aconteceu ontem à noite, que você mesma admitiu, me força a tomar essas atitudes desagradáveis. No entanto, minha importância social é grande, assim como a sua. Eu a aconselharia a responder um não firme e definitivo. Se fizer isso, nem mais uma palavra será dita a respeito entre mim e você. Eu a acompanharei de volta a Lindsey Hall daqui a cerca de uma semana, ou você poderá ir para Oxfordshire com Aidan antes disso.

Não haveria maiores recriminações então? Nenhuma repreensão furiosa? Morgan torceu as mãos no colo, quase desapontada. Era mais fácil lidar com Wulf quando podia desafiá-lo de algum modo.

– Vou responder ao pedido de lorde Rosthorn como eu achar adequado – falou ela.

Durante toda a noite ela se perguntara se o conde a amava. Porque ela estava quase certa de que o amava.

– Você foi enganada, Morgan – falou Wulfric depois de encará-la em silêncio por longos e enervantes minutos. – Rosthorn não a ama. Ele *me* odeia.

– Que bobagem! – exclamou ela, irritada. – É *você* que o odeia simplesmente por ele ter feito o que *você* teria aplaudido se fosse Sir Charles Stuart. Está sendo irracional, Wulf.

Os olhos cor de prata a encararam.

– Eu lhe perguntei antes e você não me respondeu – continuou Morgan. – Perguntei ao conde de Rosthorn e ele mudou de assunto. Por que o odeia? Na verdade, não tem nada a ver comigo, não é mesmo? Vocês se conheciam antes... antes do exílio dele.

Longos silêncios nunca pareceram desconcertar Wulfric. Morgan também se recusou a ficar desconfortável. Continuou encarando o irmão e esperou.

– Ele violou uma dama e a roubou – disse Wulfric, por fim. – Rosthorn, o pai, o expulsou da Inglaterra e o proibiu de retornar para sempre.

– *O quê?*

Morgan estendeu a mão e segurou a beirada da mesa como se fosse cair se não fizesse isso.

– Ele foi descoberto no quarto da dama, na cama dela, durante um baile – continuou Wulfric. – Nada muito diferente do que aconteceu ontem à noite e provavelmente por um motivo similar.

Morgan sentiu a boca seca. Tentou umedecer os lábios, mas a língua também parecia seca.

– Como você sabe que a dama não estava com ele por vontade própria? – perguntou. – *Eu* estava ontem à noite.

– Ela *não* estava com ele por vontade própria – afirmou Wulfric. – Seu noivado com outro homem seria anunciado naquela noite. A jovem se sentiu envergonhada demais para seguir com o noivado, embora o futuro noivo ainda a quisesse. Ela se afastou do convívio social e nunca se casou, apesar de sua posição, sua riqueza e sua beleza. Sua vida foi arruinada.

– Não acredito nisso – falou Morgan, ficando de pé. – Todos sabemos como as histórias podem ser distorcidas e exageradas ao

serem contadas. Como você sabe que o que está me dizendo é verdade?

– Eu era o futuro noivo da dama em questão – respondeu Wulfric, suavemente. – Fui um dos três homens, junto do pai da jovem e do pai dele, que o encontrou no quarto dela. Tarde demais, como ficou provado.

Morgan ficou encarando o irmão, perplexa. *Wulfric* já quase fora noivo? E fora terrivelmente magoado? Pelo atual conde de Rosthorn? Era absurdo demais para ser digerido de uma vez.

– Talvez você tenha compreendido mal o que estava vendo – disse ela.

– Acho muito difícil.

– Aconteceu há nove anos.

– Sim.

Eles ficaram se encarando, os olhos dela carregados, os dele, cor de prata e gelados.

– Um homem desses não deveria ter permissão para sequer se aproximar de uma irmã minha – disse Wulfric depois de mais um longo silêncio. – Mas ele manipulou a situação de forma muito inteligente para ganhar seu afeto e a colocou em uma posição que me obriga a permitir que ele se dirija a você para propor-lhe casamento. Como não vou proibi-lo de pedir a sua mão, não posso proibi-la de aceitá-lo. E se eu tentasse, tenho certeza de que você me desafiaria e arruinaria a própria vida para sempre fugindo com ele. Mas o que posso fazer é confiar em você para tomar a decisão certa em relação ao que vai fazer com o resto de sua vida.

Depois de continuar fitando Wulfric por algum tempo, Morgan saiu da biblioteca sem falar nem uma palavra mais.

Foi se acomodar no assento da janela do seu quarto, sabendo que lorde Rosthorn chegara e que naquele exato momento estava na biblioteca discutindo um contrato de casamento com Wulfric. Ela nem imaginava quanto tempo demoraria. Mas em algum momento, dali a meia hora, uma hora, no máximo, alguém bateria à porta e ela teria que forçar as próprias pernas a levarem-na de volta à biblioteca. Teria que encarar o conde.

O homem que violara a mulher que Wulf amara. Eles haviam sido pegos juntos na cama. As palavras da dama e suas ações subsequentes pareciam confirmar que ela não se entregara de livre e espontânea vontade.

O homem que flertara com Morgan de forma tão imprópria e extravagante antes da Batalha de Waterloo.

O homem que a apoiara e lhe dera proteção, que lhe fizera companhia, que fora seu amigo nos dias que se seguiram à batalha.

O homem com quem ela fizera amor depois de saber que não havia mais esperança de Alleyne ter sobrevivido.

O homem que a levara de volta para casa, para o seio da família.

O homem que ela tinha começado a amar, o homem que ela havia acreditado estar começando a amá-la.

O que acontecera nove anos antes anulava tudo o que o instinto de Morgan lhe dizia sobre o conde, sobre os sentimentos dela por ele? Ele *violara* uma mulher. Ela não conseguia acreditar nisso. Mas como poderia não acreditar? Wulf *estivera* presente, e não era o tipo de homem que distorceria os fatos.

Morgan nunca se sentira tão confusa na vida.

Ela foi chamada por uma criada quarenta minutos depois. Morgan se sobressaltou, alarmada, então se levantou, alisou a saia do vestido preto, endireitou os ombros e levantou o queixo.

O conde de Rosthorne teria que lhe dar algumas explicações.



O duque de Bewcastle mantivera Gervase aguardando em uma sala de espera destinada aos visitantes por longos vinte minutos antes de recebê-lo na biblioteca. Então os dois tiveram uma reunião breve e fria na qual discutiram negócios como se não houvesse nenhum elemento pessoal envolvido nos termos. Bewcastle não hesitara em deixar claro que aconselhara Morgan a recusar a oferta. Depois,

finalmente o duque se levantou e saiu da biblioteca, deixando Gervase com os olhos perdidos nos pedaços de carvão apagados na lareira.

Durante toda a noite, o conde sentira uma satisfação fria.

E também tentara ignorar um pesado sentimento de culpa. Em sua obsessão para se vingar de Bewcastle, ele se tornara quase tão mau quanto imaginaram que houvesse sido nove anos antes. *Quase* tão mau? Pior. Marianne havia buscado a própria ruína. Lady Morgan não.

Ele se virou e entrelaçou as mãos nas costas quando a porta foi aberta novamente. Morgan passou pelo criado e entrou na biblioteca.

Parecia calma, pensou Gervase, embora seu rosto estivesse muito pálido. Os ombros estavam eretos, e o queixo, erguido. Ele franziu a testa ao se lembrar do beijo da noite anterior. Não pretendia fazer aquilo. Não fora parte do plano. A intenção dele era de que fossem pegos valsando juntos em uma antessala privada. Teria sido o bastante para reacender as chamas do escândalo que começava a arrefecer.

O beijo acontecera por si mesmo.

– Bem, *chérie* – falou. – Aqui estamos.

Ela continuou a caminhar e parou a menos de um metro dele, encarando-o com firmeza. Ele esperara timidez? Rubores?

– Se está prestes a se ajoelhar e fazer disso uma bela cena – disse Morgan –, pode poupar seu tempo, lorde Rosthorn. Quero saber o que aconteceu há nove anos.

Ah, então Bewcastle contara a ela? A versão dele, pelo menos. Era bem provável. Que modo mais eficiente de persuadi-la a rejeitar o pedido de casamento!

– Houve uma indiscrição com uma dama, *chérie* – falou Gervase. – Diria que não é nada com que deva preocupar sua linda cabecinha se eu achasse que adiantaria.

Ele sorriu para ela.

Mas Morgan não achou graça da antiga brincadeira entre os dois.

– Responda a uma pergunta primeiro. O senhor a violou?

Sim, pelo visto Bewcastle estivera bastante ocupado. Gervase se virou na direção da lareira.

– Quer a resposta direta? Eu lhe darei, então. É não. Não, eu não a violei.

– Acredito querer mais do que a resposta direta, lorde Rosthorn – retrucou a jovem, a voz um pouco trêmula. – Se não houve violação, o que aconteceu então? O senhor foi pego com a dama em circunstâncias irremediavelmente comprometedoras. Ela o acusou de tê-la forçado. Recusou sua oferta de casamento. Retirou-se para sempre do convívio social. Conheço os fatos, como vê. Quero que me explique como pode *não* ter se sentido culpado.

Gervase suspirou e voltou a cruzar as mãos nas costas. Lady Morgan agora sabia o pior, o que era bom para ele. Não queria mesmo se casar com ela, queria? E com certeza ela também não queria se casar com ele. Gervase atingira o objetivo a que se propusera... E, para dizer a verdade, a vitória lhe trazia uma sensação de vazio. Vingança era um motivo tolo e imaturo para qualquer ação. Nunca resolvia nada, apenas aprofundava o ódio. Bewcastle também fora uma vítima. Às vezes Gervase se esquecia disso.

Ele percebeu, mesmo sem se virar, que Morgan se afastara dele e fora para trás da escrivaninha, onde estava de pé, olhando pela janela.

– Eu conhecia a dama havia muito tempo – contou. – Tinha sido nossa vizinha em algumas temporadas e era amiga das minhas irmãs e da minha prima. Acho que eu até nutria uma paixonite por ela quando éramos crianças. Era uma menina encantadora. Mas nunca considerei seriamente a possibilidade de cortejá-la. Além do mais, eu era amigo de Bewcastle, ou pelo menos fazia parte do círculo mais afastado de amigos dele, com a esperança de um dia ser admitido no grupo de amigos íntimos. E Bewcastle começou a cortejar Marianne quando ela fez sua entrada na sociedade.

– Eu nunca soube, até hoje, que Wulf havia sequer considerado se casar – comentou Morgan. – Imagino que ele deva tê-la amado.

– O pai dela era marquês – continuou Gervase. – Aquele seria, é claro, um excelente casamento para a filha dele, e o homem

promoveu a ideia agressivamente. O noivado dos dois seria anunciado em um grande baile que o marquês ofereceu naquela temporada.

– Nenhum de nós jamais soube disso – disse ela.

Quando Gervase virou um pouco a cabeça, viu que Morgan estava sentada na cadeira de Bewcastle.

– Mas havia um problema – prosseguiu ele. – Marianne não desejava se casar com *e/le*. Mas o duque era um homem poderoso, e o pai dela também. O marquês não considerou nenhuma das objeções feitas por Marianne e a ameaçou com todo tipo de consequências terríveis caso ela não se comportasse como deveria quando Bewcastle a cortejasse, e caso não aceitasse o pedido de casamento quando ele o fizesse.

– Como sabe disso?

Os olhos de Morgan encontraram os dele, arregalados, com uma expressão que poderia ser de raiva.

– Marianne me contou – disse o conde. – Ela dançou comigo naquela noite e então, no meio de uma música, me arrastou para fora do salão de baile, falando que precisava conversar comigo. Me levou para sua sala íntima e abriu o coração para mim. Estava desesperada. Me contou que o noivado seria anunciado após o jantar e que, então, não poderia mais escapar do casamento com o duque. Disse que preferiria morrer e me implorou que a ajudasse.

– O que o senhor respondeu?

As narinas de Morgan estavam dilatadas e ela espalmou as mãos na escrivaninha.

– O que eu *poderia* responder? – Ele deu de ombros. – Nem me recordo direito o que falei. Acho que a aconselhei a ir procurar o pai e Bewcastle imediatamente, e dizer a eles com toda a firmeza possível que não se casaria. Até me ofereci para conversar com Bewcastle, embora não fosse um amigo próximo o bastante para isso. Depois, só lembro que acordei sobressaltado quando a porta do quarto dela foi aberta de repente e Bewcastle entrou, furioso, seguido pelo pai de Marianne e pelo meu pai.

– No *quarto* dela?

– Eu estava deitado na cama, vestido, na verdade, despido, da forma mais chocante e comprometedora. Assim como Marianne. As cobertas estavam jogadas por toda parte como se uma grande orgia houvesse acontecido ali. Marianne chorava histericamente. Acho que minha expressão devia ser de total perplexidade, como a de um palerma.

Gervase voltara a se virar na direção da lareira e não tinha como dizer se ela acreditara nele ou não. Era uma história muito difícil de engolir, sem dúvida. Fora por isso que ninguém acreditara nele na ocasião. Não que ele tivesse se defendido de imediato – ficara paralisado pelo choque e por seu maldito código de honra. Um cavalheiro não contradizia abertamente uma dama e ponto final.

– Se foi algo que aconteceu por acordo mútuo ou por violação?
– disse ele, com uma risada baixa. – Acho que, na ocasião, Marianne estava histérica demais para dar qualquer resposta coerente aos berros do pai, e eu não falava nada. Estava consciente demais do choque do meu pai e da frieza nos olhos de Bewcastle.

– Bem, o que *houve*? – perguntou Lady Morgan, com rispidez.

– Para mim, não foi nenhuma das duas opções – respondeu Gervase. – Eu não tinha bebido muito, mas, mesmo se fosse o caso, não teria esquecido por completo um acontecimento desses, teria? Além do mais, se eu houvesse bebido tanto assim, imagino que, ainda que quisesse, não teria conseguido fazer nada. Acho que fui dopado.

– Por Marianne?

Ele deu de ombros.

– Não se acusa uma mulher de uma coisa dessas – falou. – Nem de mentir. Então, quando ela finalmente conseguiu falar e declarou que eu a possuía à força, não me defendi. Mas, se ela me drogou, foi um plano espetacular. Não houve, é claro, nenhum anúncio de noivado naquela noite, nem depois.

Gervase levantou um braço e apoiou-o no console da lareira, acima da cabeça. Era um pedido de casamento estranho aquele. Mas ele se deu conta de que, de certa forma, já esperava por isso. E havia um certo alívio em esclarecer aquele assunto entre os dois.

– Tudo isso poderia explicar muito bem por que Wulf o odeia, lorde Rosthorn – comentou Morgan, levantando-se, dando a volta na escrivaninha e indo até ele. – Mas ele diz que o *senhor* o odeia. Meu irmão acredita que o senhor teria feito aquilo por ódio a ele, não por amor a ela.

Gervase riu baixinho e se virou para encará-la. Pobre jovem – era apenas uma criança quando tudo aquilo acontecera. Não deveria ter sido arrastada para o meio daquela história tanto tempo depois. Ele algum dia se perdoaria? Duvidava.

– A cena foi bastante melodramática mesmo – disse ele. – Bewcastle saiu do quarto enquanto o marquês de Paysley ainda gritava com a filha e ameaçava me matar. Ao mesmo tempo, meu pai garantia a ele que eu faria uma visita formal à casa da família pela manhã, para fazer o *meu* pedido de casamento. Deixei o quarto e fui atrás de Bewcastle, com a intenção de explicar a situação a ele sem chamar Marianne de mentirosa na frente dela. Mas ele desceu as escadas correndo à minha frente e Henrietta me deteve na base da escada. Ela estava muito pálida e perturbada, e queria saber o que havia acontecido. Quando consegui alcançar Bewcastle novamente, ele estava no saguão, prestes a ir embora. Estava cercado por vários amigos em comum e, é claro, por vários criados e alguns outros convidados. Eu estava fora de mim de atordoamento, raiva e vergonha. Mantive a pose e, no tom mais nobre que consegui, convidei Bewcastle a me enfrentar se quisesse explicações.

– Vocês duelaram? – perguntou Morgan, os olhos arregalados.

– Ele me encarou daquele jeito que só ele consegue, como se eu estivesse abaixo de um verme na cadeia alimentar – disse Gervase, com outra risadinha. – Levou o monóculo ao olho e respondeu que tinha como regra duelar apenas com cavalheiros. Ainda falou que me açoitaria com o chicote do cavalo dele se me visse novamente depois daquela noite. Então foi embora e todos os outros permaneceram, me encarando com expressões variadas de acusação.

Lady Morgan o fitou em silêncio por um longo tempo.

– Então seu pai o baniu – disse Morgan. – O senhor se recusou a se casar com Marianne, então?

– Não me foi dada a chance. Assim como não foi dada a ela a chance de recusar meu pedido. Meu pai me procurou na manhã seguinte, quando eu ainda estava em meu quarto de vestir. Trazia uma carta aberta na mão e estava furioso como eu nunca o vira, nem na noite da véspera. Era uma missiva de Paysley exigindo a devolução de um broche que eu supostamente tirara do quarto de Marianne na noite anterior. Era uma herança de família de valor inestimável, ao que parecia, que quase nunca era tirada do cofre. Mas o pai dera a joia a Marianne para que ela a usasse na noite de seu noivado.

– Não. – Morgan franziu a testa. – Isso, entre todo o resto, é um absurdo. O senhor não teria feito uma coisa dessas.

– Obrigado, *chérie*. – Gervase sorriu para ela. – Mas eu *tinha visto* o broche no chão, quando estava prestes a sair do quarto. Bewcastle quase pisou nele. Ele parou, pegou a joia e a colocou sobre uma mesa, então eu o segui para fora. Conteí isso ao meu pai na manhã seguinte e o convenci a me deixar procurar Bewcastle, para que ele pudesse confirmar a minha inocência. Ele não estava na Casa Bedwyn. Fui encontrá-lo no White's, cercado basicamente pelo mesmo grupo de amigos da noite anterior. Pedi, na frente de todo mundo que estava ali, que seu irmão confirmasse o que eu vira. Ele apenas levou o monóculo ao olho e perguntou se alguém conhecia o cachorrinho abusado que estava parado na porta. Depois disso, Bewcastle me ignorou e eu fui embora. Eu era muito jovem e tolo naquela época, *chérie*. Meu pai escreveu para Bewcastle, mas ele respondeu em poucas linhas, alegando que não sabia nada sobre broche algum. Então, como pode imaginar, minha desgraça se agravou ainda mais. Fui acusado e condenado como violador de inocência e como um ladrão vil. Meu pai fez o que achou que tinha que fazer.

Morgan voltou a encará-lo por um longo tempo.

– Acredito no senhor – falou. – Também acredito em Wulf. Ele viu e ouviu o que lhe pareceu uma prova incontroversa de culpa, embora *realmente* tenha sido vil da parte dele ter se recusado a lhe

fornecer o álibi de que precisava na questão do broche. Imagino que a intenção tenha sido puni-lo pelo que o senhor havia feito a ele. Mas acredito na sua inocência.

– Obrigado, *chérie*.

Ela não resistiu quando Gervase pegou uma de suas mãos e levou-a aos lábios. Morgan foi a única pessoa até então a acreditar nele. Gervase se sentiu estranhamente próximo às lágrimas. Ela também era a mulher que ele traía.

– Então – disse Gervase – voltemos à razão desta minha visita.

– Prefiro que não faça o pedido.

– Prefere, *chérie*? Não deseja se casar comigo?

– Não devemos considerar a ideia de casamento quando o senhor está sendo forçado a pedir e eu estou sendo forçada a aceitar. Não devemos permitir que a sociedade nos diga o que fazer com o resto de nossas vidas. Isso é um absurdo.

– Mas talvez a sociedade e eu concordemos nesse ponto.

– Tudo está acontecendo rápido demais – falou Morgan, com a testa franzida. – Passamos por muitas coisas nos últimos dois meses. O senhor tem sido meu amigo, mesmo que em certa ocasião nós dois tenhamos passado dos limites. Sinto afeto pelo senhor, lorde Rosthorn, e me parece que talvez o sentimento seja recíproco. Mas quero mais de um casamento.

– Amor? – Ele deu um sorriso melancólico para ela.

– Quero ir para casa, para Lindsey Hall, passar o verão – disse Morgan, sem dar seguimento ao assunto anterior. – Acredito que o senhor deseje voltar à Chácara Windrush para retomar a vida que lhe foi roubada há nove anos. Nós dois devemos fazer o que desejamos, sem estarmos presos a um compromisso do qual podemos nos arrepender.

Ela o estava deixando livre? Onde estava a empolgação que ele deveria sentir?

– E na próxima primavera? – perguntou Gervase. – Nos encontraremos de novo?

– Talvez. Devemos permitir que o futuro siga seu rumo. Agradeço por ter vindo, lorde Rosthorn, mas lhe peço que não me proponha casamento. Eu não suportaria lhe dizer não, já que gosto

tanto do senhor, mas seria obrigada a fazer isso, mesmo a contragosto.

– *Chérie*. – Ele ainda segurava a mão dela. Levou-a novamente aos lábios e a manteve ali. Então apertou-a com mais força e fechou os olhos. – Assim parte meu coração.

E o mais ridículo de tudo era que ele tinha a sensação de que estava sendo sincero.

Antes que qualquer um dos dois pudesse dizer mais alguma coisa, alguém bateu de leve à porta da biblioteca. Era Lady Aidan Bedwyn, parecendo constrangida e pesarosa.

– Me desculpem – disse ela. – Wulfric estava determinado a voltar para cá, já que vocês estão sozinhos há mais tempo do que ele considera apropriado. Eu o convenci a me deixar vir em seu lugar. Posso me sentar no canto mais distante de vocês com um livro e ficar cega e surda. Por favor, ignorem a minha presença.

Lady Morgan retirou a mão da dele.

– Não há necessidade, Eve. Lorde Rosthorn está de partida.

Lady Aidan olhou para ele com curiosidade.

– Ele não virá à sala de visita para comer alguma coisa? – perguntou.

Gervase fez uma mesura.

– Não, madame, obrigado. Preciso ir.

– Ah – disse ela –, lamento muito.

– Não é necessário – assegurou Morgan. – Nos despedimos em termos amigáveis, Eve. Lorde Rosthorn e eu somos amigos.

Não havia nada a fazer a não ser se inclinar mais uma vez em uma reverência para as duas e partir. Alguns minutos depois, quando saía da propriedade dos Bedwyns como um homem novamente livre, Gervase duvidava que tivesse se sentido mais arrasado em muitos anos.

CAPÍTULO XVI



Ninguém sequer mencionou o nome do conde de Rosthorn. Era como se ele nunca houvesse aparecido ali, como se ninguém esperasse que fizesse um pedido de casamento.

Todos estavam determinadamente animados. Eve e Aidan planejavam voltar para casa em poucos dias e queriam que Morgan os acompanhasse.

– Devemos passar umas semanas em Lake District – acrescentou Eve. – Você deve lembrar que queríamos ter ido no ano passado, Morgan, mas acabamos indo para a Cornualha, porque Joshua parecia precisar do nosso apoio. Este ano vamos tentar de novo. Adorariamos que você nos acompanhasse, não é, Aidan?

– As crianças também adorariam, Morgan – disse ele.

Freyja e Joshua apareceram à tarde. De algum modo, eles já sabiam que não haveria noivado.

– Vamos voltar para casa assim que a sessão no Parlamento terminar – falou Freyja. – Nenhum médico daqui teve sucesso em me convencer de que sofro de enjoo matinal ou qualquer um desses outros prazeres que certamente acompanhariam a minha condição se eu fosse uma dama refinada. Além do mais, estamos com saudades de Penhallow. E ainda temos que cuidar dos preparativos para o casamento de Chastity. Venha conosco, Morgan. Pode pintar mais, como queria tanto fazer no ano passado.

– Concordo, Morgan – acrescentou Joshua, com um sorriso. – Talvez você possa exercer alguma influência sobre a minha esposa, que, de outro modo, acabará escalando penhascos ou remando em barcos de pescadores, deixando-me em uma ansiedade terrível e permanente. É preciso lembrar que ambos nos encontramos em um estado delicado esses dias.

Wulf anunciou que retornaria a Lindsey Hall assim que a sessão terminasse.

– Agora que você já foi apresentada à sociedade – disse ele –, poderá fazer e receber visitas e me aliviar de parte do meu fardo social... a menos que queira passar o verão em Lake District ou na Cornualha, é claro.

– Tenho tantas opções que parece que vou acabar paralisada pela indecisão – disse Morgan.

Mas ela percebeu que todos os planos envolvendo-a em atividades animadas eram para o futuro. Não houve menção a passeios a cavalo no Hyde Park, ou a tardes de compras na Oxford Street ou na Bond Street, ou a visitas à biblioteca ou a qualquer outra atividade que seria normal mesmo em seu período de luto.

Caíra, era óbvio, em absoluta desgraça. Não apenas se comportara mal em Bruxelas, e com uma indiferença notória ao seu nome e à sua posição social ali em Londres – como dissera tia Rochester –, como agora também se recusara a tentar se redimir da única maneira socialmente aceitável. Ela se negara a se casar com o conde de Rosthorn.

Por que fizera isso?

Passou o resto do dia tentando responder a essa pergunta. Acreditava que o amava. Depois de ouvir o relato do conde sobre o que acontecera nove anos antes e perceber a terrível injustiça sob a qual ele vivera por todo aquele tempo, ficara ainda mais certa de seus sentimentos.

Por que recusara o pedido, então?

Esperara que lorde Rosthorn houvesse sido mais persuasivo, que a assegurasse com mais determinação do seu amor por ela? Mas Morgan não jogava esse tipo de jogo.

Talvez ela tivesse razão, pensou, depois de pedir licença e se retirar cedo da sala de estar, onde estava com a família. Permitiu que a camareira lhe preparasse a cama, então se acomodou no assento junto à janela de seu quarto com as pernas dobradas, como fizera pela manhã.

Talvez tivesse razão em fazer o que fizera. Sua vida tinha sido muito confusa naquela primavera. Como ela poderia tomar uma decisão racional sobre algo tão importante quanto o casamento? E talvez ela não o amasse de verdade. Talvez fosse apenas amizade, afinal, e gratidão – e simpatia.

Morgan mal conseguia se lembrar do encontro dos dois nos aposentos dele, em Bruxelas. Fora selvagem, apaixonado e chocante, mas intenso e prazeroso também. E ela ainda ficava arrepiada ao lembrar que estivera com ele daquela forma. Mas aquilo fora amor? Não, certo? Ela precisava de conforto e o conde lhe dera isso, porque eles eram amigos – talvez um pouco mais do que amigos.

Mas agora ela o *dispensara*. Podia nunca mais vê-lo de novo. E, mesmo que se encontrassem, no ano seguinte ou nos outros, talvez apenas acenassem com a cabeça um para o outro, de forma polida e distante, como estranhos.

Não conseguiria suportar aquilo.

Por que o dispensara?

Abaixou a cabeça até encostá-la nos joelhos, fechou os olhos e fez o que descobrira, anos antes, ser capaz de acalmar sua mente e suas emoções: ouviu a própria respiração, concentrou-se apenas nela, como se não houvesse mais nada a fazer ou a pensar. E talvez não houvesse mesmo. Havia tomado uma decisão e agora o rumo de sua vida era desconhecido. O passado se fora, o futuro ainda não chegara e o momento presente era como uma bênção entre os dois. Era, de fato, a única realidade.

Mas, às vezes, o problema de bloquear os pensamentos era que o efeito amortecedor deles sobre a mente também era suspenso, abrindo espaço para que a verdade se impusesse e fosse ouvida, como aconteceu assim que Morgan perdeu a concentração na respiração.

Ela o impedira de pedi-la em casamento porque ainda não terminara de fazer as perguntas que precisava, mas acabara ficando com medo de enunciá-las. Com tanto medo, na verdade, que até aquele momento não admitira nem para si mesma.

Levantou a cabeça e encarou a escuridão pela janela.

Talvez, pensou, porque já soubesse as respostas, mas poderia ignorá-las desde que nunca fossem expressas em palavras.

Mas desde quando ela temia encarar a verdade? Desde Bruxelas, quando negara por uma semana inteira a realidade da morte de Alleyne?

Quando nascera aquele medo de fazer perguntas, mesmo sabendo que as respostas a arrasariam? Desde aquela manhã?

Em que momento se tornara uma covarde, escondendo-se naquele quarto, preparando-se para voltar para Lindsey Hall, ou para fugir para Lake District ou para a Cornualha, fingindo que tinham sido o bom senso e a maturidade que a haviam impedido de se comprometer com um noivado naquela manhã?

O amor era algo vazio – e essencialmente inexistente – quando o seu objeto não era o que se pensava dele, quando nunca havia sido.

Morgan ainda demorou um bom tempo para ir para a cama. Depois ficou deitada ali, olhando para o baldaquino acima de sua cabeça, certa de que aquela seria uma noite tão insone quanto fora a anterior. O que ela queria mesmo fazer, pensou, consciente do silêncio ao redor e percebendo que todos os outros já deveriam estar na cama também, era ter um ataque de pirraça.

Mas, infelizmente, não era mais criança.



Morgan observou Eve durante todo o jejum na manhã seguinte. A cunhada podia ser dócil e tranquila, mas Morgan sabia que ela havia desafiado Wulf, tia Rochester e Aidan no ano anterior,

exigindo que a cor de seu vestido de apresentação à corte fosse alterada para preto, a fim de que ela honrasse a memória do irmão, recentemente morto em batalha, em vez de usar um traje colorido, como decretara o irmão mais velho. Então Eve o desafiara mais uma vez, insistindo em voltar para casa para lidar com uma crise na própria família, quando ele havia lhe ordenado que ficasse para um jantar importante na Casa Carlton. E o mais interessante de tudo era que agora Wulf tinha um profundo respeito por Eve, embora ela fosse filha de um mineiro de carvão galês. Aquilo dizia alguma coisa sobre a força do caráter da cunhada.

Ainda assim, Morgan rejeitou a ideia de pedir a Eve que a acompanhasse. Precisava fazer aquilo sozinha.

Então, menos de uma hora depois, quando Wulfric já partira para a Câmara dos Lordes e todos os outros estavam concentrados em suas tarefas diárias, Morgan saiu pela porta da frente, com a camareira alguns passos atrás, e percorreu a pé a distância que a separava da Casa Pickford. Se encontrasse alguém conhecido no caminho, decidiu, inclinaria a cabeça com altivez, daria um bom-dia e deixaria a pessoa se comportar como desejasse.

Não se importaria se passasse por uma dúzia de pessoas e todas a ignorassem abertamente.

Mas a pessoa que ela acabou encontrando, é claro, foi Lady Caddick, junto de Rosamond. O peito de Lady Caddick se elevou quando ela inspirou fortemente e se virou para falar com a filha bem no momento em que Morgan se aproximava das duas.

– Estou sentindo cheiro de peixe podre, Rosamond – disse a mulher. – É lamentável que mesmo em uma área distinta como esta não possamos evitar os piores odores.

– Bom dia, madame – cumprimentou Morgan. – Bom dia, Rosamond.

A jovem lançou um olhar aflito a Morgan e provavelmente teria parado para falar com ela se a mãe não a houvesse agarrado pela manga e a arrastado para longe.

Morgan teria achado divertido todo o episódio se não houvesse se lembrado do que estava fazendo na rua. Então se apressou e bateu na porta da Casa Pickford antes que perdesse a coragem.

Foi informada de que a condessa de Rosthorn não estava em casa, mas que a Srta. Clifton, sem dúvida, ficaria feliz em recebê-la. Morgan seguiu o mordomo pela escada enquanto a camareira que a acompanhara desaparecia nos fundos da casa. O criado levou Morgan a uma sala de estar menor do que a sala de visita onde fora tomar chá poucos dias antes e a anunciou. Henrietta Clifton se levantou imediatamente, com uma expressão de surpresa.

– Lady Morgan – falou. – Por favor, entre e sente-se. Lamento que tia Lisette não esteja aqui para recebê-la. Ela também lamentará.

A Srta. Clifton devia estar perto dos 30 anos, avaliou Morgan. Era uma moça sem atrativos, ligeiramente acima do peso, mas tinha modos agradáveis, e Morgan gostava dela.

– Sou a última pessoa que a senhorita deve ter imaginado ver hoje – comentou Morgan, sentando-se.

– Ficamos surpresas e um tanto desapontadas quando Gervase voltou para casa ontem e nos contou que a senhorita recusou o pedido de casamento – disse a Srta. Clifton. – Pensei sinceramente que vocês dois se acertariam, e desejo muito a felicidade do meu primo. Mas acredito que a senhorita tenha tido uma boa razão.

– A senhorita não se voltou contra ele há nove anos, então? – perguntou Morgan.

A Srta. Clifton ficou ruborizada.

– Ah, então sabe a respeito? Não, nenhum de nós culpou Gervase, exceto meu tio. Nenhum de nós esperava que titio reagisse daquela forma. Me sinto muito mal a respeito disso desde então. Posso lhe oferecer alguma coisa para beber?

– Na verdade, vim falar com lorde Rosthorn – retrucou Morgan. – Esperarei pelo retorno dele, se for possível.

– Com Gervase?

A Srta. Clifton pareceu surpresa mais uma vez, como era de esperar.

– Há algo que me esqueci de dizer a ele ontem – explicou Morgan. – Por favor, não me diga que ele só deve voltar para casa à noite...

– Ele nem saiu de casa – retrucou a Srta. Clifton, se levantando. – Gostaria de falar com meu primo a sós?

– Sim, por favor.

– Vou chamá-lo, então.

Ela saiu da sala antes que Morgan pudesse mudar de ideia. De qualquer maneira, agora era tarde demais.

Gervase apareceu menos de um minuto depois. Entrou a passos largos na sala e logo em seguida um criado que Morgan não tinha visto fechou a porta. As mãos dele estavam estendidas para ela e sua testa estava franzida.

– O que aconteceu? – perguntou. – Qual é o problema? Alguém está atormentando sua vida? É Bewcastle?

– Não há problema algum. – Morgan se levantou e ficou atrás da cadeira, de modo a deixá-la entre os dois. – Lorde Rosthorne, por que me convidou para dançar no baile do visconde de Cameron?

Ele a encarou por um instante.

– A senhorita era, de longe, a dama mais adorável daquele baile, *chérie*. Eu a vi e soube que precisava ser apresentado à senhorita.

– Tente de novo – disse Morgan, sem desviar o olhar do dele. – E tente ser honesto desta vez. O senhor não dançou com mais ninguém naquela noite. Tenho 18 anos. Estava vestida de branco, como toda moça que acaba de ser apresentada à sociedade. Devo ter parecido uma criança aos seus olhos de sedutor experiente. Sabia quem eu era antes de sermos apresentados?

Um meio sorriso se insinuou nos lábios e nos olhos dele.

– Sabia.

– E não sentiu repulsa ao saber que eu era irmã do duque de Bewcastle?

– Não. Eu valsei com a senhorita, não foi?

– E *por que* fez isso?

Mesmo àquela altura, havia uma parte de Morgan que desejava estar errada. Mas ela sabia que não estava. Só precisava ouvi-lo admitir.

– Teria sido melhor se não tivesse vindo aqui hoje, *chérie* – disse Gervase em voz baixa, a cabeça inclinada para o lado. – Teria

sido melhor se, mesmo agora, aceitasse a explicação mais fácil. Mas não vai fazer isso, não é? Desconfio que nunca optará pelo caminho mais fácil na vida. Eu valsei com a senhorita, *ma petite*, porque é irmã do duque de Bewcastle.

Morgan segurou com força o encosto da cadeira e ergueu o queixo.

– E o piquenique na floresta de Soignes?

– Porque é irmã de Bewcastle.

– Tinha a intenção de me arruinar ali?

– Ah, não – respondeu Gervase. – Minha intenção era apenas lhe dedicar uma atenção especial e, talvez, cometer uma pequena indiscrição, de modo que os aristocratas ali reunidos falassem a respeito de nós e os comentários chegassem a Londres e aos ouvidos de Bewcastle.

Era quase como se ela não houvesse imaginado a verdade, como se estivesse se dando conta daquilo pela primeira vez. A mágoa quase a entorpeceu. Lembrou-se de ter deixado que o conde flertasse com ela no piquenique, e de também ter flertado com ele, de sentir-se no controle da situação, no controle dele. Recordou o beijo que havia permitido.

Não entendera o jogo. E não chegara nem perto de ganhá-lo.

Não passara de uma marionete nas mãos dele.

Mesmo assim, Morgan sentiu vontade de parar as perguntas ali. Mas Gervase continuou a encará-la, parado no meio da sala, com aquele meio sorriso que ela vira com tanta frequência em Bruxelas, e que achava provocante e atraente.

Agora sabia que era um sorriso de desdém pela juventude dela, por sua ignorância, pela sua linhagem.

– E o baile dos Richmonds? – perguntou Morgan, seguindo adiante com dificuldade. – Esperou que todos os oficiais se afastassem e foi me confortar. Estava preparando o terreno para um escândalo mais escancarado?

– Ah, *chérie* – disse ele. – Você precisava ser confortada.

– E então eu precisei de alguém pra me acompanhar até a casa da Sra. Clark e depois, voltando de lá – continuou ela, fuzilando-o com os olhos. – Depois, precisei de alguém para encontrar Alleyne

para mim. E alguém para me apoiar quando os Caddicks disseram que não ficariam em Bruxelas. O senhor me defendeu deles com tanto empenho e tanta firmeza, lorde Rosthorn... Ainda precisei de companhia para andar por Bruxelas, quando não estava cuidando dos feridos. Durante todo esse tempo, o escândalo sobre nós crescia, e durante todo esse tempo o senhor foi meu *amigo*. Meu amigo tão querido... O engraçado é que eu me achava madura para a minha idade. Ficava impaciente com os jovens da mesma faixa etária e até com os mais velhos, que eram menos ousados e tinham menos controle sobre o próprio destino. Fui enganada pelo senhor. Wulfric usou essa palavra ontem, antes de o senhor aparecer na Casa Bedwyn, e eu não lhe dei ouvidos.

Ela agora segurava o encosto da cadeira com as duas mãos.

– Como posso me defender? – perguntou o conde. – Eu me sinto terrivelmente culpado no que diz respeito à senhorita. Mas não *sobre tudo*. Não depois de Waterloo.

Ela deu a volta ao redor da cadeira e foi na direção dele quando percebeu que o conde podia achar que ela estava se escondendo.

– E naquela noite – falou Morgan, os punhos cerrados ao lado do corpo –, quando fui procurá-lo, perturbada e em choque pelo que descobrira sobre Alleyne...

– Ah, *non, ma chère* – adiantou-se Gervase, levantando as mãos como se para se defender de um golpe.

– Achei que *eu* havia iniciado o que aconteceu ali – continuou ela. – Ainda acho, mas apenas porque o senhor me induziu e me manipulou para que eu gostasse do senhor e confiasse no senhor mais do que já confiara em qualquer pessoa no mundo. Deve ter ficado *exultante*.

– *Non, ma petite*.

Ela ergueu a mão direita e desferiu uma bofetada no rosto dele.

– Ah, sim! – gritou. – Não negue. Sim, sim, sim, *oui, oui, oui*. Em qualquer língua, é inútil mentir para mim.

– Como quiser – falou ele, deixando as mãos caírem ao lado do corpo enquanto as marcas dos dedos dela apareciam vermelhas contra a face esquerda dele.

– O senhor me *usou* – acusou Morgan. – Me caçou, me odiou e fingiu se preocupar comigo. É o pior tipo de vilão.

– Sim – concordou ele. – Talvez eu seja.

A mão de Morgan estava quente e ardida, mas ela teve a satisfação de saber que a sensação no rosto dele provavelmente era pior.

– O encontro no Hyde Park – prosseguiu ela – e o chá aqui, com sua mãe, foram parte de um plano inteligente, eu suponho, para constranger Wulfric ainda mais e forçá-lo a permitir que o senhor falasse diretamente comigo. E o baile... como sabia que havia uma antessala perto do salão? Como a porta acabou ficando entreaberta depois que entramos? E por que fomos dominados pela paixão enquanto valsávamos e fomos encontrados convenientemente nos braços um do outro? O senhor *planejou* tudo.

Ele continuou a fitá-la.

– Planejei – admitiu.

Ela levantou a mão e desferiu-lhe outra bofetada, agora na outra face. Então o encarou quando ele se encolheu mas não fez nenhum movimento para se defender. As narinas de Morgan estavam dilatadas, os lábios, curvados em um sorriso de desdém.

– E ontem foi o golpe de misericórdia – disse ela. – O senhor me contou a sua história e angariou minha compaixão. Não há forma melhor de despertar a piedade de alguém do que contar sobre erros cometidos e injustiças sofridas. E suponho que me encaixei em seu esquema com perfeição quando não permiti que pedisse a minha mão. Eu o liberei. O senhor transformou a minha vida, a de Wulfric e a da minha família em um caos e eu o liberei para que se regozijasse com a lembrança de sua vitória.

– Certo, *chérie* – retrucou Gervase, em voz baixa, quando Morgan esperou que ele respondesse.

– *Errado*, lorde Rosthorne. – Ela o encarou com ódio e apontou para o chão. – Pode ficar de joelhos. Mudei de ideia. Faça o pedido. E saiba que, caso se recuse, não pouparei esforços para que Londres inteira, a Inglaterra inteira, saiba que é um homem sem honra e sem decência. Eu ainda tenho *alguma* influência. Tenho parentes poderosos.

O conde inclinou a cabeça para o lado novamente e o meio sorriso voltou aos seus olhos.

– Deseja que eu a peça em casamento? Depois de tudo isso? Para que possa ter a satisfação de recusar? Seria monstruoso da minha parte lhe negar isso, eu suponho. Muito bem, então.

Ele se apoiou em um dos joelhos e ergueu os olhos para ela ao mesmo tempo que segurava suas mãos. A expressão divertida se fora de seu rosto e ele a fitava com o que Morgan, apenas no dia anterior, talvez houvesse interpretado como ternura.

– Lady Morgan Bedwyn, me daria a grande honra de aceitar meu pedido de casamento?

Morgan reuniu toda a considerável altivez de que era capaz e abaixou os olhos, sem tentar esconder o desprezo que sentia. E o manteve esperando. Saboreou o momento.

– Obrigada, lorde Rosthorn – disse, por fim. – Eu aceito.

Ele a encarou com uma expressão confusa.

– Deixei de compreender alguma coisa? – perguntou.

– Duvido que seja surdo, e acredito que tenha compreendido tudo. Pode se levantar agora.

Ele ficou de pé lentamente. O ar risonho tinha voltado a seus olhos.

– Vai me punir, *chérie*, casando-se comigo e deixando que eu nunca esqueça o vilão que sou? – indagou.

– Errado de novo, lorde Rosthorn. Aceitei seu pedido de casamento. Não tenho a menor intenção de me casar com o senhor.

O riso cresceu nos olhos dele.

– Ah, agora está tudo perfeitamente claro.

– Pensou que estava livre, que sua vingança havia sido belamente aplicada contra todos nós e que eu me recolheria ao campo em desgraça – falou Morgan, fitando-o com altivez. – Nada disso, lorde Rosthorn. Deve ter esquecido que sou uma Bedwyn. Nosso assunto não está terminado. Não sairei de fininho, com a cabeça baixa, apenas porque fui tola e inocente demais para reconhecer um patife. O senhor é meu noivo. Vai me cobrir de atenções e da mais terna devoção até eu resolver me liberar.

– Ah, *chérie*, fica magnífica quando está furiosa. Vou cortejá-la até que mude de ideia sobre me abandonar – disse ele, cruzando as mãos nas costas e se inclinando um pouco mais para perto.

– Errado mais uma vez. *Eu* vou cortejá-lo, lorde Rosthorn. Farei com que se apaixone por mim, então partirei seu coração.

– Já estou apaixonado, *ma petite*, e com certeza partirá meu coração se não mostrar misericórdia por mim.

– Ou talvez eu o faça me odiar e me case com o senhor, no fim das contas – falou Morgan. – Nunca conhecerá meus sentimentos, ou minhas intenções. Mas dançará conforme a música que eu tocar durante o tempo que *eu* quiser. E se recusar, se o *senhor* romper nosso noivado, tomarei todas as providências para que seja banido deste país novamente, e desta vez pelo resto de sua vida.

Os olhos dele sorriam.

O peito dela arfava.

A porta foi aberta.

– Lady Morgan, *ma chère*! – exclamou a condessa de Rosthorn, entrando, apressada, na sala. – Henrietta me disse que estava aqui com Gervase, sem sua camareira. Aconteceu alguma coisa que a aborrecesse? Já repreendi meu filho com veemência depois do baile dos Hallmeres, pode ter certeza. Não fiquei nem um pouco satisfeita com o comportamento dele.

– *Maman* – disse o conde, passando o braço de Morgan pelo dele e sorrindo para ela de um modo que a teria deixado com as pernas bambas apenas um ou dois dias antes –, Morgan acaba de me fazer o homem mais feliz do mundo.

– É verdade, madame – concordou Morgan, com um sorriso ofuscante. – Gervase acaba de me pedir em casamento e eu aceitei.

Ela levantou os olhos para ele, e ali mesmo, com a mãe dele observando, comemorando em francês e levando a mão ao peito, o conde abaixou a cabeça e beijou-a nos lábios.

Para não se deixar vencer, Morgan correspondeu ao beijo.

CAPÍTULO XVII



Gervase se perguntou se Morgan havia se dado conta, quando insistiu no noivado deles, de que a temporada estava quase terminada. Talvez ela houvesse imaginado que eles apareceriam juntos em vários eventos, ela altiva e triunfante, ele sorrindo para ela, antes que ela o desprezasse publicamente e completasse sua vingança.

Gervase sabia que o fato de isso acabar envolvendo-a em um novo escândalo não a deteria.

Mas, é claro, a temporada social *estava* quase no fim. O anúncio do noivado foi feito nos jornais da manhã, e foram oferecidos chás e jantares pelas famílias dos dois. Eles andaram juntos a cavalo no parque algumas vezes de manhã e Gervase a levou para passear de charrete no Hyde Park em um horário de alta frequência da nobreza. Mas não havia muito mais a fazer. Quase todas as famílias já haviam partido para o campo.

A mãe de Gervase e Henrietta ficaram encantadas diante da mudança inesperada no rumo dos acontecimentos, a mãe bastante empolgada mesmo. A família de Morgan também parecia satisfeita e, sem dúvida, estava sendo educada. Bewcastle manteve uma cortesia gelada.

Morgan mostrava-se radiante, mesmo na maior parte do tempo em que os dois se encontravam sozinhos – apesar de eles estarem quase sempre à vista até nesses momentos. Se Gervase não

soubesse dos planos dela, talvez houvesse imaginado que estava perdidamente apaixonada por ele – embora não estivesse convencido de que isso não era verdade, ou de que ele mesmo não estava apaixonado por ela. Mas Gervase sabia que o brilho de Morgan era como um escudo invisível que ninguém percebia, no qual ele não conseguia penetrar.

Ele se perguntou o que o verão traria. Morgan deixava claro a todos que perguntavam que os dois não tinham planos de se casar imediatamente. Queriam aproveitar o noivado por algum tempo, explicou. Foi Gervase que arrumou um modo de fazerem isso mais plenamente. Ele, a mãe e Henrietta tinham sido convidados para jantar na Casa Bedwyn e Lady Aidan Bedwyn acabara de mencionar os planos dela e do marido para a viagem que fariam a Lake District.

– Morgan estava pensando em vir conosco – disse Lady Bedwyn. – Ainda está considerando a possibilidade, Morgan? – perguntou, lançando um olhar de curiosidade para Gervase.

– Ah, não – disse ele. – Eu não conseguiria suportar uma longa separação da minha noiva, e sei que Morgan concorda comigo. – Ela estava sentada ao lado dele. Gervase virou-se para ela e sorriu. – Não irá a Lake District, não é, *chérie*? Irá conosco para Windrush, em vez disso?

– Mas é claro que ela irá – respondeu a mãe dele no outro extremo da mesa, como se tudo houvesse sido combinado com muita antecedência. – Não vejo a hora de apresentar minha futura nora aos nossos amigos e vizinhos. Já escrevi às minhas filhas dando a feliz notícia. Tenho certeza de que elas irão a Windrush para conhecer Morgan e rever Gervase. Organizarei alguma grande celebração de noivado. Uma festa ao ar livre, ou um baile, ou talvez ambos.

– Talvez, *maman*, a família de Morgan queira se juntar a nós e nos ajudar a celebrar – sugeriu Gervase.

– Mas que ideia encantadora, *mon fils*! – disse a condessa, levando as mãos ao peito e sorrindo para todos ao redor da mesa. – Se me desse mais um minuto, eu mesma teria pensado nisso. Lady Aidan? Lady Hallmere? Bewcastle? Concordam em se juntar a nós na chácara?

Gervase virou a cabeça e sorriu novamente para Morgan enquanto tocava a mão dela sobre a mesa.

– Isso a agradará, *chérie*? – perguntou em voz baixa. – Passarmos o verão juntos em nossa futura casa, para que você possa conhecer toda a minha família e seus futuros vizinhos e amigos?

– Nada me agradaria mais.

Os olhos dela brilhavam.

Gervase percebeu que se divertia imensamente. Estava muito feliz por Morgan ter decidido enfrentá-lo. Sentia-se muito culpado no que dizia respeito a ela. Embora nem todas as acusações de Morgan contra ele fossem justas, ele *de fato* a usara de forma deliberada e abominável. Vira-se imerso em uma profunda tristeza depois que ela o mandara embora da Casa Bedwyn, quando fora pedi-la em casamento. Embora estivesse livre e tivesse a impressão de que a jovem não suspeitava das verdadeiras intenções dele, Gervase ficara arrasado com a traição que levara a cabo e com o fato de tê-la arrastado para um escândalo.

Mas Morgan estava revidando de um modo totalmente inesperado e intrigante. Ela prometera que o usaria até estar pronta para descartá-lo. Que o faria se apaixonar por ela e partiria o coração dele. Ou que o faria odiá-la e então o forçaria a se casar com ela de qualquer modo.

Gervase não conseguia evitar: estava achando aquilo divertido. Ao mesmo tempo, agradecia aos céus por ter uma chance de se redimir de algum modo. Ainda não sabia muito bem como faria isso. Talvez só precisasse permitir que Morgan fizesse exatamente o que ameaçara. Mas não se rebaixaria, decidira. Não iria permitir que ela o punisse apenas porque ele precisava ser punido.

Ela não teria prazer nisso.

Gervase estava disposto a entrar no jogo de Morgan. Se ela ganhasse de forma justa e honesta, então ele teria que aceitar a derrota com graciosidade. Mas não iria *deixá-la* vencer. Morgan, sem dúvida, o desprezaria se ele fizesse uma coisa dessas.

Portanto, Gervase participaria do jogo de amor dela para ganhar.

Ele ainda não se perguntara o que significaria exatamente a vitória.

Lady Aidan explicou, com uma risada, que eles já haviam adiado a viagem a Lake District no ano anterior para irem a Penhallow, na Cornualha, quando Freyja ficara noiva. Fariam o mesmo este ano, então. Aidan concordava com ela? Ao que parecia, sim. E como Lady Hallmere não sabia quando poderia sair da Cornualha de novo depois que voltasse para lá, já que estava esperando um bebê, seria uma pena não conhecer o futuro lar de Morgan enquanto ainda tinha oportunidade. Hallmere concordou que seria muito agradável passar uma semana em Kent.

Bewcastle declinou do convite, com um agradecimento cortês à mãe de Gervase.

E então estava tudo acertado. O verão seria passado na Chácara Windrush.

– Imagino que você ache que me constrange ao convidar nossas famílias para irem juntas a Windrush e ao planejar pródigas celebrações de noivado na sua casa – disse Morgan a ele na manhã seguinte enquanto cavalgavam pelo Rotten Row, um pouco mais à frente de lorde e Lady Aidan. – Não me constranjo facilmente, Gervase.

– Sei disso, *chérie* – retrucou ele. – Mas sou eu que devo parecer constrangido, não é? São a minha família e os meus amigos, arrendatários e vizinhos que devem testemunhar minha profunda paixão por você e então se apiedar e zombar de mim quando você me descartar.

– Exatamente.

– A menos que eu consiga persuadir *você* a ter pena de mim, meu encanto – continuou ele, sorrindo e chegando o cavalo um pouco mais perto do dela, o joelho quase tocando o de Morgan.

– Isso não vai acontecer – retrucou ela, sorrindo de modo arrebatador e chegando a cometer a ousadia de estender a mão e tocar levemente a coxa dele.

– Vou levá-la às compras no fim da manhã – avisou Gervase. – Preciso lhe dar joias de presente, *chérie*. Que tipo de noivo eu seria se não lhe comprasse um presente de noivado?

– Não estou interessada em joias. O que eu faria com elas depois que rompêssemos? Sentiria desprezo até em olhar para elas.

– O que eu posso lhe dar então? – perguntou ele. – Ainda não posso lhe comprar roupas. Faria o escândalo renascer.

– Tintas e material de pintura – respondeu Morgan após pensar por um instante. – Não trouxe os meus para Londres e estou morrendo de vontade de pintar de novo. Farei isso em Windrush. Pode me comprar um cavalete, tintas, pincéis, telas, papéis, carvão e o que mais eu puder pensar na próxima hora.

– Você *realmente* pinta? – indagou Gervase. – É boa pintora?

– Que pergunta tola – retrucou ela. – Como posso saber se sou boa ou não? E que importância isso tem? Pinto porque adoro, porque *preciso*, porque assim posso penetrar a realidade, ir além da superfície, buscar significados. Não sou uma amadora, uma dama que pinta belos cenários para encorajar algum admirador a cair de amores por ela.

– Ah. – Ele riu. – Então precisarei ter muita força de vontade, *chérie*, para não cair de amores por você. Está decidido: eu a presentearei com tintas e material de pintura. Tudo da melhor qualidade e em grande quantidade, para que o mundo saiba quanto amo você.

Morgan encarou-o com um sorriso, os olhos brilhando com um calor que vinha do mais íntimo dela – ou assim parecia.

– Obrigada, Gervase. Ah, *obrigada*. Como eu o *adoro*!

Por um instante, ele a encarou, paralisado. Morgan era linda e vibrante, e toda aquela beleza e vibração estavam concentradas nele. Parecia quase impossível acreditar que ela não falava a verdade.

Então Morgan começou a rir.



Wulfric voltaria para Lindsey Hall no mesmo dia em que Morgan partiria para Windrush com Aidan, Eve, Freyja e Joshua. Ele pouco falara sobre o noivado. Quando retornara da Câmara dos Lordes, no dia em que tudo acontecera, e soubera a respeito, tinha se limitado a levar o monóculo ao olho e encarar Morgan em silêncio pelo que pareceu um longo tempo, embora provavelmente nem um minuto houvesse se passado.

Mas ele tivera uma conversa em particular com a irmã antes de ela sair em direção a uma das carruagens que esperavam.

– Nada é irrevogável – disse Wulfric –, até que a cerimônia nupcial esteja encerrada. Eu lhe peço, Morgan, que considere se não está fazendo isso apenas porque eu a aconselhei a fazer o contrário.

– Como você é tolo, Wulf – retrucou ela, irritada. – Vou me casar com Gervase porque *desejo* fazer isso. E você está errado sobre ele. Gervase não violou Marianne. Ela o colocou em uma armadilha porque não queria se casar com *você*.

Morgan desejou não ter colocado as palavras daquela forma, mas já era tarde demais para voltar atrás. Wulfric a encarou com olhos frios e duros.

– Achei que você fosse menos crédula. Às vezes esqueço como é jovem.

– E foi *cruel* da sua parte fingir que não tinha visto o broche que você mesmo colocou sobre uma mesa quando estava saindo do quarto de Marianne, seguido por Gervase – acrescentou ela.

O duque assentiu lentamente.

– Você está mesmo enfeitiçada, então. Só posso torcer para que ele tenha mudado durante esses nove anos, embora até agora as evidências sugiram o contrário. Mas quero que saiba de uma coisa antes de partir, Morgan. Sua felicidade é mais importante para mim do que a minha necessidade de estar certo. Pense na própria felicidade, sem nenhuma referência a mim.

Ela sempre amara Wulf. Não conseguia se lembrar do pai nem da mãe. Wulfric fora sua figura paterna durante toda a vida e ela sempre se sentira maravilhosamente segura e protegida sob as regras e a orientação do irmão. Nunca duvidara de que ele

desejasse o melhor para ela. Ao mesmo tempo, nunca pensara que Wulfric a amava – ou a Freyja, ou a qualquer dos outros irmãos. Sempre o vira como um homem incapaz de qualquer emoção inflamada, inclusive a raiva.

Por isso foi com certo choque que ela se deu conta de que talvez ele se importasse, afinal – não apenas com a segurança dela, sua posição social e sua reputação, mas com *ela*. Isso quase fez com que Morgan, para tranquilizar o irmão, deixasse escapar a verdadeira natureza do seu noivado, promettesse que logo tudo aquilo estaria acabado e que ele enfim poderia esquecer tudo relacionado a Gervase Ashford, conde de Rosthorn. Mas se ela contasse alguma coisa, Wulfric provavelmente a proibiria de ir para Windrush, de se expor mais uma vez a um escândalo – ainda pior do que o anterior.

Morgan se adiantou em um movimento impulsivo e abraçou o irmão.

– Vou ser feliz – prometeu ela. – E vou fazê-lo se sentir feliz por mim. Você verá.

– Sim, bem... – O tom de Wulfric era frio... e talvez um pouco envergonhado? – Eve e Aidan estão esperando você, Morgan.

No fim da tarde, eles se aproximaram da Chácara Windrush, em Kent, e Morgan olhou pela janela com grande interesse. O parque era enorme. A carruagem seguiu por uma entrada arborizada e continuou por 2 ou 3 quilômetros antes que a casa ficasse à vista. Era uma mansão de aparência romântica, com tijolos vermelhos e cumeeiras, cercada de gramados bem-cuidados e jardins de flores coloridas.

– É magnífico, Morgan – comentou Eve, do assento oposto da carruagem. – Como este momento deve ser empolgante para você!

– É, sim – concordou ela.

Fazia uma semana desde a última vez que vira Gervase. Durante aquele tempo, o ultraje e o ressentimento que Morgan sentia por ele tinham crescido. Se não tivesse havido aquela semana em Bruxelas, depois da Batalha de Waterloo, talvez não o odiasse tanto agora, pensara ela inúmeras vezes. Afinal, antes e depois daquele período, ele não fizera muito mais do que flertar com

ela. Mas durante aquela semana fatídica, Gervase se tornara o amigo mais querido que ela já havia tido, e Morgan se sentia terrivelmente traída.

No entanto, a semana que acabara de passar sem vê-lo também fora terrivelmente sem graça. Ela sentira falta dele, do sorriso irônico, do sotaque francês atraente e zombeteiro. E o odiava ainda mais pelo fato de em algum momento nos últimos meses ter acabado se apaixonando, e agora ser obrigada a ajustar suas emoções à realidade do caráter de Gervase e à verdadeira natureza do relacionamento deles.

As portas duplas acima do lance de degraus em forma de ferradura estavam abertas, conforme viu Morgan quando a carruagem passou por um arbusto florido e parou no terraço amplo, calçado com pedras, diante da casa. Dois criados de libré desceram os degraus, um de cada lado, enquanto um terceiro – vestido de preto, que devia ser o mordomo – permanecia parado do lado de fora das portas, muito atento, e o que pareceu uma multidão de pessoas, entre elas Gervase e a condessa, saía da casa e descia correndo as escadas, atrás dos criados.

Então fora aquilo que ela colocara em ação, pensou Morgan com uma mistura de empolgação e nervosismo. Respirou fundo para se acalmar e sorriu.

Era tudo vertiginoso. Gervase ajudou-a a descer da carruagem e logo estendeu a mão para Eve. As outras carruagens – uma trazendo Freyja e Joshua, e a outra, as crianças, Becky e Dave e a ama – pararam atrás da primeira e seus ocupantes saltaram. Morgan se viu envolvida no abraço da condessa e então foi apresentada ao reverendo Pierre Ashford e à sua esposa, Emma, a lorde e Lady Vardon – Lady Vardon era irmã de Gervase, Cecile – e a Sir Harold Spalding e sua esposa, a outra irmã de Gervase, Monique. Os cavalheiros se inclinaram em uma reverência e Emma fez uma cortesia. As irmãs, com o mesmo entusiasmo galês da mãe, abraçaram Morgan e fizeram observações entusiasmadas sobre sua beleza.

Enquanto isso, Gervase cumprimentava os parentes de Morgan e os apresentava aos seus.

Crianças – hordas delas, ao que parecia – corriam ao redor sem nenhum sinal de ama a não ser a babá Johnson para conter sua alegria.

Houve muito barulho e risadas. Os criados descarregaram os coches de bagagem, que também já tinham chegado. O sol de verão iluminava a cena de alegre confusão. Gervase pegou uma das mãos de Morgan e em seguida a outra.

– A semana pareceu interminável, *ma chère* – disse, levando as mãos dela aos lábios, uma de cada vez. – Seja bem-vinda a Windrush. Seja bem-vinda ao lar.

Enquanto as irmãs soltavam exclamações de prazer e várias outras pessoas não identificadas murmuravam com satisfação, Gervase se inclinou para a frente e beijou Morgan nos lábios.

– Cada dia sem você pareceu uma eternidade, Gervase – declarou ela, apertando as mãos dele com força. – Estou tão feliz por enfim estar aqui!

Era ótimo que ele ainda flertasse desavergonhadamente com ela, pensou Morgan quando Gervase lhe ofereceu o braço e os dois subiram os degraus para entrar na casa. Se ele houvesse se tornado triste, arrependido e abatido desde que ela forçara o noivado entre eles, Morgan talvez o tivesse perdoado e liberado do compromisso, mas com certeza o teria desprezado – mais do que já desprezava, é claro.

E cada dia *realmente* havia parecido uma eternidade, admitiu ela para si mesma.



A semana parecera mesmo interminável. Gervase tentara se ocupar com os negócios da propriedade e passara boa parte do tempo com o capataz – que também trabalhara com o antigo conde –, tanto no escritório quanto ao ar livre, andando pela fazenda. Mas o pai, como Gervase sempre soubera, fora um administrador fantástico, que

sempre tivera as rédeas da propriedade. E o capataz claramente admirava muito o antigo chefe. O nome do pai de Gervase com frequência surgia na conversa – o patrão dele costumava fazer isso, o patrão dele acreditava naquilo, o patrão dele jamais permitiria que fosse de outra forma –, até Gervase estar prestes a gritar para o homem que *ele* era o patrão agora.

Mas não podia competir com o pai. Sabia tão pouco... Levaria um tempo enorme para aprender. Enquanto isso, dependia do capataz.

Gervase tivera uma discussão com Henrietta e, de menor seriedade, com a mãe. Quando perguntara casualmente à prima onde ela estivera certa tarde e a moça o informara de que fora visitar Marianne, ele perguntara, bastante irritado, se Henrietta considerava leal a ele continuar com essa amizade. E quando a prima lembrara a ele que já haviam se passado nove anos desde o que acontecera entre Gervase e Marianne, ele perdera a calma e assegurara a Henrietta que sabia *muito bem* quantos anos haviam se passado, porque vivera exilado todo aquele tempo. Henrietta acabara saindo correndo para o quarto aos prantos e a mãe de Gervase sugerira gentilmente que talvez estivesse na hora de deixar o passado para trás.

A questão era que ele não conseguia perdoar o pai.

Não conseguia perdoar Marianne.

Não conseguia perdoar Bewcastle.

E agora estava achando difícil perdoar Henrietta.

Não estava bem, percebeu Gervase. Sentia-se consumido por uma amargura que, até muito recentemente – até pousar os olhos em Lady Morgan Bedwyn no baile dos Camerons, em Bruxelas, na verdade –, pensara ter superado.

Por isso ficou feliz por ter a distração de tantos hóspedes em casa. E estava sinceramente feliz por ver Morgan de novo. Talvez ela o atormentasse – sem dúvida, faria isso –, mas ao menos estimularia o raciocínio e os sentidos dele. E o faria rir.

Gervase fez uma grande cena para entregar a ela os presentes de noivado, na noite da sua chegada. Todos observaram enquanto ela abria um embrulho após outro e exclamava, encantada, ao ver o

que guardavam. Morgan escolhera todo o material em Londres, mas Gervase cuidara para que fosse embrulhado e mandado para Windrush. Quando ela terminou de abrir tudo, foi até ele, passou os braços ao redor do seu pescoço e lhe deu um beijo no rosto.

Se a família de Morgan ficou chocada com um comportamento tão indiscreto, não deu nenhum sinal. A família de Gervase, por sua vez, mostrou-se encantada. Ele estava se divertindo. E torcia para a noiva permitir que fosse vista pintando.

O dia seguinte amanheceu tão quente e ensolarado quanto o da chegada de Morgan. Gervase sugeriu um piquenique à beira do lago durante a tarde e foram todos para lá em um grupo barulhento, levando as crianças junto. Pierre e Emma haviam vindo da casa paroquial com Jonathan. Eles começaram com um animado jogo de esconde-esconde, e logo Joshua – todos os Bedwyns haviam pedido que os chamassem pelo primeiro nome – e Harold pegaram os barcos e levaram quem quis em um passeio, enquanto Emma e Eve brincavam na beira da água com algumas das crianças. Eles se deleitaram com o chá servido por alguns criados, então a maior parte dos adultos se acomodou preguiçosamente sobre mantas embaixo da sombra de um grande carvalho, enquanto os pequenos brincavam por conta própria.

– Aceita dar uma caminhada comigo, *chérie*? – sugeriu Gervase a Morgan.

Ela deu o braço a ele, que a guiou por uma avenida gramada, ladeada por árvores, perpendicular ao lago.

– O que é aquilo a distância? – perguntou Morgan, apontando.

– Um caramanchão – disse Gervase. – É um refúgio tranquilo em um dia chuvoso, com uma vista adorável para todas as direções. Talvez, com o passar dos anos, você passe a gostar de se sentar lá, com um livro.

– Para escapar de todos os pequenos que encherão o quarto das crianças, eu suponho.

– Ou das exigências constantes de um marido amoroso – sugeriu ele.

– Mas o marido amoroso não saberia onde estou?

– Acredito, *chérie*, que ele a perseguiria até lá e a convenceria de que na verdade você quisera mesmo escapar dos visitantes que haviam chegado para atrapalhar a privacidade de vocês.

– Encantador – comentou Morgan. – Há outros refúgios assim no parque? Seria muito tedioso se eu não pudesse ao menos mantê-lo em dúvida sobre qual deles escolheria no dia em questão.

– Há a gruta. Fica no fim da trilha de terra, mas não tão à vista para quem não sabe que ela existe. Eu a levarei até lá um dia desses. Talvez você goste de pintar ali.

– Ah, mas você não iria querer que eu fizesse isso – disse Morgan enquanto eles andavam por entre as árvores que os protegiam do sol direto. – Fico *muito* concentrada quando estou pintando.

– Mas eu tenho toda a paciência do mundo. Sentarei-me e esperarei, e, quando você tiver terminado, a ajudarei a relaxar e então levarei suas coisas de volta para casa para você.

– É mesmo?

– E faremos amor lá – continuou Gervase –, e no caramanchão, e também nas áreas mais reservadas em volta do lago.

– Acho que os barcos também parecem uma ideia interessante – sugeriu Morgan.

– Sim, nos barcos também – concordou ele. – Nos dois. Vamos decidir qual deles é mais confortável e que pedras são mais agradáveis.

Ela virou a cabeça para fitá-lo ao mesmo tempo que ele virava a dele para olhar para ela. Os dois riram.

– Já me perdoou, *chérie*? – perguntou Gervase.

Mas Morgan apenas riu de novo e olhou ao redor com um suspiro alto, que parecia de contentamento.

– Como é lindo tudo isto – falou. – Adoro o verão.

Eles chegaram ao caramanchão. A intenção de Gervase não era pararem ali, e sim voltarem para se juntar aos outros. Mas não havia razão para isso. Estavam oficialmente noivos. Assim, tanto a família dele quanto a dela tinham se tornado indulgentes em relação aos dois ficarem sozinhos por longos períodos. Gervase abriu a porta e se afastou para que ela entrasse primeiro.

Estava quente lá dentro, embora não demais, já que o lugar ficava protegido pela sombra de duas árvores altas. Era uma estrutura redonda, com uma parede de pedra que chegava à altura da cintura, janelas de vidro e um teto de madeira pintada. Um amplo assento de couro circundava a parede e havia uma mesa redonda de carvalho no centro.

Morgan não se sentou imediatamente. Olhou para trás, para a avenida por onde tinham ido até ali, então se virou para a outra avenida, mais estreita, ladeada por flores, que levava à casa principal, depois para a pequena fileira de árvores que dava na trilha de terra e, em seguida, para o rio que corria na direção do lago.

– Tão lindo... – comentou Morgan, e se sentou.

– Lindo mesmo, *chérie*.

Gervase sorriu para ela antes de sentar-se ao seu lado. Morgan abandonara o luto. Ele percebera isso na véspera, quando ela chegara. Estava usando um belo vestido azul-claro de musselina, com um *bonnet* de palha, decorado com flores.

– Qual é a sensação de ter toda a família ao seu redor de novo? – perguntou ela.

– Estranha. Monique e Cecile eram apenas meninas na última vez que as vi. Agora são damas casadas, com filhos. Pierre era pouco mais que um garoto. E tenho dois sobrinhos e três sobrinhas.

– Sente amargura por ter perdido tanto da vida deles?

Gervase pensou antes de responder. Mas não havia por que negar, havia?

– Sim. É quase como se eu tivesse voltado dos mortos e esperasse que todos houvessem passado os anos em que estive ausente lamentando a minha perda. Mas logo descobri que todos continuaram com suas vidas, provando que, no fim das contas, eu não era indispensável para eles. É uma tolice. Por que sempre presumimos que somos tão importantes para os outros? Ninguém é insubstituível, mesmo para as pessoas mais próximas.

– Há um membro de sua família que não está mais aqui – comentou Morgan. – Como se sente em relação ao seu pai, Gervase?

Ele deixou o olhar se perder na avenida que levava à casa.

– Ele foi um modelo de marido e pai – respondeu. – E também um modelo de proprietário de terra, ao que parece. Eu o admirava muito. Éramos bem próximos. Sempre acreditei que era o filho favorito, ainda que ele fosse bastante carinhoso com todos nós. Nunca fui rebelde como eram outros jovens, nem dado a loucuras, apesar de gostar de me exibir em Londres e de cultivar a amizade de homens influentes como Bewcastle.

– A rejeição do seu pai deve ter sido devastadora para você.

– Pode-se dizer que sim. – Ele olhou para ela de relance e deu uma risadinha, mas quase sem nenhum humor. – Nenhum de nós jamais havia feito nada que o desapontasse até então. Éramos uma família particularmente sem graça, *chérie*. Imagino que tenha sido por isso que meu pai reagiu ao que pensou que eu havia feito com toda a fúria implacável de um homem que nunca precisara lidar com algo semelhante antes.

– Ainda o odeia? – perguntou Morgan.

– Ah, é tarde demais para isso. Ele está morto.

– Onde foi enterrado? No cemitério da igreja do vilarejo?

– Sim.

– Já estive lá?

Gervase balançou a cabeça, negando. A casa paroquial ficava ao lado da igreja e do cemitério no pátio da capela, e ele estivera lá várias vezes. Também estivera na igreja. Mas sempre havia desviado o rosto do cemitério.

– Iremos juntos – disse Morgan, pousando a mão sobre a dele.

– Iremos? – Ele riu de novo.

– E quanto a Marianne? – perguntou Morgan. – O que aconteceu com ela, você sabe?

– Mora a menos de dez quilômetros daqui. Deve perguntar a Henrietta, se quiser saber mais sobre Marianne. As duas continuaram amigas.

– Ah... Isso também deve magoá-lo.

– Por que deveria? Nove anos é um longo tempo, e as duas são vizinhas. Sempre foram amigas.

– Gervase, tudo isso deve ter sido terrivelmente difícil para você. Mais do que se dá conta – falou Morgan.

A mão dela ainda estava na dele. Gervase pousou a mão livre sobre a dela.

– Mas não serei visto como uma vítima, *chérie*. Construí uma vida para mim no continente. Estive em lugares a que nunca teria ido se não houvesse partido, conheci pessoas interessantes e fiz coisas que jamais teria feito se minha vida houvesse continuado seu curso banal e inocente. Conheci você.

– E isso é algo de que irá se arrepender – falou Morgan. – Mas acho que essa é a única forma de você conseguir tornar sua existência tolerável de novo, não é? Acreditar que tudo o que nos acontece serve a um propósito positivo, que nenhum tempo é perdido, a menos que nos recusemos a aprender a lição contida naquele tempo aparentemente perdido. Você pode ser uma pessoa melhor do que era.

– Ou pior.

Eles ficaram sentados ali por um longo tempo, depois voltaram para casa em um silêncio surpreendentemente confortável, de mãos dadas, os ombros quase se tocando. Se Gervase relaxasse, quase poderia imaginar que os dois estavam de novo em Bruxelas, naquela semana em que o tempo parecia suspenso e todas as energias dele, todas as emoções, estavam concentradas em Morgan, na coragem, no vigor dela e no luto iminente que a aguardava.

Morgan prometera que o faria se apaixonar por ela. Era o que estava fazendo agora? Se fosse, estava sendo bem-sucedida.

Ou aquilo tudo era sincero?

Não havia como saber.

CAPÍTULO XVIII



Morgan era a mais jovem de uma família de seis. A vida fora agitada quando eles eram crianças. Ela se lembrava particularmente das brincadeiras arriscadas, vigorosas, muitas vezes perigosas, com os Butlers, os filhos do conde de Redfield, que eram seus vizinhos. Mas o problema foi que todos os irmãos cresceram bem antes dela. Os últimos anos da infância haviam sido meio solitários e, até bem pouco tempo, ela ainda vivera basicamente dentro da sala de aula. Quase nunca estivera entre adultos. Mesmo durante a última primavera, tinha sido apenas uma jovem que acabara de ser apresentada à sociedade.

Morgan adorava estar em Windrush, cercada pela própria família e a de Gervase. E ela era um deles, o foco de toda a atenção. Eles recebiam visitas de vizinhos e iam visitá-los também. Ela não era mais a demasiado jovem Lady Morgan Bedwyn, mas a noiva do conde de Rosthorn. Todos estavam animados com a perspectiva da festa ao ar livre e do baile à noite que a condessa estava planejando para celebrar o noivado. A mansão e o parque eram espaçosos e os arredores eram lindos para as atividades sociais de verão, das quais Morgan poderia enfim participar plenamente.

Às vezes ela se esquecia de que tudo aquilo era uma farsa, que fora levada a assumir aquela falsa posição por ultraje e por um ardente desejo de vingança.

A verdade era que não havia percebido, até o momento, quanto Gervase fora prejudicado pela injustiça que sofrera. Quando ele falara a respeito em termos vagos, em Bruxelas, Morgan presumira que, por não estar mais exilado, Gervase poderia voltar à Inglaterra, assumir seus deveres como conde de Rosthorn e viver feliz para sempre. Isso fora muito pouco sensível da parte dela. De uma forma muito real, ele tivera sua juventude arrancada. Era um homem que vagara sem rumo por nove anos, construindo a impressionante e, sem dúvida, muito merecida reputação de libertino, mas ainda assim privado da vida que deveria ter sido sua, em seu país de origem.

Agora ele estava cheio de ódio e amargura, mas negava a maior parte do que sentia.

Morgan ainda guardava um profundo ressentimento pelo que ele fizera com ela. Jamais poderia perdoá-lo ou voltar a confiar nele. Mas odiar era basicamente contra a natureza dela. E como passaria algum tempo ali, em Windrush, poderia muito bem tentar ajudar.

Becky queria brincar com Jonathan em um dia frio e tempestuoso, quando todos os outros estavam muito satisfeitos em permanecer dentro de casa. Morgan se ofereceu para levar as crianças à casa paroquial e, é claro, Gervase a acompanhou. Pierre tinha ido atender um doente, mas Emma encontrava-se em casa e ficou encantada por contar com outra criança para brincar com o filho, pois estava ocupada na cozinha, fazendo geleia com a governanta.

– Não viemos perturbá-la – garantiu Morgan. – Vamos dar uma caminhada e voltaremos para trazer Becky mais tarde, se você concordar.

A caminhada acabou se transformando em várias visitas ao pessoal do vilarejo, já que todos trabalhavam para Gervase de algum modo.

– Preciso conhecer meu povo, *chérie* – explicou ele. – Ainda me sinto um estranho aqui. Pior, me sinto um impostor. Quando as pessoas me pedem algum favor, meu primeiro impulso é encaminhá-las ao meu capataz, como se eu mesmo não tivesse autoridade para aceitar ou recusar as solicitações. E quando *realmente* concordo com alguma coisa, como refazer o telhado da

escola, que vira uma peneira sempre que chove, logo me sinto culpado, achando que meu capataz irá me repreender ao saber o que fiz.

Gervase riu, mas Morgan percebeu que ele dizia a verdade. Ela não conseguia imaginar o capataz de Wulfric ousando emitir qualquer opinião mesmo que lhe fosse ordenado espalhar sal por toda a área de plantio da fazenda. Mas Wulf fora, desde os 12 anos, cuidadosamente treinado para a posição que ocupava, e era duque de Bewcastle desde os 17 anos.

– Eles gostam de você – falou Morgan. – Seu povo gosta de você, Gervase.

– Acho que é porque percebem que podem me ter na palma da mão, *chérie*. Eles colocam os olhos em mim e citações bíblicas saltam em suas mentes. “Pedi e recebereis.”

– O que você precisa fazer é descobrir a rentabilidade de Windrush – sugeriu ela. – Precisa estudar os livros de contabilidade e conversar com seu capataz. Generosidade é uma coisa boa, mas se você der o que não tem para dar, então no fim todos irão sofrer e você ficará arruinado.

– Sim, madame.

Gervase virou-se para ela com um semblante risonho.

– Suponho que já esteja fazendo isso – disse Morgan.

– Estou – confirmou Gervase. – E também estou percebendo como foi irresponsável da minha parte ficar longe daqui um ano inteiro depois de ter assumido o título e herdado tudo isto. Mas também, se eu não houvesse passado esse ano longe, não teria conhecido você, *chérie*.

– Ambos estaríamos em melhor situação nesse caso – comentou Morgan, com sarcasmo.

Ele riu baixinho.

Os dois caminhavam de volta pela rua principal do vilarejo, pouco mais de uma hora depois de sair da casa paroquial. As nuvens ainda estavam baixas, e o vento, frio, mas ao menos agora batia às costas deles.

– Quero ver o cemitério – disse Morgan quando eles se aproximaram do pátio da igreja.

– Está frio – retrucou Gervase. – Vamos seguir e tomar uma xícara de chá com Emma. Talvez Pierre já tenha voltado.

– Quero ver o cemitério – repetiu Morgan, e virou-se para encará-lo. Gervase parecia muito triste e já não havia vestígio de riso em seus olhos. – Você não pode evitar isso para o resto da vida, Gervase. Se tentar, vai descobrir que o assombrará cada vez mais, sempre que vier ao vilarejo.

– E quem encheu sua cabeça com essa sabedoria tola? – perguntou ele, dando um peteleco no queixo dela com o dedo enluvado.

– Me mostre os túmulos de seus antepassados – pediu ela.

Parecia apropriado que o dia estivesse cinzento e tempestuoso. Mas ao menos, pensou Morgan, *havia* um túmulo para o pai dele. Wulf planejava colocar uma lápide em memória de Alleyne no cemitério da casa deles, mas todos estariam dolorosamente conscientes de que os restos do irmão se encontravam enterrados em algum túmulo desconhecido, na Bélgica.

Gervase não perdeu tempo, como ela imaginou, fazendo uma visita guiada com ela pelo cemitério. Foi direto na direção de uma lápide de mármore cujo brilho não deixava dúvida de que fora posta ali pouco tempo antes. Havia flores no chão, diante da lápide – Cecile e Monique tinham estado ali na véspera.

Aqui jazem os restos mortais de George Thomas Ashford, sexto conde de Rosthorn...

Seguia-se então uma lista de virtudes a serem lembradas pelos vivos e uma declaração de que ele fora amado por todos que o conheceram.

Morgan e Gervase ficaram parados lado a lado, em silêncio, o vento batendo às suas costas.

– Você teve notícias dele depois de deixar a Inglaterra? – perguntou ela.

– Não.

– Escreveu para ele?

– Toda semana por seis meses. Com frequência, mais de uma vez por semana. Cartas em que ora implorava, ora me mostrava indignado, ou muito racional, ou ainda furioso, também cheio de

superioridade moral, ou de autopiedade, ou o acusando... Elas passavam por toda a gama de emoções humanas. E não, ele nunca respondeu a nenhuma. Minha mãe escrevia de vez em quando, apesar de as cartas dela muitas vezes demorarem um ano ou mais para chegar a mim. Pierre e minhas irmãs também escreviam, embora apenas nos primeiros dois ou três anos.

– Ele deve ter sofrido – comentou Morgan.

– Meu pai? – Gervase a encarou, indignado. – *Ele* sofreu?

– Você me contou que eram uma família unida, que ele o amava – disse ela. – Deve ter acreditado que você havia feito o pior, para ter agido daquela forma. Devia estar convencido sem qualquer sombra de dúvida. Agiu com extrema dureza e, provavelmente, de modo precipitado. Depois, deve ter sentido o peso da decisão. Imagino que tenha desejado que houvesse uma saída para o que ele fez.

– *Havia* uma saída – falou Gervase. – Ele poderia ter *acreditado* em mim. Poderia ter *confiado* em mim.

– Ele foi o mais infeliz nessa história – disse ela. – É tarde demais para ele admitir que pode ter cometido um erro. É tarde demais para descobrir e admitir que talvez o amor seja mais poderoso e mais duradouro do que todas as emoções negativas com as quais punimos a nós mesmos e as pessoas a quem as dirigimos. Se ele soubesse que estava prestes a morrer e pudesse rever a vida que levava, tenho quase certeza de que haveria feito qualquer coisa para ter você por perto, para poder perdoá-lo.

– Para que *ele* pudesse *me* perdoar – observou Gervase, baixinho.

– E talvez ele quisesse seu perdão também – acrescentou ela. – Ódio e amor podem ser emoções tão poderosas... Muitas vezes é difícil distinguir um do outro. Se ele não o amasse profundamente, teria sido tão duro com você e com ele mesmo?

Gervase tocou a lápide e deu um tapinha nela, então outro, e depois outro, já não tão leve agora.

– O que está sugerindo? – perguntou. – Que eu o perdoe? Isso tem alguma importância? Se eu gritar maldições ao vento, ou sussurrar meu perdão para a terra, ele me ouvirá? Meu pai se foi.

– Mas você não. Se gritar maldições, seu coração ficará envenenado. Se perdoar, se sentirá limpo.

Ele virou a cabeça para encará-la e riu.

– Quantos anos você tem, *chérie*? 18 ou 80?

– Passei grande parte do tempo sozinha – explicou ela. – Posso não ter muita experiência de vida, mas compreendo certas coisas.

Ela era uma Bedwyn sem tirar nem pôr – ousada, pouco convencional, não se deixava intimidar por nada nem ninguém, nem pela própria vida. Mas também era diferente dos seus. Sempre soubera disso. Havia um lado solitário, místico, em sua natureza que Morgan raramente revelava às pessoas.

Gervase estava dando tapas na lápide de novo. E voltara a afastar os olhos dos dela.

– Isso é algo que devo fazer, então – falou, rindo de novo. – É estranho eu ter me convencido durante todos esses anos de que o homem que mais odiava na vida era Bewcastle, alguém que não significava nada para mim e que, por isso, era fácil odiar. Mas, na verdade, quem eu mais odeio é o meu pai... Meu pai... Você consegue ao menos *imaginar* como seria se Bewcastle fizesse com você o que meu pai fez comigo? Foi como uma morte em vida... ser tão injustiçado, tão completamente rejeitado e excluído... Se algum dia eu tiver filhos... Se...

Então ele se virou e saiu caminhando, até parar a alguma distância e apoiar a mão contra a parede de pedra da igreja, com a cabeça abaixada. Seus ombros se sacudiam.

Morgan não foi atrás dele.

Gervase voltou depois de uns cinco minutos. E não olhou para ela, mas para o túmulo e para a lápide.

– Imagino que ele realmente tenha sofrido – falou. – Mesmo que nunca tenha tido qualquer dúvida, deve ter sofrido. Mas como poderia não ter tido dúvidas? Acho que acabou preso na armadilha que ele mesmo criou, e o orgulho, ou a convicção de que tinha feito a coisa certa, o manteve preso a essa armadilha pelo resto da vida. Descanse em paz... papai.

Os olhos de Gervase estavam cheios de lágrimas não derramadas quando ele se virou para Morgan e tentou sorrir.

– Está satisfeita, *chérie*? – perguntou em um tom zombeteiro.

Ela se adiantou e passou os braços pela cintura dele. Ele também a envolveu com força, abaixou a cabeça e a beijou.

O que havia na morte que impelia os vivos a abraçarem apaixonadamente a vida e uns aos outros?, perguntou-se Morgan. Ela acariciou as costas dele e abriu a boca para receber a língua quente de Gervase. Então pressionou o corpo contra o dele, sentindo sua masculinidade rígida, a intimidade úmida de seu beijo.

Mas o que a movia não era paixão – ao menos não a necessidade sexual cega e urgente que sentia que o estava movendo. Era uma espécie de ternura – um sentimento profundo, de deixar as pernas bambas, de tirar o fôlego. Morgan permaneceu muito consciente de tudo, inclusive do fato de que aquele canto em particular do cemitério ficava fora da vista da rua, atrás de duas árvores antigas.

Também estava muito consciente de quem era Gervase e do que ele fizera a ela, e do que *ela* pretendia fazer a *ele* como retaliação. Mas, naquele momento, nada daquilo importava. Era diferente, tão fora do curso normal da vida quanto ela indo visitar os aposentos dele em Bruxelas depois de descobrir a verdade sobre Alleyne.

Gervase levantou a cabeça depois de alguns minutos e sorriu para ela com os olhos pesados.

– Se esse é o seu modo de fazer com que eu me apaixone ainda mais por você, *chérie*, é um plano diabolicamente inteligente – disse. – Mas eu tenho tempo. Ainda falta uma semana para o baile. Uma semana para fazer *você* se apaixonar por *mim*. Assim como o resto do verão depois disso.

Morgan se afastou dele e alisou a saia do vestido, por baixo da capa que usava.

– Este vento está me deixando gelada até os ossos – falou. – Está na hora de voltarmos à casa paroquial.

Gervase riu baixinho.



Seguiram-se dois dias de chuva depois daquele, ainda frios e com ventos. Eles se ocuparam com atividades dentro de casa na maior parte do tempo, jogando bilhar, cartas e matando charadas. Em uma tarde, brincaram de esconde-esconde com as crianças por um longo tempo. Houve muito barulho e nenhum canto da casa era proibido. Também leram e conversaram.

Gervase conseguiu se reunir com o capataz algumas vezes, sem negligenciar os hóspedes. Inevitavelmente, a questão do teto para a escola voltou a ser mencionada. Os reparos deveriam ser feitos logo, antes que o inverno chegasse, decidira Gervase. O capataz era muito respeitoso e diplomático, mas ainda assim deixou claro que projetos tão dispendiosos só eram executados pelo antigo conde depois de pelo menos um ano de cuidadosa consideração.

Gervase encarou o homem.

– *Eu* sou o conde de Rosthorn agora – falou. – E pelo que sei os lucros deste ano não serão esgotados se os reparos forem feitos, mesmo que as colheitas de verão não sejam tão abundantes quanto prometem. E, depois de observar o estado atual do telhado, cheguei à conclusão de que o trabalho precisa começar muito antes de um ano inteiro de ponderação. Cuide disso, por favor.

– Sim, milorde – concordou o homem com o que pareceu ser um respeito considerável. – Farei isso sem demora.

Talvez, afinal, pensou Gervase, ele se tornasse capaz de assumir sua nova vida e deixar o fantasma do pai descansar.

Depois dos dois dias de chuva, os dias de verão retornaram, com o céu claro e muito azul, sol e calor. Todos puderam retomar as atividades ao ar livre – passeios a cavalo pela manhã, caminhadas ou visitas à tarde, até mesmo um banho no lago à noite, quando Gervase acabou descobrindo que todos os Bedwyns nadavam como peixes e se divertiam com um entusiasmo barulhento. E suas irmãs e seus cunhados faziam o mesmo.

Mas uma tarde, quando havia sido sugerida uma excursão a um castelo próximo, logo organizada por Cecile e Monique, Morgan anunciou que pretendia permanecer em Windrush.

– Preciso de algum tempo de calma – disse a todos no café da manhã. – Quero ficar sozinha. Quero pintar. Gervase me deu todo aquele material maravilhoso como presente de noivado e ainda não tive oportunidade de usar nada.

Seguiu-se um coro de protestos e sugestões de lugares alternativos caso o castelo não agradasse Morgan, mas Aidan falou em defesa da irmã:

– Morgan é diferente do resto de nós, mortais, que precisamos de companhia e atividade o tempo todo. Ela sempre necessitou de tempo e espaço para si antes de se tornar sociável novamente.

– Onde irá pintar, Morgan? No lago? – perguntou Cecile.

– Talvez no caramanchão – respondeu Morgan. – Ainda não decidi.

Foi resolvido que a excursão prosseguiria sem ela, então. Gervase esperou até todos terem deixado a sala do café da manhã para que pudesse falar em particular com sua noiva.

– Acho que vai gostar da gruta, *chérie*. Eu lhe mostrarei como chegar lá. Mas fica um pouco distante e você vai precisar de alguém para carregar seu cavalete e os outros materiais. Posso ser seu criado?

– Consigo dar um jeito – retrucou ela.

– E se eu prometer não falar nem perturbá-la de qualquer outra forma, posso ficar sentado lá com você? – perguntou Gervase.

– Ora, muito bem – disse Morgan, depois de pensar por um instante. Ela sorriu sedutoramente para ele e pôs a mão em seu braço. – Como eu poderia não querer a companhia de meu noivo? A gruta é um belo cenário? Devo me esforçar para ficar o mais bonita possível também, e talvez faça você cair de amores por mim, no fim das contas.

Gervase sorriu para ela. Era assim que mais gostava de Morgan, atacando-o, mantendo-o em alerta. Sem dúvida, ela sabia fazer isso. Por algum tempo, depois da tarde em que visitaram o cemitério da igreja, o comportamento dela havia se tornado mais

ameno em relação a ele, e Gervase se perguntara se ela o teria perdoado, se estava preparada para aceitar a corte dele. Mas Morgan não havia capitulado com tanta facilidade. Na noite da véspera, enquanto nadavam, ela brincou alegremente com ele, cuspidando água e dando gritinhos quando Gervase nadou por baixo dela e veio à tona à sua frente, pulando nas costas dele quando ele não estava olhando e empurrando-o até o fundo do lago. Ela deixara que ele a beijasse enquanto subiam de volta e deu um sorriso estonteante quando os dois chegaram juntos à superfície. Mas depois disso ela havia caminhado de volta para casa de braço dado com Joshua de um lado e Aidan do outro, conversando animadamente por todo o caminho, como se Gervase não existisse.

Ele já não se perguntava mais se estava apaixonado por ela.

Sabia a resposta.

Estava.

Eles se colocaram a caminho da gruta depois de se despedirem do resto do grupo, que saiu para a expedição ao castelo. O parque de repente pareceu muito silencioso e tranquilo. Gervase carregou o cavalete, algumas telas e um bloco de esboços. Morgan levou as tintas, os pincéis e o carvão. Ela estava muito bonita com um chapéu de palha de aba larga que Gervase nunca tinha visto e um guarda-pó folgado – também parte do presente dele – sobre o vestido de musselina estampado com raminhos.

A trilha de terra, muito bem-cuidada, seguia por entre as árvores e por entre as colinas a leste da casa. Alguns trechos eram escuros, isolados e repletos do aroma das folhas e dos rododendros, seguidos de outros que se abriam inesperadamente, permitindo uma visão agradável do parque e dos arredores. Havia pequenas construções e bancos rústicos no caminho, para o conforto de um caminhante ocasional, mas os dois não pararam. A trilha terminou em uma construção pequena que lembrava um templo, com um banco de pedra dentro. Fora de vista e de difícil acesso por entre as árvores, mais acima na colina, estava a gruta, que sempre fora o local favorito de Gervase no parque, seu refúgio particular quando menino.

A cavidade de pedra fora construída na margem do bosque e servia como uma esplêndida caverna para jovens piratas, bandoleiros ou espiões. Mas eram os arredores que tornavam a área especial. O rio corria a poucos metros da margem, um salgueiro se debruçava sobre a água ao lado da gruta e um querubim de pedra equilibrava um jarro inclinado sobre a cabeça, com o braço gorducho, fazendo a água que saía do recipiente cair eternamente dentro do rio. Grandes pedras cobertas de musgo e canteiros cheios de flores silvestres cercavam o querubim e o salgueiro. A margem diante da gruta era plana e relvada.

Gervase não estivera ali desde que voltara para casa. Ficou feliz ao ver que o lugar ainda estava bem-cuidado.

– Ah, que lindo! – exclamou Morgan.

Ele sorriu para ela, colocou no chão os materiais que carregava e abriu o cavalete. Sabia que Morgan gostaria dali.

Ela fechou os olhos e respirou fundo.

– Ah, mas há mais aqui além de toda esta beleza visual – falou, abrindo os olhos. – Escute o som da água, Gervase. Mas também não é apenas o som. É a visão, o som, o aroma e... ah, alguma coisa que nos atinge bem *aqui*. – Ela levou a mão à altura do coração. – Sente?

– Este sempre foi meu refúgio quando eu precisava restaurar meu espírito – disse ele.

– Sim. – Morgan virou a cabeça para ele e sorriu sob a aba larga do chapéu de palha. – Para restaurar o espírito. Há alguns lugares que parecem especialmente adequados para isso, não é mesmo? Locais onde a pessoa se sente mais próxima... *de quê?* Da paz? De um significado maior? De Deus?

– Esta é a primeira vez que venho aqui desde que voltei – comentou ele. – Mas, *chérie*, você precisa ficar só. Precisa pintar. Faça isso. Vou me sentar ali, encostado na parede da gruta, e pensarei no estado da minha alma. Posso até acabar dormindo, e prometo tentar não roncar. Deve me ignorar.

– Muito bem – concordou Morgan. – Eu tinha uma governanta de quem gostava muito, e de quem ainda sinto saudades, que, sempre que eu pintava, insistia em ficar olhando por cima do meu

ombro e me instruindo sobre o que fazer. Me deixava quase louca. Pobre Srta. Cowper.

Gervase se acomodou na grama, as costas contra a parede da gruta, e puxou o chapéu por cima da testa. Virou-se para o outro lado, na direção do querubim de pedra, para não deixar Morgan constrangida. Ela havia dito que não era apenas uma amadora, e ele acreditava. Estava começando a perceber a imensa profundidade do caráter de sua noiva, por mais nova que ela fosse.

Morgan não começou a pintar imediatamente, notou Gervase. Primeiro preparou todo o material, então se sentou na grama, perto do rio, e abraçou os joelhos dobrados. Assim que Gervase percebeu que ela já não estava mais prestando atenção nele, passou a observá-la. Qualquer pessoa que se aproximasse deles naquele momento poderia achar que Morgan não estava fazendo nada, que desistira de pintar por conta do calor. Ele sabia que não era isso. Sabia que ela não estava apenas buscando um belo tema para sua pintura, mas esperando que o cenário falasse à sua alma artística.

Morgan é diferente do resto de nós, mortais, que precisamos de companhia e atividade o tempo todo.

Fora isso que Aidan falara sobre ela durante o café da manhã.

... o resto de nós, mortais, que precisamos de companhia e atividade o tempo todo.

Aquilo o descrevia exatamente, pensou Gervase, ou ao menos a pessoa em que ele se transformara nos últimos nove anos. Depois que compreendera quão terrível sua situação era, ele passara a ter medo de ficar em um lugar por muito tempo. Medo de ficar sozinho, de não estar em lugares lotados, de não flertar com qualquer mulher bonita que visse e de não dormir com todas as que pudesse, para tornar suas noites tão agitadas quanto eram seus dias.

De que exatamente ele tivera medo? De si mesmo? Do silêncio?

Estava silêncio agora. Ah, não era ausência de som, como Morgan bem apontara. Se Gervase se concentrasse, poderia ouvir os ruídos da natureza se sobrepondo à aparente quietude. Mas era um silêncio no qual a alma dele podia descansar.

E a alma de Gervase não descansava havia anos.

Ele estivera ocupado enterrando-a o mais fundo possível, para não reconhecer o vazio da própria existência.

Enquanto ele pensava nisso, Morgan se levantou e ajeitou a tela sobre o cavalete, ajustando a direção. Preparou os pincéis, as tintas e a paleta e começou a pintar com a mesma concentração que mostrou quando estava sentada. Gervase imaginou que ela realmente havia esquecido a presença dele e teve o cuidado de não se mover para não distraí-la.

Um belo cenário, com uma bela artista e um amante prestes a cair de amores por ela.

Ah, sim, de fato.

Ela o castigaria até o amargo fim? Era cabeça-dura o bastante para fazer isso.

Como diabo ele poderia convencê-la a desistir?

CAPÍTULO XIX



Ela estava dentro do rio. Sabia que a água tinha propriedades particulares que a faziam diferente de tudo. Mas não era independente do resto. Precisava do sol e do céu para se renovar. Dava-se à relva e ao salgueiro que se debruçava sobre ela. Era incolor tanto dentro quanto fora de si mesma. Mas capturava a cor dos arredores – o cinza e o marrom do leito de pedras, o azul do céu, o verde do salgueiro, o brilho da luz do sol.

E, mais tarde naquele dia, naquela noite, no dia seguinte, na próxima semana, no próximo inverno, teria uma aparência completamente diferente.

Não havia no mundo nada – rio, relva ou salgueiro – em uma forma permanente a ser compreendida pela mente, ou capturada com tinta sobre tela. Esse era o maravilhoso desafio da pintura: agarrar uma alegria enquanto ela voa, como escrevera o poeta William Blake. Morgan se perguntou se Gervase lera os poemas dele. Precisava perguntar.

Aquele era também o desafio da vida, não era? As pessoas podiam nunca ser compreendidas por completo. Estavam sempre se transformando, dependendo do momento, das circunstâncias e das influências. E sempre crescendo, sempre se recriando.

Como era impossível conhecer outro ser humano...

Como era impossível até mesmo se conhecer...

Enfim o quadro estava terminado. Morgan se afastou para olhá-lo, quase como se o visse pela primeira vez. A Srta. Cowper ficaria horrorizada, pensou. Aquela não era uma tradução fiel e suave do rio e do salgueiro.

Morgan se lembrou subitamente de que Gervase estava com ela. Virou a cabeça e viu que ele continuava sentado com as costas apoiadas na pedra, o chapéu sobre os olhos, uma perna estendida na relva, a outra dobrada. Parecia relaxado e satisfeito. Olhava para ela com os olhos semicerrados.

– Há quanto tempo estamos aqui? – perguntou Morgan.

– Uma hora? Duas? Não importa, *chérie*. Ronquei alto demais?

– Achei que era um grilo rouco. – Ela sorriu para ele. – Não acredito que você tenha dormido nem por um instante.

– Estava desfrutando o meu papel de amante desprezado, embora ninguém estivesse prestando nenhuma atenção em mim. Posso ver o quadro?

– Não sei muito bem se ele é adequado aos olhos humanos – respondeu Morgan, voltando a examinar seu trabalho. – Mas, se quiser, sim.

Ele se levantou, chegou perto e passou o braço casualmente pelos ombros dela enquanto observava a tela. Não disse nada por um longo tempo.

– Se fosse a Srta. Cowper olhando – falou Morgan –, ela estaria me perguntando por que não incluí o querubim e as flores, já que adicionariam cor e um interesse decorativo à tela. Ela me diria que um quadro apenas com a água e o salgueiro é muito desinteressante.

– A Srta. Cowper deve ser uma tola – comentou Gervase.

Morgan mordeu o lábio, em parte lisonjeada pelo comentário, em parte culpada por permitir que a antiga governanta fosse alvo de zombaria.

– Por que tenho a sensação de que estou sob a água e dentro das raízes da árvore? – perguntou ele.

Ah! Ninguém, nem mesmo Aidan, jamais havia compreendido. Os irmãos eram todos tolerantes com a necessidade dela de pintar e sentiam orgulho do estilo estranho e excêntrico de Morgan, mas

nenhum deles *compreendia*. A Srta. Cowper se desesperara tentando ensinar à pupila a técnica correta para observação.

– É por causa das pinceladas – explicou Morgan. – Eu não as suavizei.

– E tudo se mescla em todo o resto, se é que *mesclar* é a palavra certa – comentou Gervase. – Há luz do sol na água e galhos de salgueiro no céu, e água nas raízes da árvore. Tudo está conectado.

– E eu também estou aí, pintando de dentro, e você, observando – completou Morgan. – Tudo, tudo conectado.

Ela se sentiu um pouco tola por ter falado com o entusiasmo ofegante de uma menina. Mas Gervase continuou parado, o olhar fixo na tela, o braço ainda nos ombros dela.

– *Chérie*, posso ficar com este quadro? – perguntou.

– Realmente o quer?

– Vou pendurá-lo no meu quarto e vê-lo todo dia. Depois que você partir meu coração e me deixar, lembrarei que estaremos sempre ligados.

Morgan se afastou dele e começou a limpar os pincéis e a paleta, depois tirou o guarda-pó, agora um pouco manchado de tinta. Então se afastou um pouco mais, sentou-se na grama e passou os braços ao redor dos joelhos dobrados. O sol brilhava e aquecia os braços dela. Sentiu o aroma das flores, da água, do verde ao redor. Ouviu pássaros cantando e o barulho dos insetos. Uma borboleta de asas brancas passou rápido na direção das flores.

Gervase foi se juntar a ela. Deitou-se de lado, jogou o chapéu na grama e se apoiou no cotovelo. Então pegou uma folha de grama e fez cócegas no rosto de Morgan. Ela o afastou com a mão e virou a cabeça para rir para ele.

– Logo, logo você terá rugas permanentes nos cantos dos olhos, se continuar a rir com eles o tempo todo, como faz – comentou Morgan.

– Melhor do que ter uma ruga permanente na testa por viver franzindo o cenho, *chérie* – retrucou ele.

Normalmente o sorriso nos olhos de Gervase era zombeteiro, pensou Morgan. Mas talvez estivesse certo. Por mais amargo e infeliz que ele houvesse sido – e ainda fosse, de certa maneira –, de algum modo aprendera a rir do mundo e de si mesmo, em vez de ficar franzindo o cenho com ódio e ressentimento.

Quando Gervase largou a folha e segurou o queixo dela, Morgan se deu conta de que o estivera encarando. Ele correu o polegar pelos lábios dela.

Devia levantar imediatamente, recolher suas coisas e voltar para casa. Mas não queria ir embora. Ainda não. Além do mais, havia prometido atormentá-lo, não é mesmo?

Gervase passou a mão pela nuca de Morgan e puxou a cabeça dela em sua direção. Os lábios dos dois se encontraram em um beijo quente de sol.

– Hum... – murmurou ele, esfregando o nariz no dela.

– Hum... – suspirou Morgan ao mesmo tempo.

Então as bocas voltaram a se encontrar, abertas dessa vez, provocando e se buscando. Gervase lambeu os lábios dela. Morgan fez o mesmo. A língua dele deslizou para dentro da boca da jovem e começou a acariciar o céu da boca, tão sensível. Morgan sentiu um desejo primitivo inchar seus seios e fazer seu útero latejar.

Gervase levantou o tronco, jogou o chapéu de palha dela para longe e tomou-a nos braços. Morgan estava muito consciente do calor do verão, da luz do sol, da natureza – e do homem que, ao que parecia, ela queria mais do que qualquer coisa na vida. Que mulher tola.

Então ela se viu deitada na grama, sem saber muito bem como chegara àquela posição. Estendeu os braços para Gervase, puxou-o para junto de si e a paixão explodiu. Ele beijou cada parte do rosto dela, os olhos, as orelhas, os lóbulos. Beijou o pescoço e o colo acima do decote do vestido. E enquanto ela entrelaçava os dedos nos cabelos dele e se erguia para agarrá-lo com mais força, ele abaixou o decote do vestido, expondo os seios dela. Começou a acariciá-los com as mãos e roçou levemente o polegar pelos mamilos até Morgan não aguentar mais de desejo, então sugou-os, fazendo-a gemer em uma mistura de desejo e dor.

– *Mon amour* – murmurou ele, a boca voltando a encontrar a dela. – *Je t'adore. Je t'aime.*

– Gervase – sussurrou Morgan. – Gervase.

Quando ele ergueu o corpo para deslizar as duas mãos por baixo da saia do vestido dela, não ocorreu a Morgan a ideia de detê-lo. Os dois já tinham feito aquilo, mas de forma tão rápida e urgente que, desde então, ela ansiava que fizessem de novo, para que pudesse aproveitar tudo. Com ele. Com Gervase. E nada do que acontecera desde então fizera com que o desejasse menos. Ela não pensou.

Gervase tirou a roupa de baixo dela, as meias e os sapatos. Também despiu o próprio paletó, o colete e a camisa. Levantou a saia dela para acariciar a parte interna das coxas, sem parar de subir. Então se apoiou mais uma vez no cotovelo e encarou Morgan com os olhos semicerrados. Era um homem lindo, de ombros largos, os músculos fortes do peito levemente cobertos de pelos. Ela sentiu o aroma de sabonete, de calor corporal, de masculinidade que emanava dele.

Gervase a beijou de novo, com delicadeza, de um jeito quase preguiçoso, enquanto sua mão alcançava o ponto mais íntimo de Morgan e a excitava, abrindo caminho até penetrá-la, primeiro com um dedo, então com dois. Ela podia sentir como estava molhada e compreendeu que aquilo era a resposta de seu corpo a ele, um convite. Deslizou um pé descalço pela grama quente e macia, dobrou o joelho e abriu a perna. Os dedos de Gervase foram mais fundo e Morgan ouviu os próprios gemidos enquanto seus músculos internos se fechavam ao redor dele.

– *Chérie* – murmurou Gervase. – *Mon amour.*

Ele retirou a mão para abrir os botões da calça, então posicionou o corpo acima do dela, as pernas entre as de Morgan.

Ela apoiou os pés contra a parte de cima das botas dele e ergueu os quadris quando as mãos de Gervase deslizaram por baixo de seu corpo. Então o sentiu, rígido, na entrada quente de seu corpo. Jogou a cabeça para trás quando ele a penetrou em uma estocada firme.

Não houve dor, ela se deu conta, apenas uma sensação deliciosa de estar sendo preenchida, profundamente ocupada. Teria permanecido daquele jeito para sempre se pudesse, pensou, de repente voltando a ficar consciente da luz do sol, do canto dos pássaros e do som da água caindo da fonte dentro do rio. Mas o desejo, uma ânsia por mais, o corpo exigindo a satisfação completa os levaram além do momento.

Gervase se afastou por um instante e logo voltou a penetrá-la – e repetiu o movimento sem parar, até Morgan conseguir ouvir o ritmo suave e líquido do encontro de seus corpos. Estava sendo muito diferente desta vez. Não havia o frenesi e a sensação de urgência. Agora era lento, completo, envolvia todos os sentidos. E Morgan tinha certeza absoluta de que era uma experiência compartilhada. Ela não era apenas uma mulher envolvida em um ato carnal com um homem. Ele não era apenas um homem tendo prazer com o corpo de uma mulher disposta.

Ela estava muito consciente de que ele era Gervase, de que ela o amava quase desde que o conhecera. Ele, por sua vez, também tinha plena consciência de que ela era Morgan. Gervase ergueu a cabeça enquanto a penetrava, enquanto ela respondia ao ritmo dele com o próprio ritmo, e encarou-a durante algum tempo, os olhos enevoados de paixão. Então sussurrou para ela em francês.

Eram um homem e uma mulher fazendo amor.

Mas o amor físico não era algo que pudesse ser observado por muito tempo com os olhos da mente. Aquela era uma experiência de sensações, de desejos, dores, excitação e prazer compartilhados. Morgan descobriu isso quando, depois de alguns minutos, o desejo primitivo que sentira antes se espalhou por todas as partes de seu corpo até lhe parecer que não conseguiria mais suportar. Ela quebrou o próprio ritmo e levantou o corpo contra o de Gervase, em busca de algo que não sabia sequer identificar.

Mas em vez de parar também, Gervase segurou-a firme enquanto arremetia com mais força dentro dela. Então, no momento em que Morgan gritou, certa de que não conseguiria suportar nem mais um segundo, a ânsia e o desejo explodiram em algo completamente diferente e tão inesperado que ela só conseguiu se

agarrar a Gervase e se deixar cair nesse novo lugar, onde nunca havia estado antes.

Ele voltou a penetrá-la uma, duas, três vezes, então se manteve fundo nela e suspirou. Morgan sentiu o calor se espalhar por seu ser.

Gervase caiu pesadamente sobre ela depois disso, relaxado, ofegante, com um cheiro delicioso de sabonete e suor.

– Ah, *mon amour* – murmurou ele mais uma vez no ouvido dela.

Algum tempo mais tarde, Morgan se deu conta de que provavelmente adormecera. Gervase a afastara para o lado e passara um dos braços sob a cabeça dela. As saias cobriam as pernas dela novamente e a camisa dele estava jogada sobre os dois, para protegê-los dos raios de sol. O chapéu de palha de Morgan cobria o rosto dela.

Ela se virou para encará-lo. Ele fez o mesmo.

– Isso não foi correto da minha parte, *chérie*.

– Da *sua*? – Ela ergueu as sobrancelhas. – Achei que havia sido consensual.

– Ah, foi, então. – Ele abaixou a cabeça e beijou a ponta do nariz dela. – Vamos marcar uma data para o casamento. Talvez no início do outono. Acho que não conseguirei esperar muito mais do que isso.

Morgan sorriu lentamente para ele.

– *Mon amour. Je t'adore. Je t'aime* – falou baixinho, repetindo o que ele dissera. – *Acho que não conseguirei esperar muito mais do que isso.* Você me desaponta, Gervase. Consegui meu intento com tanta facilidade assim?

Ela se sentou, amarrou as fitas largas do chapéu sob o queixo e vestiu as roupas de baixo, as meias e calçou os sapatos. Ficou aliviada ao ver que suas mãos não tremiam.

Quando se levantou, viu que Gervase continuava deitado de costas, a camisa ainda sobre o torso, embora os braços estivessem nus, as mãos passadas por baixo da cabeça. E sorria com languidez para ela.

– Contemple-me, abjeto, derrotado, absolutamente aniquilado – disse ele. – Mas admita uma coisa, *chérie*. Você aproveitou cada

momento.

Ela levantou as sobrancelhas com altivez.

– Mas é claro que aproveitei. Você não aproveitou cada momento com todas as mulheres que conheceu no continente?

Ele riu.

– *Mon amour, je t'adore.*

Morgan pegou todo o material de pintura, com exceção do cavalete e da tela recém-pintada, levantou o queixo, subiu a margem do rio e desceu do outro lado do caminho, na trilha.

Vencera aquela batalha por pouco, pensou. Mas ainda não havia terminado. Ela fora para Windrush com a intenção de provocar e atormentar Gervase antes de mostrar todo o desprezo que sentia por ele rompendo o noivado e, assim, constrangendo-o diante de toda a família dele, dos amigos, dos vizinhos. Mas, com certeza, não tivera a intenção de que *aquilo* acontecesse.

Suas pernas pareciam ligeiramente bambas. Os seios estavam sensíveis e ela sentia-se dolorida por dentro – era uma sensação agradável, embora Morgan preferisse não a estar experimentando.

Mas, sem dúvida, não poderia acusá-lo de seduzi-la ou violá-la, poderia?

Ficou bastante surpresa – e talvez um pouco desapontada – quando Gervase não foi atrás dela. Ao alcançar a casa, olhou para trás, para as árvores nos gramados abertos, e não o viu em lugar nenhum.

Provavelmente estava dormindo do lado de fora da gruta.

Aproveitando a letargia que a presunção lhe garantira.

Era bom que Gervase não estivesse à vista. Ela teria se sentido tentada a lhe dar uma bofetada.



Gervase deixara todo o planejamento da festa e do baile a cargo da mãe, das irmãs e da prima. Todas as pessoas que trabalhavam para

ele e todos os habitantes do vilarejo e dos arredores haviam sido convidados para a festa ao ar livre, que seria no parque de Windrush e incluiria jogos de críquete, corridas e outras competições, além de enormes quantidades de comida e bebida. O baile aconteceria na mesma noite e seria oferecido para os vizinhos e arrendatários de classe mais alta. Todos haviam aceitado o convite, assegurou a mãe dele ao grupo reunido durante o café da manhã no dia seguinte à visita à gruta. Haveria gente o bastante para encher o salão de baile, embora o número não fosse, é claro, comparável à multidão que costumava comparecer aos bailes em Londres.

Gervase cometeu o erro de pedir para ver a lista de convidados, e a mãe solicitou que um criado a pegasse em sua sala íntima imediatamente. Ele permaneceu sentado à cabeceira da mesa, passando os olhos pela lista, e Cecile se levantou e olhou por cima de seus ombros.

– Eu estava fora com as crianças quando *maman*, Monique e Lady Aidan prepararam os convites – explicou.

Gervase estava menos preocupado com quem constava da lista do que com quem *não* constava. Ele não mencionara à mãe que não deveria convidá-la sob nenhuma circunstância, mas obviamente não fora necessário. Não viu o nome dela e sentiu um considerável alívio.

– Ora – comentou Cecile nesse instante, em voz alta demais. – Vejo que não chamou Marianne Bonner, *maman*. Isso é bom. Me espanta que ela tenha tido a coragem de vir morar tão perto de Windrush.

Gervase pousou a lista virada para baixo sobre a mesa e observou que os membros de sua família pareciam desconfortáveis, e os Bedwyns, educadamente surpresos.

– Acho que ela deveria ter sido convidada, Gervase – opinou Henrietta. – Já está na hora de esquecer o passado. Além do mais, ninguém nesta parte do mundo sabe o que aconteceu. Mas, com certeza, vão notar a ausência de Marianne e começar a se perguntar por que ela é a única de nossos vizinhos em um raio de quilômetros que não está presente.

– Você não pode estar falando sério, Henrietta – observou Monique.

– Ora, estou, sim – retrucou a prima, com a voz ligeiramente trêmula.

– Acho que esta questão estará encerrada assim que eu explicar à família de Morgan que a dama em questão me ofendeu anos atrás, antes que eu deixasse a Inglaterra, e não foi perdoada – disse Gervase, com firmeza.

– Sempre achei os esqueletos nos armários de outras famílias muito tediosos – comentou Freyja. – Quando vamos começar o passeio a cavalo que nos prometeu hoje, Gervase? Joshua diz que não devo saltar nenhuma sebe, de forma alguma, por isso acho que teremos que escolher um caminho que garanta algumas cercas desafiadoras...

– Acredito, meu bem – adiantou-se Joshua, enquanto Gervase dirigia a Freyja um olhar agradecido –, que eu tenha dito sebes e cercas, mas você precisa ser justa. Minhas palavras exatas... corrija-me se estiver errado... foram que eu achava que se a proibisse de saltar qualquer sebe *ou* cerca, você faria deliberadamente as duas coisas.

– Vou ser um pouco mais objetivo, Free – falou Aidan. – Se você sequer pousar os olhos em uma sebe, ou cerca... *ou* um portão, entre este momento e o pôr do sol, torcerei seu pescoço com minhas próprias mãos.

Todos na mesa riram – inclusive Freyja – e o desconforto passou.

Mas a questão não estava acabada.

– Suponho – disse Morgan a Gervase mais tarde, quando os dois passeavam a cavalo no campo, lado a lado – que pretenda viver aqui pelo resto de sua vida, a menos de 10 quilômetros de Marianne, sem vê-la sequer uma vez.

– Pretendo – retrucou Gervase em um tom decidido. – Pode não ser o tipo de coisa que um Bedwyn faria, *chérie*, mas com certeza é algo que um Ashford planeja fazer.

– Mas Henrietta está certa – insistiu Morgan. – Logo a notícia de que há uma briga entre vocês irá se espalhar e o assunto jamais

morrerá.

– Se ela não gosta de fofoca, talvez devesse se mudar daqui – atalhou ele.

Harold Spalding, cunhado de Gervase, emparelhou com Morgan pelo outro lado e começou uma conversa com ela. Gervase, então, se colocou entre Becky e Davy, as duas crianças, que também participavam do passeio. Ele as distraiu um pouco antes de seguir em frente, colocar-se ao lado de Freyja e procurar ser agradável com ela.

– Sempre desprezei a ideia de me arrastar pelo campo em cima de um cavalo – comentou ela com um suspiro –, e nunca caí da sela. Mas a vida se torna tediosa quando a pessoa está esperando um evento feliz, Gervase. E esse não é um eufemismo ridículo? A vida se torna tediosa quando a pessoa está *esperando um bebê*. Tediosa e terrivelmente empolgante – acrescentou ela com uma risada.

Isso fez Gervase se lembrar do que o mantivera acordado metade da noite – que ele talvez houvesse engravidado Morgan na tarde anterior. Não que achasse ruim apressar o casamento com ela e ter um filho em casa dali a nove meses. Mas *ela* talvez achasse. Era impossível ter certeza. Morgan o deixara sem saber o que pensar.

Ele não tinha como saber nem se uma gravidez *realmente* a forçaria a se casar com ele. Talvez apenas a deixasse mais determinada. Essa simples ideia o fazia suar frio.

Gervase se viu cavalgando mais uma vez ao lado dela antes que voltassem para o parque, cerca de três horas depois de terem partido. E Morgan não esquecera o assunto.

– Gervase, não acha que deveria visitar Marianne? Confrontá-la? Perguntar por que ela fez o que fez?

– Não! – Ele a encarou. – Você conseguiu o que queria em relação ao cemitério da igreja. Não vai ter sucesso desta vez.

– Mas você ficou satisfeito por ter ido lá. Fez as pazes com seu pai. Não o odeia mais.

– Não há como fazer as pazes com Marianne, *chérie*. Assunto encerrado.

Morgan abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas pensou melhor. No entanto, só ficou em silêncio por cerca de um minuto.

– Mas não está encerrado para *mim* – falou. – Meu irmão também foi uma vítima daquele incidente.

Gervase não disse nada.



Não era da natureza de Morgan fugir de problemas, ainda mais quando pessoas que ela amava estavam envolvidas. E Morgan amava Wulfric.

Já fazia algum tempo que uma certa ideia ficava indo e voltando em sua mente. E se tornara mais persistente depois do que ocorrera durante o café da manhã.

Uma mesa de cartas fora arrumada na sala de visitas durante a noite. A conversa entre todos seguia animada. Apenas Henrietta estava afastada, sentada ao piano, a meia sala de distância de todos, tocando tranquilamente. Morgan foi até ela e postou-se atrás de seu banco, olhando para a partitura até que a moça terminasse a peça.

– Henrietta – disse Morgan, então, baixinho –, você estava *lá* na noite em que seria anunciado o noivado do meu irmão com Lady Marianne Bonner, não estava?

Henrietta olhou por cima do ombro, a expressão imediatamente cautelosa.

– Sim, é claro – respondeu. – Éramos vizinhos. Quer dizer, o marquês de Paysley costumava passar alguns meses por ano em Winchholme. Foi natural que convidasse todos nós, ou seja, tio George, Gervase e eu, para o baile. Monique e Cecile ainda eram meninas e tia Lisette havia sido chamada de volta a Windrush porque Cecile estava indisposta. Tia Bertha, irmã do meu tio, foi minha acompanhante.

– Deve ter sido terrível para você – falou Morgan, sentando-se na ponta do banco. – Me refiro ao que aconteceu no baile.

– Sim. – Henrietta fechou a partitura e cruzou as mãos frouxamente no colo. – Foi. Terrível.

– Como eles souberam onde encontrariam Marianne e Gervase? – perguntou Morgan, se inclinando um pouco para a frente, para olhar bem nos olhos dela. – Se era um baile lotado, como eles sequer imaginaram que os dois pudessem estar juntos? E o que os fez achar que se encontrariam no quarto de Marianne? Por que entraram de supetão no aposento, aparentemente sem nem bater na porta antes? E por que todos os três, Wulfric, o pai de Gervase e o pai de Marianne?

Henrietta encarou Morgan com o rosto inexpressivo.

– Não sei.

– Mas nunca se perguntou? – insistiu Morgan. – Nem ao seu tio?

– Não. Nunca.

– E não se pergunta *agora*?

Morgan continuou encarando-a com intensidade. Com certeza deveria se perguntar.

– Acho que sim – disse a moça, passando a mão pelas teclas do piano, mas sem apertar nenhuma delas. – Imagino que alguém deva ter visto os dois subindo juntos as escadas. Algum criado.

– Henrietta. – Morgan se aproximou mais. – Você acredita que Gervase fez o que dizem? Acredita que ele traiu o meu irmão e então roubou de Marianne uma joia de família de valor inestimável?

Os olhos de Henrietta estavam enevoados com algo que lembrava luto quando ela os ergueu.

– Não, é claro que não – afirmou. – É claro que não.

– Acredita, então, que Marianne foi a traidora? – continuou Morgan. – Que ela dopou Gervase, levou-o para a cama e fez com que alguém chamasse Wulfric e os pais de ambos, tudo porque não tinha coragem de dizer pessoalmente a Wulfric que não iria se casar com ele?

– *Coragem* não tem nada a ver com isso – falou Henrietta –, nem covardia. Você não conheceu o marquês de Paysley, Morgan.

Não sabe o tirano que ele era. E não conheceu o duque de Bewcastle, não sabe o tirano... – Ela levou a mão à boca quando se deu conta do que dissera e ficou muito vermelha. – Peço que me perdoe.

– *Conheço* Wulfric e seus modos tirânicos – disse Morgan. – Mas, apesar disso, ele é um homem muito justo, Henrietta. Sei que meu irmão jamais forçaria nenhuma dama a se casar com ele contra a vontade. Por que faria isso? Afinal, teria que viver com a dama em questão pelo resto da vida. Você conversou sobre essas coisas com Marianne, então, não é? Gervase diz que ela ainda é sua amiga.

– Não falamos muito sobre esse assunto – confessou Henrietta. – É doloroso demais para nós duas.

– E, mesmo assim, mesmo sabendo o que ela fez e as terríveis consequências disso para o seu primo, e talvez imaginando a humilhação que meu irmão deve ter sofrido, você continuou a amizade com ela?

– Uma amizade verdadeira é algo muito forte.

– Não acredito que eu fosse conseguir continuar a amizade com alguém que arruinasse o caráter de um parente meu que, em consequência disso, fosse condenado a nove anos de exílio – disse Morgan, incapaz de evitar um tom de desdém. – Acho que essa pessoa rapidamente se tornaria uma ex-amiga.

– Você não compreende.

– Não, não compreendo – concordou Morgan. – Mas peço desculpas, Henrietta. Não pretendia brigar com você. Apenas senti a necessidade de compreender o passado, de saber por que Gervase foi o escolhido para tal provação. E por que meu irmão teve que sofrer tamanha humilhação.

– Não sei – repetiu Henrietta, e Morgan ficou surpresa ao ver lágrimas em seus olhos.

– Quero conhecer essa moça – falou Morgan. – Quero conversar com ela. Pode ir comigo até a casa dela, talvez amanhã, e nos apresentar?

– Acha prudente? – perguntou Henrietta.

– Não tenho ideia. Mas irei sozinha, se você não me acompanhar. Irá comigo?

Henrietta respirou fundo e soltou um suspiro.

– Se tiver que ir... – respondeu. – Muito bem, então. De qualquer modo, você vai mesmo morar aqui depois de se casar com Gervase. É adequado que a visite em algum momento. Só espero que não haja nenhuma... situação desagradável.

– Obrigada – falou Morgan – Espero o mesmo.

Ela sorriu e levantou os olhos para Monique e Eve, que se aproximavam do piano.

CAPÍTULO XX



O dia seguinte amanheceu chuvoso, embora à tarde a chuva houvesse parado. Porém, o clima continuou nublado, seco e frio. Freyja, Joshua, Cecile e Iorde Vardon saíram de barco. Eve, Aidan, Monique e Sir Harold levaram as crianças para uma longa caminhada. A condessa passou a manhã e a tarde fazendo planos para a festa e para o baile, com o cozinheiro, a governanta e o açougueiro. Gervase, que saíra com o capataz depois do desjejum, ainda não retornara.

Morgan foi, com Henrietta, de carruagem até Winchholme, a menos de 10 quilômetros de distância. As estradas estavam úmidas, mas era possível passar. O sol tentava sair por entre as nuvens quando as duas se aproximaram de uma bela mansão antiga, com jardins repletos de rosas cujo perfume doce e pungente Morgan conseguiu sentir antes mesmo que a carruagem parasse. Ela e Henrietta mal haviam conversado no caminho, ambas imersas nos próprios pensamentos.

Lady Marianne Bonner em pessoa as recebeu à porta. Enquanto ela cumprimentava Henrietta, tomando-a pela mão e beijando seu rosto, Morgan a observava com curiosidade. Mesmo já tendo passado do desabrochar da juventude, Marianne era uma mulher de beleza impressionante, com cabelos cacheados brilhantes e dourados, corpo de medidas harmoniosas e pés

pequenos. Quando Marianne a fitou, Morgan viu que os olhos eram muito azuis.

Essa, pensou Morgan, é a mulher com quem Wulfric quase se casou. A mulher que ele amou. Que *deve* ter amado. Como todos os Bedwyns, Wulfric acreditava fortemente em casamentos por amor. Ele não poderia ter tido outra razão para querer se casar com ela – não precisava da influência do pai de Marianne, ou da fortuna dela, e na época tinha três irmãos, o que tornava a necessidade de filhos menos urgente do que poderia ter sido em outras circunstâncias. Aquela era a mulher que poderia ter sido sua cunhada.

Ambas fizeram uma reverência quando Henrietta as apresentou e Marianne ficou ruborizada, o que a tornou ainda mais bonita.

– Estou encantada em conhecê-la, Lady Morgan – disse.

– Igualmente, Lady Marianne – retrucou Morgan.

Então a dona da casa conduziu as duas visitas a uma aconchegante sala de estar no primeiro piso, que tinha vista para as mais belas roseiras. As portas francesas estavam fechadas por causa do frio, mas Morgan conseguiu facilmente imaginar como a sala devia ficar perfumada em um dia quente de verão, com as portas abertas.

A Sra. Jasper, tia de Lady Marianne, encontrava-se na sala, mas pediu licença para se recolher depois de ser apresentada a Morgan. Era uma dama muito idosa, cuja presença em Winchholme oferecia, ao menos, a fachada de uma acompanhante para uma dama solteira que morava só. Era um arranjo que devia agradar às duas.

A bandeja do chá foi trazida e elas conversaram, por algum tempo, sobre temas variados. Quando Morgan se preparava para abordar o assunto que a levava até lá, a própria Marianne o mencionou. De repente, ficou claro para Morgan que ela soubera com antecedência da visita. Henrietta provavelmente mandara um bilhete à amiga durante a manhã.

– Pelo que entendi, Lady Morgan, a senhorita perguntou a Henrietta sobre o que aconteceu em meu baile de noivado.

Morgan pousou o pires com a xícara sobre a mesa e cruzou as mãos no colo. Marianne e Henrietta estavam sentadas no sofá, lado

a lado. Pareciam bastante cautelosas, e o rosto de Marianne estava muito ruborizado.

– Perguntei se Henrietta sabia como meu irmão, o tio dela e o seu pai descobriram que a senhorita e Gervase estavam juntos em seu quarto – retrucou Morgan. – Eles não teriam como suspeitar de algo tão chocante no curso normal de um baile. Quem contou a eles? Quem os mandou lá?

– Nunca parei para pensar a respeito – respondeu Marianne. Mas Morgan a encarava com firmeza.

– Lamento, mas não acredito na senhorita – disse, sem rodeios. – Deve ter desejado ser flagrada. Dopou Gervase e o levou de sua sala íntima para o quarto. A senhorita queria ser vista na cama com ele para que não fosse forçada a se casar com Wulfric, meu irmão. Mas como poderia ser pega se ninguém sabia que estavam juntos, ou onde poderiam ser encontrados? Seu plano só poderia ter sucesso se tivesse um cúmplice.

Marianne sustentou o olhar de Morgan. Ainda estava ruborizada, mas sua expressão era desafiadora – e culpada.

– Está me chamando de mentirosa, Lady Morgan? – perguntou.

Henrietta pousou a mão no braço da amiga e deixou escapar um ruído de aflição.

– Wulfric deve ter amado a senhorita – declarou Morgan. – Eu o conheço. Nenhum outro motivo o levaria ao casamento. E deve ter se sentido profundamente magoado, e também muito humilhado, ao ver o que viu naquele quarto... ou o que *pensou* ter visto. E Gervase foi atingido de uma forma mais terrível. Ainda está tentando se recuperar, aos poucos. Ainda está magoado e, de certo modo, foi marcado para sempre. Não há como a senhorita compensar o que fez. Mas ao menos pode dizer a verdade.

Marianne abriu a boca para falar, mas Henrietta foi mais rápida. Começou a contar o que acontecera, sem olhar para as duas mulheres.

– Fui eu. *Eu* contei a eles... aos três. Falei que Gervase havia arrastado Marianne com ele contra a vontade dela.

Morgan notou que suspeitara desde a noite da véspera. Torcera para estar errada, já que a traição vinda da própria família seria

muito pior para Gervase do que praticada por uma vizinha e antiga amiga. Mas *por quê?*

Marianne passou a mão pelo rosto e de repente ficou muito pálida.

– Planejamos tudo juntas – continuou Henrietta. – O pai de Marianne a estava maltratando e ameaçando para que aceitasse a corte do duque de Bewcastle e, depois, seu pedido de casamento. Se o anúncio do noivado fosse feito, tudo estaria perdido. Ela não teria como evitar o matrimônio. Marianne me procurou, infeliz e desesperada, e juntas concebemos o plano.

– De arrastar Gervase para aquela terrível desgraça? – perguntou Morgan, horrorizada. – De fazer parecer que ele havia violado Lady Marianne? Seu próprio *primo*, Henrietta?

– Nunca pertenci realmente à família – disse Henrietta, se levantando e se afastando alguns passos do sofá, enquanto manuseava desajeitadamente um lenço no bolso do vestido. – Monique e Cecile estavam crescendo e adquirindo uma beleza frívola e vivaz, tornando-se as favoritas de todos. E havia Gervase, sempre implicando comigo, sempre tentando me arrumar pares de dança e um pretendente durante aquela terrível temporada. Eu queria... Tudo o que eu sempre quis era ir para *casa*. Não para Windrush, mas para a casa da minha mãe e do meu pai. Mas eles estavam mortos.

– Ah, Henrietta... – falou Marianne, claramente comovida pela amiga.

– Lamento muito – disse Henrietta, depois de assoar o nariz e voltar a se sentar no sofá. – Superei aqueles anos e reconheci como fui injusta com a família que havia me recebido e me amado. Amo todos eles, de verdade, agora. Mas temos tendência a ser criaturas egoístas e autocentradas quando somos muito jovens. Ao menos eu era assim.

– A senhorita precisa compreender – falou Marianne, dirigindo-se a Morgan – que meu único pensamento era me livrar do duque de Bewcastle de um modo que meu pai não tivesse como me culpar. O fato de Gervase ser meu vizinho e amigo era um ponto a favor do plano. Imaginei que poderia explicar tudo a ele no dia seguinte e

que Gervase entenderia, que talvez até explicasse ao duque, em particular, o que acontecera... Os dois eram amigos, sabe?

– A senhorita *mesma* não poderia ter explicado a Wulfric? – perguntou Morgan.

– Eu... – Marianne fechou os olhos e balançou a cabeça. – Não, não poderia. Precisa entender que eu tinha apenas 18 anos. Não me orgulho do que fiz. Na verdade, vivo assombrada por isso. Mas eu era muito jovem.

– Tenho 18 anos – observou Morgan suavemente.

As duas a encararam sem ter o que dizer.

– E o broche? – indagou Morgan. – Foi mesmo roubado?

Marianne balançou a cabeça, negando.

– Papai teria me obrigado a casar com Gervase – falou. – E eu não poderia me negar, porque havia dito a papai que ele me violara. E Gervase não poderia dizer não, afinal, me pedir em casamento era o que a situação exigia de um cavalheiro. Tive que pensar rápido, e o que fiz foi não apenas reprovável, como tolo. Quis explicar tudo a Gervase depois, mas ele havia partido. Nunca, *jamais*, imaginei que os eventos daquela noite pudessem ter consequências tão terríveis. Quase perdi até a amizade de Henrietta. Ela ficou furiosa comigo por causa do broche.

– Mas não pensou em explicar tudo ao pai de Gervase? – perguntou Morgan. – Ele nunca mais voltou a ver o filho. Morreu acreditando que Gervase era um violador de damas e um ladrão.

– Meu tio sempre fora tão orgulhoso de Gervase, sempre tão carinhoso... – respondeu Henrietta. – Como eu poderia imaginar que ele de fato o puniria, e daquela forma? Foi... um pesadelo do qual eu não conseguia acordar.

– Mas não a ponto de a senhorita fazer o que era honrado e confessar sua participação no que aconteceu, não é? – disse Morgan, encarando-a.

Uma covardia daquele nível estava tão longe da natureza de Morgan que era difícil não apenas compreender, mas tolerar em outra pessoa.

– Morgan – falou Henrietta –, não há nada, *nada*, que você possa dizer que eu mesma já não tenha me dito milhares de vezes,

ou que Marianne já não tenha dito a si mesma. Não é fácil viver com a culpa de perceber que algo que você fez, mesmo sabendo na época que era errado, provocou resultados tão catastróficos para várias pessoas inocentes. Agradeço todos os dias pela volta de Gervase ao lar e pela felicidade que ele encontrou com você. Mas isso não pode compensar o que aconteceu, ou reparar.

– Não, de fato – concordou Morgan, compreendendo subitamente por que Henrietta sempre fora tão agradável com eles.

Ela olhou de uma conspiradora para a outra, tentando imaginar o que poderia ter levado duas jovens a medidas tão desesperadas. Apenas a juventude, a ingenuidade e o desejo de desafiar a autoridade, e em seguida o medo das consequências, caso confessassem o que tinham feito? E como Henrietta fora levada àquilo? Será que tinha sido apenas uma pirraça da parte dela contra um primo que a pressionava a escolher parceiros de dança, ou até mesmo um pretendente, quando ela não se sentia atraída por ninguém?

Foi quando essa última pergunta lhe passou pela cabeça que a resposta a atingiu como um raio. Morgan saíra havia pouco tempo da sala de aula em sua casa. Tivera uma vida protegida em Lindsey Hall, onde só lhe ensinaram o que era considerado essencial para a educação de uma dama. Todas as outras informações que obtivera foram a partir da observação dos irmãos impetuosos e da irmã ousada, embora eles sempre tivessem sido muito cuidadosos com o que diziam quando ela estava por perto. Ainda assim, Morgan compreendeu.

É claro! Marianne e Henrietta eram mais do que amigas. Elas se *amavam*. Casamento, para qualquer uma delas, teria sido o maior dos desastres, o horror dos horrores, algo a ser evitado a qualquer custo.

E então elas *havam* conseguido evitar o casamento – a um custo terrível.

Morgan voltou a olhar de uma para a outra e, apesar de nem uma palavra ter sido dita, pôde ver que elas *sabiam* que ela sabia. Por um breve instante, quase imperceptível, as mãos das duas se tocaram no sofá.

Morgan compreendia. Não aprovava nem perdoava, mas compreendia. E se deu conta de que não as odiava. Não conseguia odiá-las. Colocou-se no lugar das duas e se imaginou vivendo o que a vida lhes destinara, e não pôde odiá-las ou condená-las. Apenas desprezava o que haviam feito.

– Se eu pudesse voltar atrás – disse Marianne, com um suspiro –, desafiaria meu pai e falaria abertamente com o duque de Bewcastle. Pelo menos acho, quando estou a salvo, longe dos dois, que faria isso. Mas voltar no tempo significaria ter o corpo, a mentalidade e as emoções de uma jovem tímida e assustada, que era diferente, mas não podia explicar essa diferença a ninguém a não ser à pessoa que compartilhava de seus medos. Talvez, mesmo sabendo o que sei agora, eu não encontrasse coragem.

– E se eu pudesse voltar atrás – acrescentou Henrietta –, falaria com tio George e explicaria tudo a ele, mesmo sabendo que a consequência seria não poder mais falar com Marianne. Eu não permitiria que Gervase passasse pelo que passou se tivesse o poder de agir de modo diferente. Mas isso não é possível... E, na verdade, mesmo que fosse, talvez eu não tivesse a coragem necessária.

– Encontre coragem agora – disse Morgan.

– Meu tio está morto – retrucou Henrietta –, assim como o pai de Marianne.

– Mas Gervase não está – lembrou Morgan. – Nem Wulfric.

Marianne ficou muito pálida.

– Espera que eu confesse o que fiz ao *duque de Bewcastle*?

– Não espero nada – respondeu Morgan. – Wulfric é um homem forte. O que quer que ele tenha sofrido na época, a esta altura já se recuperou. E o longo suplício de Gervase terminou. Ele foi forte o bastante para sobreviver ao que aconteceu e manter os melhores traços de seu caráter intactos, e agora está construindo uma nova vida. Ambos vão continuar vivendo da maneira que acharem melhor, não importa o que vocês façam. Não espero nada das duas. – Ela se levantou. – Quero ir embora, Henrietta – falou, por fim.

– Leve a carruagem – disse Henrietta, depois de hesitar um momento. – Se importa de voltar sozinha? Irei mais tarde, na carruagem de Marianne. Nós duas precisamos conversar.

Foi um alívio para Morgan. A verdade era muito mais terrível do que imaginara. Como devia ser horrível amar alguém sabendo que o mundo jamais toleraria ou aceitaria esse amor, ter que manter os sentimentos em segredo durante toda uma vida.

Mas era amor. Elas se mantiveram fiéis uma à outra por anos, cometeram atos terríveis, traíram um primo e um amigo, causaram um mal imensurável a outras pessoas e dividiram essa culpa desde então.

Como ela, Morgan, poderia saber o que teria sido capaz de fazer em circunstâncias semelhantes?

Se Wulfric houvesse insistido em não permitir que Gervase falasse diretamente com ela, talvez o houvesse desafiado, talvez houvesse até mesmo fugido com Gervase. Ou, na pior das hipóteses, esperaria três anos até alcançar a maioridade e nem sequer consultaria o irmão mais velho para fazer o que quisesse.

Marianne e Henrietta não tinham nenhuma dessas opções.

Mas a mente de Morgan de repente se desviou para outro caminho.

Fugido? Esperado três anos?

Não se casaria com Gervase de forma alguma – e por escolha própria.

Precisava acabar logo com aquela farsa. Talvez fizesse isso no baile. Seria espetacular – e também de uma crueldade que não era da natureza dela. Depois do baile, então. Logo depois. Anunciaria a ele, com toda a tranquilidade, que estava rompendo o noivado e partiria de Windrush com Freyja, ou com Aidan. Seria o bastante. Criaria uma situação suficientemente constrangedora para o conde – e levaria consigo um enorme vazio...

Será que Gervase nutria algum sentimento verdadeiro por ela? Às vezes Morgan achava que sim. E ele lhe *dissera* que a amava. Morgan acreditava que ele nutria uma paixão física por ela. As palavras que Gervase murmurara enquanto faziam amor do lado de fora da gruta, sem dúvida, não foram fingidas. De qualquer modo,

aquilo não era o bastante. Ele se tornara muito querido para ela em Bruxelas e, durante todo aquele tempo, a estivera usando de uma forma cínica e calculista. Não poderia haver perdão para isso – ou, se houvesse, ainda assim não seria possível confiar nele.

Morgan fechou os olhos enquanto a carruagem balançava pela estrada ainda cheia de lama. Como a vida era estranha, pensou. Se Marianne e Henrietta não houvessem se comportado de forma tão desesperada e sem honra, em uma noite muitos anos antes, quando a própria Morgan tinha apenas 9 anos, Gervase não teria insistido em ser apresentado a ela no baile dos Camerons, em Bruxelas. Ele nem sequer a teria notado. Morgan também não teria reparado nele. E Gervase não teria feito sua própria descida à desonra. E ela não se apaixonaria por ele.

Tudo interligado. Ah, sim, tudo, tudo interligado.



O sol voltou no dia seguinte. Eles passaram a manhã explorando a trilha de terra, andando de barco, nadando e até mesmo, mais tarde, mergulhando. Mas o calor e o exercício já haviam exaurido a maioria das crianças no meio da tarde e todas foram mandadas para o quarto – para dormir ou passar algum tempo quietas. Os adultos se dispersaram pela casa ou foram passear ao ar livre. Morgan estava sentada no jardim com Emma, que chegara da casa paroquial fazia pouco tempo, enquanto Jonathan brincava ao redor delas.

Gervase observava da janela da biblioteca, onde acabara de colocar em dia a correspondência que tinha ficado sobre sua escrivaninha por dois dias. Ele gostava de ver que sua família e os impetuosos Bedwys pareciam se dar bem. E gostava particularmente de ver que Morgan fora tão bem aceita ali, e que parecia encantada de verdade com o lugar e com as pessoas.

Depois do baile, daria um jeito de convencê-la a perdoá-lo. Iria pedi-la em casamento mais uma vez, a sério.

Estava prestes a sair para se juntar às damas e para brincar com o sobrinho quando percebeu que uma carruagem se aproximava. Não reconheceu quem era nem quando o veículo se aproximou. Devia ter saído para cumprimentar o visitante, mas algo o deteve.

Morgan e Emma acenaram quando o veículo passou por elas, mas a carruagem seguiu e dobrou no terraço abaixo da janela onde Gervase estava parado. Ele viu uma dama descer, com uma camareira logo atrás.

Então sentiu a boca subitamente seca. Morgan saíra de carruagem com Henrietta na véspera, mas não dissera a ele aonde estava indo – e ele não perguntara. Mas tinha imaginado.

Mas o assunto não está encerrado para mim, ela dissera a ele no dia anterior. *Meu irmão também foi uma vítima daquele incidente.*

E agora Marianne viera a Windrush. Gervase esperava que ela estivesse ali para visitar a mãe dele – ou Henrietta –, por mais que isso fosse de péssimo gosto, já que ele se encontrava em casa.

Marianne subiu os degraus da entrada e desapareceu. Morgan havia levantado os olhos para a janela. Eles se encararam por um momento antes que Gervase se afastasse. Aquilo também era parte da vingança dela?

Marianne estava ali para vê-lo?

Ele se recusaria a recebê-la. Simples assim.

Então o mordomo bateu na porta, abriu-a e informou que Lady Marianne Bonner desejava falar com ele.

Gervase abriu a boca para dizer que não. Ela viera implorar seu perdão? Não a perdoaria. Certas coisas eram imperdoáveis.

Como usar, difamar e arrastar uma moça jovem e inocente para um escândalo apenas porque guardava ressentimento do irmão dela.

Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.

Ele nunca pensara em si como um homem particularmente religioso, mas aquelas palavras surgiram em sua mente assim

mesmo.

– Mande-a entrar – disse Gervase, seco, e esperou com uma carranca, de frente para a janela, as mãos cruzadas nas costas.

Marianne fora uma jovem adorável – loura, olhos azuis, esguia e feminina. Havia se tornado uma mulher ainda mais bela. Seu corpo adquirira curvas atraentes e os anos haviam acrescentado personalidade ao rosto, tornando-o mais bonito ainda. Ele voltou a se perguntar, como fizera havia anos, por que ela se opusera com tanto empenho a se casar com Bewcastle, que era na época – assim como agora – um dos melhores partidos de toda a Inglaterra. Marianne não explicara isso a ele quando conversaram na sala íntima dela, no dia do baile, antes de ele cair no estupor provocado pela bebida que ela lhe dera.

Marianne abaixou-se em uma mesura profunda e Gervase inclinou o corpo, rígido.

– Lorde Rosthorn, obrigada por me receber – disse ela.

Ela estava muito nervosa, percebeu Gervase com satisfação, ao ouvir o tremor em sua voz.

– Não imagino que tenhamos nada de importante a dizer um ao outro.

Ele não a convidou a se sentar.

– Está absolutamente certo – retrucou Marianne. – Não vou dar explicação para o meu comportamento naquela noite. Tenho certeza de que você já compreendeu *por que* fiz o que fiz. E também não há como me desculpar. A relutância em me casar com o duque de Bewcastle, ou com qualquer outra pessoa, por sinal, e o medo do meu pai não são desculpas para a forma como agi, nem para o que permiti que lhe acontecesse, ainda que não tenha previsto aquilo. Um pedido de desculpas seria inútil e até mesmo insultante, levando em consideração o tempo que você sofreu. Mas, Gervase, é só o que tenho a oferecer. Gostaria que houvesse mais. Queria poder mudar o passado, mas é a única coisa que nenhum de nós jamais poderá fazer. Eu me declaro culpada, e não apresento desculpas em minha defesa. Não *há* desculpas.

– Você poderia ir embora, assim não teríamos que morar na mesma vizinhança pelo resto de nossas vidas – falou Gervase.

Ela empalideceu visivelmente. Chegou a cambalear e Gervase quase se apressou na direção dela para apoiá-la ou levá-la até uma cadeira. Mas Marianne pareceu conseguir se controlar.

– Eu poderia – concordou. – É esse o castigo que lhe pareceria justo, Gervase? Talvez esteja certo. Talvez *fosse* justo. Olho por olho, exílio por exílio. Muito bem, se esse é o seu desejo...

– Não exatamente olho por olho – retrucou ele. – Fui forçado a deixar para trás tudo o que me era mais caro quando fui embora daqui.

– Ah, Gervase, e eu também deixaria. É *isso* que deseja para mim?

Os olhos dela estavam marejados. E Marianne não abaixou a cabeça nem desviou o olhar do dele. Gervase ficou encarando-a, o cenho franzido.

A relutância em me casar com o duque de Bewcastle, ou com qualquer outra pessoa, por sinal...

Ah, Gervase, e eu também deixaria.

Ir embora de Winchholme seria para ela um castigo igual ao que fora para ele ser banido de Windrush? Mas ela não tinha ninguém ali, como ele havia tido. *A não ser amigos*. Ou talvez uma amiga em particular.

Quem fora o cúmplice de Marianne naquele baile? *Tinha* que ter havido um cúmplice para que o plano dela fosse bem-sucedido. Ele sempre pensara isso, mas presumira que fora algum criado.

Henrietta? Isso explicaria tudo, não é mesmo?

Mas ele queria saber mesmo? Estava disposto a fazer a pergunta?

– Descobri, Marianne, a partir da minha própria experiência – disse Gervase –, que o perdão nunca é merecido. Se fosse, não seria necessário, não é mesmo? Eu também mudaria muitos acontecimentos do passado, se pudesse. Mas é claro que não posso. E, por piores que tenham sido esses nove anos, não foram totalmente desperdiçados. Sou um homem diferente do que deixou a Inglaterra poucos dias depois daquele baile abominável, e gosto do que me tornei. Conheci minha futura condessa enquanto ainda

estava no exílio. Poderia jamais tê-la encontrado e lamentaria isso mais do que qualquer outra coisa que possa imaginar.

Gervase desejou não ter dito aquilo em voz alta. Morgan iria deixá-lo. Ainda não podia confiar que ela não faria isso, mas dissera a verdade, de qualquer modo. Se pudesse voltar atrás e apagar os últimos nove anos, se pudesse recomeçar do dia do baile e não permitir que acontecesse o incidente com Marianne, não tinha certeza se faria isso.

– Siga a sua vida sem culpa, então – concluiu.

Ela levou as mãos visivelmente trêmulas ao rosto.

– Escrevi para o duque de Bewcastle – disse Marianne. – Isso, ao menos, eu poderia fazer. Ele saberá que você não foi o culpado dos eventos daquela noite, que foi uma armação. E é mais importante do que nunca que o duque saiba disso agora que você vai se casar com a irmã dele.

– Ah – disse ele, simplesmente.

– Vou embora agora – falou Marianne. – Obrigada, mais uma vez, por me conceder um pouco do seu tempo, Gervase.

– Marianne – chamou ele, em um impulso, quando ela já se virava para partir. – Somos vizinhos, quer gostemos disso ou não, e provavelmente seremos pelo resto de nossas vidas. Acho que devemos agir com civilidade, então. Gostaria de vir ao baile que ofereceremos amanhã à noite?

Era possível que ele se arrependesse desse convite, mas não acreditava nisso. A civilidade era o lubrificante que mantinha as engrenagens da sociedade funcionando.

– Obrigada – disse ela, com o rosto ruborizado. – Não tenho certeza... Obrigada.

E então Marianne se foi.

Gervase ficou parado onde estava até ouvir a carruagem dela partir. Deu tempo para que desaparecesse do caminho que levava à estrada.

Mas quando se virou mais uma vez para a janela, o jardim estava deserto. Não havia sinal de Morgan.

E ele precisava desesperadamente dela.

CAPÍTULO XXI



A chegada de Lady Marianne Bonner em pessoa a Windrush pegara Morgan de surpresa. O máximo que ela esperara fora que a dama escrevesse para Gervase. Ficou apreensiva – não havia contado a ele sobre a visita que fizera a Winchholme, ou sobre o que descobrira lá. Quando olhara para a janela da biblioteca e o vira parado ali, observando a chegada de Marianne, imaginara ver uma profunda mágoa no rosto de Gervase – uma impressão exagerada, talvez, já que estava distante demais para ver com clareza.

Assim que Emma saiu do jardim com Jonathan, alguns minutos depois, para voltar à casa paroquial, Morgan caminhou para longe da casa. Foi na direção do lago, mas ouviu o som de vozes e de risadas vindo daquela direção. Por isso mudou o caminho e seguiu pela avenida gramada que levava ao caramanchão. Uma vez lá, sentou-se e deixou a porta aberta para que entrasse um pouco da brisa da tarde.

Iria ser difícil partir. Jamais conhecera outro lar que não Lindsey Hall, em Hampshire, e sempre fora basicamente feliz ali, ainda que *houvesse* passado os últimos anos um tanto irritada, por assim dizer, ansiando por crescer logo, para que pudesse conquistar o mínimo de independência. Mas no ano anterior estivera em Grandmaison Park, em Leicestershire, a casa de sua avó materna, para o casamento de Rannulf com Judith, e depois fora para a casa de Joshua em Penhallow, na Cornualha, por ocasião do noivado de

Freyja. Na época, passara a achar que gostaria de ter uma casa que fosse sua, e não de Wulf.

Amava Windrush. Adorava a casa, o parque, os campos ao redor, a família que vivia ali, os vizinhos. E aquilo poderia ser dela pelo resto da vida. Poderia ser a dona de tudo. Estava noiva do conde de Rosthorn. Mas não seria assim. No ano seguinte, teria que começar a considerar os avanços de outros pretendentes – e Morgan sabia que haveria um grande número deles, apesar de todo o escândalo em que estivera envolvida recentemente, um escândalo que, sem dúvida, seria duplicado quando ela rompesse o noivado. Mas, de qualquer forma, ela ainda era Lady Morgan Bedwyn, irmã do duque de Bewcastle.

Morgan viu Gervase se aproximar do caramanchão, vindo pela avenida que o ligava à casa. Marianne já devia ter ido embora, então. Ele estava sem chapéu, os cabelos ao vento, o que o fazia parecer jovem, despreocupado e belo. Gervase caminhava com passadas largas e determinadas, pois já a vira. Morgan se lembrou da alegria com que o esperava todos os dias quando estava na casa da Sra. Clark, da facilidade incrível com que andava ao lado dele, com que conversava com ele, como se Gervase fosse uma parte dela mesma. Naquela última noite, quando estava desesperada pela notícia que acabara de receber da embaixada, foi procurá-lo sem sequer pensar nisso conscientemente, e buscara conforto em seus braços.

Era difícil de acreditar – embora Gervase *houvesse* confessado a ela – que em todos aqueles momentos ele a estivera usando para os próprios fins. Eles devem ter sido vistos sozinhos em várias ocasiões, por diversos conhecidos – tudo cuidadosamente orquestrado por ele. Mas ela não percebera nada. Estava concentrada em cuidar dos feridos e em saber de Alleyne, e para isso tirava forças e conforto do apoio permanente de seu querido amigo.

E agora? Gervase estava apenas se divertindo com a determinação dela de partir seu coração, ou, no mínimo, humilhá-lo? Ainda queria se casar com ela de qualquer jeito porque sabia que isso deixaria Wulfric furioso? Ou sua intenção era provar a Morgan

que poderia encantá-la e seduzi-la mesmo que ela soubesse a verdade sobre ele?

Como ela poderia descobrir as respostas a essas perguntas? Como poderia levar a sério qualquer coisa que um homem daqueles lhe dissesse?

Morgan *desejou* não ter se deitado com ele do lado de fora da gruta. Fora um erro terrível, sobretudo porque o corpo dela ansiava por mais.

– Cada vez que olho para você, *ma chère* – disse Gervase quando chegou até o caramanchão –, está mais linda ainda. Esse tom de rosa fica muito bem em você. Deleite-se com seu amante desprezado.

Ele sorriu para ela e entrou, com uma das mãos na altura do coração.

Era quando ele falava assim que ficava mais difícil ter certeza. Era o jeito leve, de flerte, que usara quando a conhecera, em Bruxelas. O homem por trás daquela fachada era um desconhecido para ela, na época. E permanecia um desconhecido. Devia ser porque ela era jovem demais, pensou Morgan, e por ele ser doze anos mais velho do que ela. Simplesmente não o conhecia. E a cada dia sentia que conhecia menos ainda.

– O que ela disse? – perguntou Morgan, sem sorrir de volta.

Gervase se afundou no assento de couro em frente a ela e estendeu o braço por trás do encosto. Ele sorria com o que Morgan reconheceu ser o antigo cinismo, a expressão zombeteira.

– Acho que você sabe muito bem o que ela disse, *chérie* – respondeu ele. – Parece que estou prestes a ser absolvido de toda a culpa aos olhos do duque de Bewcastle. Ela escreveu para ele. Acho que você ordenou que fizesse isso e que viesse aqui rastejar diante de mim.

– Não ordenei nada – retrucou Morgan –, nem sequer aconselhei. Só queria saber a verdade. E acho que *realmente* demonstrei certo escárnio quando ela tentou usar a desculpa de que tinha apenas 18 anos na época.

– Ah, sim – disse Gervase, encarando-a com o olhar indolente –, *você* nunca se comportaria assim, não é mesmo, *chérie*? Teria

confrontado seu pai e seu pretendente indesejado e falado o que lhe viesse à cabeça sem sequer desviar o olhar. Mas você é feita de material mais rígido, Lady Morgan Bedwyn. Suponho que a cúmplice de Marianne seja Henrietta.

– Ela lhe disse isso?

– Não. – Ele riu baixinho. – E acho que você também não vai me dizer. Imagino que você tenha sofrido tormentos terríveis nas mãos de seus irmãos mais velhos quando criança, mas eu poderia apostar que nunca foi correndo contar a Bewcastle o que haviam feito.

– Nunca precisei fazer isso. Havia outras maneiras, mais satisfatórias, de lidar com meus irmãos. Eles nunca apreciaram sal no café, ou açúcar nos legumes, nem ver suas melhores botas flutuando na fonte ou todos os botões de um casaco favorito faltando.

Ele riu de novo.

– Henrietta sempre foi difícil – falou. – Acho que é compreensível que ela odiasse estar aqui e que tenha se ressentido de todos os nossos esforços para fazê-la uma de nós. Ela tinha 12 anos quando os pais morreram e não conhecia ninguém aqui antes de vir morar conosco. Era uma menina... *irritadiça*. Se tentávamos incluí-la em nossas atividades, ela deixava claro de todas as maneiras possíveis como as achava tediosas, assim como a nós. Mas se a deixávamos sozinha, ficava emburrada e nos deixava culpados por negligenciarmos a órfã que morava conosco. Fiz o possível para que ela tivesse, no ano em que foi apresentada à sociedade, parceiros de dança e convites de alguns dos meus amigos para passeios no parque e idas ao teatro. Ela não ficava grata. Acho que nunca a compreendemos. Acho que *eu* nunca a compreendi.

Morgan percebeu que Gervase a encarava com mais intensidade, com os olhos semicerrados.

– Henrietta parece bastante contente agora – comentou ela. – Acho que ama a sua mãe. E tem a amizade de Marianne.

Morgan também o fitou diretamente e os dois trocaram um meio sorriso quase imperceptível de entendimento. Ela se perguntou se

Gervase ficara desconfortável com o que descobrira sobre a prima. Ela, Morgan, não ficara. O amor era um bem tão precioso que não deveria ser negado onde quer que fosse encontrado.

– Se a cúmplice houvesse sido Henrietta, você se sentiria terrivelmente magoado? – perguntou ela. – Ficaria muito furioso? Seria capaz de permitir que ela continuasse a viver aqui?

– Se *houvesse* sido Henrietta, suponho que ela tenha tido suas razões. E acho que já sofreu... provavelmente sofreu muito. Deve ser difícil viver com uma culpa dessas, não é mesmo, *chérie*?

Ele continuava a encará-la com a mesma intensidade.

– Para uma pessoa com consciência, sim – retrucou Morgan.

– Ah, sim, consciência. – Ele sorriu. – Alguns não a possuem. Convidei Marianne para o baile amanhã. Isso a agrada? Sente-se orgulhosa de mim?

– Sim, me agrada. Foi a coisa mais sensata que poderia fazer.

– Você tem estado determinada a me fazer olhar para os cantos mais escuros da minha vida e trazê-los à luz, *chérie*. Tem passado muito tempo me ajudando a encarar o passado de modo que ele não seja para sempre um fardo no meu presente e no meu futuro. Por quê?

– É *ridículo* se deixar abater pelo peso de fardos do passado quando esse passado já está morto e enterrado! Como uma pessoa pode aproveitar o presente e planejar o futuro se continuar olhando para trás o tempo todo, em uma perpétua melancolia? – disse Morgan.

– Mas você também carrega esses fardos, *chérie*. Não vê que a sua visão do passado no que diz respeito a mim talvez seja um pouco distorcida. Você se nega a felicidade no presente e as perspectivas de futuro de uma boa vida para nós. Insiste em olhar para trás em uma perpétua melancolia, como disse.

Morgan se levantou de um pulo, apoiou as mãos na mesa entre eles e se inclinou na direção de Gervase.

– Ah, sim! – exclamou. – Esse é exatamente o tipo de argumento que esperaria que usasse, Gervase. Qualquer coisa para me confundir e me moldar à sua vontade. O que eu disse não pode, de forma alguma, ser aplicado à minha situação. E você se engana

quando diz que me nego a felicidade no presente. Ficarei feliz quando deixá-lo. Está sendo lisonjeiro consigo mesmo ao dizer que olharei para trás com perpétua melancolia. Sempre que eu *de fato* olhar pra trás, será com enorme alívio por ter descoberto a verdade a respeito de você a tempo de me livrar de uma vida infeliz. Mas não olharei para trás com frequência. Por que deveria? Os últimos meses têm sido *extremamente* insignificantes.

– Fica linda quando está zangada, *chérie* – disse ele.

Morgan deu a volta ao redor da mesa, mas ao se aproximar de Gervase ele já tinha se preparado e segurou a mão direita dela quando estava a 5 centímetros do seu rosto, e a esquerda, a 10 centímetros. Ele riu baixinho.

– Mas o que é isto, *mon amour*? – perguntou. – Esqueceu que deveria estar fazendo com que eu me apaixonasse perdidamente por você?

Morgan aproximou mais a cabeça da dele.

– Prefiro flertar com um sapo – falou. – Prefiro fazer amor com o demônio.

– *Non, chérie*. – Ele riu mais uma vez e continuou a segurá-la pelos pulsos. – Isso é terrível da sua parte. Uma das coisas que sempre admirei em você foi a honestidade. Mas acaba de mentir duas vezes para mim. Flertaria com um sapo? E o que o diabo faria com seu tridente enquanto fizesse amor com você? Na verdade, talvez seja melhor não pensar nisso. Há todo tipo de possibilidades perversas, não é mesmo?

– Talvez – retorquiu Morgan em voz baixa, aproximando-se ainda mais dele – eu devesse distrair sua mente desses pensamentos maliciosos, Gervase.

Então beijou-o na boca.

Um instante depois, estava no colo dele, os pulsos livres, os braços dos dois envolvendo um ao outro em um tórrido abraço.

Gervase arrancou as fitas do chapéu de Morgan e jogou-o sobre a mesa. Depois, abaixou o corpinho do vestido dela e expôs mais os seios. Morgan lutou com os botões do paletó e do colete dele, para que pudesse sentir o calor tentador do corpo de Gervase

através da camisa. Eles se beijaram com intensidade e uma ternura desesperada.

Mas ambos tinham plena consciência de que estavam no caramanchão, visíveis a qualquer um que se aproximasse por acaso. O abraço deles mal se manteve dentro dos limites do decoro.

Gervase puxou a cabeça de Morgan contra o ombro depois do beijo, mas apoiou os pés contra a mesa, para que ela não saísse de seu colo.

– Quando não a vi no jardim depois que Marianne partiu – disse ele –, achei que talvez não fosse mais encontrá-la, *chérie*. Não imagina como eu precisava de você, nem a alegria que senti quando a vi sentada aqui.

Morgan queria desesperadamente acreditar nele. No entanto, mais uma vez, estava consciente da própria juventude e da experiência dele. Estivera tão alheia às motivações de Gervase pouquíssimo tempo antes... Não seria presa da própria ingenuidade com tanta facilidade outra vez.

– Também fiquei feliz quando o vi – retrucou ela. – Mas achei que talvez estivesse zangado comigo.

– Zangado? – Ele levantou o queixo dela com o dedo e a encarou. – Quando você tem sido um anjo na minha vida?

Ah, não. Aquilo era um pouco extravagante demais, pensou Morgan.

– Tenho?

Ela suspirou e voltou a apoiar a cabeça no ombro dele.

– Sempre, *chérie*. Meu anjo de beleza e graça, meu anjo de bondade e compaixão, meu anjo de amor.

Ela voltou a suspirar e começou a dar beijinhos embaixo do queixo dele.

– Você me ama, então? – perguntou.

– Amo, *ma chère* – respondeu Gervase, abaixando a cabeça e falando contra os lábios dela. – Com cada fibra do meu ser.

Eles se beijaram suave e ternamente, então sorriram um para o outro.

– E você, *mon amour*? – quis saber ele. – Você me ama?

Morgan continuou a sorrir.

– Não. Na verdade, não. Nem um pouquinho, Gervase. Me conte o resto. Vai ficar de coração partido quando eu me for?

Ele estreitou os olhos e pareceu estar realmente se divertindo, da forma mais desprezível.

– É claro, *ma chère*. Acho que deixarei meu cabelo crescer, entrarei em declínio e logo expirarei, e você virá chorar sobre o meu túmulo e regar com suas lágrimas as rosas que minha mãe plantar nele. Ou talvez você ria com desprezo e arranque cada botão de rosa. Seria assim tão dura? *Conseguiria* ser?

– De forma alguma – disse Morgan, levantando-se e alisando o vestido antes de recolocar o chapéu. – Eu ficaria totalmente indiferente. Alguém me contaria que você havia morrido, eu pensaria por um momento, então daria de ombros e comentaria que o conheci algum tempo antes. E seguiria com o que estivesse fazendo.

Ele riu também e se levantou.

– Você está se tornando uma mentirosa contumaz. Mas nunca deixa de ser adorável. Vamos agir de forma civilizada e voltar juntos para casa, embora eu presumo que tenhamos brigado? Ah, e devemos ter um assunto para conversar no caminho... O clima, talvez? Ah, já sei! Vamos especular como deve estar o tempo na festa amanhã. O que acha, *chérie*? Vai chover ou o céu estará limpo? E o que faremos se chover?

Morgan aceitou o braço que ele ofereceu e os dois saíram do caramanchão, seguindo pela avenida.

– Você sabe muito bem que sua mãe tem planos alternativos para um dia chuvoso – comentou ela.

– Ah, assunto encerrado, então. Sua vez de escolher o tema, *chérie*.



Durante algum tempo, pela manhã, pareceu que a condessa teria que colocar seus planos alternativos em ação. Mas, por volta do meio-dia, não apenas a ameaça de chuva não se concretizara, como as nuvens haviam desaparecido completamente e o sol brilhava. A tarde acabou sendo muito agradável, sem que o calor se tornasse opressivo.

Todos compareceram à festa ao ar livre em Windrush, vindo de quilômetros de distância. Houve cavalgadas, jogos de talento e força, inclusive uma competição de tiro ao alvo e um jogo de críquete nos gramados. Houve corrida de barcos no lago e depois passeios com as crianças, com Aidan e Sir Harold nos remos. Passeios de pôneis foram organizados na larga avenida entre o lago e o caramanchão. Os interessados puderam visitar o salão de baile, já decorado para o evento à noite, e a galeria de retratos. E havia comida e bebida em abundância, para serem consumidas em pequenas mesas cobertas por toalhas brancas engomadas, distribuídas pelo terraço. Ou, caso se desejasse uma acomodação mais informal, em mantas jogadas no gramado ou perto do lago.

Gervase se misturou aos convidados e fez questão de ser agradável até com o mais humilde. Morgan fez o mesmo, embora não estivesse acostumada a interagir com pessoas de classe mais baixa. Ela se lembrou da surpresa que sentira no ano anterior, quando estivera em Penhallow e descobrira que Joshua, marquês de Hallmere, tratava todos os criados, os trabalhadores de suas terras e os que lhe eram socialmente inferiores como amigos pessoais. Ela também se lembrou dos longos dias e noites que passara na casa da Sra. Clark, cuidando dos feridos, e como compreendera ali que as distinções de classe eram apenas um acidente de nascimento, que os soldados vindos dos bairros pobres de Londres que falavam um inglês quase ininteligível para ela eram tão preciosos quanto qualquer duque ou marquês – ou príncipe.

Morgan constatou que as mulheres lhe faziam muitas cortesias, enquanto os homens inclinavam a cabeça e puxavam o topete. As crianças a encaravam com os olhos – e às vezes as bocas – muito abertos. Mas todos retribuía a gentileza quando ela sorria para eles. E quando Morgan entrou na disputa de arco e flecha, os outros

competidores – todos homens – a aplaudiram, enquanto um grande grupo de espectadores, a maior parte mulheres, se reuniu ao redor dela para assistir.

– Estou terrivelmente sem prática – avisou Morgan quando puxou o arco para o primeiro lançamento.

O alvo parecia muito pequeno e distante demais.

Ela não se destacou no resultado final, embora já houvesse sido imbatível no esporte – ao menos nas imediações de Lindsey Hall. Mas também não fez feio. De nove competidores, ficou em terceiro lugar e ganhou muitos aplausos durante a disputa. Estava corada e com os olhos brilhantes quando se afastou.

A corrida de três pernas estava prestes a começar, com sete pares de crianças e um par de adultos – Gervase e Monique. Os dois foram aplaudidos pelos menores e se tornaram alvo de zombaria de alguns adultos destemidos, que ao mesmo tempo riam com simpatia.

Morgan riu também depois que Joshua deu o sinal de largada e os adultos dispararam na frente, apenas para cair em um tombo tão espetacular e constrangedor – uma mistura de braços e pernas, que contou ainda com um gritinho feminino e um urro masculino – que Morgan logo percebeu que fora tudo proposital. Eles cambalearam até ficar de pé, enquanto os cinco pares de crianças que continuavam na disputa passaram pulando. O casal adulto voltou a assumir a liderança, mas logo tomou outro tombo sensacional quando estava a um metro da linha de chegada. Três pares de crianças chegaram saltando à vitória e foram recebidos com muitos aplausos e risadas.

Morgan sentiu um braço ser passado por seu ombro e em seguida Aidan puxou-a contra o corpo brevemente.

– Feliz? – perguntou ele.

Ela assentiu, sorrindo para o irmão.

– Não consigo aceitar a ideia de que você cresceu – disse Aidan. – Parece que ainda ontem era uma menininha. Agora é uma mulher que cumpriu todas as promessas de beleza que sempre deixou entrever.

– Espero que seja assim tão pródigo em seus elogios a Eve – retrucou Morgan, rindo.

Aidan acenou com a cabeça na direção de Gervase, que entregava prêmios aos vencedores da corrida e moedinhas a todos os perdedores.

– Você fez uma boa escolha – comentou. – Ele é um bom homem.

– Sim. – Morgan olhou para Gervase, sem chapéu, ligeiramente desalinhado, o rosto animado. – Ele é.

– Devo confessar que fiquei um pouco preocupado – disse Aidan, apertando o ombro dela. – Todos ficamos. Foi por isso que concordamos em vir para cá... para lhe dar apoio moral, se precisasse. Fico feliz por não ter sido necessário, mas não lamento que tenhamos vindo. Você pode ser feliz entre essas pessoas, Morgan.

– Sim – concordou ela. – Posso.

– Ah, não... – disse ele. – Vejo que Freyja está ensinando a Davy como jogar as ferraduras. Me pergunto qual dos dois planeja entrar na competição. Acho melhor ir lá descobrir.

Mais tarde, Morgan levou Jonathan até os pôneis, para que o menino pudesse fazer carinho neles, e então o animou a um passeio breve. Nesse momento, enquanto tomava conta do menino, a mãe de Gervase a encontrou e passou o braço pelo dela.

– Tem andado tão ocupada que não terá pernas para dançar hoje à noite, *chérie* – comentou a condessa. – Venha se sentar um pouco no terraço. Como fica linda nesse tom de amarelo! Parece fresca como a primavera.

– Deve estar muito feliz com o sucesso de sua festa, madame – elogiou Morgan. – Todos parecem estar se divertindo bastante.

– E é tudo para você, *chérie* – lembrou a condessa. – Para você e Gervase, em homenagem ao noivado de vocês. É fácil ver que todos o amam como sempre amaram, como eu sabia que seria. E todos simplesmente a *adoram*. Deve começar a me chamar de *maman*, em vez desse *madame* tão formal. Fará isso, *ma petite*?

– Sim, *maman*.

Morgan sorriu para ela enquanto as duas se acomodavam diante de uma das mesas e um criado se apressava a lhes trazer chá e bolos.

Morgan se deu conta de que sua vingança seria ainda mais terrível do que imaginara ao planejá-la. Sem dúvida, seria ela a principal culpada, já que romperia o noivado... e era ela a desconhecida ali. Mas Gervase ficaria muito humilhado.

Simplesmente não queria fazer aquilo.

Como fora tola e impulsiva... Deveria ter sido o bastante confrontar Gervase na Casa Pickford, dizer-lhe que ela *sabia*, forçá-lo a confessar tudo. Deveria ter sido o bastante forçá-lo a ficar de joelhos para pedi-la em casamento. Teria sido triunfo suficiente encará-lo com uma expressão zombeteira e responder que não.

A não ser pelo fato de que era exatamente isso que ele esperava.

Além do mais, como dissera a Gervase, não havia encerrado o assunto com ele na época.

E agora?

Encerraria em algum momento?

Mas não havia tempo a perder com seu dilema. Precisava conversar com a condessa e logo Freyja e Emma se juntaram a elas, quando os convidados começaram a ir embora.



O salão de baile tinha a aparência e o aroma de um jardim particularmente exuberante, pensou Gervase quando entrou para examinar o lugar e para falar com a orquestra, cujos membros já estavam sentados na plataforma no final do salão, afinando os instrumentos. Havia flores de todos os tons de púrpura, fúcsia e rosa, entremeadas com generosas quantidades de samambaias e outras folhagens.

Gervase sabia que os arranjos de flores, em sua maioria, haviam sido trabalho de Henrietta. Ela sempre tivera bom gosto, mas naquela noite se superara.

A prima o procurara naquela manhã bem cedo, antes mesmo do café, quando Gervase voltava de uma caminhada. E o pegara de surpresa confessando seu papel no que acontecera nove anos antes. Chegara a se oferecer para deixar Windrush se ele desejasse, embora não tivesse dito para onde iria.

Gervase não estava com boa vontade em relação a ela, mas se permitira reagir guiado por puro instinto. Atravessara o salão até onde estava Henrietta e dera-lhe um abraço apertado que obviamente a pegara de surpresa. Então dissera à prima que não devia ser tola, que estava na hora de deixarem o passado para trás e seguirem com suas vidas. Por fim, sorrira para ela enquanto Henrietta secava os olhos com um lenço.

– Além do mais – dissera Gervase –, *maman* está decidida a se mudar para Cherry Cottage depois do meu casamento. Imagino que você vá querer ir para lá com ela.

– Sim, irei, Gervase – concordara Henrietta. – Obrigada por sua generosidade.

Depois do casamento dele.

Cherry Cottage era uma mansão menor, nos arredores do vilarejo, que o pai de Gervase alugara para um coronel do Exército aposentado, e agora já falecido. A viúva do oficial havia se mudado de lá.

Henrietta não deu qualquer explicação sobre o motivo que a levou a colaborar com Marianne na armadilha que prepararam para ele, e Gervase não perguntou. Não negaria que a ideia das duas como um casal o chocava bastante, ainda mais por elas terem lhe causado um mal enorme. No entanto, no fim das contas, o que faziam da vida era problema delas. Com certeza *e/e* não tinha nada a ver com isso.

Foi distraído de seus pensamentos quando os Bedwyns chegaram todos juntos, os dois homens de preto, com camisa branca por baixo, Freyja toda de preto, Eve em um vestido lilás. Mas a verdade era que ele só tinha olhos para Morgan, magnífica em um

traje de noite de cetim prateado, parcialmente coberto por uma túnica da mesma cor, em um tecido transparente. Enfeites de prata haviam sido presos em seus cabelos, que estavam penteados para cima, e um medalhão de prata repousava próximo ao decote. As luvas e o leque eram brancos.

Gervase usava as mesmas roupas em prata, cinza e branco que usara no piquenique na floresta de Soignes. Havia hesitado diante da escolha, já que nenhum dos dois precisava ser lembrado daquela noite, mas resolvera apostar. Lidar com o passado, com certeza, não envolvia negá-lo. Isso não adiantaria nada.

E Gervase torcia – desesperadamente – para que os dois conseguissem resolver seu passado.

Ele se inclinou em uma cortesia, pegou a mão de Morgan e levou-a aos lábios. Ela abriu um sorriso radiante enquanto os membros da família dela e os da dele, que haviam chegado ao salão de baile logo depois dos Bedwyns, os observavam.

– Meu Deus – comentou Freyja –, vocês dois estão deslumbrantes.

Os convidados começaram a aparecer logo em seguida. Gervase os recebeu na fila de cumprimentos, junto à mãe e a Morgan. A jovem já conhecera todos, mas Gervase ficou impressionado com o modo como ela se lembrava dos nomes e de alguns detalhes sobre cada um. Era óbvio que todos a admiravam muito, não apenas porque era linda, ou por ser irmã do duque de Bewcastle, mas porque era segura de si, agradável e encantadora.

A vingança de Morgan seria de fato colossal, pensou ele.

Isto é, se ele não a fizesse desistir da ideia.

Como a mãe de Gervase previra, o salão de baile ficou agradavelmente cheio depois que todos chegaram – inclusive Marianne Bonner, com sua tia idosa, a Sra. Jasper –, mas de forma alguma apertado. Gervase abriu o baile dançando com Morgan, em uma alegre performance de uma quadrilha. Os dois dançaram com vários parceiros diferentes depois, e jantaram em mesas distintas. Era o comportamento mais correto, é claro, mas, mesmo pelas regras estritas da sociedade londrina, ele tinha permissão para dançar duas vezes com a mesma parceira. E havia instruído a

orquestra a tocar o único conjunto de valsas da noite depois do jantar.

– *Chérie*? – Gervase se inclinou sobre a mão de Morgan, que conversava com um grupo de vizinhos deles. – Aceita valsar comigo?

Ela pousou a mão sobre a manga dele sem dizer uma palavra sequer e permitiu que Gervase a levasse até a pista de dança.

– Você está usando a mesma roupa que usou na floresta de Soignes – comentou. – Na época, achei que havia escolhido cores tão claras porque a maior parte dos homens estaria usando paletós escarlate.

– Estava absolutamente certa, *chérie* – disse Gervase. – Quem iria querer parecer insignificante em um evento do qual é o anfitrião?

– Estou surpresa por estar usando as mesmas roupas hoje.

– Está? – perguntou ele, inclinando a cabeça um pouco mais perto da dela, já aguardando as primeiras notas da música. – E está surpresa por eu tê-la convidado para valsar comigo? A última vez foi no baile de sua irmã, em Londres, sozinhos em uma antessala. E, antes disso, foi no meu piquenique, sozinhos por alguns minutos, diante de mais de cem pessoas. E a primeira vez foi no baile do visconde de Cameron, onde nos conhecemos.

– Dificilmente precisaria ser lembrada disso – falou Morgan. – Mas fico feliz por ter sido. Tornará as coisas mais fáceis para mim amanhã, ou depois de amanhã, quando Eve, Aidan, Freyja e Joshua partirem e eu decidir ir com eles.

A música começou e Gervase a guiou lentamente pelos passos de abertura da valsa.

– Irá mesmo embora, *chérie*? – perguntou ele, os olhos fixos nos dela. – Vai partir com eles e *me* deixar? Nunca mais me verá?

– Sabe que irei.

Morgan jogou a cabeça para trás, mas não afastou os olhos dos dela.

Gervase pressionou as mãos com mais firmeza na cintura dela e girou-a em um rodopio, aumentando a largura dos passos.

Morgan riu, encantada.

Ele dissera ao maestro qual música tocar. E viu, de repente, pelo olhar de Morgan, que ela reconhecera a valsa. Era a mesma que eles haviam dançado na primeira vez.

Os dois continuaram em silêncio, sem desviar os olhos um do outro nem por um instante. Gervase evoluiu com Morgan por entre os outros casais, lentamente, depois mais rápido, girando e rodopiando até conseguir sentir o sorriso no próprio rosto e ver o rubor colorindo o dela, o brilho profundo em seus olhos.

Foi só depois que a música terminou que eles voltaram a falar.

– Você valsa tão bem, Gervase... – disse Morgan, abaixando os braços ao lado do corpo, aguardando uma nova música começar. – Assim como é bom em muitas outras coisas. É um especialista em flerte... e em mais do que apenas o flerte. Jurou que faria com que *eu* me apaixonasse por *você*. Imagino que seja esse o motivo de tudo isto. Exatamente como daquela primeira vez. Assim você poderá me manipular, me afastar da minha determinação, me derrotar, mesmo que para isso tenha que se casar comigo. Sou apenas um pouco mais velha em idade do que era em Bruxelas, no baile dos Camerons, Gervase, mas estou muitos anos à frente daquela Morgan em experiência. Às vezes eu o odeio de verdade.

– O ódio é um passo adiante da indiferença de ontem, *ma chère* – comentou ele. – Já lhe ocorreu que eu esteja tentando fazê-la me amar porque *eu* a amo?

Morgan balançou a cabeça com impaciência e voltou a pousar a mão sobre o ombro dele quando a música recomeçou.

– Partirei com meus irmãos quando eles se forem – repetiu.

O problema, pensou Gervase, era que ela provavelmente falava sério. O orgulho não a deixaria mudar de ideia. Nem a maturidade e a cautela recém-descobertas. Morgan fora muito magoada. E ele tinha bem pouco a oferecer em defesa própria. Alguma coisa, na verdade, mas não muito.

E não contava como defesa o fato de ele amá-la com cada fibra do seu ser.

Eles não voltaram a falar até o conjunto de valsas chegar ao fim. Ainda restava um conjunto de quadrilhas, mas é claro que não poderiam continuar dançando juntos.

– *Chérie*, daria uma caminhada comigo depois que o baile terminar? – pediu Gervase.

– Hoje? – Ela levantou os olhos para ele, o cenho franzido. – Onde? Ao ar livre?

– Ao ar livre.

– Por quê? Para que possa me seduzir? – Ela o encarou com altivez. – Está *louco*?

– Apenas desesperado, *chérie*. Meu tempo está acabando e vejo que está determinada a endurecer seu coração e me castigar abandonando-me. Vamos conversar. Me dê essa única chance de fazê-la mudar de ideia. Juro pela minha honra de cavalheiro que não encostarei um dedo lascivo em você sem a sua permissão. Me dê essa oportunidade.

– Por sua honra de cavalheiro? – falou Morgan, baixinho, a sobrancelha erguida em uma expressão zombeteira. – Mas *não* há a menor chance de eu mudar de ideia.

Ela franziu o cenho e, por um instante, Gervase viu algo em seu olhar que lhe deu esperança, apesar das palavras irônicas... uma certa dúvida, uma vulnerabilidade, um toque de tristeza.

– Mesmo assim, me dê essa oportunidade – pediu ele.

A música havia parado e os outros casais estavam deixando a pista de dança. Logo eles começariam a chamar atenção se permanecessem onde estavam. E Gervase sabia que se ela não aceitasse naquele momento, seria tarde demais para ele. Já a teria perdido.

– Muito bem – respondeu Morgan. – Mas será inútil.

Ele sorriu e passou a mão dela pelo seu braço.

CAPÍTULO XXII



Aquilo seria inútil, pensou Morgan. O dia fora agonizante para ela pela mesma razão que parecia ter sido um sucesso para todo o resto. Tinha sido uma celebração gloriosa de seu noivado com Gervase.

Era um noivado que ela deveria romper dali a dois dias, quando Freyja e Aidan partissem de Windrush. Precisava endurecer o coração contra todos os argumentos em contrário. Ainda assim, havia concordado em dar a Gervase esse tempo a sós, para que ele tentasse fazê-la mudar de ideia. E isso numa noite fria, com o céu repleto de estrelas, quando eles haviam acabado de valsar juntos e Morgan estava com as emoções à flor da pele.

Ela sabia quase com certeza para onde ele a estava levando, embora não fosse perguntar. Não diria uma palavra até que chegassem lá, e, enquanto caminhavam, Gervase parecia satisfeito com o silêncio. Morgan esperava que ele fosse passear pelos jardins com ela, ou talvez levá-la até o lago, ou mesmo ao caramanchão, onde ficariam fora de vista da janela da casa, embora não fosse necessário fazer segredo. Gervase anunciara que os dois sairiam para caminhar e Aidan, apesar de encará-los com severidade por um instante, comentou que não havia problema em um casal de noivos se despedir longe dos olhos invasivos da família.

Por que ela se trocara e usava agora um vestido do dia a dia, protegido por uma capa quente, se esperava que a conversa com Gervase fosse breve, que ele fosse tentar usar seus encantos para persuadi-la a ficar e ela fosse apenas dizer não?

Morgan estava com medo de se deixar iludir, de ser fraca.

Gervase levava um lampião – um exagero, já que estavam em um espaço aberto, iluminado pela lua e pelas estrelas. Mas é claro que o lampião foi de grande ajuda em certas partes da trilha, quando as copas das árvores escondiam o céu quase por completo. Gervase a segurou pelo cotovelo, para guiá-la pelo terreno irregular. A não ser por isso, parecia satisfeito em não tocá-la de forma alguma.

Quando chegaram à gruta, depois de subir com certa dificuldade uma ladeira e descer outra na escuridão quase total, Morgan já estava furiosa – não tanto com ele, mas consigo mesma. Já não o *conhecia* àquela altura? Não sabia que a intenção dele era usar o poder do próprio charme contra a força de vontade dela?

Ou não? Será que Gervase teria mudado desde Bruxelas? Mas ela não seria uma tola se esquecesse o que ele havia lhe feito lá – sobretudo depois de Waterloo? Partia seu coração se lembrar daquela semana de ternura, quando ele lhe parecera o amigo mais querido e chegara mesmo a se tornar seu amante. E fora tudo mentira. Ela simplesmente não conseguiria deixar aquilo para trás.

Morgan virou-se para encarar Gervase quando ele apagou o lampião – não havia necessidade de luz extra, já que a lua os iluminava e se refletia em uma faixa cintilante na água do rio.

– Imagino que você ache este lugar romântico o bastante para me seduzir e me fazer esquecer o bom senso e qualquer escolha racional – disse Morgan, percebendo que estava parada quase no lugar exato onde havia se deitado com Gervase apenas alguns dias antes.

Sim, o lugar *era* romântico – terrivelmente. A luz do luar cintilava sobre a água que escorria do jarro do querubim.

– Eu estava errado, então, *chérie*? – perguntou ele, com um suspiro exagerado. – Não vai ser assim tão fácil?

Foi o suspiro que a fez perder de vez a calma. Ele nunca levaria nada a sério? Estava tão certo assim de que a convenceria? Ou simplesmente não se importava?

– Isso não vai ser *possível* – respondeu Morgan com a voz alterada, os punhos cerrados ao lado do corpo. – Não entende, Gervase? Você é um homem bonito, encantador, atraente. É claro que é. Eu seria uma tola se negasse isso. Foram essas características que fizeram com que eu me apaixonasse por você em Bruxelas, mesmo sabendo que você também é um sedutor, chegado a flertes sem compromisso. Foram essas características que me levaram àquela tremenda indiscrição no baile de Freyja e que fizeram com que eu me deitasse aqui com você há alguns dias. Mas também conheço o cinismo, o ódio, a manipulação fria de que é capaz. Sei que fui sua vítima até o baile de Freyja, talvez até este momento. Como posso acreditar quando diz que me ama, que realmente deseja se casar comigo? Como posso acreditar em qualquer coisa que me diga? Como posso algum dia *confiar* em você de novo? O melhor que temos a fazer é voltar logo para casa e ir dormir. Vou deixá-lo e esquecer que você existe.

Gervase estava encostado na parede de pedra, em um dos lados da entrada da gruta, de braços cruzados.

– *Chérie* – disse, em um tom suave –, você concordou em me dar uma última oportunidade de convencê-la a não me abandonar, a não partir meu coração.

Mesmo então, Gervase poderia estar apenas brincando com ela. Como seria possível *partir o coração* daquele homem? Seria ele capaz de amá-la tão profundamente? Morgan tinha medo de acreditar, de ter esperança.

Odiava ter só 18 anos. *Odiava*.

– Muito bem – respondeu, encarando-o com toda a altivez que conseguiu reunir. – Fale. Mas vai apenas gastar seu fôlego.

Ela se virou e se afastou um pouco, seguindo por entre as flores e pousando a mão sobre a asa de pedra do querubim.

– Não posso negar a minha culpa, *chérie* – começou Gervase. – Embora tenha sido a sua beleza que primeiro chamou a minha atenção, foi seu sobrenome que me fez querer ser apresentado a

você. Eu tinha a intenção de prejudicá-la, e a *prejudiquei*. Usei-a da forma mais fria e indiferente para irritar seu irmão.

Ainda doía lembrar aquele piquenique na floresta e saber que não fora apenas um mero flerte extravagante e indecoroso da parte dele, mas um ato de ódio calculado.

– Mas gostei de você – continuou Gervase –, e comecei a perceber, tarde demais, que era mais do que apenas irmã do duque. Não deveria tê-la envolvido em algo que só dizia respeito a ele e a mim. Mas não estou tentando justificar o que fiz. Sou culpado e sinto-me profundamente envergonhado.

Morgan estendeu a mão e colocou-a por um momento sob o jato de água que caía do jarro. Estava fria. Ela recolheu a mão e enfiou-a entre as dobras da capa, secando-a na saia do vestido. Tentou pensar em coisas banais – o que usaria na viagem de volta para casa, se levaria ou não o material de pintura que ganhara de presente, se iria para Leicestershire, para Oxfordshire, para a Cornualha, ou se iria para Lindsey Hall e passaria o verão com Wulfric.

– Quando a vi no baile do duque de Richmond – falou Gervase –, procurei ficar longe de você, *chérie*, até vê-la parada sozinha, depois que os oficiais haviam partido. Você parecia tão perturbada e desamparada... Parecia estar precisando de conforto. Assim, me aproximei para tentar lhe oferecer isso. Agi assim porque era você, não porque era a irmã de Bewcastle. Nem pensei nisso naquele momento.

– Àquela altura, já era tarde demais – observou Morgan, abaixando a cabeça e fechando os olhos.

– Então, alguns dias depois, eu a vi nos portões de Namur, depois de achar que você já teria ido embora. Estava suja, desgrehada, com o rosto ruborizado e linda, cuidando de um soldado que tivera metade da perna arrancada. Daquele momento em diante, dali até chegarmos juntos a Harwich, você era Morgan Bedwyn para mim. E passei a gostar de você, admirá-la, respeitá-la, até mesmo a amá-la, embora não reconhecesse plenamente esse sentimento até um tempo depois. Não era mais a irmã do duque de Bewcastle para mim naqueles dias, *chérie*. Era você, e, sem que eu

me desse conta, se tornou o centro do meu mundo, o amor do meu coração. Quando apareceu nos meus aposentos naquela noite, eu não deveria ter permitido que nosso beijo fosse tão longe, mas amava você e não consegui pensar em outra maneira de acolhê-la, de afastar o sofrimento que a atormentava. Não percebi que era amor até bem mais tarde, mas era. Sou culpado do que aconteceu antes, *mon amour*, mas não do que aconteceu durante aqueles dias. Fui seu amigo e, no fim, seu amante.

Morgan pisou sem piedade nas flores enquanto se adiantava até onde ele estava, os punhos cerrados com força ao lado do corpo mais uma vez.

– Você está mentindo! – gritou. – Está mentindo para mim! Não faça isso, Gervase. Não faça isso. Não consigo suportar. E quanto ao baile de Freyja? Se me amava depois de Waterloo, se estava arrependido do modo como me usara, por que fez o que fez *lá*? Não consigo acreditar em nada do que diz. Não consigo confiar em você.

Ela estava chorando agora, em soluços altos e agoniados, e começou a procurar um lenço com as mãos trêmulas. Odiava mulheres choronas. Nunca fora uma delas.

Gervase manteve os braços cruzados.

– Gostaria de poder lhe dizer que fui inocente naquele momento, tanto quanto fui em Bruxelas, depois de Waterloo – disse. – Mas não posso. Fui a Londres para pedi-la em casamento, mas não fingirei que era apenas o meu amor por você que ocupava a minha mente quando encarei Bewcastle na biblioteca da Casa Bedwyn. Acho que na época eu nem reconhecia que *era* amor o que eu sentia. Queria ver Bewcastle furioso e tive prazer nisso. Então, depois, só conseguia pensar em maneiras de forçá-lo a permitir que eu fizesse o pedido a você. Foi só quando já era tarde demais... demais... que compreendi meus motivos verdadeiros. O mais importante já não era magoá-lo, e sim o fato de que eu não suportaria perder você. Isso aconteceu naquela salinha, no baile da sua irmã, quando eu tinha a intenção de apenas valsar com você, mas me peguei beijando-a. Foi então que compreendi de repente que deveria tirá-la dali antes que um escândalo irrompesse. Mas no momento em que levantei a cabeça, vi Bewcastle parado na porta e

outros convidados passando e olhando. Era tarde demais para arrumar uma forma honrada de cortejar e conquistar você.

Morgan abaixou a cabeça e levou as duas mãos ao rosto.

– E, assim – acrescentou ele –, chego ao fim da única defesa que posso fazer. Sei que é lastimável, para dizer o mínimo. Não posso pedir que me perdoe, *chérie*, isso seria fácil e superficial demais. Não mereço seu perdão. Só posso lhe assegurar, e temo que isso também seja fácil e superficial demais, que a amo de todo o coração e passaria a vida amando-a e sendo seu amigo, se pudesse. Só você pode decidir se me perdoará. Ou se confiará em mim.

Ela caminhou até a margem do rio e seguiu alguns metros ao longo dela, se afastando do salgueiro e do querubim. Ficou escuro de repente e, ao olhar para cima, Morgan viu que uma nuvem havia encoberto a lua. Mas logo se afastou e, antes que ela voltasse a abaixar a cabeça, seu rosto foi banhado pela luz do luar.

Dissera a Gervase que ele precisava perdoar o pai, ou carregaria para sempre o fardo da escuridão de seu ódio.

Dissera que ele deveria perdoar Marianne e Henrietta, ou estaria abatido para sempre pela mágoa terrível que elas haviam lhe causado.

Sabia que ele precisava perdoar Wulfric, assim como sabia que, agora, Wulfric precisava perdoar Marianne.

Ódio e ressentimento eram um veneno fatal para a alma.

Então ela deveria perdoar Gervase. Mas perdão era o bastante? Ela *conseguiria confiar* nele?

Mas uma pessoa não podia viver *sempre* desconfiada. Que mal terrível essa pessoa faria a si mesma se encarasse todos em sua vida com uma desconfiança cínica! E Morgan sabia que estava correndo o risco de se tornar alguém assim. Fora ingênua demais até muito recentemente. E agora se permitiria passar a ser o extremo oposto? Se protegeria de futuras mágoas e, ao mesmo tempo, também se negaria a ser feliz, no presente e no futuro?

Aqueles últimos dias em Bruxelas haviam sido *verdadeiros*.

Ele gostara dela, passara a admirá-la e a respeitá-la. Procurara Alleyne pelo bem dela. Fizera amor com ela porque quisera

compartilhar o sofrimento que ela vivia e confortá-la. Fora amigo dela. E seu amante.

Fora tudo verdadeiro.

Quando Morgan se virou para olhar para trás, Gervase encontrava-se parado no mesmo lugar.

Jurara a si mesma que não seria fraca.

Mas ser inflexível também não era uma forma de fraqueza?

Morgan caminhou de volta para o ponto onde Gervase se encontrava, ainda sem saber o que diria. Por isso não disse nada. Chegou até ele, encostou o rosto nas dobras intrincadas do lenço que ele usava ao redor do pescoço e sentiu a força cálida e sólida do corpo dele, de suas coxas contra as dela.

Depois de um instante, sentiu que Gervase a envolvia delicadamente com um braço enquanto acariciava os cabelos dela com a outra mão. Mais algum tempo se passou até que ela sentisse o rosto dele contra o topo de sua cabeça.

– Me desculpe, Morgan. Ah, a insuficiência das palavras... Me desculpe. Eu lamento muito, muito, *ma chère*.

– Se você não tivesse me visto no baile dos Camerons e descoberto que eu era irmã de Wulfric, nunca teríamos nos conhecido, Gervase – falou Morgan, sem se afastar. – E eu teria odiado isso.

Ele beijou a cabeça dela.

– Eu confio em você – disse ela. – Realmente confio.

Então Gervase a beijou na boca, um beijo suave e terno, que ela retribuiu com o anseio de alguém que descobrira que rejeitar o que amava já não era necessário. Em seguida, Gervase a abraçou com muita força antes de soltá-la, afastou-se da parede da gruta, pegou as duas mãos dela e se apoiou em um dos joelhos à sua frente.

– Morgan. – Ele levantou os olhos para ela. – Amo você por tudo o que é e por tudo o que irá se tornar. Admiro-a como mulher e como pessoa. Valorizo-a como amiga e companheira. Amo sua inteligência, sua visão artística, suas percepções da vida, seu espírito. Adoro-a como amante. Alimentarei sua liberdade pelo resto

da vida, se me aceitar. E ofereço a você a minha verdadeira essência em troca. Me daria a honra de se casar comigo?

Era uma cena terrivelmente dramática – e maravilhosamente romântica, de alimentar a alma. Gervase não dissera nada que envolvesse posse, nada sobre não ser capaz de viver sem ela, nada que a restringisse, a não ser o compromisso de casamento em si. E lhe oferecera amor, cujos laços só poderiam ser de liberdade, se o sentimento fosse verdadeiro.

– Sim – respondeu Morgan.

Talvez ela devesse ter dito mais. Talvez devesse ter dito algo que combinasse com o que Gervase lhe dissera. Mas Morgan sentia o peito e a garganta apertados com lágrimas não derramadas e, de algum modo, aquela única palavra resumia tudo o que havia para ser dito.

Sim, ela seria amiga dele. Sim, seria sua amante. Sua esposa. Juntos, eles buscariam o companheirismo, o prazer físico e a alegria – e, juntos, alimentariam e cuidariam da singularidade e da liberdade um do outro.

Gervase ficou de pé, segurou Morgan pela cintura, levantou-a e girou com ela, jogando a cabeça para trás e uivando para a lua. Morgan também jogou a cabeça para trás e riu.

Foi uma risada límpida, vinda do fundo do coração, que restaurou em Morgan o tesouro de sua juventude. Logo em seguida, Gervase a interrompeu com um beijo.

– Espero que você tenha trazido algo para acender novamente esse lampião – comentou ela depois de algum tempo. – A noite está ficando nublada e o caminho de volta vai estar bem escuro.

– Muito simples – disse ele. – Resolveremos o problema permanecendo aqui até o dia amanhecer, *chérie*.

– Está *frio* – protestou ela.

– Mas não por muito tempo – retrucou Gervase. – Fazer amor esquentará, e tenho toda a intenção de fazer amor com você, provavelmente pela maior parte do que ainda resta da noite. Veja bem: embora eu tivesse muito pouca esperança hoje de manhã, ainda tinha alguma. Por isso preparei o que torci para ser o desfecho de nossa conversa a sós, se eu conseguisse persuadi-la a

vir comigo. Trouxe algumas mantas para cá, bem cedo hoje, antes que as pessoas acordassem, e as deixei dentro da gruta. Estão ali.

Morgan abriu a boca para falar, ultrajada com a presunção dele. Mas Gervase ergueu as sobrancelhas, em um gesto envergonhado, e ela se pegou rindo de novo e passando os braços ao redor do pescoço dele.

– Acho que não era isto que Aidan tinha em mente quando permitiu que eu viesse até aqui para lhe dar boa noite – comentou Morgan.

– Poderia apostar que você está errada – retrucou ele. – Aidan seria tolo se não houvesse imaginado a minha intenção, e não acredito que ele seja tolo.

A ideia surpreendeu Morgan. Casais de noivos tinham mesmo permissão para essas liberdades?

Mas Gervase já estava pegando uma pilha de mantas bem dobradas dentro da gruta e abrindo uma delas no chão. Então ergueu mais uma vez as sobrancelhas e abriu os braços para ela.

A noite estava fria, quase enregelante, e eles realmente usaram as mantas – embora apenas por instante, enquanto recuperavam o fôlego e esperavam o mundo voltar a girar na velocidade normal, como observou Gervase. Pelo resto da noite, até o amanhecer tornar cinza o céu a leste, e mesmo um pouco depois disso, os dois fizeram amor de um jeito quente, vigoroso e alegre, e teriam se mantido aquecidos mesmo se estivessem flutuando nas águas do Ártico, sobre um iceberg – também de acordo com Gervase.

Eles voltaram pé ante pé para casa pouco antes de os criados se levantarem. Morgan chegou a ouvir os primeiros movimentos deles pela casa e logo depois adormeceu profundamente.

CAPÍTULO XXIII



Morgan foi a primeira a descer. Não precisava ter começado a se arrumar tão cedo, mas era ridículo imaginar que deveria demorar muito mais para se vestir apenas porque era o dia de seu casamento. No entanto, talvez não houvesse parado para pensar em nada mesmo. Simplesmente não conseguiria esperar mais. Estava tão empolgada e tão nervosa que achou que acabaria vomitando se desse muita atenção à importância da ocasião.

Deveria ter permanecido em seu quarto de vestir. Lembrava-se de como, no ano anterior, quando Freyja se casara com Joshua, todos haviam se aglomerado nos aposentos da irmã para comentar a aparência de Freyja, para lhe desejar sorte e para abraçá-la antes de irem para a igreja e se acomodarem nos bancos para esperar sua chegada com Wulfric.

Mas ali estava Morgan, já no andar de baixo, sozinha a não ser por um criado, que se distraiu por um momento quando a viu e lhe dirigiu um meio sorriso. O grande salão de Lindsey Hall, que tinha sido preservado como um salão de banquetes em estilo medieval, sempre fora um dos lugares favoritos de Morgan. Ela passou as mãos pela madeira antiga e lisa da grande mesa enquanto dava a volta por ela e examinava os antigos estandartes e brasões pendurados nas paredes.

O que estava acontecendo a atingiu. Lindsey Hall não seria mais a casa dela. Seria a casa de Wulfric. Ela nunca mais voltaria a

ser Morgan Bedwyn. Só voltaria àquela casa como convidada – Lady Morgan Ashford, condessa de Rosthorn. Morgan estremeceu e se perguntou por um momento se não iria *mesmo* vomitar. Também não ajudava, imaginou, o fato de muito provavelmente estar grávida. A verdade era que sua regra mensal, que deveria ter chegado duas semanas antes, ainda não havia dado sinal.

Wulf entrou no salão, vindo da direção da galeria dos menestréis, e ergueu as sobancelhas ao vê-la. Chegou mesmo a parar para examiná-la melhor e levou o monóculo ao olho.

– De tirar o fôlego – comentou em um tom suave, em uma declaração absolutamente inesperada, vinda dele.

Morgan havia decidido usar branco com bordados lilás na bainha da saia e nas mangas, e fitas da mesma cor na barra do *bonnet* e na cintura alta do vestido. O lilás era em memória a Alleyne, por quem ela já derramara muitas lágrimas na noite da véspera, antes de se recolher. Sentira o coração apertado ao se dar conta de como a vida continuava depois da morte de alguém tão querido, da mesma forma que aconteceria se ele estivesse vivo. A não ser pelo fato de que, se Alleyne estivesse vivo, Morgan não teria permanecido em Bruxelas e aquele dia não estaria acontecendo.

– Então devo entregar alegremente a última de minha família a alguém que acredita precisar mais dela do que eu? – perguntou Wulfric.

Ele estava com um humor estranho. Quando Wulf *precisara* de alguém? Mas de repente Morgan se deu conta de que o irmão agora ficaria completamente sozinho ali. Será que se sentiria solitário? Wulf era capaz de ter sentimentos como a solidão?

Morgan atravessou o espaço entre os dois e, em um impulso, o abraçou, como fizera em Harwich.

– Vai amassar sua roupa – comentou ele, afastando-a.

Mas logo depois a abraçou com tanta força que Morgan sentiu o ar lhe escapar dos pulmões.

Ela poderia ter chorado. Poderia ter soluçado de dor pelo próprio Wulf, por Alleyne, pela tristeza de ter crescido e aprendido que a mudança era a própria essência da vida, que nada era

permanente. Mas antes que pudesse fazer algo tão estranho e potencialmente constrangedor, Rannulf apareceu no salão, de braço dado com a avó deles – a velha dama parecia muito frágil, embora houvesse insistido em vir de Leicestershire para o casamento. Judith também estava com eles, e Eve, Aidan e as crianças vinham logo atrás. Becky passou correndo por todos e se agarrou às pernas Morgan.

– Está tão bonita, tia Morgan – falou. – Meu vestido de noiva vai ser igual ao seu quando eu crescer.

– É claro que Morgan seria a primeira a estar pronta para o próprio casamento – disse Freyja, entrando com Joshua, depois dos outros.

– Fomos ao seu quarto de vestir, mas o pássaro já havia voado – acrescentou Joshua com um sorriso.

– Que bom que você não saiu correndo até a igreja, Morg – comentou Rannulf. – Provavelmente chegaria lá antes de Gervase, e os Bedwyns jamais sobreviveriam a tal desgraça.

– Está encantadora, Morgan, minha querida – elogiou a avó dela. – Venha me dar um beijo.

Tia e tio Rochester também apareceram.

– Agora devemos todos ir para a igreja, menos Morgan e Wulf – avisou tia Rochester, em seu costumeiro tom estridente que de algum modo conseguia chamar a atenção até mesmo de um grupo inteiro de Bedwyns. – Seria uma tragédia tão grande quanto a que previu, Rannulf, se chegássemos depois de Rosthorn.

Quase com a mesma rapidez com que haviam aparecido no salão, todos se retiraram, embora houvessem desafiado a paciência da tia abraçando Morgan antes – Rannulf imprimiu tanta força que quase a esmagou. Judith tinha lágrimas nos olhos.

Era verdade, pensou Morgan ao se virar e fitar a figura silenciosa de Wulfric, elegante e severo, de preto com adereços brancos.

Aquele era o dia do casamento dela.



Ao ver Morgan atravessando a nave da igreja em sua direção, de braço dado com Bewcastle, inacreditavelmente linda, Gervase teve a sensação de que cada instante dos últimos nove anos tinha valido a pena, só para que pudesse estar ali, naquele momento.

Qual era a probabilidade de que aquilo houvesse acontecido de outra forma? Era muito provável que, anos antes, ele tivesse se casado com outra pessoa. Ainda que isso não tivesse acontecido, poderia não ter reparado em Lady Morgan Bedwyn naquela primavera. Não, não era verdade – ele com certeza teria reparado em Morgan no salão de baile dos Camerons. Poderia não ter se aproximado de uma pessoa tão jovem, tão obviamente recém-saída da puberdade. E, mesmo que houvesse se aproximado, sem um motivo para atraí-la e envolvê-la, talvez não tivesse conseguido da parte *dela* mais do que um breve momento de atenção.

Era estranho como a vida funcionava.

Os olhos de Morgan estavam fixos nos dele, brilhando de calor, anseio e amor. Por que milagre ela o perdoara? Gervase sorriu e, por mais que estivesse tão consciente quanto dois minutos antes da presença de Pierre ao seu lado, da igreja cheia de familiares e amigos ocupando todos os bancos, agora só tinha olhos para ela.

Para sua amada Morgan. O fim de seu longo e difícil arco-íris.

Bewcastle escrevera para ele no mesmo dia em que recebera a carta de Marianne. O duque fora conciso e objetivo, mas assegurara a Gervase que estava satisfeito com a explicação de Marianne e que reconhecia que havia interpretado de modo errado o que vira nove anos antes. Também mencionara o broche, que sinceramente não se lembrava de ter apanhado do chão e colocado sobre a mesa antes de sair do quarto, embora deva ter feito isso, já que Marianne admitira que a joia nunca fora roubada.

O fim do arco-íris realmente era doce – e cheio de uma alegria que invadiu Gervase quando ele e Morgan se viraram para encarar

o ministro.

– Caros irmãos... – começou o homem.

Então, quase antes que Gervase pudesse começar a apreciar o que estava acontecendo, antes que começasse a se concentrar, a mesma voz os declarou marido e mulher.

Morgan tinha um sorriso ofuscante no rosto.

O sorriso dele, Gervase percebeu, estava misturado às lágrimas. Os dois haviam chegado tão perto de não conseguirem estar ali...

Eles assinaram a certidão, deixaram juntos a igreja, passaram por um mar de rostos sorridentes e saíram para a manhã ensolarada, para os aplausos e para a chuva de pétalas atiradas pelos Bedwyns, pelos cunhados de Gervase e por duas de suas sobrinhas. Então voltaram para Lindsey Hall em uma carruagem aberta, cuja traseira tinha sido enfeitada com fitas e botas velhas, as mãos dadas com força, olhando-se como dois tolos e permitindo-se um beijo longo e ardente, assim que o vilarejo ficou longe de vista.

– Feliz? – perguntou Gervase.

– Feliz. – Morgan sorriu de volta para ele. – O último mês pareceu interminável.

Eles haviam ficado separados durante aquele período. Morgan voltara para Lindsey Hall dois dias depois do baile, para cuidar dos preparativos do casamento e fazer os proclamas correrem. Gervase permanecera em Windrush. Só chegara na véspera. Havia ficado com a família em Alvesley Park, a poucos quilômetros de distância, a convite do conde e da condessa de Redfield, do visconde de Ravensberg, filho do conde, e da esposa de Ravensberg.

– Pareceu muito mais tempo – concordou Gervase. – A separação mais longa que teremos que suportar pelo resto de nossas vidas, eu juro, *chérie*. Não houve consequências de nossa noite de pecado?

Ele sorriu para ela e levantou as sobrancelhas, referindo-se à noite apaixonada do lado de fora da gruta.

Mas Morgan o encarava, muito séria, com os olhos grandes e lindos.

– Na verdade, acredito que houve.

– *O quê?* – Ele pegou a mão dela que estava livre e apertou as duas. – *Houve?*

Morgan abriu um sorriso doce. Estava ruborizada. Se já parecia linda aos olhos de Gervase antes, não havia palavras para descrevê-la agora.

Os dois estavam indecorosamente perto da casa – apenas um grande jardim circular, com uma enorme fonte no centro, separava a carruagem em movimento do terraço diante das portas da frente. E, para piorar a sorte de ambos, havia uma pessoa parada do lado de fora – um cavalheiro, sozinho. Por um instante, Gervase se perguntou se era alguém que não fora convidado para o casamento, ou que saíra mais cedo da igreja e se dirigira a cavalo para a casa.

Mas, para dizer a verdade, naquele momento ele não teria se importado se todos os criados, jardineiros e cavaleiros que trabalhavam para Bewcastle estivessem em fila no terraço para dar as boas-vindas aos dois. Era um homem recém-casado e acabara de descobrir que seria pai.

– *Chérie* – disse, aproximando a cabeça da dela. – *Mon amour. Ma femme.*

– Estou tão feliz, Gervase, que nem consigo encontrar palavras!

– Não precisa delas – assegurou ele, cobrindo os lábios dela de beijinhos rápidos. – Às vezes há formas melhores de se comunicar do que com palavras, *chérie*.

Então ele começou a demonstrar isso à esposa, abraçando-a e beijando-a com intensidade enquanto ela retribuía as carícias.

O cavalheiro solitário no terraço observou a carruagem – obviamente transportando recém-casados – dar a volta na fonte e se aproximar da entrada, os noivos esquecidos do decoro, o mundo resumido ao abraço dos dois.

SOBRE A AUTORA

© David Wild



Mary Balogh nasceu e foi criada no País de Gales. Ainda jovem, se mudou para o Canadá, onde planejava passar dois anos trabalhando como professora. Porém ela se apaixonou, casou e criou raízes definitivas do outro lado do Atlântico.

Sempre sonhou ser escritora e tinha certeza de que, no dia em que escrevesse um livro, ele seria ambientado na Inglaterra do Período da Regência. Quando sua filha mais nova tinha 6 anos, Mary finalmente encontrou tempo para se dedicar ao antigo sonho. Depois de três meses escrevendo na mesa da cozinha, a primeira versão de sua obra de estreia estava pronta.

Publicada em 1985, deu a Mary o prêmio da *Romantic Times* de autora revelação na categoria Período da Regência. Em 1988, depois de vinte anos de magistério, ela passou a se dedicar apenas aos livros.

Hoje Mary Balogh é presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times* e vencedora de diversos prêmios literários.

www.marybalogh.com.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site

ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

Table of Contents

[Créditos](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)



Ligeiramente PECAMINOSOS

MARY BALOGH

Mais de 4 milhões de livros vendidos



No início era apenas uma farsa divertida,
mas se tornou uma atração inegável

Ligeiramente imoral

Disponibilização/Tradução/Pesquisa: YGMR

Revisão: Edith

Revisão Final: Matias

Formatação: Iara

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Durante o fragor da batalha do Waterloo, lorde Alleyne Bedwyn é ferido e dado por morto. Quando dias depois recupera a consciência, não recorda quem é nem como chegou a esse quarto em um bordel de Bruxelas. A única coisa que sabe é que o anjo que esteve cuidando dele é a jovem que desejaria para ele.

Rachel York não é o que parece. Um amontoado de circunstâncias desafortunadas a obrigaram a refugiar-se nesta casa regida por mulheres com um coração de ouro, muito caráter e duvidosa reputação. Mas agora o atraente soldado sem nome nem fortuna poderia ajudá-la a recuperar algo que é seu por direito... Se aceitasse sua proposta ligeiramente imoral.

Nota da Revisora Edith:

Ligeiramente imoral é muito gostoso de ler. As personagens são ótimas. Umas "damas" muito divertidas e muito bacanas. O mocinho junto às damas arquiteta uma farsa e acabam no meio de outra farsa. No final, acabei emocionada.

Capítulo 1.

Depois de ter passado praticamente a totalidade de seus vinte e cinco anos de vida na Inglaterra e, portanto, isolado da maioria das hostilidades que tinham assolado o resto da Europa da chegada ao poder de Napoleão Bonaparte, lorde Alleyne Bedwyn, terceiro irmão do duque do Bewcastle, não tinha experiência em batalhas campais. Embora tivesse escutado com ávido interesse as histórias de guerra que lhe tinha contado seu irmão mais velho, lorde Aidan Bedwyn, um coronel de cavalaria que acabava de retirar-se, e acreditava ter uma idéia clara de no que consistiam.

Enganou-se.

Imaginou linhas perfeitas, com os ingleses e seus aliados a um lado e os inimigos ao outro, separados por uma esplanada como os campos de jogo de Eton. Imaginou à cavalaria, à infantaria e à artilharia, vestidas com seus melhores trajes, deslocando-se em linhas ordenadas como se estivessem em um tabuleiro de xadrez. Imaginou a rápida sucessão dos disparos, que romperiam, mas não eliminariam por completo, o silêncio. Imaginou uma visibilidade perfeita, a capacidade de ver o campo de batalha por completo em todo momento, a capacidade de avaliar o progresso da luta a cada passo. Imaginou se acaso lhe tinha passado pela cabeça semelhante idéia, um ar limpo e puro.

Enganou-se completamente.

Não era um militar. Fazia muito pouco tempo que tinha chegado à conclusão de que já era hora de fazer algo útil com sua vida, de modo que tinha optado pela carreira diplomática. Tinha-no destinado a embaixada de La Haja, às ordens de sir Charles Stuart. Entretanto, tanto o embaixador como vários de seus subordinados, entre os quais ele se encontrava, deslocaram-se a Bruxelas enquanto as tropas aliadas ao comando do duque do Wellington se reuniam na cidade, como resposta à ameaça que voltava a supor Napoleão Bonaparte, que tinha escapado da ilha de Elba na primavera e estava reunindo um formidável exército na França. Esse dia em concreto, a esperada e iminente batalha entre os dois exércitos se estava travando nos campos e colinas do povoado de Waterloo. E ele estava no coração da batalha. Ofereceu-se como

voluntário para levar uma carta de sir Charles ao Wellington e para retornar com a correspondente resposta.

Agradecia enormemente ter saído de Bruxelas sozinho. Talvez lhe tivesse sido impossível ocultar a seus companheiros de viagem que não tinha tido tanto medo em toda a vida.

O ruído dos canhões era o pior de tudo. Era muito mais que ruído. Brocava-lhe os tímpanos e lhe retumbava no estômago, Além disso, havia a fumaça, que lhe congestionava os pulmões, irritava os seus olhos e reduzia seu campo de visão a pouco mais de alguns metros. Os homens e os cavalos se moviam de um lado para outro na lama ocasionada pelas fortes chuvas da noite no que lhe parecia um caos absoluto. Os oficiais e sargentos gritavam ordens e inclusive conseguiam fazer-se ouvir.

O aroma acre da fumaça se mesclava com o fedor do que supunha que era sangue e vísceras. Podia ver mortos e feridos em qualquer parte a pesar da fumaça.

Era uma cena saída do inferno.

Aquilo se deu conta, era a guerra.

O duque do Wellington era famoso por estar sempre no centro da batalha, ali onde era mais cruenta, expondo-se sem medo ao perigo e saindo ileso de forma milagrosa. Esse dia não era uma exceção. Depois de perguntar a alguns oficiais o paradeiro de seu comandante, lorde Alleyne por fim deu com ele em uma colina da qual se divisava uma granja situada em um ponto estratégico em La Haja Sainte, lugar que os franceses estavam assaltando com todas suas forças e que uma tropa de soldados alemães defendia com igual bravura. O duque não poderia ter escolhido um lugar mais exposto ao fogo inimigo. Entregou-lhe a carta e pôs todo seu empenho em controlar o seu cavalo. Tentou não pensar no perigo que corria sua própria pessoa, mas era muito consciente de como trovejavam os canhões e dos assobios dos disparos dos mosquetes perto. Sentia um medo atroz.

Teve que esperar que Wellington lesse a carta e depois ditasse a resposta a um de seus ajudantes. A espera se fez interminável enquanto contemplava o confronto para controlar a granja... Através da espessa fumaça que provocavam as milhares de armas. Viu

como morriam os homens e esperou que lhe chegasse a morte. Voltaria a ouvir com normalidade se sobrevivesse? Perguntou-se. Voltaria sequer para ser como antes? Por fim se fez a carta de resposta, guardou-a com supremo cuidado em um bolso interior e partiu. Jamais tinha estado mais agradecido na vida.

Como tinha suportado Aidan semelhante vida durante doze anos? Que milagre tinha feito com que sobrevivesse, casasse-se com o Eve e se assentasse na Inglaterra para desfrutar de uma vida no campo?

Sentiu uma dor aguda na coxa esquerda que tomou a princípio por uma cãibra provocada por uma má postura. Entretanto, quando baixou a vista viu o buraco nas calças e o sangue que brotava dele, e se deu conta do que tinha acontecido como se o visse através dos olhos de outra pessoa que o observasse desapassionadamente.

- Maldição! - exclamou. Me acertaram.

Sua voz parecia provir de muito longe. Ficava amortecida pelas contínuas descargas das armas e pelo zumbido que troava nos ouvidos. O sangue pareceu abandoná-lo ante a impressão de saber que lhe tinham disparado.

Não lhe ocorreu deter-se nem descer do cavalo para procurar assistência médica. Só pensava em sair dali a toda pressa, em retornar sem demora à segurança de Bruxelas. Tinha coisas importantes que fazer na cidade. Claro que nesse momento não recordava nenhuma delas, mas sabia que não podia atrasar-se.

Além disso, o pânico começava a apoderar-se dele.

Continuou cavalgando um pouco mais em busca da tranquilidade que houvesse em um lugar menos perigoso. Mas então a dor da perna já era insuportável. Embora o pior fosse a hemorragia.

A única coisa que tinha a mão para tapar a ferida era um enorme lenço. Tirou-o do bolso com o temor de que não fosse bastante grande para lhe abranger a coxa, mas ao dobrá-lo em diagonal comprovou que tinha o comprimento necessário. Com mãos trêmulas e suarentas o atou em torno da coxa e a dor esteve a ponto de lhe fazer perder a consciência. À bala, percebeu, devia continuar incrustada na perna.

Cada batimento de seu coração ia acompanhado de uma dor angustiante. Estava enjoado. Havia milhares de homens com feridas mais graves que a sua, recordou-se com severidade enquanto continuava seu caminho. Muitíssimo piores. Seria uma covardia desfrutar-se em sua dor. Devia obrigar-se a superá-la. Assim que chegasse a Bruxelas completaria sua missão e procuraria um médico para que lhe extraísse a bala (não queria nem pensar nisso!) e o costurasse. Sobreviveria... Ou esperava isso. E sua perna também... Ou esperava isso.

Não demorou para chegar ao bosque do Soignes. Afastou-se um pouco para o oeste do caminho para evitar o denso tráfico que circulava em ambas as direções. Passou junto a numerosos soldados no bosque, alguns deles mortos e outros muito feridos como ele; havia um grande número de desertores que fugiam do horror do fronte... ou isso lhe parecia. Não podia culpá-los.

A dor piorou se acaso fosse possível, à medida que a impressão de saber-se ferido aumentava. E continuava sangrando, embora não de forma tão copiosa como antes graças ao improvisado torniquete. Tinha frio e estava enjoado. Devia retornar junto ao Morgan.

Sim, sim, era isso!

Morgan, sua irmã caçula (só tinha dezoito anos), esperava-o em Bruxelas, já que a família com a que estava tinha tomado arriscada decisão de ficar em vez de partir com outros ingleses que tinham viajado de turba à cidade ao longo dos dois últimos meses. Os Caddick se viram apanhados em Bruxelas, já que o exército tinha requisitado todas as carruagens, e Morgan com eles. Embora o pior tivesse sido que a deixassem sair sozinha na rua num dia semelhante. Quando saiu de Bruxelas a caminho do fronte, descobriu-a na Porta do Namur com outras mulheres, atendendo a aos feridos que tinham começado a chegar à cidade.

Havia-lhe dito que retornaria o antes possível e que se encarregaria de levá-la a um lugar seguro, a Inglaterra se fosse possível. Pediria que o relevassem temporalmente de seu posto para acompanhá-la em pessoa. Não queria nem pensar no que podia lhe acontecer se os franceses se proclamavam vencedores da batalha.

Tinha que retornar junto à Morgan. Tinha prometido a seu irmão mais velho, o duque do Bewcastle, que lhe poria um olho embora tivesse confiado a tutela aos condes do Caddick ante a insistência de Morgan, que queria acompanhar a sua amiga e filha dos condes, lady Rosamond Havelock. Pelo amor de Deus! não era mais que uma menina. E era sua irmã!

Sim, sim, e também tinha que entregar a carta a sir Charles Stuart. Quase se tinha esquecido da carta.

O que podia ser tão importante para cavalgar para frente para entregar uma carta e depois retornar com a resposta? Perguntou-se. Um convite para jantar? Não o surpreenderia nada absolutamente que fosse algo tão corriqueiro. Começava a questionar a carreira que tinha escolhido. Talvez devesse ter aceitado alguma das cadeiras do Parlamento controlado pelo Wulf; claro que não tinha o menor interesse na política. As vezes lhe inquietava o fato de não saber o que fazer com sua vida. Embora um homem fosse bastante rico para poder viver sem ter que fazer nada, como era seu caso, devia contar com algo que lhe avivasse o sangue e lhe animasse o espírito.

Sentia a perna como se fosse um globo a ponto de explodir.

Embora, ao mesmo tempo e por estranho que parecesse, era como se tivesse um montão de algo parecido as facas e lhe palpitasse em um milhar de lugares de uma vez. Tinha a cabeça inchada. O ar que respirava lhe gelava os pulmões.

Morgan... concentrou-se nela. Na jovem, enérgica e obstinada Morgan.

Na caçula da família.

Tinha que retornar a seu lado. Quanto faltava para Bruxelas? Tinha perdido a noção do tempo e do espaço. Ainda escutava os disparos. Ainda estava no bosque. O caminho corria a sua direita, lotado de carretas, carruagem matos e pessoas. Apenas algumas semanas atrás tinha participado de um jantar campestre à luz da lua organizado pelo conde do Rosthorn nesse mesmo bosque. Era-lhe quase impossível acreditar que fosse o mesmo lugar. Rosthorn, cuja reputação distava muito de ser imaculada, tinha flertado com

Morgan até roçar a indiscrição e tinha suscitado incontáveis rumores.

Apertou os dentes. Não estava seguro de que pudesse continuar muito mais tempo. Jamais imaginou que fosse possível sentir tanta dor. Uma dor lacerante que o destroçava a cada passo do cavalo. Entretanto, não se atrevia a desmontar. Não seria capaz de dar um só passo sem ajuda.

Recorreu às escassas forças que ficavam e fez provisão de toda sua força de vontade para seguir no caminho. Se pudesse chegar até Bruxelas...

Não obstante, o terreno era irregular e a enervante experiência que tanto seu cavalo como ele tinham sofrido no fronte de batalha tinha assustado ao animal, que nesse momento não sabia como enfrentar ao peso morto do cavaleiro que levava. O cavalo tropeçou com as raízes de uma árvore e se encabritou. Em circunstâncias normais, teria podido controlá-lo sem problemas.

Entretanto, essas não eram circunstâncias normais. Caiu de costas sem mais. Por sorte, não ficou enganchado nos estribos. Embora não fosse capaz de realizar nenhum dos movimentos defensivos que poderiam ter amortecido sua queda. Caiu como um peso morto e golpeou a cabeça na mesma raiz com a qual tinha tropeçado o cavalo.

Imediatamente ficou inconsciente. De fato, estava tão pálido pela perda de sangue e pela queda que qualquer um que passasse por ele assumiria que estava morto. E não teria sido uma idéia descabelada muito menos. O bosque do Soignes, inclusive tão ao norte do campo de batalha, estava semeado de cadáveres.

O cavalo se ergueu uma vez mais sobre as patas traseiras e ato seguido saiu disparado.

A tranqüila e aparentemente respeitável casa situada na rue d'Aremberg, em Bruxelas, que quatro "damas" inglesas tinham alugado dois meses antes era em realidade um bordel. Bridget Clover, Flossie Streat, Geraldine Ness e Phyllis Leavey tinham viajado de Londres com a idéia (acertada, por certo) de que o negócio em Bruxelas seria uma mina de ouro enquanto aquela loucura militar não se resolvesse. E estavam a ponto de alcançar o

objetivo que as tinha levado a entabular uma relação comercial e a fazer-se amigas íntimas quatro anos atrás. Seu objetivo, seu sonho, era economizar o suficiente para retirar-se de sua ocupação e comprar uma casinha em algum lugar da Inglaterra onde regeriam uma casa de hóspedes para damas respeitáveis. Esperavam ser mulheres livres quando retornassem a Inglaterra.

Entretanto, acabavam de fazer em pedacinhos seus sonhos.

No mesmo dia que os canhões de guerra soavam ao sul da cidade para proclamar que as hostilidades tinham acabado por fim depois de uma batalha campal de proporções épicas, descobriram que seu mundo se desmoronara, que todo o dinheiro que tanto trabalho lhes havia custado se esfumara.

Tinham-no roubado.

E a culpa era de Rachel York.

Ela mesma lhes tinha comunicado a notícia ao retornar à cidade em lugar de continuar

a caminho da a Inglaterra como praticamente a totalidade dos ingleses que tinham estado na Bélgica. Inclusive muitos dos aldeãos estavam fugindo para o norte. Mas Rachel tinha retornado. Havia tornado para lhes contar a terrível verdade. Claro que em lugar de afligi-la com recriminações, como tinha esperado que fizessem as damas a tinham acolhido porque não tinha outro lugar onde ir e lhe tinham dado o único dormitório livre da casa.

converteu-se na nova residente do bordel.

A mera idéia a teria espantado pouco tempo atrás. Ou lhe teria achado graça, porque tinha bom senso de humor. Mas nesse preciso momento estava muito triste para reagir ao

fato de viver com prostitutas. Eram mais de doze. Essa noite não trabalhavam, coisa que teria agradecido se tivesse pensado com clareza. Mas depois dos nervos que tinha sofrido durante os dois dias de viagem até retornar à cidade e lhes comunicar as horríveis notícias, só se sentia intumescida.

Intumescida e terrivelmente culpada.

As cinco estavam na saleta. Não tinham vontade de meter-se na cama para dormir, e o estrondo da batalha que se travara com o passar do dia piorava os ânimos. Os ruídos tinham chegado à

cidade apesar dos vinte quilômetros que a separavam do fronte, se os rumores eram certos. Porque tinham circulado muitos rumores e tinha estendido o pânico quando os cidadãos que não fugiram em seu momento começaram a temer que se jogasse sobre eles uma horda de soldados franceses.

Entretanto, nessa mesma tarde tinham chegado notícias de que a batalha tinha terminado e de que os ingleses e seus aliados tinham ganho e foram perseguir aos franceses até Paris.

- Grande tarefa para nós... - foi o comentário da Geraldine, que estava de pé com as mãos em seus generosos quadris. - Esses homens tão encantadores correndo para Paris e nós aqui sentadas como quatro devotas.

Mas não foram as notícias da batalha a única coisa que lhes roubou o sono. O desânimo, a fúria e a irritação, somados a um inflamado desejo de vingança, eram os culpados.

Geraldine estava passeando de um lado para outro e cada uma de suas passadas fazia que o robe de seda púrpura que levava se agitasse atrás dela enquanto a camisola violeta se amoldava a sua voluptuosa figura. O cabelo solto pelas costas e o punho em alto lhe conferiam o aspecto de uma atriz em plena cena trágica. Sua ascendência italiana era muito evidente nesse momento, pensava Rachel, sentada junto à chaminé e com um xale nos ombros embora a noite não fosse fria.

- Esse asqueroso inseto rasteiro...! - exclamou Geraldine. - Esperem que lhe ponha as mãos em cima. Vou esquartejá-lo. Vou espremê-lo até deixá-lo rígido.

- Primeiro temos que encontrá-lo, Gerry - disse Bridget, ajeitada em uma poltrona com aspecto cansado. Sua aparência também era muito chamativa, já que levava um gritante robe rosa que lhe assentava fatal como falso tom vermelho de seu cabelo.

- Penso encontrá-lo, que não lhe caiba dúvida, Bridget. - Geraldine ergueu as mãos em frente de seu rosto e fez um gesto que deixava bem claro o que faria se o pescoço do reverendo Nigel Crawley tivesse a bondade de aparecer ante ela nesse preciso momento.

Não obstante, Nigel Crawley se fora fazia muito. A essas alturas já estaria possivelmente na Inglaterra, levando em sua enfeitada, piedosa e infame pessoa uma enorme quantidade de dinheiro que não lhe pertencia.

Rachel era da opinião de que seria muito mais satisfatório atíçar nos seus dois olhos e fazer que engolisse seus perfeitos dentes, e isso porque ela costumava ser uma pessoa bastante pacífica que rara vez recorria à violência... Se não fosse por ela, o tipo jamais teria conhecido a essas mulheres. E se não as tivesse conhecido, não se teria fugido com suas economias.

Flossie, que também passeava de um lado para outro, se arrumava de algum jeito para não se chocar com o Geraldine. Ao ver seus curtos cachos loiros, seus enormes olhos azuis, sua diminuta figura e a eterna cor pastel de sua roupa, qualquer um acreditaria que só tinha pássaros na cabeça, mas sabia ler e escrever, e também se dava bem com os números. Era a tesoureira da sociedade.

- Temos que encontrar ao Crawley, o Crápula - disse. - Embora não tenho nem idéia de como, de onde nem de quando, porque pode esconder-se em qualquer parte da Inglaterra... O que digo da Inglaterra! De todo o mundo! E apenas resta dinheiro com o qual persegui-lo. Mas o encontrarei embora seja a última coisa que faça nesta vida. E se você reclamar seu pescoço, Geraldine, já buscarei eu outra parte de sua anatomia para lhe fazer um nó...

- Certamente a tem muito pequena para lhe fazer um nó, Floss - comentou Phyllis. Gordinha, bonita e de aparência tranqüila, com o cabelo castanho sempre penteado sem excessos e vestida de forma discreta e simples, Phyllis era a menos parecida a uma prostituta aos olhos da Rachel. Além disso, era a mais prática do grupo em qualquer situação, qualidade de que tinha feito mostra ao retornar a saleta com uma grande bandeja com chá e massas. - De qualquer forma é muito possível que quando o encontrarmos já gastou nosso dinheiro.

- Razão de mais para não lhe deixar nem um osso são - replicou Geraldine. - A vingança pode ser muito doce, Phyll.

- Mas como vamos dar com ele? - perguntou Bridget enquanto passava os dedos por seu cabelo avermelhado.

- Você e eu vamos escrever a todas as irmãs que saibam ler - respondeu Flossie.

- Conhecemos companheiras de Londres, Brighton, Bath e Harrogate, e também de outros lugares, não?

Faremos correr a voz e o encontraremos. Mas vamos necessitar de dinheiro com o qual persegui-lo.

Suspirou e deixou de passear um instante.

- A única coisa que temos que fazer é arquitetar o modo de nos fazer ricas já - declarou

Geraldine, que voltou a agitar o braço. - Alguma idéia? Há algum ricaço por aqui ao quem possamos depenar?

Todas começaram a soltar nomes de cavalheiros, claramente clientes, que tinham estado ou estavam em Bruxelas. Rachel reconheceu alguns dos nomes. Entretanto, as damas não falavam a sério. calaram-se depois de sugerir alguns e puseram-se a rir alegremente. Um alívio, sem dúvida, depois de receber as terríveis notícias de que todas suas economias se esfumaram, roubados por um descarado que se fazia passar por clérigo.

Flossie se deixou cair no divã e agarrou um dos bolos da bandeja.

- É possível que haja uma maneira - disse, - mas temos que agir depressa. E não seria

um roubo como tal. Não se pode roubar aos mortos, verdade? Já não podem usar suas coisas.

- Mãe do amor formoso! Floss - exclamou Phyllis, que se sentou a seu lado com uma taça de chá nas mãos, - do que está falando? Não penso em me pôr a roubar tumbas se for isso o que lhe ocorreu. Grande idéia! Imagina às quatro, com pás ao ombro...?

- Refiro aos mortos da batalha - explicou Flossie enquanto as demais a olhavam de marco em marco e Rachel se embrulhava mais com o xale. - Haverá um montão de pessoas fazendo o mesmo.

Aposto o cangote como centenas de pessoas estão fazendo isso agora mesmo, fingindo que procuram a seus seres queridos quando em realidade andam atrás de um butim.

É muito fácil para as mulheres. Só temos que compor uma expressão espantada e gritar o nome de um homem. Embora teremos que ir sem perda de tempo se quisermos encontrar algo de valor.

Poderíamos recuperar tudo o que perdemos com um pouco de sorte... e se nos apressarmos.

Rachel escutou que alguém chiava os dentes e ao dar-se conta de que eram os seus, apertou os lábios. Roubar aos mortos... Era horripilante. Era de pesadelo.

- Não sei, Floss - aduziu Bridget com voz hesitante. - Não me parece correto. Embora de qualquer forma não está falando a sério, não é verdade?

- por que não? - perguntou Geraldine ao mesmo tempo em que estendia os braços. - Tal como disse Floss, não seria roubar, ou sim?

- E não faríamos mal a ninguém - seguiu Flossie, - já estão mortos.

- Valha-me Deus! - exclamou Rachel, levando as mãos ao rosto. - Sou eu quem deveria procurar uma solução. Ao fim e ao cabo, é minha culpa.

As quatro se viraram para ela.

- Não o é, querida - lhe assegurou Bridget. - MUITÍSSIMO menos. Se alguém tiver a culpa, sou eu por ter deixado que me visse e por te haver permitido entrar nesta casa. Não sei no que estaria pensando.

- Não é sua culpa, Rachel - concordou Geraldine. - É nossa culpa. Nós temos muitíssimo mais experiência com os homens que você. Acreditava-me capaz de distinguir a um libertino a quilômetros de distância com os olhos enfaixados. Mas este bem parecido rufião me enganou tanto como a você.

- E a mim também somou-se Flossie. - Estava a quatro anos guardando com zelo nossas economias até que ele apareceu com suas bonitas palavras sobre nos querer e nos respeitar por ter a mesma profissão que Maria Madalena, a quem Jesus queria. Ficaria torta se isso servisse de algo. Fui eu quem lhe deu nossas economias para que as depositasse em um banco inglês. Deixei-lhe

levar o dinheiro... Até lhe agradecia! E agora se esfumou. Sou eu quem tem a culpa de tudo.

- Nada disso, Floss - corrigiu-a Phyllis. - Todas estivemos de acordo. Isso é o que sempre temos feito: planejar juntas, trabalhar juntas, tomar as decisões juntas.

- Mas eu o apresentei - insistiu Rachel com um suspiro. - Estava tão orgulhosa dele por não a rechaçar... Eu o trouxe aqui. Fui eu quem as traiu.

- Tolices, Rachel - replicou Geraldine com brusquidão. - Você também perdeu tudo o que tinha por sua culpa, não é verdade? O mesmo que nós. E teve a coragem de voltar e contar-nos sabendo que, no pior dos casos, poderíamos ter lhe arrancado a cabeça.

- Discutindo quem tem a culpa não vamos chegar a nenhum lugar - falou Flossie, - muito menos quando sabemos claramente quem é o culpado. Como não decidimos ir ao lugar da batalha sem perda de tempo, não restará nada que recolher.

- Eu penso ir, Floss, embora tenha que fazê-lo só - disse Geraldine. - Estou segura de que haverá um bom butim e tenho toda a intenção de conseguir uma parte. Quero conseguir o dinheiro com o qual perseguir a esse rufião desalmado.

A nenhuma lhe ocorreu que em caso de conseguir semelhante quantidade de dinheiro dessa maneira, poderiam usá-lo para substituir o que tinham perdido e recuperar seu sonho sem mais, esquecendo do reverendo Nigel Crawley, que saberia Deus onde estaria. Claro que, as vezes, o ultraje e a necessidade de vingança deslocavam aos sonhos.

- Tenho um cliente para amanhã pela tarde... Bom, para esta tarde, melhor dizendo - disse Bridget, cruzando os braços por debaixo do peito e encurvando os ombros. - O jovem Hawkins. Não disporei de muito tempo, assim não serviria de nada que fosse, não é? - disse com voz trêmula, conforme percebeu Rachel.

- E eu não penso ir embora careça da desculpa do Bridget - declarou Phyllis com expressão contrita ao mesmo tempo em que soltava a xícara de chá. - Sinto muito, mas cairia redonda ao chão só de ver o sangue e não lhes seria de nenhuma ajuda. Além disso, teria pesadelos toda a vida e despertaria no meio da noite com

meus gritos. Certamente os terei só por tê-lo pensado. Ficarei aqui e atenderei a porta se por acaso aparece alguém enquanto Bridget está trabalhando.

- Trabalhando! - exclamou Flossie com um gemido. - A menos que façamos algo para mudar nossa situação, estaremos trabalhando até que sejamos umas velhas decrépitas, Phyll.

- Eu já o sou - afirmou Bridget.

- O que vai ser! - corrigiu-a Flossie com firmeza. - Está na flor da vida. Há um montão de juvenzinhos que escolhem você em vez de uma de nós, sobre tudo os virgens.

- Isso é porque recorde a suas mães - aduziu Bridget.

- Com esse cabelo? - perguntou Geraldine com um bufo nada elegante. - O duvido muitíssimo.

- Comigo não ficam nervosos nem temem falhar na tentativa - insistiu.

- Digo que é perfeitamente normal que não tenham a técnica as primeiras vezes dominada. Que homem alcança a perfeição na primeira? A maioria nunca o faz.

A conversa estava conseguindo ruborizá-la contra sua vontade, percebeu Rachel.

- Pois então iremos você e eu, Gerry - decidiu Flossie, ficando em pé. - Não me dá medo ver uns quantos cadáveres. Nem tampouco me dão medo os pesadelos. Iremos, faremos uma fortuna e depois nos encarregaremos de que esse tipinho se arrependa de ter nascido.

- Eu também iria - disse Bridget, - mas o jovem Hawkins insistiu em vir hoje. Quer que lhe ensine como impressionar a sua noiva quando se casar no outono.

Bridget teria trinta e poucos anos, supôs Rachel. Muito tempo antes, seu recém enviuvado pai a tinha contratado para que fosse sua babá. Entretanto, quando ele perdeu sua fortuna nas mesas de jogo (coisa que tinha acontecido com inquietante regularidade ao longo de sua vida adulta), viu-se obrigado a despedi-la. Fazia coisa de um mês, ambas se tinham reencontrado por acaso em uma rua de Bruxelas e assim descobriu como ganhava sua vida a querida babá. Apesar das dúvidas de Bridget,

Rachel tinha insistido em vê-la de novo.

Nesse momento ficou em pé sem ser consciente de tudo do que ia fazer... nem do que ia dizer a seguir.

- Eu também vou - anunciou. - Também vou com Geraldine e Flossie.

Seu oferecimento foi seguido por um coro de comentários e se converteu no centro de atenção.

Entretanto, levantou as mãos para sossegar os protestos.

- Eu sou a máxima responsável por que tenham perdido suas economias - afirmou.

- tanto faz o que digam para me fazer sentir melhor, mas é a pura verdade. Além disso, tenho uma conta pendente com o senhor Crawley. Enganou-me para que o admirasse e respeitasse, para que aceitasse a ser sua esposa. Roubou-lhes e me roubou, e logo tentou me mentir como se fosse uma idiota sem remédio além de uma boazinha. Se formos atrás dele, coisa para a que necessitamos de dinheiro, eu também porei meu grãozinho de areia. Vou com Geraldine e Flossie para revistar os cadáveres em busca de objetos de valor.

Tomara se tivesse ficado sentada, pensou, já que teve a repentina sensação de que suas pernas eram de gelatina.

- Não, não, querida - protestou Bridget ao mesmo tempo em que ficava em pé e dava um passo para ela.

- Deixa-a tranqüila - disse Geraldine. - Me caiu bem do primeiro momento, Rachel, porque é uma pessoa normal e não uma dessas damas de linhagem que torcem o gesto e enrugam o nariz quando passamos por seu lado como se cheirássemos a cão morto. Mas esta noite me cai muitíssimo melhor. Porque tem caráter e não vai nos deixar sem esforçar-se.

- Certamente que não - lhe assegurou. - Este último ano fui uma dama de companhia

insignificante e insípida. odiei todos e cada um dos trezentos e sessenta e cinco dias. Se não fosse por isso, não teria caído tão facilmente nas garras de um sorridente rufião. Assim vamos deixar de bate-papo e nos pôr em marcha.

- Um viva por Rachel! - exclamou Flossie.

De caminho ao seu quarto para trocar de roupa e pôr um vestido abrigado e prático, tentou não pensar no que estava a ponto de fazer.

"Vou com Geraldine e Flossie para revistar os cadáveres em busca de objetos de valor", pensou.

Capítulo 2.

À luz mortiça do amanhecer, o caminho que partia de Bruxelas em direção sul parecia uma cena tirada do inferno. Era quase impossível transitar por ele devido à quantidade de carretas, carruagens e transeuntes, alguns dos quais levavam macas, ajudavam a outros companheiros a caminhar ou diretamente os levavam nas costas. Quase todos estavam feridos, alguns com gravidade.

Retornavam da batalha que tinha tido lugar ao sul do povoado do Waterloo.

Rachel jamais tinha visto um horror tão espantoso e incessante.

A princípio teve a impressão de que Flossie, Geraldine e ela eram as únicas pessoas que caminhavam em direção contrária ao tráfico. Embora, evidentemente, equivocava-se. Também havia outras pessoas e algum ou outro veículo que se dirigia ao sul. Um desses veículos, uma carruagem conduzida por um soldado andrajoso com o rosto enegrecido pela pólvora, deteve-se junto a elas.

O soldado se ofereceu para levá-las o resto do caminho e tanto Flossie como Geraldine, muito convincentes em seu papel de esposas preocupadas, aceitaram na hora.

Ela declinou o convite. A valentia que a tinha levado até ali começava a desvanecer-se com rapidez. O que estava fazendo? Perguntou-se. Como podia ter pensado sequer em lucrar-se de semelhante infortúnio?

- Vão vocês adiante - lhes disse. - No bosque deve haver muitos feridos. Eu procurarei por ali. Estarei atenta se por acaso vejo Jack e ao Sam - acrescentou, elevando a voz com a intenção de que o condutor da carruagem e qualquer outra pessoa que pudesse estar

perto a ouvissem. – Façam o mesmo por mim no sul e procurem Harry.

O engano e as mentiras fizeram que se sentisse suja e imoral, embora era improvável que alguém estivesse prestando atenção.

Separou-se do transitado caminho para internar-se entre as árvores do bosque do Soignes, embora não se afastasse muito por temor a perdê-lo de vista e despistar-se. Que complicações ia fazer? Perguntou-se. Não podia seguir com o plano. Era impossível. via-se incapaz de arrebatrar sequer um lenço ao cadáver de um pobre homem. A mera idéia de encontrar um fazia que lhe subisse a bílis à garganta. Entretanto, retornar com as mãos vazias sem havê-lo tentado seria egoísta e covarde. Recordou as advertências do senhor Crawley na saleta da rue d'Aremberg sobre o risco de guardar uma soma importante de dinheiro em uma cidade que corria o perigo de acabar saqueada, dado os tempos tão revoltos que viviam, e seu oferecimento de levar o dinheiro a Londres para depositá-lo em um banco que lhes reportasse uns interesses decentes. Durante a conversa, ela esteve sentada a seu lado com um sorriso orgulhoso nos lábios pelo fato de haver apresentado às damas a um homem tão amável, considerado e generoso. Inclusive agradeceu depois.

Acreditou que pela primeira vez em sua vida tinha dado com um homem sensato, honesto e responsável. Por um instante se acreditou apaixonada por ele.

Apertou os punhos a ambos os lados do corpo e torceu o gesto. Entretanto, a crua realidade que a rodeava não demorou para impor-se às inúteis lembranças.

Devia haver milhares de feridos nessas carretas e macas, supôs ao mesmo tempo em que afastava o olhar do caminho que ficava a sua esquerda. Apesar de todo esse horror, ela estava ali para revistar aos mortos e roubar qualquer objeto de valor que pudesse levar consigo. Era incapaz de fazê-lo.

Simples e sinceramente.

Nesse momento seus olhos se cravaram no primeiro dos cadáveres que tinha ido roubar e sentiu que lhe contraía o estômago como se estivesse a ponto de vomitar.

O homem estava estendido de flanco contra o tronco de uma das muito altas árvores, oculto aos olhos daqueles que transitavam o caminho e definitivamente morto. Além de nu. Sentiu que o estômago lhe contraía de novo quando deu um relutante e hesitante passo para ele. Não obstante, em lugar de vomitar lhe escapou um risinho tolo. levou uma mão à boca, mais horrorizada por sua inapropriada reação do que o teria estado em caso de ter acabado vomitando no chão diante de milhares de homens. Que graça tinha o fato de que não ficasse nada que saquear? Alguém tinha chegado até esse homem antes que ela e o tinha deixado pelado. De qualquer forma, não teria sido capaz de fazê-lo. Soube com absoluta certeza nesse preciso instante. Não poderia lhe ter tirado nada embora tivesse estado totalmente vestido e tivesse levado dez custosos anéis, um relógio de ouro com seu correspondente bolso do mesmo metal e uma espada também de ouro.

Porque teria sido um roubo.

Era um homem jovem e seu cabelo parecia surpreendentemente escuro em contraste com a palidez de sua pele. A nudez era patética em extremo nessas circunstâncias, concluiu. Só era um despojo humano inerte com uma espantosa ferida em uma coxa e um atoleiro de sangue sob a cabeça, sinal de que tinha uma brecha aberta. Era o filho de alguém, o irmão de alguém, talvez o marido de alguém ou o pai de alguém. Sua vida teria sido preciosa para ele e possivelmente para muitas outras pessoas.

A mão que levou a boca começou a tremer. Sentia-a fria e pegajosa.

- Socorro! - gritou com um fio de voz, virando a cabeça para o caminho. Pigarreou para

limpar a garganta e voltou a gritar com voz mais firme-: Socorro!

Salvo por alguns olhares curiosos, ninguém lhe prestou atenção. Saltava à vista que tinham bastante com suas próprias penas.

Nesse momento fincou um joelho no chão junto ao cadáver, decidida a fazer algo, embora não soubesse muito bem o que. ia rezar por ele? A velá-lo? Acaso não merecia a morte de um homem, embora para ela fosse um estranho, um pouco de atenção?

No dia anterior estava vivo. Tinha uma história, esperanças, sonhos e preocupações. Estendeu uma trêmula mão e lhe tocou a rosto com delicadeza como se lhe estivesse dando a bênção.

Pobre homem. Ai, pobre homem!, exclamou para si mesma.

Estava frio. Mas não gelado. Sua pele continuava morna. Afastou a mão com brusquidão e a desceu com gesto inseguro até o pescoço em busca do pulso.

Descobriu o fraco pulsado do coração sob seus dedos.

Continuava vivo!

- Socorro! - gritou de novo, ficando de pé e tentando desesperadamente chamar a atenção de algum transeunte. Ninguém lhe fez o menor caso. - Está vivo! - chiou a pleno pulmão. Necessitava de ajuda. Talvez ainda pudessem lhe salvar a vida. Ou talvez não. Gritou com mais força que pôde : E é meu marido. Por favor, que alguém me ajude!

Viu que a olhava um cavalheiro que ia a cavalo, embora não fosse militar, e por um momento acreditou que se aproximaria para ajudá-la. Entretanto, um homem gigantesco (um sargento, comprovou), que levava umas ataduras ensangüentadas ao redor da cabeça e sobre um olho, abandonou o caminho e pôs-se a andar com muita dificuldade para onde gritava:

- Já vou, senhora. Está muito ferido, gravemente?

- Não sei. Receio que é muito grave. - Estava soluçando, percebeu de repente, como se o ferido lhe importasse de verdade. - Por favor, ajude-o. Por favor, ajude-o!

Rachel tinha suposto tolamente que tudo iria bem uma vez que estivessem de volta em Bruxelas; que haveria um batalhão de médicos e cirurgiões esperando para atender única e exclusivamente aos feridos do grupo ao qual se somou. Fazia o trajeto a pé, junto da carruagem onde o sargento William Strickland tinha conseguido encontrar um lugar ao homem nu e inconsciente. Alguém tirou de algum lugar um desfiado parte de lona para cobri-lo e ela contribuiu com seu xale. O sargento, que caminhou em todo momento a seu lado, apresentou-se e lhe explicou que tinha perdido um olho na batalha, mas que teria retornado com seu regimento depois de que o atendessem no hospital de campanha se não o

tivessem licenciado do exército, onde ao que parecia não havia capacidade para sargentos caolhos. Tinham-lhe dado a quitação, tinham cotado seu afastamento em sua carteira militar e acabou-se.

- Toda uma vida no exército atirada a latrina como se fosse um cubo de água suja, para dizê-lo de algum modo - concluiu com tristeza. - Mas não importa. Já me arrumarei. Já tem bastante com a preocupação por seu marido para ter que agüentar minhas penas. ficará bem, se Deus quiser .

Quando por fim chegaram a Bruxelas, havia tal quantidade de feridos e moribundos na Porta do Namur que o homem inconsciente jamais teria sido atendido por um cirurgião se o sargento não tivesse exercido uma autoridade que já não lhe correspondia para ordenar a vozes que abrissem passagem até um dos hospitais de campanha. Afastou a vista enquanto lhe extraíam uma bala de mosquete da coxa. Graças a Deus que estava inconsciente, pensou, um pouco enjoada ante a mera idéia do que lhe estavam fazendo. Quando voltou a olhá-lo, tinham-lhe enfaixado a perna e a cabeça e estava coberto por uma tosca manta. O sargento Strickland tinha conseguido uma maca e tinha ordenado a um par de soldados rasos que transportassem ao ferido.

- O açougueiro acredita que seu marido sobreviverá se não tiver febre e se não partiu a

cabeça com o golpe - disse o homem. - Aonde o levamos, senhora?

A pergunta fez que o olhasse boquiaberta. Aonde o levavam? Isso mesmo gostaria de saber ela. Quem era o ferido e onde devia estar? Não havia modo de saber até que recuperasse a consciência. Enquanto isso, tinha-o reclamado. Tinha-o identificado como seu marido em um desesperado, embora eficaz, esforço por chamar a atenção de alguém no bosque.

Mas aonde ia levá-lo? O único lar que tinha em Bruxelas era o bordel. E ali só era uma convidada. Uma convidada que dependia por completo de suas anfitriãs, para tudo, pois mal tinha dinheiro para pagar sua manutenção. E o pior de tudo era saber-se culpada de que tanto Bridget como as outras três mulheres tivessem perdido também todas suas economias. Como ia apresentar se ali com o

ferido e lhes pedir que o atendessem e o alimentassem até que averiguassem sua identidade para poder levá-lo com os seus?

Entretanto, o que outra coisa podia fazer?

- Senhora, está emocionada - disse o sargento, que a puxou pelo cotovelo com gesto solícito.

- Respire fundo e solte o ar muito devagar. Ao menos está vivo. Há milhares que não estão. - Vivemos na rue d'Aremberg - lhe informou, meneando a cabeça como se quisesse se limpar.

Sigam-me, por favor.

E pôs-se a andar em direção ao bordel.

Pegaram Phyllis com as mãos na massa... do pão. Os criados tinham fugido de Bruxelas antes da batalha. Bridget estava preparando-se para receber ao senhor Hawkins.

Ao ouvir o alvoroço na porta principal, saiu de seu dormitório com a cabeleira ruiva segura na cabeça por uma fita rosa para mantê-la afastada do rosto. Pôs ruge nas faces e sombra azul em um olho já perfilado com uma grossa linha negra em ambas as pálpebras, o que fazia que o outro, ainda sem pintar, parecesse surpreendentemente nu em comparação.

- Que o Senhor nos ajude! - exclamou Phyllis com os olhos cravados no sargento Strickland.

- Um gigante caolho e eu sou a única disponível.

- Rachel está com ele - indicou Bridget. - Querida, o que acontece? Colocou-se em problemas? Não o fez com má intenção, sargento. Só queria...

- Ai, Bridget, Phyllis! - interrompeu-a com presteza, disposta a soltar tudo de repente.

- Estava procurando no bosque quando me topei com esse homem que está na maca. Pensei que estava morto, mas quando o toquei me dei conta de que continuava com vida, embora lhe tinham disparado na perna e tinha uma terrível ferida na cabeça. Gritei pedindo ajuda, mas nenhum dos homens que voltava para a cidade me fez caso até que gritei que estava vivo e que era meu marido. Então chegou o sargento Strickland para me ajudar e o levou até uma carruagem. Quando chegamos a Bruxelas, atendeu-o um

cirurgião e o sargento lhe procurou uma maca e a ajuda destes soldados.

Ao me perguntar onde o levávamos não me ocorreu outro lugar que este. Sinto-o muito. Eu...

- Não é seu marido, senhora? - perguntou o sargento, que observava ao Bridget fascinado.

Os dois soldados sorriam encantados pelo que viam.

- Levava algo em cima? - perguntou Bridget com essa expressão tão desconcertante que provocava a disparidade na maquiagem de seus olhos.

- Nada - respondeu ela. Nesse momento se sentiu mais culpada que nunca. Aparecia com as mãos vazias e ainda por cima carregava a suas amigas com outra boca para alimentar.

Se acaso o homem recuperasse a consciência, claro estava. - Tinham tirado tudo dele.

- Mas tudo, tudo? - Bridget se aproximou da maca e ergueu um dos extremos da manta. - minha Mãe!

- Sargento, tem jeito de estar a ponto de cair redondo ao chão - disse Phyllis ao mesmo tempo em que limpava a farinha das mãos com seu enorme avental.

O homem tinha perdido um olho. Observou-o com atenção pela primeira vez e se envergonhou ao dar-se conta de que sua preocupação pelo desconhecido a tinha levado a passar por cima das feridas do sargento. O pobre homem tinha muito má cor de rosto.

- Não será sangue isso que lhe mancha as ataduras, não é? - continuou Phyllis. - Porque se o for, estou a ponto de desmaiar.

- Onde o deixamos, sargento? - perguntou um dos soldados.

- Fez o correto, querida-lhe assegurou Bridget. - Vamos ver onde podemos acomodar a este pobre homem. Parece meio morto.

Além dos quartos do apartamento de cobertura destinados à criadagem, não havia quartos desocupados na casa. No dia anterior lhe tinham dado o último dormitório livre.

- Em meu dormitório - ofereceu. - Podemos lhe dar meu quarto, eu dormirei no apartamento de cobertura.

Conduziu aos soldados escada acima e, uma vez em seu dormitório, afastou os lençóis para que pudessem deitar ao ferido em uma cama que nem sequer tinha chegado a utilizar. Phyllis estava falando com o sargento no corredor.

- Se não tem nenhum lugar aonde ir, sargento - estava dizendo sua amiga, - e certamente não tem, prepararemos-lhe uma cama em um dos quartos do apartamento de cobertura. Vou fazer-lhe um caldinho e um chá. Não, não discuta. Parece meio morto de cansaço. A única coisa que peço é não ter que lhe trocar essas ataduras jamais. Por favor.

- Poderia me dizer que lugar é este? - escutou que perguntava o sargento. - Por acaso não será...?

- Pelo amor de...! - exclamou Phyllis. - além de caolho deve estar cego se precisa perguntar.

- É óbvio que o é!

O estado do sargento Strickland piorou muitíssimo devido a uma terrível dor de cabeça e a uma febre galopante quando por fim claudicou à insistência do Phyllis e se deitou para que o atendessem.

Apesar de seus débeis protestos, Rachel e Phyllis se alternaram para velá-lo durante o resto do dia, assim como fez Bridget assim que o senhor Hawkins partiu.

Rachel se surpreendeu pela indiferença com a que se enfrentava ao feito de compartilhar casa com uma prostituta em pleno desempenho de seu trabalho. Não sentia comoção, nem constrangimento, nem repulsão. Tinha coisas muito mais importantes para pensar.

Passou grande parte da tarde e da noite em seu dormitório, velando ao desconhecido.

Um desconhecido cuja identidade talvez nunca descobrisse, compreendeu. Não tinha dado nenhum sinal de melhoria. Estava extremamente pálido, quase tanto como as ataduras que lhe rodeavam a cabeça e como a enorme camisa de dormir que Bridget tinha procurado e que lhe tinha posto com a ajuda do Phyllis depois de expulsá-la do dormitório. Coisa que teria achado graça se tivesse

estado de humor. Ela o tinha encontrado nu e, entretanto, sua antiga babá pensava que deviam proteger seu pudor.

Esteve tentada a lhe buscar o pulso no pescoço algumas vezes para comprovar que continuava vivo.

Flossie e Geraldine voltaram à primeira hora da noite, com as mãos vazias.

- Chegamos até o povoado de Waterloo e inclusive até o lugar onde se travou a batalha ontem

- disse Flossie assim que estiveram reunidas na saleta, onde tudo estava disposto para a noite de cartas dessa noite... Por isso Rachel deduziu que essa noite trabalhavam. - Bridget, não pode imaginar o que é aquilo. A pobre Phyll teria desmaiado no primeiro momento.

- Havia muitas coisas de valor - seguiu Geraldine. - Poderíamos nos ter feito de ouro, se não nos tivéssemos topado com algumas avaras. O primeiro cadáver que encontramos era o de um jovem oficial que não passaria dos dezessete anos, verdade Floss? Havia duas mulheres despojando-o de seu elegante uniforme com a mesma delicadeza que se estivessem movendo um saco de batatas. Assim lhes disse algumas verdades, é claro que sim.

- Pô-las em seu lugar, sim, senhor - afirmou Flossie com admiração. - E então uma delas cometeu o engano de zombar de Geraldine. Deixei-a sem sentido de um murro. Olhe, Bridget, ainda tenho os nódulos vermelhos. Demorarei alguns dias em voltar a ter as mãos de uma dama.

E quebrou uma de minhas preciosas unhas. Agora terei que me cortar as demais para tê-las iguais.

Odeio levar as unhas curtas!

- Montei guarda ao lado do cadáver enquanto Floss ia em busca de um grupo de enterradores para que tratassem ao pobre moço com respeito - tomou a substituição Geraldine. - Pobrezinho.

Inchei-me a chorar por ele, e não me envergonha dizê-lo.

- depois disso - seguiu Flossie um tanto envergonhada, - já não fomos capazes de saquear nenhum cadáver, não é, Gerry? Não podíamos deixar de pensar que todos esses homens tinham mãe.

- E as aprecio por isso - assegurou Phyllis. - Eu também - acrescentou Bridget. - Não o disse em seu momento, mas me

alegrei de que me tocasse atender ao jovem Hawkins esta tarde porque isso me deu uma desculpa para não acompanhá-las. Não me parecia correto. Prefiro acabar em uma casa de beneficência antes de fazer uma fortuna a custa das mortes desses valentes moços.

- Teremos que encontrar outro modo - replicou Geraldine. - Não vou tomar isso com calma e me esquecer do assunto, nem tampouco vou passar outros dez anos abrindo as pernas para ganhar os feijões, que saiba Bridget. Não digo que não acabe fazendo-o, mas não antes que encontremos a esse tipo e lhe demos seu castigo. Assim que o faça, a prostituição não me parecerá tão desagradável, embora não recuperemos nem um penny de nosso dinheiro. Mas me conte, Rachel, que tal lhe foi? Encontrou algo?

Ambas a olharam com expressão esperançada.

- Temo que nada de valor - respondeu com uma careta. - Só mais peso.

- Rachel encontrou um homem ferido e inconsciente no bosque - lhes explicou Phyllis,

- e o trouxe para casa. Estava nu.

- Isso deve ter sido muito emocionante - falou Flossie com interesse. - Verdade, Rachel?

Valeu a pena vê-lo?

- Certamente, Floss - respondeu Phyllis, - sobre tudo ali onde você já sabe. Impressionante!

Está na cama do Rachel, ainda inconsciente.

- Também temos a um sargento no apartamento de cobertura - acrescentou Bridget. - Ajudou Rachel a trazer o ferido, mas o pobre estava meio morto. Perdeu um olho na batalha, assim lhe preparamos uma cama.

- De modo que agora têm três bocas mais que alimentar - apostilou ela, - e tudo por minha culpa. Se esse jovem oficial tivesse estado vivo, teriam sido capazes de deixá-lo ali para que morresse?

Ou teriam feito o mesmo que eu?

- Flossie e eu estaríamos discutindo para decidir quem lhe cedia a cama - respondeu Geraldine.

- Não se preocupe, Rachel. Já nos ocorrerá o modo de encontrar a esse rufião para recuperar nosso dinheiro. E o seu. Enquanto isso toca-nos fazer de anjos compassivos.

Estou desejando começar.

- Será melhor que vamos ver os pacientes enquanto temos tempo, Gerry - disse Flossie,

ficando em pé. - dentro de nada teremos que começar a nos arrumar para o trabalho. Recorda que temos que ganhar o pão de cada dia.

Ao cabo de uns minutos, as cinco debatiam sobre o mistério da identidade do ferido, reunidas em torno de sua cama e sem lhe tirar a vista de cima. Não havia forma de descobrir quem era, é obvio.

Mas todas estavam de acordo em que se tratava de um cavalheiro. Um oficial. Em primeiro lugar, porque havia indícios de que ia a cavalo quando o feriram. Tanto o corte como o golpe que tinha na cabeça não eram feridas próprias de alguém que caíra enquanto caminhava pelo bosque.

Encaixavam melhor com uma queda de um cavalo. Em segundo lugar, havia outros pequenos detalhes, como o fato de que tivesse as mãos suaves e as unhas bem cuidadas, tal como assinalou Flossie. Seu corpo tampouco mostrava sinais de sofrer abuso algum, salvo as feridas recentes.

Não tinha marcas de chicotadas nas costas que sugerissem seu status de soldado raso, apontou Bridget. Seu cabelo escuro estava cortado na moda, acrescentou Rachel, embora nesse momento ficasse virtualmente oculto sob a bandagem. Tinha um nariz proeminente, aristocrático, segundo Geraldine, embora o detalhe não fosse concludente na hora de determinar sua posição social.

Rachel o velou durante toda a noite, embora não houvesse nada a fazer salvo olhá-lo e lhe tocar as faces e a fronte de vez em quando para comprovar se tinha febre; buscar-lhe o pulso no pescoço; e escutar as alegres conversas procedentes do piso de baixo, que mais tarde foram substituídas por outros ruídos muito diferentes que provinham dos quartos.

Nessa ocasião a incomodaram. Mas não podia esgrimir uma superioridade moral com respeito a suas amigas e tampouco julgava

o modo com o qual tinham escolhido para ganhar a vida, no hipotético caso de que tivessem escolha. Não a culpavam pelo que tinha passado, embora destrambelharam e jogaram pestes sobre o senhor Crawley, com quem ela tinha abandonado Bruxelas poucos dias antes. Estavam-na mantendo com o pouco dinheiro que lhes tinha ficado e continuariam fazendo-o, sem dúvida alguma, com o dinheiro que estavam ganhando nesse momento e com o que ganhariam nos dias e nas noites vindouras.

Enquanto isso, ela levava a existência de uma dama ociosa, sem contribuir em nada.

Talvez devesse emendar esse detalhe, disse-se.

Não estava para o trabalho de se aprofundar no assunto nesse momento, apesar de que a única distração que apresentava essa noite de vigília era o homem que estava na cama. Supôs que, em circunstâncias muito distintas, seria muito bonito. Tentou imaginar-lhe com os olhos abertos e o rosto animado, mas sem a atadura na cabeça. Tentou imaginá-lo que diria, o que lhe contaria sobre si mesmo. Subiu algumas vezes ao apartamento de cobertura para ver se o sargento Strickland necessitava de algo, mas o encontrou dormido em todas as ocasiões.

Que imprevisível era a vida, pensou. Depois de sofrer uma infância e uma adolescência precárias por culpa de um pai que não parava de apostar e que apenas se mantinha um passo por diante de seus credores, depois de aceitar um emprego como dama de companhia de lady Flatley quando ele morreu (um emprego espantoso, diga-se de passagem), poucos dias antes acreditou ter encontrado a segurança econômica e a felicidade no papel de noiva de um homem que merecia seu respeito e sua lealdade. Inclusive seu afeto. Entretanto, aí estava, tão solteira como o dia que nasceu, vivendo em um bordel enquanto velava a um ferido anônimo e perguntando-se o que seria de sua vida.

Bocejou e ficou adormecida na cadeira.

Capítulo 3.

A dor o alagou e tentou escapar dele afundando-se uma vez mais no bendito esquecimento da inconsciência. Mas lhe foi impossível.

De fato, a dor era tão intensa que nem sequer era capaz de localizar sua origem, embora estivesse seguro de que grande parte procedia da cabeça. Em realidade lhe doíam até as pestanas. Embora tivesse as pálpebras fechadas, sabia que havia luz porque via um brilho alaranjado. Muita luz. Inclinou a cabeça para fugir dela, mas sentiu que uma dor lacerante lhe atravessava o crânio e o deixava paralisado. Só o atávico instinto de sobrevivência evitou que lançasse um alarido, o que pioraria ainda mais a situação.

- está despertando - disse uma voz. Uma voz feminina.

- Acha que deveria trazer os sais e pô-los debaixo do nariz, Bridget? - perguntou outra voz feminina.

- Não - respondeu a primeira voz. - Não queremos despertá-lo de repente, Phyll. A dor de cabeça que vai sofrer será descomunal.

Já o sofria, corrigiu-a para si mesmo. "Descomunal" era pouco.

- Isso quer dizer que vai sobreviver? - escutou que perguntava uma terceira voz feminina.

Passei a noite e o dia temendo que morresse. Está tão branco como o travesseiro. Inclusive tem os lábios brancos.

- O tempo o dirá, Rachel - respondeu uma quarta voz, rouca e sedutora. - A ferida da cabeça o terá feito perder muito sangue. São as piores para as hemorragias. É um milagre que tenha sobrevivido.

- Não falemos de sangue, peço-lhe por favor, Gerry - disse uma das mulheres.

Estava às portas da morte? Perguntou-se Alleyne com certa surpresa. Continuava estando em perigo de morte? De verdade se referiam a ele?

Abriu os olhos.

A intensa luz fez que desse um pulo e entrecerrasse os olhos. Viu quatro rostos observando-o de cima, todos inclinados sobre ele. O que tinha mais perto, a um palmo como muito, estava muito maquiado, com os lábios e as faces de um vermelho intenso, os olhos perfilados de negro, as pestanas obscurecidas e as pálpebras pintadas de azul céu. Era o rosto de uma mulher que tentava aparentar dez anos menos e fracassava estrepitosamente. Um rosto emoldurado por uns cachos acobreados pintado com mechas escarlates e laranjas.

Desviou o olhar para outra das mulheres, uma beleza morena de aspecto latino envolta em seda esmeralda, com um elegante penteado ondulado, e penetrantes olhos negros. O atrativo de seu rosto ficava ressaltado por um sutil uso dos cosméticos. Tinha um antiquado lunar com forma de coração na comissura direita dos lábios. junto a ela se encontrava uma mulher mais baixa, de curvas voluptuosas e rosto com forma de coração, rodeado por um halo de cachos castanhos.

Esses enormes olhos azuis de olhar honesto se beneficiavam de um ligeiro toque de cor na pálpebra superior. O quarto rosto, gordinho, atraente, e também maquiado, estava emoldurado por um brilhante cabelo castanho claro. Era ligeiramente consciente da presença de uma quinta pessoa ao pé da cama, agarrada a um dos postes, mas não se atrevia a mover a cabeça para olhá-la.

Além disso, já tinha visto mais que suficiente para chegar a uma conclusão desconcertante.

- morri e fui ao céu - murmurou, fechando os olhos uma vez mais.
- E o céu é um bordel. Ou é que o inferno é um lugar cruel? Porque temo que não estou em condições de me aproveitar de minha boa sorte.

As risadas satisfeitas das mulheres lhe provocaram tal agonia que recebeu a inconsciência com os braços abertos.

Tinham acertado ao supor que era um cavalheiro, pensou Rachel enquanto velava ao desconhecido outra noite mais, já que tinha dormido quase todo o dia a insistência do Bridget antes de ajudar na cozinha e de trocar, junto com o Geraldine, as vendagens ao sargento Strickland.

A tarefa não era apta para espíritos diminutos . O sargento insistia em levantar-se, mas tal como Geraldine lhe tinha explicado, já não estava com seus soldados e não poderia lhes dirigir mediante gritos e juramentos. A partir desse momento teria que se ver com cinco mulheres, que eram muitíssimo mais temíveis que toda uma companhia de soldados. depois da diatribe, o sargento acabou recostando-se mansamente sobre os almofadões.

Durante o breve lapso de consciência, o homem misterioso tinha falado com uma dicção própria de um cavalheiro. Talvez fosse um

oficial ferido na batalha. Talvez tivesse familiares em Bruxelas que esperavam com ansiedade notícias da sorte que lhe tinha cabido . Que irritante era não poder lhes dizer que estava bem, embora isso ainda estava por ver-se, pensou Rachel ao mesmo tempo em que se levantava pela décima vez para lhe tocar a fronte, que sem dúvida estava mais quente que antes.

Ainda podia morrer dessa espantosa ferida na cabeça, uma feia brecha que deveriam lhe ter costurado, mas que continuava aberta, e um galo do tamanho de um ovo. Podia morrer se o assaltava a febre como acontecia a tantos e tantos homens depois de passar pela faca do cirurgião. Ao menos não lhe tinham amputado a perna.

Deveria subir nas pontas dos pés ao apartamento de cobertura para dar outra olhada ao sargento Strickland. Tinha ouvido dois homens abandonar a casa durante a última hora, mas as outras duas damas deviam continuar ocupadas. Talvez devesse descer à cozinha e preparar chá para todas. Sem dúvida estariam cansadas e famintas depois da jornada trabalhista.

Era surpreendente a rapidez com a qual se estava adaptando ao lugar. Ou fazia algo nesse mesmo momento ou acabaria dormindo outra vez na cadeira. De repente, percebeu que o ocupante da cama se movera ligeiramente. ficou muito quieta e suplicou em silêncio que vivesse, que se recuperasse das feridas, que abrisse os olhos. Por estranho que parecesse, sentia-se responsável por sua vida. Se ao menos sobrevivesse, pensou, talvez poderia perdoar-se a si mesma por ter ido ao bosque para fazer algo tão sórdido. Porque se não tivesse ido, não o teria encontrado. Ninguém o teria feito... e ele teria morrido quase com total segurança.

Acabava de convencer-se de que tinha imaginado o movimento quando o desconhecido abriu os olhos e cravou a vista no teto com expressão desorientada. Ela ficou de pé de um salto e se inclinou sobre a cama, de modo que o homem não tivesse que girar a cabeça para olhá-la. Seus olhos se moveram e se cravaram nela ajudados pela luz da vela que tinha às costas. Eram escuros e a convenceram de que tinha acertado em outra questão: era muito bonito.

- sonhei que estava no céu e que o céu era um bordel - disse o homem. - E agora estou sonhando que estou no céu com um anjo loiro. Acho que eu gosto mais desta versão. - Fechou os olhos e esboçou um sorriso.

Tinha senso de humor. Sim, senhor.

- Valha-me Deus! - replicou ela, - asseguro que é um paraíso muito terrestre. Continua lhe doendo muito?

- Bebi todo um barril de rum? - perguntou ele. - Ou sobre a cabeça me fiz isso de outra maneira?

- caiu e golpeou a cabeça - respondeu. - Acredito que caiu de um cavalo.

- Grande estupidez de minha parte - disse. - Que vergonha se for certo.

Nunca caí de um cavalo na vida.

- Tinham-lhe disparado na perna - lhe explicou. - Montar a cavalo deve ter sido muito difícil e doloroso.

- Tinham me disparado na perna? - Franziu o cenho e abriu os olhos. Moveu as duas pernas e soltou um impropério muito grosseiro antes de desculpar-se. - Quem me disparou?

- Suponho que um soldado francês - respondeu. - Espero que não fosse um de seu próprio lado.

Seus olhos se cravaram nela.

- Não estamos na Inglaterra, não é verdade? - quis saber. - Estou na Bélgica. Havia uma batalha.

Ela se deu conta de que tinha as faces avermelhadas pela febre. E também se apreciava em seus olhos, muito brilhantes à luz da solitária vela que brilhava no aposento. Virou-se para a bacia cheia de água que havia na mesinha de noite, escorreu o pano que havia dentro e o passou pelas faces e pela testa. Escutou-o suspirar, agradecido.

- É melhor não pensar nisso - lhe aconselhou. - Mas estou segura de que lhe agradará saber que ganhamos a batalha. Certamente seguia em pleno apogeu quando deixou o fronte. O desconhecido a olhou com o cenho franzido um momento antes de voltar a fechar os olhos.

- Receio que tem um pouco de febre - lhe disse. - A bala seguia alojada em sua coxa e um cirurgião teve que extraí-la. Por sorte, tudo se fez enquanto estava inconsciente. Acho que deveria beber um pouco de água. Me deixe ajudá-lo a endireitar-se para que possa beber do copo. Não lhe será fácil, já que tem um espantoso galo na cabeça. E uma brecha.

- Dá-me a impressão de que o galo tem o tamanho de uma bola de críquet - comentou.

- Estou em Bruxelas?

- Sim - respondeu, - trouxemo-lo de volta à cidade.

- A batalha. Agora o recorde - seguiu ele com o cenho franzido. Mas não acrescentou nada mais. Não estava segura de querer escutar os detalhes mais mórbidos.

Ajudou-o a beber uns goles de água embora a dor de levantar a cabeça devia lhe ser insuportável. Em seguida, recostou-o sobre o travesseiro com muito tato, enxugou-lhe o fio de água que lhe corria pelo queixo e apertou novamente o pano úmido sobre sua fronte.

- Tem família na cidade? - perguntou-lhe. - Algum amigo? Alguém que espere notícias sobre a sorte que correu?

- Eu... - Olhou-a uma vez mais com o cenho franzido. - Eu... Não estou certo. Tenho alguém?

- nós adoraríamos lhes dizer que está a salvo, que se encontra em Bruxelas - explicou.

- Embora talvez toda sua família esteja na Inglaterra. Se o desejar, amanhã posso escrever uma carta por você.

O que o desconhecido disse a seguir a pilhou totalmente despreparada:

- Quem demônios sou? - perguntou.

Teve a sensação de que era uma pergunta retórica. Embora de qualquer forma a deixou gelada.

O desconhecido, por sua parte, voltava a estar inconsciente.

Já era de dia quando voltou a despertar, embora não tinha passado toda a noite mergulhado no esquecimento da inconsciência. Sabia que a febre lhe tinha ocasionado momentos de intenso calor seguidos de outros que o tinham deixado tiritando de frio. Sabia que tinha estado sonhando e que tinha tido umas

estranhas alucinações (das quais não recordava nenhuma). E também que tinha gritado em várias ocasiões. Sabia que alguém o tinha estado velando toda a noite, que lhe tinha estado refrescando o rosto com panos úmidos, tampando-o com mantas para mantê-lo quente, obrigando-o a beber água e lhe murmurando palavras de consolo.

Entretanto, despertou totalmente desorientado. Onde demônios estava?

Tinham-lhe disparado na perna, recordou, e tinha sofrido uma queda do cavalo que lhe sacudiu todo o corpo e que lhe provocou uma terrível comoção. Tinham-no recolhido e o tinham levado a um bordel, onde viviam ao menos quatro prostitutas pintadas e um anjo loiro. Tinha-lhe subido a febre tinha tido alucinações toda a noite. Talvez todo o anterior fora um sonho sem pés nem cabeça.

Abriu os olhos.

O anjo não era produto de sua imaginação. estava-se levantando da cadeira que havia junto à cama para inclinar-se sobre ele. Notou o toque frio de sua mão na testa. Seu cabelo era um halo do loiro mais puro e sua tez, pálida e de faces rosadas. Seus olhos, de um incerto tom esverdeado, eram enormes e tinham pestanas vários tons mais escuras do que seu cabelo. Tinha os lábios carnudos e o nariz reto. Não era magra nem gordinha. Tinha umas proporções perfeitas e era muito feminina. Seu aroma era adocicado, embora não distinguia perfume algum. Era a mulher mais formosa que tinha visto na vida. Acabava de apaixonar-se, disse-se meio em brincadeira.

- sente-se melhor? - perguntou-lhe o anjo.

Que também vivia, se não se equivocou, no bordel. Isso a convertia em uma...?

- Tenho uma dor de cabeça colossal - lhe respondeu, concentrando-se em sua condição física.

Algo muito simples quando sua condição pedia a gritos que lhe prestasse atenção. - É como se me houvessem recolocado todos os ossos do corpo à força, e nem me atrevo a mover a perna esquerda. Tenho muito calor, mas também estou tremendo. Incomoda-me a luz. Salvo por esses detalhes sem importância, acredito que sim me

sinto melhor. - Tentou lhe sorrir, mas experimentou uma pontada de dor a um lado da cabeça, onde teria a brecha, sem dúvida alguma. - fui um mal paciente? Acho que sim.

Viu-a sorrir. Tinha os dentes muito brancos e direitos. O sorriso suavizou seu olhar e aumentou seu atrativo, já que sua beleza era patente. Também lhe deu um ar travesso e brincalhão.

Certamente que se apaixonou. Até as sobrancelhas. Estava preso a ela.

Claro que passou a noite refrescando-o e lhe murmurando tolices enquanto ardia de febre. Que homem com sangue nas veias não estaria preso? Sobre tudo quando a moça em questão tinha o rosto de um anjo. Além disso, ainda continuava delirando.

- Nem pensar - lhe assegurou ela, - salvo pelo fato de que tem o feio costume de me mandar ao inferno cada vez que tento lhe levantar a cabeça para que possa beber água.

- Não! De verdade demonstrei semelhante falta de cavalheirismo? - perguntou. - Peço-lhe desculpas. Ainda continuo pensando que estou morto e fui ao céu, onde me atribuíram um anjo da guarda só para mim. Se estou equivocado, poderia me beijar para despertar.

A moça riu entre dentes, coisa que não afetou a sua dolorida cabeça; mas, por desgraça, não aceitou o convite.

Nesse momento entrou na habitação outra pessoa. Era a beleza latina de cabelo negro e olhos penetrantes que tinha visto ao recuperar a consciência. Viu-a deixar uma bacia de água limpa, apoiar as mãos em seus generosos quadris (postura pensada para ressaltar tanto os quadris como seus peitos) e olhá-lo de cima abaixo muito devagar. Deu-lhe a sensação de que esses olhos atravessavam as mantas.

- Ah, com os olhos abertos e um pouco de cor nas faces está para comê-la - disse a recém chegada, - embora acredite que estará melhor quando o tiver liberado da bandagem. Olhe que pensa que foi ao céu e descobriu que é um bordel...! Grande sorte a sua! É hora que deite-se e descanse um pouco, Rache. Bridget diz que esteve acordada toda a noite. Agora fico eu. Por acaso necessita que lhe troque a bandagem da coxa?

A julgar pela expressão de seus olhos, soube que gostava do que via. Fez uma careta enquanto o olhava. Essa manhã não se maquiou, mas o halo de sensualidade que a envolvia proclamava sua profissão aos quatro ventos.

Ele pôs-se a rir, mas deu um pulo de dor e se arrependeu de ter sucumbido ao descarado flerte, por conta das conseqüências para sua cabeça.

- Só vou enxaguar lhe o rosto uma vez mais para descer a febre, Geraldine - disse o anjo de cabelo loiro. Tinha-a chamado Rachel ou Rache. - Depois sairei um momento. Porque estou cansada. Mas também deve estar você.

A beleza de cabelo negro, Geraldine, encolheu os ombros, lhe piscou um olho com descaramento e levou a bacia de água suja.

- Estou em um bordel? - perguntou. Tinha que está-lo, até que não deveria havê-lo perguntado em voz alta a julgar pelo rubor de Rachel.

- Não lhe cobraremos pelo uso da cama - respondeu com certa tensão.

Supôs que essa era sua maneira de lhe dizer que sim. O que a convertia em uma...

Percorreu o quarto com o olhar. Estava decorado com bom gosto em bege e dourado, sem rastro de escarlate. A cama era relativamente estreita... Embora supôs que seria bastante larga para cumprir com o encargo atribuído. Deu-se conta de que era o quarto de uma mulher.

Viu escovas, potes e um livro na penteadeira.

- É seu quarto? - perguntou-lhe.

- Não enquanto você continue nele. - Olhou-o nos olhos com as sobrancelhas arqueadas. Estava zangada. - E sim, vivo aqui.

- Nesse caso, peço-lhe perdão - disse. - Tirei-lhe a cama.

- Não tem por que desculpar-se assegurou ela. - Ao fim e ao cabo não a exijo, não é verdade? Nem sequer a pediu. Trouxe-o aqui depois de encontrá-lo no bosque. O sargento que me ajudou, que ajudou aos dois, também está aqui, deitado no apartamento de cobertura. Perdeu um olho na batalha e sofre muito mais do que está disposto a admitir. A perda do olho foi especialmente dolorosa

porque por sua causa o licenciaram do exército e essa é a única vida que conhece desde que tinha treze anos.

- Encontrou-me no bosque? No bosque do Soignes?

Que demônios estaria fazendo ali? Recordava vagamente as ensurdecedoras descargas da artilharia, mas por mais que o tentava não recordava nenhum detalhe concreto da batalha. Travou-se contra as tropas de Napoleão Bonaparte e levava forjando-se vários meses, até aí alcançava. Devia ter participado da luta. Mas por que se internou no bosque? E por que o tinham abandonado seus homens? Estava sozinho? Claro que se o tinham ferido na batalha, por que não tinha procurado atenção médica no fronte?

- Pensei que estava morto - explicou ela ao mesmo tempo em que molhava o pano na água fresca e o escorria antes de levá-lo à frente. - Se não me tivesse detido para tocá-lo, não me teria dado conta de que continuava vivo. Teria morrido ali atirado, sem dúvida.

- Então estou em dívida com você - disse - e também com o sargento a quem as agradecerei em pessoa assim que possa. - De repente lhe ocorreu algo e sentiu um imenso alívio, sobre tudo tendo em conta que havia algo muito mais importante que a batalha e que não podia recordar. - O que fez com meus pertences?

Antes de responder, enxaguou e escorreu o pano algumas vezes.

- Tinham-lhe roubado - respondeu. - Tudo. - Tudo... - Olhou-a sem dar crédito. - Tudo! A roupa também?

Viu-a assentir com a cabeça. Mãe do amor formoso! Tinha-o encontrado nu? Entretanto não foi a vergonha o que o levou a fechar os olhos e a apertar os dentes, esquecendo por um momento a dor que o gesto ia provocar lhe. Sentia que o pânico ia tomando conta dele e ameaçava consumi-lo. Queria afastar os lençóis, saltar da cama e fugir do quarto. Mas aonde iria? O que faria? Procurar sua identidade?

Não restava nada que o pudesse ajudar a recordar.

- Acalme-se - disse - acalme-se. Caiu do cavalo e levou um golpe na cabeça bastante forte para lhe provocar uma comoção. A dor que sentia era prova disso. Tinha sorte de continuar vivo. Certamente teria um galo do tamanho de uma bola de críquet na cabeça. Devia dar a seu cérebro uma oportunidade para esclarecer-se. Devia dar

tempo ao inchaço para que baixasse, tempo a suas feridas para que sarassem. Devia dar tempo à febre para que desaparecesse por completo. Não havia pressa. Nesse mesmo dia, ou no dia seguinte, ou no seguinte, recuperaria a memória.

- Como se chama? - perguntou ela ao mesmo tempo em que pressionava o pano contra a face.- Vá para o inferno! - exclamou, e ao logo abriu os olhos para olhá-la contrito. A moça estava mordendo o lábio inferior enquanto o observava com olhos como pratos.

- Sinto muito...

- Desculpe-me...

Disseram ao uníssonos.

- Não recorde nada - admitiu com voz cortante, esmagando deliberadamente o pânico que sentia.

- Não deve preocupar-se por isso. - Sorriu-lhe. - Logo recuperará a memória.

- Maldição! Nem sequer sei como me chamo. Essa espantosa realidade lhe contraiu o estômago como se alguém o estivesse apertando com força. Lutou contra as náuseas ao mesmo tempo em que a agarrava os pulsos. Era consciente de que lhe doíam os braços. percebeu que tinha o direito coberto de feridas e arranhões.

- Está vivo - recordou ela, inclinando-se um pouco - e está consciente de novo. Baixou-lhe bastante a febre. Foi um milagre que não fraturasse nenhum osso ao cair. Bridget diz que vai viver e eu confio em sua palavra. Dê um pouco de tempo. Logo recordará tudo. Até esse momento, deixe que sua mente descanse ao mesmo tempo em que seu corpo.

Se puxasse um pouco ela, pensou, acabaria beijando-a depois de tudo. Que idéia mais absurda quando protestavam todos e cada um dos ossos do corpo! Se a beijasse, com certeza descobriria que também lhe doíam os lábios.

- Devo-lhe a vida - lhe disse. - Obrigado. As palavras ficam muito curtas algumas vezes.

A moça escapou de suas mãos com supremo cuidado e voltou a empapar o pano.

- É uma delas? - perguntou de repente enquanto fechava os olhos ante o assalto de uma nova onda de náuseas. - É uma...? Trabalha aqui?

Durante um momento só se escutou a destilação da água. Tomara pudesse retirar a pergunta.

- Estou aqui, não? - respondeu ela, de novo com voz severa.

- Não parece... É diferente das outras - comentou.

- Está dizendo que elas parecem prostitutas e eu não? - quis saber. O tom de sua voz deixou claro que a tinha ofendido.

- Suponho que sim - respondeu. - Desculpe-me. Não deveria ter perguntado. Não é de minha incumbência.

Ela pôs-se a rir baixo, embora o som não foi agradável muito menos.

- Esse é meu maior atrativo - declarou, - que pareço inocente, que pareço uma dama. Sou como um anjo, tal como você mesmo me disse. Necessitam de mulheres de todo tipo para que um bordel tenha êxito. Os homens têm gostos muito variados no referente às mulheres cujos favores estão dispostos a comprar. Eu ofereço o refinamento e a ilusão da inocência. Fingir inocência me dá muito bem, não acha?

Eu que o diga, pensou.

Quando abriu os olhos, viu que estava Sorrindo enquanto secava as mãos com uma toalha.

Era um sorriso que encaixava com a voz que estava usando: não de todo agradável.

- Peço-lhe perdão de novo - disse. - Parece que só consegui insultá-la desde que recuperei a consciência. Espero que este comportamento tão pouco cavalheiresco não seja próprio de mim. Perdoa-me? Por favor?

Sentia a cabeça como um globo a ponto de estalar. A dor palpitante da perna parecia seguir o ritmo de um tambor. Além disso, havia um sem-fim de dores que reclamavam sua atenção com menor insistência.

- É claro - assegurou ela. - Mas não acredito que esta profissão seja vergonhosa nem degradante. Nem acredito que minhas companheiras... prostitutas sejam menos humanas ou menos

importantes que qualquer outra mulher. Virei logo. Geraldine cuidará de você enquanto isso. Tem fome?

- A verdade é que não - respondeu. Tinha ofendido-a, pensou depois que se fosse. E tinha todo o direito do mundo a estar zangada com ele. Se não fosse por ela, a essas alturas já estaria morto. Suas amigas tinham lhe aberto as portas de sua casa. Tinha renunciado a seu quarto por ele. Estavam cuidando dele as vinte e quatro horas do dia. Poderia ter saído muito pior para ele se o tivesse encontrado uma dama respeitável. De fato, qualquer dama se teria posto a gritar e se teria posto a correr, ou se teria desmaiado ao ver seu corpo nu e o teria deixado a sua sorte. imaginou a cena e riu entre dentes, embora isso voltou a lhe provocar náuseas. E com elas voltou o pânico. E se não recuperasse a memória?

Capítulo 4.

A cozinha estava inudada de deliciosos aromas quando Rachel desceu depois da sesta para ver se podia ajudar em algo. Phyllis estava removendo a sopa que se cozia em uma enorme panela. o pão recém assado e um bom número de bolachas de passas esfriavam em uma das grelhas.

A água fervia no bule desentupido, que estava sobre um dos fogões.

- dormiu bem? - perguntou-lhe Phyllis. - Todas estão no quarto de William. Seja boa e prepare o chá, quer? - Levaremos ele ao apartamento de cobertura e tomaremos ali.

Continua dormindo o outro pobrezinho?

Não tinha entrado para comprová-lo. Ainda lhe envergonhava um pouco o que o tinha feito acreditar: que formava parte do bordel, que trabalhava com Bridget, Phyllis e as outras duas.

Entretanto, estava irritada consigo mesma por sentir-se envergonhada. E também a irritavam as perguntas que lhe tinha feito. Essas mulheres a tinham acolhido quando não tinha nenhum outro lugar aonde ir. Tinham acolhido a ele. Que interessava que fossem prostitutas? Eram boa gente.

O sargento Strickland se converteu no preferido de todas. Embora tivesse perdido um olho e também seu emprego, negava-se a deixar-se levar pela autocompaixão. De fato, havia custado a vida convencê-lo de que devia guardar cama durante alguns dias mais para que suas feridas sarassem por completo. Rachel lhe tinha muito carinho, já que ele tinha ajudado a um estranho com feridas muito mais graves que as suas.

- Não estará tão mal uma vez que a órbita sare e ponha uma venda - estava dizendo

Bridget quando entrou no quartinho do apartamento de cobertura com a bandeja do chá, seguida de Phyllis, que levava um prato de fatias de pão com uma camada generosa de manteiga.

Bridget tinha limpado a ferida e estava lhe colocando uma nova atadura ao redor da cabeça.

- Acabo de perder o apetite - disse Phyllis.

- vai parecer um pirata, Will - assegurou Geraldine, - embora me pareça que não foi bonito em sua vida, não é verdade?

- Certamente que não, moça - respondeu ele com uma alegre gargalhada. - Mas ao menos tinha dois olhos com os quais servir no exército. Isso é o que fiz desde que era uma criancinha.

Não sei fazer outra coisa. Mas já encontrarei algo para ganhar o pão. Sobreviverei.

- É obvio que sim - concordou ela, inclinando-se para lhe dar uns tapinhas em uma de suas grandes mãos. - Mas vai ficar um par de dias mais na cama. É uma ordem. Eu mesma o meterei nela se tentar mover-se.

- Não acredito que o consiga - replicou ele, - mas certamente que tentará com todas suas forças. Sinto-me um pouco ridículo aqui deitado tendo em conta que só perdi um olho.

Mas há um momento me levantei para ver como ia a esse pobre homem que trouxemos e quando cheguei à escada descobri que tremia como uma folha, assim tive que dar a volta. É por estar tanto tempo deitado.

- Ah, pão recém feito! - exclamou Flossie. - Nossa Phyll é a melhor cozinheira do mundo. Está desperdiçando seus talentos sendo puta.

- Deveria ajudá-la a levar essa bandeja tão pesada, senhorita - disse o sargento ao Rachel.

- Mas temo que acabaria me grudando contra a mesa e pondo a todo mundo perdido de chá fervendo.

Amanhã estarei melhor, é claro que sim. Por acaso não necessitarão dos serviços de um homem forte cuja aparência já era bastante feroz antes de ver-se obrigado a pôr uma venda no olho e que agora assustaria mesmo ao demônio? Talvez para vigiar a entrada enquanto estão ocupadas com seu trabalho e pôr de quatro na rua qualquer um que não se comporte como é devido.

- William, de verdade quer se rebaixar a porteiro de bordel depois de ter sido sargento do exército? - perguntou-lhe Bridget antes de dar uma dentada a uma fatia de pão com manteiga.

- Não me importaria até cente, por dizê-lo de algum jeito - respondeu.

- Me conformaria com um prato de comida e esta cama como pagamento.

- O que se passa, Will - falou Geraldine, - é que temos pensado partir o antes possível. Agora que os exércitos partiram e até mesmo a maioria dos visitantes que chegaram à cidade para fazer companhia, o negócio se estancou. Temos que voltar para casa e, quanto antes o façamos, melhor. Nos propusemos apanhar a um malfeitor para despedaçá-lo e estamos dispostas a persegui-lo até o fim do mundo.

- levou todo o dinheiro que conseguimos economizar durante quatro anos de duro trabalho - explicou Bridget. - E queremos recuperá-lo.

- Entretanto - declarou Geraldine, - ele nos interessa mais que o dinheiro. Esse inseto mentiroso e traiçoeiro...

- Ele roubou as economias? - perguntou o sargento com expressão carrancuda enquanto aceitava o prato com duas enormes fatias de pão com manteiga que Phyllis lhe oferecia.

- E pensam ir atrás do ladrão? Acompanharei-as. Deixará de rir assim que me veja, asseguro - isso. Já me encarregarei de que não se esqueça de meu rosto na vida. Aonde se foi?

- Esse é o problema - respondeu Bridget com um suspiro. - Estamos quase certas de que partiu para a Inglaterra, mas não sabemos exatamente aonde, William. Inglaterra é muito grande.

- Bridget e Flossie escreveram a todas as companheiras do ramo que sabem ler - disse Geraldine. - Certamente alguma delas dará com ele, mas mesmo se não for assim o encontraremos. Embora demoremos um ano em fazê-lo. Ou mais. Só necessitamos de um plano.

- O que necessitamos, Gerry - a corrigiu Flossie com brusquidão enquanto Rachel servia o chá, - é dinheiro. Se formos percorrer a Inglaterra, fará-nos falta muitíssimo. E se formos estar de um lado para outro, não poderemos continuar trabalhando.

- É possível que a perseguição não nos sirva de nada e que jamais recuperemos nossas economias - vaticinou Phyllis. - De modo que teremos gasto muito dinheiro sem ganhar nada.

Possivelmente fosse mais sensato deixar as coisas como estão, ir a casa e começar a economizar de novo.

- Mas, Phyll - protestou Geraldine, - é uma questão de princípios! Por minha parte, não estou disposta a deixar que se vá sem mais. Esse inseto acredita que pode fazê-lo simplesmente porque somos putas. Com o resto de suas vítimas não se mostrou tão desdenhoso. Segundo Rache, tirou dinheiro a lady Flatley e a outras damas, mas disse que era para obras de caridade. É muito possível que nunca cheguem a inteirar-se de que se meteu o dinheiro no bolso e não vai soltá-lo.

Mas jamais nos mencionou suas obras de caridade. limitou-se a levar tudo e ainda por cima lhe agradecemos! Por isso me ferve o sangue. Porque se riu que nós!

- Sim - reconheceu Phyllis. - Temos que lhe dar uma lição, embora acabemos pedindo pelas esquinas.

- O que precisamos é de dinheiro - repetiu Flossie, dando batidinhas na borda de seu prato com um dedo.

- Muito dinheiro. Isso sim, não sei como vamos conseguir... além da forma mais óbvia, claro.

- Tomara pudesse dispor de parte de minha fortuna - disse Rachel com veemência.

As batidinhas cessaram e todo mundo a olhou com interesse.

- Tem uma fortuna, Rache? - perguntou Geraldine.

- É sobrinha do barão Weston por parte de mãe - disse Bridget.

- Minha mãe me deixou suas jóias - prosseguiu ela. - Mas não poderei tomar posse delas até dentro de três anos, quando completar os vinte e cinco. Sinto muito havê-las mencionado, porque agora mesmo não nos servem de nada. Durante os próximos três anos serei a mais pobre das cinco.

- Onde estão? - quis saber Flossie. - Em algum lugar onde possamos agarrá-las? Porque não seria como se as roubássemos, não é? São tuas!

- Cobertas com capas e máscaras, e com adagas nas orelhas enquanto sobem pela hera da fachada ao amparo da escuridão de uma noite fechada? - interveio Geraldine.

- Estou imaginando isso... nos diga onde estão, Rache. Limitou-se a voltar a rir enquanto meneava a cabeça.

- Não tenho a menor idéia - respondeu. - Só sei que as tem meu tio, mas não sei onde as guarda.

Evidentemente, existia um modo de possuir as jóias antes de cumprir os vinte e cinco anos, mas dada a situação era irrelevante.

- E o que se passa com o homem que descansa abaixo? - perguntou o sargento Strickland.

- Tinha eu razão ou não? É um aristocrata?

- É um cavalheiro, sim - respondeu ela.

- Quem é? - perguntou o sargento.

- Não o recorda - respondeu.

O sargento estalou a língua.

- O golpe na cabeça o deixou sem memória, não é? - disse ele. - Pobre homem. Mas se for um aristocrata, sua família estará buscando-o, asseguro isso. Inclusive é possível que alguns familiares continuem aqui em Bruxelas em vez de haver partido nas primeiras mudanças como fizeram muitos.

Com certeza estarão dispostos a lhes entregar uma generosa recompensa por havê-lo salvado e cuidado.

- Mas e se nunca recordar quem é? - perguntou Phyllis.

- Poderíamos pôr um anúncio com sua descrição em todos os periódicos belgas e londrinos - sugeriu Bridget. - Embora isso nos levaria tempo e nos custaria muito dinheiro. E talvez sua família não queira nos pagar.

- O que poderíamos fazer é ocultar seu paradeiro quando pusermos o anúncio e... - Geraldine fez uma pausa, - pedir um resgate. Dessa forma podemos exigir mais que se quiséssemos uma simples recompensa. Retê-lo não será problemático, não? Ao fim e ao cabo não tem mais roupa que a camisa de dormir que Bridget encontrou. Não poderá fugir a menos que queira arriscar-se a que o vejam correndo nu pela rua. Além disso tampouco pode sair correndo de qualquer jeito com a ferida que tem na perna. E, aonde ia? Nem sequer sabe como se chama...

- Eu poderia me encarregar de que não escapasse ofereceu o sargento.

- Quanto podemos pedir? - perguntou Bridget. - Cem guinéos?

- Trezentos - sugeriu Phyllis.

- Quinhentas - a corrigiu Geraldine, agitando uma mão no ar de modo que parte do chá se derramou no pires.

- Eu não me conformaria com menos de mil - sentenciou Flossie. - Mais os gastos.

Nesse momento todos explodiram em gargalhadas, incluída ela. Sabia, é obvio, que não estavam falando a sério no que se referia ao seqüestro. Apesar de sua curtida aparência, todas tinham um coração de ouro. O fato de que não tivessem sido capazes de roubar aos mortos do campo de batalha o tinha deixado muito claro.

- Enquanto isso - prosseguiu Phyllis, - teremos que lhe tirar a camisa de dormir para lhe dificultar a fuga.

- E amarrá-lo aos postes da cama - acrescentou Flossie. - Aos quatro.

- Ai, Deus, vai ter um desmaio! - exclamou Geraldine, abanando o rosto com a mão que antes se agitava no ar. - Não poderemos nem tampá-lo com os lençóis, não é? Poderia atá-lo e escapar pela janela e, uma vez na rua, amarrá-lo como se fora uma toga romana.

Ofereço-me voluntária para fazer turnos duplos e vigiá-lo dia... e noite.

- Enfim, terei que ficar com vocês - disse o sargento. - Vão necessitar de meus músculos para levantar os sacos com o dinheiro do resgate.

- William, seremos ricas! - exclamou Flossie, meneando a cabeça de modo que seus cachos se agitaram em todas direções.

Todos explodiram de novo em gargalhadas.

- Agora a sério - disse Rachel quando o ataque de hilaridade passou, - sua perda de memória poderia acabar sendo um problema grave, sobre tudo porque demorará um tempo em voltar a andar. Não saberá aonde ir e vocês estão ansiosas por voltar para a Inglaterra logo. Eu também estou.

- Poremos ele de quatro na rua assim que estejamos prontas para partir, Rache - afirmou Geraldine.

Não falava a sério, claro. Todas sabiam que seriam incapazes de abandoná-lo sem mais. Se pudesse ter acesso a sua fortuna, pensou, poderia fazer muito mais além de financiar a busca de Nigel Crawley, coisa que no fim de contas era uma idéia descabelada. Poderia devolver a suas amigas tudo o que tinham perdido; poderia lhes devolver seu sonho. Poderia ajudá-las a deixar esse emprego e a levantar os olhos respeitáveis que todas ansiavam. Poderia aliviar os remorsos de ter sido a culpada de que perdessem tudo. E, é obvio, conseguiria ser independente.

Entretanto, sonhar era uma tolice, concluiu com um suspiro.

- vou ver que tal está o paciente - disse ao mesmo tempo em que se punha em pé e deixava a xícara e o pires na bandeja. - Talvez esteja acordado e necessite de algo.

Quando voltou a despertar pela tarde, Alleyne estava sozinho. sentia-se bastante melhor, embora não se atrevia a mover a cabeça nem tampouco a perna esquerda. Supôs que a febre tinha cedido.

Decidiu que se mostraria alegre e despreocupado quando uma das mulheres entrasse no quarto, de modo que ensaiou o que lhe diria. "Ah, boa tarde!", começaria. "me permita me apresentar. Sou..."

Entretanto, apesar de sua mente limpa, ao sorriso que esboçou e ao gesto de sua mão,

continuou sem encontrar o esquivo nome. Que ridículo era haver-se esquecido de seu próprio nome! Que sentido tinha ter sobrevivido no último instante para ver-se obrigado a viver sem saber quem era? Não obstante, era absurdo que começasse a curvar-se desse modo, decidiu enquanto tocava a atadura que tinha em torno da cabeça em um esforço por localizar o galo e comprovar seu tamanho.

A porta do quarto se abriu nesse momento e apareceu o anjo loiro. Rachel. Embora já não pudesse chamá-la assim.

- Ah, já despertou! - exclamou. - Vim antes, mas estava dormindo.

Quando lhe devolveu o sorriso, descobriu que o gesto já não supunha uma agonia. Decidiu falar antes de pensar melhor e perder a coragem.

- Acabo de despertar - disse. - Boa tarde. me permita me apresentar. Sou...

Como era de esperar, acabou olhando-a com expressão idiota e a boca aberta, como um peixe que alguém tivesse tirado do lago para sustentá-lo pela cauda. Apertou com força a mão direita, que descansava sobre a capa.

- Encantada de conhecê-lo, senhor Smith - replicou ela com uma breve gargalhada enquanto se aproximava com a mão direita estendida. - Jonathan Smith, há dito?

- Talvez seja lorde Smith - aventurou ele, obrigando-se a rir entre dentes. - Ou Jonathan Smith, conde Não sei quê. Ou Jonahan Smith, duque de Não sei de onde.

- Deveria chamá-lo "Excelência"? - perguntou com olhar risonho.

Aceitou a mão que lhe oferecia e exibiu de sua suavidade; do delicado aroma de limpeza que a rodeava.

Era para agradecer que o animasse a rir de si mesmo. por que não? Ao fim e ao cabo, o que outra alternativa tinha? Sustentou sua mão com mais firmeza e a levou aos lábios. Viu-a morder o lábio inferior ao mesmo tempo em que ela desviava o olhar. Caramba! Certamente que representava o papel de inocente.

Nenhuma mulher tinha direito a ser tão bela.

- Talvez seja melhor que não o faça - lhe disse. - Seria humilhante descobrir ao cabo de um tempo que não sou nenhum duque, um simples cavalheiro. Tampouco acredito que me chame Jonathan nem que tenha o sobrenome de Smith.

- Então, se é um simples cavalheiro sem título, posso chamá-lo "senhor" seco? perguntou-lhe, Sorrindo de novo enquanto escapava de sua mão e se inclinava sobre ele para desatar a atadura da cabeça. Sem tocá-lo, examinou o dano que ele mesmo se tinha feito.

- A ferida já não sangra, senhor. Acho que já podemos deixá-la ao ar. Se gostar, é obvio... senhor.

Esses olhos esverdeados o olharam com um brilho alegre quando se endireitou.

Era agradável voltar a sentir o ar na cabeça. Ergueu uma mão para passar os dedos pelo cabelo e descobriu muito a seu pesar que estava gordurento e que necessitava de uma lavagem com urgência.

- Devo ser senhor Fulanito, verdade? - perguntou-lhe. - Seria uma excentricidade não ter nome. Que mãe batizaria a seu filho com o nome de Senhor? Claro que não posso ser um cavalheiro de alta linhagem, como um duque ou um conde. Se fosse assim, não estaria lutando nessa batalha. Devo ser o caçula da família.

- Mas o duque de Wellington participou da batalha - lhe recordou.

Seus olhos pareciam mais verdes que castanhos, talvez por causa da cor do vestido.

Estava olhando-o com dissimulação, embora tivesse a impressão de que também o fazia com certa compaixão e ternura. Era absurdo sentir-se ligeiramente perturbado por sua proximidade, pensou, e se perguntou se poria olhos de cordeirinho degolado a todas as desconhecidas formosas com quem se cruzava. além de absurdo, era ridículo. Tinha a sensação de que lhe tinha passado um elefante por cima.

- Sim, é claro! - exclamou, estalando os dedos de uma mão. - Talvez esse seja eu.

Mistério resolvido. tenho nariz, certamente.

- Mas se for assim - objetou ela e nesse momento percebeu pela primeira vez do detalhe mais delicioso de seu rosto: tinha uma covinha junto à comissura esquerda da boca, - todo mundo estaria buscando-o. Recorda a batalha de Waterloo? Acho que lhe puseram esse nome.

Tinha enrolado a atadura e a deixou nesse momento junto à bacia. sentou-se na cadeira, embora se inclinasse um pouco para que continuasse sentindo sua proximidade.

De repente, ele caiu na conta de que talvez fosse uma profissional e estivesse tentando seduzi-lo de forma deliberada. Se fosse assim, estava-conseguindo.

- Sim, lembro. - Franziu o cenho e tentou recordar algo. Algo, mas foi em vão. - Ao menos sei que a batalha teve lugar. Lembro os tiros de canhão. Eram ensurdecedores. Não, eram muito pior que isso.

- Sim, sei - afirmou ela. - Escutamos eles daqui. Como sabe que seu nariz se parece com a do duque do Wellington?

Olhou-a encantado.

- parece-se? - perguntou-lhe.

Ela assentiu com a cabeça.

- Geraldine diz que é um nariz aristocrático.

Observou-a enquanto ficava em pé e atravessava o quarto para uma cômoda. Tinha uma figura incrivelmente feminina de curvas voluptuosas que era muitíssimo mais atraente que a de muitas mocinhas magras em excesso que exemplificavam os cânones de beleza vigentes.

Entretanto, devia ser muito jovem ou, ao menos, aparentava-o. Viu-a abrir uma das gavetas e depois se virou para ele levando um espelho na mão. Olhou o objeto com receio e umedeceu os lábios com nervosismo.

- Não tem por que olhá-lo tranquilizou, embora o aproximasse de qualquer forma.

- Sim, devo fazê-lo. - Estendeu um braço e agarrou o espelho com cautela. E se não reconhecesse o rosto que estava a ponto de ver? De certo modo seria muito mais aterrador que não recordar seu nome.

Mas sabia que tinha um nariz grande e ela o tinha confirmado.

Ergueu o espelho e se olhou. Estava branco como a cera. Devia ter o rosto muito mais afilado e consumido do que o normal. Como resultado, seu nariz parecia mais proeminente. Tinha o cabelo emaranhado e gorduroso. As faces e o queixo estavam cobertos por uma barba em toda regra. Tinha os olhos ligeiramente avermelhados e debaixo deles se apreciavam escuras olheiras. Seu aspecto era o de um doente descuidado, mas conhecia esse rosto. Era o seu. Nesse momento se teria posto a chorar pelo alívio. Mas quando se olhou nos olhos, procurando respostas em suas profundidades, só encontrou um vazio infinito e a impenetrável barreira do anonimato.

Era como olhar-se a si mesmo e, ao mesmo tempo, ver um estranho.

- É estranho que não tenha saído gritando do quarto - disse enquanto ela voltava a sentar-se. Percebeu que o fazia como uma dama, com as costas reta e sem tocar o espaldar da cadeira.

- Pareço um malfeitor perigoso... com fobia à água.

- Acho que necessitaria de uma pistola em uma mão e uma faca na outra para ser convincente - falou ela ao mesmo tempo em que inclinava a cabeça e o olhava de novo com expressão risonha.

- Graças a Deus que não temos pistolas na casa e que Phyllis guarda com zelo as facas de cozinha.

É o rosto que esperava encontrar?

- Mais ou menos - respondeu, lhe devolvendo o espelho, - embora acredite que costumo ter um aspecto menos desalinhado. Entretanto, continua sendo um rosto sem nome. Assim será melhor que me arrume com o que há. Jonathan Smith a seu serviço. O senhor Smith, sem título de nobreza.

- Senhor Smith - repetiu ela com uma alegre gargalhada. - Sou Rachel York.

- Senhorita York. - Inclinou a cabeça e imediatamente desejou não havê-lo feito. - Encantado de conhecê-la. olharam-se uns instantes antes que ela ficasse de novo em pé e o surpreendesse sentando-se na borda do colchão para lhe tocar a ferida. Era muito consciente da delicada pele que deixava à vista o atrevido decote quadrado de seu vestido, adornado com uma extremidade bordada. Era muito

consciente do sutil aroma de sabão e de seu cabelo loiro, que à luz da tarde parecia um halo dourado recortado contra a janela. Conteve o fôlego até que se deu conta de que não poderia fazê-lo indefinidamente.

A beleza dessa mulher o afetava. O fazia pensar em lençóis enrugados, extremidades entrelaçadas e corpos suarentos. Só ele podia ter a má sorte de acabar em um bordel sem levar um penny sequer...

- O corte está sarando muito bem - lhe disse. Notou o fresco toque de seus dedos, que não lhe fizeram o menor dano. - E isso porque o cirurgião não o costurou. O galo está baixando, mas ainda continua aí. - Confirmou-o tocando-o com deliciosa suavidade.

E nesse momento descobriu que o estava olhando e não precisamente às feridas, mas aos olhos e de muito perto. Sua expressão já não era risonha, mas sim terna e compassiva.

- Dê tempo para recuperar-se - disse. - Recordará tudo. Prometo isso.

Uma promessa absurda, já que concernia a um aspecto de sua vida que escapava por completo a sua vontade. Mas a promessa o reconfortou de qualquer forma. Enquanto o olhava umedeceu o lábio superior, de comissura a comissura, com a língua. Em seguida se ruborizou e ficou em pé.

Por um instante ele se perguntou se voltava a ter febre.

Já não se expunha se a moça havia se proposto seduzi-lo de forma deliberada. Estava claro que sua forma de paquerar era muito mais sutil que a de suas companheiras, as quais se comportavam com mais atrevimento e descaramento com ele. Entretanto, era um flerte em toda regra. Sim, estava ferido gravemente e mal podia mover-se sem sofrer uma dor angustiante, mas não estava morto.

Era capaz de reagir a um estímulo sexual embora não pudesse atuar como desejava e ela tinha que ser idiota para não sabê-lo.

Não acreditava que tivesse um só fio de tola.

- Deixarei-o descansar - disse sem olhá-lo nos olhos. - Se não houver muito trabalho, voltarei logo. Alguém lhe trará o jantar. Deve ter fome.

Uma vez que a moça se foi, fechou os olhos. Mas lhe foi impossível conciliar o sono. sentia-se sujo, desconfortável, inquieto, faminto e...

Maldita seja! Estava meio excitado!

Precisava lavar-se e barbear-se. Mas de repente compreendeu que nem sequer tinha um pente nenhuma navalha de barbear. De algum modo, a falta desses insignificantes utensílios lhe recordou a magnitude do problema no qual se encontrava. Nem sequer tinha dinheiro para comprá-los. Nem um mísero quarto de penny.

Que demônios ia fazer se não recuperasse a memória? Vagar nu pelas ruas de Bruxelas até que alguém o reclamasse? Entrar em algum quartel com a esperança de que alguém o reconhecesse ou de que algum oficial tivesse sido declarado desaparecido em combate? Ridículo... Haveria dezenas de desaparecidos em combate a quem ninguém teria reclamado. Nesse caso, teria que recorrer a uma embaixada. Entraria em uma embaixada e pediria que localizassem uma família de classe alta com um filho ou um irmão desaparecido. Talvez o caçula da família. Havia alguma embaixada em Bruxelas? Acreditava recordar que havia uma em La Haja, mas quando tentou se recordar, foi incapaz de obter algum dado pessoal.

Qual era seu regimento? E se posto? Pertencia à cavalaria ou à infantaria? À artilharia possivelmente? Tentou imaginar-se com seus homens em meio a uma carga da cavalaria, ou liderando um avanço da infantaria. Mas foi em vão. Sua imaginação era incapaz de despertar lembranças reais.

"Voltarei logo", havia dito a senhorita York... "Se não houver muito trabalho." Torceu o gesto. Onde levava a cabo seu trabalho se ele estava ocupando seu quarto?

Não era de sua incumbência. Como tampouco o era a moça.

Mesmo assim, estava em dívida com ela e não lhe ocorria o modo de lhe pagar. Além disso, era uma mulher espantosa e ele se estava comportando como um colegial encantado e excitado com seu primeiro amor.

A partir de amanhã, disse-se com firmeza, me esforçarei por plantar os pés no chão (figurativamente falando, já que fisicamente

é uma impossibilidade) e me recuperar. Estava farto de sentir-se indefeso. Amanhã recordarei tudo, decidi.

Certamente que sim.

Capítulo 5.

Rachel não retornou ao quarto nesse dia. Tinha confirmado uma vez mais o incômodo poder que tinha sobre os homens. Sabia que a consideravam bela embora lhe teria encantado se a pontuassem meramente de atraente. Entretanto, o espelho lhe dizia que era verdade. Além disso, os homens ficavam observando-a com velada (e não tão velada) admiração durante anos. Nenhuma só vez tinha decidido utilizar esse poder. Justamente o contrário, de fato. Apesar da descuidada educação que tinha recebido das mãos de um pai que sempre tinha vivido na corda frouxa, à beira da pobreza, com períodos transitivos de grande abundância cada vez que a sorte lhe sorria nas mesas de jogo, tinha crescido como uma dama e as damas não faziam alarde de sua beleza. Sem esquecer que o tipo de cavalheiros que tinha conhecido antes da morte de seu pai, seus companheiros habituais, distavam muito de serem pessoas com as quais queria ter uma relação de qualquer tipo. Desde a morte de seu pai, desde que passara a ocupar a posição de dama de companhia de lady Flatley, tinha tentado que seu aspecto físico passasse inadvertido. Uma das coisas que mais tinha gostado em Nigel Crawley era que nunca fizera menção de sua beleza. Porque parecia admirá-la como pessoa.

Nada mais longe de sua intenção que despertar a admiração do ferido. Só queria mostrar sua preocupação e seu apoio. Entretanto, sua reação física tinha sido evidente, igual à tensão que tinha vibrado entre eles ao inclinar-se sobre a cama.

Grande estupidez a sua! A simples idéia de estar a sós com um homem em um dormitório deveria scandalizá-la. De modo que sentar-se em sua cama, inclinar-se sobre ele, lhe tocar a fronte e olhá-lo nos olhos...

Tinha sido extremamente insensato.

E francamente tinha que admitir que ele não tinha sido o único em reagir à proximidade física. Ela também se havia sentido muito perturbada. Sim, estava ferido e não podia fazer nada, mas continuava sendo um homem jovem e bonito. E incrivelmente viril. Uma idéia que lhe provocou um súbito rubor. manteve-se afastada de seu quarto até a manhã seguinte, momento em que lhe pareceu mais seguro entrar porque estava cheia de gente.

As damas tiveram a noite livre, como costumavam fazer uma vez na semana, de modo que tinham madrugado e estavam muito animadas. Phyllis levou ao senhor Smith o café da manhã e ficou com ele para conversar. Bridget e Flossie chegaram vinte minutos depois, armadas com uma camisa de dormir limpa, ataduras novas, água quente, panos e toalhas. Geraldine levou o café da manhã ao sargento Strickland, que continuava no apartamento de cobertura, porque queria perguntar se lhe prestaria ao senhor Smith os utensílios de barbear. Tinham decidido chamar "senhor Smith" ao homem misterioso.

Quando terminou de lavar os pratos e de recolher a cozinha, já estavam todos no quarto do doente, incluído o sargento. Ficou na porta, observando a cena enquanto escutava a conversa.

- Confesso que me sinto cinco quilos mais leve... - estava dizendo o senhor Smith.

- Não, que sejam seis. A graxa do cabelo tinha que pesar ao menos um quilo.

- Já lhe disse que seria tão cuidadosa como sua mãe, querido - disse Bridget com descaramento enquanto dobrava a toalha.

- Com certeza diz isso a todos - replicou ele.

- Só aos juvenzinhos - assegurou Bridget. - Não lhe diria isso em circunstâncias normais.

- Em realidade - prosseguiu ele, e Rachel viu que estava Sorrindo e desfrutando lindamente, - ontem à noite recuperei a memória e recordei que sou um monge. Fiz votos de pobreza, castidade e obediência.

- Com esse corpo? - perguntou Geraldine no mais puro estilo melodramático e com os braços na cintura.

- Que desperdício!

- eu gosto do voto da obediência - confessou Phyllis.
- Um monge muito bonito e pobre em um bordel - comentou Flossie. - Faria chorar a mais pintada.
- Estará mais bonito ainda sem essa barba - disse Geraldine. - Pedi a navalha ao Will, mas insistiu em descer comigo.
- Um rival? - perguntou o senhor Smith ao mesmo tempo em que levava uma mão ao peito. - Acaba de me destroçar.

Todos estavam se divertindo, era indiscutível. Todos flertavam. Tomara ela pudesse ser tão descarada. Suas amigas estavam vestidas com simplicidade, sem maquiagem nem penteados elegantes nem vestidos decotados. As quatro eram muito formosas e pareciam muito mais jovens vestidas dessa maneira.

- Apresento-o ao sargento William Strickland - disse Geraldine. - Feriram-no na batalha.

- Perdi um olho, senhor - declarou o sargento. - Ainda não me acostumei a ver com um só, mas tudo se arrumara.

- Ah... - disse o senhor Smith estendendo a mão, - você deve ser o sargento que ajudou à senhorita York a me salvar a vida, não? Não sabe quanto o agradeço.

O sargento olhou a mão estendida com evidente confusão e lhe deu um rápido apertão ao mesmo tempo em que executava uma reverência forçada.

- Queríamos que nos emprestasse sua navalha de barbear, não sua pessoa completa,

William - disse Flossie. - Deveria estar na cama.

- Não me dê bronca, moça - replicou o aludido. - Não posso ficar na cama todo o dia. Deveria estar de volta com meus homens, mas o exército não me quer com um olho a menos.

- Já me estou imaginando isso: seus homens partindo para o oeste enquanto você, meu querido William, vai para o este porque estão em seu lado cego - zombou ela. - Não lhes serviria de nada, não lhe parece? E em vingança quer fatiar o pescoço do senhor Smith, não? Pois me deixe lhe dizer que seria terrível perder a um jovem tão encantador. Me ocorrem coisas muito mais interessantes para fazer com ele - concluiu, lançando um olhar lascivo ao senhor Smith.

- Se alguém tiver a bondade de me ajudar a me endireitar na cama - interveio o dito - acho que me barbearei sozinho.

- Algo que tenha que ver com as camas é de minha competência - afirmou Geraldine.

- Saia do meio, Will.

- Claro que se em realidade sou um duque - aventurou o senhor Smith, que encolheu ligeiramente quando Geraldine o ajudou a endireitar-se e lhe colocou os almofadões atrás das costas, - é provável que nunca tenha feito isto e esteja a ponto de me cortar o pescoço do mesmo modo que o teria feito o sargento Strickland.

- Que nos pegue confessados! - exclamou Phyllis, que afastou Geraldine com uma cotovelada.

- Não quero escutar nenhuma só menção ao sangue. Barbeei a muitíssimos homens ao longo de minha vida.

- Sobreviveram todos? - perguntou ele com um sorriso.

- Quase - respondeu Phyllis. - Mas estiveram de acordo em que seria uma maravilhosa forma de morrer. Olhe este queixo, Gerry. Viu algum tão viril e firme? Pelo amor de Deus, está para comer...

Justo nesse momento os risonhos olhos do senhor Smith se cravaram em Rachel, que continuava na porta. O olhar alegre continuou, mas pareceu ficar extasiado um instante, detalhe que indicou que seus sentimentos para ela eram diferentes aos que albergava por suas amigas.

De repente, ficou sem fôlego e muito morta de calor. O senhor Smith estava muito pálido; o asseio e a conversa o tinham deixado exausto e estava quase segura de que sofria dor de cabeça. Entretanto, com a camisa de dormir limpa, o cabelo úmido e esse sorriso picasse, estava muito bonito.

No dia anterior lhe tinha dado uma impressão equivocada, disse-se enquanto Phyllis lhe ensaboava o queixo e fazia um floreio no ar com a navalha de barbear. Não deveria haver-se sentado com tanto descaramento na cama.

Entretanto, quando os outros abandonaram o quarto uns dez minutos mais tarde, ainda rindo e de muito bom humor, foi ela quem ficou para correr as cortinas e impedir que o sol entrasse em torrentes.

Depois se aproximou da cama e alisou os lençóis embora Bridget o tivesse feito antes de ir-se. Ele a estava observando. Tentava dissimular o sorriso, mas seus olhos o delatavam.

- bom dia - saudou-a.

- bom dia. - Descobriu que sentia um súbito impulso de acanhamento. - Salta à vista que está cansado. E que lhe dói a cabeça.

- Estou cansado de não fazer nada. - O sorriso desapareceu e foi substituído por uma expressão muito mais sombria. - Esta manhã despertei apavorado, rebuscando uma carta nos bolsos que não tenho.

- Que carta? - inclinou-se ligeiramente sobre ele e franziu o cenho.

- Não tenho a menor idéia. - Levantou uma mão e tampou os olhos. - Era um sonho sem sentido ou era um retalho de informação que tentava atravessar a névoa?

- Era uma carta dirigida a você ou você a dirigia a outra pessoa? - perguntou ela por sua vez.

Escutou-o suspirar ao cabo de uns momentos e viu que tirava a mão dos olhos.

- Não tenho a menor idéia - repetiu, mas tinha recuperado o sorriso. - Mas não esqueci tudo. Você é a senhorita York. A senhorita Rachel York. E eu sou Jonathan Smith, um senhor normal e comum. Viu que boa memória tenho quando se trata de coisas que aconteceram estes últimos dias?

Ele estava tomando a brincadeira, mas compreendeu de repente que a perda de memória constituía para ele uma ferida mais grave que as outras, muito mais óbvias.

Embora sua intenção não fosse a de ficar com ele, sentou-se de todas maneiras depois de aproximar a cadeira à cama. Supôs que o terror ainda seguia latente a pesar da demonstração de humor matinal.

- O que lhe parece se recapitularmos o que sabemos sobre você? - sugeriu. - Sabemos que é inglês. Sabemos que é um cavalheiro. Sabemos que é um oficial. Sabemos que lutou na batalha do Waterloo.

- Estava contando com os dedos. Tocou o polegar. - Que mais?

- Sabemos que sou um mau cavaleiro - acrescentou ele. - Caí do cavalo. Isso quer dizer que não pertenço à cavalaria? Talvez nunca tinha cavalgado antes desse momento. Talvez roubei o cavalo.

- Mas lhe dispararam na coxa - recordou-lhe. - A bala continuava alojada ali. Certamente lhe doía muitíssimo, e não parava de sangrar. E estava bastante longe do campo de batalha. Não tem por que ser um mau cavaleiro.

- É você muito amável - replicou com um meio sorriso. - Mas quando me feriram por que demônios...? Me perdoe Por que não me levaram meus homens até o médico mais próximo? Por que estava sozinho? por que voltava para Bruxelas? Porque suponho que me dirigia para aqui. Estava desertando?

- Talvez tenha família na cidade - aventurou - e estivesse voltando com eles.

- Possivelmente tenho uma esposa - disse ele. - E seis filhos.

Não havia tornado a pensar nessa questão desde que descobriu que estava vivo. Claro que não tinha por que sentir-se decepcionada ante a lógica possibilidade de que estivesse casado. Talvez estivesse felizmente casado. E talvez tivesse filhos de verdade.

- Nesse caso, ela não teria trazido os meninos a Bruxelas - afirmou.

- Teria ficado na Inglaterra com eles. Quantos anos tem?

- Está tentando me pegar despreparado para que recorde outro detalhe, senhorita York?

- replicou ele. - Quantos aparento? Vinte? Trinta?

- Algo intermediário, suponho - respondeu.

- Nesse caso diremos que tenho vinte e cinco - declarou ele. - Teria que ter sido um homem muito ocupado para ter seis filhos na minha idade. - Sorriu e seu semblante se tornou alegre e travesso apesar da palidez.

- Três pares de gêmeos? - sugeriu.

- Ou dois pares de trigêmeos. - pôs-se a rir. - Mas não me teria esquecido de uma esposa, não é verdade? Nem de filhos. Ou talvez sejam o motivo de que minha memória tenha decidido tomar umas férias.

- Também sabemos que tem um grande senso de humor - declarou ela. - Tudo isto deve ser muito desconcertante para você, mas continua fazendo brincadeiras e rindo-se da situação.

- Mmmm, isso já me parece mais interessante - repôs ele. - Tenho senso de humor. É uma peça chave do quebra-cabeças. Agora poderemos averiguar quem sou. Embora talvez não... Já não restam muitos bufões, não é? Adeus a nossa peça chave. - cobriu os olhos com um braço e suspirou.

Olhou-o com pena. Embora não pudesse dizer-se que sua vida tivesse sido alegre, não gostava de despertar um bom dia e descobrir que tudo o que tinha sido, que tudo o que tinha conhecido, apagara-se de sua memória. O que ficaria?

- Talvez sou o homem mais afortunado da terra, senhorita York - prosseguiu ele como se lhe tivesse lido o pensamento. - Normalmente nos anima a ver o lado positivo das coisas, inclusive quando acontecem as piores catástrofes, não é assim? Graças a minha perda de memória, não me vejo preso pelo passado nem por suas cargas. Posso ser quem me dê vontade. Posso me reinventar e criar um futuro sem as restrições de um passado. No que acredita que deveria me converter? Embora talvez a pergunta adequada seja em quem deveria me converter. Que classe de pessoa vai ser Jonathan Smith?

Essas palavras fizeram que fechasse os olhos e engolisse em seco.

Tinha falado com leveza, como se a situação fosse engraçada. A ela, em troca, era-lhe aterradora.

- Só você pode decidi-lo respondeu em voz baixa.

- Cheguei nu a essa vida que não recordo - disse ele, - e nu cheguei a esta outra. Pergunto-me se quando nascemos também esquecemos tudo o que aconteceu até o momento. William Wordsworth teria tentado nos convencer de que é assim. Tem lido seus poemas, senhorita York?

Tem lido Ode à imortalidade? Soa-lhe "Nosso nascer é só dormir e esquecer"?

- Pois já sabemos algo mais sobre você - assinalou. - Gosta de ler poesia.

- Talvez também a escreva - sugeriu ele. - Talvez vá por aí declamando trechos inúteis e espantosos. Talvez esta morte e meu posterior renascimento sejam o maior favor que jamais tenha feito a meus poemas.

Rachel soltou uma gargalhada ao escutá-lo e ele se tirou o braço do rosto e pôs-se a rir também.

- Você, é obvio - continuou ele, - caiu do céu pelo burquinho de uma nuvem. decidi que é a única explicação possível.

Ela riu de novo e baixou a vista enquanto afastava uma bolinha invisível da saia. Ali estava de novo, a sós com ele, experimentando uma vez mais o relutante atrativo de sua masculinidade. Mas ele era um inválido. E ela sua enfermeira.

- De modo que tive a sorte de desfrutar de dois nascimentos no transcurso de uma só vida - disse.

- Salvo que nesta ocasião não conto com uma mãe que me alimente e me cuide. Estou completamente sozinho.

- Não, não, não diga isso - repreendeu-o ao mesmo tempo em que se inclinava para ele. - Nós o ajudaremos em tudo, senhor Smith. Não o abandonaremos.

Seus olhares se entrelaçaram. Nenhum dos dois falou durante um momento, mas a tensão crepitou no ar. Voltou a perguntar-se se ela era a culpada e afastou o olhar.

- Obrigado - disse ele. - É muito amável. Todas o são. Mas não quero ser uma carga para vocês mais tempo do que o necessário. Já lhes devo mais do que nunca poderei pagar.

A conversa ameaçava tornar-se muito pessoal.

- Será melhor que o deixe sozinho - sugeriu. - Estou segura de que precisa descansar.

- Fique. - Viu-o estender o braço para ela, mas o deixou em seguida sobre a colcha, antes que pudesse se perguntar sequer se queria que lhe agarrasse a mão. - Se puder, é obvio, e se gosta. Sua presença me reconforta. - pôs-se a rir baixo. - Bom, às vezes.

Ficou adormecido quase imediatamente. Nesse momento poderia ter escapulado do quarto. Mas ficou onde estava, olhando-o e perguntando-se quem era, perguntando-se o que faria quando se recuperasse o suficiente e abandonasse a casa.

Perguntando-se se era normal sentir uma... uma atração física por um homem a quem tinha salvado a vida.

Durante a semana seguinte as feridas da cabeça se curaram o suficiente para que pudesse mover o pescoço sem problemas, sempre que não fizesse movimentos bruscos. E já podia sentar-se durante um bom tempo sem enjoar. As piores equimoses já estavam desaparecendo, igual às dores. A perna se curava mais devagar, pois a bala parecia ter prejudicado algum músculo ou tendão da coxa, e não podia apoiar o peso sobre ela. Geraldine o tinha ameaçado amarrá-lo à cama se o tentasse sequer.

- Nu! - tinha acrescentado enquanto saía, lhe arrancando uma gargalhada.

Entretanto, estava subindo pelas paredes. Não podia ficar na cama para sempre, debilitando-se dia após dia. De modo que começou a mover a perna e a fazer exercícios com o pé e o tornozelo sob as mantas. Cada vez que ficava sozinho, sentava-se na borda da cama para exercitar a perna de todas as maneiras que lhe ocorriam, sem apoiar o peso sobre ela e sem que lhe fosse excessivamente doloroso. O que necessitava, compreendeu, era de muletas. Mas como ia pedi-las se não podia pagá-las? Sentia-se como um prisioneiro. Se por acaso sua invalidez não fosse suficiente, não tinha nada, nem sequer as camisas de dormir que eram delas. Ansiava comprar roupa, mas não podia sair da casa nem do quarto nu! Ardia em desejos de partir, de sair em busca de pistas sobre sua identidade embora, conforme lhe havia dito Phyllis, a maioria dos ingleses já tinha voltado para casa.

Perguntou-se por que seguiam elas ali, já que o lógico era que tivessem ido fazer negócio, aproveitando a presença dos soldados e dos visitantes ingleses. Nesse momento se deu conta de que talvez fosse sua presença o que as retinha em Bruxelas e deu um pulo.

De qualquer forma, as damas continuavam com seu trabalho. Quase todas as noites escutava o ruído das farras que corriam no piso de baixo e, mais tarde, outros sons muito mais reveladores na privacidade dos quartos contíguos. Era muito irritante.

A quem mais via era Rachel York. Sentava-se a seu lado várias vezes ao dia embora já não necessitava que o velasse

constantemente. Costumava levar algum trabalho de costura que a mantinha ocupada enquanto conversavam ou mergulhavam em um agradável silêncio até que ficava adormecido. As vezes lhe lia o livro que tinha visto na penteadeira, um exemplar das aventuras do Joseph Andrews do Fielding. Foi curioso averiguar que sabia ler... Uma prostituta ilustrada...

Tentou com todas suas forças não utilizar essa palavra quando se referia a ela. Era algo muito estranho. Gostava muito das outras quatro damas apesar de sua profissão. Entretanto, incomodava-lhe saber que ela era como as demais. Talvez porque nenhum cavalheiro gostava de admitir que estava apaixonando-se por uma prostituta.

Esperava com ânsia cada uma de suas visitas. Gostava de olhá-la e também gostava de escutar sua voz. Gostava de seus silêncios. Gostava de sua capacidade para excitá-lo e fazer que se sentisse com excesso de sangue. Entretanto, não havia tornado a flertar com ele de forma tão descarada como a tarde que se sentara na cama para lhe tocar o galo. Talvez tivesse interpretado mal a situação, disse-se. Talvez só houvera tensão sexual de sua parte, talvez excitara-o sua beleza, sua proximidade e sua compaixão.

O sargento Strickland tinha tomado o costume de passar por seu quarto algumas vezes

ao dia para ver se necessitava de algo.

- A situação é a seguinte, senhor - disse um dia sem necessidade de que o perguntasse,

- já estou bastante recuperado para partir. A verdade é que tampouco estava tão mal para ter que ficar, mas as damas me trataram como se estivesse em meu leito de morte, para que nos entendamos. E agora que estou bem, não tenho a coragem de partir. Aonde vou? Ser soldado é o único ofício que conheço.

- Entendo-o perfeitamente - lhe assegurou.

- estive dando voltas à idéia de acompanhar às damas quando voltarem a Inglaterra - prosseguiu Strickland, - como uma espécie de guarda-costas. Deveriam ter um, senhor, porque são damas e as damas devem ir acompanhadas de um homem, embora haverá

quem se negue a referir-se a elas assim. Mas não sei se de verdade me necessitam ou desejam minha companhia.

Todos os dias levava água limpa, a navalha de barbear e se oferecia a barbeá-lo, embora sempre recusava a oferta e o fazia ele mesmo. Estava se barbeando uma manhã quando o sargento lhe fez outra proposta.

- Suponho que não necessitará de um criado de quarto, não é, senhor? - perguntou com um suspiro lastimoso. - Há mulheres de sobra para atender suas necessidades, mas nenhum homem.

Todo cavalheiro deveria ter um criado de quarto.

- Sargento Strickland - replicou com ironia, - você tem seus próprios utensílios de barbeado e talvez alguma ou outra coisa mais além do uniforme e das botas. Talvez inclusive algumas moedas no bolso. Eu não tenho onde cair morto. O sargento voltou a suspirar.

- Bom, se mudar de idéia, senhor - disse, - suponho que ficarei alguns dias mais. Poderíamos chegar a algum acordo.

Um cego guiando a outro cego, pensou depois de que Strickland voltasse para sua habitação do apartamento de cobertura. Ou o caolho que guiava ao coxo, para ser mais exato. Começava a temer (em realidade, era um pânico espantoso que o paralisava por completo) que jamais recuperasse a memória. Podia existir alguém sem passado? Tinha valor humano uma pessoa que não sabia quem era? Que valor ou que importância tinha o que tivesse feito na vida se bastava uma queda para apagar tudo?

A quem tinha deixado atrás com tanta efetividade como se tivesse morrido?

Quem chorava por ele? Era uma tolice, sabia, mas desejou que Rachel York estivesse a seu lado. Desejou que, como se fosse sua mãe, desse-lhe um beijinho na ferida para lhe aliviar a dor. Embora certamente não pensava nela como em uma mãe.

Conseguiria umas muletas como fosse, decidiu, e roupa. Não ficava mais remédio que sair dali.

Capítulo 6.

As damas estavam ansiosas e impaciente por voltar para casa. Estavam desesperadas por seguir a pista ao reverendo Nigel Crawley. A determinação de enfrentar a ele, de castigá-lo e recuperar seu dinheiro, não tinha minguido nem um ápice. Afirmaram que não iriam permitir que se fosse tão tranqüilo depois de cometer semelhante delito... e depois de ter rido delas, por muito imunes aos enganos dos homens que se acreditaram. Flossie e Bridget tinham escrito a todas conhecidas que sabiam ler e escrever, mas tinham especificado que enviassem as respostas a Londres já que a princípio não esperavam atrasar-se tanto em Bruxelas. Estavam ansiosas por descobrir se alguém lhes tinha respondido.

Uma tarde, aproveitando que o sargento Strickland estava com o senhor Smith, mantiveram uma reunião na cozinha.

Primeiro tinham que atar alguns cabos soltos. Todas menos Rachel contavam com numerosos conhecidos entre a população masculina de Bruxelas. E Flossie e Geraldine tinham muito bom olho para medir a um homem, literalmente, sem necessidade de recorrer a uma fita métrica. Fizeram uma lista com a roupa que necessitaria o senhor Smith para poder mover-se com liberdade pela casa até que pudesse partir e se comprometeram a conseguir os trajes necessários. Phyllis afirmou conhecer alguém que lhes daria, ou ao menos lhes emprestaria, umas muletas.

Entretanto, tinham que resolver um problema muito mais urgente antes de poder partir.

- Ainda não recorda absolutamente nada do acontecido antes de despertar na cama de Rachel, não é? - perguntou Geraldine. - De modo que nem podemos mandá-lo a nenhum lugar nem tem nenhum lugar onde ir.

- De qualquer forma - assinalou Phyllis, - ainda não pode nem andar.

- E estará tão fraco como um recém-nascido depois de passar mais de uma semana na cama - acrescentou Bridget.

- É um homem encantador - disse Flossie com um suspiro, - mas as vezes eu adoraria mandá-lo a passeio.

- Se pudesse retroceder no tempo e fazer as coisas de outra maneira - replicou Rachel,

- deixaria-o na Porta do Namur. Certamente alguém o estava procurando. Teriam reconhecido que era um oficial assim que tivesse recuperado a consciência e alguém se teria ocupado de descobrir sua identidade.

Entretanto, tinha sido incapaz de abandoná-lo. E não suportava que o tratassem como se fosse uma carga.

- minha mãe, é muito bonito! - exclamou Phyllis com um suspiro. - Estou a ponto de me apaixonar por ele.

- A todas passa o mesmo, Phyll, mas não é só por seu físico, não é? - perguntou Geraldine.

- Tem esse brilho malicioso nos olhos. Não, não se arrependa de tê-lo trazido aqui, Rachel.

Não invejo os dez dias que passou o pobre aqui... Nem os do Will Strickland tampouco.

- Mas temos que fazer algo com eles, Gerry, e logo - insistiu Flossie. - Não podemos ficar aqui para sempre.

Quero tanto a Inglaterra que estou a ponto de me pôr a chorar.

- Alguma sugestão do que podemos fazer com o senhor Smith? - perguntou Bridget.

- Poderíamos sair à rua - sugeriu Phyllis - e ir de porta em porta perguntando se alguém perdeu a um belo cavalheiro com olhos maliciosos e nariz aristocrático.

puseram-se a rir.

- O problema é que nem todas falamos francês, Phyll - recordou Flossie.

- Poderíamos lhe oferecer um trabalho em Londres - sugeriu Geraldine, - e assim poderia trabalhar enquanto nós perseguimos Crawley.

- As damas fariam fila para vê-lo e tomariam a rua - assegurou Bridget. - Nossos clientes não poderiam nem aproximar-se da porta quando fossem ver nos.

- Poderíamos lhe cobrar um tanto por cento de seus ganhos a modo de aluguel - disse Flossie.

- Nos faríamos tão ricas que poderíamos montar duas casas de hóspedes.

Menos mal que tinham senso de humor, pensou Rachel enquanto punham-se a rir de novo, porque o futuro se apresentava muito negro. Havia poucas possibilidades de que dessem com o Nigel Crawley; e em caso de que o fizessem, era improvável que recuperassem o dinheiro roubado.

Entretanto, sabia que a indignação e o orgulho as obrigariam a persegui-lo e, quando admitissem a derrota e retornassem ao trabalho, estariam endividadas até as sobancelhas. Menos mal que ao menos podiam rir de si mesmas.

Tomara lhe ocorresse algum modo de ajudá-las. Por muito rica que fosse dentro de três anos, nesse preciso momento era mais pobre que os ratos.

- Acho que nos estamos esquecendo de algo - interveio. - O senhor Smith perdeu a memória, mas não a inteligência. Está-se recuperando das feridas, e não acredito que lhe faça muita graça ficar na cama e depender de nós muito mais tempo. Talvez não nos corresponda decidir o que fazer com ele. Talvez ele tenha algo que dizer a respeito.

- meu pobrezinho - replicou Phyllis. - Possivelmente tenha que ir de porta em porta perguntando às pessoas.

- Pois certamente que ficará na primeira que abra - assegurou Geraldine com um suspiro. - Embora suponha que deveríamos perguntar a ele.

- Eu o farei - se ofereceu Rachel. - Farei companhia a ele esta noite enquanto vocês estão ocupadas. Se não lhe ocorrer nada, teremos que voltar a reunimos. Uma vez que resolvamos este problema, poderemos nos concentrar por completo na tarefa de conseguir o dinheiro necessário para perseguir o senhor Crawley.

Não gostava absolutamente de referir-se a ele como se fosse um problema. Como tampouco gostava de pensar no dia, muito próximo sem dúvida, que já não as necessitasse e se fosse.

- Continuo preferindo a idéia de subir pela trepadeira uma noite fechada para nos fazer com suas jóias, Rachel - concluiu Geraldine, fazendo com que todas explodissem em gargalhadas.

Rachel ficou em pé e levou as xícaras vazias e os pratos para lavá-los na pilha.

Phyllis lhe levou o jantar e anunciou que teria muletas na manhã seguinte. Quando lhe disse que estava tão contente que poderia beijá-la, a muito descarada se aproximou rebolando da cama e se inclinou com os lábios franzidos para que o fizesse.

Pôs-se a rir enquanto a agarrava pela nuca e a aproximava para lhe dar um casto beijo nos lábios.

- De onde saíram as muletas? - perguntou-lhe enquanto ela se endireitava e se abanava o rosto com uma mão, pestanejando de forma exagerada.

- Não se preocupe - respondeu. - Conheço alguém.

Isso foi o mesmo que disse Geraldine mais tarde, quando foi recolher a bandeja da comida e lhe comunicou que logo disporia de roupa... Talvez inclusive na manhã seguinte.

- Conhecemos gente - replicou, lhe piscando um olho e adotando sua pose habitual: braços na cintura e busto para fora.

Nessa mesma noite escutou como se abria e fechava a porta de entrada e também o murmúrio de vozes masculinas mescladas com as risadas femininas. Todas as noites se jogava cartas, havia-lhe dito Strickland, e as damas faziam de banca e de anfitriãs. Não obstante, havia toque de silêncio à uma, momento no qual elas passavam a sua outra ocupação.

Como não tinha sentido dar voltas e voltas a sua situação, entregou-se uma vez mais por analisar a ironia de ter acabado em um bordel e de estar a ponto de converter-se em um homem mantido.

Tinha muito claro de onde iriam sair as muletas e a roupa. Era evidente que as damas não iriam comprá-las. Coisa que o tranquilizava, mas também lhe provocava uma sensação muito incômoda se o analisasse em profundidade. Decidiu voltar a rir. Algum dia não muito longínquo, quando recuperasse a memória e retomasse sua vida normal, lançaria o olhar atrás e recordaria esse episódio com um enorme sorriso.

Ao menos no dia seguinte já poderia mover-se pelo quarto. Além disso, se chegasse a roupa, inclusive poderia sair. Talvez em

poucos dias fosse capaz de ir em busca de sua identidade. ia ser uma tarefa hercúlea, dado que se encontrava em uma cidade estrangeira e que a maioria dos visitantes ingleses partira, fosse para seguir às tropas até Paris ou para retornar a Inglaterra.

O importante era que por fim poderia fazer algo.

Talvez assim conseguisse controlar o pânico.

Como estava aborrecido, agarrou As aventuras do Joseph Andrews, que Rachel York tinha deixado na mesinha de noite. Entretanto, ao cabo de vários minutos descobriu que estava olhando a mesma página sem lê-la e que tinha o cenho franzido. Nessa mesma tarde havia tornado a despertar com a sesta embargada pelo pânico, procurando a carta. Que carta?

Maldição! Pensou. Que carta?

Intuíra que se conseguisse recordar a resposta a essa pergunta, todo o resto retornaria em tropel. Entretanto, a única coisa que retornou foi a já familiar dor de cabeça. Fechou o livro, devolveu-o à mesinha e cravou o olhar no dossel da cama.

Continuava com a vista cravada no teto quando se abriu a porta do quarto.

Era Rachel York... e ficou sem fôlego ao vê-la. Usava um simples vestido de noite de cetim azul celeste. Claro que sua beleza não necessitava de nada sofisticado. O decote baixo e a cintura alta ressaltavam seus seios. O suave e leve tecido se amoldava a suas generosas curvas e torneadas pernas. Levava um penteado mais complicado do habitual, formado por trancinhas e cachos recolhidos no alto da cabeça, embora tivesse deixado várias mechas soltas que lhe caíam sobre o pescoço e nas têmporas. Não sabia se o rubor que cobria suas faces era natural ou, se pelo contrário, devia-se aos cosméticos. Fosse como fosse, estava mais encantadora que nunca.

Era a primeira vez que a via vestida para trabalhar, pensou. E preferiria de todo coração não havê-lo feito. Nesse momento se deu conta de que chamava as demais por seus nomes de batismo enquanto que a ela sempre se dirigiu como "senhorita York". Não gostava de pensar nela como uma prostituta.

- boa noite - o saudou. - Se sente abandonado?

- Mas bem estado parado, como uma baleia na praia - respondeu.
- Mas me disseram que amanhã terei muletas e roupa. Não sabe quanto lhes agradeço tudo o que estão fazendo.

- Estamos encantadas de lhe ser de ajuda. - Sorriu-lhe.

- Não está trabalhando? - quis saber, mas se arrependeu na hora de perguntar.

- Esta noite não - respondeu. - vim para lhe fazer companhia um momento. Parece-lhe bem?

Apontou a cadeira a modo de resposta e a observou enquanto se sentava com sua elegância habitual.

Nesse momento se escutou uma gargalhada procedente do piso inferior e lhe agradou que ela não estivesse ali.

- Certamente se alegra de poder mover-se de novo e de recuperar as forças - escutou-a dizer.

- mais do que se imagina - assegurou. - Prometo que não as incomodarei muito mais tempo. Assim que possa me mover com um pouco de agilidade e tenha um pouco de roupa, partirei para descobrir quem sou e aonde pertença.

- De verdade? - perguntou. - Esta mesma tarde estivemos falando de como podíamos ajudá-lo, mas nos ocorreu que talvez você tenha seus próprios planos. O que vai fazer? Como vai tentar averiguar sua identidade?

- Ainda devem restar militares na cidade - respondeu, - e algum membro da aristocracia inglesa. Alguém poderia me reconhecer ou recordar que me deram por desaparecido. Se não encontrar respostas em Bruxelas, arrumarei-me para ir a Haja. Ali está a embaixada britânica. Ali me ajudarão.

Ou ao menos poderão me ajudar a voltar para a Inglaterra.

- Ah, de modo que tem feito planos. - Olhou-o com esses maravilhosos olhos esverdeados.- Mas não há pressa. Não é preciso que se sinta obrigado a partir tão cedo.

Esta é sua casa durante todo o tempo que a necessite.

O desejo o assaltou de súbito e com força.

- Nem pensar - recusou. - há a possibilidade de que muita gente tenha estado me procurando e pensando o pior durante as duas semanas que levo aqui sem saber quem sou nem de onde

provenho. Embora o pior é que as retive muito tempo quando é lógico que estejam desejando partir para a Inglaterra.

- O tempo nos passou voando - assegurou ela. - foi um prazer para todas nós tê-lo aqui.

Sentirei falta de você de quando se for.

Um prazer para todas, mas seria ela quem sentiria falta dele. Não lhe escapou a pontuação.

Ele também sentiria falta dela.

Sem pensar no que fazia, estendeu a mão para ela, que a olhou em silêncio um bom momento.

Teria retirado ela se tivesse podido fazê-lo sem que fosse desconfortável. Entretanto, ela acabou aproximando-se para aceitá-la. Sua mão era cálida, de pele suave e dedos finos.

Deu-lhe um apertão.

- Buscarei-a - assegurou - e encontrarei a maneira de saldar parte da imensa dívida que contraí com você.

Embora não há modo de recompensá-la por me haver salvado a vida.

- Não me deve nada - replicou ela.

De repente, deu-se conta de que o brilho de seus olhos esverdeados era produto das lágrimas. Deveria lhe soltar a mão e mudar de assunto. Certamente havia um sem-fim de assuntos para conversar sem problemas. Possivelmente deveria lhe pedir que lhe lesse outro capítulo das aventuras do Joseph Andrews. Em troca, apertou-lhe a mão com mais força.

- Aproxime-se - disse em voz baixa.

Por um instante pareceu desconcertada, e acreditou que ia negar se... o que estaria bem considerando a tensão que reinava no ambiente. Entretanto, viu-a ficar de pé e sentar-se na borda da cama, sem soltar sua mão em nenhum momento.

Estava muito perto. O quarto pareceu ficar sem ar. De repente, captou o perfume que sempre associava com ela.

- Rosas? - perguntou-lhe.

- Gardênias. - Estava-o olhando nos olhos. - É o único perfume que utilizo. Meu pai me dava de presente isso sempre em meu aniversário.

Inspirou muito devagar.

- Gosta? - escutou-a dizer e de repente lhe ocorreu que estava paquerando com ele desse modo tão sutil. Teria planejado a cena?

- Sim - respondeu-lhe.

Observou-a lambeu o lábio superior com lenta deliberação de uma comissura a outra.

O movimento apanhou seu olhar. Tinha os lábios mais suaves e apetitosos que tinha visto na vida... Ou acreditava nisso, porque era impossível que estivesse seguro a respeito.

- Senhorita York - disse, - não deveria tê-la convidado para que se aproximasse tanto. Temo que estou a ponto de me aproveitar de sua amabilidade ao aceitar sentar-se a meu lado. Desejo beijá-la. Aconselho-lhe que retorne a sua cadeira ou que saia pela porta se me considerar impertinente ou presunçoso.

Esses encantadores olhos se abriram ainda mais. O rubor de suas faces se intensificou.

Seus lábios, ainda úmidos pelo toque da língua, entreabriram-se. Mas não se moveu.

"Fingir inocência me dá muito bem, não acha?"

Quando lhe disse essas palavras, uns dias antes, acreditou nelas ao pé da letra. Nesse momento estava completamente de acordo.

- Não o considero presunçoso - replicou tão baixo que mal era um sussurro.

Soltou-lhe a mão e ao agarrá-la pelos braços se deu conta de que tinha a pele de galinha. Esfregou-lhe os braços várias vezes e depois insistiu para inclinar-se para frente. apoiou-se em seu peito quando seus lábios se tocaram.

Beijou-a com delicadeza, acariciando-lhe os lábios até que os separou. Uma vez que o fez, lambeu-os antes de introduzir a língua para explorar seu úmido e quente interior. Mas, evidentemente, isso não era suficiente. Além disso ela não fez a menor tentativa para pôr fim ao abraço, como tinha suposto que faria. Não se afastou, nem lhe sorriu com malícia antes de partir para atender aos clientes que pagariam. Menos mal!

Deixou-se levar um pouco mais, abraçou-a com força e a atraiu para seu peito enquanto a beijava com avidez e explorava com a

língua as profundidades de sua boca.

Uma das trancinhas se escapou do coque e acabou lhe roçando a face. Era tão fascinante como em sua imaginação, e a relativa inocência do momento não desmereceu sua atrativo nem sua voluptuosa e delicada beleza.

Entretanto, era consciente de que tinha começado beijando-o como uma inocente, com os lábios fechados e um pouco franzidos, e que só os tinha separado sob a insistência de sua língua.

Era uma mulher incrivelmente excitante. A mescla dessa inocência fingida com a aberta sexualidade que transparecia era assombrosa. Dadas as circunstâncias, era um pouco incômodo estar tão excitado, embora nesse preciso momento lhe fosse igual.

Ela se separou ao cabo de uns minutos para olhá-lo com as pálpebras entreabertas e expressão interrogativa. Quando insistiu para a aproximar-se de novo beijou-a com mais ternura e devorou sua boca com deliciosa minuciosidade.

No final foi ele quem se afastou, embora lhe custasse à própria vida.

- Sinto muito - disse. - Talvez não goste muito disso quando tinha planejado ter a noite livre. Nem sequer posso pagar seus honorários, sejam seis pennies ou cem libras. Além disso, eu gosto de você e jamais me aproveitaria de sua amabilidade.

Viu algo parecido à confusão em seus olhos esverdeados e depois algo diferente.

Sem dizer nada, inclinou a cabeça para apoiar-se em seu ombro e se recostou de novo sobre ele. Seu cabelo fazia cócegas na sua face e no seu nariz.

Semelhante tolice ia custar lhe caro. Rachel York não merecia algo assim depois de tudo o que tinha feito por ele. Se sua amizade, porque tinham feito uma espécie de amizade, sobrevivia ao que ia acontecer essa noite, poderia considerar-se afortunado. Entretanto, antes de enfrentar ao mal -estar que suportava o arrependimento tinha que lutar com os desconfortos dessa noite. Tinha uma dolorosa ereção.

Não tinha nem idéia do tempo que levava sem deitar-se com uma mulher, mas lhe parecia uma eternidade e suspeitava que não lhe

valeria qualquer uma.

Por todos os demônios! Pensou. Tinha permitido que seu amor por Rachel York chegasse muito longe. talvez pela falta de atividade com a qual diminuir o tédio e seu excesso de energia.

- Não estava pensando em meus honorários - disse ela. - E não acredito que se esteja aproveitando de mim.

- Nesse caso, foi justo ao contrário - replicou com uma breve gargalhada, tentando aliviar a situação.

- Você estava se aproveitando de mim.

- Porque está fraco por causa de suas feridas? - Levantou a cabeça e, sem afastar as mãos de seu peito, olhou-o com expressão angustiada - Fiz isso ? Não era minha intenção. Irei embora agora mesmo.

Maldição! Pensou. Tinha feito mal com o comentário. Não deveria ter mencionado sua profissão. Era evidente que não estava trabalhando nesse momento. Sabia perfeitamente que não podia lhe pagar.

Impediu-a que se afastasse agarrando-a pelos braços.

- Rachel - disse, - não vá. Por favor. Só queria me assegurar de que não estava ofendendo-a... mas, de qualquer forma, acabei fazendo-o. Perdoa-me?

Assim que a viu assentir com a cabeça, colocou-lhe uma mão na nuca e voltou a puxá-la para beijá-la outra vez.

- Quer ficar comigo? - perguntou-lhe contra os lábios.

Escutou-a engolir saliva.

- Sim - lhe respondeu.

- Tem fechadura a porta? - quis saber.

- Sim.

- Pois passe a chave - lhe disse. - Assim teremos um pouco de intimidade.

- Sim - voltou a dizer ao mesmo tempo em que ficava em pé; mas, em lugar de retornar à cama depois de passar a chave, demorou-se uns instantes junto à porta, lhe dando as costas.

Caiu na conta de que estava a ponto de fazer amor a essa mulher e de que não se sentia culpado. Acabava de lhe dizer que não estava pensando em honorários, o que significava que desejava

estar com ele de verdade. Muito bem, pensou. Se desejavam na mesma medida, passariam bem enquanto estivessem juntos e se despediriam com um sorriso quando chegasse o momento.

Ambos teriam entesourado boas lembranças.

Entretanto, quando Rachel se virou e viu o intenso rubor que tingia suas faces lhe pareceu que era a moça inocente que às vezes fingia ser... e o intenso desejo que o embargava lhe pareceu ligeiramente imoral.

Capítulo 7.

Rachel compreendeu o que tinha feito e o que estava a ponto de fazer quando chegou junto à porta e passou a chave.

Tinha percebido que pensava beijá-la e não o tinha detido. Não tinha querido detê-lo. Depois, havia-lhe dito que ficasse e ela aceitou sabendo de suas intenções.

ia deitar se com ela.

E lhe havia dito que sim.

Acaso estava louca? Tinha perdido por completo o juízo? Apenas o conhecia! De fato, nem sequer sabia seu verdadeiro nome. Dentro de pouco desapareceria de sua vida, iria para sempre apesar de sua promessa de procurá-la algum dia para saldar a dívida que tinha contraído com ela.

Achava-a uma prostituta. Pensava que para ela só seria um encontro prazenteiro sem dinheiro no meio.

Ainda não era muito tarde. Ainda podia lhe dizer que não, abrir a porta e voar escada acima, para seu quarto do apartamento de cobertura.

Entretanto, tinha vinte e dois anos e sua vida tinha carecido por completo de emoções, tanto no âmbito sensual como em todos outros. Os homens que tinha tido a oportunidade de conhecer, incluindo os cavalheiros que cultivavam a amizade de lady Flatley e que a tinham acreditado uma presa fácil pelo mero fato de ser uma espécie de criada, sempre lhe tinham sido recusáveis.

E quando escolheu de forma deliberada depois de meditar bem e aceitou casar-se com o senhor Crawley, porque pensava que era diferente a todos outros, descobriu que era um rufião desalmado.

Queria fazer o que estava a ponto de fazer. Desejava-o. Desejava fazê-lo com ele, com Jonathan Smith. Não havia ilusões nem promessas. Não havia futuro. Só essa noite. Não suportava a idéia de abrir a porta e partir. Estava certa de que se o fizesse, passaria-o resto da vida felicitando-se por ter demonstrado ter bom senso e fingindo não sentir-se arrependida por não ter tido a coragem de fazer o que queria fazer.

Esse homem a atraía de forma irresistível.

Todos esses pensamentos passaram por sua cabeça rapidamente. Depois, tomou uma funda respiração e se afastou da porta. Talvez se arrependesse no dia seguinte, mas teria tempo para pensar nisso então.

O problema, admitiu enquanto o olhava e percebia que o desejo tinha mudado esse belo rosto bronzeado, era que não sabia o que fazer. Se não tivesse abandonado a cama, não teria caído na conta

de sua ignorância; mas ali estava, no outro extremo do quarto sem saber o que fazer a seguir.

Sorriu-lhe.

- Terá que me ajudar a tirar o vestido e o espartilho - lhe disse. Aproximou-se de novo da cama, sentou-se na borda de costas a ele e inclinou o peito para frente.

Ele guardou silêncio, mas sentiu que seus dedos trabalhavam muito com os botões, as forquilha e as fitas. Ela segurou o vestido e o espartilho sobre o peito quando notou que se abriam pelas costas e sentiu a fresca carícia do ar na pele nua. O toque de suas mãos nos ombros e nas costas, enquanto a despojavam do vestido, provocou-lhe um calafrio.

Nesse momento se levantou e soltou o vestido, que deslizou por seu corpo junto com o espartilho até que ambas as roupas ficaram amontoadas a seus pés. Só levava postas a

leve regata, que estava grudada ao corpo pelo espartilho, e as meias. Voltou a sentar-se na cama e foi enrolando até passá-la pelos pés. Enquanto isso, ele tirou a camisa de dormir, que acabou no chão sobre seu vestido.

Virou-se para olhá-lo. Apesar de ter estado em cama durante duas semanas, pareceu-lhe largo de ombros, musculoso e masculino. Esses penetrantes olhos negros a estavam observando por sua vez e, de repente, a desmedida paixão que vibrava entre eles lhe pareceu muito aterradora. Embora já fosse muito tarde para mudar de idéia.

Além disso, o medo ia acompanhado de uma espécie de fascinação, de uma atração entristecedora.

- Solte o cabelo - escutou-o dizer. Mas antes que tivesse erguido os braços, lhe imobilizou as mãos. - Não, deixe que eu o solte.

Geraldine a tinha ajudado a recolhê-lo quando subiu a sua habitação para conversar um pouco antes que começasse a farra noturna; nada mais a fazer, pegou a escova sem lhe pedir nem sequer permissão. A criação era toda uma obra de arte, e lhe tinha encantado porque queria estar bonita quando descesse para fazer uma visita ao Jonathan.

Ele passou o tempo lhe tirando as forquilhas e desfazendo as tranças. Seus rostos estavam muito juntos, já que tinha inclinado a cabeça para frente para lhe facilitar o trabalho, e à medida que seu cabelo ficava solto ia ocultando-a como uma cortina. A tarefa foi interrompida algumas vezes porque Jonathan a aproximou para beijá-la com muita ternura. Nas pálpebras, no nariz e nos lábios. Sentia uma espécie de tensão nos seios que era quase dolorosa. Também sofria uma sensação palpitante no abdômen e entre as coxas, que reconheceu imediatamente como o efeito físico do desejo sexual.

Tudo era terrivelmente imoral, pensou. Mas também incrivelmente erótico. Como não lhe soltasse logo o cabelo, acabaria explodindo em chamas.

- Receio... - escutou-o dizer por fim enquanto lhe desenredava as longas mechas com os dedos e puxava ela para voltar a beijá-la nos lábios, - que a ferida da perna me impede de me mover como eu gostaria. Vai ter que se pôr em cima e fazer a maior parte do trabalho. Levante um momento.

Quando o fez, viu-o afastar a roupa para que se metesse na cama com ele. Os joelhos se afrouxaram nesse instante e estiveram a ponto de delatar seu nervosismo. Quase se esqueceu de respirar.

Colocou um joelho no colchão e, justo então, ele agarrou a bainha de sua regata com ambas as mãos. Ergueu os braços para ajudá-lo a passá-la pela cabeça e o traje acabou no chão com o resto da roupa.

Era muito consciente da vela acesa na mesinha de noite, junto à cama.

Jonathan a estava observando com os olhos entrecerrados e os lábios franzidos.

- Em solidariedade com o resto das mulheres - disse, - deveria ter algum defeito físico. Mas se o tem, não o encontro. Venha.

Tinha vinte e dois anos e não ignorava por completo o que ia acontecer. Entretanto, ele esperaria um esbanjamento de experiência. Recordou que lhe havia dito que gostava de fingir uma pudica inocência.

- Deve me instruir - lhe disse. - Sou nova nisto, não o recorda?

Escutou-o rir entre dentes.

- Sente-se escarranchada sobre mim - respondeu - e lhe darei toda uma lição em lides amorosos, embora suponha que acabarei sendo um aluno mais que um instrutor.

Nesse momento agradeceu que tivesse a coxa enfaixada. O fato de ter que ficar sobre ele com cuidado para não lhe fazer mal sem querer aliviou o desconforto e o intenso constrangimento que teria sentido em outras circunstâncias ao colocar-se em semelhante postura. Sentia o calor de seu corpo na face interna das coxas.

Invadiu-a uma espécie de debilidade que subiu até a garganta, criando a sua passagem uma sensação dolorosa. Apoiou as mãos nesses largos ombros e se inclinou para diante sem afastar o olhar de seus olhos.

Jonathan tomou as rédeas nesse instante e, depois de lhe colocar uma mão na nuca, puxou-a para beijá-la de novo com frenesi. Sentiu o toque de sua língua no interior da boca e a carícia fez com que seu corpo se visse consumido por uma série de desejos que jamais teria imaginado.

A partir desse momento não houve lugar de seu corpo que ficasse sem suas carícias. Tocou-a com as Palmas das mãos, com os dedos, com as pontas dos dedos, com os polegares, com os lábios, com a língua e com os dentes. Tocou-a de forma que ela nem sequer conhecia. Beijou-lhe os seios, umedeceu-lhe os mamilos com a língua, mordiscou-os com suavidade e os chupou até que estivessem endurecidos e insuportavelmente sensíveis. Colocou-lhe uma mão nesse lugar tão íntimo de seu corpo que parecia palpitar e a deixou à beira da loucura quando seus dedos começaram a indagar, a explorar, a acariciar, a arranhá-la com delicadeza... e a afundar-se em seu interior.

Primeiro um e depois dois. Notou que estava úmida e que uns músculos cuja existência desconhecia até esse momento se esticavam com força em torno deles.

Entretanto, não assumiu uma postura passiva enquanto ele a instruía nos preliminares. Suas mãos exploraram esse corpo com prazer, deleitando-se com sua firme masculinidade e detendo-se por puro instinto para acariciar as zonas mais sensíveis. Como lhe tinha

chupado os mamilos, inclinou a cabeça e lhe lambeu um, lhe arrancando um ofego e uma exclamação. Ergueu a cabeça e o olhou com um sorriso.

- Gostou?

- Bruxa! - respondeu.

inclinou-se de novo, mas para o outro mamilo.

- Se continuar assim - advertiu ele, - acredito que vou acabar antes de estar dentro de ti.

Apesar de tudo, não esperou que ela tomasse a iniciativa. Aferrou-a pelos quadris e insistiu para ela mudar de postura até que sentiu o toque de sua dura masculinidade nesse lugar que palpitava dolorosamente por causa do intenso desejo. Guiou-a ainda mais abaixo e notou que a penetrava.

Sentiu-o afundar-se nela e a incômoda invasão alcançou um ponto doloroso depois do qual o notou mais para dentro do que jamais teria imaginado.

Sua mente demorou uns instantes em voltar a funcionar com normalidade. A impressão física da perda da virgindade anulou todos seus pensamentos. mordeu o lábio inferior quando o escutou amaldiçoar entre dentes:

- Por todos os...!

Nenhum dos dois se moveu durante uns minutos. Mas depois Jonathan começou a lhe fazer coisas que voltaram a deixá-la meio enjoada pela impressão. Ergueu-lhe os quadris sem permitir que seu membro saísse dela e continuou repetindo o movimento cada vez mais depressa, uma e outra vez até que suas mãos a aferraram com força e a imobilizaram. Nesse momento notou algo quente em seu interior e compreendeu que tudo tinha acabado.

Sentiu uma estranha desilusão. Apesar do crescente prazer que a experiência lhe tinha reportado ao princípio, tudo tinha acabado muito rápido. O ato em si lhe parecia quase anticlimático.

Mesmo assim, não se arrependeria no dia seguinte. Nem pensar. Tinha-o feito porque o desejava e ponto. E se a última parte não tinha sido deslumbrante, era culpa dela. De qualquer forma, tinha sido agradável explorar sua feminilidade livremente e deitar-se com

um homem por quem tinha experimentado uma crescente atração durante essas duas últimas semanas.

Apoiou a fronte em seu ombro enquanto recuperava o fôlego. Tomara não o tivesse decepcionado muito.

- Estou em brasas por escutar a explicação que vai oferecer me, senhorita York - o escutou ele dizer com uma voz que lhe foi surpreendente por sua tranquilidade, - mas lhe peço que me desculpe porque agora mesmo estou muito cansado para escutá-la.

Fechou os olhos com força. Que humilhante! Não o tinha enganado nem um pouco.

A dor pulsante da perna era insuportável.

Passou por cima e se concentrou na irritação. Tinha cedido à tentação de passar uma noite com uma mulher que tinha acreditado experimentada e, em troca, tinha acabado deflorando a uma virgem.

Deveria ter feito caso a seu instinto, disse-se, embora já fosse muito tarde. Em sua mente sempre tinha sido uma dama. Até esse momento sempre a tinha chamado senhorita York. Por que demônios o tinha permitido ela?

Pelo amor de Deus, sentia-se como um violador!

De qualquer forma, não deveria ter cedido à tentação mesmo se ela fosse uma prostituta com vinte anos de experiência a suas costas. Tinha-lhe salvado a vida. Tinha cuidado dele sem descanso e ele lhe agradecia desejando-a e deitando-se com ela... Deflorando-a...

Mas não foi à força, pelo amor de Deus! recordou-se.

Ela poderia tê-lo detido em qualquer momento, quando tivesse querido.

Estava aborrecido com ela, mas muito mais aborrecido consigo mesmo. Pelo amor de Deus!

Nem sequer tinha tentado para que a experiência sexual lhe fosse prazenteira. E tudo porque a surpresa o havia comocionado...

Ela se tinha afastado e tinha abandonado a cama pouco depois de lhe falar. Depois de agarrar sua roupa, tinha cruzado o aposento em busca do amparo do biombo colocado em um canto.

Uma demonstração de pudor absurda dava conta do que acabavam de fazer.

Apesar do risco de piorar a dor da perna, aproximou-se da borda da cama e esticou o braço em busca da camisa de dormir, que não demorou para vestir. Entrelaçou os dedos sob a cabeça, cravou a vista no simples dossel da cama e esperou.

Ao cabo de um momento a viu sair detrás do biombo nas pontas dos pés; talvez com a esperança de que ficara adormecido. Tinha esquecido das forquilhas. Afastou o cabelo do rosto segurando-o atrás das orelhas, mas os gloriosos cachos dourados caíam enredados por suas costas.

Estava mais espantoso que nunca, concluiu muito a seu pesar.

- Achei que estaria dormindo - disse depois de lhe lançar um olhar fugaz.

- Ah, sim? - perguntou. - Sente-se, senhorita York, e me explique o que significa tudo isto.

Sentou-se na cadeira e o olhou nos olhos.

- por que não me disse isso? - perguntou-lhe. - Se sentiu coagida? Disse ou feito algo que a tenha induzido a sentir-se obrigada?

Percebeu que um intenso rubor lhe cobria as faces enquanto mordida o lábio inferior.

Tinha as mãos unidas no regaço e baixou a vista uns instantes. Continuou observando-a em silencio com algo parecido ao desprezo. Talvez não devesse importar que fosse uma prostituta ou uma virgem, mas importava. Muitíssimo. Ele não era (e estava convencidíssimo) dos que iam por aí deflorando virgens. Queria isso dizer que costumava ir a bordéis? Não sabia, mas esperava que não.

Pelo amor de Deus, eram todas mulheres! Eram pessoas! Pensou em Geraldine e nas demais. Sim, eram pessoas.

- Senhor Smith - disse ela por fim, - lhe ocorreu pensar que sempre há uma primeira vez para toda mulher?

- Recordo-lhe que para uma mulher respeitável - replicou, - para uma dama, essa primeira vez deveria ser no tálamo nupcial. Nem sequer posso lhe oferecer matrimônio. dá-se conta? Talvez esteja casado!

Viu-a morder o lábio de novo, mas o gesto já tinha perdido o encanto a essas alturas.

- Não me casaria com você embora fosse livre como um pássaro - lhe assegurou ela - e me pedisse isso de joelhos com um bonito discurso. Não sou tola, senhor Smith, embora fosse virgem até a uns minutos. Fiz isso pelo mesmo motivo que você. Porque queria fazê-lo, porque me sentia atraída por você. Minha virgindade não muda as coisas, mas seu aborrecimento empanou o que deveria ter sido uma lembrança agradável. por que está zangado? Tanto o decepcionei? Porque eu me senti decepcionada, que saiba isso.

Olhou-a encantado e, muito a seu pesar, sentiu o indício de um sorriso nos lábios.

- Não! Decepcionei-a? - perguntou-lhe. - Admito que me comportei como um colegial inexperiente, é verdade. Pegou-me totalmente despreparado.

Ela o olhou com expressão obstinada.

- Estou desejando escutar sua história - prosseguiu, - senhorita York. É uma dama e era virgem até agora e, entretanto, vive em um bordel com quatro prostitutas à quem professa tal carinho que inclusive afirma ser uma delas para não dar a impressão de que se acha moralmente superior. Talvez agora inclusive ache ser uma delas. Quanto tempo está aqui?

- Desde quinze de junho - respondeu. - Desde o dia da batalha de Waterloo.

- Desde o mesmo dia que eu cheguei? - perguntou de novo, olhando-a com os olhos entrecerrados.

- Desde o dia anterior - respondeu. - Mas estivemos acordadas toda a noite e nem sequer cheguei a dormir neste quarto.

A dor da perna era tão insuportável que mudou de postura em um esforço para aliviá-la. Deveria lhe pedir que o deixasse sozinho. Certamente ela estava desejando partir. Por Deus bendito, tinha-a decepcionado! Uns minutos antes ardia em desejos de perdê-la de vista. Entretanto, suas vivencias no bordel tinham sido muito peculiares até esse momento, e suspeitava que o seriam ainda mais se escutasse a história da senhorita York. Além disso, sabia que não ia pregar olho embora o deixasse sozinho.

- O que a trouxe para este lugar? - quis saber. - Poderia me contar os detalhes?

Ela voltou a cravar o olhar em suas mãos.

- Minha mãe morreu quando eu tinha seis anos - começou. - Meu pai contratou a uma babá para que me cuidasse. chamava-se Bridget Clover e se converteu em uma segunda mãe para mim, e embora devia ser muito jovem naquela época, coisa que compreendi recentemente. Queria-a muitíssimo. Mal tinha relação com outros meninos ou com outros adultos. Vivíamos em Londres e meu pai quase nunca estava em casa. Fiquei destroçada quando Bridget teve que partir. Tinha doze anos naquele momento. Segundo meu pai, já não necessitava de nenhuma babá, mas sabia que só era uma desculpa. Já não podia lhe pagar um salário. Sempre estava ganhando e perdendo grandes somas de dinheiro nas mesas de jogo, e naquela época passava por uma má fase bastante prolongada. Passaram dez anos até que voltei a ver a Bridget... em uma rua de Bruxelas, faz uns dois meses.

- Devia ter sido uma surpresa - disse.

- Diz isso por sua aparência? - perguntou ela. - Certo que tingiu o cabelo de um vermelho intenso e que ia vestida de forma um tanto chamativa, mas não ia maquiada. O caso é que a reconheci imediatamente e nem sequer me dei conta de que tinha mudado seu aspecto. Era minha querida Bridget, nada mais.

Observou como retorcia as mãos no regaço.

- Quando se quer muito a alguém - continuou, - perde-se a objetividade. vê-se com o coração. Naquele momento me perguntei por que evitava minhas perguntas sobre o que estava fazendo aqui e sobre seu lugar de trabalho. Perguntei-me por que não deixava de olhar a outros transeuntes como se estivesse envergonhada e desejasse afastar-se de mim imediatamente. Senti-me muito doída.

- Mas você não se deixa intimidar tão facilmente, não é? - perguntou-lhe.

- Não - respondeu com um suspiro. - Teria sido melhor para Bridget e para as demais que tivesse erguido o nariz no ar toda indignada quando descobri a verdade, coisa que fiz em questão de minutos, e lhe tivesse dado as costas. Não lhe fiz nenhum favor ao

insistir em vir de visita. Embora só me permitiu isso quando lhe contei que eu também tinha um emprego como dama de companhia de lady Flatley, que me sentia sozinha e que tinha saudades da Inglaterra. Meu pai morreu faz um ano e a única coisa que me deixou foram dívidas.

- Assim começou a vir ao bordel para vê-la - afirmou. Grande inocência a sua. Embora também se comportasse com valentia, admitiu, ao reger-se por seus princípios em lugar de seguir as convenções sociais.

- Sim - confirmou ela ao mesmo tempo em que erguia o olhar e sorria pelas lembranças. - A primeira tarde que vim estavam todas reunidas na saleta de estar, vestidas de forma quase respeitável, e fizeram demonstração de seu melhor comportamento. Tive carinho por elas imediatamente. Eram... nem sequer estou segura da palavra que procuro. Eram sinceras. Eram pessoas genuínas, não como lady Flatley e suas esticadas amizades.

Esperou que continuasse e descrevesse os acontecimentos que a levaram a viver no bordel.

- Conheci reverendo Nigel Crawley em casa de lady Flatley - prosseguiu. - Costumava ir freqüentemente, umas vezes só e outras vezes com sua irmã. Era um homem encantador que

tinha a todas as damas no bolso. Não ocupava nenhuma paróquia na Inglaterra porque, segundo ele,

queria liberdade para dedicar-se em corpo e alma a suas obras de caridade e à arrecadação de dinheiro para causas nobres. Veio a Bruxelas porque acreditou que poderia oferecer consolo aos milhares de homens que enfrentariam à morte na batalha.

- Mas cada regimento tem seu capelão - assinalou ele.

- Sei - afirmou, - mas ele aduzia que dedicavam todo seu tempo aos oficiais, descuidando desse modo das necessidades dos soldados.

- Suponho que se apaixonou por ele imediatamente - aventurou com um tom zombador. - Era bonito?

- Muito bonito! - exclamou ela. - Alto, loiro e com um sorriso maravilhoso. Mas a princípio só o admirava à distância. De fato, ele

nem sequer reparou em mim. Tenha em conta que eu era pouco mais que uma criada.

Possivelmente, pensou ele com ironia, foi mais porque carecia de dinheiro para encher as arcas do piedoso reverendo.

- Começo a pensar que o reverendo não era o que parecia, estou certo? - perguntou.

Ela franziu o cenho.

- Quando por fim se fixou em mim - seguiu - e começou a me cortejar, achei-o irresistível. Não por seu físico ou porque me apaixonasse por ele, mas sim pela paixão com a que abraçava sua fé e seu trabalho. E porque era um homem virtuoso, sensato, generoso e responsável. Não conheci a muitos homens em minha vida e naquele momento fiquei deslumbrada. A senhorita Crawley se converteu também em minha amiga.

- Isto começa a prestar, definitivamente - replicou. - Embora suponha que foi seu físico o que o atraiu, já que não o fez sua fortuna. Suponho que será você pobre, não?

Percebeu o rubor que lhe cobria as faces, mas não captou nada mais porque voltou a cravar a vista no regaço.

- Começou a falar comigo cada vez que ia de visita a casa de lady Flatley - disse.

- Me acompanhava para dar passeios quando dispunha de uma hora livre. A senhorita Crawley me convidou para tomar o chá... Tudo parece que passou faz séculos! Que inocente fui, Por Deus. Quando me propôs matrimônio, aceitei sem titubear. Talvez me conquistou o dia que nos topamos com a Geraldine e Bridget durante um de nossos passeios e me pediu que as apresentasse, embora deve lhe ter sido óbvio o que eram. Esteve conversando amavelmente com elas e em um dado momento, ainda não sei nem como passou, convidaram-nos a tomar o chá aqui no bordel.

O teor de seu silêncio e o modo como engoliu seco em algumas vezes, o relato devia lhe ser doloroso. Esperou que continuasse enquanto tentava colocar a perna em uma postura um pouco mais cômoda. Viu-a entrecruzar os dedos para dentro e logo unir as mãos com força.

- Era muito habilidoso na hora de surrupiar informação a todo mundo - disse. - Sem me dar conta, falei-lhe sobre minha herança antes que começasse sequer a me cortejar a sério.

E não recordo se foi Geraldine ou Bridget quem lhe falou sobre seu sonho de economizar o suficiente para comprar uma casa de hóspedes na Inglaterra e assim poder abandonar sua profissão. Acredito que inclusive chegaram a lhe dizer que já estavam a ponto de conseguir a quantia necessária, mas que não confiavam nos bancos para guardar o dinheiro.

Se era uma herdeira, pensou surpreso, por que demônios se pôs a trabalhar como dama de companhia e depois tinha acabado vivendo em um bordel? Apesar da curiosidade, não pensava interrompê-la com suas perguntas.

- Senti-me ridiculamente agradecida porque tratava a minhas amigas com tanto respeito e amabilidade - prosseguiu ela.

- E levou todo seu dinheiro? - perguntou, torcendo o gesto. - Deve ser muito preparado, sim.

As prostitutas não costumam deixar-se fraudar de qualquer jeito.

- Foi muito amável e muito amistoso com elas - aduziu. - Um dia chegou a dizer inclusive que sentia especial admiração pelas prostitutas porque nosso Senhor Jesus Cristo as tratou com respeito. Convinceu-as de que o fato de estar em um país estrangeiro em tempos tão revoltos as convertia em presas fáceis para os ladrões. Convinceu-as para que lhe confiassem o dinheiro porque estava a ponto de partir da Bélgica. Prometeu-lhes levá-lo a Londres e depositá-lo em um banco, onde depositaria seus interesses.

- Pobrezinhas - disse com sinceridade. A essas alturas tinha tomado carinho a todas.

- E assim partiu - prosseguiu ela, - com o dinheiro economizado durante anos de duro trabalho. E também com as generosas doações que fizeram lady Flatley e a metade das damas de Bruxelas para suas obras de caridade. Lady Flatley estava a ponto de partir também a Inglaterra, mas se ofendeu quando lhe disse que ia casar me com o senhor Crawley, que me despediu sem mais.

Parti com os Crawley. íamos casar nos na Inglaterra para poder reclamar a herança a meu tio.

Mas então os escutei por acaso enquanto esperávamos termos passagens livres para a Inglaterra. supunha-se que ia ficar em meu quarto para escrever uma carta de despedida ao Bridget, mas decidi ir ao refeitório da estalagem para tomar o café da manhã. Estavam rindo-se a gargalhadas enquanto planejavam o que fazer com o dinheiro. Não se pareciam em nada às duas pessoas que eu conhecia.

Continuou com a vista cravada nas mãos uns instantes e a viu franzir o cenho, coisa que o levou a perguntar-se se seria capaz de seguir com o relato. Por fim, olhou-o com expressão ausente e preocupada.

- Encarei-os imediatamente - confessou. - Nem sequer me ocorreu fingir. Exigi-lhes que me devolvessem o dinheiro de minhas amigas e também o meu, já que o tinha dado ao senhor Crawley para que o guardasse durante a viagem embora não fosse uma soma considerável.

Mas ambos defenderam sua inocência e tentaram me convencer de que tinham estado brincando. Voei escada acima em busca do dinheiro, mas eles me seguiram. Evidentemente não o encontrei em nenhum de seus quartos. De qualquer forma sabia que ele não me deixaria levar E se ia em busca de um oficial, o que podia lhe dizer? Flossie lhe tinha dado o dinheiro por própria vontade e com o beneplácito das demais. Eu lhe tinha entregue voluntariamente o meu. Era sua noiva!

Nesse momento recordei que levava pistolas para o caso de nos encontrarmos com algum ladrão ou com algum salteador de caminhos, e me deixei vencer pelo medo. Desculpei-me por minhas absurdas dúvidas e voltei para meu quarto que, graças a Deus, estava no piso de baixo. Escapei pela janela e voltei até aqui para contar à Bridget e às demais que as tinham enganado e que eu tinha sido, sem querer, a responsável por tudo.

- Isso requereu muita coragem - assegurou.

Ela continuou olhando-o com expressão ausente.

- Não me fizeram nem uma só recriminação por minha participação no roubo - prosseguiu.

- Soltaram pestes e destrambelharam contra ele e contra a maldade que tinha cometido, mas Bridget se limitou a me abraçar com força e a chorar. Preocupava-lhe mais a possibilidade de que o engano de que tinha sido vítima me tivesse destruído.

- E foi assim? - quis saber.

- Talvez destruiu a pouca confiança que tinha nos homens - respondeu ela, encurvando os ombros, - e isso sim foi doloroso. Mas meus sentimentos apenas se ressentiram. Tinha aceitado me casar por motivos que tinham bem pouco de românticos. Agora só sinto vergonha e incredulidade por ter sido incapaz de ver além de seu disfarce.

- Não deveria ser tão dura consigo mesma - lhe aconselhou. - Flossie, Geraldine e as demais tampouco suspeitaram de sua verdadeira natureza e som mulheres de mundo muito experimentadas.

Embora suponha que se sente em dívida com elas pelo dinheiro que seu antigo noivo lhes roubou.

- Sim - afirmou, assentindo com a cabeça. - Mas pouco posso fazer para ajudá-las.

Nosso primeiro plano para reunir dinheiro e lhe dar caça fracassou quando o encontrei a você. Nesse mesmo dia. Flossie e Geraldine encontraram o corpo de um pobre moço a quem estavam roubando. - ruborizou-se e se mordeu o lábio. - Tínhamos ido ao bosque do Soignes em busca de algum objeto valioso que pudesse ter ficado depois da batalha, mas voltamos com as mãos vazias.

- Não! - Foi incapaz de conter as gargalhadas. - Já imagino. Três mulheres partindo com resolução ao campo de batalha para roubar aos mortos e uma vez ali descobrem que são incapazes de fazê-lo. Assim em lugar de algum tesouro, encontrou você meu corpo nu. Pobre senhorita York...

- Mas prefiro tê-lo encontrado! - assegurou-lhe ela, envergonhada.

- Obrigado - replicou com um sorriso. Mas recuperou a seriedade ao recordar o motivo porque estava despenteada. Maldição! Não

deveria ter acontecido. Que inseto lhe tinha picado? Claro que era uma pergunta retórica porque a resposta saltava à vista: a luxúria.

- Tomara pudesse voltar atrás e mudar as coisas - disse ela com veemência. - Tomara pudesse lhes devolver seu sonho. Mas não posso. Não herdarei minhas jóias até que cumpra os vinte e cinco.

Três anos é muito tempo de espera. Poderia consegui-las antes, claro, mas para isso teria que me casar com o consentimento de meu tio, e não acredito que isso aconteça. Demorarei muitíssimo em voltar a confiar em outro homem.

- Arre! - exclamou. - Por fim entendo as intenções do Crawley. Suponho que lhe falou das condições para tomar posse de sua herança, não é?

- Sim - respondeu, olhando-o com expressão carrancuda. - Fui uma boazinha e uma idiota, não?

- Certamente - concordou ele enquanto voltava a mudar de postura.

- encontra-se mau? - disse ela, e sua expressão se tornou preocupada.

- Estou um pouco desconfortável - admitiu. - Suponho que o exercício que tenho feito não é muito adequado para minha condição atual. Poderia dizer-se que me tenho bem castigado.

- Dói-lhe a perna? - perguntou-lhe ao mesmo tempo em que ficava em pé de um salto. - Irei em busca de água para lhe limpar a ferida e a cobrirei com mais unguento e ataduras limpas. me deixe ver. Está sangrando?

Entretanto, ergueu a mão para detê-la antes que se aproximasse da cama.

- Acredito que seria melhor para meu equilíbrio mental que se mantivesse a certa distância, senhorita York - lhe disse. - Pois ambos estamos de acordo em que o que aconteceu esta noite foi um engano garrafal, e como parece que nos decepcionamos mutuamente, seria muito melhor que evitássemos a possibilidade de uma repetição.

Ela o olhou com os olhos como pratos uns instantes enquanto se ruborizava ao máximo.

Em seguida deu meia volta e se aproximou da porta com tal rapidez que seus movimentos foram desajeitados e lhe custou trabalho girar a chave na fechadura. Uma vez aberta, saiu do quarto como se a levasse o diabo e fechou a porta atrás de si sem olhar.

Maldição! pensou. O discurso não tinha sido precisamente cavalheiresco. Acabava de dizer a uma dama depois de sua primeira experiência sexual que tinha cometido um engano garrafal e que o tinha decepcionado.

Teria que arrastar-se para que o perdoasse no dia seguinte.

Nem sequer queria pensar no dia seguinte...

Capítulo 8.

Se não despertou em pleno ataque de pânico, tentando sair da cama antes de recordar que não podia fazê-lo, teria pensado que não tinha pregado olho em toda a noite.

Tinha que chegar à Porta do Namur. Ela o estava esperando e a possibilidade de que estivesse em perigo era aterradora.

A dor teve um duplo efeito, já que serviu para limpá-lo por completo e para cortar o sonho pela raiz... se acaso se tratava de um sonho. ficou estendido muito quieto, com uma mão sobre a palpitante ferida da coxa e a outra aferrando o lençol, enquanto fazia um desesperado esforço para recordar.

Quem o estava esperando? por que? A que perigo enfrentava? Era só um sonho? Ou era uma lembrança? Desistiu de seu esforço uns minutos depois e experimentou pela enésima vez resolver o quebra-cabeça do que lhe tinha acontecido antes de recuperar a consciência nessa casa. estava-se afastando a cavalo da batalha do Waterloo em direção a Bruxelas. Ou, ao menos, essa era a direção que devia supor que levava, já que o normal era pensar que foi ferido na batalha. Havia uma carta. E também havia uma mulher que o esperava às portas da cidade.

Entretanto, e por mais que o tentasse (e o tentou com tanto afinco que acabou com dor de cabeça e a fronte empapada de suor), foi incapaz de recordar algo mais. Para cúmulo, não parecia haver

relação entre os detalhes fragmentados que bem podiam ser lembranças reais, ou meros sonhos.

Se tinha tomado parte na batalha do Waterloo, por que ia ao norte para encontrar-se com uma mulher?

E por que era tão importante a carta que levava? Tinha-a enviado ela para lhe pedir que a protegesse de algum perigo? Mas em meio a uma batalha? Não, não tinha nenhum sentido. Foi um alívio escutar que batiam na porta, embora virou a cabeça com certo receio, temendo que fosse Rachel York. Ainda não estava preparado para voltar a vê-la. Entretanto, tratava-se do sargento Strickland, que entrou com a navalha de barbear na mão, umas muletas sob o braço e um enorme sorriso no rosto apesar das bandagens que continuavam lhe cobrindo uma parte do rosto.

- Hoje poderá levantar-se, senhor - anunciou depois de saudá-lo alegremente. Deixou os utensílios de barbear em uma mesinha e soltou as muletas aos pés da cama. - Com certeza isso o animará.

Darei uma mão depois.

- me animarei muito mais quando tiver roupa - lhe assegurou. - Levo muito tempo inválido e dependendo de outros. Estou ansioso por me levantar. Preciso descobrir quem sou e retomar minha vida.

- Se não se importar, senhor - prosseguiu Strickland, - vou barbeá-lo hoje. Já me estou acostumando a ver com um só olho.

Olhou-o com expressão interrogativa.

- Sua ambição de converter-se em criado de quarto é real, não é? - perguntou-lhe.

- Tenho que buscar uma ocupação - respondeu o sargento enquanto passava sabão

no pincel de barbear. - fui soldado toda minha vida. Era um girino quando me alistei. Ou isso ou me convertia em ladrão e acabava na forca. Nunca me chamou a atenção o roubar... e a forca muito menos. Mas agora tenho que procurar outro emprego. por que não o de criado de quarto? Estou a seis anos obedecendo ordens de aristocratas e fazendo com exatidão, desde que me nomearam sargento. Para vesti-lo, barbeá-lo e lhe preparar a roupa não me fazem falta os dois olhos, com um me basta.

- Seguimos tendo o problema de minha absoluta pobreza - lhe recordou. De qualquer forma, deixou que o sargento lhe ensaboasse o rosto e fez à idéia de que iam fatiar lhe o pescoço.

- Tenho dinheiro, senhor - replicou Strickland. - Suponho que não muito do ponto de vista de um cavalheiro, mas sim o suficiente para durar durante um tempo. Mais que o dinheiro, o que preciso é me sentir útil, sentir que tenho um lugar no mundo, ao menos até que me centre.

- Compreendo perfeitamente como se sente - respondeu com certa tristeza. - Mas poderia buscar a alguém melhor. Nem sequer estamos seguros de que seja um cavalheiro...

- É obvio que sim - lhe assegurou o sargento. - Não o duvide nem por um instante, senhor. Conheci a cavalheiros e a outros homens que não o são, e também a alguns que fingiam sê-lo. Você é dos primeiros, não tenha a menor duvida. O que não sei é quem é, porque não estava em meu regimento e não o tinha visto até que o encontramos no bosque. Mas sim sei o que é.

Ficou muito quieto enquanto a navalha fazia seu trabalho e o rosto do sargento, enfaixado e cheio de equimoses, abatia-se sobre o seu com o cenho franzido pela concentração.

- Não tem medo, Strickland? - perguntou.

- Deveria ser você que tivesse agora mesmo - respondeu com um enorme sorriso que deixou ao descoberto uns dentes grandes e bastante separados. - É a primeira vez que barbeio a outro homem. E só tenho um olho para ver se o estou fazendo bem.

- Refiro-me ao medo de ter perdido seu modo de vida assim de repente - lhe explicou - e ver-se obrigado a buscar outro caminho.

O sargento se endireitou depois de lhe haver barbeado meio rosto.

- Medo? - repetiu. - Nunca tive medo na vida, senhor. Bom, ao menos nunca o chamei assim. Soa muito pouco viril, não acha? Mas possivelmente não seja tanto o medo como o que fazemos com ele, não? Possivelmente o tenha em ocasiões, mas não tem sentido deixar-se levar por ele, não é? Há todo um mundo à margem do exército. E eu vou averiguar o que me pode proporcionar esse mundo. Talvez eu goste mais que o que vivi até agora. Ou talvez

não. Mas se eu não gostar, procurarei outra coisa. Nada vai deter me salvo a morte, mas chegará quando ela queira, com independência do que eu faça. - inclinou-se para ele para atacar a outra metade do rosto.

- Se lhe disser a verdade, ter medo não é uma covardia. É o que sempre dizia a meus meninos antes de entrar em combate, sobretudo aos recrutas recém chegados da Inglaterra que acabavam de deixar as saias de suas mães. Se jamais tivéssemos medo, senhor, não descobriríamos nunca da massa que somos feitos nem do que somos capazes. Não melhoraríamos como pessoas. Talvez seja isso o que você descubra; a massa da que é feito e o que é capaz de fazer. E quando por fim recorde quem é, talvez descubra que se converteu em um homem melhor que o que era. Talvez fosse um homem que não chegou a amadurecer quando deixou atrás a infância, ou pode ser que necessitasse de algo drástico como uma perda de memória para sair do poço onde estava metido. Sem ânimo de ofender, senhor. Às vezes a língua me perde.

- Está na cara que você é um filósofo, Strickland - lhe disse. - Me pergunto se terei a força de vontade para não defraudá-lo e levar a cabo tudo o que espera de mim. Fez-me algum corte?

- Nenhum só- respondeu o sargento, endireitando-se de novo para contemplar seu trabalho antes de lhe tirar o sabão do rosto com uma toalha limpa. - Supus que já tinha perdido sangue para todo um mês.

- Obrigado - murmurou ao mesmo tempo em que passava uma mão pelo queixo, suave uma vez mais, e refletia sobre as palavras do sargento. É obvio, estava morto de medo, embora lhe parecesse constrangedor admiti-lo. Possivelmente o seu fosse um dos piores destinos: perder-se e carecer por completo das lembranças entesouradas durante uma vida de vinte e tantos anos. Teria a coragem e a vontade necessárias para criar uma nova identidade e uma nova vida talvez melhores que as anteriores?

Não obstante, nem sequer o sargento era tão valente como suas palavras sugeriam. Seguia no bordel apesar de ter liberdade de movimentos, mas poderia ter partido em qualquer momento, e com

tal não enfrentava Sozinho ao mundo e estava disposto a atar-se a um homem que não tinha nem um penny para lhe pagar.

Enfrentar-se sozinho ao mundo... Era uma idéia aterradora. Embora estava impaciente por deixar o bordel, de repente se deu conta de que também morria de vontade de ficar ali, de encontrar qualquer desculpa que atrasasse o inevitável momento.

O sargento Strickland estava levando tempo para limpar o pincel e a navalha na bacia.

- Gosto das damas, senhor - disse sem olhá-lo no rosto e depois de pigarrear. - Ontem à noite estive vigiando a porta para que pudessem atender a seus clientes com a tranqüilidade se soubesse seguras se algum dos cavalheiros ficava difícil. Não me importa o que fazem para ganhar os feijões. Mas me pergunto por que vive com elas a senhorita York. Não é uma delas. Não é verdade?

Olhou ao sargento com os olhos entrecerrados.

- Conforme soube - respondeu, - é uma dama.

- Já sabia, senhor - replicou Strickland. - Desde o primeiro momento que a vi, gritando que você era seu homem e que estava ferido gravemente, soube que era uma dama. Mas sempre existe o risco de que seu nome fique manchado por viver em um bordel. Não queremos lhe dificultar as coisas, não é, senhor? Seguro que sabe a que me refiro. O que quer que faça com estas forquilhas?

Eu não gostaria que as outras damas as vissem quando lhe trouxessem o café da manhã e fizessem uma idéia equivocada.

De repente se sentiu como um soldado raso a quem seu sargento acabava de pôr em seu lugar com uma sutil embora inconfundível reprimenda. Horror, esqueceram das forquilhas! Pensou. Oxalá tudo tivesse sido um sonho. Mas a presença das forquilhas era uma prova irrefutável de que não era assim.

- Recolha-as, sargento, se for amável - disse - e guarde-as na primeira gaveta da cômoda. Sofreu uma dor de cabeça ontem à noite enquanto me fazia companhia e tirou as forquilhas para aliviá-la um pouco.

Que desculpa mais ridícula!

- Certamente, senhor - replicou o sargento com cordialidade enquanto recolhia as forquilhas.

- Protegeria com minha vida à dama se alguém tentasse lhe fazer mal... ao igual a faria você, estou muito certo. Jamais a esquecerei enquanto chorava sobre seu corpo depois de que confessara que não era seu homem. A dama tem um coração de ouro, senhor.

- Sou muito consciente de que lhe devo a vida, sargento, e muitíssimo mais que isso - lhe assegurou.

O sargento Strickland não insistiu mais. Recolheu os utensílios de barbear e partiu.

Sem esperar sequer que chegasse o café da manhã, afastou os lençóis, passou as pernas pela borda da cama com muito cuidado e agarrou as muletas. Sentia-se inquieto, fraco, irritável e culpado... e decididamente imoral. Ao menos podia fazer algo para remediar as duas primeiras aflições. E as outras? Ia ter que engenhar-lhe para fazer as pazes com Rachel York, mas tinha a impressão de que não bastaria uma simples desculpa.

Teria que pensar em algo. colocou as muletas sob os braços e se ergueu, apoiando todo o peso na perna direita.

Rachel se manteve ocupada na cozinha grande parte da manhã, ajudando ao Phyllis a amassar pão e bolachas e a cortar batatas e cortar verduras. As outras damas não abandonaram seus quartos até bastante tarde, coisa que agradeceu muito. Surpreendeu-lhe que Phyllis não percebesse nenhuma diferença em sua pessoa. Tinha a sensação de que as atividades da noite anterior se refletiam em seu rosto com absoluta clareza.

Também agradecia enormemente que o sargento Strickland tivesse assumido o papel de criado de quarto do senhor Smith e se encarregasse de todas suas necessidades essa manhã. Antes do almoço se ofereceu como voluntária para ir comprar e se apressou a sair da casa.

Tinha tentado estar fora o menos possível desde sua volta a Bruxelas por temor a que alguma das amigas de lady Flatley a visse e a acusasse de ser cúmplice do senhor Crawley, embora reconhecia que era muito pouco provável que estivessem a par de sua perfídia. De fato, talvez a maioria não se inteirasse nunca a menos que quieram informar-se das obras de caridade para as quais acreditavam ter contribuído. Mas nesse dia em concreto

estava desesperada por desfrutar de do ar livre e fazer um pouco de exercício, e lhe importava muito pouco com quem se encontrasse.

Nem sequer caiu na conta de que em Londres jamais tinha saído sem acompanhante enquanto seu pai vivia. afastou-se mais do que seus recados requeriam. Inclusive deu um pequeno passeio pelo parque de Bruxelas, onde se entreteve observando aos cisnes no lago e se deixou envolver pela calidez do sol.

Era meio da tarde quando por fim decidiu retornar à casa, mas temia fazê-lo. Teria que enfrentar de novo com o senhor Smith, uma idéia que lhe provocava pavor. Como ia olhá-lo no rosto depois do que tinha passado a noite anterior? Ao escutar vozes e risadas procedentes da saleta, decidiu que primeiro passaria por ali para tomar uma xícara de chá e recuperar um pouco o ânimo.

Abriu a porta muito devagar e deu uma olhada, temerosa de que suas amigas estivessem recebendo clientes, embora rara vez o faziam durante o dia. Sua surpresa foi que se encontrou com um cavalheiro... um cavalheiro muito arrumado. Ao princípio não o reconheceu, mas percebeu a presença de umas muletas apoiadas em uma cadeira próxima a que ele ocupava.

- Rachel! - chamou-a Bridget. - Entre, querida, para que lhe apresentemos ao cavalheiro que veio de visita.

- Que é muito bonito? - perguntou Phyllis alegremente.

Geraldine estava de pé junto à janela com os braços na cintura.

- Com roupa está estupendo, admito-o - disse. - É uma lástima que tenha os bolsos vazios.

- Não sei se me importa, Gerry - comentou Phyllis.

- vamos fazer que o pobre se ruborize - advertiu Flossie enquanto Rachel entrava na saleta e fechava a porta. - Mas reconheço que qualquer moça sensata acabaria brigando com suas melhores amigas por ele.

Estavam flertando e brincando como de costume. O senhor Smith sorria e suportava suas brincadeiras com bom aspecto. Entretanto, jogou as muletas e se levantou da poltrona assim que a viu. Fez-lhe uma reverência muito elegante dadas as circunstâncias.

- Senhorita York - a saudou.

Quando a olhou nos olhos, viu que sua expressão não era tão risonha como antes. Ela não queria ruborizar-se. Vendo-o nesse momento, era-lhe inconcebível que tivessem estado nus e juntos menos de vinte e quatro horas antes. Mas a coisa já era irremediável, e desejou que a engolissem a terra nesse instante.

"Pois parece que nos decepçionamos mutuamente...", recordou.

Escutava essas palavras com tanta clareza como se as estivesse pronunciando nesse preciso momento. Não se tinha dado conta de quão alto era. Embora suas roupas não tivessem sido confeccionadas pelo melhor alfaiate do mundo, a camisa era de um antigo branco, a gravata estava engomada e atada com elegância, a jaqueta azul ressaltava a largura de seus ombros e de seu peito, e as estreitas calças cinza se amoldavam a suas esculturais e musculosas pernas... Desde que se passasse por cima a bandagem da coxa esquerda. Levava sapatos de pele em vez de botas altas, que teria sido o mais indicado para esse traje, mas mesmo assim Phyllis tinha razão. Estava para comê-lo. Acabava de lavar o cabelo e uma mecha escura lhe caía de forma tentadora sobre a sobrelha direita.

- Fica bem a roupa nova, senhor Smith? - perguntou-lhe, fazendo um grande esforço por mostrar-se amigável e natural.

- Salvo uma jaqueta - respondeu ele. - E por desgraça é a que mais eu gosto. Mas nem com a ajuda da considerável força do sargento Strickland fui capaz de pôr isso.

- Equivocamo-nos, Floss - anunciou Geraldine com pesar. - É mais largo de peito do que supusemos.

- E também de ombros, Gerry - acrescentou a aludida, observando-o sem dissimulações.

- Prestamos muita atenção a esse belo rosto e ao sorriso malicioso que o acompanha.

Não voltarei a cometer o mesmo engano.

- Poderiam me ter perguntado minhas medidas - disse o senhor Smith, que se voltou a sentar com muito cuidado uma vez que ela fez o mesmo.

- Assustava-lhes a possibilidade de que não se lembrasse porque teria sido eu a encarregada de tomar as medidas - explicou Phyllis. -

Vendo assim aprendem a não sair de casa sem sua fita métrica.

E assim continuou a conversa durante dez minutos com as consequentes risadas enquanto ela tentava recuperar a postura e pensar no que diria quando por fim ficassem a sós, coisa que aconteceria indevidamente cedo ou tarde.

E foi antes do que esperava.

- Durante minha instável excursão pela casa - disse o senhor Smith, - descobri que há um precioso jardim na parte traseira e que alguém teve a consideração de colocar um banco de madeira sob o salgueiro que há junto ao lago dos nenúfares. Se me desculparem, vou dar um passeio pelos atalhos empedrados antes de me sentar no banco e desfrutar do ar livre.

- Não vá fazer muito exercício - lhe advertiu Bridget. - Recorda que é o primeiro dia que se levanta da cama.

- E nós não gostaríamos de ter que levá-lo nos braços - lhe disse Phyllis.

- Fala por você, Phyll - assinalou Geraldine.

- Tomarei cuidado - prometeu. - Senhorita York, seria amável de me acompanhar?

Bridget sorriu e lhe deu seu consentimento com um gesto de cabeça como se ainda fosse sua babá. De modo que soltou a xícara e o prato e ficou em pé. Teria dado algo por evitar esse encontro, disse-se. Ainda não estava preparada para esse momento. Mas o estaria alguma vez? Além disso, como não podia retroceder no tempo e mudar o acontecido a noite anterior, a única solução era seguir adiante e enfrentar ao constrangimento de estar a sós com ele. Abriu a porta da saleta e a segurou enquanto o senhor Smith passava junto a ela com ajuda das muletas.

Avançava com passo lento mas seguro, percebeu a caminho do jardim. depois de fechar a porta traseira, ficou a seu lado e levou as mãos às costas.

- Bom, senhorita York - lhe disse sem rastro do tom alegre e brincalhão que tinha utilizado na saleta, - temos que falar.

- De verdade? - perguntou-lhe com a vista cravada na pavimentação pela qual avançavam.

Como o faziam os meninos, evitou pisar nas juntas. - Preferiria não fazê-lo. O fato, fato está. Não foi nada do outro mundo, não é?

- Grande reverso para meu orgulho masculino! - exclamou. - Que não foi nada do outro mundo? Sou consciente de que em circunstâncias normais agora mesmo lhe estaria propondo matrimônio.

Sentiu-se mais envergonhada que nunca.

- Não o aceitaria - replicou. - Grande tolice!

- Me alegro de que pense assim - seguiu ele. - Porque, evidentemente, não posso lhe propor nada... ao menos ainda. Não teria nome com o que assinar na licença nem na ata matrimonial. E é possível que já esteja casado.

Esqueceu-se dessa possibilidade. Sentiu que lhe revolia o estômago.

- Não o aceitaria nunca - reiterou com veemência. - Embora descubra que não está casado quando recuperar sua identidade. Já aceitei um compromisso matrimonial este ano sem pensar muito nisso, senhor Smith. Não tenho intenção de repetir a experiência tão cedo.

- E o que pensa fazer? - perguntou ele.

Sentia-se em desvantagem com ele de pé. Estava acostumada a olhá-lo de cima. Inclusive na noite anterior, enquanto estavam... Não, era muito melhor não pensar nisso.

- Não decidi - respondeu. - Possivelmente procure outro emprego.

- Suponho que necessitará de uma carta de referência de lady Flatley - declarou.

- Ela a dará?

A pergunta fez que torcesse o gesto.

- As damas querem sair em busca do senhor Crawley assim que retornem a Inglaterra - disse, - desde que consigam o dinheiro suficiente para ajudar os gastos, claro está. Pensei em acompanhá-las. Não acredito que seja fácil dar com ele e há muito poucas probabilidades de que possam recuperar o dinheiro, mas me sinto na obrigação de ajudá-las na medida do possível.

- Essas damas não necessitam de sua ajuda, senhorita York - lhe assegurou ele. - São mulheres curtidas pela vida. Sobreviverão.

- Sim - concordou ao mesmo tempo em que se detinha em metade do caminho e se virava para olhá-lo lançando faíscas pelos olhos, - é obvio que o farão. Sobreviverão. Tanto faz que a única coisa que consigam, embora nunca possam ser livres nem felizes nem tenham seus próprios recursos. Ao fim e ao cabo, só são prostitutas.

Escutou-o suspirar.

- A única coisa que queria dizer é que você não é responsável por elas, da mesma maneira que não é responsável por mim - assinalou, - nem eu o sou por você. Em certas ocasiões devemos deixar simplesmente que outros tomem suas próprias decisões na vida por muito que nos doam os resultados.

Olhou-o com o cenho franzido. Preparou-se para uma boa discussão. Mas ele não tinha mordido o anzol.

- Se lhe parece - prosseguiu, - poderíamos nos sentar antes de continuar com esta conversa. Eu não gostaria de tropeçar e cair a seus pés, lhe dando assim uma impressão equivocada.

Adiantou-se até o banco, mas esperou que ele se sentasse com cuidado e apoiasse as muletas no braço de ferro antes de sentar-se na outra ponta. Tomara fosse um pouco mais longo.

- me fale de seu tio - lhe pediu.

- É o barão Weston do Chesbury Park, no Wiltshire - disse. - E pouco mais lhe posso dizer. Era o irmão de minha mãe, mas a deserdou quando fugiu aos dezessete anos para casar-se com meu pai. Só o vi uma vez, depois da morte de minha mãe, quando foi a Londres para assistir a seu funeral e ficou alguns dias.

- É o único parente vivo que resta? - quis saber.

- Até onde sei, sim - respondeu.

- Talvez devesse recorrer a ele - sugeriu. - Não acredito que lhe desse as costas, não?

Virou a cabeça para olhá-lo com incredulidade.

- Desde que tinha seis anos só recebi notícias suas duas vezes - replicou. - Uma quando se negou a me dar minhas jóias ao cumprir os dezoito, e outra quando as voltei a pedir faz um ano, depois da morte de meu pai. Nessa última ocasião me respondeu que não me

daria, mas me convidou a viver com ele se estava desamparada e se ofereceu para me procurar marido.

- De modo que pode recorrer a ele - murmurou ele.

- Se estivesse em meu lugar - respondeu, zangada de novo, - recorreria você a ele, senhor Smith? Recorreria a alguém que cortou toda relação com sua mãe quando se casou e que jamais se preocupou por você salvo por um breve período de tempo quando tinha seis anos? A alguém que estava tão ansioso por voltar a vê-lo que o convidou a viver com ele só se encontrava em uma situação de desamparo e com a velada ameaça de casá-lo com uma pessoa de sua escolha se o fizesse? Recorreria a essa pessoa?

Sua proximidade era desconcertante. Sobre tudo porque inclusive sentada tinha que levantar o rosto para olhá-lo nos olhos. Parecia um gigante a seu lado; era muito maior e imponente do que lhe tinha parecido quando estava na cama.

- Suponho que não - respondeu. - Um simples "não" é curto. Certamente diria a esse mal nacido que se fosse ao diabo.

O comentário a surpreendeu e scandalizou tanto que pôs-se a rir.

Ele esboçou um sorriso torcido.

- Percebeu que estava olhando a sua covinha, um traço físico que sempre lhe tinha parecido muito infantil.

- me fale das jóias - lhe pediu ele.

- Nunca as vi - disse ao mesmo tempo em que desviava a vista para o lago, - mas sei que são muito valiosas. Minha avó as deixou a minha mãe com a condição de que estivessem em mãos de meu tio até que se casasse com alguém de sua aprovação ou cumprisse os vinte e cinco anos. Embora se casara sem o consentimento de meu tio e morreu aos vinte e quatro anos, devia manter algum tipo de contato com ele antes de sua morte. Legou-me as jóias com as mesmas condições.

- Talvez as acreditasse mais seguras com seu tio que com seu pai - aventurou.

A humilhante possibilidade já lhe tinha ocorrido a ela muito antes. Pobre papai, pensou, teria perdido tudo nas mesas de jogo e se

teria posto-se a chorar pelos remorsos antes de voltar a jogar com a esperança de recuperar tudo.

- Talvez meu tio acredite que estão mais seguras com ele que comigo - declarou. - Meu pai já tinha morrido quando as pedi o ano passado. E são minhas. Se fosse um homem, jamais lhe teria ocorrido reter minha herança ao ser maior de idade. Tomara fosse minha neste momento. Devolveria a minhas amigas tudo o que perderam para que pudessem fazer realidade seu sonho. Isso as alegraria muitíssimo. Também me alegraria.

Mordeu o lábio inferior ao sentir que lhe enchiam os olhos de lágrimas.

- Mas existe um modo de jogar a luva a sua herança antes de tempo, não é? - perguntou-lhe.

A pergunta lhe arrancou uma gargalhada desdenhosa. Virou-se para olhá-lo e viu que ele a observava com expressão entusiasmada.

- Teria que me casar - disse.

Viu-o arquear uma sobrancelha.

- Com a aprovação de meu tio - acrescentou.

A outra sobrancelha também se ergueu ao mesmo tempo em que aparecia em seus olhos a mesma expressão risonha com a que estava acostumado a enfrentar às brincadeiras de suas amigas.

- Senhor Smith - disse com voz cortante, - não podemos nos casar. Você mesmo o disse e, além disso, seria incapaz de me casar com o único propósito de herdar minhas jóias.

- Admirável - murmurou ele com um sorriso.

- De qualquer maneira, como ia conseguir sua aprovação? - perguntou-lhe. - Nem sequer sabe como se chama.

De repente, começou a menear as sobrancelhas e o gesto lhe outorgou um aspecto juvenil, peralta e incrivelmente irresistível.

- Sabe o que é uma farsa, senhorita York? Ou deveria chamá-la Rachel? - perguntou-lhe.

- Como diz? - Olhou-o com olhos arregalados.

- Fingirei ser seu marido - especificou ele - e irei ao Chesbury Park com você para arrancar sua fortuna das garras desse descarado avaro e sem coração que tem por tio. Depois poderá

fazer com ela o que deseje muito, embora lhe advirto que lhe custará a mesma vida convencer a essas damas para que aceitem um só penny de você.

- Mas se está desejando partir daqui para encontrar sua família e seu lar! - exclamou.

Sua recriminação fez que torcesse o gesto e apagou a alegria de seus olhos.

- Sim, tem razão - reconheceu, - mas não sabe o que me aterra a idéia. E se depois de procurar não encontro pistas sobre minha identidade? E se descobrir uma grande família e um montão de amigos, totalmente desconhecidos para mim? Isso seria muitíssimo pior. Dá-se conta de que é uma idéia aterradora? Talvez se adiar o périplo em busca de minha personalidade, recupere a memória sem mais.

- Mas... - protestou enquanto as idéias formavam redemoinhos em sua cabeça até tal ponto que a impediam de pensar com clareza, - não posso lhe pedir que faça isso por mim.

- Não me pediu isso. - Voltou a lhe sorrir de novo e, de repente, ela sentiu o impulso de estender a mão para acariciar sua vibrante energia. - Eu me ofereci. Me salve do terror experiência de ver-me exposto a enfrentar ao desconhecido, senhorita York. Diga que sim.

Possivelmente haveria um milhão de razões para negar-se a fazer algo assim... Um milhão seria pouco.

Entretanto, a única coisa que via nesse momento era o rosto de Flossie quando entregasse a quantia exata de dinheiro que deu aquele dia ao Nigel Crawley com ela como sorridente testemunha.

Podia fazer-se realidade essa imagem. Além disso, não tinha por que sentir-se culpada por representar uma farsa. Tratava-se de seu dinheiro, e o tio Richard se comportara de uma forma espantosa com ela. Não lhe devia nada.

- Muito bem - disse com um sorriso.

Viu-o apoiar um braço no espaldar do banco sem que o abandonasse esse sorriso de colegial peralta que não se encaixava com sua desconcertante atitude.

- Espero que não me saia com essa de que tenho de cravar um joelho no chão para me declarar - comentou ele. - Temo que não

seria capaz de me levantar.

Capítulo 9.

Uma hora depois de voltar do jardim, continuava acordado na cama. Doíam-lhe todos os ossos e articulações, e suspeitava que lhe tinha inchado ligeiramente a perna esquerda. Era desconcertante saber-se tão fraco, embora ao mesmo tempo se sentisse satisfeito de poder mover-se porque assim poderia começar a recuperar as forças e a vitalidade.

Entretanto, tinha descoberto que era um covarde, e se perguntava se o teria sido sempre. Levava quase duas semanas desejando sair da cama, desejando voltar a ficar em pé para sair da casa e descobrir sua ditosa identidade; entretanto, chegado o momento da verdade, deixou-se levar pelo pânico.

Havia dito a verdade a Rachel York. E, por todos os Santos! Em grande embrulhada se colocou.

A única coisa que pretendia era ajudá-la. Fazer algo positivo por ela, por muito aborrecido que se houvesse sentido a noite anterior ao descobrir que não o tinha avisado do que estava a ponto de fazer, privando-o assim da oportunidade de deixar intacta sua virgindade.

Além de tudo, tinha-lhe salvado a vida.

Tinha muito claro que teria morrido no bosque do Soignes se ela não tivesse aparecido e lhe tivesse conseguido ajuda. Além disso, tinha-o cuidado toda uma semana.

E se tinha afeiçoado a ela. Falso. Gostou muito dela desde que abriu os olhos e a viu.

De modo que desejava fazer algo por ela. Tinha-a convidado a sair ao jardim com a intenção de averiguar algo sobre seu tio e descobrir se era possível que pudesse ir viver com ele. Sua idéia era oferecer-se para acompanhá-la até lá. Não teria sido muito em comparação com o que tinha feito por ele, mas ao menos teria sido um detalhe.

Um detalhe racional, sensato e honroso.

Além disso, tinha decidido que se descobrisse que era solteiro, saberia aonde ir procurá-la para lhe oferecer matrimônio tal como ditava a honra.

E o que tinha feito em troca?

O mais curioso de tudo era que o pânico que o tinha invadido com o passar do dia se esfumara assim que fez a proposta e foi substituído pela euforia que provocava um desafio imprudente.

O que lhe dizia isso de seu caráter? Tinha o costume de comportar-se desse modo? Como um juvenzinho de vinte e cinco anos disposto a fazer qualquer loucura? Se acaso tinha vinte e cinco anos, claro estava. Talvez tivesse trinta.

Torceu o gesto.

Já era muito tarde para mudar de opinião a respeito dessa loucura em concreto, embora quisesse. E não estava certo de querê-lo. Ia assumir uma nova identidade e uma esposa no processo, a quem teria que amar com loucura. Porque definitivamente tinha que ser um matrimônio por amor. Devia convencer ao barão Weston de sua notável respeitabilidade e firmeza de caráter.

Estalou a língua. Um desafio era justo o que necessitava, e esse era de proporções colossais. Sentia-se seguro de que voltava a sentir o mesmo de sempre.

Embora a idéia voltasse a mergulhá-lo na melancolia. Fechou os olhos e os cobriu com o dorso da mão.

Esperava passar o resto do dia na cama, ou ao menos em seu dormitório, mas o sargento Strickland apareceu no vão da porta a última hora da tarde para lhe informar de que era a noite livre das damas, quem o tinha enviado para convidá-lo para jantar com elas se gostasse.

- Embora deva lhe advertir - acrescentou, - senhor, de que eu também estou convidado.

- E talvez não me pareça apropriado jantar com um sargento, refere-se a isso? - perguntou-lhe com as sobrancelhas arqueadas. - Strickland, nem sequer sei que posição ocupa minha verdadeira identidade no escalão social, mas lhe asseguro que a identidade

que lhe fala está encantada de jantar com um sargento e com quatro damas da noite também.

Ter companhia viria como pérolas, decidiu enquanto o sargento o ajudava a vestir a jaqueta e a se pentear ao mesmo tempo em que ele tentava atar a gravata de forma medianamente decente. De repente, suas mãos se detiveram o cair na conta, não sem certo humor, de que alguém ficaria horrorizado se o visse de semelhante maneira.

Entretanto, face à firmeza da idéia, foi incapaz de achar um rosto ou um nome.

Quem ficaria horrorizado?

Por um momento acreditou estar a ponto de encontrar um nome no fundo de sua mente. Como se um véu ocultasse as profundidades de suas lembranças e de súbito se visse agitado por uma rajada de ar que ameaçava afastar e deixar à vista tudo o que havia atrás dele. Mas o obstinado véu continuou em seu lugar.

Tentou elucidar algo ao menos. Tratava-se de um homem ou de uma mulher? Quem demônios cruzava por sua mente quando estava totalmente despreparado?

Todos seus esforços foram em vão.

- Dói-lhe, senhor? - perguntou o sargento.

- Não, não me passa nada - respondeu.

Assim que entrou na sala de jantar pensou que o sargento devia estar confundido a respeito da noite livre. As damas estavam bem. Saias de cetim de brilhantes cores, decote que corriam o risco de deixar tudo à vista, espartilhos apertadíssimos, complicados coques com cachos, toucados muito altos de plumas, perfume florais intensos e cosméticos faciais. A imagem lhe recordou sua primeira impressão ao conhecê-las. Saudou com uma reverência tão pronunciada e elegante como lhe permitiram as muletas.

- Continuo convencido de que morri e estou no céu - lhes disse.

Percebeu de que o diminuto lunar negro com forma de coração que Geraldine levava em ocasiões perto da boca descansava essa noite sobre o peito esquerdo. Arrumaram-se para ele, concluiu. Porque ia jantar com elas. Teria posto-se a rir, mas não queria arriscar-se a ofendê-las. Tinha muitíssimo carinho a elas.

Rachel York ia vestida igual à noite anterior com a diferença de seu penteado, que nessa ocasião era um simples coque. Seu cabelo brilhava como ouro brunido à luz do candelabro colocado no centro da mesa. Repreendeu-se mentalmente. Devia ter perdido o uso da razão ao havê-la tomado por mais uma trabalhadora do bordel. Uma vez tirada à atadura dos olhos, estava muito claro que era uma dama irrepreensível e elegante.

Ainda estava perturbado com ela; ou talvez consigo mesmo por ter sido tão tolo.

Foi um jantar estranho. Não tinha criados, tal como tinha suposto. Ao que parecia, Phyllis se encarregava da cozinha e, por sorte, era bastante boa nos fogões. Entretanto, as cinco colaboraram na hora de servir a comida, de levar à sala de jantar as bandejas com os pratos quentes e de retirá-los depois. A conversa foi amena e inteligente. Falaram sobre Bruxelas; sobre o contraste entre o que tinha sido a cidade algumas semanas atrás, imersa nos deslumbrantes eventos organizados pela aristocracia, e o que era nesse momento uma vez que todos os visitantes partiram. Falaram sobre a guerra e suas conseqüências; sobre as probabilidades de conseguir a paz e a prosperidade para a Europa depois de ter apanhado de novo Napoleão Bonaparte. Pediram ao sargento Strickland sua impressão a respeito da estratégia utilizada na batalha. Falaram sobre Londres, seus teatros e suas galerias de arte.

Rachel York, que se tinha mantido muito calada durante todo o jantar, falou por fim depois que tivessem dado boa conta da sobremesa. Cravou o olhar nele e com um profuso rubor nas faces disse:

- Acho que dei com o modo de me fazer com minhas jóias. - vai deixar me subir pela hera, não é verdade? - perguntou Geraldine.

- O senhor Smith me acompanhará ao Chesbury Park - explicou - e fingirá ser meu marido. Conseguiremos que meu tio aprove nosso matrimônio e assim me entregará a herança. Depois venderei um par de peças e iremos em busca do senhor Crawley, se ainda querem fazê-lo, enquanto o senhor Smith vai em busca de sua família e seu lar.

Produziu-se um incompreensível alvoroço quando quatro vozes femininas se elevaram ao uníssono. Foi Bridget quem ganhou a batalha.

- Querido, vai fingir ser seu marido? - perguntou. - E por que não se casa consigo de verdade?

- Bridge, se o fizer, me vestirei de luto rigoroso - protestou Geraldine, - em solidariedade com o resto das mulheres do mundo. O negro me favorece.

- É uma idéia estupenda! - exclamou Flossie. - Não sei como não nos ocorreu antes.

Certamente funciona.

- Não pode ser um matrimônio legítimo - explicou ela. - O senhor Smith nem sequer recorda quem é. Além disso, decidi que se alguma vez me casar, será por amor. Foi uma estupidez me conformar com menos quando o senhor Crawley me propôs matrimônio. Graças a Deus que percebi a tempo do engano.

- Será um êxito - disse Phyllis, levando-as mãos ao peito. - Assim que o barão o olhe, sairá correndo pelas jóias.

- Phyll, não acredito que devamos dar por sentado que o barão vai cair rendido aos pés do senhor Smith como nos aconteceu - lhe advertiu Flossie. - Terá que utilizar seu encanto de um modo muito distinto, mas me atrevo a dizer que estará à altura das circunstâncias.

Esse brilho malicioso que tem nos olhos me diz que adora estas situações e que representará o papel.

- Além disso - acrescentou Geraldine, - tem esse ar aristocrático que cheira a família de ascendência, a dinheiro e a poder. Ai, que me sai o coração! Rache, crê que seu tio o engolirá se me faço passar por você e finjo ser a senhora Smith?

- Nem em sonhos, Gerry - respondeu Phyllis. - Mas viu quão romântico é tudo isto? Certamente o senhor Smith se apaixona por Rachel e ela por ele, e acabam casados, felizes e comendo perdizes.

- Não me surpreenderia nada - assegurou o sargento Strickland, - se me desculpar por expressar minha opinião embora ninguém a

tenha pedido, senhorita. E se você me desculpar, senhor. Às vezes me perde a língua.

A situação era tão cômica que lhe arrancou um sorriso. A senhorita York parecia muito desconfortável.

- Mas antes de nada temos que arquitetar uma história para o senhor Smith - disse Bridget, tentando pôr ordem. - Temos que inventar toda uma vida e não deixar nada ao azar. Depois terá que aprendê-la de cor, e a própria Rachel terá que aprender sua parte.

Aconteceram numerosas sugestões, a maioria descabeladas, por isso as gargalhadas foram a tônica durante um momento. Enquanto isso, ele se manteve em silêncio, mas acabou erguendo a mão para chamar a atenção dos presentes.

- Nego-me a ser um limpador de chaminés que acaba de descobrir que é um príncipe - disse - ou um duque que na verdade é o filho ilegítimo do rei e sua amante preferida, embora reconheça que as duas sugestões são brilhantes e muito tentadoras. Talvez me resolva por um baronete com uma propriedade no norte da Inglaterra. Embora acredite que seria melhor que fôssemos a senhorita York e eu quem decidisse os detalhes e depois os expuséssemos para lhes pedir opinião.

- A senhorita York! - exclamou Phyllis. - A partir deste momento deve chamá-la Rachel! E ela deve chamá-lo de Jonathan. A menos que prefira o nome de Orlando, tal como sugeri faz um momento, que é muitíssimo mais romântico.

- Resta uma garrafa de vinho - disse Flossie. - Está na despensa, debaixo da última estrofia da estante, no chão. Pode ir buscá-la, William? Tínhamos ela reservada para uma ocasião especial e acredito que já chegou. Devemos celebrar um matrimônio fictício.

Percebeu que Rachel York estava aflita quando chegou o momento dos brindes, como se realmente estivessem celebrando suas bodas. Outros, em troca, pareciam transbordantes de alegria.

Entretanto, o que até então era um plano desatinado estava a ponto de transformar-se em uma loucura em toda regra.

- Senhor, não pode aparecer na porta do barão sem um criado de quarto - disse o sargento Strickland, que acabava de deixar a taça vazia na mesa. - Não pode dizer-se que seja a melhor opção como

criado de quarto, sobre tudo por minha corpulência, minha brutalidade ao falar e meu passado militar, mas pelo menos dá uma pedra. Irei com você. Não é preciso que se preocupe com a falta de salário. Como já lhe disse, tenho o suficiente para pagar a passagem a Inglaterra e cobrir minhas necessidades durante um mês mais ou menos, assim isto me dará a oportunidade de fazer algo enquanto me centro, por dizê-lo de algum modo.

Olhou-o com as sobrancelhas arqueadas. O tipo estava certo. Que impressão ia causar se aparecia no Chesbury Park como marido de Rachel sem um criado de quarto? Sem dinheiro, nem bagagem. Para falar a verdade, só tinha o que tinha posto. De repente, compreendeu que deviam traçar planos muito detalhados antes de partir para o Wiltshire.

Não obstante, Bridget tomou a palavra antes que pudesse dar uma resposta ao sargento.

- Além disso, Rachel não pode chegar com a única companhia do senhor Smith - assinalou, - embora supostamente esteja casada com ele. Ao fim e ao cabo, o matrimônio é muito recente e devemos dar ao barão Weston a impressão de que contou com a companhia de uma dama decente em Bruxelas. Eu serei sua dama de companhia, querida. Que não nos esqueçamos que, como não estão realmente casados, não seria adequado que viajassem juntos sem acompanhante.

- Mas, Bridge - declarou Flossie, - com esse cabelo o barão Weston saberá que é uma puta embora esteja cego.

- Posso tingi-lo - afirmou. - Tingirei de minha cor natural. Um bonito e respeitável castanho claro.

- Entretanto, Bridget - interveio Geraldine, - não podemos deixar que você seja a única que se divirta. Se tirar férias durante umas semanas, não vejo por que as demais não podem fazer o mesmo. Por minha parte, não tenho nem um pinga de vontade de voltar a trabalhar em Londres antes de ter dado seu castigo a esse inseto do Crawley e não poderemos fazê-lo até que alguma das garotas nos dê uma pista sobre seu paradeiro, não é? Se formos passar esse tempo pensando na morte da bezerra, bem poderíamos nos divertir um pouco. Já me imagino no papel de criada de uma dama. Me dou

bem em arrumar o cabelo, todas me disseram isso, e também o de escolher os objetos que melhor lhes assentam. Irei com vocês no papel de sua criada, Rachel. Seria estranho que não tivesse uma. Com sorte, acharei que a criadagem do barão Weston está infestada de altos e bonitos lacaios, de cavaleiros bonitos e fortes, e de jardineiros bonitos e bronzeados. Mas não se preocupe porque não a farei ficar mau. Sei como me levar com decoro quando a ocasião o requer.

Sentado ao outro lado da mesa, dividido entre a risada e a consternação, Alleyne se perguntou se Rachel também sentiria que a situação lhe escapava das mãos. Conforme seu silêncio, isso era justo o que estava pensando.

- E nós o que? - perguntou Phyllis com voz ofendida. - O que vamos fazer Flossie e eu enquanto vocês duas se divertem no Chesbury Park?

- Por Deus, Phyll, utiliza a imaginação! - exclamou Flossie, piscando de forma exagerada ao mesmo tempo em que levava uma mão a seus cachos loiros em um gesto muito coquete.

- Damas e cavalheiros, apresento-lhes à senhora Floresce Streat, respeitável e respeitada viúva do defunto capitão Streat, e boa amiga da senhorita Rachel York, a quem viu sair de sua casa para contrair matrimônio. E você, linda - acrescentou, Sorrindo ao Phyllis com elegância, - é minha querida cunhada se não me engano. A irmã de meu defunto marido, casada com o capitão Leavey quem, neste momento, encontra-se de serviço em Paris.

- Floss, não posso acreditar nisso! - replicou Phyllis depois de beber sua taça de vinho.

- Tem problemas para reconhecer a sua cunhada, depois de haver partido juntas da Inglaterra aonde voltaremos também juntas?

- Passando pelo Wiltshire antes de retornar a casa - prosseguiu Flossie, - porque queremos acompanhar a nossa querida amiga, a deslumbrante lady Smith, e a seu marido ao Chesbury Park.

- Vá Por Deus! - protestou Geraldine. - Agora me arrependo de me haver condenado eu só à cozinha. Embora talvez não. Ao menos terei a todos esses lacaios, cavaleiros e jardineiros para

mim quando não estiver escovando o cabelo de Rachel. E poderei fofocar com o Will.

Nesse momento Alleyne decidiu pigarrear e os quatro tocados de plumas se agitaram no ar quando as damas viraram a cabeça para olhá-lo.

- Não obstante, devemos ter presente que isto não é uma brincadeira - lhes recordou.

- O principal é conseguir que a senhorita York... que Rachel e eu lhe demos uma impressão bastante boa a seu tio para que lhe entregue o que de qualquer modo seria seu ao cumprir os vinte e cinco anos.

Isso fez com que recuperassem a seriedade na hora e o olhassem com expectativa.

- Mas também pode ser divertido - replicou Geraldine depois de um breve silêncio.

E o alegre bate-papo começou de novo.

- De qualquer forma, teremos que esperar ao menos uma semana ou um pouco mais antes de partir - disse Rachel, falando por fim. - Até que o senhor Smith se sinta um pouco mais forte e o sargento Strickland se livre das ataduras.

- chama-se Jonathan, Rachel - lhe recordou Phyllis. - Terá que começar a chamá-lo Jonathan. Ou Orlando. Vêem-no com pinta de chamar-se Orlando?

- consegui um tapa-olho - anunciou o sargento. - Mas não pus isso ainda porque os hematomas não desapareceram. Não quero assustar as damas.

- Pois eu acredito, Will, que lhe assentará divinamente com hematomas ou sem eles - replicou Phyllis.

- Desde que não haja sangue, claro está.

- Não é preciso que atrasemos os planos por minha culpa - assegurou ele. - quanto antes comecemos com a farsa, melhor.

Assim ele, um homem sem dinheiro, sem identidade e sem posses, estava destinado a viajar a Inglaterra com uma esposa fictícia, rodeado de um séquito composto por um ex-militar com pinta de pirata como seu criado de quarto e quatro prostitutas espantosas no papel de damas de companhia e criadas. Se por

acaso isso fosse pouco, seu objetivo ao viajar ao país não era outro que o de arrebatrar a um cavalheiro respeitável uma fortuna em jóias. E tudo tinha começado com a impulsiva sugestão que tinha feito essa tarde no jardim.

- Dói-lhe a perna, senhor Smith - lhe disse Rachel de repente, - e cai de cansaço. com certeza se excedeu hoje e já não pode mais. Amanhã terá que ser mais cuidadoso.

Estava certa, é obvio. Levava já um momento sem querer fazer caso aos sintomas, embora não sabia como tinha força para continuar erguido na cadeira a essas alturas.

A dor pulsante da perna não lhe dava trégua e começava a sentir uma dor de cabeça em um ponto situado depois dos olhos. Viu-a ficar em pé.

- Vamos - disse, - o levarei a seu quarto.

Suas palavras lhe fizeram arquear as sobrancelhas. Ia levá-lo a seu quarto? Como se não pudesse chegar sozinho? Decidiu não pigarrear.

- Sim, acompanha-o, Rache - lhe disse Geraldine. - E agasalha-o para que não passe frio esta noite.

- Mas veja se vai ocorrer-lhe se colocar na cama com ele, né? - soltou Flossie. - Recordo-lhe que este é um estabelecimento respeitável e que seu matrimônio é fictício.

- E não fique muito tempo, querida - acrescentou Bridget, como se sua antiga pupila não tivesse passado dias inteiros em seu quarto durante as últimas duas semanas. - Deixa a porta entreaberta.

- Ai, como eu gosto das histórias românticas! - exclamou Phyllis com um suspiro. - Embora sejam de mentira.

- Há algo certo sobre as mentiras - disse Alleyne à Rachel quando saíram da sala de jantar e se certificou de que não os ouviam. - Assim que se soltam, crescem como a espuma.

Está preocupada com o que acaba de escutar aí dentro?

- Estou preocupada com tudo o que estou escutando desde esta tarde - lhe respondeu ela enquanto fechava a porta de seu dormitório, embora não passou a chave. - Mas não vou pôr travas a ninguém. Graças a sua ajuda poderei fazê-las felizes, e precisam afastar um tempo da vida que levaram estes últimos anos. Apesar

do que possa parecer, não são pessoas vulgares. São minhas amigas, senhor Smith. E embora acabem por descobrir, ou acabem por descobrir a você, que mais dá? Não posso acabar pior do que já estou, não é? Meu tio não poderá me negar a herança que me corresponde uma vez que complete os vinte e cinco.

- Deveríamos seguir os conselhos que nos deram - respondeu. - Será melhor que me chame Jonathan e eu vou chamá-la de Rachel de agora em diante. Supostamente vamos estar enamoradíssimos e não vamos ser o tipo de casal que se trata de senhor e senhora.

Ela o olhou carrancuda.

- Muito bem, de acordo - cedeu. - Mas devemos deixar uma coisa clara desde o começo, senhor Jonathan. O de ontem à noite não pode repetir-se e não vai haver nenhuma paquera; por nenhuma das duas partes. É possível que esteja casado mas, embora não fosse assim, você não gostaria de acabar carregando uma esposa antes inclusive de ter recuperado sua vida normal. Além disso, não estou pelo trabalho de me casar. Embora o estivesse quando conheci o senhor Crawley, desde que me liberei dele me dei conta de que valorizo muito minha independência, muito para renunciar a ela sem um motivo de peso.

- Para não mencionar - acrescentou - para não ser menos, ontem à noite nos decepcionamos mutuamente. - Sim... isso - concordou ela, que inclusive teve a delicadeza de ruborizar-se.

- Apesar das amostras de carinho que nos veremos obrigados a fazer diante de outras pessoas, não haverá nada entre nós no âmbito privado - acordou enquanto Rachel desviava o olhar.

Descobriu que o estava passando em grande, e isso que estava morto de cansaço e que lhe doíam até as pestanas. Sentou-se na borda da cama, apoiou as muletas na cabeceira e ergueu uma mão para detê-la antes que acudisse disposta a ajudá-lo.

- Rachel - lhe disse, - já não é preciso que esteja a minha inteira disposição para satisfazer minhas necessidades. Para falar a verdade, ficaria muitíssimo mais tranquilo se a partir deste momento se mantivesse afastada de mim.

Suas palavras a deixaram sem respiração.

- Muito bem. Nesse caso - replicou, - direi ao sargento Strickland que suba.

E com isso deu meia volta e saiu sem dizer nem meia palavra mais. Certamente que não era uma prostituta, mas uma inocente dos pés a cabeça. Nem sequer tinha entendido o que lhe tinha deixado cair. Tinha suposto que não suportava que o tocasse. E estava certo, mas não pelas razões que certamente se estava imaginando.

Seguia aborrecido com ela e admitia que talvez seu bom senso o tivesse abandonado ao sabor dos acontecimentos do dia. Não, corrigiu-se, não havia "talvez" que valesse. Mas não estava morto. E Rachel continuava sendo a criatura mais formosa e sedutora que tinha visto na vida.

Já era muito tarde, mas acabava de compreender que traçar um plano que o mantivesse perto dela (muito perto, em realidade) era possivelmente a estupidez maior do mundo. E ficava deficitário. Quem ia pensar que uma queda do cavalo poderia causar semelhante caos na vida de um homem?

Tentava levantar a perna esquerda para subi-la na cama quando o sargento Strickland chegou para ajudá-lo.

- Fez o correto, senhor, e lhe peço desculpas por expressar minha opinião apesar de não me ter pedido isso - disse o homem enquanto lhe tirava a jaqueta e colocava as suas pernas sobre a cama.

- Obrigado, Strickland - replicou. - Mas como suspeito que está acostumado a dar sua opinião a peçam ou não, não é necessário que se desculpe cada vez que o faça.

- Agradeço, senhor - respondeu o sargento, que nesse momento lhe estava tirando as calças.

- Afrouxou a atadura. Quer que volte a colocá-la?

- Sim, por favor - respondeu. - Suponho que ficou claro que meu matrimônio com a senhorita York será totalmente fictício, não é?

- O que me ficou claro é que se comprometeu a atuar como marido e protetor da dama, senhor - respondeu Strickland, - sem importar se o matrimônio é ou não fictício. E como é um cavalheiro e um cavalheiro jamais evita uma relação de semelhante natureza a

menos que a dama lhe ponha fim, não acredito que haja nada fictício no assunto. Fez você o correto e o honroso depois da dor de cabeça que a obrigou ontem à noite a tirar as forquilha enquanto lhe fazia companhia. O seguinte passo corresponde a ela, não lhe parece? Terá que decidir se quiser que o matrimônio seja real ou fictício. Evidentemente, refiro a quando recuperar você a memória e descubra se é ou não um homem casado.

- Obrigado, sargento - replicou com brusquidão e, enquanto seu novo criado de quarto lhe tirava a atadura e a enrolava para voltar a colocá-la, percebeu que a ferida estava sarando com rapidez embora ainda tivesse a perna inchada e a dor não tivesse desaparecido. - me fazia falta esse homem dado a repreensão sobre minhas obrigações como cavalheiro.

- Não, senhor, não fazia falta - corrigiu o homem. - Mas é que eu tenho a língua muito longa. Não há sinal de putrefação na ferida, vê? Em algumas semanas estará como novo, embora certamente que as feridas internas são mais graves que as externas.

Suas palavras o fizeram olhá-lo de forma pensativa enquanto se endireitava, uma vez completado seu trabalho.

- Strickland, estaria você disposto a me prestar a metade de seu dinheiro? - perguntou-lhe.

O sargento sacudiu os ombros e lhe respondeu sem titubear:

- estive pensando como poderia lhe oferecer dinheiro, embora não seja muito, sem ofendê-lo, senhor. Um cavalheiro deve dispor de recursos, não? Não estaria bem que esperasse que as damas afrouxassem o bolso cada vez que goste de refrescar o gogó com uma cerveja. E não é preciso que o considere um empréstimo. É um presente de minha parte. Tenho de sobra.

- Mesmo assim, será um empréstimo - insistiu com firmeza. - E espero devolvê-lo logo. O que sabe de Bruxelas? Estava destinado na cidade antes da batalha do Waterloo? Conhece algum estabelecimento onde se aceitem apostas fortes? Além deste, é óbvio.

- Jogos de cartas? - perguntou Strickland por sua vez enquanto o ajudava a despojar do resto da roupa e lhe punha a camisa de

dormir. - Conheço alguns lugares, sim, mas não costuma freqüentá-los os de sua classe, senhor.

- Não importa - assegurou. Embora apetecível em certo modo, a possibilidade de que pudessem reconhecê-lo se pisasse em algum estabelecimento freqüentado pela classe alta poderia complicar muito as coisas depois de ter aceitado acompanhar Rachel York a Inglaterra.

- O que você escolher estará bem.

- vai jogar, senhor? - quis saber o sargento, que nesse momento lhe estava colocando um almofadão sob o joelho esquerdo, o qual aliviou a dor imediatamente. - Está seguro de que recorda as regras?

- A perda de memória é algo estranho - respondeu. - Ou, ao menos, a minha o é. Acredito recordar tudo salvo os detalhes concernentes a minha identidade.

- Tinha sorte com as cartas, senhor? - voltou a perguntar Strickland.

- Não tenho a menor idéia - respondeu. - Mas assim o espero. Se não, o casamento que aparecerá às portas do Chesbury Park dentro de uns dias será tão pobre como os ratos. E estarei endividado de forma vergonhosa com você além de com as damas que me atenderam.

- A sorte lhe sorriu no amor - comentou o homem com voz alegre, decidido aparentemente a acreditar que o casamento acabaria sendo de verdade e ainda por cima contraído por amor.

- Tomaremos como um bom presságio, senhor. Perguntarei por aí qual é o melhor estabelecimento. Pode ser que as coisas tenham mudado um pouco depois da batalha. Se me permitir, acompanharei o, senhor. Para lançar um olho em caso de que alguém queira passar dos limites, coisa que não espero nem por brincadeira. E também para tentar a sorte.

- Trato feito - aceitou. - Tão cedo me vai deixar na escuridão para que durma?

Strickland estava apagando as velas antes de partir.

- Está cansado, senhor - disse, a modo de resposta. - Não era preciso que a senhorita York me dissesse isso, porque salta à vista.

Cansado e preso em uma cama na escuridão, a uma hora em que supunha que a maioria de seus pares se dispunham a sair para a farra, pensou. Tomara pudesse recordar uma só noite em que ele tivesse feito o mesmo. Tomara pudesse afastar esse denso véu e recuperar alguma lembrança.

Uma só. Porque estava seguro de que atrás dela, outras iriam de roldão. Entretanto, a carência de lembranças com que se distrair para conciliar o sono o levou a rememorar as últimas horas. E ao cabo de uns instantes estava rindo-se entre dentes.

Capítulo 10.

Rachel não se acreditava capaz de reconhecer a seu tio quando voltasse a encontrar-se com ele. Não o tinha visto desde que tinha seis anos. Naquela época lhe tinha parecido alto, forte e musculoso, nobre e simpático. Entretanto, suas impressões não demoraram para azedar-se. Embora estava uma hora sem chover, a carruagem deu uma sacudida por causa de um buraco cheio de barro e o movimento fez que um de seus joelhos roçasse o de Jonathan Smith, que estava sentado em frente. Por sorte, era o joelho de sua perna sã, embora a outra se curara com bastante rapidez ao longo das duas semanas e meia que estava utilizando as muletas. Já podia apoiar um pouco de peso sobre essa perna, embora ainda utilizasse uma bengala para caminhar.

Apressou-se a afastar a perna e seus olhos se encontraram antes que desviasse a vista para aparentar que estava interessada na paisagem que se via do outro lado da janela. Ambos tinham completado com todo o rigor o pacto que combinaram depois que lhe sugerira essa farsa. Apenas se haviam tocado, apenas se tinham ficado a sós, mal tinham mantido uma conversa privada.

Como resultado, em lugar de encontrar-se mais confortável em sua presença, era justamente o contrário.

Ainda não dava crédito ao ocorrido àquela ditosa noite. Resultava-lhe impossível. Devia tê-lo sonhado. Mas, cada vez que chegava a essa conclusão, vinham a sua mente uma série de imagens incrivelmente detalhadas de si mesma, dele, dos dois e tinha

vontade de atirar-se de cabeça ao poço mais próximo para esconder-se e refrescar-se.

O fato de que ele estivesse cada dia mais forte, mais saudável, mais atraente, mais masculino e mais... mais de tudo! Tampouco ajudava muito.

Jamais teria imaginado que sua vida tomaria semelhante rumo, pensou ao mesmo tempo em que se aferrava ao cabo de couro que tinha sobre o ombro quando a carruagem deu outra sacudida.

Era muito estranho.

A sacudida despertou Bridget, que tinha ficado adormecida. Endireitou-se e colocou bem a touca.

- Quase fico adormecida - soltou.

- eu adoro seu novo aspecto, Bridget - lhe disse.

- Isso é porque pareço uma respeitável mulher casada, querida - aduziu a aludida com ironia.

- Não, é porque volta a se parecer com minha querida babá - corrigiu-a, lhe dando um apertão no braço.

Flossie, Phyllis e Geraldine viajavam na carruagem que os seguia, com o sargento Strickland.

As quatro damas tinham abandonado sua escandalosa vestimenta antes de deixar Bruxelas e vestiam trajes que quase eram cômicos por sua respeitabilidade. Bridget, com o rosto lavado e o cabelo de um castanho suspeitadamente uniforme, tinha recuperado sua antiga aparência.

Também parecia mais jovem, embora jamais tivesse admitido. Jonathan também parecia mais bonito e elegante do que devesse. Seu novo guarda-roupa era muito caro.

Tinha dinheiro.

Embora não tinha sabor de conhecimento certo como o tinha conseguido, tampouco era preciso ser um gênio para adivinhar. Tinha saído algumas vezes com o sargento Strickland, e na segunda ocasião retornou com um baú cheio de roupa nova, umas botas e uma bengala... e também com quantidades enormes de comida para a casa. Pagou a passagem de volta a Inglaterra e também tinha pago a sua, embora tinha toda a intenção de lhe devolver o dinheiro assim que tomasse posse de suas jóias e

vendesse algumas peças. Também tinha pago por sua conta o aluguel dos cavalos quando pisaram em chão inglês.

Se em sua outra vida foi um jogador, estava claro que não tinha perdido sua habilidade. Devia ter ganho uma fortuna.

Não obstante, se havia alguém a quem desprezasse por cima de algo era aos jogadores. Seu pai o tinha sido. Menos mal que não se havia apaixonado por Jonathan Smith e que seu matrimônio não fosse real. Os jogadores não eram maridos responsáveis nem pessoas de quem se pudesse depender...

E isso era um eufemismo como umaatedral. Havia momentos de abundância e extravagantes caprichos, mas também semanas, meses e inclusive anos de pobreza extrema e de dívidas asfixiantes.

Para cúmulo, tinha outros defeitos. A que outro cavalheiro lhe teria ocorrido um plano semelhante e o teria levado a cabo? Quem o teria posto em marcha com tanto entusiasmo? Tinham passado horas discutindo os detalhes com ele e sempre tinha dado mostras de estar desfrutando lindamente.

Seus olhos já eram bastante bonitos por si, pensou ressentidamente, sem necessidade de que os iluminasse esse brilho malicioso e travesso que aparecia tão freqüentemente.

Nesse momento os olhou e descobriu que estavam cravados nela.

- Logo chegaremos - escutou-o dizer.

Durante a última mudança de cavalos lhes tinham assegurado que não era preciso nenhum mais. Desejou por um momento encontrar-se em qualquer lugar do mundo menos ali, nas imediações do Chesbury Park. Sentia um terrível nó no estômago e o pânico a consumia por momentos.

Que coisa estava fazendo?

Reclamar o que era seu, o que sua mãe lhe tinha legado, simples e sinceramente. De qualquer modo, já era tarde para mudar de planos, embora a julgar pela expressão com a que Jonathan a estava olhando suspeitava que ele sabia que estava a ponto de fazer precisamente isso. Olhava-a com expressão risonha. E isso também a irritava. Como era possível que seus olhos rissem dela

enquanto mantinha o rosto impassível? Certamente era consciente de como estava atraente com essa expressão.

- Que tal lhe parece este lugar? - perguntou-lhe.

- É a Inglaterra - respondeu ele, encolhendo-se de ombros. - Não esqueci o país, Rachel, só o lugar que ocupo nele.

Mal prestou atenção a sua resposta. A carruagem acabava de deixar atrás uma grade de ferro forjado, momento no qual se deu conta de que tinham chegado ao Chesbury Park. Além da grade corria um caminho de cascalho que atravessava um arvoredado de carvalhos e castanheiras. Tudo lhe parecia enorme e grandioso. A audácia do plano que tinham tramado voltou a deixá-la perplexa.

A partir desse momento vislumbrou entre as árvores rápidos retalhos de uma imponente mansão de pedra cinza, muito maior do que tinha esperado. Ali tinha crescido sua mãe? Esse era seu lar?

Ao redor da mansão se estendiam imensos prados salpicados de árvores, conforme comprovou cada vez que o arvoredado o permitia, e também viu um enorme lago além dos estábulos. além de um extenso jardim com flores paralelo à fachada principal da mansão.

Quando a carruagem chegou à altura do lago e tomou a curva fechada que deixava atrás o estábulo e conduzia ao terraço que separava a mansão do canteiro, percebeu de que talvez seu tio não se encontrasse em casa.

Grande decepção levariam todos! Tomara acontecesse, desejou. Claro que desse modo ficariam atirados no meio de o Wiltshire sem um penny e sem um plano alternativo.

Jonathan se tinha inclinado para frente para lhe colocar uma mão no joelho.

- Acalme-se - disse. - Tudo sairá bem.

A única coisa que conseguiu foi que desse um pulo pelo contato e que se sentisse mais intranquã. A carruagem se deteve ao pé de uma ampla escadaria de pedra que conduzia a uma enorme porta de dupla folha. Estava fechada totalmente e ninguém saiu para averiguar a identidade dos viajantes que acabam de chegar em duas carruagens desconhecidas. Tampouco apareceu algum cavaliço dos estábulos. O cocheiro saltou da boléia, abriu a portinhola e desceu os degraus.

O quente ar estival inundou o interior da carruagem, que estava bastante carregada.

Jonathan desceu com cuidado e depois a ajudou a apear-se, apoiando-se na bengala.

Os outros também estavam descendo da outra carruagem, conforme comprovou. Geraldine e o sargento Strickland ficaram junto ao veículo. Apesar do insignificante vestido cinza, da capa e da volumosa touca que levava sob o chapéu, sua amiga continuava tendo o aspecto de uma voluptuosa atriz italiana. Um aspecto que outras criadas odiariam a primeira vista e que provocaria mais de uma briga entre seus colegas masculinos. O sargento Strickland, com um tapa-olho negro sobre a órbita vazia e o rosto coberto de hematomas cujos tons iam do amarelado ao cinzento, parecia um feroz pirata tal como Geraldine havia predito.

As outras duas ocupantes da segunda carruagem caminharam pelo terraço enquanto Jonathan ajudava Bridget a descer. Phyllis tinha o aspecto de uma mulher agradável e simples que não tinha tido um pensamento pecaminoso na vida. Flossie, com o cabelo loiro recolhido sob um gorro negro e embutida em um vestido da mesma cor, apresentava uma imagem frágil, atraente e tão respeitável como a da esposa de qualquer pároco.

- Não consigo me acostumar a olhar seu cabelo sem ter que entrecerrar os olhos, Bridget - disse Phyllis.

- Belisque as faces, Rachel - aconselhou Flossie. - Parece um fantasma.

Jonathan voltou a surpreendê-la ao lhe agarrar a mão para colocá-la no braço. Quando o olhou, viu que a observava com manifesta adoração.

- Que comece o jogo - o escutou dizer.

- Sim - respondeu com um sorriso deslumbrante.

Ajudou-a a subir os degraus da entrada e bateu na porta com o cabo da bengala. Passou um minuto, ou isso lhes pareceu, antes que um ancião abrisse e os olhasse a todos como se tivessem duas cabeças.

- A senhora Streat, a senhora Leavey, a senhorita Clover e sir Jonathan com lady Smith, de solteira York, para ver o barão Weston

- disse Jonathan com voz brusca ao mesmo tempo em que estendia ao ancião um cartão. - Se encontra em casa?

- vou ver senhor - foi a evasiva resposta do criado, embora se fizesse a um lado para deixá-los entrar.

Jonathan tinha se recordado até dos cartões de visita!

Do chão axadrezado do vestíbulo se erguiam fileiras de altas colunas estriadas para suportar o peso do piso superior. O teto era dourado e estava decorado com o que pareciam anjos. Vários bustos de mármore sobre seus correspondentes pedestais os olhavam dos nichos com expressões severas. Uma ampla escadaria se erguia bem em frente da porta e se dividia em dois lances ao chegar ao patamar, de onde subiam em curva. Sobre ela pendia um enorme lustre.

Era um vestíbulo desenhado para assombrar ao visitante, pensou. E com ela o tinha conseguido.

O criado desapareceu escada acima.

Sempre tinha imaginado que Chesbury Park seria uma casa de considerável tamanho, rodeada de jardins, mas não esperava que fosse uma grande mansão nem que estivesse rodeada por uma imensa propriedade. Pela primeira vez compreendeu a magnitude do desafio de sua mãe quando se casou contra a vontade do tio Richard. Tinha trocado tudo isso pelos escuros e desmantelados alojamentos que costumavam alugar em Londres.

- É enorme - murmurou Phyllis.

Todos estavam olhando a seu redor com os olhos arregalados, salvo Jonathan, percebeu. Em seu rosto viu certo interesse, mas parecia estar como peixe na água. Queria dizer que estava acostumado a semelhante esplendor?

Ao cabo do que lhe pareceu uma eternidade, o criado retornou e lhes pediu que o acompanhassem. Guiou-os pelo lance esquerdo da escadaria até o segundo patamar, de onde partiam dois amplos corredores. Entretanto, não entraram em nenhum, mas os conduziu rapidamente para a porta que tinham bem em frente e que dava para um salão. As paredes, revestidas com brocado vinho, estavam repletas de retratos e paisagens com molduras douradas.

O teto abobodado estava decorado com cenas procedentes da mitologia grega, e as enormes janelas tinham cortinas de luxuoso veludo. Um tapete persa cobria quase todo o chão, e as peças do mobiliário, todas elas douradas e volumosas, estavam distribuídas em pequenos grupos, embora o principal se achava diante da enorme chaminé de mármore esculpido.

De costas à chaminé havia um cavalheiro. Não era muito grande, embora a primeira vista desse essa impressão. Era magro, com o cabelo veteado de cinza (de fato, esse parecia ser a cor predominante em sua pessoa, porque tinha até a pele cinzenta) e os ombros encurvados. Entretanto, embora tivesse estado erguido, sua altura não teria ultrapassado a média.

Fazia dezesseis anos sem ver seu tio, de modo que o estudou com atenção. Não se parecia em nada ao homem que recordava. Seria o mesmo?

Uns olhos penetrantes situados sob umas sobrancelhas grossas e grisalhas a observaram enquanto se adiantava e o fazia uma reverência formal. Reconheceu-o nesse momento. Recordava esses olhos, que sempre a tinham olhado diretamente. Poucos adultos olhavam as crianças de verdade.

- Tio Richard? - perguntou-se se deveria cortar a distância que os separava e lhe dar um beijo na face, mas tinha duvidado muito e foi impossível fazê-lo. Além disso, esse homem era um estranho para ela embora fosse seu único parente conhecido.

- Rachel? - Correspondeu, com as mãos às costas enquanto inclinava a cabeça de forma elegante, mas fria. - Parece-se com sua mãe. Assim casou-se, não?

- Sim - respondeu. - A semana passada em Bruxelas, onde estava desde antes da batalha de Waterloo. - Virou a cabeça e esboçou um sorriso radiante quando Jonathan se colocou a seu lado.

- Permita-me que o apresente a sir Jonathan Smith, tio? Jonathan, este é o barão Weston.

Saudaram-se com um gesto de cabeça.

- antes de contrair matrimônio vivia com umas boas amigas - seguiu explicando - e como também tinham planejado retornar a Inglaterra esta semana, foram amáveis de nos acompanhar até

aqui. Tenho o prazer de lhe apresentar à senhora Streat, a sua cunhada, a senhora Leavey, e à senhorita Clover, que teve a amabilidade de ser minha acompanhante quando deixei meu emprego com lady Flatley.

A apresentação foi seguida pelas saudações e reverências de rigor.

- Phyllis e eu insistimos em acompanhar a nossa querida amiga até sua porta antes de seguir nosso caminho - explicou Flossie. - Evidentemente era desnecessário pois se casou com sir Jonathan e conta com a companhia de nossa querida Bridget. Mas é que a queremos muitíssimo! - De algum modo, se compôs para parecer formosa e esgotada ao mesmo tempo, como se a viagem tivesse sido um nobre sacrifício e um calvário ao mesmo tempo.

- Asseguramos a nossa querida Rachel que você se zangaria conosco se a abandonássemos a assim que chegássemos a Inglaterra - acrescentou Phyllis com um sorriso amável, como se fosse uma rainha rebaixando-se a falar com um plebeu. - Embora esteja segura de que não se teria zangado muito, já que agora é uma dama casada. Ainda não conseguimos acreditar, não é assim, Floss...Flora? Foi um cortejo vertiginoso e um casamento muito emotivo.

- Por favor, senhoras, sentem-se - sugeriu seu tio. - E você também, Smith. O chá chegará em seguida. Ordenarei que lhes preparem os quartos. Ninguém se irá daqui sem ter descansado como é devido.

- É muito amável, milord - disse Flossie. - Receio que não suporto muito bem as viagens e confesso que estou exausta depois de vários dias de caminho.

- E eu sofro de náuseas espantosas cada vez que me separa uma simples tábua de madeira das profundidades marinhas - afirmou Phyllis. - Suponho que "vômito" seria uma palavra menos vulgar, não? Receio que sou famosa por falar sem disfarces, não é assim, Flora?

Rachel se sentou em um divã e Jonathan o fez a seu lado. Seus olhares se encontraram. O ligeiro mal -estar que expressavam seus olhos contrastava com o velado humor que aparecia nos de seu

suposto marido, embora até o momento tivesse interpretado à perfeição o papel de digno cavalheiro. Desejou que Flossie e Phyllis não falassem muito.

Seus pensamentos não demoraram para retornar a seu tio. Observou-o com preocupação. Esse era o mesmo homem alto, forte e jovial que recordava de sua infância? Até considerando o fato de que era muito pequena naquela época e de que o tinha olhado com os olhos de uma menina, tinha mudado muitíssimo durante esses dezesseis anos. Parecia doente. Não, não parecia. Estava. Estava esquelético e parecia esgotado.

Tinha suposto que se veria obrigada a medir seu engenho com o de um homem robusto, vociferante e obstinado com o de um homem a quem não teria reparos em mentir e desafiar.

De modo que se sentiu mal ao ver seu aspecto tão frágil.

Também a inquietava um pouco e a assustava em certa medida.

Esse homem era, até onde sabia, o único familiar que ficava com vida, a única pessoa que fazia com que não estivesse sozinha no mundo. Era uma preocupação absurda quando o único contato que tinha tido com ele durante vinte e dois anos se reduzia aos poucos dias que tinham passado juntos quando ela era uma menina e às duas cartas onde lhe negava o que lhe tinha pedido.

De qualquer forma, sentia-se mau.

Alleyne se alegrava de estar na Inglaterra. Tinha a sensação de estar em casa, embora não soubesse o lugar exato onde estava seu lar. Também se achava muito confortável no Chesbury Park, embora a propriedade lhe fosse totalmente desconhecida. Assim como era lorde Weston, embora tinha considerado a possibilidade de que o barão o reconhecesse. Claro que as coisas se teriam complicado muito nesse caso.

Weston não se parecia em nada ao que tinha imaginado, um homem intransigente e grosseiro. É óbvio, os inválidos podiam ser petulantes e bastante desagradáveis, e saltava à vista que Weston era um inválido. Fosse como fosse, estava entusiasmado pelo desafio implícito na farsa que acabavam de pôr em marcha. Essas últimas semanas se tinham feito intermináveis, sobre tudo desde que se recuperara da ferida da perna o bastante para viajar.

Entretanto, saltava à vista que Rachel estava desconcertada. Algo compreensível. Esse homem era seu tio, seu único parente. Agarrou-lhe a mão e a colocou sobre o braço antes de lhe dar um apertão. Flossie estava elogiando a beleza da mansão e informando-os do enorme semelhança que guardava com a casa de seu cunhado no Derbyshire... A casa do irmão do Phyllis, recordou de repente.

- Não lhe parece, Phyllis? - perguntou com um sorriso afável.

- Estava pensando o mesmo, Flora - concordou a aludida.

- Como está, tio Richard? - perguntou Rachel, que se inclinou ligeiramente para ele.

- Bastante bem - respondeu Weston enquanto se sentava em uma poltrona próxima à chaminé, embora parecia ter um pé na tumba. - Tudo isto é bastante repentino, não, Rachel? Viajou a Bruxelas como a dama de companhia de lady Flatley. Já conhecia o Smith naquela época?

- Sim - respondeu ela. Evidentemente a resposta formava parte da história que inventaram.

- Nos conhecemos em Londres o ano passado, pouco depois da morte de meu pai. E depois voltamos a nos encontrar em Bruxelas, onde Jonathan começou a me cortejar. Lady Flatley decidiu retornar a Londres antes da batalha do Waterloo e Bridget se ofereceu a me acolher em sua casa, junto com estas damas, suas amigas.

- Bridget é nossa amiga de coração - declarou Flossie se por acaso Weston não tinha entendido bem que era uma relação especialmente estreita.

- E foi minha babá durante seis anos, depois da morte de minha mãe - acrescentou Rachel.

- Levei uma grata surpresa ao me reencontrar com ela em Bruxelas, de modo que aceitei encantada seu convite, sobre tudo quando Floresce e Phyllis insistiram em que o fizesse. E depois Jonathan me convenceu de que nos casássemos antes de voltar para casa.

Weston o estava observando com atenção, mas antes que pudesse dizer algo, levaram o chá. Phyllis se colocou junto à

bandeja sem dizer uma palavra e procedeu a servir e a repartir as xícaras.

- Chegamos à conclusão, milord - disse Bridget ao Weston, - de que devia acompanhar a lady Smith até aqui já que é recém casada. Flora e Phyllis não puderam resistir e se somaram à viagem.

Ainda lhe parecia engraçado olhar para Bridget e ver uma mulher bastante jovem, respeitável e formosa cuja voz, casualmente, era a mesma que tinha utilizado a Bridget Clover de Bruxelas.

Enquanto isso, Weston havia tornado a cravar o olhar nele.

- E você, Smith? - quis saber. - Quem é você exatamente? Smith é um sobrenome muito comum. Há uma família bastante decente no Gloucestershire. Está aparentado com eles?

- Duvido-o muito, senhor - respondeu. - Sou do Northumberland e a maior parte de minha família reside ali há gerações.

Northumberland era a região mais setentrional onde se localizar suas origens sem mandá-lo a Escócia diretamente.

Passou a explicar ao barão que dois anos atrás tinha herdado de seu pai uma modesta fortuna e uma propriedade de considerável tamanho, que não era nem excessivamente extensa nem excessivamente próspera, embora Geraldine e Phyllis o teriam convertido em um homem mais rico que Crespo se tivessem saído com a sua. Com a ajuda do Rachel lhes tinha feito entender que devia ser a classe de cavalheiro que lord Weston aprovasse e para isso sua existência no Northumberland não resultaria suspeita.

Tinha ido a Bruxelas, seguiu explicando, porque o regimento de seu primo estava aquartelado na cidade.

- E ali me encontrei de novo com Rachel - disse, virando a cabeça para lhe sorrir com afeto ao mesmo tempo em que lhe dava um apertão à mão que tinha sobre o braço. - Não a tinha esquecido. Teria sido impossível fazê-lo. Apaixonei-me perdidamente por ela assim que voltei a vê-la.

Foi muito interessante ver como se ruborizava e mordida o lábio inferior.

- Nunca vi nada tão bonito como a ternura do amor que se desenvolvia sob o atento olhar de nossa querida Bridget - confessou

Phyllis com um suspiro - e sob o benevolente olhar de Flora e ao meu próprio, milord.

- Sir Jonathan me recorda muitíssimo a meu querido e defunto esposo, o coronel Streat – disse Flossie, que de repente tinha um lenço na mão. - Morreu como um herói na Península faz dois anos. Streat tinha sido promovido de forma vertiginosa, pensou. Porque há algumas semanas só era um capitão, não?

Tomara as damas não planejassem exagerar as mentiras a menos, é óbvio, que tivessem muito boa memória.

O barão soltou a xícara de chá.

- Confesso-lhes que estou decepcionado - disse - ao ver que Rachel considerou apropriado casar-se sem me comunicar. Sou consciente de que já é maior de idade e de que podia casar-se com quem quisesse há mais de um ano. Não necessitava de minha permissão muito menos. Mas teria gostado que solicitasse minha bênção. E se tivesse chegado à conclusão de que o enlace merecia minha aprovação, teria gostado de celebrar as bodas no Chesbury Park. Mas ninguém me consultou.

Esse era o motivo da desvantagem que sofria a olhos do barão, pensou Alleyne. Weston o via como a um homem a quem a paixão o tinha levado a cometer uma indiscrição. Não tinha levado Rachel a casa para casar-se, não a tinha levado ao Northumberland para apresentar-lhe a sua família e não a tinha levado ao Chesbury Park para solicitar a bênção de seu tio. Qualquer um com dois dedos de frente se perguntaria por que não tinha feito nenhuma dessas três coisas.

Mas, enfim... Weston nunca tinha demonstrado o menor interesse por sua sobrinha. A preocupação que demonstrava era, quanto menos, hipócrita.

- Sir Jonathan é incrivelmente romântico e impulsivo - aduziu Phyllis, que tinha levado as mãos ao peito. - Não houve modo de convencê-lo, milord, porque estava decidido a que as bodas se celebrassem em Bruxelas para trazer Rachel para a casa como sua esposa. Meu querido coronel Leavey é igualzinho.

- O mesmo passava ao coronel Streat - acrescentou Flossie. - Insistiu em que seguisse às tropas por toda a Península, fosse

inverno ou verão.

Ah, outro coronel. E não se queixou Flossie de que as viaje não eram o seu?

- Mas o casal veio por fim - disse Weston, pendente deles dois. - Não é difícil supor para que. deu-se conta de que Rachel estava olhando fixamente a seu tio com o queixo em alto.

- Casei-me com um homem contra o que não pode objetar nada - declarou, - embora ache que nos tenhamos casado com excessiva precipitação. Por que ia vir ao Chesbury Park a me casar? Jamais demonstrou o menor interesse por minha pessoa. Jamais quis me conhecer. Quando morreu meu pai e me convidou a viver consigo, sua única intenção era a de me casar a menor oportunidade e se liberar de mim de uma vez por todas. Bem, pois economizei o aborrecimento. Vim em busca de minhas jóias, a herança que me deixou minha mãe. Já não tem nenhum motivo para se negar.

Suas beligerantes palavras e sua hostilidade não eram muito acertadas nem formavam parte do plano que tinham esboçado. Entretanto, admirava-a por não ter escolhido lhe dar ouvidos. Ao menos tinha decidido mostrar seus verdadeiros sentimentos, embora todo o resto fora uma mentira.

Apertou-lhe a mão com força.

- Não era consciente de que necessitasse um motivo, Rachel - disse Weston.

Escutou-a ofegar pela surpresa. Entretanto, deu-lhe uns tapinhas na mão e tomou a palavra antes que ela pudesse fazê-lo.

- Sua preocupação pelo bem-estar de sua sobrinha e suas reservas com respeito a minha pessoa são compreensíveis, inclusive elogiáveis, senhor - afirmou. - Teria estranhado muito que as notícias de nossas inesperadas bodas o tivessem alegrado, sobre tudo se seguidamente lhe pedimos que entregue ao Rachel as jóias que a difunda senhora York lhe encomendou. O único que lhe peço é que me dê tempo para lhe demonstrar que sou merecedor da mão de sua sobrinha, que ela escolheu com a cabeça além de com o coração, que não sou um caça fortunas e que nenhum dos dois esbanjará sua herança. De fato, rogo-lhe que nos permita ficar todo o tempo que achar conveniente como período de

prova. É obvio, estou ansioso por levar a minha esposa a casa, mas farei o que lhe faça feliz. E ganhar sua confiança e sua bênção a fará feliz.

O problema de interpretar um papel, acabava de descobrir, era a facilidade com a que alguém podia deixar-se levar. Apesar de falar com convicção, quase tudo o que saía de sua boca era uma mentira. Salvo sua intenção de vê-la feliz, obviamente.

- Muito bem - aceitou Weston, que assentiu com brusquidão depois de havê-lo submetido a um enervante e pensativo escrutínio.
- Já veremos o que acontece um mês, Smith. Embora haja descuidado de meus deveres como anfitrião. Quanto tempo passou na Península com seu marido, senhora? - perguntou ao Flossie.

Um mês!

Flossie se lançou a uma exuberante e detalhada descrição de seus anos na Península enquanto ele observava ao barão com mais detalhe. O fato de que estivesse doente tinha ficado patente desde o começo. Entretanto, sua tez tinha adquirido uma cor muito mais apagada durante os últimos minutos.

Pelo esforço de atender a cinco hóspedes inesperados? Pela emoção de voltar a ver Rachel e de enfrentar a sua hostilidade?

Ou por algo diferente?

Alleyne cravou o olhar no Rachel. Ao ver que também estava muito pálida, primeiro lhe sorriu e depois lhe piscou um olho. Para bem ou para mau, era seu devoto marido durante o mês que tinham pela frente. Estavam arrumados! Pensou. Tinha suposto que bastariam uns dias ou uma semana no máximo... Enfim, só lhes restava continuar com o plano.

Levou suas mãos unidas aos lábios e lhe beijou o dorso enquanto a olhava nos olhos com ternura, muito consciente de que o gesto não passaria inadvertido para o resto dos ocupantes da sala.

De fato, esperava que todos o vissem. Apenas a havia tocado nessas duas semanas e meia, e acabava de dar-se conta de que manter as distâncias tinha sido o mais sensato.

Era muito bela e muito atraente para sua tranquilidade. Seria melhor que reduzisse as amostras de afeto ao mínimo.

Pelo amor de Deus, um mês! Um mês completo.

Enfim, ele era o culpado de tudo, não?

Capítulo 11.

- Os lacaios parecem rãs e os cavaleiros, doninhas - disse Geraldine. - Ainda não vi nenhum jardineiro, assim ainda restam esperanças, mas tampouco parece que haja muitos.

A cozinheira está zangada porque agora tem mais bocas que alimentar.

- Geraldine! - exclamou Rachel entre gargalhadas. - Como é capaz de julgar às pessoas com essa rapidez? Não é preciso que me penteie. Posso fazê-lo sozinha.

Entretanto, Geraldine agarrou a escova com um gesto resolvido e a agitou no ar.

- Se vou ganhar a vida como a criada de uma dama - concluiu - terei que penteá-la, atar as fitas do espartilho, abotoar e ajustar os vestidos e agasalhá-la às noites. Além disso, não terei muito que fazer. O senhor Edwards, o mordomo que nos abriu a porta, não pára de dizer aos criados quão elegantes são Floss e Phyll, essas duas grandes damas, assim já pode fazer uma idéia de quão perspicaz é o homem. Fui incapaz de olhar ao Will por temor a estalar em gargalhadas.

- Agora a sério - replicou, - isto não é para levar na brincadeira. Meu tio está doente e sua recepção foi fria, para dizê-lo de modo suave, embora haja sido muito educado, sobre tudo com o Flossie e Phyllis. Desaprova meu matrimônio ou, ao menos, as circunstâncias nas quais se celebrou. Vamos demorar muitíssimo em convencê-lo de que nascemos um para o outro, de que nossa união será próspera e estável, e de que sou eu quem deveria ter as jóias que me pertencem por direito. Dá-me a sensação de que jamais poderemos sair em busca do senhor Crawley.

- Não se preocupe por isso - a tranqüilizou Geraldine enquanto começava a lhe escovar o cabelo da raiz às pontas. - Um homem como Crawley seguirá fazendo das suas até que alguém lhe pare os pés. Encontraremos-lo e lhe daremos seu castigo, embora tenhamos que esperar um ano para fazê-lo. Floss mandou um aviso a Londres

para que reenviem aqui qualquer carta de nossas irmãs. Além disso, Rachel, não tem que se sentir na obrigação de financiar a busca. Mas, embora o fizesse, I He devolveríamos até o último penny. Se Ihe disser a verdade, estamos aqui porque fomos incapazes de resistir a tomar umas férias e a participar de uma aventura semelhante. Assim não tem que preocupar-se absolutamente por nós.

Enquanto Geraldine a penteava, sua mente insistiu em Ihe recordar que seu closet e o do Jonathan estavam separados por um arco sem porta e que cada aposento se comunicava com seus respectivos dormitórios. Menos mal que nenhum dos dois desejava aprofundar em sua relação além dos limites que marcava a farsa. Entretanto, era muito embaraçoso descobrir que Ihes tinham atribuído uma suíte completa sem separação real entre seus dormitórios, como se fossem um matrimônio de verdade. Jonathan estava nesse momento em seus aposentos com o sargento Strickland, arrumando-se para o jantar. Escutava o murmúrio de suas vozes.

- Caramba, está incrível! - exclamou Geraldine quando acabou de penteá-la. - Com sua permissão, vou desmaiar.

Sobressaltada, Rachel ergueu a vista, mas descobriu que não se referia a ela. Jonathan as observava do arco que separava seus closets. E Geraldine não tinha exagerado absolutamente. Estava muito elegante vestido com o traje formal: calças de cor marfim, meias brancas, sapatos negros, colete de cor ouro velho, fraque negro e camisa branca. Devia haver-se atado a gravata ele mesmo, já que era impossível que o sargento Strickland tivesse realizado um nó tão elaborado.

Levava o cabelo penteado para trás (tinha-Ihe crescido muitíssimo em um mês), embora a mecha rebelde Ihe caísse sobre a sobrancelha direita como de costume. Teria preferido que a torturassem antes que admiti-lo, mas se alegrava de estar sentada. Tinham afrouxado seus joelhos. Até a bengala que levava era elegante.

- A criada de minha senhora esposa demonstra ser deliciosa em seus comentários... – replicou ele com um sorriso. Em seguida,

cravou o olhar nela e a observou da cabeça aos pés. Tinha escolhido um vestido de noite verde claro que já tinha três anos, embora estivesse virtualmente novo porque mal tinha tido oportunidade de usá-lo. - De qualquer forma, seguiremos contando com seus serviços, Geraldine. Faz maravilhas com o cabelo de lady Smith. Ou talvez a responsável por que me tenha desbocado o coração seja a mulher que há debaixo do dito cabelo.

Dado que seu tio não estava presente, semelhantes palavras eram desnecessárias. Entretanto, quando percebeu que Jonathan piscava um olho à Geraldine, compreendeu que estava rindo dela. Ficou em pé imediatamente enquanto fazia girar a aliança que ele se recordara de comprar quando chegaram a Inglaterra.

- São as duas coisas - escutou dizer ao Geraldine. - Esse cabelo dourado forma parte da mulher e às vezes faz que me dê coragem que minha mãe fosse italiana. Será melhor que vá falar com o Will para ver o que opina deste lugar. E com isso desapareceu pelo arco.

- Bom, Rachel - lhe disse Jonathan, levando-as mãos atrás das costas, - o que opina você?

- Opino... - respondeu com o queixo elevado. - Opino que deveríamos fingir que há um muro muito largo justo debaixo desse arco.

Até sabendo de que Geraldine e o sargento Strickland provavelmente se encontrassem a escassos metros de distância, a situação lhe parecia muito íntima.

O comentário fez que Jonathan arqueasse uma sobrancelha, gesto que acentuou sua atitude e lhe outorgou um ar bastante arrogante.

- Descemos, milady? - perguntou-lhe com uma elegante reverência ao mesmo tempo em que lhe oferecia um braço.

- Não posso deixar de pensar que este foi o lar de minha mãe até que completou os dezessete anos e fugiu com meu pai - disse enquanto aceitava o braço e saíam do aposento. - Aqui foi onde cresceu. Se as coisas fossem diferentes, estaria familiarizada com este lugar. Teria vindo de visita com ela em numerosas ocasiões. Teria passado aqui os Natais e outras férias, inclusive depois de sua

morte. Teria conhecido bem a meu tio. Teria tido outro parente além de meu pai.

- Mas Weston nunca perdoou a sua mãe - assinalou ele.

- Quanto desejei ter irmãos, primos e tios enquanto crescia! Embora só fosse um tio...- confessou com um suspiro, embora na hora se sentiu ridícula por haver-se justificado desse modo.

- Espero que não se arrependa de estar fazendo isto, Rachel - lhe disse Jonathan. - Já é muito tarde, não é? Assim teremos que seguir com a farsa.

- Não me arrependo - lhe assegurou. - Meu tio estava mentindo quando afirmou que teria gostado que viéssemos antes do casamento para poder celebrá-lo aqui. E também ao afirmar que esperará um mês para decidir. Não me quer. O único que me afeta é saber que está doente. Acha que está morrendo?

A possibilidade continuava perturbando-a, embora não sabia por que. Esse homem não significava nada para ela... ele mesmo se encarregara disso. Jonathan lhe deu uns tapinhas na mão que descansava sobre seu braço.

Flossie e Phyllis já estavam no salão, conversando com seu tio. Bridget também estava presente. Todas se comportavam com muita educação e tinham um aspecto muito respeitável. Que fácil era mentir, pensou. Salvo que teriam que seguir fazendo-o durante um mês inteiro. Seriam capazes de manter a farsa todo esse tempo?

Seu tio estava como uma obra pintada, embora continuasse lhe parecendo consumido e curvado. Sentiu uma pontada de remorsos e se repreendeu por isso. Se gozasse de boa saúde, certamente lhe seria igual estar enganando-o. Que mais dava que estivesse doente? Ao fim e ao cabo, não a queria. e era sua sobrinha, o único familiar próximo que tinha.

O jantar foi muito menos tenso do que se temeu. Todos fizeram um esforço para que a conversa não decaísse, e ninguém disse nada a respeito da insípida comida e do fato de que os pratos estivessem quase frios. Jonathan expressou seu interesse pela propriedade quando o jantar chegava a seu fim.

- Direi a meu administrador que o acompanhe em uma visita - disse o tio Richard.

- Ultimamente estive um pouco indisposto e não saí muito de casa. Drummond o levará aonde você quiser. E à Rachel também, se gostar, embora suponha que não lhe interessará muito. As damas costumam ter outros interesses.

- Interessa-me, tio Richard - corrigiu-o, aborrecida. - Admito minha total ignorância sobre o assunto, já que salvo estes últimos meses, minha vida transcorreu em Londres. Mas estou ansiosa por aprender agora que me casei com o Jonathan e vou viver no campo.

Estaria mais familiarizada com a vida rural se ele a houvesse convidado alguma ou outra vez ao longo de sua infância.

- Em meu caso, as vacas, os porcos e a colheita de feno não me interessam o mínimo - admitiu Flossie. - Mas estou desejando explorar os jardins e os bosques durante os próximos dias. Com sua permissão, milord, é claro.

- Sentiria-me profundamente decepcionado se não estivesse confortável durante sua estadia no Chesbury Park, senhora.

- Como é seu estábulo, senhor? - perguntou Jonathan. - Poderia utilizar um de seus cavalos enquanto estiver aqui?

- Parece-lhe sensato, sir Jonathan? - interveio Bridget. - Sua perna ainda não sarou de tudo.

Tinham explicado ao tio Richard que Jonathan ferira a perna enquanto tentava controlar um cavalo desenfreado nas ruas de Bruxelas.

- Preciso fazer exercício - declarou ele.

- Já não tenho tantos cavalos como antes - disse seu tio - mas sinta-se livre de escolher o que quiser.

Rachel olhou ao Jonathan com um sorriso e estendeu o braço para lhe tocar a mão. Fingir lhe custava mais que a outros. Mas devia acostumar-se a fazer gestos carinhosos em público ao homem que supostamente era seu deslumbrante marido.

- Tenha muito cuidado, Jonathan - lhe disse.

- Tem que montar comigo, meu amor - respondeu ele, sorrindo-lhe com tal ternura que teve que fazer um tremendo esforço para não afastar-se e aumentar a distância que os separava.

- Não sei montar - replicou. - Acaso se esqueceu?

Percebeu o brilho surpreso que apareceu em seus olhos.

- Nem eu tampouco, Rachel - comentou Bridget. - E não me sinto mal por isso.

- Eu passava os dias montando enquanto estava na Península com o coronel Streat - afirmou Flossie. - Me afeiçoei muito com os cavalos.

Jonathan lhe cobriu a mão que descansava na mesa.

- É obvio que não me esqueci, meu amor - lhe assegurou. - Mas devemos remediar a situação sem demora se queremos passar os dias juntos. Terá que aprender a montar. Eu a ensinarei. - Seus olhos tinham adquirido essa expressão risonha que já lhe era tão familiar.

- Mas não gosto de fazê-lo - protestou, tentando escapar de sua mão em vão, já que a agarrou imediatamente enquanto o sorriso chegava aos lábios.

- Não me diga que tem medo! - exclamou. levou suas mãos aos lábios como fez antes no salão. - Se for viver no campo como minha esposa, terá que montar comigo. Darei-lhe a primeira aula pela manhã.

- Jonathan - disse, desejando que o assunto tivesse surgido estando sozinhos para assim poder negar-se com firmeza - preferiria não fazê-lo.

- Mas o fará - insistiu ele sem perder o sorriso. E era um sorriso que destilava ternura, admiração, carinho... e malícia.

Soltou um suspiro muito sentido. Ao mesmo tempo em que Phyllis.

- Ai! - exclamou esta. - eu adoro as cenas entre apaixonados. Ajuda-me a agüentar, em certa medida, a separação de meu querido coronel Leavey, cujas obrigações o mantêm em Paris com seu regimento.

Rachel deu um pulo. Um coronel com um só regimento sob suas ordens? Menos mal que seu tio não pareceu dar-se conta do deslize.

- Mas já montou a cavalo, Rachel - disse lorde Weston. - Cavalgamos juntos quando fui a Londres para assistir ao funeral de sua mãe.

Tinha esquecido esse detalhe em concreto de sua visita, mas o recordou na hora. Aquela menina de seis anos que era então devia

entender que sua mãe estava morta. Inclusive recordava ter chorado de forma inconsolável junto à tumba, obstinada à mão de seu pai e com o rosto grudado a uma de suas coxas. Não obstante, talvez pela forma de ser dos meninos, tinha sido muito feliz nos dias seguintes precisamente porque o tio Richard tinha estado com ela desde que se levantava até que se deitava e a tinha levado a lugares onde nunca tinha estado... e aos que não havia tornado após em alguns casos. Tinha-a levado a Torre de Londres a ver os animais e à exibição eqüestre do Astley's Amphitheater. Tinha-lhe comprado sorvetes no Gunter's. Tinha dado de presente uma boneca de porcelana que um dos amigos de seu pai destroçou pouco depois ao atirá-la ao chão.

Mas o melhor e o mais divertido de tudo foi montar a cavalo com ele.

Entretanto, não queria recordar. Tinha-a abandonado aos poucos dias. Não havia tornado a saber nada dele até que ela mesma escreveu aos dezoito anos para lhe informar de que necessitava desesperadamente de suas jóias porque seu pai levava meses endividado até as sobancelhas e tinham que comprar a crédito a pouca comida que levavam a boca.

- Isso faz muito tempo - replicou com tensão.

- Sim - concordou ele. - Muito.

Estava cinzento e gasto e parecia mortalmente exausto. Mesmo assim, irritava-a que tivesse trazido à luz o passado. Irritava-a a fragilidade de seu aspecto. E ao mesmo tempo ansiava lhe jogar os braços ao pescoço e tornar-se a chorar por alguma estranha razão que não conseguia compreender.

- Faz bastante tempo que não aceito convites e que não recebo visitas - disse, - mas tenho que desculpar os enganos do passado. Convidarei a meus vizinhos para que conheçam minha sobrinha, e a seu deslumbrante marido e ao resto de minhas hóspedes. Organizarei algum tipo de evento para celebrar seu recente matrimônio, Rachel, pois já é muito tarde para celebrar as bodas em si. Um baile, talvez.

Abriu os olhos de par em par, consternada. Nem sequer lhe tinha passado pela cabeça que tivessem que fingir diante de outras

pessoas além de seu tio. Claro que tampouco tinha pensado que tivessem que ficar tanto tempo. Ia convidar a seus vizinhos? Ia organizar um baile para celebrar suas bodas?

Olhou ao Jonathan, mas não lhe ofereceu nenhuma solução. limitou-se a lhe sorrir enquanto a contemplava com um olhar transbordante de... adoração.

- Será esplêndido, meu amor - disse. - Não teremos que esperar para estar em Northumberland para dançar.

Para dançar, Seu tio havia dito algo de celebrar um baile. Embora tinha aprendido a dançar, jamais tinha ido a um baile. Esse tinha sido um de seus sonhos mais recorrentes durante a infância e a adolescência. Um desejo forte substituiu por um instante a consternação.

Talvez houvesse um baile no Chesbury Park. E ela seria a convidada de honra. Ia dançar! Com o Jonathan.

- Não, tio Richard! - exclamou de volta à realidade. - Não é preciso que tome tantas preocupações. Não esperávamos nada semelhante e Jonathan não pode dançar. Ainda tem que utilizar a bengala para poder andar.

- Mas minha perna melhora dia a dia - protestou ele.

- Um baile! - exclamou Flossie, radiante de alegria. - Ajudarei a organizá-lo, milord.

- E eu também - se ofereceu Phyllis. - Ai, como eu gostaria que estivesse aqui meu querido coronel Leavey para poder dançar com ele! - exclamou depois do que soltou um fundo suspiro.

- Certamente que o faremos, Rachel - lhe assegurou seu tio. - Não será nenhuma perturbação, justamente o contrário. Não tenho filhos, já que minha esposa morreu faz oito anos sem descendência. E minha única irmã só teve uma filha, você. Sim, certamente que a ocasião merece celebrar-se. - A idéia parecia agradá-lo muitíssimo.

Não obstante, algo a confundiu. Seu tio tinha estado casado? Ela tinha tido uma tia? sentiu-se abandonada, entristecida pela morte de alguém cuja existência tinha ignorado até esse preciso momento. E se sentiu muito aborrecida porque a tinham deixado à margem, porque ninguém o houvesse dito alguma vez. E apesar de tudo seu

tio se empenhava em celebrar um baile aduzindo que era a filha de sua única irmã?

ficou em pé de repente, afastando a mão da do Jonathan e empurrando a cadeira com as pernas ao fazê-lo.

- Flora, Phyllis, Bridget - disse, - deixaremos ao Jonathan e a meu tio e iremos ao salão. - Mas quando olhou a seu tio sem esforçar-se por dissimular seu aborrecimento, comprovou que sua pele tinha de novo essa cor cinzenta e que estava consumido. - Tio Richard, receio que abusamos de suas forças. Parece cansado. Por favor, não se sinta obrigado a se reunir conosco para seguir com seus deveres de anfitrião.

Igual a Jonathan, pôs-se em pé quando ela o fez.

- Talvez me retire cedo - replicou. - Agora mesmo, de fato. Smith seria amável de acompanhar às damas ao salão? O chá já estará preparado. Me dê licença de vocês até manhã. boa noite.

Não tinha esperado algo assim, concluiu enquanto abria a marcha para o salão uns minutos depois. Não tinha esperado sentir-se unida emocionalmente a um homem com quem estava ressentida desde há anos nem a uma mansão em que jamais tinha posto um pé. Quando aceitou a levar a cabo o desatinado plano do Jonathan para obter suas jóias mediante o engano, nem lhe tinha passado pela cabeça a possibilidade de que pudesse albergar sentimentos por um passado do qual nem sequer tinha formado parte.

Não tinha sido consciente de como eram profundas as feridas que sofrera em sua infância.

- Haverá visitas - disse Flossie o mar de contente quando chegaram ao salão e tomou assento em uma poltrona. - E uma celebração por cima. Possivelmente um baile. Verão como protesta Gerry quando souber!

- Esse homem está doente - comentou Bridget.

- Terei que pôr à cozinheira de quatro na rua - declarou Phyllis. - Não deveriam permitir que voltasse a pisar em uma cozinha no que resta de vida.

- Acredito que isso é parte do problema, Phyll - aventurou Bridget.

- Precisa comer pratos saborosos, que lhe abram o apetite e que estejam preparados como é devido.

- Tudo isto é intolerável - disse ela quando chegou ao centro da sala, com os punhos apertados a ambos os lados do corpo. - Não podemos permitir que os vizinhos venham nos conhecer a Jonathan e a mim como se realmente fôssemos marido e mulher. Não podemos permitir que se celebre um baile em nossa honra. Temos que fazer algo! O que podemos fazer? Jonathan, tire esse odioso sorriso de seu rosto agora mesmo. Você nos colocou nisto. Assim você nos tire.

Seu semblante adotou de repente uma expressão suspeitamente indecifrável enquanto tomava posse de suas mãos.

- Rachel, meu amor - disse, - isto é justo o que tínhamos planejado, não? Seu tio te aceitou como sobrinha e aprova nosso matrimônio, embora não termine por gostar da pressa com as que o celebramos. Está-nos oferecendo a ocasião perfeita para que deslumbremos a seus vizinhos, para que nos mostremos frente a ele e frente a todo este universo rural como o casal perfeito. Que mais se pode pedir?

- Tem razão, Rachel - assinalou Bridget. - Não tinha imaginado que o barão Weston chegasse a cair tão bem. Está mais que disposto a reconhecê-la como sua sobrinha e a tratá-la como merece seu parente mais próximo.

- Mas não vêem que esse é o problema? - perguntou-lhes ao mesmo tempo em que tentava escapar das mãos do Jonathan, embora só conseguiu que ele a segurasse com mais força. - A última coisa que preciso é de seu carinho, se é que é isso o que sente. Estou aqui para extorqui-lo, para enganá-lo a fim de que me dê as jóias.

- Poderia lhe dizer a verdade - sugeriu Bridget. - De fato, isso seria o melhor, querida. Necessita de seu tio na mesma medida que ele necessita de você.

- Dizer-lhe a verdade! - exclamou, horrorizada. - Impossível.

- Além disso, o barão Weston cancelaria o baile se o faz- declarou Flossie. Seria uma lástima, não lhes parece? Embora suponha que Gerry adoraria.

Jonathan ergueu as mãos de Rachel e as pegou com força contra o peito.

- Rachel - lhe disse, - estamos aqui porque eu o sugeri e é muito possível que subestimasse tanto seus sentimentos como os do Weston. Quer que vá vê-lo e confesse tudo agora mesmo? Farei se for o que quer.

Olhou-o nos olhos e descobriu com horror que todos estavam falando a sério. Que ele estava falando a sério! A decisão era dela. Podia pôr fim à farsa nesse mesmo momento, nessa mesma noite, se assim o desejasse. Poderiam partir a qualquer outro lugar agora mesmo ou a primeira hora da manhã em só dizê-lo.

Era muito consciente da expressão interrogativa com a que esses olhos escuros a estavam observando. E de suas três amigas, que a olhavam de suas respectivas poltronas contendo o fôlego.

Se a verdade saísse à luz essa noite, se partisse pela manhã, jamais voltaria a ver seu tio. Não lhe cabia a menor dúvida a respeito.

- É muito tarde - disse, erguendo o queixo. - E está claro que seus planos não nascem do carinho que me professa. Ainda se acha com direito a não me entregar o que me pertence. O que quer é nos ter na incerteza todo este mês só porque lhe incomodou que não lhe pedíssemos permissão para nos casar. Por que teríamos que tê-lo feito? Não é meu tutor. E tampouco significa nada para mim.

Jonathan lhe estava Sorrindo, mas justo quando mais precisava ver esse brilho malicioso em seu olhar, não havia nem rastro dele.

- Ainda não trouxeram a bandeja do chá - comentou Phyllis. - Aposto que não chegará nunca. Meus sentimentos para a cozinheira e seus ajudantes não são muito benévolos que digamos.

- foi um dia muito ocupado - disse Jonathan sem lhe soltar as mãos e sem afastar o olhar de seus olhos.

- Talvez seria melhor que seguíssemos todos o exemplo do Weston e nos retirássemos cedo para descansar.

- Uma boa idéia - replicou Bridget, que ficou em pé.

- Além disso, - acrescentou ele, sorrindo-lhe por fim com sua habitual malícia coisa que a tranqüilizou, - amanhã tem que madrugar, meu amor. É o melhor momento do dia para montar.

Afastou as mãos de seu peito com brusquidão.

- Não tenho a menor intenção de aprender a montar - lhe disse. - vivi muito contente durante vinte e dois anos com os pés bem plantados no chão e não gosto de me converter em uma consumada amazona, ou em uma desastrosa.

- É uma covarde - a acusou ele com um brilho alegre nos olhos.

- Rachel, todas as damas devem saber montar - interveio Bridget, - e por fim terá a oportunidade de aprender.

- Pensa na maravilhosa imagem que oferecerão a lorde Weston quando se levantar amanhã e os veja ocupados com sua primeira aula de equitação - acrescentou Flossie. - Se não quiser receber lições das mãos de sir Jonathan, eu estarei encantadíssima de substituí-la.

- Mas, Flossie, você já é uma consumada amazona - lhe recordou ele, alongando o sorriso. - percorreu a Península a cavalo com o coronel Streat.

- Enfim, tinha que tentá-lo se por acaso penetrava... - replicou a aludida, que o olhava pestanejando de forma exagerada.

- Sir Jonathan e você oferecerão uma imagem muito romântica cavalgando juntos sob o sol da manhã, Rachel - disse Phyllis.

- Meu amor, não me obrigue a chamá-la de covarde a sério - insistiu Jonathan.

- Não se preocupe, levantará-se cedo - lhe prometeu Flossie enquanto ficava em pé. - Direi à Gerry que jogue uma jarra de água fria pela cabeça se se negar a sair da cama por sua própria vontade.

- E se Geraldine não o fizer - acrescentou ele, - farei-o eu.

- Poderão me obrigar a ir aos estábulos se quiserem - disse, indignada, ao mesmo tempo em que seu olhar passava de um a outro, - mas não subirei a lombos de um cavalo. Asseguro isso.

Todos fizeram ouvidos surdos a seus protestos enquanto se desejavam boa noite com alegria e punham-se a andar para seus respectivos dormitórios.

Teria dado algo por estar de novo em Bruxelas, na casa da rue d'Aremberg, em seu quarto do apartamento de cobertura. Em troca, estava no Chesbury Park, onde fora a casa de sua mãe, na mansão de seus antepassados.

Capítulo 12.

levantou-se na alvorada, depois de ter passado uma má noite. A princípio lhe custou conciliar o sono pelo fato de que só dois closets sem porta o separassem do dormitório de Rachel.

O vestido verde claro e o penteado que Geraldine lhe tinha feito para o serão lhe sentavam maravilhosamente e, de certo modo, irritava-o que lhe fosse tão atraente quando estava mais que decidido a evitar qualquer vínculo emocional com ela. Não obstante, supunha que tampouco era de estranhar depois de ter se deitado com ela em uma ocasião. Um acontecimento que preferia esquecer. Embora isso fosse impossível, é claro. Tomara tivesse mais lembranças com as quais mantê-lo afastado de sua mente.

Depois, quando por fim ficou adormecido, seu descanso se viu perturbado por uma série de sonhos confusos que lhe pareceram verídicos até que tentou recordá-los uma vez acordado. O da carta e a mulher que o esperava na Porta do Namur era recorrente. Entretanto, teve um novo do qual só recordava uma fonte de mármore circular colocada no centro de um jardim florido, com um jorro de água que se erguia a quase dez metros de altura. A luz do sol se refletia na água e transformava as gotinhas em um resplandecente arco íris. Por mais que o tentasse, não foi capaz de reconhecer o lugar onde estavam a fonte e o jardim. A princípio pensou que talvez estivesse recordando a fachada principal do Chesbury Park, mas na hora caiu na conta de que a única coisa que havia em frente à mansão era um extenso canteiro alongado.

Claro que se tratava de uma lembrança, era de supor que tinha aflorado pelo ambiente rural onde se encontrava.

Que sonho mais absurdo e inútil, pensava enquanto caminhava para os estábulos com ajuda da bengala, embora tentasse em todo momento não apoiar-se muito nela. Claro que os outros sonhos tampouco eram de muita utilidade, já que se tratavam de fragmentos de outras lembranças ou o que fosse que fossem.

Tinha madrugado muito, mas queria dar uma olhada nos cavalos para escolher suas montarias antes que Rachel aparecesse. E, sobre tudo, ansiava comprovar se era capaz de subir à sela.

Ainda não tinha recuperado o uso normal da perna esquerda. Muito a seu pesar, tinha pedido ao sargento Strickland que o acompanhasse.

Ao chegar ao pátio pavimentado dos estábulos viram que só havia um cavaleriço levantado, e não podia dizer-se que se estivesse esforçando muito, já que estava plantado em uma das baias com o olhar perdido enquanto se coçava. Quando os ouviu chegar, olhou-os e bocejou antes de desaparecer no interior do estábulo.

- O estábulo tem o mesmo jeito que a cozinha - disse o sargento. - É como se não houvesse ninguém ao leme, senhor.

E teve que lhe dar razão, porque o abandono que padecia o lugar saltava à vista. Enquanto exploravam ficou claro que aos cavalos não faltava comida nem água, mas nenhum parecia particularmente bem cuidado, salvo o garanhão negro, que pertencia ao administrador da propriedade, o senhor Drummond, como descobriu pouco depois. O aspecto e o aroma delatavam que as abaias estavam vários dias sem limpar-se.

- Sele estes dois cavalos e leve-os para o pátio - ordenou ao cavaleriço, que voltou a deixar-se ver assim que ficou patente que não iriam deixá-lo tranqüilo para que continuasse olhando para o nada enquanto se coçava. - Este com uma sela de amazona.

- Quero essas duas baias limpas e com o chão coberto de feno fresco quando voltarem

- acrescentou Strickland. - Aqui as ordens as dá o senhor Renny - replicou o moço com insolência.

Nesse momento e frente aos assombrados olhos do cavaleriço, o criado de quarto se transformou no sargento do exército que tinha sido até fazia bem pouco.

- Ah, sim? - perguntou-lhe. - Pois se o senhor Renny ainda está dormindo devido ao duro trabalho que fez ontem, você obedecerá as ordens de quem lhe diga o que tem que fazer e como tem que fazê-lo para ganhar o ordenado que lhe paga o barão. Deixa de coçar as picadas das pulgas e ponha-se firme.

Por surpreendente que parecesse, o moço o obedeceu, como o faria um soldado raso submetido ao escrutínio de seu sargento.

- Vai acordando - acrescentou Strickland com voz mais amável - e busca as selas.

A cena o fez rir entre dentes, embora recuperasse a seriedade na hora. O barão tinha soltado o leme fazia já um tempo. Sua enfermidade tinha feito que se relaxasse a disciplina nos trabalhadores dos estábulos e, ao que parecia, também na cozinha. Coisa que tinha ficado patente com o jantar da noite anterior, que Weston apenas tinha provado. Entretanto, era difícil acreditar que a propriedade tivesse estado sempre tão descuidada. As dependências não pareciam ter sofrido anos de negligência.

Subir à sela cinco minutos depois foi tão difícil como tinha suposto. Depois de algumas tentativas falhadas e depois de negar-se a que o sargento o erguesse, solucionou o problema subindo não sem certa dificuldade pelo lado direito do cavalo, de modo que a única coisa que tivesse que suportar sua perna esquerda fosse o movimento ao passá-la por cima do animal. Por sorte, uma vez que esteve sentado, as dores cessaram.

- Strickland - disse ao sargento enquanto agarrava as rédeas, - dá-se conta de que isto deve ter sido a última coisa que fiz antes de cair no bosque do Soignes e de que o golpe me privasse da memória?

- Mas salta à vista que é um cavaleiro consumado, senhor - respondeu Strickland, que se afastou quando o cavalo se encabritou e se moveu para um lado entre bufos, reação que deixou bem claro que estava há um tempo sem que o montassem.

Nem sequer tinha percebido que o animal não tinha reagido com docilidade a sua presença na sela. O sargento estava certo, pensou, e essa idéia subiu muitíssimo o moral.

Tinha respondido ao cavalo e o tinha controlado de forma inconsciente, como se tivesse lançado mão de habilidades adquiridas muito tempo atrás em sua vida anterior.

- Espere aqui - disse. - Vou dar uma volta pelo pátio.

Sentia-se tão à vontade no lombo de um cavalo que soube que tinha montado durante toda sua vida. Guiou ao animal até a parte posterior do estábulo e trotou pelo prado que se estendia atrás do edifício enquanto tentava imaginar-se a si mesmo cavalgando com

outras pessoas, galopando com eles, saltando cercas e sebes, ou caçando. Tentou imaginar-se carregando para a batalha. À cabeça de uma carga da cavalaria ou dirigindo um avanço da infantaria. Tentou recordar os últimos momentos no bosque, atormentado pela angustiante dor da perna e preocupado tanto pela carta como pela mulher que o esperava na Porta do Namur. Tentou recordar o que tinha provocado a queda e como golpeou a cabeça com tanta força que tinha perdido a memória.

Entretanto, a única coisa que conseguiu foi provocar uma ligeira dor de cabeça, conforme comprovou ao retornar ao estábulo.

Rachel já tinha chegado e estava conversando com o sargento sem tirar o olho de cima do cavalo com evidente apreensão. Levava um prático vestido de viagem azul e se recolheu o cabelo, que ficava parcialmente oculto por um chapeuzinho que lhe caía para os olhos em um ângulo atrevido.

Estava a plena luz do sol e, se não tivesse levado o chapéu, teria tornado a ser seu anjo loiro. sentiu-se um tanto incômodo. O dia anterior não tinha transcorrido nem por sombra conforme o esperado. Muito se temia que Weston não fosse o monstro frio que Rachel descrevia e que ela não era tão indiferente para com ele como lhes queria fazer acreditar ou, talvez, como ela mesma acreditava.

- bom dia. - tirou o chapéu e inclinou a cabeça.

- bom dia - replicou ela.

À medida que se aproximava e, portanto também o fazia seu cavalo, viu-a abrir os olhos de par em par, ao mesmo tempo em que a cor abandonava suas faces.

- Ai, não! Nem pensar. Não posso fazê-lo. É inútil. Se tivesse aprendido de menina, a estas alturas seria uma amazona medianamente competente. Mas não posso começar a aprender aos vinte e dois anos! De qualquer maneira, já vai sendo hora de que desça daí antes que volte a fazer machucado na perna.

Por incrível que lhe fosse o fato de que tivesse passado vinte e dois anos sem montar a cavalo, compreendeu que era impossível esperar que subisse a uma sela de amazona e saísse ao galope

sem mais. Talvez nem sequer fosse capaz de subir a um cavalo no primeiro dia. Mas ia montar. É obvio que ia fazê-lo.

Acabava de descobrir que possuía uma veia obstinada.

- Tem que ver a vida da perspectiva que outorga um cavalo - lhe disse. - Assim que o faça, sentirá tal euforia que saberá que não há nada comparável no mundo.

- Acredito em você sem necessidade de comprová-lo - replicou. - Volto para a casa.

Cortou-lhe o passo com o cavalo.

- Não até que me tenha demonstrado que não é uma covarde - desafiou-a. - Primeiro montará aqui comigo. Não lhe acontecerá nada, de verdade. Embora esteja claro que na Bélgica caí do cavalo, não deixarei que lhe aconteça o mesmo, prometo-lhe.

- Montar com você! - exclamou, jogando a cabeça para trás de modo que seus olhares se entrelaçaram.

Vá... Compreendeu-a imediatamente embora não se explicou com palavras. O mero fato de sentir suas mãos contra o peito a noite anterior lhe tinha subido a temperatura. Saber que estava dormindo em um quarto a escassos metros de distância do seu e sem portas no meio o tinha mantido acordado durante a metade da noite. Como lhe tinha ocorrido convidá-la a montar com ele?

Em realidade, tinha ido mais à frente. Não a havia convidado, tinha-a desafiado.

Enfim, que seja o que Deus quiser, pensou. Tinha decidido que aprenderia a montar e certamente que ia aprender.

- Em circunstâncias normais, lhe diria que apoiasse um pé em minha bota esquerda para poder erguê-la até aqui - disse. - Mas temo muito que sou incapaz de fazer semelhante alarde de virilidade e força. Strickland poderia erguer lady Smith?

A pergunta fez que Rachel soltasse uma espécie de grito rouco.

- Certamente, senhor - respondeu o sargento. - Se me perdoa o atrevimento, senhorita. O senhor Smith... digo, sir Jonathan. Me esqueci e também me esqueci de chamá-la lady Smith. Veja só! Sir Jonathan a manterá a salvo enquanto estiver sentada com ele. Salta à vista que é um cavaleiro consumado, tal como lhe disse há um

momento. E me atrevo a afirmar que uma vez que esteja com ele, vai passar em grande.

Como o sargento também a via como uma espécie de anjo, duvidava muito que fizesse nada contra os desejos dela. Entretanto e por sorte, ou talvez por desgraça, Strickland se adiantou, agarrou-a pela cintura enquanto ela abria a boca (sem dúvida para protestar) e a ergueu até a sela.

Uma vez sentada, Alleyne a segurou rodeando-a com um braço.

- Ai! - exclamou. - Ai! - repetiu ao mesmo tempo em que se aferrava a ele, aterrada.

- Relaxe - lhe disse, abraçando-a com mais força. - Só correrá perigo se puser a lutar comigo. Relaxe, meu amor. - Sorriu-lhe enquanto a olhava nos olhos, abertos como pratos e com uma expressão aturdida.

- Já está, senhorita... digo, lady Smith - comentou o sargento. - Não parece você muito solta na sela, mas está estupenda entre os braços de sir Jonathan.

Em seguida deu a volta enquanto ria entre dentes por sua ocorrência e desapareceu no interior do estábulo, sem dúvida para meter em ordem os cavaleiros, supôs.

Enquanto isso, Rachel pareceu relaxar um pouco, embora continuasse sem mover nem um músculo.

De fato, nem sequer tinha virado a cabeça e seguia com a vista cravada na frente.

- Suponha que está fingindo estar sentada em um salão - aventurou ele, - tentando se decidir entre a costura ou uma novela.

- Jamais o perdoarei por isso - disse com voz severa e afetada.

Fez girar ao cavalo enquanto ria entre dentes e voltou a sair ao pátio.

Talvez ele tampouco se perdoasse nunca, pensou enquanto o afligia o calor de seu corpo e o perfume a gardênia.

Quando se olhava a um cavaleiro do chão, não se tinha a impressão de que estivesse tão alto.

Entretanto, quando se convertia no cavaleiro, ou ao menos no acompanhante do cavaleiro (que era mais ou menos o mesmo), a terra parecia ficar a uma distância alarmante. Rachel era

horrivelmente consciente do espaço vazio que se estendia frente a ela, debaixo dela e a suas costas. Se o cavalo ficasse quieto, talvez teria repostado da impressão ao cabo de um momento; mas estar-se quieto não era próprio dos cavalos. O animal começou a encabritar-se e a avançar de lado enquanto bufava.

E depois se moveu ainda mais. Deu um giro completo fazendo que os cascos ressoassem nos paralelepípedos e pôs-se a andar para o pátio.

Estava convencida de que em qualquer momento acabaria caindo de bruços, ou de costas, no chão e de que alguém teria que recolher seus pedacinhos. Ou talvez acabasse despertando ao cabo de uns dias em algum lugar desconhecido com um galo do tamanho de um ovo e sem lembranças.

Nem sequer desse mesmo instante, seu primeiro passeio a cavalo em dezesseis anos.

A solidez e a proximidade do peito de Jonathan parecia muito reconfortante, assim vista pela extremidade do olho. Estava a escassos centímetros de seu ombro esquerdo. Se quisesse, poderia apoiar-se nele e assim sentir-se relativamente segura. Entretanto, negava-se a mostrar semelhante sinal de fraqueza. Endireitou as costas. Jonathan lhe rodeava a cintura com um braço, notou nesse instante. Seguraria a - a e impediria que fosse ao chão embora escorregasse da sela.

Sustentava as rédeas com o outro braço, que por sua vez a segurava pela parte dianteira da cintura, lhe oferecendo uma barreira bastante sólida entre sua pessoa e o chão. De fato, sentia-se agasalhada pelo calor de seu corpo e o aroma que desprendia, fosse de sua colônia ou de seu sabonete.

Além disso, havia outra coisa que a protegia de acabar de costas no chão. A coxa direita dele, compreendeu de repente ao senti-la junto a seu traseiro. Porque junto a seus joelhos estava a face interna da coxa esquerda.

Resultou-lhe estranho que sua presença tivesse ficado relegada a um segundo plano, por trás do cavalo e do perigo. Claro que tampouco tinha demorado tanto em dar-se conta. Acabavam de sair ao pátio, onde voltaram a trocar de direção para afastar-se da

entrada principal da mansão e avançar seguindo o lago por um prado que se estendia até um longínquo arvoredor.

- Isto é inútil - lhe disse. - Jamais me converterá em uma amazona.

- Sim farei isso - replicou ele. - decidi que aprenderá e também me dei conta de que devo ser um homem muito obstinado que impõe sua vontade a todos aqueles que o rodeiam. Certamente era um general ou, pelo menos, um coronel. Talvez fosse amigo íntimo do coronel Leavey e do coronel Streat.

Sem girar a cabeça, porque não se atreveu a fazê-lo, soube que Jonathan estava sorrindo. Ele estava passando em grande, igual ao dia anterior, como se não tivesse nenhuma preocupação na vida.

- Suponho que todos seus homens lhe odiavam - comentou com voz desagradável, arrancando-lhe uma gargalhada.

- É impossível viver no campo sem montar a cavalo - assegurou. - Seria uma ridicularia como a copa de um pinheiro.

- Salvo pelos últimos meses, passei toda a vida em Londres - recordou-lhe - e ali voltarei quando tudo isto acabar.

- O que vai fazer quando retornar? - quis saber ele.

- Encontrarei um novo emprego - respondeu. - Ou, se consigo me fazer com minha herança, viverei do que restar da venda das jóias depois de ter devolvido a minhas amigas o que lhes devo. O que está fazendo?

- Incitando o cavalo para que deixe de arrastar-se como um caracol e vá ao passo - respondeu Jonathan.

- De verdade acha que vai persuadir-me para fazer isto sozinha algum dia? - perguntou-lhe. - Eu sozinha em meu próprio cavalo?

- Esperava que esse dia fosse hoje - respondeu. - Mas já vejo que fui muito otimista quando pedi que lhe selassem um cavalo. Terá que ser amanhã.

- O que está fazendo? - perguntou-lhe de novo.

- Fazendo que vá ao trote. - Estalou a língua. - Rachel, relaxe. Não vou pôr o ao galope estendido consigo e tampouco não vamos saltar nenhuma cerca. Limitaremos a trotar por este prado tão fofo para que se acostume ao passo do animal. Não deixarei que lhe aconteça nada.

- A trotar? - Inclusive lhe pareceu que sua voz soava lastimosa.

O fresco ar matutino era revigorante, percebeu de repente. Não se deu conta quando saíram da mansão, mas nesse momento o sentiu no rosto e, quando reuniu a coragem necessária para relaxar os músculos do pescoço e virar a cabeça com a intenção de dar uma olhada a seu redor, viu a bonita imagem que apresentava o lago junto ao prado. Suas águas estavam tranqüilas e as árvores que se erguiam do outro lado tingiam de verde a superfície. O prado pelo que trotavam também era muito bonito, embora levassem tempo sem cortar a erva. Estava coberto de margaridas, ranúnculos e trevos, o que lhe conferia um aspecto mais agreste. Um grupo de mariposas e outros insetos elevaram o vôo ao passo do cavalo. As coloridas mariposas seguiram revoando sobre esse tapete verde, branca e amarela que se estendia sob seus pés. Os pássaros voavam sobre suas cabeças. Os cascos do cavalo golpeavam a terra com uma relaxante cadência.

De repente, aflorou a sua memória a lembrança daquele passeio a cavalo que desfrutou quando tinha seis anos, sentada na sela com o tio Richard enquanto percorriam as ruas de Londres e Hyde Park, e que a levou a pensar que não havia nada mais emocionante no mundo que cavalgar.

Aquela menina tinha estado certa, disso não havia a menor dúvida, pensou ao mesmo tempo em que percebia que estavam trotando, ou melhor, cavalgando para o meio galope.

Escutou-se rir e girou a cabeça para compartilhar a euforia que a embargava com o homem sentado atrás dela. Esses olhos escuros a olharam com uma expressão muito séria.

Decidiu não dizer nada, já que descobriu que as mariposas também revoavam em seu estômago. Jonathan tampouco disse nada.

Virou a cabeça para continuar contemplando a paisagem, embora se sentisse confusa. A euforia não se desvaneceu e a ela se somava a poderosa reação física que lhe provocava a proximidade desse homem.

Perguntou-se de repente se teria tido a coragem de fazer o que tinha feito com ele em Bruxelas se o tivesse visto vestido e em

movimento, fosse a pé ou a cavalo, e se tivesse percebido o viril e vital que era quando não estava prostrado na cama por causa das feridas.

Talvez tivesse saído correndo do quarto e não teria tornado a entrar jamais. Ou não. Ao fim e ao cabo, não se tinha deitado com ele porque o houvesse visto débil e indefeso, não é? Deixou-se levar pela loucura e ponto. Tinha cometido uma terrível insensatez. Uma tremenda irresponsabilidade.

E depois tinha aceitado pôr-se nessa descabelada farsa.

Em certa época de sua vida tinha chegado a se considerar uma mulher tremendamente sensata. Não lhe tinha ficado mais remédio se quisesse evitar que a casa de seu pai fosse um caos.

Embora não pensava dar mais voltas a esse assunto. Estava-se divertindo contra todo prognóstico.

As árvores que antes pareciam estar a tanta distância se aproximavam com rapidez.

Logo voltariam para o estábulo e sua primeira aula (se acaso podia chamar-se assim) de equitação teria concluído. Admitiu a contra gosto que não gostava.

- E bem? - perguntou-lhe Jonathan, rompendo o longo silencio ao chegar ao limite do arvoredo.

Tinha refreado ao cavalo, de modo que foram a passo.

- Devo confessar que me foi agradável - respondeu com voz afetada. - Mas estou total e absolutamente convencida de que não poderei fazer isto sozinha.

- Sim que poderá e o fará - a contradisse.

Jonathan não açulou ao cavalo para voltar imediatamente tal como ela tinha esperado. Em troca, seguiu para diante e se internou entre as árvores. Em mais de uma ocasião se viram obrigados a agachar a cabeça quando consideraram que os ramos eram muito baixos. No limite a erva continuava alta; mas à medida que avançavam entre os troncos, virtualmente desapareceu. A espessura das copas fazia difícil que crescesse algo ali embaixo.

Não avançaram muito mas, quando se detiveram, chegou-lhes o som borbulhante da água.

- Ah, tal como suspeitava! - exclamou Jonathan. - Sabia que devia haver um arroio que alimentasse o lago. Vamos investigar?

- A espessura é muito densa - lhe assinalou.

- Iremos a pé - disse ele. - Fique quietinha. Só será um momento.

E com isso desmontou, depois do que fez uma evidente careta de dor.

- Esqueceu-se da ferida, não é? - repreendeu-o, invadida de repente pela insegurança. - E nem sequer trouxe a bengala.

Entretanto, o sorriso tinha voltado para seus lábios quando ergueu os braços para baixá-la, a pesar da tremenda dor que devia estar sofrendo ver-se a força com a que apertava os dentes.

- Estou farto de ser um inválido, Rachel - lhe disse, - e de caminhar com uma bengala como se fosse um octogenário - prosseguiu enquanto guiava o cavalo para uma árvore. - vamos procurar o arroio.

Por sorte, já que Jonathan ia coxeando, não estava muito longe. De qualquer forma, a paisagem valeu a pena. O arroio não era

muito largo, mas corria pela fralda da colina, a sua direita.

A encosta não era suficiente para criar uma cascata, mas a água baixava com força sobre um leito formado por pedras de diferentes tamanhos que em alguns pontos ficavam cobertas pela espuma.

As árvores se erguiam junto a ambas as margens, criando uma paragem preciosa. Embora a beleza do lugar transcendia o que via com os olhos. Também estava o fervo da água e o aroma da erva úmida que crescia em suas bordas. E os gorjeios dos pássaros, de centenas deles conforme parecia, embora estivessem ocultos entre os ramos das árvores.

depois de ter passado toda a vida na cidade, aquilo lhe pareceu um pedaço do paraíso.

Estava deslumbrada. Tinha a impressão de que lhe tivessem atirado um murro no estômago que a tinha deixado sem fôlego.

- Sentamo-nos? - sugeriu ele.

Deu-se conta de que estavam de pé sobre uma rocha plana, em cujo redor corria a água com rapidez. E também percebeu que Jonathan estava apertando a coxa esquerda com a mão.

- Idiota - disse. - Deveria continuar na cama.

- Ah, sim? - replicou, lhe dando de presente sua expressão mais altiva. Tinha arqueado as sobrancelhas e a olhava por cima desse proeminente nariz. - Com você como enfermeira? Acredito que a inocência daqueles dias desapareceu para sempre. Não me engane. A perna está melhorando e não penso me mostrar brando com ela muito menos.

Dito isso se agachou com muito cuidado para sentar-se com a perna esquerda estendida à frente e a direita dobrada. Deixou o braço sobre ela e se apoiou na mão esquerda. Rachel se sentou a seu lado, tão longe como as dimensões da pedra o permitiram, e rodeou os joelhos com ambos os braços.

Às vezes parecia tão malicioso e divertido que se esquecia que também era um homem atazanado pelo pânico. Não era sir Jonathan Smith. Ela não sabia quem era. E tampouco sabia ele.

- Mas como vai voltar a montar? - perguntou-lhe.

- Isso mesmo me estava perguntando eu - respondeu com uma breve gargalhada.

- Pensarei nisso quando chegar o momento. Este lugar é muito bonito, e está muito resguardado. É perfeito para desfrutar de um interlúdio romântico, se estiver disposta, claro.

- Mas não estamos - se apressou a lhe assegurar.

- Não - concordou ele, - certamente que não.

Por estranho que parecesse, suas palavras lhe foram ofensivas. por que tinha que recalcar tanto que a estupidez que demonstrasse aquela noite lhe tinha roubado todo o atrativo?

Tinha-o decepcionado. Que humilhação mais espantosa!

Apoiou o queixo nos joelhos e passeou o olhar pelos arredores. Decidiu que um lugar como esse poderia curar as feridas da alma. Não recordava que a beleza natural a tivesse afetado tanto como nesse momento. Sempre tinha pensado que aborreceria o campo.

- A vida na cidade nos priva de muitas coisas - disse.

- Isto é lindo - replicou ele.

- Cresceu no campo? - quis saber.

- Uma pergunta capciosa, Rachel? - perguntou Jonathan por sua vez depois de um breve silêncio.

- Mas acredito que posso respondê-la. Devo ter crescido em uma propriedade rural, ou ao menos devo ter passado grande parte de minha vida em uma. O entorno não me resulta familiar e não acredito ter estado nunca aqui. Além disso, seu tio não deu amostras de me reconhecer, não é? Mas me sinto confortável. Como se este fosse meu lugar, como se pertencesse a este mundo, embora não ao lugar em concreto.

Virou a cabeça para olhá-lo, mas deixou a face apoiada sobre os joelhos.

- Está se encontrando consigo mesmo, acredito - aventurou. - recorda algo embora seja insignificante?

Viu-o negar com a cabeça. Havia entrecerrado os olhos para olhar a água, que resplandecia à luz do sol da manhã.

- Não - respondeu. - Salvo os sonhos recorrentes, que nem sequer estou seguro de que sejam mais que isso, sonhos. Se me concentrar muito neles, é possível que acabe ainda mais perdido. Talvez me levem a criar uma realidade que não se pareça o mínimo à verdade. E a mulher que me estava esperando na Porta do

Namur... Havia alguma mulher por ali quando Strickland e você me levaram a cidade?

- Muitíssimas - respondeu, - além de centenas ou milhares de homens. Tudo era caótico, embora houvesse algumas pessoas tentando manter um pouco de ordem. Ninguém o reclamou, e havia várias mulheres procurando freneticamente entre os rostos dos feridos com a esperança de reconhecer a algum familiar, suponho.

- Nesse caso, talvez a mulher só seja produto do sonho - disse. - Mas se não for assim, quem era? Quem é?

Era impossível encontrar uma resposta que o tranquilizasse. Abraçou-se os joelhos com mais força.

- E ontem à noite tive um sonho novo - prosseguiu ele. - Uma fonte com um jorro de água muito alto, situada no centro de um jardim circular. Nada mais. Não vi os arredores. Quando escutei correr a água do arroio, acreditei que talvez recordaria a origem do sonho. Mas o entorno da fonte era um jardim muito bem cuidado. O sol se refletia na água, igual a aqui, mas ali criava um arco íris. Há pessoas que se negam a admitir que sonhamos em cor. Mas eu vi esse arco íris em todo seu esplendor. Pergunto-me se isso será uma prova de que a fonte existe de verdade em algum lugar. O que significado pode ter para mim?

- Talvez esteja na casa onde cresceu - aventurou. - Em sua casa.

Jonathan guardou silêncio e ela voltou a concentrar-se no som da água, nos gorjeios dos pássaros e na distração que brindava o lugar. Perguntou-se se sua mãe teria ido a esse mesmo lugar para brincar quando era pequena ou para sonhar já de adolescente. Teria ido meditar a decisão que lhe mudaria a vida? Para decidir se renunciava a seu pai ou se, pelo contrário, desafiava ao tio Richard fugindo com ele?

Houve um tempo (um tempo já longínquo, talvez anterior inclusive à morte de sua mãe) no qual seu pai tinha sido muitíssimo mais vital, encantador e alegre que nos últimos anos de sua vida, quando o vício ao jogo e, em menor medida, à bebida o converteram em um homem amargurado, de temperamento volátil e imprevisível. Era fácil entender naquele longínquo então por que sua mãe o tinha jogado tudo pela amurada por ele. Embora, claro estava, se tivesse

vivido um ano mais, teria tido acesso às jóias que nesse momento estavam fora de seu alcance. Teriam tido mais dinheiro... até que seu pai tivesse perdido tudo nas mesas de jogo, como era de se esperar.

- Acredito que sempre hei sentido um grande apego pela terra - disse Jonathan. - Me pergunto se isso chegou a me entristecer, por aquilo de ser talvez o caçula da família, destinado desde o começo a acabar no exército. Ou talvez enterrasse esse apego sabendo de que jamais herdaria nenhuma propriedade e de que nunca poderia viver perto do lugar onde cresci.

- falou que os riscos de depositar muitas esperanças nos sonhos - lhe recordou.

- Parou para pensar na possibilidade de que nem sequer as hipóteses que faz sobre você mesmo sejam reais?

Como pode estar seguro de que era um oficial do exército?

Viu-o virar a cabeça e olhá-la com as sobrancelhas arqueadas. Enquanto a observava em silêncio, descobriu que lhe era impossível escapar desses olhos escuros.

- Não o estou - respondeu ao final. Pôs-se a rir, embora suas gargalhadas não fosse muito alegre.

- Não sei se o era ou não, como vou sabê-lo? Mas se não era militar, o que estava fazendo no fronte?

Tentar que me pegassem um tiro por gosto? Pareço um tipo temerário, não é?

De modo que se assumirmos que era um civil, é mais fácil entender por que estava sozinho e por que me afastava do fronte a cavalo.

- Só é uma possibilidade - lhe recordou. - Eu sei tanto como você. Mas me ocorreu outra coisa. Caso tenha vinte e cinco anos mais ou menos, o normal é que leve cinco ou seis anos no exército. Entretanto, além das feridas que sofria no dia que o encontrei, não tem nenhuma cicatriz no corpo. Refiro a cicatrizes produzidas por antigas feridas de guerra. Isso é bastante estranho, não? Mas bem improvável, diria eu.

- Talvez sempre fosse um tipo com sorte - respondeu. - Ou talvez tivesse o costume de me esconder atrás de um sargento corpulento

ou algum soldado raso cada vez que se aproximava alguém com um mosquete ou um sabre na mão. Inclusive é possível que não tivesse saído da Inglaterra antes que mandassem ao Waterloo.

Afastou o olhar dele e voltou a apoiar o queixo nos joelhos. Tomara pudesse fazer algo para ajudá-lo a recordar, porque assim se livraria da sensação de que seu único mérito tinha sido lhe salvar a vida. Poderia vê-lo recuperar sua verdadeira identidade e a seus seres queridos. Poderia albergar boas lembranças dele quando se fosse, uma vez que se assegurasse de que se encontrara a si mesmo.

Haveria algo que pudesse fazer? Perguntou-se. Alguma pesquisa que pudesse levar a cabo por sua conta? Tinha algumas amizades em Londres. E se lhes escrevesse e perguntasse se sabiam de algum aristocrata que tivesse desaparecido durante a batalha do Waterloo? Seria uma tolice perguntar sequer. Haveria centenas de desaparecidos. Mas as famílias dos oficiais teriam sido notificadas, não? Claro que suas amizades não se moviam nos círculos mais seletos da sociedade. Deveria tentá-lo ao menos?

Jonathan tinha ido ao Chesbury Park com a intenção de ajudá-la.

- Suponho - o escutou dizer, interrompendo desse modo o fio de seus pensamentos depois de vários minutos de silêncio - que já estivemos aqui o tempo suficiente para convencer a seu tio de que estou disposto a educá-la e de que minha natureza é bastante apaixonada para aproveitar todo o possível os momentos que passemos a sós.

Voltou a olhá-lo no rosto. Sorria com indolência, esquecida uma vez mais a seriedade que mostrara antes ou talvez enterrada sob a superfície de novo.

De repente, inclinou-se para ela e, antes que pudesse compreender suas intenções, beijou-a na boca.

Afastar-se teria sido muito simples. Teria bastado ficar em pé, sacudir as saias e retornar ao lugar onde o cavalo os aguardava entre as árvores. Salvo os lábios, nenhuma outra parte de seu corpo a tocava.

Entretanto, a idéia nem sequer lhe passou pela cabeça. Continuou sentada, paralisada pela surpresa e alguma outra

emoção bastante mais sedutora.

Foi um beijo terno e pausado durante o qual se umedeceram os lábios com as línguas sem que estas chegassem a roçar-se. Não foi lascivo nem os pôs em perigo de acabar encetados em um abraço muito mais carnal. Mas tampouco foi fraternal nem amistoso, porque havia um matiz muito sexual nele.

O beijo, as emoções e seus pensamentos acabaram mesclando-se com as sensações que lhe provocava o entorno, com a beleza do lugar, com a agitação da água, com o sussurro das folhas e com os gorjeios dos pássaros. Isso era o que seu coração estava desejando toda a vida, pensou. Claro que em realidade não estava pensando, e teria sido uma conclusão estranha havê-lo feito.

Quando Jonathan se afastou, olhou-o com expressão entusiasmada, os lábios separados e com as emoções a flor da pele.

- Isso é - disse ele. - Já está ruborizada e tem todo o jeito de que acabam de a beijar, Rache. Esse é o aspecto que deve ter quando voltarmos à mansão. - E sorriu.

Sentiu-se como uma bobinha. Tudo formava parte da farsa, nada mais. ficou em pé sem perda de tempo e limpou as mãos na saia.

- Não recordei lhe ter dado permissão para que me chame Rache - lhe recriminou bobamente.

Jonathan pôs-se a rir.

- Isso sim que é tentar à sorte - replicou. - A partir de agora te chamarei Rache. Se quiser, pode se vingar me chamando Jon.

Pôs-se a andar entre as árvores sem esperá-lo, embora a prudência fez que se detivesse a certa distância do cavalo. E justo então se deu conta de que Jonathan era incapaz de dissimular a claudicação. O fato de haver-se sentado no chão depois da cavalgada devia lhe ter endurecido os músculos de forma considerável.

- Será melhor que vá caminhando aos estábulos para ver se podem vir buscá-lo com um coche, uma carreta ou algo do gênero - disse.

- Rache, Se lhe ocorrer dar um só passo nessa direção - replicou ele, - esquecerei ter escutado alguma vez a palavra "jóia" e me

perderei pelo distante horizonte... ou melhor, mancarei ajudado por minha fiel bengala e será você quem se verá obrigada a explicar ao Weston por que deveria te entregar sua herança antes que cumpra os vinte e cinco anos quando seu marido acaba de abandoná-la.

- Poderia se limitar a me dizer que não - protestou.

Nesse momento já estava junto ao flanco direito do cavalo e isso fez que subisse à sela com estupidez. Mas subiu, é obvio, e para que ficasse tranqüila, supôs, só a força com a que apertava os dentes delatasse a dor que sentia, embora não demorou para dissimulá-la com um sorriso enquanto a olhava de cima.

- Será melhor que venha também por este lado, Rachel - lhe disse, - embora acabasse olhando do lado contrário.

- Voltarei caminhando - respondeu.

- É uma lástima que não possamos saber se seu tio nos está olhando de alguma janela - declarou.

- Se soubesse com certeza, cruzaria as suas costas com o chicote para lhe deixar bem claro que escolheste um marido que sabe como colocá-la na ordem. Ponha o pé em minha bota direita se não quer que desça agora mesmo e a suba no cavalo como se fosse um saco de batatas.

Apesar da indignação que lhe provocaram suas palavras e ao desejo de teimar, a última ameaça fez que o obedecesse entre gargalhadas. Nenhum dos dois teria gostado de executar a manobra diante de testemunhas, mas depois de muitas resistências, puxões, ofegos e risadas (por ambas as partes), ao final acabou sentada diante dele, embora olhando para a direita em lugar da esquerda.

- Terei a mesma vista que quando viemos - protestou.

- Isso é uma queixa? - perguntou-lhe Jonathan. - Se quiser, posso fazer que o cavalo caminhe para trás até os estábulos, embora não acredito que gostasse muito. Ou também poderia passar as pernas por cima do pescoço e sentá-la olhando para o outro lado.

Ambos explodiram em gargalhadas outra vez, como se fossem um par de meninos tolos, concluiu muito depois. O que tiveram essas palavras para que se tomasse sua ridícula sugestão como um desafio?

Ao fim e ao cabo, só tinha sido uma brincadeira. Ainda tinha a sensação de estar a quilômetros do chão. Entretanto, viu que havia um ramo à mão e quando se agarrou a ele, experimentou uma falsa sensação de segurança e uma coragem que não sentia de verdade.

Passou primeiro uma perna e logo a outra por cima do pescoço do cavalo, deixando expostos tanto os tornozelos como as panturrilhas no processo. Quando por fim esteve sentada com as pernas pendentes pelo flanco esquerdo do cavalo e com a cintura rodeada por um dos braços do Jonathan assim como antes, descobriram que tinham conseguido não cair do animal e que os dois estavam mortos de risada.

Jamais se tinha visto envolvida em uma cena tão constrangedora.

- E se lhe sugerisse que fizesse o trajeto sobre o lombo do cavalo, enquanto faz girar uns quantos aros na cintura, no pescoço, nos braços e na perna elevada? - perguntou-lhe ele.

Soltou um chiado como resposta.

- Poderia ganhar uma fortuna no Astley's Amphitheater... - assegurou-lhe enquanto conduzia ao cavalo até o prado, onde o pôs a um trote suave e logo ao meio galope.

- Que desfrutarei quando tiver quebrado todos os ossos do corpo - seguiu ela.

- Nem sequer me farão falta as jóias.

No trajeto de ida tinha estado observando o lago e seus arredores. Agora se estendiam em frente a ela os pastos, que ao longe davam passagem a uma série de colinas meio cobertas por zonas de bosque. Ainda lhe surpreendia que isso fosse Chesbury Park, o lar de sua mãe, um lugar que sempre tinha imaginado muito menor e modesto.

- E pensar que só restavam trinta dias em diante... - disse Jonathan. - Acredito que este mês tem trinta e um, igual ao seguinte. Julho e agosto. Trinta e um dias cada um.

- Pois vai necessitar de todos se quer me convencer para que suba à sela de amazona e cavalgue por este prado - lhe advertiu.

- Caramba! - exclamou ele. - Já vejo que a experiência a encantou.

Em realidade, assim era. Não queria que o passeio a cavalo acabasse. Estava desejando que chegasse o seguinte. Claro que a próxima vez cavalgaria sozinha e indubitavelmente estaria aterrada.

Mas já perdera muitas coisas na vida ao haver-se visto obrigada a levar uma precária existência em Londres por culpa de seu pai. Talvez não fosse muito tarde para recuperar o tempo perdido.

- Pois não muito, na verdade - mentiu. - Mas não tenho a intenção de passar trinta e um dias olhando para o nada.

- Tal como imaginava - replicou Jonathan. - Encantou-a - repetiu, jogando a cabeça para trás e dando gargalhadas.

Capítulo 13.

Tomou o café da manhã sozinho... uma triste fatia de beicon frio, salsichas meio cruas, uma torrada queimada e uma xícara de café reaquecido e aguado. Optou por não tocar os ovos, que pareciam estar gelados apesar de encontrar-se no aquecedor do aparador. Depois de retornar dos estábulos, Rachel tinha subido diretamente a seu quarto. Para escrever uma carta, ou tinha dito isso.

Quando saiu para dar uma olhada pelo jardim, encontrou a duas das damas frente ao canteiro. Estavam sentadas em um enorme banco, uma a cada lado do barão. Flossie ia vestida de negro dos pés à cabeça, incluída a sombrinha bordada, enquanto que Phyllis ia de rosa.

Formavam uma imagem muito respeitável. Reprimiu a vontade de pôr-se a rir enquanto se aproximava, tentando não apoiar-se muito na bengala. A perna estava agüentando bastante bem depois do passeio a cavalo.

- Ah, chega aqui sir Jonathan - disse Flossie, fazendo girar a sombrinha.

- bom dia. - Weston inclinou a cabeça ao mesmo tempo em que ele os saudava com uma reverência.

- Vimos vocês pela janela há um momento, sir Jonathan! - exclamou Phyllis, - não é, Flora? E convencemos ao querido lorde Weston para que saísse conosco e desse uma olhada. Se arrumou às mil maravilhas para que Rachel não corresse perigo enquanto

montava. E me deixe lhe dizer que faziam um casal maravilhoso e muito romântico.

Alleyne ouviu suas palavras com um sorriso.

- demos com o arroio que corre pelo arvoredo, senhor, e nos demoramos um momento. É um lugar maravilhoso.

Weston assentiu com a cabeça. Seu aspecto não parecia ter melhorado depois de uma noite de sono.

- O encarregado dos estábulos me transmitiu suas queixa - disse o barão. - Segundo ele, seu criado de quarto esteve interferindo no manejo dos estábulos.

Quando saíram dali depois de soltar o cavalo, Strickland estava sem camisa, limpando as baías ajudado por alguns cavaleiros. Tinha-se oferecido a acompanhá-lo à mansão para ajudá-lo a tirar o traje de montar, mas tinha declinado a oferta.

- Peço-lhe desculpas, senhor - assegurou. - Meu criado de quarto foi sargento de infantaria até que perdeu o olho na batalha do Waterloo. Está acostumado a trabalhar duro e a ordenar a outros homens que façam o mesmo quando há trabalho por fazer.

- E havia trabalho por fazer nos estábulos? - perguntou o barão com o cenho franzido.

Titubeou ao responder. Permitir que seu criado de quarto desse ordens aos cavaleiros do Chesbury Park para arrumar os estábulos era uma falta de etiqueta que não o ajudaria a granjeá-la amizade do barão Weston.

- Era muito cedo, senhor - disse - quando Strickland acompanhou-me aos estábulos para me ajudar a montar, já que era a primeira vez que subia a um cavalo desde que feriu a perna.

Só havia um cavaleiro e um sem-fim de coisas para fazer para atender aos cavalos e limpar as baías.

Estou seguro de que as tarefas já se teriam feito ou estariam a ponto de completar-se se tivéssemos chegado uma hora mais tarde. Direi a meu criado de quarto que no futuro restrinja seus serviços a minha pessoa.

Weston seguia franzindo o cenho.

- Não saí da casa desde que tive o ataque faz vários meses - disse. - Talvez a disciplina se relaxou um tanto. Encarregarei-me do

assunto.

Fez-lhe graça ver que Flossie colocava ao barão uma mão no braço.

- Mas não deve fatigar-se, milord - lhe recordou. - De nenhuma maneira, nem sequer para nos entreter. Asseguro-lhe que somos perfeitamente capazes de fazê-lo sozinhas. E nos esforçaremos para lhe fazer mais agradável a vida, não é assim, Phyll?

- É muito amável, senhora - replicou o barão. Mas sua expressão continuava sendo carrancuda e parecia distraído. - O jardim está infestado de más ervas.

Também havia ervas pelos atalhos de cascalho.

- Até as más ervas têm seu encanto - disse Flossie. - A verdade é que nunca compreendi por que algumas plantas são qualificadas de flores enquanto que outras, igualmente formosas, são tachadas de más ervas.

- Está tentando que me sinta melhor, senhora Streat - protestou lorde Weston com um sorriso,- e o está conseguindo. De qualquer forma , falarei com o jardineiro chefe.

- Eu sim, gostaria de dizer um par de coisas a sua cozinheira - replicou ela ao mesmo tempo em que baixava a sombrinha aberta de modo que a ponta ficou apoiada no chão,

- milord. Sem ânimo de ofender, acredito que necessita de alguns conselhos.

O comentário o sobressaltou. Nesse dia iriam acabar de quatro na rua se não andavam com cuidado com o que diziam.

Flossie pôs-se a rir, um risinho comedido totalmente oposto às gargalhadas que costumava proferir quando algo lhe fazia graça.

- Não é preciso uma longa relação com minha cunhada para saber que é uma apaixonada da cozinha, milord - comentou. - O coronel Leavey tem sua própria cozinheira quando está em casa, mas a pobre costuma a acabar de braços cruzados. Phyllis é incapaz de passar o dia fora da cozinha.É muito exigente com os pratos de outros, só os seus superam sua fita de seda. E me deixe lhe dizer que está bastante alta.

O barão suspirou.

- Ultimamente não tive muito apetite - confessou-lhes - mas apesar de tudo me dei conta de que a comida que prepara minha cozinheira deixa muito a desejar. Encontrar uma substituta aqui no campo vai ser difícil. De qualquer maneira, não posso permitir que uma convidada trabalhe na cozinha, senhora.

- Asseguro-lhe que será um prazer para mim, milord - o tranqüilizou Phyllis. - Acho que irei agora mesmo à cozinha e darei uma olhada ao menu para hoje. Estou segura de que me ocorrerão algumas mudanças muito oportunas. - ficou em pé sem mais demora, ansiosa, encantada e radiante.

Flossie também se levantou e olhou ao barão enquanto dava voltas à sombrinha sobre sua cabeça.

- foi muito amável ao nos acompanhar aqui fora, milord - lhe disse, - mas agora deveria voltar para a casa e descansar um pouco. Sobre tudo se formos receber visitas esta tarde.

Acompanho-o ao interior.

- Tenho que escrever algumas cartas, assim lhe agradeceria muito que me indicasse onde encontrar papel e pena. - agarrou o braço do Weston quando o barão ficou em pé e os dois se afastaram pelo atalho com passo tranqüilo e, ao que parecia, muito bem concordes.

Phyllis ficou com ele.

- Pobre homem - disse quando se afastaram o bastante para que não pudessem ouvi-la - se estão aproveitando dele com total falta de vergonha. Parece que os estábulos estão mal atendidos, igual aos jardins. Gerry diz que a cozinheira toma genebra, e a governanta, à genebra e o porto e mal sai de seu quarto. Além disso, o mordomo é um desses velhos moles incapazes de controlar à criadagem.

- Não me cabe dúvida de que, entre a Geraldine e você - replicou com um sorriso, - solucionarão ao menos a situação da cozinha. Confesso que meu estômago esteve protestando pelo que lhe serviram até o momento, embora seja de má educação que um convidado se queixe.

- Pois já pode se preparar para um almoço de chupar os dedos - lhe prometeu. - Rodarão cabeças quando entrar na cozinha.

Respalda-me toda a autoridade do coronel. - Soltou uma maliciosa gargalhada.

Pôs-se a rir enquanto a via afastar-se. Flossie já estava ajudando ao barão a subir os degraus.

Que par! Pareciam estar desfrutando lindamente. Essa tarde iriam ter visita? A farsa se emaranhava cada vez mais. Enfim, era inútil lhe dar mais voltas. Já estavam metidos nela até o pescoço e, como um personagem literário (talvez Macbeth) disse retroceder a essas alturas era tão difícil como avançar.

Sentou-se no banco que tinham deixado livre. Tinha saído com a intenção de procurar o administrador para que o levasse a ver os campos de trabalho, mas talvez seria melhor deixar para outro dia e estar com Rachel quando chegassem as visitas. Além disso, Strickland já estava deixando seu selo nos estábulos e Phyllis ia invadir a cozinha. Tinha que evitar que o interesse que pudesse mostrar pela propriedade fosse pontuado de interferência.

O problema era que lhe interessava de verdade. Seguia lhe dando voltas às palavras que havia dito à Rachel um pouco antes. Sim, devia ter crescido no campo. sentia-se imerso nesse tipo de vida.

E sem dúvida devia ter amado a terra. Lançou uma olhada a seu redor e o que viu o alegrou tanto depois das semanas passadas em Bruxelas e na viagem que se teria posto a chorar de boa vontade.

Era o caçula de alguma família? Era um oficial do exército? Que mal devia sentir-se ao saber-se incapaz sequer de considerar a opção de ficar em uma terra que não era sua, mas sim de seu pai e, posteriormente, de seu irmão mais velho. Como tinha enfrentado a seus sentimentos? Zangou-se, converteu-se em uma pessoa sofredora e rancorosa? Não se imaginava dessa maneira, mas quem sabia?

A perda de memória poderia explicar uma mudança de personalidade? Tinha suprimido o que sentia, a inquietação e a insatisfação? Tinha odiado a vida militar ou tinha fingido que gostava? limitou-se a tirar o melhor partido das circunstâncias? Talvez nem sequer fosse um oficial. dedicou-se a dar tombos pela vida sem mais? Tinha desfrutado dos meios para permitir-se ser isso? Talvez procurasse emprego como administrador se não recuperasse nunca a memória e lhe fosse impossível encontrar a

sua família. Talvez tivesse sido precisamente isso. Ao fim e ao cabo, era uma posição respeitável para um cavalheiro, e, embora se sabia um cavalheiro, desconhecia sua relevância no escalão social. Talvez o trabalho sempre tivesse sido uma obrigação para ele.

Mas o que fazia um administrador rondando pelo bosque de Soignes com uma bala na coxa enquanto se travava a batalha do Waterloo?

Invejava Rachel e Flossie por estar escrevendo cartas. Talvez não fosse uma atividade que gostasse especialmente, mas desejou que houvesse alguém, qualquer um, a quem escrever. Tinha sido ele o autor da carta que aparecia constantemente em seus sonhos?, perguntou-se. Ou a tinha enviado alguém? Uma terceira possibilidade que não lhe tinha ocorrido até o momento era que nem a tivesse escrito ele nem tampouco estivesse dirigida a sua pessoa. Talvez só fora o mensageiro.

Fechou os olhos e tentou imaginar o possível cenário. De quem? Para quem? E assunto do que estava ele envolvido?

A já conhecida dor de cabeça fez sua aparição atrás dos olhos.

Quando os abriu de novo, alegrou-se de ver Bridget e Rachel passeando pelo jardim. ficou em pé para as saudar.

Rachel tinha posto um vestido matinal de musselina bordada. Nesse momento recordou com certo desconforto que havia tornado a beijá-la junto ao arroio. Prometeu-se não voltar a fazê-lo jamais.

Embora tivesse tentado emendar o engano com uma desculpa plausível, não tinha sido sua intenção beijá-la. O problema era que estava radiante no campo. Maldição! Pensou. Para cúmulo, suas piruetas no lombo do cavalo tinham feito que caíssem em risadas como dois meninos, e lhe tinham dado um atrativo irresistível.

Quando lhe sugeriu acompanhá-la ao Chesbury Park não pensava achá-la irresistível. Queria sentir-se livre quando a deixasse com seu tio. Não podia averiguar as cargas emocionais e pessoais que tinha deixado atrás pela perda de memória e que voltaria a recuperar quando ela voltasse. Evidentemente não lhe faziam falta mais problemas.

Deu-se conta de que Rachel não levava gorro. Seu cabelo brilhava como ouro brunido ao sol. Bridget levava uma cesta longa e

estreita sob o braço. Com o cabelo castanho, o chapéu de palha e o sorriso relaxado, parecia muito mais jovem que em Bruxelas. Era uma mulher muito agradável e bonita embora devesse ter mais de trinta anos.

- Pensava em cortar umas flores para alegrar a casa - lhe disse quando estiveram mais perto.

- Sente-se, que Rachel ficará consigo. Deveria descansar a perna todo o possível.

- Sim, senhora - acessou com um sorriso e aguardou a que Rachel se sentasse para fazer o mesmo.

- Está segura de que distingue as flores das más ervas?

- Está tudo infestado de más ervas! - exclamou ao mesmo tempo em que percorria o canteiro com um olhar crítico.

- Deveria ter trazido uma enxada. Eu adoraria pôr mãos à obra com o jardim. Está que dá pena.

- Pois me parece perfeito, Bridget - disse Rachel.

- Isso é porque cresceu na cidade, querida - replicou a aludida.

- E você não? - perguntou-lhe ele.

- Não - respondeu. - Cresci em uma casa paroquial. Meu pai era pároco, mas muito pobre. E éramos sete irmãos. Eu era a mais velha. eu adorava ajudar a minha mãe no jardim e na horta. As flores estavam na parte dianteira e as hortaliças, na traseira. Afundar as mãos na terra é a sensação mais maravilhosa do mundo. Acredito que me teria casado com o Charlie Perrie se sua casa tivesse tido um jardim, algumas galinhas e inclusive um porco, apesar de sua seriedade e a sua mesquinharia. Mas não tinha jardim, de modo que fui a Londres com dezesseis anos para me lavar um futuro. O senhor York me fez a mulher mais feliz do mundo quando me contratou como babá de Rachel e o trabalho durou seis anos. Não me queixo da vida que levei depois, mas ter um jardim é um sonho feito realidade. Se podemos nos permitir a casa de hóspedes, vai ter um jardim enorme. E uma cozinha muito grande para o Phyll. Enfim, já lhes aborreci o bastante. Será melhor que me vá para cortar algumas flores.

Caminhou entre as flores antes de agachar-se e pôr mãos à obra.

- Foi Bridget quem a ensinou a ler? - perguntou à Rachel.

- Acho que deve ter sido minha mãe - respondeu ela. - Ou talvez meu pai. Gostava de ler e era um homem muito culto. Costumava ler para mim quando era muito pequena.

- Como era sua vida? - quis saber.

- Acho que tinha uma relação muito estreita com minha mãe - respondeu depois de meditar um momento na resposta. - Recordo que armei umas quantas manhas de criança quando Bridget apareceu... para ocupar seu lugar, tal como o via então. Mas logo cheguei a querê-la como a uma segunda mãe. Assim inconstante é a infância. Entristeci-me muitíssimo quando partiu e a coisa foi piorando devido à afeição de meu pai pelo jogo e a bebida. Embora eu gostei de me fazer com as rédeas, ser a responsável pela casa, e acredito que me dei bastante bem. Aprendi a levar uma vida frugal e a economizar todo o possível durante os bons tempos para poder sobreviver às más rajadas, embora durante os últimos anos foram uma constante. Queria a meu pai e guardo com muito carinho as lembranças daqueles dias nos quais me demonstrava seu amor incondicional com alegria e me permitia querê-lo. Mas para o final de sua vida era muito raro que isso acontecesse.

- Alguma vez foi à escola? - perguntou-lhe.

- Não. - Meneou a cabeça.

- Tinha amigos?

- Alguns. - Baixou a vista para as mãos. - Tinham uns bons vizinhos com quem continuo me mantendo em contato.

Tinha sido uma menina muito solitária e falta de carinho, pensou enquanto contemplava seu perfil com os olhos entrecerrados. E supôs que, desde que Bridget partiu, tinha passado anos desejando que alguém a quisesse. Desejando ter amigos. Mas tinha tirado o melhor partido para sua situação. Não era nenhuma pusilânime.

Tinha tomado a decisão equivocada, concluiu. Em lugar de lançar-se de cabeça a essa farsa como um menino atordoado, deveria ter insistido para que aceitasse sua primeira idéia. Esse era o lugar onde deveria viver para sempre. Devia ser a senhorita York do Chesbury Park. Começava a ter sérias dúvidas sobre a opinião que Rachel tinha de seu tio.

Nesse momento ela virou a cabeça para olhá-lo.

- Não foi uma má vida - lhe assegurou. - Não quero lhe dar a impressão de que meu pai era cruel comigo, de que não me tratava bem ou de que eu o odiava. Porque não foi assim muito menos. Acredito que estava doente. Não pôde evitar que acabássemos na ruína. Depois pegou o que parecia um resfriado inofensivo e morreu depois de três dias.

- Sinto muito - disse.

- Eu não. - Esboçou um sorriso hesitante. - Sua vida acabou sendo uma tortura. Para ele e para mim.

Entretanto, mordeu o lábio superior e afastou a vista com rapidez para lhe ocultar as lágrimas. Viu que alguma caía sobre o dorso de sua mão. Resistiu ao impulso de lhe passar um braço pelos ombros. Não agradeceria sua pena.

- E agora acha que suas jóias podem resolver todos seus problemas - concluiu - e que lhe permitirão viver feliz para sempre.

Viu-a levantar a cabeça bruscamente, com os olhos ainda cheios de lágrimas.

- Não, é obvio que não! - gritou enquanto ficava em pé de um salto e o fulminava com o olhar.

- O dinheiro não devolverá meu pai nem fará que volte a ser como era antes, nem como foi quando conheceu minha mãe e se apaixonaram. O dinheiro não me fará feliz. Não sou estúpida, Jonathan. Mas só a gente que nada em dinheiro pode lhe fazer ascos. Para o resto dos mortais é importante. Ao menos pode pôr um prato de comida na mesa e pode comprar roupa, e ao menos pode alimentar nossos sonhos. Deve proceder de uma família muito rica, do contrário jamais haveria dito algo assim. E acredito que se parece muito a meu pai. É um jogador. A última vez que jogou, quando estávamos em Bruxelas, teve a casualidade de que a sorte esteve de seu lado e ganhou o suficiente para despreocupar-se do dinheiro. Pode ser que a próxima vez não seja tão afortunado.

- Rachel, não era isso o que queria dizer - lhe assegurou, inclinando-se para a frente para tentar lhe agarrar a mão, embora ela a separou de um puxão.

- Certamente que sim! - exclamou. - É o que se está acostumado a dizer quando se ofende a alguém. A quem não se foi referir? Sou a

filha de um esbanjador e tive que viver de meu engenho, isso é o que estava pensando. E acha que se consigo lhe jogar a luva a minhas jóias, esbanjarei a fortuna da mesma maneira que meu pai esbanjava seus lucros, de modo que voltarei a ser pobre. Para cúmulo, só sou uma mulher. Isso era o que estava pensando, não? O que sabem as mulheres de fazer planos de economia e de moderar-se nos gastos?

- Está fazendo muitas conjecturas sobre o que penso - replicou. - De qualquer forma, sinto não ter medido minhas palavras. Sinto-o muito.

O que ele tinha querido dizer era que necessitava de muito mais que dinheiro. Necessitava de uma família e amigos. Necessitava de um lar. Precisava encontrar o amor, ou que o amor a encontrasse a ela. Não necessariamente um amor sexual, embora sem dúvida alguma também o encontraria com o tempo.

Necessitava de um lar. Necessitava de Chesbury Park e de Weston, mas tinha sido muito teimosa depois da morte de seu pai para dar-se conta e nesse momento se pôs em uma situação muito comprometida que talvez impossibilitasse uma reconciliação entre eles.

Maldição! Pensou. Ele era o culpado.

O que tinha querido dizer era que talvez essa mansão escondesse um tesouro muito mais fabuloso que suas jóias. E que Weston estava tão só e tão falto de carinho como ela. Entretanto, reconhecia que se expressara com suma estupidez e que tinha sido o indutor dessa fraude urdida para que se fizesse com as jóias antes de tempo.

- Não - o corrigiu, - não o sente. Os homens nunca o sentem. Os homens estabelecem as regras e as mulheres só são umas criaturas estúpidas e incapazes de saber o que nos fará felizes. Mas eu sei que não quer estar aqui e isso que foi você quem sugeriu que viéssemos assim, fingindo o que não somos. Está apanhado durante um mês. Não me importa nada o que opine de mim ou de meu desejo de dirigir minha fortuna! Nada!

Ficou em pé sem a ajuda da bengala. Saltava à vista que ela estava muito alterada; muito alterada para a ofensa que tinha

sofrido. De modo que o atribuiu ao descobrimento de que a realidade de encontrar-se no Chesbury Park era totalmente diferente do que imaginara. Isso aumentava seus remorsos.

- Rachel, talvez devêssemos acabar com esta farsa - disse, e não pela primeira vez. - Explicarei a situação a seu tio, as damas poderão partir para reorganizar sua vida conforme lhes convenha e você poderá ficar vivendo aqui.

- Claro, como não! - exclamou. - Típico de você sugerir algo assim uma vez passada a novidade da brincadeira. Sabia que me deixaria aqui onde não me querem e onde eu não quero estar, que me obrigaria a abandonar a minhas amigas à sorte de uma vida que não quero nem imaginar. Pois não vai ser assim, tenha como certo. - Estendeu o braço e lhe deu um empurrão no peito.

Embora não o fez com muita força, pegou-o desequilibrado porque estava tentando apoiar-se um pouco na perna esquerda. Assim caiu de costas com muito pouca elegância sobre o banco. Arqueou as sobancelhas.

- Olhe o que me obrigou a fazer - protestou, zangada. - É a primeira vez que atiro a alguém com um empurrão!

- Eu diria que é a primeira vez que me atiram com um empurrão - replicou. - Embora suponha que mereço isso. Não escolhi bem as palavras, coisa que recordarei para a próxima vez que queira ser amável consigo quando estiver suscetível.

- Amável! - repetiu com desdém. - Eu não estou suscetível!

Entretanto, antes que pudesse seguir com sua diatribe, Bridget apareceu de um nada com a cesta cheia de flores.

- O que se passou? - perguntou. - caiu? Disse-lhe que...

- É só uma rixa de apaixonados - respondeu com um sorriso, embora se sentisse bastante idiota.

- A primeira. E é minha culpa, é obvio. Rachel me empurrou.

- Tudo isto parecia uma idéia muito brilhante em Bruxelas - murmurou Rachel. - Todo mundo acreditou que seria muito divertido. E assim foi, e assim seguirá sendo. Acredito que o tio Richard está morrendo. - ergueu as vaporosas saias do vestido depois de pronunciar o discordante comentário e se afastou quase correndo pelo atalho, de volta à casa.

Teria ido atrás dela, mas Bridget o deteve lhe pondo a mão no braço.

- Deixa que se vá - aconselhou. - Lembro que costumava chorar desconsolada todas as noites por sua mãe. E também recordo o dia que um dos amigos do senhor York fez em pedacinhos sua preciosa boneca de porcelana. Recolheu os pedaços em uma velha manta e chorou sobre eles um sem-fim de noites. Mas em realidade chorava por seu tio. Depois da morte de sua mãe irrompeu em sua vida como um raio de sol e lhe deu de presente a boneca. Depois desapareceu tão rápido como tinha chegado. sobrepôs-se a tudo em um ano e logo se converteu em uma menina de incrível fortaleza e força de vontade. Agora me pergunto se de verdade se sobrepôs. Odeia a lorde Weston. Embora em realidade está desesperada por querê-lo e jamais o admitirá, nem sequer ante si mesmo. É o irmão de sua mãe... O único vínculo que fica com suas raízes.

- Valha-me Deus! - murmurou com um suspiro. - Justo o que imaginava. Olhe o embrulho no que a coloquei.

- Não se preocupe - o tranqüilizou. - Tudo sairá bem, já o verá. Tomara pudesse ser tão otimista...

Capítulo 14.

Meia hora depois, sem que Rachel tivesse tido apenas tempo para recuperar a compostura depois da briga que parecia ter surgido de um nada e que a tinha alterado até o ponto de atacar a outro ser humano, bateram à sua porta e Geraldine entrou sem esperar que lhe desse permissão.

- Grande se armou, Rache! - exclamou. - Phyll está liberando uma batalha na cozinha. Fez-se encarregada das ajudantes da cozinheira e também dos fogões, mas a cozinheira se retirou para reagrupar-se e lançar o contra-ataque. A governanta e ela recorreram à genebra para fortalecer-se. Quando se armarem de coragem, as caçarolas e os juramentos começarão a voar de um lado para outro, digo-lhe eu. E como não quero perder isso irei ao ponto: o barão quer vê-la em seus aposentos. Será melhor que vá. Se descobrir onde tem suas jóias, esta noite me planto a capa e a

máscara, ponho uma faca entre os dentes e procuro alguma hera pela qual subir quando a lua tenha desaparecido.

Pôs-se a rir muito a seu pesar, embora desejasse estar em qualquer outro lugar enquanto caminhava para os aposentos de seu tio. De repente, todas as mentiras e os enganos lhe pareceram desprezíveis. Entretanto, o que outra coisa podia fazer a não ser seguir com o plano? De qualquer forma, não era a única implicada nessa farsa. Não desmarcaria suas amigas.

Odiava ao Jonathan. Odiava-o de verdade. Certamente era um ricaço arrogante, frio e desalmado em sua outra vida. Passou por cima o detalhe de que não lhe havia devolvido o empurrão, mas sim se tinha desculpado com ela.

- Entre e sente-se, Rachel - lhe indicou seu tio depois de que seu criado de quarto a fizesse entrar.

Percebeu que não ficava em pé para recebê-la. Tinha as pernas erguidas sobre uma banqueta. Embora parecesse exausto, seus olhos a observaram com atenção enquanto atravessava a sala e se sentava onde lhe tinha indicado. Estavam de frente a uma janela com vistas ao jardim da fachada principal e aos prados.

- Tio Richard - lhe disse, - como está? Quero saber como está de verdade.

- É um problema de coração - lhe respondeu. - Me está falhando lentamente... ou rapidamente. Quem sabe? Sofri alguns ataques durante os últimos três anos, o mais recente foi em fevereiro. Estava-me recuperando bastante bem, mas aconteceu algo que me alterou. E depois apareceu você. Metia-a no mesmo saco que ocupava o acontecimento que o tinha alterado fazia pouco? Bom, tampouco tinha direito a protestar. depois de rechaçar o convite que seu tio lhe fez no ano anterior, ia e se apresentava de repente. Nem sequer lhe tinha escrito para avisá-lo de sua chegada. E para cúmulo levava uma multidão de pessoas consigo.

Nem sequer lhe tinha ocorrido que teria envelhecido nesses dezesseis anos. Nem que estivesse delicado de saúde. Tinha esperado encontrar-se com o mesmo homem forte e seguro de si mesmo mas nesse caso teria sabido a que ater-se.

- Iremos amanhã se quiser - disse. - Hoje mesmo.

- Não referia a isso - assinalou ele. - Conhece bem ao senhor Smith, Rachel? Até que ponto? É bonito e encantador, admito-o... Ao menos, quando lhe convém. Não se terá casado com ele porque como dama de companhia suas opções eram limitadas, não é? Porque isso teria sido uma tolice. Algum dia será uma mulher muito rica. Já o seria se tivesse casado com meu consentimento durante este último ano.

- Amo ao Jonathan - assegurou. - E sei que é um homem com o que posso levar uma vida tranqüila e feliz. Não poderia ter escolhido melhor homem para mim de que escolhi eu, tio Richard.

- E, entretanto - replicou, - esta manhã manteve uma violenta discussão. Suponho que a insultou e por isso você o empurrou.

Fechou os olhos um instante. É obvio! Teria visto a briga com todo luxo de detalhes da janela. Via perfeitamente o banco onde se sentaram sem ter sequer que estirar o pescoço. Menos mal que não tinha aberto a janela e, portanto, não tinha escutado nenhuma só palavra.

- Não foi nada - afirmou. - Um par de comentários saídos de tom que esquecemos em seguida. De verdade.

- Não no momento da discussão - recalcou seu tio. - Partiu zangada e ele não tentou detê-la.

- Não foi nada sério - repetiu, abrindo as mãos sobre o regaço.

- Espero de todo coração que não tenha cometido o mesmo engano que sua mãe, Rachel - disse.

Levantou a cabeça com brusquidão para olhá-lo.

- Como sabe que foi um engano? - perguntou-lhe. - Opôs a seu matrimônio e depois, quando fugiu, cortou a relação com ela e não voltou a vê-la até que morreu. Como sabe se foi ou não feliz durante todos esses anos? Como sabe se teria sido feliz ou não se tivesse sobrevivido a meu pai?

Seu tio suspirou.

- Não falarei mal dos York - disse. - Era seu pai e estou convencido de que o queria. Seria antinatural que não o fizesse.

- Adorava-o - replicou com veemência, embora fosse muito consciente de que estava à defensiva. Tinha querido a seu pai até o

final, mas não tinha sido uma tarefa simples. As vezes o tinha detestado.

- Que direito tem a nos julgar? - perguntou-lhe. - Que direito tinha a cortar a relação com sua única irmã porque não aprovava ao homem que tinha escolhido como marido e a aparecer anos depois para desfrutar sobre sua tumba? Que direito tinha a ganhar o carinho de uma menina, a comprá-la com sorvetes, bonecas e passeios a cavalo, para desaparecer de sua vida ao pouco tempo e deixá-la com a crescente suspeita de que se mostrara indigna de seu amor? Era sua sobrinha! Que culpa tinha eu de que desaprovasse a meu pai? Esqueceu que também era a filha de sua irmã. Uma pessoa por direito próprio.

- Rachel... - Viu-o fechar os olhos e apoiar a cabeça contra o espaldar da poltrona enquanto levava a mão ao peito. - Rachel...

Ficou em pé com as pernas trêmulas.

- Sinto muito - disse. - Sinto muito, tio Richard. Por favor, me perdoe. Nunca discuto... e esta manhã já o tenho feito em duas ocasiões e com duas pessoas distintas. Vim ao Chesbury Park livremente. É imperdoável que tenha pego consigo como se fosse você quem invadiu minha casa. Tudo isso aconteceu faz muito tempo e a verdade é que me ofereceu seu lar quando meu pai morreu, embora o oferecimento levasse a ameaça implícita de me casar com alguém de sua escolha.

- A ameaça... - pôs-se a rir baixo. - Rachel, tinha vinte e um anos e, até onde eu sabia, não tinha tido a oportunidade de conhecer nenhum pretendente aceitável. Seu pai não tinha organizado nenhum tipo de apresentação em sociedade. Só quis lhe fazer um favor.

- Enfim - replicou, - essa não foi à impressão que me deu sua carta. Embora talvez foi porque estava predisposta ao contrário. Não me deu os pêsames pela morte de meu pai.

- Porque me alegrei - confessou com um deixo fatigado na voz. - Acreditei que sua morte lhe daria por fim a oportunidade de desfrutar da vida e de sua juventude. Fui muito desconsiderado ao não compreender que você estaria de causar pena.

- Já não importa - lhe assegurou. - aproveitei minha oportunidade de ser feliz, mas não às cegas, tio Richard. Escolhi a um homem que é aceitável e agradável. Escolhi a alguém a quem posso querer e que a sua vez me quer.

Nesse momento se encontrava tão metida no papel que estava absolutamente convencida de que adorava ao Jonathan.

- Trago-lhe algo? - perguntou-lhe. - Algo de beber, talvez?

- Não. - Negou com a cabeça.

- Não sabia que estava doente - lhe assegurou. - Desgostei-o ao vir. Deveria me ter mantido afastada. - Faz vinte e três anos que sua mãe partiu desta casa - replicou seu tio. - Era quinze anos mais jovem que eu; para mim era mais uma filha que uma irmã. Queria-a muitíssimo. Mas era impulsiva, teimosa e uma romântica sem remédio. Não dirigi bem a situação com os York e, embora meu matrimônio foi satisfatório, houve um vazio em minha vida desde que sua mãe se foi. Me alegro de que tenha vindo. - Fechou os olhos.

Um vazio que ela poderia ter preenchido em qualquer momento desde a morte de sua mãe, pensou, dividida entre uma dor indescritível e uma ira galopante. Mas não voltaria a brigar com ele. Realmente tinha sido uma pessoa muito tranqüila até esse momento. Graças a isso tinha podido dirigir seu pai, seus amigos e o caos de suas vidas.

- Tio Richard, me dê minhas jóias - lhe pediu. - Saberei utilizá-las, assim como Jonathan. Ficaremos alguns dias mais e logo lhe deixaremos em paz. Escreverei-lhe. Virei de visita.

Escreveria-lhe, jurou-se. Confessaria tudo. E se a perdoasse, iria visitá-lo sempre que pudesse. Tentaria não esgrimir o passado em seu contrário. Talvez inclusive pudessem iniciar uma relação normal entre tio e sobrinha.

- Não tenho pressa para que parta - disse ele. - Passou muito tempo desde a última vez que houve gente jovem nesta casa. E eu gosto de suas amigas. São umas damas encantadoras. Passou muito tempo desde a última vez que tive convidados. Só vejo meus vizinhos na igreja. passaram pelo menos vinte anos desde a última vez que se celebrou um baile no Chesbury Park. Celebraremos um

este mês. Fica para que possamos nos conhecer e para que possa conhecer seu marido.

Mordeu o lábio. A magnitude do engano se fazia mais evidente e dolorosa com cada hora que passava.

- E as jóias? - perguntou-lhe.

Seu tio levou tempo antes de responder:

- Não posso prometer que lhe darei isso, Rachel, nem sequer no final do mês - respondeu. - Já veremos. Se Smith é capaz de manter o que disse, é certo, de modo que não precisa vendê-las. Quanto a pôr isso... Bom, são peças antigas e muito recarregadas para uma moça tão jovem. São uma herança de família encomendada a meu cuidado. Primeiro por minha mãe e depois pela tua.

De modo que a farsa não serviria para nada, pensou... Só tinha o raio de esperança desse "Já veremos". Poderia ter discutido. Mas percebeu que havia tornado a levar a mão ao peito e que seu rosto tinha adquirido esse tom cinzento. Não tinha aberto os olhos. Olhou-o alarmada. Entretanto, embora se inclinasse para ele, foi incapaz de tocá-lo.

- Esgotei-o, tio Richard - disse. - Quer que avise a seu criado de quarto?

Saiu apressadamente da sala sem esperar resposta, mas não foi preciso que fosse a procura do criado de quarto porque estava do outro lado da porta, passeando com nervosismo de um lado para outro.

Tinha sido uma manhã muito estranha, pensou enquanto descia as escadas. Tinha-lhe parecido tão longa como um dia... ou como uma semana. Emocionalmente se sentia exausta. Jamais tinha havido grandes paixões em sua vida, nem positivas nem negativas. Nesse momento a paixão parecia inudar tudo.

A cozinheira e a governanta contra-atacaram expondo sua situação ao barão Weston. A governanta tirou o ás que guardava na manga imediatamente. Se sua senhoria não confiava nela para contratar às pessoas mais qualificadas para cada posto da casa, demitiria-se na hora, anunciou.

Não pensava tolerar que uma completa desconhecida invadisse sua cozinha e incomodasse a sua cozinheira até o ponto de que a

pobre mulher fosse incapaz de preparar um prato decente enquanto a senhora Leavey seguisse no Chesbury Park.

O barão Weston despediu a cozinheira e aceitou a demissão da governanta.

- Não me tinha percebido de como insossas tinham chegado a ser as comidas - disse essa noite no salão depois do jantar. - Agradeço-lhe de todo coração, senhora. Nem no Carlton House teriam servido um jantar mais delicioso do que nos preparou esta noite. Acreditei que não tinha apetite, mas comi bastante.

Phyllis se ruborizou.

- E as massas que tomamos esta tarde com o chá estavam deliciosas - continuou. - Todos meus vizinhos tentarão me tirar a minha cozinheira. - pôs-se a rir e seu aspecto melhorou de repente, pensou Alleyne.

O senhor e a senhora Rothe tinham ido essa tarde para tomar o chá, acompanhados por seu filho e suas duas filhas. Igual à senhora Johnson, sua irmã, a senhorita Twigge, e o reverendo e sua esposa, a senhora Crowell. Todos tinham confessado estar encantados de conhecer a sobrinha do barão e a seu deslumbrante marido. Todos se tinham ficado maravilhados com o Flossie e Phyllis, que tinha abandonado seus deveres culinários durante uma hora. A senhora Crowell tinha desfrutado de uma agradável conversa com Bridget. Tinham falado de flores, hortaliças, sebes e vários assuntos relacionados com a jardinagem, a julgar pelo pouco que tinha escutado.

- É obvio, não espero que siga trabalhando na cozinha, senhora - concluiu com um suspiro.

- Amanhã verei que solução propõe meu administrador.

- Mas, milord, estarei encantada de fazê-lo! - protestou Phyllis. - Eu gosto de me manter ocupada... tal como lhe diria o coronel Leavey se estivesse aqui. Cozinhar é minha grande paixão, assim como são a costura ou a pintura para outras damas.

- Com sua permissão, milord - interveio Flossie, - amanhã descerei aos aposentos da governanta e darei uma olhada às contas. Também organizarei as tarefas dos criados. Não será nenhum aborrecimento. Embora o coronel Streat contratasse a toda

uma legião de criados quando estávamos em casa, eu sempre insistia em fiscalizá-los de perto.

- É um oferecimento muito amável de sua parte, senhora - disse lorde Weston, compreensivelmente surpreso por essas palavras. - Estou aflito.

Enquanto o barão falava, Bridget pegou uma almofada para colocá-la atrás da cabeça e também uma banquetta para que erguesse os pés. Já lhe havia dito durante o jantar que prepararia uma infusão benéfica para o coração que teria que tomar antes de ir para a cama.

Era surpreendente que não os tivesse jogado a todos por ter removido tantos vespereiros em tão pouco tempo. Claro que as comidas tinham melhorado muitíssimo. E quanto aos estábulos, Strickland lhe havia dito enquanto o ajudava a vestir-se para o jantar que tinham tido que limpar pelo menos um mês de sujeira acumulada enquanto o encarregado dava ordens a direita e esquerda, pendente de que se cumpriam a rigor.

- Disse-lhe que talvez esteja deprimido porque o barão vendeu a maioria dos cavalos de caça e já nem sobe nem usa a carruagem - explicou o sargento. - Mas que essa não é desculpa para não estar orgulhoso de um trabalho bem feito nem para desatender seu dever quando lhe dão pagamento, teto e comida pelo que faz. Disse-lhe que se fosse um soldado, esperaria se dele que tivesse o fuzil limpo e carregado, a equipe bem cuidada e pouco rum no estômago embora não estivesse em meio de uma guerra, porque nunca se sabe quando vão brigar nossos governantes com os de outro país e se vai armar a confusão de novo.

Entretanto, não os tinha posto de quatro na rua. Ao contrário, Weston parecia estar desfrutando de sua companhia. Passou grande parte do jantar observando Rachel, sabendo de que o fazia com expressão meditabunda. Ela era a única que não se esforçava para enganar o barão... nem por representar o papel de feliz recém casada que tinha concordado interpretar.

Compreendeu que ainda seguia zangada com ele. Isso era, claro. deitaram-se cedo, tal como tinham feito a noite anterior. Conforme disse Bridget quando o barão não a escutava, deitar-se cedo era um

luxo do que nunca se cansaria, e Phyllis lhe deu a razão, mais que nada porque teria que levantar-se cedo para preparar o café da manhã.

Ele não estava tão seguro de que o horário que se seguia no campo fora de seu agrado. sentia-se inquieto. Ocorreu-lhe descer de novo e sair para dar um passeio, mas comprovou da janela de seu dormitório que nublara em algum momento da noite. No exterior reinava a escuridão e não conhecia a propriedade o bastante para aventurar-se a sair sem luz. Além disso, se Weston o ouvia, perguntaria se por que o marido de sua sobrinha abandonava sua cama quando estavam de lua de mel.

Deixou que Strickland o ajudasse a tirara ajustada jaqueta e conversou com ele vários minutos, mas o despachou antes de despir-se por completo. Era muito consciente do silêncio enquanto olhava pela janela. Geraldine também devia haver-se retirado, porque pouco antes a tinha escutado falar e rir com o Rachel.

Entrou no closet. Não havia luz no do Rachel, mas se distinguia o resplendor de uma vela no dormitório contínuo. Isso queria dizer que continuava acordada. Titubeou um instante. Um dormitório não era o melhor cenário para um enfrentamento a essas horas da noite, mas ao menos desfrutariam de certa intimidade.

- vou entrar - disse em voz alta. - Se quer proteger sua virtude, agora é o momento.

Estava em frente à janela, igual há ele pouco antes, vestida com uma discreta e prática camisola de algodão que, como não, ressaltava seu atrativo do mesmo modo que o faria uma bordada e transparente em qualquer outra mulher. Geraldine lhe tinha escovado o cabelo até deixá-lo brilhante. Levava-o solto pelas costas. Tinha os pés descalços. Seu rosto mostrava surpresa e indignação ao mesmo tempo. Aferrava-se com força os braços, cruzados por diante do peito.

- Não se preocupe - lhe disse, - não vim para exigir meus direitos conjugais.

- E para que veio? - perguntou-lhe enquanto seus olhos percorriam sua pessoa, vestida com a camisa, as calças e as meias três-quartos. Tinha prescindido da bengala.

- Aqui não perdeu nada. Vá embora.

- supõe-se que somos marido e mulher, Rachel - lhe recordou. - Se supõe que nos casamos por amor. Supõe-se que devemos estar radiantes de felicidade pela dimensão que nossas noites de paixão outorgam a nosso amor. Entretanto, apenas nos falamos e quase não podemos nos ver. Parece-lhe que é a melhor maneira de convencer a seu tio de que nosso matrimônio é ideal?

Deu-lhe as costas e cravou de novo o olhar no exterior enquanto ele apoiava um ombro na ombreira do arco que separava o closet do dormitório.

- Quando planejamos esta farsa - disse ela, - nos esquecemos que teríamos que levá-la a cabo juntos. É muitíssimo melhor ator que eu.

- Isso quer dizer que me detesta? - Suspirou e a olhou com exasperação. - Houve um tempo bastante recente no qual alegrava meus dias só entrando em meu quarto. Fiquei apaixonado por você assim que abri os olhos e a vi. Sabia? E houve um tempo quando procurava minha companhia e se sentava comigo para falar ou ler quando já não havia razão médica para que o fizesse. Acha que é possível que esqueçamos o acontecimento que mudou as coisas?

- Não - respondeu ela depois de um longo silencio. - Não é possível. Algo assim não se pode esquecer por mais que se queira. Mostrei-me torpe e desajeitada, e consegui que me aborrecesse.

- Maldição, Rachel! - exclamou novamente exasperado. - De verdade acha que me importou a estupidez ou a falta de experiência? O que me incomodou foi que não me dissesse isso. Mas isso pertence ao passado. É hora de que o esqueçamos.

- É impossível esquecê-lo - insistiu ela. - É uma tolice que o sugira sequer.

- Pelo amor de...! - resmungou. - Só estamos falando de uma noite de paixão.

Não foi uma experiência transcendental, bom, talvez sim embora por motivos diferentes, mas tampouco foi tão mau. Só foi sexo.

- Exatamente - recalcou ela. - As mulheres, é obvio, tomavam esses assuntos de uma maneira distinta aos homens. Sabia,

embora não sabia de onde tinha saído essa certeza. Tinha sido uma estupidez dizer isso.

Aos olhos de Rachel, o fato de que só tivesse sido sexo era o pior de tudo. Sabia que para ela tinha sido transcendental, embora não de um modo agradável.

Maldita seja! Pensou, a essas alturas poderia estar coxeando pelas ruas de Bruxelas ou de Londres, descobrindo amigos e parentes debaixo das pedras. Como demônios se envolveu até o ponto de arquitetar esse plano? Embora conhecesse a resposta. Rachel queria ajudar a suas amigas e ele queria ajudar Rachel porque lhe devia a vida e porque talvez continuasse um pouco apaixonado por ela.

- Bom - disse ao fim, - pois amanhã vai ter que se esforçar um pouco mais na hora de interpretar, Rachel. Vai ter que fingir que está apaixonada por mim e vai deixar que esse amor goteje por todos os poros de seu corpo. Porque se não, nossa viagem terá sido em balde e iremos dentro de um mês tal como viemos.

Virou-se para olhá-lo.

- Meu tio tem o coração delicado - lhe recordou. - Poderia morrer em qualquer momento. Diz que se alegra de que tenha vindo e que quer que fiquemos para poder nos conhecer melhor... apesar de que esta manhã nos viu discutir pela janela. Diz que houve um vazio em sua vida desde que minha mãe fugiu com meu pai. Está decidido a celebrar um baile em nossa honra. Mas poderia ter feito tudo isto faz anos. Poderia me haver convidado a vir com freqüência durante estes dezesseis anos. Poderia ter perdoado a minha mãe antes que morresse para que as duas viéssemos a vê-lo. E agora está morrendo. - cobriu a boca com a mão, mas era evidente que estava mordendo o lábio superior para controlar suas emoções.

- Rachel - disse, - talvez tenha chegado o momento de que o perdoe.

- Como vou perdoá-lo? - quis saber ela. - Como? Minha vida também esteve vazia. Às vezes pensava que era mais uma mãe que uma filha para meu pai. Cuidar dele foi uma carga muito dura. Olhou-a com tristeza. Que lastro arrastavam as pessoas por culpa de seu passado... Seria uma vantagem ter perdido a memória por

completo? Que carga levava ele em cima quando caiu do cavalo e golpeou a cabeça? - Odeio isto - confessou ela de repente ao mesmo tempo em que punha-se a andar para a cama para afastar os lençóis de um puxão. - Odeio esta auto compaixão, esta tristeza, esta melancolia. Não sou assim. Esta não sou eu. Jamais fui por aí dizendo que minha vida foi terrível e vazia. Limitei-me a vivê-la. Por que de repente a vejo assim?

- Talvez porque ao vir abriu uma porta a seu passado - aventurou.
- E talvez a força dessas emoções tão negativas se deva ao fato de ter vindo pelos motivos equivocados. Coisa de que eu sou culpado.

- Não me venha outra vez com essa de que vai confessar a verdade ao tio Richard. - sentou-se na cama e se aferrou ao colchão, alheia ao convite que poderia estar enviando. - É muito tarde para isso.

- Não sei se percebeu que embora consiga se fazer com sua fortuna, estas quatro damas não aceitarão nem um só penny em compensação pelo que perderam em mãos do Crawley.

- É obvio que o aceitarão. - Abriu os olhos de par em par. - É minha culpa. Seu sonho é a única coisa que as ajuda a seguir adiante.

- Duvido-o muito - replicou. - São mulheres curtidas, Rachel. Sobreviveram a algumas das provas mais duras da vida e seguirão fazendo-o a seu modo. Não são sua responsabilidade... nem minha. Não quereriam sê-lo.

- Encontrarei o modo de convencê-las - assegurou. - Tenho que fazê-lo. Mas antes tenho que convencer a meu tio. Esta manhã me disse que não tem pressa por me dar às jóias. Aduziu que você poderá me manter e que, portanto não as necessito de verdade. É tão injusto! Não deveria suplicar para consegui-las. Se me quisesse, não poria objeções a me dar o que me pertence.

De repente, caiu na conta de que o que Rachel necessitava com urgência por cima de todas as coisas era um pouco de alegria. Não parecia haver rido muito ao longo de sua vida. Entretanto, a risada a tinha transformado por completo essa manhã quando deu a volta ao lombo do cavalo e lhe enredaram as saias, deixando à vista uma indecente quantidade de panturrilha. Era o responsável por que

estivesse metida nesse embrulho e era sua responsabilidade tirá-la do mesmo.

Mas no processo talvez lhe ocorresse à maneira de fazê-la rir outra vez... e muitas mais.

Era algo que podia fazer por ela.

- Amanhã, Rachel - lhe advertiu, - vamos atuar como se tivéssemos passado a noite fazendo o amor nessa cama. Vamos entregar-nos, os dois, em corpo e alma a esta farsa, já que não me permite lhe pôr fim. Me sorria.

- Como? - Olhou-o sem compreender.

- Sorria para mim - repetiu. - Certamente não é tão difícil. Já o fez antes. Vamos, sorri.

- Grande tolice!

- Sorria.

Fez isso. Seus lábios se esticaram com uma expressão desafiante e envergonhada.

Devolveu-lhe o sorriso.

- Volta a tentá-lo disse. - Imagine que me quer com loucura. Imagine que acabamos de desfrutar de um momento de luxúria e que agora mesmo vou a por outro. Sorria.

Alegrou-se de não haver-se movido e de seguir com o ombro apoiado na ombreira e as pernas cruzadas à altura dos tornozelos. Porque quando Rachel lhe sorriu essa vez lhe fez um nó nas entranhas.

Sentiu o assalto do desejo, mas o reprimiu, consciente de que as calças que levava eram extremamente reveladoras. Devolveu-lhe o sorriso com lentidão e percebeu que a força com a que se agarrava ao colchão lhe tinha deixado os nódulos brancos.

- Veremo-nos no estábulo amanhã à mesma hora - disse em voz baixa. - boa noite, meu amor.

Rachel não lhe respondeu. O silêncio o seguiu até seu dormitório, onde pagou o preço de seu pequeno experimento com uma hora de desconforto pelo desejo insatisfeito.

Capítulo 15.

A aula de equitação matutina teve que ser cancelada porque as nuvens da noite anterior tinham levado a chuva consigo e não descampou até passado o meio-dia.

Logo que clareou, foi em busca do Paul Drummond, o administrador do Chesbury Park, que tinha aceitado a lhe mostrar os campos de trabalho e a granja que abasteciam à propriedade.

A experiência o convenceu ainda mais de que tinha passado longas temporadas em um entorno rural.

As paisagens, os sons e os aromas da granja e os estábulos faziam que se sentisse como peixe na água.

O percurso lhe foi fascinante: o ondulante mar verde das espigas dos cereais balançadas

pela brisa; os torrões do aro obscurecidos pela chuva; as vacas e as ovelhas que pastavam nos prados; os porcos em suas pocilgas; as galinhas e os patos que brincavam de correr pelos currais; as extensas parcelas dedicadas ao cultivo de hortaliças; os pomares de frutos; e o celeiro com seu aroma de feno e a esterco, onde não podia faltar a vaca com um bezerrinho adoentado, as carroças com feno, o arado e os forcados.

- A primeira vista parece uma propriedade próspera - comentou enquanto retornavam ao estábulo.

- É, senhor - lhe assegurou o administrador. - E o seria ainda mais com algumas melhorias e reformas, é obvio, mas sua senhoria perdeu interesse na terra desde que caiu doente. Permite-me levar as rédeas, mas não quer ouvir nenhuma só palavra sobre fazer mudanças.

Não tentou lhe surrupiar nada mais. Não era assunto seu. Embora entendesse o desânimo do administrador. Se se transbordava de energia e de entusiasmo mas não lhes dava saída, um homem podia perder a ilusão pela vida.

Tinha-lhe passado o mesmo em algum momento de sua vida? Tinha pensado que sua vida carecia de sentido?

Que estava perdido?

De repente, recordou o que o sargento Strickland lhe disse em Bruxelas:

"Quando por fim recorde quem é, possivelmente descubra que se converteu em um homem melhor que o que era."

Possivelmente fosse um homem que não chegou a amadurecer quando deixou atrás a infância.

Possivelmente necessitava algo drástico como uma perda de memória para sair do poço onde estava metido.

De algo estava seguro. Sua vida estava no campo. Com a terra. Se depois do mês que devia passar no Chesbury Park descobrisse que era verdadeiramente um oficial, venderia seu cargo.

Se era o caçula da família e não contava com fortuna nem com ganhos, procuraria um emprego como administrador embora seus parentes, quaisquer pessoas que fossem, acreditassem que estava manchando o sobrenome familiar.

Não sabia com certeza que classe de homem tinha sido. Mas o homem que era nesse momento estava preparado para agarrar as rédeas de sua vida e fazer dela exatamente o que queria.

Suas reflexões se viram interrompidas no momento em que Drummond começou a lhe fazer perguntas sobre sua propriedade no Northumberland. A facilidade com a que respondeu e criou uma propriedade fictícia reafirmou sua opinião de que ao menos tinha o conhecimento necessário para conseguir que as mentiras fossem convincentes.

Quando deixou o cavalo nos estábulos a primeira hora da tarde e pôs-se a andar para a mansão, sentia-se revitalizado e muito mais alegre que os dois últimos dias.

Bridget estava arrancando ervas em um extremo do canteiro. Havia dois jardineiros fazendo o mesmo, um no centro e outro no extremo oposto. Quatro homens mais estavam disseminados pelo prado que se estendia ao outro lado, cortando a erva com outras tantas foices enquanto dois moços a amontoavam. O intenso aroma de erva úmida e recém cortada flutuava no ar.

Rachel estava no atalho de cascalho, observando tudo, mas se virou ao escutar seus passos para recebê-lo com um sorriso deslumbrante. perguntou-se o que teria feito para congregar-se com ela, mas depois recordou a conversa que mantiveram a noite anterior em que lhe disse que o gabinete privado de seu tio dava

para a fachada principal. Devolveu-lhe o sorriso, rodeou-lhe a cintura com um braço e a beijou nos lábios. SE arrumou para que a demonstração afetuosa não fosse nem muito longa (o que se teria considerado vulgar havida conta de que Bridget e vários criados estavam presentes) nem muito curta. Quando ergueu a cabeça, sorriu de novo e manteve o braço em torno de sua cintura.

- estive longe de ti duas horas - disse - e me pareceram toda uma eternidade, meu amor.

- Eu passei a manhã me arrependendo por não tê-lo acompanhado - assegurou ela.

- Foi interminável.

Perguntou-se se os atores se encontrariam em estado de perpétua excitação no cenário. Sorriu e a apertou fugazmente contra seu corpo antes de dar uma olhada a seu redor.

- Suponho que isto... - disse, apontando com a cabeça o torvelinho de atividade que se desenvolvia em frente a eles - é coisa de Bridget, não?

- Flossie convocou a toda a criadagem - explicou - e Bridget esteve presente. Segundo o que me contou Geraldine, parece que Flossie fez que se afogassem em pranto enquanto arengava para que demonstrassem a lealdade que merecia um senhor que sempre tinha sido amável e generoso com eles, mas que se encontrava tão abatido pela enfermidade que não se dava conta de que estavam desatendendo suas obrigações. Esta foi a resposta dos jardineiros. Como era de esperar, Bridget não pôde resistir a tentação de unir-se a eles.

Quando o olhou nos olhos, ambos se puseram a rir.

Essa manhã tinha escolhido um vestido amarelo limão e Geraldine havia tornado a fazer maravilhas com seu cabelo, convertendo-o em um halo dourado de cachos e caracóis. Claro que Rachel não necessitava de semelhantes adornos. Era o epítome da beleza embora levasse uma simples camisola de algodão e se deixasse o cabelo solto.

Deu-lhe um beijo na ponta do nariz, no caso de seu tio estar olhando da janela.

- Vê a diferença, Rachel? - perguntou-lhe Bridget, que se endireitou nesse momento para enxugar o suor da fronte com uma mão protegida por uma luva.

- Sim - respondeu ela ao mesmo tempo em que passeava o olhar pela zona do canteiro que já estava livre de más ervas. - As cores das flores parecem muito mais alegres. E a erva recém cortada cheira a glória!

Viu-a fechar os olhos para respirar fundo. A felicidade que irradiava era cativante.

- Conseguiremos convertê-la em uma mulher de campo, Bridget disse.

O olhar da aludida passou de um a outro antes que sorrisse.

- Isso espero - respondeu. - Pelo bem dos dois, sir Jonathan.

Depois da visita do Jonathan, Rachel tinha passado quase toda a noite acordada, desvelada por uma miríade de pensamentos, nenhum muito agradável. Entretanto, tinha chegado à conclusão de que a única coisa que podia fazer durante o que restava de mês era continuar com o que tinha começado e interpretar seu papel o melhor possível. Decidiu deixar os preconceitos de lado e aproveitar a oportunidade para conhecer de verdade a seu tio. Ao fim e ao cabo, talvez não dispusesse de outra.

Talvez o tio Richard não conseguisse recuperar-se de outro ataque ao coração. De todas formas, não podia dizer-se que tivesse ido roubar lhe exatamente. se desentenderia do sentimento de culpa, disse-se, e também da tristeza. Já estava farta de ambas as coisas. Havia uma verdade irrefutável: jamais poderia mudar o passado.

Só podia viver o presente e formar o futuro na medida do possível.

De modo que nas duas semanas seguintes aprendeu a montar a cavalo, com supremo cuidado, determinação e empenho, e foi recompensada com a gratificação do triunfo e com uma euforia que lhe era desconhecida. Passou muito tempo com seu tio, a quem procurou de forma deliberada algumas vezes em vez de resignar-se a suportar sua companhia. Recebeu a todos vizinhos que foram visitá-los e devolveu algumas visitas acompanhada do Jonathan e

Bridget. Inclusive Flossie a acompanhou as vezes, embora passava grande parte de seu tempo enfrascada com os livros de contas da governanta, tentando enquadrar as cifras ou escutando como o senhor Drummond lhe explicava com a paciência do santo Job as distintas colunas de cifras cotadas nos livros de contabilidade geral. Também assistiu a missa. E ajudou ao Bridget e ao Flossie na tarefa de redigir os convites para o baile, seguindo a lista que seu tio lhes tinha proporcionado.

Além disso, e fazendo caso do que lhe dissera, deixou que o amor que sentia pelo Jonathan saísse por todos os poros de seu corpo. Compartilhou sorrisos e gargalhadas com ele; passeios a cavalo e caminhadas; visita aos campos de trabalho atento a suas explicações enquanto se davam as mãos.

Permitiu-lhe que lhe beijasse a mão e os lábios cada vez que se apresentava a oportunidade. sentou-se a seu lado, conversou com ele, olhou-o com admiração e devoção. Em resumidas contas, comportou-se como qualquer recém casada em sua lua de mel. Em certas ocasiões inclusive esquecia que tudo era uma farsa. Por ambas as partes.

O espelho lhe dizia que seus olhos não tinham estado tão brilhantes nem suas faces tão ruborizadas desde que era menina. Por muito que desejasse que o calvário desse mês chegasse a seu fim, e apesar de saber que suas amigas deviam estar impacientes por conseguir os recursos com os que iniciar a longamente adiada busca do Nigel Crawley, em parte temia que chegasse o momento de abandonar Chesbury Park e voltar para Londres, onde teria que procurar outro emprego se seu tio continuasse negando-se a lhe entregar as jóias.

Durante um abundante e saboroso almoço elaborado pelo Phyllis e que consistia em sopa de verdura, pão recém feito, queijo, pudim de maçã e mingau, percebeu do muito que tinha melhorado o aspecto de seu tio ao longo da última semana. Tinha ganhado peso. Tinha o rosto mais cheio e melhor cor de rosto. Ainda parecia melancólico e abatido em certas ocasiões, sobre tudo quando a olhava a ela, mas tinha recuperado as forças suficientes para participar de algumas atividades e parecia muito mais feliz. Também

dava a sensação de que se afeiçoou muito à Flossie, Bridget e Phyllis.

Olhou-o com um sorriso.

- O reitor e sua esposa virão esta tarde de novo - lhe disse ele. - Suponho que quererá tratar algum assunto comigo e sua esposa se entreterá falando de jardinagem com a senhorita Clover.

Drummond vai mostrar a ferraria à senhora Streat e a senhora Leavey insiste, como sempre, em preparar o chá e o jantar. por que não aproveita para escapar com seu marido, Rachel? Tivemos um tempo muito rude, mas hoje faz um dia quente e ensolarado. Seria uma pena que o desperdiçassem ficando em casa.

Além do tempo que passavam juntos durante as aulas matutinas de equitação, quase nunca estavam sozinhos. E tampouco tinha muito claro querer está-lo sem cavalos nem nenhuma outra coisa que a distraísse.

Virou-se para Jonathan com expressão interrogativa, pedindo-lhe sem palavras que ocorresse alguma desculpa. Ela não era a única cujo aspecto físico tinha mudado graças ao ar do campo, pensou. Jonathan estava bronzeado apesar desses últimos dias nublados, e parecia mais bonito que nunca.

Devolveu-lhe o sorriso e a olhou com total admiração enquanto lhe cobria as mãos com uma das suas.

- Uma idéia esplêndida - disse. - Aonde nos sugere que vamos, senhor?

- Ao lago, talvez- respondeu o tio Richard. - Ainda não passeou no barco, não é verdade? Podem remar até a ilha. Suponho que este ano estará um pouco descuidada, mas sempre foi um refúgio muito tranquilo. Há uma cabana de pedra da qual se pode admirar uma linda panorâmica da propriedade.

- Ai, sim! Leve ao Rachel à ilha, sir Jonathan - disse Flossie.

- Deve ser um lugar muito lindo. E ali estarão a sós - soltou, olhando-a com uma expressão maliciosa.

- Leve uma sombrinha para se proteger do sol, Rachel - lhe advertiu Bridget.

- Dá-me medo a água - disse ela.

- Tolices, meu amor! - Jonathan lhe sorriu e lhe deu um apertão em uma mão. - Durante a travessia desde Ostende passava o dia junto à amurada do convés e não parecia assustada absolutamente.

- Mas era um navio grande - protestou. - Agora estaremos em um barco, justo em cima da água.

- Acaso não confia em mim? - perguntou-lhe ao mesmo tempo em que inclinava a cabeça para ela.

- Caramba! - exclamou. - Sabe que poria minha vida em suas mãos, Jonathan - respondeu.

- Muito bem. - levou suas mãos aos lábios. - Decidido. Senhor, Agradeço-lhe por nos desculpar da visita desta tarde. Confesso-lhe que a idéia de passar a tarde a sós com minha esposa é muito emocionante.

- Preparei-lhes uma cesta com o lanche - disse Phyllis, levando-as mãos ao peito.

E assim, menos de uma hora depois, Jonathan colocava a cesta com a comida no barco que o jardineiro chefe lhes tinha mostrado como a mais segura enquanto ela contemplava a água e o barco com receio.

O lago sempre lhe tinha parecido grande, mas nesse preciso momento parecia muito imenso, quase como um pequeno mar. Não sabia nadar, detalhe que não tinha tido a menor importância durante a travessia da Inglaterra a Bélgica e vice-versa. Em ambas as ocasiões tinha chegado à conclusão de que se o navio se afundasse, de pouco serviria a um náufrago o saber nadar.

- Acha que isto era necessário? - perguntou.

- depois de que seu próprio tio o sugerisse? - perguntou ele por sua vez. - Eu diria que sim. Além disso, preferiria ter que passar a tarde suportando ao honorável reitor e a sua esposa?

Supôs que se tratava de uma pergunta retórica, embora não estava muito segura de que lhe tivesse dado a resposta que ele esperava se tivesse insistido em conhecer sua opinião. Nesse instante o viu estender uma mão para ajudá-la a subir ao barco. Parecia bastante seguro de si mesmo, e isso que mal tinham passado dois dias desde que deixou de utilizar a bengala.

O barco se balançou de forma alarmante quando subiu, de modo que se apressou a ocupar um dos assentos, resignada a seu destino. Jonathan tirou a jaqueta antes de sentar-se no assento oposto e a deixou no fundo, junto com a cesta. Depois fez o mesmo com o chapéu. Quando a brisa lhe alvoroçou as longas mechas, percebeu que tinha um aspecto saudável e viril.

- Parece muito contente - lhe disse ao mesmo tempo em que abria a sombrinha para proteger a nuca dos raios do sol.

- por que não ia estar? - perguntou-lhe enquanto agarrava os remos e fazia as manobras necessárias para que o barco entrasse no lago. Enquanto isso, ela se agarrou à lateral com a mão livre.

- Este sol animaria a qualquer um.

- Acreditava que os dois íamos evitar com todas nossas forças ficar a sós - assinalou.

Baixou a vista até sua perna esquerda, cujos músculos se esticavam e se relaxavam ao remar. Custava-lhe acreditar que esse fosse o mesmo homem que tinha estado a um passo da morte em sua cama do bordel. Quem era? Perguntou-se. Às vezes esquecia que não era Jonathan Smith.

Era estranho não conhecer sequer seu verdadeiro nome. Para ele devia ser ainda pior.

- Mas não somos crianças para estar brigando a todas as horas, não é, Rache? - perguntou ele.

- O que lhe parece se nos limitarmos a desfrutar juntos da tarde livre?

- Suponho que tem razão - respondeu, virando a cabeça para lançar um olhar a seu redor.

A superfície do lago brilhava à luz do sol. As árvores da borda oposta pareciam mais verdes do que o habitual. Em certo modo, a água não era tão ameaçadora vista de "dentro". Talvez porque era evidente que Jonathan era um perito nos remos. - Sabe nadar?

- Outra de suas perguntas capciosas? - perguntou ele por sua vez. - Atiro à água e o comprovamos? O que faria se descobríssemos que a resposta é negativa e a última coisa que visse de mim fosse uma borbulha na superfície do lago? Poderia ficar à deriva o resto de sua enjuvada vida. Sim, Rachel, sei nadar.

Que estranho que saiba essas ninharias sobre minha pessoa, não lhe parece?

Você sabe nadar?

- Não. - Meneou a cabeça enquanto colocava a mão livre na água. Não podia dizer-se que estivesse fria, mas bem fresca. - Nunca tive oportunidade de aprender.

- Pois essa será outra das carências que teremos que remediar - replicou ele.

Não discutiu. Sempre tinha acreditado que nadar seria muito agradável. adoraria ser capaz de mover-se em um meio diferente ao habitual e flutuar envolta no mistério da aparente delicadeza da água.

Nesse momento ansiou mais que nunca aprender tudo aquilo que perdeu por ter crescido em Londres, longe do campo. Jamais tinha saído da cidade nem para fazer uma visita fugaz.

- Como se divertia quando era pequena? - perguntou-lhe Jonathan.

Nem sequer estava segura de que tivesse conhecido o significado do verbo "divertir-se" durante sua infância.

- Lia - respondeu, - costurava e bordava. Às vezes pintava. Bridget me levava a passear ao Hyde Park e a outros lugares. E acredito que minha mãe também o fazia. Às vezes levávamos uma bola.

- E quando Bridget se foi? - voltou a lhe perguntar.

- Tinham-na proibido sair sem uma criada - respondeu. - Às vezes ia à biblioteca... quando tínhamos criada, claro. Em algumas ocasiões fui às compras com os vizinhos.

- Ir a Bruxelas deve ter sido uma grande aventura para você - disse ele.

- De certo modo - sorriu. - Mas lhe recordo que fui em qualidade de dama de companhia e minhas obrigações me mantiveram muito ocupada.

- Acompanhava a lady Flatley quando saía? - quis saber Jonathan. - A bailes, serões ou festas?

- Não. - Meneou a cabeça. - Foi a Bruxelas porque seu filho era oficial de cavalaria.

Sua noiva, a senhorita Donovan, também se trasladou à cidade acompanhada de seus pais. Minha presença não era necessária salvo pelas manhãs e aquelas tardes quando havia visitas, já que me encarregava de servir o chá e de atender aos convidados.

- Ah! - exclamou ele. - Nesse caso é impossível que me visse.

- Certo - concordou. - O mais perto que estive de assistir a um evento social foi a noite do jantar ao ar livre no bosque do Soignes. Lady Flatley queria que fosse carregar seus xales se por acaso refrescasse. Mas o senhor Donovan decidiu a última hora que acompanharia a sua esposa e a sua filha, de modo que já não houve lugar para mim na carruagem.

Coisa que lhe provocou uma horrível desilusão.

Jonathan a estava olhando, piscando com rapidez. Tinha deixado de remar.

- O que acontece? - inclinou-se para diante. - Esteve ali? No jantar ao ar livre?

Percebeu a tensão de seu rosto, do esforço que estava fazendo por recordar. Viu como o suor banhava a fronte. Entretanto, ao cabo de uns instantes, acabou meneando a cabeça.

- Quem a organizou? - perguntou-lhe.

- Não o recordo - respondeu depois de uns momentos de reflexão.

- Acredito que era um conde. Não tinha muito boa reputação, e depois dessa noite se converteu na fofoca da cidade porque esteve a ponto de comprometer a uma mocinha que foi bastante tola, ou isso suponho, para sucumbir a seu encanto. Não. Seu nome me escapa. Não estava entre os cavalheiros que visitavam lady Flatley.

- Às vezes - disse ele com um suspiro, - tenho a sensação de que há um véu em minha mente que se agita e está a ponto de levantar-se. Mas sempre volta a cair sem me deixar ver o que há detrás. Suponho que participaria do jantar se estava na Bélgica naquela época. Durante um momento tive a certeza de que era assim. Mas estas intermináveis reflexões sobre o lamentável estado de minha mente devem lhe ser pesadas. Trouxe-a para o lago para desfrutar da tarde. Está passando isso bem?

- Sim - respondeu.

E era certo. De fato, à medida que passavam os dias a vida campestre a subjugava cada vez mais. Montar a cavalo, explorar os bosques, visitar os vizinhos, passear pelos jardins em flor e remar no lago... Tudo parecia um longo idílio. Se esquecia, claro estava, de todos os aspectos negativos que estavam ligados a sua estadia no Chesbury Park e que poderiam lhe danificar o momento se pensasse muito neles. Entretanto, levava vários dias relegando-os ao fundo de sua mente.

Jonathan remava de novo e estava manobrando para aproximar-se sem incidentes ao pequeno embarcadouro que havia na ilha. Amarrou o barco a um dos postes e a ajudou a descer.

A ilha era maior do que parecia da margem do lago e seu terreno se erguia conforme entrava. Realizaram a íngreme ascensão entre a erva, depois de descartar os caminhos cobertos de erva que se afastavam a esquerda e direita e que presumivelmente percorriam o perímetro da ilha.

Jonathan levava a cesta com o lanche embora ela se oferecesse a fazê-lo em consideração a sua perna esquerda, que ainda protegia ligeiramente ao caminhar.

O frlado da colina estava coberta por algumas árvores e arbustos, mas ao chegar ao topo descobriram que só havia uma ampla extensão de erva e uma espécie de cabana de pedra semi arruinada que claramente tinha sido desenhada dessa maneira para dar um toque pitoresco à paisagem.

Sob o beiral do íngreme telhado de ardósia havia um banco de madeira onde se podia refugiar-se das inclemências do tempo e também desfrutar de uma esplêndida panorâmica do lago, dos estábulos e da mansão.

Entretanto, o atrativo do dia ensolarado e da brisa temperada não convidava a procurar o refúgio da sombra. Uma vez que Jonathan deixou a cesta no chão, que ela protegeu do sol cravando a sombrinha a seu lado, deram um passeio pela esplanada enquanto desfrutavam da vista em todas direções.

A mais bonita era a do arroio que corria sobre o leito pedregoso até desembocar no lago perto da ilha. Sentia a cálida carícia do sol nos braços nus e também em todo o corpo. Sobre suas cabeças

reinava o intenso azul do céu. O ar cheirava a erva úmida, a flores e a água. Não recordava haver-se sentido jamais tão à vontade em toda a vida. Nem sequer a manhã que passaram sentados junto ao arroio podia comparar-se com esse momento.

Jogou a cabeça para trás para deixar que a luz e o calor do sol lhe banhassem o rosto, estendeu os braços em cruz e foi girando lentamente.

- Não lhe parece que o mundo é um lugar muito lindo? - perguntou.

Jonathan tinha retornado ao lugar onde descansava a cesta. Apoiado em um joelho, estava tirando a manta que Phyllis tinha guardado para estendê-la no chão. O chapéu e a jaqueta ficaram no barco. A brisa agitava sua camisa. E também seu cabelo. Olhou-a com os olhos entrecerrados para proteger do brilho do sol.

- Certamente que sim - afirmou. - E a mulher que está em seu topo não o é menos.

Embargou-a uma emoção entristecedora que despertou todos seus sentidos. Deixou cair os braços e se arrependeu do pueril arranque de euforia que tinha sofrido. A ilha lhe pareceu de repente um lugar muito afastado. E ali estava Jonathan, mais vital e atraente do que qualquer homem devia ser.

Continuou ajoelhado um bom tempo enquanto a tensão crepitava no ar que os rodeava. Ele foi o primeiro em afastar o olhar. Ficou em pé, desceu a tampa da cesta e estendeu a manta no chão.

- O problema, Rachel - disse com uma nota irritada na voz, - é que cada vez que nos olhamos mais da conta voltamos a sentir esta atração mútua, mas sempre aparece a lembrança do desagradável episódio que danificou o que tínhamos. Eu cedi à luxúria, você à tentação e nossa amizade se desintegrou. Depois nada foi igual.

A beleza e a alegria do dia se esfumaram. Como se nuvens tivessem aparecido de repente para ocultar o sol, embora em realidade o céu continuasse limpo como antes. Cruzou os braços em frente do peito e segurou os antebraços como se quisesse se proteger do frio. Luxúria.

Tentação.

Tinha existido uma amizade entre eles alguma vez? Sim, é obvio que existiu. E certa ternura, talvez por parte dos dois.

- me leve para casa - lhe disse, - faça a bagagem e vá embora. Explicarei tudo ao tio Richard. Já não tem que preocupar-se, não está em dívida comigo.

- Não queria dizer isso - replicou ele com um suspiro. - É que sinto falta da relação que tínhamos e me pergunto se lhe passa o mesmo.

- Não tínhamos nenhuma relação! - contradisse-o.

- É obvio que sim - insistiu Jonathan com certa impaciência. - Não me cabe dúvida de que a incerteza que sempre acompanhou a sua vida impulsiona a conseguir o dinheiro necessário para se estabelecer com segurança antes de pensar em se casar e ter filhos. Eu estou desejando descobrir meu passado, para assim recuperar de algum modo meu presente e meu futuro. Quando o mês chegar a seu fim, tomaremos caminhos distintos e provavelmente não voltaremos a nos ver jamais. Mas sempre ficará algo entre nós. Uma espécie de relação. Jamais nos esqueceremos, queiramo-lo ou não. Nunca esquecerei à mulher que me salvou a vida e estou seguro de que você nunca esquecerá ao homem que salvou da morte. Ou prefere que nos recordemos tal como nos sentimos agora mesmo? O mês que passou desde aquela noite não foi agradável nem reportou felicidade a nenhum dos dois, não acha?

Entretanto, ela tinha sido feliz essa última semana. Jonathan tinha transbordado alegria e vitalidade. comportaram-se como um par de recém casados loucamente apaixonados cada vez que estavam com mais pessoas. Mas tinha razão. Com a condição das lições de equitação matutinas, não se haviam sentido confortáveis um com o outro como aconteceu em Bruxelas, durante as duas semanas prévias a que acabassem na cama.

- Então, o que sugere que façamos? - perguntou ela - Que arrumemos as coisas com um apertão de mãos?

Virou a cabeça e passeou o olhar pelo lago até detê-lo no arroio. Tinha vontade de chorar. Podia dizer-se que tinha estado apaixonada por ele até aquela noite. Depois só sentia atração, uma atração puramente física, e o sentimento não era muito reconfortante.

E também tinham sido amigos. Aquela noite perdeu a um amigo.

- O que temos que fazer, Rachel - respondeu ele, - é retroceder e entesourar novas lembranças que nos acompanhem no futuro. Lembranças mais agradáveis.

- Como o que? - perguntou-lhe, olhando-o por cima do ombro.

- Temos que voltar a fazer amor - respondeu, - mas de forma muito mais prazenteira, alegre e terna. Com uma conclusão satisfatória e plena. Aqui, ao ar livre, sob o sol, sob o calor do verão.

Precisamos fazê-lo, Rachel.

Capítulo 16.

A idéia lhe ocorreu enquanto a olhava. Enquanto falavam. Entretanto e apesar de saber que certamente acabaria arrependendo-se de suas palavras assim que parasse pra refletir (a essas alturas já se dera conta de que devia ser uma pessoa muito impulsiva), não lamentava tê-lo dito. A idéia não se devia só a sua inegável beleza, nem tampouco à oportunidade que lhes brindava a solidão da ilha. A luxúria tampouco era a culpada, embora sabia que a desejava com todas suas forças.

Que a desejava a todas as horas.

Não obstante, tinha falado com sinceridade. Não podia olhá-la sem recordar aquela noite. Se naquele momento o que tinham feito lhes pareceu ligeiramente imoral, o episódio tinha adquirido proporções épicas depois. Tinha afetado sua relação e, portanto, tinha manchado as lembranças que albergariam no futuro. Entre eles houve algo muito terno, uma amizade, pudesse ser que algo mais, antes daquela noite, e queria recordar a Rachel aqueles dias, queria recuperar as emoções que despertara nele. Queria que ela o recordasse como o homem a quem apreciava até o ponto de velá-lo quando suas feridas não necessitavam atenção constante.

Tinham que emendar o engano daquela noite em Bruxelas.

Rachel o estava olhando por cima do ombro com os olhos dilatados.

- Ficou louco? - perguntou-lhe. - Louco para acreditar que um engano se emenda com outro engano? - perguntou por sua vez.

- É possível. Embora naquela ocasião o afeto estivesse misturado com a luxúria, em poucas palavras: eu acreditava estar com uma prostituta. É horrível para mim pensá-lo sequer, mas não posso negá-lo. E moralmente não me deixa em muito bom lugar que digamos. Quando descobri a verdade, culpei-a por não me ter dito isso. Depois de tê-la decepcionado, é claro... Era sua primeira vez, e eu a converti em uma experiência espantosa para você.

- Você não teve toda a culpa - assegurou ela. - Não me seduziu. Mas foi bem ao contrário. Fiz você acreditar que trabalhava ali e que essa noite estava disponível. E depois fui tão torpe que... Enfim, que mais dá.

De repente, enquanto a contemplava, caiu na conta de que era uma jovem de bom berço, vestida com um elegante e favorecedor vestido de musselina, com o cabelo recolhido sob um chapeuzinho de palha e uma sombrinha que nesse momento protegia da luz do sol a comida que tinha guardada na cesta. Deveria estar cortejando-a com sutileza, não convidando-a a deitar-se com ele no chão. Entretanto, a vida de Rachel não tinha corrido pelos roteiros habituais. E desde em quinze de junho a sua tampouco.

Viu que continuava olhando-o fixamente apesar da distância que os separava, uns cinco metros. Entretanto, tinham perdido o fio da conversa e de repente foi consciente do calor do sol, dos brilhos da água do lago, do zumbido dos insetos que revoavam sobre a erva e dos gorjeios de um passarinho oculto em alguma árvore.

O olhar de Rachel baixou até o chão.

- Não lhe perei um dedo em cima sem sua permissão - tranqüilizou-a. - Se for o que quer, esqueceremo-nos de tudo o que dissermos e nos sentaremos na manta para desfrutar do lanche que Phyllis nos preparou antes de voltar para a mansão. Retomaremos a farsa e tentaremos tirar o maior partido para esta situação até que chegue o momento de nos separar e de tentar nos esquecer um do outro. Nada mais longe de minha intenção que piorar as coisas entre nós.

Rachel esteve a ponto de dizer algo, porque a viu abrir a boca, mas devia pensar melhor porque a fechou e cravou o olhar em suas

mãos. Tinha-as estendido à altura da cintura com as Palmas para baixo. A aba do chapéu lhe ocultava o rosto.

- Não sei nada sobre... fazer amor - confessou. - Levei uma vida muito protegida com meu pai e muito restringida com lady Flatley... até que conheci o Nigel Crawley. Embora ele nem sequer chegou a me beijar a mão. Aquela noite em Bruxelas não sabia o que estava fazendo. Não sei como fazer que seja... prazenteiro.

Sua confissão o fez fechar os olhos com força e de repente se deu conta de que os sentimentos que nutria por Rachel York talvez fossem muito mais profundos do que se atrevia admitir.

- Não é preciso que saiba como fazê-lo disse. - Eu sim sei. Quero que tenha boas lembranças de mim. Quero levar boas lembranças de você. Só quero saber uma coisa, Rachel. Aquela noite teve conseqüências?

Passou um mês. Já deve sabê-lo. A pergunta tingiu de rosa suas faces e fez que voltasse a olhá-lo.

- Não - respondeu.

- E tampouco haverá conseqüências depois desta tarde - assegurou. - Prometo-lhe isso. Deixe-me fazer amor com você.

Viu-a erguer o queixo sem deixar de olhá-lo nos olhos.

- Muito bem. De acordo - disse. E pôs-se a andar. Não se deteve ao chegar à manta, mas seguiu caminhando por cima até colocar-se frente a ele. A escassa distância lhe permitiu desatar o laço de seu chapéu, que tinha amarrado sob o queixo. Assim que o jogou no chão, segurou seu rosto com ambas as mãos e a beijou na boca.

Evidentemente aquilo não era um exercício desapassionado e clínico com o mero propósito de arrumar as coisas entre eles. A atração tinha sido mútua desde o primeiro momento e não tinha diminuído com o passar do tempo apesar de que sua amizade tinha se ressentido. De fato, era mais que amizade.

Sempre tinha sido. Era um profundo desejo, uma paixão desmedida.

De ambas as partes. E foi consciente disso imediatamente. desejavam-se e, uma vez que decidiram pôr remédio a esse desejo mútuo, não houve restrições impostas pela moral ou o pudor que apagassem o fogo que os consumia e que pouco tinha que ver com

o calor do sol. Rachel lhe jogou os braços ao pescoço e se apoiou contra seu corpo enquanto ele rodeava sua cintura com força e estendia a outra mão sobre seu traseiro para abraçá-la mais se fosse possível.

O beijo se tornou incendiário. Devorou sua boca com a língua e quando ela a chupou, esteve a ponto de perder o controle. Entretanto, queria que entre eles houvesse algo mais além desse desejo irrefreável e enlouquecedor.

Separou-se de seus lábios para olhá-la nos olhos, e teve que entreabrir as pálpebras devido a sua proximidade e ao brilho do sol. Ela o olhou por sua vez com os lábios úmidos e entreabertos e os olhos entrecerrados por causa de um desejo tão potente como o seu. Era Rachel. Era seu anjo loiro.

Sorriu-lhe e ela respondeu com outro sorriso.

Beijou-a na testa e depois nas pálpebras, primeiro em uma e depois na outra. Depois a beijou nas têmporas e em ambas as faces. Para adoçar a paixão. Quando retornou a sua boca, beijou-a com ternura, saboreando seus lábios com a língua e mordiscando-os com suavidade. Ela o imitou com uma sensualidade ingênua e comovedora.

O desejo o consumiu.

Nesse instante pensou que sempre se deveria fazer o amor ao ar livre para sentir o frescor da brisa e o calor do sol. Para perceber seu brilho através das pálpebras e escutar o zumbido dos insetos na erva, cuja suavidade sentia sob os pés. E pensou também que sempre queria ter uma mulher de cabelo dourado entre os braços.

Entretanto, recordou de repente que estavam em um lugar de onde se via a mansão. Isso queria dizer que qualquer um que estivesse observando dali poderia vê-los. Tampouco importava muito, ao fim e ao cabo se supunha que eram marido e mulher. Mas assim que estivessem deitados no chão ficariam ocultos pelas árvores e os arbustos, conforme tinha comprovado pouco antes, quando se agachara para tirar a manta.

- Será melhor que nos joguemos na manta - lhe disse sem separar-se de seus lábios.

- Sim.

Rachel se sentou e colocou as saias primorosamente em um repentino alarde de modéstia. Voltava a estar nervosa e envergonhada. De modo que fincou um joelho no chão a seu lado e se inclinou para beijá-la de novo nos lábios com delicadeza. Acariciou-lhe um seio por cima do vestido e o rodeou com a palma da mão. Passou o polegar repetidamente sobre o mamilo até que o toque fez com que se endurecesse e se esticasse contra a fina musselina que o cobria. Depois repetiu a operação com o outro seio e seguiu descendo, passando por cima do abdômen até deter-se em sua entre perna. Ali estendeu os dedos enquanto a beijava, embora não demorasse para afastar-se um pouco para olhar seu rosto.

Viu-a sorrir. Fez isso devagar, quase com indolência, e o resultado foi muito sensual.

Sua mão continuou descida, disposta a explorar os contornos dessas pernas torneadas. Uma vez satisfeito, ergueu-lhe as saias por cima dos joelhos, mas não muito, já que não queria que se sentisse desconfortável. Tirou-lhe os sapatos e depois as meias, que enrolou devagar por suas pernas antes de jogar sobre a erva. Inclinou-se para lhe beijar os pés, os tornozelos, a face interna dos joelhos e as coxas.

Não foi mais à frente. Ela não tinha experiência e ele estava decidido a fazê-la desfrutar. Que ambos desfrutassem. Não queria arriscar-se a escandalizá-la.

Baixou-lhe o sutiã e deslizou as mangas pelos braços. Assim que esteve nua da cintura para cima, inclinou a cabeça para lhe chupar um mamilo e logo o outro. Enquanto isso, enterrou os dedos no seu cabelo, mas não demorou para descer as mãos para lhe tirar a camisa das calças e as introduzir sob a roupa. Suas carícias nas costas lhe provocaram um sem-fim de calafrios e o deixaram sem fôlego.

Entretanto, as preliminares foram lânguidas e sensuais. A paixão estava à espreita sob cada movimento, mas queria aguardar momento oportuno para liberá-la. Não havia pressa. A paixão ia acompanhada de um intenso prazer.

- Mmm - murmurou enquanto a beijava de novo na boca.

- Mmm - imitou-o ela.

Aproveitou esse instante para lhe erguer as saias ainda mais e acariciar sua pele nua. E o fez com suavidade. Descobriu que estava úmida e muito excitada. Os sons que suas carícias provocaram nesse lugar empapado fizeram que a ereção que já tinha se tornasse insuportável.

Uma ereção que Rachel acariciou com muita delicadeza, embora não fez gesto de lhe desabotoar as calças.

Separou suas dobras com dois dedos, penetrou-a e soube que não podia seguir evitando o desejo que pulsava em suas veias. Que já não era preciso continuar evitando-o. Estava preparada.

- Excitada e úmida - disse, lhe mordiscando os lábios. - Sabe como é irresistível essa combinação para um homem que está convidado ao festim?

- Não é um pouco constrangedor? - perguntou ela por sua vez com uma trêmula gargalhada.

Sua ingenuidade lhe pareceu enternecedora. Tão cego tinha estado para passá-la por cima na primeira vez? Claro que aquele episódio já não importava. Essa vez era a importante. Essa vez era tudo.

Começou a deslizar os dedos dentro e fora de seu corpo.

- Impossível de resistir - corrigiu. - O corpo de uma mulher pronta para o sexo. Seu corpo preparado para me receber.

- OH! - escutou-a exclamar enquanto voltava a beijá-la.

Desabotoou a calça para liberar-se e foi subindo pela manta até colocar-se sobre ela, separando suas coxas com o joelho no processo.

- Rachel - disse contra seus lábios quando deslizou as mãos sob seu traseiro para lhe erguer os quadris e pô-la na posição adequada para penetrá-la, - este é o momento que sempre recordarei e que quero que recorde. A outra vez já está apagada e esquecida... para sempre.

Seus lábios esboçaram um sorriso sob os seus. Ergueu a cabeça enquanto a penetrava devagar mas sem deter-se e percebeu que ela continuava sorrindo, embora a viu morder o lábio inferior e fechar os olhos quando esteve enterrado até o fundo nela. Deteve-se um instante que ela aproveitou para dobrar as pernas e plantar

os pés no chão. Assim que garantiu a postura, notou que seus músculos o capturavam com força em seu interior. Tirou-lhe as mãos do traseiro e se apoiou nos antebraços.

O instinto o impulsionava a seguir e alcançar o clímax, mas o prazer da experiência o refreava. A mulher com quem estava fazendo amor era formosa até o inexprimível, e tanto seus olhos como seu corpo eram conscientes desse fato. O dia era perfeito, assim como o lugar onde se encontravam.

Alegrava-lhe que tudo estivesse acontecendo ao ar livre em lugar de em uma cama situada em um espaço fechado. De algum modo tinha a impressão de que contavam com a bênção da natureza, como se formassem parte dela.

Parte de sua beleza, de sua luz e de seu calor. Parte de sua exuberância.

Alargou o momento tudo o que pôde e seguiu imóvel, saboreando a sensação de estar enterrado em seu corpo, saboreando sua imagem e seu aroma. Saboreando o instante no qual abriu os olhos, transbordantes de desejo, e esse sorriso sonhador e sensual se alargou. O prazer era tão intenso que raiava a dor, mas se tornava magnífico pela certeza de que logo, muito em breve, reportaria a paz e a tranquilidade aos dois.

Talvez inclusive o êxtase.

E então sentiu como se contraía de novo em torno dele e a viu fechar os olhos. Nesse instante soube que não haveria paz até que tivesse aliviado sua dor.

Inclinou a cabeça para apoiar a fronte sobre a manta, ao lado da do Rachel, e se retirou de seu interior sem chegar a sair de todo antes de afundar-se de novo nela. Repetiu o movimento devagar mas com firmeza, pendente das respostas de seu corpo e sem esquecer exercer um férreo controle sobre suas próprias necessidades, por temor a que tudo acabasse muito rápido e ela voltasse a ficar insatisfeita e decepcionada.

Porque tinha que agradá-la. Só assim obteria a redenção e a paz.

O ambiente se foi esquentando por momentos. Ao cabo de uns minutos ambos estavam acalorados, suarentos e ofegantes por culpa do sol e do esforço. Mas Rachel não adotou um papel

passivo. Nem sequer a princípio, apesar de que seus movimentos eram torpes e desajeitados.

Por estranho que parecesse, essa falta de experiência conseguiu excitá-lo ainda mais. Notou como se adaptava pouco a pouco ao ritmo, contraindo e relaxando os músculos internos ao mesmo tempo em que erguia os quadris do chão e os movia para incrementar a fricção e o prazer.

Agradá-la era uma doce agonia. E acabou sendo uma agonia sem mais.

Não obstante, esperou-a até que soube por instinto e sem lugar a dúvida que estava a ponto de alcançar o clímax. Nesse momento a surpreendeu ao incrementar o ritmo e começou a penetrá-la com investidas rápidas e profundas. Escutou-a ofegar e gemer enquanto esticava o corpo e erguia ainda mais os quadris. Ao cabo de um instante se estremeceu e deixou escapar um grito.

Apesar da agonia que tinha sofrido, o momento de redenção foi glorioso. Como se até então tivesse estado sujo e acabasse de desencardir-se.

Seus braços o rodearam com força enquanto os estremecimentos a sacudiam até que a tensão a abandonou por fim. Ele sabia que, para a mulher, alcançar o clímax não era algo habitual. O que não sabia era se em seus encontros sexuais se preocupava de dar prazer além de recebê-lo. Em caso de não ser assim, sua nova personalidade tinha descoberto um segredo: a satisfação sexual era insuperável quando se compartilhava com a outra pessoa.

Quando por fim notou que se relaxava entre seus braços, aumentou o ritmo de suas apostas em busca de seu próprio prazer e quando chegou ao limite de sua resistência saiu de seu corpo.

Ao fim e ao cabo, pouca redenção ia encontrar na experiência se a deixava grávida...

Seguiu imóvel sobre ela durante uns minutos, desfrutando do prazer, e com a certeza de que Rachel estava fazendo o mesmo ao perceber a lassidão que a embargava. Depois se afastou e se estendeu a seu lado, protegendo-os olhos do sol com um braço enquanto recuperava o fôlego e se normalizavam os batimentos de seu coração. A fresca carícia da brisa no rosto teve sabor de glória.

Procurou a mão de Rachel, a agarrou e entrelaçou os dedos com os seus. E agora o que? Perguntou-se de repente. Tinha fechado uma ferida para abrir outra?

Recordou que se apaixonara por ela antes da ditosa noite em Bruxelas, mas naquele tempo tinha atribuído seus sentimentos à debilidade física que padecia. Em troca, o que acabava de fazer lhe parecia muito romântico. Fazia "amor"! Enfim, já pensaria nesse problema mais adiante.

Exausto, deixou-se vencer pelo sono embalado pelo zumbido dos insetos.

A erva fazia cócegas nas pernas e nos pés. O sol tinha esquentado o vestido e lhe dava no rosto, que não contava com o amparo do chapéu nem da sombrinha. Além disso, no flanco esquerdo sentia o calor que irradiava o corpo de Jonathan. A mão que o segurava suave .

Um casal de pássaros passou voando sobre eles para algum lugar desconhecido. Não acreditava ter sido tão feliz em toda a vida. Não, isso não era certo. Sabia sem dúvida que jamais tinha sido tão feliz.

E também sabia, é obvio que sabia, que estava apaixonada por ele. Que talvez estivesse há muito tempo apaixonada. Mas não podia permitir que essa complicação lhe prejudicasse a felicidade do momento. Jonathan pertencia a um mundo diferente ao seu. Se suas suspeitas eram certas, estava acima dela no escalão social, apesar de que sua mãe tivesse sido a filha de um barão.

E o mais importante de tudo: havia toda uma vida oculta em algum lugar de sua extraviada memória e, embora tal vida não incluísse uma esposa ou uma noiva, não lhe cabia a menor duvida de que era uma vida cheia de gente e de experiências nas quais ela não tinha capacidade. Era ao Jonathan Smith a quem amava. O homem que foi antes que ela o encontrasse era um completo desconhecido.

Até seu nome o era.

Amava a uma miragem, a uma ilusão, que por acaso tinha o aspecto de um homem de carne e osso.

Estava apaixonada, mas jamais seria um sentimento possessivo, não poderia tê-lo. Era algo efêmero, temporário, e não pensava fazer nada para mudar as coisas. Não se arriscaria a que lhe partisse o coração quando ele fosse embora. Limitaria-se a recordá-lo. Porque contava com a mais maravilhosa e perfeita das lembranças, uma que entesouraria para rememorar-la ao longo desse futuro que teria que viver sem ele.

Que maravilhoso dom era a memória.

E ele a tinha perdido!

De repente compreendeu a magnitude de sua perda e virou a cabeça para olhá-lo. Estava contemplando o céu com as pálpebras entreabertas e o dorso da mão, que pouco antes tinha estado lhe protegendo os olhos, apoiado na fronte.

- Não sei você, Rache - lhe disse, - mas eu estou empapado de suor dos pés à cabeça.

Se tivesse estado esperando algum comentário romântico, teria levado uma boa decepção. riu baixo.

- Jonathan, não sabe que as damas não suam? - reclinou-lhe.

- Nesse caso, quer que a deixe aqui com sua perfeição feminina enquanto eu vou dar um mergulho de cabeça? - perguntou ele por sua vez.

Até esse momento o calor do sol lhe tinha parecido agradável, mas quando virou o corpo notou que tinha o vestido grudado às costas. E quando ergueu a mão livre para afastar uma mecha de cabelo da face, descobriu que estava empapada. Igualmente estava sua fronte. De repente, o calor de que tinha estado desfrutando lhe pareceu opressivo.

- Certamente é muito profundo para mim - respondeu com tristeza. - Não sei nadar.

- Não há muita profundidade na zona do embarcadouro - lhe assegurou ele. - E, embora não saiba nadar, pode... chapinhar. riu de novo.

- Nunca chapinhei em minha vida - confessou.

Embora sentisse um súbito desejo de fazê-lo, de comportar-se como uma menina, de divertir-se... sem mais.

Jonathan se endireitou e lhe soltou a mão para tirar a camisa, que passou pela cabeça. Em seguida tirou as botas de montar e ficou de pé para despojar-se das calças. Sorriu-lhe quando esteve coberto só pelas cuecas. A única imperfeição que distinguiu em sua pessoa foi a cicatriz da coxa esquerda. Tinha um corpo maravilhosamente esculpido e de proporções perfeitas.

De repente, recordou as palavras que lhe dissera em uma ocasião, quando lhe assegurou que se havia alguma imperfeição física nela, era incapaz de distingui-la.

- Não terá vergonha, não é? - perguntou com um sorriso ao mesmo tempo em que separava os braços do corpo. - Me viu ainda com menos roupa.

- Claro que não - respondeu. Por que ia ter vergonha? Acabava de estar dentro de seu corpo.

Ainda sentia uma agradável ardência nesse lugar, como se estivesse muito sensível.

- Se formos chapinhar, Rache - lhe disse, - terá que tirar o vestido.

Ficou em pé e tirou o vestido para ficar só com a regata. Longe de sentir-se envergonhada, invadiu-a uma sensação eufórica e libertadora. Ia banhar-se ao ar livre pela primeira vez em sua vida.

Tirou as forquilhas do cabelo e meneou a cabeça para que lhe caísse pelas costas antes de virar-se para ele com uma gargalhada. Uma gargalhada que não tinha uma causa concreta salvo a felicidade que a embargava.

Jonathan a estava olhando com os olhos entrecerrados.

- Estou pronta para chapinhar - afirmou.

- me leve até a água agora mesmo porque corro o risco de explodir em chamas - lhe disse.

De modo que o precedeu colina abaixo e correu entre gargalhadas para a margem do lago. Gritou cada vez que seus pés descalços encontravam uma pedra afiada, mas não se deteve em nenhum momento.

Capítulo 17.

Talvez um dos principais atrativos de Rachel York, concluiu quando a alcançou, adiantou-a e se lançou à água antes dela, era que parecia totalmente alheia a sua extraordinária beleza. Porque era pouco menos que deslumbrante.

Não sabia que tipo de vida encontraria ao partir dali, quando descobrisse a parte que faltava de sua pessoa. Não sabia que tipo de relações, compromissos ou devoções conformavam a vida desse homem que de algum jeito tinha deixado atrás no bosque do Soignes. Evidentemente isso suportava a necessidade de não jogar raízes na vida que forjara depois.

Entretanto, nesse preciso instante estava apaixonado por Rachel. E ia desfrutar do momento.

Nem mais nem menos. O passado se ocultava atrás de um véu em sua cabeça e o futuro lhe era muito mais indecifrável que para a maioria das pessoas. Mas esse dia era maravilhoso.

Assim como ela... deslumbrante e maravilhosa.

Viu-a colocar um pé na água e afastá-lo com uma gargalhada. Tinha as pernas longas e torneadas.

A escassa distância da margem, onde ele se encontrava, a água chegava ao peito.

Se desse alguns passos mais, passaria a lhe chegar pelos ombros e um pouco mais à frente o cobriria por inteiro. Mas a zona onde se fazia pé era bastante ampla para que alguém que não soubesse nadar se sentisse a salvo.

Viu-a provar a água com o outro pé antes de afastá-lo também.

Alleyne colocou as mãos na água e as tirou com força para salpicá-la. Rachel proferiu um grito. Em seguida se lançou à água, meteu-se até a cintura e em um abrir e fechar de olhos só se viu dela seu cabelo loiro flutuando na superfície. Voltou a sair cuspidando água e esfregando os olhos fechados.

Estava olhando-a com um sorriso encantado quando um enorme jorro de água lhe deu totalmente no rosto, fazendo com que ficasse a tossir e cuspir.

Talvez não soubesse nadar, mas era uma digna oponente nas guerras de água.

- Isto é maravilhoso! - exclamou depois de voltar a mergulhar e aparecer de novo. - A água está quente.

- afastou o cabelo do rosto. A longa cabeleira aderida à cabeça, às costas e flutuava na superfície.

- Como faço para nadar?

- Primeiro necessita de algumas lições e muita prática - lhe respondeu. - Estava pensando em me desafiar a uma corrida de ida e volta à outra margem?

- Ensine-me - exigiu.

Parecia que a reticência com a que se enfrentava aos cavalos, e que estava superando a base de coragem e determinação, não se aplicava à água.

Ensinou-lhe a flutuar, uma habilidade que aprendeu com surpreendente rapidez depois de afundar algumas vezes e engolir água, situações que requereram uns fortes tapinhas nas costas.

Inclusive depois de aprender a fazê-lo, só era capaz de manter-se flutuando uns instantes antes de ir mergulhando pouco a pouco. Mas era um começo muito promissor.

- antes que termine o verão conseguirei que nade inclusive de costas - lhe assegurou, antes de recordar que partiriam dali muito antes que o verão chegasse a seu fim.

Deixou-a na zona onde fazia pé e entrou no lago com poderosas braçadas, desfrutando do reencontro com sua força física e com a frescura da água.

Junto à margem, não muito longe do embarcadouro, erguia-se uma árvore cujos ramos se estendiam sobre a água. Nadou até elas e percebeu que nesse ponto em concreto o lago era mais profundo.

- Aonde vai? - perguntou Rachel quando o viu sair e impulsionar-se até a margem, que nesse ponto estava bastante escarpada, enquanto a água lhe escorria pelo corpo.

- Me lançar de cabeça - respondeu com um sorriso.

Subir a uma árvore estando quase nu não era muito agradável, evidentemente, embora tivesse a certeza de que o tinha feito em incontáveis ocasiões. sentou-se em um dos ramos e se aproximou da extremidade muito devagar, indo com supremo cuidado para não

levar uma surpresa se resultava ser mais frágil do que parecia. Entretanto, agüentou seu peso sem dobrar-se nem partir-se.

- Tome cuidado! - exclamou Rachel de certa distância.

Estava de pé no lago, com uma mão sobre os olhos para proteger do brilho do sol.

Sorriu-lhe do ramo e ficou em pé muito devagar, guardando o equilíbrio com os braços. O ramo agüentou.

Tinha que mostrar-se em frente a ela. Caminhou até o extremo do ramo, fez uma pose com o

corpo muito erguido e os braços estendidos em frente. Depois dobrou os joelhos e se lançou com os braços por cima da cabeça, o queixo contra o peito, as pernas juntas e os pés esticados para trás. Mergulhou de cabeça e desceu até quase roçar o fundo, momento no qual deu meia volta para retornar à superfície. Invadiu-o a euforia que sempre acompanhava às façanhas perigosas e atrevidas que lhe tinham proibido na infância e emergiu enxugando a água dos olhos para sorrir a seus igualmente ousados companheiros de travessuras.

Mas só viu Rachel York, com a mão na boca, porém a afastou para sorrir com evidente alívio.

Sentiu uma repentina e profunda desorientação.

A quem tinha esperado ver?

A quem? Porque havia mais de uma pessoa. Só quero recordar a uma pessoa, disse para si mesmo.

Só a uma. Sim? Por favor, só a uma.

Rachel avançou para ele, com expressão preocupada, mas se deteve quando a água lhe chegou à altura dos ombros e sentiu que o fundo do lago continuava descendo.

- O que acontece? - perguntou. - Machucou-se, não é? Mas como é. Bateu a cabeça? Venha aqui.

Começou a flutuar na água. Olhou-a mas não se aproximou dela, porém nadou para a margem, saiu da água e começou a subir a ladeira sem olhar para trás.

Não havia motivo algum para que não pudesse recordar, não? A ferida da cabeça já devia estar curada, tanto por dentro como por fora. Já não sofria dores de cabeça salvo quando se esforçava por

recordar. Tinha decidido ser paciente. Tinha sido paciente. Mas as vezes o assaltava o pânico como um ladrão em plena noite.

Sentou-se na manta com as pernas cruzadas, apoiou os pulsos nos joelhos e baixou a cabeça. Tentou concentrar-se na respiração. Tentou concentrar-se em outra coisa que não fosse o medo vertiginoso que lhe assaltava a mente nesses momentos.

Não a ouviu aproximar-se. Percebeu que estava a seu lado quando notou o frio toque de seus braços nos ombros e na cintura. Apoiou-lhe a cabeça no ombro, sem olhá-lo. Sentia o toque úmido de seu cabelo no braço. Compreendeu que se ajoelhara a seu lado. Mas não disse nada.

- Às vezes - murmurou ao cabo de um momento, - sinto-me completamente à deriva.

- Sei - disse ela. - Ai, Jonathan...!

- Esse não é meu nome - replicou. - Me roubaram até o nome. Não sei nem quem nem o que sou, Rachel. Conheço-me menos do que conheço à Geraldine, ao sargento Strickland ou a você. Ao menos você pode me contar anedotas de sua vida com as quais formo uma opinião de sua pessoa, que é produto de sua educação embora também a tenha forjado com sua particular forma de ser. Eu não tenho anedotas. Minha primeira lembrança é o momento em que despertei na casa da rue d'Aremberg sob o olhar de quatro damas maquiadas. E isso recentemente á mais de um mês.

- Eu sei quem é - afirmou ela. - Não sei o que fazia antes. Não conheço nenhuma anedota de sua vida salvo as que protagonizamos juntos. Mas sei que é um homem alegre, vital, generoso e atrevido. Não acredito que tenha mudado tanto. Continua sendo você mesmo. Fui testemunha de sua coragem durante estas semanas. Talvez em momentos como este ache que se derrubará e deixará que a vida lhe escape de entre os dedos porque é algo que já não vale a pena.

Mas sobreporá a estes momentos. Sei porque o conheço. Conheço-o de verdade. Tomara pudesse chamá-lo por seu verdadeiro nome porque os nomes são importantes, convertem-se em parte da identidade de uma pessoa. Mas mesmo sem esse nome conheço-o.

Voltou a concentrar-se em sua respiração, mas passados uns minutos percebeu que tinha virado a cabeça até apoiá-la sobre a de Rachel.

- Sabe por que sugeri esta farsa? - perguntou-lhe. - Nem sequer me tinha dado conta do motivo até agora. Não foi só por seu bem, embora em seu momento acreditei que arrebatá-la sua fortuna a um tirano que não se preocupava com você seria o melhor que podia lhe passar. Mas também foi por mim, para não ter que sair em busca de minha identidade.

- Tinha medo de não averiguar quem é? - quis saber ela.

- Não! - Apertou a face contra seu cabelo úmido. - Tinha medo de fazê-lo.

Temia reencontrar com meus pais e não reconhecê-los. Ou com meus irmãos ou irmãs. Ou com uma esposa e filhos. Dava-me medo olhá-los no rosto e ver uns desconhecidos. Poderia ver um menino, Rachel, a um menino que eu engendrei e a quem queria, e que se teria convertido em um desconhecido para mim. E por isso inventei um motivo para atrasar o momento. Acreditei que talvez minha memória voltasse por si só se esperasse um pouco. Ou suponho que isso é o que acreditei.

Não tomei a decisão de maneira consciente.

- Jonathan... - disse ela em voz baixa e o abraçou um bom tempo enquanto enfrentava ao mais escuro desespero.

- Como não comemos até o último bocado - disse quando por fim levantou a cabeça,

- Phyllis se sentirá mortalmente ofendida.

- Sim - concordou ela.

- Tem fome?

- um pouco - admitiu. - A verdade é que morro de fome.

- Pois eu poderia comer uma vaca - confessou um pouco surpreso ao dar-se conta de que era verdade, embora não literalmente, é obvio. - Deveríamos nos surpreender de estar esfomeados depois de nos haver deleitado com um ardoroso interlúdio e um bom mergulho de cabeça?

Rachel não lhe respondeu. Observou-a enquanto se aproximava da cesta e a abria para procurar algo em seu interior. Tinha o rosto

oculto depois do cabelo, que caía a ambos os lados do rosto como um véu dourado, de modo que o impedia de ver sua expressão. Parecia haver-se esquecido de vestir-se antes de comer.

Olhou-a atentamente, mas não com lascívia. O que teria feito sem ela durante todas essas semanas? O que faria sem ela quando o mês chegasse a seu fim?

A vida em Chesbury Park adquiriu certa rotina depois da tarde da ilha. E, apesar de saber-se metida em uma boa confusão da qual se via incapaz de sair, Rachel quase era feliz. adorava viver no campo. Passear pelos jardins e pelos prados; montar a cavalo com Jonathan (com crescente soltura e confiança); aprender a nadar e a remar; lanchar em alguns dos lugares mais pitorescos da propriedade, sentar-se na janela do salão durante os dias tormentosos para contemplar a chuva; visitar diferentes zonas da granja com Jonathan, Flossie e o senhor Drummond; Levar aos trabalhadores as cestas de comida que preparava Phyllis; visitar os vizinhos com a carruagem; explorar as lojas do povoado e deixar que o senhor Crowell lhe mostrasse a igreja e o cemitério...

Estava convencida de que jamais se cansaria dessas coisas.

Poderia ser feliz em Chesbury Park sem sentir falta das frenéticas atividades de Londres. Tinha a sensação de estar fazendo o correto, de que pertencia a esse lugar.

Também desfrutava da companhia de seu tio; embora a princípio o fez com certa reticência, pouco a pouco esta se foi transformando em evidente gratidão e alegria. Tomou por costume visitá-lo de manhã em seu gabinete privado enquanto descansava. Às vezes se sentavam olhando a janela, sem mal falar, embora seus silêncios jamais eram incômodos. As vezes seu tio chegava a ficar adormecido. Outras vezes lhe contava histórias de seus avós e de sua mãe. Era como se estivesse reconstruindo pouco a pouco uma herança da qual nem sequer tinha sido consciente.

Uma tarde chuvosa que não receberam visitas levou ao Jonathan e a ela à galeria dos retratos de família, situada no piso superior. Embora a sala não estivesse fechada com chave, tinha-a evitado até esse momento. Seu tio foi explicando o parentesco com o grupo grande de ancestrais retratados e, à medida que o vazio e a solidão

que tinham imperado em sua vida começavam a desaparecer, percorreu-a uma onda de emoção. Esse era seu lar.

O único retrato de sua mãe era de um quadro de família, pintado quando tinha três anos e o tio Richard era um juvenzinho magro e bonito de cabelo loiro. A princípio teve certa atenção em olhá-lo, mas depois observou com avidez a essa garotinha de faces rosadas e caracóis loiros.

Não obstante, foi incapaz de associar o rosto dessa menina com a vaga lembrança que tinha de sua mãe.

- Parece-se com ela em sua adolescência - lhe disse o tio Richard.

- Meu pai sempre se arrependeu de não ter encomendado seu retrato - comentou. - Às vezes não consigo recordar seu rosto por mais que o tente.

Estava de mãos dadas com Jonathan, mas não percebeu até esse instante, quando ele entrelaçou os dedos e lhe deu um apertão. Estava consolando-a, e ela ao menos sabia quem era sua mãe.

Recordava a seu pai à perfeição. O tio Richard continuava vivo. Esse era o lar de sua família e ali estavam os retratos de seus antepassados.

Virou a cabeça para sorrir a Jonathan. Desde a tarde que tinha passado na ilha sua relação estava tingida de uma espécie de ternura, embora tivessem feito um grande esforço para não repetir o fato do lago. Nenhum tinha posto um pé no closet do outro. E, entretanto, ficava essa ternura, que nenhum deles fingia, mas que qualquer modo estava ganhando o favor do tio Richard com muito mais eficácia que os anteriores esforços por parecer um casal loucamente apaixonado. Alegrava-se de poder recordá-lo depois dessa maneira... embora sentisse uma dor quase insuportável no peito cada vez que pensava que se aproximava o dia de sua separação.

E Jonathan também se sentia contente de certa forma. Era evidente que gostava da agricultura. Passava muito tempo nos campos de trabalho ou conversando com o senhor Drummond. Também passava muito tempo com o tio Richard, e sabia que

falavam sobre cultivos e gado, e que freqüentemente Jonathan trazia à baila as idéias ou as melhoras que o senhor Drummond tinha sugerido ou que tinham ocorrido a ele sozinho.

O tio Richard inclusive tinha aprovado algumas sugestões. Seu tio gostava de Jonathan. Respeitava-o. Tomara houvesse uma maneira simples e indolor de sair da embrulhada em que se colocaram, mas não a via nenhum jeito. E se negava a dar voltas ao assunto. Assim que tudo acabasse, confessaria a verdade e pediria perdão, depois seria coisa de seu tio que a perdoasse ou não.

Suas quatro amigas também pareciam ser mais felizes que nunca no Chesbury Park. Geraldine tinha assumido quase todas as obrigações da governanta salvo as contas da casa, devido ao fato de que não sabia ler nem escrever. Organizava com supremo gosto e eficiência as tarefas dos criados, inclusive os de mais alto nível, pois o mordomo era muito mais velho e nem se dera conta de que tinha perdido o controle; de modo que sua amiga tinha recrutado toda a criadagem para levar a cabo um inventário da roupa branca, da porcelana, da cristaleria, a baixela e qualquer outro objeto de valor. A casa começava a reluzir como uma patena sob seu mando. Ainda insistia em trabalhar como sua criada, mas em seus momentos livres se sentava na saleta da governanta e cerzia.

Não se parecia em nada a Geraldine que tinha conhecido em Bruxelas, mas parecia estar em seu meio por estranho que parecesse. Além disso, tinha estado conversando com o sargento Strickland até que aceitou (sem protestar muito, a verdade) a tarefa de dirigir aos criados e assumir as tarefas do mordomo, embora o senhor Edwards conservasse o título.

Phyllis cozinava e governava mais contente que umas castanholas seus novos domínios: a cozinha do Chesbury Park. E como era uma cozinheira excelente e também uma pessoa muito agradável, ninguém pareceu se importar com a intromissão.

Flossie, além de levar os livros de contas da casa com meticulosidade, estava muito ocupada deixando-se cortejar pelo senhor Drummond.

- Não têm que se preocupar com nada, de verdade - assegurou Flossie uma noite em seu closet enquanto o sargento Strickland as

observava do arco que separava os closets com os braços cruzados em frente de seu enorme peito. - contei a verdade ao senhor Drummond sem lhe falar de vocês. Sabe quem sou e mesmo assim o muito idiota continua querendo casar-se comigo.

- Pelo amor de Deus, Floss! - exclamou Phyllis, levando-as mãos ao peito. - Que romântico! Acho que vou me pôr a chorar. Ou desmaiar.

- Nem lhe ocorra, Phyll - aconselhou Bridget, - porque então bateria sua cabeça contra o lavatório...e depois desmaiaria de novo ao ver seu próprio sangue.

- vai aceitar sua proposta? - perguntou-lhe Geraldine. - eu adoraria ser sua dama de honra, Floss, mas seria estranho tendo em conta que sou a criada de Rachel, não lhe parece?

- É um cavalheiro - disse Flossie com tom dramático.

- E o que? - Geraldine pôs os braços na cintura e a olhou com expressão beligerante.

Flossie não respondeu.

Bridget visitava a reitoria várias vezes ao dia para ver a senhora Crowell e seu jardim. Também desaparecia pela propriedade com diferentes utensílios de jardinagem, um enorme avental e seu chapéu de palha de aba longa cada vez que se apresentava a ocasião.

Nenhuma das quatro parecia impaciente por sair atrás do malfeitor que lhes tinha roubado tanto seu dinheiro como seus sonhos. E Jonathan já lhe tinha falado de sua relutância a empreender a busca de sua identidade.

De modo que relaxou, decidida a desfrutar das semanas que precederam ao baile que o tio Richard tinha insistido em celebrar.

Os numerosos preparativos tinham feito com que o baile se convertesse em um acontecimento, e toda a vizinhança se agitava ante o feliz evento. Nenhuma outra família em vários quilômetros ao redor contava com um salão de baile e, embora se organizassem festas nos salões da estalagem do povoado, era evidente que a idéia de um baile particular em um salão de baile também particular tinha todo mundo maravilhado.

O que faria, decidiu, seria desfrutar do baile ao máximo e depois, assim que terminasse, tomaria as decisões sobre seu futuro. Pediria uma vez mais as jóias ao tio Richard e se por acaso as desse nessa ocasião, partiria, venderia algumas e procederia com o plano segundo o previsto.

Se não aceitasse dar-lhe retrocederia em seu empenho e partiria sem mais.

Suas amigas teriam que arrumar-se sozinhas. Assim como Jonathan.

Tinha tentado ajudá-lo. Tinha escrito a três conhecidos que viviam em Londres e já tinha recebido as respostas de dois deles. Nenhum sabia de um cavalheiro que tivesse desaparecido da batalha do Waterloo. Claro que tampouco tinha esperado que tivessem notícias. Mesmo assim, teve que admitir que se sentiu decepcionada. Teria gostado de ajudá-lo a recuperar o que perdeu ao cair do cavalo nos subúrbios de Bruxelas.

Supunha que já não voltaria a vê-lo mais uma vez quando se fossem de Chesbury Park. Talvez tampouco voltasse a saber dele, jamais saberia se tinha reencontrado com sua família e seu passado.

Era uma idéia demolidora. Mas se negava a lhe dar muitas voltas.

Tampouco estava disposta a pensar no que faria quando partisse de Chesbury Park. Em grande parte dependeria se levasse as jóias consigo ou não.

E o que passaria com seu tio? Como se sentiria ao averiguar a magnitude do engano? Também dependia se lhe entregasse as jóias ou não.

Continuava sem estar segura da profundidade dos sentimentos de seu tio. Apesar de tudo isso, esperava a chegada do baile quase com grande emoção. Jamais tinha ido a um evento de semelhante calibre, nem a um baile mais simples. Só sabia dançar porque seu pai gostava de fazê-lo e lhe tinha ensinado durante os momentos alegres e despreocupados, enquanto cantarolava as melodias e lhe ensinava a executar os passos com precisão e elegância.

Mas dançar com outros cavalheiros em um salão de baile e com uma orquestra de verdade...

Dançar com Jonathan...

Não havia palavras para expressar o que sentia.

O tio Richard tinha mandado chamar à costureira do povoado e lhe tinha encarregado para que ficasse em Chesbury Park uns dias para confeccionar os trajes das damas se assim o desejassem.

A ela não a deixou replicar. Ia ter um vestido de noite para o baile e não deviam reparar em gastos. Houve uma pequena discussão entre Jonathan e seu tio sobre quem devia pagar o vestido, mas este último não admitiu que lhe contrariassem.

- Rachel é minha sobrinha, Smith - concluiu ao mesmo tempo em que levantava a mão para sossegá-lo.

- Se tivesse podido, a teríamos apresentado em sociedade aos dezoito anos e as faturas teriam saído de meu bolso. Tal qual estão as coisas, este baile é tanto para celebrar o matrimônio e para apresentá-la em sociedade, e não consentirei que me neguem o prazer de vesti-la para a ocasião.

A estranha escolha de palavras a inquietou um pouco, mas quem era ela para indignar-se por uma mentira?

De qualquer forma, a predisposição que mostrava seu tio para emendar os enganos do passado a emocionou muito mais do que estava disposta a admitir.

- Obrigada, tio Richard - disse à beira das lágrimas. - É muito generoso e amável.

Jonathan se limitou a render-se a seus desejos e deixou de discutir. Teria podido lhe pagar o vestido? Perguntou-se. Quanto restava do que tinha ganho em Bruxelas?

Os dias anteriores ao baile passaram felizmente, como se o tempo voasse. E por fim chegou o tão ansiado dia. A manhã passou em um constante ir e vir de criados, muitos dos quais tinham sido contratados para a ocasião, que trabalhavam em excesso para ter tudo preparado a tempo.

E a tarde passou rapidamente, até que por fim chegou o momento de retirar-se aos quartos para arrumar-se.

Não foi consciente do que estava passando até que entrou no closet e viu o elegante vestido que a esperava e a Geraldine junto a uma banheira fumegante. Tinha o estômago um pouco revoltado pelos

nervos... No fim de contas, esse era seu primeiro baile. Mas também era o princípio do fim.

No dia seguinte... Não pensaria no dia seguinte.

Primeiro tinha que desfrutar dessa noite.

Capítulo 18.

- Ai, Rachel, me poria a chorar! - exclamou Geraldine. - Mas em vez disso, vou procurar um cantinho tranqüilo onde possa passar toda a noite dançando com Will, ele queira ou não.

Rachel também sentia um nó na garganta. Jamais se tinha visto com um aspecto tão esplêndido.

Levava um vestido verde e branco bordado sobre anáguas de cetim branco. Apesar da cintura alta que marcava o estilo império, as saias eram muito amplas, embora lhe grudassem ao corpo se não se movesse. O babado que rematava a bainha estava composto por uma longa tira bordada debruado com hojitas verdes e bordado com um delicado motivo floral. O diminuto sutiã era de cetim verde claro. As mangas, pequenas e de balão, de cetim com riscas verdes e brancas. Os escarpines também eram de cetim verde e as luvas, longas e de seda branca.

Geraldine lhe tinha prendido o cabelo no alto da cabeça, embora tivesse deixado algumas mechas soltas nas têmporas e na nuca para suavizar o efeito. Seu Toucado constava de duas plumas brancas seguras na parte posterior da cabeça e dispostas de tal maneira que se inclinavam para frente em um ângulo muito coquete.

- Fez maravilhas com meu aspecto, Geraldine - lhe disse com um suspiro enquanto se observava no espelho de pé de seu closet.

- Acredito que o mérito é da natureza - acrescentou outra voz. - Geraldine se limitou a dar uns retoques finais.

Jonathan estava sob o arco que separava seus closets. Virou-se para olhá-lo. Estava mais bonito que nunca, vestido com o traje de gala que utilizara a primeira noite que passaram no Chesbury Park. Entretanto, tinha mudado depois. Estava mais moreno pelo sol e mais forte. Cortou o cabelo, embora a rebelde mecha continuasse caindo sobre a sobrancelha direita.

Até sendo objetiva, não recordava ter visto um homem mais bonito em sua vida.

- Mãe do amor formoso! - exclamou Geraldine. - Está para comê-la! Tomara lhe tivéssemos amarrado aos postes da cama em Bruxelas quando tivemos a oportunidade. O sorriso que esboçou enquanto a repreendia com um gesto da mão aumentou seu atrativo.

Seus dentes pareciam muito brancos em contraste com o tom bronzeado de sua pele.

- Geraldine - replicou, - sei que entre as quatro me teriam deixado exausto e a estas alturas seria uma sombra do que sou.

- Mas até essa sombra estaria para chupar os dedos - lhe assegurou Geraldine.

- Will continua em seus aposentos? Tenho que ensiná-lo a dançar.- escapuliu para o piso inferior - respondeu. - Para fugir desse pavoroso destino, acredito.

- Pobrezinho - respondeu a suposta criada com carinho enquanto saía do quarto.

- É incapaz de reconhecer a derrota.

Jonathan lhe sorriu e nesse momento compreendeu que jamais poderia ser objetiva no que a ele se referia. Tinha passado quase um mês interpretando o papel de esposa devota, e a farsa tinha tido um efeito inequívoco em suas emoções. Além disso, havia a tarde que tinham passado na ilha.

Uma tarde que não havia tornado a repetir-se e a que jamais tinham feito alusão, embora nenhum deles a tivesse esquecido.

Como ia esquecê-la?

- Está linda. De verdade - disse ele enquanto entrava no closet.

- Obrigada. - Sorriu com certa tristeza. - Tenho a intenção de me divertir como nunca. É meu primeiro baile e talvez seja o último. É o fim, Jonathan. Sabe, não é? Amanhã iremos falar com meu tio e lhe pediremos de novo as jóias. Mas se negar a me dar isso não penso continuar tentando. Iremos depois de amanhã, aconteça o que acontecer. E depois será livre.

- Você acha? - perguntou-lhe em voz baixa. - Rachel, temos que...

Interromperam-no umas batidinhas na porta. Observou-o enquanto se aproximava para abrir e era seu tio, que entrou e se deteve em seco.

- Rachel! - exclamou ao mesmo tempo em que a olhava de cima abaixo. - Não sabe quanto desejei vê-la desta maneira. Nem quanto desejei ver sua mãe arrumada para seu primeiro baile.

Negava-se a discutir com ele essa noite em particular, mas a pergunta brotou de seus lábios antes que pudesse morder a língua.

- por que disse que me teria apresentado em sociedade aos dezoito anos se tivesse saído com a sua?

Viu-o recusar a cadeira que Jonathan lhe oferecia.

- Seu pai se negou totalmente - respondeu. - E também se negou a deixá-la passar aqui as férias quando era pequena ou a que enviasse a uma academia de senhoritas. Por isso contou estas semanas, suponho que nunca lhe deu os presentes que lhe mandei todos os anos por Natal e por seu aniversário. Depois de casar-se com sua mãe, não lhe permitiu ficar em contato comigo até que estive em seu leito de morte. Mas já não o culpo por tudo o que aconteceu. Não levei nada bem seu compromisso. Naquele tempo era jovem, ditatorial e muito intransigente. Fui eu quem os empurrou para que fugissem. Mas agora não me arrependo, como vou fazê-lo se você é o fruto dessa união?

Se fazia estranho compreender quão simples era a verdade. A facilidade com a que podia apagar dezesseis anos de mal - entendidos. O tio Richard não lhe tinha dado as costas, nem a tinha dado a sua mãe. Todos tinham sofrido anos de separação e infelicidade pelo simples fato de que dois homens obstinados brigaram por causa de uma mulher. Um deles se amparou no status de irmão e tutor, e o outro no de pretendente apaixonado.

- Tio Richard... - disse, dando alguns passos para ele. Entretanto, deteve-se quando o viu erguer uma mão.

- Amanhã nos sentaremos para falar, Rachel - afirmou. - Seu marido, você e eu. Falaremos longo e extenso sobre muitas coisas, mas isso será amanhã. Esta noite nada vai prejudicar a festa. Por fim poderei vê-la dançar em um baile do qual sou o anfitrião, com

um marido digno de você e capaz, estou convencido, de fazê-la tão feliz como merece.

Teve a impressão de que acabavam de apunhalá-la com sanha no estômago. Que dolorosas eram as conseqüências do engano! Jonathan tinha levado as mãos às costas e a olhava fixamente.

- trouxe isto - prosseguiu seu tio ao mesmo tempo em que erguia um estojo de veludo no qual não se fixara até esse momento. - Eram de sua tia e agora serão suas. Alegra-me que não leve outras jóias.

Ao abri-lo descobriu uma fileira de pequenas pérolas da qual pendia uma esmeralda engastada entre diamantes. A um lado descansavam os brincos de esmeraldas e pérolas combinando.

- Meu presente de casamento - concluiu.

Nesse instante acreditou que lhe falhariam as pernas. Mas Jonathan foi em sua ajuda na hora lhe passando um braço pela cintura.

- É lindo, senhor - afirmou. - Não sabe quanto lamentei não ter tido a oportunidade de comprar jóias a minha esposa. Mas agora quase me alegro de que seja assim. Permite-me?

De modo que foi Jonathan quem tirou o colar e o colocou no pescoço. Sentiu seu peso e sua frieza no decote. A impressionante esmeralda descansava justo entre seus seios. Uma vez que lhe pôs os brincos, sorriu-lhe qual consumado ator, como se não lhe afetasse a terrível tragédia do que estava acontecendo.

- Tio Richard. - Cortou a distância que a separava dele e o tocou pela primeira vez. Jogou os braços ao pescoço e apoiou a face contra a sua. Entretanto, não foi capaz de encontrar as palavras que pudessem atravessar o doloroso nó que tinha na garganta. - Tio Richard...

Deu-lhe uns tapinhas nas costas.

- Não as necessita para realçar sua beleza, asseguro - disse. - Mas por fim estão onde têm que estar. A quem senão você ia dar as jóias de Sarah? Só tenho um primo longínquo e sua esposa, mas nem sequer os conheço.

Teria que devolvê-la no dia seguinte, é obvio. O peso do colar em torno do pescoço lhe pareceu muito um jugo. Mas se tinha

prometido desfrutar dessa noite. E o mais importante de tudo: o devia a seu tio. Talvez no futuro, e tomara Deus não o levasse muito em breve, conseguisse perdoá-la pelo que tinha feito ou ao menos recordasse essa noite sem sentir a dor que lhe provocaria a verdade quando a contasse. Separou-se dele com um sorriso e o puxou pelo braço.

- Descemos? - perguntou.

Em seguida olhou ao Jonathan, a quem também puxou pelo braço. O apertão que lhe deu a reconfortou, mas além disso que consolo podia lhe oferecer?

O plano que tinham esboçado parecia tão engraçado quando o sugeriu em Bruxelas...

E ela o tinha aceito. Assim não podia culpá-lo pelas conseqüências.

Era um baile rural que não poderia comparar-se com algumas das grandes festas aristocráticas da temporada às quais estava certo de que teria ido em Londres, mas o entusiasmo dos convidados supria seu escasso número e a simplicidade de seus trajes.

Ao que parecia, todos estavam dispostos a passar em grande. E isso fizeram assim que a orquestra começou a tocar uma contradança atrás de outra e se lançaram a executar os alegres e complicados passos das danças.

Embora ninguém eclipsiou Rachel. Nem tirou tanto proveito da noite. Sua alegria o deslumbrou. Igual a muitos outros convidados, conforme pôde comprovar.

Estava mais que deslumbrado. Evidentemente, estava apaixonado por ela até as sobrelhas. E sabia da tarde que passaram na ilha. Tinha sido uma agonia espantosa manter-se afastado dela em privado depois, sobre tudo quando se viam obrigados a trocar contínuas amostras de amor e devoção em público. A falta de portas entre seus dormitórios se converteu em uma tentação quase irresistível.

Entretanto, em lugar de conduzi-la a uma situação que complicaria mais as coisas e que só lhe partiria o coração quando recuperasse sua verdadeira identidade, tinha decidido fazer algo por ela. Desde o dia que chegaram a Chesbury Park tinha sido tão claro

como a água que seu tio a queria e que ali tinha a oportunidade de ser feliz. Uma conclusão que se viu reforçada com a breve explicação que Weston lhes tinha dado pouco antes no closet de Rachel a respeito de sua suposta indiferença. O lugar de Rachel estava ali, no Chesbury Park. Esse era seu lar.

Tinha decidido voltar quando Rachel estivesse em Londres. Ia confessar tudo ao barão, e assumir a responsabilidade do acontecido (coisa que era a pura verdade) e interceder por ela. Se a queria tanto como suspeitava, quer dizer, incondicionalmente, perdoaria-a e a faria retornar à propriedade. Com o tempo se casaria, formaria um lar e encontraria seu lugar no mundo inclusive depois que Weston morresse.

Talvez a busca de seu passado o levasse a descobrir que não estava casado nem comprometido e...

Mas ainda não se atrevia a pensar nisso.

Dançaram juntos a contradança que abriu o baile. Se estivessem em Londres celebrando sua apresentação em sociedade, pensou, suas maneiras seriam severamente censuradas pelos mais cuidadosos.

Entre as jovens pertencentes à aristocracia, se pôs em moda mostrar uma atitude indolente, como se a transição da sala-de-aula ao salão de baile precisasse que a alegria juvenil se transformasse no cinismo da maturidade.

Rachel era a personificação da alegria.

Conhecia os complicados passos da dança e ao princípio os executou com cuidadosa precisão, até que de repente e com uma súbita gargalhada soltou o cabelo, figuradamente falando, e tirou os escarpines.

- Talvez devesse guardar um pouco de energia para mais tarde - lhe disse com uma gargalhada. - por que? - Tinha as faces avermelhadas e lhe brilhavam os olhos. - por que sempre temos que deixar o melhor para o final? Quero viver o momento. Porque possivelmente seja a única coisa que tenha.

- É a única coisa que temos todos - reconheceu, rindo de novo enquanto se deixava contagiar por seu entusiasmo. Entretanto, a frase ficou gravada na mente.

Pela extremidade do olho viu o Weston, acompanhado por um de seus vizinhos e perto da porta do salão de baile. Estava observando a sua sobrinha com semblante alegre e satisfeito ao mesmo tempo em que seguia o ritmo da música com a cabeça. Ainda não parecia um homem saudável, mas já não tinha aquela tez cinzenta nem aquela magreza tão extrema. Já não parecia ter um pé na tumba.

Tomara pudesse viver alguns anos mais. Por Rachel.

Trocou de par para as seguintes peças e dançou entre outras com o Flossie e Bridget. Tinha abandonado a esperança, ou o temor, de que algum vizinho o reconhecesse. Conforme tinha descoberto, muito poucas famílias iram a Londres com assiduidade, e as que o faziam não se acotovelavam com a flor e nata da sociedade.

A orquestra interpretou uma valsa antes do jantar. A única da noite. Vários casais se apressaram até a pista de baile, mas não tantas como nas peças anteriores. Rachel estava com seu tio, a quem tinha pego pelo braço.

- Não vai dançar a valsa? - perguntou-lhe Alleyne quando chegou junto a ela.

- Não! - exclamou. - Se não sei os passos...

- Nesse caso, já é hora de que os aprenda - replicou ao mesmo tempo em que lhe estendia a mão.

- Aqui? Agora? Nem pensar - recusou, com os olhos como pratos.

- É uma covarde, meu amor? - Sorriu. - Eu a ensinarei.

- Vamos, Rachel - a animou seu tio.

A princípio pensou que ia negar se. Mas depois se pôs a rir e aceitou a mão que lhe estendia.

- por que não? - disse. - Se acabo sendo o bobo da noite, suponho que pelo menos terei conseguido que os vizinhos o passem bem e lhes terei dado assunto de conversa para toda uma semana.

Não era fácil ensinar a alguém a dançar a valsa com música, com outros casais girando na pista de baile e com espectadores. Entretanto, os ditos espectadores não demoraram para compreender a situação e prorromperam em gritos de ânimo, risadas e aplausos, o que deixou bem claro que o estavam passando melhor que nunca.

Rachel estava radiante enquanto dava tropeções, entupia-se, ria e tratava de seguir com determinação as instruções de Alleyne. Até que de repente, depois de uns poucos minutos, pegou o ritmo e os passos, e Sorrindo o olhou nos olhos e se esqueceu dos pés.

- Estou dançando a valsa - disse ela em um dado momento.

- Está dançando a valsa - lhe confirmou. - Relaxe e me deixe que a guie.

E isso fez. Em um abrir e fechar de olhos estavam movendo-se com certa elegância, embora não tentou executar nenhum giro atrevido nem qualquer outro floreio. Viu-a morder o lábio inferior e percebeu que seu sorriso se esfumara. Estava-o olhando nos olhos. Ele a estava abraçando pela cintura. Tinha colocado uma mão no seu ombro. A outra estava unida à sua. Seus corpos ficavam separados por escassos centímetros. Sentia o calor que irradiava. Cheirava seu perfume a gardênia.

Tinha cavalgado com ela, passeado com ela e inclusive nadado com ela desde aquela tarde na ilha. Mas apenas a havia tocado e tinha evitado aproximar-se muito.

Como ela mesmo.

Não obstante, nesse momento a situação escapava a seu controle. Estavam dançando no salão de baile do Chesbury Park sob o escrutínio de dúzias de olhos em companhia de outros casais.

E, entretanto, de certo modo tinha a sensação de que estavam sozinhos, girando devagar por um mundo mágico condenado a desaparecer breve. Era muito possível que ao cabo de dois ou três dias não voltasse a vê-la nunca mais. Sua preciosa Rachel. Seu anjo loiro.

- Enfim - disse depois de um silêncio que se prolongou durante uns minutos, - qual é seu veredicto sobre seu primeiro baile?

- foi mágico - respondeu, fazendo-se eco de seus pensamentos. - É mágico, no presente. Ainda não acabou.

Embora estava claro que era muito consciente de que o final se aproximava. tratava-se de um baile rural. Ali as pessoas não ficavam dançando toda a noite como se usava durante a temporada social em Londres, onde a maioria das pessoas não tinha nada que fazer no dia seguinte salvo dormir e preparar-se para a seguinte

festa. O baile acabaria pouco depois do jantar. E o jantar se serviria justo depois da valsa.

Seu olhar parecia haver-se apagado um tanto quando o olhou. Mas não demorou para resplandecer de novo... devido às lágrimas que tentou ocultar agachando a cabeça a toda pressa.

Por sorte, estavam muito perto das portas francesas que davam ao balcão. Sem deixar de dançar, levou-a a exterior e se deteve junto à balaustrada de pedra. O frescor da brisa noturna teve sabor de glória depois do ambiente carregado do interior.

- Jonathan - disse ela, segurando a esmeralda com uma mão, - não posso seguir com isto.

Sabia exatamente ao que se referia. Colocou-lhe uma mão na nuca.

- Jamais me passou pela cabeça que poderia chegar a querê-lo confessou. - Que ele poderia me querer.

Jamais me passou pela cabeça que poderia haver uma explicação para sua aparente indiferença.

- Deveria ter aceito seu convite - lhe disse.

- Quando morreu meu pai? - Desviou o olhar para o lago, cuja superfície ficava dividida pelo reflexo da luz da lua. - Me sentia ferida e destroçada. Acreditei que se tivesse albergado algum tipo de sentimento por mim, teria ido em pessoa assim como fez quando morreu minha mãe. Não me ocorreu que talvez estivesse doente e que não pudesse viajar. E suponho que a ele não lhe me ocorreu dizer isso. Talvez acreditou que eu já sabia. Sua carta me pareceu brusca e imperiosa. Pareceu-me fria.

- Se tivesse vindo então - lhe disse, - não teria ido a Bruxelas nem teria conhecido ao Crawley. Não teria acabado sentindo-se em dívida com suas amigas. Não se veria envolvida nesta farsa.

- E não o teria conhecido - acrescentou ela.

- Coisa que não é para levar na brincadeira - replicou com um leve sorriso. - Se tivesse vindo ao Chesbury Park o ano passado quando seu tio a convidou, certamente eu estaria morto agora mesmo.

- Acho que isso não me faria muita graça - confessou.

- Nem a mim tampouco - assegurou com veemência.

- Olhe - disse Rachel, apontando para baixo.

No prado situado atrás dos estábulos, um casal dançava à luz da lua. O homem era corpulento e um pouco torpe; a mulher, alta e voluptuosa. Geraldine e Strickland.

- Esses dois sim que parecem um para o outro - disse antes de virar-se e apoiar as costas na balaustrada para olhar Rachel no rosto. - me Diga, qual é o plano?

- Amanhã vou explicar às garotas que não posso ajudá-las - respondeu, - embora sempre me considerarei em dívida com elas e pagarei a elas quando puder; quer dizer, dentro de três anos. Depois de amanhã iremos todos sem pedir as jóias ao tio Richard. Depois, quando já estivermos em Londres, lhe escreverei para lhe contar toda a verdade. E também lhe devolverei estas jóias. Você será livre para fazer o que achar conveniente. Poderá procurar a sua família. Dei-me conta de que ao aceitar seu plano acabei prejudicando a seus seres queridos. Mantive-o afastado deles um mês mais do que o necessário. Devem estar destroçados!

- por que esperar estar longe daqui? - quis saber. - Rachel, seu tio a quer. Sempre o fez.

Viu-a menear a cabeça.

- me deixe ir falar com ele amanhã- insistiu - para contar-lhe tudo. Acredito que serei capaz de explicar-lhe de modo que a perdoe. Como não vai fazer o quando souber que todo este engano foi minha idéia e que aceitou pelo carinho que professas a suas amigas e pela dívida de honra que acredita ter contraído com elas? E, além disso, porque seu pai foi o responsável para que não soubesse nunca nada do amor que sempre te professou nem de todos seus esforços por ser um bom tio. Compreenderá que o engano lhe é intolerável agora que teve a oportunidade de conhecê-lo e querê-lo. me deixe fazê-lo por você.

Rachel virou a cabeça para olhá-lo.

- Não - recusou. - Eu me meti nesta confusão e eu sozinha sairei dela. Poderia me haver negado a pôr em marcha esta farsa. Não sou uma marionete incapaz de raciocinar.

- Pois então lhe diga em pessoa - lhe aconselhou. - Faça-o amanhã, Rachel, e confia em seu amor por você. Quis você toda a vida.

- Já é muito tarde - replicou ela, - não mereço a confiança de ninguém. Nem o amor de ninguém. perdi o direito a essas duas coisas. A música está chegando a seu fim. Temos que entrar para o jantar, e devemos parecer felizes e contentes. Meu tio parece contente esta noite, não é? E tem muito melhor aspecto que quando

chegamos, não é? Devemos deixar que desfrute ao menos do baile. Ou melhor dizendo, devo deixar que desfrute ao menos do baile.

Se alguém lhe fizesse o enorme favor de lhe pôr uma pistola na têmpora, ele mesmo apertaria o gatilho na hora, pensou enquanto lhe oferecia o braço.

Embora soubesse que o baile se celebrava em parte para festejar seu matrimônio, Rachel não esperava os discursos e brindes durante o jantar, nem tampouco o enorme bolo que Jonathan e ela cortaram e repartiram de mesa em mesa, até que todos os convidados receberam uma porção.

Não deixou de sorrir apesar de que se sentisse triste por dentro.

Que néscia tinha sido ao acreditar que esse seria um bom modo de conseguir o dinheiro para que suas amigas pudessem percorrer a Inglaterra e levar a cabo sua vingança.

Entretanto, o pior estava por chegar. Tinham voltado para sua mesa depois de repartir o bolo e os convidados começavam a preparar-se para voltar para o salão de baile e desfrutar das últimas peças da noite quando o tio Richard voltou a ficar em pé e ergueu as mãos para pedir silêncio. Um silêncio que inundou a sala imediatamente.

- Acredito que é apropriado fazer este anuncio em público - começou, - embora tinha pensado comunicá-lo amanhã em particular a minha sobrinha e a meu sobrinho por afinidade. DE certo modo, também concerne à vizinhança. Provavelmente todos sabem que sou o último varão de minha linhagem, por isso o título desaparecerá comigo quando chegar o momento. Por sorte, tanto a propriedade como minha fortuna são meus para dispor deles como quero, pois não estão vinculados ao título. Durante um tempo pensei em legar meus bens a um primo longínquo pelo ramo materno, apesar de que vive na Irlanda e de que só o vi em algumas ocasiões. Minha intenção sempre foi a de deixar grande parte de minha fortuna a minha sobrinha Rachel, agora lady Jonathan Smith, já que é minha parente mais próxima. Entretanto, durante estas passadas semanas cheguei a conhecê-la e a querê-la muito, assim como conheci a sir Jonathan, quem me parece um jovem sensato e responsável com um óbvio interesse pela terra, muito elogiável. Dispus trocar meu

testamento amanhã. Minha sobrinha será minha herdeira universal quando meus dias chegarem a seu fim.

Não ouviu o aplauso dos convidados nem os vivas que celebraram o anúncio.

A única coisa que ouviu foi um zumbido nos ouvidos enquanto o sangue lhe abandonava a cabeça, deixando-a gelada. Compreendeu que estava a ponto de desmaiar. Inclinou a cabeça para diante, cobriu-o rosto com as mãos e começou a respirar fundo, muito devagar, ao mesmo tempo em que Jonathan lhe acariciava a nuca.

Quando voltou a erguer a cabeça, viu que seu tio estava ao seu lado. Ficou em pé e o abraçou sem dizer nada, o que provocou um murmúrio de aprovação entre a assistência, acompanhado de uma nova salva de palmas.

- É a única coisa que me fará feliz, Rachel - disse ele com um sorriso deslumbrante enquanto a afastava para olhá-la no rosto. - Imensamente feliz.

- Não quero que morra - replicou antes de lhe jogar os braços no pescoço outra vez e enterrar o rosto em seu ombro.

Mas ela queria morrer, compreendeu de repente. Queria morrer nesse mesmo instante. Não soube como se arrumou para sobreviver ao resto da noite. Mas o fez, Sorrindo e compartilhando gargalhadas com os desconhecidos ao mesmo tempo em que evitava a aqueles a quem conhecia. concentrou-se em interpretar o papel da noiva radiante e o conseguiu, graças a Deus.

Também se arrumou para escapular-se até seu dormitório aproveitando o revôo que se produziu com a marcha dos convidados. Entretanto, não tinha contado com a desconsideração de suas amigas para com as portas fechadas. Claro que tampouco havia nenhuma entre seu dormitório e o do Jonathan... De modo que poucos minutos depois de que se encerrasse em seu quarto, chegaram em turba a seu closet. Bridget, Flossie, Geraldine e Phyllis, acompanhadas pelo sargento Strickland que, com os braços cruzados em frente desse amplo peito, plantou-se no arco que separava os closets.

- Bom, Rache - disse Geraldine, - agora sim que está em uma boa confusão.

- Nem sequer o ouvimos naquele momento porque estávamos fora
- declarou o sargento com algo que em outro homem poderia haver-se tachado de rubor. - Geraldine e eu, quero dizer. Estávamos lançando um olho aos cavalos.

- Estávamos dançando, Will - corrigiu a sobredita. E nos beijando. E depois voltamos e Phyll nos contou isso.

- Querida - interveio Bridget, - será melhor que nos vamos daqui.

- Que nos vamos? - Phyllis parecia pasmada. - Que vamos? Bridget! Quem vai cozinhar para o barão?

- Vim em busca de minha herança - lhes recordou. - Naquele momento me pareceu lógico fingir que estava casada e chegar acompanhada de meu suposto marido para convencer ao tio Richard de que podia me confiar as jóias. Estava desesperada para ajudá-las a encontrar ao senhor Crawley e para devolver o que lhes roubou. Agora não poderei fazê-lo. Não poderei ajudá-las. Vamos A...

- Não tão depressa, Rachel - a interrompeu Flossie, erguendo uma mão. - O que é isso de que quer nos devolver o que nos roubou? Por que tem que nos devolvê-lo o que ele nos roubou quando também se aproveitou de você e levou o pouco que tinha? Perdeu a cabeça?

- Se não fosse por mim - insistiu, - não o teriam conhecido.

- Rachel, querida - interveio Bridget, - não nos ocorreria aceitar nem um penny de você, salvo a quantia que íamos lhe pedir emprestada para iniciar as pesquisas e que depois pensávamos em lhe devolver.

Phyllis atravessou o aposento correndo para abraçá-la com força.

- Mas a idéia é maravilhosa, Rachel. Um gesto de afeição precioso - afirmou. - Sabe quanto tempo passou desde que alguém teve um gesto de afeição conosco? E tudo isto foi precioso. A estadia em Chesbury Park. foram os dias mais felizes de toda minha vida. E acredito que falo por todas.

Temos que lhe agradecer por nos haver produzido estas fantásticas férias. Assim não se sinta culpada por nós, porque já tem muito em cima.

- É um grande problema, Rachel - disse Geraldine.

- O que deve fazer, senhorita, embora não tenha pedido minha opinião, e embora deveria me pôr um ponto na boca porque não sou

mais que um criado torto e com muito trecho por diante... - declarou o sargento Strickland. - Ao que ia... O que tem que fazer, senhorita, e você também, senhor, embora esteja em seu dormitório em lugar de ter vindo a aqui a agüentar o toró... Vamos, que o que têm que fazer é casar-se de verdade e assunto arrumado.

- Seria tão romântico! - exclamou Phyllis. - Tem toda a razão, Will.

- Não - os contradisse ela com veemência. - Essa opção não é viável. Tenho a intenção de arrumar as coisas dentro de pouco e depois organizarei minha vida. Não necessito de um casamento forçado. E Jonathan, muitíssimo menos. Já encontrarei a maneira de endireitar as coisas. Embora não tivesse nem idéia de como fazê-lo. O tio Richard parecia tão feliz... Até essa noite nem sequer sabia que a fortuna e a propriedade não estavam vinculadas ao título. A possibilidade nem lhe tinha passado pela cabeça.

Suas amigas tinham muito mais que dizer, mas fez ouvidos surdos a seus conselhos. O sargento Strickland se refugiou no outro closet e, ao final, as quatro partiram tagarelando depois de abraçá-la.

Até que Geraldine recordou que era sua criada e retornou correndo para ajudá-la a despir-se e lhe escovar o cabelo. depois do que lhe pareceu uma eternidade, meteu-se na cama e se tampou a cabeça com os lençóis.

Capítulo 19.

Uma hora depois de que o sargento Strickland por fim partisse de seu quarto, sem dizer uma palavra embora deixando bem claro seu desgosto, continuava junto à janela, com a vista cravada nos prados iluminados pela lua. Duvidava muito que Rachel estivesse dormindo. perguntou-se se deveria ir falar com Weston no dia seguinte sem dizer nada a ela. Não, não o deixava claro. Já lhe tinha feito bastante mal e não queria lhe roubar a oportunidade de que se encarregasse do assunto, tal como desejava fazer.

Notou sua presença, já que não ouviu nem percebeu nenhum movimento, e ao virar a cabeça a viu no arco do closet. Embora não houvesse nenhuma vela acesa, seus olhos se acostumaram à

escuridão. Levava a mesma camisola branca que a noite em que foi a seu dormitório. E tinha solto o cabelo.

- Acreditei que já estaria dormindo - disse ela.

- Não.

- Ah...

- Será melhor que entre - lhe disse ao vê-la ali plantada, como se tivesse ficado sem nada que dizer.

Obedeceu-lhe apressadamente e se deteve a dois passos dele.

- Quero que vá - anunciou. - Pela manhã.

- Vá... - replicou.

- Sim - disse ela. - vou contar tudo ao meu tio. Tenho que fazê-lo. Não posso deixar que mude o testamento a meu favor, não é? Mas culpará a você tanto como a mim. Acusará você de me ter comprometido e insistirá em que se case comigo. Ou poderia fazê-lo desde que não se limite a nos expulsar da propriedade. Mas tenho que pensar em todas as possibilidades e estar preparada para qualquer eventualidade. Não consentirei que o obriguem a se casar comigo, Jonathan.

- Não podem - assegurou. - Já falamos nisso, não se lembra? Até que não averigüe minha identidade e até que não saiba se já estou casado, não posso me casar consigo nem com nenhuma pessoa... Nem sequer posso prometer que me casarei consigo.

- Mas o averiguará - replicou ela. - E talvez descubra que está solteiro. Não consentirei que ninguém tente obrigá-lo a se casar comigo. Seria muito injusto para você. Tudo isto tem feito por mim, e eu me prestei a seguir o jogo livremente. Além disso, não quero me casar consigo. É possível que não me case nunca, mas se o fizer, será porque encontre ao amor de minha vida e esteja segura de que serei feliz... Bom, ao menos tão segura como se pode estar nestas coisas, claro está. E não o digo com propósito de ofendê-lo, Jonathan. Sei que é tão resistente como eu à idéia de que o obriguem a se casar e por isso falo sem disfarces, para que não se sinta obrigado a me propor matrimônio, chegando o momento. De qualquer modo, não penso deixar que isso aconteça. vai partir. Bem cedo. antes que o tio Richard desperte.

- Então, isto é uma despedida? - quis saber.

- Sim... sim.

Agarrou-lhe uma mão. Estava gelada. Esfregou-a.

- Não o farei - lhe disse. - iremos vê-lo juntos pela manhã.

Tanto a honra como a preocupação pela Rachel lhe exigiam que enfrentasse ao Weston junto a ela, se essa era sua intenção. O barão tinha chegado a confiar nele. Tinha que olhá-lo nos olhos e confessar que não merecia tal confiança.

Sentiu como Rachel tremia.

- Será melhor que vamos para a cama - disse ele.

- Juntos?

Não se tinha referido a isso. Mas percebia que ela necessitava de companhia e talvez algo mais. Necessitava que a abraçassem. E que Deus o ajudasse porque ele queria abraçá-la.

- De verdade o deseja? - levou sua mão aos lábios.

Viu-a assentir com a cabeça.

- Sim, se você o desejar...

Pôs-se a rir baixo e a abraçou. Rachel ergueu a cabeça e suas bocas se encontraram...

Famintas, ofegantes e com a necessidade de oferecer consolo tanto como de recebê-lo.

Como o tinha chamado Geraldine? Uma boa confusão. Estavam metidos em uma boa confusão. Pela manhã, para bem ou para mau, sairiam dela. Mas enquanto isso restava essa noite. agachou-se um pouco e a levantou nos braços pela simples razão de que podia fazê-lo, já que sua perna se recuperara e voltava a estar forte. Levou-a nos braços até a cama e a deixou no meio do colchão antes de despir-se e reunir-se com ela.

Fizeram amor uma só vez. E o fizeram muito devagar, entregues às sensações, quase com frouxidão. Não era somente sexo, compreendeu de repente enquanto estava imerso no momento...

Ao menos, não era sexo no sentido mais sórdido da palavra. Claro que tampouco era amor, já que parecia que Rachel não o amava do modo com o que sonhava amar algum dia a alguém.

Mas foi algo precioso. Uma terna troca de consolo. Porque estavam se consolando.

Rachel ficou adormecida antes inclusive de que saísse de seu corpo e de que se estendesse a seu lado, embora se aconchegasse contra ele imediatamente. Apoiou a face em sua cabeça e se deixou arrastar atrás dela para o esquecimento.

Rachel afastou o prato do café da manhã sem tocar a comida. Custava-lhe inclusive olhar para Jonathan. Tinha ido vê-lo no meio da noite para convencê-lo de que se fosse do Chesbury Park essa manhã cedo e, em troca, tinha acabado dormindo em sua cama. E não só dormindo... Era constrangedor.

Embora Jonathan não fosse o culpado de que tivesse perdido o apetite. O tio Richard já se levantou, embora estivesse tomando o café da manhã em seus aposentos como era seu costume. Tinha enviado seu criado de quarto para perguntar a Jonathan e a ela se podiam ir vê-lo assim que fosse possível.

Geraldine estava no piso superior, fazendo sua bagagem. Partiriam todos depois do almoço ao mais tardar.

Tentou concentrar-se nessa idéia. O problema era que ainda tinha que sobreviver a essa manhã. Além disso, como ia aliviar a idéia de partir quando estava a ponto de lançar tantas coisas pela amurada e de dar as costas a seu tio, deixando-o triste e decepcionado pela traição?

E depois teria que enfrentar à separação do Jonathan.

A vida parecia tão negra em certas ocasiões que o único consolo era a certeza de que não poderia piorar mais. Ficou em pé e afastou a cadeira com as pernas. Jonathan fez o mesmo ao vê-la.

De forma excepcional, nem Bridget nem Flossie disseram uma palavra quando saíram da sala. O tio Richard ocupava seu lugar habitual, embora tivesse virado a poltrona e estava de costas à janela. Percebeu que voltava a ter mau aspecto. A noite anterior lhe tinha sido sobrecarregada.

E nessa manhã...

- Sente-se pediu seu tio com gesto sério.

- Tio Richard - começou ela, - tenho que lhe dizer algo. Não tem sentido que demore mais tempo. Só...

- Por favor, Rachel. - Interrompeu-a levantando uma mão. - Tenho que lhe dizer algo antes. Até este momento não tinha reunido a

coragem suficiente, mas chegou a hora. Sente-se, por favor. Você também, Smith.

Aflita, sentou-se na beira de uma cadeira enquanto Jonathan o fazia em outra.

- Acho que teria tomado a decisão que anunciei ontem à noite embora não contasse com mais incentivos - afirmou seu tio. - Sempre quis que estivesse aqui comigo, Rachel, e que descobrisse que este é seu lar. E agora já tenho provas disso, e sei que é feliz com um marido que a quer e que compreende a terra, uma terra que cuidará sempre embora estabeleçam sua residência no norte do país, longe daqui.

- Tio Richard...

- Não. - Voltou a levantar a mão. - me Deixe terminar. Acredito que teria tomado a decisão de qualquer modo, embora em algum momento pudesse lhe ter dado a impressão de que queria comprá-la para apaziguar minha consciência. Tinha pensado em lhe dizer hoje que não daria as jóias até que cumprisse os vinte e cinco anos, dado que esse era basicamente o desejo de sua mãe. Convenci-me me dizendo que já estaria morto então.

- Não diga isso. - inclinou-se para ele. - Nem sequer quero as jóias.

Seu tio suspirou de novo e apoiou a cabeça nas almofadas. Percebeu que voltava a ter a pele de uma cor cinzenta.

- desapareceram, Rachel - confessou.

- Desaparecido?

- Roubaram-nas - explicou.

Jonathan ficou em pé, serviu um copo de água da jarra que havia na bandeja colocada junto a seu tio e o deixou perto para que pudesse pegá-lo se quisesse. Depois se afastou até a janela e cravou o olhar nos jardins.

- Roubado? - repetiu Rachel com um fio de voz.

- Nem sequer sei nem quando, nem como, nem quem - seguiu seu tio. - Simplesmente não estavam em seu lugar quando olhei na caixa forte uma semana antes que aparecesse você. Era-me impossível suspeitar dos criados, embora é certo que o serviço piorou bastante estes dois últimos anos. Entretanto, o único desconhecido que entrou

na biblioteca e que viu onde guardava os objetos de valor foi um clérigo... Um homem justo e caridoso, nada menos. Seria um disparate suspeitar dele.

Jonathan a olhou por cima do ombro.

- Um clérigo - repetiu ela. - Nigel Crawley?

- Nathan Crawford - corrigiu seu tio.

- Alto, loiro, bonito? - perguntou-lhe com o olhar arregalado. - Encantador em extremo? Entre os trinta e os quarenta anos? Acompanhava-o sua irmã?

Seu tio a olhou sem dar crédito.

- Conhece-o? - perguntou-lhe.

- Foi culpa minha que viesse aqui. - Soltou uma gargalhada trêmula. - Conheci-o em Bruxelas quando trabalhava para lady Flatley. Inclusive me comprometi com ele. Íamos retornar a Inglaterra para nos casar e logo viríamos aqui para convencê-lo de que me entregasse às jóias. Mas escutei-o falar com sua irmã, estavam-se rindo enquanto planejavam o que fazer com todo o dinheiro que lhes tinham dado para suas obras de caridade. Também se fizeram com uma soma importante de dinheiro das amigas que me acompanharam até aqui. As economias de toda uma vida, de fato.

O tio Richard tinha fechado os olhos. Estava tão branco como o papel.

- Muitos vizinhos lhe entregaram donativos para suas obras de caridade - disse.

- Eu também o fiz. Dei-lhe dinheiro quando estávamos na biblioteca, nem sequer tentei lhe ocultar a existência da caixa forte. A primeira vista parecia um homem de confiança. Suponho que veio pelas jóias. Chesbury Park é um lugar bastante acessível, e de um tempo a esta parte meus criados estão um pouco despistados. Rachel, a questão é que desapareceram e que não fiz nada para recuperá-las. Não sabia o que fazer nem de quem suspeitar.

Por estranho que parecesse dado os extremos aos que tinha estado disposta a chegar para lhe jogar a luva às jóias, nesse momento lhe preocupava muito mais seu tio. As jóias tinham sido uma fonte constante de sofrimento. Por ela, como se desapareciam

para sempre. Ficou em pé, aproximou-se de seu tio, ajoelhou-se no chão diante dele e apoiou a face em seus joelhos.

- Não importa, tio Richard - lhe assegurou. - De verdade que não. Não lhe fez mal, isso é a única coisa importante. Nem sequer vi as jóias. Não sentirei falta do que nunca tive. Quase me alegro de que tenham desaparecido.

- Possivelmente não é consciente de seu enorme valor - aventurou seu tio ao mesmo tempo em que lhe colocava uma mão na cabeça.

- Não posso me perdoar pela mentira que estive vivendo desde que chegou. Deveria ter dito isso imediatamente. Deveria ter ido buscá-la assim que me dei conta de que tinham desaparecido.

- Tio Richard - disse, - você não sabe o que é uma mentira.

Seu tio seguiu lhe acariciando o cabelo. Jonathan pigarreou junto à janela. E a ela lhe saltou o coração.

- Se estava comprometida com o Crawford, Crawley ou como quero que se chame - disse seu tio, rompendo o silêncio, - como...?

- Senhor - interveio Jonathan, - foi Rachel quem pôs suas amigas em contato com o Crawley. O desalmado lhes roubou as economias de toda uma vida, com seu consentimento e o dela, sob a falsa promessa de pôr a salvo o dinheiro em um banco de Londres. Rachel se culpa por tudo o que perderam e jurou (sem que suas amigas soubessem algo) que lhes devolveria até o último penny. Para isso necessitava sua herança. Tinha que vender algumas jóias.

Rachel fechou os olhos ao escutá-lo.

- E onde encaixa você em tudo isto? - perguntou o tio Richard.

- Devo-lhe a vida - declarou Jonathan. - Me encontrou atirado e meio morto depois da batalha do Waterloo, e me cuidou até que me recuperei. Necessitava de um marido se quisesse convencê-lo de que lhe entregasse sua herança antes do tempo.

- Isso quer dizer que não é seu marido de verdade? - perguntou seu tio.

- Não, senhor.

Era injusto que ele carregasse com todo o peso das explicações, pensou. De fato, não tinha sido essa sua intenção.

Mas manteve os olhos fechados. Essa espantosa manhã parecia haver lhe escapado das mãos por completo.

- por que não? - perguntou outra vez seu tio em voz baixa e séria.
- Quando recuperei a consciência, descobri que tinha perdido a memória - explicou Jonathan.

- Não sei absolutamente nada de meu passado. Nem sequer sei se já estou casado.

- Não é você sir Jonathan Smith? - quis saber seu tio.

- Não, senhor - respondeu Jonathan. - Não sei como me chamo.

- E não tem uma propriedade no Northumberland nem fortuna alguma.

- Não, senhor.

- É tudo minha culpa - interveio Rachel nesse momento. - Jonathan se sentia em dívida comigo e sabia que estava ansiosa por dispor das jóias. Por isso se ofereceu para me ajudar. É tudo minha culpa. Tudo. Ele não tem a culpa de nada. Mas já não podia seguir com esta farsa, sobre tudo depois do que se passou ontem à noite. Jamais soube nada dos presentes de aniversário nem da oferta de me enviar ao colégio nem de me apresentar em sociedade. Acreditei que te tinha esquecido de mim. Acreditei que me odiava. E a situação se fez insuportável quando me deu o colar e os brincos de minha tia e logo disse a todos que tinha decidido me legar toda sua fortuna porque me queria. Vim esta manhã disposta a lhe confessar a verdade. Jonathan insistiu em me acompanhar.

- Caramba! - exclamou seu tio depois de uma breve pausa.

E em seguida fez algo tão inesperado que Rachel deu um pulo. Pôs-se a rir. A princípio só foi uma espécie de tremor que poderia haver-se atribuído à ira, mas se transformou em um bufo semelhante aos estertores da morte e que acabou convertendo-se em uma gargalhada inconfundível.

Sentou-se nos calcanhares e o olhou sem saber o que fazer. De qualquer forma, a risada sempre lhe tinha sido contagiosa embora não soubesse do que ria a gente. E não tinha nem idéia do motivo pelo qual ria seu tio. Mas notou que aparecia um sorriso a seus lábios e sentiu que a risada borbulhava em sua garganta, até que foi incapaz de conter-se e, embora cobrisse o rosto com as mãos, acabou explodindo em gargalhadas.

- Sim, é certo que em geral é um pouco cômico - murmurou Jonathan com ironia.

E em seguida se estavam rindo os três às gargalhadas pelo que pouco antes lhes tinha parecido uma tragédia insolúvel... Coisa que sem dúvida voltariam a pensar assim que se acalmassem e recordassem a situação.

Entretanto, quando muito mais tarde teve tempo para refletir, chegou à conclusão de que as farsas, em certas ocasiões, geravam mais farsas. Nem sequer tinham tido tempo de recuperar do ataque de hilaridade quando a porta se abriu de repente sem prévio aviso e Flossie entrou como um torvelinho, seguida de Geraldine, Phyllis e Bridget. Flossie agitava uma folha de papel.

- Está em Bath, Rachel! - anunciou. - O malfeitor está em Bath, deslumbrando a essas pobres viúvas para lhes roubar suas pensões com o nome do Nicholas Croyden. Mas é ele, com certeza.

- Vamos atrás dele, Rache - disse Geraldine. - Will o segurará enquanto lhe arranco as unhas dos pés uma a uma.

- E eu vou atijar lhe no nariz até que lhe saia pela nuca - acrescentou Phyllis. Muito em consonância com suas palavras, tinha os braços melados de farinha e levava um pau de macarrão nas mãos.

- E eu vou arrancar lhe o cabelo, preencheri uma almofada com ele - interveio Bridget - e logo farei que o engula.

- Esta carta... - disse Flossie, agitando o papel - é de uma das irmãs. vai manter o vigiado até que cheguemos. Vem conosco, Rachel?

O tio Richard... limpou a garganta.

- Rachel - começou, - acredita que chegou o momento de que apresente como é devido a minhas amigas e a você... isto, a sua criada.

Todos iriam ao Bath.

A princípio tudo parecia indicar que Phyllis ficaria atrás, angustiada ante a idéia de deixar a lorde Weston sem um menu decente que o ajudasse a recuperar a saúde e o peso que tanto necessitava.

E depois Rachel tentou convencer ao Jonathan para que fosse para Londres sem demora, dado que a farsa tinha chegado a seu

fim. Ela ficaria no Chesbury Park, afirmou, se seu tio a aceitasse.

Bridget aproveitou esse momento para anunciar sua intenção de ficar com Rachel, já que necessitava a presença de uma acompanhante pois tinha recuperado sua posição de jovem solteira. Strickland, que não se moveu da porta do gabinete do Weston desde que entraram, explicou com grande verborrêia e grande eloquência que embora gostasse de acompanhar às damas para protegê-las e moer a golpes a esse Crawley em seu nome, sentia que era seu dever acompanhar ao senhor Smith como seu criado de quarto, ao menos até que se centrasse, por dizê-lo de algum jeito. Em seguida, Geraldine recordou que era a criada de Rachel... claro que como já se tinha descoberto a embrulhada, tinha deixado de sê-lo.

De qualquer maneira, era contra partir quando por fim estava metendo em linha à criadagem e quase tinha terminado o inventário dos objetos da casa. Nesse momento, Flossie pôs olhinhos de cordeiro degolado e mencionou que Drummond a tinha levado ao lago a noite anterior e lhe tinha pedido em casamento à luz da lua; e embora não lhe havia dito que sim, tampouco lhe havia dito que não. Tinha prometido que lhe responderia nesse dia ou no seguinte o mais tardar.

E deu-se a sensação de que, portanto, ninguém iria ao Bath. Embora a impressão só durou até que interveio Weston.

- Parece um pouco pusilânime que todos prefiram ficar aqui quando a ação está em Bath - disse.

- Nesse caso, suponho que terei que ir eu sozinho...

- Maravilhosa idéia! - exclamou Flossie, que apertou a carta contra o peito. - É você um encanto, milord!

O senhor Drummond pode esperar sua resposta uns dias mais.

E nesse momento se formou um barulho tremendo porque todos encontraram razões de peso para ir ao Bath em lugar de ficar no Chesbury Park. Rachel não aceitou a decisão de seu tio sem mais, é obvio.

- Deve ficar aqui, tio Richard - lhe disse. - Não está bastante recuperado para viajar. Eu ficarei consigo, outros podem ir. Menos Jonathan.

- Rachel - replicou seu tio, - esperava que esta manhã fosse uma das piores de minha vida. Em troca, me concedeu uma segunda oportunidade. Apesar do desaparecimento de suas jóias, que talvez não recuperemos nunca, jamais me tinha divertido tanto na vida. E não penso perder a ação por nada do mundo.

A Alleyne ninguém perguntou o que pensava, e ele tampouco o disse. Mas percebeu que Rachel o olhava com os olhos como pratos depois de que seu tio tivesse falado...

Uma expressão idêntica a das quatro damas e a de Strickland, que se tinha ficado no corredor e que não chegou a abrir tanto seu único olho.

- Londres pode esperar, assim como Drummond - anunciou com um sorriso.

- Assim como minhas lembranças e minha vida anterior. Por estranho e alarmante que pareça, dá-me a sensação de que a vida que levo agora não se diferencia muito da que levava antes. me envolver com pessoas impulsivas em farsas impulsivas parece ser uma espécie de dom natural... Além disso, não fui eu quem sugeriu tudo isto? Penso ir ao Bath embora ninguém mais me acompanhe.

- Bem - disse Geraldine. - ouviu isso, Will? Isso quer dizer que você também virá.

E Alleyne notou que ela se ruborizou. Interessante...

Entretanto, distraiu-se quase imediatamente, já que Rachel lhe estava Sorrindo e o olhava com uma expressão radiante de felicidade.

- Talvez descubramos que Bath é uma cidade muito pequena para todos nós - disse.

- Espero isso - replicou com uma piscada.

Nenhuma pessoa alheia à trama que entrasse nesse momento haveria dito que quase todos tinham sido vítimas de um desalmado, e que todos tinham estado envolvidos em uma longa e complexa farsa que acabavam de confessar poucos minutos antes. Puseram-se a rir ao imaginar as conseqüências que sua chegada teria na respeitável e séria sociedade de Bath.

Era extraordinário, disse-se. E também era um alívio não ter que fingir mais tempo e saber que Rachel tinha encontrado por fim seu

lugar no mundo e que seria feliz e estaria a salvo em seu lar uma vez que tivessem resolvido esse assunto... e que ele partira.

De qualquer modo, já pensaria na separação quando chegasse o momento. Enquanto isso, o barão Weston falou com seu advogado, conforme o planejado, e mudou seu testamento.

E na manhã seguinte, bem cedo, partiram para Bath com um verdadeiro desfile de carruagens e veículos carregados de bagagem, decididos a fazer que Nigel Crawley, aliás Nathan Crawford, aliás Nicholas Croyden, arrependesse-se inclusive de ter nascido.

Capítulo 20.

O barão Weston alugou quartos para todos no York House Hotel, o melhor estabelecimento de Bath, e isso apesar os protestos das damas, que disseram que não podiam permitir-lhe Ou que não poderiam fazê-lo até haver jogado a luva ao Nigel Crawley e ter recuperado suas economias.

Lorde Weston afirmou que os gastos corriam de seu bolso e que não havia mais que falar. Não permitiu que ninguém pigarreasse. Por sugestão de sua senhoria, todos conservaram as identidades que tinham escolhido ao chegar ao Chesbury Park, salvo Rachel, que recuperou seu nome de solteira, e Geraldine, que foi elevada à classe de senhorita Geraldine Ness, irmã da senhora Leavey, com quem guardava a mesma semelhança que tinham um cavalo e um coelho...

O barão passou os dois dias seguintes a sua chegada na cama, totalmente exausto depois da viagem e da excitação que o tinha precedido. Rachel passou grande parte do tempo lhe fazendo companhia, mais preocupada com sua saúde que pelas jóias e pelos malfeitores.

Entretanto, seu ânimo melhorou quando o médico a quem chamaram para que o atendesse lhe comunicou que só se tratava de um caso de cansaço extremo e que não havia sinais de que sua doença cardíaca tivesse piorado.

Durante esses momentos ela conversava se ele se sentia com forças ou guardava silêncio se estava cansado ou dormindo. De vez

em quando lhe lia passagens de algum ou outro livro.

A situação recordou a outro doente ao que tinha velado não muito tempo atrás. Embora parecia ter passado séculos desde aquele tempo.

Via muito pouco ao Jonathan e se resignou ao fato de que esse era o verdadeiro princípio do fim. Supôs que não voltaria com ela ao Chesbury Park. O tio Richard a tinha convidado a viver com ele e tinha aceito. Nem o convite nem o fato de que ela aceitasse tiveram nada que ver com o sentido do dever, disso estava segura. Por incrível que lhe parecesse, seu tio a queria. Continuava a querendo apesar de tudo o que lhe tinha feito. E talvez o mais incrível fosse que também o queria.

Durante esses dois dias deixou que a luz desse amor incondicional e generoso a inudasse. Seu tio inclusive tinha aceitado a suas amigas, embora lhe tinham confessado quem eram e a que se dedicavam. Para falar a verdade, não só as tinha aceito. Tinha-lhes carinho!

- Rachel - lhe disse uma tarde depois que despertou da sesta, - não pode dizer-se que respeitasse muito a seu pai, mas conseguiu te educar como é devido. Não muitas damas se rebaixariam a manter uma amizade com quatro mulheres pertencentes a uma classe rechaçada pelo grosso da sociedade só porque uma delas fosse sua babá. Nem se sentiram em dívida com elas nem chegariam aos extremos aos que você chegou para saldá-la. Mas acredito que suas ações deram seus frutos, suas recompensas. São suas amigas e não acredito que pudesse encontrar melhores amizades entre seus pares.

- São sim, tio Richard - reconheceu. - Me acolheram com os braços abertos quando me encontrei sem nada embora elas também acabassem de perder as economias com as quais pensavam trocar de vida.

- E a senhora Leavey é uma magnífica cozinheira - acrescentou ele com um suspiro.

Dava-se por satisfeita, disse-se. Encontrassem ao Nigel Crawley ou não, recuperassem seu dinheiro e as jóias ou não, essa aventura

tinha acabado sendo muito mais proveitosa do que merecia. E lhe alegrava ver tão pouco ao Jonathan.

Embora mais lhe alegraria vê-lo partir para sempre. Porque a partir desse momento seu coração começaria a sarar e talvez fosse capaz de encontrar a felicidade além de certo grau de satisfação. Entretanto, ao mesmo tempo temia o dia de sua partida. Assim que tudo acabasse, disse-se, estaria bem.

Só seria o mau gole do momento em si. Repassou mentalmente o que lhe diria, o aspecto com o que o despediria. O sorriso com o qual lhe diria adeus.

Enquanto isso, as quatro damas passaram esses dois dias visitando essas amizades às quais chamavam "irmãs" e reunindo informação sobre o clérigo que respondia no nome do Nicholas Croyden e que se alojava com sua irmã em uma casa de hóspedes no Sydney Agrada, e que freqüentemente se via enganando viúvas e solteironas de meia idade que abundavam na cidade.

Sabia-se que acudia todas as manhãs à Sala da Fonte para dar o acostumado passeio e

beber a água, embora nenhuma das irmãs com as que falaram tinha pisado no ditoso lugar na vida.

- Mas nós sim pisaremos - replicou Flossie enquanto jantavam no refeitório privado do barão nas segunda noite que passaram em Bath. - É um lugar claramente respeitável para a senhora Streat, viúva do coronel Streat, para sua cunhada, para sua irmã e para sua querida amiga, a senhorita Clover. Iremos amanhã mesmo.

- Certamente - respondeu Jonathan, depois do que virou a cabeça para olhar para Rachel e a inclinou com elegância antes de lhe sorrir.

- Me concede a honra de acompanhá-la, senhorita York? Com a permissão de seu tio, é claro, e sob o atento olhar da senhorita Clover, sua acompanhante, já que a ocasião requer sua presença.

Ele estava passando em grande, pensou Rachel. No fundo era um trapaceiro. Suspeitava que sempre o tinha sido, e de repente se lamentou por não tê-lo conhecido antes e por seguir sem conhecê-lo uma vez que retornasse a sua verdadeira vida.

- Obrigada, sir Jonathan - respondeu. - Sua companhia será um prazer.

- O mesmo digo - interveio seu tio. - Não vai me deixar atrás. Esperemos que não levemos a triste desilusão de que ao cavalheiro lhe peguem os lençóis e não apareça amanhã para o tão falado passeio matinal.

- Tio Richard... - começou; entretanto, ele a interrompeu elevando uma mão.

- Rachel, a maioria da gente vem ao Bath por duas razões - falou.

- Porque vivem do aluguel de suas propriedades ou de uma pequena pensão e a cidade é barata, ou porque sua saúde não é tão boa como deveria ser e desejam provar a água medicinal. Eu me enquadro na segunda categoria. Provarei a água... amanhã pela manhã na Sala da Fonte.

- E nós... - tomou a palavra Geraldine com desembaraço. - Bom, estamos na primeira razão. Embora não por muito tempo. Já me encarregarei eu de espremer a esse rufião mal nascido até que lhe saia o dinheiro pelas orelhas!

- Mas que fina é, Gerry - disse Flossie, estalando a língua. - me Faça o favor de recordar quem é. As damas não espremem a ninguém nem utilizam a palavra "mal nascido". O que vai fazer é "espremer" a esse "malvado" rufião. Com minha ajuda.

- O que não consigo entender - confessou Rachel enquanto afundava a colher no pudim e franzia o cenho - é por que escolheu Bath para fazer uma aparição pública quando a estas alturas deve haver muita gente na Inglaterra que o conhece.

- É um risco calculado - respondeu Jonathan. - Não se esqueça de que a maioria da gente lhe deu o dinheiro para suas obras de caridade por própria vontade. Em vez de atar-se a murros com ele se o virem, é provável que voltem a ajudá-lo com outra contribuição. Embora sentiriam estranheza pela mudança de nome. Entretanto, seria muita casualidade que se encontrasse aqui com algum conhecido de Bruxelas. As pessoas que estiveram na Bélgica na primavera não são das que freqüentam Bath. Seu seguinte destino será algum lugar parecido a este, como Harrogate, outra cidade balneária, mas como está situada muito ao norte não é provável que atraia à mesma clientela.

- Pois desta vez colocou a pata até o fundo - afirmou Phyllis. - Deveria nos ter deixado tranquilas. Embora possivelmente não o tivéssemos encontrado se não tivesse utilizado um nome tão parecido ao que nós conhecíamos, não é? por que o terá escolhido? Se fosse ele, desta vez me teria posto Joe Bloggs.

- Phyll, quem ia dar uma doação para os pobres órfãos a um tipo chamado Joe Bloggs? É um nome muito comum! - explicou Geraldine. - Pensa um pouco.

- Talvez tenha razão - reconheceu Phyllis.

Jonathan não demorou para lhes dar boa noite e assim que ele se foi, outros também se retiraram cedo.

Um bom número de pessoas reconheceu e se deteve para saudar o barão Weston quando apareceu na manhã seguinte na Sala da Fonte. Entretanto, foram seus acompanhantes os que mais revôo provocaram, já que todos eram jovens, com a exceção do Bridget; e inclusive esta contava com uns bons vinte ou trinta anos menos que a grande maioria dos que estavam passeando, fofocando e, um ou outro, bebendo a água medicinal.

Flossie e Phyllis não demoraram para ser monopolizadas por um general retirado que se colocou entre ambas e deu-lhes o braço, depois do que se dispôs a passear pelo lugar enquanto perguntava sobre suas vivências no exército e lhes contava a própria. Geraldine e Bridget acabaram sob a asa de uma altiva viúva, toda adorada com uma touca muito alta coroada com um toucado de plumas, e com uns óculos que não parava de agitar no ar qual extravagante diretor de orquestra com sua batuta. Rachel ficou com seu tio junto à mesa da água e para escutar os louvores da constante procissão de assíduos à água medicinal. E ele se encontrou conversando com um casal mais velho que afirmavam conhecer os Smith do Northumberland e insistiam em averiguar se tinham parentesco com o ramo familiar de sir Jonathan.

Nigel Crawley não fez ato de presença. Claro que Alleyne não o tinha visto nunca, de modo que era impossível que o reconhecesse. Entretanto, conhecia sua descrição. Um jovem loiro, alto e bonito não passaria despercebido entre a exígua multidão que se congregava na Sala da Fonte. Podia-se dizer que era uma decepção, sobre tudo

pelo contagioso entusiasmo de que tinham feito mostra as damas ao sair do York House Hotel. Quando as levasse de volta para tomar o café da manhã, pensou, aproximaria-se em pessoa até o Sydney Agrada para averiguar se o tipo e sua irmã continuavam na cidade.

Fazia um dia bastante agradável apesar da hora tão cedo. Os que tinham ido à Sala da Fonte não tinham pressa alguma por retornar a casa. Como se não tivessem conversado e fofocado bastante no interior, muitos prosseguiram com a conversa no pátio da abadia. O general Sugden não estava disposto a renunciar a suas duas encantadoras acompanhantes e lhes deu de presente outra história de uma batalha em que tinha jogado o papel de herói conquistador.

A viúva muito adornada confiava em ver a senhorita Ness e à senhorita Clover nos Salões de festas alguma noite, e convidou-as a tomar o chá com ela no dito estabelecimento.

O convite incluía o barão Weston, a sua sobrinha e a sir Jonathan Smith.

Um grupo formado por três damas e dois cavalheiros retiveram o barão e ao Rachel, e o casal mais velho que conhecia os Smith do Northumberland recordou de súbito que em realidade que os ditos conhecidos se chamavam Jones; um engano compreensível por sua parte, dado que "Smith" e "Jones" eram tão parecidos que se prestavam a confusão... A partir desse momento insistiram em saber se sir Jonathan estava aparentado com algum dos Jones do Northumberland.

Justo então saiu um pequeno grupo de fiéis da abadia, onde devia haver-se celebrado um serviço matutino, que se uniu aos já congregados no pátio para fazer exatamente o mesmo que estavam fazendo eles: demorar para conversar. Um ou outro se uniu aos grupos dos que acabavam de sair da Sala da Fonte.

Entre os ditos fiéis se encontrava um cavalheiro loiro, alto e bonito, acompanhado por uma dama de cabelo claro que ia pelo seu braço. Com eles estava um grupinho de damas de idade indefinida e que escutavam extasiadas o que fosse que o cavalheiro loiro lhes estivesse dizendo.

Alleyne lançou um olhar ao Rachel e as poucas dúvidas que tinha se esfumaram assim que viu sua expressão. Tinha a vista cravada

no homem que acabava de sair da igreja e parecia muito pálida.

Desviou o olhar para o desconhecido no mesmo momento em que este percebia a presença de Rachel ou talvez da presença de seu tio. Ou de ambos de uma vez. O sorriso que esboçava se desvaneceu enquanto inclinava a cabeça e se aferrava a aba do chapéu com a mão livre a fim de despedir-se das damas em voz baixa. Em seguida deu meia volta, sem dúvida com a intenção de desaparecer sem perda de tempo.

- Deixe que eu me encarregue disto - disse o barão Weston ao Alleyne quando se aproximou deles e tomou ao Rachel pelo braço com firmeza.

Entretanto, já era muito tarde para a descrição. Phyllis acabava de localizar a sua presa e se jogou sobre ele com um grito, soltando ao general e deixando-o com a palavra na boca.

Uma vez que o alcançou, agarrou-o pelo cangote e saltou sobre suas costas, lhe rodeando a cintura com as pernas.

- Por fim o tenho! - gritou. - Rufião!

Flossie lhe pisava nos calcanhares.

- Vá, vá, pois não é o reverendo Crawley o Crápula? - perguntou-lhe ao mesmo tempo em que lhe dava um pontapé na tíbia.

Geraldine levava uma sombrinha que brandiu a modo de lança qual guerreira amazona enquanto se precipitava para ele.

- Onde está nosso dinheiro? - exigiu saber ao mesmo tempo em que o golpeava nas costelas. - Canalha sem escrúpulos! O que fez com ele? Fala de uma vez! Não fique calado!

- Por todos os Santos! - exclamou Bridget, que correu para unir-se à refrega.

- Lhe caiu o chapéu, senhor Crawley, e como alguém o pisou, parece uma pena...

Dito o que, o tirou com um tapa e procedeu a saltar sobre o caro objeto até que ficou amassado como um acordeão e cheio de pó.

Em um primeiro momento, os numerosos espectadores assistiram a essa demonstração tão vulgar em completo silêncio. Até que todo mundo se moveu e começou a falar de uma vez. O general avançou ao resgate de suas damas com a bengala no alto; a viúva se benzeu antes de levar os óculos aos olhos e procurar com o olhar alguma

amizade com quem compartilhar o delicioso escândalo; um bom número de recém chegados se congregou no pátio da abadia, saídos de Deus saberia onde; a dama do cabelo claro gritou pedindo ajuda; as quatro paroquianas que tinham saído da igreja com o casal prorromperam em alaridos, gritos e súplicas para que as quatro atacantes deixassem em paz a seu queridíssimo senhor Croyden; as atacantes não lhes fizeram o menor caso; o barão, Rachel e ele se aproximaram um pouco; e a vítima decidiu defender-se.

- Nada mais longe de minha intenção que julgar a alguém, já que tomei os hábitos do sacerdócio e portanto amo a todos os seres humanos por igual tal como o fez nosso Senhor Jesus Cristo - se arrumou para dizer ao mesmo tempo em que se esquivava da sombrinha e tirava Phyllis das costas... enquanto alguns dos espectadores vaiavam pedindo silêncio a outros, - mas estas quatro mulheres não deveriam aproximar-se nem a um quilômetro de um lugar decente. Não é apropriado. São putas!

A bengala do general foi uma arma mais efetiva que a sombrinha de Geraldine. Crawley se encolheu e grunhiu de dor quando o ancião lhe atirou um golpe no flanco.

- Jovenzinho - repreendeu-o com dureza o general, - semelhante comentário merece um encontro com pistolas ao amanhecer.

A multidão guardava silêncio, já que sem dúvida alguma não queria perder nenhuma só palavra por temor a que depois não pudesse relatar fielmente o incidente aos conhecidos que tinham tido a má fortuna de não vê-lo com seus próprios olhos.

- São! - insistiu Crawley. - Quase me arrependo de ter cultivado sua amizade em Bruxelas, onde regiam um bordel. Mas o Senhor nos ensinou a amar a todas suas criaturas... incluindo as mulheres.

- Onde está nosso dinheiro, descarado?

- É um ladrão mentiroso, isso é o que é!

- Roubou-nos o dinheiro e agora mesmo vai devolver nos até o último penny.

- E roubou as jóias de Rachel! Vou tirar lhe os olhos!

As quatro exclamaram de uma vez. Elevaram-se vozes entre a assistência, a essas alturas surpreendida e indignada, cuja simpatia

se inclinava para o bonito clérigo contra as damas que tão pouco decoro e elegância estavam demonstrando.

Nesse momento os olhos do Crawley se posaram sobre Rachel, transbordantes de malícia. Endireitou as costas, tirando Phyllis de cima com o súbito movimento, e estendeu um braço com um dedo acusador.

- E ela... - disse enquanto parte da multidão vaiava pedindo silêncio e a outra parte cravava a vista em Rachel. - Ela também o é! Não é mais que uma puta!

Embora Rachel não fosse esposa nem viúva de nenhum militar, o general bem lhe teria atijado um novo golpe com a bengala pelo insulto em um arranque de cavalheirismo. Entretanto, Alleyne chegou primeiro e o afastou com uma cotovelada. Nem sequer se parou a pensar que Crawley era quase tão alto como ele e que provavelmente pesasse o mesmo. Agarrou-o pelas lapelas da jaqueta, erguendo-o do chão.

- Como disse? - perguntou-lhe entre dentes.

Crawley tentou escapar e plantar de novo os pés no chão, mas foi em vão.

- Não ouvi sua resposta - lhe disse. - Fale. A quem se referia faz um momento?

- Não acredito que este assunto seja de sua incumbência...

O comentário fez que o sacudisse como ao rato que era.

- A quem se referiu? - repetiu.

O silêncio era tal que se teria escutado o ruído de um alfinete ao cair ao chão.

- A Rachel - respondeu Crawley.

- A quem? - insistiu ele, erguendo-o e aproximando-o um pouco mais.

- À senhorita York - emendou.

- E o que disse dela?

- Nada - respondeu Crawley gritando. Houve outra surriada de comentários que foi rapidamente sufocada pelas vaias.

- O que disse?

- Disse que ela também o é - respondeu.

- E o que é? - Aproximou a cabeça um pouco mais a do rufião de modo que seus narizes quase se tocaram.

- Uma puta - respondeu.

O murro que lhe atirou no nariz foi tão certo que teve a satisfação de vê-lo sangrar imediatamente. A dama do cabelo claro gritou. Assim como o séquito de paroquianas que os tinha acompanhado à saída da igreja.

- Talvez gostaria de retirar suas palavras - sugeriu ao mesmo tempo em que o sacudia de novo. - O que é a senhorita York?

Crawley murmurou algo com voz nasal enquanto tentava em vão levar as mãos ao nariz.

- Não o ouço! - bradou.

- Uma dama - murmura Crawley. - É uma dama.

- Ah! - exclamou. - Nesse caso, mentiu. E o que tem que a senhora Streat, da senhora Leavey, da senhorita Ness e da senhorita Clover?

- Também são damas. - O sangue emanava de seu nariz e lhe manchava a gravata branca. - Todas são damas.

- Nesse caso, todas merecem um paladín - repôs antes de lhe aticar outros quatro murros, duas com cada mão. Dois no queixo, outro mais no nariz e o último na mandíbula.

Crawley caiu ao chão sem fazer o menor esforço para defender-se. Ali ficou, apoiado sobre um cotovelo enquanto cobria o nariz e choramingava de dor.

Quase todos os espectadores se sentiram inclinados a aplaudir, inclusive a aclamar. Outros, particularmente as damas que tinham acompanhado ao casal de vigaristas, pareciam indignados e consternados, e pediam a gritos a qualquer que lhes prestasse atenção que avisasse ao oficial.

Ninguém fez conta, talvez porque não queriam perder nem um momento do espetáculo. A audiência o olhava em espera de seu seguinte movimento, compreendeu enquanto a fúria remetia um pouco e voltava a ser consciente de onde se encontrava. Virou a cabeça e cravou a vista em Rachel, que estava a escassa distância, olhando o com o rosto pálido.

Seu tio lhe rodeava os ombros com um braço.

- Bem feito, sir Jonathan - o felicitou o barão. - Por Deus! Se tivesse vinte anos menos, eu mesmo o teria moído a pauladas.

- Acredito que no Bath o conhecem como Nicholas Croyden - disse Alleyne à multidão, erguendo a voz para que todos pudessem ouvi-lo. - Em Bruxelas, antes da batalha do Waterloo, era Nigel Crawley, e no Chesbury Park e seus arredores, onde esteve pouco depois de voltar da Bélgica, se fazia chamar Nathan Crawford. Entretanto e com independência de onde se encontre, finge ser um clérigo entregue ao serviço da humanidade e das obras de caridade. Solicita doações para tais obras de caridade, inexistentes por certo, e depena a suas vítimas sem mais se lhe surgir a oportunidade.

- Não! - gritou a dama de cabelo claro. - Não é certo. Meu irmão é o homem mais carinhoso e amável do mundo.

- Vergonha deveria lhe dar! - exclamou a dama situada junto a ela, dirigindo-se ao Alleyne.

- Confiaria minha fortuna e até minha vida ao prezado senhor Croyden.

- A estas damas... - prosseguiu, apontando suas quatro amigas que pareciam estar desfrutando lindamente - roubou-lhes suas economias com a falsa promessa de ingressá-las em um banco londrino.

- E isso fiz - protestou Crawley, tentando tirar um lenço de um bolso. - Ingressei até o último penny.

- E à senhorita York roubou todo seu dinheiro - prosseguiu.

- Deu-me para que o guardasse! - disse Crawley. - E depois fugiu para voltar com essas P... com essas damas e fazer correr toda esta fileira de mentiras. Tenho-o guardado para devolver-lhe.

- São acusações muito graves, sir Jonathan - disse o general. - Talvez devesse ficar em contato com o banco de Londres onde Croyden afirma ter depositado o dinheiro.

- A senhorita York confiava nele até tal ponto - continuou Alleyne - que lhe falou da fortuna em jóias que seu tio custodiava e que lhe seriam entregues no dia de seu vigésimo quinto aniversário. Assim que Crawley pisou em chão inglês, dirigiu-se ao Chesbury Park, onde se congraçou com o barão Weston de modo que obteve um

donativo para uma de suas obras de caridade e depois retornou ao amparo da noite para roubar as jóias.

Escutou-se um coro de murmúrios irados procedente da multidão.

- Se descobrirmos alguma dessas jóias nos aposentos do Crawley - prosseguiu, - acredito que não ficará mais remédio que aceitar que é o ladrão que lhes digo que é. Tenho a intenção de acompanhá-lo aos ditos aposentos sem mais demora.

O barão Weston pigarreou.

- A senhorita Crawford, ou Crawley ou Croyden, traz um broche pertencente à coleção - afirmou.

A dama levou uma mão ao peito.

- Isso é falso! - gritou. - Está mentindo, senhor. Minha mãe me deu de presente este broche faz vinte anos.

- Irei com você, sir Jonathan - se ofereceu o general dando-se ares de importância. - Deveria haver uma autoridade presente e alheia a qualquer das partes para confirmar seus achados. E como não podemos usar o broche como prova irrefutável já que tanto lorde Weston como a senhorita Croyden afirmam ser os donos, rogo a sua senhoria que me dê uma descrição detalhada de tantas peças como possa recordar.

A emoção se apropriou de novo da multidão quando a senhorita Crawley tentou escapulir subrepticamente, e quatro damas, com Geraldine à cabeça, jogaram-se em cima com evidentes mostra de ira e uma enxurrada de insultos... embora os mais coloridos e malsoantes saíram de lábios da senhorita Crawley. Não obstante, essas foram as últimas rabadas do espetáculo.

Lorde Weston aconselhou a todo aquele que tivesse feito um donativo para alguma das obras de caridade do Crawley que reclamasse a devolução do mesmo sem perda de tempo e a aqueles que estivessem pensando em fazer um, que reconsiderassem sua decisão.

Uma das damas que tinha acompanhado ao casal ao sair da igreja deixou escapar um grito e desmaiou. Outras duas afirmaram estar dispostas a defender ao pobre homem até a morte se fosse preciso.

Enquanto isso, Rachel se tinha aproximado de Nigel Crawley, que ainda não se pusera de pé, talvez por temor a que alguém voltasse a

atirar o de um murro.

- É curioso todo o bem que pode nascer da maldade e do que parecia ser uma desgraça - lhe disse. - Graças a você e as suas maldades, senhor Crawley, descobri o verdadeiro significado da amizade, do amor e da compaixão. Espero que sua maldade e a desgraça a que agora se enfrenta acabem reportando algo bom também a você. - Uma vez dito isso, virou-se para a dama que o acompanhava. - E a você também, senhorita Crawley, embora receio muito que não será assim.

Enquanto Rachel falava, Alleyne levantou o Crawley do chão sem muita dificuldade e o obrigou a atravessar o pátio da abadia em direção à galeria porticada da entrada, onde o fez entrar em uma das carruagens que os esperavam desde que saíram da Sala da Fonte. A multidão se afastou para lhes abrir passo e a senhorita Crawley, custodiada por suas quatro guardas femininos, pôs-se a andar para a carruagem. Rachel e o barão Weston os seguiram fechando a comitiva.

- É o mais emocionante que presenciamos no Bath - escutou Alleyne que um cavalheiro dizia a outro enquanto passavam junto a eles, - desde que lady Freyja Bedwyn acusasse ao marquês do Hallmere de ser um perseguidor de mulheres inocentes e indefesas no meio da Sala da Fonte. Estava você presente aquele dia?

O comentário ficou gravado na mente sem saber por que, embora não tinha tempo para analisá-lo nesse momento. Estava muito ocupado empurrando ao Crawley para que entrasse na carruagem e fazer ele o mesmo, depois do qual teve que ajudar ao barão Weston e ao general a acomodar-se com eles.

Enquanto isso, as seis damas subiram a outro veículo, ao que parecia dispostas a acompanhá-los ao Sydney Agrada.

Rezou em silêncio para que ninguém mandasse chamar o oficial ainda.

Capítulo 21.

Rachel mal era capaz de olhar Nigel Crawley no rosto. Era muito humilhante dar-se conta de que durante um tempo o respeitou e o

admirou o suficiente para aceitar a casar-se com ele. Como tinha sido tão ingênua? Além de ser um mentiroso e um ladrão, era um covarde de tomo eombo.

Embora fosse da mesma estatura que Jonathan e ninguém o tinha retido no pátio da abadia, nem sequer tinha tentado defender-se. E, uma vez que caiu ao chão, ficou ali choramingando.

Nesse momento estava sentado em uma das cadeiras de seus aposentos, onde Jonathan o tinha deixado, com aspecto derrotado e lançando contínuos olhares pelo quarto como se estivesse procurando uma escapatória.

Seria estranho que encontrasse alguma. Geraldine, Flossie e Phyllis o vigiavam com expressão triunfal enquanto Bridget fazia o mesmo com a senhorita Crawley, que estava sentada não muito longe de seu irmão.

Seu único consolo, disse-se, era que também muitas outras mulheres e inclusive alguns homens tinham acreditado em suas mentiras... Claro que nenhuma tinha estado a ponto de casar-se com ele.

Havia uma enorme quantidade de dinheiro em seus aposentos, assim como o cofre com as jóias que tinham roubado da caixa forte da biblioteca do Chesbury Park. O tio Richard identificou todas as peças e o general Sudgen confirmou que se ajustavam à descrição que lhe tinha dado durante o trajeto até o Sydney Agrada.

O general tinha tomado o comando desde que chegaram e, em sua opinião, estava desfrutando lindamente.

Nesse instante estava sentado à mesa que havia no meio da saleta com papel, pena e tinta, objetos cedidos pela caseira, elaborando uma lista de tudo o que tinham descoberto e que não entrava na categoria de móveis nem de objetos pessoais dos dois culpados.

A lista, entretanto, adoecia de umas quantas omissões importantes. antes de sentar-se, o general tinha contado a quantidade exata que Flossie lhe havia dito que correspondia às economias de suas amigas e lhe tinha posto o dinheiro nas mãos com uma elegante reverencia militar.

Em seguida, tinha dado à Rachel a pequena quantia que tinha deixado em mãos do Nigel Crawley quando partiu de Bruxelas com ele. Também tinha devolvido ao tio Richard a quantia que tinha doado para obras de caridade, mas seu tio a tinha recusado.

Só depois disse a quão caseira mandasse chamar o oficial.

Não estava convencida de que o que tinha feito o general fosse legal. Mas ninguém discutiu com ele, nem sequer os Crawley. Além disso, era muito consciente de que se esperavam a que se fizesse justiça, podiam ir-se despedindo do dinheiro. No final de contas, o general parecia ser um homem poderoso e autoritário que prevaleceria por cima de qualquer magistrado que descobrisse o que tinha feito e tivesse a temeridade de questionar sua decisão.

- Com sua permissão, Weston - disse o general quando deixou a um lado a pena - , as jóias servirão de prova. O dinheiro não é prova suficiente de roubo já que seria quase impossível averiguar a quem pertence. Mas a presença das jóias, sobre tudo o fato de que a suspeita usava uma delas quando foi presa, será uma prova irrefutável de que são uns malfeitores e uns descarados.

Esteve a ponto de enjoar ao olhar as jóias que se amontoavam no pesado cofre. Eram muitas mais do que tinha imaginado. Seu valor devia ser impressionante, certamente que sim. Nesse preciso momento lhe ocorreu algo que a levou a cruzar a saleta e plantar-se diante do Nigel Crawley.

- Não tinha intenção de casar-se comigo, não é? - perguntou-lhe. - Teria procurado qualquer desculpa para esperar até ter ido ao Chesbury Park. Só queria que o conduzisse até as jóias.

O farsante a olhou com desdém mal dissimulado. Embora foi a senhorita Crawley quem lhe respondeu.

- Casar-se com você? - perguntou com uma gargalhada desdenhosa. - Acha que porque é loira e tem uns bonitos olhos azuis é o sonho de qualquer homem? Não se casaria consigo nem que fosse a última mulher da terra. Além disso, não poderia fazê-lo embora quisesse. Já está casado comigo.

- Ah. - Fechou os olhos. - Graças a Deus!

Bridget deu umas batidinhas, não muito suaves, no ombro da senhorita Crawley, ou melhor dizendo, à senhora Crawley ou como

se chamasse a mulher.

- Será melhor que feche a boca - lhe disse - e que fale quando lhe perguntarem.

Nesse momento a porta se abriu de repente e o sargento Strickland entrou como se lhe levasse o demônio.

- Chegou-me a mensagem - disse com a vista cravada no Geraldine - e aqui estou. De maneira que este é o malfeitor, não? - Fulminou ao Nigel Crawley com um olhar severo. - E fica sentado quando há damas presentes?

- Que damas? - murmurou o dito.

- Isso não esteve bem, moço - lhe recriminou ao mesmo tempo em que se aproximava mais a ele, - nem tampouco foi muito sensato. Em pé.

- E como! -disse-lhe Crawley.

O sargento estendeu uma de suas enormes mãos, agarrou-o pelo pescoço da jaqueta e o levantou como se não pesasse mais que um minúsculo saco de batatas.

- Chamou-nos putas, Will - disse Geraldine, - no meio do pátio que há diante da Sala da Fonte. À Rachel também. E depois sir Jonathan lhe rompeu o nariz e o atirou ao chão. Estivemos a ponto de desmaiar de alegria. Jonathan estava esplêndido enquanto lhe batia.

- Isso sim que foi uma insensatez, moço. - O sargento Strickland meneou a cabeça com tristeza enquanto olhava ao Nigel Crawley, que tentava tornar-se invisível. - Muito bem. Firmes.

O senhor Crawley o olhou sem compreender.

- Atenção!

O homem ficou firme.

- Muito bem, senhor - disse o sargento em direção ao Jonathan, - o que vamos fazer com ele?

- mandamos chamar o oficial - lhe explicou ele. - As damas já recuperaram o dinheiro e também demos com as jóias da senhorita York.

- Muito bem feito, senhor - declarou o sargento. - Nesse caso vigiarei ao prisioneiro até que chegue o oficial enquanto que lorde Weston e você acompanham às damas de volta ao hotel para que tomem o café da manhã. Vista à frente, moço!

- Ai, Will! - exclamou Geraldine. - Me dão palpitações de verte assim! Se tivesse acompanhado às tropas consigo, teria passado todo o tempo meio desmaiada e a emoção. Desde já te aviso que estou me apaixonando por você.

- Deve ser você um sargento - comentou o general com manifesta aprovação, - e dos bons, se não me engano. Seria uma honra que servisse em meu batalhão... se ainda o tivesse, claro, mas faz dez anos que minha esposa me convenceu para que me retirasse.

O sargento Strickland executou uma saudação impecável.

- Descuide, senhor - disse. - De todas formas me licenciaram depois de perder o olho no Waterloo, mas agora sou um criado de quarto... até que me centre de novo, por dizê-lo de algum jeito. Vista à frente, moço!, e que não tenha que lhe repetir isso a não ser que queira ver-me zangado.

Nigel Crawley estava de pé como um soldado em um desfile e seu aspecto era muito ridículo.

Para cúmulo, tinha o nariz como um tomate.

Rachel olhou ao Jonathan e descobriu que ele a estava olhando com expressão risonha e algo mais profundo nos olhos.

Tinham sido algumas horas muito caóticas durante as quais apenas trocaram uma palavra ou um olhar. Mas tinha sido seu paladino durante todo esse tempo. Embora aborrecia a violência, porque estava convencida de que as diferenças de opinião se podiam solucionar de forma pacífica, jamais esqueceria a satisfação que tinha sentido ao ver o nariz do Nigel Crawley jorrando sangue depois de que a tivesse insultado em público.

Se não estivesse já apaixonada pelo Jonathan, teria caído rendida a seus pés naquele preciso momento. Entretanto, sua associação estava chegando a seu fim. Não havia nada que os retivesse a seu tio e a ela no Bath uma vez detido o senhor Crawley e recuperadas as jóias. Não havia nada que impedisse ao Jonathan partir para Londres. Certamente esse seria o dia das separações.

Devolveu-lhe o sorriso e sentiu que a pena lhe inundava o coração.

Pouco depois chegaram dois oficiais e se produziu um alvoroço quando várias pessoas tentaram contar a história ao mesmo tempo.

Entretanto, a calma retornou ao pouco tempo já que partiram para levar aos prisioneiros ante um magistrado, acompanhados do general Sudgen, do sargento Strickland e das quatro damas. Bridget ficou com o Rachel em um primeiro momento, mas ao ver que estava desejando acompanhá-los, lhe disse que se fosse. Ao fim e ao cabo, contava com seu tio para guardar as aparências.

Seu tio parecia exausto de novo. Retornaram ao hotel e pediu que lhe servissem o café da manhã em seu quarto. Ela o acompanhou em todo momento, relutante a separar-se dele até assegurar-se de que estava descansando. Jonathan não foi com eles.

A única coisa que podia fazer era rezar para ter a oportunidade de despedir-se em privado. Certamente iria embora no dia seguinte... inclusive nessa mesma tarde.

Seria incapaz de suportar uma despedida em público.

Mas suportaria uma em privado?

Seu tio dormiu uma hora depois de retornarem ao York House Hotel. Assim que se convenceu de que estava dormindo, ela ficou em pé e começou a olhar as cartas que lhe tinham enviado desde o Chesbury Park.

Não havia nada mais que o retivesse em Bath. A farsa tinha chegado a seu fim assim como a caça. O ladrão que tinha causado todas as dores de cabeça de Rachel tinha sido prendido e também haviam devolvido a suas amigas o dinheiro do que ela se sentia responsável.

Não podia reclamar a glória do final feliz, mas mesmo assim era agradável saber que Rachel ia levar a vida que deveria ter estado vivendo desde a morte de seu pai. Era a senhorita York do Chesbury Park, uma rica herdeira e, o melhor de tudo, tinha a um tio que a queria como se fosse sua própria filha.

Não havia nada que o atasse.

Nenhuma desculpa de última hora.

Na noite seguinte poderia estar em Londres. E um dia depois poderia ter encontrado já a alguém que o reconhecesse ou que lhe desse alguma informação sobre sua identidade. Era uma idéia alegre e estimulante. Sem dúvida alguma quando visse um rosto que lhe

fosse familiar, reconheceria-o na hora e sua memória voltaria para ele sem mais.

Entretanto, não se sentia nem estimulado nem alegre enquanto contemplava através da janela como a repentina chuva molhava a rua.

De fato, sentia-se muito deprimido.

Rachel já não o necessitava. Não o queria. Estava com seu tio, como devia ser, e com o tempo se casaria com... Como lhe havia dito? Sim, com o tempo se casaria com o amor de sua vida.

Daria com semelhante homem. Como não ia fazê-lo? Um enxame de cavalheiros iria a ela como moscas ao mel. Poderia escolher a quem quisesse.

Decidiu que partiria assim que deixasse de chover. Se Strickland voltava logo, inclusive poderiam partir de Bath nesse mesmo dia em lugar de esperar o dia seguinte...

Desde que o sargento quisesse acompanhá-lo, é obvio. Talvez quisesse ficar com Geraldine. Por onde começaria com suas pesquisas? Perguntou-se. E que pistas tinha reunido até o momento para dar com sua identidade? Não tinha tido mais sonhos desde que sonhara com a fonte nem tinha tido a sensação de reconhecer nenhum gesto nem situação desde que se atirara de cabeça ao lago. Ao menos, não acreditava ter tido nada disso. E entretanto...

Tinha sonhado a noite anterior? Havia algo recente, algo que tinha acontecido ou que tinha sonhado.

Mas do que se tratava? Franziu o cenho enquanto se concentrava. Esperava que sua memória a curto prazo não começasse também a lhe jogar males passados.

Afastou-se da janela ao cabo de vários minutos, irritado por não conseguir nada. Ia sair, chovesse ou não.

Tornar-se-ia louco se continuasse ali encerrado. Entretanto, alguém bateu a sua porta e o distraiu.

- Adiante - disse, esperando que fosse Strickland ou uma das garçonetes que não sabia que se encontrava ali.

Era Rachel. Viu-a entrar no aposento e fechar a porta atrás de si.

- Rachel. - Sorriu-lhe. - Espero que os acontecimentos desta manhã não tenham trazido um esforço demasiado para o coração de

seu tio nem lhe tenham causado mal -estar. Deve estar muito contente de ter recuperado tudo e de que esse casal de vadios esteja bem guardados. Não voltarão a roubar a ninguém mais durante muitíssimo tempo.

- A verdade é que sim. - O problema era que estava muito pálida, disse-se. Além disso, não lhe devolveu o sorriso enquanto se aproximava dele com as mãos estendidas, embora o olhasse fixamente no rosto. - Obrigada, Alleyne. Obrigada por tudo.

A princípio, quando a tocou, achou que a sensação estranha que experimentou se devia ao frio de suas mãos. Mas também enjoou.

- Como disse? - Olhou-a sem compreender.

- Lorde Alleyne Bedwyn - repetiu ela em voz baixa.

Segurou-lhe as mãos como se estivesse afogando e ela fosse seu salva-vidas.

- Como disse? - repetiu.

- Lembra do nome? - perguntou ela.

Não, não recordo. A sua mente não soava. Entretanto, todo seu corpo reagia ao escutá-lo com algo muito parecido ao pânico.

- Onde ouviu esse nome? - Nem sequer era consciente de que estava sussurrando.

- recebi uma carta de meus antigos vizinhos de Londres - lhe explicou ela. - Me reenviaram de Chesbury Park com o correio do tio Richard. O único cavalheiro desaparecido do que se tem notícia é lorde Alleyne Bedwyn, que morreu na batalha do Waterloo, embora não encontrassem seu corpo. Minha amiga soube porque estava perto do Saint George em Hanover Square quando acabou a missa que o duque do Bewcastle organizou em memória de seu irmão e viu a multidão sair da igreja.

Alleyne Bedwyn. Bedwyn... Bedwyn.

"É o mais emocionante que presenciamos no Bath desde que lady Freyja Bedwyn acusasse ao marquês do Hallmere de ser um perseguidor de mulheres inocentes e indefesas em meio da Sala da Fonte."

Isso era o que lhe rondava pela cabeça uns minutos antes... Freyja Bedwyn.

- É você? - quis saber Rachel.

Voltou a olhá-la nos olhos sem vê-la. Sabia que o era... sabia que era Alleyne Bedwyn. Mas só seu corpo era consciente dessa verdade. Sua mente continuava em branco.

- Sim - respondeu. - Sou Alleyne Bedwyn.

- Alleyne. - Seus olhos se encheram de lágrimas e mordeu o lábio superior. - Combina muito mais que Jonathan.

Alleyne Bedwyn.

Freyja Bedwyn.

O duque do Bewcastle... Seu irmão. Só eram palavras para sua cabeça e um pânico paralisante para seu corpo.

- Deve escrever ao duque do Bewcastle imediatamente - prosseguiu Rachel com um sorriso radiante.

- Imagina quão feliz o fará a notícia, Jon... Alleyne. irei procurar papel e pena. Deve...

- Não! - recusou com brusquidão ao mesmo tempo em que lhe soltava as mãos. Separou-se dela para aproximar-se da cama e, lhe dando as costas, entreteve-se em endireitar a vela que descansava no candelabro da mesinha de noite.

- Terá que lhe dar a notícia - insistiu ela. - Deixa que eu...

- Não! - Virou-se para ela e a fulminou com o olhar. - me Deixe sozinho. Saia daqui.

Rachel o olhou com os olhos arregalados.

- Disse que saia! - Apontou a porta. - me Deixe sozinho.

Viu-a dar meia volta a toda pressa e correr para a porta. Mas não a abriu. Ficou diante dela um momento com a cabeça encurvada.

- Alleyne, não me afaste - lhe pediu. - Por favor... Por favor, não o faça.

Em seguida, viu-a virar o pescoço para olhá-lo com expressão atormentada. E soube que se ela saísse por essa porta, ele se derrubaria. Estendeu os braços para ela e se reuniram no meio do quarto, onde se abraçaram com força.

- Não me deixe - lhe suplicou. - Não me deixe.

- Não o farei. - Levantou o rosto de seu ombro, onde a tinha enterrado. - Jamais o deixarei.

Beijou-a, segurando-a contra seu corpo como se não quisesse deixá-la partir. E quando deixou de beijá-la, enterrou-lhe o rosto no

pescoço e pôs-se a chorar. Teria se afastado, horrorizado e morto de calor, mas ela o apertou com força enquanto lhe sussurrava palavras de consolo e ele continuou chorando para expulsar toda a pena que levava dentro, com dilaceradores soluços até que ficou exausto.

- Bom - disse com voz trêmula ao mesmo tempo em que se afastava um pouco para utilizar o lenço,

- já sabe que classe de pessoa é lorde Alleyne Bedwyn.

- Sempre o soube - afirmou. - Só que não sabia seu nome até hoje. É um cavalheiro que me agrada e a quem admiro e respeito. Um cavalheiro por quem sinto um grande afeto.

Guardou o lenço em um bolso e depois passou os dedos pelo cabelo.

- Albergava a esperança de que se recuperasse uma pequena lembrança - disse,

- todas outras chegariam de roldão. Mas meus piores temores se confirmaram. Esta manhã no pátio da abadia alguém pronunciou o nome de lady Freyja Bedwyn e senti como se me tivesse atravessado um raio, embora nesse momento estivesse muito ocupado para analisar a sensação. Quando pronunciou o nome de lorde Alleyne Bedwyn, soube na hora que esse era meu nome. E reconheci o nome do duque do Bewcastle. Mas o véu que oculta minhas lembranças segue aí, Rachel. Freyja... que relação nos une? Sei que estamos aparentados. Já sei quem sou. Sei que ao menos tenho um irmão mais velho. Mas é como se só fora meu corpo o que reagisse ante a verdade, como se minhas vísceras soubessem quem sou mas minha cabeça não se inteirasse ainda. Sou incapaz de recordar.

Agradeceu o silêncio de Rachel, o fato de que não tentasse consolá-lo nem lhe oferecer esperanças. limitou-se a ficar junto a ele, com uma mão em seu braço e a cabeça apoiada contra seu ombro.

Levou-a até a cama e estiveram deitados nela um bom tempo. Tinha um braço sob a cabeça de Rachel e o outro, sobre os olhos. Rachel estava de lado, encolhida contra ele, com a cabeça em seu ombro e um braço sobre sua cintura.

Sentia um imenso alívio. Era Rachel. Seu amor. Sua âncora nesse turbulento mar de águas insondáveis.

- Suponho que não muita gente pode dizer que sobreviveu a seu próprio funeral - disse.

- E devo isso a você. - Beijou-a na cabeça.

Ela se limitou a aproximar-se mais.

E então voltou a ver a fonte. Mas agora a viu diante de uma enorme mansão com uma estranha embora não desagradável mescla de estilos arquitetônicos que abrangiam vários séculos.

- Minha casa - disse. - É minha casa. - Não recordava como se chamava, mas podia vê-la. E descrevê-la à Rachel... Ao menos o exterior. Não recordava o interior.

- Já recordará tudo - assegurou ela. - Sei que o fará, Alleyne. Alleyne... Alleyne. Eu gosto de seu nome.

- Todos temos nomes estranhos. - Franziu o cenho e logo meneou a cabeça. - Acredito que foi nossa mãe quem nos pôs os nomes. Era uma leitora insaciável de romances antigos e suponho que detestava a idéia de nos chamar George, Charles ou William... Ou Jonathan.

Rachel lhe beijou a orelha.

O nervosismo se apalpava no ambiente essa noite, quando se reuniram para o jantar.

Nigel Crawley e sua esposa teriam que comparecer ante o magistrado e as damas estavam ansiosas por contar os detalhes que perderam ao retornar ao hotel. Inclusive o sargento Strickland se procurou uma desculpa para estar presente na sala e ocupava uma respeitosa posição atrás da cadeira de Alleyne, embora de vez em quando cedia à tentação de contribuir à conversa com seus extensos comentários.

As damas também estavam encantadas de ter recuperado o dinheiro, coisa que tinham acreditado impossível. Já podiam considerar-se oficialmente retiradas de sua profissão, um anúncio que se celebrou com um brinde secundado por todos os pressentes. Por fim podiam retomar seu sonho e decidir em que parte da Inglaterra queriam assentar-se para ir em busca de um edifício adequado onde abrir sua casa de hóspedes.

No dia seguinte partiriam a Londres para organizar os detalhes e fazer planos definitivos. Rachel as deixou falar até que esgotaram o

assunto de conversa. Depois olhou a todos os presentes e levou as mãos ao peito.

- Tenho algo que lhes dizer - informou.

Nem sequer o tio Richard sabia ainda. Passou-se toda a tarde dormindo. Ela mesma tinha estado toda a tarde no quarto de Alleyne. Inclusive tinha conseguido dormir. Igual a ele, por incrível que parecesse.

- Ah, sim? - replicou Bridget. - Nós já falamos o bastante, verdade? Mas não me negará que foi um dia muito emocionante...

- O que é, Rache? - perguntou Geraldine.

- Quero lhes apresentar a alguém - respondeu ela. - Alguém a quem morrem por conhecer a muito tempo. - pôs-se a rir.

Alleyne a estava olhando com um brilho intenso, quase febril, nos olhos.

Apontou-o com a mão.

- Tenho a honra de lhes apresentar a lorde Alleyne Bedwyn - anunciou, - irmão do duque do Bewcastle.

Flossie soltou um grito de alegria bastante vulgar.

- Que Deus o benza, senhor - disse o sargento Strickland. - Sempre soube que era um ricaço de verdade.

- Bewcastle? - repetiu o tio Richard, observando ao Alleyne com atenção. - Do Lindsey Hall no Hampshire? A propriedade não fica muito longe do Chesbury Park. Teria que me ter dado conta da semelhança.

- Mãe do amor formoso! - exclamou Phyllis. - Estou jantando com o irmão de um duque de verdade. Bridget, se não se importar, segure-me enquanto desmaio.

- Já dizia eu que esse nariz era aristocrático - comentou Geraldine.

- Disse ou não disse?

- Disse-o, Gerry - respondeu Flossie. - E tinha razão.

- Conhece o duque do Bewcastle e a sua família, tio Richard? - quis saber ela.

- Conheço-o de passagem - respondeu seu tio, - mas não ao resto da família. Se não me engano, há vários irmãos e irmãs, mas não conheço seus nomes. Claro que lorde Alleyne lhe poderá dizer isso.

- Ainda não recuperei a memória, senhor - assinalou Alleyne. - Só retalhos.

Produziu-se um breve silêncio enquanto outros assimilavam esse fato, mas depois ficaram a falar ao mesmo tempo, a fazer perguntas e sugestões, a oferecer palavras de consolo. Todos queriam saber como tinha descoberto lorde Alleyne sua identidade, se ainda não recordava tudo.

Foi Flossie quem sugeriu que fizessem outro brinde.

- Por lorde Alleyne Bedwyn! - exclamaram ao unísson.

Partiria o dia seguinte para o Lindsey Hall. Isso disse em resposta à pergunta que lhe fez Geraldine.

A pergunta e a correspondente resposta provocaram um novo silêncio. Percorreu com o olhar aos ocupantes da sala e descobriu que todos tinham deixado de sorrir. Possivelmente não fosse a única em sentir-se deprimida.

- Sentirei falta da cozinha do Chesbury Park - disse Phyllis - e também sentirei falta de cozinhar para sua senhoria. Acredito que estes foram os dias mais felizes de minha vida. Não, não acredito. Sei.

- Ainda não dei uma resposta ao senhor Drummond - recordou Flossie com um suspiro.

- Não me pareceu bem lhe dizer que sim quando é um cavalheiro e eu sou o que sou. Mas sabia a verdade sobre mim e disse que não lhe importava. E sinto falta dele uma barbaridade.

- Eu não acabei de organizar a casa como Deus manda - afirmou Geraldine, - nem tampouco terminei o inventário. Faria um bom trabalho como governanta se soubesse ler e escrever.

- Eu poderia ensiná-la, Gerry - se ofereceu Bridget. - Mas isso terá que esperar. Será melhor que vão a Londres sem mim. Acho que tenho que ficar com Rachel. Continua necessitando de uma dama de companhia que se faça de acompanhante e não será nenhum sacrifício voltar com ela ao Chesbury Park. Fiz amigos ali.

As outras três damas a olharam com inveja enquanto o tio Richard pigarreava.

- Necessito desesperadamente de uma governanta e de uma cozinheira - anunciou. - E receio muito que se meu administrador não

encontrar logo uma esposa decente, a solidão o fará renunciar a seu cargo. E eu não gostaria de nada que o fizesse. É um bom homem. E é evidente que Rachel vai necessitar de uma dama de companhia. Embora o último que quero é destroçar seus sonhos, se consentissem em adiá-los ou em esquecer-se deles por completo, estaria encantado de sugerir que retornássemos todos juntos ao Chesbury Park.

A gritaria foi instantânea, já que as quatro começaram a falar de uma vez. Era quase impossível distinguir os comentários de cada uma, mas ao que parecia todas estavam de acordo, Phyllis ficou em pé, aproximou-se da cabeceira da mesa e, depois de abraçar ao tio Richard, deu-lhe um beijo na face.

As gargalhadas generalizadas foram muito mais alegres que as de antes.

- Suponho, senhora Leavey - disse o tio Richard, - que pelo bem de meus vizinhos será melhor que matemos ao coronel Leavey em Paris. E também será melhor que morra pobre, o que explicaria que se veja obrigada a aceitar o posto de cozinheira em minha casa.

- E também temos que inventar uma história para Rachel - lhes recordou Geraldine.

- Suponho que teremos que dizer que a abandonou seu terrível e mulherengo marido. A menos que nos ocorra algum modo de lhe devolver o celibato para que os cavalheiros possam cortejá-la. Alguma sugestão?

Mas a ninguém lhe ocorreu nada. E o abatimento voltou a apoderar-se de todos.

Alleyne iria a Lindsey Hall na manhã seguinte.

Capítulo 22.

Alleyne não se despediu em particular de Rachel. Poderia havê-lo feito, talvez a primeira hora, se tivesse batido na porta do dormitório que compartilhava com Bridget. Estava convencido de que esta teria encontrado alguma desculpa para deixá-los a sós.

Em troca, desceu ao refeitório público do hotel para tomar o café da manhã um pouco mais cedo do que o habitual e depois saiu para

dar um passeio até que percebeu o bulício que ocasionaram as carruagens que levariam o grupo de volta ao Chesbury Park.

Na noite anterior o barão tinha decidido retornar sem perda de tempo. Supunha que estaria cheio de felicidade pelo fato de voltar com sua sobrinha, embora a companhia das outras quatro damas também devia ser motivo de alegria para ele. A vida no Chesbury Park seria muito mais alegre do que tinha sido apenas um mês antes.

Talvez tivesse surgido algo bom de seu desconjurado plano depois de tudo, pensou, embora esperava ter aprendido a lição de que as mentiras e os enganos não eram o melhor meio para conseguir um objetivo.

Tinha decidido despedir-se dos outros antes de empreender sua própria viagem. Outra tática dilatória? Perguntou-se. Não, antes do meio-dia estaria de caminho... para o Lindsey Hall, no Hampshire. A noite anterior tinha recordado que atrás da porta principal havia um magnífico vestíbulo medieval com uma galeria superior e uma persiana esculpida, com uma enorme mesa central de carvalho e com as paredes adornadas por armas e pendões.

Geraldine foi a primeira em sair. Strickland ia com ela, levando uma bolsa que devia ser da dama. O sargento mostrava uma atitude estóica e ela parecia a protagonista de uma tragédia clássica. As outras três damas saíram atrás deles e, por último, fizeram-no Rachel e Weston.

Deveria ter ido à Sala da Fonte ou, melhor ainda, a dar um longo passeio, decidiu. Despedida.

- Elas eram espantosas. Não gostavam de ninguém, embora pareciam um mal necessário.

Weston se despediu com um apertão de mãos enquanto lhe desejava um bom dia e uma boa viagem, depois do qual subiu à carruagem assistido por seu criado de quarto. Bridget o abraçou antes de seguir os passos do barão. Depois chegou o turno do Flossie e do Phyllis.

Geraldine se encontrava com o sargento junto à segunda carruagem, na qual subiu depois que o fizeram as outras duas.

E então chegou a vez de Rachel. Não o abraçou. Nem tampouco se apressou a reunir-se com seu tio e com Bridget na carruagem. Ficou um momento olhando-o, pálida, séria e sem lágrimas nos olhos, até que ele a olhou por sua vez e se arrependeu de não ter ido despedir-se a seu quarto.

Entretanto, quando seus olhares se encontraram, viu-a esboçar um radiante sorriso ao mesmo tempo em que se aproximava e estendia as mãos.

- Alleyne - lhe disse, - adeus. Que tenha uma boa viagem. E não tenha medo. Assim que chegue ao Lindsey Hall e veja o duque do Bewcastle e ao resto de sua família, recordará-o tudo. Levará um pouco de tempo, mas o conseguirá. Adeus.

Um discurso alegre, educado... claramente ensaiado.

Segurou suas mãos e se inclinou sobre elas. Levou-as aos lábios e beijou-as, primeiro uma e depois a outra. E de repente esqueceu por que deixava que o abandonasse desse modo. Claro que estava o detalhe de que não tinha nada que lhe oferecer, de que era possível que nem sequer fosse um homem livre e de que ela, depois da vida que tinha levado esses vinte e dois anos, merecia a oportunidade de ser a senhorita York do Chesbury Park, livre para desfrutar da corte de um amplo número de cavalheiros.

Era lógico que os embargasse a emoção e ficassem um pouco sentimentais em um momento como esse. Tinham passado muitas coisas juntos durante os dois últimos meses. Significavam muito um para o outro.

- Seja feliz, Rachel - lhe disse. - É a única coisa que lhe desejo.

E assim lhe soltou uma mão para ajudá-la a subir à carruagem e a observou arrumar as saias antes de fechar a portinhola, depois do que se afastou para que o veículo ficasse em marcha.

Ergueu uma mão a modo de despedida e sorriu.

A partida das duas carruagens, seguidas por uma terceira que transportava a bagagem, provocou um enorme estrépito até que a comitiva dobrou a esquina e desapareceu da vista. Os ocupantes dos veículos se despediram agitando as mãos do interior, salvo Rachel, que se manteve apoiada no assento e nem sequer olhou

para fora. Geraldine tinha baixado a janela estava agitando um lenço com os olhos cravados em Strickland. Estava chorando.

Maldição! Eu mesmo estou a ponto de chorar, pensou.

Manteve a vista afastada de seu criado de quarto.

Estava apaixonado por Rachel. Amava-a!

- Acabarei de fazer sua bagagem, senhor - lhe disse o sargento depois de soltar um fundo suspiro.

- É impossível não querê-las, não é? Têm uns corações que não lhes cabem no peito, sem importar como ganhassem a vida. Claro que não me importa. Jamais menosprezei a essas damas como fazem alguns, inclusive os que utilizam seus serviços. Todo mundo tem direito a ganhar o pão. E não posso dizer que ganhar o salário matando gente seja melhor que o que elas faziam. Ordenarei que tragam a carruagem dentro de uma hora, parece-lhe bem?

- Sim - respondeu. - Não, melhor ao meio-dia. Preciso dar um passeio para me limpar um pouco. Melhor espera a minha volta. Ao fim e ao cabo, não temos pressa, não é?

Nem sequer retornou ao hotel. Enfiou-se por Milsom Street e se dirigiu ao centro da cidade. Dali atravessou o pátio da abadia, deixou esta atrás e seguiu para o rio. Esteve um momento com a vista cravada em suas águas, mas depois seguiu caminhando pela borda até chegar à Ponte do Pulteney.

Nada mais que cruzá-lo, seguiu pelo Great Pulteney Street a passo rápido em direção aos jardins do Sydney.

A princípio seus pensamentos se centraram em Rachel. Perguntou-se onde estaria exatamente em cada momento, se estaria conversando alegremente com seu tio e com Bridget, se sentiria falta dele... se sentiria vazia sem ele.

E depois, sem prévio aviso, recordou ao Morgan. Sua irmã. A mulher que o esperava na Porta do Namur. Tinha encontrado ela atendendo aos soldados feridos quando saiu de Bruxelas e sua máxima prioridade era retornar por ela para levá-la de volta à segurança da Inglaterra.

A princípio foi incapaz de recordar que fazia Morgan em Bruxelas e por que estava na Porta do Namur.

Além disso, tampouco sabia por que partira da cidade em lugar de partir com ela para a Inglaterra sem demora. Mas então recordou que tinha dezoito anos, que tinha sido apresentada em sociedade nessa mesma primavera em Londres e que tinha ido a Bruxelas acompanhada por uma amiga e os pais desta. Não recordava seus nomes, mas que o pai ostentava o título de conde.

Justo nesse momento recordou a imagem do rosto do Morgan e deixou de caminhar para fechar os olhos. Um rosto ovalado, com olhos escuros (como o seus) e cabelo moreno. Um rosto lindo.

Era a beldade dos Bedwyn. A única que não tinha herdado o nariz da família. Quantos eram? Freyja devia ser uma. Devia ser sua irmã. O que era o que tinha escutado no dia anterior no pátio da abadia?

"É o mais emocionante que presenciamos no Bath desde que lady Freyja Bedwyn acusasse ao marquês do Hallmere de ser um perseguidor de mulheres inocentes e indefesas em meio da Sala da Fonte."

Freyja Bedwyn. O marquês do Hallmere. Hallmere.

E nesse instante recordou que estavam casados. Ele mesmo tinha assistido à bodas, celebrada não fazia muito. No verão anterior, possivelmente? E Freyja o tinha acusado de ser um perseguidor de mulheres inocentes e indefesas no meio da Sala da Fonte?

Estalou a língua, surpreendendo-se a si mesmo. Sim. Típico da Freyja. A boa do Free, baixa, apaixonada e disposta a utilizar sua afiada língua ou seus punhos, ou ambas as coisas de uma vez, a menor provocação. Recordou-a de repente. Possuía uma estranha beleza com sua ingovernável cabeleira loira, suas sobrancelhas escuras e seu proeminente nariz.

Passou horas sentado nos jardins do Sydney, observando os esquilos sem lhes prestar muita atenção, saudando com uma breve inclinação de cabeça a outros passeantes e reunindo pouco a pouco algumas peças desordenadas de sua vida. Ainda tinha lacunas imensas, mas o pânico começava a ceder. O fato de ter recordado certas coisas era garantia de que não tinha perdido a memória por completo e para sempre. O resto chegaria com o tempo. Talvez tudo.

Haveria alguma esposa oculta em alguma escura curva dessas lembranças que ainda não tinha recuperado?

Onde estaria Rachel?

Quando por fim ficou em pé para empreender o caminho de volta ao George Street e aos os York House Hotel, percebeu com surpresa e graças à posição do sol que já tinha caído a tarde.

Aonde se tinha ido o dia?

Era muito tarde para partir para o Hampshire. Esperaria o dia seguinte. Em realidade, não havia pressa.

Tinham celebrado um serviço religioso em sua lembrança em Londres. Um dia mais não lhes suporia muita diferença.

Seria incapaz de enfrentar a eles sem reconhecê-los.

Recordou os momentos que passou no dia anterior na cama, com Rachel encolhida a seu lado, enquanto assimilava a idéia de que era lorde Alleyne Bedwyn.

Sua ausência lhe provocava uma dor quase real.

Era difícil que em algum momento de sua vida se houvesse sentido tão só como nesse instante.

Rachel estava há cinco dias no Chesbury Park. Em seu lar. Essa devia ser a palavra mais maravilhosa do dicionário, pensou. Porque esse era seu lar. Poderia viver nele durante o resto de sua vida se o desejasse. Seria seu lar até depois de que a vida do tio Richard chegasse a seu fim.

Entretanto, esperava que o dito acontecimento se atrasasse muito. A viagem desde o Bath o tinha esgotado, embora não necessitara tanto tempo para recuperar-se como no trajeto de ida.

Era um homem feliz, compreendeu. E a queria. Seu lar tinha voltado para a vida de repente. Geraldine tinha sido nomeada governanta oficial e se lançou totalmente ao trabalho com uma enorme demonstração de energia. O resto da criadagem parecia apreciá-la muito, sobre tudo os homens.

Bridget já lhe estava ensinando a ler. Phyllis quase não saía da cozinha e não demorou para descobrir os pratos favoritos de seu tio para poder lhe dar o gosto cada poucos dias. O senhor Drummond tinha anunciado seu compromisso com o Flossie e tinha obtido o beneplácito de seu senhor.

Bridget tinha assumido o cuidado do canteiro da fachada principal da mansão, que estava em plena floração apesar de já estarem no fim de agosto.

E ela se mantinha ocupada lendo, costurando, bordando e fazendo companhia a seu tio. Passou toda uma tarde chuvosa na galeria dos retratos, contemplando de novo a semelhança de seus antepassados maternos e recordando o parentesco exato que os unia. Passou dez minutos observando o rosto e a figura da menina que tinha sido sua mãe. O resto das tardes esteve passeando pela propriedade, aproveitando o bom tempo, algumas vezes acompanhada por Bridget e Flossie e outras sozinha. Também passeou a cavalo seguida de um cavaleiro a certa distância, e comprovou com orgulho que era capaz de fazê-lo sozinha. Inclusive utilizou o barco em uma ocasião, embora nem se aproximou da ilha.

O tio Richard estava decidido a recuperá-se o suficiente para acompanhar a na primavera a Londres e apresentá-la rainha, depois do que fariam um baile para apresentá-la em sociedade e desfrutariam dos diferentes eventos da temporada. Tinha chegado à conclusão de que gostaria, apesar de ser um pouco mais velha, converter-se em uma debutante.

Não estava disposta a levar uma vida de reclusão pelo simples fato de ter o coração partido. Claro que essa descrição era ridícula e melodramática. Não tinha o coração partido.

Só dolorido, noite e dia. Ocupava o mesmo quarto que antes. Embora tivesse estado em uma só ocasião no dormitório do Alleyne, na noite que dormiu com ele, o silêncio e o vazio do aposento lhe pareciam opressivos. Nem sequer o tinha pisado ainda; mas isso não impedia que sentisse sua presença a todas as horas. Tomara houvesse uma porta em sua memória que pudesse fechar para manter afastadas essas lembranças.

Porque pensava nele constantemente. Perguntava-se que tal lhe teria ido em sua volta ao Lindsey Hall e tentava imaginar a cena. Como o teria recebido o duque do Bewcastle? Estaria acompanhado de algum outro membro de sua família? Teria recordado deles ao vê-los? Continuaría lutando por recuperar seu passado?

Teria descoberto que o aguardava uma esposa?

Cedo ou tarde teria notícias suas , dado que se moviam nos mesmos círculos sociais. Talvez inclusive voltasse a vê-lo; talvez na primavera. Talvez estivesse em Londres.

Embora esperasse que não fosse assim. Possivelmente ao cabo de dois ou três anos pudesse vê-lo de novo e sentir somente uma onda de afeto e alegria. Mas a primavera chegaria muito em breve. Muito logo.

Tinha saído a passear pelo perímetro do lago, ao longo de uma alameda que os jardineiros tinham capinado e destruído pouco antes. Em uma curva do caminho tinha descoberto um lugar sombreado onde sentar-se, já que o dia era bastante quente. De modo que ali estava, aspirando o fragrante perfume da vegetação estival, observando a beleza dessa zona da propriedade e contemplando o lago com os olhos entrecerrados para protegê-los do reflexo do sol. Desde esse lugar vislumbrava parte do telhado de ardósia da cabana que havia na ilha.

Ver a cabana a entristeceu e prejudicou seu bom humor. Decidiu retornar à mansão cortando em diagonal pelo prado. Estava a meio caminho quando se deteve e levou uma mão à testa para protegê-los olhos do sol. As portas principais estavam abertas, algo habitual desde que retornaram, e havia uma pessoa plantada no degrau superior. Não era seu tio. Algum cavalheiro que tinha ido de visita?

Ninguém tinha ido vê-los desde que retornaram do Bath, de modo que não se viram na necessidade de ter que oferecer uma explicação aos vizinhos a respeito de sua mudança de nome e de status.

Nesse preciso momento desceu a mão e a embargou uma poderosa emoção que lhe provocou um nó na garganta enquanto erguia as saias e punha-se a correr.

- Alleyne! - gritou com o coração transbordante de alegria e sem perguntar-se sequer que fazia ali.

Ele saiu a seu encontro, ergueu-a nos braços e deu duas voltas completas com ela no ar antes de deixá-la no chão e separar-se um pouco, o bastante para que se desse conta de que estava Sorrindo e de que a alegria iluminava seu olhar.

- Posso supor que se alegra de ver-me? - escutou-o perguntar. - É uma alegria para a vista, Rachel, embora eu gostasse de ser capaz de lhe dizer isso de outro modo em lugar de recorrer a esse clichê gasto. Senti falta de você.

Sem saber como, encontrou-se olhando para a janela do dormitório de seu tio por cima do ombro de Alleyne.

Estava-os observando sentado em sua poltrona. Alleyne percebeu e também olhou enquanto ela se afastava um pouco.

- Não estava quando cheguei - disse. - estive falando com seu tio.

- Mas o que faz aqui? - quis saber. Uma vez passada a incontida alegria inicial se arrependia de ter voltado a vê-lo. O sofrimento que tinha padecido esses últimos cinco dias reapareceria quando partisse. - Como é que sua família permitiu que a abandonasse tão cedo? foi um reencontro feliz, Alleyne? Reconheceu a todos? Recordou-o tudo?

Aproveitou cada palavra que pronunciava para deleitar-se com sua imagem, como se o tivesse esquecido e tivesse que gravar todos os detalhes em sua memória para o futuro. Não levava chapéu.

A leve brisa lhe alvoroçava o cabelo e erguia a rebelde mecha que, como de costume, caía-lhe sobre a fronte.

- Não fui vê-los - respondeu.

- Como? - perguntou-lhe, assombrada.

- Sou o maior covarde do mundo, Rache - afirmou. - Fiquei no Bath, me aferrando a qualquer desculpa para demorar minha partida uma hora mais ou outro dia mais. Não podia enfrentar a eles até ter recordado tudo ou, ao menos, até ter recordado o suficiente para não ficar ali plantado como um idiota depois de ter batido na porta do Lindsey Hall perguntando se havia alguém que me reconhecesse.

Inclinou a cabeça e o puxou pelas mãos de modo instintivo.

- E recuperou a memória? - perguntou-lhe.

- O bastante para que não me entre o pânico - respondeu ele. - Cada dia recordo algo novo. Já não tenho nenhuma desculpa para demorar a viagem ao Lindsey Hall. E agora estou desejando ir. É quase o que mais desejo na vida.

- E, em troca, veio ao Chesbury Park. - Olhou-o com expressão interrogativa.

- Tremem-me os joelhos cada vez que penso em voltar - confessou, Sorrindo de novo, - em me plantar diante do Bewcastle ou de qualquer outro membro de minha família e lhes anunciar que seu irmão retornou de entre os mortos. Acredito que uma das piores experiências que sofri durante os últimos dias foi descobrir que tinham celebrado um serviço em minha memória, que tinham celebrado uma espécie de funeral, só que sem corpo. Saber que me deram por morto quando estava vivo... Não, não sei te explicar o que se sente, Rachel.

Apertou-lhe as mãos com força.

- Não posso ir se você não for comigo - disse. - Não me diga que não soou pusilânime... O antigo Alleyne Bedwyn jamais haveria dito algo assim nem se haveria sentido intimidado até esse ponto. Era um homem arrogante, despreocupado, independente e resistente. Mudei muito desde aquele tempo. Não posso fazer isto sem você, Rachel. Virá comigo?

- Ao Lindsey Hall? - perguntou-lhe com os olhos como pratos.

- Se não por outros motivos - respondeu, - ao menos porque você me salvou a vida, Rache. Bewcastle querará agradecer-lhe. Se não me acompanhar, virá ao Chesbury Park, asseguro-lhe, e essa sim que será uma experiência aterradora para você. Sua arrogância é legendaria.

Disse-o com um sorriso, mas percebeu que não era alegre muito menos. Necessitava-a com desespero.

- Irei com você - aceitou - se o tio Richard me der permissão.

- Já o tem - lhe assegurou Alleyne. - E Bridget aceitou vir também. Mas só se você aceitar me acompanhar por sua própria vontade. Posso fazê-lo só se não ficar outro remédio, Rachel.

Faltaria mais. Mas preferiria fazê-lo consigo.

Observou como levava uma de suas mãos aos lábios para beijá-la e lhe sorriu.

- Há uma coisa que deveria saber, Rachel - seguiu. - Não estou casado. Não há nenhuma esposa e não tenho nenhum filho. Não há nenhuma noiva, nem estava apaixonado.

Afastou o olhar dele e sentiu como começava a nascer uma dolorosa esperança. Por que havia voltado? Por que era tão

importante para ele que o acompanhasse ao Lindsey Hall? Só porque lhe tinha salvado a vida?

- Quero que me conte tudo o que tem feito estes últimos cinco dias
- lhe disse Alleyne.

- Tem certeza que foram só cinco? Pareceram-me uma eternidade. E quero lhe contar tudo o que recordei. Quero lhe falar de mim. Damos um passeio?

Assentiu com a cabeça e aceitou o braço que lhe oferecia enquanto se perguntava se o sol lhe teria afetado a mente de algum modo. Era real todo aquilo? Claro que o braço ao que se aferrava era de carne e osso, e também percebia o calor que irradiava seu corpo. Se quisesse, poderia fechar os olhos e apoiar a cabeça em seu ombro.

Era real e estava ali. E não estava casado!

Caminharam sem rumo fixo. Rodearam a casa e atravessaram o prado, cuja erva tinham cortado desde aquela manhã em que saíram a cavalgar pela primeira vez, embora as margaridas, os ranúnculos e os trevos florescessem de novo em qualquer parte.

Falou da volta ao Chesbury Park e também dos últimos dias porque seu interesse parecia genuíno. Enquanto o fazia, esses olhos escuros se mantiveram cravados em seu rosto e escutou suas gargalhadas quando lhe contou seus passeios a cavalo e em barco.

- Espero que esteja tão orgulhosa de você mesma como o estou eu - lhe disse. - Converteu-se em uma intrépida dama rural.

Certamente que estava orgulhosa de seus lucros.

- Mas ainda não aperfeiçoei a arte de me pôr em pé sobre um cavalo enquanto faço girar uns quantos aros - confessou.

- Recorda que o cavalo tem que estar galopando - declarou ele, fazendo com que ambos explodissem em gargalhadas.

Entretanto, foi Alleyne quem levou o peso da conversa, porque havia muitas coisas que ela queria saber e outras muitas coisas que ele estava ansioso por lhe contar.

O duque do Bewcastle era um homem poderoso por cujas veias corria a arrogância aristocrática desde que nasceu. Regia seu mundo como um déspota, embora não precisava recorrer à violência para

fazer-se obedecer; bastava-lhe arquear uma sobrancelha e erguer seu monóculo. chamava-se Wulfric.

O segundo irmão era Aidan e até há um ano tinha sido coronel de cavalaria. Vendeu o cargo quando contraiu matrimônio no ano anterior e se estabeleceu na propriedade rural de sua esposa com seus dois filhos adotivos. Depois havia Rannulf, a quem estavam acostumados a chamar Ralf, que parecia um guerreiro vikingo e que estava casado com uma ruiva espantosa (essas foram suas palavras exatas). Freyja, a dama a que fizeram referência no Bath, era a mais velha de suas duas irmãs, uma mulher de forte temperamento, casada com o marquês do Hallmere que por alguma misteriosa razão era capaz de lutar com ela sem que parecesse arder em desejos de estrangulá-la dia sim e dia também. Por último havia Morgan, a caçula da família, que só tinha dezoito anos.

- Ela é a dama que me estava esperando na Porta do Namur - lhe explicou. - A dama do sonho. Sua dama de companhia não a levou da cidade apesar de que o perigo era iminente e ainda por cima lhe permitiram sair a atender aos feridos no dia que se travou a batalha do Waterloo. Tinha prometido ao Bewcastle que lhe daria uma olhada, embora não tivesse ido a Bruxelas sob minha tutela.

Estava desesperado por retornar a procurá-la.

- Qual era seu regimento? - quis saber.

- Ah! - exclamou. - Deveria ter começado por aí. Não sou militar. Ia ser diplomata. Era um agregado da embaixada de La Haja, às ordens de sir Charles Stuart. Tinham-me enviado ao fronte com uma carta para o duque do Wellington e retornava a Bruxelas com sua resposta. Essa era a ditosa carta que não deixava de aparecer em meus sonhos. Mudei tanto, Rachel... Seria incapaz de retomar essa vida, embora pusessem a embaixada a meus pés. Tinha demorado cinco dias em recordar tudo isso e, tal como lhe havia dito antes, ainda ficavam algumas lacunas que o intrigavam e que prosseguiram obrigando-o a esforçar-se por recordar.

- Mas o que mais sinto falta são os sentimentos - lhe confessou, - por chamá-los de algum jeito. Reconheço todas essas coisas sobre minha família, minha vida e sobre mim mesmo, mas com desapego, como se esses detalhes pertencessem à vida de outra pessoa. Sinto-

me desligado, como se não tivesse nada que ver comigo. E quase me envergonha retornar, porque tenho a sensação de que deveria me desculpar por não ter morrido.

Segurou-lhe a mão que descansava em seu braço e a partir desse momento seguiram caminhando com as mãos entrelaçadas.

- Note - lhe disse. - chegamos ao limite do arvoredo e não deixei você colocar palavra. A incapacidade de manter uma conversa educada deixa a um cavalheiro em muito mau lugar.

- Isto não é uma conversa educada, Alleyne - o repreendeu. - Sou sua amiga e o aprecio.

- Sério? - Olhou-a com um sorriso. - sério, Rache? Meu comportamento foi um pouco egoísta, não lhe parece?

- Mas por uma boa razão - assegurou. - Embora acredite que lhe parece isso porque passou cinco dias dando voltas a seus pensamentos e a suas lembranças sem nada mais que fazer. Antes tinha passado todo o tempo concentrado em me ajudar, embora não escolhemos a melhor maneira que digamos. E depois se converteu em meu paladino enfrentando a Nigel Crawley. Às vezes acredito que deveria me remoer a consciência quando me emociono ao recordar que o atirou ao chão de um muro e começou a lhe sangrar o nariz. Mas me passa logo.

- Vamos ao arroio? - sugeriu.

Fazia calor sob as árvores, mas a posição do sol deixava em sombra a rocha plana em que se sentaram aquele dia. Voltaram a acomodar-se nela. Alleyne deitado de lado e ela com as pernas dobradas enquanto abraçava os joelhos.

- Sou poderoso e rico por nascimento - continuou ele. - Coisa que não tem por que ser boa, embora suponha que é preferível a nascer no seio de uma família pobre como os ratos. Possuo uma fortuna que me permite ser independente. Não tinha por que procurar emprego porque não me fazia falta trabalhar. Mas era um homem inquieto, sem objetivos na vida, negligente e cínico a quem não importava nada nem ninguém. Recordo-o muito bem. Mas também recordo que havia um vazio em minha vida. Pensei em me dedicar à política mas acabei me decantando por uma carreira diplomática.

Suponho que me pareceu mais emocionante.

- Mas não a retomará - aventurou.

- Não - confirmou, meneando a cabeça. - Sou da terra. Agora sei. É estranho... Lembro que Ralf também descobriu o ano passado quando estive de visita em casa de nossa avó, onde agora vive. Valha-me Deus! Acabo de recordá-la. A minha avó. A mãe de minha mãe. Vive no Leicestershire. É uma mulher diminuta e de aspecto frágil. Aidan também descobriu seu vínculo com a terra quando decidiu abandonar o exército e viver com o Eve no campo. Possivelmente quando nos despojamos das travas impostas pelo dinheiro e o poder, isso é o que somos os Bedwyn. Uma família vinculada à terra, aos prazeres simples da vida. E ao amor. Viu que tinha o olhar cravado na água e os olhos entrecerrados.

Nesse momento se perguntou se algum dia, quando estivesse sozinha, sentaria-se ali mesmo e recordaria esse instante. Ou se... percebeu que a estava olhando.

- Isso, certamente que sim - reiterou, embora não o disse como se acabasse de descobri-lo. Parecia que tivesse meditado a respeito com antecedência, mas ao mesmo tempo acabasse de aplicar-lhe a si mesmo. - É o amor o que marca a diferença. Poderia dizer-se que perder a memória foi o melhor que pôde me acontecer, porque me desvinculou por completo de meu passado e me brindou a oportunidade de começar de novo, de voltar a cometer os mesmos enganos para aprender a lição correta nesta ocasião. Mas só pude aprendê-la porque existe uma nova dimensão em minha vida, uma dimensão que nunca tinha experimentado com antecedência, uma que tem suposto uma grande diferença.

Sem afastar os olhos dele, apoiou o rosto nos joelhos.

- Sempre foi uma tradição familiar - seguiu Alleyne - que nos casemos tarde, mas que quando o fizermos seja por amor. Espera-se que um Bedwyn seja fiel a seu cônjuge, até no caso dos mais descarados. O ano passado vi como acontecia ao Aidan, Ralf e Freyja, mas não terminei por acreditar nisso. Não as tinha todas comigo. Em realidade não o entendia. E agora sim.

Abraçou-se as pernas com força quando viu que esse sorriso se alongava.

- Sei que está desfrutando da liberdade pela primeira vez em sua vida, Rachel - afirmou. - E que pela primeira vez está ocupando a posição que pertence por direito. Não me deve nada, mas bem justamente o contrário. E embora o amor se centre em uma pessoa em concreto, naquela da qual estamos apaixonados, não é um sentimento possessivo nem implica dependência. Não quero que se sinta apanhada, nem que se deixe levar pela compaixão. Se tiver que viver sem você, farei-o. Irei sozinho ao Lindsey Hall se isso for o que deseja. Ah, já apareceu a covinha! Disse algo engraçado?

- Não - respondeu. - Mas fala muitíssimo, Alleyne. Deve ter lhe contagiado o sargento Strickland.

Seguiu olhando-o enquanto ele ria a gargalhadas, surpreendida de que um homem tão bonito e encantador que tinha levado uma vida de poder e privilégios, que obtinha todos os caprichos que desejava muito, a cujos pés caíam rendidas todas as damas com um simples sorriso, sentisse-se tão inseguro a seu lado para dar tantos rodeios.

- Sim - disse.

- Sim? - repetiu Alleyne, arqueando as sobrancelhas com esse gesto arrogante tão dele.

- Sim, casarei-me com você - esclareceu. - E como agora me diga que não era aí aonde queria chegar com tudo esse bate-papo, atirarei-me ao arroio e chegarei até o lago para me afundar no esquecimento. Era isso o que queria me perguntar?

Olhou-o com expressão horrorizada e com as faces acesas como se o sol lhe estivesse dando na cabeça.

Alleyne riu de novo, endireitou-se e, depois de tomar o rosto entre as mãos, beijou-a.

- Não - respondeu. - Mas não é uma má idéia, não é verdade?

Sua resposta lhe fez dar um grito ao mesmo tempo em que o afastava com um empurrão.

Ele a segurou de novo, mas dessa vez pelo queixo, e voltou a beijá-la.

- De fato - prosseguiu, - é uma genialidade, Rache. Quer se casar comigo, meu amor? Porque isso é o que é. É minha vida, a nova vida que lavrei, e embora possa viver sem ti, prefiro não fazê-lo. Quer se casar comigo?

Em lugar de responder, beijou-o nos lábios.

- Isso é um sim, Rache?

- Sim - respondeu.

Viu-o afastar-se e sorrir, mas nessa ocasião não havia nem pingo de malícia em sua expressão. O que havia nas profundidades desses olhos a deixou sem fôlego. Ergueu uma mão, que lhe tremia sem razão aparente, e a colocou em uma de suas faces.

- Quero-a - confessou. - Se tivesse que fazê-lo, poderia levar uma vida produtiva e feliz aqui no Chesbury Park, só salvo pela companhia de meu tio e de minhas amigas. Mas preferiria que você vivesse comigo, meu amor.

Trocaram um olhar transbordante de assombro e um tanto risonho.

- Estive falando com seu tio antes de sair para buscá-la - disse Alleyne. - As proclamas estarão prontas no próximo domingo e inventaremos algum conto para os vizinhos. Deixaremos que Strickland e as damas improvisem uma explicação muito emocionante e rocambolesca. Mas falta um mês até que nos casemos e possa te levar a tálamo nupcial. É capaz de esperar tanto?

Negou com a cabeça enquanto mordida o lábio inferior.

- Boa garota - replicou ele, lhe colocando uma mão na nuca. - Eu tampouco.

Beijou-a de novo e puxou-a enquanto se deitava na morna superfície da rocha. Provavelmente não fosse o leito mais fofo do mundo, mas entregues como estavam nos prazeres sensuais, não repararam em nenhum desconforto.

Entretanto, não foi um momento irrefletido. Ela era muito consciente de que poucas horas antes tinha estado convencendo-se de que poderia chegar a sentir-se satisfeita sem ele. De que alguns anos possivelmente pudesse vê-lo sem sentir essa dor que a embargava. E também era muito consciente do calor, da agitação da água e dos gorjeios dos pássaros.

Fizeram amor com paixão, frenesi e desejo. Depois, Alleyne lhe passou um braço sob a cabeça e descansaram o um junto ao outro, acalorados, ofegantes e relaxados, contemplando as copas das árvores e sorrindo de vez em quando.

- Como soube que estava vivo? - perguntou-lhe.
- Toquei-a - respondeu. - Toquei a face e a notei morna. E depois lhe toquei o pescoço e encontrei o pulso.
- Deu-me a vida - lhe assegurou. - Uma vida nova. Já o disse desde o começo, não é verdade que sim? Que tinha morrido e estava no céu, onde me aguardava um anjo loiro.
- Mas essa foi à segunda versão - lhe recordou ela. - Na primeira afirmava ter descoberto que o céu era um bordel.
Alleyne soltou uma gargalhada enquanto virava para colocar-se sobre ela e voltar a deixá-la sem fôlego com seus beijos.

Capítulo 23.

Alleyne tinha decidido que o melhor seria chegar pela manhã ao Lindsey Hall. Era mais provável que Bewcastle se encontrasse em casa a essa hora... se estivesse em casa, é claro. Mas como estavam no fim de agosto, seria estranho que estivesse em Londres.

Passaram a noite em uma estalagem a vários quilômetros da propriedade porque não queria que o reconhecessem, e reemprenderam o caminho novamente depois do café da manhã. Rachel e ele, porque Bridget ficou na estalagem.

Já estava bem entrada a manhã desse ensolarado dia quando a carruagem se aproximou da mansão.

Reconheceu o lugar assim que o veículo entrou na reta avenida de entrada ladeada de olmos qual soldados em um desfile. Aproximou o rosto à janela para ver a mansão ao longe, diante da qual estava o jardim circular com a fonte no centro.

Tomara não tivesse tomado o café da manhã, porque a comida não lhe tinha sentado muito bem.

Embora poderia limitar-se a dar meia volta e sair correndo para não voltar nunca, pensou.

Essa relutância a voltar para o lar, a plantar-se diante do Bewcastle era absurda. Era absurdo sentir-se na obrigação de seguir morto porque celebraram um funeral em sua lembrança.

Deveria haver escrito ao Bewcastle antes de nada, tal como Rachel quis que fizesse no Bath. Entretanto, nesse momento sentiu

a cálida mão de Rachel na sua e se virou para lhe sorrir.

Ela se manteve em silêncio, bendita fosse. Limitou-se a olhá-lo com tanto amor nos olhos que se tranqüilizou na hora. Sua antiga vida se abateu sobre ele (a carruagem estava rodeando a fonte), mas o acompanhava sua nova vida... e nada voltaria a ser igual. Nada nem ninguém seria mais importante que Rachel.

Desceu de um salto assim que a carruagem se deteve e o cocheiro abriu a portinhola. Virou-se, ajudou Rachel apear-se e a puxou pelo braço. Não foi preciso que batesse na enorme porta de dupla folha porque em seguida se abriu e apareceu o mordomo do Bewcastle. O homem se afastou para fazer uma reverência formal com algo parecido a um sorriso no rosto. E então o olhou no rosto.

O sorriso desapareceu ao ficar boquiaberto e muito pálido.

- bom dia, Fleming - o saudou. - Está Bewcastle em casa?

Fleming não levava quinze anos como mordomo do Bewcastle em balde. repôs-se da surpresa com uma rapidez admirável.

Enquanto isso, ele ajudou ao Rachel a subir os degraus e a convidou a entrar.

- Neste momento não se encontra em casa - respondeu Fleming.

Ficou plantado assim que pôs um pé no interior. O vestíbulo medieval, uma de suas primeiras lembranças, estava preparado para celebrar um banquete. Os criados transportavam tirando pratos, colocando flores, endireitando cadeiras... mais de um ficou pasmado olhando-o até que Fleming os repreendeu com um gesto e retomaram seus afazeres imediatamente.

- Sua excelência está... - começou o mordomo.

Interrompeu-o com um gesto da mão.

- Obrigado, Fleming - disse. - Voltará logo?

- Sim, milord - respondeu.

Estavam a ponto de celebrar um acontecimento importante com grande pompa. Na mansão havia uma sala de jantar formal. O vestíbulo só se utilizava para os eventos mais incomuns e festivos. O último foi as bodas de Freyja.

Um casamento?

O do Bewcastle?

Entretanto, não pensava tomar o caminho fácil e perguntar ao Fleming. ficou onde estava, olhando a seu redor, mais agradecido que nunca pelo silencioso consolo de ter Rachel a seu lado, agarrada em seu braço.

Acreditavam-no morto. Tinham celebrado uma espécie de funeral em sua memória. E depois a vida tinha seguido seu curso. Esse dia, apenas dois meses e meio depois do Waterloo, tinha lugar um acontecimento bastante importante para celebrá-lo muito bem.

Perguntou-se se sentia doído. Como era possível que a vida seguisse como se ele alguma vez tivesse existido? Claro que era impossível que a vida tivesse detido seu curso durante mais de dois meses.

Não o tinha feito em seu caso. Sua vida tinha continuado; de fato, tinha a impressão de ter vivido mais, de ter amadurecido mais ao longo desses dois meses do que o tinha feito nos vinte e seis anos de vida.

Tinha encontrado Rachel. Tinha encontrado a satisfação, a felicidade e tinha lançado raízes. Tinha encontrado o amor.

Olhou-a.

- É grandioso - disse ela. - Não tenho palavras.

Abriu a boca para falar, mas nesse momento escutaram algo a pesar do bulício que reinava no vestibulo...

O ruído dos cascos de cavalos no caminho e o som das rodas de uma carruagem.

Fechou os olhos um instante.

- Ficarei aqui - disse ela. - Saia você sozinho, Alleyne. Precisa fazê-lo sozinho.

Depois o recordará como um dos dias mais felizes de sua vida. Coisa que lhe parecia pouco provável porque continuava com a sensação de estar a ponto de vomitar e já tinham passado várias horas do café da manhã. Entretanto, sabia que Rachel tinha razão.

Tinha que fazê-lo sozinho.

Saiu ao terraço.

A carruagem era um cabriolé ocupado por duas pessoas, um homem e uma mulher. Percebeu que estavam abraçados e beijando-se, alheios a qualquer um que os observasse da mansão, ao mesmo

tempo em que via as fitas de cores e as botas velhas atadas à parte traseira do veículo. Era uma carruagem adornada para um casamento. A do Bewcastle?

Entretanto, quando a carruagem tomou a curva da fonte e o casal se separou, deu-se conta de que o homem não era Bewcastle. Era... Valha-me Deus! Pensou. Era o conde do Rosthorn! O homem que tinha organizado o jantar campestre no bosque do Soignes que tinha comentado com o Rachel.

O homem que tinha estado revoando ao redor de Morgan com escassa discrição. As lembranças o assaltaram de repente e desapareceram com a mesma rapidez. Porque só tinha olhos para a mulher, para a noiva... Morgan, muito elegante de branco e lavanda.

Era incapaz de pensar. Mal podia respirar.

Morgan o olhou com expressão radiante e risonha quando o cabriolé se deteve...

Momento no qual o sorriso desapareceu, ficou pálida e ficou em pé com dificuldade.

- Alleyne - murmurou.

Ele tinha tido algumas semanas para fazer idéia. Entretanto, duvidava muito que a impressão que sentia não fosse tão forte como a de sua irmã. Separou os braços e Morgan se lançou para eles sem abrir a portinhola do cabriolé. Estreitou-a com força um bom momento. Nem sequer tinha deixado que pusesse os pés no chão.

- Alleyne, Alleyne. - Sussurrava seu nome uma e outra vez em lugar de gritá-lo, como se não confiasse no que seus sentidos lhe transmitiam.

- Morg - disse quando por fim a deixou no chão. - Não podia perder seu casamento, não é verdade? Bem, pelo menos o banquete. Assim se casou com Rosthorn...

O conde desceu da carruagem de um modo mais convencional, mas Morgan continuava presa a ele e o olhava no rosto como se fosse incapaz de deixar de fazê-lo.

- Alleyne - repetiu em voz alta. - Alleyne.

Talvez necessitasse de uns minutos mais para recuperar-se e dizer algo mais que seu nome.

Mas os noivos não tiravam muita vantagem à comitiva nupcial. Todo um desfile de carruagens avançava pela avenida. O primeiro já estava rodeando a fonte para deter-se no lugar onde o tinha feito o cabriolé, que já tinha desaparecido.

Tudo ia sair bem, pensou. A desconfiança, o desapego, a desconexão com suas lembranças...

Tudo tinha desaparecido assim que abraçou Morgan. Tinha retornado ao lar onde crescera e, por uma estranha coincidência, tinha-o feito durante um alegre acontecimento familiar; um acontecimento no qual todos estariam presentes.

Olhou com certa ansiedade em direção à carruagem que se deteve e viu sua avó com Ralf e Judith, com quem também viajava Freyja e Hallmere. Por estranho que parecesse e apesar de que tanto Freyja como sua avó olharam com ternura ao Morgan, ninguém reparou nele. Ralf desceu da carruagem de um salto e se virou para ajudar a sua avó, mas Morgan o chamou. Seu irmão a olhou por cima do ombro com um sorriso deslumbrante... e ficou gelado assim como acontecera ao Morgan pouco antes.

- meu deus! - exclamou. - meu Deus! Alleyne!

E depois de deixar que sua avó se arrumasse sozinha, cruzou a distância que os separava e se jogou sobre ele com um grito para lhe dar um abraço que o esmagou.

Produziu-se um verdadeiro escândalo e muita confusão, já que o estranho comportamento de Rannulf alertou a todo mundo e o homem a quem abraçava com tanto entusiasmo se converteu no centro de atenção. Também houve muitos abraços, exclamações, perguntas e alguma ou outra lágrima.

Abraçou a sua avó com muito cuidado. Estava mais frágil que nunca, pensou enquanto lhe dava uns tapinhas na face com uma mão ossuda sem dar crédito ao que via.

- Querido - disse - está vivo.

Só Freyja se manteve à margem do alvoroço, embora outros se afastassem para lhe deixar passagem.

Estava olhando com altivez, mas sua palidez era evidente. aproximou-se caminhando a grandes passadas, de modo que

estendeu os braços para recebê-la; mas em lugar de abraçá-lo, jogou o braço direito para trás e lhe atirou um bom murro no queixo.

- Onde esteve? - exigiu saber. - Onde esteve? - Jogou-se sobre ele, com a cabeça encurvada, e o abraçou com tanta força que o deixou sem respiração. - vou fazê-lo em pedaços com minhas próprias mãos. Juro isso.

- Free - lhe disse, ao mesmo tempo em que movia a mandíbula, - já sei que está de brincadeira. E embora o dissesse a sério, não a deixaria. Hallmere me protegerá.

Eve e Aidan chegaram de repente com os meninos na segunda carruagem, e os dois pequenos se aproximaram correndo e gritando enquanto Eve o olhava sem mover-se, com as mãos sobre a boca e os olhos arregalados. Aidan seguiu a seus filhos imediatamente.

- Alleyne, Por Deus, está vivo! - exclamou, declarando o evidente ao mesmo tempo em que o abraçava.

Não acreditava ter recebido tantos abraços em toda a vida.

Pôs-se a rir e ergueu as mãos para tentar sossegar a chuva de perguntas.

- Depois - lhes disse. - Deixe-me desfrutar um pouco mais de vê-los todos juntos e me dêem uns minutos para me recuperar do murro da Freyja. Esse seu braço continua sendo letal, Free.

Viu o tio e à tia Rochester desembarcando de uma carruagem com outras duas damas a quem não conhecia, e a surpresa que mudou o altivo e aristocrático rosto de sua tia foi quase cômica. Onde estava Bewcastle?

E então o viu. Estava no terraço, um pouco afastado do resto, e sua presença era tão poderosa que os outros pareceram perceber e se separaram dele ao mesmo tempo em que deixavam de falar. Ainda havia barulho, é claro, provocado pelos cascos dos cavalos, pelas rodas das carruagens. As vozes, a água da fonte... Mas em seus ouvidos não havia mais que um silêncio absoluto.

Bewcastle já o tinha visto. Esses olhos cinza e penetrantes de expressão inescrutável o olhavam fixamente. Viu-o aproximar a mão para o cabo do monóculo de ouro e pedras preciosas que sempre levava quando se vestia de gala e uma vez que o agarrou, ergueu-o com esse gesto tão habitual, e o deixou a meio caminho do olho.

Porque pôs-se a andar pelo terraço com uma rapidez inusitada e não se deteve até que o teve abraçado com força sem mediar palavra.

Um abraço que se prolongou todo um minuto e durante o qual Alleyne apoiou a cabeça no ombro de seu irmão e sentiu que por fim estava a salvo.

Foi um momento extraordinário. Mal era um menino quando seu pai morreu, e Wulfric só contava com dezessete anos. Jamais o tinha considerado uma figura paterna. De fato, em muitas ocasiões lhe incomodava a autoridade que seu irmão exercia sobre eles fazendo demonstração de uma inquebrável severidade, além de uma aparente insensibilidade e de uma evidente falta de senso de humor.

Sempre tinha acreditado que seu irmão mais velho era frio, insensível e totalmente auto-suficiente. Um bloco de gelo. E, entretanto, foi nos braços de Wulf onde experimentou as boas-vindas finalmente.

Por fim se sentia total e completamente querido.

Foi um momento muito extraordinário, sem dúvida alguma.

Tentou conter as lágrimas, porque se sentiu envergonhado de repente. Menos mal que não tinha cedido ao constrangedor impulso de voltar a chorar, porque Bewcastle se separou dele e voltou a lançar mão do monóculo. Talvez ele também estivesse envergonhado depois de ter protagonizado semelhante cena em público. Entretanto, tinha recuperado sua habitual atitude, ativa e desapaixonada.

- Alleyne - lhe disse, - não me cabe a menor dúvida de que está a ponto de nos explicar esta prolongada ausência.

Alleyne sorriu e depois soltou uma gargalhada.

- Quando tiverem algumas horas livres - replicou enquanto os olhava a todos... a sua família, e aos conhecidos que continuavam chegando junto com outros convidados que não conhecia.

- Porque parece que minha chegada roubou protagonismo à noiva, algo imperdoável. Mas devo lhes pedir que me concedam um pouco mais de tempo.

Olhou para a porta aberta da mansão e viu Rachel do outro lado, entre as sombras. Sorriu-lhe enquanto se aproximava dela e lhe estendia a mão. Sabia que estava aterrada, mas mostrou uma

aparência sossegada quando aceitou a mão e se deixou guiar para os outros.

Estava linda, pensou, embora o vestido de viagem verde claro e o chapéuzinho combinando não podiam competir com os ornamentos dos convidados à bodas.

- Tenho a honra de lhes apresentar Rachel York - disse ao mesmo tempo em que se virava de novo para sua família, - sobrinha e herdeira do barão Weston do Chesbury Park, no Wiltshire, e também minha noiva.

Produziu-se um novo alvoroço enquanto Rachel sorria, radiante e ruborizada.

Entretanto e como era de esperar, foi Bewcastle quem teve a última palavra.

- Senhorita York - a saudou enquanto executava uma rígida reverência, - conheço seu tio. Bem-vinda ao Lindsey Hall. Não me cabe a menor duvida de que Alleyne nos dará de presente inumeráveis histórias dentro de algumas horas e nos próximos dias. Mas esta manhã temos um casamento para celebrar, convidados para atender e um banquete que nos aguarda.

O conde e a condessa do Rosthorn abrirão a comitiva para a casa.

O conde e a condessa de...

Estava se referindo à Morgan que, depois de ter se reposto de vê-lo retornar de entre os mortos, olhava com um sorriso radiante a Rosthorn... quem por sua vez a olhou com evidente adoração enquanto lhe oferecia o braço.

Wulfe fez uma reverência à Rachel e fez o mesmo.

Rachel tinha razão, pensou Alleyne quando sua avó aceitou seu braço e Freyja se aferrou ao outro como se não quisesse soltá-lo jamais. Sem dúvida alguma recordaria esse dia como um dos mais felizes de sua vida.

Mas o devia à Rachel. Sem ela, teria adiado esse momento até que tivesse oitenta anos pelo menos.

Algumas das árvores que rodeavam o lago começavam a amarelar. Rachel as olhou através da janela de seu dormitório. Setembro tinha sido muito chuvoso e frio, mas no dia anterior havia

tornado a brilhar o sol e depois parecia que o verão tinha retornado para celebrar a ocasião.

O dia de suas bodas teria sido glorioso embora chovesse ou trovejasse, mas supunha que todas as noivas sonhavam com que as recebesse um dia azul e límpido quando saíssem da igreja pelo braço de seu marido.

Estava pronta para ir à igreja. Mas ainda era cedo. Geraldine tinha aparecido em seu closet ao raiar da alvorada, seguida de dois criados com a banheira e uma fila de criadas com baldes de água quente.

Geraldine tinha insistido em ficar com ela para lhe esfregar as costas e depois ajudá-la a colocar o vestido bordado de cetim marfim que seu tio tinha insistido em que encomendasse especialmente para a ocasião, junto com um assombroso enxoval.

Entre risadas, havia dito à Geraldine que não estava bem visto que a governanta fizesse as vezes de criada. Mas sua amiga tinha continuado obstinada.

- Rache - declarou, vou ser a esposa de um criado de quarto antes do Natal, assim isso me converte mais ou menos em uma camareira por matrimônio, não? - A risada a impediu de continuar falando.

- Mas você me ouviu? Uma camareira por matrimônio! Eu... uma camareira! Ninguém lhe arruma o cabelo como eu, e hoje tem que estar melhor que nunca para que lorde Alleyne possa admirá-lo o dia todo e depois soltá-lo quando forem para a cama. Suponho que não necessita que lhe dê conselhos sobre esse assunto embora não tenha mãe, não é verdade?

As outras damas foram aparecendo ao longo da manhã, embora Phyllis não se demorasse muito porque havia hóspedes e tinha insistido em preparar o menu do banquete com suas próprias mãos.

- Tudo sairá bem - lhe assegurou antes de ir-se - se consigo tirar da cabeça que vou dar de comer a um duque de verdade. Vi-o. parece-se muito a lorde Alleyne, mas dá a impressão de que se alguém lhe pusesse um cubinho de gelo na mão, ficaria ali toda a vida sem derreter-se.

- Quando fui ao Lindsey Hall depois de que lorde Alleyne me mandasse chamar, saudou-me com uma reverência - comentou

Bridget com um suspiro - e me perguntou que tal estava. Estive a ponto de cair redonda ao chão! Claro que não sabia quem sou de verdade.

Flossie lhe colocou o véu sobre o toucado depois que Geraldine assegurasse ao penteado e se afastou um pouco para ver o efeito.

- É a noiva mais bonita que vi na vida, Rachel - afirmou, - e eu estava bastante bonita há duas semanas.

Quando chegou o momento de partirem para a igreja, voltou a abraçar a todas. Ela não podia descer tão cedo. Alleyne tinha passado a noite no Chesbury Park, embora não em seu antigo quarto, é claro. Toda sua família estava ali. Não queria encontrar-se com ninguém antes de chegar à igreja. Fazê-lo poderia lhe trazer má sorte.

As carruagens chegaram nesse momento ao terraço, de modo que se afastou da janela antes que algum dos passageiros saísse da casa.

Tinha passado quase uma semana inteira no Lindsey Hall antes de retornar com Bridget para preparar o casamento. A princípio se sentiu muito desconfortável, e isso era um eufemismo como uma catedral.

Os Bedwyn gotejavam altivez aristocrática. Eram uma família que não andava com rodeios e que se expressava gritando. Entretanto, acabou por acostumar-se a eles. Acabaram lhe parecendo agradáveis... e inclusive lhes tinha carinho.

Até mesmo ao duque do Bewcastle.

Era muito poderoso, despótico e reservado até o ponto de parecer frio. Nunca ria nem sorria.

Mas tinha visto seu rosto durante o longo abraço que deu a Alleyne no terraço. Possivelmente fora a única pessoa que o tinha visto, porque naquele momento o duque estava de costas a todos outros.

E tinha sido testemunha do profundo amor que expressava seu rosto.

Depois disso lhe professava um carinho especial.

Ao longo da semana tinha chegado a conhecê-los todos e a tinham aceito sem nenhum tipo de reserva aparente. É obvio,

pensou, teriam aceito a qualquer um nas mesmas circunstâncias.

Tinham recuperado a seu irmão depois de passar dois meses acreditando que tinha morrido enquanto levava a resposta do duque do Wellington ao embaixador britânico em Bruxelas. Tinham encontrado a carta no bosque.

Alleyne tinha deixado bem claro quase desde o começo que lhe tinha salvado a vida.

Escutou vozes no piso de baixo, seguidas de várias batidas de porta e do ruído das carruagens ao ficar em marcha. Ao cabo de uns minutos alguém bateu a sua porta e quando lhe deu permissão para que entrasse descobriu que era o sargento Strickland.

- Todos se foram à igreja - informou - e o barão a espera embaixo. Valha-me Deus! Está como uma rosa, embora não seja apropriado que o eu diga porque só sou um humilde criado de quarto.

- Pode dizê-lo quanto quiser, sargento - corrigiu-o com um sorriso ao mesmo tempo em que atravessava o aposento movida pelo impulso de lhe jogar os braços no pescoço e lhe dar um beijo na face.

- Estarei eternamente agradecida a você. Você lhe salvou a vida. Não teria podido fazê-lo sem você. Obrigada, meu amigo.

O sargento a olhou com um sorriso deslumbrante, embora também parecia muito constrangido. E apenas uns minutos depois, ia na carruagem junto a seu tio, com câibras nas mãos, o coração batendo forte e a cabeça nas nuvens. Nem sequer nesse momento... Não, especialmente nesse momento, era incapaz de acreditar em como se sentia feliz.

Tinha ido ao bosque para roubar aos mortos. Tinha aceitado participar de uma farsa cheia de enganos e mentiras. Tinham tomado Bath ao assalto, Alleyne tinha recuperado a memória... e a tinha deixado. E ao final... Ao final tinha acabado correndo para ele enquanto retornava do lago, para seus braços, para a felicidade que a embargava nesses momentos.

Seu tio lhe pegou uma mão e lhe deu um apertão.

- Suponho que não posso dizer que sou o homem mais feliz da terra, Rachel - disse,

- porque seria muito estranho tirar essa honra ao noivo. Mas insisto em me declarar o segundo mais feliz.

Virou a cabeça para lhe sorrir. Não tinha o melhor aspecto do mundo nem tampouco parecia muito são.

Mas tinha melhorado enormemente desde a tarde que chegaram ao Chesbury Park.

Tanto que quase era impossível acreditar que se tratava do mesmo homem.

Congregou-se uma multidão de aldeãos às portas da igreja. E havia vários vizinhos entre os convidados que aguardavam no interior. As explicações tinham sido um pouco difíceis. Tinham-lhes explicado sobre a perda de memória e que tinham escolhido o nome de sir Jonathan Smith porque decidiram que era o melhor até que lorde Alleyne Bedwyn se recordasse de sua verdadeira identidade. portanto, como poderiam surgir dúvidas a respeito da validade de seu matrimônio, já que o noivo tinha assinado com um nome incorreto e como as duas famílias perderam a primeira cerimônia, tinham tomado a decisão de repetir seus votos. Ninguém tinha perguntado a respeito da propriedade em Northumberland, de modo que não tinham tido que inventar nada a respeito.

Em um abrir e fechar de olhos esteve na igreja, onde a esperava Bridget para lhe arrumar o vestido e assegurar-se de que seu toucado não tivesse sofrido a menor imperfeição durante o trajeto da casa.

- Já está preparada, querida - disse ao mesmo tempo em que se afastava com um sorriso e um brilho suspeito nos olhos. - Vá e seja feliz.

Alguém devia ter avisado ao organista. A música ressoou na igreja enquanto ela avançava pelo corredor pelo braço de seu tio. Todos os bancos estavam ocupados e todos os presentes se viraram para vê-la avançar. Mas não foi consciente de seus olhares, não os via.

Só foi consciente de Alleyne, que se encontrava no extremo do corredor ao lado do Rannulf.

Não estava Sorrindo. Mas tinha os olhos cravados nela e a olhava com inegável adoração.

Vestia-se de negro, marfim e branco e estava muito bonito.

Em seguida chegou até ele e se colocou a seu lado.

E Alleyne lhe sorriu.

Piscou para conter as lágrimas enquanto lhe devolvia o sorriso.

- Queridos irmãos... - disse o senhor Crowell.

Teria sido pouco menos que um milagre que os Bedwyn não tivessem saído da igreja enquanto assinavam o registro para preparar aos noivos uma recepção como mereciam.

Alleyne se pôs-se a rir quando saiu da igreja com Rachel em seu braço e os viu todos.

O cabriolé estava adornado de forma similar ao que utilizaram Morgan e Rosthorn no mês anterior, embora acreditou ver duas chaleiras velhas atadas à parte posterior. Sua família se alinhava a ambos os lados do caminho, todos armados com pétalas de flores e folhas de distintas cores. Eve e Aidan, Davy e Becky, Freyja e Joshua, Judith, Morgan e Gervase... e Rannulf que passou por seu lado como um vento para ocupar seu lugar.

- Muito temo, meu amor - disse, - que enfrentamos ao que os Bedwyn consideram divertido.

- Suponho que você fez o mesmo em seus casamentos, não?

- Menos no do Morgan - admitiu - e no do Aidan, mas só porque se casou com uma licença especial e nos inteiramos muito depois.

- Grande desmancha-prazeres! - disse ela e pôs-se a rir, e lhe pareceu tão linda que se fez um nó na garganta. - eu adoro a idéia que têm os Bedwyn de diversão - dito o que, agarrou seu braço, levantou o queixo e pôs-se a andar muito devagar pelo caminho junto a ele, rindo-se à medida que os deixavam atrás e seu delicioso vestido de noiva ficava coberto com todas as cores do arco íris.

- Deram-se conta? - perguntou em voz alta. - Me casei com uma mulher digna do sobrenome Bedwyn. Não se conforma em agachar a cabeça e pôr-se a correr. Ajudou-a a subir à carruagem antes de segui-la.

Enquanto colocava as saias sem sacudiras pétalas e as folhas de cima, ele ficou de pé para jogar um punhado de moedas aos meninos do povoado, que correram para as agarrar entre gritos de júbilo.

Depois se sentou a seu lado e lhe pegou a mão, entrelaçando seus dedos quando a carruagem ficou em marcha e empreendeu o caminho para o Chesbury Park. Fez caso omisso dos vivas e assobios que se erguiam atrás deles, embora percebeu o alegre repicar dos sinos da igreja... e do tinido das duas chaleiras que arrastavam à sua passagem.

- Bem, meu amor - disse.

- Bem, meu amor.

Puseram-se a rir ao mesmo tempo e lhe deu um apertão na mão.

- Quem ia dizer que acabaria agradecendo que me disparassem na coxa, que caísse do cavalo e que perdesse a memória? - perguntou-lhe. - Quem ia dizer que o que parecia um desastre acabaria convertendo-se no melhor que me passou na vida?

- E quem ia dizer que eu acabaria agradecendo esse espantoso trabalho como dama de companhia e o desastroso compromisso com um malfeitor que enganou a minhas amigas e a mim? Quem ia dizer que minha incursão no bosque em busca de objetos de valor com os que financiar sua perseguição me conduziria até você? - perguntou ela por sua vez.

- Jamais voltarei a dizer que não acredito no destino - lhe assegurou, - nem negarei que temos um caminho traçado na vida que nos conduzirá à felicidade sempre que o sigamos sem vacilar.

Rachel ergueu o rosto e lhe deu um beijo fugaz nos lábios.

- Está me ouvindo? - perguntou-lhe. - Alleyne Bedwyn dissertando sobre a vida quando o destino nos pôs em bandeja estes minutos a sós antes de nos ver imersos no banquete.

Faltam séculos para esta noite, mas temos uns minutos.

Soltou-lhe a mão para lhe jogar o braço pelos ombros e apertá-la contra ele.

- Já lhe disse antes que fala muito - replicou ela.

- Insubordinação! - exclamou ao mesmo tempo em que lhe esfregava o nariz com o seu.

- Agora é minha esposa. É lady Alleyne Bedwyn e tem que se mostrar respeitosa e obediente.

- Sim, milord - aceitou com expressão risonha.

- Pois me beije - lhe ordenou.

- Sim, milord.

Ela explodiu em gargalhadas. Mas depois lhe obedeceu, e para fazê-lo mais conscientemente se virou no assento e o abraçou.

Seu anjo loiro.

Sua esposa.

Seu amor.

FIM.



Projeto Revisoras Traduções

Grupo Romances Traduzidos

<http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/>

Comunidade Romances S.A.

<http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161>



Ligeiramente PERIGOSOS

MARY BALOGH

Mais de 4 milhões de livros vendidos

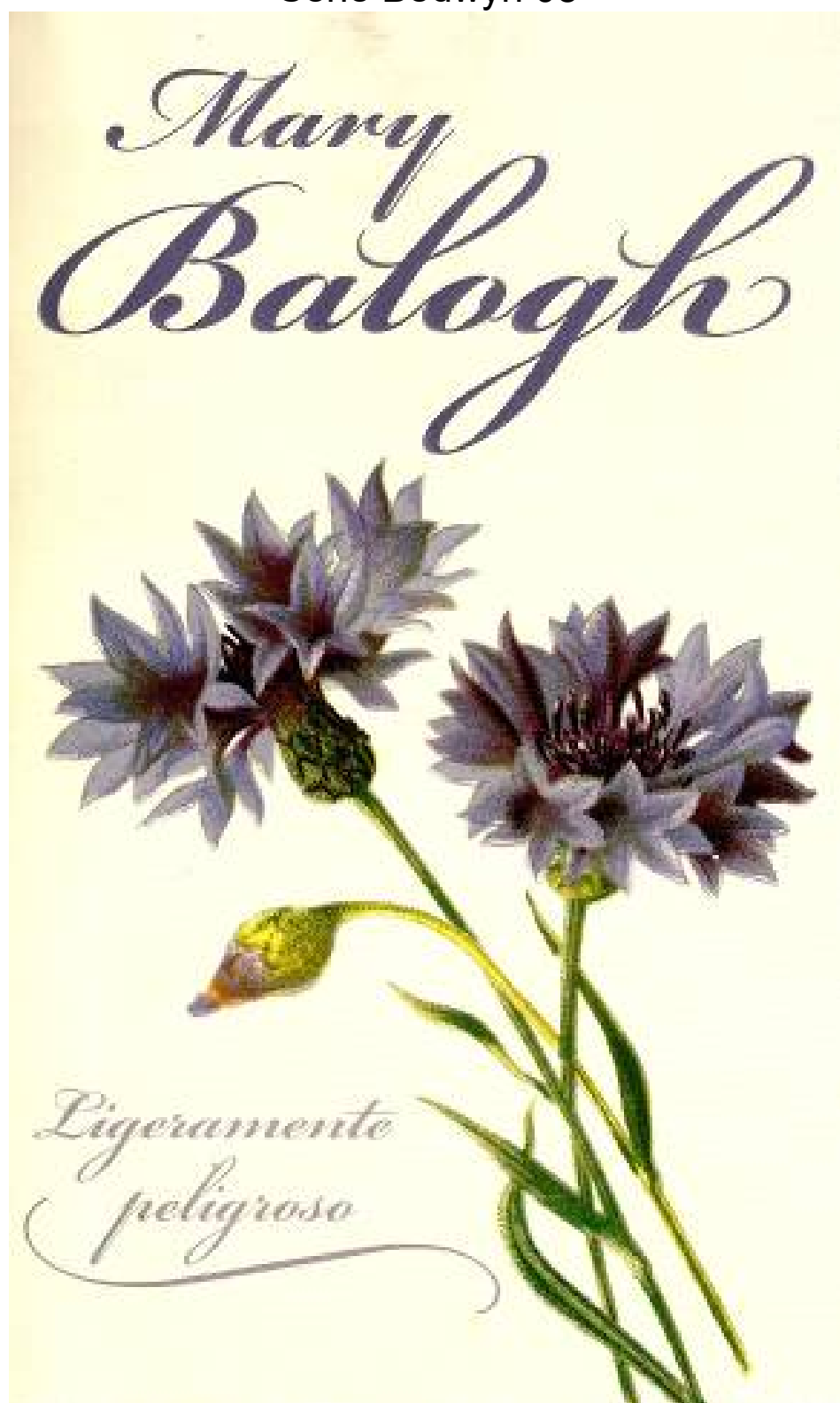


No início era apenas antipatia, mas logo eles
foram dominados por uma impetuosa paixão



Legeiramente Perigoso
Mary Balogh

Série Bedwyn 08



Disponibilização em Esp: Passionate Novels

Tradução: YGMR

Revisão: Edith

Revisão Final: Adriana Amaral

Formatação: Adriana e Gisa

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES



A chegada de Wulfric Bedwyn, duque de Bewcastle, à festa campestre por excelência da temporada revolucionou a alta sociedade londrina. É um dos homens mais ricos, poderosos e influentes do reino; também o mais ativo e distante. Mas nesta deslumbrante tarde de verão, enquanto todos os olhares femininos

convergem no bonito e arrogante duque, ele só parece ter olhos para a única mulher que de maneira nenhuma quereria chamar sua atenção.

Christine Derrick é imune a seu título e sua posição. Desconcerta-o e o exaspera com sua vitalidade e suas francas maneiras. É absolutamente inadequada para ele. Mas a seu lado, pela primeira vez em sua vida, Wulfric sente que esse muro de frieza e reserva que levantou entre ele e o mundo se começa a rachar.

Nota da revisora Edith:

Adorei a história. É deliciosa. Ri muito. O duque é arrogante, altivo, frio e cumpre todas as regras da etiqueta.

A mocinha é oposto de tudo isso. Mete-se em situações embaraçosas das quais é a primeira a rir (eu junto). E tem uma luz própria e alegria que conquista a todos e faz com que o duque se apaixone por ela contra sua vontade. E vice-versa. Os demais Bedwing que foram os personagens principais das demais histórias agora aparecem como casamenteiros!

Nota da Revisora Adriana:

O livro começa como todos os outros clássicos que já li, mas depois fica interessante e o tempo todo a gente quer saber o que a mocinha vai aprontar em seguida e qual será a reação do Conde. Também passei boa parte do livro na expectativa de que a mocinha o fizesse rir, pois ele é um homem muito sério que não dá um risinho sequer.

-Tem as faces excessivamente ruborizadas, Christine - comentou sua mãe ao mesmo tempo que soltava a costura em seu regaço para lhe dar uma olhada mais conscienciosa-. E os olhos muito brilhantes. Espero que não tenha febre.

Christine pôs-se a rir.

-Venho do vicariato. estive jogando com os meninos -explicou-. Alexander queria jogar críquet, mas em seguida nos demos conta de que Marianne não podia apanhar a bola e de que Robin era incapaz de golpeá-la. Assim decidimos brincar de esconderijo, embora para Alexander parecia um jogo muito infantil para seus nove anos e tive que pedir que ficasse no lugar de sua pobre tia com seus vinte e nove anos! Como era de esperar, tocou a mim buscá-procurá. Estávamos nos divertindo muito até que Charles apareceu na janela de seu escritório e nos perguntou, embora suponha que foi uma pergunta retórica, como ia terminar o sermão com toda a animação que estávamos fazendo. Nesse momento Hazel saiu com os copos de limonada e levou aos meninos ao salão para que se entretivessem lendo em silêncio, pobrezinhos, e eu decidi voltar para casa.

-Parece-me que não usava o chapéu enquanto brincava de correr de um lado para outro com os meninos -comentou sua irmã mais velha, Eleanor, que afastou o olhar do livro para observá-la por cima de seus óculos -. Não está ruborizada, tomou muito sol!

-Como quer que meta a cabeça nos esconderijos mais diminutos se o chapéu dobrar seu tamanho? -perguntou-lhe, lançando mão da lógica ao mesmo tempo que começava a colocar em um vaso com água que tinha pego da cozinha as flores que tinha cortado do jardim antes de entrar em casa.

- Saiba que tem o cabelo feito um desastre -acrescentou Eleanor.

-Isso tem conserto fácil - assegurou, passando-as mãos pelos curtos cachos com uma gargalhada-. Já está feito. Melhor assim?

Eleanor meneou a cabeça antes de devolver o olhar ao livro, embora o fez com um sorriso.

Um agradável silêncio reinou de novo na sala enquanto as três mulheres se concentravam em suas respectivas tarefas. Entretanto,

o silêncio -emoldurado pelos gorjeios dos pássaros e o zumbido de dos insetos que revoavam do outro lado das janelas abertas- foi interrompido ao cabo de uns minutos pelo som da carruagem que entrou na rua em direção a Hyacinth Cottage. Havia mais de um cavalo e o som das rodas indicava que era um veículo grande. Devia ser a carruagem do Schofield Park, a casa senhoril do barão Renable situada a uns três quilômetros de distância, supôs de forma distraída.

Nenhuma das três prestou muita atenção à chegada do veículo. Lady Renable costumava utilizá-la quando ia fazer visitas, embora uma calesa poderia lhe haver servido para o mesmo propósito, ou um simples cavalo... ou seus dois pés. Eleanor costumava descrever à dama como frívola e ostentosa, e não era uma descrição desacertada. Embora também fosse amiga de Christine.

Nesse momento compreenderam que os cavalos estavam diminuindo o passo. As rodas da carruagem chiaram em protesto. As três ergueram a vista ao mesmo tempo.

- Acho que lady Renable vem de visita -disse Eleanor, com a vista cravada ao outro lado da janela por cima dos óculos-. A que se deverá a honra? Estava esperando-a, Christine?

-Sabia que tinha que ter trocado de touca depois do almoço - disse sua mãe-.Christine, por favor, diga à senhora Skinner que traga correndo uma limpa.

-A que leva está muito bem, mamãe - assegurou enquanto dava os últimos toques ao ramo, depois do que atravessou a sala para lhe dar um beijo na fronte.

- Além disso, só é Melanie.

-Já sei que é lady Renable. Essa é minha preocupação - replicou exasperada sua mãe, embora não voltasse a insistir com o assunto da touca.

Não era preciso ser um gênio para adivinhar o motivo da visita de Melanie.

-Suponho que deve perguntar por que recusou o convite - aventurou Eleanor, pondo voz a seus próprios pensamentos-. E suponho que não aceitará um não por resposta agora que veio em pessoa. Pobre Christine. Quer correr para se esconder em seu

dormitório enquanto eu lhe digo que contraíste um leve caso de varíola? pôs-se a rir ao escutar o comentário de sua irmã enquanto sua mãe levava as mãos à cabeça.

Era por sabido todos que Melanie jamais aceitava um não por resposta. Independentemente do que Christine estivesse fazendo, e sempre estava ocupada com algo - dava aulas na escola da aldeia vários dias na semana; visitava e ajudava aos anciões e aos doentes, a alguma mulher que acabava de dar a luz, a algum menino doente ou a algum amigo; e brincava e entretinha a seus sobrinhos no vicariato, já que em sua opinião Charles e Hazel os desatendiam com a desculpa de que os meninos não necessitavam que um adulto brincasse com eles quando se tinham uns aos outros para entreter-se -, Melanie se empenhava em acreditar que devia estar adoecendo à espera de que aparecesse alguém com alguma diversão frívola.

Claro que Melanie era sua amiga e adorava estar com ela e com seus filhos. Mas dentro de limites. Estava segura de que sua visita não tinha outro fim que repetir em pessoa o convite que lhe tinha levado por escrito um criado no dia anterior. E que ela tinha recusado também por escrito, com tato mas com firmeza.

Em realidade tinha recusado um mês antes, a primeira vez que a convidou.

A carruagem se deteve em frente à grade do jardim com tal animação que todos os habitantes do povoado deveriam ser conscientes de que a baronesa teve o trabalho de fazer uma visita à senhora Thompson e a suas filhas, residentes do Hyacinth Cottage. Escutou-se o ruído da portinhola ao abrir-se e fechar-se, logo antes que alguém - possivelmente o cocheiro, pois era impossível que fosse Melanie- batesse na porta da casa com insistência.

Suspirou e se sentou à mesa. Sua mãe soltou a costura e endireitou a touca. E Eleanor retornou a seu livro com um sorriso malicioso.

Melanie, lady Renable, entrou na sala ao cabo de um instante, deixando atrás à senhora Skinner, a governanta, que tinha aberto a porta para anunciá-la. Como era habitual, estava muito arrumada para a vida rural. Seu traje era tão elegante como se fosse dar um

passeio pelo Hyde Park, em Londres. Seu rígido chapéu estava coroadado por coloridas e espigadas plumas cuja finalidade era o de fazê-la parecer mais alta. Usava luvas e uma de suas mãos segurava uns óculos. Sua pessoa parecia ocupar a metade da sala.

Sorriu-lhe com jovial afeto.

-Ah, aqui está, Christine! -exclamou Melanie com grande eloquência depois das saudações e das cortesias de rigor com as outras duas damas.

-Aqui estou -reiterou-. Como está, Melanie? Sente-se na poltrona, em frente a mamãe.

Entretanto, sua senhoria declinou o convite com um gesto dos óculos.

-Não tenho tempo - declarou -. Estou segura de que sofrerei uma de minhas enxaquecas antes que acabe o dia. Você tem culpa que esta visita seja necessária, Christine. O convite deveria ter bastado, que eu saiba. Não entendo por que teve que me enviar essa carta recusando-o. Bertie assegura que é um excesso de falsa modéstia e diz que deveria lhe dar uma lição e não vir em pessoa para fazê-la repensar. O pobre não diz mais que tolices... Mas eu sei por que recusou o convite, e estou aqui para dizer que você também faz tolices de vez em quando. É porque Basil e Hermione estão convidados, não é? E porque discuti com eles depois da morte de Oscar. Mas isso faz muito tempo, e você tem o mesmo direito que eles a vir a minha casa. Afinal, Oscar era o irmão de Basil e, embora o pobre já não esteja conosco, você é e continuará sendo parte de nossa família porque esteve casada com ele. Christine, não seja teimosa. Nem peque de falsa modéstia. Recorda que é a viúva do irmão de um visconde!

Era impossível que o esquecesse, embora as vezes gostaria de fazê-lo. Tinha estado casada durante sete anos com Oscar Derrick, irmão de Basil, visconde de Elrick, e primo de lady Renable. conheceram-se em Schofield Park, na primeira festa que Melanie organizou justo depois de casar-se com Bertie, o barão Renable. Para ela, filha de um cavalheiro com recursos tão escassos que se viu obrigado a complementar seus ganhos com o salário de professor de aldeia, tinha sido um matrimônio muito vantajoso.

E nesse momento Melanie queria que fosse a outra de suas festas.

-É uma cortesia de sua parte me convidar - disse Christine-. Mas de verdade preferiria não ir.

-Tolices! -Melanie levou os óculos aos olhos e inspecionou a sala com eles, um gesto afetado que os fazia muita graça a Eleanor e a ela; e como não, sua irmã não demorou para esconder a cabeça atrás do livro para ocultar seu sorriso.

-É claro que quer ir. Quem não ia querer? Minha mãe virá, acompanhada de Audrey e sir Lewis Wiseman. Em realidade, a festa é a celebração de seu compromisso, embora já tenha sido anunciado. Inclusive convencemos ao Héctor, embora já sabe que é impossível convencê-lo a se divertir a menos que alguém o obrigue.

- Justin também irá? -perguntou.

Audrey era a irmã mais nova de Melanie; Héctor e Justin, seus irmãos. Justin era seu amigo desde que os apresentaram naquela mais que longínqua primeira festa. Virtualmente tinha sido seu único amigo durante os últimos anos de seu matrimônio.

-É obvio que sim -respondeu Melanie-. Acaso não vai onde quer? Sobre tudo a minha casa, que é onde passa mais tempo. Sempre se deu muito bem com minha família. Mas além deles, esperamos a um sem-fim de convidados distintos e agradáveis, e planejamos um bom número de atividades para que todo mundo se divirta, manhã, tarde e noite. Tem que vir. Insisto.

-Melanie -protestou Christine-, de verdade que...

-Deveria ir, Christine - interrompeu-a sua mãe-, e divertir-se. Sempre está pendente das necessidades de outros.

-Já pode ir dizendo que sim -acrescentou Eleanor, que preferiu voltar a olhar por cima dos óculos em lugar de tirá-los até que a visita partisse e pudesse retornar à leitura-. Sabe muito bem que lady Renable não irá até que a tenha convencido.

Olhou com exasperação a sua irmã, que se limitou a enfrentar seu olhar com expressão risonha. por que ninguém convidava a Eleanor a esse tipo de acontecimentos? Entretanto, conhecia a resposta. Em seus trinta e quatro anos, sua irmã tinha aceito com placidez seu papel como solteirona e como apoio de sua mãe, e não

parecia sentir a juventude perdida. Porque esse foi o caminho que escolheu de forma deliberada quando o único pretendente que teve morreu em combate na Península muitos anos atrás, e depois nenhum homem tinha conseguido fazê-la mudar de opinião, embora alguns o tenham tentado.

-Tem muita razão, senhorita Thompson -replicou Melanie, e as plumas de seu chapéu se inclinaram quando assentiu com a cabeça-. Porque aconteceu algo terrível. como sempre, Héctor se deixou levar por seu caráter impulsivo.

Héctor Magnus, visconde de Mowbury, era um erudito que vivia virtualmente afastado do mundo. Era impossível imaginá-lo fazendo algo impulsivo. Melanie começou a golpear a mesa com os dedos.

-O pobre não sabe como comportar-se -afirmou-. teve a temeridade de convidar a um amigo à festa, lhe assegurando que era eu quem o convidava. E teve a amabilidade de me informar desta mudança de planos há apenas dois dias; muito tarde para encontrar a uma dama que emparelhe o número de convidados.

Ah! Por fim entendia. Seu convite tinha chegado no dia anterior pela manhã, um dia depois que Melanie descobrisse a catástrofe que se abatia sobre seu mundo.

-Tem que vir -repetiu-. Querida Christine, não pode se negar. Seria uma desgraça impensável ver-me obrigada a fazer uma festa com um número ímpar de convidados. Você não o permitiria, não é? Muito menos quando minha salvação está em suas mãos.

-Seria muito embaraçoso, na verdade -reconheceu sua mãe-. Sobre tudo quando Christine não tem nada especial para fazer durante as próximas duas semanas.

-Mamãe! -protestou.

Os olhos da Eleanor seguiam olhando-a com expressão risonha por cima dos óculos.

Suspirou com força. Estava decidida a manter-se firme. Nove anos antes tinha entrado para formar parte da alta sociedade graças a seu matrimônio. Naquela época a idéia lhe tinha sido maravilhosa. além de estar enamoradíssima de Oscar, a possibilidade de formar parte dos círculos sociais mais deliciosos a tinha deslumbrado por completo. E durante alguns anos tudo tinha ido bem tanto em seu

casamento como na alta sociedade. Depois tudo começou a ir ladeira abaixo.

Tudo. Ainda se sentia aturdida e doída quando o recordava. Sobre tudo o desenlace, Enfim, assegurou-se de manter tudo enterrado no fundo de sua mente a fim de conservar a prudência e recuperar o ânimo, e nesse momento não necessitava de nenhum aviso do passado. Não queria ver Basil nem Hermione nem em pintura.

Entretanto, era incapaz de ficar de braços cruzados Quando alguém estava em apuros. E Melanie parecia necessitar de verdade de sua ajuda, porque a fama de anfitriã meticulosa era seu maior orgulho. Além disso, por cima, eram amigas.

-O que lhe parece se continuar aqui em casa mas ir a uma festa em alguma ou outra ocasião? -sugeriu com uma nota esperançada na voz.

-Mas Bertie teria que ordenar que preparassem a carruagem todas as noites para trazê-la e que a recolhessem pela manhã - disse Melanie. - Seria um aborrecimento, Christine.

-Poderia ir caminhando -assinalou.

-E chegar com a bainha do vestido poeirenta ou enlameada, as faces ruborizadas e o cabelo alvoroçado? -perguntou-. Para isso, melhor não ir. Tem que ficar dormindo conosco. E não há mais o que falar. Os convidados chegarão depois de amanhã. Enviarei-lhe a carruagem cedo para que possa se instalar comodamente.

Compreendeu que o momento para negar com firmeza já tinha passado. Ao que parecia, estava condenada a ir a uma das festas campestres de Melanie. Pelo amor de Deus! Se não tinha nada que vestir nem dinheiro para comprar um guarda-roupa novo! Claro que, de qualquer forma, tampouco havia algum lugar onde comprar um guarda-roupa novo em oitenta quilômetros ao redor.

Melanie acabava de retornar de Londres, onde tinha passado a temporada social atuando como madrinha da estréia de sua irmã e sua apresentação à rainha. Todos seus convidados, salvo ela!, acabavam de retornar da capital e levariam consigo seus melhores trajes e suas deliciosas maneiras. Aquilo era um pesadelo.

-Muito bem -disse-. Irei.

Melanie esqueceu sua dignidade o suficiente para rebaixar-se a sorrir de orelha a orelha, antes de lhe golpear o braço com os óculos.

-Sabia que o faria -afirmou-. Embora teria gostado que não me tivesse feito perder todo este tempo para vir convencê-la. Tenho um sem-fim de coisas que fazer. Me dá vontade de estrangular ao Héctor. De todos os cavalheiros que poderia haver convidado, teve que escolher ao único capaz de converter uma festa em um não viver para a anfitriã. E para cúmulo me avisa de sua chegada com alguns dias de antecipação!

-O príncipe do Gales? -aventurou Christine, rindo entre dentes.

-Não acredito que alguém deseje tê-lo em sua casa -respondeu Melanie-, embora suponha que seria um logro contar com ele. Mais ou menos como acontece com meu convidado, que não é outro senão o duque de Bewcastle.

Arqueou as sobrancelhas ao escutá-la. Conhecia o duque de ouvir falar, mas jamais o tinham apresentado. Era incrivelmente poderoso e arrogante e também frio como um bloco de gelo, segundo os rumores. Compreendia o nervosismo de Melanie. E tinha escolhido a ela para fazer par com o número de convidados? A idéia lhe pareceu hilariante até que compreendeu que a presença do duque era uma razão mais para ficar em casa. Claro que já era muito tarde.

-Ai, Deus! -exclamou sua mãe, que parecia muito impressionada.

-Sim -concordou Melanie com os lábios apertados ao mesmo tempo que suas plumas se balançavam-. Mas não tem por que preocupar-se, Christine. Há um bom número de cavalheiros que lhe serão muito agradáveis e que estarão encantadíssimos em procurar sua companhia. Sempre tem esse efeito nos homens, sabe? Apesar de seus anos. Eu mesma estaria morta de ciúmes se não estivesse tão apegada ao Bertie, embora fique tão intolerável cada vez que organizo uma festa. Não pára de grunhir, de queixar-se e de insinuar que divertir-se não lhe interessa o mínimo. De qualquer forma, suponho que não terá que cruzar nenhuma palavra com sua excelência se não quiser. Sua arrogância e sua reserva são arqui-

conhecidas, e possivelmente nem sequer chegue a reparar em você.

-Prometo que não tropeçarei em seus pés -replicou-, porque me mantereí bem longe dele.

Os lábios da Eleanor voltaram a esboçar outro sorriso quando a olhou.

Entretanto, pensou, o problema era que talvez acontecesse o que tanto desejava evitar: tropeçar nele. Ou melhor tropeçaria consigo mesma quando passasse em frente ao duque enquanto levava nas mãos uma bandeja com gelatina ou uma jarra de limonada. Estaria muito mais contente ficando em casa, mas já não podia fazer nada. Tinha aceitado ficar em Schofield Park durante duas semanas.

-Agora que o número de convidados volta a ser par -disse Melanie-, tentarei perdoar ao Héctor. Esta será a melhor festa campestre de todos os tempos. Com certeza será o assunto de conversa em todos os salões londrinos na próxima temporada. vou converte-me na inveja de todas as anfitriãs inglesas e aqueles que não estão convidados procurarão com esforço um convite o ano que vem. O duque de Bewcastle nunca sai de Londres a menos que seja a uma de suas propriedades. Não consigo entender como Héctor conseguiu convencê-lo a vir. Talvez lhe tenham chegado rumores de como são deliciosas minhas festas. Ou talvez...

Não obstante, ela tinha deixado de escutá-la. As seguintes duas semanas estavam destinadas a ser algo menos agradável. E para cúmulo estava o agravante da presença do duque de Bewcastle como convidado, coisa que a faria sentir-se envergonhada. Em vão, é obvio, já que tal como Melanie acabava de afirmar, era improvável que percebesse sua presença, do mesmo modo que não se perceberia se pisasse em uma lombriga. Como detestava sentir-se envergonhada! Nunca o tinha feito até uns anos depois de suas bodas, quando se transformou de repente na protagonista dos falatórios das pessoas sem comê-lo nem bebê-lo. depois de enviuar se prometeu que jamais voltaria a ficar nessa situação, que jamais abandonaria os limites de seu reduzido mundo.

Claro que os anos não passavam em vão. Estava a ponto de completar os trinta, era a velhice! Ninguém esperaria que se unisse aos jovens para pular alegremente. Podia fazer parte do grupo de adultos dignos. Podia acomodar-se em sua cadeira e observar os acontecimentos em lugar de participar deles. De fato, inclusive poderia ser muito divertido.

- Quer tomar uma xícara de chá com biscoitos, lady Renable? - perguntou sua mãe.

-Não tenho tempo, senhora Thompson -respondeu Melanie-. Os convidados chegam depois de amanhã e ainda restam mil e um detalhes que atender. A vida de uma baronesa não é tão glamurosa como parece, asseguro. Tenho que partir. despediu-se com um elegante gesto da cabeça, embora desse um beijo na face e um carinhoso apertão no braço, e saiu da sala agitando os óculos entre um revôo de plumas e saias.

-Christine -disse Eleanor-, seria preferível que recordasse para futuras ocasiões que é melhor dizer sim a sua senhoria a primeira vez que lhe peça algo, já seja por escrito ou em pessoa. Sua mãe já estava de pé.

-Temos que subir a seu quarto agora mesmo, Christine -disse-, para ver se terá que limpar, remendar ou adornar sua roupa. Pelo amor de Deus, o duque de Bewcastle ! Além disso o visconde de Mowbury, sua mãe e visconde de Elrick com sua esposa! E de lorde e lady Renable, é obvio.

Subiu correndo a escada em frente de sua mãe para ver se, por algum milagre, tinham aparecido de repente em seu armário dez ou doze vestidos elegantes e na moda desde que se vestira essa manhã.

Wulfric Bedwyn, duque de Bewcastle, estava sentado atrás da enorme escrivaninha de carvalho da magnífica e bem sortida biblioteca de sua residência londrina, Bedwyn House. arrumou-se para a noite com muito esmero e elegância, embora não tivesse jantado com nenhum convidado nem havia ninguém presente nesse momento. O tampo de couro de sua escrivaninha estava vazio, salvo pelo mata-borrão, várias penas recém afiadas e o tinteiro com

seu plugue de prata. Não tinha nada que fazer, pois sempre se assegurava de concluir os assuntos de negócios durante o dia, e já era de noite.

Poderia ter saído; de fato, ainda podia fazê-lo. Tinha vários convites entre os que escolher, embora a temporada tivesse concluído e a maioria de seus pares partira a Brighton ou a suas respectivas propriedades no campo para passar o verão. Entretanto, nunca tinha gostado das reuniões sociais a menos que sua presença fosse requerida por um motivo muito concreto.

Poderia ter passado a noite no White"S. Embora o clube não estaria muito concorrido nessa época do ano, era um bom lugar onde procurar companhia agradável e conversa. Não obstante, tinha passado muito tempo em seus distintos clubes ao longo da última semana mais ou menos, desde que o Parlamento fechara suas portas.

Nenhum membro de sua família estava na cidade. Lorde Aidan Bedwyn, o irmão com o que tinha menos diferença de idade e seu legítimo herdeiro, nem sequer tinha posto um pé em Londres nessa primavera. ficou no Oxfordshire com sua esposa, Eve, devido ao nascimento de seu primogênito, que tinha sido uma menina. Depois de três anos de casamento tinha sido um acontecimento muito celebrado e esperado. O batismo tinha sido em maio e ele mesmo tinha assistido, embora só ficou com eles alguns dias. Lorde Rannulf Bedwyn, o terceiro dos Bedwyn por ordem de nascimento, estava no Leicestershire com Judith e seus dois filhos, um menino e uma menina. Desde a morte de sua avó, momento no que herdou a propriedade, tomava suas obrigações como latifundiário com mais seriedade que nunca. Freyja, uma de suas irmãs, estava na Cornualha com o marquês do Hallmere, seu marido, que nesse ano tinha descuidado de suas obrigações parlamentares e tampouco tinha pisado na capital. Freyja estava grávida de novo. Seu primeiro filho nasceu a princípios do ano anterior e ao que parecia os dois desejavam uma menina nessa ocasião.

Lorde Alleyne Bedwyn estava no campo com sua esposa, Rachel, e suas gêmeas, que nasceram no verão anterior. Estavam muito preocupados com a saúde do barão Weston, o tio de Rachel,

com quem viviam, e não queriam deixá-lo sozinho. O coração voltava a lhe dar problemas. Morgan, a caçula da família, estava em Kent.

Ela e seu marido, o conde de Rosthorn, tinham passado umas semanas na cidade, mas o clima de Londres não tinha sido muito bom para seu filho, de modo que Morgan o tinha levado de volta para casa. Rosthorn tinha passado a primavera viajando entre Londres e o campo até que o Parlamento fechara suas portas, momento no qual partira sem perda de tempo. Não voltaria a repetir a experiência jamais, tinha-lhe assegurado antes de partir. No futuro, se sua esposa e seus filhos não podiam acompanhá-lo, ficaria em casa, e que se aborrecesse o Parlamento. "Seus filhos", havia dito. Em plural. O que certamente queria dizer que Morgan também estava grávida.

Era muito gratificante, concluiu enquanto segurava uma das penas e a acariciava com o indicador e o polegar, ver que seus irmãos estavam felizmente casados. Suas obrigações no referente a eles tinham sido concluídas de forma satisfatória.

Entretanto, Bedwyn House estava vazia sem eles. Morgan nem sequer se alojou com ele durante as semanas que tinha estado na cidade. O que era lógico, claro estava.

Lindsey Hall, a casa senhoril colocada no Hampshire, ia parecer lhe ainda mais vazia.

Talvez fosse essa conclusão que o tinha levado a tomar uma decisão impulsiva, coisa incomum nele, poucos dias antes. Tinha aceito um convite verbal de parte de lady Renable -oferecida de lábios de seu irmão, o visconde de Mowbury- para participar da festa campestre que a dama faria em Schofield Park, em Gloucestershire. Jamais ia a festas campestres. Era incapaz de imaginar uma forma mais insípida de passar duas semanas. Claro que Mowbury lhe tinha assegurado que a companhia seria excepcional e a conversa, inteligente, e que poderiam pescar. De qualquer forma, duas semanas rodeado pelas mesmas pessoas, por muito afáveis que estas fossem, poderiam acabar com a paciência de qualquer um. reclinou-se na poltrona e apoiou os cotovelos nos braços, depois do que uniu as mãos pelas pontas dos dedos e

cravou o olhar à frente. Sentia falta da Rose mais do que se atrevia a admitir.

A que fora sua amante durante mais de dez anos tinha morrido em fevereiro. Um resfriado inofensivo na aparência, embora ele insistisse em chamar a seu médico pessoal para que a atendesse.

Apesar de tal atenção, acabou convertendo-se em uma inflamação dos pulmões, e o único que o médico pôde fazer foi lhe evitar as dores na medida do possível. Sua morte tinha sido um duro golpe. Esteve a seu lado no último momento, assim com durante a prática totalidade de sua enfermidade. E se sentia exatamente como se tivesse enviuvado.

Rose e ele tinham desfrutado de uma relação muito agradável. Durante os meses do ano quando residia na cidade, encarregava-se de que ela estivesse alojada com todos os luxos e comodidades, e quando partia para Lindsey Hall, ela ia a casa de seu pai, um ferreiro, onde sua condição de amante rica de um duque lhe dava certa fama e um considerável respeito. Sempre que estava em Londres costumava passar as noites com ela. A sua não tinha sido uma relação apaixonada -a paixão era algo alheio a ele- e tampouco tinham desfrutado de uma amizade especialmente íntima, pois seus interesses e sua educação eram muito diferentes. Não obstante, tinham tido um agradável companheirismo. Estava seguro de que para ela também tinha sido uma relação satisfatória. Se não fosse assim, o teria notado ao longo dos dez anos de sua relação. Sempre se tinha alegrado de não ter tido nenhum filho com ela. Embora os teria mantido se tivessem nascido, lhe teria sido incômodo ter filhos bastardos. Sua morte tinha deixado um enorme vazio em sua vida.

Sentia falta dela. Tinha levado uma existência celibatária desde fevereiro, mas não sabia como podia substituí-la. Tampouco estava seguro de querer fazê-lo. Ao menos, no momento. Rose tinha sabido agradá-lo e satisfazê-lo. E ele tinha sabido agradá-la e satisfazê-la, mas estaria disposto a amoldar-se a outra pessoa? Aos trinta e cinco anos se sentia como um ancião.

Nesse momento apoiou o queixo na ponta dos dedos. Tinha trinta e cinco anos.

Tinha completado suas obrigações como duque de Bewcastle ao pé da letra, e isso porque nunca tinha querido o título, apesar de havê-lo herdado aos dezessete anos. Todas as obrigações salvo a de casar-se e engendrar filhos e herdeiros. Muitos anos antes tinha estado a ponto de cumprir também essa obrigação, quando era jovem e albergava a esperança de que a felicidade pessoal e as obrigações pudessem vir de mãos dadas. Entretanto, na mesma noite escolhida para anunciar o compromisso, sua futura esposa pôs em marcha um elaborado plano a fim de livrar-se de um matrimônio que lhe era repugnante, já que tinha muito medo - dele e de seu próprio pai- para dizer a verdade.

Como um duque ia escolher uma mulher como sua duquesa e esperar que a união lhe trouxesse felicidade pessoal? Quem ia casar-se com um duque pela pessoa, não pelo título? De uma amante era fácil desfazer-se. De uma esposa, não.

Daí que a pequena rebelião que se permitiu desde aquele assunto com lady Marianne Bonner não fosse outra que a de permanecer solteiro. E satisfazer suas necessidades com Rose, a quem conheceu e fez sua amante menos de dois meses depois daquela desastrosa noite.

Mas Rose estava morta e enterrada graças a sua generosidade em uma igreja próxima à forja de seu pai. O duque de Bewcastle tinha deixado à vizinhança boquiaberta com sua presença no funeral. Por que demônios tinha aceito ir a Schofield Park com Mowbury? Porque não queria voltar sozinho a Lindsey Hall, mas ao mesmo tempo tampouco suportava a idéia de ficar em Londres?

Uma razão de pouco peso, embora Mowbury fora muito inteligente e um grande conversador, e lhe tivesse assegurado que o resto dos convidados cumpriria a mesma premissa. De qualquer forma, teria sido melhor passar o verão inspecionando suas diversas propriedades na Inglaterra e Gales, e talvez ficando uns dias com cada um de seus irmãos enquanto viajava de uma a outra. Não, o último não teria sido boa idéia. Todos eles tinham as próprias vidas. Cônjuges e filhos. Todos eram felizes. Sim, assim achava. Eram felizes de verdade. Todos eles.

E se alegrava muitíssimo.

O duque de Bewcastle, completamente a sós com seu esplendor e poder pessoal, e rodeado pela magnificência da mansão londrina que habitava, continuou olhando ao vazio enquanto batia as pontas dos dedos no queixo.

Capítulo 2

A carruagem do barão Renable chegou bastante cedo essa manhã para recolher Christine e levá-la a Schofield Park. Melanie, com aspecto agitado, aceitou contente que a ajudasse com os preparativos de última hora. Christine passou pelo quarto que lhe tinham atribuído -um aposento do tamanho de uma caixa de sapatos situado na parte posterior da mansão entre duas lareiras, que por sua vez bloqueavam a vista da janela e só lhe permitiam ver um trecho da horta-para agarrar seu boné, arrumar o cabelo e colocar sua escassa bagagem. Depois subiu ao quarto infantil para saudar os meninos, e passou o resto da manhã e parte da tarde de um lado para outro fazendo diversos recados. Teria estado fazendo-o todo o dia se Melanie não a tivesse visto no meio da tarde subindo depressa, carregada de toalhas em direção a um dos aposentos de convidados mais luxuosos, e lhe tivesse dado uma reprimenda por seu aspecto.

-Tem que se vestir agora mesmo, Christine -disse horrorizada com uma mão sobre o coração-, e arrumar o cabelo. Disse-lhe que podia ajudar, não que se deixasse tratar como uma criada. Isso que leva são toalhas? Vá a seu quarto agora mesmo, tola, e comece a se comportar como uma convidada.

Menos de meia hora depois, reapareceu no piso inferior vestida decentemente, embora não na moda, com seu segundo melhor vestido de musselina bordada e o cabelo lustroso depois de tê-lo escovado. Detestava com toda sua alma estar nervosa...

E ter se deixado apanhar. Poderia estar na metade da lição de geografia na escola e desfrutando lindamente com isso.

-Ah, aqui está -disse Melanie quando se reuniu com ela no vestíbulo. Agarrou-lhe uma mão e lhe deu um apertão um tanto

doloroso-. vai ser muito divertido, Christine. Espero não me ter esquecido de nada. E também espero não me pôr a vomitar quando vir chegar os convidados. por que vomito sempre neste tipo de situações? É muito inapropriado.

-Como de costume, tudo sairá tão maravilhosamente bem que a declararão a melhor anfitriã do verão -lhe assegurou.

-De verdade acredita? -Melanie colocou uma mão sobre o coração como se quisesse refrear seu errático pulsar-. Eu gosto como fica de cabelo curto, Christine. Esteve a ponto de me dar um desmaio quando me disse que iria cortá-lo mas parece mais jovem e bonita, como se alguém tivesse retrocedido o tempo para você... Claro que sempre foi bonita. Não sabe o ciúmes que tenho. O que disse, Bertie?

Entretanto, lorde Renable, que estava a alguns passos delas, limitou-se a pigarrear com uma espécie de grunhido.

-Aproxima-se uma carruagem, Mel -disse o barão-. Começa a festa. -Olhou a sua esposa como se o contestável estivesse a ponto de invadir Schofield Park para levar todos seus bens terrestres-. Sobe a seu quarto para se esconder, Christine. Acho que poderá desfrutar de outra hora de liberdade.

Melanie lhe deu uma batidinha no braço com brutalidade e inspirou de forma audível. Deu a sensação de crescer vários centímetros e se transformou na hora em uma anfitriã elegante e aristocrática que jamais na vida tinha experimentado os nervos nem a necessidade de vomitar em tempos de crise.

Embora esteve a ponto de fazê-lo quando baixou a vista de repente e se deu conta de que tinha um copo de limonada ao meio na mão direita.

-Que alguém leve isto! -ordenou enquanto olhava a seu redor em busca do criado mais próximo-. Pelo amor de Deus!

Poderia tê-lo derramado sobre as botas ou sobre o vestido de alguém.

-Já o pego eu. -ofereceu-se ela com uma gargalhada enquanto o tirava da mão.

- E derramar a bebida sobre alguém é algo típico de mim, não de você, Melanie. Desaparecerei com a limonada para evitar o

perigo.

Subiu a escada em direção a saleta amarela, onde as convidadas deviam reunir-se com ela. Por alguma razão que só ela conhecia, Melanie sempre mantinha às damas e aos cavalheiros separados até que pudesse recebê-los conjuntamente no salão para tomar o chá, momento no que se inaugurava de forma oficial a festa.

Entretanto, deteve-se um momento no patamar, situado justo sobre o vestíbulo, de modo que se podia ver o que havia abaixo se chegava no corrimão. A carruagem que tinha ouvido Bertie devia estar mais perto do que pensava. Os primeiros convidados já estavam entrando no vestíbulo. Foi incapaz de resistir a dar uma olhada para comprovar se conhecia algum dos recém chegados.

Tratava-se de dois cavalheiros. Um deles, vestido descuidadamente com uma jaqueta marrom amassada e muito grande, calças azul escura com bolsos à altura dos joelhos, botas desgastadas que tinham vivido melhores tempos, uma gravata que parecia atada ao pescoço com pressas e sem ajuda nem de espelho nem de criado, a gola da camisa sem arrumação, e o cabelo alvoroçado como se acabasse de levantar-se da cama, era Héctor Magnus, visconde de Mowbury.

-Mel, aqui está! -exclamou com um sorriso em direção a sua irmã, como se tivesse esperado que o recebesse outra pessoa em sua casa-. Como está, Bertie?

Christine sorriu com afeto, e o teria saudado se não fosse pela presença do outro cavalheiro. Não teria sido mais oposto a Héctor mesmo se tivesse tentado. Era alto, bem formado e muito elegante.

Levava uma magnífica jaqueta azul sobre um colete bordado em cinza claro, umas calças cinza escura e umas reluzentes botas de montar rematadas em branco. O nó da gravata era elegante e preciso, sem cair na ostentação. A gola engomada da camisa lhe chegava justo à mandíbula. Ambas roupas eram de um branco antigo. Levava um chapéu de taça na mão. Seu cabelo era escuro e abundante, com um corte delicioso e muito bem penteado.

Sob o elegante traje, seu peito e seus ombros pareciam muito largos e poderosos, e em comparação, seus quadris eram muito

estreitos. Saltava à vista que essas coxas não necessitavam que o alfaiate preenchesse as calças.

Embora não foi seu impressionante aspecto o que a manteve em silêncio e cravada no lugar, espiando-o em lugar de seguir se caminho, mas a segurança de seu porte, a orgulhosa e arrogante inclinação de sua cabeça. Estava claro que se tratava de um homem que dominava seu mundo com facilidade e que exigia obediência imediata de seus subordinados, entre quem se encontrava, é obvio, virtualmente o resto dos mortais... Talvez fosse uma idéia ridícula, embora nem tanto se fosse o arquiconhecido duque de Bewcastle.

Seu aspecto era o que esperava, pelo que conhecia dele.

Era um aristocrata dos pés à cabeça.

Viu parte de seu rosto quando Melanie e Bertie o saudaram e ele fez uma reverência. Era bonito, apesar da frieza e austeridade de seu atrativo, com um queixo firme, lábios magros, traços marcados e um nariz proeminente, ligeiramente curvado e muito aristocrático.

Entretanto, não lhe viu os olhos. Depois de saudar Melanie se moveu até colocar-se quase debaixo dela enquanto que seu amigo conversava com Héctor, de modo que se inclinou ligeiramente sobre o corrimão no preciso instante no qual o duque jogava a cabeça para trás e levantava a vista para ela. Teria se retirado depressa, envergonhada porque a tivesse pilhado espiando, se não a tivessem surpreendido os olhos que tentava ver. Porque pareceram atravessá-la até chegar até sua nuca. Não tinha muito clara sua cor: azul claro?, cinza claro? mas a distância que os separava não era suficiente para livrar-se de seu efeito.

Com razão tinha semelhante reputação!

Por um breve instante teve a impressão de que o duque de Bewcastle podia ser um homem muito perigoso. O coração lhe desbocou como se a acabassem de descobrir olhando pelo olho da fechadura de um aposento onde se estivessem cometendo atos escandalosos.

E nesse momento aconteceu algo extraordinário.

O duque lhe piscou um olho.

Ou isso lhe pareceu por outro instante muito breve.

Não obstante e enquanto abria os olhos como pratos, percebeu que estava esfregando o olho que lhe tinha piscado, e então caiu na conta de que ao inclinar-se sobre o corrimão também tinha inclinado o copo que tinha na mão. Tinha derramado limonada sobre o olho do duque de Bewcastle !

-Ai! -exclamou-. Sinto muitíssimo.

Em seguida, deu meia volta e subiu a escada tão depressa quanto lhe permitiram as pernas. Que constrangimento mais horroroso! Que estupidez de sua parte! Tinha prometido que não tropeçaria com ele no primeiro dia, mas não tinha ocorrido prometer que não lhe derramaria limonada em um olho.

Desejava com toda sua alma que esse incidente não fosse um mau presságio dos dias vindouros.

Tinha que recuperar a compostura antes de que as damas se reunissem com ela, pensou uma vez que chegou sã e salva a saleta amarela. E devia manter-se bem longe do duque de Bewcastle durante os seguintes treze dias e meio. Claro que isso não seria muito difícil. Certamente nem sequer a reconheceria quando voltasse a vê-la. Além disso, não era a classe de pessoa em que o duque poderia fixar-se em circunstâncias normais.

A pesar do acidente com a limonada, o duque de Bewcastle nem sequer significaria um ligeiro perigo para alguém tão insignificante como ela.

Além disso, por que deveria afetá-la sua presença? Era um desses homens a quem jamais tentaria impressionar.

Era limonada, percebeu Wulfric na hora. Não obstante, embora a limonada fosse uma bebida refrescante para os que não gostavam do vinho nem de outros licores em dias quentes, não podia dizer-se que fosse um colírio agradável...

Não se queixou em voz alta. Os Renable não pareciam haver-se dado conta do incidente, apesar de que a criatura que lhe tinha jogado a limonada da galeria superior tinha sido bastante impertinente para desculpar-se a gritos antes de sair fugindo como

um coelho assustado... e tinha feito bem. Os Renable estavam muito ocupados com o Mowbury.

Limpou o olho com um lenço e esperou que não estivesse tão irritado como o sentia.

De qualquer forma, não era um começo promissor para uma visita de duas semanas. Um criado que trabalhasse para ele não continuaria sendo-o durante muito tempo se espiava aos convidados, derramava-lhes algum líquido em cima, desculpava-se em voz alta e logo saía fugindo. Esperava que fosse um episódio isolado e não um indício da pobre qualidade do serviço doméstico.

A criatura nem sequer usava touca. Tinha conseguido ver que tinha o cabelo encaracolado, o rosto redondo e uns olhos enormes embora, evidentemente, não tinha tido a oportunidade de lhe dar uma boa olhada. Fato que não lamentava o mínimo.

Desterrou-a de seus pensamentos. Se os Renable eram incapazes de controlar a seus criados, não seria ele quem se preocuparia da má qualidade do serviço. Isso era coisa dos barões. Afinal, ele ia acompanhado por seu criado pessoal para que se encarregasse de suas necessidades pessoais.

Ainda tinha a esperança de que a festa campestre em Schofield Park fosse de seu agrado.

Mowbury, um homem de uns trinta anos que era um leitor compulsivo e que tinha viajado por todo mundo, sobre tudo a Grécia e Egito, tinha sido um companheiro de viagem muito interessante durante o longo trajeto de Londres. conheciam-se desde há anos e mantinham uma espécie de amizade. Os Renable o tinham recebido cordialmente. Tinham-lhe atribuído uma suíte espaçosa e elegante orientada para os jardins, arvoredo e canteiros de flores da fachada da mansão.

Depois de mudar de roupa e sentar-se em frente ao espelho no closet para que seu criado o barbeasse, desceu à sala de bilhar, o lugar de reunião destinado aos cavalheiros e ali se encontrou com o conde de Kitredge e o visconde de Elrick, que tinham chegado antes que ele.

Ambos os cavalheiros eram mais velhos e sempre lhe tinham sido uma companhia amena. Era um sinal prometedor. Mowbury e

seu irmão mais novo, Justin Magnus, também estavam no aposento. Nunca se tinha relacionado com o Magnus, mas lhe parecia um jovem bastante agradável.

Talvez isso fosse depois de tudo o mais indicado para ele, pensou enquanto se juntava à conversa. Desfrutaria de duas semanas de uma companhia interessante e logo estaria preparado para retornar a Lindsey Hall e passar ali o resto do verão. Afinal, não ia converter-se em um ermitão pelo simples fato de que seus irmãos se casaram e sua amante tivesse morrido.

Nesse preciso momento a porta voltou a abrir-se e escutou dois sons extremamente desagradáveis: risinhos femininos e gargalhadas masculinas. As vozes femininas e masculinas produziam uma alegre gritaria. As damas seguiram seu caminho. Um considerável grupo de cavalheiros entrou na sala de bilhar. E nenhum só deles, estimou, ultrapassava os vinte e cinco anos.

E nenhum só deles, concluiu a julgar pelas gargalhadas, e pelo andar, tinha dois dedos de testa.

Se não estava muito equivocado, acabava de passar em frente à porta um grupo igualmente numeroso de acompanhantes femininas.

Eram as mesmas pessoas, participantes do mercado matrimonial, que enchiam os salões de baile londrinos durante a temporada social. E eram o principal motivo pelo que evitava os ditos eventos a menos que as circunstâncias o obrigassem a ir.

Eram o resto dos convidados.

-Ah, parece que quase todo mundo já chegou -disse um do grupo, um tal sir Lewis Wiseman, um jovem de aspecto simpático a quem conhecia de vista-. Um homem não necessita de uma festa de compromisso em sua honra, mas a irmã de Audrey e sua mãe insistiram, assim como Audrey, suponho. Assim aqui estamos. - ruborizou-se e logo pôs-se a rir quando seus jovens amigos começaram a lhe dar tapinhas nas costas e o converteram no alvo de várias brincadeiras subidas de tom.

Wiseman, recordou muito tarde, acabava de anunciar seu compromisso com a senhorita Magnus, a irmã de lady Renable. A festa era em honra de seu compromisso. E dado que os dois

membros do casal eram muito jovens, a maioria dos convidados também o eram.

A idéia o horrorizou. Tinham-no convidado com falsos pretextos para pular com infantes de ambos os sexos? Durante duas semanas?

Tinha-o enganado Mowbury conscientemente ou alguém tinha enganado ao visconde?

Entretanto, não podia culpar a ninguém, salvo a si mesmo, por acreditar em um homem que mal se relacionava com o mundo exterior. Até tal ponto era isso certo que Mowbury tinha chegado a apresentar-se no White's com botas díspares. Era muito possível que se esquecera por completo do recente compromisso de sua irmã.

Agarrou o cabo de seu monóculo e de forma quase inconsciente adotou sua expressão mais fria e imponente quando os jovens mostraram sua intenção de tratar aos cavalheiros mais velhos e a ele mesmo com alegre camaradagem.

Piscou várias vezes. Nesse momento se deu conta de que ainda sofria uma ligeira ardência no olho.

A cunhada de Christine, Hermione Derrick, viscondessa do Elrick, foi uma das primeiras damas a chegar. Alta, loira e magra, estava tão elegante e bonita como de costume apesar de ter mais de quarenta anos. Christine, com o coração na boca, levantou-se e lhe sorriu. Lhe teria dado um beijo na face, mas algo em sua atitude a deteve, de modo que ficou de pé onde estava.

-Como está, Hermione? -perguntou.

-Christine... -Hermione a saudou com um rígido gesto de cabeça e passou por cima a pergunta-. Melanie me disse que estava convidada.

-Como estão os meninos? -Os sobrinhos de Oscar já não eram meninos, compreendeu de repente, mas jovens que sem dúvida já teriam saído do ninho para explorar o mundo por si só.

-Cortou o cabelo -comentou Hermione-. Que incomum!

E com esse comentário a abandonou para conversar com o resto das damas presentes.

Bom, pensou enquanto voltava a sentar-se, ao que parecia sua cunhada não pensava passar por cima de sua presença, mas sim de sua voz. Um começo nada prometedora... ou melhor uma continuação nada prometedora do começo.

Hermione, que era filha de um procurador rural, fazia um matrimônio muito mais vantajoso que o seu quando se casou com o visconde de Elrick fazia mais de vinte anos. Acolheu-a no seio da família com os braços abertos e a ajudou a acomodar-se à vida da alta sociedade. Inclusive se encarregou de apresentá-la à rainha. fizeram-se amigas apesar dos mais de dez anos de idade que as separavam, embora tal amizade se ressentiu durante os últimos anos de seu matrimônio. De qualquer forma, a espantosa briga que tiveram depois da morte de Oscar a pegou de surpresa e a deixou conmocionada. No dia posterior ao funeral abandonou Winford Abbey, a

casa senhoril do Basil, destroçada, desolada e sem um penny depois de ter comprado uma passagem na carruagem de postas, decidida a retornar a casa, a Hyacinth Cottage, para lamberas feridas e recompor como pudesse os pedaços de sua vida. Não havia tornado a ter notícias de seus cunhados depois... Até esse dia.

Esperava fervorosamente que ao menos pudessem ser cortesias durante duas semanas. Afinal, ela não tinha feito nada de mau.

A viscondessa do Mowbury, a mãe do Melanie, uma mulher baixa e rechoncha de cabelo grisalho e olhos penetrantes, abraçou-a e lhe disse que se alegrava de voltar a ver seu adorável rosto Audrey também comentou como estava encantada de vê-la antes de ruborizar-se e sorrir de felicidade quando lhe deu o parabéns por seu compromisso. Por sorte, a tensão que tinha existido com a família direta de Oscar jamais afetou à relação que manteve com sua tia e seus primos, que não costumavam passar muito tempo em Londres enquanto ela esteve casada.

Lady Chisholm, casada com sir Clive e a quem conhecia de outros tempos, assim como a senhora King, a quem também conhecia, saudaram-na com amabilidade.

Além disso havia seis mocinhas vestidas com elegância e opulência, certamente amigas de Audrey. Saltava à vista que se conheciam muito bem, já que se agruparam para rir e conversar fazendo caso omisso do resto das convidadas. Todas elas teriam estado na sala de aula enquanto ela vivia em Londres, pensou. Voltou a sentir-se como uma anciã. E seu segundo melhor vestido de musselina de repente lhe pareceu um fóssil. Era um dos últimos trajes que Oscar lhe tinha dado antes de morrer. Duvidava muito que tivesse chegado sequer a pagá-lo...

-O duque de Bewcastle é um dos convidados -anunciou lady Sarah Buchan ao resto de mocinhas em voz bastante alta, com os olhos arregalados e duas rosetas nas faces.

Talvez a poderia perdoar por acreditar que estava revelando uma primícia surpreendente. Afinal, acabava de chegar com seu pai, o conde de Kitredge, e seu irmão, o honorável George Buchan. Não obstante, todos sabiam porque Melanie o tinha ido desvelando aos convidados conforme chegavam a fim de impressioná-los. Ao que parecia, seu aborrecimento com o Héctor por havê-lo convidado tinha desaparecido.

-Não o vi nenhuma só vez durante a temporada social -continuou lady Sarah-, embora esteve todo o tempo em Londres. diz-se que mal sai, e que só vai à Câmara dos Lordes e a seus clubes. Mas vai estar aqui. Imaginem isso -Um só duque e uma horda de damas -comentou Rowena Siddings com expressão maliciosa e um sorriso que deixava à vista suas covinhas-. Embora as casadas não contam. E Audrey tampouco porque está comprometida com sir Lewis Wiseman.

- Mas ainda assim, continuamos sendo muitas para competir pelas atenções de um só duque.

-Mas o duque de Bewcastle é velho, Rowena -assinalou Miriam Dunstan-Lutt-. Tem mais de trinta anos.

-Mas continua sendo um duque -lhe recordou lady Sarah-, assim sua idade não importa absolutamente, Miriam. Meu pai diz que não posso me rebaixar a me casar com um homem que ostente um título inferior ao de conde, embora nesta primavera recebi uma multidão de propostas por parte de cavalheiros perfeitamente

aceitáveis para muitas outras. Não seria tão desatinado que me casasse com um duque.

-Seria uma façanha conseguir a mão do duque de Bewcastle - acrescentou Beryl Chisholm-. Mas por que temos que lhe conceder a vitória, Sarah? Talvez devamos competir todas por ele. ergueu-se um coro de risinhos.

-Todas são umas mocinhas muito bonitas -disse lady Mowbury com afabilidade, levantando a voz para que pudessem escutá-la do outro lado da sala, - e certamente todas casarão o ano que vem ou no seguinte, mas talvez deveriam saber que Bewcastle evitou todos os esforços casamenteiros até o momento. Tanto é assim inclusive as mães mais decididas retrocederam em seu empenho. Eu nem sequer o tive em conta para Audrey.

-De qualquer maneira, quem quereria casar-se com ele? - perguntou a aludida com a complacente segurança que lhe outorgava o estar comprometida. - Basta entrar em uma sala para descer a temperatura vários graus. Carece de sentimentos, de sensibilidade e de coração. Sei de uma fonte muito confiável. Lewis diz que quase todos os jovens que freqüentam White's lhe têm medo e que o evitam na medida do possível. Acho que foi muito injusto por parte de meu irmão convidá-lo.

Ela era da mesma opinião. Se Héctor não tivesse convidado ao duque, ela não estaria ali sentada nesse preciso instante, a cavalo entre o desconforto e o aborrecimento... e certamente que não lhe teria derramado limonada no olho.

Sentia-se um pouco afastada das damas mais velhas, que logo formaram um grupo e começaram a conversar, e também das mais jovens, embora como estas se encontrassem mais perto acabou por converter-se em um membro de seu grupo quando desceram a voz e os risinhos tolos continuaram.

-Proponho uma aposta -disse lady Sarah baixando a voz. Tinha que ser a mais jovem, pensou.

De fato, parecia ter escapado do ala infantil embora devia ter ao menos dezessete anos se tinha sido apresentada em sociedade-. A ganhadora será a que consiga que o duque de Bewcastle lhe proponha matrimônio antes de que acabe a festa campestre.

-Temo que isso é quase impossível, Sarah -replicou Audrey enquanto as demais continham as gargalhadas-. O duque não tem intenção de casar-se.

-E nenhuma aposta é atraente se não houver possibilidade de que alguém ganhe -acrescentou Harriet King.

-O que propõem que apostemos? -quis saber Sarah, que continuava com as faces acesas e esse brilho malicioso nos olhos, e que não estava disposta a desterrar a idéia de qualquer jeito-. Ver quem é capaz de entabular uma conversa com ele? Não, não, isso é muito fácil. Adivinhar quem é a primeira em dançar com ele? Audrey, sua irmã planejou algum baile? O que lhes ocorre?

-Ganhará quem é capaz de mantê-lo entretido durante uma hora inteira -sugeriu Audrey-, me Acreditem, isso será uma tarefa muito difícil. E a vencedora, se houver alguma, terá ganho seu prêmio com acréscimo. Tenho a sensação de que uma hora em companhia do duque será como estar uma hora sentada no Pólo Norte. ergueu-se outro coro de risinhos.

Não obstante, Sarah fez caso omissso da advertência e olhou às integrantes do grupo com os olhos brilhantes. A todas salvo a ela, que não formava parte do grupo embora tinha escutado cada palavra.

-Que seja uma hora a sós com ele -disse-. A ganhadora será primeira em conseguir tal façanha. Quem sabe? Talvez consiga que se apaixone por ela e lhe proponha matrimônio depois de tudo. Não acho tão estranho, na verdade. Houve uma pausa antes dos inevitáveis risinhos.

-Quem quer participar? -perguntou lady Sarah.

Lady Sarah, Rowena, Miriam, Beryl, sua irmã Penélope e Harriet King aceitaram a provocação, tudo acompanhado de mais risinhos, gritinhos e sorrisos indulgentes por parte das damas de mais idade, que quiseram saber o que lhes fazia tanta graça.

-Nada -respondeu Harriet King-. Não é nada, mamãe. Só estamos falando dos cavalheiros que foram convidados.

Christine também sorriu. Alguma vez tinha sido tão tola?, perguntou-se. Mas sabia que sim. casou-se com Oscar depois de dois meses de o conhecer, simplesmente porque era tão bonito

como um deus grego -assim costumavam descrevê-lo- e porque se apaixonou até as sobrancelhas de sua atitude e seu encanto.

-E você, prima Christine? -perguntou Audrey quando as damas de mais idade deixaram de lhes prestar atenção.

As jovens tinham acordado que Audrey fosse o banco; cada uma apostaria um guineu e o total o levaria a ganhadora. Se ninguém conseguisse o prêmio, os guineus retornariam às mãos de suas respectivas proprietárias ao cabo das duas semanas.

Surpreendida, destacou-se com a mão e arqueou as sobrancelhas.

-Eu? Não, nem pensar! -respondeu com uma gargalhada.

-Pois não vejo por que não -insistiu Audrey, que inclinou a cabeça e a observou com atenção-. Afinal é viúva, não uma mulher casada, e o primo Oscar nos deixou faz dois anos. E não é tão velha. Duvido muito que tenha completado os trinta.

As outras mocinhas se voltaram para ela como se fossem uma só para contemplar com receio a alguém que estava tão perto dos trinta. Seu silêncio foi bastante eloqüente para dizer que na sua idade não tinha a menor oportunidade de fazer-se com a atenção de um duque durante uma hora.

Estava absolutamente de acordo com elas, embora não pela mesma razão. Tanto fazia os vinte e nove anos que tinha que os dezenove.

-A verdade é que não acho graça pagar para passar uma hora convertida em um pedaço de gelo -disse.

-Nisso tem razão -concedeu Audrey.

-É a filha de um professor de escola rural, não é assim, senhora Derrick? -Perguntou Harriet King com evidente desdém-. Estou segura de que lhe dá medo perder a aposta.

-Certamente que me dá medo -reconheceu com um sorriso, já que o comentário não requeria resposta-. Mas acho que me dá muito mais medo ganhar. Que diabos ia fazer eu com um duque? produziu-se um momentâneo silêncio antes de que voltassem a explodir em risinhos.

-Me ocorrem algumas coisas -comentou Miriam Dunstan-Lutt, que se ruborizou por suas atrevidas palavras.

-Já está bem -declarou Audrey com firmeza ao mesmo tempo que levantava uma mão para chamar a atenção de todas e comprovava que nenhuma integrante do outro grupo estivesse escutando-. Não posso permitir que se exclua da aposta pelo mero fato de que não deseja ganhar, prima Christine. Eu porei seu guineu. De fato, vou apostar por você. Não acham que isto é muito escandaloso? supõe-se que as damas não devem apostar.

-Olhos que não vêem, coração que não sente - disse Beryl Chisholm.

-Vai perder seus dois guineus, asseguro -disse Christine a Audrey e pôs-se a rir ao pensar na reação do duque de Bewcastle se chegasse a inteirar-se do que estava acontecendo na saleta amarela.

-É possível -concordou Audrey-. Mas como espero que ninguém ganhe, recuperarei o dinheiro sem dúvida alguma. É obvio, dado que a aposta consiste em entabular conversa com o duque durante uma hora e não em fazer que proponha matrimônio, poderia participar eu mesma, mas acho que não vou fazê-lo. Sete guineus não me parecem incentivo suficiente. Além disso, Lewis poderia ficar ciumento, e lhe explicar que tentava ganhar uma aposta não seria uma desculpa apropriada.

Em algum lugar do piso de baixo alguém fez soar uma campainha, sinal de que todos os convidados tinham chegado e de que se esperava que se reunissem no salão para tomar o chá.

-Bom, conhece o duque de Bewcastle ? -perguntou Harriet King a lady Sarah.

-Não -admitiu a aludida-, mas se é um duque, com certeza tem que ser bonito.

-Eu sim o conheço -replicou Harriet ao mesmo tempo que se agarrava a seu braço para sair da saleta com ela, - e em circunstâncias normais não o olharia duas vezes. Mas não posso me arriscar a que ganhe uma viúva, filha de um professor rural, que pode ser que sim ou pode ser que não tenha completado já os trinta, não lhe parece?

O par saiu da saleta agarrada pelo braço. Audrey a olhou com uma careta.

-Ai, Deus! Temo que já riscaram a linha de combate -lhe disse-. Claro que não vai recusar semelhante desafio, não é, Christine? vai ter que recuperar meu dinheiro. Rowena Siddings a pegou pelo braço enquanto desciam ao salão.

-Mas que tolas somos todas -disse a moça-. Aceitamos a provocação, senhora Derrick, ou mantemos as distâncias e admiramos ao grande homem de longe?

- Acho que eu vou manter as distâncias e rir dele de longe se é tão pretensioso e soberbo como se murmura- respondeu-. Não admiro a grandeza carente de consistência.

-Que valente é você! -a moça sorriu-. Rir do duque de Bewcastle !

Ou dela mesma, pensou, por haver-se deixado arrastar aos segredinhos e as tolices dessas mocinhas quando a única coisa que tinha que ter feito era recusar o convite do Melanie no dia anterior ou dizer não à Audrey uns minutos antes.

Entretanto, não podia culpar a ninguém, salvo a si mesma, reconheceu com pesar.

Capítulo 3

O salão já estava cheio de cavalheiros. A festa campestre, ao que parecia, tinha começado de forma oficial, Menos mal. Se não começasse, jamais acabaria. Seria muito cedo para começar a contar os dias que faltavam até sua volta a casa?, perguntou-se Christine.

O primeiro homem que viu foi Justin Magnus, o irmão mais novo de Melanie. Sorriu-lhe e a saudou com a mão do outro extremo do salão. Lady Chisholm estava falando com ele e a dama gostava muito de falar... Devolveu-lhe a saudação e o sorriso. Justin, que era baixinho -quase lhe era menor meia cabeça-, magro e de aparência bastante comum, possuía inteligência, uma personalidade encantadora e um grande senso de humor como cartas de apresentação. E sempre se vestia com elegância e bom gosto; não como seu pobre irmão Héctor. Justin se declarou e lhe pediu em

matrimônio naquela primeira e longínqua festa. Entretanto, depois de rechaçá-lo e de aceitar Oscar, floresceu entre eles uma amizade que se estreitou com o passar do tempo até tal ponto que durante os dois ou três anos anteriores à morte de seu marido foi seu único amigo. Ou, ao menos, o único a quem podia acudir. Sua família se encontrava longe. Ele foi o único que jamais deu crédito aos terríveis rumores que corriam sobre ela. Nem sequer ao pior de todos, o último. Ele foi o único que saiu em sua defesa, embora Oscar, Basil e Hermione não acreditassem jamais. Ainda o contava entre seus amigos.

A seguir viu Basil. A aparência física do visconde de Elrick, um homem de meia estatura e compleição magra, de cabelo espaçado e calvo no alto da cabeça, rosto alongado e feições regulares, que não atraentes, sempre tinha ficado eclipsado por seu irmão mais novo. Basil era mais de dez anos mais velho que Oscar, mas o adorava e sua morte o deixou destruído.

Em lugar de lhe dar as costas, como achava que faria, saudou-a com uma reverência muito formal ao mesmo tempo que ela fazia o mesmo e se dirigia a ele por seu nome de batismo. Em seguida e tal como fizera sua esposa pouco antes, deu a volta para continuar falando com um cavalheiro de meia idade que conforme acreditou recordar era o conde de Kitredge. Não lhe disse nenhuma palavra. afastou-se em busca do canto mais remoto do salão. Já era hora de adotar o papel de satírica espectadora da humanidade, papel que pensava desempenhar durante as duas semanas seguintes. Se tivesse sorte, ninguém se fixaria nela em todo esse tempo.

Conseguiu chegar ao lugar escolhido e sentar-se em uma cadeira antes de que o duque de Bewcastle entrasse no salão. Depois do desafortunado incidente ocorrido durante sua chegada, temia o momento de vê-lo. Embora o que teria a temer? Que se jogasse sobre ela? Ou o que seria mais lógico, que ordenasse a um batalhão de criados que se jogasse sobre ela e a arrastasse até o magistrado mais próximo acusando a de agressão e assalto a seu olho?

Chegou acompanhado de Bertie, e o rumor das conversas que tinham lugar no aposento sofreu uma drástica mudança. As

mocinhas começaram a falar em voz mais alta e seus sorrisos se tornaram deslumbrantes; os jovens riam de forma mais afetada e adotaram uma atitude mais arrogante. As damas de mais idade exibiram sua plumagem. Foi muito divertido.

Claro que não deveriam ter se incomodado. O duque não teria posto uma expressão mais desdenhosa se tivesse estado observando um salão cheio de lombrigas. Esse rosto aristocrático e frio bastou para deixar claro que considerava a cena tão abaixo de sua dignidade ducal que não ia fazer o esforço nem de sorrir nem de adotar uma atitude medianamente afável.

Melanie, como era de esperar, inclinou-se sobre ele e se desdobrou. Todo sua desenvoltura como anfitriã experimentada. Pegou-o pelo braço e o levou pelo salão para assegurar-se de que aqueles pobres mortais inferiores a sua excelência que não tinham o prazer de conhecê-lo em pessoa desfrutassem da oportunidade de beijar o chão a seus pés.

Por sorte, graças a Deus!, Melanie não a viu sentada no lugar e assim a mortal mais insignificante que havia no salão se viu privada da oportunidade de ficar em pé para executar sua mais elegante reverência ante o grande nome.

A uma observação satírica, recordou-se, possivelmente lhe sobrassem esses comentários depreciativos a respeito de um homem a quem nem sequer conhecia. Entretanto, a mera presença do duque de Bewcastle lhe punha os nervos à flor da pele. Caía-lhe mau, era-lhe insuportável e estaria muito contente se a deixasse tranqüila durante os treze dias e meio que tinham por diante.

A que se devia essa reação tão antagônica? Era muito estranha nela, tanto com conhecidos como com desconhecidos. adorava as pessoas. Todo tipo de pessoas. Inclusive gostava dos deficientes de seus conhecidos que costumavam tirar dos gonzo a outros.

Uma vez que a ronda de apresentações chegou a seu fim, o duque continuou em pé, pires de biscoitos na mão, conversando com o conde de Kitredge e Héctor, que pouco antes a tinha saudado a distância com um gesto da cabeça e um sorriso. O conde era um homem importante. E também era pomposo. Mas não despertava animosidade alguma. E embora Héctor possuísse o título de

visconde, professava-lhe um grande carinho. Assim que o título aristocrático que ostentava Bewcastle não tinha nada que ver com sua reação.

E nesse preciso instante a serenidade que a embargava se esfumou assim que seu olhar se encontrou com o do duque e começaram a passar por sua cabeça visões de carcereiros, cárceres, grilhões e magistrados.

Seu primeiro impulso foi desaparecer por completo e afastar o olhar em um esforço para fundir-se com a tapeçaria da cadeira que ocupava.

Entretanto, nunca tinha sido das que tentava passar despercebida frente ao mundo, embora essa foi sua atitude durante os dois últimos anos de vida de Oscar. por que tinha que desaparecer? por que tinha que afastar ela o olhar quando ele não dava sinais de fazê-lo primeiro?

Então a irritou de verdade. Sem deixar de olhá-la, arqueou uma dessas arrogantes sobrancelhas. E depois a enfureceu.

Com os olhos cravados nela e a sobrancelha arqueada, agarrou o cabo do monóculo e o ergueu a meio caminho do olho como se lhe surpreendesse o descaramento que demonstrava ao enfrentar seu olhar.

Foi então quando decidiu que não afastaria a vista nem por todos os cárceres e os grilhões da Inglaterra. Tinha-a reconhecido, verdade? E o que? Afinal, seu único delito tinha sido o de derrubar mais da conta o copo de limonada quando casualmente ele estava debaixo.

Devolveu-lhe o olhar e aumentou seu descaramento rindo-se em sua cara. Enfim, não riu precisamente. Mas lhe demonstrou com sua expressão que não ia deixar-se acovardar por uma sobrancelha e um monóculo meio erguido. Agarrou um biscoito de seu prato e lhe deu uma mordida... momento no que descobriu que levava um banho de açúcar glassê. O açúcar lhe manchou os lábios e os lambeu ao tempo que o duque de Bewcastle abandonava o grupo no que se encontrava e punha-se a andar para ela.

Ante ele se abriu um caminho como por arte de magia. Claro que não houve magia alguma no fato. Todo mundo se afastou para

lhe deixar passagem... Certamente estaria tão acostumado a receber semelhante tratamento que nem percebeu que o faziam.

Pelo amor de Deus!, pensou enquanto o via aproximar-se. Sua presença era magnífica, certamente.

Deteve-se quando as pontas de suas botas de montar estiveram a escassos centímetros das pontas de seus escarpins. O perigo se abatia sobre ela, pensou, com o coração acelerado muito a seu pesar.

-Não recorde que nos tenham apresentado, senhora -disse com uma dicção deliciosa e uma nota ligeiramente enfasiada na voz.

-Ah! Eu sim o conheço -lhe assegurou-. É o duque de Bewcastle.

-Nesse caso, leva-me vantagem -replicou sua excelência.

-Christine Derrick -disse, sem lhe oferecer mais explicação. Nem sua família, nem a de Oscar, teriam o menor interesse para ele.

-Fiz inadvertidamente algo que lhe seja engraçado, senhorita Derrick? -quis saber ele.

-Sim, temo que sim- respondeu -. E é "senhora" Derrick. Sou viúva.

O monóculo voltava a estar em sua mão. Viu-o elevar ambas as sobrancelhas e compor uma expressão que sem dúvida seria capaz de gelar os cachos de uvas nas videiras e de arruinar a colheita de todo um ano.

Enquanto isso, deu-lhe outra mordida no biscoito... e teve que voltar a lambêr os lábios. Deveria lhe pedir desculpas de novo?, perguntou-se. Mas por que? Já se desculpou em seu momento. Tinha o olho direito um pouco mais vermelho que o esquerdo? Ou eram imaginações suas?

-Seria amável de me dizer o que foi? -perguntou-lhe erguendo o monóculo um pouco mais, embora não chegou ao olho.

Que arma mais efetiva!, pensou. Conseguia interpor tanta distância entre o duque e os aborrecidos mortais como uma espada em mãos de um homem normal. Decidiu que gostaria de dispor de um. Talvez se convertesse em uma anciã excêntrica que contemplava o mundo através de um monóculo gigante,

aterrorizando aos presunçosos e arrancando gargalhadas aos meninos por culpa de um horripilante olho magnificado.

Estava-lhe perguntando o que lhe tinha feito graça. "Graça" não era a palavra mais acertada, mas certamente se riu dele. Coisa que estava fazendo de novo.

-Mostrou-se contrariado, de fato continua contrariado -se encolheu-, porque me neguei a obedecer seus desejos.

-Contrariado, diz você? -Suas sobrancelhas se arquearam de novo-. Acaso lhe ordenei algo?

-Certamente que sim - respondeu -. Me descobriu observando-o do outro extremo do salão e levantou uma sobrancelha, que foi seguida do monóculo. Claro que nem sequer deveria ter percebido que você erguia o monóculo. Deveria ter afastado obedientemente o olhar muito antes de que o fizesse.

-E o fato de erguer uma sobrancelha se equivale a uma ordem e o de elevar um monóculo é sinônimo de contrariedade, senhora? - perguntou de novo.

-Do que outra forma explicaria você que tenha cruzado o salão para dirigir-se a mim? -perguntou ela por sua vez.

-Talvez, senhora - respondeu -, deva-se a que, ao contrário você, estive circulando entre os restantes convidados.

Adorou a resposta. Tanto que soltou uma gargalhada.

-E agora despertei sua hostilidade -assinalou-. Seria melhor que não me prestasse a menor atenção, excelência, e que me deixasse seguir interpretando meu papel de espectadora. Não espere que me acovarde ante você.

-Acovardar-se? -levou o monóculo ao olho e observou suas mãos através da lente.

Tinha as unhas curtas. E limpas, mas suspeitava que para o duque seria fácil adivinhar que trabalhava com elas.

-Sim, me acovardar -reiterou-. Assim é como governa seu mundo. Acovardando a todos os outros.

-Alegra-me que acredita me conhecer tão bem apesar da breve relação que nos une, senhora -respondeu.

-Suponho que não deveria ter falado com tanta franqueza - admitiu-. Mas foi você quem perguntou.

-Certamente -replicou ao mesmo tempo que executava uma rígida reverência Entretanto, antes que o duque pudesse dar meia volta e partir, apareceu Melanie.

-Vejo que já conheceu Christine, excelência -disse, tomando-o pelo braço e esboçando um elegante sorriso-. Entretanto, permite-me afastá-lo dela um momento? Lady Sarah Buchan deseja lhe fazer uma pergunta, mas é muito tímida para dirigir-se a você por si mesma.

Melanie o conduziu para o lugar que ocupava lady Sarah, quem lançou um olhar venenoso a ela antes de fazer uma reverência e dirigir um deslumbrante sorriso ao duque.

Mãe do amor formoso! A aposta!, pensou. Acaso pensava essa menina que tentava ganhá-la?

Claro que se fosse assim, não era a única que o fazia. Harriet King se plantou diante dela.

-Um conselho, senhora Derrick, se me permitir disse com amabilidade-. Talvez seja capaz de atrair ao duque de Bewcastle até seu lugar com um sorriso incitante e uma total falta de decoro ao negar-se a afastar o olhar de sua pessoa, mas vai necessitar de um plano muito mais elaborado se quer ter uma conversa durante uma hora.

Bem!, exclamou para si mesma e pôs-se a rir de boa vontade.

-Estou certa de que tem razão -afirmou-. vou ter que pensar em algo realmente incitante.

Entretanto, em lugar de compartilhar a brincadeira, a moça deu meia volta depois de ter completado com sua boa obra.

Teve o palpite de que sua intenção de passar desapercibida em um canto durante duas semanas não ia ser fácil. Acabava de chamar a atenção do mesmo modo que se tivesse estado no meio do salão agitando um estandarte. Embora jamais tinha sido capaz de passar desapercibida em nenhum lugar... e isso tinha sido parte do problema durante seu matrimônio. Possuía uma natureza muito sociável.

Esses olhos! pensou de repente. Durante sua breve conversa com o duque tinha descoberto que eram prateados. Os olhos mais extraordinários que tinha visto na vida. Eram duros, frios e velados.

olhá-los era como olhar uma superfície que repelia tudo o que lhe lançassem de modo que nada conseguia transpassá-la. Tinha-lhe dado a impressão de que ou não havia nada em seu interior, que esse aristocrático rosto duro e arrogante estava oco, ou que a pessoa que morava em seu interior estava muito bem escondida.

De qualquer forma, esses olhos eram muito inquietantes, porque apesar de guardar com zelo o interior do duque, pareciam possuir o extraordinário poder de atravessar a outros e chegar diretamente à nuca. vê-los tão curta distância e, sobre tudo, senti-los penetrar seu crânio tinha confirmado sua impressão inicial: podia ser um homem perigoso se o provocasse.

Ela teria provocado? Supôs que, quando muito, o teria incomodado tanto como um diminuto mosquito que revoasse em torno de sua orelha... ou que lhe metesse no olho.

Suspirou e comeu o biscoito que tinha na mão. Estava lambendo os dedos quando Justin se aproximou de seu lugar. Ficou em pé com um alegre salto e se fundiram em um quente abraço.

-Justin! -exclamou-. Passaram séculos!

-Milênios, diria eu - corrigiu-a com um sorriso -. Em realidade nos vimos na Páscoa. Eu gosto de como fica seu cabelo curto. Está mais bonita que nunca. Já vejo que acaba de conhecer o grande homem. Apostaria o que fosse como Mel passou algumas noites em claro desde que descobriu que Héctor o havia convidado.

-Inclusive foi a Hyacinth Cottage para me convencer de que viesse e assim equilibrar o número de convidados - replicou com uma careta -. E já conhece Melanie quando coloca algo entre sobancelha e sobancelha. Não me deixou alternativa.

-Pobre Chrissie! - zombou dela-. Embora eu saí ganhando.

Depois desse comentário pareceu relaxar-se pela primeira vez em todo o dia.

-Christine esteve casada com meu pobre primo Oscar - estava explicando Renable ao Wulfric -. Conhecia-o? Era o irmão mais novo do visconde de Elrick. Um homem encantador e querido por todos. Sua morte foi uma tragédia, sobre tudo para Christine, que se viu obrigada a voltar para a casa de sua mãe, aqui no povoado. Era

a filha do professor do povoado quando Oscar a conheceu. E fez um matrimônio brilhante. Mas, enfim, não durou, e lhe tenho muitíssima lástima.

Por isso a convidei. Temos uma grande amizade e precisa divertir-se um pouco.

Seu sobrenome o tinha levado a supor que era da família dos Elrick, e ao lhe explicar que era viúva, recordou que o visconde tinha perdido a seu único irmão uns anos antes. Entretanto, não dependia economicamente dos Elrick, pois vivia com sua mãe e se via obrigada a aceitar a caridade de seus amigos para participar de acontecimentos sociais como esse. Oscar Derrick não contaria com uma fortuna ao casar-se ou, o que era mais provável, tinha-a dilapidado. Sua viúva não parecia contar com ganhos próprios. Sua vestimenta era muito menos elegante que a do resto das damas.

Para falar a verdade, a primeira vez que a viu -com um só olho, por certo- a tinha tomado por uma criada. O vestido de musselina que levava era decente, embora não fosse o último grito da moda. E tampouco era muito jovem. Talvez rondasse os trinta. Era muito bonita, de olhos grandes, rosto redondo e bronzeado pelo sol - a tão escassa distância tinha sido impossível não perceber esse detalhe -. Se por acaso isso não bastasse, tinha sardas na ponta do nariz. Era morena e de cabelo encaracolado, embora o levasse curto.

Seu aspecto delatava sua origem rural, e parecia muito fora do lugar entre os convidados de lady Renable. Mas claro, realmente estava fora do lugar. Apesar de ter feito um matrimônio muito vantajoso, não deixava de ser a filha de um professor de escola... incrivelmente impertinente ainda mais. Uma lástima que Derrick tivesse tido a desconsideração de morrer tão jovem.

Decidiu que não aprofundaria sua relação com a dama durante as duas semanas que duraria sua estadia. Embora o mesmo poderia dizer no referente a quase todas as demais convidadas. Começava a dar-se conta do engano garrafal que tinha cometido ao aceitar de forma impulsiva um convite verbal procedente de outro convidado... que não era outro que lord Mowbury, cujas desorientações eram amplamente conhecidas.

Lady Sarah Buchan estava lhe fazendo outra reverência, apesar de que não fazia nem meia hora que tinham sido apresentados.

-Queria lhe perguntar, excelência - disse ruborizada quando cravou o olhar nesses enormes olhos prateados -, que atividade matinal prefere: cavalgar ou passear? Fiz uma aposta com a Miriam Dunstan-Lutt, embora saiba perfeitamente que não está bem visto que as damas apostem. - riu com dissimulação.

Estava há muito tempo fora do âmbito do mercado matrimonial e tanto as damas de todas as idades como suas respectivas mães tinham deixado de rondá-lo fazia anos ao dar-se conta de que não se deixaria caçar. Não obstante e embora suas habilidades estivessem um pouco oxidadas, era capaz de reconhecer uma armadilha quando a tinha diante.

-Em regra geral, dedico as manhãs à correspondência e aos assuntos de negócios porque é quando minha mente está mais lúcida, lady Sarah -respondeu com brusquidão. - Costumo cavalgar ou passear quando o dia está bem avançado. E você, o que prefere?

Estava a ponto de morrer de aborrecimento.

De verdade estava a moça paquerando com ele?

Capítulo 4

Muitos dos convidados estavam cansados da viagem e aproveitaram o tempo entre o chá e o jantar para descansar na tranquilidade de seus quartos. Wulfric aproveitou a oportunidade para escapar ao exterior em busca de ar fresco e um pouco de exercício. Evidentemente não conhecia a propriedade, mas procurou o amparo da vegetação para ocultar-se de forma instintiva da mansão e evitar que alguém unisse a ele. Atravessou em diagonal um prado salpicado de árvores e entrou em um atalho que cruzava uma zona de bosque até chegar à beira de um lago artificial cuja colocação tinha sido escolhida com esmero para obter o maior efeito visual.

Não era muito grande, mas estava afastado e era um lugar encantador e tranquilo e também ficava oculto da mansão. O dia era agradável, quente, mas não caloroso, e corria uma suave brisa.

Isso, pensou enquanto respirava fundo, era o que necessitava, ar puro e um entorno campestre para recuperar o ânimo depois da longa viagem e do salão lotado de pessoas que tinha tido que enfrentar. Vários atalhos se internavam entre as árvores em diferentes direções, mas ficou onde estava, sem saber muito bem se continuava caminhando ou demorava-se nesse lugar, desfrutando dos aromas do campo no verão. Deveria ter ido a Lindsey Hall.

Entretanto, não o tinha feito, assim não tinha sentido desejar nesse instante ter tomado outra decisão.

Ainda estava no mesmo lugar, contente sem fazer nada quando escutou a suas costas o inconfundível som de passos que se aproximavam pelo mesmo atalho pelo qual tinha chegado.

Repreendeu-se por não ter se movido antes. A última coisa que desejava era ter companhia. Mas já era muito tarde. Tanto fazia o atalho que escolhesse, já que lhe seria impossível partir sem que o visse quem quer que aparecesse na borda.

Virou-se, incapaz de dissimular por completo a irritação.

A mulher avançava com passos muito pouco femininos, não levava boné nem luvas, e ia olhando para trás como se quisesse assegurar-se de que ninguém a seguia. antes de que pudesse afastar-se ou avisá-la do iminente desastre, deu de encontro com ele. Agarrou-a pelos braços muito tarde e se encontrou com um matagal de cachos no nariz, antes que ela erguesse a cabeça com um grito alarmado e seus narizes sofressem uma topada.

De algum jeito era quase inevitável, disse a si mesmo com triste resignação... E com o nariz dolorido e os olhos chorosos. Algum anjo malévolo tinha que tê-la enviado a esta festa campestre para atormentá-lo... ou para lhe recordar que jamais se deviam tomar decisões impulsivas.

Viu-a levar a mão ao nariz, certamente para averiguar se o tinha quebrado, se sangrava ou padecia de ambos os males. Tinha os olhos cheios de lágrimas.

-Senhora Derrick - disse com uma leve arrogância, embora já fosse muito tarde para dissuadi-la de que se aproximasse dele.

-Ai, Deus! -exclamou ela ao mesmo tempo que baixava a mão e piscava-.

Sinto muitíssimo! Que torpe sou! Não estava olhando por onde ia.

-Nesse caso - replicou-, bem poderia ter acabado no lago se eu não tivesse estado aqui.

-Mas não o fiz - respondeu ela com sensatez-. De repente, tive a impressão de que não estava sozinha e olhei para trás em lugar de prestar atenção ao caminho. E tinha que ser você nem mais nem menos.

-Desculpe-me. - Fez-lhe uma reverência muito rígida. Poderia lhe ter devolvido o comentário, mas não o fez.

Nesse momento ficaram em evidência suas rústicas maneiras e a falta de elegância e sofisticação que esperava encontrar nas damas com as quais estava obrigado a relacionar-se durante essas duas semanas. A brisa alvoroçava as mechas frisadas de seu cabelo. O sol fazia com que sua pele parecesse ainda mais bronzeada que no salão. Seus dentes pareciam muito brancos em comparação. Seus olhos eram tão azuis como o céu. Era, reconheceu a contra gosto com certa surpresa, bastante bonita... apesar de que o nariz ia avermelhando naquele momento.

-Minhas palavras soaram muito rudes - falou ela com um sorriso - Não era minha intenção dizê-lo assim. Mas primeiro lhe derramo limonada em um olho, depois o desafio em um duelo de olhares pelo mero fato de que me incomodou sua sobrancelha e agora me dou de cara contra você e lhe parto o nariz ao mesmo tempo que quebro o meu. Espero de todo coração que com isto se esgotou minha reserva de estupidezes para estas duas semanas e que possa ser decorosa, elegante e muito aborrecida durante o resto de minha estadia nesta casa.

Podiam dizer-se grande quantidade de coisas como réplica a um comentário tão franco. Entretanto, dito comentário tinha revelado muitas coisas sobre ela mesma, e nenhuma especialmente atraente.

-Escolhi um atalho ao acaso -replicou ele ao mesmo tempo que se afastava ligeiramente-. O lago foi uma surpresa, mas está situado em um entorno muito agradável.

-Sim, certamente! -concordou ela-. Sempre foi um de meus lugares preferidos.

-Não me cabe a menor dúvida de que saiu porque desejava estar sozinha - disse, preparando sua fuga-. Incomodei-a.

-Absolutamente – corrigiu-o com voz alegre-. Além disso, saí para passear. Há um atalho que rodeia o lago e que foi planejado com detalhe para oferecer uma grande variedade de prazeres sensuais. -Olhou-o nos olhos, fez uma careta e se ruborizou-. Às vezes não escolho as palavras com muito acerto - comentou.

"Prazeres sensuais", isso era o que devia tê-la envergonhado.

Não obstante, em lugar de entrar na hora no o atalho que tinha mencionado, viu-a titubear um instante e compreendeu que lhe estava bloqueando o passo. antes de que pudesse mover-se, ela voltou a falar:

-Talvez goste de me acompanhar...

Não havia nada que gostasse menos no mundo. Não lhe ocorria uma maneira mais indesejada de passar a escassa hora livre de que dispunha antes de trocar-se de roupa para o jantar.

-Ou talvez não... -acrescentou ela com esse olhar risonho que tinha visto pouco antes, do outro lado do salão quando arqueou uma sobrancelha e a ofendeu com o gesto.

Disse-o como se fosse um desafio. E a verdade, pensou, era que tinha algo que lhe era um tanto fascinante. Era muito diferente de qualquer outra mulher que tinha conhecido. E ao menos não havia nem rastro de paquera em seus gestos.

-Gostaria - disse, e se afastou para que ela o precedesse pelo atalho que entrava entre as árvores e corria paralelo à borda do lago.

Depois se colocou a seu lado, pois quando se desenhava o atalho tiveram a previsão de fazê-lo-bastante largo para que duas pessoas pudessem caminhar uma ao lado da outra. Não falaram durante um momento. Embora como bom cavalheiro era hábil para iniciar uma conversa educada, nunca tinha sido dado a conversar

para evitar o silêncio. Se ela estava contente passeando em silêncio, ele também.

- Acho que devo agradecer meu convite a Schofield Park - disse ela finalmente com um sorriso, embora não o olhasse no rosto.

-Como diz? -Olhou-a com as sobrancelhas arqueadas.

-Depois que o convidaram -lhe explicou ela-, Melanie se viu assaltada pelo pânico ao dar-se conta de que o número de cavalheiros superava em um ao de damas em sua lista de convidados. De modo que despachou a toda pressa uma carta a Hyacinth Cottage para me convidar, e quando me neguei, foi em pessoa para me rogar que aceitasse.

Acabava de lhe confirmar suas suspeitas.

-Depois que me convidassem -repetiu-. De que me convidasse o visconde de Mowbury. Devo entender, então, que o convite não partiu de lady Renable.

-Em seu caso eu não me preocuparia por isso - o tranqüilizou-. Assim que acessei a vir e a resgatei do potencial desastre, admitiu que preferia sua presença a do príncipe regente por muito importante que tivesse sido contar com sua majestade. Segundo ela - e possivelmente esteja certa, será a inveja de todas as anfitriãs da Inglaterra.

Continuou olhando-a. Efetivamente, um anjo malévolo tinha intervindo em todo o assunto. Essa mulher estava ali por ele... e ele estava ali pelo mero fato de ter agido de forma alheia a seu caráter.

-Não desejava aceitar o convite? -perguntou-lhe.

-Não. -Tinha estado balançando os braços de um modo muito pouco apropriado para uma dama, mas nesse momento entrelaçou as mãos às costas.

-Porque se sentia ofendida ao ter sido excluída da lista original? -sugeriu. Isso indicava que costumavam tratá-la como uma parente pobre a que ninguém fazia caso, não?

-Porque, embora pareça muito estranho, não desejava vir - respondeu.

-Talvez se sinta fora do lugar em companhia superior, senhora Derrick - aventurou.

-Acredito que não compartilho sua definição de "superior" - replicou-. Mas, em resumidas contas, tem razão.

-E ainda assim esteve casada com um irmão do visconde de Elrick – comentou.

-E ainda assim estive - afirmou com jovialidade.

Entretanto, não aprofundou no assunto. Tinham saído do arvoredo e se encontravam ao pé de uma verde colina salpicada de margaridas e ranúnculos.

-Não lhe parece uma colina linda? -perguntou-lhe, embora sem dúvida não esperava resposta. Vê? Se subirmos, nos permitirá ver por cima das copas das árvores e teremos uma vista panorâmica perfeita do povoado e das terras de trabalho que se estendem ao longo e largo de quilômetros ao redor. A campina é como um tabuleiro de xadrez. Quem escolheria a vida em cidade a isto?

Não o esperou nem se amedrontou pelo íngreme da ascensão. O precedeu até coroar a colina, embora poderiam tê-la rodeado e ter ficado ao pé, e uma vez no mais alto, estendeu os braços em cruz e deu uma volta completa com o rosto erguido para o sol. A brisa, que ali em cima soprava com força, agitou o cabelo e o vestido e fez que a fita que levava em torno da cintura ondeasse ao vento para frente.

Parecia uma ninfa do bosque, e apesar disso tinha a sensação de que seus movimentos e seus gestos eram genuinamente espontâneos e naturais. O que em outra mulher poderia interpretar-se como paquera nela era uma expressão de exuberante alegria. Tinha a estranha sensação de ter entrado, sem pretendê-lo, em outro mundo.

-Certamente... -reconheceu.

A senhora Derrick deixou de mover-se para olhá-lo.

-Você prefere o campo? -perguntou-lhe.

-Sim - respondeu ao mesmo tempo que continuava subindo até chegar a seu lado e, uma vez em cima, foi girando devagar para admirar toda a vista da campina.

-Então, por que passa tanto tempo na capital?

-Sou membro da Câmara dos Lordes - lhe explicou-. É meu dever assistir às sessões. -Cravou a vista na aldeia.

-A igreja é bonita, não lhe parece? - comentou ela -. Reconstruíram a ponta da torre faz vinte anos, depois que uma tormenta derrubou a antiga. Lembro tanto da tormenta como das obras. A nova é cinco metros mais alta que a anterior.

-O vicariato é o edifício que está ao lado? -perguntou.

-Sim – respondeu -. Minhas duas irmãs e eu virtualmente crescemos ali, com o antigo vigário e sua esposa. Eram muito amáveis e hospitaleiros. Suas duas filhas eram nossas melhores amigas, e depois havia seu filho, Charles, com quem tínhamos menos relação. O pobre era o único varão entre cinco garotas. Todos íamos à escola local, as garotas e os meninos. Tivemos sorte porque o professor, meu pai por certo, não era da opinião de que a única coisa que as mocinhas têm entre as orelhas é ar. Louisa e Catherine se casaram muito jovens e vivem um pouco afastadas. Mas depois que o antigo vigário e sua esposa morreram com dois meses de diferença, Charles, que ocupava um posto de diácono a uns trinta quilômetros daqui, ficou com o cargo e se casou com minha irmã Hazel, a do meio das três.

-Sua irmã mais velha também está casada? -quis saber.

-Eleanor? -Negou com a cabeça-. Quando tinha doze anos anunciou que sempre ficaria em casa para cuidar de nossos pais quando fossem velhos. Apaixonou-se uma vez, mas seu noivo morreu na batalha da Talavera antes que se casassem, e depois perdeu o interesse pelos homens.

Quando nosso pai morreu, insistiu no que dizia de menina, embora claro, agora só precisa cuidar de minha mãe. Acredito que é feliz.

Sim, pensou, certamente que pertencia a outro mundo... ao da nobreza rural. Certamente tinha feito um matrimônio muito vantajoso.

Viu-a estender um braço e dar um passo para ele para lhe indicar com mais facilidade o que apontava.

-Aquilo ali é Hyacinth Cottage - disse-. Ali vivemos. A casa sempre me pareceu muito pitoresca. Passamos momentos de incerteza quando meu pai morreu, já que só ele constava como

arrendatário. Mas Bertie, o barão Renable, teve a amabilidade de arrendá-la a minha mãe e a Eleanor por toda a vida.

-Pensando que você não as sobrevivesse? -perguntou.

A senhora Derrick desceu o braço.

-Ainda estava casada com o Oscar - respondeu -. Sua morte era imprevisível, é obvio, mas embora não tivesse sido esse o caso, suponho que Bertie teria pensado que ficaria com sua família.

-Mas não o fez?

-Não.

Contemplou Hyacinth Cottage da distância. Era uma casa bonita, com seu telhado de palha e seu extenso jardim. Parecia uma das casas maiores do vilarejo, um lar adequado para um cavalheiro de nascimento, embora tivesse agido como professor de escola.

A senhora Derrick, que estava de pé e em silencio a seu lado, pôs-se a rir baixo.

Virou a cabeça para olhá-la.

-Tornei a fazer algo que lhe é engraçado, senhora Derrick? - perguntou.

-A verdade é que não. -Sorriu-lhe-. Mas acabo de me dar conta que Hyacinth Cottage parece uma casinha de bonecas daqui acima. Certamente caberia em um cantinho do salão de sua casa.

-Refere-se a Lindsey Hall? - disse. - Duvido muito. Calculo que deve haver quatro dormitórios no andar de cima e outros tantos aposentos no piso inferior.

-Então talvez em um cantinho de seu salão de baile.

-Talvez - concordou, embora duvidasse. Não obstante, a idéia era engraçada.

-Se seguirmos pelo atalho que rodeia o lago a este passo, pode ser que ainda tenham biscoitos com os quais acompanhar o chá da tarde.

-Nesse caso será melhor que nos ponhamos em marcha.

-É possível que não quisesse caminhar até tão longe - disse ela-. Talvez prefira retornar por onde viemos em lugar de me acompanhar.

Aí estava... sua oportunidade de escapar. Não soube por que não a aceitou. Talvez porque não estava acostumado a que o

despachassem.

-Não estará tentando desfazer-se de mim por acaso, não é, senhora Derrick? -perguntou ao mesmo tempo que segurava o cabo do monóculo e o levava ao olho para observá-la através da lente, só porque sabia que o gesto a incomodaria. Não obstante, ela pôs-se a rir.

-Simplesmente pensei que talvez esteja acostumado a ir a cavalo a toda parte ou a que o levem de carruagem - respondeu -. Não quero ser a culpada de que lhe saiam bolhas nos pés.

-Nem de que chegue tarde ao jantar? -Baixou o monóculo e o deixou pendurado na fita-.É muito amável, senhora, mas não a culparei de qualquer possível desastre.

Apontou com uma mão o caminho que descia pelo outro lado da colina. Conforme comprovou, continuava percorrendo em paralelo à borda do lago durante um lance antes de voltar a desaparecer entre as árvores.

A senhora Derrick fez várias perguntas enquanto caminhavam. Perguntou-lhe por Lindsey Hall, em Hampshire, e também por suas outras propriedades. Pareceu muito interessada na propriedade que tinha em uma remota península do Gales, perto do mar. Perguntou-lhe por suas irmãs e irmãos, e depois, quando soube que estavam todos casados, perguntou-lhe por seus cônjuges e seus filhos. Caiu na conta de que estava falando mais do que o habitual sobre si mesmo.

Uma vez que saíram do arvoredo, descobriu uma bonita ponte de pedra colocada sobre um riacho cujas águas desciam com rapidez entre suas escarpadas bordas no caminho ao lago.

Detiveram-se ao chegar ao centro e contemplaram o reflexo do sol na água. A senhora Derrick se apoiou na mureta. Os gorjeios dos pássaros inundaram o ar. Era uma cena bucólica.

-Justamente aqui foi onde Oscar me beijou pela primeira vez e me pediu que me casasse com ele -disse ela em voz baixa. - passou muita água debaixo desta ponte desde aquela tarde... em mais de um sentido.

Não disse nada. Esperava que não lhe desse de soltar um sem-fim de sandices sentimentais sobre o amor e a enormidade de sua

perda. Entretanto, quando se virou para olhá-lo, fez isso muito depressa e com as faces ruborizadas. Supôs que tinha esquecido por um momento com quem estava... e agradeceu enormemente que o tivesse recordado na hora.

-Ama Lindsey Hall e suas outras propriedades? -perguntou ela.

Só uma mulher, uma mulher muito sentimental, poderia fazer semelhante pergunta.

-"Amar" talvez seja uma palavra muito extravagante para referir-se a um montão de pedras e uma parte de terra, senhora Derrick – respondeu -. Preocupo-me de que estejam bem administradas. Cumpro minhas responsabilidades com aqueles que vivem de minhas propriedades. Passo todo o tempo que me é possível no campo.

-E ama a seus irmãos e irmãs?

Arqueou as sobrancelhas.

-"Amar" é uma palavra utilizada pelas mulheres, senhora Derrick - respondeu -, e em minha experiência costuma implicar tal leque de emoções que é virtualmente impossível que contenha um significado. As mulheres amam a seus maridos, a seus filhos, aos bebês e a seus cães; a última ninharia que se compraram, dar passeios pelo parque e a última novela que tomaram emprestada da biblioteca. Também amam a luz do sol e as rosas. Eu cumpro meu dever com meus irmãos, assegurei-me que todos tenham um futuro e um matrimônio feliz. Escrevo-lhes uma vez ao mês. E suponho que morreria por qualquer deles se alguma vez fosse necessário um sacrifício tão ostentoso e nobre. Isso é amor? Deixo a resposta você.

Ela o observou em silêncio durante um bom tempo.

-Refere-se às emoções das mulheres com desdém -replicou-. Sim, amamos todas essas coisas que mencionou e muitas mais. Acredito que não quereria viver se minha vida não estivesse cheia de amor por todas as coisas e por todas as pessoas que me rodeiam. Não é uma emoção que deva inspirar desdém. É uma atitude ante a vida completamente oposta a daqueles que a vêem como uma sucessão de deveres que cumprir ou de cargas que suportar. É evidente que a palavra "amar" tem um sem-fim de

acepções, ao igual a muitíssimas palavras de nossa preciosa língua em constante evolução. Mas embora digamos que amamos as rosas ou amamos aos bebês, nossas mentes e nossos corações compreendem que a emoção não é a mesma. Sentimos uma imensa alegria ao contemplar uma rosa perfeita. Dá-nos um tombo o coração ao ver um menino de nosso sangue ou de nossa família. Ninguém conseguirá que me envergonhe pela ternura que sinto por minhas irmãs ou por meus sobrinhos.

Teve a firme impressão de que acabava de pô-lo em seu lugar. Entretanto, tal como acontecia com as pessoas que discutiam levadas pela paixão e não pela razão, tinha tergiversado suas palavras. Lançou-lhe um de seus olhares mais gélidos.

-Desculpe-me se me equivoco, mas disse ou insinuei que deva envergonhar-se, senhora Derrick? -replicou.

Suas palavras teriam castigado a qualquer outra dama. Porém não à senhora Derrick..

-Sim - afirmou cortante-, insinuou-o. insinuou que as mulheres são frívolas e que fingimos amar quando em realidade não conhecemos o significado dessa palavra... Quando, de fato, essa palavra não tem um significado verdadeiro.

-Ah! -exclamou em voz baixa, mais aborrecido do que jamais se permitia estar-. Nesse caso, talvez deva me desculpar, senhora.

Afastou-se da mureta e empreenderam de novo a marcha. O caminho voltou a levá-los entre as árvores, embora nesse lance pudessem contemplar o lago que estavam rodeando para poder chegar ao ponto de partida. A senhora Derrick apressou o passo até chegar à mansão.

-Bem - disse ela com um sorriso deslumbrante quando entraram no vestíbulo, rompendo assim o longo silencio que tinha dominado a última parte do passeio-, devo me apressar se não quiser chegar tarde ao jantar.

Despediu-se dela com uma reverência e a deixou correr - sim, "correr" era a palavra adequada-escada acima até que desapareceu de sua vista, depois do que empreendeu o caminho a seus aposentos. Ao chegar a seu destino surpreendeu descobrir que tinha estado fora mais de uma hora.

Não lhe tinha sido tão longo. Deveria ter sido assim. Normalmente não o fazia nem pingo de graça agüentar a companhia de alguém que não tivesse escolhido com antecipação... e isso incluía a todos os desconhecidos.

O duque de Bewcastle não se sentiu obrigado a acompanhá-la ao diminuto quarto que lhe tinham atribuído, comprovou Christine com alívio. Possivelmente estaria contente depois de ter sobrevivido a uma hora tão tediosa, pensou enquanto corria escada acima, esquecendo que Hermione tinha insistido em que correr não era uma maneira elegante de deslocar-se de um lugar a outro.

Seguiu correndo até chegar a seu quarto. Não demoraria muito em trocar de vestido para o jantar, mas restava muito pouco tempo.

Mal dava crédito ao que acabava de fazer. deixou-se estimular por algumas tontinhas, isso era o que tinha feito. Tinha saído a toda pressa da mansão depois do chá para desfrutar de um pouco de tempo a sós, deu-se de cara com o duque de Bewcastle - que momento mais embaraçoso!- e depois, justo quando estava a ponto de escapar dele, lhe tinha ocorrido a genial ideia de ganhar a aposta nesse preciso instante, quase antes de tê-la feito. Só para demonstrar-se a si mesma que podia fazê-lo. Porque em nenhum momento teve a intenção de retornar correndo para reclamar seu prêmio. Não necessitava do prêmio nem ser a inveja das jovens conspiradoras. Em realidade, tudo se devia a seus espantosos vinte e nove anos e ao fato de que todas as mocinhas, quase sem exceção, tivessem-na olhado com pena e desdém, como se fosse uma anciã.

Era lhe incrível havê-lo feito... e que ele tivesse aceito sua companhia. E que, uma vez na colina, assaltada pelos remorsos e depois de lhe oferecer a oportunidade de fugir, ele tivesse escolhido continuar o caminho com ela.

alegrava-se enormemente de que a hora tivesse terminado. Jamais tinha conhecido a um homem mais soberbo e frio. Tinha falado de Lindsey Hall e de suas outras propriedades, de seus irmãos e de seus sobrinhos sem o menor traço de emoção.

E depois se referiu com desdém ao amor quando lhe perguntou pelo conceito.

A verdade fosse dita, esse homem lhe era fascinante de um modo um tanto aterrador. E seu perfil era esplêndido... igual a seu físico. Deveriam esculpi-lo em mármore ou em bronze, concluiu, e colocá-lo sobre um alto pedestal em uma avenida de sua casa senhoril para que as futuras gerações de sua família pudessem contemplá-lo com admiração e assombro.

O duque de Bewcastle era um homem muito bonito e um presente para a vista.

Deteve-se no meio de seu diminuto quarto e franziu o cenho. Não, seu atrativo não residia aí. Oscar tinha sido um homem bonito, tanto que tirava o fôlego. Foi sua atitude o que a conquistou nada mais. Há nove anos era a típica mocinha tola. O aspecto físico era tudo. Bastou-lhe um olhar para cair rendida a seus pés. A única coisa que importava naquele momento era seu rosto. As restantes qualidades que pudesse ou não ter tinham passado totalmente despercebidas a seus olhos.

Não obstante, já era mais velha. Não se movia às cegas, os anos lhe tinham ensinado. Era uma mulher amadurecida. O duque de Bewcastle era sem dúvida muito bonito, apesar da frieza e da austeridade de seu atrativo. Entretanto, tinha algo mais além do físico. Atraía-a do ponto de vista sexual. A simples ideia, formulada em sua mente, fez com que lhe endurecessem os mamilos e que o desejo fizesse brecha entre suas coxas.

Que vergonha!

E que perigo!

Certamente era um homem perigoso, embora não fosse patente a simples vista. Afinal, não tinha tentado ultrapassar os limites com ela no bosque, não é? A ideia era ridícula. Nem sequer tinha tentado seduzi-la... o que era ainda mais ridículo. Nem tinha sorrido uma só vez.

Claro que, apesar de tudo, seu corpo tinha reagido à atração sexual enquanto passeava a seu lado.

Devia ter a cabeça cheia de pássaros para sentir-se sexualmente atraída pelo duque de Bewcastle, disse-se antes de

repreender-se com severidade e sentar-se diante da penteadeira, um homem a quem poderiam colocar tal qual no dito pedestal da avenida e passar sem problemas por uma estátua de mármore sem que ninguém reparasse na diferença.

Nesse momento levou uma mão à boca para conter um grito. Pássaros na cabeça? Parecia que um pássaro tinha tentado aninhar em sua cabeça. Tinha o cabelo feito um desastre, o nariz como um tomate e as faces pareciam duas maçãs vermelhas depois de ter estado exposta ao vento.

Mãe do amor formoso! brincadeiras aparte, esse homem devia ser feito de mármore se tinha sido capaz de olhar para seu rosto com essas manchas sem dobrar-se de risada.

Enquanto seu corpo palpitava alegremente pelo desejo sexual que lhe provocava, o do duque devia estar encolhido por causa da repulsão.

Envergonhada, embora já fosse muito tarde, agarrou a escova.

Quando por fim se meteu na cama nessa primeira noite, Christine se sentia muitíssimo mais a gosto na festa campestre do que o estava antes que começasse e até também depois do chá. além de ter ido obrigada, tinha começado de uma maneira desastrosa. Mas o êxito de ter conseguido que o duque de Bewcastle passasse uma hora com ela tinha achado graça e lhe tinha levantado o ânimo, apesar da sua decisão de não compartilhar seu triunfo com as outras damas.

Não obstante, o compartilhou com Justin, com quem se sentou no salão para tomar o chá depois do jantar. Falou-lhe sobre a absurda aposta e lhe contou como foi fácil ganhá-la, embora ninguém jamais saberia.

-É obvio que não foi uma hora fácil - lhe assegurou-. Agora entendo por que o duque de Bewcastle tem reputação de frio. Não sorriu nenhuma só vez, Justin, e quando lhe disse que me convidaram porque Melanie estava histérica depois que Héctor o convidou, nem riu nem pareceu contrariado.

-Contrariado? -replicou Justin-. Bewcastle? Duvido muito que saiba o que significa a palavra, Chrissie. Certamente acredita que é

seu direito divino assistir a qualquer festa campestre que lhe chame a atenção.

-Pois não acredito que isso aconteça freqüentemente – comentou -. Que muitas festas campestres chamem sua atenção, quero dizer. Enfim, deixemos de ser implicantes, que tal lhe parece? Me alegro muito de ter ganho essa estúpida aposta segundo minhas condições. Agora posso evitá-lo durante os treze dias seguintes.

-Ele perde e eu saio ganhando - replicou Justin com um sorriso-. Me teria encantado lhe ver a cara quando deu um encontrão nele.

Entretanto, foi outra coisa que lhe aliviou o humor. Ao final da noite percebeu que tinha sobrevivido ao momento que temia há dois anos, que não era nem mais nem menos que voltar a ver Hermione e Basil. De modo que compreendeu que já não tinha nada que temer e que podia ser ela mesma, sem inibições.

Tinha ido a Schofield Park com a intenção de passar despercebida, de observar mais que de participar, de evitar qualquer incidente e qualquer encontro que pudesse fazê-la objeto de rumores.

Tinha ido, de fato, com a intenção de comportar-se tal qual tinha tentado comportar-se durante os últimos anos de seu matrimônio, antes que Oscar morresse. Naquele tempo não serviu de nada, por mais que o tentasse, e tampouco tinha servido de nada durante as primeiras horas da festa campestre.

Alegrava-se de que seu plano tivesse fracassado tão cedo. Porque o fracasso a tinha levado a fazer uma pergunta: por que tinha que comportar-se de um modo contrário a sua natureza? Se seus vizinhos soubessem que Christine Derrick tinha pensado passar duas semanas em uma festa campestre sentada em um canto e observando o que acontecia a seu redor, morreriam de rir...

Se acaso chegassem a acreditar em semelhante patranha, claro estava. Por que tinha que comportar-se dessa forma, ou tentá-lo ao menos, pelo mero fato de que seus cunhados também fossem convidados à festa? A opinião que tinham dela não podia ser pior.

Continuavam odiando-a, coisa que tinha ficado clara essa mesma tarde. Mas já se livrara deles, estava há dois anos sendo

livre. Oscar estava morto e enterrado.

Podia voltar a ser ela mesma.

Era um pensamento maravilhoso e libertador, apesar da dolorosa sensação provocada pela lembrança de Oscar -revivido com especial emotividade na ponte de pedra próximo ao lago- e o encontro com Hermione e Basil. Seria ela mesma.

De modo que passou o resto da noite jogando charadas, embora a princípio nenhuma das equipes a escolheu, ao acreditar - ou isso supôs ela- que devia mesclar-se com os convidados de mais idade. Ao final uma equipe a escolheu por que faltava um membro, pois Penélope Chisholm se negava a participar dizendo que era tão má que todos lhe suplicariam que abandonasse o jogo assim que comesçassem.

Ela não era má jogando charadas pelo contrário. De fato, era um de seus jogos de interior preferidos. Sempre lhe tinha encantado o desafio de comunicar uma idéia sem palavras e de ter que adivinhar os gestos de outra pessoa. lançou-se totalmente ao jogo com patente entusiasmo, e não demorou para estar acalorada e morta de risada, e em converter-se na preferida de todos... ao menos de sua própria equipe, é obvio.

Sua equipe ganhou com muita vantagem. Rowena Siddings e Audrey, contagiadas por seu entusiasmo, não demoraram para melhorar suas atuações, embora Harriet King, que era um desastre no jogo, fingiu estar aborrecida e disse que essas tolices estavam muito abaixo dela. O senhor George Buchan e sir Wendell Snapes começaram a olhá-la com admiração e aprovação. Assim como o conde de Kitredgé e sir Clive Chisholm, que observavam o jogo de um canto enquanto animavam os participantes.

O duque de Bewcastle também estava observando com uma expressão de supremo aborrecimento no rosto. Mas não reparou nele... salvo para fixar-se nessa expressão, claro.

Apesar de sua fama de descer a temperatura do aposento onde estivesse, não pensava lhe permitir que a desanimasse.

Quando por fim se deitou, tinha aceito por completo a idéia de desfrutar dessas duas semanas e de esquecer-se de todos os deveres com os quais costumava ocupar seus dias.

Capítulo 5

Ao longo dos dias seguintes Wulfric descobriu que a senhora Derrick carecia de boas maneiras.

A primeira noite da festa, quando os convidados decidiram jogar charadas, lançou-se de cabeça ao jogo, ruborizou-se e começou a rir a gargalhadas em lugar de fazê-lo com dissimulação como o resto das damas e a gritar respostas sem temor a superar aos cavalheiros. Além disso, importava-lhe um nada fazer o ridículo quando lhe chegava o turno de fazer gestos.

Entretanto e apesar de que se proposto evitar a aborrecida experiência de observar o jogo, descobriu que não podia afastar os olhos dela. Era o tipo de mulher que era bonita quando estava imóvel, mas que se convertia em uma beleza quando se animava. E tal parecia que esse era seu estado natural.

-É impossível não admirá-la, não é? -escutou que lhe perguntava com voz risonha Justin Magnus, que se tinha aproximado sem que percebesse. - Salta à vista que falta o refinamento que muitos membros da alta sociedade esperam encontrar em uma dama bem educada.

Lembro que meu primo Oscar se sentia muitas vezes envergonhado por seu comportamento, igual a Elrick e Hermione. Mas se lhe interessa minha opinião, Oscar foi afortunado por tê-la durante um tempo. Eu sempre a defendi a capa e espada, e sempre o farei. Não tem meio termo. A menos que se seja muito distinto, está claro.

Observou ao jovem através do monóculo. Não sabia se acabava de lhe jogar uma sutil reprimenda por ser muito distinto ou se o estava tratando como a uma espécie de camarada do que se esperava que reconhecesse que as mulheres sem meio termo eram preferíveis às damas de maneiras refinadas. De uma maneira ou de outra, não gostou absolutamente da familiaridade com que o tinha tratado. Embora Magnus fosse o irmão de Mowbury, apenas o conhecia de vista.

-Suponho que está falando da senhora Derrick -replicou com a voz que utilizava sempre que queria descer as fumaças a alguém-. Eu me limito a observar o jogo.

Entretanto, uma verdadeira dama não deveria ter os olhos tão brilhantes, nem ser tão alegre, nem... ter esse aspecto tão desalinhado quando estava em companhia da alta aristocracia. Seus cachos curtos se agitavam cada vez que se movia, e não tinha demorado muito em perder toda a aparência de elegância e refinamento. O fato de que no final do jogo estivesse o dobro de bonita que ao princípio era uma questão de todo irrelevante.

Não deveria comportar-se desse modo. Se esse tinha sido o comportamento que tinha demonstrado durante seu casamento, tanto Derrick como os Elrick estavam em todo seu direito a sentir-se ofendidos.

Recordava-lhe um pouco a suas irmãs, reconheceu a contra gosto, embora lhe faltava o ar aristocrático que sempre as tinha salvado de cair na vulgaridade. Embora não podia dizer-se que a senhora Derrick fosse vulgar. Simples e sinceramente, era uma pessoa comum. Mas claro, suas origens distavam muito da alta sociedade.

Durante os dias seguintes se comportou com mais decoro. Passou grande parte de seu tempo com Justin Magnus, com quem parecia compartilhar uma estreita amizade. Entretanto, cada vez que a observava com atenção -coisa que acontecia com mais freqüência do que o devido -via em seu rosto a mesma inteligência e jovialidade que viu naquela primeira tarde no salão.

Mas nunca voltou a vê-la sozinha em um canto. Sua popularidade crescia entre os mais jovens, um fato muito estranho. Porque não era uma jovenzinha. Não deveria pular com os infantes.

A coisa mudou na tarde que foram todos em excursão às ruínas de um castelo normando situado a vários quilômetros de distância da mansão. As carruagens estavam preparadas na esplanada principal, assim como estavam os convidados em espera das instruções de lady Renable, que era a encarregada de fazer as distribuições. Entretanto, chegado a recontagem final descobriu-se que faltava uma dama, e isso fez perigar o cuidadoso plano de

emparelhar aos convidados. A dama ausente era a senhora Derrick, conforme assinalou com voz gélida lady Elrick, cujo tom sugeria que deveriam havê-lo suspeitado desde o começo. Procuraram-na durante um quarto de hora, durante o qual lady Renable esteve à beira do desmaio, até que por fim apareceu.

Em realidade, mais que aparecer chegou correndo do lago com dois meninos lhe pisando os calcanhares, um menino e uma garota, e outro nos braços.

-Sinto muitíssimo! -gritou alegremente e quase sem fôlego enquanto se aproximava-. Estávamos fazendo ricochetear calhaus na água e perdi a noção do tempo. Voltarei assim que leve seus filhos a seu quarto, Melanie.

Entretanto, lady Renable deixou a seus filhos -cuja existência ele ignorava até esse preciso instante- aos cuidados de um laçao e a senhora Derrick, com um aspecto um pouco desalinhado, mas bonita de qualquer forma, subiu a uma das carruagens ajudada pelo Gerard Hilliers, seu par para a excursão. Cinco minutos mais tarde já estavam em marcha, e seu comportamento foi irrepreensível durante o resto da jornada, embora acompanhasse aos cavalheiros na subida até o parapeito do castelo enquanto que as outras damas os aguardavam no pátio de armas, admirando as ruínas de baixo. Para falar a verdade, o grupinho de jovens ao qual acompanhava parecia muito animado. A situação teria sido inapropriada se fosse ela mais jovem, mas como não o era e que era viúva, acabou por reconhecer que seu comportamento não era escandaloso.

Embora pouco convencional e talvez um tanto imprudente. Pouco aristocrático.

Entretanto, foi no quinto dia quando ultrapassou os limites do decoro. Depois da excursão ao castelo tiveram um dia chuvoso, outro bastante cinza, mas o sol acabou aparecendo finalmente.

Alguém propôs um passeio até o povoado para ver a igreja e tomar refrescos na estalagem, de modo que um bom número de convidados se somou ao plano.

Wulfric entre eles. Interessavam-lhe as igrejas antigas. E como lhe era impossível evitar que as damas mais jovens o agarrassem pelas abas -em sentido figurado, menos mal-, procurou

deliberadamente a companhia de duas delas -a senhorita King e a senhorita Beryl Chisholm- e se perguntou em que momento o mundo tinha enlouquecido. As jovenczinhas, e outras que não o eram tanto, levavam anos evitando-o, mas as duas que o acompanhavam se dirigiam a ele com uma atitude claramente coquete. Viu que a senhora Derrick caminhava com os gêmeos Culver, sobrinhos do Renable, agarrada em seus braços. O trio ria a gargalhadas e conversava alegremente, embora a distância não lhe permitisse escutar o que diziam. A dama levava seu inseparável chapéu, um de palha com a aba um pouco caída pelo passar do tempo, embora devia reconhecer que lhe assentava estupendamente. Percebeu que tinha tendência a caminhar com grandes passadas como se tivesse energia a torrentes... e como se nunca lhe houvessem dito como devia se comportar uma dama.

Em primeiro lugar entraram na igreja e o vigário lhes ofereceu uma detalhada visita guiada, já que estava muito bem informado a respeito da história e do estilo arquitetônico do edifício, de modo que respondeu a todas as perguntas que lhe fizeram, quase todas elas formuladas por ele. Depois se foram para o cemitério, um lugar pitoresco e silencioso cujo centro ocupavam dois vetustos discos. O vigário apontou as tumbas mais ilustres, embora as damas mais jovens se mostraram impacientes para ir à estalagem. Lady Sarah Buchan deixou escapar, depois de aproximar-se dele, que se não saísse do sol nesse mesmo momento e se refugiasse em algum lugar fresco, acabaria desmaiando pelo calor em questão de minutos. Entretanto, seu irmão replicou que era uma tolinha sem remédio e a puxou pelo braço enquanto lhe recordava que estavam à sombra de um dos discos e que o dia não era tão quente.

Das duas uma, ou George Buchan desconhecia o que era a sutileza ou era incapaz de reconhecer as paqueras de uma mulher. Ou talvez continuava considerando que sua irmã era uma menina pequena. Fosse o que fosse, agradeceu-lhe de coração.

E nesse momento, quando chegaram ao lugar reservado para a família Renable e se reuniram em torno do solene mausoléu com o respeito apropriado deixando que o vigário comesasse com sua lição de história, interrompeu-os uma voz infantil.

-Tia Christine! - Gritou a pleno pulmão um menino que atravessou o cemitério como uma ventania e se lançou aos braços da senhora Derrick, que o ergueu do chão e o fez girar no ar entre gargalhadas, as suas e as do menino.

-Robin! -disse-, escapou do jardim, não é? Mamãe vai dar uns bons açoites e papai já está olhando-o com cara muito má. - Esfregou o nariz do pequeno com o seu e o deixou no chão-. Mas que recebimento mais maravilhoso!

O vigário, certamente, olhava-os com cara de poucos amigos. Uma dama que devia ser sua esposa, e portanto irmã da senhora Derrick, acompanhada por uma menina e um menino maiores que Robin, aproximou-se rapidamente ao grupo com a clara intenção de levar a seu caçula de volta a casa.

Não obstante, algumas das damas, aborrecidas a mais não poder de estar entre as tumbas, lançaram exclamações e adulações ao pequeno, que com seus cachos loiros e suas faces gordinhas parecia mais um bebê que um menino mais crescido. Um dos Culver lhe tirou a bola que levava em uma mão e a lançou a seu gêmeo por cima de sua cabeça, desafiando-o a jogar. Quando seu irmão a devolveu, Robin chiou e soltou um risinho enquanto tentava recuperá-la elevando os braços.

A inapropriada cena teria concluído ao cabo de uns momentos. Um dos gêmeos teria dado a bola e teria revolto o cabelo ao pequenino. As damas se teriam cansado de fazer dramalhões por ser tão bonito. O vigário teria dito algo apropriado para acalmar ao menino, que teria retornado a sua casa pelas mãos de seus dois irmãos.

Entretanto, a senhora Derrick inverteu os papéis... de novo. Ao que parecia, gostava muitíssimo das crianças e era capaz de ficar a seu nível na menor oportunidade. Assim se lançou de cabeça ao jogo, com a aba de seu chapéu e as fitas ao vento, apanhou a bola quando passava por cima de seu sobrinho. Tudo isso entre alegres gargalhadas.

-Robin! -exclamou, afastando uns passos a toda pressa alheia por completo ao fato de que estava dando de presente aos

espectadores uma escandalosa imagem de seus tornozelos-, agarra-a!

Como era de esperar, a bola escapou do menino, que seguiu voando pelos ares enquanto suas mãos davam uma palmada. Entretanto, apressou-se a correr atrás dela, colheu-a com uma mão e a devolveu a sua tia. Mas dada a falta de coordenação própria de um bebê, lançou-a com força e a bola começou a subir... e a subir... mas não desceu. Porque ficou firmemente encaixada entre um dos ramos do disco e o tronco.

O menino começou a mostrar todos os sinais próprios de uma manha de criança. Seu pai pronunciou seu nome com evidente aborrecimento. Seu irmão tentou distraí-lo convidando-o a ver o que acabava de fazer. Sua irmã o acusou de ser muito torpe. A senhora Derrick se aproximou da árvore. E Anthony ou Ronald Culver -era impossível distingui-los- começou a subir pelo tronco.

Chegado a esse ponto, a cena ainda poderia ter terminado pouco depois. E em realidade, os culpados de que se prolongasse tanto não foram outros senão os gêmeos. Não obstante, embora um deles resgatasse a bola e a jogou de volta ao chão sem a menor dificuldade, foi incapaz de fazer o mesmo com sua própria pessoa. Pelo visto, as costas da jaqueta tinham travado em um ramo bastante grosso e ficou preso lá encima.

Ronald -ou Anthony- Culver teria subido a resgatar a seu gêmeo sem dúvida alguma.

Entretanto, enquanto perdia um tempo precioso zombando sem piedade do atoleiro no que seu irmão se encontrava, outra pessoa foi ao resgate. E ficou patente que não era a primeira árvore a qual a senhora Derrick tinha subido em sua vida.

Observou com sofrida resignação como a dama introduzia a mão sob a jaqueta do Culver para libertá-lo do ramo. Apesar das gargalhadas que a cena suscitou, foi uma evidente exibição de vulgaridade... para não mencionar a exibição de pernas que todos puderam ver.

Culver desceu ao chão de um salto e ofereceu sua ajuda com gentileza a sua salvadora. Não obstante, ela recusou e se sentou no ramo mais baixo de onde saltou.

-Sempre que subo numa árvore -disse com voz alegre e o chapéu ligeiramente torcido, os cachos alvoroçados, as faces ruborizadas e os olhos brilhantes-, me esqueço que tenho que voltar a descer. Lá vou! -E se deixou cair.

E caiu.

Embora parte de seu vestido ficou atrás...escutou-se o som da malha ao rasgar-se quando o vestido se travou em outro impertinente ramo, que lhe produziu um rasgão no flanco da bainha até o talhe.

Apesar de não ser quem mais perto se encontrava dela, foi, o primeiro em chegar a seu lado. Colocou-se frente a ela para ocultá-la aos olhos de outros e manteve o olhar cravado em seu rosto.

Mais adiante teve a sensação de que talvez tivesse estado "preso" a ela, porque certamente recordava o calor que irradiava seu corpo e esse aroma tão feminino que desprendia sob o sol. tirou a jaqueta tão rápido como pôde, uma façanha porque seu criado pessoal tinha empregado toda sua força e engenho para colocá-la e a envolveu com ela enquanto que a dama tentava unir o rasgão na medida do possível.

Olhou-a com seriedade nos olhos. E lhe devolveu um olhar risonho! Embora era certo que o rubor que lhe tingia as faces era mais intenso que o que teria provocado o simples esforço físico.

-Que constrangimento mais espantoso e mortificante -disse-. Não lhe parece estranho que sempre acabe me pondo em evidencia diante da aristocracia, excelência?

Não, não lhe parecia estranho absolutamente.

A suas costas se produziu um grande alvoroço, mas o evitou por completo e se limitou a arquear as sobancelhas.

-Christine -a voz do vigário se ergueu por cima do barulho-, sugiro que entre no vicariato e deixe que Hazel a atenda.

-Obrigado, Charles, vou agora mesmo -aceitou enquanto olhava a ele com expressão risonha-. O problema é que não sei se poderei fazê-lo decentemente. -Segurou os extremos rasgados do vestido com ambas as mãos, embora fosse óbvio que necessitaria quatro pares mais para cobrir-se um pouco...

-Me permita, senhora -disse ele, que passou a cobri-la com a jaqueta da cintura para baixo, tentando não tocá-la, a fim de não piorar seu embaraço. Porque supunha que estava envergonhada, como bem merecia.

Entretanto, não serviu de nada. Era evidente que não poderia caminhar até ao vicariato sem expor muito mais que os tornozelos e as pernas como tinha acontecido enquanto subia à árvore.

-Agarre a jaqueta -lhe ordenou.

Assim que o obedeceu, inclinou-se e a ergueu nos braços. Pôs-se a andar ao vicariato sem dirigir aos outros nenhum olhar nenhuma palavra, e se perguntou como demônios se colocou em uma situação tão ridícula e tão incomum nele. O grupo se afastou para lhe abrir passagem... algo que por sorte não era nada incomum.

Nesse momento não sentia nenhuma compaixão pela humanidade, muito menos pela parte da humanidade que levava nos braços.

As crianças puseram-se a andar dando saltos a seu lado e o pequenino relatou a seus irmãos o que acabava de passar como se não o tivessem presenciado. Inclusive imitou com grande acerto o som da musselina ao rasgar-se...

-Ai, Meu deus! -exclamou a senhora Derrick-. Devo pesar muitíssimo.

-Absolutamente, senhora -lhe assegurou.

-Vejo-o um pouco mal-humorado -disse ela-. Suponho que seus criados serão os encarregados de realizar este tipo de tarefas por você.

- Em regra geral as damas não costumam saltar das árvores, destroçando os vestidos no processo, ao redor de mim nem ao redor de meus criados -replicou e a emudeceu.

Ao cabo de um minuto chegaram ao vicariato. A esposa do vigário tinha tido a previsão de armar-se com uma enorme toalha branca com a qual passou a cobrir a sua irmã sem mais e entraram na casa e a deixou no chão da cozinha. A cozinheira ou a governanta, não teria sabido dizer, lançou uma exclamação surpreendida antes de voltar a atender o guisado que tinha ao fogo.

-Adeus a meu segundo melhor vestido de musselina, Hazel - comentou a senhora Derrick-. Chorarei sua perda. Era meu preferido e só tinha três anos. Agora terei que pegar o terceiro e por fim o quarto subirá um posto.

-Talvez possa remendar-se -sugeriu sua irmã com mais otimismo que bom senso. - Mas enquanto isso, enviarei Marianne sem perda de tempo a Hyacinth Cottage para que lhe traga um vestido limpo e possa retornar ao Schofield Park. Os meus ficariam muito grandes. Marianne, vá a casa da avó e diga, a ela ou à tia Eleanor, que lhe dêem um vestido para a tia Christine, quer, querida?

Espera lá em cima, Christine.

Nesse momento a senhora Derrick percebeu que não os tinha apresentado e procedeu a emendar o engano.

-Hazel, apresento-a ao duque de Bewcastle -disse-. Excelência, minha irmã, a senhora Lofter. Embora suponha que deveria lhe ter perguntado se desejava conhecê-la, não é? Enfim, já é muito tarde.

Saudou-a com uma reverência, e a senhora Lofter, que de repente parecia aterrada, fez o mesmo com evidente estupidez.

-Suponho que quererá reunir-se com outros na estalagem -lhe disse a senhora Derrick, que começou a retorcer-se por debaixo da toalha e conseguiu tirar sua jaqueta para devolvê-la - Não tem por que sentir-se obrigado a me esperar.

-Ainda assim a esperarei, senhora - disse com um brusco assentimento de cabeça-.Aguardarei lá fora e a acompanharei até a estalagem.

Entretanto, seus motivos para tomar semelhante decisão lhe eram um mistério, já que a dama tinha passado a maior parte de sua vida na aldeia e seria capaz de encontrar o caminho com os olhos fechados. Durante a meia hora de espera, entreteve-se primeiro vestindo a jaqueta como pôde, já que não contava com a assistência de seu criado, e depois mantendo uma incoerente conversa com o vigário. Enquanto isso, o filho mais velho do dito brincava de correr pelo jardim com seu irmão nas costas. A senhora Derrick saiu por fim vestindo um vestido azul claro que, a julgar pelas costuras, talvez fosse azul escuro quando se confeccionou.

Perto da bacia se distinguia um remendo muito bem dissimulado mas evidente de todas formas, um possível indício de que o objeto tinha sofrido algum acidente no passado. penteou-se e levava o chapéu direito. Tinha as faces rosadas e brilhantes, como se se acabasse de refrescar o rosto com água.

-Ai, Deus! -exclamou, Olhando-o - esperou-me!

Respondeu ao comentário com uma rígida reverência. Como era possível que uma criatura tão maltrapilha conseguisse não só ser muito bonita mas também parecer transbordante de vida?, perguntou-se. Viu-a virar-se para pôr a cabeça pela porta da cozinha.

-Vou! -gritou-. Obrigado pela água e o sabão, senhora Mitchell. Você é um encanto.

Estava falando com a criada!?

Sua irmã saiu nesse momento e se abraçaram. Ao vê-las, os meninos correram para reclamar seu correspondente abraço de despedida, embora o mais velho estendeu a mão direita, envergonhado, e lhe deu um apertão entre gargalhadas. Despediu-se da mesma maneira do vigário, embora acrescentou um beijo na face e todos juntos, a troupe completa, rodearam a casa em direção ao jardim dianteiro para despedir-se dela agitando as mãos, embora a estalagem estivesse a dois escassos minutos a pé.

A cena foi assombrosa.

-Jamais compreenderei como acerto para me colocar nestas embrulhadas tão espantosas -disse a senhora Derrick depois de aceitar o braço que lhe tinha oferecido. - Mas assim sou eu. E sempre o fui. Hermione, que tentou me converter na dama perfeita depois das bodas, acabou desesperada. Oscar chegou a acreditar que fazia de propósito para envergonhá-lo. Mas não faço de propósito. Limitou-se a guardar silêncio enquanto ela prosseguia.

-Embora suponha que se tivesse esperado um pouco -seguir-, Anthony Culver teria ido ao resgate. Não acha?

-Efetivamente, senhora -respondeu com brusquidão.

Nesse momento escutou-a soltar uma gargalhada.

-Enfim -disse-, ao menos nenhum dos convidados do Melanie e Bertie me esquecerão em uma boa temporada.

-Eu diria que não o farão -concedeu.

Nesse momento entraram na estalagem e na hora a rodeou um grupo entre cujos integrantes estavam Justin Magnus, sua irmã mais nova e os gêmeos Culver. Todos a saudaram como se fosse uma espécie de heroína, embora um tanto cômica. As risadas aconteciam sem pausa, incluídas as da recém chegada. Ao menos, teve que reconhecer, levava bem as coisas.

Entretanto, quando a manhã chegava a seu fim se viu obrigado a admitir que carecia de boas maneiras. E se suas palavras eram sinceras -e já tinha demonstrado em anteriores ocasiões que dizia a verdade-, o desastre do disco não era um episódio esporádico em sua vida.

Teria que cuidar-se e guardar as distâncias com ela durante o resto de sua estadia.

Ainda assim e apesar de que começava a confundir ao resto das damas mais jovens em sua mente, descobriu que pensava mais da conta na senhora Derrick. Tinha uns olhos lindos e um rosto bonito e alegre -embora as sardas e o bronzeado danificassem o efeito- capaz de transformar-se em uma beleza deslumbrante quando ria ou se encetava em alguma atividade física extenuante. Possuía uns tornozelos magros, pernas torneadas e uma figura agradavelmente curvilínea.

E não foi nem o único em notá-lo. Logo se converteu na preferida da maioria dos cavalheiros. Era difícil explicar seu atrativo com palavras, porque não era nem elegante nem refinada... nem jovem.

Mas possuía uma espécie de faísca, de jovialidade, de vitalidade envolvente, de...

Possuía atrativo sexual.

Para cúmulo e conforme tinha entendido, estava a sem compreender como rezava a expressão. Graças a uma pergunta dirigida a Mowbury, tinha descoberto de forma fortuita que o marido dilapidou sua fortuna nos últimos anos de sua vida nas mesas de jogo e a deixou com uma mão em frente da outra ao morrer em um acidente de caça na casa senhoril do Elrick. Aparentemente, o visconde se fez encarregado das vultosas dívidas de seu irmão,

mas não do cuidado de sua viúva. Seu segundo melhor vestido matinal, que tinha acabado esmigalhado e não tinha acerto algum, tinha três anos...nada mais. E não tinha precisamente muitos com os quais repô-lo.

Não achava nem um pingo de graça saber-se atraído por uma mulher que carecia por completo das qualidades que admirava em uma mulher. De fato, incomodava-lhe profundamente descobrir imaginando-se o que sentiria se se deitasse com ela. Porque não tinha por costume olhar às damas, nem às mulheres em geral, com idéias luxuriosas. Mas se sentia atraído pela senhora Derrick. E se perguntava o que sentiria...

No dia do desastroso acidente do cemitério, Christine retornou ao Schofield Park, caminhando com Justin.

-Teve que esperar muitíssimo tempo na estalagem -disse-. Mas agradeço muito que o tenha feito, Justin. Sugeriu-o você? Se não me tivessem esperado, teria tido que fazer todo o caminho de volta com o duque de Bewcastle.

-Pensava que a partir deste momento ele veria como uma espécie de cavalheiro de brilhante armadura -replicou ele com um sorriso.

-Nunca passei tanta vergonha na vida -confessou. - Se pelo menos ele ficasse na mansão e não tivesse presenciado a espantosa cena, não me pareceria tão embaraçosa. Justin, nem sequer respirou com um sorriso nem com uma palavra de consolo. Não me importa que tenham rido de mim dadas as circunstâncias, eu mesma o teria feito se houvesse acontecido a outra pessoa. E ao final eu mesma acabei rindo. Mas, embora se comportasse em todo momento de forma irrepreensível e cavalheiresca e lhe estou muito agradecida pela rapidez com a que reagiu, estava mal-humorado e tive a sensação de que me tratava como a um trapo. Tomara me tivesse engolido a terra. Se ele não tivesse estado no cemitério, teria agarrado o vestido como facilmente poderia e procuraria refúgio no vicariato tranqüilamente, sem que minha dignidade se ressentisse.

-Tomara te tivesse visto, Chrissie -replicou Justin, incapaz de conter a risada.

- Imagino perfeitamente, obrigada -lhe assegurou antes de explodir em outra vez em gargalhadas.

Ai, Meu deus!, pensou. Ai, Meu deus! Quando se colocou frente a ela e a olhou tão sério nos olhos enquanto ocultava seu estado de semidesnudez ante os atônitos olhares de outros, seu corpo reagiu de tal forma a sua proximidade que agradeceu por poder dissimular tal reação com o embaraço por seu aspecto e esforços por cobrir-se. Tinha-o cheirado! Levava uma colônia almiscarada e indubitavelmente muito cara. E o calor que irradiava seu corpo a assaltou como se fosse um forno ao vermelho vivo.

Menos mal que Justin não percebeu nada disso. Certas coisas era melhor ocultar inclusive dos melhores amigos.

Não era sensato, nem elogiável certamente, suspirar por um homem a quem desprezava com todas suas forças.

Adoraria poder escapar um momento para seu diminuto dormitório quando chegassem à mansão. Em realidade, lhe teria encantado se dispusesse de um abismo sem fundo onde pudesse arrojar-se e assim desaparecer. Mas as mocinhas que tinham presenciado sua humilhação não iriam permitir uma fuga fácil.

-Eu não teria sido capaz de me pôr em evidência dessa maneira tão escandalosa nem por todas as apostas do mundo - afirmou lady Sarah com desdém depois de citá-la na saleta amarela junto a todas as demais.

-E se pensar que já ganhou, senhora Derrick -acrescentou Miriam Dunstan-Lutt com evidente ressentimento-, vou ter que contrariá-la. Desde que chegamos à estalagem até que você apareceu com o duque de Bewcastle só transcorreram cinqüenta minutos. Eu mesma controlei o passar do tempo no relógio que havia sobre a porta. Além disso, estiveram acompanhados virtualmente todo o momento pelo vigário, sua esposa e seus filhos, e não a sós.

Outra vez a ditosa aposta!

-Me alegro de não ter que lhe dar o dinheiro hoje, prima Christine -disse Audrey com voz tensa.

- Porque ninguém me deu ainda seu guineu.

-Eu acredito que deveríamos nos compadecer um pouco da senhora Derrick -lhes recordou Harriet King, embora sua voz não tinha nada de compassiva. - Suponho que a esposa do vigário deve ter tirado esse vestido do baú dos trapos.

-Mas o remendo da bainha está tão bem feito, Harriet - declarou lady Sarah com voz açucarada-, que é quase imperceptível.

-Entretanto -interveio Rowena Siddings-, terá que admitir que a cena do cemitério foi impagável. Jamais ri tanto. Tomara que tivesse visto sua cara quando aterrissou, senhora Derrick. -Prorrompeu em gargalhadas e as demais, salvo pelas notáveis exceções da senhorita King e de lady Sarah, uniram-se.

Christine, na falta de outra coisa que fazer pois preferia não encetar-se em uma disputa encarniçada, riu... de novo. Claro que rir da mesma coisa perdia a graça ao cabo de um tempo.

A conversa tomou outros roteiros e acabaram discutindo a respeito das condições para ganhar a aposta.

As damas de mais idade, que não as tinham acompanhado à aldeia, fizeram eco do incidente pouco depois - teria sido um milagre de proporções épicas se tivesse passado sem pena nem glória -. Lady Mowbury não lhe expôs o menor problema. Convidou-a a sentar-se a seu lado no salão antes do jantar para que lhe contasse sua versão da história; coisa que fez, embora com um considerável embelezamento dos fatos.

Tanto lady Chisholm como a senhora King evitaram o assunto e mantiveram as distâncias, talvez temendo que a afligisse algo contagioso que pudesse as impulsionar, no momento menos pensado, a saltar das árvores, deixando-a metade do vestido.

Hermione se sentou a seu lado quando lady Mowbury começou a falar com outro convidado e Basil se colocou em frente a ela. Era a primeira vez desde sua chegada que se aproximaram dela e que demonstravam a intenção de lhe falar.

-Suponho que era muito pedir que se comportasse com um mínimo de decoro durante duas semanas, Christine -sussurrou Hermione com voz tensa.

-E nem sequer passou uma semana desde que chegamos... - assinalou Basil.

-Não é capaz de demonstrar respeito à memória de meu cunhado? -perguntou Hermione com voz trêmula. - Nem a nós?

-Para cúmulo, obrigou ao Bewcastle, nada mais e nada menos, que fosse resgatá-la -acrescentou Basil-. Embora não sei por que me surpreendi quando me relataram o incidente, na verdade.

-O que pensará agora de nós!? -perguntou Hermione, que parecia sinceramente nervosa, ao mesmo tempo que levava um lenço aos lábios.

-Eu diria que pensa o mesmo que ontem e anteontem - respondeu ela ao mesmo tempo que um intenso rubor lhe cobria ao meio. - E que a opinião que tem de mim tem caído em pedacinhos. Entretanto, como estou segura de que, para começar, tampouco me tinha em alta estima, não acredito que possa cair muito mais baixo. Não vou permitir que esta questão me roube o sono, na verdade.

O comentário foi o mais ridículo que havia dito e feito em todo o dia, não lhe cabia a menor duvida, porque era fruto do enorme aborrecimento que a embargava. O incidente a que se referiam seus cunhados já era suficientemente embaraçoso por si, mas não tanto para lhe roubar o sono ou o apetite. A animosidade que os movia, isso sim, era outro cantar. Houve um tempo no qual foram amáveis com ela. Tinham-lhe mostrado simpatia. Era possível que Hermione inclusive lhe tivesse tomado afeto. Por sua parte só tinha existido carinho por eles. Tinha tentado com todas suas forças amoldar-se a seu mundo, e durante os primeiros anos o tinha conseguido. Tentou ser uma boa esposa para o Oscar e o quis com loucura. Mas em um dado momento tudo se desmoronou e nesse instante a tratavam com amarga hostilidade. Nem sequer quiseram escutá-la depois da morte de Oscar. Bom, em realidade a escutaram mas se negaram a acreditar nela.

-Suponho que paqueraste com o duque de Bewcastle - aventurou Hermione-. Não me surpreenderia absolutamente porque é o que está fazendo com todos os outros.

Ficou em pé de um salto e se afastou sem dizer uma só palavra mais. A mesma acusação de sempre! E doía tanto como de

costume. por que podiam outras damas falar com os cavalheiros, rir com eles, dançar com eles e ser admiradas por mostrar-se sociáveis enquanto que a ela sempre a acusavam de paquerar? Quando nem sequer sabia como fazê-lo! A menos que o fizesse de forma inconsciente, claro estava. Além disso, se tivesse sabido como, jamais o teria feito durante seu matrimônio. Porque se casara apaixonada. E embora não o tivesse estado, achava firmemente que uma esposa devia fidelidade absoluta a seu marido. Jamais lhe ocorreria paquerar com ninguém apesar de ser uma mulher livre. Para que? Se desejasse contrair matrimônio de novo, contava com várias opções bastante aceitáveis entre os cavalheiros de seu entorno. A questão era que não queria voltar a casar-se.

Como era possível que alguém, embora fosse Hermione, pudesse acreditá-la capaz de paquerar com um homem como o duque de Bewcastle ?

Entretanto, antes que pudesse fugir da sala e evitar desse modo ao resto dos convidados durante o jantar, Melanie a pegou no braço e lhe sorriu com carinho.

-Christine -lhe disse-, sei que se houver um menino aborrecido, você o entreterá, e que se alguém precisa ser resgatado, será você quem vai em sua ajuda embora isso implique subir a uma árvore. Se lhe disser a verdade, achei que ia sofrer uma enxaqueca quando me contaram o acontecido. Mas Bertie riu muito quando Justin contou. Até o Héctor, o bom do Héctor, achou-o hilariante. Assim decidi seguir seus exemplos. Asseguro-lhe que não podia parar de rir, e lhe peço por favor que não me olhe nem de esguelha agora mesmo ou explodirei em gargalhadas de novo. Só Hermione e Basil, os grandes tolos, negaram-se a ver a graça da situação, embora Justin lhes assegurou que o fez de boa fé e que não procurava se converter no centro de atenção, muito menos chamar a atenção de Bewcastle. Tomara tivesse estado ali para vê-lo!

-Se quiser, partirei para casa às escondidas e não voltarão para ver-me durante o resto da festa -sugeriu-. Espero que me perdoe, Melanie.

Melanie se limitou a lhe dar um apertão no braço e a dizer que não fosse tola.

-Christine, querida -replicou- relaxe e desfrute. Convidei-a precisamente para isso; para que não esteja tão ocupada durante duas semanas. Lastimo que tivesse que ser o duque de Bewcastle quem fosse em sua ajuda, mas não vamos nos preocupar mais por isso. Certamente esquece isso antes que acabe o dia e é possível que não volte a lhe dirigir a palavra durante o resto de sua estada.

-Isso seria um alívio -afirmou ela.

-Enquanto isso -seguiu Melanie-, está claro que há um bom número de cavalheiros que bebem os ventos por você, como sempre; o conde incluído.

-O conde de Kitredge!? -perguntou, surpreendida.

-Quem se não? - respondeu sua amiga e depois de lhe dar uns tapinhas na mão a modo de despedida para prosseguir com seus deveres de anfitriã, acrescentou-: Seus filhos já estão crescidos e está procurando uma nova esposa. Atreveria-me a dizer que poderia fazer outro brilhante matrimônio se quisesse. Isso sim, me prometa agora mesmo que não voltará a subir a uma árvore enquanto dure a festa.

"Outro brilhante matrimônio."

A simples ideia bastava para lhe provocar pesadelos.

Não obstante, parecia que Melanie tinha razão em uma coisa. Durante o que restava de dia e ao longo dos dois ou três seguintes o duque de Bewcastle evitou relacionar-se com ela. Embora ela tampouco fez nada para cruzar-se em seu caminho, é obvio. A mera idéia de que o duque, ou qualquer outro convidado, pudesse pensar que tinha estado paquerando com ele...

Sempre que o olhava -e, por perturbador que lhe fosse, era incapaz de manter a vista afastada dele mais de cinco minutos quando estavam no mesmo aposento, - via-o agir com aquela arrogância e aquela fria dignidade tão características de sua pessoa. Quando seus olhares se encontravam, coisa que acontecia com muita frequência, o duque se limitava a erguer uma sobrancelha ou as duas e a agarrar o cabo de seu monóculo, como se tivesse a intenção de verificar o surpreendente fato de que uma simples mortal se atrevera a enfrentar seu olhar.

Tinha acabado por odiar esse monóculo. entretinha imaginando-as coisas que poderia fazer com ele se tivesse a oportunidade. Como por exemplo meter-lhe pela garganta e observar como lhe deformava o pescoço enquanto o engolia. Essa imagem lhe ocorreu um dia que estava sentada em um canto do salão, enquanto tentava recuperar seu breve papel de espectadora satírica, e se deu a casualidade de que seus olhares se encontraram no preciso momento no qual chegava à parte mais gráfica. De repente, descobriu que a estava observando através da lente.

E se viu obrigada a admitir em seu foro interno que se sentia muito atraída por ele.

Que morria de curiosidade por saber o que sentiria caso se deitasse com ele.

A simples ideia a deixou horrorizada. Mas certas partes de sua pessoa totalmente alheias a seu controle, -a parte situada entre as coxas, por exemplo- despertaram, sacudidas pelo influxo da luxúria.

Detestava o duque de Bewcastle com todas suas forças. Não, ia mais além. Detestava a ele como pessoa e também detestava tudo o que ele representava. Mas reconhecia que a assustava, um pouco ao menos, embora preferisse que a estirassem no potro até que seus membros alcançassem o dobro de sua longitude a admitir tão denigrante sensação ante outra pessoa.

Apesar de tudo seguia perguntando-se o que se sentiria na cama com ele e em segundo que ocasiões sua imaginação ia um pouco mais à frente...

Também em segundo lugar às vezes disse a si mesma, que necessitava urgentemente que um doutor lhe examinasse a cabeça.

Capítulo 6

Wulfric não demorou muito em compreender que as convidadas mais jovens tinham posto em marcha algum tipo de provocação no qual ele estava envolvido. Apesar de ser um dos solteiros mais cobiçados da Inglaterra, não era dos homens que atraía às jovens.

Ainda assim, todas se pegavam a ele em quase cada intolerável minuto do dia e utilizavam todas as artimanhas imagináveis para separá-lo do grupo.

Coisa que não achava nem um pinga de graça.

Contra-atacou adotando uma atitude mais distante e fria quando se encontrava em companhia das damas e também relacionando-se quanto lhe era possível com os cavalheiros e os convidados de mais idade. Como já não podia fazer nada para evitar a festa, decidiu que a utilizaria para aprender uma lição. Essa era a consequência de haver-se sentido sozinho e deprimido durante uns dias muito tontos depois que o Parlamento encerrara suas sessões. Jamais permitiria que lhe acontecesse de novo.

Sempre tinha estado sozinho no que de verdade importava. Ao menos, desde os doze anos, quando o separaram de seus irmãos e o deixaram ao cargo de dois tutores fiscalizados de perto por seu pai, quem, consciente de que se aproximava sua morte, quis que seu primogênito e herdeiro fosse instruído para sucedê-lo. Estava sozinho desde os dezessete anos, quando seu pai morreu e ele se tornou o duque de Bewcastle. Estava sozinho aos vinte e quatro, quando Marianne Bonner o rejeitou de um modo especialmente humilhante. Estava sozinho desde que seus irmãos se casaram, todos em questão de dois anos. Estava sozinho desde que Rose morreu em fevereiro.

Estar sozinho não era o mesmo que sentir-se sozinho. Sentir compaixão por si mesmo não tinha sentido. Como tampouco o tinha assistir à primeira festa campestre que se cruzava em seu caminho. Estar em companhia de outras pessoas costumava ser muito menos passível que estar sozinho.

Sua irritação aumentou uma tarde em concreto depois de uma longa cavalgada durante a qual o separaram do grupo principal em duas ocasiões, primeiro a senhorita King e depois a senhorita Dunstan-Lutt, com pretextos igualmente ridículos, e em ambas as ocasiões teria acabado perdido se não tivesse um grande sentido de orientação e um instinto de sobrevivência inclusive mais desenvolvido.

Estavam tentando lhe estender uma armadilha para casar-se com ele?

A mera idéia era ridícula. Embora não fosse muito velho para ser o pai das moças, assim se sentia.

Em lugar de seguir ao resto do grupo de volta na mansão, escapou e atalhou pelo caramanchão depois do qual se estendia um longo passeio de erva. Era um lugar pitoresco e isolado, com muretas de pedra que chegavam à altura dos joelhos de ambos os lados e flanqueado por duas fileiras de arbustos cujos ramos cresciam sobre um teto feito de barras e abobodado. A impressão era a de estar em uma espécie de catedral gótica ao ar livre.

Que nesse momento estava ocupada, por certo. A senhora Derrick estava sentada em uma das muretas, lendo o que parecia uma carta.

Não o tinha visto. Talvez pudesse retroceder até o caramanchão sem fazer ruído e encontrar outro lugar onde passear, coisa que não pôde fazer na outra ocasião junto ao lago, quando a dama deu um encontrão nele. Entretanto, não retrocedeu. Talvez tivesse o desafortunado costume de carecer de maneiras em algumas situações, mas ao menos não era tola, e não suspirava nem paquerava.

Aproximou-se, e ela ergueu a cabeça e o viu.

-Ah! -ouviu-a exclamar.

Voltava a usar o chapéu de palha com a aba caída. Em realidade não a tinha visto com outra coisa em toda essa semana. Salvo pelas fitas que tinha atadas sob o queixo, o objeto carecia de adornos. Entretanto, lhe assentava maravilhosamente. O resto de seu traje consistia em um vestido de manga curta confeccionado em popelina a raias brancas e verdes com o decote quadrado e rematado por uma extremidade bordada, que já tinha brilhado em várias ocasiões. A diferença das demais convidadas, que trocavam de roupa varias vezes ao dia e que quase nunca usavam o mesmo vestido duas vezes. O vestido não era novo nem tampouco estava na última moda. perguntou-se se era seu melhor vestido ou o que acabava de subir ao segundo posto. Estava muito bonita.

-Não a incomodarei, senhora Derrick. -Inclinou a cabeça sem mover as mãos, que tinha entrelaçadas às costas-. A menos que queira dar um passeio comigo, é obvio.

Em um primeiro momento pareceu surpreendida. Nesse instante, entretanto, olhava-o com essa expressão que o intrigava na mesma medida que o irritava às vezes. Como era possível que rira, que inclusive o fizesse a gargalhadas, sem mudar a expressão de seu rosto?

-Já voltou de seu passeio a cavalo? -perguntou-lhe-. E suponho que agora quer escapar das pressões humanas. E aqui estou eu para perturbar sua solidão novamente. Entretanto, nesta ocasião eu estava aqui antes de você.

Ao menos, disse-se, estava com uma pessoa que não lhe impunha constantemente sua presença em um esforço por ganhar qualquer que fosse a provocação que as jovens tinham combinado.

- Quer passear comigo? -perguntou por sua vez.

Por um instante acreditou que se negaria, e se alegrou. por que demônios ia querer a companhia de uma mulher que, em sua opinião, nem sequer deveria ter sido convidada à festa? Entretanto, viu-a olhar a carta, dobrá-la e guardá-la em um bolso de seu vestido antes de levantar-se.

-Sim -respondeu.

E nesse momento se alegrou com sua resposta.

Parecia ter passado uma eternidade desde a última vez que uma mulher lhe esquentou o sangue.

Rose tinha morrido há seis meses. Ainda lhe surpreendia o muito que lamentava sua perda. Sempre tinha acreditado que o seu era um acordo de negócios muito satisfatório mais que uma relação pessoal.

Era indubitável que Christine Derrick, por alguma estranha razão, esquentava-lhe o sangue.

Nesse mesmo momento seus sentidos se aguçaram e foi muito consciente da cúpula de ramos que os cobria, do céu azul que se via entre as folhas e da tapeçaria de luzes e sombras que o sol desenhava no longo passeio que tinham por diante. Foi muito consciente do calor desse dia estival, da suave brisa em seu rosto,

da intensa fragrância da erva e das folhas. Os gorjeios dos pássaros reverberavam no passeio, embora nenhum fosse visível.

A senhora Derrick pôs-se a andar a seu lado. A aba do chapéu lhe ocultava o rosto. Recordou que no dia que passearam juntos pelo lago levava a cabeça descoberta.

-Foi agradável a excursão a cavalo? -escutou-a perguntar-. Suponho que poderia dizer-se que você nasceu na sela.

-Isso teria sido um pouco incômodo para minha mãe -replicou e suas palavras reportaram uma fugaz visão de seu rosto quando virou a cabeça, para lhe sorrir com expressão travessa-. Mas sim, obrigado, a excursão foi agradável.

Em realidade, nunca tinha entendido o que lhe viam no fato de cavalgar por pura diversão, embora seus irmãos o faziam com freqüência... embora "cavalgar" não era a palavra mais apropriada para o que faziam. Em regra geral costumavam ir a galope, saltando qualquer obstáculo que se cruzasse em seu caminho.

-Agora toca a você -disse ela depois de uma pausa.

-Como diz?-perguntou.

-Eu fiz uma pergunta - respondeu -, e você a respondeu. Possivelmente poderia ter estendido seu comentário descrevendo a excursão, o destino e as estimulantes conversações que manteve com o resto dos cavaleiros. Mas escolheu responder com suma brevidade e sem oferecer informação útil. Agora cabe a você tentar fazer uma conversa agradável.

Estava rindo dele uma vez mais. Ninguém jamais tinha rido dele. Por curioso que parecesse, era-lhe intrigante que se atrevesse a fazê-lo.

-Estava lendo uma carta agradável? -replicou.

A pergunta lhe arrancou uma gargalhada alegre e sincera.

-Touché! - respondeu -. Era da Eleanor, minha irmã maior. Tem-me escrito embora só esteja a alguns quilômetros daqui, em Hyacinth Cottage. É uma escritora compulsiva de cartas, e também muito divertida. encarregou-se de dar minha aula de geografia na escola da aldeia dois dias depois que eu partisse e se pergunta como é possível ensinar algo aos meninos se não deixarem de fazer perguntas sobre qualquer assunto imaginável, desde que não esteja

relacionado com a lição do dia, é obvio. Esse é seu segredinho. Os meninos são muito preparados e se aproveitam dos incautos que não sabem o que fazer. Darei-lhes um bom sermão quando retornar, mas se limitarão a me olhar com cara de não ter nunca quebrado um prato e eu acabarei rindo. E eles também rirão. E a pobre Eleanor jamais será vingada.

-Dá aulas na escola. -Era uma afirmação, não uma pergunta, mas a viu virar a cabeça para olhá-lo uma vez mais.

-Ajudo um pouco - respondeu -. Afinal, devo fazer algo. Se por acaso não sabe, as mulheres devem fazer algo se não quisermos morrer de aborrecimento.

-Pergunto-me por que não ficou com Elrick e sua esposa depois que seu marido morreu -disse-. Assim teria continuado freqüentando o círculo social ao qual deve ter se acostumado durante seu matrimônio e teria encontrado mais atividades e entretenimentos dos que desfrutava aqui. -Além disso, Elrick teria se encarregado de que renovasse seu guarda-roupa durante esses dois anos.

-Certo, verdade? -replicou ela, mas não aprofundou no tema.

Não era a primeira vez que evitava falar de seu matrimônio ou de algo relacionado com ele.

E já se dera conta de que os Elrick mantinham distância dela, e vice-versa. Talvez não lhes caísse bem. Era provável que levaram uma decepção quando Oscar se casou com ela e que não a tivessem acolhido com gosto no seio da família. Não seria surpreendente.

-Poderia lhe contar mais coisas de minha carta -continuou ela depois de uma breve pausa-, mas não devo monopolizar a conversa. Passa os verões indo de uma festa campestre a outra? Sei que é freqüente entre a alta sociedade. Oscar e eu estávamos acostumados a fazê-lo.

-Esta é a primeira a que vou em anos - respondeu -. Passo os verões no Lindsey Hall.

As vezes viajo pelo país, inspecionando minhas outras propriedades.

-Deve ser estranho ser tão rico -comentou ela.

A vulgaridade do comentário fez que arqueasse as sobancelhas. As pessoas bem educadas não falavam de dinheiro. Embora em seu caso o estranho seria não ser rico. Saltava à vista que ela era pobre. Lhe seria estranho ser pobre. Supôs que era uma questão de perspectiva.

-Espero que isso não fosse uma pergunta -replicou.

-Não. -Soltou uma gargalhada. Sua risada era rouca e incitante.
-Peço desculpas. Não foi um comentário muito educado, não é? Não lhe parece um passeio bonito? Toda a propriedade o é. Lembro que em uma ocasião, quando Oscar vivia, perguntei ao Bertie por que não abria a propriedade ao público para que todos os habitantes do povoado pudessem passear por aqui, ao menos quando a família não estivesse em casa. Ele se limitou a grunhir e logo pôs-se a rir dessa maneira tão sua antes de me olhar como se tivesse soltado algo tão desatinado que não merecia sequer resposta. Lindsey Hall tem muito terreno? E suas outras propriedades?

-Sim - respondeu -. Quase todas são extensas.

-E permite que as pessoas desfrutem de alguma delas?

-Permite você que as pessoas entrem em seu jardim, senhora Derrick? -perguntou por sua vez.

Olhou-o no rosto uma vez mais.

-Há uma enorme diferença -respondeu ela.

-Há-a? -Essa era a classe de atitude que o irritava-. Estamos falando de sua casa, de seu jardim ou de sua propriedade, de seu domínio privado, do lugar onde se pode relaxar e ter intimidade, onde pode ter espaço para suas necessidades privadas. Não vejo nenhuma diferença essencial entre sua casa e a minha.

-Salvo o tamanho- assinalou ela.

-Sim- concordou.

Detestava as pessoas que o faziam ficar na defensiva.

- Acho que devemos estabelecer que sempre estaremos em desacordo, excelência. De outro modo, chegaríamos aos punhos, e estou convencida de que levaria a pior parte. Uma vez mais, é questão de tamanho.

Voltava a rir dele... e talvez também dela mesma. Ao menos não era como esses desagradáveis cruzados que se sentiam obrigados a discutir até ficarem ofensivos, sobre tudo se o assunto estava relacionado com os privilégios da aristocracia e as injustiças que sofriam os pobres. De fato, todas suas propriedades salvo Lindsey Hall estavam abertas a qualquer viajante que batesse a sua porta e pedisse permissão à governanta para entrar. Era uma cortesia muito estendida entre os latifundiários.

As luzes e as sombras brincavam sobre ela enquanto caminhavam. Sua figura era muito agradável à vista, voltou a comprovar. Seu corpo era o de uma mulher amadurecida, não o de uma juvenzinha magra. Tentou formular em sua mente as razões pelas quais lhe era tão extremamente atraente. Conhecia muitas damas muito mais formosas e elegantes que ela, incluídas várias convidadas à festa. Essa tez ligeiramente bronzeada e as sardas impediam de pontuar a de beleza. Além disso, levava o cabelo curto e com freqüência alvoroçado. Entretanto, irradiava uma energia, uma vitalidade, que lhe chamou a atenção desde o começo. Estava rodeada por um halo de luz e de alegria. Quando estava animada, coisa que acontecia com freqüência, parecia brilhar do interior. Dava a sensação de que amava a todo mundo... e quase todo mundo a correspondia.

Não obstante, jamais lhe teria passado pela cabeça a possibilidade de sentir-se atraído por uma mulher assim. Seus gostos, ou isso pensava até então, inclinavam-se mais para a sutil elegância e a sofisticação.

- Você declinou unir-se ao passeio a cavalo -comentou.

A senhora Derrick lhe deu de presente um sorriso.

-Deveria me agradecer por tê-lo feito - assegurou-. Sei montar, se por montar se entende subir ao lombo de um cavalo e permanecer na sela sem cair. Ao menos, nunca caí até agora. Mas seja qual for minha montaria, pode ser o mais dócil dos animais, perco a batalha ao subir à sela e em questão de minutos me encontro perambulando sem rumo em qualquer direção salvo em que eu desejo ir ou em que vai o resto do grupo.

Não fez comentário algum. Todas as damas eram consumadas amazonas. E quase todas montavam com elegância. Sim, devia agradecer por ter decidido ficar na mansão com sua carta.

-Em uma ocasião saí a cavalgar pelo Hyde Park com o Oscar, Hermione e Basil -prosseguiu ela-. Graças a Deus, só foi em uma ocasião. Íamos por um atalho estreito quando vimos que um grupo de cavaleiros se aproximava de nós de frente. Oscar e outros se afastaram respeitosamente e lhes cederam o caminho, mas meu cavalo decidiu ficar de lado, bloqueando a passagem, e ali ficou, como se fosse uma estátua. Meus companheiros se desfizeram em desculpas para o outro grupo, embora eu não pudesse parar de rir. A cena me resultou muito engraçada. Basil me explicou mais tarde que os outros cavaleiros eram importantes funcionários do Governo que cavalgavam em companhia do embaixador russo. Não obstante todos levaram o incidente muito bem, e o embaixador inclusive me mandou flores no dia seguinte. Mas Oscar não voltou a me pedir que saísse a cavalgar com ele enquanto estivemos em Londres.

Cravou o olhar em seu chapéu e imaginou com perfeição a vergonha que deveriam sentir seus acompanhantes. E ela ficou ali sentada enquanto ria? Entretanto, o mais estranho do assunto era que ao imaginar a cena, ao imaginá-la sentada em seu cavalo petrificado, rindo a gargalhadas e ganhando-a admiração do embaixador russo, teve desejos de voltar a rir. Deveria sentir-se horrorizado. Deveria dar por confirmada sua opinião de que carecia de bons maneiras. Em troca, ansiava jogar a cabeça para trás e estalar em gargalhadas.

Não o fez. limitou-se a franzir o cenho e a seguir adiante. Ao cabo de um momento percebeu que estavam chegando ao final do passeio. Levavam uns minutos caminhando em silêncio. Um silêncio absolutamente incômodo, ao menos não para ele, mas de repente pareceu envolvê-los certa tensão, certa percepção que devia ser mútua.

Seria possível que se sentisse atraída por ele na mesma medida que ela o atraía? Certamente não tinha feito nada de extraordinário para seduzi-lo. Não paquerava. Não era uma coquete. Mas se sentia atraída? Em regra geral e até onde ele sabia, as

mulheres não costumavam achá-lo atraente. Seu título e sua fortuna talvez fossem, mas sua pessoa não. Talvez estivesse envergonhada pelo silêncio.

- Que tal lhe parece continuarmos? -perguntou ao mesmo tempo que apontava com a mão os degraus de pedra do final do passeio-. Ou prefere retornar à mansão? Acredito que corremos o risco de perder o chá.

-Nas festas campestres se come e se bebe em excesso - respondeu ela-. Aí acima há um labirinto esplêndido. Viu-o já?

Não o tinha visto. Não achava atraente a um labirinto, mas não queria retornar à mansão.

Queria passar um pouco mais de tempo em contato com sua luz, sua vitalidade e sua risada. Queria passar mais tempo com ela.

Do último degrau se via um prado verde salpicado de árvores que se perdia na distância. O labirinto do que ela tinha falado se encontrava perto de onde estavam.

As sebes alcançavam uma altura de uns dois metros e estavam podadas cuidadosamente para parecer muros verdes.

-Jogo-lhe uma carreira até o centro -o desafiou quando se aproximaram do labirinto enquanto se virava para olhá-lo com expressão travessa. De fato, não só tinha virado a cabeça. colocou-se frente a ele e manteve a distância caminhando depressa para trás.

-De verdade? -Arqueou as sobrancelhas e deixou de andar-. Eu diria que você conhece o caminho senhora Derrick.

-Descobri-o faz tempo -admitiu-. Mas passaram anos depois. Deve contar lentamente até dez antes de sair em minha busca, e eu contarei lentamente até dez quando chegar ao centro. Se passo de dez, terei ganho.

Não lhe deu a oportunidade de negar-se a participar. Transpôs a toda pressa a estreita abertura da sebe exterior, girou à direita e se perdeu de vista.

Seguiu um momento com a vista cravada na entrada sem dar crédito ao que estava passando. Supunha-se que devia brincar de correr por um labirinto? Estava disposto a fazê-lo? Entretanto, não

tinha alternativa, não é? Salvo que a deixasse abandonada no centro do labirinto contando até três mil ou mais.

Um... dois... três...

Deveria ter se negado?

Quatro... cinco... seis... sete...

Nunca participava desse tipo de jogos.

Oito... nove...

Nunca participava de nenhum tipo de jogo.

Dez.

Entrou no labirinto com expressão séria. As sebes estavam perfeitamente podadas. Eram altas e frondosas, de modo que era impossível espionar o centro nem o caminho que levava até ele.

Supôs que uma pessoa poderia perambular durante um bom momento até encontrar o caminho correto. Ao dobrar uma esquina lhe pareceu vislumbrar suas saias, mas era uma mariposa branca que cruzou frente a ele antes de elevar-se por cima da sebe que tinha à esquerda. Ao dobrar a seguinte esquina sim a viu, mas desapareceu imediatamente e, quando chegou à abertura pela que tinha passado, não havia rastro dela nem forma de saber que caminho tinha pego.

Percebeu que o ambiente do labirinto era de total intimidade, como se o mundo real tivesse ficado atrás e não existisse nada mais que as árvores, a erva, as mariposas, o céu... e a mulher que perseguia.

Equivocou-se várias vezes de caminho, mas finalmente conseguiu averiguar qual era o desenho.

Terei que alternar os giros à esquerda e à direita ao chegar às encruzilhadas. Assim que o compreendeu, demorou muito pouco em chegar a seu destino, embora não conseguisse alcançar a senhora Derrick pelo caminho.

-Quinze -disse ela em voz alta quando chegou à clareira que formava o centro do labirinto, uns dez minutos depois de ter entrado nele.

A estátua de alguma deusa grega se erguia no centro do lugar e a seu lado havia um banco de ferro forjado. A senhora Derrick estava apoiada na estátua. Uma deusa ou talvez uma ninfa de carne e osso, com as faces ruborizadas e um brilho triunfal nos olhos. aproximou-se dela.

-Podemos nos sentar um momento e descansar se o deseja -a escutou dizer-. Mas a vista não é nada do outro mundo.

-Não, certamente -reconheceu depois de dar uma olhada a seu redor-. Havia algum prêmio? Não o mencionou depois de lançar seu desafio.

-Bom -disse com uma gargalhada-, o triunfo de ser o vencedor é mais que suficiente.

Nesse momento apenas os separava um passo e aparentemente não tinham nada mais a dizer-se nem tinham outra coisa que olhar salvo seus rostos. A sensação de intimidade se incrementou.

Escutou o zumbido de uma abelha que devia revoar por ali perto.

Viu-a morder o lábio inferior e percebeu que estava ainda mais ruborizada que antes. Pegou uma de suas mãos e a segurou entre as suas. Estava cálida e sua pele era suave.

-Nesse caso, limitarei-me a admitir minha derrota -disse e levou a mão aos lábios.

Por alguma estranha razão, o coração lhe pulsava tão depressa que se sentia ligeiramente enjoado. Notou que lhe tremia a mão. Sustentou-a contra seus lábios mais tempo do que o necessário. Teria sido necessário sequer retê-la? Ou sensato?

Ao levantar a cabeça viu que o estava olhando com os olhos dilatados e os lábios ligeiramente entreabertos. Voltava a irradiar esse aroma tão feminino sob o sol.

Inclinou-se para ela e a beijou nos lábios.

Imediatamente, o desejo e a sensação de intimidade o assaltaram com força.

Seus lábios eram quentes, suaves e incitantes. Saboreou-a, acariciou-a com a língua, degustou a delicada carne que havia atrás de seus lábios, deixou-se envolver por sua calidez e se embriagou com sua essência. Não soltou sua mão em nenhum momento, e teve a sensação de que parte do bloco de gelo no que sempre tinha resguardado suas emoções começava a derreter-se e de que a água morna se filtrava até suas veias.

Não soube se foi ela quem libertou sua mão ou se ele a soltou.

Fosse como fosse aconteceu, e lhe jogou os braços ao pescoço ao mesmo tempo que lhe passava um braço pela cintura e outro pelos ombros.

Estreitaram-se com força. Esse corpo quente, feminino e suave se pegou a ele por completo.

Incitou-a a separar mais os lábios e lhe introduziu a língua na boca. Ela a roçou com a sua e depois a chupou com força.

Foi um beijo longo e apaixonado. Não soube quanto durou nem por que se separaram. Mas acabaram separando-se, e ele levantou a cabeça, soltou-a e retrocedeu um passo.

Esses enormes olhos, tão azuis como o céu, olharam-no abertos como pratos, e de repente pensou que poderia perder-se em suas profundidades. Tinha os lábios rosados e úmidos pelo beijo. Devia ter estado cego para não ver que era a mulher mais formosa que tinha conhecido na vida.

-Desculpe-me -disse ao mesmo tempo que entrelaçava as mãos às costas-. Peço mil desculpas, senhora.

Ela continuou olhando-o sem mudar a expressão.

-Não vejo por que -a escutou dizer em voz baixa-. Afinal não disse que não, não é verdade? Embora suponha que deveria havê-lo feito. E evidentemente não deveria havê-lo desafiado a entrar no labirinto comigo. As vezes não costumo pensar antes de agir ou de

falar. De fato, tenho fama de justamente o contrário... Mas bem deveria admitir que sou famosa por esse fato. Que tal lhe parece que retornemos à mansão e comprovemos se nos deixaram um pouco de chá?

Ao que parecia, tinha recuperado a compostura porque a viu sorrir com expressão alegre... Talvez muito alegre.

- Há quanto tempo Derrick está morto? -perguntou-lhe.

-Oscar? -o sorriso desapareceu-. Dois anos.

-Deve ter se sentido muito só durante esses dois anos - comentou-, e também infeliz por ter-se visto obrigada a retornar a seu povoado natal para viver com sua mãe e sua irmã solteira.

Ao enviar tinha voltado para sua situação inicial. Ou talvez fosse pior. Porque sabia o que estava perdendo.

-Todos temos que viver nossa vida -replicou ela ao mesmo tempo que levava as mãos às costas para apoiar-se na estatueta-. A minha não é intolerável.

-Mas poderia ser melhor -afirmou-. Eu poderia lhe oferecer algo melhor.

Escutou suas próprias palavras como se as estivesse dizendo um desconhecido. Não tinha pensado dizê-las muito menos. Entretanto, não se retrataria embora pudesse fazê-lo, admitiu com surpresa. Embora tivesse recuperado o controle, continuava excitando-o.

Seus olhares se encontraram. Produziu-se um longo silêncio durante o qual escutou o zumbido de uma abelha que se afastava para a sebe, e se perguntou de forma distraída se seria a mesma de antes. A expressão desses olhos azuis era mais reservada do que tinham há apenas um minuto antes.

-Você acha?-perguntou finalmente.

-Poderia ser minha amante -lhe ofereceu-. A instalaria em sua própria casa, com sua própria carruagem, em Londres. Não lhe faltaria nada. Nem roupa, nem jóias, nem dinheiro. Trataria-a muito bem em todos os sentidos.

Continuou olhando-o um bom tempo em silêncio.

-E tudo isso simplesmente por estar disponível para você em todo momento? Disponível para me deitar com você sempre que

gostasse de deitar-se comigo?

-Seria uma posição de considerável prestígio -lhe explicou, no caso de achar que lhe estava oferecendo a vida de uma cortesã qualquer-. Seria respeitada e poderia levar uma vida social tão ativa como quisesse.

-Desde que não insistisse em acompanhá-lo a nenhum evento da alta sociedade- declarou ela.

-É obvio. -Arqueou as sobrancelhas.

-Bom, ao menos isso seria um alívio -confessou.

Olhou-a um bom momento. Não tinha interpretado mal a natureza do beijo e ela tampouco o tinha feito, não lhe cabia a menor dúvida a respeito. Não tinha havido nem inocência nem romantismo. Além disso, ela já não era uma jovem inocente. Tinha estado casada vários anos. Sua reação, o desejo que tinha demonstrado, tinha tido uma clara cor sexual. Certamente sabia que não era um homem dado às aventuras ligeiras com as mulheres, fosse qual fosse sua posição social.

Tinha-a ofendido?

Sua vida seria imensamente melhor como sua amante que como a ajudante do professor do povoado, obrigada a viver com sua mãe por sua condição de viúva e por sua pobreza. Iria muito melhor no plano material. E no plano sexual também, é obvio. Dois anos de celibato deviam ser tão perturbadores para uma mulher como para um homem. Entretanto, foi incapaz de interpretar sua expressão enquanto o olhava no rosto.

Era impossível que tivesse esperado uma proposta matrimonial...

-Uma casa própria -disse por fim-. Uma carruagem. Jóias, roupa, dinheiro, entretenimentos... E, o melhor de tudo, você em minha cama de forma regular. Diria que é uma oferta incrivelmente adúladora. Mas temo que tenho que recusá-la. Nunca aspirei a me converter em uma puta.

-Senhora, há uma enorme diferença entre uma puta e a amante de um duque -replicou com voz tensa.

-Há? -perguntou ela-. Se refere a que a puta se dá a uma relação em um portal em troca de um mísero penny e a amante faz

o mesmo entre lençóis de seda em troca de uma pequena fortuna? Entretanto, tanto a uma como a outra vendem seu corpo em troca de dinheiro. Eu não venderei o meu, excelência, embora lhe estou muito agradecida por sua amável oferta. Sinto-me honrada.

Essas últimas palavras foram pronunciadas, evidentemente, com marcado sarcasmo. Nesse momento se deu conta de que estava aborrecidíssima, embora o único indício que a delatava era o tom que tinha utilizado e o ligeiro tremor de sua voz. A vulgaridade de suas palavras o tinha sobressaltado um pouco.

-Desculpe-me. -Fez-lhe uma reverência formal e lhe indicou com a mão a abertura que havia em uma das sebes-. Permita-me que a acompanhe de volta à mansão.

-Preferiria que ficasse aqui e contasse até dez muito devagar depois de que me tenha ido -replicou ela-. Temo que o encanto de sua companhia se esfumou.

Rodeou a estátua e ficou de costas a ela até que esteve seguro de que se fora. Em seguida se sentou no banco.

Tinha interpretado mal os sinais. Embora tinha estado disposta a desfrutar de um beijo luxurioso, não o estava para encetar uma relação duradoura com ele... ao menos não como sua amante, e essa era a única posição que estava disposto a lhe oferecer. Por mais que lhe pesasse. Tinha-lhe esquentado o sangue e sua sensação podia comparar-se com a do degelo primaveril depois de um longo e frio inverno.

Sua recusa o tinha tomado de surpresa. Porque era evidente que se sentia atraída por ele, isso não tinha fingido. Além disso, ele tinha feito uma oferta muito generosa, sobre tudo considerando sua posição social e suas circunstâncias econômicas. Sim, no passado esteve casada com o filho de um visconde, embora não fosse o herdeiro. E talvez por isso, embora fosse uma viúva empobrecida que vivia com sua mãe e com sua irmã em um vilarejo perdido, talvez aspirasse a algo mais que converter-se na amante de um duque. Talvez tivesse levado uma decepção ao escutar que não tinha nada mais que lhe oferecer... embora isso não fosse assunto seu.

Essa tediosa festa campestre acabava de piorar grandemente, pensou. Que necessidade tinha de agüentar tudo isso? Nenhuma.

Evidentemente a culpa era somente dela. Sua mente tinha passado de uma ligeira atração e um abraço apaixonado a algo muitíssimo mais sério. a da dama não tinha seguido o mesmo curso. Não era habitual nele falar de forma tão impulsiva sem refletir antes a respeito das possíveis conseqüências de uma idéia. Afinal, era a cunhada do Elrick, embora nem o visconde nem sua esposa pareciam querer saber nada dela. E também era a filha de um cavalheiro, embora o pobre homem se vira obrigado a converter-se em professor de escola.

Menos mal que tinha declinado a oferta. E além disso, desagradava-lhe seu comportamento, não?

Continuou sentado muito quieto, com a vista cravada na sebe, tentando novamente encerrar suas emoções nesse seguro bloco de gelo.

Capítulo 7

Christine virou na direção errada várias vezes até que conseguiu sair do labirinto dando tropeções. Uma vez fora, desceu os degraus e pôs-se a correr pelo passeio dos laburnos que de repente parecia o dobro de comprimento. Olhou para trás algumas vezes, mas não a seguia.

O que esperava? Que a perseguisse e a obrigasse a acatar seus desejos a golpe de monóculo?

Diminuiu o passo. Teria feito de qualquer modo, porque lhe doía o flanco.

"Poderia ser minha amante. "

O mais absurdo de tudo era que ao escutá-lo dizer que poderia lhe oferecer uma vida melhor que a que levava nesse momento tinha pensado que se referia ao matrimônio.

Embora o pior, a loucura mais absoluta, era o tombo que lhe tinha dado o coração. podia-se ser mais tola?

Era possível que o duque de Bewcastle -o duque de Bewcastle !- queira casar-se com alguém como ela? A essência do assunto era outra: casaria-se ela com alguém como o duque de Bewcastle ?

A resposta a ambas as perguntas era um não cortante.

De modo que tinha sido uma sorte, uma enorme sorte, que lhe tivesse devotado algo totalmente diferente.

Quando entrou no caramanchão se deu conta com pesar de que havia alguém sentado. O alívio a invadiu quando viu que era Justin, que ficou em pé e se aproximou dela com um sorriso no rosto.

-Uf, assustou-me! -exclamou ao mesmo tempo que levava uma mão ao coração.

-De verdade? -Viu-o inclinar a cabeça enquanto a observava com atenção-. aconteceu algo que a tenha incomodado, Chrissie? Venha, sente-se comigo e conte.

Em lugar de lhe fazer caso, aproximou-se dele e pegou seu braço.

-Aqui não -se apressou a dizer-. Vamos ao outro lado da mansão.

Justin lhe deu uns tapinhas na mão para reconfortá-la enquanto caminhavam.

-Vi você passear com Bewcastle -comentou-. Como me disse que ia ler a carta de sua irmã, aguardei o que me pareceu um tempo razoável para que a desfrutasse, e vim em sua busca se por acaso quisesse passear comigo. Mas cheguei muito tarde, ele me adiantou. Insultou-a?

-Não, é obvio que não -negou com presteza e lhe deu de presente um sorriso.

-Está falando comigo, Chrissie -assinalou Justin-. Não pode me enganar de qualquer jeito, recorda? Estava muito agitada quando entrou no caramanchão. E continua estando.

Tomou ar e o soltou muito devagar, com um suspiro. Justin era seu amigo há muitíssimo tempo, e tinha continuado sendo fiel nos tempos difíceis. Podia lhe confiar sua vida.

-Entramos no labirinto e me beijou -lhe explicou-. Isso é tudo.

-Quer que o desafie a duelo e lhe ensine maneiras? -perguntou ele, olhando-a com um sorriso torcido.

-É obvio que não. -Soltou uma gargalhada trêmula. - Devolvi-lhe o beijo. Em realidade não foi nada.

-Não tinha ao Bewcastle por um mulherengo -comentou Justin quando deixaram atrás o prado que havia atrás do estábulo, e a horta colocada na parte posterior da mansão-. Mas posso ter umas palavras com ele se quiser, Chrissie. É evidente que a incomodou. Não esperará convertê-la em sua duquesa, não é verdade?

-Justin! -voltou a rir-. Ofereceu algo muito mais humilhante. Pediu-me que seja sua amante.

Era humilhante. Era degradante. Não tinha sido sua intenção compartilhar essa humilhação com ninguém, mas de qualquer maneira lhe tinha escapado.

Justin se deteve e se virou para ela ao mesmo tempo que lhe soltava o braço. Estava muito sério, coisa estranha nele.

- Fez isso!? Pelo amor de Deus! -tremia-lhe a voz de fúria. - Sim, não estranho. Bewcastle não se rebaixaria a casar-se com alguém que não fosse uma princesa pelo menos, não tenho a menor duvida. Mas insultá-la dessa maneira! É intolerável. Chrissie, mantenha-se afastada dele. Não é uma pessoa agradável. Não conheço ninguém a quem lhe caia bem, nem que o tolere sequer. Não é aconselhável relacionar-se com gente como ele. Vou A...

-Justin! -Pegou-o pelo braço uma vez mais e o obrigou a seguir caminhando-. É um cortesia preciosa que se ofenda em meu nome. Não me zanguei muito... embora reconheça que estou um pouco afetada. É obvio que não quero ser sua duquesa. Quem em seu juízo perfeito quererá sê-lo?

Não quero nunca voltar a me casar. Estou muito feliz com a vida que levo. E tenha por certo que não penso me expor a novos insultos. Não é preciso que se preocupe por mim.

-Mas as vezes não posso evitá-lo -confessou ele com um suspiro-. Sabe que lhe tenho muito afeto. Chegaria inclusive a lhe propor matrimônio se soubesse que iria aceitar me, mas como sei

que não o faria me conformo sendo seu amigo. Mas não espere que fique de braços cruzados enquanto outros homens a insultam.

Essas palavras a comoveram... e a envergonharam. Deu-lhe um apertão no braço.

-De verdade que já estou bem -disse-. Mas eu gostaria de apreciar um pouco de tranqüilidade e ar fresco antes de voltar para a mansão. Importa-se, Justin?

-Que nunca se diga que não capto uma indireta -respondeu, com um sorriso. - Verei você mais tarde.

Isso era precisamente o que sempre tinha gostado nele, pensou enquanto o via afastar-se. Era seu melhor amigo, mas nunca lhe importava nem sua presença nem suas atenções quando desejava estar sozinha. Entretanto, lamentava que em muitos aspectos a dita amizade não fosse mútua. Justin rara vez confiava nela ou compartilhava suas coisas. Já chegaria o momento, disse-se. Algum dia necessitaria de sua amizade e ali estaria ela para oferecê-la.

Quando por fim subiu a escadaria e chegou à porta de seu quarto, estava exausta. Esgotada física e mentalmente. Embora parecia que não iriam deixá-la descansar ainda.

-Senhora Derrick! -gritou uma voz a suas costas. Quando olhou para trás, viu Harriet King na porta de seu quarto e depois viu a cabeça loira de lady Sarah Buchan por cima de seu ombro.

-. Por favor, venha.

Foi mais uma ordem imperiosa que uma petição, embora poderia ter feito ouvidos surdos sem mais. Mas para que? Havia muito pouca intimidade em uma festa campestre. Se não ia nesse momento ver o que queriam, teria que suportá-las mais tarde.

-É obvio. -Sorriu enquanto entrava no quarto, um espaçoso aposento voltado para a fachada da mansão-. desfrutaram do passeio a cavalo?

Todas as mocinhas estavam no quarto de Harriet: lady Sarah, Rowena Siddings, Audrey, Miriam Dunstan-Lutt, Beryl e Penelope Chisholm e, como não, a própria Harriet.

-Devemos felicitá-la -disse Harriet com um quê de aço na voz.

-Só posso lhe dar cinco guineus do prêmio -lhe explicou Audrey-. O resto ainda não puseram. Felicidades, prima Christine.

Embora apostei por você, confesso que no fundo não esperava que ganhasse. De fato, não achei que ninguém pudesse fazê-lo.

-Pois eu me alegro muitíssimo de que alguém tenha ganho - declarou Rowena com sinceridade -. Agora posso relaxar durante a segunda semana da festa. Por mais que eu goste das provocações, asseguro-lhes que a idéia de passar uma hora completa em companhia do duque de Bewcastle não me deixou pregar olho. Felicidades, senhora Derrick.

-Vimo-la -explicou Beryl-. Penélope e eu. Acabávamos de chegar ao caramanchão quando o duque saiu dele em direção ao passeio dos labirintos. Estávamos discutindo quem das duas devia segui-lo -ou, melhor dizendo, quem não- quando vimos que ficava conversando com você. E depois puseram-se a andar juntos pelo passeio. O senhor Magnus apareceu pouco depois e nos demoramos um momento falando com ele. Você não retornou até agora, e isso que a estivemos esperando. passou mais de hora e meia com o duque. Bem feito. Estávamos desejando ganhar a aposta, não é, Pen? Mas igual à Rowena, o requisito para fazê-lo não era santo de nossa devoção.

-Eu não passaria hora e meia a sós com um cavalheiro nem por todo o ouro do mundo -afirmou Sarah, coisa estranha dada a natureza da aposta-. Seria uma forma segura de perder a reputação.

- Desde que se tenha uma reputação que perder, Sarah - declarou Harriet, uma indireta em toda regra.

Todas começaram a falar em uníssono, e em certa forma o agradeceu. Assim teve a oportunidade de recuperar-se da surpresa inicial. Havia alguém que não a tivesse visto passear com o duque? por que não tinha pensado nenhuma só vez na ditosa aposta enquanto estava com ele?

-Audrey, deve ficar com o dinheiro -disse-. além de apostar por mim, contribuiu com meu guinéu. portanto, o prêmio é seu. A verdade é que foi uma provocação muito tola, não lhes parece? Me apresentou a oportunidade de ganhá-lo quando o duque de Bewcastle me encontrou lendo uma carta no passeio, e a aproveitei. Passei toda uma hora tagarelando, e acredito que estive a ponto de

matá-lo de aborrecimento, o mesmo que me passaria se tivesse que repetir a experiência. Assim, senhoritas, aceito minha vitória.

Soltou uma gargalhada e olhou às moças com expressão radiante. Quase todas pareciam aliviadíssimas e encantadas de ceder seus guinéus. É obvio, duas delas pareciam furiosas e desencantadas, mas tanto lady Sarah como Harriet King eram um par de malcriadas que não mereciam sua compaixão. Afinal, não tinha se esforçado para ganhar a aposta. Resultava irônico que a tivessem visto nessa ocasião e não na anterior, quando se propôs passar uma hora com o duque enquanto retornavam à mansão sem que ninguém os visse.

-Harriet, Sarah, devem-me um guinéu cada uma -disse Audrey.

Escapou pouco depois desse comentário e se refugiou por fim em seu dormitório. Era ridículo pensar que jamais tinha estado tão perturbada na vida, mas essa era a sensação que tinha.

"Poderia ser minha amante. "

Fechou os olhos com força e meneou a cabeça.

Tinha-a beijado. E lhe havia devolvido o beijo. Por uns instantes -talvez por minutos ou horas- se deixou arrastar pela paixão mais intensa que jamais tinha experimentado.

E depois lhe tinha pedido que fosse sua amante.

Que humilhante!

-Asseguro-lhe que Christine não é uma coquete -disse Justin Magnus a Wulfric.

Tinham passado dois dias desde o desastre do labirinto. Durante esse tempo ambos se evitaram por todos os meios, embora a experiência não parecia ter afetado o ânimo da senhora Derrick.

Justamente o contrário. Parecia haver ganho o afeto da maioria das jovens e a admiração de quase todos os jovens cavalheiros. Além disso, saltava à vista que Kitredge estava apaixonado por ela.

Apesar de não tomar a iniciativa em nenhuma das atividades programadas, tinha acabado convertendo-se na alma da festa. Ali onde a conversa fosse mais alegre e se escutassem mais gargalhadas, estava presente a senhora Derrick.

Certas pessoas poderiam dizer que era uma coquete.

Em sua opinião, era evidente que não o era. O magnetismo de sua personalidade era genuíno. E igualmente genuíno era seu afeto pelas pessoas.

-Certamente -replicou com voz tão gélida como foi possível.

O grupo completo caminhava em direção à colina próxima ao lago para desfrutar do que lady Renable havia descrito como "um lanche campestre improvisado", mas suspeitava que de improvisada não tinha nada. Magnus tinha decidido caminhar a seu lado. -Não é uma beleza convencional, nem tem talento nem é elefante -continuou o jovem-, mas é atraente. Ela não é consciente do efeito, mas qualquer homem que se cruze com ela acaba sob seu irremediável influxo. O mais extraordinário é que o efeito é similar na maioria das damas. Assim, como vê, não se trata de paquera, mas sim do extraordinário atrativo de sua personalidade. Meu primo Oscar se apaixonou por ela a primeira vista e insistiu em casar-se com ela, apesar de que poderia ter se casado com qualquer mulher que quisesse. Tinha o físico de um deus grego.

-Que afortunado para ele...

Chegaram à clareira que havia junto ao lago, o mesmo lugar onde a senhora Derrick se trombou com ele, e viraram para a colina. Diminuiu o passo ligeiramente com a esperança de que Magnus se adiantasse, mas parecia que tinha uma missão que cumprir. Não podia passar por cima que era amigo da senhora Derrick. Tinha-o enviado com uma mensagem? Ou tinha sido decisão própria? O fato de ter acabado na ridícula situação de ter que agüentar o sermão de um jovenzinho era muito irritante.

-De modo que a admiração que lhe professam Kitredge -continuou Magnus-, os Culver, Hilliers e Snapes é algo espontâneo que ela não alimentou absolutamente.

-Suponho que tem a intenção de me explicar a importância da dita conclusão -replicou.

-Você também a admira -afirmou seu interlocutor-. E talvez ache que esteve paquerando com você. Ou talvez ache que esteve paquerando com todos os cavalheiros e que a você em concreto tenta caçá-lo. Qualquer das duas hipóteses seria errônea. É o efeito de seu caráter afável e trata a todo mundo por igual. Se Oscar se

desse conta, teria sido muitíssimo mais feliz. Mas queria que todos seus sorrisos e toda sua atenção fossem para ele.

Alguém deveria dizer ao Magnus que abandonasse o papel de paladino de sua amiga, pensou.

De forma inadvertida, parecia insinuar que a senhora Derrick era incapaz de albergar sentimentos profundos por ninguém, nem sequer por um marido, e que repartia suas atenções de forma indiscriminada e metida. Que, de fato, era uma coquete.

-Sinto muito, mas meu interesse pela felicidade ou infelicidade de um homem morto é nulo -disse ao mesmo tempo que acariciava o cabo do monóculo-. Se me desculpar...

Tinham chegado à colina e foi evidente na hora que o lanche campestre tinha sido preparado de antemão. Havia mantas estendidas na ladeira orientada ao lago e algumas cadeiras para os convidados de mais idade. junto a cada manta e perto das cadeiras havia cestas com comida e bebida. Alguns criados aguardavam entre as árvores, ao pé da colina, para atendê-los.

Acabava de iniciar uma conversa com o Renable quando percebeu que a senhora Derrick estava no topo da colina, com as fitas do boné ondeando ao vento, enquanto apontava vários pontos ao Kitredge... tal qual tinha feito com ele, naquela primeira tarde. estava rindo por algo que Kitredge havia dito.

Incomodava-o que tivesse ido queixa-se a Magnus. Incomodava-o sentir-se culpado no concernente a essa mulher. Porque até que a beijou, sem que ela o convidasse, não tinha visto em sua atitude nada que indicasse que poderia aceitar de bom grado suas atenções ou sua oferta. Era evidente que lhe devia uma desculpa.

Em regra geral não estava acostumado a ser nem impulsivo nem mal educado. Rara vez cometia um engano ou se expunha a que o atacassem.

Não voltaria a acontecer. Estava muito perturbado com Christine Derrick... talvez porque sabia que ela não tinha a culpa de nada.

Christine passou em claro grande parte da noite posterior a atroz cena do labirinto e esteve a ponto de tomar a decisão de retornar para casa pela manhã. Entretanto, o orgulho e a teima foram a seu resgate. por que devia ser ela quem saísse fugindo depois que o duque de Bewcastle lhe tinha proposto ser sua amante? O fato de que não se atrevera a fazer essa oferta a nenhuma das outras damas não tinha importância. Não tinha a menor importância.

Por que ia ter? Caía-lhe pior que nunca, desprezava-o mais que nunca. Mal suportava estar no mesmo aposento que ele... nem na mesma casa, por certo. Mas ficaria, decidiu finalmente, embora só fosse pela possibilidade de que sua presença o envergonhasse.

De modo que enfrentou ao que restava de festa campestre com renovada energia, e obteve a satisfação de constatar que ganhou a amizade de vários convidados, tanto homens como mulheres. Podia fazê-lo, decidiu. Podia desfrutar enquanto guardava as distâncias com o duque de Bewcastle, que parecia igualmente decidido a fazer o mesmo com ela.

E tudo saiu como foi pedido.

Passou muito bem no lanche campestre. Esteve indicando vários lugares distintos do topo da colina ao conde de Kitredge, que a reteve um momento com suas perguntas, e depois do chá, correu para a borda do lago a pedido de um grupo de jovens que queriam que lhes demonstrasse a arte de fazer ricochetear calhaus sobre a água. Algumas das damas se juntaram à atividade, e desfrutaram lindamente. Por sua parte, acabou com a bainha do vestido empapado porque quando via no fundo do lago um calhau ideal para jogá-lo, insistia em agarrá-lo em pessoa embora não estivesse perto da borda. Mas como tinha tido a precaução de tirar os sapatos e as meias, o desastre foi menor.

Em alguns momentos foi capaz de convencer-se de que o caso estava mais que enterrado e de que tinha recuperado plenamente tanto a juventude como o ânimo. Entretanto, as sombras do passado espreitavam nas proximidades, sem se importarem quão resplandecente fosse a luz... ou talvez por isso mesmo. Os acontecimentos que estavam por chegar o demonstraram.

Foi uma das últimas em partir da colina, já que teve que encontrar um lugar resguardado onde pôr as meias. Viu que Hermione e Basil seguiam na ladeira, e depois percebeu de que o duque de Bewcastle estava com eles.

-Excelência, confesso que Elrick e eu tínhamos a intenção de manter uma conversa com você desde anteontem -escutou Hermione dizer enquanto ela se punha a andar para o trio-, mas acredito que é apropriado que Christine escute o que temos que dizer. Devemos nos desculpar em seu nome.

Estava a uns passos deles quando se deteve e ergueu a vista para olhar a sua cunhada sem dar crédito.

-Foi uma tremenda tolice que as juvenzinhas apostassem entre elas para ver quem seria capaz de manter uma conversa privada com você durante uma hora -continuou Hermione, com voz trêmula por causa de uma emoção que bem podia ser fúria reprimida-, mas conhecendo como são as mocinhas, é compreensível que queriam impressionar a alguém de sua classe e posição. Entretanto, por parte de Christine foi imperdoável e presunçoso participar de semelhante aposta e além disso ganhá-la.

Fechou os olhos um momento ao escutar essas palavras. A ditosa aposta! Como se tinha informado Hermione? Através de lady Sarah e do Harriet King, sem dúvida alguma.

Basil pigarreou.

-Tenha como certo que lady Elrick e eu desaprovamos um comportamento tão vulgar, Bewcastle -afirmou.

-Foi uma desgraça para nós que meu cunhado se apaixonasse pela filha de um professor rural e se casasse com ela -acrescentou Hermione-. Se passou toda a festa campestre paquerando com todos os convidados nos humilhando com comportamentos como este. -Apontou com uma mão a bainha molhada de seu vestido-. Mas que o envolva em suas destrezas e que paquere com você é imperdoável.

Era incapaz de dar crédito ao que estava escutando apesar de que a cena acontecia diante de seu nariz. Era como voltar de repente para o passado. Estavam falando com tanta fúria e

amargura... e tão injustamente... Estava muito surpreendida para protestar... ou para partir dali sem mais.

O duque de Bewcastle ergueu o monóculo e o deixou a meio caminho de seu olho. Se lhe olhasse a bainha do vestido ou qualquer outra parte de sua pessoa através da lente, o tiraria e o partiria sobre o nariz. Ou lhe partiria o nariz com ele. Entretanto, concentrou toda sua atenção em Hermione.

-Não é necessário que fique indignada, senhora -disse com voz tensa e com uma nota terrivelmente gélida.

- Você tampouco, Elrick. As filhas daqueles cavalheiros com mentes acadêmicas costumam ser melhor educadas e, portanto, sua conversa costumava ser muito mais interessante que a das típicas juvenzinhas da alta sociedade. passei toda uma hora em companhia da senhora Derrick depois de convidá-la a passear pelo passeio dos laburnos? Reconheço que o tempo me passou voando. paquerei com ela enquanto falávamos do passeio a cavalo e da carta enviada por sua irmã que estava lendo quando a encontrei? Se for assim, peço-lhe mil desculpas e prometo ser mais discreto no futuro.

O monóculo ficou pendendo da fita negra quando o duque o soltou.

Seu aspecto era muito perigoso, reconheceu, e o silêncio que seguiu a suas palavras deixou bem claro que não era a única que o tinha percebido. Acabava de pôr a seus cunhados em seu lugar. Se não se sentisse tão ferida, lhe teria encantado.

-Hermione!-exclamou em voz baixa.

No caso de Basil se limitou a olhá-lo. Seu cunhado tinha adorado ao Oscar, mas em troca tratava a sua viúva com desprezo. Ele evitou seu olhar.

Teria partido nesse mesmo momento correndo, a não ser porque o duque de Bewcastle se dirigiu a ela.

-Me permita que a acompanhe de volta à casa, senhora -disse-. Assim poderá me dizer se verdadeiramente lhe devo uma desculpa.

Jamais o tinha escutado falar com essa frieza.

O duque lhe ofereceu o braço, e como não lhe ocorreu nenhuma desculpa para rechaçá-lo, aceitou-o. Seus olhos,

percebeu, assemelhavam-se a dois pedaços de gelo. Seu encantador estado natural, de fato. Teria preferido sair correndo em direção contrária e perder-se entre as árvores para lambar as feridas em privado. Porque até esse momento não se dera conta de que ainda tinha feridas que lambar. Pensava que tinham cicatrizado fazia muito tempo.

Hermione e Basil não fizeram gesto de retornar com eles.

-Devo-lhe uma desculpa, senhora Derrick? -perguntou-lhe o duque quando se afastaram bastante para que não os escutassem.

-Por me fazer a oferta que me fez? - disse. - Já se desculpou por isso.

-Achava isso -replicou ele-, embora suponha que minha oferta deve ter sido um final bastante chocante para sua bem-sucedida artimanha de reter minha atenção durante uma hora. Utilizar o labirinto para dilatar o momento foi muito inteligente de sua parte. Espero que tenha desfrutado ao reclamar o prêmio e que este seja merecedor de seus esforços... e inclusive do insulto que se viu obrigada a suportar.

Respirou fundo e soltou o ar muito devagar. Suas feridas pessoais iriam ter que esperar um pouco mais.

-A verdade é que não reclamei o prêmio -lhe assegurou-. Outra pessoa pôs o dinheiro por mim e também apostou em meu nome. Entreguei o prêmio a ela em sua totalidade. Mas sim, desfrutei de meu momento de triunfo junto ao lago porque, evidentemente, ganhei o primeiro dia quando o convenci para que passeasse comigo, mas teria sido muito injusto dar por terminado o jogo tão cedo. Assim decidi repetir a façanha. -Suspirou e levantou o rosto ao céu.

-Não obstante, fui eu quem a convidou a passear na segunda ocasião -assinalou ele.

-É obvio que sim. -Olhou-o com expressão surpreendida-. Uma dama não deve convidar a um cavalheiro a passar tempo em sua companhia, não é certo? Muito menos se for de forma tão seguida, duas vezes na mesma semana. Mas isso não foi impedimento algum para mim. Há formas de obter que um cavalheiro me convide... como me sentar com expressão pensativa em uma

mureta com uma carta de há um mês, por exemplo, a escassa distância de um passeio e fingir que estou lendo-a.

Sua excelência manteve a calma, talvez com acerto. Sentiu uma insalubre satisfação ao dar-se conta de que possivelmente estivesse zangado e de que possivelmente também estivesse - poderia aferrar-se a essa esperança?- um pouco humilhado.

Internaram-se no arvoredor. Poderia ter-se soltado de seu braço nesse instante, e o teria feito se não lhe tivesse passado pela cabeça que talvez isso fosse o que ele queria.

-Que saiba que a aposta original era enrolá-lo até o ponto de que propor matrimônio -confessou-. Mas como chegamos à conclusão de que não tinha graça apostar por algo impossível, trocamos os termos e se lembrou que ganharia quem conseguisse ter com você uma conversa privada de uma hora de duração. Talvez teria podido ganhar a primeira aposta com tanta facilidade como a segunda, mas me ofereceu carta branca em lugar de matrimônio. Para sua informação, resultou-me muito humilhante, embora suponha que se deve a minha condição de filha de um professor de escola e ao fato de que sou muito vulgar para ocupar a posição de duquesa. Entretanto, o dano não foi permanente já que não tive que confessar esse detalhe a meus competidores.

O duque de Bewcastle continuou conservando a calma.

Era muito irritante. Jamais tinha sido dada a discutir e brigar com outros. Entretanto, tinha a sensação de que seria extremamente satisfatório manter uma acalorada discussão com o duque de Bewcastle. Embora se suas hipóteses fossem corretas, seria muito mais difícil lhe provocar um inapropriado e descontrolado arrebato emocional que levá-lo ante o altar. Pela simples razão de que carecia de emoção, de paixão. Desterrou a lembrança de certo beijo no labirinto. Isso não tinha sido paixão, tinha sido luxúria.

Voltou a suspirar.

-Me alegro de ter ganho a aposta... duas vezes -disse-. Já não me verei obrigada a procurar sua companhia.

-Suponho que esse é meu pé e agora devo lhe assegurar que estou encantado com as notícias, não é assim?

-Está? -quis saber-. Refiro a se está encantado.

-Não tenho uma opinião a respeito -respondeu.

-Alguma vez discute com alguém?

-Discutir é absolutamente desnecessário -foi sua resposta.

-É obvio. -Agitou a mão livre no ar-. É capaz de obter obediência cega em só arquear uma sobrancelha.

-Salvo quando alguém decide fazer caso omissso da ameaça que supõe tanto minha sobrancelha como meu monóculo -declarou.

Soltou uma gargalhada, embora não porque lhe fizesse graça o comentário, na verdade. Tinha sofrido uma humilhação espantosa, primeiro no labirinto e depois na colina, e estava desejando esconder-se em seu diminuto quarto e encolher-se na cama.

-Seus cunhados não a suportam, senhora Derrick -afirmou o duque de Bewcastle com voz fria.

Bom, Basil e Hermione o tinham deixado muito claro. Não tinha sentido voltar a incomodar-se embora o tivesse deixado cair dessa forma tão abrupta.

-Certamente lhes aterra a possibilidade de que o seduza para que se case comigo, assim como fiz com Oscar -replicou quando estiveram na clareira do lago, onde se trombou com ele na primeira tarde-. E de que depois você lhes jogue a culpa por não lhe ter advertido.

-Por não me ter advertido de que é a filha de um professor de escola? -assinalou-. De que é uma intrigante?

-E de que sou vulgar -acrescentou-. Que não o esqueça. Esse era um de meus pecados capitais, se por acaso não sabe. Meu comportamento sempre me convertia no centro de atenção e acabava envergonhando-os. Por mais que o tentasse, nunca pude ser tão perfeita como Hermione. Agora que teve tempo para meditá-lo, suponho que se sentirá aliviado de que recusasse ser sua amante.

-Devo estar? -perguntou ele-. Porque não é você uma dama perfeita?

Estavam atravessando o arvoredado que confinava com o prado da fachada da mansão.

-E porque sou uma coquete -acrescentou.

-É?

-E porque poderia matá-lo como matei ao Oscar -concluiu.

Produziu-se um breve silêncio durante o qual percebeu que todas as defesas que tinha levantado a seu redor sem dar-se conta tinham caído e de que já não havia rastro de seu bom humor.

Também percebeu que se não chegassem logo à casa, ia discutir com o duque o quisesse ele ou não. imaginou a si mesmo lhe golpeando o peito com ambas as mãos, pisando-o com ambos os pés e convertendo seu monóculo em um saca-rolha enquanto lhe gritava como uma lavadeira. O problema era que a imagem não tinha nem pinga de graça. Voltaria a chorar se não andava com cuidado. Ela nunca chorava. Não servia de nada chorar, não é verdade?

-Nesse caso, parece que Elrick e sua esposa têm um motivo para desprezá-la -disse ele finalmente.

O que esperava? Que lhe perguntasse se era verdade? Que lhe surrupiasse a história que ninguém tinha conseguido lhe arrancar e a exonerasse de toda culpa? Que depois lhe pedisse perdão pela oferta que lhe tinha feito no labirinto e a subisse na garupa de seu corcel -todo cavaleiro que se apreciava tinha um- para convertê-la em sua duquesa?

Não conseguia imaginar um destino pior. Não o havia. Porque não era um cavaleiro de armadura brilhante. Era um aristocrata frio, desagradável e arrogante.

-É obvio -reconheceu-. Certamente que sim. Dá exatamente no mesmo que eu não estivesse perto quando morreu, não é? É uma prova mais de minhas intrigas. Matei-o de qualquer forma. E não estou de bom humor, excelência, como talvez se deu conta. vou pôr-me a correr assim que termine de falar e vou chegar à mansão ruborizada e ofegante. Não espero que me siga em um alarde de cavaleirismo.

Entretanto, antes de que pudesse fazê-lo, a mão direita do duque a agarrou pelo braço com força e se encontrou com seu peito, que subia e baixava com rapidez pela falta de fôlego, estava a escassos centímetros do dele. Esses olhos prateados a fulminaram com seu gélido brilho.

Em um instante de loucura acreditou que ia beijá-la de novo. Talvez ele também acreditou. Porque esses olhos se cravaram em sua boca e o viu soprar pelo nariz. Sua mão esquerda lhe segurou o outro braço com mais suavidade.

A tensão crepitava no ambiente com a mesma intensidade que o brilho de um relâmpago.

Entretanto, não a beijou... detalhe que agradeceu de todo coração mais tarde, quando sua mente voltou a funcionar com normalidade. Certamente lhe haveria devolvido o beijo, teria se pego a ele e lhe teria rogado que a levasse ao coração do bosque para seduzi-la. E o problema era, pensou nesse instante, que o teria feito de verdade, que teria ido com ele, que teria deitado com ele. Inclusive lhe teria rogado que repetisse a oferta do labirinto. Mas não a beijou.

-Cada vez me arrependo mais de ter vindo -o escutou dizer, e teve a sensação de que em realidade estava falando consigo mesmo-. E antes de que você seja quem diz a última palavra, senhora Derrick, estou seguro de que você também o lamenta... Lamenta que eu tenha vindo e lamenta ter vindo.

Assim que lhe soltou os braços, ergueu a batinha molhada do vestido e saiu correndo, sentindo-se pior do que se sentira em dois anos. Não deveria ter ido à festa... e isso era um eufemismo como a copa de um pinheiro. Sabia de antemão que Hermione e Basil iriam participar. E além de se ter exposto ao ridículo e à censura do duque de Bewcastle, que nesse momento acreditaria capaz de ter matado Oscar, pelo amor de Deus!

Apesar de tudo, se tivesse chegado a beijá-la, haveria-lhe devolvido o beijo. Não obstante e em lugar de beijá-la, limitou-se a lamentar-se abertamente por ter ido à festa campestre.

Odiava-o com toda sua alma. Era um pensamento preocupante. Teria preferido muito ser indiferente a sua pessoa. Deveria ficar fora tomando ar, pensou ao chegar à mansão acalorada, ofegante e descomposta. Deveria enfrentar Hermione e Basil assim que retornassem. Já era hora de que o fizesse. Os dias posteriores à morte de Oscar foram horríveis para todos e não teve forças para defender-se, como era devido, de suas acusações. Embora nesse

momento em concreto não se sentia muito melhor. De modo que, como a covarde que era em certas ocasiões, correu escada acima até seu dormitório e respirou aliviada quando chegou sem ter encontrado ninguém pelo caminho.

Fechou a porta, atirou-se de bruços na cama e se aferrou com as mãos ao cobertor enquanto tentava não chorar para não aparecer no jantar com as pálpebras inchadas, os olhos vermelhos e o nariz congestionado. Sabia que não podia jogar a culpa a ninguém, que era a única culpada dessa situação. Deveria ter se negado a participar. Nem sequer Melanie poderia havê-la obrigado a ir se tivesse se fechado em banda.

Demorou muito tempo para acalmar-se. Depois se sentou na cama e comprovou seu aspecto em um espelho. Se sorria um pouco, seu aspecto não seria muito diferente do habitual. Sorriu ao espelho para comprovar sua teoria. Parecia a imagem da tragédia esboçando um sorriso grotesco.

Separou um pouco os lábios e experimentou alegrar o olhar.

Isso, pensou... Estava como nova e uma vez mais ao resguardo de suas defesas. Que estranho... não se tinha dado conta de que ainda as tinha, de que ainda as necessitava. Estava há dois anos em liberdade sendo feliz. Bom, quase feliz.

Sobreviveria ao que restava de festa, decidiu com firmeza, até que retornasse a casa e voltasse a esconder seu coração atrás da cômoda rotina do dia a dia. Afinal, tinha sobrevivido à morte de Oscar.

Wulfric se sentia inusualmente descomposto... outra vez. E pelo mesmo motivo... outra vez. Tinha estado a ponto de beijá-la, pelo amor de Deus! Não lhe ocorria um final mais inapropriado para uma tarde tão desagradável.

Entretanto, tal como compreendeu enquanto a observava afastar-se dele, tinha cometido um muito grave engano de cálculo. Em mais de um sentido. Continuava zangada com ele pela proposta que lhe tinha feito.

Até ele estava irritado consigo mesmo. Nenhuma das duas longas conversas que tinham mantido podia ser premeditada por

parte da senhora Derrick. Mas tinha participado dessa ridícula aposta e possivelmente tivesse prolongado seu último encontro na medida do possível. Afinal, tinha sido sua idéia entrar no labirinto e ele a tinha seguido como uma marionete movida pelo titiritero. E depois a beijou e lhe fez sua impulsiva proposta.

Em certo modo deve ter sido um consolo para ela sair correndo do labirinto para reclamar a vitória e o prêmio.

Não obstante, sua irritação não era nada comparada com o dano que ela tinha sofrido por causa do comportamento dos Elrick na colina. Era normal que estivesse doída. Embora conhecia o casal de forma superficial, jamais os tinha tido por pessoas desagradáveis, indiscretas, nem rancorosas sem motivo. Adjetivos que podiam aplicar-se a seu comportamento dessa tarde.

Tinham arejado os trapos sujos da família frente a ele de um modo muito inapropriado. Estavam aborrecidos com ela por sua origem humilde, por sua vulgaridade, por sua paquera... Sim, outra vez essa palavra. Aparecia com tediosa freqüência no referente a ela. Não lhe interessavam o mínimo os sentimentos que os Elrick albergavam por sua cunhada. Ou ao menos não precisava conhecê-los. Entretanto, era evidente que algo tinha acontecido entre esses três... algo que estava relacionado com a morte de Oscar Derrick. Em nenhum momento tinha chegado a acreditar que Christine Derrick o tivesse assassinado, mas era evidente que algo tinha acontecido para provocar uma animosidade tão inflamada. Nessa tarde se viu envolvido de algum jeito em uma sórdida disputa familiar.

Não gostava o mínimo de semelhante imposição.

Entretanto, graças a esse episódio tinha descoberto algo interessante sobre a senhora Derrick. Em seu interior guardava muito mais que luz e risadas. Também havia escuridão, oculta no mais fundo de sua pessoa, embora tivesse saído à superfície enquanto voltavam para a mansão. Tinha tentado por todos os meios encetá-lo em uma discussão.

Tinha estado a ponto de sucumbir... de um modo que a teria tomado de surpresa.

Não tinha vontade, nem tampouco a menor intenção, de lutar com a vulnerabilidade que tinha demonstrado a dama. havia-se sentido atraído por ela, tinha-a beijado, tinha-lhe devotado ser seu amante, ela tinha rechaçado a oferta e aí se acabava tudo. Além do que reconhecia que era uma atração residual por sua pessoa, não albergava o menor interesse por ela nem pela escura complexidade de sua vida.

Entretanto e para sua irritação, descobriu durante essa segunda semana que os olhos foram atrás dela tanto ou mais que antes.

Irradiava luz, apesar da escuridão que tinha vislumbrado em seu interior. E muito a seu pesar, continuava deslumbrado por essa luz.

Capítulo 8

Durante várias manhãs consecutivas, Wulfric foi pescar, acompanhado pelo barão Renable e vários cavaleiros mais. Conversou de política, da situação internacional e de livros com um reduzido grupo na biblioteca em uma ou outra ocasião. Jogou bilhar com aqueles que também mostravam inclinação pelo jogo. À tarde jogava cartas, já que só os convidados de mais idade sentiam predileção por esse entretenimento. Participou do resto das atividades da sesta o justo para não parecer mal educado. Também passou a sós todo o tempo possível, que foi bem pouco. Contava os dias, inclusive as horas, que lhe faltavam para poder partir para casa.

Não obstante, havia um acontecimento que não podia evitar, embora estivesse organizado para o final da festa como encerramento da mesma. ia se celebrar um grande baile -em termos rurais, é obvio- em honra ao compromisso matrimonial da senhorita Magnus e Sir Lewis Wiseman.

Convidou-se a um seletos grupo de vizinhos, pois os vinte e quatro convidados mais seus dois anfitriões não seriam capazes de encher um salão de baile como mandavam os cânones.

- Os vizinhos que estão convidados não pertencem em sua totalidade à nobreza rural -explicou lady Renable alguns dias antes do baile-. Entretanto, gostam muitíssimo de receber este tipo de convites, e nos sentimos obrigados a lhes fazer o gosto algumas vezes no ano. Espero que a companhia não lhe seja muito insípida.

-Senhora -replicou, erguendo as sobrancelhas e o monóculo-, acredito que seu gosto na hora de escolher convidados é equiparável ao que demonstra em todo o resto.

Por que desculpar-se por algo inevitável? E por que desculpar-se só com ele? por que desculpar-se, simples e sinceramente? Se havia algo que agradecia aos Bedwyn, era que não andavam pedindo desculpas a todas as horas.

Os bailes nunca tinham sido santo de sua devoção, embora teria que suportá-los em certas ocasiões. Como a presente. pois não podia encerrar-se em seu dormitório com um livro, vestiu-se com sua costumeira sobriedade e permitiu que seu criado pessoal se esmerasse um pouco mais no nó de sua gravata. Desceu ao baile na hora combinada. Tinha reservado a peça inicial com lady Elrick, a segunda com lady Renable e depois esperava poder retirar-se tranquilamente à sala de jogos.

Enquanto se aproximava de Mowbury, que parecia incômodo, por não dizer absolutamente abatido, observou que as damas mais jovens estavam enfeitadas com seus melhores ornamentos. As jóias resplandeciam à luz dos lustres e as plumas eram as estrelas dos tocados mais elaborados;

Talvez como uma deliberada estratégia para destacar sobre os vizinhos que tinham sido convidados ao evento e cuja vestimenta não era tão ostentosa, e que começavam a chegar.

- Recordei a Melanie que danço como um pato enjoado -lhe disse Mowbury -, mas se mostrou muito insistente ao me dizer que tinha que participar e dançar com alguém. Pedi- uma dança à Christine... à senhora Derrick. Esteve casada com meu primo, e sempre me pareceu uma grande mulher, embora Hermione e Elrick não simpatizem com ela, coisa que é evidente, não é? Os bailes são tediosos, Bewcastle.

Estava do outro lado do salão, conversando com três damas e um cavalheiro. A senhora Derrick, claro estava. Reconheceu ao vigário e a sua esposa, e supôs que as outras duas damas eram sua mãe e sua irmã mais velha. Reconheceu que a dama em questão levou toda a beleza da família. A esposa do vigário não possuía nenhum traço destacável. A irmã mais velha carecia de todo atrativo.

A senhora Derrick usava um vestido de noite cor nata de talhe alto, com um babado na barra e um pequeno franzido a jogo no bordo das mangas, que eram curtas e de farol. O decote era baixo, embora decente. Seu brilhante cabelo estava adornado com uma fita rosa combinando com o cinto. Salvo pelos ditos objetos e o leque fechado que segurava, não levava mais adornos. Nem jóias, nem turbante, nem plumas. Tampouco podia dizer-se que o vestido em si mesmo fosse o último grito. As demais convidadas pareciam ridiculamente emperiquitadas a seu lado.

-Assim a senhora Derrick aceitou a dançar a primeira peça contigo -disse.

-Pois sim -afirmou Mowbury, torcendo o gesto-. Prometi não lhe esmagar os dedos, embora ela se limitará a rir de mim se o fizer e a me dizer que de qualquer forma precisavam estar um pouco mais esmagados ou algo do tipo. Sabe levar bem as coisas.

- Percebeu que Kitredge, cuja volumosa figura estava embutida nas baleias de um espartilho que não parava de ranger, uniu-se ao grupo da senhora Derrick e foi apresentado à família. Em um dado momento, uma mão gordinha, adornada com um anel, demorou-se na base de suas costas.

Contemplou a cena apertando com força o cabo com jóias do monóculo. A mão do conde se afastou assim que ela mudou de posição para lhe sorrir. Viu-a assentir com a cabeça, depois do que Kitredge se afastou. Supôs que a segunda peça tinha sido concedida.

Soltou o monóculo, que caiu e ficou suspenso do extremo da fita de seda.

Christine sempre tinha se encantado em dançar. Embora nem sempre tinha desfrutado dos bailes, ao menos durante os últimos anos de seu matrimônio. Oscar tinha começado a protestar cada vez que dançava com outros homens, embora sempre tentasse fazê-lo entender que o propósito de um baile não era outro senão o de dançar com diferentes pessoas e que não podia passar toda a noite dançando com ele. Não era bem visto. Além disso, ele gostava de passar um tempo na sala de jogos ou conversando com seus amigos, por isso se vira no dilema de escolher entre converter-se em um floreiro ou incomodar a seu marido.

O matrimônio lhe tinha parecido uma prova muito mais dura do que esperava. Apesar de sua extraordinária aparência física, Oscar tinha sido um homem muito inseguro. De si mesmo e dela. O passar do tempo tinha aumentado seu afã possessivo e sua dependência. Tinha-o amado com loucura, mas lhe era muito difícil não lhe reprovar a falta de confiança que demonstrava.

Chegou inclusive a levantar a hipótese de ter deixado de estar enamorada por completo dele durante os últimos tempos, quando suas acusações começaram a lhe ser irritantes, mesmo insultantes.

Entretanto, esses dolorosos e infelizes dias eram água passada e essa noite era livre para dançar todas as danças; desde que a solicitasse o número de cavalheiros suficiente, claro estava. Pôs-se a rir na primeira dança, já que se viu obrigada a guiar Héctor durante a contradança e a resgatá-lo em mais de uma ocasião para evitar que desse um salto na direção oposta quando o resto dos cavalheiros se deslocava com elegância para o lado contrário. Depois agradeceu com grande efusividade até tal ponto que inclusive lhe beijou a mão, gesto impensável nele.

A segunda dança a dançou com um suarento conde de Kitredge, e a desfrutou enormemente, embora teve que esforçar-se para desviar a conversa da jovial paquera ao que o cavalheiro levava submetendo-a desde há uma semana. Quando fez gesto de levá-la ao outro lado das portas francesas para sair ao jardim e tomar um pouco de ar fresco, viu-se obrigada a lhe assegurar que a entristeceria muitíssimo perder um passo de uma só dança de um baile tão esplêndido.

Dançou com o senhor Ronald Culver -tinha acabado por distinguir os gêmeos- e com o senhor Copley, um dos arrendatários de Bertie que lhe tinha pedido em casamento em três ocasiões durante o último ano e meio, com quem riu e falou pelos cotovelos.

Percebeu com grande satisfação que Hazel também tinha dançado cada uma das peças e que Eleanor tinha posto os pés na pista em duas ocasiões, apesar de sua aversão ao baile.

Sempre que via juntos Audrey e a Sir Lewis Wiseman, esboçava um sorriso. Embora não se mostrassem especialmente abertos na hora de proclamar seu afeto em público, pareciam ser um casal muito compenetrado. Pareciam felizes juntos. E a felicidade era um bem muito escasso. Esperava de coração que lhes durasse. Sempre tinha tido muito carinho por Audrey, que mal era uma menina quando se casou com o Oscar.

No dia seguinte iria para casa, recordou nesse instante. Que alegria maior a embargou ao fazê-lo!

Apesar de que em termos gerais tinha desfrutado da festa e da simpatia dos convidados. Claro que três deles não lhe tinham demonstrado nenhuma, e isso marcava uma grande diferença. Desde o dia do lanche campestre tinha reinado uma tensão horrível entre Hermione, Basil e ela. evitaram-se na medida do possível, embora se tinha prometido encurralá-los em algum canto na primeira oportunidade para esclarecer coisas de uma vez por todas. Entretanto, era difícil encontrar um momento de privacidade em uma festa campestre; ou talvez não tivesse posto muito empenho.

Para cúmulo, o duque de Bewcastle se tinha oferecido para converter-se em sua amante e depois tinha presenciado a humilhação a que a submeteram seus cunhados e seu posterior arranque de mau humor, rancor e indiscrição. Tudo era certamente muito desagradável. Não via o momento de voltar para casa.

Nunca mais, jamais dos jamais, voltaria a deixar-se convencer para participar de a um acontecimento no qual estivessem envolvidos a alta sociedade em geral e Hermione e Basil em particular. O pensamento não incluía o duque de Bewcastle, já que

era impossível que voltasse a encontrá-lo na vida. Fato pelo qual estaria eternamente agradecida.

Entretanto e durante todo o tempo que passou no salão de baile -durante cada um dos minutos-, estava muito consciente da presença do duque de Bewcastle, cujo aspecto era muito sério, impecável e decididamente sinistro dado a cor negra do fraque e das calças de seda, que ficava suavizado pelo cinza prateado do colete e o branco níveo das meias, a camisa e o encaixe dos punhos. Parecia que desprezava a todos os mortais com os que se via obrigado a compartilhar essa última noite de uma festa campestre que não parecia lhe haver trazido muitas alegrias. Era muito provável que lhe horrorizasse o fato de ver-se obrigado a compartilhar um salão de baile com pessoas que, embora afirmassem ter certos vínculos com a nobreza, estavam muito abaixo de sua elevada posição social. Como sua mãe e Eleanor, por exemplo.

Viu-o dançar com Hermione e com Melanie, depois do que desapareceu em direção à sala de jogos. De modo que foi uma surpresa vê-lo aparecer de novo ao início da terceira dança enquanto ela ocupava seu lugar na pista de baile com o Ronald Culver. Contra sua vontade, observou-o dar um hesitante passo à frente com expressão arrogante embora um tanto angustiada, e depois entrou com mais decisão e se inclinou frente a Mavis Page, a esquelética e corrientucha filha de um capitão da Marinha recentemente falecido, que tinha estado sentada junto a sua mãe desde o começo do baile.

Ninguém nunca tirava Mavis para dançar, que por desgracia não contava com uma personalidade inictante que compensasse sua falta de atrativo.

De repente se viu assaltada por sentimentos desencontrados. alegrava-se muitíssimo por Mavis -a senhora Page teria algo do que alardear durante um ano ou mais, ou talvez durante o resto de sua vida-, mas era irritante -para não dizer que desconcertante- ver o duque atuar de um modo tão incomum. Porque não queria descobrir nenhuma só qualidade que o redimisse. Ao que parecia, o duque tinha reconhecido que Mavis era um floreiro e tinha ido a resgatá-la.

O senhor Fontain, outro dos arrendatários do Bertie, tirou-a para dançar a seguinte peça. O leve rubor que apareceu em suas faces lhe sentava bem e a fazia parecer quase bonita.

O duque, por sua parte, desapareceu para a sala de jogos depois da terceira dança e por fim se sentiu tranqüila para relaxar e desfrutar. A partir do dia seguinte jamais teria que voltar a pensar nele. Jamais teria que voltar a olhar esse rosto arrogante e frio. Jamais teria que voltar a recordar que lhe tinha feito uma proposta desonrosa e que por um breve e vergonhoso instante se havia sentido desiludida porque não era matrimônio o que lhe oferecia. A simples ideia de estar casada com ele...

O alívio por sua ausência lhe durou bem pouco. Acabada a quarta peça, dispunha-se a retornar ao lado de sua família quando George Buchany e Anthony Culver a detiveram. Certamente um deles queria convidá-la a dançar, pensou. E estava desejando que alguém o fizesse. Porque a seguinte dança era uma valsa. Tinha aprendido a dançá-la durante seus dias na capital, embora só a tinha dançado com o Oscar.

Tomara alguém a convidasse a dançar a valsa.

Nesse momento sentiu que alguém lhe tocava o braço e ao olhar para trás se encontrou com os olhos prateados do duque de Bewcastle.

-Senhora Derrick -lhe disse-, se ainda não tiver a seguinte dança comprometida, eu gostaria que a dançasse comigo.

Pegou-a totalmente despreparada. De qualquer forma e apesar da surpresa, caiu na conta de que podia declinar o convite sem mais. Mas se o fizesse, não poderia dançar com ninguém. E era a única valsa da noite. Filho da mãe!, exclamou para si mesma.

O coração lhe pulsava acelerado no peito, as pernas apenas a seguravam e respirava de forma entrecortada, como se acabasse de correr um quilômetro sem deter-se para descansar. À margem de todo o resto e nesse instante de loucura, reconheceu que era um homem muito bonito.

Essa era a última noite da festa campestre. A despedida entre eles. E ia ser uma valsa!

-Não conhece os passos?-escutou-o perguntar.

Porque desde que a convidou tinha estado olhando-o boquiaberta como um peixe fora da água.

-Sim - respondeu ao mesmo tempo em que abria o leque para refrescar as acaloradas faces-, embora haja passado muito tempo desde a última vez que a dancei. Obrigada, excelência.

O duque lhe ofereceu o braço, de modo que fechou o leque, colocou-lhe a mão no antebraço e permitiu que a levasse a pista. De repente, recordou que o tinha visto dançar com Mavis e o olhou com certa curiosidade. Seus olhares se encontraram.

Chegou à conclusão de que esses olhos prateados eram similares aos de um lobo. Alguém tinha comentado poucos dias antes que seu nome de batismo era Wulfric. Que estranha coincidência!

-Achei que esta noite me evitaria a todo custo -comentou.

-Seriamente? -replicou o duque com voz arrogante e as sobancelhas arqueadas.

Bem, não havia resposta para essa pergunta, de modo que em lugar de espremer os miolos em busca de algo apropriado, aguardou em silêncio que começasse a música. O que tinha pensado um momento antes? Que era um homem muito bonito? Muito bonito!? Acaso tinha a cabeça cheia de pássaros? Olhou de novo seu rosto. Seu nariz era muito grande. Não, isso não era certo. Era precisamente esse perfil aquilino o que dotava de personalidade a seu rosto e aumentava sua atitude. O efeito não teria sido o mesmo com um nariz mais reto.

Que apêndices mais absurdos eram os narizes quando se analisavam em profundidade.

- Tornei a fazer algo que lhe é engraçado? -escutou-o perguntar.

-A verdade é que não. -Soltou uma gargalhada-. Rio de meus próprios pensamentos. Estava pensando em como são absurdos os narizes.

-Eu que o diga -replicou com um brilho estranho nos olhos.

Nesse momento, a orquestra começou a tocar e o duque de Bewcastle tomou sua mão direita com a esquerda e lhe colocou a outra na base das costas. Pôs-lhe a mão esquerda no ombro... e

teve que fazer um esforço para não ofegar. A distância que os separava era a adequada. Mas de repente compreendia por que tantas pessoas continuavam considerando que a valsa era uma dança indecente. A verdade era que jamais se havia sentido tão perto de Oscar quando dançava com ele. Não recordava ter percebido seu calor corporal nem o aroma de sua colônia. O coração tinha acelerado de novo e nem sequer se moveram. Embora o fizeram nesse instante.

E soube sem dúvida que jamais tinha dançado uma valsa com antecedência. O duque dançava com passos largos e seguros e a guiava durante os giros com tal resolução que a luz das velas se transformou em um torvelinho. Acabava de descobrir o que era dançar uma valsa. Nunca antes o tinha compreendido. Porque era um deleite sensual. Luzes, cores, perfume, o calor que irradiava o par, a colônia almiscarada, a música, o chão ligeiramente escorregadio, a mão que a segurava pela cintura, a que a agarrava pela mão, a euforia provocada pela leveza de seu corpo, pelo movimento... Era pura magia.

Olhou ao duque de Bewcastle no rosto com um sorriso e nesse instante sentiu uma delirante felicidade.

Devolveu-lhe o olhar e a tremulante luz das velas dos lustres das aranhas lhe pareceu que, pela primeira vez, seus olhos tinham um brilho quente. Mas, ai! O feitiço não durou.

Giraram ao chegar a um dos cantos do salão, o mais próximo às portas francesas, ao mesmo tempo que Héctor se aproximava com o Melanie em direção contrária! O duque a aproximou de seu peito com o que depois reconheceu como um vão intento de protegê-la do desastre, mas já era muito tarde. Héctor lhe deu um pisão no pé esquerdo do qual não se salvou nenhum só de seus dedos.

O duque a segurou com firmeza pela cintura enquanto ela erguia o dolorido pé e continha o fôlego. As proverbiais estrelinhas giravam a seu redor, iluminando a escuridão que a rodeava.

Escutou a exclamação horrorizada de Melanie, que passou a recordar a seu irmão que lhe tinha avisado de que iam em direção

contrária. Héctor se desculpou com tal profusão que roçava o ridículo.

-Adverti a Melanie que não danço bem a valsa - declarou. - Ela sabe muito bem que não sei dançar, mas insistiu em que a tirasse para dançar a valsa. Sinto muitíssimo, Christine. Machuquei-a?

-Héctor, essa é a pergunta mais idiota que ouvi na vida - comentou sua irmã com voz mal-humorada-. É obvio que machucou-a, grande campônio.

-Estou certa de que a vontade de gritar me veio em um instante -respondeu ela-.Enquanto isso, continuarei contando devagar. Quarenta e sete... quarenta e oito... não se preocupe, Héctor, de qualquer forma meus dedos precisavam estar um poquinho mais esmagados.

-Minha pobre -disse Melanie-. Quer que acompanhe a seu dormitório e que mande chamar uma criada?

Entretanto, pediu-lhes que partissem com os dentes apertados e tentando dissimular. por que sempre lhe aconteciam essas coisas quando seu único afã era passar despercebida e dedicar-se a seus assuntos?

Héctor se afastou cambaleando, nessa ocasião na direção correta, com Melanie atrás. Nesse instante percebeu que continuava apoiada no flanco do duque de Bewcastle. A dor nem sequer tinha alcançado seu ponto crítico. Conteve de novo o fôlego.

E então o viu inclinar-se pela extremidade do olho e a ergueu nos braços, depois do que pôs-se a andar para as portas francesas. Foi uma manobra executada à perfeição, admitiu, embora abriu os olhos como pratos, horrorizada. Duvidava muito que algum convidado percebeu sequer a topada e suas conseqüências, muito menos de sua saída para o jardim nos braços do duque. Claro que se alguém tinha presenciado a última parte...

-Ai, Deus! -exclamou-. Isto começa a converter-se em costume. -A que mulher normal tinham que levá-la em braços duas vezes no prazo de duas semanas?

O duque se afastou um pouco das portas e a deixou no banco de madeira que rodeava o enorme tronco de um vetusto carvalho.

-Entretanto, senhora Derrick -replicou-, nesta ocasião a culpa foi somente minha. Deveria ter percebido o que ia acontecer muito antes do que o fiz. Sofreu algum dano sério no pé? Pode dobrar os dedos?

- Me permita uns minutos mais para seguir gritando em silêncio - respondeu -, e chegar a cem. Depois tentarei movê-los. Suponho que quando Héctor era menino se assegurava de estar bem escondido com um livro de filosofia grega -em grego- sempre que havia aulas de dança. Em realidade acredito que não deveriam lhe permitir que se aproximasse de menos de três quilômetros de um salão de baile. O pobre parecia muito envergonhado, não é? Noventa e dois... Noventa e três... Ai!

O duque de Bewcastle tinha apoiado um joelho no chão e estava lhe desatando a fita que segurava seu escafpín à perna, depois do que passou a tirá-lo.

A imagem era curiosa. Parecia que estivesse a ponto de lhe pedir em casamento.

Era estranho que o ser humano fosse capaz de rir em meio à dor mais extrema, pensou enquanto mordida o lábio.

Wulfric não era médico, mas em sua opinião não havia nenhum osso quebrado. Nem sequer lhe tinha inchado o pé, embora a rígida postura e a respiração superficial deixavam bem claro que continuava lhe doendo horrores. Colocou-lhe a palma da mão sob a planta protegida pela meia e lhe segurou o calcanhar com a outra mão. Em seguida, obrigou-a a levantar o pé desde atrás para que dobrasse os dedos com muita delicadeza antes de devolvê-lo à posição inicial.

A senhora Derrick lhe colocou uma mão em um ombro e o apertou com força. Percebeu que tinha os olhos fechados e a cabeça inclinada. Tinha o rosto crispado e se estava mordendo o lábio inferior, mas à medida que repetia o movimento foi relaxando.

-Acredito que sobreviverei -disse ao cabo de um minuto-. É possível que inclusive volte a dançar algum dia. -Riu entre dentes e o som que brotou de sua garganta foi rouco, alegre e sensual.

Seu pé era pequeno, delicado e morno. Levava meias de seda.

Deixou-o sobre o escarpín rosa e o observou enquanto ela prosseguia exercitando-o do mesmo modo que tinha feito ele, elevando o talão para flexionar os dedos. Uns minutos mais tarde lhe tirou a mão do ombro.

-O que não entendo é o que faz Héctor aqui -disse ao mesmo tempo que ele se endireitava e levava as mãos às costas sem deixar de observá-la-. É um homem afastado do mundo, um erudito pouco inclinado a mesclar-se com a sociedade... ao menos com as damas.

- Acho que pensou que ia ser uma reunião de intelectuais - replicou.

-Ai, pobre! -exclamou enquanto voltava a calçar o escarpín. colocou de novo as fitas em torno da panturrilha e, em seguida, continuou flexionando os dedos. - Suponho que Melanie pensou que este tipo de festa lhe viria bem; e seguro que pensou o mesmo quando o obrigou a dançar a valsa. É possível que o enganasse desde o começo sem necessidade de lhe mentir abertamente. Porque também é possível que nem sequer se inteirou de que sua irmã menor acaba de comprometer-se -ou talvez o tenha esquecido- e Melanie se haja sentido obrigada a organizar uma de suas famosas festas em honra de Audrey.

Não respondeu a seu comentário. Viu que tinham acendido algumas lanternas em deferência aos convidados que queriam sair para tomar ar fresco fugindo do cansativo salão de baile. A luz de uma delas se derramava sobre a senhora Derrick e fazia brilhar seu cabelo. Nesse momento a dama ergueu o olhar com uma expressão entusiasmada no rosto... e os olhos risonhos.

-Ai, Meu deus! -exclamou-. Foi Héctor quem o convidou. Você também acreditou que seria uma reunião de intelectuais? É assim, verdade? Perguntava-me por que tinha vindo, porque Melanie me assegurou que não tinha você por costume abandonar Londres a menos que se retirasse a uma de suas propriedades rurais. Que mal deve ter se sentido ao descobrir o mal-entendido! Pobre... perdão, excelência.

-Suponho, senhora Derrick -respondeu ao mesmo tempo que os dedos de uma mão se fechavam em torno do cabo do monóculo-,

que suas perguntas não requerem uma resposta, que são retóricas.

Não estava acostumado a que se rissem dele. Nem sequer recordava que alguém tivesse se compadecido dele nunca.

-Entretanto, você possui algumas das habilidades sociais requeridas... dança muito bem a valsa -continuou ela, que levou as mãos ao colo e inclinou a cabeça um pouco sem afastar o olhar-.Extremamente bem, de fato.

-É possível ser um erudito -lhe assegurou-, como você diz, e ao mesmo tempo ter aperfeiçoado as artes sociais, senhora Derrick. Eu não fugia de minhas aulas de dança. Aprender a dançar corretamente, inclusive bem, é uma parte essencial da educação de um cavalheiro.

Não se tinha por um erudito. Embora se considerava culto, não tinha tempo para estar com o nariz enterrado entre livros. Tinha outras preocupações de índole mais prática com as quais ocupar seus dias. Além disso, de menino nem sequer gostava de ler...

-Sempre gostei da valsa mais que qualquer outra dança -confessou a senhora Derrick com um sentido suspiro-, embora raramente a dancei enquanto vivia em Londres. E agora o pobre Héctor esmagou todas minhas esperanças de continuar dançando-a esta noite.

-Ainda não acabou -lhe assinalou-. Podemos continuar dançando caso se sinta capaz de fazê-lo.

-Meu pé se recuperou quase por completo -lhe assegurou ao tempo que movia os dedos por última vez no interior do escarpín de seda rosa-. Deveria agradecer que Héctor só pesar uma tonelada em lugar de dois...

-Nesse caso, sigamos dançando. -Tendeu-lhe uma mão.

Ela a aceitou antes de ficar em pé.

-Suponho que se arrepende de me haver convidado -comentou-. Os desastres me perseguem embora não faça nada para atraí-los.

-Não me arrependo - contradisse-a... e cometeu o engano de não dirigir-se imediatamente para o salão de baile. A lanterna balançava na brisa, envolvendo-a em um jogo de luzes e sombras. De repente, a tensão crepitou no ar que os rodeava.

-Dancemos aqui -sugeriu.

-Aqui? -repetiu ela com as sobrancelhas arqueadas pela surpresa, embora acabasse rindo e com suavidade-. À luz das lanternas e sob as estrelas? Que idéia mais rom... maravilhosa! Sim, dancemos aqui.

Tinha estado a ponto de dizer "romântica". Se esforçou por manter-se impassível, embora por dentro deu um pulo. Ele não era romântico. Não se achava no romantismo.

Entretanto, a sugestão de dançar fora não era prática, decidiu enquanto tomava pela cintura, agarrava-a pela mão e a guiava pelos primeiros passos da valsa. A erva não era a melhor superfície para dançar, e esse terraço em particular nem sequer estava nivelado. Além disso, não era apropriado que dançassem a sós tal como o estavam fazendo. Embora não se encontravam longe da mansão e as portas francesas estavam totalmente abertas, além das lanternas cuja luz convidava aos convidados a sair, não deveria tê-la afastado do salão de baile. Não deveria tê-la afastado de sua mãe e do resto de sua família.

De qualquer forma não demorou para reconhecer o absurdo do pensamento. A senhora Derrick era viúva e possivelmente estivesse mais perto dos trinta que dos vinte. Não havia nada impróprio no que estavam fazendo.

Não obstante, era consciente de que estar a sós com ela desse modo, dançando com ela uma valsa, era ligeiramente perigoso. Ou talvez mais.

Dançaram e giraram em silêncio, rodeados pela música que flutuava do salão. Ao cabo de uns minutos percebeu que a erva era a superfície perfeita sobre a que dançar a valsa e de que o firmamento estrelado era o teto ideal. Os aromas noturnos da vegetação eram muito mais sedutores que a combinação dos perfumes que flutuavam no salão.

E tinha entre os braços o par perfeito. Porque não executava os passos com precisão e rigidez. A senhora Derrick seguia seus movimentos totalmente relaxada, enfeitada como ele mesmo.

Aproximou-a um pouco mais para guiá-la melhor pelo desnivelado terraço e levou sua mão ao peito, sobre o coração,

onde a apoiou sem soltá-la. Nesse momento descobriu que ela tinha enterrado o rosto em sua gravata e que seu cabelo fazia cócegas em seu queixo. Esse corpo tão quente, relaxado e feminino estava totalmente colado a ele. Suas coxas se roçavam enquanto se moviam em perfeita sincronia.

Chegou à conclusão de que a valsa era uma dança erótica. Sentiu os primeiros indícios da atração sexual. Fazia tanto tempo...

A música continuava soando mas, em algum momento, eles se tinham detido. mantiveram-se imóveis durante um lapso interminável de tempo e depois ela jogou a cabeça para trás e o olhou.

Nessa ocasião foi a luz da lua e não a da lanterna a que iluminou seu rosto. Possuía uma beleza etérea, pensou. Tomou o rosto com as mãos e enterrou os dedos nesse sedoso cabelo. Utilizou os polegares para delinear suas sobrancelhas, suas maçãs do rosto e seu queixo. Acariciou ligeiramente seus lábios com um dedo, pegando o inferior até umedecer a polpa com seu suave interior. Ela o lambeu com a ponta da língua, convidando-o a ir mais à frente e uma vez que o conseguiu, chupou-o com força. Sentiu o calor, a suavidade e a umidade de sua boca. Retirou o dedo e o substituiu com sua boca. Mas só por um instante. Afastou-se para olhá-la nos olhos, iluminados pela luz da lua.

-Desejo-a -confessou.

Disse-o sabendo que ela podia romper o feitiço com uma só palavra. E em parte desejou que o fizesse.

-Sim - escutou-a dizer com um fio de voz.

Seus olhos o olhavam com uma expressão sonhadora e com as pálpebras ligeiramente entreabertas.

-Venha comigo ao lago -lhe disse.

-Sim.

A alegre melodia da valsa continuava soando. As vozes e as risadas procedentes do salão continuaram. As lanternas ainda se balançavam embalados pela brisa. A lua estava quase cheia. De um céu límpido, sua luz iluminava a terra junto com a de um milhão de estrelas quando pegou Christine Derrick pela mão e a conduziu até o limite das árvores, atrás das quais se encontrava a verde margem do lago.

Capítulo 9

Christine não pensou duas vezes. A noite era mágica e esse era o arremate de duas semanas depois das quais a vida voltaria para seu leito habitual -e aborrecido, por que não dizê-lo.

Reprovava ao duque de Bewcastle e a tudo o que representava. Tinha-a insultado ao supor com arrogância que o dinheiro, as jóias e uma carruagem de sua propriedade seriam mais tentadores que a pobreza de uma vida rural e a vida a que estava acostumada. Representava tudo o que não queria em um homem.

Mas essa era a voz da razão, e se negava completamente a escutar seus lúgubres argumentos.

Entre eles existia uma atração inegável que claramente era mútua. E igualmente indesejada. Não obstante, aí estava... Fosse o que fosse. E só tinham essa noite para explorar esse algo a fundo antes que seus caminhos se separassem no dia seguinte.

É obvio, sabia muito bem o que implicava tal exploração. Não foram ao lago para contemplar a luz da lua nem para trocar beijos castos.

"Desejo-a. "

"Sim. "

Levava-a pela mão. A intimidade do gesto era tal que poderia ter-se posto a chorar. Uma mão que a segurava com força e firmeza. Não tinha entrelaçado seus dedos. Seu toque não deixava entrever ternura nem romantismo. Claro que também não teria recebido de bom grado nenhuma dessas duas coisas. Porque entre eles não havia ternura muito menos romantismo. Só essa espécie de intimidade e a promessa de afundar nela quando chegassem ao lago.

Não sabia por que tinha aceitado fazer algo semelhante. Não tinha nem a menor ideia! Ela não era uma mulher promíscua nem de cabeça leve. Antes de casar-se só tinha trocado alguns beijos com Oscar e, durante seu matrimônio e apesar das acusações que ele verteu ao final, jamais lhe tinha passado pela cabeça a possibilidade

de lhe ser infiel. Estava há dois anos viúva e se manteve celibatária durante esse tempo porque não havia sentido a menor tentação de mudar esse fato, mesmo quando vários cavalheiros da vizinhança teriam estado encantados de deixar-se seduzir ou de cortejá-la de forma honrosa.

Entretanto, aí estava, caminhando entre as árvores pela mão do duque de Bewcastle, no apogeu do baile do Melanie, porque lhe havia dito que a desejava e ela tinha reconhecido com uma só palavra que o sentimento era mútuo. Desafiava a lógica.

Embora nem sequer tentara lhe encontrar a lógica. Negava-se a dar voltas ao assunto. O duque se manteve em silêncio. Igual a ela. Por sua parte nem sequer foi uma decisão consciente.

Caminharam em silêncio e os sons do salão de baile se foram desvanecendo à medida que se afastavam. A quietude da noite só se viu interrompida pelo piar de um mocho, pelo sussurro das copas das árvores e pela apressada fuga das criaturas noturnas que corriam sob os matagais. Ao quente dia tinha seguido uma noite cálida. A lua brilhava. Sua luz iluminava o caminho apesar da espessura das árvores.

À margem do lago se via virtualmente como se fosse de dia, já que não havia nada sobre suas cabeças salvo a lua, que se refletia na superfície, deixando um lado prateado.

Teria sido a noite perfeita para o romantismo. Mas aquilo não era um interlúdio romântico. Sem soltar sua mão, o duque de Bewcastle virou à direita até chegar a uma zona coberta de erva que estava totalmente oculta do atalho pelo qual tinham chegado, se por acaso se desse o improvável caso de que a alguém mais ocorresse dar um passeio. Em seguida, deteve-se. Não lhe soltou a mão imediatamente. colocou-se frente a ela e se apoderou de seus lábios.

Já não havia inibições. Já não estavam à vista do salão de baile nem escutavam as vozes dos convidados. E entre eles não havia hipocrisia. Ele lhe havia dito que a desejava, ela havia dito que sim, assim aí estavam.

Suas mãos se separaram. Arrojou-lhe os braços ao pescoço e lhe rodeou a cintura. Notou que lhe introduzia a língua na boca e a

recebeu com a sua. O desejo sexual que desceu desde sua boca até sua garganta e continuou descendo por seus seios para o abdômen e entre as coxas foi tão poderoso que agradeceu o apoio desses braços e desse corpo para não cair ao chão. Uma das mãos do duque se posou sobre seu traseiro e a colocou ainda mais a ele, convencendo-a de que se desejavam na mesma medida.

Nesse instante deixou de abraçá-la, embora sua boca não se separou dela em nenhum momento. Estava- tirando o caro fraque negro. De qualquer forma, teve que deixar de beijá-la para virar-se e estender a roupa sobre a erva.

-Venha- disse. - Deite-se.

A impressão de escutar sua voz fez que se desse conta de que essas eram as primeiras palavras que pronunciava desde que a convidou a acompanhá-lo ao lago. - A pronúncia cuidada e o sutil tom arrogante fizeram que voltasse a dar-se conta da identidade do homem com quem estava fazendo essas coisas. Entretanto, isso só serviu para avivar o desejo.

Deitou-se no chão com a cabeça e os ombros sobre o fraque, e ele a seguiu sem demora.

Introduziu as mãos sob seu vestido e foi subindo por suas pernas com o fim de lhe erguer as saias e lhe tirar a roupa de baixo. Notou como desabotoava a braguilha e no momento colocou um braço sob sua cabeça e lhe segurou o queixo com a outra mão para imobilizá-la enquanto devorava sua boca de novo.

Não houve delicadeza nem ternura. Embora desfrutasse em grande medida da crua sexualidade do momento. Supunha que ia penetrá-la logo e que tudo acabaria muito em breve. De modo que se dispôs a aproveitar ao máximo cada minuto, movida por um desejo voraz. Um desejo que parecia ter morado nela não só nos dois últimos anos, mas em toda a vida. Sempre tinha desejado mais. Sempre.

Os lábios do duque abandonaram os seus e deslizaram até seu queixo. Desceram por sua garganta e se detiveram no peito. Nesse momento, notou que introduzia um polegar sob o decote do vestido e o baixava, para deixar um seio ao ar. Seus lábios se fecharam em torno do mamilo e o chuparam ao mesmo tempo que o lambia com

a língua. Enquanto isso, sua outra mão foi subindo pelas coxas até chegar entre as coxas, em busca de sua zona mais íntima, que procedeu a explorar e a acariciar até que não restou mais remédio que jogar a cabeça para trás e, com os dedos enterrados em seu cabelo, perguntou-se se seria possível tornar-se louca por causa da dor que provocava um prazer tão intenso.

Em um dado momento, colocou-se entre suas coxas e as separou ao mesmo tempo que introduzia as mãos sob seu traseiro. Chegados a esse ponto, estava muito segura de que a única coisa que lhe traria a parte final do ato seria dor, porque se sentia excessivamente sensível e excitada. E, de fato, quando notou que se colocava justo na entrada de seu corpo, duro e firme, esteve a ponto de lhe suplicar que se detivesse.

-Por favor -disse em troca com voz baixa, rouca e quase irreconhecível até para seus próprios ouvidos-. Por favor.

E a penetrou. Mas seu corpo estava úmido e preparado, e apesar de enchê-la até o fundo e apesar da dureza de seu convite, a única dor que sentiu foi fruto do prazer que ameaçava explodir em seu interior de um momento para outro.

Uma dor e um prazer desconhecidos para ela até então. Inimagináveis até esse instante.

Estalou logo que ele começou a mover-se em seu interior com investidas rítmicas, profundas e firmes. Todo seu corpo estremeceu, preso de algo parecido ao êxtase, e depois relaxou durante o que lhe pareceram vários minutos enquanto escutava os sons que a rítmica penetração produzia, enquanto se deleitava na gloriosa sensação de plenitude. Entretanto, esses escassos minutos de prazenteira passividade não demoraram para dar lugar de novo ao desenfreado desejo que a levou a experimentar um novo clímax, momentos antes que ele também o fizesse.

Viu-o esticar-se de repente ao mesmo tempo em que ficava imóvel em seu interior, muito mais dentro que antes, e imediatamente notou que a inundava uma cálida umidade.

Antes de afastar-se, relaxou uns instantes, depois dos quais se sentou a seu lado e em seguida ficou em pé. De costas para ela, colocou a roupa e se afastou até a margem do lago, a uns metros

de distância, onde se deteve com o olhar à frente. Uma imagem digna de contemplar a desse homem alto, bonito e elegante com as meias e o colete bordado, a camisa branca e uma grande profusão de encaixe nos punhos e no peitilho da camisa. A imagem do duque de Bewcastle, nem mais nem menos.

Sentou-se para arrumar-se na medida do possível sem a ajuda de uma escova nem de um espelho. Ergueu os joelhos, colocou as plantas dos pés no chão e abraçou as pernas. Tremiam-lhe um pouco, notou. E tinha os mamilos muito sensíveis. além de um leve mal-estar entre as coxas.

Fisicamente, sentia-se na glória. Porque tinha feito um grande descobrimento.

Tinha amado ao Oscar; ao menos durante uns anos, embora não tinha deixado de querê-lo nunca.

O leito matrimonial jamais lhe tinha sido desagradável. Afinal, isso era o que acontecia entre marido e mulher. Se em algum momento se sentiu ligeiramente decepcionada, pois se tinha casado apaixonada até o tutano, consolou-se com a idéia de que a realidade jamais estava à altura dos sonhos.

Entretanto, tinha mudado de opinião. A realidade estava à altura dos sonhos e inclusive os superava. Porque acabava de experimentá-lo em sua própria carne.

Ao mesmo tempo, estava muito consciente de que entre eles não tinha havido nem ternura nem romantismo nem amor, nem promessas de futuro. O encontro tinha sido puramente carnal. E apesar disso, tinha-o desfrutado.

Não se supunha que só os homens desfrutavam desse tipo de experiências a um nível físico? Não se supunha que para as mulheres consistia tão só em uma experiência emocional? Em troca, ela não albergava emoção alguma pelo duque. E nesse preciso instante nem sequer de caráter negativo. Acreditar-se apaixonada por ele era impensável. Não estava apaixonada por ele. A revelação era terrivelmente impactante!

Entretanto, devia admitir que se sentia inquieta. Porque sabia que não ia sem esforço depois do que tinha acontecido e voltasse a estar a sós com seus próprios pensamentos.

O duque de Bewcastle se virou nesse instante para olhá-la. Ou ao menos isso supôs que estava fazendo. A lua estava atrás dele, de modo que seu rosto ficava escurecido. Guardou silêncio uns minutos.

-Senhora Derrick -disse finalmente com a voz mais gélida e arrogante que nunca, conforme lhe pareceu... ou talvez fosse seu tom de voz habitual-, acredito que estará de acordo comigo em que agora terá que reconsiderar...

-Não! -contradiu-o, interrompendo-o no meio da frase. Não estava disposta a escutar o que ia dizer-. Não, não estou de acordo com você e não vou reconsiderar. O que acaba de acontecer aqui não é o começo de nada, mas sim o final. Por algum motivo que certamente escapa a ambos, entre nós houve algo. E por fim cedemos à tentação e a temos satisfeito. Agora poderemos nos despedir, tomar nossos respectivos caminhos e nos esquecer um do outro.

Enquanto falava, tinha consciencia das sandices que estava dizendo.

-Ah!-escutou-o exclamar-. Você acha?

-Não me converterei em sua amante - assegurou. - Fiz isto porque sim, por minha própria satisfação. Porque foi muito prazenteiro e satisfiz minha curiosidade. Nada mais. E aí se acaba tudo.

Abraçou as pernas com mais força. O duque tinha virado a cabeça ligeiramente para a esquerda, de modo que podia ver seu perfil: orgulhoso, aristocrático, belo em sua austeridade.

Nem sequer nesse momento, minutos depois de que tudo tivesse acontecido, conseguia acreditar que se deitara com esse homem. Que as repercussões físicas que notava depois de ter compartilhado um momento de paixão eram fruto de um encontro com esse homem: o duque de Bewcastle. De repente, recordou-o tal qual o viu naquele vestíbulo na primeira tarde, quando se encontrou por cima do corrimão para observá-lo e pressentiu o perigo que apresentava.

Não tinha se enganado, não é verdade?

- Ocorreu-lhe pensar que há a possibilidade de que a tenha deixado grávida? -escutou-o perguntar.

Alegrou-se de estar sentada. Porque os joelhos se afrouxaram imediatamente ante a crueldade da pergunta. Evidentemente, o duque não era dado aos eufemismos.

-Fui estéril durante os sete anos de meu matrimônio -confessou sem disfarces assim como tinha feito ele-. Acredito que continuará sendo uma noite a mais.

Produziu-se um longo silencio que teria quebrado de boa vontade se lhe tivesse ocorrido algo que dizer. Mas embora sua mente discorria ativamente, seus pensamentos não eram adequados para compartilhar com ele. Em realidade, começava a compreender o muito que se enganara pouco antes. Suas emoções tinham desempenhado um papel muito importante nos acontecimentos dessa noite, embora não tivessem nada que ver com o romantismo nem com o amor. Sabia que lhe aguardavam uns dias, talvez umas semanas, espantosas. Porque para uma mulher não era fácil entregar seu corpo e sua honra alegremente e afastar-se depois com a convicção de que tudo tinha sido pelo mero prazer, de que não haveria conseqüências sérias.

Entretanto, já era muito tarde para compreender que quando o duque lhe disse "Desejo-a" deveria lhe ter pedido dez minutos para considerar sua resposta.

-Nesse caso -disse finalmente-, não há nada que possa dizer para persuadi-la de que mude de opinião?

-Nada-respondeu.

E essa, ao menos, era a pura verdade. Não imaginava pior destino que o de converter-se na amante desse homem, submetida a seu poder e a sua arrogância, a seu capricho e a seu mandato.

Uma empregada a salário que para ele somente seria um corpo com o qual satisfazer-se quando desejasse muito. E tudo isso sem deixar de desprezá-lo, de detestá-lo em parte, enojada por sua frieza, por sua falta de humor e de humanidade. E desprezando-se a si mesma.

Viu-o aproximar-se dela e se levantou como pôde, relutante nesse instante a sentir inclusive o toque de sua mão enquanto a

ajudava a ficar em pé. Entretanto, sua intenção era a de recolher o fraque. Inclinou-se e o agarrou do chão, depois do que o sacudiu para lhe tirar a erva que lhe tinha aderido, antes de vesti-lo. Nesse momento caiu na conta de que sua aparência era tão impoluta como quando o viu pela primeira vez nessa noite no salão de baile.

Quando fez gesto de virar-se para ela, levou as mãos às costas e as entrelaçou. O duque captou a indireta e a precedeu para o caminho sem lhe oferecer o braço... nem a mão. Era estranho que duas pessoas pudessem compartilhar a mais profunda das intimidades e depois, em pouco tempo, rechaçar até o mais leve toque entre eles.

No dia seguinte voltaria para o Hyacinth Cottage. No dia seguinte o duque se iria. Jamais voltaria a vê-lo.

De qualquer forma notou que ainda tinha os mamilos sensíveis, que as coxas ainda lhe tremiam e que sentia uma ligeira ardência entre as coxas, e tudo isso por ter feito amor.

Embora essa expressão em particular era um eufemismo como a copa de um pinheiro.

Retornaram à mansão em silêncio. Não obstante, ele se deteve certa distância das portas francesas que davam acesso ao salão de baile.

-Seria melhor que não nos vissem retornar juntos -lhe disse-. Esperarei aqui um momento.

Estava a ponto de continuar caminhando, agradecida por essa amostra de consideração, quando o escutou falar de novo.

-Senhora Derrick, escreverá a Lindsey Hall, no Hampshire, em caso de que seja necessário.

Foi uma ordem, não uma petição. Não acrescentou nada mais. Não era preciso. Observou-o caminhar em direção ao vetusto carvalho em cujo banco a tinha deixado depois de que Héctor lhe desse o pisão e estremeceu. Quanto tempo parecia ter passado depois!

Apressou-se para o salão de baile, mais deprimida do que recordava havê-lo estado em muito tempo. Menos mal que suas emoções não tinham estado envolvidas no que tinha permitido que acontecesse...!

Wulfric esperou fora um momento antes de encaminhar-se à sala de jogos.

Não havia nada em seu passado com o que comparar o que tinha passado essa noite entre Christine Derrick e ele. Jamais tinha sido um mulherengo. Rose tinha sido sua única querida, e antes de deitar-se com ela tinham combinado todos os detalhes de sua futura relação.

Sempre tinha tido um apetite sexual saudável e tinha satisfeito suas necessidades de forma regular quando estava em Londres, embora jamais se teve por um homem apaixonado. Essa noite tinha experimentado a paixão.

Perguntou-se o que teria passado na margem do lago se Christine Derrick lhe tivesse permitido expor o que tinha querido dizer, a conclusão a que tinha chegado depois de vários minutos de reflexão com o olhar cravado na borda oposta do lago. Ela tinha suposto que estava a ponto de lhe fazer a mesma proposta que lhe fizera uma semana antes no labirinto. E tinha suposto mal. Embora, a verdade fosse dita, alegrava-se de que o tivesse interrompido. Tinha deixado que sua interrupção o desviasse do caminho que tinha decidido tomar depois de uma reflexão muito breve. Movido pela honra, certo, mas a honra se desvanecera depois da interrupção. Não queria uma duquesa.

E muito menos uma duquesa que não era sua igual no escalão social, que era bonita normalmente e deslumbrante quando estava animada, mas que carecia de elegância e refinamento; que se comportava de forma impulsiva e nem sempre com o decoro devido nem com boa educação; que se convertia no centro de atenção sempre que algo a entusiasmava e que se limitava a rir de si mesma quando se produzia um desastre em lugar de envergonhar-se, como era o normal. O título de duquesa suportava uma enorme responsabilidade. Se alguma vez se casasse, gostaria -não, precisaria- fazê-lo com uma dama que tivesse sido educada para amoldar-se a esse papel com segurança.

Estava muito claro que a senhora Derrick não poderia fazê-lo. Não havia nada nela -nada!- que a qualificasse para esse papel.

Aidan tinha se casado abaixo de suas possibilidades. Eve era filha de um mineiro de Gales, por muito que tivesse desfrutado da educação de uma dama. Rannulf se tinha casado abaixo de suas possibilidades. Judith era filha de um clérigo rural de origem duvidosa e neta de uma atriz londrina. Em nenhum dos casos aprovou sua decisão, embora lhes dera sua bênção. Alleyne era o único de seus irmãos varões que tinha feito um enlace respeitável, com a sobrinha de um barão.

Acaso ele, o chefe de família, o duque de Bewcastle, ia cair tão baixo como seus próprios irmãos? Acaso ia sacrificar todos seus princípios por uma paixão estival que não conseguia compreender?

Teria sido um desastre se a senhora Derrick lhe tivesse permitido concluir sua proposta matrimonial. Porque era evidente que não o teria rechaçado se lhe tivesse deixado acabar de falar. Desdenhar a proposta de converter-se em sua amante era uma coisa, mas que mulher em seu sã juízo rejeitaria a oportunidade de converter-se em duquesa, de casar-se com um dos homens mais ricos de Grã-Bretanha? Teria sido um desastre.

De modo que permitiu que o interrompesse, que o interpretasse mal. Para sua tranqüilidade.

Entretanto, tinha a impressão de que acabava de desperdiçar uma das poucas oportunidades que oferecia a vida para descobrir se havia alegria além das engrenagens da rotina, costume e dever. Alegria!?

Recordou que Aidan era feliz com Eve, assim como Rannulf o era com Judith... tão feliz, de fato, como Alleyne o era com a sobrinha do barão, Freyja com seu marquês ou Morgan com seu conde.

Não obstante, eles gozavam da liberdade de poder ser felizes. Nenhum deles era o duque de Bewcastle, que podia esperar algo da vida salvo liberdade e felicidade pessoal.

Durante um tempo, pensou enquanto seus passos o levavam de volta à festa, a vida ia parecer muito vazia sem poder ver, embora fosse de longe, à Christine Derrick.

Mas claro, a vida era vazia. Em realidade, não havia nada mais lá das engrenagens. Ao menos, não havia para os homens como

ele. Aos doze anos deixaram muito claro que era diferente, especial, que o resto de sua vida estaria regida pelos privilégios e pelas obrigações. Tinha protestado e rechaçado seu destino por um tempo, talvez um ano no máximo, antes de aceitar a verdade do que lhe haviam dito.

A partir desse momento aprendeu bem a lição.

O menino cujo corpo e cujos sonhos possuiu durante doze anos já não existia.

Christine Derrick não era para ele.

A música deixou de escutar-se no piso inferior enquanto Christine recolhia seus escassos pertences em seu dormitório. Justin estava sentado na cama. É obvio, não era apropriado que estivesse ali, mas tanto lhe fazia. Tinha sido um alívio abrir a porta quando alguém bateu e descobrir que era ele em lugar de Melanie, Eleanor O... bom, outra pessoa.

-Pensei que seria boa idéia voltar para casa esta noite com minha mãe e com a Eleanor e assim economizar ao Bertie o trabalho de ter que mandar preparar a carruagem amanhã pela manhã outra vez -explicou.

-Assim está fazendo a bagagem em meio a um baile, sem ter chamado a uma criada para que o faça por você - replicou Justin-. Pobre Chrissie. Vi que Héctor te esmagava o pé quando estava dançando a valsa e que Bewcastle a levava ao terraço. E a vi voltar muito discretamente uma hora mais tarde, embora se limitou a rodear a pista de baile a caminho da porta para desaparecer de novo. Tem certeza que não aconteceu nada que a tenha incomodado? Não terá repetido sua desonrosa proposta por acaso, não é verdade?

Suspirou enquanto guardava uns escarpines em um dos lados da bolsa de viagem. Justin sempre havia possuído a misteriosa habilidade de acompanhá-la nas diferentes crises que tinha sofrido na vida, como se pressentisse que lhe tinha acontecido algo, que necessitava de um amigo que a escutasse enquanto ventilava sua ira, sua pena, sua frustração ou qualquer outra emoção negativa que a embargasse e depois sempre conseguia encontrar o modo de

consolá-la, de aconselhá-la ou simplesmente de fazê-la rir. Sempre se tinha considerado muito afortunada de contar com semelhante amigo. Mas essa noite não se sentia inclinada a confiar nele.

-Não, é claro que não - respondeu -. Em realidade foi muito galante. ficou comigo até que fui capaz de apoiar de novo o pé no chão e depois dançamos a valsa um momento e passeamos até que a música acabasse. Acredito que foi para a sala de jogos, embora eu continuei no terraço uns minutos mais. A temperatura era muito agradável e fora se estava muito bem, assim não tinha muita vontade de voltar para o salão de baile. E então me ocorreu que podia fazer a bagagem para partir esta noite em lugar de esperar a manhã.

Justin a olhou com um sorriso afetuoso e um olhar penetrante, e soube que era muito consciente de que acabava de lhe mentir pela primeira vez na vida. Entretanto, porque era quem era, seu melhor amigo, não a pressionaria para conseguir mais informação do que ela queria lhe dar.

-Me alegro de que não te tenha incomodado - disse.

-Não o fez, de verdade -voltou a lhe assegurar enquanto deixava a escova do cabelo sobre a roupa e fechava a bolsa de viagem-. Mas me alegrará muitíssimo voltar para casa, Justin. E suponho que Hermione e Basil também se alegrarão de me perder de vista. Sabe o que fizeram essas duas malcriadas de lady Sarah Buchan e Harriet King? ir contar lhes da absurda aposta.

-Ai, Chrissie! -escutou-o dizer, Interrompendo-a temo que fui eu. Audrey me contou isso depois de que tivesse ganho e estava tão seguro de que todo mundo acabaria por saber que o contei a Hermione. Queria lhe assegurar que lhe tinham obrigado a participar contra sua vontade, que você não tinha apostado dinheiro algum e que foi Bewcastle quem te convidou a acompanhá-lo pelo passeio, não ao contrário. Eu estava ali, recorda-o? Além disso, assegurei-lhe que não paquerou com ele em nenhum momento. Recalquei-o porque queria convencê-la. Suponho que fiz justo o que não devia fazer. É possível que não se inteirasse sobre a aposta se não chegar a contar-lhe eu.

Olhou-o um momento, espantada. Justin era o responsável pela desagradável cena do lago? Sabia por experiência que costumava intervir por sua conta e risco em qualquer problema no que acabasse envolta para defendê-la, para dar as explicações oportunas e para interceder em seu nome.

Sempre lhe tinha agradecido esse afã de ser seu paladino, embora não lhe tivesse servido de muito. Entretanto, nessa ocasião não o aprovava absolutamente. Porque em realidade a tinha prejudicado.

- Me perdoe -lhe disse com uma voz tão abatida que lhe derreteu o coração.

-Bom -replicou-, suponho que se não o houvesse dito você, teria sido outra pessoa. Além disso, pouco importa, não é? Possivelmente não volte a vê-los na vida depois desta noite.

Jamais voltaria a aceitar outro convite do Melanie em que seus cunhados estivessem incluídos.

Embora lhe partisse o coração fazê-lo. Basil era o irmão de Oscar e durante uns anos pareceu apreciá-la. Hermione inclusive chegou a ser como outra irmã para ela.

-Voltarei a falar com eles-lhe prometeu Justin.

-Preferiria que não o fizesse - replicou ao mesmo tempo em que se encaminhava para a porta, deixando a bolsa de viagem onde estava-. intercedeu tantas vezes por mim que já não acreditam em você. Deixa correr.Já faz um tempo que não se escuta música, verdade? O jantar estará a ponto de terminar.

Suponho que deveria fazer ato de presença outra vez embora só restem algumas danças para o final. Não acredito que os vizinhos queiram demorar muito em partir. Além disso, os convidados que se alojam na mansão partirão pela manhã e não acho que tresnoitem.

-Nesse caso, dança comigo -sugeriu Justin enquanto ficava em pé e se aproximava da porta para abri-la e convidá-la a sair-. E sorri como só você sabe fazê-lo, embora esteja convencido de que Bewcastle fez ou disse algo que a incomodou, maldita seja sua imagem.

-Absolutamente -o contradisse-. Estou um pouco cansada, nada mais. Mas não tanto para não dançar com você.

Era difícil imaginar-se ainda mais abatida do que se sentia nesse momento, pensou. Tinha o ânimo pelo chão, colado à sola de seus escarpines. Embora sorrisse de qualquer forma.

Disse a sua mãe e a Eleanor que partiria com elas, e depois dançou com Justin e com o senhor Gerard Hilliers. Plantou um sorriso nos lábios e agiu com alegria. Foi um alívio descobrir que o duque de Bewcastle não estava no salão de baile.

Ao término do baile, aproximou-se de Melanie e de Bertie para lhes agradecer por tudo e comunicar que partia com sua mãe. Embora acreditou que poderia escapulir-se sem que ninguém se desse conta, Melanie estendeu a notícia, fazendo que a despedida se convertesse em um acontecimento, que era justo o que tentava evitar ao partir de noite em lugar de fazê-lo no dia seguinte.

Despediu-se de Audrey com um abraço e estreitou a mão do senhor Lewis Wiseman, lhes desejando que tivessem umas bodas perfeitas na primavera e que o futuro lhe sorrisse. Deu- um beijo em Lady Mowbury na face e lhe prometeu escrever. Trocou uma ruidosa despedida com um grande grupo de jovens que tentavam falar todos de uma vez... e acabaram rindo às gargalhadas.

Até Hermione e Basil se viram na obrigação de despedir-se formalmente dela. Hermione se aproximou para beijar o ar junto a sua face e Basil executou uma rígida reverência. De repente e por vergonhoso que parecesse, notou que lhe enchiam os olhos de lágrimas e surpreendeu ao Hermione -e a ela mesma, a verdade- com um forte abraço.

-Sinto muito -disse-. Sinto muitíssimo, Hermione. Não sabe quanto.

Embora não soubesse ao que se referia, viu que Hermione se aproximava de seu marido e que lhe passava um braço pelos ombros, depois do que deu meia volta e subiu na carruagem que a aguardava.

Ao menos o duque de Bewcastle tinha evitado a pequena multidão que se congregou no terraço.

Um enorme alívio a inundou enquanto se acomodava no fofo assento com um nó na garganta por causa das lágrimas que não tinha derramado. Menos mal que não tinha chorado, menos mal!

-Foi um acontecimento muito elegante -disse sua mãe, que ocupou seu lugar frente a Eleanor. - E foi muito gratificante ver que soube aproveitá-lo, Christine.

-Bem, é o que deve fazer, mamãe -replicou Eleanor-. Afinal, é uma Derrick por matrimônio e tem laços familiares com lady Renable, com o visconde de Elrick e com o visconde de Mowbury. Nossa Christine é uma dama importante -concluiu, piscando um olho a sua irmã.

-O conde de Kitredge foi muito amável ao pedir que fôssemos apresentados -seguiu sua mãe-. Além disso, dançou com você, Christine. Como o duque de Bewcastle, embora confesse que me seja enormemente desagradável. Nem sequer se aproximou para apresentar-se.

-Muito frio e arrogante para seu próprio bem -reconheceu sua irmã-. Me alegro de que esta noite tenha terminado de uma vez por todas. Jamais achei graça a saltar por um salão de baile rodeada de um sem-fim de pessoas para lhe destroçar as pernas ou para acabar sem assunto de conversa quando se está muitíssimo melhor em casa com um livro.

-E eu me alegro de que as duas semanas por fim tenham acabado -acrescentou ela-. senti falta das crianças da escola, de nossos sobrinhos, dos vizinhos do povoado e de nosso jardim. E de vocês duas -acrescentou.

-Entretanto -replicou sua mãe-, sempre alberguei o temor de que a vida te parecesse muito sem brilho, depois de ter levado uma existência muito mais deslumbrante.

-A vida jamais perde seu brilho, mamãe -lhe assegurou com um sorriso ao mesmo tempo em que apoiava a cabeça nas almofadas do espaldar-. E nunca foi deslumbrante.

Fechou os olhos e de repente se encontrou de novo no lago enquanto o duque de Bewcastle inclinava a cabeça para beijá-la justo antes que a paixão se desatasse entre eles. Fazia um enorme

esforço por convencer-se de que tinha sido um encontro de índole carnal e, por fim, irrelevante.

Uma experiência que se devia desfrutar enquanto durasse mas que logo se descartava sem mais. Bem, e assim tinha sido! Abriu os olhos para escapar das imagens.

"... resulta-me enormemente desagradável. " "Muito frio e arrogante para seu próprio bem. "

Por que lhe tinham ardido esses comentários? Em realidade, estava de acordo com ambos. Mas lhe tinham ardido. Ainda o faziam. Embargava-a uma dor atroz, embora não entendia o motivo.

Tinha estado em seu interior. Tinham compartilhado a experiência mais íntima que oferecia a vida. Mas só no plano físico. Entre eles não existia nenhum outro vínculo nem poderia existir jamais. Não possuía nenhuma qualidade que pudesse gostar ou admirar e, para ser justa, tampouco ela possuía nada que o duque de Bewcastle pudesse gostar, nem que pudesse admirar. De modo que teriam compartilhado essa intimidade sem ser íntimos.

O coração lhe pesava no peito como se fosse uma parte de chumbo. Nunca voltaria a vê-lo. Graças a Deus! Mas nunca... Parecia tanto tempo...

Capítulo 10

Wulfric partiu para Hampshire, para Lindsey Hall. Durante uma semana inteira desfrutou a silenciosa e vasta solidão do lugar. Era seu lar. Seu lugar. Talvez pela primeira vez na vida se deu conta de que o amava. Embora em tempos o rechaçasse. Se tivesse podido fazer algo para trocar seu posto com Aidan quando eram meninos, para conseguir que ele fosse o herdeiro, o teria feito.

Entretanto, quando se nascia o primogênito de um duque, evidentemente se nascia com um destino inamovível. Esse menino não tinha a menor liberdade de escolha.

Igual ao que acontecia ao filho do limpador de lareiras, supôs.

Jamais tinha sido dos que se desfrutavam em suas próprias desgraças. Que sentido tinha? Havia milhares de pessoas que

dariam seu braço direito por uma mínima parte dos privilégios, riqueza e poder que ele dava por sentados.

Perambulou de aposento em aposento por toda a mansão, mais que de costume, satisfeito com a certeza de que não haveria gente atrás de cada porta à espera de manter uma conversa. Passeou pelos extensos prados que rodeavam o edifício, tanto a cavalo como a pé, e agradeceu enormemente que não houvesse ninguém que pudesse sugerir um lanche campestre ou uma excursão em carruagem.

Por estranho que fosse e embora valorizasse em grande medida sua solidão, evitou o único lugar da propriedade onde sempre ia quando queria relaxar em absoluta solidão. Estava muito inquieto para relaxar.

Passou muitas horas com seu administrador, já que não o tinha visto desde as férias de Páscoa, momento no qual as sessões da Câmara dos Lordes se interrompiam, e o acompanhou em sua visita às extensas terras de trabalho e as granjas que rodeavam a mansão para comprovar que tudo funcionava perfeitamente de acordo com suas instruções. Recebeu na biblioteca a vários arrendatários, a trabalhadores e a outras pessoas que queriam vê-lo, costume que punha em prática duas vezes por semana sempre que estava em casa. Revisou os livros de contas e outros documentos legais. Leu todos os informes que lhe enviaram os administradores de suas outras propriedades e ditou as respostas adequadas a seu secretário.

Escreveu a seus irmãos, coisa que fazia com regularidade, ao menos uma vez ao mês.

Recebeu visitas de cortesia de alguns de seus vizinhos e as devolveu à maioria. O visconde de Ravensberg, sua esposa e seus filhos acabavam de retornar de uma viagem ao norte que os tinha levado até Leicestershire. Tinham passado uma semana no Grandmansion com o Rannulf e Judith, de modo que tinham notícias frescas do casal. Começou a acreditar que o resto do verão seria tediosamente longo e planejou visitar algumas de suas outras propriedades.

Leu muitíssimo. Ou ao menos se sentava na biblioteca durante longos períodos de tempo com um livro aberto em uma mão enquanto o folheava e pensava.

Havia um bom número de mulheres a quem já conhecia e outras muitas desconhecidas que se tornariam loucas ante a idéia de converter-se em sua amante. Não era uma idéia presunçosa. Não se tinha muito abaixo das respostas às preces das mulheres. Mas sim sabia que era um homem poderoso, influente e muito rico, e não lhe cabia a menor dúvida de que muitas estavam a par de como tinha sido generoso com Rose.

Se chegasse a escolher a uma para torná-la sua amante, certamente a situação o contentaria. Sua vida não demoraria para recuperar a normalidade. Sentia falta de Rose com uma intensidade vizinha à dor.

Esforçou-se por não pensar na única mulher com a que já tinha tentado substituí-la. Tinha-o rejeitado. Assim como Marianne Bonner o rejeitou quando lhe ofereceu matrimônio. A senhora Derrick o tinha rechaçado ao acreditar que ia oferecer lhe o mesmo... e depois de haver-se deitado com ele. A rejeição em pequenas doses, supôs, era bom para a alma. Entretanto, sua alma parecia afetada, inclusive destroçada.

Planejou visitar suas outras propriedades... mas se esqueceu de dar as ordens necessárias para que começassem os preparativos.

Não era típico dele andar pelos cantos, sentir-se deprimido, dar muitas voltas às coisas. Sentir-se sozinho.

Não pensava em Christine Derrick. Mas às vezes ou, a verdade fosse dita, a maior parte do tempo, era consciente de que esses risonhos e brilhantes olhos azuis, esses cachos escuros, essa pele dourada pelo sol e esse nariz salpicado de sardas penetravam em sua mente, formando imagens indesejadas que o deixavam com o coração na mão.

Teria que visitar logo suas outras propriedades. A única coisa que precisava era algo que o mantivesse ocupado. Logo recuperaria a normalidade.

Christine tinha a sensação de que tinha passado um ano, ou uma vida inteira, quando recordava os quinze dias passados em Schofield Park uma semana depois de que terminasse a festa campestre.

Sua vida tinha recuperado o habitual curso prazenteiro e voltava a ser feliz. Bem, talvez "feliz" não fosse a palavra exata. Mas ao menos estava contente. Embora durante alguns anos tinha sido feliz com Oscar e com seu mundo, este tinha acabado lhe dando as costas e colocando-a na mais absoluta desdita. Ver de novo Hermione e Basil não tinha sido um bom gole. E estar uma vez mais rodeada de pessoas que pertenciam à alta sociedade tinha recordado como era fácil receber seu desdém, sua brincadeira e sua desaprovação. Embora isso não tinha sido o habitual durante seu matrimônio, e tampouco o tinha sido em Schofield Park. Não obstante, em Hyacinth Cottage e no vilarejo sempre estaria a salvo dessa possibilidade. Ali podia relaxar e ser ela mesma, e todo mundo parecia querê-la tal qual. Não tinha inimigos na vizinhança, só amigos.

Entretanto, os anos de seu casamento e os anos que tinha passado entre a alta sociedade -e a quinzena passada em Schofield Park- tinham feito que se sentisse inquieta e insatisfeita com a vida em Hyacinth Cottage, coisa que antes não lhe acontecia. Tinha a sensação de estar apanhada entre dois mundos e de não encaixar em nenhum dos dois. E isso não tinha nem um pingo de graça. Porque foi sua a decisão de viver no povoado.

Adorava a vida ali. Sempre havia algo que fazer. Gostava de dar aulas na escola, apesar de só o fazer três horas na semana. Tudo começou porque o professor se queixou um dia de como odiava as aulas de geografia, ao que ela comentou que era sua disciplina preferida de pequena, e assim chegaram a um acordo. Em relação aos doentes e aos anciões, já estava acostumada a visitá-los de menina com sua mãe ou com a esposa do anterior vigário. Converteu-se em um hábito, e não em um mau. Continuava fazendo-o.

Gostava dos anciões, e tinha muitas histórias, sorrisos e conversas para compartilhar com eles e com os doentes... além de

dois ouvidos dispostos a escutar e duas mãos dispostas a ajudar.

Em seu futuro mais imediato havia algumas visitas sociais que fazer e receber, alguns chás e outros tantos jantares para ir, e um baile na estalagem do povoado. Tinha amigas com quem compartilhava confidências e certos cavalheiros estariam encantados de cortejá-la se deixasse.

Não queria fazê-lo, embora fosse uma lástima. Sempre tinha desejado um lar próprio e um marido e filhos a quem amar. Mas tinha perdido a seu marido -inclusive antes de sua morte, para falar a verdade- e jamais tinha tido filhos. E seus sonhos tinham mudado... ou talvez simplesmente tinham morrido.

Tinha três sobrinhos no vicariato, e os filhos de Melanie em Schofield Park, embora não costumava visitá-los com muita frequência quando Melanie e Bertie estavam em casa. Adorava. Adorava-os. A maior decepção de seu casamento foi o fato de não ter concebido.

Fez uma visita à Melanie e tiveram um longo bate-papo em que se felicitaram pelo êxito da festa campestre. Melanie insistiu em que todos os cavalheiros se apaixonaram por ela e em que o conde de Kitredge ficou desolado ao descobrir que se foi de Schofield Park ao terminar o baile, em vez de esperar à manhã seguinte. Em sua opinião, poderia ter sido condessa antes que acabasse o verão se tivesse querido.

-Mas sei muito bem que não quis olhar a outro homem desde a morte do pobre Oscar -disse sua amiga com um suspiro. - Era um encanto, não é? E tão bonito... Mas, Christine, algum dia se esquecerá dele e se apaixonará por outra pessoa. Houve um momento quando achei que poderia ser o duque de Bewcastle. Ganhou a escandalosa aposta e também dançou a valsa com ele. Mas, por mais esplêndido que seja e por mais feliz que me fizesse tê-lo como convidado, confesso que eu não gostaria para minha melhor amiga. É certo que faz descer a temperatura de qualquer aposento em que entra, não lhe parece? De qualquer maneira, acredito que a olhava com certa fraqueza.

Respondeu com uma gargalhada como se acabasse de fazer uma piada, e ao cabo de um momento Melanie começou a rir com

ela.

-Bom, talvez não -se corrigiu Melanie-. Duvido muito que tenha alguma debilidade ou sensibilidade humana. Pergunto-me se o príncipe do Gales se acovardará sob seu gélido olhar...

O duque de Bewcastle era o único detalhe de sua vida, de sua vida passada, sobre o que se negava a pensar sequer. Porque pensar nele lhe era doloroso e tinha decidido evitar a dor.

Ao longo dos dias posteriores a sua volta do Schofield Park encontrou muitas coisas com as quais se manter ocupada, coisas mais que suficientes para encher as horas e alimentar exuberante natureza. Era quase feliz. Ou, ao menos, admitia que estava contente... desde que censurasse seus pensamentos com supremo cuidado.

Christine se sentia bastante acalorada e ruborizada depois de uma aula de geografia um tanto particular. Tinha tirado os alunos da sala-de-aula, pois fazia bastante calor, e seu habitual jogo de voar em um tapete mágico ao país de volta os tinha levado por uma enérgica viagem através do jardim, todos agitando os braços para mantê-los no ar... ela inclusive. Logicamente, não podia ficar atrás quando o tapete começasse sua viagem.

Tinham sobrevoado uma ampla franja do oceano Atlântico, onde viram dois veleiros e um enorme iceberg, até o canal de São Lorenzo no Canadá, até Montreal para ser mais precisos, onde tinham aterrissado e enrolado o tapete antes de embarcar rio acima com os extravagantes exploradores franceses em suas enormes canoas para comercializar com peles terra adentro. Tinham remado quase ao unísono depois de praticar um pouco e se enfrentaram às corredeiras com ruidoso entusiasmo; tinham transportado as embarcações por terra quando as corredeiras eram muito perigosas, sustentando a imaginária canoa de barriga para baixo sobre as cabeças da metade dos meninos enquanto que a outra metade avançava a tropicções sob o peso da imaginária carga. Tinham metido uma alegre canção francesa para manter os ânimos e dar-se forças no caminho.

Quando por fim se detiveram para descansar no enorme posto comercial de Forte William no lago Superior, de onde retomariam a viagem em sua aula seguinte, estavam todos exaustos.

Caíram sobre o tapete mágico -que tinham transportado na canoa- e se arrastaram ou se aproximaram aos tropicões até a escola com um coro de gemidos e grunhidos, enquanto agitavam os braços, riam e se queixavam por ter que retornar à sala-de-aula para a aula de aritmética.

Observou-os com um sorriso até que estiveram a salvo no interior, momento no qual já podia retornar a casa para trocar de roupa e relaxar na quietude da sala de estar com um copo de limonada recém feita da senhora Skinner. Deu as costas à escola sem perder o sorriso.

Nesse momento, percebeu que havia um homem apoiado na cerca. Um cavalheiro, se não se equivocava, protegia os olhos do sol com uma mão e tentou ver se o conhecia.

-A senhora Thompson me disse que poderia encontrá-la aqui- disse o duque de Bewcastle. - Vim vê-la.

Pelo amor de Deus! Por absurdo que parecesse,ridiculamente absurdo, de fato, seu primeiro pensamento foi que tinha as faces ruborizadas, o cabelo úmido e revoltado sob o velho chapéu de palha, o vestido e os sapatos cheios de pó, e um aspecto muito desalinhado. Seu seguinte pensamento, igualmente estúpido, foi que devia ter observado sua tola aula... tola, sim, mas eficaz na hora de ensinar aos meninos e de ajudá-los a memorizar sem que se dessem conta de que o estavam fazendo. Seu terceiro pensamento foi uma enorme interrogação que parecia pender no ar sobre suas cabeças.

Seus sentimentos eram farinha de outro saco. Tinha a sensação de que lhe tivesse caído a alma aos pés... ou de que a viagem no tapete mágico lhe tivesse revoltado o estômago.

-O que faz aqui? -perguntou-lhe. Era uma pergunta muito mal educada para um duque, mas quem pensaria nas boas maneiras em semelhante momento? O que estava fazendo ali?

-Vim para falar com você -respondeu ele com a fria arrogância de um homem que se achava com todo o direito do mundo a falar

com qualquer um em qualquer momento que gostasse.

-Muito bem. -Por lamentável que fosse, percebeu que o vôo de volta sobre o Atlântico a tinha deixado também sem fôlego-. Fale.

-Talvez possamos fazê-lo a caminho de Hyacinth Cottage, se lhe parecer bem -replicou ele ao mesmo tempo que se afastava da cerca.

Já tinha estado em sua casa? Bom, acabava de dizer-lhe não? Tinha falado com sua mãe. Tinha caminhado pelo atalho do jardim até chegar a casa e tinha batido na porta. Não havia nem rastro de um criado que fizesse essas minúcias em seu nome.

Saiu do jardim da escola e se colocou a seu lado. No caso de lhe ocorrer a idéia de lhe oferecer seu braço, entrelaçou as mãos com força às costas. Certamente parecia um verdadeiro espantalho.

-Achei que partiu daqui há dez dias como o resto dos convidados.

Sabia que o tinha feito. Tinha estado em casa da Melanie depois que acabou a festa.

-Está certa -afirmou ele com arrogância-. Parti a Lindsey Hal, retornei.

-Por quê? -perguntou. Qualquer um diria que nem sequer sabia o significado da expressão "boas maneiras".

-Precisava falar com você -respondeu.

-Do que? -Começava a assimilar a magnitude de que o duque de Bewcastle estivesse no povoado, passeando pela rua a seu lado.

-Houve conseqüências? -quis saber ele.

Sentiu que lhe ruborizavam as faces. Evidentemente era impossível interpretar mal o que queria dizer.

-Não, claro que não - respondeu -. Como já lhe disse em seu momento, sou estéril. Este é o motivo pelo que retornou? Sempre se mostra tão solícito com todas as mulheres com quem... ? -Por desgracia, não lhe ocorreu um eufemismo adequado com o que terminar a frase.

-Poderia ter enviado a meu secretário ou a outro criado se só tivesse querido me assegurar -assinalou-. Vi que sua casa tem um jardim resguardado. Que tal lhe parece que conversemos nele?

la pedir-lo de novo, pensou sem dar crédito. Como se atrevia? Como se atrevia ? E como se atrevia a retornar dessa maneira para destroçar sua paz uma vez mais? Apesar de seu empenho de não pensar nele; suas noites tinham estado infestadas de sonhos nos quais ele participava, e nem sequer seus dias se livraram de lembranças indesejáveis que pareciam zombar de sua censura. Não gostava de voltar a vê-lo.

Ser um duque não lhe dava direito a envenená-la.

Sua presença não passou inadvertida. Fazia um dia muito agradável. A metade dos habitantes do povoado, como pouco, estavam nas portas de suas casas, sentados tranqüilamente ou conversando em grupos. Até o último deles se virou para saudá-la com a mão ou lhe dizer algo. Até o último deles examinou ao duque dos pés à cabeça. Embora alguns não soubessem de quem se tratava, não demorariam para inteirar-se pela boca de quem o sabia. Seria a fofoca do dia... Não, da década!

O duque de Bewcastle havia retornado e passeava pela rua em direção ao jardim do Hyacinth Cottage com Christine Derrick. Em um abrir e fechar de olhos chegaria aos ouvidos de Melanie, e ao dia seguinte, ao raiar da alvorada -ou o mais próximo à alvorada que fosse capaz de levantar-se e de arrumar-se com elaborado esmero- a teria na porta de sua casa para lhe surrupiar toda a informação.

Melanie acreditaria que tinha estado certa. Acreditaria que o duque de Bewcastle a olhava com debilidade. Entretanto, a verdade era que a desejava e que estava decidido a convertê-la em sua amante.

O duque não voltou a falar enquanto caminhavam pela rua. Nem ela tampouco. Estava pensando que se fosse de verdade tão arrogante para não aceitar um não por resposta, ia ter que lhe dar uma bofetada. Jamais tinha esbofeteado um homem e detestava a idéia por considerá-la uma arma do aborrecimento feminino, dado que o homem em questão se tratava de um cavalheiro- não poderia responder em conseqüência. Mas a mão lhe ardia pelo desejo de marcar essa excelsa face. Não estava encantada de vê-lo.

Eleanor estava junto à janela da sala de estar, observando a cena por cima de seus óculos, mas desapareceu assim que a

fulminou com o olhar. A senhora Skinner abriu a porta principal sem que ninguém chamasse, mas voltou a fechá-la quando também fulminou a ela. Era fácil imaginar o nervosismo e a intriga que deviam reinar em casa. Abriu a grade do jardim lateral, colocado em diagonal com respeito ao jardim principal, o qual transbordava de cor pelas inumeráveis flores, subiu os degraus de pedra e passou sob o arco emperrado pelo que se acessava ao jardim quadrado, cujas árvores altas o ocultavam tanto da casa como da rua e cujos canteiros floridos lhe outorgavam um aspecto colorido e um ambiente fragrante. Colocou-se no ponto detrás de um banco de madeira e deixou a mão sobre o espaldar. Olhou com expressão séria ao duque de Bewcastle.

Seu traje -jaqueta cinza escuro, calças cinza claro e botas de montar debruadas de branco- lhe conferiam um aspecto aprovadoramente masculino. Muito poucos homens entravam nesse jardim.

-Senhora Derrick -começou e se deteve para tirar o chapéu, que segurou em uma mão a seu lado. Seu cabelo escuro brilhava à luz do sol. Seu tom de voz era arrogante e brusco-. Me pergunto se me concederia a honra de casar-se comigo.

Deixou-a boquiaberta. Muito depois, quando recordou o momento, soube que não o olhou com expressão meramente surpreendida, mas com a boca totalmente aberta.

-O que?! -perguntou.

-Dei-me conta de que sou incapaz de deixar de pensar em você -confessou ele-.Estive me perguntando por que lhe propus ser minha amante em lugar de minha esposa e não encontro uma resposta satisfatória. Não há lei alguma que me obrigue a me casar com uma mulher virgem nem com uma solteira. Não há lei alguma que me obrigue a me casar com uma mulher de minha mesma posição social. E se o fato de não ter tido filhos depois de um casamento de vários anos demonstra sua incapacidade para conceber, tampouco é um impedimento insuperável. Tenho três irmãos mais novos para me suceder, e um deles já tem um filho varão. Escolho-a a você como minha esposa. Rogo-lhe que me aceite.

Olhou-o sem poder articular palavra durante um bom tempo. Agarrou-se ao espaldar do banco com ambas as mãos. Sua cabeça parecia desfrutar-se com os pensamentos mais ridículos nos momentos mais sérios. Esse momento não foi a exceção.

Poderia ser a duquesa de Bewcastle, pensou. Poderia levar arminho e uma tiara. Ou isso achava, porque nunca tinha investigado os privilégios de ser uma duquesa já que nunca tinha esperado que lhe oferecessem a posição.

Entretanto, voltou para a crua realidade quando caiu na conta do que lhe havia dito exatamente.

"...uma mulher virgem... de minha mesma posição social... não ter tido filhos... sua incapacidade para conceber. Escolho-a a você. "

Apertou o espaldar com mais força à medida que a fúria se apoderava dela até um ponto quase incontido.

-Sinto-me honrada, excelência -disse ao tempo que soprava pelo nariz-. Mas não. Recuso sua proposta.

O duque parecia paralisado, surpreso. Viu-o arquear as sobrancelhas. Supôs que o infernal monóculo apareceria em sua mão, coisa que a teria tirado do sério por completo, mas parecia que não o levava consigo nessa ocasião.

-Ah! -exclamou-. Suponho que a ofendi ao lhe propor algo distinto ao matrimônio.

-Assim é -reconheceu.

-E ao lhe permitir acreditar que, depois de deitarmos juntos, ia fazer-lhe a mesma proposta -prosseguiu ele.

Franziu o cenho. Não tinha sido essa sua intenção? Tinha estado a ponto de lhe propor matrimônio nessa ocasião? Não achava. Um homem não propunha matrimônio a uma mulher que acabava de lhe dar grátis o que desejava dela. Mas por que tinha retornado para fazer exatamente isso?

-Ofendeu-me -reiterou.

O duque lhe lançou o que parecia um olhar gélido e desdenhoso.

-E uma desculpa não basta para apaziguar seu orgulho ferido, senhora? -perguntou-lhe-. Está decidida a recusar minha proposta

de casamento porque não pode me perdoar por minha outra oferta? Peço-lhe desculpas. Não foi minha intenção ofendê-la.

-Não -respondeu ao mesmo tempo em que rodeava o banco para sentar-se nele antes que as pernas lhe falhassem e caísse ao chão em uma humilhante postura da qual ele teria que resgatá-la uma vez mais-. Não, suponho que não era sua intenção. É uma honra que ofereçam para alguém ser a amante do duque de Bewcastle.

Seus olhos a atravessaram de tal forma que acreditou senti-los na nuca.

-Já lhe pedi que me perdoe -lhe recordou.

-Poderia fazer um enorme favor a outra -disse-. Poderia aceitar o papel de sua esposa e deixar vago o posto de amante para outra.

Estava sendo muito mais que mal educada. Estava sendo vulgar. E isso só estava começando.

"...uma mulher virgem... de minha mesma posição social... não ter tido filhos... sua incapacidade para conceber. Escolho-a a você. "

Esse olhar prateado se tornou ainda mais áspero se isso acaso era possível.

-Acredito na fidelidade dentro do matrimônio, senhora Derrick -lhe assegurou-. Se alguma vez me caso, minha esposa será a única mulher que ocupará minha cama enquanto os dois vivamos.

Nesse momento agradeceu enormemente o fato de estar sentada. Sentia as pernas como se fossem de gelatina.

-Como você diz - respondeu -. Mas essa mulher não serei eu.

Seu guarda-roupa consistia em alguns vestidos remendados, descoloridos e passados de moda. Mal tinha dinheiro. Dependia quase por completo de sua mãe. Levava uma vida mais que insípida. Não restavam sonhos... e ainda assim aí estava, recusando a oportunidade de ser uma duquesa. Acaso tinha um bando de pássaros na cabeça?

Viu-o fazer gesto de partir. Mas se deteve e a olhou por cima do ombro. -Não acredito que seja indiferente a minha pessoa -o escutou dizer-. E contra a crença popular, um só ato não termina com a atração física. Suas possibilidades de levar uma vida plena neste lugar parecem muito escassas. A vida como minha duquesa

lhe ofereceria muitíssimo mais. Rejeita-me somente para me castigar, senhora Derrick? Não se estará castigando você mesma no processo? Posso lhe oferecer todas as coisas que tenha sonhado e mais.

O fato de que se sentisse tentada -e bem sabia Deus que o estava!- avivou as chamas de sua ira.

-Seriamente? -perguntou com voz cortante-. Um marido que tenha uma personalidade carinhosa e humana, que tenha senso de humor? Alguém que ame as pessoas e as crianças, que goste de desfrutar das diversões e das coisas absurdas? Alguém que não esteja obcecado consigo mesmo e com sua importância? Alguém que não seja um bloco de gelo? Alguém que tenha um coração? Alguém que seja meu companheiro, meu amigo e meu amante? Porque isso é o que sempre sonhei, excelência. Pode me oferecer isso tudo? Pode cumprir algum requisito? Pode cumprir embora só seja um desses requisitos?

Esses olhos prateados a olharam fixamente durante tanto tempo que teve que jogar mão de todo seu autocontrole para não remexer-se no banco.

-Alguém que tenha um coração... -repetiu ele em voz baixa-. Não, talvez tenha razão, senhora Derrick. Talvez não tenha coração. E se não o tenho, isso quer dizer que careço de tudo aquilo com o que você sonha, não é verdade? Peço-lhe desculpas por lhe haver feito perder o tempo e por havê-la ofendido uma vez mais.

E quando se virou nessa ocasião seguiu seu caminho... Deixou atrás o arco emperrado, os degraus de pedra e, depois de fechar a grade do jardim com um movimento preciso e silencioso, entrou na rua certamente em direção à estalagem, onde teria deixado sua carruagem. Duvidava muito que ficasse em um estabelecimento tão humilde.

Olhou-o até que desapareceu de sua vista. Depois cravou o olhar em suas mãos, entrelaçadas com tanta força sobre o regaço que tinha os nódulos brancos.

-Ai, Deus! -exclamou em voz alta-. Filho da mãe!

E em seguida explodiu em lágrimas e soluços que foi incapaz de controlar apesar de estar segura de que podiam escutá-la da

sala de estar ou da rua.

Chorou até que lhe congestionou o nariz, até que lhe doeram a garganta e o peito, e até que teve o rosto vermelho e descomposto. Chorou até que já não restaram lágrimas.

Filho da mãe ! Como o odiava!

"Que tenha um coração. "

"Não, talvez tenha razão, senhora Derrick. Talvez não tenha coração. "

Havia dito essas palavras com uma estranha expressão nos olhos.

A que se referia? Que estranha expressão? Uma estranha expressão que lhe tinha partido o coração, a isso se referia. Acabava de lhe partir o coração. E o odiava com toda sua alma!

Capítulo 11

Ao Wulfric não surpreendeu muito que o convidassem à bodas da senhorita Audrey Magnus e sir Lewis Wiseman no fim de fevereiro. Os esponsais se celebrariam em Londres, na Igreja de Saint George em Hanover Square, e nessa época do ano nem toda a alta sociedade estaria na capital. A temporada social não tinha começo realmente até depois da Páscoa. Assim era compreensível que lady Mowbury e seu filho convidassem a qualquer personagem importante que estivesse na cidade. Além disso, ele era amigo de Mowbury e esse detalhe em si mesmo garantia um convite com indiferença das circunstâncias.

Salvo pelos dez dias que tinha passado no Oxfordshire com Aidan, Eve e sua família no Natal, estava na cidade desde o outono, embora não tenha tido um motivo concreto para retornar antes de que a Câmara dos Lordes iniciasse as sessões. Tinha passado alguns meses visitando e inspecionando suas propriedades rurais, consultando com seus administradores, concedendo audiências e sendo tratado com atenção pelas famílias mais importantes de cada vizinhança. O lógico era que tivesse retornado aliviado a Lindsey

Hall, onde se teria ficado até pouco antes da data de início da abertura do Parlamento.

Entretanto, ao chegar se viu assaltado de novo pela ambivalência de sentimentos: por um lado amava o lugar e por outro sentia uma inquietação insuportável. Tinha-lhe sido alarmantemente vazio... uma idéia muito estranha dado que era justo essa qualidade da qual tinha saudades quando estava longe. Mas inclusive Morgan, a caçula da família, e sua preceptora saíram da casa desde há mais de dois anos. Sua irmã menor estava casada, tinha dois meninos -o segundo, também um varão, tinha nascido a princípios de fevereiro-. Quando ele herdou o título, Morgan era um bebê de dois anos. Sempre tinha sido mais sua filha que sua irmã, embora não se deu conta desse fato até depois que partisse... ou, mais concretamente, até o dia de suas bodas.

De modo que foi para a cidade, onde ao menos podia entreter-se com seus clubes e outras quantas diversões muito bem selecionadas.

Além disso, precisava procurar uma nova amante. Embora não gostasse muito, era consciente de que devia satisfazer certas necessidades, e era muito escrupuloso para as satisfazer com uma puta. Suas preferências sexuais tendiam à regularidade e a monogamia.

Não obstante, em meados de fevereiro ainda não tinha encontrado a ninguém para o posto embora uma noite convidou para jantar uma atriz muito solicitada depois de admirar sua interpretação no teatro e lhe fazer uma inesperada visita no camarim. Sua intenção era a de discutir os termos de um acordo com a mulher, quem por sua vez tinha deixado bem claro que estava disposta a abordar semelhante discussão e inclusive a consumação do acordo antes de concretizar os pormenores.

Entretanto, acabou falando da interpretação e do teatro com ela e depois a acompanhou a sua casa e lhe pagou com acréscimo por seu tempo. No caso da formosa, elegante e muito discreta lady Falconbridge, que também tinha insinuado sua disponibilidade e cuja companhia tinha freqüentado em diversos eventos sociais,

continuava sem trazer à luz o assunto que ambos sabiam que podia vir à tona em qualquer momento.

Havia adiado o momento uma e outra vez... coisa insólita nele.

O convite às bodas não o surpreendeu, mas titubeou antes de responder. A família de Mowbury incluía os Elrick e aos Renable, e era muito provável que também assistissem. Eram pessoas que conhecia desde há anos. Em circunstâncias normais não teria o menor reparo em encontrar-se com eles, mais que nada porque não tinha especial aversão por nenhum. De fato, pouco antes -pouco mais de seis meses antes-, tinha passado quinze dias com eles em Schofield Park, onde também estiveram os noivos, junto com a mãe da noiva e seus irmãos.

Entretanto, preferiria não ter que recordar o desafortunado abandono de seus costumes no que tinha incorrido durante a festa campestre. Tinha decidido esquecê-lo por completo, e achava que o tinha conseguido com êxito. Afinal, por que não ia fazê-lo? Todo esse assunto com a senhora Derrick tinha sido um arrebatamento de loucura, e se alegrava muitíssimo de ter escapado com sua vida familiar intacta. Mas não queria avisos.

Não obstante, costumava ser educado e cumprir com seu dever em todas as situações. Redigiu uma breve nota aceitando o convite e ordenou a seu secretário que a fizesse chegar a lady Mowbury.

Por muito carinho que professasse a Melanie e ao Héctor, ao Justin, ao Audrey e a lady Mowbury, Christine não teria aceito o convite para as bodas de Audrey em fevereiro se não tivesse acontecido algo extraordinário. Afinal, como ia aceitar? As bodas seriam em Londres. Sabia que a longa distância não era um grande impedimento. Logicamente, Melanie e Bertie assistiriam e sem dúvida aceitariam que viajasse com eles em sua carruagem. Era muito possível que também a convidassem a ficar com eles, embora lady Mowbury tinha acrescentado umas linhas na parte inferior de seu convite, lhe assegurando que estariam encantados de que ficasse em sua casa.

Entretanto, como ia assistir se não tinha nada adequado para vestir? E o mais importante, como ia assistir se Hermione e Basil

estariam convidados? Durante os meses transcorridos desde a festa campestre Ihe tinha pesado muito a hostilidade, a malícia inclusive, que Ihe tinham demonstrado. Sua amargura e seu ódio não tinham minguido em dois anos... quase três já. Nem tão pouco seu ressentimento ao ver-se obrigados a reconhecer o parentesco que os unia. Jamais voltaria a cruzar-se em seu caminho de forma voluntária.

Não obstante, justo uma hora depois de escrever uma afetuosa carta em que declinava o convite de lady Mowbury, a qual deixou no suporte da lareira da sala de estar para que a levassem ao correio, aconteceu algo realmente extraordinário. Chegou uma carta de Basil e com ela uma remessa bancária por valor de uma enorme quantidade de dinheiro... De fato, para ela era uma pequena fortuna, já que seu trabalho como professora era sua única fonte de ganhos... uns ganhos que, além disso, não eram nada do outro mundo.

Devia gastar o dinheiro em roupa nova e em outros objetos pessoais, explicava Basil na direta missiva que acompanhava à remessa bancária. Seu cunhado supunha que queria assistir ao casamento de sua prima e, portanto, devia se vestir adequadamente. Sobre tudo porque, na qualidade de viúva de seu irmão, era sua responsabilidade. Hermione Ihe tinha feito ver que os vestidos que tinha usado o verão anterior estavam passadíssimos de moda.

Não havia nenhuma expressão de afeto nem de perdão, nenhuma desculpa, nenhuma saudação para transmitir a sua família nem nenhuma palavra de Hermione. Não havia notícias sobre sua vida nem a de seus filhos. Não Ihe perguntava que tal ia a vida... Só a breve nota explicando seus motivos e o que queria que fizesse com o dinheiro.

Seu primeiro impulso foi devolver o dinheiro com uma nota muito mais direta e distante que a de Basil. Entretanto, Eleanor entrou em seu dormitório e a viu com a carta em uma mão e a remessa bancária no regaço. Ia em busca de linho de seda de uma cor que não tinha em sua mesa de costura.

-Parece que viu um fantasma - disse depois de Ihe pedir o fio.

-Olhe isto. - Estendeu-lhe a carta e depois a remessa bancária.

Eleanor leu a carta e olhou o cheque antes de arquear as sobrancelhas.

- No verão passado em Schofield Park me trataram como se estivessem desejando libertar o universo de minha presença em caso de que houvesse um modo legal de fazê-lo -disse.

-E suponho que por isso tem a intenção de devolver o dinheiro - aventurou sua irmã-, com todo o orgulho ferido que seja capaz de reunir. Foram muito amáveis com mamãe e comigo durante o baile que encerrou a festa. sentaram-se conosco durante o jantar e foram muito agradáveis, se não recordo mal. Não sabia.

-Não posso aceitar seu dinheiro -afirmou.

-por que não? -replicou Eleanor-. Afinal, é a viúva do único irmão do visconde de Elrick e necessita de roupa nova. Teimou em negar a mamãe a possibilidade de comprar roupa nova.

Era certo. Oscar não lhe tinha deixado nada, mas ainda assim não achava que fosse correto depender de sua mãe, cujos ganhos pela propriedade de seu pai cobriam suas necessidades e as da Eleanor com muita dificuldade.

-Há dinheiro de sobra para que as três renovemos nossos guarda-roupas do verão -disse-.Mas não posso aceitá-lo, Eleanor. Nem sequer lhes sou simpática.

-O dinheiro é para você -insistiu sua irmã ao mesmo tempo em que dava umas batidinhas à carta. - O visconde de Elrick o deixou bem claro em sua carta. E se não lhes cai bem, por que lhe enviaram isto? me parece uma oferenda de paz.

-Ainda me culpam pela morte de Oscar -assinalou-. Basil o adorava, e como Hermione adora ao Basil, também adorava ao Oscar.

-Mas por que culpam a você? -perguntou Eleanor, exasperada-. Nunca o entendi, Christine. Saiu para caçar e você nem sequer foi com ele. Supõe-se que devia ter evitado que saísse?

Encolheu os ombros. Tinha sido incapaz de contar a verdade sobre a morte de Oscar, e essa relutância a confiar em sua irmã preferida e em sua mãe sempre a tinha dado pena.

- Acha que é isso? -Franziu o cenho-. Uma oferenda de paz?

- Por que senão o teria mandado? - respondeu Eleanor.

Isso se perguntava ela, por quê? Talvez lamentavam algumas das coisas que lhe haviam dito, e que haviam dito dela, durante as duas semanas em Schofield Park e queriam lhe estender uma espécie de ramo de oliveira. Se lhes devolvesse o dinheiro, ofenderia-os e alongaria uma inimizade que nunca tinha querido. De certa maneira, isso era o que mereciam. Mas não era dada a guardar rancor.

Não queria odiá-los mais tempo. E certamente não queria que eles continuassem odiando-a. Talvez Basil se desse conta de repente de que ela era o último vínculo que o unia a seu irmão.

Engoliu em seco para desfazer o nó que lhe tinha formado na garganta.

Ou talvez Hermione temia que os envergonhasse ao apresentar-se nas bodas vestida com farrapos. Talvez disso se tratasse a remessa bancária.

Mas por que pensar sempre o pior de outros? Não seria prejudicial para si mesma adotar essa atitude frente à vida? Preferia pensar o melhor e equivocar-se que pensar o pior e equivocar-se. Suspirou.

-Se pegar o dinheiro, também terei que ir ao casamento de Audrey -disse-. Desde que Melanie aceite que viagem com eles.

-Por favor, Christine! -Eleanor estalou a língua e revirou os olhos. - Sabe muito bem que, em questão de dias, lady Renable chegará em sua busca para convencê-la de que aceite o convite. Embora tenha decidido rechaçá-la, embora tivesse enviado já a negativa, acabaria indo de qualquer maneira.

-Tenho tão pouca vontade ? -perguntou com o cenho franzido.

-Não, mas ela é a mulher mais teimosa que tive a desgraça de conhecer -respondeu sua irmã-, além de a mais fria e da mais pretensiosa. -Soltou um risinho. - Embora não posso evitar que goste dela, sobre tudo por haver escolhido a você como sua amiga em lugar de mim. Tem fio de seda deste vestido? Se não, vou ter que ir à loja para comprar uma meada, não pára de chover.

E assim foi como decidiu ficar com o dinheiro e gastá-lo em si mesma... claro que isso não aconteceu até que tanto Eleanor como

sua mãe se negassem com firmeza a aceitar um só penny dela. Também decidiu que devia assistir às bodas, já que lhe tinham mandado o dinheiro com o objetivo de que comprasse roupa adequada para tão magno evento. Isso sim, compraria-lhes presentes a sua mãe e a Eleanor, e também ao Hazel e aos meninos.

Ai, o maravilhoso luxo de poder pensar em comprar presentes!

Rasgou a carta em que declinava o convite de lady Mowbury e a substituiu com uma em que aceitava. E também esteve toda uma hora redigindo uma resposta adequada para Basil.

Não tinha passado nenhuma hora desde que concluiu a correspondência quando escutou o inconfundível som dos cavalos e as rodas de uma carruagem que anunciava a chegada de Melanie, preparada para a batalha apesar da chuva. Embora não foi preciso liberá-la. Informou sua amiga que já tinha aceito o convite para o casamento e de que tinha pensado ir andando até o Schofield Park assim que desanuviasse para lhe pedir o favor de que a levassem a Londres com eles.

-Teria ido a Schofield Park caminhando depois desta chuva, Christine? -perguntou Melanie com os binóculos no ar e a mão livre sobre o coração-. Para nos pedir ao Bertie e a mim o favor de que a levássemos a Londres? Asseguro que se tivesse mostrado a menor reticência a nos acompanhar voluntariamente, teria ordenado ao mais forçado de meus criados que a colocasse à força na carruagem no dia de nossa partida. De verdade teria caminhado com todo este barro para nos pedir esse favor?

Soltou um risinho e Eleanor escondeu a cabeça em seu livro.

Parecia que ia a Londres, e que ia assistir ao casamento de Audrey em Saint George. Não sabia se deixar-se levar pela emoção ou pelos nervos, mas escolheu o primeiro. Afinal, ainda não tinha chegado a primavera e a temporada social não tinha começado. Certamente não haveria mais eventos sociais que as bodas, e lady Mowbury a tinha qualificado de "acontecimento familiar" em sua carta.

Além disso, ia ter roupa nova e poderia comprá-la em Londres, na última moda. A perspectiva teria animado a qualquer um.

Era estranho, pensou Wulfric ao sentar-se no banco da igreja e cravar o olhar em sir Lewis Wiseman -que esperava ao pé do altar a chegada da noiva com aspecto de que seu criado pessoal lhe tivesse apertado muito o nó da gravata-. Era estranho que tivesse esperado que toda a família da senhorita Magnus assistisse às bodas e que inclusive tivesse vacilado na hora de aceitar o convite porque não queria recordar essas duas semanas em Schofield Park... e que, entretanto, não lhe tivesse passado nenhuma só vez pela cabeça que talvez Christine Derrick, membro da família graças a seu matrimônio, também estivesse presente.

E ali estava.

Quase não a tinha reconhecido ao passar junto ao banco que ocupava com os Elrick. Ia vestida na última moda com um vestido cinza e azul claro. Ao passar junto a ela a tinha visto levantar o olhar e por um espantoso momento, que se esfumou assim que agachou a cabeça depressa e ele afastou o olhar com a mesma rapidez, seus olhos se encontraram.

Se houvesse sabido, não teria assistido ao enlace nem por sombra.

Não gostava absolutamente de voltar a ver Christine Derrick no que restava de vida. A opinião que lhe merecia não era muito boa. E lhe envergonhava recordar que tinha percorrido o trajeto desde Hampshire a Gloucestershire para propor matrimônio a uma viúva, à filha de um professor rural que também exercia como professora, que carecia de boas maneiras durante a maior parte do tempo e que considerava engraçadas seus embaraçosos foras. Não poderia ter escolhido a uma mulher menos apropriada para ser sua duquesa.

E para cúmulo, tinha-o recusado!

Foi muitíssimo mais tarde quando reparou no estranho de seus respectivos comportamentos dessa manhã. Ele não tinha por costume afastar o olhar de outra pessoa pelo mero fato de que o estivessem olhando. E em Schofield Park, a senhora Derrick sempre o tinha desafiado com o olhar em lugar de lhe fazer acreditar que se submetia docilmente a sua silenciosa e arrogante ordem de que baixasse a vista em sua excelsa presença.

A familiar irritação que sentia em sua presença retornou como se não se esquecera dela durante os meses transcorridos.

Assistiria à missa, decidiu, e depois daria uma desculpa ao Mowbury para não ficar no banquete.

Esperaria em seu banco até que todo mundo partisse e depois desapareceria sem que ninguém se desse conta.

Talvez se estivesse comportando como um covarde -nada mais longe de seu comportamento habitual-, mas estaria fazendo um favor à senhora Derrick. Sem dúvida estava tão consternada de vê-lo como ele de ver a ela... porque para cúmulo sua presença na igreja a teria pego absolutamente de surpresa.

"Um marido que tenha uma personalidade carinhosa e humana, e que tenha senso de humor. "

Escutava sua voz ao pronunciar essas palavras como se as estivesse dizendo nesse mesmo momento, em Saint George, para que todo mundo a escutasse. Havia desdém em sua voz, trêmula pela paixão.

Não era um homem carinhoso, compassivo, amável nem alegre. Disso o tinha acusado. Em parte o tinha rechaçado por esse motivo.

Por sua incapacidade para demonstrar carinho.

Compaixão.

Senso de humor.

Por que tinha gravado esse discursinho a fogo na mente? Assim como sua imagem enquanto o pronunciava: poeirenta e inclusive desalinhada por causa da incrível lição que tinha dado aos meninos do vilarejo, com o chapéu de palha que não conseguia ocultar seu cabelo suarento e revoltado, com o rosto ruborizado e brilhante pelo suor e com os olhos resplandecentes.

Que demônios tinha para que pensasse que devia convertê-la em sua esposa? depois do acontecido junto ao lago, o lógico teria sido pensar que bastava lhe oferecer carta branca... e ela não deveria ter esperado nada mais. A reação que demonstrou ao interromper sua proposta o demonstrava. Então, por que o matrimônio? O que era o que o tinha contrariado durante semanas, inclusive meses, depois de sua inesperada recusa?

Seu orgulho ferido?

Por sorte, teria se recuperado por completo e nesse momento agradecia enormemente que o tivesse recusado.

"Alguém que ame às pessoas e as crianças, que goste de desfrutar das diversões e das coisas absurdas. "

Ele não era essa pessoa muitíssimo menos. Grande idéia... Que goste de desfrutar das diversões e das coisas absurdas! Entretanto, sim amava a certas pessoas... alguns meninos incluídos.

"Alguém que não esteja obcecado consigo mesmo e com sua importância. Alguém que não seja um bloco de gelo. Alguém que tenha um coração. "

Sua mente fugiu essa lembrança. Era incapaz de lutar com essa parte em concreto de sua recusa. Porque era a parte que mais lhe tinha doído... durante os dias que demorou para recuperar-se de tão absurda aflição.

Por sorte, a senhorita Magnus chegou à igreja com poucos minutos de atraso e pôde concentrar-se por completo na cerimônia. Entendia perfeitamente o tímido orgulho que mostrou Mowbury ao levar a sua irmã ao altar. Tinham passado dois anos e meio desde as bodas de Morgan e mais de três desde a da Freyja. Em ambas as ocasiões lhe surpreendeu o enorme vazio que experimentou, sobre tudo com Morgan, a caçula da família, a quem todos adoravam. Inclusive ele...

"Alguém que tenha um coração. "

Percebia a presença do Christine Derrick vários bancos atrás, como se sustentasse uma longa pluma nas mãos e lhe estivesse acariciando as costas com ela. Logo lhe tocara o pescoço e ele se encolheria os ombros em um gesto defensivo.

Cravou seu olhar sério nos noivos e no sacerdote, e se dispôs a prestar atenção a tudo o que estavam dizendo... ainda que não escutasse nenhuma só palavra.

Por desgraça, esperou muito tempo uma vez que a cerimônia terminou. Quando por fim saiu da igreja, sir Lewis e a deslumbrante lady Wiseman já tinham partido na carruagem nupcial, mas Mowbury e sua mãe também o tinham feito, igual à maior parte da família, incluída a senhora Derrick. Seu desaparecimento supôs um

alívio enorme, é obvio, mas como ia faltar ao banquete de bodas sem haver-se desculpado com o Mowbury ou com sua mãe? Seria de muito má educação, e ele nunca era mal educado se pudesse evitá-lo.

Notou que uma mão o agarrava pelo ombro.

-Bewcastle - saudou-o o conde de Kitredge-, importa-lhe que vá com você? Assim os deixo minha carruagem aos mais jovens.

-Será um prazer-respondeu.

Nesse momento decidiu que ocuparia o lugar que lhe tinham atribuído para o banquete e que depois daria os parabéns aos recém casados, agradeceria o convite a lady Mowbury e partiria na primeira oportunidade. Nos dias vindouros limitaria suas saídas para a Câmara dos Lordes e ao White"s e evitaria abandonar Bedwyn House. Percebeu que semelhante decisão podia tachar-se de covardia, mas se convenceu de que só estava fazendo o que normalmente fazia. No final de contas, nessa época do ano em concreto havia poucos acontecimentos sociais que evitar.

Quando chegou ao Magnus House, colocada em Berkeley Square, quase todos os convidados circulavam pelo salão de baile, convertido em buffet para o evento, conversando e rindo uns com outros sem ter ocupado ainda seus lugares à mesa, embora ele evitou unir-se a um grupo concreto. Lhe dava muito bem distanciar do resto em semelhantes ocasiões. Se não tivesse entrado na casa e no salão de baile acompanhado do Kitredge, teria localizado sua cadeira, a teria ocupado e teria observado de forma desapaixorada o que acontecia a seu redor.

-Ah! -exclamou o conde ao tempo que lhe colocava uma mão no braço-, aí está a pessoa com quem queria falar, e você também a conhece, Bewcastle. Vamos.

Percebeu muito tarde de que o arrastava para Christine Derrick, que estava com os Elrick, os Renable e Justin Magnus.

Tirou o chapéu. Tinha um novo corte de cabelo. Os brilhantes e curtos cachos emolduravam esse formoso rosto de olhos enormes. O vestido cinza claro, adornado com franzidos e fitas de cor azul, assentava-lhe muito bem. A maioria das mulheres passaria despercebida com essas cores tão claras, mas sua resplandecente

personalidade os eclipsava. Estava rindo por algo que Magnus havia dito e parecia muito animada e incrivelmente encantadora.

E então os viu aproximar-se... e sua alegria desapareceu, embora não perdeu o sorriso em nenhum momento.

-Senhora Derrick -disse Kitredge depois de saudar outros com bom humor. Agarrou-lhe a mão, fez-lhe uma reverência que arrancou um rangido a seu espartilho e a levou aos lábios-. Está mais encantadora que de costume, se é que isso é possível. Não lhe parece, Bewcastle?

Passou por cima a pergunta. Fez-lhes uma reverência a outros e também a ela.

-Senhora -a saudou com formalidade.

-Excelência. -Olhou-o diretamente nos olhos embora tinha esperado que seu olhar se cravasse em seu queixo ou na gravata. Uma tolice por sua parte. Saltava à vista que já se recuperara da surpresa de vê-lo na igreja e que não estava disposta a lhe dar a satisfação de mostrar-se envergonhada, em caso de que o estivesse.

-Espero que sua mãe esteja bem -disse.

-Está, obrigada por perguntar. -Seguiu sustentando seu olhar.

-E suas irmãs?

-Também. Obrigado.

-Ah! Me alegro. -Os dedos de sua mão direita descobriram o cabo do monóculo e o aferraram. E nesse preciso momento a viu descer o olhar em direção de sua mão e ao monóculo, depois do que a devolveu a seus olhos. Entretanto, produziu-se uma mudança. Embora já não sorrisse, estava-rindo dele com o olhar. Tinha esquecido essa extraordinária expressão.

-O salão de baile de Mowbury foi decorado esplendidamente para a ocasião -disse Kitredge-. Senhora Derrick, quer dar um passeio pelo salão comigo para admirar os arranjos florais?

Viu-a desviar o olhar para o Kitredge, e nesse momento sim sorriu... um sorriso deslumbrante.

-Sim, obrigada. - Aceitou o braço que lhe estendia e se afastou com o conde.

A senhora Derrick se sentou com sua família durante o banquete. O fez a certa distância e conversou com lady Hemmings, sentada a sua esquerda, e com a senhora Chesney, a sua direita.

Assim que terminou o banquete, felicitou aos noivos e agradeceu o convite, depois do que retornou andando a casa depois de se despedir de sua carruagem, que o aguardava no lugar junto a muitas outras.

Sentia-se irritado. E esse não era um sentimento que se permitisse com freqüência, embora em caso de permitir-lhe costumava enfrentar à causa que o motivava do modo mais adequado.

Entretanto, como se enfrentava à irritação que sentia consigo mesmo por culpa de uma mulher que se negava a abandonar seus pensamentos, apesar de haver-se acreditado livre de sua influência e de sua lembrança a essas alturas? Por culpa de uma mulher que, para cúmulo, sorria com muita alegria e falava com muito entusiasmo, inclusive às pessoas que estavam do outro lado da mesa.

Simple e sinceramente, carecia de boas maneiras.

Como se enfrentava a uma mulher que se empenhava em lhe sustentar o olhar cada vez que o descobria olhando-a, que o desconcertava ao arquear as sobancelhas e que logo ria dele?

Seguia preso a ela, pensou com surpresa ao sair da praça, enquanto alguns cocheiros que estavam apoiados na esquina quem, ao ver sua expressão séria, afastavam-se para lhe deixar passar e levavam a mão a fronte a modo de saudação.

Preso!? E como! Estava virtualmente cego por ela. Estava apaixonado, maldita fora sua imagem! Apesar do muito que lhe desgostava, do muito que o irritava e de que desaprovava algo que fizesse, estava apaixonado por ela até a medula, como um juvenzinho atordoad.

Perguntou-se sombriamente o que ia fazer a respeito.

Não tinha nenhum ping de graça. Nem gostava o mínimo.

Capítulo 12

Christine tinha chegado a Londres uma semana antes das bodas de Audrey e se alojou na casa de Melanie e Bertie. Desfrutou muitíssimo desses dias, que incluíram compras em Oxford Street e inclusive na exclusiva Bond Street, pois necessitava de roupa nova e contava pela primeira vez em sua vida com dinheiro para gastar. Além disso, Melanie adorava ir às compras. Em um abrir e fechar de olhos, teve um novo guarda-roupa com roupas para a primavera e o verão, escolhidas com especial atenção às cores, ao estilo e à comodidade... amém ao preço, claro estava. Afinal, queria que sobrasse dinheiro para poder comprar presentes para levar quando retornasse a casa.

E não era esbanjadora por natureza.

Desfrutou muito com a visita que fizeram a lady Mowbury, onde viram o Héctor e compartilharam com Audrey a emoção das próximas bodas. Justin a levou a dar um passeio em carruagem pelo parque.

Dois dias antes das bodas foi com Melanie e Bertie a um jantar oferecido por Hermione e Basil, embora a perspectiva não lhe fosse emocionante o mínimo. Entretanto, seus cunhados se comportaram com consideração, mas não precisamente com afeto, e Basil a levou a um à parte durante a velada para lhe comunicar que tinha a intenção de lhe fazer chegar uma pensão trimestral porque era a viúva de Oscar e, portanto, era seu dever mantê-la. Tentou discutir, mas Basil insistiu, dizendo que Hermione e ele o tinham falado e que tinham chegado à conclusão de que essa teria sido a vontade de Oscar. Compreendeu que para ele era importante que aceitasse, de modo que deixou de protestar.

Hermione se despediu beijando o ar junto a sua face e se deixou abraçar.

Supôs que tinham acordado uma espécie de trégua. Depois dos acontecimentos do ano anterior, era muito mais do que tinha esperado. Os dois filhos do casal, sobrinhos de Oscar e portanto

também seus, tinham recebido com grande entusiasmo, e não demorou para recordar que sempre tinha sido sua tia preferida.

Decidiu que tinha feito bem ao ir a Londres para o acontecimento familiar que seria essas bodas.

E continuou pensando ao chegar à igreja de Saint George, em Hanover Square, apesar de descobrir que tinham convidado a mais pessoas além da família. Ao menos ia vestida com o vestido mais elegante dos que se comprou e ia acompanhada por Hermione, Basil e seus filhos.

Ainda pensava nisso quando ergueu a vista para ver quem era o cavalheiro cuja importância lhe tinha outorgado um lugar na igreja em frente dos viscondes de Elrick, primos da noiva, e descobriu que se tratava do duque de Bewcastle.

Dizer que se sentiu aborrecida seria pouco. A verdade fosse dita, esteve a ponto de deixar-se levar pelo pânico, de levantar-se de um salto e de escapar correndo pelo corredor central da nave...ficando em ridículo diante de todos os pressentes. Em troca, afastou os olhos dele no mesmo momento quando seus olhares se encontraram e não escutou nenhuma só palavra da cerimônia apesar de que Audrey e Lewis se estavam casando diante de seu nariz.

Esteve pendente em todo momento da longa, orgulhosas e rígidas costas do duque de Bewcastle, tão elegantemente vestido. As lembranças da horrível quinzena passada em Schofield Park retornaram em turba, ao igual ao fizeram os da última noite junto ao lago. E os de sua volta, dez dias mais tarde, quando foi procurar a Hyacinth Cottage.

Não lhe tinha passado nem remotamente pela cabeça que pudessem convidá-lo às bodas de Audrey. Porque tinha suposto que seria um acontecimento íntimo e familiar. Jamais se conhecesse teria se aproximado a menos de um milhão de quilômetros de Londres.

Tão pouca atenção prestou ao esplêndido salão de baile onde se celebrou a recepção posterior e o succulento banquete que o mesmo poderia ter sido em um estábulo vazio comendo palha. Não obstante, sabia que tinha sorrido com muita alegria ao conde de

Kitredge e que sua conversa tinha sido muito efervescente. Também sabia que tinha recuperado certo apuro durante o banquete e que não se intimidou e tinha baixado a vista cada vez que seu olhar e o do duque se encontravam. De qualquer forma, tinha sido um dos dias mais desconfortáveis de sua vida.

Sentiu um enorme alívio quando o viu partir cedo.

E durante o resto do dia se sentiu mortalmente deprimida embora estivesse conversando, rindo e se mexendo de alegria até que retornou a casa do Melanie já entrada a noite e conseguiu refugiar-se na solidão de seu dormitório.

Achava que tinha esquecido por completo ao duque de Bewcastle nesses seis meses que tinham passado desde a última vez que o viu. Daí que a reação que tinha experimentado ao vê-lo a tivesse perturbado tanto. Como lhe tinha ocorrido pensar que poderia deitar-se com ele na última noite da festa campestre e esquecê-lo logo sem mais? Claro que, teria reagido de forma menos intensa se não tivesse acontecido nada entre eles? Ou se não houvesse voltado dez dias depois para lhe propor matrimônio?

Era impossível sabê-lo. Jamais tinha entendido a atração que sentia por um homem que não era atraente absolutamente. Bonito, sim. Mas não atraente... ao menos para ela.

De qualquer forma, tanto fazia. Alguns dias depois das bodas voltaria para casa e teria que fazer o esforço de esquecê-lo outra vez. Se suas emoções se viram envolvidas mais do que tinha suposto a princípio, só ela tinha a culpa.

Ninguém a tinha obrigado a caminhar com ele pelo passeio dos laburnos. Sua tinha sido a ocorrência de entrar no labirinto. E ninguém a tinha obrigado a acompanhá-lo ao lago.

E depois Melanie mudou de idéia. Sobre a volta, claro, plano inicial tinha sido o de ir a Londres para as bodas e retornar logo a Schofield Park até depois das festas de Páscoa, data em que começava a temporada social com sua interminável sucessão de entretenimentos. Evidentemente, ela não os acompanharia quando voltassem para a temporada.

-Mas, Christine -disse Melanie durante o café na manhã posterior à bodas-, o caso é que há muito mais famílias na cidade

do que o normal por estas datas e todas as manhãs nos chegamos um bom número de convites a eventos que seria uma lástima perder-se. É normal sentir-se na obrigação de participar a tantos como for possível, porque a princípio do ano não haverá grandes multidões em nenhum lugar. E seria uma lástima ter vindo à cidade e retornar sem nos haver divertido um pouco. Parece-me que seria injusto privar de seus clubes ao pobre Bertie tão rápido.

Bertie, que estava tomando o café da manhã com elas, limitou-se a cortar o succulento bife que tinha diante com um grunhido. Tinha aperfeiçoado até tal ponto o som que resultava apropriado para algo que Melanie lhe perguntasse ou sugerisse sem necessidade de escutá-la, evitando assim ter que prestar atenção a tudo o que sua esposa lhe dizia.

-Além disso tem toda sua roupa nova - prosseguiu Melanie-, e lhe assenta tão bem que parece uma mocinha com a metade de sua idade. Tem que estreá-la toda, e para isso terá que sair. Mamãe e Justin se sentirão muito decepcionados se partimos tão logo, assim como Héctor, meu pobre, desde que tenha percebido nossa presença. Além de tudo isso, recorda que o conde de Kitredge está enamorado de você e não vai demorar muito em declarar-se. Embora saiba que não lhe interessa um marido trinta anos mais velho que você, e roliço apesar do espartilho, será divertido vê-lo cortejá-la; e não lhe será nada mal que a alta sociedade o presencie. Ao menos a parte da alta sociedade que está na cidade.

Como sempre, tinha aberto a boca várias vezes para falar, mas era impossível intercalar uma só palavra quando Melanie se lançava a um de seus fervorosos monólogos; sobre tudo quando pressentia que a resposta podia ser uma negativa.

-Ficaremos uma semana mais - prosseguiu ao mesmo tempo em que soltava a xícara de café e lhe cobria a mão que ela tinha apoiada sobre a mesa-. Estaremos ocupadas desde meio-dia até a madrugada, e passaremos isso em grande estilo. Poderei desfrutar de toda uma semana de sua companhia na cidade, ou melhor uma quinzena se contarmos os dias que já levamos aqui. Será divertidíssimo. O que diz? me diga que vai ficar. Diga que sim.

Não era o momento de contrariá-la, decidiu com certo abatimento. Como ia dizer-lhe que não? Tinha viajado a Londres na carruagem dos Renable, estava-se alojando em sua residência e estava comendo em sua mesa. Como ia contrariá-los e exigir que voltassem para o campo? Ocorreu-lhe que podia retornar na carruagem do correio, mas sabia que se chegasse sequer a sugerir a idéia, Melanie teria um desmaio... e se sentiria muito ofendida. Até o Bertie se sentiria obrigado a fazer algum comentário.

Mas uma semana completa? Acotovelando-se outra vez com a alta sociedade? A idéia era espantosa. Claro que só era uma semana. Sete dias. E em Schofield Park todo mundo tinha coincidido ao afirmar que o duque de Bewcastle não assistia a muitos acontecimentos sociais. Não tinha assegurado lady Sarah Buchan que não o tinha visto em toda a primavera durante sua apresentação em sociedade e isso porque devia ter ido a qualquer evento onde a alta sociedade se reunisse toda? Além disso, ela mesma não o tinha visto nenhuma só vez durante seus sete anos de casamento.

-Se quer ficar, Melanie - respondeu -, eu também devo fazê-lo.

Melanie lhe deu um tapa no braço antes de pegar a xícara de novo.

- Grande resposta -replicou-. Aqui não há obrigações que valham. Se preferir voltar para casa, privaremos ao Bertie de seus clubes e partiremos. Mas perderemos a festa de lady Gosselin que se celebrará depois de amanhã de noite. É muito boa amiga minha e se zangará muito se for para casa em lugar de esperar alguns dias para fazer ato de presença. E perderemos...

-Melanie - interrompeu-a, inclinando-se sobre a mesa para aproximar-se dela- estarei encantada de aceitar sua hospitalidade outra semana mais.

-Sabia que aceitaria! -exclamou sua amiga com um sorriso radiante ao mesmo tempo que levava as mãos ao peito, encantada-. Bertie, meu amor, poderá ir a seus clubes e ao Tattersall"S. Poderá jogar cartas na festa de lady Gosselin, onde as apostas são tão altas como você gosta.

Bertie, que tinha dado conta da metade de seu café da manhã, grunhiu.

E assim foi como se encontrou apanhada, pensou com lúgubre resignação, não só em Londres, mas também na obrigação de ir a qualquer acontecimento social que Melanie escolhesse. E logo descobriu que o número dos ditos acontecimentos era impressionante apesar de que o começo da temporada social ainda ficava longe. Havia chás aos quais participar, um concerto privado e um jantar; e, é obvio, a noite de lady Gosselin.

Christine colocou um de seus vestidos novos para a noite. Era de veludo e bordado azul escuro e gostava sobre tudo porque tinha um desenho vaporoso e elegante sem cair no exagero. Em sua opinião, adequava-se à perfeição tanto a seu físico como a sua idade. Aceitou pôr um colar de pérolas que Melanie lhe emprestou, porque sua amiga insistiu muitíssimo, mas salvo pelas luvas brancas longas e um leque de marfim que Hermione lhe tinha presenteado anos antes com motivo de um aniversário, não levava nenhum complemento mais.

Sorriu alegremente quando entrou no salão de lady Gosselin, um dos aposentos abertos para o uso dos convidados. E, como não podia ser de outra maneira, a primeira pessoa que viu foi o duque de Bewcastle, elegante, sombrio e soberbo, do outro lado do salão, conversando com uma dama morena muito bonita que estava sentada e bebia uma taça de vinho. Lady Falconbridge, a viúva de um marquês, recordou.

Se pudesse partir de forma dissimulada e retornar à residência dos Renable, ou a Hyacinth Cottage melhor, o teria feito de boa vontade. Mas Melanie a tinha presa pelo braço e não restava mais remédio que seguir adiante.

Mãe do amor formoso!, pensou ao perceber logo o elegante penteado de lady Falconbridge e das sofisticadas plumas que o coroavam.

Voltou a sentir-se como uma prima recém chegada do campo. Talvez houvesse no salão mais de uma dúzia de pessoas que Melanie conhecia. Ou na adjacente. Mas sua amiga teve que sorrir de orelha a orelha ao perceber a presença de uma pessoa em concreto. Ergueu o queixo e os binóculos e a arrastou até o outro lado do salão de tal forma que Eleanor se teria posto a rir às gargalhadas se houvesse presenciado. Bertie já tinha desaparecido, provavelmente em direção à sala de jogos.

-Bewcastle! -exclamou Melanie ao mesmo tempo que dava um toquezinho ao duque no braço com os binóculos. - Não é freqüente vê-lo neste tipo de eventos.

O duque se virou com as sobrancelhas arqueadas e esses olhos prateados se toparam com os seus antes de cravar-se em Melanie. Viu-o fazer uma rígida saudação com a cabeça.

-Lady Renable -disse-. Senhora Derrick.

Tinha esquecido quão gélidos podiam chegar a ser esses olhos e sua capacidade para atravessar o crânio da pessoa a que olhavam.

- Excelência -murmurou ela.

Conforme percebeu, não se dignou a justificar ante Melanie sua presença na festa. Que necessidade tinha de fazê-lo? Seus dedos roçaram o cabo do monóculo enquanto lady Falconbridge começava a demonstrar sua impaciência golpeando o chão com a ponta de um pé.

- Ficamos uma semana mais -anunciou Melanie-, porque a cidade está cheia de boa companhia apesar da data. Além disso, nunca devo perder as festas da Lilian.

Sua excelência voltou a inclinar a cabeça.

-Melanie -disse ela-, acabo de ver Justin na sala contígua. Vamos?

Os excelsos olhos do duque se cravaram nela um instante e o monóculo foi elevado até deter-se frente ao excelso peito. Desafiou-o em silêncio a que o levasse ao olho.

-Nesse caso, não as entretenho mais - escutou-o replicar antes de virar-se em direção a lady Falconbridge. A sala contígua era a sala de música e alguém estava tocando o piano. Lady Sarah

Buchan, conforme comprovou. Sorriu alegremente para Justin, que se aproximou dela enquanto Melanie seguia caminhando em direção a um grupo de damas que a acolheram em seu círculo com os braços abertos.

-Vi-as render homenagem a Bewcastle -disse um sorridente Justin.

-Se tivesse suspeitado sequer que poderia ter vindo - assegurou-, jamais teria vindo.

Sua réplica fez com que Justin estalasse a língua.

-É um pouco estranho que tenha reações dessa forma tão radical - disse - quando o ano passado insistia em repetir que seu comportamento tinha sido irrepreensível e cavalheiresco, não lhe parece? Entretanto, este ano não tem nada que temer por sua parte. Está perseguindo com esforço a lady Falconbridge, e como a dama demonstra o mesmo afincamento em persegui-lo, é de opinião generalizada que não passarão muitos dias antes de que cheguem a um acordo discreto e satisfatório para ambas as partes. Acredito que nos clubes estão correndo apostas para ver quem acerta o número exato de dias.

- Meu amigo - disse com um deslumbrante sorriso-, sempre está disposto a dar de presente aos ouvidos de uma dama com aquilo que não deveria escutar. -E com o que não queria escutar de nenhuma maneira.

-Mas sei que você não é de não me toques, Chrissie. - pôs-se a rir e a conduziu até o piano.

Entretanto, não lhe permitiram relaxar muito tempo. O conde de Kitredge se aproximou deles ao cabo de um momento e, depois de honrar a interpretação musical de sua filha com um aplauso e perguntar a ela se tinha visto o famoso Rembrandt que se exibia no salão contíguo à sala de frescos, pergunta que respondeu com uma negativa, ofereceu-lhe o braço e lhe assegurou que estaria encantado de mostrar-lhe.

Não havia ninguém no salão, um lugar mal iluminado e que possivelmente nem sequer estivesse aberto ao público durante a festa. depois de admirar o quadro em altares da cortesia durante cinco minutos, fez gesto de retornar com os convidados, mas o

conde a deteve agarrando-a com firmeza pelo braço, depois do que a conduziu até um banco colocado no extremo mais afastado do salão. Uma vez que esteve sentada, ele se colocou diante, com as mãos às costas.

Suspeitava que era o espartilho o que lhe impedia de tomar assento a seu lado, coisa que agradeceu em silêncio.

-Senhora Derrick -disse depois de pigarrear-, no verão passado deve ter estado a par da profunda admiração que lhe professo.

-Sinto-me muito honrada, milord -replicou, repentinamente alarmada-. Vamos... ?

-E este ano -a interrompeu-, sinto-me obrigado a lhe expor abertamente o ardor dos sentimentos que albergo por você.

Era uma coquete?, perguntou-se. Era? Oscar tinha chegado a essa conclusão, e tanto Basil como Hermione tinham acabado por acreditá-lo também. Mas se o era, não o fazia de forma consciente. Jamais havia dito ou feito nada que inspirasse os sentimentos do conde até conformar tal ardor; nem sequer nada que justificasse um leve afeto. Nunca tinha feito nada para inspirar a ninguém. Salvo no caso de Oscar, fazia já quase dez anos.

-Milord -disse de novo-, por mais adulação que me sinto, devo...

Não obstante, as mãos do conde lhe agarraram uma das suas com tal força que um de seus anéis lhe cravou de forma dolorosa no mindinho.

-Senhora -replicou ele-, rogo-lhe que não me atormente mais. O mundo dirá que sou muito velho para você, mas meus filhos são maiores e sou livre para seguir de novo os ditados do coração. E meu coração, senhora, impulsiona-me a segui-la. Adula-me supor que...

-Milord! -interrompeu-o ao mesmo tempo que tentava escapar de suas mãos em vão, já que a segurava com muita força.

-... alberga você afeto por minha pessoa -prosseguiu-, a qual ponho a seus pés junto com meu título e minha fortuna.

- Milord -repetiu-. Estamos em um lugar público. Por favor, me solte...

- Me diga que me fará o mais feliz de...

- Milord! -exclamou com firmeza, já que o constrangimento começava a transformar-se em aborrecimento - Sua insistência em que o escute me é muito grosseira e inclusive ofensiva. Eu...

-... os homens -concluiu. - Rogo que me permita fazer de você a mais feliz das...

-Pergunto-me... -interrompeu-o uma voz arrogante e bastante lânguida sem dirigir-se a ninguém em particular-, se neste lugar a luz do dia fará mais justiça à tela que a das velas. Os Rembrandt são famosos por seus tons escuros e terá que escolher com tato sua colocação. O que opina, Kitredge?

De modo que o duque de Bewcastle não estava falando sozinho, verdade?

Afastou a mão das do conde e alisou as saias por cima dos joelhos. Estava tão envergonhada que teria morrido com supremo gosto nesse instante.

-Nunca gostei de seu estilo -respondeu o conde, que a olhou com tristeza e talvez com certo arrependimento antes de virar-se em direção ao duque. - Prefiro um Turner ou um Gainsborough.

-Certamente. - O duque levou o monóculo ao olho e estava observando a tela de uma distância de meio metro -. Não obstante, eu gostaria de ver esta tela com melhor iluminação. - Baixou o monóculo e se virou para olhá-la-. Senhora, este salão é um entorno muito tranqüilo onde sentar-se quando o resto dos convidados está congregado nas salas restantes. Quer que a acompanhe à sala dos frescos?

-Estava a ponto de... -interveio o conde de Kitredge.

-Sim! -respondeu ela ao mesmo tempo que ficava em pé de um salto-Obrigada, excelência.

O duque correspondeu a suas palavras com uma reverência formal e lhe ofereceu o braço. Quando sua mão esteve por fim a salvo no dito braço, virou a cabeça para o conde com um sorriso.

-Obrigada, milord -disse-, por me mostrar o Rembrandt. Certamente é impressionante.

Ao conde de Kitredge não ficou mais remédio que assentir com a cabeça e permitir que partisse.

Embora, em realidade, acabasse de escolher entre dois maus, pensou. Claro que não saberia dizer qual dos dois homens representava o mal menor... De modo que aí estava, agarrada ao braço do duque de Bewcastle e sentindo-se como se acabasse de agarrar-se a um prego ardendo.

-Deu-me a impressão de que necessitava que alguém a resgatasse, senhora Derrick -disse o duque-. me perdoe se tiver interpretado mal a situação.

-Suponho que eu mesma me teria resgatado cedo ou tarde -replicou-. Mas foi a primeira vez que me alegrei que vê-lo aparecer.

-Sinto-me adulado-escutou-o dizer.

O comentário lhe arrancou uma gargalhada.

-Claro que em seu caso não houve ninguém que me resgatasse, excelência -disse - não é certo?

-Espero que se esteja referindo à cena do labirinto -disse olhando a de esquelha - ou a do jardim da casa de sua mãe.

Para sua mortificação, notou como se ruborizava ao recordar a outra cena que o duque deixou no tinteiro e a que também podia haver-se referido.

-Exatamente a essas -assegurou-. Às duas.

-E em ambas as ocasiões conseguiu me convencer de que minhas propostas não lhe interessavam -acrescentou -.Quer comer algo?

Tinham chegado à sala de refrescos, onde havia disposta uma mesa alongada com uma ampla seleção de manjar que os criados se encarregavam de servir a pedido dos convidados. ao redor da sala havia cadeiras e mesas para que aqueles que queriam comer tomassem assento, embora quase todos levassem os pratos consigo à sala de música ou ao salão.

-Não tenho fome -respondeu.

-Nesse caso, o que quer beber? -perguntou-lhe o duque.

Recusar um segundo convite teria sido uma grosseria.

-Uma taça de vinho, por acaso -respondeu.

Viu-o afastar-se em busca do vinho para retornar com sua taça e com um copo de alguma outra bebida para ele. Apontou uma das mesas, uma que estava vazia em um canto.

-Sentamo-nos? -perguntou-lhe-. Ou está planejando um modo de escapar também de mim? Se for assim, pode partir com sua família quando o desejar. Não tentarei retê-la contra sua vontade.

Não obstante, aceitou o convite e sentou-se.

-Se tivesse sabido que você assistira às bodas -disse, olhando-o diretamente nos olhos e resistindo a tentação de cravar o olhar na taça-, não teria vindo a Londres.

-Seriamente? -replicou-. O mundo não é o bastante grande para nós dois, senhora Derrick?

-Pergunto-me isso as vezes, sim - respondeu -. E suponho que você tampouco terá muito boa opinião de mim. Não é habitual que uma vulgar plebéia rechace em duas ocasiões duas ofertas igualmente adadoras por parte de um duque.

-Ao que parece -respondeu o duque, - supõe que penso em você...

O terrível desconforto que a embargava desapareceu nesse momento e pôs-se a rir ao mesmo tempo que se inclinava para ele.

- Eu adoro quando você se deixa levar pelo rancor -lhe disse-. Embora seja possível que o esteja insultando ao acusá-lo por essa falta. Teria sido mais educado pontuar o de "desforra".- Juro que foi uma forma magnífica de me pôr em meu lugar.

O duque de Bewcastle a olhou com arrogância.

-E eu adoro quando você se deixa levar pela risada, senhora Derrick -replicou- embora só sorrisse com os olhos.

Isso a emudeceu. Reclinou-se na cadeira com a sensação de que um raio acabava de fulminá-la, e isso porque nem sequer estavam se tocando. Não lhe ocorreu nada que dizer e o duque não fez o menor esforço para romper o silêncio.

-Está me dizendo que sou uma coquete? -perguntou.

-Coquete... -Viu-o soltar o copo com deliberada lentidão para acomodar-se na cadeira enquanto a olhava com esses penetrantes olhos prateados. - Essa palavra parece aplicar-se com tediosa freqüência a sua pessoa, senhora Derrick... Em regra geral em uma frase negativa. Eu prefiro não usá-la absolutamente.

-Ah, obrigada! -exclamou e o silêncio voltou a instalar-se entre eles, embora o duque não desviasse o olhar de seu rosto e ela não

se atrevesse a erguer a taça por temor a que lhe tremesse a mão. Isso seria muito embaraçoso.

-Não precisa paquerar - escutou-o dizer- Possui um extraordinário atrativo que não necessita de artimanhas.

-Eu? -levou uma mão ao peito e o olhou atônita-. Me olhou bem, excelência? Careço da beleza e da elegância de qualquer outra dama aqui presente. Inclusive com meu vestido novo sou muito consciente de que pareço, de que sou, a prima da aldeia.

-Mas eu não disse que seja formosa nem elegante - particularizou ele- Disse que é atraente. Extraordinariamente atraente, para ser mais exato. Seu espelho não lhe revelará o dito atributo porque é uma qualidade muito mais evidente quando você está animada. Para um homem é difícil não voltar a olhá-la. Uma e outra vez.

Dos lábios de qualquer outro homem, essas palavras teriam se mostrado ardentes. O duque de Bewcastle as pronunciou como se tal coisa, como se estivessem falando... do Rembrandt exposto no outro salão. De repente, ficou consciente de que se deitara com ele em uma ocasião. E lhe pareceu impossível de acreditar, da mesma maneira que não podia acreditar o que acabava de dizer.

Porque ninguém esperaria que essas palavras saíssem da boca do duque de Bewcastle. livrou-se de fazer algum comentário porque alguém se aproximou da mesa que ocupavam.

Quando ergueu o olhar viu que se tratava do Anthony Culver, que a olhou com um sorriso de orelha a orelha.

-Bewcastle? -disse-. Senhora Derrick!? Continua na cidade! achei que houvesse retornado a Gloucestershire logo depois das bodas de Wiseman. Ronald e eu estivemos falando de você ontem, recordando sua simpatia e como se converteu na alma da festa em Schofield Park o verão passado. Venha vê-lo; está na sala de música. Além disso, apresentarei a outros amigos. Estarão encantados de conhecê-la.

Respondeu a essas palavras lhe oferecendo a mão e um alegre sorriso. E percebeu que o duque de Bewcastle tinha o monóculo na mão...

-Peço-lhe desculpas, Bewcastle -acrescentou Anthony Culver sem perder o sorriso-. Me permite que a roube? interrompi algo?

-Não sou dono do tempo da senhora Derrick -respondeu o aludido.

-Sua excelência teve a amabilidade de me trazer uma taça de vinho -assinalou ela ao mesmo tempo que ficava em pé-. Mas já a tomei, vê-o? Será um prazer saudar seu irmão e conhecer seus amigos. -antes de afastar-se pelo braço do cavalheiro, virou-se para despedir do duque com um sorriso-. Obrigada, excelência -disse. Em realidade, sentia-se chateada a mais não poder.

O duque de Bewcastle a considerava "extraordinariamente atraente"! Negou-se a ser sua amante. Negou-se a ser sua esposa.

Entretanto, ele a considerava "extraordinariamente atraente". Se desprezou por sentir-se adulada. Por que sentir-se assim depois das coisas que lhe havia dito no ano anterior quando lhe pediu em casamento? Quando a considerava inferior em todos os sentidos. Quando achava que lhe estava fazendo um favor enorme. Possivelmente não voltaria a vê-lo depois dessa noite.

Como ia esquecê-lo... de novo? No ano anterior lhe foi muito difícil fazê-lo. A verdade fora dita e para ser sincera consigo mesma -porque no que referente ao duque de Bewcastle nunca tinha sido sincera consigo mesma-, não o tinha conseguido.

Não possuía nenhuma qualidade que gostasse ou que admirasse sequer... salvo sua atitude. Embora reconhecesse que não era só seu físico que lhe tinha roubado a tranquilidade mental durante os seis meses passados. Estava terrivelmente apaixonada por ele. E a palavra "terrivelmente" era crucial. Embora seria muito mais acertado dizer "ignominiosamente".

Capítulo 13

Wulfric acabava de retornar de Pickford House onde se alojava Morgan, a caçula dos Bedwyn, com seu marido, o conde de Rosthorn. Tinham chegado a Londres com seus dois filhos e

esperavam que esse ano o ar da capital não afetasse tanto ao primogênito e que o menor nem se inteirasse da mudança.

Jacques, a quem foram procurar no ala infantil para que saudasse seu tio, olhou-o muito sério e guardou as distâncias até que Morgan lhe pôs nos braços um sonolento Jules. Nesse momento Jacques se aproximou para examinar as bordas de suas botas de montar e sua confiança aumentou até o ponto de atrever-se a lhe dar uns tapinhas no joelho.

- Tomara pudesse ver-se agora mesmo, Wulf -disse Morgan entre gargalhadas.

O temor de que lhe caísse o bebê e o de assustar ao Jacques se fizesse algo o mantiveram imóvel na poltrona. Era muito consciente de que se tratava de seus sobrinhos, dos filhos de sua querida Morgan a quem a maternidade tinha outorgado um halo de maturidade que aumentava a beleza juvenil e graciosa que possuía. Nem sequer tinha completado os vinte e um!

-Tomara pudesse vê-lo a alta sociedade agora mesmo - acrescentou Gervase com um tom zombador-. Mas temo que não acreditariam nem ainda vendo-o com seus próprios olhos.

Tinha ido convidá-los para passar as férias de Páscoa em Lindsey Hall. Freyja e Joshua, que também acabavam de chegar à cidade, já tinham aceito o convite. Também havia convidado por escrito ao Aidan, ao Rannulf e Alleyne. A última vez que coincidiram todos em um mesmo lugar foi para as bodas do Alleyne e Rachel, celebrada dois anos e meio antes. Já era hora de que voltassem a reunir-se todos. Embora os tivesse visto depois, recentemente tinha descoberto que desejava ver-se rodeado por sua família em Lindsey Hall. A família tinha aumentado muitíssimo com os meninos, mas a propriedade era bastante grande para albergá-los a todos.

Depois que Morgan e Gervase aceitaram o convite, partiu a cavalo da residência de sua irmã, satisfeito por contar ao menos com parte de sua família durante as férias. Também ia convidar a seus tios, os marqueses do Rochester, mas não o faria nesse mesmo dia. Porque essa tarde tinha outro destino em mente.

Nesse momento cavalgava pelo Hyde Park, à altura da Serpentina. O parque estava muito concorrido, com um

surpreendente número de passeantes e cavaleiros, sobre tudo tendo em conta que estavam a princípios do ano. Ainda assim, fazia um magnífico dia primaveril. O sol brilhava e o ambiente era quente.

Dirigia-se à residência dos Renable, embora é obvio não tinha garantia alguma de que as damas estivessem em casa. Não tinha anunciado sua visita. Conforme havia dito lady Renable na festa de lady Gosselin, tinham pensado ficar uma semana mais em Londres. Tinha passado cinco dias da dita semana, e ele tinha tomado uma decisão.

Parte dessa decisão se devia a lady Falconbridge, que foi precisamente a causa de que fosse à festa. Tinha aceito o convite em um deliberado esforço de tirar da cabeça a certa professora rural inaceitável, a qual se achava de volta no campo, e por consumir por fim a relação com uma dama de mundo que só esperaria obter prazer carnal de seu acordo.

Estava ha muito tempo celibatário. mais de um ano se não tinha em conta uma memorável exceção.

Entretanto, logo que viu lady Falconbridge, logo que a dama lhe fez gestos para que se reunisse com ela no salão de lady Gosselin e o enviou em busca de uma taça de vinho antes de entrar em conversa, soube que lhe era impossível escolher uma amante com a cabeça. A dama possuía tudo o que podia desejar em uma amante, salvo um detalhe. Não era -maldita fosse!- Christine Derrick.

E então, justo quando chegou a essa conclusão bastante irritado pela falta de lógica de sua própria vontade, escutou a voz de lady Renable ao mesmo tempo que sentia os golpezinhos de seus binóculos no braço; e ao voltar-se encontrou com a mulher que tinha levado de novo o caos a sua vida desde as infernais bodas.

Estava muito aborrecido com ela, embora depois a seguisse e a resgatasse das garras de Kitredge, e embora depois lhe falasse com desacostumada franqueza.

E nesse momento, três dias depois, partia com deliberação para vê-la... Desde que se encontrasse em casa, é obvio. Se tivesse saído... Enfim, teria que voltar outro dia a menos que recuperasse o bom senso enquanto isso.

Viu alguns meninos brincando com seus barquinhos a vela na Serpentina sob o atento olhar de sua babá. Saudou brevemente a uns quantos conhecidos com quem se cruzou e levou o chicote à aba do chapéu em deferência às damas. Percebeu de que a senhora Beavis -um tratamento de cortesia, já que a dama era uma das cortesãs mais famosas de Londres e não se sabia de nenhum senhor Beavis, passado ou atual- passeava acompanhada por sua criada perto da água, tão emperiquitada e colorida como uma ave do paraíso. Para completar a imagem, estava inclusive mostrando a plumagem em todo seu esplendor ante a chegada de lorde Powell, quem se murmurava que a perseguia com ardor.

Observou com descuido que a dama tirava uma luva, depois do que estendeu o braço sobre a água, sorriu coquetamente ao barão e deixou cair o objeto em flagrante convite. A luva caiu a um quarto da borda.

Lorde Powell seguiu avançando primorosamente em resposta ao cortejo e teria resgatado a luva com o cabo de prata de sua bengala se outra pessoa não se misturasse para lhes arruinar o momento tanto a ele como ao objeto de sua paixão.

Esse alguém chegou quase correndo atrás da senhora Beavis, a quem gritou que lhe tinha caído algo à água enquanto se agachava para recuperá-lo. Fazia dias que não chovia. Era quase impossível que a erva da borda estivesse molhada, a não ser que a quase inapreciável brisa tivesse feito salpicar alguma. Fosse como fosse, o pé direito dessa pessoa escorregou justo na borda e, embora fizesse um torpe esforço por jogar o peso sobre o esquerdo para recuperar o equilíbrio, falhou, começou a agitar os braços enquanto gritava com tal força que atraiu a atenção de todos e cada um dos mortais que ainda não a estavam olhando, e caiu de flanco à água com um forte chapinhar.

Wulfric deteve o cavalo e observou com triste resignação a lady Renable e lady Mowbury, que exclamavam horrorizadas, e ao Powell, que indubitavelmente fervia de fúria, mas ao que não ficou mais remédio que exercer o papel de cavalheiro galante e tirar a senhora Derrick da Serpentina.

A senhora Beavis seguiu caminhando, alheia tanto à desastrosa cena que seguia seu curso a suas costas como ao fato de que só levava uma luva.

Enquanto isso, a senhora Derrick tiritava de pé na borda com as plumas rosas e lavandas de seu novo chapéu murchas, e com o vestido e a jaqueta, ambos rosas embora de distintos tons, aderidos a seu corpo qual túnica grega. Jorrava água por todos lugares enquanto Powell se tirava um lenço do bolso e começava a secá-la... em vão.

Lady Renable e lady Mowbury gesticulavam ao redor.

Grande -a audiência contemplava boquiaberta o espetáculo entre exclamações.

-A-alguém deveria dê-devolver esta lu-luva a aquela da-dama -disse a senhora Derrick ao mesmo tempo que erguia o objeto em questão.

Por um instante sentiu a tentação de seguir adiante. Entretanto, suspirou, desceu do cavalo, ao qual deixou pastar à vontade, e se aproximou do cenário do desastre com passos firmes enquanto tirava o longo abrigo marrom.

-Lorde Powell estará encantado de fazê-lo assegurou, lhe tirando a luva da mão e sustentando-o entre o índice e o polegar frente ao nariz do barão, que parecia encantadíssimo de que o liberassem da tarefa de ver-se com uma dama meio afogada e com seus dois inúteis acompanhantes enquanto sua apaixonada ameaçava afastar-se de seu futuro.

- Puxa, Bewcastle! -exclamou-. Puxa! -E escapou.

- Me permita, senhora -disse sem mais, ao mesmo tempo que lhe colocava o casaco sobre os ombros e o fechava à frente. Olhou-a nos olhos com seriedade. Não conhecia nenhuma outra mulher, incluindo a Freyja, tão propensa a ficar em ridículo em público. Não conseguia imaginar por que o destino o tinha levado a estar presente dessa vez em concreto.

E jamais compreenderia, embora vivesse cem anos, por que tinha escolhido precisamente a essa mulher -embora a decisão não tivesse sido consciente muito menos- para apaixonar-se.

-Que em-embaraço mais horroroso! -exclamou ela, que se embrulhou no casaco enquanto o olhava por baixo da aba do finado chapéu, cujas plumas caíam murchas sobre seus ombros-. P-parece inevitável que es-estivesse nas proximidades para presenciar minha humilhação.

-Senhora -replicou com brusquidão - Tenho a impressão de que deveria estar agradecida. O lenço de lorde Powell não teria bastado para cobri-la. - virou-se para lady Renable, pois a dama ainda parecia incapaz de fazer-se encarregada da situação-. Levarei a senhora Derrick para casa em meu cavalo sem demora -lhe disse.

Não esperou que lhe agradecesse nem tampouco pediu opinião à dama em apuros.

Voltou para lugar onde seu cavalo pastava tranqüilamente, alheio por completo à cena que tinha hipnotizado a todos os humanos que pululavam pelas cercanias, subiu à sela e retornou à margem. Depois de estender um braço, disse:

- Me dê a mão e coloque um pé sobre minha bota.

Como era de esperar, não foi fácil. A senhora Derrick necessitava das duas mãos para segurar o casaco, já que não tinha tido a precaução de colocar os braços pelas mangas, e a barra se arrastava um quarto pelo chão. Entretanto, com um pouco de ajuda por parte de lady Renable, que segurou o casaco, com uns quantos empurrões - muito vulgares- por parte de lady Mowbury, e com alguns puxões por sua parte, finalmente conseguiu sentar-se de lado diante dele na sela, resguardada tanto do frio como de uma exposição indecente graças ao casaco.

-Senhora -disse quando duas das empapadas plumas ameaçaram lhe molhar a gola da camisa com a água da Serpentina-, sugeriria-lhe que se tirasse o chapéu.

-Sim, certamente! -exclamou ela ao mesmo tempo que tirava um braço do interior do casaco para desfazer o laço. Uma vez que o tirou, contemplou-o um momento enquanto ele contemplava por sua vez esses cachos molhados e esmagados-. Ai, Deus! Suponho que está arruinado.

-Não suponha, está. -Tirou-o da mão e deu uma olhada ao redor até que viu uma criada de expressão esperançada, a qual

ofereceu a prenda ofensiva. - Moça, pegue isto por mim.

Deu-lhe um guineu junto com o chapéu, embora a julgar pela expressão de seu rosto, supôs que o chapéu em si era o melhor prêmio para ela. A moça se desfez em reverências e em agradecimentos... ou o que ele supunha que eram agradecimentos, já que falava com um acento londrino tão atroz que era impossível entendê-la.

A senhora Derrick escolheu esse momento para estalar em gargalhadas. Ao princípio, o movimento dos ombros poderia ter passado por um ataque de tosse provocado pelo mergulho de cabeça, mas depois a risada escapou de sua garganta e percebeu o brilho risonho de seus olhos.

Antes de poder indicar ao cavalo que ficasse em marcha, a prática totalidade dos espectadores pôs-se a rir com ela, que voltou a tirar a mão para saudá-los. E, maldita fosse!, apesar de estar oculta pelo casaco e de ter o cabelo empapado, sua imagem lhe resultou repentinamente deslumbrante.

Finalmente puseram-se em marcha. E se encontrou em águas desconhecidas... sem segundas, é obvio. Ao contrário da senhora Derrick, não estava acostumado a encontrar-se em meio de uma cena ridícula e ignominiosa, que sem dúvida seria a fofoca de todos os salões durante alguns dias. Em parte porque a senhora Beavis tinha estado envolvida. Mas, sobre tudo, porque também o tinha estado ele.

Entretanto, como ia deixá-la ali tiritando na borda quando ninguém parecia capaz de lhe prestar ajuda prática? Se a houvesse deixado, não se teria rido tanto. Embora suspeitava que podia estar equivocado a respeito.

- Pode-se acreditar que Oscar me acusava de ser um lastro muito pesado? -perguntou-lhe.

- Certamente que acredito -respondeu com crueldade.

Embora o estranho do caso -o mais estranho!- era que a irritação começava a dar lugar a algo muito diferente. De repente, descobriu que ardia de desejo de tornar a rir tal qual o tinham feito ela e a multidão. De jogar a cabeça para trás e estalar em gargalhadas, para ser mais exato.

Nem sequer o incidente do disco do verão anterior podia competir com esse último. Na vida nunca tinha presenciado nada tão hilariante.

Não riu. Em primeiro lugar, porque de caminho à residência dos Renable estiveram à vista de um bom número de transeuntes e já chamavam bastante a atenção para dar mais alimento aos falatórios dando de presente à audiência a desconhecida imagem de um risonho duque de Bewcastle. E em segundo lugar, porque a senhora Derrick devia estar gelada e muito desconfortável apesar das risadas, e a cortesia insistia em não dar a impressão de estar zombando dela.

-Suponho que não caí na água com muita elegância, não é? - perguntou ela.

O braço com o que lhe rodeava a cintura começava a molhar-se. Seu casaco acabaria arruinado.

-Não estou seguro de que exista uma forma elegante de "cair" na água -respondeu sem disfarces-, já que é impossível, por mais que se empregue a imaginação, pontuar o de "mergulho".

Escutou-a suspirar.

-E suponho que chamei muitíssimo a atenção.

-Chamou -disse sem mais.

-Ao menos resgatei a luva dessa pobre senhora -se congratulou-. Nem sequer se deu conta de que lhe tinha caído.

Por ter estado casada muitos anos antes de enviuvar e tendo em conta que rondava os trinta, se ainda não tinha entrado nela, adoecia de uma perigosa inocência. Poderia havê-la deixado com suas falsas ilusões, mas voltava a estar irritado com ela. Como se tinha arrumado para cair na água? A luva estava apenas a um quarto da borda.

-Deixou-o cair de forma deliberada -lhe explicou-. Lorde Powell ia recolhê-la... sem dar um mergulho de cabeça.

Suas palavras fizeram que girasse a cabeça de repente para olhá-lo com os olhos arregalados.

-Porquê?

-A dama não é... respeitável - respondeu -. E Powell está fazendo todo o possível para conseguir seus favores. Ao que

parece, a senhora Beavis está se fazendo de rogada.

Esses olhos azuis continuaram cravados nele enquanto saíam do parque e entravam na rua. Era desconcertante sentir esse franco olhar de tão curta distância. Além disso, tinha esquecido o azul tão puro de seus olhos... e sua habilidade para rir com o olhar como estava fazendo nesse instante.

-Nesse caso, perturbei seu momento de cavalheirismo e glória - disse-. Pobre homem!

Teria posto-se a rir de boa vontade nesse mesmo momento se não tivesse tido que concentrar-se no manejo das rédeas para evitar um varredor que cruzou a rua correndo a fim de recolher a moeda que acabava de lhe jogar um transeunte.

Quando se desviou do obstáculo, percebeu que a senhora Derrick seguia olhando-o com a mesma expressão risonha.

-E o envolvi em uma situação constrangedora - acrescentou-. Entende agora a sorte que teve quando declinei sua apressada oferta de matrimônio o verão passado?

-Certamente - reconheceu com brutalidade.

Viu-a girar a cabeça para olhar por fim à frente.

-Enfim, me alegro por você -comentou depois de uma breve pausa-. Mas embora me sinta horivelmente envergonhada de que tenha presenciado o ocorrido, também lhe agradeço muito que estivesse ali. Como estou empapada, teria sido um passeio muito frio e longo até chegar a casa.

E teria sido o alvo de um sem-fim de olhares lascivos. Coisa que compreenderia se lhe ocorria olhar-se em um espelho antes de tirar a roupa. O vestido lhe grudava no corpo como se fosse uma segunda pele. Inclusive era rosa, pelo amor de Deus! estavam-se aproximando da residência dos Renable.

-Agradeço-lhe muitíssimo a ajuda que me prestou - escutou-a dizer-. Tenha por certo que não voltarei a envergonhá-lo nunca. Depois de amanhã voltamos para Gloucestershire, assim isto é uma despedida.

Desmontou sem deixar de sustentá-la e uma vez no chão a desceu nos braços. Um vulto suave e empapado sob seu úmido

casaco, o qual se teria tirado imediatamente para devolver-lhe e subir à carreira os degraus se não o tivesse impedido.

-Entrarei com você -lhe disse-. Fique com o casaco até que chegue a seu quarto e ordene a uma criada que me devolva ele.

-É muito amável-replicou.

-Sou muito prático, senhora -a corrigiu com ênfase ao mesmo tempo que a precedia pelos degraus para bater na porta com a aldabra de bronze.

-Sim -reconheceu ela-. Sim, entendo-o.

E aparentemente o entendia... já que quando se virou para olhá-la, tinha as faces acesas.

-Adeus -lhe disse quando estiveram no vestíbulo, sob o olhar pétreo do mordomo e de um lacaio-. Se alegrará muito livrar-se por fim de mim.

Entretanto, pela primeira vez desde que a conhecera, percebeu que não o olhava nos olhos, mas sim cravava o olhar em seu queixo. Um olhar que além disso carecia de sua faísca habitual.

-Alegrarei-me? -despediu-se com uma reverência enquanto ela subia a escada com dificuldade, aferrando o casaco com uma mão e levantando-o do chão com a outra.

Alegriaria-se? Por mais embaraçosa que tivesse sido a cena, devia considerá-la como um golpe de sorte?

Em realidade era um desastre de mulher. Era lógico que seu marido a considerasse um lastro. Era lógico que os Elrick se mostrassem hostis com ela e que inclusive o tivessem posto sobre aviso aquela tarde. Tinha um senso de humor inapropriado... Tinha saudado a multidão em lugar de baixar a cabeça em atitude contrita! Era um ímã para os desastres. Era a filha de um professor de escola!

Sim, em realidade era uma sorte que partisse de Londres dois dias depois, porque possivelmente não voltaria a vê-la na vida. Era uma sorte que não estivesse em casa quando foi de visita e que a tivesse encontrado no momento preciso.

Deveria ter utilizado a mesma palavra que tinha utilizado ela. Deveria lhe haver dito "adeus".

Sim, alegraria-lhe muitíssimo livrar-se dela de uma vez por todas. Tomara pudesse tirá-la tão facilmente da cabeça e do... coração?

Ao cabo de uns minutos uma criada lhe devolveu seu empapado casaco. Saiu da casa, montou seu cavalo e se afastou... da vida da senhora Derrick. Alegrava-se de ter se libertado de cometer um tremendo desastre.

Christine se sentia um pouquinho deprimida. Bom, mais que um pouquinho, a verdade fosse dita.

Hermione e Basil tinham ido visitá-la pela manhã. Haviam-lhe dito que queriam assegurar-se de que não tinha pegado uma pneumonia por culpa do mergulho de cabeça do dia anterior... do qual se inteiraram, como era de esperar. Teriam tido que ser surdos para não havê-lo escutado. Não obstante, estava segura de que seu verdadeiro propósito era o de assegurar-se de que partia realmente no dia seguinte. E era certo.

Melanie se lamentou longo e estendido por não poder ficar mais tempo, mas depois recordou que o aniversário de Phillip -seu primogênito e único varão- se celebraria ao cabo de uma semana e mal teria tempo suficiente para organizar sua festa.

Partiam. Jamais tinha estado mais contente. Nem mais deprimida.

O conde de Kitredge chegou pouco depois de que se fossem seus cunhados, também para assegurar-se de que o desafortunado acidente do Hyde Park não tivesse tido graves conseqüências.

Entretanto, logo que chegou pediu a lady Renable que o deixasse a sós uns instantes com ela com uma grande demonstração de pompa, gestos dissimulados e piscadas; e Melanie, muito astuta, saiu da sala com um alegre sorriso.

Recusou sua proposta de matrimônio, embora o perguntou em quatro ocasiões distintas de quatro formas diferentes ao longo de um quarto de hora e inclusive assim o conde se negou a acreditar que estivesse falando a sério. Prometeu viajar a Gloucestershire uma vez que se encerrassem as sessões do Parlamento no verão, para assim renovar sua relação com a senhora e a senhorita

Thompson e para comprovar se sua disposição se tornara mais favorável.

Foi muito exasperante, embora Melanie explodiu em gargalhadas quando o contou depois que o conde partisse, e ela mesma acabou rindo-se -Christine, é muito atraente para seu bem - disse Melanie, que estava enxugando as lágrimas com um lenço bordado. - Tomara Kitredge fosse trinta anos mais jovem e mais bonito... e mais inteligente e muito mais sensato. Mas carece desses requisitos, não é? E suponho que nunca os teve. Acredito que Bewcastle e você protagonizaram uma imagem muito romântica ontem quando partiram do parque a cavalo, embora estivesse embrulhada em seu casaco e a água gotejasse pelas orelhas, e embora ele levasse cara de muito poucos amigos. Suponho que não lhe fez muita graça ver-se obrigado a te resgatar ao galope.

-Pois não -reconheceu com um suspiro-. Não lhe fez nenhuma.

Nesse momento prorromperam de novo em gargalhadas, embora ela tinha o ânimo pelo chão, grudado às solas dos sapatos.

Graças a Deus que no dia seguinte partiam para casa. Não obstante, a idéia incrementou seu abatimento.

Nessa mesma tarde, enquanto estava em seu quarto fazendo a bagagem embora Melanie tenha tentado que aceitasse a ajuda de uma criada, um criado bateu a sua porta e lhe informou que sua senhoria requeria sua presença no salão do piso inferior. Quando desceu para ver o que queria, descobriu Melanie sentada junto à lareira com um sorriso muito ufano e o duque de Bewcastle, que se estava levantando da poltrona que ocupava até esse momento em frente a seu amiga.

Nesse instante percebeu que seus ânimos, que continuavam pelo chão, experimentavam um incômodo sobressalto.

-Senhora Derrick -a saudou o duque ao mesmo tempo que fazia uma reverência.

-Excelência -correspondeu ela da mesma maneira.

Melanie não disse nada, mas continuou Sorrindo.

-Senhora - prosseguiu Bewcastle convertendo-a no alvo desses olhos prateados -, espero que a aventura de ontem não lhe tenha trazido conseqüências nefastas.

-Obrigada por utilizar um eufemismo tão amável -replicou-. Lhe asseguro que o único que se ressentiu foi meu orgulho. -Em realidade, no dia anterior estive a ponto de ter um desmaio quando tirei o casaco e se olhou no espelho de pé que tinha em seu quarto.

Evidentemente o duque de Bewcastle não tinha ido somente por interessar-se por sua saúde.

Embora já se despedissem no dia anterior. Ao menos, no que a ela se referia. Porque ele não o fez. De algum modo lhe entristeceu que nem sequer lhe dissesse adeus quando se estavam separando para sempre.

-Senhora Derrick -disse ele-, perguntava-me se gostaria de dar um passeio pelo parque comigo.

-Um passeio? -Olhou de esguelha à Melanie e percebeu que o sorrisinho continuava ali, como se o tivessem pintado no rosto.

-Um passeio -repetiu o duque-. Trarei-a de volta antes da hora do chá.

Melanie começou a dar batidinhas com os óculos no braço da poltrona.

-É muito amável de sua parte, Bewcastle -disse-. Christine não tomou ar hoje. tivemos visitas durante toda a manhã.

Entretanto, os olhos de sua excelência não se afastaram dela nem um momento. Olhava-a com as sobrancelhas arqueadas. Se dissesse que não, Melanie zombaria dela sem piedade. Se dizia que sim, zombaria igualmente quando retornasse. Para falar a verdade, não esperava voltar a vê-lo. Não desejava vê-lo.

-Obrigada -se escutou dizer-. Vou pegar o chapéu e o casaco.

Cinco minutos mais tarde caminhavam pela rua em direção ao parque, com os braços dados.

Tinha esquecido como era alto, como era imponente sua presença. Tinha esquecido a aura tão poderosa que projetava. Mas não tinha esquecido que tinha compartilhado momentos de grande intimidade com esse homem. E de repente se descobriu sem fôlego. Não tinha nada que lhe dizer que não lhe houvesse dito no dia anterior, e era impossível que ele tivesse que lhe dizer algo. Por que complicações a tinha convidado a dar um passeio?

Ao menos enquanto caminhavam pela rua podia distrair-se observando às pessoas em seus afazeres diários. Entretanto, logo esteve com o duque de Bewcastle em um deserto e silencioso Hyde Park... ou ao menos a zona pela que eles caminhavam parecia deserta, detalhe atribuível ao rude e gélido vento que soprava.

Virou a cabeça e observou seu perfil.

-Bem, excelência... -disse.

-Bem, senhora Derrick...

Ao menos, pensou em um absurdo arranque de vaidade, levava seu vestido novo de cor azul com o casaco combinando e o chapéu cinza que tinha estreado para as bodas. Sentia especial predileção pelo chapéu. A parte interior da aba estava forrada com seda azul vincada que, assim como às fitas com as quais se atava, fazia jogo com o resto de sua vestimenta. Ao menos, repetiu-se por enésima vez, não ia feita um despropósito como no verão. Nem feita uma sopa, com a roupa colada ao corpo, como no dia anterior.

Caminharam absolutamente silenciosos durante o que lhe pareceu um quilômetro. Era ridículo e enervante. Sobre tudo porque poderia estar em casa fazendo a bagagem. E ele poderia estar onde quer que estivesse acostumado a estar em uma tarde de princípios de março. Ambos poderiam estar em um lugar muito mais agradável.

-Em certas ocasiões -disse-, enceta-se em um jogo de olhares e se desafia para ver quem a afasta antes. Nós temos feito isso alguma ou outra vez, embora suponha que para você não é um jogo. Simplesmente espera que os insignificantes mortais baixem o olhar quando nos topamos com o seu. Este é um desses jogos, excelência? Quer ver quem é capaz de prolongar mais o silêncio? Ver quem acaba falando primeiro?

-Nesse caso, senhora Derrick -respondeu ele-, acredito que estará de acordo comigo em que acabo de ganhar.

-Certamente -reconheceu entre gargalhadas-. por que complicações me convidou a dar um passeio? depois do que aconteceu ontem -e depois do verão passado- me achava a última pessoa sobre a face da terra com a que gostaria de passar um momento.

-Pois estava enganada, senhora - assegurou.

Caminharam em silêncio uns cem metros.

-Este ao menos é um jogo que jamais ganharei -disse finalmente-. Confesso que sinto muita curiosidade. por que me convidou? Obviamente, não foi para conversar.

Dois cavalheiros cavalgavam pelo caminho em direção contrária à sua, mas insistiram para que suas montarias abandonassem o atalho para deixá-los passar. Trocaram as saudações de rigor com o duque e levaram os chicotes à aba de seus chapéus em sua honra.

-Meus irmãos e suas respectivas famílias passarão comigo as férias de Páscoa no Lindsey Hall - escutou-o dizer de repente.

Olhou-o com dissimulação.

-Com certeza lhe será muito agradável -replicou, perguntando-se se seria assim. Não conseguia imaginá-lo rodeado de irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas. Como seriam? Não recordava ter conhecido a nenhum. pareceriam-se com ele? Nesse momento a idéia lhe foi engraçada.

-Estive pensando em convidar seus cunhados e seus primos por afinidade.

Nessa ocasião não o olhou com dissimulação, a não ser abertamente e com expressão aniquilada.

Sabia que era amigo do Héctor, mas não percebeu que houvesse uma relação tão estreita com o resto da família.

-Porém necessito que você me ajude a decidir - prosseguiu.

-Eu? -perguntou sem afastar o olhar desse perfil sério e frio.

-Convidarei-os... -disse-, se você os acompanhar.

-Como!?

Deixou de caminhar e se virou para olhá-lo com os olhos arregalados. Entretanto, outros quatro cavaleiros se aproximavam pelo caminho e o duque insistiu em tomá-la pelo braço para continuar caminhando e deixá-los para trás depois de uma nova troca de saudações. Uma vez que os perderam de vista, soltou-lhe o braço e voltaram a deter-se.

-Não posso convidar a você somente - declarou. - Seria muito inapropriado, embora toda minha família esteja em Lindsey Hall.

Não posso convidá-la com sua mãe, suas irmãs e seu cunhado; não estamos comprometidos. Assim devo convidá-la como um membro mais, embora afastado, de uma família com a que desejo passar as férias.

A ira começava a afligir seu estômago.

-Tem intenção de me seduzir? É isso? -perguntou-lhe. Não acrescentou "outra vez". O que aconteceu entre eles aquela noite de verão não teve nada que ver com a sedução.

-Em minha casa? -perguntou ele por sua vez com voz tensa. - Com minha família e a família de seu defunto marido sob o mesmo teto? você acredita me conhecer muito bem, senhora Derrick, mas se for capaz de me fazer semelhante pergunta, está claro que não me conhece absolutamente.

-E suponho que, por essas mesmas razões -acrescentou-, uma vez ali não voltará a me pedir que seja sua amante.

-Não o farei - respondeu -. Jamais devia fazê-lo. Não desejo convertê-la em minha amante.

-Então, o que? -quis saber-. por que? É impossível que ainda queira casar-se comigo.

-Senhora Derrick -lhe disse-, pergunto-me se você acredita estar a par dos pensamentos, das intenções e dos desejos de todos seus conhecidos. É um traço muito irritante.

Doída pelo comentário, apertou os lábios, virou-se continuou caminhando devagar. O vento lhe açoitava o rosto, mas ergueu o queixo e recebeu com prazer seu frio assalto.

-Eu gostaria que me assegurasse que se convidar sua família por afinidade a Lindsey Hall -escutou-o dizer quando esteve a seu lado de novo-, você também aceitará seu convite.

-Mas por que? -voltou a lhe perguntar-. Quer que veja com meus próprios olhos o que perdi ao recusá-lo?

-Não sou dado a me deixar levar pelo rancor - assegurou. - Além disso, estou certo de que se esse fosse o motivo que me impulsiona, você limitaria-se a dar uma olhada a minha casa e a rir em minha própria cara.

-Agora é você quem cria me conhecer -replicou.

-Quando declinou minha proposta de matrimônio -seguiu-, deu-me uma longa lista de todas as carências que me incapacitam para ocupar o papel de seu marido.

-Seriamente? - Mal recordava o que lhe disse aquele dia. O que sim tinha gravado na mente era o terrível desejo de ir atrás dele quando partiu pela rua... e as lágrimas que a deixaram esgotada pela dor.

-Está gravada a fogo em minha memória - respondeu -. Conforme me disse, qualquer homem que deseje casar-se com você deve ter uma personalidade carinhosa, humana e possuir senso de humor. Deve amar às pessoas, sobre tudo as crianças, e gostar das diversões e situações absurdas. Deve ser um homem que não esteja obcecado consigo mesmo nem com sua própria importância. Deve ser alguém que não seja um bloco de gelo. Deve ter coração. Deve ser capaz de converter-se em seu companheiro, seu amigo e seu amante. Perguntou-me se eu poderia cumprir todos esses requisitos... ou algum deles. E insinuou, evidentemente, que não poderia cumprir nenhum.

Não recordava ter dito nada disso. Mas devo ter feito. Porque eram as palavras exatas que teria desejado dizer. Entretanto, ele as recordava. Ao pé da letra. Umedeceu-se os lábios.

-Não queria ser cruel - assegurou-. Embora suponha que quis ser, porque me incomodou muitíssimo a forma em que escolheu declarar-se. Agora mesmo não desejo ser cruel. Casei-me uma vez porque me dava de cara com o amor, e era tão jovem e tola que achei que a euforia daqueles primeiros momentos tão românticos me levaria em rapidamente durante o resto de minha vida. Não tenho intenção de voltar a me casar. Mas, em caso de que mude de opinião, farei-o com um homem que possua todas essas qualidades que acaba de me repetir. É impossível, não se dá conta? Nenhum homem pode possuir todas nem pode encarnar por completo meu sonho. De modo que por isso escolhi permanecer solteira e livre. Sinto muito se o ofendi. Não parece você a classe de homem que se ofende com facilidade, sobre tudo se tratando de alguém tão insignificante como eu. Mas se o ofendi, peço-lhe desculpas.

-Quero lhe demonstrar que possuo ao menos alguns dos atributos que sonha encontrar em um homem -declarou.

-Como!?

Deteve-se de novo e se virou para olhá-lo. Nessa ocasião não havia ninguém à vista. percebeu de repente de que se desviaram do atalho principal pelo que transitavam cavaleiros e carruagens e que tinham ido parar a um mais isolado, pensado especialmente para os caminantes.

-Ao contrário do que você afirma -disse-, não acredito carecer de humanidade.

-Eu não disse que...

-"Uma personalidade carinhosa e humana" foram suas palavras exatas -replicou.

Olhou-o fixamente e de repente recordou algo que se obrigou a esquecer. Recordou a expressão que apareceu em seus olhos antes de que abandonasse o jardim de Hyacinth Cottage e algumas das palavras que lhe disse naquela ocasião. "naquela ocasião. "Alguém que tenha um coração. Não, talvez tenha razão, senhora Derrick. Talvez não tenha coração. E se não o tenho, isso quer dizer que me falta tudo aquilo com o que você sonha, não é verdade?" Recordou que a invadiu uma dor tão grande que acreditou que lhe tinha partido o coração.

-Equivoquei-me ao insinuar algo assim -admitiu-. Lhe peço perdão. Mas em realidade você está muito longe de cumprir meu sonho. E não o digo com desejo de ofender. Você é como é, e estou segura de que em seu próprio mundo essa personalidade lhe é de utilidade. Porque inspira respeito, obediência e inclusive temor. E suponho que são uns atributos necessários para qualquer aristocrata em sua posição. Entretanto, não são os que eu procuro em um companheiro de para toda a vida.

- Além de ser um duque, também sou um homem, senhora Derrick -assinalou.

Desejou com toda sua alma que não houvesse dito algo assim. Porque teve a impressão de que um punho gigantesco acabava de lhe golpear o abdômen, deixando-a sem fôlego e sem força nas pernas.

-Sei -sussurrou. Pigarreou-. Sei.

-Um homem que não lhe foi indiferente no passado - acrescentou ele.

-Sei.

Viu-o erguer uma das mãos, protegidas pelas luvas, e por um instante lhe acariciou uma face com os dedos. O gesto fez com que fechasse os olhos e franzisse o cenho. Se seguissem por esse caminho, acabaria chorando muito ou jogando-se em seus braços e lhe suplicando que voltasse a lhe pedir em casamento para ter o prazer de viver infeliz a seu lado pelos séculos dos séculos.

- Me dê uma oportunidade -lhe disse-. Venha a Lindsey Hall.

- Seria absurdo -afirmou, abrindo os olhos-. Nada vai mudar. Nem você, nem os sentimentos que me inspira. Eu tampouco vou mudar!

- Me dê uma oportunidade -repetiu.

Nunca o tinha escutado rir. Nem sequer o tinha visto sorrir. Como ia casar-se com um homem que estava eternamente com semblante sério? Orgulhoso, arrogante e frio. Porque esse era seu aspecto apesar de estar lhe suplicando que lhe desse uma oportunidade para rebater suas acusações.

-A seu lado acabaria consumida -afirmou ao mesmo tempo que piscava com força quando sentiu que lhe enchiam os olhos de lágrimas-. Acabaria por me roubar toda a energia, toda a alegria. Apagaria o fogo de minha vitalidade.

- Me dê a oportunidade de avivar as chamas desse fogo -rogou- e de dar asas a sua alegria.

Separou-se dele com brusquidão e lhe deu as costas enquanto cobria a boca com uma mão.

-Me leve para casa -disse-. me leve com Melanie. Não deveria ter aceitado passear com você. Não deveria ter vindo a Londres. Não deveria ter participado da festa campestre.

-Isso é precisamente o que me repito todos os dias -replicou o duque com voz cortante- Entretanto, participei dessa festa da mesma maneira que participou você. E entre nós existe algo indefinível que ainda não resolvemos por muito que quiséssemos fazê-lo em Schofield Park na noite do baile. Venha a Lindsey Hall.

Me prometa que aceitará o convite e que não me deixará a sós com pessoas que só convidarei para que você possa vir a minha casa.

- Quer que vá lhe demonstrar quão incompatível somos - acusou-o, - o mau casal que fazemos, como seríamos infelizes se nos comprometêssemos a passar a vida juntos, é isso? Acaso não o deixou bem claro a cena de ontem?

-Se for necessário, sim - respondeu -. Se pode me convencer de todas essas coisas, senhora, talvez me faça um grande favor. Porque talvez consiga me ajudar a tirá-la de meus pensamentos.

-Não serão Páscoas felizes -lhe assegurou-. Para nenhum dos dois.

-Venha de qualquer forma -insistiu.

Suspirou e pensou na Eleanor. Jamais tinha necessitado tanto de uma vontade férrea como nesse momento.

-Muito bem, de acordo! -exclamou-. Irei.

Algo parecido ao triunfo iluminou brevemente aqueles olhos prateados.

-Me leve de volta a casa de Melanie, se for amável -disse.

Nessa ocasião o duque não fez ouvidos surdos a sua petição. Percorreram o caminho de volta absolutamente em silencio. Não quis entrar em casa de Melanie, nem ela o convidou a que o fizesse. Limitou-se a lhe pegar a mão na calçada, fazer uma reverência e levar sua mão aos lábios antes de olhá-la nos olhos.

-Recorde o que me prometeu -disse.

-Sim -concordou, afastando a mão-. Recordarei.

Capítulo 14

Wulfric já não podia entrar em nenhum aposento de Lindsey Hall e desfrutar da solidão e do silêncio. A mansão estava lotada com os Bedwyn, seus cônjuges, seus filhos e seus familiares. Os Bedwyn nunca tinham sido tranquilos. Entretanto, ao recordar o passado, poderia dizer-se que eram monges e monjas de clausura... tal era o alvoroço provocado tanto pelo considerável crescimento da

família como pelo tempo que tinha transcorrido desde que todos estiveram juntos pela última vez.

Freyja e Joshua, os marqueses de Hallmere, foram os primeiros a chegar de Londres com seu filho Daniel, que tinha dois anos, e sua filha Emily, de três meses. Freyja se tinha recuperado muito bem de seu último parto. Ao que parecia, sua atividade preferida era derrubar-se com seu risonho filho pelo chão... e não necessariamente no ala infantil. Quando Daniel não estava ocupado com tal mister, era fácil encontrá-lo em qualquer lugar da mansão, galopando nos ombros de seu pai, em lugar do ala infantil com sua babá como era o habitual.

Alleyne e Rachel, lorde e lady Alleyne Bedwyn, e Morgan e Gervase, os condes de Rosthorn, chegaram no mesmo dia. O primeiro casal com suas gêmeas, Laura e Beatrice, de um ano e meio, e com o barão Weston, o tio de Rachel, que se tinha recuperado bastante bem dos achaques cardíacos que tinha padecido no verão anterior. Morgan e Gervase foram acompanhados de seus filhos, Jacques, de quase dois anos, e Jules, de dois meses.

Parecia que Rachel voltava a estar grávida, embora sua condição ainda não era evidente.

Rannulf e Judith, lorde e lady Rannulf Bedwyn, apareceram no dia seguinte com seu filho, William, de quase três anos, e com Miranda, de um ano. Não tiveram que passar muitas horas desde sua chegada para que William exigisse fazer o mesmo que seu primo e se visse cavalgando nos ombros de seu pai por toda a mansão. O bom humor com o que Rannulf acessou a sua imperiosa ordem deixou bem clara a firmeza com a qual exercia a autoridade paterna em seu lar... E posto que Jacques não ia ser menos, também o pediu a seu pai, embora com mais educação, lhe puxando uma das bordas de suas botas de montar até que lhe fez caso e logo erguendo os braços.

A partir desse momento foi normal encontrar-se com um grupo de montarias humanas que avançavam dando pancadas pelos corredores e escadas de Lindsey Hall às ordens de seus escandalosos cavaleiros. de vez em quando algum desses

cavaleiros era uma das gêmeas, embora desse trabalho saber qual das duas.

Aidan e Eve, lorde e lady Aidan Bedwyn, chegaram com a senhora Pritchard, a tia de Eve, e seus três filhos, Davy, de dez anos, Becky, de oito, e Hannah, de quase um. Davy e Becky eram em realidade seus filhos adotivos, mas nem Eve nem Aidan tolerariam que se dissesse tal coisa em sua presença. Davy se referia a eles como "tio" e "tia", enquanto que Becky os chamava "papai" e "mamãe". Entretanto, aos olhos do casal, os meninos eram tão deles como a própria Hannah.

Davy se converteu no preferido das crianças, que abandonaram sem olhar a seus pais, assombrados pelo primo mais velho que deslizava pelo corrimão da escadaria quando não havia adultos olhando. E Becky recebeu a adoração de todos por igual, embora fossem as meninas quem formaram redemoinhos a seu redor como os pintinhos com mamãe galinha.

Tudo lhe era um pouco desconcertante, para não dizer irritante. E o bate-papo entre seus irmãos e seus cônjuges se foi avivando e aumentando de volume com cada nova chegada. refugiou-se na biblioteca, seu domínio privado, tal como fazia quando todos viviam ali. Também visitou seu lugar de retiro na propriedade, embora em uma só ocasião. Os últimos membros da família em chegar foram seus tios, os marqueses do Rochester. Sua tia era uma Bedwyn de nascimento e tão formidável como qualquer deles. Levou consigo - posto que parecia altamente improvável que o marquês tivesse tido algo que ver- uma sobrinha de Rochester que tinha estado adoecendo em algum lugar do norte até a idade de vinte e três anos, momento no qual seus familiares londrinos se perceberam o assunto e a tia Rochester decidiu acolhê-la sob sua asa e apresentá-la tanto à rainha como à alta sociedade durante a temporada que estava por começar.

A tia Rochester também se ocupou de lhes fazer saber que tinha toda a intenção de promover uma união entre a senhorita Amy Hutchinson e o mais velho de seus sobrinhos... ele.

-Conseguiremos um marido para a Amy antes de que acabe a temporada social -anunciou sem papas na língua enquanto estavam

sentados à mesa a noite que chegaram-. Ou pode ser que antes de que comece. Não se pode permitir que uma jovem continue solteira aos vinte e três.

-Eu casei aos vinte e cinco, tia -lhe recordou Freyja.

A tia Rochester levantou seus óculos, que tinha junto a seu prato, e os meneou em direção a sua sobrinha.

-Uma espera tão longa pode ser perigosa, Freyja -replicou antes de mover os óculos e assinalar ao Joshua com eles-. Se este moço não tivesse aparecido para domesticá-la e fazer se esquecer sua obstinada natureza graças a seu encanto, teria acabado sendo uma solteirona. É um destino muito desagradável para qualquer moça, embora tenha a um duque por irmão.

Joshua meneou as sobrancelhas em direção a sua esposa e esta lhe lançou um olhar fulminante e altivo como se tivesse sido ele quem acabasse de elogiar seu encanto e de pontuá-la a ela de desmedida e obstinada.

Menos de cinco minutos depois a tia Rochester interrompeu a conversa com outro comentário.

-E já é hora de que você te case, Bewcastle -afirmou-. Trinta e cinco anos é a idade perfeita para um homem, mas também é perigosa. É a idade perfeita para casar-se e é perigoso perder o tempo. Que homem desejaria estar adoentado pela gota antes de ter a um filho e herdeiro na ala infantil?

Cinco pares de olhos Bedwyn, mais os que não eram Bedwyn, cravaram-se nele com maldoso regozijo.

-Aí pegou-o, Wulf -replicou Alleyne-. Já tem trinta e cinco. Não pode perder nem um só momento mais... poderia ser fatal.

-Segue meu conselho, Wulf -acrescentou Rannulf-, os papais com gota são piores montarias, e os filhos não os querem igualmente.

-Muito obrigado, tia - disse ele, consciente de que os comentários sobre sua pessoa e sobre a senhorita Hutchinson eram tão evidentes para todos os pressentes como para si mesmo-. Embora ainda não padeço nenhum sintoma de gota. Quando chegar o momento, se acaso chegar, de escolher a que será minha

duquesa, eu mesmo informarei à família de minha escolha e de minhas intenções.

Os Bedwyn lhe sorriram, assim como Joshua e Gervase. Eve lhe sorriu com ternura. Como Rachel.

Judith preferiu mudar o assunto de conversa, embora para ele fosse meramente irritante.

-Tem alguma atividade especial pensada para as festas, Wulfric? -perguntou-lhe para aliviar o provável desconforto da senhorita Hutchinson, que embora elegante e bonita, era muito tímida e saltava à vista que a companhia a afligia-. Podemos organizar algumas? depois da Páscoa iremos à igreja, é obvio. Mas podemos organizar algumas atividades para depois? Um concerto, talvez?

Alguma interpretação? Uma comida campestre se o tempo o permitir? Um baile talvez?

-Qual das perguntas quer que Wulf responda primeiro, meu amor? -perguntou Rannulf.

-A da interpretação. -Soltou uma gargalhada-. Podemos fazê-lo?

-Se o fizermos -interveio Freyja olhando a sua cunhada de soslaio-, porá-me de mau humor, Judith. Você ganhará em todos e nos fará parecer uns aficionados.

-Pois então, encanto, vamos ter que organizar algo para que Judith possa interpretar um papel enquanto que você e eu cantamos um dueto - atravessou Joshua-. Nada mais longe de nossa intenção pôr você de mau humor.

-Não vejo a necessidade de organizar atividades -interveio Morgan-. Alguma vez necessitamos fazê-lo para nos entreter, não é? Por minha parte, trouxe as pinturas e estou ansiosa por tirar o cavalete. Nunca pude pintar a propriedade como queria... A senhorita Cowper não parava de revoar a meu redor me dando sugestões sobre como devia fazê-lo. Acredito que lhe dava medo que Wulf se zangasse com ela se não me ensinava como era devido e a encadeasse nas masmorras. Estou muito certa de que se foi pensando que havia masmorras nos porões de Lindsey Hall.

-Não as há, Morg? -perguntou Alleyne com fingida surpresa-. Quer dizer que Ralf e eu mentimos quando lhe dissemos que havia uma escada secreta que baixava até elas? minha mãe!

- As crianças adorarão brincar em uma propriedade tão bonita - comentou a senhora Pritchard com seu marcado acento Gales-. E têm muitos primos com os que brincar.

-Mas podemos organizar algo especial, Wulfric? -insistiu Judith.

-Espero mais convidados -anunciou.

O comentário despertou o interesse de todos os pressentes. Embora tinha por costume receber visitas tal como ditavam os bons costumes, jamais tinha sido dado a ter alheios convidados à família pernoitando na mansão.

-Convidei ao Mowbury para que venha de Londres com a viscondessa, sua mãe -explicou-. E seu irmão e suas irmãs também vão vir. Justin Magnus, lady Renable com o barão e seus filhos, e lady Wiseman com sir Lewis. E Elrick, o primo do Mowbury, com sua viscondessa e com a viúva de seu irmão, a senhora Derrick.

-Mowbury? -repetiu Aidan. - Continua sendo tão avoado como sempre, Wulf? E toda sua família? Não sabia que tivesse uma relação tão estreita com eles.

-E vão vir todos? -acrescentou Rannulf-. A que vem isso, Wulf?

Soltou a colherinha da sobremesa para pegar o cabo do monóculo.

-Não era consciente de que tinha que informar a meus irmãos dos convidados que pretendo receber em minha casa -replicou.

-Não seja injusto, Wulf -o repreendeu Freyja com altivez-. Morgan e eu não dissemos nada. A senhora Derrick não é a mulher que tirou da Serpentina e a levou empapada a sua casa em seu cavalo?

-Não! -exclamou Alleyne com uma gargalhada e acrescentou sem perder o sorriso-. Wulf fez algo assim? Caramba! nos conte mais, Free.

Adeus à idéia de que seu nome passasse despercebido entre a lista de convidados, pensou, enquanto que Freyja, ajudada pelo Joshua e Gervase, começava a dar uma versão mais ou menos

exata, mas decididamente delirante, do que tinha acontecido naquele dia em Hyde Park.

-Certamente não lhe fez nem um pingão de graça, Wulf -disse Rannulf assim que todos deixaram de rir-. E agora se sente na obrigação de convidar à dama com o resto de sua família. Má sorte, irmão! Mas não tema, protegeremos você dela.

-Formaremos um muro de irascíveis Bedwyn -lhe prometeu Alleyne com uma gargalhada-. Não conseguirá passar entre nós, Wulf. Poderá recuperar sua dignidade tranquilamente.

Ergueu o monóculo e o deixou a meio caminho do olho.

-Todos meus convidados serão tratados com o devido respeito -ordenou-. Mas em resposta a sua pergunta, Judith, faremos um baile. Meu secretário já enviou os convites e se está encarregando do resto dos preparativos. Estou certo de que surgirão atividades à medida que vão passando os dias.

Deixou cair o monóculo, pegou uma vez mais a colherinha e se concentrou por completo no mingau.

Que bicho o tinha picado?

"me dê uma oportunidade", tinha-lhe suplicado. Uma oportunidade para que? Para lhe demonstrar que era algo que não era? Ele jamais suplicava. Não era preciso.

"Nada vai mudar", tinha-lhe respondido ela. E tinha razão. Como ia ser capaz de mudar sua forma de ser? Queria fazê-lo sequer? Tinha toda a razão do mundo. Não havia nada que pudesse ajudá-los a conseguir esse final feliz dos contos de fadas.

"A seu lado acabaria consumida", havia dito ela. "Acabaria por me roubar toda a energia, toda a alegria. Apagaria o fogo de minha vitalidade. "

Ele não sabia o que era a alegria. E tampouco sabia muito sobre a vitalidade... ao menos, sobre o tipo de vitalidade que a fazia resplandecer dessa forma tão indescritível.

Havia algo nele que pudesse despertar seu interesse? E, dando a volta à moeda, havia algo nela suscetível de convertê-la em uma candidata adequada para ser sua duquesa? Não só sua mulher ou sua esposa, mas sua duquesa.

Soltou a colherinha, assegurou-se de que todo mundo tivesse terminado de comer e olhou a sua tia ao mesmo tempo que arqueava ligeiramente as sobrancelhas. Sua tia entendeu a indireta, levantou-se e saiu com as damas da sala de jantar.

Era um dia frio e muito ventoso apesar de estar quase em abril. Nuvens cinzas nublavam o horizonte e descarregavam de vez em quando uma fina garoa sobre o triste panorama que tinham abaixo. Entretanto e por sorte, retiveram a maior parte de sua carga e o caminho permaneceu transitável durante o longo trajeto.

Christine quase desejava que um prolongado temporal os obrigasse a deter-se em alguma estalagem rural até que passassem as festas. Mas já era muito tarde para isso. Deviam estar muito perto de Lindsey Hall. De fato, estava pensando isso mesmo quando a carruagem diminuiu a marcha e passou entre dois imponentes postes para entrar numa reta avenida flanqueada por olmos.

-Mãe do amor formoso! -exclamou Melanie, que acabava de despertar sobressaltada de uma longa sesta. Tirou as mãos debaixo da manta de viagem que tinha no regaço e endireitou o chapéu. - Já chegamos? Bertie, acorde Não agüento mais seus roncos. Não consigo entender como se pode dormir em uma carruagem. Sacudidelas e pulos me deixaram desconjuntada. A você não, Christine?

-Eu acho que foi uma viagem muito cômoda -respondeu.

Aproximou a cabeça à janela que tinha ao lado e viu uma enorme mansão ao final da avenida.

Não era medieval, nem isabelina, nem georgiana, nem palaciana, mas parecia ter características de todos esses estilos. Era magnífica. Assombrosa. Jamais se tinha enjoado em uma carruagem; entretanto, nesse momento descobriu que tinha o estômago revolto. Menos mal que a viagem estava chegando a seu fim. Embora foi precisamente essa ideia o que piorou seu mal-estar.

A carruagem tomou uma curva e viu que estavam rodeando um enorme jardim circular, cheio de vistosas tulipas e narcisos tardios, em cujo centro se erguia uma grande fonte de pedra que lançava a

água a quase dez metros de altura. Sua visão engrandecia a chegada à mansão.

Também viu que o jardim circular estava colocado de tal modo que assim que rodeassem a fonte estariam bem em frente à enorme porta principal. Suas duas folhas se abriram nesse momento antes de que a carruagem chegasse a seu destino final e perdesse a vista da casa.

Melanie estava tagarelando desde que despertou, mas apenas se tinha entendido duas palavras.

Tomara pudesse retroceder no tempo, a aquele momento no Hyde Park, pensou, e declinar o convite em lugar de aceitá-lo... Que simples parecia! A essas alturas estaria tranqüila em casa, porque seria um dia como qualquer outro, desejando que chegasse a Páscoa para celebrá-la com sua família.

Entretanto, não havia dito que não, e por isso estava ali. Os batimentos do coração troavam em seus ouvidos enquanto um criado vestido com uma linda libré abria a portinhola da carruagem e baixava os degraus. Não havia escapatória.

Detestava estar tão nervosa. Detestava isso com todas suas forças. Dissera ao duque que seria inútil, que não ia mudar nada, que nada podia mudar. Dissera-lhe que os dois estariam condenados a passar uma Páscoa desventurada se insistisse em que fosse a sua casa.

Tinha insistido de qualquer maneira e ela tinha aceitado.

Assim por que estar nervosa? Que motivo tinha para estar? por que teria que esperar desditas e portanto atrair semelhante destino? por que não limitar-se a desfrutar? Podia voltar a sentar-se em um canto para rir da estupidez humana, não? Embora a tática não tivesse funcionado em Schofield Park, não havia motivos para que não funcionasse nessa ocasião.

Só os criados saíram para recebê-los ao exterior da mansão. Um mordomo ao quem se poderia confundir com o próprio duque em caso de não conhecê-lo em pessoa lhes fez uma rígida reverência e os convidou a segui-lo ao interior, onde sua excelência os esperava. Melanie e Bertie o seguiram como era o normal. Ela não.

A carruagem na qual viajavam os filhos de Melanie e sua babá acabava de deter-se atrás do dele, e percebeu imediatamente que as coisas não iam bem em seu interior. Pamela, de seis anos, certamente havia tornado a vomitar, coisa que tinha acontecido com freqüência quase desde que se puseram em caminho, e a paciência da pobre babá estaria a essas alturas esgotada. A reclamação - pronunciada com grito que confirmou suas suspeitas - se escutou em todo o terraço assim que se abriu a porta da carruagem. Phillip, de oito anos, estava rindo-se daquele modo tão desagradável típico nos meninos dispostos a irritar aos adultos e Pauline, de três anos, passava do pranto aos gritos de protesto contra seu irmão. Não era preciso ser um gênio para compreender que Phillip não parava de xingá-la, o esporte preferido dos irmãos mais velhos. E também era evidente que a babá ia ser incapaz de controlar a situação a menos que alguém lhe desse uma mão imediatamente.

Pôs-se a andar em direção à segunda carruagem.

-Phillip, acaba de acontecer a coisa mais engraçada do mundo! -exclamou com um enorme sorriso no rosto ao mesmo tempo que se preparava para mentir como uma velhaca-. Vê esse mordomo tão formal? -Assinalou as costas do mordomo-. Me perguntou pela identidade do elegante cavalheiro que viajava nesta carruagem. Suponho que te confundiu com um adulto. O que lhe parece?

A ideia pareceu encantar Phillip. Saltou ao terraço com os mesmos ares de um dandi curtido e ela aproveitou para aproximar-se da carruagem e pegar Pauline nos braços.

-Já chegamos, querida - disse ao mesmo tempo que sorria à babá, que estava embalando a uma Pamela de rosto cinzento em seu regaço com expressão tensa e agradecida-. E logo vai poder explorar uma ala infantil enorme. Você não gosta da idéia? Estou quase certa de que haverá mais crianças ali, novos amiguinhos.

Melanie, Bertie e o mordomo já tinham desaparecido no interior da mansão, percebeu com uma careta. Entretanto, outra pessoa tinha aparecido no outro extremo do terraço. Uma mulher de meia idade que evidentemente tinha saído para levar os meninos e à babá por outra porta.

Phillip a saudou com uma rígida inclinação de cabeça e passou a lhe informar de que a mais velha de suas irmãs estava doente pela viagem, de que a menor estava cansada e de que sua babá agradeceria sua ajuda.

-É um o perfeito cavalheiro -afirmou a mulher com um sorriso agradável. - E se preocupa muito por suas irmãs.

Parecia que estivesse a ponto de surgir um halo em torno da cabeça do fantasia de diabo.

-Eu a segurarei, senhora -disse a mulher ao mesmo tempo que estendia os braços para segurar Pauline enquanto a babá descia muito devagar da carruagem com Pamela.

Entretanto, Pauline se negou a soltá-la. agarrou-se a seu pescoço com força, fazendo com que lhe inclinasse ligeiramente o chapéu, enterrou-lhe o rosto no pescoço e deixou bem claro que estava reunindo as escassas forças que restavam para protagonizar uma boa manha de criança.

-Está cansada e tudo isto lhe é estranho - disse à mulher. - Eu a levarei a ala infantil agora mesmo.

E se virou depressa em direção à porta da mansão, que quase esperava que já tivessem fechado para que não pudesse passar. Não foi assim. Entrou na mansão e, ao compreender horrorizada que se convertera no centro de atenção, foi muito consciente de seu desalinho.

Mal prestou atenção a seus arredores, mas o pouco que viu lhe bastou para dar-se conta de que o vestíbulo era imenso e magnífico, de estilo medieval. Havia uma enorme lareira bem em frente da porta, e diante dela, uma grande mesa com suas cadeiras, que ocupava virtualmente o aposento de lado a lado. O teto tinha um artesanato de carvalho. As paredes estavam caiadas e adornadas com pendões, brasões e armas. Em uma das laterais se erguia uma persiana de intrincada talha que ocultava uma galeria superior. No outro extremo estava colocada uma escadaria que conduzia aos pisos superiores.

Poderia ter prestado mais atenção a tudo, se não fosse pelo grande grupo de pessoas que aguardavam em fila para recebê-la entre a porta e a mesa. Um grupo de pessoas que aguardava para

recebê-la a ela, nem mais nem menos!, já que Melanie e Bertie já iam a caminho da escadaria.

Demorou uns instantes em adaptar-se à penumbra do interior. Mas quando o fez, viu que o próprio duque de Bewcastle encabeçava a fila. De fato, acabava de abandoná-la para lhe fazer uma reverência formal com uma expressão inescrutável no rosto... Claro que tampouco lhe tinha visto nenhuma expressão que não fosse inescrutável, a verdade seja dita. Viu-o abrir a boca para falar, mas se adiantou:

-Sinto muitíssimo -se desculpou com voz muito alta e um pouco ofegante-. Pamela estava indisposta; Phillip, insuportável; e Pauline, a ponto de protagonizar uma manha de criança. deixei Pamela com sua babá, convenci ao Philip para que se comportasse como um cavalheiro durante ao menos cinco minutos e tirei Pauline da carruagem para tranquilizá-la. Mas a pobre está cansada e como tudo lhe é desconhecido insistiu em ficar comigo. Assim... -De repente, ficou sem palavras. Soltou uma gargalhada-. Assim aqui estou.

Pauline se agarrou mais a ela, virou o pescoço para olhar de esguelha ao duque e lhe torceu um pouco mais o chapéu no processo.

-Bem-vinda a Lindsey Hall, senhora Derrick -recebeu-a o duque de Bewcastle, e por um instante acreditou ver um estranho brilho nesses olhos prateados. - me Permita lhe apresentar a minha família.

Virou-se e indicou à primeira pessoa da fila, uma mulher de porte altivo já entrada em anos, a quem reconheceu na hora como uma das aristocratas mais enjoadas embora nunca tinham sido apresentadas.

-A marquesa do Rochester, minha tia -disse o duque-. E o marquês.

Fez a melhor reverencia que pôde com uma menina de três anos nos braços. A marquesa inclinou a cabeça e a observou de cima abaixo com uma só olhada com o que lhe deixou bem claro que acabava de despachá-la por sua insignificância. O marquês,

cuja pessoa era a metade que a de sua esposa, fez uma reverência e murmurou algo ininteligível.

-Lorde e lady Aidan Bedwyn -prosseguiu o duque ao mesmo tempo que indicava um cavalheiro de porte militar, aspecto sério e cabelo escuro que se parecia muito a ele, salvo que era mais largo de ombros, e a uma dama muito bonita de cabelo castanho que lhe sorriu enquanto seu marido fazia uma reverência.

-Senhora Derrick -a saudou a mulher-. Essa pequena está a ponto de ficar adormecida.

-Lorde e lady Rannulf Bedwyn -continuou o duque.

Lorde Rannulf não se parecia em nada a seus irmãos salvo por alguns traços faciais, em especial o nariz. Era uma espécie de gigante de cabelo loiro e ondulado, possivelmente muito longo.

Ao vê-lo pensou em um guerreiro saxão. Sua esposa era uma beleza ruiva, espantosa e voluptuosa que também lhe sorriu com amabilidade ao mesmo tempo que seu marido fazia uma reverência.

-Senhora Derrick -disse ele com um brilho travesso nos olhos-. Lady Renable achava que tinha fugido.

-Por Deus! -Soltou uma gargalhada-. É possível que a babá não tivesse sobrevivido se não fosse em seu resgate. As viagens e as crianças não são uma boa combinação, sobre tudo se estamos falando de três criaturas encerradas, dois dias seguidos, durante horas em uma mesma carruagem.

-Os marqueses de Hallmere -disse o duque de Bewcastle.

Saltava à vista que a marquesa era quem pertencia à família. Era baixa e se parecia muito a seu irmão, lorde Rannulf. Também tinha o nariz da família... e a altivez.

-Senhora Derrick -a saudou com uma inclinação formal de cabeça enquanto seu marido, um alto adonis loiro, fazia uma reverência, sorria-lhe e perguntava se a viagem tinha sido agradável.

-Sim, muito obrigada, milord-respondeu.

-Lorde e lady Alleyne Bedwyn - prosseguiu o duque.

Lorde Alleyne, concluiu na hora, era o irmão bonito. De cabelo escuro, magro, com feições perfeitas apesar do nariz familiar e uns olhos risonhos... talvez zombadores, talvez alegres nada mais. Eram

os olhos de um descarado. Fez-lhe uma reverência muito elegante enquanto pronunciava as cortesias de rigor. Lady Alleyne também era encantadora. Outra beleza, em seu caso loira.

-Meu tio acha ter conhecido seu defunto marido, senhora Derrick -lhe disse-. Eu gostaria de apresentá-lo mais tarde... quando deixar a essa pobre criatura na ala infantil e veja seu dormitório.

-Os condes do Rosthorn -continuou o duque, indicando ao casal que estava em última posição.

-Encantado de conhecê-la, madame -disse o conde com um ligeiro e atraente acento francês ao mesmo tempo que fazia uma reverência.

-Senhora Derrick, foi uma cortesia que pegasse esta pequenina que parece cansadíssima -comentou a condessa enquanto acariciava a face de Pauline com os dedos e sorria ao ver que a menina a olhava com um olho entrecerrado.

Talvez lorde Alleyne fosse o irmão bonito, pensou, mas a jovem condessa do Rosthorn era claramente a beleza da família. De cabelo escuro e muito magra, tinha feições e uma figura perfeitas.

O duque de Bewcastle devia ter dado uma ordem silenciosa, arquear uma sobancelha talvez?, porque uma criada apareceu no vestíbulo e se deteve a escassa distância em espera de suas ordens.

-Senhora, acompanhará-a para a ala infantil e depois a seus aposentos -informou o duque de Bewcastle -. E dentro de meia hora alguém a acompanhará ao salão para tomar o chá.

-Obrigada-replicou, virando-se para olhá-lo.

-E quando Wulf diz meia hora -assinalou lorde Alleyne com uma gargalhada-, quer dizer trinta minutos exatos.

A expressão do duque era muito séria e impassível. Como era possível que tivesse insistido tanto para que fosse a Lindsey Hall? Ou que tivesse convidado a toda a família de Oscar como desculpa para poder convidá-la a ela também? Em seus olhos não se vislumbrava nada salvo uma fria cortesia.

Como se odiava por alegrar-se tanto de voltar a vê-lo! Tinha estado desejando com todas suas forças vê-lo de novo, a verdade fosse dita. Isso queria dizer que estava obstinada em levar uma vida

desventurada? A julgar pelo exterior de sua mansão e por esse vestíbulo, por sua aristocrática família, pelo entorno no que se movia, era evidente que jamais poderiam funcionar como casal, embora fossem compatíveis a nível pessoal -coisa que certamente não eram-. A idéia de converter-se em duquesa era ridícula como pouco.

Seguiu à silenciosa criada em direção a escadaria... e sentiu uma repentina frustração. Tinha imaginado que chegaria a Lindsey Hall toda composta e elegante com sua roupa nova, representando a viva imagem de uma dama educada, e que saudaria o duque de Bewcastle junto ao Melanie e Bertie, com um sorriso distante, controlando plenamente a situação.

Em troca...

Bom, parecia haver-se sufocado e acalorado durante o trajeto entre a carruagem do Bertie e a porta principal de Lindsey Hall. E seu chapéu estava definitivamente inclinado, já que de esguelha conseguia ver vários centímetros mais do lado esquerdo da aba que do direito. Além disso, assim que pôs-se a andar se deu conta de que levava a capa torcida de tal modo que tinha acabado puxando do vestido para cima, e quando se olhou os pés percebeu que estava mostrando muito um dos tornozelos, embora por sorte os levava cobertos por suas novas botas de cano longo.

Para cúmulo, em lugar de esperar a que o duque a saudasse para lhe sorrir com calculada elegância, pôs-se a falar sem tom nem som!

Sim, não podia negá-lo. pôs-se a falar sem tom nem som e em voz bastante alta para que todos escutassem cada uma de suas palavras. E depois lhe tinha apresentado a seus irmãos, a seus respectivos cônjuges e a incrivelmente arrogante marquesa do Rochester... com a roupa torcida, o chapéu inclinado, as faces ruborizadas e uma menina que nem sequer era sua nos braços.

Era suficiente para pôr-se a chorar.

Era suficiente para convencer ao duque de Bewcastle de que nenhum homem, muito menos ele, queria converter-se no homem de seus sonhos.

E essa idéia era suficiente para que tivesse vontade de voltar a chorar a lágrima viva.

Capítulo 15

Enquanto tomava o chá no salão, Wulfric se esforçou por prestar atenção a todos os convidados salvo Christine Derrick. Tinha organizado a distribuição dos comensais para o jantar de tal modo que estivesse sentada bem longe da cabeceira da mesa, entre Alleyne e Joshua, enquanto que a seu lado se sentariam lady Elrick, à esquerda, e lady Mowbury, à direita.

Não queria que sua família suspeitasse que ela era, em realidade, a convidada de honra.

Como era habitual, ia vestida com simplicidade. Usava um vestido de noite verde claro de talhe alto e manga curta, com um discreto babado na barra e um decote recatado. Nada de jóias nem de adornos no cabelo. Seu traje era bonito e decente, mas embora não fosse um espectador objetivo, devia reconhecer que não igualava o esplendor de suas irmãs, nem o de suas cunhadas, nem o do resto das damas pressentes. Não obstante, a seção da mesa a que se sentava transbordava de alegria e engenho enquanto primeiro Alleyne e Joshua depois falavam com ela... ou isso lhe pareceu, já que não escutou nenhuma palavra da conversa.

Depois do jantar, quando os cavalheiros se reuniram uma vez mais com as damas no salão, descobriu-a sentada em um canto da sala, longe do fogo, com Eve, Rachel e a senhora Pritchard. Seus olhares se encontraram brevemente e não lhe causou surpresa ver o brilho risonho que iluminava esses olhos azuis, como se estivessem lhe dizendo que tinha fracassado estrepitosamente em seu plano de converter-se em uma espectadora discreta que observava a humanidade sem participar de suas atividades.

Em lugar de enfrentar seu olhar, decidiu prestar atenção ao resto dos convidados e sem saber muito bem como, ao cabo de um momento se encontrou realizando a muito tediosa tarefa de passar as páginas da partitura à senhorita Hutchinson enquanto a moça

tocava o piano, de forma competente, embora um tanto nervosa em sua opinião. Uma vez que acabou e lhe dedicou os elogios pertinentes, afastou-se para aceitar a xícara de chá que lhe oferecia Judith, encarregada de servi-lo, e acabou conversando com sua tia e com a senhorita Hutchinson de novo, embora a primeira se desculpou uns minutos depois, dizendo que Rochester acabava de lhe fazer um gesto para que se aproximasse, e se afastou com presteza agitando as plumas que levava na cabeça.

Rochester, conforme comprovou, estava jogando cartas com o Weston, lady Mowbury e a senhora Pritchard, e certamente nem sequer recordava que sua esposa estava no salão.

A senhorita Hutchinson, que já tinha mostrado indícios de nervosismo, pareceu estar a ponto do desmaio quando se converteu na única pessoa com quem continuar conversando. Morgan se aproximou deles nesse instante com um sorriso, mas antes de que a senhorita Hutchinson pudesse aferrar-se a ela como se fora sua tábua de salvação, a tia Rochester caiu sobre eles em picado e levou Morgan com uma desculpa ridícula.

Aquilo já passava de enjoativo, decidiu. Fazia mais de uma década que não era objeto das artimanhas casamenteiras de sua tia.

-Senhorita Hutchinson -disse-, vejo que há um grupo de jovens congregado em torno do piano. Gostaria de unir-se?

-Sim, por favor, excelência -respondeu a moça.

Sua tia devia ter perdido a razão por completo, pensou, se achava possível um enlace entre essa jovem e ele. Entretanto, quando se colocava uma coisa entre sobancelha e sobancelha, não era fácil fazê-la mudar de opinião. Se não queria voltar a encontrar-se a sós com a senhorita Hutchinson em questão de cinco minutos, ia ter que tomar atitude no assunto e procurar uma alternativa. De modo que fez o que desejava. Aproximou-se do lugar da sala onde nesse momento Christine Derrick estava sentada a sós.

Plantou-se frente a ela enquanto a olhava e voltou a deleitar-se com a idéia de que realmente estava em Lindsey Hall. depois de que os Renable fizessem sua entrada no vestíbulo pensou durante

um espantoso lapso de tempo que tinha mudado de opinião e que não os tinha acompanhado. E imediatamente, quando a viu entrar ruborizada e sem fôlego, com o chapéu torcido, o vestido e o casaco erguidos em um lado, e a menina nos braços justo antes de que ficasse a falar sem tom nem som, recordou a conclusão a que tinha chegado fazia tanto tempo: carecia de boas maneiras.

Entretanto e ao mesmo tempo, teve a estranha impressão de que se o sol se deixou ver em algum momento durante o rude dia, Christine Derrick se ficou com sua luz e a tinha levado consigo ao interior de seu vestíbulo.

Jamais lhe tinha passado pela cabeça a possibilidade de apaixonar-se. Nem que o objeto de dito sentimento fosse alguém tão inapropriado. De modo que não estava preparado para enfrentar ao torvelinho emocional que esses dois fatos tinham provocado.

-Bem, senhora Derrick... -disse.

-Bem, excelência...

-Confio em que tudo seja de seu agrado. Seus aposentos? O serviço?

-Meu quarto é lindo - afirmou-, e tem uma vista maravilhosa. A governanta foi muito amável comigo. Inclusive insistiu em me atribuir uma criada pessoal, embora lhe assegurei que não necessitava de seus serviços.

Inclinou a cabeça. Sua governanta, é obvio, limitava-se a cumprir as ordens que lhe tinha dado. Ele mesmo tinha escolhido o quarto que ocupava Christine Derrick, em parte porque acreditou que lhe agradariam as tapeçarias de seda da China, os biombos, os alegres tons dourados e verdes da colcha e das cortinas, e em parte porque quis que quando olhasse pela janela visse a fonte rodeada pelas flores primaveris e, atrás dela, a longa e reta avenida de acesso. Sempre tinha acreditado que essa vista em concreto era uma das melhores da propriedade. E era a mesma que ele desfrutava de suas próprias janelas, embora seus respectivos aposentos estavam separados por três dormitórios. Também tinha suposto que não teria criada pessoal. Seria a única dama da casa sem ela. Simples e sinceramente inconcebível.

Sentou-se em uma poltrona próxima a que ela ocupava depois de erguer as abas do fraque.

-Espero que a viagem tenha sido agradável.

-Sim, obrigada - assegurou ela.

-Sua mãe está bem? E sua irmã?

-Ambas estão bem, obrigada.

-Espero que sua outra irmã, a esposa do vigário, também esteja. E seus sobrinhos.

-Todos estão bem, obrigada. -Olhou-o com o indício de um sorriso nos lábios, embora seus olhos riram abertamente dele-. E Charles, o vigário, também está.

Quando tinha começado a adorar essa forma tão peculiar que tinha de rir dele?

-Alegra-me sabê-lo. -Os dedos de sua mão direita se fecharam em torno do cabo de seu monóculo, e por um instante os olhos do Christine Derrick seguiram o gesto, do que até esse momento não tinha sido consciente.

Não era um homem particularmente sociável. Evitava as festas e as conversas insossas sempre que lhe era possível. Não obstante, era um cavalheiro e, portanto, era capaz de manter uma conversa educada quando a ocasião o requeria. E a situação o requeria essa noite em concreto.

Tinha convidados em sua própria casa. E todos, incluídos seus irmãos, tinham sido convidados por culpa dessa mulher, por sua necessidade de tê-la em Lindsey Hall e de cortejá-la de algum jeito.

Não lhe ocorria nada que lhe dizer.

-Surpreendeu-me encontrar a ala infantil cheia de crianças - disse ela-, e que muitos deles fossem tão pequenos.

-Meus irmãos demonstraram ser muito prolíficos durante estes últimos anos -replicou-. Mas não tem por que temer que tomem a casa por assalto ou que recorram a você quando necessitarem algo. Seu lugar está na ala infantil, e suas babás se encarregarão de mantê-los ali.

Tinha decidido que sua própria família devia limitar o uso da mansão no que aos meninos se referia uma vez que chegassem os convidados.

-Fico mais tranqüila -replicou ela em voz baixa-. Serão mantidos na ala infantil. Que conveniente para as classes enriquecidas é ter babás e alas infantis que os ajudem a esquecer a existência de seus próprios filhos... salvo para o assunto da sucessão.

-Preferia que estivessem constantemente no meio? -perguntou-lhe-. Interrompendo a todas as horas as conversações dos adultos e pondo a prova sua paciência?

-Segundo minha experiência - respondeu -, costuma ser o inverso. São os adultos que interrompem constantemente as conversas das crianças e quem põe a prova sua paciência. Entretanto, os adultos e as crianças podem coexistir para felicidade e benefício de ambas as partes.

-De tal modo que os adultos devem montar em tapetes voadores com os meninos e agitar os braços enquanto sobrevoam o oceano Atlântico sem molhar os pés -respondeu - não?

-Ai, Deus! -exclamou ela, ruborizando-se-. Assim foi testemunha de parte da lição de geografia, não é? um pouco grosseiro de sua parte o haver-se colocado frente à cerca com o sol nas costas, o que dificultava que o víssemos. Não gostou de meus métodos? Acredita que me não me comportei com decoro? Teria sido melhor sentá-los ordenadamente sobre a grama para assim poder demonstrar minha superioridade física e intelectual? Teria sido melhor lhes dar uma lição de história sobre o comércio de peles no interior da América do Norte, além da fronteira canadense, e descrever desse modo as rotas em canoa dos viajantes, os rios que percorrem ou a flora e a fauna da zona que atravessam? Dar uma lista da comida que levam consigo e das mercadorias que logo trocam por peles? Nesse caso teria estado justificado meu aborrecimento no dia seguinte quando descobrisse que nem um só menino recordava o menor detalhe sobre a lição?

Muitas pessoas falavam tão só com os lábios. A senhora Derrick o fazia com os lábios, com os olhos, com o rosto, com as mãos, com o corpo... e com tudo o que levava dentro. Falava assim como vivia: com fogaosidade, inclusive com paixão. Escutou-a e observou com crescente fascinação.

-Em realidade, senhora Derrick - respondeu -, eu adorei.

-Ah!

Tinha-a deixado sem palavras. Porque se tinha preparado para uma discussão. Talvez, pensou fora de tempo, deveria havê-la vexado um pouco.

-E apesar disso, você acha que as crianças devem estar na ala infantil ?

-Pergunto-me o que pensariam as crianças que temos lá em cima se de repente invadísemos seus domínios sem motivo algum - disse. - Chegariam talvez à conclusão de que o conjunto de adultos deve estar no piso de baixo?

Sua reflexão lhe arrancou uma gargalhada.

-É uma possibilidade muito novidadeira, a verdade -respondeu ela-. Minha irmã Hazel se passa o dia mandando as crianças calar no vicariato porque Charles está escrevendo ou reescrevendo seu sermão dominical, ou corrigindo a gramática que utilizam, ou lhes repreendendo pelas posturas, ou controlando suas atividades. Talvez meus sobrinhos estariam encantados de ter uma ala infantil que fosse seu domínio privado.

-Isso quer dizer que não sou o monstro pelo que você me tinha tomado? -perguntou.

-Acredito que devemos procurar um meio termo - prosseguiu ela-. Aos adultos nos deve permitir desfrutar livremente sem que as crianças estejam pressentes, e a eles devemos lhes permitir desfrutar sem que nós lhes incomodemos. Entretanto, se não os virmos alguma vez, como vamos aprender deles? Como vão aprender eles de nós?

-Podemos aprender das crianças?-perguntou-lhe.

-É obvio. -inclinou-se para diante-. Podemos aprender a ver o mundo de uma forma diferente através de seus olhos. Podemos aprender o que é a espontaneidade, a alegria, a curiosidade, a despreocupação e a risada. E o amor.

-Atributos dos que eu careço, senhora Derrick -concluiu.

Observou-a reclinar-se de novo na poltrona enquanto o olhava com receio.

-Não saberia lhe dizer -replicou.

-Eu acredito que sim -a contradisse, erguendo o monóculo a meio caminho de seu olho-. Ou ao menos isso afirmou em uma ocasião.

-Não deveria tê-lo feito -admitiu-. Você não deveria me ter provocado até esse ponto.

-Isso fiz ao lhe pedir em casamento? -perguntou em voz baixa ao mesmo tempo que a olhava com os olhos entrecerrados-. Estava provocando-a?

-Excelência - respondeu -, deveria dar graças a Deus todas as noites pelo fato de que declinasse sua proposição.

-Você acha?

Voltou a comprovar que seus olhos eram do azul mais puro. Como o do mar em um dia de verão. Uns olhos nos quais podia afogar-se se não tomasse cuidado.

-Olhe a seu redor, excelência -respondeu ela-. Olhe ao resto das damas.

E o fez para agradá-la. Inclusive levou o monóculo ao olho.

Percebeu que o vaporoso vestido dourado e as plumas do mesmo tom que Freyja levava no cabelo lhe outorgavam uma aparência magnífica. Para não mencionar os diamantes que brilhavam em torno de seu pescoço, em suas orelhas, em seus pulsos e em vários dedos. Embora sua aparência não fosse diferente das demais. Todas estavam vestidas com a mesma elegância e opulência.

-Já o fiz - disse ao mesmo tempo que baixava o monóculo e olhava ao Christine Derrick.

-E agora olhe a mim.

Viu o mesmo que tinha visto durante o jantar. Era óbvio que o vestido que levava era novo. Certamente era mais elegante que os que lhe tinha visto no verão anterior, mas não deixava de ser simples. Além disso, não levava jóias. Seu brilhante cabelo escuro não tinha adornos. Tinha as faces ligeiramente rosadas. Suas pestanas eram escuras e seus olhos, de olhar inteligente.

Parecia que as sardas tinham desaparecido. Seus lábios eram carnudos, suaves e nesse momento estavam ligeiramente entreabertos.

-Já o fiz - assegurou em voz baixa.

-Agora me diga que não vê a diferença -o desafiou.

-Vejo uma diferença abismal -admitiu-. Porque nenhuma dessas damas é você.

-OH! -O rubor que lhe cobria as faces se intensificou-. Está muito engenhoso esta noite, excelência.

-Engenhoso, diz você? -replicou-. Acaso há um libreto? Deveria haver dito outra coisa?

-Não pertenço a seu mundo -assinalou ela-. Formei parte dele no passado por meu matrimônio, embora só como a esposa do caçula da família. Nunca tivemos muito dinheiro, sobre tudo nos últimos anos, e Oscar morreu endividado. Minha roupa nova, a qual escolhi com supremo tato e sem perder de vista seu preço, foi adquirida graças ao dinheiro que me enviou meu cunhado como presente quando soube que estava convidada à bodas de Audrey. Vivo muito contente em um vilarejo pequeno. Dou aulas às crianças. Sou a filha de um homem que foi um cavalheiro por sobrenome e por educação, embora não por suas riquezas. Meu avô paterno era um baronete, mas meu avô materno era médico. Deveria estar muito agradecido, excelência, por que tenha declinado sua proposta. Igual ao estou eu. Acredito que preferiria a morte a me casar com um duque.

A veemência da afirmação o deixou desconcertado.

-Essas são palavras maiores, senhora Derrick -disse-. Preferiria a morte a casar-se com o homem pelo qual se apaixonou, fosse um duque ou um limpador de lareiras?

-Mas não estou apaixonada -lhe assegurou.

-Certas pessoas têm a curiosa habilidade de fazer como se respondessem a uma pergunta quando em realidade não o fiz - replicou.

-Não acredito que fosse feliz se me casasse com um duque ou com um limpador de lareiras, excelência. portanto, recai sobre mim a responsabilidade de não me afeiçoar com nenhum dos dois, já que em caso contrário me encontraria em uma alternativa espantosa, não lhe parece? Preferia a morte antes que me casar com o homem que amo... só porque seja um limpador de lareiras ou

um duque? você acha que acabaria sendo a heroína de uma grande tragédia ao estilo das do Shakespeare se a resposta fosse afirmativa? Em qualquer caso, nem eu mesma saberia. Estaria morta e flutuando rio abaixo com o cabelo estendido sobre a superfície da água... se não tivesse cortado isso, claro.

Sentiu que lhe caía a alma aos pés ao escutá-la.

Não pensava aceitá-lo e lhe estava advertindo, tal qual tinha feito no Hyde Park, de que nada do que fizesse conseguiria fazê-la mudar de opinião. Ante ele tinha um estranho desafio. Não podia lhe oferecer nem seu título nem sua imensa fortuna, e não sabia como cortejar a uma mulher como um homem normal e comum. Além disso, embora soubesse como fazê-lo, seguiria sendo imune a ele porque era um duque e imensamente rico.

Christine Derrick era uma mulher com os pés bem plantados no chão, embora talvez estivesse equivocada. Entre o espírito prático e um sonho, por que escolher o primeiro? por que o sensato?

Por que não o sonho? por que não viver perigosamente? Era realmente Wulfric Bedwyn quem estava pensando e sonhando rebelando-se contra tudo aquilo que tinha regido sua vida durante mais de vinte anos? vivendo perigosamente? Claro que tinha convidado Christine Derrick a sua casa, não?

Temia muito que seus sentimentos por essa mulher fossem mais à frente do mero amor. Receava muito que Christine Derrick se convertesse na pedra angular de sua felicidade. E esse pensamento em si mesmo era estranho e alarmante. Porque jamais tinha procurado a felicidade. Jamais a tinha considerado importante. Nem sequer tinha acreditado nela. Ou talvez sim. Durante os três últimos anos tinha visto todos e cada um de seus irmãos encontrar a felicidade e viver com ela. Tinha visto como os desmedidos e em ocasiões frios -ou desumanos inclusive- Bedwyn se convertiam nos ainda desmedidos embora quase domesticados e felizes Bedwyn. E, embora não tivesse sido de todo consciente, havia-se sentido deslocado e ligeiramente amargurado. E muito sozinho.

O silêncio durava muito e compreendeu que Christine Derrick não ia rompê-lo.

-Nesse caso -disse-, se alguma vez se converter na protagonista de dito drama, espero que acabe sendo a heroína romântica em lugar da trágica. Talvez haja um professor de escola em algum lugar que consiga despertar sua admiração e seu amor incondicional. Espero que seja feliz com ele. Enquanto isso, farei tudo o que esteja em minha mão para que tanto você como o resto dos convidados passem umas Páscoas memoráveis em Lindsey Hall.

O brilho risonho tinha desaparecido por completo de seus olhos. Viu-a inclinar-se para diante de novo.

- Acho que você leva uma máscara de meio metro de grossura - o acusou-. Virtualmente impenetrável. Ofendi-o?

-Como diz? -havia tornado a erguer o monóculo a meio caminho do olho.

-Seus olhos voltam a ser dois pedaços de gelo -respondeu ela-. Os olhos costumam ser o ponto fraco de qualquer disfarce, sabe você? Porque o portador do mesmo deve ver o mundo e deve deixá-los expostos por muito bem que oculte o resto de sua pessoa. Entretanto, seus olhos são seu disfarce... ou ao menos são a parte mais importante. É-me impossível vislumbrar sequer um pouquinho de sua alma por muito que os olhe.

Se seus olhos eram dois pedaços de gelo, estavam gelando o resto de sua pessoa. Olhou-a do único modo que sabia fazê-lo... com gélida arrogância. De que outro modo ia olhá-la? Como ia arriscar se A... ?

- Talvez, senhora Derrick -disse - deveria mostrar meu coração ao mundo para lhe evitar a necessidade de me olhar nos olhos. Ah, me esquecia... que não tenho coração!

-Excelência, acredito que estamos discutindo -afirmou ela-. Entretanto, você o faz com seu inigualável estilo, esfriando-se e mostrando-se cada vez mais soberbo, em lugar de acalorar-se como estamos acostumados a fazer os insignificantes mortais. É uma lástima.

-Preferiria ver-me enfurecido? -Arqueou as sobrancelhas.

- Acho que eu adoraria -respondeu.

-Embora fosse você o objeto de minha ira?

Observou-o com expressão pensativa e a cabeça inclinada enquanto aparecia o indício de um sorriso no fundo desses olhos azuis.

-Sim, inclusive nesse caso - respondeu -. Porque se o visse enfurecido, poderíamos brigar de verdade. Suspeito que seria um homem muito perigoso em tal situação, embora talvez conseguisse me comunicar com o homem de verdade se perdesse os papéis. Em caso de que em seu interior exista um homem de verdade, e você não seja só um duque até a medula dos ossos.

-Está-me ofendendo, senhora - advertiu em voz baixa ao mesmo tempo que sentia a imensa fúria que começava a apoderar-se dele.

- Ah, sim? -Abriu os olhos como pratos-. Oofendi-o? Enfureci-o? Pois espero ter obtido ambas as coisas. Não vim aqui por minha própria iniciativa, excelência. Não queria aceitar seu convite, e acredito que fui bastante eloquente a respeito. Pediu-me uma oportunidade para poder me demonstrar que há muito mais em seu interior além do que me revelou. De momento não vi nada. Entretanto, quando o acuso de levar uma máscara, de esconder-se detrás de uns olhos gélidos e de uma atitude arrogante, seu comportamento se torna ainda mais frio e me ataca me arrojando minhas próprias palavras à cara para que me sinta desconfortável. "Ah, me esquecia... que não tenho coração!", disse. Talvez tenha razão. Talvez não haja nenhuma máscara. Talvez minha primeira impressão sobre sua pessoa fosse a correta.

Inclinou-se um pouco para diante, aproximando-se dela.

-Pelo amor de Deus! -exclamou-. Estamos discutindo de verdade. E embora você esteja aí sentada, Sorrindo e falando em voz baixa, e eu recorra a minha frieza habitual, acabaremos nos convertendo no centro de atenção se seguirmos por este caminho. Seguiremos, mas este não é o momento nem o lugar. Se me desculpar, devo circular entre o resto de meus convidados. Quer que a leve para alguém? Para lady Wiseman, talvez, ou com lady Elrick?

-Não, obrigada - respondeu -. Aqui estou estupendamente.

De modo que ficou em pé, fez-lhe uma reverência e se aproximou de uma das mesas onde jogavam cartas. deteve-se as costas de lady Renable e olhou a mão de naipes que tinha a dama sem ver nada.

Tinha estragado o encontro, certamente. Sua intenção tinha sido a de passar uns dez minutos em sua companhia, a fim de conseguir que se sentisse confortável, tanto em sua casa como em sua presença, e começar desse modo a lhe demonstrar que era humano; em troca, tinha acabado... discutindo com ela! Era isso o que tinham feito ? Nunca tinha discutido com ninguém e ninguém tinha tentado jamais discutir com ele. Ninguém se tinha atrevido. Formava isso parte da fascinação que sentia por ela? Esse atrevimento?

Continuava achando-a fascinante? Porque suas palavras tinham sido ofensivas. Carecia de boas maneiras e era uma intrometida. Tinha mencionado máscaras, olhos e pedaços de gelo. Tinha insinuado que além de carecer de coração tampouco tinha alma. "É-me impossível vislumbrar sequer um pedacinho de sua alma por muito que os olhe. "

Inspirou fundo e de forma brusca. Tinha... vontade de tornar a chorar.

Lady Renable ergueu a cabeça para olhá-lo por cima do ombro e riu enquanto devolvia a carta que tinha estado a ponto de soltar ao montão que segurava na outra mão. Escolheu outra em seu lugar.

-Tem muitíssima razão, Bewcastle -disse-. Essa não era a carta adequada muito menos.

Percebeu que Justin Magnus estava com a senhora Derrick em seu canto. Estavam conversando e rindo-se. Parecia feliz e tranqüila uma vez mais. Apertou os dentes com força para não chiá-los e combateu o ciúmes.

Essa seria a humilhação definitiva.

Capítulo 16

Depois dos outros se deitarem, os Bedwyn e seus respectivos cônjuges continuaram no salão... à exceção de Wulfric, que se retirou à biblioteca, seu domínio privado.

-Tomara que Wulf ficasse conosco -disse Morgan.

-Bastante surpreendente foi que tenha agüentado toda a noite sem procurar uma desculpa para escapulir-se até que outros se foram -replicou Freyja.

-Eu acredito que é o normal depois de ter convidado a todas essas pessoas a sua casa -disse Rannulf ao mesmo tempo que se sentava no chão aos pés de Judith e jogava a cabeça para trás para apoiá-la em seu regaço-. Alguém sabe por que convidou ao Elrick, ao Renable e a todos outros? Não é que tenha nada em seu contrário, mas não parecem do tipo do Wulf, não acham?

-Wulf tem um tipo específico? -perguntou Alleyne.

-É possível que agora mesmo se alegre de ter mais convidados além da família -disse Aidan, que se sentou em uma enorme poltrona junto à Eve e lhe passou um braço pelos ombros-. A tia Rochester está em modo casamenteiro. Não sei se me compadeço mais da Amy Hutchinson ou do Wulf.

-Wulf a comeria para tomar o café na manhã seguinte das bodas -afirmou Freyja com desdém-. Josh, anda, me ajude a tirar estas tolas plumas do cabelo. Estão todas enredadas.

-Supõe-se que tem que pedi-lo por favor, Free -assinale Rannulf.

-Não me olhe assim, encanto -lhe disse Joshua, Sorrindo enquanto se sentava no braço da poltrona e lhe afastava as mãos para ajudá-la-. Eu não disse nada sobre sua falta de boas maneiras.

-Talvez devamos fazer algo para ajudar -sugeriu Eve-. Para manter a Amy longe do Wulfric e viceversa.

-A tia Rochester se defenderá com todas suas forças -declarou Alleyne-. Está decidida.

-Me permite assinalar que Wulfric é um digno rival para essa tia enjoativa? -perguntou Gervase depois de colocar-se de costas à lareira-. A idéia de que colaboremos em sua salvação me é um pouco absurda, a vocês não?

Quase todos riram e lhe deram razão.

-O que temos que fazer é encontrar uma distração -disse Morgan com o cenho franzido-. Encontrar a outra pessoa para a Amy ou para o Wulf.

-Não vejo o Mowbury no papel -comentou Aidan-. Jamais conheci a um homem mais avoado. Duvido muito que percebeu a existência da moça. Quanto ao irmão, Amy lhe é mais alta ao menos uma cabeça... e além disso é o filho mais novo e não cumpriria as expectativas da tia Rochester.

-Coisa que não o exclui como possível pretendente -assinalou Judith.

-Também é muito magro e está meio calvo -atravessou Freyja sem disfarces-, e certamente não cumpre as expectativas da própria Amy.

-Nesse caso, terá que ser alguém para o Wulf -disse Morgan-. Temos que encontrar a outra mulher.

-Chérie, teremos o mesmo êxito que teve o rei Canudo quando ordenou à maré que se detivesse - apontou Gervase com ternura.

-E a senhora Derrick parece a única candidata a ser essa distração -disse Freyja.

O comentário os silenciou durante uns minutos. Até que Joshua pôs-se a rir enquanto estendia a Freyja a última das plumas douradas.

-Teria pago uma fortuna por ver como Wulfric a tirava da Serpentina e a levava em seu cavalo a casa -assegurou-. Apostaria algo que não estava muito contente.

-Sua entrada desta tarde foi também triunfal -acrescentou Aidan-. achei que à tia Rochester lhe saíam os olhos pelas lentes dos óculos.

-Eu temi que Wulfric a convertesse em um pedaço de gelo -disse Morgan-. Mas não lhe fez nem um pinga de caso, verdade? Parecia um desastre, mas preferiu resgatar a essa menina antes que nos fazer uma reverência, e logo nos saudou esbanjando bom humor. -Sua coragem é admirável -comentou Freyja-. Joshua sempre diz que somos um grupo formidável quando estamos juntos. Segundo ele podemos ser tão eficazes como um pelotão de

fuzilamento, sem necessidade de fazer um derramamento de sangue.

-De fato, a senhora Derrick me parece uma mulher muito simpática -disse Alleyne-. É uma boa conversadora e possui um senso de humor muito saudável.

-Mas é totalmente oposta ao ideal de mulher do Wulf -lhe recordou Freyja ao mesmo tempo que passava uma mão pelo cabelo, livre por fim das plumas, e fazia uma careta ao perceber os enredos. - Podem imaginar isso aceitando-a como par embora Amy seja a única alternativa?

As gargalhadas foram unânimes quando tentaram imaginar a cena.

-Mas passou um tempo falando com ela esta noite, Free - assinalou Rannulf-, e precisamente porque estava fugindo da Amy... ou melhor, da tia Rochester.

-Mas não consentirá que volte a passar -lhe assegurou Freyja-. Não, temos que procurar outra pessoa.

-Mas não há ninguém mais, Free -assinalou Morgan-. A menos que o conde de Redfield tenha convidado a alguém para passar as festas. Talvez a prima do Lauren esteja de visita.

-Lady Muir?-perguntou Rannulf-. Houve um tempo no qual eu gostava dela muito. -Jogou a cabeça para trás e sorriu à Judith-. Mas depois conheci Jude e me esqueci até de que existia.

A aludida lhe deu um golpezinho na cabeça.

-Eu não tenho muito claro que a senhora Derrick seja inadequada para o Wulfric -disse Rachel de repente-. É viúva e entre eles não há tanta diferença de idade como no caso da Amy. Parece-me muito bonita, fora dos cânones de beleza da alta sociedade, claro. E todos nos demos conta de como é alegre, de carinhosa que se mostra e de seu caráter risonho. Tem certa faísca que talvez seja justo o que Wulf necessita.

-Wulf? -Rannulf a olhou sem dar crédito. Como o resto.

-Wulfric possui uma capacidade de amar imensa - prosseguiu Rachel-. A única coisa que precisa é que alguém o ajude a demonstrar esse amor.

Rannulf soltou uma gargalhada e Joshua riu baixo.

Alleyne se sentou junto ao Rachel, agarrou-lhe a mão e entrelaçou seus dedos.

-Rachel tem esta estranha certeza sobre o Wulf desde que o viu pela primeira vez -comentou.

-Eu fui a única que viu seu rosto quando voltou a ver Alleyne no dia das bodas de Morgan, depois de tê-lo dado por morto - disse. - Vocês só o viram correr pelo terraço e abraçá-lo. Mas eu vi seu rosto. E se alguém se atreve a dizer em minha presença que Wulfric é um homem frio e sem emoções, que se prepare para discutir comigo.

-E a ira de Rachel é temível. -Alleyne levou suas mãos unidas aos lábios e lhe beijou os dedos.

-Bravo, Rachel! -exclamou Freyja-. Sempre admirei a qualquer que se atreva a arreganhar a um Bedwyn.

-Tem toda a razão do mundo, Rachel! -afirmou Morgan-. Jamais tinha contado isto a ninguém, salvo ao Gervase. De certa forma me parecia desleal, e ao mesmo tempo devo admitir que estava horrorizada. depois da missa em memória de Alleyne quando o demos por morto, fui à biblioteca de Bedwyn House porque necessitava do consolo de estar no mesmo aposento que Wulf. Menos mal que não me viu. Estava diante da lareira chorando.

O embaraço e a surpresa os emudeceram a todos.

-Chérie, não acredito que Bewcastle vá agradecer-lhe nunca que tenha contado essa espantosa história sobre ele -disse Gervase.

-É obvio que Wulfric é capaz de amar -afirmou Eve-. Ajudou ao Aidan e a mim a superar nossas diferenças quando já estávamos casados. E acredito que também ajudou a Freyja e ao Joshua, e ao Rannulf e Judith. Seria muito fácil dizer que o fez pelo bom nome da família e por orgulho, mas há muito que acredito que lhe importa de verdade. Além disso, por que foi Oxfordshire para assegurar-se de que meu primo não tirava ao Davy e ao Becky mas sim por amor? Mas de verdade acha que a senhora Derrick é a adequada para transpassar todas suas defesas, Rachel?

Freyja soprou.

-É obvio que o é -respondeu de forma inesperada-. Não entendo como não nos demos conta antes. Não foi Wulf à festa campestre de lady Renable o verão passado? Certamente a senhora Derrick também esteve convidada. Além disso, não nos estivemos perguntando por que se dignou a resgatá-la do desastre na Serpentina quando, pelo que contam, a metade da alta sociedade estava presente para ajudá-la em caso de que ele não o fizesse? Não é próprio dele expor-se dessa maneira às fofocas e ao ridículo. E por que convidou a sua família a passar a Páscoa aqui quando de todos é sabido que não mantém uma estreita amizade com nenhum deles, salvo talvez com lorde Mowbury? por que nos convidou? Normalmente nos convidamos sozinhos.

-Não estará dizendo... ? -começou Alleyne.

-E por que nos alinhou no vestíbulo esta tarde quando só era lorde Renable quem chegava? -continuou Freyja ao mesmo tempo que agitava uma mão no ar-. Todos estranharam nesse momento.

-Mãe do amor formoso! -exclamou Alleyne-. Sim que o está dizendo! As mulheres têm uma imaginação maravilhosa, de verdade. Vão do ponto A ao ponto D sem olhar sequer os pontos B e C. Acha que Wulf já tinha os olhos postos na senhora Derrick, Free?

-É muito provável -comentou Rachel, que virou a cabeça para olhar a seu marido nos olhos.

-Bem -interveio Aidan com voz enérgica-, acredito que todos estamos de acordo em que terá que acabar com a desenquadrada idéia da tia Rochester de que Amy Hutchinson e Wulf podem combinar... pelo bem de ambos. E se emparelhá-lo com a senhora Derrick serve a esse propósito, proponho que o usemos. Se por acaso Wulf se apaixonar perdidamente dela -embora isso me parece que escapa inclusive à mente mais imaginativa estarei preparado para comprar um vestido novo para Eve para as bodas.

-O que eu acredito, se em algo vale minha opinião, já que tratando-se dos Bedwyn sei muito bem que vão fazer o contrário do que lhes sugira... O que eu acredito é que deveríamos deixá-lo tranqüilo. Não me ocorre nada mais ridículo que uma bem-intencionada conspiração entre os Bedwyn para salvar ao Wulfric de

um matrimônio mais que hipotético e empurrá-lo até outro muitíssimo menos provável. Estamos falando de Bewcastle, pelo amor de Deus!

-Isso mesmo penso eu. -Gervase se pôs-se a rir.

-Ridículo? -perguntou Freyja com altivez-. Nos está acusando de ser ridículos, Joshua? E acha graça, Gervase?

Aidan ficou em pé.

-Acredito que é hora de que todos nos deitemos -disse-. Se houver algo mais alarmante que os Bedwyn em plano casamenteiro, são os Bedwyn brigando. dentro de uns minutos começarão os murros e há duas ou três damas presentes.

-Duas ou três... ? -Freyja ficou em pé de um salto lançando faíscas pelos olhos.

Entretanto, Aidan levantou uma mão e reinou o silêncio. Quando o propunha, podia ser quase tão formidável como Wulfric e além disso contava com a vantagem de ter sido coronel de cavalaria vários anos.

-Freyja, sabe muito bem que em qualquer briga, seus punhos seriam os primeiros em golpear -explicou-. E agora, à cama, e já veremos o que nos proporciona o novo dia. Eu estou quase convencido de que Wulf será capaz de frustrar os planos da tia Rochester e de evitar à senhora Derrick sem fazer nada mais extenuante que arquear uma sobrancelha e sem a menor ajuda por nossa parte. -Ofereceu- o braço a Eve.

-Há pessoas que sempre têm que dizer a última palavra -murmurou Freyja ao mesmo tempo que movia a cabeça.

Rannulf e Alleyne se olharam e logo olharam a sua irmã com os lábios apertados. Joshua sorriu e lhe passou um braço pela cintura.

Enquanto os Bedwyn estavam no salão, Christine estava com Hermione em seu dormitório.

Sua cunhada se aproximou dela na escadaria de caminho a seus respectivos dormitórios e se convidou ela sozinha a acompanhá-la ao interior.

Olhou-a com expressão insegura e a convidou a tomar assento em uma cadeira enquanto ela o fazia na beira da cama.

-Ah, é um quarto lindo -disse Hermione depois de dar uma olhada-. Deve ser um dos dormitórios maiores e elegantes da mansão.

Nem sequer tinha reparado nisso. Tinha suposto que todos os quartos desse piso eram igualmente luxuosos. Mas Hermione deixou o assunto aí. sentou-se na cadeira e a olhou com seriedade.

-Christine, Basil e eu estivemos falando e perguntamos a que vem este convite -disse-. Nossa relação com sua excelência é mínima e nunca antes tinha organizado uma festa no Lindsey Hall. por que nos convidou? É certo que tem amizade com o Héctor, mas o caso do Melanie e Bertie é idêntico ao nosso, embora Héctor o levasse a Schofield Park o verão passado. Não, chegamos à conclusão de que você é o motivo de nos terem convidado.

-Eu?

-Por estranho e quase incrível que pareça, acredito -e Basil está de acordo comigo- que sua excelência se há enamorado de você.

Mordeu o lábio inferior.

- É evidente que a marquesa de Rochester tem outros planos para ele-continuou Hermione-, e tem muita influência. Além disso, sua família jamais aprovaria uma união semelhante, tem por certo. Ele tampouco. Em caso de estar encaprichado consigo, só lhe oferecerá uma aventura.

-Tenta me advertir de que não me faça muitas ilusões? - perguntou.

Sua cunhada franziu o cenho.

-Estou-lhe pedindo que não se ponha em ridículo e que não ponha em ridículo a nós. Jamais será a duquesa de Bewcastle... a mera idéia é absurda. Mas se recorrer a seus ardis habituais, sua ambição ficará patente a olhos da marquesa e também a olhos dos irmãos de sua excelência, e a vergonhosa vulgaridade de seus atos afetarà a todos.

-Meus ardis habituais. -Sentiu que lhe gelava o sangue nas veias.

-Fingir que cai de uma árvore quando está perto -explicou Hermione com uma nota amarga e triste na voz-. Fingir que cai acidentalmente na Serpentina quando passa a cavalo pelo lugar.

Estar casualmente no passeio dos laburnos quando ele decide passar por ali. Fingir que Héctor lhe fez muitíssimo dano quando em realidade lhe deu um simples pisão e demorar toda uma hora em voltar para o salão de baile. Tudo isso ao mesmo tempo que granjeia a admiração do resto dos cavalheiros convidados à festa campestre. O conde de Kitredge inclusive chegou a lhe propor casamento em Londres. Mas soube que o rechaçou. por que conformar-se sendo condessa quando acha que pode ser duquesa?

- Acho que é melhor que vá embora, Hermione -lhe disse.

Sua cunhada ficou em pé e se aproximou da porta sem dizer palavra. Claro que as coisas entre elas sempre tinham sido assim, pensou de repente... ao menos durante os últimos anos da vida de Oscar, depois de sua morte e durante o verão anterior, e nesse preciso momento. Nunca falavam de verdade.

-Espere! -exclamou, e Hermione a olhou por cima do ombro.

Levantou-se da cama e se aproximou da janela. Afastou as cortinas, embora evidentemente não podia ver nada do exterior... só as gotinhas de chuva nos vidros e a escuridão reinante.

-Houve um tempo quando você adorava meus contínuos desastres -disse-.Costumava me dizer que a alta sociedade estava encantada comigo apesar da risada que provocava. Que a risada era boa para a alma e para a alta sociedade. Que tinha um dom para atrair às pessoas, que lhes caía bem às damas, que lhes caía bem aos cavalheiros e que inclusive me admiravam porque era seguro fazê-lo por ser uma mulher casada. Oscar me queria e eu o queria a ele, fomos uma família feliz. Afirmava que eu era a irmã que nunca tinha tido e sempre tinha querido ter. Você foi a irmã que eu necessitava para substituir às que estavam longe. O que mudou? Nunca o entendi. Era como um pesadelo do qual não podia despertar. De repente, todos meus foras eram vergonhosos e humilhantes para vocês. E de repente todos os cavalheiros com os que falava ou dançava, aos que sorria, eram vítimas de meus ardis coquetes. E não só paquerava com eles. De repente, tinha uma longa lista de amantes secretos. O que provocou essa mudança?

Hermione seguia olhando-a por cima do ombro. produziu-se um breve silêncio.

-Diga-me isso você, Christine -respondeu finalmente-. Suponho que se cansou de Oscar. Deu-se conta de que podia atrair a um peixe mais gordo. Não sentia nada por ele... nem por nós.

Piscou para conter as lágrimas.

-Sempre quis ao Oscar -afirmou-. Inclusive durante os últimos anos, quando começou a ficar difícil, quando começou a jogar sem cabeça e perdeu toda sua fortuna. Nem sequer então deixei de querê-lo. Era sua esposa. Nunca me passou pela cabeça enganá-lo.

-Enfim, eu adoraria acreditar em você, Christine -disse Hermione-, mas as duas sabemos que é mentira. Se não o fosse, Oscar seguiria vivo.

-É incrível que me ache culpada disso -replicou. - Supliquei-lhe em seu momento que perguntasse ao Justin. por que não o fez? Teria confirmado minha inocência.

-É obvio que perguntamos ao Justin -replicou Hermione com voz cansada-. E é obvio que ele declarou sua inocência... uma e outra vez e muito indignado pelo fato de que pudéssemos duvidar de ti um instante. Mas sempre te defendeu, não é verdade? Sem importar a situação, Justin sempre esteve aí para defendê-la, para negar todas as coisas em seu contrário. Justin sempre esteve apaixonado por você, Christine. Seria capaz de cometer perjúrio antes de permitir que pensem mal de você.

-Entendo -disse-. Assim sou culpada. Só por seu afã de me defender. Pobre Justin. Seus esforços por me defender sempre tiveram o efeito contrário ao que pretendia. Enfim, tanto faz para mim o que pense. Embora possa ficar tranqüila em um aspecto. Não estou aqui para ser a duquesa de Bewcastle. Já recusei essa posição e voltarei a recusá-la se voltam a me oferecer isso. Possivelmente seja mais consciente que Basil e que você de que seria uma união infernal... para os dois. Estou desejando que chegue o dia de voltar para casa para prosseguir com a vida que me tem feito feliz durante quase três anos... embora durante o primeiro chorasse pela perda de Oscar.

-Christine. -De repente, Hermione também tinha os olhos cheios de lágrimas-. De verdade que agora mesmo quero acreditar o melhor de ti. Basil e eu queremos fazê-lo. É a viúva de Oscar.

Assentiu com a cabeça. Parecia que não ficava nada por dizer. Supunha que acabavam de lhe estender um ramo de oliveira... outra vez.

Hermione saiu do dormitório sem dizer nada mais, deixando a com a pouco invejável tarefa de tentar dormir em uma cama estranha em uma casa estranha enquanto dava voltas e mais voltas na cabeça à conversa com sua cunhada e também à briga com o duque.

Capítulo 17

Na manhã seguinte todos assistiram à missa da Sexta-feira Santa. Os convidados de mais idade foram em carruagem, mas a maioria foi à igreja andando, já que o tempo tinha melhorado bastante.

Christine caminhava ao lado de Justin. O duque, conforme tinha percebido, levava a senhorita Hutchinson pelo braço, embora lorde e lady Aidan não se separaram deles em nenhum momento.

Saltava à vista que a marquesa de Rochester estava promovendo um enlace entre o casal. Compadecia-se de todo coração da moça, uma juvenzinha bonita e de caráter doce... absolutamente adequada para o duque. Justin pareceu lhe ler o pensamento.

-Pobre moça -disse, apontando com a cabeça em direção à senhorita Hutchinson-. Me pergunto se é consciente do grande preço que terá que pagar por converter-se em duquesa. De qualquer forma, suponho que sua tia o explicará tudo ao detalhe antes dos esponsais; Desde que consigam convencer ao Bewcastle, claro.

Não disse nada. Não queria falar do duque, nem sequer com seu melhor amigo. Muito menos depois da conversa da noite anterior. Entretanto, Justin seguiu com o assunto.

-Lady Falconbridge o entenderá, certamente -afirmou-. Suponho que de qualquer forma não esperava que se casasse com ela. E sua amante também o entenderá, sim; não ficará mais remédio, a menos que abandone seu emprego, o qual suponho que será muito lucrativo.

-Justin! -exclamou com voz tensa -. Tem por costume falar com as damas destas coisas?

A expressão de seu amigo se tornou contrita imediatamente.

-Me perdoe -disse-. Mas já sabe de lady Falconbridge, e como faz tanto tempo que tem uma amante, pensei que sabia. Um engano de minha parte; é uma dama. Mas demonstrou ser muito esperta. - Deu-lhe uns tapinhas na mão que descansava sobre seu braço-. Ao recusá-lo. Suponho que não gostou muito disso.

-Vou mudar de assunto agora mesmo -anunciou com firmeza-. Héctor me há dito que dentro de pouco parte de novo para prosseguir com suas viagens e que vai com ele. É certo?

Viu-o torcer o gesto.

-Só se decide visitar um lugar civilizado - respondeu -. a Itália, possivelmente.

Escutou-o sem lhe prestar muita atenção. Não tinha o menor interesse nas mulheres do duque de Bewcastle. Era muito irritante que Justin a tratasse como se fosse um amigo em lugar de uma dama. O que o duque fizesse não era de sua incumbência, é obvio, embora empregasse a todo um harém de mulheres. Entretanto, foi impossível não recordar suas palavras quando afirmou que se casando, sua esposa seria a única mulher com a que compartilharia a cama durante o resto de sua vida. Uma afirmação que tinha acreditado em seu momento. Embora tampouco tinha importância, não é? Jamais seria sua esposa. Estava decidida apesar de que a tivesse convencido de ir a Lindsey Hall para cortejá-la.

Era realmente esse o motivo do convite? Custava-lhe acreditar.

Evitou-o durante toda a manhã e se sentou bem longe dele durante o café da manhã e o almoço. Não obstante, encontrou-se de repente obrigada a lhe fazer companhia pela tarde. Lorde e lady Aidan anunciaram seus planos de levar a seus filhos a dar um passeio, lorde e lady Rannulf decidiram acompanhá-los com os seus

e, ao cabo de um minuto, todo mundo tinha se unido a eles. O grupo se dispersou em busca dos casacos, chapéus e crianças depois de acordar encontrar-se de novo no vestíbulo. Por sua parte, estava encantada com a idéia de tomar um pouco de ar fresco e com o descobrimento de que os Bedwyn compartilhavam seu amor pelo ar livre. Aproximou-se de Audrey e a sir Lewis quando retornou ao vestíbulo, onde os meninos menores brincavam de correr emocionados ante a idéia de dar rédea solta a toda a energia contida.

Abraçou Pauline e Pamela, que correram para ela assim que a viram antes de voltar com seus companheiros de jogos. Justin, que estava conversando com Bertie, fez-lhe um gesto para lhe indicar que se reuniria com ela breve. A marquesa de Rochester, que não ia acompanhá-los, desceu ao vestíbulo de qualquer forma para despedir-se... e para organizar um pouco.

-Falei a Amy da rota que comunica o atalho agreste com o lago, Wulfric -disse com uma voz em que a que se sentia sua tendência a dar ordens-. Deve se assegurar de mostrar-lhe O duque correspondeu as palavras de sua tia com uma rígida reverência em sua direção e na da aludida, e a pobre senhorita Hutchinson se encolheu visivelmente ante a idéia de passar a tarde em sua companhia.

-Tia, receio que terão que deixá-lo para outro dia -interveio a condessa da Rosthorn, agarrando à moça pelo braço ao mesmo tempo que dedicava um sorriso de desculpa a seu irmão e a sua tia-. Prometi a Amy que falaríamos sobre sua apresentação à rainha, para a que faltam apenas umas semanas. Penso lhe oferecer toda minha experiência e todos os conselhos que possa lhe dar se por acaso lhe servem de algo.

Viu que o marido da condessa, que falava com um encantador acento francês, levava um menino aos ombros; seu filho Jacques. Sabia seu nome porque essa mesma manhã tinha subido à ala infantil antes de ir à igreja para conhecer todos os meninos, incluídos os bebês.

-Pobre Wulfric! -gritou lady Alleyne-. Agora ficou sem par. Vamos ver se a senhora Derrick tem piedade de você...

Justin, que acabava de pôr-se a andar para ela, deteve-se em seco quando o duque de Bewcastle se virou e lhe fez um gesto com a cabeça.

-Senhora? -disse-lhe ao mesmo tempo que lhe oferecia o braço-. Quer? Não lhe deixaram muitas opções, na verdade.

Nem a ele tampouco, pensou enquanto lançava um olhar lastimoso a Justin e aceitava o braço de sua excelência antes de sair da mansão. Fez todo o possível por não olhar em direção ao Hermione e ao Basil.

-Ao que parecia -disse o duque-, as damas de minha família se uniram contra minha tia. Pergunto-me se em benefício da senhorita Hutchinson ou no meu.

-No da senhorita Hutchinson, sem dúvida -replicou-. É evidente que você a aterra.

Percebeu que a olhava de esguelha, mas manteve a vista à frente.

-Evidentemente, aceitei participar do passeio por você -o escutou dizer-. Entretanto, não tenho a menor intenção de ver-me assaltado pelas crianças nem de acabar com os tímpanos destroçados por seus gritos. Tanto eles como seus pais se dirigem ao prado e ao bosque. Nós guiaremos aos que sejam capazes de enfrentar o atalho agreste.

-Suponho que jamais permite que quebrem sua tranquilidade -aventurou.

-Não se posso evitá-lo -reconheceu-. E em regra geral estou acostumado a consegui-lo. Estava desejando lhe mostrar a propriedade. Suponho que é muito mais pitoresca durante o verão, mas a beleza da primavera lhe outorga certo ar de frescura. Além disso, hoje faz um dia muito bom. Eu também gosto muito das paisagens invernais - assegurou-. Apesar da morte que aparentam, encerram a promessa da ressurreição. O inverno nos ajuda a entender o poder, o mistério e a glória da vida. E depois chega a primavera. eu adoro a primavera! É difícil para mim imaginar a propriedade ainda mais bonita.

Atravessaram o prado que se estendia pela parte oeste da mansão a fim de entrar no atalho que corria colina acima em direção

ao que supôs que era o atalho agreste e deixaram atrás algumas cerejeiras em flor. Os meninos e seus pais, um grupo buliçoso e entusiasta, prosseguiram pelo prado.

-Senhora Derrick -disse o duque-, acredito que é uma otimista sem remissão. Encontra você esperança inclusive na morte.

-A vida em si mesmo seria uma tragédia se não compreendêssemos que é indestrutível -concluiu.

Seguiram um atalho íngreme que subia entre árvores cujas copas brilhavam com o verde resplandecente das folhas novas, muito mais evidente pelo contraste com o verde escuro das árvores de folha perene. Depois de uma curva situada na parte mais alta, acessaram a um trecho plano que corria entre rododendros e outras espécies arbóreas de maior altura. Nos espaços abertos o solo estava coberto de narcisos silvestres e prímulas. De quando em quando viam parte da mansão ou dos jardins adjacentes através das árvores. Na parte leste da propriedade havia um enorme lago ladeado de árvores com uma ilha no centro.

Alguns convidados tinham decidido passear também pelo atalho agreste, mas em seguida ficaram atrasados, incapazes de seguir o ritmo que tinham imposto. Depois da depressão da noite anterior se encontrava muito mais animada. E o que acabava de dizer era certo. A Páscoa começava com o sofrimento por uma morte e era um tempo de tristeza, mas atrás dela chegava a glória da ressurreição.

O atalho continuou subindo de forma suave até alcançar o ponto superior da colina, onde se erguia um torreão em ruínas.

-Pode-se subir? -perguntou.

-De cima se desfruta de uma ampla panorâmica -respondeu o duque-. Mas a escada é muito íngreme, tortuosa e escura. Talvez seria melhor seguir caminhando em lugar de nos deter.

Olhou-o de esquelha.

-Ou talvez não -se corrigiu Bewcastle-. Se a memória não me falha, gosta de subir até as ameias dos antigos castelos.

O comentário a fez rir.

Subiu a escada com cuidado, mantendo-se colada à parede, lugar onde os degraus eram mais largos, e erguendo a barra do

vestido com uma mão para não tropeçar. Sem embargo, o esforço valeu a pena quando chegou à parte superior e contemplou a vista. Dali se apreciavam a enorme extensão e a beleza de Lindsey Hall, além das terras de trabalho vizinhas. A mansão parecia enorme e imponente.

Se em lugar de haver dito "não" houvesse dito "sim", teria sido a proprietária e senhora de todo aquilo, pensou. E das outras propriedades que o duque mencionou durante o verão. E dele! Talvez ainda pudesse sê-lo. Estava cortejando-a? Não compreendia que era impossível?

Virou-se para olhá-lo e o descobriu no degrau superior, observando a ela em lugar de admirar a paisagem. Tinha os olhos entrecerrados por causa do sol.

-A vista é magnífica -disse, virando-se um pouco para as observar em sua totalidade.

-Sim -reconheceu ele-, certamente. -Mas a estava olhando a ela.

E ele também era magnífico, concluiu. O marrom, o bege e o branco de seu traje, somados ao negro resplandecente das botas de montar, conferiam-lhe um aspecto impecável. A austera atitude de seu rosto completava a imagem do aristocrata consumado e refinado que projetava. Seria o sonho de qualquer retratista.

Estavam apanhados ao meio metro de distância olhando o um ao outro, ele com os olhos entrecerrados e ela com os olhos arregalados, sem nada que dizer-se.

Ao cabo de uns instantes Bewcastle deu um passo à frente e apontou com a mão para um ponto concreto da paisagem. Ela deu a volta para olhar nessa direção.

-Vê o pequeno edifício situado entre as árvores ao norte do lago? -perguntou-lhe.

Demorou um momento em localizá-lo, mas acabou por fazê-lo. referia-se a um edifício com telhado de palha e planta circular.

-O que é?-perguntou-. Um pombal?

-Sim -respondeu ele-. Eu gostaria de mostrar-lhe mas está bastante longe.

-E me vê incapaz de caminhar tanto? -perguntou entre gargalhadas.

-Acompanhará-me? -Tinha virado a cabeça para ela e seus olhares se encontraram e entrelaçaram de novo.

-Sim -respondeu e teve a impressão de que o convite que tinha aceito era muito mais transcendental do que parecia.

O resto do grupo que os acompanhava chegou ao torreão enquanto eles desciam. A senhora Pritchard e lorde Weston, lady Mowbury e Justin, e Hermione e Basil. Audrey e sir Lewis se atrasaram muitíssimo.

-Vou continuar com a senhora Derrick, mas abandonaremos o atalho em uma das curvas -informou-os o duque de Bewcastle -. Não se preocupem. Se continuarem caminhando sem desviar-se, acabarão de volta na mansão. Com o passar do caminho há vários pontos desenhados para descansar.

Caminharam um curto trecho em silêncio antes de virar para a direita e abandonar o atalho, em direção a uma costa coberta de erva que deviam descer para chegar até as árvores que rodeavam o lago. O duque voltou a lhe oferecer o braço, já que a ladeira era bastante pronunciada e seria difícil descer sem escorregar. Em realidade, pensou enquanto recusava a ajuda de sua excelência, só havia um modo sensato de descer. ergueu as saias por cima dos tornozelos e pôs-se a correr colina abaixo.

A ladeira era mais longa e levantada do que tinha suposto. Quando chegou abaixo com a aba do boné dobrada para trás, os cachos agitando-se em torno do rosto e gritando a plenos pulmões, estava a ponto de sair voando. Mas que emocionante tinha sido! Nesse instante se deu conta de que o grupo que levava as crianças se aproximava das árvores... e a maioria teria sido testemunha de sua vergonhosa descida. pôs-se a rir ao mesmo tempo que olhava para trás para ver como o duque de Bewcastle descia a colina com porte majestoso, como se estivesse passeando pelo Bond Street.

-Que colina mais estupenda para descer rodando! -gritou.

-Se lhe for impossível resistir a tentação, senhora Derrick -disse ele ao chegar ao pé-, esperarei-a aqui enquanto você sobe e depois desce rodando. Assumirei o papel de espectador.

E depois se virou com as sobrancelhas arqueadas quando um eufórico grupo de crianças chegou correndo na clareira seguido pelos adultos.

-Vamos subir? -gritou o pequeno William Bedwyn a seu pai, lorde Rannulf-. Quero subir, papai!

-Vamos! -exigiu-lhe Jacques ao dele.

Daniel nem sequer perguntou. limitou-se a sair correndo colina acima até chegar na metade e depois correu para baixo com toda a velocidade que lhe permitiram suas pernas até aterrissar nos braços de sua mãe, lady Freyja, que o salvou de cair de bruços. O pequeno não demorou para escapar dela para voltar a subir.

Saltava à vista que a colina ia ser uma zona de brincadeira durante um bom tempo. O duque de Bewcastle observou a seus sobrinhos com essa indecifrável expressão tão característica nele antes de virar-se para ela e lhe oferecer seu braço; entretanto, Pamela e Pauline lhe tinham adiantado ao tomar a de ambas as mãos. As meninas não paravam de falar de uma vez -melhor de gritar- lhe exigindo que as olhasse embora Melanie e Bertie estivessem por ali perto. De modo que aceitou entre gargalhadas e as observou subir à carreira para participar do jogo de descer correndo. Beatrice Bedwyn foi primeira em fazer-se dano e pôs-se a chorar a lágrima viva até que seu pai a agarrou nos braços, subiu-a nos ombros e partiu para a espessura a pleno galope. Miranda Bedwyn, que mal sabia andar, convenceu a lorde Rannulf para que a acompanhasse uma pequena distância e assim poder descer arranca-rabo de sua mão. antes de chegar abaixo, seu pai a ergueu nos braços com um ensurdecador rugido e chegaram à base com a menina gritando de alegria e exigindo uma repetição. Hannah Bedwyn se limitava a caminhar em círculos dando Palmas e rindo-se, com os olhos cravados em lorde Aidan até que perdeu o equilíbrio e aterrissou sobre um traseiro bem acolchoado.

A animação era ensurdecadora.

-Phillip e Davy vão subir até acima de tudo -gritou Pamela com todas suas forças enquanto a agarrava de novo pela mão-, e minha amiga Becky e eu também queremos subir! Vêem conosco, prima Christine.

Quando Becky a agarrou pela outra mão, nem lhe passou pela cabeça negar-se apesar de que acabava de descer a ladeira pouco antes. Subiu-a com as meninas e se detiveram a meio caminho para ver como os dois meninos corriam ladeira abaixo entre eufóricos alaridos.

-Sabem que seria muito mais divertido baixá-la rodando que correndo? -disse-lhes quando se aproximavam da parte superior.

-Rodando!? -Becky soltou um risinho nervoso. - Como?

-Terá que deitar-se de costas no chão com os braços estendidos por cima da cabeça - respondeu - e depois rodar para baixo. É a ladeira mais estupenda que vi na vida para descer assim.

-Ensine-nos! -exigiu Pamela.

-De acordo -aceitou ela-, ensinarei-lhes como se faz embora eu não participe. Seria um pouco indigno para uma senhora mais velha, não lhes parece?

As meninas puseram-se a rir, encantadas, e ela as imitou. Uma vez que chegaram à parte superior da colina, deitou-se no chão e lhes mostrou a posição ideal para rodar costa abaixo.

-É muito fácil -lhes assegurou-. Se tiverem problemas para dar o giro inicial, eu as empurrarei. Mas tenham em conta que uma vez que comecem a descer, já não haverá...

A frase acabou com um grito. Entre gargalhadas infantis, dois pares de mãos lhe tinham dado um empurrão que a enviou colina abaixo. Em um primeiro momento pensou em tentar deter-se, mas sabia por experiência que poderia machucar-se, sobre tudo em uma ladeira tão íngreme; e, além disso, em caso de que não se fizesse mal, a imagem que ia dar tentando encontrar com mãos e pés algum cabo seria muito humilhante. Ao cabo de um instante compreendeu que o momento de tentar deter-se tinha passado, de modo que continuou girando e girando colina abaixo entre gritos a uma velocidade alarmante.

Quando chegou à base era incapaz de pensar com coerência e os gritos se transformaram em gargalhadas. Dois fortes braços a apanharam e dois olhos prateados de expressão séria a olharam de cima. Quando seus pensamentos recuperaram a coerência,

compreendeu a quem pertenciam os ditos braços e olhos, e percebeu que todos estavam rindo salvo ele.

Os gritos inundaram de novo o ar quando as meninas desceram rodando e a partir desse momento o jogo tomou outra dimensão diferente, porque todos os meninos quiseram as imitar.

Phillip e Davy já subiam à carreira.

-Já vejo que cumpriu seu desejo, senhora Derrick -disse o duque de Bewcastle.

-Um espetáculo muito divertido! -exclamou lorde Rannulf com um sorriso que aumentou seu já de por si viril atrativo.

-Estou morta de inveja -disse lady Freyja-. Faz anos que não desço rodando por aí. Mas vou voltar a fazê-lo hoje mesmo. Davy, me espere!

Enquanto se assegurava de que tinha os braços e as pernas decentemente cobertas, perguntou-se se teria deixado alguma fibra de erva na colina ou se as tinha levado todas consigo durante a descida... ficou em pé ao mesmo tempo que sacudia a roupa com força.

-Wulf -escutou que dizia lorde Alleyne-, agora que a senhora Derrick ensinou as crianças a divertir-se de verdade e desafiou ao Free, por que não a leva ao lago?

-Se a senhora quiser - replicou o duque-, isso é o que farei. Obrigado, Alleyne. Senhora?

-Certamente -respondeu ela, rindo enquanto aceitava o braço de sua excelência-. Já me pus em ridículo o bastante por um dia.

Percebeu que o conde de Rosthorn lhe piscava um olho.

O duque a acompanhou pela da espessura e logo deixaram atrás o ruído e as risadas.

-Só estava ensinando às meninas como se fazia - disse ao ver que o silêncio se prolongava muito-. Me empurraram!

Ele não replicou.

-Terei dado um espetáculo muito constrangedor - prosseguiu-. Seus irmãos acreditarão que sou uma criatura espantosa.

O duque seguiu em silêncio.

-E você também -acrescentou.

Não soube muito bem o que lhe fez no braço nesse momento; mas, fosse o que fosse, de repente se encontrou com as costas coladas a uma árvore e com o duque de Bewcastle frente a ela, olhando-a com semblante sério e realmente perigoso. Uma de suas mãos descansava no tronco da árvore, junto a sua cabeça.

-E lhe importa, senhora Derrick? -perguntou-. - Importa-lhe minha opinião?

Sua opinião era bastante óbvia. Estava furioso com ela. Considerava-a vulgar e pouco feminina.

Acabava de deixar ambos os defeitos bem claros diante de toda sua família. E como era sua convidada... seu comportamento o deixava a ele em muito mau lugar. De repente, recordou a advertência que Hermione lhe fizera na noite anterior.

-Não -respondeu, embora fosse mentira. Porque lhe importava.

-Supunha-o. -Sua expressão era gélida.

-Não gosta de crianças, não é? -aventurou-. Nem nada que recorde remotamente a uma reação infantil, exuberante ou eufórica. Para você o único importante é mostrar essa fria dignidade, essa reserva. Não lhe importa nada mais! É obvio que me importa um nada o que pense de mim.

-De qualquer forma vou dizê-lo replicou com os olhos iluminados por um gélido resplendor que supôs que se devia à fúria-. Acredito que a puseram neste mundo para iluminar aos simples mortais, senhora Derrick. E também acredito que deveria deixar de supor que me conhece e me compreende.

-Uf! -Pressionou a parte posterior do chapéu contra o tronco da árvore-. Detesto que faça isso. Justo quando acredito que acabamos de nos encetar em uma satisfatória disputa, deixa-me sem palavras. Que complicações quis dizer com isso?

-Que não me conhece absolutamente -respondeu.

-Referia ao outro -especificou-. o de iluminar aos mortais.

Viu-o aproximar a cabeça um pouco mais, mas seus olhos ainda se assemelhavam a um par de resplandecentes pedaços de gelo. Uma contradição certamente curiosa!

-Faz coisas impulsivas, pouco femininas, torpes e inclusive vulgares -reconheceu-. Fala muito, ri muito e brilha de um modo que

não é absolutamente sofisticado. Entretanto, todo mundo se aproxima de você, como as traças a uma chama. Acredita que a gente a despreza, insulta-a e lhe dá as costas, quando acontece justo o contrário. Em uma ocasião me disse que não encaixava na alta sociedade. Não acredito que seja certo. Acredito que em realidade encaixa à perfeição; ou o teria feito se lhe tivessem dado a oportunidade. Não sei quem lhe colocou essa ideia na cabeça, mas quem quer que fosse estava equivocado. Talvez não pôde resistir ao poder de sua luz, ou talvez não suportava a idéia de compartilhá-la com o mundo. Talvez confundiu tal luz com paquera. Isso é o que opino, senhora Derrick. Estava assimilando a alegria de ver que a vida tinha voltado para Lindsey Hall com as crianças, muitas das quais são os filhos de meus irmãos... e justo então rodou você colina abaixo até meus braços. Não consinto que me diga que eu não gosto das crianças, nem da euforia, nem da alegria.

Suas palavras a perturbaram grandemente. E ao mesmo tempo lhe provocaram um imenso júbilo.

Tinha conseguido enfurecê-lo! Porque estava furioso com ela. E tinha dado rédea solta a seu aborrecimento. Jamais o tinha escutado pronunciar tantas palavras seguidas desde que o conheceria.

-E eu não consinto que você me diga o que devo ou não devo dizer -contra-atacou-. Talvez ostente um poder absoluto em seu mundo, excelência, mas eu não formo parte dele. Não tem poder algum sobre mim, detalhe de que devemos me alegrem depois de ter escutado sua descrição sobre minha pessoa acabaria envergonhando-o todos e cada um dos dias de sua vida; como fiz no Hyde Park. Como fiz há um momento.

-A diferença de seu defunto marido ou de seu irmão, ou de quem quer que a convencesse de que é você uma coquete sem remédio - respondeu - acredito-me capaz de suportar o poder de sua luz, senhora Derrick. Minha identidade não minguaria a seu lado. E a sua não minguaria por meu poder. Em uma ocasião me disse que acabaria lhe roubando a alegria, mas se isso é o que pensa, asseguro-lhe que se está menosprezando. A alegria só se

consome ao lado da debilidade. E não me tenho por um homem débil.

-Não diz mais que tolices! -exclamou quando o duque se afastou por fim e retirou a mão do tronco-. Para você outros só são peões que correm a cumprir suas ordens e desejos. E rege seu mundo com o simples gesto de arquear uma sobrancelha ou de elevar um dedo. É evidente que teria a necessidade de me controlar se fosse tão idiota para lhe outorgar poder sobre mim. Não tem nenhum outro modo de relacionar-se com as pessoas.

-E você, senhora Derrick -replicou sua excelência enquanto se afastava uns passos dela, depois do que deu meia volta para olhá-la-, não tem outro modo de enfrentar à atração que sente por mim que não seja convencendo-se de que me conhece completamente. decidi então que não levo nenhuma máscara? Ou que estava certa quando insinuou ontem à noite que era o duque de Bewcastle até a medula dos ossos?

-Não me sinto atraída por você! -gritou.

-Ah, não? -Ergueu uma dessas arrogantes sobrancelhas antes de fazer o mesmo com o monóculo-. Nesse caso, mantém relações sexuais com todos os que a convidam a um lugar afastado depois de dançar com você?

A fúria a invadiu. E se concentrou em um objeto concreto.

-Agora sim que passou dos limites! -exclamou, aproximando-se dele com grandes passadas.

Arrancou o monóculo da passiva mão que o segurava e, depois de lhe passar pela cabeça com brutalidade a fita que o segurava, lançou-o pelos ares com um iracundo giro do pulso.

Ambos observaram a ampla trajetória ascendente cujo cénit se localizou entre duas árvores, depois do que começou a descer... embora nunca chegasse ao chão. A fita ficou travada em um ramo bem alto e a lente se limitou a balançar-se de um lado a outro como se fosse um pêndulo pendurado a um quilômetro do chão... ou isso se parecia com ela.

Foi primeira em falar.

- Desta vez não penso em subir à árvore -afirmou.

-Alegra-me escutá-lo, senhora -replicou ele com a voz mais fria que lhe tinha escutado jamais-. Detestaria ter que levá-la nos braços até a mansão com outro vestido arruinado.

Virou a cabeça para fulminá-lo com o olhar.

-Não me sinto atraída por você. Nem um ápice -lhe assegurou-. E não sou promíscua. -Nunca pensei que o fosse -reconheceu sua excelência-. De fato, essa era a base de meu argumento.

-Suponho que, quando voltarmos à mansão-disse ao mesmo tempo que olhava para o monóculo, ao qual a brisa balançava suavemente-, limitará-se a arquear uma sobrancelha para que um exército de jardineiros corra a resgatá-lo. Porque não poderá erguer o monóculo, não é verdade? Embora seja possível que tenha um fornecimento infinito deles.

-Oito -afirmou com brusquidão. - Tenho oito, ou os terei assim que esse em particular volte a estar em meu poder. -E com essas palavras se afastou dela.

Em um primeiro momento pensou que ia deixar a só em penitencia pelos pecados cometidos.

Entretanto, deu-se conta de que ia em direção ao velho carvalho com o fim de recuperar o monóculo. Viu-o subir pelo tronco exatamente igual a tinha descido pela colina: com agilidade e elegância. Quando conseguiu chegar à altura do ramo do qual pendia, ela tinha o coração na boca.

Não obstante, o monóculo estava bastante afastado do tronco, de modo que teve que sentar-se no ramo e continuar avançando desse modo.

-Tome cuidado, por favor! -gritou antes de cobrir a boca com as mãos.

-Sempre o tenho -lhe assegurou ao mesmo tempo que liberava a fita e a soltava para que ela o recolhesse, embora continuasse sentado, observando-a-. Sempre. Salvo no que a você se refere, conforme parece. De outro modo, ficaria sentado aqui acima até que você estivesse sã e salva em Gloucestershire. De outro modo, a teria evitado em Schofield Park como se fosse a peste. Me teria encerrado em Bedwyn House depois das bodas da senhorita Magnus e não teria tornado a sair até estar seguro de que você se

encontrava a cinqüenta quilômetros de Londres como pouco. Abandonei a idéia de me casar depois de um fracassado plano matrimonial quando tinha vinte e quatro anos. A partir desse momento deixei de procurar esposa. Se houvesse feito, jamais me teria fixado em você, asseguro. Teria tido muito cuidado na hora de escolher. E teria escolhido com sensatez. Para falar a verdade, é você a antítese da mulher que teria escolhido.

-Tendo duas amantes, não estranho que não queira casar-se - replicou com sarcasmo e compreendeu, muito tarde, que a tinha incitado até levá-la a cometer a maior das vulgaridades.

Como se atrevia a lhe dizer sem disfarces que era a antítese da mulher que queria como duquesa!? Sua excelência seguia observando-a das alturas com expressão mal-humorada... e bonito até o inexprimível.

-Duas... -escutou-o dizer-. Uma para a semana e outra para os domingos? Ou uma para o campo e outra para a cidade? Ou uma para o dia e outra para a noite? Seu informante está muito desinformado, senhora Derrick. Minha única amante, a qual mantive durante anos, morreu faz mais de um ano e não sei de nenhuma outra. Estou seguro de que me perdoará a vulgaridade de ter mencionado a semelhante pessoa pois foi a primeira em trazer à luz.

Mais de um ano. Nesse caso, tinha tentado substituir a dita amante em Schofield Park... com ela.

-Consegue você que me sinta constantemente enfurecido e encantado -lhe confessou-Freqüentemente ao mesmo tempo. Encontra alguma explicação?

-Não quero encantá-lo! -gritou-. Nem sequer quero enfurecê-lo. Não quero ter absolutamente nada que ver com você. Não entendo como pode sentir algo por uma mulher a que é óbvio que despreza. Imagine até que ponto me desprezaria caso se visse obrigado a viver comigo durante o resto de sua vida.

Sentiu-se atravessada por esses gélidos olhos prateados.

-Isso foi o que aconteceu a seu matrimônio? -perguntou-lhe ele.

-O que lhe acontecesse ou deixasse de lhe acontecer a meu matrimônio não é seu assunto -repôs-. Eu não sou assunto seu! vai ficar todo o dia aí sentado... ou está esperando a que ponha rumo para Gloucestershire? É absurdo que continuemos discutindo desta maneira quando você corre o risco de cair e eu de sofrer um torcicolo por culpa desta postura.

Sua excelência começou a descer sem dizer palavra. Observou-o em silêncio. Era um homem de físico atlético e muito viril, reconheceu a contra gosto. E sua presença lhe era inquietante.

Porque acabava de ver que em seu interior havia muito mais que gelo e poder. Tinha sido testemunha de sua fúria e de sua frustração. Havia-lhe dito que o encantava... e que o enfurecia. Por que se atraíam os pólos opostos?, perguntou-se. E bem opostos que eram em seu caso.

Entretanto, os pólos opostos não iam além da mera atração. Jamais podiam coexistir em harmonia e felicidade. Nunca mais - jamais dos jamais!- renunciaria a sua liberdade pelo capricho de uma atração. Embora parecesse amor.

O duque sacudiu a roupa enquanto ela se colocava o monóculo em torno do pescoço. ia encarregar se de que essa tarde não voltasse a utilizá-lo.

-Já é muito tarde para ir ao pombal -disse-. Teremos que deixá-lo para outra ocasião.

Retornaremos ao lago... como Alleyne sugeriu.

Esses olhos prateados posaram no monóculo, embora não fez nenhum comentário nem lhe exigiu que o devolvesse.

-Sim -replicou ela, levando- as mãos às costas-. Obrigado.

"Acredito que a puseram neste mundo para iluminar aos simples mortais, senhora Derrick."

Esqueceria algum dia o momento no qual lhe havia dito essas palavras? Umas palavras tão estranhas, que a tinham deixado à beira do pranto.

Ele, muito desagradável e estúpido, era quem a deixava à beira do pranto.

Capítulo 18

Voltaram para a mansão, caminhando pela margem do lago. O vento soprava da outra borda e, embora fizesse um dia lindo, a sensação era a própria de um dia de princípios da primavera.

Wulfric estava aniquilado pelo fato de ter perdido o controle com ela. Ele nunca perdia o controle. Embora tampouco se apaixonara nunca... até esse momento. Havia-lhe dito a verdade, enfurecia-o e o encantava ao mesmo tempo. Nesse mesmo momento estava tentado de deixá-la partir, de empreender a retirada, de recorrer uma vez mais à frieza - embora segundo ela nunca a tivesse abandonado- e de esquecer-se dessa loucura de conquistá-la.

Desde quando uma duquesa de Bewcastle rodava colina abaixo ante uma enorme audiência composta pelos membros de sua família, tanto adultos como crianças, entre gritos de júbilo e alegres gargalhadas? E tão

incrivelmente formosa que tinha estado a ponto de erguê-la nos braços quando chegou aos pés da ladeira para lhe cobrir o rosto de beijos.

Perguntou-se como teriam reagido seus irmãos, e os Renable, se tivesse cedido à tentação.

Caminhavam em silêncio. Foi ele quem acabou por rompê-lo... a contra gosto. Não estava seguro do que suas palavras podiam chegar a provocar. Não estava seguro de querer conhecer a resposta, em caso de que ela estivesse preparada para dar-lhe Mas como ia amá-la se não a conhecesse de verdade?

-Me fale de seus anos de matrimônio -lhe disse.

Viu-a virar o rosto para o lago. Ao descer a vista, viu também que tinha seu monóculo ao pescoço. Por uns instantes acreditou que não ia responder lhe.

-Era loiro, bonito, doce e encantador -respondeu ela- Apaixonei-me a primeira vista e, por incrível que pareça, ele se apaixonou por mim. Casamos dois meses depois de nos conhecer, e por um tempo parecia que seríamos felizes para sempre. Adorava a sua família, e eles me adoravam, inclusive seu irmão e sua cunhada. Adorava a meus sobrinhos. A vida na alta sociedade nunca foi fácil, mas de algum modo consegui que me aceitassem, inclusive que me recebessem com os braços abertos... Nisso você estava certo. Inclusive fui apresentada à rainha e recebi convites para o Almack's. Me achava a mulher mais afortunada do mundo.

Devia ter uns vinte anos naquela época. Uma jovem linda, carregada de sonhos românticos com seu belo marido com quem seria feliz para sempre. Sentiu uma onda de ternura por essa jovem. Se a houvesse conhecido naquele tempo, também se teria apaixonado por ela?

-O que aconteceu?-quis saber.

Viu-a encolher os ombros e seguiu um pouco encurvada embora não se queixasse do frio.

-Oscar me surpreendeu quando cheguei a conhecê-lo melhor - respondeu -. Apesar de sua atitude, seu encanto, sua posição e sua fortuna, era muito inseguro. Emocionalmente dependia muito de mim. Adorava-me e mal permitia que me afastasse de sua vista. Não me importava... é claro que não me importava. Para mim, ele era o ar que respirava. Mas então começou a pensar que podia me perder. Começou a me acusar de paquerar com outros cavalheiros. Sua obsessão chegou a tal extremo que se falava, sorria ou dançava com outro homem,

deprimia-se durante dias. E depois, cada vez que saía sem ele -embora sempre me acompanhava outra dama ou minha criada-, pensava que era para me encontrar às escondidas com outro homem. Inclusive me acusou de... bom, dá no mesmo.

Oscar Derrick, percebeu ele, era um homem fraco, e como tal foi muito possessivo. A medida de sua valia era a quantidade de atenção que lhe prestava sua esposa. E quando não lhe foi suficiente, porque jamais teria podido ser, converteu-se em um homem mal-humorado e inclusive cruel.

-Adultério?-sugeriu.

Escutou-a inspirar fundo. Ainda tinha o rosto virado.

-Hermione e Basil acabaram acreditando nele - prosseguiu ela-. Deve ser terrível que o acusem de algo quando é culpado. Mas quando é inocente, é uma situação intolerável. Não, essa palavra não é bastante forte. É uma situação demolidora. Durante os últimos anos de meu casamento me despojaram de toda a alegria. E ao Oscar aconteceu o mesmo. Começou a beber muito e a apostar grandes somas de dinheiro. Nunca fomos ricos, mas sua fortuna era respeitável. Quando morreu tinha tantas dívidas que se tivesse seguido com vida, jamais teria podido saldá-las. Se não fosse por Justin, acredito que não teria podido sobreviver sem me tornar louca. Aparentemente, era o único amigo que restava. Sempre acreditou em mim, sempre confiou em mim, sempre me consolou. Mas por mais que o tentasse, nunca teve muita influência sobre seus primos.

Tinha deixado de caminhar e estava olhando com os olhos entrecerrados um bando de patos que nadavam perto da ilha. Oscar Derrick lhe tinha feito um favor ao morrer jovem, pensou.

-Seu marido morreu em um acidente de caça? -perguntou-lhe.

-Sim. -A resposta foi imediata.

-Em uma ocasião me disse que a tinham acusado de matá-lo embora não estava com ele quando morreu -comentou.

-Morreu em um acidente de caça -disse, recalcando cada palavra. O vento açoitava a aba de seu chapéu e a parte inferior de seu casaco.

Tinha pensado que era possível chegar a conhecê-la melhor essa tarde. Tinha planejado levá-la ao pombal, mas se demoraram muito na colina e logo se produziu a discussão no bosque. Nesse momento acabava de lhe dizer algo que suspeitava que não tinha contado a muitas pessoas, mas era evidente que ainda guardava segredos concernentes à

morte de seu marido. sentia-se decepcionado. Percebeu que queria ser seu amigo. Que queria que fosse sua amiga.

Grande estupidez! Jamais tinha inspirado uma amizade sincera em outros.

Continuou caminhando muito devagar, subindo a suave ladeira da colina que se afastava do lago para retornar à mansão através do arvoredor.

-Dispararam-lhe em um duelo - escutou-a dizer de repente.

Deteve-se na hora mas continuou em silêncio.

-Estávamos em Winwood Abbey -continuou ela, e ao virar-se para olhá-la se deu conta de que tinha os punhos apertados de ambos os lados do corpo. Viu-a voltar-se para encará-lo. Hermione e Basil se ausentaram durante uns dias e Oscar tinha saído para jogar cartas com um vizinho.

Enquanto estava fora, chegou outro vizinho, um jovem solteiro. Oscar e ele tinham sido amigos desde meninos. Encontrava-me fora da mansão, e ele se negou a entrar porque Oscar não estava em casa. Acompanhei-o pela avenida porque tinha saído para fazer um pouco de exercício e ele tinha ido à casa a pé. Quando chegamos ao final da avenida nos encontramos com Justin...

Costumava passar temporadas conosco. Justin também conhecia o senhor Boothby. Desmontou e os três ficamos ali conversando um bom tempo. Justin acabava de montar e eu estava me despedindo do senhor Boothby quando Oscar apareceu pelo caminho na garupa de seu cavalo. Ainda recordo que o senhor Boothby lhe gritou entre risadas: "Derrick, por fim voltou. Como esteve descuidando de sua mulher, levo mais de uma hora entretendo-a. Primeiro me pesca seu primo com ela e agora você".

-Ah! -exclamou ele-. Uma brincadeira pouco afortunada para qualquer marido. E de conseqüências desastrosas para um marido ciumento.

-Não acreditou nem na minha afirmação de inocência nem na insistência de Justin ao lhe assegurar que tinha estado presente durante quase todo o tempo -continuou-. Nessa mesma tarde Oscar cavalgou até a casa do senhor Boothby e o desafiou a duelo, arrastando ao pobre Justin com ele, e na manhã seguinte se bateram com pistolas. Foi espantoso, horrível. -estremeceu-. O senhor Boothby disse que tinha apontado à perna de Oscar e que ali era onde lhe tinha disparado. Mas atirou em uma artéria e morreu sangrando, já que não tinham tido a

precaução de levar um cirurgião. Hermione e Basil chegaram justo quando o estavam entrando em casa. Eles... -Agitou uma mão em sua direção e lhe deu as costas de repente-. Sinto muito. Não posso...

Saltava à vista que estava lutando contra as lágrimas e contra as lembranças.

-Não acreditaram? -perguntou ao cabo de um momento.

Viu-a negar com a cabeça.

-Estava tão bonito... Parecia tão tranquilo... Eu...

Mas não podia continuar.

Seu primeiro impulso foi aproximar-se dela para abraçá-la com força. O instinto lhe advertiu que talvez precisasse estar sozinha. Se Oscar Derrick continuasse vivo, pensou, estaria mais que tentado de fazê-lo entrar em razão a base de golpes.

-Contou a alguém esta história? -quis saber.

Viu-a negar de novo com a cabeça.

-Combinamos que todos diríamos que tinha sido um acidente de caça -respondeu ela-. Desse modo o senhor Boothby evitava problemas com a lei e nós, o escárnio público.

-Mas você era inocente -replicou.

-Sim. - Virou a cabeça para olhá-lo por cima do ombro-. Não posso acreditar que tenha contado isto precisamente a você. Não sabe quanto desejei poder contar a alguém.

Sustentou seu olhar. Até certo ponto compreendia a reação de Oscar Derrick. Um idiota morto de ciúmes, indubitavelmente debilitado pela bebida e por dívidas desastrosas. Muito mais difícil de compreender era o papel que tinham interpretado os Elrick nessa história. Pareciam pessoas sensatas. Mas, é obvio, Derrick era o irmão do Elrick. Quando estava implicada a família, nem sempre era possível enfrentar às pessoas e às situações com objetividade. O sangue, como rezava o ditado, era mais espesso que a água.

-Obrigado -disse finalmente, com a estranha sensação de que lhe tinha dado um grande presente ao lhe haver contado a verdadeira história-. Obrigado por me contar isso Pode confiar em minha descrição.

-Sim -afirmou ela-. Sei.

Viu-a aproximar-se dele com as mãos entrelaçadas às costas e seu monóculo no pescoço.

Retornaram à mansão caminhando o um ao lado do outro em completo silêncio.

"Não crie vínculos emocionais com ninguém. "

"Não tente compreender nem compartilhar as emoções de outra pessoa. "

"Mantenha as distâncias. "

"Concentre nos fatos. "

"Decida sempre por agir com lógica em todas as situações e evite a impulsividade e as emoções. "

Todas essas regras as tinham gravado a fogo os dois tutores que seu pai contratou. E finalmente tinha aprendido-as e tinha seguido-as ao pé da letra, tinha feito delas, regia-se por elas de forma inconsciente. A frieza e a lógica se converteram em uma parte essencial de seu caráter.

Acabava de romper essas regras. entrou na vida emocional de outra pessoa. E, que Deus o ajudasse, o vínculo emocional que o unia a ela era inegável.

-Estou-lhes dizendo que atirou o monóculo a uma árvore. -Alleyne se deixou cair de costas na cama de Eve e Aidan, cobriu os olhos com uma mão e explodiu em gargalhadas.

- Tinha que ser ela. Wulf não o teria feito nunca e essa intriga não subiu sozinho. E estavam discutindo, disso não havia dúvida.

- Eu gosto dessa mulher! -exclamou Morgan ao mesmo tempo que se sentava na beira da cama e levava as mãos ao peito-. É uma criatura atalhada por nosso mesmo padrão, não lhes parece?

Depois de deixar as crianças na ala infantil, reuniram-se no quarto de Aidan porque Alleyne lhes havia dito que tinha algo muito importante para lhes dizer depois do seu passeio pelo bosque com Beatrice sobre os ombros.

-Não me entra na cabeça que alguém tenha a temeridade de tocar sequer um dos monóculos de Wulfric, muito menos de tirar-lhe e lançá-lo pelos ares -disse Gervase entre risadas. Isto é divertidíssimo.

-E lhe ordenou que subisse para pegá-lo? -quis saber Joshua-. Lady Renable me comentou a princípio de nosso passeio que o ano passado a senhora Derrick subiu a uma árvore no jardim de uma igreja e deixou meio vestido em um ramo quando desceu... diante de quase todos os convidados do Schofield Park. Wulfric foi quem saiu em seu resgate.

-Cada vez eu gosto mais -declarou Freyja-. Quando a vi rodando colina abaixo, soube que era a mulher adequada para o Wulf. Foi ela a que subiu à árvore para recuperar o monóculo, Alleyne? Enfim, tome seu tempo para responder, não se preocupe, termina primeiro de rir.

-Não, não foi ela quem subiu - respondeu -. Foi Wulf... e logo ficou sentado em um ramo fulminando-a com o olhar enquanto retomavam sua discussão.

A imagem de seu irmão mais velho subindo a uma árvore a fim de resgatar seu monóculo para depois ficar sentado em um ramo e retomar uma discussão, foi muito para os Bedwyn e seus cônjuges. O ataque de hilaridade durou vários minutos.

-Não escutei o que diziam - assegurou Alleyne quando se recuperou um pouco-. Não teria ficado bem e estou certo de que B não teria cooperado muito. A única coisa que escutei foi que Wulf dizia que era a antítese da mulher que escolheria e que a senhora Derrick lhe soltava com incrível desdém que era lógico que não queria casar-se tendo duas amantes.

Fez-se o silêncio mais absoluto durante um instante depois do que voltaram a explodir em gargalhadas.

-Pobre Wulfric! -exclamou Rachel ao mesmo tempo que enxugava os olhos com um lenço-. Se tiver reagido de um modo tão descortês é porque está apaixonado.

Aos homens pareceu muito engraçada a idéia de que Wulfric estivesse apaixonado, embora as mulheres estavam de acordo com Rachel.

-Tenho que tê-la por cunhada -disse Freyja-. E não penso deixar que me contradigam.

-Pobre Wulfric -se compadeceu Joshua-. Não tem a menor oportunidade, encanto.

-Pobre tia Rochester! -exclamou Rannulf com um sorriso-. Está tão decidida a emparelhar ao Wulf com a sobrinha de Rochester que não vê além de seu nariz... e isso quer dizer muito sendo uma Bedwyn.

-Deveríamos descer ao salão para tomar o chá - recordou Eve-, ou nos tomarão por mal educados... e a pobre Amy se encontrará sentada com o Wulfric em um tête-à-tête.

-Devemos nos assegurar de que a senhora Derrick e Wulf passam mais tempo juntos -acrescentou Judith.

-Acredito que podemos deixar isso em suas mãos, Jude -disse Alleyne ao mesmo tempo que se sentava na cama.

-Pois não -o contradisse ela-. Não teriam estado juntos esta tarde se à Morgan não tivesse ocorrido dizer que tinha prometido a Amy falar

sobre sua apresentação à rainha. E se não tivessem estado juntos, não teriam tido a oportunidade de discutir.

-E segundo a lógica feminina isso é bom? -quis saber Rannulf, que sorriu com ternura a sua esposa.

-Se tivesse sabido que algum dia me veria envolvido em uma conspiração para casar Wulfric -disse Aidan com voz séria ao mesmo tempo que abria a porta para fazê-los sair-, me teria dado um tiro em algum campo de batalha e teria jogado a culpa aos franceses.

Não obstante, é obvio que foram os Bedwyn quem convenceram Christine, apesar de seus protestos, de sair a cavalgar com eles na manhã seguinte. Dado que outros convidados também iriam, confiavam em que o dever do Wulfric como anfitrião o levasse a acompanhá-los.

Não deveria ter aceitado a fazer algo assim, pensou Christine quando colocou o pé nas mãos de lorde Aidan para que a erguesse até a sela de amazona.

Para os Bedwyn, sem exceção alguma, montar a cavalo era tão natural como respirar. Assim como para a senhorita Hutchinson. Melanie, Bertie e Justin eram excelentes cavaleiros. Dela não se podia dizer o mesmo.

Em primeiro lugar, não tinha traje de montar, de modo que levava um vestido de viagem verde escuro e um chapéu. Em segundo, teve que sofrer a humilhação de pedir, diante de todos, o cavalo mais manso de toda a quadra... Um coxo e meio cego seria como pérolas, disse a lorde Aidan, que estava selecionando as montarias. E em terceiro, uma vez na sela, ficou sentada muito tensa e decidida a não cair. Embora sabia que não lhe serviria de nada, aferrou-se às rédeas como se fossem a única coisa que a mantinha a salvo apesar de estar longe do chão. Como era de esperar, sua montaria, que não estava nem coxa nem cega mas que era o animal mais dócil que tinha existido jamais segundo lorde Aidan, começou a mexer-se com nervosismo desde o primeiro momento.

Sabia o que ocorria, mas parecia incapaz de lhe pôr remédio. Tampouco ajudava o fato de levar quase três anos sem montar a cavalo, já que o trajeto que percorreu empapada da Serpentina até a casa do Bertie na cidade não contava.

Os Bedwyn e seus cônjuges pareciam encantados de qualquer forma. Prorromperam em gritos de ânimo e conselhos, e ao ver que estalava em gargalhadas, imitaram-na. Saíram do pátio dos estábulos

com ela no centro do grupo, e cavalgaram assim um momento para lhe dar uma falsa sensação de segurança.

E depois a abandonaram.

Um grupinho levou a senhorita Hutchinson, embora a marquesa de Rochester a tivesse encomendado ao cuidado do duque. Outro grupo levou Melanie e Bertie, Audrey e sir Lewis, e Justin.

A única pessoa com a que podia cavalgar era o duque de Bewcastle. E viceversa.

Sentia-se mais nervosa que nunca em sua companhia. Continuava sem poder acreditar que lhe tivesse contado a verdadeira história do acontecido em seu matrimônio e da morte de Oscar. Nunca tinha contado os detalhes a ninguém, nem sequer a Eleanor, a irmã com quem tinha mais confiança.

Depois de fazê-lo, sentiu-se estranhamente reconfortada embora não lhe tivesse devotado palavras de consolo. Entretanto, nessa manhã se sentia envergonhada... e um pouco gelada a seu lado. Não lhe tinha devotado palavras de consolo. Certamente que não. Possivelmente estava aborrecido, embora lhe tivesse agradecido por contar-lhe. Na noite anterior manteve as distâncias com ela e essa manhã não lhe tinha dirigido a palavra durante o café da manhã.

-Se queremos nos manter ao mesmo tempo com outros e chegar ao Alvesley Park antes do anoitecer, será melhor que consiga que esse cavalo fique em marcha e deixe de dançar, senhora Derrick - escutou-o dizer.

Assim que seu cavalo perdeu a guia de todos outros, começou a fazer isso... bailotear sem mover do lugar.

Soltou uma gargalhada, embora se sentisse um pouco envergonhada.

-Temos que nos conhecer assegurou-. Só necessitamos de um momento.

-Trixie, apresento-lhe à senhora Derrick -disse ele-. Senhora Derrick, apresento a Trixie.

-Eu adoro saber que consigo graças a tais cotas de engenho respondeu. Apertou a rédea que tinha na mão direita e Trixie obedeceu na hora traçando um círculo completo.

-Relaxe- indicou o duque-. Relaxe o corpo. Seu cavalo percebe como está tensa, e isso a põe nervosa. E relaxe as mãos. É mais uma seguidora que uma líder. Seguirá a Nobre se a deixar a seu livre-arbítrio.

Parecia muito simples, só tinha que relaxar. Quando o tentou, entretanto, funcionou e Trixie seguiu como uma boa garota ao magnífico garanhão negro que o duque montava.

-Agora espero não me encontrar de repente com uma cerca no caminho -disse-. Suponho que Nobre a saltaria sem demora, e dado que Trixie é uma seguidora, iria atrás dele. Temo que me deixariam estirada no chão do outro lado.

-Prometo voltar por você -lhe assegurou ele.

Soltou uma gargalhada e o duque a olhou com esses olhos inescrutáveis.

-Me conte coisas de Alvesley Park e de sua gente -lhe pediu. Já que esse era seu destino, conforme tinha entendido-. É o lar do conde Redfield?

-Assim é -respondeu.

Supôs que isso era tudo o que ia dizer lhe e chegou à conclusão de que não se incomodaria tentando ter uma conversa enquanto cavalgavam. Se ele estava a gosto em silêncio, ela também. Entretanto, o duque começou a lhe contar coisas dos três filhos do conde. O primogênito tinha morrido fazia uns anos e o caçula trabalhava como administrador em uma de suas propriedades galesas. Tinha sofrido feridas terríveis na Península e ao que parecia estava decidido a demonstrar a todos que não era um inútil. Kit Butler, o visconde de Ravensberg, era o filho do meio e o atual herdeiro do conde de Redfield, e vivia em Alvesley Park com sua esposa e seus filhos.

-As duas famílias sempre estiveram unidas? -quis saber.

-Quase sempre -respondeu ele-. Os filhos de Redfield e meus irmãos, Freyja incluída, foram companheiros de jogos... e Morgan se uniu a eles quando teve idade suficiente.

-Mas você não?

-Durante um tempo. -encolheu os ombros-. Cresci antes que eles.

Pronunciou as palavras com frieza e desdém. Acaso esse homem alguma vez tinha conhecido a alegria, nem sequer quando menino? Como se tinha podido acreditar apaixonada por ele? Como tinha podido lhe contar seus segredos no dia anterior? Ou discutir com ele? Quase se tinha esquecido da briga. Naquele momento não agiu com frieza. Uf, a complexidade desse homem era frustrante!

-Durante um tempo -repetiu ela-. Isso quer dizer que sofreram desavenças?

Em seguida o duque passou a lhe narrar a extraordinária história do plano que o conde de Redfield e ele tinham combinado para consertar um matrimônio entre lady Freyja e o falecido primogênito do conde, um plano que tinha funcionado às mil maravilhas até que Kit retornou da Península um verão e lady Freyja e ele se apaixonaram. Lady Freyja renunciou a ele e anunciou seu compromisso com seu irmão, e Kit retornou à Península, depois de haver-se encetado em uma terrível briga com lorde Rannulf no jardim de Lindsey Hall uma noite. E três anos depois, já morto o irmão mais velho, o conde e ele combinaram um novo matrimônio entre lady Freyja e Kit, achando que o dito plano seria bem recebido por ambas as partes. Mas quando Kit retornou a casa naquele verão, supostamente para celebrar o compromisso, levou a atual lady Ravensberg consigo como sua noiva.

-Ah-disse ela-. E lady Freyja ficou muito afetada?

-Estava zangada -respondeu o duque-. Se estava afetada, não o admitiu. Mas nenhum de nós, para disser a verdade, estava muito contente com Kit... e todos o fizemos saber tanto a ele como a sua noiva a nossa maneira. Embora as desavenças já ficaram no esquecimento. Freyja inclusive fez as pazes com lady Ravensberg depois de conhecer o Joshua.

Era uma história muito complexa que no ano anterior não se teria dignado a lhe contar, compreendeu ao recordar a desapaixorada descrição que lhe tinha feito de suas propriedades e sua família, carente de detalhes supérfluos e emoção. Nesse momento percebeu que estava tentando abrir-se, tal como ela tinha feito no dia anterior. Estava tentando ter algum tipo de relação com ela. E em certo sentido estava cortejando-a.

O duque falou durante quase todo o trajeto até Alvesley Park sem necessidade de que o animasse. Contou-lhe coisas sem necessidade de que lhe perguntasse. Resumiu-lhe as histórias de amor de seus irmãos e também lhe falou do espantoso verão de 1815, quando acreditaram durante alguns meses que lorde Alleyne tinha morrido na batalha do Waterloo, a qual foi para levar uma carta ao duque do Wellington por parte do embaixador britânico, a cujo serviço estava naquela época.

-E então retornamos a Lindsey Hall da igreja depois das bodas de Morgan -disse, resolvendo a história-, e ali estava, de pé no terraço, nos esperando.

Percebeu que tinha uma espécie de nó na garganta.

-Deve ter sido um momento maravilhoso -disse.

-Sim -reconheceu o duque com brusquidão. - caiu do cavalo depois que lhe dispararam na perna em Waterloo, e bateu a cabeça com tanta força que é um milagre que sobrevivesse. Perdeu a memória uns meses. Foi Rachel quem o encontrou e quem cuidou dele até que se recuperasse.

Olhou-o enquanto Trixie seguia placidamente a seu cavalo. E nesse momento descobriu algo que não estava muito segura de querer saber. Apesar da frieza de sua voz e severidade de sua expressão, estava revivendo algo que tinha sido extremamente emotivo para ele.

"E ali estava, de pé no terraço, nos esperando. "

Seria consciente do muito que se traiu com essas palavras?

Piscou várias vezes e virou a cabeça para olhar à frente. Como lhe ia explicar o motivo de suas lágrimas se chegasse a vê-las?

Chegaram a Alvesley Park, outra grande mansão, depois de um tempo e o duque a ajudou a desmontar antes de deixar os cavalos aos cuidados de um cavaleiro e de levá-la com outros, que já estavam no interior. Foi um enorme alívio não estar mais tempo a sós com ele. Estava começando a jogar por terra alguns de seus preconceitos e não tinha nem um pinga de vontade de que isso acontecesse. Queria retomar a segurança de sua vida. Mas, sobre tudo, queria retomá-la sem remorsos, sem duvidar em nenhum momento de que isso era o que desejava tanto com a cabeça como com o coração.

Ao longo da hora seguinte chegou à conclusão de que para não ter querido relacionar-se com os membros da alta sociedade em Schofield Park o ano passado e depois em Londres, depois das bodas de Audrey, tinha perdido o controle de seu mundo de um modo alarmante. Primeiro os Bedwyn, e logo os convidados dos condes de Redfield.

Depois de ser apresentada aos condes de Redfield e aos viscondes de Ravensberg -a quem observou com atenção depois da história que acabava de lhe contar o duque-, apresentaram a todos seus convidados, e não havia nenhum só sem título: os condes do Kilbourne, os duques de Portfrey, lady Muir, os condes de Sutton, o marquês de Attingsborough e o visconde de Whitleaf, todos eles parentes da viscondessa de Ravensberg. A situação era entristecedora. Entretanto e por sorte, havia tantas pessoas e tantas vozes falando de uma vez, que conseguiu encontrar um assento livre no fofo batente de uma janela do salão onde conseguiu passar relativamente inadvertida. E se dispôs a recuperar sua

antiga ambição de ser uma espectadora satírica da humanidade em lugar de participar de suas tolices. O duque de Bewcastle se sentou com um grupo formado pelo conde de Redfield, o duque de Portfrey e Bertie, e logo esteve imerso na conversa. Por estranho que parecesse, era o mais aristocrático de todos os pressentes... e também o mais bonito. Um pensamento muito tolo, é obvio, sobre tudo porque tinha chegado à conclusão de que lorde Alleyne era o mais bonito dos irmãos Bedwyn e porque o visconde de Whitleaf era um jovem muito atraente com uns irresistíveis olhos violetas, cujo efeito estava sofrendo nesse instante Amy Hutchinson. E o marquês de Attingsborough, um homem alto, moreno, bonito e encantador, bastava para que qualquer mulher com sangue nas veias tropeçasse e ficasse sem palavras. Para não mencionar ao conde de Kilbourne e ao visconde de Ravensberg...

-Sonhando acordada, Chrissie? -perguntou-lhe Justin ao mesmo tempo que se sentava a seu lado-. Sinto haver abandonado a sua sorte com Bewcastle de caminho até aqui. Não ficou mais remédio. Porei mais empenho no caminho de volta.

Sorriu. Tinha-lhe prometido a noite anterior que ficaria a seu lado quando pudesse para protegê-la das que ele considerava as inoportunas atenções do duque. Naquele momento não fez nada para fazê-lo desistir. Nem para animá-lo.

Tinha dormido com seu monóculo junto ao travesseiro -o monóculo do duque, é obvio-, para não esquecer-se de devolver-lhe pela manhã. Nesse preciso momento notava sua presença... um peso considerável no bolso de seu vestido de viagem.

-Não me importei - assegurou-. Me inteirei que muitas coisas interessantes sobre sua família. São pessoas muito agradáveis, não lhe parece, Justin?

-Agradáveis? -Justin soltou uma risada. - Se lhe agradarem as pessoas arrogantes e avassaladoras, Chrissie, suponho que o são. E se te agrada que neste momento se juntem em grupinhos para rir de nós. Escutei-os ontem depois do passeio... estavam todos juntos em um quarto. Não gostaram de seu comportamento, asseguro-lhe. Mas não se preocupe por isso.

-Deu-lhe uns tapinhas na mão-. eu gostei, embora não a visse te lançar rodando colina abaixo. E Eu gosto de você. Irei a Schofield Park a passar o verão assim que termine a temporada social. Assim poderemos

estar juntos. Daremos longos passeios e também sairemos em carruagem, e nos riremos da alta sociedade.

Por que não se apaixonou por alguém tão seguro como Justin nove anos antes... ou no verão passado? perguntou-se. De qualquer forma e apesar do que Hermione tinha afirmado algumas noites atrás e de que lhe tinha proposto matrimônio, nunca tinha pensado que Justin estivesse apaixonado por ela. Entretanto...

-Senhora Derrick...

Levantou a vista sobressaltada e se encontrou cara a cara com lady Sutton, uma jovem que dava a impressão de se ter em grande estima.

-Não foi você quem causou um grande alvoroço ao cair à Serpentina faz umas semanas?

-Ai, Meu deus! -Sentiu que se ruborizava quando todos os presente, que até esse momento tinham estado conversando, viraram-se para olhá-la. Receio que tenho essa duvidosa honra.

O marquês de Hallmere riu baixo.

-Inclinou-se para recolher a luva que certa... dama tinha deixado cair à água -disse- e caiu de cabeça. Lorde Powell a tirou da água, mas foi Bewcastle quem se fez de cavalheiro andante, protegendo-a com seu casaco para levá-la a casa em seu cavalo.

-A história correu por toda Londres em questão de uma hora, como cabia esperar-acrescentou lady Rosthorn, que de repente tinha uma expressão tão arrogante como a de seu irmão maior-. A todo mundo pareceu muito engraçado e não houve ninguém que não apreciasse seu encanto por haver ficado em perigo por semelhante motivo.

-Levamos uma espantosa decepção -interveio lady Hallmere, com aspecto realmente formidável-, assim como a muitos outros, quando a senhora Derrick partiu pouco depois. Teria estado muito solicitada em muitos eventos sociais. Mas tivemos a sorte de encontrá-la aqui, convidada pelo Wulfric.

-Ontem mesmo -acrescentou lorde Alleyne com um sorriso deslumbrante-, tivemos o privilégio de presenciar a exuberante e extraordinária atitude com a que a senhora Derrick enfrenta à vida quando rodou ladeira abaixo, junto ao atalho agreste, para deleite de nossos filhos, que é obvio se sentiram obrigados a imitá-la.

- Assim como Free -assinalou lorde Rannulf.

- Pelo amor de Deus! -murmurou lorde Sutton.

- As crianças a adoram -comentou lady Aidan-. Esta manhã, antes do café da manhã, obrigaram-na a ir à ala infantil.

-Não me surpreende absolutamente -disse a encantadora viscondessa de Ravensberg ao mesmo tempo que a olhava com um sorriso-. As crianças sempre sabem muito bem com quem se afeiçoam. teve muita relação com crianças, senhora Derrick? Tem filhos próprios?

O que estavam fazendo todos nesse momento, percebeu enquanto tentava responder, era defendê-la contra o inequívoco desdém da condessa de Sutton. O duque de Bewcastle não havia dito nenhuma só palavra, mas tinha lançado um de seus gélidos olhares à condessa e levou o monóculo -um dos sete restantes- ao olho.

Durante o resto da hora, viu-se obrigada a abandonar seu papel de espectadora. Incluíram-na em numerosas conversas e sem saber muito bem como acabou sentada ao lado do marquês de Attingsborough em vez de ao lado de Justin. O marquês também era um cavalheiro extremamente encantador.

Quando chegou a hora de partir acompanhou ao exterior e a ajudou a montar Trixie, que a olhou com resignada paciência enquanto estava no chão e se comportou com extrema docilidade uma vez que esteve na sela com o corpo e as mãos relaxadas com toda deliberação.

-Senhora Derrick, poderia me reservar uma dança na festa de Lindsey Hall? Talvez a primeira? -perguntou-lhe o marquês antes de afastar-se.

-Obrigada. -Sorriu-lhe da sela. - Será um prazer.

Percebeu que Justin se colocou junto ao duque de Bewcastle e estava falando com ele. Sem dúvida alguma para manter sua promessa de protegê-la de sua companhia quanto fosse possível.

Em algumas ocasiões, pensou com certa deslealdade -e pela primeira vez desde que o conhecia, Justin podia ser muito pesado.

Entretanto, não teve motivos para temer que Trixie se desmandasse sem a tranquilizadora e dominante presença de Nobre. Lorde Aidan se colocou a seu lado e, ao recordar que tinha sido coronel de cavalaria, sentiu-se tão segura como era possível estar sentada em uma sela de amazona a um quilômetro de altura.

Capítulo 19

Embora Justin Magnus fosse o irmão de Mowbury e respeitasse muitíssimo a este último, o qual estava desfrutando dessa manhã da oportunidade de vagar pela biblioteca de Lindsey Hall, nunca havia sentido muita afinidade com o jovem Magnus. Inclusive tinha chegado a perguntar-se com grande desgosto se o ciúmes seriam um dos motivos de tal antipatia, dada a amizade que o unia à Christine Derrick.

Tinha passado toda a noite em claro, pensando. Levantou-se muito cedo e saiu para dar um passeio vivificante durante o qual pensou um pouco mais. Quando retornou à mansão ainda era muito cedo, de modo que tinha se sentado na biblioteca para continuar pensando.

De fato, foi ele quem manipulou a situação para que Justin Magnus cavalgasse a seu lado de volta a Lindsey Hall, embora era provável que o jovem acreditasse justamente o contrário.

- Attingsborough está tomando seu tempo para despedir-se - comentou com voz gélida-.teve tempo mais que suficiente no salão para dizer tudo que quisesse.

Perguntou-se se essas palavras bastariam. Em caso negativo, estava condenado a agüentar uma tediosa volta para casa apesar de que seus irmãos tinham tentado que cavalgasse junto à senhora Derrick, assim como quando saíram de Lindsey Hall. E nessa ocasião em concreto não podiam estar fazendo-o em deferência a Amy Hutchinson, porque a tia Rochester não estava aí para emparelhá-los. Pelo amor de Deus! Seus irmãos estavam se fazendo de casamenteiros!

-Attingsborough leva anos sendo um dos libertinos mais reputados de Londres -replicou Magnus tal coisa, enquanto cavalgavam para certa distância do grupo.

Era a primeira notícia que tinha sobre o assunto. Sabia que Attingsborough levava anos sendo um dos solteiros mais cotados no mercado matrimonial e duvidava muito que tivesse levado uma vida monacal. Mas... um libertino?

Limitou-se a soltar um grunhido evasivo. Esperou para ver o que chegava a seguir.

- Entretanto, seria injusto acusar Christine de estar paquerando com ele -prosseguiu Magnus-. Embora haja estado casada com um aristocrata e conhece em certo modo a vida da alta sociedade, em realidade não é uma mulher adequada para alguém como Attingsborough, não lhe parece? E suponho que é natural que o marquês a tenha escolhido para conversar, já que lady Muir é sua prima, Whitleaf estava monopolizando à

senhorita Hutchinson e as restantes damas estão casadas. Além disso, Chrissie é muito mais bonita e encantadora do que acha.

-Certamente -replicou com fingido aborrecimento.

-Suponho que está aborrecido com ela pelo fato de estar prestando tanta atenção ao marquês -aventurou Magnus-. É impossível passar por cima, se me desculpar o atrevimento, a admiração que você lhe professa. Não lhe culpo por sentir-se um pouco irritado. Mas é minha melhor amiga e devo sair em sua defesa. Não deve culpá-la quando homens como Kitredge ou Attingsborough demonstram também um interesse por ela. Não tem culpa. É o efeito que sempre teve sobre os homens. Não pode fazer nada para evitá-lo. Oscar converteu sua vida em um inferno ao acusá-la durante todo seu matrimônio de paquerar e inclusive de ir mais à frente da paquera. Hermione e Basil também lhe recriminaram o mesmo. E, além disso, está o detalhe da cortina de fumaça que se ideou para justificar a morte de Oscar, da que também a culpam. Mas ela é inocente por completo. Quero que fique muito claro.

-Tenho a impressão de que protesta muito -disse com voz gélida-. Segundo minha experiência, quando o rio soa, água leva.

Magnus suspirou.

-O que quer que lhe diga? -perguntou-. Chrissie é minha amiga. E é obvio que é inocente. Defenderei-a até a morte. Teria acreditado em sua palavra embora tivessem sido centenas de deslizos em lugar de uns poucos. Isso é o que fazem os amigos.

Embora durante o trajeto de ida a Alvesley Park tinha tomado a rota mais simples em deferência à senhora Derrick, que não era boa amazona, nesse momento não teve a menor consideração.

Estavam atravessando um prado e poderia ter se desviado um pouco para sair pela grade, que estava aberta, mas seguiu adiante com decisão. Atiçou Nobre e se dirigiu à parte mais longa da cerca. O animal a superou com uma boa folga. Uma vez ao outro lado, apertou os dentes e aguardou que Magnus saltasse a cerca e se reunisse com ele.

-Meu deus! -exclamou com uma gargalhada quando esteve a seu lado-. Faz muito tempo que não fazia nada tão arriscado.

-Acredito que está apaixonado pela senhora Derrick -afirmou ele com voz de aço enquanto o atravessava com um olhar gélido-. Acredito que diria algo em sua defesa. Acredito que chegaria ao extremo de cometer perjúrio se fosse necessário.

Justin Magnus cavalgou em silencio durante uns minutos.

-A confiança é essencial para a amizade, igual é para o amor -disse finalmente-. Eu confio em Chrissie. Sempre o tenho feito e sempre o farei. Bewcastle, se a ama, ou lhe professa um pouco de carinho, também terá que confiar nela...embora as vezes pareça que tenha cometido alguma indiscrição. Você é um homem de mundo. Oscar não o era e tampouco era forte. Queria-a para ele somente. E com isto não quero dizer que Chrissie possa cometer alguma indiscrição. Não refiro a isso, muito menos, mas justamente o contrário. Chrissie é a personificação da honra. Mas às vezes parece justamente o contrário; como por exemplo no dia anterior à morte de Oscar. Esteve uma hora a sós com um homem em Winwood Abbey sem ninguém que lhes servisse de acompanhante. Tentei lhe oferecer um álibi porque achei quando me contou o acontecido. Mas de qualquer forma, cometeu uma indiscrição, entende? Embora tudo fosse muito inocente. Estou falando muito. Suponho que não lhe interessará este assunto em particular.

-Certamente -lhe assegurou em voz baixa.

-Prometi-lhe que tentarei mantê-lo afastado dela na medida do possível -confessou Magnus com um sorriso sincero e um tanto pesaroso-. Por isso estou cavalgando com você. Suponho que a idéia de converter-se em duquesa lhe resulta tentadora... assim como à possibilidade de ser a condessa do Kitredge. Seria um lucro para a filha de um professor rural, não acha? Entretanto, tem-lhe um pouco de medo, Bewcastle... porque teme que você seja mais estrito que Oscar. Chrissie precisa ser livre para...

-Paquerar? -sugeriu.

- Eu não gosto nada dessa palavra. -Magnus parecia perturbado -. Chrissie jamais paquera. Precisa ser livre para poder ser ela mesma.

-Livre para perseguir seus... mmmm... "amizades" com os cavalheiros -declarou ele.

-Bom, sim, se o preferir assim... -concedeu seu interlocutor-. Mas são amizades inocentes.

-Certamente. -O trajeto desde Alvesley Park jamais lhe tinha parecido tão longo, pensou quando Lindsey Hall apareceu por fim na distância - Entretanto, esta conversa me é tediosa, Magnus. Ao contrário do que parece pensar, meu interesse pela senhora Derrick é mínimo. E, é obvio, não acredito nada do que disse sobre ela. Sua lealdade é admirável, mas é evidente que essa mulher é uma rameira. - E com esse

último comentário por fim fez girar a seu cavalo em direção à alameda que dava acesso à mansão.

-Excelência! -exclamou Magnus indignado a mais não poder-. Lhe recordo que está falando de minha prima por afinidade e de minha amiga!

-A quem defenderia você com sua vida -acrescentou-. Entendo perfeitamente. Um homem apaixonado acreditará no que queira acreditar... ou, melhor dizendo, passará por cima daquilo que não deseja acreditar. Se sua intenção ao cavalgar para meu lado era a de proteger à senhora Derrick de minha opressiva companhia ao mesmo tempo que defendia seu caso, fracassou estrepitosamente. E por minha parte o assunto fica resolvido.

-Mas...

Wulfric instigou seu cavalo para adiantar a seu acompanhante e se pôs rumo ao estábulo.

"Não terá que zangar-se nunca. É contraproducente. Também é desnecessário. "

"Se terá que dizer algo, diga-o. Se terá que fazer algo, faz-o. "

"Não terá que zangar-se nunca. Mas, sobre tudo, não terá que mostrar aborrecimento. "

"O aborrecimento é um indício de debilidade. "

Tinha aprendido bem as antigas lições. Entretanto, esse dia em concreto estava submetendo seu domínio a uma dura prova. Porque ardia em desejos de matar a alguém... com suas próprias mãos.

Nesse dia estava muito, muito zangado.

Os marqueses de Hallmere estavam a ponto de interpretar um dueto, embora a marquesa se negasse a princípio e não aceitou até que dois de seus irmãos a estimularam.

-Que o senhor tenha piedade de nós... -disse lorde Rannulf com um sorriso-. Joshua, ainda não ensinou Free a cantar?

-Se murmura, Ralf -comentou lorde Alleyne-, que o clima úmido da Cornualha faz que os serrotes se oxidem às primeiras mudanças.

Bertie e Héctor puseram-se a rir. A marquesa de Rochester levou os óculos aos olhos.

A senhora Pritchard, que sorria de orelha a orelha, meneou um dedo em direção a lorde Alleyne e lhe recordou que os galeses eram famosos por seus cantores e também por seu clima úmido. E lady Freyja ficou em pé em um espantoso arranque de dignidade.

-Josh -disse-, vamos cantar. E, depois, se alguém tiver alguma brincadeira mais sobre serrotes oxidados, esmagarei alguns narizes.

-Ninguém o faz melhor que você, encanto - disse seu marido entre gargalhadas-. Cantar, digo.

Todos vinham alternando-se para entreter ao resto. A senhorita Hutchinson havia tocado o piano. Lady Rannulf havia devolvido à vida a Desdémona, demonstrando um incrível talento para a interpretação. Héctor Ihes tinha agradado com uma de suas incomuns atuações de magia e prestidigitação. E o dueto estava a ponto de começar nesse momento.

Christine estava tentando divertir-se. Em realidade não tinha motivo algum para não fazê-lo. Tinha sido um dia repleto de atividades. Depois do passeio matinal a cavalo, a visita e o almoço, durante o qual esteve conversando com o barão Weston, tinha acompanhado aos mais jovens e as crianças a num passeio. Tinha pulado com eles em um prado muito espaçoso onde os maiores e alguns adultos jogaram bola, enquanto que outro grupo brincava com os pequeninos à roda de pessoas da batata. O conde de Rosthorn levava seu caçula nos braços e lady Alleyne estava fazendo carinhos na pequenina dos Hallmere. Depois do jogo, acompanhou Justin a dar um passeio.

-Fazia muito bem em evitar ao Bewcastle e suas atenções, afirmou Justin ao mesmo tempo que lhe dava um tapinha de ânimo na mão. Segundo ele, o duque era um homem arisco e sem dúvida seria um marido muito ciumento para a pobre dama que algum dia chegasse a casar-se com ele. Tinha-lhe irritado muito que o marquês de Attingsborough a acompanhasse ao exterior da mansão, ajudasse-a a montar e conversasse um momento com ela a modo de despedida.

-Coisa que foi muito injusta de sua parte -acrescentou-, pois Whitleaf estava fazendo o mesmo com a senhorita Hutchinson. Mas Chrissie, não sei se deu-se conta, o caso é que está encaprichado consigo e ânsia conseguir toda sua atenção. Disse-lhe bem claro que é um espírito livre, que necessita de liberdade para ser você mesma. Não me importa se lhe sentou bem ou não.

O duque não tinha saído da mansão em toda a tarde. Por isso ela sabia, claro. E embora tenha aparecido para o jantar -fazendo demonstração de uma atitude gélida e quase sem participar da conversa-, não tinha feito ato de presença no salão quando os cavalheiros se reuniram com as damas.

Importava-lhe um nada. Certamente que sim. Tinha sido uma estupidez de sua parte discutir com ele no dia anterior e depois lhe confiar seus segredos. As revelações que Bewcastle lhe tinha feito sobre sua família e seus vizinhos essa manhã não tinham a menor importância. Só tinham sido um esforço por manter uma conversa.

E nesse instante, justo quando os marqueses de Hallmere estavam sentando-se ao piano, alguém lhe deu uma batidinha no ombro. Quando levantou a vista, encontrou-se com um criado inclinado para ela para lhe dizer ao ouvido:

-Sua excelência lhe pede que se reúna com ele na biblioteca, senhora.

Olhou-o surpreendida. Entretanto, viu que Hermione e Basil estavam de pé e caminhavam para a porta. Havia-os convidado também? ficou em pé e atravessou a estadia ao mesmo tempo que os marqueses começavam a tocar o piano.

Depois de trocar alguns olhares envergonhados com seus cunhados, os três desceram a escadaria em silêncio. Embora fizesse vários dias que tinha desaparecido a hostilidade, tinham mantido as distâncias quase como se puseram de acordo.

-Do que vai tudo isto? -quis saber Hermione.

-Suponho que Bewcastle deseja ser sociável, mas não gosta de sentar-se em um salão abarrotado -aventurou Basil.

Ela guardou silêncio.

O mesmo criado que tinha ido avisá-los se adiantou para abrir a porta da biblioteca quando chegaram frente a ela.

-Lorde e lady Elrick, e a senhora Derrick, excelência -anunciou.

Era um aposento imenso com aroma de couro, madeira e cera das velas. Calculou que haveria milhares de livros nas estantes que ocupavam as paredes do chão até o teto muito alto. Perto das janelas havia uma escrivaninha de grande tamanho e diante da lareira, onde crepitava o fogo, colocaram-se algumas poltronas em semicírculo.

O duque de Bewcastle estava de pé de costas ao fogo, distante e imponente com seu traje de gala em branco e negro. Não se encontrava sozinho. Justin se estava levantando da poltrona que ocupava frente à lareira com expressão surpreendida, embora sorrisse ao vê-los.

O duque fez uma reverência para saudar seus convidados e lhes indicou que tomassem assento com um gesto, sem mover do lugar que

ocupava e sem que sua gélida atitude se relaxasse nem um ápice. Claro que poucas vezes o fazia.

Olhou-o no rosto. Como se atrevia a estar irritado com ela por ter falado essa manhã com o marquês do Attingsborough e por lhe permitir que a ajudasse a montar? Como se atrevia?! Por um breve instante seus olhares se encontraram e ela se negou a desviá-lo. Foi ele quem acabou cedendo.

Fazia muito bem em afastar o olhar. Que homem mais desagradável! Acaso achava ter algum direito sobre ela pelo simples fato de ter aceito seu convite a Lindsey Hall e por ter mantido alguma ou outra conversa privada?

-As atividades do salão nos pareceram muito divertidas -disse Hermione-. Lady Rannulf é uma atriz excelente. Obteve que durante uns minutos me esquecesse de que não era a pobre Desdémona, a ponto de ser assassinada pelo Otelo. E Héctor fez uns truques de magia. Sempre o observo com atenção, convencida de que essa vez conseguirei averiguar o truque, mas nunca o consigo. Como é possível que uma parte de corda se divida de repente em duas e que logo volte a unir-se? E isso que em nenhum momento aproxima as mãos aos bolsos e que leva a jaqueta arregaçada!

-Héctor tem essa habilidade desde que era pequeno -comentou Justin-. Estava acostumado a nos entreter desse modo ao Audrey e a mim na ala infantil, mas nunca compartilhou seus segredos conosco.

-É uma ilusão -explicou o duque de Bewcastle -. Tanto a atuação como a magia. O truque está em obter que o espectador confunda o aparente com a realidade. E isso requer dedicação e habilidade.

-Bom, pois me supera -confessou Justin-. O que lamento é me haver perdido a interpretação de lady Rannulf. Talvez a repita alguma outra noite.

-Certas pessoas, por exemplo -seguiu o duque, fazendo ouvidos surdos ao comentário do Justin-, possuem a habilidade de dizer uma coisa e de insinuar justamente o contrário.

-A ironia pode ser divertida -afirmou Basil-. Tem razão, Bewcastle. Alguns utilizam a técnica com mestria, e muitos de nossos grandes escritores a converteram em uma arte. Como Alexander Pope, por exemplo, e seu poema "O cacho roubado". Cada vez que o leio acabo rindo a gargalhadas.

-E outras têm a habilidade de dizer a verdade e de convencer a quem as escuta de que estão mentindo -continuou o duque como se Basil não tivesse falado.

Hermione, Basil e Justin o olharam de forma imperturbável e guardaram silêncio. Ela, por sua parte, seguiu olhando-o com expressão desanimada. Chegou à conclusão de que era um homem arrogante e cheio de si mesmo. Resultava-lhe incrível ter chegado a acreditar que houvesse algo mais nele. Talvez por obra de alguma ilusão como ele acabava de dizer?

Não conseguia entender por que a tinha convidado à biblioteca.

- Pelo que escutei -continuou sua excelência-, a senhora Derrick é considerada uma coquete.

- Como! -exclamou Justin ficando em pé de um salto.

Hermione levou uma mão às pérolas que adornavam seu pescoço.

-Bewcastle, acredito que deve uma desculpa a minha cunhada - advertiu Basil com voz tensa.

Ela ficou petrificada na poltrona.

O duque pegou o cabo de joias de seu monóculo entre seus largos dedos.

-Espero que todos se dignem a me escutar -replicou com uma nota enfasiada na voz-. Sente-se, Magnus.

-Não! -exclamou o aludido-. Não até que peça desculpas à Chrissie. O duque ergueu seu excelso monóculo até seu excelso olho.

- Disse que eu a considere como tal? -assinalou com arrogância.

Justin se sentou, mas saltava à vista que estava furioso. Presentou-a com um sorriso tranquilizador antes de voltar a olhar ao Bewcastle com o que esperava fosse uma expressão tão de aço como a que ele mostrava.

-É como você mesma a chamou, senhora - prosseguiu o duque dirigindo-se à Hermione com uma ligeira inclinação de cabeça-, em Schofield Park o ano passado. Entretanto, devo confessar que essa foi a única ocasião em que escutei a acusação abertamente. Porque o que sim escutei até não poder mais foi o contrário... que não é uma coquete.

Quando esses olhos prateados se cravaram nela uns instantes, fulminou-o com o olhar. Tomara pudesse ficar em pé e lhe cruzar o rosto com um bofetão, mas duvidava muito que as pernas a sustentassem. Além disso, estava tão alterada que lhe faltava o fôlego.

-Conforme disse você -continuou sua excelência referindo-se à Hermione-, a senhora Derrick tinha paquerado com todos os cavalheiros

convidados à festa campestre e também tinha paquerado comigo o dia que aceitou me acompanhar pelo passeio dos laburnos, a fim de ganhar a aposta que mantinha com o resto das jovens. Peço-lhe por favor que tente recordar quem a fez pensar assim. Chegou você sozinha a essa conclusão depois de observar os acontecimentos? Ou foi outra pessoa quem jurou e lhe perjurou que a senhora Derrick não estava paquerando, até o ponto de que começou a suspeitar e acabou convencendo-se disso?

-Viu!? -gritou Justin antes que Hermione pudesse responder-. Lhe disse esta manhã que sempre acontecia isto, Bewcastle. refere-se você a mim, não? Tomara jamais tivesse falado em defesa de Chrissie. Sempre acabo prejudicando-a em lugar de ajudá-la. Sempre! Mas até aqui chegamos. Não voltarei a fazê-lo mais! -Olhou-a da distância a ponto de querer chorar.

- Sinto muito, Chrissie.

Entretanto, ela o estava olhando sem dar crédito.

-Todos sabemos que Justin sente um grande afeto por Christine - disse Hermione. - Talvez inclusive esteja apaixonado por ela. E também soubemos sempre que jamais verá nada mau nela. Defenderia-a inclusive no caso de havê-la visto cometer uma flagrante indiscrição. É um traço enternecedor de seu caráter. Mas não inspira confiança absolutamente, me perdoe, Justin. Sei que sempre agiu de boa fé.

-Se houver alguma outra palavra além de "paquera" que pareça ir unida à senhora Derrick em todas e cada uma das histórias que escutei sobre seu matrimônio e em todos e cada um de nossos encontros ao longo deste último ano é... -O duque, fez uma pausa antes de acrescentar-: "Justin".

-O que está querendo dizer? -o aludido voltou a ficar em pé-. Asqueroso...

O duque de Bewcastle, que não se alterou o mínimo, havia tornado a levar o monóculo ao olho.

-Quero dizer que se sente, Magnus -respondeu e, por incrível que parecesse, Justin se sentou-. Elrick -prosseguiu-, se não lhe importar, eu gostaria que recordasse as ocasiões nas quais seu defunto irmão, sua esposa e você pontuaram à senhora Derrick de ter paquerado ou de haver-se comportado de forma comprometedora com outros cavalheiros durante seu matrimônio e também eu gostaria que se perguntasse se em realidade algum dos três teve uma evidência irrefutável de sua

culpabilidade ou se recebeu alguma queixa de outra pessoa. Peço-lhe que recorde se alguma vez chegou a você algum rumor sórdido sobre sua cunhada.

Apesar de estar perto do fogo, Christine se sentia gelada. E já não estava olhando ao duque.

Estava observando ao Justin.

-Não acredito que nossos assuntos familiares sejam de sua incumbência, Bewcastle -replicou Basil.

Escutou que Hermione engolia em seco antes de dizer:

-Sempre foi Justin quem trazia à luz o assunto. Trazia-nos as notícias dos clubes de cavalheiros e de outros lugares. Falatórios que ninguém se atrevia a comentar em presença do Basil e de Oscar. Sempre o fazia zangado e perturbado. Sempre defendeu Christine e insistiu em que nada do que se dizia era certo. Sempre...

-Justin! -exclamou ela, levando uma mão à boca-. O que tem feito?

Tudo era tão simples... tão, tão simples. E quase indetectável.

-Esta manhã, durante o trajeto desde Alvesley Park a Lindsey Hall -prosseguiu o duque-, que percorri em companhia do Magnus, este me assegurou que a senhora Derrick não podia considerar-se culpada de responder às atenções do marquês do Attingsborough, nem de paquerar com ele, pois o muito ilustre é um reputado libertino. Assegurou-me que não podia evitar o efeito que provocava nos homens como Attingsborough, Kitredge ou eu mesmo. Que essa é sua forma de ser... embora seja perfeitamente compreensível que ambicione conseguir o título de mais posição que fique a seu alcance. Assegurou-me que embora a senhora Derrick tivesse cometido centenas de indiscrições em lugar de umas poucas, teria que defendê-la sempre porque nisso consistia a amizade. Assegurou-me que embora a senhora Derrick esteve uma hora a sós com um cavalheiro no dia anterior à morte de seu marido, ofereceu-lhe um álibi porque confia plenamente nela.

-Justin... -ainda tinha os olhos cravados nele-. Destroçou meu matrimônio deliberadamente? Tornou louco ao Oscar? Conduziu-o a sua própria morte?!

-Chrissie, é impossível que acredite em algo assim! -declarou Justin com os olhos arregalados. - Sou seu amigo. Sou o único que a compreende. Quero-a!

Basil pigarreou.

Hermione tinha levado uma mão à fronte e tinha os olhos fechados.

-Isto é um pesadelo -disse-. Não pode ser certo. É impossível. Mas o é. Sei. Justin... sempre foi tão convincente... Sempre nos compadecemos de você. E não acreditávamos nada do que nos dizia.

-Você! -gritou Justin, assinalando ao duque com um dedo acusador-. Bewcastle! Você a chamou rameira esta manhã!

-E depois parti para o estábulo para que pudesse saborear seu triunfo em privado -declarou o duque ao mesmo tempo que voltava a levar o monóculo ao olho.

-E depois me disse que sua excelência seria um marido terrivelmente ciumento e possessivo, porque ao ver que o marquês do Attingsborough me acompanhava ao exterior e me ajudava a montar a cavalo se irritou. Justin! Justin, Por Deus! Pobre Oscar!

Enterrou o rosto nas mãos e sentiu o tato frio de uma mão na nuca... Hermione.

-Ninguém a quer tanto como eu, Chrissie -afirmou Justin-. Mas, claro, sempre se deixa deslumbrar pelo físico. Primeiro foi Oscar e agora é Bewcastle, e entre ambos um sem-fim de cavalheiros bonitos. me olhe a mim... Porque isso é precisamente o que nunca tem feito.

Nenhuma mulher me olha nunca, em realidade, e você menos. Jamais me tomou a sério. Não suporto vê-la com outros homens que não a apreciam como é devido. Chrissie, eu a quero!

Afastou as mãos do rosto a tempo de ver como o duque de Bewcastle se inclinava sobre a poltrona do Justin e, sem fazer nenhum esforço aparente, voltava a endireitar-se elevando ao mesmo tempo pela gravata a seu suposto amigo, de modo que mal tocava o chão com as pontas dos pés.

-Compartilho sua habilidade em certo modo, Magnus -escutou que dizia sua excelência em voz tão baixa e gélida que lhe provocou um calafrio-. Jamais estive seguro do que é o amor, mas sim sei o que não é. O amor não destrói aos seres queridos nem lhes ocasiona uma tortura inexprimível.

Havia tornado a enterrar o rosto nas mãos, mas as ardentes lágrimas que lhe escapavam dos olhos corriam entre seus dedos e caíam sobre suas coxas.

-Eu gostaria de sacudi-lo como a o animal que é até que não ficasse nem um hálito de vida em seu corpo - prosseguiu o duque com o mesmo tom de voz-, mas é um convidado em meu lar, igual a outros membros de sua família, entre os que se inclui sua mãe. Eles se encarregarão de

fazer com você o que estimem oportuno mais adiante, mas neste instante vai inventar uma desculpa convincente e amanhã pela manhã antes do café da manhã partirá de minha casa. E, se souber o que lhe convém, manterá-se afastado de minha vista tanto como lhe seja possível durante os próximos dez anos no mínimo.

Percebeu que Basil ficava em pé.

-Justin -disse-, antes que parta, antes que vá embora de Lindsey Hall e da Inglaterra, para ser exatos, eu gostaria de falar consigo. Fora. Agora.

-Basil... -chamou-o Hermione justo quando ela erguia a cabeça.

-Hermione, não se mova daqui -ordenou seu cunhado-. Nem você tampouco, Christine. Justin? Fora!

Justin se deteve o passar frente a ela, com o rosto lívido e mudado. Tinha lágrimas nos olhos.

-Chrissie?-escutou-o dizer.

Nesse momento aconteceu algo realmente surpreendente e chocante. O duque de Bewcastle ergueu uma perna e sentou um pé no traseiro do Justin, mandando o desse modo e quase voando no ar atrás de Basil, que já saía do aposento.

Houve um breve silêncio quando ambos partiram.

-Deixarei-as a sós -lhe disse Bewcastle com uma reverência-. Ninguém as incomodará.

Entretanto, antes de partir parou em frente a ela assim como tinha feito Justin e lhe colocou na mão um enorme lenço de linho.

Tanto Hermione como ela seguiram um momento em silêncio.

-Christine -disse sua cunhada ao cabo de uns minutos-, poderá nos perdoar algum dia?

-Me enganaram igual à vocês - respondeu-. Era meu amigo. Durante os anos anteriores à morte de Oscar era a única pessoa em que confiava.

Nesse momento ambas estalaram em lágrimas a uma nos braços da outra. Choraram pelos anos perdidos e pela amizade truncada. Pela desnecessária morte de um homem fraco e atormentado. Pela ingenuidade que tinham demonstrado ao cair vítimas de uma estratégia tão enganadoramente simples que tinha funcionado à perfeição.

Quando se serenaram, assoou o nariz com o lenço que o duque lhe tinha emprestado.

-Espero que Basil não faça mal -disse-. foi uma tolice por sua parte dizer ao Justin que saia.

-É um homem -assinalou Hermione com carinho-. Do que outro modo ia reagir ante semelhante revelação? Espero que lhe dê uma boa sova.

Ambas sucumbiram à risada nervosa antes de compartilhar uma nova sessão de lágrimas.

Capítulo 20

O domingo de Páscoa, transcorreu em relativa calma. Foram à igreja pela manhã, entretiveram-se em família à tarde e passaram uma tranqüila noite escutando música, conversando e lendo.

Ninguém comentou a repentina ausência de Justin. Todos sabiam que se desculpara com o duque de Bewcastle ao recordar um compromisso anterior na capital e além disso, tal como sua mãe costumava dizer, Justin ia e vinha a seu desejo desde que se converteu em um adulto assim teria um bom motivo para partir. Todos aceitaram a envergonhada explicação do Basil sobre a equimose que tinha na face direita, produzida por causa de um golpe, e sobre as feridas dos nódulos...que se tinha esfolado ao cair da banheira em seu closet. Se alguém não acreditou, guardou-se as suspeitas.

Justin, tinha-lhes assegurado Basil ao Hermione e a ela quando retornou à biblioteca, tinha um aspecto muito pior. Depois de dizê-lo, abraçou primeiro ao Hermione e depois a ela. Foi um abraço longo e sentido.

-Oscar a amava, Christine -lhe disse com a voz um tanto entrecortada-Quis você até o final, embora deixasse de confiar em você.

-Sim, sei. -Isso foi a única coisa que pôde dizer.

-E foi mal de nossa parte não nos ter preocupado por você desde que morreu. Não peço que nos perdoe... só que nos permita recuperar o tempo perdido.

Voltou a soar o nariz com o lenço do duque.

-E se decidir se casar com Bewcastle -prosseguiu Basil-, terá minha bênção, e estou seguro que também a de Hermione.

-Certamente que sim! -exclamou a aludida-. Acredito que lhe tem muito afeto, Christine, por que se não ia falar com Justin de uma forma tão ameaçadora?

Deixaram-no assim, e ela retornou ao salão, onde a senhora Pritchard estava interpretando uma versão um tanto trêmula embora muito doce de uma balada galesa. Hermione acompanhou Basil a seu dormitório para lhe refrescar a face com água fria.

A segunda-feira amanheceu nublada, ventosa e muito fria. Receberam a visita de um numeroso grupo de cavaleiros procedentes de Alvesley Park, a quem ofereceu uma cálida bem-vinda. Quando partiram já era hora de almoçar. Lorde Aidan anunciou sua intenção de tirar os botes ao lago depois de comer apesar do mau tempo, e sua resposta recebeu o apoio entusiasmado de muitos dos presentes, que se levantaram da mesa ao uníssonos e partiram à ala infantil para preparar as crianças.

-Deve levar Amy à ilha, Wulfric -ordenou a marquesa de Rochester-. A vista é muito agradável ali.

O duque, sentado à cabeceira da mesa, ficou em pé.

-Estou seguro de que outra pessoa estará encantada de levá-la, tia -replicou-. Já concordei em acompanhar à senhora Derrick a dar um passeio... a menos que lhe seja impossível fazê-lo, é óbvio.

Seus olhos se cravaram nela talvez pela primeira vez desde que saíra da biblioteca duas noites atrás, deixando seu lenço atrás de si. Em circunstâncias normais se teria rido dele, dado que ambos sabiam que acabava de soltar uma mentira. Mas tinha o coração acelerado e tornou a ficar sem fôlego. E era muito consciente de que a marquesa a estava observando com atenção.

-Absolutamente, excelência! -exclamou-. Estou desejando dar esse passeio com você.

A marquesa emitiu um som semelhante a um grunhido enquanto ela ficava em pé, temerosa de ficar na sala de jantar a sós com a mulher.

-Irei em busca de meu chapéu e de meu casaco -acrescentou.

E assim foi como apenas dez minutos depois saía da mansão depois de ter se encontrado na escada com uma horda do Bedwyn, tanto adultos como crianças. Tinham-na convidado a unir-se a sua expedição, e ela se viu obrigada a recusar o convite e a lhes explicar que ia dar um passeio com sua excelência.

Juraria que todos receberam suas palavras com um risinho ladino.

-Suponho que esperava passar uma tarde tranqüila em sua biblioteca -disse depois de aceitar o braço que o duque lhe tinha oferecido.

-Supõe isso? -perguntou ele-. Você acredita me conhecer muito bem, senhora Derrick.

Caminharam em silêncio um tempo. Ainda estava nublado e soprava um forte vento mais próprio do inverno que de princípios da primavera. Mas ao menos o tinham nas costas.

-Devo lhe agradecer o que fez por mim no sábado de noite -disse finalmente-. Me sinto um pouco idiota por não ter suspeitado sequer. Tudo parece muito evidente agora que sei a verdade.

-Os planos mais cruéis e os que melhor funcionam costumam ser com frequência os mais simples. Por que ia suspeitar dele? Ofereceu-lhe sua amizade, seu consolo e seu apoio quando os necessitou. E por que iriam suspeitar seu marido e seus cunhados? Era seu parente, e sabiam - e não se equivocavam- que lhe tinha muito apreço. De modo que lhes foi muito fácil acreditar que a defenderia contra vento e maré. Em meu caso, ao não estar comprometido, foi muito mais simples descobrir que essas duas palavras, "paquerar" e "Justin", costumavam ir de mãos dadas com tediosa regularidade. E, entretanto, nenhuma só vez a vi paquerar. Está muito afetada?

-Por ter perdido ao Justin? -perguntou-. Não. Mas sim porque Oscar perdesse a vida antes de conhecer a verdade, porque morrera pensando que o tinha traído. Não era um homem emocionalmente forte. Era, suponho, a vítima perfeita de semelhante plano, e Justin devia sabê-lo muito bem quando o arquitetou. Mas também era um homem muito doce quando o conheci. Poderíamos ter tido um bom matrimônio embora a imagem que me tinha feito dele em meus sonhos românticos fosse muito diferente da realidade. Sim, estou afetada, mas em paz. Hermione e Basil sabem a verdade, e isso é o que me importa. Sempre nos tivemos muito afeto até que começaram os problemas. Tenho muito que lhe agradecer. Não era necessário que se incomodasse em meu nome.

-Era muito necessário-a corrigiu ele em voz baixa.

Não elaborou o comentário e não lhe pediu que o fizesse. Continuaram caminhando em silêncio através do prado que dominava o lago e ao longo do limite do bosque.

Entraram no atalho agreste e deixaram atrás a colina pela qual tinha rodado uns dias antes, e as árvores onde tinham discutido e lhe tinha arrebatado o monóculo... que ainda não lhe havia devolvido. Percebeu que deviam ir a caminho ao lugar onde quis levá-la aquela tarde, ao pombal situado ao norte do lago.

O silêncio entre duas pessoas, descobriu, não tinha por que ser algo incômodo. Não quando suas mentes estavam em harmonia. Porque havia certa harmonia entre eles. Compreendeu que estava começando a gostar da idéia, embora a inquietava um pouco -porque, é obvio, as diferenças entre eles continuavam sendo abismais e impossíveis de superar-, decidiu relaxar e desfrutar da sensação por essa tarde. Afinal, tinha aceito seu convite. E ele acabava de fazer algo incrivelmente maravilhoso por ela.

"Era muito necessário. " Incomodar-se em seu nome, claro.

Olhou de esguelha esse perfil sério e aristocrático. Por estranho que parecesse e embora não tivesse mudado, começava a lhe ser um perfil muito estimado.

Finalmente, chegaram a uma clareira em cujo centro se erguia o antigo edifício de pedra que lhe tinha falado no torreão.

Era alto, de planta circular, com telhado de palha e janelas pequenas na parte superior da parede.

-Para abrir à porta de madeira terei que descer uns degraus.

-O pombal!... -disse-. É muito bonito. Está ocupado?

-Por pássaros? -precisou ele-. Não, deixou de usar-se e ficou abandonado em tempos de meu pai. Sempre gostei de sua forma, mas até há alguns anos não me decidi a repará-lo, sobre tudo o interior. Não queria que chamasse muito a atenção ao mudar o exterior, embora fiz com que arrumassem o telhado, me permita que o mostre.

Viu-o descer os degraus, colocar uma chave na fechadura e abrir a porta, depois do que se afastou para deixá-la passar.

Não sabia muito bem o que esperava encontrar, mas o que viu lhe roubou o fôlego e a deixou congelada enquanto olhava a seu redor. Porque via perfeitamente, embora a luz não fosse branca. Havia um total de seis janelas, conforme contou, na parte superior da parede. Todas com vidraças de intensas cores.

Se olhasse para cima, via o ponto central do teto. As paredes eram de pedra, mas tinham pequenos nichos do chão até o teto onde as pombas descansariam na época em que houvesse centenas delas. Entretanto, todos estavam limpos nesse momento, e muitos dos situados nos níveis inferiores tinham velas ou livros. Em um viu um tinteiro, e em outro um yesquero.

Na estadia propriamente dita, havia uma cama baixa coberta com uma pele de ovelha, uma escrivaninha muito simples e sua

correspondente cadeira, uma enorme poltrona brincalhona, uma lareira, que obviamente era de recente construção assim como o tiro que subia pela parede justo em frente da porta. Ao lado da lareira havia uma pilha de lenha no lenheiro e uns quantos atiçadores. Era um refúgio delicioso, com o toque mágico da luz multicolorido que o banhava.

Voltou-se para olhá-lo. Estava diante da porta, com o chapéu na mão e a vista cravada nela.

Era um momento terrível. O momento que teria preferido evitar. O momento no que por fim saiu de dúvidas e soube com certeza. Soube que estava tão apegada ao duque de Bewcastle que não podia separar-se dele... nem possivelmente penetrar em seu mundo.

Entretanto, já era muito tarde para proteger seus sentimentos ou para lhes pôr freio.

Passou a seu lado antes que lhe ocorresse algo adequado que dizer. Tirou o chapéu e as luvas apesar de ali dentro fazer frio e os deixou sobre a escrivaninha enquanto ele acendia o fogo, já que a lenha estava preparada. Embora pegou fogo imediatamente, duvidava muito que o lugar pudesse esquentar-se por completo.

-Por quê? -perguntou-lhe-. Por que este lugar quando possui toda Lindsey Hall e tem outras muitas mansões?

Embora de algum modo já conhecia a resposta. Tinha a sensação de ter vivido esse momento com antecedência e de saber qual ia ser sua resposta. Estava assustada por ridículo que parecesse, como se estivesse a ponto de ficar sepultada por uma avalanche de neve.

-É possível perder-se na imensidão -respondeu ele-. As vezes inclusive me esqueço que sou algo mais além do duque de Bewcastle.

Engoliu em seco, incomodada.

-Aqui posso recordá-lo -seguiu-. Entretanto, não estive neste lugar há um ano... Até a semana passada, de fato, quando pensei que devia trazê-la.

E então soube... Soube que esse momento tinha sido inevitável, que essa era a oportunidade que lhe tinha pedido, que a visita a esse lugar de retiro no mais recôndito de sua imensa propriedade era o que ele tinha sonhado e o que tinha planejado. Tudo estava limpo e ordenado, embora ninguém mais que ele visitasse o pombal. Tinha limpo e ordenado a estadia, e também tinha deixado disposta a lenha.

Deu uma olhada a seu redor em busca de um lugar onde sentar-se e se encantou pela cadeira de madeira colocada em frente a escrivaninha.

deixou-se cair nela e se aferrou aos bordo de seu casaco.

- E o que recorda quando está aqui? -quis saber.

-Que também sou Wulfric Bedwyn -lhe respondeu.

A avalanche caiu sobre ela.

Sim. Sim! É obvio que o era. Ao longo desses dias em Lindsey Hall tinha descoberto que havia uma pessoa real detrás da formidável figura do duque de Bewcastle. Evidentemente, eram a mesma pessoa. O homem e o duque eram inseparáveis. Em nenhum momento tomou por louco, em nenhum momento pensou que houvesse duas pessoas distintas compartilhando o mesmo corpo. Entretanto, não estava segura de querer ver mais ao homem nem de saber mais sobre ele. Sua vida havia tornado a ser segura desde há quase três anos... e nesse momento voltava a ter ao Hermione e ao Basil.

Não obstante, suas palavras lhe tinham chegado ao coração: "Também sou Wulfric Bedwyn".

-Me conte mais coisas... de você -lhe pediu. Tinha estado a ponto de dizer "dele", como se Wulfric Bedwyn fosse uma pessoa distinta ao homem a quem via diante da lareira. Sério, distante e, conforme parecia, ao comando de seu mundo-. Não, expressei-me mau. Nada melhor que lhe pedir a alguém que fale de si mesmo para deixá-lo sem palavras. me conte coisas de sua infância.

Se queria conhecê-lo, apesar da relutância que a idéia lhe provocava, teria que começar por sua infância. Era quase impossível imaginar-lhe como um bebê, como um menino pequeno ou como um moço. Embora, é obvio, tivesse passado por essas três etapas.

-Sente-se na poltrona - disse ao mesmo tempo que a apontava com uma mão.

Quando o fez, o duque pegou a pele de ovelha da cama e a colocou sobre o regaço antes de sentar-se em uma esquina da escrivaninha, com um pé no chão enquanto balançava o outro no ar. tirou o capote, que descansava sobre o espaldar da cadeira. Sua figura estava banhada pela luz azul e vermelho.

-Como era? -perguntou-lhe.

-Era um molho de nervos incansável - respondeu -. ia percorrer o mundo quando fosse maior. Ia aumentar as fronteiras da América. Ia cruzar essas fronteiras para atravessar o Pacífico até a China. Ia desentranhar os mistérios da África e a me deixar seduzir pelo exotismo do longínquo Oriente. Ia ser um pirata mas ao estilo do Robin Hood e se

não, a dar caça aos piratas. Depois, quando tive um pouco mais de bom senso -com uns nove ou dez anos-, ia ser o capitão de meu próprio navio e a me converter no almirante de uma frota; ou um oficial do exército para me converter no comandante geral das tropas britânicas lá onde lutassem para as conduzir a brilhantes vitórias. Mas enquanto esperava crescer e a conseguir meu glorioso futuro, semeava o pânico em casa e em toda a propriedade. Era o terror dos jardineiros, dos cavaleiros e dos criados. O maior desafio ao que meu pai se enfrentou jamais e o desespero de minha mãe.

Voltou a ficar em pé e se aproximou da lareira, onde golpeou um lenho com a ponta da bota para que prendesse bem.

-Aidan e eu tínhamos um plano -prosseguiu-. Suponho que ainda éramos muito pequenos. Tínhamos combinado que nos trocaríamos de roupa e portanto de identidade, e nosso pai nunca se daria conta. Aidan ficaria em casa e se converteria em duque algum dia, e eu me lançaria ao mar e navegaria em busca de qualquer aventura que o mundo e a vida me pusessem no caminho.

Guardou silêncio, surpreendida e fascinada enquanto ele contemplava o fogo e, sem dúvida, o longínquo passado. Ao cabo de uns minutos, olhou-a por cima do ombro e voltou para o presente.

-Mas, desde que nasci, meu destino era herdar o ducado e todos os deveres e responsabilidades que suporta -disse-. E no caso do Aidan seu destino era o exército. Sonhávamos nos trocar, mas era impossível, claro está. Ao final o traí.

Apesar da abrigada pele, sob a qual tinha as mãos, ficou gelada.

-Não queria a carreira que tinham escolhido para ele -continuou-. Era um menino pacífico e muito tranquilo. Estava acostumado a seguir a nosso pai como se fosse sua sombra cada vez que percorria a propriedade, e também passava muito tempo com o administrador. Suplicou a nosso pai e conseguiu que nossa mãe apoiasse sua causa. A única coisa que queria era viver tranquilamente da terra, trabalhá-la e administrá-la. Mas não sei por que cruel destino nasceu o segundo e eu fui o primogênito. Evidentemente, depois de que nosso pai morrera, poderia lhe haver dado o que queria.

Eu tinha dezessete anos e ele, quinze. Passou vários anos no colégio, mas quando retornou a casa, entregou-se aos assuntos da propriedade com entusiasmo. Conhecia as terras de trabalho que rodeavam Lindsey Hall como a palma de sua mão. Sabia como as levar.

Tinha melhores instintos que eu para isso. Tentou me dar conselhos, com muito bom tino. Queria que retirasse ao antigo administrador, que já era muito velho para o trabalho, e ocupar o posto. Tentou me indicar certas melhorias e também certos enganos que eu tinha cometido. Tinha boa intenção, amava este lugar, conhecia-o melhor que eu, e eu era seu irmão. Paguei por seu ingresso no corpo de oficiais do exército e o chamei à biblioteca para dizer-lhe. Não ficou mais alternativa que me obedecer. Tal era meu poder como duque de Bewcastle, apesar de que ainda era muito jovem. Utilizei-o sem pestanejar. Estive-o utilizando depois.

-E jamais se perdoou por isso -assinalou. A modo de afirmação porque não era preciso perguntar- Embora fez o correto.

-Certo -concordou ele-. Mas tive que escolher entre meu papel de duque de Bewcastle e o de irmão... do moço com o que fui unha e carne. Foi a primeira ocasião de relevância em que enfrentei a esse conflito e tive que escolher. Escolhi o papel de duque, e depois me vi enfrentando à mesma tessitura em muitas ocasiões. Continuará acontecendo até que morra, suponho. Afinal, sou esse aristocrata, e tenho deveres e responsabilidades. Há centenas de pessoas, talvez milhares, que dependem de mim, e não posso nem penso em fugir de meu dever. Portanto, não posso lhe assegurar que vá mudar para me amoldar a seu sonho, entende isso? Para você sou um homem frio, reservado e sério. E está certa, sou isso. Mas essa só é uma faceta, há mais.

-Sei - assegurou, embora não estava segura de que tivesse saído algum som de seus lábios.

O duque estava diante da lareira com as mãos às costas e os pés ligeiramente separados. Sua expressão fria e arrogante nada tinha que ver com o que estava dizendo... ou talvez sim. Tinha decidido que fosse o papel de duque de Bewcastle o que regesse sua vida.

-Como vê, não posso lhe oferecer o que não sou -disse ele-. Só me cabe esperar que compreenda que qualquer pessoa que tenha vivido trinta e seis anos é muito complexa.

Há algumas noites me acusou de levar uma máscara, e se equivocava. Antepor o papel de duque de Bewcastle com suas responsabilidades ao do Wulfric Bedwyn, mas sou ambos. O fato de que o dever seja o primeiro não diminui minha dignidade. Além disso se perguntava você se for um aristocrata frio e insensível até a medula. Não o sou. Se fosse, acredita que teria ficado preso a você sem conhecê-la

muito e que me teria visto atormentado por sua lembrança? Não é você a classe de mulher em que Bewcastle se fixaria, nem muito menos cortejaria.

Isso a deixou petrificada.

-Mas me estou adiantando aos acontecimentos -disse ele-. Tive uma boa infância. Alegre e feliz. Meus pais foram bons, embora durante a adolescência não tive a impressão de que meu pai se preocupasse muito por mim.

-O que aconteceu? -quis saber. ficou preso a ela. viu-se atormentado por sua lembrança! Atormentado!?

-Sofreu um ataque de coração quando eu tinha doze anos - respondeu -. Sobreviveu, mas lhe disseram que tinha o coração fraco e que poderia deter-se em qualquer momento. Era um dos homens mais ricos e poderosos da Grã-Bretanha. Possuía mais propriedades que qualquer outro.

Seus deveres e responsabilidades eram enormes. E, entretanto, seu primogênito -seu herdeiro-era um menino selvagem e ingovernável.

Era quase impossível recordar que estava falando de si mesmo.

-Embora ficasse em Lindsey Hall -prosseguiu-, separaram-me quase por completo de minha família. Deixaram-me aos cuidados de dois tutores. Via pouquíssimo a meu pai, e muito menos a minha mãe. Aidan e Rannulf, e mais tarde Alleyne, foram ao colégio, como eu tinha esperado fazer, e quase nunca os via... nem sequer quando retornavam a casa durante as férias. Estava virtualmente isolado. Rebelei-me, gritei, esperneei e chorei... e aprendi. Dispus de cinco anos para aprender tudo o que devia saber sobre o resto de minha vida. Ninguém sabia que seriam cinco anos, é obvio.

Poderia ter sido somente um, inclusive menos. Meu pai morreu quando eu tinha dezessete anos. Em seu leito de morte me beijou a mão e me disse que às vezes o amor fazia mal, embora nem por isso deixava de ser amor. Como verá, não teve alternativa. Eu era seu filho e me amava. Também era seu herdeiro. Devia aprender para ocupar seu lugar.

De repente, percebeu que era muito provável que nunca tivesse contado essa historia a ninguém... Assim como ela não tinha contado a ninguém mais os acontecimentos que rodearam a morte de Oscar. Esse fato a aterrou... e ameaçou lhe encher os olhos de lágrimas. Estava despindo sua alma ante ela. Por que... porque se tinha ficado enamorado dela e depois se viu atormentado por sua lembrança. Porque a tinha

levado a esse lugar com toda deliberação, a Lindsey Hall, a esse pombal, a seu refúgio particular, com esse propósito em mente. Porque lhe tinha suplicado que lhe desse uma oportunidade.

Nesse momento se deu conta de que estava loucamente apaixonada por ele. Mas ainda assim... Ainda assim não achava o felizes para sempre. Já não era a juvenzinha que se lançara sem pensar, faz dez anos, em uma relação que certamente teria evitado se tivesse se dado um pouco de tempo para conhecer melhor ao Oscar. Tinha-o querido até o final, mas no fundo era consciente de que já desde o começo de seu matrimônio tinha detectado a debilidade de seu caráter. Entre eles não houve essa paixão imperecível e envolvente com a qual sempre tinha sonhado.

Nesse momento era mais amadurecida e muitíssimo mais cautelosa. Nesse momento era muito consciente de que o felizes para sempre não a aguardava depois de uma proposta de matrimônio e um sim por sua parte. Ainda assim...

Ainda assim era um homem que, contra todo prognóstico, tinha chegado a gostar. Um homem ao que, muito a seu pesar, estava começando a admirar. Como não ia admirar a um homem para quem a honra e o dever o significavam tudo? A um homem que valorizava a responsabilidade que tinha para com centenas e inclusive milhares de pessoas por cima de sua gratificação pessoal?

Talvez sua educação tivesse sido opressiva, inclusive brutal, mas certamente seu pai se encarregou de que não avassalassem seu espírito. Depois, quando o anterior duque morreu, poderia ter dado as costas a tudo o que lhe tinham ensinado. Poderia haver-se convertido em um moço desmedido e esbanjador, como muitos outros em suas mesmas circunstâncias. Afinal, tinha o poder e a riqueza para fazer o que quisesse.

Entretanto, manteve-se firme. Desde os dezessete anos cumpria o papel do duque de Bewcastle sem pestanejar. Como não ia admirá-lo? E, que Deus a ajudasse, como não ia amá-lo? Sorriu-lhe.

-Obrigada -disse-. Sei que é uma pessoa muito ciumenta de sua intimidade. Obrigada por me mostrar este lugar tão encantador e por me contar coisas sobre você.

Olhou-a, tão sério e formidável como de costume, com uma expressão mais inescrutável que nunca nos olhos.

-Levo quase um ano sonhando vê-la aqui, sentada nesse mesmo lugar -escutou-o dizer.

- Não vou fazer lhe nenhuma pergunta hoje. Não é o momento adequado. Embora vou dizer lhe algo. Não a trouxe aqui para seduzi-la. Mas a desejo. Sabe muito bem. Quero fazê-la minha agora mesmo, nesta cama. Quero que seja uma expressão livre do que sinto por você e, talvez, pelo que você sente por mim. Sem compromissos nem obrigações... a menos que haja conseqüências, embora já me disse em uma ocasião que não era provável. Deitará-se comigo? Vá... parece que depois de tudo lhe fez uma pergunta.

Ficou a mente em branco e isso porque tinha um milhar de perguntas na cabeça. Seu corpo, entretanto, funcionava às mil maravilhas. O desejo lhe endureceu os mamilos e sentiu uma pontada no abdômen e também entre as coxas. ficou sem fôlego. Ali? Nesse momento? De novo? As lembranças da noite que passaram em Schofield Park junto ao lago afloraram a sua mente. E respondeu exatamente como naquela noite quando lhe fez virtualmente a mesma pergunta:

-Sim.

Viu-o dar os três passos que os separavam e lhe estender a mão direita com a palma para cima.

Afastou a pele de ovelha e colocou a mão na sua.

Ele a levou aos lábios.

Capítulo 21

Wulfric pegou a pele de ovelha e a deixou sobre a cama, depois do que colocou o cobertor e afastou um extremo para poder meter-se debaixo. Quando se virou para olhá-la, continuava tal qual a tinha deixado, observando-o, embora tivesse tirado o casaco, que descansava no espaldar da poltrona.

Levava um vestido amarelo claro, embora em um dos lados, pelo efeito da luz avermelhada dos vitrais, parecia cor pêssego. Era de talhe alto, decote fechado e mangas longas, sem adorno algum. Colava-se a suas curvas e ressaltava sua figura, atraente mais que suficiente.

- Aproxime-se mais do fogo -lhe disse enquanto ficava a seu lado.

Colocou-lhe uma mão na parte baixa das costas e a levou a aproximar-se da lareira onde se beneficiariam do calor das chamas. Não

queria que esse momento fosse um simples esbanjamento de avidez sexual como da outra vez. Embora não tivesse mencionado a palavra e não pensasse em fazê-lo, queria lhe fazer amor.

Não a beijou imediatamente. Tomou o rosto entre as mãos e lhe passou os polegares pelas sobrancelhas. Esses brilhantes olhos azuis o olhavam abertos como pratos. A luz rosácea e morada dos vitrais ressaltava o brilho de sua pele. Tinha uma boca linda de lábios suaves que se curvavam para cima nas comissuras. Enterrou os dedos em seu cabelo. Seus cachos eram suaves e estavam limpos, e recuperaram sua forma assim que se escorreram entre seus dedos. O estilo lhe assentava maravilhosamente.

Baixou as mãos até seus ombros e moveu-as até suas costas, onde descobriu a fileira de botões do vestido. Foi desabotoando um a um até que pôde descer a parte dianteira pelos ombros e os braços até a cintura, de onde caiu ao chão, ao redor de seus pés. Não levava espartilho. As curvas eram suas, tal qual as tinha outorgado a natureza. A única coisa que a cobria do peito até os joelhos era uma simples regata de linho.

Afastou-se um pouco dela para ajoelhar-se e lhe tirar os sapatos, depois do que lhe desatou as ligas e foi enrolando as meias por suas pernas até tirá-las

Antes de lhe soltar o pé beijou o peito do mesmo e depois o joelho.

Ela ainda não o havia tocado, percebeu. Entretanto, a julgar por seus lábios entreabertos e pelas pálpebras entreabertas, soube que desejava seguir adiante tanto como ele.

Roçou-lhe um ombro com os lábios e o lambeu. Sua pele, cálida e suave, tinha um sabor ligeiramente salgado. Notou-a tremer apesar do calor do fogo. Baixou-lhe uma das alças da regata até despir um seio e, enquanto tomava na mão, foi deixando um rio de beijos até chegar a ele. Era perfeito. Suave e generoso, embora voluptuoso e firme ao mesmo tempo. Rodeou o mamilo com os lábios e respirou antes de chupá-lo. Essa foi a primeira vez que ela o tocou.

Enterrou-lhe os dedos no cabelo e inclinou a cabeça até que sua fronte se apoiou nele, momento em que soltou um rouco gemido.

De repente caiu na conta de que não a havia visto nua apesar de haver-se deitado com ela em uma ocasião. E quis fazê-lo nesse instante. Queria fazer amor sem que existisse barreira alguma entre eles.

O desejo, o desejo e a necessidade palpitavam em seu interior ao ritmo dos batimentos de seu coração. Sentia o calor do fogo no lado

esquerdo de seu corpo.

Ergueu a cabeça e ela afastou as mãos.

-Venha para a cama - disse.

Terminou de despi-la antes que se deitasse. Um raio de luz rosácea procedente de um dos vitrais caía sobre a metade superior de seu corpo, mas se ia tornando avermelhado à medida que descia por seus quadris e suas pernas. Embora pudesse ter ficado um momento mais deleitando-se com o que viam seus olhos, estavam longe do fogo, cujo calor ainda não tinha erradicado o frio que reinava no pombal. Cobriu-a com os lençóis e com a pele de ovelha, e se sentou na beira da cama para tirar as botas. Uma vez descalço, ficou em pé para acabar de despir-se e quando esteve nu, ergueu a roupa da cama e se reuniu com ela.

O calor que irradiava seu corpo era muito tentador. Virou-se para ela, acomodou os lençóis e voltou a tocá-la.

Dispôs-se a excitá-la com toda a habilidade e a paciência de que dispunha empregando as mãos, os dedos, os lábios, a língua e os dentes. Seu corpo ardia de desejo por ela, ansiando o momento de colocar-se em cima e voltar a consumir a paixão que despertava nele.

Entretanto, ela não permaneceu passiva. Suas mãos começaram a explorá-lo, com acanhamento a princípio, embora fossem ganhando confiança à medida que seu corpo se excitava e sua respiração se tornava agitada.

Tinha chegado o momento, compreendeu. Tentava se colocar sobre ela, erguer-lhe os quadris com ambas as mãos enquanto lhe separava as coxas, afundar-se em seu corpo e deixar-se levar pelo frenesi até que ambos estivessem satisfeitos.

Não obstante, queria lhe fazer amor.

Assim ergueu a cabeça e a olhou nos olhos.

-Christine... -sussurrou e a beijou pela primeira vez com deliciosa doçura, acariciando apenas aqueles lábios entreabertos.

Viu-a abrir muito os olhos ao mesmo tempo que soltava uma pequena exclamação.

-Christine -repetiu-, é tão formosa...

E a beijou com paixão.

O desejo sexual era muito intenso para continuar com as preliminares. Colocou-se sobre ela, que separou as pernas imediatamente e o rodeou com elas. Depois de lhe erguer os quadris com as mãos e ajustar sua posição, afundou-se, lentamente, em seu corpo.

Christine mudou um pouco de posição nesse momento e se fechou com força em torno dele, apanhando-o em seu interior.

Afastou as mãos dela, apoiou-se em um braço e ergueu a cabeça para olhá-la outra vez no rosto.

Esses olhos azuis o olhavam com um brilho risonho e sonhador.

-Wulfric -lhe disse-. Um nome poderoso para um homem poderoso. Muito poderoso -reiterou com uma gargalhada suave e maliciosa.

Baixou a cabeça até esse tentador lugar oculto sob o lóbulo de sua orelha e grunhiu. Escutou-a rir de novo. Suas pernas o apertaram com força e seus músculos internos se esticaram ainda mais em torno dele.

Amou-a devagar e durante muito tempo, protegidos no quente refúgio que lhes proporcionavam os lençóis enquanto que o fogo crepitava na lareira e a luz rosácea, avermelhada e carmim dançava sobre a pele de ovelha. Amou-a até que ambos ficaram sem fôlego e seus movimentos os deixaram suarentos e excitados. Amou-a até que respondeu com um gemido a cada investida, até que se esticou com força a seu redor.

E ambos alcançaram um clímax rápido e assustador.

-Wulfric... -escutou-a protestar, com voz sonolenta, quando se separou dela para evitar que seu peso a esmagasse.

Perder seu calor lhe provocou um calafrio, já que tinha o peito empapado de suor, mas a calidez dos lençóis fez que a sensação passasse rápido.

Colocou-se de lado e a observou dormir com os olhos entrecerrados. As luzes em tons creme lhe iluminavam uma metade do rosto, enquanto que a outra metade descansava em sombras. Tinha o cabelo alvoroçado.

Era um homem poderoso, tal qual havia dito Christine pouco antes. Aparentemente tinha tudo o que um homem podia desejar na vida. Entretanto, havia algo que queria e que não estava seguro de poder conseguir algum dia. Embora não pensasse perguntar nada esse dia. Talvez nem sequer no dia seguinte, nem no outro.

Tinha medo de fazer essa pergunta.

Tinha medo de que a resposta fosse negativa. Porque, se fosse assim, jamais poderia voltar a fazê-la.

Assim devia esperar.

O que queria era seu amor.

Quando saíram do pombal, as nuvens se afastaram e o sol brilhava. O vento, não obstante, ainda soprava com força, de modo que o dia continuava sendo rude e frio.

Caminharam de volta à mansão tal como o fizeram na noite do baile em Schofield Park do lago: Sem tocar-se e sem falar. Entretanto, a sensação era diferente. Porque nessa ocasião o silêncio e a proximidade eram agradáveis. Embora não fosse exatamente isso. Entre eles havia uma... certeza. Tinham compartilhado muito mais que o que compartilharam em Schofield Park. Ali tinham compartilhado seus corpos. No pombal o tinham compartilhado tudo.

Christine ainda se sentia vulnerável e lhe tremiam as pernas. Estava profundamente apaixonada. E ao mesmo tempo tentava convencer-se de que devia ser sensata, de que um amor não era o mesmo que o amor verdadeiro. Era um alívio que não lhe tivesse feito a sabida pergunta. Tomara não o perguntasse... nunca. Porque se o fizesse, teria que responder e não sabia o que acabaria dizendo.

Sabia o que não devia dizer, mas não o que diria.

Mas e se alguma vez o perguntasse? Poderia suportar?

Já o tinha perguntado uma vez e lhe havia dito que não. Provavelmente não queria sofrer uma nova humilhação ao lhe repetir a pergunta.

Claro que, que explicação tinha então sua estadia no Lindsey Hall? Que explicação tinha o dessa tarde? Tinha-a chamado "Christine"! Era absurdo recordar esse momento como, talvez, o mais terno e precioso de todos. Mas o tinha sido! "Christine... ", havia-lhe dito com essa dicção tão aristocrática e culta. Embora na primeira vez tinha sussurrado.

E depois ela o tinha chamado por seu nome e ele tinha grunhido em resposta.

Virou a cabeça para olhá-lo e descobriu que ele a estava observando. Voltou a olhar à frente imediatamente.

-O que? -perguntou Wulfric-. Assim fácil ganhei hoje?

Sentiu que se ruborizava.

-Há muitas árvores -respondeu ela-. Se não olho por onde vou, acabarei me pondo em ridículo ao trombar com uma.

O rubor se intensificou ao recordar que tinha sido ela quem tomara a iniciativa a segunda vez que fizeram amor no pombal. Depois de despertar depois da primeira ocasião, sentiu-se quente, protegida e na glória. Virou a cabeça e o descobriu olhando-a. E esse foi o momento no

que se endireitou sobre um cotovelo, inclinou-se sobre ele e o beijou nos lábios com ardor. Wulfric se deitou de costas e ela o seguiu, colocando-se em cima desse quente corpo nu com seus maravilhosos músculos, e começou a esfregar-se contra ele a modo de flagrante convite que foi rapidamente aceito.

Jamais tinha feito algo parecido.

Fazer amor com o duque de Bewcastle, com o Wulfric, era com diferença a experiência mais excitante e mais emocionante que tinha conhecido na vida.

Entretanto, não devia confundir o ato do amor, ou o fato de estar apaixonada, com o amor em si.

Conduziu-a até a mansão por uma rota diferente. Saíram do arvoredo pelo extremo mais afastado do lago, pela zona mais agreste onde as árvores chegavam até a margem. E ali, justo diante deles, estavam todos os outros, adultos e crianças, obviamente encantados, enquanto brincavam de esconderijo entre as árvores.

Pamela, que foi primeira a vê-la, aproximou-se deles dando saltos com Becky ao lado.

-Prima Christine! -gritou-. subimos em um barco e coloquei a mão na água e Phillip queria remar, mas o papai de Becky lhe disse que não, que não hoje não se pode porque a água está agitada e Laura se enjoou e tivemos que parar na ilha e depois Laura não queria subir, mas o papai de Becky lhe disse que se olhasse sempre ao horizonte não voltaria a enjoar-se e não se enjoou e eu tampouco, embora Phillip dizia que ia me enjoar porque sempre me enjoô quando vou na carruagem.

Pôs-se a rir ao escutá-la.

-Uma tarde muito emocionante, sim, senhor -disse.

Percebeu que Becky tinha tomado ao Wulfric da mão e caminhava movendo seus braços.

-Tio Wulf - escutou-a dizer-Pamela e eu queríamos brincar de escola, mas com tantas crianças na ala infantil não podemos. Nos empresta a biblioteca quando voltarmos para casa?

-Desde que me prometam não levar isso muito longe -respondeu ele. As meninas puseram-se a rir, encantadas.

-Tolo! -exclamou Becky-. Não vamos levá-la a nenhum lugar, só vamos utilizá-la!

-Ah! Então sim - replicou Wulfric.

A brincadeira do esconderijo devia ter chegado a seu fim. Tanto os adultos como as crianças estavam congregados em torno da margem, e as meninas os guiaram nessa direção.

-Estávamos dizendo às crianças que - explicou lorde Rannulf-, embora sempre nos permitisse nadar no lago, aqui estava proibido.

-Porque a tentação de lançar-se de cabeça dos ramos das árvores era muito difícil de resistir -declarou lorde Alleyne.

-Mas seria muito divertido! -gritou Davy, apontando para cima-. Olhe esse ramo, tio Aidan. Aposto o que quiser que poderia me lançar de cabeça daí.

-Parece um pouco perigoso -disse lady Aidan.

-Categoricamente proibido, moço! -exclamou lorde Aidan ao mesmo tempo que falava à sua esposa.

-Sempre esteve proibido, Davy -lhe assegurou lorde Rannulf ao menino-. Uma lástima.

-Entretanto, isso nunca os deteve -disse Wulfric nesse momento-. A nenhum. Nem sequer a Freyja. A ela menos que a nenhum. Morgan inclusive.

Melanie pôs-se a rir e todos os Bedwyn se viraram para olhar a seu irmão mais velho com incredulidade.

-OH, OH... -disse lorde Alleyne- sabia, Wulf? E nós nos achávamos muito espertos...

-A primeira vez que o tentei, Kit ficou flutuando debaixo do ramo e se ofereceu para me agarrar -confessou lady Rosthorn-. Tinha oito anos, se não recordo mau, e teria preferido a morte a que me acreditasse ser uma galinha. Estava apaixonada por ele até as sobancelhas.

Todos se puseram a rir com ela. Lorde Rosthorn lhe passou um braço pelos ombros.

-Eu tenho oito anos! -gritou Becky-. Papai, quero tentá-lo um dia que faça calor.

-Viu o que formou ao falar diante das crianças? -exclamou exasperada lady Aidan.

-Wulf começou ! -assinalou lady Hallmere-. Como sabia que nadávamos aqui, Wulf?

-Porque eu também o fazia quando era pequeno - respondeu -. Com o Aidan. Nunca trouxemos Rannulf porque tínhamos medo de que abrisse a cabeça com uma pedra ou com uma raiz, motivo pelo que nos teriam dado uns bons açoites na bunda.

As crianças explodiram em vivas, encantadas com o que ouviam.

-O tio Wulf disse "bunda"! -gritou William e todos voltaram a explodir em gargalhadas.

-Wulfric atirando-se de cabeça de um ramo! ? -exclamou lorde Hallmere com um sorriso-. Contra as regras? Não consigo acreditar nisso.

-Nem eu tampouco -concordou lorde Rannulf com ironia-. Nunca teria aceitado que me deixassem para trás.

O duque levou o monóculo ao olho.

-Devo entender que está me acusando de... mentiroso? -perguntou.

Entretanto, a pergunta só serviu para que as gargalhadas e as brincadeiras subissem de volume.

Percebeu que Becky ainda o tinha pego pela mão.

Viu-o olhar à menina e o escutou suspirar.

-Não há nenhuma outra forma, verdade? -perguntou.

E para estupefação de todos os pressentes, incluída ela, tirou o chapéu, as luvas e o capote, e foi dando a Becky.

-Caramba! -exclamou lady Hallmere-. Wulf vai atirar se à água. Josh, fique atrás de mim. Estou a ponto de desmaiar.

-Wulfric... -disse lady Aidan-, a água estará gelada.

-É fora da água e já estamos congeladas... -declarou Melanie.

Bertie grunhiu.

-Isto é maravilhoso!-exclamou lady Alleyne.

A essas alturas tirou a jaqueta, o colete, o monóculo e a gravata, objetos que tinha ido passando a ela. Finalmente, passou a camisa pela cabeça e a deixou sobre o montão de roupa que descansava em seus braços.

-Wulfric -lhe disse lady Rannulf-, não deixe que o provoquem. É perigoso. vai fazer se mal.

As crianças saltavam de um lado para outro, loucas de alegria.

-Ver para acreditar -comentou lady Rosthorn ao mesmo tempo em que dava um tapinha à mão de seu marido, que repousava sobre um de seus ombros.

Lorde Rannulf e lorde Alleyne contemplavam a cena cotovelo com cotovelo, Sorrindo de orelha a orelha.

Wulfric tirou as botas sem sentar-se no chão e as deixou uma junto à outra, sobre a erva. Deve estar gelado, pensou ela. Embora não podia evitar olhá-lo com assombro.

A última coisa que tirou foram as meias três-quartos, que acabaram no interior das botas.

De modo que ficou com as calças e os calções que sabia que levava debaixo.

Afastou-se deles descalço e subiu pelo tronco do carvalho como se fosse uma atividade que praticasse todos os dias. Claro que um pouco de prática sim que teve poucos dias antes, quando resgatou o monóculo...

Caminhou pelo ramo que se estendia em paralelo sobre a água segurando-se a outro superior para não perder o equilíbrio até que foi impossível fazê-lo e depois seguiu sem nenhum apoio. Quando chegou ao extremo, comprovou a solidez do ramo dando pequenos saltinhos ao mesmo tempo que flexionava os braços. Compreendeu que o estava fazendo para deleite de seu público, que estava encantadíssimo.

E nesse momento se atirou de cabeça com os braços estendidos para diante, as pernas retas e os pés esticados. Mal salpicou quando entrou na água.

Entretanto, se escutou, da margem, uma coletiva exclamação de assombro, que logo foi seguida por uma ovação. Ela levou a mão livre à boca até que viu emergir sua cabeça, a qual começou a sacudir para tirar a água dos olhos.

-Alguém deveria me ter avisado de que a água está fria! -gritou.

E nesse momento foi quando se apaixonou total e irremediavelmente por ele.

Justo antes que acontecesse algo extraordinário; além do anterior, claro. Lady Hallmere se plantou frente a ela com expressão carrancuda e a abraçou com todas suas forças, esmagando a roupa de seu irmão no processo.

-Se isto for obra tua -a escutou dizer-, quererei-a toda a vida.

E depois se afastou com os outros para continuar desfrutando do espetáculo de ver o duque de Bewcastle nadando a escassa distância que o separava da margem. Uma vez ali, saiu e se plantou no chão, jorrando água da cabeça aos pés.

-Lançar-se de cabeça à água desde esses ramos... -disse, dirigindo-se às crianças com sua costumeira autoridade, embora lhe tocavam castanholas os dentes-, continua estando categoricamente proibido.

-Algo extremo, não lhe parece, Wulf? -perguntou lorde Aidan-. Se queriam convencer-se de que estava dizendo a verdade, só tinham que

perguntar a mim. -Viu-o esboçar um desses estranhos sorrisos que aumentavam em grande medida seu atrativo.

Ela se tinha aproximado correndo para eles, mas estendeu a roupa a lorde Aidan em lugar de ir passando peça a peça a Wulfric.

Esses olhos prateados, mais prateados que nunca pelo contraste com o cabelo molhado, cravaram-se nela.

-Alegra-me recordar, senhora -disse-, que não ri de você no dia que caiu na Serpentina. Agora entendo o desconforto que sofreu.

Entretanto, ela riu dele. Não em voz alta. Mas sim com os olhos.

Tinha-o feito por ela. Estava certa.

Para lhe demonstrar que era tanto Wulfric Bedwyn como o duque de Bewcastle.

Capítulo 22

O baile de Lindsey Hall esteve muito concorrido, já que a maioria das famílias da zona continuava no campo devido às festas de Páscoa. Além disso, os grandes bailes organizados pelo duque de Bewcastle eram um evento único. Acudiram pessoas de vários quilômetros ao redor.

É obvio, Wulfric não tinha organizado o evento em pessoa. Tinha um secretário para encarregar-se dos detalhes mundanos, e irmãs e cunhadas para preocupar-se com outras coisas, como os arranjos florais do salão ou a seleção do menu para o jantar e para a sala de refrescos. Entretanto, no dia famoso se interessou pelos preparativos mais do que o costume e passou da biblioteca ao vestíbulo principal e dali ao salão de baile, incapaz de concentrar-se em uma atividade em concreto.

Seus convidados partiriam ao cabo de dois dias. Inclusive sua família partia, uns à cidade e outros a suas propriedades campestres. Ia deixá-los partir. Ia deixar que ela partisse. Assim tinha decidido. Mas queria que essa noite fosse especial.

Por isso perambulou impaciente pela mansão e se manteve afastado do salão, negando-se a participar das atividades que outros tinham planejado.

Ao chegar a noite e uma vez que esteve na linha de recepção junto a seus tios, vestido como de costume de branco e negro, pensou que o salão de baile estava realmente magnífico, adornado com cestos de flores primaveris penduradas nas paredes e por cima das portas, e os

enormes vasos de samambaias e lírios que rodeavam as três colunas centrais.

E ela também estava encantadora... Sim, Christine Derrick, que sorria e brilhava com luz própria ao passar da linha de recepção ao salão e vê-lo pela primeira vez. Levava um vestido branco. O delicado festão que adornava a barra e as mangas curtas de farol estava composto por mariposas, margaridas e folhas. Parecia um pedacinho da primavera.

Deu-lhe um salto o coração ao vê-la.

Ao sair da sala de refeições depois do almoço tinha perguntado a ela se podia lhe reservar a primeira valsa. Poderia dizer-se que eram as primeiras palavras que lhe dirigia em dois dias, depois de mergulhar no lago. Embargava-o um absurdo acanhamento.

Ou talvez se tratasse de pânico. Queria acreditar que tudo estava bem entre eles, que ela sentia o mesmo que ele e que -isso era o mais importante de tudo- nesse momento achava possível

um futuro juntos. Mas não estava seguro. E como a incerteza não era habitual em sua vida de adulto, não tinha muito claro como enfrentar-se a ela.

Abriu o baile com a viscondessa de Ravensberg, que tinha escolhido muito acertadamente um vestido violeta do mesmo tom que seus preciosos olhos. A seguir dançou com lady Muir, a irmã do conde de Kilbourne, e se perguntou por que uma mulher com sua beleza não havia tornado a casar-se apesar de estar viúva vários anos e de ser um grande partido. Em certa forma era estranho que nunca lhe tivesse passado pela cabeça cortejá-la ele mesmo. Acompanhou na terceira dança a Amy Hutchinson graças às destrezas de sua tia. A tia Rochester tinha tomado ao assalto a biblioteca no dia anterior e lhe tinha soltado um sermão sobre o dever e sua responsabilidade para com o sobrenome familiar. Uma responsabilidade que deveria afastá-lo, segundo ela, da filha de um professor rural que sorria muito e cujas maneiras deixavam muito a desejar em certas ocasiões.

Tinha escutado o sermão sem replicar, depois do que levou o monóculo ao olho, agradeceu-lhe sua preocupação e virtualmente a obrigou a ir-se por onde tinha chegado e a deixá-lo como dono e senhor de seus domínios, levando sua indignação com ela. Entretanto, parecia não ter retrocedido em seu empenho de lhe impor a sua sobrinha.

A quarta dança seria uma valsa.

Christine Derrick tinha dançado com Attingsborough, Kit e Aidan. Estava ruborizada e tinha os olhos brilhantes; de fato, sua imagem era a oposta a que devia mostrar uma dama durante um baile:

Distante e ligeiramente enfasiada. Estava realmente adorável. Viu-a o outro lado do salão de baile com lady Elrick e a duquesa do Portfrey. Seus olhos se encontraram através da pista de baile vazia.

Foi incapaz de resistir. Agarrou com força o cabo de joias de seu monóculo e o levou a olho antes de baixá-lo ligeiramente. Apesar da distância percebeu o brilho risonho que iluminou seus olhos.

E depois a viu rebuscar na bolsinha de tecido que pendia de seu pulso, da qual tirou algo.

Por um instante só conseguiu ver uma fita negra. Até que ela ergueu muito devagar o objeto até levá-lo ao olho e olhá-lo... através da lente de seu próprio monóculo.

Wulfric Bedwyn, muito arrogante e gélido duque de Bewcastle, surpreendeu-se tanto que soltou uma gargalhada. antes de esboçar um lento sorriso transbordante de afeto e bom humor.

Ela já não sorria, percebeu, enquanto avançava pela pista de baile vazia para ela. Nem sequer lhe passou pela cabeça que teria sido muito mais correto rodear o perímetro do salão sem chamar a atenção. Entretanto esses claros olhos azuis o olhavam abertos como pratos enquanto mordida o lábio inferior.

-Senhora Derrick -disse ao mesmo tempo que fazia uma reverência depois de chegar a seu lado-, acredito que é minha vez.

-Assim é, excelência -replicou ela-. Obrigada.

Foi nesse instante, ao lhe estender a mão, quando percebeu o repentino silêncio que se deu no salão de baile. Virou a cabeça e olhou a seu redor com expressão surpreendida e as sobrancelhas arqueadas para ver o que tinha acontecido. Entretanto, ao fazê-lo todos os pressentes retomaram suas respectivas conversas.

-Perdi algo? -perguntou.

Christine aceitou sua mão. O monóculo tinha desaparecido uma vez mais na bolsinha.

-Sim -respondeu ela-. Mas lhe teria feito falta um espelho. Perdeu a oportunidade de ver-se sorrir. De que demônios...?, pensou e a olhou com o cenho franzido.

-Pelo que entendi - prosseguiu ela e compreendeu que grande maliciosa voltava a rir dele-, é tão extraordinário como uma rosa no

inverno.

Que tolice, pensou. Que tolice maior! Mas não disse nada a respeito.

Durante meia hora dançou a valsa com ela e o mundo a seu redor se desvaneceu. Nessa ocasião, não havia risco de que Héctor se chocasse com eles ao dançar em direção contrária, já que tinha partido para a sala de jogos ao começar os primeiros acordes. Não havia nada que pudesse machucar a ela nem que pudesse distraí-lo de sua presença. Christine estava resplandecente.

Tinha a sensação de levar a própria alegria entre os braços. Olhou-a nos olhos todo o tempo, maravilhado por sua beleza, inalando sua fragrância, sem fazer nada para dissimular a admiração com a qual o fazia.

-Obrigado -disse quando a música chegou a seu fim e se viu obrigado a retornar à realidade.

Depois do que acrescentou em voz muito mais baixa-: Obrigado, Christine.

O dever o chamava. Era o anfitrião do baile. Seu lar estava repleto de convidados. Sua meia hora de complacência tinha terminado.

Christine não recordava nunca ter-se sentido tão deprimida. Embora isso fosse precisamente o que se pensava quando se estava deprimido. De qualquer forma, essa depressão superava com acréscimo a qualquer outra.

Wulfric tinha querido lhe demonstrar algo. Tinha-a convidado para fazê-lo... e o tinha conseguido. Até aí chegavam suas intenções.

Tinha tido sua oportunidade o ano passado e a tinha rechaçado... com firmeza e supremo desdém. Não voltaria a pedir-lhe. É óbvio que não o faria. Era o duque de Bewcastle.

E se por acaso fosse pouco, nesse dia se pôs a chover. Embora não o suficiente para atrasar sua partida e demorá-los um dia mais em Lindsey Hall. Graças a Deus que não estava chovendo com força. Não obstante, bastava para converter o mundo em um lugar cinza e triste, e para embaçar as janelas da carruagem uma vez que estivessem em caminho.

Lançou um último olhar ao dormitório de estilo oriental que tinha ocupado durante sua estadia.

Já tinham descido sua bolsa de viagem e a tinham metido na carruagem.

Há duas noites tinha alcançado o topo da felicidade. Tinha lhe sorrido do outro lado do salão de baile depois de havê-lo olhado através de seu próprio monóculo... que nesse momento estava no bolso de seu casaco envolto com seu lenço. Tinha-lhe sorrido, e teria jurado que o coração lhe deu um salto. E depois dançaram a valsa enquanto ele a comia com os olhos. Estava segura de ter visto um sorriso em suas profundidades. Seu prateado pareceu, de repente, cobrar vida e luz. Teve a sensação de que seus escarpines mal tocavam o chão enquanto dançavam.

Todas suas dúvidas se evaporaram, todas as barreiras tinham caído.

Mas depois acabou a valsa... e depois apenas lhe tinha dirigido a palavra.

No dia anterior tinha estado muito ocupada com o resto dos convidados divertindo-se desde a manhã até a noite. Entretanto, o duque de Bewcastle se encerrou em sua biblioteca, e só Bertie, Basil, Héctor e lorde Weston tiveram a permissão para entrar em seu domínio privado.

E nesse momento partia. As duas carruagens de Bertie estavam preparadas no terraço. As crianças estavam subindo com sua babá à segunda. Melanie e Bertie certamente estariam no vestíbulo, perguntando-se onde se colocara.

Inspirou fundo e saiu do dormitório sem lançar a vista atrás. Obrigou-se a esboçar um sorriso.

No vestíbulo a aguardava uma multidão.

-Ah, aqui está, Christine! -exclamou Melanie.

Em seguida, viu-se envolta em um redemoinho de mãos e abraços. Eram os primeiros em partir, embora o resto se iria nesse mesmo dia. Hermione chorava abertamente, e isso esteve a ponto de fazê-la explodir em lágrimas. Alargou o sorriso.

Melanie e Bertie correram para a carruagem.

-Senhora Derrick... -disse a voz arrogante e fria do duque-. me Permita que lhe sustente o guarda-chuva para que não se molhe.

Acrescentou uma nota risonha a seu olhar.

-Obrigada -replicou.

Baixou a vista ao cruzar a soleira da porta principal, momento em que ele abriu um enorme guarda-chuva. Tentou se apressar. Mas ele a agarrou pelo braço com firmeza.

Virou-se e lhe sorriu.

-A chuva me converteu em uma mal educada -disse-. Não lhe agradei sua hospitalidade, excelência. foi uma estadia esplêndida.

-O problema, senhora Derrick, é que sua mãe não está aqui - escutou-o dizer-, nem suas irmãs nem seu cunhado. Há uma pergunta que eu gostaria de lhe fazer, mas as boas maneiras me obrigam a falar ao menos primeiro com sua mãe, coisa que não fiz no verão passado. Posso falar com ela? Posso lhe fazer minha pergunta depois? Não a incomodarei, nem a ela nem a você, se preferir que não o faça.

O guarda-chuva emprestava uma falsa sensação de intimidade. Escutava o repico da chuva contra o tecido. Olhou-o nos olhos, e de repente a depressão se esfumou, e foi substituída por uma radiante felicidade.

-Sim -respondeu quase sem fôlego-. Pode falar com minha mãe. Sentirá-se honrada. E pode me perguntar depois. Eu me sentirei...

-Christine?-insistiu ele em voz baixa.

-Encantada -concluiu, e saiu de debaixo do guarda-chuva a toda pressa para subir os degraus e meter-se na carruagem sem esperar a que ele a ajudasse.

Foi então quando as tolas lágrimas apareceram, inundando-lhe os olhos e empanando-lhe a vista, e ameaçando deslizar-se por suas faces.

Melanie lhe deu uns tapinhas na mão enquanto a portinhola se fechava com um golpe surdo e a carruagem se punha em marcha quase ao mesmo tempo.

-Sinto muito, Christine - consolou-a. - Esperava algum anúncio durante o baile. Todo mundo esperava. Mas não importa. De qualquer maneira, é um homem muito arrogante e muito desagradável, não é? Já encontraremos alguém. Saiba que não será difícil. Os homens a acham muito atraente.

Não se tinha produzido nenhum anúncio durante o baile, pensou, porque sua mãe não estava ali, nem Eleanor, Hazel ou Charles. E ele tinha achado - que diferente do ano anterior!- que seria descortês fazê-lo sem ter completado com a formalidade de consultá-las antes.

Não estava apaixonada por ele, pensou. Não, muito menos.

Amava-o!

Wulfric supôs que Christine não havia dito a sua família que deviam esperar sua visita.

Enquanto conversava com sua mãe e suas irmãs na sala de estar de Hyacinth Cottage ficou muito claro que estavam aterradas. Ao menos, a senhora Thompson e a senhora Lofter, que tinha chegado de visita ao

aparecer ele e assim que entrou lhe deu a sensação de que teria partido se as boas maneiras o tivessem permitido. A senhorita Thompson o observava por cima de seus óculos, que não tirou apesar de ter fechado o livro que estava lendo quando o viu aparecer. Seu rosto tinha uma expressão um tanto zombadora, que lhe recordou em certa forma a sua irmã.

Tinham passado oito dias desde que Christine partiu de Lindsey Hall com os Renable. E, como não podia ser de outro modo, teve que aparecer uma tarde em que ela não se encontrava em casa, embora esperavam que retornasse em qualquer momento para tomar o chá. A senhora Thompson não deixava de olhar pela janela com nervosismo como se desse modo pudesse apressá-la.

De fato, era algo positivo que não estivesse em casa, decidiu. Já estava farto do bate-papo insubstancial.

-Há algo de que eu gostaria de falar com você, senhora -disse, dirigindo-se à senhora Thompson-, antes de falar com a senhora Derrick. Assim que talvez seja oportuno que suas outras filhas também estejam presentes. Perguntava-me se oporia você a que a senhora Derrick se converta na duquesa de Bewcastle.

A senhora Thompson o olhou com a boca aberta. A senhora Lofter levou ambas as mãos ao rosto. Foi a senhorita Thompson quem falou depois de um breve silêncio.

-Excelência, Christine o está esperando? -perguntou-lhe.

-Acredito que sim-respondeu.

-Nesse caso, é a ilusão de sua chegada o que avivou seus passos e acrescentou ainda mais ternura a seu sorriso desde que voltou de Hampshire a semana passada -afirmou- Acredito que estaremos encantadas, excelência. E não porque vá ser a duquesa de Bewcastle, mas sim porque voltará a ser feliz.

-Mas Eleanor, Christine sempre é feliz.

-Seriamente? -perguntou a senhorita Thompson e deixou a questão no ar.

-Mãe do amor formoso, Christine uma duquesa! -exclamou a senhora Thompson-. É muito amável de sua parte pedir nossa aprovação, excelência. Mas estou segura de que não era necessário que o fizesse, já que você é um duque e Christine tem bastante idade para decidir por si só. Tomara seu pai tivesse vivido para ver este dia.

Nesse momento escutaram vozes no vestíbulo.

-Chego tarde para tomar o chá, senhora Skinner -dizia Christine-. Estava lendo para o senhor Potts e ficou adormecido como costuma acontecer cada vez que chego ao terceiro parágrafo, pobrezinho. Mas assim que me dispus a sair nas pontas dos pés, despertou e me entreteve durante meia hora me contando todas suas historietas. Tomara alguém me desse um xelim por cada vez que as escutei. Mas é que adora ver-me exclamar e rir no momento adequado.

Nesse instante abriu a porta da saleta com um sorriso no rosto e entrou nela com o velho chapéu de palha e um vestido de popelina com listas verdes e brancas que recordava do ano anterior.

Tão bonita como o tinha estado com sua roupa nova em Londres e em Lindsey Hall.

-Ah! -exclamou, com o sorriso congelado no rosto.

Ele se levantou e lhe fez uma reverência.

-Senhora Derrick- a saudou.

-Excelência. -Fez-lhe uma reverência.

A senhora Thompson também ficou em pé.

-Sua excelência deseja falar com você em particular, Christine -disse-. Vamos, Eleanor. Vamos, Hazel. Deixemo-los sozinhos.

-Preferiria sair com a senhora Derrick ao jardim lateral, senhora -replicou. O lugar onde tinha dado um fora no ano anterior. Era importante para ele remediar o engano no mesmo lugar.

E assim, ao cabo de um par de minutos, saíram pela porta principal em direção aos degraus que davam ao arco emperrado, o qual deixaram atrás de caminho ao tranqüilo jardim quadrado que tinha visto em seus pesadelos durante semanas depois da última vez que esteve ali.

-A senhora Skinner deveria ter me avisado antes de passar à sala de estar -disse-. Me teria arrumado um pouco.

-Em primeiro lugar, não acredito que tenha dado opção a sua governanta a dizer alguma só palavra. E em segundo, está adorável tal como está.

-Ah! -colocou-se uma vez mais atrás do banco de madeira, tal como fizera naquela ocasião.

Viu-a aferrar-se ao espaldar com ambas as mãos.

-Antes de tudo, devo lhe dizer que nunca poderei ser seu homem sonhado... -disse ao mesmo tempo que entrelaçava as mãos às costas.

-Sim pode - interrompeu-o ela depressa-. Pode ser e o é. Não recordo muito bem a lista que lhe enumerei o ano passado, mas não tem

importância. É tudo o que sempre sonhei e muito mais.

Adeus ao discurso que tinha preparado com tanto esmero.

-Isso quer dizer que me aceita? -perguntou-lhe.

-Não. -Quando a viu negar com a cabeça, fechou os olhos-. Não sou nem a classe de mulher que necessita para ser sua duquesa -concluiu.

Abriu os olhos.

-Não terá pensado me soltar uma fileira de tolices, não é? -perguntou-lhe-. Segundo a mais alta instância -Freyja-, nenhum de meus irmãos, nem seus cônjuges ou seus filhos, voltarão a me dirigir a palavra se não lhe oferecer essa posição e além disso convenço-a para que aceite. E nenhum membro da alta sociedade é mais elitista que um Bedwyn.

-A marquesa de Rochester o é -assinalou ela.

-Minha tia é como o resto de nós -replicou-: gosta de sair-se com a sua. Tinha a absurda idéia de que a sobrinha de meu tio e eu formaríamos um bom casal. Mas se sobreporá à desilusão. Adora-me. Sou seu preferido. Circunstância que, por certo, nenhum de meus irmãos inveja.

Pôs-se a rir, como tinha sido sua intenção. Viu-a rodear o banco e sentar-se.

-Excelência, eu... -começou.

-Por que me chama assim? -perguntou-lhe-. Por que, Christine?

-Parece-me presunçoso chamá-lo de Wulfric -respondeu.

-Pois não lhe pareceu isso enquanto estávamos na cama do pombal -replicou.

Viu-a ficar vermelha como uma papoula, embora continuasse sustentando seu olhar. Era incrível pensar que tivesse sido precisamente isso o que o levou a fixar-se nela em Schofield Park.

-Wulfric, tenho trinta anos -lhe disse. - Completei-os há três dias.

-Ah! -exclamou-. Nesse caso, durante umas semanas posso fingir que só sou cinco anos mais velho que você. Porque ainda não completei os trinta e seis.

-Sabe muito bem o que quero dizer - disse ela-. Embora não fosse estéril, estou-me aproximando do final de meus anos férteis. Mas acontece que sou estéril. Deveria lhe ter dito que não quando me perguntou se podia vir. Mas não estava pensando com a cabeça. Só pensava nos dias tão maravilhosos que tinha passado no Lindsey Hall e em...

-Christine, deixa de dizer tolices - interrompeu-a. - Já lhe disse que tenho três irmãos, e qualquer deles seria um magnífico herdeiro. Você os conhece. E se Aidan não tem filhos varões, parece-me muito bem que William me suceda algum dia. Não tinha planejado me casar. Depois da fracassada tentativa de fazer um matrimônio de conveniência aos vinte e quatro anos, soube que jamais poderia me casar a menos que conhecesse a mulher que se converteria na outra metade de minha alma. Para falar a verdade, não esperava conhecê-la jamais. Não sou um homem que inspire muito amor.

-Seus irmãos o querem com loucura -afirmou.

-Christine, você é a luz, a alegria e a personificação do amor. Se aceita ser minha esposa, jamais tentarei que se amolde à imagem preconcebida do que deve ser uma duquesa... nem que ninguém tente te amoldar a ela. A tia Rochester o tentará com todas suas forças. A única coisa que tentaria, ou melhor que lhe exigiria, é que você seja a mesma, nada mais. Se alguém se desgostar de sua forma de levar o papel de duquesa, fracassará. Mas não acredito que isso acontecerá. Tem um dom para despertar o amor e a risada, inclusive naqueles que não estão predispostos a querê-la nem a rir com você.

Christine cravou a vista em suas mãos, que tinha unidas no regaço, e seu rosto ficou oculto pela aba do chapéu.

-Sempre serei o aristocrata sério, distante e frio que tanto detesta - prosseguiu-. Tenho que sê-lo. Eu...

-Sei - assegurou ela ao mesmo tempo que levantava a cabeça-. Jamais esperaria, nem quereria, que mudasse. Amo ao duque de Bewcastle tal como é. É formidável, magnífico e perigoso... sobre tudo quando levanta os vilões do chão com uma só mão e os sustenta no ar enquanto os aterroriza com algumas palavras pronunciadas em voz baixa.

Estava observando-o com sua característica expressão risonha.

-Mas também serei sempre Wulfric Bedwyn -acrescentou-. E Wulfric tem descoberto que de vez em quando é divertido lançar-se à água do ramo de uma árvore proibida.

O sorriso se estendeu por todo seu rosto.

-Amo ao Wulfric Bedwyn com loucura -assegurou ela com uma nota travessa na voz.

-De verdade? -Cruzou a distância que os separava e lhe agarrou ambas as mãos. Levou-as aos lábios, primeiro uma e depois a outra-. De

verdade, meu amor? O bastante para te arriscar comigo? Porque devo lhe fazer uma advertência. Os Bedwyn têm uma tradição segundo a qual, embora demorem para nos casar, quando o fazemos entregamos a nossos cônjuges toda nossa devoção e fidelidade. Se casar comigo, será o objeto de minha adoração pelo resto de sua vida.

Ouviu-a suspirar.

- Acho que poderei suportá-lo assegurou-, se puser todo meu empenho. Mas só se me permite fazer o mesmo.

Sorriu ao escutá-la rir dele.

-Bem. -Apertou-lhe as mãos com mais força-. Bem.

Ajoelhou-se na erva diante do banco e lhe beijou as mãos antes de deixar-las no regaço.

-Casará-se comigo, Christine?

Ela se inclinou para diante e lhe beijou a face.

-Sim - respondeu -. Sim, Wulfric, se não se importar.

Virou a cabeça e seus lábios se encontraram.

Sentar-se em um banco da igreja do Saint George, em Hanover Square, durante as bodas de Audrey com sir Lewis no fim de fevereiro, tinha enchido Christine de assombro e isso porque esteve meio vazia.

Vê-la nesse momento - no dia de suas bodas, em meados de junho- do fundo da nave, cheia a transbordar com quase todos os membros da alta sociedade que ainda seguiam boquiabertos pela surpresa, provocava-lhe tal pânico que temia ter esquecido como caminhar e já se via de bruços no chão quando o órgão comesse a soar-coisa que estava fazendo nesse preciso momento-, de modo que Basil teria que arrastá-la até o altar para que não perdesse a oportunidade de converter-se em duquesa.

Como Charles estava ajudando a officiar a cerimônia, a decisão sobre quem a levaria a altar foi evidente.

-Ai, Deus! -murmurou, aterrada.

-Calma. -Basil lhe deu um tapinha na mão-. Todo mundo está ansioso por vê-la, Christine.

Esse era o problema, pensou.

Wulfric tinha deixado em suas mãos a escolha do lugar onde se celebraria as bodas. Teria lhe encantado casar-se na igreja do povoado com Charles oficiando a cerimônia. Do mesmo modo que lhe teria encantado fazê-lo na igreja de Lindsey Hall. Como ao Wulfric. Porque o

havia dito. Mas não, tinha tido que enfrentar o assunto com generosidade. Afinal, era o duque de Bewcastle, um dos homens mais ricos e poderosos do país. portanto, era importante que suas bodas se celebrassem com toda a pompa dignas de sua posição. Assim se decidiu por Saint George, onde se celebravam as bodas mais elitistas da alta sociedade desde que fosse durante a temporada social.

Assim era a única culpada de estar passando por esse momento aterrador.

Mas então Basil lhe deu outro tapinha na mão para lhe indicar que deviam caminhar para o altar... e descobriu que recordava perfeitamente como se fazia. Embora não fosse um ato consciente que tivesse que agradecer a suas extremidades.

Assim que olhou à frente, para o comulgatório...

Viu-o vestido de branco, marrom e ouro. Estava muito bonito. O assombro e a incredulidade se apoderaram dela por um instante... ou talvez dois. Era impossível que a estivesse esperando a ela.

Devia ter entrado no sonho de outra pessoa e certamente estava a ponto de despertar na escola ou em Hyacinth Cottage.

Entretanto, nesse momento conseguiu por fim ver seu rosto. Era bonito, apesar da frieza e da austeridade de seu atrativo, com um queixo firme, lábios finos, maçãs do rosto afilados e um nariz proeminente de perfil aquilino. O rosto do duque de Bewcastle.

O rosto do homem que amava com toda sua alma.

O rosto do Wulfric.

Sorriu-lhe através do véu de seu chapéu verde musgo.

E por fim, à medida que se aproximava pelo braço de Basil, viu-lhe os olhos... esses olhos prateados que a observavam caminhar com um brilho intenso, alheios aparentemente à presença de lorde Aidan a seu lado e a de todos outros convidados que enchiam a igreja.

E nesse momento o viu sorrir muito devagar, desse modo tão especial que o convertia no homem mais bonito que jamais tinha pisado na terra.

Pouco depois esteve a seu lado, e a partir desse momento os nervos a abandonaram. Não havia ninguém mais no mundo salvo eles dois... e o sacerdote que ia convertê-los em marido e mulher para o resto de suas vidas.

-Queridos irmãos... -começou com esse tom tão particular que todos os clérigos utilizavam nas ocasiões solenes.

Uma vez terminada a cerimônia, assinaram o registro e o órgão começou a tocar para que os noivos saíssem da igreja caminhando entre os bancos ocupados pelos solenes convidados, momento no qual Wulfric degustou o que lhe proporcionaria o resto de sua vida de casado.

Christine ia segura a seu braço e a olhou com compaixão. Sabia que tinha escolhido Saint George e um casamento faustoso e muito público por ele. E era de supor que estivesse muito nervosa ao ter que enfrentar a seus convidados pela primeira vez.

Seu rosto, livre do véu que recolhera sobre a aba do chapéu, mostrava um sorriso radiante. Sorria à direita e à esquerda, a sua própria família, aos poucos Bedwyn que ainda estavam na nave, a vários conhecidos...

Preocupou-se em vão.

E nesse momento, a metade do corredor e quando o órgão acabava de alcançar o crescendo do solene hino, viu-a apontar com um braço para o outro extremo da igreja.

-Olhe, Wulfric! -exclamou em voz alta-. Ali estão as crianças!

E estavam. Os mais pequenos, com suas respectivas babás, perto da porta para poder tirá-los sem problema em caso de que comesçassem a fazer barulho.

-É a tia Christine! -disse William gritando. -E o tio Wulf! -acrescentou Jacques.

E Christine levantou o braço e os saudou com a mão... com toda a alta sociedade como testemunha.

Aguardou que estivesse pronta para prosseguir a solene procissão e como não tinha nada que fazer salvo esperar, levantou a mão e também os saudou. E sorriu.

A vida, supôs, ia ser uma aventura a seus recém estreados trinta e seis anos. De fato, era o dia de seu aniversário.

-Será melhor que a avise -murmurou quando chegaram à porta-. Não sei se quando sairmos reparou que os bancos mais próximos ao altar estavam vazios. As pessoas que deveriam ocupá-los nos esperam fora.

E certamente fora estavam os Bedwyn, seus cônjuges e seus filhos maiores, alinhados entre a porta e a carruagem que os esperava, e armados com pétalas de rosas.

Havia muitíssimo mais pessoas, uma massa de curiosos que tinha ido para ver um casamento da alta sociedade. Alguém aclamou aos noivos e a multidão respondeu.

-Wulfric, que emocionante é tudo isto! -exclamou Christine.

Soltou uma gargalhada, agarrou-a pela mão e pôs-se a correr com ela. Uma chuva de pétalas caiu sobre eles. Embora, como era inevitável, ela se deteve a meio caminho e se agachou para recolher um punhado que passou a lançar contra Rannulf, Rachel e Gervase com uma alegre gargalhada.

Pouco depois subiram à carruagem descoberta e enquanto ela se trabalhava em excesso com as saias do vestido branco debruado de verde e muito elegante, ele agarrou as bolsas com moedas e passou a jogá-las em punhados sobre as cabeças da multidão. Um lacaios de libré subiu à boléia junto ao cocheiro e outros dois o fizeram atrás, e a carruagem se pôs em marcha... criando um grande estrépito, já que arrastava algumas fileiras de botas velhas e outras vasilhas quebradas, além de um sem-fim de fitas de cores.

Olhou a sua noiva, a sua esposa, a sua duquesa, e lhe pegou na mão.

-Por fim -disse-. Agora por fim posso acreditar que vamos ser felizes para sempre.

-Wulfric, nada de felizes para sempre -o corrigiu-. Isso é muito estático. Não quero ser feliz para sempre. Quero ser feliz, viver, brigar, me reconciliar, ter aventuras e...

Inclinou-se para ela e a beijou nos lábios.

-Bom, e isso também -disse ela com uma gargalhada enquanto a multidão que se amontoava frente à igreja estalava em outro turno de vivas e os dois lacaios que iam na parte traseira da carruagem cravavam o olhar à frente.

Epílogo

Era o aniversário do duque de Bewcastle. Fazia trinta e sete anos. Entretanto, não tinha por costume celebrá-lo em companhia de um grande número de convidados em Lindsey Hall.

Também era seu primeiro aniversário de bodas. Obviamente, teria celebrado a ocasião com sua duquesa, mas não teria convidado a ninguém.

Era muito mais provável, pensou enquanto aguardava com paciência que seu criado pessoal lhe fizesse um nó perfeito na gravata, que tivessem ido ao pombal, onde tinham passado grande parte das festas natalinas.

Não obstante, a mansão estava ocupada por um grande número de convidados. Mais que os que assistiram à Páscoa do ano anterior. E se esperava a chegada de muitos mais depois de que acabasse a missa a que todos iam assistir.

A celebração não se devia nem a seu aniversário nem ao aniversário de bodas. Os duques nem sequer esperavam ser o centro de atenção.

Essa honra o tinha James Christian Anthony Bedwyn, marquês de Lindsey.

Entretanto, uma hora depois de que a gravata do duque tivesse sido cuidadosamente atada e o resto de seu traje colocado, e depois de que a duquesa aparecesse vestida com um novo vestido azul que fazia jogo com seus olhos, o marquês parecia disposto a lhes ceder essa honra.

Ficou dormindo.

Embora despertou sobressaltado quando a água que se supunha que devia estar temperada, mas que lhe pareceu gélida, caiu-lhe sobre a fronte e escorreu até a nuca. Deu rédea solta a sua ira durante alguns minutos.

Não obstante, alguém se encarregou de secá-lo imediatamente e em um abrir e fechar de olhos esteve nos braços de outra pessoa cuja firmeza lhe deixou claro que embora o quieram por cima de todas as coisas, devia aprender a não ficar em ridículo chorando por uma tolice.

Em lugar de discutir, lorde Lindsey voltou a ficar adormecido.

Acabava de ser batizado. Levava o traje muito precioso de batismo que os filhos do duque de Bewcastle tinham levado durante gerações.

Tinha tios e tias a mão-cheia para arrulhá-lo, e também tinha uma avó e uma tia avó, cujos óculos ficaram travados por um angustiante momento no encaixe de suas abas. Também tinha primos, a maioria dos quais quiseram agarrá-lo nos braços uma vez que voltou para casa nos braços de seu pai... para surpresa e espanto de sua babá. Os únicos que não expressaram nenhum desejo por agarrá-lo foram Davy, o maior, que considerava tal coisa indigna de sua masculinidade, e Robert, o menor, filho do tio Alleyne e da tia Rachel, que estava dormindo em um berço na ala infantil. A todos seus primos negaram a petição, salvo à Becky e à Marianne, que tiveram que sentar-se primeiro e colocar os braços tal

como lhes disseram para agarrar um minuto cada uma ao marquês do Lindsey.

Também houve vizinhos que o arrulharam.

Uma vez que o levaram de volta à ala infantil para que a multidão não o incomodasse, sua mãe lhe deu um beijo em uma de suas gordinhas faces e seu pai o fez na outra.

Não se incomodou. Deu-lhe exatamente igual, já que estava dormindo e protegido sob as mantas.

Entretanto, começava a identificar essas duas vozes que falavam entre si por cima do berço.

Duas vozes que teria pontuado de ser as mais importantes para ele se sua mente fosse capaz de raciocinar nesses termos na tenra idade de seis semanas e dois dias.

-Nosso pequeno milagre -disse sua mãe com carinho e de forma um pouco boba.

-Nossa futura fonte de problemas -replicou seu pai com firmeza, mas com o mesmo carinho que tinha demonstrado sua mãe-. Na igreja não só estava incomodado, Christine. Estava furioso. Dará-nos mais de uma dor de cabeça, já o verá.

O marquês de Lindsey teria notado a carícia de dois dedos na face se não tivesse estado profundamente adormecido.

-Isso espero, Wulfric - respondeu sua mãe demonstrando assim sua falta de bom senso. - Isso espero. E espero que tenha irmãos e irmãs que nos dêem muitos mais.

-Enfim, meu amor -disse o duque de Bewcastle com uma nota arrogante e um pouco enfastiada na voz-, se posso ajudar de algum jeito para que seus desejos se cumpram, só tem que me dizer isso A duquesa de Bewcastle soltou um risinho.

O marquês nem sequer sabia o que eram irmãos e irmãs.

Ainda...



Projeto Revisoras Traduções

Grupo no Yahoo

<http://br.groups.yahoo.com/group/P.R.T>

Comunidade no Orkut

<http://www.orkut.com.br/community.aspx?comm=30221161&act=7>

Blog

<http://www.projeto revisoras traduco es.blogspot.com/>



Table of Contents

Ligeiramente Casados

Página de título

=PRÓLOGO=

=CAPÍTULO UM=

=CAPÍTULO DOIS=

=CAPÍTULO TRÊS=

=CAPÍTULO QUATRO=

=CAPÍTULO CINCO=

=CAPÍTULO SEIS=

=CAPÍTULO SETE=

=CAPÍTULO OITO=

=CAPÍTULO NOVE=

=CAPÍTULO DEZ=

=CAPÍTULO ONZE=

=CAPÍTULO DOZE=

=CAPÍTULO TREZE=

=CAPÍTULO QUATORZE=

=CAPÍTULO QUINZE=

=CAPÍTULO DEZESSEIS=

=CAPÍTULO DEZESSETE=

=CAPÍTULO DEZOITO=

=CAPÍTULO DEZENOVE=

=CAPÍTULO VINTE=

=CAPÍTULO VINTE E UM=

=CAPÍTULO VINTE E DOIS=

=CAPÍTULO VINTE E TRÊS=

Ligeiramente Maliciosos

Créditos

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Capítulo XXIV](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia um trecho do próximo livro da série](#)

[Conheça o primeiro livro da série](#)

[Conheça outros livros da Editora Arqueiro](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

[Ligeiramente escandalosos](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[Ligeiramente Seduzidos](#)

[Créditos](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

[Ligeiramente Pecaminosos](#)

[Ligeiramente Perigosos](#)